

Apresentação

Anais

Organização

Créditos



Painéis

Mesas Redondas

Trabalhos Completos



APRESENTAÇÃO.

Um Congresso do Fórum de Entidades Nacionais da Psicologia Brasileira.

Histórico.

O Fórum de Entidades Nacionais da Psicologia Brasileira foi concebido para a constituição de um espaço de construção coletiva da Psicologia. Com a integração das primeiras entidades, a semente germinou e o espaço se tornou realidade.

As primeiras entidades a integrarem o Fórum foram a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP), a Sociedade Brasileira de Psicologia (SBP), o Conselho Nacional de Entidades Estudantis da Psicologia (CONEP), a Federação Nacional dos Psicólogos (FENAPSI) e o Conselho Federal de Psicologia (CFP).

Para que o Fórum funcionasse com legitimidade, adotou-se o princípio do consenso entre as entidades que o constituem. Desta forma, suas ações e decisões expressam efetivamente o pensamento das entidades representativas da Psicologia no Brasil.

As reuniões do Fórum ocorrem no mínimo uma vez por semestre ou mais freqüentemente, se necessário. Além disso, sem uma periodicidade definida, convoca-se a plenária, com a participação de todas as entidades nacionais da Psicologia. Essa reunião é feita a fim de aumentar a transparência e a visibilidade do Fórum e para garantir sua legitimidade como porta-voz da psicologia no Brasil. O Fórum tornou-se, assim, um canal adequado para expressão da psicologia e um lugar privilegiado para estimular o diálogo entre a psicologia como ciência e a psicologia como profissão.

Dentre as conquistas do Fórum de Entidades merecem destaque a construção da biblioteca virtual da Psicologia e do Index-Psi (www.pol.org.br), facilitando a consulta e o estudo dos mais variados temas da área e provendo o pesquisadores de um recurso muito valioso para a recuperação de informação. Outro fruto dessa união de entidades foi a campanha 'Psicologia em Alerta' na qual se discutiram, no ano passado, os principais problemas encontrados na área. Além disso, o Fórum foi responsável pela constituição da Associação Brasileira de Ensino de Psicologia (ABEP), criando um espaço para articular o debate da formação na área, permitindo uma participação ativa na discussão sobre as diretrizes curriculares, sobre a abertura de novos cursos e sobre provão. O Fórum ainda se faz presente na articulação da Psicologia Latino-Americana e do Mercosul.

Congresso.

O momento, o Fórum de Entidades se empenha na organização do I Congresso Brasileiro Psicologia: Ciência e Profissão que será realizado de 1 a 5 de setembro, em São Paulo, na Cidade Universitária. A alavanca mestra que move o "Ciência e Profissão" é a retomada do elo perdido entre a ciência e a profissão, isto é, o evento deverá significar o início da reconstrução da ponte entre a pesquisa e a prática profissional. A finalidade é que a Psicologia no Brasil tenha sua



Apresentação



Voltar

ciência alimentada pelas indagações que nascem na prática da profissão, ao mesmo tempo em que os psicólogos tenham um amplo acesso aos conhecimentos científicos.

A idealização desse evento e a sua articulação surgiram há alguns anos, quando o Fórum ainda era constituído somente pelas entidades fundadoras. Logo a seguir, o Fórum ganhou a adesão de mais cinco sociedades nacionais da psicologia (Associação Brasileira de Ensino de Psicologia - ABEP, Associação Brasileira de Psicologia Social - ABRAPSO, Sociedade Brasileira de Psicologia do Desenvolvimento - SBPD, Associação Brasileira de Psicologia Jurídica - ABPJ e Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional - ABRAPEE), em reunião realizada com a comunidade durante um congresso da SBP.

Para garantir a representatividade e abrangência do Congresso e torná-lo efetivamente um legítimo encontro da Psicologia do Brasil, todas as entidades nacionais de psicologia foram convidadas para compor sua Comissão Organizadora. Com essa abertura, juntaram-se ao Fórum mais seis entidades: Associação Brasileira de Orientadores Profissionais - ABOP, o Instituto Brasileiro de Avaliação Psicológica -IBAP, a Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar - SBPH, Sociedade Brasileira de Psicologia Organizacional e do Trabalho - SBPOT, a Sociedade Brasileira de Psicologia Política - SBPP e a Sociedade Brasileira de Rorschach - SBRO. Infelizmente, por razões que ainda não ficaram claras, a SBP, uma das entidades fundadoras, desligou-se do Fórum e da organização do Congresso.

Hoje, o Fórum está constituído por 15 Entidades Nacionais da Psicologia e continua aberto à entrada de outras entidades nacionais representativas e comprometidas com o desenvolvimento da Psicologia como Ciência e Profissão.

A importância do I CBPCP não está só nos ideais que pretende atingir, mas também nos números que já atingiu. O congresso alcançou a marca de 7 mil inscritos, sendo propostos 2.010 Painéis, 411 Mesas-Redondas/Simpósios, 43 Cursos e 57 Conversando Sobre.... O limite de vagas é para 10 mil inscritos. Esses números expressam o grau de legitimidade do Fórum de Entidades, demonstrando que ele possui realmente um conjunto de entidades representativas da Psicologia do Brasil.

PAINÉIS

| | |
|--|----|
| (FIJ) O Trabalho do Psicólogo 290 como assistente técnico. | 54 |
| (Des) construindo um mito sobre as chamadas “dificuldades de aprendizagem”. | 55 |
| A (des)construção da identidade em indivíduos em situação de cárcere. | 56 |
| A “História-Desenho” no Ensino Fundamental: Um Estudo de Caso. | 57 |
| A “Metodologia da Diversidade: lidando com o complexo” (MD). | 58 |
| A 3ª idade e as instituições. | 59 |
| A adolescência sob a ótica de pais de adolescentes. | 60 |
| A aplicação da metodologia Corelim na Casa Hope - uma experiência. | 61 |
| A Arte de Viver em Paz. | 62 |
| A atividade lúdica de crianças com características autísticas. | 63 |
| A atribuição de vida psíquica aos personagens de literatura infantil. | 64 |
| A atuação da terapia familiar em casos de tentativa de suicídio na adolescência. | 65 |
| A atuação do psicólogo escolar: criando espaços para a democratização escolar. | 66 |
| A atuação do psicólogo escolar: entre o ideal e o real. | 67 |
| A atuação do psicólogo no Hospital do Câncer III do Instituto Nacional de Câncer. | 68 |
| A autofagia dos serviços psicoterápicos pelos graduandos de psicologia. | 69 |
| A Auto-imagem do estudante de Psicologia: elaboração de um instrumento de medida. | 70 |
| A Auto-Prevenção em Drogadicção no adolescente: Limites e Possibilidades. | 71 |
| A Avaliação de um Programa de Treinamento em Habilidades de Interação Social com Adultos. | 72 |
| A clínica como lugar de testemunha e espaço ético-político. | 73 |
| A Clínica da Psicose: Contribuições da Psicanálise a Reforma Psiquiátrica. | 74 |
| A compreensão da loucura entre universitários de uma ies particular. | 75 |
| A concepção da inclusão nas escolas públicas de Aracaju. | 76 |
| A concepção dos alunos sobre a aprendizagem: indicadores para a formação. | 77 |
| A concepção freudiana dos representantes psíquicos: questões de tradução e terminologia. ... | 78 |
| “A Conquista da Autonomia na Visão Psicopedagógica da Inclusão Escolar” | 79 |
| A construção da carreira acadêmica. | 80 |
| A Construção da Masculinidade nas Camadas Populares. | 81 |
| A construção de um processo de intervenção sobre as práticas educacionais de educadoras de creche. | 82 |
| A Construção do Conhecimento Social: um estudo dos modelos organizadores do pensamento sobre os direitos das crianças. | 83 |
| A construção do delinqüente juvenil. | 84 |
| A construção do lugar psicanalítico – a psicanálise na instituição. | 85 |
| "A construção e reconstrução de atitudes e posicionamentos em relação à deficiência". | 86 |

| | |
|--|-----|
| A construção em fantasia do self e das relações de objeto em pacientes com tentativa de suicídio. | 87 |
| A contribuição do estudo dos mecanismos e da simbologia dos sonhos premonitórios para a psicologia da personalidade. | 88 |
| A Contribuição do Registro Hospitalar de Câncer para o Serviço de Psicologia Oncológica. . | 89 |
| A corrupção e suas consequências para a prática cidadã. | 90 |
| “A creche como contexto de desenvolvimento: representações e interações durante o período de inserção de mães e bebês na instituição”. | 91 |
| A criança – sintoma do par conjugal. | 92 |
| A criança de zero a dois anos na visão dos especialistas dos séculos XIX e XX. | 93 |
| A criança e o câncer. | 94 |
| A criança na primeira etapa escolar: um estudo sobre a aquisição de novos conceitos. | 95 |
| A criança que se cala diante da possibilidade de dor - uma experiência multiprofissional. | 96 |
| A criança usuária do Sistema Casa-Lar: um estudo compreensivo de sua afetividade. | 97 |
| A criança usuária do sistema casa-lar: um estudo compreensivo dos seus mecanismos de controle. | 98 |
| A dança como instrumento psicoterapêutico. | 99 |
| A Dança infanto-juvenil. | 100 |
| A definição do Autoconceito para o Paraibano. | 101 |
| A demanda em orientação profissional: um estudo comparativo entre a demanda dos inscritos no Serviço de Orientação Profissional da Universidade de São Paulo e dos inscritos no Serviço de Orientação Profissional do NEAP (Núcleo de Estudos e Atendimento Psicológico) da Universidade Cruzeiro do Sul. | 102 |
| A demanda pela psicologia no hospital geral: dados de literatura e dados da Santa Casa de São Paulo. | 103 |
| A Democracia no mundo dos negócios: uma análise dos significados de Democracia para empresários nordestinos. | 104 |
| A desinstitucionalizaçãoda loucura: algumas inquietações. | 105 |
| A diferença que nos une: um estudo sobre as condições de possibilidade do campo psicológico. | 106 |
| A difícil vida fácil: aspectos da identidade de prostitutas com diferentes níveis de renda. | 107 |
| A difusão da visão biológica dos transtornos mentais na imprensa escrita brasileira nos anos 80 e 90. | 108 |
| A dinâmica dos Núcleos de Atenção Psicossocial de Natal- RN. | 109 |
| A empatia na formação da estudante de psicologia: temperando a relação no atendimento psicológico. | 110 |
| A empresa de autogestão: uma visão psicossocial. | 111 |

| | |
|---|-----|
| A enfermidade como metáfora: contribuições da história das doenças à ciência e prática psicológica. | 112 |
| A Equipe Interdisciplinar do Programa de Equoterapia da Universidade Católica Dom Bosco – PROEQUO-UCDB. | 113 |
| A escola como agente de exclusão sob o ponto de vista do contexto sócio-cultural. | 114 |
| A escola como espaço simbólico das representações sociais: o cultural, o político e o social em uma escola pública em Belém do Pará. | 115 |
| A escola no processo de inclusão social de meninos e meninas em situação de rua. | 116 |
| A especificidade da atuação do Psicólogo Judiciário junto aos adolescentes em conflito com a lei. | 117 |
| A Estabilização da Psicose a partir do Trabalho Criativo. | 118 |
| A exclusão e o preconceito frente à questão corporal. | 119 |
| “A experiência criativa no processo de desenvolvimento humano”. | 120 |
| A experiência de supervisão de hospitais em um Programa de Humanização. | 121 |
| A Experiência De Três Anos Do Projeto “Problemas Conjugais: Atendimento Em Psicoterapia Breve. | 122 |
| A experiência de vulnerabilidade. | 123 |
| A experiência do Psicólogo Jurídico: desafio de uma identidade profissional nas varas de família. | 124 |
| A Experiência infantil: uma contribuição ao estudo da Interação Mãe Criança. | 125 |
| A explicação do bem-estar subjetivo a partir das prioridades valorativas. | 126 |
| A Explicação do Sentido da Vida a partir dos Valores Humanos, das Crenças e Práticas Religiosas. | 127 |
| A Fala Dirigida a Criança Por Professoras de Creches Públicas e Particulares. | 128 |
| A família brasileira negra – lugar de emancipação ou de manutenção do preconceito? | 129 |
| A Família e a Tarefa de Educar: a perspectiva de pais e filhos. | 130 |
| A figura da mãe atrás da porta: a história de um incesto. | 131 |
| A fila de espera: o impacto na demanda psicológica no contexto da clínica –escola. | 132 |
| A Fonoaudiologia e Psicologia na Educação Inclusiva: algumas considerações sobre as interfaces no processo educacional. | 133 |
| A formação atual e necessária: avaliação dos psicólogos da rede pública de Natal-RN. | 134 |
| A formação do psicólogo em um mundo em mudanças: reflexões acerca de uma experiência interdisciplinar. | 135 |
| A Função Contingente do psicoterapeuta: a aplicação do conceito de Bion na prática clínica. | 136 |
| A função terapêutica do visitante na recuperação do paciente hospitalizado. | 137 |
| A Gíria na Adolescência. | 138 |
| A Humanização como o centro de todas as coisas. | 139 |
| A identidade do jovem e sua opção religiosa. | 141 |

| | |
|---|-----|
| A identidade social do adolescente negro adotado tardiamente: inclusão como meta. | 142 |
| A importância da família no processo de aprendizagem. | 143 |
| A Importância da Intervenção Precoce em UTI Neonatal para o Restabelecimento do Vínculo Mãe-Bebê. | 144 |
| A importância da motivação de Profissionais da Equipe de Enfermagem no atendimento de crianças internadas na pediatria. | 145 |
| A importância da orientação profissional no Ensino Médio. | 146 |
| A importância de um sentido para a vida. | 147 |
| A importância do processo de supervisão clínica na formação de psicólogos. | 148 |
| A Importância do Psicodiagnóstico de pacientes no processo de preparo para cirurgia Um estudo de caso. | 149 |
| A importância do toque na relação mãe-pai-bebê: relato de um trabalho grupal em um Hospital Público. | 150 |
| A Importância do Vínculo Transferencial no Tratamento Psíquico. | 151 |
| A incidência de sintomas de depressão em aluno do ensino fundamental de uma escola de Campinas. | 152 |
| A inclusão da criança portadora de Deficiência Mental no ensino regular na concepção de seus pais. | 153 |
| A indisciplina e a violência escolar como fatores colaboradores no processo de exclusão da escola e exclusão na escola. | 154 |
| A influência da auto-estima na recuperação e cura de pacientes com câncer de colo de útero | 155 |
| A influência do gênero no processo de Formação de Impressão. | 156 |
| A influência do processo terapêutico na perspectiva de vida de pacientes psiquiátricos. | 157 |
| A influência do tempo do uso de bebida alcóolica na percepção visomotora de alcoolistas crônicos. | 158 |
| A inserção do lúdico como facilitador na integração e recuperação das crianças no hospital. | 159 |
| A Inserção do Psicólogo Escolar no Contexto Educacional Goianiense. | 160 |
| A Inserção do Psicólogo no Atendimento Domiciliar: Relato de uma Experiência junto a uma Equipe Multidisciplinar. | 161 |
| A inserção do serviço de Psicologia no Programa de Atenção à Criança Desnutrida. | 162 |
| A inserção dos psicólogos no contexto hospitalar do Rio de Janeiro: um estudo de caso. | 163 |
| A institucionalização das Práticas Grupais em um estabelecimento de Assistência à Infância e Adolescência em situação de risco pessoal e social. | 164 |
| A interação mãe-criança em díades com crianças com e sem doença crônica. | 165 |
| A Interconsulta Psicológica. | 166 |
| A interferência da heterogeneidade lingüística e seus efeitos no processo terapêutico. | 167 |
| A intervenção da psicologia no processo de construção do cidadão do século XXI. | 168 |

| | |
|---|-----|
| A Intervenção Psicológica no Contexto Hospitalar: A Preparação da Criança para Procedimentos Médicos. | 169 |
| A intervenção terapêutica através de contos infantis com crianças portadoras do vírus HIV. | 170 |
| A invisibilidade da LER/DORT, suas implicações subjetivas e suas relações com a organização do trabalho no âmbito do serviço público. | 171 |
| A Linguagem das Roupas: como e o que Comunicam. | 172 |
| A manifestação do viés linguístico intergrupar em crianças: um estudo empírico. | 173 |
| A maternagem na imprensa do Rio de Janeiro no século XIX. | 174 |
| A maternidade no contexto da aids. | 175 |
| A mística como um conjunto de significações de uma identidade coletiva e política dos Sem Terra. | 176 |
| A montagem no cinema e associação livre na neurose obsessiva. | 177 |
| A Moral Sexual Civilizada e a Ética Profissional dos Tempos Modernos. | 178 |
| A Mulher Obesa: estudo de características psicológicas através do Desenho da Figura Humana (D.F.H.). | 179 |
| A música no encontro clínico. | 180 |
| “A Natureza Humana e a Religiosidade - uma visão Winnicottiana”. | 181 |
| A obesidade no olhar do psicólogo. | 182 |
| A Observação da Ajuda Entre Passageiros de Ônibus Urbano. | 183 |
| A oficina de sexualidade produzindo sentidos e singularidades. | 184 |
| A opinião dos dependentes de álcool sobre a sua recuperação. | 185 |
| A ordem das Redes: Um novo olhar sobre o ambiente virtual dos chats. | 186 |
| A orientação vocacional e reorientação profissional gratuita numa empresa júnior de psicologia. | 187 |
| A participação sócio-política da mulher na luta pela terra. | 188 |
| A percepção de diferenças entre os Direitos Humanos das mulheres e os Direitos Humanos dos homens. | 189 |
| A Percepção do Atendimento ao Adolescente por Profissionais da Saúde em um Hospital Universitário: Um Estudo Exploratório. | 190 |
| A percepção dos adolescentes sobre os estilos parentais: Um estudo em dois grupos étnico-culturais – Descendentes de imigrantes italianos e alemães, na região do Planalto Médio do Rio Grande do Sul. | 191 |
| A Periodontite e os ajustamentos sociais e pessoais do adulto jovem. | 192 |
| A perspectiva da Redução de Danos - novo paradigma para abordar as toxicomanias. | 193 |
| A perspectiva de futuro familiar do jovem atual. | 198 |
| A pesquisa teórica na ciência contemporânea: pensando através das redes. | 199 |
| A pessoa com deficiência no contexto Universidade Católica Dom Bosco – Campo Grande (MS). | 200 |

| | |
|---|-----|
| A positividade e a negatividade da relação trabalho-escola nas representações de adolescentes. | 201 |
| A prática clínica e seus possíveis desdobramentos: relato da experiência de atendimento em psicoterapia corporal em um hospital público. | 202 |
| A prática da Psicologia nos Serviços Substitutivos de Saúde Mental. | 203 |
| A prática psicoterápica em instituição de saúde pública: trabalhando entre o necessário e o impossível. | 204 |
| A prevenção em saúde mental: como ir além dos programas de qualidade de vida no trabalho. | 205 |
| A privacidade na internet: considerações acerca do controle de troca de informações. | 206 |
| A Procura de Atendimento Psicológico para Crianças de 3 a 5 Anos em Clínica Escola. | 207 |
| A produtividade científica/acadêmica brasileira e a formação de pesquisadores. | 208 |
| “A propósito de uma Estética contemporânea do feminino: Almodóvar e suas mulheres”. ... | 209 |
| A Psicologia da Educação e a formação de professores. | 210 |
| A psicologia da educação na memória de normalistas do Colégio Des Oiseaux (1930-1950).211 | |
| A Psicologia da Saúde e a Odontopediatria: proposições práticas. | 212 |
| A Psicologia e In(ter)venções Multiprofissionais com “P(Adultas ou Crianças) NEs” em Santa Maria – RS. | 213 |
| A psicologia e o trabalho em grupo com educadores infantis. | 214 |
| A Psicologia, suas Ações, Integração e Responsabilidade Social: a Cartografia de um Município. | 215 |
| A psicoterapia comportamental e cognitiva de grupo na prática. | 216 |
| A Psicoterapia Dinâmica Breve na Universidade. | 217 |
| A Psicoterapia Genealógica no melodramático folhetim em cinco sensacionais episódios. ... | 218 |
| A psicoterapia sistêmica na clínica escola da UNISC/RS. | 219 |
| A qualidade da educação infantil na concepção de seus educadores: um estudo exploratório.220 | |
| A qualidade de vida no trabalho autônomo: contribuições para programas de reorientação de carreira. | 221 |
| A questão da inteligência na perspectiva de estudantes de pedagogia. | 222 |
| A Realidade da violência sexual contra crianças e adolescentes na Baixada Santista. | 223 |
| A Relação da Auto-Estima em Crianças Portadoras de Deficiência Auditiva e suas Respectivas Mães. | 224 |
| A Relação entre a Internet e o Sono. | 225 |
| A relação entre jogo e aprendizagem em um contexto construtivista. | 226 |
| A relação entre o conflito conjugal e o envolvimento parental com crianças entre 6-10 anos.227 | |
| “A relação entre pais e educadores de creche: conflitos e parcerias na formação da criança”.228 | |
| “A relação médico-paciente asmático no Serviço de Alergia do Iamspe e a questão do Desamparo”. | 229 |

| | |
|---|-----|
| A relação teoria/prática: o olhar e seus discursos. | 230 |
| A Religião como Operador Terapêutico: Um Diálogo Interdisciplinar. | 231 |
| A Repercussão do Sentimento de Culpa nas Relações Familiares, a Partir do Levantamento de Casos. | 232 |
| Representação da Maternagem na Adolescência antes e depois do Nascimento da Criança. | 233 |
| A representação da morte para os estudantes de medicina. | 234 |
| A representação da psicologia como profissão e ciência. | 235 |
| A representação das relações extraconjugais para indivíduos pertencentes à população ludovicense. | 236 |
| A representação do bom professor pelo aluno de psicologia do UNIPÊ e da UFPB. | 237 |
| A representação social da aids para detentos e agentes prisionais do sistema penitenciário de Florianópolis. | 238 |
| A Representação Social da candidata Marta Suplicy pelos eleitores de São Paulo. | 239 |
| A representação social da violência contra a mulher entre as que procuram uma instituição de apoio. | 240 |
| A Representação Social do Psicanalista a partir da arte contemporânea, no mundo ocidental- O Cinema; Psicologia Social IV. | 241 |
| A representação social dos estudantes de psicologia sobre o incesto pai-filha. | 242 |
| A roxa flor que traz a dor impressa: um estudo sobre o homossexualismo masculino. | 243 |
| A satisfação da necessidade de consideração positiva através da relação terapêutica: um estudo de caso da clínica-escola segundo a Abordagem Centrada na Pessoa. | 244 |
| A saúde escolar através de um trabalho de assessoria em Instituição Escola com adolescentes: relato de uma experiência. | 245 |
| A saúde mental de idosos internados em um hospital geral. | 246 |
| A saúde mental do cuidador de crianças especiais. | 247 |
| A saúde mental do professor no âmbito da inclusão de alunos portadores de necessidades especiais. | 248 |
| A sexualidade no adolescente. | 249 |
| A subjetividade adolescente numa instituição de acolhimento. | 250 |
| A superação do modelo manicomial: o processo de desinstitucionalização de saúde mental em Sergipe. | 251 |
| A surdez e suas implicações na concepção de crianças surdas, de seus pais e professores. | 252 |
| A técnica da arte-terapia e os significados das produções plásticas de doentes mentais. | 253 |
| A Teoria de Resposta ao Item na avaliação de uma prova de Estatística. | 254 |
| A Terapia Comunitária: uma experiência de intervenção em grupos comunitários na Pastoral da Criança. | 255 |
| A Tomada de Consciência da Divisão: Um Processo em Construção. | 256 |
| A transformação do espaço público em espaço privado: O caso do Jardim da Luz. | 257 |

| | |
|--|-----|
| A Transição para a Parentalidade em Casais Adultos. | 258 |
| A TV e o Adolescente. | 259 |
| A universidade e o sonho profissional de futuros educadores. | 260 |
| A vida e o viver em um orfanato: o ponto de vista de um grupo de meninos residentes. | 261 |
| A violência doméstica contra criança e adolescente. | 262 |
| A violência doméstica contra crianças e adolescentes e a relação com a violência estrutural: da vitimação a vitimização. | 263 |
| A Violência Doméstica e a Inibição Intelectual. | 264 |
| A violência doméstica na ótica de crianças e adolescentes. | 265 |
| A violência física doméstica e a caracterização do agressor. | 266 |
| A vivência da gravidez de futuros pais adolescentes e adultos. | 267 |
| A Voz dos Pacientes: escrevendo a história pela cidade. | 268 |
| A(s) masculinidade(s) e as formas de amar: experiências e expectativas de homens jovens universitários. | 269 |
| Abordagem Ecológica do Desenvolvimento Humano e as pesquisas com crianças em situação de rua. | 270 |
| Abordagem histórico-cultural: uma alternativa ao treinamento organizacional de conteúdo psicológico. | 271 |
| Abordagem Interativa Metaformal “Veredas d’Além da Rosa”. | 272 |
| Absenteísmo e Plantão Pedagógico no Instituto Estadual de Educação – SC. | 273 |
| Acompanhamento e orientação ao paciente idoso diabético e hipertenso. | 274 |
| Acompanhamento Psicológico a Mães e Bebês de Risco no Hospital Geral de Caxias do Sul – Aproximação entre Pesquisa e Assistência. | 275 |
| Acompanhamento Psicológico ao Paciente Obeso. | 276 |
| Acompanhamento terapêutico: um guia para o idoso nas tramas de sua história e dentro da cidade. | 277 |
| Acompanhamento Vivencial a crianças, adolescentes e idosos - Natal/RN. | 278 |
| Adaptação Brasileira de uma Escala Tridimensional para Avaliação do Comprometimento Organizacional. | 279 |
| Adaptação de uma Escala de Empatia para Amostras Brasileiras. | 280 |
| Adaptação do Livro de Imagens do PEP-R. | 281 |
| Adesão ao tratamento e estratégias de percepção da doença entre pacientes com seqüelas de queimadura. | 282 |
| Adesão ao tratamento e monitoração do comportamento alimentar de uma criança desnutrida. | 283 |
| Adoção: Processo Legal ou Disponibilidade Interna? | 284 |
| “Adolescência e Aids: uma análise psicológica”. | 285 |
| Adolescência e Lazer: um estudo de relações. | 286 |

| | |
|---|-----|
| Adolescência Severina: um ensaio psicodinâmico. | 287 |
| Adolescentes em situação de trabalho doméstico: condições de vida e perspectiva de futuro..... | 288 |
| Adolescentes portadores da Síndrome de Down: Relações familiares, sexualidade e perspectivas para o futuro. | 289 |
| Adolescentes quem são: Relações entre Representações e Práticas. | 291 |
| Adolescentes: ampliando o espaço de inclusão social. | 292 |
| Afetividade na relação professor-aluno. | 293 |
| Afetividade, identidade e poder em grupos comunitários: características e articulações com o desenvolvimento do Processo Grupal. | 294 |
| Afetos positivos e negativos: suas relações com os valores humanos. | 295 |
| Aids e Dst: conscientização e prevenção - história e atuação de um grupo voluntário. | 296 |
| Alcoolismo Paterno e Repercussões no Rendimento Escolar e Autoconceito dos Filhos. | 297 |
| Algumas considerações sobre o trabalho do psicólogo com bebês. | 298 |
| Alunos de classe especial promovem sua própria integração. | 299 |
| Ambulatório da síndrome de Down do hospital de clínicas da ufpr: atendimento humanizado | 300 |
| Análise comparativa da pós-modernidade e da modernidade, através de Fantasia 1940 e Fantasia 2000. | 301 |
| Análise comparativa de escores médios no Teste Não Verbal de Raciocínio Infantil (TNVRI) numa amostra de crianças de diferentes níveis sócio-econômicos. | 302 |
| Análise das crenças e práticas religiosas a partir dos traços de personalidade. | 303 |
| Análise das dimensões afetivas na mediação do professor em atividades de produção escrita da pré-escola. | 304 |
| Análise de atendimentos em clínica-escola: pacientes e processos. | 305 |
| Análise de demandas de atendimento psicológico no tratamento de dependência química de menores infratores atendidos pela CAMT. | 306 |
| Análise de erros da escrita de alunos do Ensino Fundamental de Vitória/ES | 307 |
| Análise de Experiências Vividas por Professores no Contexto Escolar. | 308 |
| Análise de indicadores sobre os problemas de aprendizagem – um estudo de caso. | 309 |
| Análise de Questionário Eletrônico como instrumento de avaliação. | 310 |
| Análise de um Paciente Pediátrico Oncológico através do Esquema de Avaliação para Equipe de Apoio/ STAS. | 311 |
| Análise do conceito de infância/ adolescência e sua relação com a Imputabilidade Penal. | 312 |
| Análise do pensamento complexo e da representação social com adolescentes do ensino médio. | 313 |
| Análise dos Comprometimentos que a Perda dos Dentes Acarreta, e Modificações Ocorridas Após o Processo Reabilitador Oral Sobre Implantes. | 314 |

| | |
|--|-----|
| Análise dos fatores de risco a partir dos estudos epidemiológicos sobre suicídio e tentativa de suicídio. | 315 |
| Análise dos planos de ensino da área de psicologia do trabalho. | 316 |
| Análise e definição de foco no atendimento de casal em Psicoterapia Breve de orientação psicanalítica. | 317 |
| Análise Freudiana e Junguiana da Prancha 19 do T.A.T. | 318 |
| Análise microgenética como método de investigação dos processos interativos de crianças nos dois primeiros anos de vida, em creche. | 319 |
| Análise psicossocial das transgressões praticadas por adolescentes institucionalizados. | 320 |
| Análise qualitativa dos subtestes do WISC em crianças com e sem dificuldade de leitura/escrita. | 321 |
| Anatomia social de um crime em família. Estudo psicossocial sobre a dialética dos discursos e representações sobre família, afetos, homens e mortes [DM]. | 322 |
| Ansiedade de separação: intervenções psicológicas na adaptação da criança à escola infantil | 323 |
| Ansiedade Matemática: caracterização e contribuições da terapia comportamental João dos Santos Carmo. | 324 |
| Apenadas e projetos ocupacionais: o trabalho (des)articulado do Projeto de Vida." | 325 |
| Aplicação da prova de conservação de comprimento num grupo de crianças de 2ª série do ensino fundamental. | 326 |
| Aplicação do BBT-Br na vida profissional: um estudo de caso. | 327 |
| Aplicações da Gestalt-terapia no trabalho clínico com comunidades. | 328 |
| Apoio aos idosos para a reinserção na educação. | 329 |
| Apoio Social e Saúde: O Caso da Associação Lutando para Viver. | 330 |
| Aprendizagem Cooperativa em Educação a Distância. | 331 |
| Aprendizagem da leitura e escrita pelo jogo "Conte um Conto". | 332 |
| Apresentação do Programa de Atenção às Vítimas de Abuso Sexual. | 333 |
| "Argila: espelho da auto-expressão". | 334 |
| Arte com reciclagem. | 335 |
| Arte como instrumento terapêutico. | 336 |
| Arte e Subjetividade. | 337 |
| Arte-terapia com Gestantes Adolescentes na Clínica Winnicottiana. | 338 |
| Arte-Terapia: Elemento facilitador na recuperação de crianças internadas em hospitais. | 339 |
| Articulações entre a Psicanálise e a Educação Algumas Especificidades numa Escola para Surdos. | 340 |
| "Articulações entre Psicologia e Educação - produzindo formas singulares de atuação". | 341 |
| As bases para construção do projeto pedagógico do curso de psicologia da PUCPR: levantamento de necessidades e mobilização do corpo docente. | 342 |
| As conseqüências da inserção do dinheiro na sociabilidade carioca moderna. | 343 |

| | |
|---|-----|
| As Estratégias de Aprendizagem de Alunos Repetentes do Ensino Fundamental. | 344 |
| As estratégias de comunicação dos adolescentes com sua família. | 345 |
| As implicações do espaço escolar na saúde de trabalhadoras da rede pública municipal de João Pessoa. | 346 |
| As Instituições de Atendimento às Crianças em Situação de Rua: O Que Dizem as Crianças? “As Novas Fronteiras da Psicologia Jurídica Enquanto Práxis do Conhecimento”. | 347 |
| As práticas da Psicologia Hospitalar no desenvolvimento de programas Materno Infantil. ... | 349 |
| As repercussões na atividade docente atribuídas a passagem pelo programa de pós-graduação em educação na área de concentração psicologia educacional : o caso da Faculdade de Educação da Unicamp. | 350 |
| As Representações Sociais da Hanseníase entre os Adolescentes da Colônia Santa Isabel. ... | 351 |
| As Representações Sociais do Carro, da Velocidade e do Risco em Jovens. | 352 |
| “Aspectos Afetivo-emocionais do Desenvolvimento da Criança na Adoção Inter-racial”. | 353 |
| Aspectos da dinâmica familiar do adolescente usuário de drogas: um estudo a partir da prática clínica. | 354 |
| Aspectos da transferência no manejo da clínica grupal. | 355 |
| Aspectos do contexto familiar e suas repercussões no desempenho cognitivo de escolares. ... | 356 |
| Aspectos Ergonômicos e Psicológicos da Situação de Trabalho de Operadores de Call Center | 357 |
| Aspectos éticos e psicossociais do êxodo rural das moças: contribuições da Psicologia Social. | 358 |
| Aspectos familiares relacionados com o desenvolvimento da delinquência juvenil. | 359 |
| Aspectos psicológicos do paciente diabético. | 360 |
| Aspectos psicológicos e jurídicos da reincidência criminal. | 361 |
| Assessoria para profissionais que trabalham com grupos de adolescentes em situação de risco social: um relato de experiência. | 362 |
| Assistência Domiciliar em Saúde Mental. | 363 |
| institucional em unidade de internação da FEBEM. | 364 |
| Atenção psicossocial à adolescência: a escolha profissional em debate. | 365 |
| Atendendo à demanda: uma proposta estratégica de atendimento psicológico à comunidade. | 366 |
| Atendimento a crianças vítimas indiretas de latrocínio e homicídio. | 367 |
| Atendimento à saúde mental do adolescente no hospital das clínicas/unicamp. | 368 |
| Atendimento aos pais no psicodiagnóstico dos filhos. | 369 |
| Atendimento multidisciplinar à pessoa idosa na cidade de Osasco. | 370 |
| Atendimento Psicológico a Acadêmicos, Docentes e Servidores da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. | 371 |
| Atendimento Psicológico a vítimas de Violência Sexual. | 372 |
| Atendimento Psicológico em Hospital Dia. | 373 |

| | |
|---|-----|
| Avaliação da leitura e escrita em pessoas com dislexia adquirida. | 374 |
| Atitudes masculinas frente ao exame de toque retal em diferentes idades. | 375 |
| Atividades das aprimorandas de Psicologia Hospitalar no Hospital Maternidade Leonor Mendes de Barros (HMLMB). | 376 |
| Atividades em Saúde Mental: Grupo de Pacientes. | 377 |
| Atribuição de causalidade à contaminação pelo vírus HIV a partir de personagens-estereótipos. | 378 |
| Atribuições de causalidade para o desempenho em matemática. | 379 |
| Atribuições e emoções diante de uma situação de desempenho. | 380 |
| Atuação do psicólogo escolar na rede particular de ensino: uma investigação qualitativa. | 381 |
| Atuação do Psicólogo Hospitalar: reflexão sobre um atendimento em UTI. | 382 |
| Atuação do psicólogo na Saúde do Trabalhador- relato de uma experiência. | 383 |
| “Aulas de véspera”: um desafio dos psicólogos em cursos pré-vestibulares. | 384 |
| Ausência de sentido e comportamento compulsivo: sintomas do contemporâneo? | 385 |
| Autismo infantil e estresse familiar: um levantamento bibliográfico mediante revisão sistemática da literatura. | 386 |
| Autoconhecimento para a capacitação do educador. | 387 |
| Auto-estima e processo de envelhecimento: comparação entre grupos de idosos asilados e não asilados. | 388 |
| Auto-estima entre adolescentes de uma amostra não clínica: prevalência, fatores influentes e subsídios para intervenção. | 389 |
| Autonomia e Cidadania: possibilidades através do ato de aprender. | 390 |
| Autopercepção de crianças desatentas no ambiente escolar. | 391 |
| Autopercepção do Papel Parental. Uma investigação inicial. | 392 |
| “Autópsia Psicológica em Psicologia Forense: estudo de caso”. | 393 |
| Autoridade: uma produção de sentidos. | 394 |
| Autoscopia: uma nova estratégia de coleta de dados para a pesquisa qualitativa em Psicologia da Educação. | 395 |
| Avaliação da Criatividade por Desenhos: Um Estudo Comparativo. | 396 |
| Avaliação da Depressão e outros Sintomas Psicológicos em mulheres com câncer em geral. | 397 |
| Avaliação da Memória Prospectiva para População de Baixa Escolaridade. | 398 |
| Avaliação da Personalidade em Mulheres Homossexuais. | 399 |
| Avaliação da produção científica internacional sobre promoção da saúde no envelhecimento no período entre 1998 e 2001. | 400 |
| Avaliação da qualidade na educação infantil: o uso da escala Leuven de envolvimento para crianças pequenas (LIS-C). | 401 |
| Avaliação da qualidade na Educação Infantil: um estudo sobre a interação adulto/crianças. | 402 |

| | |
|---|-----|
| Avaliação de habilidades de leitura, escrita e aritmética no Ensino Fundamental de Vitória-ES | 403 |
| Avaliação de Relações Objetivas na Esquizofrenia. | 404 |
| Avaliação de riscos de acidentes em organizações. | 405 |
| Avaliação de uma proposta de Estágio Interdisciplinar com múltiplas atividades. | 406 |
| Avaliação do conceito de violência no ambiente escolar: visão do professor. | 407 |
| Avaliação do espaço em ambientes de desenvolvimento: tamanho e estruturação. | 408 |
| Avaliação do impacto de uma campanha anti-tabagismo numa empresa de manutenção de elevadores. | 409 |
| Avaliação dos sintomas e fontes de estresse em estudantes universitários. | 410 |
| Avaliação num projeto social: uma perspectiva de ação em psicologia. | 411 |
| Avaliação psicodiagnóstica e devolutiva na infância – Estudo de caso de Transtorno Afetivo | 412 |
| Avaliação psicológica de crianças com privação paterna. | 413 |
| Avaliação psicológica de pacientes deficientes auditivos por meio do Teste de Wartegg. | 414 |
| Avaliação Psicológica de Perfis Profissionais: um trabalho sobre alunos universitários do curso de Farmácia. | 415 |
| Avaliação psicomotora de crianças da Educação Infantil: uma parceria entre o Curso de Psicologia da Universidade de Uberaba e a Secretaria de Trabalho e Assistência Social. | 416 |
| Avaliando desempenho escolar da criança em função da atividade profissional da mãe. | 417 |
| Avaliar o perfil psicológico quanto ao Clima Social das famílias de pacientes com doenças crônicas graves: um estudo piloto. | 418 |
| Avôs, avós e netos: uma relação especial. | 419 |
| Bebês prematuros em uma UTI Neonatal: a escuta de um apelo. | 420 |
| Bem-Estar Subjetivo em Idosos: Comparação da Satisfação com a Vida e o Balanço dos Afetos. | 421 |
| Breves considerações sobre o nascimento prematuro. | 422 |
| Brincado de Barbie... .. | 423 |
| “Brincando” de demanda”. | 424 |
| “Brincando, a gente esquece muitas coisas ruins: brinquedos e brincadeiras de crianças entre 08 e 12 anos residentes em zonas interioranas”. | 425 |
| Brincar e desenvolvimento humano: programa caixa de brinquedos. | 426 |
| Brincar: um direito da infância e uma possibilidade de desenvolvimento | 427 |
| Brinquedos e brincadeiras de crianças urbanas de classe média entre 08 e 12 anos. | 428 |
| Brinquedoteca Hospitalar: o brincar como um viés na humanização do hospital e na reelaboração da dor. | 429 |
| Brinquedoteca: a busca de um novo olhar dos pais para seus filhos. | 430 |
| Bumba-meu-boi do Maranhão: uma tradição reinventada. | 431 |

| | |
|--|-----|
| Burnout na educação: a saúde do professor em risco. | 432 |
| Campanha nacional de amamentação: uma face da medicalização da saúde reprodutiva da mulher. | 433 |
| Câncer de mama: Expressões da religiosidade em mulheres mastectomizadas. | 434 |
| Câncer de mama: hábitos preventivos de usuárias de uma Policlínica Universitária. | 435 |
| Câncer de Mama: os aspectos Psicossociais envolvidos. | 436 |
| Câncer de mama: um estudo psicossocial com mulheres em tratamento de câncer. | 437 |
| Câncer e Gênero. | 438 |
| "Candidatos a programas de trainee: Levantamento preliminar de critérios para empresas". . | 439 |
| Capacitação de adolescentes como agentes multiplicadores. | 440 |
| Características e Demandas da População Atendida no Centro Universitário de Psicologia da Universidade do Oeste Paulista. | 441 |
| Caracterização da mulher depressiva internada na rede de saúde pública da cidade do Recife: aspectos psicossociais. | 442 |
| Caracterização da violência doméstica contra crianças e suas conseqüências psicológicas. .. | 443 |
| Caracterização das medidas terapêuticas adotadas nos tratamentos com Mulheres depressivas atendidas na rede re saúde pública do Recife. | 444 |
| Caracterização de depressão em mulheres obesas do ‘projeto de peso’ do Cepas (USM). | 445 |
| Caracterização do agressor que cometeu violência sexual. | 446 |
| Caracterização populacional: bebês de risco atendidos no Centro de Psicologia Aplicada (UNESP-Bauru). | 447 |
| Caracterização Psicossocial das Mulheres Depressivas Atendidas na Rede de Saúde Pública do Recife. | 448 |
| Cárcere e Qualidade de Vida: Possibilidades de Atuação do Psicólogo no Presídio. | 449 |
| Cartografia de um estabelecimento de Assistência à infância e adolescência em situação de risco pessoal e social. | 450 |
| Cartografia dos serviços em Saúde Mental oferecidos pela rede pública de Saúde da Grande São Paulo: uma proposta de redes de apoio. | 451 |
| Casa das Crianças: uma experiência participativa. | 452 |
| Casamento: lugar de transformações identitárias ou de manutenção de padrões já instituídos? | 453 |
| Centralidade do trabalho e síndrome de burnout para profissionais de saúde da cidade de Natal. | 454 |
| Centro de Atenção Psico-Social – CAPS. | 455 |
| Centros de tratamento de dependentes de drogas: aspectos teóricos e técnicos. | 456 |
| Cidadania e educação com jovens assentados do interior da Paraíba. | 457 |
| Cidadania: exercício e construção do papel social. | 458 |
| Cinema e Psicologia: Identificação, Reflexão e Insight. | 459 |

| | |
|---|-----|
| Classificação de estilos cognitivos de aprendizagem na construção de tutor inteligente de Negociação Empresarial. | 460 |
| Clínica da Diferença: Alternativas em Saúde Mental Pública. | 461 |
| Clínica Preventiva: processo de psicoterapia somado ao processo de follow-up. | 462 |
| Clube da gestante Maria Dolores. | 463 |
| Coesão e hierarquia no sistema familiar. | 464 |
| Cognição e Circularidade como Criação na Sociotécnica. | 465 |
| Cognição social e administração de conflitos. | 466 |
| Com que roupa eu vou pro samba? | 467 |
| COMEC: relato de uma prática em Liberdade Assistida na cidade de Campinas. | 468 |
| Como a utilização do modelo de Quatro Primeiras Sessões pode interferir na adesão ao tratamento à pacientes encaminhados por convênios médicos. | 469 |
| Como avaliar a relação entre habilidades sociais e inteligência geral? Um enfoque sobre adaptação à universidade. | 470 |
| Comparação da Visão de Mundo de Universitários, em Momentos Históricos Diferentes na Realidade Brasileira. | 471 |
| Comparação de stress em crianças do ensino fundamental provenientes de São Paulo e Guararema. | 472 |
| Comparação entre a percepção dos pais e o desempenho escolar de seus filhos. | 473 |
| Competência Social entre Pares e Identidade Étnica: Alunos Imigrantes em Porto Alegre. ... | 475 |
| Comportamento agressivo infantil e suas crenças normativas: adaptação de uma escala. | 476 |
| Comportamento auto-referido de adesão, estratégias de enfrentamento e percepção da doença entre pacientes com doença de Crohn. | 477 |
| Comprometimento com o Trabalho e Projeto Institucional: em foco um Serviço de Saúde Mental. | 478 |
| Comunicação de crianças autistas: um estudo de caso. | 479 |
| Comunicação terapêutica: estudo de caso de um adolescente portador de leucemia. | 480 |
| Conceitos sobre crianças e adolescentes veiculados num estabelecimento de assistência à infância e adolescência e os efeitos dessas conceituações. | 481 |
| Concepção e prática de cidadania entre universitários: análise psicossocial. | 482 |
| Concepções das educadoras de creches públicas acerca do desenvolvimento infantil. | 483 |
| Concepções do Psicólogo Escolar Sobre a Educação Inclusiva: Um Estudo de Caso. | 484 |
| Concepções dos Profissionais da Enfermaria Pediátrica do H.U.D.D.L.C. a respeito da atividade do brincar das crianças hospitalizadas. | 485 |
| Condições de integração acadêmica e social ao longo do primeiro ano de graduação. | 486 |
| Condições Sócio-familiares de presidiários violentos. | 487 |
| Conflito conjugal e envolvimento parental. | 488 |
| Confrontos: morte e adolescência. | 489 |

| | |
|---|-----|
| Conhecimento de mães acerca das competências dos bebês em dois momentos do desenvolvimento. | 491 |
| Conhecimento e compromisso político: a formação de profissionais no campo de gênero e saúde. | 492 |
| Conhecimentos e Crenças de Professores e Futuros Professores sobre como Motivar Alunos | 493 |
| Conhecimentos e habilidades clínicas de estudantes de Psicologia para o diagnóstico pelos critérios do DSM-IV | 494 |
| Consciência e educação: Oficinas Criativas na formação de educadores. | 495 |
| Conselho tutelar e produção de subjetividade. | 496 |
| Conservação e mudança em brincadeiras tradicionais em um bairro da grande Aracaju (SE). | 497 |
| Consideração dos aspectos emocionais no tratamento da Enurese Infantil. | 498 |
| Considerações a respeito do processo de "separação" polícia-sociedade: relato de uma experiência. | 499 |
| Considerações sobre a atuação do psicólogo hospitalar diante de crises do período de gestação..... | 500 |
| Constituição de Saberes: o Uso de Ervas na Medicina Popular. | 501 |
| Construção de um espaço escolar inclusivo. | 502 |
| Construção de um Museu Virtual de Medida e Instrumentos em Avaliação Psicológica. | 503 |
| Construção e Aplicação de Técnicas Cognitivas e Comportamentais em um Programa de Treinamento em Habilidades de Interação Social. | 504 |
| Construção e transformação da identidade do surdo. | 505 |
| Construindo a Escola Inclusiva – relato de uma proposta de parceria entre a instituição especializada e a rede regular de ensino. | 506 |
| Construindo caminhos: experiências de Acompanhamento Terapêutico em Centro de Saúde-Escola. | 507 |
| Construindo com arte: o processo grupal na perspectiva de Ignacio Martin-Baró – uma contribuição para a análise de grupo. | 508 |
| Construindo conhecimentos... implicações e intersubjetividade. | 509 |
| Construindo estratégias para inclusão social: um programa de geração de renda para mulheres..... | 510 |
| Construindo o campo das brincadeiras: Uma reflexão sobre o brincar na contemporaneidade | 511 |
| Construindo o conhecimento, transformando a realidade. | 513 |
| Construindo o futuro cidadão: um programa de educação para pais. | 514 |
| Construindo Relações e Grupos: Aspectos Estruturais para a Integração Comunitária de Crianças e Adolescentes em Atividades Ecológicas. | 515 |
| Construindo um novo modelo de atendimento em saúde mental no Hospital Dia Ricardo Montalban. | 516 |
| Consumo e Subjetividade: Análises Teóricas. | 517 |

| | |
|---|-----|
| Contar a vida: uma ressignificação da existência. | 518 |
| Contos - Arte – Saúde. | 519 |
| Contribuição da história e da antropologia ao estudo dos aspectos psicológicos do uso da coca e dos seus derivados. | 520 |
| Contribuição da Teoria dos Sistemas Não-lineares no avanço da compreensão dos sistemas vivos – naturais e artificiais – e do processo psicanalítico. | 521 |
| Contribuições da Psicologia e da Medicina em grupos rotativos de mulheres no pré-cirúrgico. | 522 |
| Contribuições da Psicologia no aprimoramento da gestão democrática na escola. | 523 |
| Contribuições da Psicoterapia aos Adotados. | 524 |
| Contribuições e novas perspectivas de intervenções em psicologia escolar – SEPA. | 525 |
| Cooperativa de trabalho: uma alternativa à exclusão. | 526 |
| Corpo experimentação: cheirando, dosando e aplicando outras conexões e sentidos à vida. | 527 |
| Correlação entre os Valores e os Indicadores de um bom Rendimento Acadêmico. | 528 |
| Creche comunitária: ambiente promotor do desenvolvimento infantil. | 529 |
| Creche e Família: Um estudo sobre condição de vida. | 530 |
| Creche e família: um estudo sobre condições de vida. | 531 |
| “Cresça e Apareça”: um projeto de extensão universitária voltado à orientação profissional em grupo. | 532 |
| Criança Psicossomática e sua Família. | 533 |
| Crianças e adolescentes vitimizados: um estudo o contexto do abuso sexual em Corumbá/MS. | 534 |
| "Crianças em situação de rua"- o significado de família para crianças e adolescentes. | 535 |
| Crianças nascidas prematuras – risco vs proteção. | 536 |
| Crianças vitimizadas: uma proposta de atendimento psicoterápico com orientação psicanalítica como estágio curricular num curso de Psicologia. | 538 |
| Cuidados e Saúde Mental na Velhice. | 539 |
| Da Escuta do sentido ao fora de sentido da Escuta: a escuta em Lacan e suas interfaces com a Educação. | 540 |
| Da violência à paz: Causas e estratégias segundo adolescentes porto-alegrenses. | 541 |
| Dando voz ao louco: produzindo autonomia. | 542 |
| Delegacias de Policia: Relevância do acompanhamento psicológico. | 543 |
| Delineamento de necessidades e perfil psicossocial da população do bairro Jardim das Nações de Itatiba – SP. | 544 |
| Dependência de álcool: Tratamento e sua relação Interdisciplinar Arte e Psicologia. | 545 |
| Dependentes químicos em tratamento: suas representações sociais sobre o alcoolismo. | 546 |
| Depressão e Ansiedade: Fatores Psicopatológicos no Hospital Geral. | 547 |

| | |
|--|-----|
| Depressão Pós-parto e Fatores Psicossociais Envolvidos: Falta de Suporte Social e Eventos Vitais. | 548 |
| Depressão puerperal e suas repercussões sobre a relação mãe-filho. | 549 |
| Desafios à educação do superdotado: identificação e aconselhamento psicológico. | 550 |
| “Desbravando Caminhos” Mudanças de contornos: a psicologia numa perspectiva de inserção comunitária. | 551 |
| Descobrimo a Realidade de Mães Presidiárias e seus Filhos Através de uma Prática de Psicologia. | 552 |
| Descrição da dinâmica afetiva em mulheres no período do climatério a partir dos dados do Rorschach. | 553 |
| Desejos e motivações de crianças e adolescentes de escola particular e pública. | 554 |
| Desempenho acadêmico e característica de personalidade: um estudo piloto através do 16-PF. | 555 |
| Desempregado: o “eu” provisório. | 556 |
| Desenvolvendo habilidades Pró-sociais na infância. | 557 |
| Desenvolvimento cultural e tecnologia: um estudo acerca das relações entre a mediação semiótica e a técnica a partir de aulas de computação para crianças e adolescentes com cegueira ou baixa visão. | 558 |
| Desenvolvimento de professores Prático-Reflexivos: relato de uma experiência. | 559 |
| Desenvolvimento de um protocolo (coding scheme) para observação de interações sociais entre crianças. | 560 |
| Desenvolvimento e educação infantil na realidade da comunidade da Vila do Lobó. | 561 |
| Desenvolvimento espacial e ensino de geometria. | 562 |
| Desenvolvimento Humano e Violência: Representações e Práticas Sociais De Professores. | 563 |
| Desenvolvimento profissional feminino e relacionamento amoroso. | 564 |
| Desvelamento do processo criativo em biografias de artistas. | 565 |
| Desvelando as teias de Pinóquio: Um estudo sobre Representações de Família em meninos em situação de rua. | 566 |
| Desvio de atenção: opinião de docentes e de alunos da 1º à 4º série. | 567 |
| Diagnóstico participativo realizado em uma comunidade ribeirinha na selva amazônica. | 568 |
| Dificuldade de aprendizagem e o professor de educação infantil: uma leitura em Psicologia Escolar. | 569 |
| Dificuldade de aprendizagem na escrita num grupo de crianças do ensino fundamental. | 570 |
| Dificuldades de escrita e sua relação com aspectos funcionais do ego. | 571 |
| Dificuldades no ensino da teoria e técnica de Rorschach para acadêmicos de psicologia. | 572 |
| Dificuldades sexuais femininas: algumas causas. | 573 |
| Dimensão afetiva, segundo a concepção de Emílio Romero, da pessoa com surdez adquirida antes e após o uso do implante coclear. | 574 |

| | |
|---|-----|
| Dinâmica de Grupo em sala de aula. | 575 |
| Dinâmica familiar de adolescentes com úlcera péptica. | 576 |
| Dinâmica familiar de crianças de uma escola pública da cidade do Recife. | 577 |
| Dinâmicas de grupo e relações humanas: desafios e perspectivas da intervenção no ensino médio. | 578 |
| Discriminação sentida por homossexuais e sua relação com a Identidade de Gênero. | 579 |
| Distrofia Muscular de Duchenne: estudo de caso em família. | 580 |
| Do Autor e Do Leitor: quando se encontram navegando. | 581 |
| Do caos ao cosmos: o “elemento” cognitivo no processo de socialização. | 582 |
| Do casal recasado à família recasada. | 583 |
| Do Medo ao Amor – Uma Experiência de Culpa e Graça no Plano Religioso. | 584 |
| Do medo ao respeito: a relação interpessoal entre professor-aluno como elemento favorecedor da aprendizagem. | 585 |
| Drogas, sexo e rock na visão de jovens universitários. | 586 |
| “É fraquinha, mas é boa”: uma análise do espaço escolar como refúgio. | 587 |
| E se faz dança... relato de experiências na construção da atenção psicossocial. | 588 |
| Educação de jovens: manifestações de incivilidadena escola Coopema (Barra do Garças, MT). | 589 |
| Educação e trabalho: a construção coletiva de um espaço para o desenvolvimento interpessoal de trabalhadores. | 590 |
| Educação Inclusiva: Concepções dos Professores do Ensino Regular. | 591 |
| “Educação inclusiva”: discurso oficial e suas repercussões na escola pública paulista. | 592 |
| Educação moral: intervenção junto a adolescentes. | 593 |
| Educação para a Cidadania – O Protagonismo Juvenil como redução da violência. | 594 |
| Educação Sexual e promoção de saúde do adolescente. | 595 |
| Educação sexual para portadores(as) de necessidades especiais. | 596 |
| “Educando para a vida: uma proposta de prevenção ao uso de drogas junto aos alunos da 1ª e 2ª série do ensino médio”. | 597 |
| Efeito Barnum: os falsos testes e o ocultismo. | 598 |
| Efeito da Realização de Atividade Física no Nível de Depressão em Idosos. | 599 |
| Efeitos da estimulação tátil no comportamento de fuga e esquiva em ratos Wistar após o desmame. | 600 |
| Efeitos da Manipulação Neonatal e da Privação Materna sobre o Medo Condicionado em ratos. | 601 |
| Efeitos de ordem, do entrevistador, do local e do horário de coleta dos dados nos resultados de uma pesquisa psicossocial. | 602 |
| Efeitos de um modelo ampliado de intervenção sobre a competência social de crianças com dificuldades de interação. | 603 |
| Eficácia terapêutica da Interpretação Intelectualizada na psicoterapia breve. | 604 |

| | |
|--|-----|
| Elaboração conceitual nas interações em uma sala de aula de primeira série do ensino fundamental. | 605 |
| Elementos estratégicos em uma intervenção psicossocial com policiais militares. | 606 |
| Em busca de novas perspectivas de trabalho para o portador de deficiência mental. | 607 |
| “Em busca de um sentido para a vida - desafios de um caso atendido em Clínica Escola ”... 608 | 608 |
| Em nome do filho - Aspectos psicológicos da infertilidade na vida conjugal. | 609 |
| Emoções: sentidos e significados no contexto discursivo da sala de aula. | 610 |
| Encaminhamento ao psicólogo em Hospital Geral e Centros de saúde. | 611 |
| Encenações do Olhar. | 612 |
| Enclausuramento ou Liberdade: um Novo Desafio para o “Louco”. | 613 |
| Ensinando e aprendendo sobre Autismo: o contato possível com a impossibilidade de contato. | 614 |
| Ensinando e aprendendo sobre Psicose Infantil através da experiência de observação. | 615 |
| Entendimentos populares da esfera política - elementos para uma comparação internacional. | 616 |
| Entrada de pacientes infantis na Clínica-Escola: delineamento da área de estágio. | 617 |
| Entre a cruz e a espada: as Representações Sociais de saúde e Ideologia em psicólogos na cidade de Florianópolis. | 618 |
| Entre o dever-fazer e o viver da criança: a significação das regras nas interações bebê-professora-bebês. | 619 |
| Entre o Micro e o Macro na Educação: Possíveis Causas da Queixa Escolar Através de um Estudo de Caso. | 620 |
| Entrevista Familiar Diagnóstica (EFD) em famílias de adolescentes privados de liberdade. | 621 |
| “Enurese infantil noturna monossintomática: intervenção comportamental em grupo e individual com aparelho nacional sonoro”. | 622 |
| Enurese Noturna na adolescência: relevância da investigação em Instituição Pública de Saúde. | 623 |
| Envelhecimento e redes de apoio informais e sociais no município de São Paulo. | 624 |
| Equivalência de estímulos: discriminação condicional instruída versus modelada por contingências. | 625 |
| Era e o Hospital Amigo da Criança: o relato da mulher diante das rotinas propostas. | 626 |
| Era uma vez uma Criança... UM Inconsciente e uma Doença. | 627 |
| Era uma vez... a psicologia e a biblioteca. | 628 |
| Ergonomia e idade avançada: Um estudo piloto sobre análise de usabilidade de sites. | 629 |
| Escala de Indicadores Criativos em Psicoterapia. | 630 |
| Escala de preconceito racial em relação aos negros - validade de construto. | 631 |
| Escala Wechsler de Inteligência para Crianças: Wisc (Uma análise qualitativa). | 632 |
| Escola e Fracasso Escolar: um estudo sobre o fenômeno da multirrepetência. | 633 |
| Escola e Violência: A Construção de um Modelo de Prevenção. | 634 |

| | |
|---|-----|
| Escola particular: lugar possível para a produção de violências? | 635 |
| Escola pública e comunidade: relações em d'obras. | 636 |
| Escola: Fator de Risco ou Fator de Proteção? | 637 |
| Escolarização e projeto profissional: construção da identidade profissional de trabalhadores da Grande Florianópolis. | 638 |
| Escolha profissional e personalidade: um estudo em estudantes do 1º ano do curso de Psicologia de uma universidade particular. | 639 |
| Escolhas profissionais de adolescentes concluindo o Ensino Médio. | 640 |
| Escolher ou ser escolhido: experiências em orientação profissional. | 641 |
| Escolher para quê? A interface da escolha profissional e do mercado de trabalho. | 642 |
| Escuta da prática e prática da Escuta: questões emergentes na Prática Profissional de uma Psicóloga. | 643 |
| Espaço, Brinquedos e Brincadeiras no Ambiente Familiar: Um Estudo com Famílias de Baixa Renda. | 645 |
| Espaços de Convivência: um trabalho com crianças em Saúde Mental. | 646 |
| Esporte: sua contribuição na constituição da auto-imagem e na percepção de sucesso. | 647 |
| Estados Ampliados de Consciência e imagens mentais como recursos para o tratamento de paciente com transtorno de disfunção sexual. | 648 |
| Estágio em Atendimento e Orientação Psicológica de Familiares de Pessoas com Deficiências. | 649 |
| Estereótipos e o viés lingüístico intergrupar. | 650 |
| Estereótipos entre estudantes universitários: dois estudos empíricos. | 651 |
| Estética Feminina: Motivações e Percepções na Busca Pela Modificação Corporal. | 652 |
| Estilo de aprendizagem criativa: Percepção de alunos da terceira idade. | 653 |
| Estilo parental percebido e adaptação psicológica de adolescentes adotados. | 654 |
| Estilo parental percebido em adolescentes. | 655 |
| Estilos de aprendizagem e escolha de especialidade na área médica. | 656 |
| Estimativa da capacidade de raciocínio geral por meio da Escala de Maturidade Mental Columbia em crianças com Mucopolissacaridose. | 657 |
| Estimulação da criatividade em deficientes mentais treináveis e educáveis: um trabalho sobre fluência verbal. | 658 |
| Estimulação de potencial e desenvolvimento humano: imagens sobre a Marinha do Brasil. | 659 |
| Estratégia de Recursos Humanos: o que ocorre na prática? | 660 |
| Estratégias de enfrentamento a mudanças de vida em alunos de Psicologia: um estudo exploratório. | 661 |
| Estratégias de inclusão e exclusão do louco pela sociedade: o caso da cidade de Prados – MG. | 662 |

| | |
|--|-----|
| Estresse e relações familiares na perspectiva de irmãos de indivíduos com e sem Transtornos Invasivo do Desenvolvimento. | 663 |
| Estresse e Resiliência na Adolescência. | 664 |
| Estresse em estudante de psicologia. | 665 |
| Estruturação de valores e sua dinâmica na cultura contemporânea. | 666 |
| Estudantes de pedagogia e a relação teoria-prática: em questão a inteligência. | 667 |
| Estudo comparativo da autopercepção do papel parental em duas etapas do desenvolvimento infantil. | 668 |
| Estudo comparativo de análises atribucionais para sucesso escolar na percepção de professores e alunos. | 669 |
| Estudo comparativo de crenças e valores maternos acerca dos estilos parentais. | 670 |
| Estudo comparativo de Indicadores de Movimentos no Wartegg Zeichen Test e no Teste Zulliger. | 671 |
| Estudo comparativo dos sintomas psicológicos nos períodos pré e pós-operatório de pacientes hospitalares. | 672 |
| Estudo da auto estima de trabalhadores de uma empresa de transporte coletivo de passageiros de POA. | 673 |
| Estudo da demanda em saúde mental no bairro de Cidade Nova, Natal - RN. | 674 |
| Estudo da Escala de Disposição para a Reciprocidade Moral. | 675 |
| Estudo da Imagem Corporal de Adolescentes do Sexo Feminino Portadoras de Escoliose Idiopática em Pré e Pós-cirúrgico. | 676 |
| Estudo da Satisfação Residencial na residência universitária mista da Universidade Federal do Ceará. | 677 |
| Estudo de caso: Orientação Vocacional na adolescência. | 678 |
| Estudo de grupos X formação do psicólogo: desenvolvimento de competências e habilidades. | 679 |
| “Estudo descritivo dos aspectos do desenvolvimento e das interações familiares de pessoas com deficiência sob a perspectiva dos pais e dos irmãos”. | 680 |
| Estudo do Caso: Equitação Terapêutica com uma Criança Portadora de Autismo Atípico. | 681 |
| Estudo do nível de ação objetiva em alunos de psicologia avaliados pelo teste Wartegg. | 682 |
| Estudo experimental sobre ansiedade e falsas memórias. | 683 |
| Estudo exploratório da reinternação de pacientes psiquiátricos em Hospital Particular da cidade de São Paulo. | 684 |
| Estudo longitudinal com a Escala de avaliação do desenvolvimento do comportamento da criança no primeiro na de vida de Pinto, Vilanova e Vieira (1997). | 685 |
| Estudo para Construção de uma Escala de Avaliação do Clima Organizacional na Escola. ... | 686 |
| Estudos e Práticas Psicanalíticas sobre o Feminino e a Maturidade. | 687 |
| Estudos sobre a homossexualidade no curso de graduação em Psicologia. | 688 |

| | |
|--|-----|
| Eterno Aprendiz: proposta de intervenção - através de estabelecimento de metas - no processo de envelhecimento. | 689 |
| Ética nas relações familiares dos adolescentes. | 690 |
| Ética profissional, social e pessoal: as histórias contadas, vividas e a realidade exposta. | 691 |
| Eu não moro na rua, eu sobrevivo : a representação social do sentido da vida de jovens em situação de rua. | 692 |
| Eu não moro na rua:a reação da criança em situação de rua em resposta à abordagem dos pesquisadores. | 693 |
| Evasão no ensino superior: resultados de pesquisa e tendências na literatura. | 694 |
| Eventos de Vida na Infância – Recursos para a Avaliação. | 695 |
| Exclusão ou Cidadania? – O Cenário da Assistência Infanto-Juvenil a Partir da Atuação do Psicólogo. | 696 |
| Exclusão social e inclusão perversa I: Caracterização de coletores de lixo. | 697 |
| Exclusão social e inclusão perversa II: Caracterização de varredores de rua. | 698 |
| Exclusão/inclusão e loucura em Sergipe. | 699 |
| Exigências psicológicas do trabalho de adolescentes: riscos à saúde e bem-estar. | 700 |
| Expectativas dos calouros: indicadores para a formação. | 702 |
| Expectativas e Satisfação de Usuários dos Serviços Públicos de Saúde. | 703 |
| Expectativas e sentimentos da gestante em relação ao bebê. | 704 |
| Expectativas futuras de adolescentes em situação de rua sobre trabalho e profissão. | 705 |
| Experiência com Grupos de Expressão Lúdica como Possibilidade de Resolução de Bloqueios Intelectuais. | 706 |
| Experiência de escuta terapêutica x atividade motora com idosos. | 707 |
| Experiência no processo de psicodiagnóstico: relato de um estudo de caso em instituição psiquiátrica. | 708 |
| Experiências com o Psicodrama no Ensino da Psicologia. | 709 |
| Expressões faciais de emoções: um estudo da capacidade infantil para expressar emoções básicas. | 710 |
| Fala e Escuta (Entre)laçam-se no Ato Educativo. | 711 |
| Família e Vitimização Infantil. | 712 |
| Família: condições atuais e expectativas futuras de adolescentes em situação de rua. | 713 |
| Famílias imigrantes Latino-americanas em Porto Alegre e suas Redes de Apoio Social. | 714 |
| Famílias recasadas e (re)estabelecimento de relações de autoridade e afeto. | 715 |
| Fatores anteriores ao ingresso e destino acadêmico do universitário. | 716 |
| Fatores associados ao hábito de fumar entre mulheres trabalhadoras. | 717 |
| Fatores de risco e proteção à adaptação psicológica em crianças adotadas. | 718 |
| Fatores para recusa de compra no mercado informal de ambulantes em sinais de trânsito. | 719 |
| Fatores para recusa de compra no mercado informal de ambulantes em sinais de trânsito. | 720 |

| | |
|---|-----|
| Fatores que influenciam no início do relacionamento amoroso. | 721 |
| Fazendo arte, re-fazendo a vida. | 722 |
| Festas Raves (Trance): O Dionisíaco Ainda Está Presente? | 723 |
| Formação de competências nos alunos de Psicologia: aspectos da prática profissional de professor. | 724 |
| Formação de relações de equivalência através de um procedimento computadorizado em escola pública. | 725 |
| Formação do Psicólogo Hospitalar. | 726 |
| Formação docente para o Diagnóstico das Dificuldades de leitura e de escrita: um estudo de caso..... | 727 |
| “Formação na ação Pedagógica de Matemática”. | 728 |
| Formas e divulgação do conhecimento produzido pelas teses e dissertações em um programa de pós-graduação em educação. | 729 |
| Fortalecimento da Associação dos Trabalhadores Rurais como elemento fundamental do desenvolvimento social. | 730 |
| Gênero e violência nas delegacias da mulher. | 731 |
| Grau de Satisfação dos egressos do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná formados nos anos de 1998 e 1999. | 732 |
| Gravidez na adolescência: sentimentos e expectativas. | 733 |
| Grupo anjos da alegria: | 734 |
| Grupo de Apoio aos Pais da Unidade de Terapia Intensiva Neonatal do Hospital e Maternidade Neomater. | 735 |
| Grupo de reabilitação de pacientes com Esquizofrenia: atuação da Psicologia e da Terapia Ocupacional. | 736 |
| Grupo Despertar: Um apoio necessário? | 737 |
| Grupo Operativo em asilos: uma experiência. | 738 |
| Grupos de Mães de Crianças com Condições Ditas Especiais. | 739 |
| Habilidades sociais de psicóticos: contato visual. | 740 |
| Habilidades Sociais de Psicóticos: Os Movimentos de Cabeça. | 741 |
| Habilidades Sociais Educativas de pais e de mães na prática educativa de filhos com indicativos de Problemas de Comportamento e com indicativos de Comportamentos Socialmente Adequados. | 742 |
| Hemofilia: repercussões psicológicas em mães de hemofílicos. | 743 |
| Henri Wallon e a Formação do Educador: Perspectiva para se Pensar a Atuação do Psicólogo..... | 744 |
| Homens jovens no discurso da Homofobia. | 745 |
| Hospitais Universitários e Psicologia: atuações da psicologiaem clínicas cirúrgicas de hospitais gerais universitários. | 746 |

| | |
|--|-----|
| Hospital-escola: o psicólogo e a busca da interdisciplinaridade. | 747 |
| Hospitalização: intervenção psicológica em idosos. | 748 |
| Humanização do Atendimento e Qualidade nos serviços hospitalares: as contribuições da Psicologia. | 749 |
| Humilhação no trabalho – um estudo sobre assédio moral. | 750 |
| Identidade Cidadã: compromisso social. | 751 |
| Identidade e supervisão: pilares da formação. | 752 |
| "Identidade homogênea, alteridade excluída: formação de vínculos e socialidades na cidade contemporânea". | 753 |
| Identidade Profissional: Determinismo e Liberdade no Processo de Escolha. | 754 |
| Identidade racial de crianças da cidade de João Pessoa. | 755 |
| Identificação e pesquisa de indicadores de modernização da gestão de pessoas em organização mineiras. | 756 |
| Identificação e variáveis determinantes da obesidade infantil: propostas de estratégias de enfrentamento. | 757 |
| Imagem e poder: a aparência como referência identitária e condutora de desigualdade social | 758 |
| Imagens da Faculdade de Educação: Aproximação Entre a Psicologia Social e a Análise Institucional. | 759 |
| Imagens e Miragens Adolescentes: permeabilidades entre subjetividade e estética. | 760 |
| Impactos da hospitalização em pacientes psicóticos. | 761 |
| Impactos emocionais nos casais em processo de fertilização-reprodução assistida. | 762 |
| Impasses e Direções no Estágio Supervisionado. | 763 |
| Implicações do processo de educação formal e da produção de subjetividades para a construção da cidadania. | 764 |
| In(ter)venção da Psicologia Junto a Grupo de PNEs Através de Atividades Lúdicas, Psicomotoras e Artísticas. | 765 |
| Inclusão de aluno com autismo no ensino regular. | 766 |
| Inclusão de alunos com necessidades especiais no ensino regular. | 767 |
| Inclusão escolar: perspectivas e sentimentos de professores. | 768 |
| Inclusão psicossocial do idoso em grupo de convivência. | 769 |
| Indicadores de alcoolismo no Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister. | 770 |
| Indicadores Do Processo De Instalação Das Bases Para A Interação Mãe- Bebê. | 771 |
| Industrialização, Urbanização e Disciplinamento no Rio Grande do Sul (1941 – 1950). | 772 |
| Infância e Adolescência “de Risco” em Mato Grosso do Sul: Um Estudo Exploratório. | 773 |
| Infância e Violência no campo: representações e práticas educativas em assentamentos rurais | 774 |
| Influência de um filme com cenas de violência no comportamento agressivo de crianças em idade escolar. | 775 |

| | |
|---|-----|
| Influência do estilo parental sobre indecisão profissional e bem-estar psicológico de adolescentes. | 776 |
| Influência do uso de drogas no desenvolvimento de projetos futuros de adolescentes em situação de rua. | 777 |
| Influências e Impactos da Terceirização no Campo da Psicologia Organizacional em Sergipe | 778 |
| Inserção de Estágio Curricular em Psicologia Clínica na Instituição Penitenciária. | 779 |
| Inserção do PNE(portador de necessidades especiais) no mercado de trabalho do setor hoteleiro. | 780 |
| Inserção laboral: impactos na identidade e nas relações sociais de adolescentes carentes..... | 781 |
| “Inserção no Mundo do Trabalho: da Ilusão à Conscientização”. | 782 |
| Insônia: uma queixa nem sempre real. | 783 |
| Instalação de um serviço de psicologia em uma creche comunitária. | 784 |
| Instalação de um serviço de psicologia em uma organização comunitária para crianças e adolescentes em situação de risco. | 785 |
| Instituto Raizes: uma experiência em clínica social. | 786 |
| Instrumentos psicológicos mais conhecidos e utilizados por estudantes e profissionais de psicologia. | 787 |
| Interface universidade-escola vista a partir dos trabalhos de titulação. | 788 |
| Interfaces entre a Psicologia e a Psiquiatria: existirá um diálogo possível? | 789 |
| Intervenção e análise em tempos de reestruturação do trabalho. | 790 |
| Intervenção junto a adolescentes em prevenção de DST's: uma experiência em psicologia social e comunitária. | 791 |
| Intervenção para cuidadores familiares de idosos: um processo de avaliação. | 792 |
| Intervenção psicológica com grupos de adultos em processo de alfabetização. | 793 |
| Intervenção Psicológica em uma Instituição Educacional – Um trabalho de orientação vocacional. | 794 |
| Intervenção psicológica na maternidade. | 795 |
| Intervenção psicológica para o envelhecimento bem sucedido. | 796 |
| Intervenção Psicopedagógica em uma Comunidade Periférica. | 797 |
| Inventando outras práticas Psi em estabelecimentos públicos. | 798 |
| Inventário SF 36: avaliação da qualidade de vida dos alunos do curso de Psicologia do Centro UNISAL- U.E. de Lorena/SP. | 799 |
| Investigação de tecnoestresse em professores universitários e funcionários de telecomunicações. | 800 |
| Investigação diagnóstica do uso de drogas em escolas Municipais. | 801 |
| Julgamento social para determinação de linhas de corte para escalas de Avaliação Educacional. | 803 |
| Justiça organizacional: um modelo multidimensional para uso no Brasil. | 804 |

| | |
|--|-----|
| Leitura e subjetividade. | 805 |
| Leitura na escola. | 806 |
| Leitura psicológica da religião na sociedade ocidental: a ilusão em Freud e a individuação em Jung. | 807 |
| Lembranças de infância de pais e mães e suas implicações nas práticas educativas utilizadas na criação dos filhos. | 808 |
| Levantamento de Dados para uma Intervenção em Orientação Vocacional. | 811 |
| Levantamento de traços depressivos em alunos do curso de Psicologia, e suas implicações. | 812 |
| Levantamento do repertório comportamental de crianças indicadas como tendo problemas de comportamento e de crianças com comportamentos socialmente adequados por professores de EMEIS da cidade de Bauru. | 813 |
| Lide Positiva- Assessoria Jurídica e Aconselhamento Psicológico a Portadores do Hiv/Aids e seus Familiares. | 814 |
| Limite sem amargura: a intervenção do psicológica no tratamento da diabetes, na cidade de Natal. | 815 |
| Limites em Questão. | 816 |
| Literatura hipertextual: liberdade e controle de leitura. | 817 |
| Litígio e Psicologia Jurídica – Algumas reflexões sobre a experiência de estágio em uma instituição policial especializada (D.P.D.M.) - Campinas. | 818 |
| Longe dos olhos, perto do coração: uma análise qualitativa das mudanças na dinâmica familiar..... | 819 |
| Magistério: o processo de formação psicossocial da identidade profissional. | 820 |
| Malandragem em pesquisa experimental: o jeitinho brasileiro de fazer pesquisa – primeira fase. | 821 |
| Malformação Fetal Letal: Pré-Natal Personalizado – Assistência Multiprofissional. | 822 |
| Manifestações das fantasias sexuais no relacionamento heterossexual. | 823 |
| Manifestações emocionais de mães que receberam diagnóstico de óbito fetal no pré e pós-parto. | 824 |
| Mapeamento da Psicologia no Rio Grande do Norte. | 825 |
| Mapeamento e Análise dos Serviços Públicos de Saúde Mental da Grande Vitória. | 826 |
| Maternidade na Adolescência: Um Estudo Sobre os Vínculos Mãe e Bebê. | 827 |
| Maturidade vocacional e gênero: adaptação e instrumentos de medida. | 828 |
| Medicamentos psicoativos em Centros de Saúde: necessidade, função simbólica ou uso indiscriminado? | 829 |
| Medidas do desenvolvimento infantil em escolares de primeira série. | 830 |
| Meio ambiente e subjetividade: uma relação de interdependência. | 831 |
| “Melhor acompanhando do que só” intervenção junto a acompanhantes de pacientes internados num hospital em Vitória, ES. | 832 |

| | |
|---|-----|
| Memórias e histórias da escola: em análise modelos e concepções de infância e práticas educativas. | 833 |
| Memórias emocionais carregadas de tristeza: estudo com Ressonância Magnética Funcional | 834 |
| “Meninas adolescentes em situação de risco”. | 835 |
| Meninos e meninas em situação de rua, Escola e trabalho infantil. | 836 |
| Metacognição e Elaboração Dirigida : Um Novo Caminho Psicopedagógico. | 837 |
| Metacognição em alfabetização. | 838 |
| Método Mãe-Canguru: contribuições no processo de humanização das maternidades. | 839 |
| Método Tríade Psicológica Do Esporte: uma experiência no Handebol Feminino Adulto que representa a cidade de Florianópolis em competições. | 840 |
| Métodos contraceptivos. | 841 |
| Microgêneses Cognitivas no processo resolutivo do jogo computadorizado Tetris. | 842 |
| Mídia como estratégia de pesquisa e ação em psicologia social e saúde. | 843 |
| Mídia e indústria cultural: um estudo exploratório sobre a tecnologia da mídia subjogando mentes em busca de poder e lucro. | 844 |
| MIPS: Uma Perspectiva Moderna para Avaliação da Personalidade. | 845 |
| Mitos e credices sobre malformações congênitas. | 846 |
| Modalidades de violência sexual doméstica e caracterização da vítima. | 847 |
| Modalidades de violência sexual doméstica e caracterização da vítima. | 848 |
| Modernidade e Globalização: Novas Configurações dos Territórios. | 849 |
| Monitoria e iniciação científica em Psicologia do Trabalho: integração e transdisciplinaridade | 851 |
| Moradores de Rua- Resgate da Cidadania. | 852 |
| “Morar no sofrimento”: análises preliminares das casas de famílias de Novos Alagados, Bahia, a partir da observação da moradia. | 853 |
| Motivação para estudar em estudantes de um curso noturno de psicologia. | 854 |
| Motivação x Desafios no surf de ondas gigantes. | 855 |
| Motivações pessoais: uma fonte de atuação do trabalho voluntário junto aos portadores de deficiências. | 856 |
| Movimento cultural Hip-Hop: uma alternativa de proteção para adolescentes em situação de risco social? | 857 |
| Movimento de Adolescentes Brasileiros na prevenção das DSTs/AIDS. | 858 |
| Mudanças nas autorias nas publicações referenciadas nas teses defendidas em Psicologia Educacional. | 859 |
| Mulher, intimismo e violência conjugal: (re) tecendo histórias no município de São Gonçalo..... | 860 |
| Mulher: Vítima omissa, por quê? Estudo Interdisciplinar na realidade local. | 861 |
| Na Sala de Aula: Cartografias do Autismo. | 862 |

| | |
|--|-----|
| Narcisismo x falta de comunicação: a Psicoterapia Breve como uma possibilidade de comunicação..... | 863 |
| Narrativas de comunidades ribeirinhas da Amazônia. | 864 |
| Nas malhas do poder: A função da Alopecia em profissionais sob pressão. | 865 |
| Novas Configurações Familiares: A Criança Filha de Mãe Adolescente e a Onipotência Infantil. | 867 |
| Novas metodologias para a investigação experimental das Falsas Memórias | 868 |
| "Novas perspectivas de trabalho para o psicólogo na organização: saúde dos agentes de empresa de saúde no trabalho". | 869 |
| Novo pensar, velho fazer? A atuação do psicólogo junto ao adolescente em conflito com a lei. | 870 |
| Novos estudos sobre avaliação mnemônica em processos seletivos: dados preliminares da tradução e adaptação do teste Memória Visual de Rostos para o Brasil. | 871 |
| Núcleo da Dialética Exclusão Social/Inclusão Social. | 872 |
| Núcleo de Ação pela Cidadania. | 873 |
| Núcleo de apoio à População Ribeirinha da Amazônia: uma experiência diferencial na formação em psicologia. | 874 |
| Nunca é tarde para recomeçar. | 875 |
| “O (Des)preparo de Alunos do Ensino Médio para o Vestibular e as Escolhas Profissionais”. | 876 |
| O “abuso sexual” como argumento e o sintoma parental: contribuições psicanalíticas. | 877 |
| O “estado da arte” do Comprometimento com a Carreira. | 878 |
| O acolhimento da família no H.D. | 879 |
| O Acompanhamento Terapêutico como uma nova tecnologia possível na rede de saúde pública..... | 880 |
| O Acompanhamento Terapêutico como uma nova tecnologia possível na rede de saúde pública. | 881 |
| O adolescente do CAPS como protagonista juvenil. | 882 |
| O atendimento psicológico à família de pacientes idosos dependentes com perda cognitiva. | 883 |
| O atendimento psicológico ao paciente laringectomizado total. | 884 |
| “O atendimento psicológico como instrumento de reabilitação psicossocial em hospital-dia”. | 885 |
| O BBT-Br – Forma Feminina: padrões normativos para estudantes do ensino médio. | 886 |
| O BBT-Br na orientação profissional: um estudo de caso. | 887 |
| “O Brazil-Médico”: primeiras análises. | 888 |
| O caso do menino sem palavras - a terapêutica dos somatizantes de repetição | 889 |
| O Cidadão e o Sujeito no Programa Família Cidadã. | 890 |

| | |
|--|-----|
| O Ciúme como estruturador da personalidade e das relações sociais: reverso da concepção patológica. | 891 |
| O comportamento preventivo do universitário frente às DST's: análise da produção científica nacional | 892 |
| O Comportamento Suicida em Jovens no Município de Maringá – PR. | 893 |
| O conceito de família em crianças órfãs a partir do uso do Desenho da Família. | 894 |
| O Conceito de Psicologia na Filosofia de Charles S. Peirce. | 895 |
| O construtivismo como opção teórica e prática psicopedagógica de professores do ensino fundamental de uma escola particular de João Pessoa – PB. | 896 |
| O conteúdo das respostas de esquizofrênicos do teste Zulliger. | 897 |
| O contraturno: reflexões sobre uma prática pedagógica voltada para a superação de necessidades específicas de aprendizagem. | 898 |
| O corpo e a alma na constituição do sujeito moderno | 900 |
| O curso de psicologia na opinião de diplomados e evadidos. | 901 |
| O deficiente físico: sua colocação no mercado de trabalho na cidade de São Paulo. | 902 |
| O déficit de atenção das crianças portadoras do Transtorno Hiperativo e Impulsivo: relato de casos de pacientes do Hospital Universitário Lauro Wanderley – UFPB. | 903 |
| O desafio do psicólogo diante da realidade social no Hospital Geral. | 904 |
| O Desenho da Figura Humana no início da adolescência feminina. | 905 |
| O desenho figurativo infantil e a sua relação com a construção do espaço gráfico. | 906 |
| O drama dos novos papéis sociais: um estudo psicossocial da formação de identidade nos representantes de usuários num conselho municipal de saúde. | 907 |
| O educador pré-escolar frente ao processo de alfabetização: reflexões sobre sua prática. | 908 |
| emocional de filhos adotivos: implicações para profilaxia. | 909 |
| O egresso do curso de Psicologia e a universidade. | 910 |
| O Envolvimento da Família no Processo de Ensino-Aprendizagem: Percepção de Pais e Professores. | 911 |
| O envolvimento paterno durante a gestação. | 912 |
| O estranho e a Produção de Subjetividade: duas vias de entrelaçamento. | 913 |
| O Estudo da Interação Mãe Criança e a ênfase nos fatores ambientais. | 914 |
| O feminino no cotidiano de mulheres: Uma experiência fotográfica. | 915 |
| O futuro não está morto - AIDS, sexualidade, adolescência. | 916 |
| O gênero Funk e o comportamento sexual do adolescente. | 917 |
| O grau de propriedade (Ownership) do empregado na empresa: pesquisa na rede bancária de Natal/RN. | 918 |
| O homem e a modernidade no século XIX: A construção do futuro. | 919 |
| O homem grávido. | 920 |
| O horror nas cantigas de roda. | 921 |

| | |
|--|-----|
| O Idoso no Grupo de Convivência e a construção da Cidadania..... | 922 |
| “O imaginário construtivista de uma creche de Porto Alegre”..... | 923 |
| O impacto da reestruturação produtiva sobre a função caixa bancário: processo de saúde-enfermi- dade-trabalho. | 924 |
| O impacto das campanhas aversivas em maços de cigarros sobre o jovem fumante. | 925 |
| O impacto das novas tecnologias na prática do professor universitário. | 926 |
| O Impacto Do Consumo De Imagens De Marca Na Subjetividade De Jovens: Um Estudo Comparativo. | 927 |
| O intercâmbio multiprofissional em ambiente hospitalar – Relato de uma experiência. | 928 |
| O jogo como dispositivo terapêutico no grupo de idosos. | 929 |
| O Jogo Protagonizado: Um estudo sobre o desenvolvimento do Jogo Protagonizado. | 930 |
| O lugar da morte na formação médica. | 931 |
| O Lugar do Céu, Representado na Obra de Bispo do Rosário. | 932 |
| O Método Mãe-Canguru na visão das mães atendidas em um hospital de João Pessoa. | 933 |
| O Migrante - Ressignificação de uma Identidade em uma Trajetória de Vida. | 934 |
| O paciente com transtorno alimentar: uma avaliação do funcionamento. | 935 |
| O papel atribuído aos animais de estimação por mulheres no período do climatério e sua associação com uma melhor qualidade de vida: estudo exploratório. | 936 |
| O Papel da Mãe do Recem-Nascido. | 937 |
| O papel da Psicologia na Delegacia da Mulher; Apoio, Conscientização e Prevenção. | 938 |
| O papel das educadoras de creches no desenvolvimento infantil: uma proposta interventiva. | 939 |
| O papel do acompanhante terapêutico no tratamento psiquiátrico do EAC-NS. | 940 |
| O papel do brincar na inserção das crianças na creche da Universidade Federal Fluminense - UFF numa perspectiva teórica de Vygotsky. | 941 |
| O papel do psicólogo na profilaxia da cefaléia infantil. | 942 |
| O papel do psicólogo no trabalho de seleção e acompanhamento com sentenciados. | 943 |
| O papel dos modelos matemáticos nas ciências: da filosofia à psicologia matemática. | 944 |
| O Papel Terapêutico das Oficinas no Espaço de Atividades e Convivência Nise da Silveira. | 945 |
| O pensamento de psicólogos acerca de competências de professores: em direção à autonomia docente. | 946 |
| O Piá, o pai e o piá: Psicanálise, Grupo e Educação. | 947 |
| O Positivismo e a Reforma Universitária de 1918 na constituição da carreira de Psicologia na Argentina. | 948 |
| O processo de construção da Competência Ética. | 949 |
| O processo de ensino e aprendizagem do ponto de vista de professores de ensino fundamental. | 950 |
| O processo de implantação da Reestruturação Produtiva: experiências e vivências dos trabalhadores - um estudo de caso. Dissertação de Mestrado. | 951 |

| | |
|--|-----|
| O processo de separação e individuação em crianças portadoras de paralisia cerebral em reabilitação. | 952 |
| O Processo Psicodiagnóstico dentro de uma Instituição Psiquiátrica. | 953 |
| O psicólogo atuando como coordenador de caso em instituição de reabilitação. | 954 |
| O psicólogo como consultor organizacional: desafios dessa prática em um estágio de Psicologia do Trabalho. | 955 |
| O psicólogo como facilitador do desenvolvimento do apego em UTI neonatal. | 956 |
| O Psicólogo da Saúde Pública numa proposta de trabalho interinstitucional: a queixa escolar como elo. | 957 |
| O Psicólogo em Equipe: Aplicação do Gerenciamento de Casos no Sistema Público de Saúde no Brasil Programa de Atendimento ao Paciente Crônico Grave (PAPCG). | 958 |
| O Psicólogo Interconsultor na Enfermaria de Pneumologia de um Hospital Escola. | 959 |
| O psicólogo na reabilitação: reconstrução da identidade em pacientes com severas perdas físicas. | 960 |
| O Psicólogo no Campo da Saúde no RN: Formação e Atuação Profissional. | 961 |
| O puerpério: um estudo sobre a psicologia da mulher. | 962 |
| O que é Qualidade de Vida? Uma pesquisa com mulheres que freqüentam o Sistema Único de Saúde. | 963 |
| O que motiva um jovem a estudar? | 964 |
| O que os pais falam sobre comportamentos tidos como adequados e inadequados de seus filhos? | 965 |
| O que você vai ganhar nesse natal? Uma análise da preferência lúdica por meio de cartas escritas ao Papai Noel. | 966 |
| O Raven na Avaliação de pessoas idosas. | 968 |
| O registro escrito das atividades em creche: a construção de uma proposta de trabalho. | 969 |
| O retorno do teste Wartegg no processo seletivo. | 970 |
| O sentido subjetivo que casais de namorados atribuem à sua relação. | 971 |
| “O Serviço Público e a Saúde de seus Trabalhadores” “As várias faces da Readaptação”. | 972 |
| O significado da construção do projeto de vida para Alcoolistas e Doentes Mentais institucionalizados. | 973 |
| O significado do trabalho na exclusão social: um estudo com apenados. | 974 |
| O Simbolismo das Psicodermatoses – um olhar junguiano. | 975 |
| O Simbolismo do Corpo Através da Arte. | 976 |
| O Simbolismo dos Meios de Transportes Terrestres sua influência no comportamento de Trânsito dos indivíduos em fase de aquisição da Carteira Nacional de Habilitação. | 977 |
| O sistema de comunicação mãe-bebê: a reorganização das trocas diádicas a partir da introdução de um novo elemento. | 978 |
| O sofrimento dos que tratam: stress ocupacional em profissionais de saúde mental. | 979 |

| | |
|---|------|
| “O sofrimento e os limites da (oni)potência na instituição hospitalar”. | 980 |
| O sofrimento mental em mulheres adoecidas por LER | 981 |
| O Sono de Alcoolistas no Período de Desintoxicação. | 982 |
| O stress em alunos universitários de psicologia em período normal de aula e em situação de prova. | 983 |
| O tocar a relação mãe-bebê e a integração psicofísica – Mães adolescentes. | 984 |
| O trabalho de grupos como fator de produção cultural para jovens de assentamentos de reforma agrária. | 985 |
| O trabalho em parceria com agentes comunitários de saúde: delineamento de uma nova atuação do psicólogo em saúde pública. | 986 |
| “O trabalho entre crianças e adolescentes em situação de rua no município de Natal”. | 987 |
| O trancamento de matrícula como modalidade de evasão no ensino superior. | 988 |
| O universo terapêutico de alcoólicos anônimos | 989 |
| O uso a camisinha masculina em tempos de Aids, através do estudo de crenças e referentes modais. | 990 |
| O uso da camisinha feminina entre mulheres de baixa renda: um estudo preliminar. | 991 |
| O uso da entrevista semi-estruturada em processos de avaliação diagnóstica. | 992 |
| O uso de marionetes psicanalistas na psicoterapia de crianças psicóticas. | 993 |
| O uso do DP-E – Procedimento de Desenhos de Profissionais com Estórias no estudo da percepção de profissionais em adolescentes de escola pública. | 994 |
| O valor do corpo e da saúde na formação do sujeito: o biopoder clássico e as biotecnologias. | 995 |
| O vínculo de animais co-terapeutas e adolescentes com deficiência: estudos exploratórios. | 996 |
| O vínculo mãe-bebê prematuro sob o olhar de enfermeiras de UTI neonatal. | 997 |
| Obesidade e emagrecimento: um estudo com obesos mórbidos submetidos à Gastroplastia. | 998 |
| Obesidade e Obesidade Mórbida. | 999 |
| Obesidade infantil: a influência dos comerciais de televisão sobre os hábitos alimentares. | 1000 |
| Objetificação e assujeitamento: implicações na construção da cidadania. | 1001 |
| Observação da relação comportamental da criança em processo de aprendizagem em escola pública. | 1002 |
| Observação do comportamento do macaco prego (<i>Cebus apella</i>) em cativeiro. | 1003 |
| Observando bebês na creche: uma adaptação do método psicanalítico. | 1004 |
| Oficina de artes numa enfermaria psiquiátrica: uma experiência. | 1005 |
| Oficina de imagem-imagemix: "um jeito caleidoscópico de olhar a vida". | 1006 |
| Oficina de jornais e histórias: um estímulo à palavra e à cidadania entre adolescentes internos na Febem. | 1007 |
| Oficina Passeio com adolescentes autistas. | 1008 |
| Oficina Terapêutica para idosas. | 1009 |

| | |
|---|------|
| Oficinas criativas na formação de psicólogos. | 1010 |
| Oficinas de Jogos e Aprendizagem por Situações-Problema. | 1011 |
| Oficinas de memória com idosos de rua: vivência de desenraizamento. | 1012 |
| Oficinas de Psicologia com a Terceira Idade: reflexões sobre o idoso na sociedade contemporânea. | 1013 |
| Oficinas reflexivas sobre sexualidade para jovens moradores em comunidades empobrecidas: mitos, verdades e novos conceitos para a prevenção ao hiv/aids. | 1014 |
| Oficinas terapêuticas com crianças em situação de risco social e pessoal. | 1015 |
| Oficinas terapêuticas: uma experiência com arte e saúde mental. | 1016 |
| OIM IPORÃ MA ORE-REKÓ Experiências de Extensão Universitária em uma comunidade Guarani..... | 1017 |
| Opções de lazer em duas amostras de funcionários operacionais e administrativos de uma empresa. | 1018 |
| Organização comunitária em um seringal da selva amazônica. | 1019 |
| Organização do Serviço de Psicologia do Hospital Universitário de Brasília. | 1020 |
| Orientação profissional na escola: a informação e as habilidades a serviço da escolha. | 1021 |
| Orientação Profissional na Grade Curricular: A Experiência da UNICSUL. | 1022 |
| Orientação Profissional na Grade Curricular: do Mundo do Trabalho à Construção de um Projeto de Vida. | 1023 |
| Orientação profissional: uma proposta de reflexão contextualizada das escolhas. | 1024 |
| Orientação Vocacional para Aposentados - Construindo uma Nova Perspectiva de Vida. ... | 1025 |
| Orientação Vocacional: Um Estudo de Caso. | 1026 |
| Orientação Vocacional: uma proposta de trabalho da clínica de psicologia da UFPB. | 1027 |
| Orientações motivacionais e notas no ensino fundamental. | 1028 |
| Os benefícios da atividade física para a qualidade de vida na terceira idade. | 1029 |
| Os contos de história na transmissão da cultura infantil. | 1030 |
| Pacientes psiquiátricos - novos modelos de intervenção. | 1031 |
| Padecer no paraíso: um estudo das Representações Sociais, Cultura e Ideologia na educação infantil na família hoje. | 1032 |
| Padrão tipológico dos interesses profissionais de estudantes de psicologia. | 1033 |
| Padrões de Comportamentos nomeados como Birr através de entrevistas com professores do ensino público. | 1034 |
| Padrões de relacionamento interpessoal mal-adaptativos de pessoas idosas com depressão através do Core Conflictual Relationship Theme. | 1035 |
| Padrões psicológicos característicos de pacientes com dor crônica. | 1036 |
| Pais/Filhos: Discutindo essa relação quando há deficiência auditiva. | 1037 |
| Paps - Plantão de apoio psicológico. | 1038 |

| | |
|---|------|
| Para além dos portões da escola: Estudo das relações humanas em um grupo de assentamento agrícola. | 1039 |
| Paradigma X Atuação: A Prática do Psicólogo, em Face das Transformações da Psicologia e dos Modelos Assistenciais. | 1040 |
| Parâmetros Curriculares Nacionais e a Promoção da Saúde no Tema Dengue. | 1041 |
| Participação e cidadania: movimentos sociais organizados de idosos no município de São Paulo. | 1042 |
| Partilhando formação, prática e dilemas: uma contribuição ao desenvolvimento docente. .. | 1043 |
| Parto normal ou cesariana? A visão de gestantes primigestas. | 1044 |
| Pedagogia da Observação: instrumento profissional do Psicólogo. | 1045 |
| PEI – Programa de Escolinhas Integradas Projeto de ingresso e inserção – Projeto de assessoria das equipes de monitores. | 1046 |
| Pensamento Dialético e Possíveis no jogo computadorizado Tetris: estudo quantitativo. | 1047 |
| Percepção da doença em crianças com problemas respiratórios crônicos através do Desenho da Figura Humana. | 1048 |
| Percepção do consumidor sobre os comerciais de televisão com comunicação verbal e não verbal. | 1049 |
| Percepção dos alunos do 5º ano de Psicologia quanto ao psicólogo do esporte. | 1050 |
| Percepção que as mulheres, com Câncer do Colo de Útero, têm sobre o surgimento de sua doença. | 1051 |
| Percepções de uma amostra de estudantes de Psicologia sobre o curso de formação do psicólogo. | 1052 |
| Perfil de clientela, levantamento de demandas e práticas de intervenção psicossocial em grupos, organizações, instituições e comunidades de São João Del Rei e arredores: criação de banco de dados. | 1053 |
| Perfil dos Adolescentes Usuários de um Serviço de Saúde Mental na Cidade de São Paulo. | 1054 |
| Perfil dos egressos do curso de psicologia da Furb. | 1055 |
| Perfil dos Usuários de Álcool Atendidos pela Clínica de Atendimento Multidisciplinar à Prevenção e o Tratamento da Toxicomania (CAMT). | 1056 |
| Perfil e Demanda para o Serviço de Psicologia nas Escolas de Curitiba. | 1057 |
| Perfil emocional e comportamental dos pacientes atendidos em um pronto atendimento pediátrico. | 1058 |
| Perfil Profissional, Formação Acadêmica e Mercado de Trabalho pela Perspectiva de Profissionais de Recursos Humanos. | 1059 |
| Periódicos nucleares e periféricos na área de Psicologia Preventiva. | 1060 |
| Periódicos utilizados como referências em teses de doutorado em psicologia educacional. | 1061 |
| Perspectiva dos homossexuais em relação à discriminação no atual contexto social. | 1062 |

| | |
|---|------|
| Perspectivas do dito sobre o câncer: (a influência d)os discursos do paciente, da família e do médico no tratamento da doença. | 1063 |
| Pesquisa acerca da aprendizagem significativa desenvolvida por alunos da UFPB. | 1064 |
| Pesquisa de Clima Organizacional. | 1065 |
| Pesquisa de clima organizacional no centro de hematologia e hemoterapia de Santa Catarina - Hemosc. | 1066 |
| Pesquisa e Intervenção Psicossocial: a Extensão Universitária com um programa para diabéticos (Projeto Doce Vida). | 1067 |
| Pesquisa em Home Page: contribuições da aliança real e virtual em Psicologia..... | 1068 |
| Pessoas vivendo com HIV/Aids: enfrentamento, suporte social e qualidade de vida. | 1069 |
| PET-Psicologia PUC-SP: uma opção para a melhoria do ensino acadêmico. | 1070 |
| Plano Estadual de Educação – O que o Psicólogo tem a ver com isto? | 1071 |
| Plantão Psicológico: Porque o que é psíquico também não pode esperar. | 1072 |
| Políticas públicas e psicologia: construindo processos políticos na formação. | 1073 |
| Políticas Públicas Em Ensino Superior entre os Anos 1990-2000 e Efeitos para a Saúde De Professores. | 1074 |
| Pós-graduação e trabalho: projetos e expectativas de doutorandos da ciência básica. | 1075 |
| Possibilidades e contribuições do método dialético e domovimento progressivo-regressivo sartreano para a Psicologia. | 1076 |
| Prática psicossocial junto a familiares de pessoas com necessidades especiais de Santa Maria / RS. | 1077 |
| Práticas de Estagio em Psicologia Organizacional da Universidade São Francisco. | 1078 |
| Práticas de Leitura e formação de professores. | 1079 |
| Práticas e discursos psicológicos em ONGS-AIDS. | 1080 |
| Práticas educativas na comunidade: um olhar para a formação do sujeito social. | 1081 |
| Práticas educativas parentais relatadas por adolescentes autores de atos infracionais. | 1082 |
| Práticas psicológicas no Banco de Leite Humano do município de Taubaté-SP. | 1083 |
| Prazer em conhecer: um projeto de orientação sexual com alunos de ensino médio. | 1084 |
| Predominância de Sintomas de Ansiedade em Pacientes do Nata com Transtorno do Pânico | 1085 |
| Preferência musical em bebês de um ano de idade:investigações sobre modo maior/menor em música. | 1086 |
| Preferência racial de crianças da cidade de João Pessoa. | 1087 |
| Preparação e acompanhamento psicológico à criança em exames hospitalares:relato de uma experiência. | 1088 |
| Preparação psicológica para cirurgia: uma experiência com crianças com câncer. | 1089 |
| Presença da produção da pós-graduação nos programas de disciplinas de graduação em psicologia: Integração ou dissociação? | 1090 |
| Prevenção ao pé d’ouvido. | 1091 |

| | |
|--|------|
| Problemas de atenção e de aprendizagem associados à obstrução das vias aéreas superiores | 1092 |
| Procedimentos de avaliação do desenho infantil: análise de um instrumento. | 1093 |
| Processos Comunitários, Formação Cidadã e Recursos da Informática. | 1094 |
| Processos de Subjetivação na luta pela terra: Trabalhadores acampados do Rio Grande do Norte. | 1095 |
| Produção científica com o Método de Rorschach durante os anos de 1999 e 2000 indexados no Psyc-Info. | 1096 |
| Produção de sentidos sobre loucura por portadores de transtorno mental grave no município de Natal - RN. | 1097 |
| Professores e alunos: relatos de experiência. | 1098 |
| Profissionais da área de Saúde Mental que tratam dependentes de drogas: aspectos qualitativos. | 1099 |
| Programa de Aprimoramento em Psicologia em Infectologia. | 1100 |
| Programa de Aprimoramento em Psicologia Hospitalar do HMLMB. | 1101 |
| Programa de assistência psicológica a pacientes Climatéricas: um grupo-piloto. | 1102 |
| Programa de atenção à saúde do trabalhador: uma experiência no serviço público municipal. | 1103 |
| Programa de Atenção Integral a adolescentes Infratados em condição de reclusão. | 1104 |
| Programa de Atendimento Integral ao Alcoolista e outros Dependentes Químicos (PAIAD) da UFPB: relato de uma experiência vivencial. | 1105 |
| Programa de autocontrole emocional com um jogador de tênis-de-mesa. | 1106 |
| Programa de Direitos Humanos na Educação. | 1107 |
| Programa de garantia de renda familiar mínima – PGRFM de Blumenau-SC. | 1108 |
| Programa de intervenção psicossocial: relato de uma experiência em análise institucional. | 1109 |
| Programa Saúde da Família e Saúde do escolar: projeto de intervenção multidisciplinar. | 1110 |
| Programação de TV preferida pelas crianças Pré-escolares. | 1111 |
| Programas Socioeducativos como mediadores do processo de educação e emancipação. | 1112 |
| Projeto Camaleão. | 1113 |
| Projeto Cine Psi. | 1114 |
| Projeto curar brincando: uma proposta de assistência psicológica à criança hospitalizada no H.U.U.M.I. | 1115 |
| Projeto De Desenvolvimento Profissional a partir das Ciências Do Esporte para o aperfeiçoamento dos Técnicos Esportivos Da Fundação Municipal De Esportes De Florianópolis. | 1116 |
| Projeto de intervenção psicopedagógica do ensino fundamental. | 1117 |
| Projeto de orientação profissional: conhecendo-se a si mesmo. | 1118 |
| Projeto de orientação vocacional - POV. | 1119 |
| Projeto de promoção de saúde em escolas. | 1120 |
| Projeto Escola Aberta à Terceira Idade. | 1121 |

| | |
|---|------|
| Projeto Reciclar Brincando. | 1122 |
| Projeto Saúde – Reeducação de Hábitos Alimentares Acompanhamento Nutricional e Psicológico. | 1123 |
| Promoção de Saúde Mental e a manutenção da violência contra o louco. | 1124 |
| Promoção de Saúde na Equipe. | 1125 |
| Prontidão para Alfabetização: um estudo comparativo em crianças que cursaram a pré-escola e que não a cursaram. | 1126 |
| Proposta de atuação junto às famílias de rua à luz da Psicanálise Universidade do Estado do Rio de Janeiro. | 1127 |
| Proposta sócio-educacional Re-Criar e as possibilidades de desenvolvimento pessoal de crianças e adolescentes. | 1128 |
| Prostituição de Luxo e seus Aspectos Psicológicos, Sociais e Econômicos. | 1129 |
| Prostituição e Maternidade: atuação da mulher em duas cenas cotidianas. | 1130 |
| Prostituição Infante-Juvenil: um estudo exploratório na cidade do Natal. | 1131 |
| Protagonismo Juvenil 2002. | 1132 |
| Protesto e Arte? Algumas Reflexões Sobre o HIP-HOP Brasileiro. | 1133 |
| Psicanálise e Pragmatismo Lingüístico. | 1134 |
| Psicodiagnóstico em interno psiquiátrico: relato de um estudo de caso. | 1135 |
| Psicodiagnóstico Interventivo. | 1136 |
| Psicodiagnóstico interventivo: 20 anos de uma prática. | 1137 |
| Psicodiagnóstico: a busca de novas abordagens e sua utilização no Vale do Paraíba-SP. | 1138 |
| Psicodinamismo da Relação Mãe e Criança com Ingestão Abusiva de Alimento. | 1139 |
| Psicodinamismo do Adolescente Enurético. | 1140 |
| Psicologia ambiental: história, conceitos e possibilidades. | 1141 |
| Psicologia através de mídias: uma experiência de ensino na formação de professores. | 1142 |
| Psicologia ciência e profissão: praxis - aspectos específicos do ensino-aprendizagem em estágios. | 1143 |
| Psicologia clínica social: intervenção e clínica psicológica na contemporaneidade. | 1144 |
| Psicologia da Saúde: interdisciplinaridade no Aconselhamento Genético. | 1145 |
| Psicologia da saúde: unidade ou diversidade de sentidos. | 1146 |
| Psicologia e ‘práticas alternativas’: uma análise de discurso na perspectiva da Leitura Institucional. | 1147 |
| Psicologia e atuação profissional: qualidade do ensino superior em uma universidade particular. | 1148 |
| Psicologia e clínica social: reflexões sobre a significação do trabalho do psicólogo em uma organização-não-governamental. | 1149 |
| Psicologia e ecologia: trabalho interdisciplinar no curso de formação de professores. | 1150 |
| Psicologia e experiência religiosa. | 1151 |

| | |
|---|------|
| Psicologia e novas tecnologias da comunicação e informação: implicações na formação. ... | 1152 |
| Psicologia e Reabilitação Infantil : Desafios e Perspectivas de um Trabalho Multidisciplinar. | 1153 |
| Psicologia e saberes docentes: crenças acerca da formação dos licenciandos. | 1154 |
| Psicologia e Saúde Ambiental: uma proposta de instrumento de auto-avaliação de qualidade de vida. | 1155 |
| Psicologia Escolar: uma alternativa possível. | 1156 |
| Psicologia Jurídica em Pernambuco: história de pioneirismos na área de família. | 1157 |
| Psicologia Jurídica Uma possibilidade de discussão sobre a violência. | 1158 |
| Psicologia na escola: reflexões com alunos do Ensino Fundamental sobre temas diversos do cotidiano. | 1159 |
| Psicologia na hemodiálise: um levantamento de demandas explícitas e implícitas. | 1160 |
| Psicologia Social Comunitária: O Comprometimento no Terreno de sua Investigação. | 1161 |
| Psicologia social comunitária: o comprometimento no terreno de sua investigação. | 1162 |
| Psicologia Social Comunitária: o Intervir e o Pesquisar na Reconfiguração de um Processo Cooperativo Junto a Catadores de Material Reciclável. | 1163 |
| Psicologia, ciência e profissão: alteridades do processo de formação. | 1164 |
| Psicologia: disciplina da norma. | 1165 |
| Psicólogo escolar: proposta metodológica para o contexto da situação de risco. | 1166 |
| Psicólogo Penitenciário: possibilidades e dificuldades de atuação. | 1167 |
| Psicólogos, psiquiatras e as drogas (substâncias psicoativas): conhecer para melhor intervir | 1168 |
| Psico-Oncologia: a visualização como recurso terapêutico. | 1169 |
| Psicoterapia Breve com presidiários. | 1170 |
| Psicoterapia breve operacionalizada-PBO com adolescentes da rede pública da cidade de Santos - s.p.: uma contribuição à psicologia preventiva. | 1171 |
| Psicoterapia de Grupo em Crianças com Vitiligo: Relato de uma Experiência Desenvolvida na UNICAMP. | 1172 |
| Psicoterapia Dinâmica Breve. | 1173 |
| Psicoterapia para idosos: utopia ou realidade? | 1174 |
| Psicoterapia psicanalítica com portadores de deficiência mental. | 1175 |
| Psicoterapia psicanalítica e acompanhamento terapêutico: uma aliança de trabalho. | 1176 |
| Psicoterapia psicanalítica infantil e saúde mental coletiva. | 1177 |
| Psicoterapias breves psicodinâmicas: produção científica nacional e estrangeira. | 1178 |
| Qual a percepção da ferramenta computador por alunos universitários. | 1179 |
| Qual é o babado? A inserção da Psicologia numa entidade gay. | 1180 |
| Qualidade de Vida e Desenvolvimento. | 1181 |
| Qualidade de vida no trabalho (QVT) - a visão de gerentes de recursos humanos. | 1182 |
| Qualidade de vida no trabalho (QVT) – um estudo comparativo. | 1183 |

| | |
|---|------|
| Quem paquera o corpo entrega. | 1184 |
| Questionário de Saúde Geral e Escala Diagnóstica Adaptativa Operacionalizada Redefinida em estudantes universitários. | 1185 |
| Questões da adolescência. | 1186 |
| Questões de gênero no magistério e desqualificação da educação. | 1187 |
| Reações emocionais de indivíduos frente ao desemprego. | 1188 |
| Reality shows: o desejo e suas implicações. | 1189 |
| Reciclando os sons. | 1190 |
| Reconstrução de um Projeto de Vida: Atuação do Programa de Violência Contra Criança e Adolescente. | 1191 |
| Recortes do trabalho doméstico de costureiras e suas interfaces com a esfera familiar, social e política. | 1193 |
| Recrutamento e seleção de pessoas: velhas práticas e novos olhares sob a luz da Ergonomia Situada. | 1194 |
| Rede de apoio social em famílias em situação de risco. | 1195 |
| Rede de relações sociais: um estudo transversal com homens e mulheres pertencentes a três grupos etários. | 1196 |
| Rede Pública de Saúde: seu contexto político sob o olhar do Psicólogo Clínico. | 1197 |
| Rede sociotécnica e políticas da natureza: rumo à alteração da relação entre ciência e política. | 1198 |
| Redescobrimo conexões entre a Psicanálise e a Educação escolar. | 1199 |
| Redirecionando o Modelo Assistencial em Saúde Mental. | 1200 |
| Redução de Danos: uma prática em Psicologia? | 1201 |
| Reestruturação da FEBEM: Uma Análise Psicossocial Faculdade de Ciências da Vida – Curso de Psicologia. | 1202 |
| Reestruturação produtiva do trabalho bancário: um olhar acerca do Programa de Demissão Voluntária. | 1203 |
| Refletindo sobre o processo de ensino e aprendizagem no Clube de Ciências da UFPA. | 1204 |
| Reflexão sobre o processo de marginalização e criminalização da pobreza através da criação da figura de criança e adolescente em situação de risco pessoal e social. | 1205 |
| Representação de Objeto e o Método de Rorschach, Segundo o Sistema Compreensivo: um estudo das relações interpessoais. | 1206 |
| Representações maternas acerca do ambiente da UTI neonatal. | 1207 |
| Representações sociais da maconha entre universitários em fim de curso da área tecnológica da UFPB. | 1208 |
| Representações sociais da maconha, do seu uso e de suas questões legais entre estudantes universitários de fim de curso da área de ciências jurídicas da UFPB. | 1209 |

| | |
|--|------|
| Representações Sociais da Privatização da Companhia Vale do Rio Doce; uma Construção dos Trabalhadores – Mina de Timbopeba – Distrito de Antônio Pereira – Ouro Preto - Minas Gerais. | 1210 |
| Representações Sociais de Conselheiros Tutelares sobre a adolescência. | 1211 |
| Representações sociais de estudantes de pedagogia sobre melhoria da qualidade da escola. | 1212 |
| Representações sociais de estudantes universitários em fim de curso da área de saúde da UFPB acerca da maconha. | 1213 |
| Representações sociais de indisciplina por alunos de Pedagogia de uma IES privada da Grande São Paulo. | 1214 |
| “Representações Sociais do meio ambiente em crianças”. | 1215 |
| Representações Sociais do Vestibular: Alunos à beira de um ataque de nervos. | 1216 |
| Reprovação escolar e medidas do desenvolvimento: uma análise através da Escala de Portage. | 1217 |
| Residência Integrada em Saúde Mental Coletiva: uma nova possibilidade na especialização em Psicologia. | 1218 |
| Resignificando valores na família: Em busca de uma nova ética. | 1219 |
| Retocolite Ulcerativa: estudo de caso através do Método de Rorschach. | 1220 |
| Retrato de um (des)encontro: camadas médias na escola pública. | 1221 |
| Revisando o Ato de Amamentar nos setores público e privado de saúde. | 1222 |
| Revista do Departamento de Psicologia. | 1223 |
| Riscos na usina química: os acidentes e a contaminação nas representações dos trabalhadores. | 1224 |
| Ritmo e som: um instrumento de integração nas oficinas terapêuticas. | 1225 |
| Ritos e insígnias na constituição dos grupos na cidade do Rio de Janeiro. | 1226 |
| Rivalidade, Afeição e Hostilidade: Um Perfil Discriminante das dimensões do Relacionamento Fraternal. | 1227 |
| Rorschach e porte de armas de fogo: uma revisão segundo o Sistema Compreensivo do estudo de Pellini. | 1228 |
| Saberes de Professoras sobre a Reprovação Escolar no Contexto da Progressão Continuada | 1229 |
| "Será que vai dar certo?" Elementos que influenciam a tomada de decisões vitais no adulto jovem. | 1230 |
| “Testes vocacionais”: análise de inventários de interesses mais utilizados em escolas. | 1231 |
| Trabalho Infantil na Agricultura: Sentidos Produzidos pela Família e pelos Professores. | 1232 |
| Traços de personalidade e aceitação social entre pares. | 1233 |
| Trajatória de crianças da primeira à quarta série: avaliação do desempenho escolar e do senso de auto-eficácia. | 1234 |
| Trajórias de Evasão entre Universitários Ingressantes. | 1235 |
| Transformação do espaço escolar em ambiente inclusivo. | 1236 |

| | |
|--|------|
| Transmissão de Valores de Pais para Filhos. | 1237 |
| Transtorno do déficit de atenção – DDA. | 1238 |
| Transtornos Mentais Sub-Projeto Órion: "Prevalência de Transtornos Mentais em Trabalhadores de Instituições de Ensino Superior: Diagnóstico, Prevenção e Tratamento". | 1239 |
| Tratamento de um paciente com Cefaléia crônica diária através de Terapia Cognitivo- Comportamental associada a Estados Ampliados de Consciência. | 1240 |
| Tratamento de um paciente com fatores psicológicos e de comportamento associados à asma brônquica (CID 10 F54 mais J45), através da Terapia Cognitiva associada a Estados Ampliados de Consciência. | 1241 |
| Tratamento e sua relação interdisciplinar Arte e Psicologia. | 1242 |
| Um adolescente em busca de sua identidade: estudo de um caso da clínica-escola, à luz da abordagem centrada na pessoa. | 1243 |
| Um censo comunitário: finalidades, dificuldades e contribuições para o conhecimento da realidade. | 1244 |
| Um Corpo, um bacilo – um estudo sobre a noção de corpo numa pesquisa de tuberculose. | 1245 |
| Um diálogo de aprendizagem com a corporeidade: a arte da subjetivação. | 1246 |
| Um espaço para rever a adolescência. | 1247 |
| Um estudo comparativo das funções da fala materna em contextos específicos em duas etapas do desenvolvimento inicial. | 1248 |
| Um estudo comparativo do Pré-Bender entre duas amostras de São Paulo. | 1249 |
| Um estudo descritivo da tendência das redes de apoio a mães primíparas. | 1250 |
| Um estudo descritivo sobre mulheres em uma cadeia feminina. | 1251 |
| Um estudo do perfil dos professores da Universidade da Vida e suas compreensões sobre seus alunos. | 1252 |
| Um estudo Epidemiológico sobre a incidência de onicofagia nas escola privadas de Teresina. | 1253 |
| Um estudo exploratório sobre características de personalidade e desempenho acadêmico numa amostra de estudantes de Psicologia. | 1254 |
| Um estudo exploratório sobre o stress no mundo pós-moderno. | 1255 |
| Um estudo sobre a centralidade e a preferência do campo 1 no Wartegg. | 1256 |
| Um Estudo Sobre as Fisionomias do Medo na Contemporaneidade. | 1257 |
| Um Estudo sobre Comportamento Sexual em Crianças. | 1258 |
| Um estudo sobre o papel do psicólogo na adoção do DF. | 1259 |
| Um Exemplo de Terapia de Seleção pelas Conseqüência Envolvendo Pânico e Depressão. | 1260 |
| Um novo olhar sobre a função paterna nos processos de guarda das varas de família do TJ/PE. | 1261 |
| Um Olhar da Psicologia para o Jovem do Ensino Médio. | 1262 |

| | |
|--|------|
| Um olhar fenomenológico sobre os modelos de prevenção ao uso de drogas: críticas, possibilidades e desafios. | 1263 |
| Um programa de capacitação profissional para cuidadoras de crianças em situação de risco | 1264 |
| Um teste experimental para os modelos cognitivos de ansiedade. | 1265 |
| Uma análise comportamental de agressividade e hiperatividade de uma criança em situação de risco. | 1266 |
| Uma análise do comportamento de brincadeira no computador e fora do computador com crianças em idade pré-escolar. | 1267 |
| Uma caracterização do Centro de Atenção Psicossocial de Natal-RN. | 1268 |
| Uma construção coletiva: Centro de Convivência e Cooperativa Toninha. | 1269 |
| Uma dificuldade nos trabalhos de Darwin: a evolução das faculdades mentais. | 1270 |
| Uma experiência de Pronto Atendimento. | 1271 |
| Uma experiência de suporte emocional à mulher, numa clínica de psicologia aplicada. | 1272 |
| Uma experiência interdisciplinar: apoio psicológico e atividade física com idoso. | 1273 |
| Uma nova proposta para a estimulação precoce: atendimento individual-compartilhado. ... | 1274 |
| Uma proposta de intervenção na queixa escolar: relato de uma experiência. | 1275 |
| Uma proposta de intervenção psicossocial com carcereiros em uma cadeia pública. | 1276 |
| Uma reflexão fenomenológica sobre o preconceito e as formas de amar. | 1277 |
| Uma Técnica de Análise de Textos Científicos como Práticas Discursivas: “Bibliografia Reticulada”. | 1278 |
| Universidade e Responsabilidade Social: a experiência do Projeto Comunidade. | 1279 |
| Uma reflexão fenomenológica sobre o preconceito e as formas de amar. | 1280 |
| Uso de drogas entre estudantes da 6ª- série do ensino fundamental de uma escola pública da capital de São Paulo. | 1281 |
| Uso do Procedimento Desenhos-Estórias em Adolescentes Privados de Liberdade. | 1282 |
| Vale em desenvolvimento – atividades voluntárias em educação no Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais, Brasil. | 1283 |
| Validação de construto da escala de sentido da vida. | 1284 |
| Validação de uma versão reduzida da Escala de Ciúme Romântico (Ramos, Yazawa & Salazar, 1994). | 1285 |
| Validação do Desenho da figura Humana para Crianças Paulistas. | 1286 |
| Valores de criação de filhos: convergências entre mães e educadores de creche. | 1287 |
| Valores Pessoais e Sexismo no Contexto do Trabalho. | 1288 |
| Valores sociais e identidade social de empresários nordestinos. | 1289 |
| Variáveis que interferem na baixa adesão de voluntários a um serviço de apoio telefônico. | 1290 |
| “Violência doméstica contra crianças e adolescentes: a ótica dos atores”. | 1291 |
| Violência doméstica contra crianças e adolescentes: a visão de uma amostra de alunos de Psicologia. | 1292 |

| | |
|--|------|
| Violência doméstica e a caracterização do agressor. | 1293 |
| Violência Doméstica: Um Olhar Adolescente. | 1294 |
| Violência urbana: a avaliação das professoras sobre a atuação da escola. | 1295 |
| Virgindade: mito ou realidade? | 1296 |
| Visão das escolas acerca do papel do psicólogo escolar na cidade de Natal. | 1297 |
| Vitalidade subjetiva e sua relação com os valores humanos básicos. | 1298 |
| Vitiligo: um estudo da influência da Psicoterapia no nível de Estresse. | 1299 |
| Vivência emocional de familiares de pacientes internados em Centro de Terapia Intensiva. | 1300 |
| Vivência emocional de mães de recém-nascidos pré-termo internados em Unidade de Terapia Intensiva. | 1301 |
| Vivências subjetivas em crianças vítimas da violência doméstica. | 1302 |
| Você tem fome de quê? obesidade mórbida e cirurgia Bariátrica. | 1303 |
| Vulnerabilidade à depressão: prevalência e contexto. | 1304 |
| Zulliger e a depressão: um estudo do índice DEPI do sistema compreensivo. | 1305 |
| A comunicação médico-paciente e a reconstrução da história do paciente no contexto clínico. | 1306 |
| Implicações da ruptura do script da consulta médica na relação médico-paciente. | 1307 |
| Identidade e adoecimento: o sentido do processo saúde-doença em pacientes dermatológicos. | 1308 |
| Democratização e Clivagens Geracionais: contextos de socialização e cultura política. | 1309 |

MESAS REDONDAS

| | |
|---|------|
| “A Reabilitação Psicossocial Orientada pela Clínica – Um Trabalho em Rede” | 1310 |
| "Alfabetização Tecnológica: avaliando implicações para o processo educacional” | 1311 |
| Atendimento à queixa escolar: construindo caminhos de atuação psicológica”. | 1314 |
| “Diferentes olhares sobre o mundo do trabalho” | 1315 |
| “Justiça Organizacional: Perspectivas teóricas e dados empíricos” | 1317 |
| Política e Saúde Mental: as Transformações Históricas e a Produção de Vidas | 1319 |
| “Suicídio: Métodos de Investigação Preditivos e Retrospectivos” | 1320 |
| “Estudo de Fidedignidade e Validade da Escala de Ideação Suícida de Beck (BSI) em Adolescentes” | 1321 |
| 40 Anos da Profissão: Revendo o Compromisso da Psicologia para Projetar o Futuro | 1323 |
| A (in)visibilidade da homossexualidade na psicologia | 1324 |
| A Construção do Trabalho do Psicólogo na Educação | 1327 |
| A Função da Escrita na Psicologia | 1330 |
| A Importância do Acolhimento e Aconselhamento nas Ações de Prevenção e Assistência as DST e AIDS | 1332 |

| | |
|--|------|
| A Infância e suas Razões: Questões de Desenvolvimento | 1334 |
| A Inter – Relação entre Dor Crônica e Depressão em Pacientes Ambulatoriais | 1337 |
| A Metodologia Etnográfica na Pesquisa em Psicologia Escolar: O Relato de Três Experiências. | 1338 |
| Análises multidimensionais: Emergentes estratégias de pesquisa em psicologia. | 1340 |
| A Pesquisa na Formação do Futuro Psicólogo: Caminho para a Construção de uma Identidade | 1342 |
| A Prática do Psicólogo Jurídico nas Questões de Família: A Experiência no Tribunal de Justiça de Pernambuco | 1346 |
| A Psicologia como Máquina de Exclusão. | 1348 |
| A Psicologia e a Invenção na Extensão Universitária | 1352 |
| A Psicologia na Instituição da Saúde Mental: A Interface entre Assistência e Pesquisa | 1354 |
| A Representação Social da Psicologia a partir do Cinema Contemporâneo | 1358 |
| A Rua como Contexto de Desenvolvimento Infanto-Juvenil: Contribuições para a Pesquisa e Intervenção | 1359 |
| Arte na Ação e Formação de Psicólogos: Teatro, Dança e Poesia | 1361 |
| Atuação Clínica com Idosos | 1362 |
| Atuação Clínica com Idosos | 1363 |
| Avaliação Psicológica e seus Instrumentos: Pesquisas Recentes | 1364 |
| Condições de Trabalho, Prazer e Sofrimento do Trabalhador: Pesquisa e Intervenção na Abordagem Psicodinâmica | 1368 |
| Contribuições da Psicologia ao Instituto da Guarda e da Adoção | 1373 |
| Contribuições para uma Teoria da Cura em Psicanálise | 1375 |
| Corporeidade e Transformação na Adolescência, Meia-Idade e Velhice | 1379 |
| Cuida - Um Projeto Social de Caráter Preventivo | 1383 |
| Desenvolvimento Cognitivo através da Metacognição | 1384 |
| Diálogo entre a Fenomenologia Hermenêutica e a Clínica Psicoterápica | 1386 |
| Diários Virtuais e a Reevocação das Emoções. | 1388 |
| Discurso e Intersubjetividade como Vetores de Análise de Instituições de Saúde. | 1400 |
| Dispositivos Educacionais Contemporâneos e Efeitos de Subjetivação | 1401 |
| Distrofia Muscular de Duchenne - Três Formas de Olhar. | 1403 |
| Ensino e Aprendizagem de Matemática: Contribuições do Paradigma da Equivalência de Estímulos | 1407 |
| Epistemologia e Psicologia Analítica: Pensando a Transdisciplinaridade e a Interdisciplinaridade | 1409 |
| Espaços Urbanos e Contemporaneidade | 1411 |
| Estratégias de Aprendizagem e Motivação: Implicações Educacionais | 1416 |
| Experiências de pesquisa e intervenção para Prevenção de Aids. | 1418 |

| | |
|---|------|
| Experiências e Significados: Cultura e Identidade na Periferia de São Paulo | 1421 |
| Extensão da Clínica ou a Clínica Estendida? | 1426 |
| Extensão Universitária em Psicologia da Saúde: Atuação em Oncologia Pediátrica. | 1428 |
| Extensão Universitária em Psicologia da Saúde: Atuação em Oncologia Pediátrica, Diabetes e HIV/AIDS | 1432 |
| Fique Vivo! Os desafios concretos de um trabalho com adolescentes privados de liberdade | 1433 |
| Formação, Construção e Desenvolvimento da Gestalt-Terapia no Brasil | 1435 |
| Fugas e Rupturas de Modelos de Infância e Família | 1437 |
| Hierarquia, Subalternidade e Humilhação Social na Sociedade Brasileira | 1438 |
| Historietas ou História: Perspectivas Epistemológicas e Metodológicas na construção histórica da Psicologia. | 1440 |
| Identidade Política e Políticas de Identidade | 1441 |
| Imaginação-Emoção: Uma Aproximação com Atividades Expressivas I | 1444 |
| Imaginação-Emoção: Uma Aproximação com Atividades Expressivas II | 1445 |
| Imaginário e Dominação sobre o Corpo | 1448 |
| Implantação de Nova Sistemática no Atendimento aos Trabalhadores. | 1449 |
| Inclusão: Um Desafio a Reflexão | 1451 |
| Incursões no campo de trabalho do Acompanhamento Terapêutico | 1452 |
| Indivíduo e Família na Atualidade, Segundo o Grupo Étnico-Religioso Autodefinido. | 1453 |
| Infância e Juventude: Aspectos Objetivos da Formação da Subjetividade | 1455 |
| Interação e Desenvolvimento Emocional: Contribuição ao Estudo da Experiência Afetiva da Criança | 1458 |
| Juizado da Infância e da Juventude e Conselho Tutelar: Atualizações do Poder do Soberano | 1462 |
| Mediação, Conhecimento e Sujeito: Reflexões sobre a Construção de Conhecimento e Subjetividade da Criança | 1464 |
| Novos Modos de Produção em Trabalho e Saúde | 1466 |
| O Acompanhamento Terapêutico e a Clínica das Psicoses –Casos Clínicos | 1469 |
| O Casamento na Atualidade | 1470 |
| O Ensino da Ética Profissional no Curso de Graduação em Psicologia | 1471 |
| Lugar do Corpo na Contemporaneidade: A Perspectiva das Psicoterapias Corporais | 1476 |
| O olhar psicanalítico vai à escola: uma intervenção psicopedagógica apoiada na linguagem teatral. | 1478 |
| Os jovens e a cidade: processo de territorialização das identidades. | 1480 |
| O Stress do Professor | 1481 |
| Para Além dos Contos de Fadas | 1483 |
| PDV: Trabalho e Subjetividade | 1484 |
| Pensamento e Tecnologia | 1487 |
| Pesquisa e intervenção em Psicologia Institucional, a partir da Perspectiva de M. Guirado. | 1489 |

| | |
|---|------|
| Pesquisa e Intervenção na Área da Infância e Adolescência: Encontro dos Núcleos de Pesquisa e Extensão. | 1490 |
| Pesquisa, Ensino e Assistência ao Paciente e a Família no Hospital | 1491 |
| Pesquisando as Temáticas de Gênero, Sujeito, Representação Social e Identidade Sob o Olhar e o Fazer da Psicologia Social. | 1492 |
| Plantão Psicológico: Uma Perspectiva que se Amplia | 1494 |
| Pragmatismo e Subjetividade | 1496 |
| Práticas Discursivas e História – Ciência, Literatura, Gênero | 1498 |
| Prevenção ao Consumo de Substâncias Psicoativas em Escolas de Ensino Fundamental da Rede Pública | 1501 |
| Processo Saúde-Doença e Mediação Psicossocial: Outros Olhares na Prática Profissional do Psicólogo. | 1502 |
| Processos de Mediação, Habilidades e Competências no Desenvolvimento de Linguagem em Crianças | 1507 |
| Psicanálise, Análise do Discurso e Crítica da Cultura | 1511 |
| Psicanálise como Análise de Discurso na Pesquisa e na Clínica. | 1512 |
| Psicanálise e Medicina II – Construção de Casos Clínicos. | 1513 |
| Psicanálise e Medicina I – Questões Teórico-Clínicas. | 1515 |
| Psicanálise: Anti-Naturalismo e Anti-Hermenêutica | 1518 |
| Psicologia Clínica Social: Práticas em Ação. | 1520 |
| Psicologia e Educação: Encontros Possíveis. | 1524 |
| Psicologia Social da Educação | 1527 |
| Psicologia, Preconceito Racial e Humilhação Social | 1530 |
| Psicoterapia Breve: Panorama Atual | 1531 |
| Psiquiatrização do Social e Reforma Psiquiátrica Brasileira: Contribuições da Psicologia de Sartre | 1536 |
| Relações entre Psicologia Sócio-Histórica e Educação. | 1538 |
| Representações e Relações entre Grupos | 1541 |
| Representações e Relações entre Grupos | 1543 |
| Saúde e Adoecimento no Trabalho Docente: os Efeitos da Globalização e a Gestão Educacional | 1545 |
| Sintomas Contemporâneos ou Patologias Modernas? | 1547 |
| Sofrimento Ético-Político: Uma Análise da Exclusão Social | 1548 |
| Subjetividade, Saúde, Trabalho e os Novos Desafios Profissionais | 1551 |
| Subjetividades Contemporâneas: Individualidade, Alteridade e Brasilidade | 1553 |
| Suicídio, Dor e Psicossomática | 1554 |
| Temáticas da Psicologia na Formação Docente (FEUSP) | 1558 |
| Toxicomania sob uma perspectiva Fenomenológica-Existencial. | 1560 |

| | |
|--|------|
| Trabalho e Subjetividade: Impactos das Transformações do Mundo do Trabalho sobre | |
| Trabalhadores Empregados | 1562 |
| Trabalho-Poder-Educação | 1563 |
| Trabalhos de Pesquisa em Avaliação Psicológica | 1565 |
| Um Olhar Psicanalítico sobre a Obra de Shakespeare | 1567 |
| A Psicologia e a Invenção na Extensão Universitária | 1569 |

TRABALHOS COMPLETOS

| | |
|--|------|
| A Infância e suas Razões: Questões de Desenvolvimento | 1601 |
| Análise de demandas de atendimento psicológico no tratamento de dependência química de menores infratores atendidos pela CAMT. | 1613 |
| Adolescentes em Conflito com a Lei. | 1618 |
| Atendimento à Queixa Escolar: Construindo Caminhos de Atuação Psicológica | 1624 |
| Considerações sobre a postura ética no exercício profissional 1 | 1629 |
| Imaginação-Emoção: Uma Aproximação com Atividades Expressivas II | 1637 |
| Imaginação-Emoção: Uma Aproximação com Atividades Expressivas II | 1642 |
| Infância e Juventude: Aspectos Objetivos da Formação da Subjetividade | 1661 |
| Novos Modos de Produção em Trabalho e Saúde | 1666 |
| Novos Modos de Produção em Trabalho e Saúde | 1685 |
| O Olhar Psicanalítico Vai à Escola: Uma Intervenção Psicopedagógica Apoiada na Linguagem Teatral | 1701 |
| O olhar Psicanalítico vai à Escola: Uma Intervenção Psicopedagógica Apoiada na Linguagem Teatral. | 1708 |
| Os Diferentes Olhares sobre o Mundo do Trabalho | 1716 |
| Pensamento e Tecnologia | 1727 |
| Psicanálise: anti-naturalismo e anti-hermenêutica. | 1736 |
| Psicanálise e Medicina I: Questões Teórico-Clínicas | 1742 |
| Psicanálise e medicina. | 1757 |
| Psicanálise e Universidade | 1767 |
| Psicologia Clínica Social: Práticas em Ação. | 1773 |
| Psicologia do ego e a busca de tratar a psicanálise como uma ciência natural | 1776 |
| Psicologia Social da Educação | 1787 |
| Psicologia Social da Educação | 1799 |
| Psicologia, Preconceito Racial e Humilhação Social | 1818 |
| Representações e Relações entre Grupos | 1834 |
| Sintomas Contemporâneos ou Patologias Modernas? | 1859 |
| Sintomas Contemporâneos ou Patologias Modernas? | 1871 |

| | |
|--|------|
| Sintomas Contemporâneos ou Patologias Modernas? | 1885 |
| Subjetividades Contemporâneas: Individualidade, Alteridade e Brasilidade | 1893 |
| Subjetividades Contemporâneas: Individualidade, Alteridade e Brasilidade. | 1903 |
| Subjetividades Contemporâneas: Individualidade, Alteridade e Brasilidade | 1910 |
| Suicídio, Dor e Psicossomática | 1924 |
| Três Olhares sobre Violência, Gênero e Família | 1931 |
| Uma Situação Clínica: | 1941 |



(FIJ) O Trabalho do Psicólogo 290 como assistente técnico.

As autoras discutem neste trabalho algumas das mais importantes implicações da função de assistente técnico pelo psicólogo, desde aquelas claramente expressas pela lei até aquelas mais sutis. De um lado, o exercício de assistente técnico pelo psicólogo envolve temas formais, ligados ao jurídico, muitas vezes desconsiderados pelos psicólogos mais inexperientes. No pólo oposto, as questões emocionais envolvidas no processo jurídico facilmente turvam a objetividade do trabalho, fazendo-se necessários alguns cuidados específicos nesta prática. O relacionamento com o perito, com as partes, advogados e promotores também requerem uma definição clara de seu papel. Nesta perspectiva, em um primeiro momento, as autoras discutem as mudanças históricas nas leis do Código do Processo Civil, sublinhando seus deveres e seus direitos nesta função, assim como as etapas pelas quais o psicólogo deve prosseguir. À seguir, discutem as diferenças práticas entre a figura do assistente técnico e do perito e, por fim, algumas nuances, que mal administradas, podem causar sérios problemas no curso deste trabalho. Este tema, infelizmente, ainda não apresenta bibliografia, tornando-se esta a oportunidade para todos nós discutirmos sobre o assunto e refletirmos sobre um saber que, há tempos, vem se renovando na prática jurídica. O trabalho do psicólogo como assistente técnico é uma prática profissional já consolidada que, por sua vez, encontra muito pouco revertida na produção de conhecimento científico.

Silva, Marieuza Teixeira de Assis; Costa, Giselle B. Petri M. Costa.

Associação Brasileira de Psicologia Jurídica; Sociedade Rorschach de São Paulo.



(Des) construindo um mito sobre as chamadas “dificuldades de aprendizagem”.

Este trabalho apresenta a prática desenvolvida no Curso de Extensão “Experimentando e construindo modelos de atendimento clínico com as chamadas dificuldades de aprendizagem”. Os atendimentos são realizados no Serviço de Psicologia Aplicada vinculado ao Departamento de Psicologia da UFF, recebendo alunos encaminhados pelas instituições de ensino públicas ou privadas. O Curso tem como eixo o atendimento clínico que inclui, dentro de sua dinâmica, a presença dos pais ou responsáveis, da criança e alguém da própria instituição que fez o encaminhamento. Avalia-se, assim, a situação que originou o problema e são analisadas as situações problemáticas que aparecem durante o processo de aprendizagem. São feitas entrevistas com os pais/responsáveis para situar a demanda dentro da família e são coletados dados sobre a constituição familiar. Um questionário é enviado às professoras para que informem o que entendem por dificuldade de aprendizagem. Parte-se da hipótese de que as concepções sobre o que é ou não aprender perpassam as práticas na sala de aula e determinam o tipo de encaminhamento. De acordo com os questionários, verifica-se que as concepções de aprendizagem dessas professoras fragmentam o ato pedagógico e seus alunos em duas metades: a cognitiva e a afetiva, não percebendo a estreita vinculação entre ambas. Quando se referem aos aspectos afetivos, a família “desestruturada” constitui a principal causa das dificuldades de aprendizagem, porém, é colocada em dúvida a concepção de que essas dificuldades decorreriam de uma desestruturação familiar, pois a maioria dos alunos atendidos possui uma família constituída por pai/mãe/irmãos. As concepções de aprendizagem dessas professoras mostram que a escola detém um saber que a autoriza, estabelecendo o que é certo ou errado na transmissão do conhecimento. As expectativas de sucesso ou fracasso de um aluno correspondem também a modo como sua família é vista pela escola. Dessa forma, reduzem a questão a um problema familiar, quando poderiam ser revistas, dentre outros fatores, as próprias concepções de aprendizagem que estão presentes nessas instituições escolares. Portanto, na proposta de tal trabalho, desconstruir o mito seria pensar de que maneira essa família “desestruturada” influencia esse aluno no seu aprender ou qual seria o modelo possível no processo de aprendizagem capaz de deslocar essa concepção de que o aluno não aprende e tem dificuldade porque possui uma família “desestruturada”.

ALMEIDA, Flávia Maria Cabral de; ARAÚJO, Anelize Teresinha da Silva; DESSANDRE, Suely de Almeida Batista; MACHADO, Micheline Fraga; SILVA, Claudia Barros; OLMI, Fernanda da Veiga.

Universidade Federal Fluminense.



A (des)construção da identidade em indivíduos em situação de cárcere.

Um fator primordial no desenvolvimento da cultura é a socialização, uma vez que o homem depende da vida em sociedade para se humanizar. É na interação entre os indivíduos, ou seja, na vida em sociedade que o mundo humano se concretiza. É nesse meio que a consciência é formada como produto subjetivo, através da apropriação do mundo objetivo. Através destas relações o homem constrói fronteiras aparentemente claras sobre o eu e o outro, apoiado em poses, falas e condutas eles constrói uma identidade pra si. Na sociedade contemporânea toda vez que um indivíduo torna de alguma forma obscuras as fronteiras das individualidades o consideramos irritante, enervante, desconcertante. Essa pessoa passa a ser um problema para a própria manutenção da sociedade. Quando transgredir a lei é presa, suas relações são forçosamente alteradas, as coisas que lhe serviam de referencia para a própria localização no mundo desaparecem. Através da apropriação dos papeis inerentes às prisões o indivíduo, então, deverá criar outra identidade, se tornar algo diferente do que estava habituado. Trabalhando com os conceitos de identidade, ideologia, representação social e mortificação do eu, o trabalho procura entender este processo de (des)construção conseqüente do ajustamento em situações de termino de liberdade. Foram entrevistados, através de entrevistas semi-estruturadas, oito presidiários, sendo que quatro cumpriam pena há mais de dez anos e quatro há menos de três, todos internos da Penitenciária Estadual de Londrina. Os resultados obtidos até o momento permitem algumas conclusões: a religião aparece como um fator de extrema importância para a adaptação dos encarcerados a esse novo contexto, pois a maioria dos entrevistados relataram ter se convertido a alguma religião após terem sido presos, e definem Deus como sendo o fator primordial que os mantém vivos dentro da penitenciária. Todos os entrevistados disseram não acreditar que o cárcere cumpre a função a que se propõe, e que, muitas vezes, acaba por aumentar a criminalidade. Os indivíduos encarcerados há mais de dez anos demonstraram ter desenvolvido dentro da instituição uma visão mais crítica da sociedade, apontando diversos problemas sociais como a crise econômica que o país enfrenta, a corrupção e a criminalidade. Os resultados obtidos enfatizam a importância de repensar a questão da função do cárcere e sua eficácia no combate à criminalidade.

BARBOSA, Paula E. C.; CAVALHAES, Flávia F.; CORDEIRO, Mariana P.; FERREIRA, Vanderli; GOULART, Rubens; MELO, Meire C. de; SCHIMIT, Wagner; BARREIROS, Valéria M.

Universidade Estadual de Londrina.



A “História-Desenho” no Ensino Fundamental: Um Estudo de Caso.

Este é um estudo originário de uma experiência educacional, “Apoio Psico-Pedagógico e Social a Alunos de Escola Pública”, projeto de extensão da UFC. Tem como objetivo primordial estimular a aprendizagem da criança e promover o seu desenvolvimento psicológico. Apoiar-se sobretudo na Psicologia da Criatividade, na Psicologia da Aprendizagem e na Psicomotricidade. Insere-se na concepção walloniana de educação que busca propiciar a aprendizagem nas suas dimensões motora, afetiva e intelectual. No projeto procurou-se dar uma atenção especial à expressão infantil, habitualmente negligenciada em seu sentido mais amplo nas escolas, em especial à arte infantil como uma importantíssima expressão criativa. Desta forma, focalizou-se especialmente o desenho infantil, este por ser um recurso espontâneo que aparece ainda na primeira infância no despertar da representação simbólica; por ser uma atividade que requer um mínimo de material da escola e da qual as crianças gostam; e por ser considerada uma atividade que integra ação motora e mental, afetividade, sensibilidade estética, a própria criatividade, e que favorece o desenvolvimento da personalidade infantil (Lowenfeld & Brittain, 1970; Edwards, 1984; Derdyk, 1989). O desenho constitui para a criança uma atividade que engloba o conjunto de suas potencialidades e necessidades. Ao desenhar, a criança expressa a maneira pela qual sente existir, e o desenvolvimento do seu potencial criativo é essencial ao seu ciclo inato de crescimento. O desenho não é apenas um traço no papel, mas inclui ainda a maneira como a criança concebe seu espaço de jogo com os materiais de que dispõe (Derdyk, op.cit.). Entretanto, no estudo aqui representado, focalizou-se a história-desenho, modalidade de atividade educativa inspirada a partir de Pillar (1996); uma atividade na qual se solicita às crianças que construam uma história palavras e desenhos, “como as dos livrinhos infantis que conhecem”. Esta foi uma tarefa que desenvolveu-se junto às crianças em quatro ocasiões diferentes, que hora pretende-se investigar o seu valor relativo ao desenvolvimento da criança com destaque para o aspecto expressivo-criativo. Para isto, lançou-se mão de um estudo de caso a partir da produção de uma garota de sete anos da primeira série do ensino fundamental. As referências utilizadas para a análise dos desenhos-história encontram-se em Lowenfeld & Brittain (1970), Edwards (1984) e Pillar (1996). Os resultados indicam que a criança se encontra na fase esquemática do desenho, e que houve evoluções em vários níveis, porém nem sempre lineares e progressivos, observados nos aspectos de utilização de cores, no uso de palavras escritas (breves mensagens suscitadas pelo desenhar), no esquema da figura humana, na composição de cena, na indicação de movimento-ação e no investimento emocional da criança frente ao proposto. Esta constituiu-se ainda um pretexto para a criança comunicar-se com seu interlocutor. Ressalvadas algumas condições a serem consideradas oportunamente, a história-desenho demonstrou ser neste caso um valioso meio de aprendizagem de linguagem, expressão e comunicação no ensino fundamental. Sugere uma orientação psico-pedagógica que articule o uso de diferentes linguagens nas aprendizagens escolares.

Uiara Vasconcelos Bezerra de Menezes; Elda Maria Rodrigues de Carvalho.

Universidade Federal do Ceará (UFC).



A “Metodologia da Diversidade: lidando com o complexo” (MD).

A diversidade refere-se ao contexto atual (cultura pós-moderna), em que tudo coexiste e convive ao mesmo tempo: diversas estruturas de pensamento, de existência e de relações humanas de produção e troca. E a Psicologia é uma ciência que se desenvolve dentro dessa cultura, com diversas teorias, métodos e técnicas. Essa conjuntura apresenta mudanças rápidas, constantes e novas demandas. As pessoas passam por situações estressantes e desconhecidas, e precisam estar preparadas para perceber e agir adequadamente. Cada questão ou necessidade, que requeira uma intervenção psicológica (ou da Saúde), deve atender à demanda atual de otimização da relação custo-benefício: diminuir o tempo e o custo das intervenções, priorizando a prevenção e a obtenção de resultados. A Metodologia da Diversidade (MD), desenvolvida pela autora deste trabalho, constitui uma adaptação de propostas de C. G. Jung (e de outras linhas da Psicologia) aos tempos atuais. E uma de suas principais contribuições está no trabalho com os complexos, os quais compõem os nossos padrões existenciais e de ação. A aplicação da MD objetiva possibilitar aos indivíduos definir novos padrões de vida e utilizá-los nos diversos contextos em que participam, visando a favorecer a realização pessoal e a inclusão e participação social. Os programas de atendimento são desenvolvidos em quatro etapas. Em todas elas são utilizadas técnicas diversas (diagnósticas, expressivas, regressivas, corporais, entre outras) e procedimentos específicos. A MD tem sido utilizada no atendimento a indivíduos, grupos e organizações, tanto em intervenções breves como naquelas de maior duração. Em uma aplicação da MD em intervenção breve, para desenvolvimento de profissionais (de nível superior e idade entre 26 e 40 anos), objetivou-se estimular auto-conhecimento, capacidade produtiva e realização pessoal. Os atendimentos foram conduzidos em quatro fases (totalizando dez sessões): 1ª) diagnóstico da identidade pessoal e profissional; 2ª) compreensão da dinâmica e entrelaçamento das identidades pessoal e profissional; 3ª) definição de novos padrões de ação; 4ª) avaliação de resultados e consolidação dos novos padrões nos contextos pessoal e profissional. Quando houve disponibilidade e necessidade, acrescentaram-se sessões de acompanhamento. Em todas as fases foram utilizadas diversas categorias de técnicas terapêuticas. Os resultados obtidos evidenciaram que a MD pode ser adaptada e utilizada em intervenções breves. Foco, acompanhamento e avaliação de resultados foram procedimentos fundamentais. A aplicação de técnicas diversas otimizou o andamento das sessões, a assimilação dos conteúdos abordados e os resultados alcançados. A extensão em que os processos inconscientes foram abordados dependeu do tempo disponível (breve) e da capacidade de elaboração de cada indivíduo. Em resumo, a MD propõe trabalhar a diversidade (de tudo e de todos) com a diversidade (da Psicologia) na diversidade (da cultura pós-moderna).

Regina Célia Canel.

Centro de Abordagem Integrada para a Saúde do Ser S/C Ltda (CAISS).



A 3ª idade e as instituições.

Este trabalho foi desenvolvido através do projeto “Mãos Dadas”, em São Miguel, zona leste de São Paulo, região com alta densidade demográfica e muito carente de recursos. No início do projeto a proposta era trabalhar com temas que seriam modificados trimestralmente. Iniciamos as atividades, porém sem entender como lidar com os anseios e desejos dos grupos, estava lançado o desafio. Mostrar às pessoas que trabalhar com o idoso é mais que uma simples atividade. É um processo único em que durante o transcurso vai se caracterizando como algo realmente significativo não somente na vida do idoso, mas que se modifica também para o técnico, através do tipo de relação que se estabelece acredita-se no desenvolvimento humano pautado na proposta de que lidar com idosos, é na realidade lidar com nossa própria velhice. Objetivo É fundamental não “psicologizar”, e sim buscar um “tipo” de atendimento que abra espaço para a escuta, não com a intenção de ensinar, mas com o objetivo de se renovar. Quebrado este tabu, o trabalho do técnico não se reduz a impor suas regras. Acredita-se que o idoso sente a necessidade de trilhar um caminho de resgate de si mesmo e para tanto, temos que aprender uma primeira regra essencial que é ouvi-los, deixar que revivam suas histórias quantas vezes forem necessárias, pois percorrendo sua memória, provavelmente encontraremos a chave e o caminho incondicional do verdadeiro significado do nosso trabalho com o idoso. Metodologia É realizado um trabalho multidisciplinar, cada profissional desenvolve suas atividades em um encontro semanal com duração de 2:00h. em cada instituição. As temáticas desenvolvidas e discutidas são determinadas de acordo com as necessidades de cada grupo, observadas pelos profissionais. Resultados Com a vivência nos grupos percebemos que os discursos antes baseados em uma introspecção dolorosa e doentia, foram substituídos por um estabelecimento de vínculos positivos. Observamos uma diminuição das angústias e um maior envolvimento com os trabalhos propostos. Conclusão É possível tornar um ambiente outrora inerte e por vezes improdutivo em ambiente sensível às dificuldades do cotidiano de forma que não se defronte o idoso com uma realidade de perdas e de lutos; e sim com que ele vá em busca de se redescobrir, viver e enfrentar essa nova etapa da vida através da alegria de simplesmente viver. Fortalecendo o lado sadio da melhor idade buscando mostrar-lhes o lado bom de se chegar com menos preconceitos e de como tirar proveito dessa etapa da vida, recuperando seu papel como cidadãos com potencial afastando assim o estigma de incapazes que lhes é imposto pela sociedade e por uma cultura totalmente preconceituosa. Mas que se é possível desenvolver um sentimento e uma trajetória inversa de nosso trabalho com o idoso é de se ter a humildade de se ouvir primeiro aquele cujo o projeto de vida não lhe deu um diploma de Universidade, mas que durante sua trajetória foi muitas vezes diplomada pelo ensinamento da vida.

Sonia M. A. Pereira; Ana Cristina L. da C. Silva.

Projeto mãos dadas II.



A adolescência sob a ótica de pais de adolescentes.

Este trabalho apresenta um estudo sobre pais de adolescentes pertencentes à família contemporânea e enfoca a adolescência de acordo com a visão de pais de adolescentes. Com base na literatura, estes pais, ao passarem pela adolescência dos filhos, revivem sua própria adolescência. O objetivo deste trabalho é compreender como se dá o relacionamento entre pais e filhos adolescentes e também como as transformações na sociedade mudam o comportamento dos integrantes da família, que por sua vez constroem suas identidades através dos papéis que desempenham. A sociedade brasileira vem sofrendo mudanças dentro dos aspectos econômicos, políticos e culturais. Essas mudanças são evidenciadas dentro da família, onde os valores, a estruturação familiar, o comportamento dos membros da família e a relação entre eles são reestruturados. Segundo VAITSMAN (1994), pode-se pensar a família pós-moderna como flexível e plural, pois não possui um modelo único de estruturação e não são definidas práticas e normas rígidas a serem seguidas. Na transformação da família pode-se destacar a quebra da dicotomia entre os papéis público e privado ligados ao gênero. O homem era responsável pelo sustento da família, tendo que produzir algo, trabalhar fora de casa, já à mulher caberia a função de organizar a casa e tomar conta dos filhos. Esta e outras quebras nos valores da família produzem transformações na construção da identidade, no pensamento e no comportamento dos componentes das famílias contemporâneas. Por a adolescência ser um momento de construção de identidade do sujeito, esta é uma fase que permite compreender os valores geracionais, o relacionamento entre pais e filhos, assim como perceber essa transformação da identidade. A metodologia foi entrevista de história de vida, feita com um pai de adolescentes, pertencente à classe média de Belo Horizonte. A história de vida permite que o sujeito fale das experiências vividas e é através desta que o entrevistador percebe os dados afetivos e os sócio-culturais. Neste trabalho são discutidos alguns aspectos vivenciados por pelos pais durante sua adolescência como o relacionamento com os pais e com os amigos, as relações afetivo – sexuais e seus projetos de vida, assim como a escolha do parceiro, o casamento, a vivência da maternidade e da paternidade. A discussão destes aspectos possibilita uma compreensão de como os pais de adolescentes significam a própria adolescência e a de seus filhos.

Emília Angélica dos Reis Pereira.

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.



A aplicação da metodologia Corelim na Casa Hope - uma experiência.

O diagnóstico de câncer infantil atinge diretamente a dinâmica familiar, e uma assistência global aos pacientes e suas famílias deve incluir aspectos físicos e psicossociais. Tendo como base o Programa Simonton de auto-ajuda para pacientes adultos com câncer, foi criada no início da década de 90 a metodologia Corelim – vivência psicopedagógica com a criança portadora de câncer. O objetivo do Corelim é a retomada de uma posição ativa diante da doença e tratamento, usando a fantasia própria da criança da mesma forma que Carl Simonton sugeria a visualização para o fortalecimento do sistema imunológico. Através da identificação com os diversos heróis das histórias infantis, a criança consegue reconhecer os seus próprios recursos de enfrentamento e voltar para sua realidade transformada e fortalecida. Cada história é dividida em 9 sessões com temas pré-determinados, e cada uma inclui um desafio ou obstáculo específico que as crianças devem enfrentar juntamente com o herói, assim como, em suas vidas reais, precisam lutar contra a doença. Esta metodologia é aplicada na Hope levando-se em consideração dinâmicas específicas da instituição, como a divisão por faixas etárias, a interação prévia dos participantes e o convívio com a psicóloga em outros momentos e espaços. Esta metodologia tem sido efetiva no cumprimento de suas propostas, uma vez que pode-se perceber a aderência às histórias contadas e a mudança de atitude conforme participam dos grupos.

Izilda Moribe; Margareth Álvares.

Associação Pró-Hope - Apoio a criança com câncer.



A Arte de Viver em Paz.

A ARTE DE VIVER EM PAZ é um programa educativo, desenvolvido pelo Psicólogo, Educador e Reitor da UNIPAZ – Universidade da Paz, Prof. Dr. Pierre Weil. O programa ganhou reconhecimento da UNESCO e atende os objetivos da Declaração de Venéza da UNESCO (1996) e é desenvolvido há anos no Brasil, em vários estados, pelos facilitadores da UNIPAZ. A aplicação do seminário é desenvolvida em empresas, em lideranças, em grupos comunitários, para educadores, pacientes e todos os interessados no desenvolvimento de uma cultura de paz. O programa consiste em um seminário teórico-vivencial desenvolvido em 12 horas-atividades. Acreditando que hoje a sociedade está evolvida em uma cultura de guerra, o seminário propõe aplicações de técnicas que trabalha a conscientização para o desenvolvimento de uma cultura de Paz, em nível emocional, vivencial e cognitivo. Abordando temas sobre a fragmentação do conhecimento humano, no campo individual, corporal e social, propõe-se uma reflexão sobre onde nasce e está a paz revendo a noção de separatividade homem-natureza. Dentro de uma visão de mundo sistêmica, ecológica e holística, a conscientização é formada propondo um modelo saudável de vida. Ensina-se técnicas como relaxamento, respiração, conscientização do corpo, das emoções, dos pensamentos do nosso próximo em dinâmicas que propõe a solidariedade e cooperação no lugar da competição. Atualmente no Brasil existem por volta de 50 facilitadores da Arte de Viver em Paz. O programa já foi desenvolvido na polícia militar de Brasília; na rede de ensino municipal, para professores em Altinópolis-SP, e em várias empresas. Os feedbacks pessoais são de excelentes resultados, dados pela maioria dos participantes. Deste seminário surgiu um livro publicado pela Ed. Vozes e na sua 8ª edição, (1999).

Manoel José Pereira Simão; Luis Carlos Garcia; Vera Saldanha; Carlos Vidal França.

USP; UNIPAZ-SP; UNICAMP.



A atividade lúdica de crianças com características autísticas.

Segundo a teoria psicanalítica, a formação de símbolos é uma habilidade psíquica adquirida ao longo do desenvolvimento infantil, que capacita o indivíduo a representar nos objetos do mundo externo suas fantasias inconscientes. Para que esta representação simbólica possa ocorrer, são necessárias duas condições básicas: percepção da separação entre o ego e o mundo externo e a capacidade de tolerar certo grau de frustração. Entretanto, nas crianças com diagnóstico de transtornos invasivos do desenvolvimento (CID-10 F84) em que se observam acentuadas características autísticas, estas habilidades estão prejudicadas, conseqüentemente, acarretando em prejuízo na capacidade simbólica. Desta forma, o presente trabalho tem por objetivo verificar como o déficit na capacidade simbólica interfere na atividade lúdica destas crianças. Com a finalidade de compreender a atividade lúdica de pacientes com este diagnóstico, atendemos quatro crianças com freqüência de uma sessão semanal e duração de cinquenta minutos. Os atendimentos são realizados em uma instituição denominada “Sociedade filantrópica – Nosso Lar”, Departamento S.E.R (Serviço Especial de Reabilitação) da cidade de Assis - São Paulo. Concluímos que quanto mais precária for a estruturação egóica do paciente, e mais tênue a diferenciação entre mundo externo e mundo interno, maior será o prejuízo da capacidade simbólica. O que se reflete em um brincar estereotipado, pouco convencional e esvaziado de sentido. O brincar empregado não como um recurso simbólico, mas como uma atividade concreta que tem por finalidade comunicar estados emocionais (agressividade, ansiedade, afetividade).

Jorge Luís Ferreira Abrão; Luciana Cristina Moço; Tatiana Justino Silveira.

UNESP/Assis.



A atribuição de vida psíquica aos personagens de literatura infantil.

Este painel tem por objetivo apresentar alguns dos resultados de pesquisa de mestrado, que estou dando prosseguimento durante o doutorado. Para contribuir com o atual debate sobre a construção social da infância, comparou-se a produção de literatura infanto-juvenil brasileira contemporânea (1975 a 1994) com estudo anterior, que analisara a produção de 1955 a 1975. Com o objetivo de constatar mudanças e permanências quanto à ideologia de infância que tem norteado essa produção, utilizou-se o conceito de ideologia, conforme o definiu John B. Thompson. A partir de sorteio aleatório de títulos depositados legalmente na Biblioteca Nacional, constituiu-se uma amostra de 124 livros, sendo analisadas 197 histórias, que foram tomadas como unidades de análise e categorizadas seguindo os procedimentos de análise de conteúdo. Um dos aspectos mais significativos dos resultados diz respeito à atribuição de vida psíquica às personagens crianças e adolescentes. Essa nova dimensão dos personagens, decorre de um processo mais amplo de mudanças da literatura infantil, no qual a laicização dessa produção exerce um papel fundamental, com suas implicações no perfil de autores e na estrutura das narrativas, como, por exemplo, diminuição de histórias religiosas e aumento de histórias cujos temas referem-se ao cotidiano infantil e temas, até então, destinados apenas aos adultos, como poder, racismo, violência, drogas, separação de pais, dentre outros.

Célia Maria Escanfella.

PUCSP.



A atuação da terapia familiar em casos de tentativa de suicídio na adolescência.

Este trabalho é um estudo introdutório, desenvolvido para a disciplina "Psicologia Conjugal e Familiar", ministrada no quarto semestre do curso de Psicologia da Universidade Católica de Brasília-UCB. O objetivo deste estudo é tentar compreender melhor a adolescência e os fatores relacionados ao suicídio nesta etapa da vida, além de analisar de quais maneiras a família pode estar relacionada a este fato. Objetivamos, ainda, fazer uma leitura do suicídio na adolescência pela visão da terapia familiar, em especial pela sistêmica. Neste trabalho são abordados os temas do suicídio e da tentativa de suicídio em adolescentes e seu contexto familiar. É abordada também a maneira como a terapia familiar atua em casos de tentativa de suicídio, abrangendo de maneira especial a teoria sistêmica, que compreende o sintoma como a comunicação de alguma dificuldade na família. Essa abordagem busca a utilização de estratégias terapêuticas eficazes para o tratamento de todos os envolvidos neste contexto. Acreditamos que esse tema seja de especial relevância, já que a morte, e o suicídio em especial, ainda são assuntos considerados como "assunto tabu", algo de que não se deve falar, ou nem ao menos pensar. Quando o suicídio acontece na adolescência o assunto é ainda mais problemático, já que um "destino infeliz" estaria acometendo pessoas jovens e, supostamente, com muitas oportunidades pela frente. Escolhemos estudar a abordagem da terapia familiar por considera-la extremamente interessante para este caso, já que o estigma de ser uma família que teve um membro que se suicidou ou que tentou suicidar-se é muito difícil. É comum que essa família receba pressões externas, da comunidade em que vive e da sociedade em geral, e internas, pois muitas vezes os membros sentem-se culpados pelo ocorrido. Com isso, é comum que a família não tenha um espaço de acolhimento e confiança para poder expressar seus diversos sentimentos, e a terapia familiar pode, em geral com sucesso, preencher esta lacuna. Além disso, são poucos os estudos realizados sobre este tema: o que se encontra, em geral, são dados estatísticos, que chamam atenção para o problema. Mas pouco se encontra com relação à atuação da Psicologia nesses casos, em especial à atuação da Psicologia familiar. Portanto, acreditamos que seja de grande importância estudar este assunto e pesquisar sobre o que se tem feito na área da Psicologia Familiar acerca desse tema.

Flávia Cavalcante Braga; Máira Ribeiro de Oliveira; Maria Aparecida Penso.

Universidade Católica de Brasília - UCB.



A atuação do psicólogo escolar: criando espaços para a democratização escolar.

Este trabalho foi desenvolvido numa escola pública de ensino fundamental de quinta a oitava série, sendo a única escola da cidade dentro desta fase de ensino, o que a torna palco de disputas políticas. A escola está localizada numa cidade da região de Londrina-PR, sendo composta de 11 salas ambientes e 1 sala de correção de fluxo. A principal dificuldade apresentada pela escola refere-se à questão da indisciplina dos discentes. Desenvolvemos nosso trabalho utilizando a observação participante, nossas observações foram sendo registradas em nossos diários. Utilizamos também técnicas diretivas com os discentes, e fizemos algumas reuniões com os docentes e equipe técnica, com intuito de se analisar as principais questões relativas às práticas docentes em relação à problemática apresentada. A direção da escola, em função de compromissos assumidos ao longo de sua campanha para direção (final de 2000), apresentou-nos a intenção de “democratizar a escola”. Para consolidar suas propostas, ela envolveu os segmentos que vivenciam o cotidiano escolar: pais, alunos, professores, etc, através de reuniões. Os resultados deste processo, no entanto, não foram sentidos, pois a exclusão e a discriminação, principalmente dos alunos que estudam neste período, ainda circunscrevem as relações. Tal fato pode estar relacionado com as ações empreendidas pela direção e equipe técnica na resolução dos problemas identificados que são resolvidos no âmbito das relações interpessoais, não referendadas no coletivo. A proposta de gestão participativa, objetivando a democratização escolar, foi desenvolvida de forma incoerente, visto que o poder está centralizado na direção que, através de medidas coercitivas, impossibilitam a o desenvolvimento da autonomia de alunos e professores. Nesse sentido, a queixa da “indisciplina” dos discentes desvela um movimento autoritário implícito nas atitudes da direção e equipe técnica, na medida em que localiza o problema nos alunos. Tal fato também se revela na prática pedagógica dos docentes, uma vez que as atividades propostas não são circunscritas a partir do projeto político pedagógico construído coletivamente, ou seja, não há uma promoção de espaços de reflexão e nem um repensar acerca das práticas pedagógicas dos mesmos. Identificamos, a partir de nossos encontros com os alunos, a existência de vários tipos de demandas: administrativas, referentes à estrutura física da escola; didáticas-pedagógicas; disciplinares; etc. No entanto, ficou evidenciado dificuldade de comunicação entre os diferentes segmentos que vivenciam o contexto escolar. Assim, nossa intervenção foi desenvolvida com a perspectiva de propiciar espaços de comunicação, envolvendo todos os membros que vivenciam o cotidiano escolar, priorizando a organização dos alunos. Assim, esperávamos, a partir destas intervenções, criar novas formas de relacionamento - entre alunos x alunos, alunos x direção e alunos x professores – e que tal situação consolidasse um projeto político-pedagógico que atendesse as necessidades de todos. Apesar da direção e equipe técnica acatarem nossas sugestões observamos algumas resistências na operacionalização das mesmas, principalmente quando as propostas envolviam docentes, o que nos sugere um temor por parte da direção quanto às mudanças nas relações de poder que este tipo de processo pode promover na dinâmica da escola.

Christiane Antunes; Regina Harue Hoshino; João Batista Martins.

Universidade Estadual de Londrina.



A atuação do psicólogo escolar: entre o ideal e o real.

Este trabalho surgiu da inquietação dos autores quanto às práticas dos psicólogos escolares na cidade de Assis (S.P.), após a municipalização do ensino. Nosso objetivo era buscar na atuação desses profissionais as configurações do papel do psicólogo escolar, na realidade local. Participaram da pesquisa duas psicólogas da rede municipal, duas de uma escola particular A e uma de uma escola particular B. A coleta de informações foi realizada através de entrevistas semidirigidas, que questionaram sobre o lugar do psicólogo na instituição escolar, os objetivos do seu trabalho, sua abordagem teórica, as demandas mais comuns e seus procedimentos. Realizamos uma análise qualitativa dos dados, utilizando, como pano de fundo, os textos de Andreazi (1992), Maluf (1994) e Nader (1990). Percebemos que o psicólogo escolar vem ocupando, cada vez mais, um lugar ao lado da administração e tem tido importante papel nas tomadas de decisões dessas instituições. Quanto aos seus objetivos de atuação, estes têm sido variados, girando em torno da formação de professores, orientação e seleção profissional e abertura de canais de comunicação entre escola, pais e alunos. As abordagens teóricas utilizadas são, também, variadas indo do “senso comum” até teorias como a psicanálise e o construtivismo. As práticas mais comuns são, as de aconselhamento de pais e professores e atendimento de alunos considerados como portadores de “dificuldades de aprendizagem e comportamento”. As atuações desses profissionais não são únicas, passando por práticas tecnicistas, reflexivas e até mesmo a-teóricas (guiadas mais pelo senso comum). A partir desses dados, notamos que o fazer do psicólogo escolar é bastante variado, não seguindo um caminho único. O desconhecimento do papel do psicólogo escolar tem feito com que as instituições construam uma visão “mágica” quanto ao seu trabalho, gerando, muitas vezes, sentimentos de impotência desse profissional frente às demandas que lhe são apresentadas. Destaca-se, ainda, a constatação de que a boa atuação do psicólogo escolar deve estar calcada em uma construção diária, que tem exigido, cada vez mais, uma melhor formação desses profissionais, que nem sempre é oferecida nos cursos de graduação.

Tomé, Marta Fresneda; Bersi-Val, Ana Luíza; Ladeia, Carlos Rodrigues; Kajita, Patrícia Massae; Oliveira-Santos, José Roberto; Santos, Maria de Lourdes.

Unesp.



A atuação do psicólogo no Hospital do Câncer III do Instituto Nacional de Câncer.

O Instituto Nacional de Câncer, possui atualmente, 05 unidades assistenciais, sendo uma delas o Hospital do Câncer III, referência para o atendimento em Mastologia. Segundo o INCA, órgão do Ministério da Saúde, estima-se para 2002 que as neoplasias malignas da mama à acometerem a população brasileira, manter-se-á como a primeira causa de morte em mulheres, demonstrando assim o impacto do câncer na população brasileira, no que tange a sua alta frequência. Avaliar a percepção da doença e do tratamento, pelo impacto psicológico que afeta áreas como a sexualidade, imagem corporal, etc; que irão interferir diretamente nas relações pessoais e profissionais dessas mulheres, compete ao psicólogo, por isso nos últimos anos vem crescendo a demanda de atuação nas unidades de saúde que prestam serviços complexos como as que tratam de enfermidades neoplásicas. O principal interesse em apresentar este painel é o de compartilhar o conhecimento específico necessário à prática diária em uma Instituição de referência na política de Câncer nos vértices da Assistência, Pesquisa, Ensino e Informação.

Márcia Regina Costa; Maria Cristina de Menezes Maia.

Instituto Nacional de Câncer - MS.



A autofagia dos serviços psicoterápicos pelos graduandos de psicologia.

O exercício profissional, em qualquer campo de atuação, é uma atividade na qual são realizadas continuamente opções. As escolhas são uma oportunidade para avaliar e estudar o próprio campo de atuação profissional. Logo, é normal (não só na área formadora da psicologia) que os mais diferentes tipos de profissionais migrem para especialidades mais promissoras, buscando mais retorno que a situação em que se encontravam anteriormente, mesmo que isso signifique abandonar as suas próprias especialidades. Da pergunta "Os psicoterapeutas se formam para atender a futuros psicoterapeutas?" foi elaborada a presente pesquisa para avaliar a veracidade e a dimensão da hipótese citada. A presente pesquisa não tem precedentes no Rio Grande do Norte e no Brasil (salvo raras exceções). A importância do presente estudo é levar uma reflexão sobre um paradigma (adormecido entre centenas de outros) sobre a psicologia que queremos e a psicologia que temos, na ótica da atuação e do autoconsumo da psicologia por psicólogos. Encontramos dados que fundamentam a hipótese citada acima, mas não questionaremos a ética desvelada por trás das intenções capitalistas de subversão dos educandos de psicologia, porém, se faz necessário saber que isso parte de um sistema ideológico mais complexo que a simples "busca de pacientes" nos bancos universitários. Fizemos um levantamento no ano de 2001, em todas as Universidades que tem o curso de psicologia no Rio Grande do Norte e descobrimos o perfil dos estudantes de psicologia que são ou foram usuários de psicoterapia. Analisamos desde a abordagem utilizada até os motivos do término da psicoterapia. Encontramos um dado alarmante: 70% dos estudantes entrevistados participam ou participaram de alguma psicoterapia. Uma média provavelmente superior a qualquer categoria social ou de profissionais. Esse perverso sistema de cadenciamento de formação ainda será repassado adiante, pois 65% dos entrevistados acham importante se submeter a psicoterapia. Nas universidades (onde realizamos as entrevistas) desde do momento do ingresso dos novos alunos nos cursos de psicologia, vários reforços ocorrem em favor da idéia da necessidade de que se faz necessário se submeter a psicoterapia. Ao ponto de convencer da necessidade de participar de uma. Vários motivos (além dos habituais expostos a população em geral) foram encontrados pelo presente estudo, como a idéia difundida de que deve-se passar pelo processo psicoterápico (e alcançar um alto grau de auto conhecimento) para compreender-mos os clientes que assistirmos. Outra justificativa muito usada para "vender" a fórmula da psicoterapia aos graduandos é que além do auto-conhecimento, há uma questão ética, onde o submetido a psicoterapia se colocará na situação de cliente antes de se tornar psicoterapeuta (e assim entender melhor o papel do outro sentado no divã à sua frente. Se há um fluxo dos atendimentos psicoterápicos voltado ao curso de psicologia e se a idéia é passada pelos professores (formadores de atitudes e valores) é porque há um público consumidor que está dando certo (assim como há potencialmente em outras áreas) e que quem cativa este público pode estar priorizando a comodidade e o elitismo à questão social.

Alyson Canindé Macêdo de Barros; Maria Christina Santos Baker; Vivyanne Medeiros de Farias; Luiz Pereira da Silva Neto; Lucila Moura Ramos; Domiciano Cavalcante de Aguiar Filho.

Universidade Federal do Rio Grande do Norte.



A Auto-imagem do estudante de Psicologia: elaboração de um instrumento de medida.

O objetivo inicial desta pesquisa era o de elaborar um instrumento de medida sobre a percepção que os alunos do curso de Psicologia apresentam sobre si mesmos. Pretendia-se com isso investigar se o aluno de Psicologia apresenta alguma característica típica que o diferencia de alunos de outros cursos. Para tanto foi criado um instrumento que continha 51 afirmações com as quais pretendia-se possibilitar aos alunos uma auto avaliação. Estas afirmações foram criadas pelos alunos do 2º ano curso de Psicologia da UniFmu a partir de alguns adjetivos fornecidos por Ferreira e Rodrigues (1968) que investigaram estereótipos em relação à estudantes de Psicologia, outros adjetivos foram fornecidos por Almeida (apud Araujo, 1978) a partir da imagem social do psicólogo, e os demais adjetivos foram fornecidos pelos próprios alunos tendo como base a sua própria vivência como estudante de Psicologia. Os resultados apresentados possibilitam uma importante reflexão que permite sair do campo dos estereótipos e apresentam as características essenciais que devem estar presentes ao se avaliar a auto imagem de estudantes de Psicologia. A partir desta reflexão fazem-se necessárias modificações no instrumento original.

Suely Drozdek; Denio Waldo Cunha; Mara Regina Raboni; Emília Longhi Bitencourt; Edda Augusta Quirino Simões; Fábio Leyser Gonçalves.

Uni FMU; UNIP; USP; UPM.



A Auto-Prevenção em Drogadicção no adolescente: Limites e Possibilidades.

Introdução O estudo em andamento enfoca a questão do envolvimento do adolescente com drogas, sendo ressaltados os seguintes aspectos: a pré-disposição que ele apresenta para a droga, o prazer e a motivação para o uso de drogas nesta fase tão importante do desenvolvimento, a educação familiar e escolar, a sociedade, o processo da dependência, fatores de risco e de proteção, limites e possibilidades de tratamento. O tema é considerado em sua complexidade assumindo uma dimensão multidimensional, na medida em que a dependência às drogas caracteriza-se por ser uma doença Bio-Psico-Social, formada por componentes biológicos, psicológicos e de contexto social. **Objetivo** O estudo objetiva investigar a prevenção do uso de drogas na adolescência, ou seja, busca investigar até que ponto uma ação terapêutica preventiva pode propiciar ao adolescente oportunidades de levá-lo a construir mecanismos de auto-prevenção em drogadicção. **Referencial Teórico** A pesquisa em andamento assume como referencial teórico autores como Tânia Zagury, Halina Grynberg, Eduardo Kalina, Bucher Richard e Içami Tiba que abordam a problemática e a prevenção do uso de drogas. E outros autores como Amauri M. T. Sanchez, Salete M. Vizzolto, M. D. Vernon, Nadir D. Mendiça, Beatriz C. Calini, Arminda Aberastury e Daniel Becker que relacionam a questão do uso de drogas à sociedade, à família, à instituição escolar e à adolescência. São também enfocados estudos relacionando o uso de drogas com frustrações, a construção de auto-estima e influências sociais. **Metodologia** A metodologia adotada no trabalho é a Pesquisa-Ação proposta por R. Barbier, que possibilita a imersão do pesquisador no contexto em interação com os participantes. Os procedimentos metodológicos assumidos são a observação participante, a entrevista semi-estruturada e história de vida, visando aprofundar e enriquecer os dados colhidos através da Pesquisa-Ação. Essa Pesquisa-Ação vai acontecer através da dinâmica de dois grupos, realizada em Clínicas de Recuperação e Grupos de mútua-ajuda (famílias, escolas e empresas). E ao final do trabalho vamos apurar que grupo realmente poderia se apresentar melhor em termos de autoprevenção. Após seis meses será realizado um novo encontro para confirmar se houve o desenvolvimento dessa autoprevenção, se de fato permitiu minimizar ou ajudar o adolescente na prevenção no uso de drogas. **Bibliografia** ABERASTURY, Arminda. Adolescência normal. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981. BALLONE, G. J. <http://sites.uol.com.br/gballone/você/drogas.htm>. Droga e Drogadicção. Acesso em 01 de Maio de 2002. BARBIER, R. L'Approche transversale- L'écoute sensible en sciences humaines. Paris: Anthropos, 1997. BECKER, Daniel. O que é Adolescência. São Paulo: Brasiliense, 1994. BUCHER, R. As drogas e a vida. Editora: E.P.U., 1988 BUCHER, R. O que é preciso saber para prevenir. São Paulo: FUSSESP, 1992. BUCHER, R. As drogas e a vida – Uma abordagem Biopsicosocial. Editora EPU. CARLINI, Beatriz Cotrim. Drogas: Mitos e Verdades. São Paulo: Ática, 1997. EDWARDS, Griffith e Dare Christopher. Psicoterapia Adições. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. GRYNBERG, Halina, KALINA, Eduardo. Aos pais dos adolescentes – Viver sem Drogas. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1999. MENDIÇA, Nadir D. O uso dos conceitos – uma questão de Interdisciplinaridade. 4a.ed. Petrópolis: Vozes, 1994. SANCHEZ, Amauri M. Tonucci et al. Drogas e drogado: o indivíduo, a família, a sociedade. São Paulo: E.P.U., 1982. TIBA, Içami. Anjos caídos – como prevenir e eliminar as drogas na vida do adolescente. São Paulo: Gente, 1999. VERNON, M. D. Motivação Humana. Editora Vozes VIZZOLTO, Salete Maria. A droga, a escola e a prevenção. 3ªed. Petrópolis: Vozes, 1990. WERNECK, Hamilton. Quem decide pode errar, quem não decide já errou. Petrópolis: Vozes, 1997. ZAGURY, Tania. O adolescente por ele mesmo. 7a.ed. Rio de Janeiro: Record, 1996. ZAGURY, Tania. Escutando a adolescência. Rio de Janeiro: Record, 1999.

Wanda Macedo de Aragão; Lenita Lima Carvalho.

UNESA.



A Avaliação de um Programa de Treinamento em Habilidades de Interação Social com Adultos.

Esse estudo objetivou avaliar a eficácia um Programa de Treinamento em Habilidades de Interação Social (THIS). Foram selecionados 37 estudantes e graduados, sendo 6 do sexo masculino e 31 do sexo feminino. Dezoito constituíram randomicamente o grupo experimental e 19 o grupo controle. Ambos os grupos foram avaliados antes e depois do treinamento. Como instrumentos de medida, foram utilizados o Inventário de Reatividade Interpessoal (IRI), o Inventário de Habilidades Sociais (IHS), a Graduação de Dificuldades em Situações Sociais e uma Entrevista Estruturada para identificar as dificuldades de desempenho social e seu impacto no contexto interacional dos entrevistados. O treinamento foi realizado no Serviço de Psicologia Aplicada da UERJ, em 16 encontros de duas horas de duração, com uma frequência de duas vezes por semana, onde foram treinadas as seguintes habilidades: 1) Iniciar conversa; 2) Manter conversa; 3) Encerrar conversa; 4) Fazer pedido sem conflito; 5) Fazer pedido com conflito; 6) Pedido de mudança de comportamento; 7) Recusar pedidos; 8) Responder a crítica; 9) Fazer elogios; 10) Receber elogios; 11) Cobrar dívidas e 12) Falar em público. A escolha dessas habilidades foi baseada na necessidade de cada sujeito e na frequência com que estas são necessárias no contexto interacional. Os encontros incluíam breve exposição e discussão da habilidade a ser trabalhada, com fornecimento de um texto explicativo sobre o assunto, orientação sobre como desempenhar a habilidade; dramatização para a prática da habilidade e avaliação da sessão. Os sujeitos também eram orientados a praticar a habilidade aprendida em seus contextos interacionais, com o objetivo de generalizar os ganhos obtidos nos encontros. Posteriormente, os sujeitos experimentais passaram novamente pela Entrevista Estruturada para avaliar mudança e os sujeitos do grupo controle tornaram a responder os questionários. Foi utilizado o teste t com o objetivo de comparar as possíveis diferenças existentes entre as medidas tomadas antes e depois do treinamento, em cada grupo. Uma avaliação global revelou que o THIS apresentou mudança significativa entre os sujeitos do grupo experimental, quando comparados aos sujeitos controle. Os dados obtidos pela auto-observação dos sujeitos experimentais também revelaram mudanças após o treinamento, com impacto nas relações sociais desses indivíduos, sugerindo que estes não apenas aprenderam com o treinamento, mas também passaram a aplicar as habilidades aprendidas em seus contextos interacionais. Entretanto, algumas medidas não revelaram mudança significativa (IRI) ou revelaram mudança para pior (Fatores 3 e 4 do IHS). O estudo aqui apresentado constitui o início de muitas pesquisas visando o aprimoramento de estratégias de desenvolvimento interpessoal, capacitando os indivíduos para uma prática de interação social que promova mais saúde e auto-estima. Considerando que esse é um estudo piloto, mais pesquisas são necessárias para uma avaliação apurada desses dados.

Falcone, E.O.; Santos, S.A.A.; Azevedo, V.; Carneiro, R.S.; Chicayban, L.M.; Silva, K.C.R.; Pedrozo, A.L.

Universidade do Estado do Rio de Janeiro; FAPERJ; PIBIC; UERJ.



A clínica como lugar de testemunha e espaço ético-político.

O tema aborda um dos elementos que desafiam a clínica contemporânea, a questão da humilhação e a exclusão social sofrida por uma paciente descendente da raça negra. Este modo de sofrimento do sujeito será descrito através de fragmentos de sessões, colocando em discussão por um lado, o lugar do analista ou psicoterapeuta que é o de testemunhar a dor e sofrimento, a fim de possibilitar o acesso ao self verdadeiro. A função do analista na clínica se apoia na dignidade, como sendo uma condição do ser e a maneira de conduzi-la é marcada pela ética. Por outro lado, é importante compreender de que maneira a exclusão social afeta a constituição do ser do indivíduo e a sua entrada no mundo. Esta modalidade de sofrimento segundo estudos de psicanalistas contemporâneos, faz repensar que a ruptura não se dá só no nível intrapsíquico do sujeito, mas atravessa gerações, colocando a criança em um lugar marcado de ser indigna de aparentar-se com o outro. O sujeito carrega consigo a vergonha e a humilhação de seus antepassados; na aurora da sua vida ele vivencia não ser bem-vindo ao mundo. Muito cedo convive com humilhações, como neste caso, que "negro só serve para ter filhos", ou então lhe diziam, "hei você!, menina de trancinha", ela conta sentir profundamente não a chamarem pelo nome. Trancinha aprendera é sinônimo de "cabelo ruim, de nego". O referencial teórico utilizado é a psicanálise winnicottiana que propicia a compreensão da natureza do ser. Do ponto de vista da mesma, o bebê necessita da Mãe suficientemente boa ou substituta, para o Self verdadeiro se constituir, em função da dependência do bebê na suas necessidades de vir a ser. O sujeito necessita encontrar um mundo que o devolva e o receba, o que possibilita a criação do mundo pessoal, que está aí. Contudo, quando o bebê não encontra condições adequadas para se constituir, é afetado de diversas maneiras ; o mais usual é referida a falha materna e a constituição do Falso self. No entanto, na dor da exclusão que atravessa gerações e é vivida por muitos indivíduos e seus familiares, segundo Safra não cabe apontar a uma falha materna, pois o bebê e seus antepassados não tem no mundo um lugar reconhecido e garantido pela sociedade e nesse contexto surge o sujeito impedido na sua ação originária, que é a capacidade de começar, de criar algo novo, de se revelar ele mesmo.

Maria Mercedes Samudio Santos.

PUC - SP.



A Clínica da Psicose: Contribuições da Psicanálise a Reforma Psiquiátrica.

A reorientação do modelo de assistência à saúde mental no Brasil, tem acumulado alguns avanços significativos no tocante a redução de leitos em hospitais psiquiátricos e a implementação de serviços substitutivos ao modelo hospitalocêntrico tradicional. Na década de 70 eram registrados mais de 100 mil leitos psiquiátricos, e no último levantamento do Ministério da Saúde, em setembro de 2001, esse número chegou a pouco mais de 54.000 leitos. Apesar da sensível diminuição de leitos e do avanço na consolidação dos CAPS, NAPS, hospitais-dia, moradias assistidas e outros serviços, a assistência psiquiátrica no Brasil ainda possui a hegemonia do hospital psiquiátrico enquanto único recurso terapêutico, principalmente em alguns estados da federação onde praticamente inexistem alternativas à internação psiquiátrica. Do ponto de vista do financiamento, apenas 9,42% do total de gastos em saúde mental são destinados aos recursos extra-hospitalares, ficando o restante da verba para a internação psiquiátrica em hospitais públicos e privados. As mudanças estruturais de reorientação do modelo assistencial em saúde mental inaugura uma nova lógica marcada pela crítica ao reducionismo biologizante da abordagem dos transtornos mentais, onde a reclusão hospitalar e a prescrição indiscriminada de psicofármacos constituem uma estratégia terapêutica única e universal. Evidentemente os serviços substitutivos são fundamentais; entretanto, uma abordagem que se pautar somente na reabilitação levará a impasses que vão na direção contrária ao que pretende o próprio fundamento da política da reabilitação, ou seja, levará a dependência das novas formas de acolhimento destes pacientes a casas de abrigo, centro de atenção psicossocial, hospital-dia e outros. Nesse contexto de resgate do sujeito como verdadeiro operador do tratamento, a psicanálise se insere como uma proposta de atuação, por se constituir um espaço clínico destinado à escuta do sujeito. O trabalho desenvolvido no Hospital Universitário Lauro Wanderley/UFPA, inserido no movimento da reforma psiquiátrica, faz parte de um projeto de extensão do Departamento de Psicologia e tem por objetivo a melhoria dos serviços de atendimento a pacientes psicóticos, tomando como referência a clínica psicanalítica de orientação lacaniana. Os pacientes acolhidos pelo projeto são assistidos de duas formas: atendimentos clínicos em sessões individuais e atendimentos em grupos na forma de oficinas terapêuticas, nas quais utiliza-se a arte como recurso clínico. As contribuições que a psicanálise pode dar aos desafios enfrentados pela reforma psiquiátrica em andamento passam, assim, pela ética da posição subjetiva e requer que façamos uma clínica da singularidade, barrando qualquer resposta que pretenda tratar os casos psiquiátricos como casos gerais. Nossa experiência tem mostrado que há uma significativa redução no número de internações e no uso de medicamentos quando é oferecida ao paciente a oportunidade de falar e intervir sobre a história de sua doença, além de possibilitar a reinserção na vida familiar na medida em que, ao estabelecer laços de trabalho, podem alcançar melhores condições sociais.

Margarida Maria Elia Assad; Cleide Pereira Monteiro; Edjane da Nóbrega Xavier; João Mendes de Lima Júnior; Lucione Andriola de Aquino; Maíza Ferreira Rodrigues; Ubiratan Pereira de Oliveira.



A compreensão da loucura entre universitários de uma ies particular.

Introdução: O presente trabalho foi realizado durante o estágio de Comunicação e Saúde no ano de 2001, cujo objetivo era colocar o estagiário em contato com questões que envolvem a promoção do ser humano e a prevenção de riscos à saúde e capacitá-lo para participar em e para formular programas de comunicação em saúde. O grupo escolheu a loucura como tema e definiu universitários como a população alvo para elaborar o programa de comunicação em saúde. A partir disso foi realizada uma pesquisa que tinha como objetivos verificar qual a compreensão que os universitários de uma IES particular possuem sobre loucura, concepções de risco pessoal, informações e obstáculos à mudança de atitudes e meios de divulgação preferidos. Metodologia: Foram sujeitos do trabalho 120 universitários de uma IES particular escolhidos através de amostra representativa do número de alunos em cada curso. Os alunos responderam um questionário com 8 questões de múltipla escolha. As respostas foram categorizadas em CCB (Centro de Ciências Biomédicas), CCET (Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas) e CCH (Centro de Ciências Humanas) sendo que as três categorias citadas compreenderam os períodos noturno e diurno. Resultados: 83,3% consideram que os meios de comunicação não transmitem informações suficientes sobre loucura; 62,5% consideram que o melhor meio para se transmitir tais informações são palestras; 60% consideram a loucura como um desequilíbrio mental e 69% consideram o louco como uma pessoa que precisa de ajuda psicológica e médica. A partir dos resultados obtidos foi elaborado um programa de comunicação sobre o tema através de palestra com duração de 1 h e 30 m em semanas específicas e em cada curso da IES, no segundo semestre de 2002. A palestra será interativa com apresentação do tema em diferentes abordagens teóricas (psiquiátrica, psicanalítica, comportamental cognitiva e existencial fenomenológica), discussão e entrega de um “folder”. A avaliação da eficácia da comunicação será feita com a replicação do mesmo questionário.

Nunes, M.C.T.; Leite, F. L.; Olmos, Jozélia, R. D.

Universidade de Mogi das Cruzes.



A concepção da inclusão nas escolas públicas de Aracaju.

Esta pesquisa teve por objetivo realizar um levantamento acerca da situação da inclusão nas escolas públicas de Aracaju. Os participantes foram oriundos de 7 escolas estaduais e 8 municipais localizadas na referida cidade. Em cada estabelecimento foram entrevistados 1 diretor/coordenador, 1 funcionário e 1 professor/estagiário de classe de inclusão, totalizando 45 sujeitos. Utilizou-se 3 tipos de questionários estruturados – um para cada grupo de participantes – aplicados por meio de entrevistas semi-abertas. Os questionários continham perguntas referentes à situação inclusiva na escola, o próprio conceito de inclusão e as expectativas em relação a esse processo. Os conteúdos obtidos foram submetidos a uma análise qualitativa com estabelecimento de categorias formuladas após depuração dos dados entre a equipe de pesquisa. A inclusão, nestes estabelecimentos, deu-se tanto pelo encaminhamento feito por meio de órgãos públicos da Educação, como foram feitas em resposta à demanda direta da comunidade. Alguns alunos PNEE estudam em classes regulares sem acompanhamento diferenciado e outros recebem suporte em sala de recursos. Os principais conceitos de inclusão obtidos foram: inserir os alunos PNEE em uma classe regular, proporcionar oportunidade de socialização para estes alunos, tratá-los sem diferenciar dos demais, dispor de uma oportunidade para analisar suas condições e, ainda, retirá-los de uma classe regular e inseri-los numa classe de alunos deficientes. Quanto à opinião dos participantes sobre o efeito da inclusão, a maioria afirmou ser positivo; alguns afirmaram que a inclusão melhora o convívio social desse alunado, mas, por outro lado, foi também citada a precariedade do desenvolvimento cognitivo do aluno PNEE quando em classe regular. As dificuldades relatadas se concentram na falta de preparo e/ou treinamento do professor e da escola, especialmente quando são estagiários (nas classes da rede municipal), devido à rotatividade e à ausência de preparação acadêmica mais específica ou direcionada para atender à diversidade, além do aspecto financeiro proporcionado pelo estágio. Citou-se também a existência de turmas numerosas, falta de colaboração da família e dificuldades relacionadas à aprendizagem do aluno. Como sugestões, os participantes propuseram: capacitação de professores e/ou escolas, equipes multiprofissionais de apoio, participação da família, criação de mais classes especiais para alunos que não se adequem à inclusão, maior atenção do poder público estadual e municipal e maior infra-estrutura e material pedagógico. Esta última aponta que, devido à ausência de uma política de controle de distribuição e conservação do material obtido, nem sempre são utilizados e/ou preservados adequadamente. Desse modo, percebeu-se que a inclusão em Aracaju vem sendo realizada de forma ainda inconsistente; as pessoas envolvidas neste processo sentem-se inseguras frente a essa proposta. A inserção do aluno PNEE em classes regulares não garante que o mesmo seja incluído, ou seja, que faça parte das atividades e do cotidiano da escola de maneira ativa.

Maria Stela de Araújo Albuquerque Bergo; Margarida Maria S. Britto de Carvalho; Clarissa Tenório Sousa; Adriana Souza da Silva; Jacqueline Monte de Hollanda; Simone Maria de Almeida Barbosa.

Universidade Federal de Sergipe.



A concepção dos alunos sobre a aprendizagem: indicadores para a formação.

Desde final da década de 90 as discussões sobre formação em psicologia ocupam o cenário dos congressos e encontros da área. O curso de psicologia da Universidade Federal Fluminense vem desenvolvendo esforços no sentido de analisar a formação em psicologia, através de pesquisas que analisam o currículo do curso, a evasão ampla e restrita e os processos de aprendizagem. O objetivo desse trabalho é acompanhar a progressão do aluno ao longo do curso, desde o seu ingresso até a data de sua provável formatura. Temos investigado os processos de aprendizagem dos alunos que ingressaram no curso de psicologia da Universidade Federal Fluminense no primeiro semestre de 2000. Consideramos a aprendizagem como um processo de modificação de si e do mundo e não apenas como assimilação de conteúdos transmitidos em sala de aula. Perguntamo-nos se os processos de aprendizagem produzem efeitos sobre a formação. Através de aplicação de entrevistas semi-estruturadas, procuramos investigar as considerações dos alunos sobre a aprendizagem. A amostra foi composta por 13 sujeitos na conclusão do terceiro período letivo (julho 2001) Os alunos informaram o que pensavam sobre a aprendizagem respondendo questões do tipo: Como você considera que aprende?, Como você ensinaria algo a alguém?, O que é aprendizagem para você? e Quais os fatores que facilitam a sua aprendizagem? As respostas dos entrevistados revelaram que 61,5% considera que a aprendizagem ocorre a posteriori, quando relacionam os conhecimentos transmitidos às diversas teorias, quando conseguem aplicá-los de forma prática ou ainda quando são lembrados para que possam ser escritos ou falados. A metodologia de ensino foi considerada favorável ao processo de aprendizagem por 38,6% dos entrevistados, sendo dado um destaque significativo à importância da exemplificação e da articulação entre teoria e prática. A aprendizagem é entendida por 61,5% dos alunos como um processo de aquisição de conhecimentos, o que vai ao encontro da concepção clássica de aprendizagem como um somatório de conhecimentos adquiridos. Como facilitador da aprendizagem, o fator destacado como o de maior relevância por 85% dos alunos foi o interesse do professor pelo exercício de sua profissão, assim como o interesse que é capaz de despertar no aluno. Torna-se pertinente ressaltar que a importância do professor no decorrer do processo de aprendizagem foi constantemente destacada por grande parte dos entrevistados em diversos momentos da entrevista. Consideramos que os dados coletados podem servir de subsídios para a proposição de estratégias pedagógicas a serem implementadas quando da reforma curricular a ser realizada a partir da aprovação das diretrizes curriculares para os cursos de psicologia.

André Rossi; Daniela Teixeira Oliveira; Ednardo de Almeida Bittencourt; Michele Monique Gomes de Abreu; Viviane de Carvalho Hillen, Teresinha da Silva Araújo e Marcia Moraes.

Universidade Federal Fluminense.



A concepção freudiana dos representantes psíquicos: questões de tradução e terminologia.

Um eixo teórico fundamental na metapsicologia freudiana é a concepção da relação entre somático e psíquico, entendida como investimento pulsional de traços mnêmicos originando delegados no psiquismo. O trabalho tem como objetivo comentar os principais problemas de tradução e terminologia envolvidos na teorização freudiana dos representantes psíquicos. Procura-se abordar a questão a partir dos seguintes eixos: (1) diferenças semânticas entre os termos em alemão e português; (2) níveis diferenciados da escrita freudiana; (3) motivação das escolhas de tradução inglesa e francesa, bem como a dupla herança do jargão psicanalítico nacional; (4) imprecisões conceituais cruciais decorrentes dos desvios de tradução ou da delimitação conceitual ambígua. Os termos discutidos são: pulsão (Trieb), representação (Vorstellung, Repräsentant), afeto (Affekt) e angústia (Angst). As principais observações são: (1) afirmação da relatividade na demarcação conceitual entre instinto e pulsão em que aquele se situa como um objeto das ciências biológicas e este da psicanálise; (2) distinção entre as diferentes acepções de representação que se encontram aglutinadas no termo em português; (3) exposição das diferentes ênfases nas dimensões de coloquialidade, imaginação e simbolização presentes na terminologia alemã e portuguesa para representação; (4) defesa do afeto enquanto um tipo de emoção que circunscreve satisfatoriamente a descrição metapsicológica e não como um sinônimo de emoção em geral; (5) análise das falsas polaridades presentes na distinção entre angústia e ansiedade, resgatando as noções cruciais de medo e desamparo.

Érico Bruno Viana Campos.

USP.



“A Conquista da Autonomia na Visão Psicopedagógica da Inclusão Escolar”

Este trabalho faz uma retomada sobre a pesquisa realizada durante o mestrado, buscando compreender o processo de conquista da autonomia em sujeitos com necessidades educacionais especiais, egressos de escolas regulares. Durante muito tempo, acreditava-se que a escola que tivesse desenvolvido uma política inclusiva poderia contribuir eficazmente para a adaptação de sujeitos com necessidades educacionais especiais na sociedade, servindo como mediadora entre as partes. Depois, verificou-se que esta não era a realidade, pois outros fatores, como a família e o próprio sujeito, também interferiam na conquista. Esta análise também proporcionou a visão crítica das relações que se estabelecem em torno do sujeito- família-escola e a maneira como foi constituída a autonomia dos egressos. O sujeito desta pesquisa é um sujeito autor, o sujeito-aprendente-ensinante, que surge da inter-relação entre o sujeito cognoscente e o sujeito desejante. Temos, então, um sujeito capaz da autoria do pensamento. Na análise feita, percebeu-se, em determinados momentos, que o sujeito aprendente-ensinante não tinha conhecimento do que ocorria com ele. Este não-saber, que interfere no conhecimento, o distancia do real e o aproxima dos segredos, daquilo que não foi dito, evitando a apropriação do conhecimento verdadeiro (Fernández ,1991). Reconhecer-se autor do próprio pensamento implica numa etapa do desenvolvimento do sujeito que, além de pensar e conhecer, reconhece o pensamento como obra sua. A partir do momento em que tomaram ciência do distúrbio que possuíam, passaram a compreendê-lo melhor. No seio da família , a partir da relação com os pais (ou com os que desempenham tal função), inicia-se a construção da modalidade de aprendizagem. O saber só pode ser enunciado por metáforas, paradigmas e situações, expresso pela experiência de vida do sujeito. Essa capacidade de autoria de pensamento, desenvolvida durante toda sua vida, robustecida diante do novo, do desafio de conhecer, do enfrentamento e do reconhecimento de suas dificuldades, pode ser o propulsor do sujeito em busca do prazer e da conquista do seu espaço como sujeito pensante. Quando o sujeito passa a ressignificar sua vivência, ou seja, reconhecer a passagem de seu tempo e a aquisição de novos saberes, pode-se imaginá-lo como autor do próprio pensamento. Um sujeito que atua como biógrafo de seu tempo, construindo o presente com base em sua história de vida, mostrada por aqueles que desempenham função de ensinantes. Porém, esta construção biográfica nunca deve terminar, pois dela advém sempre um novo sujeito, com um saber que lhe é próprio, de sua autoria. (Fernández, 2001).

EDNA SAMPAIO PRIOLLI

Unifio



A construção da carreira acadêmica.

São muitas as possibilidades para a atuação profissional de um psicólogo. Há uma que é a mais próxima do cotidiano do estudante de Psicologia e, apesar disso, ou talvez por isso, comumente é esquecida por ele: o trabalho como professor pesquisador. O presente artigo se propôs a dar a alunos de graduação uma visão geral acerca da construção da carreira acadêmica, trazendo informações úteis àquele que tiver interesse em exercê-la mas que ainda possui poucas informações a respeito da dinâmica da academia. Descreve, então, o caminho a ser seguido, abordando desde questões burocráticas até as características desejáveis ao professor pesquisador. Apesar de estarem condensados aqui dados espalhados em vários textos, a principal fonte de informações foi entrevistas realizadas com professores universitários de Psicologia, que compartilharam conosco suas experiências na construção de suas carreiras acadêmicas. A maior parte das descrições e conclusões aqui colocadas corresponde a pontos de convergência encontrados no que foi dito por nossos entrevistados. Observamos, assim, que a busca do conhecimento deverá ter um papel central na vida do profissional acadêmico. Ele precisará ser curioso e disciplinado; terá que aprender a gostar de estudar. Lerá muito, não apenas os textos clássicos, indispensáveis à sua formação, mas também as novidades relacionadas à área em que atua. É recomendável que o estudante comece a investir em sua carreira desde cedo. Alguns relatos nos mostram, inclusive, que muitas vezes o que leva o aluno de graduação a se interessar pela carreira acadêmica são os seus primeiros contatos com atividades ligadas à academia, como monitorias, iniciações científicas e estágios em pesquisa. São experiências que se complementam, pois aproximam o estudante do cotidiano acadêmico: a monitoria abordando atividades relativas ao ensino; a iniciação científica e o estágio em pesquisa ligando o aluno à investigação científica. Constatada a intenção de tornar-se professor pesquisador, o estudante deverá encaminhar-se para o mestrado e o doutorado, cujas dinâmicas são aqui descritas. Falamos da escolha do tema da dissertação ou tese, o assunto sobre o qual o estudante desenvolverá um trabalho de porte, usando instrumentos conceituais e literaturas adequadas para atacá-lo. Comentamos a questão da orientação, possível fonte de atritos, fantasias e frustrações, mas indispensável ao orientando, que precisará ter em mente que as críticas e direcionamentos de seu orientador em geral lhe trarão bons frutos. Tratamos então da defesa, a hora da apresentação e discussão dos resultados, que serão avaliados por uma banca de especialistas. Por fim é abordada a maturidade acadêmica, que definimos como o estado daquele profissional capaz de atuar com competência na produção de conhecimento e na atividade docente. Enumeramos várias características desejáveis ao psicólogo que fará sua trajetória na academia, aquele que será um profissional da Ciência. Algumas, como curiosidade e disciplina, são as mesmas que foram necessárias no caminho até a maturidade. A estas somar-se-ão outras, relacionadas à docência e à atuação como orientador. Concluímos, também, que a maturidade acadêmica está condicionada a uma orientação ética bem definida.

Darlene Machado Oliveira; Ivanilde Ferreira; Eliene G. Chaves; Maria das Dores Duarte; Verônica Trombini; Adriana Machado.

PUC - Minas.



A Construção da Masculinidade nas Camadas Populares.

A participação e responsabilidade masculina tem sido consideradas como um meio importante de promover a equidade de gênero em saúde sexual e reprodutiva. Assim sendo, a pesquisa a ser apresentada se propôs a conhecer de um lado como homens de baixa renda definem sexualidade e reprodução e qual o lugar desses dois campos em suas vidas e de outro quais são as representações e práticas sociais destes homens a respeito de direitos nos campos da sexualidade e reprodução. Trata-se de uma pesquisa etnográfica comparativa realizada pelo IRRRAG (International Reproductive Rights Research Action Group) com homens de áreas rurais e urbanas no Brasil, México, Nigéria, Filipinas e Malásia. A apresentação em painel enfocará a pesquisa realizada no Brasil (RJ, SP e PE) com homens de baixa renda de 3 faixas etárias a partir de 49 entrevistas semi-estruturadas, 65 grupos focais, e 96 questionários. Os resultados apontam o campo sexual e reprodutivo como mais resistente que outras esferas de suas vidas à noção de equidade de gênero; a importância da sexualidade e da violência para a construção da masculinidade; e significativas diferenças geracionais entre as representações e experiências dos homens estudados, principalmente na concepção de direitos. As diferenças geracionais emergentes neste estudo indicam mudanças sociais importantes e a importância do trabalho com homens, não apenas pela demanda enorme que apresentam, mas também pelo resultado potencial de programas e intervenções que incluam tanto homens quanto mulheres.

Ana Paula Portella; Cecília de Mello e Souza; Jonatas Magalhães da Silva; Pedro Nascimento; Patrícia Cabral Williams; Selma Ferreira Barrios; Simone Diniz.

SOS Corpo Gênero e Cidadania; UFRJ; Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde.



A construção de um processo de intervenção sobre as práticas educacionais de educadoras de creche.

A importância da formação inicial e continuada de educadores em creche é um fator preponderante não só para o atendimento de qualidade das crianças que passam por esse tipo de instituição de cuidado e educação coletiva, mas também na reflexão da prática e valorização das experiências dos profissionais envolvidos. Dessa forma, mais do que a formação inicial a formação continuada deve estar implicada ao planejamento e reflexão das práticas educacionais e no dinamismo das diversas interações que se estabelecem no contato institucional. De acordo com um referencial sócio-histórico, o desenvolvimento humano se dá em ambientes sócios estruturados, com seus valores, modos de ação e que, ao mesmo tempo, estão abertos a mudanças, a uma resignificação de seus elementos e a uma transformação de seus modos de ação. A possibilidade de reflexão diante das práticas cotidianas do trabalho está bastante relacionada ao processo de supervisão, formação e acompanhamento da rotina de trabalho que é estabelecido em uma instituição. No caso dos educadores de creche, a formação continuada é o espaço que deveria subsidiar a reflexão e sedimentação de idéias referentes às ações pedagógicas que privilegiassem o desenvolvimento da criança dentro de um espaço que atendesse as necessidades destas últimas e das educadoras de creche. O objetivo deste trabalho foi implementar uma proposta de intervenção em uma creche da rede pública da região de Ribeirão Preto (SP) que atendesse a essas necessidades. A avaliação do contexto institucional mostrou que a organização e construção das idéias, práticas e valores pedagógicos vigentes na instituição não valorizavam as experiências vivenciadas pelas educadoras. A organização do espaço físico era voltada para um modelo escolarizante de educação, o que não atendia às necessidades de interação e de desenvolvimento sócio-afetivo-cognitivo das crianças e os anseios de trabalho das próprias educadoras. Neste contexto, procuramos sistematizar momentos de reflexão e estudos no sentido de reestruturar o espaço físico e as práticas educacionais no cotidiano. Já nas primeiras modificações, as educadoras perceberam mudanças qualitativas nas interações das crianças entre si e no interesse das mesmas em participar das atividades propostas. Nas oito reuniões pedagógicas realizadas para essa proposta de intervenção, discutimos os valores de infância presentes no grupo, os valores que elas designavam como importantes para o trabalho em creche, as atividades que poderiam propiciar o desenvolvimento da criança e inclusive parâmetros para (re)organização do espaço que estivessem contextualizados em trabalhos científicos/teorias pedagógicas. Novas mudanças ocorreram num processo de avaliação continuada das práticas educacionais e concepções vigentes na creche, no desenvolvimento das atividades com as crianças e na resignificação dos valores e práticas pedagógicas desenvolvidas na creche. Com isso contribuimos para a necessidade de sistematizar uma proposta pedagógica que compreendesse as demandas práticas dos educadores e ao desenvolvimento das crianças. PALAVRAS CHAVE: processo de intervenção, prática educacional, creche.

Bastos, Isabella Teixeira; Anjos, Adriana Mara; Silva, Ana Paula Soares da.

Universidade de São Paulo, FFCLRP, Ribeirão Preto.



A Construção do Conhecimento Social: um estudo dos modelos organizadores do pensamento sobre os direitos das crianças.

O trabalho em referência se refere a uma investigação (tese de Doutorado) na área de estudos: a construção do conhecimento social. Essa área é relativamente nova. Apesar do crescente número de estudos produzidos nos últimos vinte anos muitas facetas ainda demandam pesquisas mais amplas. Buscou investigar como sujeitos de diferentes idades apreendem, organizam e julgam uma faceta do conhecimento social: os direitos das crianças. Seu embasamento teórico está em Piaget, Kohlberg, Selman, Turiel, Delval, entre outros, que admitem ser a construção desse conhecimento resultante de um processo ocorrente através das interações do sujeito com o meio em que vive. Ao sujeito é atribuído um papel ativo na construção da realidade social. Coerente com essa discussão teórica, buscou, na perspectiva dos modelos organizadores, orientação para o delineamento metodológico utilizado na análise dos dados. Essa perspectiva pretende se situar sob o ponto de vista dos conteúdos, com a intenção de realizar uma síntese que permita abranger as perspectivas estrutural (propostas principalmente por Piaget e Kohlberg) e a dos conteúdos presentes na realidade. O modelos organizadores do pensamento constituem aquilo que é concebido, por cada sujeito, como sendo a realidade e, a partir da qual elaboram ações, explicações e teorias sobre essa. O estudo se baseia numa amostra composta de 60 sujeitos, na faixa de idade entre 8 e 14 anos. O instrumento utilizado para a coleta de dados consistiu em uma estória, envolvendo uma situação - problema, com o foco "direitos das crianças", mais especificamente o direito à educação e à proteção no trabalho. Após a apresentação da estória, entrevistamos cada um dos participantes para poder identificar o que pensavam e como representavam o cenário em foco. Os resultados encontrados revelam que os sujeitos apreendem, organizam e julgam o conteúdo social dos direitos das crianças de diferentes formas. Identificaram-se diversos modelos organizadores e submodelos. Cada um deles representa uma determinada forma de pensar e organizar o conteúdo social dos direitos das crianças. Não foram encontradas diferenças específicas na organização desses modelos, levando em consideração cada uma das faixas de idade. Evidenciaram-se idéias semelhantes sobre o mundo social em algumas dessas faixas e observaram-se, em outras, distinções de juízos sobre a realidade. A idade é um fator relevante na compreensão de um conteúdo social; entretanto, não é critério suficiente para explicar as diferenças de compreensão dos sujeitos.

Maria Teresa Ceron Trevisol.

Universidade de São Paulo - USP; Universidade do Oeste de Santa Catarina – UNOESC.



A construção do delinqüente juvenil.

Este estudo teve como objetivo investigar quem é o jovem que está por trás da máscara de adolescente infrator na nossa sociedade. Quando ouvimos falar em adolescente infrator, fazemos logo uma ligação entre criminalidade, marginalidade e pobreza, uma vez que o conceito popular e a literatura específica sobre o assunto, freqüentemente identificam a criminalidade com as populações marginalizadas. Essa ligação é devida ao fato do referencial bibliográfico pesquisado estar sempre focado nos territórios qualificados como de pobreza, existindo uma carência de estudos que tratem diretamente da violência relacionada às classes média e alta. O jovem com prática de infrações penais que tem sua conduta identificada pela autoridade policial é considerado adolescente infrator. Entretanto, os jovens identificados pela polícia, geralmente, são os de baixa renda, talvez, por não possuírem as imunidades institucionais que os jovens infratores de classes mais abastadas possuem, tendo, então mais probabilidades de serem pegos, detidos, processados e condenados. Dentro dessa perspectiva, esta pesquisa buscou investigar quem é e como se caracteriza o adolescente autor de infrações penais que responde a processos na Vara da Infância e Juventude da Comarca de Marília e até que ponto existe uma identificação entre essa população de adolescentes autores de infrações penais, com a população marginalizada. Obteve também um conhecimento mais detalhado sobre o modo como esse adolescente, formula suas concepções de mundo, sobre as noções que tem a respeito de regras de convivência e de como reage às exigências de sobrevivência.

COLOMBO, M.

Unesp.



A construção do lugar psicanalítico – a psicanálise na instituição.

O presente trabalho tem como objetivo discutir a construção do lugar psicanalítico na instituição. A discussão surge a partir de um período de quatro anos de atendimento psicanalítico numa instituição que hospeda famílias de crianças com doenças graves. Este lugar de atendimento vai se constituindo à medida que vai sendo ocupado tanto no sentido espacial, quanto nas interrogações e suposições emergentes dos sujeitos, no encontro com a psicanalista. Nos dois sentidos há constante movimentação permitindo a construção de discursos formadores de um campo específico que considera a singularidade do sujeito e a dinâmica desses sujeitos a partir deste contexto institucional. Os referenciais teóricos que permitem essa discussão são os da psicanálise no sentido de definir esse campo psicanalítico a partir dos discursos propiciados em seu interior e seus limites, os alcances e possibilidades de direcionamento destes atendimentos. O método de pesquisa inclui o material clínico e a teoria psicanalítica. O material clínico provém desses atendimentos. O material teórico surge do campo da psicanálise, especialmente do conceito de sujeito, emergente em meio às pessoas. Um lugar específico, incluindo a psicanalista e o que lhe é suposto, tem aparecido a partir desses atendimentos. Conclui-se, por ora, que o atendimento psicanalítico é possível na instituição, considerando-se esse campo específico constituído a partir dele.

MINATTI, Sueli Pinto.

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.



"A construção e reconstrução de atitudes e posicionamentos em relação à deficiência".

Os relacionamentos têm um papel fundamental no desenvolvimento humano, podendo atuar como seus dificultadores ou facilitadores. No nosso contexto sócio-cultural, no caso da deficiência, os relacionamentos se dão com a família, colegas de estudo e trabalho, amigos pessoais e professores, além das relações com profissionais da área da saúde e os estudantes em formação nas diversas categorias. É constante a presença de médicos nos processos de atendimento de pessoas com deficiência, o que nos remete à importância de estudar como se dá a formação desse profissional, pois, além do conhecimento técnico, valores e leituras sociais da deficiência estão presentes e influenciando na relação profissional-paciente. O objetivo foi conhecer, a partir da perspectiva do estudante de Medicina, como se dá a construção de um conhecimento, através da teoria, prática e relações estabelecidas, no que concerne a atitudes e posicionamentos frente à deficiência. Para isso foram contatados estudantes de Medicina, que quiseram colaborar com a pesquisa. O instrumento de investigação foi entrevista semi-dirigida, com roteiro que contemplasse tópicos relativos às questões propostas no projeto. A análise da entrevista foi qualitativa, considerando tanto aspectos manifestos quanto latentes, buscando a avaliação do processo de formação durante a graduação, questões relacionadas à Psicologia e referidas à deficiência. Alguns aspectos receberam maior ênfase. A relação professor-aluno é distante e há desintegração entre as disciplinas ministradas. Apesar da reestruturação curricular recente, visando à humanização do curso, persiste o modelo de formação centrado em conteúdos técnicos, fundamentado na cisão mente-corpo e na exclusão do sujeito, impedindo desenvolvimento de postura crítico-reflexiva sobre o sentido e o significado do próprio saber. O contato com os pacientes, com a realidade da saúde da população causa "choque" e conflitos que junto com a desmotivação, tornam difícil a permanência no curso. A falta de espaço para que esses aspectos sejam arejados e elaborados traz sensação de solidão. Quando foi abordado o assunto deficiência, houve dificuldade em compreender, revelando que todos os aspectos já mencionados dificultam ainda mais o contato com os sentimentos e reações gerados com o paciente deficiente. Conclui-se que este curso desfavorece o desenvolvimento de sentimentos, atitudes, valores, posicionamentos através de reflexões a respeito do homem como sujeito, prejudicando um desenvolvimento emocional, intelectual, pessoal e profissional, e as relações estabelecidas dentro e fora da universidade, com pessoas deficientes ou não. É urgente a ruptura com a prática organicamente centrada e uma nova concepção de educação médica. Sugere-se a criação de espaços de suporte a toda comunidade da instituição, como prática constante nas supervisões e discussões (docentes, residentes, graduandos, funcionários), que podem configurar-se em cuidado com o cuidador, possibilitando compartilhar as próprias dores, juntar dimensões técnicas e de cuidado, paixão e compaixão, refletir sobre a morte. Necessidade de espaços para maior informação e reflexão sobre deficiência, como aspectos sócio-culturais, preconceitos, estigma, estereótipo e suas conseqüências para o desenvolvimento do deficiente; orientação à família; questões relacionados à sua exclusão ou inserção social; condições da sociedade para receber, tratar e lidar com o deficiente; políticas públicas a esse respeito.

Vânia Aparecida Calado; Lígia Assumpção Amaral.

Universidade de São Paulo.



A construção em fantasia do self e das relações de objeto em pacientes com tentativa de suicídio.

O trabalho que temos realizado na Intervenção em Crise (IC) com pacientes com tentativa de suicídio tem confirmado algumas posições descritas na literatura sobre o tema (Freud, 1915/1917; Klein 1937; Kernberg, 1984; Garma 1971; Carsola 1987; Violante 1995). Frequentemente encontramos sérias dificuldades nas relações de objeto, caracterizadas por perdas significativas, abandono, negligência, vitimização, mecanismos de defesa primitivos (cisão, identificação projetiva), desqualificação narcísica e excesso de investimento agressivo nas relações. Esses elementos se configuram como estressores, pois, internalizados ao longo dos anos, operam de forma decisiva na dinâmica da fantasia inconsciente e na estruturação da experiência e das relações interpessoais. A avaliação da presença de indicadores desses tipos de auto-imagem e relações objetais nos instrumentos projetivos permite uma antecipação e definição de focos psicodinâmicos que facilitam estabelecer o vínculo terapêutico. Neste trabalho, analisamos as respostas de pacientes à Técnica de Apercepção Temática, privilegiando a prancha 2 que trás a temática das relações familiares, a fim de acessar o modo como três pacientes percebem e representam o mundo, a si mesmos e suas relações com as pessoas, mostrando, dessa forma, sua dinâmica frente a três conceitos: Fantasia Inconsciente, Relações de Objeto e Self. Os pacientes são acolhidos no Pronto-socorro de um hospital geral, onde são socorridos em função da tentativa de auto-extermínio, ou encaminhados diretamente ao Programa de Intervenção em Crise do Instituto de Psicologia, UnB. As entrevistas iniciais com a maioria desses pacientes mostraram um ambiente familiar repleto de situações que retratam os estressores acima mencionados. Além disso, apresentam dificuldade de adaptação ao meio, impulsividade, baixa qualidade de julgamento e dificuldade de antecipar e avaliar conseqüências. A análise das histórias projetadas permite concluir que há dificuldades na auto-estima dos pacientes, envolvendo temas nos quais o personagem principal não se considera bom o suficiente para merecer o amor do outro, apesar do desejo ou anseio por esse amor. Observa-se também uma intenção de realização desse desejo, mas este é abandonado ou impedido de realização, pois a concretização desse desejo não corresponde à sensação que mantém em suas fantasias inconscientes. Por fim, eles se ausentam dessas relações. Essas reflexões nos aproximam da hipótese de que a impossibilidade dos pacientes de encontrar um meio de desenvolver vínculos relacionais satisfatórios está relacionado a uma auto-imagem desqualificada, uma estrutura de self empobrecida, e a representações das relações com o outro que inviabilizam o vínculo. No trabalho com estes pacientes, percebe-se, frequentemente, que a precariedade desses vínculos e seus investimentos agressivos inviabilizam a própria vida. Essas ponderações nos levam a considerar a avaliação das representações de self e objeto na fantasia inconsciente para a determinação da psicodinâmica na IC ou processo psicoterápico.

Marcelo Tavares; Rodrigo Barroso; Fernanda Lobo.

Universidade de Brasília; Universidade da Amazônia.



A contribuição do estudo dos mecanismos e da simbologia dos sonhos premonitórios para a psicologia da personalidade.

Desenvolvido por alunas do 5o ano do Curso de Psicologia, este projeto apresenta um estudo junguiano sobre o inconsciente individual como produtor de conteúdos oníricos, servindo como agente intermediador de ocorrências internas e externas, confirmadas posteriormente em relação à realidade do sonhador; os chamados sonhos premonitórios (ou antecipatórios, segundo a psicologia analítica). Tendo em vista que tais conteúdos apresentam-se em forma de símbolos durante os sonhos, a perspectiva deste estudo vem em auxílio da decodificação das mensagens oníricas antecipatórias, para compreender seus mecanismos de produção e linguagem simbólica, objetivando entender como tais processos conduzem o indivíduo à transformação e integração do si mesmo, deixando de atribuir aos sonhos premonitórios uma causa que transcende ao ser, e trabalhando clinicamente com eles enquanto mensagens de um inconsciente que busca ampliar a consciência e trazer saúde e completude à personalidade. Pretendemos colaborar para a ampliação dos horizontes da Psicologia Científica, uma vez que os sonhos trazem informações do inconsciente, apontando ocorrências futuras, com a presença de temas ligados ao poder de transformação. Nosso psiquismo contém todo o conhecimento do inconsciente humano, porém separado do consciente, fazendo com que se ignore suas mensagens, ou que as mesmas sejam perdidas. Buscamos investigar o caminho que permita transformar a posição do inconsciente, de adversário para aliado no processo de interação e modificação interna e externa, inerente ao ser humano e não privilégio somente de alguns, como tem sido entendido. Tratando-se de um tema subjetivo e polêmico (pelo cartesianismo ainda reinante em algumas áreas da ciência, em especial na psicológica), nossa pesquisa realizou-se pela aplicação de 30 questionários semi-dirigidos a respeito da ocorrência dos sonhos premonitórios em adultos de ambos os sexos que tenham experienciado ao menos uma vez um sonho premonitório em seu processo de vida e respondidos voluntariamente (FASE 1) e depois, por entrevistas mais detalhadas (FASE 2), às quais responderam 6 sujeitos aleatoriamente selecionados entre os respondentes da FASE 1, de forma a esclarecer a produção desses fenômenos e sua simbologia, assim como compreender o papel que estes sonhos antecipatórios tiveram e têm na vida do sonhador. RESULTADOS: Foram tabulados 100% dos dados da fase 1 e 30% da fase 2. Nossas conclusões prévias indicam que a grande maioria dos sonhadores é de religião espírita ou espiritualista, podendo indicar que o contato com as idéias e métodos destas doutrinas facilitam o acesso aos conteúdos inconscientes, interpretados pelos sujeitos como inspirações divinas; porém um dos sujeitos aceita os conteúdos premonitórios como sendo produção de sua própria psique. Além disso, os símbolos revelam a presença de estruturas psíquicas tais como sombra, persona, anima, animus e manifestações simbólicas de arquétipos relacionados à transformação, mudança, purificação, regeneração e crescimento, o que confirma nossa hipótese inicial de que os sonhos premonitórios são produções psíquicas que traduzem o processo de individuação. Nesta jornada, nos auxiliarão alguns autores, a saber: HALL (1997), SILVEIRA (1996), VON FRANZ (1997), JUNG (1983, 1985, 1986, 1993).

GOUVÊA, A.R. de; TEIXEIRA, S.A.S.; BEZERRA, M.A.G; MASTROBUONO, C.M.

Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, Enfermagem; e Fisioterapia de Guarulhos.



A Contribuição do Registro Hospitalar de Câncer para o Serviço de Psicologia Oncológica.

O Registro Hospitalar de Câncer (RHC) pode servir como uma ferramenta de auxílio no Serviço de Psicologia Oncológica, beneficiando os pacientes com um melhor atendimento e proporcionando uma melhor qualidade em tratamentos psicoterápicos. O Serviço de Psicologia Hospitalar desenvolve entre muitas outras funções, atividades baseadas na integração dos serviços de saúde voltados ao paciente e sua família. O RHC pode fornecer dados que viabilizem estudos que possam trazer novas formas de prevenção, terapias e informações referentes ao próprio paciente que possibilitarão uma maior informação da clientela atendida no hospital tais como: grau de instrução, faixa etária, local de origem, morfologia e topografias das neoplasias, data do diagnóstico, exames realizados, tratamento utilizado, estadiamento e muitas outras que beneficiam não só o Psicólogo, mas todo o corpo hospitalar, na medida em que se tem um panorama geral de cada paciente e do atendimento como um todo. Este sistema de coleta é obrigatório em todos os hospitais de alta complexidade no tratamento do câncer. Este estudo de caso ocorreu em um hospital oncológico, na cidade de João Pessoa, onde foram analisados 3240 prontuários e destes 1542 registrados com neoplasia maligna. As conclusões mais importantes foram: identificação das neoplasias malignas mais necessárias para a elaboração de uma campanha informativa de prevenção e conhecimento de sintomas. A necessidade de um trabalho integrado com as clínicas do hospital e um maior comprometimento por parte de todo o corpo clínico na melhoria da qualidade do atendimento ao paciente. As topografias mais freqüentes foram: Pele, Colo de Útero e Mama, esses dados podem servir para o Psicólogo no sentido em que ele poderá atuar de forma mais direcionada com grupos de apoio e atendimento individual. Além disso, seu trabalho tem um caráter interdisciplinar e poderá realizar campanhas de prevenção com outros serviços no hospital tais como: Assistência Social, Enfermagem e Equipe Médica.

Andressa Maria Freire da Rocha do Nascimento; Dr. João Agnaldo do Nascimento; Fernanda Pereira Silva; Aline Maria Freire da Rocha; Camila Neiva de Gouvêa Ribeiro.



A corrupção e suas consequências para a prática cidadã.

A corrupção na política brasileira é uma prática subversiva à democracia e, conseqüentemente, à consolidação da cidadania. Tal fenômeno amplamente disseminado pelo país, alcança direta e indiretamente todas as pessoas e localidades, evoluindo progressivamente. O problema da corrupção no Brasil se confronta com a noção correta de cidadania. Por um lado, há a atividade corrupta dos representantes eleitos. Por outro, há os componentes da sociedade em todos os seus segmentos, os quais deveriam dirigir e fiscalizar através do direito de escolher e reprovar, as atitudes dos políticos. A questão gira em torno da relação interdependente entre a corrupção enquanto agente de desconstrução e privação do exercício da cidadania e da plena realização da mesma. O objetivo deste trabalho é averiguar de que maneira a corrupção na política do país afeta ou interfere a prática cidadã, apontando estratégias de resistência e transformação empreendidas pela população. Foram realizadas entrevistas com populações na faixa etária de 20 aos 30 anos do MST e do último ano da graduação universitária. Para os jovens do MST, a impunidade é um fator diferencial para gerar revolta, indignação e desânimo nas pessoas. Elas se fecham em sua individualidade ao invés de se organizarem na busca por mudanças. Não é esta a visão e postura dos jovens assentados do MST. A realidade corrupta leva muitos a se envergonharem da própria nacionalidade, e a mobilização e luta por transformações é algo presente e vital para todos e caminho “natural” para as mudanças que almejam. O governo, por sua vez, age com descaso e a população deve reagir sempre de forma coletiva, sobretudo com o exercício adequado do direito ao voto. Para os jovens formandos universitários, o Estado cada vez mais se distancia da sociedade, o que gera uma perigosa instabilidade social e compromete a imagem do país. A população fica cada vez mais distante da luta por direitos e mudanças. Há concomitantemente uma inversão de valores que conduz à perda do sentido daquilo que é correto.

PAULA, Alexandre da Silva de; COSTA, Fernanda Mascari (em memória); OLIVEIRA, Hélio Martins Furtado; MOTOMIYA, Karina Tsumori; NEVES, Maria Augusta de Almeida; SANTOS, Romilda Cordioli.

Universidade Estadual de Londrina.



“A creche como contexto de desenvolvimento: representações e interações durante o período de inserção de mães e bebês na instituição”.

A entrada de um bebê na creche significa, muitas vezes, a primeira forma de cuidado não-materno regular a essa criança, na qual uma relação diádica, vivenciada nos primeiros meses quase que exclusivamente no ambiente domiciliar, dá lugar a um contexto múltiplo de cuidados. O presente trabalho trata de uma investigação acerca do período de entrada dos bebês na creche, sendo apresentado através de uma revisão bibliográfica sobre o tema, utilizando alguns estudos sobre a creche como contexto de desenvolvimento e a abordagem sociocultural, que resultaram na presente dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro em 2001. Trata também da elaboração de uma pesquisa com mães e bebês vivenciando o processo de entrada na creche, tendo como referência teórica básica uma perspectiva de compreensão dos processos de interação social que destaca os aspectos sociais, culturais e históricos desse desenvolvimento. Os principais focos de análise da pesquisa proposta nesta dissertação são as idéias e representações de mães acerca do processo de entrada do bebê na creche e as interações entre a díade mãe-bebê durante este período, levando em conta também as interações do bebê com a educadora neste processo. A pesquisa se deu através da aplicação de um questionário, especificamente estruturado para este trabalho, a um total de trinta mães de diferentes unidades de educação infantil no Rio de Janeiro, e a observação sistemática da primeira semana de atividades em duas creches públicas, com o registro em um diário de campo e filmagens em vídeo de cinco díades mãe-bebê. Os resultados relativos às concepções das mães apontaram para a ocorrência de dois eixos básicos de respostas, sobre o cuidado e a educação, com predomínio do primeiro. Os temas de maior destaque foram sobre os aspectos ‘positivos’ da escolha da creche como rede de apoio, a referência da mãe a outros cuidadores e os questionamentos e expectativas sobre a creche. Mães que relatam a escolha dessa rede de apoio como necessidade, pelo fato de não terem outra opção para o acolhimento dos seus bebês, tendem a demonstrar grande ambivalência nas suas respostas, afirmando, por um lado, os aspectos positivos dessa escolha e, por outro, os seus sentimentos de insegurança e preocupação. Com relação à observação sistemática realizada nas duas creches, foram encontradas diferenças significativas na duração e na qualidade das interações das díades mãe-bebê em cada uma das instituições. Pode-se sugerir que tais diferenças se devam, em parte, à característica de cada um dos planejamentos estruturados pelas respectivas instituições para esse período. Os resultados ainda sugerem que situações mais estruturadas, como o contexto de alimentação, por exemplo, ou mais ‘intimistas’, com poucos personagens presentes no ambiente, podem favorecer a ocorrência e manutenção das interações entre os personagens. A presente investigação procurou reforçar a necessidade de uma atenção especial para o período de entrada dos bebês na creche, entendendo a mãe enquanto uma importante figura na apresentação desse novo contexto para o bebê, levando em consideração as suas representações sobre esse momento.

Fabia Monica Souza dos Santos; Maria Lucia Seidl de Moura.

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).



A criança – sintoma do par conjugal.

A escolha do tema nasceu da oportunidade de observar, através da prática em estágio de Psicologia Jurídica em Vara de Família, que é freqüente a criança estabelecer como linguagem especial para expressar seu sofrimento em relação ao litígio parental, a linguagem do sintoma. A Psicologia Jurídica e o Direito reconhecendo a noção do sujeito do inconsciente, propõe oferecer às partes uma oportunidade de poder falar sobre si, sobre sua angústia, retirando desse modo a criança da função de mediadora dos conflitos parentais e colocando-a no lugar de sujeito responsável por suas próprias escolhas. Num primeiro momento, fez-se uma revisão bibliográfica percorrendo desde o século XIV à modernidade. Buscou-se mostrar, que a criança pôde aos poucos sair do lugar de “pequeno adulto” e adquirir a posição e as particularidade de ser infantil. Num segundo momento, a pesquisa baseou-se no estudo de caso. Os sujeitos da pesquisa foram dois irmãos, com idades de 04 e 10 anos pertencentes a um contexto familiar onde as questões de litígio e desenlace matrimonial foram encaminhadas em última instância à decisão judiciária, que contou com o auxílio do estudo social e psicológico requeridos pelo caso. As crianças inseridas no contexto referido acima, apresentaram como forma peculiar de defesa à situação conflituosa em que viviam, tipos particulares de sintoma: a enurese noturna, distúrbio afetivo de aprendizagem e timidez em contatos sociais. A seleção dos sujeitos foi desenvolvida a partir de uma observação cuidadosa dos diversos casos (processos) que foram encaminhados para o estudo psicológico no Departamento de Serviço Social do Fórum Gumerssindo Bessa, durante o período em que se deu o início à pesquisa (aproximadamente 01 ano). Através de entrevistas feitas ao casal ou membros envolvidos na realização do processo, de observações livres, entrevistas e testes psicológicos aplicados às crianças, pôde-se evidenciar o sintoma da criança como resposta ao processo de separação dos pais. A coleta de dados deu-se basicamente a partir de duas etapas sendo a primeira, o relato livre ou semi-dirigido direcionado nas entrevistas realizadas. Numa segunda etapa foram aplicados alguns testes psicológicos de personalidade, escolhidos previamente, como: HTP, atividades de grafismo e entrevistas às crianças. Através do estudo bibliográfico que teve como base a teoria psicanalítica e do acompanhamento do caso particular de 02 (duas) crianças envolvidas em processos de separação judicial, foi feita uma análise qualitativa, na qual pôde-se demonstrar quais os efeitos psicológicos gerados a esse sujeito especial (a criança) frente à situação relatada. Pôde-se, resumidamente, chegar a uma descrição conclusiva que a criança pertencente a um contexto familiar, onde o que sobrou da relação amorosa entre seus pais foi uma separação judicial conflituosa, é posta como objeto de disputa ou ignorada na dinâmica do processo, tendendo a tomar como forma de expressão, uma linguagem especial, a linguagem do sintoma, que nada mais é, o sintoma dos pais. Que este trabalho possa contribuir para uma melhor compreensão das relações da Psicologia com a Justiça e esclarecimento das necessidades tanto dos profissionais ligados ao Direito de Família, quanto dos indivíduos que buscam nesse contexto a solução para seus conflitos. O bem estar da criança é o objetivo principal.

Thais M. Machado.

Universidade Tiradentes – Aracaju-SE.



A criança de zero a dois anos na visão dos especialistas dos séculos XIX e XX.

Este trabalho está inserido na pesquisa “Estilos parentais no Brasil: contexto histórico e evolução”, tomados os estilos parentais como sistemas de crenças, representações e práticas adotadas pelos pais que refletem seus valores e as informações que detêm sobre as necessidades e potencialidades dos filhos. A importância dessas práticas pode ser compreendida segundo a abordagem sócio-interacionista de L. S. Vygotski e contribuições posteriores, nas quais o ser humano é criado e criador de cultura, produto e produtor da história, feito de e na linguagem. Nesta perspectiva, o desenvolvimento se dá necessariamente nas interações sociais, sendo o lar o contexto privilegiado destas interações para a criança de zero a dois anos. É, portanto, necessária a compreensão do contexto sócio-histórico que alimenta as crenças, práticas e representações parentais para melhor explicar o desenvolvimento infantil no século XIX e primeira metade do século XX. Para tanto, são identificadas duas fontes de informação disponíveis na sociedade da época abordando o cuidado parental: a palavra do especialista que orienta diretamente os pais no século XIX, o médico e, além deste, a imprensa, então um meio de divulgação e vulgarização das idéias higienistas. Através do discurso médico, na academia ou veiculado pela imprensa, é possível identificar práticas relativas à maternagem consagradas na época e no meio cultural estudados. As fontes escolhidas para esta contextualização sócio-histórica são as Teses da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, publicadas no século XIX e na primeira metade do século XX, e o jornal “A mãe de família: jornal científico litterario ilustrado”, publicado entre 1879 e 1894, também no Rio de Janeiro. A metodologia adotada é a Análise de Conteúdo que permite o levantamento e a identificação de elementos relativos aos estilos parentais e à criança nos textos examinados. Seções do periódico “A mãe de família: jornal científico litterario ilustrado”, como “A palestra do Médico”, “A educação da mulher” e “O despertar da criança” estão sendo analisadas segundo este conjunto de técnicas do mesmo modo que a palavra do médico, a partir das Teses da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, publicadas de 1847 a 1945. Os resultados, ainda parciais, apontam para uma quase redução das tarefas do desenvolvimento inicial da criança aos âmbitos primordialmente físico e moral(religioso), e só posteriormente ao desenvolvimento cognitivo, quando da alfabetização.

Neide de Passos Freitas Al-Cici; Cristiane Maria Conde Abi-Saber; Andréia Fae das Neves.

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Uerj.



A criança e o câncer.

Este trabalho relata trechos da vivência da criança com câncer e sua família, apresentando alguns atravessamentos que compõem a subjetividade infantil da criança com câncer. O local escolhido foi a “Casa de Apoio” do Hospital de Clínicas de Porto Alegre onde ficam abrigadas cerca de trinta crianças com suas mães. São famílias de várias cidades do interior do Rio Grande do Sul, com baixo nível econômico. Todas elas em tratamento oncológico ambulatorial. A Casa funciona por meio de doações e foi construída pelo Instituto do Câncer Infantil. Para o alcance do objetivo inicial foram realizadas diversas observações de crianças e mães em suas atividades rotineiras: brincar, assistir televisão, lidas domésticas, além das relações de interação mãe-filho; entrevistas com pessoas ligadas profissionalmente com a temática e entrevista com uma mãe; fotos; referenciais teóricos sobre o câncer infantil pesquisados em bibliografia recente especializada na área. Durante este trabalho foram analisadas algumas questões: 1) relações entre as crianças, mães e pessoas que trabalham no local; 2) o comprometimento do voluntariado; 3) questões relacionadas à estrutura física, como a cozinha e a falta de uma sala de recreação. Foi possível perceber como em meio a tantas questões, a infância, o brincar e a presença completa da família, é tão prioridade dessas crianças, como o tratamento médico e a cura.

Rovena Batista Severo.

Universidade do Vale do Rio dos Sinos.



A criança na primeira etapa escolar: um estudo sobre a aquisição de novos conceitos.

Este estudo aborda a linguagem e o pensamento sob a perspectiva cognitivista. Investigamos a interação, dependência ou independência destes processos cognitivos, mas sobretudo a pressuposição inatista de Jerry Fodor de uma "linguagem do pensamento". Tal pressuposição transcende a questão específica da linguagem e do pensamento. Fodor (1975) afirma que existiria no cérebro humano uma estrutura que o levaria a desenvolver um sistema formal de registros lingüísticos que incorporaria todas as propriedades universais da língua. Esta "linguagem" seria a comunicação ente os estados mentais e as estruturas do pensamento. Portanto, nos permitiria fazer hipóteses a respeito do conhecimento que queremos adquirir, e, ainda, classificá-lo e categorizá-lo. Desta forma, elaboramos uma situação experimental na qual mostramos que as crianças de 6 e 7 anos, ou seja, na primeira etapa escolar, não são capazes de adquirir conceitos novos reais sem que estes pertençam ao seu universo imediato de conhecimentos. Em termos gerais, nossos resultados apontam que após a contextualização é notável o índice de compreensão do novo conceito pelas crianças. Embora este conceito esteja distante de seu universo cognitivo, ele é significativo para elas, pois fazem parte de eventos reais de suas vidas. Em parte, corroboramos a tese de Fodor que afirma que as estruturas mentais inatas são responsáveis pela aquisição de novos conceitos. Jean Piaget sustenta que tais conceitos sejam adquiridos através da interação do indivíduo com o meio em que vive não havendo nenhum determinante inato. Neste caso, a categorização de conceitos novos envolveu uma representação mental puramente abstrata, como previa Fodor, porém, sustentando vínculos culturais, históricos e sociais na compreensão e apreensão dos conceitos novos, como anunciou Piaget. Acreditamos que os resultados demonstram que a contextualização do conceito novo no universo cognitivo da criança é o primeiro passo para uma significativa aprendizagem.

Adriana Benevides Soares; Célia Lúcia Gomes Pessanha.

Universidade Gama Filho; Universidade Estadual do Norte Fluminense.



A criança que se cala diante da possibilidade de dor - uma experiência multiprofissional.

Este caso clínico traz uma reflexão sobre e como um trabalho multiprofissional desenvolvido de forma interdisciplinar auxiliou João (nome fictício) 08 anos que impossibilitado de falar da dor psicológica somatizou-a. João era portador de uma manifestação bucal severa de Gengivoestomatite Herpética Aguda primária (GEHA) denominada uma doença viral que pode manifestar-se em períodos de estresse, associados à baixa imunidade e à falta de cuidados com a higiene bucal. A história de vida de João revelou que o mesmo vivenciou várias perdas desde sua concepção: o pai não quis assumi-lo como filho, a mãe morre quando ele tinha apenas quatro anos e o avô morre aos oito anos. Atualmente a criança vive com a avó, responsável legal pela mesma. A criança, inicialmente, foi atendida em suas necessidades odontológicas. Os profissionais verificando as dificuldades emocionais existentes realizaram o encaminhamento da criança para a equipe de psicologia. No tratamento psicológico foram realizadas sessões individuais com a criança e entrevistas semi-dirigidas com a avó e o pai. A Psicanálise foi à abordagem utilizada no tratamento psicológico. Verificou-se que João não havia elaborado a perda, à medida que era impossível falar disto com seus familiares. O luto ainda estava presente em sua subjetividade sem a possibilidade de simbolização. À medida que a criança falava, nas sessões de psicoterapia, de sua dor e de suas perdas, ia projetando transformações transparentes em sua fala. João conseguiu, a partir deste trabalho, cuidar de seu corpo e no campo psico-social a avó relatou que ele voltou a brincar, está alegre e não apresenta medo de ficar sozinho. Acredita-se que o trabalho multiprofissional otimiza a atuação do odontopediatra nestas situações, já que a criação de um espaço psicoterapêutico com uma escuta psicanalítica vem de encontro aos fundamentos das psicossomatizações, motivos de dificuldades para o odontopediatra e de sofrimento para o pequeno paciente. Este trabalho trouxe uma reflexão da importância de se considerar o ser humano, independentemente da idade, no contexto bio-psico-social e realçando a importância da ação multiprofissional e interdisciplinar. O sucesso do atendimento de João estimula a valorização de parcerias no tratamento do paciente de uma maneira integral.

Adriana Faleiros Ribeiro; Elci A. Macedo Ribeiro Patti; Izilda Carolina de Meneses; Soraia Marangoni.

Universidade de Franca.



A criança usuária do Sistema Casa-Lar: um estudo compreensivo de sua afetividade.

Esta pesquisa aborda o tema criança institucionalizada e suas características afetivas. Um estudo que vise a criança institucionalizada, requer, antes de tudo, um olhar sobre a instituição família. Segundo Camargo e Buralli (1998:30) “a família trás em seu bojo um papel determinante no desenvolvimento da sociabilidade, da afetividade e do bem-estar físico dos indivíduos, sobretudo durante o período da infância e da adolescência”. É no seio da família que vão ocorrer as primeiras identificações do sujeito que o vão preparar para todas as identificações futuras. A família na contemporaneidade, no entanto, vem sofrendo profundas alterações de ordem socioeconômica e cultural. O modelo de família tradicional nuclear não é mais o predominante. Pesquisas (Silveira, Falcke e Wagner, 2000) indicam que o modelo predominante em comunidades de baixa renda é o monoparental (matriarcal). Tais transformações geram também mudanças na afetividade dessas crianças. Dessa forma, buscamos, com este estudo, compreender as características afetivas e verificar o nível intelectual de crianças abrigadas por um sistema similar ao Casa-Lar da Cidade do Recife. Para atender aos objetivos da pesquisa, optou-se por uma metodologia qualitativa, cujo objeto de estudo é uma unidade que deve ser analisada em profundidade. Foi preocupação desta pesquisa compreender as características afetivas de algumas crianças, e não de todas as crianças ou da criança institucionalizada. Desse modo, as interpretações realizadas podem ser válidas para outras crianças que vivam nas mesmas circunstâncias que estas, mas podem não ser. A pesquisa foi realizada numa instituição situada na cidade do Recife, que abriga 70 crianças encaminhadas a ela pelos conselhos tutelares por motivos de negligência e maus tratos familiar. Trabalhou-se com 14% deste universo. Dessa forma, participaram desta pesquisa 10 crianças de ambos os sexos, pertencentes a uma faixa etária entre 7 e 11 anos. Da mesma forma que Cerveny e Berthoud (1997:143), optou-se por “trabalhar com uma ‘amostra de conveniência’ , ou seja, não se utilizou nenhuma técnica estatística de amostragem para selecionar as crianças.” Para a coleta das informações foram utilizados como instrumento de pesquisa os testes Matrizes Progressivas do Raven – Escala Especial e o Psicodiagnóstico do Rorschach. Os resultados sugerem que: 1. As crianças institucionalizadas testadas, mesmo oriundas de famílias com referências de violência doméstica e baixa frequência escolar, não apresentaram dificuldades ou atraso no que diz respeito à inteligência. Este dado é importante para quebrar com a discriminação e o preconceito social de que crianças nessas condições são menos inteligentes; 2. Com relação à forma de perceber a realidade, as crianças da pesquisa apresentaram uma tendência de fuga da realidade imediata, que se revela a elas como hostil e desagradável; 3. No que se refere à afetividade, esta apresenta-se não adaptada, imatura e impulsiva. Estas crianças apresentaram, também, dificuldade para manter laços afetivos genuínos, representativos de carência afetiva; 4. Os sentimentos presentes observados foram de angústia e ansiedade, possivelmente relacionados com os vínculos mal estabelecidos com o ambiente, levando ao isolamento e provocando uma constrição da personalidade.

Leandra Gueiros; Albenise de Oliveira Lima.

UNICAP.



A criança usuária do sistema casa-lar: um estudo compreensivo dos seus mecanismos de controle.

Este projeto de pesquisa trata da situação de crianças abrigadas em uma instituição que possibilita o contato esporádico com a família de origem. Um estudo que visa a criança institucionalizada requer, antes de tudo, um olhar sobre a instituição família. Segundo Camargo e Buralli (1998:30), "a família traz em seu bojo um papel determinante no desenvolvimento da sociabilidade, da afetividade e do bem estar físico dos indivíduos, sobretudo durante o período da infância e da adolescência". A família na contemporaneidade, no entanto, vem sofrendo profundas alterações de ordem sócio-econômica e cultural, afetando, dessa forma, o processo identificatório. A função paterna encontra-se em declínio devido às questões sociais e a emancipação da mulher. O homem vê-se sem espaço, perdido no seu papel. As crianças necessitam deste referencial, não encontrando próximo vão à busca onde acham que podem encontrá-lo. O modelo de família tradicional nuclear não é mais o predominante. Pesquisas (Silveira, Falcke e Wagner, 2000) indicam que o modelo predominante em comunidades de baixa renda é o monoparental (matriarcal). No entanto é sabido que no imaginário coletivo ainda predomina o modelo de família nuclear e, nas escolas este é o modelo que é transmitido às crianças. Com base nesta justificativa, buscaremos, com esse estudo, compreender a utilização do mecanismos de controle e o desenvolvimento intelectual de crianças abrigadas num sistema similar ao Casa-Lar da cidade do Recife. Participaram de nossa pesquisa 10 crianças de ambos os sexos pertencentes a uma faixa etária entre 7 e 11 anos. Da mesma forma que Cerveny e Berthoud (1997:143), optou-se por "trabalhar com uma 'amostra de conveniência', ou seja, não se utilizou nenhuma técnica estatística de amostragem para selecionar as crianças." Os instrumentos utilizados foram: os testes das Matrizes Progressivas do Raven - Escala Especial e o Psicodiagnóstico do Rorschach. A metodologia por nós utilizada seguiu o modelo qualitativo, cujo objeto de estudo é uma unidade que deve ser analisada em profundidade. O que pudemos observar de acordo com os dados coletados foi que: as crianças institucionalizadas testadas, mesmo oriundas de famílias com referências de violência doméstica e baixa frequência escolar, não apresentaram dificuldades ou atraso no que diz respeito ao desenvolvimento intelectual, este dado é importante para se refletir com relação a discriminação e o preconceito social de que crianças nessas condições são menos inteligentes ou capazes intelectualmente; com relação à forma de perceber a realidade, as crianças da pesquisa apresentaram uma tendência de fuga da realidade imediata, que se revela a elas como hostil e desagradável, desencadeando sentimentos de ansiedade e angústia; por outro lado, o controle interno revela bloqueio da manifestação da energia criadora; no que diz respeito ao funcionamento lógico, diferente do esperado, estas crianças apresentam sinais de um superego severo, o que lhes diminui a espontaneidade, este fato pode estar relacionado a possíveis mecanismos compensatórios de sentimentos de abandono e rejeição; de um modo geral, as crianças institucionalizadas não se diferenciam das outras crianças da mesma faixa etária no que diz respeito a formação dos seus controles.

Albenise de Oliveira Lima; Claudia Elisabeth Barbosa de Oliveira.

Universidade Católica de Pernambuco.



A dança como instrumento psicoterapêutico.

Este trabalho iniciou-se em agosto de 1997, em um Centro de Reabilitação. Observávamos que na população atendida, guardada as especificidades, ter um “corpo diferente” era um importante foco de sofrimento. A hipótese era de que, trabalhar diretamente o corpo, beneficiaria os pacientes, pois ao ter um contato consciente com o próprio corpo, teriam a percepção das suas possibilidades e limites. A dificuldade de entrar em contato com o corpo, muitas vezes os deixava aquém das suas potencialidades. Então, a idéia de utilizarmos a dança, como instrumento psicoterapêutico. Esta escolha se deu em função das minhas vivências e do quanto estas foram significativas, além de sabermos, como a literatura nos mostra, que a dança possui um potencial terapêutico. O grupo foi formado por pessoas com limitações físicas, com diversos graus de comprometimento (tetraplégicos, paraplégicos, amputados, hemiparéticos, etc), é aberto, tem em média 6 integrantes, e duração de uma hora e meia semanal. O objetivo é trabalhar os conteúdos emergentes, auxiliando o indivíduo no enfrentamento da sua condição atual, bem como na reorganização biopsicosocial. Proporcionar um espaço terapêutico, no qual o indivíduo possa se deparar com as suas questões, desejos, dificuldades, potencialidades e possibilidades. Favorecendo a partir daí uma abertura para que a pessoa possa viver, não focada na deficiência, mas focada na sua vida como um todo, transformando suas idéias a priori, seus preconceitos. Além disso, vivenciar o encontro com o outro no grupo, tem por finalidade exercitar as relações interpessoais, facilitando uma reintegração social. A base teórica é a Psicologia Analítica. O instrumental terapêutico constitui-se de relaxamento, exercícios de dança, e conversas para a elaboração das vivências. Os exercícios de dança são em sua maioria, baseados na proposta do Danceability. Fundado em 1988, é um projeto desenvolvido pela Companhia de Dança Joint Forces, nos EUA que “... usa formas de dança improvisacionais para promover expressão e exploração artística entre as pessoas com e sem deficiência física”. Resumidamente, através dos relatos dos integrantes do grupo, observamos que alguns tornaram-se mais atentos a si e aos outros, aos sentimentos, às sensações, conquistando um caminho para a consciência; outros, desenvolveram a percepção das possibilidades, das capacidades, tornando-se mais ativos e participantes não só nas sessões, mas também fora do setting terapêutico, em situações sociais. Começaram a lidar melhor com o “corpo diferente”, por exemplo, referiam sentir-se mais à vontade em situações sociais. Além disso, as sensações experimentadas de relaxamento, de liberdade, de prazer passaram a estar constantemente presentes após as sessões. Assim, a prática da dança, aliada às discussões a respeito das suas vivências, tem se mostrado um facilitador no processo de cada um, como um instrumento para a conscientização, fornecendo subsídios para o entendimento de si mesmo e do outro, conseqüentemente, para uma compreensão que se configure numa melhora da qualidade de vida. O processo da trajetória do grupo é objeto de estudo da minha dissertação de mestrado, em curso na PUC-SP, em Comunicação e Semiótica, na busca de um outro olhar que contribua para o nosso entendimento psicológico.

Mara de Castro Oliveira.

PUC-SP.



A Dança infanto-juvenil.

Os objetivos do presente trabalho foram observar as contribuições que a dança pode trazer para crianças e adolescentes de nível sócio-econômico baixo, nas relações consigo mesmo e com o outro; levantar informações sobre os benefícios que a dança moderna tem trazido nos aspectos pessoal (consigo mesmo) e social (com os pares). Foram consultadas fontes como Biblioteca Virtual da USP (2001), Garanf (1973), Fux (1983), Navas (1992), dentre outros. Os sujeitos do presente estudo foram crianças de 10 e 11 anos do sexo feminino (total 7) e adolescentes de 12 a 15 anos do sexo feminino (total 8), de nível sócio-econômico baixo, residentes numa cidade do Vale do Paraíba. O material utilizado correspondeu a dois instrumentos, fichas de observação e entrevista, para facilitar a comparação e comprovação dos dados obtidos. Fez-se uso de material de apoio: cd, fitas-cassete, aparelho de som e roupas leves. Procedeu-se da seguinte forma, dois encontros lúdicos com o grupo de dança, para se estabelecer um relacionamento (vínculo) antes de iniciar a coleta de dados propriamente dita. Nos encontros seguintes, utilizou-se a técnica de observação sistemática direta com auxílio de fichas, para registro. No último encontro foi aplicada uma entrevista individualmente. Estes encontros foram realizados uma vez por semana com uma hora e meia de duração, no período de junho a setembro de 2001. Os sujeitos foram observados durante a atividade: “ Dança”, que era realizada através de uma coreografia moderna. Os resultados mostraram que a dança pode contribuir nos aspectos pessoal e social das crianças e adolescentes, que foram sujeitos deste trabalho. Conclui-se que os benefícios nas relações consigo mesmo e com o outro são: o contato com os próprios sentimentos e com o dos outros, proporcionando um maior conhecimento de limites e qualidades. Verificou-se também o desenvolvimento da percepção, da atenção e da solidariedade entre os membros dos grupo, através da comunicação e dos passos de dança aprendidos. Pôde-se observar o gosto e o prazer pela atividade (dança) que acabam por propiciar entre as crianças e adolescentes um bem-estar tanto no nível pessoal como social. Outros estudos são fundamentais sobre este tema, que parece ser ainda pouco explorado.

Jeniane da Silva Fraga; Juliana Martins Ramos da Silva; Anelise de Barros Leite Nogueira.

Centro UNISAL / Lorena.



A definição do Autoconceito para o Paraibano.

O objetivo desse estudo é analisar as propriedades psicométricas da escala de autoconceito desenvolvida por La Rosa (1986) para população mexicana, e validar essa escala em habitantes da Paraíba-Brasil. Inicialmente selecionou-se uma amostra de 600 pessoas divididas igualmente por sexo e idade, considerando a atribuição social e a identidade cultural no estado Paraibano. Aplicou-se a escala que consiste em uma lista de 77 itens apresentados em ordem alfabética, tipo Likert. Os resultados apresentaram que a análise fatorial dos itens de valência positivo indicou três fatores com valores maiores que explicam 66.05% da variância total, e um alfa de .98. As dimensões encontradas foram: social expressivo normativo, sentimentos interindividuais, social instrumental normativo. Na análise de fatorial dos itens de valência negativo, indicou (igual ao positivo) três fatores com valores próprios maiores que 1 que explicaram 48.69% da variância total e um índice de consistência interna de .75; sendo: sociabilidade expressiva normativa negativa, sentimentos interindividuais negativo, sociabilidade instrumental negativo. As dimensões com maior variância explicada resultaram das relacionadas à sociabilidade, isto é, a relação do indivíduo com o outro. O total da variância explicada foi de 66.05% da qual 57.7% desta variância refere-se ao comportamento social-expressivo do Paraibano que explica a importância desta dimensão na definição de autoconceito na população do nordeste brasileiro. As comparações para sexo, par, renda e trabalho foram estatisticamente significativos. As dimensões com maior variância explicada resultaram das relacionadas à sociabilidade, isto é, a relação do indivíduo com o outro, representaram 66.05% da qual 57.7% desta variância referem-se ao comportamento social-expressivo do Paraibano que explica a importância desta dimensão na definição de autoconceito na população do nordeste brasileiro. O paraibano expressa sua forma de ser, ou autoconceito, pela fraternidade, sociabilidade e outros comportamentos do tipo social. Trata-se portanto de um grupo que define seu autoconceito considerando as categorias ou dimensões que estão orientadas para a aprovação e contato com o grupo, sendo assim coerente com a hipótese de que os resultados obtidos referem-se às características simpatia, identificação, e pertença ao grupo. Em geral pode-se observar que a definição de autoconceito para a classe média de João Pessoa compartilha com a amostra mexicana do Estado de Sonora no México as categorias associadas às condutas sociais e afetivas relacionadas com os processos de afiliação, mas se diferencia pelo trabalho com suas categorias de êxito pessoal e auto-realização, sacrifício e esforço, com as categorias éticas e de moral social estão relacionadas com a competitividade e os processos de luta pela ascendência na dinâmica social, não estavam presentes no Estado que baseia sua economia no setor primário e de serviços tendo uma industrialização incipiente.

José Angel Vera Noriega; Francisco José Batista de Albuquerque; Jesus Francisco Laborin; Adriana Rosa Moraes Silva; Miguel Angel Torres Ávila.

Centro de Investigacion en Alimentacion y Desarrollo; Universidade Federal da Paraíba.



A demanda em orientação profissional: um estudo comparativo entre a demanda dos inscritos no Serviço de Orientação Profissional da Universidade de São Paulo e dos inscritos no Serviço de Orientação Profissional do NEAP (Núcleo de Estudos e Atendimento Psicológico) da Universidade Cruzeiro do Sul.

A Orientação Profissional no Brasil ficou historicamente marcada por ser uma prática vinculada a psicometria, aplicada de forma individual e que tinha como principal público o jovem de classe média e alta, que desejava ingressar num curso superior e apresentava dúvidas com relação a essa escolha. A realidade do mundo do trabalho tem mudado significativamente nas últimas décadas, gerando reflexos acentuados na vida dos indivíduos, que agora convivem com a tarefa constante de realizar escolhas em suas vidas profissionais. Diante disso, novas demandas surgem no campo da Orientação Profissional e o objetivo principal do presente estudo foi tentar traçar um panorama dessas novas demandas através de um estudo comparativo entre a população atendida em dois serviços de Orientação Profissional vinculados a duas instituições de perfis distintos que recebem públicos distintos: a USP (universidade pública) e a UNICSUL (universidade particular). A amostra de sujeitos se constituiu das pessoas inscritas em ambos os serviços no período de 1997 a 2000; e os dados foram coletados através das entrevistas de triagem e dos relatórios dos atendimentos em Orientação Profissional. A caracterização da amostra utilizou os seguintes critérios: idade, gênero, escolaridade, tipo de escola em que estudava (pública ou particular) e posição em que ocupava na família com relação aos irmãos. Foi realizado um mapeamento das principais demandas apontadas pelos instrumentos da pesquisa e a posterior comparação dos resultados obtidos. O público tradicional da Orientação Profissional era o jovem do gênero feminino, entre 16 e 18 anos, oriundo da escola particular e com a escolaridade do ensino médio. As principais mudanças encontradas foram na faixa etária (aumento da faixa predominante para 19 a 25 anos), um equilíbrio dos gêneros, um aumento de pessoas com nível fundamental e superior, e um aumento das pessoas oriundas das escolas públicas. A velha demanda pelo auxílio na escolha de um curso superior permanece como predominante, mas novas demandas se mostram incipientes e mais significativas na amostra da UNICSUL, como a reestruturação da carreira e auxílio para a inserção no mundo do trabalho, bem como a busca de aposentados, donas de casa, portadores de deficiência e psicóticos. Segundo os dados levantados na presente pesquisa, podemos dizer que já está acontecendo uma mudança de perfil e de demanda da clientela de Orientação Profissional, que tem deixado de atrair somente pessoas que necessitam auxílio para as saídas educacionais (público que ainda permanece), mas as pessoas que pedem por ajuda para a inserção no mercado, escolha de uma profissão e reestruturação de sua carreira aponta uma tendência para a Orientação Profissional, que fica mais nítida na amostra da UNICSUL, mas que também se faz presente na amostra da USP de modo mais incipiente.

Marcelo Afonso Ribeiro; Fabiano Fonseca Silva.

Universidade Cruzeiro do Sul; Universidade de São Paulo.



A demanda pela psicologia no hospital geral: dados de literatura e dados da Santa Casa de São Paulo.

Introdução: Ao longo do século XX, o movimento psicossomático aproximou a atuação do psicólogo do trabalho de colegas de outras profissões da área da saúde, o que vem proporcionando a integração de conhecimentos na interface entre distúrbios orgânicos e manifestações psicológicas. A priorização de um atendimento integrado e multidisciplinar tem levado a variados estudos que examinam, no âmbito das populações atendidas no hospital geral, a ocorrência de distúrbios psicológicos, bem como as repercussões emocionais do adoecer e da internação, seja em situações clínicas, cirúrgicas, agudas ou crônicas. Através da revisão sistemática de dados de literatura especializada, fica evidenciado que a assistência em saúde mental propicia benefício para indivíduos acometidos por diferentes afecções orgânicas. A intervenção psicológica facilita o manejo do paciente e dos familiares, aumenta a tolerância destes e da equipe ao estresse, viabiliza uma maior adesão ao tratamento, reduz o período de recuperação e minimiza a incidência de distúrbios duradouros de comportamento. Paralelamente, a atuação do psicólogo repercute positivamente para a instituição hospitalar, uma vez que estudos diversos demonstram que pacientes com distúrbios emocionais não tratados vão a consultas mais freqüentemente, apresentam morbidade geral mais elevada e têm um índice maior de doenças e recaídas do que o restante da população atendida por médicos, aspectos estes que implicam em um incremento de custos para a instituição de saúde. Na Santa Casa de São Paulo, a Psicologia Hospitalar de Consultoria e Ligação vem desenvolvendo, desde sua criação, em 1992, uma atuação caracterizada pela contínua busca de qualidade do serviço oferecido à clientela atendida. A compilação de dados relativos à rotina dos psicólogos em nossa instituição é também uma preocupação constante, como meio de aprimorar o trabalho já desenvolvido, bem como de contribuir com o saber no campo da saúde mental em hospital geral, especialmente no que se refere ao levantamento de dados demográficos sobre diferentes áreas de atuação. **Objetivo:** Caracterização quantitativa do Setor de Consultoria (enfermarias), abrangendo o período de 1997 a 2001, e do Setor de Ligação (ambulatórios e enfermarias de especialidades), no ano de 2001. **Método:** Levantamento de dados extraídos de registros de uso interno do Serviço de Psicologia Hospitalar. **Resultados:** Numa tabulação do número de pedidos encaminhados ao Setor de Consultoria nos últimos 5 anos, temos um total de 3.161. Considerando que cada pedido de consulta gera, em média, 5 atendimentos, o que perfaz um total/ano de 3.000 atendimentos, a estimativa é de um total de aproximadamente 15.000 atendimentos, no período de 1997 a 2001. As especialidades que mais requisitaram intervenção psicológica em enfermarias são, em ordem decrescente: Pediatria / Ortopedia Pediátrica, Clínica Médica, Ortopedia, Clínica Cirúrgica, Ginecologia / Obstetrícia e Pronto Socorro. Quanto ao número de atendimentos efetuados pelo Setor de Ligação, no ano de 2001 tivemos um total de 4.356. As especialidades que tiveram maior número de atendimentos são, em ordem decrescente: Serviço de Reabilitação, Obesidade Mórbida, Unidade de Pulmão e Coração, Clínica de Adolescentes (Geral e Gestantes), Doenças Intestinais / Tx de Fígado e de Intestino, Nefrologia / Tx Renal e de Pâncreas, Pediatria, Adolescentes Obesos, Genética Médica, Terapia da Dor, Ginecologia / Obstetrícia, Cirurgia de Cabeça e Pescoço e Buco-maxilo.

Wilze Laura Bruscato; Sandra Fernandes de Amorim.

Santa Casa de Misericórdia de São Paulo.



A Democracia no mundo dos negócios: uma análise dos significados de Democracia para empresários nordestinos.

Esta pesquisa dá continuidade aos estudos de Costa (2000) acerca da atribuição de significados à Democracia. Democracia é hoje um valor independente, um fim desejável, a forma de organizar a vida em sociedade mais adequada, a tal ponto que o termo "democrático" adquiriu conotação fortemente positiva e seu contrário tornou-se adjetivação indesejável. Todos desejam ser democráticos mesmo que não se entendam quanto ao que significa sê-lo. Mas quais seriam as relações entre a atribuição de significados à Democracia e outros aspectos normativos da vida social? Neste sentido, realizou-se uma investigação dos conteúdos semânticos utilizados por empresários nordestinos para atribuir significados à Democracia. Buscou-se assim investigar as visões sociais de Democracia, expressas através da organização e configuração dos atributos e características que, da perspectiva dos sujeitos, a definem e relacioná-las com os sistemas de valores dos empresários. Foram entrevistados 191 empresários da Paraíba e de Pernambuco, os quais responderam individualmente ao Questionário de Valores Psicossociais - QVP e a um questionário sobre características da Democracia, o Questionário de Dimensões da Democracia, desenvolvido a partir das idéias mais freqüentes encontradas em cada uma das categorias construídas por Costa (2000) na análise das respostas de estudantes da Paraíba e de São Paulo à questão "O que significa para você um país plenamente democrático?". Os resultados evidenciam que a adesão aos conteúdos semânticos definidores da Democracia permitiu determinar quais visões sociais de Democracia são construídas por este grupo de empresários e como estas visões podem ser influenciadas pelos sistemas de valores sociais dos empresários.

Sheyla Christine Santos Fernandes; Tonivaldo Barbosa de Souza; José Bastos da Costa.

Universidade Federal da Paraíba.



A desinstitucionalização da loucura: algumas inquietações.

Dentro do contexto da Reforma Psiquiátrica as lutas para a desconstrução dos manicômios têm ganhado força. Entretanto, o desafio de superação da lógica manicomial ainda permanece como uma tarefa ética para todos aqueles que atuam tanto nos hospitais psiquiátricos quanto nos serviços substitutivos, bem como para todos os cidadãos em suas práticas cotidianas. Assim a Reforma aponta para dois processos, a saber, a desospitalização e a desinstitucionalização. O primeiro diz respeito a desospitalização dos pacientes através da desmontagem progressiva dos hospitais psiquiátricos devido ao seu caráter iatrogênico e violento. O segundo refere-se a desinstitucionalização da loucura que envolve a desnaturalização da noção de 'doença mental', da figura do louco como um doente irrecuperável e que é considerado como perigoso, irresponsável e imprevisível. Visto, muitas vezes, como aquele que não sabe o que é melhor para si, que é desorganizado psiquicamente e que precisa ser tutelado, controlado e medicalizado. Esse processo implica a desmontagem da lógica manicomial em suas práticas e saberes. Com essa pesquisa, objetiva-se analisar o modo de funcionamento da assistência em saúde mental na Unidade de Ressocialização do Hospital Psiquiátrico Adauto Botelho e da Unidade de Atenção Diária a ele ligada – ambas unidades públicas do Estado do Espírito Santo. Foram realizadas entrevistas individuais e semi-estruturadas com doze trabalhadores de saúde mental e quatro internos da Unidade de Ressocialização; com sete trabalhadores de saúde mental e cinco usuários da Unidade de Atenção Diária. Durante o processo de coleta de dados e de participação nas atividades das unidades, pode-se perceber a permanência do modelo hierárquico nessas unidades de saúde. Os pacientes estão, em sua maioria, alheios à hipótese diagnóstica, desconhecem sua medicação e não participam de decisões sobre o seu tratamento, nem sobre o cotidiano da instituição. Porém tais práticas baseadas ainda em um paradigma médico-psiquiátrico, que confere ao paciente/usuário o lugar de espectador de seu próprio tratamento, convivem, paradoxalmente, com propostas de desospitalização e de desinstitucionalização. Os trabalhadores de saúde mental, ao mesmo tempo em que falam de suas práticas viciadas e cristalizadas que produzem paralisação, desânimo e conformidade, também falam da importância da ampliação de espaços de discussão e da criação de novos trabalhos e formas de intervir com a loucura. Assim, apesar de todas as características mortificantes da instituição manicomial, a vida pulsa e traz desejos para além de qualquer confinamento, controle e contenção. Enfim, essa pesquisa não pretendeu esgotar, mas sim suscitar inquietações acerca da temática da loucura. Em consonância com as propostas da Reforma Psiquiátrica, procura-se trazer contribuições para esse processo em curso, colaborando para uma sociedade sem manicômios de qualquer espécie, bem como, promovendo outras análises e práticas em saúde mental. Entendendo que a desinstitucionalização da loucura passa pela invenção de outras formas de pensar/viver a loucura, a vida, o amor e o trabalho. Bem como, pela intervenção sobre a 'existência-sofrimento' e sua relação com o corpo social, sem colocar em ação a segregação dissimulada e civilizada. Esses são alguns dos desafios que o movimento da Reforma Psiquiátrica tem suscitado.

Camila Mariani Silva; Fabíola Ribeiro Botechia; Julia Monteiro Garcia; Maria Cristina Campello Lavrador; Priscila Silva de Oliveira.

Universidade Federal do Espírito Santo.



A diferença que nos une: um estudo sobre as condições de possibilidade do campo psicológico.

O que movimenta este trabalho é a discussão acerca do modo de funcionamento do saber psicológico, que almejando ser científico, e se cercado de todos os procedimentos metodológicos para tal, funciona de modo bem diverso das ciências naturais em que se inspira, possuindo uma multiplicidade de escolas, sistemas, doutrinas, teorias e práticas, que se embatem na busca de uma unidade impossível, sem que nenhuma saia vencedora, ou pior, nenhuma perdedora. Questões como estas, que indagam sobre a natureza do conhecimento psicológico, assim como seu funcionamento, remetem a um exercício crítico que atravessa o espaço psicológico em todas as suas direções. Como bem lembra Michel Foucault (1957) este exercício crítico na psicologia não remete a um expurgo do erro, como nas ciências naturais, mas a uma denúncia das ilusões, sem aproximação a qualquer verdade. Logo, não se atendo a uma promessa de redenção futura, o que se objetiva aqui é a constituição de um modelo que dê inteligibilidade à pluralidade da psicologia. O trabalho vem sendo encaminhado por meio da parceria com autores como Michel Foucault, Bruno Latour e Luís Cláudio Figueiredo, assim como alimentado por fontes primárias extraídas da história da Psicologia. A partir daí foi pensado um modelo denominado máquina de múltiplas capturas, no qual se dá um cruzamento de diversos conceitos científicos com práticas sociais, e que efetiva seguindo este duplo poder diversas formas de subjetividade, de ser humano. Contudo, este curto-circuito que gesta e marca a dispersão das psicologias têm uma história, e esta tem a sua condição de possibilidade na tentativa moderna de separação entre um domínio de seres naturais e outro de seres humanos. Sem a cisão entre esses dois domínios não haveria a múltipla possibilidade de recombiná-los. Existem, entretanto, outras cisões modernas que são igualmente importantes neste movimento de hibridação da psicologia, como a que se institui entre o domínio público e privado, a condição de indivíduo soberano e disciplinado, e a noção de sujeito empírico e transcendental. Assim toda psicologia reúne, no plano do conhecimento, um conceito empírico de uma outra ciência a uma determinada concepção transcendental do ser humano (oriunda das práticas); no plano ético, um modo de relação entre o nosso sujeito empírico e o sujeito transcendental; e no plano político, reúne o modo de abordar o indivíduo tanto como ser autônomo e livre como sujeito a ser disciplinado e controlado.

Clarice Pereira; Gustavo Ferraz; Laura Pozzana; Karen Strougo; Arthur Arruda.

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ.



A difícil vida fácil: aspectos da identidade de prostitutas com diferentes níveis de renda.

Objetivo: Analisar a constituição da identidade entre as prostitutas de alta e baixa renda de Sorocaba, à partir do estudo comparativo das formas de relacionamento amoroso e sexual das mesmas. Metodologia de pesquisa: Foram realizadas 7 entrevistas semi-abertas com prostitutas de rua da região central de Sorocaba e 7 com prostitutas de uma casa de prostituição de alto padrão da mesma cidade. Conclusão: Através dos dados obtidos na pesquisa de campo, corroborou-se a pesquisa teórica no que se refere ao ingresso das profissionais do sexo neste mercado de trabalho. Em ambos os grupos pesquisados, a situação econômica, a dura colocação no mercado de trabalho, os baixos rendimentos e por muitas vezes, a condição de serem elas arrimo de família, foram a justificativa para adentrarem nesta profissão. A prostituição surge então como um recurso para a falta de dinheiro. Algumas diferenças, no entanto, puderam ser observadas em relação às formas de relacionamento amoroso e sexual nos dois grupos: - Em relação ao relacionamento afetivo com companheiro: enquanto as prostitutas de alta renda referem não admitir o controle de sua vida por parte dos companheiros, as de baixa renda referem freqüentemente a existência de relacionamentos amorosos baseados em cobranças de relacionamento sexual e outras obrigações. - Prazer no relacionamento sexual c/ cliente: as prostitutas de alta renda referem sentir prazer com maior freqüência, parecendo haver uma auto-permissão para tanto. As de baixa renda referem maior dificuldade de obtenção de prazer, devido às condições de higiene de seus clientes. - Limites sexuais para envolvimento com os clientes: enquanto as de alta renda referem limites bem definidos (quanto ao sexo oral, anal e ao uso de preservativo), as de baixa renda referem que estes são móveis em função das necessidades financeiras. - Mecanismos de seleção de clientes: enquanto as prostitutas de alta renda referem recusar muitas vezes clientes pela pouca beleza física, as de baixa renda referem se afastar de clientes cuja aparência revele uma personalidade potencialmente perigosa. - Cuidados corporais: enquanto as de baixa renda referem ter pouco cuidado com a aparência e o corpo, devido à própria condição financeira, as prostitutas de alta renda se referem constantemente à necessidade de cuidados com a estética nesta profissão. A constituição da identidade da profissional de baixa e alta renda se dá de formas diferentes, em virtude da própria liberdade de escolha. E esta escolha gera uma visão diferente do eu. A de baixa renda é de uma mulher vítima da sociedade, enquanto a de alta renda, é de uma mulher que optou por uma profissão que lhe proporcionasse um retorno financeiro mais rápido e muito mais rentável, para possuir sua auto-suficiência.

Ana Maria do Nascimento; Betina Felicitas Ficker Latuf; Leandro Barana; Silvana Aparecido Okino Paiva; Neilas Santos Costa; Marcos Roberto Vieira Garcia.

Universidade Paulista – Sorocaba.



A difusão da visão biológica dos transtornos mentais na imprensa escrita brasileira nos anos 80 e 90.

Esta investigação faz parte do projeto "A construção do campo psiquiátrico contemporâneo: a psiquiatria biológica". Tem como objetivo examinar os artigos e reportagens publicados na revista VEJA sobre as ciências do cérebro e/ou da mente durante os anos 80 e 90. A revista Veja foi escolhida por se tratar de um veículo de circulação nacional, com tiragem expressiva e forte penetração entre as camadas médias letradas e já em circulação no início dos anos 80, sem mudanças importantes na sua linha editorial. Nosso objetivo foi acompanhar a transformação que vem se verificando no campo psiquiátrico, que, desde os anos 80, se inclina progressivamente em direção à interpretação biológica dos transtornos mentais (a chamada "psiquiatria biológica"), apoiada pelas pesquisas sobre o funcionamento cerebral, reunidas sob a rubrica da "neurociência". O estudo de reportagens e matérias veiculadas pela grande imprensa visa perceber o modo como essa transformação é difundida para o público leigo. Para tal foram levantadas e fichadas matérias publicadas que tratassem do assunto. Os temas das matérias foram classificados segundo as seguintes categorias: cérebro (subcategorias: inteligência, doença e medicamento); inteligência; genética (subcategoria: inteligência); doença (subcategorias: novas categorias diagnósticas e medicamento); medicamento e neurotransmissores. Foi realizada ainda uma análise do conteúdo das matérias classificadas nas diferentes categorias visando perceber: A) que periódicos científicos foram utilizados como fonte; B) citação do nome de instituições universitárias ou de pesquisa e de professores ou pesquisadores; C) o modo como são apresentados os transtornos psiquiátricos, referências a possíveis etiologias e tratamentos propostos; D) o modo como as descobertas das neurociências são apresentadas, associação entre determinados comportamentos e o funcionamento cerebral.

Jane A. Russo; Bruno D. Zilli; Fabiana A. Rocha.

Instituto de Medicina Social; Universidade do Estado do Rio de Janeiro.



A dinâmica dos Núcleos de Atenção Psicossocial de Natal- RN.

O modelo de atenção à saúde mental brasileira sofre significativas alterações em face ao esgotamento do modelo manicomial, sobretudo a partir das duas últimas décadas. Este período é marcado por lutas de dimensões políticas, sociais e científicas na busca de construir um novo lugar social para a loucura, que era caracterizada por uma forma de tratamento que aviltava a cidadania dos portadores de transtornos mentais. Este movimento, conhecido como Reforma Psiquiátrica, possui no município de Santos um marco na concretização de uma política antimanicomial na atenção à saúde mental em esfera nacional. Os serviços de atenção diária aos portadores de sofrimento psíquico, herdeiros da experiência santista, passaram de 03 a 300 no período compreendido entre os anos de 1990 e 2001. É neste contexto, que são criados em Natal, Rio Grande do Norte, os Núcleos de Atenção Psicossocial (NAPS-Leste em 1994 e NAPS-Oeste em 1995), estratégias municipais para efetivação da lei Paulo Delgado Nº 10.216 que prevê a gradativa extinção dos hospitais psiquiátricos. O objetivo deste trabalho é descrever e analisar o funcionamento e o perfil de usuários dos NAPS de Natal. Para tanto, utilizou-se análise documental (relatórios anuais, prontuários, livros de registros, livros de triagem) e entrevistas semi-estruturadas com os profissionais dessas instituições. O NAPS-Oeste conta atualmente com 17 profissionais de saúde mental e o NAPS-Leste com 21. O funcionamento se dá de segunda à sexta, com diversas formas de atendimento, tais como assembleias quinzenais com os usuários, atendimentos médicos, oficinas de culinária, música, teatro, dança, grupos terapêuticos e trabalhos manuais. Foram pesquisados 109 usuários que constituem a totalidade dos que estavam nos serviços no ano de 2001, dentre os quais 34% permanecem no serviço desde a sua estruturação (os dois primeiros anos). Os gêneros se distribuem em 54% masculino e 46% feminino, a faixa etária de maior concentração é de 31 a 40 anos (50%) seguida de 18 a 30 (25%). Os Distritos Sanitários de origem predominantes são o Oeste (40%) e Leste com 24%. Quanto à natureza do encaminhamento, um empate de 41% entre usuários que foram referenciados pelo setor público e a demanda espontânea. As internações em hospitais psiquiátricos antes da utilização do serviço são de 50% para faixa de 1 a 5 internações, seguida de 24% para nenhuma. Já as internações durante a utilização do serviço em grande maioria foram de nenhuma (82%). A distribuição diagnóstica possui maioria de 71% em esquizofrenia. Os NAPS ainda contam com uma lista de espera de 48 usuários, que corresponde a 44% do total de usuários atendidos pelo serviço no ano de 2001. Constatou-se, inicialmente, que as referidas instituições vêm atingindo seus objetivos no que diz respeito à significativa diminuição da necessidade da internação psiquiátrica, no entanto, merece destaque o período de permanência de usuários nos serviços, pois nos alerta para a possibilidade dos NAPS estarem se constituindo numa atenção exclusiva e possivelmente cronicadora. A falta de articulação da rede de saúde mental e a necessidade de ampliação dos serviços substitutivos são aspectos discutidos neste trabalho.

Alex Reinecke de Alverga; Cândida Maria Bezerra Dantas; Denis Barros de Carvalho; Flávia ; Ilana Lemos de Paiva; Ludmila Freire Costa; Oswaldo Hajime Yamamoto.

Universidade Federal do Rio Grande do Norte- UFRN.



A empatia na formação da estudante de psicologia: temperando a relação no atendimento psicológico.

O presente estudo teve como objetivo compreender o significado da empatia para o estudante de psicologia e seu papel nos atendimentos psicológicos. Abrangendo as condições pessoais de empatia do estudante de psicologia, visou também colher subsídios para a apresentação de alternativas de trabalhos centrados na empatia ao longo do curso de graduação. Foram entrevistadas quatro estudantes do curso de graduação em psicologia, na faixa etária entre 25 e 40 anos. Os dados foram analisados sob uma perspectiva qualitativa e utilizando o método fenomenológico, a partir dos passos propostos por Giorgi (2001). Os resultados indicam que a capacidade de empatia é de suma importância para o efetivo alcance dos objetivos dos atendimentos realizados na área psicológica. Em relação às questões que nortearam este trabalho, o ser psicólogo foi expresso tanto a partir do papel de terapeuta, capaz de compreender e ser continente quanto como uma forma de atendimento das necessidades do próprio aluno. Ficou destacada, também, a estreita relação da vida pessoal do estudante com a opção pela psicologia. Assim, a história pessoal do indivíduo em seus relacionamentos primários determinaria, em maior ou menor grau, a sua capacidade de empatia com o outro. Entretanto, mesmo destacado este aspecto, a empatia aparece como um atributo passível de ser estimulado e exercitado num processo continuado de treinamento ao longo do curso de formação.

Suzana Curi Jorge.

Universidade da Região da Campanha.



A empresa de autogestão: uma visão psicossocial.

A crise no emprego assalariado (Forrester, 1997; Santos, 1999, 2000; Castel, 1998) proporciona a busca de alternativas para enfrentá-la. A empresa de autogestão ressurgiu como uma das possíveis respostas (Singer, 1999, 2000). Muitos desses empreendimentos têm surgido no Brasil principalmente em empresas falidas e que são assumidas por seus antigos trabalhadores. Esta pesquisa tem por objetivo entender como esses trabalhadores, formados e constituídos historicamente em uma sociedade liberal e com uma subjetividade cooptada, enfrentaram novas formas de trabalho e conseqüentemente de relações sociais em uma empresa de autogestão. A pesquisa foi realizada em um frigorífico, localizado na região Norte do Paraná, que foi assumido e é administrado pelos antigos trabalhadores. Os instrumentos de coleta de dados utilizados foram: visitas, observações, conversas informais, entrevistas semi-estruturadas, dados de institutos de pesquisas econômicas e documentos da empresa. Foram elaboradas três categorias de análise: formação da cooperativa, trabalho tradicional versus autogestão e impactos sobre os trabalhadores e a comunidade. O que se verificou foi a permanência de vários princípios da organização científica e burocrática do trabalho, tais como: separação entre planejamento e execução, formas de controle, organização da forma de trabalho, delegação de responsabilidades ao dirigente, dentre outros. Foram observadas também alterações na relação com o trabalho como um maior controle sobre o tempo, no papel da chefia, no processo de demissão, na introdução do riso e de brincadeiras no local de trabalho. Consideramos como fatores impeditivos para o desenvolvimento de novas formas sociais no trabalho o baixo nível de educação formal, profissional e social dos trabalhadores, como também a ausência de espaços para discussão sobre o trabalho em condições de autogestão. Concluímos que novas formas de subjetividade surgirão, à medida que esses trabalhadores experimentarem novas formas de relações sociais. Experiências de novas formas de trabalho devem ser acompanhadas com interesse, pois caso superem as contradições, poderão vir a ser um possível espaço de constituição de subjetividades não só individuais, mas também coletivas. Caso não as superem, podem evidenciar a força de cooptação do indivíduo no modo de produção capitalista e irão reproduzir formas já instituídas e naturalizadas de relações sociais e, portanto de subjetividades individualistas.

LIBONI, Maria Therezinha Loddj; PEREIRA, Magali Cecili S.

Universidade Estadual de Londrina.



A enfermidade como metáfora: contribuições da história das doenças à ciência e prática psicológica.

A ciência psicológica trouxe grandes contribuições para a compreensão do processo saúde-doença, na medida em que revelou a influência dos aspectos subjetivos na produção e manutenção das enfermidades. No entanto, a ênfase no papel do sujeito na experiência do adoecer muitas vezes restringe a visão do psicólogo, desconsiderando uma outra dimensão relevante: a doença como fenômeno sócio-histórico. Os estudos em história das doenças se propõem a investigar a relação entre as enfermidades e os fatores políticos, econômicos, culturais e sociais, procurando demonstrar como as doenças influenciam e são influenciadas pelo contexto no qual estão inseridas. Este trabalho, de cunho historiográfico, aborda a relação doença-sociedade através das representações sociais da doença. Os objetivos desse trabalho são: (1) investigar como determinadas épocas e sociedades produzem certas metáforas (representações sociais) em torno das doenças; (2) apontar a possibilidade de manipulação política dos significados – a doença passa a adjetivar; (3) refletir sobre a implicação desse processo na prática dos psicólogos. Essas questões foram analisadas através da discussão da literatura atual de história das doenças. Nesse sentido dividimos os trabalhos nas seguintes partes: a construção social da doença, exploração da relação entre as epidemias épocas e culturas, análise de duas doenças de alto impacto na atualidade: o câncer e a Aids, as conseqüências funestas de uma metáfora negativa da doença na recuperação do enfermo. A partir dessas reflexões, esse trabalho demonstra como a sociedade influencia a estigmatização de determinadas doenças e o impacto no tratamento de seus portadores.

Fernanda Martins Pereira; Paula Barros Dias.

História das Ciências da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz.



A Equipe Interdisciplinar do Programa de Equoterapia da Universidade Católica Dom Bosco – PROEQUO-UCDB.

Equoterapia é um “método terapêutico que utiliza o cavalo, as técnicas de equitação e as práticas eqüestres, dentro de uma abordagem interdisciplinar nas áreas de equitação, saúde, educação, buscando a reabilitação e/ou desenvolvimento biopsicossocial de pessoas portadoras de deficiência”, de acordo com o conceito elaborado durante o “I Seminário Multidisciplinar sobre Equoterapia” organizado pela ANDE-BRASIL. O programa de Equoterapia da Universidade Católica Dom Bosco – PROEQUO/UCDB, situado na área de pesquisa avançada da UCDB, Instituto São Vicente, foi criado no ano de 1999. A equipe é composta por dois Psicólogos, sendo que um deles acumula o cargo de Psicóloga e Instrutora de Equitação, um Fisioterapeuta e um Terapeuta Ocupacional. Visa o tratamento de pessoas portadoras de necessidades especiais e/ou deficiências, e atende as Instituições ligadas ao atendimento desta clientela em Campo Grande – MS, além de pacientes da Clínica da UCDB. Oferece ainda oportunidade de estágio aos acadêmicos dos cursos de Psicologia, Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional. A pesquisa “A Equipe Interdisciplinar do Programa de Equoterapia da Universidade Católica Dom Bosco PROEQUO-UCDB” teve início no mês de agosto/00 à agosto/01, identificando o tipo de intervenção, utilizada por cada um dos profissionais do programa nas sessões de Equoterapia, no que se refere à verbalização e exercícios de estimulação. Participaram como sujeitos desta pesquisa um Psicólogo, um Terapeuta Ocupacional e um Fisioterapeuta que atuavam no Programa. Buscávamos através deste trabalho, a definição da atuação destes profissionais dentro da equipe do PROEQUO-UCDB e para tanto foram realizadas observações, entrevistas e aplicação de um questionário de análise e descrição de cargos (Chiavenato, 1989), que visa efetuar uma descrição das tarefas realizadas por cada profissional e analisar os pré-requisitos que o cargo impõe ao seu ocupante. Para uma melhor adequação a realidade das equipes equoterápicas, algumas alterações foram realizadas. A análise dos resultados possibilitou a descrição das atribuições de cada profissional e a constatação de que a atuação destes está de acordo com o que é preconizado pela Associação Nacional de Equoterapia ANDE-BRASIL e a bibliografia consultada, fato este que contribui para a qualidade e credibilidade deste centro de Equoterapia.

Freire, H. B. G.; Hopka, M. G.; Sorares J., R.

Programa de Equoterapia da Universidade Católica Dom Bosco / PROEQUO-UCDB Campo Grande/MS.



A escola como agente de exclusão sob o ponto de vista do contexto sócio-cultural.

A história do indivíduo se inicia com a história do saber, da aprendizagem: aprender o nome, aprender o seu lugar na família, aprender os códigos do seu meio familiar e cultural, aprender as diversas formas de representação, aprender os significados, objetivos, aprender quem é e o lugar que ocupa no mundo. Bourdier (apud Swartz, 1997) afirma que as oportunidades educacionais dos menos favorecidos, não são iguais aos das camadas sociais dos mais favorecidos. A educação serve mais para manter a desigualdade social do que para reduzi-la. Confirmamos essa idéia, através de uma análise psicopedagógica com alunos de 7 a 15 anos da rede oficial de ensino, encaminhados para o atendimento de psicologia escolar, procurando assim identificar os problemas de aprendizagem, cuja queixa é “não consegue aprender”. As atividades desenvolvidas foram: entrevistas com os professores, com os pais, análise do material escolar e grupo de atendimento com as crianças e foram definitivas para observar a grande distância entre o convívio ideal e a situação real das relações entre: escola, aluno e família. Pudemos constatar que nos dias atuais e, especialmente nas grandes cidades, diversos motivos podem contribuir para a baixa frequência de pais às reuniões: falta de recursos financeiros para simples deslocamentos, famílias desestruturadas; pais empregados de empresas que não permitem a ausência de seus funcionários chamados a acompanharem reuniões escolares ou destinadas a resolver problemas de seus filhos e, até mesmo, pais e responsáveis que entregam seus filhos aos cuidados de terceiros, próximos ou distantes, fugindo de suas responsabilidades. Observamos que os professores por sua vez, demonstram acomodações aos métodos tradicionais de ensino, em que os conteúdos estabelecidos afastam-se do cotidiano. Há uma ausência de reflexões sobre a própria atuação, que os impedem a buscar novas práticas. Os recursos materiais utilizados limitam-se à lousa e giz, tornando o ambiente educacional desestimulante. Constatamos que os alunos possuem os processos básicos necessários para a alfabetização como, memorização, atenção e concentração e, ao serem estimulados, respondem adequadamente. É imprescindível acentuar que os mesmos, demonstram o “desejo em aprender”. O processo de aprendizagem está vinculado à uma troca afetiva e, notamos que no contexto escolar há pouco envolvimento afetivo na relação professor-aluno. A relação estabelecida com a figura do educador é frágil e, mesmo com as dificuldades suscitadas pelo processo de aprendizagem, o aluno busca afeto e atenção do mesmo. Como não corresponde a imagem do aluno ideal, fica relegado ao segundo plano. Desta forma, a sala de aula fica geograficamente dividida entre os que sabem e os que não sabem, sentindo-se estes últimos, rejeitados por não corresponderem ao desejado, desencadeando baixa tolerância à frustração, agressividade e destrutividade. Desta forma, foi possível compreender que o fracasso escolar não é apenas responsabilidade do aluno, mas a somatória de vários fatores que envolvem pais e professores. Isso nos leva a considerar a importância em realizar um processo de conscientização com estes, conforme afirma Paulo Freire (1997), a Educação Libertadora propõe que os educandos se tornem críticos e questionadores face ao sistema educacional opressor vigente.

Campos, M. T.; Aquino, R. R.; Passos, A. J.; Veras, I. C.; Dias, V. S. B.; Ayosa, C.

Universidade Cruzeiro do Sul – UNICSUL.



A escola como espaço simbólico das representações sociais: o cultural, o político e o social em uma escola pública em Belém do Pará.

O objeto de estudo do presente trabalho é a escola como espaço simbólico das representações sociais. Analisa a situação educacional em Belém (PA), no período de 1985-1996, na perspectiva de um mundo em transição. Compreende a escola como um campo institucional, representado pelo espaço multidimensional de posições presente nos elementos do cotidiano como a aceitação da vida, a duplicidade, a astúcia, o silêncio e a solidariedade. Essa rede de relações sociais pode ser entendida pela simbologia contida no cultural, no político e no social penumbrada pelos modelos político e simbólico, expresso na cultura escolar externa (zona da invisibilidade: valores, crenças e ideologias) e cultura escolar interna (zona da visibilidade: manifestações verbais, simbólicas e comportamentais). Essas tramas de relações sociais tendem a explicitar os processos de produção da competência (aprovação) e exclusão escolar (reprovação, repetência e evasão). Analisa com base nas vozes dos educadores, dos alunos, das mães de alunos e das lideranças e participantes dos movimentos sociais, sindicais e partidários o jogo das forças sociais que definiram as políticas sociais e educacionais estatais. Observa que as bandeiras de lutas gerais de um mundo em transição também afetaram ou modificaram as formas de gestão do espaço escolar e as metodologias de ensino, presentes no estatuto do sistema simbólico da escola. Este representado pelas entrevistas, planos, projetos, programas e documentos que revelam condições estruturais, sistemas de valores, normas e símbolos, próprios dos grupos sociais em suas multidimensionalidades de relações sociais, expressas no cultural, no político e no social, em razão do currículo escolar. As entrevistas apontam para uma posição dos alunos em relação ao currículo escolar demonstrando como pode ser revertida à lógica da exclusão e aprimorada a lógica da competência, entendidas no sentido da qualidade do ensino escolar. Essa forma de entendimento do currículo escolar também está representada nos muros da escola. Essas imagens pintadas pelos alunos possibilitam vários tipos de interpretações e, entre essas, uma pode ser atribuída à representação da redefinição do currículo escolar, entendida como a cartografia social dos alunos em relação à escola. Uma leitura dessas imagens com base na tonalidade das cores e seus significados pode ser traduzida em esperança, apesar da violência e morte no cotidiano, os homens e mulheres singram os mares em busca dos caminhos da beleza, da espiritualidade e da paz, própria do mundo em transição. Essas imagens no conjunto dos quadros apresentam serenidade, tranquilidade e crença no futuro das gentes. As gentes das crianças e adolescentes estão presentes em suas imagens do cotidiano refletindo suas crenças, valores e ideologias. Essas gentes sempre encontram seus rumos, portanto não existe um mundo sem gentes para essas crianças e adolescentes, será que existe uma ausência de gentes no currículo escolar?

Maria Marize Duarte.

Universidade do Estado do Pará – UEPA.



A escola no processo de inclusão social de meninos e meninas em situação de rua.

O presente trabalho pretende tecer reflexões sobre o papel da escola como agente de inclusão social e pessoal para meninos e meninas em situação de rua. Para tanto, privilegiou-se duas abordagens: a Teoria Psicogenética de Henri Wallon, que aponta para a importância dos aspectos afetivos e motores no desenvolvimento e a referência psicodramática na qual a criatividade é compreendida como a expressão da espontaneidade do sujeito. Foram acompanhadas três meninas moradoras de rua em seu percurso de inserção na escola regular onde foram observadas as dificuldades desse processo. A escola possibilita o contato social com o reconhecimento do indivíduo na sua singularidade, a identificação com as regras do grupo e a apropriação dos elementos da cultura. Entretanto, o contexto escolar privilegia muitas vezes os aspectos cognitivos de seus alunos em detrimento dos aspectos motores e afetivos. Esta situação ficou bastante evidenciada no percurso de T., A, e P., quando mesmo morando na rua, buscaram na escola uma possibilidade de inclusão social e pessoal. Na rua, diferente da escola, o corpo e a motricidade possuem um papel importante na expressão da afetividade. Nesse contexto, pode-se destacar que o professor se sente despreparado para lidar com a afetividade e com a motricidade dos alunos com os quais trabalha. Sendo o espaço escolar apoiado nos aspectos cognitivo e de linguagem, ao negligenciar o corpo e a emoção, ela se torna um espaço inócuo e ineficiente no seu projeto de inclusão social, levando à diminuição de respostas criativas tanto do professor quanto do aluno. Desse modo, enfatiza-se a importância de qualificar as questões afetivas e motoras na escola, uma vez que esses elementos impulsionam a expressão espontânea de respostas criativas como um instrumento que pode romper com o círculo perverso da exclusão.

Juliana Castro Benício de Carvalho; Katia Cristina Taruquella Brasil.

Universidade Católica de Brasília.



A especificidade da atuação do Psicólogo Judiciário junto aos adolescentes em conflito com a lei.

A especificidade da atuação do Psicólogo-Judiciário nas Varas especiais da Infância e Juventude decorre do fato de sua clientela limitar-se exclusivamente aos adolescentes em conflito com a Lei. Essas Varas, situadas na Capital de São Paulo, são responsáveis pelo andamento da quase totalidade dos Processos do Estado. O trabalho do Psicólogo dá-se por determinação judicial e compreende avaliação desses adolescentes, inspeções à Febem e, ainda, esforços permanentes na formalização de articulações junto à comunidade e suas Instituições, governamentais e não-governamentais. A avaliação baseia-se em entrevistas que permitem estabelecer um amplo diagnóstico situacional, bem como de personalidade do sujeito, da qual podem decorrer intervenções variadas: orientações, encaminhamentos técnicos, contatos interinstitucionais, etc. As inspeções à Febem visam fornecer subsídios técnicos para o exercício da função correcedora do Magistrado. As articulações junto à comunidade objetivam a constituição de uma rede intersetorial que propicie a reinserção sócio-familiar da clientela. Nascida de uma necessidade de ampliar o conhecimento e, assim, particularizar o adolescente em conflito com a Lei no Estado de São Paulo, elaborou-se uma planilha para coleta de dados. A amostra compreende todos os adolescentes atendidos no período de abril a junho de 2001, totalizando 286 casos. Os resultados revelam que: 96% são do sexo masculino; 66% encontravam-se em evasão escolar no momento da infração; 74% já haviam feito uso de drogas; 58% dos atos infracionais correspondem a roubo e 85% são reincidentes em práticas anti-sociais. Esses dados, entre outros, permitem uma análise dos elementos que estão predominantemente associados ao contexto infracional. Entretanto, a especificidade da população atendida não interfere na escuta clínica e suas intervenções. Se existe uma particularidade da atuação do Psicólogo-Judiciário, esta se dá em outro âmbito. Seu trabalho é necessariamente condicionado a uma determinação judicial, por isso há uma questão que se impõe de forma recorrente: o uso que a Instância Superior de Poder pode fazer a partir do campo de conhecimento da Psicologia.

Capela, Simone R.; Fonseca, Patrícia; Machado, Tânia; Brandão-Cipolla, Antonia; Costantini, Maria; Kadri, Ahmad El; Melo, Mônica; Lorieri, Amarili; Silva, Olga C.; Withaker, Christiane.



A Estabilização da Psicose a partir do Trabalho Criativo.

Este trabalho tem por objetivo relatar a experiência de tratamento de psicóticos no Hospital Universitário Lauro Wanderley – UFPB, realizando atendimento em grupo sob a forma de oficinas terapêuticas, onde são utilizados diversos meios de expressões criativas da arte (desenho, pintura, argila, etc.). Segundo Alvarenga (1996) o trabalho criativo pode ter efeitos apaziguadores para um sujeito, a medida que tem um efeito de condensação, depósito e separação de um gozo, que só se dá porque tal atividade acontece sobre um fundo de linguagem, onde a fala está potencialmente presente. As oficinas terapêuticas são realizadas semanalmente e em caráter semi-aberto, participam pacientes com quadro de psicoses ou transtornos graves, oriundos da comunidade de baixa renda e encaminhados por instituições hospitalares e clínicas psiquiátricas. Ao final da atividade é incentivado aos participantes que verbalizem sobre suas criações. Nessa perspectiva, corrobora-se com Alvarenga (1996) que afirma que mesmo que o sujeito não tenha nada a dizer sobre o objeto produzido, algo foi posto em movimento, isso decorre pelo fato de que o trabalho é endereçado a alguém, neste caso, se o analista ou o destinatário da atividade criativa do sujeito psicótico receber ativamente o que lhe é endereçado, estará fazendo falar o sujeito, embora não necessariamente sobre o que foi criado. Observa-se que com o desenvolvimento das oficinas houve uma significativa estabilização no quadro psicótico dos pacientes atendidos. O trabalho com as oficinas tem efeitos na clínica das psicoses, porém torna-se imprescindível que se veja a singularidade de cada caso, pois para cada psicótico a atividade criativa terá uma função, de acordo com seu modo de operar.

Margarida Maria Elia Assad; Cleide Pereira Monteiro; , Alzira Edjane da Nóbrega Xavier; João Mendes de Lima Júnior; Lucione Andriola de Aquino; Maíza Ferreira Rodrigues; Ubiratan Pereira de Oliveira.



A exclusão e o preconceito frente à questão corporal.

A sociedade atual vem cultivando um modelo de corpo “perfeito”, porém, existe uma minoria da sociedade que não tem como atingir este padrão, pois tiveram seu corpo estigmatizado por algum tipo de deficiência física, e por isso, são excluídos do meio social. O presente trabalho tem por objetivo discutir a exclusão do deficiente físico, enquanto aquele que não atende ao modelo corporal proposto pela sociedade e como isto se reflete em sua subjetividade. Nesta pesquisa do tipo exploratória, a obtenção dos dados foi através de entrevistas abertas com 10 sujeitos, integrantes de uma associação de deficientes físicos da cidade de Blumenau/SC. O estudo demonstra que esse padrão de beleza corporal que é demandado pela nossa sociedade, ao qual os sujeitos portadores de deficiência física não podem atender, somado ao preconceito que as ditas “pessoas normais” tem em relação aos mesmos, gera grande sofrimento psíquico e sentimentos de exclusão social, resultando em atitudes de encobrimento da sua identidade. Além disso, a falta de espaços físicos e materiais adequados, necessários para a inclusão social, trás para a vida cotidiana destes sujeitos sentimentos de insegurança, frente ao olhar do outro. Desta forma, sugere-se que os psicólogos devem procurar investir na estruturação do sujeito, para que ele possa buscar novas possibilidades de colocar-se frente à sociedade.

GESSER, Marivete; BROGNOLI, Felipe Faria; GRANDO, José Carlos.

FURB – Fundação Universidade Regional de Blumenau.



“A experiência criativa no processo de desenvolvimento humano”.

A pesquisa foca a observação de um grupo de alunos em ambiente acadêmico que trabalha fundamentalmente com técnicas de improvisação em dança. essa disciplina se insere no contexto de algumas correntes de abordagem corporal conhecido como “educação somática”. Os métodos utilizados para obtenção de dados foram: a observação natural e entrevistas. a partir do material de pesquisa de campo, algumas questões me instigaram o interesse para discussão sob a ótica do pensamento do psicanalista d.w.winnicott. desenvolvi uma delas, que é a análise da postura do educador somático em relação à posição do analista. concluo, através dos dados das observações e entrevistas e da comparação/discussão com um fragmento da teoria do autor acima citado, que o esclarecimento de aspectos do desenvolvimento maturacional humano pode ser de grande valia para a relação professor/aluno, no sentido de ampliar as possibilidades de se criar um ambiente fértil para a emergência do gesto criativo.

Renata C. Franco; Luzianne Z. Avellar.

UNIP.



A experiência de supervisão de hospitais em um Programa de Humanização.

O Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar foi criado no ano de 1999, pela Secretaria da Assistência à Saúde do Ministério da Saúde. No ano de 2001, as Secretarias de Estados e Municípios ficaram encarregadas da multiplicação do Programa. Em São Paulo, a centralização das atividades ficou a cargo da Coordenação dos Institutos de Pesquisa. O Grupo Técnico (cinco profissionais, sendo um médico psiquiatra, um médico com formação em grupos operativos e três psicólogos) passou a trabalhar com representantes dos hospitais (dois por hospital), ministrando aulas teóricas e realizando supervisões em pequenos grupos, em encontros mensais, iniciados em fevereiro. O objetivo primordial da supervisão é o suporte para a formação do Grupo de Trabalho em Humanização (ou Comissão de Humanização), a ser implantado em cada hospital. As atividades previstas para esse Grupo de Trabalho são: estabelecer fluxo de propostas entre os vários setores do hospital; estimular iniciativas de humanização; constituir-se como instrumento de integração; propiciar a melhoria das relações institucionais. O Grupo deve, preferencialmente, ser constituído por pessoas motivadas e interessadas; deve ter, na medida do possível, representantes das várias categorias profissionais existentes no hospital. O grupo de supervisão sob responsabilidade da autora (10 pessoas) passou, inicialmente, por atividades que visavam a formação de continência grupal. Numa segunda fase, teve início a troca de experiências entre as várias duplas representantes dos hospitais. Como o processo de Humanização é singular para cada instituição, não havia um modelo pronto a ser oferecido pela coordenação; assim, a troca de experiências e o “pensar em conjunto” foram elementos importantes para o fortalecimento do grupo. As diferenças no processo de cada hospital foram devidas a: maior ou menor apoio da direção do hospital; maior ou menor acesso à direção por parte dos representantes. Houve facilidade de implantar iniciativas pontuais da Humanização (palestras, teatro, brinquedoteca, projeto mãe-canguru, etc.); já um processo institucional com um trabalho das relações interpessoais foi mais difícil de ser iniciado, devido às resistências à mudança, comuns em tentativas dessa natureza. Atividades incipientes de “cuidado ao cuidador” (vertente importante no processo de Humanização) surgiram em alguns hospitais. Leituras de textos sobre o tema facilitaram as discussões. Conclui-se que o processo de Humanização é lento, sujeito a determinações de ordem variada, é singular para cada instituição e necessita de estímulo constante para que os responsáveis não desanimem com as dificuldades que surgem no processo.

Maria Cezira Fantini Nogueira Martins.

Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo.



A Experiência De Três Anos Do Projeto “Problemas Conjugais: Atendimento Em Psicoterapia Breve.

Este trabalho visa apresentar a experiência de três anos do Projeto “Problemas Conjugais: Atendimento Em Psicoterapia Breve” que vem se realizando na Clínica Psicológica do Instituto Sedes Sapientiae desde junho de 1999, com a participação de 12 psicoterapeutas, um coordenador e um supervisor. O projeto tem como objetivo articular teoria e prática visando aprofundar o conhecimento das relações entre os casais, através da correlação entre os dados de história de vida, escolha conjugal e o conflito atual para a compreensão do sentido da união e/ou separação do casal, e facilitar o entendimento da Psicoterapia Breve de orientação psicanalítica por parte dos profissionais ligados à área. Indivíduos em momento de crise conjugal que procuram por auxílio são recepcionados em plantão psicológico nas modalidades de atendimento individual ou casal por terapeuta especializado em psicoterapia breve, iniciando-se desde o primeiro momento uma escuta analítica e intervenção psicoterapêutica. A partir da compreensão do conflito conjugal realizado pela tríade terapeuta-casal em quatro sessões iniciais, define-se o foco e o tempo da psicoterapia breve ou encerra-se o processo com outro encaminhamento (psicoterapia tradicional, encerramento). Nesta apresentação iremos caracterizar a estrutura do projeto, a população que procura por este tipo de atendimento e quais as principais queixas e conflitos. O levantamento destes dados nos permite prosseguir na investigação e análise do reflexo das mudanças culturais e sociais nas constituições das identidades e papéis do masculino e feminino na relação conjugal.

João, P. M.; Dantas, M. S.; Hegenberg, M.



A experiência de vulnerabilidade.

Que recursos psíquicos são utilizados para lidar com a questão vida / morte? De que maneira o paciente hospitalar é afetado pela falência de órgãos? Qual o papel da falência institucional nesse processo? Partindo da premissa que a experiência concreta de falência de órgãos e/ou sua representação psíquica trazem mudanças significativas para o sujeito, pretendemos estudar aquelas que ocorrem na esfera psíquica, como o sujeito relaciona essa vivência a toda a sua vida até então, que questões vêm à tona nesse momento, e que caminhos ele percorre para lidar com as mesmas. O adoecer pode representar uma situação potencialmente crítica, na qual uma desorganização biológica pode deflagrar também uma desorganização no plano psíquico. É esse o objeto de nossa investigação. Este trabalho é resultado do atendimento clínico a pacientes internados na área cirúrgica e no Centro de Terapia Intensiva (CTI) de um Hospital Universitário. Entre Março/2001 e Março/2002 foram atendidos 45 pacientes, sendo 3 crianças do sexo masculino, 21 homens e 21 mulheres, representantes das mais diversas faixas etárias. A partir desses atendimentos, analisamos os reflexos que a inesperada falência de órgãos pode trazer para o sujeito no que tange à esfera psíquica. Após a descrição do campo no qual o trabalho foi realizado, desenvolvemos uma articulação teórica entre a concepção psicanalítica referente ao tema da morte e o material clínico resultante dos atendimentos. A abordagem junto aos pacientes foi não-diretiva, investigando as questões que surgiram em seus discursos. A proposta psicanalítica no Hospital Geral visa oferecer uma escuta que permita transformar o espaço discursivo, em forma de monólogo, em um diálogo que venha a ampliar esse discurso. Ressaltamos aqui uma série de dificuldades inerentes ao exercício da psicanálise dentro do Hospital Geral, como a questão do tempo e do setting analítico. Consideramos, ainda, o caráter iatrogênico presente na falência institucional. Observamos, no decorrer deste trabalho, que o tema da morte permanece para o homem como um tabu, mesmo dentro de um hospital, estabelecimento culturalmente 'eleito' no ocidente para ser seu abrigo. Constatamos, também, a importância da precariedade institucional afetando negativamente o psiquismo do paciente internado. Podemos sugerir que a maioria das pessoas não está preparada para lidar com a morte. Para alguns, esse tipo de experiência passa a ser um marco em suas histórias, que os leva a fazer uma retrospectiva de vida e grandes projetos de mudanças no futuro. Outros preferem desconhecer quão perto chegaram da morte, alienando-se ou negando a realidade. Outros, ainda, entram em estado depressivo, não tendo qualquer motivação para a vida que terão que viver posteriormente. Isso nos mostra a força da singularidade do sujeito, ao mesmo tempo em que revela a impossibilidade de se desenvolver qualquer tipo de teoria generalizante quando se trata do psiquismo humano. Entretanto, entendemos que um corpo doente ainda é um corpo que comporta uma subjetividade e, como tal, merece ser ouvido.

Inaiara de Souza Golob.

Universidade Federal Fluminense.



A experiência do Psicólogo Jurídico: desafio de uma identidade profissional nas varas de família.

Para falarmos da experiência do Psicólogo Jurídico na Instituição Judiciária, faz-se necessário abordar um pouco da história desta prática que, no decorrer dos anos, vem tomando uma dimensão ampla nos corredores da justiça, com o objetivo de aperfeiçoar medidas de intervenções no estudo dos casos jurídicos que tramitam junto às varas de família. A Psicologia Jurídica enquanto especialidade da Psicologia que faz interface com o Direito, se depara no âmbito da justiça, com a necessidade de demarcar seu espaço de trabalho com características inerentes à sua formação. Como área em construção, onde não se tem um saber totalmente específico, recorre-se ao saber já construído pela psicologia em suas diferentes especialidades, com vistas a se estabelecer uma aliança de trabalho e uma escuta diferenciada dentro do sistema judiciário. A intervenção dos técnicos que atuam nas varas de família do Tribunal de Justiça de Pernambuco ainda é restrita aos casos mais complexos. Objetiva primeiramente, a conciliação entre os litigantes. Caso não seja alcançada, vem então embasar as sentenças judiciais. É nessa busca de uma identidade profissional reconhecida, que a equipe interdisciplinar torna-se hoje imprescindível nos casos de família, e juntos, Psicólogos, Advogados e Juizes, reconhecem a necessidade de uma união conjunta, uma vez que o objeto de estudo é o ser humano parte do conflito de relações. O sujeito que emerge deste conflito é uma pessoa singular, que vivencia o sentimento de perda e não admite ceder em função do outro ou de si mesmo. É este indivíduo com dificuldades, que faz parte da ação judicial para estudo e avaliação pelo Psicólogo Jurídico. São nessas situações de complexidade subjetiva que o Psicólogo é indicado pelo juiz para funcionar no processo e se constitui como elemento intermediador, no qual o magistrado se apoia para uma solução das ações que tramitam na justiça. Através de um saber específico de prática clínica e jurídica, intervimos no sentido de atenuar os ânimos das partes, levando-as a buscar um convívio salutar em função deles e dos filhos. Não é uma intervenção fácil, afinal, cabe-nos trabalhar com aspectos subjetivos do indivíduo, que numa situação real de litígio, se fragmenta vindo à tona sentimentos e vivências individuais. O estudo psicológico consiste na apresentação ao juiz de um fundamentado relatório, com parecer, que irá se constituir em peça processual. Nele, estão resumidas as informações coletadas nas entrevistas com cada um dos envolvidos, além de visitas domiciliares e institucionais. Falamos hoje de uma intervenção diferenciada e desafiadora. Surge então a necessidade de estamos atentos para incluirmos mudanças e novas estratégias nas intervenções que realizamos na instituição judiciária, conscientes sempre, que a compreensão do fato/fenômeno, se faça a partir de uma análise de todo o contexto, tendo como núcleo o indivíduo. A experiência que fica enquanto Psicólogos Jurídicos, é a possibilidade de aperfeiçoar a cada dia o modo de pensar o outro como sujeito de direito dentro desta nova especificidade.

Carmésia Virginia Mesquita e Silva; Djanira Maria Carneiro Jordão de Vasconcelos; Francisca Sampaio Magalhães.

Centro Psicossocial do Tribunal de Justiça do Estado de Pernambuco.



A Experiência infantil: uma contribuição ao estudo da Interação Mãe Criança.

Introdução. A trajetória infantil, rumo a autonomia, consiste na passagem do estado de dependência absoluta para a independência. Os cuidados iniciais formam a condição essencial para atingir este estágio. Uma criança precisa sentir que é objeto de prazer e de orgulho para a sua mãe, ou de quem desempenha seu papel, assim como uma mãe precisa sentir uma expansão de sua própria personalidade na personalidade de seu filho. Este prazer só será obtido se o relacionamento for contínuo. O foco deste estudo é localizar na história de crianças, encaminhadas ao atendimento psicológico, eventos que, independente das condições do ambiente e da atitude materna, configuram experiências que se interpõem na interação da díade. **Objetivos.** Avaliar efeitos da experiência de privação afetiva, expressos nos sintomas clínicos; analisar a descontinuidade interativa, e a qualidade da atenção recebida, seja na fase inicial da vida infantil, seja posteriormente. Dar maior precisão à avaliação clínica da perturbação da interação parental, revisando categorias como carência afetiva, rejeição e superproteção materna cujo sentido se perdeu através da apropriação indiscriminada da teoria. **Metodologia:** Através do método da reconstrução da história de vida, mapeamos oportunidades da criança para estabelecer ligação com a figura materna; prolongadas e repetidas rupturas de vínculos; experiência de privação por um período de 3 a 6 meses nos 3 ou 4 primeiros anos, e ocorrência de mudanças de figura materna no mesmo período. **Procedimentos.** O protocolo de avaliação da interação parental obedece a um roteiro segundo a dimensão familiar, social e econômica da criança. Contempla dados relacionados aos fatores que desencadeiam os sintomas: concepção, gestação, interação, doenças psicossomáticas, etc. **Avaliação e Interpretação parcial:** A avaliação é qualitativa e as informações recebem tratamento interpretativo. Quanto à experiência de ruptura de vínculo, dos 20 casos estudados, apenas 2 meninas foram adotadas; 4 meninos experimentaram negligência materna; 6 crianças foram educadas por parentes; uma menina e um menino permaneceram na instituição. Os 8 restantes, pertencem à famílias intactas e tiveram prejuízo na qualidade da interação. As queixas referem-se a agitação e inquietude, agressividade, distúrbio da alimentação, baixa auto estima, doenças somáticas e sintomas associados.

MAZER, Sheila Maria; SCHUT, Tannie; RESENDE, Vera da Rocha.

UNESP.



A explicação do bem-estar subjetivo a partir das prioridades valorativas.

RESUMO: Os estudos sobre o Bem-estar subjetivo têm tido uma peculiar importância dentro da Psicologia na última década. Estudos recentes sobre este construto têm demonstrado que não são apenas as condições sócio-demográficas que definem a sensação de bem-estar das pessoas, e sim a conjunção das condições com os processos internos ao indivíduo, já que estes ajudam a determinar como os eventos externos são percebidos, refletindo na sua avaliação geral do Bem-estar (Diener & cols., 1999; Kasser & Ryan, 1993). O Bem-estar subjetivo pode ser definido como um funcionamento e uma experiência psicológica adequados, não se tratando unicamente de ausência de doença mental, mas sim de um estado de satisfação consigo mesmo e com o ambiente circundante (Ryan & Deci, 2001). O Bem-estar deve ser compreendido como um fenômeno multidimensional, necessitando considerar diferentes tipos de medidas para sua avaliação como, por exemplo, satisfação com a vida, vitalidade, saúde mental e afetos positivos e negativos. Os Valores humanos, enquanto atributos psicossociais, pouco têm sido explorados como uma possível explicação do Bem-estar subjetivo, podendo ser definidos como uma meta trans-situacional desejável, variando em importância, que serve como princípio-guia na vida de uma pessoa ou outra entidade social. Os Valores parecem estar vinculados direta ou indiretamente a aspectos variados do comportamento humano e como categorias de orientação são importantes no momento de se tentar explicar os diversos fenômenos sociais. Diante do exposto, este trabalho teve como objetivo conhecer em que medida os Valores humanos explicam o Bem-estar subjetivo experimentado pelas pessoas. Participaram do estudo 306 pessoas da população geral com idades variando de 18 a 84 anos ($M = 34,2$, $DP = 13,8$). Estes responderam ao Questionário de Valores Humanos Básicos, Escala de Satisfação com a Vida, Escala de Vitalidade, Questionário de Saúde Geral, Escala de Afetos Positivos e Negativos e Dados Sócio-demográficos. Utilizou-se um procedimento padrão e as análises estatísticas foram realizadas no programa estatístico SPSSWIN 10.0. Realizou-se uma análise dos componentes principais das medidas que representam o Bem-estar subjetivo, fixando a extração de um único fator para o qual se calcularam pontuações fatoriais (método de regressão). Em seguida, efetuou-se uma regressão linear múltipla, adotando o método stepwise, tendo sido verificado o quanto os Valores humanos explicam o Bem-estar subjetivo. A propósito, encontrou-se que as funções psicossociais de Valores normativos ($Beta = -0,19$, $t = -3,09$, $p < 0,01$) e suprapessoais ($Beta = -0,16$, $t = -2,62$, $p < 0,01$) são as que melhor explicam o Bem-estar subjetivo [$R^2 = 0,07$ $F(2,264) = 10,20$, $p < 0,001$]. Como sugerem Oishi, Diener, Lucas e Suh (1999), os Valores podem ter um papel importante na compreensão do Bem-estar o que ficou evidenciado através dos resultados encontrados. Neste contexto, evidencia-se o papel que os Valores humanos possuem ao se estudar este tema, sendo, então, importante considerá-los para explicar o Bem-estar subjetivo.

Sandra Souza da S. Chaves; Valdiney V. Gouveia; Palloma Rodrigues de Andrade; Tatiana Carvalho Socorro; Josemberg M. de Andrade.

Universidade Federal da Paraíba.



A Explicação do Sentido da Vida a partir dos Valores Humanos, das Crenças e Práticas Religiosas.

O sentido da vida identifica o indivíduo como ser humano, proporcionando, até certo ponto, uma explicação da própria existência e das razões dos comportamentos manifestos (Kasparane & Osorio, 2000). Este construto está relacionado com os valores humanos (Lopes de Andrade, 2001), podendo estes últimos ser compreendidos como representações cognitivas das necessidades que servem para orientar a conduta humana, apresentando um componente motivacional que diz respeito aos esforços levados a cabo no sentido de realizar alguma meta (Rokeach, 1973). Um aspecto que tem despertado interesse na Psicologia Social é o papel que a religiosidade exerce no bem-estar das pessoas, na saúde física e mental, proporcionando explicações para os indivíduos e os fazendo encontrar um sentido para a vida (Kasparane & Osorio, 2000). Este estudo teve como objetivo verificar em que medida os valores humanos, as crenças e as práticas religiosas explicam o sentido da vida. Participaram desta pesquisa 336 pessoas, sendo estas estudantes do ensino médio (37,2%), universitários (37,2%) e pessoas da população geral (30,4%). A maioria era do sexo feminino (68,2%), com idades variando de 14 a 77 anos ($M = 22,7$, $DP = 9,93$). Os instrumentos usados foram os seguintes: Questionário de Sentido da Vida, Escala de Crenças Religiosas, Escala de Práticas Religiosas, Questionário de Valores Básicos e dados sócio-demográficos. Utilizou-se um procedimento padrão visando reduzir vieses. Todas as respostas foram dadas individualmente e foi informado aos sujeitos sobre o caráter confidencial da pesquisa. Utilizou-se o programa estatístico SPSSWIN 9.0 para fazer as análises estatísticas; além dos indicadores descritivos, foi realizada uma regressão linear múltipla, com método stepwise, objetivando conhecer em que medida os valores humanos, as crenças e as práticas religiosas explicam o sentido da vida. Nos resultados, verificou-se que a função psicossocial de valores normativos, as práticas religiosas e a função psicossocial de valores de experimentação são os que melhor explicam o sentido da vida [$R^2_{ajustado} = 0,08$; $F(3,332) = 10,64$, $p < 0,001$]. Mediante tais resultados, pôde-se observar a relação existente entre o sentido da vida, os valores humanos e a religiosidade, esta última considerada através das práticas religiosas. As funções psicossociais de valores normativos e de experimentação, ambos em sentido direto, aparecem como os valores mais importantes na explicação do sentido da vida; no mesmo sentido, as práticas religiosas apareceram como significativas, enquanto as crenças religiosas não. Conclui-se a adequação do modelo explicativo e espera-se que o mesmo seja comprovado em pesquisas futuras, procurando conhecer mais sobre os construtos em questão.

Josemberg Moura de Andrade; Valdiney Veloso Gouveia; Maja Meira; Fabiana Queiroga; Giovani Amado Rivera.

Universidade Federal da Paraíba.



A Fala Dirigida a Criança Por Professoras de Creches Públicas e Particulares.

A linguagem infantil caracteriza-se por peculiaridades que se mostram em determinadas fases pelas quais as crianças passam, e é através dessa linguagem que elas expressam suas idéias e sentimentos, ajudam a comunicar-se com outras pessoas, demonstrando suas necessidades e situações internas. Dessa forma, a linguagem vai se construindo com o intermédio do meio social, segmento pelo qual o presente trabalho foi baseado, ou seja, seguindo uma perspectiva da Interação Social de Estudiosos da Linguagem. Segundo esta perspectiva, desde os primeiros anos de vida, a criança já começa a interagir com o meio, participando da rotina do intercâmbio social. Dentro do enfoque interacionista, a socialização é um processo através do qual as crianças adquirem comportamentos, hábitos, valores, padrões que são características da cultura em que a criança vive. Portanto, no ambiente de creches o desenvolvimento da linguagem infantil tem grande influência das professoras que são as pessoas com quem as crianças estão na maior parte do tempo, uma vez que as crianças saem de suas casas por fatores inúmeros. As creches atendem a crianças de 0 a 6 anos de idade, e se organizam internamente dividindo as turmas em faixas etárias. Além das necessidades básicas, as creches têm que estabelecer um ambiente de alegria, harmonia e otimismo, onde a criatividade não deve ser bloqueada, mas incentivada em todas as situações do dia-a-dia das crianças. A referida monografia teve como objetivo primordial fazer uma comparação entre a fala dirigida à crianças por professoras de creches públicas e particulares no Estado da Paraíba, levando-se em consideração sempre as verbalizações das professoras. METODOLOGIA: Os participantes do trabalho foram professoras de doze creches, sendo seis da rede pública e seis da rede particular e deveriam ter alunos com média de 24 meses de idade. Dessa forma, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com cada uma das professoras para se observar qual o entendimento que elas têm a respeito do desenvolvimento da criança. Além disso também foram feitas observações com cada uma das professoras no ambiente da creche, em situação natural, utilizando-se de um gravador. Foi realizado também um registro cursivo da fala dirigida à criança pelas professoras. RESULTADOS: Os resultados obtidos através das entrevistas e das observações foram analisados de acordo com categorias que foram elaboradas e subdivididas para melhor análise. Assim, foi observado que as professoras de creches particulares, em comparação com as professoras das creches públicas, emitiam mais feedbacks de aprovação, davam mais instruções, repetiam muito mais suas verbalizações, e ainda trabalhavam bastante a parte motora (fina e grossa) da criança.

Lúcia Robertta Matos Silva dos Santos; Nádia Maria Ribeiro Salomão.

Universidade Federal da Paraíba.



A família brasileira negra – lugar de emancipação ou de manutenção do preconceito?

O sistemático processo de negação da importância dos elementos da cosmovisão africana tem determinado aos afro-descendentes uma desvalorização pessoal, desenvolvido uma perspectiva de legitimidade do direito de dominação para os grupos humanos que se consideram mais adiantados que outros e, em decorrência, há a manutenção de mecanismos de desqualificação da população afro-descendente por parte do grupo considerado hegemônico. Tais processos tornam-se cruciais para a manutenção de condições precárias de existência para cerca de metade da população brasileira. A pessoa negra traz do passado a negação da tradição africana, a condição de escravo, o estigma de ser um objeto de uso como instrumento de trabalho e enfrenta, no presente, a constante discriminação racial e, mesmo sob tais circunstâncias, tem a tarefa de construir um futuro promissor. Numa pesquisa anterior, propus um modelo cuja perspectiva volta-se para o processo de desenvolvimento da identidade do afro-descendente e para condições, relacionadas aos vínculos pessoais, favoráveis ou não ao estabelecimento de uma identidade positivamente afirmada. É um modelo que descreve o desenvolvimento de um processo de deslocamento de um racismo internalizado para um senso mais afirmativo de identidade, e pontua como este movimento se dá numa estreita conexão emocional com outras pessoas, salientando ser uma condição importante para a saúde psicológica ter-se um senso positivo de si mesmo como membro de um grupo do qual se é participante, sem nenhuma ideia de superioridade ou inferioridade. Tendo como horizonte tais questões, este trabalho procurou identificar e compreender (a) os processos envolvidos na organização familiar de afro-descendentes; (b) os processos familiares que favorecem e os que dificultam o desenvolvimento de identidades positivamente afirmadas e vivências efetivamente democráticas e solidárias. Através de entrevistas semi-dirigidas com três mulheres negras, de uma mesma família, alguns aspectos foram avaliados: (a) identificou-se que essa família apresentava uma configuração muito comum, no caso brasileiro, no que se refere à categoria raça - as pessoas se posicionavam em 'lugares' diversos dentro de um gradiente étnico de cor. Conforme suas percepções, o pai e o irmão sempre foram considerados negros; a mãe era considerada branca e hoje, negra; a irmã mais nova via-se como morena e a irmã mais velha, como mulata, e ambas, hoje, definem-se como negras. Além da diversidade de atribuições em relação à cor, houve também mudanças nas auto-atribuições em função de experiências vividas; (b) a partir de episódios de discriminação racial sofridos, de participações em grupos de militância e movimentos culturais, como o rap, por exemplo, todos passaram a considerar-se negros, independente da tonalidade de pele ser mais clara ou mais escura; (c) havia um sistemático processo de negação do problema racial tanto na família como nas situações escolares, principalmente através do silêncio; (d) geralmente as pessoas da família tendiam a atribuir a responsabilidade, em situações em que eram negativamente discriminados nas relações sociais, à falta de competência pessoal; (e) conclui-se sobre a importância da participação em movimentos de militância, sejam políticos, religiosos ou culturais, para a reversão do preconceito do negro em relação às suas próprias características pessoais.

Ricardo Franklin Ferreira; Amilton Carlos Camargo.

Universidade São Marcos.



A Família e a Tarefa de Educar: a perspectiva de pais e filhos.

Entre as inúmeras transformações que a família vem sofrendo nos últimos tempos, a tarefa de educar os seus filhos tem sido uma das mais polêmicas e de difícil execução. Os pais sentem-se com inúmeros questionamentos em relação a forma de educar seus filhos. Partindo deste pressuposto, a presente pesquisa tem como objetivo conhecer as estratégias educativas utilizadas por pais de crianças em idade escolar, na ótica deles próprios e de seus filhos. Neste estudo, utilizou-se uma amostra composta por 39 famílias nucleares, com pelo menos um filho em idade escolar. Os sujeitos tinham nível sócio-econômico médio e eram residentes da cidade de Porto Alegre/RS. O trabalho se desenvolveu desde uma abordagem quantitativa e o instrumento foi respondido individualmente pelo pai, pela mãe e pela criança em idade escolar. O questionário compunha-se de 48 questões avaliadas a partir de uma escala Likert de 5 pontos. Este, investigava oito categorias de comportamentos socialmente desejáveis e oito de comportamentos socialmente indesejáveis. Dentre os resultados mais importantes, encontra-se diferenças significativas nas respostas de pais (pai e mãe) e filhos com respeito a determinadas estratégias educativas. Os pais declaram que conhecem os sentimentos e pensamentos de seus filhos, não evocam suas desobediências passadas e permitem que eles expressem suas opiniões a respeito de serem castigados ou não. Entretanto, os filhos não compartilham de tal opinião, ainda que percebam seus pais seguros na colocação de regras e limites. Não encontrou-se, entretanto, diferença na opinião de pais e filhos a respeito de aspectos relativos a punição, proximidade e afeto no relacionamento parental.

Adriana Wagner; Carolina Di Giorgio Beck; Fernanda Pacheco Hilgert; Joana Filkenstein Veras.



A figura da mãe atrás da porta: a história de um incesto.

Muitos são os casos de pacientes com histórias de abandono emocional, mesmo diante da presença física da mãe, são pacientes marcados por auto-estima muito rebaixada, já que não foram validados pela presença emocional da mãe e acabam dirigindo toda sua existência para a tentativa de um dia virem a ter o reconhecimento da mãe, este trabalho tem por objetivo discutir a evolução de um caso clínico, assistido em Psicoterapia Breve por 25 sessões e por um follow-up de 3 encontros, após 6 meses do término, trata-se de uma paciente de 51 anos, casada, que trouxe a queixa de culpa por ter presenciado o atropelamento da mãe, quando atravessavam uma rua, a paciente relatou, além da ausência física da mãe em sua infância, episódios de descuido da mãe quanto à sua higiene pessoal na fase em que era bebê, como também episódios em que presenciou a mãe prostituindo-se sempre que o marido saía para o trabalho, criada em um ambiente hostil e agressivo, também sofreu, por várias vezes, abuso sexual por parte dos irmãos, sendo que a mãe não acreditava em seus relatos ou não dava importância aos seus apelos, diante do acidente da mãe, quando a paciente já se encontrava com 50 anos, os irmãos, além de culpá-la pelo ocorrido, obrigaram-na a cuidar da mãe, que ficou por um ano totalmente imobilizada na cama, até vir a falecer, o foco trabalhado foi o da falta de limites, tanto para si como para os outros, visando o resgate da auto-estima e auto-confiança, observa que a paciente pôde ressignificar a sua história de vida ao rever o episódio do atropelamento da mãe, em que acabou aceitando a culpa a ela atribuída pelos irmãos, já que chegou a pensar que poderia ter evitado o acidente, mas que não o fez pela raiva sentida pelo descaso recebido da mãe em toda a sua vida, a partir de um setting terapêutico acolhedor, de base winnicottiana, a paciente pôde sentir-se vista, assistida e validada em sua história, podendo atingir os objetivos estabelecidos para o processo, passando a se impor perante os irmãos, no período entre o término do atendimento e o follow-up, a mãe veio a falecer e a paciente, embora tenha pensado em procurar a psicoterapeuta, optou por aguardar a data prevista para o follow-up, quando, então, comunicou o falecimento da mãe e a forma como lidou com este fato conclui que os casos de violência à criança podem se beneficiar de atendimentos em que tenham a sua dor reconhecida e a sua raiva legitimada, mesmo em processos breves, já que são esses sentimentos que interrompem o desenvolvimento emocional da criança, por se sentirem excluídas emocionalmente da vida da mãe.

Margherita Gallo Ingrao Merlo; Marcilei Marques Trovão; Joaquim Gonçalves Coelho Filho.

Universidade São Marcos; Universidade Paulista – UNIP.



A fila de espera: o impacto na demanda psicológica no contexto da clínica –escola.

Introdução: O aumento da demanda por atendimento psicológico é uma realidade, evidenciada hoje, tanto nas clínicas escolas, como nas instituições públicas de atendimento gratuito à comunidade. Diante disto surgiu a necessidade de triagem, numa tentativa de acolher a primeira demanda das pessoas por atendimento psicológico. Isto gerou o fato das listas de esperas nas quais são relacionadas pessoas ou famílias à espera de atendimento. **Objetivo:** Avaliar o impacto do tempo de espera das pessoas e/ou famílias, na queixa inicial, que motivou a solicitação de ajuda psicológica. **Metodologia:** Análise qualitativa de atendimentos realizados no Serviço de atendimento psicológico da Universidade Federal de Santa Catarina durante 8 meses. **Resultados:** Mudança da queixa. Mudança na configuração familiar. Desmotivação para o atendimento. Efetiva influência na aliança terapêutica. Sentimentos de estar sendo negligenciado ou esquecido. Dificuldade para encontrar as pessoas devido à mudança de endereço ou telefone de contato. Mudança de atividade profissional. **Conclusões:** Diante desta situação, enumeramos algumas possibilidades de contribuir para uma maior agilidade de atendimento, assim como a melhoria da qualidade dos serviços prestados à comunidade: a necessidade de aumento dos recursos humanos, tanto de estagiários quanto de professores supervisores, aumento do atendimento grupal, plantão psicológico para orientação, dar preferência para atendimento focal e de orientação familiar. Impõe-se, desta forma, um urgente re-dimensionamento das reais possibilidades de atendimento das clínicas escolas ou instituições públicas de atendimento, no sentido de um melhor acolhimento às necessidades da comunidade, evitando assim situações que se inserem diretamente no campo da ética da escuta do outro.

Aline Rössel; Naiane Carvalho Wendt; Carmen L. O. O. More.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA.



A Fonoaudiologia e Psicologia na Educação Inclusiva: algumas considerações sobre as interfaces no processo educacional.

A psicologia e, mais recentemente, a fonoaudiologia têm participado das discussões e do processo de construção escolar que hoje se apresenta em nosso País. Muitas têm sido as contribuições e contradições destas ciências nesse caminho. O objetivo do presente trabalho é refletir sobre as possibilidades de atuação de psicólogos e fonoaudiólogos enquanto membros da equipe escolar no processo de inclusão a partir da participação no Fórum Permanente de Educação Inclusiva promovido pela Representação do MEC/SP. Inicialmente foram convidados a participar do Fórum entidades com atuação na área de Educação Especial, como as APAEs, Secretarias Municipais de Educação, Secretaria Estadual de Educação, algumas Instituições de Ensino Superior, Conselho Estadual de Educação, Ministério Público Estadual, segundo ofício nº43/99/SP/MEC, de 09.06.1999. O Fórum foi se expandindo por suas atividades e tornando-se conhecido. As primeiras palestras foram seguidas de discussão entre os participantes, realizadas no próprio espaço da representação do MEC/SP durante o período da manhã. Essa organização vigorou durante 1999. Durante os primeiros meses de 2000, os grupos de trabalho foram sendo constituídos e outros parceiros foram sendo chamados, entre eles o Conselho Regional de Psicologia de São Paulo e o Departamento de Educação Especial de Mauá. A estrutura dos encontros passou a ter, além de palestras de convidados pela manhã, reuniões dos grupos de trabalho na parte da tarde. A partir de julho, por uma necessidade do próprio Fórum de ter uma noção mais clara da realidade da Educação Especial no Estado de São Paulo, as palestras foram substituídas por relatos de experiências dos participantes do mesmo. A partir daí, a necessidade de construção de um conceito de inclusão mais homogêneo que partisse do Fórum ficou premente. A estratégia foi a de eleger alguns temas de grande importância: definição coletiva de inclusão, formação de professores, serviços de apoio, currículo e avaliação. Além disso, foi escolhido, como forma de apontar esta perspectiva educacional, um novo nome para o Fórum que passou a chamar-se Fórum Permanente de Educação Inclusiva, marcando definitivamente o salto qualitativo em nossas discussões. O Fórum tem-se firmado como um canal de diálogo entre aqueles que fazem a inclusão na prática e o governo, que é quem estabelece as políticas públicas. São Paulo parece ser o único estado que tem um espaço privilegiado de discussão, articulação e fortalecimento da rede, o que aumenta sua importância no cenário da Educação Nacional. Durante este período, temos participado ativamente das discussões propostas, e verificado o constante questionamento quanto à escola ser de fato o locus de atuação de profissionais de apoio, uma vez que para a maioria dos envolvidos, a atuação do fonoaudiólogo e do psicólogo, é basicamente clínica. Atuações que envolvem orientação a professores e pais de alunos incluídos e a própria discussão dos pressupostos da inclusão são atividades encaradas como não pertencentes às atividades desses profissionais. Neste sentido, o Fórum Permanente de Educação Inclusiva tem se estruturado como um espaço privilegiado de interlocução entre os agentes educacionais viabilizando a construção de um novo olhar sobre as possibilidades de atuação da psicologia e fonoaudiologia.

Liliane Garcez; Marisa Sacaloski.

Universidade de São Paulo; Departamento de Educação Especial do Município de Mauá.



A formação atual e necessária: avaliação dos psicólogos da rede pública de Natal-RN.

A literatura revela a inadequação da atuação do psicólogo no setor de Saúde Pública, resultado de uma formação limitada, geralmente baseada no modelo clínico liberal-privatista e individual de atendimento. Diante disso, faz-se necessário uma avaliação da formação oferecida pelas instituições de ensino, frente as mudanças ocorridas com a efetivação do Sistema Único de Saúde, que tem como princípios norteadores: universalidade no atendimento, integralidade das ações e descentralização político-administrativa. Esse processo exige mudanças na formação dos profissionais de saúde, pois coloca desafios no sentido de requerer reformulações quanto ao perfil profissional, incentivando atuações mais adequadas, voltadas para as necessidades da maioria da população. A entrada dos profissionais de psicologia nesse setor ocorreu a partir da resolução nº 218/97 do Conselho Nacional de Saúde, passando a compor equipes de saúde, aumentando significativamente o número de profissionais da área. A presente pesquisa é parte integrante do projeto "Políticas públicas e a prática social do Psicólogo" e é um recorte de um levantamento realizado com os profissionais de psicologia que atuam nas Unidades de Saúde da rede pública do município de Natal-RN. Tem por objetivo discutir avaliação desses com relação a sua formação para a atuação em Saúde Pública. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com 28 psicólogos, escolhidos aleatoriamente, dos 63 atuantes nas Unidades de Saúde, o que representa um percentual de 44,5% do total de psicólogos. Tais entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas para análise de conteúdo. A maioria dos profissionais entrevistados concluiu a graduação na UFRN (89%), o que reflete o peso dessa instituição na formação dos psicólogos no estado. Quanto ao estágio curricular obrigatório, 69% optaram pela área Clínica, com enfoque teórico predominante da Psicanálise (43%). Quando perguntados se direcionaram o currículo durante a graduação, a maioria (49%) direcionou para a área Clínica. Com relação à avaliação da formação, 75% dizem que a formação não foi suficiente para a atuação atual, seguido de 14% que consideram que a graduação apenas deu suporte, tendo que procurar complementações. As maiores dificuldades encontradas na graduação, dizem respeito ao distanciamento da prática e a deficiência dos professores (44%), seguido do currículo (19%) e da falta de conhecimentos específicos para a prática (16%). Quanto aos estudos após a graduação, 89% dos entrevistados realizaram algum tipo de formação complementar, principalmente, cursos de especialização (45%). As áreas de conhecimento foram predominantemente Clínicas (46%), seguidas da Saúde (37%), sendo essa última, na maioria das vezes oferecida pela própria secretaria de saúde, o que mostra que não há um movimento espontâneo por parte dos profissionais na busca de estudos nessa saúde. Diante de tais resultados percebe-se que apesar dos profissionais avaliarem a sua formação como insuficiente para a prática atual, complementam sua formação com estudos na área clínica o que impede a construção de novos modelos de atuação. Contudo, nota-se um movimento de mudanças nas instituições formadoras, principalmente, com abertura de novas áreas de estágio e enfoques teóricos na área de Saúde Pública.

Candida Maria Bezerra Dantas; Alex Reinecke de Alverga; Ana Ludmila Freire Costa; Denis B. Carvalho; Fabiana L. Silva; Isabel Fernandes; Oswaldo Hajime Yamamoto.

Universidade Federal do Rio Grande do Norte.



A formação do psicólogo em um mundo em mudanças: reflexões acerca de uma experiência interdisciplinar.

Este estudo aborda uma discussão epistemológica acerca da formação do psicólogo, a partir de uma experiência de estágio em equipe de saúde. A vivência interdisciplinar é uma conquista que exige esforço e trabalho. Aparecendo como experiência desviante está ligada a um modo de pensar sistêmico, integrador e complexo que sustenta epistemologicamente uma nova de visão de mundo em curso nas ciências. Assim, a interdisciplinaridade pode estar situada como uma síntese da complexidade no campo profissional. A Análise de Conteúdo dos Relatórios de Conclusão de Estágio revelou que, enquanto alguns alunos se mantinham vinculados ao modelo biomédico, outros estavam identificados com o modelo de atuação interdisciplinar, mais próximo a um cenário de mudança. Enfrentaram frustrações, o que exigiu deles “jogo de cintura” e adaptabilidade para transformar uma dificuldade em oportunidade de atuação através da cooperação com os demais. A interdisciplinaridade, por expressar esse novo paradigma deve ser mais explorada academicamente. Para muitos já é uma realidade que constrói uma nova identidade profissional. O trabalho entre os especialistas na área de saúde contém os ingredientes necessários para se discutir a fragmentação do pensamento científico dominante. E também carrega a potencialidade da mudança, oferecendo um cenário de integração, apesar das dificuldades encontradas. Não adianta saber só de psicologia ou de sua especial disciplina para se fazer um bom trabalho. É preciso conhecer e aceitar a parcialidade da sua apreensão da realidade, situada num contexto maior que comporta outros saberes. Não se trata de acabar com as especialidades, mas com a ilusão de que uma especialidade dê conta, só e isoladamente, da complexidade do fenômeno humano. Superada essa compreensão fragmentada, e reconhecendo-se as diferenças e a impossibilidade da completude, tem-se a possibilidade de se situar a formação profissional de modo mais abrangente e contextualizado. Propomos uma formação ‘com’ outros profissionais, em situações constantes de comunicação e integração, diante de um mesmo fenômeno, como na saúde, oferecendo oportunidades para exercitar um pensamento complexo. O que se apresenta hoje como desafio é formar um profissional competente que ao mesmo tempo reconheça as limitações da sua própria especialidade e valorize as demais. Isto acarreta uma ampliação do seu horizonte epistemológico e profissional. Acreditamos que seja necessário aos acadêmicos conhecerem sua inserção neste cenário epistemológico diante das demandas futuras de sua profissão. Essa é a formação que se aproxima de uma real trans-formação, no sentido da cooperação, da solidariedade e de um maior cuidado com a humanidade e a vida no planeta.

Ruth Machado Barbosa.

UFRJ.



A Função Contínua do psicoterapeuta: a aplicação do conceito de Bion na prática clínica.

O tema deste trabalho foi a aplicabilidade do conceito de Bion de Função Contínua na prática da psicoterapia de orientação analítica. Sua relevância deve-se à importância desse conceito na situação psicoterapêutica, na qual pensar a Função Contínua nos remete a pensar a própria prática clínica. Os objetivos foram compreender a Função Contínua do psicoterapeuta e investigar quais são os seus determinantes. A metodologia utilizada foi a de uma fundamentação teórica seguida de entrevistas semi-estruturadas com um psicoterapeuta de orientação analítica e quatro psicanalistas. Os resultados indicaram a ação do conceito na prática clínica de todos os entrevistados, independentemente de seu referencial psicanalítico, ocorrendo na relação vincular entre o psicoterapeuta de orientação analítica e seu paciente.

Cassandra Cardoso; Lenisa Minuscoli Chedid Lângaro; Antônio Carlos de Lima.

Universidade de Passo Fundo (UPF).



A função terapêutica do visitante na recuperação do paciente hospitalizado.

Esta pesquisa destaca a importância da visita no processo de recuperação do paciente internado. Teve como objetivo demonstrar a influência dos visitantes sobre a dinâmica emocional do paciente hospitalizado. A amostra foi composta por 60 (sessenta) sujeitos, do sexo masculino e feminino e com idade variando entre 14 anos e 76 anos, divididos em dois grupos, sendo 30 (trinta) pacientes e 30 (trinta) visitantes de um Hospital Geral situado na região sul da cidade de São Paulo. Como instrumento foi utilizado um questionário contendo 9 (nove) perguntas, sendo 6 (seis) de múltipla escolha e 3 (três) abertas para os pacientes; e outro questionário para os visitantes, contendo 7 (sete) perguntas de múltipla escolha e 5 (cinco) perguntas abertas. Os questionários dos pacientes foram aplicados junto ao leito dos mesmos. Já os questionários dos visitantes foram aplicados enquanto os mesmos aguardavam o início do horário de visita. Os dados levantados demonstraram a importância da visita tanto para o paciente internado como para sua família. Os dados também revelaram o desejo dos pacientes de que não lhes fossem levados problemas emocionais, familiares, relacionados ao trabalho, entre outros, sobre os quais, estariam temporariamente impossibilitados de resolver.

Daniela Prado Lopes; Esny Cerene Soares.

Universidade de Santo Amaro – UNISA.



A Gíria na Adolescência.

A aquisição de uma linguagem diferente (a gíria) é usada pelos adolescentes como uma forma de auto-afirmação e de segurança, que aparece quase sempre no interior de grupos. O adolescente usa a gíria sem fazer muito esforço para ser entendido pelos pais, o que pode levar à dificuldade de comunicação entre eles. Por isso, o objetivo deste estudo foi investigar as gírias mais usadas pelos adolescentes com seus pais, bem como seus significados, e também quais os sentimentos de ambos quanto ao uso de um vocabulário diferente. Participaram deste estudo 35 alunos, de ambos os sexos, de duas turmas do 2o ano do ensino médio de uma escola particular de Porto Alegre e também 10 pais de adolescentes dessa faixa etária. Com os alunos foi utilizado um questionário com questões abertas e fechadas, aplicado de forma coletiva, com o objetivo de conhecer as gírias mais usadas com seus pais, bem como seus significados. Foram levantados e tabulados a frequência e percentual dessas gírias. Após a aplicação do questionário foram escolhidos aleatoriamente 4 alunos de cada turma para a realização de entrevista, com o objetivo de saber do adolescente como ele se sente e como ele acha que seus pais se sentem e reagem com o uso de gírias como comunicação em família. Com os pais foi realizada uma entrevista, de forma individual, com o objetivo de saber quais os seus sentimentos, e como percebe o sentimento e reação do seu filho com o uso desse vocabulário. Foi realizada uma análise dos conteúdos das respostas das entrevistas, chegando-se a categorias. Os resultados obtidos foram: a) quanto às gírias mais usadas: os adolescentes indicaram usar com seus pais as seguintes gírias: 'tá ligado' (80%), 'bagulho' (31,43%), 'furiembow' (17,14%); b) quanto ao que os adolescentes acham que seus pais sentem diante do uso da gíria: os adolescentes apontam que os seus pais se mostram indiferentes (69,44%), também usam gírias (16,67%) e deboçam (5,55%); c) quanto aos sentimentos dos pais com o uso de um vocabulário diferente na família: constatamos que os pais criticam (70%), se mostram indiferentes quanto ao seu uso (40%) e não gostam (40%) de seu uso em família; d) quanto à percepção dos pais de como seu filho se sente e reage perante este tipo de comunicação: os pais afirmam que seus filhos usam gíria porque os amigos usam em grupos (80%), para serem diferentes dos adultos (30%) e para chamar atenção (20%). Concluímos que os pais criticam o uso da gíria em família quando usadas com significados ofensivos, vulgares, pesados, isto é, com palavrões, pois acham que não é uma expressão que deve ser usada em qualquer lugar. Alguns se mostram indiferente e outros não gostam, apesar dos adolescentes, na maioria das vezes, acharem que seus pais se mostram indiferentes. A maioria dos pais percebe que o uso de gírias é importante para a identificação do filho com o grupo de amigos. Para o adolescente, o uso da gíria em família é considerado normal.

Eliane Flach; Franciele Pessin; Janise Figueiró; Neiva Clara Lüdcke; Débora Dell'Aglio.

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo/RS.



A Humanização como o centro de todas as coisas.

É difícil para nós imaginarmos uma Psicologia desumana mas se fixarmos nossos olhos no âmbito de saúde de uma forma global, com certeza iremos nos deparar com situações cada vez mais precárias no que diz respeito ao tratamento humanizado. O papel do Psicólogo Hospitalar é atuar junto ao doente no sentido de resgatar sua essência de vida que foi interrompida pela ocorrência do fenômeno doença baseando - se numa visão HUMANÍSTICA com especial atenção aos doentes e familiares. Objetivos: solidificar cada vez mais o processo de humanização, não só entre os psicólogos mas sim entre todos os profissionais de saúde e proporcionar ao ser doente e a família uma maior segurança no que diz respeito a atenção biopsicoafetiva A prática é diária, dentro do CTI onde a Psicóloga vai aos leitos dos pacientes não somente para fazer uma abordagem psicológica mas também para ouvir as necessidades de cada um e tudo o que eles desejarem falar. Mediante aos relatos dos pacientes, além da Psicóloga outros profissionais se reúnem para buscar soluções afim de minimizar a ansiedade de cada doente. Neste processo (Humanização) é permitida a permanência de um membro da família no período de 10:00 às 20:00 dentro do setor citado anteriormente. Acreditamos que com a presença de um familiar ao lado doente, faz com que este sinta – se mais tranquilo e seguro em relação a equipe e ao tratamento proposto. Com os familiares a Psicóloga e a equipe também atuam diretamente, é realizada semanalmente reuniões que foi intitulada “Reunião de Humanização”, esta reunião ,funciona como um canal direto entre a família e os profissionais. A equipe se reúne em uma sala junto com um familiar de cada paciente, todos os profissionais se colocam esclarecendo as dúvidas de cada família. Dentre as dúvidas relacionadas a psicologia estão: de que maneira o familiar deve se relacionar e se comunicar com o paciente que está em coma? O paciente está ou não deprimido? As famílias também falam de suas ansiedades e recebem suporte quando deprimidas. Algumas frases de elogios ou críticas são digitadas e pregadas dentro do setor com o objetivo de incentivar cada vez mais a todos os profissionais dos setores a continuarem atuando a serviço da HUMANIZAÇÃO. Dentre os resultados podemos dizer que o Serviço de Psicologia tem conseguido sucesso. Hoje encontramos profissionais cada vez mais dispostos a atuarem com os doentes sem olhar unicamente para a patologia, as famílias estão mais propensas a aceitarem as regras e os tratamentos devidos para seus familiares, nossos doentes sentem-se mais seguros e tornam-se mais cooperativos no que diz respeito a hospitalização. Contudo ainda somos pequenos para alcançarmos todos os êxitos que desejamos mas estamos engatinhando para que no futuro bem próximo possamos caminhar com a bandeira de uma saúde cada vez mais humanizada nas mãos.

BOFF, Leonardo; FELDEMAN, Clara.



O assunto discutido refere-se à beleza feminina, na mulher em torno dos quarenta anos. Quais influências têm significado nessa mulher que submete-se a grandes sacrifícios para atender às exigências de modelos e estereótipos impostos por uma sociedade visual, plástica. O objetivo é estabelecer a identidade da mulher, em torno dos quarenta anos, diante de exigências sociais, introjetadas por ela como uma necessidade que deve atender, a fim de não sentir-se excluída. Foram utilizadas sete categorias para análise: antecedentes; modelo; atração; futuro/expectativas; discriminação /caracterização; identidade; sacrifício/preço. Oito entrevistas abertas, baseadas num roteiro pré-estabelecido, foram realizadas com mulheres de classe média à média alta, todas tendo realizado cirurgias plásticas; a partir da questão principal "por que realizar a cirurgia?". Para esse grupo a cirurgia plástica apresenta-se como um meio de se manter jovem, atraente, desejada e de acordo com os modelos apregoados pela mídia. Elas se vêem adaptadas a uma sociedade moderna, que oferece a beleza e a juventude através da tecnologia. Concluímos que essas mulheres, apesar do receio, são capazes de enfrentar os riscos e custos de cirurgias plásticas, para sentirem-se bem com seus corpos e como conseqüência inseridas no contexto de que a "aparência é fundamental". Sentir-se integrada e não excluída pela comunidade requer que as mulheres dessa faixa etária interajam com essas novas 'fontes de juventude', o que confirma a hipótese quanto a um domínio social sobre os corpos.

Amaral, E.M.G.; Gurgel, E.; Pereira, C.; Carvalho, J.E.C.

Universidade Paulista.



A identidade do jovem e sua opção religiosa.

A presente pesquisa surgiu com o intuito de investigar as motivações que levam indivíduos entre 15 e 20 anos de idade a buscar significações de cunho religioso, como também identificar as mudanças ocorridas em suas vidas após a entrada para uma religião. Tal idéia me estimulou quando deparei-me com a existência de uma relação paradoxal entre o homem contemporâneo e os valores pós-modernos que o cercam. Pois, apesar de constantemente sermos bombardeados com signos e símbolos que traduzem uma ânsia materialista e individualista, ambas pautadas sobre as bases da racionalidade, um crescente número de jovens passaram a integrar grupos religiosos. Isso denota uma busca por conhecimentos que não correspondem a tais atributos, o que pode ser evidenciado, por exemplo, com o vertiginoso crescimento em número de adeptos de algumas igrejas neo-pentecostais, dentre elas a igreja Renascer em Cristo, foco deste trabalho. Este buscou compreender os motivos que levam jovens a participar de grupos religiosos pentecostais. O procedimento adotado foi dividido em 4 etapas. A primeira consistiu na realização de duas entrevistas piloto com 2 integrantes da igreja Renascer em Cristo, ambos com 20 anos de idade. Na segunda etapa, foi feita a transcrição das entrevistas e na seguinte formulou-se um questionário semi-estruturado, a partir de categorias significativas encontradas no texto transcrito. A quarta e última etapa consistiu na aplicação do questionário em 30 participantes da igreja em questão, com idades entre 15 e 20 anos. O processo de levantamento e análise de dados pode ser definido por 4 etapas – análise quantitativa das respostas encontradas nos questionários caracterizou a primeira; a segunda foi definida pelo levantamento e delimitação de questões significativas surgidas a partir da primeira análise; posteriormente, numa terceira etapa, foi feita uma articulação das unidades significativas com concepções da psicologia e da igreja neo-pentecostal Renascer em Cristo; e na quarta etapa, reflexões acerca da narrativa do pesquisador foram pontuadas, explicitando o caráter hermenêutico do trabalho e assim finalizando a última fase da pesquisa. Como resultado de todo o processo de obtenção de dados, tornou-se possível concluir que: 1) os principais motivos que levam os jovens a entrar para a igreja Renascer em Cristo são, primeiramente, a busca de respostas para seus questionamentos existenciais (23% das respostas obtidas), o que nos confirma a hipótese de que há um sentimento de anomia generalizado entre os jovens de nossa sociedade. Em seguida, com 15% de freqüência das respostas, estão as questões emocionais, problemas familiares e vontade de fazer amigos; 2) com referência às principais mudanças ocorridas na vida desses indivíduos, pode-se destacar com 62% de freqüência, respostas relativas a mudanças interiores, sendo que destas, 38% se referem a transformações na dinâmica interna do sujeito e 62% a mudanças de sentimentos e estados emocionais. Ademais, é possível identificarmos também as relações familiares (14%) e o aspecto financeiro (12%) como principais mudanças resultantes da adesão do jovem ao grupo religioso pesquisado.

Denis Tonini; Ricardo Franklin Ferreira.

Universidade São Marcos.



A identidade social do adolescente negro adotado tardiamente: inclusão como meta.

O presente estudo tem como proposta verificar se o adolescente negro quando adotado tardiamente, adquire uma identidade que comporte sua inclusão social. Objetivamos estabelecer a identidade desse grupo, baseados em depoimentos originários de instituição que trata especialmente desta demanda social. Utilizamos entrevistas semi-estruturadas baseadas num roteiro pré-estabelecido. Dirigimos o nosso foco para os dirigentes da instituição, partindo da seguinte questão: “ocorre a inclusão na adoção tardia de negros?”. Foram estabelecidas quatro categorias para a análise: Adoção , Instituição , Família e Adolescente. Para esse grupo , a inclusão ocorre, bem como os jovens passam a ter uma identidade própria. Porém, para que isso se dê, é necessário um preparo da família, que recebe orientação psicológica antes, durante e depois da adoção. É enfatizada a questão da procura do “filho”, e não a busca de uma criança com características pré-determinadas. Concluímos que estas pessoas fazem afirmações categóricas, mediante experiências bem sucedidas vivenciadas por elas, muito embora não se possa generalizar estes resultados. Entendemos ser uma excelente proposta de trabalho, digna de todo crédito, que se estendida a outras instituições, poderá proporcionar um novo entendimento para esta demanda, proporcionando significativa mudança social e cultural.

Aline L. Vanzela; Adriana C. Gerevini; Enue M. Almança; Simone Ambrósio; Sonia A. Nicolosi; Thereza Christina Fonseca; Vanessa Mosseri; João E. C. Carvalho.

UNIP – Universidade Paulista (Alphaville - SP).



A importância da família no processo de aprendizagem.

O objetivo deste trabalho é analisar a importância da família no processo de aprendizagem infantil, de forma a conscientizá-la assim como a própria escola, para o papel interativo que ambas devem desempenhar no desenvolvimento da criança, viabilizando um maior aproveitamento desta. A aprendizagem, neste trabalho, é considerada como um processo ativo, em que o sujeito desempenha um papel fundamental, mas que o ambiente, assim como os fatores biológicos são também, essenciais. Aspectos como a afetividade, a linguagem e a motivação também influenciam o processo da aprendizagem, que é mediado pela interação social da criança com a escola e com a família, e portanto foram abordados no presente trabalho. Neste sentido, observou-se com este trabalho, que não se pode dissociar a aprendizagem como objeto unicamente da escola, pois esta tem início nas primeiras interações da criança com seu grupo social primário – a família, cuja influência permanece mesmo quando a criança entra para a escola. Por fim, para um maior conhecimento do papel desempenhado pela família na aprendizagem infantil, considera-se importante a realização de mais pesquisas nesta área, principalmente pesquisas que objetivem a percepção que a criança tem sobre a participação da família e da escola na sua aprendizagem.

Ana Valesca S. de Souza; Lucivanda Cavalcante Borges.

UNIT.



A Importância da Intervenção Precoce em UTI Neonatal para o Restabelecimento do Vínculo Mãe-Bebê.

A interação precoce mãe-bebê tem sido objeto de estudo em inúmeras investigações nas últimas décadas. Entre os fatores que afetam a interação precoce destaca-se a prematuridade do bebê, trazendo dificuldades específicas para a interação mãe-bebê inerentes à condição do recém-nascido pré-termo. Os problemas dos neonatos separados precocemente de suas mães vêm sendo amplamente reconhecidos e vários tipos de intervenção vêm sido propostos para melhorar suas condições físicas e emocionais, bem como para o restabelecimento do vínculo com a mãe. O bebê hospitalizado precocemente não pode ser beneficiado pelos cuidados maternos que funcionam como um organizador psíquico para o recém-nascido. O recém-nascido internado em UTI, além do risco orgânico que está exposto, encontra-se também em situação de risco em seu desenvolvimento e constituição como sujeito. Neste sentido, o presente estudo teve por objetivo pensar como se forma a organização psíquica do bebê a partir dos modos de interação próprios à díade mãe-filho. Para tanto, revisei conceitos importantes que Winnicott desenvolveu sobre a relação mãe-bebê. Ressaltei a importância do ambiente para que o processo de desenvolvimento se realize: sob o ponto de vista winnicottiano, a mãe tem função essencial, pois ela é para o bebê o primeiro ambiente. Destacou-se ainda a função de holding para o processo de integração inicial do bebê, bem como a importância do manejo, ou seja, da assistência corporal materna como fator importante para a experiência do real a partir de sensações corpóreas. Foi realçada também a função de apresentação do objeto, que possibilitará ao bebê o estabelecimento da relação com a realidade. Num segundo momento, discorri sobre a interrupção do vínculo mãe-bebê a partir do estudo de Jerusalinsky, pensando a sustentação da função materna dentro de uma UTI Neonatal e os riscos para a constituição do bebê e seu desenvolvimento como sujeito. Pensando no prejuízo psíquico que os bebês sofrem quando hospitalizados e separados de suas mães, abordei a questão da intervenção precoce no vínculo mãe-bebê. Para melhor abordar alguns aspectos da intervenção de um serviço de psicologia no centro médico neonatal, dividi o estudo desse aspecto em três níveis: intervenção com a equipe, com os pais e com o bebê. As separações longas e abruptas por conta da hospitalização não contribuem para o desenvolvimento estrutural do sujeito, implicando num desvio de investimento libidinal para a adaptação. Essa situação de risco requer medidas preventivas para evitar ou minorar danos na organização psíquica do bebê e no estabelecimento de seu vínculo com a mãe. O presente estudo demonstrou as possibilidades de contribuição da psicologia dentro da UTI Neonatal, junto à equipe/pais/bebê, bem como a importância da escuta psicanalítica atenta que torna possível à mãe elaborar suas ansiedades e finalmente se vincular com seu filho concreto, podendo voltar a investi-lo libidinalmente para recompor a unidade narcísica rompida pela hospitalização.

Daniela Rolim Agostinho.

UNIP/Sorocaba.



A importância da motivação de Profissionais da Equipe de Enfermagem no atendimento de crianças internadas na pediatria.

O projeto teve como principal objetivo contribuir para o estudo da importância da Equipe de Enfermagem no atendimento de crianças internadas e as consequências de sua motivação no resultado desse atendimento a essas crianças. Este estudo foi realizado na Ala da Pediatria da Santa Casa de Avaré, onde os sujeitos envolvidos foram seis pessoas da Equipe de Enfermagem e crianças internadas no mesmo local. Constituiu-se de uma pesquisa de campo, sendo a atuação feita como observador e coletor de informações sobre o modo de trabalho frente a outros Profissionais de Saúde e aos pacientes, bem como a receptividade dos internados para com essa equipe; foi utilizado, para isso, o método fenomenológico/etnográfico, com a intenção de que todos os resultados ficassem em nível descritivo/interpretativo da realidade. Para desenvolver e manter o caráter profissional de seu trabalho, o Enfermeiro deve saber e ser capaz de avaliar se o paciente requer ou não sua ajuda em um determinado momento, seja com relação as fantasias da hospitalização ou necessidades próprias da enfermidade, pois quando a criança adentra à Santa Casa o seu maior contato é com essa Equipe de Enfermagem. Mas para que isso aconteça, é necessário que tal profissional esteja seguro de suas próprias necessidades como ser humano que é. O foco dos Profissionais de Enfermagem deve ser minimizar o sofrimento do paciente, promovendo-lhe saúde e principalmente fazendo desse paciente um elemento ativo dentro do processo de hospitalização e doença. Os recursos são inúmeros, desde uma simples explicação sobre a medicação, doença até a técnica de contar histórias e brincar com o paciente, fazendo com que a aproximação, Enfermeiro/Paciente, seja maior e os ganhos recíprocos. Através desse projeto pude concluir que há um contínuo aprendizado na própria maneira de ser homem, em que cada um busca, por si só, satisfazer as suas próprias necessidades motivacionais. De acordo com a Teoria de Maslow, duas premissas são importantes a respeito do comportamento motivacional: fatores internos e externos. As duas devem assumir o papel de portadoras de desejos, estando principalmente motivadas a satisfazer a tipos específicos de necessidades. Quando essas necessidades não podem ser satisfeitas, o indivíduo é invadido, internamente, por um estado de tensão que procura reduzir a todo custo. Quando isso não ocorre, o indivíduo, continua apresentando estados interiores desagradáveis, o que aumenta ainda mais a necessidade de se livrar dela para diminuir a ansiedade. Para tanto, cada indivíduo precisa estar comprometido com resultados e motivado para caminhar por novos processos, não podendo esquecer de que os seres humanos são donos exclusivos de sua força e vontade interior. Pensando assim, vê-se que o ser motivado expande o seu potencial para outras pessoas, sejam elas do âmbito profissional, social ou familiar. Segundo Maslow, pode-se concluir que a motivação tem origem no interior de cada um. Portanto, a única coisa a ser feita para manter pessoas motivadas é conhecer suas reais necessidades e a instituição, na qual o indivíduo trabalha, pode favorecer esse caminho.

Márcia Zirolto Rocha; Janete de Aguirre Bervique.

UNIVERSIDADE PAULISTA – UNIP.



A importância da orientação profissional no Ensino Médio.

A maioria das escolas do Ensino Médio prepara seus alunos para o vestibular, somente pensando em transmitir o conteúdo necessário, esquecendo da importância da Escolha Profissional que é essencial nesse momento. Há sete anos realizei um trabalho na escola COC-São João, sendo dois anos no COC-FEOB São João da Boa Vista e tem sido uma experiência muito rica, são muito diferentes os resultados de um aluno que participa de um processo de Orientação Profissional, pois ele se sente muito mais seguro em relação ao vestibular. Nesse tempo de trabalho, cada vez fica mais claro para mim, que só o conteúdo é pouco para os alunos sentirem-se preparados para enfrentar o vestibular e conseqüentemente a vida adulta. O meu trabalho enquanto orientadora consiste em: Primeiro Ano – Sala de Aula • Organização de estudo; • Adolescência; • Drogas; • Sexualidade; O objetivo nesse ano é trabalhar todas as possíveis dúvidas que eles tem nessa fase da vida (Adolescência) e informa-los sobre a questão das drogas e sexualidade, que por curiosidade podem ser caminhos sem volta. Sabemos que a adolescência é a fase da descoberta de si e do mundo, sendo assim tentamos passar para eles da melhor forma possível a importância de começar a fazer suas escolhas “certas”. Eles chegam do ensino fundamental muito imaturos e perdidos. Segundo Ano – Grupo Extra-classe • Escolha Profissional Nesse ano eles já estão mais maduros em relação à adolescência e a importância de fazer uma escolha profissional. Essa escolha é realizada em quatro momentos: – Mercado de trabalho: O que é, o perfil que ele busca, o que interfere uma escolha errada. – Auto-conhecimento: Quem sou eu? (interesse, habilidade, personalidade) – Informação Profissional: Conhecer as profissões. – Projeto de vida: Após esses três momentos é trabalhado individualmente para que cada um veja qual profissão tem mais haver consigo. O objetivo nesse ano, é que o aluno acabe o segundo ano “sabendo” quem ele é e quem ele pretende ser, preparado para estudar no terceiro ano e seguro da escolha e de que está pronto para competir (Vestibular). Terceiro Ano – Grupo extra-classe • Ansiedade (chegou a hora) • Pressões internas e externas • Medos • Mudanças O objetivo nesse ano é que no final o aluno saia pronto para enfrentar a fase adulta. “A passagem no vestibular para alguns significa a entrada no mundo adulto”. (Soares, 2002). Não podemos esquecer que o ensino médio acontece no auge da adolescência, momento esse de muito conflito e é sem dúvida, a fase mais confusa da vida dos seres humanos. Escolher uma profissão não é uma decisão fácil, especialmente quando se tem apenas 17 ou 18 anos. O trabalho de Orientação Profissional pode facilitar muito essa decisão, principalmente se for dentro da escola. Penso que precisamos repensar o currículo do ensino médio. Os alunos “necessitam” de uma melhor preparação para poderem enfrentar o vestibular e conseqüentemente a vida.

Christina Yara Rodrigues.

Ensino Médio COC-FEOB.



A importância de um sentido para a vida.

Pretende-se através deste trabalho, questionar a importância de um sentido para a vida de jovens adultos. Sabemos que nos dias de hoje, através do sistema capitalista vigente, a sociedade, dentre outras coisas, tende a dar muita atenção ao consumo, utilizando a sedução como meio de atingir seus objetivos. Tal questão deveria se configurar como uma preocupação da psicologia, mais especificamente em como o jovem adulto é afetado por tal característica da estrutura social, e se este jovem está sendo capaz de ser crítico com relação a suas ações e objetivos perante o mundo. Acreditamos que uma das maneiras de observarmos este fenômeno é através da verificação da existência e importância atribuída a um sentido e como tal sentido se configura na vida do jovem adulto. De acordo com Giovanetti (2001) "...não houve, ao longo da história da humanidade, uma passagem de século em que se verificaram tantas transformações na vida cotidiana do ser humano quanto a atual. As mudanças hoje acontecem com uma rapidez tão grande, sacudindo o homem de tal maneira, que ele se sente quase impotente para acompanhá-las" (Giovanetti, 2001: 91). Assim o autor, completa que quando questionamos as hierarquias, ao derrubarmos as referências morais deixadas pela tradição, e centramos nossas vivências no prazer, mergulhamos em uma crise de identidade tão profunda que resulta em uma perda de sentido de vida. Viktor Frankl (1992), quase dez anos antes de Giovanetti (2001), compartilhava de idéias semelhantes, quando discorre sobre a preocupação quanto a perda dos valores e dos efeitos causados pela tendência ao abandono da tradição, assim como as falhas deixadas por esta maneira particular de funcionamento da sociedade. A sociedade industrializada está sempre visando satisfazer todas as necessidades humanas possíveis, e seu fenômeno concomitante, a sociedade de consumo, visa até mesmo criar necessidades que possam depois ser por ela satisfeitas. Apenas a necessidade mais humana de todas, a necessidade de sentido, é frustrada pela sociedade. A industrialização se faz acompanhar da urbanização, desarraigando as pessoas, alienando-as de suas tradições e dos valores por elas transmitidos. (Frankl, 1992: 79) O contexto descrito acima pelos referidos autores nos leva a refletir o quanto necessitado de sentido encontra-se o indivíduo contemporâneo, em decorrência das privações sofridas diante do individualismo exacerbado e do enfraquecimento das relações interpessoais. Este resumo corresponde á uma proposta de painel que apresente idéias de alguns autores que refletem sobre o sentido da vida, principalmente relacionado ao jovem adulto. E também corresponde ao tema de uma dissertação de mestrado que está sendo realizada na Pontifícia Universidade Católica de Campinas e será concluída ao final do ano de 2002.

ALINE CARVALHO MONTEIRO.

Pontifícia Universidade Católica de Campinas.



A importância do processo de supervisão clínica na formação de psicólogos.

O objetivo desta pesquisa é investigar os estágios acadêmicos supervisionados em psicologia clínica, estando a mesma fundamentada nas indagações vivenciadas pela autora em sua prática de supervisão na formação de psicólogos. Com a proposta de delinear como a supervisão clínica pode encontrar seu eixo norteador específico de instrumento de aprendizagem para a profissionalização de psicólogos clínicos, trabalhando em abordagem psicanalítica, bem como, os caminhos possíveis na elaboração da bipolaridade ou sobreposição da função terapêutica e pedagógica que recai sobre o supervisor no decorrer do processo de condução da supervisão no âmbito acadêmico, realizou-se a pesquisa no decorrer dos anos de 2000/2001, em um curso de graduação de psicologia, de uma Instituição de Ensino Superior, localizada no estado de Minas Gerais. O estudo contou com a participação de 04 grupos de estágios clínicos, que atendiam em psicoterapia a comunidade, na clínica-escola da Instituição. Esses grupos eram coordenados por 04 supervisores, num total de 26 supervisionandos, que em sua totalidade, responderam aos instrumentos de coleta de dados (questionários e entrevistas individuais). No interjogo entre a literatura e a análise dos aspectos semelhantes e dissonantes do discurso de supervisores e supervisionandos, emergiram pontos relevantes de discussão sobre o processamento da supervisão, os quais foram agrupados em 12 categorias, a saber: características dos grupos, pré-requisitos para o estágio, seleção para o estágio, preparação para o início do estágio, demanda, escolha e atendimento dos pacientes, objetivos e condução da supervisão, o grupo de supervisão, interrupções do processo, término do estágio, supervisão e psicoterapia pessoal, ensino da psicanálise na graduação e função do supervisor e da supervisão na formação do psicólogo clínico. Os resultados revelaram que os estágios supervisionados em psicologia clínica enfrentam dificuldades institucionais, burocráticas, teóricas, técnicas e metodológicas, as quais podem ser em grande parte atribuídas ao próprio processo histórico de adaptação artificial e pouco crítica de transposição dos modelos de formação de psicanalistas, para a graduação. Como consequência, o método psicanalítico é obscurecido pela técnica, sendo essa privilegiada na condução da supervisão, caracterizando a ambivalência dos supervisores quanto ao seu papel de clínico e educador, dadas às próprias limitações de uma formação específica e reflexiva de suas funções. Conclui-se, sobre a importância da utilização do método psicanalítico no âmbito universitário, na medida em que o mesmo funciona como potencializador do processo de ensino-aprendizagem nos estágios clínicos supervisionados nessa abordagem. Destaca-se também, a necessidade de um programa de capacitação para supervisores clínicos que desenvolva a originalidade de suas funções e promova a construção e re-construção contínua de um setting de supervisão para organizar e delimitar procedimentos, incluindo todas as vicissitudes do processo, desde a seleção, preparação dos alunos veiculando elementos teóricos às modalidades relacionais do grupo, condução das atividades de atendimento a demanda da clínica-escola em formato de seminários associados a grupos de estudo, chegando ao término do estágio, possibilitando ao supervisor exercer, concomitantemente, as suas funções clínicas e pedagógicas, favorecendo o desenvolvimento do pensamento afetivo-cognitivo dos supervisionandos, tanto no exercício de sua prática clínica, como de suas atividades acadêmico-científicas.

HELGA DE SOUZA MACHADO QUAGLIATTO.

UNIVERSIDADE DE UBERABA.



A Importância do Psicodiagnóstico de pacientes no processo de preparo para cirurgia Um estudo de caso.

O objetivo do trabalho é discutir a importância da avaliação psicológica de pacientes em condição pré-cirúrgica. Foi realizado um estudo de caso de um paciente submetido à avaliação psicológica como parte da rotina ambulatorial de obesos mórbidos que são indicados para a cirurgia da Gastroplastia. Foi utilizado como instrumento, entrevistas semi-estruturadas com duração aproximada de 1 hora, focalizando os recursos egóicos que o paciente dispunha para adaptar-se funcionalmente a nova situação após a cirurgia. Nesta experiência tinha-se um posicionamento para o paciente que era a indicação para a cirurgia após o término da avaliação psicológica, mas houve a necessidade de um acompanhamento quinzenal diante da solicitação de ajuda, quando o paciente esteve diante de uma situação de perda significativa em sua vida. Através da experiência com este caso foi possível observar a importância do psicodiagnóstico para paciente que serão submetidos a um processo cirúrgico, pois o psicólogo pode obter uma descrição e compreensão da personalidade do paciente, detectando os recursos internos e externos que cada um dispõe quando está diante de situações que lhe causam estresse, e sendo assim o profissional poderá ajudá-lo a preservar ao máximo a sua integridade física e psíquica, mobilizando, se necessário, recursos do paciente para minimizar suas angústias.

Ros, Marcia Assenci; Benedetti, Carmen.

Irmandade Santa Casa de Misericórdia de São Paulo.



A importância do toque na relação mãe-pai-bebê: relato de um trabalho grupal em um Hospital Público.

Proposta de trabalho: Como proposta de estágio curricular do Núcleo “Atuação do psicólogo em instituição de saúde” foi realizado um trabalho preventivo com o objetivo principal de proporcionar uma discussão e reflexão acerca da importância da relação existente entre os pais e o bebê, desde o momento da gestação e principalmente nos primeiros meses de vida do recém-nascido. Público Alvo: mães de recém-nascidos internadas na maternidade do Hospital Geral Vila Penteado. Metodologia: realização de grupo aberto de caráter tanto pedagógico como vivencial com a duração aproximada de uma hora que foi realizado uma vez por semana. As mães de recém-nascidos internadas no Hospital às quartas-feiras pela manhã eram convidadas a participar do grupo. A participação era livre. Além das mães, algumas estagiárias de enfermagem quiseram participar do grupo. Utilizamos como recurso estratégico a massagem para bebês. A técnica escolhida foi a Shantala. Esta massagem tem a sua origem na Índia e foi trazida para o Ocidente por Frederick Lèboyer. Para demonstração da técnica da Shantala usamos os seguintes materiais: 3 bonecas, 1 tapete comprido para sentar-se no chão, 1 rádio (fornecido pelo hospital), 1 fita cassete de músicas para relaxamento, 1 tampa de maionese para representar o recipiente onde se coloca o óleo para massagem, cadeiras onde as mães sentavam-se durante o grupo (estas já se encontravam na sala), 2 exemplares do livro: “Shantala” de Frederick Lèboyer. Além disso, produzimos dois folhetos explicativos. Havia registro escrito posterior a cada encontro. Resultados e Discussão: Realizamos ao total sete grupos de mulheres na obstetrícia, onde participaram 51 mulheres sendo que os grupos variavam no número de participantes cada vez. Durante a transmissão das informações acerca da técnica de massagem, algumas mães falavam das suas experiências relacionadas ao toque. Percebemos que a receptividade em relação ao toque variava de mãe para mãe. Conclusão: Pela verbalização das mães sobre suas atitudes em relação aos filhos e participação das mesmas nos encontros e pela observação de suas reações, pudemos refletir sobre as formas pelas quais as mães lidam com seus bebês, como por exemplo, o toque, a maneira de manipular o bebê. Através da proposta grupal procurou-se garantir modos mais adequados de cuidados na relação das mães e seus bebês, valorizando o contato de diversas formas. A atenção a estes aspectos levou a concluir que a proposta de intervenção atingiu seu objetivo.

Flávia Maimoni Ribeiro; Rosa Maria Tosta; Cláudia Nunes Galvão.



A Importância do Vínculo Transferencial no Tratamento Psíquico.

Esse trabalho tem por objetivo recuperar a importância do vínculo transferencial entre paciente e psicoterapeuta em um momento, onde nossa cultura contemporânea coloca o contato entre as pessoas em detrimento em relação as exigências do mundo moderno. Na atualidade o contato humano é desvalorizado, minimizado; enquanto o contato tecnológico ganha espaço e consegue manter duas pessoas conectadas entre si, pela facilidade da forma de encontro, ou melhor, justamente pela dificuldade de se estabelecer um encontro verdadeiro. O encontro através da tecnologia favorece a fantasia e a idealização de uma relação que infelizmente substitui a possibilidade do lidar com o contato real. Esse contato real fatalmente trará frustrações e exige da parte de cada um, tolerância a diferença que o outro traz. O vínculo terapêutico tem o privilégio de ser estabelecido em um mundo real e se dá ao vivo. Possui características básicas e essenciais que garantem um encontro humano, exige a presença física de ambos, suas disponibilidades de mente e desejo para arriscarem-se em um processo que não possui trajeto previsto. Na história da psicanálise, o foco das atenções era dirigido unicamente de um observador para um observado - o paciente - e só recentemente esse foco foi ampliado e passou a abranger o analista, seu funcionamento mental e suas emoções. Essa pesquisa tem sua fundamentação metodológica na abordagem histórica do conceito de vínculo transferencial, reconhecendo a evolução da técnica dentro do movimento psicanalítico. Foi realizada uma investigação na literatura psicanalítica abordando o pensamento de autores importantes a respeito do conceito de vínculo transferencial. O percurso histórico realizado, com a origem e modificação desse conceito, necessariamente passou pela abordagem teórica de Freud, Klein, Bion e outros autores contemporâneos como Herrmann, Ferro e Ogden. O acompanhamento desta trajetória teve por propósito perceber momentos de mudanças que ocorreram nas indicações técnicas, em especial das interferências no vínculo terapeuta x paciente. Nas últimas décadas cresceu a ênfase de uma visão que privilegia a interação emocional do par terapêutico, onde todo conhecimento é construído a dois, e a existência dessa dupla traz a possibilidade de se produzir saber; pois essa relação exige "disponibilidade para o novo" e todos os valores e a própria identidade do terapeuta se colocam em risco, ou seja, passíveis de mudança, assim como a do paciente.

Heidi Miriam Bertolucci Coelho; Maria Lúcia de Oliveira.

Unesp.



A incidência de sintomas de depressão em aluno do ensino fundamental de uma escola de Campinas.

Durante muito tempo, pensou-se que a depressão em crianças não existia ou então, seria muito rara nessa população. Atualmente, não há dúvida quanto a ocorrência de depressão na infância. No Brasil, são escassos os estudos sobre depressão em crianças. Assim como na literatura internacional, no contexto brasileiro, a incidência de sintomas depressivos tem se revelado bastante variável. Estudos demonstram que essa taxa pode variar de 0 a 60%, sendo que há um considerável aumento de sintomas quando os sujeitos apresentam outras dificuldades associadas. Há muita controvérsia quanto ao diagnóstico de depressão infantil. Existem autores que acreditam que a depressão na criança se manifesta de forma atípica e diferente do adulto, outros consideram que a depressão na criança é semelhante a depressão no adulto. De acordo com DSM, os sintomas de depressão são: tristeza ou irritabilidade, falta de energia e interesse pelas atividades, alterações de sono e apetite, alteração psicomotora, sentimento de inutilidade, funções cognitivas alteradas (atenção, concentração, memória e raciocínio), pensamentos ou tentativas de suicídio. Para o diagnóstico de um episódio depressivo maior é necessário que o indivíduo apresente pelo menos 5 dos sintomas citados, sendo que um dos sintomas deve ser o humor deprimido ou falta de interesse e deve ocorrer em um período de pelo menos 2 semanas. O objetivo deste trabalho foi identificar a incidência de sintomas depressivos em alunos de uma escola pública da cidade de Campinas. Foram avaliados 169 sujeitos de 8 a 15 anos de idade, de ambos os sexos, sendo 69 alunos de 3^a série, 69 alunos de 4^a série e 31 alunos de 5^a série. Utilizou-se como instrumento de identificação dos sintomas depressivos o Inventário de Depressão Infantil (CDI). A incidência de depressão encontrada nesta amostra foi baixa (2,95 %) quando comparada à outros estudos de prevalência, em nível nacional. Todavia, os dados são indicativos de que a depressão na infância existe, o que torna imprescindível o reconhecimento de seus sintomas por parte daqueles que convivem com essas crianças. A falta de informações de pais e professores sobre a depressão infantil pode contribuir para aumentar as dificuldades das crianças, interferindo no desenvolvimento e funcionamento das mesmas. Há estudos que mostram que a depressão infantil não é um fenômeno transitório e sem gravidade. Além de prejudicar o desenvolvimento atual da criança, ela contribui também para seqüelas emocionais, no futuro. Discute-se a importância de um olhar mais atento para essas crianças por parte dos pais e professores para que elas sejam reconhecidas mais cedo e encaminhadas para a intervenção necessária e adequada.

Miriam Cruvinel; Evely Boruchovitch.

UNICAMP.



A inclusão da criança portadora de Deficiência Mental no ensino regular na concepção de seus pais.

A discussão sobre a inclusão e aceitação social da criança portadora de deficiência mental tem sido muito discutida e debatida nos dias de hoje. Entretanto, apesar de todo esforço e atenção que vários estudiosos e profissionais da área de reabilitação ou educação especial tem despendido frente ao movimento da inclusão, muito pouco tem-se feito na prática. Na verdade, ainda existem vários obstáculos que impedem o sucesso desse movimento. Um exemplo seria o dos pais das crianças portadoras de deficiência mental que por não compreenderem ou não aceitarem o processo de inclusão, podem impedir esta ação. Desta forma, a autora deste estudo se propõe investigar a compreensão que estes pais possuem sobre a inclusão escolar, pois tais dados podem auxiliar os profissionais (envolvidos no processo em questão), a compreender e ajudar os mesmos, para que venham a tomar decisões mais conscientes sobre a educação escolar de seus filhos. Como se trata de uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório, onde o problema será analisado em profundidade e não em extensão; optou-se pela entrevista semi-dirigida realizada com três mães. As entrevistas foram gravadas em fita cassete e transcritas pela própria pesquisadora. Após analisar os dados, decidiu-se por agrupá-los em sete temas, que foram os que mais apareceram no discurso das mães: Concepção de deficiência; Sentimentos/postura em relação ao filho com deficiência; Concepção de Escola Inclusiva; Benefícios e Desvantagens da Inclusão; Tomada de decisão pela Escola Inclusiva; Concepção de Escola Especial; Comparação entre Escola Especial e Escola Inclusiva. Dentre os resultados obtidos, notou-se que, geralmente, a concepção de deficiência aparece atrelada aos acontecimentos ocorridos na gravidez e/ou no momento do nascimento. Em relação aos sentimentos diante do filho com deficiência mental pôde-se notar, claramente, alguns mecanismos de defesa, tais como negação, projeção, superproteção, culpa, entre outros, confirmando a teoria sobre o assunto. No que diz respeito à concepção de Inclusão escolar foi muito interessante notar que em todos os discursos, aparece a idéia de que para ter bons resultados seria necessário uma adaptação da Escola Normal às necessidades das crianças com deficiência, como por exemplo a presença de duas professoras na sala de aula. Apesar disso, de forma geral, as mães relatam benefícios em comum de uma Escola Inclusiva, como o fato de que este projeto colabora para vencer as barreiras do preconceito. Entre as desvantagens, a falta de rigidez e cobrança por parte das professoras e o grande número de alunos em sala de aula, foram as críticas mais mencionadas e comentadas como sendo prejudiciais às crianças com deficiência mental. Entretanto, diante de todos os resultados analisados, o mais interessante foi o fato das mães terem uma idéia de Escola Inclusiva como sendo uma "Escola Especial dentro da Normal".

GHIRINGHELLO, Lucia; GOLEGÃ, Luciana Tavares.

Universidade São Marcos.



A indisciplina e a violência escolar como fatores colaboradores no processo de exclusão da escola e exclusão na escola.

O presente trabalho foi inspirado em minha atuação como professora de educação física da rede estadual e municipal de São Paulo e como técnica desportiva na área da psiquiatria. Meu interesse foi, ao perceber que todos os dias em frente uma escola pública de um bairro de classe média da capital paulista, encontra-se uma legião de adolescentes muito parecidos entre si, porém, diferentes dos que saem e entram na escola. Eles dão a impressão de irreverência, com suas vestimentas chamativas, cabelos coloridos, muita fumaça de cigarro, principalmente em cima de quem passa ou deseja passar pela calçada, no meio da 'roda' que eles formam. Os passantes são pessoas comuns, mas, principalmente professores e alunos incluídos na escola. Na tentativa de tentarmos compreender o que permeia o universo escolar, e reunir elementos que possam fortalecer as hipóteses sobre a indisciplina e a violência escolar no processo escolar excludente, recorreremos aos seguintes autores: Michel Foucault, no texto "A Verdade e as Formas Jurídicas" e, em "Vigiar e Punir"; Julio Groppa Aquino, nos textos sobre "Autoridade e Autonomia na Escola – Alternativas Teóricas e Práticas" e Do Cotidiano Escolar-Ensaio sobre a Ética e seus Aversos" e Maria Helena Souza Patto, "A Produção do Fracasso Escolar". Percebemos que não houve muito avanço no campo escolar desde a época da Sociedade Disciplinar européia, pois as normas, a disciplina, os sistemas de punição estão muito atrelados ao passado. O que muitas vezes convida o aluno a ausentar-se da escola nos momentos de dificuldade para a superação de seus problemas. Para colaborar nesta causa, temos uma leitura subjacente da questão das advertências, das aulas cabuladas, das suspensões, das humilhações e da indisciplina escolar sob a ótica de dois adolescentes. Um excluído na escola e outro excluído da escola, ambos na 7ª série do ensino fundamental. Citamos trechos da fala de Bárbara: "Violência escolar, é um direito do professor xingar o aluno, mas o contrário não". "Em vez de criticar a escola deveria ajudar. A primeira coisa seria o diálogo e não humilhar na frente dos demais. Deveria retirar o aluno da sala para não humilhar". Sobre a presença de policiais militares dentro da escola, apresenta um discurso notável: "No tempo da minha mãe, a barra não era tão pesada. Tinha um 'tiozinho', ele falava bom dia sorrindo e não como agora, dois policiais na porta da escola pra te receber, como se você fosse traficante". Já na história de Michel, podemos ver a submissão presente: "minha avó dá razão para a professora e fico quieto para não apanhar". Enfim, este ensaio enfatiza um novo olhar para a escola, onde a família tem um papel importante tanto quanto os profissionais envolvidos na causa educacional e ressalta a importância de ambos caminharem juntos, em prol de uma educação de qualidade, garantindo o direito de educação a todos.

Marilda José Cremasco.

Rede pública de ensino – São Paulo – Capital.



A influência da auto-estima na recuperação e cura de pacientes com câncer de colo de útero.

O presente relato de pesquisa desenvolvido por alunos do 5º ano do curso de Psicologia das Faculdades de Filosofia, Enfermagem e Obstetrícia, Fisioterapia de Guarulhos, como Trabalho de Conclusão de Curso, objetivou através da abordagem Psicossomática demonstrar a influência da auto-estima em pacientes internados, proporcionando a estes a possibilidade de escolha entre o "curar-se ou entregar-se". Buscou-se com este trabalho como tais fatores podem influenciar no processo de recuperação de pacientes com diagnóstico de câncer de colo de útero. Desta forma entendemos que a auto-estima está diretamente ligada à "cura" e ao respeito para com o paciente, permitindo que a mesma possa realizar atividades que lhe dão prazer (que fortalecerão seu sistema imunológico) e que estejam dentro de suas condições, reduzindo assim a sua dor. Consideramos esta uma experiência complexa, que inclui sensações e reações emocionais, portanto, o respeito ao paciente, permissão de sua escolha, a importância na compreensão de sua fala, o incentivo a cada etapa de tratamento vencida, o estímulo à manifestação de suas emoções, levam o paciente a se sentir amado e reconheça que tem um papel no mundo, restabelecendo seu fundamental equilíbrio emocional. É consenso e todos nós sabemos, que as emoções e os sentimentos, são geradores de desorganizações psíquicas e físicas. As oscilações do humor fundamental, as percepções, as sensações e pensamentos colaboram e influem diretamente para esta concentração energética existir e desencadear consequências negativas (desequilíbrios), se não entendida, externalizada ou "trabalhada". Sendo assim, impossibilitada de externalizar o sofrimento, a pessoa o incorpora a algum órgão, e faz do sofrimento físico uma tentativa de discurso para legitimar a possibilidade de atendimento de sua dor. A pessoa faz do corpo o veículo para externalização de seus sofrimentos. Metodologia: Entrevistou-se em março de 2002, através de entrevista semi-dirigida, 30 mulheres com idade entre 20 e 30 anos, que buscaram tratamento em hospital público e particular, na cidade de Guarulhos, sendo 15 mulheres de cada instituição. Considerando-se sujeitos que se encontravam em diferentes momentos: pré-cirúrgico, pós-cirúrgico e em tratamento. Percebe-se na avaliação de dados obtidos, que os motivos da necessidade de adoecer, estão diretamente ligados a auto-estima, ao desejo de auto-punição, pois inconscientemente sentem-se culpados, merecedores de castigo e, mantêm em relação ao corpo, à sexualidade, uma relação de ambivalência de amor-ódio, preocupando-se com ele de forma exagerada, buscando ajuda médica, tratamento, mas mantendo o desejo de puni-lo, e muitas vezes de mutilá-lo, sem remissão de sintomas como esperado pelos recursos utilizados no tratamento. Observa-se mulheres apresentando uma história de vida sofrida, do ponto de vista emocional e afetivo, e sentem-se punidas por algo que fizeram, não se valorizam, consideram-se merecedores do sofrimento vivido. Esta culpa, e conseqüente auto-punição, está relacionada ao fato de terem sobrevivido a tudo que passaram. Outra razão encontrada, que pode justificar a opção de adoecer são os chamados ganhos secundários, que a doença traz consigo. As pacientes recebem carinho, atenção, indulgências sociais, o que as leva a isentar-se de papéis sociais normais, não sofre pressões diárias, não é responsável pela doença, sendo considerada uma vítima, digna de dó e respeito. Todos se solidarizam com alguém que está doente.

Ortegosa, Rosângela M.C.; Casabona, L.A.; Assis, V.A.; Rosa, F.B.G., Ortegosa, R.M.C.

Faculdade de Filosofia Ciências Letras Enfermagem e Obstetrícia, Fisioterapia de Guarulhos.



A influência do gênero no processo de Formação de Impressão.

As impressões são formadas a partir das cognições e têm a função de orientar os indivíduos em suas relações sociais (Camino, Maciel, Brandão & Gomes, 1996). Com muita frequência forma-se impressões a partir de uma única característica social da pessoa. A construção do gênero é evidente quando se verifica que ser homem ou mulher nem sempre supõe o mesmo padrão de características (Strey, 1998). O objetivo do presente estudo foi verificar a influência que a variável gênero exerce no processo de formação de impressão. Para tal alguns sujeitos foram solicitados a formarem uma impressão de uma pessoa do sexo masculino (Renato) e outros a formarem uma impressão de uma pessoa do sexo feminino (Helena); a observação foi feita através da redação que os sujeitos faziam. Participou do experimento uma amostra de 90 estudantes da Universidade Federal da Paraíba, sendo 54,4% do sexo feminino e 45,6% do sexo masculino, com idade variando de 17 a 54 anos ($X = 25$, $DP = 7,54$). Através da análise de conteúdo verificou-se que Renato recebeu 158 características positivas, 18 negativas e 12 neutras, num total de 188; Helena, por sua vez, recebeu 195 características positivas, 11 características negativas e 11 neutras, num total de 217. Comprovou-se que as pessoas formam impressões de outras baseando-se em um número bastante reduzido de características. No que se refere a variável gênero, os homens atribuíram mais características de dinamismo a Renato do que a Helena, no entanto, isto não foi suficiente para afirmar a presença de estereótipo de gênero no processo de formação de impressão.

Sheyla Christine Santos Fernandes; Josemberg Moura de Andrade; Renata Meira Vêras.

Universidade Federal da Paraíba.



A influência do processo terapêutico na perspectiva de vida de pacientes psiquiátricos.

Ao longo da história o doente mental vem sofrendo com a exclusão e o desrespeito, com este trabalho pretende-se contribuir para uma ampliação na visão de todos aqueles que não conhecem a doença mental e não entendem a importância do resgate da cidadania de cada indivíduo que passa pelo tratamento psiquiátrico. Os objetivos desta pesquisa foram: identificar a perspectiva de vida do paciente, sua dependência em relação à instituição, e descrever o processo terapêutico de cada instituição. A coleta de dados foi realizada em duas instituições: o hospital psiquiátrico Pinel, localizado em Pirituba – SP e o Centro de Atenção Psicossocial Prof.º Luiz da Rocha Cerqueira (CAPS) – SP, onde foram selecionados cinco pacientes de cada instituição, com os quais foi realizada uma entrevista. Para obter a descrição do processo terapêutico, foi elaborado um questionário que foi entregue a um psicólogo, e um psiquiatra de cada uma das instituições. Observou-se que os pacientes de ambas instituições sentem-se excluídos pela sociedade, porém existem diferenças no processo terapêutico de uma e outra instituição, que influem nos sentimentos dos pacientes em relação as suas expectativas de vida, e os impedimentos e perdas sofridas em decorrência da patologia, bem como na relação de dependência que têm com a instituição. Sendo assim, os pacientes do CAPS apresentam maior perspectiva de vida e menor relação de dependência com a instituição, que os pacientes do setor de convívio do Hospital Psiquiátrico Pinel.

Carla Mendes Francisco; Celia Mara Vilela; Claudia Yumi Rodrigues; Claudio Cobianchi; Paulo R. Morais.

Universidade Braz Cubas.



A influência do tempo do uso de bebida alcóolica na percepção visomotora de alcoolistas crônicos.

O presente trabalho refere-se ao estudo da influência do tempo de uso de bebidas alcóolicas na percepção visomotora, através do Teste Gestáltico de L. Bender, adaptado por Max L. Hutt em alcoolistas crônicos. Foram avaliados quatro sujeitos internados em um hospital psiquiátrico para desintoxicação. A avaliação da percepção visomotora é realizada através da reprodução de nove desenhos apresentados em cartões, atividade que utiliza os recursos visuais, motor e perceptivo do indivíduo. Hutt busca através da análise dos clássicos desvios gestálticos da percepção uma compreensão global do funcionamento do indivíduo, que permita descrever e prever aspectos significativos de seu comportamento. Propõe uma escala de psicopatologia composta por 17 fatores, a partir dos quais foram avaliados os protocolos deste estudo. A análise dos protocolos mostra o empobrecimento progressivo da percepção visomotora e o aumento de indicadores de perturbações emocionais dos alcoolistas em consonância com o tempo do uso de álcool.

Magaly Gomes Melo.

Universidade de Franca.



A inserção do lúdico como facilitador na integração e recuperação das crianças no hospital.

A criança ao ser hospitalizada passa por uma experiência desagradável por enfrentar um ambiente desconhecido. Sente-se abandonada pela separação da família, dos amigos, da escola, e sofre restrições em suas atividades lúdicas. O ambiente hospitalar e a mudança da imagem do corpo geram na criança sentimentos de medo, insegurança, impotência, dependência, angústia, dor e desconforto. Este trabalho faz parte do projeto multidisciplinar de extensão Brinque-Hospital e teve como objetivo proporcionar um ambiente hospitalar mais acolhedor à criança, através de situações lúdicas que superassem os sentimentos gerados pela internação, buscando uma oportunidade de recuperação mais rápida, bem como desenvolver aspectos cognitivos, afetivo, social e psicomotor da criança internada. O trabalho desenvolvido envolveu crianças de zero a doze anos internadas nas setes Enfermarias Pediátricas do Hospital Universitário Regional Norte do Paraná. Foram realizadas atividades lúdicas como oficinas de fantoche, colagens, pinturas, hora do conto, jogos de regras e brincadeiras espontâneas, nos leitos e na sala de recreação. Os resultados obtidos mostraram que as crianças ficaram menos angustiadas e agressivas, mais calmas, alegres e choravam menos durante a permanência das estagiárias na enfermaria pediátrica. As situações lúdicas promoveram uma maior adaptação e inserção das crianças no ambiente hospitalar. Os relatos de pais e enfermeiros confirmaram a eficácia do trabalho, observando que as crianças tiveram uma melhor interação com os acompanhantes e os profissionais de apoio. O brincar no contexto hospitalar é de extrema importância, pois é brincando que a criança se comunica com o mundo, vivencia emoções, expressa sentimentos, interage com outras crianças, estimula criatividade e adquire conhecimento de forma mais prazerosa. O lúdico, de um modo geral, auxiliou na recuperação e saúde emocional da criança, amenizando a dor e prevenindo eventuais consequências psicológicas danosas.

ALBUQUERQUE, Lidiane Lopes de; REBEIRO, Grazielle Bueno de Farias; MARTELOZO, Ana Priscila; NEVES, Maria Augusta de Almeida; RODRIGUES, Simone; CARLESSO, Denise Regina Disaró; PALMA, Wânia Teresinha Alfieri.

Universidade Estadual de Londrina; Hospital Universitário Regional Norte do Paraná.



A Inserção do Psicólogo Escolar no Contexto Educacional Goianiense.

Inserido em uma pesquisa que pretende compreender a formação e a atuação em Psicologia Escolar, na realidade de Goiânia, realizou-se inicialmente uma investigação acerca da inserção do psicólogo escolar nas instituições educacionais da cidade, visando alcançar uma maior compreensão da constituição de tal área de conhecimento e atuação, analisando as ideologias que permeiam as teorias, objetivando realizar um estudo crítico, buscando uma Psicologia Escolar que contribua de forma ativa e transformadora junto com a Educação, na humanização do homem em seu movimento de construção de si próprio e do mundo em que vive. Este momento da pesquisa teve como estratégia, ligações telefônicas, feitas para escolas em Goiânia, investigando a presença ou não de Psicólogo Escolar. Os dados construídos até o momento apontam uma presença razoável deste profissional nas escolas, porém apresentando uma variedade de práticas, fundamentadas em diferentes visões do papel do psicólogo escolar. Acredita-se que a realização do presente estudo possibilitará uma compreensão do movimento de formação e atuação do Psicólogo Escolar em Goiânia, contribuindo assim para a ressignificação destes processos.

Alba Cristhiane Santana; Mercedes Villa Cupolillo.

Universidade Católica de Goiás.



A Inserção do Psicólogo no Atendimento Domiciliar: Relato de uma Experiência junto a uma Equipe Multidisciplinar.

A Unimed Lar é um serviço oferecido pela Unimed Vale dos Sinos que presta assistência domiciliar aos usuários portadores de patologias invalidantes com total ou parcial possibilidade de locomoção. Esta forma de trabalho procura atender, orientar, acolher e reinserir o paciente no meio familiar e social. Desta forma, considerando que esta modalidade de atendimento vem crescendo dentro do âmbito da saúde e, que existe poucos estudos e pesquisas a este respeito, principalmente no campo da psicologia, este estudo tem por objetivo apresentar como esta equipe multidisciplinar, em especial o psicólogo, vem dando conta desta demanda. Para tanto, o mesmo será ilustrado com um caso clínico onde será possível visualizar a prática de cada profissional, bem como os benefícios obtidos tanto para o paciente como para a instituição. Através de uma recente revisão da literatura disponível, observou-se que o atendimento domiciliar procura atender aqueles pacientes que apresentam dificuldades de deslocamento sejam por razões físicas e/ou emocionais e, seus resultados demonstram uma promoção de conforto e dignidade para o paciente e sua família.

Michele Scheffel.

Unimed Vale dos Sinos.



A inserção do serviço de Psicologia no Programa de Atenção à Criança Desnutrida.

A desnutrição consiste numa gama de condições patológicas que aparece por deficiências de aporte, transporte ou utilização de nutrientes (principalmente de energias e proteínas) pelas células do organismo. Pesquisas apontam que desnutrição é a doença nutricional mais associada à mortalidade de crianças em todo mundo o que justifica o constante interesse na área. Tradicionalmente o papel da psicologia em serviços de atenção à saúde da criança tem sido o de realizar psicodiagnóstico e de intervir em problemas de comportamento. No Brasil a Psicologia da Saúde ainda é pouco difundida e em se tratando da subárea Psicologia Pediátrica nota-se desconhecimento dos profissionais da área médica sobre as possibilidades de atuação do psicólogo integrado à equipe. No caso da assistência pediátrica o papel do cuidador na atenção à saúde da criança é fundamental uma vez que cabe a ele a execução dos cuidados orientados pelos profissionais. Entretanto estudos sugerem que cuidadores de crianças desnutridas apresentam dificuldades no seguimento das instruções nutricionais e medicamentosas, o que freqüentemente agrava ou dificulta a recuperação do estado nutricional. Nesse contexto, a proposta do serviço de Psicologia para o Programa de Atenção à Criança Desnutrida do Hospital Universitário Bettina Ferro de Souza na cidade de Belém, Pará, foi promover a adesão do cuidador ao tratamento de crianças desnutridas. Este trabalho apresenta os resultados obtidos no período de implantação do serviço de psicologia descrevendo as atividades realizadas, com destaque para a integração com a equipe do programa. Tendo como referencial teórico o Modelo Construcional de I. Goldiamond, foram realizados atendimentos individuais, grupos de sala de espera, grupos de acompanhamento e visitas domiciliares. No período de outubro a dezembro de 2001, compareceram quarenta crianças com Desnutrição Primária, encaminhadas pelo Serviço de Nutrição. Destas, vinte e duas crianças e seus cuidadores participaram de sessões de atendimento individual no ambulatório do hospital; dezoito participaram do grupo de acompanhamento, e uma criança recebeu atendimento individual, grupal e visitas domiciliares. Os resultados mostram que a inserção da Psicologia no Programa de Atenção à Criança Desnutrida foi de grande importância para instalação de comportamentos de adesão do cuidador ao seguimento de instruções nutricionais e medicamentosas, verificadas através do relato verbal dos cuidadores, da análise do estado clínico da criança registrado nos prontuários, e da avaliação da equipe.

Aline Hidaka; Silvia Maués; Eleonora Arnaud Pereira Ferreira.

PROAD; FADESP; Universidade Federal do Pará.



A inserção dos psicólogos no contexto hospitalar do Rio de Janeiro: um estudo de caso.

O hospital geral é um dos muitos campos de atuação dos psicólogos na atualidade. Um grande número desses profissionais vê o local como uma interessante alternativa no mercado do trabalho, em parte devido à saturação da clínica privada. Esse novo espaço, no entanto, lança ao psicólogo uma série de desafios, tais como a necessidade de reformulações teóricas e práticas, vivência de conflitos com outros profissionais de saúde, dificuldade na delimitação de seu campo de atuação e problemas com autonomia e autoridade, uma vez que o psicólogo se encontra submetido à estrutura hierárquica de poder médico. Um estudo histórico a respeito das origens desse campo de atuação psi se faz relevante na medida em que fornece chaves para a compreensão de elementos que hoje se fazem presentes. O objetivo desse trabalho é analisar a inserção dos psicólogos no contexto hospitalar do Rio de Janeiro, tomando como estudo de caso o Hospital dos Servidores do Estado. O HSE foi inaugurado em 1947, e por vários anos foi modelo de excelência na assistência hospitalar, o que confere a esta instituição uma posição de destaque na história do sistema de saúde brasileiro. As primeiras psicólogas iniciaram sua atuação no Hospital em 1976, trabalhando no Setor de Pediatria, e em 1983 conseguiram oficializar o Serviço de Psicologia, até então inexistente neste local. Esse trabalho faz parte das atividades da dissertação de mestrado da autora, onde se pretende investigar a entrada das psicólogas no HSE através de suas histórias de vida e da própria história do Hospital, procurando entender quais desafios tiveram que enfrentar para a conquista desse novo espaço de atuação.

Fernanda Martins Pereira.

História das Ciências da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz.



A institucionalização das Práticas Grupais em um estabelecimento de Assistência à Infância e Adolescência em situação de risco pessoal e social.

A presente pesquisa intitulada é um eixo temático dentro da proposta da Análise Institucional de um estabelecimento de assistência à infância e adolescência situado no interior de São Paulo. Entrevistamos vinte e três pessoas que trabalham nesse estabelecimento. Estas foram gravadas com o consentimento dos sujeitos. Posteriormente transcrevemos a gravação e precedemos à análise dos discursos tendo como respaldo teórico a Análise Institucional. Entrevistamos também, trinta crianças e adolescentes que freqüentam o estabelecimento. A seguir realizamos uma triagem com aproximadamente trezentas crianças e adolescentes com o objetivo de formar grupos e desmistificar a fala dos agentes institucionais de que a totalidade dessa população apresenta problemas de aprendizagem ou psicológico. Há quatro anos, com a contratação de dois psicólogos neste estabelecimento, que agregou em um ano vinte e um estagiários de psicologia, vindo acarretar um psicólogo para cada seis crianças, produzindo uma demanda terapêutica individual que acabou por se tornar uma prática psicologizante e mecanicista das questões sociais, históricas e institucionais. Assim sendo, o discurso das psicólogas, passou a ser o discurso oficial dos agentes institucionais e este fato era visto como algo “bom” para as crianças e adolescentes. Não demorou muito para que este discurso alienado politicamente capturasse os sujeitos, fazendo com que eles propriamente dissessem “Tia, eu quero um psicólogo só pra mim”. Na tentativa de romper com essas práticas psicologizantes de rotular as crianças e os adolescentes como em situação de risco pessoal e social, é que nossas intervenções instituem-se juntamente com a perspectiva da Análise Institucional e da Clínica Ampliada, buscando a produção de novas subjetividades. Sendo assim, os grupos são para nós, agenciamentos, encontros, afetações, campo virtual de ruptura com o instituído, potencialização do pensamento e de ações instituintes. Nossas práticas são pautadas na proposta de autogestão, auto-análise e auto-crítica; para tanto, o grupo é tomado como dispositivo. Dessa forma as intervenções são feitas através do grupo aberto onde disponibilizamos oficinas que permitem dar visibilidade aos atravessamentos institucionalizados que vão constituindo estes sujeitos, e ao dar visibilidade, podemos indagar e problematizar essa instituição de assistência à infância e adolescência.

Marina Bevilacqua Alves de Lima; Paula Ione da Costa Quinterno Fiochi; Danilo Lima Tebaldi; Juliana Uesono; Soraia G. F de Paiva Cruz.

Universidade Estadual Paulista - Unesp.



A interação mãe-criança em díades com crianças com e sem doença crônica.

O objetivo do presente estudo foi examinar a interação mãe-criança em crianças com e sem doença crônica física no segundo ano de vida da criança. Baseado na teoria do apego de Bowlby (1989) e nos estudos de Goldberg e cols. (1990, 1995) sobre a relação mãe-criança em crianças doentes, supunha-se que o fracasso e a desilusão dos pais por terem gerado uma criança enferma bem como as eventuais limitações da criança devido à sua condição de saúde tornariam essas mães menos responsivas quando comparadas às mães de crianças sem doença crônica. Participaram do estudo dezesseis díades mãe-criança, sendo oito com crianças portadoras de doença crônica física (fibrose cística, atresia de vias biliares e cardiopatia congênita) diagnosticada nos primeiros seis meses de vida da criança, e oito cujas crianças não apresentavam problemas crônicos de saúde. As crianças eram de ambos os sexos e tinham entre 24 e 25 meses de idade. As mães de crianças com doença crônica tinham idade média de 30,9 anos (DP=8,8) e escolaridade média de 8,1 anos (DP=2,4), e as mães do outro grupo tinham idade média de 25,5 (D=5,3) e escolaridade média de 10,2 (DP=3,4). Foi utilizado um delineamento de grupos contrastantes (Nachmias & Nachmias, 1996) envolvendo dois grupos: díades mãe/criança com crianças com doença crônica e díades mãe/criança com criança sem doença crônica. As famílias de crianças com doença crônica foram selecionadas em hospitais públicos de Porto Alegre, e as demais faziam parte de um estudo realizado pelo GIDEP/UFRGS/CNPq que acompanha o desenvolvimento infantil da gestação ao terceiro ano de vida da criança. Foi realizada uma sessão de observação familiar que durava ao redor de 30 minutos, sendo que a interação somente da mãe com a criança, objeto deste trabalho, era de aproximadamente 10 minutos. A sessão de interação livre foi realizada em uma sala de brinquedos da universidade e foi filmada. Foram analisados os últimos seis minutos da interação subdivididos em intervalos de 15 segundos conforme protocolo criado por Castro, Chaves e Piccinini (2001) que avaliava três categorias de comportamentos maternos (responsividade, intrusividade e afeto) e três categorias de comportamentos infantis (responsividade, envolvimento e afeto). Dois codificadores foram treinados para a avaliação e obtiveram índice de concordância médio (teste Kendall) de 0,88. Os resultados da análise da interação mãe-criança não revelaram diferenças significativas entre os grupos nas categorias de comportamentos maternos e infantis investigadas. Verificou-se apenas uma tendência a diferenças entre os grupos, indicando que as mães das crianças com doença crônica foram menos responsivas quando comparadas ao outro grupo. Esta ausência de diferenças sugere que a interação das díades do grupo com doença crônica foi mais resiliente do que se supunha. No entanto, devido à grande variabilidade da interação das díades no grupo com doença crônica, e a aspectos relacionados ao número de participantes e ao protocolo utilizado, novos estudos devem ser feitos para confirmar estes achados.

Elisa Kern de Castro; Cesar A. Piccinini.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



A Interconsulta Psicológica.

A interconsulta é uma das atividades da Psicologia Hospitalar e propõe-se a atender o paciente, sua família e a equipe. Caracteriza-se uma interconsulta quando uma clínica solicita a participação de um psiquiatra e/ou psicólogo para avaliar a saúde mental do enfermo, identificando características de personalidade, história de vida e conflitos psíquicos, que podem comprometer a sua reação frente ao diagnóstico e/ou procedimento médico. A interconsulta remete-nos ao binômio corpo e mente e incentiva-nos a refletir sobre a retrospectiva e as perspectivas dessa dualidade. No começo do século a ênfase era atribuída ao primeiro componente dessa díade, uma vez que não era considerado científico pensar no seu contraponto. A dor de cabeça significava problemas no cérebro, dor de estômago problemas no estômago e assim por diante. Nessa época entender que a cabeça doía devido a tensão, não fazia o menor sentido. Todavia, os trabalhos sobre Histeria (1886) começaram a trazer os primeiros e tênues indícios da presença dos fatores psicológicos nas doenças, nas dores e nas paralisias. Os trabalhos de Charcot (1888) permitiram definir a Histeria como uma neurose onde não são encontradas alterações perceptíveis no sistema nervoso. O trabalho de Freud “Tratamento Psíquico ou Tratamento Mental” (1905), enfatiza a importância da palavra como instrumento essencial nessa forma de tratamento; e a consideração dessa importância foi a responsável pela evolução da Medicina no último século. O psicólogo através de uma escuta diferenciada àquilo que o paciente verbaliza, detecta que os conflitos emocionais que a princípio estariam relacionados à doença, referem-se às experiências traumáticas, e portanto sofridas e não aceitas pelo paciente. O psicólogo é um interlocutor entre o paciente e a enfermidade, possibilitando que o enfermo repense sua conduta diante das mais variadas solicitações do cotidiano, direcionando seu olhar para um alvo maior do que aquele que a doença representa. A interconsulta psicológica estende-se ainda aos familiares e à equipe interdisciplinar. A doença de um ente querido provoca alteração na dinâmica familiar, novamente o psicólogo se faz presente como interlocutor, dessa vez entre o paciente e a família, viabilizando uma comunicação mais fácil sobre as necessidades, aflições e medos de ambos. A relação médico-paciente é facilitada pela interconsulta na medida em que informa ao profissional da saúde sobre a subjetividade do enfermo esclarecendo que determinadas atitudes do doente não são direcionadas ao médico, mas sim expressão da angústia, medo e ansiedade frente à doença. A interconsulta tem sido responsável pela contratação de psicólogos em algumas clínicas do Hospital do Servidor Público Estadual. A presença do psicólogo, possibilita a compreensão dos aspectos emocionais estimulados e intensificados diante do diagnóstico de uma enfermidade, da hospitalização e do tratamento. A elaboração desses conteúdos emocionais favorece a maior participação do paciente no seu tratamento proporcionando internações mais breves e redução no número de retornos aos ambulatórios.

Wanderley, K.S.; Affonso, R.L.; Aribi, N.V.; Telles, S.R. A.; Cavalini, S.

Universitário UNIFMU; Hospital do Servidor Público Estadual.



A interferência da heterogeneidade lingüística e seus efeitos no processo terapêutico.

INTRODUÇÃO: A discussão pretende trazer subsídios ao campo de investigação da psicologia da linguagem, refratária ainda às perspectivas pragmáticas, assim como ao domínio da psicologia clínica, rediscutindo a função da linguagem na constituição da subjetividade e, portanto, nas práticas de intervenção a elas direcionadas. A presente pesquisa analisa os efeitos da heterogeneidade lingüística numa instituição de tratamento de adolescentes (CRIA-UFF – CENTRO REGIONAL INTEGRADO DE ATENDIMENTO AO ADOLESCENTE). Os procedimentos lingüísticos desviantes do código padrão - da língua maior-, muito freqüentemente são tomados como obstáculos (ruído) à comunicação (Deleuze e Guattari, 1980; Orlandi, 1999). No entanto, seguindo a perspectiva dos estudos da produção da subjetividade, vemos a linguagem ser definida como processo ininterrupto de invenção de si, realizado a partir de componentes lingüísticos, econômicos, tecnológicos, políticos entre outros. (Guattari, 1990; Schèrer, 1999; Rolnik, 1996). Do mesmo modo que o código padrão, o código desviante participa da construção da realidade coletiva a partir da qual a subjetividade é ela mesma constituída (Tedesco, 2000). A linguagem é, portanto, ingrediente fundamental às práticas de atuação sobre a subjetividade. Não apenas como instrumento da comunicação, mas como componente essencial da configuração subjetiva. Gumpertez (1989), diz que, quando a comunicação e os símbolos divergem, a realidade social é ela mesma problemática e produz desde mal-entendidos, até disputas verbais, esclarecendo muitas das preocupações atuais sobre o tema da violência. Em consonância com os estudos acima, assinalamos que a disparidade de códigos revela muito mais que obstáculos à comunicação. Ela comporta fenômenos que dizem respeito aos conflitos sociais, envolvendo a subjetividade e seu processo de produção. Neste sentido explicitamos a questão: Que efeitos a disparidade de códigos e a intolerância que lhe acompanha podem provocar no processo terapêutico? **METODOLOGIA:** Com o propósito de explorar tal questão foi desenvolvida uma pesquisa de campo de cunho exploratório. Realizou-se a coleta de dados através da observação participante, do registro de relatos de experiências e de entrevistas semi-estruturadas. Foram pesquisados os participantes da instituição: clientes, seus responsáveis e os profissionais. **RESULTADO:** Num estudo preliminar, após um período de instalação da pesquisa (familiarização recíproca entre membros da equipe de pesquisadores e sujeitos), foi constatado a existência de diferenças significativas entre a linguagem empregada pelos adolescentes e a dos profissionais atuantes na instituição. **CONCLUSÕES:** O objetivo geral foi fazer o levantamento das características gerais dos códigos vigentes assim como das atitudes dos sujeitos frente à heterogeneidade lingüística, isto é, suas avaliações sobre os efeitos desta disparidade no funcionamento da instituição (vantagens, dificuldades e tentativas de superação).

Cristiano Rodrigues de Freitas; Marina Coelho dos Santos; Patrícia Caetano; Tadeu de Paula Souza; Ana Flávia Azevedo Moura; Silvia Tedesco.

UFF - Niterói-RJ; PIBIC/CNPq.



A intervenção da psicologia no processo de construção do cidadão do século XXI.

A Universidade de Caxias do Sul vem, por meio de diversos programas e ações, cumprindo seu papel de promotora do desenvolvimento social da Região. O Departamento de Psicologia da Universidade de Caxias do Sul, em consonância com os princípios norteadores desta Instituição, tem clareza de que o investimento em educação é o que pode trazer mais retorno à sociedade, ainda mais quando se trata de investir na educação de crianças e adolescentes. Tendo como referência esses princípios, a Psicologia, associada a outros departamentos da UCS vem desenvolvendo desde o 2º semestre de 2000, um Programa Comunitário intitulado “UCS - Cidadão do Século XXI”, que, em campanha permanente, está sendo ofertado à estudantes das redes estadual e municipal de ensino. O objetivo principal deste Programa é a promoção do desenvolvimento holístico dos participantes através da disponibilização de recursos humanos, tecnológicos e educacionais da Universidade, bem como proporcionar aos acadêmicos dessa instituição a possibilidade de vivência prática dos conhecimentos construídos em seus cursos de formação, socializando-os de tal maneira que, aprender a ser cidadão, torna-se uma atividade atrativa e prazerosa. Acadêmicos de Psicologia, supervisionados por professores do Curso, tem desenvolvido oficinas abordando temas como: sexualidade, identidade/autonomia, objetivando a informação, o esclarecimento e prevenção da gravidez na adolescência. Desta forma, acredita-se que a partir de um trabalho preventivo pode-se contribuir para que o jovem se aproprie de sua história.

Maria Elisa Fontana Carpena; Renata Sassi; Tânia Maria Wagner.

Universidade de Caxias do Sul – UCS.



A Intervenção Psicológica no Contexto Hospitalar: A Preparação da Criança para Procedimentos Médicos.

Objetivo: A presente pesquisa teve como objetivo a descrição e a avaliação de um programa de atividades, como recurso que auxilia na preparação de crianças para intervenções médicas. Método: O trabalho foi desenvolvido em um hospital público da periferia da cidade de Londrina-Pr. Os participantes da pesquisa foram crianças na faixa etária entre cinco e oito anos de idade, distribuídas em grupos: controle e experimental. O grupo experimental se submeteu ao programa de atividades proposto. Participaram como recursos humanos, a autora da pesquisa e uma estagiária do curso de psicologia. A análise dos comportamentos das crianças na enfermaria pediátrica, foi feita com o auxílio da Escala de Categorias Comportamentais (OSDB), que identificou comportamentos concorrentes e de adesão das crianças durante o procedimento médico utilizado. O programa de atividades incluiu a leitura de livros infantis e a utilização de atividades lúdicas como estratégias de intervenção para o preparo para intervenções médicas. Resultados: Os resultados indicaram que crianças que se submeteram ao programa de atividades, apresentaram aumento na frequência de ocorrência de comportamentos de adesão e diminuição na ocorrência de comportamentos concorrentes diante de procedimentos médicos. Conclusões: O programa de atividades propiciou que crianças internadas, demonstrassem maior conhecimento sobre a estrutura hospitalar; aumento na frequência de emissão de comportamentos de adesão; diminuição na emissão de comportamentos concorrentes e melhor interação entre paciente e profissional da saúde. Além disso, profissionais passaram a considerar atividades lúdicas um recurso que pode auxiliar na preparação para procedimentos médicos. Implicações Clínicas: O estudo possibilitou o desenvolvimento de material pertinente a formação de profissionais capacitados e que tenham interesse em prestar atendimento de qualidade às crianças hospitalizadas.

Soares, Maria Rita Zoéga; Bomtempo, E.; Ferreira, T. S.

Universidade Estadual de Londrina - UEL; Universidade de São Paulo - USP.



A intervenção terapêutica através de contos infantis com crianças portadoras do vírus HIV.

Este trabalho foi realizada em uma instituição para crianças aidéticas de 3 a 5 anos, separadas de seus pais na sua maioria por morte dos genitores ou por maus tratos. Através de nossa impressão inicial, considerando que havia uma grande dificuldade de comunicação e uma grande dispersão entre as crianças, optamos como escolha metodológica de intervenção o uso de estórias infantis. Safra (1984) realizou um trabalho, fazendo uso de estórias infantis em consultas terapêuticas, para favorecer o aparecimento do espaço transicional. Segundo o autor, o conto é uma forma de expressão utilizada pela criança na elaboração e superação de conflitos. O nosso trabalho teve como objetivo a utilização de estórias infantis como recurso terapêutico, a fim de facilitar a elaboração de conflitos psíquicos e angústias. Fizemos uma tentativa de criar um espaço transicional através de contos focados nas questões que dizem respeito ao abandono, e à dificuldades ligadas à doença, assim como à adaptação e acolhimento na instituição. Após a hora do conto, estas eram solicitadas para realizar um desenho. Trabalhamos com sete crianças. No começo do trabalho algumas não falavam e algumas tinham um comprometimento motor e não andavam. Muitas crianças choravam intensamente, algumas tinham dificuldade no contato afetivo, outras mostravam-se agressivas e desorganizadas. Havia de modo geral um clima de muita irritabilidade. Inicialmente as crianças prendiam-se a estímulos dissociados das estórias e sons da músicas ou com os desenhos da estória. No decorrer do tempo, percebemos maior interesse e participação, maior afetividade, desenvolvimento verbal, rebaixamento da agressividade e maior desenvolvimento da sociabilidade. Percebemos entretanto que, embora muitas vezes pudessem mostrar seus sentimentos através de gestos e palavras, o registro gráfico estava bastante prejudicado comparado a suas faixas etárias. Pudemos concluir que a intervenção através do conto de estórias beneficiou sobremaneira estas crianças nos aspectos afetivos, físicos e sociais. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS: SAFRA, G. Um método de consulta terapêutica através do uso de estórias infantis. Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Psicologia da USP, 1984.

Lea Waidergorn.

Faculdade de Psicologia das UniFMU.



A invisibilidade da LER/DORT, suas implicações subjetivas e suas relações com a organização do trabalho no âmbito do serviço público.

O presente estudo tem o objetivo de investigar as relações entre a organização do trabalho e as implicações subjetivas da LER/DORT (Lesões por Esforços Repetitivos / Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho) no âmbito do serviço público. Os estudos na área de saúde mental e trabalho têm apontado uma estreita relação entre a organização do trabalho e o processo saúde/doença dos trabalhadores (Lima, 1997; Jacques & Codo, 2002). O elemento central de análise nesta investigação é o controle sobre o processo de trabalho, no âmbito do serviço público, onde as relações de trabalho estão atravessadas pelo modelo burocrático de organização do trabalho. Neste modelo, a administração é baseada em regras impessoais e racionais, de maneira que a obediência estrita das regras implica na redução da autonomia do trabalhador e na construção de um mundo fantasmagórico regido por forças que emanam de Ninguém (Chanlat, 1995; Costa, 1991). Portanto, este modo de organizar o trabalho é acompanhado de implicações psíquicas importantes para os trabalhadores. Tem-se conhecimento da ocorrência de um grande número de doenças do trabalho em organizações pautadas pelo modelo burocrático, dentre as mais significativas a LER/DORT – embora estes números não apareçam nas estatísticas oficiais. Além disso, os estudos sobre LER/DORT têm privilegiado a gestão taylorista/fordista, contribuindo para a construção da invisibilidade dessa doença no serviço público, cujo modelo predominante de organização ainda segue o modo de gestão burocrático. Assim, justifica-se a escolha de um estudo de caso em uma instituição pública de ensino superior, a fim de investigar a especificidade da manifestação da LER/DORT nesse setor. A coleta de dados realizou-se através da análise de prontuários dos servidores técnico-administrativos que obtiveram licença para tratamento de saúde por doenças osteomusculares em 2000 e no primeiro semestre de 2001, perfazendo um total de 185 trabalhadores (40 mulheres e 23 homens), dos quais 35% apresentam sintomatologia de LER/DORT. A etapa subsequente da coleta de dados constituiu-se em nove entrevistas semi-estruturadas com trabalhadores que haviam recebido diagnóstico de LER/DORT. Os resultados indicam que as doenças osteomusculares estão entre as principais causas de afastamento do trabalho na instituição. Entretanto, na maior parte dos casos, o adoecimento não é atribuído ao trabalho, seja pela dificuldade de estabelecer o nexu causal, seja pelo recorte individualizado adotado pela instituição no que diz respeito às situações de adoecimento. Nesse sentido, este estudo aponta para a invisibilidade da LER/DORT no que diz respeito à subnotificação da doença, tanto porque muitos trabalhadores não procuram o setor de perícia médica, como porque a sintomatologia tende a ser avaliada como doença comum e não como doença do trabalho. Acredita-se que isso contribui para a culpabilização do trabalhador pela doença e para o não reconhecimento da LER/DORT como doença ocupacional, apesar do caráter epidêmico que assume na contemporaneidade. Nesse sentido, esta pesquisa aponta para mais um campo de atuação do psicólogo, tanto pela questão da saúde do trabalhador, como por explorar articulações entre a saúde e o trabalho fora do âmbito da indústria e da empresa privada.

Mayte Raya Amazarray; Maria da Graça Corrêa Jacques.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



A Linguagem das Roupas: como e o que Comunicam.

O objetivo dessa pesquisa foi verificar se os participantes perceberiam, se a pessoa das cinco fotos, independente das roupas que vestia, era a mesma pessoa, ou se as roupas estariam associadas a estereótipos. Um dos trabalhos pioneiros sobre a linguagem das roupas foi de Flügell. Com base na Teoria Evolutiva de Newton, o homem evoluiu de uma determinada espécie de macacos, e neste processo foi assumindo a postura ereta e perdendo os pelos que o protegiam do frio. Assim, é lógico pensar que as peles dos animais abatidos se tornaram as primeiras roupas e sua função era de proteger o homem primitivo contra as intempéries, bem como de facilitar o mimetismo durante a caçada. Com o passar do tempo, e o aprimoramento de curtição do couro, da fiação e do tingimento de tecidos, que originalmente cumpria a função de proteção, passa gradualmente a assumir o papel de signos, de instrumentos de identificação e de discriminação. A roupa assinalava a posição e as posses de quem as usava. O tecido, a trama, as cores, o corte... Tudo isso funcionava como uma maneira de inscrição no social. A partir da Revolução Industrial, a roupa, a vestimenta, tornou-se acessível para todos. Atualmente, a roupa atende aos mais variados fins e signos identificatórios. Existem roupas para seduzir, protestar, chocar... Vestir-se passou a ser uma questão de opção. Ao nosso ver, cabe o questionamento: até que ponto somos influenciados pela moda, sociedade, grupos... no nosso modo de vestir? Enfim, escolhemos ou somos escolhidos pelas roupas? Para esta pesquisa foram selecionados 40 participantes (20 do sexo masculino e 20 do feminino), com idades entre 19 e 70 anos, que exerciam profissões diversas. Foi utilizado como instrumento de coleta de dados, um questionário com três perguntas (“Quem é essa pessoa?” , “Como é a vida dessa pessoa?” , “Como você imagina essa pessoa daqui a alguns anos?”) e dois jogos de cinco fotos cada (“executiva” , “dona de casa” , “skatista” , “socialitè” e “freira”). A pesquisa foi realizada nos bairros de Botafogo e Flamengo, durante o período de três horas consecutivas, na parte da tarde. Quatro experimentadoras, em duas duplas, ficaram de posse de um jogo de fotos e de questionários. Uma das experimentadoras abordava os participantes com uma foto de cada vez, seguindo a ordem preestabelecida, enquanto que a outra fazia as perguntas e anotava as respostas referentes à foto. A análise das respostas, feita através de frequências simples e percentuais, revelou que somente 27,5% (n = 11) dos participantes perceberam que era a mesma pessoa em todas as fotos e 72,5% (n = 29) dos participantes não perceberam que era a mesma pessoa em todas as fotos atribuindo, assim, estereótipos e a cada estilo de roupa.

Carla Cotilha de Andrade; Eliana Beléns Jungmann Pinto; Carlos Américo Alves Pereira.

Instituto Brasileiro de Medicina de Reabilitação – IBMR.



A manifestação do viés linguístico intergrupar em crianças: um estudo empírico.

Os estereótipos encontram-se entre os temas mais relevantes da Psicologia Social contemporânea. Definidos como crenças que compartilhamos com os membros do nosso meio social a respeito de pessoas de um grupo social externo, os estereótipos se encontram na base da manifestação dos preconceitos. Uma das maneiras utilizadas pela Psicologia para entendê-los é sob a perspectiva do viés intergrupar, que é a tendência que temos em avaliar o grupo social do qual fazemos parte (ingroup) de forma mais positiva que aquele ao qual não pertencemos (outgroup). Desta forma, as pessoas são mais inclinadas a favorecerem a categoria social com a qual se identificam em detrimento daquelas em que não há uma identidade social positiva. Quando levamos em consideração o tipo de linguagem utilizada pelas pessoas para descreverem as ações dos diferentes grupos sociais, temos a manifestação do viés linguístico intergrupar. Supõe-se que estratégias diferentes de codificação verbal são utilizadas pelas pessoas quando convidadas a descrever ações de pessoas de seu próprio grupo e de grupos alheios. Neste trabalho buscamos investigar, com o auxílio da metodologia experimental, a ocorrência deste viés linguístico em grupos de crianças negras e brancas da 3ª, 4ª e 5ª séries do ensino fundamental em Juiz de Fora. O estudo contou com uma amostra de 60 participantes, que foram designados aleatoriamente a quatro grupos experimentais: crianças negras avaliando o ingroup; crianças negras avaliando o outgroup; crianças brancas avaliando o ingroup; crianças brancas avaliando o outgroup. O estudo foi dividido em duas partes: na primeira, foram exibidas seis cenas, três com comportamentos socialmente desejáveis e três com indesejáveis, que variavam apenas em relação à etnia do protagonista, de acordo com a condição experimental. Após a apresentação das cenas, foi pedido às crianças que escolhessem, entre quatro opções, a frase que melhor retratasse a imagem observada. Sabendo, no entanto, que as pessoas não admitem seu preconceito quando diretamente perguntadas sobre ele, utilizamos, na segunda parte do estudo, uma escala de dominância social, idêntica para todos os grupos, com o objetivo de captar nos sujeitos seu preconceito implícito. A detecção do preconceito se dá através da avaliação de frases que exprimem diretamente ou não a dominância social de um grupo sobre o outro. Podemos dizer que as hipóteses deste estudo foram parcialmente corroboradas, visto que apenas algumas cenas e itens da escala apresentaram resultados estatisticamente significativos.

Marcos Emanuel Pereira; Alana Augusta Concesso Andrade.

Universidade Federal da Bahia; Universidade Federal de Juiz de Fora.



A maternagem na imprensa do Rio de Janeiro no século XIX.

O presente trabalho está inserido no projeto de pesquisa “Estilos Parentais no Brasil: Contexto Histórico e Evolução”, entendidos estilos parentais como conjuntos de práticas adotadas pelos pais no cuidado de seus filhos, assim como as crenças e representações a elas subjacentes. A importância desta compreensão prende-se à abordagem sócio-interacionista L. S. Vygotski, em que o homem é simultaneamente indivíduo, história e cultura, constituído de e na linguagem. Tomado o lar como contexto privilegiado das primeiras interações sociais e do desenvolvimento inicial, deve-se focalizar mães e primeiros cuidadores como agentes determinantes do processo. Nosso principal objeto de estudo é o estilo materno ideal veiculado pela revista “A Mãe de família: jornal científico litterario ilustrado” (1879-1894), uma das principais publicações de grande circulação do século XIX, meio de propaganda de idéias higienistas que incluía seções dedicadas aos cuidados e à educação das crianças pelas mães, tais como “A Mãe de Família”, “Seremos Verdadeiramente Boas Mães?”, “A Educação da Mulher” e “O Despertar da Criança”. O contexto das informações é a cidade do Rio de Janeiro ao final do séc. XIX e, através da Análise de Conteúdo, busca-se levantar e identificar representações da maternagem e da criança de 0 a 2 anos de idade na grande imprensa da cidade neste período, a partir do pensamento de especialistas cujo objetivo é informar e influenciar as mães. Os resultados, ainda parciais, indicam a representação da mãe como um ser especial, quase sagrado, naturalmente dotado de instintos que o ligam à criança: a mulher que negligenciasse este papel contrariava sua natureza e deixava de cumprir o encargo sublime da responsabilidade de assegurar a sobrevivência e o desenvolvimento físico e moral dos filhos. Neste cenário, o aleitamento se destaca como cuidado fundamental a ser realizado pela mãe, sua principal forma de expressão dos instintos genuinamente femininos, e são escassas as referências a seu papel em tarefas como a socialização inicial, o desenvolvimento afetivo e o treinamento de competências e habilidades cognitivas, hoje já identificadas nas primeiras idades.

Cristiane Maria Conde Abi-Saber; Neide Passos de Freitas Al-Cici; Larissa Lima Rabelo; Andréia Faé das Neves.

UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.



A maternidade no contexto da aids.

Em pesquisa de mestrado, ao analisarmos a maternidade no contexto da aids, encontramos na literatura informações que indicam que a associação entre aids e grupos de risco – integrados por homossexuais, prostitutas, usuários de drogas ilegais e hemofílicos – possibilitou à pessoas não incluídas nesses grupos – como heterossexuais com parceria única – sentirem-se protegidas da doença. Uma das conseqüências dessa falsa idéia de segurança foi o crescente aumento dos casos de aids entre a população feminina em vários países e também no Brasil. Dados sobre a distribuição de casos notificados entre os sexos indicam que em 1985 a razão era de 24 homens para uma mulher, enquanto entre 1999/2000 encontramos a razão de dois homens para uma mulher. Outra conseqüência foi o aumento da transmissão vertical – transmissão do vírus HIV da mãe para o bebê - o que levou o Ministério da Saúde a adotar uma terapêutica visando a redução da taxa de transmissão vertical. Porém, a disponibilização de medicamentos e exames parecem ser insuficientes na assistência oferecida à mulher soropositiva para o HIV, uma vez que acontece em um cenário de saúde pública em que não é garantida a articulação técnica da atenção oferecida nas fases pré-natal, parto e puerpério, há dificuldades de acesso ao pré-natal e peregrinação na hora do parto, quando algumas gestantes passam por várias instituições hospitalares até conseguirem vaga para a internação. Há ainda que se levar em conta as dimensões psicossociais presentes nesse contexto, algumas mulheres soropositivas desejam ter filhos e têm que lidar com dois discursos contraditórios: o que valoriza e incentiva a maternidade como uma vocação “natural” da mulher e o discurso que parece afirmar que a mulher soropositiva para o HIV não deve engravidar.

Cláudia Medeiros de Castro.

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.



A mística como um conjunto de significações de uma identidade coletiva e política dos Sem Terra.

Este trabalho se propõe a compreender a formação identitária de participantes junto ao Movimento Sem Terra; estudar o papel da mística enquanto um dos elementos que compõe o jogo identitário de participantes no MST e compreender o lugar da mística enquanto um campo de significação na construção da identidade Sem Terra, especificamente junto a assentados da Agrovila de Campinas - Promissão - SP e também com informantes do Movimento. O estudo da identidade junto aos movimentos sociais tem sido bastante desenvolvido nos últimos dez anos pela Psicologia Social, pois a contribuição dessa ciência se torna importante para compreender esse constructo social - a identidade coletiva e dessa maneira contribuir de forma efetiva na estruturação da sociedade. Neste caso, estamos estudando o papel da mística enquanto um dos elementos que compõe o jogo identitário do Sem Terra. Proponho uma discussão teórica na qual procuramos colocar a mística como um aspecto importante na formação identitária do Movimento, que de certa forma resgata elementos de cunho religioso e político numa mescla que resgata várias representações que vão orientando e dando sentido para os assentados a ponto de se tornar um ponto nodal que constituirá a identidade "Sem Terra". Para tal, utilizamos procedimentos metodológicos variados como a observação participação com registros de dados em um diário de campo e, posterior cédula de campo; e, junto a este, trabalhamos com entrevistas semi-abertas que definem um roteiro para o entrevistado baseado em cercar os elementos que no discurso dos entrevistados podem nos ajudar a compreender o lugar da mística enquanto um campo de significação na construção da identidade do Sem Terra. Temos dados parciais que indicam que os elementos teológicos e ideológicos sustentam a mística como formadora de um campo de significação que permite construir a identidade do assentado. Palavra chave: Identidade, Movimento Sem Terra, mística.

Nadir Lara Junior; Marco Aurélio Máximo Prado.

Universidade São Marcos.



A montagem no cinema e associação livre na neurose obsessiva.

Este estudo partiu da premissa de que haveria semelhanças entre a cadeia associativa produzida no contexto clínico de uma análise e a operação de montagem realizada na construção de filmes. Estas semelhanças consistem na utilização de cortes e de ligações entre diferentes elementos, cuja justaposição produz um sentido particular, diferente do efeito que cada um dos elementos isolados poderia sugerir. A montagem é o princípio que rege a associação de elementos visuais e sonoros. Na clínica psicanalítica, a Neurose Obsessiva é um quadro em que cortes e conexões, assim como no cinema, são fundadores. Nessa estrutura, a produção do sintoma se faz através do recalçamento, quando uma representação insuportável para o eu é enfraquecida pelo desligamento de seu afeto, que por sua vez será ligado a uma outra representação. A maioria dos estudos encontrados que relacionam cinema com psicanálise buscam interpretações do simbolismo de personagens e de narrativas, não envolvendo a questão dos cortes e das montagens. Este estudo alia a técnica psicanalítica à cinematográfica, propondo uma análise baseada na técnica da escuta flutuante, buscando identificar repetições e momentos de corte na cadeia associativa. O objetivo desse estudo foi investigar a cadeia associativa que se produz em exercícios de montagem e construir conhecimentos sobre a técnica psicanalítica através da exploração desses exercícios. Para tanto, foram utilizados trabalhos de alunos da disciplina de Teorias e Técnicas Psicoterápicas do curso de Psicologia da UFRGS que envolvem seleção e montagem de trechos de filmes que caracterizem o sintoma da Neurose Obsessiva. Após transcrição do material, identificação e classificação de temas comuns, obtivemos algumas hipóteses interpretativas como resultados. São elas: rituais, evitações, limpeza, controle, lembranças e associações, diálogos lacunares e ironia. As etapas desta pesquisa se constituíram baseadas em uma tentativa de transpor a técnica psicanalítica aos exercícios de montagem: a partir da “escuta” do que se repetia nos exercícios, foram construídas hipóteses interpretativas. Com a intervenção sobre o terceiro caso (Homem dos Ratos), estas hipóteses poderão vir a promover uma reestruturação de sentido, assim como ocorre com as interpretações em um contexto clínico.

Yates, Denise; Costa, André; Froemming, Liliâne;

Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



A Moral Sexual Civilizada e a Ética Profissional dos Tempos Modernos.

Segundo Freud, a moral sexual seria a grande responsável por diversos “males nervosos” na sociedade. Assim, partindo da necessidade do Conselho Federal de Psicologia em criar a Resolução 01/99, que proíbe o psicólogo “tratar” as chamadas “homossexualidade” de seus pacientes, incorrendo em erro ético, perguntamo-nos se não estaria justamente a moral sexual civilizada “moldando” as normas éticas do profissional psi na modernidade. Com esta preocupação em mente, resolvemos analisar a construção do conceito de ética do profissional em Psicologia, em relação à sexualidade de seus pacientes e que implicações teórico-práticas teria no desenvolvimento de sua prática clínica. Através de um levantamento bibliográfico acerca da noção da “moral sexual” construída desde o início do cristianismo, pontuada por Freud, até a presente data, e de uma análise crítica da Resolução 01/99, criada pelo Conselho Federal de Psicologia, nos propusemos a estabelecer vínculos entre a construção histórica da moral sexual e a noção de ética do profissional em Psicologia. Verificamos que não é apenas criando dispositivos éticos e legais que proíbem o psicólogo clínico a incorrer em erros desta natureza que iremos diminuir o preconceito em relação ao homoerotismo, e sim, promovendo constantes debates e uma revisão da sua postura frente à sexualidade dos seus clientes e da sua própria sexualidade, visto que também se constitui como tarefa do profissional psi a diminuição do preconceito e o aumento de acordo intersubjetivos na sociedade contemporânea, estendendo o mais que possível o sentido do “nós” a maior parte das pessoas e criando, enfim, uma “cultura da tolerância”.

Sergio Gomes da Silva.

Universidade Federal da Paraíba.



A Mulher Obesa: estudo de características psicológicas através do Desenho da Figura Humana (D.F.H.).

A obesidade exógena, a “doença da civilização”, é considerada o mais sério transtorno alimentar do mundo desenvolvido. A presente pesquisa constitui-se numa contribuição para a compreensão da personalidade da mulher obesa, através da utilização da técnica projetiva do Desenho da Figura Humana (DFH). OBJETIVOS: a) investigar as características de personalidade da obesa; b) investigar a existência de sinais indicadores de conflitos emocionais na produção gráfica das mulheres estudadas. SUJEITOS: 30 mulheres portadoras de obesidade exógena. Idade: 18 a 63 anos. Índice de Massa Corporal (IMC): 25,50 a 63,50. Dos 30 sujeitos, 6 apresentavam Obesidade Leve, grau I; 13, Obesidade Moderada, grau II; e 11, Obesidade Severa ou Mórbida, grau III. MATERIAL E MÉTODO: Foi utilizado o D.F.H. para se estudar características de personalidade, projetadas na produção gráfica. O mesmo foi aplicado individualmente e os desenhos coletados foram analisados e interpretados quanto aos seus aspectos gerais, formais e de conteúdo, segundo a técnica de VAN KOLCK (1984) E MACHOVER (1980). Foram considerados para análise somente os itens que apresentaram uma freqüência de ocorrência no grupo igual ou maior do que 50%. RESULTADOS/ DADOS OBTIDOS: Dentro dos aspectos gerais: localização do desenho na página: 17 figuras do lado esquerdo; tamanho do desenho: 21 fig. grandes ou muito grandes; qualidade do grafismo: 16 com traçado tipo avanço-recuo. Dentro dos aspectos formais: indicadores de conflito: 29 figuras apresentaram algum tipo de indicador de conflito. Dentro dos aspectos de conteúdo: 22 figuras com cabeça grande ou muito grande; 18 omissões de dedos; 15 com braços e mãos voltados para atrás das costas. INTERPRETAÇÃO: A localização predominante do DFH no lado esquerdo da folha revela características de introversão, egoísmo, predomínio da afetividade, passividade, com fuga para o passado (evitação da realidade) e comportamento compulsivo. O tamanho grande ou muito grande expressa a projeção da imagem corporal/auto conceito (“corpo grande”) no desenho. Entretanto, nenhuma das mulheres desenhou uma figura obesa, o que revela uma negação e rejeição da própria obesidade, sendo esta última expressa, disfarçadamente, pelo tamanho grande da figura. O traçado tipo avanço-recuo revela emotividade, ansiedade, falta de confiança em si mesmo, timidez, insegurança e hesitação ao encontrar novas situações. A altíssima freqüência de indicadores de conflitos destacou-se, revelando sinais de insatisfação e insegurança, de agressividade, assim como de ansiedade. A elevada freqüência de cabeças grandes ou muito grandes revela ênfase excessiva nas funções social, ideacional e de controle, com uma correspondente subestima do corpo e dos impulsos vitais. Também pode indicar aspirações intelectuais, agressividade, ênfase na fantasia, assim como dores de cabeça e outros sintomas psicossomáticos. Os braços e mãos voltados para atrás das costas revelam evasão ao contato, rejeição e necessidade de controlar a expressão de impulsos agressivos ou hostis. Considerando-se a patologia estudada (obesidade), isto pode ser expressão de sentimento de culpa pelo exagero de alimentação, ligado às mãos, com as quais o sujeito alimenta-se compulsivamente, num ato de auto-agressão; esta manifesta-se, também, em fazer-se feia, obesa, fora dos atuais padrões de beleza, não se fazendo sexualmente atraente. A omissão de dedos expressa dificuldade de se contactar com o mundo e também uma tentativa de controlar a agressividade e hostilidade. Os resultados obtidos coincidem com as características de personalidade de obesos encontradas na revisão da literatura realizada pela autora.

BIBLIOGRAFIA: AZEVEDO, M.A.S.B. - Um estudo exploratório da personalidade da criança obesa através do Desenho da Figura Humana e dos Indicadores Emocionais de KOPPITZ. Tese de Doutorado, UNICAMP, Campinas, SP. 1996. LOURENÇÃO VAN KOLCK, O - Testes Projetivos Gráficos no Diagnóstico Psicológico. S.Paulo: E.P.U. 1984. MACHOVER, K. - Personality Projection in the Drawing of the Human Figure. Springfield, Illinois, U.S.A. 1980, 11th pr.

Maria Alice S. B. de Azevedo

Universidade Estadual Paulista (UNESP), Bauru, SP.



A música no encontro clínico.

O Curso de Psicologia da UNESP de Assis oferece um serviço de atendimento psicológico à comunidade, em regime de Extensão Universitária através do seu Centro de Pesquisa e Psicologia Aplicada (CPPA). Uma das modalidades de atendimento oferecida à população é o Grupo de Música que compõe o núcleo de atendimento em Clínica da Diferença, trabalhando a partir de referenciais teóricos propostos por Deleuze, Guattari, Foucault e ainda outros filósofos como Nietzsche, Espinosa, Bergson, numa perspectiva que aborda as relações a partir dos afectos agenciados nos encontros e a produção de singularidades abertas ao devir. Este Grupo, composto por cerca de oito jovens na faixa etária de 14 a 20 anos, se reúne por, aproximadamente, duas horas semanais. O grupo é indicado para pessoas que, no processo de Triagem, apresentaram uma dificuldade de expressão afetiva, tendo como encaminhamento de sua demanda o trabalho realizado a partir de sua afinidade com a música. Entendendo a musicalidade como uma expressão artística que, neste recorte, funciona como veículo de comunicação afetiva através do caráter intensivo que desperta e por onde transita, reunir um grupo de pessoas para ouvir, fazer e, principalmente, sentir (com a) música nessas circunstâncias, se desdobra em ações potencialmente terapêuticas. Neste campo de intervenção terapêutica, a música como arte, compõe com a produção da vida como obra de arte, ou seja, (...) aja como se cada instante fosse a eternidade.(...) sempre posto sob a ótica do "como se": (...) ou seja: agir de tal maneira a que cada segundo,..., você tivesse que, de alguma forma, (..) transformar a própria existência (...) como se ela fosse algo da ordem da obra de arte. (...) é o imperativo ético, mas que implica também uma espécie de estetização da existência, (...) criar-se a si mesmo [em] cada ação particular (...) mas não de qualquer maneira, mas segundo a linha de um estilo (...) artístico (...): fazer da sua própria vida uma obra de arte (Giacóia, 1994). A partir dos afetos movidos pelo própria natureza intensiva da música, mundos são movidos, outros caminhos são trilhados neste encontro, sempre inusitado; musicalidade que não pela regra tonal ou do saber-fazer especialista; extrair sons da vida, a cada material que possa ser despertado neste processo de afetação. Através destes meios, produzir uma infinidade de modos de estar juntos e, conseqüentemente produzir-se no encontro, a cada vez. A Clínica que disponibiliza esta qualidade de modos de afetação, constitui para a Saúde Mental Pública a concretização de artefatos de saber onde nada é indiferente pois implica imediatamente em ações projetadas no coletivo, no mundo em que se quer viver - uma Clínica cujo compromisso Ético-Estético-Político transmuta os valores vitais...

Lairto Alves Tosta Junior; Marília Aparecida Muijlaert; Sávio Garrido.

UNESP Assis/SP.



“A Natureza Humana e a Religiosidade - uma visão Winnicottiana”.

Este estudo, pretende refletir sobre a natureza humana e sua relação com a religiosidade, numa visão winnicottiana, tendo como proposta primordial pesquisar as formas e os níveis de religiosidade manifestados pelos pacientes no início da terapia e os que despontaram enquanto ocorria a constituição do self e o desenvolvimento do ser, dentro do processo terapêutico. Aponto a importância de uma atitude acolhedora e não julgadora ou interferidora por parte do terapeuta frente aos sentimentos, crenças e experiências religiosas manifestados pelos pacientes, tomando como estatuto da pesquisa que a religiosidade é o que a pessoa consegue alcançar em sua compreensão e ligação com Deus, de uma forma singular. Para a fundamentação de meu trabalho utilizo uma conceituação winnicottiana, pois Winnicott é um autor que, estudando a natureza humana, entende que o desenvolvimento da “crença em”, num ambiente suficientemente bom, onde a criança foi bem sucedida em seu desenvolvimento maturacional e onde a confiança na fidedignidade da mãe foi estabelecida, bem como o despontamento da moral (idéias de certo e errado) surgindo da elaboração dos processos internos da criança, conduzem naturalmente a uma idéia de bondade, de um pai pessoal e confiável ou Deus, isto é, conduzem a uma crença em Deus. Esse modo de conceituar o ser e a inter-ligação entre um desenvolvimento maturacional adequado e o surgimento da religiosidade, tal qual Winnicott apresenta, pôde ser confirmado ao longo do meu trabalho terapêutico através do relato de um caso clínico onde se estabeleceu a “confiança” e a “crença em”. Neste caso, em que houve “holding” e condições “suficientemente boas”, à medida em que o processo terapêutico se desenvolvia, de acordo com o ritmo da paciente, houve também o desenvolvimento do ser e do sentimento religioso que estavam estancados como algo que não pôde se completar no período maturacional. Assim, a forma como a paciente via Deus, foi se transformando: de um Deus que castiga, para um Deus-Esperança, Deus - Amor e mais tarde, para um Deus - Criador, por último Deus - Imensidão, sem deixar de ser Deus - Criador. É necessário esclarecer que devido ao fato do tema “religiosidade” ser muito amplo, este trabalho não pretende “fechar” questão no sentido de afirmar que somente pessoas com essa sequência maturacional apresentada, podem estar aptas a desenvolver uma religiosidade. O que se pode afirmar é que nesse caso relatado tal ligação ocorreu, confirmando a validade dos conceitos winnicottianos. Argumento a necessidade de um trabalho clínico que propicie que a pessoa em sua singularidade, re-crie seu mundo, buscando o que lhe é necessário para o desenvolvimento do seu ser. Para isso, aponto também a necessidade de acolher, focalizar e elaborar junto com o paciente, qual é para ele a função da religiosidade e como ela se liga a sua vida como um todo. Deste modo, o encontro Terapeuta-Paciente pode ser uma outra chance para que elementos do self evoluam, de modo a propiciar uma busca e um encontro com o Ser Absoluto a partir de onde, outros elementos do self podem despontar.

Maria Inês Aubert; Gilberto Safra.

PUC de São Paulo; FAPESP.



A obesidade no olhar do psicólogo.

O presente trabalho tem como objetivo chamar a atenção dos psicólogos e dos setores fomentadores das políticas públicas de saúde e educação acerca da obesidade, uma doença que vem aumentando no Brasil ao mesmo tempo em que coexiste com o problema crônico da fome. Embora as questões nutricionais relacionadas à ingestão insuficientes de alimentos possam ser prioritárias não justifica-se desconsiderar os agravos da obesidade e situá-la como sendo de menor importância. Os estudos epidemiológicos apresentam dados alarmantes acerca da obesidade. Os dados do Inquérito Nacional de 1996, que só inclui crianças menores de cinco anos, mostram que a prevalência da obesidade em filhos de mães com maior escolaridade caiu de 9,9% em 1989 para 4,5% em 1999. Por outro lado na Região Nordeste a obesidade aumentou entre menores de cinco anos, passando de 2,5% em 1989 para 4,5% em 1996. Segundo Mondini & Monteiro(1998) a desnutrição infantil mostra-se controlada (5,1%) mesmo em estratos da população com níveis modestos de renda familiar (renda per capita entre 1/2 e 1,0 salário mínimo), enquanto que a obesidade infantil excede em mais de duas vezes (12,2%) a ocorrência de desnutrição. No caso das famílias que vivem abaixo da linha da miséria (renda per capita inferior a ¼ de salário mínimo) a desnutrição infantil (20,7%) continua superior a obesidade. Paralelamente a obesidade em mulheres adultas constitui problema de Saúde Pública, mesmo para as famílias situadas abaixo da linha da pobreza extrema. Monteiro & Conde (1999) destacam que as prevalências da obesidade na população adulta entre 1989 e 1997 são mais complexas. Sendo assim demonstram que embora tenha sido documentado um declínio da obesidade (de 13,2% para 8,2%) nos estratos correspondentes aos 25% das mulheres mais ricas da Região Sudeste, alguns estratos da população brasileira estão submetidos a riscos elevados da obesidade, como é o caso da maior parte da população feminina da região Nordeste (de 9,9 % para 14,6%) e as mulheres de baixa renda da Região Sudeste. Outro estrato da população que está no início da ascensão da obesidade refere-se a maior parte da população masculina. Dados fornecidos por Gardner & Haweil (2000) do Instituto Worldwatch, nos Estados Unidos, mostram em 1999 a equiparação entre o número de obesos e o de desnutridos no mundo – cerca de 1,2 bilhão de pessoas. Revelam, também que 55% dos americanos e 36% dos brasileiros são obesos. Este cenário edificado sob uma base de dados epidemiológicos impõe à psicologia um novo olhar acerca da obesidade e conseqüentemente novas formas de atuação. Sendo assim o psicólogo poderá desenvolver estratégias de caráter educativo, informativo sobre a doença em questão, criar medidas concretas que favoreçam as mudanças de comportamentos sedentários e hábitos alimentares inadequados, participar de grupos de discussões com outros profissionais e produzir novos conhecimentos científicos. A psicologia, enquanto ciência e profissão, pode contribuir para a melhoria desse cenário atual, para tanto é preciso manter os olhos sempre abertos.

NEJM de CARVALHO; Maria Lúcia; Bassani, Marlise Aparecida.

PUC- São Paulo.



A Observação da Ajuda Entre Passageiros de Ônibus Urbano.

O presente estudo teve por objetivo observar comportamentos de ajuda entre passageiros de linha de ônibus urbano, tendo como variáveis sexo e idade aproximada dos passageiros. Foram realizadas observações sistemáticas, buscando identificar as condições sob as quais passageiros sentados auxiliavam aqueles que viajavam em pé. As observações eram realizadas em dias consecutivos entre 12:00h e 14:00h. foram realizadas 16 observações no trajeto entre duas cidades localizadas no grande ABCD, e foram detectadas 31 oportunidades de ajuda das quais 38,71% foram respondidas positivamente com o comportamento de ajuda estabelecido por contato físico e/ou visual. Verificou-se uma tendência de mulheres estarem mais dispostas a ajudar quando comparado ao sexo oposto. Em relação á faixa etária aproximada constatou-se que proporcionalmente pessoas acima de 40 anos ofereceram 50% de ajuda ao passo que pessoas entre 15 e 25 anos aproximadamente ofereceram 36,84%. Os dados sugerem que com uma amostra maior é possível encontrar uma provável associação significativa entre sexo/faixa etária em relação ao comportamento de ajuda. A implementação e manutenção de campanhas educativas poderiam incentivar o comportamento de ajuda entre passageiros.

Inez de Lima Coelho; Carlos Alberto Murata.

Universidade Metodista de São Paulo.



A oficina de sexualidade produzindo sentidos e singularidades.

O Modo de Reabilitação Psicossocial constitui-se cada vez mais em uma "prática inventiva". É pensando nesta perspectiva que, dentre as várias oficinas expressivas realizadas no Centro Integrado de Atenção Psicossocial, no município de Assis - SP, a oficina de sexualidade mostra sua relevância pelo seu processo de criação constante, baseado na demanda que se apresenta na Instituição, observada por técnicos e estagiários. A questão da sexualidade e o relacionamento afetivo entre os usuários do CIAPS passaram a ser temas freqüentes nas reuniões de equipe e nas supervisões de estagiários. Desta forma, há dois anos criou-se um espaço com a finalidade de proporcionar um olhar mais aproximado a este tema, visando a produção de sentidos e exercício pleno da cidadania. O grupo se encontra semanalmente, sendo facilitado por três estagiários de Psicologia. Muitos são os temas abordados: afetividade, amor, paixão, gravidez, homossexualidade, namoro, entre outros, com ênfase nas DSTs/AIDS e prevenção com o uso necessário e correto de preservativo. É importante apontar que esta oficina faz parte de um processo contínuo de invenção, não possuindo um formato encerrado em técnicas pré-estabelecidas, criando conforme as demandas surgem. É nítida a particularidade de cada encontro e, como os temas surgidos servem como dispositivos para que as oficinas ocorram, no decorrer das mesmas são suscitados outros temas que envolvem a sexualidade, aparecendo aspectos como a importância do diálogo, os cuidados de si e as discussões acerca do preconceito inerente à nossa sociedade. Além dos aspectos já citados, são trabalhados paralelamente a importância de respeitar e ouvir o outro, possibilitando a troca de experiências. É interessante notar como a ordem muitas vezes caótica que o grupo apresenta e a maleabilidade das situações mais distintas possíveis transformam-se nas vivências de vários atravessamentos e na construção de novos sentidos, tanto para os usuários como para os técnicos e estagiários que aprendem cotidianamente.

Ricardo Sparapan Pena; Gilson Gabriel da Silva Firmino; Silvio Yasui.

UNESP/Assis.



A opinião dos dependentes de álcool sobre a sua recuperação.

O objetivo deste estudo foi avaliar a importância da família na recuperação de um dependente de álcool. Para isso foram realizadas entrevistas e aplicado um questionário em 100 indivíduos em tratamento, frequentadores da instituição Alcoólicos Anônimos (AA). Para a análise das entrevistas e dos questionários a psicanálise foi a base da fundamentação teórica, ressaltando os sentimentos de culpa, vergonha e remorso. Nas visitas as instituições de dependentes de álcool era visível a necessidade desses sujeitos em relatar suas experiências com a bebida, o quanto essa prejudica os seus relacionamentos profissionais e principalmente pessoais, e a intensa luta para permanecer sóbrio. A preocupação maior deste trabalho foi relacionar quais os principais motivos que levam o dependente a parar de beber e buscar ajuda. Com isso levantou-se a hipótese de que a família seria o principal motivo de recuperação. Com o resultado das entrevistas foi constatado que o afeto e a atenção da família na recuperação deste indivíduo é fundamental mas que o motivo principal, que leva o indivíduo a decidir parar de beber é a perda da sua identidade e das suas referências, pois ele muitas vezes não se vê mais como ser humano merecedor de atenção e respeito.

Roberta Santi Lucena; Romina Andrade; Sanny Rozini; Saulo D'urso.

Universidade São Marcos.



A ordem das Redes: Um novo olhar sobre o ambiente virtual dos chats.

Vários acontecimentos de importância histórica têm transformado o cenário social, proporcionando uma transformação qualitativa da experiência humana. Além disso, uma revolução tecnológica, concentrada nas Tecnologias de Informação, está remodelando a sociedade em ritmo acelerado. As redes interativas de computadores estão crescendo exponencialmente, criando novas formas e canais de comunicação, moldando a vida e ao mesmo tempo, sendo moldados por ela. Vemos assim que as redes constituem a nova morfologia social das nossas sociedades, e a difusão da sua lógica modifica, de forma substancial, a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura. Embora a organização social em redes tenha existido em outros tempos e espaços, a participação da revolução tecnológica fornece a base material para a sua expansão penetrante em toda a sua estrutura social. Portanto, uma sociedade que pode ser chamada de sociedade em rede, é caracterizada pela primazia da morfologia social sobre a ação social. As redes são instrumentos apropriados para uma organização social que vise a reorganização do seu espaço e do seu tempo. O principal exemplo oferecido pelas redes interativas de comunicação, dentro desta nova lógica de organização social, seriam as chamadas “Comunidades Virtuais”, onde as trocas de informações e de comunicações entre seus usuários seriam, desde o princípio, os elementos centrais do nascimento e do crescimento desse tipo de agrupamento social. O grau de afinidades e os interesses comuns conduziram e facilitaram a aglutinação e o estabelecimento de vínculos sociais, que produziram uma série de laços de identidade e partilha de objetivos entre os usuários de tais sistemas. Para evidenciar esta nova forma de organização social em redes, propomos a análise de seus diferentes níveis organizacionais, a saber: tecnológico, social, doutrinário, estrutural e narrativo. Para isto, utilizamos um canal de IRC, o canal #coroas, da Rede de servidores BrasIRC, mostrando como se constituem as redes de relações sociais no ambiente virtual dos chats.

Gabriela Machado Guimarães Borges; Rosa Maria Leite Ribeiro Pedro.

EICOS/UFRJ.



A orientação vocacional e reorientação profissional gratuita numa empresa júnior de psicologia.

INTRODUÇÃO: A orientação vocacional (OV) é um desafio para a maioria dos adolescentes no momento de decidirem por uma carreira, visto estarem, desinformados sobre as práticas que envolvem cada profissão e diante de diversas perdas e lutos próprios dessa fase do desenvolvimento. De outro lado, a reorientação profissional (ROP) representa um esforço hercúleo para pessoas que ambicionam encareiramento em outras áreas, por não estarem bem colocados no mercado e/ou insatisfeitos com a carreira escolhida. Diante dessa realidade, e sensível aos apelos da comunidade, em 1999, a coordenação de Psicologia do campus Rebouças propôs ao SESES (Sociedade de Ensino Superior Estácio de Sá) - sociedade civil sem fins lucrativos mantenedora da Universidade Estácio de Sá, que a mesma contratasse a Psiconsult - Empresa Júnior de Consultoria em Psicologia para prestar serviço de orientação vocacional gratuita à comunidade. Além de servir à comunidade, a orientação vocacional oferece oportunidade de estágio específico nessa área, para os graduandos do curso de Psicologia da Universidade Estácio de Sá. **POPULAÇÃO:** Na orientação vocacional (OV) e reorientação profissional (ROP) realizados no período de agosto a dezembro de 2001, inscreveram-se 376 sujeitos. Destes, 155 sujeitos não compareceram, 66 sujeitos desistiram (conseguiram emprego/estágio, doença) e concluíram o processo 155 orientandos. Quanto ao gênero eram 71% dos orientandos do sexo feminino, e 29% do sexo masculino. A faixa etária mais representativa era a de 15 a 19 anos com 59,7%, e a faixa etária menos representativa era a de até 14 anos com 0,6%. Quanto a escolaridade, 37,7% já haviam concluído o 2º grau e 0,6% estavam na 1ª série do 2º grau. **METODOLOGIA:** O processo foi realizado uma vez por semana, com duração de uma hora e meia cada encontro, variando entre oito a doze encontros (de acordo com a dinâmica do grupo), contando com um total de 19 turmas, distribuídos em vários horários e campus, onde atuaram, três psicólogas como orientadoras e suas respectivas estagiárias cuidando de cada grupo formado por, no máximo, 15 orientandos. Ao longo do processo foram utilizadas diversas técnicas, atividades, dinâmicas, questionários, entrevistas, textos digitados para reflexão e discussão, redações, tarefas de casa, painéis, dramatizações, a aplicação do Inventário de Interesse - Kuder e outras atividades específicas para o desenvolvimento do orientando quanto à sua escolha profissional. Num primeiro momento as atividades visam a integração de cada orientando no grupo, e, posteriormente, vão tornando-se mais específicas para o reconhecimento dos interesses do orientando no que tange à sua escolha profissional. **RESULTADOS:** Na avaliação com o objetivo de verificar os resultados obtidos e aprimorar o programa para os próximos grupos, constatou-se que: 96,2% dos orientandos tiveram suas expectativas atendidas quanto ao processo; 96,2% consideraram que as técnicas aplicadas ajudaram na escolha profissional; 93,7% se sentiram participando efetivamente do processo; e 100% dos orientandos consideraram a orientação vocacional como um processo esclarecedor e indicariam para outras pessoas. Levantando os dados, constatou-se que o interesse dos orientandos estava mais direcionado para os cursos de Administração, Direito, Comunicação, Psicologia, Fonoaudiologia, Serviço Social e Veterinária.

Sérgio Paulo Behnken; Monique Rodrigues de Souza; Júlio César Cruz Collares da Rocha; Martina Wendt, Jamilce Vicente da Silva; Fabiana da Silva Taranto.

Universidade Estácio de Sá.



A participação sócio-política da mulher na luta pela terra.

A luta pela terra em sua fase inicial é freqüentemente um processo demorado, violento e sofrido. Famílias inteiras se fixam na terra em acampamentos, morando em barracas comunitárias sob precárias condições psicológicas e materiais. Neste momento da luta a participação da mulher é ativa e fundamental. Mostram força e organização em táticas de ação, pois, se fazem presentes em passeatas, invasões, recebem ameaças de morte e, valendo-se de conveções culturais que lhes atribui uma certa imunidade pública, enfrentam policiais armados para resguardar a vida de seus maridos. No entanto, ao estabelecerem-se na terra, em assentamentos, onde passam a viver mais individualmente em suas casas com suas famílias, a maioria das mulheres assumem comportamentos reservados no tocante a participação comunitária, não participam das reuniões das associações e não contribuem para a administração do assentamento. Partindo desta realidade estudada em pesquisa com 12 assentamentos rurais da Paraíba e trabalhada em dissertação de mestrado de Guimarães e Miele (1998), realizamos uma intervenção em dois destes assentamentos, a saber: Assentamento João Pedro Teixeira e o Assentamento Nova Vivência. (Objetivo) com o objetivo de entender e estimular o processo organizativo das mulheres nestes assentamentos. (Metodologia) Adotando o método de Pesquisa-Ação desenvolvemos a intervenção nestas comunidades através de visitas domiciliares e reuniões periódicas em cada assentamento durante um ano, ambos já contavam com grupos de mulheres, em um deles o grupo estava desarticulado e com dificuldade de atuação; no outro, apesar das dificuldades enfrentadas, o grupo funcionava com maior eficiência. Através de palestras, grupos focais, dinâmicas e discussões foram elencados problemas da comunidade e formas de enfrentamento, além de se questionar acerca do papel destas mulheres enquanto mulher/mãe/companheira neste contexto. (Resultados) No transcorrer dos trabalhos foram analisadas algumas questões, percebidas nos estudos anteriormente citados, de relevância no reforçamento da apática participação sócio-política das mulheres. Entre outras, a baixa escolaridade, a auto-estima e autoconfiança negativas, as reservas impostas por questões sexistas, a precariedade de condições, as dificuldades de desenvolver trabalhos em grupo. Ou seja, dificuldades físicas, sociais, econômicas e psicológicas que rodeiam aquela realidade. Durante o trabalho de intervenção percebemos algumas alterações na atitude de enfrentamento destas enquanto grupo. Os grupos constituíram-se de espaços onde elas discutiram suas origens, seus sonhos, seus desejos. Ensaíram reações e manifestações em grupo e obtiveram algumas vitórias.

Rêivan de Castro Sá Barreto; Karla Malheiros; Genaro Ieno Neto.

Universidade Federal da Paraíba.



A percepção de diferenças entre os Direitos Humanos das mulheres e os Direitos Humanos dos homens.

Este estudo teve como objetivo responder às seguintes questões: a) Como as pessoas vêem os Direitos Humanos?; b) Existe uma correspondência entre as suas idéias a respeito dos Direitos Humanos e a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH)?; c) O sexo dos sujeitos (pertença grupal) influencia na maneira como formulam os Direitos Humanos dos Homens e das Mulheres?; d) O grau de Identificação com o pensamento do seu grupo de pertença gera uma formulação diferente para os Direitos Humanos das Mulheres e dos Homens? Esperava-se: 1) que os Direitos Humanos mais listados fossem os sócio-econômicos e políticos; 2) encontrar uma correspondência entre a formulação leiga dos direitos humanos e a formulação da DUDH; 3) que as mulheres apresentassem uma percepção de diferenças entre os direitos dos homens e das mulheres e que os homens apresentassem uma percepção da igualdade desses direitos; 4) que o grau de identificação com a forma de pensar do seu grupo de pertença levasse a um maior ou menor diferenciação entre a formulação dos Direitos dos homens e dos Direitos das mulheres. A amostra deste estudo foi formada por 320 adolescentes entre 14 e 20 anos de ambos os sexos, estudantes do Ensino Fundamental II e Ensino Médio de duas escolas da rede pública e privada de ensino da região metropolitana do Recife. Instrumentos: Questionário sobre Direitos Humanos dos Homens e Direitos Humanos das Mulheres com duas questões abertas nas quais os sujeitos responderam livremente à pergunta “Quais são os direitos humanos dos homens / das mulheres?”; Questionário de Identificação com a Identidade Social de Gênero com dois itens, nos quais se indica, numa escala de 0 a 10, o grau de identificação com a maneira de pensar das mulheres e dos homens; Dados Sócio – demográficos. Resultados: Existe uma visão leiga dos direitos correspondentes à DUDH, na qual a média das evocações dos sujeitos do sexo feminino, relativas aos Direitos Humanos das Mulheres apresentou-se significativamente maior que a média das evocações dos sujeitos do sexo masculino ($t = 3,25$; $GL = 323,65$, $P. < 2\chi,001$). Encontram-se diferenças significativas entre as formulações dos Direitos Humanos dos Homens em relação aos Direitos Humanos das Mulheres, especificamente por parte das mulheres ($LR = 4,10$, $GL = 3$, $P = 0,25$, de Pearson = 4,06, $GL = 3$, $P = 0,25$). Com relação à Identificação com o pensamento do seu grupo de pertença, uma maior identificação mostrou-se relacionada a uma maior percepção de diferenças entre os direitos dos Homens e das Mulheres por parte das mulheres. Os achados são discutidos em termos de importância da identidade social para a construção social dos Direitos Humanos.

Eline Nascimento; José Bastos da Costa.

UFPB.



A Percepção do Atendimento ao Adolescente por Profissionais da Saúde em um Hospital Universitário: Um Estudo Exploratório.

O objetivo deste estudo foi investigar a percepção de profissionais da saúde acerca do atendimento por eles prestado a adolescentes em um hospital universitário que oferece atendimento especializado a esta população. Buscou-se verificar concepções e práticas de sete profissionais (quatro enfermeiras e três médicos) integrantes de uma equipe multidisciplinar especializada no atendimento ao adolescente. Foi solicitado aos profissionais que descrevessem suas experiências de trabalho com os jovens, assim como motivações e dificuldades encontrados no atendimento a esta população. Os depoimentos foram gravados e transcritos para análise. Os dados coletados foram analisados a partir da Fenomenologia que privilegiou unidades intencionais de discurso. As falas dos profissionais indicaram a necessidade de se buscar uma visão global e integrativa do jovem para seu melhor atendimento. Observou-se a valorização de um discurso centrado especialmente na importância do diálogo, na compreensão do momento evolutivo e na integração da família ao atendimento. A atenção dada a necessidades mais “psicológicas” dos jovens, embora considerada essencial, foi em alguns momentos reconhecida como uma preocupação que chegava até mesmo a prejudicar o atendimento prestado ao adolescente, pois levava o profissional a dispersar seu foco de atenção, aventurando-se em áreas que estavam além de seus conhecimentos técnicos específicos. Ainda, inúmeros problemas foram apontados para a efetiva realização de um atendimento multidisciplinar ao adolescente. Os problemas encontrados se referiram tanto à formação dos profissionais que trabalham com os jovens quanto à estrutura disponível para o atendimento. Os profissionais, em alguns casos, relataram seu despreparo teórico-prático e emocional para trabalhar com esse tipo de paciente, que em suas opiniões possui características especiais devido ao seu momento evolutivo. Além disso há ainda a falta de espaço físico destinado ao atendimento dos jovens, assim como a falta de um maior investimento da instituição para o atendimento desta população (supostamente devido ao alto custo e baixo retorno financeiro) e a falta de integração entre os membros das equipes multidisciplinares. Apesar das diversas dificuldades apontadas, o trabalho com o adolescente foi percebido como gratificante e enriquecedor.

Ana Cristina Garcia Dias; Viviane Ziebel Oliveira.

Universidade de São Paulo; Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



A percepção dos adolescentes sobre os estilos parentais: Um estudo em dois grupos étnico-culturais – Descendentes de imigrantes italianos e alemães, na região do Planalto Médio do Rio Grande do Sul.

O objetivo desta pesquisa foi identificar, descrever e comparar os estilos parentais, numa amostra em duas cidades com características étnico-culturais distintamente demarcadas. Duzentos e oito (208) adolescentes, de ambos os sexos, na faixa etária dos 14 aos 21 anos, responderam à ficha de identificação da amostra e uma escala que avalia práticas parentais na educação dos filhos, ligadas às dimensões de responsividade e exigência parental. Esta escala permite a classificação de quatro estilos parentais: autoritativo (alta responsividade e alta exigência), autoritário (baixa responsividade e alta exigência), negligente (baixa responsividade e baixa exigência) e indulgente (alta responsividade e baixa exigência). As cidades investigadas, Colorado (descendentes de imigrantes italianos) e Victor Graeff (descendentes de imigrantes alemães), situam-se no Planalto Médio do Rio Grande do Sul. O instrumento utilizado – Escala para avaliar estilos parentais, apresentou índices de consistência interna adequados (alpha entre 0,7 e 0,9). A análise descritiva dos dados evidenciou aspectos relevantes sobre as vivências nos aspectos étnico-culturais e de construção de identidade individual e coletiva nas duas localidades. As análises de variância indicaram os pais no aspecto da responsividade parental, apresentando escores diferentes quando comparadas as duas localidades, já as mães apresentaram escores elevados nesta categoria, em ambas as localidades. Na categoria exigência parental (tanto para pais quanto para mães) não apareceu diferenças. Os estilos parentais (combinados pai e mãe) com significância estatística que foram identificados nesta amostra apresentaram diferenças quanto aos tipos e as cidades, corroborando achados da literatura. Os resultados são discutidos em termos da relevância do tema aos estudos atuais em psicologia social.

Dirce T. Tatsch.

Universidade de Passo Fundo – UPF.



A Periodontite e os ajustamentos sociais e pessoais do adulto jovem.

A Psicologia Evolutiva ocupa-se de todos os aspectos do desenvolvimento e estuda, de forma integrada, o homem como um todo: os aspectos cognitivos, emocionais, sociais e morais da evolução da personalidade, pressupondo que tarefas evolutivas, tipos de aprendizagem ou ajustamento, devam ocorrer em determinada fase da vida humana. Quando as tarefas evolutivas são incorporadas, os ajustamentos nas fases subseqüentes se realizam de modo mais satisfatório; quando não, esse ajustamento se torna mais difícil e pode até deixar de ocorrer. O estágio evolutivo denominado “adulto jovem”, estágio de que se ocupa o presente estudo, é a fase que vai aproximadamente dos vinte e quatro anos aos quarenta anos de idade; uma fase evolutiva caracterizada por uma série de mudanças significativas na vida do ser humano, bem como por uma série de importantes ajustamentos pessoais e sociais que causam constante tensão de adaptação. Como se pode verificar que nem todos reagem do mesmo modo a situações estressantes, porque avaliam-nas e reagem a elas de modo diferente, manifestações psíquicas e físicas podem ocorrer, decorrentes das pressões sociais próprias desse estágio evolutivo, incluindo, nessa última, as doenças. . A periodontite, variável dessa pesquisa, é uma doença caracterizada pela infecção dos tecidos que contornam e sustentam os dentes, responsável pela maior causa de perda dos dentes em adultos. No presente trabalho, buscamos verificar quais tarefas evolutivas não foram incorporadas aos padrões de experiências do estágio evolutivo denominado adulto jovem, em pessoas de 23 a 44 anos que apresentem a periodontite. A partir das tarefas evolutivas que devam ser incorporadas ao estágio denominado adulto jovem, segundo Merval Rosa, foi construído um inventário, com oitenta e nove perguntas, sendo treze de identificação e caracterização da amostra e setenta e seis autodescritivas, tendo cada uma cinco escalas de respostas, a fim de aferir quantitativamente os dados. O inventário foi aplicado em vinte pessoas, portadoras de periodontite, residentes no estado de São Paulo. As aplicações do inventário tiveram a autorização por escrito dos participantes através de termo de consentimento livre e esclarecido, e foram realizadas em ambiente clínico, pelo profissional responsável pelo tratamento periodontal. O inventário buscou aferir os ajustamentos do adulto jovem em seis tarefas evolutivas, a saber: independência emocional, independência social, independência econômica, atividades recreativas, solidificação da escolha ou da carreira profissional e matrimônio. Os resultados tendem a apontar que 80% apresentam uma vida autônoma e mantém laços emocionais; 60% concordam que as diferenças sociais são responsabilidades de todos, mas 55% não desenvolvem atividades de cunho social; 60% não consideram ter remuneração suficiente para suas necessidades básicas; 55% não incluem atividades recreativas em seu cotidiano; 75% pensam em mudar de atividade profissional e estão criando novas oportunidades profissionais; 85% consideram que o matrimônio faz parte das realizações humanas e têm filhos, 60% são casados e 55% convivem com a pessoa que lhes proporciona o máximo prazer sexual. A análise quantitativa dos dados apontam para um estudo mais aprofundado dessa pesquisa exploratória.

Fiorini, Cristina. F.; Souza, Miriam I.

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Guarulhos.



A perspectiva da Redução de Danos - novo paradigma para abordar as toxicomanias.

Este trabalho refere-se a construção de uma política pública no campo das drogas referenciada no conceito Redução de Danos, da qual eu tenho me ocupado como representante da Secretaria de Estado da Saúde, através da Saúde Mental, juntamente com representantes da Secretaria de Educação, Administração e Recursos Humanos, STCAS, Justiça e Segurança e a Cultura. O campo conceitual do qual partimos não dissocia o social e o individual, o que nos auxilia a decifrar as demandas sociais através dos enunciados, discursos instituídos, discursos nas entrelinhas, conceitos, preconceitos, valores, ideais, imperativos, normas e símbolos, bem como, através das representações sociais construídas em torno das drogas em condições sócio-econômicas e culturais específicas de uma determinada época. Para a elaboração desta Política alguns pressupostos serviram de base de discussão para um trabalho intersecretarias, trabalho este que ocorreu através de seminários e oficinas. Foi empreendido um grande esforço para chegarmos em alguns consensos sobre a concepção do problema das drogas na nossa realidade social e sobre as formas de intervenção. A Política de Redução de Danos engloba estratégias que visam reduzir os prejuízos associados ao uso de drogas, quando esta pratica não pode ser extinta, respeitando as escolhas individuais, limites e possibilidades de cada pessoa, através da construção conjunta e participativa de dispositivos de mudança, não necessariamente da interrupção do uso de drogas. Trazíamos em nossa bagagem a participação na implantação da primeira experiência em Redução de Danos de Porto Alegre que ocorreu em 1996 quando em 1999 começamos a formular uma Política de Drogas para o Estado do RS. Na época já se anunciavam resultados de pesquisas nacionais, nas quais Porto Alegre contribuía com o maior número de pessoas pesquisadas, vinculadas ao programa de Redução de Danos. Em Porto Alegre, dados publicados em 2001, indicavam o alto consumo de drogas injetáveis em nossa cidade, sendo que das pessoas cadastradas nos programas de Redução de Danos: 60% deixou de compartilhar agulhas e seringas, 23% solicitou tratamento para dependência química e somente 80% destes conseguiu vaga para tratamento na rede pública de atendimento e 48% são portadores do vírus HIV. Além de podermos avaliar a eficácia deste programa, estes dados justificavam a utilização desta intervenção em saúde pública. A principal conclusão resultante desta experiência é que focar o problema das drogas pela via da Redução de Danos reduz antes de tudo preconceito. Esta experiência iniciou com a troca de seringas e cresceu em um processo de reelaboração de conceitos na formulação de uma metodologia própria, para uma estratégia em saúde pública. É certo que há uma contaminação generalizada que permeia segmentos e profissionais de diferentes áreas com os pressupostos dominantes, sejam os cognitivos-comportamentais, psiquiátricos ou mesmo religiosos, para citar alguns modelos, que sustentam regras fechadas e muitas vezes inflexíveis, dificultando que boa parte da parcela de toxicômanos consigam aderir aos tratamentos. Ao estarmos convencidos de que não existe um perfil que pode definir o toxicômano, também não acreditamos que haja apenas duas ou três saídas para quem padece de uma toxicomania, por isto buscamos na pluralidade de modalidades e enfoques, fazer uma escuta ética das diferenças, apesar da globalização propor um alinhamento dos desejos humanos enfatizando como ideal a liberdade de um agir sobre os objetos de consumo. A estratégia da Redução de Danos foi assumida pela Política Estadual de Drogas, incluindo-se relatos de experiências dos programas e fundamentação teórica em Redução de Danos nas capacitações voltadas para agentes comunitários, redutores de danos, educadores de rua, profissionais de nível médio e superior da rede pública de saúde, professores e profissionais do judiciário. Entre as contribuições dos programas de redução de danos e da metodologia construída, sintetizamos o seguinte: – A pluralidade de demandas encontradas não somente dos sujeitos toxicômanos, mas de usuários recreativos ou habituais, exige uma flexibilidade e uma plasticidade que foi caracterizando cada encontro entre o redutor e o usuário em sua rede social. – O vínculo é terreno fértil para a troca, isto é, relação, intercâmbio, investimento. Portanto, o vínculo é o que está em jogo como condição para qualquer outra troca: informação, orientação, acompanhamento, encaminhamento, conversa, etc. – A impulsividade e as



respostas totais, com as quais o redutor, ou agente ou profissional de saúde tentam resolver os problemas de quem está em vulnerabilidade são os obstáculos maiores encontrados em uma aproximação com esta população. — Qualquer programa inovador e que coloque em questão os discursos instituídos deve ter todo o cuidado em buscar sustentabilidade tratando de articular suas propostas com os principais representantes da sociedade na qual este programa estará sendo implantado. Outro embasamento foi encontrado nos princípios do SUS nos auxiliando a dar amplitude a esta proposta de uma Política considerando que no estabelecimento das toxicomanias estão implicados o sujeito, a família, o trabalho, as relações sociais, as relações afetivas, econômicas, a escolaridade, as relações com a lei, enfim uma cultura. Tomamos como princípio fundamental a integralidade e para isto necessitamos buscar diferentes saberes que pudessem ser resgatados para incluímos o toxicômano. Entende-se que somente com propostas de integralidade, envolvendo ações da educação, da saúde, de cidadania, torna-se possível criar políticas resolutivas, e encontramos na nossa realidade experiências esparsas, dissociadas e extremamente limitadas. Universalidade nos impõe que não nos prendamos em nossos próprios ideais para oferecermos informação e orientação aos que querem se tratar e aos que ainda não decidiram parar com o uso de drogas. Resolutividade é identificar e intervir, tanto quanto possível, sobre as causas e fatores de risco em que as pessoas e sua rede social estão expostos. Intersetorialidade – trata-se do desenvolvimento de ações integradas entre os serviços e setores, com a finalidade de articular políticas e programas, potencializando, assim, recursos financeiros, tecnológicos, materiais e humanos disponíveis e evitando duplicidade de meios para fins idênticos. Humanização do atendimento – significa que o usuário deve poder opinar sobre o que pensa, o que sofre, o que necessita, mesmo que no momento atual esteja com dificuldade para alcançar as condições necessários para o que diz desejar. Participação – refere-se a democratização do processo de planejamento de ações em saúde, estimulando a auto-organização dos usuários para o efetivo exercício do controle social na gestão do sistema. Flexibilidade – este princípio foi criado para dar conta da prática de RD, e surgiu como decorrência das discussões que acompanharam o I Seminário Sul-Americano de RD em Porto Alegre e significa facilitar o acesso ao serviço de saúde e o vínculo, utilizando propostas diversificadas e construídas com o usuário em sua rede social e considerando a necessidade, o que é pedido e as possibilidades apresentadas em relação ao que será combinado em comum acordo como plano de ação terapêutico. Como podemos constatar esta Política está fundada na ampliação da compreensão da questão das drogas na nossa sociedade, não focalizando o produto drogas ilegais, pois visa-se a mudança de uma lógica de discriminação instituída ao longo dos anos, que associa o usuário de drogas ao delinqüente e traficante impondo uma exclusão. A viabilização desta mudança está pautada pelo estímulo a pluralidade de ações preventivas, terapêuticas e legais. A Política proposta por reconhecer a determinação social das toxicomanias, assume as contradições dos discursos instituídos, não para simplesmente opor-se a eles, mas para desvelar o que nos ideais sociais incitam a produção de patologias e, também, para assumirmos a nossa parcela de responsabilidade frente a esta realidade: qual é a parte que nos cabe por estarmos inseridos em um sociedade que sustenta tais ideais? Como decorrência desta posição propõe-se um trabalho com os toxicômanos de resgate do laço social, não de uma forma normatizante, mas convocando o sujeito a engajar-se de forma ética no que constitui sua subjetividade. Isto tem conseqüências positivas na forma como os toxicômanos envolvidas com os programas de Redução de Danos conseguem ressignificar seus atos e redimensionar o preço ao qual estavam dispostos a pagar por sua toxicomania. E se podemos do ponto de vista terapêutico buscar compor as condições para um exercício de escolhas responsáveis, porque não seria possível estender esta prática para o campo da educação e da justiça em relação ao usuário de drogas e o toxicômano? Enfatiza-se aqui, a necessidade de recuperar a dimensão simbólica da cidadania, enquanto valor a orientar a elaboração, a implementação e as reivindicações de políticas sociais nesta área. Pensou-se que para diminuir o estigma que permeia o uso de drogas ilícitas precisaríamos aproxima-las das lícitas e esta foi a estratégia escolhida para colocar em prática esta Política permeada pelo conceito de RD, isto é, precisamos agir sobre o preconceito que distancia drogas lícitas das ilícitas, bem como distancia os toxicômanos dos dispositivos de informação e de promoção de saúde. Foi



fundamental delinear os discursos sociais instituídos em torno deste tema e as abordagens voltadas ao usuário de drogas, em vários âmbitos, a saúde, a escola e os dispositivos legais, na medida em que é o mesmo sujeito que ora se vê afetado por uma ou outra destas abordagens. Foi necessário diferenciar o impacto do uso prejudicial de drogas do impacto da violência gerada pela rede de tráfico que leva a um aumento desenfreado da criminalidade, mortes de jovens, instabilidade social, a uma maior vulnerabilidade de crianças e adolescentes atraídos para esta rede, entre outros fatores. Esta realidade nos reafirma que não é possível reduzir a uma questão de polícia ou de saúde e que tem exigido a proposição de uma relação mais qualificada entre o jovem e as figuras que podem e devem servir de referência. Focalizando então a construção de uma política voltada a problemática das drogas, uma importante decisão tomada foi sair do meu local de trabalho para conhecer o que os profissionais de outras instâncias pensavam e que concepções compartilhavam sobre a questão das drogas. Neste transito buscava identificar as concepções e as práticas, situando as principais facilidades e obstáculos nas atividades que envolvem o tema das drogas. Pude constatar que há um sentimento de impotência generalizado, sinal da crise de autoridade em que vivemos. A impotência era conseqüência de determinados ideais que acompanhavam os relatos, como também o maior obstáculo para um trabalho livre dos preconceitos morais. As exigências que vem dos ideais de prevenção, de abstinência e da especialização dos saberes são estão bem demarcadas em vários âmbitos. Nesta linha de pensamento, se o problema aparece é porque a prevenção não funcionou 100%, se a pessoa não se abstém é porque o tratamento não corrigiu os erros e se o profissional não é um especialista o usuário sabe mais do que ele sobre as drogas e tornará sua palavra inválida. E como conseqüência vemos programas que priorizam somente aquelas ações voltadas aos cidadãos que nunca usaram drogas, isto é 10 a 20% do total de crianças e adolescentes. Ou ainda, reações frente ao uso de drogas na escola que rapidamente se encaminham à expulsão, pois os que usam podem tornar-se toxicômanos e, conseqüentemente, traficantes. Estes alunos não se enquadram aos requisitos normativizantes impostos para aquietar os sujeitos. E os profissionais da saúde considerando traição a cada vez que o paciente recai, produzindo interrupções no investimento do terapeuta em relação ao tratamento. O juiz por sua vez pode precipitar um diagnóstico sobre um sujeito que ainda está em busca de referências, por exemplo definir um usuário eventual como toxicômano e encaminha-lo a tratamento compulsório. Os dilemas que os profissionais vivem são decorrentes do fato que o consumo de drogas se insere em uma cultura que estimula o uso de drogas lícitas, mas que se horroriza e penaliza o uso, o abuso e a dependência das drogas ilícitas. Isto ocorre justamente, porque a aproximação das drogas lícitas e ilícitas evidenciam as contradições dos discursos instituídos em nossa sociedade de consumo, isto é que a propaganda de drogas lícitas incita ao uso das drogas ilícitas. E, por fim, todas as situações que envolvem as drogas são tratadas, a priori, como dependência, associada ao crime, tornando todo uso algo grave porque é ilícito. Para tratar de forma científica esta questão precisa-se reconhecer que as pessoas estabelecem diferentes relações com as drogas e que o planejamento de intervenções nesta área devem considerar essas diferenças, disponibilizando informação, orientação, e mesmo tratamentos referenciados na abstinência e tratamentos referenciados na redução de danos. E também ao relativizar a impotência, retomar o que é possível desde cada função, sem assumir para si o monitoramento da vida de uma pessoa. Outro ponto relevante nesta Política, que nos cabe analisar diz respeito ao imbricamento da abordagem de saúde e da abordagem legal, pois impedem que os profissionais da saúde se permitam a escutar um sujeito em sofrimento psíquico que vive na desmedida e não um criminoso “psicopata”, como sugerem alguns estudos. Em uma perspectiva legal no campo das drogas, debate-se e enfoca-se quatro encaminhamentos possíveis: prisão, tratamento, penas alternativas e justiça terapêutica. Acompanha-se no direito penal várias mudanças ocorridas nos últimos anos, que refletem também os processos sociais que as permitiram. Segundo Bravo (2002) “As iniciativas do direito penal, alinhadas com o avanço das políticas neo-liberais que expulsão do mercado de trabalho um importante contingente da população, tentam diminuir a sensação de insegurança da opinião pública frente ao aumento dos crimes derivados da pauperização provocada por este marco social. Nesta perspectiva, surgem as políticas de tolerância zero



e os tribunais terapêuticos que se fundam na idéia preconcebida de que quem pratica uma infração menor é potencialmente perigoso e capaz de cometer delitos maiores, já que é essencialmente não respeita a lei. Com esta afirmação se desconhece um princípio penal básico desde o ponto de vista democrático: um indivíduo deve ser punido pelo que fez e não pelo que é. Ocorre também uma negação da possibilidade de reflexão sobre a relação entre um sujeito e seu ato, em função da necessidade urgente de defender a sociedade”. Mathias Flach (2001) diz que ‘Sob uma aparência de liberalidade, o tratamento compulsório reitera o sistema existente, a visão do crime e castigo. As cortes de drogas norte-americanas e a exemplo da nossa Justiça Terapêutica, atuam na contramão das políticas descriminalizantes, sendo que o fator mais intrusivo é a compulsoriedade do tratamento. Estes programas cooperam com a criminalização exigindo testagens de abstinência obrigatórias, comparecimento e demonstração de desempenho satisfatório na escola, estágios profissionalizantes e laborativos. Trata-se de um ritual de medidas autoritárias e prescritivas que não afetam os sujeitos em uma responsabilização sobre seus atos. É certo que a maioria dos casos de usuários ou toxicômanos que se apresentam à lei, revelam alguma ineficácia de outras instâncias no estabelecimento de limites e de referências, tornando-se crucial uma abordagem da lei que efetivamente seja terapêutica e não punitiva e alienante. Ainda há tempo para que profissionais de várias áreas se envolvam nesta discussão, pois nos cabe refletir sobre as definições legais que afetam diretamente a vida das crianças e dos adolescentes em geral e dos toxicômanos, em particular. Observa-se resultados positivos de boa parte dos toxicômanos que são encaminhados para tratamento pelo juiz, no entanto, isto se faz possível quando a orientação do tratamento os implica como sujeitos de seu discurso. O mais danoso nesta reflexão é que as legislações pertinentes ao tema consideram que qualquer uso de drogas ilícitas é um delito não havendo uma diferenciação entre o uso, o abuso e a dependência às drogas. Portanto prescreve-se hoje os dependentes de amanhã. Neste equívoco encontram-se muitos educadores, profissionais da saúde e do judiciário. Neste discurso o usuário é um dependente em potencial e mesmo um traficante em potencial? Como decorrência do que venho expondo, considera-se necessário sensibilizar segmentos sociais diversificados para a discussão de estratégias de Redução de Danos incluídas em uma Política de Drogas, promovendo uma maior integração de setores importantes da nossa sociedade e, com isto, criar condições de sustentabilidade desta proposta, através de:) uma relação qualificada com a mídia, veiculando subsídios para sensibilizar a opinião pública, contribuindo para ampliar a compreensão dos problemas na perspectiva de desvelar a função social que as drogas cumprem na sociedade, bem como informar adequadamente através de dados científicos e colaborar com campanhas ;) de programas continuados de educação preventiva nas escolas com as temáticas da violência, drogas, sexualidade e Aids abordados de forma interdisciplinar;) ampla discussão sobre os rumos das mudanças legais que deseja-se em relação a abordagem das drogas: despenalização, descriminalização e/ou liberalização do uso de drogas;) uma maior abertura e aproximação dos pressupostos da saúde pública com os diferentes campos do conhecimento, no sentido de ampliar e fortalecer a interdisciplinariedade no trabalho das equipes e instituições;) potencializar as políticas públicas e fortalecer a função social das universidades tanto em âmbito da graduação, como extensão e pesquisa com programas que complementem e respondam as necessidades sociais emergentes neste campo.) a capacitação continuada para a abordagem do uso prejudicial de drogas em diferentes áreas;) uma revisão dos princípios norteadores dos tratamentos, para uma maior flexibilidade no contrato terapêutico, priorizando o vínculo antes de qualquer exigência, bem como o respeito a singularidade, as possibilidades e ao desejo de quem procura atendimento. Concluo que a compreensão que se tem do problema influi em muito naquilo que nos colocamos disponíveis a escutar e a oferecer através de um acolhimento responsável. Intervir nesta problemática, com fortes determinantes sociais, psíquicos e legais, significa reconhecer os apelos diretos e indiretos dos usuários e dependentes químicos, em conflito ou não com a lei, e que nos convocam a emprestar o nosso olhar e a nossa voz, para que desde as nossas funções públicas ou privadas, a engajar-nos nesta árdua tarefa de resgatar a eficácia de uma lei simbólica que engaje em um pacto social viável.



Marta Conte.

Secretaria de Estado da Saúde do RS.





A perspectiva de futuro familiar do jovem atual.

Este trabalho teve como objetivo investigar onde se enquadra e como é conceituada a família dentro da perspectiva de futuro do jovem atual, se existe algum tipo de relação entre a família de origem e o conceito de família, e se o trabalho é prioridade para o futuro do jovem de hoje, e onde está a família neste contexto. Este problema de pesquisa se justifica por ser pouca a literatura em Psicologia que trata do assunto. Entendeu-se família como um grupo no qual se inicia a socialização de seus integrantes e se desenvolvem as qualidades humanas através do estar junto, onde no mesmo espaço físico pessoas mantêm relações significativas independente da consangüinidade. Trabalhamos com 36 sujeitos no total, sendo 6 homens e seis mulheres de cada uma das 3 categorias sociais definidas por nós, estes subcategorizados em 3 grupos de faixa etária: 18-19 anos, 20-21 anos e 22-23 anos. O instrumento utilizado para coletar os dados foi uma entrevista dirigida baseadas em perguntas pré-estabelecidas por nós a partir de um pré-teste. Os resultados foram agrupados em seis tabelas analisando temas como: perspectiva de futuro e sua relação com as faixas de renda; histórico familiar relacionado à renda; prioridade entre família e trabalho relacionada à renda; conceito de família relacionado à renda; comparação entre a questão “o que é família para você?” e histórico familiar em cada uma das rendas. Eles mostraram que: - na renda 1 a família aparece como principal prioridade, seguida pelo trabalho e depois por “ambos”. Para esta renda, a família é definida por “tudo”, “afeto”, “apoio”, e foi encontrada relação entre bom relacionamento com a família de origem e a prioridade da família no futuro. Para estes sujeitos os membros das famílias vão além do núcleo consangüíneo. - na renda 2 a prioridade foi o trabalho em seguida “ambos” e em terceiro a família. As descrições de família mais citadas foram “afeto”, “apoio” e “união”, e apresentaram maior leque de opções. Ambos os sujeitos que consideraram seu relacionamento com a família de origem bom ou conflituoso apontaram o trabalho como prioridade futura. Para esta renda, família vai também além do grupo consangüíneo. - na renda 3 a família foi selecionada como prioridade, seguida por “ambos” e depois o trabalho. O conceito de família foi o mais variado, tendo definições como “educação”, “filhos”, “segurança” e “respeito”. Os sujeitos com bom relacionamento com a família de origem priorizam tanto o trabalho quanto a família, e nesta renda a família de origem também não se resume ao núcleo consangüíneo. Concluímos que a concepção de família do jovem atual contraria a concepção de que família são os que moram no mesmo espaço físico, englobando além de relações consangüíneas relações de afeto. Confirmamos a hipótese de que o trabalho é o item mais priorizado pelo jovem atual e, em especial na renda 2, o trabalho sendo escolhido como prioridade pode ser visto como tentativa de ascensão social. A prioridade “família” na renda 1 pode ser explicada como uma forma de realização pessoal. Nas definições de família, as categorias “casamento” e “filhos” se mostravam contraditórias, o que possibilitaria novas pesquisas sobre o assunto.

Mônica Gianfaldoni; Ana Cecília Andrade de Moraes; Clarissa Leme Rezende; Letícia Ribeiro Nolasco; Maila Beatriz Goëllner; Maria Annita Moretti de Ornellas.

PUC-SP.



A pesquisa teórica na ciência contemporânea: pensando através das redes.

O presente trabalho tem por objetivo trazer à reflexão o importante lugar da pesquisa teórica no panorama científico atual, problematizando, em especial, a separação entre teoria e prática, tão cara ao pensamento moderno. Ao trilharmos um percurso pelas obras de D’Amaral (1992), Bauman (1999), Latour (1994), entre outros, podemos perceber novas possibilidades de constituição da ciência, onde o pensar teórico deixa de ser considerado uma simples abstração – plena de subjetividade – isolada do “mundo da prática” – associado à objetividade da natureza. Caracterizamos tais lentes dicotômicas como uma cisão entre a ordem dos humanos e a dos não-humanos, pólos de pureza até então incontestes e dispostos em oposição. De acordo com tal ponto de vista, criado e tornado hegemônico a partir do século XVII, ser científico passou a ser balizado por um método que garantiria aos seus adeptos um livre acesso ao mundo da natureza. O método científico, experimental, tem como princípio, a separação entre humanos/sociedade e não-humanos/ natureza, possibilitando o conhecimento da pura natureza por parte dos humanos. Esta seria justamente uma característica da ciência moderna que a atualidade permite discernir de modo crítico: o estabelecimento de categorizações, de ordenamentos sólidos, onde para que algo seja categorizado é necessário o estabelecimento de um “lado de fora” em oposição simétrica. É nessa medida que o mundo e o conhecimento modernos se constituem como intolerância à ambivalência, à multiplicidade, que se busca sempre conter através de novos ordenamentos. Ao trabalhar no sentido de estabelecer uma unidade do olhar e do mundo, essa perspectiva não deixa espaço para a complexidade e reduz o múltiplo ao uno. Na atualidade, tal defesa de fronteiras parece se mostrar ineficaz, visto que a multiplicidade parece estar em todos os lados. Deparamo-nos com irremediáveis “vertigens pós-modernas” que, de acordo com o argumento aqui defendido, apontam para a existência de redes de natureza e cultura, uma perspectiva na qual os pólos humano e não-humano se misturam em processos dinâmicos de hibridação. Todo e qualquer fato se constitui como um nó da rede de natureza e cultura, onde a rede se inscreve em suas amarras e as amarras constituem a rede. A pesquisa teórica, concebida a partir desta perspectiva, configura-se como um lugar de estranhamento de ordenamentos, de nós que se querem puros, evidenciando mediações entre natureza e cultura e possibilitando o surgimento do novo nas bordas da rede.

Júlio César de Almeida Nobre; Rosa Maria Leite Ribeiro Pedro.

EICOS – UFRJ.



A pessoa com deficiência no contexto Universidade Católica Dom Bosco – Campo Grande (MS).

A presente pesquisa teve sua origem a partir da necessidade de compreendermos a dificuldade das pessoas com deficiência ao serem inseridas no contexto universitário, no que se refere à acessibilidade e inclusão. Estivemos alicerçados em promover estudo, diagnóstico e avaliação da situação atual quanto ao atendimento da clientela em questão, propondo linhas de ação e novas estratégias de atuação. Foram utilizados questionários com questões fechadas e aplicados em diversos setores da Universidade Católica Dom Bosco. Desde o setor da Comissão Permanente de Seleção; Controle Acadêmico; Coordenadores de bloco; Coordenadores de curso e Líderes de turma. Os dados foram consolidados e os resultados nos possibilitaram verificar uma quantidade significativa de pessoas com deficiência no contexto universitário. Concluímos que o atendimento direcionado a esta clientela necessita de reestruturação nos aspectos: psicológico, social, estrutural e pedagógico.

Kelly Glay da Silva Sena Sakihama; Nosimar Ferreira Santos Rosa; Simonne Restel Escorcio Fonseca.

Universidade Católica Dom Bosco.



A positividade e a negatividade da relação trabalho-escola nas representações de adolescentes.

Atualmente cresce o número de adolescentes que alternam as jornadas de trabalho com o estudo e enfrentam dificuldades para poder conciliar ambas as atividades. Em metrópoles como São Paulo, muitos adolescentes do ensino público precisam trabalhar para ajudar a sustentar suas famílias, colocando, muitas vezes, a atividade escolar em segundo plano em relação ao trabalho, o que pode trazer conseqüências desfavoráveis à sua escolarização e ao seu desenvolvimento psicossocial. O objetivo deste trabalho foi comparar as representações sociais de dois grupos de adolescentes, um de trabalhadores e outro de não-trabalhadores, a respeito do trabalho, do trabalho associado ao estudo e do adolescente que trabalha. Os resultados apresentados pertencem a uma pesquisa mais ampla que estuda as condições de vida e trabalho de estudantes do ensino médio do município de São Paulo e que conta com três sub-projetos: estudo epidemiológico, estudo do ciclo vigília-sono e estudo sócio-psicológico. Neste último incluem-se os resultados do presente estudo. A amostra foi formada por dois grupos de adolescentes (trabalhadores e não-trabalhadores), na faixa etária de 14 a 18 anos, do ensino médio da rede pública do município de São Paulo. Participaram dessa etapa da pesquisa 724 adolescentes e foram controladas variáveis como idade, gênero e inserção no mercado de trabalho. O método de coleta de dados consistiu na técnica de evocações livres que utilizou três termos indutores (trabalho; trabalhar e estudar; adolescente que trabalha), a partir dos quais os sujeitos evocaram as primeiras cinco palavras ou expressões que vinham às suas mentes. Para o tratamento dos dados foi utilizado o software Evoc, que permitiu fazer uma análise da estrutura da representação social dos termos indutores. A partir das tabelas fornecidas pelo software, foram formuladas hipóteses de centralidade dos conteúdos principais das representações sociais encontradas. Os principais resultados foram: em relação ao termo Trabalho, a principal diferença foi na ancoragem desse termo em elementos concretos do dia-a-dia por parte dos adolescentes trabalhadores, seja a obrigatoriedade de acordar cedo, seja aborrecer-se com os problemas derivados do trabalho. A distribuição dos elementos positivos e negativos em relação ao trabalho foi relativamente homogênea nos dois grupos, salientando que a maioria desses elementos centrais das representações sociais do trabalho foi, em ambos os grupos, positiva. O termo Trabalhar e Estudar permitiu aos adolescentes evocar palavras relacionadas com os ganhos e perdas decorrentes da associação do estudo com o trabalho. No grupo de trabalhadores, as evocações centrais foram de tipo negativo, diferente do grupo de não-trabalhadores, no qual também existem evocações centrais positivas. No grupo de não-trabalhadores foram evocadas palavras de conteúdo positivo que não apareceram no grupo de trabalhadores. Para os dois grupos, os elementos centrais do termo Adolescente que Trabalha foram, no geral, positivos e associados a responsabilidade, amadurecimento e independência, salvo uma palavra evocada em ambos os grupos que indicou a justificativa pela qual os adolescentes enfrentam o mercado de trabalho: a necessidade econômica.

Oliveira, D. C.; Amaral, M. A.; Fischer, F. M.; Teixeira, M. C. T. V.

USP.



A prática clínica e seus possíveis desdobramentos: relato da experiência de atendimento em psicoterapia corporal em um hospital público.

Introdução O presente trabalho tem como objetivos: problematizar o conceito hegemônico de saúde, tomando como referência as intervenções feitas no ambulatório de clínica médica do Hospital Universitário Cassiano Antônio de Moraes; implementar uma forma de atendimento mais focada e pontual nas questões trazidas pelos pacientes e auxiliar na otimização dos serviços prestados pelo hospital. Propomos um outro olhar para o sintoma, entendido como forma de expressão e produção social, e que resulta da relação entre a energia metabólica e sua manifestação no corpo e no afeto através de uma história. **Metodologia.** Optamos por uma intervenção junto a pacientes reincidentes, que apresentam algum tipo de biopatia. Os pacientes são encaminhados por médicos do referido hospital, vindos tanto da clínica médica como da cardiologia, endocrinologia, ginecologia entre outras. Realizamos atendimentos individuais durante oito sessões semanais focalizadas na biopatia apresentada. Esses atendimentos estão baseados na proposta reichiana. No último atendimento o trabalho realizado é avaliado junto ao paciente, e, se necessário, feito um encaminhamento para algum serviço de psicologia da região. Essa metodologia caracteriza o projeto como um dispositivo de experimentação de formas de intervenção psicológica em serviços de saúde públicos. **Resultados** Os atendimentos vêm ocorrendo desde fevereiro de 2001 e nesse último ano, notamos um crescimento de demanda como decorrência do reconhecimento do nosso trabalho pela equipe médica e demais servidores do hospital, bem como por encaminhamentos vindos de fora, demonstrando a relevância social que um serviço psicológico, muitas vezes inacessível à população, representa numa instituição pública universitária. Vimos atingindo bons resultados a partir da metodologia aplicada, proporcionando aos pacientes uma maior interação com seus corpos e uma resignificação de seus sintomas, sinalizando a possibilidade de formas diversas de atuação do psicólogo nos serviços públicos. **Conclusões** Enfatizamos também a importância desse trabalho na formação acadêmica, de seus estagiários pois possibilita a atuação dos alunos junto à comunidade, ampliando suas experiências, sua visão de mundo, bem como evidenciando o comprometimento social que os alunos de uma Universidade Pública devem ter junto à sociedade.

Nelson Antônio Alves Lucero (O); Orieta Silvia Dalmonechi (O); Bruno Birro Coutinho; Diogo Elder Nardi; Elaine Teixeira Daher; Giovana André Dalvi; Karina Martins Costa; Rahulla Del Fiume Sarcinelli; Sabrine Mantuan dos Santos; Vanessa Ramalho Manhães.

Universidade Federal do Espírito Santo/UFES.



A prática da Psicologia nos Serviços Substitutivos de Saúde Mental.

Devido à implantação dos serviços substitutivos de saúde mental, a Psicologia, enquanto parte da equipe que atua nesses serviços, percebeu a necessidade de encontrar novos referenciais teóricos e práticos para esta realidade. Para tanto, buscou em outras disciplinas, assim como desenvolveu na própria psicologia, conhecimentos para melhor atender aos usuários dos serviços substitutivos. Nesse sentido, procurou-se apresentar e discutir as reformulações propostas para a prática clínica do psicólogo, a partir da perspectiva deste novo contexto. Verificou-se a necessidade de uma nova concepção de clínica, que sirva de base para a construção de práticas que considerem o sujeito na sua singularidade e na sua alteridade, assim como nas diversas dimensões que o circundam: o social, o psicológico e o biológico, para que possa obter mais autonomia em sua vida. Através de uma revisão bibliográfica da recente produção brasileira acerca do tema, obteve-se diversas noções e conceitos que procuram ajustar a prática clínica psicológica às condições de trabalho, nos serviços de saúde mental, propostas pela Reforma Psiquiátrica Brasileira. Além disso, foram realizadas entrevistas semidirigidas com psicólogos que atuam em um desses dispositivos, com o objetivo de verificar os limites e possibilidades de atuação a partir de tais proposições. Notamos, através das entrevistas, o interesse dos profissionais em construir novos projetos e fazer trabalhos interdisciplinares. Mas, muitas vezes, estes se deparam com dificuldades como a própria formação, que privilegia uma atuação mais voltada para o consultório e para o atendimento individual, dentro de uma perspectiva tradicional de clínica; a grande demanda a ser atendida pelo serviço, o que dificulta a equipe em se reunir para fazer projetos, discutir casos, etc; além da dependência de políticas públicas para realizar mudanças significativas.

Doraci Weber Kraemer; Felipe Faria Brognoli.

Universidade Regional de Blumenau – FURB.



A prática psicoterápica em instituição de saúde pública: trabalhando entre o necessário e o impossível.

O presente trabalho caracteriza-se por ser uma discussão sobre a prática profissional do psicólogo clínico em saúde pública. Baseia-se na experiência de trabalho no Setor de Psicologia do Centro de Referência Materno-Infantil (CRMI) da Secretaria da Saúde do município de Bento Gonçalves-RS. O CRMI é um serviço pioneiro em saúde da mulher e da criança no Estado e oferece atendimento secundário a gestantes, mães e bebês (0 a 2 anos) de risco no município, contando com equipe multiprofissional (psicólogos, estimuladora precoce, nutricionista, pediatras, ginecologistas e obstetras, pneumologista, assistente social, odontopediatras e serviço de enfermagem). Para fins da construção da proposta de trabalho do psicólogo foram utilizadas 6 reuniões de grupo em equipe multiprofissional, nas quais foram estudados e discutidos temas referentes ao desafio de promoção da saúde em instituição pública, tais como: quem é o usuário do serviço público, a relação entre o nível sócio-econômico e adoecimento físico/psíquico, desafios na estruturação do trabalho em equipe multiprofissional. Também são apresentados 2 casos-modelo através dos quais são mostradas as modalidades de atendimento psicológico de abordagem psicanalítica a pacientes com vulnerabilidade social. As discussões têm como base teórica a psicanálise em interface com as questões sociais e a Cultura (Jurandir Freire Costa, 1989 e outros) e a Teoria das Representações Sociais (Moscovici, 1984 e outros) dentro de uma perspectiva Histórico-Crítica. Destaca-se a valorização da estreita relação entre sofrimento mental e condições sociais, a não-naturalidade e a inadequação da proposta psicoanalítica clássica no contexto de saúde pública e a importância de uma revisão da prática clínica do psicólogo, levando em conta as representações sociais elaboradas por diferentes grupos sociais e o elemento cultural envolvido na construção e organização de suas formas de viver, agir e pensar.

Karina Preisig Paggi.

Secretaria de Saúde do Município de Bento Gonçalves-RS.



A prevenção em saúde mental: como ir além dos programas de qualidade de vida no trabalho.

Dados da literatura, bem como pesquisas recentes apontam um grave quadro de adoecimento físico e psíquico nas mais diversas categorias profissionais. A organização do trabalho é apontada como principal fator envolvido no sofrimento psíquico desses trabalhadores. A partir desse dados, o SINTTEL-MG(entidade que representa os trabalhadores de telecomunicação) percebeu a necessidade de aplicar os conhecimentos já acumulados nesse campo, com intuito de formular políticas de prevenção na área de Saúde Mental junto as empresas filiadas. Através de atendimentos interdisciplinares(Medicina do Trabalho e Psicologia) pode-se constatar um acréscimo na demanda dos trabalhadores que procuram o sindicato para queixar-se, principalmente, de depressão, de ansiedade e de LER/DORT. Percebeu-se, também, a despeito do grande conhecimento científico já acumulado na área, um grande desconhecimento por parte destes trabalhadores sobre a possibilidade de existir o nexos causal entre o sofrimento mental e o trabalho . Muitos sentem que seu sofrimento tem origem na sua “suposta” incompetência, diante das crescentes exigências que o mercado de trabalho vem impondo aos trabalhadores, especialmente, no campo das telecomunicações. Uma das soluções encontradas para este problema foi o trabalho de prevenção, principalmente, envolvendo os membros das Cipas (Comissão Interna de Prevenção de Acidentes). Nesse sentido, a equipe técnica do SINTTEL/MG, composta por uma psicóloga, uma médica do trabalho e um advogado, tem participado do treinamento introdutório para cipistas de algumas das empresas filiadas. Apesar de este ser um trabalho recente, os resultados tem sido bastante favoráveis,. Nos cursos, temos discutido os aspectos organizacionais que envolvem o sofrimento mental, na busca de soluções que possam ser colocadas em prática no dia- a- dia da empresa. Assim, foi construído um trabalho embasado na psicologia social, principalmente no que diz respeito as representações sociais, e na psicopatologia do trabalho, sobretudo na noção de sofrimento mental. Os programas de qualidade de vida das empresas filiadas ao SINTTEL/MG geralmente, visam a criação de uma “válvula de escape” para as tensões provocadas pela organização do trabalho. Assim, acreditamos que outras formas de organização, que conjuguem as necessidades do mundo moderno com a saúde mental dos trabalhadores devem ser pensadas, e as CIPAS podem ser um instrumento valioso na busca dessas soluções. Outra proposta é a discussão do material teórico já produzido nessa área nos fóruns já instituídos pelos trabalhadores: como o Coletivo Estadual da CUT e o Fórum de Saúde e Segurança do Trabalhador de Minas Gerais. Sabemos que uma semente tem sido plantada através dessas iniciativas. A discussão sobre esse tema saí do universo acadêmico e retorna para o mundo do trabalho, dando condições para que os trabalhadores possam se apropriar desse conhecimento, afim de utiliza-lo como arma na luta por melhores condições de trabalho.

Juliana Alarcon Moretti.

SINTTEL/MG.



A privacidade na internet: considerações acerca do controle de troca de informações.

A sociedade virtual tem atravessado um período de grande questionamento. Os movimentos de moralização do sistema, através de mecanismos punitivos e controladores, buscam designar os agentes dos atos virtuais. Esta procura de moralização, cada vez mais, restringe a liberdade do usuário da Web. Mecanismos policiais tentam capturar os “maus” usuários. No entanto, podemos observar um movimento que problematiza essa tentativa de controle da maquinaria hegemônica. O movimento da Web livre se apresenta, como uma linha de fuga, em relação à captura intentada. Nele evidenciam-se possibilidades de questionamento dessa moralização, devido ao uso da Web, sob à bandeira da privacidade. Privacidade aqui entendida, como sinônimo de anonimato – longe das coerções da lei. Para a presente pesquisa encontramos subsídios teóricos na obra de Guattari e na história do livro. O primeiro sendo utilizado para entendermos a máquina produtora de controle regida pelas demandas do capital e, o último, para compreendermos as práticas de utilização dos suportes de texto, no caso específico, a tela do computador. O método utilizado para compormos nosso trabalho foi o da análise crítica do conceito de privacidade e sua contribuição na Internet para a problematização da máquina de produção de subjetividade. As nossas conclusões apontam, para o fato de que esta perspectiva de compreensão do conceito de privacidade – que o reinventa de certa forma – possibilita uma espécie de fuga em relação ao sistema de controle e por isso, o coloca em xeque.

Leonardo Pinto de Almeida; Joelson Tavares Rodrigues.

Mestrado em Psicologia da Universidade Federal Fluminense.



A Procura de Atendimento Psicológico para Crianças de 3 a 5 Anos em Clínica Escola.

Este trabalho tem por objetivo analisar quantitativa e qualitativamente o aumento dos encaminhamentos de crianças de 3 a 5 anos para atendimento em Psicodiagnóstico em Clínica-Escola de uma Instituição Particular de Ensino em São Paulo no período 1999 – 2001, a partir da queixa considerada pelos pais. Diversas pesquisas na área revelam que a maioria dos encaminhamentos se concentra na faixa etária de 6 a 12 anos, com pico entre as idades de 8 e 9 anos. No entanto, nossa atenção foi despertada pela verificação do crescimento nos encaminhamentos de crianças de 3 a 5 anos no período compreendido entre 1999 e 2001. Em 1999 o número de crianças, nesta faixa etária, encaminhadas para Psicodiagnóstico representou 7,7% do total, em 2000 representou 13,3%, e em 2001 representou 19,4%, ocorrendo entre 1999 e 2001 um acréscimo de 150% no total de casos encaminhados nesta idade. Para podermos investigar este aumento foi feito um levantamento das queixas mais frequentes trazidas pelos pais. Estas se concentraram em: dificuldades em aceitar regras e limites, agressividade, agitação, ansiedade elevada, irritabilidade, comprometendo de modo significativo a socialização. A análise das queixas revelou que os pais vêm privilegiando os aspectos emocionais cada vez mais cedo e reconhecendo a sua influência e interferência no crescimento da criança. Ao mesmo tempo, observou-se pais geralmente jovens (idades variando entre 20 e 36 anos), imaturos e com muitas dificuldades para exercerem seus papéis. Apesar da preocupação com possíveis problemas emocionais, dificilmente os pais se consideram parte importante deste processo. Mostram-se confusos em relação a colocação de limites, não conseguindo fazer uma discriminação clara entre autoridade e autoritarismo. Na tentativa de mostrarem-se abertos e compreensivos, os limites se perdem e a criança tende a sentir-se confusa, sozinha e sem parâmetros de como agir. Os pais, por sua vez, tendem a se colocar no mesmo nível que a criança, perdendo-se desta forma os limites e fronteiras entre os subsistemas parental e filial. Podemos dizer a partir da análise realizada, que na avaliação de crianças dessa faixa etária, torna-se fundamental mobilizar os pais para que percebam outros caminhos até então desconhecidos, que envolvem a compreensão do vínculo conjugal, o resgate do casal enquanto conjugalidade, parentalidade e indivíduos, para que desta forma reconheçam o filho como alguém que possa ser visto fora dessa dinâmica estabelecida por eles. Verifica-se então, a necessidade de o profissional repensar tanto as formas de atuação quanto de encaminhamento, considerando a possibilidade de atendimento para os pais, para a família como um todo e também para a criança. A prática clínica a partir desse enfoque torna-se mais trabalhosa e, provavelmente com mais possibilidade de alcance na medida em que se ampliou o espectro do terapeuta do trabalho individual para o familiar.

Santuza Fernandes Silveira Cavalini; Silvia Regina de Andrade Telles; Nídia Vailati Aribi; Katia da Silva Wanderley.

Centro Universitário – UniFMU.



A produtividade científica/acadêmica brasileira e a formação de pesquisadores.

INTRODUÇÃO - O número de trabalhos científicos publicados por pesquisadores brasileiros tem crescido nos últimos anos. (Cruz, 2000; Leta, Lannes e De Meis, 1998). Registra-se, por exemplo, entre 1995 e 1998, um incremento de 160% nas publicações, considerando-se o banco de dados do ISI (Institute of Scientific Information). Paradoxalmente, acompanhou-se, no país, e considerando-se o mesmo período, uma queda nos investimentos em C&T por parte do Estado. A partir desses dados realizou-se a presente pesquisa bibliográfica, com o objetivo de identificar, ainda que preliminarmente, as origens desse aumento de produtividade, já que a atividade científica em nosso meio não vem recebendo apoio de maneira contínua e estável. Considerando-se que a maior parte da pesquisa brasileira ainda é feita em instituições públicas e que estas não vêm ampliando seus postos de trabalho, levantou-se a hipótese de que o aumento da produtividade científica/acadêmica poderia estar relacionada à produção discente. **MÉTODO** – Foi realizada uma revisão da bibliografia brasileira sobre o tema e a análise baseou-se em Hobsbawm (1995). **RESULTADOS** – Identificamos um aumento considerável dos cursos de pós-graduação no Brasil durante os últimos anos: em 1987 haviam 355 e em 1995 esse número já saltava para 616 (Loureiro, 1998). O mesmo ocorreu com o número de pessoas inseridas numa pós-graduação: em 2000 eram calculados 54 mil estudantes. Hoje formam-se cerca de 6.000 doutores por ano no país (Candotti, 2002), ao passo que até 1975 existiam menos de 150 doutores no país (Peixoto, 1994). A distribuição desses alunos e cursos também pôde ser acompanhada a partir do Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil (2000). **CONCLUSÃO**: Sem esquecer o processo de desmonte das instituições públicas de pesquisa e a precarização do trabalho da maioria dos docentes/pesquisadores e sua relação com o aumento da produtividade, esta pesquisa indicou que a evolução do contingente de alunos de pós-graduação no país parece ter papel relevante no aumento da produtividade científica/acadêmica brasileira em função da coincidência, no tempo, dos dois fenômenos. Tal constatação exige maior detalhamento, em novas pesquisas – ainda inexistentes - com o fito de delimitar melhor o lugar desse estudante na construção do conhecimento. E ainda mais: se levarmos em consideração que a “tese doutoral” passou a ser o pré-requisito para a entrada no mundo da pesquisa (Hobsbawm, 1995), e que o produtivismo tem predominado como critério nas avaliações, tanto dos cursos quanto dos futuros pesquisadores, fica mais clara a necessidade de olharmos o aumento da produtividade científica apenas como a ponta do iceberg.

Rita de Cássia Ramos Louzada.

UFES/UF RJ.



“A propósito de uma Estética contemporânea do feminino: Almodóvar e suas mulheres”.

As questões relativas à sexualidade e ao feminino sempre fomentaram, ao longo dos tempos, os mais diversos estudos e pesquisas. Campos como o da psicologia, da psicanálise, das ciências sociais e das artes evidenciam como o feminino, mantendo-se como temática, atualiza e redimensiona as questões próprias de uma época. Uma época que tenderia a romper, cada vez mais, as fronteiras de um recorte local, possibilitando que a intervenção oriunda de uma práxis ganhe contornos extensivos às discussões das práticas e sintomáticas contemporâneas. O painel que ora propomos retrata as vinculações possíveis entre psicologia, psicanálise e arte. Em cena, o feminino e uma estética contemporânea, personificados na obra do cineasta manchego Pedro Almodóvar. Considerando os achados psicanalíticos a respeito da sexualidade feminina e do feminino, assim como as dificuldades que podemos situar em relação ao que se tornou “próprio de um campo feminino”, nossa apresentação pretende pontuar as nuances que a arte empresta como reflexão do sujeito contemporâneo em sua (nossa) busca que, no presente estudo, encontra na arte fílmica de Almodóvar os traços próprios de um tempo, de uma época, de um sujeito. Se o “sujeito neurótico da modernidade” é o que justificou e ainda justifica uma intervenção, tomando em conta a subjetividade, a sexualidade e os relacionamentos entre os sexos, agora, mais do que nunca, nos interrogamos sobre esse que seria o sujeito “pós-moderno”. Evidenciando o que seria um deslocamento do vetor da ética para o de uma estética, estaríamos perseguindo o que se configuram como ferramentas ultramodernas: a imagem, a cor, o som. Ferramentas que Almodóvar utiliza com mestria, como matéria para seu “sonho” trágico/cômico, no contexto da sociedade contemporânea.

Adriana Riva Gargiulo.



A Psicologia da Educação e a formação de professores.

Entende-se a Psicologia da Educação como disciplina ponte entre a Psicologia e a Educação, como tal oferece subsídios para atividades de formação. O objetivo desta pesquisa foi analisar a contribuição da Psicologia da Educação na formação de professores. Aplicou-se um questionário elaborado especificamente para este levantamento, contendo seis perguntas amplas. Participaram deste estudo 30 professores que já cursaram a disciplina de Psicologias da Educação (tanto em nível médio como universitário). Vinte e nove dessas eram do sexo feminino e uma do sexo masculino, com idades compreendidas entre 18 e 49 anos, e com experiência média de três anos na profissão docente. Os dados foram coletados nas universidades (PUCPR e UTP) e também no Centro Conviver. Os resultados sugerem que os conteúdos relacionados ao desenvolvimento e à aprendizagem, bem como o conhecimento dos principais autores (Piaget, Vygotsky, Wallon) são de fundamental importância. Entre os fenômenos que deveriam ser analisados pela Psicologia da Educação se destacaram os seguintes: distúrbios da aprendizagem (22); problemas emocionais e afetivos (08); também foram citados a indisciplina, motivação e problemas de comportamento. Como aspectos positivos foram destacados a compreensão dos processos de aprendizagem e do desenvolvimento, intervenção em dificuldades e problemas de aprendizagem enquanto que os aspectos negativos citados foram: a dificuldade de operacionalizar as contribuições teóricas no cotidiano da sala de aula, características específicas da realidade do aluno frente ao conhecimento generalista da Psicologia e muitos (11) não apontaram nenhum aspecto negativo. Entre as sugestões figurou a presença de um profissional de Psicologia na escola e maior coerência entre a leitura teórica e a realidade local. Concluiu-se que os professores têm elevada expectativa em relação à Psicologia da Educação, reconhecem as contribuições teóricas, mas desejam maior aplicabilidade desses conhecimentos ao seu cotidiano. Destaca-se também que todo o foco foi voltado para o aluno e em nenhum momento se cogitou a possibilidade de contribuições da Psicologia Educacional ao professor enquanto partícipe desse processo.

MOREIRA, Carolina Elise; AMORIM, Cloves Amassis; FONSECA, Andréa Paula; BRAGA, Candice; POSSOLI, Mauren; GABURRO, Daiana Duarte.

Universidade Católica do Paraná.



A psicologia da educação na memória de normalistas do Colégio Des Oiseaux (1930-1950).

Este relato de pesquisa se baseia em tese de doutorado que vem sendo desenvolvida junto ao Programa de Psicologia da Educação da PUC/SP, e tem como proposta estudar a Psicologia da Educação na escola normal confessional Des Oiseaux, da cidade de São Paulo, através do resgate da memória de ex-normalistas e da análise de documentos preservados por elas, nas décadas de 1930-1950. Nosso problema de pesquisa se relaciona ao pouco valor e atenção dados nas pesquisas em história da Psicologia ao papel dos cursos normais de escolas confessionais na constituição da Psicologia da Educação no Brasil, visto que a grande ênfase das pesquisas está no estudo das escolas normais públicas. Em função disso, consideramos que há uma lacuna no conhecimento histórico sobre a constituição da Psicologia no Brasil, que estudos como este podem colaborar para, aos poucos, preencher. A escolha do período 1930-1950 justifica-se por tratar-se de um período bastante importante pela estreita relação que travavam a Psicologia e a Psicologia da Educação neste momento, e que redundou em extrema fertilidade no processo de construção da Psicologia da Educação no Brasil. Escolhemos o curso normal do Colégio Des Oiseaux, em São Paulo, visto ter sido ele a base para a constituição do Instituto Sedes Sapientiae que, por sua vez, seria anexado à Faculdade de Educação da PUC/SP. Esta pesquisa histórica em Psicologia da Educação se baseará no resgate da memória de normalistas sobre a Psicologia da Educação aprendida e vivenciada no curso normal, valendo-se dos recursos da História Oral (História Oral Temática) enquanto forma de resgatar as memórias das ex-normalistas em questão, podendo através de seus relatos compreender o percurso da Psicologia da Educação por entre seus sujeitos-agentes, inseridos em seus contextos e representações que, de certa forma, definiram a identidade desta área de conhecimento assim como definiram-se os sujeitos neste processo. O material será analisado segundo a metodologia da psicologia sócio-histórica: tendo a linguagem (oral e escrita) como foco, vamos em busca dos temas/conteúdos/questões centrais apresentados pelos sujeitos, entendidos assim menos pela frequência e mais por ser aqueles que motivam, geram emoções e envolvimento, ou seja, questões que se constituam em núcleos de significação. A relevância desta pesquisa se localiza no resgate da memória de agentes “invisíveis” na história oficial da Psicologia e mais especificamente, da Psicologia da Educação, gerando a possibilidade de instituição de um discurso que amplia-lhe os horizontes, tornando-a menos ideológica, porque a faz menos parcial. Alguns autores nos apoiam nesta jornada : Aguiar (2001), Antunes (1998 e 1991), Benjamin (1975), Bosi (1994), Brosek & Massimi (1998), Catani (1997), Chauí (1985 e 1994), Ciampa (1987), Figueiredo (1999), Goulart (1985), Halbwachs (1990), Lang (1996), Louro (2000), Maluf & Mott (1998), Massimi (1984 e 1989), Matos (1992), Meihy (1994) e Wertheimer (1998).

Carla Mirella Mastrobuono.

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, Enfermagem e Fisioterapia de Guarulhos.



A Psicologia da Saúde e a Odontopediatria: proposições práticas.

A Psicologia da Saúde pode contribuir com as outras áreas de interface a partir da atuação em equipes multiprofissionais, tendo como foco de atenção as variáveis psicológicas e comportamentais que interferem no processo saúde – doença. Atualmente a Odontologia reconhece a importância dos aspectos comportamentais dos pacientes e das atitudes dos profissionais no resultado final do tratamento odontológico, ainda, que o manejo dos comportamentos façam parte das tarefas e responsabilidades do odontólogo. A partir da experiência de docência a alunos de Odontologia e de pesquisa com crianças, acompanhantes e alunos de Odontologia desenvolvida na Clínica de Odontopediatria da Faculdade de Odontologia de Ribeirão Preto – USP apresentar-se-á e discutir-se-á algumas proposições de intervenções práticas tendo como contexto à formação clínica do cirurgião dentista nesta interface com a Psicologia. O trabalho desenvolvido conjuntamente entre estas duas áreas pode se efetivar através de discussões regulares de casos clínicos que envolvam também o manejo de aspectos comportamentais. Na etapa de diagnóstico o psicólogo pode auxiliar na triagem de pacientes, utilizando instrumentos de avaliação psicológica, de modo a identificar crianças com maior probabilidade de não colaboração com o tratamento odontológico por elevada ansiedade, possibilitando que o aluno planeje e escolha entre as técnicas de manejo comportamental as que podem ser mais favorecedoras para uma maior aceitação do atendimento por parte das crianças, levando em conta as suas especificidades. Outro recurso proposto é a utilização de grupos de sala de espera com acompanhantes e crianças, visando ensinar de forma lúdica a importância dos cuidados com a saúde bucal e ainda fornecendo esclarecimentos quanto aos procedimentos de tratamento odontológico comumente utilizados. Com relação à formação profissional outra possível contribuição desta interface é auxiliar os alunos a identificarem em si situações e manifestações de estresse, de modo a despertar-lhes o interesse em aprender formas de minimizar o estresse, aumentando suas capacidades de enfrentamento da situação de tratamento odontopediátrico e ampliando seus recursos pessoais para o exercício da profissão. Com relação à estrutura física da clínica-escola para torná-la um ambiente mais apropriado para receber crianças, sugere-se a adequação de tal ambiente à faixa etária como recurso para minimizar o impacto das sensações próprias do tratamento odontológico. Concluindo no contexto de uma clínica-escola de Odontopediatria a interface com a Psicologia pode se efetivar de forma objetiva nas etapas de diagnóstico, planejamento e atendimento às crianças de forma a favorecer uma prática mais integrada de saúde e a formação profissional.

Cardoso, C.L.; Loureiro, S.R.

USP.



A Psicologia e In(ter)venções Multiprofissionais com “P(Adultas ou Crianças) NEs” em Santa Maria – RS.

Esta apresentação refere-se aos modos de trabalho experimentados pelos acadêmicos que integram o Projeto ALEA e Grupo de Trabalho Apóie-se (G.T.Apóie-se) do NAEFFA, com ênfase para a perspectiva da Psicologia. Os trabalhos multi e interdisciplinar deste Projeto são conseqüentes dos estudos e atividades extencionistas propostas por este Grupo Multiprofissional, que visa atendimentos gratuitos e de qualidade a Crianças ou Pessoas com Necessidades Especiais (C/PNEs) e seus familiares, bem como formação integral aos universitários. Participam do Grupo como monitores cerca de 35 acadêmicos advindos dos cursos de graduação de Educação Especial, Educação Física, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Pedagogia e Psicologia. Esta, a única das Sociais e Humanas inserida em Grupo historicamente da Educação e Saúde. As acadêmicas de Psicologia contribuem principalmente para o Grupo no sentido de lançar um olhar diferenciado decorrente de sua escuta própria das diferenças, participando de discussão, elaboração e realização das atividades, e reuniões de equipe. Nestas incentivando discussões de temas, tais como: processo saúde – doença, deficiências como imperfeição e fragmentação do processo do humano e do preconceito como doença social. A intervenção psicológica dá-se multidisciplinarmente junto a familiares de C/PNEs, realizando-se atendimento em grupo posteriormente as atividades físicas orientadas diversas. Dessa forma, dividindo-se objetos de trabalho, psíquico ou motor, de acordo com especialidade formativa dos acadêmicos. E, com trabalho interdisciplinar junto ao grupo de C/PNEs, utilizando-se recursos lúdicos, artísticos e psicomotores, simultaneamente, de modo a trabalhar-se todas dimensões do humano, tanto para socializar e integrar como para desenvolver potencialidades e expressar capacidades. Assim, são vivenciadas e observadas as possibilidades e limitações do trabalho que se propõe interdisciplinar e integrador de PNEs na sociedade - também presença da moral e política. Ressalva-se que todos estes trabalhos encontram-se ainda em andamento, como um processo contínuo, e não almeja resultados e conclusões definitivas. Porém, desde seu início em Junho de 2000 já foi possível visualizar-se evidências das correlações do desenvolvimento motor e cognitivo e os aspectos psico-afetivos das pessoas participantes dos projetos, o que ratifica o trabalho entre áreas científicas e profissionais nos projetos de extensão universitária deste Grupo e Núcleo Temático. Além dos acadêmicos participarem de Projetos de Extensão, principalmente, estes realizam grupos de estudo, pesquisas e eventos. O G.T. então promove atividades que envolvem monitores, participantes e sociedade - eventos “Tardes de Lazer”, “Mostra Artística” e “Jogos Especiais” - em movimento de integralização, “inclusão” e socialização da filosofia de vida e trabalho próprio deste Grupo.

RIVAS, Daniela Lima; Barreto, Bartiéli Fernandes Corrêa; Gonçalves, Camila dos Santos; Santos, Máucha Sifuentes dos; Leães Filho, Wenceslau Virgílio Cardoso.

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM-RS).



A psicologia e o trabalho em grupo com educadores infantis.

O presente trabalho tem por objetivo apresentar uma experiência de trabalho com professores de educação infantil realizada no Estágio Curricular em Psicologia Escolar em uma escola infantil integrante de uma instituição pública de ensino. Foram realizados grupos de discussão com toda a equipe de educadores, sendo que, em cada encontro, um tema específico foi discutido. A proposta era a possibilidade de refletir sobre a importância da formação de educadores de escolas infantis e discutir a maneira como a Psicologia pode auxiliar neste processo, assim como os reflexos do trabalho dos educadores com as crianças. Para os educadores, foi uma experiência válida no sentido de ter sido proporcionado um espaço de reflexão sobre seu trabalho. Muitas questões puderam ser levadas ao grupo e discutidas, tanto em relação aos modos de trabalho, quanto na relação com as crianças, assim como questões institucionais da escola.

Cleci Maraschin e Paula Xavier Machado.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



A Psicologia, suas Ações, Integração e Responsabilidade Social: a Cartografia de um Município.

O presente estudo tem como foco de sua atenção, a psicologia, suas ações e responsabilidade social. Considera-se como pilares fundamentais os conceitos da psicologia social (atitude, estereótipo, preconceito e dissonância cognitiva) contextualizando-os com a interdisciplinaridade vivenciada no trabalho desenvolvido em comunidades e instâncias de atendimento do poder público. Destacando ainda a responsabilidade do psicólogo como agente social, frente às políticas públicas voltadas para os socialmente excluídos. A cartografia de um município, neste contexto, Duque de Caxias, situado na baixada fluminense no Estado do Rio de Janeiro, aponta a constituição e a pretensão de um saber psicológico adquirido nas dificuldades e na vicissitude do cotidiano no movimento de luta pela garantia dos direitos das pessoas portadoras de deficiência. O estudo longitudinal apresenta a experiência de participação dos profissionais de psicologia que em aproximadamente 20 anos de atuação neste município em ações neste seguimento da população, demonstra como a psicologia pode influenciar nos processos de inclusão dos socialmente excluídos, contribuindo para diminuição dos estigmas, preconceito e discriminação. Em 1989 criou-se a Divisão de Educação Especial da Secretaria Municipal de Educação, implantando-se fóruns sociais que culminaram na criação da Comissão de Estudos e Propostas para a Lei Orgânica Municipal e o Conselho Municipal de Defesa de Direitos da Pessoa Portadora de Deficiência em 1990. A Divisão de Atendimento a Pessoa Portadora de Deficiência da Secretaria de Ação Social foi criada em 1991. Neste mesmo ano é criado o cargo de Psicólogo Educacional na Secretaria Municipal de Educação com reserva de vaga para profissional portador de deficiência. O psicólogo também tem tido ampla participação como conselheiro nos Conselhos de Defesa dos Direitos da Pessoa Portadora de Deficiência, Direitos da Criança e do Adolescente, Ação Social e Saúde. Destaca-se na área de saúde o planejamento, implantação, acompanhamento e gestão de projetos de reabilitação em comunidade em 1997, em parceria com a organização não governamental Serviço de Educação e Organização Popular (coordenada pelo filósofo e teólogo Leonardo Boff). A não dicotomia teoria/ práxis vem conferindo uma rede de organização político social neste município, em que as necessidades subjetivas e grupais das pessoas portadoras de deficiência vêm apresentando a visibilidade necessária para consolidação efetiva de políticas sociais para este seguimento da sociedade independente da legenda político partidária assumida pelo poder executivo.

Helio Ferreira Orrico; Edicléa Mascarenhas Fernandes.

INSS/ Gerência Executiva de Duque de Caxias; UENF; Hospital Municipal Ismélia da Silveira; Hospital Estadual Adão Pereira Nunes; Universidade Iguazu; FIOCRUZ.



A psicoterapia comportamental e cognitiva de grupo na prática.

Já há algum tempo o interesse pela terapia de grupo vem aumentando, devido às inúmeras vantagens que este tipo de prática apresenta, pois o terapeuta utiliza-se da interação grupal como instrumento de tratamento. Nos grupos terapêuticos, a interação entre as pessoas permite que os participantes pratiquem novas habilidades sócio-interacionais com pares dentro de um setting resguardado. O grupo proporciona aos pacientes muitas ocasiões para aprenderem e praticarem comportamentos e cognições, à medida que reagem às exigências grupais constantemente mutantes. Nos grupos cognitivo-behavioristas, os pacientes oferecem aos outros membros do grupo feedback e aconselhamento. Em resultado disso, eles desenvolvem habilidades socialmente importantes. Ao ajudarem os outros, os pacientes geralmente aprendem a ajudar a si mesmos, de modo mais eficaz do que quando eram os receptores únicos de determinada terapia. Esse fenômeno pode ser encarado como uma forma de altruísmo e constituir um fator curativo importante na terapia de grupo. Este trabalho pretende relatar a experiência de atendimento de psicoterapia em grupo, como parte da disciplina Estágio Supervisionado em Psicologia Clínica, realizado na Clínica –escola de Psicologia da Puc-Campinas, em 2001. O grupo atendido possui caráter aberto, teve como número máximo de pessoas dez participantes, sendo todos os seus membros do sexo feminino, com idade variando de 24 a 49 anos e com as queixas iniciais das participantes bastante variadas. Tal grupo foi atendido durante 31 sessões, as quais tiveram início em 05/04/01 e término em 06/12/01. As sessões eram semanais, com duração de uma hora e vinte minutos e tiveram como pressuposto teórico a Terapia Comportamental Cognitiva, e a presença de dois terapeutas, sendo um coordenador e o outro observador. O atendimento grupal teve como objetivo trabalhar questões relacionadas à Psicologia, trazidas pelas clientes, a fim de que adquirissem repertórios suficientes para lidar com as mesmas. Para tanto, um outro objetivo foi o de fazer com que as participantes identificassem suas dificuldades e a trouxessem para o grupo, e dessa forma pudessem ser auxiliadas pelos próprios membros do mesmo. Quanto aos Procedimentos e Estratégias, foram utilizados principalmente: relacionamento terapeuta-cliente, reestruturação cognitiva, esquemas de reforçamento, punição, extinção, modelagem, valorização da auto-estima, discriminação, generalização, autocontrole, treinamento assertivo. As participantes apresentaram ganhos em relação aos seguintes aspectos: - Melhora na auto-estima: passaram a se valorizar mais, a acreditar nelas próprias, a seguirem a vida de acordo com o que elas achavam melhor e não somente de acordo com os outros. Apresentaram, também, melhora em relação aos cuidados pessoais. - Tornaram-se mais assertivas, adquirindo repertório para impor limites de acordo com seus desejos e pensamentos. - Passaram a acreditar que é possível ocorrer mudanças na vida, e que a iniciativa deve ser delas para que as mesmas aconteçam. Juntamente com isso, também adquiriram repertório para que fossem capazes de realizar essas mudanças. Como os atendimentos eram realizados na clínica-escola da Puc-Campinas, com o fim do ano letivo as participantes foram encaminhadas para continuar freqüentando atendimentos em grupo no ano seguinte.

Juliana Rocha L. dos Santos; Sabrina Taufic Rosolen.

Puc-Campinas.



A Psicoterapia Dinâmica Breve na Universidade.

Atualmente, os profissionais da Psicologia Clínica defrontam-se com uma solicitação crescente por técnicas terapêuticas pragmáticas, flexíveis e economicamente viáveis. Estas situações suscitam nos docentes e supervisores da área clínica a necessidade de pensarmos a formação de psicólogos comprometidos com esta realidade social, profissionais que compartilhem a filosofia do Movimento de Saúde Mental Comunitária de oferecer tratamento psicológico relevante e prático a todos os segmentos da comunidade e não apenas a uma minoria economicamente favorecida. Dentro deste cenário, a Psicoterapia Dinâmica Breve ganha situação de destaque, apresentando-se como a técnica psicoterápica de eleição a ser implementada em uma série de situações e contextos. Esta modalidade terapêutica, fundamentada na teoria psicanalítica, mas utilizando-se de técnicas flexíveis, devido às suas características peculiares, apresenta-se como a técnica de eleição a ser implementada em serviços de atendimento psicológico, a nível de prevenção secundária, para uma grande variedade de pacientes neuróticos e em estado de crise (AZEVEDO, 1988). Isto a torna ideal, a nosso ver, para ser utilizada na universidade, na clínica-escola, no estágio de formação de psicólogos na área clínica, com a devida orientação do supervisor responsável. A partir do referencial teórico e ideológico adotado (AZEVEDO, 1988), apresentamos uma visão do trabalho, que desde 1992, realizamos no estágio clínico no nosso Centro de Psicologia Aplicada. Apresentamos os seus objetivos, características, filosofia, metodologia de atendimento e sua contribuição à formação de psicólogos clínicos voltados para a atual realidade brasileira e socialmente comprometidos. BIBLIOGRAFIA: AZEVEDO, M.A.S.B. - Psicoterapia Dinâmica Breve. Saúde Mental Comunitária. S.Paulo: Vértice, 1988.

Maria Alice S. B. de Azevedo.

Universidade Estadual Paulista (UNESP), Bauru, SP.



A Psicoterapia Genealógica no melodramático folhetim em cinco sensacionais episódios.

Na Psicoterapia Genealógica busca-se uma aproximação com os ensinamentos passados pelo deus grego Dioniso. Busca-se que o indivíduo reconheça as suas múltiplas faces, seus sentimentos paradoxais, seja capaz de acolher o diferente, ultrapasse a confusão entre o ilusório e o real, veja o que é preciso ver, enxergue além das aparências, incorpore a alteridade e assuma o devir para se tornar capaz de viver a felicidade do cotidiano. Dioniso representa tudo isso, além de ser um deus mundano, afirmador dos valores positivos da vida terrestre, deus da alegria, do vinho, do prazer, do amor, da vitalidade, do riso e do jogo de cintura. Nesse trabalho, utilizamos os aforismas, fragmentos de textos que formam um todo significativo, pois cada aforisma representa um pequeno território que atravessa todos os outros, que é atravessado por eles e, a cada momento, pode se fantasiar como uma nova interpretação. Assim como a Psicoterapia Genealógica, esse estudo quis tomar para si esse caráter aforismático, errante e livre. Os trechos utilizados durante todo o trabalho são extraídos dos livros *Tieta do Agreste*, de Jorge Amado e *Psicoterapia em busca de Dioniso - Nietzsche visita Freud*, de Alfredo Naffah Neto. Transmutando as formas como os acontecimentos são lidos, os trechos escritos aqui conservam a essência dos originais. Perpétua é escolhida para ser a protagonista por estar enraizada em valores que intoxicam, paralisam e empobrecem a coexistência; encontra-se em uma vida doente, onde há uma diminuição ou impedimento na sua potência de ação, pois seu corpo/espírito foi afetado por mudanças afetivas decorrentes de seus encontros com sua irmã Tieta, acontecimentos nos quais as duas se afetaram mutuamente; na necessidade que proclama de defender "a moral e os bons costumes", não permite a coabitação do Outro em si, extirpa-o, nega-lhe a possibilidade de existência, além de ser o protótipo do ressentimento, da escravidão para com acontecimentos anteriores que ela vive como se fossem o eterno presente. Trabalhamos com esta personagem aspectos relacionados ao Ressentimento e escravidão, os circuitos escravo e neurótico e as suas máscaras-personagens.

INGRID VIEIRA GUIMARAES; Adriana Souza; Vanessa Ramalho; Marcelo Ferreri.

UFS.



A psicoterapia sistêmica na clínica escola da UNISC/RS.

A Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC/RS) caracteriza-se como uma universidade comunitária. Assim, através de um laboratório clínica-escola, prioriza-se atender uma demanda com as mais diversas problemáticas, e salienta-se por ser o único espaço da região que atende famílias numa perspectiva sistêmica. Esta prática se desenvolve em equipe composta por seis (6) estagiárias da psicologia e uma (1) supervisora. O atendimento ocorre em co-terapia com supervisão ao vivo, e através da observação direta do que está acontecendo na sessão acredita-se que as intervenções terapêuticas tornam-se mais eficazes, pois as atuações ocorrem rapidamente. A equipe de apoio serve como subsídio aos co-terapeutas, pois viabiliza de forma produtiva e operativa essa relação de equipe, potencializando a força das idéias e das técnicas para colocá-las em direção ao tratamento da família, tendo como desafio tornar o atendimento uma experiência vivencial tanto para a família como para toda a equipe de trabalho. Desta forma, os demais membros da equipe interagem através de um sistema de comunicação interna/interfone, separados por um espelho unidirecional. Considera-se importante esta prática, uma vez que logo após o atendimento dá-se continuidade a supervisão do caso, trabalhando o self do terapeuta. No primeiro encontro a família é informada destas modalidades operatórias e é convidada a conhecer a equipe de apoio e, na maioria das vezes, sente a presença da equipe como uma forma de empenho e colaboração ativa que tem como objetivo comum a resolução da situação de mal-estar para a qual foi pedida a intervenção. A dinâmica intra-equipe geralmente tem efeitos positivos no trabalho clínico com famílias. Quando existe pouco conflito ou ansiedade entre os membros da equipe temos uma das formas de tratamento mais poderosas e efetivas, especialmente com famílias difíceis e resistentes. Entretanto, quando não há integração entre terapeutas e a equipe ou dentro da equipe, a dinâmica dos terapeutas e da equipe "assume o controle" e influencia o pensamento clínico da terapia de uma maneira geralmente mais negativa do que positiva. O engajamento da equipe e análise de seus diferentes momentos proporciona simultaneamente a investigação e a intervenção de forma imediata e reflexiva acerca do self de cada terapeuta, através do processo de feedbacks realizado no grupo, e das intervenções lançadas à família em atendimento. Isto denota que o engajamento da equipe evidencia a modificação da família e serve de retroalimentação à equipe. Portanto, esta é crucial para manter a terapia direcionada para a mudança. A metodologia utilizada nesta prática proporciona à equipe um aprendizado fundamental para a formação profissional, refletindo qualidade nos atendimentos realizados e crescimento da equipe. Tal perspectiva de trabalho é visualizada na interação com outros sistemas (sociais) no qual a família é contextualizada em sua realidade. A heterogeneidade de experiências da equipe permite a circulação de diferentes pontos de vista a cerca da família, o que acredita-se possibilitar um melhor atendimento desta.

Dulce Zacharias; Anelise Algayer; Camila Lopes; Daniele Ferrari; Marília Krewer; Sandra Braum; Vera Jank.

Acadêmicas UNISC/RS.



A qualidade da educação infantil na concepção de seus educadores: um estudo exploratório.

Trata-se de um estudo realizado com 183 educadoras de instituições de Educação Infantil governamentais e não governamentais, oriundas da região do Triângulo Mineiro e Alto do Paranaíba, com o objetivo de traçar um perfil da profissionalização do educador atuante nos referidos contextos. Para tanto, foi elaborado um questionário semi-estruturado abarcando os seguintes aspectos: dificuldades enfrentadas pela instituição; necessidades na formação dos educadores. Os resultados foram catalogados em gráficos e tabelas, a partir da análise dos seus conteúdos. Assim, ressaltam-se os itens: 12,4% dos educadores apresentam dificuldade no processo de adaptação da criança à instituição, mais de 20% se queixam da inadequação do ambiente físico (espaço, brinquedos etc.) e 3 em cada 10 profissionais se ressentem da falta de apoio familiar. A maioria esmagadora dos profissionais – 81% acredita que a formação continuada é o modo mais eficiente de capacitação, mencionando alguns temas, como: artes, recursos pedagógicos, criatividade, a função da instituição infantil etc. A partir dos dados levantados foi elaborado um programa de formação do educador, o qual insere-se numa perspectiva de busca da qualidade dos serviços prestados à infância, conforme pesquisa transcultural que vem sendo desenvolvida entre a Universidade do Minho, a Universidade de São Paulo, a Universidade Federal de Uberlândia e outras dos demais estados brasileiros. Apoio: FAPEMIG.

VECTORE, Celia; COSTA, Lúcia Helena Ferreira Mendonça; SILVA, Cirlei Evangelista.

Universidade Federal de Uberlândia.



A qualidade de vida no trabalho autônomo: contribuições para programas de reorientação de carreira.

No contexto das profundas transformações que ocorrem nas organizações contemporâneas, o trabalho e as carreiras profissionais se colocam em termos radicalmente novos. Tanto o setor privado como o público realizam drásticos enxugamentos de pessoal e o setor de serviços, para o qual se deslocava a força de trabalho oriunda da indústria, também reduz suas oportunidades de emprego, devido à automação e ao crescimento do self-service. Essas mudanças, por sua vez, aportam elevado potencial de tornar cada vez mais freqüente o redirecionamento de carreira para o trabalho autônomo, principalmente daquele profissional que atua em contextos mais competitivos. O presente estudo se propôs a compreender como ocorrem as transições de carreiras resultantes da perda do emprego assim como as trajetórias que se delineiam no trabalho autônomo, visando fornecer subsídios para programas de reorientação de carreiras. Dentro da tipologia tradicional de métodos de pesquisa, esse trabalho constou de um estudo comparativo e longitudinal de casos conduzido por meio de observação e de entrevista em profundidade, com profissionais de Gestão de Pessoas. Na tentativa de obter uma melhor compreensão acerca das conseqüências psicológicas da demissão, essa investigação revelou a possibilidade de a reação à demissão não ser necessariamente negativa, podendo ser minimizada e, até mesmo, configurar-se de modo positivo, caso esteja associada a um novo desafio e se a demissão for percebida como decorrente de um fator objetivo que tenha afetado outros profissionais. Mesmo nos casos em que a demissão representou uma injustiça ou um abandono por parte da empresa, isso não se traduziu necessariamente em um declínio nas carreiras profissionais. Embora todos os pesquisados tenham passado por momentos difíceis na transição de carreira, eles souberam “dar a volta por cima” ou surgiram oportunidades que os fizeram esquecer do trauma sofrido e, até mesmo, pensar que “há males que vêm para bem”. Com base nesses resultados, pode-se sugerir novas metáforas acerca do significado do trabalho e das conseqüências da demissão tais como “o trabalho como rotina e a demissão como um novo desafio” ou “o trabalho como estagnação e a demissão como um passaporte para o crescimento profissional”. A pesquisa também mostrou que as conseqüências da demissão estão muito relacionadas ao significado que o indivíduo atribui ao próprio emprego, sendo necessária uma perspectiva longitudinal para compreendê-las em maior profundidade. A análise da satisfação no trabalho revelou que a qualidade de vida do profissional liberal pode melhorar do ponto de vista das variáveis de conteúdo do trabalho, tais como variedade e autonomia, mas pode deteriorar-se no que se refere às variáveis de contexto, como salário e possibilidades de investimento em qualificação, resultando, eventualmente, no desejo de se retornar ao emprego formal. De modo geral, entretanto, o próprio fato de passar por uma transição de carreira contribuiu para uma mudança na postura de profissionais que, estando acomodados em seus empregos, passaram a se empenhar mais, o que lhes trouxe benefícios em termos de crescimento profissional, ampliação de conhecimentos e habilidades, além de uma melhor qualidade de vida no trabalho.

Zélia Miranda Kilimnik; Isolda Veloso de Castilho.

FEAD-MG; CEPEAD/UFMG.



A questão da inteligência na perspectiva de estudantes de pedagogia.

O objetivo deste estudo foi conhecer como futuros educadores compreendem e discutem a inteligência, a partir de reflexões sobre as teorias psicológicas. As reflexões dos estudantes foram levantadas a partir dos conteúdos de diários escritos por alunos de um Curso de Pedagogia de uma Universidade Pública do interior de São Paulo, que cursaram a disciplina Psicologia Educacional nos anos de 1999 e 2000. O conteúdo dos diários foi submetido a análise de conteúdo, destacando-se os trechos onde se discutia a questão da inteligência. Da análise efetuada, partindo-se das palavras-chave, foram encontrados dois núcleos temáticos: Conceito e Aluno de Pedagogia. No Núcleo Conceito a categoria mais expressiva foi relativa às Concepções de Inteligência, seguida pelas categorias Avaliação, Sujeitos, Desempenho, indicando que a inteligência e suas formas de avaliação ainda estão centradas no sujeito e em suas habilidades e capacidades naturais, intrínsecas, não relacionando-se, portanto, ao meio social em que o indivíduo está inserido. No Núcleo Aluno de Pedagogia, a categoria mais expressiva corresponde à Compreensão, indicando que a preocupação desses estudantes é mais com a reprodução das idéias apreendidas do que com o questionamento, crítica ou reflexão desses conteúdos. Em geral, podemos afirmar que as reflexões dos alunos sobre as teorias referentes à questão da inteligência ainda tomam como referência concepções tradicionais da inteligência.

Márcia Rigoldi Simões; Faculdade de Educação-Unicamp; Profa Dra Ângela Fátima Soligo.

Unicamp.



A Realidade da violência sexual contra crianças e adolescentes na Baixada Santista.

O Painel apresenta pesquisa sobre a realidade da violência sexual contra crianças e adolescentes na Região Metropolitana da Baixada Santista, a partir dos casos de abuso e exploração sexual registrados em 12 Conselhos Tutelares e 3 Programas Sentinela, entre janeiro e dezembro de 2001. A pesquisa, desenvolvida pelo Núcleo de Extensão Comunitária da Universidade Católica de Santos em parceria com o Pacto São Paulo contra Violência, Abuso e Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes, foi realizada durante os meses de março, abril e maio de 2002. O objetivo central foi analisar as características mais significativas da violência sexual (abuso e exploração) contra crianças e adolescentes, envolvendo: número de casos registrados de cada categoria, perfil das vítimas (idade, gênero, escolaridade), perfil dos agressores e denunciante (gênero, vínculo com a criança/adolescente), local da violência e encaminhamentos, de forma a fornecer subsídios para a construção de uma política metropolitana de atendimento a esta realidade. O envolvimento de estudantes de diferentes Cursos favoreceu ainda a formação de profissionais comprometidos com o enfrentamento das questões mais complexas de violação dos direitos infanto-juvenis. Os resultados obtidos mostraram o seguinte quadro: - Casos registrados: 268, sendo 60,45% de abuso sexual e 39,55% de exploração. - Distribuição por municípios: . Santos: 47,01%; . São Vicente: 20,15%; . Guarujá: 10,45%; . Praia Grande: 7,83%; . Cubatão: 5,97%; . Peruíbe: 6,17%; . Itanhaém: 2,61%; . Bertioga: 1,5%; . Mongaguá: 0,75%. - Exploração sexual: . Bertioga, Guarujá, Itanhaém, Mongaguá e Peruíbe: sem registro; . Cubatão e Santos: excedeu casos de abusos, com Santos sendo responsável por 66,04% do total. - Gênero: 82,07% do sexo feminino e 17,93% do sexo masculino. - Idade: pré-adolescentes e adolescentes representaram 82,07% dos casos, sendo a faixa etária entre 11 e 15 anos a mais atingida (40,5%), seguida pela de 7 a 11 anos (22,35%), 15 a 18 anos (20%), 3 a 7 anos (13,53%) e 0 a 3 anos (3,53%). - Escolaridade: 45,65% em classes de 5ª a 8ª séries do ensino fundamental. - Local da violência: 57,75% dentro da própria casa. - Vínculo do agressor com a criança: 42,59% por pessoas muito próximas da criança/adolescente, como padrastos (15,39%), pais (10,66%), tios (8,87%), outros parentes (2,95%), irmãos (2,36%), avô ou padrasto da mãe ou do pai (2,36%), pessoas conhecidas da família (21,31%) e vizinhos (11,83%); agressores desconhecidos (21,9%). - Gênero do agressor: 98,78% do sexo masculino. - Denunciante: mãe - 22,15%, Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente - 12,75%, própria criança/adolescente - 12,08%, serviços de segurança pública - 11,41%, serviços públicos de saúde e de assistência social - 7,38% cada um, vizinhos/vizinhas - 5,37%, creches e escolas - 4,7%, avó e Conselho Tutelar - 4,03% cada um, pais e serviços de proteção à criança/adolescente - 2,01, tias/tios - 1,34% e padrastos - 0,67%; denúncias anônimas - 2,69%. - Encaminhamentos: serviços públicos de educação, esportes e lazer - 21,50%, Delegacia de Polícia - 15,79%, Programas Sentinela - 12,72%, atendimento psicológico - 12,28%, Instituto Médico Legal - 8,33%, atendimento à saúde - 7,45%, Casa de abrigo ou acolhimento - 3,94%, ONG's - 2,63%, Conselho Tutelar de outro município - 1,32%.

Bruna Moreira Xavier; Cybele Mara Canova Barroso; Daniella Ferreira Roque; Eloá Dias de Souza; Helder dos Santos de Oliveira; Marcelly Silva Menezes; Marcos José de Arruda Mata; Maria Isabel El Maerawi; Maria José Pereira; Marielly Passos dos Santos; Paloma Dias Martins L. da Silva; Paulo Sérgio Soares da Silva; Peter Robertson Schwarz; Sheila Alves de Oliveira; Silvana Marina Correa; Sílvia de Almeida Mendes Andrade; Spencer Lewis Salcci; Tatiane Sagica.

Núcleo de Extensão Comunitária Universidade Católica de Santos.



A Relação da Auto-Estima em Crianças Portadoras de Deficiência Auditiva e suas Respectivas Mães.

O presente estudo teve como objetivo avaliar o grau da auto estima da criança portadora de deficiência auditiva assim como o grau de sua mãe. Participaram do estudo 10 crianças entre 05 e 10 anos, portadoras de deficiência auditiva leve ou moderada e suas respectivas mães. Foram utilizados dois instrumentos para a coleta de dados: o Teste do desenho em cores da família com a criança e a Escala para medidas de atitudes e outras variáveis de Janes e Field, sendo comparados a fim de indicar a inter-relação da auto estima da díade. De acordo com os resultados obtidos, observou-se que as crianças portadoras de deficiência auditiva possuíam baixa auto-estima e suas mães alta auto-estima. Verificou-se uma relação inversa entre o grau de auto estima materno e a auto estima da criança portadora de deficiência auditiva, portanto, não estabeleceu-se a ocorrência da inter-relação entre elas.

Roberta Ribeiro Pinto; Tânia Gracy Martins dos Valle; Maria Estela Guadagnucci Palamin; Telma Flores Genaro Motti.

UNESP; USP.



A Relação entre a Internet e o Sono.

Atualmente o mundo passa por grandes transformações, caracterizadas por rápidas e efetivas mudanças, especialmente na esfera tecnológica no desenvolvimento do saber, além da práxis do homem contemporâneo. Com base nestas rápidas mudanças e benefícios tecnológicos que ocorreram na vida do homem, surgiu a idéia de investigar a relação entre hábitos de uso da Internet e sua influência sobre o sono. Objetivos: Esta pesquisa buscou verificar a prevalência de privação do sono relacionada ao uso da Internet, bem como se os hábitos de uso de Internet está associado à ocorrência de sonolência diurna ou a sintomas de ansiedades e depressão. Método: Para tanto dois grupos, G1 (n=58), formado por estudantes universitários, do período noturno, dos cursos de Administração de Empresa, Ciências da Computação e Engenharia da Computação; e G2 (n=128), formado por sujeitos que acessaram um questionário disponibilizado on-line no site www.pesquisasono.cjb.net. Para a coleta de dados foi utilizado um questionário elaborado pela própria pesquisadora, contendo 26 questões abertas e fechadas abordando dados sócio-demográficos, hábitos de uso da Internet e alterações recentes no sono. Também utilizou-se a Escala de Sonolência de Epworth (ESS), que contém oito questões relacionadas a situações nas quais o sujeito poderia adormecer e a Hospital Anxiety and Depression Scale- HAD, com sete questões abordando os sintomas relacionados à ansiedade e sete relacionadas a sintomas depressivos. Os questionários forma aplicados coletivamente em sala de aula no G1, enquanto que no G2, responderam no site 18 questões abertas e fechadas abordando dados sócio-demográficos, hábitos de uso da Internet e alterações recentes no sono. Também utilizou-se a Escala de Sonolência de Epworth (ESS). Resultados: Observou-se que G1 e G2 possuem os mesmos hábitos do uso de Internet. Comparando os dois grupos, G2 apresenta maior sonolência diurna do que G1. Foi observada uma correlação positiva entre frequência de uso de Internet e tempo de permanência ($r=0,17$; $p=0,028$), também verificou-se uma correlação positiva entre diminuição do tempo de sono e sonolência diurna ($r=0,33$; $p=0,000$). Além disso, 25% dos sujeitos de ambos os grupos relataram que privavam-se do sono para permanecerem on-line. Houve uma correlação negativa entre sonolência diurna e sintomas de ansiedade ($r=-0,30$; $p=0,02$). Foi evidenciada no G1 correlação positiva, porém fraca, entre sintomas de depressão e sonolência diurna ($r=0,28$; $p=0,36$). Conclusão: Existe uma privação de sono entre os usuários de Internet, que pode acarretar em sonolência diurna. No entanto, os resultados não são decisivos, por várias limitações na pesquisa, havendo necessidades de ampliação do tema.

Silvia Emi Sasaki; Paulo R. Moraes; Marly R. Unello.

Universidade Braz Cubas.



A relação entre jogo e aprendizagem em um contexto construtivista.

Introdução: Dando continuidade aos trabalhos iniciados por Piaget, vários pesquisadores têm mostrado a relevância da utilização de jogos na prática pedagógica, ressaltando que a estrutura de cada jogo e do contexto educacional precisa ser compreendida pelo professor, assim como as ações do sujeito ao jogar, para que o professor, tendo esse conhecimento, possa se aproveitar da situação-problema propiciada pelo jogo, a fim de elaborar propostas e intervenções que contribuam para a construção dos conhecimentos pela criança. **Objetivo:** Esta pesquisa objetivou verificar o desempenho de professores em duas modalidades do Jogo da Senha, analisando quais os procedimentos e as estratégias que eles utilizavam ao jogar. **Metodologia:** Participaram como sujeitos, vinte professores, que são, também, estudantes de um curso de pedagogia em uma instituição particular do interior do estado do Espírito Santo. A pesquisa realizou-se em duas etapas com um intervalo entre elas de, aproximadamente, uma semana. Em cada etapa, cada sujeito jogou cinco partidas do Jogo da Senha, que consiste em descobrir com o menor número possível de jogadas a senha oculta. Na primeira etapa, foi utilizada a Modalidade 1, que constituía de apenas uma variável a ser descoberta – a posição: as cores eram escolhidas de forma visível ao jogador, restando-lhe, como desafio, descobrir em quais posições cada cor estava posicionada. Na segunda etapa, foi utilizada a Modalidade 2, na qual o experimentador escolhia entre as seis cores, disponíveis no jogo, apenas quatro, de forma que o desafiado não as visse, então organizava os pinos cada um em um orifício e solicitava ao sujeito que descobrisse a Senha, agora com duas variáveis a serem descobertas: a posição e a cor. Os dados foram analisados com base na epistemologia genética, objetivando articular três importantes aspectos utilizados para a análise do desempenho no jogo: o erro, o possível e o necessário e o fazer e o compreender, o que possibilitou estabelecer três níveis de compreensão, por meio dos quais cada sujeito foi classificado nas modalidades propostas do sistema Senha. **Resultados:** Na Modalidade 1, 90% dos sujeitos encontram-se divididos, igualmente, entre os níveis I e II de compreensão no Jogo da Senha; enquanto, na Modalidade 2, nenhum dos sujeitos apresenta procedimentos e estratégias característicos do nível III, permanecendo 65% dos sujeitos com características do nível I e 35% com características do nível II. **Conclusão:** Sabemos que jogar bem o Senha requer um exercício de dedução, de interpretação e de inferência. De acordo com os resultados apresentados, observou-se que para os sujeitos dessa pesquisa, não foi possível articular as partes e integrá-las no sistema como um todo. Assim, suas conclusões não foram coerentes e comprometidas com os diversos aspectos presentes no jogo. Esses dados nos levam a crer que muitos professores se sentem incapazes de utilizar seus recursos de raciocínio e, por isso, não exploram tudo que deveriam para obter êxito. Portanto, em face das novas concepções de aprendizagem, torna-se urgente a necessidade de possibilitar aos professores novas vivências pedagógicas, novas formas de aprender para que novas formas de ensinar possam ser constituídas.

Meire Andersan Fiorot; Antonio Carlos Ortega.

Faculdade de Ciências Aplicadas “Sagrado Coração” - UNILINHARES; Universidade Federal do Espírito Santo - UFES.



A relação entre o conflito conjugal e o envolvimento parental com crianças entre 6-10 anos.

Diversas investigações na área de psicopatologia têm demonstrado que um dos fatores relacionados à ocorrência de distúrbios emocionais em crianças e adolescentes é a qualidade da relação familiar, principalmente entre as figuras parentais e a criança. Estudos na área demonstram que conflitos familiares, principalmente conflitos conjugais com situações de violência intra-familiar, afetam grandemente a qualidade das relações entre pais e filhos (comportamentos parentais de indiferença e negligência física ou emocional, uso excessivo de disciplina, abuso físico, abuso emocional e/ou sexual) diminuindo a capacidade psicológica e a disponibilidade afetiva dos pais e afetando o desenvolvimento emocional da criança. O presente trabalho tem como objetivo verificar as características do conflito conjugal e sua associação com o envolvimento parental em famílias com filhos entre 6-10 anos de idade em um grupo de crianças referidas para atendimento psicológico e um grupo de crianças da comunidade em geral. Um total de 139 pais foram investigados, provenientes de um serviço de atendimento à saúde e da rede escolar pública da região de São Leopoldo, RS. O grupo clínico constou de um total de 49 pais (mães=35 e pais=14) com crianças entre 6-10 anos em atendimento psicológico. O grupo da comunidade escolar constou de um total de 90 pais (mães=55 e pais=35) com crianças da mesma faixa etária. Todos os participantes responderam ao instrumento Escala de Conflito Familiar –ECF, avaliando a presença e as características do conflito conjugal (violência verbal, violência física, violência sexual, discussão verbal e estratégias emocionais) e o Inventário do Envolvimento Parental- IEP, avaliando as dimensões da participação e envolvimento dos pais com os filhos (social, didático, afetivo, responsabilidade, disciplina). Os resultados apontaram diferenças significativas entre os dois grupos. O grupo clínico apresentou maior frequência de incidentes envolvendo violência física ($p=.000$) e menos frequência da utilização de técnicas de discussão e argumentação ($p=.002$). Da mesma forma, o grupo clínico apresentou menor participação e envolvimento com os filhos em geral ($p=.000$) e nas dimensões social ($p=.002$), didática ($p=.000$), afetiva ($p=.001$) e responsabilidade ($p=.000$). Em ambos os grupos, as mães estavam mais envolvidas com as crianças nas dimensões didática ($p=.000$), responsabilidade ($p=.048$), e disciplina ($p=.002$). Especificamente as mães do grupo clínico apresentaram o maior envolvimento em práticas de disciplina ($p=.003$). Em suma, os achados indicam que a presença de conflitos conjugais e violência física relacionam-se com menor envolvimento parental com as crianças, e uma maior utilização de práticas disciplinares, principalmente pelas mães. Ressalta-se que a presença de conflito conjugal deve ser tópico de verificação e avaliação nos casos encaminhados para atendimento psicológico. Além disto, destaca-se a importância dos achados para o desenvolvimento de medidas preventivas quanto à violência intra-familiar e seus efeitos negativos sobre a qualidade do envolvimento parental.

Angelice Graff; Jeane Lessinger Borges; Roberta Nedel; Samara Silva dos Santos; Silvia Pereira da Cruz Benetti.

Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS.



“A relação entre pais e educadores de creche: conflitos e parcerias na formação da criança”.

A relação entre pais e educadores, apesar do objetivo educacional comum, nem sempre é harmoniosa, especialmente quando se trata de crianças menores de três anos de idade. Ao contrário, muitas vezes compartilhar a educação da criança pequena significa confrontar valores e administrar conflitos entre adultos, a fim de que a criança possa construir novas relações e novos conhecimentos que venham a favorecer seu desenvolvimento. A educação assistencialista das primeiras creches – entendidas como um benefício, um favor, às mães necessitadas – deixou marcas no imaginário de todos aqueles que de certa forma relacionam-se com as instituições de educação infantil para crianças menores de três anos, e é um dos fatores relevantes para compreender as complicadas relações entre família e educadores de creche, que verificamos atualmente. Com o objetivo de compreender o significado – cognitivo e afetivo – que pais e educadores atribuem à sua função frente ao filho/aluno, assim como conhecer a representação que cada um tem daquele com o qual compartilha o atendimento da criança pequena, estamos desenvolvendo uma pesquisa, através da qual, além dos dados observados no cotidiano desta instituição, entrevistamos pais e educadores de uma creche municipal, do interior paulista. Com base na metodologia etnográfica e recorrendo à análise de discurso, iniciamos o trabalho de análise dos dados coletados e estamos verificando que tanto educadoras, como mães ainda compartilham a idéia de que a creche é um mal menor, a ser utilizado apenas quando for inevitável a ausência da mãe junto de seus filhos com menos de três anos. Estamos constatando, também, que a formação das educadoras, bem como a política educacional estabelecida tem influência no relacionamento entre pais e educadoras.

Ana Carolina Manechini; Beatriz Belluzo Brando Cunha.

Unesp - Assis; FAPESP.



“A relação médico-paciente asmático no Serviço de Alergia do Iamspe e a questão do Desamparo”.

Introdução: o atendimento a pacientes com distúrbio asmático nos permite pensar nos caminhos da corporeidade pelos “arranjos” das doenças, ainda mais quando se toma por base a respiração como protótipo de nossa autonomia. A asma, por sua gravidade, ao mesmo tempo que dá conta de algumas questões inconscientes, remete o paciente à sua própria finitude, deixando entrever a fragilidade estrutural humana. O sofrer psíquico poderá diluir-se nas questões orgânicas, potencializando a demanda médica. Objetivo: investigar “quem” e o “que” o paciente asmático espera encontrar quando pede uma consulta no Serviço de Alergia do Hospital do Servidor Público Estadual, e avaliar as implicações do desamparo do sujeito na relação médico-paciente. **Método:** realização de entrevista gravada com 27 pacientes asmáticos encaminhados pelo serviço médico por apresentarem asma grave; dificuldade de aderência à medicação; asma de difícil controle. Os pacientes se submeteram a atendimento psicoterápico psicanalítico por 2 anos, e após este período foram convidados à responder a uma entrevista constituída por 6 perguntas de caráter aberto. Privilegiar-se-á o conceito freudiano de Desamparo para análise dos discursos. **Entrevista:** pedimos aos pacientes que pensassem no melhor médico do mundo para quem tem asma, e fizemos as seguintes perguntas: 1- Como deveria ser este médico? 2- Como deveria ser a consulta e quanto tempo deveria demorar? 3- O que gostaria de estar falando para este médico? 4- Como tem sido seu relacionamento com os médicos que cuidam de asma? 5- E com o resto dos profissionais, atendentes, guichê, vacina? 6- Em que medida o tratamento conjunto da Alergia e Psicologia pôde melhorar a sua vida? Como você se sente? Para examinarmos a questão do Desamparo, utilizaremos somente as perguntas 1,2,3,4 e 6. Resultados: 1-quanto ao atendimento médico: os pacientes buscam um médico que “deve ver e saber tudo”/ devem ter uma idéia geral sobre o paciente, dando-lhes apoio total. Estabelecem relação entre bom atendimento e melhora da asma. Como bom atendimento privilegiam a paciência e o respeito. Consideram-se indefesos. A presença cura. 2-quanto ao atendimento psicológico: passam a “enxergar melhor”, fazendo planos próprios. Identificam um aumento da possibilidade de pensar, melhorando a comunicação. Tomam para si parte da responsabilidade pelo tratamento.

Gorzalka, Terezinha J.S.P; Wongtschowski, Eva; Mello, João F.

Hospital do Servidor Público Estadual – F.M.O. (Iamspe).



A relação teoria/prática: o olhar e seus discursos.

A partir da experiência de monitoria de uma disciplina (Psicologia do Desenvolvimento) da UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, resolvemos ampliar as discussões e questionamentos provocados no decorrer desta função. Desenvolvemos uma pesquisa sob orientação da professora Margarida Serra cujos resultados serão apresentados. Durante o trabalho, a questão do olhar na busca do conhecimento e suas implicações teórico práticas, permearam e atravessaram nossa intervenção enquanto monitoras, provocando em nós uma necessidade de aprofundamento e busca de novos problemas. Pesquisamos os relatos dos alunos inscritos na disciplina de Psicologia do Desenvolvimento que tiveram como critério de avaliação a atividade de apresentar um relato sobre uma criança em atividade espontânea livre, relato este seguido de uma análise desta observação segundo três diferentes perspectivas teóricas _ no caso, devido ao conteúdo do programa disciplinar , foram enfocadas as seguintes teorias: organicista, cognitivista e behaviorista, até chegarmos às produções de subjetividade e do sujeito do conhecimento, segundo Michel Foucault. O método que orientou a observação está descrito por Danna e Matos(1977) no livro "Ensinando à observação", cuja orientação ideológica classificamos como positivista ou de método experimental; sua clareza , simplicidade, e riqueza de detalhes quanto à orientação para a realização da situação a ser observada fizeram deste livro um excelente auxiliar no que se refere à criação de um campo epistêmico no qual é possível constatar que existe uma lógica a ser refletida quanto a seu aspecto constituinte na formação do psicólogo. Esta lógica permite este tipo de transferência: partindo de uma única prática, o apoderamento de diferentes teorias. A partir deste momento então, passamos a discutir com os alunos o trabalho de observação e análise por eles realizados, tentando instigar uma postura crítica sobre o olhar do sujeito que produz verdades, teorias que revestem os fatos de uma suposta natureza e os legitimam como tais. Ao longo desta atividade, chegamos a conclusões geradoras de reflexões,tanto para o exercício da psicologia, como à construção de fundamentos, regras, e fluxos diretores da escuta e do olhar. A questão do olhar, então, se apresenta para nós como fundamental, pois a cada movimento do pensamento, devemos admitir uma correspondente mudança no modo de observar. Colocando-se no papel arbitrário e corajoso de quem recorta uma realidade e constrói, com sua própria visão, a história e o contexto do que resolveu chamar de seu "objeto de estudo", aprendemos a exercer uma flexibilidade de olhares, fugindo à instituição acrítica de nossas "certezas". Aprendemos a metaforizar diferentes modos de olhar, ao invés de torná-los excludentes entre si. As forças que produzem estes olhares, precisam ser abordadas para que a flexibilidade destes aconteça. Por isso, a importância, para nós, da discussão do seguinte tema para que a formação destes profissionais, como produtores de verdades, se dê de forma ética, facilitando as vivências teóricas como experiências que se acrescentam e enriquecem, a fim de caminhar para a construção de um olhar contingente e particular .

Patrícia Alves Costa Braga, Renata Codeço Dias.

Universidade Federal Fluminense.



A Religião como Operador Terapêutico: Um Diálogo Interdisciplinar.

O presente trabalho se insere no projeto de pesquisa “Psicopatologia e Cultura: Alteridade e Subjetividade no Campo dos Cuidados”. Um dos objetivos principais deste projeto é a realização de uma análise comparativa entre as chamadas terapêuticas tradicionais ou operadores terapêuticos presentes em diversas culturas e os operadores terapêuticos aceitos e teoricamente sustentados pela ciência e praticados por profissionais, especialmente nas instituições responsáveis pelo tratamento do doente mental. A racionalidade científica sobre a loucura, constituída a partir do século XIX, se deparou com novas perspectivas de rompimento com o naturalismo e, suportada pela etnologia, passa a entender os universos religiosos como outras formas de racionalidades. Ao invés de irracionalidades encontra-se aí formulações e concepções psicopatológicas com seus respectivos dispositivos terapêuticos e suas explicações das perturbações mentais. Os sistemas religiosos surgem como importantes e profícuas fontes de dispositivos terapêuticos não científicos. Na realidade brasileira a temática das doenças mentais está muito frequentemente em contato com sistemas psicopatológicos excêntricos à ciência, oriundos das várias religiões que são professadas em nosso país. Estes sistemas de crenças são objetos de nossa pesquisa bem como os dispositivos terapêuticos por eles produzidos e utilizados. Muitas vezes estes sistemas são descartados e desconsiderados por serem entendidos como irracionais em oposição a uma ciência racional. Pretendemos contribuir para o entendimento da relação entre a oferta de terapêuticas por parte da psiquiatria e a diversidade étnica e religiosa e outros elementos culturais de sustentação da subjetividade a fim de produzir uma compreensão melhor da realidade da população assistida e conseqüentemente contribuir para melhorar o atendimento. Para isso faz-se necessária a utilização de um diálogo interdisciplinar composto basicamente pela psicanálise, antropologia, sociologia, psicopatologia e psicologia. Com a metodologia de estudo de casos e o diálogo com a equipe e com os pacientes internados na UDAP/HUPE (Unidade Docente Assistencial de Psiquiatria / Hospital Universitário Pedro Ernesto) a pesquisa participa da abertura de um espaço de interação dos vários atores que compõem o tratamento psiquiátrico com as experiências anteriores do sujeito psiquiatrizado, favorecendo a resignificação de sua história e sua reorganização psíquica.

Davi de Souza Grutes da Silva; Alexandre Vasilenskias Gil.

Instituto de Psicologia / Universidade do Estado do Rio de Janeiro.



A Repercussão do Sentimento de Culpa nas Relações Familiares, a Partir do Levantamento de Casos.

O psicodiagnóstico é uma importante área de atuação do psicólogo e na formação do aluno nas clínicas escolas. O psicodiagnóstico infantil tem como um de seus eixos fundamentais de investigação, os estudos sobre a dinâmica familiar e sua interação com a vida psíquica do paciente. Este estudo teve como objetivo, a investigação teórico-prática sobre a relação entre, os sintomas das crianças, a partir dos relatos dos pais, crianças e terapeutas, com o sentimento de culpa, sob o olhar psicanalítico. Foi realizada a pesquisa de todos os casos encaminhados para psicodiagnóstico no ano de 2000, na clínica escola pertencente ao Centro Universitário Capital, totalizando trinta casos. A análise dos prontuários deu-se a partir da presença ou ausência de relato explícito de sentimento de culpa. Foram encontrados relatos explícitos de sentimento de culpa em oito casos. Dentro eles, em dois casos a culpa apresentou-se diante da agressão física sofrida pelas mães. Em um desses casos a mãe também sente-se culpada por ser agressiva com seu filho. Quanto aos conflitos familiares a culpa recai sobre a criança em 50% dos casos. Esta apresenta-se de forma inconsciente diante dos conflitos, consciência dos erros (remorso) e através da rejeição. Com relação à separação dos pais, nota-se que o sentimento de culpa relaciona-se ao remorso (por cometer um ato mau), a agressividade em relação aos pais e aos conflitos desencadeadores da separação. Quanto aos conflitos ligados à sexualidade apenas um caso foi descrito, onde observou-se a culpa moral. A superproteção foi relatada em quatro casos, sempre pela mãe, mas, que se diferenciam em suas formas. A culpa aqui apresenta-se imbricada aos conflitos familiares e, particularmente, na relação mãe criança. Em 75% dos casos observou-se que os sintomas estão ligados à atividade escolar, possibilitando a reedição de histórias passadas nas experiências escolares. Este trabalho pode levantar a importância da família no desenvolvimento infantil, diante das transformações que vêm passando. Na maioria dos casos clínicos houve relato explícito de sentimentos de culpa, mas, os sintomas só são percebidos quando afetam o desempenho escolar, sendo encaminhados pela escola. Isto pode representar a dificuldade dos pais de rever seus conflitos narcísicos e edipianos na relação com seus filhos. Assim sendo, o psicodiagnóstico é uma contribuição fundamental sobre a prática do psicólogo e como instrumento de intervenção terapêutica.

UGLAR, S.P.S; SILVA, P.M.P.; NASCIMENTO, R.

UNICAPITAL.



Representação da Maternagem na Adolescência antes e depois do Nascimento da Criança.

Apesar dos métodos anticoncepcionais e o acesso a informações, a gravidez na adolescência constitui um fato alarmante em nossa sociedade. Com o intuito de colaborar nesta temática, o presente trabalho teve por objetivo, identificar a representação de ser mãe na adolescência para as jovens que se encontram em processo gestacional e aquelas que já tiveram os filhos. Para tal, realizou-se entrevista semi-dirigida na Clínica Psicológica do UniFMU, com 11 adolescentes, na faixa etária de 14 a 19 anos, sendo 5 em processo de gestação e 6 com filhos na idade variando entre 1 e 3 anos. Das entrevistadas 6 eram de classe sócio econômica baixa e 5 na classe sócio econômica média. Pela análise dos resultados, pôde-se observar que as adolescentes que se encontravam em processo gestacional, mantinham fantasias sobre o futuro, como casar, estudar, ser amiga do filho. Este fato não foi constatado entre as que vivenciam o papel de mãe demonstrando angústia, bloqueios sociais, profissionais e amorosos. Relataram possuir medo do futuro, de não casar e acentuaram o arrependimento de terem engravidado. Relataram inveja das amigas que estudam, saem e tem namorados. Manifestaram a existência de preconceitos e afastamentos entre os rapazes aos saberem que elas já são mães. Quanto ao fator sócio-econômico, observou-se que a ajuda dos pais (tanto material quanto emocional) após o parto é maior entre as famílias de maior poder aquisitivo, enquanto que as adolescentes pobres assumem os filhos completamente, limitando a realização pessoal e profissional. Quanto às informações que receberam sobre os métodos anticoncepcionais, todas consideraram-nas insatisfatórias sendo que 9 afirmaram que a gravidez foi indesejada.

ELIANA MELCHER MARTINS; MARIA ANGELA COLOMBO ROSSETTO.

Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas – UniFMU.



A representação da morte para os estudantes de medicina.

Este trabalho se propõe uma aproximação ao Curso de Medicina através das vivências dos seus alunos. O estudante de medicina se defronta durante a formação com situações de grande tensão emocional ao se deparar com a doença e morte de pacientes. Assim, pretendemos obter um retrato do referido curso desde o lugar do estudante para através do mesmo compreender as situações angustiantes surgidas durante a formação com vistas a um aprimoramento do Ensino Médico. A metodologia é qualitativa, e utiliza como técnica grupos de discussão com alunos da medicina e também observações nos seminários que ocorrem dentro da disciplina de Clínica Médica I. A primeira atividade é orientada pelos seguintes eixos norteadores: o motivo da escolha do curso, os momentos que acreditam ser os mais angustiantes no decorrer do curso e, como forma de provocar discussão, são apresentadas situações motivadoras a fim de que haja a manifestação de opiniões sobre o assunto. Estas situações baseiam-se em: quais os momentos angustiantes que enfrentam durante a sua formação; recordações das aulas de anatomia, técnica cirúrgica em cadáveres, fisiologia e medicina legal; o profissional de medicina perante a morte e a discussão de uma situação clínica, retirada da observação participante, em que um profissional de medicina se defronta com um paciente sem possibilidades de cura ou com a morte do mesmo. Dentre os fatores que atraem o aluno para o curso de medicina está não só a possibilidade de ter uma relação maior com as pessoas, mas também o fator financeiro e a procura de status são aspectos motivadores da escolha profissional. A maior queixa é a falta de uma prática nos primeiros anos de curso sendo que isso os deixa despreparados para lidar posteriormente com os pacientes. O reconhecimento por parte dos pacientes aparece como algo importante para os estudantes, talvez por isso o fantasma da impossibilidade de cura se apresente tão assustador. Observa-se entre os estudantes que estão no início do curso uma grande preocupação com o lado humanitário do médico, preocupação está que vai diminuindo com o avançar do curso acabando por ser preterida em função da eficácia “técnica” do mesmo. O curso é visto por eles como o responsável pela desumanização dos alunos.

Quintana, A. M.; Daltrozo G. M.; Santos, F. C.; Tonetto, A. M.; BASSI, L.A.; GOI, C.; RODRIGUES, A. T.

Universidade Federal de Santa Maria - RS; CNPq/PIBIC; FAPERGS



A representação da psicologia como profissão e ciência.

O objetivo do presente estudo foi verificar a representação dos alunos de psicologia sobre a psicologia como profissão e ciência. A amostra constou de 80 sujeitos, sendo que 72 eram do sexo feminino e 8 do sexo masculino com idade média de 25,8. Os alunos estavam cursando do 7º ao 11º período no Centro Universitário de João Pessoa. Para a coleta de dados foi construído um instrumento de medida com o intuito de averiguar a área de interesse, o grau de identificação com a visão de homem e de mundo das principais teoria psicológicas bem como das várias tendências da psicologia como ciência e profissão. Os resultados apontaram as tendências, interesses, aceitação e rejeição das teorias psicológicas bem como uma rede de representações. No que diz respeito a área de atuação, 62,5% dos estudantes demonstraram interesse na clínica, 16,3% na hospitalar, 13,8% na organizacional e 3,8% na escolar. Dentre os índices de aceitação e rejeição das teorias a Psicanálise apresentou um índice de aceitação próximo ao índice de rejeição; o Cognitivismo obteve um alto índice de aceitação e um baixo índice de rejeição, enquanto que a Sócio-histórica e o Behaviorismo apresentaram um alto índice de rejeição. Por fim foi realizada uma análise de variância na qual possibilitou a verificação das associações entre as teorias e suas unidades de interesses. Estes resultados sugerem que os estudantes constroem uma rede de representação da psicologia a partir da aquisição dos conhecimentos adquiridos ao longo do curso desvinculado da realidade social e dos novos papéis do psicólogo na sociedade contemporânea.

Thiago Antonio Avellar de Aquino; Angélica Corrêa de Araújo Souza; Cristina Maria Brilhante; Nívea Teixeira Lira da Silva.

Centro Universitário de João Pessoa – Unipê.



A representação das relações extraconjugais para indivíduos pertencentes à população ludovicense.

O casamento e as relações extraconjugais são temas que fazem parte de nossa realidade social e influenciam nossas vidas direta ou indiretamente. Entretanto, muitas questões referentes a isso ainda são pouco exploradas devido aos estigmas e rótulos que possuem. Por ser um assunto pouco discutido no meio científico por causa do peso da sociedade e dos valores éticos e morais envolvidos, esta pesquisa foi realizada, a fim de trazer uma nova luz sobre este tema. Nossos principais objetivos eram: comprovar a hipótese de que as relações extraconjugais contribuem de alguma forma para a manutenção do casamento monogâmico hoje; verificar quais os fatores que direcionam o indivíduo a uma relação extraconjugal; investigar a representação do(a) amante para o indivíduo e averiguar as diferenças e semelhanças entre o que um homem e uma mulher buscam em uma relação extraconjugal. A pesquisa foi teoricamente baseada na Teoria do Equilíbrio de Fritz Heider, que postula que tal estado não é encontrado sempre nas relações interpessoais, o que pode levar a uma situação de tensão. É sob esta óptica que observamos o fenômeno das relações extraconjugais, tentando verificar os elementos que se instalam no casamento causando desprazer e como consequência uma procura pela restituição deste equilíbrio. Outra teoria é da atração interpessoal, onde, segundo RODRIGUES (1998), duas pessoas podem se unir através de suas semelhanças ou diferenças. Como método utilizamos a pesquisa não experimental. A amostra foi de 20 homens e 20 mulheres com idades entre 20 e 50 anos, vivendo relacionamento estável de pelo menos dois anos (casamento oficial ou morando juntos). Foram aplicados questionários semi-abertos e entrevistas semi-estruturadas para a coleta de dados, realizados pessoalmente nas ruas de diferentes bairros da cidade, ou via telefone. Os dados obtidos mostram que a traição é praticada em escala semelhante entre os sexos. Mas as mulheres envolvem-se mais afetivamente enquanto os homens sexualmente. A maior parte das relações extraconjugais acontece por problemas no casamento, embora também ocorram na ausência destes. Pudemos observar, portanto, que nem o homem experimenta mais toda aquela liberdade de outrora, e nem a mulher é tão submissa e castrada como em épocas passadas. As fantasias também passaram a ser mais admitidas nas mentes femininas, apesar do sentimento de culpa ainda presente. Chegamos à conclusão de que a busca de relacionamentos extraconjugais se presentifica como meio de resgate de uma individualidade perdida devido aos moldes do casamento em nossa sociedade. "Com o casamento, o sujeito deixa de ser uma individualidade e passa a ser uma sociedade" (AMENO, 1999, p 33). A perda da identidade pessoal ocorre em função da entrega do indivíduo ao casamento, sacrificando seu próprio eu. Ao se dar conta da insustentabilidade desta abdicação, o sujeito tenta resgatar sua individualidade a partir de um relacionamento extraconjugal.

Antonio Mendes da Silva Junior; Manuela Bogéa Perez; Raiane Verde Serra; Sandoval de Jesus Ribeiro Júnior.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO.



A representação do bom professor pelo aluno de psicologia do UNIPÊ e da UFPB.

A construção da representação de um bom professor na sua prática, enquanto mediador do processo de ensino- aprendizagem, dá-se implicitamente. Não existindo, portanto, "padrão ideal". Assim, quando se fala do bom professor, as características e/ou qualidades atribuídas a ele, são fruto do julgamento individual do avaliador. O professor deve, então, "seduzir" o aluno durante a aula (Gadotti, 2000), mantendo-se aberto às indagações, à curiosidade e às inibições do alunado; ser crítico, inquiridor e inquieto diante da tarefa que desempenha (Freire, 2000). Pautando-se nesse quadro, objetivou-se construir a representação do bom professor e comparar as características assinaladas pelos estudantes do curso de psicologia do Centro Universitário de João Pessoa - UNIPÊ e da Universidade Federal da Paraíba - UFPB. Esta pesquisa, de caráter exploratório, responde às exigências acadêmicas da disciplina Prática de Ensino, sob a supervisão da professora Lúcia Helena da M. S. Melo. Foram sujeitos da mesma, sessenta (60) alunos, os quais estavam distribuídos entre o UNIPÊ (30 sujeitos) e a UFPB (30 sujeitos), apresentando uma média de vinte e um (21) anos de idade e, aproximadamente, 92% pertencem ao sexo feminino. Numa aula escolhida aleatoriamente, os estudantes foram solicitados a responder um questionário com vinte e três (23) afirmativas, referentes às características do bom professor, julgando individualmente a partir de uma escala preestabelecida (de 1 a 5, discordo totalmente a concordo totalmente). Havendo, ainda, espaço para que acrescentassem uma "outra característica". Identificou-se o perfil do bom professor ao serem analisadas as afirmativas referentes aos níveis 4 e 5, pois equivalem às características que os estudantes consideram pertencer ao bom professor. Faz-se necessário esclarecer que as características encontradas no espaço em aberto foram desconsideradas, devido à falta de atribuição de valores a partir da escala utilizada. Os resultados da pesquisa revelaram que para ser um bom professor é preciso dominar o conteúdo, ser assíduo, usar de um vocabulário compreensivo, cumprir seus horários, manter-se informado sobre as inovações em sua área e incentivar o aluno a participar de congressos, pesquisas e palestras. Tanto para os alunos do curso de psicologia do UNIPÊ, quanto para os da UFPB a principal qualidade que caracteriza o bom professor é o domínio do conteúdo. As demais características variam em sua ordem de importância. Observou-se, ainda, que o aluno enfatiza mais a competência profissional do que os aspectos afetivos e de personalidade do professor para reconhecê-lo como bom. FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2000. GADOTTI, Moacir. Pensamento Pedagógico Brasileiro. São Paulo: Ática, 2000.

Andrea Tavares Carvalho; Anny Kaliny Medeiros da Silva; Magdeliny dos Santos Lima; Pauline Kerman Castro Rocha; Terlúcia Paiva Teixeira.

Centro Universitário de João Pessoa – UNIPÊ.



A representação social da aids para detentos e agentes prisionais do sistema penitenciário de Florianópolis.

A presente pesquisa teve como objetivo geral investigar a representação social da AIDS para detentos e agentes prisionais do sistema penitenciário de Florianópolis. Realizamos uma pesquisa qualitativa exploratória, onde foram aplicadas entrevistas semi – estruturadas em uma amostra de quinze detentos e dez agentes prisionais do referido sistema. As respostas dos sujeitos foram categorizadas quanto às atitudes de prevenção à AIDS, ao trabalho de prevenção à AIDS dentro do Sistema Penitenciário e à própria representação social da AIDS. Com relação às atitudes de prevenção à AIDS, ficou evidente, na maioria das respostas dos sujeitos entrevistados, que estes conhecem as formas de prevenção e de contágio da doença, ou seja, que o contágio se dá através do sexo e das drogas injetáveis - e a prevenção ocorre através do uso de camisinha e de seringas descartáveis. No geral, a análise dos resultados indica que não pôde ser detectado preconceito com relação aos portadores do vírus HIV e que, dentro do sistema, tanto para os detentos quanto para os agentes prisionais, não existe um trabalho de prevenção à AIDS. O que existe é a distribuição de camisinha para detentos que possuem visita íntima. Os dados não foram suficientes para comprovarmos se houve representação social da AIDS.

Taís Mazzola; Leandro Castro Oltramari.

UNISUL - Universidade do Sul de Santa Catarina.



A Representação Social da candidata Marta Suplicy pelos eleitores de São Paulo.

Essa pesquisa estudou a imagem da então candidata à prefeitura de São Paulo, Marta Suplicy, e verificou a influência da propaganda eleitoral gratuita na televisão sobre um grupo de eleitores. Os sujeitos foram 8 homens entre 25 e 65 anos, pertencentes a classe média, residentes na capital de São Paulo há pelo menos 8 anos, com grau de escolaridade superior, não filiados a partidos políticos, simpatizantes da candidata a prefeitura de São Paulo Marta Suplicy, mas não obrigatoriamente com intenção de votar nessa candidata. As entrevistas foram divididas em dois momentos: antes e depois dos entrevistados assistirem as propagandas políticas. As entrevistas foram submetidas à Análise de Categorias para a elaboração da Representação Social da candidata, antes e depois dos pesquisados assistirem às propagandas eleitorais. No primeiro tempo, a candidata tem um conceito positivo, apresentando sensibilidade para os problemas sociais e bom senso para administração, porém não tem experiência em cargos executivos. Sua postura elitista, distanciando-se do "povão", desagradou os entrevistados. Sobre a mídia, afirmam que transmite apenas imagens negativas sobre os candidatos. Após terem contato com a propaganda eleitoral pela televisão, a candidata adquire um conceito negativo para os entrevistados. A falta de experiência em cargos executivos torna-se mais destacada e acentua-se o fato de estar muito "produzida", colocando-a ainda mais distante do povo. Nesta etapa, surge com maior clareza, a idéia que a mídia realiza um trabalho de marketing, não mostrando a verdade. Assim, as mudanças infligidas à imagem da candidata após os pesquisados assistirem aos programas políticos gratuitos, sugerem que, ao menos em parte, a passagem pelo meio televisivo, visto de antemão neste contexto como transformador da verdade, influenciou negativamente a imagem da candidata.

Dal Cortivo, A.S.; Finamore, C.M.; Gianetti, S.R.B.; Savio, A.V.; Carvalho, J.E.C.

Universidade Paulista - UNIP.



A representação social da violência contra a mulher entre as que procuram uma instituição de apoio.

O objetivo desta pesquisa é estabelecer a representação social da violência contra a mulher entre mulheres que procuram uma instituição, associada à prefeitura da cidade de São Paulo, que atende gratuitamente maiores de 18 anos que sofrem de violência doméstica. Trabalhos sobre violência contra a mulher têm uma relevância social muito grande, porque servem como base para novos questionamentos sobre um problema que está longe de ser resolvido. A metodologia utilizada para a coleta de dados consistiu em 10 entrevistas semi-estruturadas, com roteiro pré-estabelecido, gravadas e transcritas. Foram 4 as categorias de análise: causas de violência, casamento, Delegacias de Defesa de Mulher e Instituições de Acolhimento. Encontramos que para este grupo de mulheres as principais causas de violência contra a mulher são: dependência econômica, condição feminina, sistema patriarcal e generalização e banalização da violência em nossa sociedade. Para estas mulheres, reconstruir suas vidas a partir do apoio que recebem da instituição é fundamental.

Vera Lúcia Gonzalez Gomes; Silvia Correa Aguilar; Renata Alarcon; Maria Beatriz C. de Mello; Irene Belik, João Eduardo Coin de Carvalho.

Universidade Paulista.



A Representação Social do Psicanalista a partir da arte contemporânea, no mundo ocidental- O Cinema; Psicologia Social IV.

O assunto discutido refere-se à imagem do psicanalista potencializada e até mesmo criada pelo cinema contemporâneo, no mundo ocidental. O objetivo é estabelecer a Representação Social deste profissional, a partir do cinema. Foram selecionados dezesseis filmes que definem a ação do psicanalista e as exigências delas decorrentes, fornecendo uma imagem concreta deste profissional. O cinema quando expõe a figura de um psicanalista, o público passa a representar a partir desta imagem, que em grande parte é uma distorção da postura e da prática do profissional da Psicanálise. Estaremos mostrando as várias faces destas imagens construídas e as conseqüências que daí se originaram, comprometendo sua função social perante a massa espectadora. O significado dado pelo cinema aos objetos sociais, é valorizado pela massa, que transpõe o conteúdo cinematográfico como oportunidade de manipulação do mundo real, potencializando uma "concretização" de um poder dado a este objeto social. Porém não se encaixando na realidade e trazendo o que é implícito a fazer parte de um imaginário comum, construindo uma representação de um objeto, penetrando no cotidiano dos grupos. Partimos de observações críticas que nos permitiram definir quem é o psicanalista concretizado por este meio de comunicação de massa. Enfim, estas questões nos fizeram refletir sobre a potencialização deste objeto social, que neste estudo, discute a imagem de psicanalista transmitida pelo cinema. Contamos para esta pesquisa, com o apoio do teórico francês Serge Moscovici, que foi o primeiro a apresentar o conceito de Representação Social, em 1961, com a publicação de "La psychanalyse - Son image et son public".

SANTOS, Luciana Fabrício; SILVA, Leila Lopes; SILVA; CORGA, Danielle.

Universidade Paulista. São José dos Campos- S.P.



A representação social dos estudantes de psicologia sobre o incesto pai-filha.

Tendo como ponto de partida os estudos de Azevedo (1991) e Cohen (1992) sobre incesto, esta pesquisa foi realizada com o intuito de se conhecer a representação social de universitários sobre o incesto pai-filha. Foram realizadas 39 entrevistas semi-estruturadas com alunos de psicologia do 1º e 4º ano da Universidade Paulista, período noturno. Os relatos foram organizados a partir de 11 categorias de análise: tabu; incesto; moralidade; freqüência; público X privado; sujeitos do incesto; moralidade ; constitucionalidade legal; família; gravidade do incesto ; incesto pai e filha. Os alunos puderam indicar que o incesto pai-filha é uma prática freqüente e tão grave quanto os demais tipos de incesto. Ele é considerado como doença e como crime, mantendo-se a crença de que ocorre predominantemente na população de baixo nível sócio-econômico. O estudo mostrou ainda que o assunto é pouco conhecido e divulgado, devido ao preconceito que domina a sociedade, não permitindo que o incesto seja desvelado e assumido como realidade social. Entendemos pela importância deste tipo de investigação, que, contribuindo com uma produção o mais aproximada possível da realidade do nosso país, pode comprovar o que Azevedo chamou de “desmistificação da realidade”. Assim, procuramos neste trabalho contribuir com uma semente, ainda que pequena, para que não se faça ainda maior o silêncio sobre o tabu do incesto.

Sonia da Silva Ferreira; Domingos Franchini Fo; Hanem Tony Schussel; Heloisa Cristina Galhardi; Rahel Patrasso; Suely França Riccetti; Nádia Regina Miranda Teixeira; João Eduardo Coin de Carvalho.

UNIP - Universidade Paulista. São Paulo.



A roxa flor que traz a dor impressa: um estudo sobre o homossexualismo masculino.

O presente trabalho tem por objetivo investigar o desenvolvimento da homossexualidade masculina e as possíveis reações da família quando é assumida esta conduta sexual do ponto de vista de homossexuais adultos. Baseado nos estudos de McDougall (1997) e Stoller (1993) que apontavam que a condição homossexual já seria definida logo após o complexo de Édipo, mas concretizada no decorrer da maturação bio-psíquica; supunha-se que o desenvolvimento da homossexualidade masculina seria algo que está presente desde a infância, mas que a compreensão dessa condição só iria se concretizar na adolescência. Participaram do estudo oito homossexuais masculinos com idades entre vinte e quatro e cinquenta e um anos, selecionados por conveniência. As entrevistas foram realizadas em suas residências particulares e duravam em torno de uma hora e meia. Elas foram gravadas com a autorização dos participantes e, posteriormente, transcritas. Após transcrição do material, foi realizada análise de conteúdo qualitativa das entrevistas (Laville & Dione, 1999). Os resultados mostraram que as famílias dos participantes eram em grande parte matriarcal, em que a mãe assumia o poder e a responsabilidade para com todos os membros da família. Somado a isso, o pai encontrava-se ausente ou submisso, o que segundo os participantes influenciou significativamente na sua identidade sexual. Além disso, grande parte dos entrevistados sofreram abuso sexual na infância de pessoas próximas à sua convivência familiar, o que acarretou a eles angústia e uma implacável dor psíquica. Verificou-se que a aceitação da homossexualidade dentro da família causou muito sofrimento, o que levou os participantes a um processo de perdas, elaboração de lutos e superação de estigmas. Nossos achados confirmam nossa expectativa a partir da literatura científica pesquisada, de que os participantes desde a infância já se percebiam “diferentes” dos outros meninos, e alguns deles já percebiam que era uma inclinação homossexual. Sete participantes já na adolescência assumiram sua condição homossexual para si e para os outros, o que gerou alívio. Somente um dos participantes concretizou sua homossexualidade na idade adulta, tendo passado por momentos de depressão e tentativa de suicídio até que isso ocorresse.

Castro, Lívia Kern de; Ferreira, Joana Arioli.

Pontifícia Universidade Católica do RS.



A satisfação da necessidade de consideração positiva através da relação terapêutica: um estudo de caso da clínica-escola segundo a Abordagem Centrada na Pessoa.

O objetivo deste estudo é apresentar a evolução de um caso clínico, atendido por uma estagiária do 5º ano, na Clínica-Escola da Universidade São Marcos, e compreendê-lo à luz da Abordagem Centrada na Pessoa. A cliente (36 anos, casada e mãe de um filho) já havia passado por um atendimento psicoterápico de um semestre na mesma instituição, e trazia como principal queixa dificuldades na aprendizagem formal. Embora reconhecesse sua capacidade de trabalho e habilidade para várias atividades, considerava-se incapaz para o estudo. Fez duas vezes cada série e interrompeu sempre, não passando da 3ª série do ensino fundamental. Reconhecia mudanças positivas em seu comportamento após a experiência anterior em psicoterapia, mas a queixa inicial permanecia. No semestre em que foi atendida cursava novamente a 1ª série, e desejava muito ultrapassar as barreiras para aprender. Estas se revelaram ligadas a fatores, como ausência da consideração por si mesma e a impossibilidade de poder confiar em qualquer outro significativo, incluindo a relação professor-aluno e a relação terapeuta-cliente. Assim, foi difícil a formação do vínculo terapêutico, e as primeiras sessões transcorreram com grandes períodos de silêncio, olhares desviados e negação da existência dos problemas. A cliente foi atendida em 11 sessões pela terapeuta-estagiária, que as transcreveu, e apresentou para a supervisora que orientou o caso. As supervisões enfatizaram a relação terapeuta-cliente, visando o desenvolvimento das atitudes que Rogers propõe como necessárias à relação de ajuda. A estagiária foi congruente no sentido de buscar maior concordância entre a sua experiência, sua percepção e a sua comunicação. Foi verdadeira no que expressou, pôde diminuir as ambigüidades e aumentar a chance de transmitir confiança à sua cliente. Pôde perceber os limites entre a sua experiência e a da cliente, e participar de seu mundo subjetivo, acompanhando-a através da compreensão empática, e desenvolveu por ela uma consideração positiva incondicional, autêntica e genuína, facilitando sua auto-compreensão e auto-confirmação. O estudo mostra a correlação entre essas atitudes e as transformações da cliente, que pôde entrar em contato com experiências dolorosas de relacionamento em que se sentiu agredida, traída e ameaçada, especialmente quando apanhava ao errar na leitura ou na escrita. Em sua Teoria da Personalidade, Rogers considera que a satisfação da necessidade da auto-estima (essencial ao Self), depende da satisfação de uma necessidade universal e anterior: a de ser considerado (amado) pelo outro significativo. Acreditamos que no caso em estudo, a cliente, ao confiar em sua terapeuta e na autenticidade de sua aceitação, pôde desenvolver a consideração por si mesma, reconhecendo sua experiência, como por exemplo, o medo primitivo e desproporcional diante da situação de aprendizagem, e dessa forma vencer as barreiras internas para o seu crescimento.

Pini, Maria Helena Manzano; Aguiar, Lygia Comino.



A saúde escolar através de um trabalho de assessoria em Instituição Escola com adolescentes: relato de uma experiência.

O trabalho do Psicólogo Escolar sofreu inúmeras transformações no decorrer de seu percurso histórico, até chegar, nos dias atuais, com uma proposta mais social e abrangente. Nesta proposta, este profissional não se propõe a ser um funcionário da Instituição Escola, mas presta consultoria/assessoria nas várias frentes de atuação que uma escola pode apresentar. O presente trabalho é um relato de uma atividade desenvolvida a partir deste formato, durante um trabalho de assessoria à uma escola pública de uma cidade do interior de Minas Gerais. Um dos mais graves problemas da escola naquele momento era uma turma de 6ª série do Ensino Fundamental, que apresentava dificuldades de interrelacionamento entre si e com os professores, grande agressividade e baixo rendimento. O trabalho foi feito através de dinâmicas e vivências, onde o ponto principal foi a elevação da auto-estima e descoberta de talentos com os adolescentes e encontros com os professores. Foi um trabalho árduo mas que gerou resultados positivos na medida em que municiou os adolescentes de recursos para enfrentar seus medos e ansiedades frente aos “desencontros” que a vida lhes impunha.

Helena de Ornellas Sivieri Pereira.



A saúde mental de idosos internados em um hospital geral.

O presente trabalho objetivou avaliar a saúde mental de idosos hospitalizados, considerando os aspectos de autonomia, capacidade de memória, estresse psíquico, desejo de morte, falta de confiança no próprio desempenho, transtornos do sono e psicossomáticos. A amostra foi constituída por um total de 30 sujeitos, de ambos os sexos, acima dos 60 anos de idade, internados no Hospital Geral do Grajaú, entre os meses de Setembro e Outubro de 2001. Para o levantamento dos dados foram utilizados dois instrumentos: um questionário sobre os dados pessoais do paciente, além de 9 perguntas fechadas e 1 semi-aberta considerando os aspectos de autonomia e memória, e o Questionário de Saúde Geral de Goldberg, que avalia o nível de saúde mental de adultos normais, abordando os demais itens da investigação. Os resultados apontaram que a maior parte dos sujeitos apresenta uma boa capacidade de autonomia para execução de atividades normais da vida diária, com exceção da atividade de “subir escadas”, em que 43,3% dos sujeitos apresentaram necessidade do auxílio de outras pessoas para fazê-lo. Também 43,3% dos idosos referiram nunca sair de casa sozinhos. O estudo mostrou que 73,3% do total da amostra apresenta total controle esfinteriano. Entre a população estudada, 46,7% classificaram sua condição de saúde como “regular”, possivelmente devido a presença de doenças, que em menor ou maior grau os tornam debilitados. Observou-se que os sujeitos apresentaram boa capacidade de memória, confirmado pelos seguintes índices: 40% não tem nenhuma dificuldade em recordar do nomes de pessoas conhecidas e/ou familiares; 43,3% sempre se lembram do lugar onde guardou determinados objetos; 46,7% nunca se esquecem do assunto durante uma conversa; e 60% não têm dificuldades de memória em relação à continuidade de uma tarefa. Os resultados da auto-avaliação dos sujeitos em relação à capacidade de memória indicaram que 40% dos sujeitos classificam-na como “boa”. Referente à avaliação da saúde mental dos sujeitos, observou-se que 36,7% dos idosos hospitalizados apresentaram sintomas de alteração na saúde geral; 30% dos sujeitos apresentaram sintomas de estresse psíquico; em 26,7% foi observado desejo de morte; sintomas de transtorno do sono foram apresentados por 46,7% dos sujeitos; e foi notado sintomas de transtornos psicossomáticos em 53,3% do total da amostra. Por fim, conclui-se que o planejamento do tratamento hospitalar do idoso, deve ser feito por uma equipe multidisciplinar, atentando para os aspectos biopsicossociais do envelhecimento que influem na qualidade da saúde do idoso. A partir desta compreensão, avaliar a saúde mental de idosos hospitalizados permitirá que a elaboração do tratamento durante o período de hospitalização, seja feita de maneira mais abrangente, afim de oferecer melhor assistência à estes pacientes, que apresentam uma alta demanda na necessidade de intervenção hospitalar.

Selma Bôer; Antonio de Pádua Serafim.

UNISA – Universidade de Santo Amaro.



A saúde mental do cuidador de crianças especiais.

Interação social, comunicação e do comportamento, além de estereotípias de conduta, interesses e atividades. Situado pelo DSM-IV como um transtorno invasivo do desenvolvimento, o transtorno autista pode ser compreendido como uma problemática que remete a uma relação peculiar entre o cuidador e a criança afetada, envolvendo aspectos conscientes e inconscientes que permeiam esta relação. Uma questão crucial que emerge nesse contexto é a sobrecarga emocional (burden of care) vivenciada pelas mães das crianças acometidas com essa condição especial. O presente estudo teve o objetivo investigar o impacto dessa sobrecarga emocional e a construção de estratégias de enfrentamento, assumindo a possibilidade da influência do estresse como fator que contribui para a ocorrência de alterações na dinâmica familiar, especialmente no funcionamento da personalidade dessas mães. Foram avaliadas mães de crianças autistas com idade inferior a 12 anos. Os dados foram coletados através de aplicação individual, em situação face-a-face, dos seguintes instrumentos de avaliação: Inventário de Sintomas de Stress para Adultos de Lipp (ISSL), Inventário de Estratégias de Coping de Folkman e Lazarus, Inventário Beck de Depressão e Escala de Qualidade de Vida (WHOQOL-bref), complementados por um questionário de identificação pessoal. Os resultados sugerem que a presença do transtorno autista mobiliza nas mães a construção de estratégias de enfrentamento visando atenuar o impacto dos fatores estressores relacionados aos cuidados especiais que a criança exige. Não foram detectadas diferenças significativas nos sintomas depressivos quando se compara com a média da população.

Maria Ângela Bravo Fávero; Manoel Antônio dos Santos.

Universidade de São Paulo - USP.



A saúde mental do professor no âmbito da inclusão de alunos portadores de necessidades especiais.

Neste trabalho a saúde mental do professor é estudada a partir de uma pesquisa que envolve a inclusão social do deficiente numa sala numerosa e com alunos heterogêneos. O objetivo é explicitar as causas que afetam a saúde mental do professor diante da nova situação que está sendo implantada. Uma pesquisa bibliográfica fornece as noções de escola, de deficiência e de inclusão, seguida pela análise das entrevistas com professores de educação infantil da prefeitura e uma professora da escola especial particular, seu corpo administrativo e equipe técnica. Analisa-se as condições de trabalho do professor - sua formação, sua visão de mundo, a relação com o aluno na educação inclusiva, seus sentimentos de onipotência e impotência, conflitos e frustrações - e o apoio que recebe, programas de capacitação, aprimoramento profissional e orientação condizentes com a realidade. Com o objetivo de relacionar saúde e trabalho, conceituamos-os. Há uma nova forma de pensar a saúde enquanto qualidade de vida, referindo-a ao projeto em causa nesta. Quanto ao trabalho, há duas maneiras de pensá-lo: como coercitivo ou prazeroso, e este pode estar incluído como agente dos dramas. No contexto da educação inclusiva, os professores começam a perceber que sofrem de falta de apoio pedagógico e preparo psicológico. Esta pesquisa cogita a hipótese de que há um sofrimento psíquico permanente relativo à falta de preparo do professor, e que tende a aumentar frente às implantações de novas situações. Conclui que este sofrimento se torna evidente pela carga de ambivalência em questão: pensa-se no aluno com necessidades especiais como uma pessoa que tem direitos, mas que podem figurar apenas no papel, a discriminação continua imperando como aquela praticada na sociedade primitiva. Não havendo preparo para a inclusão, esta é uma situação imposta, agravando a crise no professorado que se vê sem um planejamento que responda que tipo de aluno quer formar, além de não ter uma expectativa de futuro para esse aluno e perceber que a escola não está conseguindo cumprir com a sua função, por mais que a sociedade faça exigências. O aspecto destacado é a necessidade de socializar deixando a aprendizagem defasada. As questões sociais estão inseridas na escola, enquanto não houver uma inserção na sociedade, uma coerência entre a lei e a sua prática e o desejo do professor de incluir o aluno, não haverá inclusão na escola. A inclusão por sua vez, chega em um momento em que faz com o professor reflita sobre a sua função e atuação, seus sonhos adquiridos, perda de desejo e o que fez da sua vida. Se não há projetos de realização, é porque realizado está. No relato dos professores, a subjetividade se expressa, e nela percebemos a tendência otimista ou pessimista, que inclui formas aprendidas no desenvolvimento de seu pensamento quanto à educação. E esse elo vital mostra-se no enfrentamento da realidade inclusiva. Neste sentido, a "doença" dita psicológica encontra ou não momento de se expressar. A condição está portanto determinada por sua estrutura psicológica. Entendemos que a realidade social favorece enormemente este dispositivo psíquico.

Izabel Aparecida Salomão Cypriano; Maria Madalena de Freitas Lopes.

Universidade Camilo Castelo Branco: PUC/SP.



A sexualidade no adolescente.

Adolescência – Orientação Sexual na Escola Adolescência e sexualidade são momentos de vivência inerentes a todo ser humano. A adolescência, geralmente vem acompanhada de turbulência. Para tanto, um trabalho dirigido a adolescentes abordando suas emoções, discutindo sobre o tema, ameniza e até pode eliminar algumas angústias. É objetivo da escola contribuir para a construção de uma visão crítica do jovem a respeito da sua atuação nesta fase da vida. Propiciar um espaço de comunicação e integração grupal. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, do tipo pesquisa-ação, desenvolvida durante cinco anos. Para o trabalho utilizou-se como material: vídeo, transparências, painéis, livros, mesa-redonda, altos-papos, dinâmicas. Sujeitos: Participam do trabalho todas as turmas de 5as. às 8as. séries do Ensino Fundamental de uma escola Católica da rede privada, situada em Macaé – RJ. Desenvolvimento: O trabalho vem sendo desenvolvido desde 1997, a partir da solicitação dos alunos à equipe de psicologia da escola. Acontecem encontros em sala de aula através dos altos-papos, filmes, dinâmicas, etc... A culminância se dá através de uma mesa-redonda com profissionais de áreas afins (médicos, psicólogos e sexólogos) convidados. Os assuntos abordados versam sobre: corpo- mudanças físicas, psicológicas, esquema corporal; social – mudança de grupo; pensamento- fantasiar e divagar; namorar e ficar; respeito ao corpo e sentimentos; responsabilidade sexual e DST. Pode-se concluir, baseadas nas observações dos alunos, que iniciaram esse trabalho em 1997, que a eficácia do mesmo se dá a longo prazo. Além disso, o trabalho possibilitou desmistificar algumas confusões relativas à sexualidade; como também, despertar para o cuidado com o próprio corpo e estreitamento do vínculo da equipe com os alunos, que passaram a procurar o setor espontaneamente. Salienta-se ainda, a aceitação dos professores solicitando o trabalho, configurando a interdisciplinaridade nas aulas (Ensino Religioso, Português, Literatura e Ciências). Trata-se de uma atividade que vem se modificando a cada ano. Em 1999, houve a demanda de trabalhar o perfil do adolescente junto ao corpo docente. Posteriormente foi realizada uma palestra com os pais intitulada Adolescência: o segundo parto. Em 2000, as mesmas atividades se mantiveram, inclusive a culminância do projeto com a mesa redonda enfocando Adolescência e Sexualidade. Dessa forma, o trabalho vem se construindo atendendo à realidade local, faixa etária e os interesses dos alunos.

BAMPI, Maria Luisa Furlin; CARVALHO, E. S.; Maria das Graças; Melo, Silvia Helena;

Faculdade Salesiana Maria Auxiliadora- FASMA- CASTELO– Macaé – RJ.



A subjetividade adolescente numa instituição de acolhimento.

Esse trabalho apresenta uma pesquisa realizada junto a Universidade Paulista (UNIP), que visa compreender, a partir de um referencial psicanalítico, como jovens que vivem numa determinada instituição - cuja finalidade é promover um processo de desvinculação com a rua e reintegração familiar - reformulam seus ideais e constroem suas expectativas quanto ao futuro. Para tanto, são consideradas as identificações estabelecidas naquele universo e seu significado. Foram realizados 20 encontros, numa frequência semanal, com duração de uma hora, com aproximadamente 13 jovens, entre 9 e 16 anos, e em sua maioria vinculados à instituição há mais de um ano. Esse grupo teve uma pequena rotatividade devido ao próprio momento de cada jovem em seu processo de reintegração familiar. Utilizando a técnica de observação participante, coletamos dados obtidos através da expressão oral e gráfica (desenho) estimuladas por letras de músicas sugeridas pelos jovens. Como resultado foi possível observar três aspectos. O primeiro, decorrente do contato que a instituição faz com parentes do jovem, indica a possibilidade do resgate da idéia de pertencer a uma família, sendo esse um dos fatores que parece favorecer a manutenção do jovem na instituição, desvinculando-o da rua. Mas tal reintegração encontra obstáculos para sua concretização e, atualmente, se mantém apenas quanto perspectiva de futuro, como os projetos de estudo e trabalho que lhes permitam uma inserção social. O segundo aspecto é a importância do tempo de permanência na rua. Quanto menor esse tempo, mais fácil é o resgate do sentimento de pertencer e conseqüentemente de estar na instituição. Como último aspecto, temos a construção que o jovem faz do significado da rua. Há três momentos distintos. Quando chega na instituição a rua não é apenas um lugar de passagem, mas de permanência, um espaço para viver, espaço público, mas que deseja ser, mesmo que em parte diminuta, de sua propriedade. Na instituição se utilizam das fugas (saída sem autorização) para se certificarem de sua existência, que continua lhes pertencendo, mesmo na sua ausência. Podem voltar e novamente serem acolhidos. Com esta possibilidade de ir e vir, a rua passa a ser uma passagem, um lugar para permanecer um determinado período de tempo, um tempo finito, pois há a possibilidade de sair dela e voltar para a instituição. Desse modo os jovens podem lidar com o tempo e começar a planejar algo sobre seu futuro. Quando jovens iniciam atividades que lhes possibilitam transitar com maior liberdade na rua, têm uma nova relação com ela, pois essa passa a ser de seu domínio, não no sentido "privado", mas legitimado. A rua é conquistada como um símbolo de um pertencer a sociedade.

Carla Lam.



A superação do modelo manicomial: o processo de desinstitucionalização de saúde mental em Sergipe.

A atenção à saúde mental está passando por transformações de paradigmas e de práticas que culminam numa rede de serviços alternativos ao hospital psiquiátrico. Trata-se de um processo de desinstitucionalização que representa não apenas a negação da instituição psiquiátrica, mas a negação do mandato que outras instituições da sociedade delegam à psiquiatria para isolar, exorcizar, negar e anular os sujeitos à margem da normalidade social. O objetivo geral da presente pesquisa foi investigar mudanças ocorridas nas práticas dos serviços substitutivos de saúde mental existentes no estado de Sergipe relacionando-as às transformações teórico-conceituais existentes no projeto da Reforma Psiquiátrica. Como objetivos específicos, analisou-se se as práticas implementadas se relacionam à construção da cidadania dos usuários, além de investigar se nos serviços substitutivos ainda existem práticas baseadas no modelo de internamento e exclusão do usuário. Para tanto, foram realizadas visitas às duas instituições que se caracterizam como serviços alternativos de saúde mental em Sergipe, o “Projeto Luz do Sol” e o “CAPS Arthur Bispo do Rosário”. Utilizou-se como instrumento de pesquisa a observação assistemática, além de entrevistas não-dirigidas, acompanhadas de diários de campo a cada visita. Os dados colhidos foram organizados em cinco categorias: 1) processo de admissão, 2) funcionamento dos serviços, 3) participação da família, 4) convívio social e 5) processo alta x cura. Tendo como referência as práticas tradicionais dos hospitais psiquiátricos, as impressões gerais do funcionamento dos serviços substitutivos e as medidas desses tipos de serviços, observou-se que a reforma tem repercutido de forma positiva, no sentido de que parece produzir transformações significativas principalmente nos usuários e nas concepções sociais sobre o que é a loucura e como lidar com ela. As principais dificuldades encontradas dizem respeito: 1) à formação e capacitação de pessoal para trabalhar nesse novo espaço terapêutico e, 2) à inclusão do usuário pela sociedade (pois no imaginário social, a noção de usuários de serviço de atendimento à saúde mental está atrelada à idéia que se tinha do louco interno do manicômio). Considerando que a implantação e manutenção desses serviços em Sergipe são recentes e que as práticas vão se construindo e constituindo processualmente, podemos concluir que o modelo tem repercutido de forma positiva, destacando-se: 1) que ele leva em conta a existência do sujeito em sua singularidade, em função do inter-relacionamento social que ele mantém; 2) o direito à voz é dado ao usuário; 3) o tratamento inclui a família e a sociedade como um todo e 4) o discurso médico deixa de ser hegemônico; além de 5) refletir sobre a produção e aceitação da loucura como uma forma possível, dentre outras, de existência, sabendo-se que, para tanto, é preciso um novo olhar, uma nova fala que inclua o diferente, respeitando-o.

Simone Maria de Almeida Barbosa; Ilka Dias Bichara.

Universidade Federal de Sergipe.



A surdez e suas implicações na concepção de crianças surdas, de seus pais e professores.

Este estudo teve por objetivo conhecer o pensar de crianças surdas e seus parceiros sociais ouvintes: pais e professores sobre o fenômeno surdez. Utilizou-se como instrumento de coleta de dados um inventário composto por dez proposições que permitiram identificar a percepção dos três grupos de sujeitos sobre essa condição e suas implicações. As respostas foram agrupadas em categorias e subcategorias, constituindo-se três subsistemas, que permitiram a descrição e a análise qualitativa dos dados. O estudo revelou que a surdez assume sentidos pessoais diferentes para cada um dos grupos: crianças: representam positivamente, possivelmente porque suas impressões e experiências sensoriais não são determinantes de um pensar sobre a surdez enquanto fenômeno característico de desqualificação social; pais: representam negativamente, o que pode ser devido às dificuldades no trato com as diferenças lingüísticas, sociais e emocionais decorrentes da manifestação da surdez; professores: representam positivamente, o que parece ser consequência dos resultados obtidos com essas crianças no processo de ensino e aprendizagem. A percepção dos adultos sobre o fenômeno parece ser determinada pelos conhecimentos e pelo tipo de relação estabelecida entre cada parceiro e a criança surda.

Cláudia Aparecida Valderramas Gomes; Maria Salete Fábio Aranha.

UNESP / Marília.



A técnica da arte-terapia e os significados das produções plásticas de doentes mentais.

O homem caracteriza-se por ser um ser simbólico e o símbolo traz não apenas o consciente, como também aquilo que está implícito através dele. Os símbolos, presentes na produção artística, poderiam representar conflitos inconscientes, sendo importante o conhecimento dos mesmos para compreender a dinâmica interna do indivíduo. No atual contexto de desinstitucionalização da doença mental, as oficinas de criação e expressão apresentam-se como opção para o atendimento em saúde mental e é nesse meio que o presente trabalho se configura. Assim, teve-se como objetivo compreender as representações plásticas de doentes mentais, usuários do Hospital Santa Tereza, do município de Ribeirão Preto-SP, e observar a evolução na capacidade expressiva dos mesmos nessas oficinas. Enquanto procedimento, através do método do estudo de caso, foi selecionado um sujeito, do sexo masculino, com idade de 33 anos, diagnosticado pela instituição como portador de Esquizofrenia, dentre aqueles com frequência e produção sistemática e regular nas oficinas. O sujeito foi entrevistado e avaliado através da Técnica do Desenho, inferindo-se um perfil psicológico deste sujeito. Suas produções plásticas foram observadas, fotografadas e parcialmente analisadas através do método semiótico de Païn e Jarreau (1996), que divide a análise em três códigos: morfológico, relacionado à estrutura da representação; simbólico, quanto ao significado do que era simbolizado nas telas; e subjetivo, relacionado ao estilo pessoal do sujeito. No início do trabalho, o que se viu através das produções do sujeito era um mundo interno desconexo, fragmentado, desorganizado. Isso estava presente tanto na estrutura do desenho, como na falta da representação de um tema específico. À medida que ele foi expressando seu mundo interno por meio da pintura, foi podendo se organizar, se integrar, se voltar para o social, podendo representar formas mais concretas, inclusive de seres humanos. Como qualquer processo evolutivo, houve momentos de regressão, mas os mesmos não chegaram a atingir o estágio inicial próprio deste sujeito. Observou-se um acordo entre os dados referentes ao sujeito e sua patologia e os dados obtidos através das expressões plásticas. Além disso, pôde-se notar uma melhora na capacidade expressiva do mesmo. O processo de expressão plástica desenvolvido com o sujeito permitiu não só relativizar o diagnóstico inicial, como também, apontou para outros fatores significativos na dinâmica interna: a agressividade, dificuldade de lidar com situações conflituosas, baixa auto-estima. Isso mostra que o trabalho da arte-terapia, ao propiciar o desenvolvimento de potenciais estagnados, aponta um caminho metodológico-terapêutico para a possibilidade da inserção ativa do sujeito, ex-doente psiquiátrico na vida social.

Maíra Bonafé Sei; Sérgio Kodato.

Universidade de São Paulo; FAPESP.



A Teoria de Resposta ao Item na avaliação de uma prova de Estatística.

Uma das preocupações atuais dos órgãos responsáveis pela Educação, no nosso país, está voltada para a avaliação educacional, que necessita de metodologias apropriadas para a sua fundamentação. A utilização de instrumentos de medida para avaliar e acompanhar o conhecimento adquirido pelos alunos, como também o desenvolvimento de habilidades básicas, ao longo do tempo, faz-se cada vez mais necessário. Esse fato tem motivado vários pesquisadores a buscar ferramentas mais eficazes para serem utilizadas nos processos quantitativos dessa avaliação psicológica e educacional. Uma dessas ferramentas que surgiu nesses últimos tempos é a Teoria de Resposta ao Item (TRI). Essa metodologia de análise de dados pode ser utilizada para avaliar as habilidades básicas necessárias para o bom desempenho acadêmico do aluno, como a compreensão em leitura, o raciocínio lógico, a habilidade matemática, entre outras. Nesse sentido julgou-se importante analisar algumas das habilidades necessárias para compreender a Estatística, dada a sua aplicação nas várias áreas de conhecimento. Esse estudo foi proposto com o objetivo de aplicar a TRI na análise dos itens de uma prova de Estatística, composta de 18 questões de múltipla escolha sobre conceitos básicos de Estatística, sendo 6 referentes a dados apresentados em gráficos estatísticos, 6 envolvendo apenas cálculos matemáticos e 6 referentes a dados apresentados em uma tabela estatística. Para análise dos dados foram utilizados os programas computacionais XCALIBRE e RASCAL. A amostra foi aleatória e composta de 326 alunos de uma universidade particular do interior do estado de São Paulo e que cursavam Estatística no ano de 1998. Foram ajustados modelos logísticos de um, dois e três parâmetros aos itens da prova e comparados os resultados obtidos. Ao ajustar um modelo de um parâmetro aos itens da prova, a maioria dos itens referentes à interpretação de dados apresentados em tabelas obteve índices de dificuldade elevados, enquanto que para os itens referentes à interpretação de dados apresentados em gráficos os índices de dificuldade foram os mais baixos. O modelo de um parâmetro mostrou-se não apropriado para 4 dos 6 itens referentes à interpretação de dados apresentados em tabela. No modelo de dois parâmetros um item possui resíduo padronizado acima de 2,0, e três itens possuem correlações entre uma das respostas incorretas e o escore total maiores que as correlações da resposta correta com o escore total, sendo todos eles do grupo de itens referentes à tabela. Esses itens também apresentaram problemas quando ajustado um modelo de três parâmetros. A comparação dos ajustes dos três modelos matemáticos permitiu concluir que os itens referentes à interpretação de dados apresentados em tabelas, devem ser revistos, reformulados e testados novamente a partir de uma nova aplicação da prova reformulada.

Claudette Maria Medeiros Vendramini; Marjorie Cristina Silva; Michelle Canale; Gisele de Souza Franco.

Universidade São Francisco.



A Terapia Comunitária: uma experiência de intervenção em grupos comunitários na Pastoral da Criança.

O modelo de assistência à saúde vigente em nossa sociedade tem se reduzido à assistência médica, negligenciando aspectos de prevenção e promoção, não apoiando, por conseguinte, políticas ambientais e sociais diretamente ligadas à saúde pública. Percebe-se, assim, que se faz necessário entender a complexidade da saúde e implementar sistemas comunitários de atenção, centrados no melhoramento das condições de vida e do nível de saúde mental da comunidade. Diante das questões apontadas, A Pastoral da Criança, organismo da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, vinculado à Igreja Católica, e responsável por promoção de ações básicas em saúde, vem desenvolvendo um trabalho de intervenção através da Terapia Comunitária. Trata-se de uma proposta de atenção primária, cujo objetivo é promover a saúde mental e a melhoria da qualidade de vida da comunidade, ao mesmo tempo que busca prevenir e combater as situações de conflitos dos indivíduos, através da integração dos laços sociais e afetivos. A Intervenção da Terapia Comunitária vem sendo realizada em todo o Estado do Rio Grande do Norte e segue as seguintes etapas de desenvolvimento: acolhimento, etapa na qual os conteúdos que surgem neste momento da reunião são mais gerais, relativos ao setting e ao papel do grupo; fase de desenvolvimento do processo grupal ou escolha do tema, na qual os conteúdos que emergem são de ordem pessoal, submetendo o grupo a um processo de escolha de uma problemática a ser trabalhada; contextualização do tema escolhido, que, quando já definida a temática a ser trabalhada, os participantes colocam pistas de contextualização para o esclarecimento da problemática; problematização, feita a partir de perguntas chaves formuladas a partir da contextualização e que vai permitir um processo de reflexão coletiva; e encerramento, no qual se destacam aspectos positivos colocados no grupo, gerando um processo de ressignificação dos problemas. Dentre os problemas mais frequentes na Terapia Comunitária, aparecem: Conflitos familiares, nervosismo, desemprego, alcoolismo, violência, entre outros. Os grupos de Terapia Comunitária, pela troca de saberes e de histórias, funcionam como um benefício para a comunidade, posto que, ao mesmo tempo que favorece a tomada de consciência e elaboração de novas dimensões para os problemas, resgata a competência do próprio grupo através da mútua- ajuda.

Maria Valquíria Nogueira do Nascimento; Vitória Etelvina de Araújo Bulcão; Inalda Maria da Silva Freire.

Universidade Federal do Rio Grande do Norte; Pastoral Da Criança - RN.



A Tomada de Consciência da Divisão: Um Processo em Construção.

O presente estudo objetivou investigar a tomada de consciência do conceito de divisão à luz da Teoria Piagetiana. De acordo com esta perspectiva, a tomada de consciência é entendida como uma construção que decorre das relações do sujeito com o objeto, sendo a mesma vista como uma conceituação. Esse processo exige coordenações e transformações contínuas que dão origem a diferentes níveis de consciência e integração dos esquemas, os quais são resultados da forma como as regulações apresentam-se em cada estágio de desenvolvimento. Nem todo nível de consciência implica conceituação, esta depende das integrações que são estabelecidas entre o conhecimento novo e o anterior. Na tentativa de investigar a tomada consciência do conceito de divisão, realizou-se um estudo de caso envolvendo uma criança do sexo masculino, com seis anos e quatro meses de idade, cursando alfabetização em escola particular de Recife. Esta criança iniciava o aprendizado sobre as operações de adição e subtração, e havia recebido algumas noções introdutórias sobre a divisão, de maneira informal. A criança foi entrevistada individualmente e por um único examinador, sendo solicitada a representar no papel um problema (Tarefa 1) e uma operação de divisão (Tarefa 2). Nesta investigação, foi realizada uma análise qualitativa das duas tarefas, focalizando-se os momentos de construção e reconstrução da tomada de consciência das relações entre os termos da divisão. Na Tarefa 1 (Problema), observou-se cinco momentos de tomada de consciência, a saber: (1) ausência de consciência da totalidade dos elementos; (2) consideração da totalidade dos elementos, sem tomada de consciência do resto; (3) surgimento de conflito cognitivo como possibilitador da tomada de consciência das relações entre os termos; (4) resolução do conflito a partir de um esquema cognitivo já existente – ausência de tomada de consciência do resto e; (5) representação do termo resto, sem tomada de consciência da relação deste com os demais. Na Tarefa 2 (Operação), a análise focalizou-se nas justificativas evidenciando-se três momentos diferenciados. Os resultados mostraram que a criança, na Tarefa 1 (Problema), construiu graus diferenciados de tomada consciência sobre o conceito de divisão, propiciados pelas intervenções do examinador e pela presença de referentes (carrinhos e caixinhas) no enunciado do problema, sem alcançar a conceituação. Entretanto, essas conquistas foram insuficientes para fazê-la operar com os esquemas da divisão. Na Tarefa 2 (Operação), diferentemente da Tarefa 1, a criança ancora-se nos seus esquemas de adição, deformando os dados observáveis apresentados a ela para se adaptar à situação a partir da estrutura cognitiva já existente. Embora utilize a linguagem que identifica a operação de divisão, a criança não é capaz de tomar consciência das diferenças entre esta e a adição. Constatou-se, assim, que a tomada da consciência ou conceituação, não ocorre de maneira abrupta, mas a partir de construções e reconstruções paulatinas, podendo este processo ser “adiado” em decorrência de deformações das quais o sujeito lança mão para se adaptar à realidade.

Síntria Labres Lautert; Sandra Patrícia Ataíde Ferreira.

UFPE.



A transformação do espaço público em espaço privado: O caso do Jardim da Luz.

(Introdução) Este é um estudo acerca dos sentidos atribuídos ao Jardim da Luz por alguns de seus freqüentadores. Procurou-se analisar a dinâmica das relações presentes neste contexto, enquanto zona de encontros sexuais, já que trata-se de um território privilegiado para o “troitoir”, bem como o modo como os freqüentadores deste universo se organizam socialmente e constroem sentidos para as experiências diárias que vivenciam neste espaço público. Os dados aqui apresentados são parte da tese de doutorado: “Prostitutas no Jardim da Luz: Dor e Prazer na Batalha diária pela sobrevivência.” (defendida no Instituto de Psicologia da USP São Paulo 1998). **(Metodologia)** Trata-se de uma pesquisa qualitativa onde os dados foram coletados através de observações do cotidiano do Jardim da Luz realizadas pela pesquisadora, bem como de entrevistas com os diferentes personagens que frequentam o Jardim da Luz. Na análise procurou-se articular instâncias individuais, grupais e coletivas afim de demonstrar a pluralidade e o movimento dos sentidos presentes nos diferentes discursos. **(Discussão)** Foi possível perceber que o Jardim da Luz, enquanto contexto em que se desenvolvem as ações, aparece na trama dos discursos não apenas como um cenário estático, pelo contrário há um grande investimento afetivo, mas também como uma casa com múltiplos sentidos. **(Conclusão)** Conhecer o cotidiano do Jardim da Luz, descobrir os códigos relacionais e o modo como os diferentes personagens estão distribuídos espacialmente nos possibilitou a compreensão do modo como este espaço público foi transformado em espaço privado onde as subdivisões espaciais garantem a convivência dos diferentes personagens.

Jacqueline I. Machado Brigagão.

PUC / SP.



A Transição para a Parentalidade em Casais Adultos.

Esta pesquisa propõe um estudo sobre uma etapa do desenvolvimento humano marcada por profundas transformações, a transição para a parentalidade. O tornar-se pai ou o tornar-se mãe, comparado a outros estágios do desenvolvimento humano, não tem recebido um tratamento adequado por parte dos pesquisadores. Procurando contribuir para uma maior compreensão nessa área de conhecimento, foi desenvolvido um estudo de caso instrumental (Stake, 1994), longitudinal, de natureza qualitativa, realizado em 2 etapas: a primeira, no último trimestre de gravidez e a segunda, aos três meses de vida do bebê. Em ambas etapas foram realizadas entrevistas individuais e conjuntas com os participantes. A amostra foi composta de seis casais adultos, com idade entre 20-40 anos, que esperavam seu primeiro filho ao ingressar na pesquisa. Os participantes são integrantes de um grande projeto denominado Projeto Pais/bebê, organizado pelo Grupo de Interação Social, Desenvolvimento e Psicopatologia - GIDEP/UFRGS (1999). A análise dos dados foi realizada segundo a proposta de análise de conteúdo desenvolvida por Laville e Dionne (1997/1999), e apoiando-se na teoria psicanalítica, considerada em sua perspectiva desenvolvimentista. Os resultados desse estudo, tomados em conjunto, apontam para uma idealização em relação ao futuro, tanto por parte da gestante, quanto do futuro pai. As expectativas em relação ao bebê e ao relacionamento conjugal eram positivas e parecem ter se confirmado no terceiro mês de vida do bebê. O casal estava mais unido e percebia o cônjuge como um bom pai ou mãe. Todavia, se considerarmos as especificidades de cada caso, sobretudo no planejamento e confirmação da gravidez, nas vicissitudes observadas na elaboração de um espaço para o bebê durante a gravidez e após o nascimento do mesmo, percebemos a necessidade de compreendermos a transição para a parentalidade como uma etapa do desenvolvimento individual, uma vez que as dificuldades que surgiram entre os casais pareciam estar relacionadas às aquisições desenvolvimentais da vida adulta.

Cátia Nunes Corrêa; Rita de Cássia Sobreira Lopes.

UFRGS.



A TV e o Adolescente.

Este projeto de iniciação científica em Psicologia Social, embasado na abordagem Sócio-Histórica, compõe uma das etapas de um projeto de pesquisa mais amplo, que tem como objetivo geral investigar e analisar as formas contemporâneas de transmissão de informações e conhecimento como mediações no processo de constituição da consciência do jovem. Para tal, foram definidas, por ora, as etapas: caracterização e problematização da relação entre a TV e o adolescente; caracterização e problematização da relação entre o adolescente e a TV. A primeira etapa, relação entre a TV e o adolescente, refere-se a este trabalho de iniciação científica, que teve como objetivos: 1) caracterizar a linguagem televisiva em programas destinados ao adolescente; 2) identificar as concepções de adolescente/adolescência que estão na base dessa linguagem e que são veiculadas nesses programas. Para atingir os objetivos da pesquisa, foram analisados os programas "Contato MTV", "Todo Mundo MTV", "Didi Tem Jeito", "MTV Erótica", "Fica Comigo", "Gordo a GoGo" e "Meninas Veneno" (MTV); "Malhação" (Rede Globo). Os Programas foram gravados e a seguir utilizou-se um procedimento de observação e registro que permitiu caracterizar os programas quanto a seu formato (espaço, tempo/blocos, assuntos/temas, mensagem, tipo de abordagens) e quanto a seu conteúdo (relações, visão de adolescente, comportamentos, aparência). Os dados das diferentes emissoras e programas foram comparados. Os resultados da MTV mostram bastante variedade nos temas abordados, muitas opiniões de jovens veiculadas, grande quantidade de informações transmitidas, todos esses aspectos relativamente a temáticas "jovens". A análise combinada do conteúdo e do formato, entretanto, revela padronização pela forma linear como os assuntos são tratados e pela exposição da diversidade de maneira individualizante, relativista e descontextualizada. Esses e outros aspectos revelariam a veiculação de uma concepção universal e naturalizante de adolescente/adolescência. De forma geral os resultados são os mesmos no programa Malhação, embora a tendência à padronização já seja percebida no conteúdo dos episódios.

Ana Amélia U. de Ornellas; Lianna Pagnotta; Roberta S. Sanchez; Maria da Graça Marchina Gonçalves.

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.



A universidade e o sonho profissional de futuros educadores.

Um projeto de vida profissional bem estruturado, pode direcionar as ações humanas para o alcance efetivo de objetivos específicos, possibilitando ao indivíduo em maior grau, a realização de seus desejos, sonhos, planos e aspirações. Tal prática é muito importante, na medida em que aumenta a consciência e a responsabilidade do ser humano por seus atos, assim como a previsibilidade do alcance de seus resultados. Neste contexto, foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa, com o objetivo de examinar a percepção de estudantes universitários em relação ao seu projeto de vida profissional e discutir decorrências para a sua formação. Participaram como sujeitos do trabalho, 422 estudantes de ambos os sexos, do curso noturno de Administração, vinculados a três instituições de ensino superior particular, situadas no interior do Estado de São Paulo, nas cidades de Jundiaí, Itatiba e Valinhos. Os dados foram obtidos por meio de um questionário elaborado com perguntas abertas, com o objetivo de levantar a percepção dos estudantes em relação ao seu projeto de vida profissional, bem como os motivos que os levaram a optar pelo curso escolhido e suas expectativas com respeito a sua formação acadêmica em relação ao seu projeto de vida. Após a coleta, os dados foram categorizados de acordo com a sua natureza, sendo posteriormente organizados em tabelas, para serem descritos, interpretados e discutidos a luz de algumas teorias, tais como a da "Hierarquia das Necessidades Humanas", de Abraham Maslow. Os principais resultados obtidos em relação ao motivo da opção pelo curso de Administração, indicaram que os estudantes se direcionam não só por motivações pessoais, mas também pelas possibilidades e condições de seu campo de atuação profissional. Quanto a elaboração de um projeto de vida profissional, os estudantes se direcionam por necessidades ligadas a obtenção de poder e status, autonomia, segurança, auto-realização e qualificação. Em relação as expectativas quanto a sua formação acadêmica, o foco foi a capacitação para atuação profissional, com a abordagem de aspectos relacionados ao ingresso do estudante em seu campo de trabalho e suas possibilidades de ascensão. Em geral, os resultados dessa pesquisa possibilitaram a formulação de inferências sobre os benefícios que a estruturação de um projeto de vida profissional pode gerar na vida de estudantes universitários. Além disso, possibilitaram uma discussão sobre as decorrências de tal prática para a formação acadêmica, ficando ressaltada a importância de uma urgente revisão e atualização dos currículos e programas do curso de Administração, a fim de que, entre outros fatores, possam realmente desenvolver no educando novos conhecimentos, habilidades, competências e valores, maximizando sua capacitação e ampliando sua visão de mundo.

Luciana Rodrigues Oliveira.

Universidade São Francisco; Faculdades Padre Anchieta; Universidade Estadual de Campinas – Unicamp.



A vida e o viver em um orfanato: o ponto de vista de um grupo de meninos residentes.

O objetivo do estudo foi analisar o discurso de um grupo de meninos abrigados em um orfanato da cidade de Salvador (Bahia) acerca das suas vidas. Para a análise dos relatos dos meninos, partiu-se do pressuposto de que as formas humanas de pensar, sentir e agir são construídas a partir da atividade de cada indivíduo na interação com outros. Nestas interações, no entanto, cada indivíduo apreende os significados culturais que são compartilhados pelo seu grupo, mas, também, os re-significa, dando-lhes um sentido pessoal. Foram coletadas informações com quinze meninos de 10 a 14 anos de idade, através do seguinte procedimento: foi solicitado que escrevessem sobre os seguintes temas: 1º) Minha vida antes de entrar para o “colégio”, quando completaram as seguintes frases: a) Antes de entrar para o “colégio” eu (...); b) Eu gostava de (...); c) Eu não gostava de (...). 2º) Minha vida no “colégio”, com os seguintes temas: a) No “colégio” eu (...); b) As coisas que eu vou sentir falta quando sair do “colégio”: (...); c) As coisas que eu não vou sentir falta quando sair do “colégio”: (...). 3º) Minha vida depois que eu sair do “colégio”, quando expressaram suas idéias sobre: a) Quando sair do “colégio” vou (...) e b) Quando eu for grande quero ser (...). A coleta de informações ocorreu na sala de aula dos meninos, quando foram orientados para não se comunicarem com os colegas ou com as professoras. A técnica utilizada para a coleta de informações tem sido denominada de completamento de frases. Como visto, consiste na proposição de um tema, contido numa frase incompleta, elaborada pelo pesquisador, a qual deverá ser completada pelo informante, que seleciona o que e como relatar. A análise dos conteúdos escritos pelos meninos foi feita a partir seis categorias analíticas, estruturadas sobre os relatos, constituídas de conteúdos referentes: 1) às atividades; 2) às avaliações que os meninos descreveram sobre aspectos de suas vivências; 3) à violência doméstica; 4) às normas e regras familiares; 5) à realização de tarefas e 6) à escola. Os conteúdos, a despeito de experiências e histórias de vida diferentes, indicam similaridades, geradas por compartilharem de uma mesma cultura, além de especificidades, indicadoras das singularidades que se constroem e reconstróem no contexto da cultura e das interações sociais. A análise dos relatos indicou a ausência de descrições relativas às relações afetivas com os adultos no cotidiano, tanto quando se referiram à vida anterior à institucionalização, como nela. Em ambos os casos, as interações com os adultos, na maioria dos relatos, enfatizam a punição como mediadora das relações interpessoais. Considerando que a afetividade e suas formas de expressão são culturalmente aprendidas, a condição de vida desses meninos, provavelmente, não tem fornecido modelos, nem consolidado situações nas quais possam experienciar afetos positivos. Tal configuração possibilita inferir que tais condições facilitam a assimilação da violência como mediadora das relações entre os indivíduos.

Antonio Marcos Chaves.

Universidade Federal da Bahia.



A violência doméstica contra criança e adolescente.

A violência doméstica contra crianças e adolescentes constitui-se em uma prática corrente em nossa sociedade, porém pouco identificada e denunciada aos órgãos competentes, como por exemplo o Conselho Tutelar, caracterizá-la pode ajudar na percepção dessa violência e favorecer a conscientização de denunciá-la e preveni-la. O objetivo é apresentar a caracterização crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica, nos 305 casos atendidos pelos sete Conselhos Tutelares pesquisados (Sé, Móoca, Tucuruvi, Vila Prudente, Ipiranga, São Matheus e São Miguel Paulista), no ano de 2000. A metodologia empregada foi a retrospectiva-documental de consulta aos prontuários e preenchimento de uma ficha de dados previamente elaborada. Exclui-se da análise dos resultados o item não consta em cada categoria de respostas. Os resultados apontaram que a violência física representou 52% do total das notificações (n=305) sobre violência doméstica. O abandono e a negligência representaram 22% e 16%, respectivamente, seguidas de violência sexual (8%) e violência psicológica (2%). As vítimas foram crianças em diferentes faixas etárias. As notificações com a idade da vítima (n=283), revelaram que as agressões concentraram-se na faixa etária de 2 a 5 anos (26%), 6 a 10 anos (33%) e 11 a 15 anos (29%). Com relação ao gênero, o sexo feminino somou 52% das notificações e o sexo masculino, 48%. O vínculo do agressor com a vítima referiram-se a parentes em 91% das notificações (n=117). O pai (31%), mãe (43%), ambos (pai e mãe) 14% e o restante, distribuído entre irmão, padrasto e madrasta. Os principais denunciadores foram os próprios parentes, 58% do total das notificações (n=274), em seguida, a Instituição (20%) e a denúncia anônima (10%). Os resultados mostraram que a criança desde muito cedo é vulnerável à diferentes tipos de agressão, desde física, abandono, negligência, à agressão sexual. Seus agressores principais foram parentes e entre eles os próprios pais. Os parentes foram, também, os principais denunciadores, seguidos de denúncia feita por Instituição e por anonimato. Ressalta-se a importância dessa linha de investigação como respaldo para uma atuação, tanto remediativa, quanto preventiva, do psicólogo e de outros segmentos da sociedade junto à vítima e a sua família.

Érica Maria Machado Santarem; Rita Aparecida Romaro; Cláudio Garcia Capitão; Juliana Aparecida de Oliveira.

Universidade São Francisco; CNPq / PIBIC.



A violência doméstica contra crianças e adolescentes e a relação com a violência estrutural: da vitimação a vitimização.

Este estudo surgiu a partir de observações feitas com grupos de famílias do Rio de Janeiro de diferentes áreas, as quais apresentavam quadro de violência doméstica. Percebemos como segundo fator mais determinante destas agressões a presença de um macro poder que impede o acesso ao conhecimento, desenvolvimento e até mesmo ao estabelecimento de relações afetivas concretas. Não adotando um enfoque empirista e positivista, apresentando e tratando a violência doméstica como um problema de ordem exclusivamente de classe social, ressaltamos aqui que a pobreza, pode ser um fator significativo em relação a agressão intrafamiliar e que situações como desemprego, falta de habitação, alimentação e dependência química, funcionam como agravantes de diversas formas de maus tratos cometidos contra crianças e adolescentes. A família configura-se como um setor privilegiado de socialização, assumindo uma importante tarefa educacional. Mas, o que ocorre se essa família não possui condições necessárias (alimentação, saúde, habitação, lazer, trabalho) para assumir o seu papel de proteção junto aos seus filhos? E se essa família estiver submetida a uma condição de subalternidade e de exclusão social? Foi baseada nas questões descritas que buscamos desenvolver um estudo que pensasse a pobreza como um instrumento de intensificação da violência doméstica contra crianças e adolescentes. Compreendemos que a violência doméstica é resultado da forma como se reproduzem as relações sociais em uma determinada sociedade, dessa forma, para uma análise ampla, necessitamos incluir os aspectos culturais, sócio-econômicos e políticos os quais perpassam todo esse processo que como resultado acabam por gerar um cenário propício à violência, refletindo em agressões contra aqueles que estão mais próximos e indefesos, ou seja a própria família.

Cristiane Regina Vinissius de Castro; Ieda Herculano de Freitas.



A Violência Doméstica e a Inibição Intelectual.

Este trabalho tem por objetivo investigar a interferência da violência doméstica na capacidade de a criança utilizar seus recursos intelectuais, situação denominada de inibição intelectual. A preocupação com a violência coloca-se hoje como uma questão central para todas as sociedades. Inúmeras causas são apontadas como fatores que favorecem o aumento da violência entre eles as imensas desigualdades econômicas, sociais e culturais, a disseminação das drogas, o desemprego ou mesmo a chamada cultura de massa. Uma face assustadora desse fenômeno é a violência contra crianças. Neste trabalho procura-se destacar a violência física, isto é, atos carregados com a intenção de causar dor física, proferida pelos pais. Para esta investigação, utilizou-se o Psicodiagnóstico segundo o modelo de Ocampo (1990) e Trinca(1984), de duas crianças encaminhadas à clínica escola do Centro Universitário UniFMU em São Paulo com queixa de dificuldade de aprendizagem. Uma vez que a avaliação do nível intelectual destas crianças demonstrou um resultado considerado normal, procurou-se explicitar quais fatores poderiam estar impedindo que elas pudessem fazer uso de seus recursos e potencialidades e se a situação de violência vivida por elas poderia interferir nesse processo. A análise do material revelou famílias com predomínio de relações violentas sem que esta situação seja considerada pelos pais como um elemento importante na dinâmica familiar. Reproduz-se assim uma cultura familiar em que a violência acontece sem ser questionada. Ao mesmo tempo, os pais mostram muita dificuldade de acolherem as angústias dos filhos, estando mais voltadas às necessidades próprias. Revelam desta forma poucas condições emocionais de cuidarem dos filhos. Além de dificuldades de aprendizagem, as crianças apresentavam problemas de agressividade tanto no meio familiar quanto na escola. No material produzido pelas crianças observou-se profundos sentimentos de abandono e solidão além de sentimentos de inadequação desencadeando hostilidade e agressão em relação ao meio. Observou-se também, aspectos regressivos e imaturidade associados a dificuldades de simbolização indicando vivências primitivas permeadas por fantasias agressivas em relação às figuras parentais.

Santuza Fernandes Silveira Cavalini; Ana Lucia Teixeira de Sousa.

Centro Universitário – UniFMU.



A violência doméstica na ótica de crianças e adolescentes.

O presente estudo exploratório tem por objetivo entender o fenômeno da violência doméstica pela ótica de crianças e adolescentes oficialmente vitimizados, para tanto, serão investigadas suas concepções à respeito dos seguintes temas: família e violência. Os participantes dessa pesquisa foram 17 crianças e adolescentes com idades entre 10 e 16 anos que devido à vitimização, foram retirados da guarda de seus pais e /ou responsáveis e encontravam-se sob medida de proteção, acolhidos em instituições. O material utilizado para a realização desse estudo, é composto de 4 instrumentos complementares entre si: entrevista estruturada (visa um conhecimento mais objetivo do sujeito, como a idade, número de pessoas que moram na casa, grau de escolaridade do participante e dessas pessoas), jogo das sentenças incompletas (procedimento em que são apresentadas sentenças incompletas abordando temas como família e violência, e que é solicitado ao participante que complete essas sentenças com a primeira idéia que lhes surgir), raio – x (instrumento composto de palavras que devem ser completadas pelas idéias do sujeito sobre a representação de tais palavras para ele, fazendo deste um instrumento auxiliar na investigação das representações que o sujeito tem de si mesmo, de suas vivências), questões abertas (duas questões referentes às vivências do sujeito com sua família). A análise desses dados será qualitativa. Quanto aos resultados obtidos, podemos destacar aqueles que apontam para : a) idealização da família, b) desejo de que a família fosse mais unida, c) uma tendência de naturalização da violência pela criança, dessa forma, ela percebe a violência como algo que ocorre devido à alguma coisa errada que ela tenha feito, à uma tentativa dos pais de educarem essa criança e até mesmo à repetição de comportamentos que foram vividos pelos pais quando estes eram crianças, d) ao sofrer a violência elas se sentem humilhadas, tristes, desprezadas, sem valor, com ódio. Dentre as pesquisas existentes que abordam a violência doméstica, poucas verificam as concepções das crianças e dos adolescentes, dessa forma, tal estudo torna-se importante porque através do conhecimento desses dados poderá ser possível a elaboração de estratégias de intervenção mais eficientes e adequadas à esse problema. Faz-se necessário também, um ampliação desse estudo de maneira a verificar não só as concepções sobre violência doméstica de crianças vitimizadas como também das não vitimizadas, dessa forma poder-se-à ter uma visão mais abrangente da cultura que permeia esse tipo de vivência.

Fabiola Perri Venturini; Marina Rezende Bazon; Zélia M. Mendes Biasoli-Alves.

Universidade de São Paulo – Ribeirão Preto.



A violência física doméstica e a caracterização do agressor.

A violência física doméstica é considerada um dos abusos mais frequentes praticados pelos pais contra os filhos e denunciado ao Conselho Tutelar. No Brasil, como em outros países essa prática é muito disseminada, embora não tenhamos regras severas contra tal abuso, como as existentes em alguns países europeus. O objetivo do presente trabalho é destacar algumas características do agressor que cometeu a violência física doméstica contra crianças e adolescentes, cujo caso foi atendido em um dos sete Conselhos Tutelares pesquisados (Sé, Moóca, Tucuruvi, Vila Prudente, Ipiranga, São Mateus e São Miguel Paulista), no ano de 2000. A metodologia empregada foi a retrospectiva-documental de consulta aos prontuários. Dos 305 casos examinados, 159 (52%) referiam-se à violência física (em 73,6% apresentada como única violência e em 26,4% associada a situações de negligência e/ou abandono). A idade do agressor não constava em 78% dos casos, em 13% situava-se entre 20 e 40 anos e em 8% acima dos 41 anos. Quanto ao gênero, 44% era do sexo masculino, 40% do sexo feminino, e em 11% dos casos a agressão havia sido cometida por um casal. Em 86% dos casos o agressor era parente da vítima (mãe 42%, pai 32%, pais 16%, parentes 4%, irmãos 4%, madrasta 3%, padrasto 3%), em 9% conhecidos e em 5% desconhecidos. Os fatores predisponentes foram pesquisados em apenas 32% dos casos, distribuindo-se da seguinte forma: 67% álcool, 18% distúrbio de comportamento, 8% drogas, 4% álcool e drogas, 4% histórico de tratamentos psiquiátricos anteriores. A reincidência estava indicada em 4% dos casos, a marcação de retorno ao Conselho Tutelar em 2% e o encaminhamento do agressor em apenas 4% dos casos. A denúncia foi realizada predominantemente de forma anônima em 21% dos casos, por parentes em 19%, instituição 19%, mãe 18%; pai 8% e pela própria vítima 7%. A caracterização do agressor ficou prejudicada por falta de dados quanto a idade, trabalho, profissão, escolaridade. Uma investigação mais aprofundada a respeito do agressor ajudaria o Conselho Tutelar a tomar medidas mais adequadas quanto ao acompanhamento dos casos de violência doméstica e a indicação para tratamentos psicológicos/psiquiátricos que pudessem ajudar esse indivíduo a estabelecer uma melhor relação com seus impulsos, tornando mais adaptada suas relações familiares.

Érica Maria Machado Santarém; Rita Aparecida Romaro; Antonio Moisés Fidalgo Néri Junior; Juliana Aparecida de Oliveira.

Universidade São Francisco; CNPq / PIBIC.



A vivência da gravidez de futuros pais adolescentes e adultos.

O presente estudo teve por objetivo investigar as particularidades e semelhanças da vivência da gravidez de futuros pais adolescentes e adultos. Participaram do estudo 23 futuros pais, sendo 12 adolescentes (16 a 19 anos) e 11 adultos (25 a 38 anos), de nível sócio-econômico baixo e médio, cujas companheiras não apresentaram complicações físicas durante a gravidez. Os participantes foram entrevistados em suas residências no terceiro trimestre da gestação da companheira. A expectativa inicial do estudo era de que seriam encontradas diferenças expressivas entre os grupos, sendo a vivência da gestação negativa para os pais adolescentes. Análise de conteúdo qualitativa da Entrevista sobre a gestação e as expectativas do futuro pai (GIDEP, 1999) revelou semelhanças entre os grupos, tais como: reações positivas e ambivalentes do futuro pai, de sua família e da família da companheira à notícia da gravidez, participação eventual no acompanhamento pré-natal, estabelecimento de contato com o feto e percepção de seus movimentos, ansiedade em relação ao parto, mudanças pessoais e conjugais em decorrência da gravidez e oferecimento de apoio à gestante. Algumas particularidades também foram encontradas entre os adolescentes, que apresentaram sentimentos mais negativos em relação à gravidez, maior insegurança, medos e preocupações em relação ao parto e às mudanças do corpo da companheira, maiores responsabilidades e afastamento do casal durante a gravidez e um maior apoio recebido da família da companheira. Contudo, contrariando a expectativa inicial do estudo, os resultados indicaram mais semelhanças do que particularidades entre a vivência de futuros pais adolescentes e adultos. Pode-se pensar que a idade não parece ser necessariamente determinante da forma como o futuro pai vivencia a gravidez, apesar dos adolescentes estarem mais sujeitos a enfrentar dificuldades em função de estarem cumprindo tarefas de sua fase de desenvolvimento.

Daniela Centenaro Levandowski; Cesar Piccinini.

UFRGS.



A Voz dos Pacientes: escrevendo a história pela cidade.

Este trabalho aponta para capacidades expressivas e criativas dos frequentadores do Centro de Atenção Psicossocial de Assis - SP. Para dinamizar seu aspecto terapêutico encontramos na escrita e produção de um jornal informativo uma maneira de realizar intervenções clínicas junto à realidade de pacientes com intenso sofrimento psíquico. É oferecido um espaço de escuta e intervenção aos usuários deste serviço público. Os encontros, em forma de oficinas de expressão, são realizados uma vez por semana, nos quais a orientação é deixar-se escrever ou desenhar livremente. Poesias, manchetes, histórias, crônicas e desenhos são algumas das seções de A Voz dos Pacientes: Um Jornal Normal; seu conteúdo geral é escolhido pelos próprios pacientes. Encontramo-nos nesse momento no terceiro ano de desenvolvimento do trabalho, em vias da produção do 8º número de nosso jornal, que vem cada vez mais ganhando veiculação pelos espaços de Assis e região. Ao final dos encontros, os participantes lêem ou expõem seus trabalhos realizados, deparando-se portanto com a atitude de visualizar o material produzido, elucidando capacidade de apreender-se um objeto que possui autoria e que ganha visibilidade no momento de sua publicação. A divulgação cada vez mais ampla de cada número carrega a possibilidade da produção de um importante efeito na cultura da cidade, pois o jornal começa a conquistar leitores assíduos e interessados nos textos produzidos, dissolvendo na sociedade uma realidade que se aprisionava nos muros da instituição.

Janaina Barbosa de Oliveira; Lairto Alves Tosta Junior; Silvio Yasui.

UNESP - Assis/SP.



A(s) masculinidade(s) e as formas de amar: experiências e expectativas de homens jovens universitários.

A centralidade que a temática amorosa vem ocupando ao longo da história humana, e por conseguinte no cotidiano de homens e mulheres é inegável. Apesar da longa data, a experiência amorosa ainda é considerada como um mistério perante o qual homens e mulheres sentem-se impotentes. Associado a isso, o cenário amoroso é marcado por impasses, desencontros, insatisfação, violência e sofrimento, o que se reflete no alto número de separações, relações breves e superficiais, discriminação de gênero, solidão e na elevada procura por psicoterapia visando resolver problemas relativos a temática. Culturalmente na juventude, há focalização de interesses pela questão amorosa e busca por uma relação madura e duradoura. Entretanto, os jovens encontram um campo de possibilidades para amar específico, o qual serve de mediação e também padronização de suas experiências e significações. Faz-se importante conhecer que campo de possibilidades é este na contemporaneidade, como uma forma não só de elucidar uma situação histórica, mas de contribuir para transformações que favoreçam o bem-estar dos indivíduos a partir de experiências amorosas mais satisfatórias. A presente pesquisa, encontra-se em andamento, e tem como objetivos: investigar as concepções de amor de homens jovens universitários e sua relação com ideologias dominantes; verificar possíveis arranjos e dificuldades encontradas pelos jovens em relação ao estabelecimento de relacionamentos amorosos; verificar como os jovens gostariam de experienciar o amor. Para obtenção de tal material estão sendo realizadas entrevistas com os jovens, que serão seguidas de análise e conclusão.

Zuleica Pretto.

UFSC.



Abordagem Ecológica do Desenvolvimento Humano e as pesquisas com crianças em situação de rua.

O presente trabalho objetivou discutir a contribuição teórica e metodológica da Abordagem Ecológica do Desenvolvimento Humano (AEDH) para os estudos com crianças em situação de rua. Com esta finalidade realizou-se uma ampla revisão da literatura acerca da AEDH e dos estudos com esta população. Somado a isto, a AEDH embasou o processo de coleta e análise de dados de uma pesquisa que visava à compreensão dos significados atribuídos pelas crianças em situação de rua às instituições de atendimento a elas destinadas. A criança em situação de rua desenvolve-se em um contexto diferenciado e bastante complexo, determinado pelo viver na rua. Este ambiente repleto de peculiaridades deve ser amplamente considerado quando se pretende estudar aspectos referentes ao desenvolvimento dessas crianças. É necessário, portanto, que se utilize uma abordagem teórica e metodológica que abranja este fenômeno complexo que é se desenvolver na rua. Para a AEDH, a criança em situação de rua é considerada uma pessoa em desenvolvimento. Trata-se, aparentemente, de uma afirmação óbvia não acrescentando nada de novo aos estudos com esta população. Contudo esta afirmação refere-se a uma nova perspectiva conceitual que acarreta diferentes possibilidades para o desenvolvimento destas crianças. Esta abordagem permite a verificação de características saudáveis destas crianças, pois enfatizam-se as particularidades desenvolvimentais vivenciadas por estas e não os déficits encontrados em função da comparação com crianças que se desenvolvem em outros contextos. O desenvolvimento consiste, então, em um processo de interação recíproca entre a pessoa e o seu contexto. O modelo explicativo do desenvolvimento humano proposto pela AEDH é composto por quatro dimensões inter-relacionadas: Contexto, Processo, Tempo e Pessoa (CPTP). A análise de cada uma destas dimensões possibilitou uma melhor compreensão da realidade vivida por estas crianças. Os estudos com bases ecológicas privilegiam a análise dos processos de interação no ambiente natural em que ocorrem, em detrimento aos experimentos laboratoriais. Além disto, tratam-se de pesquisas de descoberta, ou seja, o pesquisador não pretende simplesmente uma verificação das suas hipóteses, mas uma compreensão o mais ampla e contextualizada possível da realidade que está sendo estudada. Obviamente, uma única pesquisa não consegue abarcar todos os aspectos salientados na AEDH, devendo a escolha de determinados aspectos ser justificada metodologicamente, sem excluir a importância dos fatores que não foram diretamente abordados. A pesquisa analisada no presente trabalho, por exemplo, enfatizou características do Contexto e do Processo, possibilitando, assim, uma melhor compreensão dos significados que as crianças em situação de rua atribuíram às instituições de atendimento a elas destinadas. Em vista dos aspectos anteriormente referidos a AEDH demonstrou ser uma excelente possibilidade teórica e metodológica para os estudos com as crianças em situação de rua.

Thaís Mesquita Doninelli; Raquel Valiente Frosi; Juliana Prates Santana; Sílvia Helena Koller.

Centro de Estudos Psicológicos sobre Meninos e Meninas de Rua – CEP/RUA; Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



Abordagem histórico-cultural: uma alternativa ao treinamento organizacional de conteúdo psicológico.

INTRODUÇÃO: O presente trabalho teve seu início em pesquisa anterior (BEHNKEN, 1997) na qual se investigou as abordagens pedagógicas e psicológicas mais usadas atualmente em treinamentos organizacionais de conteúdos psicológicos. Esta etapa foi feita através de visitas a empresas e de entrevistas com profissionais da área e visou traçar um panorama do que estava sendo praticado em termos de treinamento organizacional, tendo como indicadores a sua formatação pedagógica (objetivos, conteúdos, metodologia e avaliação). **OBJETIVOS:** (1) Analisar os fundamentos teóricos da prática pedagógica com base na abordagem sociocultural de Vigotsky; (2) Estabelecer as relações destes fundamentos com os objetivos e prática dos treinamentos organizacionais; (3) Elaborar metodologia específica, com fundamentação vigotskyana, para realização do Treinamento de Conteúdo Psicológico. **DESENVOLVIMENTO:** Verificou-se que nos treinamentos investigados existe predominância da abordagem comportamental, que tem como ponto focal o comportamento, e da humanista, que está centrada no sujeito. Nesta última, a linha rogeriana é a mais evidente. Considerando que a situação encontrada não é a ideal para que os objetivos dos treinamentos fossem efetivamente alcançados e mantidos, propomos a inserção do contexto social como fator primordial para o desenvolvimento deste sujeito. Fundamentado na idéias de Vigotsky, como principal autor do embasamento teórico, apresentaremos o contexto social como um lugar de destaque em relação às outras abordagens, modificando-se a distribuição das influências encontradas atualmente. O conceito de zona de desenvolvimento proximal de Vigotsky é o ponto de partida para o estabelecimento da metodologia, sendo explorado em profundidade para orientar as ações dos mediadores junto aos treinandos. A estimulação desta zona pode ser feita pelo oferecimento de recursos que orientem o treinando no início do processo, tais como pistas direcionais, modelos já testados, começo de situações problemáticas. Desta forma, o papel do professor muda radicalmente se comparado ao de facilitador proposto pela corrente pedagógica centrada no sujeito. Ele passa a ser considerado como mediador que não se limita a acompanhar o aluno (treinando), mas instiga-o e provoca-o durante todo o processo sócio-histórico dialético da aprendizagem. **CONCLUSÃO:** É, portanto, na intervenção exata desse processo que encontramos a possibilidade do aprendizado e do desenvolvimento concreto e eficaz para o amadurecimento humano e crescimento das relações entre empresa e profissional.

Sérgio Paulo Behnken.



Abordagem Interativa Metaformal “Veredas d’Além da Rosa”.

Temos uma denúncia a fazer: As pessoas querem muito pouco da vida! Os problemas afetivos, financeiros e sociais fazem com que a maioria busque aconchego e soluções em “cursos”, “terapias”, “doutrinas”... mas por trás dessas afirmações, mesmo científicas, ocorrem ideologias mais ligadas ao jogo do poder do que a favor do crescimento humano e da ternura... Como encontrar aqueles que querem ser livres? Não podemos confundir o caminho individual com instituições. Precisamos, nós e estes que querem novos caminhos, nos encontrar para des-cobrir as “narrativas próprias de nossas identidades”. Técnicas e dinâmicas, sob firme coordenação, extraem o melhor de nós, fazendo emergir a id-entidade singular, única, que está por trás dos diversos personagens que exercemos. A prática mostra que o “encontro alegre e ativo” estimula a descoberta do melhor para cada um! Podemos assim ser mais, muito mais, mantendo entusiasmo na vida afetiva, social e profissional. Para que acomodar-se numa vida incômoda? A maioria não sabe: cada um de nós tem uma ID – ENTIDADE! Quem é você? Quem sou eu? Quando perguntamos a alguém, ou até a nós mesmos: “quem é você?”, estamos abrindo caminho a uma narrativa que caracteriza e expressa uma vocação dessa id-entidade. Mas qual é a narrativa que leva à id-entidade singular, única, por trás dos diversos personagens que exercemos? Quais são essas Veredas que vão além da Rosa, além das elaborações normalizadoras de nossa cultura? Processos de Ampliação, Intensificação e Metamorfose do Pensar, Sentir e Agir. • É um trabalho, com excelentes resultados, baseado na confiança do ativo encontro entre as pessoas; • Por uma revisão da Antropologia, propõe uma revolução epistemológica, no sentido que vai do pensar “complexo” até a total inversão do pensar normatizado; • É a ação micropolítica pelo cuidado, pela vontade de preservar, no sentido de “cuidar de si e do Outro”, para além de quaisquer formas de normalização; • É uma estratégia de intersubjetividade ativa, conscientemente estimulada, em contínuas metamorfoses, diferenciando-se, e assim indo além, dos processos terapêuticos e procedimentos pedagógicos normatizados (profissionais com “narrativas teóricas” pré-determinadas); • Busca uma nova “narrativa da identidade”, tateando o “autor” por trás de seus personagens, para além da ideologia que acredita “saber de si ou do Outro”; • Estabelece a desconstrução dos saberes fazendo cada pessoa encontrar o júbilo que nasce pela passagem do vazio para a solidão do ato criativo; • Visa ampliar as estratégias de execução do conteúdo curricular desenvolvido em cursos de formação profissional focalizando, antes de tudo, o comprometimento pessoal, estabelecido por uma identidade assumida conscientemente e que seja independente de papéis sociais. As pessoas que assumiram serem livres, ou seja, aquelas que não permitem a submissão de suas identidades a ideologias, instituições, etc., precisam se encontrar e descobrir as “narrativas próprias de suas identidades”. Cada grupo social só será sadio quando cada pessoa estimular a outra a conhecer a si mesma (seu autor em si e seus personagens), em contínuas metamorfoses... Cada participante assume ser o autor de seu destino e faz, a partir daí o “script” de sua própria biografia focando os seguintes tópicos: 1a. fase : AUTOCONHECIMENTO (sensibilização) I: “Signatura” e Eficácia; II: As fases da vida; III e IV: Psicologia do Limiar (Tipos e tendências). 2a. fase : AUTODESENVOLVIMENTO (maturação e metamorfose) V : As vozes interiores em nossas ações (Os 7 passos); VI: Fixações e mobilização; VII: Os doze sentidos (exercício da atenção); VIII: Nós, hoje, sob o signo de Fausto (os pactos sociais). 3a. Fase: OS NOVOS CAMINHOS (Realização) IX: Metamorfose do Pensar, Sentir e Querer; X: Masculino e Feminino; XI: O Caminho para Sofia e a Competência (integrar sabedoria e eficácia); XII: A arte do esquecimento e a ação ética na vida contemporânea.

Josef David Yaari.



Absenteísmo e Plantão Pedagógico no Instituto Estadual de Educação – SC.

O presente estudo é fruto da dissertação de mestrado em educação realizado pela Universidade Federal de Santa Catarina entre os anos 2000 e 2001. Demonstra o absenteísmo entre os professores do Instituto Estadual de Educação, uma escola pública da cidade de Florianópolis, capital de Santa Catarina, de duas maneiras. Uma, através da quantificação das faltas dos professores efetivos com seus respectivos motivos. A outra, através das aulas dadas pelo Departamento de Plantão Pedagógico. Este Departamento existe no Instituto Estadual de Educação desde o início da década de 70 e tem como principal atribuição substituir o professor ausente, ministrando conteúdos relacionados aos Temas Transversais, propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs. Os dados para a quantificação das faltas dos professores efetivos, foram obtidos através de pesquisa realizada junto ao sistema de informática do Departamento de Recursos Humanos no próprio Instituto, inicia-se em 1993 com a implantação do sistema de informática e encerra-se em 2001, ano base da pesquisa. Quanto ao levantamento das aulas dadas pelos professores do Departamento de Plantão Pedagógico, bem como sua história, foram obtidos através de documentos do setor e de entrevistas semi-estruturadas, com as pessoas envolvidas com a história do Plantão Pedagógico. A justificativa existente para a manutenção do Plantão Pedagógico é de um número elevado de faltas dos professores na escola, mas, sem entrar no mérito do conteúdo trabalhado pelos professores, tal justificativa não se confirmou. O absenteísmo entre os professores efetivos é baixo, manteve, nos últimos sete anos, a média de quatro faltas ao ano por professor. Porém, sabe-se que a maioria dos professores do Instituto Estadual de Educação, em sala-de-aula, são Admitidos em Caráter Temporário – ACTs. Mesmo assim, ao analisar a quantidade de aulas dadas no ano, pelo Departamento de Plantão Pedagógico, percebe-se que elas representam uma pequena parcela do universo de aulas do Instituto Estadual de Educação. De acordo com os dados encontrados, o Departamento de Plantão Pedagógico, mantém sua existência através de outros nexos, que não só a de substituir faltosos, mas também como uma forma de controle disciplinador dos alunos e de oportunidade de trabalho temporário para professores qualificados.

Liliam Deisy Ghizoni; Edna Garcia Maciel Fiod.

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP/ULBRA/TO; Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC / SC.



Acompanhamento e orientação ao paciente idoso diabético e hipertenso.

Um dos trabalhos desenvolvidos no CEPAE (Centro de Preparação e Atenção ao Envelhecimento) da Secretaria de Assistência e Promoção Social, trata do acompanhamento e orientação de idosos diabéticos e hipertensos. Este trabalho está sendo desenvolvido desde o início do primeiro semestre de 2002, por um psicólogo e um médico (clínico geral), sendo o seu objetivo maior o de poder dar oportunidade aos pacientes de discutirem sobre essas doenças, abordando os seus aspectos físicos, nutricionais, sociais, médicos e emocionais. Os grupos de orientação são formados por quinze pessoas e duram um mês, com encontros semanais de uma hora. Os idosos são acompanhados através da medida da pressão arterial e da taxa de glicemia, bem como orientados sobre o uso e dosagem de medicamentos. São trabalhadas questões de prevenção ao estresse, utilizando-se de sessões de relaxamento. São discutidas também as ansiedades e angústias, medos e novas alternativas na reorganização no modo de vida de cada um. Os grupos acompanhados têm apresentado uma mudança significativa no que se refere aos hábitos alimentares, ao tratamento médico, ao convívio com a doença e à quebra de conceitos errados e tabus sobre diabetes e hipertensão. Os pacientes após o início do trabalho passaram a apresentar pressão arterial e taxa de glicemia controladas. Estaremos com este painel mostrando a importância em se desenvolver um trabalho multidisciplinar no atendimento à pessoa idosa portadora de diabetes mellitus e/ou hipertensão arterial, bem como apresentando o papel que o profissional da psicologia pode estar assumindo na linha da orientação e da prevenção dessas doenças.

Rita de Cássia Silva Barbeta.

Prefeitura do Município de Osasco.



Acompanhamento Psicológico a Mães e Bebês de Risco no Hospital Geral de Caxias do Sul – Aproximação entre Pesquisa e Assistência.

Este estudo pretende contribuir para a formação de vínculo saudável mãe-bebê, de modo a prevenir o aparecimento de desordens de natureza relacional e/ou intra-pessoal, associando-se às ações desenvolvidas pela equipe de saúde do Hospital, quando da intervenção junto à família por ocasião da internação da mãe, à época do parto. Além disso, objetiva descrever os processos iniciais da construção do vínculo mãe-bebê em situações de risco; colaborar com a equipe de saúde do Hospital na busca de modos de intervenção favoráveis à promoção de saúde, alinhando-se às concepções atuais de humanização nas ações desencadeadas no âmbito hospitalar; contribuir com a equipe interdisciplinar visando à qualificação do atendimento a ser prestado durante o período de hospitalização da mãe e do bebê. Material e método: Participam do estudo pacientes internadas na enfermaria de alto-risco ou freqüentando o hospital-dia da referida instituição de saúde, sendo este, portanto, o critério de inclusão: gestantes que preencham as situações de risco, em relação às próprias condições gestacionais e/ou às do bebê. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com as gestantes, abordando a história da gestação, o acompanhamento pré-natal, os cuidados recebidos e as expectativas em relação ao bebê, ao retorno ao lar e às novas interações familiares. A abordagem é longitudinal com entrevistas em momentos distintos: na gestação, quando identificado o risco, por ocasião do nascimento do bebê, por ocasião da alta da mãe, por ocasião da alta do bebê e, finalmente, uma última entrevista após um mês da alta do bebê. Considerando a natureza do tema e para fins de análise dos dados, as participantes serão agrupadas de acordo com a evolução de cada caso: continuidade da gestação, nascimento do bebê, condição do bebê ao nascer. Para a análise das entrevistas que foram gravadas e transcritas, foi utilizado o software Sphinx como ferramenta para estruturação e análise de dados quantitativos e qualitativos. Através da análise exaustiva dos dados coletados visa-se a conhecer detalhadamente as representações e concepções das mães acerca do momento atual vivido, relativamente à chegada do bebê e à situação de risco que ora enfrentam. Considerando essas representações e concepções, os resultados, apontam para a necessidade de elaborar estratégias cada vez mais direcionadas para a especificidade da situação, uma vez que o enfoque de promoção da saúde está sendo contemplado. Apresentamos os resultados referentes as entrevistas realizados por ocasião da gestação com 27 gestantes primíparas que integram o projeto como um todo. Apoio: Universidade de Caxias do Sul e FAPERGS: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul - Bolsa de Iniciação Científica. Palavras-chave: vínculo-mãe-bebê, gestação de alto risco, promoção da saúde Código da área: SAL.

Alice Maggi; Siloe Pereira; Sabrina Paniz.

Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul/ RS.



Acompanhamento Psicológico ao Paciente Obeso.

O presente trabalho refere-se a um projeto de extensão, desenvolvido por estudantes de psicologia da Universidade Potiguar – Natal/RN, com o objetivo de proporcionar um atendimento psicológico, em grupo, aos pacientes portadores de obesidade, já assistidos pelo atendimento fisioterápico da referida instituição, corroborando com o que preconiza a Organização Mundial de Saúde, que entende por saúde um "bem-estar biopsicossocial". O trabalho fora realizado com o intuito de promover uma atenção em saúde psicológica, criando um espaço para a reflexão dos problemas geradores e conseqüentes da obesidade, possibilitando um apoio na busca desses pacientes por uma melhor qualidade de vida. A partir destes pontos, pôde-se notar a relevância do desenvolvimento de projetos como o presente, por poder contribuir com a articulação teórico-prática em conjunto com o compromisso social, um alicerce essencial para a formação acadêmica. Entendendo ser o trabalho com pacientes obesos uma área em ascensão em proporções epidêmicas, que necessita de uma assistência global e preventiva, este possibilitou também uma experiência inicial necessária para uma área emergente. No decorrer das sessões, o grupo terapêutico pôde ressignificar as questões ligadas à obesidade e buscar uma melhor qualidade de vida. Com o desenvolvimento deste trabalho, verificou-se a construção de um conhecimento amplo, não fragmentado e ainda, a importância de trabalhar interdisciplinarmente; e, o desenvolvimento do compromisso social.

Giulliana Santos Arnaud; Karen Barbosa Montenegro; Karenina Kadidja Rios Dantas; Karina Carvalho Veras de Souza; Maíra Brito Madruga; Yohanna Maia Teixeira; Sâmela Soraya Gomes de Oliveira.

Universidade Potiguar – UnP; Natal / RN.



Acompanhamento terapêutico: um guia para o idoso nas tramas de sua história e dentro da cidade.

O projeto é realizado no Asilo Divino Ferreira Braga, em Betim-MG e seu objetivo é investigar se a técnica de Acompanhamento Terapêutico (AT) junto ao idoso possibilita a promoção da saúde psíquica, se é capaz de revitalizar o idoso mortificado pelo asilamento e colaborar para o resgate de sua identidade através da retomada do vínculo com o cotidiano da cidade. Também pretende resgatar o laço familiar do idoso através da quebra da situação de exclusão social e asilamento. O trabalho é centrado no método dialético, que propõe reflexões a partir de três tempos: tese, antítese e síntese, possibilitando assim, um movimento inerente e constitutivo da realidade. Estes três momentos podem ser entendidos como o momento do instituído, instituinte e institucionalizado; ou seja, as possibilidades atuais do idoso em relação a sua dinâmica psíquica, seu campo relacional com o mundo representa o instituído, a introdução do AT poderá promover uma mudança trazendo o novo, o instituinte e a nova organização que poderá advir desse contato será o campo do institucionalizado. É uma pesquisa qualitativa que utiliza observação de campo com a produção de relatórios constituídos a partir de roteiro estruturado e depoimentos dos idosos. A técnica de AT pode ser definida como a busca de reintegração do sujeito com o cotidiano da cidade, tentando enlaçá-lo no tecido social. esta técnica, conhecida na abordagem com psicóticos dentro dos ideais da reforma psiquiátrica, vem neste projeto ser testada, com um caráter inovador e experimental, junto ao idoso asilado. Os idosos são acompanhados em visitas semanais e passeios no circuito da cidade, escolhidos por eles, buscando um reencontro com as imagens, cenas e lugares que fazem parte da história do idoso. Espera-se que a reinserção pontual no campo da cidade venha possibilitar uma revitalização e um resgate da identidade do idoso através da recuperação de sua história. A dor da ausência de sentido e a angústia em relação ao futuro exigem uma reflexão sobre a dimensão subjetiva do tempo na tentativa de ressignificar o passado a partir do presente e se lançar para um projeto futuro. Nesse sentido parece fundamental a retomada do passado percorrendo o caminho e as marcas da história que se situam na cidade. Percebe-se o efeito do trabalho através da emergência do sujeito, do desejo, de uma maior socialização, a vontade de falar, de contar de si, lembrar suas histórias. No entanto a saúde física é muito debilitada na maioria dos idosos e quase não há assistência, sendo este um motivo reforçador da dor e do abandono a que são submetidos. Mexer com as lembranças, com as histórias dos idosos parece tê-los feito revivê-las, sonhar com outras, insistir em terem cuidados melhores. A técnica tem se mostrado eficaz no processo de revitalização dos idosos e proporcionam a retirada deles da situação de esquecimento psicossocial. e isto impulsiona a continuação do trabalho, a busca de novas alternativas de intervenção institucional.

Jaqueline de Oliveira Moreira; Grasielle Fernanda de Oliveira; Larissa Alexandra de Sá Teixeira; Luciana Cristina Lopes Saraiva; Maria das Graças Santos Ribeiro; Roberta Cecília de Souza; Tatiane Martins Dias Rocha

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais



Acompanhamento Vivencial a crianças, adolescentes e idosos - Natal/RN.

O Acompanhamento Vivencial em psicologia é uma proposta de prática social aberta à intervenção clínica não-psicoterápica e significa o estar com o outro na esfera da cotidianidade, em suas atividades organizadas de tempo livre, atento(a) aos aspectos psicológicos presentes no grupo e nos indivíduos. Tem como objetivo acolher e assistir as expressões de si mesmos nos espaços sociais em que ocorrem tais atividades, a fim de favorecer a prevalência dos aspectos sadios do desenvolvimento. Três projetos de extensão estão em andamento nas seguintes instituições em Natal/RN: Casa de Passagem I (SEMTAS - Prefeitura Municipal de Natal); Casa de Passagem II (SEMTAS - Prefeitura Municipal de Natal); Espaço Solidário - Centro de Convivência Comunitária (Centro Sócio Pastoral Nossa Senhora da Conceição). Busca-se ativar e fortalecer, no processo de socialização, os aspectos sadios do desenvolvimento das crianças e adolescentes abrigados, através da participação em atividades organizadas, realizadas no seu tempo livre, e da criação do espaço para suas falas como sujeitos que estão em importante fase de construção de seus selves. Busca-se, também, ativar o prazer em viver dos idosos, através da participação em atividades comunitárias realizadas no seu tempo livre, e da criação do espaço para suas falas como pessoas não aposentadas da vida. São realizados encontros semanais com crianças, adolescentes e idosos, a fim de levar a cabo os objetivos específicos dos projetos, quais sejam, levantar expectativas da população-alvo (respeitando o caráter flutuante da ocupação) face ao trabalho a ser realizado e fundamentar ações a partir do que for apreendido; possibilitar a expressão de si através da participação em oficinas com atendimento às demandas individualizadas que se presentifiquem na dinâmica do processo grupal (situações específicas podem ensejar o encaminhamento para um atendimento psicoterapêutico); promover experiências estéticas e reflexivas através de sessões interativas com base em leitura, filmes e música; apenas em relação aos idosos: fortalecer a geratividade a partir da constituição de vínculos entre idosos residentes, não-residentes e demais frequentadores do Centro; e ainda: recuperar a história oral da comunidade através do registro das narrativas dos idosos, dignificando o seu papel na constituição da comunidade. Reuniões sistemáticas com outros profissionais que prestam serviços nessas instituições cumprem o objetivo de um trabalho interdisciplinar. Linhas mestras de orientação bibliográfica sustentam teoricamente a prática, estando subdivididas em: Geral: Teoria do desenvolvimento emocional de Winnicott (concepção de sujeito); Fenomenologia do ouvir e outros aspectos metodológicos (metodologia da compreensão, etc.); Produções da psicologia social, das ciências sociais e outros (visão contextualizada e histórica do ser humano, a partir da relação básica cidadão-Estado-Nação brasileiro) e Específica: Produções da psicologia social, das ciências sociais e outros (visão contextualizada e histórica do ser humano em questão); Saberes específicos do momento do desenvolvimento humano (crianças, adolescentes e idosos). Embora seja curto o tempo de vigência dos projetos, tem sido possível levar à frente a maior parte dos objetivos planejados com aceitabilidade crescente por parte dessas instituições. Nos encontros, o existir para si e para o outro tem adquirido sentido para as crianças, adolescentes e idosos, conforme registram suas falas.

Dantas de Araújo, Denise Ramalho; Lima, Micheline Menezes; Alves, Débora Karla Sampaio.

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN.



Adaptação Brasileira de uma Escala Tridimensional para Avaliação do Comprometimento Organizacional.

Em que pesem as inúmeras definições de comprometimento organizacional, todas elas parecem ter em comum três componentes gerais: a vinculação afetiva com a organização, a percepção dos custos associados a deixar o emprego e a obrigação de nela permanecer. Tais fatores costumam ser designados, respectivamente, como comprometimento afetivo, calculativo e normativo. Subjacentemente a esse conceito, está a idéia de que o comprometimento é um estado psicológico que caracteriza a relação do empregado com sua organização e tem implicações em sua decisão de manter ou não sua condição de membro da mesma. Em síntese, trata-se de uma relação que se define pelo desejo, necessidade e obrigação de permanecer na organização. Numerosos instrumentos têm sido desenvolvidos para a mensuração de tal constructo. Entre estes, destaca-se como um dos mais recentes o questionário de Meyer e Allen, desenvolvido com base no modelo tridimensional acima mencionado, o qual se compõe de 18 itens de auto-relato, a serem respondidos em escalas de 5 pontos, variando de discordo totalmente a concordo totalmente. O objetivo do presente trabalho foi adaptar o referido instrumento para amostras brasileiras, mediante a análise de suas características psicométricas. A amostra foi composta por 234 trabalhadores de ambos os sexos e diferentes níveis hierárquicos, pertencentes a organizações públicas e privadas localizadas na cidade do Rio de Janeiro. A análise fatorial dos eixos principais com rotação oblíqua revelou que a solução mais adequada era a de três fatores, responsáveis por 51% da variância total, os quais reproduziram a estrutura prevista com pequenas modificações. Nesse sentido, a escala de comprometimento afetivo manteve-se com os seis itens originais, enquanto na escala de comprometimento calculativo foram retirados 2 itens e, na de comprometimento normativo, um item. Deste modo, a versão brasileira da escala ficou com 15 itens, distribuídos por três sub-escalas, cujos coeficientes de consistência interna foram, respectivamente, 0,89, 0,70 e 0,78. Tais resultados permitiram a conclusão de que o instrumento em questão apresentou boas qualidades psicométricas, podendo ser utilizado em pesquisas futuras que se proponham a avaliar o grau de comprometimento dos empregados com suas organizações, assim como suas interrelações com outras variáveis relevantes ao contexto organizacional.

Maria Cristina Ferreira; Eveline Maria Leal Assmar; Luiz Lima Braga; Solange de Oliveira Souto; Patricia Macieira Rocha; Giovanna Pacheco Lamastra.

Universidade Gama Filho; Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais.



Adaptação de uma Escala de Empatia para Amostras Brasileiras.

A complexidade do mundo atual exige o desenvolvimento de competências sociais em todas as situações de interação social. Isto envolve aprimorar as habilidades assertivas e empáticas. Contudo, no Brasil, as medidas de habilidades sociais construídas ou padronizadas para essa população enfatizam o comportamento assertivo. Com a finalidade de ampliar o conhecimento sobre medidas de auto-informe que avaliem o comportamento empático, foi realizado um estudo no qual se pretendeu adaptar uma escala de empatia, o Inventário de Reatividade Interpessoal – IRI (Davis, 1980), para amostras brasileiras, através da investigação de suas características psicométricas. A referida escala compõe-se de 28 itens tipo Likert, a serem respondidos em uma graduação de 5 pontos, variando de “não me descreve bem” a “descreve-me muito bem”. Após traduzidos de forma independente por duas pessoas que tinham como língua materna o português, bem como bons conhecimentos em inglês, os itens da escala IRI foram aplicados em uma amostra constituída por 453 estudantes universitários, sendo 33% homens e 67% mulheres, com idades variando entre 17 e 61 anos (média de 23,32 anos), matriculados em cursos das áreas humana, social e tecnológica de diferentes universidades do Rio de Janeiro. A versão brasileira do IRI foi validada mediante a verificação de sua validade interna ou de construto, através de análises fatoriais exploratórias, nas quais foram adotados os métodos dos componentes principais e dos eixos principais, e da avaliação de sua precisão, mediante a análise de sua consistência interna, calculada através do Coeficiente Alfa de Cronbach. Com relação à estrutura interna da escala, os resultados evidenciaram que a solução trifatorial era a mais adequada, em ambos os sexos, diferenciando-se da escala original, que se compõe de quatro subescalas – adoção de perspectiva, preocupação empática, fantasia e mal estar pessoal. Por não se definir como um fator independente no presente estudo, a escala de preocupação empática foi retirada da versão brasileira do instrumento. As três subescalas restantes apresentaram índices de consistência interna razoáveis – $F1=0,76$; $F2=0,67$; $F3=0,78$ na amostra masculina e $F1=0,74$; $F2=0,71$; $F3=0,77$ na amostra feminina, o que recomenda sua utilização em pesquisas como instrumento útil à avaliação da empatia. Entretanto, futuros estudos devem ser realizados a fim de verificar as razões pelas quais a subescala de preocupação empática se apresenta nas amostras brasileiras, relacionada num momento à adoção de perspectiva, permitindo, assim, um conhecimento mais elaborado da empatia e em outro, relacionada à fantasia, podendo resultar uma negação dessa habilidade social. A realização de estudos posteriores poderá contribuir para um melhor embasamento teórico sobre a empatia, assim como fornecer subsídios para a elaboração de futuros instrumentos de avaliação mais precisos.

Falcone,E.O.; Ferreira,M.C.; Agadir,S.; Azevedo,V.; Carneiro,R.S.; Chicayban,L.M.; Silva,K.C.R.; Pedrozo,A.L.

Universidade do Estado do Rio de Janeiro; FAPERJ; PIBIC; UERJ.



Adaptação do Livro de Imagens do PEP-R.

O PEP-R é um instrumento construído para avaliar quatro áreas de comportamento (Relacionamento e Afeto, Brincar e Interesse por Materiais, Respostas Sensoriais e Linguagem) e sete áreas do desenvolvimento (Imitação, Percepção, Coordenação Motora Fina, Coordenação Motora Ampla, Coordenação Viso-Motora, Performance Cognitiva e Cognitiva Verbal) de crianças e adolescentes com autismo ou outros transtornos de comunicação. O Livro de Imagens, que faz parte de um conjunto maior de materiais do PEP-R, destina-se à análise do desenvolvimento cognitivo e cognitivo verbal. A adaptação em português revelou problemas de inadequação cultural das imagens para a realidade brasileira, tanto na forma estética quanto no conteúdo, de inadequação histórica e falta de estímulos atrativos, afetando a colaboração e performance das crianças nas tarefas. Tal realidade indicou a necessidade de modificação do material original. Para tanto, participaram da presente pesquisa 20 crianças, com idade entre 5 e 7 anos, de ambos os sexos, com desenvolvimento típico, alunas de duas creches (uma privada e outra pública) e de uma escola estadual de Porto Alegre. Para a coleta dos dados foi utilizado o Livro de Imagens Adaptado do instrumento PEP-R, composto de 80 figuras, dispostas em conjuntos de quatro por página, e um protocolo construído para o registro das respostas e comportamentos apresentados pelas crianças, sendo que, as respostas verbais foram gravadas e posteriormente transcritas. Os dados foram analisados com base na frequência de respostas, de acordo com as categorias de desempenho no teste (passou e não passou) e as categorias de reação ao teste. Os aspectos qualitativos das falas das crianças foram estudados com base na análise de conteúdo. Os resultados demonstraram que a adaptação das figuras foi adequada, tendo em vista que as crianças não apresentaram problemas quanto à identificação das imagens, indicando um alto índice de acertos, e mostraram-se colaborativas na execução das tarefas.

Joceline Fátima Zanchetti;, Mateus S. Daitx; Cleonice Bosa.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



Adesão ao tratamento e estratégias de percepção da doença entre pacientes com seqüelas de queimadura.

Queimadura: Causado por elementos em alta ou baixa temperatura, além de agentes químicos e eletricidade. Classificada em 1º, 2º e 3º Grau, sendo que os dois últimos precisam de cuidados especiais e até mesmo cirurgias. A queimadura pode deixar cicatrizes devido à má cicatrização, levando a prejuízos estéticos e funcionais. O tratamento é constituído de Terapia Ocupacional, uso de Malha Compressiva, tratamento cosmeatrício e cirurgias. Problemas Psicológicos mais apontados: Ansiedade, medo, irritação, depressão, vergonha, problemas de saúde, transtornos do sono e alimentares (Faal e Faber, 1998) As dificuldades são independentes do local, extensão e tempo de queimadura (Faal e Faber, 1998 e Kleve e Robinson, 1999) A recordação da dor pode afetar a adesão no tratamento (Bluenfield, 1992) Afastada a possibilidade da morte, o paciente começa a perceber as mudanças do corpo, o que pode ocasionar desajustes na Imagem Corporal Adesão ao Tratamento: Participação e envolvimento do paciente no tratamento: seguir orientações médicas, tomar medicamentos, comparecer às consultas médicas e de outros profissionais indicados. Estratégias de Enfrentamento e Mecanismos de Coping: Conjunto de esforços cognitivos e comportamentais com o objetivo de lidar com situações de stress. Objetivos: GERAL: Descrever o comportamento de adesão auto-referida entre pacientes com seqüelas de queimadura em tratamento ambulatorial ESPECÍFICOS: Investigar percepção da doença e mecanismos de coping Verificar se existe associação entre adesão e coping, entre adesão e relação médico-paciente, coping, adesão e tempo de queimadura e entre coping, adesão e local da queimadura. Método: Sujeitos: 18 a 60 anos, com seqüelas de queimadura entre 6 meses e 20 anos, 70% mulheres, 53,33% casados, 53,33% possuem 2º Grau e 30% 1º Grau, 60% não trabalham e, desses, 72,22% devido às seqüelas. Instrumentos: Entrevista Semidirigida, Inventário dos Mecanismos de Coping e Mini Exame de Estado Mental. Resultado: 50% dos pacientes acreditam que as seqüelas sejam grave ou muito grave, 23,33% acreditam que sejam pouco grave, 26,66% atribuem que a gravidade é devido às restrições físicas, 90% acreditam numa solução das seqüelas e 73,33% não sabem em quanto tempo isso acontecerá. O porquê acreditam na cura: 53,33% não sabem dizer e 10% acreditam no avanço da tecnologia e da Cirurgia Plástica. 46,66% têm dificuldades no tratamento, 53,33% não gostariam de seguir alguma recomendação. 66,66% sempre seguem e 26,66% quase sempre 100% sempre comparecem às consultas 86,66% consideram boa a relação com o médico 90% têm suporte familiar COPING: Estratégias mais utilizadas: • Fuga e Esquiva • Resolução de Problemas • Suporte Social Considerações Finais: A maneira que cada um reage às situações causadas pela queimadura depende da sua história. 50% acreditam que as seqüelas sejam graves, e os que não consideram é devido à comparação do que sofreram na fase aguda. Crença na cura e sua busca nos tratamentos A Relação Médico-Paciente e Suporte social positivos contribuem na adesão ao tratamento. A Queimadura causa mudanças físicas e limitações. Essas podem gerar dificuldades no próprio reconhecimento e para reestruturar sua vida. PROPOSTA: Estudar as Alterações no Esquema e Imagem Corporal dos pacientes que sofreram queimaduras.

Andréa Vani; Sandra Faragó Magrini.

Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP.



Adesão ao tratamento e monitoração do comportamento alimentar de uma criança desnutrida.

Problemas com adesão ao tratamento podem ser encontrados tanto em doenças crônicas, quanto em doenças agudas, como é o caso da desnutrição. A desnutrição é uma doença que, quando prolongada, pode acarretar prejuízos para o desenvolvimento da criança como o atraso na linguagem e nas habilidades sociais. Por ser a criança um organismo dependente dos cuidados de terceiros, o tratamento da criança com desnutrição requer o envolvimento direto de seu cuidador primário. Entretanto, estudos apontam que cuidadores de crianças desnutridas apresentam dificuldades no seguimento de regras estabelecidas para o tratamento, principalmente as nutricionais, ocasionando demora no restabelecimento da saúde da criança. Estudos também têm apontado vantagens na utilização do monitoramento de comportamentos de cuidar para a melhora da adesão ao tratamento pelo cuidador. Este estudo procurou investigar o efeito do monitoramento da ingestão alimentar de uma criança com desnutrição primária (decorrente da ingestão alimentar insuficiente e inadequada), inscrita há um ano e onze meses no Programa de Atenção à Criança Desnutrida – PACD, do Hospital Universitário Bettina Ferro de Souza – HUBFS. A criança era do sexo masculino, com três anos de idade, residindo com a família de origem e tendo a mãe como cuidador primário. Foram realizados atendimentos ambulatoriais planejados do seguinte modo: (a) os dois primeiros destinaram-se à avaliação da história de vida do paciente e da adesão do cuidador ao tratamento; (b) no terceiro atendimento a cuidadora recebeu orientações para observação e monitoramento da ingestão alimentar, por meio de fichas de monitoração diária a serem preenchidas durante uma semana; (c) no quarto atendimento, a cuidadora retornou com os registros, sendo reforçada positivamente pela realização da tarefa e orientada sobre a interconsulta a ser realizada no próximo atendimento; (d) o material registrado pela cuidadora foi fornecido ao Serviço de Nutrição para análise e planejamento das instruções nutricionais; (e) a interconsulta Psicologia/Nutrição foi realizada em seis momentos: avaliação do peso; frequência alimentar de acordo com o registro; reforçamento positivo do comportamento alimentar adequado; orientação sobre comportamentos alimentares que precisavam ser modificados; fornecimento de regras nutricionais de acordo com a realidade econômica da cuidadora; fornecimento de novos registros para posterior avaliação do seguimento às regras; e (f) retorno para avaliação da adesão ao tratamento e análise dos efeitos da monitoração. Os resultados indicam que o monitoramento da ingestão alimentar promoveu mudanças positivas no comportamento da cuidadora, favorecendo sua adesão ao tratamento da criança, corroboradas através do relato verbal da cuidadora, ganho de peso da criança e crescimento estatural.

Silvia de Nazaré da Costa Maués; Aline Vicente Hidaka; Eleonora Arnaud Pereira Ferreira;

FADESP; PROAD; Universidade Federal do Pará.



Adoção: Processo Legal ou Disponibilidade Interna?

Este trabalho teve como foco pensar a adoção como um processo que antecede as motivações, os aspectos legais, a atenção à família que adota e à criança adotada: pensa a adoção como disponibilidade interna, o “lugar” onde o filho primeiramente se instala - o “espaço virtual” desta nova família. Dentre os profissionais que atuam junto aos juizes, auxiliando a concretização da adoção estão os psicólogos, e suas concepções sobre adoção certamente marcam a atuação quando confrontados com este tema. Para compreender parte deste universo, objetivamos com este trabalho identificar as concepções de estudantes de Psicologia acerca da adoção, da criança adotiva e de famílias que adotam. Uma amostra de 48 estudantes, da 2ª série de um curso de Psicologia, respondeu a um questionário, com perguntas abertas, acerca de suas concepções sobre as três unidades temáticas em questão: adoção, criança adotiva, famílias que adotam. Este material categorizado gerou os dados de análise. Pode-se apreender na análise que, para esse grupo, a adoção está quase sempre marcada pela impossibilidade, necessidade, carência, abandono e cuidado. Impossibilidade biológica e psicológica de algumas pessoas, impossibilidade de pais biológicos ficarem com seus filhos, necessidade de ser completada de forma diferente, necessidade de preencher todos os personagens da constituição familiar (pai, mãe, filho) num mito da família feliz. Está marcada ainda de carência e abandono resultantes das dificuldades sócio-econômicas. Cuidado exacerbado, exagerado. Cuidado cheio de exigências e deveres. Os alunos-sujeitos parecem delegar à adoção o papel de “tirar as crianças da rua”. Porém, é fato que o número de crianças para adotar é menor do que parece. A grande maioria de crianças que perambula pelas ruas tem família ou parentes próximos, não estando disponíveis para adoção. Se no silêncio que envolve o tema está o preconceito do filho adotivo, o mito do “sangue ruim”, do objeto denegrido, do estranho que assusta, necessário se faz a formação de profissionais que acreditem no embasamento teórico que recebem para que possam falar da adoção, do adotivo, e do adotante. Os entrevistados confirmaram os mitos, mostrando que a força do preconceito supera o conhecimento teórico. A conclusão tece comentários sobre a necessidade de se abandonar as falas baseadas nos mitos e no senso comum e acreditar no que a ciência diz a respeito da criança e seu desenvolvimento: afirma que essa criança é fruto da interação, da troca com o outro. A prática preventiva pede mais subsídios aos profissionais que vão lidar com ela. O psicólogo tem seu trabalho relacionado aos de outros profissionais, se não tiver bem definida e determinada a trilha a seguir facilmente comprará a idéia ora da criança estranha, que é aceita como se fosse legítima, ora da família que é estranha à criança. Fazer ciência é tratar com os fatos e não com a mera opinião que se emite sobre eles. É preciso ainda que os profissionais possam trabalhar de forma interdisciplinar numa real compreensão da adoção.

Neire Roman Cruz de Sánchez;

UNIP; UNITAU.



“Adolescência e Aids: uma análise psicológica”.

Na adolescência o processo de desenvolvimento atinge um estado de mudanças físicas, psicológicas e comportamentais que possuem ritmos próprios e que se interatuam. O jovem sofre perdas com o abandono da infância, por outro lado, adquire e constrói um novo papel social. Frente estas alterações, a sexualidade ocupa um lugar importante, já que tornam-se cada vez mais marcantes as diferenciações entre os sexos ao longo desse processo. Neste contexto, o jovem encontra-se vulnerável frente à epidemia de AIDS de várias maneiras. Uma delas é por dispor de recursos pouco suficientes para atrelar sua sexualidade às responsabilidades exigidas para prevenção. Dados recentes apontam a via sexual como principal forma de transmissão do vírus da Aids, assim como o crescente número de jovens infectados. Este trabalho tem como objetivo conhecer como o adolescente portador do vírus HIV lida com os aspectos relativos à doença, a própria adolescência e sexualidade. Foram realizadas entrevistas semidirigidas com três adolescentes de ambos os sexos, de 18 a 19 anos, cuja via de transmissão foi a sexual. A entrevista se deu em três momentos: na evocação foi pedido ao participante que refletisse sobre um dos temas propostos; a enunciação, quando através de três palavras foram expressos os principais conteúdos de suas reflexões; verificação, o momento de esclarecimento das eventuais dúvidas por parte do entrevistador e uma maior exploração dos conteúdos evocados. As entrevistas apontaram que estes jovens encaram suas adolescência relacionada à irresponsabilidade, a sexualidade é vista como fonte de risco e prazer, e a doença, além de provocar mudanças de posturas frente à vida, é relacionada à dificuldade destes adolescentes em se mostrarem sujeitos ativos de suas próprias ações. Estas representações ilustram a dificuldade do adolescente em lidar com a própria construção de suas identidade e de como seus julgamentos mostram-se rigorosos diante à condição de vulnerabilidade que enfrentam.

Soares, M.V.B.

Instituto de Infectologia “Emílio Ribas” - I.I.E.R.



Adolescência e Lazer: um estudo de relações.

Uma revisão da literatura sobre a temática do lazer tratada por diversas disciplinas tais como ciências sociais, educação física, artes e até a PSICOLOGIA, aponta para exemplos de alternativas de lazer que podem contribuir para o desenvolvimento do indivíduo, inúmeras definições do termo e muitos questionamentos sobre a formação educacional, social e cultural de nossos jovens. O lazer aparece como um aspecto importante no desenvolvimento do adolescente na medida em que, através da interação social e da ocupação do tempo livre, o mesmo irá criar possibilidades de desenvolvimento dito "normal"(como o fortalecimento da auto estima, desenvolvimento de habilidades sociais, cognitivas, e da linguagem) ou de aparecimento de problemas associados à adolescência (problemas de identidade, marginalidade, vícios, prostituição etc.). O presente trabalho aparece como uma tentativa de compreender como as condições sociais e culturais pode influenciar a forma com a qual o indivíduo ocupa e organiza o tempo livre. Neste sentido, o objetivo deste estudo foi conhecer as concepções de lazer que adolescentes de um bairro periférico de Natal, considerado um dos mais violentos da cidade, têm sobre o lazer, como eles utilizavam seu tempo livre e quais as opções de lazer existentes na sua comunidade. Com a utilização de um questionário semi- estruturado, foram entrevistados 35 adolescentes, com a faixa etária entre 12 e 18 anos. O questionário utilizado tratava de aspectos tais como dados de identificação dos adolescentes, a forma como eles estruturavam a distribuição do seu tempo e suas opiniões sobre o lazer e tempo livre. Foram observadas diferenças no que se refere à ocupação do tempo livre e às concepções acerca do lazer de acordo com a idade, o sexo e o ato do trabalho. Também nos chamou a atenção o fato de que, diferentemente de pesquisas prévias sobre a adolescência e o lazer (Zagury, 1996), o adolescente que encontramos se volta mais para o esporte e para atividades sociais (como amizades e namoros) do que para a música/televisão. Observamos que na população estudada essa preferência prevalece apesar da falta de uma infra- estrutura em seu bairro que ofereça praças e quadras de esporte, espaços estes que facilitariam o desenvolvimento dessas atividades de lazer apontadas como preferidas. Outro dado interessante é o fato que, mesmo com um alto índice de adolescentes que assistem à televisão, poucos são aqueles que acham que podem mudar de vida através do estudo ou do trabalho, como muitas vezes é mostrado pelas novelas e telejornais, por exemplo. Pode-se sugerir a existência de um comodismo e/ou uma passividade da parte destes jovens por haver (socialmente) esta falta de perspectiva, apesar da grande variedade de 'modelos' que são diariamente apresentados através da tela. A partir da perspectiva da aprendizagem social, segundo a qual, escolhemos o que queremos de acordo com o que nos é oferecido culturalmente e socialmente torna-se necessário uma educação sobre lazer, para que tempo livre possa ser utilizado de maneira mais saudável, eficaz e criativa, e que contribua, nesta dimensão, para uma re-elaboração social e humana.

Alyson Canindé Macêdo de Barros; Maria Christina Santos Baker; Vivyanne Medeiros de Farias; Luiz Pereira da Silva Neto; Lucila Moura Ramos; Domiciano Cavalcante de Aguiar Filho.

Universidade Federal do Rio Grande do Norte.



Adolescência Severina: um ensaio psicodinâmico.

Introdução: A Adolescência é um período freqüentemente turbulento e confuso que pode interferir na dinâmica familiar, social e na qualidade de vida do indivíduo. **Objetivo:** Este trabalho teve como objetivos compreender e descrever o processo adolescente numa visão pós-modernista e contemporânea nas esferas cultural, social, biológica e psicológica. **Método:** Trata-se de um estudo psicodinâmico onde se procedeu a uma associação através de paródias e paráfrases entre o poema “Morte e Vida Severina” e a adolescência e o adolescente. **Resultado:** A “Adolescência Severina” aqui exposta é resultado de estudos teóricos e observações clínicas de atendimentos realizados nos Ambulatórios do Setor de Psicologia e Psiquiatria do Adolescente – FCM/UNICAMP. Neste ensaio analisou-se a instância biopsicossociais do adolescente, geradora tanto de equilíbrio, quanto de desequilíbrio na sua vida emocional e inserção social. **Conclusão:** Conclui-se que compreender a adolescência é considerar as grandes mudanças culturais da história da humanidade, é compreender a própria emigração interna e externa do ser humano entre as fases criança-adolescente-adulto. **Referências Bibliográficas:** ABERASTURY, A. Adolescência Normal, por Arminda Aberastury e Maurício Knobel. Trad. De Suzana Garagoray Ballve. Porto Alegre, Artes Médicas, 1981. MELO NETO, J. C. de. Morte e Vida Severina e outros poemas em voz alta. Rio de Janeiro, José Olympio, 1987. OSORIO, L. C. Adolescente Hoje. Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.

FIGUEIREDO, A. A.; YOSHIDA, L. A. M.

FCM / UNICAMP.



Adolescentes em situação de trabalho doméstico: condições de vida e perspectiva de futuro.

O trabalho doméstico é uma das formas de trabalho juvenil mais encontrada entre as meninas trabalhadoras das camadas populares e, atualmente, o estudo sobre esta temática vem adquirindo importância no meio acadêmico. Aqui, buscou-se conhecer melhor esta forma de trabalho e seu impacto na vida das adolescentes e no seu projeto de vida futura, assim como saber sob quais condições o mesmo ocorre. Participaram da pesquisa meninas na faixa etária de 14 a 18 anos incompletos, regularmente matriculadas em escolas públicas do município de Natal, no curso de educação de jovens e adultos – EJA. O trabalho empírico foi realizado com auxílio de questionário, identificador das atividades de trabalho desempenhadas e entrevistas semi-estruturadas com o intuito de conhecer o sentido do trabalho produzido pelas jovens que estão no trabalho doméstico e moram com os patrões. Neste trabalho serão apresentados apenas os dados coletados através do questionário. Foram aplicados 332 questionários com as alunas que se encontravam nas escolas nos dias de pesquisa. O grupo está distribuído da seguinte forma: 119 adolescentes que não trabalham, 154 que são trabalhadoras domésticas do serviço remunerado e 59 que trabalham em outras formas de trabalho. Das 154 trabalhadoras domésticas, 75% residem com os patrões. A maioria das trabalhadoras domésticas residentes com os patrões encontra-se na faixa etária de 16 e 17 anos (71%), cursando os 3o e 4o níveis escolares (70%). Dentre as patroas, algumas são familiares das adolescentes, configurando uma prática comum na região, em que parentes abastados contratam membros da família para executar trabalho doméstico, entretanto 82% das patroas não possuem nenhum vínculo de parentesco com as jovens trabalhadoras. Estas meninas realizam trabalhos de limpeza e preparação de alimentos que são trabalhos de execução, ou podem estar envolvidas apenas com atividades de cuidados de crianças ou idosos e outras delas estão envolvidas em trabalhos tanto de execução, quanto de cuidados. A grande maioria (94%) não tem carteira assinada e possuem uma média salarial de 122,45 reais. Quanto ao futuro, elas pensam em estar trabalhando em profissões de nível superior; de nível técnico, entre outras, demonstrando uma tendência a perceber o trabalho doméstico como uma atividade meio para se chegar a outras mais reconhecidas socialmente. Deste modo, percebe-se que as trabalhadoras domésticas estão sendo desrespeitadas quanto a seus direitos: emprego de menores de 16 anos; falta de carteira assinada; recebimento de menos de um salário mínimo e trabalharem no turno noturno, o que é proibido para menores de 18 anos. Tais questões sugerem a necessidade de investigar melhor como este trabalho está articulado com projeto de vida futuro das jovens, tendo em vista que é uma forma de trabalho pouco valorizada socialmente.

Munich Vieira Santana; Magda Dimenstein.

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN.



Adolescentes portadores da Síndrome de Down: Relações familiares, sexualidade e perspectivas para o futuro.

A adolescência é um processo que inclui mudanças psicológicas, cognitivas e sociais. O adolescente portador de Síndrome de Down também precisa se adaptar ao rápido crescimento e mudanças físicas, elaborando e aprendendo a lidar com sua nova auto-imagem e seu novo papel junto à família. O objetivo deste trabalho foi investigar o período da adolescência em portadores da Síndrome de Down, abrangendo o processo da sexualidade, das relações familiares e das perspectivas para o futuro, tanto do ponto de vista dos adolescentes bem como de suas famílias. Para isso foi realizado um estudo exploratório, que envolveu a realização de entrevistas semi-estruturadas com quatro adolescentes portadores de Síndrome de Down e com seus respectivos pais. Os participantes, dois de cada sexo, tinham idade entre 17 e 27 anos, e freqüentavam escolas especiais, em cidades do interior do Rio Grande do Sul. Foi solicitado consentimento informado aos pais e às escolas, para a realização da pesquisa, e as entrevistas foram gravadas e transcritas, realizando-se uma análise de conteúdo. Os adolescentes demonstraram que percebem seu cotidiano como semelhante ao de outros jovens, na medida em que também freqüentam escolas, vão a festas e têm amigos e namorados, têm planos para o futuro, assim como um bom relacionamento familiar. Já nas entrevistas realizadas com os pais, pode-se observar que há uma grande preocupação por parte destes em supervisionar seus filhos na sua rotina, por acreditarem que os mesmos possuem limitações. Os pais das meninas demonstraram encarar a adolescência de suas filhas sem diferenças significantes em relação a outras adolescentes, mas apontaram dificuldades para lidar com a questão da sexualidade das mesmas. Os pais dos meninos relataram dificuldades para lidar com seus filhos, destacando a necessidade de muita paciência no seu dia-a-dia. Quanto à sexualidade, os pais dos meninos se referiram somente à masturbação, desconsiderando a possibilidade de que seus filhos venham a ter relações sexuais. Além disso, três dos quatro pais entrevistados não acreditam que seus filhos possam ser independentes e conduzir suas vidas com autonomia. Verificou-se diferenças entre os resultados encontrados em relação aos meninos e às meninas, provavelmente ligadas aos papéis de gênero na nossa sociedade, bem como uma dificuldade dos pais em lidar com a sexualidade de seus filhos, muitas vezes negando-a. Também foi observada uma falta de informações dos pais sobre a Síndrome de Down, na medida em que demonstraram não ter conhecimentos sobre as necessidades de seus filhos, prendendo-se muito à preocupação com suas limitações. A carência de literatura específica nesta área torna ainda mais difícil para pais, professores e demais profissionais o entendimento sobre a dinâmica deste processo. Desta forma, tornam-se necessárias novas pesquisas acerca da adolescência em portadores da Síndrome de Down, que forneçam subsídios para que familiares e profissionais possam acompanhar seu desenvolvimento de uma forma mais adequada.

Eyng, R. B.; Guerra, V.; Scheffel K. & Dell'Aglio, D. D.

Universidade do Vale do Rio dos Sinos – RS

Adolescentes que Trabalham em Projetos Sociais: bem-estar subjetivo e estratégias de coping

Em 1990, 11,6% da força trabalhista no Brasil era formada por jovens abaixo de 17 anos (Minayo-Gomez & Meirelles, 1997). Em 1996, o percentual de 24% de trabalhadores adolescentes (Neto & Moreira, 1998) não deixa dúvidas que a exploração da mão-de-obra juvenil constitui um componente estrutural da economia brasileira, e não uma atividade de férias, como ocorre em países como os EUA (Stone & Mortimer, 1998). Apesar de ser citado como fonte de estresse (Minayo-Gomez & Meirelles, 1997), a simples proibição do trabalho para adolescentes não ameniza os problemas. No Brasil, jovens desempregados apresentam menores níveis de saúde e auto-estima que aqueles empregados ou somente estudantes (Sarriera, 1993). Bonamigo (1996) destaca que, embora o trabalho juvenil seja, muitas vezes, prejudicial, é ele que fornece aos sujeitos o reconhecimento como agentes produtivos. Tal dado leva-nos a refletir sobre a impossibilidade de impedir que os adolescentes trabalhem. Buscando soluções para estas questões, aspectos legais têm sido reexaminados, especialmente na última década.



A partir do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) passou-se a admitir uma modalidade de trabalho chamada trabalho-educativo, no qual as exigências pedagógicas prevalecem sobre a questão produtiva. Esse, deve integrar um projeto social objetivando preparar o jovem para lidar melhor com os problemas, especialmente aqueles decorrentes da atividade profissional, e oportunizar que ele sintam-se mais feliz. A fim de avaliar esses aspectos em adolescentes participantes de projetos de trabalho-educativo, foi realizado o presente estudo. A forma como os adolescentes lidam com situações estressantes foi estudada a partir das estratégias de coping (Lazarus & Folkman, 1984) e a felicidade foi estudada a partir do bem-estar subjetivo (Diener, 1984). Foram participantes 58 adolescentes (14 a 17 anos), com renda familiar de até três salários mínimos, integrantes de um projeto social há, no mínimo, 3 meses. Os instrumentos utilizados foram um questionário de dados demográficos, a escala Multidimensional de Satisfação de Vida (Giacomoni & Hutz, 2001), as Escalas PANAS de afeto (Watson, Clark & Tellegen, 1988), a Escala de Eventos de Vida Estressores na Adolescência (Ferlin, Lima, Alchieri & Kristensen, 2000) e a entrevista sobre Estratégias de Coping no Contexto Trabalho (Dell’Aglia, 2000). Os resultados indicam que 67,2% dos adolescentes referem ser bastante ou muitíssimo felizes na escala global, 50% referem estarem bastante ou muitíssimo satisfeitos consigo mesmos. Tais dados corroboram os achados da literatura que referem bons níveis de bem-estar em adolescentes (Diener, 1996), ao mesmo tempo que sugerem que o trabalho na adolescência, no regime educativo, não prejudica o bem-estar dos jovens, contrariando os dados de Kail & Wicks-Nelson (1993). Os dados relativos ao trabalho demonstram que 56,9% dos jovens em regime de trabalho educativo sentem-se satisfeitos com seu trabalho, sendo que o item de menor satisfação é a remuneração. Em relação às estratégias de coping, as estratégias mais utilizadas foram busca de apoio social e modificação do estressor, indicando que possivelmente o projeto social tem servido como fator protetivo para estes jovens.

Adriane Xavier Arteche; Denise Ruschel Bandeira.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.



Adolescentes quem são: Relações entre Representações e Práticas.

Esse estudo é parte integrante da pesquisa “Representando o Desenvolvimento e Desenvolvendo Representações”, que visa apreender as Representações Sociais que sujeitos adultos teriam sobre o desenvolvimento humano em sua totalidade, ao mesmo tempo em que tenta articular essas representações com as práticas sociais percebidas relativas a cada fase do desenvolvimento e sua influência na construção da identidade dos sujeitos. Neste recorte procuramos analisar como as representações sociais da adolescência para os sujeitos adultos, se relacionam com a formação de identidade desses adolescentes. O processo de construção da identidade do sujeito ocorre num cenário social, onde a partir das interações são perpassados os valores, crenças, representações sociais de um determinado grupo. Desta forma, a identidade nos remete a uma inter-relação entre características idiossincráticas e significados simbólicos apropriados e, sendo o sujeito um ator social, influencia e é influenciado por este universo de significações. A partir desta mútua influência, podemos compreender o papel das representações sociais na identidade dos sujeitos, pois é nesta forma de pensar compartilhada, que o sujeito passará a compreender a realidade e a si mesmo, uma vez que, de acordo com a perspectiva da TRS sujeito e objeto são inseparáveis. Num primeiro momento 120 sujeitos adultos, de classe média, de ambos os sexos e residentes na região metropolitana do Recife foram submetidos a um questionário de categorização contendo questões que englobavam tanto o desenvolvimento humano de forma geral, quanto especificamente enfocando a adolescência. Os dados encontrados foram categorizados e analisados segundo critérios de frequência, evocação e similitude. Os dados apontaram para uma Representação Social da adolescência remetida a conteúdos como “transformações do corpo” (citado por 80% da nossa amostra), “desejo de independência” (75%), “transição” (71,7%), “crises-existenciais” (71,7%), “rebeldia” (63,3%), “sexualidade” (56,7%), “socialização” (31,7%) e “descobertas”(30%), ficando bem evidente uma relação de incompletude e de preparação para a idade adulta referenciada pelos nossos sujeitos sempre como o ponto optimal do desenvolvimento humano. Em um segundo momento, 30 adolescentes de ambos os sexos, pertencentes a classes médias e também residentes na região metropolitanas do Recife, foram submetidos ao inventário de identidade Zavaloni. A análise dos dados parece indicar uma compreensão da adolescência pelos próprios adolescentes em sentidos muitas vezes divergentes do expresso pelos adultos. Elementos como transformações do corpo, sexualidade e rebeldia apareceram em menor proporção se comparados com os conteúdos expressos pelos adultos. Os adolescentes se sentem subestimados pelos adultos, que segundo eles, tratariam os mesmos de forma estereotipada e permeada de preconceitos. A principio esses resultados, mesmo que parciais, nos levam a pensar que as incongruências entre representações e identidade podem acarretar políticas sociais incompatíveis com o universo e as reais necessidades dos adolescentes.

Giancarlo Fulco; Ricardo Castro; Fernanda Rabelo; Maria de Fátima Souza Santos.

UFPE.



Adolescentes: ampliando o espaço de inclusão social.

O presente trabalho apresenta um conjunto de ações desenvolvidas com adolescentes que estavam em situação de risco, seja por estarem expostos a práticas de violência física e/ou psicológica, ou por vivenciarem situações de abandono ou negligência. O Conselho Tutelar do município de Londrina, em parceria com a universidade encaminha crianças e adolescentes que necessitam de intervenção psicossocial. Esses jovens recebem atendimento em grupo, por meio de encontro semanais de uma hora e meia. Várias temáticas são discutidas no grupo, seguindo as necessidades apontadas pelos próprios jovens. As formas de intervenção são variadas, envolvendo jogos, atividades de reflexão, apresentação de material informativo sobre sexualidade, atividades profissionais, entre outros. Este trabalho teve início em agosto de 2001 e ainda está em andamento. Os resultados obtidos até agora permitem algumas considerações: a necessidade de oferecer atividades que levem a processos de escolha conscientes e sustentados pelas condições objetivas da comunidade aonde vivem, ampliação dos ambientes sociais para que tenham oportunidade de estabelecer vínculos afetivos e desempenhar novos personagens, bem como aumentar o diálogo entre os adultos e jovens, para que possam encontrar um contexto social favorável ao desenvolvimento físico, afetivo e psicológico. Ações que integrem a sociedade civil organizada e universidade permitem o desenvolvimento de estratégias mais eficazes, porquanto refletem o cotidiano e os conflitos vivenciados por determinados segmentos da comunidade, ao mesmo tempo que reitera o papel da academia na disseminação do conhecimento e qualificação profissional.

ORTEGA, Heloísa H. P.; CORDEIRO, Mariana Prioli; BARROS, Mari Nilza Ferrari de.

Universidade Filadélfia; Universidade Estadual de Londrina.



Afetividade na relação professor-aluno.

A relação entre professor e aluno é de suma importância no processo ensino-aprendizagem. A empatia entre eles e o desempenho do papel do educador podem influenciar tanto a formação intelectual quanto sócio-cultural do adolescente. Este estudo buscou compreender alguns elementos envolvidos nesta relação em determinado grupo de alunos. Visou, também, comprovar hipóteses sobre a concretização de tal relacionamento ocorrer de forma positiva. A relevância desta temática consiste na possibilidade de aperfeiçoamento dos papéis envolvidos no processo ensino-aprendizagem. Como consequência, pode-se pensar até mesmo na construção de um novo ser social. As variáveis analisadas neste projeto foram: acessibilidade da linguagem, temas em sintonia com o universo adolescente, afetividade do professor versus autoridade, métodos didáticos. Realizaram-se 4 observações e aplicação de um questionário aberto, respondido espontaneamente por 38 alunos entre 15 e 18 anos (média de 16) do 2o. Ensino Médio. A pesquisa ocorreu em aulas da disciplina filosofia, numa escola particular da Zona Oeste de São Paulo. O tema das aulas foi escolhido pelos alunos dentro de uma gama oferecida pelo professor – que possui formação em arquitetura. No período vivenciado, foram utilizados diferentes métodos didáticos para expor o conteúdo que sempre possuía referências à atualidade. Este fato é o motivo da aprovação do professor por metade da sala. Sua espontaneidade também contribuiu para sua aprovação por cerca de 20% dos alunos e desaprovação de outros 10%. No período observado, não foram presenciados embates violentos entre professor e aluno, apenas discussões assertivas, construtivas. Finalmente, as hipóteses foram comprovadas. Além disso, o modo-de-ser do professor e sua acessibilidade permitem o treino da nova habilidade intelectual do adolescente (raciocínio hipotético-dedutivo - Piaget). Sua postura como figura de autoridade não autoritária possibilita ao aluno a vivência de habilidades e papéis sociais, identificação, além de criar um ambiente de confiança e segurança. Vale lembrar que tais resultados são simbólicos e que estudos mais acurados devem ser realizados para possíveis generalizações. Palavras chave: Psicologia, Educação, relação professor-aluno, afetividade.

Keila Sgobi de Barros.

Universidade Presbiteriana Mackenzie.



Afetividade, identidade e poder em grupos comunitários: características e articulações com o desenvolvimento do Processo Grupal.

Introdução: Trata-se de um trabalho de pesquisa ainda em desenvolvimento. Aspectos relativos à afetividade, identidade e poder são investigados, buscando-se sua caracterização e suas articulações com o desenvolvimento do processo grupal. São pesquisados grupos comunitários e institucionais, nos quais já vem sendo realizados trabalhos de intervenção psicossocial através de programas de extensão e estágio curricular desenvolvidos pelo LAPIP. Os grupos abordados são os seguintes: Casa Lar Monsenhor Assis, de Prados, Casa do Velho Amigo, de Barbacena, Grupo de Portadores de diabetes da Policlínica Central e Assoc. Portadores de diabetes, Grupo de Inculturação Afro-Descendente Raízes da Terra, sediados em São João del Rei. **Métodos e instrumentos:** Os pressupostos teórico-metodológicos que orientam tanto a extensão quanto a pesquisa se fundamentam na Pesquisa-Ação, Pesquisa Participante, Análise Institucional e Grupos Operativos. São realizadas visitas aos grupos, sob uma ótica de observação participante, e produzidos registros em vídeos e fotografias, relatórios descritivos e analíticos de tais visitas e das atividades grupais. No contato com as instituições e grupos citados, busca-se ampliar as relações entre pesquisadores, membros dos grupos e as respectivas instituições, visando, através da pesquisa intervenção, o desenvolvimento de uma forma de interação que possibilita apreender a realidade destes grupos, entender e analisar seu funcionamento. **Resultados e Conclusões:** Temos observado uma caracterização diferenciada nos vários grupos. Onde as relações de poder ocorrem de forma autoritária e opressora, o processo grupal é bloqueado e a afetividade não é vivenciada em toda a sua plenitude. Consequentemente, a identidade grupal fica fragmentada, impedindo o grupo de conquistar sua autonomia. Onde o poder é compartilhado, afetividade e identidade se desenvolvem com mais naturalidade, dando lugar a um grupo mais coeso e espontâneo. Pode-se, assim, perceber como as relações de poder exercem influência direta no funcionamento cotidiano dos grupos. Em relação aos grupos de terceira idade, temos percebido diferenças significativas entre instituições que se ocupam principalmente da guarda dos idosos, como a casa do Velho Amigo, e instituições que pretendem um tratamento e convivência mais humanos, como a Casa Lar Monsenhor Assis. Esses resultados ainda são parciais e, portanto, conclusões definitivas seriam prematuras. Entretanto, já é possível apontar algumas relações causais entre o desenvolvimento do processo grupal e as formas de construção da identidade e expressão da afetividade. Cabe ressaltar que o método utilizado nesta pesquisa se constitui numa posição do psicólogo e pesquisador que nega a observação distante e opta pela intervenção psicossocial como forma de aproximar o pesquisador da realidade observada. Tal postura proporciona um enriquecimento na forma de interação com o objeto de pesquisa. Toda essa gama de oportunidades se configura, também, numa possibilidade de formação profissional mais completa, comprometida e sensível às necessidades do público-alvo.

Agnah Grandi, Marcionília Soares Amaral; Marcos Vieira Silva;

CNPq; Universidade Federal de São João del-Rei.



Afetos positivos e negativos: suas relações com os valores humanos.

Os afetos podem ser denominados como as emoções que são experienciadas pelas pessoas, podendo estes ser subdivididos em Afetos positivos e negativos, de acordo com a natureza destas emoções. Estes tipos de afetos fazem parte de um construto maior chamado bem-estar subjetivo, fato que foi demonstrado através de três estudos realizados para verificar a convergência de todas as propriedades do mesmo, os quais encontraram que os Afetos positivos estão diretamente relacionados com a satisfação com a vida, enquanto que os Afetos negativos relacionam-se negativamente com a mesma. Por outro lado, ambos os tipos de afetos não se correlacionam significativamente entre si nas condições de auto-relato (Diener, 2000; Lucas, Diene & Suh, 1996). Os Afetos positivos ou negativos experienciados pelos indivíduos são, de certa forma, produto da forma como estes percebem os acontecimentos da vida. Assim, essa forma de perceber o ambiente circundante se correlaciona com os valores que os indivíduos priorizam, visto que os valores são critérios universais que orientam a conduta e os padrões comportamentais. De acordo com Gouveia (1998, 2001), os valores humanos básicos são categorias de orientação desejáveis adotadas por atores sociais, que podem ser diferentes tanto dentro, quanto entre culturas. Estes são divididos em três critérios de orientação, a saber: valores pessoais, centrais e sociais. O objetivo do presente trabalho consiste em verificar as relações existentes entre os Valores básicos e os Afetos positivos e negativos. Espera-se que os valores que obedecem aos critérios de orientação social e central correlacionem-se positivamente com os Afetos positivos e negativamente com os negativos. Para tanto, realizou-se um estudo do tipo correlacional, utilizando dois instrumentos: o Questionário dos Valores Básicos (Gouveia, 1998) e a Escala de Afetos Positivos e Negativos (Diener & Emmons, 1984). A aplicação destes instrumentos deu-se de forma sistemática na população geral, com aplicadores devidamente treinados, procurando reduzir vieses de resposta. Participaram deste estudo 306 pessoas, com idades variando entre 18 e 84 anos ($M = 34,2$; $DP = 13,8$), sendo que 50,3% eram do sexo feminino e 45,1% estavam casados. Os resultados demonstraram a existência de uma correlação positiva e significativa entre os Afetos positivos com os Valores que obedecem aos critérios de orientação tanto os sociais ($r = 0,24$, $p < 0,01$) quanto os centrais ($r = 0,20$, $p < 0,01$) e com os pessoais ($r = 0,15$, $p < 0,05$). Entretanto, não houve nenhuma relação entre os Afetos negativos com qualquer dos critérios valorativos. Destarte, pode-se concluir que há um padrão correlacional entre os construtos tratados no presente estudo, entretanto faz-se necessário estudos que considerem diferentes variáveis que possam contribuir na explicação dos afetos já que estes constituem um fator importante para a qualidade de vida das pessoas.

Sandra Souza da S. Chaves; Valdiney Veloso Gouveia; Estefânea Élide da S. Gusmão; Maja Meira; Tatiana Cristina Vasconcelo.

Universidade Federal da Paraíba.



Aids e Dst: conscientização e prevenção - história e atuação de um grupo voluntário.

O número de pessoas acometidas pelas DST (Doenças Sexualmente Transmissíveis) e AIDS vêm aumentando exageradamente nos últimos anos. As DST são consideradas atualmente o principal fator de facilitação da transmissão do HIV (vírus da AIDS). Por esse motivo, o atendimento adequado aos portadores de DST e de seus parceiros sexuais é, além de uma atividade assistencial da maior relevância, uma das mais importantes ações de prevenção primária da transmissão do HIV. No Brasil o incremento de ações que visam a prevenção através da informação e do apoio surge principalmente a partir do esforço de ONGs. Em João Pessoa-PB, o GRUPO EROS, localizado no setor de saúde da UFPB, é um dos centros voluntários atuantes no trabalho de conscientização e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis. O presente trabalho aborda essa problemática social expondo o histórico das DST e AIDS, os dados epidemiológicos atuais e o ponto de vista constitucional dos direitos humanos. Relatos de pessoas de diferentes níveis sociais e educacionais fazem parte deste trabalho visando contextualizar a problemática atual dessas doenças com a realidade da população de João Pessoa. É assustadora a falta de informação que acomete a maioria da população. Mesmo as pessoas de nível educacional elevado, expressam preconceito e idéias errôneas sobre essa temática. Pensamos que uma solução caberia aos sistemas educacionais, que deveriam educar as crianças sexualmente desde as primeiras series até o término da vida escolar. Haja vista que a falta de informação é atualmente um dos principais fatores responsáveis pela proliferação do vírus da AIDS.

Renata Meira Veras; Airton Pereira do Rego Barros; Sheyla Christine Santos Fernandes.

Universidade Federal da Paraíba.



Alcoolismo Paterno e Repercussões no Rendimento Escolar e Autoconceito dos Filhos.

Esta pesquisa teve como objetivo, estudar as relações entre o alcoolismo e a família, sendo direcionada para os filhos de pai que faz uso dependente do álcool. Participaram da pesquisa as famílias de oito dependentes do álcool, que foram selecionadas no Centro de Prevenção Tratamento e Reabilitação do Alcoolismo – CPTRA (localizada na cidade de Recife- PE), de acordo com os seguintes critérios: os casais deveriam ser casados legalmente ou conviverem maritalmente, na mesma residência, junto aos filhos, que deveriam ter a idade mínima de doze anos (idade esta, exigida por uma técnica de exame psicológico utilizada). As referidas famílias, somaram um total de dezessete filhos. Os pais, dependentes, foram entrevistados para caracterizar a Síndrome de Dependência do Álcool – SDA , de acordo com a Classificação Internacional de Doenças em sua décima revisão - CID 10. Em toda a amostra foi encontrado alcoolismo do tipo grave, confirmado através do estudo de seus prontuários médicos. Os dependentes apresentaram comportamento do tipo agressivo, e um profundo desinteresse pela vida dos filhos de modo geral. As esposas também foram entrevistadas para obtermos uma melhor compreensão do relacionamento familiar e, principalmente da relação pai - filhos. Os filhos, sendo o foco principal da pesquisa, foram submetidos a entrevistas semi-abertas, para verificar de que maneira o alcoolismo paterno influenciou na sua socialização, no seu rendimento escolar e na sua percepção sobre si mesmo. Foram ainda submetidos a uma técnica de exame psicológico para avaliação do autoconceito (Escala Reduzida do Autoconceito – ERA). Através da análise dos conteúdos das entrevistas, posteriormente confirmados com os resultados do teste de autoconceito, pode-se concluir que o alcoolismo do pai constitui fator de extrema importância tanto na estruturação do autoconceito, quanto no que diz respeito à socialização dos filhos. O alcoolismo do genitor, trouxe conseqüências no desenvolvimento educacional de seus filhos. A maioria deles sofreu algum tipo de fracasso escolar, que podemos relacionar com os abusos alcoólicos do pai. Usou-se como meio de controle, a técnica de exame psicológico Raven – Escala Geral, para identificar, se o fracasso escolar seria proveniente de um déficit intelectual. As entrevistas realizadas (pais, mães e filhos), permitiram avaliar o clima familiar. Na maior parte das famílias, o clima era desarmônico. O comportamento paterno gerava desconforto, angústia e uma constante sensação de insegurança, que ocupava o pensamento dos filhos mesmo quando estes estavam envolvidos em atividades escolares. Outros, envergonhados pelo comportamento social dos genitores alcoolizados, mudavam constantemente de escola. Encontramos ainda, os que se sentiam agredidos e humilhados, incapazes de valorizar seu progresso escolar, respondendo apaticamente às exigências da escola.

Maria Carmen de Andrade Neves; Carolina Malinconico; Janaína Torres de Moura; Marcus Tulio Caldas.

Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP; Programa Institucional de bolsas de iniciação científica – PIBIC.



Algumas considerações sobre o trabalho do psicólogo com bebês.

A Psicologia vem, cada vez mais, ganhando seu espaço e mostrando sua utilidade no contexto hospitalar. Em consequência, temos a ampliação das áreas de atuação do psicólogo e, dentre elas, a psicologia aplicada aos bebês, predominantemente, no setor de neonatologia, no qual podemos verificar as enfermidades que os acometem. O trabalho reúne alguns estudos sobre as características do feto e do recém-nascido, a capacidade dos bebês para comunicar seus sofrimentos, dando ênfase para a importância da identificação dos sintomas manifestos e do trabalho psicológico junto a estes, utilizando os autores: PIONTELLI (1992); KLAUS, KENNEL e KLAUS (1995), KLAUS e KLAUS (1986), BRAZELTON e CRAMER (1990), SZEJER (1995;1997), BUSNEL (1993) e ELIACHEFF (1993). Um aspecto bastante importante é o estudo das capacidades que o feto apresenta e como podem estar ligadas à sua vida pós-natal, determinando comportamentos que muitas vezes reatualizam a situação pré-natal. Sendo assim, se faz necessária a observação das capacidades do recém-nascido, não só para o entendimento de que dispõe de recursos para expressar-se, mas também para compreender o momento em que está acessível à comunicação e demais estimulações. Por estar inserido na linguagem e na história que é a de seus pais, está também exposto aos não-ditos desta história que podem acarretar o “vazio de palavra” preconizado por SZEJER (1995;1997). Este buraco de linguagem pode ser compreendido quando o bebê desenvolve um sintoma. O sintoma está diretamente ligado à normalização corporal e comportamental. Podemos verificar que o bebê se utiliza de todos os recursos que dispõe para demonstrar seu sofrimento psíquico e, principalmente aqueles que causam angústia aos pais. Concluímos que, mesmo não excluindo o tratamento médico necessário, os sintomas manifestos pelos bebês, quando verbalizados e situados na sua história pregressa, permitem a memorização inconsciente das palavras, que irão fazer a ligação entre a vivência pré e pós-natal – manutenção dos vínculos - possibilitando a apreensão de sua história. A palavra dirigida ao bebê é como um “organizador” que lhe permite também a possibilidade de escolher entre a pulsão de morte que o corrói e a pulsão de vida que descobre ter. O psicólogo, quando descreve as sensações que advêm de seu contato com o bebê e faz emergir as palavras dos pais promovendo a circulação destas, está mediando a função simbólica tão necessária à vida humana, possibilitando que este reencontre as emoções ou as palavras que o marcaram em determinado momento de sua história, transformando-as em lembrança. ELIACHEFF (1993) e SZEJER (1995;1997) afirmam que, em se tratando de bebês, os efeitos do tratamento são tão eficazes que chegam a surpreender. É neste sentido que podemos inferir que o bebê é um sujeito que age a sua vida – não só “reage”-, que deseja e que não só tem direito à palavra, como sua palavra deve ser ouvida e “tratada”. No contexto hospitalar esta prática ainda não é preconizada e nem sempre bem compreendida, no entanto, podemos verificar a sua importância e a sua necessidade.

Simone Diniz Maldonado.

Universidade Paulista.



Alunos de classe especial promovem sua própria integração.

As políticas públicas existentes sobre formação e atuação do educador não têm assegurado condições mínimas para responder às exigências do processo atual de inclusão dos portadores de necessidades especiais na rede comum de ensino provocando posturas educacionais equivocadas. Estas, por sua vez, produzem nas crianças baixa auto-estima, fracasso escolar e patologização que são internalizados e passam a representar obstáculos ao desenvolvimento integral da criança Assim, é necessário desenvolver trabalhos que visem o aumento da auto-estima por meio da valorização das capacidades individuais, sobretudo dos alunos que freqüentam as classes de educação especial. Neste sentido, desenvolvemos um trabalho em uma Escola Municipal de Educação Infantil e Fundamental da cidade de Assis - SP realizando encontros semanais com duração de uma hora e trinta minutos com dois grupos de quatro integrantes cada, utilizando materiais gráficos através de desenhos, recortes, colagens, pinturas, construção de maquetes e jogos como quebra-cabeça, memória, dama, entre outros que pudessem favorecer o desenvolvimento de algumas áreas como: a comunicação, a socialização e principalmente a auto-estima e a integração desses alunos nos diversos grupos sociais. Nosso principal objetivo foi proporcionar melhores condições de vida construindo um espaço no qual esses alunos pudessem expressar suas angústias relacionadas ao estigma e seus sonhos de uma vida melhor que acabam frustrados pelos limites que a sociedade lhes impõe, como também compartilhar seus momentos de alegria. Com o desenrolar dos encontros com os grupos, pudemos proporcionar atividades diferenciadas ampliando suas experiências, fazendo-as produzir de acordo com suas capacidades e promovendo a exposição destes trabalhos que favoreceram a melhora da auto-estima e a integração com os demais alunos da escola.

Luciana Cristina Moço; Carla de Souza Ungaretti; Rosa Maria Rodrigues de Carvalho.

UNESP.



Ambulatório da síndrome de Down do hospital de clínicas da ufpr: atendimento humanizado.

“Muitas pessoas foram ao parque naquele verão. E sentavam sob as árvores. Daniel contou à folha que proporcionar sombra era um dos propósitos das árvores. - O que é propósito? – perguntou a folha. – Uma razão para existir – respondeu Daniel. Tornar as coisas mais agradáveis para os outros é uma razão para existir...” (BUSCÁGLIA, 1982) Um propósito... um desejo muito forte de tornar algo diferente é a razão para esse ambulatório existir. Sua distinção dentre os demais aparece desde o seu nascimento. Ele foi criado para atender uma angústia... uma dor só ouvida por poucos. A Associação Reviver Down (Curitiba- PR), presta atendimento a muitos pais que tem filhos com a Síndrome de Down (S.D.), e constatou que a maior dificuldade enfrentada pelos mesmos, principalmente os mais carentes, está no despreparo dos profissionais e na falta de informação adequada que venha atender as necessidades imediatas de seus filhos. Afim de que possam ter melhor qualidade de vida e desenvolver o verdadeiro potencial que possuem. Um diagnóstico dado de forma inadequada, insensível, sem perspectivas, pode deixar os pais perdidos, sem saber que direção tomar ou até sem força de lutar por seu filho. Procurando minimizar essa situação, a Associação Reviver Down uniu-se ao Hospital de Clínicas da UFPR e criou, em maio de 1997, o primeiro Ambulatório para a Síndrome de Down do país. Sua equipe principal é composta pelos seguintes profissionais: assistente social, psicólogos, pediatras, nutricionistas, enfermeira, odontopediatra e fonoaudiólogo. A proposta do ambulatório está alicerçada no atendimento humanizado e na experiência de cada membro da equipe nessa patologia. Esses são os pilares fundamentais que podem fazer toda a diferença. A equipe atua de forma interdisciplinar, num mesmo espaço físico e ao mesmo tempo. A clientela alvo inclui crianças com S.D., no entanto muitas vezes adultos com a mesma síndrome e seus familiares procuram o ambulatório em busca de orientações. A sensibilidade, o respeito a dor, o apoio, o incentivo, a informação atualizada e o acompanhamento longitudinal das crianças têm sido para essas famílias, na sua grande maioria carentes, um fio de esperança. Em cada atendimento procura-se analisar cuidadosamente o momento em que a família se encontra, valorizando as conquistas já alcançadas. Ouvir com respeito e solidariedade as angústias ou sofrimentos dando uma redefinição para cada situação, levando sempre em consideração o que a família quer e precisa ouvir. As necessidades da clientela são sempre muito variadas, uma vez que atendemos desde os recém natos até adultos. Dentro dessa vivência percebemos quão influentes são as relações familiares no desenvolvimento da criança com S.D. Sabemos que a criança nasce com um equipamento inato, mas esse só é ativada por meio de uma relação recíproca mãe-bebê (SPITZ, 1979). Todo o seu potencial psíquico (auto-imagem, autoconfiança, capacidade de enfrentar as dificuldades...) desenvolve-se impulsionado pelo “motor afetivo”. Cabe a nós, resgatar e proteger essa relação. Por isso, acreditamos que o apoio psicológico aos pais desde os primeiros dias de vida da criança torna-se determinante. As considerações de MATHELIN (1997) respaldam-nos dizendo que se o olhar da mãe por algum motivo se desvia do bebê, e esse muito frágil ainda não retribui esse olhar para a mãe, o investimento de amor entre eles pode tornar-se problemático. Considerando todas as dificuldades que envolvem o nascimento de um filho com deficiência, podemos afirmar que a grande maioria dos pais, reage de forma muito positiva! Passando a lutar pelo seu filho e amá-lo por todas as suas qualidades. A orientação familiar oferecida tem como base as considerações do pediatra e psicanalista inglês WINNICOTT (1996) que nos diz o bem estar do indivíduo advém de um ambiente facilitador, que lhe ofereça oportunidades de se lançar no mundo de forma criativa para que possa desfrutar do que o mundo lhe oferece. Entendemos que, durante o percurso de desenvolvimento dos filhos os pais devem ser orientados a oportunizar a independência da criança, acreditando que eles podem, mesmo que em passos menores, alcançar seus objetivos.

M^a de Fátima Minetto Caldeira Silva.

Universidade Tuiuti do Paraná (UTP).



Análise comparativa da pós-modernidade e da modernidade, através de Fantasia 1940 e Fantasia 2000.

A mídia apresenta-se como informações transitando por várias redes, uma espécie de onipresença da informação que invade desta forma vários setores da vida social. Conseqüentemente há abertura de possibilidades de informação e análise psicossocial da sociedade em que esta expressão está inserida. A mídia sobrevive conforme é absorvida pela demanda da sociedade, por isso o telespectador é convidado a experimentar mundos diversos advindos dos meios de comunicação, seja rádio, livros, filmes, televisão, mudando as nossas formas arcaicas e obstinadas de ser, buscando ser aceito dentro da sociedade. Dentro desta problemática procuramos analisar as mudanças e semelhanças psicossociais do moderno para o pós-moderno. Por isso escolhemos dois filmes longa metragens para fazermos uma análise comparativa, sendo os dois filmes escolhidos representantes de duas épocas diferentes. Os filmes escolhidos são desenhos animados produzidos pelos estúdios Disney como metáforas para a modernidade e a pós modernidade, Fantasia 1940 e Fantasia 2000. Foram escolhidos desenhos animados porque são ícones de tecnologia, seu público alvo é variante, atingindo desde as crianças aos adultos. A análise contemplou imagens, sons, movimento e conteúdo. As diferenças entre os dois filmes é clara e evidente, enquanto as semelhanças são mais sutis. Em Fantasia 1940, temos o encanto do artesanal, imagens que evocam a leveza, o sonho, a fantasia. Seus personagens são fadas, pégasus, centauros, cupidos, flores e hipopótamo que dançam balé. A mensagem central do filme foi interpretada por nós como sonhe, fantasie. Em Fantasia 2000, o clima é mais pesado, mais tecnológico, mais realista, o filme se desenvolve em metade do tempo do anterior. Os episódios não estão mais em uma ordem cadencial percebida anteriormente, são mais individuais, mais dispersos, as mensagens são diversificadas como: viva, liberte-se, trabalhe, voe. Concluimos que na modernidade as crianças tinham tempo para sonhar, e hoje em dia, na pós-modernidade, este tempo foi perdido como também o espaço. A virtualidade é uma forte tendência, não apenas em espaço, mas também em relações. A tecnologia está auxiliando o distanciamento entre o homem e a sua obra, o homem e os outros homens.

Graziele Galindo; Heloíse Pimenta; Lívia Vasconcelos; Lauren Ferreira; Raquel Torres.

Faculdade de Ciência e Letras de Assis – Unesp.



Análise comparativa de escores médios no Teste Não Verbal de Raciocínio Infantil (TNVRI) numa amostra de crianças de diferentes níveis sócio-econômicos.

A avaliação psicológica no Brasil tem enfrentado uma série de dificuldades e há ainda muitas conquistas a alcançar, tanto no aspecto metodológico como no campo das práticas profissionais ao qual se aplica. Uma das dificuldades seria a prática sistemática incipiente de construção e validação de instrumentos psicológicos. Ainda são poucos os instrumentos disponíveis para a realidade brasileira (em termos regionais ou nacionais) de boa qualidade psicométrica, seja no que se refere à confiabilidade e validade, seja quanto à normatização; inclua-se o requisito de adequação ou sensibilidade ao contexto cultural. No entanto, tem-se percebido no Brasil uma disposição para responder a essa necessidade, desenvolvendo-se instrumentos psicológicos de avaliação cada vez mais sensíveis à realidade brasileira, como o Teste Não Verbal de Raciocínio Infantil, proposto por Pasquali e colaboradores e atualmente em processo de validação, a partir de uma amostra de base nacional. São apresentados aqui resultados parciais do desempenho de 456 crianças do ensino fundamental, sendo 322 de um colégio de localização central e 134 oriundas de um centro educacional de periferia, em Salvador. Para a análise de dados foi utilizada a versão "Standard" do SPSS (Statistical Package for Social Sciences): rotina "Frequencies" para a caracterização da amostra, e rotinas "Compare Means" e "Multiple Response" para a análise de associação entre as variáveis independentes (contexto social, sexo e idade) e duas medidas da variável dependente escore no TNVRI (escore médio e itens com maior percentual de erros). Os resultados permitem discutir não apenas diferenças associadas ao nível sócio-econômico das crianças, mas particularidades das condições de aplicação e do modo como as crianças se comportaram ao realizar a prova. Observaram-se resultados contrastantes, a exemplo dos encontrados para a 3ª série do Colégio 2 em comparação com a 1ª série do Colégio 1 (escores médios de 28,46 e 32,02, respectivamente). Os escores médios por sexo não apresentaram diferenças significativas para os dois contextos. Com base nos dados apresentados, concluiu-se que a análise de associação entre escores médios mostrou-se uma estratégia adequada para a análise, considerando-se que o TNVRI é um teste em processo de validação, sem normas estabelecidas, não sendo pertinente, ainda, qualquer classificação dos sujeitos quanto ao desempenho. As especificidades de cada contexto de aplicação do teste, qualitativamente tratadas neste estudo, apontam para a forte influência do contexto sócio-cultural na estruturação da experiência de aprendizagem da criança, implicando a familiaridade com tarefas e operações lógicas diferenciadas.

Carla Sampaio; Daniele Vilas Boas; Hermano Trineto; Ana Cecília S. Bastos.

UFBa.



Análise das crenças e práticas religiosas a partir dos traços de personalidade.

A religião exerce um papel fundamental na medida em que dá um significado e influencia a vida dos indivíduos, sendo uma das formas mais seguras de lidar com o desconhecido e de enfrentar o medo. Em sua forma institucional, a religião é vista como uma forma explícita, organizada e reconhecível de crenças e práticas religiosas, com doutrinas e éticas peculiares a um determinado grupo social. No presente trabalho, foram estudadas as crenças e práticas referentes às religiões católica, evangélica (sob as denominações de Igreja Batista e Assembléia de Deus) e espírita; as quais comprovaram ser mais representativas do contexto brasileiro, especificamente paraibano (Andrade, 2001; Meira, 2001). Com o processo de globalização econômica, no qual a religião se manifesta com fatores ideológicos, econômicos e axiológicos, faz-se necessário reencontrar os critérios básicos para a explicação e compreensão do fenômeno religioso na vida social (Brito & Gorgulho, 1998). Neste sentido, é relevante considerar os traços de personalidade ao se estudar as crenças e práticas religiosas; os quais vêm sendo operacionalizados a partir de um modelo inovador denominado Big Five, composto por cinco grandes fatores, a saber: Extroversão, Agradabilidade, Consciencioso, Neuroticismo versus Estabilidade Emocional e Abertura à Mudança. Diversos estudos (Rockeach, 1968; Kikpatrik, 1949; Allport, 1959) investigaram as controvérsias inseridas nas religiões e comprovaram que, dentro das religiões ocidentais, há forças morais psicologicamente conflitantes favorecendo, em alguns casos, conflitos mentais. Diante do exposto, hipotetizou-se que sujeitos que possuem crenças e práticas religiosas (independente de qual religião sejam afiliadas) tendem a apresentar maior predisposição ao traço de personalidade Neuroticismo versus Estabilidade Emocional que engloba afetos essencialmente negativos. Participaram deste estudo 218 sujeitos da Universidade Federal da Paraíba que responderam as Escalas de Crenças e Práticas Religiosas, bem como a versão adaptada do Big Five e questões sócio-demográficas. Realizou-se uma Análise de regressão múltipla, método stepwise, com o intuito de verificar quais dos traços de personalidade explicariam melhor as crenças e práticas religiosas. A análise mostrou que a variável Neuroticismo contribui com apenas 3,8% ($RM=0,195$; $R^2=0,38$; p.

Janaína Garretti Ramos Sousa; Suenny Fonseca de Oliveira; Raquel Melo Bezerra; Tatiana de Carvalho Socorro.



Análise das dimensões afetivas na mediação do professor em atividades de produção escrita da pré-escola.

Este projeto de pesquisa tem por objetivo descrever e analisar o papel das dimensões afetivas na mediação do professor no processo de apropriação da linguagem escrita em uma sala de aula. Busca analisar os aspectos presentes neste processo e suas contribuições para a construção do conhecimento, principalmente o conhecimento acerca da linguagem escrita. Para tanto, foram observadas atividades de produção escrita em uma sala de aula de pré-escola, as quais foram registradas através da vídeo-gravação e do registro por meio de fitas de áudio e pelo diário de campo, possibilitando a identificação de posturas físicas e de conteúdos verbais presentes da interação professor-aluno. Foram observados comportamentos e atitudes da criança e do professor, enquanto mediador na interação da mesma com a escrita. Dessa forma, pretende-se analisar as possíveis manifestações e implicações da afetividade na mediação do professor no processo de aprendizagem da linguagem escrita em sala de aula. Na seqüência, foram selecionados recortes das gravações que melhor explicitaram a presença das dimensões afetivas na mediação do professor na relação, as quais estão sendo agrupadas em categorias de análise. A análise e a discussão dos dados serão realizadas partindo da abordagem microgenética proposta por Wertcsch. Tal abordagem configura-se como uma forma de construção de dados que exige atenção a detalhes, ao recorte de episódios interativos, a indícios e à valorização do estudo de situações singulares na busca de inter-relação com condições macrossociais; tem como intuito relacionar microeventos e o contexto cultural, com base numa compreensão genético-histórica, o que resulta num relato minucioso dos acontecimentos. Como subsídio teórico, a pesquisa baseia-se nos estudos de Wallon e de Vygotsky, os quais segundo trabalhos de Ana Rita Almeida, Izabel Galvão e Marta Kohl de Oliveira, comprovam a reciprocidade e inter-relação entre afetividade e inteligência, mesmo sendo a primeira de natureza mais subjetiva e a segunda de ordem cognitiva. Entende-se que ambas funções, inteligência e afetividade, dependem da ação do meio social (inter-pessoal e cultural), sendo determinados pelas interações entre os sujeitos. Até o presente momento, os dados foram coletados e transcritos; a análise dos mesmos foi iniciada, esperando-se que os resultados possam ser apresentados no I Congresso Brasileiro de Psicologia – CBP.

Fabiana Aurora Colombo; Sérgio Antônio da Silva Leite.

FAPESP; UNICAMP.



Análise de atendimentos em clínica-escola: pacientes e processos.

Conhecer a clientela atendida bem como avaliar o atendimento prestado, são aspectos sempre ressaltados no tocante aos serviços de saúde mental que abrangem a população em geral. Estes objetivos têm norteado estudos que vêm sendo realizados na Clínica Psicológica Mackenzie e que também auxiliam na identificação de aspectos relevantes que justifiquem análise mais aprofundada. Em continuidade deste trabalho, foram analisados os prontuários de todos os processos de psicoterapia breve de adultos atendidos no ano de 1999 e que chegaram ao término previsto. Houve um total de 89 processos com 79 sujeitos. Destes, 65 (82,28% do total) eram do sexo feminino e 14 (17,72%) do sexo masculino. Os sujeitos eram predominantemente solteiros (73,42%), seguidos dos casados (16,46%) e os separados e viúvos representaram 5,06% cada. A idade variou de 13 a 70 anos. Divididas em faixas de 5 anos, foi observado predomínio da faixa entre 18 e 22 anos (30,38%), seguida da faixa entre 23 e 27 anos (15,19%) e as de 28 a 32 e de 33 a 37 anos tiveram 11,39% cada. Os sujeitos que tiveram dois processos terapêuticos no ano também estavam principalmente nas faixas etárias predominantes. Relativamente aos processos, 48,31% foram concluídos sem necessidade de encaminhamento, 12,36% foram reconduzidos para outro processo na própria clínica e 39,33% foram encaminhados para instituições externas. Foram observadas 139 queixas com média de 1,56 queixas por processo, sendo 1,63 para os processos com homens e 1,55 com mulheres. As queixas foram classificadas segundo um catálogo já empregado em estudos anteriores. As predominantes foram relativas à ansiedade, medo e insegurança (14,39% do total), nervosismo e irritabilidade (9,35%), queixas vagas (8,63%) e dificuldade de relacionamento interpessoal (7,19%). A soma de todas as categorias que contemplam aspectos de dificuldade de relacionamento chegou a 19,43% do total de queixas. Isto é compatível com os achados de outras instituições. Os aspectos caracterológicos da população atendida neste ano mantiveram-se coerentes com o observado em anos anteriores. Também se observou que quase metade dos processos, por serem concluídos sem necessidade de reencaminhamento, parecem ter satisfeito plenamente a necessidade da clientela. Considerando que neste contexto muitas vezes o objetivo de processos breves pode ser a mobilização do indivíduo para um atendimento mais apropriado, o montante de encaminhamento observado pode ter correspondido à necessidade encontrada. Isto se deduz também da tipologia das queixas verificada, algumas usualmente pouco indicadas para o tipo de atendimento oferecido. Um exemplo disto é o surpreendente montante observado de queixas vagas, para as quais não se suporia um atendimento focalizado. Dos processos com estas queixas, quase metade teve conclusão sem necessidade de encaminhamento. Algumas indicações do presente levantamento sugerem a necessidade de melhor verificação principalmente daqueles aspectos que podem ser sugestivos de algum desfecho específico. Descritores: psicoterapia breve; clínica-escola; estudo documental.

Maria Leonor Espinosa Enéas; Adriana Soares da Silva; Ana Paula Bizelli; Priscilla de Andrade Liberatore.

Universidade Presbiteriana Mackenzie.



Análise de demandas de atendimento psicológico no tratamento de dependência química de menores infratores atendidos pela CAMT.

A CAMT é uma Clínica de Atendimento Multidisciplinar à Prevenção e ao Tratamento da Toxicomania pertencente ao Centro Universitário Newton Paiva, situado em BH. Sendo clínica-escola se constitui como proveitosa experiência aos graduandos pela oportunidade de aprendizado teórico-prático. Abarca a interdisciplinaridade envolvendo a Psicologia, Psiquiatria, Farmácia e Nutrição, vislumbrando um atendimento amplo. A CAMT mantém convênios com instituições que recebem menores infratores para cumprimento de medidas sócioeducativas. Por ordem judicial, muitos dos adolescentes comparecem ao tratamento contra seu desejo, dificultando o fazer terapêutico. Para analisar a situação de demandas de atendimento psicoterápico no tratamento da toxicomania fez-se uma pesquisa utilizando um questionário subdividido em duas partes, a primeira com questões gerais e a segunda referente ao atendimento psicológico. Dos indivíduos analisados (n=30) 90,0% foram homens com idade média de 17 anos. Dentre os aspectos analisados constatou-se que 56,7% cumpriam medida por Assalto, 16,7% Roubo, 13,3% Homicídio, 6,7% Tráfico de Drogas, 6,7% Tentativa de Homicídio. Tipo de medida: 63,3% Semiliberdade, 26,7% internação, 10,0% advertência. Droga preferencial: 76,6% maconha, 63,3% tabaco, 20,0% crack, 10,0% álcool, 10,0% cocaína, 6,6% solventes. Comprometimento nutricional: 63,3% não, 20,0% apresentavam, 16,7% sem atendimento nutricional. Motivo tratamento: 56,7% pressão judicial, 26,7% desejo pessoal, 13,3% pressão familiar, 3,3% comprometimento da saúde. Visão atual da droga: 43,3% destruição, 16,7% tranquilidade, 13,3% nada, 6,7% solução para problemas, 6,7% prazer, 3,3% poder, liberdade, morte para cada, 3,3% não responderam. Motivo permanência no tratamento: 33,3% desejo de mudança, 26,7% evitar punição, 20,0% imposição judicial, 16,7% sem necessidade, 3,3% não responderam. Atendimento psicológico: Num 1º contato, 80,0% interessavam-se pelo atendimento. Principais queixas: 50,0% mudança de vida, 23,3% insatisfação com situação atual, 20,0% prejuízos pessoais/sociais, 3,3% prejuízos familiares, 3,3% falta de perspectivas. No decorrer do processo 76,7% demonstravam interesse, 16,7% não, 6,7% não responderam. Queixas quanto ao processo terapêutico: 43,3% não apresentavam, 26,7% não gostavam de falar, 6,7% “psicólogo não mudará minha cabeça”, 6,7% não queriam lembrar fatos do passado, 6,7% não responderam. Demandas trazidas: 50,0% dificuldade de aceitação das angústias, 10,0% dificuldade de adaptação a regras, imposição do tratamento pela justiça, indefinição quanto ao tempo de cumprimento da medida, para cada, 3,3% culpa em relação aos semelhantes, culpa em relação à recaída, baixa auto-estima, conflitos familiares para cada, 6,7% não responderam. Co-morbidade psiquiátrica: 46,7% sem co-morbidade associada, 20,0% ansiedade, 10,0% histeria, 10,0% em avaliação diagnóstica, 6,7% depressão, 6,7% sem atendimento psiquiátrico. Uso dos medicamentos: 43,3% não, 33,3% forma adequada, 13,3% substituição à droga, 10,0% não responderam. Permanência no tratamento: 30,0% 2-3 meses, 26,7% 4-5 meses, 16,7% 1 mês, 10,0% 6-7 meses, 13,3% menos de 1 mês 3,3% 8-9 meses. Motivo suspensão do tratamento: 30,0% evasão, 13,3% cumprimento medida, 13,3% desejo pessoal, 6,7% não responderam, 36,7% em processo terapêutico. Conclusão: Adolescentes infratores advindos de contextos diferenciados chegam à clínica sem demanda, apesar disso, vê-se que alguns, pela relação dialógica construída, conseguem perceber o tratamento da toxicomania por outro prisma que não o judicial.

Waldirene Andrade; Wânier Ribeiro.

CAMT/Unicentro Newton Paiva, BH/MG.



Análise de erros da escrita de alunos do Ensino Fundamental de Vitória/ES

(INTRODUÇÃO) A avaliação dos processos básicos à aquisição e aperfeiçoamento da habilidade escrita tem sido uma área de grande interesse para a Psicologia. A análise dessa habilidade traz implicações para uma prática educativa mais eficiente e para a avaliação de dificuldades específicas no domínio da competência lingüística da criança. Este estudo faz parte de uma pesquisa integrada sobre avaliação de habilidades cognitivas de crianças com necessidades educativas especiais, tendo por objetivo específico descrever e analisar a habilidade básica de escrita em crianças com possíveis indicações de dificuldades de aprendizagem.

(METODOLOGIA) Participaram 264 alunos, com idade entre 8 e 19 anos ($Md = 10$), freqüentando da 2ª a 5ª série de uma escola pública de Vitória, ES, respondendo, no final do ano escolar, o Teste de Desempenho Escolar – TDE (Leitura, Escrita e Aritmética), elaborado para a população brasileira. A partir do desempenho inferior na Escrita (73% de toda a amostra) fez-se uma análise de erros. A escrita do próprio nome e de 34 palavras, ditadas e contextualizadas em frases, foi analisada segundo 10 categorias de erros: fonemas sonoros/surdos (por exemplo, *ver*), grupo consonantal (*prestigioso*), pós-vocálicos intercalados (*martelada*) e final (*digerir, apenas*), dígrafos (*preguiça, desconhecido*), acréscimos e omissões de letras/sílabas/acentos, trocas de letras/sílabas, legibilidade da palavra e redação do próprio nome. A freqüência de erros, em cada categoria, foi agrupada em quartis; sendo feito também o cálculo da média de erros/aluno por categoria.

(RESULTADOS) Tomando por base o conteúdo proposto para a 2ª série, observa-se uma alta ocorrência de erros ($AV = 0-78$ erros), em todas as séries, para todas as categorias analisadas. Ficaram localizados no 3º quartil – 75% dos alunos – da 2ª série, com até 43 erros; da 3ª série, com até 32 erros; da 4ª série, com até 29 erros, e da 5ª série, com até 22 erros. Trocas de letras e sílabas foram os tipos de erros mais freqüentes, em média, por aluno (6,6 erros); seguindo-se os erros de grafia de pós-vocálicos intercalados (l, r, s, n, mp) (4, 1 erros), de fonemas sonoros e surdos (p/b; t/d; s/z; f/v), omissões e pós-vocálicos finais (l, r, s, ão), com 2,6 erros em média. Erraram a escrita do próprio nome: 17,9% (14) alunos da 2ª série; 7,5% (5) alunos da 3ª; 21,3% (10) alunos da 4ª, e 1,4% (01) aluno da 5ª série.

(CONCLUSÃO) Considerando que essas habilidades fazem parte do currículo desde a 2ª série do Ensino Fundamental, os dados sugerem que esses alunos apresentam problemas no domínio da escrita, que pode afetar o desempenho em outras áreas, confirmando o quadro de baixo desempenho geral obtido pelos alunos no TDE, particularmente nas áreas de escrita e aritmética, e também a alta defasagem idade/série encontrada nesta amostra. O baixo desempenho observado em alunos de todas as séries permite questionar a qualidade do ensino oferecido a essa população, contrapondo-se à tendência geral de pais e professores de responsabilizar os alunos pelo seu próprio fracasso escolar. Os dados fornecem indicações para uma remediação escolar, auxiliando professores e psicopedagogos na sua prática profissional.

Sônia Regina Fiorim Enumo (Orientadora); Tatiane Lebre Dias; Kely Maria Pereira de Paula; Mylena Pinto Lima; Erika da Silva Ferrão; Flávia Almeida Turini; Alyni Pedruzzi Gottardi.

Universidade Federal do Espírito Santo - UFES



Análise de Experiências Vividas por Professores no Contexto Escolar.

A pesquisa teve como objetivo analisar quantitativa e qualitativamente as experiências vivenciadas por educadores enquanto estudantes. Os dados foram coletados durante 17 workshops realizados em escolas públicas de duas cidades do interior de São Paulo. Os workshops tinham como tema "Prevenção e desenvolvimento sócio-emocional". Participaram como sujeitos 193 educadores, entre os quais, professores, diretores, coordenadores pedagógicos, oficiais de escola, serventes e inspetores, com diferentes níveis educacionais. O instrumento utilizado para a coleta de dados consistiu de questionário com as seguintes questões: 1. Lembre de você como estudante (quando criança ou adolescente) e de uma experiência positiva; 2. Lembre de você como estudante (quando criança ou adolescente) e de uma experiência negativa. Foram analisados aspectos de ambas as experiências relacionadas ao contexto e às pessoas envolvidas, bem como o conteúdo dos relatos e o impacto na prática atual. Os dados preliminares indicaram que as memórias relatadas envolviam vários contextos, além do escolar. As positivas relacionavam-se predominantemente a atividades culturais e esportivas realizadas na comunidade. Com relação às experiências negativas predominou o contexto escolar relacionado ao contexto familiar. As pessoas mais frequentemente citadas nas memórias positivas e negativas, além dos professores eram os colegas. Foram identificados reflexos das experiências vividas na prática atual como educadores. Sendo que as experiências positivas impactaram mais na prática atual.

Mônica Gobitta; Nilza Catini; Patrícia C.P. Ito.

PUC - Campinas.



Análise de indicadores sobre os problemas de aprendizagem – um estudo de caso.

A presente pesquisa tem como objetivo investigar as concepções de aprendizagem que estão presentes nas práticas das instituições educacionais, analisando como estas se manifestam nas situações problemáticas. A pesquisa foi dividida em dois períodos, sendo que no primeiro de 1997/1999 foi realizado um levantamento de 72 prontuários, e no segundo de 2000/2002, de 57 prontuários, a partir dos quais foram analisados casos de crianças e jovens encaminhados ao Projeto de Extensão “Experimentando e construindo modelos de atendimento clínico com as chamadas dificuldades de aprendizagem”, vinculado ao Serviço de Psicologia Aplicada do Departamento de Psicologia da UFF. Este projeto tem como eixo o atendimento clínico que inclui, dentro de sua dinâmica, entrevistas com os pais ou responsáveis pelas crianças e jovens encaminhados pelas diversas áreas como também através da procura espontânea da família. Os dados foram distribuídos em subcategorias, a saber: idade, sexo, nível de escolaridade, área de encaminhamento e demanda por indicadores cognitivos e subjetivos. No primeiro período (1997/99), a idade dos jovens e crianças atendidos variou de 5 a 15 anos, com 26% de meninas e 74% de meninos, enquanto que no segundo período (2000/2002), a faixa etária variou de 5 a 16 anos, com 35% de meninas e 65% de meninos. Quanto ao nível de escolaridade, no período de 1997/99, tivemos um universo de 17% da pré-escola, 34% da alfabetização, 29% da 1a. a 3a.série, 16% da 4a. a 8a. série, 1% do 1o. grau, 2% do 2o. grau; no período de 2000/02, tivemos um universo de 5% da pré-escola, 5% da alfabetização, 43% da 1a. a 3a. série, 19% da 4a a 8a, 12% do 1o. grau, 9% do 1º grau incompleto, 2% do 2o grau e 5% sem identificação. Com relação à área de encaminhamento, no período (1997/99) tivemos 8% da Família, 41% da Saúde/SPA-UFF, 37% do Ensino, 1% do Jurídico, 10 % do Ensino/Saúde e 3% sem identificação, enquanto que, em relação ao período de 2000/02, verificamos 8% da Família, 37% da Saúde/SPA-UFF, 37% do Ensino, 4% do Jurídico, 4% do Ensino/Saúde e 10% sem identificação. A análise dos encaminhamentos realizados pela área de ensino indica que os profissionais fazem referência a dois conjuntos de demanda ao realizarem seus diagnósticos prévios. Estes dois conjuntos dizem respeito aos modos subjetivos de relacionamento com as situações de aprendizagem atribuídas aos alunos, e aos modos cognitivos de relacionamento com tais situações. Há um grande encaminhamento da área de ensino onde é possível crer que existe uma seleção prévia por parte da instituição, isto é, o educador na sua avaliação, aponta o que ele chama de dificuldade de aprendizagem. Ele classifica o “problema” e encaminha. A sua avaliação passa a ter cunho de verdade porque se apóia no discurso científico vigente, que vai viabilizar a produção do fracasso escolar, já que para o discurso corrente a aprendizagem está diretamente ligada ao aspecto cognitivo. Aprender significa “dominar” todo um aparato oferecido pela escola que dirá se o aluno é ou não capaz de demonstrar através do cognitivo o aprendido.

ALMEIDA, Flávia Maria Cabral de; ARAÚJO, Anelize Teresinha da Silva; DESSANDRE, Suely de Almeida Batista; MACHADO, Micheline Fraga; SILVA, Claudia Barros; OLMÍ, Fernanda da Veiga.

Universidade Federal Fluminense.



Análise de Questionário Eletrônico como instrumento de avaliação.

O presente estudo visou analisar a eficácia de um questionário informativo eletrônico sobre a opinião do professor universitário quanto ao uso da tecnologia educacional enquanto instrumento de avaliação em relação à compreensão das questões, objetividade do enunciado e características da tarefa, além de identificar os possíveis tipos de uso de recursos tecnológicos no processo de ensino-aprendizagem. Participaram como sujeitos da pesquisa 21 professores, sendo que 57,1% é do gênero feminino. Todos os sujeitos apresentaram grau de escolaridade superior, sendo que 76,2% deles possui formação pedagógica. A maioria dos sujeitos trabalham em rede privada e atuam no ensino superior. O instrumento de pesquisa utilizado foi o Questionário Informativo Eletrônico composto por quatro módulos que visam a caracterização do sujeito, sua opinião relativa ao conceito, tipo e freqüência de uso dos recursos tecnológicos. Foi submetido a um estudo piloto e disponibilizado na internet e divulgado seu endereço virtual para acesso dos professores. Procedeu-se a coleta dos dados por um período de 30 dias e foi realizada uma análise descritiva e estatística dos dados disponíveis no banco de dados. A análise geral dos resultados obtidos indicou a necessidade de reformulação das questões abertas do módulo II em função da dificuldade de compreensão e a realização da tarefa assinalada pelos sujeitos. Identificou-se também que a maioria dos professores universitários utilizam ferramentas tecnológicas para uso pessoal ou para auxiliá-los na elaboração de material didático, mas o recurso mais usado em sala de aula é o retroprojetor. Apesar disso, existe o desejo de se usar a tecnologia mais freqüentemente no ensino, também como meio de avaliação dos alunos, através de provas, simulações, entre outros. A tecnologia é vista pelos educadores, como uma ferramenta facilitadora do processo ensino-aprendizagem, mas, para tanto, existe a necessidade de sua capacitação através de cursos ou leituras especializadas. A presente pesquisa mostra como o uso da tecnologia no ensino poderá propiciar aos alunos oportunidades para que adquiram habilidades para aquisição de conhecimentos, como a autonomia por exemplo.

Márcia Adriana da Silveira; Maria Cristina Rodrigues Azevedo Joly; Diogo Luís Cecília; Henrique de Sousa Franco.

Universidade São Francisco.



Análise de um Paciente Pediátrico Oncológico através do Esquema de Avaliação para Equipe de Apoio/ STAS.

Esse caso é parte integrante do meu projeto de doutorado em Psicologia Clínica na PUC/SP. O câncer infantil atualmente tem avançado muito em direção a cura e é importante que se discutam meios de avaliação da saúde mental e a qualidade de vida desses pacientes. O Esquema de Avaliação para Equipe de Apoio (STAS) foi adaptado por BROMBERG(1998), para o Brasil, com pacientes adultos com câncer ou patologias associadas ao HIV em relação a qualidade de vida na terminalidade. O objetivo do estudo é avaliar se o STAS funciona com crianças a partir de 7 anos com doença oncológica em qualquer fase do tratamento médico. A aplicação é feita com o paciente junto a seu cuidador. A escala avalia semanalmente a percepção do paciente sobre as suas condições físicas, emocionais, necessidades práticas e religiosas, é dado um escore de 0 (boa condição) a 4 (sem condição) e os índices de qualidade de vida (mobilidade, vida diária, saúde, apoio) é dado um escore de 0(sem condição) a 2(boa condição). Os escores são atribuídos segundo a resposta do sujeito. O exemplo que será aqui apresentado é do paciente Mateus, tem 15 anos e 11 meses, foi atendido por 6 vezes, no hospital, com tumor de antebraço. O paciente veio a óbito dois meses depois da primeira aplicação. Em todas as aplicações a mãe estava junto dele. Os escores do paciente foram diminuindo em pontuação frente a proximidade da morte. Ao final, observa-se que o paciente foi aumentando sua percepção e consciência frente a morte. O instrumento foi um facilitador desse atendimento e do contato da dupla paciente/cuidador.

Ana Laura Schliemann; Maria Helena Pereira Franco.

PUC / SP.



Análise do conceito de infância/ adolescência e sua relação com a Imputabilidade Penal.

Considerando que a infância/ adolescência é um tema comumente abordado pelas ciências jurídicas, vislumbrando-se mesmo um diploma legal específico, o Estatuto da Criança e do Adolescente, objetivou-se fazer uma revisão crítica sobre seu conceito e sua relação com o critério biológico de imputabilidade penal. No Direito Penal pátrio, apesar da existência de algumas abordagens bio-psico-sociais, para a determinação da imputabilidade penal foi adotado o critério biológico, de modo que na análise da infância/ adolescência são priorizadas as descrições de fases e estágios maturacionais, sendo então a criança/ adolescente definida como um ser eminentemente frágil e dependente do adulto, caracterizado pela falta. Assim, a criança/ adolescente é vista como um ser que ainda não é, pois lhe falta idade, maturidade ou adequação social. Desta forma, a infância/ adolescência é tida como uma fase identificada por certos padrões comportamentais característicos. Somando-se a esta idéia, de um lado há a noção de pureza e meiguice infantis, e de outro, a incompletude/ imperfeição e conseqüente necessidade de moralização por parte do adulto. Ambas atitudes aparentemente ambivalentes e contraditórias são fruto de uma concepção de infância/ adolescência enquanto natureza ou essência. Tal pensamento redundava num conceito único e abstrato de infância/ adolescência, pois identifica todas as crianças/ adolescentes como iguais, ou seja, como existindo um conceito ou ideal de criança/ adolescente abstrato e universal. Este posicionamento impossibilita uma análise da condição infantil/ juvenil, de suas significações ideológicas e das relações da criança/ adolescente com a sociedade, pois a mesma é vista como um ser que se desenvolve descolado de seu contexto sócio-histórico. Destarte, o desenvolvimento e desempenho da criança/ adolescente são encarados como algo natural, não condicionados a fatores sociais. Contudo, percebe-se que o conceito de infância/ adolescência é determinado historicamente num processo dialético com as variadas formas de organização social e contextos político-econômicos. Assim, em nossa sociedade, de um lado há a infantilização dos sujeitos, eternizando-se a infância/ adolescência, e de outro, sua adultização, resultando em diferentes papéis desempenhados pelas crianças/ adolescentes, dependendo do contexto nos quais estão inseridas. Sob este prisma o Direito, como influente instrumento social, deveria ater-se menos a discussões acerca do aumento/ diminuição do critério biológico da imputabilidade penal, balizando artificialmente os limites da infância/ adolescência e adultidade, e ocupar-se em elaborar mecanismos efetivos para a superação da sutil, mas insistente, tentativa de eliminação das diferenças.

Zocche, Claudia Regina Endo.

UEL; UniFil – Londrina / Pr.



Análise do pensamento complexo e da representação social com adolescentes do ensino médio.

O seguinte projeto procurou focar uma análise do pensamento complexo e da representação social de violência e não-violência através de redações de alunos do ensino médio da rede pública de São Paulo. Procuramos observar e entender o antagonismo existente no pensamento destes alunos, que acreditam na violência legítima do Estado (por exemplo, a pena de morte) tanto quanto na não-violência de Gandhi como propostas de combate e prevenção da violência na sociedade. Como entender e conhecer a contradição que está no pensamento e se mostra como fato natural dos acontecimentos? Alguns objetivos visavam em possibilitar uma reflexão entre a natureza da violência e não-violência no convívio das relações entre os alunos. Utilizar a contradição como instrumento para provocar reflexão. A não-violência como manifestação da cidadania. O pensamento complexo proposto por Edgar Morin contribuiu no entendimento das contradições e da leitura para a análise dos antagonismos. A metodologia utilizada foi a realização de dissertações estimuladas por textos obre a aplicação da pena de morte e sobre a vida de Gandhi e a não-violência. A pesquisa foi realizada com duas turmas de aproximadamente 20 alunos cada, com idades entre 17 à 20 anos, todos do 3º ano. Procuramos trabalhar na primeira turma com o material sobre a pena de morte seguido do Gandhi e a não-violência. Na outra turma invertemos a seqüência. Para a análise do material foi usada a técnica de representação social, buscando compreender e observar conceitos por uma visão da psicologia social. Vimos a defesa daqueles que são a favor da pena de morte se dar em grande parte por falta de reflexão, devido ao imediatismo e a dificuldade de entender que a não-violência não se trata de algo passivo ou falsamente moralista. Em contrapartida, a turma que tomou contato com o debate sobre Gandhi e a não-violência primeiro mostrou-se mais coerente, menos contraditória, reflexiva e ativa no desejo de exercer sua cidadania, revelando que a não-violência pode não apenas ser um conceito ou uma idéia, mas algo viável e uma forma atuante no combate a violência. As intervenções devem existir em qualquer momento das perspectivas dos adolescentes, pois estão atualmente sugestíveis a aceitar idéias dogmáticas e sectárias por falta as vezes de propostas que lhes incentivem e reconheçam a real capacidade de sua condição.

Alessandro de Oliveira Campos.

Universidade Paulista – UniP.



Análise dos Comprometimentos que a Perda dos Dentes Acarreta, e Modificações Ocorridas Após o Processo Reabilitador Oral Sobre Implantes.

A perda dos dentes implica em um trauma psicológico que acarreta limitações físicas, emocionais, sociais e psíquicas. O presente trabalho teve por objetivo compreender como o sujeito vivencia esta perda e se ocorreram mudanças significativas na sua auto-imagem após a colocação de próteses fixas sobre implantes. Foram realizadas entrevistas antes e após a colocação de próteses fixas sobre implantes, sob carga imediata, com 15 pacientes desdentados totais. Verificou-se ao longo do trabalho que a área social e a auto-imagem foram as mais afetadas pela perda dos dentes, sendo que após a colocação da prótese fixa sobre implante houve uma significativa melhora destes pacientes, na percepção positiva de si mesmo e na capacidade de aceitar-se e sentir-se aceito pelos outros.

Claudia Lourenço de CARVALHO; Fulvia de Souza VERONEZ; Maria de Fátima BELANCIERI; Luiz Eduardo Pinto De Carvalho.

UNIVERSIDADE DO SAGRADO CORAÇÃO DE BAURU – SP.



Análise dos fatores de risco a partir dos estudos epidemiológicos sobre suicídio e tentativa de suicídio.

A revisão de estudos epidemiológicos realizados no Brasil e em outros países possibilita o conhecimento das taxas de incidência de suicídio e tentativa de suicídio nas respectivas populações, além de contribuir para uma concepção dos fatores de risco. A taxa mundial de suicídio encontra-se na faixa de 16 por 100.000 habitantes com variações conforme sexo, idade e país. Estima-se que as tentativas de auto-extermínio sejam 20 vezes mais frequentes do que os suicídios consumados. A morte por suicídio passou a ocupar a terceira posição entre as causas mais frequentes de falecimento na população de 14 a 44 anos de idade nas últimas cinco décadas. Atualmente os jovens representam o grupo de maior risco em 30 países, inclusive no Brasil. Não há uniformidade nos procedimentos de notificação do suicídio, limitando a precisão das taxas de incidência em refletir a ocorrência do fenômeno nos países. Há evidências de subregistro das ocorrências no Brasil, em que a taxa de suicídio registrada é 4 por 100.000. Observam-se diferenças em relação ao gênero: os homens cometem mais suicídio e as mulheres fazem mais tentativas. Os métodos mais utilizados pelos homens apresentam alto grau de letalidade: enforcamento, arma de fogo, precipitação de lugares elevados, atear-se fogo. Os métodos mais usados pelas mulheres são: ingestão de medicamentos e de outras substâncias químicas. Os transtornos mentais estão associados com mais de 90% dos casos de suicídio, destacando-se os transtornos do humor, da personalidade, o abuso de substâncias e a esquizofrenia, sendo comum a comorbidade. Estudos recentes entre os jovens que cometem suicídio apontam uma elevada incidência de transtornos da personalidade. A história de desenvolvimento emocional das pessoas que cometem ou tentam suicídio guardam similaridades, destacando-se o predomínio de experiências adversas na infância e adolescência, como: situações de violência física, sexual, negligência e rejeição; mudanças frequentes em suas condições de vida; separações conjugais dos pais; trocas frequentes das pessoas responsáveis por seus cuidados; falta de convivência intensa com pares. Entre os eventos desencadeadores, geralmente encontramos graves conflitos relacionais e perdas interpessoais significativas. A decisão de tirar a própria vida geralmente é tomada pouco tempo antes do ato ser impetrado, denotando impulsividade, mesmo entre as tentativas de alto grau de letalidade. Conclui-se que o suicídio e a tentativa revelam uma situação de sofrimento psíquico, geralmente associada a uma história de vida marcada por experiências estressoras, em que os conflitos relacionais e perdas interpessoais assumem o papel de precipitadores, sendo a decisão de tirar a própria vida marcada pelo prejuízo da qualidade do julgamento e pela impulsividade. Além desses elementos, o risco na adolescência e juventude parece aumentado em função dos estressores internos e externos próprios dessa fase.

Daniela Yglesias de Castro Prieto; Marcelo Tavares.

Universidade de Brasília.



Análise dos planos de ensino da área de psicologia do trabalho.

Este trabalho mostra os resultados de um dos momentos da pesquisa realizada no Programa de Mestrado em Psicologia Social e da Personalidade, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Uma das questões que norteou a pesquisa foi sobre como estão construídos os planos de ensino das disciplinas carro-chefe da Psicologia no contexto do trabalho. Foram analisados planos de ensino de 11 (onze) IES particulares, 5 (cinco) federais e 4 (quatro) estaduais, das regiões Sul e Sudeste, que foram construídos (os planos de ensino) entre os anos letivos de 1999 a 2000, e que ainda estavam vigentes no ano letivo de 2001. Para se realizar as análises, primeiro fizemos um levantamento de cada plano, que compreendeu a alocação dos conteúdos de cada parte integrante do mesmo como: nomenclatura da disciplina, ementa, objetivos educacionais, conteúdos programáticos e referências bibliográficas nas fases/faces da Psicologia no contexto do trabalho, quais sejam Psicologia da Indústria, Psicologia Organizacional e Psicologia do Trabalho. Para cada uma destas fases/faces foram definidas atividades já consolidadas na história desta disciplina, as quais serviram como dispositivos para identificação dos conteúdos nos planos, e possível alocação dos mesmos na suas fases/faces correspondentes. O levantamento nos mostrou que (a) a maioria nomeia a disciplina ou como Psicologia Organizacional, ou como Psicologia do Trabalho; (b) poucas apresentam um posicionamento epistemológico diante da visão de ser humano-trabalho; (c) a falta deste posicionamento diante o conteúdo ensinado, favorece a construção de planos de ensino com teores contraditórios, não deixando claro (d) o posicionamento filosófico-político do projeto pedagógico da área, o que não corrobora para uma formação que invista na prática da pesquisa, e à construção de um pensamento crítico, demonstrando uma formação mais voltada para a prática tecnicista que atenda as demandas do mercado.

FREITAS, Sylvia Mara Pires de; GUARESCHI, Neuza Maria F.



Análise e definição de foco no atendimento de casal em Psicoterapia Breve de orientação psicanalítica.

A partir da experiência de atendimentos de casais em psicoterapia breve realizados no Projeto “Problemas Conjugais: Atendimento Em Psicoterapia Breve” que vem se realizando na Clínica Psicológica do Instituto Sedes Sapientiae desde junho de 1999, a questão que se abre para reflexão é como se dá o processo de focalização nos atendimentos de casal. Esta questão faz-se pertinente por dois motivos fundamentais: (1) a capacidade de focalização no trabalho de psicoterapia breve por parte do cliente/casal e do terapeuta é um critério de suma importância na definição da indicação e na realização desta modalidade de atendimento; e, (2) há pouca literatura abrangendo a definição do foco quando se trata de atendimento de casal em psicoterapia breve de orientação psicanalítica (diferente das propostas das terapias de esclarecimento, orientação ou terapias egóicas). No atendimento de casal há uma mudança no campo psicoterapêutico. Não se trata mais de uma relação transferencial terapeuta-cliente que se estabelece, mas agora apresentam-se o terapeuta e o casal. Nesta configuração envolvendo três sujeitos, manifestam-se a relação entre o casal, a relação do casal com o terapeuta e as relações de cada membro do casal com o terapeuta, todas regidas por motivações inconscientes e agindo no processo de focalização. A partir da pressuposição da atualização das relações primitivas tanto na relação conjugal atual como na relação transferencial com o terapeuta, propomos a convergência dos fatores: relações primitivas, relação transferencial e conflito atual para compreender o conflito do casal em questão e definir o foco considerando duas histórias de vida convergindo em uma relação atual em crise (podendo a crise ter partido de qualquer um dos cônjuges). Apresentaremos um caso clínico atendido no Projeto para ilustrar e desenvolver a análise e definição de foco em um atendimento de psicoterapia breve de casal.

Martha Serodio Dantas; Patrícia João Muniz; Mauro Hegenberg.



Análise Freudiana e Junguiana da Prancha 19 do T.A.T.

O presente estudo propõe uma análise da prancha 19 do T.A.T. através da teoria psicanalítica de Freud e analítica de Jung com vistas a compreender como seis sujeitos do sexo feminino, faixa etária de 19 a 25 anos, nível superior incompleto, responderam a esse estímulo. A prancha 19 apresenta "um quadro estranho mostrando formação de nuvens, sobrepassando uma cabana coberta de neve no campo". (Murray, 1995). Dado o distanciamento desta imagem com situações mais corriqueiras e familiares presentes em outras pranchas do T.A.T., a prancha 19 suscitaria no sujeito fantasias do inconsciente, trazendo à tona conteúdos referentes à necessidade de proteção/amparo, sentimentos de frustração, medo, carência/conforto, vazio/plenitude. Os conteúdos evocados por essa prancha mostram-se semelhantes àqueles apresentados diante da prancha 11. Realizou-se a análise de conteúdo da prancha 19 e com base na teoria psicanalítica freudiana, pode-se pensar em: distanciamento em relação ao estímulo - utilização dos mecanismos de defesa, em especial os de negação, sublimação e formação reativa; inibição das fantasias; emergência dos processos primários - fabulação distanciada das imagens, expressão de afeto negativo, instinto de morte; conflitos referentes à necessidade de proteção e amparo. A contribuição da teoria analítica junguiana foi feita considerando-se o interjogo das polaridades contidas nos sentimentos que emergem do inconsciente pessoal onde se encontram os complexos afetivos e, sobretudo os arquétipos presentes no inconsciente coletivo. Através da análise dos símbolos presentes foi utilizada a técnica de ampliação, podendo assim favorecer a elaboração dos conteúdos individual e coletivo, recorrendo-se aos personagens dos contos de fada e mitologias que favorecem a elaboração dos conteúdos. A análise evidenciou momentos de progressão e regressão da libido, complexos negativos, funções endopsíquicas e ectopsíquicas da consciência aos principais arquétipos: sombra, persona, anima, animus e self. Explorou-se os símbolos estruturantes do desenvolvimento da personalidade, desde os aspectos mais indiferenciados e primitivos - uruborus - até conteúdos mais elaborados do self. De modo geral e abrangente a análise demarca elementos do processo de individuação.

Beres, V.; Brasil, A.; Hirakava, M.

Universidade São Judas Tadeu.



Análise microgenética como método de investigação dos processos interativos de crianças nos dois primeiros anos de vida, em creche.

O estudo de processos interativos de bebês representa uma área crescente de investigação na Psicologia, principalmente pelo aumento na demanda por vagas para essa faixa etária em instituições de cuidado e educação coletivas. Tais investigações têm se deparado com importantes dificuldades, as quais envolvem tanto aspectos conceituais do processo interativo, como metodológicos. Em relação ao aspecto conceitual, o presente trabalho parte do conceito de interação como regulação recíproca do comportamento, na qual o conjunto de ações individuais são dinamicamente constituídas pela existência e pela ação do outro. No entanto, dada à dificuldade de apreender essa regulação em bebês, emerge na investigação um problema metodológico, que tem levado à utilização da análise microgenética no estudo dessas interações. Esse tipo de análise tem por objetivo buscar as origens das transformações que se dão durante o desenvolvimento de um fenômeno e que ocorrem numa dinâmica temporal e situacional. Envolve tanto a mudança de comportamentos, quanto de emoções, num processo de co-construção e transformações mútuas das pessoas envolvidas nas situações. Dentro dessa perspectiva, realizamos um estudo de cenas interativas de uma criança de 11 meses e 9 dias em suas atividades na creche. O objetivo foi o de identificar e recortar cenas interativas dessa criança junto a outras que com ela mantiveram contato, ao longo de um período de 3 meses de gravação, para se entender se e como ocorre o processo interativo nessa faixa etária. O caso foi selecionado a partir do Banco de Dados do Projeto Integrado “Processos de Adaptação de Bebês à Creche”, sistematizado pelo CINDEDI. Aquele acompanhou processos ligados a 21 bebês (5 a 14 meses de idade), que passaram a frequentar uma creche universitária. O Banco de Dados é constituído por 54 fitas de vídeo (75 horas de gravação), as quais foram vistas e delas selecionadas todos os momentos em que a criança aparecia. Depois, foram feitos recortes no material, destacando somente os episódios interativos criança-criança, nos quais se fez uma análise microgenética. A análise nos revelou que interações ocorreram e, em grande parte, decorreram das atividades que lhe foram propostas em sua rotina, quer mediadas pelo adulto, quer pelo brinquedo. Entretanto, algumas decorreram pela procura direta da criança por parceiros de interação. O modo como essas interações ocorreram nem sempre parecia intencional, mas podia levar uma outra criança a compartilhar a ação iniciada ou desencadear uma outra, ainda que durasse poucos segundos devido, entre outras coisas, ao desajeitamento motor próprio à idade. Ainda, retomando a análise do conjunto das crianças, tais características puderam ser identificadas em crianças com idades próximas à da criança estudada.

Anjos, Adriana Mara dos; Amorim, Katia de Souza; Rossetti-Ferreira, Maria Clotilde.

Universidade de São Paulo, FFCLRP, Ribeirão Preto.



Análise psicossocial das transgressões praticadas por adolescentes institucionalizados.

A sociedade, por meios de movimentos populares, organizações não governamentais (ONGs), pastoral da criança, entre outros, tem mostrado interesse e solidariedade para com os excluídos socialmente. Ainda assim, a dimensão do problema exige um envolvimento maior, especialmente das universidades que têm compromisso político e responsabilidade social na transformação da realidade brasileira. Em razão da dimensão que vem tomando o cotidiano de adolescentes que vivenciam situações de exclusão social foi elaborado um projeto de extensão denominado “Ação Interdisciplinar no Combate à Violência Contra a Criança e Adolescente”, o qual integra docentes e discentes dos cursos de serviço social, direito e psicologia da Universidade Estadual de Londrina. As ações têm como objetivo desenvolver estratégias para a superação da problemática da violência, que se manifesta das mais diferentes formas. O presente trabalho é parte integrante deste projeto de extensão e destina-se à intervenção em uma instituição que abriga 12 crianças e adolescentes órfãos, abandonados pela família ou retirados destas por situação de risco. A realidade destas crianças e jovens está marcada por desamparo e indiferença da sociedade civil, já que esta última não se envolve de maneira direta nas questões que configuram o cotidiano. Levantamento feito junto a esse grupo para caracterizar as necessidades e dificuldades destes e da instituição revelaram um grande isolamento social, resultado das ações dos seus dirigentes que instituem limites que acentuam a distância entre estes jovens e outros que habitam com seus familiares, como as profundas restrições impostas pela própria comunidade, pois representa as crianças institucionalizadas com estereótipos e preconceitos que promovem de forma contínua a exclusão social. Viver o cotidiano como um jovem que pode locomover-se para diferentes lugares, participar de distintos grupos sociais, desenvolver atividades diversas para descobrir habilidades e competências passa a ser a meta e, para conquistá-la desafiam as normas e costumes institucionalizados. A transgressão passa a ser condição para a expressão de uma subjetividade até então desconhecida e negada. Diferentes estratégias de intervenção são empregadas para promover mudanças que atinjam a instituição em sua totalidade. Encontros semanais são realizados com o grupo de adolescentes, nos quais são trabalhadas unidades temáticas como família, sexualidade, trabalho, relacionamentos afetivos, numa tentativa de desenvolver habilidades sociais que proporcionem a inclusão social destes jovens. As dificuldades para lidar com um cotidiano adverso, que se expressa muito mais pela prática do “não”, nas mais diferentes dimensões da vida cotidiana oferecem uma oportunidade única para a criatividade e inovação no processo de intervenção psicossocial, estimulando não só a integração de várias áreas de conhecimento, mas, sobretudo porque permite a articulação constante entre teoria e prática, caminho para se conquistar a cidadania para esse segmento da população e garantir que as ações dos profissionais sejam pautadas pela ética.

Camila Mugnai Vieira; Letícia Figueiró; Mari Nilza F. de Barros; Priscila Ribeiro.

Universidade Estadual de Londrina – PR.



Análise qualitativa dos subtestes do WISC em crianças com e sem dificuldade de leitura/escrita.

Este trabalho teve por objetivo avaliar os diferentes aspectos do funcionamento intelectual de crianças com e sem dificuldade de leitura/escrita, sem comprometimento orgânico ou mental evidente, por meio da Escala Wechsler de Inteligência para Crianças - WISC (Wechsler, 1949) traduzida e adaptada para a língua portuguesa (Poppovic, 1964). O WISC foi aplicado em 15 crianças com dificuldade de leitura/escrita e em 15 sem dificuldade de leitura/escrita, regularmente matriculadas em escolas estaduais da Cidade de São Paulo, cujas idades variaram entre sete e 11 anos e cinco meses, selecionadas dentre as atendidas no ambulatório dos Distúrbios da Comunicação Humana do Departamento de Otorrinolaringologia/Distúrbios da Comunicação Humana, da Universidade Federal de São Paulo - Escola Paulista de Medicina. A análise estatística apontou que crianças com dificuldade de leitura/escrita obtiveram melhores resultados nos subtestes semelhanças, cubos e código e piores nos subtestes compreensão e informação, revelando que possuem potencial intelectual não atualizado devido à problemática emocional que interfere diretamente no funcionamento intelectual, prejudicando também o nível de atenção, a memória remota e a capacidade de adquirir conhecimentos acadêmicos e gerais, aspectos essenciais para o aprendizado da leitura/escrita. Indicando ainda que, apesar da problemática emocional, alguns aspectos do funcionamento intelectual encontram-se preservados: orientação espacial, memória auditiva imediata, capacidade de simbolização, raciocínio aritmético, seqüência lógico-temporal e coordenação viso-motora. Quanto ao grupo sem dificuldade de leitura/escrita, a análise estatística demonstrou que essas crianças possuem capacidade para raciocinar aritmeticamente, de conceituação, de análise e síntese, para reter informações advindas do meio ambiente e usá-las quando necessário, resolver problemas da vida cotidiana, separar detalhes essenciais de acidentais, coordenação viso-motora, seqüência lógico-temporal, aquisição e desenvolvimento de esquema corporal e memória auditiva imediata íntegra, embora apresentem dificuldade de atenção.

Sousa ALT, Kuhn AMB.

UniFMU Centro Universitário/Universidade Federal de São Paulo; UNIFESP – EPM.



Anatomia social de um crime em família. Estudo psicossocial sobre a dialética dos discursos e representações sobre família, afetos, homens e mortes [DM].

O presente estudo versa sobre os discursos policial, jurídico, psiquiátrico e jornalístico produzidos acerca de um jovem, autor de um quádruplo homicídio em família (patri-matri-fratricídio). O dossier sobre o caso, e ainda mais três explicações para a conduta violenta, oriundas do campo psi, foram analisados a partir da arqueologia, genealogia e ética foucaultianas visando esclarecer os motivos e os modos de construção destes discursos. O estudo permitiu constatar que as diferentes instâncias sociais solidarizaram-se para forjar uma representação do homicida compatível com o consagrado modelo da psicopatia - a ausência de remorsos, a incapacidade para a empatia, a frieza afetiva e a insensibilidade moral; também, que produções do campo psi prestam-se a dar referendo científico às colusões sociais que retratam os homicidas como seres malignos, portadores de aberrações biológicas que os incapacitam a desenvolver adequadamente a afetividade e a moralidade, condenando-os aos atos criminosos violentos. Estas constatações, discutidas pelo prisma das contradições da sociedade contemporânea, deixam vislumbrar parte daquilo que se obnubila por estes discursos: remetendo ao plano biológico as determinações da conduta irracional e violenta, poupa-se de crítica o ordenamento sistemático das relações sócio-econômicas. Em conclusão, apresenta-se como imperativo derivar para a ciência psi a injunção de conhecer e denunciar as interveniências dos planos individual e coletivo em toda e qualquer conduta humana - o mais irracional e violento dos crimes cometido por um homem, guarda obrigatoriamente os traços da irracionalidade e violência do sistema social que o envolve; aperceber-se deles é condição de transformá-los.

Sandra Maria Patrício Ribeiro.

Universidade de São Paulo.



Ansiedade de separação: intervenções psicológicas na adaptação da criança à escola infantil.

O período de adaptação na escola de educação infantil é um momento extremamente delicado, não só pelo impacto provocado pela separação família-criança, mas, também, pelas peculiaridades da faixa etária atendida, dos três meses aos seis anos, na qual a criança precisa de especial atenção em sua gradativa trajetória da dependência à autonomia. Temerosa de que a criança não seja atendida em suas necessidades básicas, a família mostra-se insegura e resistente, dificultando sua permanência na escola. Ficar longe da família em um ambiente desconhecido pode ser percebido como ameaçador pela criança que passa a transitar entre o querer estar na escola e o temor de ser abandonada. Atenta a essa questão, o presente estudo analisa as estratégias adotadas pelas escolas de educação infantil no período de adaptação e discute as singularidades de cada situação, retomando caminhos percorridos e propondo novas formas de atuação. Ressaltando que esse é um momento crítico no processo separação-individualização e que os ajustamentos à nova situação vão sendo gradativamente construídos, essa investigação destaca o papel fundamental da escuta, bem como das orientações antecipatórias e aponta para a necessidade da escola sintonizar-se com a família, abrir seus canais de comunicação e acolhê-la como parceira. Enfatizando a importância de ser estabelecido um programa progressivo de inserção gradativa da criança na escola e de serem criadas oportunidades diárias de comunicação individualizada com a família, o estudo mostra, ainda, que a aceitação da família depende, de alguma forma, do apoio recebido pela escola que deve manter-se atenta e flexível para as orientações e suportes necessários, garantindo a construção do novo vínculo pela criança. Com uma disponibilidade atenciosa, a escola deve mostrar-se sempre receptiva para ouvir os pais e ajudá-los a perceber os limites e recursos da sua criança. Tendo como referencial teórico a abordagem centrada na pessoa, o presente trabalho indica que na medida em que a relação escola-família seja mediada por atitudes de autenticidade, empatia e aceitação positiva incondicional, os vínculos tornam-se sólidos, facilitando o diálogo e assegurando a sedimentação da confiança indispensável para que a criança sinta-se emocionalmente confortável na nova situação.

Maria Cecília Cury.

Universidade Castelo Branco.



Ansiedade Matemática: caracterização e contribuições da terapia comportamental João dos Santos Carmo.

Recentemente a literatura que trata da aprendizagem da matemática tem destacado padrões típicos de ansiedade diante de situações como provas, exames, aulas, textos, e qualquer estímulo visual ou auditivo associado à matemática. Os padrões envolvem tanto reações fisiológicas desagradáveis quanto respostas de fuga e esquiva e respostas encobertas (auto-regras) e diferem das descrições peculiares às dificuldades de aprendizagem, como a discalculia. Entretanto, não há até o presente momento uma sistematização dos dados quanto ao uso de um modelo experimental de ansiedade que caracterize e dê consistência aos achados relatados em estudos diversos. O objetivo do presente estudo é duplo: caracterizar a ansiedade matemática utilizando o modelo experimental fornecido pela Análise Experimental do Comportamento (AEC) e apresentar e discutir dados acerca da eficácia de estratégias terapêuticas e pedagógicas aplicadas ao tratamento de indivíduos que apresentam ansiedade à matemática. Para tanto, fez-se um levantamento em três áreas: 1) Análise Experimental do Comportamento; 2) Clínica Comportamental e Cognitiva; 3) Educação Matemática. Na primeira área verificou-se qual modelo experimental de ansiedade é utilizado em AEC. Na segunda, identificou-se as estratégias de tratamento mais comuns apontadas na literatura. Na terceira, buscou-se verificar como a literatura tem identificado situações típicas de ansiedade matemática. O resultado do levantamento aponta para o uso de um modelo experimental de ansiedade já tradicional - o de supressão condicionada diante de estímulos pré-aversivos - ao qual, para o caso de sujeitos humanos, tem sido acrescentado o papel da linguagem na produção de auto-regras e auto-atribuições negativas bem como na derivação de relações simbólicas. Esse modelo pode ser útil na descrição funcional das situações relatadas na literatura de educação matemática como sendo típicas de ansiedade à matemática. O levantamento também indica que há fortes razões para supor que a associação entre estratégias adequadas de ensino (programas de ensino individualizado que disponibilizam os pré-requisitos necessários aos tópicos de estudo e auxiliam os indivíduos a reestruturarem seu ambiente de aprendizagem) e técnicas terapêuticas de redução de ansiedade (relaxamento progressivo e dessensibilização sistemática) e de reestruturação cognitiva (alteração de auto-regras e auto-atribuições negativas), apresenta maior eficácia do que qualquer um desses procedimentos usados isoladamente. Como no Brasil ainda não dispomos de descrições de casos e relatos de estudos acerca de ansiedade à matemática, os dados aqui apresentados fornecem diretrizes gerais aos pesquisadores, terapeutas, psicólogos escolares e educadores que lidam com situações semelhantes em suas práticas profissionais.

Universidade da Amazônia, Universidade Federal de São Carlos.



Apenadas e projetos ocupacionais: o trabalho (des)articulado do Projeto de Vida."

As transformações pelas quais tem passado a sociedade vêm deixando cada vez mais exposto a falência do sistema penitenciário que aponta para a necessidade não suprida de reinserir homens e mulheres em conflito com a lei e em situação de exclusão. Discute-se, neste trabalho, a conduta do apenado frente a construção do Projeto de Vida sob a óptica de suas representações sociais, refletindo acerca do trabalho que realizam em convênios implementados pelo projeto "O Trabalho Liberta" entre o Sistema Penitenciário da Paraíba e empresas públicas do estado. O presente estudo objetiva identificar o sentido do trabalho realizado para mulheres em conflito com a lei, verificando se o mesmo é uma mera ocupação do tempo ou uma apropriação para a construção do Projeto de Vida. Na confecção deste estudo piloto realizado na disciplina Orientação Profissional, utilizou-se uma amostra de 5 apenadas com faixa etária entre 25 e 45 anos, cumprindo pena em regime de liberdade condicional ou em direito semi-aberto. Como instrumentos para pesquisa foram utilizados: questionário, aplicado junto a empresa conveniada; e duas sessões de entrevistas individuais semi-estruturadas com as apenadas em local de trabalho. Mediante os depoimentos proferidos construiu-se um discurso coletivo efetuando posteriormente uma análise de conteúdo. Observou-se nos discursos construções tais como: "(...) com esse trabalho estou sustentando minha família(...) sobrevivo dele(...) aqui eu fico ocupada e recebo(...)". Verificou-se que o significado do trabalho realizado pelas apenadas apresenta uma tendência no sentido de uma ocupação do tempo, destacando-se a importância conferida a remuneração. Quanto a apropriação do trabalho na construção do Projeto de Vida observa-se que as expectativas quanto ao mesmo são perpassadas por esperanças de um futuro melhor em plena liberdade. Assim, verificam-se a necessidade por parte das apenadas de conciliar o trabalho temporário, com vistas a reinserção do apenado, com as suas perspectivas de vida.

Fabianno Andrade Lyra; Ana Paula L. da Silva; Camila Y. Mariz Maia; Riane K. de A. Vieira; Maria de Fátima Martins Catão.

UFPB.



Aplicação da prova de conservação de comprimento num grupo de crianças de 2ª série do ensino fundamental.

Pesquisas anteriores têm demonstrado a eficácia do uso de provas operatórias no diagnóstico do nível de desenvolvimento inicial das crianças que freqüentam escola. Sendo sabedores da necessidade premente de se identificar o raciocínio lógico das crianças envolvidas no contexto escolar e, posterior, benefício de tal conquista para a minimização das possíveis dificuldades de aprendizagem, propusemos a aplicação da prova de conservação de comprimento preconizada por Piaget num grupo de crianças do ensino fundamental. Participaram da pesquisa 60 alunos da 2ª série do ensino fundamental de duas escolas públicas da cidade de Uberlândia-MG. A aplicação ocorreu individualmente, durando cerca de 15 a 20 minutos. A prova de conservação de comprimento consta de uma adaptação da prova original a partir da deformação de linhas a comparar. Os materiais que compõe a prova: a- quatro palitos de madeira medindo 7 cm de comprimento por 0,8 cm de largura, denominados palitos grandes e nove palitos pequenos, medindo 4 cm de comprimento por 0,8 cm de largura, denominados palitos pequenos e b- uma folha de registro elaborada para esta prova. Nela foram anotadas as respostas de cada sujeito e o tempo de duração. A prova foi iniciada com a colocação de quatro palitos grandes alinhados em uma reta do mesmo comprimento, ou do mesmo tamanho que a construída pelo experimentador. A reta que a criança deve construir deve conter sete palitos pequenos para que fique do mesmo comprimento que a reta do experimentador. Foram feitas, então, as transformações na reta construída pelo sujeito, mudando, primeiramente, o palito da extremidade esquerda para a extremidade direita. Foi perguntado à criança se as duas retas tinham o mesmo comprimento/tamanho ou se uma estava maior ou menor que a outra. Foi solicitado, também, à criança que justificasse sua resposta. Em seguida procedeu-se a mais três transformações. A cada uma delas, foi solicitado à criança que dissesse se o comprimento das duas estradas era o mesmo. Após, a criança deveria justificar sua resposta. Os sujeitos foram classificados como presentes quando afirmaram a igualdade de comprimento das duas estradas e justificaram suas respostas com argumentos de identidade, de compensação ou de inversão, em todas as situações de transformação da prova. Foram classificados como intermediários os sujeitos que apresentaram resposta de conservação em pelo menos uma das transformações, afirmando a igualdade e justificando sua(s) resposta(s) com um dos argumentos operatórios. E, finalmente, foram classificados como ausentes os que não apresentaram resposta conservadora em todas as transformações e não afirmaram a igualdade, ou se chegaram a afirmar, não apresentaram quaisquer dos argumentos operatórios. Os resultados demonstraram que das 60 crianças testadas, 39 foram classificadas como ausentes, isto é, sem indícios de operatoriedade. Como intermediárias, 18 crianças e com presença de conservação, 3 crianças. Esses dados evidenciaram que apesar das crianças estarem numa faixa etária em que a presença de conservação é esperada, os resultados identificaram que a operatoriedade nesse grupo de crianças não foi significativa. Além disso, sugere-se a elaboração de processos interventivos que privilegiem a promoção da aprendizagem nos sujeitos envolvidos.

Claudia Araújo da Cunha; Karine Alves de Oliveira Botelho; Karla Cristina Martins; Scheila Maria Ferreira da Silva.

Universidade Federal de Uberlândia.



Aplicação do BBT-Br na vida profissional: um estudo de caso.

Visando ilustrar a possibilidade informativa da Forma Feminina do BBT-Br como técnica projetiva de clarificação das inclinações motivacionais em nosso contexto sócio-cultural, elaborou-se um estudo de caso através de uma aplicação individual deste instrumento em uma profissional de 40 anos, formada há 16 anos em Química, com Mestrado na área de Oceanografia Química, atualmente professora e pesquisadora em uma universidade pública. Também referiu, na entrevista, interesse por música. Sua produção no BBT-Br (41 escolhas positivas e 46 negativas) aproximou-se do padrão normativo de seu grupo de referência profissional em relação à quantidade de fotos positivas, porém com elevado número de escolhas negativas, sugerindo delimitação de interesses profissionais. Sua estrutura de inclinação motivacional ponderada concentrou-se nos fatores G, Z e V, sinalizando forte motivação para atividades investigativas, interesses estéticos e necessidade de racionalizar, utilizar a objetividade e a lógica, elementos compatíveis com o perfil de atividades do profissional de Química. Já sua estrutura de inclinação ponderada dos fatores primários negativos refletiu rejeição dos fatores S (principalmente SH), O, W e K. A baixa escolha pelas atividades representadas pelos fatores K e W sinalizou reduzido interesse por atividades que envolvam força física, contato físico e a afetividade, aspectos também encontrados no perfil da profissional de Química, que normalmente desenvolve atividades racionais pouco favorecedoras de expressão emocional. Por sua vez, a rejeição dos fatores O e S, em sua vertente SH, indicou desinteresse por aspectos relacionados à comunicação oral e ao contato interpessoal. O elevado número de escolhas do fator secundário v sinalizou um interesse mais acentuado por ambientes e instrumentos relacionados ao trabalho lógico e preciso, como laboratórios, aparelhos de medida e cálculos, configurando-se numa atmosfera profissional coerente com seu exercício profissional. Observou-se predomínio dos fatores V e G na história elaborada pela profissional, reforçando dois dos elementos principais de sua estrutura de inclinação motivacional, confirmando forte interesse por atividades intelectuais de natureza lógica e precisa (V), investigativa e dedutiva (G). Tal perfil de interesses tendeu a repetir-se nas principais fotos escolhidas como positivas (Gm – Laboratorista clínica; Vw – Controladora de qualidade têxtil; Gv – Laboratorista Química; G'v – Bióloga) e nas associações fornecidas aos grupos de fotos escolhidas positivamente pela profissional. Inclui na história das cinco fotos preferidas do BBT-Br sua variabilidade de interesses (contato com natureza, música, lazer), revelados em entrevista e por algumas verbalizações diante do BBT, principalmente frente ao terceiro grupo de fotos, sugerindo possibilidade de conciliar interesses profissionais e pessoais. Seus resultados no BBT-Br evidenciaram um perfil de interesses compatível com o padrão de atividades desenvolvido pelo profissional de Química, voltado para a compreensão racional de hipóteses sobre os fenômenos naturais, associado a aspectos empreendedores, possibilitando a concretização de suas investigações de caráter empírico e preciso, sugerindo vivência de realização e satisfação profissional, confirmadas em seu relato na entrevista. Ilustrou-se, dessa forma, as possibilidades informativas do BBT-Br relativas à clarificação das inclinações motivacionais e perfis ocupacionais em nosso contexto sócio-cultural, podendo otimizar vínculos profissionais satisfatórios e promotores do equilíbrio pessoal, conforme concepção original de Achtnich. (CNPq e FAPESP).

Sonia R. Pasian; André Jacquemin; Renata F. Assoni; Camila T. Corlatti; Erika T. K. Okino; Lenice Frazatto.

USP.



Aplicações da Gestalt-terapia no trabalho clínico com comunidades.

Este trabalho discorre sobre a aplicação dos pressupostos da Gestalt-Terapia no trabalho clínico em equipe interdisciplinar, junto a comunidades. É fruto do projeto de extensão Inserção do Psicólogo no Programa de Saúde da Família, o qual vem sendo desenvolvido desde 1998, numa parceria entre o Departamento de Psicologia da UFMG e a Secretaria Municipal de Saúde de Vespasiano (MG). Trata-se de assistência clínica à população menos favorecida cultural e economicamente, cadastrada no Programa Saúde da Família (PSF). As atividades desenvolvidas abarcam o trabalho com pessoas portadoras de diabetes e hipertensão arterial e visam à promoção do bem estar e à melhoria da qualidade de vida, num aspecto existencial, a partir da assistência psicológica. São elas: dinâmicas de grupo, visitas domiciliares, atendimentos individuais, teatro informativo e interconsultas com a equipe de saúde. Sendo a gestalt-terapia o referencial teórico, adota-se uma postura existencial-fenomenológica nas intervenções, que tem, subjacente, a visão do homem como um ser de responsabilidade, num processo contínuo de construção de si mesmo e em constante relação. Ele é considerado também um ser de múltiplas necessidades e potencialidades, sem descartar a existência de limitações. São enfatizados três pontos essenciais: a comunicação, incentivada e trabalhada entre os pacientes, entre estes e a equipe (e vice-versa), e dentro da própria equipe; sua awareness e a responsabilidade destes em relação ao tratamento e à própria vida. A utilização do método fenomenológico destaca-se por apresentar uma forma de escuta e questionamento peculiares, levando-se em consideração as características da população assistida, distintas daqueles atendidos em consultório particular. Procura-se captar a realidade dos pacientes a partir do seu referencial, sem a priori, valorizando seu código lingüístico, cultural e religioso, adotando-se a postura de aceitação da pessoa como ela se mostra e a crença na sua sabedoria orgânica. Busca-se ainda, a presentificação da experiência de cada pessoa e do grupo, com abertura para as necessidades emergentes naquele momento. Dessa forma, a relação entre figura e fundo é enfatizada, trabalhando-se também o trânsito entre as polaridades, tanto em relação à doença quanto a outros aspectos da vida. A experiência demonstra que o desenvolvimento da metodologia no contexto de grupo amplia os efeitos terapêuticos desta. O grupo, então, é constituído como um espaço de troca de experiências, de respeito às diferenças, de aprendizagem do diálogo, no qual os pacientes reconhecem entre si questões e vivências semelhantes e vislumbram novas possibilidades. Percebe-se que os benefícios deste tipo de trabalho se estendem para além da relação dos pacientes com a doença, pois eles apresentam reformulações gradativas também na sua postura diante dos diversos aspectos da vida. Observam-se, ainda, mudanças dentro da equipe interdisciplinar, no sentido de um atendimento mais humanizado. A título de ilustração, são apresentados alguns resultados práticos obtidos nessa proposta de atuação.

Cardoso, Cláudia Lins; Mayrink, Aline Ribeiro; Santos, Giovana Fagundes dos.

UFMG.



Apoio aos idosos para a reinserção na educação.

Este trabalho, realizado pelo Grupo de Estudos sobre o Deficiente, a Educação Especial e o Idoso, do Departamento de psicologia da UFS (Universidade Federal de Sergipe), com o apoio do CNPq, refere-se a um levantamento feito com docentes da UFS e voluntários da sociedade sergipana, visando contribuir para a implantação do projeto Universidade Aberta à Terceira Idade, idealizado pelo NUPATI (Núcleo de Pesquisas e Apoio à Terceira Idade /Proex/UFS), naquela Instituição. Tais levantamentos de dados, seguidos de ampla discussão, tiveram como objetivo verificar a aceitabilidade, por parte dos professores e voluntários, quanto à inserção dos idosos em cursos acadêmicos e em palestra e cursos, de curta duração, e em eventos extra - acadêmicos. Nessa pesquisa, a amostragem abrangeu alguns professores da Instituição, que estão atualmente lecionando nos seus diversos departamentos, além de voluntários da sociedade sergipana com habilidades para contribuir, através da realização de cursos e/ou palestras para grupos de idosos, para a composição de ofertas de vagas em disciplinas e em atividades complementares do projeto em questão. As entrevistas tiveram como instrumento de pesquisa dois questionários semi-estruturados, previamente elaborados, voltados para os dois grupos distintos: professores e voluntários. Embora estes questionários sejam estruturalmente diferentes, e voltados para grupos distintos, eles tiveram a mesma finalidade: obter dados pessoais do entrevistando, verificar a aceitabilidade dos entrevistados em preferir cursos e/ou palestras ao idoso, constatar a disponibilidade de horários e vagas a serem oferecidas aos idosos, averiguar os pré-requisitos julgados como desejáveis e/ou indispensáveis, por parte dos profissionais, para a participação dos idosos em tais atividades. Os professores entrevistados foram selecionados de acordo com as áreas apontadas como de maior interesse pelos idosos em uma pesquisa anteriormente realizada com este grupo. Os voluntários, por sua vez, foram escolhidos de forma randômica. Em seguida, foi elaborada uma listagem de possíveis colaborações, tanto dos voluntários como dos professores, que pode ser utilizada pelo NUPATI, a fim de complementar os procedimentos necessários à efetivação e implantação da Universidade Aberta à Terceira Idade. Concluído o levantamento, percebeu-se que a adesão dos professores em disponibilizar vagas extras, nas disciplinas lecionadas pelos mesmos, para os idosos, foi bastante satisfatória, bem como a disponibilidade dos voluntários em preferir cursos e/ou palestras para este grupo. Analisadas as complementações às respostas ao questionário, concluiu-se pela presença do espírito de colaboração dos entrevistados, bem como seu interesse em contribuir para a integração social e escolar do idoso. Espera-se que os resultados obtidos, por meio deste estudo, possam contribuir para incentivar outros programas de apoio à reinserção dos idosos na escola, proporcionando, também, subsídios para outras instâncias de pesquisas e ações voltadas para essa população.

Maria Stela de Araújo Albuquerque Bergo; Margarida Maria S. Britto de Carvalho; Lícia Vasconcelos de Almeida; Lavínia Barreto Aragão; Emanoella de Britto Melo Santos.

Universidade Federal de Sergipe.



Apoio Social e Saúde: O Caso da Associação Lutando para Viver.

Apresentamos aqui, resumidamente, alguns resultados de uma pesquisa qualitativa realizada no Centro de Pesquisas Hospital Evandro Chagas (CPqHEC/Fundação Oswaldo Cruz – Rio de Janeiro) cujo foco é a participação de pacientes em uma associação que funciona e atua dentro do hospital, a Associação Lutando para Viver (ALpViver). Com base nos conceitos de apoio social, rede social e empowerment procurou-se analisar o papel dessa associação no hospital e para a saúde dos pacientes. O CPqHEC é um hospital de que presta assistência e realiza pesquisa em doenças infecto-contagiosas como AIDS, leishmaniose, HTLV, micoses sistêmicas, doença de Chagas e toxoplasmose, sendo referência no tratamento e no estudo da síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS). A ALpViver surgiu no final de 1998 com duas pacientes a frente das ações de arrecadar e doar cestas de alimentos aos pacientes mais carentes. No momento da pesquisa a ALpViver funcionava em uma sala dentro do hospital e distribuía mensalmente cerca de 75 cestas de alimentos. Os dados foram obtidos por meio de observação participante e entrevistas semi-estruturadas com informantes qualificados, afim de apreender percepções e opiniões e sobre o papel e a atuação da ALpViver no CPqHEC. Foram entrevistados 5 profissionais de saúde do hospital de diferentes formações e 6 pacientes atuantes na associação. Através de um roteiro de perguntas abertas procurou-se identificar o significado atribuído pelos pacientes às suas experiências na ALpViver e a visão dos profissionais sobre a atuação da ALpViver no hospital. A partir da análise desses elementos foi feita uma discussão sobre os papéis da ALpViver no CPqHEC. Neste trabalho destacamos uma dessas análises. Observou-se que além das ações assistenciais, a ALpViver constituiu-se como um espaço de convivência e de circulação de informações entre os pacientes. As ações de apoio social constituíram mecanismos que aproximaram os pacientes em direção a objetivos comuns, contribuindo para seu empowerment no sentido do desenvolvimento e da descoberta de capacidades individuais, do aumento da auto-estima e de um papel mais ativo no tratamento. O estreitamento dos laços sociais contribuiu para melhorar a saúde desses indivíduos já que favoreceu o monitoramento da saúde através de comportamentos corretivos, onde um chama a atenção do outro para mudanças visíveis (como palidez, por exemplo), aconselha e incentiva a adesão, o que favorece muitas das atividades pessoais que se associam positivamente com sobrevivência: rotina de dieta, exercícios, sono, adesão a regime medicamentoso e demais cuidados com a saúde. As relações sociais, em geral, contribuem para dar sentido à vida, favorecendo a organização da identidade através dos olhos e ações dos outros já que se sente que “ estamos aí para alguém”, dado importante para as práticas dos psicólogos em hospitais e unidades de saúde. O sentimento de participar de uma comunidade, de se sentirem importantes e parte de alguma ação social, foi capaz de fazer com que esses indivíduos, alijados dos processos políticos e econômicos, elevassem a sua auto-estima e recuperassem o sentido da cidadania. Este trabalho é baseado na tese de mestrado defendida pela autora em 2001, na Escola Nacional de Saúde Pública/ Fiocruz, orientada pela professora Jeni Vaitsman, Pesquisadora Titular do Departamento de Ciências Sociais - ENSP/FIOCRUZ, com o título Grupo de apoio social no hospital: o caso do “lutando para viver”.

Gabriela Rieveres B. de Andrade.



Aprendizagem Cooperativa em Educação a Distância.

As novas tecnologias de Informação e Comunicação se apresentam como elemento que poderão promover modificações significativas na educação presencial. As salas de aula se abrem e assim, esses tradicionais locais de ensino e aprendizagem, devem estabelecer relações significativas na construção do conhecimento. O projeto teve como objetivo geral, analisar os mecanismos interativos que surgem durante um processo de aprendizagem, centrando a análise na participação e na cooperação entre os diferentes interlocutores. E como objetivos específicos: 1º Identificar as características específicas dos recursos educacionais proporcionados pelas novas tecnologias de Educação a distância; 2º estudar os impactos e mudanças geradas pelo uso da Internet nas escolas das regiões que participam do projeto; 3º Desenvolver uma nova proposta metodológica de trabalho em sala de aula, através do uso das NTICS como ferramentas; 4º Investigar criticamente a contribuição da informática para o rompimento do paradigma vigente em direção a transcendência do atual modelo de ensino fragmentado; 5º Analisar o comportamento dos professores diante da introdução das novas tecnologias na escola. O presente trabalho pretendia construir uma proposta capaz de motivar professores e alunos a construir uma nova visão sobre a construção do conhecimento através das Novas Tecnologias de Informação em Educação a distância via redes telemáticas. Para isto, elaborou-se um projeto no qual participaram, uma escola particular de Santa Cruz do Sul, Educar-se, e o Instituto Jean Piaget, do Uruguai. Estas escolas envolveram-se num processo que pretendia possibilitar metodologias interdisciplinares inovadoras, utilizando a informática como ferramenta facilitadora, visando um ambiente educacional amigável, interativo e colaboracionista. Participaram do projeto 23 alunos da sexta série da Escola Educar-se e 36 alunos da Escola Jean Piaget do Uruguai, ambos com média de idade de 11 anos. Ocorreram reuniões semanais com os pesquisadores onde eram analisadas ações e metodologias a serem utilizadas no projeto, pesquisa bibliográfica, intercâmbio entre professores das escolas participantes via e-mail para planejamento das atividades, visando padronizar o tempo utilizado em cada etapa, para que tudo ocorresse de forma similar, não ocorrendo assim desencontros. Primeiro, os alunos formaram duplas de trabalho, cada dupla de uma escola fez parceria com a dupla de outra escola. No início do intercâmbio, que deu-se no ano de 2000, cada uma das duplas trocaram características suas, realizando a primeira parte do trabalho: Conhecendo a história do meu amigo, No segundo momento, realizaram um trabalho sobre a "PAZ", e assim sucessivamente conforme interesse dos participantes. Em 2001, dando continuidade, os alunos selecionaram os assuntos, problematizaram o mesmo e o intercâmbio teve prosseguimento. Neste ano, o professor atuou mais como um mediador em sala de aula. No final do mesmo ano houve o encontro presencial entre os alunos para poder conhecer o amigo virtual. Está sendo construída uma página para disponibilizar os dados na internet. Como resultados deste projeto definimos: O mal estar do professor diante do computador; A falta de preparo dos professores para desenvolverem projetos interdisciplinares; O professor precisa conhecer os diferentes recursos de uso da informática para a construção do conhecimento; A sincronicidade do trabalho é um aspecto fundamental, é necessário que os parceiros tenham interesse e motivação semelhantes; o desejo é um aspecto fundamental para que a aprendizagem ocorra e que o gênero é um fator que influencia no processo de interação virtual.

Márcia Leão Radtke; Paulo Gaspar Graziola Junior; Bettina Steren dos Santos.

FAPERGS; PUIC-UNISC.



Aprendizagem da leitura e escrita pelo jogo “Conte um Conto”.

Dominar linguagens - saber interpretar e se expressar em diferentes gêneros discursivos, produzir, trocar e compreender informações - é considerado, hoje, uma competência fundamental. O presente trabalho ilustra um de nossos esforços em favor do desenvolvimento deste domínio em um contexto de oficinas de jogos para alunos da Escola Fundamental. Trata-se de descrever uma proposta de construção de histórias, por intermédio de cartões produzidos e divulgados pela UNICEF. Cada cartão (de um total de 104) possui em suas faces uma imagem correspondente a uma ação, objeto, pessoa ou acontecimento. Legendas em cinco línguas representam as imagens em palavras. Apoiado neste recurso propõe-se a crianças, de primeira à quarta série, que “contem um conto”. Para isso, primeiro, exploram-se os cartões estimulando a observação e a descrição das imagens, classificação ou ordenação por temas. Em seguida, são sorteados alguns cartões (4 ou 5) que as crianças, individualmente ou em grupo, devem utilizar como base para a construção de uma história. Este texto, depois, é lido, as crianças devem descobrir os cartões que motivaram as narrativas. Ou seja, são criadas diversas modalidades de jogos, explorações, desafios ou situações-problema que promovam a leitura e a escrita de textos motivados pelas ilustrações dos cartões. Em nossa apresentação, o objetivo é descrever os procedimentos utilizados e apresentar algumas produções das crianças, analisando-as na perspectiva de nossas hipóteses. Do ponto de vista prático, supomos que essas estratégias favorecem, nas crianças, o desenvolvimento de esquemas simbólicos. Além disso, possibilitam aos professores, que atuam nas oficinas, observarem e regularem certos aspectos lingüísticos das produções das crianças: ortografia, organização espacial e temporal dos textos, construção de personagens, leitura e uso dos cartões para a composição das histórias, criatividade, construção coletiva de textos, auto-avaliação. Permitem também intervenções relacionadas a aspectos psicológicos ou educacionais expressos nas condutas das crianças: relação com o erro, trabalho em equipe, atitudes, antecipação, planejamento. Em uma palavra, o uso dos cartões da UNICEF no contexto do jogo “Conte um conto” pode ser um instrumento psicopedagógico ao desenvolvimento da leitura e escrita. Do ponto de vista teórico, nossa hipótese é que este trabalho expressa uma das possibilidades de se coordenar pedagogia diferenciada com avaliação formativa. Pedagogia diferenciada porque permite ao professor criar e gerir situações de aprendizagem mais condizentes com as atuais condições educacionais. Avaliação formativa porque faz da observação e da regulação uma nova e melhor forma de se atribuir valor e promover as produções das crianças.

Lino de Macedo; Ana Lúcia Petty; Norimar Christe Passos;

USP.



Apresentação do Programa de Atenção às Vítimas de Abuso Sexual.

Os abusos sexuais contra crianças e adolescentes têm sido cada vez mais desvelados pela população e pelos serviços de saúde, sendo considerado um problema de saúde pública que exige intervenções especializadas e multidisciplinares. Nestas situações a interrupção do abuso e a proteção da criança e/ou adolescente são fundamentais e imprescindíveis. Para isto é necessária a realização de diferentes formas de intervenção, que abranjam os aspectos sociais, jurídicos e de saúde física e mental, voltados à criança/adolescente e sua família (incluindo aquele que abusa ou abusou). O presente trabalho tem por objetivo apresentar o Programa de Atenção às Vítimas de Abuso Sexual (Pavas) desenvolvido no Centro de Saúde Escola da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. Este programa presta assistência social, médica e psicológica aos casos que vêm vivenciando o drama do abuso sexual, sendo que os atendimentos jurídicos são realizados através de serviços parceiros. O Pavas também cumpre a função de criação de um modelo de atenção através do desenvolvimento de pesquisas voltadas ao tema, o que permite uma melhor compreensão do fenômeno do abuso sexual (caracterização do perfil dos personagens envolvidos, dinâmica psicológica da família e dos indivíduos, formas variadas de intervenção, entre outros). O programa dedica-se também à formação de profissionais para o enfrentamento das dinâmicas presentes em situações de abuso sexual. O Pavas vem oferecendo atendimento psicológico desde a sua criação, tendo em vista os seguintes objetivos: • dar continência às vítimas, seus responsáveis e familiares, por ocasião da crise que se instala em razão da revelação do abuso; • dar suporte às angústias e ansiedades decorrentes do abuso sexual e lidar com suas conseqüências psicológicas; • dar oportunidade de fala e reparação àqueles envolvidos na situação de abuso; • criar condições para que as pessoas envolvidas na situação de abuso possam vir a desempenhar papéis de proteção e cuidado, evitando a revitimização da criança/adolescente e a cronificação do papel de vítima. Nossa prática profissional tem permitido a criação de um modelo de atendimento psicológico que leve em conta os diferentes momentos vivenciados por estas crianças e adolescentes: situação de abuso, o rompimento do silêncio, a denúncia/revelação do abuso e a dinâmica familiar de convivência/reticência.

Andréa da Luz Machado; Tereza Cristina Cruz Vecina; Sandra Eloíza Paulino; Theo Lerner.

Centro de Saúde-Escola Geraldo de Paula Souza da Faculdade de Saúde Pública / USP.



"Argila: espelho da auto-expressão".

O método está sendo desenvolvido há 17 anos em prática clínica na cidade de Curitiba-Pr, e há quatro anos criou e aprimorou sua aplicação para a velha temática da auto-estima, considerando o processo de individuação e diferenciação para o equilíbrio do sujeito em sua totalidade. Este método tem como objetivo facilitar ao paciente seja ele criança, adolescente, adulto, casal ou família a expressão simbólica, em argila, de suas dificuldades, auxiliando assim no diagnóstico e na "argilização" da intervenção terapêutica. Sua aplicabilidade não se restringe a alguma linha teórica e ou área de atuação. Pois o entendimento, a leitura e a forma de intervir diferencia-se para cada área. Pode ser aplicado de três formas: a) Sujeito e terapeuta modelam segundo tema livre ou tema dirigido, constituindo-se dos seguintes procedimentos: secagem, quebras, colagem, pintura, as cores, exposição das peças, destino das esculturas e novas elaborações. b) tema escolhido pelo sujeito através de esculturas previamente confeccionadas segundo movimento espontâneo do sujeito ou pelo direcionamento do terapeuta. c) Esculturas escolhidas pelo terapeuta como tema, podendo ser utilizado o Kit com diferentes metáforas e temas como: diferenciação, simbiose, raiva, agressividade, culpa, sentimentos de medo, insegurança e dó, dependência, estagnação, depressão, lutos, controle, falta de limites, indecisão, superproteção.. Tais formas são independentes uma das outras, como também não possuem uma ordem pré-determinada para sua aplicação, sendo utilizada aquela que melhor se adapte ao momento e dinâmica do sujeito. É um método que facilita a expressão verbal dos pacientes, auxilia no entendimento do paciente com o profissional envolvido, bem como nas construções deste último. Estimula o movimento de mudança interna do sujeito, levando-o a um maior autoconhecimento e, conseqüentemente, acelerando o processo terapêutico. Por ser uma atividade prática e imbuída do princípio de realidade dificulta o uso do mecanismo de negação pelo sujeito, como também permanece sempre presente podendo ser retomado a qualquer momento, servindo de material avaliativo do processo psicoterápico. Pelas esculturas serem tridimensionais, acrescenta dados a respeito da dinâmica do sujeito. Pela vivência do sujeito da ação ao esculpir algo possibilita confiar mais em si e no seu potencial. Enfim proporciona a diferenciação e a afirmação da individualidade do sujeito pois a criação é dele e de mais ninguém. É de fácil aprendizado e aplicação, tendo como meta auxiliar aos sujeitos a expressarem seus conflitos e angústias, agilizando o processo psicoterápico na medida que ele sirva de "ESPELHO DA AUTO-EXPRESSÃO". Para um melhor entendimento do método existe o livro lançado em 21 de março de 2002 sob o título: "Argila: Espelho da Auto-Expressão, um método para a manifestação do inconsciente". Assim como existem 3 Kits que possuem apostilas de aplicação e conhecimento teórico das metáforas escolhidas.

Maria da Glória Cracco Bozza.



Arte com reciclagem.

Acreditando que o ser humano vive em constante transformação e que seriam suas experiências de vida concreta, suas relações sociais que muito o influenciariam, o trabalho realizado com as crianças em situação de risco social do projeto ABC visa, assim, procurar garantir a elas uma melhoria da qualidade de vida. Despertar nestas crianças uma maior percepção de si mesmas enquanto pessoas providas de direitos e deveres, ou seja, que adquirem cada vez mais a consciência de cidadania. O período de permanência das crianças no CSU (Centro Social Urbano de Assis) deve ser visto como uma continuidade da vida social das mesmas. Desta forma os momentos de interação das crianças com as diversas atividades propostas pelo CSU, inclusive a oficina de reciclagem prioriza as relações de troca (de experiências e de informações), uma vez que estas podem ser articuladas e inseridas na vida destas crianças. Particularmente a oficina de reciclagem procura fazer com que as crianças que desenvolvam a conscientização sobre a questão da reciclagem do lixo, e subseqüentemente ao realizarem produções artísticas, confeccionem uma variedade de objetos, brinquedos, esculturas de acordo com as sugestões das crianças, e que com este tipo de produção assumam uma postura mais crítica frente a própria temática do lixo e aos poucos trabalhem com conteúdos relacionados a auto-estima, concepções de si enquanto membro da sociedade e cidadãos ativos. A oficina assume um caráter lúdico e portanto tende a favorecer o fortalecimento da autonomia destas crianças, privilegia aprendizados para lidarem com as funções e relações sociais e contribui para a quebra de suas estruturas defensivas. Além, favorece experiências artísticas, que incentivam a percepção e no ato de perceber, elas compreendem, interpretam e assim elas começam a criar, podendo encontrar formas para melhor viver e se relacionar com a própria vida.

Caroline Curti; Rubens dos Santos Junior; Heloisa Maria Heradão Rogone.

PROEX – Entidade FCLAs – Unesp – Campus de Assis.



Arte como instrumento terapêutico.

A doença mental, numa perspectiva da antipsiquiatria, é fruto de uma construção histórica e social. Portanto é a sociedade que dita os conceitos e os parâmetros de normalidade e que discrimina o que é normal e o que é patológico. Nesse sentido, os manicômios foram construídos para “cuidar” de pessoas descritas como incapazes e/ou perigosas para a sociedade, promovendo uma modificação do eu, através de um processo de generalização e de coletividade, indo contra as singularidades de cada um. Atualmente, os discursos e práticas referentes aos processos de desinstitucionalização e reforma psiquiátrica buscam repensar conceitos ligados à doença mental e transformar as relações que envolvem as pessoas portadoras de sofrimento psíquico grave, no sentido de promover a inserção dessas nas mais variadas redes sociais. Discute-se quais meios seriam mais eficazes e quais seriam as melhores formas de viabilizar esta inserção. A partir deste contexto, encontram-se algumas propostas, tais como: ateliês de arte, oficinas de arteterapia e/ou arte-terapia, oficinas de teatro, etc., que se utilizam a manifestação artística como instrumento e complemento do processo terapêutico. Diante disso, a proposta desta pesquisa é compreender como a arte constitui-se em um processo terapêutico capaz de contribuir para a (re) integração dos sujeitos portadores de sofrimento psíquico grave nas redes sociais.

Félix Guazina; Gênesis Sobrosa; Karen Eidelwein.

UNIFRA.



Arte e Subjetividade.

Este estudo analisa algumas produções artísticas locais que promovem a produção de subjetividades singulares, ou seja subjetividades que pressupõem um modo singular de relações na coletividade social. Por outro lado produções artísticas que apresentam potencialidade de criação e resistência aos padrões vigentes de estética. Consideramos que a produção artística é um importante dispositivo de subjetivação na medida em que gera modos de existência diversos do dominante, através de processos de singularização, portanto ela se reveste de fundamental importância para a compreensão dos processos de subjetivação contemporâneos. Os processos de singularização têm a ver com a maneira como as pessoas sentem, como trabalham, como se relacionam com outros, julgam o belo, produzem arte, de forma diversa e resistente à subjetividade dominante e distantes do modelo homogeneizador vigente em determinado tempo. Este estudo assumiu uma abordagem transdisciplinar, reunindo os olhares da psicologia e da sociologia para a compreensão da produção artística, pois a produção artística atravessa e influencia várias disciplinas, como também vários campos sociais simultaneamente. A produção de subjetividade é uma perspectiva que não se restringe ao universo da psique, mas que considera tanto os dispositivos psicológicos, como os dispositivos sociais significativos para a compreensão da subjetividade contemporânea. Partimos do princípio de que a singularização pressupõe uma dimensão de criação, onde a repetição não tem espaço, onde os padrões estéticos, culturais, sociais, encontram-se em constante devir, em constante 'vir a ser', questionando a lógica classificatória, a subjetividade coletiva hegemônica, nas palavras de Guattari (1999)[1]. Consideramos que a arte, através de suas expressões e dos afetos que promove choca-se com os 'papéis estabelecidos', em especial na modernidade, e acabam por alastrar a sua potencialidade criativa e terapêutica para os outros campos. Pensamos na influência da criação artística dentro de movimentos sociais, nos hospitais psiquiátricos, nos presídios, etc, embora nossa estudo tenha abarcado a sociedade de uma forma mais ampla. Mesmo apresentando-se como atividade específica ou especializada na sociedade moderna, a arte está intrinsecamente ligada a uma 'arte de viver' nas palavras de Foucault (1995)[2] a uma cultura de si, a uma conformação do sujeito moral. Pressupomos então que as produções artísticas que rompem com os padrões estéticos, desta forma resistindo ao modelo dominante de subjetividade, em diversas modalidades (pintura, música, teatro, cinema, RPG) criam modos de existência diferenciados, modos de subjetividade singulares, através da relação do artista com a sua criação, com o público e com os grupos sociais no qual se insere. A metodologia utilizada é a cartografia, método de investigação que permite acompanhar as transformações, criação ou destruição das 'paisagens psicossociais', onde o pesquisador partilha do momento da criação e exposição podendo assim mapear de forma dinâmica a realidade psicossocial. [1] GUATTARI, Félix. 1992. Caosmose: Um Novo Paradigma Estético, São Paulo: Editora 34. [2] FOUCAULT, Michel. História da sexualidade III: o cuidado de si. 6 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1995.

Fabiane Rovedder; Félix Guazina; Francis Moraes de Almeida; Daniela Alves de Alves.

UNIFRA.



Arte-terapia com Gestantes Adolescentes na Clínica Winnicottiana.

Partindo do pensamento de D.W.Winnicott, que enfatiza a importância da criação de um ambiente facilitador do desenvolvimento emocional do indivíduo, pensamos ser de importância fundamental nos voltarmos para a gestante que prepara esse ambiente para seu bebê, através de sua capacidade de entrega ao estado psíquico, denominado por Winnicott como a Preocupação Materna Primária. Tal estado a coloca em condições de adaptar-se sensivelmente às necessidades básicas iniciais do lactente, lançando as bases da saúde mental de seu filho. A adolescência se caracteriza pela grande instabilidade psíquica envolvida na construção de uma identidade própria e distinta dos pais, momento em que o adolescente, à deriva, busca definir uma identidade pessoal, sexual e profissional. Preocupa-nos a sobreposição destas duas experiências: a gravidez e a adolescência, pelo paradoxo que apresenta, já que a adolescente rumo para um estado de independência em seu processo de individuação, enquanto a gestante precisa se render a uma situação de dependência, renunciando a seus interesses e conquistas pessoais. As perturbações da afinação psíquica que se produz entre a mãe e seu bebê podem comprometer tanto o desenvolvimento emocional desse quanto o equilíbrio psíquico da mãe adolescente. Os fenômenos transicionais como campo das primeiras experiências que promovem a articulação mundo interno-mundo externo, tanto quanto área de descanso das contínuas exigências de adaptação à realidade compartilhada na busca de um existir autêntico, têm sido explorados nos primeiros trabalhos de arte-terapia na clínica winnicottiana, baseando-se no uso de objetos mediadores (flores, papel, material gráfico, tricô, costura, teatro e fantoches) na criação de um espaço de expressão e comunicação para além do verbal e sintonizado com a singularidade daquele que nos procura. A Boneca-flor, uma boneca de pano que guarda semelhança com a forma humana e apresenta corola e pétalas no lugar da cabeça, já fora utilizada por Françoise Dolto com crianças e adultos que apresentavam uma particular dificuldade na expressão de seus conflitos internos e, encontraram nessa forma vegetal humanizada a possibilidade de comunicar questões muito primitivas, ou pré-verbais, de seus relacionamentos com o outro. Nessa forma quase-humana, a Boneca-flor abre um leque de possibilidades, no que diz respeito às projeções de conflitos e expectativas sobre o bebê, já que não apresenta rosto nem caracteres que o definam de antemão, aproximando a gestante adolescente da problemática envolvida na construção precoce de um self materno. Assim sendo, pensamos estar facilitando o engajamento emocional da mãe adolescente com seu filho, propondo que a boneca seja confeccionada pela gestante que, dando corpo aos pedaços de pano de uma forma pessoal, dentro de um contexto de holding e de compreensão psicanalítica, encontrará a possibilidade de criar imaginativamente o bebê e recriar-se, nesse momento, como mãe.

Granato, T.M.M.; Aiello-Vaisberg, T.M.J.; Pinto, S.M.E.; Venezian, J. A.; Terra, C.P.; Azevedo, J.E.A.; Venezian, L.A.; Moreno, M.M.A.

Universidade de São Paulo.



Arte-Terapia: Elemento facilitador na recuperação de crianças internadas em hospitais.

Para a Associação Americana de Arte Terapia: "Arte-Terapia é uma especialização profissional que utiliza os meios artísticos, as imagens, o processo criativo e as respostas de pacientes e clientes, aos produtos criados como reflexões do desenvolvimento, personalidade, habilidades, interesse, preocupações e conflitos do indivíduo". No ambiente hospitalar existem momentos difíceis, em que nos deparamos com a dor e em muitos casos com o limite da vida. Este projeto foi desenvolvido na pediatria do Hospital Municipal Cármino Caricchio, São Paulo, teve por objetivo implementar e dinamizar o ateliê de Arte-Terapia para o atendimento de crianças visando auxiliar no restabelecimento da saúde. A implementação foi conduzida por uma equipe de profissionais das áreas de Psicologia e Arte-Educação; estagiárias do curso de Especialização em Arte-Terapia da Universidade São Judas Tadeu. As atividades com os pacientes ocorreram individualmente no leito ou em grupo no ateliê. Por intermédio da narração de contos de fada, foi possível ao paciente elaborar fantoches, desenhar e pintar em tela e sulfite. Segundo Jung "As poderosas forças do inconsciente manifestam-se não apenas no material clínico mas também no mitológico, no religioso, no artístico e em todas as outras atividades culturais através das quais o homem se expressa"(1964, p.304). Ao possibilitar o contato com essas técnicas e materiais, assim como com profissionais preparados para auxiliá-los a expressar e decodificar suas aflições e temores, verificou-se uma mudança no campo afetivo e emocional. A Arte-Terapia viabilizou às crianças e seus acompanhantes vivenciar de forma menos sofrida e angustiante a internação. A implementação do ateliê, permitiu a integração social e afetiva entre as crianças, pais, acompanhantes e corpo clínico. O "desenhar", "pintar" amenizaram a angústia e a dor, pois, expressar e interagir colaboraram com o processo de recuperação, como também na manutenção do otimismo do paciente e seus familiares, facilitando no resgate do saudável.

Cilene Regina Maróstica Alberto; Sandra Jamelli Cabral.

Universidade São Judas Tadeu.



Articulações entre a Psicanálise e a Educação Algumas Especificidades numa Escola para Surdos.

Este trabalho é fruto de um estágio de observação numa escola para crianças surdas, realizado durante o 5º ano da graduação do curso de Psicologia da PUC-SP, supervisionado na clínica da DERDIC. Tal trabalho aponta articulações entre Psicanálise e Educação a partir das considerações freudianas da relação entre o conhecer e o desejar, recentemente apontadas por Lajonquière (1996). Buscou-se, então, refletir sobre a possibilidade e as especificidades do psicanalista na escola, que não se confundisse com uma direção pedagógica para o desejo, nem com um trabalho de análise individual. O fato de nossas reflexões terem sido feitas a partir de observações numa Escola de Educação Infantil para crianças surdas, faria nesses laços que buscávamos constituir alguma diferença? A princípio, nesse estágio, surgiu um pedido para que se observasse a agressividade das crianças de uma determinada sala. O pedido foi feito numa afirmativa, ou seja, já fora estabelecido um diagnóstico. O que era pedido, então, era uma resposta no como lidar com a agressividade que as crianças apresentavam. O que Lajonquière (1996) nos aponta é que o problema está "(...) na natureza do pedido, isto é, na pretensão de obter um saber sobre a singularidade de um episódio subjetivo. Justamente, enquanto a psicologia se funda no desconhecimento dessa impossibilidade estrutural, a psicanálise dedica-se a assinalá-la." pp. 27 Não há como criar uma metodologia pedagógico-psicanalítica, pois seu método, o pedagógico, prevê ordem, estabilidade e principalmente previsibilidade. Por isso, o que a psicanálise pode na escola, e não a pedagogia, é uma ética, que é a ética do desejo. O lugar, portanto, que nos pareceu possível na escola, estaria na direção de fornecer uma escuta a espera de algo da ordem do imprevisto, do inesperado, daquilo que escapa à norma. Sustentar uma escuta que possibilite surgir algo que se funde na diferença desorientado da norma e orientado pela ética do desejo. Concluimos, portanto, que o que a psicanálise pode revelar é a necessidade de se manter o singular, o caso a caso e portanto, também não se pode propor uma especialidade para o conhecer no caso de crianças surdas. Por outro lado entendemos ser necessário que se abram discussões e se ampliem as pesquisas que apontem direções na alfabetização dessas crianças que vem se constituindo na língua de sinais pois: a) muitas vezes os próprios professores ainda não têm o domínio dessa língua. b) o processo de leitura e escrita se realizará na língua (portuguesa) que tem uma estrutura distinta daquela na qual a criança primordialmente se constituiu. (a língua de sinais) Há entretanto que se ressaltar que em sua especificidade a escola para surdos fica no papel de constituição da criança como um sujeito na língua de sinais alocando-a numa pertinência que a distancia da filiação a qual estava primordialmente referida. É aí que a psicanálise pode intervir visando esclarecer as necessárias conseqüências dessa especificidade e, além disso, buscar vias de restituir no laço pais ouvintes - filho surdo a transmissão das marcas que o constituem para além do signo da surdez.

Sandra Pavone; Tatiana Karinya C. Rodrigues.

PUC - SP.



"Articulações entre Psicologia e Educação - produzindo formas singulares de atuação".

Com o presente trabalho pretende-se abordar a forma de atuação da psicologia, a partir do projeto de estágio "Ações da Psicologia em Escolas Públicas da Maré: Vivências e Conflitos da Infância e Adolescência em questão". Este estágio era vinculado à Universidade Federal Fluminense, e mantinha uma parceria com uma ONG, situada na Comunidade da Maré, no Rio de Janeiro, onde desenvolve vários projetos nas áreas da saúde e educação. O estágio tinha como campo de ação um projeto social de âmbito nacional, atuante na área da educação. A ação dos estagiários de psicologia se dava junto às crianças e adolescentes das escolas públicas da Maré, organizada através de algumas "entradas" no cotidiano escolar. O estágio teve início no ano de 2000, priorizando as oficinas chamadas de grupos de debates, realizadas com adolescentes. Em 2001 a maioria das ações foram com crianças, através de oficinas denominadas vivência de grupalização, onde aquelas eram levadas a experienciar atividades em que o próprio grupo é o espaço principal de atuação. Os grupos de debates e oficinas de grupalização visavam trazer para discussão no espaço escolar, temas presentes no cotidiano dos alunos utilizando-se de dispositivos que focalizem experiências de grupalização e de organização social. Sendo assim, tínhamos como meta construir com os alunos outras possibilidades de exercício de cidadania, numa luta contra a legitimação do fracasso e da exclusão social como produções individuais. Além destas oficinas, atuou-se também junto aos educadores através de parcerias que abriram a possibilidade de uma ação direta do saber "psi" no planejamento pedagógico, afirmando uma perspectiva de prática grupal a partir da produção de um conhecimento marcado por múltiplas possibilidades artísticas. Esse novo saber se tornaria fator de socialização e de reconhecimento, por parte de cada sujeito, de suas possibilidades enquanto produtor de práticas sociais. Outra vertente de atuação dos estagiários, neste caso juntamente com uma assistente social e estagiárias de serviço social vinculadas à ONG, era o chamado grupo de pais. Neste os objetivos principais eram inserir o responsável no cotidiano escolar de seus filhos e, então fazer com que vissem possibilidades de mudanças a partir de uma mobilização coletiva, entendendo-se como ator e autor de sua história e percebendo a potência do grupo. Pode dizer então, que neste projeto tínhamos a possibilidade de construir uma outra proposta de ação da Psicologia articulada à Educação, desmontando técnicas, práticas e discursos que trabalham com a idéia de uma subjetividade substancializada que focaliza o indivíduo. Acreditando numa subjetividade produzida socialmente, apostamos na desconstrução das repetições e das ações em série, potencializando as singularidades como possibilidades de produzir relações solidárias e de inventar novas práticas.

Carla da Silva Barbosa; Carla Penha Sanches; Daniela de Almeida Silva; Daniela Matera Milward; Gersa Fortes Pereira; Joseane Pessanha Ferreira; Tonya Menezes Ferraz.



As bases para construção do projeto pedagógico do curso de psicologia da PUCPR: levantamento de necessidades e mobilização do corpo docente.

Este trabalho apresenta algumas etapas da implantação do Projeto Pedagógico no Curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. A revisão do Projeto Pedagógico do Curso teve sua última reformulação curricular em 1990. Desde aquele ano, a preocupação em gerenciar a implementação do currículo esteve presente. Em 1998, a Universidade inicia um processo de mudança que teve entre vários movimentos, a definição de seu foco nos cursos de graduação. A proposta pedagógica adotada está pautada em alguns pilares fundamentais propostos pelas diretrizes do ensino de graduação da PUCPR, os quais dão identidade e unidade para todos os cursos, projetando uma ação voltada para o futuro e a serviço da sociedade na qual a Universidade está inserida. A elaboração de Programas de Aprendizagem para a construção do novo currículo está baseada nas linhas de pesquisa do curso ou na articulação com seu eixo temático, uma vez que é na integração dos conhecimentos que se traduz a sua característica maior. Sendo assim, a aprendizagem está organizada de forma a desenvolver aptidões que qualifiquem o aluno em harmonia com o eixo do seu curso. O processo de ensino-aprendizagem neste contexto exige uma metodologia diferenciada, centrada em temas problematizadores que possibilitam ao aluno a aproximação de situações reais com as quais irá se defrontar, o que exige do mesmo uma nova postura frente à forma de se colocar nesse processo e de como absorver as novas metodologias. Ao final da graduação, espera-se um aluno apto a agir em conformidade com as exigências do perfil profissional instituído, com maior capacidade de reflexão crítica, mais criativo, com maior autonomia e capaz de encontrar soluções eficazes para as diferentes situações com as quais se deparar como profissional. Todas as mudanças foram organizadas mediante o envolvimento de todo o corpo docente do Curso, composto de professores-psicólogos e professores de áreas afins. Considerou-se que o levantamento de necessidades deveria abranger diversas fontes e que as idéias, experiências e sugestões do corpo docente eram fundamentais para que a nova proposta fosse fruto de uma construção coletiva. Entendeu-se que não se deveria criar um novo projeto pedagógico mediante determinações de um diretor ou de uma equipe reduzida de professores. As ações implementadas para construção do projeto envolveram toda a equipe, desde os primeiros passos – revisão do currículo em andamento, definição do perfil do profissional que se desejava formar, elaboração de novos programas de aprendizagem e definição do objetivo do curso. Os trabalhos foram feitos em grupos ou em reuniões organizadas especialmente para tais discussões as quais ocorreram, ora com todo o grupo, ora com grupos formados por representantes de subgrupos para facilitar o debate e a definição de cada etapa. A proposta está sendo implementada e continua seguindo as estratégias de valorização da participação e do envolvimento de todo o Colegiado do Curso. Outras características como propostas inovadoras, disponibilidade para trocar experiências, ouvir críticas e sugestões, integração, mobilização, criatividade, responsabilidade profissional e respeito mútuo têm sido a tônica na prática desse processo.

Ilma Lopes Soares de Meirelles Siqueira; Regina Celina Cruz.

PUCPR.



As conseqüências da inserção do dinheiro na sociabilidade carioca moderna.

Este trabalho tem como objetivo apresentar um estudo inserido na Pesquisa "Cidade Modernidade e Subjetividade no Rio de Janeiro do século XIX", iniciada em agosto de 2001. Nessa pesquisa realizou-se um estudo de cunho psicossociológico que relaciona a idéia de modernidade no século XIX e as conseqüências psicológicas geradas pela sua inserção na sociabilidade carioca no Segundo Reinado. Os aspectos psicológicos da sociedade do Rio de Janeiro do século XIX foram revelados por textos divulgados nos rodapés dos principais jornais cariocas da época, como o Jornal do Commercio, Correio Mercantil e Diário do Rio de Janeiro. A orientadora da pesquisa, criou o termo "crônicas folhetinescas" para denominar esses textos em sua tese de doutorado. As crônicas folhetinescas registravam os acontecimentos artísticos, sociais e políticos da semana, valorizavam, mas também criticavam, a adesão da população carioca ao projeto da modernidade. Nesta pesquisa, uma das bases de análise vem do sociólogo Georg Simmel. Segundo este autor, o grande marco da Modernidade foi a inscrição do dinheiro nas relações sociais. A monetarização das relações sociais, nesse aspecto, trouxe implicações na vida psíquica das pessoas da época: as atividades cotidianas passaram a ser reguladas por uma tensão psicológica ocasionada pelo desejo de estar sempre atualizado, comprar os melhores produtos e calcular o que traz mais lucro. Assim a formação de subjetividade do sujeito moderno se calcava no cálculo e o dinheiro passou a mover as relações sociais. Essa lógica de uma sociedade pecuniária já pode ser encontrada na cidade do Rio de Janeiro nos meados do século XIX, com a chegada de novas formas de agir e pensar o mundo. Esse novo modo de relacionamento, que foi absorvido pela população carioca do século XIX, foi revelado claramente nas crônicas folhetinescas divulgadas pela imprensa periódica da época. Essas crônicas descreviam a preocupação dos homens de negócio com as ações, divulgavam as melhores lojas para se comprar produtos, revelavam quais mais atualizados e relatavam como as pessoas exibiam seu poder aquisitivo nos eventos culturais. Em 1855, O escritor José de Alencar criticou em um trecho de uma crônica como o dinheiro era o elemento central no relacionamento social: "Dantes os homens tinham suas ações na alma e no coração; agora tem-nas no bolso ou na carteira. Por isso naquele tempo se premiavam, ao passo que atualmente se compram". Esse estudo realizado na pesquisa "Cidade, Modernidade e Subjetividade no Rio de Janeiro do século XIX" é fundamental para que entendamos a lógica do consumismo desenfreado da época atual, que se iniciou na Modernidade e até hoje exerce influência na vida psíquica das pessoas.

Aurea Domingues Guimarães; Camila F. Bravo; Ariene P. Ewald.

Universidade do Estado do Rio de Janeiro.



As Estratégias de Aprendizagem de Alunos Repetentes do Ensino Fundamental.

Estudantes eficientes na escola têm consciência de seus pontos fortes e fracos em domínios específicos, além de geralmente serem motivados a utilizar suas estratégias de estratégias para melhorar seu rendimento escolar. Estratégias de aprendizagem são técnicas ou métodos que os estudantes utilizam para obter e aprender melhor uma dada informação. A identificação das estratégias usadas espontaneamente ou adquiridas através de treinamento tem sido investigada recentemente por pesquisadores. O baixo rendimento escolar de alguns alunos pode ser explicado, em parte, pela ausência ou pela ineficiência no uso de estratégias. O objetivo da presente pesquisa foi investigar as estratégias de aprendizagem de alunos repetentes. A amostra foi composta de 155 alunos de 2a, 4a, 6a e 8a séries de uma escola pública de Campinas, de ambos os sexos e de nível sócio-econômico baixo. Os dados sobre estratégias de aprendizagem foram coletados mediante uma entrevista individual estruturada, na qual constavam 16 perguntas. Apesar da progressão continuada já estar em vigor, muitos dos participantes já haviam repetido alguma série escolar. Algumas relações estatisticamente significativas foram encontradas. De modo geral, os resultados mostraram que alunos repetentes solicitam menos a ajuda de outros e usam mais a estratégia de pesquisar do que os não repetentes em situação de realização de redação. Estudantes repetentes demonstraram não conhecer estratégias de memorização de informações para um exame, mas mencionaram selecionar e ajustar o tempo de estudo. Estudantes com história de repetência relataram solicitar menos ajuda do que os não repetentes quando não sabiam responder questões numa prova. Mencionaram também utilizar atividades lúdicas para se auto-motivarem a fim de estudar uma matéria desinteressante, prestar mais atenção na aula e evitar mais distrações do que alunos não repetentes. Constatou-se que, por um lado, alunos repetentes mencionaram usar estratégias de aprendizagem adequadas. Por outro, relataram utilizar estratégias que parecem caracterizar falta de habilidade ou desconhecimento sobre como estudar de maneira eficiente. É possível que alunos repetentes solicitem menos ajuda do que os não repetentes porque a repetição faz com que pesem mais sobre eles a crença de que são menos capazes. Embora a literatura aponte que buscar ajuda é uma estratégia bastante eficiente, pois proporciona não só o esclarecimento da dúvida, mas também o desenvolvimento de outras habilidades, de fato, as pessoas podem interpretar a busca de ajuda como o reflexo de uma baixa competência e no caso dos alunos repetentes, essa crença parece ser ainda mais forte. Já a menção de estratégias mais complexas talvez possa ser explicada pela própria situação de repetência, que acaba forçando o aluno a refletir mais sobre como estudar de maneira mais apropriada e eficaz. Discute-se a importância de se diferenciar o fato do aluno relatar usar estratégias de aprendizagem do uso adequado e eficiente das mesmas. Futuras pesquisas podem ser conduzidas no sentido de aprofundar o conhecimento sobre o impacto da progressão continuada na utilização de estratégias de aprendizagem.

Elis Regina da Costa; Evely Boruchovitch.

Universidade Estadual de Campinas.



As estratégias de comunicação dos adolescentes com sua família.

Conhecer as estratégias de comunicação utilizadas pelos adolescentes com seus pais pode auxiliar no entendimento das relações familiares, assim como na otimização dos níveis de proximidade entre pais e filhos. Este trabalho objetivou conhecer as estratégias de comunicação utilizadas pelos adolescentes na relação com seus pais. Participaram desse estudo 35 estudantes do ensino médio, de ambos os sexos, com idades entre 12 e 15 anos. Os jovens foram divididos em cinco grupos e investigados através da técnica do grupo focal (Berger, 1995; Guareschi, 1996; Morgan, 1988), realizando-se ao todo, dois encontros com cada grupo, os quais foram gravados e, posteriormente, transcritos. O eixo temático central da discussão foi a comunicação que se estabelecia entre eles e seus pais, fatores facilitadores e dificultadores do processo e estratégias que eles utilizavam para comunicar-se em casa. Sobre o material transcrito, fez-se uma análise de conteúdo (Olabuénaga, 1996), elaborando-se posteriormente categorias de conteúdos afins. Os adolescentes mostraram que possuem estratégias claras de comunicação quando necessitam de alguma aprovação ou consentimento de seus pais. Entre as estratégias utilizadas, revelaram que escolhiam o momento para comunicar assuntos mais difíceis como um episódio de fracasso escolar, por exemplo. O humor dos pais também é levado em consideração por eles na escolha do momento certo para falar. Apontam que, geralmente, um dos pais atua como mediador quando é mais flexível ou compreensivo que o outro. Sendo assim, percebe-se que, de uma maneira geral, os adolescentes criam estratégias a fim de facilitar a comunicação familiar, já que, segundo eles, esta é a melhor forma de evitar os conflitos na família.

Adriana Wagner; Paula Grazziotin Silveira; Lucia Petrucci de Melo; Caroline Carpenedo.

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; PIBIC; CNPq.



As implicações do espaço escolar na saúde de trabalhadoras da rede pública municipal de João Pessoa.

Na tentativa de apreender a dinâmica de como se percebe, vive e se exerce o trabalho nas escolas públicas municipais de João Pessoa/Pb, esta pesquisa foi desenvolvida com o intuito de analisar a influência do espaço escolar na saúde de professoras, técnicas, merendeiras e auxiliares de serviço de escolas públicas municipais da cidade de João Pessoa/Pb. Teve-se como suporte teórico a Psicodinâmica do Trabalho (Dejours, 1982) e a Ergonomia Situada (Wisner, 1987). E, como pressupostos metodológicos, foram utilizados grupos de discussões inspirados no Movimento Operário Italiano (MOI) (Odonne, 1981), que sinaliza a importância de incorporar a subjetividade do trabalhador no processo de produção de conhecimento acerca da nocividade presente nos espaços de trabalho. Referentes ao espaço, foram observados pelas trabalhadoras alguns problemas relacionados a pouca ventilação em salas de aula e cozinhas; iluminação insuficiente, superlotação de sala; ausências de refeitórios na maioria das escolas; fogões, pias e instrumentos inadequados; entre outros. Diante dessa realidade, as trabalhadoras sinalizam a existência de uma desvalorização e desqualificação do seu trabalho. Nesse sentido, acreditamos que a organização do espaço escolar exerce influência à saúde dessas trabalhadoras sendo preciso, pois, repensar sobre a organização do espaço nos estabelecimentos públicos municipais de ensino em João Pessoa/Pb, sobre as atividades exercidas, a administração do trabalho e as relações intersubjetivas presentes no ambiente escolar.

Mary Yale Neves; Hélder Muniz; Bernadete Nunes; Ana Mendonça; Diomedes Silva; Fernanda Santos; Hilma Barreto; Joana Costa; Tatiana Oliveira; Wilma Ribeiro.



As Instituições de Atendimento às Crianças em Situação de Rua: O Que Dizem as Crianças?

O presente estudo objetivou investigar os significados que crianças e adolescentes em situação de rua atribuem às instituições de atendimento a eles destinados. A participação em instituições ou programas é considerada como uma importante característica compartilhada por esta população. Tratam-se de instituições e programas governamentais, não-governamentais e/ou religiosos que estão à disposição no contexto ecológico dessas crianças e adolescentes, prestando os mais diversos serviços, tais como: fornecimento de alimentação, prestação de cuidados com a higiene e a saúde, e educação. Estudos anteriores apontam que estas crianças e adolescentes vêem as instituições como parte integrante da vida na rua, utilizando os seus serviços como uma forma de garantir a sua sobrevivência nesse contexto. A Abordagem Ecológica do Desenvolvimento Humano (AEDH) é a concepção teórica e metodológica que embasa este estudo, assim como a análise e a discussão dos dados. Nesta abordagem é extremamente relevante o conhecimento dos significados que a pessoa em desenvolvimento atribui às suas diversas experiências, pois estes influenciam na maneira como esta pessoa age e/ou reage ao ambiente no qual está inserida. Nesse sentido, os significados atribuídos pelas crianças e pelos adolescentes em situação de rua às instituições que freqüentam influenciam as formas como eles se relacionam com as instituições. Entender a instituição como um lugar de proteção, por exemplo, possivelmente levará uma criança a procurá-la nos momentos em que se sentir desprotegida. Participaram deste estudo dez (10) adolescentes em situação de rua, com idades entre doze e dezessete anos de ambos os sexos, encontradas no centro da cidade de Porto Alegre. Foram aplicadas entrevistas semi-estruturadas que objetivaram: (a) coletar dados bio-socio-demográficos dos participantes, tais como, idade, sexo, experiência escolar e com o trabalho, local de moradia e de lazer; e, (b) identificar os significados que a criança em situação de rua atribui às instituições de atendimento. Cada um dos objetivos foi abordado em partes distintas da entrevista. A análise preliminar dos dados indica que as crianças e adolescentes em situação de rua utilizam o espaço da rua como fonte de socialização, estendendo às instituições esta função. Estas crianças e adolescentes revelam buscar as instituições para obter alimentação, lugar para dormir e outros recursos materiais (roupas, sapatos, vale-transporte, etc.). No entanto, estas crianças e adolescentes também consideram que o espaço institucional representa apoio para encontrar seus amigos, ter lazer e aprendizagem. Estes dados devem ser considerados na implementação e no aperfeiçoamento dos programas e/ou instituições que atendem a crianças e adolescentes em situação de rua, uma vez que apontam as principais demandas desta população. Ao responder a tais demandas, as instituições tornam-se mais adequadas e atraentes para as crianças e para os adolescentes, possibilitando o engajamento em propostas de trabalho que ultrapassem o simples suprimento das necessidades básicas.

Juliana Prates Santana; Raquel Valiente Frosi ; Thaís Mesquita Doninelli; Sílvia Helena Koller.

Centro de Estudos Psicológicos sobre Meninos e Meninas em Situação de Rua/CEP-Rua, Instituto de Psicologia; Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



“As Novas Fronteiras da Psicologia Jurídica Enquanto Práxis do Conhecimento”.

Com as garantias legais do Estatuto da Criança e do Adolescente (1989), do Código Penal Brasileiro (1984) e do Código Civil Brasileiro (1985), que asseguram a atuação de equipes multidisciplinares, entre essas o trabalho do Psicólogo, para assessorar o Magistrado e garantir auxílio psicológico a todos que desse trabalho necessitem e, frente ao número emergente de vítimas das mais variadas formas de violência, acreditaríamos encontrar um grande número de profissionais de Psicologia inseridos nos Foros, Delegacias, Febem, etc...No entanto, a realidade que se deslumbra é outra, mesmo com o excelente trabalho que ,heroicamente, alguns destes profissionais de Saúde Mental têm realizado. Neste momento ,não faz parte de nosso trabalho elaborarmos uma posição da política situacional , pois acreditamos que, antes dessa, há questionamentos que a priori necessitam de esclarecimentos, pois com eles nos defrontamos na atuação profissional, ou seja : Por que há pouco interesse pela Psicologia Jurídica? Por que muitos graduandos, após começarem a especialização, a abandonam ? Por que temos carência de Pesquisas e de Bibliografias nesta área ? E, talvez, a principal: qual é papel do Psicólogo Jurídico nestas Instituições ? Ao refletir sobre possíveis respostas à estas perguntas, conscientizamos – nos que, às vezes, ocorre uma dicotomia entre a teoria e a prática da ciência psicológica em questão , distanciando o graduando do processo de vivenciar e adquirir conhecimento, com os objetivos a serem atingidos pela Psicologia Jurídica. Esta compreensão e atuação profissional torna-se possível através de uma reflexão constante sobre o posicionamento profissional dentro da Instituição , cujo enquadre aproxima o Psicólogo Jurídico da atuação do Psicólogo Social, chegando em alguns pontos tangenciais entre os diferentes campos de atuação da Psicologia. Porém, percebemos que o futuro profissional de atuação jurídica, necessita desenvolver uma identidade clara quanto ao seu papel institucional, seus limites e fronteiras.Defronta- se também com situações semelhantemente dicotômicas, tanto nos aspectos sociais, como na possibilidade de atuação, pois encontra em seu campo de trabalho ,diferentes níveis sócio – econômicos que convivem paradoxalmente juntos no mesmo ambiente. Assim como, vivência as poucas possibilidades de encontros para intervenções terapêuticas, pois estes são limitados em freqüência e número.No entanto, o psicólogo enquanto instrumento de seu trabalho, é tocado em sua sensibilidade diante do sofrimento e angustia da demanda destas instituições e diante da impotência de atuação por fatores multicausais. É sobre esta questão que convidamos todos a refletir, pois o psicólogo jurídico é um técnico pela sua especialização, como também desenvolveu em sua formação, um compromisso com seu objeto de estudo, ou seja, o ser humano de forma integral. Com isso, procura auxilia -lo a desenvolver sua capacidade de adaptação e recursos internos, para que assim, os indivíduos que buscam as instituições jurídicas, tenham uma possibilidade de integrar-se psiquicamente e estabelecer outras formas de se vincular ao “outro” nas mais diversas formas e situações que aparecem em seu processo de viver. A teoria é necessária e útil : é nossa referência e lugar de reflexão...porém, o que a sustenta e a preenche é a prática , pois é ela que nos permite a relação com o outro, abrindo possibilidades de promover mudanças através dessa dialética. Assim ,mesmo com tantas limitações em seu campo de trabalho, permita ao indivíduo que busca auxílio do judiciário, uma reintegração e uma resignificação de sua história de vida.

SILVA, MARIEUZA T. A .; FELIPPETE GONÇALVES, DAIENE AP.



As práticas da Psicologia Hospitalar no desenvolvimento de programas Materno Infantil.

O presente trabalho versa sobre o estágio em Psicologia, realizado no Hospital Beatriz Ramos, no município de Indaial – S.C. O Hospital está envolvido no projeto de obtenção do título Hospital Amigo da Criança. Em função disso, estão sendo desenvolvidas atividades no alojamento conjunto do Hospital, como atenção as gestantes, puérperas, pais e familiares, a equipe de profissionais, participação das atividades envolvendo o projeto como o de capacitação em aleitamento materno. A metodologia utilizada baseia-se em técnicas de gestão e em técnicas para atenção em grupo, com utilização de role-playing, técnica de desempenho e inversão de papéis, conversas em grupo e conversas informativas. Durante o período desenvolveu-se cartilhas informativas para as mães, mural informativo das atividades referentes à iniciativa, informações sobre aleitamento materno através de uma caixinha de remédio, grupo de gestantes, acompanhamento terapêutico no pré-parto e pós-parto das gestantes e familiares e mecanismo de avaliação de rotinas e procedimentos das equipes e dos estagiários de Psicologia. Estes procedimentos têm modificado a cultura e o clima da unidade materno – infantil preparando o hospital para a obtenção do título de Hospital Amigo da Criança. O trabalho aprofundou também a humanização da atenção, buscando qualificar o conjunto das relações no espaço do convívio hospitalar. Palavras Chaves: Psicologia Materno Infantil, Psicologia Hospitalar, Psicologia de Grupo, Avaliação e Controle em Ambiente Hospitalar.

Álvaro Luiz de Aguiar; Andreia Fröhlich e Gisele Miranda.

FURB - Universidade Regional de Blumenau.



As repercussões na atividade docente atribuídas a passagem pelo programa de pós-graduação em educação na área de concentração psicologia educacional : o caso da Faculdade de Educação da Unicamp.

Desde a sua criação, na década de 70, os programas de pós-graduação têm dois objetivos principais, um deles é a formação de pesquisadores na área e o outro é a capacitação docente para o ensino superior. A literatura disponível nesta área tem sinalizado que a consequência principal dos programas de pós-graduação, nos últimos 30, anos reside na qualificação de docentes para o ensino superior. A valorização dos títulos para o ingresso e as progressões na carreira universitária são alguns dos motivos do aumento da procura por esses cursos. No presente estudo, o olhar está direcionado para as contribuições da formação recebida na Área de Psicologia para o exercício do magistério com o objetivo de identificar quais foram às repercussões na atividade docente que os professores atribuíram a sua passagem pelo programa de pós-graduação em Educação na área de concentração Psicologia Educacional da Universidade Estadual de Campinas. Tendo em vista os objetivos pretendidos, este estudo utilizou o questionário como instrumento de coleta de dados. O instrumento foi respondido por 30 titulados do programa em questão. O trabalho que por ora está sendo apresentado é fruto da análise de uma das questões que compuseram o questionário. Esta por sua vez visava deflagrar quais foram as repercussões na atividade docente atribuídas pelos titulados à passagem pelo programa de pós-graduação. Para isto se fez necessário a informação se os docentes já ensinavam Psicologia antes do ingresso no programa e se passaram a ensinar Psicologia após a passagem pelo programa. Os dados nos mostraram que 51,7 % dos titulados respondentes desta pesquisa não ensinavam Psicologia antes do ingresso na pós-graduação e que 48,2 % ensinavam Psicologia , sendo que a maior partes destes atuavam no ensino superior (graduação). Atualmente, 51,8 % dos titulados não ensinam Psicologia e 48,1 % ensinam Psicologia, sendo que dentre estes todos atuam na graduação e 69,2% atuam também na pós-graduação. Entretanto, é preciso destacar que embora os percentuais que expressam a quantidade de titulados que ensinavam e que ensinam Psicologia atualmente sejam parecidos, na verdade apenas 26,6% dos titulados que ensinavam psicologia o fazem atualmente. As principais repercussões atribuídas à passagem pelo programa de pós-graduação em Educação, na área de concentração Psicologia Educacional, foram: aprofundamento teórico, envolvimento com a pesquisa, melhor preparo profissional e amadurecimento científico e intelectual. Os resultados obtidos por este trabalho indicam que os titulados atribuem mudanças em seu nível de conhecimento teórico e metodológico após a passagem pela área de concentração Psicologia Educacional. Por outro lado, eles mostram também que os titulados que ensinavam Psicologia antes do ingresso no programa já não o fazem mais. Este resultado precisa ser melhor investigado por outro estudo, uma vez que o esperado seria que o número de docentes ensinando psicologia houvesse aumentado após a titulação na área em foco.

Adriane Martins Soares; Aglay Sanches Fronza Martins, Roberta Gurgel Azzi, Patrícia Cristina Albieri de Almeida.

UNICAMP; FAPESP; CNPq.



As Representações Sociais da Hanseníase entre os Adolescentes da Colônia Santa Isabel.

Um pacato vilarejo às margens da grande rodovia que liga Belo Horizonte a São Paulo. É assim que percebemos a Colônia Santa Isabel logo que chegamos pela primeira vez. Mas, à medida que vamos adentrando nos lares, nas vidas das pessoas, notamos que nem tão pacata é assim. Uma ebulição de questões, de incertezas, de desconfiança logo se faz notar. Uma comunidade profundamente marcada pela hanseníase que carrega em seu bojo décadas de preconceito, de exclusão, de rejeição. Chamou-nos a atenção o grande número de crianças e adolescentes que correm pelas ruas da Colônia Santa Isabel. Logo nos veio um grande questionamento sobre como aquelas pessoas assimilavam a longa história de exclusão e como eram capazes de gerar um novo tempo para aquela comunidade. Daí pensamos nesta pesquisa que pretende esclarecer o posicionamento dos adolescentes da Colônia acerca da hanseníase e quais as implicações que a vida numa comunidade marcada pelo estigma da doença pode apresentar para esses adolescentes, seja em sua socialização como na perspectiva de futuro. Para a realização do trabalho baseamo-nos na teoria das Representações Sociais, no trabalho de Eduard Spranger (1882-1963) acerca da adolescência e em dados coletados através da realização de grupos focais. Em sua obra "Psicologia da Juventude", Eduard Spranger, expõe os três pilares necessários para a sustentação de uma teoria acerca da adolescência. Para ele esse período se constitui como momento de "descoberta do eu", de "estabelecimento de um projeto de vida" e "ingresso nas diferentes esferas da vida". Ao pensarmos nos adolescentes da Colônia Santa Isabel constatamos que muitas vezes o "eu" se perde no vazio estabelecido naquela comunidade, vazio de oportunidades, vazio de sentidos, vazio da exclusão. O processo de descoberta do eu, para muitos adolescentes, se torna um processo muito doloroso, pois se descobrem excluídos, estigmatizados pela hanseníase e/ou pela violência. Assim, eles vão perpetuando a situação de miseráveis, membros de uma comunidade historicamente constituída sem autonomia e merecedora de compaixão de todos. Descobrir o eu, torna-se descobrir o filho ou neto de um hanseniano, é descobrir o adolescente pobre, à margem das badalações comuns para as pessoas dessa idade... Daí, o estabelecimento de um projeto de vida vai se tornando tarefa para o amanhã; amanhã que talvez nunca chegue para alguns. Os sonhos, os desejos, vão sendo reprimidos pela visão pessimista e desencorajada de muitos. Conseqüentemente, o ingresso nas diferentes esferas da vida vai se tornando precário, os adolescentes vão se isolando ou formando seus grupos e não conseguem ver perspectivas de mudança de situação. Essa pesquisa abre perspectivas para um trabalho com adolescentes que vivem em situação de exclusão, procurando auxiliá-los na sua descoberta do eu, no estabelecimento de um projeto de vida e no conseqüente ingresso nas diferentes esferas da vida, formando o cidadão consciente, participativo e comprometido com a causa da não-exclusão.

Gilberto Teixeira da Silveira.

PUC-MINAS.



As Representações Sociais do Carro, da Velocidade e do Risco em Jovens.

O objetivo deste estudo foi pesquisar as representações sociais do carro, da velocidade e do risco em dois grupos de jovens de 13 a 20 anos e realizar comparações entre dois grupos de jovens pilotos e não pilotos (alunos), entre o grupo de alunos homens e alunas mulheres, e finalmente entre os pilotos homens e os alunos homens. O grupo de 81 pilotos de kart foi formado por 79 participantes do sexo masculino e 2 participantes do sexo feminino, envolvidos com os instrumentos(carros), com a velocidade e com os riscos desse esporte. O outro grupo pesquisado denominado grupo de alunos, é de 81 jovens, alunos do ensino médio de um colégio, formado por 39 participantes do sexo feminino e 42 participantes do sexo masculino, caracterizando os jovens que não praticam a velocidade. O referencial teórico que dá o embasamento a este trabalho é o da Teoria das Representações Sociais, teoria criada e desenvolvida por Serge Moscovici. A metodologia da Abordagem Estrutural das Representações Sociais, elaborada por Jean Claude Abric, foi utilizada para a definição das estruturas das representações sociais dos grupos. A pesquisa de campo foi realizada utilizando a técnica da associação de palavras para o termo indutor e entrevistas semi-estruturadas. A comparação das representações sociais do carro entre os grupos de alunos e de pilotos mostra que são valorizados aspectos diferentes do carro. Para os pilotos o carro é o instrumento da velocidade; os alunos o vêem como um instrumento social que facilita a vida. Os alunos homens e mulheres apresentam representações do carro semelhantes. A diferença entre eles é a ordem das idéias. Os alunos homens representam o carro como um objeto social valorizado que facilita a vida, enquanto para as alunas mulheres, o carro é um instrumento que facilita a vida e que trás riscos se mal utilizado. Os pilotos e os alunos homens valorizam aspectos diferentes do carro. Para os pilotos o carro foi representado como um instrumento de trabalho quando comparado aos alunos homens que o representaram como um instrumento de valorização social entre os amigos. A velocidade foi representada segundo um critério de utilidade. Cada grupo organizou suas representações baseando-se na utilidade e nas vantagens da exposição à velocidade. Para os pilotos a velocidade é algo desejável e útil, enquanto que para os alunos é algo que tem vantagens e desvantagens. Os alunos homens, comparados às alunas mulheres, destacam em maior quantidade as vantagens da velocidade. Os alunos homens relatam aspectos positivos e negativos; as alunas mulheres destacam as desvantagens. Pilotos e os alunos homens representam a velocidade como algo positivo. O risco foi o objeto que apresentou mais diferença nas representações entre pilotos e alunos. Foram observadas diferenças na qualidade e na quantidade do risco que cada grupo percebe. Os alunos, homens e mulheres, apresentaram representações semelhantes para o risco. Os dois grupos ressaltaram as conseqüências negativas do risco. Os pilotos e os alunos homens apresentaram representações diferentes do risco. Os homens destacaram as conseqüências negativas do risco, enquanto os pilotos representaram o risco como algo incômodo que deve ser evitado. O levantamento e comparação das representações sociais do Carro, da Velocidade e do Risco de jovens pilotos de kart (pilotos) e jovens não pilotos, grupo formado por alunos do ensino médio de um colégio, tem como objetivo observar as relações entre a prática da velocidade e do risco na formação das representações dos grupos. No grupo de pilotos de kart estão presentes jovens de diversos estados brasileiros competindo no campeonato brasileiro de kart de 2000. No grupo de jovens alunos estão presentes apenas alunos da escola de ensino médio pertencentes ao ensino médio. O quadro do referencial teórico da teoria das representações sociais se apresentou propício à investigação. O entendimento da representação social do carro, da velocidade e do risco torna-se crucial na criação de campanhas de prevenção de acidentes com jovens, na formulação de uma metodologia adequada para programas de educação no trânsito, na formação e treinamento dos condutores e também pode fornecer dados para que a legislação seja adequada à realidade cotidiana da circulação nas vias urbanas e estradas. Ao identificar como os jovens representam estes objetos poderemos elaborar campanhas que permitam a formação de representações sociais que propiciem comportamentos de segurança ao volante.

Ligia Claudia Gomes de Souza.

Universidade Federal do Rio de Janeiro.



“Aspectos Afetivo-emocionais do Desenvolvimento da Criança na Adoção Inter-racial”.

A adoção, assim como a filiação biológica, possibilita a estruturação de vínculos “filial-paterno-materno”, entre pais e filhos. Fatores sociais, políticos e psicológicos, entre outros atravessamentos, influenciam diversas concepções sobre o tema ao longo dos tempos. O conceito de “Adoção Moderna” começa a ser discutido em nossa recente história e refere-se a necessidade de acolhimento de crianças e adolescentes efetivamente abandonados, em decorrência do rompimento definitivo dos laços afetivos com a família biológica, conforme disposto no Art. 19 do “Estatuto da Criança e do Adolescente”. As condições objetivas da realidade demonstram, no entanto, um certo descompasso com esses novos conceitos, uma vez que boa parte das crianças institucionalizadas que necessitam de adoção, é de origem afro-descendente, porém, os pretendentes almejam crianças recém-nascidas, brancas, do sexo feminino e em boas condições de saúde. Assim, o presente trabalho se propõe a analisar as condições de acolhimento da criança afro-descendente, por uma família de outra etnia, bem como os efeitos dessa convivência para o desenvolvimento afetivo-emocional do sujeito adotado. Os dados levantados visam criar subsídios teóricos a profissionais, grupos de adoção e outros segmentos da sociedade que se dedicam às essas questões e ao desenvolvimento infantil. A região de Bauru/SP foi escolhida preferencialmente para a coleta de dados. Participam da pesquisa crianças de sete a dez anos e suas famílias. Os sujeitos foram indicados pelos profissionais que atuam na Vara da Infância e Juventude e Grupos de Apoio à Adoção. O trabalho fundamenta-se em pressupostos teóricos da Psicanálise, desenvolvidos por autores que tratam do desenvolvimento emocional da criança e o papel da família nesse processo, como Winnicott, Bowlby e outros. Os resultados levantados indicam: - A criança desenvolve em torno do 3º ano de vida uma percepção mais apurada acerca das diferenças étnicas entre ela e a família. - Após esse reconhecimento a mesma passa a questionar os pais a respeito das diferenças de cor de pele, observadas no ambiente familiar. - Inicia-se a partir dessa constatação, a busca de referenciais que lhe possibilite alguma forma de identificação com as próprias características étnicas. - Tendência da criança a negar seus atributos físicos, quando a família adotiva os rejeita, consciente ou inconscientemente. O Prognóstico mostra-se mais favorável quando: - Os pais estão cientes da etnia da criança no momento do acolhimento. - Os adotantes demonstram capacidade de aceitação, disponibilidade interna e afetiva para lidar com as diferenças. - Tais diferenças são tratadas de forma mais natural e não como sinônimo de inferioridade. - Proporciona-se à criança o acesso aos elementos presentes na cultura negra e um “locus” que facilite a identificação de suas raízes socioculturais. - Os Casais e interessados tem a oportunidade de se prepararem para essa configuração de adoção e suas peculiaridades, ao serem atendidos no contexto do Poder Judiciário, Grupos de Apoio e outros serviços.

Maurício Ribeiro de Almeida; Vera da Rocha Resende.

Unesp.



Aspectos da dinâmica familiar do adolescente usuário de drogas: um estudo a partir da prática clínica.

O presente projeto realiza-se na UNISC - Universidade de Santa Cruz do Sul (RS) - e visa estudar, bem como trabalhar terapeuticamente, os aspectos da dinâmica familiar dos adolescentes usuários de drogas da região. São realizados atendimentos clínicos para famílias que apresentam adolescentes drogaditos, bem como atendimentos individuais para adolescentes usuários de drogas na clínica escola do curso de psicologia da universidade. Trata-se de um estudo, a partir da Terapia Familiar, onde se quer identificar as questões da estrutura dinâmica da família que, juntamente com os fatores sociais e culturais, estão contribuindo para o uso de drogas dos adolescentes. Pretende-se, por meio deste trabalho, auxiliar famílias que não têm poder aquisitivo para atendimentos particulares, uma vez que os mesmos são gratuitos, no sentido de alívio e prevenção do sofrimento psíquico. Portanto, com este projeto acreditamos estar contribuindo com a prevenção e auxiliando na recuperação destes adolescentes, oferecendo tratamento no âmbito da Terapia Familiar Sistêmica, onde todos os membros da família são chamados a tratar conjuntamente da sintomática que o adolescente apresenta. Isto porque devemos conceber que o sujeito se constitui através do ambiente psíquico familiar que envolve os discursos e desejos parentais e os aspectos sócio-culturais. Na verdade, uma abordagem dos sistemas familiares pode ser mais eficiente na interrupção do uso de drogas, justamente por intervir em todo o sistema. Com os atendimentos pode-se relacionar o uso de drogas dos adolescentes com a estrutura familiar apresentada; analisar aspectos culturais que influenciam o adolescente a usar drogas e criar formas de intervenção preventivas e terapêuticas no âmbito da problemática da infância e adolescência, visando à promoção da saúde. Assim, são realizadas intervenções terapêuticas nas famílias atendidas e através da escuta clínica faz-se um estudo do caso fundamentando-se no referencial sistêmico. Na Terapia Familiar, apoiando-se neste referencial, as intervenções são baseadas na compreensão do sistema familiar, dos seus mecanismos de funcionamento e nas relações estabelecidas pelos seus membros.

Grasel Zacharias; Camila Spies Lopes; Débora Cano.

UNISC / RS.



Aspectos da transferência no manejo da clínica grupal.

Como a demanda de mães que buscam atendimentos psicológicos para seus filhos é crescente tomamos a iniciativa de fazermos uma intervenção clínica. Optamos por atendimentos em grupo para estas referidas mães, cujas, queixas eram similares e também ficou definido que o que seria trabalhado durante as sessões seriam a relação mãe-filho. O nosso trabalho tem por objetivo apontar as implicações dos padrões de relacionamento mãe-filho das mães que aguardavam atendimento psicológico para seus filhos, no Centro de Estudos e Atendimentos Psicológicos – CEAP, pois se tratando de atendimento voltado para a comunidade, essas crianças ficam em uma fila de espera aguardando serem chamadas, porém, vários autores nos mostram a eficácia e importância que as mães também estejam em processo terapêutico. Este grupo de mães foi atendido partindo de um pressuposto teórico e metodológico psicanalítico, notou-se que com o passar dos atendimentos psicológicos houve uma diminuição significativa dos sintomas tanto nas mães quanto nos filhos que aguardavam atendimento, também foi possível observar que ocorreu o que chamamos de “identidade grupal”. Ao final dos atendimentos concluímos que a remissão dos sintomas aconteceu devido aos aspectos transferenciais que ocorreram entre o grupo de mães e a estagiária que coordenava, ou seja, através do manejo da resistência e contra-transferência.

Cláudia Aparecida Adão Akopian; Ricardo Martins.

Centro Universitário Capital.



Aspectos do contexto familiar e suas repercussões no desempenho cognitivo de escolares.

As habilidades cognitivas abrangem processos mentais, tais como, inteligência, raciocínio, solução de problemas, percepção, memória, atenção e aprendizado. No período operacional formal, designado por Piaget, a criança desenvolve a capacidade de raciocinar em termos de hipóteses, estando normalmente aos 12 anos pronta para estabelecer comparações e raciocinar por analogia, possuindo as habilidades cognitivas necessárias para a solução de problemas contidos em testes como o das Matrizes Progressivas de Raven – Escala Geral. Diversos estudos demonstram que o desenvolvimento das habilidades cognitivas do ser humano está diretamente associado a características do contexto com o qual interage, atribuindo-se grande importância às condições de vida da família. Em países em desenvolvimento como o Brasil, uma grande parcela da população encontra-se exposta a precárias condições de vida, capazes de repercutir nas trocas que levam à construção e ao funcionamento adequado das habilidades cognitivas. Este estudo tem como objetivo investigar a associação entre aspectos do contexto familiar e o desempenho cognitivo de escolares. Para tanto, um estudo de prevalência foi realizado com 208 escolares da rede pública de Jequié-BA, entre 12 e 17 anos, em 1997. Para cálculo do tamanho amostral considerou-se uma média esperada de 27,96 \pm 10,2 pontos no escore bruto do teste RAVEN, um erro amostral de 5,16 pontos e nível de significância de 5%. Os dados sócio-econômicos das famílias foram obtidos a partir de questionário e o desempenho cognitivo foi avaliado pelo Teste de Matrizes Progressivas de RAVEN - Escala geral. Análises preliminares foram realizadas a partir de técnicas uni e bivariadas. Dos 208 sujeitos selecionados para a amostra, 55,3% eram meninos; 68,3% tinham idade compreendida entre 12 e 14 anos; 42,2% dos mantenedores da família não eram escolarizados, 47,1% possuíam um nível de escolaridade entre a 1ª e 4ª série e 10,7% entre a 5ª e 8ª série do 1º grau; 74,6% das famílias tinham renda mensal de até dois salários mínimos; 90,2% das famílias possuíam água canalizada nos domicílios; 46,6% tinham coleta pública de lixo; 43,3% possuíam rede de esgoto e 75,9% contavam com privada no domicílio. Através da análise bivariada, verificou-se uma associação positiva e estatisticamente significativa entre sexo e série escolar do sujeito com o seu desempenho cognitivo no teste RAVEN, sendo que os meninos e aqueles matriculados da 5ª série em diante apresentaram um melhor desempenho. Mantenedores da família com escolaridade mais elevada também demonstraram influência positiva no desempenho cognitivo dos seus filhos. Os resultados suportam a hipótese de que as interações do sujeito com o meio favorecem o desenvolvimento cognitivo, indicando que quanto maior sua própria escolaridade e a escolaridade do seu responsável melhor o desempenho atingido. Com relação ao achado sugerindo melhor desempenho entre os meninos, subseqüentes investigações são necessárias para esclarecer o papel de condições semelhantes de escolarização e nível sócio-econômico e cultural nas relações de gênero.

Paula Sanders Pereira; Darci Santos; Maurício Barreto.

Instituto de Saúde Coletiva da UFBA.



Aspectos Ergonômicos e Psicológicos da Situação de Trabalho de Operadores de Call Center.

Este estudo propõe analisar as condições de trabalho de operadores de call center (central de atendimento), à partir das contribuições da Ergonomia e da Psicologia do Trabalho, tomando como base um estudo realizado em uma empresa de telecomunicações de Santa Catarina. Os dados foram obtidos através de análises das situações de trabalho do call center durante o período de outubro/2001 a janeiro/2002. Para a coleta de dados foram utilizados entrevistas semi-estruturadas, medida de variáveis ambientais e observações da situação de trabalho, focadas em aspectos como: ambiente e fluxo de trabalho, posturas adotadas, interação entre postos de atendimento, treinamentos, acesso à informação, ritmo de trabalho, expectativas, dentre outros. Participaram desse estudo 70 supervisores de teleatendimento e 40 operadores. O estudo contou com uma equipe composta por três psicólogos do trabalho, um fisioterapeuta e um engenheiro de segurança. O perfil sócio-demográfico e ocupacional dos operadores e supervisores de call center revelam a predominância de uma faixa etária de jovens ($X=24,9$), com histórico de rotatividade acentuado e permanência média no emprego, entre os operadores, de 1 ano. A avaliação biomecânica mostrou uma relação direta entre a adoção de posturas corporais, a aplicação de esforços mecânicos e o aparecimento de problemas músculo-esqueléticos. Verificou-se ser o conjunto da atividade do operador natureza estática, que tende à fadiga e à sobrecarga nos membros superiores, haja visto as exigências impostas pela tarefa induzida. No grupo dos operadores, observou-se a presença de vários indicadores de patologias ocupacionais, principalmente os relacionados à interação do indivíduo com a tarefa e com o ambiente de trabalho. Destacou-se também, a insuficiência de pausas no trabalho, falta de repasse de informações, insegurança causada por um processo de reestruturação tecnológica e gerencial, entre os principais. Verificou-se, ainda, o incremento de processos de adoecimento relacionados ao trabalho sobre a saúde dos operadores, como por exemplo, o aparecimento das LER e DORT.

Jeisa Benevenuti Sartorelli; María Marcela Fernández de Claro; Roberto Moraes Cruz;

Universidade Federal de Santa Catarina.



Aspectos éticos e psicossociais do êxodo rural das moças: contribuições da Psicologia Social.

Este trabalho tem como objetivo apresentar os significados do êxodo rural das moças para agricultores e agricultoras que participam das experiências do Movimento de Cooperação Agrícola no município de Caxambu do Sul, na região Oeste de Santa Catarina. A pesquisa é de cunho qualitativo e, como procedimento de coleta de dados, foram realizadas entrevistas com os agricultores e agricultoras acima citados. Até a década de 60, a agricultura familiar da Região vivia a “ética da continuidade”, cujo o objetivo era a formação de novos agricultores familiares mediante o arranjo familiar baseado no minorato, na compra de novas terras para os filhos homens e na exclusão das mulheres do direito à herança. Atualmente, a intensa migração dos jovens, principalmente das moças, para os centros urbanos nos mostra uma ruptura com essa “ética da continuidade”. Existe o desejo de libertação do atual estilo de vida da mulher agricultora, que é considerado como de escravização. Foram citados como principais motivos: a penosidade do trabalho na roça, a dupla jornada de trabalho, a falta de qualidade na assistência à saúde, a ausência de diversão e de lazer, a falta de carinho e de diálogo na família, a falta de autonomia e de liberdade e o papel subalterno que a maioria delas ocupa na família e na comunidade. As moças anseiam por um novo estilo de vida, onde possam potencializar sua cidadania e autonomia, em busca da emancipação.

GESSER, Marivete; PRIM, Lorena de Fátima.

FURB – Fundação Universidade Regional de Blumenau.



Aspectos familiares relacionados com o desenvolvimento da delinquência juvenil.

A presença de comportamentos delinquentes pode ser encarada como normal durante a adolescência. No entanto, em determinadas circunstâncias, esta delinquência atinge níveis muito elevados, envolvendo violência e, tornando-se um problema desenvolvimental. Há um consenso na literatura acerca do poderoso impacto das características familiares no desenvolvimento da delinquência em jovens. A partir desta constatação, este trabalho teve como objetivo investigar questões familiares relacionadas ao comportamento delinquentes juvenil. Participaram 09 adolescentes, do sexo masculino, de 12 a 18 anos, que cometeram atos infracionais (lesão corporal, porte ilegal de armas, furto e roubo), e seus familiares, residentes em duas cidades do interior do Rio Grande do Sul. Foi utilizada uma entrevista semi-estruturada que investigou aspectos familiares relacionados ao desenvolvimento de comportamentos delinquentes em jovens tais como estrutura familiar, relacionamentos entre os membros da família, situação econômica, escolaridade dos membros, presença de distúrbios psiquiátricos entre os membros, descrição da gestação e da infância do jovem, a presença de maus-tratos e violência doméstica e o modo como a infração do filho afetou as relações familiares. As entrevistas foram realizadas nas residências das famílias, foram gravadas, transcritas e analisadas qualitativamente. Os dados, confirmando a literatura sobre este tema, mostraram que as famílias desses jovens apresentam uma série de características que podem ser consideradas fatores de risco em termos de desenvolvimento de seus filhos: experiências crônicas de violência e maus-tratos, alcoolismo dos pais, vivência de pobreza, desemprego e ausência de condições materiais adequadas de vida. Percebeu-se ainda uma banalização do ato infracional cometido pelo filho. O cometimento de delitos pelos jovens foi encarado como algo até esperado e que não afetou as relações familiares, denotando uma naturalização desse tipo de conduta no jovem. Estes aspectos ajudam a compreender as origens dos comportamentos dos jovens infratores e, ao mesmo tempo, alertam para a necessidade urgente de intervenções a nível familiar. Cabe salientar que a família não foi percebida como um simples agente causal da delinquência de seu filho. Ela também foi percebida como estando fragilizada, em risco para o seu desenvolvimento, e sem conseguir desempenhar suas tarefas de cuidado, suporte e orientação aos filhos. Portanto, assim como o jovem infrator, as famílias destes se constituem em alvos importantes de intervenções tanto na área da saúde mental, como em termos de políticas sociais básicas. Cabe ao psicólogo ficar atento a essa realidade e atuar de modo a resgatar a saúde mental e a cidadania desta parcela da população.

Débora Frizzo Macagnan da Silva; Fagundes & Viviani Bejoso.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Universidade da Região da Campanha- URCAMP.



Aspectos psicológicos do paciente diabético.

O estudo relaciona o Diabetes e sua influência nos aspectos psicológicos de diabéticos (e vice-versa). Partiu-se da escuta do sofrimento destes indivíduos {e da necessidade de aprofundar estudos nesta área.} Questionando-se sobre o simbolismo desta realidade, esta pesquisa corrobora o pensamento e experiência de Kaplan, Harold I. (1997) de que a psicoterapia de apoio é necessária encorajando os diabéticos a levarem uma vida normal, na medida do possível, com o reconhecimento de suas possibilidades e limitações. A necessidade de informações concretas para o tratamento adequado, as dificuldades do paciente diabético em assumir o tratamento necessário, o autocontrole, a superproteção da família, a dependência do diabético de quem o cuide são alguns dos aspectos pesquisados. Após delineados estes, são discutidas as conseqüências destes comportamentos e a necessidade de processos educativos e interdisciplinares que auxiliem o alcance da qualidade de vida destes indivíduos. Parte-se do pensamento junguiano de que o trabalho psicológico objetiva o equilíbrio psíquico. A partir da idéia de um projeto educacional para diabéticos, o PROJETO DOCE, a coleta de dados para a pesquisa foi realizada, com 3 grupos diferenciados, somando 35 pacientes, sendo apenas um diabético do tipo II . A coleta de dados para o grupo controle foi realizada em evento comemorativo do Dia do Diabético, através de questionários de detecção de fatores emocionais ou situações de estresse desencadeando o diabetes ou alterando a glicemia. 77 pessoas responderam o questionário. A porcentagem de pessoas que relacionaram um fator estressante ao surgimento do diabetes foi de 54% no grupo controle e 63% no grupo de pacientes do Projeto Doce. Conclui-se que esta doença surgiu, para a maioria dos sujeitos pesquisados, em momentos de grande pressão interna ou externa ao sujeito, pressão esta que pode ser correlacionada aos sintomas do estresse. Não é possível, através dos dados obtidos, afirmar um movimento causal nesta relação. Não se pôde comprovar que o estresse causa o Diabetes mas, situações determinadas como estressantes podem potencializar seu surgimento (acrescido de outros fatores, como a influência genética e o comportamento alimentar do indivíduo). Da mesma forma, a influência de situações estressantes no dia a dia de um diabético pode dificultar o controle da doença problematizando o quadro ainda mais. A ambigüidade “desejo / impossibilidade de satisfação deste desejo” perpassa toda esta discussão: o desejo de comer e não poder, pode desencadear situações estressantes na vida do indivíduo, que por sua vez, são analisados sob o aspecto causal. Percebe-se que situações estressantes são ao mesmo tempo causa e efeito do Diabetes e, através do pensamento junguiano, pôde-se constatar que não é necessário uma rígida definição desta polaridade, já que é possível tal flexibilidade de posições nesta linha teórica. Fatores estressantes podem ser causa do desencadeamento e/ou agravamento do Diabetes e ao mesmo tempo, são conseqüência da constatação da doença. E toda esta análise aponta para a necessidade do desenvolvimento de técnicas que auxiliem o sujeito com Diabetes a lidar com as dificuldades que enfrenta no cotidiano de forma menos estressante possível. Diabetes Objetivando Controle e Educação Diabetes Tipo II: Não necessita uso de insulina.

Adriana Cristina de Araújo; Ana Lúcia Teixeira Fedalto; Nélio Pereira da Silva.

Universidade Tuiuti do Paraná e Faculdade e Hospital Universitário Evangélico do Paraná.



Aspectos psicológicos e jurídicos da reincidência criminal.

O estudo da reincidência criminal em seus aspectos psicológicos e jurídicos se justifica, pois se trata de uma área pouco pesquisada. Inclusive em um país como o Brasil, onde nota-se o crescimento da violência, bem como o da reincidência, surgem questões sobre este aspecto social que tanto mobiliza, por conta de conflitos políticos, sociais e humanos. Este tema foi pesquisado em sites internacionais como Psyclit. O fato não ter sido encontrado artigo algum que venha justificar a reincidência criminal, talvez se dê por não existirem questões internacionais neste sentido, caracterizando uma questão brasileira. Reincidência, como a própria palavra indica, é o ato de praticar algo novamente. No contexto jurídico, portanto, significa a prática reiterada de um ato delituoso, sendo que o criminoso já tenha sido processado, julgado e condenado por uma sentença anterior já transitada em julgado, ou seja, sem possibilidade de recursos cabíveis. Com o objetivo de avaliar os fatores psicossociais e jurídicos envolvidos na reincidência criminal, foram submetidos a uma entrevista semi-dirigida e a uma avaliação da personalidade por meio do Inventário de Personalidade Cornell Index dez reincidentes subdivididos em cinco do sexo feminino e cinco de sexo masculino. Para fins de correlação, também foram submetidos ao mesmo procedimento dez sujeitos não inseridos no crime, igualmente divididos entre os gêneros feminino e masculino. Para compor essa amostra, se fizeram necessários indivíduos sem antecedentes criminais. Na avaliação de personalidade, constatou-se que os reincidentes tendem a apresentar mais distúrbios pessoais e psicossomáticos sérios que os sujeitos não inseridos no crime, sendo que os reincidentes do sexo feminino parecem ter estas características de personalidade mais enfatizadas. Não foram encontradas evidências significativas de que estado civil e escolaridade tenham influência decisiva na personalidade tanto dos reincidentes quanto indivíduos não inseridos no crime. Já na análise qualitativa, pode-se perceber, em ambas as amostras, a importância da família na constituição do sujeito, a influência do meio social em que está inserido; e, no caso dos reincidentes, nota-se o que é o sistema carcerário para eles, a forma como esta instituição o humilha e não auxilia na reinserção social deste indivíduo, a qual seria o seu papel principal. A importância da família na constituição estaria na instituição de valores, normas e regras que seriam necessárias para a sobrevivência no ambiente social, que também não se mostrou adequado para o crescimento do indivíduo. A realidade social vivenciada também apareceu em algumas entrevistas como um fator que propiciou o início na criminalidade, pois viam sua família passando necessidades básicas e por este motivo iniciaram na vida criminal, sem saber como parar. Conclui-se que a união destes fatores favorecem o crescimento da reincidência no Brasil, sendo que o sistema não atua como agente de ressocialização, e sim como simples agente punidor.

Maira Gualhanone; Maria Helena Jacob Ferreira; Vinícius Boarin Morais.



Assessoria para profissionais que trabalham com grupos de adolescentes em situação de risco social: um relato de experiência.

Este trabalho foi desenvolvido durante o Estágio de Psicologia Educacional, realizado num Centro de Atenção Psico-Social (CAPS), que atende pré-adolescentes (9 a 13 anos) e adolescentes (14 a 18 anos) em situação de risco social. Esta instituição foi fundada em junho de 2000 e sua equipe é composta por 20 profissionais, sendo que 13 participaram deste trabalho. Dentre estes profissionais, encontra-se psicóloga, educadores sociais, pedagoga, professor de educação física, professor de artesanato, professor de teatro, assistente social, médico, dentista, entre outros responsáveis pela manutenção e coordenação da instituição. O CAPS atende uma população flutuante, ou seja, o adolescente pode ir e vir quando quiser, não sendo obrigatória sua frequência. A média diária de adolescentes que passam pela instituição é de aproximadamente 20. Estes adolescentes se encontram em situação de risco social e são vulneráveis ao uso de drogas, violência, contaminação por DST's / AIDS, entre outras questões que vivenciam quotidianamente. Através da análise institucional, percebeu-se a necessidade de trabalhar com os profissionais que atuam com a referida população. Detectou-se dificuldades no que se refere às estratégias de intervenção com a população atendida e em relação aos estereótipos apresentados pela equipe multiprofissional. Diante disso, as estagiárias assessoraram as atividades diárias da instituição e promoveram encontros quinzenais com os profissionais, por meio de grupos de vivência e debates. Nos encontros foram discutidos temas como construção de regras, coesão grupal, angústias e frustrações referentes à atuação, drogas e adolescência, comunicação e linguagem, ética profissional, estereótipos, preconceitos e discriminação. É importante salientar que a escolha dos temas ocorreu como resultado de uma análise da atuação com a equipe e solicitação desta. Com a finalização deste trabalho, observou-se junto à equipe, maior coesão grupal, espaço de discussão para propostas coletivas, resolução de conflitos emergentes, que propiciam uma atuação coerente e crítica.

Greici Zanella Conteratto; Kelly Aparecida Fritzen; Leia Viviane Fontoura.

Universidade do Vale do Itajaí – Univali.



Assistência Domiciliar em Saúde Mental.

O Projeto de Assistência Domiciliar (PRADO) é uma iniciativa de profissionais efetivos e colaboradores do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da FMUSP. Suas atividades tiveram início em março/2001, com o objetivo de complementar as modalidades de atendimento e tratamento já disponíveis na instituição, para portadores de transtornos psiquiátricos e seus familiares. A idealização do projeto surgiu a partir da observação da necessidade de uma abordagem de tratamento que avalie e considere a interação do paciente com seu grupo familiar, dentro do ambiente doméstico, além do atendimento à pacientes impossibilitados, temporária ou definitivamente, de comparecerem aos serviços na instituição. A equipe inicial trabalhava apoiada em três áreas profissionais: área médica (psiquiatria), de enfermagem e serviço-social. Após o início das atividades de atendimento, a participação da psicologia mostrou-se fundamental. Em alguns casos já foi observada a necessidade da atuação de profissionais de outras áreas, como nutrição, terapia ocupacional, farmácia, e outras. As atribuições de cada profissional ocorrem da seguinte maneira: o Assistente Social realiza a avaliação social e caracterização familiar, promovendo a participação do grupo familiar no tratamento e o fortalecimento dos aspectos saudáveis do paciente; o Enfermeiro avalia e orienta quanto à adequação do ambiente e atitudes dos familiares quanto à medicação, sintomatologia, atividades recomendáveis, exames, aplica técnicas de terapia (TCC) quando há indicação, etc.; o Médico Psiquiatra indica a assistência domiciliar a partir do quadro clínico e planeja, com a equipe, a estratégia de tratamento, prescreve medicamentos, indica outras terapias, avalia riscos e orienta nas eventuais intercorrências; o Psicólogo faz a avaliação da dinâmica individual e familiar, testagens quando indicadas, oferece apoio, facilita a comunicação intrafamiliar, aponta recursos para minimizar a tensão e melhorar os relacionamentos. Ressaltando os resultados do atendimento psicológico, mencionamos o caso de uma paciente com o diagnóstico de Transtorno do Pânico e Agorafobia, cuja avaliação psicológica identificou fatos da história do casal (ela e marido), que “justificavam” a exagerada tolerância do marido ao controle exercido pela esposa, o que contribuiu para a manutenção da relação de dependência da paciente. As descobertas de tais dinâmicas e as conseqüentes intervenções têm auxiliado, significativamente, na definição de condutas a serem seguidas pela equipe multiprofissional. Os casos indicados para seguimento em assistência domiciliar pelo PRADO são, em sua maioria, graves e apresentam interações familiares disfuncionais. Além da assistência, o serviço tem possibilitado treinamento e aprendizado aos profissionais da equipe em tal modalidade de assistência à saúde.

Cardeal, M.S.; Abrahão, M.P.F.; Almeida, J.G.; Barria A.C.R.; Cunha, L.C.; Garcia, S.A.F.; Grassini, D.P.F.; Mazzieri, A.F.; Moreno, H.G.S.; Prates, J.G.; Ribeiro, F.; Seixas, A.A.A.

Hospital das Clínicas da FMUSP.



institucional em unidade de internação da FEBEM.

Um jogo de sombras e espelhos - assim percebemos a UI Nogueira da Febem/SP, desde quando fomos procurados, em 1999, pela direção da unidade para uma intervenção. Alunos de graduação e pós-graduação, vinculados ao Laboratório de Estudos e Prática em Psicologia Fenomenológica da USP, iniciamos um trabalho de cartografia para posteriormente criar metodologias de intervenção. Com olhar ingênuo de uma pesquisa fenomenológica, procuramos acompanhar o movimento da instituição inseridos em seu contexto. Entretanto, as relações humanas e a cultura institucional apresentaram-se de forma tão sombria, que nossa presença e constância fundiram o conhecer e o intervir, pois precisávamos clarear estes vários rostos encobertos, olhando e deixando-os se ver. A instituição contempla diferentes olhares e vivências de seus atores: carcerreira ou educativa? Um lugar onde “o bem e o mal estão escancarados”, uma caricatura do social, na qual cabem limites de sentimentos, às vezes, antagônicos: a saudade, o medo, a tristeza, a pobreza, riqueza, a dor, o arrependimento, a vingança, a maldade... Na vida íntima desta instituição, a rotina com os conflitos e tensões diárias, parece oferecer a seus atores a eterna sensação de luta pela sobrevivência. Mostram-se para si e para o outro ora monstros, ora heróis; um reflexo da condição humana. Atualmente, permanecemos neste estado de atenção psicológica ao sofrimento humano, nomeados como Plantão Psicológico e Supervisão de Apoio. Ambos atuando de maneiras diferentes, mas envolvendo todos os atores desta instituição visando ser uma abertura para a reflexão seja da vida pessoal, seja da sua ação profissional e acompanhando as eventuais mudanças de rotina ou relações da unidade. O Plantão Psicológico acontece uma vez por semana no próprio pátio da instituição, lugar no qual adolescentes e funcionários dividem um espaço ocioso, durante a noite, quando as atividades educativas e pedagógicas da unidade já foram encerradas. Constitui-se com a presença de um grupo de psicólogos e estagiários de psicologia disponível para o atendimento, em grupo ou em individual, a quem se aproximar. A Supervisão de Apoio Psicológico, num primeiro momento, foi proposta para um grande grupo, já formado por outro profissional externo à instituição, com todos os funcionários da unidade; atualmente, acontece com dois grupos (técnicos e agentes de educação) e individual (coordenadores de turno). Estas práticas caracterizam a Psicologia Clínica Social, ou seja, uma psicologia que se debruça à dor humana não apenas vislumbrando seu contexto social, mas se aproximando deste. Como clínicos, oferecemos a possibilidade de resgate da singularidade e história de cada um, desvelando os traços de seus rostos ocultos. Como sociais, procuramos compreender este “oculto”, não apenas como uma defesa, mas como uma cultura que parece autenticar as ações per-versas. Um fazer que desvela nossas próprias sombras. Como atendimento clínico em instituição, a Psicologia Clínica Social tem se mostrado eficaz, pois caracteriza-se como referência na procura de ajuda psicológica, na expressão de anseios e angústias e na possibilidade de resignificação de visão de mundo e de vida e acolhimento ao sofrimento humano. Agências financiadoras: Coordenadoria de Assistência Social e Pró-Reitoria de Cultura e Extensão. Definição de W., 18 anos, adolescente interno.

MORATO, Henriette Tognetti Penha; AUN, Heloisa Antonelli; PINTO, Sávia Emrich; NOGUCHI, Natália Felix de Carvalho; MOSQUEIRA, Sashenka Meza; MACHADO, Matheus Oliveira; LIMA, Lucas Toledo; ALVARES, Marcelo; SANTOS, Marcos Milazzo dos; CARVALHO, Lucas Souza de.

USP.



Atenção psicossocial à adolescência: a escolha profissional em debate.

Este trabalho visa relatar a experiência de estágio em Orientação Profissional de adolescentes em escolas públicas em Campinas, segundo a abordagem sócio-histórica da adolescência e da orientação profissional. A adolescência é compreendida por essa abordagem não como um período natural do desenvolvimento, mas como um período cujo significado foi interpretado e construído pelos homens. A orientação profissional tem sua importância como forma de trabalhar e ampliar a consciência que o adolescente possui sobre a realidade que o cerca, instrumentando-o para agir, no sentido de transformar e resolver as dificuldades que essa realidade lhe apresenta. Assim, a função da O.P. é permitir que os estudantes reflitam sobre o futuro, baseados na relação que têm com a realidade na qual estão inseridos. Realizar o trabalho de OP em escolas se justificou pelo fato de estas instituições serem responsáveis pelo processo de formação dos indivíduos em nossa sociedade. Assim, quando o psicólogo trabalha a O.P. nas escolas complementa o processo de formação dos alunos. O objetivo geral desse projeto foi auxiliar no desenvolvimento da identidade profissional dos adolescentes, e, mais especificamente, propiciar reflexões buscando estimular o autoconhecimento e elaboração de um projeto de vida por parte dos adolescentes. O projeto escolheu como população alvo os alunos de segunda série do Ensino Médio de uma escola pública de Campinas. Os encontros aconteceram às segundas-feiras, no período noturno, com a duração por encontro de uma hora / aula (50 minutos). Houve dez encontros por grupo e foram oferecidos três grupos por semestre, com o número máximo de dezoito vagas por grupo, totalizando cento e oito vagas oferecidas. Para a realização do trabalho houve uma reunião com a direção do colégio para definir o encaminhamento do projeto, e em seguida realizou-se um contato com os professores para a apresentação do projeto, bem como a solicitação do consentimento do uso de suas aulas, em sistema de rodízio. A formação dos grupos ocorreu através de uma breve apresentação do projeto pelas estagiárias e, também, de uma carta-convite que continha a ficha de inscrição. Para o desenvolvimento do projeto foram utilizadas técnicas grupais, vídeos, textos e discussões teóricas com a finalidade de levar os alunos a compartilhar suas concepções, dúvidas, curiosidades e conhecimentos a respeito das profissões. Com o desenvolvimento do projeto de estágio foi possível detectar a importância da postura das estagiárias no momento de ouvir os jovens, seus sentimentos, emoções, dúvidas e até dores. Afinal, são poucos os lugares onde os adolescentes são ouvidos, e podem dizer o que pensam e querem. Isso pôde ser verificado na medida em que o objetivo do processo de Orientação Profissional, que é propiciar a formação da identidade profissional, foi alcançado. Tal afirmação é feita com base no feedback dado pelos grupos ao final do trabalho e nas avaliações, em que os adolescentes demonstraram o quanto o projeto foi proveitoso, produtivo e prazeroso.

Juliana Rocha L. dos Santos; Maria Júlia Teixeira Ligabó.

Puc-Campinas.



Atendendo à demanda: uma proposta estratégica de atendimento psicológico à comunidade.

Os novos campos de atuação do psicólogo, como nas instituições públicas comunitárias e de saúde, nos defrontam com a necessidade constante de questionar e avaliar o cotidiano da prática psicológica junto à demanda, assim como questionar os modelos teórico-práticos de referência. Nesse sentido, o objetivo do estágio nos moldes descritos a seguir é atender a demanda através de uma proposta de intervenção familiar, com o intuito de tornar o conhecimento e a linguagem psicológica mais palpável e coerente com a realidade da clientela a ser atendida, permitindo assim, um trabalho psicológico de promoção da saúde efetivo e eficiente. Tal objetivo tem como base a experiência da professora supervisora (coordenadora do projeto) com o trabalho em comunidades, a partir do qual surgiu um modelo de intervenção comunitária, descrito em sua tese de doutoramento. Esta proposta evidencia um maior engajamento no trabalho terapêutico por parte da população atendida e constitui um caminho privilegiado para difundir informações acerca das relações familiares. As entrevistas de intervenção familiar são realizadas com duração de 1 hora à 1 hora e meia, dependendo do caso de atendimento, sendo que o local de atuação é a Clínica Psicológica do Departamento de Psicologia. No entanto, quando necessário são também realizadas visitas domiciliares. Os atendimentos são realizados tanto pela professora supervisora e um estagiário que atua na qualidade de ego-auxiliar, como por duplas de estagiários, atuando um como diretor da entrevista e outro como ego-auxiliar, respectivamente. Desde abril até dezembro de 2001, foram atendidas um total de 9 famílias, sendo que 6 continuam em processo terapêutico, 3 atendimentos de forma individual e 4 atendimentos de emergência; 6 atendimentos foram concluídos e continua sendo realizada visita domiciliar de forma quinzenal a paciente da comunidade. Apesar de estar vinculado à clínica-escola da universidade, este projeto também presta assessoria ao colégio de aplicação, mediando problemas entre a família, o aluno e a escola. Em suma, além de acolher a comunidade de modo coerente com as realidades dos envolvidos na situação de intervenção, o presente campo de estágio permite aprimorar o processo de ensino-aprendizagem para os estudantes-estagiários em situações concretas de intervenção, visando uma integração efetiva entre teoria-prática e as realidades atendidas.

Sandra Iris Sobrera Abella; Naiane Carvalho Wendt; Aline Rössel; Carmen Leontina Ojeda Ocampo More.

Universidade Federal de Santa Catarina.



Atendimento a crianças vítimas indiretas de latrocínio e homicídio.

Partindo do pressuposto de que através dos desenhos a criança manifesta e interpreta a sua realidade vivida, o objetivo da pesquisa é desenvolver instrumentos diagnósticos de crianças de 3 a 12 anos que tenham vivenciado experiências no contexto familiar de latrocínio ou homicídio. Essas crianças foram encaminhadas pelo Centro de Referência e Apoio à Vítima do Governo do Estado de São Paulo à Clínica Psicológica das FMU e submetidas ao processo psicodiagnóstico onde foram aplicados testes e entrevistas. Os resultados demonstram, de maneira significativa, que crianças, através dos desenhos, expressam a sua dificuldade no contato com a realidade agressiva em forma de desligamento ou afastamento da mesma. Concluiu-se que crianças que tenham em seu meio familiar ou social vivenciado situações agressivas podem, num contexto psicoterapêutico, através dos desenhos representar essa realidade. Além disso, essa pesquisa permitiu a escolha de técnicas expressivas e gráficas como instrumentos de diagnósticos e de intervenção a serem utilizados no Centro de Referência e Apoio à Vítima.

Rosa Maria Lopes Affonso; Kátia Wanderley; Cida Bastos.

UNIFMU.



Atendimento à saúde mental do adolescente no hospital das clínicas/unicamp.

Especializandos: Aldvan Alves Figueiredo, Cláudia Maria Gazola de Souza, Fabiana Pereira Botelho, Fernanda Sampaio Dotto, Luciana Mary Zaros Razzo, Luiz Carlos de Oliveira, Márcia Peres Vieira, Maria Angélica Costa dos Santos/ Setor de Psiquiatria e Psicologia do Adolescente/ Departamento de Psicologia Médica e Psiquiatria/ Unicamp Neste trabalho descrevemos 1) a inserção do Setor de Psiquiatria e Psicologia do Adolescente dentro do organograma do departamento, 2) a composição e os objetivos do citado Setor, 3) as principais datas de sua evolução histórica, 4) método e objetivos da atual pesquisa, referente ao período de 1997 a 2002. Resgatamos e atualizamos o levantamento já realizado nos anos de 1990 a 1997. Partimos dos prontuários dos adolescentes triados neste período, pesquisando dados sobre: I) procedência dos pacientes, II) diagnósticos mais frequentemente encontrados, III) encaminhamentos e condutas terapêuticas realizadas. Por fim, apresentamos as conclusões alcançadas através da análise destes itens.

Luzia A. Martins Yoshid; Maria Marta de Magalhães Battistoni.



Atendimento aos pais no psicodiagnóstico dos filhos.

Este trabalho tem como objetivo apresentar questões relativas ao atendimento dos pais no processo psicodiagnóstico de seus filhos. Baseia-se nos pressupostos que a criança é emergente da patologia do grupo familiar e que há sempre uma correlação entre suas dificuldades e aquelas que os pais apresentaram em seu próprio desenvolvimento evolutivo. Torna-se necessário, portanto realizar um trabalho psicológico com os pais a fim de ajuda-los a compreender a estreita relação entre suas limitações e/ou impossibilidades e a dos filhos. Neste contexto os pais não podem ser considerados como meros informantes da história de vida da criança. Necessitam ser escutados e percebidos na sua individualidade, compreendidos como pessoas, não apenas como “pais” e “mãe”. À medida em que resgatam alguns aspectos de sua própria história, também podem olhar para o filho a partir de uma outra perspectiva. Nossa prática clínica visa propiciar aos pais a percepção de si mesmos, facilitando deste modo à percepção de sua relação com o filho. Tal procedimento tem como consequência uma maior participação e motivação dos pais no processo.

Mary Dolores Eweron Santiago; Carlos Antonio Massad Campos; Ligia Caran Costa Corrêa; Suzana Lange Pinto Borges.

UNIP – Universidade Paulista.



Atendimento multidisciplinar à pessoa idosa na cidade de Osasco.

O CEPAE - Centro de Preparação e Atenção ao Envelhecimento é uma unidade da Secretaria de Assistência e Promoção Social da Prefeitura do Município de Osasco e atende pessoas de ambos os sexos, munícipes de Osasco, acima de 50 anos de idade. Os trabalhos desenvolvidos no CEPAE envolvem profissionais das áreas de Serviço Social, Psicologia, Educação Física, Medicina (Clínico geral), Professores de Yoga, de Artes Plásticas, de Canto e de Trabalhos Manuais. Particularmente na área de psicologia, o trabalho que vem sendo desenvolvido envolve a realização de atividades semanais de dinâmicas de grupo com o objetivo de trabalhar aspectos emocionais, sociais e de relacionamento. Procura se abordar com os idosos assuntos do seu cotidiano, suas emoções e proporciona-se um espaço para que possam falar sobre seus problemas, suas angústias, necessidades e expectativas. Trabalhamos também com questões de vida comuns à pessoa idosa, como por exemplo, relacionamento com filhos e cônjuges, solidão, e também desenvolvemos um trabalho onde resgatamos suas histórias de vida e discutimos a necessidade de que tenham um projeto de vida. São realizadas palestras sobre qualidade de vida, onde se trabalha com orientação e prevenção. O profissional de psicologia atende o idoso, quando necessário, individualmente. Caso seja necessário um atendimento psicoterápico, o idoso é encaminhado para uma unidade da Secretaria da Saúde que desenvolve o atendimento psicológico e/ou psiquiátrico individualizado. O objetivo deste painel será o de apresentar os trabalhos desenvolvidos no CEPAE, bem como apontar o papel que o profissional da psicologia pode assumir em um órgão público e como conduzir atividades desse tipo, de forma a poder criar novas alternativas para o atendimento das necessidades da população idosa que utiliza esses serviços. Isso é particularmente importante para que se possa pensar nas políticas públicas de atendimento, considerando as necessidades reais de seus usuários, ou seja, para que se possa ouvir dos próprios usuários as suas necessidades e suas expectativas para balizar assim a criação de novas formas de atendimento.

Rita de Cássia Silva Barbeta.



Atendimento Psicológico a Acadêmicos, Docentes e Servidores da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

Introdução: O Centro de Atendimento Psicológico CAP/UEMS presta serviço psicológico à comunidade universitária, oferecendo atendimento individualizado e em grupo aos acadêmicos, docentes e servidores visando trabalhar situações da vida pessoal, sócio-educacional e profissional que possam estar interferindo no desempenho e nas relações interpessoais. **Objetivos:** Caracterizar a clientela atendida no Centro de Atendimento Psicológico CAP/UEMS, no período de maio/2000 à julho/2001, primeiro ano de funcionamento, buscando verificar os cursos que mais procuraram pelo atendimento, quantidade de pessoas atendidas, número de atendimentos realizados, principais queixas e diagnóstico. **Material e Métodos:** Trata-se de um estudo exploratório-descritivo que teve como fonte de consulta os prontuários dos 65 casos atendidos no CAP/UEMS e os atestados médicos encaminhados à Divisão de Assuntos Acadêmicos. **Resultados:** O atendimento se caracterizou como psicoterapia breve individual. As queixas mais frequentes foram: cansaço, dificuldades de aprendizagem, dificuldades de concentração, esquecimento, perturbação do sono, sentimentos de fracasso, irritabilidade, inquietação, baixa auto-estima, insegurança, tensão muscular, tremores, falta de apetite, desânimo e dificuldades interpessoais. Procuraram atendimento alunos do Curso de Enfermagem, Letras, Direito, Turismo, Ciências da Computação, funcionários e professores. Foram realizados 533 atendimentos predominando o sexo feminino. A análise dos atestados médicos indicam que o curso de Enfermagem contribuiu com 75% dos atestados. As Hipóteses Diagnósticas encontradas foram: Transtornos de Ansiedade Generalizada; Transtornos pelo Uso de Substâncias- Dependência e Abuso de Substância; Transtorno Alimentar-Anorexia; Transtorno de Pânico; Transtorno Obsessivo Compulsivo; Transtorno de Personalidade Dependente e de Esquiva; Transtorno Depressivo Maior; Transtorno de Somatização e outras dificuldades psicológicas. **Conclusões:** Diante do grande número de pessoas atendidas torna-se evidente a importância deste tipo de serviço à comunidade universitária. Faz-se necessário uma investigação da relação qualidade de vida e saúde mental do estudante universitário para que se possa intervir de maneira preventiva e eficaz nas esferas biológica, social e psicológica dos estudantes assim como no correto direcionamento e planejamento dos objetivos pedagógicos dos cursos na UEMS.

E. A. N. CERCHIARI.

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS.



Atendimento Psicológico a vítimas de Violência Sexual.

O objetivo desta apresentação é mostrar a prática desenvolvida no atendimento às vítimas de violência sexual pela equipe de psicologia do ambulatório de violência sexual do Centro de Referência da Saúde da Mulher (CRSM). No ambulatório de violência sexual são atendidas mulheres, adolescentes e crianças vítimas de abuso sexual, estupro e atentado violento ao pudor (nos termos descritos pela lei). As vítimas recebem atendimento médico, social e psicológico independentemente de prestarem queixa ou boletim de ocorrência. A equipe de psicologia atua em um primeiro momento focalizando os sintomas da síndrome do stress pós-traumático. Pacientes que apresentam psicopatologias anteriores à situação de violência são encaminhadas para outros serviços de atendimento psicológico e/ou psiquiátrico. Outra atuação da equipe de psicologia refere-se ao parecer psicológico nos casos de gestação decorrente da violência sexual (conforme descrito pela lei). Os sintomas do stress pós-traumático incluem queixas somáticas (alterações no sono e na alimentação) e conflitos psicológicos de diversas ordens (alteração na imagem corporal, fobias, sentimento de culpa, etc.). A violência sexual provoca uma desorganização da sexualidade e da vida social da paciente: constatam-se alterações nos relacionamentos afetivos, no trabalho, nos estudos e na vida cotidiana de uma forma geral. Psicodinamicamente observa-se que as pacientes enfrentam lutos simbólicos importantes: por exemplo, tem a sensação de ser outra pessoa e esta constatação as revolta. Outro exemplo importante seria a queda de sua “onipotência”: achavam que nunca aconteceria com elas e procuram uma “justificativa” que explicaria o ocorrido. Apesar das dificuldades resultantes da situação de violência, algumas mulheres desenvolvem a capacidade de usar este evento de forma mais positiva e saudável, desencadeando um questionamento sobre sua sexualidade (e sua vida de uma forma geral) e um novo posicionamento e resignificação sobre o “trauma” ocorrido.

Eliana Gircoreano; Marisa Cambraia; Patrícia Ajewski.

Centro de Referência da Saúde da Mulher.



Atendimento Psicológico em Hospital Dia.

O Hospital Dia do Hospital do Servidor Público Estadual foi criado em 1966. Inicialmente funcionando como internação parcial dentro da enfermaria psiquiátrica do Hospital Geral. No início de 2000 passou a funcionar no terceiro andar do novo prédio dos ambulatórios de psiquiatria. O H.D. do HSPE atende 30 pacientes. Funciona de segunda à sexta das 8hs e 30min. às 4hs. Os pacientes tomam café da manhã e almoçam na unidade. O Hospital Dia (HD) proporciona tratamento intermediário aos pacientes que acabaram de receber alta hospitalar e ainda não estão preparados para retornarem ao ambulatório de Saúde Mental, bem como, aos pacientes de ambulatório que necessitam de um acompanhamento mais protegido. Na maioria dos casos, os pacientes têm crítica quanto à necessidade do tratamento ou então não oferecem risco de auto ou heteroagressividade, podendo manter o convívio familiar. Os motivos mais comuns de encaminhamentos do ambulatório para o HD, segundo os médicos responsáveis pela internação: ♣ Resposta insatisfatória ao tratamento. ♣ Reagudização de sintomas. ♣ Alta sobrecarga familiar e baixa inserção social. ♣ Reavaliação diagnóstica e conduta terapêutica (introdução de medicações). ♣ Faltas de vagas em enfermaria integral. Os motivos mais comuns do encaminhamento de pacientes da enfermaria para o hospital dia: ♣ Dar continuidade ao tratamento iniciado na enfermaria. ♣ Inserção em grupos terapêuticos. ♣ Auxílio na reinserção social. ♣ Trabalhar noções de doença dos pacientes e dos familiares. ♣ Evitar a hospitalização. Os pacientes internados são avaliados semanalmente pela equipe e encaminhados para os grupos de acordo com o motivo da internação e as condições da equipe. Todos os pacientes internados assinam termo de responsabilidade para cumprimento das normas de funcionamento. O não cumprimento do mesmo implica em encaminhamento do paciente para outra forma de tratamento (internação integral, ambulatório, reabilitação psicossocial etc). O agrupamento de pacientes com várias patologias exige um trabalho com equipe multidisciplinar, cujo objetivo é enriquecer o tratamento do paciente através de uma visão integrada. Cada um na equipe vem contribuir no atendimento do paciente de HD visando à inserção desse na sociedade, respeitando características individuais. Essas opiniões são emitidas em reuniões periódicas. Dentro deste contexto, o papel do psicólogo vem complementar a equipe multidisciplinar composta por psiquiatras, terapeutas ocupacionais, enfermeiros, assistentes sociais e outros. O trabalho do psicólogo envolve precipuamente atendimento individual, e/ou em grupo, evolução nos prontuários e acompanhamento participativo junto à equipe. O setor de psicologia procura aprimorar a adaptar técnicas psicológicas e formas de atuação, conforme as exigências encontradas na população atendida; proporcionar uma escuta e atuação psicológica, com base teórica instrumentalizada tecnicamente, podendo ter uma compreensão dos aspectos sintomatológicos (Doença Mental) versus traços de personalidade. Dessa forma, o trabalho do psicólogo pode ajudar os pacientes a testarem a realidade com maior exatidão ou antecipando conseqüências de suas ações, melhorando assim seu juízo crítico. Ainda que, dentro do limite da individualidade, tem como objetivo promover a integridade psíquica, alívio dos sintomas, soluções dos problemas de ajustamento, maior percepção de si e do outro e compreensão da doença mental, restituindo ao paciente a possibilidade de dirigir sua conduta, de optar entre as várias atitudes possíveis e entre os vários modos de se relacionar com os outros. • Gráfico dos pacientes HD por faixa etária • Gráfico por procedência Obs: os 02 gráficos encontram-se no arquivo: Pacientes HD - HSPE Distribuição Etária e Procedência

Lia Camargo de Paula.

Hospital do Servidor Público do Estadual – S.P.



Avaliação da leitura e escrita em pessoas com dislexia adquirida.

A dislexia adquirida é um distúrbio neuropsicológico que compromete a capacidade de leitura lexical e/ou sublexical após a ocorrência de um dano cerebral. O prejuízo na rota lexical semântica torna difícil o resgate da forma falada de uma palavra (regular, regra e irregular) familiar a partir do acesso do seu significado. O dano na rota lexical não-semântica prejudica a leitura através da associação direta entre a palavra familiar escrita e o seu som. O prejuízo na rota sublexical compromete a capacidade de conversão grafema-fonema e, por isso, a leitura de palavras não-familiares e inventadas. Este estudo teve por objetivo avaliar as rotas lexical e sublexical de uma jovem de 33 anos, cujas dificuldades de leitura e escrita tiveram início após um atropelamento seguido de coma, ocorrido aos 8 anos. Em virtude dos problemas na alfabetização, reprovou 4 vezes a 2ª série do Ensino Fundamental e, atualmente, apesar de ser universitária, não consegue ler de forma fluente e apresenta muitos erros na escrita, como por exemplo: caneca/começa, descolris/descobrir, calegas/colegas, neio/meio, passa/possa, nais/mais, cam/com, una/uma, pessão/pessoa, baa/boa, eutra/outra, prijara/prepara, ensinal/ensinar, agel/ágil, arraha/arranha, dama/dono, menia/menina, educação/educação, ode/pode, periúdo/período, fone/fome, tinhão/tinham, ambiente/ambiente, na quele/naquele, exforços/esforços e nesciedade/necessidade. Foram elaboradas provas para a avaliação das rotas sublexical (leitura e escrita de palavras reais x inventadas, e de palavras familiares x não-familiares); lexical semântica (escrita de palavras regulares, irregulares e palavras-regra; emparelhamento de palavra escrita-figura, palavra falada-figura e palavra falada-palavra escrita; e leitura de palavras de diferentes classes gramaticais) e lexical não-semântica (definição, leitura e soletração de palavras homófonas). O teste de Comparação de Duas Porcentagens revelou que as variáveis familiaridade e lexicalidade influenciaram o desempenho da jovem, ou seja, ela teve maior dificuldade na leitura de palavras não-familiares em relação às familiares ($p < 0,004$), assim como de palavras inventadas em relação às reais ($p < 0,003$), o que sugere dificuldade no uso da rota sublexical de leitura. O ótimo desempenho (100% de acertos) na tarefa de emparelhamento e a não influência das variáveis classe gramatical e regularidade ($p < 0,067$) indicam a integridade da rota lexical semântica de leitura. O melhor desempenho na definição dos homófonos familiares em relação aos não-familiares ($p < 0,004$) e o predomínio dos erros semânticos, sugerem que a jovem acessou primeiro o som da palavra e depois o seu significado, ou seja, utilizou a rota sublexical de leitura. Na escrita, escreveu melhor palavras regulares do que irregulares ($p < 0,005$) e palavras-regra ($p < 0,011$). Isto não significa que a rota sublexical de escrita esteja íntegra, visto que também ocorreu o efeito lexical ($p < 0,035$). Em suma, os resultados das provas sugerem que os problemas de leitura e escrita da universitária decorrem de uma dislexia fonológica adquirida, isto é, de um distúrbio específico no uso da rota sublexical.

KAJIHARA, Olinda T.; MORIKAWA, Elisabete K.K.

Universidade Estadual de Maringá.



Atitudes masculinas frente ao exame de toque retal em diferentes idades.

A presente pesquisa teve por objetivo geral estudar as atitudes masculinas relacionadas ao exame de toque retal entre duas faixas etárias distintas. É uma pesquisa exploratória comparativa, como forma de um levantamento de dados, de natureza quantitativa. Sendo analisada sob a ótica da psicologia social na área da saúde. Foram realizadas entrevistas com trinta adolescentes – 14 a 18 anos – e trinta homens acima de 40 anos. As entrevistas foram realizadas nas redondezas do Bar Ponto Chic e frente ao Curso e Colégio Energia. Foram observados aspectos como o conhecimento masculino sobre o exame de toque retal, as atitudes entre as duas faixas etárias frente ao exame e o que seria necessário para elaborar uma campanha com maior eficácia. Quanto aos resultados foi observado a falta de conhecimento dos adolescentes sobre o assunto a próstata e sobre o exame, mas principalmente dos homens acima de 40 anos. Foi observada também a dificuldade em verbalizar sobre esse assunto. O importante papel feminino ou de um familiar que alerte o homem sobre a necessidade de realizar o exame. Os fatores importantes para uma elaboração mais consistente de campanhas e propagandas. E também, a imagem distorcida que os homens têm perante o exame e as atitudes negativas e positivas na realização do mesmo.

Maria Carolina Guglielmi Borges; Leandro de Castro Oltramari.

Universidade do Sul de Santa Catarina.



Atividades das aprimorandas de Psicologia Hospitalar no Hospital Maternidade Leonor Mendes de Barros (HMLMB).

O HMLMB tem três aprimorandas em Psicologia Hospitalar que realizam trabalhos específicos e comuns em diferentes setores da instituição. Os trabalhos comuns às três aprimorandas são: realização de triagem no ambulatório de psicologia; realização de grupos de orientação, de informação e psicoterapêuticos; realização de pesquisas; leituras em diferentes áreas; participação em aulas e seminários. Os trabalhos específicos de cada aprimoranda relacionam-se com três diferentes setores do hospital: Ginecologia, Obstetrícia e Neonatologia. Na Ginecologia a aprimoranda realiza: -Grupo de Internação: com equipe multidisciplinar, que consta de informações sobre respectivas cirurgias e procedimentos, dados por cada profissional da equipe. Enfoca aspectos emocionais e fantasias evocadas pela cirurgia, servindo também como critério para triagem. -Triagem: mulheres com indicação para Histerectomia Total Abdominal (HTA) e diferentes tipos de Câncer.-Temas recorrentes: fantasias sobre mioma, frigidez, imagem corporal e o papel da mulher. -Atendimento: pacientes com indicação cirúrgica, no pré e pós operatório, visando a elaboração psíquica da intervenção, da internação e das perdas. Na Obstetrícia a aprimoranda realiza: -Triagem: gestantes de alto risco com patologias (Diabetes, Hipertensão, Bolsa-Rota, Placenta Prévia, mulheres que já tiveram perdas fetais, entre outras) e encaminhamentos da equipe. -Atendimento: escuta focada na compreensão da paciente sobre o motivo de sua internação, investimentos feitos no bebê, entre outros temas evocados cujo objetivo é oferecer acolhimento. -Temas recorrentes: medo da perda do bebê, culpa pela doença e conseqüente medo de prejudicar o bebê, medo do parto e temas relativos ao ambiente hospitalar devido ao tempo de internação. -Grupo de Adolescentes: atendimento pré consulta médica ambulatorial, grupo aberto com adolescentes gestantes cujo objetivo é trabalhar questões emocionais e promover trocas de experiências. Na Neonatologia a aprimoranda atua no Berçário de Risco (UTI, CI e CE) e realiza: -Triagem: pais de bebês síndrômicos, pais de bebês pré-termo de baixo peso, mães portadoras de HIV e sífilis, mães primíparas, mães múltíparas, mães de bebês natimortos e solicitações da equipe. -Atendimento: focado na relação pais-bebê, nas expectativas relacionadas à gestação e ao parto, no vínculo com o recém-nascido, nas fantasias em torno do bebê e na estrutura familiar. -Temas recorrentes: bebê real-bebê ideal, gestação não planejada, feridas narcísicas dos pais, ansiedade familiar e separação pais-bebê. -Grupo do CI: realizado com equipe multidisciplinar, consta de acolhimento, trocas de experiências e informações gerais a pais do berçário. -Método Canguru: avaliação da disponibilidade psíquica dos pais para sua realização, que implica no contato pele a pele do bebê prematuro de baixo peso com o pai ou com a mãe e cujo objetivo é fortalecer o vínculo entre bebê e pais, além de favorecer o desenvolvimento da criança. O aprimoramento no HMLMB caracteriza-se por abranger diferentes formas de atendimento à mulher, envolvendo questões relativas ao feminino e ao papel da mulher na família e na sociedade.

Ana Leda Higa: Elisangela Erni dos Santos; Fabiana Haddad Kurbhi.

Hospital Maternidade Leonor Mendes de Barros.



Atividades em Saúde Mental: Grupo de Pacientes.

O Grupo de Pacientes é um dos trabalhos desenvolvidos no Projeto de Extensão “Atividades em Saúde Mental”. Esta modalidade de atendimento psicológico faz parte de uma rede integrada de serviços prestados ao portador de sofrimento psíquico intenso, conforme a perspectiva atual de atenção à saúde mental. Os serviços referem-se às modalidades de atendimento psicológico: entrevistas de triagem, psicoterapia individual, grupoterapia (grupo de pacientes), e assembléias familiares; atendimento médico (psiquiátrico e/ou neurológico); atendimento de terapia ocupacional (oficinas terapêuticas); e assistência social. O estabelecimento de centros de saúde mental com esta característica surge como desdobramento do movimento da Reforma Psiquiátrica no início do século XX, tendo como principal expoente o psiquiatra italiano Franco Basaglia. A Reforma Psiquiátrica reivindica condições adequadas de tratamento para o portador de sofrimento psíquico, possibilitando-lhe o exercício da cidadania, e a humanização, enfim, o direito à vida e à saúde, em detrimento do atendimento em hospitais psiquiátricos. Diretamente associados a tal movimento encontram-se o Movimento Nacional da Luta Antimanicomial (Brasil:1987), Conferência Regional para a Reestruturação da Assistência Psiquiátrica no Continente Americano (Venezuela:1990), e Lei 3657 – A/89 do deputado federal Paulo Delgado, aprovada em janeiro de 1999, que prevê a extinção gradual dos manicômios. Dentro deste contexto emerge o Grupo de Pacientes, em funcionamento no Centro de Saúde Mental José Frageli, no Município de Corumbá – Mato Grosso do Sul, desde 2001. O grupo é coordenado por duas estagiárias de psicologia, realizado na Clínica Escola de Psicologia, duas vezes por semana, tendo os encontros a duração de uma hora e trinta minutos, com média de oito participantes. O grupo terapêutico consiste num espaço coordenado de reflexão, de informação, de diálogo, de troca, de vivências etc, promovido por discussões, dinâmicas de grupo, técnicas de desenho, de colagem, de jogos etc, que tem por objetivo principal a livre expressão de conteúdos próprios de cada indivíduo. São abordados temas como: individualidade, relações familiares, sentimentos de: solidão, perda, abandono, medo, agressividade, amor etc, loucura, tratamento medicamentoso, a instituição de atendimento à saúde mental, suicídio etc. A grupoterapia tem caráter terapêutico, uma vez que o indivíduo pode pensar, sentir, expressar-se, sendo ouvido e entendido. O Grupo de Pacientes existe há um ano e os resultados tem sido positivos dada à adesão ao tratamento medicamentoso e psicológico pelos pacientes, diminuição das crises e internações, maior compreensão do fenômeno da loucura, aumento da auto-estima e inserção social. Referências Bibliográficas: SILVA, M.V.O. org (2001). A Instituição Sinistra: Mortes Violentas em Hospitais Psiquiátricos no Brasil. Casa do Psicólogo. SP

Luana Santas Silva; Sandra Maria Francisco de Amorim; Thereza Erika Sousa Lopes.

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).



Atribuição de causalidade à contaminação pelo vírus HIV a partir de personagens-estereótipos.

A contaminação pelo HIV foi historicamente atribuída a grupos de risco, tais como homossexuais, hemofílicos, prostitutas e filhos de mães contaminadas. Estes grupos não mais correspondem aos altos índices de expansão. Como o HIV se tornou comum entre heterossexuais, criou-se então o conceito de comportamento de risco, o qual também caiu em desuso, visto que este indicava pessoas que tinham comportamentos de risco versus pessoas que não tinham comportamentos de risco. Com a expansão do vírus às mulheres casadas, jovens e pessoas de baixo nível sócio-econômico, pôde-se identificar alguns aspectos que indicavam maior índice de contaminação pelo vírus. Neste sentido, não era mais válido entender que havia pessoas isentas da possibilidade de contaminação, passando-se a entender que todas as pessoas são vulneráveis à contaminação pelo HIV, sendo que existem pessoas ou grupos com maior ou menor grau de vulnerabilidade. No decorrer deste trabalho procurou-se contemplar temáticas relacionadas ao modo de contaminação, patologia e grupos vulneráveis ao HIV/AIDS, bem como a teoria referente à atribuição de causalidade, preconceito, estereótipo e discriminação. O objetivo da pesquisa foi verificar as causas atribuídas para a contaminação pelo HIV por estudantes do ensino médio a dois personagens com comportamentos preventivos opostos, inseridos em duas histórias fictícias de contaminação. No primeira história o personagem é do sexo masculino, portador do vírus HIV e possui vários comportamentos de risco. O personagem da segunda história é do sexo feminino, de meia idade, portador do vírus HIV e possui poucos comportamentos de risco. A atribuição interna ao sujeito talvez acarrete em maiores preconceitos e maior vulnerabilidade destas pessoas. Se a atribuição for externa ao sujeito, talvez seja mais fácil entender os aspectos sócio-econômicos e culturais que podem conduzir a altos índices de vulnerabilidade. Os resultados desta pesquisa poderiam auxiliar novos estudos sobre o controle da vulnerabilidade e da transmissão do HIV/AIDS. A hipótese principal foi: quanto mais comportamentos de risco do personagem, maior a tendência dos sujeitos a atribuírem uma causa interna ao fato dele ter contraído o vírus. Foram aplicados 60 questionários. As questões representavam escalas de 1 a 7. Trinta questionários avaliaram o primeiro personagem e trinta o segundo. Efetivou-se as médias das seis primeiras questões juntas. No grupo que respondeu Q1 (primeiro questionário) esta média foi igual a 2,86 e no grupo que respondeu Q2 (segundo questionário) a média foi 3,19. Tanto no Q1 quanto no Q2, as causas atribuídas à contaminação dos personagens foram as características internas destes; com um pouco mais de responsabilidade percebida no personagem com baixo nível de comportamentos preventivos. Segundo as teorias de atribuição de causalidade, há uma tendência a se atribuir internamente os atos de terceiros com consequências negativas, o que explica as atribuições semelhantes para os dois personagens distintos.

Marília F. Dela Coleta, Elayne de Moura Braga; Fernanda M. Lima de Miranda; Leonardo Lana de Carvalho; Andressa Silva Freitas; Liliana Cerveira de Souza.

Universidade Federal de Uberlândia.



Atribuições de causalidade para o desempenho em matemática.

As interpretações que os estudantes fazem acerca das causas de seu desempenho escolar têm um impacto na motivação dos mesmos, por afetarem suas expectativas futuras de sucesso, bem como exercem uma influência nas reações emocionais diante de suas realizações. De acordo a Teoria de Atribuição de Causalidade de Bernard Weiner, as principais causas atribuídas ao sucesso ou fracasso, encontradas em pesquisas referentes ao desempenho acadêmico são: capacidade, esforço, natureza da tarefa e sorte. Estas causas ainda podem ser classificadas de acordo com três dimensões: locus de causalidade, grau de controle e estabilidade. Baseado no modelo teórico proposto por Weiner, o presente estudo teve como objetivo investigar as atribuições de alunos das séries iniciais do ensino fundamental para o desempenho escolar em matemática. Esta pesquisa foi desenvolvida em uma escola pública estadual do interior de São Paulo, tendo sido sujeitos 122 alunos de terceira e quarta séries da primeira fase do ensino fundamental, de ambos os gêneros, com idade variando de oito a treze anos. A coleta de dados foi realizada em período normal de aula, tendo sido aplicado coletivamente, um questionário com perguntas abertas, versando sobre atribuições causais para bom e mau desempenho em matemática. As respostas dos alunos foram submetidas à análise de conteúdo, demonstrando-se que entre os sujeitos desta amostra, as atribuições de sucesso presentes foram: esforço, atenção, capacidade, causas afetivas, procedimento adequado, bom comportamento, sorte, facilidade da tarefa e ajuda de outros. Categorias similares foram encontradas entre as causas percebidas do fracasso, porém respostas referentes à ajuda de outros não foram encontradas nesta situação. Estas atribuições também constaram em outros estudos nacionais e internacionais realizados com estudantes da mesma faixa etária. O esforço foi percebido como a principal causa do sucesso, tendo sido citado por 66,4% dos alunos, seguido de atenção que foi citada por 41,8%. O mau desempenho também foi atribuído predominantemente à falta de esforço, apontada por 68% dos alunos e à falta de atenção, citada por 41,0%. As outras atribuições foram citadas por menos de 15% dos sujeitos. A predominância da atribuição de esforço entre alunos das séries escolares iniciais, tanto referente ao sucesso quanto ao fracasso tem sido discutida, sendo possível que isto seja reflexo do enfoque adotado pelos docentes, que apontam o esforço como a principal causa do desempenho escolar. O padrão de atribuições aqui encontrado não é considerado disfuncional, uma vez que o esforço é comumente classificado como uma causa interna, controlável e instável, o que denota controle e responsabilidade por parte do indivíduo quanto aos resultados obtidos no contexto acadêmico.

Liliane Ferreira das Neves; Márcia Regina Ferreira de Brito.

UNICAMP.



Atribuições e emoções diante de uma situação de desempenho.

A Teoria da Atribuição, que subsidiou este estudo, surgiu como uma vertente da Psicologia Social e representa uma importante corrente de estudo da motivação, ao estudar as relações entre esta e as atribuições causais. Da mesma forma, subsidia discussões sobre autoconceito, auto-estima e expectativas. Weiner é um teórico desta corrente que dedica grande parte de sua obra ao estudo das atribuições causais para sucesso e fracasso, notadamente no contexto escolar. Para Weiner, a percepção das causas do sucesso ou fracasso escolar pelo professor e pelo aluno é um fator determinante ou co-determinante do comportamento futuro deles, influenciando nas relações interpessoais. Outro fator importante é que a atribuição causal após um evento elicia emoções diversas, as quais interferirão no desempenho futuro. O estudo objetivou verificar as percepções de sucesso ou fracasso, as atribuições causais e as emoções relacionadas a essas percepções em uma situação de desempenho acadêmico. Atuaram como Ss, 73 alunos (15 do sexo masculino e 58 do sexo feminino) de um curso de Psicologia situado no interior do estado de São Paulo, com idade variando entre 17 e 26 anos aproximadamente. Como parte das atividades que deviam cumprir em uma determinada disciplina, esses Ss foram submetidos a uma prova objetiva contendo 20 questões. Esta, após correção, foi devolvida aos Ss e solicitou-se-lhes que respondessem, por escrito e individualmente, a um questionário referente à percepção de sucesso ou fracasso, às atribuições causais e as emoções subjacentes a essa percepção. Os dados, assim coletados, revelaram 37 respostas de percepção de sucesso, 27 de percepção de fracasso, sete de indecisão ou dúvida e houve duas respostas anuladas. Nenhum sujeito, que acertou nove questões ou menos, relatou percepção de sucesso, assim como nenhum sujeito, que acertou 14 questões ou mais, relatou que seu desempenho havia sido um fracasso. As percepções de sucesso tiveram 44 atribuições causais e as de fracasso 28. As mais freqüentes atribuições para sucesso foram estudo extra-classe (n=17) e esforço para aprender durante as aulas (f=11) e para fracasso tipo/dificuldade da prova (n=12) e falta de estudo extra-classe (n=08). Os Ss indicaram 40 emoções para sucesso, sendo alívio (n=9) e satisfação (n=8) os mais relatados. Para fracasso, houve 37 referências, destacando-se a frustração (f=5) e vontade/necessidade de melhorar (f=5). Os resultados obtidos são compatíveis com estudos que envolvem atribuições causais e emoções em contextos de realização.

Pontes Neto, J. A. da S.; Beck, M. L. G.

UNESP.



Atuação do psicólogo escolar na rede particular de ensino: uma investigação qualitativa.

Os esforços dos especialistas e as publicações recentes acerca da ação da Psicologia na escola têm priorizado, em sua maioria, a rede pública de ensino, por ser este o local onde se tem encontrado os maiores problemas educacionais. Todavia, acreditamos que também a rede particular de ensino merece atenção e pesquisas, pois deixar de olhar para este sistema educacional é negligenciar uma camada social que, embora possa ser privilegiada economicamente, não está livre de dificuldades. Nesse sentido, caracterizar a prática do psicólogo escolar que atua na rede particular de ensino é o objetivo principal deste trabalho(1). Com esse intuito, foi realizado um levantamento, organização e análise crítica do material bibliográfico consultado, no sentido de empreender um aprofundamento teórico. Também foi realizada uma pesquisa qualitativa com oito (08) psicólogos da rede particular de ensino de Juiz de Fora - MG. Como metodologia, foi utilizado o modelo de entrevista semi-estruturada que explorou os seguintes aspectos: i) Avaliação da formação acadêmica e profissional; ii) Atuação no contexto educativo e, iii) Dificuldades quanto à atuação no contexto educativo. Através do método da Análise de Conteúdo(2), foi possível identificar as concepções de tais profissionais sobre a própria realidade de trabalho. Os dados obtidos apresentaram informações relevantes quanto aos aspectos explorados, apontando para a existência de lacunas entre a formação e atuação profissional, fraca participação dos psicólogos em eventos relativos à Psicologia Educacional/Escolar e falta de referencial teórico específico, com predominância de um modelo de atuação remediativa. Confrontando as informações obtidas na pesquisa com o embasamento teórico, foi possível constatar que a realidade de trabalho do psicólogo no contexto do ensino particular apresenta-se fragilizada, comprometendo a construção de sua identidade profissional, o que vem confirmar a necessidade de mudanças significativas no que se refere, principalmente, à formação e atuação de tal profissional. Portanto, ainda há muito o que se fazer para que a Psicologia Educacional/Escolar seja melhor situada na interface Psicologia-Educação, no contexto da realidade brasileira. Para tanto, acreditamos serem necessárias mudanças substanciais na orientação teórico-prática da formação em Psicologia; efetiva reformulação dos estágios, visando a uma melhor articulação entre formação acadêmica e prática profissional; e maior reflexão crítica por parte do próprio profissional psicólogo quanto às suas funções e papéis na Educação. Como consequência prática desse trabalho foram elaboradas propostas para uma atuação mais contextualizada e ética do psicólogo escolar. Tal atuação se refere a: 1) Assessoria e consultoria na elaboração e implementação de projetos de atendimento às mais variadas demandas provenientes do complexo fenômeno que é a Educação; 2) Trabalhar junto aos demais profissionais da Educação na avaliação educacional, valorizando os seus aspectos qualitativos, no sentido de que a mesma possa ocorrer de forma mais abrangente e processual; 3) Para além da inclusão, atuar na integração de crianças com necessidades especiais no ensino regular; 4) Favorecer a discussão de temas que interferem no processo ensino-aprendizagem, tais como: drogas, violência, DST/AIDS, prática sexual precoce e gravidez na adolescência, dentre outros. NOTAS DE RODAPÉ: 1) Trabalho inspirado na Monografia de Conclusão do Curso de Psicologia: "O Psicólogo Escolar: Possibilidades e Limites de Atuação na Rede Particular de Ensino de Juiz de Fora" da Universidade Federal de Juiz de Fora, defendida em 2000 pelas autoras, enquanto graduandas, sob orientação da profª. Ms. e atualmente doutoranda pela PUCAMP - Campinas Marisa Cosenza Rodrigues. 2) A Análise de Conteúdo é um "Conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição dos conteúdos das mensagens" (Bardin, 1997, p. 38).

SUZI MARA ALMEIDA PASSOS; ELIANE FERREIRA CARVALHO BANHATO.

Universidade Federal de Juiz de Fora.



Atuação do Psicólogo Hospitalar: reflexão sobre um atendimento em UTI.

Nos últimos anos, muito se tem falado sobre a inserção do psicólogo em organizações hospitalares. Isso se deve ao fato da percepção da necessidade deste profissional num contexto no qual o paciente sofre, quando hospitalizado, um processo de total despersonalização, deixando seu nome, sua vontade, seus desejos e suas relações com o mundo estagnados no tempo, até que possa se recuperar do mal orgânico e retomar sua vida. Desta forma, alguns autores definem o papel do psicólogo hospitalar como o profissional que trabalha no sentido de estancar tais processos de despersonalização e assim, ajudar na humanização do hospital. Acrescentam também como objetivo a tentativa de minimizar o sofrimento provocado pela hospitalização, tanto no paciente como na família, ajudando a lidar com a doença, abordando as seqüelas e decorrências emocionais dessa situação. Há também a necessidade de um trabalho a ser realizado com a equipe, uma vez que o psicólogo pode resgatar a visão do paciente como um ser integral, buscando conscientizar todos os profissionais para o trabalho multiprofissional, ajudando a definir funções e objetivos, facilitando a comunicação, sendo o interlocutor da equipe entre si e desta com o paciente e seus familiares. Sob esta perspectiva de atuação profissional, o presente relato busca refletir sobre o atendimento em UTI, a partir do atendimento de um caso, acompanhado em um Hospital Público, em São Paulo. A internação na UTI leva consigo a questão inerente da morte, da incerteza. Por ser uma unidade na qual os cuidados são intensos, a própria equipe se sente apreensiva com o minuto seguinte, de forma que o psicólogo deve dirigir sua atenção ao paciente, à família e a equipe de saúde, afinal estão todos envolvidos num mesmo objetivo, porém cada um na sua função, mas buscando preservar a vida. O atendimento foi solicitado pelo médico, que pedia acompanhamento do paciente que estava internado nesta Unidade há três semanas devido a um ferimento por arma de fogo, que por consequência ficou tetraplégico. Tal pedido se justificava para avaliação de uma possível depressão. O paciente, A. é um rapaz de 30 anos, casado, policial militar, que durante um assalto, foi atingido por uma bala. Foram realizadas doze visitas diárias a UTI, para contato com A., a equipe e sua família. Com relação à família, pode-se perceber uma mudança significativa no enfrentamento da situação. Com a equipe pode-se perceber a importância da interconsulta, uma vez que puderam falar de seus sentimentos, compreender seus papéis e entender as questões psíquicas do paciente. E com o paciente, pode-se perceber a importância da escuta diferenciada do psicólogo, em função do qual, mesmo não falando diretamente sobre sua condição física, pode encontrar neste profissional o apoio necessário quando a necessidade de vivenciar suas perdas. Desta forma lança-se tal desafio e mesmo a reflexão sobre a atuação do psicólogo. Ainda assim, mesmo com a necessidade evidente de novas formas de atuação, pode-se refletir sobre a seguinte questão: O que aconteceria se não houvesse a intervenção do psicólogo?

Camila de Almeida Pimentel.



Atuação do psicólogo na Saúde do Trabalhador- relato de uma experiência.

‘Olhar para a área de Saúde do Trabalhador é perceber o quanto o contexto da organização de trabalho tem repercussões sobre a vida das pessoas. Tais repercussões podem favorecer a inserção do indivíduo na sociedade, mas também conduzi-lo ao adoecimento e limitações contínuas, que levarão ao processo de exclusão social. Tal organização do trabalho possui muitos atores portanto qualquer ação em saúde deve contemplar medidas que tenham um alcance coletivo. Para isso torna-se fundamental a configuração de uma equipe multiprofissional que esteja atenta às discussões sobre o mundo do trabalho. Neste trabalho relataremos a experiência do psicólogo inserido no Centro de Referência em Saúde do Trabalhador do Estado de São Paulo (CEREST/SP) enfatizando sua atuação no campo do tratamento, prevenção e promoção à saúde dos trabalhadores. As ações desenvolvidas visam prestar assistência aos trabalhadores com suspeita de doenças profissionais, principalmente as Lesões por Esforços Repetitivos (LER/DORT) e sofrimento mental; avaliar o impacto que as tecnologias provocam à saúde; realizar atividades de vigilância nos locais de trabalho; desenvolver projetos de pesquisa na área de saúde do trabalhador. Atualmente, as LERs representam um importante problema de saúde no Brasil. Desde que surgiram nas pautas de discussões, muitas polêmicas em torno de sua origem e seu tratamento têm aparecido. Este clima acaba tendo grandes repercussões na vida das pessoas acometidas pela LER que procuram os serviços de saúde. Por essas dificuldades criou-se um trabalho multidisciplinar denominado Programa de Tratamento e Reabilitação (PTR) em LER/DORT. O referencial teórico utilizado para a compreensão do processo de saúde-doença apoia-se na Psicologia Social. Compreende-se o sujeito enquanto sujeito social. O indivíduo não é apenas produto de determinações sociais, mas suas concepções de mundo são construções contextualizadas, resultado das condições dinâmicas que surgem e circulam na sociedade. A partir destes pressupostos entende-se que as Lesões por Esforços Repetitivos (LER/DORT), constituem-se em desordens do sistema osteomuscular, especialmente dos membros superiores que evoluem insidiosa e silenciosamente. São causadas pela execução de esforços repetitivos, manutenção de posturas por tempo prolongado, esforço mental e visual. Características da organização do trabalho, como sua intensificação, falta de flexibilidade de tempo, ausência de controle sobre a execução das tarefas, pressão da chefia pelo aumento de produtividade e ritmo intenso de trabalho são produtoras da doença. As atividades desenvolvidas, pelo serviço de Psicologia, são denominadas Grupo Qualidade de Vida e Oficinas Terapêutico-Pedagógicas de LER. Através destes grupos psicoterapêuticos objetiva-se possibilitar a ressignificação da doença, legitimar o discurso do paciente, facilitar a manifestação dos sentimentos e propiciar a emancipação e autonomia dos pacientes. A vivência grupal propicia que questionamentos particulares sejam experimentados na discussão e elaboração de temas e ansiedades comuns, cada um dos integrantes assume um papel que repercute nos demais. São destacados como principais resultados do tratamento: aceitação do processo de adoecimento, auto-percepção dos limites, conhecimento de formas alternativas de atenuação da dor e de realização das atividades de vida diária, obtenção de informações sobre a doença e sobre os aspectos legais, modificações no enfrentamento das limitações físicas e do sofrimento psicossocial decorrente do quadro, levando-os a uma participação ativa neste processo.

Filgueira, M. P. M.; Garbin, A. C.; Marques P.H.V.

Centro de Referência em Saúde do Trabalhador do Estado de São Paulo (CEREST/SP).



“Aulas de véspera”: um desafio dos psicólogos em cursos pré-vestibulares.

Dentre as atividades mais conhecidas, esperadas e requisitadas aos psicólogos, temos os chamados relaxamentos, que buscam a diminuição da ansiedade frente a situações estressoras, como provas, entrevistas e vestibulares. As equipes de psicologia que trabalham em cursos preparatórios de exames vestibulares têm como uma de suas tarefas primordiais este desafio de diminuição da ansiedade nas vésperas de prova, assim como no próprio dia do exame. Nossa experiência, em um curso pré-vestibular da cidade de Uberlândia-MG, é a de procurar trabalhar em duas frentes: por um lado, é fundamental o debate com os professores, onde estes podem vislumbrar como, de diversas formas, eles mesmos são responsáveis pelo aumento desnecessário da tensão pré-prova, possibilitando o repensar das práticas incoerentes com o trabalho de motivação e relaxamento dos alunos (por exemplo, alguns professores tendem a buscar repassar todos os conceitos de sua matéria a poucas horas da prova, o que pode contribuir para a insegurança do aluno que, obviamente, não sabe todos os conceitos); por outro lado, o maior foco se concentra nos alunos. As atividades de preparação dos vestibulandos devem ser iniciadas bem antes das aulas de véspera, envolvendo a orientação profissional (que busca dar segurança e motivação ao aluno, através da decisão de carreira), os simulados de vestibulares (conhecimento sobre as dimensões da prova), o conhecimento do manual do candidato (que facilita informações sobre o direcionamento dos esforços, além de regras de execução e correção das provas), sessões de relaxamento em grupo e atendimentos individuais. Contudo, como a maior parte dos alunos apresenta uma ansiedade relativamente alta à hora do vestibular, faz-se necessário atuar nos dias das provas vestibulares, de 1ª e 2ª fases no caso da principal universidade da região. Nestes momentos, as chamadas aulas de véspera, implementamos um conjunto de ações que buscam relaxamento, descontração e conforto aos candidatos, a fim de conter o estresse e a ansiedade, do momento. Dentre estas ações, desenvolvidas junto às entradas dos professores em cada sala para as últimas dicas, destacam-se o desjejum dos alunos junto aos professores com música ao vivo, uma breve sessão de relaxamento, distribuição de camisetas, chocolates e mensagens de sucesso que reforçam a confiança do grupo. A fim de concluir nossa ação, acompanhamos nossos alunos até os locais de prova, procurando oferecer ao candidato no momento do concurso um ambiente de apoio e atenção. Durante estes momentos, é fundamental a manutenção de um clima favorável, evitando falar sobre concorrência e dificuldades, buscando extrair dos alunos apenas seus pontos positivos e suas potencialidades.

Maiango Dias; Tatiana Martins de Aquino; Walter Mariano de Faria Silva Neto.

UFU; UNIPAM.



Ausência de sentido e comportamento compulsivo: sintomas do contemporâneo?

A presente pesquisa, se propôs a investigar, de que forma as mudanças ocorridas na contemporaneidade, podem estar contribuindo para a constituição de novos modos de subjetivação - no caso em questão, uma subjetividade compulsiva - que os sistemas nosológicos interpretam como doenças do chamado “espectro compulsivo,” destacando-se entre elas as compulsões alimentares, sexuais, de substâncias psicoativas e o comprar compulsivo. Por se tratar de pesquisa teórica, buscamos articular o conceito de produção de subjetividade, tal como desenvolvido por Guattari, com os estudos de Zygmunt Bauman acerca das transformações de uma sociedade de produtores para uma sociedade de consumidores. Em um segundo momento, nos propusemos a pensar sobre que território, ou atendendo a que anseio, os comportamentos compulsivos estabelecem sua força. Encontramos subsídios para reflexão nas contribuições da filosofia existencial e no trabalho do psiquiatra e psicoterapeuta americano Irvin Yalom. Partimos do entendimento de que as máximas universalizantes da globalização, cada vez mais têm contribuído para produzir um indivíduo serializado, desinvestido das questões coletivas, que busca sua “realização pessoal” em um projeto hedonista. Este sujeito, fascinado pela miragem de um satisfação plena acenada pelos meios de produção de capital, lança-se com voracidade no consumo. Consume-se, então, sexo, objetos materiais, status social, afetos – tudo parece poder ser comprado e digerido. A relação que se estabelece com o prazer é a da necessidade da satisfação contínua do desejo. Por outro lado, uma das grandes mudanças instauradas pela modernidade, foi uma nova forma de relação com a divindade. Se no passado, o homem buscava todos os sentidos em uma entidade metafísica, se mais do que isso, esses sentidos eram dados como a priori e tinham normalmente um caráter teológico, com a chamada “morte de Deus”, o homem passou a estar sozinho no mundo, sendo o responsável pelo seu destino e pelos sentidos que eleger para sua existência. Sozinho no universo, sem um sentido prévio já dado, cada um precisa tomar conta de si mesmo, já não há mais certezas. A crescente fragmentação de verdades que caracteriza a contemporaneidade só vai contribuir para a sua incerteza e a sua angústia. Naturalmente que como construtor de seu próprio destino, o homem passa a ser o responsável pela constituição do sentido de sua existência. Mas como dar sentido a uma existência originariamente desprovida de sentido? Frente a este vazio, muitas vezes busca-se o preenchimento em uma relação que se pauta na busca desenfreada e sem limites do prazer. As nossas conclusões nos dão subsídios teóricos para que possamos compreender as compulsões como um produto da sociedade de consumo, que vem dar ao homem desprovido de sentidos metafísicos a resposta que lhe faltava. Apontamos a necessidade então, de que o estudo deste comportamento, que entendemos como um sintoma do contemporâneo, possa englobar por um lado, a produção subjetiva que molda desejos e sonhos, e, por outro, a necessidade de sentido que se estabelece como terreno fértil para esse processo produtivo.

Joelson Tavares Rodrigues.

Universidade Federal Fluminense / UFF.



Autismo infantil e estresse familiar: um levantamento bibliográfico mediante revisão sistemática da literatura.

O DSM-IV situa o transtorno autista entre os transtornos invasivos do desenvolvimento. O indivíduo afetado apresenta prejuízos principalmente no nível da interação social, comunicação e do comportamento, além de estereotípias de conduta, interesses e atividades. O transtorno autista pode ser compreendido como uma problemática que remete a uma relação peculiar entre o cuidador e a criança afetada, envolvendo aspectos conscientes e inconscientes que permeiam esta relação. Uma questão crucial que emerge nesse contexto é a do impacto do transtorno autista, considerando o conceito de sobrecarga emocional. O presente estudo tem como objetivo avaliar sistematicamente a produção bibliográfica constituída por relatos de pesquisa indexados em bases de dados (MedLine, PsycINFO e LILACS), produzidos de 1991 a 2001, que envolveram a testagem de hipóteses relacionadas ao impacto psicossocial (sobrecarga) em famílias que tenham crianças portadoras do transtorno autista, assumindo a possibilidade da influência do estresse como fator que contribui para a ocorrência de alterações na dinâmica familiar, afetando especialmente os cuidadores diretos. Com a amostra inicial das referências indexadas, os artigos foram selecionados a partir de uma leitura prévia dos resumos anexados, seguindo critérios de inclusão previamente estabelecidos. O material coligido nessa amostra está sendo recuperado na íntegra e tabulado a partir da identificação de 14 dimensões de análise. Resultados preliminares apontam para um estresse significativo por parte dos cuidadores diretos, em especial nas mães. Divergências surgem nos achados das pesquisas sobre a influência do transtorno autista como possível intensificador do estresse parental quando comparados com famílias que tenham filhos, em idade infantil, portadores de outras patologias. (FAPESP).

Manoel Antônio dos Santos; Maria Ângela Bravo Fávero.

Universidade de São Paulo - FAPESP.



Autoconhecimento para a capacitação do educador.

Objetivo Geral: Conhecer as etapas e características do processo de desenvolvimento do aprendizado e da consciência para um ensino mais consciente e sensível por parte do educador e que abrange o período de 0 a 21 anos. Criar condições para o educador entender o universo do ser humano em desenvolvimento enquanto ser consciente em níveis diferentes: percebendo com os sentidos, relacionando-se com o mundo e consigo mesmo através da alma e estruturando a razão. Perceber como a criança/adolescente faz a leitura de si e do mundo. Conteúdo Teórico: A Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung, para a formação da personalidade com ênfase nos conceitos de consciente e inconsciente; a Pedagogia Waldorf fundamentada na imagem de homem e seu desenvolvimento segundo a Antroposofia de Rudolf Steiner, referente ao período de formação (de zero a 21 anos). Procedimento Metodológico - O programa é desenvolvido através de exposição teórica, discussão dirigida de textos relativos ao conteúdo, análise de casos ilustrados através de filmes e atividades artísticas. O trabalho estará centrado num projeto biográfico enquanto história do desenvolvimento e aprendizado do próprio educador. Público: Alunos do 7º e 8º semestres do curso de Licenciatura em Educação Artística da Faculdade de Artes Plásticas da Fundação Armando Álvares Penteado – FAAP. Avaliação: orientada pela apresentação da análise com fundamentação teórica do trabalho auto-biográfico. Considerações: O procedimento metodológico despertou no futuro educador uma consciência e sensibilidade mais aguçadas diante do educando verificadas nos exercícios de elaboração de aulas e oficinas. Bibliografia JUNG, Carl G. O homem e seus símbolos. 10a. ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, s/d _____ Fundamentos da psicologia analítica. São Paulo, Vozes, 1972 _____ Eu e o inconsciente. Petrópolis, Vozes, 1987 _____ O desenvolvimento da Personalidade. Petrópolis, Vozes, 1986 LANZ, R - A pedagogia Waldorf, caminho para um ensino mais humano. São Paulo, Antroposófica, 2000, 7ªed. LIEVEGOED, Bernard - Desvendando o crescimento. São Paulo, Antroposófica, 1996, 2ªed. NEUMANN, E. História da origem da consciência. São Paulo, Cultrix, 1995 PASSERINI, Sueli Pecci – O Fio de Ariadne – um caminho para a narração de histórias. São Paulo, Antroposófica, 1997 STEINER, Rudolf - A arte da Educação. São Paulo, vol. I, 1995 e II, 1992.

Sueli Pecci Passerini.

FAAP.



Auto-estima e processo de envelhecimento: comparação entre grupos de idosos asilados e não asilados.

Quando envelhece, o indivíduo tem que se confrontar com aspectos que se cristalizaram ao longo de sua vida (Oliveira, 1982; Lopes & Maia, 1994), e com uma série de conflitos e os desafios característicos desta fase de desenvolvimento. (Neri, 1995). Neste processo o idoso tem que lidar com uma nova definição ou redefinição de si mesmo. Tem que se posicionar frente a mudanças físicas e psíquicas, decorrentes deste período. Por outro lado, isso também envolve a relação com os outros (Oliveira, 1982). No caso dos idosos, muitos obstáculos podem surgir e interferir com o seu reconhecimento pessoal e social, em função de seu status sócio – econômico, ou seja, de inserção social e força produtiva que eles representam (Gaiarsa, 1986; Neri, 1993; Leme, 1998). Este trabalho buscou conhecer o papel da auto-estima no processo de envelhecimento, através da comparação entre dois grupos de idosos, sendo um composto por 30 indivíduos que freqüentam a Universidade de terceira idade e outro, cujos integrantes (num total de 30) são atendidos em asilo, sendo que todos se encontravam na faixa etária entre 55 e 79 anos. Para tal finalidade se procedeu à aplicação de um inventário, composto por 50 afirmações. Após a tabulação dos dados, procedeu-se ao tratamento estatístico, aplicando-se o “Teste para Comparação de Duas Proporções”. Os resultados obtidos indicaram uma diferença significativa entre os dois grupos. Os idosos asilados apresentaram uma auto-estima negativa, enquanto que os idosos que freqüentam a Universidade da terceira idade, uma auto-estima positiva. Também se observou que os primeiros encaram o processo de envelhecimento de modo mais pessimista do que os últimos. Referências Bibliográficas GAIARSA, J.A. Como enfrentar a velhice 3a. ed. São Paulo, Ícone/Campinas; Unicamp, 1986 LEME, L.E.G. O envelhecimento. São Paulo, Contexto, 1998. LOPES, G. & MAIA, M. Sexualidade e envelhecimento. São Paulo, Saraiva, 1994. NERI, A. L. (Org) Qualidade de vida e idade madura 3a. ed. Campinas, Papirus, 1993. NERI, A. L. (Org) Psicologia do envelhecimento: temas relacionados na perspectiva de curso de vida. Campinas, Papirus, 1995. OLIVEIRA, M.I.T.C.de. Terceira idade e aposentadoria: sinônimos de crise?. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo 1982.

Neide Becker Gonçalves Dias; Mara Cristina Vieitas da Costa; Luzia Assunção Ferreira; Lúcia Maria Gonzáles Barbosa.

Universidade Ibirapuera-UNIB.



Auto-estima entre adolescentes de uma amostra não clínica: prevalência, fatores influentes e subsídios para intervenção.

A auto-estima é apontada na literatura como o principal indicador de saúde mental. Refere-se à uma medida global de auto-representação que envolve um julgamento afetivo do indivíduo sobre seus predicados pessoais. Na perspectiva psicodiagnóstica, tal construto é avaliado conforme um contínuo, no qual baixos escores são analisados como um indício de desadaptação psicológica. Entretanto, é preciso considerar que a auto-estima se caracteriza como um atributo dinâmico de personalidade, relacionado a fatores culturais, contextuais e desenvolvimentais. A fim de estabelecer parâmetros regionais para avaliação desta medida entre os adolescentes, o presente estudo investigou o índice de auto-estima de 524 adolescentes gaúchos de 14 a 15 anos, através de uma versão adaptada da Escala de Auto-estima de Rosenberg. De acordo com os achados, a média de auto-estima na amostra estudada foi 34,7 (d.p.=6,77), sendo que os escores do instrumento variam entre 11 e 44. Diferenças significativas foram observadas em relação a variáveis sócio-demográficas. Os fatores que apresentaram maior efeito sobre a auto-estima foram, por ordem, sexo, renda, cor da pele e escolaridade. Os parâmetros psicométricos da escala adaptada (cuja consistência interna foi 0,93) são também apresentados. O presente estudo fornece subsídios teóricos, empíricos e instrumentais a psicólogos clínicos e pesquisadores sobre o nível de saúde emocional dos adolescentes em geral, especialmente em relação à auto-estima, considerada um dos principais fatores associados à vulnerabilidade psicológica.

Caroline Tozzi Reppold; Claudio Simon Hutz.

UFRGS; UNOESC.



Autonomia e Cidadania: possibilidades através do ato de aprender.

Os processos de ensino-aprendizagem possuem importância relevante na caracterização das relações estabelecidas na sociedade e na cultura, bem como nos modos de subjetivação da contemporaneidade, no que diz respeito à consciência de cada sujeito sobre seu papel como cidadão, à consciência da coletividade e, sobretudo, à construção de uma identidade subjetiva mais livre e saudável, já que estes só são possíveis através da conquista e do desenvolvimento de uma autonomia moral e psíquica. Considerando a realidade social de nosso país, visualiza-se uma demanda importante pela promoção de espaços e intervenções que possam facilitar a participação dos sujeitos nas decisões e mudanças necessárias neste cenário. Desta forma, o Programa Escolinhas Integradas - PEI (programa de extensão da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS) é um projeto de cunho social, com parcerias do Instituto Ayrton Senna e da Secretaria Nacional de Esporte, que vem objetivando, através de ações educativas interdisciplinares, ampliar as possibilidades de promover o desenvolvimento da autonomia como meta para o exercício da cidadania de crianças e adolescentes com os quais trabalha, sob o prisma do Esporte Educacional. Neste contexto, a psicologia insere-se de maneira intensiva a partir do olhar sobre os aspectos subjetivos que envolvem as relações de ensino-aprendizagem, possibilitando auxiliar os educadores a estabelecer concretamente os objetivos do programa, bem como conscientizar-se de seu compromisso social e humano. Sabe-se que permeiam as relações entre educadores e educandos fatores como a história pessoal dos sujeitos envolvidos, a estrutura psíquica destes, suas questões familiares e culturais, as características e contexto institucionais nos quais estão inseridos, dentre outros diversos aspectos. A interferência destes muitas vezes dificulta os processos de ensinar e aprender, tornando a conquista da autonomia um grande desafio. Considerando que o fazer psicológico abarca, significativamente, compreensão e tomada de decisão sobre as dimensões acima citadas, para compreender e mediar o "entre" estabelecido nestas relações de ensino-aprendizagem, estruturou-se uma intervenção com o objetivo de construir possibilidades de desenvolvimento de esquemas de ação e reflexão de alguns aspectos essenciais para inclusão efetiva dessas crianças e adolescentes no social e transformação deste através da participação, a partir de ações sistemáticas no cotidiano tais como, seminários, acompanhamento continuado, avaliação construtiva e dinâmicas grupais. Pôde-se perceber que o interesse por parte dos educadores sobre maneiras mais construtivas de lidar com o grupo, visando o desenvolvimento integral dos componentes, aumentou significativamente, bem como a inclusão destas nas atividades desenvolvidas. Da mesma maneira, é possível visualizar na clientela atendida um crescimento do senso de coletividade, cooperação e empatia. A preocupação e responsabilidade com o social, bem como com as questões da infância e adolescência, atravessam os objetivos dessa intervenção como meta para uma sociedade mais cooperativa e humana e, sobretudo, para a consolidação da saúde e progresso destes aspectos em nosso país.

Janine Rocha Palodetti.

Programa Escolinhas Integradas – PEI (Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS).



Autopercepção de crianças desatentas no ambiente escolar.

Um dos fatores que apresenta grau considerável de interferência na aprendizagem é a maneira pela qual os escolares se vêem ou se percebem, traduzindo o conceito que têm de si mesmos. Crianças desatentas apresentam uma apreciação pior de si mesmas comparando-se com crianças sem problemas de atenção, agravando os problemas que já enfrentam para aprender. O objetivo principal deste trabalho foi identificar crianças desatentas na sala de aula e verificar como são percebidas, como percebem o ambiente escolar e como se percebem. Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram: Lista de Critérios para Identificação do Transtorno da Falta de Atenção, conforme definições do DSM IV, Escala de Atitudes do Aluno em Relação a si, adaptada especialmente para esse estudo, e sociograma. Os dados foram coletados numa escola pública de ensino fundamental e amostra constituiu-se de 127 escolares de primeira série. A coleta de dados se deu através de entrevistas individuais com os sujeitos, com seus pais e com suas professoras. A análise dos dados definiu dois grupos distintos, um em que os problemas de atenção foram identificados e outro em que isto não ocorreu. Realizada a análise estatística, observou-se a presença de maior número de atitudes negativas em relação a si e em relação ao ambiente escolar no grupo de crianças com problemas de atenção; além disso, esse grupo recebeu maior número de marcações no que se refere à rejeição por parte de seus colegas. Acredita-se que os resultados observados provavelmente colaborem para que as dificuldades encontradas por crianças desatentas na escolaridade formal se intensifiquem. A identificação dessa condição amplia as possibilidades de intervenção, que sejam capazes de minimizar os problemas enfrentados no dia a dia da sala de aula.

Tonelotto, J. M.F.

PUC-CAMPINAS.



Autopercepção do Papel Parental. Uma investigação inicial.

O presente estudo foi conduzido com o objetivo de investigar a possível influência das variáveis sexo, idade, escolaridade e status socioeconômico sobre a percepção que pais possuem sobre seu próprio desempenho do papel parental. Participaram do estudo 71 adultos (39 mães e 32 pais) com idade entre 18 e 45 anos e 3 níveis de escolaridade (primeiro grau completo e incompleto, segundo grau completo e incompleto, e terceiro grau completo e incompleto). A Índice Quadrifatorial de Hollinghead foi utilizado para avaliar o status socioeconômico dos participantes. Os participantes responderam a versão brasileira do Instrumento de Auto-Avaliação do Papel Parental de David MacPhee (SPPR). O SPPR, que possui propriedades psicométricas que autorizam sua utilização no Brasil, é constituído de 22 itens que compõem 4 escalas distintas que permitem uma auto-avaliação de diferentes aspectos do desempenho do papel parental (Competência, Investimento, Satisfação e Integração com outros papéis sociais). A principal evidência do presente estudo é a relativa ausência de influência das variáveis investigadas sobre a auto-percepção do papel parental. Em nenhuma das análises de variância fatorial que foram conduzidas foi identificada influência significativa das variáveis sexo, idade, nível de escolaridade e status socioeconômico ou mesmo da interação entre estas. Os resultados do estudo indicam que mães e pais não diferem na avaliação que fazem de seu próprio desempenho do papel parental. Os resultados do estudo indicam ainda que tal auto-avaliação não é influenciada pela idade, escolaridade ou status socioeconômico. Os resultados corroboram em parte estudos anteriores e abrem novas discussões sobre que fatores podem influenciar a autopercepção do papel parental.

Fernando Farias Stern; Daniel Corrêa Mograbi; Gabriella Berutto Altaf; Juliana Rodrigues Ramos; Gabriela Sá Freire Rangel; Rodolfo de Castro Ribas Jr.

Universidade Federal do Rio de Janeiro.



“Autópsia Psicológica em Psicologia Forense: estudo de caso”.

O presente trabalho visa divulgar o método de avaliação retrospectiva da personalidade através de um procedimento padronizado, denominado Autópsia Psicológica, usada nos casos de dúvida sobre a causa de uma morte entre homicídio, suicídio ou acidente. Tal análise permite obter dados acerca da caracterização da vida e da personalidade de uma pessoa já falecida, sendo que os principais métodos utilizados envolvem entrevistas a pessoas que conheceram a vítima diretamente, revisão de documentos pessoais do falecido e revisão da exploração policial e médica legal. Há a aplicação de um instrumento denominado “Modelo de Autópsia Psicológica Integrado (MAPI), que possui como características o fato de ser totalmente estruturado e sistematizado, fechado (eliminando a margem de erro) e generalizável à margem de diferenças sócio-culturais. Após aplicação no maior número possível de pessoas conhecidas da vítima, parte-se para a análise dos dados obtidos a partir da valorização de vários aspectos que puderam ser avaliados pelo questionário: o estilo de vida do morto, sua personalidade, suas áreas de conflito, a existência ou não de sinais pré ou de risco suicidas, de agressividade ou acidentalidade, sendo que a partir da análise desses dados uma conclusão pode ser elaborada. No caso relatado houve a realização da autópsia psicológica após indicação do delegado que coordenava as investigações de uma morte, inicialmente classificada como acidental. A versão contida no Boletim de Ocorrência relata que a vítima estava com mais dois amigos num apartamento quando um revólver dispara acidentalmente, atingindo-o. Um dos amigos socorre a vítima enquanto o outro avisa a família. Inicialmente a versão de acidente satisfaz tanto a polícia quanto a família, mas esta após decorrido algum tempo, começa a ter acesso a novas informações e passa a questionar o ocorrido, suspeitando não tratar-se de um acidente. O rumo das investigações muda e um amigo passa a ser considerado o principal suspeito. As psicólogas iniciam o contato com esse suspeito e com a família da vítima, que passam a serem convidados a responderem ao questionário. Dessa forma, 12 pessoas foram entrevistadas, fornecendo as informações que deram origem a um parecer psicológico enviado à justiça, anexado juntamente com o processo, sendo levantadas duas versões para o ocorrido: 1ª versão na qual a arma foi trazida pela vítima (nesse caso com a probabilidade do suspeito ter atirado intencionalmente sendo mínima, estando caracterizado um homicídio culposo) e 2ª versão na qual a arma foi trazida pelo suspeito (nesse caso existindo grandes chances do suspeito ter atirado propositadamente, caracterizando um homicídio doloso). Tal conclusão foi possível a partir da análise da forma como vítima e suspeito se relacionavam, sendo um relacionamento conturbado e marcado por conflitos. Uma melhor explicitação do caso somente seria possível a partir da investigação da origem da arma, que poderia confirmar uma das duas hipóteses levantadas. No entanto, devido ao fato de existirem informações desencontradas em relação ao destino da arma, esta nunca pôde ser encontrada, dificultando o trabalho da polícia. A investigação foi ainda mais complicada com o desaparecimento do suspeito, impossibilitando o esclarecimento das dúvidas restantes.

Maria de Fátima Franco dos Santos; Tatiana de Cássia Nakano; Paula Roberta Tortorella Reani

Pontifícia Universidade Católica de Campinas.



Autoridade: uma produção de sentidos.

Este trabalho faz parte de uma pesquisa maior que busca compreender como meninos e meninas moradores de uma comunidade carente são interpelados no processo de construção de suas identidades sociais e culturais. Assim, este estudo tem como objetivo investigar os processos de produção de sentidos e práticas discursivas que fazem parte do cotidiano desses adolescentes nas diversas situações com as quais interagem no meio social e no modo como articulam essas relações sociais. Para isto, foram realizados 6 grupos de discussão, com meninos e meninas entre 12 e 16 anos, nos quais debateram-se diversos temas como classe social, relações raciais, gênero, drogas e relações de autoridade; que constituem constantes atravessamentos na produção dessas subjetividades. A compreensão deste assunto é fundamentada a partir do campo da transdisciplinar dos Estudos Culturais, que traz uma extensão do conceito de cultura de textos e representações para práticas cotidianas, colocando em foco, dessa forma, a produção de sentidos. Os temas discutidos emergiram através da apresentação de comerciais veiculados pela mídia que traziam diversas temáticas como homossexualidade, uso de drogas e preconceito. Além disso, foi apresentado um filme curta-metragem que abordava a história da vida cotidiana de uma pessoa. Neste estudo, especificamente, abordamos o modo pelo qual os e as jovens compreendem questões relacionadas à autoridade, que aparecem como atravessamentos das temáticas trazidas pelos e pelas adolescentes. Dessa forma, os e as estudantes apropriam-se de discursos que enunciam a autoridade associada aos diferentes contextos nas quais eles e elas interagem na comunidade onde vivem. Referimo-nos aqui, aos espaços da família, da rua, da escola e às relações estabelecidas com a polícia, com os traficantes de drogas, entre outros.

Adriana Santos; Iacã M. Macerata; Luciele N. Comunello; Milena Nardini; Neuza M. Guareschi.

PUC - RS.



Autoscopia: uma nova estratégia de coleta de dados para a pesquisa qualitativa em Psicologia da Educação.

Na Educação, o interesse em torno da prática profissional reflexiva surgiu como contraponto ao fato de os professores serem considerados meros executores de propostas pensadas e determinadas por agentes estranhos, distantes do cotidiano das escolas. Hoje, há um movimento para devolver ao professor um status que historicamente lhe foi roubado – o de ser sujeito de sua própria profissão. Dentro dessa concepção, o exercício reflexivo figura como condição, sendo entendido, não apenas como ação instrumental esclarecedora, ou orientação da decisão perante diferentes alternativas. Mais que problematização do ensinar, a reflexão é processo de reconstrução dialética da experiência do professor, contextualizado em condições histórico-sociais, político-econômicas, bem como no cenário de transformações do pensar e fazer dos professores. Partindo dessas premissas, e objetivando compreender como o professor se vale dos conhecimentos psicológicos em sua ação e reflexão pedagógicas, utilizamos procedimentos de autoscopia como fonte principal dos dados de pesquisa. A Autoscopia utiliza o recurso da videogravação de ações de um sujeito (ou mais), numa dada situação, visando registrar sua análise reflexiva posterior sobre as mesmas. Os dados provêm das verbalizações (gravadas em áudio) do(s) protagonista(s) em diálogo com o pesquisador mediante questões relacionadas ao objetivo da pesquisa. Nossa experiência com este procedimento levou-nos a entender como vantajosa a sua utilização na pesquisa qualitativa, mediante o seguinte: - a videogravação é adequada para registrar fenômenos complexos, caracterizados pelo movimento e vivacidade de variáveis; - a apresentação do vídeo à posteriori da ação facilita o distanciamento emotivo necessário à análise reflexiva do material registrado; - a versatilidade da tecnologia favorece a exibição de cenas/episódios de acordo com necessidades configuradas durante o processo de análise, permitindo mudar velocidade (lenta ou acelerada), congelar ou repetir imagens, visando uma boa apreensão; - a reapropriação de si, através das imagens, é ocasião privilegiada de auto-crítica, mediante as representações que se têm sobre a atuação e o próprio papel desempenhado no mundo. Pela Autoscopia, o sujeito se reconhece na banalidade de ações cotidianas, passando a situar-se de forma analítica-reflexiva em suas relações com o outro, com os próprios saberes experienciais e profissionais, com os valores que cultiva. Buscando coerência na análise das videogravações, questiona o significado de suas ações, atribuindo-lhes sentido, (re)significando-as e, ao mesmo tempo, sustentando-as no contexto de produção sobre o qual emergem. O funcionamento de uma análise através do recurso ao vídeo não é tarefa fácil, pois envolve tomada de consciência e reflexão simultânea de diferentes códigos expressivos, tanto de si, como das demais pessoas envolvidas nas situações registradas: linguagem, metalinguagem, cinestesia, deslocamentos, posturas, expressões faciais, maneirismos. O encontro consigo, que é objetivado pelo recurso ao vídeo, torna-se um instrumento para provocar verbalizações mediante o conflito que se instala com o eu e com a necessidade de articular os elementos envolvidos. É esse confronto que favorece a (re)instalação do sujeito com todo o seu potencial expressivo e reflexivo.

Priscila Larocca.

Universidade Estadual de Ponta Grossa – Paraná.



Avaliação da Criatividade por Desenhos: Um Estudo Comparativo.

A criatividade é um fenômeno multidimensional, envolvendo aspectos cognitivos, afetivos, elementos culturais, familiares e educacionais. A importância da criatividade tem sido ressaltada cada vez mais como uma forma de promover o desenvolvimento completo de um indivíduo, entretanto esbarra-se na dificuldade de sua identificação. Considerando o desenho como uma das maneiras mais fortes que a criatividade humana tem sido expressa, o objetivo deste estudo foi comparar o desenvolvimento da criatividade figurativa em estudantes do ensino médio até o ensino superior, de ambos os sexos. A amostra foi composta por 737 sujeitos, 618 provindos do ensino médio e 119 do nível superior, sendo 437 do sexo feminino e 300 do sexo masculino, de instituições públicas e particulares. O instrumento utilizado foi o teste Pensando Criativamente com Figuras (Torrance, 1966, 1990), já validado por nossa equipe para uso na população brasileira, em estudos anteriores. Este teste é composto por uma série de rabiscos que deverão ser completados das maneiras mais diferentes possíveis e permite avaliar os indicadores cognitivos e afetivos da criatividade, agrupados em dois índices gerais: Índice Criativo I (soma das características criativas de Fluência, Flexibilidade, Elaboração e Originalidade), e Índice Criativo II (soma das características já citadas com as de Fantasia, Emoção, Movimento, Perspectiva Interna, Perspectiva Incomum, Combinação, Uso de Contexto, Extensão de Limites e Títulos Expressivos). Os instrumentos foram aplicados nos grupos de alunos em suas salas de aula, tendo os dois índices criativos sido comparados por meio da Análise da Variância. Os resultados demonstraram que não existiam diferenças significativas nem dentro os níveis educacionais nem para os sexos quando avaliados pelo Índice I ($F=0,139$; $2,626$, $p >0,10$), ou pelo Índice II ($F=1,638$; $0,827$, $p >0,20$). Interessantemente, tais resultados confirmam a literatura na área, que indica que criatividade pode ser encontrada igualmente em ambos os sexos, independentemente do nível de escolaridade. Concluímos sobre a importância de se procurar meios para identificar e estimular a criatividade nas salas de aula, considerando o seu impacto na realização pessoal e profissional do indivíduo.

Solange Múglia Wechsler; Tatiana de Cássia Nakano; Márcia Cristina Kodama; Carolina Maria Nogueira; Paula Roberta Tortorella Reani; Kátia Panfiete Zia; Fernanda Monteiro de Andrade.

Pontifícia Universidade Católica de Campinas.



Avaliação da Depressão e outros Sintomas Psicológicos em mulheres com câncer em geral.

O Inventário de Depressão de Beck – BDI foi primeiramente validado fatorialmente para uma população composta de mulheres com câncer em geral. Para avaliar os sintomas psicológicos relatados pelo sujeito, utilizou-se o Inventário de Sintomas Breves - BSI. Neste trabalho com pacientes oncológicas foi definido o ponto de corte do BDI a partir do qual se passava a considerar que o sujeito estava significativamente deprimido. Realizou-se ainda, a análise de validade discriminante entre os dois instrumentos. A amostra foi constituída de 209 mulheres, portadoras de câncer em geral, atendidas numa cidade do Triângulo Mineiro. A faixa etária da amostra variou de 12 a 87 anos, com idade média de 53 anos, e desvio padrão de 13 anos. A escolaridade de 50% da amostra estava entre a 1ª a 4ª série do 1º grau, seguida da faixa de 5ª a 8ª, com 30% da amostra e o restante era analfabeta. As profissões dos sujeitos foram variadas, mas a grande concentração foi de mulheres que desenvolviam trabalhos em seu próprio lar (51,67%), domésticas (13,40%), e costureiras (6,22%) A validação fatorial do BDI foi realizada com método PC e Rotação Oblimim, tendo sido retido um único fator com 18 itens dos 21 originais, com fidedignidade altamente satisfatória ($\alpha = 0,90$) e porcentagem de variância explicativa de 32,4%. A classificação dos níveis de depressão para esta amostra foi: < 18 - sem depressão; 18 a - 36 = depressão leve; 37 a 54 - depressão moderada; >55 - depressão acentuada. A amostra deste estudo mostrou-se levemente deprimida, com escore médio de 33,8 e desvio padrão de 12,06. Os dados do BSI resultaram em baixa sintomatologia psicológica e a correlação entre o BDI e o BSI foi positiva e significativa, evidenciando que existe validade convergente entre os mesmos. Isto demonstrou que ambos avaliam conceitos intimamente relacionados ou até mesmo equivalentes, o que leva a concluir que um pode ser usado em substituição ao outro. A partir desse estudo parece claro que a utilização do BSI traz mais vantagens quando se quer avaliar um conjunto de sintomatologia pela riqueza de detalhes devidas aos quatro fatores avaliados (Sintomas Físicos, Irritabilidade, Solidão e Sentimento de Inferioridade). Além disso, devido ao vocabulário mais compreensível para essa população e pelo seu formato tipo Likert a utilização desta escala parece mais simples, o que se confirma pelo menor tempo de aplicação despendido. Em relação ao BDI pretende-se ampliar os conhecimentos em pesquisa posterior adaptando os itens do instrumento ao formato de inventário tipo Likert com escala variando de 1 a 5 pontos com novos estudos de validação fatorial.

Rita de Cássia Gandini; Maria do Carmo Fernandes Martins; Marjorie de Paula Ribeiro; Daniela Torres Gonçalves Santos.

Universidade Federal de Uberlândia.



Avaliação da Memória Prospectiva para População de Baixa Escolaridade.

A memória prospectiva consiste em lembrar, em algum ponto do futuro, que algo tem de ser feito, sem qualquer estimulação de instruções explícitas. Ela é fundamental e indispensável para o desempenho das funções diárias. Os estudos não são conclusivos quanto ao efeito de idade na MP. Tarefas a serem realizadas após um espaço de tempo parecem apresentar maior dificuldade durante o envelhecimento. Devido à ausência de instrumentos neuropsicológicos adequados para investigar a MP em populações de baixa escolaridade, nosso objetivo é investigar uma prova que pudesse ser aplicada na população que procura nossos hospitais públicos. Participantes: este teste está sendo aplicado em 75 pessoas, divididos por faixas etária: de 20 a 39 anos, de 40 a 59 anos e 60 anos ou mais. Esses participantes tem escolaridade inferior ao primeiro grau e não apresentavam queixas de memória. Foram testados no ambulatório de neuromemória do HCPA e em grupos de idosos. Material: Teste das Três trilhas, cada uma composta por: (1) atividades baseadas em tarefas de tempo; (2) atividades de repetitivas; e (3) atividades baseadas em tarefas de evento. Resultados: realizou-se uma análise de variância, comparando os grupos das diferentes faixas etárias, e verificou-se que os diferentes tipos de tarefas prospectivas não apresentaram qualquer significância no que diz respeito ao fator escolaridade.

Sheila Weremchuk; Milena F. Costa; Maria A de M. P. Parente.

UFRGS.



Avaliação da Personalidade em Mulheres Homossexuais.

Concebe-se, neste trabalho, a personalidade através da proposta teórica estrutural de fatores; a homossexualidade feminina quando os desejos eróticos da mulher são direcionados à pessoa do mesmo sexo e, ainda, às mudanças de percepção que a homossexualidade feminina têm sofrido, nos últimos 20 anos, nas áreas social, cultural, legal e teórica. Objetiva-se através da Ficha Anamnésica e do Teste de Personalidade Comrey (CPS): -avaliar e comparar a personalidade de dois grupos de 20 mulheres homossexuais de faixas etárias diferentes, sendo o grupo I de 20 a 25 anos e o grupo II de 35 a 40 anos. -caracterizar e comparar o grupo nas questões pessoais e quanto à sua percepção, orientação e experiência sexual; -analisar a comparação entre os grupos da pesquisa e o grupo feminino da padronização brasileira do CPS; Partiu-se da hipótese que encontraríamos diferenças significativas entre os fatores da personalidade dos dois grupos, e que, os resultados mais próximos à média dos dados normativos seriam encontrados nos fatores do grupo II. Os resultados apontaram para diferenças significativas quanto a se perceberem identificadas como lésbicas pela sociedade, o grupo II se sente mais percebido na sua condição. Os resultados extraídos do CPS mostram que a variável idade diferenciou as respostas, em dois fatores: T - Atitude Defensiva e C - Inconformidade Social, o que, de certa forma, confirma a hipótese. Os grupos se autodescreveram como significativamente diferentes, tendo resultados mais próximos da faixa média da padronização, descritos pelo grupo II. Na comparação dos grupos da pesquisa e do grupo feminino da padronização, obteve-se cinco fatores diferentes: T, O, C, S, M, o que corresponde dizer, que em nível de E - extroversão, A - dinamismo e P - altruísmo os grupos se assemelham, se diferenciando em T - atitude defensiva, O - organização, C - inconformidade social, S - estabilidade emocional e M - masculinidade e feminilidade, sendo que nestes cinco, as mulheres do CPS se apresentam mais próximas da média normativa e o grupo da pesquisa abaixo da dessa faixa.

Miriam Izabel de Souza.

Universidade São Francisco – USF.



Avaliação da produção científica internacional sobre promoção da saúde no envelhecimento no período entre 1998 e 2001.

A OMS, através da Carta de Ottawa, de 1986, estabeleceu como um dos objetivos em relação à população idosa, “capacitar a comunidade para atuar na melhoria da sua qualidade de vida e saúde, incluindo uma maior participação no controle desse processo”. Neste sentido, “não basta acrescentar anos à vida, mas vida aos anos”. Além de tratar as doenças na velhice, é importante, também, promover a saúde mental da pessoa idosa, a fim de que esta possa continuar ativa, autônoma e independente, exercendo sua cidadania e desenvolvendo seu potencial de vida. Propõe realizar uma análise quantitativa da produção científica internacional sobre promoção da saúde mental no envelhecimento, no período entre 1998 e 2001, em resumos de artigos de periódicos indexados na base de dados PsycINFO. Procura traçar um perfil desta produção quanto a : periódicos; ano de publicação; idioma; instituição de afiliação do pesquisador; país que sedia a instituição; autoria (única ou múltipla); tipo de artigo (revisão, teórico, trabalho empírico) e delineamento metodológico (experimental, correlacional, levantamento). Obteve-se 89 resumos a partir das palavras-chave promotion and mental and health and aged (65+). Os artigos estão pulverizados em 64 periódicos, sendo os de maior frequência o Journal of Mental Health and Aging (4 artigos), seguido do International Journal of Geriatric Psychiatry, Journal of the American Geriatrics Society, Journals of Gerontology – Series B: Psychological Sciences & Social Sciences e Social Science & =0,01).αMedicine (3 artigos cada). Houve um aumento de artigos entre a produção de 1998 para 1999, sendo que a diferença observada não foi estatisticamente significativa. A maioria (98%) foi publicada em Inglês, em Instituições sediadas nos EUA (33,7%), Canadá (8,99%), Austrália (8,99%) e Inglaterra (8,99%). As Instituições a que o pesquisador está filiado estão pulverizadas em 73 delas. A autoria múltipla (2 ou mais autores) corresponde a 73% da produção. Os artigos de Estudo Empírico correspondem a 83,9% e os de Trabalho Teórico a 9,2%. Os delineamentos de Correlação corresponderam a 54,17%, e os de Levantamento. Os temas mais estudados foram “avaliações de programas de intervenção” (33,33%); “levantamentos sobre comportamentos, hábitos relacionados à saúde e à doença física e mental” (22,22%); “avaliação de serviços de saúde prestados” (9,52%), “programas educacionais”, “promoção de saúde” e “levantamento de significados, compreensões acerca da saúde e dos serviços de saúde”, estes, com 7,94% da produção cada ($\chi^2=349,3$; g.l.= 6; Observa-se que grande parte da publicação refere-se à avaliação de programas de intervenção que estão relacionados à melhoria ou manutenção da qualidade de vida de idosos com alguma patologia (p.ex. demência, diabetes). Tanto os temas quanto os tipos de pesquisa e seus delineamentos mais freqüentes indicam que ainda se está tentando compreender o fenômeno do envelhecimento ao mesmo tempo em que se avaliam os resultados de programas que visam minimizar danos. Apontam, também para uma característica realística dos estudos sobre o envelhecimento: a promoção da saúde no envelhecimento não significa, necessariamente, o envelhecimento sem qualquer doença. Promover a saúde, pode ser também evitar as incapacidades decorrentes das doenças decorrentes da idade, garantindo uma melhor qualidade de vida.

Glauca M.A. da Rocha.

PUC Campinas; CNPq.



Avaliação da qualidade na educação infantil: o uso da escala Leuven de envolvimento para crianças pequenas (LIS-C).

Este estudo faz parte de um projeto mais amplo, no qual são avaliadas as condições de oferta da Educação Infantil no município de Itajaí (SC) e tem por objetivo verificar se os Centros de Educação Infantil contribuem para aumentar, reduzir ou mesmo produzir diferenças no desenvolvimento de crianças pertencentes a diferentes grupos sociais. Para tanto, é averiguado se as crianças de dois e três anos matriculadas em centros de Educação Infantil pertencem a populações com diferentes características no que se refere ao seu nível de desenvolvimento. Em caso positivo, verificamos se existe alguma relação entre essas diferenças e as características das instituições em que as crianças são atendidas. Neste trabalho apresentamos os resultados parciais obtidos na observação de 30 crianças de 2 e 3 anos, em três diferentes centros. É discutida a adequação da Escala Leuven de Avaliação do Envolvimento (Laevers, 1994) para aplicação nos contextos pesquisados. Esta escala baseia-se na observação de sinais de envolvimento, tais como: concentração, energia, complexidade e criatividade, expressão facial e postura, persistência, precisão, tempo de reação, comentários verbais e satisfação, que permitem identificar cinco níveis de envolvimento: ausência de atividade, atividade freqüentemente interrompida, atividade mais ou menos contínua, atividade com momentos intensos e atividade mantida intensamente. Os resultados até agora encontrados revelam que a média de envolvimento nas turmas pesquisadas gira em torno de 3 pontos, ou seja, as crianças realizam atividades mais ou menos continuamente, porém, na maioria das vezes, não são visíveis sinais reais de envolvimento: a atividade não lhes diz nada. Na maioria das turmas as atividades propostas pelas professoras não são planejadas de acordo com o interesse ou nível de desenvolvimento das crianças e muitas são realizadas sem propósito aparente, como se o objetivo fosse apenas o de ocupar a criança. Esta não tem autonomia e freqüentemente é impedida de manusear outros objetos ou materiais além dos oferecidos a toda a turma.

Maria Helena Cordeiro; Taís Danna.

Universidade do Vale do Itajaí.



Avaliação da qualidade na Educação Infantil: um estudo sobre a interação adulto/crianças.

Este estudo faz parte de um projeto de pesquisa mais amplo que se baseia em referenciais teóricos sócio-interacionistas, e que visa avaliar as condições de oferta da Educação Infantil em diferentes instituições de um município de Santa Catarina. O nosso estudo focaliza-se na interação adulto/criança e parte do princípio de que a ação mediadora do adulto desempenha um papel fundamental no desenvolvimento e na aprendizagem da criança. Assim, este estudo teve como objetivo avaliar a interação entre os adultos e crianças em Centros de Educação Infantil utilizando como instrumento uma escala de interação adulto/criança (Farran e Collins, 1996). Esta escala pretende avaliar a interação a partir da atuação do adulto, analisando os padrões de interação desenvolvidos em sala de aula durante a brincadeira livre. A escala contém 11 itens: envolvimento físico, envolvimento verbal, nível de reação do professor para a criança, interação através do brincar, ensino, controle sobre as atividades da criança, número de diretrizes e comandos dados as crianças verbalmente e fisicamente, relações entre as atividades, afirmativas positivas, afirmativas negativas e estabelecimento de metas. Participaram deste estudo dois Centros de Educação Infantil. As observações foram feitas em turmas de crianças de 3, 4 e 5 anos. Conforme instruções de utilização da escala, a observação é feita em 30 minutos. Considerando as definições dos itens da escala, os resultados indicam que há padrões limitados de interação entre adulto e criança. O envolvimento físico e verbal, as afirmativas negativas e positivas, e diretrizes estão relacionados com o comportamento dos adultos em relação à disciplina das crianças. Na maioria das vezes, não há um re-direcionamento do comportamento indesejável e/ou atividades das crianças. Os adultos controlam as atividades que pretendem que as crianças realizem, não estabelecendo metas claras e não demonstrando nas suas ações uma relação entre o que eles propõem as crianças e o nível de desenvolvimento, habilidades e potencial das crianças.

Ana Paola Sganderla.

Universidade do Vale do Itajaí.



Avaliação de habilidades de leitura, escrita e aritmética no Ensino Fundamental de Vitória-ES

(INTRODUÇÃO) Dificuldades na aquisição de habilidades de leitura, escrita e aritmética aparecem na literatura como uma das principais questões da área, principalmente por afetarem a inclusão social, levando à estigmatização. Sua avaliação é básica para a identificação de causas e prescrição da intervenção. Esta pesquisa avaliou as habilidades acadêmicas básicas de alunos do Ensino Fundamental, como parte de um projeto mais amplo voltado para avaliação de alunos com necessidades especiais.

(METODOLOGIA) Fizeram parte da pesquisa 264 alunos, da 2ª à 5ª série, de uma escola pública de Vitória/ES, com idade entre 8 e 19 anos ($Md = 10$). Utilizou-se o Teste de Desempenho Escolar (TDE), aplicado ao final do ano letivo, com normas brasileiras, composto por três subtestes: a) Escrita (nome próprio e ditado de 34 palavras contextualizadas em frases); b) Aritmética (solução oral de três problemas e cálculo escrito de 35 operações aritméticas); e c) Leitura (reconhecimento de 70 palavras isoladas). Os subtestes de Escrita e Aritmética foram aplicados em grupo, por classe escolar; o subteste de Leitura foi aplicado individualmente. O desempenho, para cada subteste, assim como o desempenho geral (somatória dos escores brutos dos três subtestes), foram classificados nos níveis inferior, médio, superior, segundo as normas do teste.

(RESULTADOS) O desempenho geral dos alunos, em todas as séries, concentrou-se no nível inferior, em relação à média do TDE (63,3% dos alunos), sendo que, na 2ª série, esta classificação correspondeu a 52,6% dos alunos; 63,6% na 3ª série; 76,6% na 4ª série, e 65,8% na 5ª série. No geral, os alunos apresentaram mais dificuldades no subteste de Escrita (73,1% dos alunos classificados no nível inferior) e de Aritmética (57,6%), sendo seguido pela Leitura (47,7%). Somente 7,6% dos alunos de todas as séries obtiveram classificação superior no TDE: 7,7% dos alunos da 2ª série; 10,6% da 3ª série; 2,1% da 4ª série; e 8,2% da 5ª série. Observa-se uma defasagem crescente entre idade e série escolar (42,6% dos alunos da 2ª série; 50% da 3ª; 53,2% da 4ª e 64,4% da 5ª série).

(CONCLUSÃO) O desempenho desses alunos indica déficits na aquisição de habilidades acadêmicas, que se acumulam ao longo das séries iniciais do Ensino Fundamental, aumentando a defasagem idade/série e os problemas relacionados ao fracasso escolar. Os dados acompanham a tendência do país e do estado do Espírito Santo em termos de defasagem idade/série, apesar de apresentar uma taxa maior. A análise dos erros nas tarefas dos subtestes permitirá identificar possíveis aspectos relacionados às dificuldades apresentadas pelos alunos, constituindo-se outra etapa da pesquisa.

Sônia Regina Fiorim Enumo (Orientadora); Tatiane Lebre Dias; Kely Maria Pereira de Paula; Mylena Pinto Lima; Erika da Silva Ferrão; Flávia Almeida Turini; Alyni Pedruzzi Gottardi.

Universidade Federal do Espírito Santo - UFES



Avaliação de Relações Objetais na Esquizofrenia.

Introdução: A pessoa com esquizofrenia experimenta uma incapacidade prolongada de relacionamento, mesmo quando os sintomas estão controlados pela medicação. Isto tem estimulado os pesquisadores a questionar a natureza das relações de objeto na esquizofrenia. Relação objetal diz respeito à capacidade dos indivíduos para os relacionamentos humanos. **Objetivos:** Avaliar a natureza das relações objetais em pacientes com esquizofrenia e verificar se existe um padrão de respostas patológicas peculiar. **Metodologia:** A amostra normativa constou de 218 universitários e a de esquizofrênicos, de 61 pacientes. O instrumento, o BORRTI – Forma O (Bell, 1995), consiste de 4 subescalas: Alienação, Vinculação Insegura, Egocentrismo e Incapacidade Social. **Resultados:** A amostra de estudantes mostrou um padrão de respostas patológicas dentro da normalidade (média de 12,60, DP=5,49). Dos 45 itens do inventário esta amostra tem até 36 (80%) respondidos na direção patológica com uma média de 19,95 (DP=7,74) respostas patológicas. Comparando as duas amostras, o t teste tem um valor de $-8,38$, p.

Wilze Laura Bruscato; Sérgio Luís Blay.

Santa Casa de Misericórdia de São Paulo; Universidade Presbiteriana Mackenzie; Universidade Federal de São Paulo – Escola Paulista de Medicina.



Avaliação de riscos de acidentes em organizações.

Objetivos – A proposta desta pesquisa foi investigar como funcionários de supermercado percebem / avaliam os riscos que permeiam suas atividades, sob a perspectiva da psicologia ambiental ou ecológica. Se propôs, outrossim, a descrever e entender o cenário da vida diária no trabalho, principalmente em relação aos riscos no fluxo de acontecimentos do cotidiano. Desta forma tencionou-se verificar possíveis contribuições da psicologia ambiental ou ecológica para prevenção de acidentes, bem como, buscar subsídios para prevenção em organizações em atividades com alto risco de acidentes.

Referencial teórico – Esta pesquisa foi concebida e desenvolvida sob a perspectiva da psicologia ambiental ou ecológica. A abordagem teórica norteadora trata do estudo dos acontecimentos da vida diária, no sentido de Barker (1968) em sua psicologia ecológica, bem como, nos avanços posteriores da análise de Behavior Setting (Wicker, 1987, 1992; Kruse, 1986 Kaminski, 1989, 1990, entre outros).

Metodologia – Este estudo fundamentou-se nos princípios da “Grounded Theory” (Glaser & Strauss, 1968). Elegeu-se trabalhar com o setor açougue/frigorífico de uma das lojas de uma rede de supermercados Natal/RN, pela gravidade das conseqüências de possíveis acidentes, que lá possam ocorrer. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com 06 funcionários (todos do sexo masculino). As entrevistas foram gravadas e transcritas em sua totalidade. A análise das entrevistas desenvolveu-se em um processo de obtenção de conhecimento em espiral. A análise de uma entrevista verificou a estruturação descritivo-teórica da anterior, podendo identificar lacunas e contradições nas informações.

Resultados – Todos os sujeitos investigados (N=6) avaliaram que suas atividades no setor açougue / frigorífico envolvem alto risco de acidentes, podendo estes ocasionar graves conseqüências. Foram identificadas 5 fontes de risco no ambiente de trabalho. Foram descritas situações da vida diária, nas quais estes riscos se agravam, os prováveis danos relativos às fontes identificadas (como queimaduras, cortar-se) e as medidas preventivas correspondentes. Foram apontadas variáveis ambientais que incrementam o risco de acidentes, como o ruído e a circulação de pessoas em sub-settings mais riscantes. Foram identificadas sugestões práticas para minimizar determinados riscos em sub-settings especiais.

Conclusão - A descrição e análise do estudo dos acontecimentos da vida diária pode servir como instrumento para interpretar aquelas situações que podem aumentar o risco de acidentes. Algumas sugestões práticas identificadas estão sendo analisadas pela organização em questão quanto a sua viabilidade de implantação.

Clarisse Carneiro; Gicele D. Araújo; Hyngrid B. O. L. da Silva; Isabela F. da Cunha;, Janine S. Marques; Kyrze R. De Menezes; Naura L. S. Bouzada.

Universidade Potiguar.



Avaliação de uma proposta de Estágio Interdisciplinar com múltiplas atividades.

O presente trabalho refere-se a uma pesquisa realizada com estagiários e supervisoras de um estágio em Psicologia Clínica oferecido aos alunos dos últimos anos dos cursos de Psicologia e Fonoaudiologia da Universidade de Franca. O objetivo foi avaliar- por meio de questionários aplicados pelas supervisoras de Psicologia - a viabilidade deste estágio interdisciplinar nessas duas áreas. Este estágio conta, também, com a participação de uma assistente social. É um estágio em abordagem psicanalítica para atendimento de crianças, adolescentes e adultos, surdos ou não, individualmente e em grupo. A diferença deste estágio para com os demais é o oferecimento de múltiplas atividades aos estagiários de Psicologia, além da interdisciplinaridade com a Fonoaudiologia e Serviço Social. O estágio acadêmico oferecido pelas universidades é um momento de transição entre o ser aluno e o se tornar profissional. É parte integrante e fundamental de qualquer curso da academia, trazendo ao aluno a expectativa de que a teoria, estudada ao longo da graduação, possa ser revisitada com os olhos da prática. É a fase do lapidar-se, enquanto futuro profissional. Ao optar por um estágio, o aluno espera que este lhe traga experiência e aprendizagem suficientes para enfrentar o mercado de trabalho de forma responsável e competitiva. Um estágio com múltiplas possibilidades não é usual em Psicologia ou Fonoaudiologia. Normalmente, opta-se por uma faixa etária e uma forma de atendimento. Verificou-se, através das respostas dos questionários, que este estágio atende às necessidades da vida acadêmica e que oferece, em grande parte, condições de discussão de aspectos da vida profissional. De acordo com os respondentes, a interdisciplinaridade possibilita compreender o paciente de forma diferenciada visto que há uma ampliação de cada caso, tendo-se as dimensões psicológicas, fonoaudiológicas e sociais discriminadas e inter-relacionadas. A interdisciplinaridade promove o intercâmbio de idéias, a revisão de funções e limites profissionais. A contribuição que cada participante traz ao grupo mobiliza no outro o pensar, o refletir e realizar associações com os seus próprios atendimentos. O estagiário de Psicologia pode optar por qualquer tipo de atividade para executar no estágio, e as supervisões, sendo em grupo, propiciar-lhe-ão contato com todos os tipos de atividades por intermédio de experiências dos colegas. Dar ao aluno condições para estar e aprender em grupo é importante, mas dar a ele possibilidades para descobrir suas próprias capacidades através de múltiplas atividades é fundamental para a sua futura prática cotidiana. Além disso, o futuro profissional, com certeza, não atenderá um paciente de forma isolada, mas, sim, integrada com outras áreas, o que poderá ser facilitado através desta experiência acadêmica interdisciplinar. Pôde-se, ao final, da análise dos resultados, verificar que este estágio com múltiplas atividades deve continuar sendo oferecido aos alunos estagiários.

Denise Emilia de Andrade; Izilda Carolina de Meneses.

Universidade de Franca.



Avaliação do conceito de violência no ambiente escolar: visão do professor.

Essa pesquisa investigou o conceito de violência na visão do professor, comparou a concepção da violência com relação à rede de ensino particular e pública, e seus tipos presentes na realidade escolar, levando em consideração os níveis: de escolarização do educador, formação pedagógica, nível de ensino em que atuam. A amostra foi constituída por professores que ministram aulas nas áreas de educação infantil, ensino fundamental, médio e universitário, em escolas da rede em cidades da Região Metropolitana do Estado de São Paulo como: Campinas, Paulínia, Sumaré e Valinhos, os quais foram selecionadas aleatoriamente. O instrumento utilizado foi o questionário de pesquisa “Educação e Violência” composto por caracterização pessoal e profissional, Diferencial Semântico constituído por 26 pares de adjetivos, para análise do significado conotativo de violência, com questões abertas para identificação espontânea de ações que contribuem para a violência e tipos de violência que estão presentes em escolas que os sujeitos atuam. Os resultados obtidos revelaram que os sujeitos conceituam a violência como física e psicológica determinada por fatores sociais relacionados a relações humanas e aspectos sócio-econômicos. Esses resultados revelam que os educadores, principalmente os que tem maior formação acadêmica, explicitam através do conceito de violência sua compreensão do contexto social em que estão inseridos como um espaço de relações permeado por ações de violência estrutural as quais atingem diretamente crianças e adolescentes quer seja na família ou nas instituições sociais e educacionais. Quanto aos fatores determinantes da violência a escola coloca-se como representante da sociedade revelando suas desigualdades sociais, culturais e econômicas. Valores e ações são as categorias que se destacaram como determinantes do conceito, conforme a opinião dos sujeitos. Identificou-se a presença de violência física, psicológica e social nas escolas, sendo que o agente das ações violentas predominantemente é o aluno, segundo a opinião dos professores. Cabe lembrar que o desenvolvimento da violência nas atitudes infantis ou do adolescente está vinculado principalmente a fatores emocionais com os quais esses indivíduos não sabem lidar com a agressividade, frustração, baixa-estima dentre outros, não sendo ele, pois o único agente. É necessário enfatizar que cabe aos educadores e ao processo formal de ensino viabilizar a construção de normas e condutas sociais e de relacionamentos pautadas em valores moral e ético que permitam ao aluno ser crítico e desenvolver habilidades necessárias a seu processo de adaptação ao contexto em que vive, sendo capaz de atuar como cidadão visando a transformação de seu espaço de convivência e relações. Não se verificaram diferenças significativas entre as variáveis: rede de ensino, nível de escolarização dos sujeitos, formação pedagógica e nível de ensino em que atuavam comparadas ao conceito de violência.

Maria Aparecida Carmona Ianhes Anser; Maria Cristina Rodrigues Azevedo Joly; Claudette Maria Medeiros Vendramini.

Universidade São Francisco – USF – It.



Avaliação do espaço em ambientes de desenvolvimento: tamanho e estruturação.

Este estudo objetivou a avaliação de espaço em uma região urbana pobre, para crianças criadas em casa ou numa creche da vizinhança, como parte de um estudo maior que visa a análise de ambientes de desenvolvimento como sistema ecológico (sistemas de crenças, práticas de cuidado e condições ambientais das famílias e da instituição), acompanhando-se sua evolução ao longo do tempo e relacionando-as ao desenvolvimento das crianças. Foram avaliadas os espaços da creche e de 37 residências, sendo 14 famílias não usuárias e 17 usuárias da creche. Os dados incluíram o tamanho do espaço, (área total, área construída, área de circulação e área de permanência freqüente), sua estruturação e recursos disponíveis, incluindo equipamentos, materiais e práticas de uso. Casas e creches são bastante diferentes em termos de espaço físico: as casas são pequenas, a maioria com apenas dois cômodos, construídas com tijolos, taipa ou tábuas. Outros aspectos das construções, como instalações sanitárias, pisos e acabamento em geral são improvisados e de baixa qualidade. Em contraste, as instalações da creche são de boa qualidade, embora simples. Mas o tamanho do espaço disponível nas casas é maior, em geral, do que o encontrado na creche; tomando as turmas do berçário e considerando apenas as dependências em que as crianças ficam a maior parte do dia, foi encontrada uma área de 1,42m² por criança, em contraste com as condições das habitações, em que a área chega a 6,28 m² de área construída por pessoa e 8,74 m² de área total (incluindo quintais). Além desses aspectos quantitativos, é necessário investigar dimensões como entorno, estruturação e modos de uso, relacionados às percepções dos indivíduos sobre eles. Assim, casas e creches são vistos como ambientes essencialmente diferentes: a creche como um espaço “planejado”, “organizado”, “limpo”, enquanto as casas são “pobres”, “deficientes”, “desordenadas”. Essas características percebidas da creche, que sugerem um equipamento vantajoso para a criança, impõem certas limitações, geralmente encobertas pelas concepções sobre a sua “evidente” superioridade: as crianças passam a maior parte do dia num espaço exíguo, com poucos recursos para exploração, como brinquedos ou outros objetos. Em contraste, as crianças que passam o dia em casa utilizam a rua como extensão das suas casas e para brincar. Não há assistência e vigilância constantes de adultos, o que significa insegurança, por um lado, e oportunidades de exploração e desenvolvimento da autonomia, por outro. Esses resultados são discutidos nas suas possíveis implicações para trajetórias desenvolvimentais da criança, em vista da possível influência das condições ambientais sobre as oportunidades de exploração do mundo físico e social e conseqüente impacto no desenvolvimento da criança.

Eulina da Rocha Lordelo; Anderson Almeida Chalhub; Cláudio Seal; Mariana Leal Martini; Leila Ambros Costa.

Universidade Federal da Bahia; CNPq/PIBIC.



Avaliação do impacto de uma campanha anti-tabagismo numa empresa de manutenção de elevadores.

Atualmente, percebe-se um investimento das instituições governamentais e não governamentais, em campanhas de prevenção contra o fumo. Todo esforço desempenhado nessas campanhas exige conhecimento especializado de profissionais capacitados tecnicamente, para auxiliar as pessoas fumantes e prevenir o aumento de novos fumantes. A presente pesquisa teve como objetivo avaliar o impacto dos folhetos informativos escritos numa campanha anti-tabagismo, em uma empresa de manutenção de elevadores, na cidade de São Paulo. Delineou-se um estudo de levantamento de dados, tendo como instrumento: o consentimento informado, o próprio folheto fornecido pela empresa e um questionário avaliativo. Os resultados apontaram que ocorreu uma alteração no comportamento de fumar da amostra, havendo uma diminuição do consumo de cigarro em 66,66% dos sujeitos, entre aqueles que receberam e leram o folheto informativo sobre tabagismo. Chegou-se a conclusão, de que o folheto informativo escrito sobre tabagismo é eficaz quando o indivíduo já está predisposto a mudar seu comportamento de fumar. Relembramos que por se tratar de uma pesquisa com um número restrito de sujeitos, apenas 34 sujeitos, os resultados não podem ser generalizados. Necessita-se de estudos complementares para uma compreensão maior do impacto de folhetos escritos numa campanha anti-tabagismo.

Lucilene de Alencar Silva; Juliana Rosa Honório; Geraldo Luiz Oliveira de Resende.

PUC-Campinas.



Avaliação dos sintomas e fontes de estresse em estudantes universitários.

O principal objetivo deste estudo foi avaliar o nível de estresse em estudantes universitários. Também observou-se as possíveis causas de estresse nestes estudantes e quais os sintomas apresentaram-se mais freqüentemente. A amostra contou com 41 acadêmicos divididos em quatro grupos: medicina (GM1 = 11 e GM2 = 12) e oceanografia (GO1 = 09 e GO2 = 09). Utilizou-se como instrumentos desta pesquisa o Inventário de Sintomas SCL-90R e o Inventário Saúde e Vida Diária secção 5 forma adulta. Os instrumentos foram aplicados no início do semestre e em período de provas (VPs). A análise e interpretação dos dados recorreu através de análise descritiva. Os resultados sugerem aumento do nível de estresse durante os processos avaliativos e entre os cursos e períodos houve pouca diferença. Os sintomas apontados como mais presentes e com índice elevado em período de provas são, para ambos os cursos, obsessão compulsão e depressão. As principais fontes de estresse são o acúmulo de atividades em época de avaliação.

Maria Cecilia Ramos; Sérgio Jacques Jablonski Jr.

Universidade do Vale do Itajaí - Univali.



Avaliação num projeto social: uma perspectiva de ação em psicologia.

Este trabalho visa a apresentação de um modelo de avaliação desenvolvido em um projeto social, chamado Programa Escolinhas Integradas – PEI, que é um espaço de extensão universitária da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, localizada no estado do Rio Grande do Sul. O PEI, em parceria com o Instituto Ayrton Senna – IAS/Audi e com a Secretaria Nacional do Esporte – SNE, atende crianças e adolescentes por meio de uma ação sócio-educativa, estruturada nos Princípios do Esporte Educacional e nos Quarto Grandes Pilares da Educação. Este programa realiza um processo avaliativo das ações desenvolvidas numa perspectiva de qualificação e transformação, das mesmas, de forma continuada e sistemática, utilizando-se, de uma sustentação teórica e metodológica que orienta todos os momentos e visa esclarecer as tomadas de decisão da equipe de avaliação, composta por três estagiárias da psicologia, coordenada por uma profissional desta área. A matriz avaliativa é o instrumento metodológico que compõe, de forma organizada, os diversos aspectos referentes à avaliação, tendo como finalidade facilitar e objetivar o trabalho de maneira científica e estruturada, evitando variáveis que interfiram negativamente na busca dos resultados. Esta intervenção está em consonância com os objetivos do PEI, que visa o desenvolvimento integral das crianças e adolescentes, através do Esporte Educacional, a partir da prática pedagógica interdisciplinar das áreas de biologia, educação física, enfermagem, nutrição, pedagogia, psicologia, secretariado executivo bilíngüe e serviço social. Oportuniza, assim, aos participantes vivências compatíveis às faixas etárias, buscando uma convivência ética e solidária, bem como promoção de processos de socialização e organização. Busca também, contribuir para ingresso, retorno, permanência e sucesso dos participantes na escola, além de favorecer o vínculo e participação das famílias nas ações cotidianas. A promoção de seminários de formação permanente e ampliação da produção científica, juntamente com a manutenção de um fluxo de divulgação das ações são, também, objetivos do PEI. O trabalho com a matriz avaliativa é composto por questões de pesquisa que norteiam a busca pela qualificação, sendo desenvolvida em períodos semestrais. Atualmente, trabalhamos com duas questões: 1) Em que medida o PEI vem contribuindo para a formação acadêmica de seus monitores e estagiários? e 2) Em que medida as ações do PEI vem contribuindo para o desenvolvimento da autonomia moral e exercício da cidadania de seus participantes e equipe? A metodologia prevê a coleta de questionários, entrevistas, observações e de registros internos do programa, que são os projetos desenvolvidos, as memórias de reunião das equipes e os relatórios semestrais, para tanto a análise é quantitativa e qualitativa. Com isso, o trabalho de avaliação torna-se relevante no sentido de produção de um olhar crítico à prática e ao contexto deste Programa Social, constituindo processos de mudança, qualificação e reorganização do trabalho junto às crianças e adolescentes, neste contínuo fazer pedagógico. A especificidade da psicologia, dentro da perspectiva interdisciplinar nos possibilita um trabalho de construção e entendimento do todo, focalizando nossa ação para a transformação das relações coletivas de trabalho, bem como da prática educativa, tornando-se um processo de pensar sobre a relação Educando/Educador neste espaço.

Abreu, Klayne Leite de; Noal, Juliana; Palodetti, Janine; Santos, Suzana Schuch; Trois, Loide Pereira.

UNISINOS.



Avaliação psicodiagnóstica e devolutiva na infância – Estudo de caso de Transtorno Afetivo.

Crianças e adolescentes podem ter dificuldade em identificar e nomear seus próprios sentimentos, dificultando o reconhecimento das manifestações clínicas e o diagnóstico. No caso dos transtornos afetivos na infância, a ocorrência de episódio depressivo tem sido mais frequentemente identificada, contudo, os episódios de mania quase sempre são sub-diagnosticados, o que tem implicações imediatas no atendimento terapêutico da criança e na abordagem preventiva, a médio prazo. Nesse contexto, a avaliação psicodiagnóstica e uma devolutiva cuidadosa do processo de avaliação podem favorecer uma melhor compreensão das dificuldades por parte da criança e de seus familiares, com reflexos sobre a abordagem terapêutica. Objetiva-se, por meio da metodologia de estudo de caso, apresentar os dados do psicodiagnóstico e da entrevista devolutiva de uma criança com transtorno afetivo. Trata-se de uma menina, de 8 anos e 5 meses, estudante da 2ª série do ensino fundamental, encaminhada a um serviço de Psiquiatria Infantil de um Hospital-escola, com queixa de agitação e agressividade, com evento recente de tentativa de auto e hetero-agressão, e presença de comportamentos regredidos como comer com as mãos, dificuldade para separar-se da mãe, enurese noturna e descontrole motor. Apresenta bom rendimento escolar, mas é referida como isolada e com dificuldade para fazer amizades. A avaliação psicodiagnóstica foi realizada de acordo com o referencial psicodinâmico, com utilização do HTP, Fábulas de Düss e Rorschach, aplicadas de acordo com as recomendações técnicas e comparadas aos dados normativos. Apresentou indicadores de potencial cognitivo preservado, com recursos criativos, contudo com marcas de um funcionamento lógico prejudicado pela invasão afetiva, expressa por confabulações e particularizações (Rorschach - prejuízo nas respostas formais e muitas respostas associadas a movimentos impróprios: “uma foquinha pintando”, “uma coelha se arrumando”, “centopéia bebendo suco”, “escorpião conversando”; no inquérito do HTP - respostas particularizadas). Em relação à afetividade, os indicadores caracterizaram polarização afetiva (Rorschach - conflito entre as fórmulas vivenciais; HTP - instabilidade no tamanho e na qualidade dos desenhos e identificação com figuras mortas, próprias de vivências depressivas; Fábulas de Düss com predomínio de soluções mágicas como forma de resolver conflitos). A integração de tais dados caracterizou um funcionamento lógico desorganizado, marcado pelo uso de defesas de negação maníaca, como forma de lidar com sentimentos depressivos. Na entrevista devolutiva foram considerados os recursos criativos da criança e, tendo como referência os dados da avaliação, propôs-se, em conjunto com esta, uma atividade lúdica que consistiu em elaborar uma história sobre o jeito de ser da criança, com texto e ilustrações. Considera-se que esta atividade permitiu a utilização de seu potencial expressivo e o reconhecimento de aspectos importantes de seu funcionamento psíquico, que foram expressos na atividade lúdica, podendo assim favorecer o seu atendimento ludoterápico.

Cristiane Reberte de Marque; Simone Hurtado Bianchi; Sonia Regina Loureiro.

Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – USP.



Avaliação psicológica de crianças com privação paterna.

INTRODUÇÃO A figura do pai é essencial para a formação da personalidade e identificação sexual, representando a lei, a cultura, o social e afastando a criança da simbiose com a mãe. Estudos mostram as conseqüências negativas desta privação. Em nossa época, as transformações sociais afetaram vínculos familiares e relações de parentesco, com um número crescente de famílias chefiadas por mulheres e pela “produção independente”. Estas crianças podem se desenvolver mas tendem a idealizar o pai, buscando-o em toda figura masculina. Esta privação evidencia-se mais com a entrada na vida escolar, quando se impõe a presença do outro, dos limites e da própria cultura. **OBJETIVO** O objetivo do trabalho foi estudar crianças com ausência da figura paterna através da análise das entrevistas com mães e das histórias contadas nas pranchas 3, 4, 5, e 6 do Teste de Apercepção Infantil, CAT-A. **MÉTODO** Consistiu da análise de onze crianças de cinco a onze anos, atendidas na Clínica Psicológica da UNISANTOS e em consultório. Filhos de pais separados, moravam com a mãe e tinham privação da figura paterna. Selecionamos na história de vida, os dados significativos e escolhemos as pranchas 3, 4, 5 e 6 do Teste CAT-A, por conter temas da figura paterna, materna e elaboração edípica, analisadas segundo referencial de Tardivo (1998). **RESULTADOS** Todas as crianças apresentaram queixa de agressividade, doenças de pele e respiratórias, dormiam com a mãe na mesma cama e tinham pouco contato ou nenhum (9 casos) com o pai. No CAT-A, a prancha 3 mostrou o tipo de relação com a figura paterna: hostilidade, ataque, depreciação, inveja da criança (10 casos). A prancha 4 indicou relação de gratificação com a figura materna, que provê e protege do perigo. Nas pranchas 5 e 6, respostas regressivas frente à situação triangular, com volta à relação dual e necessidades orais sem inclusão do terceiro elemento. **CONCLUSÕES** As crianças mostraram distúrbios psicossomáticos e transtornos no desenvolvimento psico-afetivo. Verificou-se a relação gratificante com a figura materna e dificuldades quanto à independência e a maturidade emocional. A regressão expressa pelas doenças, necessidades orais e bloqueios na elaboração edípica podem ser conseqüências da ausência paterna, assim como a não aceitação de limites e dificuldades de adaptação escolar. As mães mostraram resistências para entrar em contato com a figura paterna confirmando uma orientação anti-edípica da cultura. A privação paterna é sentida desde cedo, porém no período escolar, suas conseqüências tornam-se evidentes e expressas através das dificuldade de aprendizagem, regressão, agressividade e resistência a limites. Tais comportamentos indicam a não elaboração do conflito edípico. As respostas de tendência à relação dual (mãe-filho) e as de hostilidade e depreciação para com a figura paterna mostraram impedimentos para incluir o terceiro elemento. Portanto, com o ingresso à escola, surgem reações de agressividade e dificuldades de aprendizagem como forma de negação da lei, do social e da cultura que se representam no terceiro elemento (figura paterna).

Dagmar Menichetti; Ana Lúcia Aguiar; Carla Maria S. Alves; Fernanda Bizerra; Cristiane Branco; Alessandra Mota.

Universidade Católica de Santos.



Avaliação psicológica de pacientes deficientes auditivos por meio do Teste de Wartegg.

Nesta pesquisa, foram avaliados 100 pacientes, com idade entre 16 a 65 anos, de ambos os sexos, portadores de deficiência auditiva, que foram submetidos à avaliação no PIC (Programa de Implante Coclear), no Hospital de Pesquisa e Reabilitação de Anomalias craniofaciais – USP –Bauru, onde é realizado um estudo de caso, por uma equipe interdisciplinar. Este trabalho pretende contribuir com o campo da Avaliação Psicológica de pessoas com deficiência auditiva. Na avaliação psicológica, foi aplicado o teste de Wartegg, investigando-se a estrutura de personalidade. Foi utilizada a abordagem projetiva, considerando-se o significado dado pelo sujeito a cada estímulo. Os resultados obtidos por meio da abordagem utilizada não revelaram aspectos psicológicos de personalidade indicando especificidade entre portadores de deficiência auditiva. Encontramos a hipótese de dependência de aprovação social, que constitui um aspecto freqüentemente encontrado em portadores de deficiência. Este estudo indica a potencialidade do teste de Wartegg como instrumento a compor o processo psicodiagnóstico com portadores de deficiência auditiva, especialmente em estudos de casos individuais, favorecendo, nesta instituição, um diagnóstico mais seguro na indicação cirúrgica de implante coclear.

Karine Belmont CHAVES; Carmen Maria Bueno NEME; Midori Otake YAMADA.

Hospital de Reabilitação de Anomalias Craniofaciais (HRAC) -USP – Bauru; UNESP – Bauru – S.P.



Avaliação Psicológica de Perfis Profissionais: um trabalho sobre alunos universitários do curso de Farmácia.

Como instrumento de Avaliação Psicológica, o teste é uma das ferramentas que o psicólogo vem utilizando para sua atuação. O teste IFP (Inventário Fatorial de Personalidade) foi o instrumento aplicado nesse trabalho, como meio de coleta de dados para a avaliação psicológica de alunos universitários do curso de farmácia de primeiro e segundo ano, avaliando os seguintes fatores: Assistência, Intracepção, Afago, Deferência, Afiliação, Dominância, Denegação, Desempenho, Exibição, Agressão, Ordem, Persistência, Mudança, Autonomia, e Heterossexualidade, considerando que atualmente as empresas buscam profissionais além de capacitados tecnicamente, possuir qualificações pessoais denominadas como perfil psicológico. Essas características de personalidade podem estar direcionadas a determinada área de trabalho, e sujeitos com características relacionadas a sua área de trabalho, possam ter um desempenho mais eficaz, este foi o objetivo deste trabalho, discutir os dados encontrados na avaliação do teste IFP e relacionar ao perfil encontrado na literatura. No trabalho, discorre-se sobre a importância dos aspectos sociais, pessoais e necessidades da comunidade onde o profissional irá atuar. Essa preocupação também se estende a entidades que formam o profissional e também Órgãos Governamentais responsáveis pela ética e legislação da profissão farmacêutico. Participaram desta avaliação 123 sujeitos, sendo 81 do sexo Feminino e 40 do sexo Masculino, 02 não responderam a essa questão. Esse estudo faz parte do projeto “Caracterização de alunos universitários”, desenvolvido em 1998 e coordenado pela Professora Soely Ap. Polydoro. Nos resultados obtidos pode-se verificar semelhança entre sujeitos ingressantes e sujeitos segundo anistas. Outros dados foram analisados e estão discutidos neste trabalho.

DANTAS, Marilda Aparecida; PRIMI, Ricardo.

Universidade São Francisco.



Avaliação psicomotora de crianças da Educação Infantil: uma parceria entre o Curso de Psicologia da Universidade de Uberaba e a Secretaria de Trabalho e Assistência Social.

O Curso de Psicologia da cidade de Uberaba tem como uma de suas metas centrais, proporcionar aos alunos um ensino pautado nos quatro pilares da educação, ou seja, aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a viver juntos e aprender a ser. Para tanto estimula corpo docente e discente a buscar no dia a dia da comunidade as ações que podem ser desenvolvidas em prol da comunidade e do conhecimento dos alunos. O presente trabalho é um relato do que foi executado, a cada semestre, desde 1997, pelos alunos do 5º período do curso de Psicologia da Universidade de Uberaba, que estejam matriculados na disciplina Psicomotricidade. Tem como objetivo proporcionar a estes alunos o contato com a prática na área escolar e na execução de diagnóstico. Objetiva ainda incentivar atuações preventivas no campo do desenvolvimento infantil, como diagnóstico precoce de possíveis dificuldades de aprendizagem, além de proporcionar interação Universidade/Comunidade com a extensão das atividades acadêmicas em prol da comunidade. Os alunos de Psicologia avaliaram crianças das creches municipais da cidade de Uberaba, conveniadas com a Universidade, oferecendo, a seguir, a devolução dessas ações às creches em forma de avaliação das crianças e sugestões de ações aos educadores e coordenadores. O trabalho foi orientado e supervisionado pela professora da referida disciplina.

Helena de Ornellas Sivieri Pereira.

Universidade de Uberaba.



Avaliando desempenho escolar da criança em função da atividade profissional da mãe.

A família tem sofrido transformações quanto ao seu modelo, não existindo mais apenas o modelo tradicional: pai, mãe e filhos, mas diversos tipos familiares com suas peculiaridades e particularidades. Como exemplo temos a família de dupla renda, tanto o marido quanto a esposa trabalham fora de casa e seus filhos ficam a cargo de terceiros e da escola. A mulher em seus diversos papéis (profissional, mãe e dona de casa) busca ajustar-se para dar conta inclusive do acompanhamento escolar dos filhos. Nesse estudo, avaliou-se o efeito do acompanhamento escolar realizado pela mãe sobre o rendimento acadêmico e hábitos de estudo do filho, considerando-se as diferenças relacionadas à disponibilidade das mães que trabalham em relação as que não trabalham e verificou-se a relação existente entre rendimento acadêmico e hábitos de estudos em função da série freqüentada pelos sujeitos e da atividade profissional da mãe. Foi realizado numa escola particular de ensino no interior de São Paulo com 75 alunos que freqüentaram o ensino fundamental em 2001, sendo 31 na 1ª série e 44 na 4ª série e suas mães que foram agrupadas em função de possuir ou não atividade profissional. 65% das mães exerciam atividade profissional remunerada (G1) e as demais eram donas de casa ou aposentadas com exceção de duas estudantes (G2). A maioria das mães possuía Ensino Médio, tinham em média dois filhos e 77% delas eram casadas ou viviam com companheiro. Foram utilizados um Questionário Informativo para Mães enviado à mãe, respondido e devolvido em uma semana à pesquisadora, Inventário de Hábitos de Estudos aplicado coletivamente por série pela pesquisadora e Planilha de Notas dos Alunos para cálculo do desempenho acadêmico. A análise dos resultados revelou que as mães do G1 acompanharam mais freqüentemente as atividades acadêmicas de seus filhos do que as do G2, sendo estatisticamente significativo para mães da primeira série do G1 independentemente da série por eles freqüentada. O desempenho acadêmico dos sujeitos cujas mães são do G1 é maior que os das mães do G2. Encontrou-se correlação entre as variáveis Hábitos de Estudo e Acompanhamento Escolar para os alunos da 4.ª série. No Inventário de Hábitos de Estudo a categoria estratégia é a que mais se correlaciona com as demais e organização como única categoria que possui diferença significativa entre as séries.

Steffens, Lilian Vasconcelos Springer; Joly, Maria Cristina Rodrigues Azevedo.

Universidade São Francisco.



Avaliar o perfil psicológico quanto ao Clima Social das famílias de pacientes com doenças crônicas graves: um estudo piloto.

O presente trabalho tem como objetivo identificar as características psicológicas da dinâmica familiar de pacientes portadores de uma doença crônica grave. Este estudo constitui-se em um Trabalho de Conclusão de Curso (T.C.C.) apresentado ao curso de Psicologia da Unicapital. A Terapia Familiar Sistêmica é o pilar teórico-prático que sustenta o estudo, realizado através da aplicação da Escala de Clima Social Familiar de Moos (1995) em uma amostra de 03 pacientes vítimas de Esclerose Lateral Amiotrófica e seus respectivos familiares, num total de 06 indivíduos agrupados em 03 estudos de caso. Este estudo constatou que as famílias que apresentam um membro gravemente doente vivenciam dificuldades de comunicação, legando seus conflitos a um nível implícito e disfuncional de expressão. Para tanto, sugere-se novos estudos que acompanhem a dinâmica dessas famílias, auxiliando-as a evitar maiores situações de crises disfuncionais.

Paulo Becare Henrique; Cristiane Vaz de Moraes; Rosemeire Aparecida Nascimento.

UNICAPITAL – Centro Universitário Capital.



Avôs, avós e netos: uma relação especial.

Esta pesquisa pode ser classificada como “levantamento” na área de aprendizagem informal. O tema tem despertado interesse dos pesquisadores, como confirma a literatura. No entanto, os estudos ainda são escassos. A ampliação das investigações poderá contribuir para esclarecer o tipo de influência que há entre avôs-avós e netos, considerando-se ambos os polos desta relação. Foram consultados os autores Barros (1987), Neri (1989), Dias (1994), Atalla (1996), Fraiman (1996), Leão (1997), dentre outros. O objetivo principal foi levantar informações junto a avôs e avós no que se refere ao relacionamento com os netos. De forma específica, verificou-se a visão que os avôs e avós têm dos netos e o significado destes em suas vidas. Os sujeitos foram 08 avôs e 20 avós, com idade entre 43 e 76 anos, com número de netos variando entre 01 e 15. A coleta de dados foi realizada em 1999, como parte de um “Trabalho Prático”, realizado na Disciplina Psicologia da Aprendizagem. Considerando-se a importância do tema, optou-se por organizar os dados com vistas à comunicação e publicação dos mesmos. As entrevistas (roteiro com 13 questões abertas do tipo complete) foram aplicadas pelos alunos do 3º ano de Psicologia – ano 1999 – após estudo piloto e com as devidas orientações por parte da professora, co-autora deste estudo. Aplicou-se a técnica “Análise de Conteúdo”, com conseqüente apresentação de categorias de resposta. Os dados estão sendo discutidos. Verificou-se interesse e disponibilidade por parte dos sujeitos em participar deste estudo. Demonstraram prazer e satisfação em falar desta relação. Salientaram o significado especial que os netos têm em suas vidas, apontando inclusive para o sentido de “continuidade”, com o uso da expressão “sou pai/mãe duas vezes”. Afirmam, em geral, ter e demonstrar amor e carinho pelos netos. Seria fundamental um outro estudo sobre a percepção dos netos em relação aos avôs e avós.

Anelise de Barros Leite Nogueira; Wilson de Freitas Muniz; Maria Lescura Salgado; Maria Helena da Silva Guimarães.

Centro UNISAL / Lorena.



Bebês prematuros em uma UTI Neonatal: a escuta de um apelo.

Introdução: As circunstâncias que envolvem o nascimento de um bebê prematuro, aliadas às condições de internação destes recém-nascidos em uma UTI Neonatal, caracterizam uma situação que pode trazer comprometimentos para a constituição do laço entre os pais e os seus bebês. **Objetivo:** Este estudo busca identificar sinais de risco nesta relação que o recém-nascido estabelece com os seus cuidadores primordiais, considerando que as dificuldades presentes nesta interação implicam em comprometimento para o processo de constituição psíquica deste sujeito, em um momento em que estão sendo inscritas as marcas fundantes do aparelho psíquico. **Discute** ainda as formas de intervenção propostas pelos Serviços de Neonatologia junto a estes pacientes, especialmente a atuação do Método Canguru, normatizado pelo Ministério da Saúde. **Método:** Foi realizado um estudo de caso com três sujeitos, mães de recém-nascidos pré-termo hospitalizados na Unidade de Neonatologia do HSPE, as quais foram atendidas durante o período de internação dos seus bebês, enquanto permaneciam acompanhando estas crianças como participantes do Método Canguru. **Resultados:** A análise dos casos clínicos permitiu observar que as circunstâncias que envolvem estes nascimentos comprometem a capacidade destas mães imaginarem os seus bebês e reconhecerem-se na sua função, tanto pela urgência e imprevisibilidade do momento do parto, quanto pelo risco de vida a que estão expostos estes recém-nascidos e pelos efeitos dos diagnósticos e prognósticos que aparecem intermediando este encontro. O rompimento precoce de uma ilusão de completude na relação com este filho, que ocupa frequentemente para estes pais o lugar de perda e fracasso, coloca dificuldades na sua condição de investi-lo e de interpretar as manifestações deste recém-nascido que se apresenta tão frágil e que dá tão poucos sinais de responder aos endereçamentos que lhe são feitos. O Método Canguru permite que a mãe possa estabelecer uma comunicação com o seu bebê, tanto pelo contato pele a pele, quanto pelo reconhecimento das suas manifestações, nas quais passa a supor afeto e desejo. Facilita ainda uma condição para que os pais possam reapropriar-se de um saber inconsciente sobre os filhos, oferecendo-lhes a possibilidade de assumirem os seus cuidados. Esta proximidade corporal pode, no entanto, revelar-se angustiante nas situações em que a mãe tenha uma percepção de si mesma como perigosa para o seu filho, ou quando esta relação tenha sido permeada por medos intensos e angústia de morte desde a gestação. **Conclusões:** Concluímos que as vivências dos pais atendidos apresentavam efetivamente riscos para o processo de subjetivação dos seus bebês, visto que começavam a evidenciar-se sinais de comprometimentos no investimento parental e na possibilidade destes pais tomarem este bebê como filho e representá-lo. No que se refere ao Método Canguru, enquanto alternativa de intervenção, foi observado que possui recursos que podem favorecer a relação dos pais com o seu bebê, desde que inclua uma investigação cuidadosa da disponibilidade das mães para participar do Programa, através da constituição de um espaço de escuta tanto da sua angústia, quanto dos investimentos e expectativas que operam na relação com o bebê.

Aparecida Bastos Pereira.

Hospital do Servidor Público Estadual Francisco Morato de Oliveira - HSPE.



Bem-Estar Subjetivo em Idosos: Comparação da Satisfação com a Vida e o Balanço dos Afetos.

O Bem-estar subjetivo tem sido considerado um dos aspectos do bom envelhecimento, definidor da saúde mental, ajuste psicossocial e associa-se negativamente com sintomas depressivos e doenças. A literatura indica que o Bem-estar é composto pelos componentes afetivo e cognitivo. O afetivo é identificado como Balanço dos afetos positivos e negativos, e o componente cognitivo é denominado Satisfação com a vida. Tem sido apontada a importância de considerar a distinção destes dois componentes no momento de interpretar os resultados do Bem-estar na velhice, pois os estudos indicam que a Satisfação com vida aumenta com a idade e a intensidade dos afetos diminui no decorrer dos anos. Este estudo teve como objetivo avaliar as diferenças das pontuações dos componentes do Bem-estar subjetivo numa amostra de idosos pessoenses. Com um procedimento de seleção aleatória, foram aplicados questionários a 123 pessoas com idades de 60 a 93 anos ($M=67,1$; $DP=6,1$), residentes na cidade de João Pessoa. Sendo composta por 61 mulheres e 62 homens. Todos alfabetizados funcionais, com uma renda de R\$800,00 a R\$1500,00 reais. A fim de comparar os componentes avaliados foram feitas análises t de student para amostras interdependentes. Encontraram-se os seguintes resultados: a Satisfação com a vida apresentou uma média maior que a média dos afetos positivos ($t=10,45$; $p=0,00$) e dos afetos negativos ($t=12,25$; $p=0,00$), e a média dos afetos positivos foi maior do que a média dos afetos negativos ($t=-3,47$; $p=0,00$). Algumas explicações da literatura para os dados encontrados, indicam que a satisfação aumenta na velhice como consequência de mecanismos subjetivos de ajuste, tais como, a diminuição da discrepância entre as coisas esperadas e obtidas na vida, bem como de um processo de comparação social, na qual o idoso se auto-avalia numa situação satisfatória ao fazer comparação com quem tem perdas maiores, por exemplo, nas condições de saúde. Em relação à diminuição dos afetos, as pesquisas demonstram que na idade avançada, diminui a intensidade com a qual são sentidas as emoções, além do que, as avaliações subjetivas dos afetos refletem juízos de tempo curto, baseadas nas situações atuais de mudança sociais, físicas e psicológicas. O contrário acontece com a Satisfação com a vida, pois ela reflete uma relativa estabilidade nos julgamentos de longo prazo das experiências obtidas durante a vida. Além de contribuir com mais um dado para o corpo teórico do Bem-estar na velhice, estes resultados salientam a pertinência em desenvolver programas que permitam aos idosos lidar efetivamente com suas emoções diante as mudanças típicas da idade.

Miriam Teresa Domínguez Guedea; Francisco José Batista de Albuquerque; José Angel Vera Noriega; Ceci de Souza Lacerda; Magno Alexon Bezerra Seabra; Ananias Queiroga de Oliveira Filho.

Universidade de Sonora-México Universidade Federal da Paraíba-Brasil.



Breves considerações sobre o nascimento prematuro.

O assunto discutido refere-se ao nascimento prematuro, onde foi realizado um breve levantamento acerca de suas possíveis causas e consequências psíquicas. A oportunidade de realizar o estágio de Psicologia Hospitalar dentro de uma maternidade, possibilitou uma rica experiência dentro do serviço de neonatologia e levantou uma série de indagações a respeito deste momento tão traumático para todos os envolvidos: pais, bebê e equipe hospitalar. O que nos faz pensar, portanto, na existência de uma grande demanda psicológica. Nos referimos às possíveis causas do nascimento prematuro, muito embora ainda não possamos concluir exatamente sobre os motivos que desencadeiam o parto antes do tempo e, muito menos, como prevenir que isto aconteça. Um bebê prematuro encontra-se em uma situação de risco, pois, é imaturo em termos orgânicos e também psíquicos. Também podemos falar, de uma situação de risco da mãe, que nunca se encontra preparada para passar por uma experiência infeliz. Suas reações, portanto, dependerão de sua estrutura e dinâmica psíquica. Desta forma, notamos a fragilidade que este evento comporta e, tal fragilidade nos remete a outro aspecto de grande importância: o trabalho da equipe. Geralmente, a equipe encontra grandes dificuldades de lidar com questões emocionais, utilizando-se de defesas tais como a dissociação: ignoram a esfera afetiva, preocupando-se apenas com a esfera orgânica. Desta forma, foram feitos alguns apontamentos referentes aos riscos que este evento traumático traz para o desenvolvimento afetivo do bebê, e algumas propostas de humanização do serviço de neonatologia. O trabalho foi organizado a partir de um levantamento bibliográfico de diferentes autores que se referem ao tema: Busnel (1993), Caron (2000), Cunha (1991), Druon (1993, 1999), Feijó (1997), Klein (1940, 1952), Maldonado (1973), Mathelin (1999), Quayle (1997), Szejer e Stewart (1997), Wanderley (1999) Wilhelm (1992, 2000) e Wirth (2000).

Líliam Carina Soares.



Brincado de Barbie...

Introdução: Este trabalho é resultado de uma pesquisa desenvolvida no estágio “criação e exploração de recursos lúdicos”, sendo guiado pelo enfoque psicopedagógico. Percorreu-se um longo período de estudos, até que pudéssemos chegar a um tema que fosse bastante relevante para o estágio e que contribuísse de alguma forma para a construção da futura brinquedoteca da FUNRei. A boneca Barbie foi o brinquedo selecionado, por se tratar de um brinquedo já existente no mercado, líder em vendas e campeã da preferência feminina infantil. Foi realizada uma observação das práticas lúdicas estabelecidas entre meninas de sete a onze anos com a boneca Barbie. Visando verificar o brinquedo enquanto instrumento no diagnóstico e tratamento psicopedagógico, e se utilizar, das informações obtidas para criar estratégias lúdicas que podem beneficiar educadores, em geral. Esta boneca exerce algum fascínio especial sobre meninas de diferentes idades e países. Métodos: Utilizou-se como metodologia o estudo de caso, realizando-se uma observação participante ao longo de seis encontros de uma hora cada, durante, aproximadamente dois meses, em uma escola particular de São João Del Rei. Toda a observação teve os pressupostos teóricos da Psicanálise como guia. O objetivo principal era observar como as crianças se relacionariam com a boneca em suas brincadeiras. Partindo da hipótese de que a idade era um diferencial significativo, ou seja, meninas mais velhas se identificariam com a boneca, e as mais novas projetariam suas relações maternas. Resultados: A hipótese inicial foi refutada já no primeiro encontro. A relação com a boneca era direta, elas se referiam a mesma pelo próprio nome, e falavam em nome da boneca em primeira pessoa. Observou-se que à riqueza dos conteúdos liberados nestas brincadeiras são, no mínimo, reveladores dos processos identificatórios com a boneca. Todas as meninas brincavam atribuindo à boneca significados vivenciais próprios dos conflitos vividos em suas faixas etárias. A boneca aparecia como um eu idealizado, controladora das situações. O único diferencial se caracterizou pela forma do brincar: as meninas mais novas tinham menos pudor com as questões de sexualidade, e demonstravam através das brincadeiras temas que vinham sendo elaborados; enquanto que as mais velhas tinham a censura bastante desenvolvida, o contexto da brincadeira era mais complexo, não havia somente a boneca, mas, sim todo um cenário compondo a brincadeira. Conclusões: A Barbie se configura no ideal feminino moderno: bonita e independente, fazendo emergir nas crianças idealizações. A boneca traz para a criança todo o formato de vida da mulher moderna bem sucedida. Brincar com esta boneca, para a criança é uma tentativa de apreender o mundo do adulto. Portanto, entender o universo de possibilidades de um brinquedo é fantástico, pois ele é tão do adulto quanto da criança. Afinal, o processo de confecção de um brinquedo é realizado pelo adulto, o que faz com chegue até a criança carregado de simbolismos e significações, os quais a criança se apropria absorvendo a estrutura da sociedade em que está inserida.

Maria de Fátima Aranha de Queiroz; Agnah Grandi.



“Brincando” de demanda”.

Este trabalho objetivou analisar teoricamente o construto de demanda, enfocando o início do tratamento e da prática clínica. Inspirado no atendimento psicoterápico de orientação analítica de crianças e adolescentes, numa Clínica que atende à comunidade escolar através de subsídio da Prefeitura de Porto Alegre/RS, brinca-se teoricamente com o conceito, estruturando significados e aplicações a partir de referenciais teóricos lacanianos. Analisado não apenas como conceito psicológico, mas como ferramenta de trabalho, salientou-se a importância do tema, já que se sabe que uma demanda bem construída influi num bom prognóstico de desenvolvimento do processo de tratamento. Debateu-se, também, como ajudar o paciente a construir sua demanda em tratamento. Como resultados teórico-práticos do exercício reflexivo, propôs-se (1) que reconhecer a própria demanda, para o paciente, é desnudar-se perante si mesmo, debater-se com o desejo e a perspectiva do desconhecido; (2) que a dificuldade na procura do tratamento reflete a dificuldade de decidir-se por sua demanda; (3) levantou-se a possibilidade da reatualização da demanda do paciente ao longo do tratamento. A partir disto, discutiu-se queixa, pedido e demanda, do ponto de vista do terapeuta e do paciente, e sobre o imaginário que fomenta a representação social do psicólogo em nossa sociedade e as demandas sociais à categoria. O texto produzido configurou-se em objeto transicional, operando no processo de transição entre ser acadêmico e profissional, através da construção de um estilo de clinicar, na criação de um espaço próprio ao brincar, ao experimentar conceitos. Evitou-se, assim, seja o colamento à teoria, seja a irreflexão da prática. Por tal processo passam milhares de psicólogos brasileiros todos os anos, a cada término de formação universitária, ou de Pós-Graduação (Latu ou Stricto Senso), a cada nova tomada de rumos teóricos e/ou técnicos que todo profissional engajado e consciente vivencia ao longo de sua carreira.

Raquel Gehrke Panzini.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



“Brincando, a gente esquece muitas coisas ruins: brinquedos e brincadeiras de crianças entre 08 e 12 anos residentes em zonas interioranas”.

Considerando a importância de brinquedos e brincadeiras para o desenvolvimento e a aprendizagem sócio-afetivo-cognitiva das crianças, a presente pesquisa objetivou identificar que brinquedos e brincadeiras fazem parte do repertório lúdico encontrado em crianças residentes em duas zonas interioranas do estado do Pará: município de Ourém e distrito da ilha do Mosqueiro, ligado ao município de Belém capital do estado. A fundamentação teórica de nosso trabalho se sustentou numa perspectiva sócio-antropológica do jogo (Brougère, 2000); na visão da psicogenética cognitivista (Piaget, 1986; Vygotsky, 1994) e na visão psicanalítica (Aberastury, 1992; Bettelheim, 1988). Participaram da pesquisa 40 crianças entre 08 e 12 anos, moradoras dos dois locais já mencionados (Ourém e Mosqueiro), sendo 24 meninos e 16 meninas. As crianças que participaram de nosso estudo, eram filhas de pescadores, lavradores e pequenos produtores agrícolas. A grande maioria declarou-se de religião católica. Utilizaram-se questionários com quesitos abertos e fechados sendo que os dados foram coletados nas dependências das escolas (02) onde os/as participantes estudavam. Nos resultados obtidos, observou-se nos dois locais pesquisados que as crianças (94%) brincam de forma coletiva: com amigos, familiares-pais, irmãos e primos. Quanto ao local em que brincam, 46% o faz em paços abertos: igarapé, quintal, rua, praça, campo e no mato. Quando indagadas sobre quanto tempo gastam por dia para brincar, as crianças investigadas revelaram questões bastante interessantes: 39% gastam de 01 a 03 horas por dia e 26% brincam de 03 a 06 horas por dia. Os achados obtidos nos permitiram identificar entre todas as crianças uma preferência significativa por brinquedos e brincadeiras tradicionais tais como: bola, boneca, carrinho, utensílios domésticos; entre as brincadeiras constatadas, evidenciaram-se o futebol, a bandeirinha, pira-alta e cemitério, confirmando outros estudos que enfatizam a relação entre o brincar, materiais e espaços disponíveis. No caso das crianças que foram pesquisados, ficou-nos evidente o quanto essa atividade humana está diretamente relacionada aos contextos sócio-geográficos que lhes servem de entorno. Uma vez que são todas moradoras de locais onde há múltiplos espaços livres para elas brincarem bem como fato de que estão ausentes do cotidiano dessas crianças certas características de agrupamentos humanos mais urbanizados tais como: violência urbana, trânsito intenso, especulação imobiliária entre outras. Quando indagadas sobre por que gostam de brincar, os/as pesquisados/as responderam com impressões do tipo: porque é muito legal, é bom para a gente, porque é muito divertido e animado, porque eu gosto de se divertir com os colegas, a brincadeira faz a gente se sentir bem (se sentir bem), é que brincando, a gente esquece muitas coisas ruins. Concluiu-se que brinquedos e brincadeiras são aspectos extremamente importantes para a construção da subjetividade humana uma vez que ao brincar, o sujeito exercita a imaginação criadora, a paciência, as interações sociais, o perder e o ganhar, desenvolvendo assim os múltiplos aspectos que compõem nossa humanidade: cognitivos, psicomotores, sócio-afetivos e morais.

Elizabeth Regina Oechsler; Waleska da Silva Viana; Fernando Augusto Bentes de Souza Costa.

Universidade da Amazônia.



Brincar e desenvolvimento humano: programa caixa de brinquedos.

As atividades lúdicas são fundamentais ao desenvolvimento infantil. Considerado a forma mais própria e espontânea da criança se comunicar e interagir com o mundo, o brincar é uma atividade fundamental no desenvolvimento das funções psicomotoras, além de recurso para a construção das funções cognitivas e simbólicas e de facilitador da expressão e elaboração de emoções e afetos. O brincar constitui-se, ainda, em um modo de assimilar e recriar a experiência sociocultural dos adultos. O brincar favorece a aprendizagem como um processo de investigação e construção de conhecimento sobre a própria criança e sobre o mundo, o que evidencia a sua importância no contexto educativo de creches e pré-escolas. Neste sentido, o Programa Caixa de Brinquedos fruto de uma parceria entre o SERVAS e a UFMG vem constituindo-se como recurso para implantação e solidificação desta proposta, na qual a atividade lúdica é utilizada como importante recurso para promoção do desenvolvimento, sobretudo da criança de 0 a 6 anos. O Programa engloba uma brinquedoteca móvel (Caixa), composta por brinquedos selecionados de acordo com a faixa etária das crianças a serem atendidas; contempla um curso de capacitação para educadores infantis e uma cartilha sobre o brincar. O curso tem por objetivo instrumentalizar os educadores não só para o uso dos brinquedos da Caixa, mas para a inserção do brincar no cotidiano, de forma consistente e coerente com as diretrizes curriculares estabelecidas para a educação infantil. Para isto, o curso utiliza como estratégias a sensibilização dos educadores quanto à importância do brincar para o desenvolvimento infantil e a reflexão sobre a prática dos educadores leigos construída ao longo de sua experiência de vida e de trabalho. Os resultados obtidos com a implementação do Programa têm indicado que, apesar de toda a sua importância e das orientações contidas nos referenciais curriculares para a educação infantil, o brincar tem sido apenas incipientemente incorporado nas instituições que atendem as crianças de 0 a 6 anos. Nesses locais, a atividade lúdica aparece de formas distintas, ficando, às vezes, até mesmo ausente, quando “não sobra tempo para brincar”. Em vários contextos, o brincar aparece como forma de preencher o tempo ocioso, ocupando as crianças. Apesar disso, com ou sem brinquedos, a brincadeira acontece de forma espontânea e despreziosa. Felizmente, existem algumas instituições, ainda que poucas, onde o brincar aparece integrado à proposta pedagógica e é utilizado de forma intencional e planejada. Verifica-se que, apesar das teorias sobre o brincar apontarem para sua utilização como recurso para a aprendizagem e o desenvolvimento infantil, isto nem sempre é observado na prática. Conclui-se, pela necessidade de criar recursos para incorporar o brincar, com fundamentação, ao cotidiano das instituições de educação infantil, tendo por objetivo a promoção de desenvolvimento humano, nos seus aspectos social, emocional, cognitivo e motor. A partir da experiência acumulada com Programa Caixa de Brinquedos verifica-se que a satisfação dessa necessidade será possível a partir da sensibilização dos educadores quanto à importância desta atividade no universo infantil e da assimilação, por eles, dos fundamentos e princípios norteadores do brincar.

Alysson Massote Carvalho; Ana Letícia Seiler Poelman Pinheiro; Juliana Alarcon Moretti; Vanessa Cíntia de Souza Ribeiro; Adriana Morávia Soares de Matos; Fabiana Neves de Andrade, Selhe Moreira de Azevedo Pereira.

Laboratório do Brincar/UFMG.



Brincar: um direito da infância e uma possibilidade de desenvolvimento

O conceito de infância tem se modificado no decorrer dos séculos. Segundo Ariès (1981) é somente a partir do século XV que começa a surgir um sentimento de infância, ou seja, a consciência da particularidade infantil. É no século XVII que ocorre a consolidação deste sentimento. Assim, surgem várias perspectivas de infância, dentre as quais destacamos: a representada por Rousseau, que caracteriza a infância pela inocência; por Nabokov, que exclui da infância a inocência e a bondade; e, por fim, uma terceira, apontada por Cauvilla onde a infância é vista como uma construção sócio-histórica. A partir da promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente, em 1990, o conceito de infância passa a ser permeado pela concepção de que a criança é um sujeito de direito. Este Estatuto assegura que é dever da família, da sociedade e do Estado promover condições de efetivação dos direitos à vida, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, dentre outros, oferecendo condições favoráveis ao desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, a toda e qualquer criança. É dentro deste contexto de direitos, que o lazer, também entendido como brincadeira, torna-se importante para o desenvolvimento da criança. A brincadeira, segundo a perspectiva sócio-histórica representada por Vygotsky e Leontiev, é uma atividade essencial ao desenvolvimento infantil; é através dela que ocorrem as principais mudanças no desenvolvimento psíquico pois, ao brincar, a criança tem possibilidades de trabalhar suas emoções, assumir papéis sociais, estruturar definições de conceitos e objetos e desenvolver o pensamento abstrato. No contexto da discussão do conceito de infância e de brincadeira procuramos investigar como crianças em situação de trabalho inserem o estudo e a brincadeira em seu cotidiano. A ausência de tempo para brincadeiras não é um privilégio das crianças que necessitam trabalhar para ajudar na manutenção de suas famílias. As crianças das classes média e alta também estão submetidas a uma carga excessiva de atividades (dança, inglês, informática, etc...) de forma que seu tempo livre fica reduzido. Pensar o impacto que essa condição pode ter no desenvolvimento da criança é uma tarefa que deve ser preenchida pelos diferentes campos de conhecimento. Com o agravante da condição de trabalhador precoce essa investigação torna-se ainda mais urgente.

Indira Caldas Cunha de Oliveira; Rosângela Francischini.

Núcleo de Estudos Sócio-Culturais da Infância e Adolescência Departamento de Psicologia/UFRN



Brinquedos e brincadeiras de crianças urbanas de classe média entre 08 e 12 anos.

Tomando como referência vários estudos já realizados e que apontam para a importância de jogos e brinquedos como elementos fundamentais para o desenvolvimento e aprendizagem de crianças, a presente investigação procurou evidenciar que brinquedos e brincadeiras são preferidos por crianças com idade variando entre 08 e 12 anos de idade, pertencentes aos estratos médios da cidade de Belém-Pará. O trabalho foi fundamentado numa visão sócio-histórico-antropológica (Brougère, 2000; Ariès, 1981) e em autores que se inspiram na psicologia do desenvolvimento: Macedo, 1995; Vygotsky, 1984; Friedmann, 1992; Kishimoto, (1996). Um de nossos principais objetivos foi o de tentar evidenciar a influência da cultura e do contexto sócio-geográfico circundante sobre o universo lúdico infantil influenciando na escolha e na preferência por brinquedos e brincadeiras em meninos e meninas. Foram investigadas 80 crianças, sendo 40 meninos e 40 meninas. Todas as crianças eram estudantes de escolas particulares de Ensino Fundamental, da cidade de Belém e residentes em diferentes bairros dessa capital considerados tradicionalmente como de classe média. Utilizaram-se questionários com quesitos abertos e fechados os quais foram aplicados nas dependências das escolas onde os/as participantes estudavam e em suas residências também. Os dados organizados sob a forma de tabelas apontaram questões bastante significativas: 42,5% eram crianças de 10 anos e 40% de 08 anos; com relação às séries em que estávamos nossos/as participantes, a maioria situava-se na 2ª e 4ª séries do Ensino Fundamental, ambas com 43,7%. Com relação a onde e com quem brincam, observou-se que um percentual significativo brinca sozinho, 21,1% indicando que as crianças de zonas urbanas vêm cada vez mais solitárias no desenvolvimento de suas atividades lúdicas, revelando questões tais como: violência urbana, problemas de segurança, companheiros disponíveis para brincar entre outras. Esse resultado relaciona-se um outro índice constatado: 51,7% das crianças pesquisadas brincam em espaços mais circunscritos, tipo: casas, apartamentos, no playground dos prédios, locadoras de videogame e escolas. Embora esse dado seja preocupante, os/as investigados ainda brincam uma quantidade de horas por dia bem significativa: 38,3% de 01 a 05 horas e 13,1% de 05 a 10 horas por dia. Com relação aos brinquedos e brincadeiras, constatamos que as meninas voltam-se preferencialmente para as brincadeiras de cemitério, casinha, boneca, patins e patinete. Os meninos apontaram como suas preferências: futebol, videogame, patins, bicicleta, ping-pong, polícia e ladrão, sinuca ou bilhar. Nossos dados confirmam as teses de outros estudos que procuram relacionar as atividades lúdicas infantis às variáveis sócio-histórico-culturais bem como os diferentes processos de socialização a que estão submetidos meninos e meninas em nossa sociedade.

Aline Maria Silva Souza; Martha Lorena Batista; Fernando Augusto Bentes de Souza Costa.

Universidade da Amazônia.



Brinquedoteca Hospitalar: o brincar como um viés na humanização do hospital e na reelaboração da dor.

As crianças hospitalizadas são vistas comumente como seres passivos e despersonalizados, sendo que o diagnóstico de câncer e seu tratamento acabam por gerar uma situação que pode influenciar no desenvolvimento infantil. Estudos recentes trazem a brinquedoteca hospitalar como um fator a mais na humanização do hospital, além de ser um lugar propício para auxiliar na recuperação e no tratamento de crianças hospitalizadas, amenizando os traumas causados pela internação através das atividades lúdicas. Em vista disso, este estudo visa investigar alguns aspectos da brincadeira junto às crianças com câncer em um Hospital Público de Sergipe, tais como a forma de utilização do ambiente lúdico, as atividades lúdicas desenvolvidas, a rede relações e a participação das crianças durante o brincar. Foram realizadas 18 sessões para a coleta de dados, tendo cada uma duração média de 1:30hs, nas quais participaram cerca de 30 crianças de ambos os sexos entre 3 e 12 anos de idade, pacientes oncológicos em tratamento durante os episódios de brincadeira. Os dados foram obtidos através da observação direta do comportamento em situação natural, utilizando-se a técnica do registro cursivo focal, categorizados e analisados quantitativa e qualitativamente. Verificou-se que 72,2% dos episódios de brincadeira ocorreram solitariamente e 27,8% foram em grupo (15,2% em grupos de crianças e 12,6% em grupos nos quais havia a participação de adulto). As crianças apresentaram mais episódios de atividades lúdicas relacionadas ao pintar/desenhar (46,4%) e menos episódios nas de contingência social (0,7%). Observou-se também a presença de brincadeiras tipicamente masculinas, sendo que as femininas foram apenas as de boneca. Já nos grupos mistos tanto de crianças quanto naqueles com a participação de adulto predominaram as brincadeiras de regras (45,5% e 36,8%, respectivamente). Dos comportamentos interativos emitidos, constatou-se que as crianças ficaram mais sozinhas (37,4%) do que interagindo entre si (30,9%) e que interagiram mais com adultos do que entre elas mesmas (31,7%). Os dados mostraram também que as crianças são mais vulneráveis ao ambiente estressor, apesar de possuírem um bom grau de empatia entre elas e com os adultos. Além disso, as observações demonstraram que as crianças precisam ser mais estimuladas e que outros tipos de atividades lúdicas poderiam ser inseridas dentro dos três contextos no hospital (na sala de recreação, na sala de quimioterapia e no internamento, sendo que nestes dois últimos lugares não se observou atividades lúdicas desenvolvidas). Concluiu-se que o brincar pode ser um promotor de saúde para a criança dentro do contexto hospitalar, desde que ele tenha propósitos, que haja um acompanhamento da criança e que possua uma equipe disposta a trabalhar em prol do bem-estar do grupo estudado.

Adriana Viana Amaral; Ilka Dias Bichara.

Universidade Federal de Sergipe.



Brinquedoteca: a busca de um novo olhar dos pais para seus filhos.

A Universidade de Caxias do Sul, voltada para a comunidade regional, vêm oportunizando através das Ações Comunitárias uma integração dos alunos e docentes com a população dos mais diversos bairros. Esse Programa tem proporcionado a expansão do trabalho acadêmico, bem como a construção de novos conhecimentos e habilidades, visto que possibilita uma visão prática dos conteúdos apreendidos em sala de aula e uma efetiva leitura do contexto bio-psico-social. Em razão das diversas ações realizadas e a participação de um número crescente de pessoas da comunidade no trabalho desenvolvido pela Universidade, os alunos e docentes do Curso de Psicologia observaram a necessidade de oferecer atividades direcionadas à demanda infantil. Dessa forma, buscou-se implantar um projeto com propósito preventivo, cujas atividades fossem direcionadas a manutenção e promoção de uma melhor qualidade de vida da clientela. Dentro de uma visão mais profunda sabe-se que o brincar é de fundamental importância para o desenvolvimento infantil e este deve ser inserido e incentivado gradativamente na vida da criança. A clareza da importância do brincar, nos instiga a rever se os pais ou responsáveis estão cientes e preparados para lidar com as questões do mundo infantil. A abertura desse espaço procura beneficiar atividades que venham a compreender e respeitar cada criança na sua constituição de sujeito. Um dos objetivos apontados inicialmente era desmistificar a visão patológica, sendo que poderíamos trabalhar com a prevenção primária. O título brinquedoteca passou a ser uma forma de atrair a atenção das crianças e conseqüentemente dos pais, visto que se almejava criar um espaço para reflexões sobre o mundo infantil. Outro ponto importante, era a necessidade de clarificar a população em geral, o trabalho da psicologia e o material terapêutico utilizado com crianças. Bem como, os serviços oferecidos à população de baixa renda, sendo que a maioria dos pais não tinha idéia do que vinha a ser um trabalho psicoterápico e onde poderia buscar esse auxílio. Sabe-se que a família adota a função de agente social atuante no desenvolvimento infantil, cabe a comunidade acadêmica, através desse projeto, questionar e refletir com aos pais, se os mesmos estimulam e incentivam o elo de integração criança-brincar, pois eles são responsáveis em proporcionar um ambiente favorável à criança. Assim, procura-se intervir com orientações e atividades que possam promover a abertura desse espaço no contexto familiar e as crianças possam brincar livre e espontaneamente através de um novo olhar dos pais para seus filhos. O Programa Brinquedoteca aos poucos foi conquistando seu espaço, atualmente o número de atendimentos vem aumentando, em média sessenta pais recebem orientações e cento e vinte crianças se beneficiam com esse espaço em cada Ação Comunitária.

Barbara Gedoz; Jaqueline Fouchy Lopes; Raquel Poletto.

Universidade de Caxias do Sul.



Bumba-meu-boi do Maranhão: uma tradição reinventada.

O presente trabalho tem como proposta apresentar os resultados de uma dissertação de mestrado apresentada, em maio de 2002, sobre o Bumba-meu-boi do Maranhão, um dos folguedos de maior representação nas festas juninas do Estado. A noção de “tradição reinventada” surge a partir do conceito de “tradição inventada” de Hobsbawm (1997), aqui utilizado em um sentido contextualizado. No âmbito da cultura brasileira, esse folguedo aparece como uma manifestação tradicional folclórica da cultura popular maranhense, que apresenta em sua constituição a encenação da lenda do mito do Boi. Conta a lenda, em uma de suas versões mais usuais, que em uma fazenda havia um casal de escravos negros: Chico e Catirina. Esta, grávida, desejava comer a língua do boi, mas exigia que fosse a língua do melhor boi da fazenda. Chico realiza o desejo de sua mulher e mata o boi. Ao perceber o desaparecimento de seu estimado boi, o fazendeiro coloca seus vaqueiros em busca de informações e descobre o ocorrido. Furioso, ordena que prendam o negro Chico e que tragam um curandeiro para tentar salvar seu boi. O Bumba-meu-boi ocorre a partir dessa descrição lendária, que é encenada por crianças e adultos fantasiados de acordo com os personagens da lenda, além dos músicos e do cantador, responsável por compor e cantar as músicas (ou toadas) ao longo das apresentações. Tais elementos, assim como os resultados desse estudo, foram colhidos a partir de uma pesquisa bibliográfica sobre o tema; também da utilização de algumas técnicas etnográficas como observação participativa e entrevistas semi-abertas, até a escolha do Boi do Maracanã. O objeto desse estudo, por se tratar de um referencial de tradição entre os diversos grupos de bumba-meu-boi existentes no folclore local, proporciona uma aproximação adequada e coerente do fenômeno em questão e o alcance dos objetivos propostos, dos quais se destaca: a representação de tradição e de categorias relativas a esta como tempo e memória, de acordo com a narrativa dos integrantes (ou brincantes) do grupo escolhido. Para tal, analisam-se algumas das características tradicionais desse folguedo tais como o calendário do ciclo do boi, quando foram discutidos aspectos sobre as datas religiosas que compõem seu ritual de apresentação, seus personagens e as vestimentas destes, a fim de se estabelecer um paralelo entre tais características e as alterações ocorridas na estrutura tradicional de apresentação do Boi de Maracanã ao longo dos últimos trinta anos. Apresentam-se, ainda, alguns elementos que motivam a conduta, além de aspectos da personalidade que explicam as atitudes de adaptação e flexibilidade adotadas pelos brincantes, na tentativa de manter o seu Boi inserido no contexto do comércio turístico local. Para tanto, tais elementos são considerados essenciais para fundamentar, interpretar e ilustrar as questões surgidas ao longo desse estudo e, a partir deles, articular teoricamente a representação social de tradição e a história do Boi de Maracanã em São Luís, Maranhão. Soma-se a isso uma interface entre as Ciências Sociais (Antropologia e Sociologia), a História e a Psicologia Social que sedimentaram as análises apresentadas.

Cristianne Almeida Carvalho.

Universidade Federal do Maranhão – UFMA.



Burnout na educação: a saúde do professor em risco.

De caráter bibliográfico, esta pesquisa compara estudos realizados no Brasil e no exterior sobre o tema do mal estar docente, procurando determinar as relações entre diversas variáveis e explorar suas implicações. Inserida na vertente que adota o conceito de estresse laboral, mais atentamente sobre a síndrome de burnout na profissão docente, pretende contribuir em um campo que ainda oferece imensos desafios teóricos e metodológicos. O estresse em um estágio mais profundo, desgastante, quando leva o indivíduo a se sentir extremamente exaurido, emocionalmente esgotado, com conseqüências negativas para si mesmo e para o resultado de seu trabalho, passa a ser classificado como síndrome de burnout. Mais comum do que se pode imaginar, atinge todas as profissões embora as que exijam cuidado e atenção maior à clientela, apresentem maior risco. Tem chamado a atenção dos pesquisadores que hoje vêem o problema não mais como uma aberrante resposta de um pequeno grupo. Ocorre até em países de primeiro mundo, onde, aparentemente, as condições são mais favoráveis e não apenas no Brasil ou em países subdesenvolvidos e pelas mesmas razões expostas pelos professores brasileiros, ainda que em diferentes contextos. Estudiosos apontam que esse sentimento de desencanto entre professores se origina da realidade surgida com a adoção de novas políticas educativas e também das aceleradas mudanças sociais que têm produzido um profundo efeito sobre o papel dos docentes no processo educativo. Nas situações de trabalho, segundo a perspectiva psicossocial, se aspirações pessoais do ser humano não são atendidas, percebe-se o desencadeamento de sintomas reacionários como resposta à incapacidade do indivíduo de adaptar-se às condições ambientais. Assim, estudos na área do comportamento humano têm mostrado que, enquanto para alguns indivíduos os agentes estressantes são desafios estimulantes, para outros são pressões devastadoras. Falam ainda que as pessoas que possuem alta resistência natural ou se forem hábeis em adaptar-se, o estágio de exaustão pode até não ser atingido. Tal característica identificada como resiliência é uma capacidade individual, inerente a todos os seres humanos e que, se ativada e desenvolvida, cria mecanismos próprios para conviver com as adversidades. A maioria dos estudos se concentra em determinar os fatores indutores do estresse docente, pouco se atentando aos redutores do problema. A busca de novos caminhos utilizados para a transformação das situações laborais adoecedoras dos professores em outras capazes de fazer com que volte a existir prazer e significado no trabalho, permitiu identificar a resiliência como estratégia utilizada pelos profissionais da saúde psicológica, para minimizar, superar ou prevenir a síndrome. O desenvolvimento da resiliência tem proporcionado transformações de natureza preventiva e simultaneamente relevante, que vêm sendo aplicadas visando à melhoria da qualidade da saúde mental dos professores e em conseqüência, do trabalho docente. Assim, ao analisar condições objetivas, históricas e subjetivas, de forma a não atribuir o sucesso e/ou fracasso somente ao sujeito ou ao meio/ condições materiais, espera-se que este estudo possa contribuir para os profissionais da área da saúde psicológica, apresentando uma maior compreensão psicológica, pedagógica, política e econômica do fenômeno.

Fatima Araujo de Carvalho; Marli E.D.A. de André;

PUC - SP; CAPES.



Campanha nacional de amamentação: uma face da medicalização da saúde reprodutiva da mulher.

Este trabalho objetiva analisar o impacto da Campanha Nacional de Amamentação sobre a subjetividade da mulher, dentro de um sistema em que a lógica médica age de forma decisiva no incentivo à amamentação de modo a conformar o comportamento reprodutivo dela a ordem social. As prescrições sobre a “arte de amamentar” começam a aparecer na Europa, em meados do século XIX, através de algumas campanhas de aleitamento materno promovidas por sanitaristas franceses, contra-atacando a idéia de que o ato de amamentar era repugnante. Essa idéia aparece redefinida hoje na Campanha Nacional de Amamentação fundada em bases médicas, segundo orientação da Organização Mundial de Saúde (OMS), que, ao ressaltar as vantagens do aleitamento exclusivo no peito exerce uma pressão sobre a mulher para a amamentação, que é uma das condições medicalizáveis na mulher. Se, no início do século XX, acreditava-se que o leite materno era imprescindível ao bebê porque transmitia a moral de mãe para filho modelando a personalidade da criança, agora, acredita-se que ele é imprescindível por conter todas as vitaminas e proteínas e proteger o bebê contra doenças, sendo feito “na medida de cada mãe para o seu bebê”. Ao abordar a difusão deste discurso, percebe-se o quanto ele foi decisivo nas transformações das representações sociais sobre o ato de amamentar. Hoje, ele acaba por estabelecer como compulsório amamentar o bebê exclusivamente no seio materno durante os primeiros seis meses de vida. Isto ocorre na medida em que o cuidado coletivo se difunde na nossa sociedade através de uma campanha maciça nos meios de comunicação. Nela, revela-se uma representação de mulher como um “ser da natureza”, supondo o processo de amamentação como algo totalmente “natural”, “instintivo”, desconsiderando a ação da cultura no ser humano e confinando a mulher a uma função biológica. Sem dúvida, o benefício do aleitamento materno parece comprovado, mas ao transformá-lo num cuidado coletivo compulsório passa-se a ignorar o que as mulheres pensam sobre a amamentação e como esta varia de mulher para mulher. No seu décimo ano (2001), a Campanha Nacional de Amamentação registrou que as mães brasileiras amamentam por apenas 34 dias, o que aponta para os limites do Programa. Malgrado o investimento metodológico - treinamento de carteiros para participarem da Campanha, lançamento da semana da amamentação, - ela foi mal sucedida. Esse resultado confirma que se o amor materno está ligado ao desejo da maternidade, está ligado também a história individual de cada mulher e as desvantagens sociais que não garantiram a igualdade entre os sexos. Confirma também que o desejo irresistível de se ocupar do seu bebê não se manifesta da mesma maneira em todas as mães. Isto, sem dúvida, não as tornam “anormais” ou “desnaturadas”, como sugere a Campanha que, através do seu discurso incisivo, interfere no processo de subjetivação feminina, não evitando que se gere culpas e frustrações nas mulheres que não querem ou não podem amamentar.

Naumi A. de Vasconcelos; Lana Sudo.

UFRJ.



Câncer de mama: Expressões da religiosidade em mulheres mastectomizadas.

Trata-se de um estudo desenvolvido numa visão interdisciplinar, com objetivos de: 1) descrever as expressões da religiosidade e seu papel na convivência com a doença; 2) verificar os elementos constitutivos na dimensão religiosa; 3) trazer para reflexão, o espaço de intervenção. Foram selecionadas 15 mulheres mastectomizadas, participantes do Programa de Psico-Oncologia no Serviço de Mastologia Maligna, Departamento de Ginecologia e Obstetrícia do Hospital de Clínicas, da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Fez-se delineamento metodológico com abordagem qualitativa, método do estudo de caso e observação participante. Os dados foram coletados por meio de entrevista semiestruturada e reunião com a equipe do programa de Psico-Oncologia. A análise de conteúdo referiu-se a recordações e práticas religiosas antes e após a mastectomia, atividades cotidianas, atribuição da causalidade da doença e modelos de identificação após a cirurgia. Os critérios para análise envolveram a relação de ajuda associada aos sentimentos religiosos (crença e fé), pertença religiosa e frequência de práticas; grau de satisfação na participação de atividades cotidianas e grupos religiosos; superação da crise temporária na doença; atribuição da causalidade da doença; referência pessoal a partir da perda da mama com sentimentos e desejos inconscientes correlatos. O estudo revelou: a disposição para ouvir as mulheres sobre a vida religiosa antes e após a mastectomia promoveu encorajamento de lembranças; a relação de ajuda associada aos sentimentos religiosos (crença e fé), tem importante significado no desfecho da crise temporária na doença, suscitando a esperança, ampliando a participação na comunidade e aumento de frequência nas práticas; entre o diagnóstico e a cirurgia, indicou a intensificação do medo, da desconfiança e as defesas, como a negação da realidade e dos sentimentos; o desejo inconsciente da cura conduz a negociações e barganha com o divino; as mulheres com maior dificuldade psíquica (sem elaboração da perda da mama) não conseguem a fruição positiva da relação de ajuda, associada aos sentimentos religiosos; a causalidade da doença associada à origem divina prevaleceu neste grupo, mas não indicou ligação com a quebra de regras morais e religiosas. Ficou evidenciado um espaço fértil de intervenção terciária neste grupo de pacientes.

Jussára Cristina Van De Velde Vieira da Silva.

Universidade Metodista de São Paulo.



Câncer de mama: hábitos preventivos de usuárias de uma Policlínica Universitária.

O Câncer de Mama, além de ser o mais comum entre as mulheres, é também a principal causa de morte por câncer em diversos países, inclusive no Brasil, onde constitui-se a primeira causa de morte por câncer nas pessoas do sexo feminino. Embora possa-se fazer o controle de algumas de suas causas, os conhecimentos que se tem hoje sobre o câncer de mama são insuficientes para desenvolver programas de prevenção primária eficazes, ou seja, medidas que evitem efetivamente o seu aparecimento. A prática preventiva é dirigida às ações de detecção precoce da doença, com conseqüente tratamento na sua fase inicial. Para isto, faz-se importante os exames periódicos feitos pela própria mulher. Com base nessas informações, a presente pesquisa teve como objetivo verificar o grau de informação das mulheres-pacientes de uma Policlínica Universitária, acerca do assunto Câncer de Mama e seus hábitos para com a prevenção da doença. Utilizou-se um questionário que se constituía de três perguntas abertas e quatro perguntas fechadas, que se referiam ao conhecimento do sujeito a respeito da doença, a fonte das informações que possuía, os hábitos preventivos existentes, os medos e dúvidas sobre o assunto, as possíveis causas do câncer e o nível de satisfação individual quanto às informações disponíveis sobre a doença. Participaram da pesquisa 42 sujeitos entre 18 e 70 anos de idade. Os principais resultados apontam que aproximadamente metade dos sujeitos (45%), sabem muito pouco sobre o que é câncer de mama, 5% sabem satisfatoriamente e apenas 2% sabem muito sobre o que vem a ser a doença. Sendo que as informações são obtidas, em maior parte, por meio da televisão, 50%, para 17% recebidas via médico. No que se refere aos hábitos de prevenção, 12% dos sujeitos responderam não fazer nenhum tipo de exame preventivo, 20% realizam ao menos o auto-exame das mamas e 12% realizam vários tipos de exames: auto-exame das mamas, exame clínico das mamas, mamografia e ultra-sonografia. Os dados levantados permite concluir que é preciso haver uma maior mobilização por parte das pessoas e instituições que prestam serviços de prevenção ao câncer de mama, quanto ao esclarecer sobre os vários aspectos da doença: seu histórico, seus métodos de prevenção e importância, a possibilidade de reabilitação física, utilizando-se de linguagem simples e de fácil compreensão.

Ferreira, B.R., Fujino, G.A.; Pereira, E.L.C.; Saito, E.M.

Universidade de Mogi das Cruzes – SP.



Câncer de Mama: os aspectos Psicossociais envolvidos.

O câncer de mama é apontado como o segundo responsável por mortes no Brasil, sendo que o primeiro corresponde a problemas cardiovasculares. Nas regiões Sul, principalmente, e Sudeste do país, este tipo de tumor é o que mais atinge as mulheres, chegando em torno de 24% dos diagnósticos. Muito se fala sobre possíveis fatores de risco de manifestação de câncer em certos tipos de pacientes, com determinadas histórias de vida. O presente trabalho busca, de acordo com a literatura, investigar as condições psicossociais pré-existentes na vida das pacientes com câncer de mama, a influência dos fatores psicológicos sobre o desenvolvimento, tratamento e reabilitação da doença, bem como avaliar a qualidade de vida destas pacientes. Este estudo será realizado em ambulatórios de três hospitais de Porto Alegre, que atendem a pacientes com este diagnóstico. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, cujos dados serão analisados segundo o método de análise de conteúdo de Bardin (1977). O tratamento dos dados quantitativos, será feito a posteriori, a partir de pacote estatístico adequado. Para que tenhamos resultados mais confiáveis, será realizado um estudo piloto, que possibilitará maior precisão do questionário, aplicado partir de um consentimento informado, previamente assinado. Este procedimento auxiliará no redirecionamento das questões, se necessário. Serão pesquisadas, a princípio, cem pacientes do sexo feminino na faixa dos quarenta a sessenta anos de idade com diagnóstico de câncer de mama, independente do estágio da doença. Este número poderá ser modificado de acordo com os resultados parciais oferecidos pelo estudo piloto. Será aplicado uma entrevista semi-estruturada, que será gravada com o prévio consentimento do sujeito. Utilizar-se-á em conjunto, o SF-36, Questionário Genérico de Qualidade de Vida (Medical Outcomes Study 36-item Short-form Health Survey). Serão resguardadas as questões éticas no que se refere aos dados colhidos através da entrevista gravada e às informações ali contidas, bem como a identidade dos participantes. A apresentação deste trabalho constará dos resultados preliminares, visto que a pesquisa estará em andamento na data de apresentação.

Marisa C. Muller; Hericka Zogbi; Márcia M. Corrêa; Daniel M. Caminha; Luciana B. Redivo; Martha W. B. Ludwig; Melissa de Lima Farias.

PUCRS; CNPq; Prefeitura de Gravataí/RS.



Câncer de mama: um estudo psicossocial com mulheres em tratamento de câncer.

O câncer é a segunda causa de morte no Brasil entre as mulheres, ficando logo atrás de causas como acidentes automobilísticos e assassinatos. O locus de controle da saúde refere-se à percepção das pessoas sobre quem controla a sua saúde, se ele mesmo (controle interno), outras pessoas (médico, família, etc.) ou o acaso. Estudos têm demonstrado que a prevenção e os cuidados com a saúde estão relacionados com a internalidade e crenças nos outros poderosos mais altas e baixas crenças no acaso como controlador da própria saúde. Assim, este estudo pretendeu verificar as percepções e comportamentos preventivos relativos à saúde em geral e ao carcinoma mamário em mulheres em tratamento no Hospital do Câncer de Uberlândia (MG), visto que há um crescente número de mulheres desenvolvendo câncer. Participaram do estudo 83 pacientes na faixa etária de 17 a 77 anos, dentre as quais 53% tinham o câncer de mama e 47% apresentavam outros tipos de câncer tais como, no útero, na bexiga, nos ossos, na tireóide, etc. Como instrumento de coleta de dados utilizou-se um roteiro de entrevista semi-estruturada com 30 questões e aplicou-se a escala de locus de controle da saúde, composta de 18 itens. Ao final das respostas, o entrevistador mantinha um diálogo distrativo para se certificar do bem-estar emocional das respondentes. Para análise dos dados quantitativos foi utilizado o programa SPSS e fez-se análise do conteúdo das questões abertas. Os resultados indicaram que 47,2% das mulheres consideravam-se saudáveis, com problemas eventuais, apesar da gravidade da doença que possuem; 80% sabiam o que é o auto-exame das mamas; 24,1% realizavam-no semanalmente; 26,5% nunca o realizaram; 54,2% disseram não realizar o auto-exame por comodismo e 44,6% por medo de descobrir um nódulo; apenas 45,8% eram aconselhadas por familiares a realizá-lo; 97,6% achavam importante que a mulher conhecesse o próprio corpo, mas apenas 77,1% procuravam fazê-lo; 73,5% já haviam realizado a mamografia; 94% acreditam que o auto-exame e mamografia são métodos de diagnósticos eficazes; 98,8% disseram que as mulheres devem ter uma religião e 56,6% acreditam na cura do câncer mediante tratamento. Em relação ao locus de controle da saúde observaram-se crenças mais altas na internalidade ($M = 22,27$) e nos outros poderosos ($M = 22,02$), seguindo-se a crença no acaso como controlador da saúde ($M = 19,4$). Os escores nas escalas de locus de controle da saúde foram correlacionados com o nível de escolaridade, observando-se que quanto mais baixo o grau escolar, maior a crença em fatores externos para a saúde, podendo ser outros poderosos (médicos, familiares, etc) ou o acaso. Observou-se também que quando a mulher já teve câncer numa mama, maior a frequência de auto-exame e mamografia na outra mama, entretanto as mulheres com outros tipos de câncer não têm essa preocupação e muitas não realizam os exames preventivos. O conjunto dos resultados sugere a carência de informações que as pacientes têm em relação ao câncer de mama e à importância da prevenção, principalmente neste grupo com baixos níveis de escolaridade e de renda.

Aline Ferreira Queiroz; Elson Kagimura; Pablo Fernando Souza Martins; Vanessa Fernandes de Medeiros; Romulo Frattari; Wesley Nazareth Souto.

Universidade Federal de Uberlândia.



Câncer e Gênero.

Este projeto visa identificar junto a pessoas com câncer e em tratamento (quimioterapia, radioterapia e hormonioterapia), as influências da concepção de gênero no enfrentamento da doença. O diagnóstico de câncer é uma crise vital e significativa ao indivíduo e à família, os quais passam a vivenciar situações novas que exigem redefinições, formas de enfrentamento, mudanças no funcionamento familiar e períodos extensos de adaptações. Papéis pré-determinados e imposições sociais determinam como homens e mulheres devem comportar-se diante da dor, física e psíquica, bem como da doença. Sabe-se que as escolhas das estratégias de enfrentamento têm relação direta com adaptação psicossocial. Como o tratamento de câncer impõe modificações na dinâmica psicossocial do indivíduo, muitas vezes ele fica impossibilitado de cumprir tarefas estabelecidas até o momento, podendo assim, desencadear conflitos emocionais e reações psíquicas associadas a crenças e padrões de comportamento, que inibem a participação ativa do paciente em seu tratamento. Estudos nas áreas da Psiconcologia e da Psiconeuroimunologia relacionam à baixa condição imunológica provocada por outras doenças, estados profundos de desânimo como fatores de risco, ressaltando o papel das variações psicológicas e comportamentais no desenvolvimento do câncer. Esta pesquisa será caracterizada como de natureza qualitativa propondo descrever e compreender o processo do indivíduo no enfrentamento do câncer, utilizando para isso uma entrevista semidirigida e o Inventário de Estratégias de Enfrentamento de Folkman e Lazarus.

Marcelo Márcio Siqueira Gianini.

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – Puc-SP.



"Candidatos a programas de trainee: Levantamento preliminar de critérios para empresas".

Levantamento das práticas adotadas nos programas de trainee para conhecer como se encontra no Brasil, o programa que visa identificar, desenvolver e reter os talentos de alto desempenho que se constituirão nos executivos do futuro, aspecto que se mistura, na essência, com a própria sobrevivência da empresa. Através de questionários enviados aos responsáveis pela condução dos programas de trainee, foi possível esboçar o que se constitui o objetivo do programa, as práticas adotadas na identificação do jovem talento, o desenvolvimento, a carreira, os resultados e os problemas. Analisando os resultados foi possível identificar aspectos relevantes que podem sinalizar as probabilidades de sucesso ou insucesso de um programa. Para isto, entretanto, deve-se levar em consideração que o investimento se justifica quando é possível reter o profissional pós-programa na estrutura executiva da organização, atendendo ao plano de expansão ou de sucessão, promovendo assim, um desenvolvimento empresarial sustentado.

Marcel Ferrada.

Talent Pool Consultoria em Recursos Humanos.



Capacitação de adolescentes como agentes multiplicadores.

A Universidade de Caxias do Sul – UCS, tem clareza de seu papel social e de que, investir em ações preventivas e educativas é, sem sombra de dúvida, o que mais retorno pode trazer à sociedade. Isso torna-se mais relevante quando se trata de investir na qualidade de vida de adolescentes, buscando promover um desenvolvimento saudável e, desta forma, prevenindo o surgimento de quadros de desajustes de natureza social, cognitiva, motora, emocional. Capacitar adolescentes para que se tornem agentes multiplicadores de informações, relacionadas à sexualidade, dentro das suas próprias instituições de ensino é uma das ações que vem sendo desenvolvida dentro do Serviço de Psicologia Aplicada da UCS, através do Programa SOS Adolescente, oferecendo um espaço para que os jovens construam, coletivamente, novos conhecimentos, enfatizando a promoção de estilos saudáveis de vida para um desenvolvimento mais salutar. Entende-se que, com essa iniciativa, os adolescentes, além de serem privilegiados com um espaço que possa ir ao encontro de suas expectativas, sanando dúvidas relacionadas com um dos temas tão presente e conflitante nesta faixa etária, como a sexualidade, possa também desenvolver-se e reconhecer-se como agente de transformação, participando e atuando para a construção de uma sociedade mais saudável.

Maria Elisa Fontana Carpena.

Universidade de Caxias do Sul – UCS.



Características e Demandas da População Atendida no Centro Universitário de Psicologia da Universidade do Oeste Paulista.

Esta investigação foi desenvolvida junto ao Centro Universitário de Psicologia (CEUP) da Unoeste, em Presidente Prudente, SP. O CEUP é uma clínica -escola de Psicologia na qual alunos atendem pessoas da cidade e região. Sabe-se pouco, em geral, acerca do perfil da clientela de instituições que oferecem atendimento psicológico gratuito; é o caso também do CEUP. Tal conhecimento pode ser útil quando da elaboração de estratégias de intervenção clínica que visem tornar a instituição cada vez mais eficiente e ágil no atendimento à comunidade e mais adequada em seu papel de agente formador do futuro psicólogo. O estudo representa, também, uma contribuição subsidiária à análise da questão da saúde mental coletiva. Os objetivos da pesquisa foram: 1) caracterizar o usuário do CEUP em termos de seu perfil psicossocial; 2) caracterizar o usuário em termos da problemática psicológica por ele apresentada quando de sua chegada na instituição; e 3) analisar os seguintes aspectos: duração do atendimento, desligamentos efetuados e meios pelos quais o cliente teve acesso ao CEUP. A investigação valeu-se de levantamento documental junto às fichas de triagem dos 180 casos atendidos durante o primeiro semestre de 2001. Os dados foram analisados considerando-se as pessoas atendidas agrupadas por sexo, por grau de escolaridade e em três categorias de desenvolvimento: crianças, adolescentes e adultos. Foram examinados: profissões dos usuários, formas pelas quais o atendimento foi procurado, período de duração do mesmo e número e motivos dos desligamentos efetuados. A partir das queixas relatadas nas fichas, diferentes problemáticas psicológicas foram listadas e agrupadas em categorias mais amplas que foram analisadas considerando-se sexo e as três categorias de desenvolvimento. A seguir, alguns resultados. Mulheres adultas foram quem mais procurou atendimento, seguidas por crianças do sexo masculino. Adolescentes foram os que menos procuraram atendimento. A maioria das crianças tinha entre sete e nove anos, dos adolescentes, entre 13 e 14 e, dos adultos, entre 19 e 40 anos. A escolaridade, nos adultos, estava concentrada no primeiro e segundo graus completos. Entre crianças e adolescentes de ambos os sexos predominaram problemas emocionais e de comportamento: ansiedade especificada ou generalizada, dificuldades de atenção, perturbações no funcionamento social e na organização da atividade. Entre os meninos e adolescentes homens, houve, ainda, muitas queixas quanto à aquisição de habilidades escolares e a retardo mental. Entre adultos de ambos os sexos, predominaram problemas relacionados a ansiedade generalizada, ou combinada a indícios de depressão, ansiedade quanto a ajustamento a mudanças de situação de vida (entre os homens) e medos intensos especificados ou não (entre as mulheres). Entre estas, houve também predomínio de problemas caracterizados como estados depressivos e aqueles relativos a relacionamento familiar. Os resultados permitiram uma discussão reflexiva sobre as práticas em Psicologia Clínica atualmente desenvolvidas no CEUP.

Inês Amosso Dolci; Marilandes Ribeiro Braga.

UNOESTE.



Caracterização da mulher depressiva internada na rede de saúde pública da cidade do Recife: aspectos psicossociais.

O presente trabalho, que faz parte de uma investigação maior, objetivou traçar o perfil da mulher depressiva internada nos hospitais psiquiátricos de Recife que atendem a demanda da rede de saúde pública da cidade, bem como verificou quais os fatores psicossociais de risco de depressão para essas mulheres. Optou-se por uma metodologia quantitativa e descritiva. O instrumento utilizado foi uma ficha de inserção de dados elaborada para atender os objetivos, e que foi preenchida a partir dos dados encontrados nos prontuários pertencentes a 4 dos 6 Hospitais Psiquiátricos que atendem aos 6 Distritos Sanitários Municipais. Foram obtidas, 114 fichas com os dados das pacientes. Utilizamos como base para o diagnóstico de depressão os critérios do CID9 e CID10 (Classificação Internacional de Doenças). Os aspectos psicossociais investigados foram: faixa etária, nível de instrução, estado civil, se tem companheiro, se é mãe, quantidade de filhos, localidade (bairro), religião, profissão, antecedentes familiares psiquiátricos, usuária de drogas, familiar usuário de drogas e/ou alcoolista e tratamento psiquiátrico anterior, entre outros. Os resultados obtidos mostram que grande parte das mulheres internadas no ano de 2001 apresentava idade de 41 a 50 anos, de nível escolar de primeiro grau incompleto, eram solteiras e mães, com procedência do interior do estado de Pernambuco, de religião católica e donas de casa, que possuem antecedentes familiares psiquiátricos. Destas mulheres, a maior percentagem de diagnósticos, 42,8%, foi de Transtorno afetivo bipolar (CID10- F31) e 14,3% tinham diagnóstico de Episódios depressivos (CID10- F32). Foi constatado também, que uma quantidade relevante (12,3%) dessas mulheres, haviam adoecido um pouco antes, durante ou logo após a gravidez.

Cabral, M.M.C; França, L.S.R; Araújo, P.M.



Caracterização da violência doméstica contra crianças e suas conseqüências psicológicas.

A escolha do tema “Violência Doméstica” foi resultado de reflexões sobre o mundo atual, sobretudo pela importância do fenômeno em nosso meio e pelas implicações psicológicas para as vítimas. A questão da violência é um ultraje e um desafio social que demanda respostas corajosas e atitudes concretas e é neste sentido que se inscreve este trabalho. Neste sentido, foram determinados alguns objetivos que nortearam este trabalho: a caracterização da infância vitimizada no contexto intra-familiar e suas principais implicações psicológicas. Configurando inicialmente as características gerais das crianças vitimizadas e, posteriormente, a análise dos danos psicológicos como conseqüência da violência doméstica, procura-se demonstrar quem são estas crianças, suas famílias, os agressores e o que cada tipo de violência pode ocasionar. Os textos apresentados, que abordam de diferentes formas a essência das violências, são revestidos de qualidade científica e teórica e representam uma reflexão sobre a sociedade, o ser humano e o ambiente. A metodologia utilizada foi a análise do material fornecido pelo CRAMI (Centro Regional de Atenção aos Maus Tratos na Infância do ABCD Paulista), constituído de 34 prontuários de atendimentos psicológicos realizados em crianças vítimas de violência doméstica. Estes prontuários continham entrevistas sociais realizadas junto às famílias das vítimas, dados da notificação da denúncia, entrevistas psicológicas, anamnese e testes psicológicos devidamente analisados e interpretados. Para a realização da pesquisa, foram realizadas três visitas ao CRAMI, onde os dados foram coletados diretamente dos. Os dados coletados foram: número do prontuário, nome (iniciais), idade, sexo e escolaridade da criança, nome (iniciais), idade e profissão de ambos os genitores, os notificantes, o grau de parentesco dos agressores e suas respectivas idades e o tipo de violência cometida. Os resultados encontrados mostram que 68% dos casos analisados são de violências perpetradas contra crianças do sexo feminino. Dos 16 casos de violência sexual encontrados, 13 foram contra meninas. Outro dado importante é a presença do fracasso escolar, uma das conseqüências psicológicas apontadas na literatura consultada e verificada nesta pesquisa (15% das crianças com 1 ano de atraso escolar e 3% com 2 anos). A média de idade das vítimas foi de 8 anos. Também foi observada a baixa escolaridade dos genitores (41% dos genitores e 47% das genitoras possuem o 1º grau incompleto). Dados de literatura mostram que esta situação pode estar relacionada à dificuldade de colocação no mercado de trabalho, sendo este um fator de estresse que pode gerar violência intra-familiar. Notou-se também uma predominância de agressores que têm para com as vítimas algum grau de parentesco (27%), revelando assim a necessidade de proteção no âmbito familiar. Pode-se notar também que as genitoras cometem mais agressões físicas nos filhos, principalmente do sexo feminino. Observou-se que 47% das ocorrências foram de violência sexual e 38% de violência física. Quanto às conseqüências psicológicas apontadas nos exames psicológicos, foram observadas relutância em estabelecer contato com o meio social, receio nas relações interpessoais, sentimentos de medo, culpa, inferioridade, insegurança e agressividade. Estudos longitudinais podem ser úteis para a compreensão dos efeitos que a violência doméstica contra crianças pode gerar.

Luciana Mosconi; Viviane Medeiros de Souza; Cláudio José Cobiانchi; Paulo Rogério Morais.

Universidade Braz Cubas – Mogi das Cruzes – SP.



Caracterização das medidas terapêuticas adotadas nos tratamentos com Mulheres depressivas atendidas na rede de saúde pública do Recife.

A presente pesquisa teve por objetivo verificar as medidas terapêuticas utilizadas no tratamento das mulheres depressivas atendidas na Rede de Saúde Pública do Recife. Para atender ao proposto, adotou-se uma metodologia quantitativa e descritiva. Colheram-se os dados referentes às pacientes depressivas nos prontuários utilizados pelas instituições ambulatoriais da Rede Pública. Foi elaborada uma ficha de inserção de dados para a coleta dos dados presentes nos prontuários e considerados relevantes à investigação. A pesquisa cobriu todos os Centros de Saúde que prestam serviço psiquiátrico e um NAPS (Núcleo de Apoio Psiquiátrico) pertencentes aos 6 Distritos Sanitários Municipais. A amostra refere-se às mulheres depressivas assistidas no ano de 2001. Foi coletado um total de 1.147 fichas, das quais 57% são de mulheres que apresentam diagnóstico de depressão, de acordo com os CID9 e CID10 (Classificação Internacional de Doenças). Sendo que destes 57% dessas fichas, 7% foram diagnosticadas com outros Transtornos do Humor. As outras 43% fichas não continham nenhum diagnóstico, mas foram classificadas como, prováveis diagnósticos de depressão, levando-se em consideração os sintomas apresentados por essas mulheres e as medidas medicamentosas e terapêuticas utilizadas no tratamento. Em alguns casos, uma mulher apresentou mais de um diagnóstico de Transtornos Depressivos. Dos 57% de fichas, a maioria, 46% tiveram diagnóstico CID9-300.4 (Transtorno distímico), seguidos por 20,2% com o diagnóstico CID9-311 (Transtorno Depressivo sem outra especificação). Dentre os medicamentos prescritos a essas mulheres, constatou-se que 71,7% são Antidepressivos, seguidos de 55,7% referentes a Ansiolíticos. Um total de 13% das fichas constata a orientação para medidas terapêuticas durante o tratamento, a medida que, 4,3% traz informações de internamento prévio dessa mulher para tratamento. Foi calculada, a partir de dados obtidos, em 3,3 a média de quantidade e reincidência de atendimentos dessas pacientes, na Rede ambulatorial, ao longo do ano de 2001.

Cabral, M.M.C .; Barreto, A. F .; Dornellas Camara, M.L.A .

Universidade Católica de Pernambuco/UNICAP.



Caracterização de depressão em mulheres obesas do ‘projeto de peso’ do Cepas (USM).

O objetivo deste trabalho foi caracterizar a depressão em mulheres obesas atendidas no “Projeto de Peso” do Cepas (USM). Método: 49 pacientes (mulheres adultas) com índice de massa corporal (I.M.C.) > 30 kg/m², constituiu o chamado “grupo de obesas”. Os resultados foram comparados com um grupo de 42 mulheres adultas com I.M.C. entre 18,5 e 24,99kg/m², convidadas individualmente pelo grupo de obesas. A este grupo denominou-se “grupo de eutróficas”. Para a avaliação da depressão foi utilizado o Inventário de Depressão de Beck (B.D.I.). O B.D.I. é constituído por 21 itens, que incluem sintomas e atitudes. Os itens referem-se à tristeza, pessimismo, sensação de fracasso, falta de satisfação, sensação de culpa e punição, crises de choro, irritabilidade, retração social, indecisão, distorção de imagem corporal, inibição para o trabalho, distúrbio do sono, fadiga, perda de apetite, perda de peso, preocupação somática e diminuição da libido. A soma total dos pontos do B.D.I. diagnostica a depressão em: ausência de depressão, depressão leve, moderada e grave. Porém para a análise dos resultados os diagnósticos leve, moderado e grave foram agrupados na categoria “presença de depressão” e estudados a partir das variáveis grupo e faixa-etária. Posteriormente a categoria “presença de depressão” foi considerado da maneira que é proposto no B.D.I. e estudado de acordo com a frequência absoluta (n) e relativa (%), segundo a variável grupo. Para a análise dos resultados utilizou-se o teste não-paramétrico do qui-quadrado ($p < 0,05$). Resultados: Os resultados mostraram diferenças estatisticamente significativas, as mulheres obesas apresentaram mais depressão quando comparadas às eutróficas. Além disto, houve uma maior prevalência (77,5%) de mulheres obesas na faixa-etária > 40 anos com depressão quando comparadas às < 40 anos - 22,5%. Conclusão: O estudo aponta a correlação entre obesidade e depressão e enfatiza a importância de trabalhos psicológicos para minimizar os danos emocionais da obesidade.

Sandra Ozeloto Lemes; Ana Luíza R. Fernandes; Mauro Fisberg.

Universidade São Marcos (USM).



Caracterização do agressor que cometeu violência sexual.

No Brasil encontra-se grande dificuldade na obtenção de dados oficiais sobre as notificações de violência doméstica, principalmente a sexual cometida contra crianças e adolescentes, que acaba por ser silenciada para não alterar a homeostase familiar. Objetivo: Apresentar as características do agressor que cometeu a violência sexual doméstica contra crianças e adolescentes, cujo caso foi encaminhado a um dos sete Conselhos Tutelares pesquisados (Sé, Móoca, Tucuruvi, Vila Prudente, Ipiranga, São Matheus e São Miguel Paulista) no ano de 2000. Metodologia: Retrospectiva-documental de consulta aos prontuários e preenchimento de uma ficha de dados previamente elaborada. Resultados: Trabalhou-se com os 25 casos registrados, sendo 64% de estupros, 12% de atentado violento ao pudor, 8% de assédio sexual, 8% de atos libidinosos, 8% de prostituição. Quanto ao gênero dos agressores, 88% eram homens, 8% mulheres e em um dos casos o casal cometia a violência. Em relação ao vínculo com a família, 84% eram parentes, 12% conhecidos e em 4% dos prontuários esse dado não constava. Entre o abuso cometido por parentes, encontrou-se a seguinte distribuição: pai (58%), seguida das figuras representativas de autoridade no núcleo familiar – padrasto, padrinho, tio (9% cada), irmão (5%), mãe (5%) e mãe/padrasto (5%). Em 64% dos casos não constava a idade do agressor; em 20% a idade variava entre 31-40 anos, em 8% entre 41 e 50% e em 4% dos casos o agressor tinha menos de 21 anos ou mais de 50 anos. Dados referentes ao trabalho, profissão, escolaridade não puderam ser considerados pois não constavam em mais de 80% dos prontuários. Os possíveis fatores predisponentes não constavam em 64% dos prontuários, em 28% apareceu o uso de álcool, em 4% o uso de drogas e em 4% o uso de álcool e drogas. Em 28% dos casos a dinâmica familiar foi descrita como conflitiva, em 24% havia histórico de separação conjugal e em 48% essa informação não constava. A denúncia foi efetivada pelas Instituições (28%), pelas mães (20%), pelas próprias vítimas (16%), por pessoas que não se identificaram (16%), pelo pai (8%), por pais, parentes e outros (4% cada). Conclusão: As figuras parentais são as que mais cometem ou são coniventes com o abuso sexual, tornando-se necessário que os agentes de saúde e a comunidade possam conhecer as características de risco e denunciar.

Juliana Aparecida de Oliveira; Rita Aparecida Romaro.

Universidade São Francisco; CNPq; PIBIC.



Caracterização populacional: bebês de risco atendidos no Centro de Psicologia Aplicada (UNESP-Bauru).

O projeto "Acompanhamento do desenvolvimento de bebês de risco: avaliação e orientação aos pais", vem acontecendo no Centro de Psicologia Aplicada da UNESP de Bauru, desde 2000, refletindo sobre a importância do trabalho preventivo no desenvolvimento de bebês de risco. As mães identificadas na maternidade Santa Isabel de Bauru, são convidadas a participarem do referido projeto, segundo as condições: bebês prematuros (com menos de 37 semanas de gestação), com mal-formação, com baixo peso (menos 2500 g), com história de infecção materna e/ou filhos de mães adolescentes. O objetivo do presente estudo foi caracterizar a população que tem usufruído deste serviço e a sua participação no mesmo. Neste projeto, monitora-se o desenvolvimento dos bebês até completarem 12 meses, através da aplicação da "Escala de Desenvolvimento do Comportamento da Criança no Primeiro Ano de Vida" (Pinto, Vila Nova & Vieira, 1997), e orienta-se os pais em como proceder para melhor otimizá-lo. Os resultados mostraram que, até o presente momento, participaram 56 bebês, sendo 70% do sexo masculino e 30% feminino. Enquanto condição de risco responsável pelo encaminhamento, temos 34% de prematuros, 23% baixo peso, 23% filhos de mães adolescentes e 20% devido a fatores diversos. Observou-se que o índice de desistência aumenta no decorrer do crescimento da criança: 79% dos bebês realizaram a primeira avaliação, 30% a sexta, e 16% a última. Este dado é reforçado pela informação que dos 26 bebês que abandonaram o projeto, 25 chegaram no máximo até a quinta avaliação. Atualmente, estão em atendimento 30 bebês, sendo 70% do sexo masculino e 30% feminino. Os dados apresentados confirmaram os dados da literatura de que os bebês do sexo masculino são mais suscetíveis a condições adversas neste período do desenvolvimento. Observa-se também que os meninos permanecem mais tempo no projeto. A desistência que ocorre após a quinta avaliação, na maioria dos casos está provavelmente, atrelada ao bom desempenho que o bebê apresenta nas avaliações mensais, sendo realizadas na presença dos pais.

Nathalia Diniz Guerra Charret Ferreira; Olga Maria Piazzentin Rolim Rodrigues; Tânia Gracy Martins Do Valle; Lígia Ebner Melchiorre; Érika Pataro Marsola.

UNESP.



Caracterização Psicossocial das Mulheres Depressivas Atendidas na Rede de Saúde Pública do Recife.

Esta pesquisa faz parte de uma investigação maior e teve como objetivo traçar o perfil psicossocial das mulheres depressivas atendidas ambulatorialmente, na rede saúde pública da cidade do Recife. A pesquisa cobriu todos os Centros de Saúde que prestam serviço psiquiátrico e um NAPS (Núcleo de Apoio Psiquiátrico) pertencentes aos 6 Distritos Sanitários Municipais. A amostra foi composta por todas as mulheres com diagnóstico ou com suspeita de diagnóstico de depressão, atendidas no ano de 2001, nos ambulatórios municipais de Recife, que ofereceram serviço de psiquiatria. Utilizou-se a Classificação Internacional de Doenças (CID 9 e CID 10) para tipificação dos diversos tipos de depressão. Os aspectos psicossociais investigados foram: faixa etária, nível de instrução, estado civil, se tem companheiro, se é mãe, quantidade de filhos, bairro de onde provém, religião, profissão, antecedentes familiares psiquiátricos, usuária de drogas e/ou álcool, familiar usuário de drogas e/ou alcoolista, perda significativa de parente, problemas conjugais e/ou familiares, familiar com doença grave, aborto, abuso sexual, tentativa de suicídio, menopausa, tratamento psiquiátrico anterior e sintomatologia. Foi elaborado um instrumento (ficha) para coleta de dados que foram retirados dos prontuários destas mulheres nos diversos ambulatórios municipais. Os dados obtidos foram catalogados no Programa Estatístico para Ciências Sociais (SPSS8). Das 1147 fichas coletadas, um total de 57% apresentou um diagnóstico de depressão ou transtorno de humor, os outros 43% não continham um diagnóstico em seu prontuário, mas através de outros dados encontrados nas fichas, tais como sintomas e medicamentos, foram considerados como de prováveis mulheres depressivas. Os resultados mais significativos traçam o seguinte perfil: Uma mulher de 41 a 60 anos, casada, que tem companheiro e vive na área referente ao Distrito V. Seus principais sintomas são: afetivos e alterações da esfera instintiva e neurovegetativa. Outros dados não puderam ser bem representados devido a suas escassez nos prontuários médicos.

Clarissa R. S. DE Farias Neves; Daniela Medeiros Maranhão; Maria das Mercês Cavalcanti Cabral.

PIBIC; Universidade Católica de Pernambuco; FACEPE; CNPq.



Cárcere e Qualidade de Vida: Possibilidades de Atuação do Psicólogo no Presídio.

A segregação social, o estigma e a privação da liberdade podem acarretar graves conseqüências na vida de uma pessoa, tais como: um distanciamento da relação familiar, perda de projeto de vida, depressão, entre outros tipos de sofrimento que levam para um estranhamento do próprio eu. O trabalho no presídio ocorreu por conta do estágio de Psicologia Institucional, com a ala feminina e a partir do conhecimento da estrutura do presídio e dos relatos dos presos, constatamos a necessidade de promover o mínimo de qualidade de vida, dentro do que é possível nesse espaço. Sendo assim, traçamos como objetivo minimizar os efeitos da institucionalização, fazendo encontros de grupos semanais onde nos foi apontada a necessidade de alguma atividade prática que ocupe parte do espaço do dia. As presidiárias escolheram aprender bijuterias e então organizamos tal oficina para possibilitar a elas não uma simples ocupação, mas uma possibilidade de geração de renda, ao mesmo tempo que uma reestruturação do projeto de vida. Para isso, fizemos contatos externos com fontes financiadoras para a oficina e outras instituições para o auxílio de situações mais emergentes e a possibilidade de continuação do projeto através do financiamento do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT). Tivemos como resultado a instalação da oficina com materiais doados e uma professora voluntária. Através de encontros semanais, auxiliamos na resolução de conflitos internos e procuramos estabelecer uma rede atenção mais qualificada, com o atendimento do serviço social e em ambulatórios.

Doraci Weber Kraemer; Fabiana Gonçalves Felix Maciel; Álvaro Luiz de Aguiar.

Universidade Regional de Blumenau.



Cartografia de um estabelecimento de Assistência à infância e adolescência em situação de risco pessoal e social.

O objetivo da presente pesquisa é elaborar uma cartografia de um estabelecimento de assistência à infância e adolescência em situação de risco pessoal e social, em uma cidade do interior do estado de São Paulo. Foi realizada pesquisa em arquivos do estabelecimento, levantamento bibliográfico a respeito da produção sócio- histórica da infância no Brasil, das políticas públicas, bem como da Análise Institucional. Realizou-se também, entrevistas abertas com educadores, pais e clientes do estabelecimento. Para falarmos da criação desse estabelecimento, devemos registrar que na década de setenta se produziu na sociedade brasileira, a criança e o adolescente, como figuras perigosas para o desenvolvimento do Estado e da nação. Eram os "menores", ou seja, a infância pobre que utilizava os espaços urbanos como forma de sobrevivência, fosse guardando carros, vendendo flores ou chicletes. O SAM (Serviço de Atenção ao Menor) criado em 1940 era tido como uma instituição que praticava maus tratos nos internos, e apesar deste fato, o mesmo não foi extinto na época. Posteriormente extingue-se essa instituição por volta da década de sessenta e cria-se Funabens e Febens como políticas de internamento e reclusão para os adolescentes que "desviavam" das regras homogeneizantes da sociedade. Estes foram transformados em indivíduos ociosos, perigosos e criminosos, condições estas reafirmadas pelo Código de Menores, que previa a "detenção" para a regeneração destes. Nesse contexto histórico é que um frei e um juiz de uma pequena cidade do interior paulista, preocupados com crianças e jovens de "rua", decidem criar um centro de atendimento a essa população, voltado para o objetivo de profissionalizá-los para o mercado. Para tanto se oferece oficinas de marcenaria e vime e posteriormente bordados para as meninas. As literaturas relacionadas a essas crianças e adolescentes mostram que desde o século passado havia essa preocupação em profissionalizar os pobres, dando-lhes atividades em que usassem as mãos e o pensamento para que não cometessem atos considerados ilegais e imorais. Foi ao longo do tempo, institucionalizando e burocratizando essas práticas, que hoje este estabelecimento visa o atendimento de toda a população pobre de crianças e jovens da cidade. Estes por sua condição de pobreza passaram a ser vistos como futuros problemas para o município, pois poderiam se envolver em furtos, drogas, mendicância, prostituição e situações de risco em geral. O estabelecimento foi se tornando também uma instituição de normatização das condutas, quando permitiu a entrada de estagiários de psicologia, psicopedagogia e profissionais que usavam as experiências com as crianças e adolescentes para fazerem suas dissertações de mestrado e doutorado. Estes passaram a institucionalizar essas crianças e adolescentes, como de risco pessoal e social, e com problemas de aprendizagem e psicológicos, criando assim novas demandas através da mediação de uma certa psicologização das relações sociais. Nossa pesquisa/intervenção pretende instituir, através do referencial da Análise Institucional, o rompimento junto ao coletivo (pais, educadores e crianças) da burocratização dessas relações e do processo de guetificação, a qual essa população acabou por ser subjugada.

Soraia Georgina Ferreira de Paiva Cruz; Danilo Lima Tebaldi; Juliana Uesono; Marina Bevilacqua Alves de Lima; Paula Ione da Costa Quintero Fiocchi.

Universidade Estadual Paulista.



Cartografia dos serviços em Saúde Mental oferecidos pela rede pública de Saúde da Grande São Paulo: uma proposta de redes de apoio.

A diferenciação da demanda (em termos de queixas e da quantidade da clientela) que chega ao Serviço de Aconselhamento Psicológico (SAP-USP) tem apontado a necessidade de cadastramento de serviços na rede pública de saúde mental para o encaminhamento dessa clientela. As últimas modificações em termos de políticas públicas desmontaram o sistema de saúde, e em específico o de saúde mental. Isso coloca em questão a falta de pessoal no setor de Saúde Mental na rede pública, incluindo o próprio SAP. Objetivo: cartografar os serviços em saúde mental da Grande São Paulo, visando a um melhor entendimento da rede pública de Saúde mental e construção de uma rede de apoio, o que facilitará os encaminhamentos da clientela que procura o serviço. Esperamos também, com esse trabalho, criar um diálogo aberto entre o SAP-IPUSP e a rede pública de saúde mental da Grande São Paulo. Metodologia: O trabalho será desenvolvido por meio de visitas dos estagiários às instituições, realização de entrevistas e observações nesses locais. Numa fase posterior, será realizado um trabalho de análises dos depoimentos coletados pelos profissionais entrevistados. Resultados parciais: Como primeiras impressões, podemos destacar o contraste entre as condições estruturais dos equipamentos, desde umidade e infiltrações em alguns hospitais, à boa conservação em outros. Os profissionais, em sua maioria, dedicam-se em boa medida ao atendimento dos pacientes, adaptando-se às condições que lhes são oferecidas. Portanto, se num primeiro momento, a falta de aparelhagem e pessoal parecem ser empecilhos a um trabalho de qualidade a ser desempenhado, por outro, podemos observar que a equipe de trabalho se utiliza de inteligência e "jogo de cintura" para lidarem com a escassez. Nenhum hospital possui a TLP (tabela de lotação de pessoal) completa, porém, todos, com exceção de apenas um (dos 8 visitados), possuem psicólogos, terapeutas ocupacionais, assistentes sociais, enfermeiras, estagiários e psiquiatras. Suspeitamos que isso se deva ao recente desmonte do PAS (Plano de Atendimento à Saúde), realizado no início do segundo semestre de 2001, já que até o momento não foram realizados concursos públicos suficientes para repor o quadro de funcionários.

MORATO, Henriette Tognetti Penha; HASHIZUME, Cristina .Miyuki ; SNIKER, Breno Herman.; SILVA, Mario César; COSTA, Sinara Aparecida.

Universidade de São Paulo.



Casa das Crianças: uma experiência participativa.

A experiência profissional que ora se apresenta foi desenvolvida junto ao Instituto Ambar, organização não governamental cujo objetivo é desenvolver uma rede de Casa das Crianças através de metodologia padronizada, estruturada, replicável e regida por quatro valores fundamentais: alteridade, diálogo, cidadania e soberania. De acordo com esta metodologia a implantação da Casa das Crianças se concretiza a partir de quatro fases, quais sejam: diagnóstico e sensibilização da comunidade; formação do grupo de gestão; fortalecimento da participação local e produção da gestão autônoma da Casa. Com tais pressupostos este projeto só é viável através da participação autêntica e efetiva do grupo envolvido, construída cotidianamente na relação com os educadores. Para além das ações desenvolvidas junto às crianças e aos adultos e, considerando-se fundamental o investimento geracional, realizei durante dois anos uma ação educativa junto ao grupo de adolescentes atendido pelo projeto. Nessa intervenção procurou-se através de estratégias prioritariamente lúdicas re-significar não só a experiência escolar e, portanto de relação com o conhecimento, mas também estabelecer uma cultura do diálogo visando uma apropriação por parte do grupo da capacidade de lidar com desafios próprios da adolescência. A utilização da linguagem lúdica como mediadora das relações mostrou-se apropriada uma vez que, através dela, começaram emergir comportamentos necessários para uma maior organização interna dos jovens: maior capacidade de concentração, disponibilidade para enfrentar e buscar superar desafios (jogos complexos). Evidenciou-se também a constituição de interações mais significativas dada à leveza das situações, a espontaneidade e presença real que o lúdico favorece. A permanente disponibilidade para o diálogo, o estabelecimento de uma rotina que garantia a previsibilidade dos encontros e a confiança de que o educador era continente às necessidades do grupo, foram a base para a efetiva constituição de um vínculo afetivo. Esse vínculo e a relação de confiança estabelecida propiciaram avançar na direção de uma relação mais prazerosa com a leitura e a escrita. Estas tornaram-se significativas uma vez que partiam de vivências tais como passeios, entrevistas com a comunidade, atividades enfim de interesse do grupo e que geravam pesquisas e finalmente a produção de um jornal comunitário. Como resultado desta intervenção pode-se destacar a efetiva constituição dos adolescentes como um grupo; o despertar da vontade dos mais novos de pertencer ao mesmo; a re-significação da relação com a leitura e a escrita e a valorização do diálogo. Esta etapa uma vez realizada possibilitou a introdução de uma nova fase, qual seja, a organização destes jovens em um fórum implantado com o propósito da aprendizagem da proposição de projetos condizentes com suas necessidades e de acordo com o recurso financeiro disponibilizado. O fórum está em andamento e já se iniciam ações mais articuladas com a comunidade, integrando-se projetos de interesse comum. A experiência relatada abre possibilidades de discussão sobre intervenções junto a adolescentes, destacando-se a necessidade de efetiva compreensão dos conceitos de diálogo, participação e vínculo afetivo, temáticas essas para as quais a Psicologia da Educação tem muito com que contribuir.

Adriana Miritello Terahata.

PUC / SP.



Casamento: lugar de transformações identitárias ou de manutenção de padrões já instituídos?

O objetivo principal deste trabalho foi compreender se as etapas do ciclo vital seriam favorecedoras de transformações identitárias. Nesse sentido, partiu-se de pressupostos que casamento e separação são mudanças radicais que levam a família a uma reestruturação. O método qualitativo foi utilizado, contando-se com a participação de um casal e seu filho adolescente. Estes foram entrevistados com o intuito de reproduzirem sua história. As entrevistas foram semi-estruturadas e contemplavam questões como: masculinidade, feminilidade, maternidade e paternidade na dinâmica familiar e conjugal. O resultado da pesquisa demonstrou que as etapas do ciclo familiar podem ser momentos de crise, mas que a transformação só ocorrerá se houver o encontro, a inter-relação entre os indivíduos, principalmente através do diálogo. Casamento e separação, por si só, não transformam, como o casal participante que demonstrou poucas transformações em relação às identidades pessoais, sugerindo uma re-posição de papéis. Nessa direção, a pesquisa apontou que grandes crises não são, necessariamente, favorecedoras de transformações identitárias.

Sônia Maria Motinho da Silva.



Centralidade do trabalho e síndrome de burnout para profissionais de saúde da cidade de Natal.

O trabalho tornou-se um valor central no mundo moderno e o emprego transformou-se na forma básica de inserção nesta sociedade, o que justifica na Psicologia Organizacional e do Trabalho, a frequência dos estudos sobre centralidade no trabalho. Esta consiste na atribuição de importância ao trabalho, comparando-o com as demais esferas de vida (família, lazer, religião e comunidade). No campo de estudos sobre saúde mental e trabalho, por sua vez, estudos anteriores identificam que profissionais de saúde, a exemplo de outros profissionais que desempenham atividades de serviços implicando em uma relação direta com o usuário, frequentemente apresentam como reação ao estresse no trabalho a síndrome de burnout. Esta síndrome caracteriza-se pela presença de sintomas de esgotamento emocional, diminuição da realização pessoal e despersonalização do outro ou ceticismo. Por estas razões, planejamos o presente estudo com os Profissionais de Saúde de hospitais públicos em Natal, objetivando examinar se a atribuição de centralidade ao trabalho por tais profissionais está associada a incidência da síndrome de burnout. Nossa amostra foi composta de 148 profissionais de saúde de várias formações: medicina, enfermagem, serviço social, odontologia, nutrição, psicologia e auxiliar de enfermagem. Os participantes responderam a questões estruturadas sobre centralidade do trabalho, sendo que em uma delas era solicitada uma avaliação absoluta da importância do trabalho, variando de 0 a 7; e na segunda, atribuía pontos, expressando a importância atribuída a cada uma das cinco esferas da vida, de forma que a soma total de pontos totalizasse 100. Aplicou-se também o MBI (Maslach Burnout Inventory), composto de 22 itens valorados segundo uma escala de Likert de 0 a 5. As respostas foram registradas em forma de banco de dados do SPSS for Windows (Statistical Package of Social Science) e, a partir das rotinas desse programa, desenvolvidas a análise estatística das respostas. Os resultados revelaram que, no que diz respeito à centralidade do trabalho, os profissionais de saúde acompanham outras amostras nacionais e internacionais, valorizando primeiramente a esfera familiar, seguida pelas esferas do trabalho, lazer, religião e comunidade. Na escala absoluta de centralidade no trabalho, a média de escores da amostra foi de 5,2, com desvio-padrão de 1,2 e 90,6% da amostra apresentaram escores a partir da mediana (4). No que diz respeito à síndrome de burnout, a amostra apresentou média de 2,4 em Exaustão Emocional, de 3,9 em Diminuição de Realização e de 1,8 em Despersonalização, além de que os desvios-padrões variaram de 0,52 a 0,64. Explorando as correlações entre os escores obtidos nos fatores da síndrome e os escores das duas medidas de centralidade, encontraram-se dois coeficientes estatisticamente significativos, ambas com a centralidade absoluta do trabalho, sendo uma com exaustão emocional ($r=-0,17$, para $p=0,05$) e outra, com despersonalização ($r=-0,17$, para $p=0,05$). Indicam, pois, que aqueles profissionais que tendem a atribuir mais importância ao trabalho tendem a apresentar menos exaustão emocional e despersonalização. Questiona-se, então: os profissionais de saúde que atribuem mais importância ao trabalho desenvolvem uma resistência maior ao estresse vivenciado no trabalho?

Pollyanna Carvalho de Siqueira Ge; Lívia de Oliveira Borges.

Universidade Federal do Rio Grande do Norte.



Centro de Atenção Psico-Social – CAPS.

É uma instituição de âmbito público municipal, localizado em Itajaí, SC, que atende pré-adolescentes (9 a 13 anos) e adolescentes (14 a 18 anos) em situação de risco social. Esta instituição foi fundada em junho de 2000 e sua equipe é composta, atualmente, por 18 profissionais. Dentre estes profissionais, encontra-se psicóloga, educadores sociais, pedagoga, professores de street dance, teatro, capoeira, e música, assistente social, médico, dentista, entre outros responsáveis pela manutenção e coordenação da instituição. O CAPS atende uma população flutuante, ou seja, o adolescente pode ir e vir quando quiser, não sendo obrigatória sua frequência. A média diária de adolescentes que passam pela instituição é de aproximadamente 20. Estes adolescentes se encontram em situação de risco social, e vulneráveis ao uso de substâncias psico-ativas, violências, contaminação por DST's / AIDS, entre outras questões que vivenciam quotidianamente. Neste sentido, o CAPS visa promoção de Saúde de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade à saúde física e mental decorrente do consumo de substâncias psicoativas, de práticas sexuais não seguras e da exclusão familiar e social. Acredita-se que atenção à criança e ao adolescente deve ser integrada e integral; a vulnerabilidade ao consumo e abuso de substâncias psico-ativas e às DST/HIV/Aids se insere numa constelação de situações danosas a saúde física e mental de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social; a exclusão familiar, escolar e social é o maior fator de vulnerabilidade à saúde de crianças e adolescentes; as crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social são seres plenos de potencialidades; a adolescência é considerada um momento crucial e característico do desenvolvimento humano. Para isso, preza-se por serviços de acolhimento, triagens, encaminhamentos e acompanhamentos para outros serviços de saúde e serviços de assistência social, educação e justiça da rede; atendimento psicológico individual e em grupo para crianças e adolescentes e seus familiares; intervenção de campo; atendimento médico-pediátrico; oficinas terapêuticas; oficinas lúdicas e artístico-culturais; grupo de alfabetização e reforço escolar; participação de Seminários, Fóruns e outros eventos técnico-científicos; realização de palestras e oficinas nas comunidades; realização de treinamentos para profissionais da rede, grupos de estudo, estágios na instituição para técnicos e profissionais externos e em outras instituições para técnicos e profissionais do CAPS. Através destas estratégias, proporciona-se melhoria da assistência e atenção prestadas a crianças e adolescentes pela rede de saúde, educação, justiça e assistência social; redução das situações de violência familiar, escolar e grupal vividas por crianças e adolescentes; redução dos danos físicos, psíquicos e sociais relacionados a exclusão sócio-familiar; diminuição das práticas sexuais não-seguras; diminuição do uso, abuso e dependência de substâncias psico-ativas e dos danos físicos, psicológicos e sociais associados; reinserção familiar, escolar e social; produção de material informativo e instrucional sobre o tema da atenção a crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social.

Greici Zanella Conteratto; Kelly Aparecida Fritzen; Verônica De Marchi.

Centro de Atenção Psico-Social – Itajaí, SC.



Centros de tratamento de dependentes de drogas: aspectos teóricos e técnicos.

O presente projeto tem como objeto de pesquisa os centros brasileiros que são considerados como referência no tratamento de dependentes de drogas. Pretende-se com este projeto contribuir para a formação e treinamento de profissionais de Saúde Mental que atendem usuários de drogas. A primeira fase do estudo limitou-se aos programas de tratamento da Cidade de São Paulo: PROAD, (programa de atendimento a dependentes), UNIAD (unidade de pesquisa em álcool e drogas) da UNIFESP e GREA (grupo interdisciplinar de estudos de álcool e drogas) da FMUSP. Trata-se de pesquisa de levantamento com caráter exploratório. Resultados parciais Os três programas estão vinculados a universidades públicas. Há atividades de assistência, ensino e pesquisa. O tratamento é oferecido para os dependentes, familiares em regime ambulatorial. Todos referem dificuldades financeiras para o desenvolvimento de suas intervenções. Ainda assim, os programas têm, nos últimos anos, ampliado e diversificado o campo de atuação no campo de pesquisa e de prevenção. Há um protocolo comum de triagem e seguimento adotado pelo PROAD, UNIAD e GREA. Segundo os entrevistados, Dartiu Xavier da Silveira (PROAD), Marcelo Ribeiro de Araújo (UNIAD) e André Malbergier (GREA) a orientação teórica e técnica são diversificadas e flexíveis. A orientação psicodinâmica, fundamentada na abordagem do psiquiatra francês Claude Olievenstein é característica do PROAD. O enfoque cognitivo comportamental, inspirado principalmente na abordagem do psicólogo G. Alan Marlatt, é adotado pelo GREA. A incorporação dos avanços das neurociências e da psicofarmacologia, psicoterapias, bem como a busca de alternativas para promover aderência ao tratamento esta presente nos centros estudados. Descritores: centros de tratamento, abuso de substâncias.

Manuel Morgado Rezende.

Universidade Metodista de São Paulo - UMESP.



Cidadania e educação com jovens assentados do interior da Paraíba.

Os assentamentos rurais são caracterizados por um grande contingente de pessoas advindas de realidades diferentes que se unem na busca de qualidade de vida, cidadania e moradia. Nesta diversidade, os jovens se apresentam como força mobilizadora na dinâmica de organização nos assentamentos. Trabalhamos com os jovens assentados em “Canudos” buscando desenvolver suas potencialidades através da reflexão centradas nas a suas experiências, representações e habilidades. Atuamos com uma metodologia técnico-vivencial, trabalhando o conteúdos que os mesmos consideravam como sendo críticos. Os encontros foram realizados no próprio assentamento, em que dependíamos também do movimento do assentamento como célula política mater, das famílias como mediadoras e dos jovens enquanto cidadãos em desenvolvimento. Na base da maioria das famílias notamos grandes dificuldades econômicas, educativas, de saúde, transportes e a submissão ao estigma de “Sem Terra”. Os jovens tinham espaço para falar sobre suas vidas, interesses e expectativas, como também para compreenderem a importância de falar e articular o próprio pensamento com representação do seu “EU”. No tocante as atividades cívicas, conseguimos algum avanço com a participação autônoma de alguns jovens em festividades através de uma peça teatral. O método fenomenológico da abordagem do trabalho comunitário é muito apropriado porque ele é inclusivo. Podemos através dele retroalimentar os contatos entre os grupos do assentamento e da academia, de forma revigorosa. Nesta relação de trocas de conhecimento e experiências, acreditamos que tanto o grupo de jovens do assentamento “Canudos” quanto o grupo acadêmico saíram mais reforçados e revigorados.

Sara Azevedo Gomes Campos; Karinne Melo Santiago de Lima; Orlando Júnior Viana Macedo; Isis Lima da Silva; Diomedes Paulo da Silva; Edinaldo Rosendo Barbosa; Gracy Wedja Alves Bulhões; Cláudio Maffioletti; Genaro Ieno Neto.

Universidade Federal da Paraíba.



Cidadania: exercício e construção do papel social.

O aprendizado sobre a Cidadania e sua prática representam uma condição social de convívio saudável e interação com o meio. De maneira lúdica e informal, o referido tema foi abordado como uma proposta de intervenção durante o ano letivo de 1999 junto a alunos matriculados na 2ª série do Ensino Fundamental de uma Escola Estadual localizada no interior do Estado de São Paulo. Participaram do trabalho 07 crianças com idades de 07 e 08 anos, considerando 05 do sexo feminino e dois do sexo masculino. Os materiais utilizados abrangeram o método quantitativo de avaliação, a considerar o pré e o pós-teste, além do método qualitativo, cabendo salientar as diversas atividades propostas, tais como o estímulo à criatividade e produção manual, expressão verbal e escrita, dinâmica de grupo e teatro, dentre outras. As atividades foram desenvolvidas por meio de uma sessão semanal, totalizando 34 horas de intervenção. Os dados qualitativos apontaram resultados satisfatórios, a considerar a adesão às atividades e retorno adequado às mesmas; resultados semelhantes foram apontados na avaliação quantitativa, salientando que os resultados do pós-teste foram superiores em relação ao pré-teste, atingindo o objetivo proposto. Em conclusão, os resultados indicaram que o tema abordado se traduz em uma forma alternativa de ampliar o sentido do que se denomina educação.

Maristela Nardi; Eliane Porto Di Nucci.

Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP; Universidade São Francisco.



Cinema e Psicologia: Identificação, Reflexão e Insight.

A presente pesquisa preocupa-se em compreender o impacto de filmes sobre o espectador cinematográfico. O cinema, enquanto narrativa de dramas humanos, pode desencadear reações emocionais, tomando a forma de identificação com os personagens. Parte-se do pressuposto de que essa participação emocional toma a forma de identificação com os personagens, ocorrendo assim, a identificação entre o espectador e os personagens do filme. Uma vez estabelecida esta relação entre o espectador e o personagem, o espectador, apropriando-se da vivência do personagem, ao sair do cinema, confronta-se com sua própria experiência pessoal, podendo desencadear reflexões progressivas. Tais reflexões recorrentes possibilitariam uma maior compreensão psicológica do espectador enquanto sujeito e, a partir disto, uma mudança na qualidade das relações que este estabelece com o mundo. A investigação de natureza qualitativa utiliza-se do método fenomenológico de Amedeo Giorgi (1985). A amostra constituiu-se de 10 participantes, de ambos os sexos, com idades entre 28 e 55 anos. Os sujeitos tem curso superior completo e o hábito de ir ao cinema. O instrumento utilizado é a entrevista semi-estruturada, explorando os seguintes temas: motivação em ir ao cinema, expectativas ao assistir determinado filme, o papel que o cinema ocupa na vida do sujeito, relação entre assistir a um filme no cinema e assisti-lo em vídeo, tipo de filme que mais aprecia, a relação que se estabelece entre o sujeito e os personagens, possibilidade de reflexão após a projeção da fita e a influência dos filmes na vida pessoal dos sujeitos. A análise fenomenológica do conteúdo das entrevistas fornece evidências de que determinados filmes desencadeiam questionamentos, dúvidas e reflexões, propiciando um processo de mudança psicodinâmico nos sujeitos espectadores. Os participantes deste estudo esclarecem que o próprio ritual que envolve uma sessão de cinema - a sala escura, o grupo de pessoas com o mesmo objetivo, a tela a grande - são aspectos importantes que propiciam ao espectador sair de sua realidade e se entranhar na história que está sendo narrada. Esta forte relação que se estabelece entre espectador e filme aproxima o espectador da ação cinematográfica. Assim, o espectador encontra-se coexistindo com a ação cinematográfica, enquanto a tela, como um espelho, sugere-lhe uma revisão de suas estruturas intrapessoais. Esta capacidade é possível porque o filme descreve fragmentos da experiência como as repressões profundas e as emoções intensas que, ao contrário da vida real, são sentidas e vividas com tranquilidade. A “tranquilidade” desta experiência cinematográfica possibilita o espectador a apropriar-se desta visão pré-reflexiva da vida como uma avaliação reflexiva de seu mundo interno.

Lílian Rodrigues da Cruz.

Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC; PUC-RS.



Classificação de estilos cognitivos de aprendizagem na construção de tutor inteligente de Negociação Empresarial.

Este trabalho insere-se no projeto multidisciplinar “Tapejara” – Sistemas Inteligentes de Ensino na Internet - para construção de Tutores Inteligentes, em parceria com o Instituto de Informática da UFRGS e a Empresa de Telecomunicações CRT BrasilTelecom. Os resultados aqui apresentados tratam da avaliação dos Estilos Cognitivos de Aprendizagem de 81 funcionários que foram escolhidos por um processo de amostragem aleatória proporcional à distribuição dos funcionários nos diferentes setores da empresa, que abrange uma população-alvo de 534 sujeitos, futuros usuários do Curso de Negociação Empresarial a ser ministrado pela empresa parceira de telecomunicações. Para tanto, foi utilizado o Teste de Ross e três provas da Bateria BPR-5 (Raciocínio Abstrato, Raciocínio Verbal e Raciocínio Espacial), ambos aplicados coletivamente por psicólogos da equipe. Por meio do Teste de Ross examinou-se três habilidades psicopedagógicas, são elas: análise, síntese e avaliação; e os oito processos cognitivos subjacentes a estas habilidades: analogias, raciocínio dedutivo, premissas ausentes, relações abstratas, síntese seqüencial, estratégias de questionamento, análise de informações relevantes e irrelevantes e análise de atributos. Já a Prova BPR-5, Bateria de Provas de Raciocínio, é um instrumento para a avaliação simultânea do raciocínio geral e de aptidões específicas, avaliando a capacidade de raciocínio dos indivíduos que envolvem a conjugação de três operações mentais: a apreensão da informação, a educação de relações e a educação de correlatos, recorrendo a provas de conteúdos diversos. A Prova BPR-5 foi utilizada com o propósito de checagem mais fina das habilidades verificadas nos resultados do Teste Ross. Os resultados da testagem cognitiva foram submetidos a análises fatoriais a fim de verificar o quanto cada um dos fatores - processos cognitivos e habilidades psicopedagógicas (para o Teste Ross) e as três provas utilizados do BPR-5 explicavam a variância total dos dados. A seguir, foi realizada uma análise de cluster que permite agrupar os indivíduos pela similaridade no desempenho em cada item do teste, processo ou habilidade avaliada. É do interjogo entre a análise fatorial e estes agrupamentos por similaridade que emergem os Estilos Cognitivos de Aprendizagem. Os resultados levantados apontaram diferentes estilos cognitivos que propiciaram elementos para a elaboração de cinco Modelos de Aluno Usuário-Aprendiz. Assim sendo, foram gerados cinco Estilos Cognitivos de Aprendizagem desta amostra: Estilo Analógico-Analítico (42,5%), Estilo Concreto-Genérico (22,5%), Estilo Dedutivo-Avaliativo (17,5%), Estilo Sintético-Avaliativo (10,0%) e Estilo Relacional-Sintético (2,5%). Esta definição do modo característico e estável de processamento de informação pelos indivíduos quando da sua aprendizagem, representado por cada um dos Estilos Cognitivos de Aprendizagem gerados nesta pesquisa, possibilita a elaboração de estratégias de ensino adaptadas às necessidades e características de cada aluno, conforme cada um dos cinco modelos de aluno e obtendo-se, assim, um ensino-tutorial de Negociação Empresarial mais inteligente e eficaz. Projeto financiado pelo CNPq e FAPERGS.

Simone Bicca Charczuk; Milton José Penchel Madeira; Regina Verdin; Ricardo Wainer; Eduardo Krauze Diehl; João Carlos Alchieri; Maritânia Molinari; Marcus Levi Lopes Barbosa; Paulo César Gomes de Borba; Daniel Kroeff de Araújo Corrêa; José Pallazo de Oliveira; Rosa M. Viccari; Juarez Sagebin; Paulo R. Mendel; Alexandre A. Sonntag; Renata Zanella.

Universidade do Vale do Rio dos Sinos; UFRGS; BrasilTelecom.



Clínica da Diferença: Alternativas em Saúde Mental Pública.

Viver não é sobreviver (Richard Hayes) Através do encontro de demandas — a nossa, enquanto profissionais e a dos adolescentes e adultos, casais e grupos, enquanto usuários que procuram o CPPA (Centro de Pesquisa e Psicologia Aplicada - UNESP/Assis/SP) — o que pode vir a propiciar no Encontro Clínico, um desencarceramento das vivências atuais, despatologizando o cotidiano, inaugurando novos sentidos? Uma Clínica que através de outros modos de existir no Encontro Clínico, possa promover uma ampliação do campo existencial através da experimentação de outros lugares e fazeres. Trata-se de trabalhar questões que definem o Encontro Clínico de modo específico e que são evidenciadas no processo da Supervisão Clínica. Através da análise das relações de poder investidas nos Encontros Clínicos e da ênfase no paradigma Ético-Estético-Político, o Projeto Clínica da Diferença evidencia os processos que tornam o Agenciamento Clínico um potente analisador de poderes e, sendo investido de valores de verdade, ter possibilidade de abertura aos processos de singularização da subjetividade. Fazendo um histórico das perspectivas já abordadas experimentalmente e que apontavam neste sentido, vemos ir se constituindo um modo de acolhimento de modos de subjetivação processuais e parciais. Sendo esta Clínica um modo de exercer esta processualidade, estamos construindo na Saúde Mental Pública através da Psicologia Clínica, artefatos tecnológicos de combate aos modos hegemônicos de produção da Subjetividade. Então, os pressupostos teóricos tecem a consistência vivida nesta Clínica: uma Clínica que transborda análises teóricas e se constrói em sua vivência Este trabalho, investe o conhecimento nascido das relações como sendo aquele que efetua transformações - tomando o paradigma Ético-Estético-Político - implicamos nossas ações em modos de existencialização, em estilísticas da existência que apontem para a diversidade e pluralidade do mundo, investindo no registro político, ou seja, do mundo em que se quer viver. No primeiro nível, encontramos os corpos e como encontram-se afetados pelo mundo. O pensar este corpo no mundo, já no segundo nível, através da criação de conceitos, investe neste segundo registro, na produção de conceitos como obras vivas e não como um conjunto de regras que incide sobre os copos capturando os sentidos num modo naturalizado. Enfim, através dos Encontro Intercessores, como o terceiro nível do Encontro Clínico, onde as práticas tomam o espaço público para ali proliferarem sentidos, esvaziando o campo da Supervisão Clínica como o campo da especialidade que referenda práticas, sentidos e pensares. Reivindicando para o Clínico um modo de ser, abrimos jurisprudência para inúmeros modos de subjetivação que habitam estes interstícios. Fazendo deste pulsar uma pluralidade sempre em movimento, vamos criando intimidade com a provisoriidade das formas e modos de existir. Através de Oficinas de arte, música, teatro, bem como atendimentos grupais, é exercida uma tônica alternativa às questões que aparecem como demanda na Saúde Mental Pública, como por exemplo o excesso de demanda versus a quantidade de vagas para atendimento, a evasão dos pacientes, a qualidade duvidosa e descuidada dos serviços, etc. Referencial proposto por Gilles Deleuze e Félix Guattari (a partir de O Anti Édipo - Capitalismo e Esquizofrenia - Ed. Assírio Alvim, 1972)

Marília Aparecida Muylaert.

UNESP/Assis.



Clínica Preventiva: processo de psicoterapia somado ao processo de follow-up.

O follow-up é visto pelos estudiosos, de forma geral, como um recurso utilizado para avaliação do processo psicoterápico e muito pouco utilizado como mais um recurso de caráter interventivo e preventivo, visando propiciar ao paciente uma outra oportunidade para novas ressignificações e ampliação dos ganhos obtidos no processo original. As entrevistas de follow-up, quando somadas ao processo psicoterápico, compõem um macro-processo de cunho preventivo, em atendimento ao desenvolvimento do paciente. Realizado mais proveitosamente após 6 meses do término do processo original e em até 3 encontros, para não se configurar como início de um novo processo, o follow-up presta-se, além da nova oportunidade de implicar o paciente consigo mesmo, a importantes decisões quanto ao futuro desse paciente: encaminhamento para um novo processo psicoterápico, alta definitiva ou agendamento de um outro processo de follow-up dentro de aproximadamente 6 meses. Como clínica preventiva, o follow-up permite o reasseguramento do sentido que o paciente atribui ao seu desempenho nas relações vivenciadas no período pós processo original, bem como a identificação precoce de novos conflitos. Assim, este estudo analisa as entrevistas de follow-up, gravadas em áudio, de um paciente adulto, 35 anos, casado, pai de dois filhos, profissional autônomo, realizadas em dois encontros após nove meses do término do processo psicoterápico conduzido na técnica breve. O processo original foi realizado em uma clínica-escola de uma Universidade na cidade de São Paulo por um outro profissional. O processo foi planejado para quatro meses e em 15 sessões, sendo considerado bem-sucedido, não necessitando, na ocasião, de nenhum tipo de encaminhamento. O paciente buscou psicoterapia alegando estar deprimido em função de problemas no relacionamento com a sua esposa. As entrevistas de follow-up propiciaram ao paciente uma oportunidade para se explorar mais a queixa inicial, já que, embora trabalhada no processo original, o foco de trabalho concentrou-se nas dificuldades que o paciente tinha na relação com seu pai. As entrevistas mostraram-se produtoras no sentido de reatualizar, expandir e cristalizar os ganhos obtidos no processo, demonstrando ser um momento de ressignificação para o paciente. As entrevistas de follow-up também permitiram ao paciente utilizar o espaço facilitador oferecido para a reflexão e a elaboração dos conflitos derivados que estava vivenciando na ocasião das entrevistas. Conclui que as entrevistas de follow-up, quando realizadas em mais de um encontro, possuem mais recursos voltados para a possibilidade de desenvolvimento do paciente, diante do distanciamento reflexivo, que pode ser alcançado pelo par terapêutico. Destaca, também, que neste caso, o paciente atendeu ao chamado para o follow-up mesmo não tendo sido anunciado no final do processo original que ele seria chamado para o acompanhamento. Conclui, ainda, que o follow-up realizado em mais de um encontro afasta-se do caráter avaliativo do processo original, em que o maior ganho fica com o profissional ao reavaliar o desenvolvimento do processo, e aproxima-se do caráter preventivo, em que o ganho dos encontros pode ser compartilhado entre paciente e psicoterapeuta.

Antonio Carlos Possa; Joaquim Gonçalves Coelho Filho.

UniFMU; Universidade São Marcos.



Clube da gestante Maria Dolores.

A carência econômica, cultural e muitas vezes moral, leva a situação de risco e desequilíbrio, devido à falta de conhecimento e orientações referentes à educação e saúde. Este programa vem de encontro a esta necessidade, minimizando algumas dessas dificuldades. Atualmente a Clube da Gestante atende mulheres durante o período gestacional, bem como seu acompanhamento após o parto facilitando suas relações familiares. Tem como objetivos: oferecer o auxílio material, através da concessão do enxoval para o recém-nascido; oferecer orientações referentes à gravidez, ao planejamento familiar, saúde, higiene, cuidados com o bebê, cuidados com a gestante; tipos de parto; cuidados com a mãe no pós-parto; educação da criança, etc. Através do ensino de tricô, crochê nutrição, oferecemos as gestantes oportunidade para uma orientação profissional. Com os conhecimento adquiridos, pretendemos orientar psíquica, emocional e socialmente as gestantes, para que sejam capazes de melhorar as relações familiares, a vida na sua comunidade de origem, além de se tornarem aptas a educar adequadamente a criança. Que pelo menos 90% das gestantes atendidas, consigam atingir os objetivos propostos pelo programa, durante o período de participação do mesmo. A gestante passa por entrevista inicial, na qual é solicitado o cartão do pré-natal, pois a gestante deve estar fazendo o pré-natal, estar de no máximo quatro meses de gestação e sua renda familiar de ser menos que quatrocentos reais mensal. Após esta entrevista, se elegível, é encaminhada para os encontros semanais. Em um dia da semana o encontro consiste numa aula teórica, ou seja, grupo com a Psicóloga. Em outro dia realiza-se a aula prática de trabalhos manuais para a confecção do enxoval e encerra com um lanche. Sua frequência é computada, sendo a gestante desligada após três faltas consecutivas, sem justificativa. O enxoval do bebê é montado de acordo com a frequência da participante. Não existem grupos fixos formados, pois, à medidas que as gestantes ingressem no programa, outras já no final da gravidez, estarão saindo. O programa de atendimento as gestantes, funciona durante todo o ano. Serão feitas reuniões com as participantes e o grupo, um mês após o parto, para avaliação dos objetivos propostos; bem como a continuidade da participação através dos cursos profissionalizantes. Ao final do curso a gestante sai com o enxoval pronto e espera-se que ela esteja preparada para receber o seu filho com muito amor, mais segurança e conhecimento, partindo da troca de experiências com as outras mães do grupo e complementada com os ensinamento específicos. Quando termina o curso fazemos uma avaliação com as futuras mães, procurando perceber como elas estão se sentindo com relação ao parto; se estão preparadas para receber o filho, se estão tranquilas e mais seguras com os ensinamentos recebidos e se há alguma dúvida que desejam esclarecer.

Luciana Gomes Azoia.

Sociedade Espírita Fraternidade.



Coesão e hierarquia no sistema familiar.

Esse estudo analisa a coesão e a hierarquia nas relações familiares através da representação de adolescentes. A fundamentação teórica está baseada na teoria dos sistemas ecológicos e na teoria estrutural sistêmica familiar. Coesão refere-se à proximidade afetiva entre os membros familiares e a hierarquia, a relação de poder, influência e tomada de decisão neste contexto. Participaram deste estudo vinte adolescentes de doze a quatorze anos de nível sócio-econômico baixo, estudantes da quinta série do ensino fundamental de uma escola pública. Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram o Family System Test – FAST e uma entrevista semi-diretiva. O FAST analisa qualitativamente e quantitativamente a coesão e a hierarquia na família através da representação de cada participante em três circunstâncias: a família como é (típica), a família como o adolescente gostaria que fosse (ideal) e a família frente a situações de conflito. Este instrumento é composto por um tabuleiro, peças de madeira que representam pessoas e blocos de três diferentes alturas, que possibilitam demonstrar as diferenças hierárquicas. A aproximação, na qual são dispostas as peças, indica a coesão e, a diferença de altura, a relação hierárquica. A entrevista busca informações bioecológicas, como: configuração familiar, número de filhos, renda familiar, profissão dos pais, entre outros. Os dados foram analisados de forma quantitativa e qualitativa. Na forma quantitativa foi verificada a distribuição das peças no tabuleiro e realizado o levantamento das médias em relação aos dados bioecológicos. Na qualitativa foi analisada a justificativa do participante frente as suas escolhas, principalmente na situação de conflito. Os resultados apontam para a centralização de poder nas figuras parentais ou consideradas de autoridade. De acordo com a teoria estrutural sistêmica, este é um resultado esperado neste contexto, onde os pais tem maior poder e influência do que os filhos. Nas situações típica e, principalmente, de conflitos entre irmãos, aparece maior poder na figura materna, sendo esta responsável pela resolução do mesmo. Este fato pode ser endossado pela presença de famílias monoparentais, onde a mãe assume os papéis de provedora e de criação. Em relação à coesão, a maioria das famílias apresenta coesão média, isto significa que há relações de proximidade afetiva, especificamente nas situações típicas e de conflito. Na representação ideal, a maioria dos adolescentes representaram suas famílias com coesão alta. Este fato pode revelar a necessidade dos adolescentes, provavelmente pela fase de desenvolvimento e pelas características familiares, de manter de forma idealizada estas inter-relações. Apoio: CAPES.

Clarissa De Antoni; Luciana Rodríguez Barone; Tatiana Quarti Irigaray; Sílvia Helena Koller.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



Cognição e Circularidade como Criação na Sociotécnica.

O presente trabalho pertence ao projeto de pesquisa “A Competência Ética e o Inconsciente Cognitivo”, que faz parte do projeto integrado “Cognição e Subjetividade: a dimensão ética da criação de si e do mundo”. Busca-se no estudo dentro das ciências cognitivas os fundamentos teóricos e empíricos de uma abordagem pragmática que possa redefinir as fronteiras do humano e da técnica, lhe atribuindo um caráter circular. Em um estudo da relação homem/técnica, pode-se perceber uma ruptura da dicotomia homem/máquina na passagem da modernidade para a contemporaneidade. Focamos nosso estudo numa nova proposição de criação na relação homem/técnica que caminha em conformidade com a teoria da Autopoiese de Maturana e Varela, o que permite abandonar o modelo instrumental da modernidade, que concebia a cognição como representação e, conseqüentemente, o homem e o mundo dissociados. Diferentemente, a perspectiva chamada de sóciotécnica por Latour (1989) aproxima-se do conceito de circularidade proposto por F. Varela (1992), pois repensa a relação homem-máquina de forma a romper com o reducionismo instrumental que impõe um fundamento no humano. Desta forma, caminhamos para uma nova perspectiva que verifica no processo cognitivo a emergência tanto do mundo conhecido quanto do sujeito do conhecimento, refutando-se a idéia de dominação de um daqueles pólos dicotômicos. Neste momento, sentimos a necessidade de verificar a nossa hipótese em uma pesquisa empírica junto a um serviço onde a tecnologia ocupa um lugar relevante. Em uma abordagem empírica do problema da relação homem/técnica no contemporâneo, foram coletados dados com profissionais da Pró-Reitoria de Pesquisa da UFF. Utilizamos como instrumento a observação e a entrevista semi-estruturada. Foram entrevistados 17 funcionários dos diversos setores, que correspondem a 34.61% do quadro de funcionários desta pró-reitoria. Esta pesquisa nos permitiu discutir a relação homem/máquina, considerando os efeitos autopoieticos desta relação. Ficou explícito que a interação entre homem e máquina se dá de uma forma criativa e não-representacional. Observamos que questões como as linguagens (computacional e humana), os limites cognitivos e as relações de dominação se misturam, rompendo com uma hierarquia de produção. Em nossa análise, enfocamos a linguagem como grande reveladora da emergência de novas modulações subjetivas. Desta forma, o surgimento do vocabulário na relação com o computador promove mudanças nas habilidades lingüísticas e conseqüentemente uma modificação na capacidade de se autodescrever e de constituir um sentido para si. Fazendo aproximação dos conceitos de sociotécnica e circularidade, admitimos uma relação circular entre homem e técnica na atualidade, rompendo com a dicotomia homem/máquina, externo/interno, sujeito/objeto. Assim, supera-se o modelo instrumental que concebia a relação homem/máquina tendo como fundamento o humano, pensando-a agora, como criação. Neste caminho, formulamos a idéia de uma interação circular entre homem e técnica, emergindo aí, uma nova subjetividade.’

Alan Christi Vieira Rocha; Cláudia Itaborahy Ferreira; Sabrina de Freitas Rocha; Eduardo Henrique Passos Pereira.

Universidade Federal Fluminense - UFF.



Cognição social e administração de conflitos.

Desde o seu nascimento, a criança realiza processo de interação com o meio construindo, passo-a-passo as habilidades necessárias ao seu desenvolvimento cognitivo e social. O mundo das interações de pares parece ser uma arena fértil para o desenvolvimento de duas habilidades sociais, particularmente importantes: a) a iniciação e manutenção de relações positivas com os pares e, b) a habilidade de administrar situações de conflito. O estado da arte da literatura especializada em desenvolvimento e interação entre pares considera, de uma forma consensual que a aceitação e rejeição pelos pares podem estar associadas à qualidade das habilidades para administrar conflitos. Neste trabalho é considerado ambos os aspectos: o estabelecimento de relações positivas com os pares e a administração de conflitos tendo como suporte o desenvolvimento da cognição social. Essa forma de abordagem considera o pensar sobre si mesmo – a construção da identidade –, o pensar sobre os outros e o pensar sobre os relacionamentos sociais. Um dos aspectos considerados por muitos pesquisadores como fundamental para o desenvolvimento sócio-cognitivo é a capacidade de perceber o ponto de vista do outro. Esta habilidade promove o desenvolvimento de relações sociais positivas como a amizade, bem como tem importante papel na forma de perceber e resolver situações de conflito. Conflitos destrutivos minam os relacionamentos e aumentam a hostilidade, enquanto que as negociações construtivas podem reforçar o relacionamento dos opositores, aumentando a credibilidade e o entendimento. O conflito merece uma consideração particular neste trabalho devido: 1) a sua dualidade conceptual; 2) pela possibilidade de resultados positivos e negativos que promove; 3) pelo evento de risco que representa e 4) pela sua relevância para o desenvolvimento. Foi considerada neste trabalho a avaliação dos aspectos interconectados a este fenómeno, como o contexto, a interpretação dos sinais sociais e as estratégias usadas pelas crianças.

Ana Maria Faraco de Oliveira; Roberto Moraes Cruz.

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.



Com que roupa eu vou pro samba?

Esta pesquisa tem por objetivo problematizar a subjetividade ante a produção de movimentos do mundo contemporâneo, os quais têm provocado inquietações e desassossegos diversos. Tais inquietações vêm sendo experimentadas dolorosamente na pele e forçam a subjetividade a buscar novos modos de existir, novos trajes, novas roupagens. Dentre os vários movimentos atuais, dois foram escolhidos para serem observados mais de perto: a globalização, que gera inúmeros tipos de misturas, costumes, valores, afetos, maneiras de pensar e sentir, e as virtualizações, geradoras de outras formas de presença e de lidar com o real. Ambos provocam desterritorializações diversas na subjetividade vigente, vividas como perdas ou abandono de antigos territórios. Diante do samba do mundo contemporâneo - chamado, na pesquisa, samba da desterritorialização - a subjetividade se vê perdida, exausta, sem saída, sem roupa. O que fazer para recompô-la? Há várias possibilidades no mercado. A literatura de auto-ajuda e a inteligência emocional são algumas das estratégias consumidas, ultimamente, por um grande número de pessoas. Tais estratégias acionam políticas de mudanças invisíveis e moleculares. A literatura de auto-ajuda investe na capacidade reflexiva do indivíduo de resolver seus problemas e aposta na recuperação de determinada imagem do Eu, supostamente perdida. A inteligência emocional aposta no controle das emoções e no reaprendizado das mesmas, enfatizando, de alguma maneira, o seu uso “correto” como solução para os males afetivos do mundo atual. A pesquisa indica que as duas propostas encontram-se na contra-mão dos movimentos da desterritorialização, os quais forçam a subjetividade a criar novas figuras, outras formas de existência, outros modos de sentir, de afetar e deixar-se afetar pelo mundo. A busca por novas roupagens leva a subjetividade a fazer outras conexões e a experimentar outros tipos de encontros. Na pesquisa, o encontro com a música, especialmente com o samba - produção rítmico-melódica brasileira -, constituiu-se num bom encontro, pois gerou outras maneiras de levar adiante a problematização da mudança da subjetividade nos tempos atuais. O samba fez perceber que a criação de estratégias de alegria e de afirmação da vida é necessária; que a mudança acontece por contágio e na invisibilidade dos movimentos; que as misturas, exigência intensificada no mundo atual, podem ser vividas a serviço da invenção de formas diferentes de vida, e não da produção de tristeza atrelada à perda de algum ideal de subjetividade. O samba fez perceber que inventar exige jogo de cintura e improvisação de movimentos e que tudo isso acontece na experimentação, sem receitas ou regras, a priori, para esse aprendizado.

Tânia Maia Barcelos.

UFG.



COMEC: relato de uma prática em Liberdade Assistida na cidade de Campinas.

Origem: COMEC - Centro de Orientação ao Adolescente de Campinas O COMEC é uma Organização não Governamental executora da medida sócio-educativa de Liberdade Assistida no município de Campinas que atende, atualmente, 160 adolescente com idade entre 12 e 18 anos, conforme artigos 118 e 119 do ECA. Objetivo: proporcionar oportunidades de superação da prática infracional, possibilitando o estabelecimento de vínculos e a vivência de experiências com potencial construtivo. Método: inicialmente, o adolescente sentenciado em Liberdade Assistida, bem como sua família, passam por triagem com um dos membros da equipe técnica, momento em que se avalia qual o espaço mais adequado para inserí-los, em atenção ao objetivo anteriormente descrito. Os atendimentos são realizados individualmente ou em grupos com duração de até quatro horas. O adolescente e sua família são responsáveis, juntamente com o técnico, pela elaboração do plano de acompanhamento que prevê, dentre outras coisas, a organização da documentação pessoal, a retomada dos estudos, a inserção em cursos profissionalizantes, atividades culturais, de lazer etc. O grupo familiar também é acompanhado sistematicamente e participa de forma ativa de todo o processo previsto pela medida. Síntese da Prática: Triagem do Adolescente e família, com interpretação da medida; Visita domiciliar, escolar, ao ambiente de trabalho e/ou recursos da comunidade; Inserção nos atendimentos: grupal, individual, oficinas, curso de computação; Entrevistas domiciliares; Desligamento (reencaminhamento para outros recursos, transferência de domicílio, óbito e término da medida). Resultados: A avaliação se dá de forma contínua e dinâmica observando o grau de envolvimento do adolescente com o programa de Liberdade Assistida, contemplando os seguintes aspectos: assiduidade; pontualidade; relacionamento com os diversos grupos sociais (família, amigos e orientadores); não reincidência no ato infracional; interrupção do uso de drogas (se for o caso); retorno à escola; possível inserção no mercado de trabalho; e regularização dos documentos pessoais. A experiência tem demonstrado que os programas sócio-educativos, quando acompanhados de forma competente, são os que alcançam resultados satisfatórios no processo de socialização dos adolescentes. Na maioria dos casos eles têm sido capazes de auxiliá-los na superação dos conflitos da chamada “crise da adolescência”, geralmente marcada pelo insurgimento aos padrões sociais estabelecidos e, por isto mesmo, determinante de transgressões. Bibliografia: ASSIS, S. G. Traçando Caminhos em uma Sociedade Violenta: A Vida de Jovens Infratores e Seus Irmãos não Infratores. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1999. PEREIRA, I.; MESTRINER, M. L. Liberdade Assistida e Prestação de Serviços à Comunidade: Medidas de Inclusão Social Voltadas a Adolescentes Autores de Ato Infracional. São Paulo: IEE/PUC-SP, 1999. LEVISKY, D. W. (org.). Adolescência e Violência: Ações Comunitárias na Prevenção. São Paulo: Casa do Psicólogo/Hebraica, 2001. LEVISKY, D. W. Adolescência: Reflexões Psicanalíticas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. WINNICOTT, D. W. Privação e Delinquência. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

Andrea Ferreira Martins; Marili Foltran Aquino.



Como a utilização do modelo de Quatro Primeiras Sessões pode interferir na adesão ao tratamento à pacientes encaminhados por convênios médicos.

Esta pesquisa trata-se de um estudo da aplicação do modelo das Quatro Primeiras Sessões em Psicoterapia Breve, na Clipsi – Clínica Psicológica, uma clínica que predominantemente presta serviços à pacientes de convênios médicos. Constatou-se, que no atendimento à estes pacientes na Unidade Pompéia desta clínica, apenas 50% dos que comparecem para a primeira entrevista aderem efetivamente ao tratamento. Assim, aplicou-se o método de E. Gilliéron, que é utilizado na Policlínica Psiquiátrica de Lausane, na Suíça, em que atende-se o paciente, inicialmente, em quatro sessões, quando o terapeuta, à partir de uma escuta, que procurará abranger a maioria de dados possível, poderá trabalhar algumas questões mais emergenciais. Este autor, trabalhando com psicoterapias breves, sugere uma abordagem psicanalítica, isto é, adota um papel menos ativo, prestigiando a associação livre e delimitando um foco de trabalho. Altera o setting para um tempo limitado de tratamento, adotando o método "face a face". Ele acredita que o período de quatro sessões é suficiente para se obter um certo aprofundamento da questão, tomar conhecimento da história de vida do paciente, estabelecer um vínculo terapêutico, além de perceber a capacidade egóica do mesmo e as defesas e fantasias que tem em relação ao seu problema. Espera-se que a realização de um bom trabalho neste período, poderá criar uma demanda terapêutica naqueles pacientes que procuram o atendimento sem conhecimento do que é um trabalho psicoterápico. Percebia-se que, a evasão de pacientes que vinham apenas para a primeira entrevista, era significativa. Muitos compareciam, procurando soluções imediatas para os problemas, sem conhecer o que é um trabalho psicoterápico. Fatores como esse, além da falta de disponibilidade de horários do paciente, ou ainda, a busca de soluções rápidas como no modelo médico, e a falta de recursos financeiros, toma-se como fatores importantes para que, após a primeira consulta, não retornem mais para o atendimento. A amostra deste trabalho, foi composta de pacientes atendidos na instituição acima citada pelas autoras do trabalho, no período de abril, maio e junho de 2001, quando fazia-se apenas a entrevista inicial e depois, o paciente optava por dar continuidade ou não ao trabalho; comparativamente à pacientes atendidos no mesmo período no ano de 2002, porém, utilizando-se o método das quatro primeiras sessões O instrumento utilizado foi um roteiro de entrevista, que foi aplicado em 22 pacientes atendidos pelas psicólogas, durante o período da pesquisa. Constatou-se que em 2001, o número de pacientes atendidos e que permaneceram em terapia correspondia a 25 % do total. Em 2002, com o uso das Quatro sessões, esse número cresce para 31,8 %. Além disso, o método aplicado, permitiu que 50% do total de pacientes atendidos, usufríssem de um trabalho terapêutico e desses, 68,1 % permaneceram em tratamento após as quatro primeiras sessões. Verificou-se também, que algumas variáveis contribuíram para a desistência dos pacientes: 72,7 % dos pacientes, não concluíram as quatro sessões por dificuldades econômicas, 18,2% por não terem demanda e 9,1 % foram encaminhados para outros profissionais. Concluímos portanto, que o uso das Quatro Primeiras Sessões foi um facilitador para a permanência destes pacientes em terapia.

Carmo, Elizabeth T.; Soares, Maria Cecília G.; Archas, Kenia de S.; Pires, Sonia.

CLIPSI – Clínica Psicológica S/C Ltda.



Como avaliar a relação entre habilidades sociais e inteligência geral? Um enfoque sobre adaptação à universidade.

Esta investigação propõe mostrar que é possível e necessário relacionar inteligência geral e habilidades sociais sob a ótica que envolve a adaptação à Universidade. Segundo Almeida, Soares & Ferreira (1999), a adaptação à universidade pode ser entendida como um processo multidimensional e complexo que envolve inúmeros fatores englobando aspectos intrapessoais e contextuais dos alunos. Tal processo requer o desenvolvimento, por parte do aluno, de um conjunto de competências adaptativas a um contexto não apenas novo, como também dinâmico em si mesmo. Este trabalho, ao tematizar as habilidades cognitivas e sociais, visa contribuir com alguns dados que possam referendar a diferença tão atualmente apontada entre inteligência acadêmica e inteligência prática, bem como suas possíveis influências nas várias dimensões do ajustamento acadêmico, aprendizagem e desenvolvimento dos estudantes universitários detectadas pelo instrumento português Questionário de Vivências Acadêmicas. Para estudar as relações entre inteligência geral e habilidades sociais, enquadrando-as no contexto global da Educação Universitária, relacionando-as com o Questionário de Vivências Acadêmicas desenvolveu-se uma pesquisa da qual participaram 46 estudantes da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, Brasil. Os instrumentos utilizados foram as Matrizes Progressivas de Raven para a inteligência geral, o Inventário de Habilidades Sociais (IHS, Del Prette) para avaliar o repertório de habilidades sociais e o Questionário de Vivências Acadêmicas (QVA, Almeida & Ferreira) para identificar a qualidade de adaptação ao ambiente Universitário. As correlações entre os instrumentos foram Raven versus IHS, $r = 0,27$, p

Eliane Gerk-Carneiro; Cilio Rosa Ziviani; Rosimeri de Oliveira Dias.

Universidade Gama Filho; Universidade do Estado do Rio de Janeiro.



Comparação da Visão de Mundo de Universitários, em Momentos Históricos Diferentes na Realidade Brasileira.

Este trabalho buscou entender a construção da subjetividade de alguns brasileiros em função de diferentes momentos históricos que interferiram nos processos políticos de participação popular. Enfatizou-se o golpe militar de 1964, por ter sido este um momento de grande importância na alteração do eixo econômico e cultural do país. Discutiu-se, principalmente, a incidência dos 'anos de chumbo' e seus mecanismos de intervenção sobre a cultura e a educação, na influência sobre estudantes universitários. Partindo de entrevistas com três participantes, o trabalho analisou a história de vida de pessoas com formação universitária, nascidas antes, durante e depois do período mencionado (respectivamente Otávio, Cláudio e Renata), em que se buscou a compreensão dos processos psicológicos envolvidos em suas ações sociais. Substancialmente, as interferências manipuladas pelo Estado na cultura nacional foram, em alguns momentos, repressivas e violentas como nos relatou Otávio, e diminuíram a capacidade dos cidadãos em se mobilizar de maneira construtiva em torno das questões sociais. Deve-se lembrar que, naquele momento, a década de 60, alguns setores políticos de esquerda (revolucionários) estavam buscando novos caminhos para as relações sociais da época, e que outros setores (conservadores) passaram a reagir a essa busca. Estes últimos, ao obter o poder político nacional, passaram a interferir de forma contundente na economia nacional, enquadrando o Brasil no eixo capitalista ocidental, o que fez com que se reproduzisse a cultura de massas. Em um momento politicamente mais estável, e de aceleração industrial, relatos sobre a repressão apareceram também nas falas de Cláudio, que nos reportou o favorecimento da competitividade nas escolas, da delação, e a busca de integração ao mercado de trabalho com objetivos de consumo. Na entrevista, Renata apontou sua busca de ação solidária com relação a pessoas necessitadas, porém de maneira individual, sem um engajamento num amplo projeto de cunho social. Apesar de alguns considerarem que este tipo de ação voluntária não venha solucionar o problema da exclusão nas sociedades capitalistas, pode-se perceber que abre-se, através da proliferação do trabalho voluntário, um grande espaço para o desenvolvimento de uma postura mais fraterna em diversificados setores de nossa sociedade. O trabalho mostrou um processo dialético desenvolvido a partir dos movimentos libertários das décadas de 60 e 70, seguido de um processo dispersivo e silenciador dos movimentos sociais que buscavam transformações, nas décadas de 70 e 80, e, hoje, a busca de relações políticas sociais caracterizadas por um predominante individualismo, paradoxalmente associado a ações voluntárias fraternas.

Sanderson Murilo de Souza; Ricardo Franklin Ferreira.

Universidade São Marcos.



Comparação de stress em crianças do ensino fundamental provenientes de São Paulo e Guararema.

O objetivo deste trabalho foi comparar o stress em crianças de 1ª a 4ª séries, provenientes de duas escolas públicas, uma localizada na cidade de São Paulo e a outra no interior do estado, na cidade de Guararema. Método: Para se atingir o objetivo proposto 417 crianças foram avaliadas com a Escala de Stress Infantil-ESI (Lipp & Lucarelli, 1998). Esta escala tem por objetivo verificar a existência ou não de stress em crianças. Das crianças avaliadas 226, sendo 108 (47,8%) do sexo masculino e 118 (52,2%) do sexo feminino, eram provenientes da escola localizada na cidade de Guararema e 191 crianças eram da cidade de São Paulo, sendo 95 (49,7%) do sexo masculino e 96 (50,3%) do sexo feminino. A faixa-etária estava compreendida entre 7 e 12 anos. A aplicação da ESI foi realizada em grupos de quatro crianças, em salas de aula cedidas pelas escolas. As questões foram lidas uma a uma às crianças pelos aplicadores. Os aplicadores foram doze alunos da faculdade de psicologia, da Universidade São Marcos, especialmente treinados para a aplicação da ESI. Para a análise dos resultados foi utilizado o teste não-paramétrico do qui-quadrado. Estudou-se a amostra proveniente da cidade de Guararema (interior) a partir da presença ou ausência de stress por sexo e agrupamento de séries (primeiras e segundas; terceiras e quartas); o mesmo foi realizado com a amostra proveniente de São Paulo. Posteriormente, comparou-se a presença ou ausência de stress entre São Paulo e Guararema (interior). As variáveis qualitativas foram representadas por frequência absoluta (n) e frequência relativa (%). Fixou-se em 0,05 ou 5% o nível de rejeição da hipótese de nulidade, assinalando-se com um asterisco (*) os valores estatisticamente significativos. Resultados: Quando se estudou os diagnósticos de stress (presença ou ausência) a partir da variável sexo, os resultados mostraram que não houve diferenças estatisticamente significativas tanto na amostra de São Paulo ($p=0,615$ e $X^2=0,252$) quanto na de Guararema ($p=0,672$ e $X^2=0,179$). Quando se estudou os diagnósticos de stress em relação a variável agrupamento de séries houve diferenças estatisticamente significativas na amostra de São Paulo ($p=0,030^*$ e $X^2=4,718$), as crianças de 1ª e 2ª séries estavam mais estressadas quando comparadas às de 3ª e 4ª séries; este resultado também pode ser observado na amostra de Guararema ($p=0,000^*$ e $X^2=14,455$). E finalmente quando se comparou os diagnósticos de stress obtidos pelas crianças de São Paulo e Guararema pode-se observar diferenças estatisticamente significativas ($p=0,023^*$ e $X^2=5,145$), as crianças de São Paulo estavam mais estressadas quando comparadas às do interior (Guararema). Conclusão: A partir dos resultados pode-se concluir que são necessários trabalhos preventivos com escolares no intuito de minimizar o impacto do stress em suas vidas. Isto torna-se ainda mais emergente em crianças que vivem em grandes centros urbanos, como pode ser demonstrado pela pesquisa, em que o benefício de uma boa qualidade de vida passou a ser escasso.

Tatiana Fingermann; Sandra Ozeloto Lemes; Bruno C. Graziuso; Maria do Carmo Traetta; Marcelo de Lucca Figueiredo; Teresa C. M. Leite; Joyce M. Carvalhaes; Daniela P. dos Santos; Norton A. Albrechi; Liliane Rangel; Tânia Porta; Vanessa Lethieri; Juliana F. Pacheco; Mauro Fisberg.

Centro de Estudos e Pesquisas Aplicadas à Saúde (Cepas) da Universidade São Marcos.



Comparação entre a percepção dos pais e o desempenho escolar de seus filhos.

O ambiente no qual a criança está inserida, oferece inúmeras condições para o desenvolvimento de competências motoras, afetivas, intelectuais e sociais; sendo que, os pais são os principais provedores dessas condições. Estudos demonstram a existência de relação de influência recíproca entre os pais e seus filhos, o que gera percepções subjetivas e expectativas em relação ao desempenho nas diversas áreas de desenvolvimento e principalmente quanto ao desempenho escolar. O presente estudo é parte de um estudo maior que objetiva a investigação de potenciais cognitivos em crianças sem queixa de problemas de aprendizagem e teve como objetivo avaliar o índice de concordância entre a percepção dos pais sobre o desempenho escolar dos filhos e os resultados obtidos por eles em teste padronizado. Participaram como sujeitos 126 crianças, alunos de segunda a quinta série do ensino fundamental de escolas públicas do município de Campinas. A coleta de dados foi realizada através de entrevistas individuais com os sujeitos, destinadas à aplicação de teste padronizado e entrevistas com os pais dos sujeitos para coleta de dados relativos à expectativa em relação ao desempenho de seus filhos na escola. Foram utilizados os seguintes instrumentos para a coleta de dados o Roteiro de anamnese e o Teste de Desempenho Escolar (TDE). Após os dados terem sido coletados foram analisados através da prova de qui-quadrado e da análise de concordância para a comparação dos desempenhos observados e percebidos pelos pais. O desempenho dos escolares em leitura, cálculo e escrita foram categorizados de acordo com a classificação obtida através dos escores do teste em três níveis: o primeiro para resultados superior e médio superior, o segundo para médio e o terceiro para médio inferior e inferior. Aos pais foi solicitado que classificassem o desempenho em leitura, cálculo e escrita como bom, médio ou ruim. Através da análise de concordância foi possível observar para leitura um índice de concordância de 0,38, para escrita de 0,41 e para cálculo de 0,36. Observou-se ainda que a percepção dos pais é muito mais positiva do que os resultados obtidos pelos filhos nas três áreas avaliadas pelo TDE, ou seja, há uma super-valorização dos pais acerca do desempenho de seus filhos. Houve uma tendência dos pais universitários a terem uma avaliação mais crítica de seus filhos, da mesma forma que pais de maior idade. Foi maior a ocorrência de discordância para os pais de menor idade. Estudos dessa natureza permitem melhor análise das variáveis interferentes no desempenho acadêmico pois a motivação e estímulo dos pais é fundamental para esse processo e quanto mais próxima da realidade for a percepção dos pais, maior número de elementos poderá oferecer para uma intervenção, quando necessária.

Natália Azevedo Sampaio Pensa; Lineu C. Fonseca; Josiane M. F. Tonelotto; Glória M.A.S. Tedrus; Thais de A. Antunes; Paula Crivelin Cavinatto; Maria Agnes P. Gibert.

PUC Campinas.



Comparação entre Filtros Angulares de 48, 64 e 96 cpg e Espaciais de 4.0, 6.0 e 9.0 cpg.

Objetivos: O LabVis vem caracterizando o sistema visual humano em termos de resposta a filtros frequências espaciais utilizando vários padrões (por exemplo, frequências angulares, radiais e espaciais). Neste estudo mensuramos filtros de frequências espaciais de banda estreita com contraste máximo centrado em 48, 64 e 96 ciclos e 4.0, 6.0 e 9.0 cpg respectivamente. **Métodos:** Participaram deste estudo seis sujeitos adultos, com acuidade visual normal ou corrigida. Foram medidas 12 curvas para os filtros de frequências angulares de 48 ciclos (DHE: 2 GMM: 2), de 64 ciclos (DHE: 2 LCO: 2) e de 96 ciclos (DHE: 2 ACT: 2) e 12 curvas para os filtros senoidais de 4 cpg (ACF: 2 ACT: 2), de 6 cpg (ACT: 2 RMT: 2) e de 9 cpg (ACF: 2 RMT: 2) totalizando 24 curvas. Uma curva de filtro de frequência angular era composta por 17 condições experimentais que corresponde às frequências de fundo de 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 16, 24, 32, 48, 64 e 96 ciclos e a curva de frequência espacial eram compostos por 11 condições que corresponde às frequências de 0.2, 0.3, 0.5, 0.8, 1.0, 2.0, 3.0, 4.0, 5.0, 6.0, e 9.0 cpg. Todas as condições foram medidas duas vezes em dias diferentes com o método da escolha-forçada aliado ao paradigma psicofísico de somação de respostas a contrastes supralimiar. Todas as medidas foram realizadas a uma distância de 150 cm binocularmente, com luminância média de 2,0fL. Os estímulos eram circulares com diâmetro de 7,25 graus de ângulo visual. Durante cada sessão experimental, par de estímulos era apresentado, um contendo a frequência de teste do filtro (48, 64 ou 96 ciclos, no caso do filtro angular ou 4.0, 6.0 ou 9 cpg, no caso do filtro de frequência espacial) soma a uma das frequências de fundo angular ou frequência espacial e o outro era uma das frequências de fundo acima sozinhas. A tarefa do voluntário foi escolher a frequência de teste (angular ou espacial) na soma. **Resultados:** Somação máxima foi encontrada para todos os filtros nas respectivas frequências de teste. Inibições em frequências vizinhas também foram encontradas. **Conclusão:** Os resultados demonstram a existência de algum tipo de filtragem seletiva no sistema visual humano para frequências angulares e espaciais na faixa estudada.

Simas, Marias Lúcia Bustamante; Espíndula, Daniel Henrique Pereira; Santos, Natanael Antônio

Universidade Federal de Pernambuco.



Competência Social entre Pares e Identidade Étnica: Alunos Imigrantes em Porto Alegre.

O presente trabalho apresenta os resultados de uma investigação realizada com 32 alunos imigrantes de diversos países, inseridos na rede convencional de ensino em Porto Alegre e seus colegas de classe (580). Considerando que a Competência Social (CS) pode ser entendida como fator preditor de saúde mental e bem-estar psicológico, buscou-se investigar como constituíam-se os processos de interação social destes alunos imigrantes com seus colegas da cultura majoritária. Nesse sentido, a construção da identidade étnica destes alunos imigrantes, dentro de um processo aculturativo e a própria identidade étnica de seus colegas brasileiros, originários de um contexto historicamente marcado por processos migratórios plurais, podem servir como elementos úteis na compreensão da influência dos processos de transição cultural atuais e históricos nas relações interpessoais. Os resultados apontam para uma considerável influência do tempo de imigração, gênero, idade e identidade étnica do grupo de acolhida, além da distância idiomática entre as duas culturas (de origem e brasileira/gaúcha) nos processos de sociabilização e inserção no grupo de pares.

Adolfo Pizzinato; Jorge Castellá Sarriera; Carolina Hermuth Hofstaetter; Leonardo Burtet Vidal.



Comportamento agressivo infantil e suas crenças normativas: adaptação de uma escala.

Os estudos sobre agressão focalizam três grandes idéias: (1) há um impulso agressivo inato, (2) a agressão é uma reação natural à frustração e (3) o comportamento agressivo é adquirido (Myers, 1999). Dentre essas teorias que tentam esclarecer o assunto, chegando muitas vezes a divergirem entre si, sabe-se que estudos comprovaram a ocorrência desse comportamento de diferentes formas, nas crianças frente as suas crenças. Dessa forma, urge que haja um instrumento preciso para a realização de pesquisas acerca dessa temática. Com esse propósito, o presente trabalho é uma adaptação da escala de crenças normativas das crianças sobre agressão e comportamento agressivo (Huesmann & Guerra, 1997), tendo como objetivo validar a escala para o contexto brasileiro, comprovando seus parâmetros psicométricos e aplicabilidade em futuras pesquisas. Participaram deste estudo 200 sujeitos, sendo 100 meninos e 100 meninas do ensino fundamental da cidade de João Pessoa (PB) com média de idade de 10 anos (DP=1,89), que responderam ao instrumento composto de 20 itens divididos em duas partes: a primeira com 12 itens referentes à agressão frente a provocações fracas versus fortes, como também a relação da agressividade com os sexos (subescala retaliação), e a segunda parte com 8 itens referentes à agressividade e suas crenças normativas gerais (subescala crenças gerais). Esses itens foram dispostos numa escala tipo Likert de quatro pontos, variando de 1(está muito certo) a 4 (está muito errado), indicando concordância ou discordância do sujeito. A aplicação ocorreu em escolas públicas e privadas, assim como em residências e locais de lazer. A tabulação e análise dos dados foram realizadas através do pacote estatístico SPSSWIN- X versão 8.0, onde a fim de comprovar a sua validade de construto realizou-se uma análise dos componentes principais em que foi extraído um único fator, do qual foram excluídos 7 itens dos 20 originais, por não apresentarem cargas fatoriais satisfatórias acima de 0.30, critério de saturação aceitável, e para verificar o índice de consistência interna utilizou-se o Alpha de Cronbach. A escala final, portanto, compôs-se de 13 itens, tendo a subescala de retaliação (9 itens) apresentando Alpha de 0.89, Eigenvalue 5.36 e explicando 44.7% da variância total e a subescala crenças gerais (4 itens), apresentando Alpha de 0.83, Eigenvalue 2.74 e explicando 34.3% da variância total. Face aos resultados encontrados pode-se supor que a escala apresentou parâmetros psicométricos satisfatórios, podendo considerar-se um instrumento válido e preciso para medir as crenças normativas sobre agressão e comportamento agressivo, de utilidade no âmbito da psicologia infantil e social.

Luciana da Silva Santos; Isabelle Patriciá Freitas Chariglione; Caroline Fabrine Nunes Araújo.

Universidade Federal da Paraíba.



Comportamento auto-referido de adesão, estratégias de enfrentamento e percepção da doença entre pacientes com doença de Crohn.

A doença de Crohn é uma doença inflamatória intestinal, assim como a Retocolite Ulcerativa, caracterizada por um processo inflamatório crônico e intermitente que pode causar muita morbidade ao paciente. Atinge homens e mulheres e sua incidência vem aumentando nas últimas décadas. Por ser crônica, complexa e necessitar de controle terapêutico adequado, pensamos que um estudo envolvendo aspectos da adesão ao tratamento poderia ser bastante útil. Fazendo parte de um projeto multissetorial desenvolvido pela Divisão de Psicologia do ICHC, esta pesquisa objetivou investigar o comportamento auto-referido de adesão, percepção da doença e mecanismos de coping entre 30 pacientes com doença de Crohn em tratamento ambulatorial no Hospital das Clínicas de SP, com emprego dos instrumentos: Entrevista semi-dirigida sobre adesão e percepção da doença, Inventário de estratégias de coping de Folkman & Lazarus, e Mini-exame do estado mental (MEM). Como resultado, foram reportadas altas taxas de adesão, percepção de gravidade coerente com a realidade da enfermidade e utilização distribuída das estratégias de enfrentamento ; porém vários pontos importantes de discussão foram levantados, como aspectos da relação médico-paciente por exemplo, e questões correlatas como o convívio com a cronicidade da doença e qualidade de vida destas pessoas, sugerindo-nos o aprofundamento do tema em futuras investigações.

Gabriela Malavazi.

Divisão da II Clínica Cirúrgica - Gastroenterologia do Instituto Central do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP.



Comprometimento com o Trabalho e Projeto Institucional: em foco um Serviço de Saúde Mental.

A presente pesquisa procurou investigar em que medida o projeto de atenção vigente numa instituição de Saúde Mental do município de Campinas é responsável pelo compromisso e envolvimento de seus integrantes com o trabalho que realizam, e qual o sentido por eles construído acerca daquilo que fazem. Tal tarefa demandou considerar não apenas o discurso dos sujeitos, mas também sua atividade concreta de trabalho (em suas condições sociais, técnicas e organizacionais), visto acreditar-se que as possíveis articulações decorrentes do confronto destes aspectos aproximariam a investigação de uma compreensão mais aprofundada da realidade focalizada, desvelando, ainda, as dimensões de que se compõe a cultura do referido espaço. Isto porque, julga-se que a experiência de trabalhar, tanto quanto as interações que se dão no entorno profissional, modelam histórias únicas, constroem padrões diferenciados de perceber e sentir em relação à atividade produtiva e às formas, processos e condições em que esta se desenvolve, que, como outros determinantes de natureza social, acabam por afetar a natureza da ação humana frente ao trabalho. Para tanto, adotou-se como diretriz metodológica uma abordagem de natureza qualitativa, estabelecendo-se como sujeitos cento e cinquenta e oito funcionários representantes de diferentes segmentos profissionais. As contribuições dos participantes foram aglutinadas em conjuntos temáticos, havendo sido também empreendida análise documental do material disponível acerca da história e da cultura da instituição. Constatou-se que o envolvimento funcional para com o conjunto de princípios preconizados pelo projeto institucional em questão expressa-se de maneira pouco evidente nas ações cotidianas de trabalho, e que os funcionários não identificam as atividades por eles empreendidas como possibilidades concretas de manifestação de compromisso, indicando, dessa forma, estar o projeto mais associado à função norteadora das relações de trabalho que se estabelecem no ambiente profissional, que à busca de efetividade nas / das iniciativas institucionais.

Maria Adelina Biondi Guanais.

Pontifícia Universidade Católica de Campinas.



Comunicação de crianças autistas: um estudo de caso.

O autismo infantil é considerado uma doença enigmática. Apesar de vários estudos referentes ao assunto ainda não se sabe o que causa o autismo e nem porque uma criança, aparentemente normal, não consegue se relacionar com os outros. Um dos sintomas do autismo é a falta de comunicação dessas crianças com os outros, e pensando nisto que essa pesquisa se propôs a estudar a comunicação de crianças autistas. Para tanto, utilizamos do estudo de caso de dois meninos autistas. A coleta de dados baseou-se em entrevista semi- dirigida com as mães, observação das crianças e filmagem. Utilizamos a análise de conteúdo, tendo como referencial teórico a psicanálise. A análise dos dados nos permitem dizer que a comunicação da criança autista está relacionada com a função que a mãe exerce na relação com seu filho, podendo este se posicionar ou não como sujeito independente da relação com o Outro, e conseqüentemente comunicar-se ou não com os outros.

Thelma Pontes Borges; Meriti de Souza.

FAPESP.



Comunicação terapêutica: estudo de caso de um adolescente portador de leucemia.

Câncer é uma classe de doenças caracterizadas pelo crescimento descontrolado de células aberrantes. O câncer mata pela invasão destrutiva de órgãos normais por estas células, por extensão direta ou por disseminação à distância, por sangue, linfa ou superfície serosa. Mais comum na fase adulta, o câncer atinge também a criança e o adolescente em diferentes graus. Na adolescência o prognóstico chega a ser um dos piores devido as grandes transformações hormonais em expansão. O projeto de extensão “Apoio à criança hospitalizada: uma proposta de intervenção lúdica” do departamento de psicologia desenvolvida desde abril de 2000, no Hospital Universitário Lauro Wanderley da Universidade Federal da Paraíba, tendo como objetivo promover a melhoria da qualidade de vida durante a hospitalização, através do apoio social lúdico, proporcionou ao adolescente D.S.A. de 15 anos o acompanhamento da sua internação para tratamento de leucemia mielóide aguda. O jovem foi acompanhado por uma equipe multidisciplinar (hematologista, pediatra, fisioterapeuta, extensionista de psicologia). No decorrer deste processo foram realizadas reuniões com a equipe com o objetivo de desenvolver um padrão de comunicação terapêutica cujo foco foi a revelação do diagnóstico ao adolescente. A responsabilidade por esta etapa do processo, valorizada pela psicologia como essencial ao trabalho de apoio junto à criança, foi assumida pelo hematologista, cuja atitude redirecionou o tratamento que envolveu a quimioterapia e outras drogas, sessões de fisioterapia e de apoio lúdico. A decisão de assumir junto à equipe este posicionamento quanto a necessidade de informar sobre a doença encontra respaldo na literatura concernente à importância da comunicação nas intervenções em saúde. Falar abertamente sobre os exames, procedimentos e facilitar o diálogo, permitiu uma maior interação entre equipe médica- paciente- família. Esta abordagem teve um impacto positivo sobre D.S.A. haja vista que lhe deu o direito de lidar com os seus sentimentos, medos e fantasias até então bloqueados pelo “pacto do silêncio”. Nesta fase do processo observamos a mobilização de recursos de enfrentamento da doença até então indisponíveis ao adolescente. O paciente retornou para casa, com o quadro clínico estabilizado, voltando ao hospital para as sessões de quimioterapia. O quadro se agravou devido à necessidade de um transplante de medula, impossível devido às suas condições sócio-econômicas. D.S.A. faleceu de uma parada cardíaca. Esta experiência, apesar de dolorosa, permitiu refletir sobre a complexidade das necessidades do paciente portador de neoplasias e sobre a necessidade de mudanças de atitudes na equipe de saúde de modo a perceber o ser doente em toda a suas dimensões. Estas reflexões nos fazem concluir que é mais fácil lidar com a realidade, em qualquer crise, se trocarmos a desinformação pela informação, pois é a falta de informações que dá margem a fantasias e, conseqüentemente, à percepção distorcida da realidade. Desta forma, evitamos medos, frustrações e outros sentimentos desnecessários e tornamo-nos mais aptos a participar inteiramente de um programa de tratamento e reabilitação. Conversar sobre as possíveis dificuldades emocionais e buscar informações esclarecedoras sobre a enfermidade e seus possíveis tratamentos são atitudes que promovem um maior ajuste a esta nova fase da vida. * Aluna do curso de psicologia da UFPB (fabiana_rm@yahoo.com.br) Psicóloga, Mestre em Psicologia Social, professora da disciplina Psicologia Aplicada à Saúde do Departamento de Psicologia da Universidade Federal da Paraíba, Coordenadora de projeto de extensão, Supervisora de Estágio na área** infantil.

Fabiana Ribeiro Monteiro; Laura Helena M. C. C. Kumamoto



Conceitos sobre crianças e adolescentes veiculados num estabelecimento de assistência à infância e adolescência e os efeitos dessas conceituações.

Essa pesquisa se insere num conjunto de outros eixos que busca tematizar e indagar o processo institucional de um estabelecimento de assistência à infância e adolescência no interior do Estado de São Paulo. O objetivo desse trabalho é dar visibilidade aos conceitos de criança e adolescente que norteiam determinadas práticas. Para tanto fizemos entrevistas abertas com todos os funcionários do estabelecimento, totalizando vinte e três pessoas. Estas foram gravadas com o consentimento dos sujeitos. Posteriormente, transcrevemos a gravação e procedemos à análise dos discursos, tendo como respaldo teórico a Análise Institucional. Os discursos veiculados a respeito dessa população eram homogêneos. Tanto para os funcionários quanto para os educadores, as crianças e adolescentes eram classificados como de risco pessoal e social porque provinham da classe empobrecida socialmente e por tal condição estariam propensos a esmolar, roubar, furtar e a usar drogas. Os agentes institucionais consideravam as famílias dos sujeitos como desestruturadas, e devido ao seu nível cultural estas não conversavam e não se preocupavam com seus filhos. A produção sócio-histórica dessas formulações já vinha desde a fundação desse estabelecimento. O motivo principal de sua criação foi gestado a partir das conversas entre o juiz e o padre da cidade, que segundo relatos dos agentes institucionais, "perceberam que havia muitas crianças e adolescentes nas ruas, na década de setenta". Essas concepções de infância e adolescência irão nortear os projetos e as práticas desse estabelecimento, de modo a trabalhar com essa população disciplinarizando-a, controlando seu tempo, seus gestos, suas falas com o objetivo de "evitar" o destino único já posto de antemão. Sob essa perspectiva, as crianças e os adolescentes vão sendo "recolhidos", enviados pelo Conselho Tutelar para esse estabelecimento, produzindo nessa população estigma, preconceito, piedade e caridade, reafirmando dessa forma um certo lugar social que chamaríamos provisoriamente de um movimento de exclusão social. Assim, os agentes institucionais envolvidos com o aspecto religioso da instituição e com as questões caritativas e filantrópicas, apresentam-se como os "salvadores de crianças e adolescentes" e a relação que se estabelece é pela via da burocratização dos atos e cristalização dos afetos mediatizados pelos aspectos religiosos. Portanto, cada ação da criança e do adolescente é sempre interpretada como sendo em decorrência de sua miserabilidade. Um exemplo desse fato é quando uma criança brinca com bonecas e as coloca umas sobre as outras. Tal acontecimento é interpretado pelos agentes institucionais como a criança apresentando comportamentos sexuais não esperados pela sua idade e que teria sofrido abuso sexual. Entre outras falas, dizem ainda que "40% das crianças e dos adolescentes têm problemas de aprendizagem e 60% têm problemas psicológicos". Pretendemos com essa pesquisa, cujo enfoque teórico é da Análise Institucional, de Paulo Freire, de Michel Foucault, de Deleuze e Guattari, formar grupos com os agentes institucionais e disponibilizar os analisadores (conceitos de criança e adolescente que permeiam o estabelecimento) para que os sujeitos problematizem e indaguem suas práticas no sentido de desmontarem as conceituações formuladas ao longo da história, produzindo pensamentos e ações instituintes em relação a essa população.

Paula Ione da Costa Quintero Fiochi; Danilo Lima Tebaldi; Juliana Uesono; Marina Bevilacqua Alves Lima; Soraia Georgina Ferreira de Paiva Cruz.

Universidade Estadual Paulista.



Concepção e prática de cidadania entre universitários: análise psicossocial.

Existem muitos problemas sociais em nosso país e estes se agravam cada vez mais, enquanto as ações para mudar tal situação são raras e insuficientes. É difícil intervir e buscar soluções para tantas questões como a violência, a miséria, a corrupção, entre outros. A superação dessa realidade exige uma tomada de consciência e uma reeducação dos cidadãos. Um dos grupos sociais que mais tem acesso à informação sobre as condições atuais do país é o dos universitários, pois integram um sistema que privilegia pequena parcela da população e devem participar ativamente na construção da cidadania para todos. Na presente pesquisa, 640 estudantes da Universidade Estadual de Londrina (5% do total de docentes da graduação), distribuídos nos nove centros de estudo da instituição, responderam a um questionário de perguntas fechadas, que tinha como objetivo investigar e caracterizar o envolvimento e interesse dos universitários da instituição em projetos voltados à comunidade. Procurou-se descobrir quantos universitários já participaram de projetos desse tipo, quais as áreas de atuação desses projetos, qual a natureza de sua participação; quantos universitários teriam interesse em passar a se envolver em projetos voltados à comunidade, quais as áreas de maior interesse ou os motivos de desinteresse entre os que não querem se envolver. Os resultados obtidos indicam que a “falta de tempo” é a principal razão apontada para o não envolvimento dos universitários em projetos dessa natureza (60%). O que foi levantado, porém, é que 76% dos universitários tem interesse em participar desses projetos. Isso indica que, provavelmente, os outros motivos apontados como justificativa para a ausência de participação (falta de oportunidade, falta de divulgação desses projetos) também contribuem de forma significativa para tanto. Entre aqueles que já participaram de algum projeto, a “prestação de serviços” foi a forma de envolvimento mais apontada (60%). As áreas de interesse indicadas foram muito variadas, vindo em primeiro lugar “educação e informação geral” (32%), seguida por “trabalhos com crianças” (30%) e ecologia. Os resultados de modo geral indicam que a maior parte dos universitários da UEL ainda se encontra descompromissada com os problemas sociais; embora muitos expressem interesse em participar de projetos voltados à comunidade. Isso sugere a necessidade de um aumento no incentivo e divulgação sobre a importância da participação de todos no processo de construção da cidadania, além da conscientização acerca do compromisso social da universidade. Um primeiro passo seria, a partir de uma análise cuidadosa dos dados levantados, a realização de uma investigação mais aprofundada sobre a temática na instituição, o desenvolvimento de uma pesquisa de natureza qualitativa para se levantar, através dos discursos dos universitários, sua representação de cidadania, seus motivos de não envolvimento, suas opiniões e idéias sobre as formas de contribuição de cada curso para a comunidade. Esta pesquisa já encontra-se em desenvolvimento na UEL e pretende-se que os dados e discussões levantados possam ser úteis para trabalhos de sensibilização dos universitários para a questão da cidadania e do compromisso social.

Ana Priscila Marteloza; Camila M. Vieira; Christiane S. M. de Carvalho; Cristiane É. Sanzovo; Daniela P. Rigotti; Débora L. Montezeli; Denise F. Vicente; Giani A. G. Farias; Rogério Ferreira; Taciano L. C. Domingues; Mari Nilza Ferrari de Barros.

Universidade Estadual de Londrina.



Concepções das educadoras de creches públicas acerca do desenvolvimento infantil.

Os espaços coletivos tais como creches tem sido apontados como um tipo de contexto instigador para o estudo dos diferentes aspectos ligados ao desenvolvimento infantil. Quando se estuda os possíveis contribuições das creches para o esse desenvolvimento, uma das questões apontadas é a qualidade de atendimento e a formação dos educadores que atendem as crianças. Considera-se que a qualidade de atendimento pode estar relacionada, dentre outros fatores, às concepções dos educadores acerca das potencialidades das crianças. No contexto da creche, esse educador deve ser visto como um agente mediador e portanto favorecedor do desenvolvimento infantil. A noção do adulto enquanto um agente favorecedor do processo ensino-aprendizagem fundamenta-se na teoria sócio-interacionista de Vygotsky, o qual enfatiza o papel do adulto no sentido de auxiliar a criança na construção e apropriação contínua de conhecimentos, sendo este o responsável por alterar e promover o aprendizado das crianças atuando no que Vygotsky denominou de Nível de Desenvolvimento Proximal. Neste sentido, esse estudo investigou as concepções dos educadores de creches públicas sobre o desenvolvimento infantil e a maneira como tais concepções podem nortear as práticas educativas destes educadores. Participaram desse estudo 34 educadores de 6 creches públicas da cidade de João Pessoa, situadas em bairros periféricos, que atendem crianças na faixa etária de 4 meses a 5 anos de idade. Para conhecer as concepções destes educadores sobre o desenvolvimento infantil, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, registradas por meio de um mini-gravador, no ambiente da própria creche. As entrevistas foram transcritas e analisadas segundo o método de categorização de conteúdos proposto por Bardin (1979). A partir das análises das entrevistas pôde-se observar que (47, 5%) dos educadores percebem o trabalho com as crianças como bom e uma fase boa de se trabalhar. Em contrapartida, foi mencionada também a necessidade de atenção (18,7%) solicitada aos educadores por parte das crianças, e a falta de materiais didáticos (5%). Em relação às concepções acerca do desenvolvimento infantil, enquanto, por um lado, os educadores concebem as crianças como muito inteligentes (36,2%), demonstrando um ótimo desenvolvimento, por outro lado, (23,4%) destes concebem as crianças como seres que dependem do educador, e que somente se desenvolvem após sua inserção na creche (27,6%). Foi mencionado também que as crianças chegam na creche como um papel em branco (8,5%), sendo o educador responsável pelo desenvolvimento destas. Além disso, os educadores mencionaram que as crianças apresentam um desenvolvimento lento nessa faixa etária (10,6%). No que tange às rotinas diárias das creches estudadas, pôde-se verificar uma predominância de atividades relacionadas à higienização (27,7%) e à nutrição (31,1%), sendo as atividades psicopedagógicas como brincar, contar histórias e cantar mencionadas por (16,6%) dos educadores. Esses resultados sugerem que os educadores deste estudo necessitam de um maior aprofundamento teórico-técnico acerca das potencialidades infantis, bem como de uma maior conscientização do seu papel enquanto parceiro na promoção de conhecimento e aprendizado, no espaço da creche.

Fabiola de Sousa Braz; Annie Rachel Morais de Luna; Daniela Patrícia Dantas da Costa.

Centro Universitário de João Pessoa – UNIPÊ.



Concepções do Psicólogo Escolar Sobre a Educação Inclusiva: Um Estudo de Caso.

Introdução: A história da Psicologia Escolar tem sido marcada, nas últimas décadas, por mudanças teórico-metodológicas que procuram substituir o modelo tradicional de atuação - voltado para a culpabilização do aluno e patologização dos problemas escolares, por um enfoque direcionado à democratização educacional e social. **Objetivos:** A presente pesquisa (constante em monografia do curso de especialização em Psicologia e Educação, realizado no Instituto de Psicologia - USP) visou conhecer as concepções e as contribuições da prática de um psicólogo escolar no processo inclusão de crianças portadoras de deficiência no ensino regular, tendo em vista as implicações psicossociais de sua atuação profissional. **Método:** Foi realizada uma entrevista semi-estruturada com um psicólogo escolar da rede privada de ensino. Os dados coletados foram analisados segundo a abordagem qualitativa, proposta por André (1983). **Resultados:** O psicólogo escolar considera a educação inclusiva como um processo amplo, que envolve toda a comunidade escolar. Sua prática focaliza as dificuldades verificadas no processo inclusivo, principalmente, no tocante as relações interpessoais e a aceitação da criança com deficiência na classe regular. Também atua em conjunto com a equipe pedagógica, no planejamento e na coordenação de atividades que visam discutir aspectos conflitantes e favorecer a aceitação das diferenças individuais. **Conclusão:** O estudo de caso aponta a importância da busca de novos referenciais teóricos-críticos, como os buscados pelo psicólogo escolar em pauta, que superem o modelo clínico de atuação e que norteiem a construção de propostas de intervenção realmente orientadas por finalidades transformadoras.

Izabella Mendes Sant'Ana; Lígia Assumpção Amaral.

Universidade de São Paulo.



Concepções dos Profissionais da Enfermagem Pediátrica do H.U.D.D.L.C. a respeito da atividade do brincar das crianças hospitalizadas.

A Brinquedoteca foi implantada na Enfermagem Pediátrica, com o objetivo de propiciar as crianças hospitalizadas um ambiente saudável e lúdico, tendo como função amenizar o sofrimento diante as internações. Após um ano de implantação deste projeto foi realizada uma pesquisa junto a Equipe que atua na Pediatria para conhecer as concepções destes a respeito da atividade do brincar na vida das crianças e em particular enquanto estão internadas, e o profissional mais qualificado para desenvolver esta atividade. O estudo foi desenvolvido na Unidade da Enfermagem Pediátrica do Hospital Universitário Dr. Domingos Leonardo Cerávolo. Foram entrevistados: acadêmicos de medicina, auxiliares de enfermagem, enfermeira padrão e servente. Foi utilizado um questionário aberto, dividido em três perguntas a respeito do brincar no hospital e suas implicações. Os sujeitos foram convidados a responder a entrevista no Posto de Enfermagem na Pediatria. As respostas foram anotadas com fidelidade por duas entrevistadoras. Os dados obtidos através da entrevista, foram analisados descritivamente. A partir dessa análise alguns elementos da atividade de brincar puderam ser esclarecidos. A maioria dos profissionais na primeira pergunta consideraram que a Brinquedoteca ajuda as crianças se distraírem no período de internação, auxiliando assim o trabalho dos profissionais desta unidade. Na segunda pergunta agrupam-se respostas dos entrevistados que pensam que o brincar no hospital é como uma distração para as crianças, na visão destes as crianças acabam sofrendo com a separação da família e por estar em um ambiente hospitalar. Na terceira pergunta os entrevistados indicaram que o profissional mais qualificado para desenvolver esta atividade seria o psicólogo, pois este profissional teria um embasamento teórico mais específico para lidar com situações relacionadas ao brincar frente à situação de internação. O resultado dessa avaliação demonstrou que a totalidade dos profissionais não mencionam o brincar como forma de elaborar o sofrimento causado pela hospitalização, apesar de terem mencionado o psicólogo como profissional mais habilitado para exercer o trabalho. Diante disso, percebemos a necessidade de esclarecer aos profissionais que atuam na Enfermagem Pediátrica o objetivo do trabalho, além de esclarecer o papel do psicólogo na Brinquedoteca. Após um ano de funcionamento da brinquedoteca, pode-se constatar que os profissionais reconhecem que a atividade brincar é importante, principalmente para que as crianças possam se distrair. Também observam que auxilia no trabalho desses profissionais e percebem a importância da presença do psicólogo mesmo não tendo bem definida a sua função.

Deucy Maria F. Sacctin; Rafaela Moreno Cirilo dos Santos; Viviane Henrique de Oliveira.

Universidade do Oeste Paulista - UNOESTE.



Condições de integração acadêmica e social ao longo do primeiro ano de graduação.

Este estudo faz parte de um projeto mais amplo que visa relacionar as condições de integração acadêmica e social de estudantes ingressantes em cursos de graduação com seu destino acadêmico (curso finalizado, evasão ou em andamento) e teve por objetivo descrever e analisar as condições de integração acadêmica e social desses estudantes no seu primeiro ano de graduação. Os dados analisados foram coletados através de um questionário de vivências acadêmicas, que foi aplicado no final do 1º e do 2º semestres de 1995 a estudantes ingressantes em 14 cursos de graduação da Universidade Estadual de Campinas. Os cursos foram escolhidos segundo dois critérios de evasão e outro de área de ensino e pesquisa a qual o curso pertencia.. O questionário utilizado era composto de 23 questões em torno das seguintes categorias: integração acadêmica; integração social; compromisso com a instituição; compromisso em graduar-se; compromisso com o curso; aprovação familiar e encorajamento de amigos; condições financeiras e de moradia; condições de mudança de curso ou instituição; disponibilidade de tempo para estudo e intenção de permanência no curso. Cabia ao estudante assinalar, numa escala de 1 a 5 o valor que melhor descrevia sua situação naquele semestre. A análise das respostas, baseada na frequência de ocorrência e média ponderada de cada um dos itens, buscou identificar as mudanças ocorridas entre os semestres em relação aos dados totais e por área de ensino e pesquisa. Uma análise comparativa dos dados totais mostrou que os diferentes aspectos de integração acadêmico-social passam por mudanças diferentes ao longo dos dois semestres iniciais de curso. Os itens que se destacam por apresentar uma condição mais favorável no segundo semestre são: interação acadêmica com os professores, interação social com os colegas, participação em eventos acadêmicos, satisfação com desempenho acadêmico e satisfação com as condições de moradia. Entre os aspectos que apresentam uma diminuição em seus valores estão: segurança profissional propiciada pela universidade e a propiciada pelo curso e a importância percebida na obtenção de um diploma de graduação. Os dados apontam a necessidade da realização de estudos que acompanhem as mudanças nos aspectos de integração acadêmico-social ao longo dos anos de graduação.

Elizabeth Mercuri e Luana Grandin.

Universidade Estadual de Campinas.



Condições Sócio-familiares de presidiários violentos.

Coletar dados referentes às influências familiares e sociais de cada grupo de presidiários justificou o presente trabalho. Objetivo: Verificar as características sócio-familiares de presidiários que cometeram diferentes tipos de crimes violentos. Amostra: 45 presidiários (sexo masculino) de Uberlândia distribuídos em 3 sub-grupos distintos, diferindo no grau de violência manifesta: sub-grupo A – extremamente violentos, sub-grupo B – moderadamente violentos, sub-grupo C – violência leve. A inclusão dos presidiários nos sub-grupos distintos de violência foi feita conforme a infringência dos mesmos aos artigos do Código Penal Brasileiro. Esta classificação da amostra foi realizada por juízes de Direito e Promotores de Justiça que atuaram como juízes dos critérios empregados. Procedimento: Levantamento das características da família dos presidiários, das suas condições ambientais que pudessem ser identificadas como criminógenas através do Questionário Individual – elaborado e validado no Brasil (Lipp – Monte Serrat; 1982). Posteriormente à testagem foi feito o levantamento dos tipos de crimes cometidos pelos presidiários para classificá-los nos três sub-grupos distintos. As respostas foram tabuladas e avaliadas conforme as categorias propostas/definidas pelos autores. Estas foram analisadas através da prova do X^2 para K amostras. Resultados: Os dados confirmam a hipótese estabelecida, ou seja, as condições sócio-familiares dos presidiários do sub-grupo A – extremamente violentos são significativamente mais desfavoráveis que aquelas apresentadas pelos outros sub-grupos. Conclusão: Sub-grupos de presidiários que cometem diferentes tipos de crimes violentos podem ser distinguidos significativamente com base em suas condições sócio-familiares.

Jurema Leão Monte Arraes.

Universidade Federal de Uberlândia.



Conflito conjugal e envolvimento parental.

Achados epidemiológicos em saúde mental apontam que um dos aspectos relacionados à ocorrência de transtornos emocionais na criança e no adolescente é a presença de conflitos familiares, em especial os conflitos conjugais, com efeitos disruptivos no desenvolvimento infantil. O presente trabalho tem como objetivo verificar as características do conflito conjugal e sua associação com o envolvimento parental em famílias com filhos entre 6-10 anos de idade. Um total de 139 pais foram investigados, provenientes de dois grupos: O grupo clínico (PIPAS) constou de um total de 49 pais (mães=35 e pais=14) com crianças entre 6-10 anos em atendimento psicológico; o grupo não-clínico (comunidade escolar) constou de um total de 90 pais (mães=55 e pais=35) com crianças da mesma faixa etária. Todos os participantes responderam ao instrumento Escala de Conflito Familiar –ECF, avaliando a presença e as características do conflito conjugal (violência verbal, violência física, violência sexual, discussão verbal e estratégias emocionais) e o Inventário do Envolvimento Parental- IEP, avaliando as dimensões da participação e envolvimento dos pais com os filhos (social, didático, afetivo, responsabilidade, disciplina). Os resultados apontaram diferenças significativas entre os dois grupos. O grupo clínico apresentou maior frequência de incidentes envolvendo violência física ($p=.001$) e menos frequência da utilização de técnicas de discussão e argumentação ($p=.002$). Da mesma forma, o grupo clínico apresentou menor participação e envolvimento com os filhos ($p=.001$). Em suma, os achados indicam que conflitos conjugais e violência física são aspectos fundamentais a serem considerados como causadores de transtornos emocionais na criança, devendo ser tópico de verificação e avaliação nos casos encaminhados para atendimento psicológico. Ressalta-se, também, a importância dos achados para o desenvolvimento de medidas preventivas quanto à violência intra-familiar..

Angelice Graff; Jeane Lessinger Borges; Roberta Nedel; Samara Silva dos Santos; Silvia Pereira da Cruz Benetti.

Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos; Programa Interdisciplinar de Promoção e Atenção à Saúde (PIPAS).



Confrontos: morte e adolescência.

Objetivos: Estudar a representação da morte e analisar a evolução do conjunto de conceitos, explicações e afirmações originadas na vida diária e nas comunicações interindividuais. Método: Os Ss são alunos/adolescentes de uma instituição particular de ensino, acompanhados da 6ª série do ensino fundamental até a 2ª série do ensino médio. Em anos alternados realizam três redações sobre o tema Morte, na disciplina de Língua Portuguesa, estimulados apenas na primeira execução pela leitura e discussão do livro “A morte tem setes herdeiros” de Stella Carr. O critério de escolha das redações seguiu a proposição dos objetivos, sendo necessária a realização das três produções. Resultados: Das 113 redações obtidas, 21 são analisadas num grupo de sete alunos/adolescentes, sendo cinco do sexo masculino e 2 do feminino. Os temas mais desenvolvidos são a inevitabilidade e o temor da morte, as crenças religiosas, a violência, o medo do desconhecido, a culpa e o ódio. A análise das redações realizadas na 6ª série, aparentemente, mostram a influência da leitura e reflexão sobre o livro, pois em quatro são criadas estórias onde ocorrem mortes violentas ou tragicômicas, e em três o tema é tratado racional e distanciadamente, mas permeado pelo temor de morrer, pelo desejo de retorno por intermédio da reencarnação e por um sentimento difuso de confrontação com a realidade. As redações produzidas na 8ª série evidenciam uma evolução no desenvolvimento do tema, que passa a ser tratado com atenção diferenciada, possivelmente pelo amadurecimento dos adolescentes, mas mantendo os mesmos conteúdos; apenas dois adolescentes expressaram dificuldades em escrever sobre a morte. Na 2ª série do ensino médio o tema principal de todas as redações é a dúvida, principalmente, quanto a finitude; em três observa-se à tentativa de compreensão do inevitável, numa clara expressão de racionalidade; comparativamente, há um nítido desenvolvimento na forma redacional, nos questionamentos e abordagem do assunto, revelando, entretanto, a persistência dos tópicos tratados. Conclusão: A análise das redações aponta para a contradição existente entre o homem e a morte. Os adolescentes mostram a persistência do conflito humano entre o natural/inevitável e o temido, aparentemente exacerbado, nesse momento, que é de descobertas e crescimento. O tema parece provocar angústias existenciais, principalmente quando é abordada a passagem do tempo para si mesmos e para as pessoas próximas, levando-os a racionalizar, empreendendo uma análise distanciada, compensatória e/ou de negação. É notável a evolução do conjunto de conceitos e explicações, mas a morte como sujeito ausente do discurso permanece, dificultando, ou até mesmo impedindo, sua expressão.

Elaine Teresinha Dal Mas Dias.

UNINOVE; UNIP.



“Conhecendo as Profissões com a Técnica R.O.”.

O propósito do presente trabalho é apresentar um material desenvolvido para facilitar o Orientador Profissional a aplicar a Técnica R.O., de autoria de Nora Sturm, apresentada no Capítulo 4 – “A Informação Ocupacional em Orientação Vocacional”, do Livro Orientação Vocacional: A Estratégia Clínica, de Rodolfo Bohoslavsky, Martins Fontes, SP, 11a Edição, 1.998, págs. 150 a 157. Tem como objetivo fundamental estimular, no Orientando, um contato ativo com a informação mediante a atividade realizada com cartões contendo nomes de profissões/ocupações. O conjunto de cartões contém o nome das profissões/ocupações na sua frente e um sumário no seu verso. De acordo com o nível de ensino pretendido pelo Orientando (Educação Profissional, Ensino Superior ou Tecnológico Superior), o Orientador apresenta-lhe os cartões correspondentes. À proposta indicada no “Emprego Clínico da Técnica R.O.” (pág. 152), eu acrescento um sumário atualizado das principais características de cada profissão com o objetivo de estimular a pesquisa sobre as mesmas. Este material abre um leque de opções, levanta quais idéias o jovem tem das profissões, corrige distorções (estereótipos e expectativas) e indica quais profissões serão selecionadas para prosseguir na sua pesquisa. Este procedimento, de fácil manuseio, é indicado a todos os Orientandos, quer estejam decididos ou não na sua escolha profissional, possibilitando contrapor ou confirmar as imagens que eles têm das profissões. Elaborado por mim, editado pelo Centro Editor de Testes e Pesquisas em Psicologia - CETEPP (e-mail: testes@cetep.com.br) e lançado no V Simpósio Brasileiro de Orientação Vocacional & Ocupacional, promovido pela ABOP, em Outubro de 2.001. Está dividido em quatro partes, de acordo com a futura trajetória do Orientando: Ensino Superior (154 cartões), Ensino Tecnológico Superior (75 cartões), Educação Profissional (129 cartões) e Carreira Militar (15 cartões).

Marli Etelli Coelho.



Conhecimento de mães acerca das competências dos bebês em dois momentos do desenvolvimento.

Idéias, crenças e concepções sobre a competência de bebês em fases iniciais do desenvolvimento têm sido objeto de investigação dada sua importância para o entendimento das interações precoces adulto-bebê, dos comportamentos e práticas em relação às crianças e, conseqüentemente, da estruturação do nicho de desenvolvimento. Este estudo, parte de uma investigação mais ampla, busca comparar o conhecimento de mães acerca de competências de bebês em fases iniciais de desenvolvimento em dois momentos, quando seus filhos tinham 5 e 20 meses. Para isso, foi usada uma parte da amostra total do projeto Interação Mãe-bebê e o Desenvolvimento Infantil: Um Estudo Longitudinal e Transcultural que já foi visitada nesses dois períodos. As vinte mães residem na cidade do Rio de Janeiro, têm idades entre 18 e 39 anos, nível de escolaridade predominante de ensino médio incompleto e nível socioeconômico entre baixo e médio. Foram usados os dados de uma parte do Inventário do Conhecimento do Desenvolvimento Infantil (KIDI), preenchido individualmente pelas mães, sem limite de tempo, nos dois momentos mencionados. Este instrumento avalia o conhecimento de pais acerca do processo de desenvolvimento infantil e períodos mais prováveis para aquisição de determinadas competências. A parte do instrumento utilizada neste estudo refere-se às Normas e Marcos do Desenvolvimento. Foi feita uma comparação entre as médias de escores nessa parte do instrumento, usando o Teste T Para Medidas Repetidas, não tendo sido encontrada uma diferença significativa. As questões foram também classificadas em três grandes áreas de competência: cognitiva, socioemocional e motora. Analisaram-se, então, os resultados por áreas de competências, em cada área e em cada momento da aplicação. Constatou-se que, aos 5 meses, as mães acertaram em média 60% das questões afetivas, 56,25% das motoras e 50% das cognitivas. Aos 20 meses, a maior média dos acertos maternos continuou sendo em relação às questões afetivas totalizando 60% de acertos. Porém, foi possível identificar um índice maior de acertos relacionados às questões cognitivas. Nas questões de âmbito cognitivo e motor os resultados foram, respectivamente, de 51,67% e 47,75%. Observa-se, assim, que esse grupo de mães apresenta algum conhecimento sobre marcos de desenvolvimento inicial e que esse conhecimento parece ser maior nas questões de ordem afetiva. Esse resultado é relativamente estável, assim como o escore nessa parte do KIDI. Além de demonstrar uma maior sensibilidade aos aspectos afetivos, esses dados podem indicar que as idéias ou conhecimento materno sobre os marcos do desenvolvimento investigados não são muito afetados por sua experiência de maternagem, pelo menos no período estudado (de 15 meses), ou são afetados de modo mais sutil, não detectado com esse tamanho de amostra. Esses dados contribuem para a busca de compreensão do sistema de crenças maternas que faz parte do nicho de desenvolvimento e pode influenciar o relacionamento mãe-bebê e o desenvolvimento infantil.

Clarissa Gouvea Stein Lopes; Danielle de Paiva Pietroluongo; Leandra Sobral Oliveira; Luciana Fontes Pessôa; Maria Lucia Seidl de Moura; Paloma Navega da Silva de Azevedo; Rodolfo de Castro Ribas Jr; Sanya Franco Ruela.

UFRJ; CNPq; CAPES; FAPERJ; PIBIC; UERJ.



Conhecimento e compromisso político: a formação de profissionais no campo de gênero e saúde.

No Brasil, percebemos uma grande ausência de pesquisas acadêmicas e de ações específicas, no campo da sexualidade e reprodução, voltadas à população masculina, particularmente os pais jovens e adolescentes. Procurando resgatar e ressaltar essa questão foi fundado em 1997, o Programa PAPAI - uma organização civil sem fins lucrativos sediada em Recife/PE, que desenvolve, em âmbito local, nacional e internacional atividades de intervenção social junto a homens de diferentes idades, bem como atividades de pesquisa e capacitação nos campos da saúde, sexualidade e reprodução. Desta forma, nosso objetivo geral é promover atividades de formação, pesquisa e ação social em torno de questões relativas à saúde e relações de gênero, sexualidade e reprodução, por meio de atuação em diferentes fóruns: sociedade civil, instituições de ensino e pesquisa, instâncias de controle social e órgãos governamentais. As pesquisas desenvolvidas pela equipe visam tanto a produção de conhecimento como também subsidiar as atividades de intervenção, além de retroalimentar outros projetos que tenham como foco as relações e hierarquia de gênero e idade. A formação constitui um dos eixos centrais do nosso plano de ação, assim, integram a equipe de trabalho do Programa PAPAI profissionais (assessor de projetos), estudantes de graduação, que participam de projetos de pesquisa-ação, sob a supervisão dos coordenadores do PAPAI (profissionais em nível de pós-graduação). Além disso, realizamos atividades voltadas a profissionais de diferentes níveis de formação e campos de atuação, que trabalham junto a homens, mulheres e jovens. Nessas atividades, apresentamos discussões metodológicas a partir das experiências e das lições aprendidas - com vista à produção de conhecimento e intercâmbio. Esperamos que o impacto dessa iniciativa reproduza formações de autores mais críticos e preocupados em seus 'compromissos sociais' no campo da saúde e direitos reprodutivos.

Jorge Lyra; Luciana Souza Leão; Augusto Crisóstomo; Daniel Costa Lima; Euda Kaliane.

UFPE.



Conhecimentos e Crenças de Professores e Futuros Professores sobre como Motivar Alunos

O presente estudo de natureza exploratória contou com 367 participantes: 324 alunos de cursos de licenciaturas pertencentes a duas universidades e 43 professores já formados e “na ativa”, de escolas públicas e particulares. Seu objetivo foi identificar as crenças, em termos de conhecimentos e crenças educacionais, de futuros e atuais professores, comparativamente, a respeito de como motivar determinados alunos. O estudo buscou também verificar, junto aos futuros professores (licenciandos), quais as metas de realização adotadas em relação à disciplina de Psicologia da Educação, além de relacionar os conhecimentos e crenças desses licenciandos com as próprias metas de realização nessa disciplina. Como instrumentos para coleta de dados foram utilizados dois questionários em escala Likert. O primeiro destinava-se a investigar os conhecimentos e crenças dos participantes sobre como manter a motivação de alunos motivados e como motivar alunos com problemas nessa área, com base em duas vinhetas que descreviam os dois tipos de alunos. O segundo instrumento buscou identificar as orientações a metas de realização dos licenciandos que estavam cursando a disciplina de Psicologia da Educação. Os resultados estatísticos mostraram que os participantes revelam conhecimentos e crenças que são compatíveis com as pesquisas e teorias contemporâneas sobre motivação do aluno. Entretanto, a estatística mostrou também apreciável número de alunos e professores com crenças consideradas incompatíveis com as descobertas de pesquisas. Quando, num subgrupo de alunos, se buscou relacionar suas próprias orientações a metas de realização com o que eles apontaram como estratégias favoráveis ao desenvolvimento da meta aprender e meta *performance*, surgiu um resultado definido e surpreendente. Foi mais freqüente a correlação positiva e significativa entre quaisquer metas de realização e a indicação de estratégias promotoras de orientação à meta *performance*. Os resultados foram discutidos em termos de implicações educacionais, principalmente quanto ao papel da disciplina de Psicologia da Educação, bem como sugestões de novas pesquisas sobre o tema.

Márcia Santos da Rocha; José Aloyseo Bzuneck

Universidade Estadual de Londrina;/ Universidade Norte do Paraná



Conhecimentos e habilidades clínicas de estudantes de Psicologia para o diagnóstico pelos critérios do DSM-IV

Esta pesquisa destaca a importância do diagnóstico e de uma nomenclatura padronizada na formação do estudante de Psicologia. Teve como objetivo verificar o conhecimento e habilidade dos estudantes de Psicologia, em diagnosticar conforme os critérios do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-IV). A amostra foi composta por 90 sujeitos, de ambos os sexos, de um curso de Psicologia, dos períodos matutino e noturno, sendo 30 sujeitos do primeiro ano, 30 do terceiro e 30 do quinto. Como instrumento foi utilizado um questionário com cinco perguntas sobre o tema diagnóstico, no qual duas foram abertas e três semi-abertas. As perguntas abertas referiam-se à definição sobre diagnóstico, e questionava sobre qual dos conhecimentos, teóricos ou práticos, eram mais importantes. Já as semi-abertas indagava sobre a importância do diagnóstico e a possibilidade de tratamento sem ele, e a necessidade de critérios diagnósticos. Utilizou-se ainda, um caso clínico de Transtorno Bipolar, no qual os sujeitos levantaram uma hipótese diagnóstica segundo o DSM-IV, retirado do livro "Casos Clínicos do DSM-IV". As aplicações dos instrumentos ao 1° e 3° ano, foram coletivas e na sala de aula. O mesmo foi feito ao 5° ano, mas o número de questionários respondidos não foram suficientes, por isso o restante foi distribuído individualmente. Todos os sujeitos foram orientados para não consultar o DSM-IV, ou qualquer outro material. Os dados levantados demonstraram que grande parte dos acadêmicos compreendem e reconhecem a importância do diagnóstico para a compreensão do caso clínico e para a prescrição de uma melhor forma de tratamento. Os dados também revelaram que os estudantes reconhecem as necessidades de articulação entre os conhecimentos teóricos e práticos, e de estabelecimento e utilização de critérios diagnósticos. Nos levantamentos de hipóteses do caso clínico, observou-se que grande parte dos sujeitos, conhecem a nomenclatura descrita no DSM-IV, mas nem todos estão familiarizados com seus critérios diagnósticos, pois houve divergência nas respostas.

Adilene Gonçalves Vieira; Elaine Cristina Catão.

Universidade de Santo Amaro – UNISA.



Consciência e educação: Oficinas Criativas na formação de educadores.

Painel ilustrativo apresentando o referencial teórico, depoimentos e resultados obtidos através da pesquisa de mestrado da autora, realizada no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP) e concluída em abril de 2000 com o referido título. A pesquisa investigou a Oficina Criativa em suas etapas estruturais como estratégia de formação profissional contínua, tendo como sujeitos um grupo de dez educadoras do Ensino Fundamental de uma escola pública municipal de São Paulo, o qual se disponibilizou a participar de encontros quinzenais durante um semestre letivo. As Oficinas Criativas no contexto educacional se caracterizam como encontros vivenciais que mobilizam novas formas de compreensão da realidade através da experimentação sensorial, plástica e imagética conectadas à ação criativa. No fazer artístico, aos diversos modos de ensino-aprendizagem presentes na escola foram tematizados e reconfigurados. A fala sobre as produções e o processo que as fez emergir revelou-se rica em novos sentidos e metáforas. Através dela os processos de vida foram relacionados às características dos materiais e formas produzidas, impulsionando a ampliação da compreensão do ato educativo. Nesse contexto emergiram fluxos de consciência organísmica, identificados através da integração entre as funções sensoriais, motoras, afetivas e cognitivas das participantes. Denominada awareness na abordagem gestáltica, esse modo de consciência compreende a gestação de novos significados a partir de um profundo envolvimento com aquilo que está sendo vivido no momento presente. A fenomenologia existencial e os princípios Gestaltpedagógicos, concebidos a partir da Gestalt Terapia, constituíram-se como referenciais para a elaboração das vivências propostas e posterior análise dos dados obtidos. Tratou-se de pesquisa qualitativa participante, havendo por parte da pesquisadora uma intervenção junto ao grupo, acompanhada de dispositivos de observação e registro imediato das vivências. Foram colhidos como material de análise os relatos das educadoras, partindo-se de seu marco de referência visual sobre as produções artísticas. Como procedimento, foram feitas inicialmente entrevistas abertas que enfocaram a relação do educador com o seu trabalho. As respostas dadas ofereceram subsídios para os temas abordados em seguida nas oficinas. Foi possível constatar que o encontro favorecido pelo processo de criação grupal possibilitou o necessário redimensionamento da fronteira existente entre trabalho e vida pessoal, proporcionando novas formas de expressão e a visualização de aspectos em si e no outro que se encontravam velados até o momento. No decorrer da pesquisa, as participantes foram utilizando livremente em sala de aula os recursos experimentados nas oficinas, o que sinalizou um processo de apropriação e aprendizagem significativa fundamentais à formação do educador. A Oficina foi apontada como um necessário momento de escuta e apoio no cotidiano de trabalho, um espaço para a aprendizagem do diálogo e do fazer coletivo a partir das diferenças individuais.

Clara Paulina Coelho Carvalho

Universidade de São Paulo - PSA



Conselho tutelar e produção de subjetividade.

No início da década de 80, começa a tomar corpo no país o desejo de uma Constituição mais justa, democrática e igualitária. Esse desejo se concretiza com a promulgação da Nova Constituição (1988) na qual a criança e o adolescente ganham destaque especial (Art. 227). A regulamentação deste artigo resulta numa lei inovadora - o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei 8069/90 - que atribui à família, à comunidade, à sociedade em geral e ao Poder Público o dever de lhes assegurar proteção e garantir seus direitos. Entre outras inovações, o ECA corrige uma distorção histórica ao promover a separação entre a função judicante e a tutelar até então atribuídas ao Juiz de Menores e criar o Conselho Tutelar para assumir a função de tutela, deixando à Justiça da Infância e Juventude a função judicante que lhe é própria. Desse modo, o Conselho Tutelar fica encarregado pela sociedade de zelar pelo cumprimento dos direitos que a lei determina. É seu órgão executivo, instância onde a sociedade civil põe em prática o que concebe como a melhor forma de regulação da vida social de seus membros mais jovens. No entanto, apenas a promulgação da lei não é o bastante para mudar todo o pensamento e o conjunto de práticas da sociedade. No primeiro momento é difícil que essas práticas sejam inteiramente consoantes com o espírito do ECA. Práticas são exercidas por pessoas e as pessoas já estão inseridas em uma cultura que pauta suas ações em algum paradigma já interiorizado. Desse modo, o paradigma desempenha um papel ao mesmo tempo subterrâneo e soberano no pensamento e na ação das pessoas, o que torna complexa a assimilação do novo paradigma introduzido pelo ECA – proteção integral – com sua pretensão de desconstruir o menor, sujeito produzido pelo Código de Menores e introduzir a noção de criança e adolescente cidadãos, sujeitos de direito. O Conselho Tutelar desempenha um papel fundamental nessa direção na medida em que é suscetível às mudanças de concepção que ocorrem na família e na sociedade acerca do que é melhor para seus membros mais jovens, mudanças essas que acabam se refletindo em suas práticas. Essas práticas, ao mesmo tempo que são o produto da subjetividade de seus atores, também respondem pela produção de novas subjetividades. Assim, esse estudo pretende pôr em evidência, nas práticas do Conselho Tutelar, os mecanismos atuam na fabricação do novo sujeito de direitos concebido pelo ECA. Através da observação participante de campo em cinco Conselhos Tutelares do Rio de Janeiro, foram levantadas e analisadas questões relativas a demandas e encaminhamentos; infraestrutura; equipe de conselheiros; equipe técnica; relação do Conselho Tutelar com a Família, Escola, Comunidade, Ministério Público, Judiciário e rede de atendimento. Os resultados apontam para uma grande heterogeneidade em todos os aspectos observados. Em comum, somente a vontade declarada de fazer do Conselho Tutelar um dos pilares do projeto de fabricação de jovens cidadãos introduzido pelo ECA.

MOTTA, Maria Eucharés; ARANTES, Esther; DIÃO, Adriana; MENDONÇA, Bruno; CONTESSOTO, Graziela; NEVES, Livia; VILLELA, Nathália; SALLES, Maria Christina; VASCONCELOS, Tatiana; BASTOS, Valéria; MATURANA, Vivilaine

PUC-Rio



Conservação e mudança em brincadeiras tradicionais em um bairro da grande Aracaju (SE).

As brincadeiras ou jogos tradicionais, de uma maneira geral, possuem características de anonimato, tradição, transmissão oral, conservação, universalidade e mudança. Geralmente a conservação está diretamente relacionada ao grau de estereotipia e ritualização dos jogos e a mudança está relacionada aos aspectos de criatividade e adaptações das brincadeiras que vão sendo transmitidas durante as gerações. É no brincar que a criança entra em contato com a cultura, as normas e as regras existentes em nossa sociedade, podendo manipulá-las e até mesmo criar uma nova cultura, a cultura lúdica. E pelo fato de a brincadeira pressupor uma aprendizagem social, esta pesquisa tem como objetivo investigar e comparar as peculiaridades culturais existentes no processo de organização social da criança na rua durante o brincar e o processo de transmissão da cultura lúdica em um bairro da Grande Aracaju. Para isso, registrou-se focalmente através de registro cursivo, os grupos de brinquedo, as brincadeiras, suas modalidades, formas, regras, número de participantes e etc. Observou-se que as crianças criam novos jogos, tal como o “tjoliche”, brincadeira que continha características tanto de futebol como de boliche, adaptam espaços (jogar futebol na calçada, vôlei no portão, gude na calçada de cimento, entre outros), tornam as regras mais flexíveis de acordo tanto com o número de participantes (dar uma vida para o time que tem menos integrantes, por exemplo) quanto a habilidade das crianças (considerar uma criança aprendiz como “café-com-leite” ou “anjinho”, aquele que não está submetido às regras nem precisa segui-las rigorosamente), assim como mantém determinadas regras e a forma de jogar. Aspectos de conservação foram observados no jogo de gude, tal como o tecar a bola do outro, que parece ser um dos aspectos “universais”, já que também em outros estados este é o principal objetivo da brincadeira podendo ser chamada também de “matar” a bola do outro. Variações dentro de uma mesma atividade lúdica foram observadas, principalmente na brincadeira de corda, no que diz respeito às formas de pular, podendo entrar no jogo para pular com a corda já rodando, se agachando em alguns momentos de acordo com a música cantada, e até mesmo pular mais rápido, na modalidade “foguinho”; na forma de rodar (“foguinho”-rodando mais rápido; e “maré subindo”- a corda não é rodada, vai aumentando a altura); e também nas músicas cantadas (a,e,i,o,u; abecedário, etc). Portanto, podemos constatar que as crianças são bastante criativas e aproveitam os materiais disponíveis no ambiente, além de conservar ou modificar as regras, adaptando-os à sua forma de brincar. Sendo assim, pode-se afirmar que habilidades, regras e procedimentos, tanto de brincadeiras tradicionais como de jogos populares, são transmitidos e aprendidos de formas variadas cujos elementos permanentes parecem ser a criatividade e a adaptação às condições encontradas.

Adriana Viana Amaral; Ana Beatriz G. C. Carvalho; Ilka Thiziane T. de Santana; Tatiana Cardoso Andrade; Ilka Dias Bichara.

Universidade Federal de Sergipe.



Consideração dos aspectos emocionais no tratamento da Enurese Infantil.

A enurese é conhecida desde 1550 A. C e ainda reserva dúvidas quanto a etiologia e tratamento até os dias de hoje. É alvo de desconforto e vergonha nas crianças e certa angústia em seus familiares, que muitas vezes não sabem lidar com essa problemática e podem causar sérios transtornos psíquicos aos seus filhos. O objetivo do trabalho é fornecer informações sobre a etiologia e descrever alguns tratamentos que vêm sendo utilizados com esses pacientes. Foi realizada uma pesquisa de estudos referentes a esse tema e posteriormente foi feita uma revisão daqueles que preconizavam a etiologia e o tratamento da enurese. Essa investigação se deu através de um levantamento bibliográfico em livros e periódicos de pediatria, psiquiatria e psicologia, destacando os mais significativos. O resultado aponta que a importância quanto a procura de uma forma de tratamento adequada deve-se a possíveis estigmas emocionais que podem interferir no desenvolvimento normal da criança, associados à inconveniência social. Foi verificado que aspectos psicológicos estão presentes e são considerados relevantes no estudo desse tema e que o trabalho psicoterápico pode ser útil para lidar com dificuldades emocionais e familiares. Contudo, há necessidade de estudos que preconizem outras formas de intervenção e possibilitem uma investigação mais detalhada de como se abordar a prevenção nesses casos. Tais considerações podem auxiliar no estabelecimento de um saber psicológico acerca dessa problemática que leve em consideração a dinâmica e a subjetividade desses pacientes.

Jena Hanay Araujo de Oliveira.

Pontifícia Universidade Católica de Campinas



Considerações a respeito do processo de "separação" polícia-sociedade: relato de uma experiência.

Questões ligadas à segurança pública, mais especificamente às práticas das Polícias Militar e Civil, de seus agentes, o uso por parte destes, em sua ação cotidiana, da violência e a quebra de direitos civis, têm sido cada vez mais discutidas e colocadas como uma das grandes problemáticas da constituição de nossa Sociedade. O objetivo geral deste trabalho, foi fazer uma análise das lógicas que estabelecem as práticas dos policiais, levando em conta sua inserção na organização e as inter-relações que ali se impõem; estas vinculadas às relações que se estabelecem de forma geral na Sociedade - da qual os policiais, como qualquer cidadão, também são parte. O campo empírico referencial foi o curso "A Polícia como Protetora dos Direitos Humanos", ministrado pela Comissão dos Direitos Humanos da Universidade Federal de Sergipe a policiais militares e civis, de onde foram colhidos os dados. O referencial teórico foi articulado de forma a situar a constituição do Indivíduo, da Sociedade, do Estado, como relações e não como dicotomias; a Sociedade regulada por tecido de Instituições que se interpenetram, o que demonstra a submissão dos atores sociais a ordens estabelecidas, ao mesmo tempo em que são os produtores e perpetuadores/perpetradores destas. A questão da violência e do poder - a primeira sendo vista como resultado da ausência do segundo - foi outro referencial bastante significativo no que diz respeito à ação da Polícia enquanto agente do Estado, responsável pela manutenção de uma ordem. Concluiu-se que as questões analisadas ligadas à Polícia, extrapolam o estabelecimento de uma separação formal desta com relação à Sociedade, como podemos pensar em um primeiro momento ao tomarmos a questão da militarização (cidadãos militares x cidadãos não militares); apesar da militarização não ser um fator irrelevante, pudemos observar de uma forma mais ampla, certas similaridades no estabelecimento e evolução das inter-relações em ambas as organizações policiais - Civil e Militar -, além da reprodução de práticas violentas nos mais diversos desrespeito a direitos; o que nos leva a encarar as questões levantadas como ligadas a uma posição destas organizações no que diz respeito à Sociedade. Estas práticas são absorvidas como já estabelecidas pelos atores sociais que vão se inserindo nas organizações que, mesmo não concordando com estas em um dado momento, passam a ser seu agentes, em um processo inconsciente. Tal processo se assemelha ao que ocorre nas diversas instâncias do estabelecimento e perpetuação da vida em sociedade, sendo necessários pensa-los de maneira implicada e não, alienada. Desse modo, a as questões da segurança pública dizem respeito a toda a Sociedade, sendo necessário um esforço para estabelecer espaços permanentes de enunciação, como foi o curso.

Frederico Leão Pinheiro; Maria Teresa Lisboa Nobre

Universidade Federal de Sergipe



Considerações sobre a atuação do psicólogo hospitalar diante de crises do período de gestação.

Estudo teórico sobre a atuação do psicólogo hospitalar em situações de crise do período gestacional, cujo objetivo refere-se à comprovação da possibilidade de atuação e eficácia do trabalho de Psicologia em Maternidade. Por meio da revisão bibliográfica, refaz a trajetória de união entre Medicina e Psicologia, mencionando a importância, principais objetivos e algumas possibilidades de trabalho. Constata que a experiência e característica da atuação em contexto hospitalar possibilitam, senão exigem, uma reflexão sobre a condição psicológica dos pacientes, considerando-se situações de doença, tratamento, hospitalização, dor, sofrimento, limitações, dependência, intervenções, procedimentos, etc. Relaciona estas situações, vivenciadas pelo paciente como novas, desconhecidas, inesperadas ou traumáticas, a momentos de instabilidade psíquica, com conseqüente presença de angústia, fragilidade e sintomas, ou seja, à ocorrência de crise. Aproxima-se ao tema central do trabalho, ao apresentar as principais características psicológicas do período de gestação e relacioná-la a uma situação de crise específica, uma vez que é permeada por situações novas e transformadoras e envolve a hospitalização em Maternidade. Considera a crise, e conseqüentemente a crise da gestação, como uma oportunidade para intervenção de caráter preventivo em decorrência da disponibilidade do paciente para mudanças. Deste modo, constata a real possibilidade de trabalho psicológico pautado no diagnóstico e intervenção diante de situações de instabilidade psíquica na gestação, com vistas à prevenção de aparecimento, permanência ou progresso de sintomas.

Fernanda Muraro

Universidade Paulista – Sorocaba/SP



Constituição de Saberes: o Uso de Ervas na Medicina Popular.

INTRODUÇÃO - A memória coletiva, como bem apontado pelo historiador francês Jacques Le Goff, não é somente uma conquista, é também um objeto de poder de um determinado grupo. Por essa perspectiva tornam-se compreensíveis os problemas que afetam as sociedades contemporâneas, sendo necessário conhecer a memória coletiva, oral e escrita, de uma sociedade para determinar sua cosmovisão, seus símbolos e imagens que interferem nas relações interculturais. As dificuldades em se conhecer o outro, no entanto, impedem que propostas estranhas àquela sociedade – mas próprias de uma outra forma de pensar – possam ser assimiladas com mais facilidade. Mas algo parece inquestionável: a existência de diferentes saberes, constituídos pela experiência da vida em coletividade e passados de geração em geração pelos indivíduos que compõem os grupos sociais. O objetivo principal do presente estudo é a investigação de como as práticas da medicina popular se constituíram enquanto um tipo específico de saber, como se mantiveram ao longo do tempo e qual sua influência naquilo que as pessoas consideram como parâmetros para determinarem o que vem a ser saúde e doença em seu cotidiano. Especificamente, investigaremos como o uso ritualístico de ervas pelos curandeiros (ou rezadores) se mantiveram como prática entre os moradores do município de Nova Friburgo; de que forma a existência dessas práticas curativas são apropriadas e reapropriadas pela comunidade local e como os indivíduos são influenciados pelas mesmas. **METODOLOGIA** - Pensar o fazer diário do outro implica em percorrer seus próprios caminhos. Assim, nossa pesquisa consiste no contato pessoal com aqueles que mantêm vivas certas práticas curativas – não somente os rezadores mas também aqueles que recorrem aos serviços desses. Desse modo, foram realizadas entrevistas abertas e gravadas em fita K7. Todas as entrevistas foram transcritas na íntegra, seguindo um desenho metodológico próprio ao modelo que vem sendo desenvolvido pela chamada história oral proposto por José Carlos Sebe Bom Meihy, pesquisador do Departamento de História da USP. Dessa forma, nossa proposta vem sendo a de penetrar nessa rede de relações, reconstruindo um percurso histórico através do olhar dos rezadores e daqueles que vivenciam os rituais específicos dessa prática e seguem suas orientações curativas utilizando ervas medicinais e outros rituais. As entrevistas foram elaboradas de modo que a fala dos entrevistados apresentem elementos que nos permitam uma melhor compreensão acerca de como essas pessoas interpretam para si conceitos próprios ao universo da saúde e da doença, mais propriamente aquelas de natureza emocional. Elas revelam os “bastidores” de uma prática que se mantém viva a despeito da rapidez e volatilização do mundo moderno. Ao contrário do que imaginávamos encontrar, não há uma transmissão desse conhecimento através das relações familiares, de acordo com a sobreposição das gerações. O deflagrador para a prática de reza está intimamente ligado 1) ao fato de pertencerem todos os entrevistados a tradições religiosas bem marcadas e 2) terem experimentado uma situação na qual havia a necessidade de uma solução iminente e é nesse momento que se revelaria a eles uma espécie de “força espiritual até então desconhecida”.

Lucia Pumar-Cantini; Maria Sueli Maia; Maria Izabel Garcia



Construção de um espaço escolar inclusivo.

O movimento inclusivo tem sido privilegiado em diferentes ações na área da educação, justamente por trabalhar com agrupamentos e, portanto com a promoção da socialização e do exercício da cidadania. Os mobilizadores deste movimento tem sido, principalmente, os próprios beneficiados e suas famílias, tanto na forma de organização não governamental, quanto na forma de iniciativas individuais. Num segundo momento encontramos setores profissionais também mobilizados pela concretização da idéia da inclusão. No entanto, os modelos usados para levar a termo a tarefa educacional de transmitir conhecimento ainda estão pautados na homogeneidade das classes e seriação para o aprendizado. Estes fatores dificultam a inserção de crianças com necessidades educacionais especiais nestes agrupamentos, pois seus saberes, a maior parte das vezes, não acompanham uma linearidade no desenvolvimento. Neste trabalho apresentamos uma experiência de inclusão escolar, seus ganhos e dificuldades. Apontamos como ganhos os vários avanços relacionados às aquisições de habilidades acadêmicas e ao desenvolvimento de habilidades sociais do aluno, e ainda a relação positiva que está sendo construída entre o aluno e seus colegas de classe. Estes progressos são identificados por todos os componentes da equipe escolar e da equipe de suporte (psicóloga clínica, psicóloga escolar e tutora). Entendemos que estes ganhos estão relacionados ao exercício de suporte oferecido à escola e ao aluno, como a Tutoria, o feedback contínuo das ações implementadas pela escola na sua relação com o aluno, com sua família e com um possível modelo inclusivo. Apresentamos também fatores dificultadores do pleno exercício de inclusão como uma ação escolar centrada no diferente, na normalização, que não supera o olhar centrado no aluno incluído, explicitando continuamente sua condição de especial; a exigência da escola na manutenção pela família de grande equipe de suporte especializado dentro e fora da escola; uso da equipe de suporte como responsável principal pelo aluno, sendo que a escola assume posição de segundo plano. A ação inclusiva é vista pelos autores como uma mobilização, em forças similares, de todo o conjunto que circunda o aluno e a escola. A compreensão das dificuldades e ganhos é um instrumento imprescindível para a estruturação de estratégias de atuação cada vez mais eficazes na direção de um verdadeiro movimento inclusivo, que como o próprio nome propõe, é a transformação constante de um todo, garantindo a permanência de todas as suas partes. Entendemos ainda que a postura inclusiva não se constrói com a leitura das leis, das declarações ou diretrizes políticas; ela se consolida na intersubjetividade, portanto, na experiência vivida, refletida e carregada de afeto.

Elvira Aparecida Simões de Araujo; Lilia Maria de Jorge; Adélia Moreira Lima Monteiro

UNITAU; UNIP; PUC-Campinas



Construção de um Museu Virtual de Medida e Instrumentos em Avaliação Psicológica.

Atualmente, após passar por um longo período de ostracismo e descrédito no Brasil e no mundo, a psicometria vem novamente adquirindo força e credibilidade, sendo os testes psicológicos reconhecidos como instrumentos valiosos para a investigação de aptidões ou de personalidade. Para que se possa entender o emprego dos testes atuais no Estado do Rio Grande do Sul é necessário investigar como a medida psicológica foi introduzida nesta região, bem como quais as influências para o movimento da testagem. Este trabalho busca elaborar um panorama histórico para demarcar a origem e o desenvolvimento dos testes psicológicos no Estado até os dias atuais. Procurando resgatar os fatos e os personagens que contribuíram para a implantação da prática de psicometria em nosso Estado, bem como possibilitar a quem possa se interessar no acompanhamento histórico de sua contextualização e evolução, nosso trabalho visa a elaboração de um museu virtual, buscando divulgar o material existente no Brasil e no RS. Estão sendo coletadas informações nas Universidades de Psicologia do RS a fim de que possa ser obtido o acervo de testes, que são catalogados e digitalizados para posterior exibição no museu, na Web. Simultaneamente está sendo realizado um trabalho de pesquisa histórica que consiste, principalmente, em entrevistas com os pioneiros na utilização de testes no RS, para que possamos buscar como se deu a introdução e a origem desta prática de avaliação psicológica no Estado. Após a digitalização e organização deste material, será disponibilizado na internet, o material catalogado para o acesso e consulta. Acreditamos que este material seja de interesse principalmente para os profissionais e estudantes de psicologia, pois com base nele se pode acompanhar a evolução dos instrumentos no Brasil e, particularmente no RS.

Márcia Elaine Favaron da Costa; Gabriela Alt; Eliane Flach; Simone Bicca Charczuk; João Carlos Alchieri

Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo/RS



Construção e Aplicação de Técnicas Cognitivas e Comportamentais em um Programa de Treinamento em Habilidades de Interação Social.

Estudos recentes sugerem que as habilidades sociais devem incluir a obtenção de ganhos pessoais e, ao mesmo tempo, a valorização da qualidade da interação. Além disso, os programas atuais de desenvolvimento de habilidades sociais devem treinar componentes cognitivos (processos perceptivos, de atenção e de processamento de informação) e comportamentais (desempenhos verbal e não verbal) de interação. Esse trabalho pretende apresentar a construção e implementação de um programa de Treinamento em Habilidades de Interação Social (THIS) na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Após um levantamento bibliográfico, foram identificadas 22 habilidades sociais com seus componentes cognitivos e comportamentais. Dessas 22 habilidades, 12 foram escolhidas em função das necessidades de cada indivíduo, com base em uma entrevista estruturada e um Questionário de Graduação de Dificuldades em Situações Sociais. As sessões do THIS foram organizadas de modo a contemplar essas 12 habilidades, e assim distribuídas: (1º Encontro) Apresentação entre os membros, exercícios de entrosamento, esclarecimentos sobre as habilidades sociais e o treinamento; (2º Encontro) Esclarecimentos sobre o autoconhecimento e o conhecimento do outro, com exercícios para a prática dessas habilidades cognitivas; (3º Encontro) Esclarecimentos sobre comunicação não verbal e treinamento de habilidades para decodificar sinais não verbais nos outros; (4º Encontro) Esclarecimentos sobre iniciar, manter e encerrar conversação e dramatização dessas habilidades; (5º Encontro) Orientação e prática da habilidade de fazer pedidos com ou sem conflito de interesses a alguém do contexto interacional; (6º Encontro) Treinar a habilidade de responder a pedidos; (7º Encontro) Treinar a habilidade para lidar com a crítica I (fazendo uma declaração empática); (8º Encontro) Treinar habilidade para lidar com a crítica II (enfrentando as críticas construtivamente); (9º Encontro) Treinar a habilidade de pedido de mudança de comportamento; (10º Encontro) Prática das habilidades aprendidas nos encontros anteriores, em situações reais, nos arredores da UERJ; (11º Encontro) Prática da habilidade de fazer e receber crítica em situação real (os membros do grupo foram encorajados a criticar os colegas, o treinamento e o coordenador do grupo, além de receber a crítica de forma socialmente habilidosa); (12º Encontro) Treinar as habilidades de fazer e receber elogios; (13º Encontro) Treinar a habilidade de cobrar dívidas; (14º Encontro) Enfrentar situações de falar em público; (15º Encontro) Prática de habilidades aprendidas, onde os participantes receberam tarefas por escrito, de acordo com suas necessidades particulares; (16º Encontro) Avaliação do treinamento. Todos os encontros incluíam breve exposição e discussão da habilidade a ser trabalhada, com fornecimento de um texto explicativo sobre o assunto, orientação sobre como desempenhar a habilidade (incluindo componentes cognitivos de autoconsciência e consciência do outro); dramatização para a prática da habilidade e avaliação da sessão. Os sujeitos também eram orientados a praticar a habilidade aprendida em seus contextos interacionais, com o objetivo de generalizar os ganhos obtidos nos encontros, sendo essa prática comentada na sessão seguinte. Visando melhorar a qualidade do treinamento, ainda em estudo piloto, sugere-se que haja um aumento do número de encontros, variações de exercícios para treinar a mesma habilidade e recursos audiovisuais para facilitar o feedback do desempenho.

Falcone, E.O.; Agadir, S.; Azevedo, V.; Carneiro, R.S.; Chicayban, L.M.; Silva, K.C.R.; Pedrozo, A.L.

Universidade do Estado do Rio de Janeiro; FAPERJ; PIBIC; UERJ



Construção e transformação da identidade do surdo.

Esta pesquisa, fruto do desenvolvimento do projeto para Trabalho de Conclusão de Curso de Psicologia a ser desenvolvido durante o ano de 2002, propõe descrever fatores que contribuem para a formação da identidade do indivíduo portador de deficiência auditiva, tendo como base a teoria psicanalítica, enfocando em especial a construção do aparelho psíquico e desenvolvimento do ego e superego e sua relação com o tratamento dispensado ao surdo por sua família. Nossa hipótese é que a culpa e/ou raiva da família em relação ao filho surdo acabam por influenciar a formação da identidade do surdo, no sentido de sua vitimização e/ou desresponsabilização em relação ao próprio. A pesquisa realizou-se pela aplicação e análise de testes projetivos em adolescentes surdos de 13 a 18 anos, objetivando averiguar sua estrutura psíquica, em especial a maturidade de seu ego e superego, numa tentativa de compreender as relações entre surdez, família, estrutura psíquica e construção da identidade do surdo. Conclui-se, pela análise dos dados, que a hipótese levantada por nós se confirma: os sujeitos analisados apresentam ego imaturo, o que os leva a sentir-se fraco e incapaz diante dos desafios que a vida apresenta, identificando-se com o papel de vítima e de indiferença diante de suas responsabilidades, em função da deficiência auditiva.

SILVA, L. da; BERNARDO, L.M; CALEGARI, M.A.A.

Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, Enfermagem; e Fisioterapia de Guarulhos



Construindo a Escola Inclusiva – relato de uma proposta de parceria entre a instituição especializada e a rede regular de ensino.

Este trabalho tem por objetivo relatar ações que desenvolvidas por uma instituição especializada no atendimento a pessoas com deficiência mental ; envolvendo ações diretas e indiretas com escolas, creches, alunos e famílias, quais sejam: encontros de caráter formativo/informativo com educadores, reuniões específicas para discussão de casos, grupos de apoio à famílias e crianças com deficiência incluídas no ensino regular. Pensamos a Escola Inclusiva a partir da idéia de que a exclusão, em si, não existe; o que existem são inclusões marginais, que conferem a cada uma destas pessoas um lugar social considerado “adequado”. Esta lógica tem norteado a escola: agrupar os iguais. A imagem do “aluno ideal” permeia as ações escolares; quem não se enquadra neste perfil é, de alguma maneira, “diagnosticado” como incapaz de freqüentar este espaço. Dentre estes temos aqueles a quem se convencionou chamar de alunos com necessidades educativas especiais, para quem estariam reservados os programas de Educação Especial. O conceito de escola inclusiva é a expressão de um conceito de cidadania – escola para todos, todos são cidadãos de direito. A escola inclusiva é, no entanto, mais do que aquela que garante a matrícula das crianças com deficiências, é, principalmente, a que garante a essas acesso ao processo de aprendizagem. Entendendo a aprendizagem como um processo histórico-cultural, pensamos a escola inclusiva como aquela que olha seus alunos como pessoas que se apropriam da cultura, envolvendo as matérias acadêmicas tradicionais, mas indo muito além destas. Pensar inclusivamente é pensar em uma escola atuante na comunidade, que estabeleça com ela parceiras para o acesso e o sucesso de todos os alunos. Para incluir é preciso que se assuma dois princípios: todos são capazes de aprender e os educadores são capazes de ensinar todos, independente de suas peculiaridades. Educar todos os alunos exige conhecimento, acesso às informações que permitam ao professor conhecer seu aluno. Existe ainda um outro conhecimento que é essencial, aquele construído no cotidiano da sala de aula, na relação educador-aluno, através do olhar e da escuta do educador sobre as possibilidades e as necessidades de seus alunos. O programa de Apoio à Inclusão da LACE tem como um de seus objetivos primordiais educar esse olhar e essa escuta, para que cada aluno possa ser olhado como sujeito único num processo coletivo. Desse olhar decorre a necessidade da rede de apoio. É preciso que esse aluno seja respeitado em sua diferença, oferecendo-se a ele os instrumentos necessários para seu desenvolvimento. Quanto à formação, acreditamos que esta não se dá para a inclusão, pois é impossível formar-se um educador para a diversidade (infinita). O que deve haver é formação na inclusão, que sensibiliza o educador para compreender seu aluno, seu processo de aprendizagem e as mediações necessárias para o sucesso desse processo; o ajuda a identificar necessidades e buscar apoios necessários. O trabalho desenvolvido pela entidade centra-se, justamente, nessa premissa. Os programas desenvolvidos têm caráter interdisciplinar, envolvendo profissionais de Psicologia, Terapia Ocupacional, Pedagogia, Fonoaudiologia, Serviço Social, que atuam com creches, EMEIS e Ensino Fundamental. A ação da instituição é avaliada como positiva, configurando-se em um espaço de apoio e referência para estudos e ações relacionadas a pessoas com deficiência.

Bartalotti, Celina Camargo; Waldir Carlos Santana dos; Rocha, Haydée dos Santos.

Centro Universitário São Camilo; Universidade Metodista de São Paulo; LACE – Legião de Assistência à Criança Excepcional.



Construindo caminhos: experiências de Acompanhamento Terapêutico em Centro de Saúde-Escola.

A visão do Acompanhamento Terapêutico da PUC-Campinas, diz respeito a uma perspectiva ampla de Clínica-Escola em Saúde Pública, que envolve a integração entre Universidade, Centro de Saúde, Comunidade e suas particularidades, assim como, as singularidades dos acompanhados. Esta proposta de trabalho visa a ampliação da clínica convencional e oferece um atendimento diferenciado e personalizado em especial aos pacientes psicóticos. A partir destas relações, inúmeras atuações e influências são desencadeadas: a rua como setting, o fazer juntos, o não confinamento, a articulação de uma rede de diálogo, a cidade enquanto espaço coletivo, entre outros. A interação de tais aspectos demonstra a amplitude do papel do psicólogo. Porém, o acompanhamento não necessariamente precisa ser feito por um psicólogo, o importante é que, ao acompanhar, pensamos a nossa vida, nossa casa, nossa organização, nosso aprendizado e capacidade para aprender e colocamos tudo isto à disposição de trocas para o acompanhado. A interação de tais aspectos demonstra a amplitude do papel do psicólogo inserido na realidade sócio-econômica e cultural do país e sua participação na construção de soluções mais criativas no atendimento à população pertencente ao universo dos Centros de Saúde.

Florianita C. Braga Campos; Karine Cambuy; Raquel de Camargo Barros; Valdemar Donizeti de Sousa

Pontifícia Universidade Católica de Campinas



Construindo com arte: o processo grupal na perspectiva de Ignacio Martín-Baró – uma contribuição para a análise de grupo.

Em Psicologia há diferentes tendências teóricas para o estudo e compreensão dos processos que ocorrem nos grupos. Este trabalho apóia-se na perspectiva de Ignacio Martín Baró a respeito do surgimento e manutenção dos grupos, buscando analisar os processos da identidade, atividade e poder grupais que perpassam suas relações. São descritas as condições, características e relações estabelecidas em um grupo de atividades artísticas e artesanais (oficina - construindo com arte), desenvolvido em um Centro de Convivência e Cooperativa, equipamento de saúde, da Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo. São analisados os processos constitutivos da identidade desse grupo, o significado individual e social das atividades que os componentes realizam e o tipo de recursos que empregam para exercerem o poder, interna e externamente. O grupo encontra-se em processo de desenvolvimento desde julho de 2001, com média de quinze componentes, a maioria do sexo masculino, portadores de necessidades especiais e transtornos mentais. A frequência dos encontros é semanal, com duração de uma hora e trinta minutos. No início, a decisão pelo tipo de atividade a ser desenvolvida centrou-se na figura dos técnicos que sugeriram a formação dessa oficina. Transcorridos nove meses de atividades, o grupo assumiu a decisão sobre os produtos que deseja criar, questionando e rompendo com as sugestões dos técnicos, isto é, com o poder dos mesmos. Isto confirma o grupo, à medida que os participantes se apropriam do processo, reafirmando um dos objetivos da instituição, que é o de promover a convivência e a experimentação por meio das atividades, exercitando e compartilhando experiências, em um contínuo processo de criar e (re)criar – produtos/arte – identidade, significado social e o poder grupal/individual.

CAMARNADO JUNIOR, Drausio Vicente

Centro de Convivência e Cooperativa Parque Previdência - Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo



Construindo conhecimentos... implicações e intersubjetividade.

Este trabalho faz uma reflexão sobre o processo de construção de conhecimento. Trata-se de um relato de experiência dos estudantes envolvidos numa pesquisa que está sendo desenvolvida em duas escolas na cidade de Londrina. A metodologia utilizada na pesquisa é a observação participante. Esta escolha metodológica reflete nosso entendimento de que a construção do conhecimento se estabelece a partir dos encontros intersubjetivos que se estabelecem no campo da pesquisa. Assumimos que o conhecimento se realiza exatamente ali onde a ciência cartesiana e positivista não o reconhece: na relação mesma entre sujeito e objeto - na relação intersubjetiva. Ou seja, no lugar de termos um objeto pretensamente objetivo, teremos um objeto que é ao mesmo tempo sujeito - que interfere e reage aos dispositivos de análise e de investigação que lhe são aplicados, perturbando seu funcionamento. Tal fato leva os pesquisadores a se defrontarem com suas implicações - tanto no que diz respeito à experiência de estarem fazendo uma pesquisa quanto aos engajamentos políticos, sociais, culturais e libidinais que estão implícitos nos “olhares” que lançam sobre a realidade pesquisada, e, o fato de estarem envolvidos numa relação intersubjetiva., coloca-os diante do imponderável, do incontrolável, do incomensurável. Isto significa dizer que nossos “olhares” são “contaminados” tanto pelas vivências - passadas e atuais - como pelas angústias, medos, inseguranças e ansiedades decorrentes das experiências de entrarem em contato com um outro. Considerando que a realidade pesquisada - a escola - é uma instituição que compõe nosso imaginário social, podemos dizer que a observação participante leva os envolvidos no processo de pesquisa a vivenciarem um certo “estranhamento”, tanto dos sentidos que perpassam a realidade social como das representações que a circunscrevem, propiciando-lhes um repensar sobre as práticas sociais daí decorrentes.

João Batista Martins; Ana Karina Barzotto Spolardore; Patrícia Akemi Michiyori; Fabiana Barbosa de Souza; Cláudia Regina Zocal Mazza; Rodolfo Orlando F. L. Padovan

Universidade Estadual de Londrina; CNPq; PIBIC



Construindo estratégias para inclusão social: um programa de geração de renda para mulheres.

As transformações ocorridas nas últimas décadas no mundo do trabalho evidenciam uma profunda crise de empregabilidade e de sub-proletarização do mercado de trabalho, que têm produzido impactos dramáticos na qualidade de vida e na sociabilidade das pessoas. Diante deste quadro, o fenômeno da exclusão social manifesta-se em decorrência da deterioração crescente das condições de vida, de acesso aos benefícios e aos produtos da cultura e à cidadania plena. Um dos pré-requisitos para a inclusão social é o acesso ao trabalho. Este trabalho apresenta um projeto de geração de renda, voltado para mulheres de baixa renda. O trabalho é parte de um estágio em Psicologia Social, realizado junto a uma organização de sociedade civil voltada para crianças em situação de risco. A instituição tem serviços voltados para as famílias das crianças atendidas, entre eles distribuição de cestas básicas. Considerando o caráter assistencialista deste serviço, a demanda da instituição é o desenvolvimento de um programa de geração de renda para estas famílias, que garanta os requisitos mínimos para uma inclusão social efetiva. A instituição dispõe de verba e espaço físico para alavancar o projeto. Em conjunto com a assistente social da instituição, um conjunto de 20 mulheres foram selecionadas para integrar o projeto. As mulheres foram selecionadas de acordo com os critérios: 1.) filhos vinculados à instituição; 2.) ausência de renda fixa; 3.) renda mensal menor que dois salários-mínimos; 4.) forte vínculo assistencialista com a instituição, medido por solicitações de cestas básicas, medicamentos e material escolar e 5.) tempo disponível na parte da tarde. A sugestão da instituição é que se implemente uma padaria para produção de pães-de-mel. O projeto deverá ser implantado em cinco frentes: 1.) Engajamento e capacitação pessoal das mulheres do projeto: será necessário alterar o atual padrão de demanda assistencialista, preparar as mulheres para o ganho atrasado e para a produção cooperativa; 2.) Capacitação profissional para produção com qualidade: o projeto contará com a participação de uma nutricionista para a organização da produção. O treinamento deverá ser objeto de atenção especial, de modo a aumentar gradativamente a dificuldade das tarefas, ao mesmo tempo em se garanta a apropriação dos conhecimentos anteriores destas mulheres. Também, a divisão de trabalho deverá ser efetuada na medida em que for requerida para a produtividade, mas garantindo rotatividade para evitar o desenvolvimento de relações hierárquicas ou de poder; 3.) escoamento da produção: um selo de “Produto Socialmente Relevante” será colocado no produto. Os pães serão preferencialmente comercializados por empresas patrocinadoras da instituição e entre estudantes universitários, de modo a agregar o maior valor possível; 4.) Vinculação a outros programas de geração de renda e projetos de inclusão social: de acordo com as sugestões de profissionais envolvidos com projetos de produção cooperativistas, é necessário que projetos locais estejam integrados em redes mais amplas, de modo a garantir melhores condições de comercialização, financiamento e educação; 5.) Educação continuada das mulheres do projeto, extensiva à família e à comunidade. O primeiro indicador de impacto a ser avaliado será o nível de demanda assistencialista destas famílias.

Flávia Rangel do Nascimento; Sandra Cainelli Bittencourt; Cacilda Amorim.

Faculdades Padre Anchieta; Universidade São Francisco.



Construindo o campo das brincadeiras: Uma reflexão sobre o brincar na contemporaneidade.

Este trabalho é o relato de uma experiência com, aproximadamente, 250 crianças de uma comunidade de baixo poder aquisitivo, próxima ao centro de Belo Horizonte, que é tida como uma das mais violentas da cidade. Além de buscar aproximar as crianças do universo do livro, diverti-las e estimular as construções imaginárias esta experiência visava: conhecer as preferências e os desejos das crianças em relação ao brincar e; verificar quais os brinquedos e as brincadeiras que faziam parte do seu universo imaginário. As atividades realizadas foram: contação de estória para todas as crianças, simultaneamente; confecção de desenho – onde elas deveriam desenhar como seria o Campo das Brincadeiras, citado na estória - e conversas com as crianças e com alguns educadores. O trabalho foi desenvolvido numa ocasião extremamente delicada para a comunidade: diariamente estavam ocorrendo tiroteios entre gangues rivais, que buscavam o controle do tráfico de drogas na região; a maioria das crianças, cotidianamente, para chegar à escola, local onde foram desenvolvidas as atividades, precisa atravessar uma viela, informalmente denominada Vela do Mercado, numa referência sutil e velada à comercialização de drogas feita no local. Além disto, de acordo com a direção da escola, a perspectiva de vida, especialmente entre os meninos, não ultrapassava a casa dos 18 anos e; o número de ex-alunos falecidos em decorrência da violência era alarmante. Segundo os educadores, as brincadeiras de pega-pega não eram indicadas, sendo até desestimuladas, visto o perigo que as atividades externas representavam em função do relevo bastante acidentado; da arquitetura cheia de vielas e becos estreitos, com parte das casas edificadas no morro e; principalmente, em função da violência. Os equipamentos de lazer da região, aos quais as crianças trabalhadas tinham acesso eram: um campo de futebol e um largo em frente ao posto de saúde sem nenhuma estrutura urbanística; uma quadra de futebol de salão, uma outra para vários esportes e um pátio coberto, na escola e; uma sala com alguns livros e brinquedos, no centro cultural. Nos desenhos pode-se observar que: grande presença de brinquedos e brincadeiras tradicionais; ênfase nos brinquedos grandes e fixos - brinquedos de parquinho - escorregador, balanço, trepa-trepa, rema-rema e pula-pula; brincadeiras que demandavam pequenos espaços. Paisagens com sol, nuvens, flores, plantas, árvores, muitas com frutos, pássaros, montanhas, castelinhos com rostinhos sorridentes davam o clima de alegria aos cenários. Em seus desenhos, as crianças expressaram sonhos, fantasias e desejos semelhantes aos de outras crianças em condições de vida bastante diferente, reiterando as considerações sobre a universalidade do brincar e sobre o grande poder de alheamento que o brincar e a fantasia proporcionam à criança. Este trabalho é o relato de uma experiência com, aproximadamente, 250 crianças de uma comunidade de baixo poder aquisitivo, próxima ao centro de Belo Horizonte, que é tida como uma das mais violentas da cidade. Além de buscar aproximar as crianças do universo do livro, diverti-las e estimular as construções imaginárias esta experiência visava: conhecer as preferências e os desejos das crianças em relação ao brincar e; verificar quais os brinquedos e as brincadeiras que faziam parte do seu universo imaginário. As atividades realizadas foram: contação de estória para todas as crianças, simultaneamente; confecção de desenho – onde elas deveriam desenhar como seria o Campo das Brincadeiras, citado na estória - e conversas com as crianças e com alguns educadores. O trabalho foi desenvolvido numa ocasião extremamente delicada para a comunidade: diariamente estavam ocorrendo tiroteios entre gangues rivais, que buscavam o controle do tráfico de drogas na região; a maioria das crianças, cotidianamente, para chegar à escola, local onde foram desenvolvidas as atividades, precisa atravessar uma viela, informalmente denominada Vela do Mercado, numa referência sutil e velada à comercialização de drogas feita no local. Além disto, de acordo com a direção da escola, a perspectiva de vida, especialmente entre os meninos, não ultrapassava a casa dos 18 anos e; o número de ex-alunos falecidos em decorrência da violência era alarmante. Segundo os educadores, as brincadeiras de pega-pega não eram indicadas, sendo até desestimuladas, visto o perigo que as atividades externas representavam em função do relevo bastante acidentado; da arquitetura cheia de vielas e becos estreitos, com parte das casas edificadas no morro e; principalmente, em função da



violência. Os equipamentos de lazer da região, aos quais as crianças trabalhadas tinham acesso eram: um campo de futebol e um largo em frente ao posto de saúde sem nenhuma estrutura urbanística; uma quadra de futebol de salão, uma outra para vários esportes e um pátio coberto, na escola e; uma sala com alguns livros e brinquedos, no centro cultural. Nos desenhos pode-se observar que: grande presença de brinquedos e brincadeiras tradicionais; ênfase nos brinquedos grandes e fixos - brinquedos de parquinho - escorregador, balanço, trepa-trepa, rema-rema e pula-pula; brincadeiras que demandavam pequenos espaços. Paisagens com sol, nuvens, flores, plantas, árvores, muitas com frutos, pássaros, montanhas, castelinhos com rostinhos sorridentes davam o clima de alegria aos cenários. Em seus desenhos, as crianças expressaram sonhos, fantasias e desejos semelhantes aos de outras crianças em condições de vida bastante diferente, reiterando as considerações sobre a universalidade do brincar e sobre o grande poder de alheamento que o brincar e a fantasia proporcionam à criança. Este trabalho é o relato de uma experiência com, aproximadamente, 250 crianças de uma comunidade de baixo poder aquisitivo, próxima ao centro de Belo Horizonte, que é tida como uma das mais violentas da cidade. Além de buscar aproximar as crianças do universo do livro, diverti-las e estimular as construções imaginárias esta experiência visava: conhecer as preferências e os desejos das crianças em relação ao brincar e; verificar quais os brinquedos e as brincadeiras que faziam parte do seu universo imaginário. As atividades realizadas foram: contação de estória para todas as crianças, simultaneamente; confecção de desenho – onde elas deveriam desenhar como seria o Campo das Brincadeiras, citado na estória - e conversas com as crianças e com alguns educadores. O trabalho foi desenvolvido numa ocasião extremamente delicada para a comunidade: diariamente estavam ocorrendo tiroteios entre gangues rivais, que buscavam o controle do tráfico de drogas na região; a maioria das crianças, cotidianamente, para chegar à escola, local onde foram desenvolvidas as atividades, precisa atravessar uma viela, informalmente denominada Vela do Mercado, numa referência sutil e velada à comercialização de drogas feita no local. Além disso, de acordo com a direção da escola, a perspectiva de vida, especialmente entre os meninos, não ultrapassava a casa dos 18 anos e; o número de ex-alunos falecidos em decorrência da violência era alarmante. Segundo os educadores, as brincadeiras de pega-pega não eram indicadas, sendo até desestimuladas, visto o perigo que as atividades externas representavam em função do relevo bastante acidentado; da arquitetura cheia de vielas e becos estreitos, com parte das casas edificadas no morro e; principalmente, em função da violência. Os equipamentos de lazer da região, aos quais as crianças trabalhadas tinham acesso eram: um campo de futebol e um largo em frente ao posto de saúde sem nenhuma estrutura urbanística; uma quadra de futebol de salão, uma outra para vários esportes e um pátio coberto, na escola e; uma sala com alguns livros e brinquedos, no centro cultural. Nos desenhos pode-se observar que: grande presença de brinquedos e brincadeiras tradicionais; ênfase nos brinquedos grandes e fixos - brinquedos de parquinho - escorregador, balanço, trepa-trepa, rema-rema e pula-pula; brincadeiras que demandavam pequenos espaços. Paisagens com sol, nuvens, flores, plantas, árvores, muitas com frutos, pássaros, montanhas, castelinhos com rostinhos sorridentes davam o clima de alegria aos cenários. Em seus desenhos, as crianças expressaram sonhos, fantasias e desejos semelhantes aos de outras crianças em condições de vida bastante diferente, reiterando as considerações sobre a universalidade do brincar e sobre o grande poder de alheamento que o brincar e a fantasia proporcionam à criança. Por outro lado, o contexto no qual foi realizado o trabalho evidenciou, um pouco, da brutal violência contra as crianças, que mina as esperanças e rouba as expectativas de um futuro diferente. Infelizmente, esta não é uma realidade isolada, de uma determinada comunidade, numa cidade específica. Infelizmente, esta realidade está se tornando cada dia mais generalizada. Cada dia mais, crianças estão trocando carrinhos, bolas e papagaios por armas, munição e drogas. Winnicott, D.W. (1971). O brincar e a realidade. RJ: Imago

Maria Tereza Agrello



Construindo o conhecimento, transformando a realidade.

Este estudo surge da necessidade em identificar aspectos da realidade social, cultural e econômica na qual a EMEF "Irmã Irene Alves Lopes" está inserida. O fato de vivermos num mundo moderno, onde cultiva-se somente o que é breve, observamos um processo de desenraizamento, rompimento dos laços entre o passado e o futuro. Os fatos da atualidade mudam rapidamente, não deixando marcas e assim não há como fixá-las na memória dos grupos sociais. Acreditamos que a educação é o ponto chave para estabelecer uma consciência de fato da história, da memória e de uma identidade. Na intenção de conhecer a comunidade na qual a EMEF "Irmã Irene Alves Lopes" está inserida, a partir do 1º ano do Ciclo I, incluiu-se na área de conhecimento de História, conteúdos relacionados a História Local e do Cotidiano. Diante da dificuldade em localizar referências bibliográficas, documentos e fotos que nos permitissem identificar a história do município, criou-se no cotidiano da escola tempo e espaço para que os pais e avós de alunos, funcionários da escola narrassem suas vivências relacionadas às formas de trabalho, brincadeiras, tipos de construção, hábitos de higiene, lazer, religião, alimentação e vestimentas que retratassem a sua infância. Tal estudo favoreceu articular o ensino às reais necessidades e expectativas dos alunos, o que possibilitou dismitificar o aluno ideal e trabalhar com o aluno real. Além da narrativa, pouco a pouco, familiares dos alunos e moradores da cidade compartilharam fotos, objetos e documentos que deram ao professor, ao aluno e a própria comunidade os parâmetros para identificar e comparar permanências e transformações de várias gerações que marcam a identidade da localidade.

CUNHA, Delcimar de O.



Construindo o futuro cidadão: um programa de educação para pais.

Nos últimos anos, a sociedade civil vem se organizando de modo a garantir o acesso à cidadania por parte daqueles que se encontram em situação de exclusão social. Nesta tentativa, diversas organizações que tem por objetivo atender crianças e adolescentes em situação de risco. Ao mesmo tempo, parte das instituições de ensino já contam com serviços de extensão e de estágio voltados para estas populações. Contudo, os objetivos maiores de construção da cidadania e inserção social dependem de muitos fatores, dentre eles um atendimento extensivo aos familiares destas crianças e adolescentes. Este trabalho apresenta um relato de estágio em Psicologia Social, no qual se desenvolve uma intervenção voltada para o aprimoramento de um programa de educação para pais, realizado em uma instituição para crianças e adolescentes em situação de risco. A instituição em questão atende a 110 crianças e adolescentes, com atividades de reforço escolar, dança, culinária e artesanato, entre outras. Há um ano, a instituição implantou um programa de escola de pais. Neste período, foram realizados 7 encontros. Todos os encontros à noite, de modo a evitar impedimentos devido ao trabalho dos pais. Nestes encontros, um coordenador abordava um tema, que era discutido com o grupo, eventualmente usando um filme como recurso. O número de pais presentes às reuniões têm variado entre 40 e 80, com duas exceções para menos. A assiduidade dos pais, entretanto, tem sido baixa. Apenas 10 dos pais compareceram a mais de 3 encontros. Pretende-se aumentar o índice de comparecimento dos pais a estes encontros, através de: 1.) Garantia de uma comunicação mais efetiva com os pais. Os pais eram convidados para os encontros por meio de bilhetes entregues pelos filhos. Contudo, muitas vezes os bilhetes eram entregues sem antecedência e, em outros casos, não se tem certeza se os pais receberam de fato os comunicados; 2.) Planejamento e divulgação de uma programação bimestral de encontros, com os temas a serem abordados, de modo a garantir a presença dos pais em função de temas de seu maior interesse 3.) Oferecimento de maior número de reuniões, em diferentes horários. Um dos elementos que, segundo a instituição, dificulta a participação é sua coincidência com horários de trabalho; 4.) Redução do número de presentes, por reunião. É possível que o grande número de pais presentes tenha dificultado uma participação mais efetiva durante as reuniões e, por decorrência, diminuído a motivação em continuar participando. Eventualmente, será possível criar grupos menores de pais, que possam se reunir em horários similares; 5.) Levantamento de temas de interesse dos pais. Caso os pais venham a se organizar em grupos menores, estes grupos poderiam atender a interesses específicos. As alterações propostas para a escola de pais serão avaliadas em função da alteração na frequência e na assiduidade dos pais, na maior participação nas reuniões e através de uma avaliação do projeto, a ser feita semestralmente.

Gleice Aparecida Narciso; Rita Alexandra Martini; Cacilda Amorim.

Faculdades Padre Anchieta; Universidade São Francisco.



Construindo Relações e Grupos: Aspectos Estruturais para a Integração Comunitária de Crianças e Adolescentes em Atividades Ecológicas.

Boa parte das ações de zelo e cuidado ambiental é inevitavelmente centrada em atividades coletivas. Esses movimentos participatórios têm sido apontados como fundamentais para a preservação, conservação e uso sustentável do meio ambiente. O envolvimento comunitário não é um processo linear, imediato e simples. O estudo das relações interpessoais no âmbito da psicologia social e do desenvolvimento nos proporciona um entendimento mais amplo sobre as relações subjacentes às dificuldades de mobilização grupal nos mais diversos contextos comunitários. O desafio reside em promover um forte inter-relacionamento e identificação grupal que permitam o desenvolvimento de ações coletivas. Para compreendermos as ações dos adultos, o estudo com crianças e adolescentes podem indicar como as relações sociais se estabelecem e se consolidam ao longo da existência. Neste estudo, relatamos a dinâmica da construção de grupos e as relações inter e intra grupais de crianças e adolescentes. Os sujeitos da pesquisa foram 60 meninas e meninos de 10 a 18 anos de idade, participantes do programa de educação ambiental “Pequenos Guias do Bosque da Ciência”. A investigação foi conduzida durante 24 meses nas três fases do programa: a) Formação Crítica, b) Atuação como Guias no Bosque da Ciência e c) Participação Cidadã na Comunidade. Para investigar essas relações foi utilizado uma combinação de métodos incluindo a observação participante, pesquisa ação, grupos focais e entrevistas semi-estruturadas. Na fase de formação, observou-se que a consolidação de um grande grupo homogêneo esbarrava na tendência de construção de pequenos grupos a partir de identificações centradas nas relações de gênero, de amizade ou de parentesco. Esses pequenos grupos de permeabilidade rígida foram gradativamente se modificando com a introdução de técnicas específicas para abrandar essas fronteiras e construir relações mais abrangentes e abertas a novos integrantes, sem contudo extinguir aquelas iniciais. Uma vez estabelecida a identidade do grande grupo, atitudes de equidade intra-grupal foram emergindo. Esse processo exigiu tempo e as resistências expressas indicaram estar correlacionadas com o tempo e profundidade das relações que as crianças mantinham entre si antes da formação do grupo. Na fase de atuação constatou-se que as relações construídas no período anterior permaneciam pouco alteradas e os agrupamentos refletiam os laços consolidados com novos participantes, agora mais flexíveis e abertos o bastante para incluir indistintamente qualquer membro do grande grupo. Na terceira fase, a da participação comunitária, observou-se que com a inclusão de membros de várias turmas de anos anteriores, as relações se limitavam entre os participantes de cada turma anual, em geral coincidindo com a idade de seus membros, que variava de 13 a 18 anos. Constatou-se além das origens grupais e de idade, que o interesse pessoal nas atividades desenvolvidas e a estruturação dessas atividades interferem na construção de novas relações. Conclui-se que o engajamento de crianças e adolescentes em ações coletivas no âmbito da ecologia se processa de forma dinâmica e continuamente emergente.

Maria Inês Gasparetto Higuchi; Sylvia S. Forsberg.



Construindo um novo modelo de atendimento em saúde mental no Hospital Dia Ricardo Montalban.

Este poster descreve e ilustra a importância do trabalho desenvolvido no Hospital Dia (HD) Ricardo Montalban da unidade docente assistencial do Hospital Pedro Ernesto, dedicado ao cuidado de adultos portadores de psicoses, em grande maioria esquizofrênicos, de ambos os sexos e que estejam fora de crise aguda. O HD conta com o trabalho de uma equipe interdisciplinar, constituída por psicólogos, assistentes sociais, psiquiatras, enfermeiros e professores de educação-física. Segundo as diretrizes da reforma psiquiátrica, visa o resgate da autonomia e da cidadania, a desconstrução da visão discriminatória da loucura e a conscientização da comunidade e da família no sentido de promover uma melhor convivência com a diferença subjetiva do psicótico. Além disso oferece um ótimo campo de aprendizagem para estagiários e residentes. Objetivando os propósitos listados anteriormente, contamos com oficinas terapêuticas, psicoterapia individual, reuniões interdisciplinares, assembléias gerais e grupos de família. Através desta vasta gama de intervenções terapêuticas, entendemos ser possível ampliar a rede de contratualidades do cliente através da figura do técnico de referência, que dá respaldo a novas investidas do usuário em direção a sua autonomia, o estabelecimento de vínculos afetivos e a melhora das relações familiares. Diariamente são oferecidas duas oficinas dentre as propostas semanalmente de artesanato, culinária, jornal, com-vivência, atividade expressiva, jogos terapêuticos, auto-estima, educação física, expressão corporal e itinerante. Em sua proposta terapêutica as oficinas levam em conta as demandas formuladas e explicitadas pelos frequentadores. Como ilustramos com a oficina de auto-estima, que tem como objetivo ressaltar a importância do auto-cuidado, visto que é muito comum em pacientes psiquiátricos um desapego com a aparência. O jornal, que surgiu a partir da idéia de promover discussões de assuntos relacionados com o cotidiano vivido por eles e que fosse levado para fora dos muros da instituição, para que outras pessoas tivessem acesso ao que eles produzem, pensam e sentem. O ingresso do usuário se faz através de entrevistas individuais e com familiares a partir do qual tece-se uma análise do perfil e do diagnóstico em reunião de equipe. No caso de indicação desta modalidade de cuidado, formula-se um plano terapêutico individual que orientará a escolha das oficinas mais indicadas para tal cliente. Na avaliação dos nove anos de existência do HD, observa-se uma melhora da qualidade de vida dos usuários a medida que verifica-se a diminuição, e, em alguns casos, a não ocorrência de reinternação somada ao alargamento de seus vínculos relacionais e a conquista de autonomia. O avanço deste aspecto é ilustrado através da iniciativa de usuários para a formação de grupos que organizam programas a serem realizados nos dias em que a instituição não funciona. O psicólogo com respaldo de uma equipe interdisciplinar tem muito a contribuir neste processo de construção de um sistema público de saúde mental digno, humano, técnico-científico e eficaz, que vem substituir o modelo manicomial, e é tal proposta que a equipe do HD tem implementando.

Ademir Pacelli Ferreira; Coimbra, J.F., Sobreira, C.B.

HUPE - UERJ.



Consumo e Subjetividade: Análises Teóricas.

Considerando o consumo, conforme Canclini, como o conjunto de processos socioculturais nos quais se realizam a apropriação e os usos dos produtos, este trabalho tem por proposta uma análise histórica das principais teorizações sobre esta temática, com destaque às análises que se preocuparam com efeitos de subjetivação advindos da “sociedade de consumo”. Apresenta e analisa, primeiramente, as primeiras contribuições para esta discussão em Marx que com sua teoria sobre o “fetichismo da mercadoria” destaca o encobrimento do caráter social do produto, com visíveis efeitos de alienação no homem. Apresenta, a seguir, a contribuição dos autores da Escola de Frankfurt através dos conceitos de “indústria cultural” - a utilização da lógica industrial no âmbito da cultura, que simplifica e empobrece a arte, além de diluir o senso crítico dos homens - e de “homem unidimensional” nascido da criação de falsas necessidades trazidas à vida pela tecnologia, um consumidor apto para escoar rapidamente a produção. Em seguimento, discute os desenvolvimentos teóricos que buscam na Semiologia um apoio para a compreensão do comportamento consumista, especialmente Baudrillard, para quem o consumo não é de objetos, mas de signos, estruturados como uma linguagem e obedecendo à lógica da diferenciação social. Apresenta as análises de Bordieu segundo a qual o acúmulo de bens de consumo serve para atestar a distinção social de uma pessoa, seguindo a regra da escassez e da impossibilidade de outros possuírem esses bens e perpetuando formas concretas e simbólicas de poder. Finaliza com a apresentação e análise de algumas teorizações que tomaram a temática no contexto da globalização, destacando os efeitos advindos do consumismo: a idéia de descartabilidade, da efemeridade das modas, da satisfação imediata almejada, da corrosão da vida social e do individualismo exacerbado e narcisista. O trabalho é concluído ressaltando a importância da continuidade dos estudos sobre a temática, que considerem as suas múltiplas facetas - econômicas, políticas, históricas, sociais, culturais e psicológicas - e que relevem, no exame empírico, a concreticidade de espaços sociais específicos.

Jorge Guilherme Teixeira da Fonseca; Ana Paula de Almeida Pereira; Tatiana Monteiro; Deise Mancebo

Universidade do Estado do Rio de Janeiro; CNPq; FAPERJ



Contar a vida: uma resignificação da existência.

A oficina de contos acontece nas manhãs das quartas-feiras no Centro Social Urbano do município de Assis-SP, com crianças de 6 à 8 anos. Ela faz parte do Projeto ABC (aprender, brincar e crescer) que a prefeitura municipal, através da Secretaria da Assistência Social, oferece às crianças da cidade que estão em situação de risco social e pessoal. Neste projeto são realizados diversos trabalhos de cunho esportivo, artístico e terapêutico. Na oficina de contos, muitas são as atividades desenvolvidas, todas elas tendo como objetivo principal estimular o contar da criança através do brincar. Este contar ganha um sentido terapêutico quando é oferecida às crianças a possibilidade de desenvolver sua capacidade imaginativa e criadora. As atividades iniciais buscam levar as crianças a um mundo de fantasias de maneira dinâmica, de modo que ela transforme o sentido da história contada de acordo com sua própria realidade. Incentiva-las a contar uma história e reformula-la, é possibilitar-lhes uma resignificação dos papéis atribuídos pelas instituições as quais pertencem. Buscamos proporcionar um lugar de escuta onde as crianças possam nos dizer dos fatos de sua realidade, de suas vidas cotidianas, suas angústias, afetos, enfim, de si. Este falar acontece a todo momento de diversas maneiras: através de olhares, sorrisos, gestos carinhosos ou violentos, abraços, palavrões, brigas, beijos, ou seja, expressões infinitas. As idéias vão surgindo, sendo construídas e realizadas de acordo com o desejo e com o tempo dos integrantes do grupo. Estimulamos que os contos sejam criados e não apenas reproduzidos de livros de histórias. Isto acontece através do encenar, pintar, desenhar, utilizar recortes, esculpir, entre outras ações. Tentamos sempre dar aos conteúdos que surgem um sentido amoral, pois acreditamos que o apontamento do certo ou errado, de valores e julgamentos durante atividade emperram a terapêutica proposta. O conto é uma forma milenar e universal de se dizer do humano e de tudo o que lhe é pertinente. Este foi o motivo pelo qual escolhemos o viés das histórias para conhecer e lidar com a subjetividade da criança. São trabalhadas cargas emocionais intensas que aparecem durante a realização das atividades, de maneira que o lúdico aconteça direcionado à singular maneira de cada criança viver. A modernidade ainda conserva traços do iluminismo de responsabilizar e culpabilizar a criança ao cobrar um potencial sujeito da Razão proveitoso à sociedade, desrespeitando assim seu tempo e o que ela suporta. Sendo assim, uma outra terapêutica vinculada à oficina é a possibilidade da criança servir-se destas vivências como uma forma de encarar os momentos difíceis da vida com mais segurança. O brincar atualiza a realidade da criança, mesclando sua história pessoal com a fantasia, legitimando então tudo o que acontece durante a oficina. Desta forma, tudo o que diverte pode também possibilitar a expressão da subjetividade de quem atua.

Adriana Satie Funako; Ariana Campana Rodrigues; Débora Chamelete; Heloísa Maria Heradão Rogone.

UNESP.



Contos - Arte – Saúde.

Resumo: Pesquisa e projeto de intervenção em educação artística para crianças portadoras de câncer. Oficinas de técnicas variadas visando levar a este público a prática e o conhecimento da Arte: possibilitando a expressão de sentimentos, o auto-conhecimento, a valorização como ser humano e o desenvolvimento da autonomia frente a doença e o mundo. Objetivo: Contar histórias para despertar a imaginação, a sensibilidade, o conhecimento da arte e a criatividade na expressão artística através de diversas oficinas para crianças e adolescentes em espaços de saúde. A proposta das oficinas prioriza a descontração, a alegria e o bem-estar como equilíbrio para a tensão causada pela enfermidade. Justificativa: A Arte possibilita desenvolver a percepção e a imaginação, apreender e analisar a realidade externa e interna, desenvolver a criatividade para tornar o ser humano um agente transformador. O conhecimento da Arte permite uma compreensão diferenciada do mundo pois combina os sentimentos com a percepção, a estética e a expressão. Público: Crianças e adolescentes com câncer. Procedimento: As oficinas são autônomas entre si, flexíveis, orientadas de forma a respeitar as demandas do grupo. As oficinas se estruturam a partir da narração de uma história, uma atividade artística e uma troca de vivência, através do lúdico, em que se incluem canções, jogos e brincadeiras. Considerações: Nos participantes das oficinas, verifica-se um transformação: do mal-estar em bem-estar, da tristeza em alegria. Concluimos que a eles são propiciados momentos de transcendência das dificuldades vividas. As educadoras, que trabalham voluntariamente, sentem-se recompensadas com esse resultado. Histórico: A elaboração deste projeto iniciou-se em junho de 2000 e sua aplicação em agosto de 2001 na Casa Hope (Assistência Social Integral ao Portador Carente de Câncer com sede à Rua Joaquim Távora, 1428 – Vila Mariana – SP, CE: 04015-014). A excelente avaliação do trabalho nesta instituição, possibilitou o convite para a aplicação deste projeto na brinquedoteca da ala pediátrica do Hospital

Albert Einstein, local que abriga a atuação do Grupo Voutecontar desde o início do ano de 2002.

Sueli Pecci Passerini; Adriana Encília Marin; Camila Caffaro; Cristina Silva de Lima; Daniela Pereira Paulo; Larissa Glebova; Lia Morin; Márcia Barão; Maria Augusta Barradas Barata; Paula Chateaubriand Mendes de Souza; Rita de Castro Pebé; Viviane Panelli Sarraf.

FAAP.



Contribuição da história e da antropologia ao estudo dos aspectos psicológicos do uso da coca e dos seus derivados.

A cocaína e o crack, atualmente, integram as substâncias psicoativas consideradas como de maior periculosidade no contexto sul-americano. É curioso, no entanto, constatar que a partir de uma planta, socialmente e culturalmente aceita em várias regiões da América do Sul, a humanidade pôde transformá-la num perigo avassalador, tanto da perspectiva dos efeitos psicoativos de seus derivados, como dos aspectos financeiros/econômicos à ela ligada. Portanto nosso propósito aqui é de fazer uma revisão bibliográfica sobre os aspectos rituais da planta, seus valores religiosos, sociais e culturais pelos povos pré-colombianos antes da sua apropriação por parte do mundo moderno, dito civilizado. Aliás, é preciso considerar que seu uso milenar pelos povos da Cordilheira dos Andes possuía outra finalidade: sobrevivendo basicamente de uma agricultura tradicional erguida em montanhas de difícil acesso, empiricamente os andinos descobriram o poder energizante que os aliviava tanto dos males da altitude quanto da fadiga causada por um trabalho árduo. A coca é uma planta, cujo nome se origina da palavra indígena aymara *kkoka* que significa árvore. Esta planta pertence ao gênero pan-tropical *Erythroxylum* que compreende cerca de 250 espécies, sendo que 200 são americanas e dentre todas, apenas as *Erythroxylum coca lamarck* e *Erythroxylum novo granatense* são suficientemente ricas em alcalóide chamado de cocaína que é utilizado na produção da droga que leva seu nome. A coca era considerada sagrada pelos Incas, e isso se deve a sua gama de utilidade. Era usada pelos mesmos, nos rituais místicos/religiosos, para adivinhação e previsão do futuro. Ela possuía ainda, para a sociedade incaica, um alto valor econômico, portanto, social. As propriedades nutricionais e medicinais da coca são impressionantes. Para se ter uma idéia do valor nutricional das folhas da coca, ela é constituída de: cálcio, ferro, fósforo, proteínas, fibras, lipídios, glucídios, vitaminas A, B, C e E, além de possuir, em 100 gramas, 305 calorias. Dentre as propriedades medicinais, pode-se citar que ela é útil: como medicina leve no caso de dores e espasmos do sistema gastrointestinal, no tratamento de doenças agudas relativas à locomoção, como antidepressivo de rápida ação, etc. A importância da compreensão da coca não se limita apenas aos aspectos químicos e aos possíveis efeitos do uso de suas folhas (coquear), mas refere-se também, a representação social e ao significado simbólico desta por parte de seus usuários o que possibilita fazer um paralelo com a atual representação da cocaína e do crack por parte daqueles que as utilizam. Abordaremos, então, os seguintes aspectos: a planta e suas condições climáticas de cultivo, os efeitos à ela atribuídos, as lendas e simbolismos à ela associados, suas utilidades medicinais, nutricionais e sócio-econômicas, o hábito de “coquear” e por fim a satanização da coca, inicialmente pelos jesuítas espanhóis e posteriormente pelos norte-americanos. Essa pesquisa bibliográfica tem também por finalidade a preparação de futuras pesquisas sobre as representações sociais da população acerca da cocaína e do crack, a serem realizadas pelo programa PIBIC/CNPq/ UFPB.

Bernard Gontíès; Jonsos Nunes Júnior

Universidade Federal da Paraíba



Contribuição da Teoria dos Sistemas Não-lineares no avanço da compreensão dos sistemas vivos – naturais e artificiais – e do processo psicanalítico.

Sistemas vivos - naturais, artificiais e humanos - são capazes de reprodução, auto-organização, adaptação e evolução. Neste estudo apresentamos, nos achados do biólogo evolucionista Stuart Kauffman (1993), a demonstração que os sistemas capazes de evolução adaptativa são aqueles considerados de complexidade organizada, sobre os quais a força da seleção natural pode atuar. Nestes sistemas, mudanças que ocorrem com frequência influenciam na harmonia entre as forças internas que estruturam o sistema e as forças externas que fazem parte do meio ambiente com qual o sistema se relaciona. Na maior parte do tempo há harmonia nesta inter-relação. Porém, quando ocorre um stress além de um limite suportável o sistema passa por uma fase de transição que o leva a um novo nível de organização com o surgimento de estruturas emergentes. Apresentamos o trabalho de Palombo (1999), que relaciona os achados de Kauffman nos sistemas biológicos aos seus achados referentes à evolução de um processo psicanalítico. Utilizamos-nos dos conceitos de fase de transição, da propriedade de auto-organização e do fenômeno da emergência para demonstrar através da teoria psicanalítica de Winnicott, a emergência da área da ilusão, do objeto transicional e dos fenômenos transicionais como processos de auto-organização do “sistema mãe-bebê”, a partir da fase de indiferenciação em direção à diferenciação e capacidade de auto-observação. Nesta trajetória utilizamo-nos do conceito de fase de transição da Teoria dos Sistemas Não-lineares como ferramenta de avanço na compreensão do funcionamento e da evolução dos sistemas vivos.

Juliana Cláudia Brandão Magalhães



Contribuições da Psicologia e da Medicina em grupos rotativos de mulheres no pré-cirúrgico.

Os processos de hospitalização e intervenção cirúrgica, podem representar uma situação ansiogênica, onde os temores estão presentes no discurso e nas reações do paciente. O hospital causa estranheza e ansiedade para o paciente, desencadeando um momento de crise. Tudo é desconhecido, inclusive o processo cirúrgico ao qual será submetido. As situações são vivenciadas de forma exclusiva para cada paciente, apesar das experiências semelhantes, os medos, expectativas e ansiedades se manifestam de acordo com cada personalidade. Independentemente do significado que o paciente atribui à internação cirúrgica, a ansiedade é um fenômeno sempre presente, surgindo desde o momento em que o médico faz a indicação. Um certo grau de ansiedade é necessário para permitir aos pacientes uma melhor elaboração da situação. Um grau elevado ou ausente de ansiedade pode dificultar uma recuperação rápida no pós-operatório, podendo significar uma não aceitação da cirurgia. O processo de internação e cirurgia atinge os pacientes em vários aspectos que envolvem fantasias conscientes e inconscientes. Considerando-se estes pressupostos deu-se início a um trabalho com grupos rotativos na enfermaria da clínica ginecológica do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, atendendo mulheres que aguardam cirurgias. A proposta do trabalho é oferecer espaço de escuta para as angústias, ansiedades e fantasias que acometem as mulheres nos processos cirúrgicos. Esta intervenção, a princípio, era realizada apenas pela psicologia, sendo que neste período muitas questões de ordem informativa e de orientação cirúrgica se revelavam causadoras de ansiedade, mobilizava-se a busca destas informações pelas pacientes ao corpo médico, porém muitas sentiam-se acanhadas diante da equipe. À partir da disponibilidade e interesse de um residente de participar destes grupos semanais, as questões técnicas se mostraram melhor esclarecidas facilitando o entendimento dos procedimentos. Durante a realização dos grupos as pacientes mostram-se mais à vontade para esclarecerem suas dúvidas sobre o processo cirúrgico, neste momento a atenção do médico está voltada para elas propiciando o estabelecimento de uma boa relação entre ambos, onde as pacientes verbalizam que sentem-se compreendidas e mais confiantes na atuação da equipe. Com isso, as pacientes expressam com maior tranquilidade seus sentimentos e pensamentos sobre questões que envolvem a feminilidade, os papéis sexuais, sociais e relações familiares. A figura do residente funciona como facilitador para o grupo expressar dificuldades e expectativas. A psicologia se beneficia do trabalho em conjunto com o residente, no sentido de promover as amarras entre os conteúdos objetivos e subjetivos emergentes num contexto hospitalar. Dessa maneira a psicologia e a medicina interagem na construção de conhecimentos e práticas que promovam sentidos subjetivos à partir de dados objetivos. Tanto para o psicólogo como para o médico o trabalho interdisciplinar auxilia no entendimento do ser humano e suas dimensões na prática clínica. Neste aspecto nota-se que os resultados mostram-se benéficos, promovendo principalmente ao residente uma amplitude em seus próprios questionamentos. Diante de uma formação médica cada vez mais tecnológica, a possibilidade de reflexão dos médicos quanto a amplitude de sua atuação promove a retomada da importância da relação médico-paciente voltada para os moldes hipocráticos.

Adriana Aparecida Fregonese; Arlete Modelli

Hospital das Clínicas



Contribuições da Psicologia no aprimoramento da gestão democrática na escola.

Este trabalho se refere ao relato do estágio supervisionado em Psicologia Escolar da FURB, que foi realizado em uma Escola Básica Municipal, no período de julho a dezembro de 2001. A escola atua na proposta da Escola Sem Fronteiras, que foi implantada na rede municipal de Blumenau em 1998, o que acabou trazendo muitas mudanças ao substituir o sistema de séries por ciclos, sendo estes organizados por idade, e por rever os conteúdos e a forma de avaliação. As mudanças são recentes e por esse motivo, tanto a escola quanto os pais e os alunos ainda estão num processo de adaptação. Através da caracterização e análise da instituição, constatamos que o Projeto Político Pedagógico prevê uma interação da comunidade com a participação desta na gestão da escola, a qual já havia implantado, recentemente, o Grupo de Pais e o Conselho Escolar dentro dessa perspectiva. Propomos, então, participar desse projeto com o objetivo de contribuir nas discussões e na implantação da Gestão Democrática, levando a comunidade a perceber que a escola não é uma instituição estranha, localizada em seu território, mas é parte dela. Para isso, efetuamos a observação participante com alunos, pais e professores; reuniões com a direção, coordenação pedagógica e com os professores quinzenalmente; participação nos Grupos de Estudo dos Pais, realizados mensalmente. Dessa forma, prestamos assessoria aos profissionais da escola e orientação ao grupo de pais, mediando a relação escola/comunidade. Os pais têm participado dos Grupos de Estudo, juntamente com os professores e a direção, colocando seus interesses em relação aos temas que desejam debater nesses encontros, assim como a escola também sugere questões a serem discutidas. O tema elegido para discussão foi da sexualidade. Realizamos atividades diversas com os pais, que trouxeram à tona suas preocupações em torno do tema. As questões de destaque foram: diálogo, valores morais, conhecimento científico, adolescência e homossexualidade. Estes foram discutidos no coletivo em três encontros. O tema da sexualidade permeou também as ações das estagiárias com as turmas de alunos e com o grupo de professores, conforme a solicitação dos mesmos, implantando e desenvolvendo um projeto de educação sexual na escola. Na avaliação, ao término do estágio, foi destacado pela coordenação pedagógica e direção da escola a construção coletiva e o diálogo constante com os grupos que compõem a comunidade escolar, gerando autonomia e contribuindo no aprimoramento da gestão democrática.

Doraci Weber Kraemer; Fabiana Gonçalves Felix Maciel; Léia Viviane Fontora

Universidade Regional de Blumenau – FURB



Contribuições da Psicoterapia aos Adotados.

OBJETIVO: Refletir sobre as questões mais freqüentes nas psicoterapias de pais e filhos adotivos, suas implicações e significados. **CLIENTELA:** 15 casos de pais e filhos adotivos. **ABORDAGEM:** Psicanalítica **TEMAS MAIS FREQUENTES NA PSICOTERAPIA DOS PAIS ADOTIVOS:** a) Dificuldade para engravidar e frustração pela esterilidade. b) Conflito ?adota X não adota?, por medo de futuros problemas. c) Dificuldade para revelar o segredo da adoção. d) Dificuldades relacionadas ao medo da herança genética. e) Medo de características de personalidade doentia, como os personagens filhos ?adotivos? das novelas na TV. f) Sentimento de culpa e arrependimento por ter adotado. g) Medo de perder o filho para a mãe biológica. .h) Superproteção e dificuldade para colocar limites estruturadores na personalidade do filho. i) Necessidade de encontrar semelhança física e psicológica entre filho e pais adotivos. **TEMAS MAIS FREQUENTES NA PSICOTERAPIA DOS FILHOS ADOTIVOS:** a) Motivo do abandono/adoção. b) Sentimentos ambivalentes em relação aos pais adotivos: amor, gratidão X hostilidade. c) Necessidade de encontrar semelhança física e psicológica com os pais adotivo. d) Curiosidade sobre história familiar biológica. e) Sentimento de solidão / desamparo por não conhecer laços consangüíneos e pela maneira como foram doados ou abandonados. f) Conflitos gerados por superproteção e falta de limites organizadores da personalidade. g) Dificuldade para controlar ansiedade com conseqüente quadro de bulimia e obesidade, em alguns casos. **RESULTADOS OBSERVADOS APÓS REALIZAÇÃO DA PSICOTERAPIA DOS PAIS:** a) Conseguem revelar o segredo da adoção. b) Sentem-se mais preparados para lidar com o ?ser pai, ser mãe, Ter filho?. c) Desidealizam o filho como responsável por transformar o casal em família e assim torná-los felizes. d) Percebem que a superproteção e falta de limites organizadores da personalidade fragilizam o ego do filho, baixam a auto-estima e despreparam para lidar com as frustrações inevitáveis. e) Tornam-se mais firmes e continentas nas situações de crises e tensões. f) Perdem o medo de dizer não e perder o filho. g)Descobrem que o rótulo de adotivo discrimina e inferioriza. h) Assumem com naturalidade que há diferentes maneiras de se tornar filho e passam a reconhecê-lo e apresentá-lo simplesmente como ?filho? e não mais como ?filho adotivo?. **RESULTADOS OBSERVADOS APÓS A REALIZAÇÃO DA PSICOTERAPIA DOS FILHOS:** a) Buscam cada vez mais se libertar da escravidão do rótulo ?adotivo?, assumindo sua verdadeira história, sem meias verdades e segredos. b) Estabelecem relações afetivas mais seguras. c) Suportam melhor o passado de abandono e a troca de família. d)Reparam feridas psicológicas. e) Aprendem a controlar melhor sua voracidade e compulsão de comer e, conseqüentemente perdem o peso excessivo, lidam melhor com o próprio corpo, pois aumentam a auto-estima positiva, cuidam melhor da aparência, sentem-se mais valorizados (nos casos em que havia bulimia e obesidade). f) Ganham maturidade nas relações afetivas. **CONCLUSÃO:** A psicoterapia analítica é de grande utilidade para reorganizar a personalidade e as relações dos filhos e pais adotivos. Observando-se o ganho de maturidade em todas as relações afetivas dos pacientes com melhoria da qualidade de vida.

Marcionila Rodrigues da Silva Brito.

Universidade Federal de Uberlândia.



Contribuições e novas perspectivas de intervenções em psicologia escolar – SEPA.

O Curso de Psicologia da Universidade de Caxias do Sul-UCS tem, desde sua criação, um ideal concebido em termos do perfil de profissional que deseja formar que estará preocupado com questões sociais e dirigirá seus esforços em busca da melhoria da qualidade de vida da população. O SEPA (Serviço de Psicologia Aplicada) tem um papel importante na consecução deste ideal. Pela própria natureza de suas atividades esse Serviço pode assegurar a unidade pedagógica do Curso, já que é nele que, através da prática, culminam todos os ensinamentos teóricos das disciplinas. Intervenções em Escolas, um dos programas do Serviço de Psicologia Aplicada, objetiva possibilitar ao acadêmico uma maior diversidade de experiências profissionais no campo escolar. Busca, desta forma, a formação ampla e abrangente do aluno capacitando-o a utilizar, eficazmente, intervenções e técnicas psicológicas voltadas para a qualidade e eficiência do processo educacional. São propostas de atividades deste programa: avaliação Institucional; assessoria Institucional; assessoria ao Corpo Docente; orientação individual ao professor; orientação individual e/ou grupal ao corpo discente; palestras; orientação vocacional; orientação sexual e grupos operativos. Desde sua criação já foram atendidas um número significativo de escolas das redes municipal, estadual e particular de ensino da cidade de Caxias do Sul e Região de abrangência desta Universidade. Este trabalho traz contribuições pertinentes às intervenções da Psicologia Escolar, no sentido de aprimorá-las ou mesmo inová-las quanto a sua eficácia, levando-se em consideração aos aspectos singulares da instituição escolar atendida pelo programa. As intervenções são realizadas por estagiários do curso de Psicologia, matriculados no estágio supervisionado de Psicologia Escolar, mediante solicitação da instituição escolar, e previamente selecionadas por este programa.

Renata Sassi.

Universidade de Caxias do Sul – UCS.



Cooperativa de trabalho: uma alternativa à exclusão.

A exclusão social, própria das realidades sociais marcadas pelas desigualdades, apresenta em sua essência duas características maiores: a econômica, cuja pobreza se faz revelar e a social, que aponta para as injustiças decorrentes da discriminação. Competitividade e individualismo se associam-se, hoje, às transformações do mundo do trabalho determinadas pela globalização e pelas políticas neoliberais, que vem se tornando mais restritivo, com a intensa redução de postos e a precarização das condições e das relações de trabalho. Essa conjuntura também afeta diversas ocupações no município de Assis, como a de catadores de materiais recicláveis, atividade exercida informalmente, sob condições absolutamente precárias. A despeito da importância social que têm para a questão ambiental, ainda não se constituem categoria profissional. Pode-se dizer que a sociedade não reconhece seu valor na coleta daqueles materiais que poluem o ambiente, chegando a confundí-los com seu material de trabalho: o lixo. Percebe-se que este grupo é composto por idosos, aposentados, mulheres, jovens, alguns usuários de drogas, outros com problemas graves de saúde, enfim, por pessoas excluídas do espaço formal de trabalho, que buscam nesta atividade complementar a renda ou sustentar a família. Paralelamente à exclusão social de que são vítimas, esses catadores são compulsoriamente explorados pelos "atravessadores" que pagam um preço vil pelo produto de seu trabalho. O objetivo principal deste projeto é assessorar esses trabalhadores na formação de uma cooperativa de trabalho para comercializarem coletivamente seus materiais a preços mais justos e vantajosos. Tal assessoria e apoio são prestados pela UNESP, Cáritas Diocesana e setores do poder público municipal. As atividades desenvolvidas com os catadores na Cooperativa, em formação, visam aumentar o rendimento, buscar o resgate da dignidade humana e a melhoria das condições de vida: trabalho, saúde, educação e lazer. Adotando estratégias participativas, tomam-se decisões conjuntas e busca-se alcançar a formação de uma consciência coletiva e autônoma para o desenvolvimento da cidadania plena. Em reuniões semanais com todos, discutem-se os problemas cotidianos de coleta, transporte, armazenamento, processamento e comercialização dos materiais. Neste início de atividades, visualizam-se progressos como: constituição de um grupo estável garantindo quantidade suficiente para a comercialização sistemática; estabelecimento de vínculo de confiança entre cooperados e representantes das instituições presentes; aumento das participações em reuniões, quantitativa e qualitativamente; vislumbramento de melhores condições de vida; início da mobilização da sociedade colaborando mais ativamente na doação de materiais à Cooperativa. Apesar desses resultados positivos, sabe-se que existem muitos aspectos a serem trabalhados e que demandam um tempo muito maior.

Adriana Quintiliano Batistela; Ana Carolina Manechini; Ana Maria Rodrigues de Carvalho; Carlos Rodrigues Ladeia; Claudia Regina Santa; Edimir Toshimiti Saito; Edinei João Garcia; Fernanda Lemos Del Ghingaro; Iara Morena Oliveira Fagundes Souza; Joana Paula Camilo Pagliarini; Lícia Paludetto Fígaro; Patrícia Gaya; Ricardo Abussafy de Souza; Ricardo Lopes Pereira de Melo; Roberto Carlos dos Santos, Rodrigo Nejm; Rosana Akemi Kawashima; Rubens dos Santos Jr.; Salete Martinez Bonini; Sofia Manzi de Paula

Universidade Estadual Paulista - UNESP - Câmpus de Assis



Corpo experimentação: cheirando, dosando e aplicando outras conexões e sentidos à vida.

Este trabalho é realizado junto a usuários habituais e dependentes de drogas, calcado na proposta neo-reichiana de Grupo de Movimento. O objetivo é produzir, não um espaço de substituição da droga pelo corpo, mas sim, produzir mais uma possibilidade de conexão com a vida, na perspectiva de um lugar de experimentação de sensações, percepções e expressões, sem a mediação de um elemento mágico (a droga), buscando-se movimentar análises sobre as relações que essas pessoas estabelecem no mundo, construindo-se e construindo um mundo. Fundamenta-se nos princípios da prática clínica reichiana e neo-reichiana, na qual corpo e mente é elemento indissolúvel e inseparável, envolvendo uma integração psíquica, histórica e corporal. Tem como premissa uma elaboração que não ocorre somente nos níveis verbal e simbólico, mas que se constrói, também e principalmente, no nível pré-verbal. Além de elaboração verbal, lança-se mão de exercícios corporais pautados no comportamento biológico, relacionados à respiração, postura, bloqueios e fluxo. O Grupo de Movimento é uma construção da prática corporal neo-reichiana, e tem por objetivo possibilitar ao participante, através de exercícios apropriados, contato com o corpo na intenção da conscientização de tensões e bloqueios musculares, visando liberá-los e assim propiciar um fluxo mais livre de energia no corpo, resgatando a pulsação. Os grupos são realizados semanalmente, com aproximadamente uma hora e meia de duração a cada sessão, com prazo determinado e aberto à participação dos usuários do serviço após uma entrevista, que busca a verificação do interesse pela atividade em questão. A primeira experiência ocorreu de abril a julho/1999, totalizando doze encontros, com a participação de quatro pessoas, sendo uma do sexo feminino e os demais do masculino, tanto usuários de apenas uma droga, quanto de múltiplas. A segunda experiência encontra-se em curso no ano 2002 e foi iniciada em junho. O grande desafio é a adesão ao trabalho, principalmente, quando se propõe um contato direto com o corpo sem a mediação de uma substância psicoativa, mas sim, com a química do próprio corpo. Entretanto, quando a adesão ocorre, é possível deparar-se com relatos, como o que se segue, feito por um dos participantes ao sentir sua vibração corporal: “É a mesma sensação quando fumo um baseado. Percebi que não preciso do baseado para ter esta sensação”.

Scheila Silva Rasch.

Prefeitura Municipal de Vitória - ES.



Correlação entre os Valores e os Indicadores de um bom Rendimento Acadêmico.

A prática educativa objetiva uma aprendizagem que se constata através do rendimento do aluno. Assume-se, no presente estudo, a definição formulada por Formiga (2000), que concebe o rendimento como sendo constituído por três indicadores, a saber: CRE (coeficiente de rendimento escolar), horas de estudo e auto-conceito. Levando-se em consideração que segundo Bordenave (1999) não existe conhecimento suficiente de teoria e pesquisa sobre essa questão, o presente estudo objetiva saber se existe correlação entre valores e rendimento. Segundo Rokeach (1987) os valores têm a ver com os modos de conduta e estados finais da existência. O interesse por este tema se deve ao fato dos valores possuírem um importante papel no processo seletivo das ações humanas. Participaram deste estudo 211 estudantes da UFPB, sendo a maioria do sexo feminino (78,2%), com idade média de 24 anos. Estes responderam o Questionário dos Valores Básicos, elaborado e validado por Gouveia (1998), composto por 24 itens respondidos numa escala de nove pontos, e o questionário de rendimento acadêmico, composto por três itens. Verificou-se uma correlação direta e significativa entre o Critério de Orientação Supra-Pessoal e o Conceito de Bom Estudante ($r = 0,15$; $p < 0,05$) e Prestígio ($r = -0,19$; p

Inayara Oliveira de Santana; Sheyla Suzanday Barreto Siebra; Gerlane Alves Ribeiro; Isabel de Assis Diniz e Silva; Tatiana Cristina Vasconcelos.

Universidade Federal da Paraíba.



Creche comunitária: ambiente promotor do desenvolvimento infantil.

Este trabalho foi realizado em uma creche comunitária localizada na vila Orfanatrópio em Porto Alegre através do Programa Especial de Treinamento da Faculdade de Psicologia da PUCRS. Esta instituição é mantida pelo apoio da prefeitura e da comunidade. Esse espaço possibilita que os pais possam trabalhar diariamente em turno integral, garantindo o sustento da família e um local seguro para seus filhos. Optamos por realizar um estudo a partir de atividades cognitivas, lúdicas, e sociais - interação com o grupo- que nos oportunizassem compreender e observar o comportamento destas crianças. Este estudo tem a finalidade de pensarmos junto com a creche, sua articulação no trabalho com as crianças nessa realidade social. O método utilizado neste trabalho aconteceu pela observação participante de noventa crianças em uma creche comunitária. Este, foi realizado por três duplas, sendo que cada uma delas desenvolvia o trabalho em uma turma de aproximadamente trinta crianças. O presente trabalho ocorreu durante cinco meses. Das 8 hs às 8:30 hs aguardávamos a chegada de todos os alunos, interagindo com esses de forma variada. Entre 8:30 e 9:00 horas era servido o café da manhã com nosso auxílio. Após este iniciavam as atividades que duravam até as 10:30 horas. Dessa forma, a observação que realizávamos era feita concomitantemente com essas atividades. Foram levantados aspectos do desenvolvimento cognitivo, lúdico e social. Em relação aos aspectos cognitivos, observamos questões como o receio das crianças quando uma atividade não acontecia com sucesso e a necessidade de trazer sua realidade nas atividades trabalhadas. A carência era demonstrada pelo desejo de estar sempre querendo chamar a atenção. Outros aspectos referentes a atividades cognitivas demonstravam condizentes com a faixa etária das crianças e realizadas com sucesso. No aspecto social referente a interação com o grupo evidenciou-se a disputa por uma atenção individual e especial. No momento da organização das atividades, enquanto alguns tinham facilidade em desenvolvê-las, outros perturbavam o andamento das mesmas mostrando, algumas vezes, comportamentos agressivos com os colegas. Tiba (1996) ressalta que as ofensas entre os colegas não são valorizadas, pois não há uma diferença hierárquica entre eles. Embora, as crianças fossem de faixas etárias diferentes, conseguiam interagir, na maioria das vezes, de forma harmoniosa. Em relação ao aspecto lúdico, evidenciou-se um exagero no comportamento das crianças quando realizavam atividades livres. Papalia e Olds (2000) afirmam que crianças desta idade melhoram suas habilidades motoras dos músculos maiores como pular, saltar e arremessar bolas. Desse modo, demonstravam, em alguns casos, atitudes agressivas ao que diz respeito a movimentos com o corpo e com o tom de voz. Bee (1997), destaca uma maior agressividade física entre as crianças de dois a três anos e verbal nas de cinco a seis. As crianças destacaram possuir um conhecimento avançado de seu corpo, mostrando grande incidência no tocar outras pessoas e apresentavam comportamentos com conotações sexualizadas. Foram identificados aspectos muito importantes no comportamento das crianças dentro deste contexto social. Um fator a se destacar é a necessidade que demonstram em relação a cuidados e atenção e a forma de como podem ser atendidos. O aspecto que diz respeito a orientação das atividades que envolvem o corpo e a sexualidade foram de grande proporção nos trabalhos com as turmas. Dessa forma, foi importante pensar nas diferentes formas de organização das tarefas para um melhor desenvolvimento do grupo dentro dos aspectos lúdico, cognitivo e social.

Bianca Souza Salatino; Fernanda Cesa Ferreira da Silva; Luciana Balestrin Redivo; Luciana Dutra Thomé; Mariana Marques Lorenzoni; Marina Rosa Sant'Anna; Neuza Guareschi

PUCRS



Creche e Família: Um estudo sobre condição de vida.

A focalização de políticas públicas tem sido alvo de preocupação crescente dos órgãos responsáveis pela criação e distribuição de programas sociais. Se é importante oferecer um benefício para quem mais necessita, mais ainda, é saber se realmente quem precisa está tendo acesso a ele. Este trabalho tem como objetivo apresentar os resultados de uma pesquisa de campo sobre as condições de vida de 819 famílias moradoras de comunidades carentes, beneficiárias do programa Rio – creches da Prefeitura do Rio de Janeiro. As famílias estudadas foram escolhidas utilizando-se um modelo estatístico de aleatorização. Foram realizadas entrevistas tendo como instrumento de coleta um questionário fechado obedecendo a seguintes temas: condições do domicílio, acesso a serviços públicos, educação, renda e trabalho. Os resultados encontrados com relação as condições de domicílios são os seguintes: a maioria dos domicílios (62%) são próprios, com o número de cômodos variados de 3 (47%) a 6 (33%) e além disto quase todos (89%) possuem banheiros privativos (banho e aparelho sanitário). Grande parte das residências (94%) são de alvenaria e possuem laje (60%) ou telha (35%). Quanto aos serviços públicos de saneamento, a rede geral de água (98%) e a rede geral de esgoto (86%) chegam em praticamente todos os domicílios e todos possuem luz elétrica e apenas (2%) não tem acesso ao serviço de coleta de lixo. Os dados coletados apontam para um contraste entre as condições, por vezes muito precárias, de moradia da comunidade local, e as condições dos familiares beneficiários do programa Rio – creches que se apresentam bem melhores. Em relação à escolaridade a maioria dos familiares cursaram até o 1º grau: (mulheres 73% e homens 74%). Em torno de 20% dos pais chegaram até o 2º grau. Este resultado comparado com a média nacional para adultos de 5,7 anos de estudo (PNAD/ 99), aponta para um nível de escolaridade um pouco mais elevado no grupo estudado. O percentual de mães trabalhando (68%) é superior ao dos pais trabalhando (62%). O rendimento domiciliar médio per capita (R\$ 305,00) das famílias entrevistadas encontra-se um pouco acima da média nacional dos décimos mais pobres do Brasil (R\$ 298,00) PNAD/ 99. De maneira geral quando comparamos as condições do grupo estudado de beneficiários do programa Rio – creches, com as condições das comunidades onde se localizam as creches, estes refletem condições melhores. Isto certamente não significa que não devam ser atendidos pelo programa, mas ao que parece, grupos mais carentes não estão tendo acesso a este serviço.

Ana Lúcia P. B. Pacheco; Helia Lúcia Torres Pellegrino; Leonardo Luiz Araújo Vivas; Manuela Dutra Gomes; Rachel Alves Rezende



Creche e família: um estudo sobre condições de vida.

A qualidade dos serviços oferecidos às crianças em seus primeiros anos de vida tem recebido atenção e sido fonte de preocupação na educação infantil. Entendendo que a percepção dos pais sobre o serviço oferecido pela creche tem impacto na qualidade do mesmo, nos parece interessante estudar este aspecto. O presente trabalho tem como objetivo relatar uma experiência ocorrida em algumas comunidades carentes da cidade do Rio de Janeiro. Foi realizado um estudo exploratório, utilizando-se de um questionário fechado abordando as opiniões dos familiares a respeito de diferentes aspectos das condições de serviços da creche (atividades; relacionamento educador vs criança; equipamento; condições de limpeza; carga horária, etc.). Foram entrevistadas 819 famílias beneficiárias do programa Rio-creches. As famílias foram escolhidas utilizando-se um processo estatístico de aleatorização. A análise dos dados aponta para os seguintes resultados: As famílias em sua maioria (98%) estão satisfeitas com os serviços oferecidos pelas creches. O motivo principal para que a família coloque seus filhos na creche é para mãe poder trabalhar (76%). A escolha pelo ingresso da criança na creche é feita principalmente pela mãe (73,4%). As crianças em geral moram perto da creche, permanecendo nela em torno de 10 horas (85%). Os equipamentos (75%), espaço físico (75%), alimentação (84%), atividades (68%), limpeza (89%), relacionamento educador vs criança (97%), são avaliados pelos pais como satisfatórios. Os pais esperam que a creche proporcione prioritariamente aos seus filhos, carinho, atenção e a seguir educação e ensino e acreditam que a creche cumpra este papel. O surpreendente na pesquisa é o alto grau de satisfação dos pais em relação a um serviço tão complexo e carente como este. As observações feitas no local mostram um lugar com escassos recursos de educadores, infra-estrutura, atividade, etc.. Entretanto as críticas, queixas, insatisfações, etc., em relação a qualquer parte do serviço são praticamente inexistentes. A creche aparece como um lugar seguro para deixar as crianças, espaço onde o mais valorizado é o cuidado, carinho e atenção dedicados pelos educadores as crianças. Na visão dos pais retratada nas pesquisa, a creche contribui para o desenvolvimento adequado da criança (95%), como por exemplo ficou mais esperta, engordou, fala melhor, etc.. Os resultados da pesquisa mais do que trazer conclusões nos levam a algumas reflexões. Talvez para estas famílias um espaço que mantenha as crianças fora da violência urbana e local, que os alimente e cuide, seja o suficiente para atender as suas necessidades mais imediatas, de ter que ir trabalhar e não ter quem cuide das crianças. Já a parte pedagógica, as oportunidades que a creche pode trazer para a criança em termos de acesso aos bens culturais possivelmente seja deixado em plano secundário. Estas questões nos leva a estudos futuros na tentativa de uma melhor compreensão dos resultados obtidos.

Ana Lúcia P. B. Pacheco; Helia Lúcia Torres Pellegrino; Leonardo Luiz Araújo Vivas; Monique Rocha Dellamora; Rachel Alves Rezende



“Cresça e Apareça”: um projeto de extensão universitária voltado à orientação profissional em grupo.

Este painel refere-se a um projeto de extensão desenvolvido por estagiários do 5º ano, alunos voluntários de 3º e 4º anos, e uma professora do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Paraná. Tendo como público alvo estudantes do ensino médio de Curitiba, este projeto objetiva oportunizar a problematização, em grupo, dos diversos fatores implicados na escolha da profissão. Com isto, pretende-se instrumentalizar aquele que escolhe para a construção de uma identidade profissional e de um projeto de vida que lhe permitam inserir-se na comunidade como profissional e cidadão, capaz de contribuir ativamente para a transformação social. O processo de Orientação Profissional desenvolvido inspira-se na estratégia clínica proposta por BOHOSLAVSKY (1979) e consiste, basicamente, em um trabalho voltado ao conhecimento e ao reconhecimento de si nas relações estabelecidas consigo mesmo, com o outro, com a realidade ocupacional (pré-conceitos, estereótipos), com as condições concretas de qualificação profissional (possibilidades e limites dos cursos técnicos e universitários), com o mercado de trabalho (mitos e ritos em torno do “sucesso profissional”, discursos sobre as exigências desse mercado), e com os cenários sociais emergentes. Em um âmbito mais amplo, o projeto visa à articulação entre o ensino médio e o ensino superior, e ao maior engajamento dos profissionais dessas instituições no processo de escolha, mediante a discussão conjunta sobre a função social da escola neste processo.

Semestralmente, cerca de 250 jovens participam de encontros semanais ofertados no Centro de Psicologia Aplicada da Universidade e nas escolas públicas de Curitiba. Além disto, são realizadas visitas aos cursos de graduação da UFPR, feiras de profissões, reuniões com pais e grupos de discussão com os profissionais das escolas atendidas. Um dos instrumentos utilizados para a avaliação deste projeto consiste em uma pesquisa, na qual busca-se conhecer os elementos que compõem o projeto de vida dos adolescentes que participam da orientação profissional, verificando as contribuições que este processo possa estar oferecendo. Tem-se constatado que, ao integrar o ensino, a pesquisa e a extensão universitárias, este projeto vem contribuindo, também, para a formação profissional do psicólogo, favorecendo a articulação entre saúde, educação e trabalho, bem como redimensionando as possibilidades de sua intervenção nas instituições educativas, na perspectiva da promoção de saúde. O presente painel propõe a apresentação das diretrizes que norteiam esta proposta de Orientação Profissional em grupo e dos desafios que se apresentam, para o psicólogo, ao longo de sua realização em distintos âmbitos institucionais. Objetiva-se, deste modo, contribuir para o debate em torno da possibilidade de escolha na sociedade contemporânea, das relações indivíduo-trabalho-sociedade e, principalmente, do compromisso que os profissionais de diferentes áreas podem assumir frente a essa problemática.

Luciana Albanese Valore.

Universidade Federal do Paraná.



Criança Psicossomática e sua Família.

A criança apresenta forte potencial para manifestações dos transtornos psicossomáticos por serem pessoas em desenvolvimento e cujo aparelho psíquico e físico estão em processo de organização e maturação, sendo imatura ao nascer e necessariamente dependente de seu meio. Esse trabalho objetiva refletir sobre características psíquicas da família e das crianças portadoras de transtornos psicossomáticos. Para o levantamento desses dados foram utilizados: entrevista psicológica com os responsáveis, objetivando obter um contato direto com os elementos da família; aplicação de Técnicas Projetivas para investigação do dinamismo dos responsáveis; entrevista psicológica com a criança; aplicação de Técnicas Projetivas para investigação do dinamismo psíquico da criança e da família. A análise dos dados foi pelo método compreensivo. Pela interpretação dos dados relativos à situação familiar dessas crianças percebeu-se a existência de um número significativo de aspectos potencialmente problemáticos e que interferiram na evolução do distúrbio psicossomático infantil. Em relação à dinâmica emocional dessas crianças, notou-se um conflito gerador de ansiedade ligado a incapacidade de eleger um objeto que a satisfizesse, incapacidade de expressar afetos e lidar com seus impulsos agressivos. Através desse trabalho foi possível estabelecer que uma criança predisposta a distúrbios psicossomáticos, a interação de fatores biopsicossociais deveriam ser considerados não só na patogênese das doenças, mas principalmente na elaboração de esquemas terapêuticos.

HAMES, S.L.; Rossetto, M.A.C.

Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas.



Crianças e adolescentes vitimizados: um estudo o contexto do abuso sexual em Corumbá/MS.

Com o crescente aumento das situações de violência no Brasil, este tema tem se tornado de grande destaque no âmbito nacional. Diversos órgãos e entidades científicas do país vem desenvolvendo pesquisas sobre a violência, como o CLAVES - Centro Latino Americano de Violência e Saúde, CRAMI - Centro Regional de Atenção aos Maus -tratos da Infância e Adolescência, entre outros. Estes estudos tem evidenciado os altos índices de violência no contexto atual. Em se tratando de crianças e adolescentes a vitimização também tem alcançado índices assustadores, não ocorrendo apenas nas classes sociais menos favorecidas mas em todas as camadas da sociedade. Quando falamos em violência não nos referimos somente a violência física, mais a psicológica e ao abuso sexual. Segundo a UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância, a violência deve ser entendida como "toda violação dos direitos da criança e adolescente estabelecidos por meio do marco legal (ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente) e de instrumentos normativos". (UNICEF 1998:137) Por abuso sexual entendemos como "todo o ato ou jogo sexual, relação hetero ou homossexual, entre um ou mais adultos e uma criança ou adolescente, tendo por finalidade estimular sexualmente esta criança ou adolescente ou utilizá-los para obter uma estimulação sexual sobre sua pessoa ou de outra pessoa" (Azevedo e Guerra,1989:15). No Brasil estima-se que 1% das crianças brasileiras de até 14 anos sofram de algum tipo de violência, sendo que em 90% desses casos a violência ocorre dentro de casa. No Mato Grosso do Sul, estudos realizadas pelo CREIA - Centro de Referência para estudo da Infância e Adolescência, detectaram que 4% dos menores atribuíram o fato de dormirem fora de casa, a motivos como: violência em casa, abuso do pai ou padrasto. (CONTNI & KASSAR, 1994). Assim fez-se necessário um estudo que caracterizasse as situações de abuso sexual, visando subsidiar programas que previnam e combatam este tipo de violência e objetivando fazer um diagnóstico das ocorrências das situações de abuso sexual em crianças e adolescentes no município de Corumbá/MS, nos anos de 2000 e 2001. JUSTIFICATIVA O abuso sexual, assim como todas as formas de violência tem se constituído um grande problema social, gerando discussões e estudos no país e no mundo. Sabe-se que as conseqüências deste tipo de violência atinge todas as esferas da vida da vítima (sociais, emocionais, psicológicas, etc.) A necessidade de se prevenir e mesmo combater o abuso sexual, faz-se presente na sociedade, tendo caráter emergencial. Assim entende-se a realização de uma pesquisa que contemple dados significativos, que configure o perfil da vítima, do abusador e caracterize toda situação do abuso sexual, podendo nortear e subsidiar programas municipais de combate à violência sexual. METODOLOGIA Por se tratar de uma pesquisa diagnostica caracterizada pela abordagem quantitativa e qualitativa utilizamos um instrumento previamente elaborado, para que assim pudéssemos realizar a caracterização da vítima, a caracterização do abusador, a caracterização da situação e a caracterização do abuso em si. Assim esta pesquisa teve o seguinte procedimento: Levantamento bibliográfico; Elaboração do instrumento; Realização de levantamentos de dados nas instituições do município (Conselho Tutelar, Promotoria, Delegacia da Infância e adolescência e Delegacia da Mulher); Tabulação e sistematização estatística; A pesquisa encontra-se em fase de elaboração do relatório final.

Sonia Cristina Rodrigues; Catarina Maria Costa Marques P. Da Rosa;

PIBIC; CNPq; Universidade Federal de Mato Grosso do Sul Corumbá/MS - UFMS



"Crianças em situação de rua"- o significado de família para crianças e adolescentes.

Diante das grandes diferenças sociais existentes em nosso país, que determinam a existência de várias formas de organizações familiares, esta pesquisa teve com o objetivo compreender e conhecer o significado de família para crianças e adolescentes em situação de rua. Participaram desta pesquisa vinte e quatro crianças do Vale do Paraíba, com idade entre seis e quatorze anos, residentes nas cidades de Campos do Jordão, Taubaté e Tremembé. O delineamento adotado foi o Estudo de Campo, tendo sido utilizado como instrumento o formulário, que foram analisados qualitativamente. Os resultados obtidos apontaram que as crianças significam suas famílias através de uma organização nuclear - pai, mãe e filhos, as quais tendem a valorizar o trabalho como forma de comunicação existente entre seus membros, não priorizando as trocas afetivas. Outro fator a ser destacado, relaciona-se às funções familiares, em que as crianças pesquisadas não determinam com clareza as funções que cada membro desempenha, provocando assim, uma confusão de papéis, bem como a modificação da hierarquia familiar. Desde cedo, essas crianças aprendem a participar, compartilhar e buscar soluções para os seus problemas, ingressando no universo das ruas. Frente a esta forma de organização, percebemos as inúmeras perdas que estas crianças sofrem a nível afetivo e o quanto estas sonham em experienciar situações que possibilitem uma melhor qualidade de vida. Tais processos apontam para a necessidade premente de uma intervenção com esta população, que possibilite a essas crianças negligenciados pela nossa sociedade, novos horizontes, que não sejam o de se identificar com a delinquência e a exclusão.

Rosiris Marina de Oliveira Figueiredo; Sabrina Kemps Lopes de Moraes; Suzy Ferreira Funchal

Universidade de Taubaté – UNITAU



Crianças nascidas prematuras – risco vs proteção.

1500g) como condições de risco que podem comprometer os processos normais de desenvolvimento. Este risco pode ser atenuado ou agravado de acordo com as condições neurológicas e ambientais de desenvolvimento da criança. O presente estudo teve por objetivo comparar aspectos da história de desenvolvimento e comportamento, na fase pré-escolar, de crianças que nasceram pré-termo e muito baixo peso com crianças que nasceram a termo. A amostra foi composta por estudos sobre fatores de risco na infância são unânimes em incluir a prematuridade (menos de 37 semanas de idade gestacional) e o baixo peso extremo ao nascer (30 crianças de seis anos e suas respectivas mães, sendo 15 crianças nascidas pré-termo com peso igual ou abaixo de 1.500g no HC-FMRP (MBP) e 15 crianças nascidas a termo e com peso igual ou acima de 2.500g (C). Na coleta de dados, as mães responderam a uma entrevista estruturada, com o objetivo de obter informações sobre o desenvolvimento da criança e à Escala Rutter - ECI, para avaliar seu comportamento atual. O nível intelectual foi avaliado através do Raven. Nos dados obtidos através da entrevista analisaram-se os conteúdos temáticos das respostas. Após tratamento estatístico, os resultados indicaram que, na história pregressa das crianças do grupo MBP, em relação às crianças C, predominaram significativamente as seguintes condições, maior tempo de hospitalização por ocasião do nascimento, gravidez não planejada, aleitamento artificial, alta incidência de uso de medicação pelas mães durante a gravidez, pais temerosos frente à tarefa de cuidar do bebê após a alta hospitalar e atraso na aquisição dos comportamentos de sentar e andar. Quanto ao desenvolvimento atual na avaliação cognitiva, não houve diferença significativa entre os grupos. Embora a maioria das crianças MBP tenha inteligência média, apresentaram resultados mais rebaixados em relação às C. Por outro lado, na avaliação do comportamento, através da ECI, os grupos tiveram alta proporção de crianças com indicação de necessidade de atendimento psicológico. Quanto aos itens específicos da escala, as crianças MBP apresentaram significativamente mais queixas de dor de estômago e medo de enfrentar situações novas em relação às crianças C. Com relação às variáveis ambientais, observou-se um padrão semelhante em ambos os grupos, quanto à presença e tipos de eventos potencialmente adversos ao desenvolvimento. Os achados do presente estudo indicam a presença de recursos e de mecanismos de proteção, assim como a presença de algumas dificuldades no desenvolvimento das crianças MBP. Estas se concentram na área do comportamento, com sinais de prejuízo na adaptação psicossocial. Na trajetória de vida das crianças MBP percebe-se que o interjogo entre risco e proteção reforça a concepção não-linear acerca do desenvolvimento; a maior parte das crianças revelou indicadores de resiliência no enfrentamento das adversidades decorrentes da vulnerabilidade biológica da prematuridade. (FAEPA; FAPESP; CNPq).

Iralúcia Maria Bertini Martins; Maria Beatriz Martins Linhares; Francisco Eulógio Martinez.

Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – USP.

Crianças vitimizadas: um estudo sobre a violência psicológica contra crianças

A violência contra a criança é um fenômeno muito presente em nossa sociedade, embora as estatísticas oficiais e as pesquisas científicas ainda não consigam captar estes dados com rigor. A violência doméstica que é exercida no ambiente familiar contra a criança, tem como principal característica a pouca visibilidade, o silêncio, protegida pelo manto sagrado da família como instituição - que teve ao longo da história importante papel e poder instituído na educação e moralização da humanidade. O objetivo desta pesquisa é verificar as concepções de violência psicológica entre os conselheiros tutelares e levantar os pontos principais da identificação deste tipo de violência contra crianças, exercida no ambiente familiar e denunciada através do Conselho Tutelar da cidade de Pres. Prudente - estado de São Paulo. A metodologia utilizada incluirá a análise dos prontuários e de entrevistas com os conselheiros tutelares, buscando uma definição de violência, de violência psicológica e, principalmente, buscando compreender os determinantes sociais e psicológicos envolvidos neste fenômeno. Alguns resultados mostram que, no



ano de 2000, foram registrados 50 casos de violência psicológica que correspondem a 8,9% dos 560 casos de violência doméstica classificados pelo Conselho Tutelar. Em 2001, o registro é de 159 casos, isto é, 19,9% dos 803 casos de violência doméstica. É importante ressaltar que os casos de violência psicológica podem estar relacionados com outras categorias de classificação que são maus tratos/negligência, violência física e/ou sexual. Com relação a estas, temos, em 2000, 37,7% de violência física; 1,8% de violência sexual; 0,35% de violência física e sexual e 51,25% de maus tratos/negligência. No ano de 2001, as estatísticas são as seguintes: 35,6% de violência física; 2,7% de violência sexual; 1,2% de violência física e sexual e 40,6% de maus tratos/negligência. Não é possível lermos estes dados como um aumento do número de casos, mas sim como um aumento do número de denúncias. Uma primeira análise de algumas entrevistas mostram a dificuldade de conceituar a violência psicológica por parte dos conselheiros que trabalham diretamente com casos desse tipo. Verifica-se sua ocorrência associada a outros tipos de violência doméstica e captadas a partir dos encontros/atendimentos com a família e a criança realizados pelo Conselho Tutelar. Assim, violência psicológica é diagnosticada com base no comportamento dos adultos em relação às crianças, como ameaças, sedução, chantagens, bem como no comportamento posterior da criança, a saber, agressividade, inibição, baixo rendimento escolar entre outros. Observa-se uma preocupação acentuada com o desenvolvimento futuro de uma criança vítima de tal violência e a necessidade de um tratamento psicológico imediato. A partir deste cenário, notamos a necessidade de explorarmos o conceito de violência e violência psicológica a fim de compreendermos estes fenômenos e suas expressões no cotidiano. Para tanto, far-se-á uso das contribuições da Psicanálise e da Teoria Crítica na análise dos dados.

Josiane Machado Ruiz; Olga Ceciliato Mattioli

UNESP – Campus de Assis



Crianças vitimizadas: uma proposta de atendimento psicoterápico com orientação psicanalítica como estágio curricular num curso de Psicologia.

No contexto atual os fenômenos de empobrecimento e degradação da qualidade de vida, ao lado da atenção à infância e criação de uma mentalidade voltadas para sua proteção, as situações de vitimização da criança, decorrentes de negligência, abandono, violência física ou sexual, tornam-se cada vez mais visíveis. Do ponto de vista da Psicologia, a vitimização aparece como um fator de risco para o desenvolvimento psicossocial, e nesta situação várias modalidades de intervenção se fazem necessárias e devem complementar-se. Na perspectiva do desenvolvimento pessoal da criança vitimizada, é importante que o trabalho psicológico se dê o quanto antes, e é a partir disto que se estruturou a presente proposta de intervenção, efetivada através de um estágio curricular oferecido aos alunos do curso de Psicologia da FFCLRP/USP, com o apoio da Fundação Primeiro Mundo e a colaboração de profissionais da área de Psicologia Clínica. Os estagiários realizam os atendimentos, sob supervisão, em salas cedidas pela instituição durante o abrigamento, e após o desabrigamento em escolas e postos de saúde. A proposta é a de que os atendimentos sejam realizados de acordo com os princípios teóricos da ludoterapia de orientação psicanalítica, embora este trabalho se realize em condições muito diferentes daquelas em que se desenvolveram os princípios básicos desta perspectiva teórica. As experiências clínicas de nove estagiários, durante o ano de 2001, permitem que sejam apontadas algumas dificuldades e possibilidades deste trabalho. Um primeiro aspecto a ser levantado é decorrente do fato de a população atendida encontrar-se, de início, na casa abrigo, o que é indicativo, na maioria das vezes, da dificuldade de provisão de cuidado adequado e proteção por parte dos pais ou de outros adultos responsáveis; assim uma das peculiaridades do trabalho é a de que a atuação do estagiário envolve atividades que originalmente não estariam no escopo daquelas de um ludoterapeuta numa modalidade clássica, já que lhe cabe procurar condições que viabilizem o atendimento. Por outro lado, nas instituições em que o atendimento é realizado, pouco se pode contar com o “respeito ao setting”, e o estagiário depara-se com situações em que deve ser capaz de agir de tal forma que o preservar os princípios básicos do trabalho, dentro das condições de que efetivamente dispõe. Esta situação faz com que seja necessário a preparação do estagiário voltada muito mais para o que fundamenta teoricamente a proposta técnica da ludoterapia psicanalítica, do que para a técnica em si mesma. É importante ainda que nas condições de vida das crianças, bem como nas condições da instituição que as abriga, as vivências de abandono e desamparo são pregnantes; conseqüentemente as defesas contra elas são intensas, permeando as atuações das crianças na relação com o terapeuta-estagiário. Em função disso um acompanhamento muito próximo do estagiário se faz necessário, auxiliando-o a suportar as vivências contratransferenciais, particularmente penosas num momento de aprendizado que em geral se acompanha de muita insegurança. Acresce-se a isso os esforços para permitir um encontro terapêuticamente fecundo entre uma criança e seu jovem terapeuta, oriundos ambos de contextos culturais bastante diferentes.

Adriana Souza; Daniela David; Evelise Tavoloni; Felipe Watarai; Fernanda Mariano; Ludemila Bonfim; Maíra Sei; Marisa Ubeda; Moisés Poletini; Neiva Mayor; Priscila Medeiros; Regina Caldana.

USP.



Cuidados e Saúde Mental na Velhice.

O envelhecimento populacional é uma realidade mundial e inúmeros estudos têm sido divulgados sobre o tema, revelando sua importância (Neri,1993; Veras,1994; Wertheimer,1997; Costa e Silvestre,1999). No Brasil, os idosos representam 8,8% da população (cerca de 14 milhões de pessoas). Isto vem redefinindo o perfil populacional do país - que até pouco tempo era reconhecido como um dos mais jovens do mundo - e demandando pesquisas voltadas para as especificidades da sua população idosa. O presente estudo tem como objetivo refletir sobre os cuidados dispensados aos idosos no campo da saúde mental. A metodologia inclui uma revisão bibliográfica enfocando os principais transtornos mentais observados nessa população (Transtornos Cognitivos, Transtornos Depressivos, Transtornos por Uso e Abuso de Álcool e outras substâncias, Fobias) e destacando as decisões da Reunião de Consenso sobre a Organização de Cuidados em Psiquiatria da Pessoa Idosa, organizada pela Associação Mundial de Psiquiatria e Organização Mundial de Saúde, em 1997, na Suíça. Além disso, realizou-se um estudo descritivo de duas instituições envolvidas com cuidados à saúde mental de idosos no município do Rio de Janeiro: o Centro Dia para pessoas com Doença de Alzheimer e outros Transtornos Mentais na Velhice (CDA – IPUB/ UFRJ) e a Casa Gerontológica de Aeronáutica Brigadeiro Eduardo Gomes (CGABEG). Os dados encontrados revelaram que estas instituições cumprem todas as recomendações da OMS no que se refere à saúde do idoso (serviço abrangente, acessível, sensível, individualizado, transdisciplinar, responsável e sistêmico) mostrando a viabilidade de uma assistência digna, que investe na qualidade de vida do idoso. A partir das informações colhidas, e para contribuir para uma maior disseminação das práticas ali encontradas, considera-se relevante a identificação mais acurada dos serviços envolvidos com a saúde mental do idoso, na cidade do Rio de Janeiro, para o aperfeiçoamento dos encaminhamentos, a orientação de familiares e a constituição de uma rede de atenção mais efetiva.

Laine Chapada de Amorim; Rita de Cássia R. Louzada

Universidade Federal do Rio de Janeiro



Da Escuta do sentido ao fora de sentido da Escuta: a escuta em Lacan e suas interfaces com a Educação.

A Educação tem sido marcada por um mal-estar contemporâneo traduzido pela apatia, desinteresse, pela falta de implicação dos sujeitos na situação ensino-aprendizagem. Em nossa experiência profissional, como psicopedagoga, nota-se a dificuldade do adulto, pós-graduando, na construção de uma escritura pessoal, apesar de ter condições intelectuais para tanto. Como psicóloga, na instituição escolar, observa-se o educador capturado por tais processos de paralisação e impossibilitado de transformar sua ação pedagógica, embora amparado por suporte psicopedagógico. Se existem as condições para que o sujeito produza e modifique sua prática, o que os impede? Por que o olhar sob os aspectos afetivos e pedagógicos dessa problemática não dá conta? Inferimos que uma forma de encaminhar estas questões seria "escutar" o professor, no discurso escrito e em sua oralidade. Porém, a concepção de escuta costuma ser entendida como a interpretação do que o outro diz, instaurando um saber e uma verdade absoluta que rotula e normatiza o sujeito. Ou seja, escuta como a possibilidade de decifrar o que move o educador na escrita ou no ato pedagógico e o conduz aos seus "devidos lugares", funcionando como um receituário. Na tentativa de tecer uma escuta de outra ordem, procuramos investigá-la na Psicanálise à luz do ensino de Jacques Lacan e, assim relacioná-la à Educação. Neste sentido, foi realizada uma pesquisa teórica sobre o termo "escuta" em textos de Lacan e Jacques-Alain Miller, em especial, e de autores que tratam da Educação sob o referencial da Psicanálise lacaniana, como Leny M. Mrech e Maria Cristina M. Kupfer, dentre outros. Procedemos à desconstrução do termo "escuta", a fim de esvaziá-lo de sentido, entendendo que o preenchimento da realidade pelo sentido, recobre-a de um saber prévio, de preconceitos, não falando da mesma. A escuta em Lacan implica em se posicionar no "pé do muro da linguagem", isto é, na possibilidade de vislumbrar o real, àquilo que escapa ao sentido, à linguagem. Por isso, escutar não é dar sentido, a partir de um saber pressuposto, generalizante. Da mesma forma, não é interpretar, ou seja, decifrar o outro a partir de seu próprio discurso, numa posição narcísica. Tais tentativas de escuta estão próximas do nível da comunicação, gerando equívocos, reproduzindo modos de ser do sujeito, modalidades de gozo.

Eliane Aparecida Aguiar; Sandra Regina Reis Correia

Núcleo de Pesquisa do Instituto de Pesquisa em Psicanálise e Educação (Seção São Paulo da EBP) e do Grupo de Psicanálise e Educação do CNPQ



Da violência à paz: Causas e estratégias segundo adolescentes porto-alegrenses.

No Brasil, a busca pela paz é motivada pela crescente violência em vários contextos (ruas, lares, escolas). Já na ocupação do território nacional, a matança dos índios, a derrubada indiscriminada da natureza, a escravidão dos negros e o descaso com os habitantes marcaram uma origem permeada por violência, injustiça e desigualdades sociais. Ao longo de 500 anos de injustiças e desigualdades, a história da sociedade brasileira pode ser considerada como a história social e política da violência. Na atualidade, o nível preocupante que alcançou é identificado tanto na mudança de comportamento da população (medo, prevenção), como no discurso da mídia, na produção acadêmica e em projetos institucionais. Em 40 anos de pesquisas européias e norte-americanas, dedicadas ao exame dos fenômenos de paz e de guerra, a definição da guerra passou a incluir o conceito de violência indireta, ou seja, a inter-relação entre violência direta, injustiça social e subdesenvolvimento, causados por estruturas injustas. Nesta perspectiva, é possível pensar que há guerra no Brasil, considerando-se os dados históricos e atuais sobre a violência. Busca-se, nos mais variados âmbitos, examinar suas causas e conseqüências, bem como soluções contra seu avanço. Neste ínterim, a investigação de como a violência é vivenciada pelos brasileiros torna-se pertinente para embasar ações de combate ao fenômeno ou de amparo aos que sofrem suas conseqüências, além de auxiliar no delineamento de propostas preventivas de ação (como a educação para a paz, direcionada a escolas). Investigar como os brasileiros compreendem os fenômenos de paz e de guerra também auxiliam a compreensão da violência, além de contribuir, com dados de nossa cultura, para os trabalhos sobre paz e guerra. Nesta pesquisa, realizaram-se 67 entrevistas com adolescentes de Porto Alegre (média de idade de 12.8 anos) sobre causas da violência e estratégias de solução para este problema: 35 dos participantes opinaram sobre causas da paz e estratégias para mantê-la; e 32 alunos responderam a questões sobre causas da guerra e estratégias para resolvê-la. Foi pedido a todos os participantes que justificassem por que a paz é preferível à guerra. As entrevistas, semi-estruturadas, ocorreram individualmente na escola. As respostas foram analisadas conforme análise de conteúdo, cálculo de porcentagens e de qui-quadrado. Dentre os resultados, destacam-se as estratégias apontadas para solucionar o problema da violência: a mais indicada foi diálogo, com 28%, seguida de conscientização (18%). Ao mesmo tempo, salientam-se respostas da categoria outras estratégias, como "igualdade de direitos" e "matar todos os bandidos", apontadas como soluções à violência. Entende-se que são necessárias intervenções para conter a violência, bem como ações preventivas que fomentem o diálogo e a busca por soluções mais justas entre as partes em conflito. Este estudo apóia a noção de que é possível mudar da cultura da violência (exemplificada pela estratégia de matar os criminosos) para uma cultura de paz (diálogo e igualdade de direitos).

Luciana Karine de Souza; Tania Mara Sperb.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



Dando voz ao louco: produzindo autonomia.

Considerando o engajamento da Psicologia no movimento de ruptura com as concepções e práticas historicamente produzidas sobre a loucura, o presente trabalho teve por objetivo analisar um serviço de atenção à saúde mental, sob o olhar do usuário. A avaliação do que efetivamente estamos produzindo quando se propomos uma intervenção diferenciada, não excludente é necessária. Ouvir a voz do próprio usuário para que este nos mostre até que ponto o serviço prestado tem promovido uma real autonomia e inclusão nos diversos contextos em que circula, assim como as barreiras e dificuldades para atingir tal integração. A prática contemporânea de atenção ao portador de sofrimento mental grave aponta para um modelo em construção, em que os serviços sustentam no ideal de inclusão do usuário, em contraposição ao modelo hospitalocêntrico. Ao se constituir um novo modo de atenção à saúde mental, faz-se necessário reflexões sobre o processo saúde-doença, o enfrentamento da loucura e a garantia de cidadania do louco. Sabedores da importância da reformulação permanente de conhecimento e dos dispositivos para assistir o fenômeno da loucura, estamos num ambiente de prática, no mínimo, provocante. É da provocação da prática que nasce este trabalho. Em sua essência, os serviços de atenção à saúde mental servem como mediadores entre a internação e o regresso à família/comunidade. Têm como objetivo oferecer um dispositivo de tratamento ao paciente psicótico e neurótico grave em que este não permaneça segregado ou excluído de suas relações psicossociais. Os participantes são usuários de um centro de atenção em saúde mental em Minas Gerais. Foram realizadas análise documental dos prontuários e análise das entrevistas. A partir dos dados analisados percebe-se que os usuários têm inseridos nestes serviços estabelecem trocas significativas com a comunidade em geral e são capazes de realizar atividades sociais que do ponto de vista destes são considerados produções autônomas.

Maria Inês Badaró Moreira; Angela Nobre de Andrade

Universidade Federal do Espírito Santo - UFES



Delegacias de Policia: Relevância do acompanhamento psicológico.

No ano de 2001, no Centro Universitário Capital, no Curso de Psicologia, na disciplina de Psicologia Comunitária e Institucional, desenvolveu-se um trabalho de parceria de estágio, com acompanhamento psicológico as vítimas de ocorrências policiais em delegacia de bairro na cidade de São Paulo. Este trabalho é mantido durante o ano letivo, ao final do qual, novos estagiários, alunos do quinto ano do curso, dão continuidade aos objetivos propostos ou estes são reformulados de acordo com a demanda da instituição. No ano de 2002, este trabalho se manteve, com novos estagiários (em número de três), com dias e horários delimitados de intervenção, conforme o acordado com a Instituição, porém com objetivos ampliados, atendendo as demandas que foram surgindo após um ano de intervenção efetuada. Neste trabalho, enfatiza-se sobretudo a necessidade de solidariedade, dos direitos humanos e a qualidade de vida da população através de intervenção psicológica, ou seja, dentro de uma Delegacia de Policia, os funcionários estão expostos diariamente à problemas sociais e agressões que podem causar danos psíquicos, por isto o nosso objetivo é a promoção de um maior equilíbrio, pois já não nos interessa somente ausência da doença e sim o desenvolvimento pleno dos indivíduos e da comunidade. Paralelamente realiza-se um trabalho de escuta aos vitimizados por agressões sendo ela de qualquer natureza. Para realização deste trabalho utilizamos o método clínico, escuta, observações, entrevistas e da pesquisa participante, onde o pesquisadores e os sujeitos da pesquisa trabalham juntos na busca de explicações para os problemas colocados, e no planejamento e execução de programas de transformação da realidade vivida conforme o modelo teórico na Psico-Higiene e Psicologia Institucional proposto por Bleger. Constatamos ao longo deste período de parceria de estágio, a relevância dada ao papel do psicólogo, a valoração das intervenções feitas pelos estagiários durante as ocorrências policiais, e mesmo nos períodos onde estas não ocorrem, pelos delegados de polícia, escrivãos, investigadores policiais, e pela população de modo geral, vítimas que buscaram a delegacia e recorreram por solicitação dos funcionários da própria delegacia policial a intervenção psicoterápica. Percebe-se ao longo deste estágio, a solicitação da presença do profissional de psicologia nas delegacias, a possibilidade de melhoria nas atuações policiais, sua humanização, e o alívio proposto pela presença destes estagiários de psicologia, no momento onde infelizmente a população necessita recorrer as delegacias, e recebem paralelamente um momento de escuta e orientação, trazendo senão alívio ao menos conforto psicológico, que acaba por se estender aos funcionários que podem manter-se em seu papel profissional, utilizando-se de ajuda psicológica, muitas vezes para si, e para a comunidade.

Reque, S.G.; Ortegosa, R.M.C.

Centro Universitário Capital

Universidade Federal do Espírito Santo - UFES



Delineamento de necessidades e perfil psicossocial da população do bairro Jardim das Nações de Itatiba – SP.

O relato refere-se ao processo de intervenção realizado conjuntamente entre estudantes supervisionados em Psicologia Social e Comunitária e um centro comunitário. Como parte das atividades desenvolvidas, buscou-se a inserção dos estagiários para conhecimento e caracterização de necessidades de uma população a quem se dirige um projeto social de moradia, implementado pelo Centro comunitário de saúde e cidadania do Jardim das Nações de Itatiba - SP. Visou-se gerar conhecimentos para uma construção coletiva e participativa das instituições e população no estabelecimento de objetivos para intervenções futuras que sejam congruentes às necessidades dos agentes envolvidos. Após a caracterização do projeto denominado "morar bem", entrevistas com a coordenação do Centro comunitário e demais técnicos, realizou-se treze visitas domiciliares, orientadas por um roteiro de entrevista estruturado, contendo perguntas abertas, semi-abertas e fechadas, além de uma planilha para observação da estrutura física e condição habitacional das moradias visitadas. Formulou-se, em decorrência deste estudo preliminar, uma síntese de dados, comunicada e discutida junto à equipe técnica do Centro e representantes da comunidade que derivou na elaboração de um instrumento para caracterização de necessidades e perfil psicossocial, cuja aplicação deu-se junto a 80 moradias do bairro, acontecendo em regime de mutirão, envolvendo estudantes da universidade, moradores, voluntários e técnicos do Centro. Quatro eixos foram elencados como necessários para investigação e compõem o instrumento: núcleo familiar (dados naturais, sociais e desenvolvimento familiar; constelação e vinculação familiar e conjugal), condição habitacional (estrutura física, propriedade, infra-estrutura de serviços básicos); serviços no bairro e relação bairro / moradia (morar no bairro, significado da moradia, riscos da moradia e bairro, participação social e relação com Centro comunitário). O painel pretende apresentar a análise sobre os dados gerados, sobretudo aqueles que caracterizam as necessidades da comunidade-alvo da intervenção em relação aos significados associados ao morar, os conseqüentes encaminhamentos propostos à equipe do projeto e moradores, bem como as implicações desta experiência de intervenção psicossocial no campo da Psicologia Social e Comunitária.

BUFALO, D. R. G.; CAMPOS, D. N.; MORENO, M. P.

Universidade São Francisco



Dependência de álcool: Tratamento e sua relação Interdisciplinar Arte e Psicologia.

Partindo da premissa de que expressar não é só criar a sua imagem pictórica, mas sim, a construção de um olhar para todos os nossos detalhes, a proposta arteterapêutica apresentada pelo Centro Regional de Estudos, Prevenção e Recuperação de Dependentes Químicos (CENPRE) encontra-se centrada na pesquisa do sujeito/paciente em encontrar e elaborar um universo de imagens significantes, representativas de seus conflitos subjetivos. LUI é funcionário público, casado pela terceira vez e atualmente com 44 anos. Após três internações no Hospital Psiquiátrico e o encaminhamento do Departamento de Recursos Humanos de sua unidade, opta por uma intervenção ambulatorial para o tratamento de seu alcoolismo. LUI informa que iniciou a beber aos 17 anos, mas de forma social e após mais ou menos 10 anos, devido a problemas de relacionamento com a esposa começou a exagerar na bebida. Conduta Terapêutica: Modelo conjuntivo comportamental, objetivando a organização imediata de sua vida e projetos, conduzindo o cliente a movimentos de apropriação de seus pensamentos disfuncionais. Esses pensamentos aliados ao abuso de alcoólico caracterizam um quadro de destruição do EU internalizado, levando a comportamento autodestrutivos. O encaminhamento para as sessões de arteterapia deu-se devido à necessidade do paciente em buscar elaborar seus medos e angústias a partir da vivência corpórea e plástica do símbolo, utilizando-o como instrumento de vinculação com o real. A Arte-terapia em suas diferentes modalidades utiliza o potencial criativo como reconciliador dos conflitos emocionais e cognitivos, bem como facilitador do autoconhecimento. O caminho é fornecer suporte material adequado para que a energia psíquica plasme símbolos em criações diversas. As produções simbólicas permitem a visualização dos múltiplos estágios da psique, ativando e realizando a comunicação entre inconsciente e consciente. Esse processo colabora para a compreensão e para a resolução de estágios afetivos conflitivos, favorecendo a estruturação e a expansão da personalidade através da criação.

Dagmar Pardo; Viviani Kwecko.

FURG - DCF Centro Regional de Estudos Prevenção e Recuperação de Dependentes Químicos



Dependentes químicos em tratamento: suas representações sociais sobre o alcoolismo.

O uso de substâncias químicas, dentre elas do álcool, é uma prática existente desde os tempos mais remotos nas diversas sociedades. No entanto, observa-se que a dependência alcoólica passou a existir provavelmente a partir da descoberta da cerâmica, que proporcionou o armazenamento da bebida e conseqüentemente o consumo freqüente de álcool que anteriormente só ocorria na época da colheita das frutas para sua fabricação. De acordo com Bertolote (1991) o alcoolismo passou a ser visto como doença em meados do século XIX. Dados da Associação Brasileira de Estudos de Álcool e outras Drogas (ABEAD), revelam que atualmente o abuso de álcool é responsável por 32% dos leitos hospitalares e 40% das consultas médico-psiquiátricas. Diante deste grande número de pessoas dependentes do álcool e da relevância do tema para a sociedade, pretendemos com este trabalho estudar as representações sociais de alcoolistas em tratamento, referentes ao uso do álcool, ao indivíduo alcoolista, às causas, conseqüências e ao tratamento do alcoolismo. Como suporte teórico utilizamos a Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici (1961). Este estudo realizou-se na cidade de João Pessoa – PB e a amostra constituiu-se de 15 dependentes químicos internos em instituição psiquiátrica para tratamento do alcoolismo. Para a coleta dos dados utilizou-se uma entrevista semi-aberta. As entrevistas realizaram-se individualmente em local adequando no próprio hospital e foram gravadas a partir da permissão do entrevistado. Após a fase de coleta dos dados e transcrição das entrevistas, passou-se para a categorização segundo o método de Análise de Conteúdo proposto por Bardin (1977). Com a análise das entrevistas foram obtidas seis categorias com suas respectivas sub-categorias, contendo freqüência e porcentagem. Os resultados revelaram haver uma representação negativa do álcool e do alcoolista que era representado como dependente, safado/irresponsável. Na categoria conseqüências do alcoolismo, foram apontadas a dependência alcoólica, os problemas mentais e físico-orgânicos. As causas do alcoolismo mais destacadas pelos sujeitos foram a fuga dos problemas e a influência dos amigos. Como sugestões para o tratamento da dependência alcoólica se destacaram a participação no grupo dos Alcoólicos Anônimos e a hospitalização. Como conclusão, verificou-se que há uma representação tanto do álcool como do alcoolismo como algo extremamente negativo, causando danos para o próprio indivíduo, para seus familiares e para a sociedade, culminando com alterações mentais e comportamentais que contribuem para o processo de estereotipia e discriminação do alcoolista pela sociedade e por estes, levando em consideração a Teoria das Representações Sociais que aponta que tais representações servem para formação de condutas e orientação das comunicações sociais

Daniela Ribeiro Barros; Silvana Carneiro Maciel.

Universidade Federal da Paraíba.



Depressão e Ansiedade: Fatores Psicopatológicos no Hospital Geral.

A atuação da Psicologia no contexto hospitalar requer um conhecimento amplo do Psicólogo dos possíveis fenômenos envolvidos no adoecer. Fatores como agressividade, irritabilidade, agitação, alteração no padrão de sono ou alimentar, mutismo, desânimo e recusa ao tratamento podem ser vistos pela equipe de atendimento como “um paciente difícil “. Porém estes comportamentos podem está associados a quadros de ansiedade e depressão. O objetivo desta pesquisa foi investigar respostas comportamentais de ansiedade e depressão em uma amostra de paciente adultos internados em um hospital geral na cidade de São Paulo. Fizeram parte da amostra 113 pacientes (55 homens e 58 mulheres), com idade entre 18 e 60 anos, da clínica médica e ginecológica do Hospital Geral do Grajaú – UNISA. A amostra foi estudada quanto às respostas de ansiedade e depressão, através do Inventário de Ansiedade Traço-Estado (IDATE), do Inventário de Depressão de Beck e Diagrama de Depressão HARD. Os resultados expressaram uma freqüência de 12,4% dos homens com depressão para uma freqüência de 19,5% para as mulheres com significância (p

Antonio de Pádua Serafim; Vivian Araújo; Esny Cerene Soares.

Universidade de Santo Amaro - SP.



Depressão Pós-parto e Fatores Psicossociais Envolvidos: Falta de Suporte Social e Eventos Vitais.

Inúmeras pesquisas têm se referido que determinados Eventos Vitais, de impacto negativo na vida do indivíduo possuem papel importante para desenvolver distúrbios psiquiátricos, entre eles, Transtorno de Humor. Fatores de risco e sinais preditivos para Depressão Pós-parto foram estudados recentemente para esclarecer as contingências no qual ocorre este Transtorno ocorre (Da-Silva, V.A., 1998, Areias, M.E., 1996, Hall, L.A., 1996, Bernazzani, O. 1997, Neter, E. 1995, Tamaki, R. 1997). Em países como Eua, Inglaterra, Austrália, Portugal, Escócia, Japão, Canadá, Brasil, entre outros, os fatores psicossociais envolvidos na Depressão Pós-parto estão sendo pesquisados, procurando entender como correlacionados como riscos para o desenvolvimento da Depressão Pós-parto. A Depressão Pós-parto é um distúrbio do humor de grau moderado à severo, clinicamente identificado ao Episódio Depressivo, tal como descrito no DSM.IV (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais da Associação Norteamericana de Psiquiatria, 1995) e no CID.10 (Classificação Internacional de Doenças, 1993), com início dentro de três a seis semana depois do parto. Caracterizada por uma experiência relativamente contínua de tristeza ou diminuição na capacidade de experimentar prazer, estado este que se acompanha freqüentemente de ansiedade e, por vezes, de sintomas somáticos como alterações do apetite, do sono e fadiga. A puérpera sente dificuldades no desempenho das tarefas domésticas. Em geral percebe a alteração no humor, mas quase sempre reluta em relatá-la a outros. O quadro apresenta intensidade variável, sendo que mais freqüentemente as mulheres mostram sintomas brandos ou moderados mas, há casos graves que demandam intervenção medicamentosa, psicológica ou internação. Estes casos mais graves diferem das psicoses puerperais, pela ausência de delírios ou alucinações. Estudos de prevalência mostram que 11 a 15% das mulheres parturientes apresentam Depressão Pós-parto (Campbell e Cohn, 1991; Whiffen, 1988) enquanto ocorre uma incidência de 15 a 20% (Hearn, 1998). Na América Latina Jadresic e cols. (1992) obtiveram uma prevalência de 10,2% e uma incidência de 9,2% para depressão maior e menor. O objetivo deste estudo de Mestrado realizado pelo Depto. de neurociências do Instituto de psicologia da Universidade de São Paulo foi realizar uma revisão de literatura, no período de 1980 a 2002, referente aos fatores psicossociais envolvidos na Depressão Pós-parto, fatores estes como suporte social, fatores adversos de impacto negativo – life events. Resultados: Encontramos 215 artigos que estudaram a Depressão Pós-parto e fatores psicossociais envolvidos como suporte social e fatores de adversidades, no Ocidente e Oriente. Os fatores psicossociais envolvidos com a Depressão Pós-parto são predominantemente transtorno psiquiátrico na gravidez; história prévia de transtorno psiquiátrico na mulher; dificuldades de relacionamento conjugal; falta de apoio social, de familiares e amigos; temperamento da criança diferente do esperado; gravidez indesejada; brigas conjugais, sexo do bebê diferente do esperado e dificuldades financeiras. Discussão: Vários estudos mostram que os fatores psicossociais encontrados são semelhantes no mundo ocidental e oriental. Aspectos culturais são observados como novos determinantes em países do oriente como sexo do bebê diferente do esperado, gravidez indesejada em mulheres imigrantes e tentativas de aborto prévio. Aspectos obstétricos não foram significativos como desencadeante da Depressão Pós-parto. Aspectos econômicos e demográficos não foram significativos como os psicossociais. A falta de suporte das redes sociais em que a mulher está envolvida é fator presente na Depressão Pós-parto assim como fatores adversos como perdas inesperadas, temperamento difícil da criança e expectativas prévias não atendidas como: amigos e familiares não presentes e dificuldades em cuidar da criança pelo temperamento inesperado.

Manoel José Pereira Simão; António H. Guerra Vieira Filho.

FMUSP.



Depressão puerperal e suas repercussões sobre a relação mãe-filho.

Este trabalho faz parte de um projeto de pesquisa que consiste em um estudo observacional, longitudinal e prospectivo sobre fatores biológicos e psicossociais relacionados à depressão puerperal e suas repercussões sobre a saúde materno-infantil. Foi realizado um estudo piloto que se dividiu em quatro sub-projetos: “Depressão Puerperal e Avaliação da Qualidade dos Cuidados Maternos”; “Eventos Vitais e Depressão Puerperal”; “Depressão Puerperal e Temperamento Infantil” e “Depressão Puerperal e Avaliação da Interação Mãe-Bebê”. Este estudo está sendo desenvolvido pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psiquiatria Clínica e Psicopatologia (NEPPP), que integra o Departamento de Neurologia, Psiquiatria e Psicologia Médica da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Sujeitos e critérios: a amostra do estudo é constituída de mães no puerpério, usuárias do serviço de puericultura do Centro Médico Social Comunitário da Vila Lobato – HCRP/FMRP – USP, sem limite de idade e sem restrições quanto a condições clínicas ou sócio-demográficas. Os critérios de inclusão foram aceitação e assinatura do Termo de Consentimento e início da participação no estudo dentro das primeiras semanas do pós-parto. Metodologia: inicialmente foi realizada a tradução e/ou adaptação dos instrumentos utilizados (IRLE - Interview for Recent Life Events, Escala de Edinburgh e ICQ - Infant Characteristics Questionnaire) à realidade brasileira, além da confecção de dois novos instrumentos: Escala de Avaliação da Interação Mãe-Bebê e Inventário de Atividades de Prestação de Cuidados ao Lactente. Em seguida, as pesquisadoras foram treinadas, entrevistando usuárias do CMS Vila Lobato, a fim de testar a confiabilidade dos instrumentos. Por fim, as mães foram convidadas a participar da pesquisa. A coleta de dados foi realizada no período de fevereiro a setembro de 2001, tinha duração aproximada de três horas e visou obter informações sobre fatores individuais, psicossociais e biológicos da mãe e do bebê no intervalo entre o primeiro e o quarto mês do pós-parto. Os dados ainda estão em fase de análise e as mães que apresentaram características depressivas graves (alta pontuação na escala de Edinburgh) foram encaminhadas ao serviço de psiquiatria do HCRP- FMRP/USP. Todas as participantes foram convidadas a participar de um grupo semanal de orientação, para esclarecimento de dúvidas sobre a depressão e sobre como cuidar de seus bebês, realizado pelas próprias pesquisadoras no CMS. Dessa forma, estamos buscando reconhecer a relevância do tema para o planejamento, desenvolvimento de estratégias preventivas e de intervenção terapêutica, que atendam às necessidades das mães com depressão puerperal e seus filhos.

Campos, F. M.; Furtado, E. F.; Medeiros, P.P.V.de; Moreira, M.M.; Ramos, S.H.A.S.; Salaro, L.P.

HCRP; FMRP; USP



Desafios à educação do superdotado: identificação e aconselhamento psicológico.

Embora se faça necessária uma educação que estimule o desenvolvimento do indivíduo de acordo com suas necessidades educacionais, sociais e emocionais, pouco ainda se tem feito, no Brasil, no sentido de favorecer os indivíduos superdotados. Observa-se aqui problemas diversos, como a escassez de programas de atendimento e de recursos governamentais para sua implementação e desenvolvimento; a falta de currículos mais adequados aos diferentes talentos; a falta de treinamento de pessoal especializado, inclusive professores e psicólogos; a escassez de programas de graduação e pós-graduação nesta área específica; e ainda o quase desconhecimento da população quanto às questões que cercam o superdotado (Virgolim, 1997). Vários autores (Alencar e Virgolim, 2001, Silverman, 1993, Colangelo, 1991) têm ressaltado a importância do desenvolvimento emocional dos indivíduos superdotados. Embora seja indiscutível a preocupação em desenvolver programas voltados para os aspectos cognitivos e acadêmicos desses alunos, pouca atenção tem sido dada, em nosso meio, aos seus aspectos emocionais. Torna-se assim um desafio, para professores, pedagogos e psicólogos, as questões ligadas à identificação dos indivíduos com habilidades superiores, e a qualidade da prestação de serviços psicológicos que possam se fazer necessários. O presente painel pretende abordar a nossa prática profissional sob dois ângulos complementares: (a) Sob o ângulo teórico, apresentaremos a prática profissional da primeira autora, como aluna do programa de doutorado da Universidade de Connecticut e professora do Instituto de Psicologia da UnB; será abordada a estrutura teórica do Modelo de Enriquecimento Escolar, de Joseph Renzulli, diretor do National Research Center on Gifted and Talented, da Universidade de Connecticut (USA). Serão discutidos os três pilares básicos do Modelo: definição (Modelo dos Três Anéis); identificação (Modelo das Portas Giratórias); e enriquecimento escolar (Modelo Triádico de Enriquecimento). O modelo sugere o uso de instrumentos distintos para a identificação dos alunos, além das tradicionais medidas de inteligência, envolvendo: escalas de características comportamentais; escalas de estilos de aprendizagem e interesses; testes de criatividade; e indicações por pais, professores, colegas e pelo próprio aluno (Renzulli e Reis, 1997). A relevância deste modelo, tanto para a escola regular quanto para programas especiais para o superdotado, assim como o sucesso desta abordagem em dezenas de escolas, serão também abordados. (b) Sob o ângulo prático, apresentaremos a prática profissional da segunda autora, como psicóloga e ex-gerente do atendimento ao aluno superdotado da Secretaria de Educação do DF, com extensa prática clínica nesta área de atuação. Serão descritos como os métodos, testes e técnicas sugeridos pelo Modelo de Renzulli têm sido aplicados, com resultados positivos, para a identificação do superdotado; os serviços de apoio psicológico prestados a esta clientela e os aspectos relacionados à maturidade emocional dos mesmos, com suas implicações para o contexto escolar e familiar. Os resultados desta prática demonstram que uma grande parcela de nossa população se beneficia desta abordagem, evidenciados pela crescente procura do serviço especializado.

Angela M. Rodrigues Virgolim; Tânia Gonzaga Guimarães.

Universidade de Brasília; University of Connecticut; Secretaria de Educação do Distrito Federal.



“Desbravando Caminhos” Mudanças de contornos: a psicologia numa perspectiva de inserção comunitária.

Este projeto tem como objetivo apresentar a implantação de um serviço de psicologia em uma Associação de Moradores de um bairro de Porto Alegre. Através do mapeamento realizado por nós no bairro Jardim Floresta, tomamos conhecimento da necessidade de mais um serviço de psicologia, uma vez que, os locais existentes, como Centro Comunitário e Posto de Saúde, não conseguem suprir toda a demanda que há no local. Por isso, pensamos em expandir a política de saúde mental no bairro através de uma parceria com a Associação de Moradores, já que o nosso desejo de viabilizar o acesso mais direto à área psi no âmbito comunitário veio de encontro com o desejo da comunidade. As atividades a serem desenvolvidas ao longo do período de estágio, têm como finalidade a realização de um trabalho onde a atenção estará focalizada nas relações de aprendizagem, relações de trabalho e sofrimento psicológico. Este processo de expansão do serviço psi foi aprovado no dia 11/01/2002, pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, pela comunidade em questão e pela supervisora local. A partir desta data, as atividades que estão sendo desenvolvidas são: atendimento clínico individual e grupal, participação em eventos sociais na comunidade, acessoria às três escolas públicas do bairro bem como acessoria a algumas empresas próximas ao bairro. “O que propomos é apenas uma abertura profissional mais ampla para os problemas humanos presentes em nossa sociedade, o que torna indispensável uma reavaliação da imagem profissional do psicólogo no Brasil”. (Mello, 1980, p.75) No Brasil, a Psicologia da Comunidade, surgiu a cerca de quatorze anos, como reflexo de uma crise da psiquiatria e da própria psicologia clínica. O psicólogo passa, então, a dar conta de uma faixa mais ampla de serviços envolvendo saúde e serviços que antes eram da psiquiatria. Percebe-se que o percurso que a psicologia vem traçando na área comunitária se distancia do paradigma vigente no âmbito da saúde pública. Lançamos, então, um convite à reflexão a cerca dos dispositivos vigentes de atendimento em saúde mental, para que possamos refletir juntos sobre esta prática, buscando, assim, novas maneiras de qualificá-la, pois ela é transformadora. Segundo Barembliit (1997) a clínica é vista como um espaço “sui generis”, que pode ser constituído em qualquer lugar, toda vez que vontades de ajuda se encontram. É preciso ver a clínica como um espaço construído, criado, como um espaço único de cada paciente, não podendo ficar preso a padrões que tornem o ser humano homogêneo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS BAREMBLIT, Gregório. A clínica como ela é. Saúdeloucura 5 LANCETTI, A.(dir). HUCITEC, São Paulo, 1997. MELLO,Sylvia L. Psicologia e Profissão em São Paulo. Ensaio. São Paulo, Ática,1980.

Cassiane Rubbo; Taís Cesca.

Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.



Descobrimos a Realidade de Mães Presidiárias e seus Filhos Através de uma Prática de Psicologia.

O presente trabalho de extensão, teve como objetivo compreender e interagir com a realidade de mães detentas com seus filhos (de 0 à 6 anos), dentro de um Presídio Feminino na área metropolitana de Porto Alegre. A relevância deste foi realizar um trabalho nesta realidade, procurando propiciar uma melhoria na qualidade de vida dessas mulheres e destas crianças. No decorrer dos encontros que foram planejados, juntamente com as presidiárias, foi propiciado um ambiente facilitador para reflexão, autoconhecimento, crescimento pessoal e do grupo, desenvolvimento da autonomia através de um espaço de discussão da realidade em que vivem. A partir da discussão da forma de como se dariam os encontros foi decidido que estes aconteceriam de forma variada. Alguns propiciaram exercícios corporais, já, em outros foram trabalhados temas relacionados a maternidade e desenvolvimento infantil, filmes também foram trazido para discussão. E, em outros simplesmente aconteciam conversas sobre assuntos trazidos a respeito do dia-a-dia no presídio. Os encontros foram realizados no período de abril a dezembro no ano de 2001. Este trabalho de extensão, foi realizado, nas dependências do presídio dentro de um setor diferenciado, pelo fato de ser um local onde estão também crianças. Ao todo freqüentaram os encontros cerca de treze mulheres. A presença sempre foi oscilante, essa rotatividade se dava pelo fato de algumas mulheres obterem progressão do regime das penas ao mesmo tempo que outras entram. Através dos nossos encontros fomos percebendo os problemas vivenciados por estas mulheres, sendo o principal a dificuldade de relacionamento entre elas. Essas diferenças e discussões refletiam nos nossos encontros fazendo com que algumas detentas não participassem. Muitas delas preferiam falar individualmente conosco, buscavam esclarecer dúvidas e aliviar suas angústias. Uma característica percebida nessas mulheres era a ansiedade gerada pela demora dos resultados dos exames relacionados a progressão do regime. Percebemos que houve uma abertura por parte da Instituição e das mulheres para que fosse realizado o trabalho. Havia uma necessidade muito grande de escuta, para que pudessem abordar temas do cotidiano dentro do presídio, bem como a vida que ficou fora dele, ou seja, seus companheiros, maridos e filhos. Com esse trabalho pudemos perceber a importância de um espaço que promova o desenvolvimento pessoal, a aprendizagem de um ofício, um trabalho que resgate a auto-estima, pois estas mulheres muitas vezes acabam retornando ao caminho do crime pela facilidade de obter dinheiro, juntamente com a crença de se sentirem incapazes de desenvolver alguma atividade e por serem ex detentas. Isso faz com que tenham dificuldades de perceberem suas perspectivas a médio e longo prazo. Acreditamos que conseguimos alcançar os objetivos propostos na medida em que as mulheres tiveram um espaço para pensarem sobre sua realidade, discutir suas vidas, suas angustias em relação a elas próprias, seus filhos e familiares.

Autores: Denise Silva dos Santos *

Lívia Pires da Silva*, Neuza Guareschi * * * Bolsistas do Programa Especial de Treinamento/ Psicologia/ PUCRS, ** Tutora do Programa Especial de Treinamento/ Psicologia/ PUCRS.

Denise Silva dos Santos; Lívia Pires da Silva; Neuza Guareschi.

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul



Descrição da dinâmica afetiva em mulheres no período do climatério a partir dos dados do Rorschach.

O objetivo do presente trabalho é apresentar uma descrição das características de afetividade encontradas em mulheres no período do climatério, observadas a partir dos índices apresentados pelo Método de Rorschach. As mulheres passam por intensas mudanças orgânicas e afetivas ao entrarem no período de climatério, as investigações nesta área mostram-se relevantes para uma melhor compreensão das facilidades e dificuldades que as mesmas atravessam nessa importante etapa de vida. O Psicodiagnóstico de Rorschach é um instrumento de avaliação psicológica amplamente reconhecido e utilizado para a avaliação da afetividade nos indivíduos. Pode, além de outros aspectos de investigação, demonstrar precisamente o funcionamento afetivo a partir da análise dos itens de classificação, possibilitando rica compreensão dos dinamismos envolvidos na afetividade dos indivíduos. Participaram desse levantamento 16 mulheres que possuem sintomas claros do período de climatério, com idade variando entre 38 e 65 anos, de nível sócio-econômico variado e escolaridade entre médio e superior. Os sujeitos submeteram-se a entrevistas semi-dirigidas para o levantamento de dados pessoais e aspectos ligados aos sintomas e ao Método de Rorschach, segundo o modelo proposto por Klopfer, para a investigação dos dados relacionados à personalidade. Após a codificação das respostas, os protocolos foram cotados e os índices de maior concordância foram destacados, obtendo-se os seguintes resultados: apresentaram um funcionamento extratensivo, indicando maior facilidade em lidar com os aspectos afetivos provenientes do meio externo (incidência das respostas de movimento humano maior que o valor ponderado das respostas de cor cromática - $M > C_{sum}$ em 62,5% da amostra); certa capacidade em lidar com os conteúdos relacionados à afetividade, com tendência, porém, a responder de forma mais efetiva aos afetos menos controlados (incidência de respostas de forma-cor na mesma intensidade que a soma de respostas de cor-forma e cor sem forma - $FC=CF+C$ em 56,25% da amostra), associados a certa impulsividade diante dos estímulos menos socializados (índice de impulsividade elevado em 68,75% da amostra); embora tenham condições de elaborar internamente seus conteúdos, há uma tendência de utilização de recursos baseados em elaborações imaturas, a partir de fantasias (respostas de movimento animal maior que as respostas de movimento humano - $FM > M$ em 75% da amostra); possuem maior interesse no relacionamento grupal, apegando-se às normas coletivas (somatória das respostas de conteúdo animal maior que a somatória das respostas de conteúdo humano - $A > H$ em 100% da amostra); indicaram consciência da necessidade de afeto nas relações sociais, demonstrando sensibilidade nesse contato, apesar de apresentarem certo descontrole nessa busca (incidência de respostas de forma-sombreado textura igual à soma da incidência de respostas de sombreado textura-forma e sombreado textura sem forma - $Fc=cF+c$ em 68,75% da amostra). A partir dos dados descritos pode-se observar que as mulheres que compuseram a amostra evidenciaram uma extrema vivência de aspectos afetivos, tendendo, por vezes a ações mais impulsivas e com pouco controle. Os resultados assinalados referem-se à amostra que participou da investigação, sendo que, para generalizações mais consistentes, faz-se necessário a ampliação do número de sujeitos.

Elen Kirchoff Appolinário; Paulo Francisco de Castro.

Universidade Presbiteriana Mackenzie; Universidade Guarulhos.



Desejos e motivações de crianças e adolescentes de escola particular e pública.

A presente pesquisa visou identificar quais são os principais desejos de crianças e adolescentes, bem como a motivação para alcançá-los. O conceito de desejo utilizado neste trabalho é o proposto por Chauí que enfatiza a vontade consciente nascida da deliberação. A motivação é compreendida como a mediação que aproxima o indivíduo do seu objeto de desejo, sendo que entre eles é necessário a existência de ação para a obtenção do êxito. A partir da afirmação de Sartre de que um indivíduo não deve preocupar-se com o que o passado fez dele, mas com o que ele fará do que o passado fez dele, pode-se afirmar que a distância entre o presente insatisfatório e o futuro almejado cria uma tensão que mobilizará o indivíduo a agir em direção ao seu objetivo. Para a consecução dos objetivos da pesquisa, contou-se com 230 informantes entre crianças e adolescentes do gênero masculino e feminino, estudantes de escola particular e pública, aos quais foi solicitado que respondessem a um questionário aberto, previamente testado, composto por duas questões: a primeira referente à identificação da aspiração e a segunda à motivação para a concretização da mesma. Os dados foram submetidos à categorização, agrupando-se as respostas sob um mesmo tema e, posteriormente, à comparação dos resultados segundo gênero, idade e nível sócio-econômico (escola pública e particular). Frente aos resultados obtidos, dois eixos mostraram-se essenciais para se pensar no projeto de vida dessas crianças e adolescentes: o trabalho e o estudo, sendo estes apontados tanto como objetivo final, quanto como meio para alcançar outras aspirações. Estes resultados foram encontrados em maior frequência entre os alunos de escola pública, adolescentes e do gênero feminino. Desta maneira, as aspirações desses jovens parecem estar bastante ligadas à uma função social, considerando-se que os objetivos e aspirações de uma pessoa resultam dos valores introjetados da sociedade, a qual motiva comportamentos úteis à mesma, como o estudo e o trabalho, por exemplo. Observou-se que esses jovens parecem estar inseridos em uma realidade que não permite sonhos ousados, fazendo com que estes limitem-se ao possível. É notável, ainda, a ocorrência de respostas que apontaram para a preocupação com o fim da violência como um desejo bastante atual, certamente, um retrato da sociedade em que vivemos. Além disso, a partir de uma leitura atenta das respostas obtidas, foi possível observar a atual precariedade na qualidade do ensino da escola pública, revelada pelas respostas não inteligíveis e a importância atribuída pelos próprios estudantes à educação. Os resultados indicam a necessidade de um olhar mais atento em direção à educação.

Renata Marques Rego; Tatiana Niero Miranda; Carolina Mello Leitão; Isabel Cristina Dib Bariani;

Pontifícia Universidade Católica de Campinas



Desempenho acadêmico e característica de personalidade: um estudo piloto através do 16-PF.

O presente estudo piloto objetivou identificar dimensões de personalidade em quinze sujeitos de ambos os sexos, estudantes do 3º ano do curso de Psicologia e visou ainda estabelecer uma possível correlação entre o desempenho acadêmico desses sujeitos e as características de personalidade. Foram sujeitos dessa pesquisa 15 estudantes, 14 do sexo masculino e 1 do sexo feminino, sendo que a idade média encontrada foi 22 anos. Como instrumento na coleta de dados, foi utilizado o Questionário de 16 Fatores de Personalidade, o 16-PF, o qual foi aplicado coletivamente nos sujeitos. Os resultados demonstraram, através do Teste de Correlação de Pearson, que a correlação para os Fatores A, N e Q3, os resultados demonstraram que existe uma correlação, e que esta, varia de fraca a moderada. Quanto mais os sujeitos que possuem o fator A (introversão-extroversão) pior é o seu desempenho acadêmico, sendo que 10 sujeitos encontram-se entre a normalidade e levemente desviados para a extroversão; para o fator N (simplicidade-refinamento) 13 sujeitos encontram-se entre a normalidade e levemente desviados e Q3 (impulsivo-controlado), sendo que 10 sujeitos estão entre a normalidade e levemente desviado sem auto-disciplina, além disso, quanto mais alta é a pontuação dos sujeitos no fator, melhor é o seu desempenho acadêmico. Porém, a correlação entre o desempenho acadêmico e as características de personalidade foram pouco significantes para os Fatores B, C, E, F, G, H, I, M, O, Q1, Q2 e Q4, o que indica que uma pessoa com um ou mais desses fatores de personalidade pode ter tanto o sucesso quanto o fracasso acadêmico, não sugerindo pois, uma relação entre os dados. Tendo em vista os resultados apresentados neste estudo piloto, sugere-se que sejam feitos mais estudos sobre o tema e que a amostra seja também ampliada, já que esta é uma variável relevante para o Teste de Correlação.

Kelly Cristina Ramos de Juan; Elaine Cristina Catão; Walquiria Fonseca Duarte

UNISA – Universidade de Santo Amaro



Desempregado: o “eu” provisório.

Considerando o trabalho um dos eixos fundamentais para a estruturação da identidade masculina, verificamos as formas de vivência e manutenção desta identidade, já que se encontra relacionada com formas de poder que, por sua vez, socialmente se relacionam com o poder aquisitivo e o reconhecimento social, vetores que se tornam de difícil manutenção no caso do desemprego. No presente estudo, tivemos como objetivo pesquisar a relação existente entre a falta de emprego e a manutenção da identidade masculina em homens desempregados que vivem em situação de pobreza. No presente estudo, contamos com a participação de dez homens desempregados e adultos, de 22 a 57 anos de idade, residentes na área chamada “Invasão”, do bairro de Alberto Maia do município de Camaragibe-PE com os quais foram realizadas entrevistas semi-estruturadas. Os entrevistados encontram-se desempregados há vários anos. Em sua maioria são casados e têm filhos, não possuindo renda própria. Os participantes sobrevivem com o auxílio da esposa ou companheira, ou familiares, e fazem biscates para conseguirem uma renda própria mínima. Com a perda de seus empregos, setores da vida foram profundamente alterados, como o lazer, a relação familiar, a vida afetiva e a relação com os amigos. O homem foi visto como o responsável pelo sustento financeiro e moral da família. Os entrevistados denominaram como “nada”, “não homem” ou “homem pela metade” aqueles que não conseguem exercer este papel, embora não se conceituem como tal. O trabalho da mulher se configurou como auxiliar, temporário. O desempregado foi visto como alguém considerado pela sociedade como preguiçoso, vagabundo e inútil. Apesar de encontrarem-se atualmente em uma condição de “quase desespero”, a maioria demonstra esperança de conseguir um emprego, ou algum trabalho que lhe assegure financeiramente e à sua família. O desemprego surge na vida destes homens como sucessivas perdas não apenas materiais e sociais, mas também na estrutura de suas identidades, já que eles deixam de possuir o eixo estruturante do que os permite serem reconhecidos como homens “de respeito e responsáveis”, pais e provedores de suas famílias. Apesar de muitas vezes a esposa ou companheira trabalhar para manter a família, isto é visto como uma “humilhação” pois, segundo eles, ela estaria exercendo o papel deles. Uma rede de relações foi perdida, na medida que estes homens “perdem as amizades” e passam a ficar mais tempo dentro de casa, ou nas ruas da vizinhança. Seus amigos passam a ser outros desempregados. Além disso não podem freqüentar os lugares de lazer de antes, já que não possuem condição financeira para fazê-lo. O desemprego abala não apenas as finanças destes homens, mas toda uma estrutura de vida e de concepção de si e do mundo, estando suas identidades, no momento atual “elipsadas”, pois se sustentam no que já foram e no que ainda serão, sendo a atual condição uma condição provisória, temporária.

Euda Kaliani Gomes Teixeira Rocha; Lucinda Macedo

UFPE, Recife/PE



Desenvolvendo habilidades Pró-sociais na infância.

O desenvolvimento de habilidades sociais na infância tende a contribuir para uma vida adulta mais produtiva e plena. O presente projeto de pesquisa, ensino e extensão, que tem caráter preventivo, propõe o desenvolvimento destas habilidades, aliando a pesquisa em habilidades sociais à prática de programas preventivos dessa natureza. Crianças de quatro a seis anos de idade da rede municipal de ensino de Curitiba, são convidadas a participar de dez sessões (uma sessão por semana) de atendimento em grupo com outras crianças, provenientes de escolas municipais diferentes das suas. Os pais das crianças participantes do projeto recebem sessões de orientação semanal, onde temas específicos são apresentados abordando a relação deles com as crianças, bem como a manutenção das habilidades pró-sociais desenvolvidas no projeto, pois considera-se que para efetividade deste tipo de programa é necessária a intervenção dos pais com as crianças, reforçando os comportamentos socialmente adequados. Também, quinzenalmente os professores recebem orientação, onde a temática das habilidades sociais são discutidas, esclarendo-se dúvidas sobre os comportamentos das crianças e colaborando com os estes para um manejo adequado de turmas pré-escolares. Através do contato com os pais e professores é viabilizada a generalização das habilidades que estão sendo desenvolvidas nos encontros do grupo, para outros contextos da criança (casa e escola). O manejo das temáticas é feito através de atividades lúdicas (brincadeiras, histórias) e outros recursos grupais, que propiciem estímulo para a discriminação por parte das crianças das habilidades pró-sociais, assim como as instrumentalize para futuros manejos sociais apropriados. Considerando que os pais que recebem orientação na maioria dos casos tem outros filhos com os quais também implementam o que foi discutido, o número de crianças atingido pelo projeto é bem maior. Relato de pais, professores, assim como a facilitação no relacionamento com pares por parte das crianças observado no decorrer dos encontros, tem sido aspectos que apontam para a efetividade do programa. Percebe-se como principal dificuldade encontrada no projeto a falta de conscientização da comunidade em relação à importância da prevenção. A comunidade está acostumada a buscar atendimento psicológico quando existem problemas, não apresentando total adesão ao trabalho se não estão presentes dificuldades concretas. No entanto o feedback dos pais, das escolas e os resultados obtidos até aqui, apontam para um reconhecimento gradual do trabalho preventivo ampliando as perspectivas de continuidade e ampliação do projeto.

Caroline Guisantes de Salvo; Suzane Schmidlin Lohr; Taísa Grün; Patricia de Oliveira; Bruno Strapasson; Andressa Salles; Eneide Mucke.

UFPR.



Desenvolvimento cultural e tecnologia: um estudo acerca das relações entre a mediação semiótica e a técnica a partir de aulas de computação para crianças e adolescentes com cegueira ou baixa visão.

O presente trabalho baseia-se num projeto de intervenção que vem sendo realizado desde o início de 2001 e que consiste em aulas de computação para crianças e adolescentes com cegueira e baixa visão, que freqüentam um centro de reabilitação pertencente à Universidade. Ao lado do objetivo mais geral de acesso a um instrumento valorizado e amplamente difundido socialmente, figura a necessidade de recursos para a escolarização de crianças e adolescentes com deficiência visual. Em contato com os alunos de escolas públicas participantes do projeto, perceberemos que o acesso a materiais escritos em braille encontra-se restrito. A questão de recursos se configura, assim, como uma problemática fundamental no que se refere ao modo como a escola tem atendido às necessidades de alunos com deficiência visual. Nas nossas investigações sobre os modos de apropriação e participação das crianças nas práticas sociais, indagamos: Quais são as especificidades do computador enquanto instrumento que provoca e viabiliza novas formas e relações de ensino/aprendizagem/conhecimento? Quais são suas especificidades quando falamos de recursos para o ensino de crianças com deficiência visual? Quais são seus limites e possibilidades no enfrentamento das dificuldades relativas à escassez de recursos de ensino e de acesso a materiais escritos, não somente na escola, mas na vida social em geral? Para apresentação desse trabalho estaremos problematizando e analisando situações em que os modos como as crianças se apropriam dos recursos e lidam com o conhecimento nem sempre aparecem como bem sucedidos. O simples fato de ter acesso ao computador e de conseguir realizar algumas atividades mais rapidamente com o auxílio deste instrumento não afeta necessária e positivamente a relação da criança com o conhecimento e com o próprio equipamento. A partir da perspectiva histórico-cultural, que assumimos para ancorar teoricamente o trabalho de intervenção e de investigação, ressaltamos a mediação do outro e do signo na relação do sujeito com o mundo, com o conhecimento. De acordo com esse referencial, a significação do mundo não se dá a partir de uma experiência individual e isolada do sujeito, mas é produzida na relação com o outro (Vygotsky, 1995). Um dos aspectos fundamentais apresentados por Vygotsky (1997) quando ele aborda a questão da cegueira é a importância da palavra do outro na mediação do conhecimento do mundo. Vygotsky chega a dizer que “a palavra vence a cegueira”. Mas de que forma esta palavra se apresenta? Em muitos momentos, a palavra (do outro) prende, encerra, limita. Isto se evidencia não só quando se fala em pessoas com deficiência visual, mas pode se tornar mais premente nesses casos, quando se estabelece uma sistemática dependência em relação àquele que lê, dita, seleciona, interpreta o material a ser trabalhado com e pela criança. Por outro lado, a palavra também libera e viabiliza novas formas de (inter)ação e de imaginação. São as tensões e as contradições que se apresentam nas relações de ensino, envolvendo o outro (professor, colega) e o instrumento (computador) que tomaremos como foco de análise. Ao problematizarmos e investigarmos os usos do computador, sobretudo relacionados às contingências da deficiência visual, encontramos um locus privilegiado de investigação das práticas nas quais os sujeitos estão envolvidos, uma vez que, nesse instrumento, encontram-se tecnicamente ampliadas as condições e possibilidades comunicativas e simbólicas que permitem aos sujeitos redimensionar os modos de operar com linguagem e conhecimento.

Celma dos Anjos Domingues; Ana Luiza Smolka; Adriana Lia F. de Laplane.

Universidade Estadual de Campinas; Universidade São Francisco.



Desenvolvimento de professores Prático-Reflexivos: relato de uma experiência.

A preocupação com a formação de professores vem aumentando nos últimos anos, à medida que as pesquisas apontam que as práticas pedagógicas são, em parte, determinadas pelas idéias que os professores têm acerca desta prática. Assim, as crenças interferem nas escolhas pedagógicas, que interferem nas práticas cotidianas, que influenciam, por sua vez, as crenças. Associado a isso, a mudança de enfoque de um professor exclusivamente cumpridor de tarefas, para aquele que toma sua própria ação e reflete sobre ela, ou seja, um professor prático-reflexivo, mostra a importância de se trabalhar com o desenvolvimento profissional destes docentes. Partindo desses pressupostos, o presente relato descreve a experiência realizada no estágio supervisionado em Psicologia Escolar, no 5o. ano de Psicologia da PUC-Campinas, em uma escola pública municipal, que vem sendo realizado desde 1993. As reuniões com esses professores ocorreram semanalmente, com duração de 50 minutos, onde eram discutidos assuntos trazidos pelos próprios professores, buscando sempre contribuir com o olhar da Psicologia Escolar. O objetivo deste trabalho junto ao grupo de professores foi proporcionar um espaço de reflexão sobre a prática docente, utilizando estratégias previamente elaboradas que deflagraram discussões sobre situações, sentimentos, atitudes e crenças relacionadas a essa prática. Os temas discutidos foram: a importância da relação professor-aluno no processo de ensino-aprendizagem; métodos de avaliação do desempenho escolar; violência e agressividade; indisciplina na sala de aula; processo de inclusão (escola de qualidade para todos); relacionamento família-escola; aspectos envolvidos na profissão, como dificuldades, (des)valorização do professor enquanto profissional e, conseqüentemente, enquanto pessoa; aspectos ideológicos da prática educacional; e também a troca de experiências positivas, das esperanças, das conquistas, dos sentimentos que, apesar dos inúmeros obstáculos, mantêm nesses professores a crença positiva na Educação. Os momentos de reflexão a partir da experiência destes professores contribuíram para uma melhor compreensão e melhoria do ensino, uma vez que eles eram auxiliados nas discussões e reflexões, oferecendo um espaço de troca de experiências, angústias, dificuldades, capacidades e sucessos. Isto proporcionou a compreensão de algumas situações em sala de aula e a autonomia para tomar atitudes adequadas perante elas. Buscou-se, assim, teorizar a prática, o que propiciou a formação prático-reflexiva desses profissionais. Pode-se concluir que a atuação do psicólogo, neste contexto, teve grande importância, uma vez que a ciência psicológica pode auxiliar a análise do que ocorre na sala de aula, beneficiando a prática educacional. Ficou evidente, a partir da avaliação dos próprios professores, bem como da maneira como eles passaram a problematizar e propor ações cotidianas, que houve mudança na forma de eles pensarem sua prática, podendo assim, refletir a respeito delas, seno este um espaço promovido pelo psicólogo escolar, favorecendo a reflexão sobre os aspectos teóricos envolvidos nesta prática, como um recurso capaz de ajudar a aumentar a qualidade e a eficácia do processo educacional.

Camila de Almeida Pimentel; Ana Maria Falcão de Aragão

Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUC-Campinas



Desenvolvimento de um protocolo (coding scheme) para observação de interações sociais entre crianças.

A extração de dados qualitativos para análise em fenômenos sociais em ambientes controlados e sua transposição para pesquisa quantitativa constituem um constante desafio para a pesquisa. A observação de pessoas interagindo é fonte importante de informações que geram novas inferências sobre a dinâmica dos processos psicológicos que ocorrem nas interações sociais. Foi desenvolvido um protocolo (coding scheme) para observação e registro das estratégias usadas por crianças de idade escolar para lidar com conflitos interpessoais, em ambiente de laboratório. Conceitualmente, onde quer que pessoas estejam interagindo discórdias e oposições são inevitáveis. O foco específico de análise com base neste protocolo foi identificar comportamentos ou estratégias que ajudam as crianças a transformar episódios adversativos em interações pacíficas. Essencialmente, conflito indica um estado de resistência ou oposição entre, pelo menos dois indivíduos ou duas forças antagônicas. Isso implica uma mudança metodológica na investigação: a unidade do estudo, em vez de ser o indivíduo, passa a ser a díade. Portanto, a observação e o registro seqüencial do evento conflitual, que captasse os movimentos alternados dos oponentes até sua resolução foi o desafio enfrentado. O protocolo especifica três dimensões do episódio conflitual: a) o contexto (incluindo os atores e a situação), b) a ação e c) a reação à oposição (estratégias). Quanto aos atores, como os grupos observados eram constituídos de quatro crianças, no desenvolvimento do protocolo, houve a preocupação de registrar, não só o comportamento das díades (opositores), como também a ação das demais crianças que porventura viessem a se envolver na disputa. Assim, além da dupla conflitante -crianças focal e alvo - o protocolo contempla as figuras do mediador e do aliado, permitindo que o observador capture o evento de forma mais completa possível. Com base na literatura específica, quatro contextos, considerados os que mais freqüentemente elicitam conflitos, foram definidos: disputas de objetos ou posição, confrontos de idéias, tentativas de entrada em grupo e provocações. Finalmente, o protocolo indica comportamentos de reações à oposição que levam a duas formas de resolução pacífica do conflito: apaziguamento e conciliação. Esse protocolo foi utilizado em um estudo com 44 crianças (11 quartetos) e mostrou-se eficiente para observação dessas interações. Os resultados significantes neste primeiro estudo estão sendo reexaminados num segundo estudo já em andamento.

Ana Maria Faraco de Oliveira; Kenneth H. Rubin.

Universidade Federal de Santa Catarina; University of Maryland (USA).



Desenvolvimento e educação infantil na realidade da comunidade da Vila do Lobó.

As mudanças e transformações que vem ocorrendo ao longo de toda a história, de conquistas que culminaram na obrigatoriedade do atendimento à criança de zero a seis anos, não apaga, todavia, as representações que muitos de nossos profissionais, pais e demais membros da família possuem sobre as creches. Representações inadequadas das creches decorrem, via de regra, de realidades ainda persistentes em nosso país que se diversificam em várias regiões. Partindo de uma visão sócio-histórica-cultural do desenvolvimento humano o trabalho em questão pretendeu investigar as relações intersubjetivas no cotidiano de uma creche localizada em uma favela da região metropolitana de Goiânia. A pesquisa foi realizada num período de três meses consecutivos, três vezes por semana, durante horários variados da rotina da creche. Foram utilizadas entrevistas e observações participantes das atividades cotidianas, como a entrada, refeições, brincadeiras, higiene e saída. O material de pesquisa foi videografado e posteriormente decupado para análise em contexto de significação. Ao longo do processo investigativo foram levantados indicadores que nos remeteram a compreensão das relações que se estabelecem na creche, no sentido de promover o desenvolvimento dos sujeitos envolvidos: a necessidade que as crianças apresentavam de aprender a “ler e escrever”, como um pre-requisito para a inserção em outros grupos sociais; a creche é base de apoio contra a violência da própria comunidade, uma vez que ali ocorrem altos índices de criminalidade; o trabalho infantil é visto como uma forma de educação; mediante a observação de um número reduzido de brinquedos, as brincadeiras são direcionadas para atividades mais corporais, sendo, na maioria das vezes, dirigida pelas crianças mais velhas com uma nítida divisão por gênero. Desta forma são desenvolvidas as atividades de acordo com os recursos próprios dos grupos de crianças. A creche neste contexto contribui para a comunidade no sentido de proteção e manutenção das crianças, apesar das condições de precariedade em que se encontram. Neste sentido, as políticas públicas devem ocorrer no sentido de promover condições básicas que viabilizem a participação das crianças na educação infantil, sem contudo negar o direito a cidadania das famílias envolvidas.

Mercedes V. Cupolillo; Milena O. Silva; Ana Paula F. Rezende; Fernanda J. Mateus, Dóris Galvagni; Danielle de Paula.

Universidade Católica de Goiás.



Desenvolvimento espacial e ensino de geometria.

Baseado em investigações recentes acerca da cognição espacial, as quais vêm descobrindo novos fatos sobre como as crianças representam o espaço, como se orientam no ambiente, e, principalmente, como os mecanismos responsáveis por estas capacidades se transformam durante o desenvolvimento, nosso objetivo é propor aplicações educacionais para o ensino da geometria. As pesquisas sobre desenvolvimento da cognição espacial têm mostrado que as crianças utilizam tanto representações aloclônicas, quanto representações egocêntricas para conhecer o espaço. As representações aloclônicas predominam quando há desorientação, sendo esta forma de representação formada através de um sistema altamente especializado, denominado módulo geométrico. O módulo geométrico lida com informações de conteúdo puramente espacial, capturando relações de distâncias e direções entre objetos ou superfícies, independentemente de suas características físicas. Este sistema permite aos indivíduos representarem a estrutura geométrica do ambiente, possibilitando-lhes preservarem a configuração geral do mesmo. Com base nesta informação inicial, é capaz de extrair a configuração geral destes elementos, na forma de um modelo geométrico abstrato. Quando, porém, não há perda de orientação, o sistema envolvido na atualização contínua da posição, responsável pela formação de representações egocêntricas, parece ser ativado, encarregando-se da tarefa daí por diante. Assim, é a exigência da tarefa que determina qual o sistema de representação que entra em operação. Estes sistemas constituem módulos distintos e processam uma gama diferenciada de informações. Os módulos são inicialmente isolados e com o decorrer do desenvolvimento podem entrar em cooperação com outros sistemas possibilitando ao indivíduo a utilização de informações de forma cada vez mais flexível. As diferenças encontradas entre crianças mais velhas e mais novas são de grau, não de qualidade. Foi sugerido que o desenvolvimento da capacidade espacial relaciona-se ao incremento progressivo na capacidade de combinar diferentes módulos cognitivos. Destes achados, certos aspectos apresentam fundamental importância para a reflexão educacional, podemos destacar: a concepção de módulos especializados e suas formas de interação no decorrer do desenvolvimento; a discussão da relação entre desempenho e competência; natureza do processo de desenvolvimento; a flexibilização na utilização de informações de módulos distintos e o papel da linguagem na integração dos diferentes módulos. Estas descobertas lançam novas luzes sobre a organização da educação matemática, especificamente, sobre o ensino de geometria.

Cristina Márcia Caron Ruffino-Jalles; Euphly Jalles Filho.



Desenvolvimento Humano e Violência: Representações e Práticas Sociais De Professores.

Objetivos: Tendo em vista a necessidade de um maior aprofundamento nas reflexões teórico-metodológicas sobre a violência, assim como entender esse fenômeno crescente, este trabalho visa a analisar os aspectos psicossociais atuantes na violência, investigando as relações entre representações sociais do desenvolvimento e práticas educativas, de forma que seja mostrada a maneira como concebem e agem os professores de escolas de classe média com relação ao adolescente e à violência. Busca-se com isso, a investigação de alguns aspectos psicossociais capazes de intervir no fenômeno da violência, utilizando como aporte a Teoria das Representações Sociais, no âmbito da Psicologia Social, tendo em vista que essa tem implicações importantes no processo do desenvolvimento humano. **Métodos:** Foi aplicado, a 60 professores de adolescentes em escolas particulares do grande Recife, um questionário contendo questões sobre as diferentes etapas do desenvolvimento humano, as concepções que tinham os sujeitos sobre a violência e as percepções e atitudes que os professores têm a respeito do desenvolvimento moral dos alunos, assim como o seu papel nesse processo. Para análise dos dados utilizamos o software EVOC, que permite vislumbrar não apenas o conteúdo das representações sociais, mas também, sua organização interna, em função de um duplo critério: frequência e ordem média de evocação, o software SIMI, para os dados coletados através do questionário de categorização, submetendo-se à análise de similitude, e o software ALCESTE, o qual efetua tratamento de dados textuais, identificando a informação essencial de um texto. **Resultados:** Os resultados obtidos, e parcialmente analisados até o momento, demonstram que os professores representam os adolescentes como sujeitos imaturos, irresponsáveis e conflituosos, atribuindo à família a causa dos problemas trazidos pelos adolescentes para o âmbito escolar. As questões acerca da violência, entretanto, são remetidas para o espaço externo à escola, confundindo-se com criminalidade e isentando o professor de responsabilidade em suas formas de prevenção. **Conclusão:** Em geral, são atribuídas à família e à sociedade, como uma entidade abstrata, a responsabilidade pela origem da violência, e o compromisso para com o desenvolvimento humano.

Santos, M.F.S; Melo, G.I.

Universidade Federal de Pernambuco.



Desenvolvimento profissional feminino e relacionamento amoroso.

Introdução: Considerando o decréscimo no número de casamentos e o aumento da participação da mulher no mercado de trabalho e de sua escolaridade, realizamos pesquisa, na cidade de São Paulo em 2001, com o objetivo de averiguar as possíveis influências do desenvolvimento profissional feminino no relacionamento amoroso. Para compreender o comportamento da mulher e a dinâmica de suas relações enquanto profissional, mulher, mãe, esposa, dona de casa, nos baseamos em Jung e sua definição de masculino e feminino, enquanto arquétipos presentes no inconsciente; nos estudos de Mira y Lopez sobre o amor, que dá suporte psicológico ao processo de dominação masculina; na visão de Erich Fromm do amor e do trabalho como forma de obtenção de completude, e, em Bourdieu com seus estudos sobre como a mulher se percebe e é percebida, ou seja, através dos olhos masculinos. **Metodologia:** Utilizamos a metodologia mista, quantitativa e qualitativa. Na quantitativa a estratégia utilizada para coleta de dados foi um questionário, contendo 10 perguntas fechadas, de múltipla escolha, elaboradas a partir de uma entrevista piloto. A amostra foi composta por 100 mulheres entre 25 e 39 anos, que trabalhavam e buscavam se desenvolver. A técnica utilizada na metodologia qualitativa foi a entrevista focalizada. A entrevistada possuía 29 anos, casada há 9 anos e mãe de um menino de 4 anos, analista financeiro em uma grande empresa. **Reflexões:** Como resultado constatamos, através da pesquisa realizada utilizando a metodologia quantitativa, que o desenvolvimento profissional feminino afeta os relacionamentos amorosos, e que apenas 48% das mulheres consideram que de forma positiva, indicando que estamos no meio de um processo de transição quanto a igualdade entre os sexos. As entrevistadas informaram sentirem-se mais seguras ao exercer uma profissão, sendo que 62% delas julgavam-se felizes podendo dividir as responsabilidades com o homem e 25% valorizadas pelo homem por isso. Segundo a ótica feminina os homens tem mudado: 76% afirmaram que os homens se sentiam aliviados ao poder dividir com a mulher as responsabilidades e despesas do lar, enquanto que apenas 24% se percebiam menos poderosos ou inferiorizados. 55 % das mulheres declararam que os homens tinham orgulho da mulher quando esta possuía cargo ou salário superior ao seu, entretanto, 45% disseram que os homens sentiam ciúmes ou raiva quando isso acontecia; 66% informaram que os homens executavam tarefas domésticas e cuidavam dos filhos. Na vertente qualitativa constatamos que a definição de papéis e a diferenciação de gênero está confusa. O surgimento de novos vocábulos, atestam isso, como a palavra “pãe” = pessoa que é pai e mãe ao mesmo tempo. A falta de tempo, o excesso de atividades podem trazer dificuldades no relacionamento amoroso. Há contradições quanto aos desejos e expectativas de homens e mulheres com relação aos papéis masculino e feminino, com ambos se testando em vários papéis nos espaços público e privado. Apesar das novas configurações das relações amorosas ainda percebe-se a dominação pela personalidade mais forte, masculina ou feminina, indicando que estamos apenas na metade do caminho rumo a igualdade entre homens e mulheres.

Wilma M. Santos; César Dezerto; Cintia M. Martins; Gilson B. Oliveira; Neusa P. Inocentini; Priscila C. de Nichile.

Universidade São Marcos.



Desvelamento do processo criativo em biografias de artistas.

Resumo: Procedimento metodológico desenvolvido em um curso de Psicologia da Percepção no sentido de motivar e sensibilizar os alunos de Artes Plásticas em relação aos conteúdos da disciplina, mas principalmente, na compreensão dos aspectos que propiciam um processo criativo consciente que se revela na análise de histórias de vida de artistas notáveis. **Objetivo:** O curso objetiva explicitar as características e etapas do processo de desenvolvimento do aprendizado e da consciência para a compreensão do processo criativo. São três as áreas referenciadas para essa compreensão: o contexto de vida (familiar, social, histórico, econômico); condições potenciais e formação da personalidade. **Justificativa:** Desde a escolha do artista, a análise de seu período de formação até o reconhecimento de seu processo criativo, em geral, há uma forte identificação do aluno com o biografado, o que pode ajudá-lo a reconhecer que aspectos de sua própria formação necessitam seu empenho maior ou menor. **Público:** Alunos do 2º semestre do curso de Artes Plásticas da Fundação Armando Álvares Penteado – FAAP, nos últimos dois anos. **Procedimento Metodológico:** as aulas são orientadas por 3 (três) eixos: apresentação teórica de conceitos de psicologia, principalmente a abordagem junguiana; narração da história de vida de um artista plástico e discussão de hipóteses dos elementos que dificultaram ou facilitaram a formação desse artista, sua expressão e processo criativo. No final do semestre, entrega de um trabalho escrito, com levantamento de hipóteses sobre as influências e transcendências encontradas na vida do biografado(a) escolhido(a), sustentadas pelos conceitos teóricos estudados. **Considerações:** O grande interesse que as histórias de vida despertaram e despertam nas pessoas em geral, revelaram-se também na maioria desses alunos, que se dedicaram com empenho à compreensão e domínio teórico para compreender a trajetória de seu biografado(a). **Bibliografia** BYINGTON, Carlos. Desenvolvimento da personalidade - símbolos e arquétipos. São Paulo, Ática, 1987 DURAND, GILBERT. A imaginação simbólica – São Paulo, Cultrix /EDUSP, 1988 JUNG, Carl G. O homem e seus símbolos. 10a. ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, s/d _____ O espírito na arte e na ciência. Petrópolis, Vozes, 1991 PASSERINI, Sueli P. O fio de Ariadne - um caminho para a narração de histórias. São Paulo, Antroposófica, 1996 RIBEIRO, Ronilda Iyakemi. Alma Afrikana no Brasil – Os Iorubás. São Paulo, Oduduwa, 1996 SILVEIRA, Nise. O Mundo das imagens. São Paulo, Ática, 1992 SCHILLER, Friedrich. A educação estética do homem - numa série de cartas. São Paulo, Iluminuras, 1990.

Sueli Pecci Passerini.

FAAP.



Desvelando as teias de Pinóquio: Um estudo sobre Representações de Família em meninos em situação de rua.

O trabalho tem como objetivo central uma reflexão sobre a família enquanto instituição construída social e historicamente e suas relações com a situação da infância em situação de rua. Parte-se do pressuposto que a organização da sociedade capitalista engendra um contexto multifacetado, no qual coexistem, por um lado, uma ênfase no individualismo, na excelência e conquista de poder num mercado de trabalho competitivo e restrito e, por outro, uma crescente necessidade de encontrar um refúgio, um local de acolhimento. Em uma sociedade em que os valores encontram-se em transformação contínua, a família continua significando um suporte emocional e afetivo. No entanto, vale ressaltar a presença, no contexto atual, de uma pluralidade de organizações familiares, divergindo do modelo patriarcal e nuclear herdado pela ascensão da burguesia, que foi responsável pelo enquadramento da infância enquanto categoria social distinta, que merece cuidados e disciplina especiais, não condizentes com a condição de vivência nas ruas. Atualmente existe um redimensionamento do conceito de família, abrangendo diversas redes de parentesco, casamentos, afiliações e re-arranjos de diversos níveis. Nossa pesquisa investiga essas questões à luz dos discursos dos meninos em situação de rua da cidade do Natal. Tentamos compreender sua trajetória da casa à rua, suas relações e representações sobre os papéis familiares, a história da família, aspirações de vida e vínculos. Inter-relacionando conceitos referentes à psicologia social, a abordagem sistêmica da família bem como da sociologia clínica, objetivamos traçar um perfil dessas crianças, problematizando suas condições de vida e o lugar social que ocupam no Brasil atual. Tem-se o conto Pinóquio (Carlo Collodi) como metáfora de entendimento dessas crianças, as quais para tornarem-se “meninos de verdade” deveriam ter uma família estruturada e enquadrarem-se numa ordem de disciplina e trabalho. No entanto, vemos os meninos sob a ótica do boneco de madeira que, errante, vai construindo continuamente sua subjetividade nas experiências de vida, atribuindo a personagens diversos a significação de família, assim como no convívio na rua, algumas pessoas assumem os papéis de socialização, afetividade e limites que deveriam ser obtidos no âmbito da família de origem. Os dados foram construídos através de entrevistas semi-estruturadas e grupos focais de discussão e atividades, no qual privilegiamos diversas construções de linguagem, tendo em vista a especificidade do nosso objeto de estudo – a família, lugar privilegiado de emoções, do subjetivo, da construção da identidade e da socialização.

Périsson Dantas do Nascimento; Rosângela Francischini.

Universidade Federal do RN.



Desvio de atenção: opinião de docentes e de alunos da 1º à 4º série.

Desvio de atenção é fenômeno que ocorre com muita freqüência nas escolas e acaba dispersando os alunos das atividades que estão realizando. Objetivou-se levantar as disciplinas que mais gostam; variáveis que influenciam na atenção dos alunos segundo a ótica deles mesmos; correlacionar a percepção dos professores e alunos quanto a estas variáveis; verificar como os docentes classificam os alunos em termo de atenção e como os alunos se classificam; correlacionar a classificação feita pelos docentes com a auto classificação dos alunos e verificar o efeito da escolaridade nestas variáveis. Os sujeitos foram 125 alunos da 1º à 4º série com idade entre 7 à 11 anos e 6 professores das respectivas séries. Nos alunos foi aplicado um instrumento de auto-avaliação da atenção, o mesmo instrumento foi respondido pelos professores enfocando cada aluno. Os resultados da auto-avaliação dos alunos mostra uma forte correlação entre Comportamento em Sala de Aula vs Total, com $r = 0,92$ e uma fraca correlação entre Participação Grupal vs Atenção, com $r = -0,12$. Segundo a avaliação das professoras a correlação significativa mais forte foi entre Comportamento em Sala de Aula vs Total com $r = 0,98$, a mais fraca foi entre Atitude com relação a Autoridade vs Atenção com $r = 0,06$. Ao correlacionar os valores correspondentes à avaliação das professoras e a auto-avaliação dos alunos foram encontradas poucas correlações significantes. Entre estas a correlação mais forte foi negativa entre Total vs Total com $r = -0,38$ e a correlação mais fraca foi entre Comportamento em Sala de Aula vs Comportamento em Sala de Aula com $r = 0,31$. Ao analisar as correlações existentes percebe-se que o Comportamento em Sala de Aula tem possibilidade de influenciar outras ações dos alunos. Para os alunos há possibilidade da Participação Grupal não influenciar na atenção. Segundo os professores, também constatou-se que existe a possibilidade do Comportamento em Sala de Aula influenciar os outros comportamentos que podem ser observados na escola, em contra partida, percebe-se que existe probabilidade de que a Atitude em relação a Autoridade não influencie a atenção da criança. Ao correlacionar a avaliação das professoras com a auto-avaliação dos alunos constatou-se que existe pouca possibilidade da opinião das professoras corresponder a opinião dos alunos. Os dados indicam similaridade em todas as séries. Foram levantadas as disciplinas em que os alunos mais prestam atenção segundo sua própria avaliação, Português foi a disciplina mais citada e a disciplina que os alunos menos prestam atenção é Geografia. Segundo a opinião das professoras a maioria dos alunos prestam mais atenção em todas as disciplinas e a disciplina em que eles menos prestam atenção é Matemática. Também foram levantadas pelos alunos diversas variáveis que dificultam sua atenção e variáveis que ajudam sua maior atenção. Ao analisar todos os resultados concluiu-se que na auto-avaliação dos alunos nenhuma das séries obteve o nível de atenção adequado, na opinião das professoras houve uma variância de atenção entre as classes, algumas delas apresentaram um nível de atenção maior que o adequado.

Ingrid Machado Cabral.

Universidade Mogi das Cruzes.



Diagnóstico participativo realizado em uma comunidade ribeirinha na selva amazônica.

Este projeto realizou-se no período de 05/02/02 á 25/02/02, no município de Boca do Acre, AM; localizado a margem do Rio Purus, um dos afluentes do Rio Solimões. A cidade está na profundidade da Selva Amazônica, há 2100 Km de Manaus, sendo acessível apenas de avião ou barco e em alguns meses do ano, quando a floresta e o clima permitem, via terrestre. Boca do Acre está entre os 50 municípios do Brasil que apresentam menor índice de desenvolvimento humano. Possui 26 mil habitantes, 12 mil na zona rural e 14 mil na zona urbana; 64% da população é analfabeta e vive em condições sub-humanas, na sua maioria a beira do rio na zona rural. As casas tanto da zona rural quanto urbana, são de madeira sobre palafitas devido às cheias do rio; a saúde pública e saneamento básico são precários. A economia é a base do extrativismo, pesca, pecuária e do poder público. Fez parte do programa Universidade Solidária e serviu como base para o planejamento e execução de outros projetos. Este trabalho teve como objetivo traçar as relações de poder, as condições físicas locais, a influência da cultura e das condições ambientais no comportamento das pessoas. O diagnóstico participativo utilizou como instrumentos: a observação, entrevistas com os líderes e a população local, para identificarmos as necessidades, os agentes de ação e as possíveis soluções, que foram encontradas junto com comunidade. Para a realização desse trabalho foi necessária a participação de toda a população, num processo interativo, onde envolventes e envolvidos buscam as questões práticas do momento. Para tanto, nos apoiamos nos pensamentos de Peter Spink, no sentido de que pesquisa-ação ou diagnóstico participativo são caracterizados como uma forma de trabalho colaborativa, onde os dados são levantados para entender uma determinada problemática, discutida em conjunto na busca de um quadro de referência teórica que poderia vir a orientar ações posteriores, e estas ações são complementadas, acompanhadas e modificadas a luz de avaliações que podem, de novo, levar à revisão do quadro teórico inicial. A partir dos dados coletados, concluímos que conforme o extrativismo está se tornando economicamente inviável, a pecuária gera poucos empregos e não tenham surgidos outros mecanismos econômicos; a cultura assistencialista ao invés de diminuir tem se agravado nas últimas décadas. A amizade e a troca são a base das relações, sendo mais valorizadas do que o dinheiro. As pessoas tornaram-se solidárias, pois a luta pela sobrevivência é diária, tendo como opositor a Grande Floresta. A vida só lhes é assegurada através da união, pois individualmente não há força para vencer a as dificuldades impostas pela selva, precisam do outro.

Eduardo Carreira do Santos; Evelyn Fay Gomes.



Dificuldade de aprendizagem e o professor de educação infantil: uma leitura em Psicologia Escolar.

Este trabalho refere-se à criança com dificuldades de aprendizagem no contexto da Educação Infantil. O objetivo foi o de verificar como os professores de educação infantil intervêm em crianças com queixa escolar. Dez entrevistas foram realizadas, onde se aplicou um questionário, com professores que atuam em instituições que atendem crianças provenientes da população de baixa renda. As informações foram organizadas a partir de temas abordados pelos entrevistados referentes aos requisitos necessários a atuação do professor, qual sua forma atual de atuação e como intervêm em problemas de aprendizagem. A análise das questões propostas por este trabalho, teve como pano de fundo o contexto histórico da educação no Brasil e as novas propostas de ensino na Educação Infantil. Os professores não citaram a formação acadêmica como um dos principais requisitos para sua atuação. Percebeu-se que sua formação profissional é deficitária, interferindo em prática. Demonstraram dificuldades em identificar os problemas de aprendizagem e o que ainda se constata é a sugestão de intervenção em psicologia clínica. Concluímos que a presença do psicólogo escolar, no contexto da educação infantil, pode não só ajudar a minimizar as dificuldades do professor bem como problemas de aprendizagem, e colaborar no processo de transição e adaptação dos profissionais e das instituições às novas propostas na Educação Infantil no Brasil.

Ferreira, Suely S.; Costa, Maria de Lourdes S.; Ribeiro, Mônica C.F.

Universidade Paulista.



Dificuldade de aprendizagem na escrita num grupo de crianças do ensino fundamental.

Estudos anteriores evidenciam que as dificuldades de aprendizagem foram e ainda hoje são identificados das formas as mais variadas. Algumas crianças chamam atenção devido ao fato de estarem defasadas em dadas tarefas específicas como a escrita, se comparadas com seus colegas de classe ou idade, ou uma dificuldade geral, quando a aprendizagem é mais lenta do que a média das crianças em uma série de tarefas; outras, por sua vez, foram identificadas em razão de um comportamento inadequado. No Brasil é alarmante o número de crianças que apresentam alguma dificuldade na aquisição da escrita. Sendo assim, objetivou-se utilizar um instrumento de avaliação de dificuldade na aprendizagem da escrita (ADAPE) em 60 alunos da 2ª série do ensino fundamental de duas escolas públicas da cidade de Uberlândia-MG. O texto da escala de Avaliação de Dificuldades na Aprendizagem da Escrita (ADAPE) foi construído e validado por Sisto (2000) e ficou constituído por 114 palavras, com 60 delas apresentando algum tipo de dificuldade classificada como encontro consonantal, dígrafo, sílaba composta e sílaba complexa e 54, não. Cada uma das palavras foi considerada um item ou unidade de medida para efeitos de pesquisa. A aplicação do ditado foi feita pelas professoras das duas classes de 2ª série, juntamente com um experimentador, depois de instruídas para informar aos alunos que eles iriam fazer um ditado, e que seria ditada uma palavra de cada vez e nenhuma delas seria repetida e, por isso, deveriam prestar bastante atenção. O tempo médio de duração da aplicação foi de aproximadamente 20 minutos. Para correção dos ditados, cada palavra foi considerada uma unidade e qualquer erro ortográfico ou ausência de palavra foi considerado erro, assim como acentos e letras maiúsculas e minúsculas indevidas, sendo a soma dos erros a pontuação de cada criança. Alguns critérios: de classificação foram considerados: sujeitos sem indícios de dificuldade de aprendizagem, pertencentes a categoria zero, com até 20 erros; início de indicação de dificuldade de aprendizagem leve (significa que a criança ainda está terminando o processo de alfabetização), pertencente a categoria 1, entre 21-49 erros; dificuldade de aprendizagem leve (categoria 2), entre 50 a 79 erros e dificuldade de aprendizagem média (categoria 3), com 80 ou mais erros. Os resultados demonstraram que dos 60 sujeitos participantes, 5 crianças foram classificadas na categoria sem indício de dificuldade de aprendizagem; 38 crianças na categoria início de indicação de dificuldade de aprendizagem leve; 14 crianças na categoria dificuldade de aprendizagem leve e 3 crianças na categoria dificuldade de aprendizagem média. Os dados apontam, portanto, que a maioria dos sujeitos de 2ª série (n=38) apresenta início de indicação de dificuldade de aprendizagem leve, o que significa uma defasagem do processo de alfabetização desse grupo de sujeitos. Isso sugere que novas estratégias de ação devem ser desenvolvidas pelo professor junto a seus alunos no sentido de minimizar eventuais dificuldades de aprendizagem na escrita, uma vez que a quantidade de crianças que não se alfabetizam nem na primeira, nem na segunda série é bem maior do que se propaga pelos meios de comunicação.

Claudia Araújo da Cunha; Karine Alves de Oliveira Botelho; Karla Cristina Martins; Scheila Maria Ferreira da Silva.

Universidade Federal de Uberlândia.



Dificuldades de escrita e sua relação com aspectos funcionais do ego.

Pensando nas dificuldades que envolvem a aquisição da língua escrita, juntamente com o fato de que a alfabetização é uma das prioridades do início da escolarização e a escrita representa um meio de comunicação importante em termos pessoais, culturais e sociais que este trabalho pretende verificar as possíveis relações existentes entre dificuldades de escrita e aspectos funcionais do ego em crianças de 3º série do ensino fundamental, partindo do pressuposto que os aspectos intrapsíquicos podem afetar tanto as suas relações sociais quanto o seu desempenho acadêmico num momento em que a criança está em processo de aquisição e uso da linguagem escrita. Para tanto teremos como sujeitos 100 crianças da 3º série. Utilizaremos para coleta de dados: ADAPE – Teste de avaliação de dificuldades de escrita, o teste desiderativo e o questionário de autoconceito. A pesquisa se encontra na fase de análise dos dados.

Thelma Pontes Borges; Selma de Cássia Martinelli.

UNICAMP; CNPQ.



Dificuldades no ensino da teoria e técnica de Rorschach para acadêmicos de psicologia.

O ensino de técnicas de avaliação psicológica nas disciplinas do curso de graduação em psicologia não apresentam, em si, um grau de dificuldade que seja significativamente maior do que as das demais disciplinas desses cursos. Tal afirmação, entretanto, não pode ser feita quando lidamos com o ensino das teorias que embasam os referidos testes, principalmente quando nos remetemos às técnicas projetivas, como é o caso da Técnica das Manchas de Tinta de Rorschach. As técnicas projetivas sustentam-se justamente sobre o fenômeno da projeção - um dos elementos estruturais da personalidade humana - elas revelam a organização dessa estrutura, incluindo outras características, tais como afetividade, energia psíquica, recursos mentais, adaptação ao meio, etc. Neste trabalho, pretende-se realizar uma reflexão acerca de como a teoria e a prática da técnica de Rorschach mobilizam alguns conteúdos inconscientes dos estudantes submetidos a ela, gerando um alto nível de ansiedade entre eles. Isso cria, no contexto coletivo de sala de aula, dificuldades no desempenho dos estudantes e no andamento da atividade pedagógica de ensino da Técnica. O impacto das lâminas, muitas vezes, provoca sentimentos de raiva, insegurança, incerteza, temor, afeição, etc. Em uma situação clínica, não haveria problemas no despertar de tais sentimentos, já que, após a aplicação do teste, o indivíduo não mais tem contato com o material produzido, ficando o mesmo sob a responsabilidade do psicólogo. Na situação de ensino da teoria e da técnica de Rorschach, contudo, muitas vezes o estudante corrige seu próprio protocolo, entrando em contato contínuo com seus próprios conteúdos projetivos, o que pode fazer com que tais conteúdos sejam intensificados, surgindo um sentimento de angústia pela continua confrontação consigo mesmo. Quando o estudante experimenta a inabilidade para lidar com seus sentimentos, acaba por proteger-se através dos mais variados mecanismos de defesa do ego, que em alguns momentos transformam-se em movimentos de rejeição ou resistência à própria técnica ou ao docente que a ensina, o que, em se tratando de um processo pedagógico, prejudicando o desenvolvimento do processo de aprendizagem.

André Luiz Picolli da Silva; Carla Maria Wojcikiewicz Caldas; Roberto Moraes Cruz.

UFSC.



Dificuldades sexuais femininas: algumas causas.

Introdução: O principal objetivo nesta pesquisa é identificar algumas das causas que levam as mulheres a terem dificuldades sexuais. Verificar se continuam a ser educadas de modo conservador, identificar se conversam abertamente sobre sexo com seus parceiros e avaliar de que forma se relacionam com o corpo. O trabalho foi fundamentado nos autores: Muraro, R.M. (1975); Fucs, G.B. (1998); Boudier, P. (1999); Freitas, M.E. (2000); que tratam da influência dos aspectos político, social e econômico na sexualidade; dos preconceitos e mitos em relação ao sexo; da dominação masculina; do assédio moral e sexual. **Método:** O método utilizado foi misto (quantitativo e qualitativo). Na pesquisa quantitativa usamos como instrumento de coleta, um questionário contendo onze questões fechadas e na sua maioria dicotômicas, que buscou verificar a opinião de cem mulheres em relação à sua sexualidade. Esse questionário foi construído a partir de duas entrevistas piloto, realizadas com duas mulheres universitárias de vinte e um e quarenta e três anos. Devido as diferenças de opiniões entre essas mulheres decidimos utilizar como técnica de amostragem a não probabilística estratificada para podermos estabelecer comparações. Os resultados foram trabalhados em forma de tabelas e gráficos. Na parte qualitativa, optamos por fazer uma entrevista semidirigida selecionando os principais tópicos a serem tratados, e deixando a entrevistada responder livremente. Escolhemos mulheres pertencentes as duas faixas etárias, com o objetivo de avaliar possíveis diferenças entre elas. Posteriormente foi feita uma análise qualitativa das entrevistas. **Resultado:** Quanto aos resultados obtidos na pesquisa quantitativa, 56% das participantes entre 30-45 anos acreditam que a mulher tem dificuldades em sentir prazer sexual; já entre as participantes de 18-25 anos 48% concordam com esta afirmação. Entre as participantes da maior faixa etária 96% acreditam que a terapia é um recurso válido na busca de solução para superar as dificuldades sexuais e, 88% da menor faixa etária têm a mesma opinião. O hábito de conversam abertamente sobre sexo com o parceiro é comum entre 34% das participantes da maior faixa etária e para 52% das participantes da menor faixa etária. A educação recebida na infância foi conservadora para 76% das mulheres da maior faixa etária e para 56% da menor faixa etária. Sobre a possibilidade da mulher reprimir a sua sexualidade por vergonha do próprio corpo, na maior faixa etária 56% acreditam que seja possível e na menor faixa etária 60% concordam. Através da pesquisa qualitativa, podemos perceber que as duas entrevistadas receberam uma educação sexual conservadora. A dependência em relação ao corpo ideal é apontada pelas entrevistadas como geradora de dificuldades sexuais, pois elas afirmam que sentem vergonha do próprio corpo. Quanto a conversar abertamente sobre sexo com o parceiro, a entrevistada da menor faixa etária alega que tem esse hábito, mas existe uma contradição quando ela diz que prioriza o parceiro e sente dificuldade de pedir o que deseja. A entrevistada da maior faixa etária afirma que os homens da sua idade têm dificuldades em se relacionar com uma mulher independente e que por isso teve alguns relacionamentos com homens mais jovens.

Gomes, J.B., Haddad, A.H.M.C., Junqueira, G.N., Mello, G.A.S., Schiefer, G.M.

Universidade São Marcos.



Dimensão afetiva, segundo a concepção de Emílio Romero, da pessoa com surdez adquirida antes e após o uso do implante coclear.

Este estudo teve como objetivos averiguar a dimensão afetiva em pacientes adultos com surdez adquirida, antes e após o uso do implante coclear, indicando a ocorrência de alterações nesta dimensão e investigá-las, especificamente, nas modalidades dos sentimentos egóicos, sentimentos em relação ao próximo, sentimentos de temporalidade e estados de ânimo, antes e após o uso do implante coclear. Participaram 44 adultos de ambos os sexos que realizaram o implante coclear multicanal no Centro de Pesquisas Audiológicas do Hospital de Reabilitação das Anomalias Craniofaciais da Universidade de São Paulo de Bauru. Concluiu-se que, na vivência da surdez houve um predomínio dos sentimentos negativos e de um clima afetivo de tensão e depressão, levando o sujeito a uma vinculação negativa, de assintonia com o mundo. Por outro lado, na vivência com o implante coclear multicanal houve um predomínio dos sentimentos positivos e de um clima afetivo de tranquilidade e contentamento, levando o sujeito a uma vinculação positiva, de sintonia com o mundo, indicando a ocorrência de alterações estatisticamente significativas na dimensão afetiva antes e após o uso do implante coclear multicanal.

YAMADA, M.O., BEVILACQUA, M.C.

USP.



Dinâmica de Grupo em sala de aula.

Este trabalho vem sendo desenvolvido com turmas de Ciências Contábeis, desde 1994, na disciplina de Psicologia das Relações Humanas. Seu objetivo é trabalhar o conteúdo utilizando-se como principal recurso didático exercícios de Dinâmicas de Grupo e Jogos Psicodramáticos. No percurso deste trabalho com turmas na Universidade Federal e UNIRONDON, em Cuiabá, sentiu-se a necessidade de modificar a forma de trabalhar a disciplina por acreditarmos na proposta, apresentando o conteúdo de forma mais prática proporcionando melhor entendimento e aceitação, o que vem fornecendo resultado satisfatório. No início do trabalho, o programa da disciplina era realizado trabalhando-se o conteúdo teórico através de aulas expositivas e seminários, porém utilizava-se alguns exercícios de Dinâmica de Grupo e de Jogos Psicodramáticos pois sentíamos essa necessidade para melhor fixação e conseqüente entendimento da disciplina. Mas, por acreditarmos na validade e importância da utilização de tais recursos, a metodologia inicial nos incomodava e sentíamos também um certo desconforto por parte dos alunos. Conseqüentemente, procuramos fazer modificações na forma de trabalhar o conteúdo e, fomos percebendo cada vez mais os discentes se interessando. Num segundo momento, fizemos a proposta de trabalharmos a disciplina de forma alternada com cada metade da turma, pois facilitava a execução do trabalho em grupo. Solicitamos ao Departamento de Contábeis e conseguimos, uma sala maior para que nas aulas de Relações Humanas tivéssemos maior liberdade para vivenciar as técnicas de grupo. Propusemos também concentrar a carga horária que antes era anual em semestral e dividirmos a carga horária em 3 etapas, assim distribuídas: 1º momento trabalha-se o conteúdo teórico, no 2º momento, com seminários, e no 3º momento tem-se trabalhado com um curso de relações interpessoais, totalmente vivencial, havendo sempre o processamento e o feedback a cada exercício e/ou jogo trabalhado. Resultados positivos puderam ser observados através do aumento efetivo da presença dos alunos às aulas e pelos depoimentos dos mesmos, relatando a redução da resistência que tradicionalmente possuem às disciplinas de formação humana., assim como A utilização adequada das técnicas de D.G ajudaram os alunos a se sensibilizarem para a importância que a Psicologia das Relações Humanas tem no desenvolvimento de habilidades e competências necessárias para a formação do perfil profissional do Contador. Através dos relatos das experiências em sala de aula constatamos que ao mudar a sua percepção o aluno muda também suas atitudes no âmbito das Relações Humanas, tornando-se mais eficaz e produtivo nos seus relacionamentos.

Janes Santos Herdy; Léa Lima Saul.

Universidade Federal Fluminense; Faculdade UNIRONDON - Cuiabá.



Dinâmica familiar de adolescentes com úlcera péptica.

Introdução: A literatura especializada tem destacado a importância dos fatores psicossociais no desenvolvimento da úlcera péptica, no entanto, existem poucos trabalhos que estudam tal enfermidade na adolescência. As acentuadas perdas e transformações biológicas, psicológicas e sociais nesta etapa do desenvolvimento, influenciam diretamente o comportamento como também podem influenciar a evolução de muitas patologias. Quando os adolescentes possuem estrutura de personalidade frágil com problemas familiares, geralmente recorrem a mecanismos regressivos na solução de seus conflitos. O sentimento de incapacidade costuma acompanhar os jovens que sofrem de transtornos psicossomáticos gastrointestinais, utilizando as vísceras para expressar amor, ódio, dependência, punição, frustrações e outros sentimentos positivos ou negativos. A vulnerabilidade biológica, as variáveis psicológicas e situações de estresse social, sem dúvida levam a doença física, no entanto, não se pode manter uma concepção monocausal na etiologia da doença, valorizando apenas um aspecto em detrimento do outro. Em um quadro clínico há uma diversidade de fatores que se inter-relacionam. **Objetivo:** Com o intuito de colaborar para o estudo da úlcera péptica em adolescentes, o presente trabalho tem por objetivo, analisar a dinâmica familiar de duas adolescentes de 16 anos, com diagnóstico endoscópico positivo de úlcera péptica gastroduodenal, encaminhadas à Clínica Psicológica do UniFMU. **Método:** Para a realização do estudo de caso foram realizadas entrevistas com os pais e com as adolescentes, analisadas segundo o referencial Psicanalítico. **Discussão:** O estudo sugere que as adolescentes apresentavam estrutura de personalidade frágil com conflitos familiares, destacando a falta de apoio e incentivo para o exercício da independência e autonomia, recorrendo assim a mecanismos regressivos na solução de seus conflitos. Demonstraram angústia em relação ao futuro, considerando-o perigoso. Esse sentimento é compartilhado pelos pais que temem o futuro das filhas, demonstrando atitudes de superproteção. As figuras paternas apresentavam passividade e insegurança sendo dominados pelas figuras maternas que agiam de modo contraditório com as filhas; ora superprotegendo ora agredindo. Pode-se ainda observar acentuada dificuldade em aceitar o crescimento da filha, justificando seus atos por meio de racionalizações. Em ambos os casais evidenciam-se conflitos no relacionamento apoiando-se na dependência das filhas para justificar o casamento.

ROSSETTO, Maria Ângela Colombo; HAMES, Suley Lopes; ROSSETTO JR. José Augusto; COELHO, Armando Chibante Pinto.

UniFMU.



Dinâmica familiar de crianças de uma escola pública da cidade do Recife.

Este trabalho pretende investigar e analisar a dinâmica familiar de crianças de uma escola pública da cidade do Recife. Entende-se por dinâmica familiar a forma de funcionamento da família, abrangendo motivos que viabilizam esse funcionamento, as relações hierárquicas estabelecidas com relação ao poder, as relações afetivas, a organização e desempenho dos papéis familiares. Para alcançar estes objetivos foram utilizados como instrumentos o Desenho da Família com Estórias (DF-E) e a Entrevista do Genograma. Esta pesquisa faz parte de um projeto mais amplo onde foi tomada, como amostra 15% das 330 crianças que estudavam em uma escola pública, no turno da manhã, na faixa etária de 6 à 11anos e um de seus pais (preferencialmente a mãe e na ausência desta pai ou adulto responsável), resultando num total de 50 crianças e 50 adultos. Para o estudo da dinâmica familiar foi tomado 20% desta amostra inicial, o que resultou em 20 sujeitos, sendo 10 crianças e 10 adultos. A amostra foi selecionada aleatoriamente. O DF-E foi aplicado individualmente em criança. Após a aplicação do DF-E foi feita a Entrevista do Genograma, preferencialmente com a mãe das mesmas. Quando isto não era possível a entrevista era realizada com outro responsável pela criança. Esta também foi feita de modo individual. A análise foi qualitativa. Inicialmente procedeu-se uma análise caso a caso, posteriormente foi feita uma análise do conjunto dos casos reunindo os dados coletados através dos desenhos das crianças e das entrevistas com seus pais com o fim de conseguir subsídios que permitissem compreender a dinâmica das famílias em questão. Através da análise percebeu-se que a dinâmica de grande parte dessas famílias está girando em torno das mulheres, isto é, as mulheres estão se tornando figuras fortes e marcante dentro dessas famílias. Não há delimitação dos papéis e sim uma flutuação na ocupação desses lugares, quer dizer o pai, a mãe ou uma avó pode exercer tanto o papel do provedor quanto o do afeto. Os cuidados com as crianças são compartilhados por todos, a criança não é responsabilidade só do pai ou da mãe, mas também de uma tia, madrinha. Isso demonstra a solidariedade existente nestas famílias. As figuras masculinas aparecem de forma fragilizada, o álcool, a agressividade e os conflitos são vistos como coisas do cotidiano.

Damasceno, Prisciany Ramos; Amazonas, Maria Cristina L. de A.

UNICAP; CTCH.



Dinâmicas de grupo e relações humanas: desafios e perspectivas da intervenção no ensino médio.

Este trabalho é produto de uma, presumivelmente não única, inovadora experiência de atuação em psicologia escolar, onde o espaço de ação não se restringe à orientação psicoeducacional extraordinária, realizada em ocasiões específicas e geralmente extracurriculares. Nesta experiência, os estagiários de psicologia de uma instituição educacional privada de médio porte da cidade de Uberlândia, MG, tem a desafiante, difícil e gratificante tarefa de elaborar e executar um programa de intervenção psicoeducacional para alunos de oitava série do ensino fundamental ao segundo ano do ensino médio, para desenvolvimento em sala de aula, com horário semanal em meio à grade horária de cada turma. Desta forma, os alunos teriam, ao completar o segundo ano, aproximadamente 120 horas/aula da “disciplina” de Dinâmica de Grupo e Relações Humanas, durante os três anos letivos. Portanto, para levar a cabo tal perspectiva de intervenção, os estagiários se envolveram na tarefa de levantamento das necessidades específicas ou prioritárias de cada turma, o que, sem amparo suficiente da literatura, se revelou uma tarefa fundamentalmente interdisciplinar, onde foi imprescindível o auxílio de professores e equipe pedagógica. Assim, algumas decisões um tanto quanto arbitrárias se fizeram necessárias, ao passo que certas necessidades se mostraram relevantes às três turmas: por exemplo, educação sexual e planejamento de estudos (para oitava e primeiro ano), relacionamento familiar e para com a instituição (todas), disciplina (primeiro e segundo anos, com maior número de alunos), escolha profissional (continente da angústia do segundo ano), identidade grupal (especialmente no primeiro ano, quando a escola recebe muitos alunos novos). Outros temas, como criatividade, avaliações de desempenho, relaxamentos, preconceitos, aprendizagem, desenvolvimento de raciocínio lógico-matemático, de expressão corporal, relacionamento inter e intrapessoal são desenvolvidos em atividades variadas, por todas as turmas. Após a determinação das metas de trabalho para as turmas, o maior desafio foi a resolução do rol de técnicas necessário para a execução destas, buscando uma variação suficiente para abarcar a heterogeneidade de estilos de aprendizagem e perfis dos alunos, além do grande número de encontros a serem realizados, da oitava ao segundo ano, que ainda não são as únicas atividades da equipe de psicologia. O repertório, que é constituído basicamente de dinâmicas de grupo, inclui técnicas de psicodrama, desafios cognitivos, jogos diversos e debates, na ânsia de mobilizar o maior número possível de alunos, dado que os encontros ocorrem sem divisões da turma, o que se torna um dos maiores desafios do programa. Outra dificuldade é sentida com relação à própria coordenação da escola, que passa a tratar os psicólogos como professores, gerando uma relação conflituosa sobre expectativas e necessidades de cada parte. Como pontos fortes do programa, pode-se ressaltar a ampliação da área de atuação, a facilidade da observação de necessidades psicoeducacionais, in loco, sem o viés dos professores, a formação de um amplo vínculo com os alunos que, em outras propostas, poderiam passar imunes aos esforços da equipe, a facilidade encontrada para a motivação destes às atividades extraclasse, além da desmistificação da psicologia escolar e seu papel na educação, aqui bem aceito por discentes, docentes e direção.

Maiango Dias; Tatiana Martins de Aquino; Walter Mariano de Faria Silva Neto.

UFU; UNIPAM.



Discriminação sentida por homossexuais e sua relação com a Identidade de Gênero.

Assiste-se nestas últimas cinco décadas, nos países ocidentais, a um forte desenvolvimento de leis e normas sociais que pretendem garantir os direitos de todos os cidadãos e que, portanto coíbem a discriminação explícita de grupos minoritários. Assim, nas sociedades modernas, atos explícitos de discriminação racial, religiosa e étnica são publicamente condenados e proibidos por lei. No que se refere a minorias sociais, particularmente as minorias sexuais, os avanços na tolerância e nas atitudes igualitárias são ainda menores. Frank e McEneaney (1999) constataram nos últimos 20 anos, entre as 86 nações que estudaram, uma tendência à descriminalização das relações entre pessoas do mesmo sexo. Contudo, também verificaram uma grande variedade na forma como as relações homossexuais são tratadas. Enquanto em certos países a Constituição assegura um conjunto de direitos aos homossexuais, noutros as práticas homoeróticas são punidas severamente. Neste sentido, embora a Constituição brasileira proclame a promoção do bem-estar de todos sem distinção de raça, sexo, idade e origem, talvez, no Brasil de hoje, como afirmam Almeida e Crillanovick (1999), “não seja absurdo dizer que ser ou não ser homossexual ainda é uma questão bem mais afiltiva que ser ou não negro, deficiente físico, mulher”. Sob uma perspectiva psicossociológica, diversas explicações sobre os diversos eventos sociais estão ligados aos interesses e práticas sócio-culturais de setores específicos da sociedade. Neste sentido, realizou-se um estudo com 125 sujeitos de orientação sexual homossexual do sexo masculino militantes e não militantes do MEL (Movimento do Espírito Lilás, situado na cidade de João Pessoa). O instrumento foi composto por perguntas relacionadas à identificação com os homossexuais, à Participação e Identidade Social, à Discriminação sentida em relação aos diversos grupos e às Causas da Homossexualidade (Lacerda, 2000). Em relação às escalas de Participação e Identidade Social, foram feitas Análises Fatoriais pelo método Principal Axis Factoring com rotação Varimax, que apresentaram três fatores: Sócio-Político, Religioso-Familiar e Relação de Pares. No que concerne às respostas a cerca das Causas da Homossexualidade, quatro explicações foram encontradas: Ético-Religiosa, Fisiológicas, Social e Psicológicas; em relação ao modelo proposto por Lacerda (2000), nota-se que as causas éticas e religiosas, neste estudo se apresentam compondo um único fator. Em se tratando da Escala de Discriminação sentida em relação a diversos grupos, observou-se configurado em três grupos de relações: o grupo de relações Sociais, o grupo de relações Institucionais e o grupo de relação Interpessoal. Os cálculos de correlações múltiplas indicam que a identificação e participação na militância, a identificação com as mulheres e a identificação sócio-política leva a uma maior identificação do sujeito com os homossexuais. Já em relação às causas, observa-se que acreditar em causas ético-religiosas, fisiológicas e psicológicas gera insatisfação com a orientação sexual, neste mesmo sentido a insatisfação do sujeito está relacionada com a discriminação sentida nas relações sociais.

Aline Machado; Ellen Pedrosa; Adriana Santos; Joselí da Costa; Leoncio Camino.

Universidade Federal da Paraíba.



Distrofia Muscular de Duchenne: estudo de caso em família.

Este trabalho resultou da experiência psicoterápica no atendimento à mães e crianças portadoras de Distrofia Muscular de Duchenne (DMD), síndrome que recebeu este nome em função do neurologista Duchenne de Boulogne (1806-1875), que a identificou. A referência teórica alicerçou-se no Psicodrama. Discutir intervenção psicoterápica focalizando a DMD versa sobre temática pouco explorada no contexto da psicologia brasileira. Quando se realizou levantamento em base de dados internacional (PsycINFO) é que o panorama tendeu a ser diverso, mas ainda assim limitado. Durante todo o século XX, por exemplo, constatou-se 85 produções científicas com referência a essa síndrome. É uma patologia genética, ligada ao cromossomo X, que provoca no músculo a falta da proteína distrofina, o que ocasiona prejuízo e incapacidade nos movimentos; o genitor feminino é portador do gene; a incidência da doença, de acordo com alguns estudiosos, é de um para três mil, em nasciturnos masculinos, mas também pode ocorrer por mutação do gene, sendo nestes casos de um para dez mil nasciturnos. Talvez por constituir-se de uma síndrome relativamente rara, ou por ser considerada demanda de outras áreas, há indícios de que a DMD não tem sido focalizada nos cursos de formação de psicólogos. As áreas biomédicas são indicadas quase que imediatamente após o diagnóstico, mas aspectos psicológicos, por vezes, têm sido pouco considerados, o que pode se relacionar ao prognóstico negativo da doença, ou ao desconhecimento de quais benefícios uma intervenção psicológica poderia oferecer. No que se refere ao estudo de caso, foi desenvolvido junto a dois irmãos com DMD, com oito e dez anos de idade, e sua mãe, no interior paulista. Devido às vicissitudes da síndrome, os atendimentos se davam em uma instituição para portadores de necessidades especiais (APAE). Essa prática constantemente apontou para o fato de que a DMD figurava como uma espécie de monstro invisível e misterioso a agir sorrateiramente, onde o interjogo das relações familiares se presenciava a todo momento. Para as crianças e a mãe, o papel materno se mostrou configurado como ego-auxiliar, insubstituível. Percebeu-se que o drama de ser “agente do mal”, já que era a “portadora” do gene causador da doença, estava presente em sua lida com os filhos. Já o pai, ausentava-se como figura provedora de afeto, talvez por não suportar a dor e a impotência frente à gravidade da patologia. Embora as diferenças entre os dois irmãos fossem marcantes quanto à “linguagem” usada no convívio com a DMD, bem como a da mãe, apresentavam algo em comum: a força de guerreiros que os impelia a lutar pela sobrevivência, pela sanidade e pela saúde, assim como para existirem numa sociedade que se mostrava a eles como excludente e despreparada para lidar com as suas diferenças. Percebeu-se que a intervenção psicoterápica junto à tríade possibilitou que se fortalecessem, de modo que se autorizassem a existir de modo mais integral e se fizessem, dentro de suas limitações, cidadãos. Viabilizou, ainda, a construção de possibilidades de viverem junto às suas famílias, com ganhos de qualidade de vida, mesmo tendo a morte à espreita.

ANDRADE, Irene Rodrigues de; BELGA, Roseli Ap.

Universidade de Franca; Universidade Estadual de Campinas.



Do Autor e Do Leitor: quando se encontram navegando.

Esta pesquisa se inscreve no campo de interlocução entre as ciências cognitivas e tecnologias de informação, tomando como foco a função autor em um ambiente telemático de aprendizagem coletiva. O objetivo geral é identificar transformações no Campo Conceitual (Vergnaud, 1994) de alunos(as) de graduação convocados(as) ao exercício de uma comunicação escrita mediante o uso de meios telemáticos na dinâmica de uma ecologia cognitiva. Especificamente, buscamos explorar métodos de análise para mapear a articulação conceitual de cada sujeito produzida neste ambiente, inferindo-se o processo de aprendizagem. Justificamos esta iniciativa pelos resultados de pesquisas anteriores (Maraschin, Smith, Mesquita e Ferreira, 2000) que evidenciaram que a interlocução entre participantes em um ambiente telemático propicia a construção de uma instância de autoria singularizada diferenciada a do ambiente presencial, que se constitui através de uma organização autopoietica narrativa (Maturana e Varela, 1992; Maraschin, Smith, Mesquita e Ferreira, 2000). Através de uma Home Page na Internet, foi ministrada a disciplina de Psicologia Escolar e Problemas de Aprendizagem-1, do curso de Psicologia da UFRGS. Oito alunos participaram da experiência. A interlocução entre os participantes realizou-se através de uma lista de discussão. 175 narrativas foram coletados desta lista. A análise do Esquema Conceitual (Vergnaud, 1994) destas narrativas ocorre mediante a construção a posteriori de mapas conceituais, estruturados em torno de conceitos-chave, agrupados sob os super-conceitos-chave: Educação e Infância. Os resultados deste método de análise permitiu dar visibilidade à articulação do esquema conceitual. Demonstrou-se que o mapeamento do processo de articulação conceitual é indicativo de movimento autopoietico que reorganiza e amplia a rede de sentidos dos conceitos. A organização autopoietica narrativa se realiza a partir dos conceitos-em-ação que forma esta rede de sentidos dos conceitos, potencializando a função autor, pois neste ambiente de aprendizagem coletiva via Internet a intertextualidade incita novas regras de ação. Além disso, pela crescente complexificação dos conceitos, nosso método de análise propicia inferir o processo de aprendizagem em sujeitos que participam de uma ecologia cognitiva via Internet.

Daniel Vaz Smith; Cleci Maraschin.

UFRGS.



Do caos ao cosmos: o “elemento” cognitivo no processo de socialização.

O principal objetivo de nossa pesquisa-intervenção é contribuir para a explicação do comportamento de crianças, geralmente, classificadas como “psicóticas”, “borderline” e, muitas vezes, “débeis mentais”. Essas crianças apresentam um comportamento oscilante: ora parecem normais ora apresentam um comportamento e um discurso caóticos. Não raras vezes, são impulsivas, apresentam reações agressivas e condutas anti-sociais. A não adaptação ao ambiente escolar tem contribuído para a exclusão social dessas crianças e é a razão mais freqüente de encaminhamento para atendimento psicológico. Nosso ponto de partida é a idéia defendida por Piaget (1954) sobre a heterogeneidade e indissociabilidade das funções cognitivas e afetivas, visto que são de natureza distinta, mas estão sempre presentes na conduta humana. Nossa contribuição consiste em chamar atenção para o papel do elemento cognitivo nesse tipo de comportamento. Consideramos, especialmente, a afirmação de Ramozzi-Chiarottino (1994) de que a insuficiente construção das noções espaço-temporais e causais “determina a não-organização da experiência vivida, a qual impede a organização de um comportamento coerente e, portanto, da integração psicossocial, da socialização e, sobretudo, da organização da vida afetiva.” Neste trabalho, apresentamos alguns resultados de um estudo de caso. Há mais de dois anos observamos e registramos, sistematicamente, o comportamento e o discurso de um menino que, quando iniciamos este estudo, tinha 10 anos e 8 meses. Esse menino freqüentava classe especial desde os 7 anos, sem apresentar progressos significativos tanto no que diz respeito aos aspectos intelectuais quanto ao seu comportamento social. Ele fora encaminhado para uma escola especial e, até mesmo, para um hospital psiquiátrico, sendo que, em todos esses serviços, foi-lhe dito que ali não era o “seu lugar”. A partir das pesquisas de Piaget (1937) sobre a construção do real e de estudos sobre as crianças que não aprendem (Chiabai, 1990; Montoya, 1996; Affonso, 1998) desenvolvemos nossa intervenção através da organização de brincadeiras que propiciassem a construção adequada das noções de espaço, tempo e causalidade. Além disso, criamos uma técnica para avaliar as mudanças observáveis no discurso, em função do surgimento dos primórdios dessas noções: a solicitação à criança da narrativa de histórias a partir de figuras por ela previamente conhecidas. Os resultados obtidos até o momento indicam que a construção adequada das noções espaço-temporais e causais é condição necessária para o comportamento e o discurso coerentes.

Lia Beatriz de Lucca Freitas; Zelia Ramozzi-Chiarottino; Miriam Rauber Baumgarten.

UFRGS; USP; CNPq; PIBIC.



Do casal recasado à família recasada.

É crescente o número de separações e recasamentos, trazendo importantes repercussões no relacionamento familiar. Este estudo, derivado de uma dissertação de mestrado, objetivou examinar a transição do casal recasado para a família recasada. Destacou-se especialmente às expectativas em relação à paternidade, pela configuração familiar escolhida, onde o futuro pai já possuía filho(s) de casamento anterior, os quais não moravam junto com o casal. Realizou-se entrevistas semi-estruturadas com oito casais recasados, examinando a história e dinâmica do casal e as expectativas dos futuros pais e mães em relação à paternidade. Na história dos casais, percebeu-se que apenas dois não haviam planejado a gravidez. As mulheres, em especial, demonstraram de forma explícita seu desejo de serem mães e todas, com exceção de uma, afirmaram ter escolhido o nome do bebê. Chamou bastante a atenção que todos os pais referiram-se ao(s) filho(s) do casamento anterior no momento em que lhes foi solicitado que falassem da gravidez da esposa. Manifestaram, também, espontaneamente, o desejo de agir com o filho atual da mesma forma como agiram com seu(s) primeiro(s) filho(s). Nas mulheres, destacou-se uma tendência a desvalorizar a experiência de paternidade anterior do marido, deixando claro o desejo de que seu marido seja melhor e diferente com o bebê que está por nascer. Tomados em conjunto, os resultados apontam para as especificidades do processo de transição do casal recasado para a família recasada, especialmente, as diferentes expectativas e representações que cada parceiro traz em relação ao filho e à nova família em construção.

Mirna Maria Nicolai Branco.

Universidade de Passo Fundo.



Do Medo ao Amor – Uma Experiência de Culpa e Graça no Plano Religioso.

Pretende a autora, dentro de uma abordagem junguiana, refletir sobre o desafio do Psicólogo em lidar com a experiência religiosa e a psique humana, respeitando o Mito Cultural do paciente. Considerando nosso momento histórico, com o surgimento de inúmeras e diferentes Seitas e ainda com escândalos emergindo nas Instituições Religiosas Seculares, o homem continua buscando um encontro com Deus para o Caminho da Individuação. Existe uma demanda de busca, onde muitas vezes se desenvolvem bloqueios psíquicos na confluência do homem e sua religiosidade. Quando a experiência religiosa é projetada fora de si mesmo, nas relações familiares e/ou nos dogmas Institucionais, ambos com seus possíveis entraves, fica perceptível o trajeto distorcido e aprisionador da dimensão do Sagrado. Metodologicamente será apresentado, como ilustração para a questão acima, um caso clínico, focado na interpretação de dois sonhos. O caso relatado teve duração aproximada de dois anos, e nesse processo foi possível lidar com vários conflitos sobre amor e “pecado” e ainda toda uma dinâmica frustrante gerada por culpas, ansiedade, sentimentos de impotência e morte. Como conclusão, evidenciou-se o quanto pode ser restabelecedor poder enfrentar essa imagem interna, de um Deus Terrível, para que se possa ultrapassar as questões doutrinárias e alcançar assim uma ressignificação pessoal da dimensão do Sagrado. No caso relatado, fica evidente essa transformação, esse encontro pessoal com Deus, desfazendo Complexos, o que permitiu à paciente sentir o Amor e a Graça de Deus, ao invés de temê-Lo. Outrossim, esta transformação muito alicerçou sua auto-estima, bem como suas posições frente ao viver, incluindo a liberdade, a criatividade e o prazer de, sem culpas, traçar seu destino pessoal.



Do medo ao respeito: a relação interpessoal entre professor-aluno como elemento favorecedor da aprendizagem.

O presente trabalho surgiu da premissa de que vínculo professor-aluno constitui-se no elemento chave para a sustentação da vida escolar. Uma das conseqüências de se assumir tal premissa é a preocupação com o estabelecimento de relações interpessoais que favoreçam a melhor compreensão dos conteúdos trabalhados em sala. Baseado nos pressupostos do Behaviorismo Radical, é possível afirmar que à medida que a prática docente se afasta dos modelos coercitivos, ela favorece o surgimento de um espaço escolar no qual o docente possa desempenhar suas funções com autoridade e em um ambiente mais descontraído e livre da necessidade das práticas coercitivas para atrair a atenção do aluno. Partindo de tais pressupostos, foi planejada uma intervenção junto a um grupo de nove alunos de 4 e 5 anos de uma escola pública de Resplendor/MG. A professora queixava-se da indisciplina de alguns alunos e do excesso de timidez de outros. Procurou-se entender a prática educacional da escola, bem como o contexto de vida mais amplo dos alunos. Instrumentos tradicionais de diagnóstico não foram utilizados e tampouco a tentativa de se adestrar e ajustar os alunos a uma realidade estanque e inquestionável. Isso porque, sendo comportamento selecionado por suas conseqüências, é imprópria a sua qualificação como anormal ou patológico. Buscou-se, a partir de uma análise funcional dos comportamentos dos alunos e da professora, avaliar as diferentes situações tentando relacionar o comportamento do aluno (seu repertório, história de vida etc.) às características do meio onde era expresso (incluindo aqui o comportamento da professora). A alternativa discutida na modificação da situação foi o abandono das práticas coercitivas envolvendo castigos e sermões. Tentou-se implementar o diálogo e a postura de estimular a independência com responsabilidade. A professora não gritava e nem fazia cara de brava diante das crianças e sempre observava o comportamento delas diante de tais atitudes. Não se exigia demais dos mais tímidos e houve uma valorização dos aspectos criativos da bagunça dos mais agitados. Inicialmente foi observado um aumento na freqüência dos comportamentos agitados dos alunos tidos como indisciplinados e uma maior retração dos mais tímidos. Com o passar do tempo algumas modificações foram aparecendo e após 4 meses a situação já apresentava mudanças significativas. Trabalhando as noções de respeito pelos colegas, a professora conseguiu diminuir a ansiedade que alguns alunos apresentavam em situações de exposição fazendo com que os mais tímidos se mostrassem mais desinibidos. Dado que os comportamentos dos mais agitados não foram tidos como problemas, mas sim, como características de um contexto específico, a atitude da professora fez com que tais alunos passassem a discriminar algumas ocasiões para suas brincadeiras agindo de maneira a não deixar “a tia triste porque ela era muito boazinha”. Esses resultados sugerem a importância do estabelecimento de um vínculo baseado na “audiência não punitiva” e apontam para a necessidade de novas pesquisas que possam ajudar na compreensão dos vieses da relação professor-aluno.

Souza, F.; Souza, R. O. S.

FAESA – Faculdade de Ciências da Saúde de Vitória.



Drogas, sexo e rock na visão de jovens universitários.

É sabido que o uso de drogas psicotrópicas, em conjunto com música e comportamentos de cunho sexual é comum em diversas culturas, muitas vezes como forma de celebração. No entanto, a partir da década de sessenta, a trilogia sexo, drogas e rock'n'roll recebeu maior atenção de setores importantes da sociedade em função do movimento hippie. O objetivo desta pesquisa foi verificar a presença de preconceitos em universitários quanto à trilogia sexo, drogas e rock'n'roll, além de avaliar se existe diferença entre estudantes de um curso da área de Exatas e um curso da área da Saúde. Para tanto, 91 universitários com média de idade de 25 anos, sendo 47 estudantes de Matemática e 44 estudantes de Psicologia, foram avaliados através de um questionário contendo 18 questões de múltipla escolha e desenvolvido pelos próprios pesquisadores. As questões abordavam itens como: dados sócio-demográficos, gosto musical, posicionamento quanto ao uso de drogas e comportamento sexual. A aplicação do questionário foi feita coletivamente, em sala de aula com a previa autorização dos coordenadores dos cursos e dos professores que estavam em sala de aula. Os resultados indicam não haver relação entre preferência musical e consumo de drogas, sendo que não só os apreciadores de rock'n'roll citaram ter consumido algum tipo de droga psicotrópica. O teste do qui-quadrado não apontou haver diferença entre os cursos. Quando avaliados os preconceitos existentes em relação ao consumo de drogas, os sujeitos que afirmaram já ter consumido drogas discordam mais da frase "pessoas que usam drogas ilícitas têm mau caráter", já aqueles que afirmaram nunca ter consumido concordam mais com a frase "pessoas dependentes de medicamentos precisam de ajuda". Os resultados indicam que afirmações referindo o estilo musical como fator que influencia o consumo de drogas, tratam-se de uma visão equivocada nos dias de hoje, pois o consumo de substâncias psicoativas deve ser influenciado por uma multiplicidade de fatores, e não só o estilo musical preferido pelo sujeito. O mesmo ocorre quando se relaciona droga e o comportamento sexual.

Cristiane Cabrera; Gabrise B. de Moraes; Altemir Barbosa; Paulo Rogério Morais.

Universidade Braz Cubas.



"É fraquinha, mas é boa": uma análise do espaço escolar como refúgio.

O presente trabalho busca questionar a premissa, corrente em muitas das análises acerca da escola e de crianças e adolescentes em situação de "risco pessoal e social", de que esta, da forma como está estruturada, descumpra os seus propósitos fundamentais de se constituir como um ambiente saudável para o desenvolvimento. Apesar da análise dos fatores presentes no espaço escolar apontarem nesse sentido, a nossa prática tem indicado elementos que sugerem que a escola, por mais inadequada que seja, parece contribuir para um desenvolvimento saudável, se comparada aos outros espaços freqüentados pelas crianças e adolescentes em risco. O trabalho propôs-se, deste modo, a discutir a perspectiva de que na escola pública predominam os aspectos negativos de seu funcionamento, ocasionando mais danos do que benefícios aos alunos. Partindo da noção de "ambiente conforme ele é percebido", trazida por Bronfenbrenner (1996) e do conceito de território, desenvolvido por Guattari & Rolnik (1986), foi feita uma investigação junto a adolescentes de uma escola a respeito do significado que esses atribuíam aos vários espaços que frequentam, na tentativa de confirmar ou não as hipóteses levantadas. Delimitou-se como campo de estudo uma escola estadual de Salvador, localizada no Centro Histórico, que atende a uma população de crianças e adolescentes em situação de risco pessoal e social. Como metodologia foi escolhida a técnica de "grupo focal" (Gomes & Barbosa, 1999), além da construção de desenhos como disparador temático. O grupo foi constituído por 7 integrantes, entre 12 e 16 anos de idade. O registro das informações foi feito por meio de anotações e gravação de áudio e a análise dos dados permeada pela vivência de 2 anos nessa comunidade escolar. A fala dos adolescentes evidenciou a delimitação de três principais territórios pelos quais transitam em seu cotidiano: a casa, a escola e a rua. Os resultados obtidos evidenciaram que a escola não é percebida como um ambiente satisfatório. Contudo, se comparada com a casa e com a rua, a escola mostrou-se como um território onde é possível um desenvolvimento mais saudável, diferentemente do que se postula na literatura de psicologia escolar. O fato de a escola ser percebida como mais saudável ou menos nociva, no entanto, não ameniza o fato desta estar inadequada para a função a que se propõe: formar sujeitos capazes de exercer na plenitude a sua cidadania. A análise aqui proposta, portanto, distancia-se de uma postura ingênua e acrítica, e tenta lançar um novo olhar sobre a escola, a partir dos aspectos percebidos pelos educandos como positivos. A partir deste olhar é possível, então, potencializar esses aspectos e assim contribuir não só para a permanência do aluno na escola, como para a promoção da resiliência dos mesmos. O estudo reforça então, para os profissionais que atuam em escolas, a importância de estarem atentos à maneira como os diversos espaços são subjetivados pelos alunos, principalmente o espaço escolar, para que assim possam atuar de forma mais coerente e condizente com as necessidades dos mesmos.

Sônia Sampaio; Ana Marcílio; Fernanda Pondé; Maira D'Oliveira; Renata Camarotti

UFBa.



E se faz dança... relato de experiências na construção da atenção psicossocial.

O projeto “E se faz dança” desenvolvido no município de Assis, faz parte de um conjunto de políticas públicas de saúde que através do Centro Integrado de Atenção Psicossocial, visam a atenção intensiva à pacientes psicóticos. O CIAPS cuja equipe formada por profissionais da saúde oferece serviços essenciais no acompanhamento dos pacientes, no tratamento e acolhimento do sofrimento psíquico que vão desde alimentação, medicação, consultas psiquiátricas e acompanhamento psicológico, como também disponibiliza recursos para o desenvolvimento de oficinas terapêuticas. Norteados pelo princípio da atenção psicossocial o presente trabalho atenta para as Oficinas de Dança, que se constituíram numa estratégia de intervenção clínica orientada para o investimento na expressão através da dança, agenciando afetos na criação de corpos capazes de sentir e expressar-se no movimento e, portanto, promovendo uma mudança de valores em relação à percepção da doença. O indivíduo da loucura, vítima da alienação geral tida como norma, é criado e recriado no imaginário coletivo, suas singularidades são reduzidas enquanto pensadas dentro do contexto da prática psiquiátrica. A loucura, não obstante, é a desrazão na dimensão da cultura, onde o dispositivo médico alia-se ao jurídico sancionando a tutela e a irresponsabilidade social. Assim, o objetivo do trabalho foi o de produzir na Saúde Mental e na Atenção Psicossocial um desvio daquilo que já estava dado - o estigma, a doença e a privação de liberdade, criando através das Oficinas de Dança um cotidiano de encontros com os profissionais estagiários que pudesse reduzir ao máximo a necessidade de internação e permitisse então a construção de uma nova modalidade de tratamento, visto que, como uma prática clínica de intervenção, possibilitasse a criação de um espaço terapêutico de livre expressão dos afetos, promovendo a valorizando da diferença e da singularidade. A Oficina de Dança, uma das modalidades desenvolvidas, formada por um grupo de trabalho bastante heterogêneo, contava com cerca de dez pacientes participando das atividades todas as quintas-feiras no período da tarde. As técnicas utilizadas pelos profissionais estagiários foram as mais variadas de expressão corporal, dança contemporânea e alguns jogos lúdicos. Toda e qualquer atividade era determinada pelo grupo, o tipo de música, os diversos ritmos e, aos poucos, foi possível estruturar coreografias completas, introduzir técnicas de relaxamento e diversos jogos que permitiam a discussão das sensações que seus corpos estavam experimentando com a dança e com a música. Assim, foi possível observar que, através das atividades desenvolvidas, a partir do investimento nas relações como sendo aquilo que efetua transformações Ético-Estético-Políticas¹ os pacientes do CIAPS se mobilizaram no intuito de promover mudanças de atitude relacionadas às práticas que comprometiam a sua cidadania e os cuidados consigo mesmo e com o outro. O número de internações a partir de então diminuiu, bem como os períodos de internação. ¹ Ver: GUATTARI, Félix. As Três Ecologias. Campinas, SP: Papyrus, 1990

Vanessa Maldonado.

Universidade Estadual Paulista – UNESP de Assis.



Educação de jovens: manifestações de incivilidade na escola Coopema (Barra do Garças, MT).

Esse estudo integra uma pesquisa sobre a juventude no espaço escolar, suas relações e manifestações de incivilidade. Foi desenvolvida em uma escola de categoria administrativa cooperativa, conforme Artigo 20 da Lei 9394/96, em uma cidade do interior do Estado de Mato Grosso. Objetiva-se, por meio dessa investigação, uma reflexão sobre os conflitos que ocorrem nas relações dos jovens travadas na escola considerados como incivilidade. O referencial teórico da psicologia social e da psicanálise contribuiu para a análise do tema em foco, considerando relevante para essa análise a formação do aparelho psíquico, em especial a instância psíquica superego. Considera-se a adolescência como uma etapa da vida do ser humano como as demais etapas, que varia de cultura para cultura e sujeita a conotações externas do meio sócio cultural e econômico que o jovem está inserido. O termo incivilidade é utilizado conforme propõe Eric Debarbieux (2001). Como o objetivo de visualizar o tema em tela sob vários ângulos, entrevistou-se quatro segmentos da unidade escolar: direção, coordenação, professores e alunos. O regimento escolar, a agenda dos professores e a dos alunos fizeram parte da análise documental. As análises feitas até o momento, nos levam a fazer algumas suposições: que nas relações travadas nesse espaço escolar, as manifestações de incivilidade, se dão em virtude dos alunos serem os agentes financiadores dessa instância e, que, assim sendo, sobrepõem a dimensão financeira à dimensão cooperativa, contradizendo dessa forma o que a escola se propõe a fazer e o que ela efetivamente faz consoante com a sua filosofia – educar para o exercício da cidadania. Outra suposição refere-se às questões de obediência às normas e regras estabelecidas pela escola, que parece não ser cobrada de maneira igualitária para todos os alunos: há cobranças para uns e não para outros. Na perspectiva psicanalítica, isso pode representar que na dinâmica do superego desses jovens estudados, as regras e as normas culturais estão submetidas aos valores financeiros, ou seja, ao potencial de posse material que têm, e que a partir disso não são obrigados a obedecer as normas estabelecidas pela instituição escolar, já que são possuidores, pelo menos em parte, da unidade escolar que estão inseridos.

Anna Maria Penalva Mancini.

Universidade Federal de Mato Grosso.



Educação e trabalho: a construção coletiva de um espaço para o desenvolvimento interpessoal de trabalhadores.

Hoje com as mudanças que estão ocorrendo no mundo do trabalho, não basta apenas a capacitação técnica do indivíduo, mas deve-se atentar, também, para o desenvolvimento interpessoal. A habilidade de lidar com diferentes pessoas em situações diversas (Moscovici, 1999) exige a percepção acurada da situação, do outro e de si mesmo. O autoconhecimento, a compreensão do outro e as contingências da situação, para tanto, é necessário desvelar como se processa a dinâmica grupal. Em situação de trabalho estas dimensões de análise estão em jogo. Este trabalho surgiu de uma prática de psicologia do trabalho ligada ao Programa de Educação de Adultos do Instituto Agrônomo do Paraná, onde funcionários participam de aulas que visam a formação no ensino fundamental. O objetivo é de contribuir para o desenvolvimento interpessoal dos trabalhadores. A metodologia utilizada é a seguinte: os funcionários que estão matriculados no PEA são convidados a participarem deste trabalho e é marcado um primeiro encontro para divulgação dos objetivos, dos procedimentos e cronograma. A decisão é do trabalhador caracterizando uma participação voluntária. Os interessados são agrupados segundo o horário das disciplinas do PEA, pois a coordenação do mesmo é que fez a parceria com este trabalho. Os encontros são realizados mensalmente, com a duração mínima de quatro horas. Os trabalhadores são originários dos setores operacionais do Instituto como: zeladores, motoristas, copeiras, auxiliares de campo, etc. Os encontros ocorrem ao longo do ano e os trabalhadores são dispensados de suas atividades para participarem dos mesmos durante o horário de trabalho. O primeiro encontro é destinado ao conhecimento mútuo, ao estabelecimento do vínculo entre os participantes, ao estabelecimento do contrato psicológico que visa determinar as ações dos sujeitos no grupo, ao levantamento das situações que envolvem questões de relacionamento interpessoal para abstrair os temas a serem abordados nos encontros futuros e também de assuntos ligados ao cotidiano de trabalho que não estão ligados diretamente à dimensão interpessoal, como, por exemplo, saúde e trabalho. No ano de 2001, o primeiro ano deste trabalho, foram coordenados quatro grupos com um total de 83 participantes. Os temas abordados foram: auto-estima (Braden, 2000), habilidades sociais (Del Prette; Del Prette (1999), saúde e trabalho (Dejours, 1996), aposentadoria e uso do tempo livre (DeMasi, 1998). Os temas eram debatidos primeiramente com o grupo e depois era introduzido o material instrucional. Também foram convidados profissionais das áreas de fisioterapia, nutrição e enfermagem para tratar dos aspectos ligados à qualidade de vida do trabalhador. Os conteúdos seguem as necessidades específicas de cada grupo denotando a flexibilização da abordagem e priorização dos mesmos. Cada encontro é avaliado pelo grupo e os dados obtidos indicam que este espaço, construído pelos trabalhadores, com suas falas, exemplos, preocupações e análise da realidade cotidiana do trabalho, tem contribuído para o desenvolvimento interpessoal dos mesmos, atingindo esferas fora do ambiente de trabalho, como a social e a familiar. O ambiente de trabalho é uma construção social dos atores que dela tomam parte e as habilidades sociais contribuem para a melhoria das relações dessa rede social.

Rosângela Rocio Jarros Rodrigues; Giselle Fernanda Vidotti; Luciene Cardoso Papi; Priscila Yumi Villa.

Universidade Estadual de Londrina.



Educação Inclusiva: Concepções dos Professores do Ensino Regular.

O objetivo deste estudo é apresentar as concepções dos professores das EMEF's (Escolas Municipais de Ensino Fundamental), da cidade de Marília, sobre o atendimento de alunos portadores de necessidades educacionais especiais no ensino regular. Para tanto, participaram deste estudo 73 professores, ou seja, 25% do total de professores da rede municipal de ensino. Os dados foram coletados através de questionário composto de 26 questões. A aplicação do questionário aos professores ocorreu durante o Horário de Estudos Coletivos (HEC), em suas respectivas escolas. Esta pesquisa ainda se encontra em andamento, mais precisamente na fase final dos resultados, porém, pode-se averiguar algumas considerações importantes, sendo elas: 1. A maioria da população investigada está no início da carreira docente, uma vez que é exigida formação em Magistério e/ou Pedagogia para poder ministrar aulas nas EMEF's; 2. Evidência de que pouco mais da metade dos sujeitos participantes possui algum curso superior, sendo que destes apenas 4 possuem habilitação em alguma área da Educação Especial; 3. As classes para as quais os professores investigados ministram aulas são bastante numerosas, o que dificulta a proposta de ensino inclusivo; 4. Existem professores que acreditam que a escola ou classe especial seja o espaço educacional mais apropriado para o ensino do deficiente; 5. Falta de preparo para ministrar aulas aos alunos com necessidades educacionais; 6. Necessidade de algum tipo de capacitação profissional aos professores antes da inclusão dos alunos deficientes; 7. Poucos consideram que o aluno com necessidades educacionais especiais deva estar matriculado no ensino regular; 8. A maioria dos professores investigados ressaltaram a necessidade de orientação aos professores, pais, funcionários da escola, demais alunos e à comunidade antes de incluir o aluno no ensino regular; 9. Grande parte dos professores definiu inclusão como sendo a integração do aluno em escola e/ou classe regular, ou ainda como forma de convívio social do aluno deficiente. Mesmo com resultados preliminares, pode-se concluir que os professores do ensino regular, em sua maioria, ainda se sentem desamparados e despreparados para trabalhar dentro de uma proposta de pedagogia inclusiva, além de relatarem opiniões que não apresentaram clareza teórica sobre o ensino dos alunos com necessidades educacionais especiais. Estes dados apontam para a necessidade de se oferecer propostas e programas, que possibilitem a reflexão teórica e prática sobre a temática, para que se possa, em um futuro breve, construir uma educação inclusiva, que atenda a todos os alunos com qualidade.

Lúcia Pereira Leite; Camila Marengo Machado; Bianca Scalon de Almeida Peres.

PIBIC; CNPq.



“Educação inclusiva”: discurso oficial e suas repercussões na escola pública paulista.

Pretendemos desenvolver neste trabalho a trajetória educacional que o atendimento às pessoas com deficiência percorreu, com suas devidas particularidades, em cada área da deficiência, constituindo o que hoje compõe a história da educação especial no nosso país. Este atendimento, no decorrer da história, deu-se por meio de práticas segregadoras, constituindo o que Gentili (1996) denomina de Pedagogia da Exclusão, pautado pela caridade e não sendo visto como direito de todo cidadão. Na tentativa de buscar um atendimento menos segregado, no Brasil, na década de sessenta, houve um movimento denominado de Integração. Porém era embasado pelo princípio de normatização, que consistia em normatizar, o máximo possível, a pessoa com deficiência, para que esta pudesse se adequar às exigências da escola. Após esse movimento, chega com maior intensidade em nosso país, na década de noventa, as discussões acaloradas no exterior sobre educação inclusiva. Esta concepção de educação busca, ao contrário do movimento integracionista, adequar a escola às necessidades do aluno que a compõe, para que possa de fato acolher e incluir a todos, proporcionando uma educação de qualidade. Porém o eixo norteador principal desta pesquisa, desenvolvida em nível de mestrado, é analisar as repercussões desta proposta de Educação Inclusiva no Estado de São Paulo, na rede pública estadual de ensino. Pretendemos problematizar as apropriações que a Secretaria de Estado da Educação de São Paulo vem fazendo desta proposta política educacional, assim como tem incorporado elementos do discurso de educação inclusiva. Esta análise possui duas vertentes. Uma delas é a vertente oficial, realizada por meio da análise de documentos oficiais. A outra vertente, que constitui o outro lado do discurso, é composta pela versão dos professores de educação especial, alocados nas escolas, assim como dos diretores. Por meio das falas desses profissionais, pretendemos levantar dados e problematizá-los, no sentido de compreender repercussões da apropriação desta proposta, que se pretende inclusiva, nas escolas públicas pesquisadas. Dependendo da maneira como esta proposta esteja sendo implementada, utilizando mecanismos de imposição e sem oferecer suficientes subsídios e recursos necessários, desde recursos físicos, materiais, pedagógicos até humanos, esbarrando aqui na formação dos profissionais, fica-nos a questão, que pretendemos desenvolver ao longo desta dissertação: esta não poderá constituir-se em mais uma vertente da Pedagogia da Exclusão?

Machado, Valdirene.

USP-SP.



Educação moral: intervenção junto a adolescentes.

O painel tem como principal objetivo apresentar um trabalho realizado junto a alunos do segundo ano do Ensino Médio, na disciplina de Psicologia, em uma escola da rede particular da cidade de Assis (SP), onde procuramos desenvolver um programa de educação moral pautados nas teorias de Jean Piaget e Lawrence Kohlberg. Os encontros foram realizados semanalmente, com uma hora de duração, durante seis meses, onde ocorriam discussões de dilemas morais, exercícios de clarificação de valores e de role-playing, exibição e discussão de filmes polêmicos como “A ilha das flores” de Jorge Furtado e outras técnicas voltadas ao desenvolvimento da autonomia moral dos alunos. Tivemos como preocupação central promover um espaço de reflexão individual e coletiva que permitisse a elaboração racional e autônoma de valores, a análise crítica da realidade cotidiana e o resgate de valores como a solidariedade, a justiça, a cooperação e o cuidado com os demais. Como resultado tivemos um aumento na capacidade dialógica dos alunos, diminuição da indisciplina e do desrespeito entre colegas, além de maior participação nas aulas. Concluímos que o espaço da Psicologia, no Ensino Médio, pode e deve ser um espaço para a construção da autonomia e não uma disciplina meramente informativa.

Rita Melissa Lepre; Maria Suzana de Stéfano Menin.

Instituto Educacional de Assis - Ieda; Unesp.



Educação para a Cidadania – O Protagonismo Juvenil como redução da violência.

O Projeto “Educação para a Cidadania” vem sendo desenvolvido desde 1998 junto a adolescentes e jovens integrantes da Escola Profissionalizante “Irmã Maria Dolores”, localizada no bairro da Vila Ponte Nova/Quarentenário, região periférica do Área Continental do município de São Vicente. O principal objetivo é formar adolescentes e jovens construtores ativos da sociedade, capazes de viver no dia-a-dia, nos distintos espaços sociais, uma cidadania consciente, crítica e militante, fortalecendo sua organização coletiva em torno da melhoria da qualidade de vida e da redução dos índices de violência e de violação de direitos. Esta formação se dá através de 2 Cursos anuais de 4 meses de duração, inseridos na grade curricular dos Cursos Profissionalizantes, e operacionalizados por meio de aulas semanais de 2 horas, abordando temas como: - Violência e Globalização; - Desemprego e má qualidade de vida; - Educação para paz; - Direitos Humanos e Cidadania; - Estatuto da Criança e do Adolescente; - Direitos do Consumidor; - Direitos Trabalhistas; - Dicas sobre Primeiro Emprego; - Auto-Estima e Desenvolvimento Humano; - Juventude e Drogas; - Puberdade e Sexualidade; - Maternidade e Paternidade Responsáveis; - DST/AIDS; - Consciência Negra: Racismo e Preconceito; - A importância do voto; - A importância da participação social na construção de uma nova sociedade. A metodologia utilizada procura criar condições para que o jovem exercite, de forma criativa e crítica, seu entusiasmo para a ação, e se descubra capaz de intervir, de colaborar e de explorar e canalizar suas potencialidades. É uma proposta educativa ancorada em 4 aspectos básicos: 1. Pedagogia da indignação: voltada para a formação de indivíduos capazes de se indignar e se escandalizar diante de toda forma de violência e humilhação, conscientes de que estas violações são historicamente construídas, envolvidos na busca de suas causas, na superação da insensibilidade, passividade e impotência diante delas e na promoção da solidariedade. 2. Pedagogia do assombro/admiração: que leve à percepção de buscas concretas de preservação e promoção da vida, revelando a capacidade de resistência e criatividade das pessoas. 3. Pedagogia de convicções firmes: que se expressa no modo de trabalhar a dimensão ética da educação, explorando valores como solidariedade, justiça, liberdade, criticidade. O conteúdo é trabalhado por estagiários de diversas áreas, que, utilizando técnicas de dinâmicas de grupos e diferentes linguagens expressivas – vídeo, rádio, música, teatro –, procuram articular quatro dimensões básicas do conhecimento: a) ver: englobando a perspectiva de sensibilização e conscientização da realidade, para ampliar cada vez mais o olhar sobre a vida cotidiana; b) saber: construído socialmente, a partir da prática cotidiana; c) celebrar: retomar o prazer, a alegria e a emoção da prática educativa; d) comprometer-se: descobrir-se como cidadão e promover todos os valores que afirmam e garantem a dignidade humana. Como resultado, o Projeto tem capacitado, na perspectiva da construção da cidadania e de uma cultura de paz cerca de 400 adolescentes e jovens por ano, estimulando o protagonismo juvenil, possibilitando o resgate do papel de sujeitos de sua própria história e colaborando na construção de novas relações interpessoais baseadas em valores de solidariedade, justiça e igualdade social.

Carmen Lydia Dias Carvalho Lima; Eliana Bruno Ferreira de Almeida; Marly Carvalho de Soares Santos; Vera Lúcia Alves dos Santos; Paulo Vittor Pizzolitto; Fernando Jorge Rebelo Soares; Adriana da Paz Tavares; Carla Tavares da Paixão; Danilo Clemente Pintos; Elisa Santos Alexandre; Elisângela Menezes Dourado Trombotto; Hélder dos Santos de Oliveira; Indianara de Oliveira e Silva; Marcos José de Arruda Mata; Raquel Aurélio de Brito; Sílvia de Almeida Mendes Andrade.

Núcleo de Extensão Comunitária/Universidade Católica de Santos - VIP/Vila Ponte Nova Instituição Promocional/ALIA/Associação Libertária da Infância e Adolescência/Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua de Santos.



Educação Sexual e promoção de saúde do adolescente.

Introdução: Este trabalho está inserido no Projeto de Extensão “Ação Pedagógica Contra Discriminação de Gênero”, tendo por preocupação básica a discussão com um grupo de jovens/adolescentes aspectos da sexualidade, despertando-os para a necessidade de se assumirem, nesse âmbito, comportamentos responsáveis que promovam sua saúde sexual em sua amplitude. Sabe-se que, atualmente, o índice de gravidez indesejada entre adolescentes, aliado ao aumento do número de casos de Aids e de Doenças Sexualmente Transmissíveis, tem alertado para a necessidade de se desenvolver ações educativas sistematizadas, dentro de uma proposta pedagógica específica, com objetivos bem definidos e estratégias previamente delineadas e voltadas à promoção da saúde sexual. Este trabalho de intervenção se baseia nos princípios da educação sexual intencional, visto que corresponde à sistematização de um plano de intervenção deliberado e pertinente ao domínio da vida sexual, conforme salientado por Werebe (1998). **Objetivos:** Promover a saúde de adolescentes e engajá-los no trabalho de prevenção enquanto agentes “multiplicadores” de ações educativas. **Método:** Foram realizados 5 encontros com um grupo de alunos provenientes de uma mesma escola da rede pública, o qual foi selecionado pela diretoria pedagógica da instituição. Nos encontros, empregaram-se técnicas para promover o entrosamento dos adolescentes e propiciar um ambiente de descontração e respeito mútuo, a fim de que as dúvidas pudessem ser expostas sem restrições. Os encontros versaram sobre os seguintes temas: “Sexualidade”, “Conhecendo nosso corpo”, “Concepção e Anticoncepção”, “Doenças Sexualmente Transmissíveis” e “Como transmitir o que aprendi a meus colegas”. No último encontro, discutiu-se a forma com que os temas explorados seriam expostos ao restante da escola pelos alunos que participaram dos encontros, os quais atuariam como agentes “multiplicadores”. **Resultados:** Ao todo, conseguiu-se levar as informações a cerca de 1000 pessoas, devido à atividade de “multiplicação” realizada pelos alunos, os quais realizaram palestra e mostras na Feira de Ciências da escola. Os alunos participantes do grupo de “multiplicadores” e a direção da escola avaliaram positivamente o trabalho desenvolvido, tendo em vista a necessidade crescente de se discutir com jovens e adolescentes temas referentes à sexualidade e, nesse aspecto, a adoção de comportamentos responsáveis. **Conclusão:** O trabalho revelou-se bastante positivo em virtude de sua repercussão, conseguindo-se conscientizar adolescentes acerca das mudanças físicas e psicológicas que vivenciam e, com isso, promover sua saúde, concebendo-se saúde em sua perspectiva de bem-estar físico, mental e social, conforme ressaltado pela Organização Mundial de saúde.

Algeless Milka Meireles; Glória Rabay.

Universidade Federal da Paraíba.



Educação sexual para portadores(as) de necessidades especiais.

Falar sobre sexo foi considerado tabu até pouco tempo, e ainda o é em muitas esferas da sociedade, sobretudo, no que se refere à sexualidade de pessoas portadoras de deficiências. Ainda é bastante freqüente, tanto entre familiares, quanto entre profissionais, o mito de que a sexualidade dessas é por natureza intrinsecamente problemática, quando não patológica. Porém, inúmeros estudos têm discordado de tal atitude, comprovando que a sexualidade de pessoas com deficiência mental (a não ser, talvez, nos casos mais prejudicados neurologicamente) não é qualitativamente diferente das demais (Gat e Freitas, 1996). Este trabalho foi desenvolvido numa Instituição de Ensino Especial de Uberlândia, com um grupo de aproximadamente 20 adolescentes e jovens entre 16 e 28 anos portadores(as) de necessidades especiais. O objetivo era o de possibilitar-lhes a tomada de consciência de sua sexualidade, numa perspectiva preventiva e psico-higiênica, para que assim tivessem maior responsabilidade e autonomia sobre si mesmos(as). Foram utilizadas como metodologia as oficinas ludopedagógicas nas quais eram propostas pela coordenadora atividades em que os participantes entravam em contato com questões próprias do desenvolvimento da sexualidade e da adolescência e deveriam discutí-las. Inicialmente foi desenvolvida uma atividade de perguntas e respostas para levantar o conhecimento deles sobre o assunto. Além de falar o que pensavam, eles(as) faziam outras perguntas que iam sendo respondidas pelo grupo, com o mínimo de interferência da coordenadora, que apenas corrigia as informações incorretas e estimulava o grupo a elaborar as próprias respostas. Durante o trabalho foram desenvolvidas atividades como: jogos educativos, recorte e colagem, desenho, fita de vídeo, etc. Os temas trabalhados foram: corpo humano, diferenças sexuais entre homens e mulheres, menstruação, gravidez (como engravidar, prevenção), masturbação, namoro, ato sexual, camisinha, DST e AIDS. O grupo mostrou-se muito interessado no assunto. Os participantes justificavam gostar das atividades por nelas poderem falar de coisas importantes, porém proibidas de serem discutidas nas demais aulas. Todos(as) participaram, alguns(algumas) só observando e prestando atenção, outros(as) conversando e fazendo perguntas. Apesar do interesse, eles(elas) se mostraram desinformados. O pouco que sabiam aprenderam pela televisão ou ouviram algum(a) amigo(a) falar, o que demonstra o pouco acesso dado a eles(as) a esse tipo de informação. O objetivo foi alcançado: possibilitar a esses(as) adolescentes a oportunidade de conversar e se informar sobre questões relacionadas à sexualidade, sob o enfoque preventivo. A coordenadora, por já ter desenvolvido trabalhos semelhantes em outros grupos de adolescentes, pôde comprovar que o trabalho de educação sexual com adolescentes e jovens portadores(as) de necessidades especiais pouco difere do de outros grupos. A diferença se encontra no maior preconceito por parte da sociedade – outros(as) profissionais, funcionários(as) e familiares – em lidar com este assunto para esse público. A sociedade como um todo acredita que esses(essas) adolescentes e jovens não têm sexualidade ou não sabem administrá-la, o que não é verdade, eles(as) se mostraram bastante conscientes e preparados para administrar sua sexualidade, como qualquer outro(a) jovem, só lhes faltam espaços para isso.

Alessandra Araújo.

Universidade Federal de Uberlândia.



“Educando para a vida: uma proposta de prevenção ao uso de drogas junto aos alunos da 1ª e 2ª série do ensino médio”.

A Academia Horácio Berlinck é uma escola particular de ensino médio e curso pré-vestibular . Anualmente a Academia recebe alunos, na 1ª série, entre 14 e 15 anos de idade, oriundos de escolas privadas e da rede pública. Assim, o primeiro dia de aula é dedicado a atividades de integração entre os alunos e professores. Durante estas atividades, os alunos preenchem um questionário para o levantamento de expectativas em relação ao ensino médio e de temáticas que poderiam ser desenvolvidas em projetos extra-curriculares. Os resultados obtidos nestes levantamentos mostraram um grande interesse dos alunos pela temática “drogas”. Diante disso, a direção e coordenação pedagógica da escola entenderam que deveriam buscar uma parceria junto a profissionais especializados nesta área para o desenvolvimento de um projeto. No início de 2001 definiu-se os objetivos gerais do trabalho: a) promover o senso crítico do aluno sobre o uso de drogas; b) despertar no aluno a valorização da vida, incentivando hábitos saudáveis por meio de esporte, lazer, cultura e educação. Como objetivos específicos buscou-se analisar com os alunos: a) quais os principais fatores que levam os jovens ao uso de drogas; b) os efeitos de vários tipos de drogas; c) o impacto do uso de drogas sobre sua educação, relação interpessoal, sua saúde e seu projeto de vida; c) as estratégias para o desenvolvimento de um senso positivo de auto-estima; d) os aspectos políticos sociais e econômicos relacionados a questão das drogas. Para o desenvolvimento desta proposta os alunos foram divididos, no período diurno, em 08 grupos de 35 alunos e, no período noturno, em 09 grupos de 40 alunos. Cada um dos grupos participou de 08 encontros com duração de 1h40min. Foram utilizadas as seguintes estratégias: dinâmicas de grupos, textos informativos, vídeos, questionários e exposição oral dialogada. Como resultado do trabalho, obteve-se uma maior participação dos alunos em debates sobre a temática proposta pelo projeto, com professores das mais variadas disciplinas como, por exemplo, educação artística, inglês e outras. Os alunos produziram vídeos e slogans para participarem de um concurso nacional. No encerramento do projeto foram realizadas performances e apresentações musicais. Um grupo de alunos participou de uma feira, organizada pela secretaria da saúde do município, no dia mundial de combate à AIDS, com material informativo e apresentações musicais. Outro grupo de alunos decidiu participar como agentes multiplicadores de informações junto aos seus familiares e amigos, sob a coordenação dos profissionais responsáveis. A partir dos resultados obtidos, a direção da escola dará continuidade ao projeto no ano de 2002, pois verificou-se que os alunos desenvolveram uma postura mais crítica e consciente no que se refere a valorização da própria vida.

Salviano, C. M.; Mansão, C. S. M.; Amorim, N. F.; Domingos J. L. R.; Stangherlim, R.

Academia Horácio Berlinck.



Efeito Barnum: os falsos testes e o ocultismo.

O Efeito Barnum consiste na aceitação como verdadeiras de descrições de personalidade fictícias, formuladas sob a forma de frases vagas, genéricas, ambíguas e aplicáveis à maioria das pessoas. A ocorrência do Efeito Barnum é examinada em termos da distinção entre ciência e pseudociência e da validação científica de instrumentos de avaliação de personalidade. Discute-se também a importância para a Psicologia de se denunciar a falácia da validação pessoal, base da aceitação dos “testes” de revistas populares (falsos testes) e das “previsões” de ocultistas. As investigações relativas às variáveis que influem no Efeito Barnum evidenciaram que: a) as mulheres aceitam significativamente mais do que os homens descrições de personalidade fictícias; b) o grau de sofisticação do sujeito e o tipo de procedimento utilizado na avaliação não afetam a aceitação de descrições de personalidade fictícias; c) o status alto do aplicador/interpretador favorece a aceitação de feedbacks negativos; e d) a apresentação do feedback como tendo sido feito especialmente para o sujeito e a generalidade das afirmativas acentuam a aceitação dos feedbacks.

Guenia Bunchaft; Vanda Leite Pinto Vasconcellos.

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Universidade Estácio de Sá (UNESA); Universidade Santa Úrsula, Rio de Janeiro, RJ; União dos Analistas Transacionais do Brasil (UNAT)



Efeito da Realização de Atividade Física no Nível de Depressão em Idosos.

O envelhecimento em nosso país, ao contrário de muitos outros, é visto como uma fase da vida em que as pessoas são pouco produtivas à sociedade, na maioria das vezes sendo até discriminadas e maltratadas. No entanto a população de idosos do Brasil é maior a cada ano. Segundo dados do Setor de Envelhecimento e Saúde da Organização Mundial de Saúde (OMS), em 1950 o Brasil apresentava 2,1 milhões de pessoas acima de 60 anos. A previsão para o ano 2.000 era de uma população com cerca de 13,9 milhões de idosos. Atualmente, em busca de um lugar na sociedade, os idosos vêm na atividade física um meio para conquistar parte deste espaço social e, também, melhorar aspectos no que diz respeito a qualidade de vida. Diferentes autores apontam que com o aumento do tempo livre devido à aposentadoria, principalmente, a diminuição de compromissos sociais e, muitas vezes, a perda de prestígio na família, há uma tendência ao aparecimento da depressão e aumento da ansiedade. Considerando o exposto, o presente trabalho tem como objetivo analisar o nível de depressão em pessoas de terceira idade, antes e após participarem de um programa de atividades físicas e recreativas. A modalidade de nossa pesquisa tem um caráter experimental. Sendo assim, para realizarmos um trabalho desta natureza, selecionamos 30 voluntários, de ambos os sexos, com idade variando entre 60 e 80 anos. Estes participaram de aulas de tai chi chuan em uma Instituição cultural da cidade. Como instrumento de avaliação optamos pelo inventário de BECK, utilizado para avaliar depressão. Ao avaliarmos o estado de depressão, para pessoas na terceira idade, antes e após a realização deste programa de atividades físicas, obtivemos dados que, do nosso ponto de vista, poderão subsidiar pesquisas relacionadas a aspectos psicológicos, à qualidade de vida e a área de Educação Física.

Tereza Paula dos Santos Duarte; Isabel Ugarte da Silveira; Ana Carolina Paes Lamas Teige; Isabel Cristina Dib Bariani.

PUC-Campinas.



Efeitos da estimulação tátil no comportamento de fuga e esquiva em ratos Wistar após o desmame.

A estimulação tátil é essencial para o desenvolvimento físico e comportamental do organismo, facilitando os relacionamentos afetivos e emocionais. Estudos mostram que animais submetidos à estimulação tátil apresentam aumento de peso, menor temeridade, maior resistência a lesões de nível fisiológico e redução no estado de ansiedade entre outros. O objetivo deste estudo foi o de verificar os efeitos da estimulação tátil no estado de ansiedade através de comportamentos de fuga e de esquiva em ratos testados no labirinto em T - elevado. Foram utilizados como sujeitos 12 ratos Wistar com 25 dias de idade, divididos em dois grupos de seis animais, alojados em colônia. O grupo experimental passou por 15 sessões de estimulação durante quinze minutos, um rato nunca sendo estimulado pelo mesmo experimentador dois dias consecutivos. Os ratos do grupo controle não foram estimulados e tiveram contato com a mão humana apenas durante a limpeza das gaiolas. Após a fase de estimulação tátil, os ratos foram testados no Labirinto em T - elevado. Registraram-se as latências para as respostas de fuga e esquiva. Os ratos estimulados, se comparados aos não estimulados, apresentaram diminuição da latência de esquiva e aumento da latência de fuga, caracterizando uma redução do estado de ansiedade.

Maria Augusta de Almeida Neves; Mariana Rosa Cavalli; Marina Dal Poggetto; Renata de Souza Scoponi; Márcia Caserta Gon.

Universidade Estadual de Londrina.



Efeitos da Manipulação Neonatal e da Privação Materna sobre o Medo Condicionado em ratos.

Objetivo: Variações do ambiente do animal no período neonatal afetam o desenvolvimento de sistemas neurais, dando origem a alterações comportamentais e neuroendócrinas duradouras. Este trabalho teve por objetivo estudar a influência da manipulação neonatal e da privação materna sobre o medo condicionado e sobre o comportamento no campo aberto de ratos machos. Método e Resultados: Ratos Wistar foram divididos em 3 grupos: manipulados (retirados do ninho por 3min sendo tocados gentilmente por 1 min); separados (retirados do ninho por 3h, e mantidos a temperatura de 33°C); e controles (sem estas intervenções). Estes procedimentos foram realizados do 1º ao 10º dia pós-parto. Quando adultos, realizaram-se 2 experimentos: condicionamento pavloviano (9 ratos em cada grupo) e campo aberto (8 ratos em cada grupo). O condicionamento pavloviano (treino) foi constituído por 10 pareamentos de 1 estímulo incondicionado (EI, choque elétrico) com 2 estímulos condicionados ou neutros (EC, som e luz) em 2 sessões de 5 pareamentos cada. O intervalo entre cada pareamento foi de 20s e entre as sessões de 60s, a duração de cada emissão do EC foi de 5s sendo no último segundo associada ao EI. O teste foi realizado 24h após o treino, e consistiu em emissões de EC com mesma duração e intervalo por um período total de 30 min. No experimento 2, foi utilizado um campo aberto de 1m² 10), da duração (70±6) e freqüência (36±4) de rearing do grupo manipulado comparado ao controle (74±11; 50±8; 25±4).±110, respectivamente). Experimento 2: aumento da duração da locomoção (108±06; 1038±9; 4±91; 62±0.5); e do tempo para extinção do condicionamento do grupo manipulado (711±61) comparado ao controle (730±4) do comportamento de imobilização; do número de bolus fecais (2±48) e freqüência (40±0,05). Experimento 1: diminuição da duração em segundos (468<. Os resultados (média±EPM) foram analisados por uma ANOVA, post-hoc Newman Keuls (p®no qual os ratos permaneciam por 5 min. Em ambos experimentos os comportamentos eram registrados em vídeo e analisados através do programa Noldus Conclusão: A manipulação neonatal reduziu as respostas do medo condicionado. Foi confirmado o aumento da atividade locomotora no campo aberto como consequência da manipulação. Ao contrário do esperado, não foram observados efeitos da separação materna sobre o comportamento no medo condicionado e campo aberto.

Clarice S. Madruga; Sheila Weremchuk; Milena F. Costa; Nadima Toscani; Aldo B. Lucion.

UFRGS – Porto Alegre – RS.



Efeitos de ordem, do entrevistador, do local e do horário de coleta dos dados nos resultados de uma pesquisa psicossocial.

Um dos elementos mais críticos dos métodos de auto-relato é influência exercida por uma série de fatores contingenciais. Este estudo procura avaliar o efeito de quatro desses fatores: a ordem de apresentação dos estímulos, o entrevistador, o local e o horário de realização da coleta de dados. As análises foram realizadas a partir dos dados obtidos no contexto de uma investigação sobre os estereótipos, mais especificamente, na avaliação das estratégias usadas por adultos para a codificação lingüística de cenas visualmente apresentadas. Nesse caso, os participantes avaliaram seis cenas, três positivas (um garoto devolvendo uma carteira que cai do bolso de um transeunte; um garoto jogando capoeira; um garoto ajudando uma senhora idosa a atravessar a rua) e três negativas (um garoto mendigando; um garoto na praia espreitando os objetos de um grupo de turistas; um garoto agredindo a um outro de menor tamanho). Os resultados evidenciaram a ausência de qualquer efeito de ordem. O efeito do entrevistador, por sua vez, foi bastante modesto, pois dos resultados obtidos pelas quatro entrevistadoras, observou-se diferenças estatísticas significativas somente nos valores obtidos por uma delas e, mesmo assim, em apenas uma das seis cenas codificadas. Em relação aos cinco locais em que as entrevistas foram realizadas, também um único apresentou uma diferença significativa, e ainda assim, exclusivamente em uma das cenas avaliadas. Por fim, em relação ao horário de realização da coleta de dados, também nesse caso apenas em um, entre os quatro horários em que as entrevistas foram conduzidas, foi observada uma diferença estatisticamente significativa. Estes resultados, conjuntamente, indicam que apesar dos cuidados a serem necessariamente considerados pelo investigador, o efeito dos fatores contingenciais não parece decisivo. Isto, entretanto, não significa que o pesquisador deve negligenciá-los, pois como os resultados aqui apresentados evidenciam, embora estes fatores não sejam decisivos, eles estão presentes e devem ser considerados durante os processos de coleta, análise e interpretação dos dados.

Roberta Ferreira Takei; Marcos Emanuel Pereira; Ana Luísa Fagundes; Joice Ferreira.

Universidade Federal da Bahia.



Efeitos de um modelo ampliado de intervenção sobre a competência social de crianças com dificuldades de interação.

A literatura sobre competência social tem demonstrado que a rejeição pelos pares, na infância, é um fator de influência no desenvolvimento de condutas anti-sociais na vida futura. O objetivo deste estudo é verificar a efetividade de um programa executado na comunidade, envolvendo múltiplos agentes sociais do ambiente infantil, a saber: pais, professores e pares. 26 crianças, sendo 13 pertencentes ao grupo de atendimento psicológico e 13 ao grupo de validação social, foram avaliadas através do teste sociométrico por nomeação e da Lista de Verificação Comportamental para Crianças (CBCL), aplicados aos pares e pais, respectivamente. Todas cursavam a segunda série do ensino fundamental em uma Escola Estadual na periferia do município de Osasco/SP, a qual funcionava como uma sucursal da clínica-escola do Instituto de Psicologia da USP. Os resultados revelaram um aumento da competência social das crianças atendidas, o que indica uma mudança favorável no julgamento dos informantes em questão, favorecendo a inserção da criança com dificuldades de interação na classe.

Rebeca Eugênia Fernandes de Castro; Márcia Helena Silva Melo; Edwiges Ferreira de Mattos Silveiras.

Universidade de São Paulo.



Eficácia terapêutica da Interpretação Intellectualizada na psicoterapia breve.

Este estudo tem, por objetivo principal, investigar a eficácia terapêutica na adequação da Interpretação Intellectualizada na Psicoterapia Breve Operacionalizada. Pelo delineamento clínico de abordagem Psicanalítica, foram estudados dez pacientes, do sexo masculino e feminino, dentro da faixa etária de 18 a 40 anos. Esta amostra foi constituída por conveniência, já que não houve critérios estatísticos. Procedeu-se uma fase de triagem, para verificar as adequações dos pacientes no presente, determinando-se as "situações-problema", baseada na Escala Diagnóstica Adaptativa Operacionalizada (EDAO) . Nesta fase inicial levantaram-se os dados da evolução dos pacientes desde a infância até o presente; as soluções que encontraram tanto nos momentos de crise como em situações adversas da vida do sujeito, nos quatros setores adaptativos: Afetivo-relacional (A-R), Produtividade (Pr), Sócio-cultural (S-C) e Orgânico (Or). Através desses dados foi possível conjecturar a respeito da dinâmica e a construção dos complexos inconscientes. Foram realizadas 12 sessões de Psicoterapia Breve Operacionalizada, com a freqüência de 1 vez por semana e duração de 50 minutos cada sessão. Verificou-se que a Interpretação Intellectualizada mostrou-se eficaz, já que ao final do processo terapêutico houve evolução adaptativa dos pacientes, observada através de uma análise comparativa das Interpretações com as soluções encontradas. Houve mudança em 9 casos para Grupos diagnósticos com maior eficácia adaptativa, bem como a confirmação de tais mudanças por meio do follow-up. Concluiu-se que a terapêutica da Interpretação Intellectualizada foi eficaz nos casos classificados segundo a EDAO, como Grupos 3 e 4, Moderados e Severos e nas situações emergenciais. Descritores: 1. Psicoterapia Breve 2. Interpretação (Psicanálise) 3. Escala Diagnóstica Adaptativa Operacionalizada 4. Relações Objetais (Psicanálise).

Angela Cristini Gebara; Kayoko Yamamoto.

Universidade Metodista de São Paulo.



Elaboração conceitual nas interações em uma sala de aula de primeira série do ensino fundamental.

A primeira série do ensino fundamental marca o início da escolarização formal. Neste período, os conceitos cotidianos das crianças já alcançaram um nível de generalização que possibilita o ensino de conceitos científicos. Os conceitos científicos, por sua vez, com sua organização em sistemas, propiciam a passagem dos conceitos cotidianos a níveis mais elevados de generalização e abstração. Isto caracteriza a zona de desenvolvimento proximal, em que o processo de ensino/aprendizagem faz avançar o desenvolvimento. O presente trabalho teve por objetivo captar diferentes movimentos nas zonas de desenvolvimento proximal nas interações professora-alunos e entre alunos e analisar como as interações incidem sobre a formação dos conceitos de natureza e cultura. Participaram da pesquisa uma professora e seus 25 alunos (10 meninos e 15 meninas, entre 7 e 8 anos) de uma escola da rede particular da periferia da cidade de Belém. Foi analisada uma aula sobre os conceitos de cultura e natureza. A partir da transcrição detalhada da aula, caracterizou-se em cada turno de fala dos participantes: a) a ação semioticamente mediada de um agente em relação ao outro. Inferindo-se o valor visado pelo participante e se o turno de fala anterior do outro representou um obstáculo que ele procurou superar (barreira e/ou fronteira) e b) a ação semioticamente mediada de um agente em relação ao objeto de conhecimento (ex. solicita definição, dá exemplo, solicita justificativa da inclusão de exemplo a uma categoria, etc.). Os resultados mostraram que os valores visados da professora estavam, em certa medida, definidos no planejamento da aula e consistiram em levantar o conhecimento prévio dos alunos sobre natureza e cultura; apresentar uma definição dos conceitos e explicá-la aos alunos, criando oportunidades para que eles fossem capazes de definir e exemplificar os conceitos. Os valores visados dos alunos foram, em geral, atender as solicitações da professora e manifestar concordância ou discordância em relação a opinião de colegas. Os alunos criaram obstáculos para a professora quando não responderam às suas solicitações ou quando responderam de uma forma que a professora julgou inadequada. A professora contornou estas barreiras refazendo as suas perguntas. Ao refazer as perguntas as reformulou, acrescentando informações e solicitando operações mais próximas daquelas que os alunos podiam fazer no momento; então os alunos contornavam a barreira que a repetição da pergunta da professora representava. As ações semioticamente reguladas em relação ao objeto de conhecimento envolveram: definir, exemplificar, nomear a categoria dada a definição e justificar a inclusão de um exemplo numa categoria. Estas operações, inicialmente partilhadas pela professora e pelos alunos, foram sendo apropriadas e utilizadas pelos alunos de forma cada vez mais independente.

Jorgete Pereira Oliveira; José Moysés Alves.

Universidade Estadual da Bahia; Universidade Federal do Pará.



Elementos estratégicos em uma intervenção psicossocial com policiais militares.

A atuação profissional da polícia militar pode ser descrita como um trabalho penoso, envolvendo sofrimento físico e psicológico. Os indicadores deste sofrimento podem ser encontrados nos altos índices de suicídio e depressão entre seus membros. Igualmente, indicadores de forte stress são comuns. Este trabalho relata dados preliminares de caracterização de sofrimento psicológico em policiais militares, realizado como parte inicial de um projeto de estágio em psicologia social. Estes resultados subsidiaram uma proposta de intervenção psicossocial, a ser implementado em um batalhão da PM. O batalhão conta com aproximadamente 250 policiais. Os dados foram coletados durante entrevistas individuais. Dez policiais participaram. As queixas apresentadas relacionam-se a características da atividade profissional, como baixos salários, carga horária excessiva de trabalho e stress decorrente dos riscos enfrentados. Também, apresentam queixas relacionadas a dificuldades de relacionamento interpessoal, envolvendo familiares e colegas de trabalho. Alguns policiais relatam que estas dificuldades começaram ou se agravaram após a entrada para a corporação. Outro aspecto identificado como gerador de conflitos foi a rigidez da hierarquia da corporação. Os policiais também apresentaram queixas importantes envolvendo sua identidade enquanto policiais, ressaltando a falta de reconhecimento do valor do policial militar pela população em geral e concepções negativas ou preconceituosas veiculadas em especial pela mídia. Tais indicadores de sofrimento psicológico sugerem fortemente a necessidade de disponibilizar atendimento psicossocial a estes profissionais. De acordo com os superiores da corporação, haveria dificuldades em propor um serviço psicológico dentro do batalhão, uma vez que recorrer a este serviço no local de trabalho indicaria que o policial reconhece sua fragilidade e a necessidade de ajuda. Segundo os mesmos superiores, há pouco tempo o uso de coletes à prova de bala tornou-se mais regular. Embora não se tenha enfrentado grandes dificuldades na realização das entrevistas iniciais, optou-se por garantir, inicialmente, que um maior número de policiais entrasse em contato com o projeto e se dispusesse a participar. Para tanto, foram programadas atividades relacionadas às queixas apenas indiretamente relacionadas à atividade profissional, como o fortalecimento de vínculos familiares, treinamento de habilidades sociais e educação para pais.

Francis Louise D. Staziak; Érica G. Mello Simonetti; Cacilda Amorim.

Faculdades Padre Anchieta; Universidade São Francisco.



Em busca de novas perspectivas de trabalho para o portador de deficiência mental.

A pessoa com deficiência mental tem o direito de exercer a cidadania através do trabalho. Os programas que visam a sua profissionalização devem ter como meta a integração no mercado competitivo. Porém, o que se observa é que essa população acaba desempenhando atividades mais de caráter ocupacional e nem sempre compatíveis às necessidades do mercado de trabalho. Para aumentar a sua possibilidade de participação no contexto de trabalho é imprescindível que ela seja envolvida em atividades próximas à demanda do mercado. Destarte, é importante que se verifique o que a comunidade oferece, através da identificação e organização de postos de trabalhos que possam ser ocupados por essa população. Frente a tais considerações, propôs-se o seguinte problema de pesquisa: “Quais os postos de trabalho existentes na Universidade Estadual de Londrina-UEL que podem ser ocupados pelo indivíduo com deficiência mental?”. Portanto, o presente trabalho teve a finalidade de identificar, descrever e analisar os postos de trabalho existentes nesse local que possam ser ocupados por essa população. Esta pesquisa é de cunho exploratório-descritiva e abrangeu os postos de trabalho dos seguintes locais: departamentos, secretarias, coordenadorias, biblioteca, prefeitura do campus, núcleo de bem-estar social, creche, editora, laboratório de medicamentos, fazenda-escola, museu, clínica odontológica e hospitais (veterinário, universitário e de clínicas). A UEL foi escolhida como local de investigação por possuir uma diversidade de postos de trabalho que constitui uma boa amostra dos existentes na comunidade. Também, porque é uma instituição pública e, segundo a Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990, que dispõe sobre o regime jurídico de servidores Públicos Civis da União, das autarquias e das fundações públicas federais, estas devem criar uma reserva de até 20% de vagas oferecidas no concurso, a indivíduos com deficiência. A população investigada foi composta pelos ocupantes dos postos de trabalho e seus supervisores imediatos. Na UEL existem 129 postos de trabalho e destes foram estudados aqueles que não exigem a capacidade de raciocínio abstrato para sua execução e se caracterizam como tarefas auxiliares de outra função. O procedimento adotado para a descrição e análise desses cargos seguiu-se os modelos de Chiavenato (1985) e Camacho (1984) e as técnicas utilizadas na coleta de dados foram a observação e a entrevista. Após a descrição procedeu-se a análise de cada posto de trabalho, onde se verificou as características ambientais, sociais, mentais e psicológicas exigidas para o exercício da função e os conteúdos necessários ao treinamento profissional. Os resultados obtidos indicaram 60 postos de trabalho que poderiam ser ocupados pela pessoa com deficiência mental. Conclui-se que, é a partir de uma reorganização dos postos de trabalho e da elaboração e execução de um programa de treinamento adequado que se conseguirá o sucesso da integração desses indivíduos no mercado de trabalho e a garantia do seu direito de exercer a cidadania.

Eliza Dieko Oshiro Tanaka; Rosângela Rocio Jarros Rodrigues.

Universidade Estadual de Londrina; CNPq.



“Em busca de um sentido para a vida - desafios de um caso atendido em Clínica Escola”.

Introdução: O presente estudo refere-se ao atendimento psicológico, realizado em um senhor de 59 anos, portador de uma rara patologia degenerativa - Polimiosite que provoca alterações inflamatórias, comprometimento das fibras musculares, evoluindo para fraqueza simétrica e atrofia de todos os membros, doença esta de suposta etiologia auto-imune. A pessoa foi encaminhada para a Clínica Escola da UNIP/ Bauru, com queixas de depressão, dificuldade de aceitar e lidar com a doença, devido as diversas perdas que incluíram o referencial pessoal, afastamento do trabalho, transformações na vida familiar e no exercício das atividades cotidianas de higiene e alimentação, gerando sentimentos de sofrimento, angústia e desvalia, assim como dificuldade de encontrar um sentido para a vida. O sujeito comparecia ao atendimento de andador, mas no local permanecia na cadeira de rodas, assim como a sessão era agendada em horário anterior à fisioterapia, com o intuito de evitar com que viesse fatigado ao atendimento. Em virtude da delicadeza da problemática e da escassa bibliografia a respeito foi necessário integrar vários conhecimentos e buscar estratégias específicas para lidar com a situação. O respaldo teórico situou-se na psicossomática psicanalítica, Alexander (1952) e Volich (2000), foram utilizados no atendimento os recursos do método Simonton (1987, 1994) e da Leitura Instrumental Mítica, Krom (1994, 2000) para quem “O mito constitui em sua essência a concepção de mundo própria da família, onde se cria a realidade familiar e o mapa do mundo individual”. Visando resgatar o sentido de vida familiar foi realizado um trabalho de reconstrução de suas histórias trigeracionais. **Objetivo:** Verificou-se a possibilidade de ao resgatar os mitos familiares, viabilizar recursos que possibilitassem a busca de um sentido para a vida dessa pessoa. **Instrumentos Utilizados:** Os instrumentos utilizados foram a Entrevista Trigeracional e a Elaboração do Genograma para possibilitar o resgate dos conteúdos presentes nas histórias familiares, dos mitos familiares. Foi realizado posteriormente a apresentação do genograma e reflexão à respeito. **Resultados:** A compreensão dos Mitos. Através deste recurso terapêutico, muitos conteúdos foram reconhecidos entre eles: o Mito da Conquista, o Mito da Luta pela Sobrevivência, o Mito da União, vistos por esta leitura como mitos construtivos e organizadores, e o Mito da doença, como nocivo ligado ao alcoolismo e doença mental repetida em membros familiares mostrando-se desencadeador de forte estresse familiar. Partindo do reconhecimento dos mitos tornou-se viável um trabalho de intervenção terapêutica. Os Mitos da Luta pela Sobrevivência e da Conquista foram validados e maximizados, para servir como eixos fortes para a sustentação de um sentido para a vida, e para assegurar o enfrentamento da situação que se apresenta no momento. Esta intervenção mostrou-se importante despertando envolvimento e sentimentos prazerosos na pessoa. A Leitura Instrumental Mítica forneceu a possibilidade de resgate dos sentidos organizadores presentes nas famílias de origem, mobilizou conteúdos fortes na pessoa que teve despertado desejos e expectativas que buscou realizar, buscando novos rumos para a sua vida. Houve dificuldade para o compromisso de familiares na participação deste trabalho, sentindo-se o afastamento, e a rejeição familiar. A miríade de sentimentos que ocorrem em função da doença e a possibilidade da morte influenciaram poderosamente e devem ser estudadas e consideradas em trabalhos posteriores. **Referências Bibliográficas:** Manual Merck de Medicina: diagnóstico e tratamento. 16 Edição - São Paulo: Roca, 1995 p.1312-1315 KROM, M. Famílias e Mitos: Prevenção e Tratamento e terapia: resgatando histórias. São Paulo: Summus, 2000 SIMONTON.O.C. Cartas de um sobrevivente : o caminho da cura através da transformação interior - São Paulo: Summus, 1994 VOLICH.M. Psicossomática: de Hipócrates à Psicanálise. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

Manente V.M.; Krom M.

Universidade Paulista.



Em nome do filho - Aspectos psicológicos da infertilidade na vida conjugal.

Em nome do filho casais, médicos, geneticistas se ocupam em vencer o problema da infertilidade. Esta busca do filho biológico, que, às vezes, é feita por anos a fio, com sacrifícios extremos, representa simbolicamente o projeto de continuidade da vida dos pais. Ter filhos representa uma possibilidade de continuação e de transcendência. No entanto, a infertilidade gera várias respostas emocionais em homens, mulheres e casais. São comuns os sentimentos de perda, de inferioridade, de culpa, que, dependendo do caso, podem atuar como fatores complicadores de um processo que, por si mesmo, já é muito estressante. A infertilidade é definida mundialmente como “a incapacidade para conseguir a gravidez ou o parto de um bebê vivo após um ano de relações sexuais regulares” (Schaffer e Diamond, 1994, p.117). O presente trabalho é fruto de uma pesquisa que se concentrou na investigação dos fatores psicológicos que estão associados ao fenômeno da infertilidade humana. A experiência em psicologia clínica e em psicoterapia aproximou-nos de mulheres e casais, que vinham enfrentando a infertilidade, e se debatendo com as conseqüências desse processo em suas vidas. Percebíamos como tal situação afetava tanto a vida familiar, sexual, laboral, bem como a elaboração de projetos para o futuro, que acabavam sendo adiados, em nome do filho, como se, “suspendessem” a vida, até conseguirem conceber um filho biológico. Para tanto, a metodologia do trabalho contou com uma amostra de 34 sujeitos (17 inférteis e 17 férteis), na faixa etária de 20 a 45 anos, sem transtorno psiquiátrico. Utilizou-se como instrumento a técnica de Rorschach , procurando comparar os protocolos nesta técnica em cada um dos grupos. Fez-se o tratamento estatístico através do SPSS e, como prova para análise comparativa dos dados , o teste U de Mann Whitney, com nível de aceitação de 0,05. Os dados levantados apontam que casais inférteis mostram maior dificuldade de estabelecer contato com as pessoas, sendo mais restritivos ao contato, aparecem sentimentos de baixa auto-estima no grupo de mulheres inférteis, e sinais indicadores de dificuldades de identificação com a figura materna. Homens inférteis mostram preocupações corporais importantes e sinais de tensão sexual. Os índices de significância estatística encontrados revelam que a condição da infertilidade marca a vida do casal. Considerando que as novas tecnologias de reprodução vêm assegurando um número de possibilidades cada vez maiores para que os casais inférteis realizem o sonho do filho biológico, não podemos pensar a infertilidade somente pelo vértice biológico e se desconsiderar sua configuração psicosssexual. Intervir no processo de infertilidade, requer integrar profissionais da saúde mental nos trabalhos desenvolvidos em reprodução humana, para ajudar a elaborar a perda pelos bebês não nascidos, discutir com o casal as decisões que tomarão, ouvir suas dúvidas e ansiedades , pois se tentarmos isolar o sujeito psíquico, do corpo que passará pela intervenção médica, estaremos cometendo uma séria falha ética .

Maristela Piva.

Universidade de Passo Fundo – UPF – RS.



Emoções: sentidos e significados no contexto discursivo da sala de aula.

A questão da emoção e da afetividade tem sido abordada por diferentes autores numa tentativa de compreensão, explicitação e análise de alguns fatos que têm mobilizado diversos setores de nossa sociedade, como os frequentes casos de violência e agressividade, dentro e fora da escola. Tais fatos e suas implicações sociais, levam-nos a indagar sobre a forma como estes têm sido discutidos e interpretados e, sobretudo, os modos como afetam o ser humano em suas relações cotidianas. Essas indagações nos remetem, por sua vez, ao trabalho educacional, e nos levam também a inquirir sobre as características das relações de ensino no âmbito da instituição escolar. A pesquisa que vimos desenvolvendo numa escola pública municipal de ensino fundamental problematiza as relações entre emoção e significação no interior da sala de aula. Assumindo a perspectiva histórico-cultural de desenvolvimento humano, enfocamos a emoção em sua estreita relação com o movimento e o tônus corporal e nos indagamos, mais particularmente, sobre os modos como a linguagem afeta e constitui as emoções. Como as emoções significam e como vão sendo (re)significadas na dinâmica das interações? Wallon traz contribuições importantes para nossas investigações, especialmente quando discute as relações entre emoção, ato motor e atividade reflexiva, ressaltando o caráter dialético dessas relações. Também de um ponto de vista fundamentado no materialismo histórico-dialético, as idéias de Vygotsky mostram-se extremamente fecundas, particularmente quando ele argumenta sobre a relevância da linguagem e, sobretudo da significação, na constituição das emoções. As emoções assumem diversos significados e múltiplos sentidos, a partir de condições concretas em que se produzem. "As emoções nutrem-se dos efeitos que causam no outro" (Wallon). Deste modo, para discutir a questão das emoções na sala de aula, buscamos compreendê-las no jogo de relações sociais, que trazem em si implicadas a história, o discurso, a cultura. Neste trabalho, problematizamos os modos de se emocionar e as manifestações emocionais, relacionando-os aos múltiplos significados e sentidos que emergem no âmbito das relações de ensino, a partir da análise de uma situação vivenciada no cotidiano escolar. Considerando que as emoções vão além dos automatismos motores e da mera expressividade, propomos a analisar os modos como algumas manifestações emocionais vão sendo (re)interpretadas na dinâmica das interações. Interessa-nos aqui compreender como se produzem comportamentos, reações, manifestações emocionais sob a forma de agressividade. Assim, além dos fundamentos teóricos e metodológicos da perspectiva histórico cultural em psicologia, tomamos como pontos de referência princípios da pesquisa etnográfica (Ezpeleta e Rockwell) e contribuições da Análise do Discurso (Pêcheux; Maingueneau). Nas análises do material empírico, procuramos dar visibilidade ao "jogo de imagens" (Orlandi) que caracteriza a dinâmica discursiva na sala de aula, buscando traçar e discutir as formações imaginárias que permeiam e sustentam as relações e as posições de sujeitos socialmente constituídas, valorizadas e legitimadas na instituição escolar. Nossas análises mostram como um ato agressivo pode condensar, ao mesmo tempo, raiva, alegria, provocação, riso, prazer, e como esse ato se insere na trama, na história das relações e posições dos sujeitos. As análises ressaltam a dimensão significativa, socialmente orientada, das emoções.

Lavínia Lopes Salomão Magiolino; Ana Luiza Bustamante Smolka.

Universidade Estadual de Campinas.



Encaminhamento ao psicólogo em Hospital Geral e Centros de saúde.

A inserção dos serviços do psicólogo em Hospital Geral e Centros de Saúde significa a conquista e o compartilhar de um espaço anteriormente restrito aos cuidados do psiquiatra. Mas este fenômeno, com faces inter e multidisciplinar, caminha entre a resistência e a aceitação de que a competência humanista tem a ver com o fenômeno saúde – doença tanto quanto a competência médica. Se por um lado a valorização desta especialidade é entendida como essencial na atenção integral ao paciente, por outro lado herda os estigmas seculares que pesam sobre a psiquiatria quando vista como a especialidade de coisa alguma. Ainda, vê muitas vezes repassada, pela própria psiquiatria, a compreensão de que o que lhe cabe é o menos importante. Este pôster tem por objetivo ilustrar o fenômeno do encaminhamento de pacientes ao psicólogo em Hospital Geral e Centros de Saúde, utilizando enxertos de falas de médicos e psiquiatras componentes das amostras representativas das duas pesquisas originais. A Metodologia Qualitativa foi o caminho seguido em ambas as pesquisas. Mais especificamente o Método Clínico na Tese de Doutorado no Hospital Geral e o Método Clínico-qualitativo na Tese de Mestrado nos Centros de Saúde. O recurso técnico utilizado pelos pesquisadores foi a entrevista em sua forma semi-estruturada. As amostras foram constituídas por 50 médicos do Hospital Geral e 8 psiquiatras dos Centros de Saúde. Concluindo, são muitas as razões, tanto manifestas quanto latentes, que fundamentam o encaminhamento ou não encaminhamento ao psicólogo por médicos e psiquiatras. Razões que percorrem desde concepções leigas, que evidenciam um desconhecimento relativo ao campo da psicologia científica, até a falta de confiança nas credenciais e/ou especialização do psicólogo como um profissional qualificado para assumir funções clínicas. Os encaminhamentos independem da presença e/ou disponibilidade da agenda do psicólogo nas instituições. Eles existem, mas, poderiam seguir uma dinâmica mais ágil e imediata aumentando as chances de benefícios aos pacientes em função dos recursos terapêuticos associados.

Sales, GT. ; Botega, N.

Unicamp.



Encenações do Olhar.

“Não vêes que o olho abraça a beleza do mundo inteiro? É a janela do corpo humano, por onde a alma especula e frui a beleza do mundo, aceitando a prisão do corpo que, sem esse poder, seria um tormento [...]. Leonardo da Vinci Na descrição poética de Leonardo da Vinci, os olhos são a janela da alma. Para Euclides, são a janela do mundo. Na fenomenologia de Merleau-Ponty, o objeto, o corpo e o mundo constituem um sistema em que o mundo é a carne universal e o corpo está contido neste grande espetáculo em que “a visão é um ato em duas faces” (1994[1945]): o sujeito vê e é visto pelas coisas. Em sua posterior obra inacabada sobre o visível e o invisível, coloca que o vidente é olhado de toda parte por um olhar preexistente e sugere que ver é uma experiência enigmática que possui nomes diferentes em diversas línguas. De fato, eye e the gaze, das Auge e das Blick, el ojo e la mirada, el ochio e el suardo e l’oeil e le regard levam-nos a concluir que esses dois termos não querem dizer a mesma coisa. A pulsão escópica é o conceito freudiano que nos permite dizer que é a presença da libido que transforma o mundo num espetáculo, conforme nos mostra a jovem Dora ao experimentar um êxtase escópico diante do quadro de Madona Sistina, prazer relacionado ao efeito do belo cuja função é escamotear o horror da castração. Por outro lado, quando o olhar não cumpre esta função de tamponar a falta, a castração retorna para o sujeito acompanhada pelo afeto da angústia. De acordo com Freud, a visão do sexo da mulher, a castração feminina, é figurada por Medusa como a imagem do olhar que tanto fascina, como causa horror. É com a formulação do olhar como objeto a no campo do visível que Lacan aponta a esquizo entre o olho e o olhar e ressalta que é o simbólico que estrutura a realidade para o sujeito. Deste modo, a janela do mundo não são os olhos, mas a fantasia inconsciente. Neste painel, ilustramos a esquizo olho-olhar em sua articulação com a angústia de castração através de roteiros cinematográficos. Com a literatura apresentamos uma encenação do olhar na loucura, quando o olho e o olhar não mais se distinguem. Bibliografia Freud, S. Obras Completas, volumen VII. Buenos Aires: Amorrortu. 1998. Lacan, J. (1973) O Seminário 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1986. Maia, AMW A loucura histérica – uma afinidade especial entre a mulher e a loucura. Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Psicologia – UFRJ. 2000. _____ O olhar ameaçado – estudos sobre textos e imagens. Projeto de Qualificação apresentado ao Depto de Letras - PUC/RJ. 2001. Merleau-Ponty, M. (1945) Fenomenologia da Percepção. São Paulo: Martins Fontes. 1994. _____ (1964) O Visível e o Invisível. São Paulo: Perspectiva. 1992.

Ana Martha Wilson Maia.

PUC/RJ.



Enclausuramento ou Liberdade: um Novo Desafio para o “Louco”.

A esquizofrenia se constitui na mais freqüente das psicoses em que o paciente perde o juízo da realidade. Cerca de 1% da população em geral sofre desta psicose que apresenta graves distúrbios do pensamento, como delírios de perseguição e perda da conexão lógica de idéias. Dentro da classificação oficial das doenças, o CID 10, a esquizofrenia é subdividida levando em consideração os seus sintomas. No nosso presente estudo, estaremos particularmente focalizando a esquizofrenia paranóide. De acordo com o CID-10 temos a seguinte definição: “... tipo de esquizofrenia mais comum em muitas partes do mundo. O quadro clínico é dominado por delírios relativamente estáveis, com freqüência paranóide, usualmente acompanhados por alucinações particularmente da variedade auditiva, e perturbações da percepção. Perturbações do afeto, volição e discurso e sintomas catatônicos não são proeminentes.” Foucault, em sua obra História da Loucura, retrata os primórdios do asilamento e da doença mental, assinalando a gênese do confinamento que era calcado na capacidade produtiva do sujeito. Não havia discurso médico acerca da doença mental e sim um discurso jurídico-político. Os marginais – e neles incluídos os “loucos” – eram internados pois eram ditos incapazes de convivência social e não tinham utilidade para o sistema econômico que vinha se delineando. No Brasil, em 1998, a Lei Paulo Delgado estabelece a abertura dos manicômios. Isto implica num resgate da autonomia dos chamados doentes mentais, pois a partir desta Lei, eles passam a ter a possibilidade de fazer uso de seu livre arbítrio decidindo, inclusive sobre sua internação. Este foi um passo fundamental na quebra do paradigma enraizado de que o “louco” era inválido, incapaz e dependente. Em nossa experiência, no entanto, algumas perguntas se fazem necessárias: como a família de uma pessoa com o diagnóstico de esquizofrenia, após anos de um discurso médico enclausurante, recebe de volta esse doente? De que modo a ideologia enclausurante domina o imaginário dos familiares dos portadores de doença mental do tipo esquizofrenia? Que representações acerca do significado desse diagnóstico estão presentes em sua relação com essa pessoa? Será que essas representações carregam o ranço da “incapacidade”, da exclusão geradas pela prática do confinamento em manicômios, ainda presentes em nossa sociedade? Essas representações da doença mental poderão interferir de modo prejudicial na “reinserção” desse doente? Com essas indagações iniciais intencionamos, a partir do discurso da família, apreender com que significado de doença mental a família recebe de volta o “esquizofrênico” e se esse entendimento conduz a algum obstáculo nessa relação familiar. Assim, nosso objetivo nesse trabalho vem sendo a recuperação dessa fala familiar através do uso da história oral como fonte metodológica na recuperação dos possíveis resquícios dessa ideologia outrora dominante e suas conseqüências no retorno ao lar desse indivíduo diagnosticado como esquizofrênico. Imaginamos que os resultados desse trabalho podem vislumbrar ações preventivas no que concerne a um trabalho de acompanhamento familiar que possibilite uma reintegração eficiente e adequada dessa pessoa.

Maria Sueli Maia; Lucia Pumar-Cantini; Maria Izabel Garcia.



Ensinando e aprendendo sobre Autismo: o contato possível com a impossibilidade do contato.

Este trabalho relata uma experiência de ensino através de uma das práticas de observação oferecidas pela disciplina Psicopatologia do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, a qual foi realizada por um grupo de alunos, em uma Instituição que desenvolve um trabalho com crianças e adolescentes com o diagnóstico de autismo. O objetivo dessa prática nesse campo é oferecer a oportunidade de contato com a realidade de crianças com autismo favorecendo o seu estudo e compreensão, pois a experiência tem nos mostrado que os alunos ficam muito temerosos com a possibilidade de se aproximar de crianças que apresentam uma patologia que no seu imaginário é assustadora, enquanto uma situação desconhecida, coberta de fantasias e preconceitos. No início da prática, os alunos acompanhados pelas monitoras da disciplina, foram inseridos na Instituição através de uma reunião para apresentação dos profissionais e para esclarecimentos sobre a prática de observação que seria desenvolvida em diversas situações e contextos tais como: sala de aula, pátio, refeitório, oficina e outros. Durante o desenvolvimento da prática, os alunos em muitos momentos, a partir de seu interesse e demanda da instituição, foram solicitados a sair da posição de observadores passivos para serem participantes de algumas atividades tais como, por exemplo, acompanhar junto com as professoras um grupo de adolescentes autistas em uma caminhada fora da instituição. Através dos relatos dos alunos durante as aulas práticas e do acompanhamento dos mesmos pelas monitoras da disciplina, percebemos que a cada dia de observação os alunos foram aos poucos lidando com os seus preconceitos, temores, e as fantasias de serem atacados não só fisicamente mas também emocionalmente por esta experiência foi abrindo espaço para um olhar mais realístico para aquelas crianças que apresentam sérias dificuldades mas que são humanas e portanto passíveis de serem compreendidas. Os alunos relataram que a experiência foi importante e enriquecedora, pois observaram as diferenças individuais no comportamento dos autistas, constatando com isso que apesar de terem o mesmo diagnóstico, cada indivíduo a manifesta de uma forma própria, que não se restringe apenas ao modelo clássico, dotado de padrões e condutas estereotipadas, que existem diferentes níveis de autismo e que ao contrário do que diz a teoria sobre a impossibilidade de contato, algum tipo ou nível de comunicação ocorre no contato com os mesmos. A observação e contato com autistas ampliou também para os alunos a reflexão sobre o normal e patológico, sobre as implicações desta patologia para a dinâmica familiar bem como as dificuldades, angústias e frustrações dos profissionais que se propõe a trabalhar com esta patologia, em função da dificuldade de penetrar e compreender o universo autista. O espaço oferecido na disciplina, através das aulas práticas e da acessoria das monitoras, para relatar e compartilhar com os colegas a experiência, possibilitou ao aluno, um maior contato com a experiência emocional que viveu na prática e não só leu nos livros, do drama que esse tipo de sofrimento causa, disponibilizando assim, maior espaço para uma melhor compreensão da impossibilidade de contato destas crianças.

Marly A. Fernandes; Ligia Bonfá; Viviane Dorta.

Pontifícia Universidade Católica de Campinas.



Ensinando e aprendendo sobre Psicose Infantil através da experiência de observação.

Este trabalho apresenta-se como um relato de experiência de ensino com um grupo de alunos que fizeram uma prática de observação através da disciplina Psicopatologia do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, em um CAPSi de Campinas (CEVI) que oferece tratamento interdisciplinar a crianças com psicopatologias específicas: autismo , psicoses e outros transtornos graves.O objetivo dessa prática nesse campo, consiste em oferecer ao aluno uma experiência de observação para conhecer a criança com quadros psicopatológicos graves, sem o compromisso de chegar a conclusões diagnóstica, considerando-se relevante nesse momento o desenvolvimento do raciocínio psicológico e a reflexão do aluno da sua participação nessa experiência . Para desenvolver a prática, o aluno foi durante dois meses, uma vez por semana na instituição,para fazer observações em contextos previamente definidos tais como: a sala de espera, no momento em que as crianças chegam para o atendimento acompanhadas pelos pais ou responsável , na sala de refeições, na hora do lanche quando todas elas estão reunidas e numa área livre utilizada para atividades lúdicas com a proposta de favorecer a interação das crianças, pais e técnicos da instituição. Em todos estes contextos,a prática é de observação e não há a intenção de fazer uma intervenção direta, portanto o contato com as crianças deve acontecer naturalmente e os alunos são orientados quanto à postura e para não interferir nas atividades mas também para não impedir o contato sempre que esse é buscado pela criança. Através do relato da experiência dos alunos durante as aulas práticas, do acompanhamento dos mesmos realizado pelas monitoras da disciplina e do trabalho que apresentaram por escrito e no formato poster ao final do semestre , a experiência pode ser socializada com os outros alunos assim como pudemos avaliar e identificar vários ganhos no processo ensino-aprendizagem. Apesar de ser apenas uma experiência de observação, constatamos que os alunos ficam muito mobilizados pelo sofrimento que as crianças apresentam, fato esse que desperta vários questionamentos, possibilitando reflexões e a consciência da importância da análise pessoal na formação do psicólogo. O contato com os pais foi uma experiência que se destacou, ainda que esse não fosse o foco inicial, a riqueza de dados observados na relação pais / criança , evidenciou a relevância da família na participação da patologia da criança , no sentido de explicitar as dificuldades de ambos para lidar com as emoções e para se vincular. Consideramos também que a proposta da instituição e a dedicação dos profissionais possibilitaram ao aluno uma continência para as angústias e impotência despertadas pela aproximação do sofrimento tão visível nas crianças observadas.A aula prática da disciplina, foi o lugar privilegiado para acolher , refletir , ensinar, aprender e socializar a experiência vivida por esse grupo de alunos que se propuseram a compartilhar com os colegas e equipe da disciplina (docente e monitoras) esta vivência favorecendo assim um ensino mais vivo no sentido de ser mais próximo da realidade como também colorido de uma experiência emocional que ressignificou a teoria estudada.

Marly A. Fernandes; Ligia Bonfá; Viviane Dorta.

Pontifícia Universidade Católica de Campinas.



Entendimentos populares da esfera política - elementos para uma comparação internacional.

Este painel apresenta algumas hipóteses levantadas no trabalho de Mestrado em Psicologia Social que defendi na The London School of Economics and Political Science sobre o entendimento que londrinos têm de sua esfera política nacional e contrapõe essas hipóteses a conclusões de estudos realizados no Brasil e nos EUA. Philip Converse ('The Nature of Belief Systems in Mass Publics'. In: D. E. Apter. Ideology and Discontent) aponta que a política era largamente entendida pela população americana na década de 1950 como meio de disputa entre interesses de grupos sociais, notadamente ricos versus pobres e negros versus brancos, e de tomada de decisões quanto às relações internacionais, principalmente intervenções militares em países estrangeiros. A discussão de sistemas amplos de idéias políticas interligadas (ideologias), como o papel do Estado e do mercado, era raramente feita. O eleitorado se dividia entre os que se guiavam por fidelidade partidária (com variados graus de consciência das bandeiras dos partidos); carisma de candidatos ou eventos isolados; origem social ou regional do candidato; e propostas isoladas ou desempenho anterior. A pesquisa de Sandra Jovchelovitch no Brasil em 1992/1993 (Representações Sociais e Esfera Pública, Ed Vozes) mostrou que a esfera pública é representada no país como um espaço privado onde predominam relações pessoais. Embora discursos de políticos às vezes separem trabalhadores de empresários e ricos de pobres, a população entende que a verdadeira oposição de grupos na política brasileira é entre população e políticos. A política serviria somente para benefício dos próprios políticos e a interesses ocultos vagamente compreendidos, de tal forma que o povo ver-se-ia como (e assim far-se-ia) impotente. Atributos pessoais dos candidatos são determinantes principais na hora do voto. Nossos dados, colhidos em 2001 (Representations on the Plans for a 'Public-Private Partnership' of the London Underground), sugerem que grande parte dos londrinos possui noções sobre o papel dos setores público e privado (a onda de privatizações tem afetado seu dia-a-dia) e entende que muito da política é uma disputa entre bem definidos sistemas de idéias sobre tais noções. Embora haja uma nítida representação da divisão da sociedade em grupos sociais no cotidiano, esta se mostra tênue (a não ser a divisão entre cidadãos e refugiados estrangeiros) no entendimento da política: os políticos são vistos como discutindo o caminho para o bem da sociedade como um todo. Nem a mídia nem qualquer entrevistado jamais apresentaram suspeitas de corrupção no governo, considerando que caso houvesse, já teria sido descoberta. Todavia, nem sempre os políticos acreditariam na eficácia das medidas que propõe: a política é freqüentemente referida como um jogo de manipulação de impressões para defender uma ideologia no poder. Entre os recursos percebidos destacam-se: a proposição de medidas insuficientes ou inócuas com a intenção de declarar estar-se fazendo algo; e a de medidas boas no curto prazo com efeitos nocivos a longo prazo. Portanto, nos países e períodos citados, a política é entendida como servindo a: decisões sobre o destino de grupos e países (EUA); interesses privados (Brasil); e disputa entre ideólogos que manipulam impressões (Reino Unido).

Eric Calderoni.

The London School of Economics and Political Science; Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Faculdades Tancredo Neves.



Entrada de pacientes infantis na Clínica-Escola: delineamento da área de estágio.

A Clínica Psicológica São Marcos tem merecido estudos que buscam aprimorar o serviço oferecido e tem uma preocupação constante com a formação ajustada às necessidades da demanda. Este trabalho apresenta um levantamento da área de Atendimento Psicológico Básico: avaliação e intervenção (AB), realizado através de um estudo documental, que verificou como os diversos grupos de estágio vêm desenvolvendo seus trabalhos e sintonizando os atendimentos com as tarefas propostas pelo programa da disciplina. O estágio de AB, dentro do funcionamento desta clínica-escola, é responsável pela recepção dos pacientes da área infantil e por isso, exige procedimentos flexíveis já que pretende atender às mais variadas demandas: triagem e acolhimento, diagnóstico breve, intervenção breve e encaminhamento assistido. Realizou-se um levantamento das fichas de chamada de 120 pacientes infantis do 2º semestre de 2001, que contém dados sobre a criança, o trabalho realizado e o desfecho de cada caso. Os dados da criança incluem: número do prontuário, sexo, idade, escolaridade, queixa e configuração familiar. O trabalho fere-se à atividade efetuada com os pais e crianças, sessão-a-sessão. No desfecho de cada caso, os dados indicam a passagem de AB para psicoterapia infantil (PI), para psicodiagnóstico grupal interventivo e continuidade em AB na própria instituição ou encerramento para arquivo morto (AM) quando encaminhados para fora, por conclusão ou desistência. Os resultados mostraram que o maior índice de procura dos casos (72,5%) refere-se a atendimentos de meninos, concentrados na faixa etária de 6 a 11 anos, cursando o ensino fundamental, sendo que 78% do total vivem com pelo menos um dos pais, quando analisada a sua configuração familiar. Quanto ao encaminhamento, 66,66% permaneceram na própria instituição para atendimento em outras áreas, 10,83% foram concluídos e 22,5% tiveram encaminhamento externo, indicando que esta clínica tem conseguido absorver e atender a maioria dos pacientes que procura a instituição. Um outro aspecto é o dos casos que tiveram continuidade de atendimento na própria clínica, em que 17,50% foram para diagnóstico interventivo em GPPD, dos quais 76,19% após uma única sessão, sugerindo que AB cumpriu a função de triagem e distribuição de clientes para outras áreas de estágio. Além disso, 40,83% foram para a área de PI após uma média de seis sessões, e da mesma forma, os casos que necessitaram de diagnóstico breve tiveram uma duração maior, entre quatro e 11 sessões, para um melhor direcionamento. Observou-se ainda que 31,66% foram encerrados para AM; destes, 17,49% por serem encaminhados para fora da instituição sendo 10,83% para psicólogos credenciados e 6,06% para outras instituições. Um número relevante de 10,83% foi considerado AM por conclusão, o que significa que após intervenção breve, esses casos não precisaram ser reencaminhados, pois tiveram um desfecho satisfatório. As desistências contaram com 3,3% dos casos, considerado um índice baixo, se comparado aos dados de outros estudos. Conclui-se que a área de Atendimento Básico tem cumprido seus propósitos e que a possibilidade de avaliar constantemente o trabalho tem se mostrado de extrema importância para uma melhor operacionalização dos atendimentos e serviços oferecidos, aprimorando o estágio de formação.

Tereza lochico Hatae Mito; Maria Regina Brecht Albertini; Lucia Cunha Lee.

Universidade São Marcos.



Entre a cruz e a espada: as Representações Sociais de saúde e Ideologia em psicólogos na cidade de Florianópolis.

Este trabalho traz os resultados de uma pesquisa realizada em Florianópolis, em 2000, e que fez parte da dissertação de mestrado apresentada e aprovada em 2001, na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. O objetivo era identificar as Representações Sociais de saúde em psicólogos, sendo a análise empreendida no sentido da articulação dos conceitos de representações sociais e ideologia. Participaram deste estudo oito psicólogos que exercem suas atividades profissionais na cidade de Florianópolis, SC. O procedimento utilizado para coleta de informações foi entrevista semi-estruturada. As informações colhidas foram analisadas e interpretadas a partir da concepção crítica de ideologia proposta por John B. Thompson, na qual uma forma simbólica só é ideológica quando serve para sustentar relações de dominação em circunstâncias e contextos específicos. As categorias temáticas adotadas foram: representação social de saúde, a relação entre saúde e Psicologia, o modo de aplicação do que se entende por saúde na prática, e o papel do psicólogo no que se refere à saúde das pessoas. As interpretações indicam que as representações sociais de saúde na maioria dos profissionais entrevistados mantêm binômios historicamente interessados, expressando idéias liberais e positivistas, o que denota que o discurso psicológico continua servindo para sustentar relações de dominação. Indicam a insuficiência da superação desses binômios pelo conhecimento específico e isolado da prática clínica. Apontam para a necessidade de uma reflexão articulada sobre saúde na formação em Psicologia, na busca de construção de saberes localizados e de intervenção adequados, intermediados pelo desenvolvimento integral da promoção de qualidade de vida, dentro dos esforços significativos no âmbito específico da saúde enquanto instância crítica. Tal superação necessita de uma reflexão política sobre as práticas psicoterápicas que refletem sobre as representações sociais de saúde, que por sua vez, acabam sustentando o discurso das teorias. Além disso, uma reflexão intradisciplinar e interdisciplinar se faz necessária na formação do psicólogo para a saúde, pela aproximação da prática clínica com a Psicologia Social, com a Psicologia da Saúde, que podem, por sua vez, encontrar na Saúde Pública possível parceria para um diálogo. Esperamos que com os resultados deste trabalho tenhamos contribuído de alguma forma, com aqueles que desejam a expulsão do “Barão de Münchhausen” da Psicologia. Palavras-chave: Saúde, Ideologia, Psicologia, Representação Social.

Regina Maria Bastos Ferreira; Andréa Vieira Zanella.

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.



Entre o dever-fazer e o viver da criança: a significação das regras nas interações bebê-professora-bebês.

Partindo do pressuposto da Psicologia histórico-cultural, este trabalho objetivou compreender como se dá o processo de significação das regras nas interações bebê-professora-bebês, numa creche pública. Para tanto, foram filmados 6 bebês em interações durante um dia. As filmagens possibilitaram a construção de categorias das atividades engendradas no contexto, que resultaram em quadros com os tempos vividos pelos bebês em um dia de creche. Os episódios analisados demonstraram que quando a professora tinha que escolher entre suas responsabilidades e as necessidades das crianças, ou seja, entre o dever-fazer e o viver das crianças, a professora agia de acordo com as regras da instituição, significando os movimentos dos bebês a partir das mesmas. Sem flexibilizá-las, mesmo que a situação exigisse, as ações da professora não visavam os interesses das crianças.

Edla Grisard Cadeira de Andrada; Andréa Vieira Zanella.

Universidade Federal de Santa Catarina.



Entre o Micro e o Macro na Educação: Possíveis Causas da Queixa Escolar Através de um Estudo de Caso.

A queixa escolar vem sendo objeto de vários estudos dentro da Psicologia Escolar e Educacional. A percepção de que a criança é o único responsável pelo seu fracasso, seja por uma má alfabetização ou por déficits de inteligência pessoais vem, aos poucos, cedendo lugar a uma concepção mais global. Segundo Deleuze e Guatarri (1980), a constituição da subjetividade é intrinsecamente atravessada por diversos aspectos, entre eles econômicos, sociais, políticos, familiares etc. Numa análise assim, não somente a relação professor aluno é investigada, mas as formas de relações familiares, os meios de comunicação de massa, a condição econômica familiar, enfim, todos os equipamentos coletivos que constroem o indivíduo desde a infância. O presente estudo analisou uma criança, filha de pais separados, do sexo feminino, com idade de 11 anos e 7 meses, estudante da 5ª série de um Colégio da rede pública federal no estado de Sergipe através de quatro etapas que consistiram em a) pesquisas nos bastidores dos encaminhamentos, versões de vários profissionais e a história escolar da criança; b) visitas à sala de aula para uma análise da sua dinâmica e aplicação de questionário padronizado e entrevistas semi-abertas com os professores e com a criança; c) encontro individual com a criança, onde foi aplicada a técnica do desenho livre e, d) uma visita domiciliar, que contou com uma entrevista à mãe da criança e observação da dinâmica familiar. Os dados conclusivos constataram um desconhecimento, por parte dos professores, da condição especial da criança em questão; professores com sobrecarga de trabalho; ausência dos pais no acompanhamento escolar; condições físicas da sala de aula inadequadas - temperatura elevada, iluminação precária e organização espacial das carteiras sem simetria; fator emocional instável da criança, em decorrência da separação dos pais.

Ingrid Vieira Guimarães; Maria Stela Bergo.

UFS.



Entrevista Familiar Diagnóstica (EFD) em famílias de adolescentes privados de liberdade.

Este trabalho tem como objetivo investigar a utilização da EFD como uma das técnicas de exame psicológico, em famílias nas quais um dos filhos se encontra cumprindo medida sócioeducativa de Internação nas Unidades da Febem-SP – Complexo Tatuapé. O estudo mostra-se importante na medida em que esse instrumental possibilita a extensão de sua utilização para além da clínica infantil e sua utilização em instituição de privação de liberdade para adolescentes. É fato conhecido, que existem dificuldades para a realização de um exame psicológico na área da delinquência juvenil, quer por questões metodológicas, quer pelo elevado número de adolescentes que chegam à instituição. Segundo Berestein (1988) o grupo familiar é um sistema formado por pessoas ligadas por uma relação de parentesco que se relacionam de acordo com a significação da estrutura familiar inconsciente. Assim sendo, a EFD, foi aplicada para obter dados sobre a dinâmica da vida familiar e elucidar conflitos derivados da intersubjetividade dentro do campo familiar. Os sujeitos foram adolescentes do sexo masculino, com idades de 14 a 17 anos, com escolaridade entre 4ª e 7ª série, privados de liberdade, primários na medida socioeducativa de Internação, sem cometimento de homicídio, problemas neurológicos e psiquiátricos ou déficit mental. Os resultados foram avaliados no referencial psicanalítico. Na análise observamos a utilização de mecanismos mais regredidos na relação com a figura materna. A figura paterna é retratada como ausente. Os sujeitos colocam-se sozinhos, não percebidos pela família. Seu lugar é estar “fora” dessa família. Há um desvio do sentido de pertinência. Cada membro da família realiza uma atividade diferente, parecendo estar fragmentada. Não interagem, não parecem uma família, mas pessoas que estão vivendo em um mesmo teto. Há dificuldade em construir uma história em conjunto. A família não consegue manter relação com sua atitude e o sintoma do filho. Observa-se que as relações e a continuidade com o envolvimento em delitos, para alguns sujeitos, são marcadas pelo lugar que o filho ocupa dentro do desejo parental. Entretanto, essas características também estão presentes em famílias cujos filhos não estão sub judice. A EFD, foi bem aceita por essa população, havendo interesse em realizá-la. A resistência, bem como a defesa manifesta-se pelo medo de que os conteúdos patológicos sejam revelados. A “lei do silêncio” (presente em prisões), apresenta-se como um dos valores introjetados durante a internação, dificultando a expressão de afetos e de conflitos. Apesar de nem todos os membros da família terem participado, somente a mãe e o interno, o instrumental permitiu o acesso à dinâmica familiar. Porém, os dados não são critérios para decisões judiciais como a continuidade da internação do adolescente. Eles expressam um caminho possível para auxiliar a família na re-significação de suas dificuldades.

Sirlei Fátima Tavares Alves.

Universidade de São Paulo.



“Enurese infantil noturna monossintomática: intervenção comportamental em grupo e individual com aparelho nacional sonoro”.

O presente trabalho buscou auxiliar crianças com enurese noturna na clínica escola da Universidade de São Paulo, através de intervenção terapêutica realizada individualmente e em grupos de pais e de crianças, semanalmente. No grupo de pais foi feito aconselhamento psicológico abordando o tema enurese; no trabalho lúdico com as crianças o conteúdo era trazido por elas a cada encontro. Nossos clientes foram 6 crianças entre 8 e 12 anos. Individualmente foram atendidas duas outras crianças, de 8 e 9 anos. Às famílias de cada criança foi emprestado um aparelho nacional para auxiliar no tratamento da enurese. Este aparelho, de tecnologia inglesa, foi fabricado através de parceria com a POLI-USP e consiste de uma esteira e de um dispositivo sonoro, que é acionado quando a criança urina na cama. Assim, a criança não fica por muito tempo molhada e acostuma-se a acordar seca. Os pais responderam individualmente o Inventário de Comportamentos da Infância e Adolescência - CBCL (Child Behavior Checklist, Achenbach, 1991), a Escala de Intolerância (Morgan & Young, 1975) e o Formulário de Avaliação de Enurese (Blackwell, 1989). Foi também realizada a Entrevista Semi-Estruturada de Butler (1987), com cada criança individualmente. Paralelamente à avaliação por questionários, as famílias registraram a frequência de descontrole enurético das crianças antes e ao longo do tratamento. O critério adotado para o encerramento do atendimento foi o de a criança estar seca por dois meses seguidos tendo passado pelo processo de Superaprendizagem, que consiste em tomar bastante líquido antes de dormir e, ao urinar, fazer exercícios de retenção da urina para fortalecer a musculatura esfinteriana. Das seis crianças que ingressaram neste Programa de Atendimento em Grupo, cinco deixaram de ser enuréticas segundo os critérios do DSM-IV (urinar na cama com frequência igual ou superior a 2 vezes por semana durante 3 meses seguidos) e uma desistiu. As crianças atendidas individualmente receberam alta. A família da criança que não deixou de ser enurética não seguia as instruções da terapeuta e por fim desistiu do atendimento. Este trabalho é relevante para a psicologia enquanto ciência porque inaugura no Brasil uma nova forma de atendimento a crianças com enurese noturna, que é a união da orientação psicológica com o uso do aparelho sonoro. São discutidas as dificuldades que este tipo de trabalho suscita tanto a nível institucional, como individual, inclusive com referência aos aspectos de adesão ao tratamento comparando-se os atendimentos individuais e em grupo.

R.A.Prota-Silva; E.F.M.Silvares.

USP.



Enurese Noturna na adolescência: relevância da investigação em Instituição Pública de Saúde.

Introdução: A enurese é considerada como um ato de micção repetida e inadequada (Souza, Oliveira & von Poser, 1995) e se refere ao urinar acidental ou incontrolado (Mellon & Houts, 1995) sendo definida funcionalmente como “o molhar-se que ocorre na ausência de patologia urológica ou neurológica” (Doleys, 1977). É enquadrada pela psicopatologia atual como uma desordem funcional de eliminação que, juntamente com a encoprese, requer tratamentos médico-psicológicos (Mellon & Houts, 1995). As estatísticas norte-americanas apontam 5 milhões de crianças sofrendo de enurese noturna (Houts, 1991). A enurese é um problema comum entre crianças de idade pré-escolar, envolvendo 7% dos meninos e 3% das meninas (Oliveira, 1999). A enurese infantil afeta 10% das crianças com 6 anos, 7% das crianças com 8 anos, e 3% dos pré-adolescentes com 12 anos. Entre os adultos jovens de 20 anos, 1% são enuréticos (Wille, 1986). Usualmente, não se indaga a adolescentes atendidos em instituição pública de saúde se há presença de enurese dentre suas queixas por se acreditar que já tenham superado tal dificuldade. Contudo, percebe-se que muitos pais omitem essa informação por não julgá-la procedente. Da mesma forma, muitos adolescentes não trazem à tona essa queixa por constrangimento. **Objetivo:** Pretende-se com este verificar a incidência e prevalência da enurese nos prontuários de adolescentes de um centro de atendimento psicológico como pistas de que a queixa de enurese houvesse ou não recebido a devida atenção por parte da família e/ou do adolescente. **Material e método:** O presente trabalho foi desenvolvido no Centro de Atendimento e Apoio ao Adolescente do Departamento de Pediatria do Hospital S. Paulo da Universidade Federal de S. Paulo – UNIFESP. Os Inventários de Comportamentos da Infância e Adolescência - CBCLs - Child Behavior Checklist - (Achenbach, 1991) utilizados como instrumentos de triagem pelo centro foram utilizados como recursos através dos quais os adolescentes informam a presença ou não de enurese dentre suas queixas. **Resultados:** Do total dos adolescentes atendidos (N=63) em período de 12 meses constatou-se que 11% (N=7) apresentaram enurese noturna. Destes, 57% (N=4) eram do sexo masculino e 43% (N=3) eram do sexo feminino. **Considerações finais:** Os resultados confirmam a literatura de que há prevalência do distúrbio para o grupo masculino. Contudo, na população pesquisada, indica incidência superior àquela apresentada pela literatura. Tais dados foram tomados como sinalizadores para a necessidade de se investigar com maior atenção a presença dessa queixa em adolescentes nas instituições públicas de saúde onde são atendidos, de maneira a atendê-los mais efetivamente. **Conclusão:** A enurese noturna é uma queixa importante entre adolescentes atendidos em instituições públicas de saúde, devendo ser focalizada logo na triagem, possibilitando, assim, um atendimento mais eficiente. Para tanto, deve ser incluída pergunta sobre a mesma, principalmente na avaliação pediátrica.

Costa, N. J. D.; Ferreira, T. H. S.; Silveiras, E. F. M.

Universidade de S. Paulo – USP.



Envelhecimento e redes de apoio informais e sociais no município de São Paulo.

Introdução: A relação entre laços sociais e saúde foi sugerida, na década de 70, por Sidney Cobb (1976) e John Cassel (1976), quando evidenciaram que a ruptura de laços sociais aumentava a suscetibilidade a doenças. Daí, expandem-se as pesquisas no campo da epidemiologia que indicam que as pessoas que têm formas diversificadas de relações sociais ficam doentes menos frequentemente e engajam-se mais em comportamentos considerados mais saudáveis do que pessoas sem apoio social. Para os idosos, a presença de apoio social tem sido fortemente associada com desfechos positivos, tais como satisfação com a vida, melhor estado de ânimo e elevada auto-estima. O envelhecimento populacional associado às modificações econômicas e sociais que acompanham a modernização das sociedades podem enfraquecer os tradicionais sistemas de apoio para pessoas idosas, aumentando o número de idosos em situação de risco. Objetivo: Tem-se como objetivo analisar as relações sociais em população de idosos, com ênfase na disponibilidade de apoio social e na composição das redes sociais desta população. Método: Foi estudada uma amostra de base populacional com 2.143 pessoas com 60 anos ou mais, entrevistadas em seus domicílios, no município de São Paulo. É um projeto multicêntrico, “Pesquisa Saúde, Bem-Estar e Envelhecimento na América Latina e Caribe” (Projeto SABE), realizado em 8 países, pela Organização Panamericana de Saúde. Resultados: Observou-se que a grande maioria dos domicílios dos idosos (78%) tinha até cinco pessoas, sendo, em geral, composta pelo cônjuge e o(s) filho(s) ou somente pelos filho(s). Cerca de 33% dos entrevistados estava separado/divorciado/solteiro ou viúvo e aproximadamente 13% morava só. Um percentual significativo referiu não ter filho(s) (20%) e/ou irmão(s) (16%) que não moravam(m) no mesmo domicílio. Alguns idosos (8%) relataram não receber nenhum tipo de ajuda (como dinheiro, transporte, ajuda nas tarefas de casa, roupa e/ou comida, companhia, etc) das pessoas com quem residiam e um percentual maior (31%) relatou a mesma situação no que diz respeito ao(s) filho(s) que não morava(m) junto(s). Aproximadamente 14% relatou insatisfação com a frequência de contato com esse(s) filho(s). A grande maioria (92%) referiu não receber nem oferecer ajuda a outras pessoas que não sejam familiares (filhos ou irmãos). É pequeno o número de idosos (4%) que referiu ter recebido algum tipo de ajuda de instituição ou organização que apoia os idosos, sendo que a instituição mais citada foi a igreja ou templo. Conclusão: Os resultados apresentados sugerem que relacionamentos mais intensos estão restritos à família nuclear e contatos com parentes da família extensa e amigos são menos frequentes. Considerando a hipótese de que o apoio social fornecido por amplas redes de amigos familiares pode estar associado com desfechos positivos em idosos, esse resultado pode significar que esta população pode estar em situação de risco para diversos agravos à saúde física e/ou emocional. Sugerimos, portanto, a inclusão de aspectos do ambiente psicossocial, tais como criação e acesso a grupos associativos diversos e estimulação ao contato com amigos, parentes, membros de igreja, etc, no desenvolvimento de políticas e programas de saúde para a população crescente de idosos.

Tereza Etsuko da Costa Rosa; Maria Helena D’Aquino Benício; Maria Lúcia Lebrão; Rui Laurenti.

Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo; Faculdade de Saúde Pública – USP.



Equivalência de estímulos: discriminação condicional instruída versus modelada por contingências.

Estudos anteriores demonstraram que existe a possibilidade da formação de classes de estímulos equivalentes, quando as relações são estabelecidas por meio de discriminação condicional instruída por sentenças do tipo “Quando o modelo for X, escolha W” e as respostas consistem em assinalar o estímulo de comparação impresso (formato lápis-papel). Nesses estudos, uma parte considerável dos participantes formou relações de equivalência, mas o número foi inferior ao que se observa naqueles em que as respostas foram treinadas com o uso de softwares e modeladas por contingências. Em nenhum desses estudos foram comparados de forma direta esses dois procedimentos. O presente experimento, visou fazer esta comparação, tendo-se avaliado a porcentagem de respostas corretas nos testes de equivalência (treino de discriminação condicional com respostas modeladas por contingências versus instruídas), em que o tipo de estímulo, o número de estímulos por classe, o número de tentativas de treino e de teste, e a seqüência dos blocos foram os mesmos para ambos. Investigou-se ainda, o efeito de diferentes estruturas de treino: linear (Lin), comparação como nóculo (CaN) e modelo como nóculo (SaN) no desempenho dos participantes. Dezoito estudantes do curso de Psicologia de uma instituição privada foram distribuídos em seis grupos e realizaram as tarefas individualmente. Os grupos que realizaram as tarefas no microcomputador (Lin-micro, CaN-micro e SaN-micro) foram submetidos ao procedimento de discriminação condicional modelada por contingência, utilizando o software Equivalência e realizaram os testes em extinção. Os grupos que realizaram as tarefas em formulário impresso (Lin-papel, CaN-papel e SaN-papel) foram submetidos ao procedimento de discriminação condicional instruída e realizaram os testes na ausência de instruções e em extinção. As fases do procedimento foram as seguintes: treino das relações de linha de base; teste de linha de base, com critério de 90% de acertos para passar para a próxima etapa; teste de simetria e teste de equivalência. Os resultados mostram que 100% dos participantes dos Grupos CaN-micro e CaN-papel; 66,6% dos participantes do Grupo SaN-papel; 33,3% do Grupo SaN-micro e nenhum dos três participantes dos Grupos Lin-micro e Lin-papel formaram classes equivalentes, isto é atingiram o critério de 90% de acertos. A análise dos dados, feita por meio de ANOVA, revelou que não houve efeito do tipo de treino (discriminação modelada por contingência X instruída - $F=0.571$, $p > 0.05$), mas houve efeito do tipo de estrutura (CaN X SaN X LIN - $F=31.626$, p

Batista, Ana Priscila; Paranzini, Ana Claudia Sella; Serpeloni, Fernanda; Haydu, Verônica Bender;

Universidade Estadual de Londrina – Londrina; CNPq; PIBIC; CPG/UEL



Era e o Hospital Amigo da Criança: o relato da mulher diante das rotinas propostas.

Como estratégia para fortalecer o movimento de incentivo à amamentação, a Organização Mundial de Saúde e o UNICEF lançaram em 1992 a Iniciativa Hospital Amigo da Criança (IHAC): uma campanha de caráter mundial que enfatiza a importância dos estabelecimentos de saúde na tríade proteção, promoção e apoio ao aleitamento materno, tendo como alvo central capacitar os profissionais de saúde e o próprio estabelecimento de saúde para prestarem informações corretas sobre a amamentação bem como adotarem práticas e rotinas que favoreçam o aleitamento. O decálogo das rotinas, conhecido como "Os 10 Passos Para o Sucesso da Amamentação", estabelece os critérios a serem cumpridos por um Hospital Amigo da Criança (HAC) O Hospital Maternidade Leonor Mendes de Barros (HMLMB), localizado na zona leste do município de São Paulo/SP, foi a primeira instituição da região metropolitana a receber o título de HAC (1999). OBJETIVO: Apreender como as mulheres percebem as práticas e rotinas de incentivo ao aleitamento materno deste hospital. CASUÍSTICA E MÉTODOS: As escolhas metodológicas neste estudo foram a modalidade qualitativa de pesquisa e a técnica da coleta de dados através de entrevista semi- estruturada (gravadas, transcritas, textualizadas e transcriadas), baseada na história oral temática. Optou- se pelo modelo transversal, com análise de conteúdo temática de todo o corpus de entrevistas. Foram entrevistadas oito mulheres em suas residências, até 15 dias após o parto no HMLMB, no período de agosto a novembro/00. RESULTADOS: Focalizando o Passo proposto pela IHAC de "Ajudar as mães a iniciarem a amamentação na primeira meia hora após o parto" nenhuma das entrevistadas multíparas havia experienciado o contato precoce nos partos anteriores, expressando a satisfação desse contato, diminuindo sua sensação de desconforto. Sobre o Passo "Praticar o Alojamento Conjunto - permitir que mães e bebês permaneçam juntos - 24 horas por dia", identificou-se que o período em que a mulher se recupera da anestesia e do próprio trabalho de parto pode ser comparado a um momento de "descanso" e a presença da criança é um fator de prazer e fortalece a formação do vínculo afetivo. O alojamento conjunto contínuo diminui o temor de troca de bebês ou do mau-trato por parte das funcionárias do hospital, fantasia persecutória que permeia as falas de nossas entrevistadas. Quanto a dois outros Passos: "Mostrar às mães como amamentar e como manter a lactação, mesmo se vierem a ser separadas de seus filhos" e "Encorajar a amamentação sob livre demanda", em todas as entrevistas fica nítido o papel de assistência e orientação das profissionais do Banco de Leite Humano (BLH) do HMLMB em detrimento dos outros profissionais que estão em contato com a puérpera durante sua internação. Sendo um ponto de referência, o BLH parece responsabilizar-se integralmente pela amamentação: De um modo geral, a satisfação pelo atendimento recebido é constante nas entrevistas, sendo recorrente a comparação do serviço público com o serviço privado. É fator de surpresa o atendimento que recebem: o acesso, a limpeza do ambiente, a nutrição, a atenção em geral e até mesmo a presença de "autoridades" no dia- a-dia do hospital.

Fátima Yukie Onoie de Carvalho; Teresa Setsuko Toma

Instituto de Saúde - Secretaria de Estado da Saúde



Era uma vez uma Criança... UM Inconsciente e uma Doença.

Visando um estudo sobre o posicionamento de crianças, acometidas pela AIDS ou portadoras do vírus HIV, enquanto sujeitos do inconsciente, e fundamentado na psicanálise de orientação lacaniana, este trabalho parte da afirmação sobre a singularidade do sujeito, onde se acredita que cada criança interprete de forma singular o quê está vivendo, neste caso a AIDS. Mais especificamente, procura-se voltar a atenção para o sujeito que narra e para seu posicionamento particular diante desta contingência do Real que se impôs em sua vida: o vírus HIV. Para isso, analisa-se as narrativas produzidas por estas crianças, especialmente as de ficção, que é compreendida como um gênero narrativo que possibilita o falar de si de forma disfarçada, permitindo abordar conteúdos interditados. Tais narrativas são produzidas durante um atendimento realizado em um grupo para ouvir e contar histórias composto por quatro crianças, de ambos os sexos, pertencentes à faixa etária de 3 a 5 anos, institucionalizadas e acometidas pela AIDS. O sigilo é firmado com estas crianças e pede-se a sua autorização para a gravação da sessão, o que permite realizar uma transcrição literal das fitas. Posteriormente, é realizada uma análise destas narrativas a partir de marcas lingüísticas e repetições significantes, visando colher o posicionamento particular - e até mesmo inconsciente - de cada crianças diante da AIDS. Tal análise tem demonstrado que as crianças trazem não apenas as angústias advindas da AIDS, tais como; as internações, as doenças provocadas pela síndrome, a perda de seus colegas, o afastamento de seus pais, mas também se angustiam por questões típicas de qualquer criança, como de onde vêm os bebês (origens), a resolução do complexo de Édipo e a castração/morte. Com isso, é possível perceber que muita atenção tem sido voltada para a doença nestas crianças, as quais ficam esquecidas enquanto sujeitos do inconsciente, enquanto "porta-dores" não só da dor provocada pela contaminação pelo vírus, mas também de angústias e desejos típicos de qualquer criança.

Alessandra Fernandes Carreira; Flávia Andréa Pasqualin

UNAERP



Era uma vez... a psicologia e a biblioteca.

A Psicologia na interface com a Educação vem desvendando novos campos através da atuação comprometida do psicólogo em propiciar o desenvolvimento por meio da aprendizagem. As bibliotecas têm conquistado caráter imprescindível na formação do cidadão por garantir o acesso ao conhecimento através da pesquisa e da leitura. É sabido que a leitura proporciona uma aproximação do presente e do passado através da síntese pessoal e significação atribuídas a produção escrita possibilitando a construção da subjetividade, na participação social, na formação do cidadão crítico e reflexivo. Durante o ano de 2001, em Itajaí - SC, transcorreu o estágio supervisionado de Psicologia Educacional na Biblioteca Pública Municipal e Escolar que buscou aliar o conhecimento e práticas da Psicologia ao cotidiano da biblioteca com o intuito de, conjuntamente com os profissionais deste espaço, propiciar ao usuário o aproveitamento do ato de ler e de pesquisar que os leve a uma cultura de utilização e criação do saber, voltada para resolução de questões de sua rotina individual e coletiva. Para a caracterização da população e investigação das possibilidades de investimentos, fez-se um questionário com 10 questões de múltipla escolha e 1 questão aberta. A amostra composta de 374 usuários revelou a maior frequência de: adolescentes entre 13 e 20 anos, sexo feminino, estudantes, ensino médio não concluído, escolas estaduais, dos bairros mais próximos, tem acesso a outras bibliotecas, principalmente da escola, o amigo é a principal forma pela qual se sabe da biblioteca, freqüentadores por todo o ano, o recurso mais procurado é o livro (seguido da Internet), buscam a biblioteca para obter informações, solicitam a auxiliar de biblioteca para encontrar o que procura após ter ido as estantes. As sugestões mais freqüentes foram de aumento do acervo e de número de computadores. Estes resultados foram discutidos com a equipe de funcionários e as sugestões vêm sendo atendidas dentro das possibilidades da instituição. Verificou-se através de observações, entrevistas com os funcionários e os resultados do perfil do usuário, a necessidade do programa de instrumentalização das auxiliares de biblioteca, que buscava diversificar os meios de incentivo à leitura e à pesquisa e elaborar estratégias para propiciar aos usuários a descoberta dos benefícios do hábito de ler e de pesquisar. O programa foi composto por cinco módulos: funções e objetivos da biblioteca, apresentação da biblioteca e incentivo à leitura nas horas de visitas; incentivo ao uso da biblioteca, a biblioteca aliada à educação; hora do conto e atendimento ao usuário. Através de encontros semanais este programa coordenado pela estagiária de Psicologia e pela Bibliotecária cumpriu seus objetivos, estando hoje em experimentação e observação. Paralelamente a estas atividades, confeccionou-se um folder explicativo e divulgador das atividades da biblioteca, estes materiais conjuntamente com atividades recreativas, tinham o objetivo de convidar os usuários e a população para o uso da biblioteca como uma atividade de lazer e pesquisa. Verificou-se a necessidade de continuidade e a exploração de novas atividades em parceria com outros profissionais no incentivo à cultura e lazer através da leitura e da pesquisa.

Melissa Guimarães; Léia Viviane Fontoura

Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI



Ergonomia e idade avançada: Um estudo piloto sobre análise de usabilidade de sites.

Chegar a uma idade avançada hoje em dia já não é um problema e sim uma nova etapa da vida que está apenas começando. Estima-se que no Brasil de hoje, o número de idosos já ultrapasse a casa dos dez milhões de pessoas: um contingente respeitável e que está a merecer a atenção da sociedade. Como se não bastassem as dificuldades por que passam os diversos segmentos da nossa sociedade, acrescentem-se a esse - o dos idosos – a exclusão aos avanços tecnológicos de uma maneira geral. O presente estudo objetivou realizar um projeto piloto sobre análise ergonômica de sites, focando na problemática das pessoas com idade avançada. Numa primeira etapa foram levantados os problemas apontados na bibliografia sobre idade avançada. Em seguida foi estipulado que os sujeitos do estudo deveriam ter acima de 50 anos, uma vez que os decréscimos cognitivos significativos começam aos 40 anos e se intensificam aos 50. A literatura aponta que com a idade ocorre declínio de muitas funções fisiológicas e mentais: lapsos de memória e distrações; perda da agilidade do raciocínio; dificuldade na memorização dos fatos mais recentes; amnésia de fixação; diminuições do desempenho em testes de lógica; aumento do número de erros em tarefas verbais; e mudanças nos sentidos. O site escolhido – telefonia móvel – foi avaliado com base em onze critérios. Destes, oito foram propostos pela literatura, sendo avaliados por meio de uma análise de especialista utilizando um checklist - instrumento de análise ergonômica de softwares para avaliar a usabilidade de sites. Os outros três critérios estão sendo validados em uma pesquisa para construção de um instrumento para avaliação de páginas de internet. Este instrumento foi utilizado para avaliar as queixas dos sujeitos ao navegar na página. Estes instrumentos fizeram parte da Metodologia de Análise Ergonômica do Trabalho e seus resultados foram cotejados à análise da atividade que avaliou os modos operatórios dos sujeitos, erros e dificuldades encontradas. A amostra foi de quatro sujeitos de 50, 51, 52 e 55 anos – todos com nível superior completo, com tempos de navegação em internet diferentes. As tarefas realizadas foram propostas pelos pesquisadores utilizando ferramentas existentes na página. Os resultados obtidos por meio da análise de especialista apontam, problemas de condução, carga de trabalho, controle explícito, adaptabilidade, gestão de erros, coerência, significado dos códigos e denominações e compatibilidade com usuários de idade avançada. Estes resultados corroboram os dados obtidos na análise da atividade, uma vez que os modos operatórios revelam as dificuldades e erros cometidos pelos sujeitos, bem como parecem ratificar os dados da aplicação do instrumento. Esses resultados denotam problemas ergonômicos que sugerem a pouca preocupação com a adaptação de sites a este contingente populacional vasto e em expansão, pessoas acima de 50 anos, indicando a necessidade de pesquisas mais aprofundadas com esta temática.

Beatris Bravo Ramos; Clarissa Costa de Barros; Emília Chamma Liutkeviciene; Júlia Issy Abrahã; Alexandre Magno Dias Silvino; Maurício Miranda Sarmet

Universidade de Brasília



Escala de Indicadores Criativos em Psicoterapia.

A formulação de proposições teóricas e técnicas que contribuem para o desenvolvimento do conhecimento na Psicologia Clínica, naturalmente se mostra como conseqüência direta da observação clínica, que nos permite a constatação repetida de inúmeras ocorrências e a verificação da constância ou ausência de fatores presentes na experiência do trabalho clínico. A partir da experiência de atendimento de seus pacientes, Freud, Klein, Jung, Winnicott e todos os estudiosos até hoje, apresentaram suas teorias e propostas de compreensão do ser humano – de seu psiquismo, de seu sofrimento, de seu potencial, mediante as possibilidades de construção, entendimento e enriquecimento das práticas terapêuticas desenvolvidas por seus autores. A experiência clínica em Psicoterapia Breve permite apreciarmos esta modalidade de intervenção terapêutica através de sua interessante perspectiva para a investigação científica, na medida em que determina o tempo do trabalho clínico e o associa a objetivos pré-estabelecidos, permitindo maximizar as condições favoráveis do processo (ou intensificar as condições desfavoráveis), potencializando seus resultados positivos (quando não introduz precocemente, abandono ou desistência do paciente no processo psicoterápico). Podemos entender neste sentido, a Psicoterapia Breve como uma abordagem terapêutica que intensifica no espaço de tempo pré-determinado de sua prática, suas possibilidades criadoras. Na perspectiva de considerarmos a Psicoterapia Breve como veículo de investigação científica promissora, elaboramos uma Escala de Fatores Indicadores de Prognóstico Terapêutico, que entendemos ser útil, no sentido de se apresentar como um instrumento diagnóstico de identificação de agentes criativos influentes no bom desenvolvimento do processo da ajuda psicoterapêutica. Esta Escala é parte integrante de uma pesquisa em andamento sobre o sucesso terapêutico em Psicoterapia Breve, na qual se pretende identificar Indicadores Criativos de prognóstico terapêutico, comparando os resultados da Escala com os obtidos pelo Método de Rorschach. Tendo como ponto de partida os critérios de indicação de pacientes para o atendimento na abordagem da Psicoterapia Breve, relacionados por Lapastini (1998) e uma ampliação de critérios apresentada por Sakamoto (2001), que define três fatores básicos: 1- a motivação para a mudança pessoal; 2- os recursos psíquicos apresentados pelo paciente; 3- uma atitude que permite a emergência de impulsos criadores, que dependem do estabelecimento de um vínculo terapêutico criativo; constituímos uma proposta inicial de elaboração de uma Escala de Indicadores Criativos de sucesso terapêutico em Psicoterapia Psicodinâmica. A Escala de Indicadores Criativos relaciona alguns fatores que parecem apontar a presença e utilização da capacidade criativa no empreendimento terapêutico, considerando que a Capacidade Criativa depende da integração de aspectos afetivos e intelectuais, que demonstram uma convergência de recursos expressivos de identidade pessoal e saúde emocional. Sendo assim, a Escala pretende identificar a possibilidade de utilização da Capacidade Criativa no processo terapêutico, apoiando-se em quatro categorias de elementos relativas ao Paciente. São elas: 1- Motivação para a mudança pessoal; 2- Recursos Psíquicos; 3- Atitude de aceitação de mudanças psíquicas; 4- Envolvimento Afetivo.

Cleusa K. Sakamoto; Maria Alice B. Lapastini; Sonia Maria da Silva

Universidade Presbiteriana Mackenzie



Escala de preconceito racial em relação aos negros - validade de construto.

O preconceito em relação aos negros é um tema bastante relevante e discutido numa sociedade onde não se sabe, ao certo, quem faz ou não parte da etnia negra. O preconceito é definido como uma atitude negativa, dirigido a pessoas ou a grupos de pessoas e implica uma predisposição negativa, contra alguém. Baseia-se numa comparação social em que a pessoa se coloca como referência positiva e o outro, objeto de preconceito, é visto em situação de desvantagem ou inferioridade social, econômica, política, cultural e biológica (Bento, 1992). Mesmo sutil, o preconceito ainda é a forma mais clara de discriminação na sociedade brasileira, apesar de o brasileiro não admiti-lo (Costa & Formiga, 2001). No Brasil alguns estudos utilizam medidas que muitas vezes não estão devidamente aptas a serem utilizadas para nosso contexto. Dessa forma, o presente estudo pretendeu validar e comprovar a estrutura fatorial da Escala de Preconceito Racial, composta de duas sub-escalas: a primeira avalia convicções (16 itens) e a outra atitudes (16 itens). Participaram deste estudo 204 estudantes universitários de João Pessoa, com idade entre 15 e 55 anos ($M=23,5$ anos; $DP=6,44$), em sua maioria do sexo feminino (54,9%) e de cor branca (53,3%). Realizou-se um procedimento padrão para a coleta de dados com a finalidade de minimizar a possibilidade de respostas enviesadas. Para verificar a adequação ao contexto brasileiro da Escala Original de Preconceito Racial criada no E.U.A., por Monteith e Voils (1998), realizou-se uma análise fatorial (PAF) para cada sub-escala; considerou-se como parte do fator os itens que apresentaram carga fatorial acima de 0,30, resultando em 14 itens para a sub-escala convicções explicando 38,8% de variância total, e 13 itens para a sub-escala atitudes explicando 27,6%; através do Alpha de Cronbach, constatou-se a consistência interna da escala, para a primeira foi 0,84, já a segunda 0,77. Pode-se concluir, que de acordo com os resultados obtidos na validação, os parâmetros psicométricos apresentados foram satisfatórios, podendo assim, considerar o instrumento válido e fidedigno. Deve-se ressaltar que apesar da difícil diferenciação da etnia brasileira, devido a sua miscigenação, é importante que se façam estudos diferenciados em relação à etnia (branca e negra) e classe social (baixa, média e alta).

Caroline Fabrine Nunes Araújo; Isabelle P. F. Chariglione; Luciana da Silva Santos; Valdilene de Lima Rodrigues

Universidade Federal da Paraíba



Escala Wechsler de Inteligência para Crianças: Wisc (Uma análise qualitativa).

Este trabalho pretende mostrar um aprofundamento teórico e prático sobre a escala de Inteligência Wechsler assim como analisar o papel da aprendizagem escolar no desenvolvimento das capacidades intelectuais e desempenho no teste. Realizou-se uma pesquisa que pretendeu analisar e comparar todos os itens do Wisc, tanto na escala Verbal, como de Execução, com conteúdos programáticos do Ensino Fundamental I nas séries iniciais. Escala Verbal (Informação, Compreensão, Aritmética, Semelhança, Números, Vocabulário), Escala Execução (Completar Figuras, Arranjo de Figuras, Cubos, Armar Objeto, Código, Labirinto), encontramos vários itens que são trabalhados nas atividades escolares nas séries iniciais. Na análise dos subtestes observamos: A) Informação avalia o domínio dos conhecimentos gerais que são transmitidos através da aprendizagem formal assim como a capacidade de reter informações. Através da análise dos itens desse subteste e dos programas curriculares de Geografia, História e Matemática, percebemos que alguns itens são trabalhados na forma de atividades escolares nas séries iniciais do Ensino Fundamental I. B) Compreensão avalia a forma da criança lidar com situações práticas desenvolvendo autonomia. Disciplinas como Português e Ciências apresentam situações que levam o aluno ter o conhecimento do cotidiano e expressar adequadamente frente ao esperado. C) Aritmética contém vários itens que trabalhamos na disciplina Matemática desde primeira série, por exemplo, noção de meio/metade, dúzia, etc. D) Semelhança avalia tanto as funções da memória como pensamento associativo. Na análise das atividades de Português encontramos várias situações envolvendo a capacidade de “associação” de idéias tanto pela semelhança como pela diferença. E) Números avalia boa memória auditiva. Situações correspondentes na disciplina de Matemática trabalhando desde o início a noção de símbolos Matemático, ordem dos números crescente e decrescente. F) Vocabulário avalia a capacidade de adquirir informação, riqueza de idéias e qualidade da linguagem verbal. A disciplina de Português, desde as séries iniciais tem como objetivo desenvolver formas diversificadas tanto da linguagem oral como escrita. G) Completar Figuras avalia as habilidades perceptuais e conceituais. Na alfabetização a criança é estimulada a elaborar processo de análise e síntese. As disciplinas de Artes, Geometria e Português desenvolvem esta capacidade através de jogos de palavras, por exemplo, complete o que esta faltando. H) Arranjo de Figuras avalia o pensamento lógico e percepção de detalhes. O conteúdo de Português das séries iniciais apresenta situações com começo meio e fim para os alunos produzirem textos ou montarem cenas respeitando a ordem dos acontecimentos. Também encontramos nos conteúdos de Ciências situações que exige do aluno pensamento lógico, as etapas da vida desde o seu início, gestação, bebê, criança, jovem, adulto e idoso. I) Cubos avalia o raciocínio não verbal, pensamento analítico, percepção e espaço-temporal. Nas séries iniciais nas disciplinas de Geometria e Artes expõe o aluno a trabalhar com a construção de figuras constituídas por figuras geométricas. J) Armar Objetos avalia a organização mental, coordenação visomotora e capacidade de planejamento. A disciplina de Artes desde séries iniciais estimula a criança a armar objetos combinando peças. L) Código avalia destreza visomotora, rapidez e capacidade de associar símbolos, formas ou números. O processo de alfabetização trabalha vários códigos para a criança interpretar e relacionar com a linguagem escrita. Através da análise dos conteúdos programáticos das disciplinas de Português, Matemática, História, Geografia, Artes, Geometria, foi possível detectar situações que são avaliadas pelo Wisc. É importante ressaltar que o bom rendimento no teste depende também da capacidade de aprendizagem formal da criança na escola, assim como seu nível cultural. Crianças que frequentam escolas com nível de educação “saudável” apresentam muito mais probabilidades de terem um desempenho satisfatório que crianças que não frequentam uma instituição ou se frequentam são precárias quanto o processo de ensino aprendizagem. Portanto o Wisc deve ser interpretado numa visão qualitativa considerando não só aspectos cognitivos e afetivos como próprio ensino-aprendizagem que a criança esta inserida.

Cristina Maria Pereira Fenoglio; Regina Bossa.



Escola e Fracasso Escolar: um estudo sobre o fenômeno da multirrepetência.

A pesquisa apresentada é fruto de um trabalho em andamento, de investigação psicológica, que tem como objetivo, compreender como a escola contribui para o processo de marginalização de crianças multirrepetentes. A multirrepetência e a evasão são problemas bastantes complexos na atual realidade brasileira. Dados do INEP(Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais) de 1998 indicam que 11,4% dos alunos e alunas do ensino fundamental matriculados na rede pública de ensino foram reprovados em todo o país e a evasão chegou a 11,1% uma das maiores taxas da América Latina. Já a distorção idade/série atinge 46,7% dos alunos brasileiros. Esse percentual nos remete a uma discussão sobre as desigualdades sociais na educação e como a escola vem influenciando os processos de marginalização de crianças multirrepetentes. A pesquisa é de cunho qualitativo e participante, criando a possibilidade do pesquisador conviver, partilhar com a comunidade seu cotidiano. A matriz de análise adotada é a psicologia Histórico-Cultural, com método do materialismo histórico-dialético que afirma o homem como sujeito ativo, que transforma e é transformado pelo social. A divulgação dessa pesquisa em Psicologia Educacional promove a reflexão sobre a desmistificação das dificuldades nos processos de escolarização.

Viviani May; Patrícia de Moraes Lima

UNISUL



Escola e Violência: A Construção de um Modelo de Prevenção.

A questão da violência não é um assunto novo entre os trabalhos de prevenção desenvolvidos por organizações preocupadas com esta questão. Nos últimos anos têm-se tornado cada vez mais freqüente a preocupação com os problemas de comportamentos destrutivos e de disciplina, de violência e de segurança dos estudantes na escola. Estes problemas são enfrentados desde a escola de ensino fundamental até as de ensino médio e superior. Cada vez mais vemos os professores e a escola voltando a sua atenção aos problemas de disciplina e de conflito em detrimento do ensino e da aprendizagem. Decorrente da constatação desta realidade, entendemos a necessidade de desenvolver um programa de prevenção da violência que agregue o educador, o estudante, a família e a comunidade numa proposta de intervenção que vise a redução precoce do potencial de comportamentos destrutivos. A educação do indivíduo, até alguns anos atrás, era exclusividade da família. Porém, no decorrer dos últimos anos, com as mudanças econômicas e sociais, a escola vem abarcando e dividindo cada vez mais a responsabilidade da educação com a família e a comunidade como um todo, tanto no setor privado como no público. A base do projeto é repensar a escola como um lugar em que se está a salvo. Isto requer, entre outras coisas, um espaço com medidas preventivas para os problemas emocionais e de comportamento do estudante. A proposta está centrada na premissa de que medidas prévias de respostas aos problemas de aprendizagem, emocionais e de comportamento promovem melhores resultados para os alunos. Uma segunda premissa é a participação da família e do educador atuando em conjunto neste processo de formação. Partindo de tais premissas, a intervenção deve ocorrer simultaneamente nos dois sentidos: um trabalho de base inserindo a família e a comunidade e um trabalho de integração entre aprendizagem e suporte ao desenvolvimento do indivíduo. O projeto está elaborado como parte de um programa regular da escola acessível a todos os estudantes, tendo como objetivo construir uma estrutura uniforme, positiva e multidimensional que promova o desenvolvimento da capacidade de resolução de conflitos, habilidades sociais e acadêmicas. Entendemos que uma proposta neste sentido é de extrema relevância social, uma vez que a intervenção está centrada tanto na formação de estruturas básicas da personalidade como no desenvolvimento da capacidade de resolução de conflitos.

Aldrighi, Tania; Aparício, José Henrique; Corrêa, Patricia; Cugler, Priscila; Deriggi, Cristiane; Garcia, Simone; Martini, Aline; Moraes, Carla; Tavares, Paula

Universidade Presbiteriana Mackenzie



Escola particular: lugar possível para a produção de violências?

A violência nas escolas é um tema que se tem destacado muito nos meios de comunicação e tem sido alvo de várias pesquisas acadêmicas. Porém, quando essa temática é abordada, geralmente ela aponta para a realidade do ensino público. Ainda são poucos os estudos que refletem a dinâmica das escolas particulares e a possível violência no seu espaço. Esse fato pode indicar uma certa concepção de violência que acredita que esta é restrita a uma classe social, possuindo, assim, um reduto em que fica enclausurada. Todavia, parto da premissa de que a violência pode emergir em todos os ambientes em que o conflito não é negociado e onde há intolerância ao diferente. Com isso, tanto a escola pública quanto a particular são possíveis geradoras de violência, apesar de apresentarem realidades distintas, principalmente no que concerne à estrutura física e à classe social de sua clientela. Segundo pesquisas com participantes da rede pública de ensino, as concepções de violência escolar estão ligadas à depredação do prédio escolar e às agressões físicas e verbais entre alunos e professores. As causas desse tipo de violência estão relacionadas, segundo os entrevistados, com o meio social em que o aluno vive, à estrutura familiar, aos meios de comunicação e à própria natureza agressiva do aluno, não sendo questionadas as práticas educativas na escola. A violência na escola é vista como um reflexo da violência urbana e familiar, descartando-se a hipótese de que as relações e práticas tecidas no âmbito escolar podem também ser produtoras de violências. No ensino privado, quais são as concepções de violência de seus participantes? Para estes, há violência no ensino privado? Que fatores são tidos como atuantes no desenvolvimento da violência na escola particular? Como se lida com a violência nesse espaço? Objetivo: verificar as concepções de violência escolar da equipe técnica, professores e de um grupo de estudantes de uma escola particular na Grande Vitória e analisar como lidam com a violência neste espaço. Metodologia: A pesquisa está sendo realizada em uma escola particular situada na região metropolitana da Grande Vitória (ES). Os sujeitos foram escolhidos de forma aleatória. Serão entrevistados 04 estudantes, 04 professores, 01 coordenadora, 01 orientadora educacional, 02 chefes de disciplina e o diretor da escola. Os sujeitos se dividem da seguinte forma: 02 estudantes do sexo masculino e 02 do sexo feminino, sendo que um aluno de cada sexo deverá estar cursando a sétima ou oitava série do ensino fundamental, e os demais qualquer série do ensino médio. A entrevista será feita com 02 professores do sexo masculino e 02 do feminino, sendo que um professor de cada sexo deverá estar ministrando suas aulas para as turmas da sétima ou oitava séries do ensino fundamental, e os outros dois para quaisquer turmas do ensino médio. Todos os sujeitos da pesquisa fazem parte da dinâmica da escola por, pelo menos, três anos. As entrevistas seguem um roteiro semi-estruturado e estão sendo gravadas. A pesquisa encontra-se, atualmente, na etapa da coleta de dados.

Ana Carla Amorim Moura Loureiro; Sávio Silveira de Queiroz

Universidade Federal do Espírito Santo



Escola pública e comunidade: relações em d`obras.

Apresentamos neste trabalho um estudo sobre a processualidade das relações da escola pública com a comunidade, enfocando os agenciamentos que operam na constituição de diferentes modos de relação em uma instituição situada na região metropolitana de Porto Alegre. Sob os referenciais de Gilles Deleuze e Félix Guattari, procuramos pensar as relações como acontecimentos, efeitos de sentidos, agenciados coletivamente por instâncias heterogêneas que compõem o real social. Nosso problema se inscreve no âmbito do discurso e da subjetividade, partindo da hipótese de que é possível pensar as relações nas instituições, para além das representações individuais, para além das relações interpessoais, para além do pressuposto da reprodução social. Procuramos articular conhecimentos da Análise de Discurso na vertente francesa com as discussões empreendidas por Deleuze e Guattari sobre uma filosofia da linguagem e uma teoria da subjetividade. Utilizamos o recurso cartográfico proposto por estes autores, trabalhando com os discursos produzidos no encontro da escola com a comunidade. Para tal acompanhamos as atividades de uma escola durante um ano, realizando entrevistas, observações, leitura de documentos, participando de reuniões e encontros festivos. Encontramos em nosso estudo algumas dobras das relações da escola com a comunidade, dobras que nos falam da sua complexidade, a qual temos deixado escapar, ao entendermos as relações, marcados pelo modo-indivíduo de subjetivação, que ganhou força desde a modernidade. Nossa cartografia registrou várias dobras, algumas um pouco mais intensas, como a dobra burocrática, a qual impede que outras forças possam ser potencializadas na escola. Procuramos aqui construir um modo de pensar as relações nas instituições, um pensar nas dobras, para regar um pouco o campo da Análise Institucional no âmbito da Psicologia e da Educação.

Nair Iracema Silveira dos Santos.

UFSM/RS.



Escola: Fator de Risco ou Fator de Proteção?

Este relato tem por objetivo descrever o funcionamento da Escola Mestre Pastinha, localizada no Centro Histórico da cidade de Salvador e que tem como público crianças provenientes de famílias de baixa renda, que vivenciam, em sua maioria, uma situação de risco pessoal e social. Pretende-se apontar, através deste relato, os principais fatores de risco e de proteção desempenhados por esta escola, no desenvolvimento destas crianças. Estas reflexões foram produzidas durante a prática da disciplina Psicologia Escolar II, realizada pelas duas primeiras autoras durante a graduação de psicologia na Universidade Federal da Bahia, sob a orientação da terceira autora. Pode-se perceber que todo o trabalho é permeado por um modelo ideal de escola, que por não ter sido ainda implementado não pode ser verificado como eficaz. Contudo, muitas são as teorias que corroboram com este modelo, atestando de forma parcial a sua importância e possível eficácia. Esperava-se com este trabalho levantar pontos de discussão que pudessem subsidiar mudanças na prática educacional desta escola. Uma vez que se tratou de uma experiência didática, teve-se a preocupação de definir o mais acuradamente possível todos os conceitos teóricos que permearam o trabalho, assim como relacioná-los com eventos presenciados pelas, então, estagiárias ou relatados às mesmas pelo alunos e/ou pelos demais integrantes da escola. Os principais fatores de proteção apontados foram: a constância de pessoas significativas, como por exemplo, a professora; as novas possibilidades de estabelecimento de vínculos afetivos saudáveis; as atividades extra-classe, como oficinas, que permitem a investigação de novas habilidades das crianças, além de favorecerem a criatividade de uma forma geral; o fornecimento de alimentação; e por fim, o fato de a escola se constituir como um dos únicos lugares onde estas crianças podem efetivamente desempenhar o seu papel de criança, seja brincando, chorando ou simplesmente fazendo "birra" para ser o centro das atenções. Como fatores de risco foram apontados, principalmente: o desrespeito à bagagem cultural da criança por parte da escola, dificultando a identificação da criança com sua cultura de origem, o que pode impossibilitar a valorização da mesma, culminando até mesmo, em casos extremos, na evasão escolar; a existência de aulas totalmente inadequadas às características pessoais e sócio-culturais das crianças; a presença de comportamentos agressivos, prejudiciais ao desenvolvimento da criança, por parte de professores e alunos; e por último, as relações verticais estabelecidas entre as crianças e os adultos presentes na escola, impossibilitando o desenvolvimento da iniciativa e autonomia nas crianças. Concluiu-se que ao focar os conceitos de fator de risco e fator de proteção encerra-se a possibilidade de uma discussão maniqueísta do bem e do mal, no contexto escolar. Não é possível entender tal contexto sem as suas dicotomias peculiares. Além disto, cada um dos fatores têm um efeito que depende diretamente da criança analisada, podendo exercer o papel de risco ou proteção.

Juliana Prates Santana; Renata Camarotti Ribeiro; Sônia Sampaio.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Clínica Privada; Universidade Federal da Bahia



Escolarização e projeto profissional: construção da identidade profissional de trabalhadores da Grande Florianópolis.

Núcleo de Pesquisa Trabalho e Subjetividade - NPTS Escolarização e projeto profissional: construção da identidade profissional de trabalhadores da Grande Florianópolis. O projeto profissional, estando vinculado à auto-imagem, ao nível de aspiração do indivíduo e a sua percepção a respeito das possibilidades de carreira, é construído, em grande parte, a partir da sua origem social e econômica e do processo de educação formal por ele vivenciado (concepção estrutural). Neste sentido, o objetivo da pesquisa realizada foi caracterizar a construção da identidade profissional de trabalhadores da Grande Florianópolis, visando fornecer subsídios para auxiliar o sujeito na construção de seu projeto profissional. Nota-se que a identidade, além de ser determinada pelas condições históricas nas quais o sujeito se encontra, emergindo em referência a um mundo constituído pelos "outros significativos" (pessoas importantes para ele), se produz também em referência ao projeto de futuro; ou seja, àquilo que se pretende ser e que não se pretende ser (desejos), que se crê que deva ser e se crê que não deva ser (obrigações), que se permite ser e que não se permite ser (valores), que se pode ser e que não se pode ser (possibilidades, reais e imaginárias). Nesta concepção, Pierre Bourdieu aponta que cada família transmite a seus filhos, mais por vias indiretas que diretas, um certo capital cultural e um certo ethos, sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados. A herança cultural, que difere de acordo com as classes sociais, é transmitida de maneira "osmótica", mesmo na falta de qualquer esforço metódico da família ou do grupo de pares. O projeto profissional nesta perspectiva emerge, então, a partir das influências do meio familiar, do grupo de pares e do contexto sócio-econômico, estando incluída, neste processo, a trajetória escolar. As diferentes origens do sujeito vinculam-se ao seu projeto profissional na medida em que ele - não sendo determinado por forças mecânicas, nem tampouco consciente e conhecedor de todas as variáveis envolvidas em suas escolhas (como acreditam os defensores da Rational Action Theory) - toma suas decisões a partir do seu habitus e da estrutura do capital. Habitus é uma espécie de senso prático do que deve ser feito em dada situação e estrutura do capital é o peso relativo do capital econômico e do capital cultural. A estrutura do capital, por meio do sistema de referências que produz, faz com que o indivíduo oriente suas ações a partir de projetos mais ou menos "ambiciosos". Quanto à metodologia, tratando-se de uma pesquisa descritiva de levantamento (survey), foi utilizado como instrumento de coleta de dados o formulário, tendo como amostra 119 trabalhadores da região da Grande Florianópolis. A amostra foi segmentada, de acordo com o nível de escolaridade, em seis grupos: sujeitos com a Educação Superior completa; sujeitos com o Ensino Médio completo; sujeitos com o Ensino Fundamental completo; sujeitos com o Ensino Fundamental incompleto; sujeitos com a Educação Profissional completa; analfabetos. A análise dos resultados, através de procedimentos estatísticos, indicou a existência de possíveis associações entre as variáveis estudadas.

Vanderlei Brasil; Lúri Novaes Luna; Regina Ingrid Bragagnolo; Leiliane Goulartt Raimundo

Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL



Escolha profissional e personalidade: um estudo em estudantes do 1º ano do curso de Psicologia de uma universidade particular.

A literatura especializada tem mostrado que o modo como os jovens diferem em termos de traços de personalidade, aptidões, capacidades, interesses, valores, necessidades, motivações, constitui aspectos consideráveis dentro da escolha profissional. Nesse sentido, a escolha profissional é uma expressão da personalidade, e os membros de uma mesma profissão têm traços de personalidade semelhantes. É através da conciliação entre os interesses individuais e as possibilidades ambientais e profissionais que o adolescente é conduzido a uma escolha profissional. Com base nestes aspectos, esta pesquisa teve como objetivo verificar quais os motivos que levaram os estudantes de Psicologia a escolherem este curso e se existe um perfil psicológico entre os mesmos. Com base na literatura, tem-se como hipótese que os alunos fazem Psicologia para resolver seus próprios conflitos pessoais e que existe um perfil Psicológico semelhante entre os mesmos. A amostra foi composta por 60 alunos regularmente matriculados no 1º ano do curso de Psicologia da Universidade de Santo Amaro/SP, de ambos os sexos, dos períodos matutino e noturno, com idades entre 18 e 49 anos. Foram utilizados como instrumentos o Inventário de 16 Fatores de Personalidade (16 PF) e um questionário elaborado com base na literatura, com questões abertas e fechadas sobre os dados de identificação dos sujeitos e os motivos da escolha do curso. A aplicação dos instrumentos foi coletiva, em sala de aula em cada período separadamente. Os resultados mostram que ao contrário do que indica a literatura, percebe-se nos sujeitos pesquisados que há uma expectativa maior em relação a entender o comportamento das pessoas (35,71%) e conhecer o significado e solução para os problemas humanos (55,71%) do que resolver conflitos pessoais (8,58%). Assim, a hipótese de que “os alunos fazem psicologia para resolver seus próprios conflitos pessoais” não foi confirmada. Em relação à segunda hipótese que afirmava que há um mesmo perfil de personalidade na maior parte dos estudantes do curso de Psicologia do 1º ano, na amostra da pesquisadora observa-se dentre os 16 Fatores de Personalidade de Cattell & Eber (1965), algumas características comuns que de acordo com a literatura, vão ao encontro do perfil do psicólogo. Um dos fatores abrange a estabilidade emocional, podendo ser observado indivíduos calmos e estáveis. Sugerimos a realização de uma pesquisa comparativa com outros cursos de áreas afins, para se obter resultados mais expressivos.

PEREIRA, Maria da Paz DEREVETSKI; Andréa Possato

UNISA – Universidade de Santo Amaro/SP



Escolhas profissionais de adolescentes concluindo o Ensino Médio.

Entre as tarefas consideradas cruciais na adolescência está o estabelecimento da escolha profissional. Embora o desenvolvimento vocacional ocorra ao longo de toda a vida, é na adolescência que o indivíduo sofre as primeiras pressões para que sejam discutidas e definidas questões de carreira. O objetivo deste estudo exploratório foi investigar as escolhas profissionais de um grupo de adolescentes, bem como eventuais diferenças de gênero existentes. Participaram do estudo 77 estudantes (61% do sexo masculino e 39% do feminino), com idades entre 16 e 19 anos ($M=16,64$; $DP=0,67$) alunos do último ano do Ensino Médio de uma escola privada de Porto Alegre. Para coleta de dados foram utilizadas uma escala de Indecisão Profissional (Teixeira & Gomes, 1999, manuscrito não publicado) e um questionário sócio-demográfico. Foram utilizados procedimentos estatísticos para análise dos dados. Os resultados mostram que 64,5% dos participantes relataram já ter uma escolha profissional (75,9% meninas e 56,3% meninos), contra 35,5% que não o fizeram. O nível de indecisão do primeiro grupo é significativamente menor do que o do segundo, demonstrando que estas escolhas estariam realmente coerentes com os interesses dos alunos e não estariam escondendo outros conflitos. Não houve diferença significativa entre os sexos quanto ao nível de indecisão, mas há uma tendência feminina em já possuir opção definida. A idade do participante apresentou correlação negativa com indecisão ($r=-0,26$). O fato de adolescentes mais velhos apresentarem índices menores de indecisão pode indicar que esses estudantes tiveram mais tempo para entrar em contato com as diferentes profissões e para decidir sobre o seu próprio futuro profissional, além de possuírem uma maior autonomia para realizar a escolha. Quanto às escolhas relatadas, percebeu-se uma restrição no número de opções citadas, apenas 21 num universo de mais de 160 profissões disponíveis. A maioria das profissões citadas está entre as mais tradicionais, como Medicina (13%), Direito (9,1%) e Jornalismo (5,2%), demonstrando pouca exploração por parte dos adolescentes, ou mesmo um receio de realizar opções com menores possibilidades percebidas de inserção no mercado de trabalho. É interessante ressaltar que todas as profissões citadas envolviam entrada na Universidade. Tanto as meninas quanto os meninos citaram 13 profissões diferentes, sendo que as meninas citaram mais profissões da área biológica, seguida da área de humanas, e os meninos fizeram o contrário. As preferências por áreas são coerentes com os estudos de gênero, mas os resultados deste estudo confirmam a tendência de as meninas demonstrarem, atualmente, interesse maior por áreas como biológicas e exatas, tradicionalmente ligadas aos meninos. Embora sejam necessários outros estudos que investiguem eventuais diferenças nos níveis de indecisão entre alunos de diferentes níveis socioeconômicos, provenientes de escolas públicas e privadas e estudos longitudinais que possam avaliar as mudanças ocorridas na indecisão profissional em diferentes momentos do Ensino Médio e também ao longo do último ano, estes resultados apontam a necessidade de processos de Orientação Profissional que possibilitem aos estudantes, além de lidar com aspectos subjetivos da escolha, conhecer a variedade de profissões existentes e seus mercados de trabalho.

Carolina B. Hartmann; Vanessa B. Nachtigall; Marúcia P. Bardagi; Cláudio S. Hutz.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



Escolher ou ser escolhido: experiências em orientação profissional.

Escolher ou ser escolhido: experiências em orientação profissional como prática de realização pessoal e coletiva. A discussão a respeito da função e da responsabilidade da orientação profissional como uma prática que subsidia a construção da identidade profissional, exige inicialmente a compreensão do processo desta construção. Partindo do conceito de identidade em uma perspectiva sócio-histórica, ressalta-se que esta se encontra sempre em movimento, sendo criada através das relações sociais. Além disso, ainda é necessária a reflexão sobre a situação do trabalhador no cenário contemporâneo, ou seja, a respeito dos impactos dos novos discursos administrativos sobre as organizações e seus reflexos na identidade de seus membros. Observa-se que tais discursos, deixando de questionar a essência do trabalho humano em si - apesar de preconizar a criatividade, a qualidade de vida no trabalho e a aprendizagem nas organizações - não tocam no ponto central, que se configura como o movimento da identidade profissional do trabalhador inserido no sistema capitalista de produção. A partir desta visão, criou-se o Serviço de Orientação Profissional - SEPOP, projeto de extensão universitária vinculado ao Serviço de Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL, tendo como proposta atender estudantes do Ensino Médio, assim como do Ensino Superior. As atividades de orientação profissional desenvolvidas pelo SEPOP propõem discutir: a possibilidade da realização pessoal através dos resultados do trabalho em si, na medida em que estes contribuem para a realização coletiva, e a questão da liberdade humana contextualizada como pressuposto da escolha, refletindo de forma crítica a respeito de conceitos deterministas, como dom e vocação. Neste sentido, preconiza-se que a orientação profissional, estando comprometida com questões éticas e tendo como preocupação não reforçar a construção de identidades profissionais alienadas, deva eleger como principais focos de intervenção a reflexão sobre o significado do trabalho humano em si - sobre a essência do próprio trabalho - e sobre a questão da liberdade humana. O trabalho possui como objetivo geral auxiliar o sujeito na construção da sua identidade profissional, promovendo condições para uma reflexão sobre sua escolha profissional e para o desenvolvimento da autonomia deste na sua relação com o mundo do trabalho. No atendimento aos dois públicos distintos tem-se como prioridade, orientar o aluno do Ensino Médio na sua escolha profissional e proporcionar aos estudantes do Ensino Superior a instrumentalização na construção de seu projeto de vida, abordando a correlação entre características pessoais e perfil profissional do curso escolhido, levantando possíveis causas para a insatisfação e desmotivação em relação aos seus cursos e organizando um planejamento de carreira com vistas à inserção no mercado de trabalho. As atividades, adequadas a cada um dos públicos, se realizam sob a forma de encontros em grupo semanais, entrevistas semi-estruturadas e individuais e a realização de debates e palestras em sala de aula.

Vanderlei Brasil; Lúri Novaes Luna; Michelle Natividade; Monique Schütz; Karen Meira Dotto; Rosani Vieira de Souza; Danielle Nuernberg Onzi

Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL



Escolher para quê? A interface da escolha profissional e do mercado de trabalho.

Este trabalho transcorreu de uma pesquisa didática na disciplina de seleção e orientação profissional. Buscamos identificar quais são as principais preocupações no que concerne à escolha profissional, bem como verificar, no discurso dos sujeitos, se há relevância do mercado de trabalho neste processo. Procuramos ainda, refletir acerca dos principais fatores que perpassam a esfera do mercado de trabalho alicerçadas em uma visão crítica sobre o tema. Para tanto, realizamos entrevistas individuais do tipo semi-estruturada, com cinco jovens do Ensino Médio de uma escola particular de Santa Cruz do Sul, em vias de enfrentar um processo seletivo, abordando questões referentes ao percurso de escolha profissional como um todo. Utilizamos o método qualitativo para análise dos relatos relacionando-os com a pesquisa bibliográfica. Foi possível constatar através das entrevistas, uma nítida preocupação com o mercado de trabalho, significativa tentativa de corresponder às expectativas da família, além da influência desta, na escolha profissional. Também foi perceptível a busca de informação aliada ao desejo como fatores predominantes no processo de escolha. Destacamos uma constante preocupação com a qualificação ou competência referentes às demandas do mercado de trabalho, exaltando a concepção de que "para os bons, sempre tem lugar". É de relevância salientar que houve uma diversidade nas respostas fornecidas. E isto pode representar a peculiaridade do momento que estes jovens estão vivenciando em ter de optar por uma profissão que contemple tanto as exigências do mercado de trabalho e sua versatilidade - já que predomina a filosofia capitalista que ressalta o "ter para ser" - quanto a realização pessoal. Acrescenta-se ainda que o discurso da competência enfatizado, legitima essa realidade social que preconiza a qualificação devido às escassas possibilidades de inserção no mercado de trabalho. Questionamo-nos se num futuro próximo se não estaremos vivendo em uma sociedade em que todos serão doutores sem espaço para atuação, havendo portanto, uma ampla gama de desempregados altamente qualificados.

ARIANE BRUM DE CARVALHO; DÉBORA NOAL

Universidade de Santa Cruz do Sul - RS



Escuta da prática e prática da Escuta: questões emergentes na Prática Profissional de uma Psicóloga.

Introdução: Urge refletirmos nossas atuações profissionais. Não é possível intervirmos da mesma maneira do início do século passado. As transformações nas relações sociais levam a repensar nossas estratégias de atuação. A marca profissional do psicólogo é a escuta, o que lhe é próprio, particular. A escuta na prática psicológica em casos de violência doméstica, foi problematizada em minha dissertação de mestrado, no Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, da PUCRS. Objetivos: A pesquisa nasceu a partir da abordagem multirreferencial como perspectiva epistemológica, na interface de duas áreas de conhecimento: psicologia e serviço social; considerando a singularidade do exercício profissional, como psicóloga, junto a situações de violência doméstica. Tendo em vista a hipótese da complexidade da prática, procuro tencionar e distinguir dois tipos de prática de escuta: na intervenção como psicóloga e na produção do conhecimento científico. Metodologia: Através do método clínico, abordo a singularidade de práticas entrelaçando dados de meu próprio percurso pessoal, profissional e acadêmico, dados de autores de referência e dados relativos à interlocução com praticantes-psicólogos. Resultados: Os resultados desta pesquisa indicam três questões emergentes relativas a prática da escuta na psicologia: a emergência da subjetividade do sujeito na prática profissional; a caracterização de diferentes planos de relações interdisciplinares nas equipes profissionais; e a identificação de necessidades de formação sobre a escuta para a qualificação profissional.

Letícia Nadotti Cartell

UNISINOS; ULBRA/RS; PUCRS



Este trabalho está sendo desenvolvido no projeto Bem-me-quer, ONG que atende adolescentes em situação de abuso e exploração sexual na cidade de Assis. A partir do trabalho realizado com as adolescentes neste programa percebemos a necessidade de atender também as suas famílias. Acreditando que o vínculo familiar seja em grande parte responsável pela formação do indivíduo, o atendimento com as famílias, tem o objetivo de trabalhar, de forma intensa e contínua, o fortalecimento dos vínculos familiares e a conscientização do papel familiar no desenvolvimento do indivíduo. Para tanto pretendemos proporcionar atenção psicossocial às famílias das adolescentes assistidas pelo programa Bem-me-quer através do desenvolvimento de atividades complementares com as suas famílias e de atividades integradas a serem realizadas com as famílias e as meninas participantes do programa. Desta forma, é necessário a transformação não só da menina, mas também de sua família. Ambas precisam ser assistidas, pois assim o trabalho desenvolvido será de maior solidez. As atividades a serem realizadas com as famílias compreendem: 1. Grupos de encontros semanais com as mães das adolescentes atendidas pelo programa. Este trabalho visa promover discussões, reflexões sobre as relações familiares, além de propiciar uma maior autonomia às mães. O grupo se caracteriza como sendo de crescimento pessoal com funções terapêuticas. 2. Visitas domiciliares: Estas visitas objetivam o estabelecimento do vínculo entre os profissionais envolvidos e as famílias assistidas, além de proporcionarem um maior conhecimento da realidade do público alvo atendido por este projeto. Pretendemos ainda mapear suas necessidades, a fim de uma posterior intervenção em cada família. 3. Plantões de atendimento às famílias: Neste momento pretende criar um espaço de escuta oferecido às famílias assistidas, visando encaminhamento das demandas. 4. Desenvolvimento de atividades artesanais Este momento pretende, além da função terapêutica, a possibilidade de gerar renda às famílias. Tal atividade poderá se desdobrar em uma futura cooperativa de trabalho. 5. Grupo de crianças: Este grupo acontece simultaneamente ao grupo de Mães, visando oferecer um espaço para que as mães possam trazer suas crianças. Este espaço se constitui também como um lugar de transformação para a criança, uma vez que são organizadas atividades de divertimento e aprendizagem. O desenvolvimento deste projeto tem demonstrado resultados significativos quanto à reflexão conjunta entre o grupo de trabalho, envolvendo os profissionais, estudantes e pessoas assistidas, sobre o papel da família, levantando questionamentos em relação ao cotidiano e às relações intrafamiliares.

Maria Luisa Louro de Castro Valente; Marlene de Castro Waideman; Claudia Regina Santa; Alexandre Capeletto; Patricia Kely Mateus

Unesp - Assis



Espaço, Brinquedos e Brincadeiras no Ambiente Familiar: Um Estudo com Famílias de Baixa Renda.

A brincadeira tem papel fundamental na socialização do ser humano. O lúdico está presente nas formas mais variadas de relações sociais constituindo importante fonte de interação e aprendizagem entre as crianças. A maneira com que a família lida com a criança e suas brincadeiras em seu primeiro contato com o mundo social pode ser diferente de um grupo para outro. Pensando nisto, este estudo teve o objetivo de compreender com quais objetos brincam as crianças de grandes periferias urbanas, quais os espaços e companhias têm para brincar e o que suas famílias pensam sobre as brincadeiras do seu dia-a-dia. A pesquisa foi realizada com 12 famílias que tinham filhos entre um a cinco anos frequentando a creche de uma comunidade da Vila Brasilândia, periferia da cidade de São Paulo. Para a coleta de dados foi utilizado um questionário composto de 12 questões fechadas e uma aberta. A procedência das famílias participantes era de 99,84% oriundos da região Nordeste do Brasil. Quanto ao nível escolar das pessoas que responderam ao questionário, em sua grande maioria mulheres, possuía o primeiro grau incompleto, sendo uma com o segundo grau completo e uma analfabeta. Os resultados mostram que as crianças não têm disponível uma grande variedade de brinquedos industrializados e por isso acabam transformando em brinquedos, outros objetos como embalagens vazias, tampas, latinhas e caixinhas. Já as brincadeiras tradicionais, como soltar pipa ou jogar amarelinha pouco são lembradas e citadas pelos pais. Como campeã das brincadeiras das crianças foi apontada a bola, como o brinquedo mais utilizado pelos filhos. Outros brinquedos como carrinhos e bonecas também têm a preferência das crianças, de acordo com os seus pais. Os locais e espaços mais utilizados para brincar são o interior da casa, o quintal e a rua. Os resultados indicam que os pais respeitam o brincar de suas crianças, no entanto, ensinam poucas brincadeiras a eles e, raramente brincam com seus filhos.

Edna Martins; Heloisa Szymanski

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo



Espaços de Convivência: um trabalho com crianças em Saúde Mental.

No contexto da reforma psiquiátrica no âmbito brasileiro vemos uma reestruturação da assistência em Saúde Mental com a criação de novos serviços como: CAPS, NAPS, lares abrigados, clubes de lazer e cooperativas de trabalho. O presente trabalho aborda o funcionamento do Centro de Atenção Psicossocial Infanto-Juvenil (CAPSI) Eliza Santa Roza, localizado no município do Rio de Janeiro, em Jacarepaguá, que atende crianças e adolescentes de até 18 anos. Este é um serviço de atenção diária com ambulatório especializado em casos com grave sofrimento psíquico e situações de risco, adotando uma estratégia de reabilitação psicossocial. Além do atendimento ambulatorial, o serviço também oferece oficinas terapêuticas e espaços de convivência. O objetivo deste trabalho é apresentar os espaços de convivência. Esses espaços caracterizam-se como sendo um local terapêutico onde se estabelece uma relação diferente da tradicional médico-paciente. Há uma diversidade de técnicos (psicólogo, assistente social, psicomotricista, musicoterapeuta, terapeuta ocupacional e psiquiatra) que se põe disponível para atender um grupo de crianças realizando ações promotoras de laços sociais e o exercício da disponibilidade de escuta ao que possa emergir de subjetivo. Vale ressaltar que o trabalho da equipe é direcionado pela abordagem psicanalítica, embora nem todos os profissionais tenham essa formação específica. As intervenções são realizadas diante de todos os que participam do grupo (equipe e pacientes) e as atividades são realizadas na tentativa de oferecer uma possibilidade de aparecimento do sujeito, o que também é proporcionado pela própria estruturação do grupo, que permite aos pacientes realizar suas próprias escolhas. É importante destacar que o projeto terapêutico não é realizado a priori, mas sim, é constituído ao longo do processo. Por ser o único serviço que oferece esse tipo de atendimento à população da área citada, o CAPSI Eliza Santa Roza exerce um papel fundamental na reestruturação dos serviços de Saúde Mental no município do Rio de Janeiro, em especial no crescente movimento de implantação de serviços direcionados à infância e adolescência.

Maria de Nazaré Amaral Avelino da Silva; Clarissa Gouvea Stein Lopes; Maria Jacintha Costa da Franca.

UERJ; SMS-Rio.



Esporte: sua contribuição na constituição da auto-imagem e na percepção de sucesso.

A auto-imagem sempre foi e será objeto de estudo de pesquisadores de várias áreas. O auto conceito é produto da experiência do indivíduo e conta com dois processos associados, a auto imagem que se refere a avaliação de si e a auto-estima que é a indicadora do sentimento resultante dessas avaliações. O esporte tem como característica criar situações, nas quais as relações interpessoais ocupam um papel relevante, e que permitem que o indivíduo praticante busque dentro do meio esportivo o que mais lhe convém para seu desenvolvimento pessoal (físico e psicológico). A auto-imagem positiva é necessária aos seres humanos e para que a percepção de si mesmo seja positiva, considera-se como fundamental a atuação no meio social e o esporte pode oportunizar à construção dessa auto-imagem positiva. Embora essa percepção seja identificada como essencial para auto-imagem, as diferenças individuais na forma de conceptualização desta competência não tem sido estudada. Esta pesquisa realizada num colégio particular, do interior de São Paulo, que contou com 11 sujeitos que praticam esporte (3 fem. e 8 masc.) e 11 que não praticam (3 fem. e 8 masc) teve por objetivo investigar a auto-imagem e a percepção de sucesso que a criança tem de si mesmo comparando alunos que freqüentam um programa esportivo com os que não freqüentam. Para tanto foi utilizado um questionário de percepção de sucesso e uma escala de auto-imagem. Entre os dados obtidos na escala de auto imagem temos o item “fracasso”, o que demonstra 100% de discordância total de quem pratica esporte para 63% de quem não pratica, isto nos leva a supor que alunos que praticam atividade esportiva entendem melhor o fracasso. Já na percepção de sucesso, no item “Eu venço”, os alunos que praticam Atividade física tem uma concordância de 54% para 72% de quem não pratica atividade, isto pode mostrar que alunos que praticam atividade se auto-reforçam enquanto os outros necessitam de reforço do ambiente. Os resultados demonstram que há uma auto-estima e percepção de sucesso melhor nos sujeitos que praticam, essas duas variáveis não andam juntas, o que permite concluir que além da pratica esportiva, para esta população há a necessidade de um trabalho paralelo reforçando a auto estima e a percepção de sucesso para as duas variáveis andem juntas. No grupo de sujeitos que não praticam atividade esportiva a correlação é negativa, como vimos nos resultados. Esta pesquisa permite se identificar o quanto esses dois grupos são imaturos, , o que evidencia a necessidade de se avaliar as diferenças entre os sujeitos focalizados para que se possa chegar a alguma conclusão mais efetiva. Os resultados demonstram em geral que o esporte pode influenciar na constituição da auto – imagem, porém sugere-se a mesma pesquisa para um nº maior de sujeitos.

Luciana Gomes Azoia

PUC-CAMPINAS



Estados Ampliados de Consciência e imagens mentais como recursos para o tratamento de paciente com transtorno de disfunção sexual.

Os transtornos de disfunção sexual (CID-10 F52.2), caracterizam-se pela falha de resposta genital ou impotência psicogênica, não causada por transtorno ou doença orgânica. Esta ordem de transtorno tem sido permeável ao tratamento por intermédio de algumas intervenções psicoterápicas. O Estado Ampliado de Consciência (EAC) é definido como uma mudança, por tempo determinado, no pensamento, sentimento e na percepção, em relação ao estado de consciência ordinário. Diversos autores demonstram que a utilização do EAC para a percepção de imagens mentais, pode ser uma ferramenta efetiva para formação de novos padrões de pensamento, sentimento e comportamento. A evocação de imagens mentais em EAC pode ser mnemônica ou simbólica, representando uma realidade psíquica ou uma fantasia. Kapecs cita que as imagens podem ser o acesso principal às importantes memórias, inclusive pré-verbais, e Jellinek e outros autores de orientação psicanalítica acreditam que o nível de consciência no qual o modo “imagóico” funciona, tem propriedades especiais que permitem um efeito terapêutico através da manipulação de símbolos sem a compreensão verbal (“insight”). Reyher e Smeltzer consideraram que neste estado existe a possibilidade do indivíduo não estar consciente das revelações contidas nas imagens, não as censurando. O paciente estudado é do sexo masculino, 28 anos, solteiro, sem histórico de disfunções orgânicas sexuais. Apresentou como queixa principal falha de resposta genital para manter ereção, sentindo-se bloqueado e com medo durante a aproximação sexual. Aos 27 anos inicia um namoro tendo sua primeira experiência sexual, sentindo-se inseguro por não manter a ereção, e insatisfeito pela recorrência do episódio. Submeteu-se a 6 sessões de anamnese, 6 sessões vivenciais e 7 sessões de análise dos conteúdos vivenciados ao longo de 5 meses de processo psicoterápico. Através de vivências em EAC o paciente relatou enredos entrecortados pela emoção de medo, sentimentos de culpa, insegurança e solidão e sensação de impotência. O paciente vivência três situações trazendo simbolicamente uma gravidez em que a mãe sente medo de decepcionar o pai que o rejeita, um sentimento de perda da proteção dos pais aos 12 anos e insegurança perante os vínculos afetivos. O paciente conscientizou-se da dinâmica de funcionamento de seu psiquismo que mantinha os sentimentos de culpa, insegurança e solidão, a sensação de impotência e a emoção de medo perante a situação de contato sexual. Passou a exercitar no nível psicodinâmico suas redecisões cognitivas em situações de contato afetivo e sexual modificando o comportamento de falha de resposta genital em resposta satisfatória, mantendo a ereção, durante suas relações sexuais. Os padrões disfuncionais de comportamento, dificuldade de sentir e expressar sentimentos perante seus vínculos afetivos trazidos como queixas secundárias foram também modificados por intermédio das mesmas redecisões cognitivas.

Bassani, R.B.; Albuquerque, V. E.; Peres, J.F.P.; Mercante, J.P.P.; Peres, M.J.P.

Instituto Nacional de Pesquisa e Terapia Vivencial Peres



Estágio em Atendimento e Orientação Psicológica de Familiares de Pessoas com Deficiências.

O Estágio atende a três propósitos nos âmbitos acadêmico e social. De um lado, possibilita a alunos do 4º ano do Curso de Psicologia a antecipação de sua vivência no ambiente da Clínica Psicológica, anteriormente somente reservada a graduandos do 5º ano, de outro, contribui para com a responsabilidade social da Universidade de oferecer serviços qualificados à comunidade e, finalmente, oferece a cidadãos que convivem cotidianamente com as questões pertinentes à deficiência um espaço onde os mesmos possam sentir-se devidamente acolhidos, gozando da oportunidade de compreenderem não só as vicissitudes que as deficiências costumam gerar, como também seus sentimentos decorrentes de tal condição. Para a execução da proposta de trabalho, são estabelecidos contatos com outras "clínicas-escolas" da universidade, com escolas públicas regulares ou especiais, assim como com algumas instituições especializadas. Os dados empíricos desafiam nossa compreensão para alguns aspectos: enquanto os encaminhantes expressam alguma surpresa, já que nossos clientes são os familiares e não as pessoas que apresentam alguma deficiência, os encaminhados (familiares) costumam oferecer resistência à proposta, uma vez que acreditam que qualquer serviço a ser oferecido deve necessariamente ser dispensado diretamente ao seu parente que tem alguma deficiência. No que respeita aos graduandos, aqueles que aceitam o convite (o estágio não é compulsório), se consideram mais bem preparados para realizarem os estágios curriculares, no ano seguinte, relatando, também, um sentimento de amadurecimento pessoal e acadêmico. Nos três anos em que vimos realizando essas atividades práticas com os graduandos, temos nos valido de referencial teórico winnicottiano, tanto para a compreensão da formação do psiquismo da pessoa com deficiência (o que implica, necessariamente, a presença do outro), quanto para a compreensão do caráter multifacetado das experiências vividas no ambiente doméstico e social mais amplo. Winnicott acreditava que as bases necessárias para um desenvolvimento saudável dependem não só do potencial herdado, mas também de um ambiente real facilitador. Por facilitador entendemos aquele passível de falhas, mas, sobretudo, implicado na compreensão das reais necessidades desse sujeito - estando, assim, pronto para acolhê-lo incondicionalmente, e desafiá-lo o suficiente para mobilizá-lo no sentido da expansão de seu verdadeiro self. Assim, priorizamos a Família, já que observamos um número razoável de serviços destinados às pessoas com deficiências, em detrimento de uma preocupação com as condições de que dispõem seus familiares - o que nos parece um contra-senso. Uma criança, desde sua concepção, é depositária de uma série de expectativas tanto do casal, quanto das famílias de origem dos pais. Isso significa que, ao nascer, a criança não pode ser compreendida como uma mera folha em branco (a famigerada tabula rasa). É, sim, um sujeito devidamente inserido numa história familiar que compreende várias gerações e, portanto, recebe, por herança genética e social, uma série de missões e projeções de seus pais, avós e família extensiva. Dessa forma, entendemos que, se o seu nascimento é marcado pela deficiência, faz-se necessário um suporte psicológico (proteção especial, nas palavras de Winnicott) para essa família, com vistas ao estabelecimento de relações familiares que o auxiliem no desenvolvimento saudável de suas potencialidades.

Santos, Waldir Carlos Santana dos

Universidade Metodista de São Paulo - UMEP



Estereótipos e o viés lingüístico intergrupar.

Uma das principais evidências encontradas nos estudos atuais sobre os estereótipos é o denominado viés intergrupar, que postula uma tendência a avaliar os membros do outgroup como mais homogêneo do que os membros do ingroup e a favorecer os membros do ingroup em detrimento dos membros do outgroup. Alguns estudiosos dos estereótipos observaram uma clara analogia entre esta tendência perceptual e a utilização de estratégias diferenciadas na codificação verbal de situações em que se encontram presentes pessoas pertencentes ao seu próprio grupo ou ao outgroup (o denominado viés lingüístico intergrupar). As pessoas tendem a descrever de forma mais abstrata comportamentos considerados positivos de membros do ingroup e comportamentos considerados negativos de membros do outgroup. Este trabalho procurou avaliar a extensão desse efeito em participantes das etnias branca e negra residentes na cidade do Salvador, Bahia. O estudo, de natureza experimental, foi organizado a partir do seguinte delineamento: 1) participantes negros avaliando cenas positivas e negativas em que o personagem central era um garoto de etnia negra; 2) participantes negros avaliando cenas positivas e negativas em que o personagem central era um garoto de etnia branca; 3) participantes brancos avaliando cenas positivas e negativas em que o personagem central era um garoto de etnia branca; 4) participantes brancos avaliando cenas positivas e negativas em que o personagem central era um garoto de etnia negra. A variável dependente foi mensurada por meio de um procedimento de escolha forçada entre quatro alternativas, cada uma representando a codificação lingüística com um grau distinto de abstração (adjetivos; verbos de estado permanente; verbos interpretativos; verbos descritivos). O estudo também procurou determinar o efeito do nível de preconceito implícito dos participantes, mensurado através de uma versão da escala de dominância social, na codificação lingüística das cenas. Os resultados, ao contrário dos obtidos na literatura, não evidenciaram qualquer efeito da etnia do participante, da etnia do personagem retratado na cena e nem da interação das duas variáveis. Os efeitos do gênero, da faixa etária ou do grau de escolaridade dos participantes também não foram estatisticamente significativos. Além disso, não foram encontradas evidências que apontem qualquer influência do grau de preconceito dos participantes nas respostas apresentadas pelos mesmos na escala de dominância social. Uma explicação encontrada para este resultado pode estar relacionada com a menor saliência do grupo avaliado; bem como com as implicações éticas da avaliação, uma vez que, enquanto o trabalho aqui apresentado envolvia o julgamento de cenas sociais em que estavam expostos membros dos dois grupos étnicos, os estudos encontrados na literatura envolviam a avaliação de membros do outgroup que não envolvem tantas implicações axiológicas, incluindo, por exemplo, torcedores de palio, torcedores de equipes de baseball ou grupos regionais. As conclusões desse estudo, entretanto, não devem ser consideradas como uma indicação da ausência de discriminação, podendo ser mais provavelmente interpretadas como uma consequência dos limites dos instrumentos indiretos de mensuração dos estereótipos e preconceitos.

Ana Luísa Marques Fagundes; Joice Ferreira da Silva; Roberta Ferreira Takei; Marcos Emanuel Pereira

Universidade Federal da Bahia (UFBA)



Estereótipos entre estudantes universitários: dois estudos empíricos.

Na pesquisa aqui apresentada procuramos investigar os estereótipos de estudantes de quatro cursos universitários - comunicação, engenharia, medicina e psicologia -. A pesquisa realizada na Universidade Federal de Juiz de Fora foi desenvolvida em duas etapas, nas quais foram representadas as duas tendências de estudo dos estereótipos, a de investigação de conteúdos estereotipados com relação a categorias e a investigação dos processos cognitivos envolvidos no processo de estereotipização. Na primeira etapa foi usado um questionário contendo adjetivos que deveriam ser aplicados aos estudantes dos cursos investigados. Participaram dessa etapa 199 estudantes dos quatro cursos em questão sendo que, desses estudantes, alguns estavam iniciando (calouros) seus cursos e alguns estavam terminando (formandos). Na segunda etapa desenvolvemos um experimento e procuramos identificar a interferência do priming pré-consciente na aplicação dos estereótipos através de um programa computacional elaborado especialmente para esta pesquisa com a ajuda de um programa de autoria. O priming aplicado foi formado por quatro adjetivos de cada curso coletados na primeira etapa da pesquisa. Participaram desta etapa 150 estudantes de 20 cursos universitários que foram distribuídos em cinco grupos, quatro grupos experimentais e um grupo controle. Nos orientamos metodologicamente na elaboração dessa pesquisa pelo modelo quantitativo e os dados obtidos foram analisados estatisticamente. Foram quatro os objetivos que pretendíamos obter nessa investigação: i) caracterizar os estereótipos de quatro cursos universitários, ii) identificar a diferença na aplicação de estereótipos com relação ao ingroup e ao outgroup, iii) identificar mudanças na aplicação dos estereótipos influenciadas pela permanência dos estudantes na universidade e iv) identificar a influência do priming pré-consciente na aplicação dos estereótipos. Os resultados obtidos nos permitiu traçar um perfil estereotipado dos quatro cursos, verificar a diferença na caracterização do ingroup e do outgroup podendo determinar os autoestereótipos e heteroestereótipos dos cursos e detectar a mudança dos estereótipos e uma tendência em diminuir a intensidade dos aplicações influenciadas com relação à permanência dos estudantes na universidade. Com relação à segunda etapa da pesquisa não foi possível obter nenhum resultado estaticamente significativo que pudesse afirmar a existência do efeito do priming pré-consciente na aplicação dos estereótipos. Acreditamos, no entanto, que o efeito não pode ser observado devido a erros metodológicos que deverão ser corrigidos numa próxima investigação. *Bosista do Fundação de Apoio à pesquisa do Rio de Janeiro - FAPERJ

Luciana Lopes de Oliveira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ



Estética Feminina: Motivações e Percepções na Busca Pela Modificação Corporal.

A busca da beleza é um traço cultural que envolve uma série de implicações sociais e pessoais de extrema relevância para a dinâmica da auto-percepção e do relacionamento interpessoal. A longo da história da humanidade, através de suas produções artísticas, é possível observar a presença do valor estético e dos padrões de cada época. Atualmente parece que este valor está ainda mais evidente ao constatar-se a quantidade de métodos existentes para se aproximar de um modelo de beleza física valorizado socialmente, o que vem a se constituir em um campo de estudo e intervenção em diversas áreas. Sendo assim, essa pesquisa buscou verificar até que ponto o padrão físico de beleza feminino influencia na constituição da auto-imagem corporal das mulheres, e também como esse padrão se relaciona com a motivação para a busca da modificação corporal. As hipóteses levantadas para se desenvolver esse trabalho foram: mulheres buscam sua modificação corporal para se sentirem mais bonitas, confortáveis, confiantes e obter satisfação pessoal; e mulheres buscam sua modificação corporal para se enquadrar nos padrões de beleza impostos pelo meio social em que vive. A coleta de dados deu-se em duas etapas, sendo a primeira para identificar variáveis pertinentes à construção de um questionário investigativo do estudo final. Na segunda etapa foram entrevistadas 48 mulheres, com idade entre 20 e 40 anos, escolhidas aleatoriamente na cidade de Uberlândia, sendo que 10 destas haviam se submetido voluntariamente a intervenções plásticas (grupo plástica), 20 praticavam atividades físicas (grupo academia) e as 18 restantes, além de ter sofrido intervenção cirúrgica, também praticavam atividades físicas (grupo academia/plástica). O questionário constava de 18 questões e um cabeçalho explicativo com instruções de procedimento para resposta. A maioria das questões era de múltipla escolha e havia algumas questões abertas, com a finalidade de investigar melhor conteúdos mais qualitativos. A análise quantitativa dos dados foi feita por meio do programa SPSS e a qualitativa foi por meio de categorização das respostas. Os resultados mostraram que, em geral, a causa dessas mulheres terem se engajado em comportamentos que buscam modificar o corpo é interna. Questões como insatisfação, necessidade de bem-estar e realização pessoal são, acima de outras, as norteadoras dessas ações. De modo geral a auto-imagem corporal das mulheres pesquisadas é boa, porém há uma evidente necessidade de melhorar. Também se observou que há uma busca referencial de um modelo de beleza feminina relacionado à mídia, em geral artistas de novela. Fica clara a influência e importância dos determinantes de padrão cultural de beleza feminina nos pensamentos, comportamentos e sentimentos dessas mulheres, o que não é, a priori, algo negativo, pois sabe-se que o indivíduo trava com a cultura uma inter-relação de influência mútua; além disso, sentir-se inserido num contexto sócio-cultural é fundamental para a identidade pessoal e a auto-estima da pessoa. Porém, a partir do momento em que a busca pela modificação corporal se torna compulsiva, gerando uma obsessão pessoal, problemas deverão aparecer.

Eduardo Augusto Rosa Santana; Fernanda Nogueira; Flaviana Araújo; Patrícia Carneiro de Resende; Valéria de Souza Ribeiro; Marília Ferreira Dela Coleta.

Universidade Federal de Uberlândia.



Estilo de aprendizagem criativa: Percepção de alunos da terceira idade.

Como parte de uma pesquisa mais ampla que visa conhecer a importância de se atender e estimular as características da pessoa criativa junto às necessidades de aprendizagem em alunos da terceira idade, buscamos demonstrar que a criatividade é um meio de se alcançar melhorias na qualidade de vida e na auto-estima. Sabemos que hoje isto consiste em um desafio. Neste sentido, é importante identificar variáveis significativas de aprendizagem e a partir daí, traçar um planejamento com atividades prazerosas de maneira individualizada e coletiva, favorecendo os estilos preferenciais dos alunos, que buscam a interação com as condições exteriores do ambiente a que ele pode reagir. Ficou visto em nosso trabalho, que o nosso objetivo é propor melhorias na qualidade de vida e auto-estima, baseadas nos aspectos mais relevantes de estilos de aprendizagem criativa apontados pela clientela de uma Universidade Aberta à Terceira Idade. Observamos que 90% dos sujeitos pesquisados pertencem ao sexo feminino. Quanto à faixa etária, ficou entre 40 a 80 anos, perfazendo um total de 80 alunos. Foi elaborado um instrumento tendo como modelo o LSI - Inventário de Estilo de Aprendizagem, de Dunn e Dunn (1978), que permite a avaliação de como os alunos preferem aprender segundo as áreas: a) Necessidade Criativa, b) Necessidade Ambiental, c) Necessidade Emocional, e) Necessidade Social e d) Necessidade Física. Cada área foi medida por seis itens, três positivos e três negativos. Quanto ao procedimento, após solicitação junto à Universidade, os questionários foram aplicados em duas salas de aula em dias diferentes. Os resultados demonstraram que a área mais pontuada foi a necessidade Social, de como o estudante se reorganiza com seus colegas e com a seleção de metas e objetivos que complementam o estilo de aprendizagem criativa. Os resultados obtidos demonstraram que existe a necessidade de maiores aprofundamentos em novos referenciais, baseados nas necessidades dos alunos da terceira idade.

ARIZA OLIVEIRA, E.T. ; WECHSLER, S. M.

PUC-CAMPINAS.



Estilo parental percebido e adaptação psicológica de adolescentes adotados.

Os estudos sobre adoção, em geral, estabelecem um paralelo entre o desenvolvimento emocional e cognitivo de amostras adotadas e outras, criadas por sua família de origem. Em diferencial, a presente pesquisa estudou os fatores que moderam a vulnerabilidade dos adotivos. Especificamente, investigou-se a hipótese de que a adaptação psicológica dos adolescentes sofre o efeito da interação entre o vínculo afiliativo (biológico ou adotivo) e o estilo parental percebido. Participaram da amostra 524 adolescentes entre 14 e 15 anos de idade (68 adotados e 456 criados pelas famílias de origem). Os instrumentos utilizados foram um questionário sócio-demográfico e as versões adaptadas das Escalas de Responsividade e Exigência Parental, do Children's Depression Inventory e da Escala de Auto-Estima de Rosenberg. Os resultados revelaram diferenças significativas entre filhos adotivos e biológicos apenas com relação à auto-estima, não sendo encontradas diferenças significativas quanto à depressão. Observou-se também uma interação significativa entre a afiliação e o estilo parental com relação à auto-estima e à depressão. Os achados indicaram ainda que os adolescentes adotados referiram-se com mais frequência a um estilo parental indulgente; já os pais biológicos foram descritos com maior frequência como negligentes. No grupo adotivo, o índice de negligência percebida foi 8,8%, de indulgência, 33,3% e de autoritatividade, 45,6%. No outro grupo, os percentuais foram 39,8%, 11,1% e 35,8%, respectivamente. Contudo, este resultado parece estar associado à possibilidade de fertilização do casal. Um teste Qui-quadrado revelou que, quando a adoção não ocorre por motivos de infertilidade, o casal mostra-se mais autoritário em relação à maturidade de seus filhos. Em contrapartida, nos casos em que ambos os membros adotantes apresentam problemas de fertilidade, o comportamento parental caracteriza-se, mais frequentemente, pela indulgência. Considerando as consequências descritas na literatura dos estilos parentais sobre o desenvolvimento, pode-se estimar que o alto índice de indulgência dos pais adotivos explique porque muitos estudos descrevam maior incidência de problemas de comportamento e baixo rendimento acadêmico entre os adotados, bem como melhores índices de comportamento pró-social. Da mesma forma, a super representação dos adotivos em amostras clínicas pode ser reflexo do baixo índice de negligência observado entre os pais deste grupo. Por fim, a observação de que o tipo de filiação isoladamente não pressupõe maior depressão entre os adotados, revela a necessidade de as avaliações psicodiagnósticas não supervalorizarem a condição adotiva, mas considerarem a influência de outras variáveis socioculturais da história do indivíduo, entre as quais, as estratégias de socialização parentais.

Caroline Tozzi Reppold; Claudio Simon Hutz.

UFRGS; UNOESC.



Estilo parental percebido em adolescentes.

A forma como as relações entre pais e filhos se estabelecem é responsável pelo desenvolvimento de grande parte dos comportamentos e habilidades destes. É possível se analisar essas interações familiares e suas conseqüências para o desenvolvimento dos adolescentes através dos Estilos Parentais, que são padrões globais de atuação, caracterizados pelos níveis de exigência e responsividade fornecidos pelos pais. A primeira dimensão diz respeito ao controle do comportamento e ao estabelecimento de padrões de conduta, e a segunda está relacionada à capacidade dos pais em serem afetivos e contingentes ao atender às necessidades dos filhos. A literatura descreve quatro estilos parentais (Baumrind, 1967; Maccoby & Martin, 1983). No estilo autoritário (alta exigência e baixa responsividade) os pais procuram controlar o comportamento dos filhos e usam mais a força em estratégias punitivas. No estilo autoritativo (exigência e responsividade altas) os pais fornecem as razões para as restrições impostas, favorecem o diálogo e se mostram afetivos. No estilo indulgente (baixa exigência e alta responsividade) os pais são afetivos, têm dificuldade em impor limites e raramente fazem exigências para os filhos. O estilo negligente (exigência e responsividade baixas) é aquele cujos pais são fracos tanto para controlar o comportamento dos filhos quanto em atender suas necessidades e demonstrar afeto. Devido à influência que os diferentes estilos parentais exercem sobre o desenvolvimento dos filhos, o objetivo deste estudo exploratório foi investigar a caracterização dos estilos parentais percebidos por filhos adolescentes, bem como eventuais diferenças de gênero existentes. Participaram do estudo 77 estudantes (61% do sexo masculino e 39% do feminino), com idades entre 16 e 19 anos ($M=16,64$; $DP=0,67$) alunos do último ano do Ensino Médio de uma escola privada de Porto Alegre. Para coleta de dados foram utilizados uma Escala de Estilos Parentais (Teixeira & Gomes, 2000, manuscrito não publicado) e um questionário para coleta de dados sócio-demográficos. Os dados foram analisados estatisticamente. A distribuição dos estilos parentais encontrada neste estudo é semelhante à descrita na literatura, com um predomínio dos estilos autoritativo (28,6%) e negligente (28,6%), seguidos dos estilos indulgente (21,4%) e autoritário (21,4%). Quanto ao estilo combinado do casal, houve diferenças nas descrições feitas por meninos e meninas. Notou-se que os meninos tendem a caracterizar mais o casal como negligentes do que as meninas. Considerando-se cada um dos pais em separado, não houve relação significativa entre o sexo do participante e o estilo paterno. Quanto ao estilo materno, as meninas caracterizaram significativamente mais suas mães como autoritativas do que os meninos e estes as caracterizaram mais como negligentes do que as meninas. As mães obtiveram médias superiores aos pais tanto em exigência quanto em responsividade. Este estudo oferece uma contribuição para o entendimento das interações familiares na adolescência. São necessários, contudo, estudos com amostras maiores e que permitam a comparação entre as percepções de pais e filhos quanto aos estilos adotados.

Vanessa B. Nachtigall; Carolina B. Hartmann; Marúcia P. Bardagi; Claudio S. Hutz

Universidade Federal do Rio Grande do Sul



Estilos de aprendizagem e escolha de especialidade na área médica.

A literatura científica tem apresentado estudos que relacionam os estilos de aprendizagem com a escolha de carreira. O objetivo do presente estudo foi comparar os estilos de aprendizagem e a escolha de carreira entre estudantes de medicina de duas universidades do interior do estado de São Paulo. Os sujeitos foram 114 alunos da 4ª série do curso de medicina. O instrumento utilizado foi o “Inventário de Estilo de Aprendizagem de Kolb”. Também foram coletados dados a respeito da escolha de carreira desses sujeitos e suas justificativas para tal. Os resultados apontaram uma predominância no estilo de aprendizagem assimilador, sendo a carreira mais apontada a clínica médica seguida da cirurgia. Quanto aos motivos de influência, o interesse pelo trabalho e a viabilidade de emprego ocuparam destaque, não havendo distinção entre a carreira escolhida e o estilo de aprendizagem. Em relação à escolha de carreira e gênero, foram observadas diferenças significativas. Sujeitos com idade superior a 23 anos também apresentaram diferenças em suas escolhas de carreira. Sugere-se a realização de novos estudos para a busca de fatores que permitam a relação entre estilos de aprendizagem e escolha de carreira, assim como a ampliação do conhecimento desta temática.

Caroline Zago Rosa; Acácia A. Angeli dos Santos.

Univerisdade São Francisco; Centro Universitário Barão de Mauá.



Estimativa da capacidade de raciocínio geral por meio da Escala de Maturidade Mental Columbia em crianças com Mucopolissacaridose.

As Doenças Metabólicas Hereditárias (DMH) são causadas por Erros Inatos do Metabolismo (EIM), sendo estas resultam da falta de atividade de enzimas específicas ou defeitos no transporte de proteínas. As conseqüências podem ser o acúmulo de substâncias normalmente presentes em pequena quantidade nos diferentes órgãos e tecidos, deficiência de produtos intermediários críticos, deficiência de produtos finais específicos ou ainda excesso nocivo de produtos de vias metabólicas acessórias. São conhecidas centenas de doenças humanas causadas por EIM, dentre elas as Mucopolissacaridoses (MPS), caracterizadas por manifestação precoce de sinais e sintomas típicos, permanentes e progressivos. Na literatura médica especializada o retardo mental é relatado como uma das características encontradas em alguns tipos de MPS. Sendo assim, o presente estudo teve por objetivo investigar a capacidade de raciocínio geral e analisar qualitativamente as respostas obtidas (Kamhi, 1990) por meio da Escala de Maturidade Mental Columbia – CMMS (Burgemeister, 1972) padronizada para a população brasileira (Alves, 2001), em 15 crianças com MPS, cujas idades variaram entre quatro e nove anos e quatro meses, selecionadas dentre as atendidas no Ambulatório Multidisciplinar de Doenças Metabólicas Hereditárias da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) – Escola Paulista de Medicina (EPM). Dos 15 pacientes avaliados, 66,67% não compreenderam a natureza da tarefa. Embora o Resultado Padrão de Idade (RPI) das demais crianças situou-as dentro da média esperada em relação à idade cronológica, o Índice de Maturidade (IM) indicou que em 60% o desempenho no teste foi inferior e 40% superior quando comparado aos grupos etários de padronização. Na análise qualitativa pode-se observar discordância entre os itens estudados. Os resultados encontrados são corroborados pelos dados da literatura ao demonstrarem grande diferença na estimativa da capacidade de raciocínio geral em crianças com MPS. Observamos que uma considerável proporção da amostra estudada não compreendeu a natureza da tarefa proposta no CMMS, sugerindo dificuldade em formular uma regra ou princípio, associando várias figuras ou formas geométricas. A interpretação dos resultados obtidos pelo restante da amostra demonstrou que, embora a capacidade de raciocínio esteja dentro da média típica, a análise qualitativa propiciou a compreensão das diferenças apontadas quanto ao desempenho no teste. Sugere-se a complementação da avaliação utilizando-se novos instrumentos para obtenção de mais informações a respeito do funcionamento intelectual e emocional das crianças estudadas.

Sakata, Edna Tiemi; Sousa, Ana Lucia Teixeira de; Micheletti, Cecilia; Kyosen, Sandra Obikawa; Ressutti, Fabíola; Feliciano, Patricia; Martins, Ana Maria; Pedromônico, Márcia Regina Marcondes

UNIFESP; EPM; UNIFMU



Estimulação da criatividade em deficientes mentais treináveis e educáveis: um trabalho sobre fluência verbal.

A deficiência mental pode ser definida como um funcionamento intelectual acentuadamente abaixo da média, existindo falhas no comportamento de adaptação do indivíduo e manifestando-se durante o período de desenvolvimento. Crianças que sofrem de deficiência mental são mais lentas que outras crianças da mesma idade, essa lentidão ocorre quando de uma associação e classificação de informações no raciocínio, na memória e fases de raciocínio. Em geral crianças portadoras de deficiências, são discriminadas e excluídas de uma vida social normal, pois a sociedade tende a deixar a margem, aquilo que não se enquadra dentro do quadro de normalidade. Alguns pais esquivam-se do problema, não assumindo a situação de frente, pois temem a rejeição, desta forma, muitas vezes acabam rejeitando a criança, subestimando sua capacidade de criar e buscar soluções para os problemas. O objetivo do presente estudo foi a estimulação do potencial criativo junto aos sujeitos participantes, por meio da fluência verbal que é a capacidade de gerar um grande número de idéias ou soluções, utilizando a fantasia e fundamentalmente a criatividade. O projeto foi realizado em uma Associação de Pais e Amigos do Excepcional, de uma cidade do interior de São Paulo, durante o período de um ano. Os sujeitos foram compostos por um grupo de aproximadamente 14 alunos deficientes educáveis e treináveis, de ambos os sexos, com idades variando de 07 à 24 anos, do período matutino. Os materiais utilizados foram estratégias para desenvolvimento do potencial criativo e materiais pedagógicos. O procedimento foi realizado em três etapas. Na primeira etapa foram utilizadas duas dinâmicas de tempestade de idéias com visualização; esses materiais foram utilizados como pré teste e pós teste. Na segunda etapa buscou-se desenvolver a criatividade, por meio dos materiais citados. Na terceira etapa houve a finalização do processo de criatividade, aplicando-se o pós teste. Os resultados evidenciaram que na aplicação do pré teste os sujeitos apresentaram o número de 142 respostas frente a situação problema, enquanto que no pós teste o número de idéias frente a situação problema aumentou significativamente para 200 respostas. Desta forma, observa-se que houve uma acentuada melhora na fluência verbal dos participantes. Outro aspecto observado é que os sujeitos possuem a capacidade de gerar idéias e de categoriza-las, este fato também pôde ser observado durante as atividades, das quais frente a determinadas problemáticas os sujeitos conseguiram ter e organizar várias idéias para solucionar o problema.

Katya Luciane de Oliveira; Salim Andraus Júnior

Universidade São Francisco



Estimulação de potencial e desenvolvimento humano: imagens sobre a Marinha do Brasil.

Introdução: Essa pesquisa teve início com o convênio feito entre a Universidade Estácio de Sá e a Marinha do Brasil, o qual permitiu a experiência de estagiárias junto ao Serviço de Orientação Educacional (SOE) do Centro de Instruções Almirante Wandenkolk (CIAW). O trabalho era interferir no processo de aprender oferecendo subsídios para a integração do egresso civil ao sistema de funcionamento militar naval. Nossa principal estratégia foi atuar como facilitador desse processo instigando potencialidades, no intuito de favorecer o reconhecimento de possibilidades e competências dos sujeitos por eles próprios e, por extensão, a outras pessoas com as quais eles se relacionavam. **Objetivo:** Este trabalho possui a meta de pesquisar o imaginário social dos alunos do CIAW, em duas populações distintas: os dos Cursos de Formações de Oficiais (CFOF) composto por profissionais formados em diversas especialidades e os do Curso de Formação de Reservistas Navais (CFRN) composto por alunos que estão prestando o serviço militar obrigatório. Nesta perspectiva os autores que alicerçam a pesquisa estão preocupados com a instituição educativa, a construção da subjetividade, o processo de aprender e o atravessamento do imaginário social nos processos psicológicos. Em uma palavra, o desenvolvimento do sujeito em sua totalidade. **Metodologia:** Para investigar o que habitava no imaginário desses alunos, que pretendiam pertencer a Marinha do Brasil, partimos dos conteúdos trazidos por eles próprios nos questionários aplicados pela instituição, através do SOE. O questionário, voltado para as expectativas desses alunos, forneceu dados relevantes, em razão deste trazer informações para a construção das Unidades de Sentido (conceito utilizado por Rey em suas pesquisas sobre subjetividade) que, traduziram-se nos referentes da escolha do sujeito para fazer parte de uma instituição como a Marinha. **Resultados:** A partir da análise dos dados, os resultados obtidos indicaram que os sujeitos que escolheram fazer parte de uma instituição como a Marinha, trazem no seu imaginário uma representação sobre esta: para os alunos do CFOF a Marinha representa segurança no emprego, estabilidade salarial, e crescimento profissional; para os alunos do CFRN fazer parte desta instituição significa ter vocação para servir a Marinha e o desejo de pertencer a uma organização estruturada. **Conclusão:** Podemos concluir que para os alunos do CFOF a estabilidade e o crescimento profissional não são suficientes, pois, para se tornar um militar de fato, o principal é interiorizar o ideal da instituição, seguindo-o, defendendo, acreditando nele a ponto de torná-lo seu. Quanto aos alunos do CFRN, adolescentes que estão em busca de uma estruturação e organização de si próprios, escolhem a Marinha do Brasil por esta ser uma instituição estruturada que lhes serve como referência para suas identificações.

Amaralina Araújo Rodrigues, Imara Moreira Freire; Valéria Rezende; Leila Dupret.

Universidade Estácio de Sá.



Estratégia de Recursos Humanos: o que ocorre na prática?

A estratégia de Recursos Humanos (RH) de uma organização serve como guia do desenvolvimento de toda estrutura de atividades e serviços prestados pela área, desde o recrutamento de funcionários até a definição dos papéis, atribuições e funções do psicólogo organizacional. Com base nesse princípio, objetivou-se identificar quais as estratégias de Recursos Humanos em 300 empresas (públicas e privadas) do Estado de São Paulo. Estas empresas foram determinadas acidentalmente, sendo excluídas da amostra aquelas com menos do que cem funcionários. Para viabilizar esta pesquisa, os autores adaptaram e pré-testaram um questionário, composto por 15 questões (14 fechadas e 1 aberta), utilizado numa pesquisa europeia. Uma vez definida a amostra, foram identificados os responsáveis pela área de Recursos Humanos das empresas sorteadas, sendo o instrumento enviado pelo correio, juntamente com uma carta explicativa e um envelope auto-endereçado e selado. Garantiu-se formalmente às empresas participantes o sigilo das respostas. A análise destes dados demonstrou que 55% das empresas possuem uma estratégia de gerenciamento estabelecida e aquelas que possuem R.H. têm um programa de trabalho mais estruturado. Cerca de um terço das empresas apontaram a participação do departamento de RH na elaboração das estratégias organizacionais, principalmente nas áreas de Treinamento e Desenvolvimento (22,65%) seguidos da área de Salários e Benefícios (12,98%). Estes dados demonstraram que há um investimento relacionado à elaboração de estratégias para a área de Treinamento e Desenvolvimento, provavelmente em função da estrutura política e econômica do nosso país, pois a globalização e a implantação dos sistemas de qualidade exigem atribuições que anteriormente eram relegadas a segundo plano.

Barduchi, A.L.J.; Campos, K. C. L.; Becker, T. J. ; Gialluca, D.B.; Ramos, K.P.; Santos, L. A.

Universidade São Francisco; FAPESP.



Estratégias de enfrentamento a mudanças de vida em alunos de Psicologia: um estudo exploratório.

As estratégias de enfrentamento que os indivíduos têm perante eventos de vida podem ser de diferentes formas: seja avaliando-os como perdas, como ameaças ou como desafios. Nessas estratégias de enfrentamento é muito importante o estudo do desenvolvimento da pessoa como também dos antecedentes educativos, culturais e idiossincráticos. Um processo de enfrentamento só pode ser avaliado numa relação funcional entre a avaliação que o indivíduo faz do estímulo, as condições do ambiente e fatores ligados à aprendizagem do sujeito. As características do curso de Psicologia, bem como as exigências, às quais o futuro profissional da área será submetido determinaram a execução deste estudo que teve como objetivo geral explorar as estratégias de enfrentamento a situações de mudanças de vida do aluno recém ingressante no curso, assim como daqueles que já se encontravam no antepenúltimo ano do curso de Psicologia. Outro objetivo da pesquisa a longo prazo será executar um follow-up com o grupo de sujeitos que atualmente encontram-se no 2º semestre do curso com a finalidade de explorar possíveis influências originárias do conhecimento adquirido no decorrer do curso. A amostra deste estudo foi formada por 70 sujeitos de segundo e oitavo semestres do Curso de Psicologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie. As técnicas de coleta de dados foram: o Inventário de Estratégias de Enfrentamento de Folkman e Lazarus; a Escala de Eventos Vitais de Holmes e Rahe e um questionário para caracterização do perfil sócio-psicológico da amostra. Para o tratamento dos dados foi utilizado o software estatístico Epi Info (versão 6). A análise estatística inferencial de dados referente à associação de estratégias de enfrentamento com as mudanças de vida ainda encontram-se em andamento. No entanto alguns dados preliminares apontam que o grupo de 40 sujeitos do segundo semestre refere como principais fatos vitais as mudanças de escola (frequência -31), seguido de término de relacionamento significativo (frequência - 21); problemas de saúde na família (frequência - 13) e, início de atividades produtivas e morte de pessoas da família (ambos com uma frequência de 12). Já, o grupo de 30 sujeitos do oitavo semestre referiu eventos vitais qualitativamente diferentes: início de relacionamentos significativos (frequência - 13); mudanças do número de pessoas morando em casa e experiências sexuais (ambos com frequência - 11) e problemas de saúde na família (frequência - 10). Infelizmente o estudo não explorou se esses esforços produziram algum tipo de consequência adaptativa nas diferentes situações, no entanto as perdas de familiares ou de amigos íntimos foram citadas como aqueles eventos de perdas de suporte social perante os quais existiu maior dificuldade de adaptação. Outro dado relevante foi com relação ao número de problemas de saúde físicos e emocionais. A frequência de problemas físicos foi alta em ambos os grupos (59,4 % no grupo do segundo semestre e 69,29% no grupo do oitavo semestre) e já, as afetações emocionais apresentaram maior frequência somente em sujeitos de segundo semestre. Da mesma maneira que os sujeitos citaram múltiplas mudanças de vida, referiram diversos esforços na tentativa de controlar as mesmas.

Teixeira, Maria Cristina Triguero Veloz; Furtado, Rosa Maria Galvão; Poça, Sandra Regina; Rossini, Ana Carolina; Ornellas, Julia; Lópes, Flávio; Abrão, João Marcos.

Universidade Presbiteriana Mackenzie.



Estratégias de inclusão e exclusão do louco pela sociedade: o caso da cidade de Prados – MG.

Este estudo de caso é parte de pesquisa mais ampla que busca comparar práticas e significações sociais em torno da loucura, em contextos sócio-históricos diversos. Pretende-se aqui analisar o modo particular como a comunidade da pequena cidade mineira de Prados significa e se relaciona com a loucura e com pessoas consideradas “loucas”. A hipótese teórica é de que Prados é um caso representativo de comunidade onde predominam estratégias pré-modernas ou não manicomiais (Foucault, 1993), mas tradicionais e hierárquicas (Velho, 1987, 1994), para se lidar com a loucura. A percepção social sobre o louco está pouco mediada por visões médio-psiquiátricas, tais como a categoria de “doença mental”, ou por interpretações psicologizantes. Foram objeto de investigação os discursos de informantes, a história de Prados - de suas instituições, programas de saúde e movimentos sociais - e, também, relatos sobre histórias de vida. Não foram utilizadas a priori categorias como “doente mental” ou “psicótico”, pois se pretendeu identificar o vocabulário presente na fala das pessoas, as categorias e classificações por elas usadas. Foi utilizado o método etnográfico de estudo de caso, com realização de entrevistas em profundidade, pesquisa documental e observação participante. Utilizou-se, também, o método biográfico de histórias de vida de sete pessoas representativas da comunidade discursiva em questão, com análise do discurso das narrativas. Há, no discurso dos entrevistados, uma imagem da cidade como acolhedora e protetora para aqueles que necessitariam de ajuda. Os “loucos” que não têm família são referidos pelos entrevistados com proximidade e carinho. Foram colhidos muitos exemplos que confirmam o modo singular como essas pessoas são assistidas e integradas à comunidade. Embora predomine uma referência ao passado, a personagens emblemáticas, há alguns casos atuais de jovens amparados pela cidade, revelando uma vocação assistencial muito arraigada nas relações sociais. A instituição que abriga idosos, e atualmente cuida de alguns desses “loucos” de rua (a Casa Lar), tem como proposta não se transformar num asilo tradicional, buscando preservar a subjetividade de seus moradores. No passado, a Santa Casa de Misericórdia abrigava, esporadicamente, essas pessoas que mantinham sua liberdade para sair e voltar quando quisessem. Prados inclui os “loucos” em sua vida social, fazendo-os contribuir, de algum modo, para os ritos e rotinas comunitários (desde a realização de pequenos trabalhos à participação em eventos e festividades). No entanto, há nítida distinção entre os “loucos” que vivem nas ruas e os “casos” das famílias tradicionais da cidade, tanto na forma como se fala sobre a condição de ambos, quanto nas formas de ajuda oferecidas e buscadas. Os casos das famílias, em geral cercados de sigilo, são encaminhados para a psiquiatria, fora da cidade. Embora se ofereça possibilidades de nova localização e identidade social, sem confinamento das pessoas num estigma moral desqualificador, prevalece uma ordem societária tradicional e hierárquica. Palavras-chave: Saúde mental; inclusão; exclusão; loucura.

Izabel C. Friche Passos; Mônica Soares da Fonseca Beato.

Universidade Federal de São João Del-Rei / MG; PIBIC / CNPq.



Estresse e relações familiares na perspectiva de irmãos de indivíduos com e sem Transtornos Invasivo do Desenvolvimento.

Os Transtornos Invasivos do Desenvolvimento (TID) caracterizam-se pelo comprometimento da interação social, uso estereotipado e repetitivo da linguagem e pela presença de comportamentos com interesses restritos. Não é de causar surpresa que tais características clínicas tenham um determinado impacto na família. Existem evidências de que essas famílias reportam maiores dificuldades quando comparadas àquelas que possuem membros diagnosticados com Síndrome de Down e enfermidades psiquiátricas. Contudo, a maioria dos estudos nessa área focaliza o impacto dos TID nos pais, ao passo que pouca atenção tem sido dada ao impacto nos irmãos. O presente estudo tem como objetivo investigar a presença de indicadores de estresse e a qualidade das relações familiares em irmãos de indivíduos com e sem Transtornos Invasivos do Desenvolvimento. Para tanto, participaram 60 crianças e adolescentes com idades entre 8 e 18 anos, distribuídas em dois grupos: Grupo 1- irmãos de crianças diagnosticadas com Transtornos Invasivos do Desenvolvimento associado ou não a causas orgânicas e Grupo 2 - irmãos de crianças com desenvolvimento típico. As crianças e adolescentes foram contactadas em escolas (de ensino comum e de ensino especial) e clínicas. Para investigar tais questões foram utilizados uma ficha demográfica, o consentimento pós-informação, a Escala de Stress Infantil - ESI (Lucarelli & Lipp, 1999) e o Inventário de Rede de Relações-RNI (Schwerz, 1994). Os dados das escalas ESI e NRI foram analisados utilizando-se estatística descritiva e inferencial através do Teste-t e Correlação de Spearman. Os resultados demonstraram que o impacto do diagnóstico do Transtorno Invasivo do Desenvolvimento parece ser mediado pela qualidade das relações familiares.

Vanessa Fonseca Gomes; Cleonice Bosa.

UFRGS.



Estresse e Resiliência na Adolescência.

Trabalho científico que se constitui em um programa de prevenção em saúde mental, numa interface entre Psicologia Escolar, Psicologia Clínica e Métodos e Técnicas de Investigação em Psicologia, através do diagnóstico da situação psicológica do adolescente, em escolas públicas e privadas na cidade de Bauru. Nesse sentido, tendo em vista o alto índice de encaminhamentos realizados pelo estagiário de psicologia escolar e equipe das escolas para o tratamento psicoterápico, junto a Clínica de Psicologia Aplicada e Fonoaudiologia, a necessidade da população ser amparada através de programas de prevenção da saúde, programas efetivos que garantam a qualidade de vida em todas as dimensões humanas, a importância do atendimento psicológico de maior acesso a população de baixa renda e a necessidade de investimentos significativos na produção do conhecimento do futuro profissional de Psicologia, a presente pesquisa científica objetiva-se a : verificar se o jovem entre quinze e dezoito anos apresenta quadro de estresse, relacionando-os com possíveis eventos de vida e capacidade de enfrentamento (resiliência); avaliar presença de sintomas de estresse e eventos de vida estressores correlato em estudantes; identificar a presença de estresse físico e psicológico; relacionar a síndrome normal da adolescência com os resultados obtidos no levantamento de dados da presente pesquisa ; reavaliar devolutiva dos resultados e orientação psicológica ao controle do estresse ; sensibilizar equipe técnica-administrativa e corpo docente, sobre os dados coletados relacionando-os com situações de conflito vividos na sala de aula e escola ; implantar programa de prevenção em saúde mental para adolescentes nos aspectos relacionados ao estresse e resiliência. Trata-se de uma pesquisa de base quantitativa e de levantamento, junto a uma população de quinhentos adolescentes, de ambos os sexos, entre quinze a dezoito anos, em oito escolas (sendo cinco da rede pública e três da privada), do primeiro de ensino médio, períodos diurno e noturno, na cidade de Bauru, através dos seguintes instrumentos : protocolo de identificação, questionário de eventos da vida e ISSL para adultos, padronizado pela Dra. Marilda N. Lipp, sendo que a análise dos resultados foram subsidiados por um conjunto de aportes teóricos sob a luz psicodinâmica. Após a reunião das informações, os dados foram analisados e a título de resultados parciais, os pesquisadores consideraram significativo ressaltar as características do grupo de sujeitos (a maioria do sexo masculino, religião católica, solteiros, grau de instrução pai – mãe encontra-se no ensino fundamental – embora muitos não conseguiram informar sobre este quesito), a prevalência do estresse bem como dos sintomas psicológicos, a incidência da fase de resistência em sujeitos estressados nesta população, uma possível relação entre o alto índice de respostas negativas aos eventos de vida e o desenvolvimento da resiliência em sujeitos adolescentes. Finalmente o presente trabalho não possui status de conclusão, tendo em vista, que os resultados apresentados se constitui em uma primeira análise, sendo que muitos fatores estão inter-relacionados, sugerindo novas análises e investigações científicas.

FURIGO, R.C.P.L.; PETRONI, E.T.S.; SANTOS, M. M.

Universidade do Sagrado Coração Brasil.



Estresse em estudante de psicologia.

Esta pesquisa objetivou identificar o nível de estresse em estudantes de Psicologia de um Centro Universitário no interior do Estado de São Paulo, avaliado em três níveis de resposta ao estresse: alerta, resistência e exaustão. Foram sujeitos um total de 25 alunos entre primeiro e quinto anos do curso, de ambos os sexos, com idade variável entre 18 e 26 anos, matriculados no ano de 2001. Como instrumento de avaliação do estresse foi utilizado o ISSL (Inventário de Sintomas de Stress para Adultos), de autoria de Marilda N. Lipp. Os resultados mostraram que 80% dos alunos participantes apresentaram comportamento de estresse, sendo que desse montante, 64% encontram-se na fase de resistência e 16% na fase de exaustão ou quase exaustão. Dentre os alunos que apresentaram estresse, 56% revelaram respostas de enfoque psicológico; 8% respostas de enfoque somático, e 16% de respostas de enfoque somato-psicológico. Com relação aos alunos que participaram da pesquisa, apenas 20% deles não evidenciaram respostas de estresse. Analisando mais especificamente os resultados, percebe-se que o maior índice de respostas estressantes ocorre com alunos do segundo ano do curso. Como tentativa de explicação ao fato, levanta-se as seguintes hipóteses: é a série que possui o número mais elevado de alunos, em que as disciplinas de cunho psicológico são contatadas pela primeira vez, e onde se encontra grande número de alunos que residem fora da cidade. Podemos supor que o fato de estarem longe do lar e da família, vivendo situações adaptativas em “repúblicas de estudantes”, possa ser fator desencadeador do estresse. Conclui-se o trabalho apontando a necessidade de um acompanhamento preventivo ao aluno de Psicologia, especialmente os das séries iniciais, uma vez que o curso ‘mexe’ com o universo interno do aluno, e o expõe a situações de contato com a dor e sofrimento humanos, elementos por si só desencadeadores do estresse.

Andreza Maria Neves Manfredini; Carina dos Santos Martins; Cristiane Sayuri Tomita; Simone Rocha de Oliveira.

Universidade de Taubaté - UNITAU.



Estruturação de valores e sua dinâmica na cultura contemporânea.

Objetivo. Estudar a categoria dos valores na cultura contemporânea, especialmente aqueles referentes à vida sacerdotal e, por meio da descrição de três eixos de sua estruturação, propor uma forma de operacionalização metodológica para os valores como categoria da psicologia social. Referencial teórico. Na descrição dos três eixos de caracterização os valores foram abordados a partir da psicologia social cognitiva (Köhler, Asch). Na sua relação com as transformações culturais a referência foi a distinção entre valores instrumentais e valores terminais (Rokeach). Com relação à cultura contemporânea utilizou-se o modelo da ruptura pós-moderna (Jean-François Lyotard) contraposto ao de modernidade tardia (Anthony Giddens). Método. Descrição conceitual de três eixos para a caracterização dos valores: a) amplitude: os valores podem ser compartilhados pelos componentes de determinados grupos ou então pelo conjunto de toda a sociedade. Este compartilhamento é de tal envergadura que os valores não se prestam a acomodações idiossincráticas no que diz respeito ao conjunto; b) exigência (requiredness): esta se refere não somente à obediência estrita de regras e normas mas, principalmente, ao sentimento que o sujeito tem de que deve se comportar de determinada maneira porque entende que esta é a correta, mesmo que o comportamento contrário lhe acarrete vantagem de qualquer natureza; c) escolha (value-choice): um valor não existe como tal se não possuir outros que se apresentem como contrapartidas ou alternativas, por isto os valores oferecem critérios para a seleção e orientação de comportamentos e ações no universo social. Utilizou-se como instrumento entrevista semi-estruturada, composta por tópicos relativos à vida sacerdotal atual (Igreja universal-Igreja local; ecumenismo-diálogo interreligioso; verdade; missão; mulher; pessoa do sacerdote; meios de comunicação). Os sujeitos foram cinco seminaristas concluintes do curso de teologia e com ordenação sacerdotal próxima. Resultados: Os valores instrumentais apresentam um grau de modificação considerável, ao passo que aqueles considerados terminais permanecem estáveis. Este quadro corrobora o modelo descrito por Anthony Giddens (modernidade tardia). Os eixos de estruturação dos valores (amplitude, exigência e escolha) mostraram-se adequados para pesquisas que procuram inventariar ou descrever valores relativos a uma determinada população ou a um momento histórico particular.

José Rogério Machado de Paula; Geraldo José de Paiva.

Universidade de São Paulo.



Estudantes de pedagogia e a relação teoria-prática: em questão a inteligência.

O objetivo deste estudo foi conhecer como futuros educadores compreendem e discutem a inteligência, a partir de reflexões sobre a relação teoria-prática. As reflexões dos estudantes foram levantadas a partir dos conteúdos de diários escritos por alunos de um Curso de Pedagogia de uma Universidade Pública do interior de São Paulo, que cursaram a disciplina Psicologia Educacional nos anos de 1999 e 2000. O conteúdo dos diários foi submetido a análise de conteúdo, destacando-se os trechos onde se discutia a questão inteligência. Da análise efetuada, partindo-se das palavras-chave, foram encontrados dois núcleos temáticos: Conceito e Aluno de Pedagogia. No núcleo Conceito, a categoria mais expressiva foi relativa aos Sujeitos, indicando que a inteligência ainda é vista como uma faculdade interna, sem conexão com o contexto. No núcleo Aluno de Pedagogia, a categoria mais expressiva corresponde à Compreensão, e indica que o aluno interage e reflete teoricamente sobre o conceito, mas aponta poucas referências à sua própria prática. Em geral, podemos afirmar que as reflexões dos alunos, relacionando as teorias psicológicas às questões do cotidiano escolar, ainda tomam como referência concepções tradicionais de inteligência.

Maria Lúgia Pompeu; Ângela F. Soligo.

Unicamp.



Estudo comparativo da autopercepção do papel parental em duas etapas do desenvolvimento infantil.

As pesquisas realizadas acerca de crenças, enquanto veículos que habilitam e norteiam os seres humanos nas suas atividades diárias, representam uma importante parte da literatura em Psicologia Social. A importância das mesmas, em estudos da Psicologia do Desenvolvimento, baseia-se no pressuposto de que as idéias parentais articulam e guiam as ações dos pais para com a criança e essas ações, por sua vez, afetam diretamente o desenvolvimento da mesma. O presente estudo é um recorte de uma ampla pesquisa longitudinal e transcultural implantada em diversos países, que no Brasil intitula-se “Interação mãe-bebê e o desenvolvimento Infantil: um estudo longitudinal e transcultural”. Buscando contribuir para a compreensão da articulação, internalização e reprodução dos sistemas de crenças parentais em ações cotidianas, visa-se, analisar a autopercepção parental em duas etapas específicas do desenvolvimento infantil: aos 5 meses e aos 20 meses de vida do bebê. Utilizou-se uma amostra de 20 mães, primíparas, residentes no Rio de Janeiro, que moravam com o pai do bebê e que não haviam sofrido intercorrências no parto. Nas duas ocasiões os bebês gozavam de boa saúde. A idade das mães variou de 19 a 40 anos. O nível de instrução predominante foi o fundamental incompleto. Utilizou-se o instrumento Autopercepção do Papel Parental, traduzido e adaptado para uso no projeto, que é constituído de 22 itens e permite que a mãe avalie seu desempenho em quatro áreas distintas: Competência, Satisfação, Investimento ou Importância e Integração ou Balanço. Foi utilizado o Teste-T para medidas repetidas e pode-se constatar que não houve uma variação significativa das médias apuradas para cada área analisada nos dois momentos estudados. Foram constatadas correlações significativas entre papéis maternos aos 5 e 20 meses e também entre as competências nas duas faixas. Esses resultados indicam que a autopercepção do papel parental parece estável durante a etapa do desenvolvimento do bebê estudada, ou apresenta mudanças mais sutis, não detectáveis com uma amostra desse tamanho. Neste estudo, não houve modificações na avaliação das mães acerca de suas crenças e competências sobre como criar e cuidar de seus bebês. Esses dados contribuem para um esforço de compreensão da construção e desenvolvimento de sistemas de crenças parentais em mães primíparas.

Clarissa Gouvea Stein Lopes; Danielle de Paiva Pietrolungo; Leandra Sobral Oliveira; Luciana Fontes Pessôa; Maria Lucia Seidl de Moura; Paloma Navega da Silva de Azevedo; Rodolfo de Castro Ribas Jr; Sanya Franco Ruela.

UFRJ; PIBIC-UERJ; CNPq; FAPERJ; CAPES.



Estudo comparativo de análises atribucionais para sucesso escolar na percepção de professores e alunos.

A compreensão dos fatores que envolvem o fracasso ou sucesso escolar pode subsidiar ações educativas que visem promover ou implementar o bom desempenho. O recorte particular da pesquisa abrangeu o desempenho de alunos que foram bem sucedidos na quinta série de escolas públicas, na qual historicamente, sempre registrou-se altos índices de evasão e reprovação na realidade brasileira. Para tanto realizou-se entrevistas com professores e os alunos apontados por aqueles como bem sucedidos, em escolas públicas do interior do Estado de São Paulo. O referencial teórico utilizado foi a Teoria da Atribuição, principalmente os pressupostos de Bernard Weiner. Esta teoria pressupõe que o homem é motivado para descobrir as causas dos eventos e entender seu ambiente e que as percepções resultantes influem na forma de nos comportarmos. Assim, os alunos tem suas ações influenciadas por suas explicações causais, as quais interferem em suas expectativas, auto-estima e autoconceito, gerando em muitos casos sucesso ou fracasso. Realizou-se entrevistas com 30 professores e 27 alunos buscando-se as principais atribuições dos mesmos para o sucesso escolar apresentado pelos alunos. Os dados coletados foram analisados e agrupados em categorias causais, utilizando - se como referência principalmente as categorias causais elaboradas por Maluf & Marques (1984), mas também as de Bar-Tal & Daron (1977), Cooper & Burguer (1978) e Oliveira (1998). Foram construídas 12 categorias causais baseadas nas respostas obtidas: Influência Familiar, Motivação, Esforço e Interesse, Capacidade, Professor, Disciplina, Frequência, Influência Social, Saúde e Higiene, Formação Anterior, Acesso a Meios e Materiais de Informação, Temperamento e Disposições Internas e Sistema Educacional. Os resultados confirmaram parcialmente pesquisas anteriores e indicaram que os professores atribuem à família e ao aluno a responsabilidade principal pelo sucesso escolar, enquanto os alunos atribuem a responsabilidade a si mesmos, aos professores e à família. Ocorreu uma interessante predominância do sexo feminino entre os alunos bem sucedidos, interessante fenômeno que justifica outros estudos.

Beck, M.L.G.; Pontes Neto, J.A. da S.

UNESP.



Estudo comparativo de crenças e valores maternos acerca dos estilos parentais.

Um volume significativo de trabalhos recentes tem acentuado o fato de que o desenvolvimento infantil inicial ocorre dentro de contextos. Em geral, esses trabalhos também têm ressaltado que crenças maternas (e.g. crenças, valores, atitudes) desempenham um papel fundamental na caracterização destes contextos iniciais do desenvolvimento. Uma questão central que vem sendo discutida refere-se à estabilidade das crenças maternas. Especula-se, por exemplo, que o contato direto com seus próprios filhos (especialmente no caso de mães primíparas), a sistemática participação em interações recíprocas mãe-bebê, e a aquisição de um novo papel social dentro da sociedade podem afetar o sistema de crenças maternas e, conseqüentemente, o próprio contexto do desenvolvimento. O presente estudo foi conduzido com o objetivo de investigar a estabilidade de crenças e valores maternos acerca de estilos reais e ideais de maternagem e paternagem em duas etapas distintas do desenvolvimento infantil. Trata-se de uma análise parcial de um estudo longitudinal e transcultural sobre desenvolvimento infantil e interação mãe-bebê. Foram analisados dados de 20 mães primíparas com idade média na primeira visita de 26 anos e escolaridade distribuída da seguinte forma: ensino fundamental completo e incompleto, 30%; ensino médio completo e incompleto, 25%; nível superior completo e incompleto, 35% e pós-graduação, 10%. As mães responderam os instrumentos “Estilo Materno” e “Estilo Paterno”, traduzidos e adaptados para uso no Brasil, em dois momentos do desenvolvimento de seus bebês (5 e 20 meses). Cada um dos instrumentos é constituído de 34 questões que avaliam crenças e valores acerca de estilos reais e ideais de maternagem e paternagem. Foram comparadas as crenças e valores das mães (mãe ideal, pai ideal, mãe real, pai real) aos 5 e vinte meses (teste t para medidas repetidas). Não foram observadas diferenças significativas entre as médias nas comparações realizadas. Esses resultados indicam uma certa estabilidade nas crenças e valores sobre maternagem e paternagem nesse período do desenvolvimento infantil. Numa etapa posterior da pesquisa novas análises serão realizadas com um amostra três vezes maior. Para analisar a relação entre as crenças e comportamentos maternos, os dados sobre crenças e valores serão correlacionados com dados obtidos em observações em vídeo.

Maria Lucia Seidl de Moura; Rodolfo de Castro Ribas Júnior, Tatiana Mota Xavier de Meneses.

UERJ; UFRJ.



Estudo comparativo de Indicadores de Movimentos no Wartegg Zeichen Test e no Teste Zulliger.

O teste de Completamento de Desenhos de Wartegg (WZT) e o Teste Z, de Hans Zulliger (Z-Teste) são testes projetivos, de aplicação individual e coletiva freqüentemente utilizados em nosso cotidiano profissional em psicodiagnósticos, seleção de pessoal, orientação profissional e outros processos. Em levantamento bibliográfico realizado recentemente, constatou-se a ausência de estudos comparativos entre estes dois instrumentos de avaliação psicológica. O objetivo desta pesquisa é determinar se existe relação entre as respostas de movimento presentes no WZT e no Z-Teste. Espera-se com este estudo ampliar os fundamentos interpretativos para diagnósticos e prognósticos onde os aspectos projetivos que sejam significativos. Na avaliação do WZT há critérios definidos para “atividade humana, atividade animal, movimento cósmico e ação mecânica (implícita e explícita)” propostos por Berlinck (2000), Biedma e D’Alfonso (1973) e Kinget (1952). No Z-Test podem ser levantadas respostas de “movimento humano, movimento animal e movimento inanimado propostos por Vaz (1998) e Zulliger & Salomon (1970). O WZT e Z-Test foram aplicados coletivamente em 50 sujeitos adultos com escolaridade de nível médio ou superior do sexo masculino. A expectativa de comparabilidade entre estes instrumentos no critério movimento, é consolidada através de estudos de correlação estatística.

Berlinck, V. R.

US; FAPESP.



Estudo comparativo dos sintomas psicológicos nos períodos pré e pós-operatório de pacientes hospitalares.

A psicologia conquistou seu espaço nos mais variados campos de atuação; a instituição hospitalar é um deles. Neste contexto, é imprescindível um trabalho com atenção especial ao paciente, ser de tantos sofrimentos, que acabam abalando sua estrutura psíquica e emocional, desencadeando o que denomina-se sintomas psicológicos. Dentre os variados tipos de pacientes, encontramos aqueles internados para intervenção cirúrgica, suscetíveis aos sintomas psicológicos, que podem complicar seu tratamento e recuperação. A pesquisa procurou investigar os sintomas psicológicos nos períodos pré e pós-operatório, viabilizando compará-los e verificar em qual período encontra-se o maior nível de sintomas. Além disso, pode-se investigar quais os sintomas mais característicos de cada período. A pesquisa foi realizada em uma instituição hospitalar, no Hospital Santa Inês de Balneário Camboriú – SC com a amostra de dez (10) pacientes cirúrgicos atendidos pelo Sistema Único de Saúde (SUS). No período pré-operatório, dia anterior à cirurgia, foram utilizados como instrumentos de coleta de dados uma entrevista e o Inventário de Sintomas Psicológicos SCL90R. No período pós-operatório, 7 a 10 dias após a cirurgia, foi utilizado somente o Inventário de Sintomas Psicológicos SCL90R. Com a análise dos dados, pode-se constatar que no período pré-operatório os sintomas psicológicos são mais evidentes que no pós-operatório. Além disso, os sintomas mais evidentes no pré-operatório correspondem a depressão, obsessão compulsão, sensibilidade interpessoal, hostilidade e ansiedade. No pós-operatório, entretanto, os sintomas mais evidentes referem-se à somatização e fobia. Foi possível observar que, em se tratando de paciente cirúrgico, os sintomas psicológicos são notáveis, em maior ou menor grau, de acordo com a complexidade da intervenção e expectativas do paciente. Assim, é imprescindível o acompanhamento psicológico a pacientes cirúrgicos neste momento de medos e angústias, decorrentes da intervenção.

Greici Zanella Conteratto; Sérgio Jacques Jablonski Jr.

Universidade do Vale do Itajaí – Univali.



Estudo da auto estima de trabalhadores de uma empresa de transporte coletivo de passageiros de POA.

No presente trabalho a auto estima de trabalhadores de uma empresa de transporte coletivo de passageiros de Porto Alegre - RS é medida e comparada com o intuito de identificar possíveis diferenças entre os grupos de cobradores, motoristas e monitores. Outras influências também foram analisadas, tais como escolaridade, tempo de serviço e sexo. Foi aplicado um questionário para 144 sujeitos, divididos em 51 cobradores, 55 motoristas e 38 monitores. Quatro entrevistas individuais foram realizadas para ilustrar a discussão dos resultados. Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na comparação dos escores de auto estima obtidos pelos grupos, tampouco quando comparou-se a auto estima com a escolaridade e com o tempo de serviço. Foi encontrada uma diferença altamente significativa na comparação da auto estima dos homens e mulheres ($F=8,52$; $p=0,00$), sendo que os sujeitos do sexo masculino possuem auto estima maior do que o sexo feminino. Na discussão dos resultados foram abordados aspectos relativos ao trabalho e gênero feminino, tais como dupla jornada de trabalho e assédio sexual.

Janine Kieling Monteiro; Maria Aparecida de Nonohay Schneider.

ULBRA – RS.



Estudo da demanda em saúde mental no bairro de Cidade Nova, Natal - RN.

No Brasil da década de 1980, significativas transformações no campo da saúde mental estão relacionadas a movimentos sociais, políticos e científicos. Estavam sendo balizados os princípios da Reforma Psiquiátrica influenciados pelos avanços da Reforma Sanitária. A VIII Conferência Nacional de Saúde, marco deste processo, estabeleceu os pilares do Sistema Único de Saúde objetivando implementar serviços públicos que atendessem princípios tais como: universalidade, integralidade, descentralização, resolutividade e controle social. Nesse contexto, o conhecimento epidemiológico passa a ser ferramenta importante no diagnóstico de saúde da comunidade e na organização dos serviços de saúde no distrito sanitário, na medida em que permite um mapeamento das questões colocadas em movimento no adoecer em realidades sócio-sanitárias específicas. Com o objetivo de traçar o perfil da demanda em saúde mental no bairro de Cidade Nova, localizado no Distrito Sanitário Oeste de Natal, realizamos uma pesquisa durante o estágio supervisionado em Psicologia da UFRN, no período de junho a dezembro de 2001. Para tanto, utilizou-se um questionário cujos eixos de investigação centravam-se em aspectos como: dados sócio-demográficos; referência familiar; histórico medicamentoso e histórico de internação. O estudo contou com uma amostra de 61 usuários pertencentes às quatro áreas de abrangência do Programa de Saúde da Família. A pesquisa ocorreu nas próprias casas dos participantes e os resultados preliminares indicam que 59% são do sexo feminino e 41% do sexo masculino, com predominância etária entre 31 a 50 anos. 46% são provenientes do interior do estado e 55% possuem o primeiro grau incompleto, 72% não trabalham ou desenvolvem atividades domésticas, 50% são católicos, metade são solteiros, 46% não possuem filhos e 52% moram com a família ampliada. A maioria mora em casa própria, 50% não recebem benefício, e entre os que recebem aposentadoria, que são 31%, é de um salário mínimo. A renda familiar para 50% é de 2 a 3 salários mínimos e 57% possuem parentes com algum tipo de transtorno mental. 85% usam medicação psiquiátrica, sendo 26% benzodiazepínicos. 49% das pessoas recorriam diretamente a hospitais psiquiátricos e 65% não recebiam acompanhamento algum. Sobre o diagnóstico, 42% afirmaram não saber ou não ter recebido do profissional tal informação. Já 13% queixam-se de “sofrer de sistema nervoso, ansiedade e estresse”. 47% obtiveram como tratamento a medicação controlada e 41% não receberam nenhuma indicação. 90% desconhecem os serviços substitutivos de atenção diária. 23 pessoas possuem histórico de internação psiquiátrica 34% do total. 33% deles permaneceram na instituição por 1 mês e 24% não lembram do tempo que ficaram internadas. Entendemos que a realização de estudos como este são importantes no tocante a possibilidade de reconhecimento da demanda e para reorganização da atenção básica em saúde mental, entendida como fundamento para uma rede integrada de atenção à saúde.

Alex Reinecke de Alverga; Joilza Rufino; Khris E.T. Lima; Magda Dimenstein.

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN.



Estudo da Escala de Disposição para a Reciprocidade Moral.

A Escala de Disposição para a Reciprocidade Moral (E.D.R.M.) construída a partir dos referenciais de Kohlberg e de Piaget foi analisada teoricamente a partir de pressupostos piagetianos, com ênfase na teoria da equilibração. As principais evidências da análise foram: a) a Reciprocidade Moral é o eixo teórico que explica o desenvolvimento moral em Piaget; b) Kohlberg descreve o juízo moral distanciando-se do desenvolvimento moral de Piaget, especialmente, no que diz respeito à afetividade; c) a E.D.R.M. procura aproximar a explicação de Piaget e a descrição de Kohlberg; d) os níveis de reciprocidade moral não correspondem exatamente aos estádios de juízo moral de Kohlberg. Tais evidências indicam que o instrumento avalie a disposição cognitiva que envolve um aspecto afetivo, ou seja, a E.D.R.M. parece medir o nível de reversibilidade lógica que o sujeito utiliza na resolução de uma situação social específica. É um instrumento objetivo de avaliação psico-educacional que precisa ser validado também do ponto de vista psicométrico. Assim, o presente estudo objetivou analisar os itens da E.D.R.M. e seus possíveis agrupamentos. Para tanto, adotou a análise fatorial exploratória dos itens que compõe o instrumento, depois de aplicá-lo em 717 estudantes universitários. Os resultados foram obtidos por inferências correlativas entre os níveis teóricos e o citado procedimento estatístico. Novos problemas foram formulados possibilitando desenvolver pesquisas sobre esse instrumento de avaliação e suas possibilidades pedagógicas.

Maria de Fátima Silveira Polesi Lukjanenko.

Universidade São Francisco.



Estudo da Imagem Corporal de Adolescentes do Sexo Feminino Portadoras de Escoliose Idiopática em Pré e Pós-cirúrgico.

O estudo tem por finalidade avaliar a imagem corporal de jovens do sexo feminino portadoras de escoliose idiopática antes e depois do procedimento cirúrgico. Partiu-se do pressuposto de que não há necessariamente uma correlação positiva entre o grau de correção da curvatura da coluna e grau de satisfação com o próprio corpo. A mostra constituiu de 12 jovens do sexo feminino, de 12 a 19 anos, com diagnóstico de escoliose idiopática, atendidas no ambulatório do Grupo de Coluna do Departamento de Ortopedia e Traumatologia da Santa Casa de São Paulo, com indicação cirúrgica, que foram reavaliadas pelo Serviço de Psicologia da mesma instituição, um ano após terem se submetido à cirurgia. Foram utilizados, como instrumentos de investigação, questionários elaborados especificamente para os objetivos deste estudo e a técnica do desenho da figura humana, ambos aplicados nos momentos pré e pós-cirúrgico. De maneira geral, foram identificadas poucas diferenças estatisticamente significantes entre os momentos pré e pós-cirúrgico. As melhoras com o procedimento cirúrgico foram melhor evidenciadas a partir das respostas aos questionários, demonstrando, no nível manifesto, elevado grau de satisfação das jovens com seu corpo. Os desenhos, no entanto, não refletiram o mesmo grau de melhora indicado nos questionários, sugerindo uma não-correspondência, em nível latente, das mudanças físicas advindas da cirurgia. Concluímos destacando a importância da avaliação e acompanhamento psicológico das pacientes com escoliose como suporte ao tratamento ortopédico.

Sandra R. de Almeida Lopes.

Serviço de Psicologia Hospitalar da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo.



Estudo da Satisfação Residencial na residência universitária mista da Universidade Federal do Ceará.

A presente pesquisa situa-se dentro do âmbito de estudo da qualidade de vida, desde uma perspectiva psicológica, ou mais concretamente, psicossocial e ambiental. Faz parte da estratégia do Núcleo de Psicologia Comunitária da Universidade Federal do Ceará (UFC) de refletir sobre temas relativos à qualidade de vida e de construir conhecimentos para a intervenção psicossocial. Nesse sentido, considera-se a dimensão subjetiva da qualidade de vida no contexto da residência, enfocando especificadamente a Satisfação Residencial. Trata-se de questões relativas à Psicologia Ambiental (Holahan, 1994), na qual o espaço construído já tem sido objeto de numerosas investigações frente ao espaço natural. Nesse sentido, essa análise destina-se a aprofundar as relações entre o espaço de Residência Universitária e a Satisfação Residencial que este provoca nos estudantes residentes. Dentro dessa perspectiva, considera-se o Espaço Residencial constituído da Casa, Vizinhança e Bairro. A Satisfação Residencial diz respeito a uma resposta emocional que resulta do estabelecer comparações entre o Ambiente Residencial e a própria situação do sujeito. Isto é, constitui um sentimento de bem-estar produzido pela congruência entre necessidades, motivos e expectativas do sujeito com seu entorno. O objetivo geral a que nos propomos diz respeito ao estudo da Satisfação Residencial dos moradores da Residência Universitária Mista da Universidade Federal do Ceará. Numa análise mais específica, buscamos identificar o nível de Satisfação Residencial nas três dimensões do Ambiente Residencial: a Casa, a Vizinhança, e o Bairro. Além disso, verificamos a relação das variáveis estruturais “Gênero” e “Tempo de Moradia” com o nível de Satisfação Residencial dos estudantes. De acordo com nosso objetivo, pudemos constatar, nesse contexto, que os estudantes sentem-se satisfeitos nas três dimensões estudadas do ambiente residencial, constituído da Residência, a Vizinhança e o Bairro. Entretanto, evidenciamos que a satisfação residencial observada não se atribuiu às condições materiais atuais da Residência Mista, vista ser esse aspecto considerado negativo no cotidiano dos residências. Essa satisfação deu-se pela boa relação entre os estudantes, na qual a ajuda mútua e o companheirismo foram notados, e pelo fato da REU favorecer aos residentes condições necessárias para a manutenção dos estudos universitários na capital, visto serem os estudantes vindos do interior do Estado e dos outros Estado do Nordeste. Ao relacionarmos o Tempo de Moradia a satisfação residencial, notamos que os estudantes sentem-se mais satisfeitos nos dois primeiros anos de moradia na residência mista. Ao decorrer de uma maior permanência dos mesmos na REU, entre quatro a seis anos, a satisfação residencial diminui. Quanto à variável estrutural gênero, notamos que os homens sentem-se mais satisfeitos que as mulheres com relação ao ambiente residencial em suas três dimensões, a residência, a vizinhança e o Bairro. No entanto, o nível de insatisfação deu-se em ambos os sexos na dimensão da Residência. Coloca-se em evidência nessa pesquisa que se trata de uma análise preliminar no aspecto da Satisfação Residencial. Os resultados obtidos servirão de base para estudos mais aprofundados acerca desse tema. Contudo, espera-se que as reflexões aqui elaboradas fomentem espaços de discussão entre os estudantes residentes e a Pró-Reitoria da UFC.

Fátima Maria Araújo Bertini.

Universidade Federal do Ceará.



Estudo de caso: Orientação Vocacional na adolescência.

Mudanças! Assim pode-se resumir a adolescência, período de transformações físicas, mentais, emocionais, sexuais e sociais. Frente a tantos questionamentos, indecisões e medos, surge ainda mais dúvidas a que carreira seguir, a escolha profissional e ao mercado de trabalho. Esses questionamentos envolvem características pessoais, influências familiares, fraternas, afetivas e do próprio contexto social. No intuito não só de fornecer dados profissionais, mas principalmente promover saúde, é que o processo de Orientação Vocacional se faz importante e necessário, dando ao adolescente a oportunidade de refletir, dentro de seu contexto, sobre si e sua escolha profissional, bem como fornecer com maior clareza, informações acerca do mercado de trabalho, cursos, universidades e profissões. Segundo Bock (1995) a O.V. é importante também porque durante o seu processo “emergem os conflitos, estereótipos e preconceitos que devem ser trabalhados para sua superação”. Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo colocar-se em prática, no estudo de caso, técnicas de Orientação Vocacional, aprendida teoricamente na disciplina Técnicas e Exames Psicológicos II na UFPB, no intuito de formar-se profissionais treinados e capacitados a orientar indivíduos nessa temática. Em sua realização, contou-se com uma adolescente de 19 anos, estudante do 3º ano do Ensino Médio de uma escola pública da cidade de João Pessoa (PB). Foi aplicada uma entrevista psicológica do tipo semi-aberta, com questões referentes às escolhas profissionais, antecedentes da vida escolar e pessoal, história familiar, relacionamentos sociais e expectativas quanto ao futuro; uma autobiografia no modelo: “Quem sou eu?”, onde o sujeito descreve livremente sobre a sua vida e o LIP (Levantamento de Interesses Profissionais), consistindo basicamente em uma técnica que busca identificar as principais áreas de interesse do sujeito e suas aptidões pessoais. Através da entrevista psicológica e a autobiografia, observou-se informações sobre o sujeito avaliado, relacionando eventos e experiências, inferindo-se sobre aptidões e interesse da mesma pelo curso de pedagogia. A hipótese foi ratificada após a apuração do LIP, o qual apresentou maiores escores nas áreas referentes a Ciências Sociais (78%), Artísticas (68%) e Lingüísticas (58%), características indispensáveis a um profissional da educação. Por supras observações, pode-se inferir que o presente trabalho, foi de suma importância, experienciando uma prática profissional, servindo como base e protótipo de futuras realizações nessa área, vendo-se que a Orientação Vocacional é de relevante interesse no cenário da atual Psicologia, que procura o bem-estar individual e coletivo.

Isabelle P.F. Chariglione; Luciana da Silva Santos.

Universidade Federal da Paraíba.



Estudo de grupos X formação do psicólogo: desenvolvimento de competências e habilidades.

Para o profissional em formação dominar conceitos teóricos, instrumentos, crenças, valores éticos entre outros, há necessidade de experienciar e vivenciar diversas e diferentes situações organizadas, que propicie reflexão e o despertar do aluno para a prática em Psicologia. As informações teóricas e técnicas são necessárias porém não suficientes para o desenvolvimento de competências e habilidades. Este trabalho tem como referência o estudo dos processos grupais em um grupo de atletas que compõem uma equipe de Hóquei de um clube esportivo da cidade de São Paulo. Durante a formação do Psicólogo, uma das vivências práticas ocorre na disciplina Dinâmica de Grupo/Teorias e Técnicas de Trabalho com Grupos, cuja proposta é o estudo de pequenos grupos em diferentes contextos. O referencial teórico utilizado para compreensão dos fenômenos grupais, neste estudo, foi a abordagem clássica de Kurt Lewin. A metodologia foi a observação em circunstâncias do cotidiano do grupo estudado e uma entrevista com os componentes do grupo para levantamento da percepção de cada integrante em relação à própria vivência. Caracteriza-se como um estudo exploratório. Os dados obtidos referem-se ao acompanhamento semanal do grupo estudado em situação de treino e disputa entre clubes, durante um período de quatro meses. O grupo mostra-se heterogêneo quanto à faixa etária, habilidade e experiência dos jogadores, demonstrando os mais jovens serem menos habilidosos. É uma modalidade esportiva que exige muita habilidade, é pouco divulgada e praticada por um número muito pequeno de pessoas que iniciam sua prática incentivadas pelos familiares. As conclusões foram discutidas com os jogadores que manifestaram a necessidade de um espaço para as discussões sobre a equipe e as relações interpessoais. Quando o aluno de Psicologia entra em contato com um grupo de existência real, verifica-se o interesse e o esforço em ampliar os conhecimentos e aprofundar a compreensão da complexa rede de interações que interfere na dinâmica da equipe. Como uma experiência prática a atividade auxilia na integração dos conceitos teóricos, na atitude reflexiva e no maior envolvimento com a tarefa proposta, além de ampliar o espaço de inserção do Psicólogo, definir seu papel e permitir a escolha de estratégias mais adequadas à realidade. Este estudo resultou na permanência de uma das alunas no clube e com o grupo.

Fabiola Akemi Rocha Marmo; Luiza C. Carvalho Leitão; Rosa Maria Rizzo M. dos Santos.

Universidade São Marcos.



“Estudo descritivo dos aspectos do desenvolvimento e das interações familiares de pessoas com deficiência sob a perspectiva dos pais e dos irmãos”.

O nascimento de uma pessoa com deficiência na família causa um profundo impacto, afetando a dinâmica familiar. É fundamental conhecer a estrutura das interações familiares e a influência causada no desenvolvimento da pessoa com deficiência, diante da importância de se intervir de forma preventiva nas famílias que enfrentam esta problemática. Neste estudo, procurou-se descrever as características das interações familiares de pessoas com deficiência, sob a perspectiva de seus pais e de seus irmãos. Para a coleta de dados, utilizou-se a entrevista e o questionário semi-estruturados aplicados em seis famílias. Para análise dos dados foi realizada uma análise categorial temática. Os resultados obtidos forneceram informações sobre a dinâmica familiar, nos seguintes aspectos: antecedentes pessoais do paciente (período da gravidez, atrasos no desenvolvimento, dificuldades para aquisição de habilidades, como ocorreu a amamentação), rotina da família (características do sono, banho e alimentação, como e quem executa as tarefas do dia-a-dia), contatos sociais (que lugares o paciente costuma ir, com que frequência e quem o acompanha), reações e sentimentos frente ao diagnóstico (por quem e como foi dado à família o diagnóstico, reação dos genitores, como e por quem os irmãos foram informados do diagnóstico, postura dos profissionais da saúde ao informar o diagnóstico à família) características comportamentais do paciente (habilidades, preferências e estado emocional), a perspectiva em relação ao futuro (profissional, escolar e relacionamento com o sexo oposto) na visão dos pais e irmãos e representação e experiência pessoal dos irmãos frente à deficiência. Foi possível constatar que os cuidados à pessoa com deficiência são distribuídos entre os membros da família de modo a não sobrecarregar ninguém e aliviar a tensão e as responsabilidades que comumente se concentram na figura da mãe e que, quanto mais esclarecidos forem os pais e irmão em relação ao diagnóstico, maiores são suas participações nos diversos tratamentos e conseqüentemente, melhores são os resultados. A conclusão que se destaca neste estudo é de que, a importância da participação dos irmãos na tomada de decisões no que se refere à pessoa com deficiência. Essas decisões afetam a cada um dos membros da família, independente de idade, sexo e papel exercido. Concluiu-se que a intervenção psicológica deve se estruturar considerando a dinâmica familiar do paciente, a importância da participação da família no tratamento e a participação dos irmãos no processo como apoiadores, em benefício do desenvolvimento da pessoa com deficiência.

Vanessa Martins Lopes; Patrícia Petri Gonçalves Dias; Rinaldo Corrêa.

Universidade do Sagrado Coração – Bauru; IPA/Bauru.



Estudo do Caso: Equitação Terapêutica com uma Criança Portadora de Autismo Atípico.

OBJETIVOS: Analisar o desenvolvimento da Equitação, enquanto recurso terapêutico, no tratamento de uma criança portadora de distúrbio autista atípico, segundo a classificação do DSM-IV. **MÉTODO:** Estudo do caso e evolução clínica, utilizando medidas de avaliação pré e pós intervenção, sendo que a variável independente introduzida foi a Equitação Terapêutica. As variáveis dependentes foram 11 comportamentos que caracterizam o transtorno autista, de acordo com o DSM-IV e 09 considerados pela pesquisadora, através de sua experiência clínica, como relevantes para a caracterização da criança autista. O sujeito observado foi um menino de 05 anos, portador de distúrbio autista atípico. Além dos registros contínuos das sessões, utilizamos fichas de registro de comportamentos observados e fichas de avaliação padrão da Associação de Amigos dos Autistas. Foi realizada uma sessão de meia hora, por semana, durante dois semestres. **RESULTADOS E CONCLUSÕES:** Foram identificadas mudanças significativas no desenvolvimento da motricidade, no ajuste tônico e em alguns aspectos das relações de um modo geral.

Freire, H. B.G.; Silva, C. H.;

Programa de Equoterapia da Universidade Católica Dom Bosco / PROEQUO-UCDB Campo Grande / MS.



Estudo do nível de ação objetiva em alunos de psicologia avaliados pelo teste Wartegg.

Resumo A presente pesquisa teve por meta identificar o grau de objetividade de alunos do primeiro ano de um curso de Psicologia. A amostra foi composta neste trabalho abrangeu um número de 75 sujeitos com faixa etária variando entre 17 e 48 anos e de ambos os sexos. O instrumento utilizado para verificar esta característica foi o teste Wartegg, visto que por meio desta técnica projetiva gráfica, pode-se identificar e associar algumas características de personalidade em função dos estímulos apresentados pelo teste. Utilizou-se como referencial as realizações dos campos três (campo ligado às metas, às aspirações e ao sentimento de expansão), cinco (relacionado à energia vital, capacidade de vencer barreiras e superar obstáculos) e seis (campo que envolve interesse, capacidade de realizar algo e colocar em prática suas idéias e realizar-se a partir da utilização prática de seus recursos intelectuais). Como itens de análise foram considerados os indicadores de seletividade/ordem de execução, expansão e tratamento dados aos campos. Seletividade/ordem de execução com o objetivo de verificar se o campo foi preferido ou preterido, pois este indicador nos possibilita verificar o grau de atratividade ou distanciamento que o sujeito estabelece em função do estímulo do campo; expansão, pois reflete diretamente a relação dinâmica entre o sujeito e seu ambiente; e tratamento com o intuito de verificarmos sua afinidade ou insensibilidade às qualidades específicas de cada estímulo através de sua habilidade ou inabilidade para integrá-lo ao desenho refletindo como o indivíduo se estrutura naquele momento diante daquele fator. Após a tabulação dos dados foi possível observar que a amostra em questão apresentou os seguintes resultados: 1) Observou-se que 46% dos sujeitos tendem a evitar os campos três, cinco e seis, indicando uma predisposição contrária a uma ação mais objetiva, evitando aspirar e traçar metas, a enfrentar e superar obstáculos que venham a surgir na busca de suas realizações e utilizar seus recursos intelectuais para esses fins. 2) Quanto a expansão, 78% dos sujeitos realizaram seus desenhos com expansão dinâmica, que equivale afirmar que a maioria da amostra possui boa relação dinâmica entre a pessoa e o meio, demonstrando boa percepção dos limites, planejamento e organização. 3) Já na questão do tratamento dado ao campo, 88% demonstrou afinidade, refletindo que conseguem responder racionalmente e objetivamente nos momentos em que estabelecem ou são estimulados à estabelecer suas metas, superar barreiras e realizar-se por meio da utilização prática de seus recursos intelectuais. Diante dos resultados obtidos, pode-se observar que a amostra estudada predispõe a responder adequadamente no que se refere a uma conduta objetiva, entretanto esta conduta não se efetiva em função de não exercer atratividade para o grupo em questão.

Bacchereti, L.F.; Dias, A.R.; Miguel, F. K.; Montrose, M. R.

Univ. Presbiteriana. Mackenzie; Univ. Guarulhos.



Estudo experimental sobre ansiedade e falsas memórias.

Recebemos no dia a dia uma gama enorme de informações, que nos chegam através das conversas com amigos, do rádio, da televisão, jornais, aulas, cursos, enfim, e que são processadas pela nossa memória. Não vêm de hoje os estudos na área da emoção a respeito da importância da sua presença na vida humana. Através dela interagimos em nosso meio, reforçando ou mantendo o que nos proporciona sensações positivas e eliminando o que produz sentimentos negativos. A ansiedade também pode interferir na retenção da aprendizagem. Estudantes ansiosos relatam sentirem-se tensos, bloqueados e sem condições de resgatar na memória o conteúdo que foi estudado, ocorrendo o popular “branco”. O presente estudo buscou comparar a performance da memória em alunos ansiosos versus não ansiosos. Foram selecionados alunos de uma instituição privada de ensino superior e divididos em dois grupos. Os dois grupos foram formados da seguinte forma: todos os alunos foram avaliados pelo IDATE para sua designação ao grupo experimental ou de controle, respectivamente. Foi utilizada a adaptação feita por Stein & Pergher (2001) do Paradigma de Palavras Associadas de Roediger e McDermott (1995), que consiste em listas de palavras associadas a um distrator crítico. O momento da testagem dos alunos na condição ansiosos consistia de 30 minutos antes dos mesmos prestarem seus exames acadêmicos. No grupo na condição não ansioso (controle) os mesmos eram testados em momento neutro. Os resultados sugerem que: (1) pessoas em situação ansiogênica podem ter uma diminuição na sua qualidade de memória; (2) os participantes do grupo experimental apresentaram uma maior produção de falsas memórias do que o grupo controle, indicando uma tendência de potencialização à formação de falsas memórias em situações de ansiedade. Os resultados são discutidos a luz da Teoria do Traço Difuso, bem como as possíveis implicações do mesmo para a área educacional, clínica e jurídica.

CLAUDIA BARBOSA; LILIAN MILNITSKY STEIN.



Estudo exploratório da reinternação de pacientes psiquiátricos em Hospital Particular da cidade de São Paulo.

Justificativa e Objetivos: O presente projeto de pesquisa e intervenção nasceu da necessidade de se otimizar o estágio da disciplina de Psicopatologia, realizado por alunos no 4o ano do curso de Psicologia das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, Enfermagem e Obstetrícia; e Fisioterapia de Guarulhos no Hospital Vera Cruz, e também colaborar para a diminuição dos caso de reinternação, associada à compreensão de suas causas. É conhecido de todos os profissionais da Saúde Mental o problema da reinternação de pacientes psiquiátricos, assim como suas conseqüências econômicas para os serviços de tratamento e, de uma forma geral, seus desdobramentos sociais para a comunidade como um todo. No momento em que a política de Saúde Mental dos governos federal, estadual e municipal reforma as bases de sua atuação, faz-se necessário repensar as questões relacionadas ao atendimento do paciente psiquiátrico, para que seja possível oferecer a ele, à sua família e aos serviços relacionados, formas de melhorar a qualidade de vida, tratamento, reabilitação e reinserção social, diminuindo, conseqüentemente os episódios de reinternação. Sabemos também que a construção de novas formas de atuação/intervenção na realidade da saúde/doença mental não podem vir desacompanhadas de estudos prévios sobre o perfil da clientela, assim como dos fatores motivadores dos comportamentos psicossociais associados à ela. Desta forma, o presente projeto de pesquisa tem como objetivo principal investigar as possíveis razões psicossociais da reinternação de pacientes psiquiátricos, com vistas a colaborar para a diminuição da mesma. O projeto também objetiva, em nível acadêmico, fornecer aos alunos do curso de Psicologia, em especial os alunos estagiários e monitores, a possibilidade de uma atuação prática acompanhada de produção de conhecimento, como ferramenta da formação de um profissional de Psicologia que realmente possa planejar e avaliar suas ações a partir de uma postura ético-científica adequada. **Metodologia:** Este projeto pretende realizar levantamento, a partir de prontuários de pacientes internados pelo SUS no Hospital Vera Cruz – Centro de Atenção em Saúde Mental, do perfil do usuário do serviço e de dados de sua história familiar e psiquiátrica, que possam ser interpretados como causas possíveis de sua reinternação. Os dados serão colhidos através de formulário próprio, fornecido pela Coordenação de Pesquisa e Extensão das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, Enfermagem e Obstetrícia; e Fisioterapia de Guarulhos – que assume também o apoio técnico, pelos alunos-monitores do estágio em Psicopatologia realizado neste hospital, devidamente orientados por psicóloga, professora e supervisora responsável pelo estágio, com a participação de um psiquiatra também ligado ao estágio. A tabulação dos dados colhidos organizará em categorias os fatores preponderantes, para que se tenha um panorama das causas da reinternação que viabilize a estruturação de projetos de intervenção visando minimizá-lo.

ASSIS, V.A. DE; CALARGA, R.A. ; CASABONA, L.A.; GIRALDI, A.; MASTROBUONO, C.M.; MELCHIORI, A. DE O.; ORTEGOSA, R.M.C; ROSA, F.B.G. DA.



Estudo longitudinal com a Escala de avaliação do desenvolvimento do comportamento da criança no primeiro na de vida de Pinto, Vilanova e Vieira (1997).

Em 1997, Pinto, Vilanova e Vieira, publicaram a padronização da Escala de Avaliação do desenvolvimento do comportamento da criança no primeiro ano de vida. Essa escala avalia o desenvolvimento da criança a partir de 64 comportamentos agrupados em subcategorias, medidos mês a mês. Para cada mês, cada comportamento foi qualificado quanto à sua frequência como: de 0% a 67%, aparecimento; de 67% a 90%, normalização; de 90% a 100%, estabilização. Uma das contribuições originais desse estudo reside na extensa revisão e comparação dos dados com escalas anteriores, bem como a tentativa de avaliar comportamentos que tenham articulação com o desenvolvimento das relações do bebê com os outros. Durante o primeiro semestre de 2002, a escala foi aplicada em 33 bebês (17 do sexo masculino e 16 do sexo feminino), numa perspectiva longitudinal (totalizando quase 100 aplicações), a fim de verificarmos: se se mantém a frequência de incidência dos comportamentos observados na construção da escala em 1997; com que frequência as crianças mantêm ou mudam seu desempenho nos comportamentos observados mês a mês. São esses os resultados apresentados sob a forma de painel no Congresso. Alunos das disciplinas Psicologia do Desenvolvimento e Teorias da Prática Clínica I e II da Universidade São Marcos participaram da pesquisa aplicando a Escala nos bebês, sob orientação do Prof. Rogério Lerner. Rogério Lerner, psicólogo, psicanalista, especialista em tratamento e escolarização de crianças portadoras de distúrbios globais do desenvolvimento pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (1998), mestre em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (1999), doutorando pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (desde 2000), professor do curso de Psicologia da Universidade São Marcos. Membro do Lugar de Vida/IPUSP.

Lerner, R.; Sakyama, H.; Lopes, L.S.; Ramirez, H.; Santos, A.A.; Lima, K.; Nunes, L.S.S.; Batistini, L.G.; Lopes, R.F.; Toledo, R.D.R.; Rodrigues, C.L.; Laurino, D.C.; Santos, F.A.; Scavone, G.; Serur, L.; Magalhães, R.C.; Mendes, A.; Cortez, K.G.; Mascaro, R.; Silva, A.R.; Paula, C.A.; Rossi, L.M.; Sagguin, C.; Gonzalez, D.; Franco, M.F.; Padovan, M.R.; Marmo, F.; Cosac, G.; Quartin, I.; Leitão, L.; Guerreiro, A.; Moraes, J.; Silmara, L.; Bailon, M.; Jorvino, V.F.; Tolezano, V.K.; Marijas, P.; Jonas, S.T.; Santos, V.P.; Silva, V.F.; Russo, A.V.; Souto, M.C.; Silva, N.T.; Bidio, P.D.; Badini, R.; Freitas, B.; Prates, G.; Vilela, T.; Nunes, F.; Mary, J.; Costa, J.; Higa, T.; Momesso, C.A.; Alves, F.; Silva, M.P.; Montenegro, Y.; Sá, M.A.; Inocentini, N.P.; Santos, W.M.; Calixto, A.; Gonçalves, D.; Barbosa, R.D.B.; Barros, V.; Pereira, C.A.; Silva, J.; Oliveira, S.C.S.; Carvalho, W.; Silva, E.S.; Silva, E.V.C.; Rodrigues, R.G.P.; Carvalho, S.; Dias, E.M.C.; Fukuhara, I.; Miyasato, M.C.; Miranda, R.; Laender, F.; Bartsch, J.; Cunha, F.; Ferreira, A.P.P.; Motta, V.; Soliano, V.P.

Universidade São Marcos.



Estudo para Construção de uma Escala de Avaliação do Clima Organizacional na Escola.

O clima organizacional como aparece na organização pode ser nomeado de estado de clima que, por sua vez, pode ser positivo, neutro ou negativo. É nas organizações onde as pessoas desenvolvem seu trabalho. As pessoas vivem em grupos e além de desenvolverem suas atividades operacionais ou técnicas, estabelecem vínculos, as relações interpessoais. A bibliografia disponível mostrou que dentre as organizações a escola é a que menos se preocupou em estudar os aspectos relacionados ao clima organizacional. Assim, com base em uma revisão bibliográfica e instrumentos disponíveis no mercado, propôs-se um estudo que contribuísse para o desenvolvimento de uma escala de avaliação de clima organizacional para as instituições de ensino, essa escala denominou-se Questionário de Identificação do Clima Organizacional (QICO), esse questionário foi aplicado em 53 professores de quatro escolas do ensino infantil, fundamental e médio, com idade média de 36 anos, tempo de atividade média na escola 2,6 anos, sendo 97% do gênero feminino. Os resultados revelaram que da primeira versão do instrumento (53 itens), sete apresentavam baixa correlação e foram excluídos. O instrumento final com 46 itens foi submetido a avaliações estatísticas apresentando boa consistência interna e boa correlação de seus itens. Os resultados sugerem que a quantidade de sujeitos (53) não garante a validação da escala. Os estudos revelaram a carência de pesquisas voltadas à administração escolar e que são poucos os gestores que lançam mão da avaliação do clima organizacional em suas escolas.

Santos, Ademir dos; Vendramini, Claudete Maria Medeiros.

Universidade São Francisco.



Estudos e Práticas Psicanalíticas sobre o Feminino e a Maturidade.

O envelhecimento da população e os cuidados relacionados à saúde da mulher no período pós-menopausa são temas que vêm preocupando um número cada vez mais extenso de profissionais da saúde. Os avanços da medicina vêm progressivamente permitindo o aumento da expectativa de vida dos seres humanos e com isso surge um novo desafio: a melhoria da qualidade de vida de um número crescente de pessoas pertencentes a essa faixa etária. Este trabalho trata da apresentação de um grupo da Universidade Federal do Espírito Santo que estuda e oferece serviços às mulheres do Ambulatório de Climatério e Menopausa do HUCAM, com o intuito de problematizar esta etapa da vida da mulher. A psicologia está inserida neste ambulatório através de dois trabalhos distintos: o Grupo de Sala de Espera e o Atendimento Individual. O primeiro visa oferecer às pacientes um espaço de elaboração sobre o período do climatério e menopausa, abordando as modificações físicas, emocionais e sociais que as envolveram, descortinando também as transformações de relacionamentos ocorridas, muitas vezes sem serem percebidas, ou sem terem se tornado objeto de reflexão. Consiste numa escuta orientada para a discussão dos temas pertinentes à essa etapa de vida, se caracterizando essencialmente por um espaço coletivo onde as pacientes podem compartilhar as questões que lhes apresentam. Este grupo acontece no período de tempo em que as pacientes aguardam serem atendidas pelo médico ginecologista. O Atendimento Individual é realizado pelas estagiárias do último ano da graduação e que tem uma orientação psicanalítica. As mulheres chegam a este espaço ou por demanda espontânea ou por encaminhamento da equipe multidisciplinar. Este grupo, formado por uma professora e por estudantes do curso de psicologia, realiza também pesquisas em psicanálise (vinculadas ao CNPq), dando enfoque as articulações feitas sobre a questão da feminilidade. Esta pesquisa está dividida em duas linhas: 1) Psicanálise: direção da cura, que trabalha questões que surgem dos atendimentos individuais às mulheres encaminhadas pelo Grupo de Sala de Espera e 2) Psicanálise: conexões com outros campos do saber, que pesquisa na obra da autora Adélia Prado elementos relacionados à feminilidade da mulher de meia idade. O grupo tem como objetivo manter uma constante discussão sobre o período de climatério e menopausa e suas implicações para a vida da mulher. A articulação dos estudos realizados com a prática desenvolvida no hospital promove uma reflexão acerca da problemática e nos ampara na questão da melhoria da qualidade de vida e da promoção de saúde, além de avaliar as formas de intervenção em curso e pesquisar novas formas de atuação, reunindo os três objetivos da universidade, a saber: ensino, pesquisa e extensão. O presente grupo dirige a atenção e orienta esforços para uma problemática de importância social crescente, a saúde da mulher e da população de meia idade, contribuindo para que, a médio e longo prazo, a comunidade possa contar com profissionais capacitados para a atuação e a pesquisa neste campo.

Olga Maria Machado Carlos de Souza, (O.); Janaína Madeira Brito Stange; Juliana Bressanelli; Renata Coelho Tavares; Rosânea Teixeira.

Universidade Federal do Espírito Santo.



Estudos sobre a homossexualidade no curso de graduação em Psicologia.

Este trabalho apresenta uma experiência realizada no curso de graduação em Psicologia, no segundo semestre de 2001 e primeiro semestre de 2002. Neste período, foi oferecida aos alunos a possibilidade de cursarem uma disciplina eletiva que tivesse como foco a discussão da homossexualidade. Desde o início, a disciplina procurou focar a sexualidade na pluralidade de suas manifestações, situando a homossexualidade, portanto, como parte de um contexto mais amplo, e utilizando-se dos referenciais da Psicanálise e dos Estudos de Gênero para propor reflexões acerca da sexualidade nos registros do desejo e da cultura. Justifica-se esta iniciativa com a preocupação em formar profissionais atentos e capazes para lidar com a diversidade, manifeste-se ela sob a roupagem da cultura, da situação sócio-econômica, da etnia, das identidades sexuais, do gênero, das necessidades especiais (físicas, senso-perceptivas ou mentais). Para isso, precisamos investir em atividades de ensino, pesquisa e extensão que oportunizem aos alunos a desmistificação, a análise dos preconceitos e temores, a desconstrução de paradigmas, o aprofundamento teórico, o "pensar sobre". Observou-se que a maioria dos alunos (entre o 5º e o 7º semestre do curso) apresentavam, de início, noções vinculadas à patologização da homossexualidade, dificuldade de desconstruir o pensamento e questionar teorias euro e etnocêntricas (ou mesmo de diferenciar as teorias do senso-comum), e de tomar os conceitos em sua dimensão histórica. A disciplina proposta centrou-se em dois grandes focos: 1) situar a discussão sobre a sexualidade (a história, o masculino e o feminino na pluralidade de suas manifestações, a heterossexualidade e a homossexualidade), e 2) desenvolver uma reflexão sobre a diversidade. Desta disciplina originou-se ainda uma Jornada com o tema "Sexualidades: do desejo à cultura", que estendeu à comunidade acadêmica e comunidade em geral a possibilidade de aprofundar o debate com pesquisadores de Porto Alegre e São Paulo.

Cláudia Bisol

Universidade de Caxias do Sul - UCS (RS)



Eterno Aprendiz: proposta de intervenção - através de estabelecimento de metas - no processo de envelhecimento.

O trabalho em questão pretende apresentar algumas propostas desenvolvidas pelo projeto “ETERNO APRENDIZ: Projeto de Intervenção Junto à Terceira Idade” segundo uma abordagem comportamental cognitiva. Tal projeto é um desdobramento do projeto Espaço Avançado, que desenvolve-se na Escola de Serviço Social da Universidade Federal Fluminense e é formado por profissionais de diversas áreas do conhecimento ligadas a problemática do envelhecimento. As atividades propostas vão de exercícios físicos à debates sobre cidadania. São aproximadamente 100 idosos que participam do projeto entre 65 e 94 anos de idade. O trabalho desenvolvido pela equipe de psicologia tem por objetivo trabalhar o relacionamento inter e intragrupal, aprofundar questões teóricas e avaliar variáveis que possam estar interferindo no processo do envelhecimento, tais como depressão, sexualidade, isolamento, afetividade, cidadania. A proposta atual é desenvolver o estabelecimento de metas para o ano de 2002 enquanto grupo participativo. Os idosos participantes foram divididos, através da escolha livre de temas e propostas dos próprios membros, em oficinas cujas metas devem ser cumpridas até dezembro. Foram formadas oficinas de textos, jornal, organização de eventos culturais e de lazer e de culinária, resgatando a memória de receitas e fatos. A intervenção realizada pela equipe, no que diz respeito ao funcionamento das oficinas, visa desenvolver o trabalho em grupo de forma participativa estimulando o desenvolvimento de cooperação e divisão de tarefas entre seus membros. Paralelo a isso e apoiado nos pressupostos teóricos de B.F.Skinner, A. Beck, J. Beck, A. Freeman trabalhamos temas como assertividade, auto-estima, concepções errôneas, pensamentos automáticos, qualidade de vida, que são apresentados sob forma de textos e aulas expositivas para discussão em grupo, dinâmicas com representação e criação de situações que funcionam como reforçadores. Exercícios sobre lidar com situações novas como perdas emocionais ou financeiras, aposentadoria e isolamento familiar são propostos e avaliados sistematicamente a cada ano. Vale mencionar que a participação ao projeto é facultativa, logo nem sempre este acompanhamento e registro pode ser feito com todos os sujeitos. Doenças, mudanças de clima, problemas familiares e financeiros fazem com que esses dados fiquem reduzidos a aproximadamente 40 sujeitos que participam de todas as avaliações. Um questionário com perguntas semi estruturadas é apresentado no início do ano aos participantes. Ao longo do projeto, toda a produção dos idosos é registrada e ao final do ano, nova avaliação sobre forma de questionário é feita. Os dois questionários são realizados individualmente, enquanto a produção apresentada é analisada grupalmente e a participação dos membros verificada através de observação assistemática. Na avaliação final, os idosos apresentam propostas que desejam trabalhar no ano seguinte, além da avaliação do trabalho desenvolvido. Desta forma, facilitadores e participantes avaliam o projeto e traçam metas conjuntas para o ano seguinte, tornando o projeto extremamente dinâmico e atual.

Edjane Freire; Flavia da Fonseca Guimarães; Patrícia Alves Costa Braga

Universidade Federal Fluminense



Ética nas relações familiares dos adolescentes.

O OBJETIVO deste trabalho é refletir sobre as dificuldades que as famílias que têm filhos adolescentes encontram para se relacionar conforme a Ética Humanista. CLIENTELA: Analisou-se as relações familiares de cinco adolescentes de 12 a 15 anos, relatadas nas entrevistas de psicodiagnóstico, realizadas à luz da psicanálise. São Pessoas com queixas de relacionamento familiar conflitivo. CARACTERÍSTICAS DAS RELAÇÕES FAMILIARES: a) Pais e filhos com queixas recíprocas de falta de respeito no relacionamento. b) Incoerência entre os princípios e valores morais que apregoam seguir e que demonstram nas relações familiares, usando de mentiras e agressões além de descaso com o bem-estar com os outros membros da família. c) Dificuldade para perceber o quanto se relacionam de maneira a desconsiderar as leis ou costumes morais, não conseguindo usar de justiça ou serem democráticos ao tomar decisões que envolvem outros membros da família. d) O raciocínio sobre a justiça não segue o imperativo categórico de tratar cada pessoa como um fim e não como um meio. e) Os filhos apresentam dificuldade para passar da heteronomia à autonomia moral e os pais deixam a desejar como modelos para os filhos, quando também falham nos momentos de tomadas de decisão, de colocação de limites estruturadores da personalidade dos filhos, ou quando são desajustados e não conseguem exercer uma paternidade responsável. São pais com superego fraco gerando filhos mais frágeis ainda. f) Relações de infidelidade, deslealdade e negligência com a pessoa humana. g) São pais pouco continentais das angústias típicas da fase evolutiva que o filho atravessa, pouco envolvidos nas atividades dos filhos. h) São filhos que não se interessam pelas dificuldades que os pais estão atravessando para manter a família, exigindo o que nem sempre os pais podem dar. i) São pessoas que se cobram mutuamente sem avaliar em que poderiam estar contribuindo para o bem-estar do outro. CONCLUSÃO : A Ética nas relações familiares depende fundamentalmente dos modelos de pais continentais dos afetos dos filhos, capazes de exercitar a tolerância à frustração, o respeito ao sentimento dos outros, a colocação de normas claras de certo e errado, conceito de bem e de mal, noção de direito e dever, lealdade, princípios democráticos e de justiça. Observou-se também que nas relações familiares é preciso buscar mais o desenvolvimento do amor próprio e ao próximo, onde reine a regra de ouro da Ética: ?Trate os outros como você gostaria de ser tratado?, onde estejam presentes os princípios humanistas de respeito à dignidade e à inviolabilidade do indivíduo. Certamente isto é o que se recomendaria não só às famílias estudadas, mas a todas que queiram viver em harmonia.

Marcionila Rodrigues da Silva Brito.

Universidade Federal de Uberlândia.



Ética profissional, social e pessoal: as histórias contadas, vividas e a realidade exposta.

O trabalho do psicólogo junto a uma população de crianças em uma comunidade constitui-se em uma ferramenta importante para o planejamento de intervenções preventivas e em crise, formando um importante elo de serviços em rede para o bem estar da população, assim como uma forma especial de trabalho que permite a construção de uma consciência grupal. A criança, de forma muito simples, denuncia tudo o que vive e o que existe ao redor em sua família e na comunidade, como expressão de sentimentos por situações das quais não gosta ou não entende, ou de certa forma são violadoras de seus direitos mais fundamentais de vida. São histórias vividas que se diferenciam pelas desigualdades sociais, pelo cotidiano de outras rotinas, por um referencial de dinâmica social e familiar que tem tido pouco respaldo no corpo de conhecimento de que dispõe profissionais de psicologia. Diante de uma realidade de trabalho em instituições educacionais e em comunidades, e pela escuta de histórias contadas e vividas, chega-se à análise de dois dilemas éticos presentes nesta questão: a relação público e privado, ou seja o quanto devemos ou podemos discutir e intervir em valores familiares e comunitários, e a diferenciação de classes sociais, especialmente entre profissionais e população, causadora de tensões e conflitos cuja solução não se encontra no exercício da profissão e sim da cidadania. O objetivo desta apresentação é o refletir sobre algumas histórias que exemplificam os dilemas apresentados e suas possibilidades de solução levando –se em conta referencias da ética pessoal, social e profissional.

Ângela Leme dos Santos; Carla Beatriz de Andrade; Máira Pedroso; Raquel Souza Lobo Guzzo; Raquel Tizei; Thatiana Figueira Gasell.

Puc-Campinas.



Eu não moro na rua, eu sobrevivo : a representação social do sentido da vida de jovens em situação de rua.

O presente estudo teve por objetivo discutir as representações do sentido de vida de 12 menores que vivem ou viveram em situação de rua. Para tal optou-se por entrevistas abertas, destas, 5 foram realizadas em abrigos e 7 na própria rua. Pela análise subjetiva dos relatos pudemos observar que os jovens estudados nesta pesquisa apresentavam dificuldade para dar sentido à vida uma vez que a realização de valores encontra-se deficiente ou ausente. A frustração evidenciou-se em estado de desconforto, ansiedade, tristeza e insatisfação intolerável, gerando a delinquência e agressividade sendo que o comportamento não se funde no passado nem se orienta para o futuro, vivendo apenas o momento presente.

Maria Angela Colombo Rossetto; René Schubert.

Centro Universitário FMU.



Eu não moro na rua: a reação da criança em situação de rua em resposta à abordagem dos pesquisadores.

O presente estudo visou descrever e discutir as diversas reações esboçadas pelas crianças em situação de rua ao serem abordadas pelos pesquisadores do Centro de Estudos Psicológicos sobre Meninos e Meninas de Rua (CEP-Rua). Para uma melhor compreensão destas reações utilizou-se a Abordagem Ecológica do Desenvolvimento Humano (AEDH), na qual se enfatiza a importância de uma contextualização dos eventos ocorridos na vida da pessoa em desenvolvimento. As crianças em situação de rua são frequentemente abordadas, pelos mais diversos objetivos. Pode-se citar a abordagem dos transeuntes, que é marcada por grande ambigüidade, variando de acordo com a sua concepção de criança. Esta vai desde a idéia de vítima acarretando um sentimento de pena e/ou atitudes de cuidados assistenciais. Outra questão refere-se à presença da polícia e às freqüentes abordagens do Conselho Tutelar que são vistas com receio por parte das crianças. Tal receio deve-se em parte ao fato de tais figuras reafirmarem a “irregularidade” da situação em que a criança se encontra. As crianças reconhecem esta situação de “irregularidade”, uma vez que, por exemplo, campanhas a todo o momento afirmam que “lugar de criança é na escola”. O estar em uma escola é para a sociedade uma forma de reconhecer o status de criança, não sendo admissível que as crianças percam este direito por estarem na rua. Somado a isto, estas crianças desenvolvem a chamada “sabedoria de rua”, que envolve, entre outros aspectos, identificar a natureza das intervenções e a partir disso adequar suas respostas a estas. Geralmente são fornecidas respostas socialmente aceitas, como a freqüência diária à escola e a não permanência na rua. Além disto, as crianças utilizam esta “sabedoria de rua” para alcançarem seus objetivos, como, por exemplo, a obtenção de alimentos, de dinheiro e roupas, e a venda dos produtos que estão sendo vendidos por elas. Neste sentido, as crianças alteram o tom de voz, a fisionomia e a própria postura corporal frente as diferentes pessoas que as abordam. Ao realizar estudos com crianças em situação de rua, o pesquisador deve considerar todas as questões apresentadas, pois apenas desta forma os dados obtidos podem ser considerados fidedignos. A abordagem do pesquisador deve se diferenciar da abordagem dos conselheiros tutelares e dos representantes de programas que atendem a esta população. Isto pode ser alcançado a partir de uma maior inserção no espaço da rua propiciando uma vinculação, mesmo que breve, entre a criança e o pesquisador. Para que uma abordagem eficaz ocorra, a etapa de treinamento é de extrema relevância, assim como a constante capacitação destes profissionais e estudantes que pesquisam esta população. Uma das formas de efetivar esta capacitação e auxiliar na contextualização dos dados é através da construção de diários de campo. Nestes constam reflexões acerca das idas para a rua, enfatizando-se aspectos metodológicos a serem aperfeiçoados e os sentimentos dos pesquisadores durante a coleta de dados. Salienta-se, portanto, a importância do treinamento e capacitação dos pesquisadores no sentido de prepará-los para lidar com as diferentes reações esboçadas pelas crianças em situação de rua durante a realização de pesquisas.

Raquel Valiente Frosi; Juliana Prates Santana; Thaís Mesquita Doninelli; Silvia H. Koller.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



Evasão no ensino superior: resultados de pesquisa e tendências na literatura.

O objetivo deste estudo foi confrontar os resultados de pesquisa realizada na UFF sobre causas da evasão, segundo a opinião dos evadidos de 37 cursos de graduação, com as tendências observadas na literatura especializada na área da educação, produzida no Brasil nos últimos 30 anos. Foram desenvolvidos 2 subprojetos: SUBPROJETO I - Análise das respostas dos estudantes evadidos de cada um dos 37 cursos envolvidos, considerando a tendência encontrada na área do conhecimento na qual ele se insere. Tomou-se como referencial de análise a natureza das causas atribuídas pelos respondentes, segundo fatores individuais, institucionais e externos à instituição. Os resultados indicam: as causas de natureza individual exerceram pouca influência na decisão de abandono dos cursos, em todas as áreas de conhecimento; é inexpressivo o número daqueles que atribuem a causa da evasão à falta de vocação para a carreira; a evasão é mais influenciada pelos fatores de ordem institucional e externa a Universidade, que podem estar associadas a condições de vida e trabalho dos estudantes; a análise por curso e área de conhecimento revela manifestações diferenciadas em alguns cursos quanto à motivação para abandono e uma tendência a considerar os fatores institucionais como os mais relevantes. SUBPROJETO II – Rumo ao Estado da Arte nos estudos sobre a evasão no ensino superior. Construiu-se um Banco de Dados, contendo resumos, palavras-chaves e bibliografia sinalética sobre a produção científica relacionada a Evasão no ensino superior e assuntos associados. Para isto, consultaram-se Bancos de Dados do ensino superior (UNIVERSITAS/BR, Biblioteca Virtual de Educação), bibliotecas das principais universidades do Rio de Janeiro, resumos de dissertações de mestrado e teses de doutorado defendidas em todos os programas de pós-graduação em educação do Rio de Janeiro e principais periódicos na área da educação. Para todo o material encontrado foram produzidos resumo e palavras-chave. De toda a produção retiraram-se citações à produção científica relacionada à evasão. Esta bibliografia mapeada através das leituras efetuadas, mas para a qual não foi possível a produção de resumos e palavras-chave, foi classificada como sinalética. O Banco de Dados consolidado contém 807 artigos com resumos e 220 referências bibliográficas para o ensino superior. Constituiu-se como importante instrumento para os interessados na pesquisa sobre evasão. As análises preliminares do conteúdo desta produção indicam: a produção de estudos sobre causas da evasão é mais ampla do que comumente referido na literatura especializada; existe uma tendência majoritária nesta produção que atribui as causas da evasão aos fatores socioeconômicos (externos a Universidade), seguidos daqueles relacionados à instituição. A análise da produção indica, ainda, que a maioria dos estudos realizados não está respaldada em referenciais teóricos que se proponham a explicar a evasão, além de utilizarem metodologias que restringem os estudos apenas à amostra de estudantes evadidos.

Francisco de Assis Palharini; Mariana Nogueira Rangel; Vinicius Alves Portela Martins; Plínio de Souza Santos; Aryane Gonçalves Dias

ICHF; UFF



Eventos de Vida na Infância – Recursos para a Avaliação.

Eventos de vida podem ser considerados como mudanças relativamente inesperadas no ambiente social do indivíduo. São acontecimentos marcantes, que podem ser expressos tanto positiva, como negativamente, com impacto na qualidade de vida. Os eventos de vida, especialmente os negativos, são considerados como fontes potenciais de estresse e vulnerabilidade, podendo interferir no desempenho de uma pessoa. Os estressores da criança não são os mesmos dos adultos e a maneira como a criança reage aos eventos de vida pode caracterizar diferentes níveis de tolerância a situações estressantes, sendo mais adaptativa ou menos eficiente, de acordo com seus recursos de enfrentamento. O estudo dos eventos de vida na infância é recente, e sua forma de avaliação tem sido bastante discutida. Entre esses recursos, inclui-se a entrevista semi estruturada, por permitir identificar as situações estressantes, a reação a estas e o estado emocional que acompanha a estratégia utilizada, contudo questiona-se o alcance desta técnica na avaliação de crianças. Objetiva-se apresentar a adaptação de um procedimento de entrevista semi-estruturada para avaliação de eventos de vida positivos e negativos com crianças. Na elaboração do roteiro da entrevista foram utilizadas categorias de eventos positivos e negativos e questões referentes ao estilo atribucional e estratégias de enfrentamento, decorrentes de estudos prévios realizados no Brasil. Após o relato espontâneo de eventos pelas crianças, propôs-se uma etapa de classificação, em que a criança organiza, de forma lúdica, os eventos em ordem de importância, utilizando para isso ímãs coloridos e cartões a serem fixados em uma placa metálica. O referido procedimento foi testado com 50 crianças em idade escolar, entrevistadas individualmente. Observou-se envolvimento e interesse pela tarefa. As respostas das crianças favoreceram a ampliação das categorias de eventos de vida e permitiram o reconhecimento da maneira como foram experimentados os acontecimentos importantes de suas vidas. As questões referentes ao estilo atribucional e estratégias de enfrentamento possibilitaram a identificação dos recursos pessoais e de suporte social para lidar com os eventos negativos. Sugere-se que tal procedimento possa ser utilizado também como recurso de investigação clínica, uma vez que a integração dos dados da entrevista e do procedimento lúdico de classificação de cartões permite a obtenção de informações ampliadas sobre o funcionamento adaptativo das crianças.

Simone Hurtado Bianchi; Sonia Regina Loureiro.

USP.



Exclusão ou Cidadania? – O Cenário da Assistência Infanto-Juvenil a Partir da Atuação do Psicólogo.

As políticas de assistência a criança e ao adolescente tem passado por transformações recentes em suas estruturas jurídicas - institucionais. Se antes a Doutrina de Situação Irregular, regulamentada pelo Código de 1927, via a criança ora como infrator, ora como abandonado, hoje, a Proteção Integral através do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) as vê como cidadãos portadores de direitos. Levando em consideração essas transformações em que a assistência infanto-juvenil esta imersa, nosso estudo objetivou verificar de que maneira essas mudanças propostas pelo ECA se configuram no cenário de Sergipe. Nossa metodologia constituiu-se de entrevistas com 12 (doze) psicólogos que trabalham na área da assistência infanto-juvenil além de observações de suas práticas e do modo de funcionamento das instituições onde estes trabalham. Foram visitados serviços e projetos de atendimento que assistem crianças e adolescentes como Conselhos Tutelares, Projetos de ação social em nível Municipal e Federal, Abrigos, Programa de Colocação Familiar, Centro de Referência de Educação Especial, Posto de Saúde e Juizado da Criança e do Adolescente. O tratamento dos dados deu-se por meio de Análise qualitativa de Conteúdo de Enunciação. A partir da análise dos dados, percebemos que algumas novidades foram implementadas no modelo assistencial de Sergipe, como a criação dos Conselhos Tutelares e do Fundo da Criança e do Adolescente, em alguns municípios; a elaboração de programas voltados para a criança e o adolescente, contra o trabalho infantil e a violência infantil, por exemplo. Contudo, observa-se que as reformas no âmbito da regulamentação são pouco representativas quando comparadas às irregularidades existentes no cenário da assistência infanto-juvenil, como a existência de um modelo assistencial que se volta prioritariamente para a criança em situação irregular; a situação de pobreza continua sendo na prática, justificativa para destituição do pátrio poder; a família permanece sendo a principal responsável pelos problemas sociais das crianças e dos adolescentes; os Conselhos Tutelares, os quais deveriam ser órgãos autônomos, são subordinados a ações da prefeitura e do judiciário. Concluímos, portanto que as práticas relacionadas a assistência infanto-juvenil, de um modo geral, continuam reproduzindo o modelo anterior, não assegurando os princípios reservados pelo ECA. Faz-se necessário que práticas e concepções sobre a assistência à infância e à juventude sejam repensadas se quisermos transformar um modelo de assistência ideal em realidade.

Aline Andrade Rabelo; Fabiana de Oliveira Lobão; Marcelo de Almeida Ferreri; Sérgio Lessa Alves; Valéria Alves Santos

UFS; PIBIC; COPES; CNPq.



Exclusão social e inclusão perversa I: Caracterização de coletores de lixo.

A exclusão social tem se tornado fonte de sofrimento psicossocial para grandes contingentes populacionais. As transformações ocorridas nas últimas décadas no mundo do trabalho evidenciam uma profunda crise de empregabilidade e de sub-proletarização do mercado de trabalho, levando a impactos dramáticos sobre a qualidade de vida e na sociabilidade das pessoas. Diante deste quadro, o fenômeno da exclusão social manifesta-se em decorrência da deterioração crescente das condições de vida, de acesso aos benefícios e aos produtos da cultura e à cidadania plena. Um dos pré-requisitos para a inclusão social é o acesso ao trabalho. Contudo, algumas formas de trabalho podem estar mascarando mecanismos de inclusão perversa, que levam à manutenção da exclusão. Este trabalho relata os resultados preliminares de caracterização de uma população de coletores de lixo, como parte de um estágio em Psicologia Social. Três coletores foram entrevistados, funcionários de uma empresa que terceiriza serviços de coleta de lixo e limpeza de vias públicas. A entrevista seguiu um roteiro estruturado, dentro dos seguintes eixos: 1.) Dados e impressões gerais sobre o trabalho; 2) Valor atribuído ao trabalho; 3.) Aspectos positivos e negativos do trabalho, 4.) Queixas e riscos; 5.) Qualidade de relacionamentos profissionais e pessoais; 6.) Lazer; 7.) Saúde. Os entrevistados são jovens, entre 20 e 35 anos, de escolaridade inferior à 5ª série e única fonte de renda da família. Foi comum entre os entrevistados o relato que trabalham como coletores por falta de outra alternativa diante da necessidade de prover sustento à família. O trabalho parece ter valor negativo: os coletores relatam que algumas vezes recebem elogios da população, mas que muitas vezes são desrespeitados ou mesmo xingados. A liberdade é vista como um aspecto positivo do trabalho, uma vez que eles podem correr mais para terminar mais cedo. Como aspectos negativos, há referência constante a condições climáticas, cansaço e dores, embora declarem não ter problemas de saúde. Quanto a queixas e riscos, enfatizaram o descaso da população com o acondicionamento de material cortante, o que leva a vários acidentes por cortes e o perigo de atropelamentos, de cortes e de quedas. Como lazer, relatam assistir televisão e escutar música. A análise das entrevistas deixou clara uma atitude de resignação diante do trabalho, expressa pelas referências de agradecimento a Deus e de que o tempo fez com que se acostumassem com a dor. A percepção de discriminação é clara e um entrevistado recusa o rótulo de “lixeiro”, ao mesmo tempo em que enfatiza a denominação “coletor de lixo”. É interessante notar que a liberdade a que os coletores se referem é uma liberdade negativa, como no caso de deixar de almoçar para terminar mais cedo ou não ter de “aturar um chefe”. Estes resultados, em conjunto com outros resultados obtidos com varredores de rua, são condizentes com a noção de que estes coletores estão de fato excluídos do exercício pleno dos benefícios da cultura e da cidadania.

Clarice Sanches Oliva; Roberta Grisotti; Rosemarina Franco Baesso; Cacilda Amorim .

Faculdades Padre Anchieta; Universidade São Francisco..



Exclusão social e inclusão perversa II: Caracterização de varredores de rua.

A exclusão social tem se tornado fonte de sofrimento psicossocial para grandes contingentes populacionais. As transformações ocorridas nas últimas décadas no mundo do trabalho evidenciam uma profunda crise de empregabilidade e de sub-proletarização do mercado de trabalho, levando a impactos dramáticos sobre a qualidade de vida e na sociabilidade das pessoas. Diante deste quadro, o fenômeno da exclusão social manifesta-se em decorrência da deterioração crescente das condições de vida, de acesso aos benefícios e aos produtos da cultura e à cidadania plena. Um dos pré-requisitos para a inclusão social é o acesso ao trabalho. Contudo, algumas formas de trabalho podem estar mascarando mecanismos de inclusão perversa, que levam à manutenção da exclusão. Este trabalho relata os resultados preliminares de caracterização de uma população varredores e varredoras de rua, como parte de um estágio em Psicologia Social. Três varredores e três varredoras foram entrevistados, funcionários de uma empresa que terceiriza serviços de coleta de lixo e limpeza de vias públicas. A entrevista seguiu um roteiro estruturado, dentro dos seguintes eixos: 1.) Dados e impressões gerais sobre o trabalho; 2) Valor atribuído ao trabalho; 3.) Aspectos positivos e negativos do trabalho, 4.) Queixas e riscos; 5.) Qualidade de relacionamentos profissionais e pessoais; 6.) Lazer; 7.) Saúde. Todos os entrevistados tinham mais de 35 anos e única fonte de renda da família, com uma única exceção, em cada caso. Dois entrevistados são analfabetos, dois cursaram até a 4a. série e outros dois, até a 8a. série. Os resultados das entrevistas mostraram que dois varredores e duas varredoras apresentaram uma concepção bastante estereotipada de seu trabalho, mencionando sua importância na manutenção da limpeza e da beleza da cidade e de sua dignidade embora, segundo, dois dos varredores, nem sempre a população reconheça isto. Uma varredora e um varredor destacaram a importância do trabalho para o sustento, próprio e da família. Todos os varredores, exceto um, relataram que o trabalho praticamente não tem aspectos negativos; que o trabalho não é monótono, apesar de ser sempre o mesmo; que não sentem muito cansaço, apesar da área a limpar ser grande; que fatores climáticos como sol forte ou chuva não são importantes, pois usam boné, protetor ou plástico para se proteger; que o trabalho não oferece perigos, bastando que se evite atropelamentos; dores, quando relatadas, são minimizadas. Igualmente, estes cinco varredores relatam ter bom relacionamento com os colegas de empresa, apesar de raramente os encontrarem e de não poderem conversar com as pessoas da rua. Um único varredor apresenta críticas às suas condições de trabalho. A análise destes resultados mostra os efeitos de uma inclusão perversa: estes varredores mostraram-se conscientes da diferença entre estar empregado e desempregado. Uma das varredoras relata que, em função de seu emprego, pode mudar de vida. O único varredor com críticas relatou que seu único medo era perder o emprego. Estes resultados, em conjunto com outros resultados obtidos com coletores de lixo, são condizentes com a noção de que estes varredores estão de fato excluídos do exercício pleno dos benefícios da cultura e da cidadania.

Alexandra Aparecida Santos; Elizete Bezerra L. Neves; Débora M. Picarelli; Iara Rodrigues S. Vieira; Luciana de Lima Salvador; Daniel Francisco P. Munarin; Cacilda Amorim.

Faculdades Padre Anchieta; Universidade São Francisco.



Exclusão/inclusão e loucura em Sergipe.

Os princípios da reforma psiquiátrica trazem um novo pensar sobre a loucura, considerando-a como possibilidade de existência e conduzindo toda a sociedade a pensar sobre si mesma através das formas de exclusão e violência manicomial. Entende-se que tais práticas visam adaptar a conduta do sujeito sem levar em consideração o seu desejo, a sua subjetividade, num objetivo de exclusão e dominação social. Os serviços substitutivos por outro lado, dirigem suas práticas para a inclusão (entendida como participação ativa num espaço onde a loucura seja ouvida) e a construção da cidadania, para o resgate da individualidade e autonomia do usuário. Dessa forma, este trabalho visa refletir sobre o processo de reforma psiquiátrica em Sergipe, enfocando os novos serviços de atenção à saúde mental, que buscam substituir as práticas asilares. Tivemos como objetivos: investigar como tem se caracterizado a inclusão do louco na sociedade, tanto pelo trabalho, quanto pela militância; conhecer a percepção do louco e das pessoas envolvidas em seu cuidado sobre a noção de inclusão e cidadania, e quais as implicações dessa percepção nas práticas inclusivas; conhecer a via de inclusão que mais tem se destacado e conhecer como os novos serviços têm promovido a inclusão. Em Sergipe, a reforma psiquiátrica parece se iniciar no final da década de 80, quando representantes do Movimento de Luta Antimanicomial, técnicos da área de saúde mental e vereadores do município de Aracaju, abrem espaço na câmara de vereadores, para denúncia das péssimas condições que se encontravam os hospitais psiquiátricos. Atualmente, em pelo menos quarenta municípios existem projetos de implantação de equipes de saúde mental inseridas nos serviços de saúde pública, mas apenas em três (Aracaju, Nossa Senhora da Glória e Lagarto) existem serviços já em funcionamento. As dificuldades encontradas são, além da falta de psiquiatras, psicólogos, assistentes sociais, e outros profissionais no estado, a falta de capacitação para o trabalho em saúde mental e o mais importante, a falta de implicação subjetiva desses (e dos familiares) na reforma psiquiátrica. Apesar das parcerias com algumas instituições e da participação de usuários, familiares, técnicos e comunidade em eventos de saúde mental, a inclusão (pela via do trabalho e da militância) tem acontecido de maneira tímida, dada as dificuldades em se desmistificar o imaginário sobre o louco. Percebemos assim, que urge produzir novos espaços de discussão acerca da loucura e cidadania e de elaboração de estratégias de inclusão, nos serviços e em outros espaços como escolas, hospitais, praças, ministério público, universidades, em qualquer lugar aonde se produza conhecimento formal e/ou informal. Este trabalho utiliza uma metodologia qualitativa, tendo sido entrevistados usuários, familiares e técnicos dos CAPS (Centro de Atenção Psicossocial) Artur Bispo do Rosário, que se localiza em Aracaju e Luz do Sol do município de Nossa Senhora da Glória, totalizando 13 sujeitos.

Lind Susan dos Santos; Maria Teresa Lisboa Nobre

Universidade Federal de Sergipe



Exigências psicológicas do trabalho de adolescentes: riscos à saúde e bem-estar.

Introdução: Muitos adolescentes ingressam no mercado de trabalho precocemente. Os adolescentes consideram o trabalho como fonte de renda, algo que lhes proporciona independência e uma maneira deles ingressarem na vida adulta. No entanto, não são consideradas neste pensamento características do trabalho que podem intervir em outros aspectos de suas vidas como, por exemplo, seus estudos e sua saúde. **Objetivo:** O objetivo principal deste estudo foi avaliar as condições de saúde, educação e trabalho de adolescentes trabalhadores e não-trabalhadores que estudam no período diurno e noturno, na cidade de São Paulo. **Metodologia:** Foi estudada uma população de 725 adolescentes de idade entre 14 e 18 anos, do ensino médio de uma escola pública em São Paulo. Destes, 355 estudavam no período noturno. Os dados a seguir tratam de alunos do período noturno (19:00 às 22:30 horas), que estavam trabalhando ou desempregados. Foi aplicado aos adolescentes questionários sobre as condições de seu trabalho e de vida, incluindo questões de saúde, e sobre dores no corpo. No questionário sobre condições de trabalho foi incluído o questionário JCQ, Job Content Questionnaire (Karasek, 1998). Este questionário possui questões que compõem escalas de exigências psicológicas do trabalho e insegurança no trabalho, entre outras. As variáveis “duração de sono e trabalho” foram analisadas utilizando-se a análise de variância a um fator (ANOVA); a variável “dores no corpo” foi analisada utilizando-se o teste de associação pelo qui-quadrado; a variável “acidentes de trabalho” foi analisada utilizando-se o teste de Hosmer-Lemeshow. Foi utilizado nestas análises $p=5\%$. **Resultados:** Os resultados das respostas dos estudantes mostraram que há uma grande diversidade de profissões exercidas, sendo as mais prevalentes: auxiliar administrativo, secretária, office-boy e balconista. Foram encontrados adolescentes que exercem profissões que, segundo a teoria demanda-controle, possuem um alto risco de desenvolverem doenças. Análises de regressão multivariada mostraram associação entre as exigências psicológicas do trabalho e a ocorrência de acidentes de trabalho; entre as exigências psicológicas do trabalho e a duração do período de sono noturno; entre insegurança no trabalho (por parte dos adolescentes) e duração da jornada diária de trabalho; fatores psicológicos estressantes totais (composto por exigências psicológicas do trabalho e insegurança no trabalho) e dores no corpo, entre outras. **Discussão:** Os resultados nos permitiram concluir que, apesar dos adolescentes possuírem em sua maioria empregos que não requerem muita qualificação, fatores psicológicos estressantes como exigências psicológicas do trabalho e insegurança no trabalho estão relacionados com dores no corpo e com a duração de seus períodos de sono, indicando a presença de sintomas psicossomáticos e uma influência em sua saúde, o que viria a prejudicar seus estudos.

Lombardi Júnior Márcio; Fischer, F.M.; Latorre MRDO; Oliveira DC; Teixeira, L.R.; Nagai R.

Faculdade de Saúde Pública da USP; Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Expectativa e avaliação do curso de Psicologia da Unesp de Bauru na perspectiva dos alunos.

A formação e atuação do psicólogo brasileiro têm sido objeto de investigação de vários estudiosos, principalmente desde a década de 60, quando os cursos de psicologia foram oficialmente regulamentados. As deficiências e inadequações da formação do psicólogo à realidade brasileira são preocupações antigas, crônicas e recorrentes. A pesquisa com os alunos de psicologia da Unesp de Bauru foi realizada através de um questionário com perguntas abertas e de escolha que procurava analisar as expectativas e avaliações e também medir o grau de satisfação dos alunos com relação ao curso. O questionário foi respondido pelos alunos dos primeiro e quarto anos dos períodos integral e noturno. Ao comparar os dados coletados pela presente pesquisa com os dados extraídos da bibliografia, pode-se notar que os alunos da Unesp – Bauru apresentam uma insatisfação (parcial e total) de 61,80% com as matérias que fundamentam a psicologia, enquanto em pesquisas anteriores, os alunos apresentaram uma insatisfação de 41,7%. A insatisfação com a iniciação científica dos alunos mencionados nos artigos consultados foi de 64,4% e a insatisfação (parcial e total) dos alunos da Unesp é de 75,10%, isto pode indicar um menor incentivo por parte dos professores da Unesp quando comparados



aos das universidades públicas e particulares que participaram da pesquisa consultada. A insatisfação com as disciplinas específicas foi de 47,2% nos artigos consultados e na Unesp a insatisfação (parcial e total) é de 53%. Os artigos mencionam que os alunos se sentem privados com relação as diferentes linhas teóricas e os alunos da Unesp consideram que elas são mal distribuídas ao longo do curso. Os alunos das pesquisas anteriores consideraram como positivo o aprofundamento em algumas áreas enquanto que os alunos da Unesp consideram como positivo a formação geral. $0,05$). ≥ Observa-se também que não há diferenças entre expectativa de curso e avaliação entre os alunos do primeiro e quarto anos. O aluno do primeiro ano, que na ocasião está no segundo termo, não tem expectativas diferenciadas, parece que ele realmente sabe como será o seu curso na universidade, as atividades a serem desenvolvidas e de que forma serão realizadas. Este fato pode ser evidenciado através do teste de estatística não paramétrica de Mann-Whitney ($z = 1,43$; $p > 0,05$). A razão dessa maior satisfação só poderá ser obtida através de mais pesquisas, já que qualquer explicação seria uma especulação. ≤ Quando comparado o grau de satisfação entre os alunos do integral e do noturno (alunos do primeiro e quarto anos juntamente), observa-se uma maior satisfação por parte dos alunos do integral, evidenciada também pelo teste de Mann-Whitney ($z = 4,70$; $p < 0,05$). A forma como os alunos da Unesp e os dos artigos analisados imaginam que a sociedade reconheça os psicólogos indica uma perspectiva associada ao senso comum, na qual o psicólogo ainda é visto como guia espiritual, aquele que resolve todos os problemas, ou ainda, é um médico de louco.

Maria Fernanda Marreta; Marcela Palaro; Nathália P.M. Viana; Sandro Caramaschi.

Universidade Estadual Paulista.



Expectativas dos calouros: indicadores para a formação.

A avaliação tornou-se um procedimento necessário nos cursos de graduação do ensino superior. O curso de Psicologia da Universidade Federal Fluminense vem desenvolvendo esforços, desde meados da década de 90, no sentido de promover a análise da formação que tem sido empreendida na tentativa de melhorar a qualidade do curso. Os padrões de qualidade do MEC, embora mereçam críticas, apresentam uma interessante sugestão: o acompanhamento da progressão do aluno ao longo do curso. Esta pesquisa tem o objetivo de investigar as expectativas dos alunos em relação ao curso, durante o período que vai do ingresso do aluno até a data de sua provável formatura.. Os dados foram coletados por entrevistas semi-estruturadas realizadas em dois momentos: no ingresso dos alunos no curso (março de 2000) e na conclusão do terceiro período letivo (julho de 2001). Na ocasião da entrada a amostra foi composta por 30 alunos: 93 % vestibulandos e 7% transferidos e no terceiro período por 13 sujeitos. Os dados obtidos foram analisados qualitativamente, a partir da transcrição das entrevistas realizadas. No momento de ingresso na Universidade, a maioria dos entrevistados, cerca de 72,7%, apresentava como expectativa de maior relevância adquirir uma boa formação orientada, principalmente, para o mercado de trabalho. 18,2% dos alunos esperavam gostar do curso e 9,1% esperava poder ajudar as pessoas e a si mesmos. No percurso da graduação procuramos investigar se o curso estava ou não atendendo às expectativas iniciais dos alunos. Constatamos que 64% tinha suas expectativas parcialmente atendidas. Dentre eles, 57,2% apontou fatores como boa infra-estrutura da Universidade, boas disciplinas e bons professores como responsáveis por terem suas expectativas atendidas. Como justificativa para o não atendimento das expectativas, 57,2% destacou como fator primordial o desinteresse do professor no que diz respeito à transmissão de conhecimentos, e 42,8% apontou como fatores relevantes a desorganização da Universidade e do Curso e a ocorrência de greves. Cerca de 18% dos entrevistados informaram que o Curso não atende às suas expectativas em consequência do desinteresse por parte do professor e da falta de prática no curso. Esta mesma proporção de alunos considera que o curso atende às suas expectativas. Sendo que, neste caso, a metade dos entrevistados responde afirmativamente em virtude da reformulação das suas expectativas iniciais. Tais alunos afirmam que a reformulação foi possível por terem suas visões de mundo alteradas pelo Curso de Psicologia. Consideramos que os dados coletados podem servir como indicadores da formação em psicologia na Universidade Federal Fluminense, bem como servir de subsídios para a iminente reforma curricular proposta a partir das discussões sobre as diretrizes curriculares para os cursos de psicologia.

André Rossi; Daniela Teixeira Oliveira; Ednardo de Almeida Bittencourt; Michele Monique Gomes de Abreu; Viviane de Carvalho Hillen; Anelize Teresinha da Silva Araújo; Marcia Moraes

Universidade Federal Fluminense



Expectativas e Satisfação de Usuários dos Serviços Públicos de Saúde.

A partir da década passada, novos modelos de gestão e inovações gerenciais vêm sendo implantados em organizações públicas de saúde com a finalidade de alcançar maior qualidade dos serviços e satisfação dos cidadãos/usuários/clientes. Integrando um estudo piloto no Centro de Pesquisas Hospital Evandro Chagas (CPqHEC/ Fundação Oswaldo Cruz - Rio de Janeiro), cujo objetivo mais amplo é a construção de uma metodologia de avaliação da satisfação de usuários dos serviços públicos de saúde, uma pesquisa qualitativa foi realizada com o objetivo de verificar e avaliar os elementos que influenciam as expectativas e a satisfação dos usuários com os serviços. Este trabalho consiste nos resultados preliminares da pesquisa, subsidiando a construção de um questionário de perguntas fechadas aplicado em um número maior de pacientes. O CPqHEC é uma unidade técnico-científica da FIOCRUZ que realiza atendimento e pesquisa em doenças infecto-contagiosas como AIDS, HTLV, Leishmaniose, micoses sistêmicas e doença de Chagas. A direção do hospital vem promovendo iniciativas para mobilizar o conjunto dos funcionários visando a melhoria do desempenho e a satisfação do cliente - tanto externo quanto interno. METODOLOGIA Foram realizadas doze (12) entrevistas, seguindo-se um roteiro de perguntas abertas com base, principalmente, em categorias utilizadas pela Organização Mundial de Saúde que definem o conceito de responsividade. Este se refere ao modo como o sistema de saúde reconhece as expectativas legítimas da população em relação aos aspectos não-médicos da atenção à saúde (OMS, 2001). Tais categorias são: dignidade, autonomia, informação, comunicação, pronto atendimento, suporte social, instalações, escolha e confidencialidade. Também foi avaliado o conhecimento que os usuários têm sobre direitos dos pacientes. A análise das entrevistas foi feita a partir das categorias previamente definidas, além de outras que surgiram nas falas dos entrevistados. Na análise preliminar, alguns aspectos chamaram a atenção pela maior frequência com que apareceram nas entrevistas. Um desses aspectos se refere à forma como o serviço acolhe o paciente no primeiro atendimento, em especial, quando portador de doença grave. Um primeiro atendimento caloroso e cuidadoso foi ressaltado como importante pelos usuários, que muitas vezes chegam ao serviço extremamente fragilizados tanto física quanto emocionalmente. Também chamou a atenção o desejo dos usuários de receberem mais informações sobre os direitos do paciente sendo que em algumas falas apareceu o total desconhecimento sobre o que sejam tais direitos. O projeto de humanização da assistência hospitalar (Ministério da Saúde, 2001) vem ao encontro de algumas dessas expectativas, ao propor o atendimento individualizado e chamar a atenção para os aspectos subjetivos envolvidos nas relações dos profissionais de saúde com os usuários.

JENI VAITSMAN; LUÍS OTAVIO FARIAS; GABRIELA BORGES DE ANDRADE; ELIANA GRANJA RIBEIRO; MARIA ELISA VIANNA MEDICI; LIDIANE ROCHA DO NASCIMENTO.



Expectativas e sentimentos da gestante em relação ao bebê.

A relação da mãe com seu bebê vai se constituindo desde o período pré-natal, e é influenciada pelas expectativas que ela tem sobre o bebê e pela interação que estabelece com ele. Esta primeira relação serve de prelúdio para a relação mãe-bebê que se estabelece depois do nascimento e, portanto merece ser melhor compreendida. As expectativas e sentimentos da mãe em relação ao bebê originam-se de seu próprio mundo interno, de suas relações passadas, e de suas necessidades conscientes e inconscientes. O objetivo deste estudo foi investigar as expectativas e os sentimentos das gestantes em relação ao bebê. Participaram 39 gestantes primíparas, no último trimestre de gestação, sem problemas de saúde, com idades entre 19 e 37 anos e que viviam com o pai do bebê. Elas eram de famílias de níveis sócio-econômicos e escolaridades variadas. A amostra foi selecionada entre os participantes de um projeto maior intitulado Aspectos Subjetivos e Comportamentais da Interação Pais-bebê/criança que, a partir de um delineamento longitudinal, acompanha famílias desde a gestação até o terceiro ano de vida da criança (GIDPEP/UFRGS). As gestantes responderam a uma entrevista semi-estruturada sobre a gestação, expectativas e sentimentos da gestante. Os relatos das gestantes foram analisados a partir de análise de conteúdo, envolvendo cinco categorias temáticas: expectativas e sentimentos quanto ao sexo do bebê, nome do bebê, temperamento do bebê, interação mãe/bebê, e quanto às preocupações em relação à saúde do bebê. As expectativas da gestante sobre o bebê revelaram aspectos referentes à própria gestante como filha, mulher, e mãe; à representação daquele bebê para aquela família; à dinâmica conjugal; e à relação atual mãe-bebê. Estas expectativas parecem reverter em um investimento importante à constituição psíquica do bebê, além de possibilitar, desde já, o exercício da maternidade. Contudo, aquelas expectativas originadas de projeções maciças da mãe sobre o bebê pareceram não estar garantindo um espaço para a individualidade dele, o que pode vir a prejudicar a relação da díade e, por conseguinte, a formação da personalidade da criança. Os resultados mostraram que conhecer o bebê antes do nascimento, estar com ele, pensar sobre ele, imaginar suas características - traz implicações para a própria gestante, para a sua representação do bebê, e para a relação mãe-bebê.

Cesar A. Piccinini; Aline Grill Gomes; Lisandra Moreira; Rita Sobreira Lopes

UFRGS



Expectativas futuras de adolescentes em situação de rua sobre trabalho e profissão.

Este estudo visa a identificar as expectativas futuras de adolescentes em situação de rua em relação a projetos profissionais e oportunidades de trabalho. Busca ainda verificar quais os fatores relacionados ao desenvolvimento destes aspectos laborais, levando-se em conta um menor número de oportunidades disponibilizadas a esta população, bem como os riscos aos quais ela está exposta.. Participaram do estudo 14 adolescentes em situação de rua, do sexo masculino, de 12 a 16 anos. Cinco fatores foram usados para caracterizar a amostra: 1) vinculação familiar; 2) diferentes tipos de atividades desenvolvidas nas ruas (vender pequenos objetos, pedir esmolas, vagar, etc.); 3) local de permanência (ruas, mercados, praças, logradouros públicos); 4) aparência pessoal (roupas rotas, falta de higiene, etc.); e 5) ausência de um adulto responsável junto aos adolescentes. Os participantes foram entrevistados sobre aspectos sócio-demográficos, contexto de vida no qual estão inseridos, condição atual e percepção sobre trabalho e expectativas em relação ao futuro profissional. Realizou-se a entrevista semi-estruturada baseada nos fatores ecológicos de contexto, tempo e processo. Os adolescentes foram orientados a manejar uma câmera fotográfica, com a qual deveriam tirar 12 fotos que respondessem à pergunta “Como você se vê no futuro?”. Depois de aprender a utilizar a câmera, os adolescentes tiveram dois dias para tirar as fotos. Após a revelação, as fotos foram entregues aos participantes e, com base nestas, foi realizada nova entrevista. As falas dos participantes e as imagens fotográficas foram submetidas à análise de conteúdo. Os resultados mostraram que adolescentes em situação de rua desenvolvem-se em um contexto marcado por crenças e valores específicos. Há poucas oportunidades que lhes permitam planejar e estruturar seus projetos profissionais. Esta falta de oportunidades poderia levá-los a considerar-se perdedores e incapazes de obter êxito em seus projetos. Contudo, as fotografias e o conteúdo da entrevista mostraram que os adolescentes em situação de rua apresentam objetivos profissionais que incluem um grande número de atividades. Estes resultados não corroboram as conclusões de diversos autores, os quais defendem que adolescentes em situação de rua não elaboram expectativas futuras. Tais autores sugerem que esses adolescentes estão preocupados apenas em solucionar problemas que lhes são imediatos, como alimentação e um lugar seguro para passar a noite. Os projetos profissionais mostrados nas fotografias foram justificados por diferentes razões, como o status conferido pela profissão, reconhecimento da sociedade, suprimento das necessidades da comunidade, identificação com um ídolo, familiar ou outro modelo. Adolescentes em situação de rua, mesmo quando têm consciência de todo o risco envolvido por sua vivência nas ruas, acreditam que poderiam alcançar aquilo que planejam e que isso depende de seu esforço pessoal. Uma minoria mostrou-se pessimista ou demonstrou dúvidas em relação à concretização de seus projetos profissionais. Os adolescentes mostraram clara relação entre o investimento pessoal em educação e o sucesso profissional futuro, apontando para a necessidade de instituições de ensino adequadas a esta população. Esses dados demonstram que grande parte desses adolescentes tem uma idéia de auto-eficácia, provavelmente construída pelas dificuldades que passam nas ruas e pela habilidade de gerenciamento destes problemas.

Lucas Neiva Silva; Flávia Wagner; Isabela Steigleder Gozalvo; Sílvia Helena Koller

Universidade Federal do Rio Grande do Sul



Experiência com Grupos de Expressão Lúdica como Possibilidade de Resolução de Bloqueios Intelectuais.

Este projeto está sendo desenvolvido no “Programa de Diagnóstico Diferencial”, na Unidade de Saúde de Vila Guiomar, Prefeitura Municipal de Santo André. O “Programa de Diagnóstico Diferencial atende crianças/adolescentes com deficiência mental, distúrbios globais de desenvolvimento e pacientes com dificuldades graves de aprendizagem. A idéia desta pesquisa deve-se a um cenário no qual crianças/adolescentes apresentam em avaliações psicológicas, desempenho intelectual rebaixado, com graves bloqueios emocionais, atuando como deficientes mentais leves. Diante disso, busca-se abrir um espaço de expressividade lúdica, levantando-se a hipótese destas crianças não estarem podendo expressar a sua interioridade. O objetivo do trabalho é, portanto, permitir estabelecer pontos de vivência de crianças/adolescentes com dificuldades de aprendizagem, através de uma ação lúdica; propiciar, através de uma relação estabelecida com o terapeuta, a oportunidade de repensar sua auto imagem, sua forma de se ver e pensar e suas possibilidades de realizar e produzir; ampliar este atendimento a um maior número de crianças/adolescentes, através de atendimentos grupais. O projeto iniciou-se em fevereiro de 1998 e foi dividido em três etapas: a primeira, cada criança é submetida a um psicodiagnóstico (desenho livre, HTP, Bender, Raven, CAT/TAT). Na segunda fase, realizou-se a formação de cinco grupos, totalizando 39 pacientes, divididos por faixa etária. A terceira etapa será o reteste, podendo ser este novo material analisado e comparado com o material inicial, apontando ou não mudanças qualitativas e quantitativas no material obtido após a intervenção lúdica. Há outras duas fontes para o acompanhamento deste trabalho: relatórios semestrais enviados pelos professores, permitindo um trabalho mais integrado nas áreas: Saúde/Educação; como também grupos de orientação de pais, encontros quinzenais. Pelos resultados parciais deste projeto, houve mudanças importantes no desempenho escolar, tanto no conteúdo pedagógico, como na socialização. De forma geral, o espaço do atendimento foi de partilha, cooperação, competição e principalmente de expressão de sentimentos de cada um dos membros. Os grupos estão passando por um processo de amadurecimento, cada um no seu ritmo, havendo um canal mais aberto com relação à expressão de conteúdo emocional. Outro aspecto importante, é que no decorrer destes dois anos, foi possível inserir nos grupos, sete pacientes sindrômicos, com deficiência mental mais acentuada: seis crianças com síndrome de Down, uma criança com microcefalia. De forma geral, houve uma boa integração de ambos os lados, podendo trabalhar a questão da ‘diferença’. Estas crianças também estão apresentando evolução na socialização, na produção escolar e na expressividade do seu mundo interior através do brincar. Acredita-se ser importante: I – avaliar se ocorrerão mudanças estruturais e de conteúdo no material do reteste (terceira etapa desta pesquisa); II – refletir sobre um trabalho ampliado a um número maior de deficientes mentais mais acentuados, nesta forma de atendimento; III – verificar a possibilidade de uma proposta de atendimento nesta linha de trabalho, no serviço público, com crianças/adolescentes que apresentam um desempenho equivalente à deficiência mental leve, associado à dificuldades emocionais, que impede o seu crescimento e uso do seu potencial intelectual.

Rosely Katz.

Unicastelo; Centro Universitário Fundação Santo André.



Experiência de escuta terapêutica x atividade motora com idosos.

Tendo em vista a situação do idoso institucionalizado, que apresenta-se esquecido e marginalizado sofrendo os malefícios provocados pelo isolamento social, optamos por uma proposta que objetiva trabalhar alguns aspectos do idoso que consideramos relevantes, tais como: auto estima, socialização, resgate da identidade e despertar o idoso para um estilo de vida mais saudável. Embora reconheçamos a importância de um atendimento psicoterápico, decidimos por um trabalho de escuta e apoio psicológico, oportunizando o idoso vivenciar um processo de reflexão sobre suas carências, angústias, frustrações e conflitos desta condição de vida. Paralelo a este trabalho realizamos uma atividade manual que objetiva a integração grupal dos idosos, o exercício da atividade motora e uma terapia ocupacional. O campo de ação é a Associação Metropolitana de Erradicação da Mendicância - AMEM, o número de sujeitos envolvidos são 25 do gênero masculino e 19 feminino, totalizando em 44 idosos. Os benefícios psicológicos dessa ação são inegáveis e se evidenciam através dos ganhos como melhoria na comunicação inter e extra grupal, no relacionamento interpessoal e na autoconfiança. Desta forma, podemos considerar terapêuticas os grupos de idosos voltados para interesses diversos.

Regina Irene D. M. Formiga; Abiani C. S. Campos; Maria Salete Nascimento Ferreira; Regina Coeli Batista Felipe

Centro Universitário de João Pessoa – UNIPÊ.



Experiência no processo de psicodiagnóstico: relato de um estudo de caso em instituição psiquiátrica.

(INTRODUÇÃO) O Psicodiagnóstico é uma avaliação psicológica, feita com propósitos clínicos e, portanto, não abrange todos os modelos de avaliação psicológica de diferenças individuais. É um processo que visa identificar forças e fraquezas no funcionamento psicológico, com um foco na existência ou não de psicopatologia (Cunha, 2000). Surgiu como consequência do advento da psicanálise, que ofereceu novo enfoque para o entendimento e a classificação dos transtornos mentais. É feito a partir de um levantamento prévio de hipóteses que serão confirmadas através de passos predeterminados e com objetivos precisos. (OBJETIVO) O estudo em questão teve como objetivo propiciar conhecimento teórico e prático, dos alunos da disciplina Técnica de Exame Psicológico III, acerca do processo diagnóstico. (METODOLOGIA) O trabalho constituiu-se a partir da aplicação das técnicas como: a entrevista psicológica, a autobiografia e o HTP, sendo realizado em uma instituição psiquiátrica, localizada em João Pessoa – Paraíba, com um paciente do sexo masculino, 52 anos, que já estava na sua sexta internação por motivo de uso crônico e abusivo de álcool. (RESULTADOS) Na entrevista inicial percebeu-se que o paciente apresentou inúmeras vezes informações que não condiziam com sua realidade, conforme foi verificado no prontuário clínico. O paciente mantinha uma postura agressiva associada a uma falsa idéia de tranquilidade constantemente evidenciada no seu discurso. Na autobiografia o paciente redigiu seu texto sem nenhuma dificuldade, embora de maneira sucinta e demonstrando certa rapidez para a conclusão da atividade. Na realização do HTP, não foi percebida nenhuma dificuldade, sendo importante ressaltar, apenas, a resistência do paciente em relação ao corpo da pessoa. A partir da análise das técnicas foram encontrados alguns traços de agressão e hostilidade para com o ambiente, um esforço para manter o equilíbrio da personalidade, forte influência materna e incapacidade para lidar com os problemas da vida. Em todos os três desenhos do HTP, notou-se a presença de um traçado trêmulo, refletindo medo, insegurança, sensibilidade, intoxicação do eixo nervoso por alcoolismo, o que comprova o diagnóstico: alcoolista crônico. (CONCLUSÃO) Diante disso ficou comprovada a importância da realização das técnicas projetivas para o aprendizado do grupo, possibilitando, assim, uma compreensão global a respeito da avaliação psicológica.

Aline Arruda da Fonseca; Rachel Rio Lima de Oliveira Costa; Ronaldo Matos Albano; Tereza Cristina Tribuzi de Carvalho; Zandre Barbosa de Vasconcelos

Universidade Federal da Paraíba – UFPB



Experiências com o Psicodrama no Ensino da Psicologia.

A concepção relacional do ser humano constitui a perspectiva básica de construção de todo o referencial teórico-metodológico da teoria do Psicodrama de Moreno. Assim, ao se lançar mão desse referencial para o ensino da Psicologia, mais do que em qualquer outra disciplina, torna-se imprescindível se estar atento à dimensão integral do ser humano, evitando-se abordagens compartimentalizadas, nas quais o fazer pretensamente pedagógico trata de forma fragmentada os aspectos cognitivos, afetivos, ou até mesmo espirituais do aluno. A metodologia psicodramática não se refere apenas ao uso de algumas técnicas de dramatização, como ainda algumas vezes pode ser confundida. Essa metodologia exige de quem dela recorre, um profundo conhecimento de seu referencial, especialmente no sentido da sua coerência entre conceitos e princípios teóricos e metodológicos, dos quais os recursos técnicos se constituem o seu resultado processual, ou seja, em contínua construção e renovação. Temos realizado várias experiências com o Psicodrama como recurso metodológico. Dentre elas destacamos a experiência nas disciplinas Dinâmica de Grupo e Psicologia da Educação, para o Curso de Pedagogia (UFPE), e, Introdução à Psicologia, na unidade sobre História da Psicologia (UFMS/CCHS). Essas experiências com a metodologia psicodramática no ensino da Psicologia têm nos demonstrado resultados ao mesmo tempo gratificantes e desafiadores. São gratificantes na medida em que colhemos evidências de um maior envolvimento dos grupos de alunos entre si e com os conteúdos transmitidos, bem como maior retenção de aprendizagem. Constituem-se desafiadores, no sentido de que, ao despertar o potencial de espontaneidade-criatividade do grupo com o qual se está trabalhando, também vem a suscitar posturas críticas, especialmente ao permitir maiores articulações das temáticas teóricas com as quais estão sendo abordadas, com temas contemporâneos emergentes, o que vem a exigir maior preparo multirreferencial de nós como professores. Contudo, acreditamos que esses resultados se constituem promissores, levando em consideração a crença de que estamos contribuindo para o desenvolvimento da consciência crítica de nossos alunos/as.

Maria Luiza Neto Siqueira; Sônia da Cunha Urt

UFPE; UFMS



Expressões faciais de emoções: um estudo da capacidade infantil para expressar emoções básicas.

Este trabalho teve por objetivo investigar a capacidade de pré-escolares, com cinco anos de idade, em média, para expressar emoções básicas (medo, surpresa, nojo, tristeza, raiva e alegria). Solicitou-se às crianças (N=32) que produzissem individualmente a expressão facial típica de cada uma dessas emoções mediante a apresentação de situações eliciadoras. Essa produção foi filmada e gerou, posteriormente, uma fita de vídeo contendo imagens "congeladas" das seis emoções para cada uma das crianças. Um grupo de 31 juízes assistiu à fita e avaliou as expressões faciais para identificar as emoções correspondentes. Foi considerada acertada a produção da criança quando o juiz reconhecia em sua face a expressão de emoção que lhe havia sido solicitada na situação eliciadora. Contrariamente a outros estudos, nojo foi, no presente trabalho, a expressão de emoção mais freqüentemente reconhecida. Não houve diferença entre os sexos relativamente ao total geral de acertos. Houve, contudo, diferença significativa entre as produções masculina e feminina da expressão facial de raiva, tendo os meninos alcançado maior número de acertos referentes a essa emoção. Sabidamente, homens adultos tendem a expressar mais a emoção de raiva do que mulheres (Personality and Social Psychology Bulletin, 1996, 22, 1014-1022). Nossos resultados sugerem a atuação de uma regra de exibição similar em pré-escolares. * Este trabalho faz parte de uma pesquisa maior realizada pelas doutorandas Maria de Lima Salum e Moraes e Cristina Landgraf Lee Manoel, no Departamento de Psicologia Experimental do IPUSP, sob a orientação das Profas. Dras. Emma Otta e Vera Silvia Raad Bussab, respectivamente. Maria e Cristina, às quais expressamos nossos agradecimentos, coletaram o material que utilizamos neste trabalho numa creche pública no ano de 2001.

TEIXEIRA, Candida Maria Plaza; TEIXEIRA, Renata Plaza; OTTA, Emma

Universidade de São Paulo



Fala e Escuta (Entre)laçam-se no Ato Educativo.

A demanda feita através deste escrito busca delinear o ato pedagógico do ponto de vista do significado e do significante na relação professor-aluno tomando como base o fenômeno da transferência. Sabe-se que a escola é o lugar onde acontece o ato pedagógico, é o lugar de encontro com o professor e o aluno. É um espaço em que o aluno pode se sentir protegido ou oprimido. Pergunta-se: Como se relaciona o aluno nesta escola? Que vínculos existem entre ele e o professor? Em relação às expectativas que se tem da vida, o aluno pensa que o professor pode dar respostas para todas as suas questões. Por isso torna-se um suporte de identificação e o coloca na posição bem próxima a do analista-analisante, ou seja, a posição do Sujeito suposto ao saber (Sss). O educando ao escutar a fala do educador faz relações, e o educador ao falar na sala de aula dirige suas imagens, representações sociais, seus sonhos, desejos e utopias para um platéia de alunos e este lugar torna-se um espaço sagrado onde se renovam cotidianamente a relação de poder. É possível, pois uma educação regida por princípios da psicanálise e que não é uma pedagogia psicanalítica, mas pode ser uma educação que leve em conta, suponha e aposte na presença de um sujeito da falta. Vale a aposta de que no ato pedagógico há o sujeito do desejo que fala e escuta para quem aprender é mais do que assimilação de conteúdos. É busca para dizer o que não pode ser dito inteiramente, mas que ainda assim insiste em dizer.

Maria de Lourdes S. Ornellas

Universidade do Estado da Bahia - UNEB



Família e Vitimização Infantil.

A busca de dados precisos e atuais sobre a incidência de vitimização infantil/adolescente motivou a realização desta pesquisa junto ao Programa S.O.S Criança, Uberlândia- MG. Objetivo: Identificar e relacionar o motivo da denúncia (tipos de vitimização) com idade das vítimas e agente agressor. Amostra: 793 crianças /adolescentes vitimizados encaminhados ao Programa S.O.S Criança, de janeiro a dezembro/2000. Procedimento: Foram obtidos dados estatísticos referentes às denúncias de violência contra crianças/ adolescentes através dos formulários de atendimento do Programa. Esses dados foram analisados e relacionados à situação de risco físico/ psicológico/ social, à criança /adolescente e ao agente agressor. Resultados: Verificou-se a maior incidência de vitimização em crianças de 0-3 anos (30,39%), 7-11 anos (27,99%), 4-6 anos (24,84%), 12-13 anos (9,96%) e finalmente crianças/ adolescentes de 14-18 anos (6,81%) que são as menos vitimizadas. Quanto ao motivo da denúncia (tipo de vitimização) destaca-se a negligência dos pais (38,33%), violência física (37,96%), violência psicológica (16,64%), abandono (3,15%), exploração sexual (2,02%) e violência sexual (1,89%). Quanto ao agente agressor destaca-se a MÃE (55,69%), PAI (27,93%), outros familiares (8,79%), padrasto (5,86%) e madrasta (1,72%). Conclusão: Quanto mais novas as crianças maior a incidência de vitimização, sendo a mãe o principal agente agressor; motivo principal a negligência dos pais seguido pela violência física. Entretanto, continua difícil estabelecer estatísticas precisas da vitimização infantil, pois a conspiração de silêncio entre vítima x vitimizador também continua, principalmente no âmbito familiar. Os encaminhamentos para atendimento psicológico continuam restritos aos denunciados por estranhos à família.

Jurema Leão Monte Arraes.

Universidade Federal de Uberlândia.



Família: condições atuais e expectativas futuras de adolescentes em situação de rua.

Adolescentes em situação de rua costumam andar sozinhos ou em grupos pelas ruas, sem nenhum adulto responsável. Isso faz com que estejam mais expostos a riscos do que aqueles cujos pais ou responsáveis conseguem estar mais presentes, mantendo um maior controle sobre a vida e segurança dos adolescentes. Geralmente, acredita-se que essa população possui pouco ou nenhum vínculo com seus familiares e que, também, não apresenta modelos claros para composição de uma família no futuro. Este estudo visa a identificar a situação atual de adolescentes em situação de rua em relação à família e suas expectativas futuras concernentes a este tema. A amostra foi composta por quatorze adolescentes em situação de rua, do sexo masculino, com idades entre 12 e 16 anos, encontrada nas ruas de Porto Alegre, identificada por cinco fatores principais: 1) presença/ausência de um adulto responsável; 2) aparência pessoal; 3) vinculação familiar; 4) local de permanência; e 5) atividades realizadas nas ruas. A equipe de pesquisa inseriu-se ecologicamente no contexto da rua para facilitar a vinculação com os participantes e, assim, garantir uma maior fidedignidade dos dados obtidos. Realizou-se uma entrevista semi-estruturada e, posteriormente, foi entregue a cada adolescente uma câmera fotográfica, solicitando-se que fossem tiradas 12 fotos respondendo à pergunta “Como você se vê no futuro?”. Os participantes foram instruídos sobre o funcionamento da câmera e houve a combinação para devolvê-la após dois dias. Foi entregue um conjunto das fotos para os participantes e, como complementação dos dados da entrevista inicial, conversou-se a respeito da condição atual de suas famílias e de suas expectativas futuras em relação ao tema, utilizando-se as fotografias como referência. Acredita-se que este método possibilite ao próprio participante trazer informações que, por vezes, são preteridas ou, até mesmo, esquecidas pelo pesquisador, enriquecendo o conteúdo fornecido durante a entrevista inicial. Os dados mostraram que adolescentes em situação de rua têm uma família e, geralmente, moram com ela. Observou-se que estas famílias consistem, freqüentemente, de pais separados, morando em locais diferentes com uma parte dos filhos - muitos, inclusive, são de pais ou mães diferentes. Os adolescentes moram, geralmente, com as mães, acompanhadas ou não de novos parceiros, o que não os impede de manter contato com o pai. Alguns pais tentam manter certo controle sobre a ida às ruas, o dormir fora de casa e os lugares que eles freqüentam. Poucos adolescentes relataram não ter contato com suas famílias há um tempo mais longo. Em geral, demonstraram grande preocupação com seus familiares, pois o discurso de ajudá-los, no presente e no futuro, foi bastante recorrente. Observou-se também, que alguns adolescentes acolhiam amigos em suas casas. Quando perguntados se queriam ou não ter uma família no futuro (casar, ter filhos), demonstraram ter esse desejo. No entanto, mostraram-se preocupados em relação ao sustento dessa nova família. Estes dados evidenciam que a situação familiar desses adolescentes deve ser compreendida variando ao longo de um contínuo, no qual em um dos extremos encontrar-se-iam aqueles completamente vinculados e no outro os adolescentes sem qualquer vínculo familiar.

Lucas Neiva Silva; Flávia Wagner; Isabela Steigleder Gozalvo; Sílvia Helena Koller.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



Famílias imigrantes Latino-americanas em Porto Alegre e suas Redes de Apoio Social.

A presente proposta emerge com objetivo de conhecer a situação atual de famílias imigrantes Latino-americanas, econômicas e refugiadas, no contexto sociocultural gaúcho. Com esse estudo pretende-se conhecer os processos de Redes de Apoio na nossa realidade para que, no futuro, se possa elaborar projetos de intervenção psicossocial. Considerando que as Redes Sociais servem como facilitadoras do processo de inserção social, tornamos este o enfoque do nosso estudo. Dessa forma procuramos verificar as Redes Sociais de Apoio entre os imigrantes e a comunidade de acolhida, investigando o acesso dos imigrantes às redes de saúde, educação e trabalho. Os participantes foram seis (06) famílias imigrantes ou refugiadas Latino-americanas, residentes da grande Porto Alegre, e morando há menos de cinco anos no país. Para recolher os dados foram utilizadas entrevistas semi-estruturadas, e os focos foram saúde, trabalho e educação. A partir destes focos, foi levantado o Mapa Estrutural da Rede de Apoio destas famílias, o que permitiu conhecer as diversas formas que as famílias utilizam para acessá-la. Os resultados mostraram possibilidades e dificuldades para acessar e pertencer a estes três contextos.

Jorge Castellá Sarriera; Adolfo Pizzinato; Bruna Espinosa; Carolina Hofstaetter; Maria Cláudia Taveira Mano; Maria Piedad Rangel.

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.



Famílias recasadas e (re)estabelecimento de relações de autoridade e afeto.

Esta pesquisa buscou investigar quais as dinâmicas mais presentes no (re) estabelecimento de vínculos afetivos e de autoridade entre padrastos/madrastas e enteados dependentes que coabitam a mesma residência, componentes de famílias recasadas. A sondagem foi feita com sete casais voluntários que tiveram a configuração do homem no papel de padrasto e mulher no papel de mãe, através de dois questionários aplicados por meio de entrevistas individuais semi-abertas, totalizando 14 sujeitos. O primeiro tipo de questionário contemplou os padrastos e fez referência à relação destes com seus enteados, o segundo tipo teve como sujeito a mãe e buscou colher dados acerca das relações de seus filhos no contexto da família original e, posteriormente, na família recasada, respectivamente com os pais e padrastos. Houve algumas questões iguais para os dois tipos de participantes. Os conteúdos obtidos foram trabalhados qualitativamente através de análise de conteúdo e posterior formulação de categorias. Em cinco famílias o primeiro contato entre padrasto e enteado deu-se logo no início dos relacionamentos afetivos dos casais, sendo que em quatro ocasiões foi marcado pela rejeição do enteado. Após o estabelecimento do novo núcleo, na maior parte das famílias encontrou-se dificuldades relacionais entre padrasto e enteado, sendo que em quatro casos foi pontuado o estabelecimento de afeto e respeito em graus variados e em três casos apenas a existência de respeito, sem envolvimento afetivo por parte do enteado e/ou padrasto. Dentre os problemas mais colocados encontrou-se: rejeição e frieza do enteado, dificuldades advindas da idade destes e ciúmes quanto à presença de um novo membro na família. Não foram encontradas estratégias de aproximação significativas. Em cinco casos registrou-se um decréscimo na qualidade relacional se comparado à família de origem. Todos os padrastos admitiram participar da vida de seus enteados, sendo que 6 de modo restrito, sendo as principais causas a não aceitação do enteado e o medo de desgastar a relação com a parceira quando por ocasião de alguma discordância. No que se refere à influência da relação padrasto-enteado na relação conjugal dos casais, 5 sujeitos afirmaram sua não existência e 9 a sua importância, enxergada principalmente em ocasiões nas quais o padrasto interferiu na vida do enteado e isso causou divergências com sua companheira. A tendência em se remeter ao modelo conjugal anterior ao recasamento dificultou o estabelecimento da afetividade em alguns casos. Para treze sujeitos a experiência do recasamento foi descrita como algo positivo e/ou rico em experiências; apenas um sujeito disse ser desagradável e colocou a presença do enteado como fator determinante nisto. Notou-se que a dinâmica familiar nos casais ouvidos não se mostrou propícia para que o padrasto desempenhasse o papel de autoridade dentro da família. Observou-se a singularidade de relações em cada núcleo e a necessidade de maiores investigações no campo da psicologia sobre o tema que privilegiam e levem em conta esta diversidade.

Clarissa Tenório Sousa; Ilka Dias Bichara

Universidade Federal de Sergipe



Fatores anteriores ao ingresso e destino acadêmico do universitário.

Esta pesquisa envolveu a investigação do comportamento acadêmico de alunos de graduação da UNICAMP. Teve como objetivo analisar as relações entre características dos estudantes, anteriores ao ingresso no ensino superior (background familiar, características individuais e escolaridade anterior) e seu destino acadêmico (curso em andamento conclusão, ou evasão). Os sujeitos foram os alunos ingressantes no ano de 1995, em 15 cursos de graduação da universidade. O conjunto de dados referentes às características anteriores ao ingresso foram provenientes das respostas destes alunos a 26 questões ao questionário Sócio Econômico Cultural, preenchido no ato da inscrição para o vestibular. Os dados sobre a condição acadêmica atual foram obtidos junto a Diretoria Acadêmica, da universidade. A análise da distribuição de frequência dos estudantes formados e evadidos em relação a cada uma das questões indicou que as variáveis: motivo de escolha da carreira de primeira opção, sexo, expectativas quanto ao curso universitário, grau de decisão quanto a primeira opção, realização de outro curso superior, e tipo de escola do ensino médio (particular ou pública) apresentam as mais fortes relações com a condição acadêmica posterior de evasão ou formando.

Elisabeth, M; Oliveira, J.

Universidade Estadual de Campinas.



Fatores associados ao hábito de fumar entre mulheres trabalhadoras.

O objetivo do presente estudo é identificar as variáveis contextuais relacionadas ao uso do tabaco entre mulheres trabalhadoras no Brasil, a fim de elaborar um questionário culturalmente adaptado que possa servir de instrumento para programas de prevenção e tratamento do tabagismo. Para isso, está sendo realizada uma investigação quali-quantitativa. Na primeira etapa foram realizados 22 grupos de discussão, formados com mulheres do mercado de trabalho de Curitiba (Paraná), totalizando 108 participantes (40,7% fumantes, 25% ex-fumantes, e 34,3% não fumantes). As participantes foram recrutadas a partir da sua disponibilidade e interesse, dentro do horário de trabalho, tendo-se para isso estabelecido parceria com 7 empresas de diferentes ramos e porte. As discussões dos grupos foram gravadas em áudio, sendo as fitas transcritas e analisadas posteriormente, de acordo com categorias temáticas pertinentes ao seu conteúdo. Com base em tais categorias, um questionário foi elaborado e submetido à avaliação de 6 profissionais de diferentes áreas. Esse instrumento será testado com um grupo de aproximadamente 60 mulheres e, depois de feitas as adaptações necessárias, o questionário será aplicado para um número maior de trabalhadoras de Curitiba. Espera-se, com essa investigação, obter informações relevantes para validar o instrumento em questão, para que, posteriormente, possam ser investigados outros mercados de trabalho. Essa primeira fase foi realizada com mulheres cuja maioria tem curso universitário ou, ainda, curso de pós-graduação completo e, em média, 33 anos de idade. Nesses grupos, alguns assuntos foram percebidos como mais incidentes, sendo agrupados nas seguintes categorias temáticas: Aspectos Cognitivos, Aspectos Emocionais, Aspectos Sócio-Culturais, Aspectos Situacionais, Facilitadores, Modelagem, Mitos/Justificativas. Percebeu-se que a maioria das mulheres conhece os riscos que o cigarro apresenta à saúde, no entanto, esse não é um fator determinante para que não façam uso do mesmo. Acalmar, relaxar, diminuir a timidez ou ainda sentir prazer, são aspectos relacionados ao cigarro. A inserção em grupos, a elegância, o status, a influência da mídia e até mesmo a competição entre homens e mulheres foram pontos freqüentemente relatados pelas mulheres como motivos para o início e também para a manutenção do uso do cigarro. Algumas situações também foram apresentadas como influenciadoras do uso do cigarro: estar em bares, usar bebidas alcoólicas ou mesmo tomar café. A restrição em ambientes fechados e as novas políticas organizacionais de restrição do uso do tabaco no ambiente de trabalho vêm colaborando para uma mudança de comportamento, o que afetará positivamente a saúde da mulher trabalhadora. Inicialmente, foi possível verificar que não existe uma relação direta entre pais fumantes e filhos que desenvolvem o hábito de fumar. Por outro lado, essa influência se dá, principalmente, em função do círculo de amizades. Outro dado que chama a atenção é o fato de que as atuais fotos veiculadas nos maços de cigarro tenham sido consideradas pelas participantes uma tentativa ineficiente de inibição do consumo de tabaco.

Isabel Scarinci; Daniele Figueired; Neiva Melamed; Bettina Beech.

Humana Consultoria; Universidade de Memphis – EUA.



Fatores de risco e proteção à adaptação psicológica em crianças adotadas.

Desde os anos 60, diversas pesquisas têm enfatizado os processos de adaptação psicológica dos indivíduos frente a situações adversas, dentre as quais, a adoção. Em geral, os estudos revelam uma relativa super representação dos adotados na população clínica e apontam, como fatores de risco, a exposição a cuidados inadequados, o desconhecimento da origem genealógica e o estigma social, entre outros. Dentre os fatores protetivos, observa-se que o estilo parental interage com o tipo de filiação e modera diversas variáveis psicológicas (como auto-estima e depressão). Assim, visto que pais adotivos são significativamente mais indulgentes e menos negligentes do que pais biológicos, diferenças em relação à adaptação dos adotados podem estar relacionadas ao efeito das estratégias de socialização parentais.

Caroline Tozzi Reppold.

UFRGS/UNOESC.



Fatores para recusa de compra no mercado informal de ambulantes em sinais de trânsito.

Com esta pesquisa pretende-se desvendar as motivações que levam os indivíduos a adquirirem ou não os bens provenientes do mercado informal, identificar suas necessidades, sentimentos, emoções e atitudes a respeito dos produtos. Esta caracteriza-se pela apresentação de um tema dotado de caráter pioneiro no meio acadêmico: a psicologia do consumidor para o mercado informal. A economia informal no Brasil tem se desenvolvido de forma intensa constituindo ainda uma questão polêmica, geradora inúmeras controvérsias sociais. Um levantamento feito pelo IBGE em 2002 constatou que cerca de 37% dos trabalhadores fluminenses atuam no mercado informal. O assunto proposto também dá margem à questão da conveniência da compra e da sua decisão onde buscou-se enquadrar a discussão em tendências definidas por Popcorn (1003). Considerou-se o estudo do comportamento do consumidor (Schiffman e Kanuk, 1999), o estudo de como os indivíduos tomam decisões de gastar seus recursos disponíveis em itens relacionados ao consumo, englobando o estudo de o que compram, por que compram, quando compram, onde compram, com que frequência compram e com que frequência usam o que compram. Como amostra, definiu-se motoristas desacompanhados de ambos os sexos em carros de passeios selecionados randomicamente. Foi realizado estudo piloto com perguntas abertas, cujas respostas balizaram o questionário definitivo com 7 perguntas que foram feitas verbalmente, 2 a 2 e em seguida, apresentava-se um disco com respostas para que o sujeito apontasse a mais apropriada. 32% considera que o trabalho dos paraplégicos neste local é um trabalho digno [entretanto a palavra trabalho não apareceu no teste piloto com respostas abertas] ao passo que 24% consideram um exemplo de vida e 20%, sacrificante. Apesar de não terem feito compra no momento da entrevista, 69,7% alegaram já terem comprado produtos de paraplégicos ambulantes e afirmaram que o fizeram porque precisam de um emprego [52,2%] ou é uma forma de fazer caridade [43,5%]. Dos 30,3% que alegaram nunca terem comprado produtos de paraplégicos ambulantes, 60% afirmaram que é um dever do governo cuidar deles enquanto 20% não gostam do produto e 20% consideram que fazer caridade não é solução para o problema deles. 81,3% afirmaram que a chance de comprar aumentaria caso gostasse dos produtos. Entre as respostas sobre outros tipos de produtos ou outros tipos de balas, pareceu não haver uma tendência importante. A maioria da amostra relaciona a compra ou a não compra a questões sociais contra apenas 3% dos que afirmaram comprar em outras ocasiões o fazem porque gostam do produto. A pesquisa aponta para a necessidade de se modificar os produtos oferecidos buscando itens mais apropriados ao público-alvo. Este novo problema consiste o desafio de uma próxima fase desta investigação. Por outro lado, uma forma de aumentar vendas seria investir na responsabilidade social, tema em voga atualmente destacando o caráter social da compra. Espera-se com o presente trabalho lançar luz sobre as dinâmicas motivacionais dos consumidores e abrir caminho para tal pesquisa no mercado informal brasileiro.

Ana Flávia Azevedo Moura; Érica dos Santos Vieira; Hugo Sandall; Luciana Veríssimo; Renata Prudencio da Silva; Márcia Moraes



Fatores para recusa de compra no mercado informal de ambulantes em sinais de trânsito.

Com esta pesquisa pretende-se desvendar as motivações que levam os indivíduos a adquirirem ou não os bens provenientes do mercado informal, identificar suas necessidades, sentimentos, emoções e atitudes a respeito dos produtos. Esta caracteriza-se pela apresentação de um tema dotado de caráter pioneiro no meio acadêmico: a psicologia do consumidor para o mercado informal. A economia informal no Brasil tem se desenvolvido de forma intensa constituindo ainda uma questão polêmica, geradora inúmeras controvérsias sociais. Um levantamento feito pelo IBGE em 2002 constatou que cerca de 37% dos trabalhadores fluminenses atuam no mercado informal. O assunto proposto também dá margem à questão da conveniência da compra e da sua decisão onde buscou-se enquadrar a discussão em tendências definidas por Popcorn (1003). Considerou-se o estudo do comportamento do consumidor (Schiffman e Kanuk, 1999), o estudo de como os indivíduos tomam decisões de gastar seus recursos disponíveis em itens relacionados ao consumo, englobando o estudo de o que compram, por que compram, quando compram, onde compram, com que frequência compram e com que frequência usam o que compram. Como amostra, definiu-se motoristas desacompanhados de ambos os sexos em carros de passeios selecionados randomicamente. Foi realizado estudo piloto com perguntas abertas, cujas respostas balizaram o questionário definitivo com 7 perguntas que foram feitas verbalmente, 2 a 2 e em seguida, apresentava-se um disco com respostas para que o sujeito apontasse a mais apropriada. 32% considera que o trabalho dos paraplégicos neste local é um trabalho digno [entretanto a palavra trabalho não apareceu no teste piloto com respostas abertas] ao passo que 24% consideram um exemplo de vida e 20%, sacrificante. Apesar de não terem feito compra no momento da entrevista, 69,7% alegaram já terem comprado produtos de paraplégicos ambulantes e afirmaram que o fizeram porque precisam de um emprego [52,2%] ou é uma forma de fazer caridade [43,5%]. Dos 30,3% que alegaram nunca terem comprado produtos de paraplégicos ambulantes, 60% afirmaram que é um dever do governo cuidar deles enquanto 20% não gostam do produto e 20% consideram que fazer caridade não é solução para o problema deles. 81,3% afirmaram que a chance de comprar aumentaria caso gostasse dos produtos. Entre as respostas sobre outros tipos de produtos ou outros tipos de balas, pareceu não haver uma tendência importante. A maioria da amostra relaciona a compra ou a não compra a questões sociais contra apenas 3% dos que afirmaram comprar em outras ocasiões o fazem porque gostam do produto. A pesquisa aponta para a necessidade de se modificar os produtos oferecidos buscando itens mais apropriados ao público-alvo. Este novo problema consiste o desafio de uma próxima fase desta investigação. Por outro lado, uma forma de aumentar vendas seria investir na responsabilidade social, tema em voga atualmente destacando o caráter social da compra. Espera-se com o presente trabalho lançar luz sobre as dinâmicas motivacionais dos consumidores e abrir caminho para tal pesquisa no mercado informal brasileiro.

Ana Flávia Azevedo Moura; Érica dos Santos Vieira; Hugo Sandall; Luciana Veríssimo; Renata Prudencio da Silva; Francisco de Assis Palharini; Márcia Moraes



Fatores que influenciam no início do relacionamento amoroso.

Ao serem questionadas sobre como iniciaram seus namoros atuais, as pessoas tendem a apresentar vários motivos pelos quais se envolveram com seus parceiros amorosos. Frequentemente atribui-se ao início do relacionamento amoroso, explicações como "signos compatíveis" ou "atração entre opostos". Objetivando-se investigar de modo científico, quais fatores contribuíram para o início dos relacionamentos amorosos, foram entrevistados 10 estudantes de pós-graduação, sendo 6 homens e 4 mulheres. A análise qualitativa das entrevistas constatou que certas variáveis parecem atuar como facilitadores de relacionamentos amorosos. Todos os entrevistados mencionaram pelo menos um dos seguintes caminhos (Amélio, 2001): Relacionamento Extra-amoroso (relacionamento prévio ao namoro), Apresentação por um conhecido em comum, Flerte com Desconhecidos, uso de Serviços (ex: Internet) ou Encontros Acidentais. As entrevistas evidenciaram que a Apresentação dos parceiros por um conhecido em comum contribuiu para motivar o indivíduo a conhecer a pessoa que lhe foi apresentada. Verificou-se também a influência do Estilo de Amor (Lee, 1988) de cada entrevistado em uma nova relação amorosa: Eros, Ludos, Estorge, Mania, Pragma e Ágape. A maioria dos homens e mulheres possuíam o estilo Eros, que procuraram envolver-se com pessoas que possuem certas características físicas que apreciam; o segundo estilo mais freqüente entre os entrevistados foi Estorge, sendo que estes sujeitos se relacionaram com as pessoas que estavam mais próximas, com as quais já mantinham algum relacionamento e que faziam as mesmas atividades que elas. Ao ser analisado o nível de timidez dos sujeitos, observou-se que os indivíduos menos tímidos demonstraram melhor desempenho no Flerte com Desconhecidos; por sua vez, os tímidos-sociáveis apresentaram maior ansiedade do que outros indivíduos, assim como maiores dificuldades para flertar com desconhecidos. A sinceridade e a atração mútua também influenciaram positivamente os namoros dos sujeitos.

Amélio; Ailton Neves; Eduardo Campos A.

Universidade de São Paulo - USP.



Fazendo arte, re-fazendo a vida.

O Projeto Aprender, Brincar, Crescer (ABC) foi idealizado pela Secretaria da Assistência Social de Assis-SP, afim de assistir crianças em situação considerada de risco social e pessoal, com o objetivo principal de impedir que estas permaneçam na rua no período oposto ao da escola. São atendidas cerca de cem crianças entre seis e doze anos de idade, que vêm através do Conselho Tutelar, do Projeto Fuja da Rua ou dos próprios pais ou responsáveis. A elas são oferecidas oficinas de expressão, circo, street dance, teatro, capoeira, judô, música e reforço escolar. O projeto conta com profissionais e estagiários da área da saúde, psicologia, pedagogia, assistência social e educação física. A Oficina de Artes Plásticas faz parte do conjunto de atividades expressivas desenvolvidas pelos estagiários do curso de psicologia da Unesp/Assis. Por meio dos artifícios das artes plásticas (desenho, pintura, colagem, escultura, entre outros), este trabalho visa a construção de um espaço que possibilite a livre expressão da subjetividade destas crianças. A partir do processo de criação que se inicia com o simples manuseio do material e se estende até a constituição de um objeto artístico, e porque não, de uma obra de arte, a criança tem a oportunidade de lançar seu olhar sobre o mundo e apresentá-lo ao outro. Além disso, as atividades que acontecem em grupo instigam e apuram o convívio social. Esta vivência certamente polemiza questões como da cidadania e dos direitos humanos, possibilitando que estes temas sejam discutidos na prática, no momento mesmo em que se vive. A arte então, torna-se um instrumento através do qual a criança pode falar sobre o mundo que a atravessa e que é por ela atravessado. É na produção artística que o desejo contido, a palavra proibida, o medo trancafiado, a violência sofrida, podem tomar forma e dar ao sujeito uma “voz”, onde antes só era permitido o silêncio.

Mano, Milena da Silva; Lauer, Paula Carvalho.

UNESP – Assis.



Festas Raves (Trance): O Dionisíaco Ainda Está Presente?

Este trabalho pretende identificar os tipos de personalidade das pessoas que freqüentam as festas trance, bem como os objetivos pelos quais se orientam. Além de tentar identificar através do discurso dos freqüentadores a presença do "espírito" dionisíaco nas mesmas. As festas chamadas 'Raves' começaram a surgir na década de 80 na Inglaterra.. Atualmente, as festas Trance, funcionam assim: os promoters alugam chácaras ou pequenos sítios, levam para lá os equipamentos, onde os Djs fazem apresentações, decoração fluorescente psicodélica, atrações visuais, e malabaristas, completam o clima. As festas geralmente duram três dias e as pessoas acampam no local. As drogas mais usadas são a maconha, o ecstasy e o LSD. Cabe lembrar que nem todos, obviamente, estão drogados numa rave. O trance conquista sobretudo a nova geração, com pouca história musical e ou de cultura da noite, interessada apenas na energia daquele movimento. Através de observações diretas, constatou-se que nesse tipo de festa a atmosfera criada é acolhedora, amável e fraterna; todos se sentem bem, vivenciam um espírito coletivo dificilmente observado no dia-a-dia. De acordo com a teoria psicanalítica o ser humano é por natureza um "ser faltante", no entanto, nos dias atuais, ele está lutando de todas as formas para negar esta sua condição. O espaço e o tempo do inesperado, do criativo é banido e a parafernália tecnológica tudo pode prever. Ilusão de Domínio total e absoluto que gera mentes alucinadas que não podem suportar a dor da separação, da diferenciação e da angústia. É neste contexto que observou-se que certos tipos de pessoas buscam as festas com o objetivo de negar a realidade angustiante do dia-a-dia. As drogas usadas servem de artifício para que isto ocorra. Além disso, fazer parte da "tribo trance" cria uma ilusão de segurança, o que se reflete na intolerância com outros tipos de situações sociais. Em contrapartida existem pessoas que se dão conta da sua condição humana, sabem suportar e conviver com a angústia, no entanto, utilizam-se das festas com o intuito de expandir a sua consciência, transcendendo-se, ultrapassando a visão alienante e individualizante do sistema capitalista, com os recursos oferecidos pela própria sociedade. Com base nos primeiros escritos de Nietzsche, tentar-se-à, através do discurso dos freqüentadores, analisar a presença do "espírito" dionisíaco nas festas, ou a sua "captura" pelos valores da cultura atual. De acordo com a fundamentação teórica utilizada, o mundo seria dividido metafisicamente, em um mundo da aparência (apolíneo) e o mundo da essência (dionisíaco). Apolo: traz em si o signo da ordem e da medida, e sua lei é a que garante a individuação. Já Dionísio, deus da embriaguez e das orgias, responsável por toda e qualquer transfiguração do mundo. Os indivíduos que o seguiam, seus entusiastas, cantavam e dançavam em seu nome. A música seria neste contexto o meio capaz de conduzir o homem à intuição simbólica do verdadeiro significado da vida, experiência que acredita-se não ser alcançável simplesmente através da aparência e da beleza apolínea.

Marina Cardoso de Oliveira; Ana Flávia N. Nascimento; Caio César Souza Camargo Próchno

Universidade Federal de Uberlândia



Formação de competências nos alunos de Psicologia: aspectos da prática profissional de professor.

Há o reconhecimento de que a formação de competências nos alunos, continua sendo um desafio nas ciências cognitivas, como na didática. Esta comunicação está estruturada em torno de três questões centrais que abarcam a noção de competência. A primeira apresenta as mudanças de um ensino que deixa de ser uma atividade de mero repasse de informações para um ensino voltado para a formação de competências nos alunos, como novo paradigma curricular. A segunda contém elementos sobre a dinâmica da formação para desenvolver competências nos alunos, mais especificamente a capacidade de mobilizar e efetivar saberes que os transformam em competências. Finalmente, a terceira identifica premissas para uma formação articulada à prática, a partir de uma experiência de formação de alunos do 2º semestre do curso de Psicologia, na Universidade São Marcos. Sob esse prisma, torna-se obsoleta a formação que privilegia a memorização, o acúmulo da informação pela informação sem dar a ela um sentido e uma aplicabilidade real. Ou seja, na formação para desenvolver competências nos alunos é preciso, antes de tudo, trabalhar por problemas e por projetos, propor tarefas complexas e desafios que incitem os alunos a mobilizar seus conhecimentos e, em certa medida, completá-los. Não se trata de uma situação didática qualquer, que se limita a estimular as capacidades de raciocínio, argumentação, observação e imaginação porque os docentes já a fazem em sala de aula. No campo dos aprendizados gerais, o aluno será levado a construir competências de alto nível somente confrontando-se, regular e intensivamente, com problemas numerosos, complexos e realistas, que mobilizem diversos tipos de recursos cognitivos. É preciso desenvolver esquemas de ação que permitam mobilizar e efetivar saberes que os transformam em competências. Sem esquemas de ação, não há competências. E os esquemas de ação podem ser objetos de aprendizagem. Para tanto, há decisões didáticas e metodológicas que deverão orientar a atividade do professor e dos alunos para uma aprendizagem eficaz. Alguns dos principais esquemas de ação que permitem instrumentalizar essa didática são chamados de contextualização e interdisciplinaridade. Contextualizar o ensino significa vincular os conhecimentos aos lugares onde foram criados e aplicados, isto é, à vida real. A interdisciplinaridade busca, de modo geral, o estabelecimento de uma intercomunicação efetiva entre as disciplinas, por meio do enriquecimento entre elas. O exercício prático de pesquisa, a contextualização do problema e o desenvolvimento de atividades integradas, tanto vertical como horizontalmente, ao longo da grade curricular, pautadas em disciplinas que se apresentam como eixo dessas atividades: Metodologia Científica, Estatística, Psicologia e Sociologia, apontam premissas de uma formação teórica articulada à prática, visando a construção de competências nos alunos de Psicologia.

Regina Celi Ozeki Saravalle.

Universidade São Marcos.



Formação de relações de equivalência através de um procedimento computadorizado em escola pública.

O censo escolar tem apontado que, mesmo mais reduzido que na década anterior, os índices de analfabetismo da rede pública continuam altos, e a tendência de transferir para os alunos os problemas da sala de aula, culpando-os pelo fracasso, tem favorecido o aumento de índices de repetência e evasão escolar. Por essas razões, o presente projeto enfocou a área da aprendizagem que lida com a aquisição da leitura e escrita, isto é do comportamento textual. Para a realização desse trabalho, utilizou-se um programa de ensino informatizado, desenvolvido por Goyos e Almeida (1994), denominado Mestre@ e instalado no Laboratório de Informática da escola. Os objetivos foram: a) o ensino de um repertório de leitura e escrita, composto de palavras regularmente utilizadas nas séries iniciais, porém relacionadas entre si e b) o desenvolvimento e sistematização de um procedimento de ensino, via software, a um grupo de 12 crianças da 1a série do Ensino Fundamental com dificuldades de aprendizagem em leitura e escrita. A tarefa organizada neste programa, conhecida como escolha de acordo com o modelo, permite o ensino de várias habilidades acadêmicas, como leitura e escrita, além de permitir a programação de outros conteúdos e habilidades escolares. Além da leitura e escrita textuais, o procedimento tem propiciado também a emergência de leitura e escrita não diretamente ensinada, isto é, generalização. O procedimento utilizado foi o de exclusão, usado para expandir, gradualmente, o repertório de pareamentos entre modelos e estímulos de comparação. A base do procedimento de exclusão consistiu na presença, em cada tentativa de pareamento, de dois estímulos de comparação, sendo um deles conhecido pelo participante. Durante o ensino das relações AF (estímulo auditivo – anagrama) e CF (palavra impressa – anagrama), era solicitado também, a um grupo de participantes, a nomeação oral (D) do estímulo modelo antes de escolher e ou montar as palavras relativas que estavam sendo ensinadas. Os resultados indicam que, neste programa, o procedimento de exclusão proporcionou uma alta probabilidade da aprendizagem sem erro das relações AC (pareamento de palavras ditadas com palavras impressas), AB (pareamento de palavras ditadas com figuras), AF (nomeação [D] e montagem das palavras de ensino sob controle do ditado) e CF (nomeação [D] e montagem das palavras de ensino sob controle das palavras impressas). Pode-se concluir que as relações ensinadas e testadas demonstram que o programa computadorizado é factível de ser usado com alunos de uma escola da rede pública que apresentam dificuldades de aprendizagem, principalmente em leitura e escrita, fazendo com que o computador possa ser usado para funções mais significativas, do que apenas para a realização regular de tarefas escolares e acesso à Internet.

José Gonçalves Medeiros; Ana Carolina Seara Simone; Analu Regis Fernandes; Raquel Guedes Pimentel

Universidade Federal de Santa Catarina; CNPq; PIBIC



Formação do Psicólogo Hospitalar.

Sabe-se que os cursos de graduação, em geral, não fornecem para o Psicólogo subsídios teórico e prático para uma atuação pertinente a realidade institucional. O profissional que deseja ingressar no trabalho institucional percebe a necessidade de buscar uma Especialização. Assim, este estudo tem por objetivo verificar a importância da Especialização para atuação na área hospitalar. Utilizou-se uma análise qualitativa a partir do material obtido da atividade desenvolvida durante uma dinâmica de grupo. A amostra constou de 30 alunas especializandas, recém formadas, com idade média de 25 anos. Ao serem aprovadas no Processo Seletivo para o Curso de Especialização Livre em Psicologia Hospitalar da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, as alunas foram convidadas a participarem de uma dinâmica de grupo onde foram incentivadas a representar, utilizando desenhos e/ou colagens, a expectativa com relação ao papel do Psicólogo Hospitalar. Ao final de um ano, época em que termina o Curso, elas participaram de outra dinâmica, e nesta, realizaram a mesma atividade, desta vez, representando a atuação do Psicólogo Hospitalar, receberam o primeiro trabalho e fizeram uma análise comparativa entre os dois. Observou-se que o ingresso na área foi marcado pela busca de conhecimento, de relacionamentos interpessoais, de novos desafios, sustentado na idéia de que o Psicólogo é aquele que acolhe a dor do outro. Ao final da experiência de um ano, percebeu-se que através da vivência, as alunas passaram a perceber de forma mais realista a abrangência e também as limitações próprias do trabalho do Psicólogo no Hospital. Concluímos que o primeiro ano do Curso de Especialização permite o contato com as especificidades institucionais, e da prática do Psicólogo Hospitalar, e que é a partir daí que a teoria e a técnica são compreendidas e aplicadas.

Lopes, S.R.A; Rodrigues, R.T.S.; Benedetti, C

Santa Casa de Misericórdia de São Paulo



Formação docente para o Diagnóstico das Dificuldades de leitura e de escrita: um estudo de caso.

A formação docente para o diagnóstico das dificuldades de leitura e de escrita configura-se um elemento primordial na profissionalização dos professores que atuam na educação básica, e é um meio para a prevenção das dificuldades de aprendizagem. Os professores que realizam um diagnóstico das dificuldades de leitura e de escrita adequado têm a possibilidade de oferecer ao aluno uma intervenção que propicie o seu desenvolvimento. Cabe ao professor do ensino regular a responsabilidade pelo processo de aprendizagem dos alunos com dificuldades de leitura e de escrita, e na grande maioria das vezes os professores não estão preparados para mediar essa aprendizagem. Se na escola não há um conhecimento claro sobre o diagnóstico das dificuldades de leitura e de escrita, isto poderá provocar distorções nas formas de identificá-las e nas estratégias de intervenção, podendo colaborar para legitimar o fracasso escolar, a segregação e exclusão dos alunos com tais dificuldades. Para evitar que isto aconteça, é necessário que os professores estejam capacitados para enfrentar estas dificuldades. Na teoria de Vigotski (1896-1934), o professor tem que ter o domínio de sua atividade, tendo em vista que a instrução escolar ocorre sobre funções psicológicas que não estão maduras, então na medida que o professor orienta uma tarefa e o aluno executa esta atividade, está sendo gerada uma aprendizagem que conduz ao desenvolvimento cognitivo. Em virtude disso os objetivos desta investigação foram analisar a formação dos professores para o diagnóstico das dificuldades de leitura e de escrita e o modo como os professores executavam este diagnóstico, bem como identificar as respostas educativas oferecidas pela escola aos alunos, para o enfrentamento destas dificuldades. A abordagem desta pesquisa é qualitativa. Foi realizado um estudo com as agências formadoras, e professores do segundo ciclo da educação básica, para investigar como ocorre a formação de professores nesta temática na cidade de Tauá-Ceará. Os resultados revelaram que não há nos cursos de Formação de Professores oferecidos pelas universidades, e pelas secretarias de educação estadual e municipal nenhum conteúdo sobre o tema estudado. No cotidiano escolar os professores diagnosticam os alunos utilizando o saber da experiência e conhecimentos assépticos de fundamentação teórica adequada. Os professores realizam este diagnóstico sozinhos, sem o acompanhamento da família e/ou de especialistas. Estes dados da realidade da formação de professores em Tauá-Ce, revelou a necessidade da elaboração de um programa de formação nesta temática que propicie espaços para discussão sobre o diagnóstico das dificuldades de leitura e de escrita como um meio de oferecer ao docente um processo de apropriação e reflexão de saberes para interlocução entre os conhecimentos teóricos e práticos relacionados ao diagnóstico.

Marbênia Gonçalves Almeida Bastos.

Universidade Estadual do Ceará – UECE; Centro de Educação, Ciências e Tecnologia da Região dos Inhamuns - CECITEC.



“Formação na ação Pedagógica de Matemática”.

Temos como objetivo apresentar neste painel um dos aspectos abordados com os professores de Matemática do ensino fundamental na formação continuada, a reflexão contextualizada e a análise de situações práticas. A apresentação se fará através de fotografias das etapas das atividades diversificadas, aplicadas em sala de aula dos ciclos III e IV do ensino, bem como, exposição das próprias atividades. Através das atividades diversificadas e contextualizadas socializadas durante os encontros de formação continuada, que nós refletimos sobre os pressupostos pedagógicos com a preocupação de ocorrer uma aprendizagem significativa. Partindo de uma expectativa de ensino e aprendizagem os pressupostos pedagógicos que aparecem nas atividades diversificadas e no plano docente são: - Mobilizar o aluno para o conhecimento; - Ação investigativa - levantamentos conhecimentos prévios; - Situação-problema- desafiadora - problematização; - Conflito cognitivo e - Aprendizagem significativa.

Tentando contemplar a interdisciplinaridade, transversalidade e integrar as unidades significativas da matemática. Trata-se de uma das estratégias de formação que melhor responde à necessidade de tornar um professor capaz de utilizar, no contexto da sala de aula, os conhecimentos pedagógicos construídos no processo de formação. Através da tematização de situações práticas que os professores desenvolvem o pensamento prático-reflexivo. Neste processo, produzem conhecimentos pedagógicos através de suas investigações, podem ver os acontecimentos sob diferentes prismas, consideram aspectos aparentemente irrelevantes como muito importantes e vice-versa, problematizam, levantam hipóteses, identificam e nomeiam as dificuldades para buscar soluções e alternativas de ação, elaboram propostas de intervenção didática, refletem e discutem a adequação das mesmas etc. Ao analisar atividades os professores convertem-se em participantes ativos, usam seus conhecimentos e experiências prévios, explicitam suas crenças e valores pessoais, e dizem como fariam para resolver determinadas situações que farão parte futuramente de sua prática profissional. Tematizar práticas que ampliem o repertório de atividades do professor e proponham situações significativas e desafiadoras para serem trabalhadas com os alunos e depois criticadas é de fundamental importância porque muito da aprendizagem de novas competências depende de bons modelos de atuação. Ter como referência bons modelos de atuação a partir da prática de outros professores, ou das sugestões de atividades oferecidas, parece ser o canal viabilizador da introdução de mudanças no trabalho pedagógico, podendo criar condições para incorporação de idéias e implementações futuras de novas atividades. É importante, contudo, a possibilidade de eles serem analisados, desmontados, contrapostos às práticas vigentes e assumidos ou rejeitados de forma a mais consciente e crítica possível.

Jaqueline Oliveira Silva Ribeiro; Ana Maria da Silva.

SESI – Diretoria de Educação Básica.



Formas e divulgação do conhecimento produzido pelas teses e dissertações em um programa de pós-graduação em educação.

A divulgação do conhecimento produzido em teses e dissertações, dentro dos programas de pós-graduação, é de suma importância para a continuidade do desenvolvimento da comunidade científica e o acúmulo de novos saberes. Sendo a pesquisa científica uma realização do pesquisador, enfatiza-se a importância da divulgação da mesma, bem como a relevância da análise dos veículos formais e informais, seus resultados e sua abrangência. Nesse sentido, o presente estudo tem como objetivo compreender as formas e o alcance do conhecimento produzido dentro do programa de pós-graduação, na área de concentração de “Psicologia Educacional”, da Universidade Estadual de Campinas. Buscou-se identificar, por meio da resposta com o questionário, as formas pelas quais os titulados têm divulgado suas pesquisas. O público alvo deste estudo foi o conjunto dos titulados pela área de concentração em Psicologia Educacional da Faculdade de Educação da UNICAMP. Para tanto, foram utilizados questionários específicos de acordo com a titulação do pesquisador (mestrado, doutorado ou mestrado e doutorado). O instrumento foi respondido por 37 titulados. Os dados coletados foram analisados em função dos tipos de questões apresentadas. Os resultados permitiram identificar a existência de uma ampla divulgação da produção elaborada (dissertação e tese) para a conclusão do programa de pós-graduação, tanto em nível de mestrado quanto de doutorado. Os modos de divulgação mais utilizados foram os periódicos nacionais, os livros ou capítulos de livros, bem como a divulgação em Congressos nacionais e internacionais. Os meios mais utilizados para divulgação destas produções foram: 19% em Periódicos Nacionais; 4% em Periódicos Internacionais; 22% em livros; 30% em Congressos Nacionais; 17% em Congressos Internacionais; 8% em outros meios de divulgação. Cabe ainda lembrar que 13% dos titulados afirmam que não divulgaram os trabalhos desenvolvidos durante sua passagem pelo mestrado e/ou doutorado. É importante ressaltar que, se agruparmos a produção que foi divulgada em periódicos e livros ou capítulos de livros, obtemos o percentual de 45% dos trabalhos divulgados. Este resultado sinaliza um fortalecimento da produção escrita como forma de divulgação dos estudos realizados.

Aglay Sanches Fronza Martins; Adriane Martins Soares; Roberta Gurgel Azzi

CNPq/Unicamp; Fapesp/Unicamp; Faculdade de Educação- FE- UNICAMP



Fortalecimento da Associação dos Trabalhadores Rurais como elemento fundamental do desenvolvimento social.

As políticas públicas apregoam que seu sucesso esta incondicionalmente ligada ao ato de forjar a sustentabilidade nas áreas de assentamentos rurais a partir de um planejamento e de uma gestão social concreta. Desta forma, é importante garantir não só a terra para plantio; é necessário dar aos trabalhadores assentados condições de manutenção e exploração da terra para que estes passem a ser responsáveis pelo processo produtivo, visando um aumento da produção e o rendimento do trabalho. Este processo apresenta um significado político, social e econômico, já que o objetiva a integração dos assentados, na dinâmica própria das economias locais e regionais, gerando indivíduos de decisão e participação ativa nos distintos mercados do país. Ter uma visão empresarial das atividades produtivas, da relação entre investimento, tecnologia, organização e gestão, permite que o trabalhador rural lute pela satisfação de suas necessidades socioeconômicas e não exclusivamente as de sobrevivência imediata. O desenvolvimento dos Assentamentos Rurais não está atrelado unicamente a condições materiais, mas também sociais, como as de educação, moradia, saúde e lazer. A conquista destas condições se iniciam com a compreensão de que há interesses coletivos que somente se materializarão através de práticas coletivas. Nesta prática profissional estabeleceram-se como objetivos: (a) fortalecer a direção da Associação, vislumbrando o desenvolvimento social do Assentamento; (b) elaboração, efetivação e a real participação dos assentados num plano de ação; (c) capacitar a direção da associação para gerir e intervir politicamente frente aos órgãos externos. A atividade foi realizada junto a Diretoria da Associação do Assentamento Rural de Massangana III, localizado no Km 57 da BR 230 no Município de Cruz do Espírito Santo. Utilizaram-se as técnicas de visualização, observação direta, dinâmica de grupo para capacitação ativa, debates, sensibilização e a capacitação imersa, as quais permitiram que durante as discussões e na assessoria das práticas realizadas pela direção (reuniões, assembléias, prestações de contas, oficinas, etc) fossem desenvolvidos os conceitos de gestão democrática e participação da vida comunitária. Entre os resultados obtidos percebeu-se, a partir dos relatos orais dos membros da direção da Associação e da comunidade em geral, a melhoria das relações entre os membros da diretoria e os assentados e um aumento de encaminhamentos feitos com uma maior participação de todos, o que acabou por concretizar, por exemplo, a presença de um programa de geração de renda financiado pelo governo federal. Tais atividades na área rural estabeleceu uma troca de saberes positiva, que desencadeou um processo de mudança da mentalidade dos envolvidos, assim como também possibilitou uma melhor compreensão da dinâmica da comunidade, considerando sua materialidade histórica e de como se faz imperativo o psicólogo social na práxis da transformação social.

Thaís Santos de Almeida; Moisés de Lima André; Maria de Lourdes Sarmento.

Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.



Gênero e violência nas delegacias da mulher.

Delegacia da Mulher é, supostamente, o local onde mulheres podem pedir ajuda em um caso de ajuda em caso de ameaça ou sofrimento de maus tratos. Estas mulheres que buscam ajuda seriam atendidas por pessoas que, tanto conhecem e compreendem os problemas sofridos por elas numa sociedade preconceituosa e sexista, quanto sabem o que e como fazer para o encaminhamento de soluções satisfatórias para a sociedade como um todo. Entretanto, ecos de notícias veiculadas pelos meios de comunicação, leitura de artigos científicos que tratam do tema e, mais recentemente, o pedido de um projeto de trabalho para as Delegacias de Mulheres, que estão encontrando vários tipos de dificuldades no trato com sua clientela, nos mostra que a realidade é diferente. Sendo assim, esse estudo busca responder algumas perguntas, com objetivo de levar a cabo uma política de atenção do trabalho, visando elucidar as causas que conduzem ao sentimento de auto-marginalização dentro das instituições policiais. O que é uma Delegacia da Mulher? Quem trabalha ali? Quais são seus objetivos? Que problemas enfrentam diariamente e como se sentem frente a esses? Esses profissionais conhecem o perfil das mulheres que vão em busca de ajuda e têm reais condições de ajudá-las?: - Nesse sentido, procuramos entender os conceitos de relacionamento e família que essas mulheres vítimas de violência possuem, a fim de observar antecedentes da situação que estão vivendo. O enfoque na violência de gênero faz-se necessário uma vez que ainda vivemos em uma sociedade em que muitos homens sentem-se no direito de agredir. Estas questões são analisadas e permitem, além do reconhecimento e satisfação de necessidades das Delegacias da Mulher e da oportunidade de novas pesquisas serem desenvolvidas nesta área, que entendamos quem são as mulheres que buscam apoio nessas instituições e seus reais objetivos nesse sentido. Para isso, utilizamos como instrumento entrevistas semi-estruturadas, aplicadas em funcionários/as e Delegadas de Delegacias da Mulher, permitindo que expressem suas opiniões a cerca das necessidades que observam. É utilizado o método de análise de conteúdo para a organização dos dados das entrevistas e as teorias de gênero para a análise e interpretação referidos dados.

Marlene Neves Strey; Priscilla Wagner Sternberg.

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.



Grau de Satisfação dos egressos do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná formados nos anos de 1998 e 1999.

Satisfação refere-se as variações afetivas resultantes da comparação entre aquilo que se espera de uma atividade e o que se obtém da mesma. O presente relato mostra o grau de satisfação verificado, dos egressos do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) formados nos anos de 1998 e 1999. Através de listagens, com nomes e telefones dos ex-alunos de Psicologia obtidas no IPP – Instituto Paranaense de Psicologia – deu-se início à aplicação dos questionários. Realizou-se uma amostra piloto, aplicado em dois egressos do curso de Psicologia, sendo um da UTP – Universidade Tuiuti do Paraná – e outro da UFPR – Universidade Federal do Paraná. Foram validados 24 questionários, sendo 12 de egressos do ano de 1998 e 12 de egressos de 1999. Além do grau de satisfação, verificou-se também, a aptidão, o interesse, a motivação e outros fatores de possível influência na mesma, antes, durante e após a conclusão do curso. Como resultados, verificou-se que 50% dos egressos de 1998 e 41,7% dos egressos de 1999 encontram-se satisfeitos com a profissão de psicólogo, gerando um total de 45,8% de satisfeitos nos dois anos, onde a inter-relação entre as variáveis determinou e qualificou o grau de satisfação dos indivíduos dessa amostra. Acentua-se que a presente pesquisa encontra-se em processo de atualização e ampliação da amostra com egressos de 2000 e 2001 deste curso.

Marcia Regina Corrêa; Marcia Rosangela Kloss; Tamila Sohn Fagundes; Tatiana Batista da Silveira; Vanessa Goulart; Marilza Bertassoni Mestre.

PUC-PR; UFPR; USP-SP.



Gravidez na adolescência: sentimentos e expectativas.

A questão da gravidez na adolescência tem sido estudada por diversos pesquisadores tendo em vista o aumento da incidência de gestações nesta faixa etária, o que já tem sido considerado um problema de saúde pública. Considerando que estamos frente à ocorrência de duas crises vitais, a adolescência e a gestação, o objetivo desta pesquisa foi investigar os sentimentos trazidos pela gestação na adolescência, analisando as repercussões da gravidez na vida de uma adolescente e suas perspectivas para o futuro. Foi desenvolvido um estudo exploratório, tendo sido realizadas entrevistas com nove adolescentes grávidas, com idades entre 14 e 19 anos, de nível sócio-econômico baixo, que estavam realizando seu pré-natal num hospital da rede pública da cidade de Porto Alegre. Através de uma entrevista semidirigida, foram levantados dados de identificação, sentimentos quanto à gravidez e planos para o futuro das mães adolescentes. As entrevistas foram relatadas e foi realizada uma análise de conteúdo, observando-se aspectos comuns apresentados pelas participantes do estudo. Os dados apontaram que a maioria das participantes restringiu sua vida social durante o período da gravidez, passando a ficar mais em casa, e deixando de estudar ou trabalhar. Frente à notícia da gravidez, demonstraram ter sentido medo, ansiedade e nervosismo, temendo rejeição por parte da família e do companheiro. No entanto, relataram que suas famílias e a maior parte dos companheiros acabaram aceitando o fato e apoiando-as, contribuindo para aumentar sua auto-estima e a aceitação da própria gravidez. Quanto aos planos para o futuro, as adolescentes apresentaram idéias de que pretendem trabalhar para sustentar o filho, estudar e ter uma casa, incluindo o bebê nos seus planos. Observamos que, frente à situação que estão vivenciando, as adolescentes mostraram-se bastante onipotentes, não tendo feito referências a dificuldades relacionadas à vinda de um filho em suas vidas, apresentando ainda idéias de que ser mãe é uma coisa muito positiva e de que conseguirão resolver os problemas decorrentes desta mudança em suas vidas. Esta onipotência, também observada através da idéia de que não engravidariam mesmo sem utilizar anticoncepcional, é uma característica típica do período de adolescência, durante o qual o pensamento predomina sobre a realidade, podendo transformá-la. Desta forma, podemos concluir, através dos dados levantados junto a esse grupo, que seriam importantes ações preventivas junto a adolescentes grávidas, que oportunizassem um apoio psicológico já que estão frente a uma situação de sobrecarga emocional e há dificuldade de adaptação à nova realidade e ao papel de mãe. Os dados encontrados neste estudo demonstram, ainda, a importância de maiores pesquisas na área, para que se possa compreender de forma mais ampla a dinâmica psicológica que envolve a gravidez na adolescência e assim poder planejar intervenções mais adequadas junto a esta população.

Ávila, A. B. de; Teixeira, G. F.; Dell’Aglío, D. D.

Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS – RS



Grupo anjos da alegria:

O Grupo Anjos da Alegria, tem por principal objetivo prestar serviço voluntário junto a Hospitais São Miguel, Santa Terezinha da cidade de Joaçaba Santa Catarina, no sentido de aliviar o sofrimento físico, psíquico e social decorrentes de enfermidades das mais diversas formas. É nesta realidade que o grupo Anjos da Alegria tenta mudar a ótica dos tratamentos terapêuticos convencionais até então utilizados, tratando-se do engajamento de um grupo especializado em alegrar corações, que se caracteriza por atender situações de pobreza e carência material, proporcionando à qualidade de vida, à ocupação terapêutica que proporcione a saúde mental, educação como forma de construção de uma vida que está por vir. A ação dinâmica deste projeto humano, solidário e voluntário deverá ser executada como uma busca mais do que simplesmente alegrar corações. Por meio deste trabalho, direcionado a trazer alívio à dor física e psíquica, buscamos promover a saúde mental, sendo apoio terapêutico em conjunto com as mais variadas formas de atender aos diversos problemas existenciais do homem. E, sem dúvida uma parte mais importante deste trabalho é a parceria que a Unoesc realiza com a comunidade e o meio acadêmico, levando os futuros psicólogos ao seu campo de trabalho, promovendo o ensino-aprendizagem através da prática da assistência aos desvalidos e repensando a educação com o compromisso social. Visamos contudo, promover a saúde física, psíquica e social, através de visitas aos hospitais com programações cômicas; ampliar os sentidos da percepção do paciente hospitalizado, desmistificar os procedimentos médico-hospitalares e a própria hospitalização; possibilitar aos pacientes a parte humana no convívio hospitalar, reduzindo a ansiedade e a tensão da hospitalização; resgatar conteúdos internos direcionando-os para a recuperação física e emocional dos sintomas apresentados pelo paciente. Realizamos encontros de avaliação com supervisão periódica sobre o efeito dos trabalhos propostos no projeto, temos como patrocinador oficial do grupo Unimed Joaçaba, parceira da alegria. Com a execução deste projeto, visamos os seguintes resultados: uma psicologia hospitalar que proporcione o alívio de ansiedades provenientes de um trabalho árduo da direção, corpo clínico, funcionários e pacientes do hospital; contribuindo com maior qualidade de vida; modificação das formas tradicionais de intervenção hospitalar, usando para cada área técnicas diferenciadas. Nossas intervenções são realizadas por meio de atividades lúdicas, promovendo brincadeiras estruturadas com início, meio e fim situando o paciente na realidade em que se encontra; sendo que o ambiente de descontração propiciará a externalização da ansiedade, proveniente de doenças, apoio à maternidade, diminuição do medo dos procedimentos médico-cirúrgicos, impedindo, outrossim, de se tornarem patológicos, contribuindo com o aumento da qualidade de vida.

Carmen Lúcia D' Agostini; Bianca Iury Colombo; Ivandra Barbosa; Leiza Piaia

UNOESC-Universidade do Oeste de Santa Catarina



Grupo de Apoio aos Pais da Unidade de Terapia Intensiva Neonatal do Hospital e Maternidade Neomater.

O Grupo de Apoio aos Pais da UTIN iniciou-se em abril de 1998 e, durante 20 meses, foram realizadas 86 reuniões. Esse trabalho contou com a equipe multidisciplinar da Maternidade Neomater. O presente artigo relata o trabalho desenvolvido pelo grupo de apoio aos pais de filhos internados na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal do Hospital e Maternidade Neomater, através de acompanhamento psicológico e de fornecimento de informações técnicas básicas dos procedimentos da unidade, de forma a propiciar o fortalecimento individual e, por conseguinte, favorecer a qualidade da assistência às crianças. As mães, com recém-nascidos internados na UTI Neonatal eram convidadas a participar do Grupo de Apoio aos Pais. Ao final dos relatos pessoais e esclarecimentos das rotinas da unidade, seguia-se a utilização da Técnica de Relaxamento Progressivo de E. Jacobson. As mães que iam visitar a primeira vez a criança eram acompanhadas pelo Serviço de Psicologia. As atas das várias reuniões eram feitas pela Psicóloga. Para análise dos resultados utilizou-se a análise prospectiva. Participaram do grupo 263 pais/mães. Identifica-se claramente três estágios nos quais a ansiedade das mães tendem a aumentar: 1. A notícia e a primeira visita; 2. O momento que ocorre a alta materna e a decisão de permanência da criança na UTIN; 3. A proximidade da alta da criança, pois a atenção e as responsabilidades referentes aos cuidados serão transferidas para a mãe. Nesses estágios o grupo torna-se referencial importante para a mãe. Como há crianças em diferentes etapas de internação, observa-se a compreensão empática, amenizando e transformando a insegurança e os medos como sentimentos comuns e passageiros. O arquétipo constelado no momento do nascimento é o da iniciação: o modo como iniciam-se as coisas. Cada recém-nascido prematuro tem a sua história. A tristeza após o nascimento prematuro é inevitável. Para as mães é um severo golpe à auto-estima, às suas capacidades de maternagem e ao seu papel feminino. A vivência junto à UTI, passa a representar local para condições tanto de vida, como de morte, podendo surgir o medo que acaba por dificultar a formação primordial de vínculo entre pais e filho nesta primeira e importante transição da vida. Observa-se alto nível de ansiedade. É essencial que os pais tenham a oportunidade de participar de maneira efetiva ante à problemática de seus filhos neste ambiente, para o quanto antes irem dissolvendo as emoções conflitantes e resgatando seu apego. Assim, o Grupo de Apoio representou um referencial importante na troca de experiências e sentimentos entre as mães ajudando-as a enfrentar as dificuldades da internação dos filhos, procurando motivar o controle da ansiedade e facilitando o desenvolvimento de comportamentos adequados para a melhor evolução clínica dos recém-nascidos.

Claudia Maria Ribeiro Martins Gonçalves.

Hospital e Maternidade Neomater.



Grupo de reabilitação de pacientes com Esquizofrenia: atuação da Psicologia e da Terapia Ocupacional.

Este trabalho propõe-se a descrever a atuação de psicólogos e terapeutas ocupacionais com grupos de psicóticos crônicos, no Ambulatório de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. O grupo em questão é composto por pacientes adultos com diagnóstico de esquizofrenia, sendo realizado semanalmente com uma hora de duração e coordenado por uma aprimoranda de Psicologia e uma aprimoranda de Terapia Ocupacional. A entrada de novos pacientes é avaliada semestralmente. Em cada sessão são utilizadas estratégias de intervenção terapêutica, tais como, atividades de artesanato, atividades gráficas, filmes, música, além de alguns passeios e outras dinâmicas grupais. Além das atividades, o recurso verbal também tem sido explorado, desta forma são propostas discussões com temas relacionados à vida cotidiana desses pacientes, tais como dificuldades de relacionamento interpessoal, trabalho, lazer, relacionamento afetivo, dificuldades de auto-cuidado, medos, anseios e dúvidas relacionadas à doença. Visto que o setting procura abrir espaço para a verbalização de angústias, para o resgate de funcionalidades e possibilidades de reconstrução de uma identidade, o enfoque da intervenção está em habilitar e/ou reabilitar esses pacientes, ou seja, recriar o que pode ter sido perdido e ainda criar formas novas e mais adaptadas no que se refere ao modo como os mesmos irão se relacionar com o mundo, desenvolvendo potencialidades e administrando dificuldades. O material de cada sessão é transcrito e submetido à supervisão semanal sob o referencial psicodinâmico, a cargo da psicóloga e da terapeuta ocupacional contratadas e responsáveis pelo serviço. Pode-se perceber através da observação e dos relatos dos pacientes que o grupo tem tido grande importância no que se refere a uma ampliação do espaço vivencial e descoberta de novas possibilidades, contribuindo para uma melhora da qualidade de vida, convívio social e adesão ao tratamento.

Campos, F. M.; Real, E. M

HCRP; FMRP; USP



Grupo Despertar: Um apoio necessário?

Pesquisas na área de saúde da mulher evidenciam que, a cada ano, vem crescendo o índice do câncer de mama. O diagnóstico precoce ainda é a maior arma para a cura e recuperação desta patologia que pode apresentar uma rápida evolução, e em grande parte dos casos, evoluir para metástase. Nos casos tardiamente diagnosticados, a mastectomia se apresenta como um dos procedimentos indicados; procedimento este que pode acarretar uma série de traumas exigindo um apoio psicológico durante e após o tratamento. Esse apoio vem encontrando uma resposta cada vez mais efetiva em grupos de apoio. O objetivo deste relatório é de expor como um grupo de apoio ajuda no processo de recuperação de pacientes que se submeteram a mastectomia. Tomamos como universo o grupo de apoio Despertar fundado em 1993, por mulheres que se submeteram ao tratamento de câncer e se submeteram a mastectomia. O grupo funciona atualmente no Hospital Dr. Luiz Antônio, na cidade do Natal, estado do Rio Grande do Norte. Propomos nesse sentido uma pesquisa teórico-empírica e qualitativa. A importância deste relatório realizado através de uma pesquisa junto ao grupo de apoio Despertar, se apresenta por demonstrar o motivo, da procura dessas mulheres pelo grupo, e como ele serve de ajuda na recuperação das mesmas. Elas reúnem-se uma vez por semana para expor suas dúvidas sobre a doença, dividir suas experiências e ainda assistem a palestras informativas ministradas por profissionais de diversas áreas. O grupo conta também com uma equipe multidisciplinar constituída por nutricionista, fisioterapeuta, enfermeira, psicóloga e assistente social, as quais dão o apoio e informação que as pacientes procuram. Os dados que constam neste relatório foram obtidos através de aplicação de questionários e em entrevistas junto aos membros do grupo e a equipe multidisciplinar.

Aline Joyce Falcão Lima; Amanda Medeiros; Liliane Henrique; Mariane Ribeiro Fernandes; Roberta Camboim de Brito; Ruslândia Sâmia M. Silveira; Silvana Ramalho D. Fonseca.

UnP- Universidade Potiguar.



Grupo Operativo em asilos: uma experiência.

O asilo coloca-se como uma alternativa, cada vez mais procurada, para acolher idosos que, por várias razões não mais podem viver em sua própria residência. As alterações na estrutura da família tradicional somadas ao fato da inserção da mulher no mercado de trabalho impossibilita o amparo e os cuidados ao idoso. Asilados com diferentes histórias de vida são igualizados, perdem a referência de si mesmo, apresentam dificuldade no estabelecimento de vínculos com outros moradores, não constituem uma comunidade. O asilo, na maioria das vezes, não é visto como possibilidade de aquisição, mas sim como perda do EU. Percebendo esta realidade realizou-se um trabalho de intervenção com o objetivo de facilitar o desenvolvimento de vínculos dos moradores entre si e com a equipe institucional e de resgatar a sua capacidade de ação e de atuação no mundo. O trabalho foi realizado em um asilo particular onde residiam 20 idosos, de ambos os sexos, não havendo restrição à participação de portadores de comprometimento físico ou com alterações das funções cognitivas. Os encontros eram semanais, com duração de quatro horas, realizados durante um ano. Em um primeiro momento foram criados vínculos entre os psicólogos e cada morador individualmente. Também foi feita a análise institucional. A partir dos dados coletados criou-se um grupo operativo com o objetivo de proporcionar maior integração dos moradores entre si e com a equipe. A atividade proposta foi a produção de bolachas. O material era disposto em uma mesa, na sala de TV, local de agrupamento natural. A tarefa consistia em misturar os ingredientes na proporção adequada, amassar com as mãos, dar a forma combinada e dispô-los organizadamente em uma assadeira. Quando as bolachas estavam prontas cabia aos idosos participantes distribuí-las aos demais moradores visitantes e funcionários. As bolachas eram aguardadas ansiosamente por todos. Em torno desta tarefa as pessoas se uniram, distribuíram funções, assumiram papéis e perceberam suas limitações. Enfim, convivendo em grupo, tiveram oportunidade de pensar sobre si mesmos e sobre os outros com quem diretamente interagem naqueles momentos.

ZACHAREWICZ, Fernanda; CALDERONI, Sila Z.; MAKI, Mirian A.

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo



Grupos de Mães de Crianças com Condições Ditas Especiais.

Nosso estágio, visa trabalhar junto às mães e familiares de crianças portadoras de condições ditas especiais, a re-significação desta condição na sociedade e na família, visando o desenvolvimento de ações e programas de integração social dos envolvidos. Trabalhamos com grupos que acontecem no SER (Serviço Especial de Reabilitação) na cidade de Assis- SP, onde as mães levam as crianças e ficam aguardando o atendimento destas. Nos interessamos em oferecer oficinas onde essas mães pudessem ter um espaço para trocar experiências, refletir sobre os modos como elas lidam com a condição física de seus filhos, e os efeitos da estigmatização social por elas sofrida nas suas vidas cotidianas e nas suas relações familiares. Desenvolvemos oficinas terapêuticas analíticas por meio de filmes, leituras, escritos (narrativas), passeios com as mães e familiares. Acreditamos que trabalhando com as mães, contribuimos para a aceitação desta criança deficiente na família, na busca da cidadania e potencialidades da mesma e na criação de novos modos de existência social, avessos ao habitual descrédito que gira em torno das pessoas portadoras destas condições especiais.

Adriana Cezaretto; Fernando Silva Teixeira Filho; Janaína Brasil de Moura

UNESP- Universidade Estadual Paulista/ Câmpus de Assis



Habilidades sociais de psicóticos: contato visual.

Introdução: Pacientes psiquiátricos apresentam déficit de funcionamento social e para reinseri-los socialmente é necessário capacitá-los com relação às suas habilidades sociais. Um dos componentes destas habilidades, o comportamento de olhar, apresenta características diferentes entre grupos clínico (GCI) e não-clínico (GNC) em função do tipo de situação e gênero do interlocutor. Em nosso meio, não foram encontradas pesquisas sobre este tema. Esta pesquisa investigou as reações do GCI diante destas mudanças situacionais, comparativamente ao GNC, através da observação sistemática. **Metodologia:** Participaram da pesquisa 70 sujeitos: 35 psicóticos desinstitucionalizados (idade média= 39,4 anos) e 35 não-clínicos (idade média = 37,4 anos). Observou-se os sujeitos em 4 situações sociais de desempenho de papéis, gravadas em vídeo, variando-se o gênero do interlocutor e o tipo de situação, de fazer e receber críticas. Dois juízes treinados observaram os seguintes comportamentos, separadamente nas fases de escuta e elocução: duração e freqüência do olhar, freqüência do piscar e do desvio de olhar. **Resultados:** Comparando-se as fases: 1. Ambos os grupos olharam proporcionalmente mais tempo e com olhares mais prolongados para o interlocutor enquanto escutavam do que enquanto falavam; 2. Esta diferença foi menor para os pacientes, indicando menor discriminação entre fases; 3. O GCI apresentou maior fixidez do olhar na escuta do que na elocução, pois teve menor freqüência de piscar por minuto e menor freqüência de olhar na escuta; 4. O GNC desviou mais o olhar na escuta; Comparando os grupos: 1. Os pacientes apresentaram maior fixidez do olhar do que o GNC, na escuta, indicada por olhares mais prolongados e menos desvios de olhar; 2. Os pacientes apresentaram maior proporção da duração e de freqüência do olhar que o GNC, na elocução; **Resultados de gênero:** 1. Ambos os grupos apresentaram olhares menos prolongados ao escutar o interlocutor masculino do que feminino; 2. Ambos os grupos apresentaram menor duração do olhar dirigido ao interlocutor masculino do que feminino, em diferentes fases. Os pacientes reagiram mais a mudanças no gênero do interlocutor, pois apresentaram mudanças em outros parâmetros: menos olhares na elocução e mais desvios de olhar e do piscar na escuta com interlocutor masculino. **Resultados entre situações:** 1. Ambos os grupos desviaram mais o olhar nas situações de receber crítica do que nas situações de fazer crítica, em diferentes fases. 2. Os pacientes reagiram mais às situações de receber crítica, pois além de desviar mais o olhar, olharam menos vezes e com olhares mais prolongados ao escutar o interlocutor. **Conclusões:** Os resultados indicaram déficits no comportamento de olhar dos pacientes e mostraram a necessidade de focalizar este comportamento nos treinamentos de Habilidades Sociais, em particular as relações entre escuta e elocução, para a reinserção social dos pacientes.

Sabrina Barroso, Marina Bandeira; Elaine Machado Magali Silva; Taís Gaspar

Fundação de Ensino Superior de São João Del-Rei, São João Del-Rei - MG; CNPq.



Habilidades Sociais de Psicóticos: Os Movimentos de Cabeça.

Introdução – Os pacientes psiquiátricos apresentam déficits no funcionamento social, necessitando de treinamento de habilidades sociais para sua reinserção na comunidade. Um dos componentes das habilidades sociais é o movimento de cabeça indicativo de atenção e apoio à fala. Pesquisas demonstraram que os pacientes psiquiátricos apresentam déficits na frequência, duração e sintonia entre movimentos de cabeça e gestos de apoio à fala quando comparados à um grupo não-clínico. Esta pesquisa objetivou verificar, no contexto brasileiro, o comportamento de movimentar a cabeça de pacientes psicóticos em interações sociais. **Metodologia** - Participaram desta pesquisa 70 sujeitos do sexo masculino, de baixa renda, habitando o mesmo meio geográfico: 35 psicóticos desinstitucionalizados (GCL) com idade média de 39,4 anos e 35 sujeitos não-clínicos (GNC), com idade média de 37,4 anos. Os sujeitos interagiram com um interlocutor em 4 situações sociais de desempenho de papéis, gravadas em vídeo, representando interações sociais cotidianas. Variou-se o tipo de situação (fazer e receber crítica) e o gênero do interlocutor. Dois juízes treinados observaram a adequação e a frequência dos movimentos de cabeça. Comparou-se este comportamento com o grau de assertividade. **Resultados** – Os pacientes não variaram seu comportamento em função de mudanças na demanda da situação, já o GNC apresentou um número maior de movimentos verticais de cabeça por minuto nas situações de receber do que de fazer crítica. Os movimentos de cabeça dos pacientes não correlacionaram com o seu grau de assertividade, mas no GNC estas medidas correlacionaram significativamente. Ambos os grupos apresentaram correlação entre os movimentos verticais de cabeça e a adequação de seus comportamentos não verbais. **Conclusões:** A falta de variabilidade do comportamento dos pacientes confirma dados de outros autores e indica a sua dificuldade em perceber e discriminar mudanças nas situações sociais e no comportamento dos interlocutores. Os movimentos de cabeça dos pacientes não contribuíram para veicular a impressão de assertividade. Estes resultados apontam déficits a serem focalizados na readaptação psicossocial dos pacientes, visando sua reinserção na comunidade, portanto são de grande relevância para o processo de desinstitucionalização psiquiátrica.

Marina Bandeira; Magali Silva; Taís Gaspar

Universidade Federal de São João Del Rei- MG



Habilidades Sociais Educativas de pais e de mães na prática educativa de filhos com indicativos de Problemas de Comportamento e com indicativos de Comportamentos Socialmente Adequados.

Acredita-se que pais socialmente habilidosos são capazes de priorizar práticas educativas positivas, sem esquecerem-se de estabelecer os limites necessários. No entanto, pais que possuem dificuldades interpessoais oferecem modelos de comportamentos inadequados e podem inadvertidamente contribuir para o aparecimento e/ou manutenção de problemas de comportamento. Frente a isto, surgem as seguintes questões: a) habilidades sociais educativas (HSE) de pais são semelhantes ou diferentes das HSE de mães?; b) há diferenças entre as HSE de pais cujos filhos apresentam indicativo escolar de problemas de comportamento (IPC) e de pais cujos filhos apresentam indicativos de comportamentos socialmente adequados (ICSA)? Conseqüentemente, o estudo visa aprofundar o entendimento das relações pais-filhos, comparando as HSE de diferentes grupos: a) pais x mães e b) pais (mãe/pai) de filhos com indicativos escolares de problemas de comportamento x pais (mãe/pai) de filhos com indicativos escolares de comportamentos socialmente adequados. Participaram do estudo 96 participantes, pais de crianças com idade entre cinco e seis anos, sendo 48 (24 pais e 24 mães), de crianças com indicativos escolares de comportamentos socialmente adequados (Grupo ICSA) e 48 (24 pais e 24 mães), de crianças com indicativos escolares de comportamentos socialmente “inadequados” (Grupo IPC). A coleta de dados foi conduzida através de questionário que avalia HSE dos pais, aplicados pela entrevistadora separadamente com cada participante, em suas residências, a qual fazia as perguntas e anotava as respostas. Os participantes foram contactados, via telefone ou pessoalmente, após a indicação de professoras (cada uma indicou até 3 crianças IPC e até 3 crianças ICSA) de 16 Escolas Municipais Infantis (EMEI), que estão distribuídas geograficamente na cidade de Bauru. Resultados preliminares indicam: a) que mães relatam um maior número de HSE ao serem comparadas aos pais, destacando HSE de manter diálogo e de demonstrar carinho; b) por outro lado, as mães relatam utilizar, mais freqüentemente que os pais, de práticas coercitivas (tais como dar bronca, colocar de castigo, ameaçar, bater etc) quando visam, por exemplo, colocar limites aos comportamentos dos filhos; c) ao comparar os grupos IPC e ICSA, observam-se semelhanças, no score geral, quanto às HSE investigadas; e d) ao comparar as HSE utilizadas para colocar limites, por exemplo, o grupo IPC relatou utilizar-se mais freqüentemente de práticas coercitivas que o grupo ICSA, concordando com a literatura que aponta que problemas de comportamento, em parte, surgem diante de uso de coercitivos. Desta forma, pode-se concluir que há diferenças na forma como pais e mães lidam com seus filhos, o que pode ser explicado, em parte, por práticas culturais que priorizam a mãe na educação dos filhos, a qual tanto oferece mais diálogo e carinho, como também acaba valendo-se mais de punições, talvez por ser a mais responsável pela educação dos filhos e assim, passar mais tempo com eles. No entanto, parece que ambos grupos de pais relatam utilizar HSE nas interações com filhos, indicando a necessidade de estudos de intervenção que ajudem os pais a aproveitarem tais habilidades para a promoção de melhores interações pais-filhos e redução/eliminação de comportamentos considerados como “inadequados”.

Alessandra Turini Bolsoni-Silva; Edna Maria Marturano.

USP-RP; UNESP-Bauru.



Hemofilia: repercussões psicológicas em mães de hemofílicos.

A hemofilia é considerada uma doença crônica, definida como uma deficiência genético-hereditária de coagulação do sangue, que resulta em constantes hemorragias desencadeadas após traumatismos ou de maneira espontânea. Trata-se de uma enfermidade transmitida ao filho pela mãe, ligado ao cromossoma X. Tendo em vista que a mãe é a portadora e transmissora da doença, o objetivo principal desse estudo é analisar as repercussões psicológicas nessas mães desde o diagnóstico da doença até o período da coleta. Para tal, avaliou-se a existência de ansiedade, estresse, depressão, bem como as estratégias de enfrentamento utilizadas no momento do diagnóstico e a atribuição de causalidade. Participaram da investigação dez mães de pacientes ligados ao Hemocentro de Ribeirão Preto, tendo, os hemofílicos, idade entre 2 e 18 anos, num dia de ambulatório. Elas foram abordadas inicialmente na sala de espera do local, onde se marcou um dia para a realização do trabalho. Para a coleta de dados foram utilizados: Inventário de Sintomas de Stress para Adultos de Lipp (ISSL), Inventário de Ansiedade Traço-Estado (IDATE), Escala Multidimensional de Locus de Controle de Levenson, Beck Inventory Depression (BDI) e Estratégias de Enfrentamento de Coping. Os resultados mostram que 90% das mães de hemofílicos não possuem indícios de depressão. Quanto à ansiedade, estas mesmas mães encontram-se dentro da média esperada pelo instrumento, o que indica que não apresentam traço e estado de ansiedade. Observa-se também que há o uso de estratégias de enfrentamento com destaque às estratégias de Reavaliação Positiva e Suporte Social, nas quais 60% das mães as utilizam em grande quantidade. No entanto, 70% das mães encontram-se estressadas, sendo que dessas uma já atingiu a exaustão, estando as demais na fase de Resistência ao estresse. Os dados, como esperado na literatura, demonstram o peso emocional de ser mãe de um paciente crônico, mais especificamente de um hemofílico, que requer proteção contínua por parte dessa, visando evitar sangramentos e possíveis traumas. A situação de adoecimento do filho é um evento estressor para essas mães, estando elas, portanto, na Fase de Resistência, ou seja, de luta. Para tal, elas fazem uso de estratégias de enfrentamento de Reavaliação Positiva e Suporte Social, o que as auxilia a enfrentar a situação. Deve-se considerar também a característica da doença, genética, na qual os antecedentes familiares podem vir a diminuir o impacto do diagnóstico, assim como também o convívio com a doença, em virtude de um diagnóstico precoce. Tais fatores, portanto, podem repercutir na Fase de Resistência ao evento estressor em que a maioria das mães se encontra. Quanto à depressão e ansiedade, os resultados obtidos também podem estar relacionados às estratégias de enfrentamento mais utilizadas, Reavaliação Positiva e Suporte Social. O estudo demonstra a importância de se oferecer suporte para essas famílias e também sugere a necessidade de implementação de estratégias de intervenção que visem melhorar tal condição vivida, no intuito de amenizar o impacto das adversidades associadas à enfermidade.

Nara Helena Lopes Pereira da Silva. SILVA, N.H.L.P.; Érika Arantes de Oliveira. OLIVEIRA, E.A.; Manoel Antonio dos Santos. SANTOS, M.A.

Universidade de São Paulo USP; Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto- FFCLRP; NEPP- Núcleo de Ensino e Pesquisa em Psicologia Clínica.



Henri Wallon e a Formação do Educador: Perspectiva para se Pensar a Atuação do Psicólogo.

Este trabalho insere-se na vertente de estudos da atuação do psicólogo em instituições educacionais e tem como eixo norteador a teoria de Henri Wallon. De acordo com as idéias deste autor a leitura corporal traduz ao professor todo o repertório cognitivo e emocional facilitando as relações em sala de aula. .Neste sentido, pretende-se discutir com professores/ equipe administrativa que atuam em uma escola pública da Região do Triângulo Mineiro e atendem alunos do ensino fundamental (1a. à 8a. séries) sobre questões inerentes ao cotidiano escolar e oferecer informações acerca do desenvolvimento humano, visando instrumentalizá-los a respeito da dinâmica de relacionamento com seus alunos. Estas necessidades aparecem juntamente com a implementação do atual Sistema de Ensino denominado Sistema de Ciclos, no qual o aluno não é retido entre uma série e outra. Isto causou o rompimento do esquema punitivo (avaliação somativa, controle da assiduidade) do qual muitos professores se apoiavam para manter o “bom” andamento da aula. O estudo foi elaborado em quatro momentos: (1) realização de observações no contexto escolar e entrevistas com 20 professores e com o diretor da instituição, (2) participação dos pesquisadores em palestras e debates sobre o Sistema de Ciclos e sobre a Legislação Escolar, (3) estudo da teoria walloniana relacionando-a com a prática educativa vivenciada na escola pesquisada, (4) estruturação de três mini-cursos a serem ministrados aos professores/equipe administrativa, nos próximos meses, objetivando instrumentalizar os educadores a respeito da parceria psicólogo comunidade escolar, do conhecimento da teoria de Henri Wallon e sua aplicabilidade na educação e, em especial, das relações do cotidiano escolar organizados por ciclos de formação. Percorridos esses três momentos iniciais, foi possível constatar uma falta de conhecimento por parte dos educadores (no campo afetivo, cognitivo e motor), desânimo entre os professores (auto-estima baixa), sentimentos de impotência e insegurança em relação ao trabalho (insatisfação quanto ao salário e as condições de trabalho), aumento da queixa da indisciplina em sala de aula (dificuldades nas relações professor-aluno). Observa-se, portanto, que os educadores estão despreparados para lidar com as várias mudanças que ocorreram no âmbito escolar devido à implantação dos ciclos de formação no ensino fundamental. Nesse sentido, ressalta-se que a psicologia integradora de Wallon pode contribuir na interpretação destas dificuldades e insatisfações, pois, dá ênfase aos processos emocionais e afetivos, num cenário dominado pela aprendizagem prioritariamente cognitiva. E nesta perspectiva de intervenção está o psicólogo escolar que tem como função principal intermediar a ação docente, instrumentalizando-o na prática educativa e contribuindo para a formação do aluno como um todo.

Lúcia Helena F. Mendonça Costa; Karla P. Lemgruber; Moacir José Silva Júnior

Universidade Federal de Uberlândia/MG



Homens jovens no discurso da Homofobia.

No contexto do debate sobre as relações de gênero, nos últimos dez anos, as discussões sobre as masculinidades vem sendo cada vez mais acentuadas. Nestes termos, pensar sobre os homens em nossa sociedade, significa pensar o trinômio gênero – masculinidades – homofobia. Significa levar em consideração os processos de socialização e os modelos de masculinidades a que os jovens estão expostos desde criança. De um modo geral, as noções construídas sobre ser homem estimulam comportamentos de força e violência, e da falta de cuidado consigo e com os outros. Em geral, os homens são educados, desde cedo, para responderem a expectativas sociais superando o risco, em um cotidiano marcado pelo machismo e pela homofobia como questões, muitas vezes tão presentes que passam despercebidas ou ausentes de qualquer problematização que vise mudanças. Trabalhamos com o referencial teórico feminista e de gênero, desenvolvendo ações de intervenção na comunidade e realizando pesquisa e ensino. Junto aos homens jovens, realizamos oficinas semanais, em duas escolas públicas da Várzea – Recife/PE. Neste mesmo espaço, realizamos pesquisa junto ao contingente total de jovens, entre 13 e 18 anos, das escolas, com o objetivo de conhecer as noções sobre ser homem e ser mulher, e as relações dessas noções com a homofobia e a violência de gênero. Para tanto, utilizamos questionários, entrevistas semi-estruturadas e grupo focal, além de relatos etnográficos. De uma forma geral, sempre que se tratava de temas tais como gênero e masculinidades, a questão da homofobia e da homossexualidade eram presentes, através de contrapontos entre o que é e o que não é do universo masculino. Além disso, mesmo quando esta não era a temática específica, a homofobia aparecia nas técnicas e dinâmicas empregadas: havia dificuldade com relação ao toque, piadas e gracejos apareciam como caminho possível. Havia, portanto, sempre um discurso recorrente acerca da homofobia. Percebemos que tratar dos sentidos sobre ser homem é uma arena marcada por medos e expectativas com relação ao homoerotismo. E tratar do que não é ser homem, remete a homofobia como elemento presente e velado, como mito ou tabu que deve ser apartado de todas as relações entre os machos. Desconstruir estas noções e pensar em arestas é algo que se apresenta nos discursos, ainda que timidamente. Outras masculinidades deixam-se mostrar, deixam-se falar, mostrando a dialética dos discursos que expõem as diferenças entre os homens, ainda tratando de dividi-los entre “não homens” – os assumidamente homossexuais - e os “Homens”, aqueles que se encontram sobre o interdito da homofobia. Pensar homofobia versus violência: ações violentas reforçam o modelo de macho, indo no caminho contrário ao homoerotismo, à face passiva do homem. Ações violentas relacionam-se a homofobia, sendo causa ou efeito dessa?

Karla Galvão Adrião; Ricardo Castro e Carlos Heliy.

UFPE.



Hospitais Universitários e Psicologia: atuações da psicologia em clínicas cirúrgicas de hospitais gerais universitários.

A atuação do psicólogo no âmbito hospitalar, vem cada vez mais sendo requisitada, devido principalmente ao fato de que a hospitalização representa uma ruptura na vida de quem é internado, pois este, tem que ausentar-se do seu lar, afastar-se de suas atividades usuais e de seus familiares. Dentro da instituição o paciente e seus familiares precisam se sujeitar as imposições administrativas e técnicas além da rotina hospitalar, que na maioria das vezes pode ser invasiva e despersonalizadora. Invasiva porque o sujeito é despojado de suas vontades diante da necessidade de aceitar o processo ao qual está sendo submetido, e despersonalizadora porque a partir daí, este deixa de ter o seu próprio nome e passa a ser o número de um leito, ou então apenas um portador de alguma doença. Diante desta nova realidade, o indivíduo adquire novas características e começa a relacionar-se a partir delas, o que exige dele um novo enquadre existencial. Este enquadre vai depender da forma como se lida com o paciente e suas demandas, podendo ser facilitado ou dificultado. O paciente ao adentrar no hospital, além de sua patologia leva também sua necessidade humana de ser ouvido e compreendido dentro de sua linguagem particular. Suas dúvidas, fantasias e medos precisam ser clarificados, de forma que possa compreender melhor o processo ao qual está sendo submetido ajudando na própria recuperação. Cabe ao psicólogo que atua no hospital, realizar este trabalho compreendendo que o paciente é dotado de uma personalidade, de uma dinâmica existencial e de uma história de vida, que de alguma forma contribuem para o seu modo de adoecer e de curar. Além disso, um sentimento torna-se constante naqueles que permanecem internados em hospitais, o medo da alteração de seus corpos. Tais alterações muitas vezes podem ser mutilações permanentes, como no caso de pacientes cirúrgicos com amputações, extirpações, colostomias, traqueostomias, etc. A alteração drástica do corpo gera invariavelmente uma reação subjetiva por parte do sujeito, que se não for devidamente conduzida, pode não só dificultar sua recuperação, como também dificultar suas futuras relações consigo mesmo e com o mundo. É principalmente mediante este fato que a atuação do psicólogo se faz necessária no âmbito hospitalar cirúrgico, no sentido de trabalhar a relação do paciente com seu corpo, sua doença e suas relações sociais, preparando-o e auxiliando-o na compreensão de uma possível mudança. Tal atividade perpassa a dualidade paciente/psicólogo, e abrange uma faceta muito maior na relação interdisciplinar. Com os outros membros da equipe hospitalar, o psicólogo deve atuar de modo que esta possa ser humanizada, de forma que cada profissional tenha clara suas funções e objetivos, possibilitando atender da maneira mais completa possível o paciente. Sempre lembrando, a esta equipe, que o indivíduo aqui não é apenas um corpo, um objeto de trabalho, ou algo portador de uma patologia do qual poderemos retirar ou modificar algumas partes, sem que isso altere o seu funcionamento como um todo, é, isto sim, antes de tudo uma pessoa que sente, precisando ter seus limites respeitados.

André Luiz Picolli da Silva

Universidade Federal de Santa Catarina



Hospital-escola: o psicólogo e a busca da interdisciplinaridade.

Com base na proposta do Programa de Aprimoramento Profissional oferecido pela Faculdade de Medicina da Universidade Estadual Paulista de Botucatu – com o objetivo geral de fundamentar a atuação profissional na área da saúde, em equipes multiprofissionais, em atendimento ambulatorial e hospitalar, abrangendo a atenção primária, secundária e terciária - pretendemos descrever o papel do psicólogo na variedade e complexidade de seu trabalho no hospital-escola. Uma equipe multidisciplinar é composta por profissionais de diferentes formações e com objetivos comuns. Mas, no âmbito institucional, a interdisciplinaridade não é tarefa fácil, pois cada profissional pode intervir diferentemente a cada nova situação, contribuindo ou não para a eficácia do grupo de trabalho. A inserção do psicólogo no campo da saúde, principalmente nas equipes multidisciplinares, gera preocupações quanto às perspectivas de sua atuação. Se problematizarmos a questão da demanda no ambiente hospitalar, por exemplo, perceberemos logo que na maioria das vezes ela ocorre de forma indireta, por meio de interconsultas solicitadas pelas diversas clínicas médicas, que nem sempre traduzem as reais necessidades dos pacientes e talvez sinalizem algumas dificuldades na relação com o paciente. Somando-se a isso, diversas resistências permeiam a constituição e a prática dos profissionais de uma equipe, incluindo também os psicólogos. Os profissionais se angustiam e se escondem atrás de saberes instituídos e normativos, temendo a ameaça de que um novo campo de conhecimento venha desqualificar sua especificidade. Isto pode impedir a construção de ações coletivas que poderiam ir além de uma compreensão fenomenológica de cada caso, ampliando-se para uma perspectiva mais global e dinâmica que caracterizaria verdadeiramente a atenção integral à saúde. Neste sentido, a troca de experiências pode possibilitar outras formas ou paradigmas de pensamento profissional que possam promover uma verdadeira integração do trabalho e compreensão entre profissionais de diferentes inserções. Sob esta ótica de aprender com a própria experiência e troca de experiências, é que uma equipe de trabalho pode atuar de maneira mais eficaz. Para o psicólogo, o hospital-escola pode ser um espaço fortalecedor dessa prática, pois sua atuação deverá ver o paciente em sua globalidade, devendo atuar interdisciplinarmente, uma vez que este é um campo de atuação de médicos (de todas as especialidades), fisioterapeutas, fonoaudiólogos, nutricionistas, assistentes sociais, pedagogos, odontólogos, enfermeiros, farmacêuticos, dentre outros. Neste sentido, o Programa de Aprimoramento em Psicologia desta Faculdade proporciona a atuação do psicólogo diretamente em enfermarias e ambulatórios, especialmente na pediatria, psiquiatria e gastroenterologia, intervenção psicoterápica individual e grupal com supervisões, além da fundamentação teórica através de seminários e reuniões clínicas. Além disso, o profissional de psicologia também pode atuar no sentido de promover essa integração ou humanização da atuação profissional das mais variadas áreas, talvez principalmente no contexto hospitalar, onde estamos diante de pacientes que depositam em nós, equipe, a esperança de uma melhor qualidade de vida. Isto sim seria um trabalho interdisciplinar e um compromisso ético com a profissão.

Andréa Tortorelli; Ana Cláudia Ovile; Edmée de Campos Rodrigues; Priscila Tamarozzi Julião de Souza; Tatiana Tortorella Mendes

Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Medicina de Botucatu



Hospitalização: intervenção psicológica em idosos.

O trabalho foi realizado no Hospital Servidor Público Estadual durante o período de um ano com os idosos internados na Clínica de Geriatria. Visava acompanhar os pacientes internados, em quarto individual ou compartilhado com até três pessoas, com o objetivo de desenvolver alternativa terapêutica, sendo que o psicólogo era um intermediador entre o paciente e a família, e o paciente e a equipe multidisciplinar. Por ocasião da internação, o paciente era avaliado por todos os profissionais. Cabia ao psicólogo fazer uma entrevista individual e, os demais atendimentos eram realizados de acordo com a necessidade. Os contatos com os familiares se davam por ocasião da visita, por convocação ou a pedido do responsável pelo paciente. Este procedimento possibilitava uma melhor compreensão deste idoso e de sua dinâmica familiar, servindo também como ocasião de orientação. A internação era feita por diversos motivos: acidente vascular cerebral, complicações do diabetes, parkinson, alzheimer, oncológico, ortopédicos, tentativa de suicídio, etc. Percebeu-se grande dificuldade no contato da equipe com o idoso que apresentava funções cognitivas alteradas, resultando no aumento da angústia dos profissionais e do paciente. Nesta situação, cabia ao psicólogo avaliar o motivo das dificuldades que surgiam e interceder no sentido de esclarecer o que ocorria nesta relação. Era também sua função ajudar o paciente a entender esse seu momento de vida, as questões hospitalares, questões de sua doença, questões familiares, entre outras. No caso dos pacientes demenciados o atendimento voltava-se ao rebaixamento de angústias. As principais fantasias e medos eram relacionados ao espaço desconhecido, contato com pessoas estranhas, invasão de privacidade, afastamento de sua rotina, o tempo de internação indeterminado, perda de autonomia, angústia da fragilidade e percepção da proximidade da morte. Através da escuta e da intervenção psicológica, percebeu-se que o paciente pôde aceitar melhor a hospitalização, colaborar com o tratamento sendo clara a diminuição da ansiedade e a melhora no relacionamento com familiares e com a equipe profissional. Por ocasião da alta o psicológico conversava com os familiares conscientizando-os sobre a situação do paciente, de suas limitações e suas necessidades. Encaminhava um relatório e orientações para a instituição que iria receber o idoso, se fosse o caso.

MAKI; Mirian A .; ZACHAREWICZ, Fernanda; CALDERONI, Sila Z.

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo



Humanização do Atendimento e Qualidade nos serviços hospitalares: as contribuições da Psicologia.

INTRODUÇÃO O atendimento hospitalar aos usuários de hospitais filantrópicos passa por um período de transição tanto em relação aos seus conceitos como em suas práticas. A Psicologia, através de suas técnicas e seus conceitos, tem conseguido dialogar com outras áreas do conhecimento, operando uma diferença significativa nos modos de cuidar dos enfermos internados. As particularidades e as vicissitudes dessa sensível relação entre o Hospital e as pessoas que ali adentram demandam uma escuta e uma prática que a Psicologia têm para oferecer. A Santa Casa de Assis possui 114 leitos e realiza, aproximadamente, 500 internações/mês. **DESENVOLVIMENTO** Recém implantado, o Setor de Recursos Humanos da Instituição diagnosticou, através de entrevistas e questionários, a demanda por um melhor atendimento aos usuários. Todos os funcionários realizaram um Treinamento intitulado "Sensibilização para a Mudança" através do qual enfermeiras, auxiliares de enfermagem, funcionários da Recepção, copeiras e agentes de Higiene Hospitalar puderam vivenciar, através de dinâmicas, a importância de se buscar novas formas de se relacionar no trabalho, levando em conta a intersubjetividade de todos aqueles que circulam pelo ambiente hospitalar. Um segundo passo foi dado a partir da elaboração de um canal de comunicação com o usuário. Formou-se uma equipe multidisciplinar que foi treinada para elaborar e implantar o serviço de Avaliação do Usuário sobre os serviços oferecidos pelo Hospital. No ato da internação, a equipe da recepção entrega para os acompanhantes do paciente um folheto com espaço para avaliação dos seguintes serviços: Atendimento da Recepção, Atendimento Médico, Atendimento da Enfermagem, Alimentação Fornecida, Limpeza do Quarto e Roupa de Cama . O Folheto da Avaliação do Usuário contém, ainda, um espaço para sugestão e a possibilidade de ser dado um retorno às críticas e sugestões por carta ou telefone caso o usuário manifestar interesse, se identificando com nome e endereço. Estas avaliações são depositadas em urnas fixadas na Portaria do Hospital e, quinzenalmente, são recolhidas e analisadas pela equipe que coordena o Programa. O conteúdo das avaliações são encaminhados para as chefias das áreas citadas e as queixas são debatidas e analisadas pela equipe do Programa e o chefes das áreas avaliadas. Por manterem um contato direto com os usuários, os funcionários do setor de Enfermagem e da Recepção passam por constantes palestras e cursos que abordam a questão da Humanização do Atendimento Hospitalar. **CONCLUSÃO** Os dispositivos que a Psicologia apresenta, numa experiência contínua, compartilhada pelas demais áreas da Santa Casa, fortaleceu a rede de apoio às centenas de usuários do Hospital que, mesmo disponibilizando de escassos recursos financeiros, busca constantemente ampliar e promover um atendimento humanizado e de qualidade.

Hernandes, Adriano



Humilhação no trabalho – um estudo sobre assédio moral.

Introdução: O presente relato de pesquisa apresenta um estudo sobre Assédio Moral, sob a perspectiva da Psicologia Social, buscando estruturar um perfil da identidade (e das transformações/deteriorações de identidade) da vítima do assédio, o trabalhador, realizado por alunos do curso de Psicologia. Poucas pesquisas tratam de um fenômeno não tão recente, que vem se intensificando à mesma medida em que avançam os preceitos estabelecidos pela nova ordem neo-liberal. A globalização exige das empresas uma reestruturação e organização quase que imediata dentro da atual conjuntura econômica, levando com isso uma alteração inevitável no quadro que se refere às interações sociais e grupais dentro das empresas. Trata-se de uma pesquisa com a finalidade de acrescentar novos conhecimentos aos crescentes trabalhos que se tem estabelecido em torno do tema, como a pesquisa feita por Barreto (2000) , que encontrou 5 tipos de profissionais que estão mais sujeitos a esse tipo de violência como os criativos, adoecidos ou adoentados, as mulheres com filhos menores de 10 anos de idade, os críticos e resistentes e os velhos, levantando-lhes os sintomas físicos do assédio moral. **Objetivos:** Motivados por esta pesquisa, tornou-se imprescindível caracterizar a identidade das vítimas deste tratamento buscando enquadrá-las dentro de uma categoria específica da classe trabalhadora em nosso contexto social e em sua totalidade, mapeando-se qualitativamente e quantitativamente os elementos específicos desta identidade que entre as vítimas mantém contínuas e estreitas relações entre si. Buscamos com base nos resultados, desenvolver intervenções efetivas e ações sociais num âmbito preventivo, levando-se em conta o aspecto institucional do fenômeno. **Metodologia:** A pesquisa busca levar o aluno-pesquisador a uma familiarização a respeito da construção da identidade da vítima do assédio moral, assim como levantar importantes aspectos sobre as relações de trabalho enquanto fonte de deterioração e manipulação da identidade deteriorada do trabalhador). Os sujeitos da pesquisa são 50 trabalhadores de ambos os sexos. Solicitamos-lhes, no primeiro momento, que respondessem voluntariamente por escrito a um questionário com perguntas de múltipla escolha e no segundo momento, sujeitos que apresentarem características mais proeminentes de assédio moral, serão convidados a participarem de entrevista. **Resultados:** A análise dos dados coletados no decorrer desse primeiro momento indica-nos que é possível mapear o perfil das vítimas do assédio moral, e que o sistema de categorias que foram encontradas em trabalhos realizados até os dias atuais sobre o assunto, não se mostrou suficiente para a classificação de todas as respostas, levando-nos a selecionar os casos nos quais esse fenômeno ocorre com maior frequência para aprofundamento qualitativo. No segundo momento, estaremos identificando como se dá o desgaste da identidade do trabalhador que se torna o alvo do chefe assediador, observando-se sempre o modo como o trabalhador contribui para a desconstrução de sua identidade tornando-se vítima do assédio moral.

FONSECA, H. K.; GAMBOA, R.F.; OLIVEIRA, A.G. de; SANTOS, D.S. dos; MASTROBUONO, C.M.

Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, Enfermagem; e Fisioterapia de Guarulhos.



Identidade Cidadã: compromisso social.

A pesquisa ação se mostra relevante pelos benefícios que proporciona não somente a um único indivíduo, mas a comunidades, grupos e famílias, como apontam Barbier (1985), Bion (1970), Brandão (1988), Del Prette & Del Prette (1994), dentre outros. No desenvolvimento deste trabalho procurou-se atuar no conhecimento da identidade pessoal e grupal, compartilhando-se experiências significativas. Buscou-se também exercitar a capacidade crítica em direção à atuação cidadã. Esta pesquisa está vinculada ao Projeto Salesiano de Assistência ao Menor – PROSAM, ligado aos oratórios festivos que por sua vez atende crianças e adolescentes de acordo com o sistema preventivo e a filosofia salesiana. O local de realização foi o “Oratório Madre Mazzarello” na periferia da cidade de Lorena – S.P, no ano 2001. Foram atendidos dois grupos distintos, um composto por 15 indivíduos (crianças e adolescentes) na faixa etária de 09 a 14 anos de idade, sendo 8 do sexo feminino e 7 do sexo masculino; o outro contou com a participação de 10 pessoas do sexo feminino, mães, na faixa etária de 19 a 47 anos de idade. O conteúdo abordado nos encontros realizados semanalmente referiu-se às necessidades apresentadas pelos próprios sujeitos, utilizando-se técnicas didáticas como dinâmicas, jogos de recreação, trabalhos artísticos, palestras, debates, vivências e exposição oral. Inicialmente, foram solicitados temas diversos a partir da realidade dos sujeitos, tais como, violência, drogas, sexualidade, educação informal na família. No decorrer do trabalho, o grupo de mães apresentou necessidades em relação a outro tema: autoconhecimento (autoconceito). Observou-se que, ambos os grupos mostraram crescimento e evolução quanto ao vínculo e ao desenvolvimento da cidadania, buscando aprender nos encontros semanais a melhor maneira de vivenciar seus direitos e deveres. Verificou-se que o comprometimento, a interação, e a identidade cidadã dos grupos são válvulas de transformação e desenvolvimento desta comunidade.

Daniella Ramos Moreira; Martha Maccaferri; Renata Santoro de Oliveira Magalhães; Riceli Soares da Silva; Elisabeth Hoffmann Sanchez; Anelise de Barros Leite Nogueira.

UNISAL / Lorena.



Identidade e supervisão: pilares da formação.

Esta pesquisa teve como objetivo investigar a importância da supervisão de estágio no âmbito acadêmico para a construção da identidade profissional do futuro psicólogo. Para a realização deste estudo, foram entrevistadas três duplas supervisor-supervisionando do estágio curricular de psicologia clínica, sendo essas submetidas à técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin. Os principais resultados evidenciaram diferenças na percepção de supervisores e supervisionandos quanto ao processo de construção da identidade profissional e ao papel do supervisor como modelo de identificação.

Rita de Cássia Petrarca Teixeira; Fernanda dos Santos Cônsul

ULBRA – Gravataí / RS



"Identidade homogênea, alteridade excluída: formação de vínculos e socialidades na cidade contemporânea".

Para os jovens que vivem nas grandes cidades contemporâneas, o estar entre iguais se apresenta como uma saída à angústia gerada pelo anonimato e caos urbanos. A subjetividade contemporânea é constituída por ideais, práticas e espacialidades características da pós-modernidade. Entendemos que, neste contexto, o sujeito se configura como narcísico, valorizando o investimento no eu, na temporalidade presente e no consumo. Este trabalho baseia-se no estudo que vem sendo realizado há 3 anos pelo Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Intercâmbio para a Infância e Adolescência Contemporâneas (NIPIAC) / UFRJ, buscando discutir a natureza do vínculo do sujeito ao grupo social, especialmente aquele que se produz nas diferentes "tribos" de jovens na metrópole. Uma característica presente no contemporâneo é que muitos dos grupos de convivência que se formam são homogêneos, e seus membros compartilham códigos padronizados, muitas vezes estereotipados. Especialmente entre os jovens, o convívio com os pares se caracteriza pela adesão às regras e às normas do grupo, e através desta adequação o indivíduo é reconhecido e afirma sua existência. Para o sujeito narcísico, investir no grupo é investir em si mesmo. Problematizamos o tipo de encontros e possibilidades de vínculos estabelecidos por jovens, tanto com seus pares dentro de grupos homogêneos, como também com outros que são diferentes dentro dos espaços urbanos. Pretendemos avaliar quais são as práticas efetivas e as práticas possíveis de cidadania e socialização desses sujeitos. A análise será feita a partir das observações-participantes realizadas pelos pesquisadores com grupos de jovens da cidade do Rio de Janeiro (tais como internautas, freqüentadores de shopping centers, moradores de condomínios, funkeiros, lutadores de jiu-jitsu, etc.) e com material obtido através dos projetos "Oficinas da Cidade" e "Cidade em Imagens", desenvolvidos pelo NIPIAC junto a jovens, crianças, pais e educadores. A discussão dos resultados será retomada a partir de autores da Psicologia e áreas afins relevantes ao tema desenvolvido.

MATTOS, Amana R.; CASTRO, Lúcia R.

UFRJ; FAPERJ; CNPq



Identidade Profissional: Determinismo e Liberdade no Processo de Escolha.

Diante das alternativas que o Sistema Capitalista de Produção nos oferece, o trabalho aparece como condição para a existência do homem enquanto cidadão, torna-se acima de tudo, fundamental para a sua sobrevivência. Nesse processo, não podemos considerar o trabalho apenas como um meio para a produção de bens materiais, pois na medida em que o homem transforma a natureza em seu benefício, produz também condições que permitam aos indivíduos relacionarem-se entre si. Assim, podemos dizer que o trabalho produz vida social e ao mesmo tempo é determinado por ela. Porém, a competitividade, a busca por segurança financeira e o desemprego surgem como demanda do sistema e a cada dia tornam o mercado de trabalho mais assustador. Considerando que o processo de escolha profissional precede esse contexto, e como quase sempre ele acontece muito cedo, geralmente na adolescência, entendemos que a qualidade (autonomia e consciência) da escolha pode vir a contribuir para uma melhor qualidade de vida. Sendo assim, pretendemos entender como o adolescente posiciona-se diante de sua escolha profissional. Tivemos como objetivo principal investigar como a percepção de adolescentes, frente às perspectivas de determinismo ou liberdade, atua na construção de sua identidade profissional, em diferentes níveis sociais. Para isso, efetuamos uma comparação entre classes sociais. Realizamos dois estudos de caso, cada um com quatro adolescentes, dois do sexo masculino e dois do sexo feminino, escolhidos conforme as características pré-estabelecidas. As amostras pertenciam respectivamente, segundo a classificação do IBGE, à classe média e à classe baixa. Sinteticamente procedemos da seguinte forma: aplicação e análise do questionário piloto, aplicação das entrevistas semi-dirigidas, transcrição dos registros das entrevistas, estruturação das matrizes relacionais, elaboração de unidades de conteúdo de cada matriz relacional, conclusão das unidades de conteúdo e análise comparativa entre os estudos de caso. Quanto aos resultados, concluímos que existem percepções diferentes entre os adolescentes de classe média, a respeito da construção da identidade profissional, e que a questão religiosa pode influenciar ou definir uma postura determinista frente a esse processo. Referindo-se a classe baixa, pudemos identificar que os adolescentes vislumbravam as contingências que permeavam sua escolha profissional de forma semelhante, por uma perspectiva de liberdade, percebendo-se como indivíduos inclusos num processo e protagonizando este evento. Assim, a perspectiva de liberdade proporciona aos adolescentes pesquisados uma conscientização dos aspectos que permeiam a construção da sua identidade profissional, enquanto que a perspectiva de determinismo não caracteriza a identidade profissional como um processo, mas sim como uma descoberta, prejudicando a implicação desse sujeito como construtor dessa identidade. Quando comparados os resultados das pesquisas, notamos que não existe uma diferenciação entre as classes sociais, quanto a forma que as perspectivas atuam na construção da identidade profissional, apesar das perspectivas diferirem intra-classes.

GRANDI, Cristiano Leonardo; PEREIRA, Rodrigo Nagel; LUNA, Líri Novaes; BRASIL, Vanderlei.

Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL/NPTS.



Identidade racial de crianças da cidade de João Pessoa.

O presente estudo tem como objetivo contribuir para um melhor entendimento dos processos de construção da identidade racial em 147 crianças brancas, morenas e negras de 5 a 10 anos de idade de escolas pública e privada da cidade de João Pessoa. Para tanto, verificou-se a influência da idade e da cor da pele na categorização e na auto categorização racial das crianças. A cor da pele consistiu na classificação das crianças em uma das três categorias raciais: branco, moreno e negro. Esse procedimento foi feito momentos antes de cada entrevista: 3 juizes (entrevistadoras) marcavam secretamente sua opinião. Considerou-se a idade, nas faixas de 5 e 7 anos e 8 e 10 anos. As crianças foram entrevistadas individualmente, em suas próprias escolas, por três entrevistadoras treinadas. A categorização racial, utilizando fotografias como material estímulo, foi avaliada em dois níveis: classificação e reconhecimento. Como indicadores de classificação solicitava-se a organização das fotografias, em pilhas diferentes, sendo uma pilha para cada grupo racial. O indicador de reconhecimento consistiu em organizar fotografias em caixas que continham os rótulos branco, moreno e negro. A autocategorização foi avaliada perguntando-se à criança: “qual desses se parece mais com você?”. A resposta era em termos da escolha da fotografia de uma criança do grupo racial igual ao da criança entrevistada. Nossos resultados demonstram que crianças brancas, morenas e negras de todos os grupos de idades apresentaram capacidade de categorização racial; houve uma marcante tendência ao branqueamento na autocategorização racial, assim, as crianças negras se percebiam como morenas e as morenas como brancas. Neste sentido concluímos que apesar do preconceito estar sendo, atualmente, verificado de forma mascarada isso não implica que tenha havido mudanças no que se refere a construção da identidade racial, mas também não significa que trabalhos de conscientização não possuam valor expressivo quanto ao favorecimento para construção da identidade racial, principalmente, das crianças de cor negra.

Anne Gleide Filgueira Pereira; Patrícia da Silva; Bárbara Rachel Lima Barrêto; Leoncio Camino

Universidade Federal da Paraíba



Identificação e pesquisa de indicadores de modernização da gestão de pessoas em organização mineiras.

O presente trabalho apresenta os resultados de pesquisa sobre a Gestão de Pessoas em organizações, tendo sido também enfocada a atuação de seus profissionais, bem como a dos gerentes de linha no que se refere a essa importante função. O objetivo do estudo consistiu em verificar até que ponto as tendências de mudança na estrutura e na forma de atuação, em direção a uma Gestão de Pessoas mais moderna e descentralizada, estão se concretizando nas organizações mineiras, com base em indicadores identificados em revisão da literatura (Enderewikc, 1993; Bridges, 1994; Storey, 1995; Ulrich, 1997, Fisher, 1998). A pesquisa foi realizada com profissionais de Gestão de Pessoas que atuam em organizações mineiras como assalariados ou autônomos. A amostra foi composta do cadastro de profissionais associados da ABRH/MG, totalizando 400 pessoas, para os quais foi enviado um questionário previamente testado e o percentual de devolução foi de 25% em relação ao total enviado. Para tratamento estatístico dos dados obtidos, foram utilizadas técnicas de análise descritiva (distribuição de frequência, cálculo de médias e de desvio padrão) e o Teste Exato de Fisher. Além disso, desenvolveu-se um índice de modernização com objetivo de sintetizar globalmente os indicadores referentes à Gestão de Pessoas. Constatou-se que o profissional mineiro ainda possui um espaço formal dentro das organizações, contrariando as previsões de redução drástica ou mesmo de extinção da área de Gestão de Pessoas nas empresas. A maioria das organizações ainda possui setor ou departamento, com profissionais de Gestão de Pessoas nele alocados, sendo que, apesar desses apresentarem um perfil polivalente e de os gerentes de linha estarem participando de forma mais intensa da Gestão de Pessoas, tal atividade ainda se configura de modo tradicional. Reforçando esse achado, foi verificado também que, durante a década de 90, a maioria dos profissionais estudados permaneceu empregada, embora um percentual expressivo de assalariados, ao pensar no futuro, tenha revelado intenção de migrar para o trabalho autônomo. Já no que se refere às políticas de Gestão de Pessoas, resultados significativos também foram encontrados. As organizações estão investindo mais em treinamento e reconhecem os talentos e habilidades como vantagens competitivas. Por outro lado, não se percebe melhoria no que se refere à remuneração fixa, e, sim, aumento na carga de trabalho associada à crescente utilização da remuneração variável. Além disso, não têm procurado reduzir o nível de tensão de seus funcionários, de acordo com a percepção dos pesquisados. Os resultados obtidos permitem concluir que, na maior parte das organizações mineiras, apesar de a área de Gestão de Pessoas ainda ter estrutura tradicional e centralizada, avanços podem ser sentidos. Esses avanços tanto podem estar levando-as em direção a uma Gestão de Pessoas mais moderna quanto podem representar uma solução intermediária que aproveita as vantagens desse modelo, mas minimiza seus riscos. Por outro lado, pode-se concluir também que, no contexto atual, as exigências aumentam à medida que se parte para arranjos mais flexíveis de trabalho, sem que haja, entretanto, uma adequada prevenção do estresse no trabalho.

Zélia Miranda Kilimnik

FEAD-MG



Identificação e variáveis determinantes da obesidade infantil: propostas de estratégias de enfrentamento.

O significativo aumento da incidência da obesidade infantil evidencia a importância de realizar estudos acerca desse tema. Portanto, o objetivo deste trabalho foi verificar a influência do comportamento dos familiares sobre o comportamento alimentar da criança e o possível desenvolvimento da obesidade infantil. As causas da obesidade infantil estão ligadas a fatores genéticos, ambientais e psicológicos. Foram estudadas 43 crianças, com idades entre 4 e 6 anos, oriundas de duas escolas particulares, e seus respectivos pais. Os pais responderam a um questionário com questões fechadas, semi-abertas e abertas sobre o comportamento alimentar das crianças. O comportamento alimentar infantil é de responsabilidade da família, porque ela é a primeira a inserir a criança no contexto social e auxiliar na sua aprendizagem. Comprovou-se que para os pais as principais refeições diárias da criança são: café da manhã, almoço e jantar. Foram classificadas outras refeições, como lanche da manhã e lanche da tarde, refeições essas consideradas pelos pais como relevantes somente por estar no período escolar. Através da pesquisa foi possível identificar as estratégias mais indicadas pelos pais como as que influenciam no comportamento alimentar das crianças, dentre as quais se destacam: estar em um lugar específico da casa, presença dos pais, presença de outras pessoas, brincar com a criança e assistir tv. Tais condições são, na verdade, impostas pelas crianças. Foi verificado que as estratégias de verbalização dos adultos para manter a criança alimentada foram: dar ordem, elogiar o alimento, elogiar a criança, pedir para experimentar a comida e oferecer recompensas (tais como doces, frutas e brincar com a criança). Os sentimentos dos pais pesquisados durante a alimentação da criança são: indiferença, felicidade, tranquilidade e ansiedade, modelando assim o padrão alimentar da criança. Esse padrão, por sua vez, é manipulado pelas crianças através da escolha dos alimentos que serão levados diariamente à escola, tais como: bolo, frutas, sanduíches, salgadinhos, bolacha, entre outros. Como finalização, na pesquisa foram elaboradas propostas de estratégias de enfrentamento, através de um manual com informações básicas sobre obesidade infantil para orientação das famílias. Sugerem-se estudos que continuem investigando a identificação da obesidade infantil, bem como as variáveis determinantes desse problema.

Patrícia B. Bobato; Paula Fabiana Araujo Coelho; Valéria Denes da Mata; Denise Heller Et ali.

Universidade Tuiuti do Paraná.



Imagem e poder: a aparência como referência identitária e condutora de desigualdade social.

O presente trabalho é resultado do desenvolvimento do Projeto Cidade em Imagens, uma atividade de pesquisa e extensão realizada pelo NIPIAC que, através da apresentação dos vídeos “A cidade é grande demais para mim”, “O outro como inimigo?” e “E o público é de quem?”, produzidos pelo Núcleo em 1999-2000, tem desenvolvido junto a crianças, jovens e adultos da cidade do Rio de Janeiro foros de discussão e reflexão sobre os seguintes temas: a participação de crianças e jovens na vida da cidade, o acesso e a utilização de novos espaços da cidade, os excessos da cidade e as maneiras como os jovens lidam com eles, a importância do trabalho coletivo, a manutenção e ocupação do lugar público, a hostilidade e a violência entre grupos, as formas de solidariedade, o preconceito, a desigualdade social e a construção de vínculos sociais. O trabalho tem se desenvolvido, até o momento, em escolas particulares e públicas, do ensino fundamental e médio, e associações de bairro, abarcando desde crianças a idosos - alunos, pais, professores e coordenadores de instituições - tendo contado até esta data, com a participação de 745 pessoas. Qualificando as falas emergidas durante o processo de reflexão dos temas abordados, pretendemos com este trabalho trazer à luz uma das questões que mais enfaticamente surgiu ao longo das discussões: ela aponta para uma possível compreensão de como os jovens se inscrevem como sujeitos dentro dos grupos a que pertencem a partir da imagem propiciada pela aquisição de bens de consumo. Estas parecem estar determinadas pelo poder econômico, revelando a categorização e participação em determinado grupo e conseqüente inclusão e/ou exclusão social. O constrangimento e o sentimento de impotência percorre a fala de jovens de escolas públicas que, em seus relatos apontam, não só para o preconceito diante do emblema de seus uniformes, marca que lhes define socialmente, como também para a falta de perspectivas futuras ao se verem restringidos de uma qualificação escolar que lhes permita vislumbrar uma capacitação profissional tal qual a que acreditam ter os jovens de escolas particulares. Estes por sua vez apresentam certo incômodo com as classificações que lhes confere a inserção nos grupos aos quais pertencem: adensados às imagens de patricinha, playboy, mauricinho, entre outras. Ensaíam em suas falas a distinção das atitudes conferidas a cada uma dessas categorias buscando se diferenciarem como sujeitos e se descolarem da imagem social que estas imperam, o que por vezes lhes escapa ao se darem conta, durante o próprio processo de reflexão, que estão falando de diferenças, estranhamento e desigualdade social. O Projeto Cidade em Imagens continua em andamento, dando prosseguimento à análise do material emergido durante os debates, objetivando retornar às instituições com as quais se trabalhou, buscando parcerias que estejam implicadas com os temas propostos e dessa forma dar continuidade à proposta de favorecer o intercâmbio entre universidade e sociedade.

Sônia Borges Cardoso de Oliveira; Letícia Lopes Seves; Rafael Barreto de Castro; Lucia Rabello de Castro.

UFRJ.



Imagens da Faculdade de Educação: Aproximação Entre a Psicologia Social e a Análise Institucional.

Este projeto realiza-se no Núcleo de Gestão e Avaliação da Faculdade de Educação (NUGA), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Objetiva estabelecer um quadro avaliativo da instituição na ótica de uma amostra significativa dos seus participantes, proporcionando subsídios para que a presente e as futuras gestões possam detectar desvios e adequar os projetos desenvolvidos à realidade. Pretende, ainda, alcançar progressos no estudo das representações sociais e ser utilizado por outras instituições, como estratégia de avaliação das mesmas. A metodologia de coleta de dados está baseada em uma adaptação do método de “Indução por Cenário Ambíguo” (ISA), criada por Pascal Moliner. Foram criados dois instrumentos, iguais em estrutura, em que o primeiro identifica a instituição avaliada como a Faculdade de Educação da UERJ e o segundo, como uma Faculdade qualquer. Eles foram aplicados aos alunos dos três Cursos oferecidos pela Faculdade de Educação: Pedagogia, Magistério para as Séries Iniciais do Ensino Fundamental (CPM) e Educação Artística, abrangendo alunos, professores e funcionários. Após a aplicação dos instrumentos foi realizada uma entrevista semi-estruturada, com uma amostra de 30 alunos, 14 professores e 06 servidores, em que solicitávamos que falassem livremente sobre a Faculdade e como a percebiam.. Iniciou-se, então, a etapa de análise dos dados obtidos. A partir deste momento, passamos para a etapa de análise dos dados. A vertente quantitativa da mesma permitiu a construção de gráficos, o que nos proporcionou uma visão mais clara e precisa das diferenças entre os dois instrumentos. Trabalhamos com categorias como maior e menor dispersão das escolhas, itens mais e menos freqüentemente apontados, assim como aqueles que apresentavam menor disparidade entre si, por exemplo. No momento, começamos a estabelecer categorias para a realização da análise do discurso das entrevistas e, logo depois, faremos o cotejo desta análise, qualitativa com a outra, de cunho quantitativo. Pudemos observar que a referência ao fato da instituição avaliada ser a Faculdade de Educação da UERJ afetou significativamente os itens referentes ao ambiente democrático, à relação com a comunidade externa e ao aproveitamento do espaço físico, por exemplo. Quando a instituição focalizada era nomeada como "uma Faculdade de Educação", genérica, as maiores diferenças recaíam em aspectos como a integração do Currículo, a qualidade das aulas e a preparação dos formandos para o mercado de trabalho. Isto nos permite hipotetizar que estes três últimos aspectos precisem de maior cuidado e atenção, na instituição avaliada. O processo de avaliação institucional, como está sendo realizada, torna-se um poderoso instrumento na investigação dos pontos positivos e negativos da instituição. Tais resultados indicarão a necessidade de possíveis mudanças, a serem oportunizadas de variadas formas. Atualmente esses dados estão sendo utilizados no processo de Reformulação Curricular do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da UERJ.

Eloiza da Silva Gomes de Oliveira; Daniele da Costa Conceição

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)



Imagens e Miragens Adolescentes: permeabilidades entre subjetividade e estética.

A valorização da imagem corporal se faz presente no cenário cotidiano, e os jovens participam ativamente deste movimento. Como artífices de uma nova construção, os jovens fazem da corporeidade e de sua imagem o lugar da identidade pessoal, de reconhecimento de si e do outro, fazendo-nos questionar a concepção de uma externalidade vazia de sentido. A imagem torna-se um desafio para o estudo das subjetividades, que tradicionalmente teve seus eixos constituídos nas noções de interioridade e fechamento. As condutas dos adolescentes conduziram-nos ao sentido que estes dão às suas práticas, e à constatação de que, através da estética corporal, buscam dar expressão a suas fantasias e miragens, trazendo para a cena cotidiana seu desejo de ser. Compreendemos que a imagem corporal se atrela às invenções e reorganizações sociais ocupando um lugar privilegiado neste contexto. Os adolescentes sentem, pensam, vivenciam e interpretam através de seu próprio corpo, utilizando-se da estética na manifestação de suas expectativas. A imagem do corpo permite uma comunicação, estabelecendo também verdadeiras redes de exclusão e inclusão social. A estética do corpo tornou-se uma forma de se relacionar, de se divertir e também de transgredir, de exprimir o que é sentido através de uma presença marcante e por vezes ostensiva, sem abrir mão de uma singularidade. Utilizamos como público alvo de nosso estudo, jovens de 14 a 19 anos, moradores da cidade do Rio de Janeiro, pertencentes a diferentes segmentos sociais. O trabalho desenvolveu-se a partir de pesquisa bibliográfica e trabalho de campo, observação de jovens, entrevistas individuais e em grupos, realizadas em lugares públicos e privados.

LEHMANN, Lúcia de Mello e Souza; BARBOSA, Cristina; BASÍLIO, Elaine; GOLARTE, Luciana; MOURA, Luciana.

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO; CNPq; FAPERJ



Impactos da hospitalização em pacientes psicóticos.

Durante a hospitalização, o paciente se depara com vários estressores ambientais. Para enfrentar este momento ansiogênico recorre aos mecanismos de defesa e de adaptação mais utilizados ao longo de sua história de vida. Com uma estrutura de personalidade psicótica, o sujeito recorre a defesas mais primitivas, uma vez que para ele, o mundo externo torna-se ainda mais ameaçador. Estes sentimentos de despersonalização e de desintegração vivenciados por pacientes psicóticos necessitam de compreensão e intervenções específicas, principalmente por ocasião da hospitalização. O trabalho tem como objetivo mostrar a relevância do atendimento psicológico a pacientes psicóticos durante a hospitalização, através do estudo dos relatos dos atendimentos feitos a uma paciente com internação psiquiátrica há mais de 20 anos. A paciente foi internada no IC-FUC para implante de marcapasso e encaminhada à Psicologia pela equipe multiprofissional, pois estava agredindo os funcionários, arrancando os procedimentos e não se comunicando. A clínica psicológica em ambientes hospitalares mostra-se relevante tanto para os pacientes, quanto para a equipe, que experimenta uma diminuição de sua ansiedade e de suas fantasias em relação ao cuidado a pacientes que tem seu sofrimento psíquico aumentado devido à internação. Se a intervenção psicológica no contexto hospitalar exige uma modificação na técnica, o trabalho com pacientes psicóticos hospitalizados necessita maior especificidade e estudo.

MINATTO, Monalisa; Paula Daudt Sarmento Leite.

Instituto de Cardiologia do RS.



Impactos emocionais nos casais em processo de fertilização-reprodução assistida.

Na sociedade, uma função social e biológica importante do casamento é ter filhos. Com toda a informação e tecnologia disponível a incapacidade de ter filhos ainda é vista como um defeito, falha. A instituição casamento pressupõe a chegada de filhos, para que se possa passar de casal para então família e um dos valores mais altos na família são... os filhos. “Procriar é a maneira que temos de transcender nosso maior drama existencial, ou seja, nossa finitude e morte”(Pereira,1998). O que acontece quando esse projeto se vê ameaçado por uma infertilidade? Por uma “possível impossibilidade” de se ter filhos? Mesmo considerando a singularidade de cada casal, algumas respostas emocionais são muito freqüentes, como medo, raiva, choque, ansiedade, frustração e vergonha. Outro importante fator estressante, que não poderia faltar, é o alto custo dos tratamentos. “O custo tem sido identificado como uma causa de estresse nos casais com maior freqüência que o fato de estar numa lista de espera para começar um ciclo de tratamento”(Hardy,1998). Uma outra questão que parece estar sempre presente na vida desses casais é o segredo. Eles não contam a ninguém sobre o que passam, enfrentam e sofrem sozinhos todos os dolorosos e angustiantes procedimentos médicos. Eles não têm uma rede de apoio e quando a têm não se sentem acolhidos por ela. “...mais e mais , descobriram que “as questões bem-intencionadas da família e dos amigos” eram insensíveis e os magoavam...”(Imber-Black,1994). Assim, minha pesquisa consistiu numa entrevista semi-estruturada com duas mulheres (seus cônjuges não puderam participar) em processo de fertilização, no caso a FIV (fertilização in vitro). O objetivo era de verificar através de depoimentos, diferentes sentimentos frente a esse processo, como também pensar em práticas terapêuticas adequadas. Através dessas entrevistas constatei a fragilidade e insegurança dessas mulheres frente a esse processo. Como também sentimento de frustração, irritação e muita ansiedade. Assim como na bibliografia, o segredo é peça fundamental em seus processos. O trabalho psicológico vem como uma acolhida ao sofrimento desses casais, ou seja, dar espaço onde eles possam fazer os “lutos” necessários e ao mesmo tempo, ajudá-los a buscar soluções para os problemas oriundos desse profundo desejo de ter filhos. E assim, fazer desse desejo uma forma de potencialização de vida. “Quando alguém – qualquer que seja a potência de sua força – é separado daquilo que pode, não lhe resta outra alternativa senão transformar-se em um poço de recriminação e de ressentimento, em um veneno amargo que corrompe a si próprio e ao mundo que o cerca” (Naffah Neto,1991). Gostaria de finalizar ressaltando a importância da discussão desse tema. Cada vez mais casais postergam seus planos em ter filhos, e cada vez mais a medicina avança tentando ajudar esses casais a concretizar seus sonhos. E nós psicólogos, como estamos encarando isso?

Úrsula Miotti.

Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos.



Impasses e Direções no Estágio Supervisionado.

A proposta de um Serviço de Psicologia Aplicada é considerar a clínica psicológica na âmbito de uma formação universitária onde os estudantes, a partir de uma prática acompanhada, adquirem a articulação entre a fundamentação teórica e a experiência clínica. Nesta perspectiva acreditamos que uma indagação sobre o trabalho clínico pode encaminhar questões sobre alguns impasses que se apresentam de difícil superação. A formação de terapeutas só tem eficiência se realizada no âmbito de uma clínica. Mas parece que este rigor não é suficiente para suprir as dificuldades que os alunos apresentam. O que temos hoje é uma considerável desilusão dos estudantes face ao que pensam ser a teoria e prática clínicas, que se manifesta pela busca de alternativas muito mais como evitamento da clínica do que como identificação efetiva. Há um sensível desalento dos alunos no que diz respeito à possibilidade de dizerem com clareza o que pretendem fazer enquanto clínicos, o que os deixa certamente inseguros quanto às suas perspectivas de entrada no mercado de trabalho. Nossa pesquisa tem como tema o discurso dos estudantes de psicologia do curso de graduação sobre a experiência clínica no estágio. A investigação de tal estrutura discursiva é relevante na medida que possibilita esclarecer seu modo de pensar em relação a essa prática clínica. Essa relação peculiar que os alunos estabelecem com o estágio clínico determina uma dificuldade, um impasse no estabelecimento da experiência clínica e a reflexão que daí deve se seguir. A psicanálise é uma prática clínica que se exerce regulada pelas condições da fala e da linguagem, e como tal se dirige a um sujeito. No entanto, não se trata de qualquer realidade subjetiva, mas um fato de discurso que não se reduz ao simples conjunto de palavras que um indivíduo profere. Um discurso é uma fala que, enunciada a partir de um conjunto de falas em que os sujeitos reconhecem seus lugares, cria ou confirma a existência, entre esses sujeitos, de um vínculo social como lugar do discurso familiar ou cultural em que eles tiveram que encontrar seu lugar de sujeitos. A população é composta por estudantes de Psicologia da UNESA, Campus Friburgo, que ainda não tiveram ou que estão tendo alguma experiência clínica no SPA. A seleção dos sujeitos da pesquisa visa a composição de dois grupos: o grupo que pertencem aos sete períodos iniciais do curso de psicologia que não estão em estágio clínico ou que estejam no momento da pesquisa realizando seu estágio no SPA. Os dados serão coletados a partir das informações fornecidas pelos próprios sujeitos através de uma entrevista dirigida semi-estruturada, composta de questões abertas sobre o discurso do aluno sobre sua prática clínica sua experiência clínica no SPA. Tais itens constituirão os dois eixos temáticos estruturantes da entrevista. Trata-se de uma pesquisa que privilegiará a abordagem qualitativa. O material obtido será submetido a uma análise discursiva, baseada em uma categorização dos eixos temáticos referentes ao material implícito e explícito, sendo ambos interpretados a partir do referencial psicanalítico.

Lucia Pumar-Cantini; Jefferson Cabral Azevedo; Elsa Santos Neves, Patricia Netto Coelho



Implicações do processo de educação formal e da produção de subjetividades para a construção da cidadania.

Sendo essencialmente um ser cultural, o homem se constitui através da relação com o outro. O homem está inserido em um campo simbólico, de interações, onde se aprende formas de pensar e agir, as crenças, os hábitos, os valores e os sentidos da vida humana em sociedade. Trata-se portanto da constituição social do indivíduo, no qual os modos de viver, pensar, agir são construídos nas redes de relações. Nesse sentido, as subjetividades são produções histórico-sociais. Imbuído na política econômica do neoliberalismo, o Brasil vive um processo que produz cada vez mais miséria e desigualdade social. A maioria da população não tem acesso aos bens mínimos necessários à dignidade humana (alimentação, saúde, educação, moradia etc.). Este contexto de expropriação de direitos é acompanhado de um processo de produção de subjetividade em que há valorização e fortalecimento do consumismo e de formas de agir e pensar cada vez mais individualistas, competitivas e excludentes. As subjetividades produzidas neste contexto são destituídas de ética e de poder de transformação, caracterizando-se pela crença de uma “naturalização” da pobreza e da desigualdade social, bem como pelo descaso e imobilização diante dela. Nesse sentido, como as formas de pensar e agir, os valores e as crenças são produzidos e articulados dentro de determinadas lógicas de uma dimensão social específica, podendo ser transformados torna-se fundamental conhecer e investigar como a produção de subjetividades, ou seja, as formas de pensar, sentir e agir e a educação (formal e informal) estão implicados com a realidade de cidadania recusada e de não-garantia de direitos à maioria da população. Este trabalho objetivou discutir a relação entre educação e cidadania; qual o papel do sistema de educação formal (escola e universidade) e informal para o exercício da cidadania; bem como investigar quais as noções de cidadania e as práticas de cidadania voltadas a sua construção, presente entre atores sociais da escola e universidade pública. Para isso entrevistou-se estudantes universitários e professores da rede pública de ensino. Os dados obtidos foram analisados qualitativamente de acordo com a literatura pesquisada. Pode-se constatar que em geral há uma noção formal de cidadania, não sendo portanto, algo concreto que é pensado e praticado cotidianamente. Os sujeitos em geral sentem-se acomodados, paralisados, não implicados com o exercício da cidadania e com a construção/transformação da sociedade em que vivem. Verificou-se também que não há incentivo para uma educação de qualidade que esteja comprometida através de um projeto pedagógico-político-ético-profissional de desnaturalização de valores e práticas incompatíveis com o exercício da cidadania. Diante destes fatos ressalta-se que é válido repensar o papel da educação no contexto sócio-histórico em que ela se instaura; e criar dispositivos através da educação formal e informal para produzir subjetividades implicadas com a solidariedade e melhoria da qualidade de vida coletiva.

Lívia Godinho Nery Gomes; Maria Teresa Lisboa Nobre

Universidade Federal de Sergipe



In(ter)venção da Psicologia Junto a Grupo de PNEs Através de Atividades Lúdicas, Psicomotoras e Artísticas.

O presente trabalho integra o Projeto de Extensão " In(ter)venção da Psicologia através de Atividades Lúdicas Psicomotoras para Pessoas com Necessidades Especiais", vinculado ao Departamento de Psicologia do Centro de Ciências Sociais e Humanas (CCSH) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e conta com o apoio da Prefeitura Municipal desta cidade, a qual cede o local para prática do referido projeto. Este é monitorado por quatro acadêmicas de Psicologia, juntamente com acadêmicos dos cursos de graduação de Educação Especial e Educação Física. As atividades de intervenção iniciaram-se em agosto de 2001 e têm como público grupo de Pessoas com Necessidades Especiais (PNEs), tais como Síndrome de Down, Autismo, Paralisia Cerebral, Hiperatividade e Deficiência Física e Mental, de Santa Maria e região. Este projeto aposta, interdisciplinarmente, na heterogeneidade do grupo, valorizando a diferença e o direito da sua participação na sociedade. Tem como finalidade promover a socialização dos participantes do projeto, trabalhando aspectos psicológicos, principalmente os cognitivos, e explorar as aptidões e capacidades criativas destes. Além de propiciar às acadêmicas envolvidas estudo, pesquisa e experiências de extensão relacionadas à Educação e Saúde, através de práticas comunitárias. Para tanto, utiliza-se como recurso de in(ter)venção junto às PNEs exercícios de psicomotricidade, atividades lúdicas e arte. A prática é realizada aos sábados, no Centro Desportivo Municipal de Santa Maria, e fundamentada em reuniões semanais de planejamento e avaliação das atividades. Ainda, para contribuir à aprendizagem das alunas de graduação são realizados, simultaneamente, seminários temáticos acerca de questões relevantes, relacionadas aos objetivos do projeto e discutidas em grupo. Mesmo que o trabalho esteja em andamento, como um processo contínuo, e não almeje resultados e conclusões definitivas, foi possível concretizar algumas ações já no primeiro semestre de funcionamento do projeto. Acompanhou-se o desenvolvimento das PNEs, visualizando-se o processo de socialização e o progresso do processo cognitivo. Como também constatou-se, através de observações participantes, que a metodologia utilizada auxilia a superar os objetivos propostos, possibilitando espaços de criação a monitores e a participantes. Assim, por oportunizar espaço para PNEs, o projeto do Grupo de Trabalho da Psicologia adquire significativa relevância social, uma vez que trabalhos com esse público são poucos e em sua maioria pagos. Trabalhar com as questões de diferença, preconceito e inclusão possibilita um trabalho de aprimoramento acadêmico e enriquecimento pessoal às graduandas.

Bartiéli Fernandes Corrêa Barreto; Camila dos Santos Gonçalves; Daniela Lima Rivas; Maúcha Sifuentes dos Santos; Dorian Mônica Arpini.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA – UFSM / RS.



Inclusão de aluno com autismo no ensino regular.

A Constituição Federal de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n° 9394/96 estabelecem que a educação é direito de todos, garantindo atendimento educacional especializado aos Portadores de Deficiência. A educação inclusiva é uma das formas mais recomendáveis de atendimento educacional para os alunos que apresentam deficiências(s), altas habilidades e condutas típicas de síndromes. Constitui-se o caminho mais eficiente para a construção da cidadania e da participação na vida social. A Escola por sua função essencialmente humanística necessita lançar-se à inclusão de alunos com necessidades educativas especiais, incluindo também pessoas com autismo que é uma síndrome comportamental com possíveis múltiplas etiologias, na qual o processo de desenvolvimento infantil encontra-se profundamente comprometido (Gilberg, 1990; Rutter, 1996). Desta forma, os alunos com deficiência ou não, terão a oportunidade de vivenciar a riqueza que a diferença representa no ambiente escolar – espaço genuíno para o convívio destas diferenças e elaboração do respeito à diversidade. O objetivo geral deste projeto é proporcionar atendimento educacional à criança com Transtorno Autista, visando a promoção de suas capacidades, a integração no sistema regular de ensino e a participação na vida social. Os objetivos específicos consistem em: a) acompanhar o processo de adaptação do aluno na classe regular; b) assessorar a professora da classe regular onde o aluno está inserido; c) possibilitar a aceitação do aluno com suas diferenças, colocando seus valores, limites, dificuldades na vivência do cotidiano; d) favorecer a reflexão de cada aluno sobre si mesmo e em relação as suas formas de pensar, sentir e agir, conscientizando-se de suas dimensões. Procedimentos: entrevistas preparatórias com a família do aluno; visitas informais à escola para que o aluno conheça seu novo ambiente escolar; reunião com representantes das duas escolas envolvidas para estabelecer as combinações pertinentes ao processo inclusivo; diminuição gradativa da permanência da professora da classe de alunos com autismo na classe regular e, posteriormente, na escola de destino; aumento gradativo de permanência do aluno com autismo na classe regular; complementação pedagógica na escola especial, duas vezes por semana; reunião na Escola Especial com as Direções das duas escolas e os demais professores envolvidos; assessoramento sistemático à professora da classe regular, ao SOE e a comunidade escolar feito pela professora da classe de crianças com autismo; trabalho de sensibilização com histórias, personagens infantis e filmes que abordem a temática da diferença, com os alunos da escola regular; esclarecimento de curiosidades e dúvidas dos alunos da classe regular por parte da professora da classe do aluno com autismo sobre determinadas condutas deste em inclusão (sem a sua presença em sala de aula); visita das crianças da classe regular à Escola Especial e trabalho de socialização e integração com passeios. Para organização deste trabalho são utilizados os pressupostos do paradigma da educação inclusiva com abordagem cognitivista interacionista e aportes psicanalíticos. Resultado: A experiência está sendo bem sucedida: O aluno cursou a 1ª série (2001) e frequenta a 2ª série (2002) e está sendo iniciado o processo de inclusão com outro aluno.

Maria de Fátima Laude Lisboa

Escola Estadual Especial Cristo Redentor (Porto Alegre-RS)



Inclusão de alunos com necessidades especiais no ensino regular.

Iniciativas para a inclusão de portadores de deficiência na sociedade vem ocorrendo há anos. A busca e a garantia de direitos está cada vez mais presente e a criação de práticas inclusivas começam a ser manifestadas com ótimos resultados em ambientes educacionais, de trabalho, lazer e esporte, inclusive no Brasil. Pesquisas indicam que o fator mais crítico para o sucesso da inclusão em setores educacionais são as atitudes. Uma vez que as atitudes estão diretamente relacionadas ao comportamento, investigar as atitudes dos professores em relação ao ensino de pessoas portadoras de deficiência é ponto importante, pois disso depende o sucesso de qualquer método de ensino. O presente estudo teve como objetivo avaliar os benefícios da proposta de inclusão, bem como as possíveis desvantagens que o mesmo pode trazer. A amostra foi composta de 15 professoras do ensino regular de cidades do interior de São Paulo. O instrumento utilizado foi a entrevista semi – estruturada com base num roteiro de 17 questões relacionadas à proposta do ensino inclusivo. Os dados obtidos foram analisados em termos qualitativos. Os principais resultados apontam que os professores não se sentem preparados para ensinar as crianças portadoras de deficiência devido à carência de conteúdos relacionados ao tema em sua formação. Parte dos sujeitos não concorda com a obrigatoriedade da lei de inclusão alegando que não há estrutura para um atendimento adequado. Outra parte concorda com a obrigatoriedade alegando que se não houvesse a imposição da lei, a inclusão não ocorreria. A educação inclusiva contribui para a auto - estima, auto - aceitação e auto – valorização do aluno portador de deficiência e, conseqüentemente, para um progresso acadêmico e social. Para o aluno “normal”, o contato com o a criança portadora de deficiência faz desenvolver seu espírito solidário, ao mesmo tempo que o ajuda a valorizar a diversidade, a lidar melhor com as diferenças e com as dificuldades dos outros.

Mariana Pisapio Martins Ferreira; Marina Caversan de Oliveira; Mônica Tironi Galhardo; Roberta Vieira Duran; Tereza Paula Duarte

Pontifícia Universidade Católica de Campinas



Inclusão escolar: perspectivas e sentimentos de professores.

Inclusão e integração escolar são termos que têm sido utilizados por alguns autores como sinônimos, mas que expressam situações de inserção diferentes. A inclusão escolar preconiza a inserção de todas as pessoas no ensino regular independentemente de suas características, enquanto a integração escolar é uma forma condicional de inserção, em que vai depender da capacidade do aluno para se adequar às opções que o sistema oferece. O presente estudo teve como objetivo conhecer como os professores concebem a inclusão escolar, bem como as implicações educacionais decorrentes da inserção de alunos com necessidades educacionais especiais no ensino regular e os sentimentos que suscitam nos professores. Participaram desta pesquisa 10 professoras do ensino fundamental de uma escola municipal localizada na Região Metropolitana de Campinas. As participantes foram entrevistadas, os dados áudio-gravados e posteriormente submetidos à Análise de Conteúdo. Os resultados indicaram que as docentes conceituam inclusão escolar como sinônimo de integração escolar, uma vez que indicam como sujeito da inclusão escolar o aluno com necessidades educacionais especiais e apontam que a inserção deste aluno no ensino regular deve estar condicionada ao nível e/ou tipo de necessidades educacionais especiais por ele apresentado. As docentes apontaram como conseqüências favoráveis da inserção escolar de alunos com necessidades educacionais especiais a possibilidade de que todos os alunos aprendam a lidar com o preconceito, a oportunidade de promover o desenvolvimento do aluno com necessidades educacionais especiais e o favorecimento da sua socialização com os demais alunos. Como conseqüências desfavoráveis, indicaram que a inserção escolar do aluno com necessidades educacionais especiais oferece limitações para a promoção do seu desenvolvimento cognitivo, problemas em ser aceito pelas outras pessoas e provoca alteração no modo de ser dos demais alunos. As docentes fizeram referência a diversos sentimentos suscitados pela inserção de alunos com necessidades educacionais especiais no ensino escolar: de desafio, de medo, de incapacidade, de frustração, de cobrança pelos familiares e de desmotivação. Estes dados revelam por um lado, a adesão de algumas docentes à formação ideológica da exclusão na medida em que apontam que os alunos com necessidades educacionais especiais não são plenamente aceitos pelos demais alunos e professores, acreditam que a sua presença compromete o desenvolvimento dos demais alunos e revelam os vários sentimentos negativos que a inserção escolar destes alunos tem provocado. Por outro, os resultados indicam que algumas professoras reconhecem que a inserção escolar de alunos com necessidades educacionais especiais traz implicações positivas para todos os alunos. Os resultados desta pesquisa apontam para a relevância em se repensar as práticas de formação docente e a necessidade de maiores investimentos no desenvolvimento profissional docente a fim de que a inclusão possa ser implementada de fato.

Vanessa Cristina Cabrelon Jusevicius; Ana Maria Falcão de Aragão Sadalla

Pontifícia Universidade Católica de Campinas; CNPq



Inclusão psicossocial do idoso em grupo de convivência.

A problemática do envelhecimento tem provocado debates nas diversas esferas da sociedade. De acordo com dados do (IBGE, 2000), 15 milhões de brasileiros são idosos, estes números refletem o aumento da expectativa de vida nessa fase do desenvolvimento humano. Neri (1993), ressalta que “a promoção na qualidade de vida dos idosos excede os limites da responsabilidade individual, é necessário uma transformação biopsicossocial”. Este projeto de extensão universitária, teve como objetivo a formação de um grupo de convivência de idosos como locus das discussões relacionadas às questões da velhice. Participaram 21 idosos, de ambos os sexos, baixa renda, (média de idade 66 anos), residentes na Comunidade Tito Silva, em João Pessoa/PB. Realizou-se atividades tais como: oficinas de trabalhos manuais; exames preventivos de diabetes e hipertensão; dinâmicas de grupo com psicólogos (com enfoque aos jogos memória e da socialização); fisioterapeutas (enfocando a postura, formas de alongamento e relaxamento); educadores físicos (lazer e entretenimento); palestras com profissionais de diversas áreas do conhecimento, com temas pertinentes a qualidade de vida, a aposentadoria, os hábitos alimentares, o bem estar psicológico e a auto-estima. Como também, sensibilizá-los quanto aos seus direitos e deveres (cidadania), tendo como base a Política Nacional do Idoso (Lei 8.842/94). Como resultados dessa experiência, pode-se observar a consolidação e manutenção do grupo como espaço de resgate da cidadania e auto-estima, a revalorização da velhice com a quebra de estereótipos e preconceitos. Portanto, face ao exposto, vê-se a necessidade e da continuidade da implementação de projetos correlatos, em outras comunidades não contempladas com grupos de convivência de idosos, com o intuito de contribuir para um melhor enfrentamento psicossocial da velhice.

Ludgleydson Fernandes de Araújo; Eduardo Figueiredo Moreira.

UFPB.



Indicadores de alcoolismo no Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister.

Texto: Introdução: O uso abusivo de bebidas alcoólicas é um problema que cresce significativamente em nossa sociedade, atingindo pessoas independente de idade e nível social. De acordo com a literatura um indivíduo é considerado dependente quando uso de álcool está causando danos físicos ou mentais a sua saúde, evidenciando sintomas de tolerância e abstinência. Instabilidade emocional, pouca tolerância a frustrações, busca de gratificação imediata, regressão e fixação oral, são algumas das características comuns a esse quadro. O teste de Pfister é uma técnica de avaliação psicológica bastante usada, que consiste na execução de três pirâmides compostas por quadrinhos coloridos. Não encontramos dados de validade desse instrumento para o diagnóstico de alcoolismo. Objetivo: Validar o teste das Pirâmides Coloridas de Pfister para o diagnóstico do alcoolismo. Metodologia: A amostra foi composta por 15 indivíduos diagnosticados como alcoolistas (GE) e 110 pessoas que nunca procuraram ajuda psiquiátrica ou psicológica (GC). O grupo experimental foi composto com base nos dados obtidos por meio da SCID (Entrevista Clínica Estruturada Para Transtornos do Eixo-I do DSM-V). Em ambos, os grupos, aplicou-se o teste de Pfister e os resultados foram analisados estatisticamente. Resultados: Com relação à frequência das cores observou-se que o aumento da cor vermelha e à constância absoluta da cor violeta associados eventualmente à execução de tapetes distingue o grupo experimental do grupo controle.

Güntert; Anna Elisa de Villemor Amaral; Primi, Ricardo; Silva, Telma Claudina.

Universidade São Francisco.



Indicadores Do Processo De Instalação Das Bases Para A Interação Mãe- Bebê.

Esta pesquisa se insere no conjunto de investigações que partem da preocupação com a constituição do homem enquanto sujeito bio-psico-social, e com os principais mecanismos envolvidos neste processo. Adota-se a perspectiva que considera a interação social como fator constitutivo do desenvolvimento humano. Considerando a abrangência e as variações culturais e sociais que o tema da interação social e desenvolvimento comporta, elegeu-se direcionar o foco deste estudo para as mães como membro da dupla interativa mãe-bebê, particularmente para o modo como estavam vivenciando a experiência de se tornarem mães. Esta vivência tem sido apontada em estudos na área, como fundamental para a constituição da ligação inicial entre mãe e bebê. A meta foi a investigação dos processos psíquicos desencadeados nas mulheres tendo em vista o evento da gestação, e, conseqüentemente, os processos e personagens envolvidos na organização das bases para a interação com o seu bebê, até mesmo no período intra-útero. Neste contexto, foram discutidas as presenças de crenças e valores culturais demarcando este terreno. Alguns aspectos de duas abordagens teóricas foram articuladas, a psicanálise e abordagem sócio cultural. O estudo empírico teve como amostra 60 gestantes primíparas distribuídas pelos três trimestres gestacionais, caracterizando assim o período gestacional como um todo. Foram utilizados como instrumentos, entrevistas e desenhos. Estes foram analisados qualitativa e quantitativamente, a fim de encontrar possíveis indicadores para as bases dos processos interativo mãe-bebê. A análise indicou que durante o período gestacional, há a ativação de mecanismos que visam preparar a mãe para a recepção de seu futuro bebê. Neste processo, foi identificada a organização de um tipo de proteção estendida em torno da mãe, compreendida como o sistema de rede de apoio, onde a figura do marido/companheiro demonstrou ser de fundamental importância. Além deste, outros personagens provenientes, sobretudo, das famílias de origem de cada um dos cônjuges, mais enfaticamente da família materna, tendo como representante principal à própria mãe (futura avó), demonstraram ocupar um lugar de destaque dentro da dinâmica funcional desencadeada pelo processo gestacional. A relação com a equipe médica e de saúde funcionou como estabilizador dos conflitos, inseguranças e medos despertados pelas alterações corporais. Estudos futuros sobre interação mãe-bebê e construção da maternidade poderão dar continuidade a esta investigação, com base em seus resultados e conclusões.

Simone Biangolino Rocha; Maria Lúcia Seidl de Moura

Universidade do Estado do Rio de Janeiro



Industrialização, Urbanização e Disciplinamento no Rio Grande do Sul (1941 – 1950).

A presença no Rio Grande do Sul de numerosos contingentes de origem imigrante (e de seus descendentes) das mais variadas etnias, provenientes especialmente da Europa Centro-Oriental e Meridional, permitiu a decolagem da economia no setor urbano-industrial, ainda nos anos 1930-1940. Populações majoritariamente egressas das áreas rurais, demandaram, do ponto de vista das camadas dominantes, uma série de medidas legais e de práticas sociais destinadas a conter dentro de parâmetros socialmente aceitos os comportamentos daquelas populações, seja no espaço público, seja no espaço da fábrica. Na década seguinte (1941-1950), os problemas decorrentes do processo de intensa industrialização foram acentuados, frente a uma conjuntura externa de conflito armado (a Segunda Guerra Mundial) e as tensões que se seguiram ao imediato pós-guerra (Guerra Fria), a que a sociedade rio-grandense não ficou imune, principalmente pela marca europeia de sua população, sobre a qual se fizeram sentir medidas repressivas, incluindo-se numerosos internamentos em instituições “disciplinadoras”. A ação do Poder Público pode contar com a adesão de políticos, médicos, empresários, intelectuais, jornalistas e de boa parte da sociedade. Por outro lado, é o momento em que as mulheres foram chamadas a participar do processo econômico, gerando conflitos intra-familiares de que resultaram também em numerosos internamentos nas chamadas “instituições totais”. Tendo como fontes documentais primárias cerca de 12.000 (doze mil) Prontuários pertencentes ao cervo do Arquivo Passivo do Hospital Psiquiátrico “São Pedro”, de Porto Alegre, a pesquisa tem por objetivo principal estudar as relações entre poder político, saber médico e industrialização no Rio Grande do Sul, com especial ênfase na questão do Trabalho.

Cleci Eulalia Favaro; Ivy Dias; Moacir Paulino Bueno; Rodolfo Pizzi; Daniela de Campos; Jeferson Gonçalves; Alderi Tomazini.

Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS.



Infância e Adolescência “de Risco” em Mato Grosso do Sul: Um Estudo Exploratório.

Introdução-O Centro de Referência de Estudos da Infância e Adolescência – CREIA foi implantado em 1993 e é formado por professores e alunos dos cursos de Psicologia e Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Corumbá. Este Centro tem por objetivo pesquisar e prestar serviços sobre temas relacionados à infância e adolescência da região de Mato Grosso do Sul. Os estudos desenvolvidos pelo CREIA apontam para uma situação grave sobre a vida das crianças e adolescentes pobres da nossa região. A nova configuração econômica e social que vêm se desenhando, com a globalização dos mercados, tem merecido a preocupação dos nossos pesquisadores, que buscam estudar os efeitos que estas novas circunstâncias econômicas podem provocar no contexto familiar da região e, conseqüentemente, nas crianças e adolescentes de famílias empobrecidas. **Objetivo** - É dentro dessa perspectiva que pretendemos desenvolver este estudo, buscando viabilizar através de dados concretos de pesquisa, o conhecimento sobre a realidade das crianças e adolescentes que vivem em “situação de risco”, nos grandes centros urbanos da nossa região, para tanto foram escolhidas as quatro maiores cidades do estado, que contabilizam 70% da população da região sulmatogrossense. **Metodologia** - Esta pesquisa, de caráter exploratório, está se desenvolvendo através de anuência do Juizado da Infância e Juventude e das entrevistas que vêm sendo realizadas com as crianças e adolescentes, que se encontram na rua, desacompanhadas de pais ou responsáveis. Nas entrevistas são pontuadas as seguintes situações: familiar, escolar, trabalho e renda familiar. **Resultados** - Os resultados preliminares, do levantamento feito em uma das cidades, revelam que as crianças e adolescentes do presente estudo possuem vínculo familiar, estão matriculados nas escolas públicas, desenvolvem trabalhos, sem carteira assinada, com ganhos em espécie, ou trocas por alimentos e que o trabalho por elas realizado, acabam por reforçar a renda familiar.

Rosa, C. M. C. M. P.; Contini, M. L. J.; Kassar, M. C. M.; Leão, I. B.; Anache, A A; Amorim, S. M. F.; Costa, C. A S.; Leite, J.S.

CREIA/UFMS.



Infância e Violência no campo: representações e práticas educativas em assentamentos rurais.

Representações sociais são modalidades de conhecimento do senso comum, construídas e compartilhadas por determinado grupo, servindo como modelos de conduta e pensamento que são transmitidos através da comunicação social. Os modelos de conduta e comportamento se traduzem em práticas sociais, como por exemplo, as práticas educativas. É através das práticas educativas que o adulto busca o desenvolvimento moral das crianças. Estudar as representações sociais da violência e da infância se faz importante para compreensão psicossocial do fenômeno do desenvolvimento humano e das práticas educativas dos adultos que visam o desenvolvimento moral das crianças. O presente trabalho busca aprofundar a compreensão psicossocial do desenvolvimento humano em situação de assentamento rural. Para isso, o estudo em questão investigou as representações sociais do desenvolvimento humano (global e específico) e da violência, junto a 3 grupos de sujeitos: professores, pais e crianças, sendo que junto ao último grupo só foi investigada a representação da violência. Com o primeiro grupo, utilizou-se grupos focais, os professores responderam a um questionário de categorização e as crianças foram entrevistadas. O trabalho foi evidenciado como aspecto central da representação de desenvolvimento humano e violência para os pais. Em linhas gerais, as representações sociais de infância, juventude, idade adulta e velhice passeiam de formas distintas a partir do elemento trabalho: as crianças ainda não produzem, os jovens são inteligentes quando trabalham, a idade adulta é o ápice da maturação e a velhice é o não-trabalho. A violência, por sua vez, se dá pela falta de trabalho na cidade e nas relações trabalhistas no campo. As práticas educativas dos pais visam encaminhar os filhos para o trabalho, distanciando-os dos jogos e das drogas. Estas práticas parecem ter sido internalizadas pelas crianças, que representam a violência como uso de drogas, prática de jogos, morte e brigas. Este resultado contribui para reafirmar a interdependência entre representações e práticas educativas.

Renata Lira dos Santos; Maria de Fátima de Souza Santos

UFPE.



Influência de um filme com cenas de violência no comportamento agressivo de crianças em idade escolar.

A violência vêm se tornando cada vez mais presente na sociedade atual. Pode ser encontrada nas ruas, assim como dentro de casa. O comportamento agressivo é um processo complexo e está sob controle multifatorial,, podendo ser aprendido ou não-aprendido. Este estudo teve por finalidade verificar se um filme com cenas de violência influencia o comportamento agressivo de crianças expresso em uma redação. Crianças de ambos o sexos, da 4a série do Ensino Fundamental, participaram do experimento que foi constituído de 3 etapas. Inicialmente as crianças fizeram uma redação, depois assistiram ao filme Mortal Kombat e logo após a exibição do filme redigiram uma outra redação. Cada redação possuía início preestabelecido, que diferiam entre si, a partir do qual os participantes elaboraram um enredo. As redações foram julgadas por três juizes que não conheciam o objetivo do estudo. Eles utilizaram critérios pessoais para avaliar o grau de agressividade das situações descritas nas redações. A análise dos dados demonstrou que as redações redigidas, pelos participantes de ambos os sexos, antes do filme apresentaram uma média no grau de agressividade menor que depois de terem assistido ao filme. A diferença no grau de agressividade nas redações, antes e depois do filme, foi maior no caso dos meninos. Com esse estudo pode-se perceber que filmes com cenas de violência podem influenciar o comportamento agressivo de crianças.

BATISTA, Ana Priscila; FUKAHORI, Lígia; KODAMA, Luciane T.; HAYDU, Verônica Bender

Universidade Estadual de Londrina - UEL



Influência do estilo parental sobre indecisão profissional e bem-estar psicológico de adolescentes.

Os estilos parentais (Baumrind, 1967, 1971) são o conjunto de atitudes, práticas e expressões que caracterizam as relações pais-filhos nas diversas situações, produzindo diferentes consequências em termos de desempenho e ajustamento psicológico. Os estilos refletem quantidades diferentes de responsividade e exigência disponibilizadas pelos pais e são classificados como: autoritativo (exigência e responsividade altas), autoritário (alta exigência e baixa responsividade), indulgente (baixa exigência e alta responsividade) e negligente (exigência e responsividade baixas). Este estudo investigou a influência dos estilos parentais percebidos sobre o desenvolvimento vocacional dos filhos adolescentes, mais especificamente, sobre os níveis de indecisão, ansiedade e depressão dos mesmos. Participaram do estudo 467 adolescentes (47,1% meninos e 52,9% meninas), de 15 a 20 anos (M=16,9), estudantes do terceiro ano do Ensino Médio. Os instrumentos utilizados foram uma Escala de Estilos Parentais (Teixeira & Gomes, 2000, manuscrito não publicado), uma Escala de Indecisão Profissional (Teixeira & Gomes, 1999, manuscrito não publicado), os Inventários Beck de Depressão e Ansiedade (Cunha, 2001) e um questionário sócio-demográfico. Foi realizada análise estatística e os resultados mostraram que não houve diferenças entre os grupos quanto aos níveis de indecisão. Com relação à depressão, filhos de pais autoritativos tiveram escores significativamente mais baixos do que todos os outros, e filhos de pais autoritários e negligentes obtiveram os maiores escores. Filhos de pais autoritativos tiveram também escores significativamente mais baixos em ansiedade do que filhos de pais autoritários e tenderam a apresentar escores mais baixos de ansiedade do que filhos de pais negligentes. O estilo autoritativo parece ter um efeito moderador sobre as relações entre indecisão, ansiedade e depressão. A uniformidade dos índices de indecisão entre os grupos aponta que questões relativas à informação profissional, vestibular e mercado que trabalho podem ter um peso maior sobre as dificuldades de escolha do que variáveis da interação familiar. A indecisão mostrou-se, assim, um componente inerente ao processo de escolha profissional. No entanto, a análise das interações familiares auxilia no entendimento de como a situação de escolha pode estar sendo vivenciada. A alta indecisão no grupo autoritativo pode refletir dificuldades objetivas de escolha, mas não prejuízos ao bem-estar psicológico, como mostraram os baixos escores em ansiedade e depressão. A indecisão, aqui, seria vivenciada de uma forma mais positiva, refletindo maior exploração vocacional ou mesmo a postergação da escolha, sem pressão familiar ou imposição de alternativas profissionais. Já os escores de indecisão, ansiedade e depressão nos grupos autoritário e negligente refletem um grande sofrimento psicológico. Pais autoritários não permitiriam dúvida ou hesitação na hora da escolha, exigindo a tomada de decisão ou mesmo criticando eventuais opções consideradas. E o desengajamento dos pais negligentes não possibilitaria ao adolescente o estabelecimento de confiança na própria capacidade de escolha. A avaliação dos estilos parentais percebidos configura, assim, um importante instrumento de trabalho na área de orientação profissional, ao permitir a identificação do provável contexto de interação familiar que os adolescentes estão enfrentando no momento da escolha profissional.

Marúcia Patta Bardagi; Claudio Simon Hutz

Universidade Federal do Rio Grande do Sul



Influência do uso de drogas no desenvolvimento de projetos futuros de adolescentes em situação de rua.

O contato com drogas lícitas e ilícitas é um fato cotidiano na vida de crianças e adolescentes em situação de rua. Este contato pode ocorrer em função da observação do uso pelos demais membros do grupo, do uso pessoal, seja ele individual ou coletivo, ou do envolvimento desta população com o tráfico. O objetivo deste trabalho é investigar a condição atual do envolvimento de adolescentes em situação de rua com drogas e a percepção dessa população em relação às possíveis influências da utilização de drogas no desenvolvimento de seus projetos futuros. A amostra foi composta por quatorze adolescentes em situação de rua, do sexo masculino, com idades entre 12 e 16 anos, encontrada nas ruas de Porto Alegre, identificada por cinco fatores principais: 1) presença/ausência de um adulto responsável; 2) aparência pessoal; 3) vinculação familiar; 4) local de permanência; e 5) atividades realizadas nas ruas. Realizou-se uma entrevista semi-estruturada sobre contexto atual de vida, uso de drogas e projetos futuros. Posteriormente, foi entregue a cada adolescente uma câmera fotográfica, solicitando-se que fossem tiradas 12 fotos respondendo à pergunta “Como você se vê no futuro?”. Os participantes foram instruídos sobre o funcionamento da câmera e houve a combinação para devolvê-la após dois dias. Foi entregue um conjunto de fotos para os participantes e, como complementação dos dados da entrevista inicial, conversou-se sobre o significado das imagens. As falas dos participantes e as imagens fotográficas foram submetidas à análise de conteúdo. Os resultados indicam que adolescentes em situação de rua, contrariando o que muitos autores já afirmaram, apresentam expectativas em relação ao futuro e desenvolvem valores éticos e morais, apesar do contexto em que estão inseridos e dos riscos a que estão expostos. Geralmente, aqueles adolescentes que na época da entrevista não usavam drogas acreditavam que elas interferiam negativamente no futuro, sendo os aspectos mais citados a falta de estímulo para estudar e realizar outras atividades e os malefícios causados à saúde, chegando inclusive a ser associada à morte. Esses demonstraram ter claros seus objetivos futuros e demonstram saber o que fazer para realizá-los. Dentre os usuários, a maior parte começa a usar drogas por influência do grupo e inicia, geralmente, fumando cigarros de tabaco, maconha e usando inalantes. Depois, passam a utilizar drogas mais “fortes”, como o crack. Apesar de alguns adolescentes terem contato com a cocaína através do comércio da mesma, observou-se que esta é pouco utilizada em virtude de seu alto custo. Em geral, os adolescentes compartilharam a percepção de que as drogas fazem mal à saúde, havendo, entretanto, em alguns casos, o relato de que a maconha não causa nenhum dano. Neste grupo, observaram-se diferenças entre o uso de drogas, o abuso e a dependência química. Observou-se uma tendência de que quanto mais próximos da dependência, menos estruturados eram os projetos futuros. Ressalta-se a influência de outras variáveis sobre esta questão, como a vinculação familiar. Destaca-se também a necessidade de estabelecimento de forte vinculação entre pesquisador e participante para a obtenção de dados mais fidedignos.

Lucas Neiva Silva; Flávia Wagner; Isabela Steigleder Gozalvo; Sílvia Helena Koller

Universidade Federal do Rio Grande do Sul



Influências e Impactos da Terceirização no Campo da Psicologia Organizacional em Sergipe.

O mundo vem passando por um momento de intensas transformações onde, o homem e suas instituições vêm-se imersos. A ordem global assumiu uma velocidade nunca antes vivenciada. Economia, política, história, modificam-se a todo momento. Com a globalização a competitividade por um lugar significativo no mercado de trabalho acontece em nível global. A psicologia organizacional está inserida neste processo de mudanças, na medida que, com a emergência da globalização, impulsionou o mercado a produzir empresas mais “enxutas” e flexíveis; a terceirização na psicologia destacou-se mais expressivamente, com a presença do consultor organizacional. Esta é uma pesquisa qualitativa, que objetiva fazer um levantamento dos impactos da consultoria na área da psicologia organizacional em Sergipe, ao nível de atuação e de mercado de trabalho. Para isso submetemos 5 sujeitos, todos consultores externos e psicólogos organizacionais, a uma entrevista semi - estruturada, o tratamento dos dados foi realizado por meio da análise de conteúdo. Por meio de nossa análise verificamos que há diferenças significativas quanto a atuação, haja visto que o psicólogo organizacional tem possibilidade de fazer um acompanhamento do seu trabalho, o qual é restrito ao consultor, além disso, observamos que os psicólogos organizacionais desempenham um número maior de tarefas, em detrimento do consultor que centra-se em poucas funções (seleção, treinamento) e utilizam-se de poucos instrumentos (testes, dinâmicas, entrevistas). Quanto a relação entre a psicologia organizacional e o mercado de trabalho, verificamos que existe uma forte competitividade entre esse dois campos de atuação e há uma significativa instabilidade do consultor, o qual não possui um emprego fixo, tampouco algum benefício material, como férias remuneradas, 13º salário, vale transporte, etc.. Portanto, verificamos em nosso estudo que realmente houve um forte impacto da terceirização na psicologia organizacional, pois atualmente os profissionais que são funcionários fixos na empresa, sentem-se ameaçados com a presença do consultor, que oferecem um serviço com menor custo e sem vínculo empregatício.

Aline Andrade Rabelo; Ilka Dias Bichara

UFS



Inserção de Estágio Curricular em Psicologia Clínica na Instituição Penitenciária.

O trabalho Clínico com sentenciados com pena de privação de liberdade tem sido exercido no ano de 2001, mostrando-se afinado com as perspectivas mais atuais da Justiça e da Psicologia neste campo. Visa atender a uma demanda de trabalho com a população carcerária que entende que a pena de privação de liberdade não faz senão punir pelo delito cometido e com este entendimento, afirma a idéia de que vivemos amplamente a justiça social, com oportunidades igualitárias, naturalizando este estado de desigualdade. No espaço da detenção encontram-se ~70.000 sentenciados no Estado de São Paulo, que já vivenciavam a privação de seus direitos de cidadãos e que convivem com a delinquência sem possibilidade de tratar aquilo em cada um que, até então, só havia sido agenciado à delinquência. Exatamente neste espaço institucional total, inaugura-se a visibilidade de práticas psicológicas que atendem a um outro modo de acolher esta demanda, propondo outros agenciamentos, que diferem do Crime e da Delinquência. O Atendimento Clínico ao sentenciado, se dá através de encontros agendados e da proposta de estabelecer outras vinculações afetivas que não aquelas que culminam no delito. Neste processo Clínico, tem-se a oportunidade de interceder nas relações de modo a desinvestir os afetos que ajudam a sustentar, em cada corpo, os modos de subjetivação que produzem o Crime. Uma vez desinvestidos, podem agenciar-se a outros modos mais criativos, menos problemáticos, mais saudáveis - individual e coletivamente. O trabalho que está sendo implantado, visa implicar-se em várias frentes de atuação: Atendimento Clínico com o Sentenciado, Grupos de Discussão com os Agentes Penitenciários, Análise Institucional com a Equipe Técnica, Grupos de Discussão com as Diretorias Setoriais e Geral, Implantação de Grupos de Criação e Arte. Uma vez que o Psicólogo está sendo cada vez mais requisitado para atuar nesta área, a implantação do Estágio Curricular na Graduação vem atender uma lacuna na Formação, que pode ser tecida de modo a problematizar as práticas já exercidas, bem como implementar outras que estejam afinadas com uma atuação mais implicada nas questões sociais que são emergentes no Sistema Penitenciário. Visa atender, de modo diferencial, outros campos de inserção social e profissional no cotidiano da Instituição, que segundo o sentido social hegemônico é tido como depositário de indivíduos que quebraram as regras de convívio e, portanto relegados, ambos, a um plano de desvalor, secundário. As atividades contempladas no Projeto têm como referencial Clínico a problematização Ético-Estético-Político do cotidiano, o que nos coloca a possibilidade de experimentação dos lugares instituídos através de uma perspectiva metodológica que multiplica seus efeitos no coletivo. Através da Análise Institucional, temos em aberto um campo de saber que encontra-se em expansão para ser problematizado e gerido. Podemos a partir desta experiência, propor outros métodos de Avaliação Psicológica, implementar práticas, Oficinas, fomentar discussões aquecendo um campo do conhecimento que começa a mostrar-se fecundo para inovações.

Marília Aparecida Muylaert; Maria Aparecida Gobato Lopes Castro

Clínica da UNESP/FCL/Assis/SP; Psicóloga Clínica da Penitenciária de Assis/SP



Inserção do PNE(portador de necessidades especiais) no mercado de trabalho do setor hoteleiro.

A (re) integração da pessoa com necessidades especiais enquanto cidadão produtivo e participante ainda parece ser um privilégio na atual conjuntura brasileira. Sendo assim, este projeto de pesquisa teve como objetivos: 1) Identificar as ocupações potenciais atuais existentes no mercado de trabalho hoteleiro de Curitiba adequados à inclusão do PNE.; 2) Demonstrar a capacidade potencial do PNE para absorvê-la através da utilização do modelo de orientação profissional clínico- ecológico; 3) Desenvolver estratégias de informação junto aos dirigentes das organizações que aumentem sua visibilidade e sensibilidade frente a questão da inclusão do PNE. O universo da pesquisa consiste nos hotéis de Curitiba (acima de cem funcionários) tomando como fonte de informações o Encarregado de RH/ Gerente/ Engenheiro de Segurança/ Supervisor/ Ocupante do Cargo. O procedimento da pesquisa consiste nas seguintes etapas: 1º Fase : Levantamento de Dados, Descrição das tarefas que compõem o postos de trabalho; Análise dos Cargos ;Identificação dos indicadores mínimos de conhecimentos, habilidades, atitudes e responsabilidades individuais passíveis de serem desenvolvidas pelo PNE; Validação estudo do posto de trabalho pelo organização. A 2º Fase : Sensibilização :Apresentação do Estudo Realizado e da Metodologia de Orientação do PNE.: Palestras, Apresentação de Estudos de Casos; Aplicação de um Instrumento de Identificação de Aceitação Potencial da contratação do PNE. Atualmente a pesquisa encontra-se na segunda fase. Os dados iniciais provindos do estudo em profundidade de três hotéis apontam para: conhecimento da lei que obriga a contratação do PNE em organizações com mais de cem funcionários; a falta de instrumentalização para seleção e colocação do PNE; a visibilidade limitada dos cargos possíveis para ocupação pelo PNE ; a inadequação do ambiente físico que garanta a acessibilidade tanto do ocupante do cargo como e mesmo do próprio cliente. Espera-se que nesta fase os dados iniciais provindos do estudo em profundidade dos três hotéis sirvam para sensibilização e conscientização dos responsáveis de Rh bem como dos empresários do setor, de modo que este projeto possa ser expandido nacionalmente.

Caroline Guisantes De Salvo; Yara Lúcia Mazziotti Bulgacov; Ana Paula Almeida de Pereira; Tatiana Mazziotti Bulgacov; Luciane Marin; Giovana Luiza Marochi; Michelle Teixeira Mitczuk; Beatriz Helena Ceccato; Marcia S.W. Pauluk.

UFPR.



Inserção laboral: impactos na identidade e nas relações sociais de adolescentes carentes.

A participação dos jovens na força de trabalho é bastante expressiva no Brasil, principalmente nas camadas populares em que o jovem/adolescente é chamado a contribuir com a renda mensal de sua família. O presente trabalho teve por objetivo compreender as eventuais mudanças em alguns aspectos da vida do adolescente, quando de seu ingresso no mercado de trabalho. Os sujeitos da presente pesquisa foram trinta e quatro adolescentes do sexo masculino, moradores de diversos bairros da periferia da Grande Vitória/ES, de famílias de baixa renda, com idade entre quinze e dezesseis anos, e escolaridade de, no mínimo, sétima série do Ensino Fundamental. Os sujeitos estavam vinculados a uma instituição que capacita, insere e acompanha adolescentes da classe popular no mercado de trabalho formal. Buscou-se verificar o impacto da inserção laboral na identidade e nas relações sociais dos sujeitos. A pesquisa envolveu duas etapas: antes do ingresso dos adolescentes no mercado de trabalho e depois de, pelo menos, seis meses de inserção profissional. Os instrumentos utilizados nas duas etapas foram: entrevistas semi-estruturadas que foram gravadas, transcritas e posteriormente submetidas a uma Análise de Conteúdo; e Mapeamento de Atividades Cotidianas, instrumento que permite a obtenção de informações sobre o conjunto de atividades do indivíduo no seu cotidiano, constatando o tempo gasto para desempenhar tais atividades. Os resultados obtidos apontam que a inserção laboral provoca mudanças em diversos aspectos da vida do adolescente. Com relação à sua comunidade/vizinhança, o adolescente passa a ser reconhecido como trabalhador, deixando de ser alvo de suspeição e adquirindo maior respeito e confiança por parte da comunidade devido à sua condição de trabalhador. Na vida escolar, o maior impacto percebido pelos adolescentes se referiu à diminuição do tempo dedicado às atividades escolares realizadas fora da escola: estudar para provas, fazer trabalhos, ler textos, apesar disso, a maioria dos adolescentes afirmou que consegue conciliar bem trabalho e estudo. No âmbito da vida familiar do adolescente foram verificadas as principais mudanças decorrentes da inserção profissional. Poder contribuir com o sustento/manutenção financeira da família conferiu aos adolescentes um novo “status” dentro da família: eles passaram a ter maior poder de reivindicação, participam mais das tomadas de decisão dentro da família, passaram a ser mais ouvidos e valorizados pela família, o que teve implicações positivas sobre o processo de constituição de sua identidade. Todos os adolescentes pesquisados avaliaram a experiência de trabalho como sendo positiva, principalmente pela questão da remuneração financeira e conseqüente acesso a bens de consumo, e pela experiência adquirida, vista pelos adolescentes como algo fundamental para atingir as perspectivas de futuro traçadas por eles.

Ramos, Fabiana Pinheiro; Menandro, Paulo Rogério M.

Universidade Federal do Espírito Santo.



“Inserção no Mundo do Trabalho: da Ilusão à Conscientização”.

O propósito deste trabalho é apresentar a metodologia, bem como as reflexões referente ao programa desenvolvido junto a um grupo de universitários do curso de Administração, relacionado a difícil tarefa da inserção de pessoas no mundo do trabalho. Especialmente tal grupo que apresenta como principais características ou a de serem muito jovens e, conseqüentemente, trazerem inúmeras expectativas em relação ao mundo do trabalho - nem sempre correspondidas, ou por serem mais maduros apresentando vários questionamentos sobre o seu investimento em termos de um curso superior versus o retorno financeiro e a tão sonhada estabilidade e sucessos profissionais. Nossa hipótese é a de que as instituições de ensino superior não estão adequadamente preparadas para lançar no mercado profissionais que apresentem desenvolvidas as habilidades comportamentais para lidar com as incertezas e constantes mudanças organizacionais. Parece que a Universidade ainda está fortemente orientada para conteúdos, pelo menos em que pese a formação de profissionais do Curso de Administração (Zazula & Hastreiter, 2000). Neste sentido, o presente trabalho foi desenvolvido junto a acadêmicos do Curso de Administração de uma relevante Universidade localizada em Curitiba, onde utilizou-se de processos de desenvolvimento intra e interpessoal e de grupo para desenvolver o autoconhecimento dos estudantes em seus pontos fortes e pontos que precisam ser melhorados, ampliando sua auto-imagem e podendo trabalhar possíveis caminhos a serem seguidos profissionalmente, de acordo com o seu “eu”.

Marilene Zazula; Cláudia Cosentino.

Universidade Tuiuti do Paraná; Escola E.E. Nilza Tartuce.



Insônia: uma queixa nem sempre real.

A insônia é um distúrbio que se refere tanto à dificuldade de iniciar como de manter o sono ou mesmo a percepção de sono não-reparador se o número de horas de sono não for o usual. Afeta os aspectos psíquico e social da vida humana. Na maioria dos casos a etiologia é única, mas um mesmo paciente pode apresentar múltiplas causas: situacionais ou psicofisiológicas, psiquiátricas, clínicas, disritmias circadianas, fatores comportamentais e distúrbios do sono primário. Em função da operacionalidade clínica, a insônia pode ser classificada de três formas: transitória (algumas noites), de curta duração (duração inferior a três semanas) e crônica (mais de três semanas de duração). A primeira e a segunda estão, mais frequentemente, associadas a circunstâncias adversas de vida e ao estresse. A terceira está associada mais comumente aos transtornos psiquiátricos, entre eles, os transtornos de ansiedade. Além disso, também pode ser primária ou secundária, somática ou psicogênica, extrínseca ou intrínseca ao organismo. Todos os grupos etários, raciais, sócio-econômicos e ambos os gêneros queixam-se de insônia. As dificuldades, contudo, concentram-se nas mulheres, aumentam com a idade e nos que vivem sós. Sabe-se que as queixas de insônia em determinados pacientes nem sempre são reais. Alguns deles sofrem de percepção inadequada do estado de sono. A polissonografia demonstra objetivamente que os relatos desses pacientes são pouco confiáveis. Apesar da queixa de dificuldade de iniciar e manter o sono, este exame mostra que a latência ao sono, a eficiência deste e o número de despertares são normais. A realização da polissonografia nestes pacientes pode mostrar-lhes que seu sono é normal e dispensa tratamento farmacológico. Este trabalho tem como objetivo verificar, a partir do laudo e do relato de um especialista em medicina do sono, se a queixa de insônia apresentada por uma paciente é real ou não.

Emília Silveira Velasco; Maria Rachel Pessanha Gimenes Escocard; Milena Vasconcelos Martins de Jesus; Paula Barreto Pereira Soares; Rachel Pessanha Siqueira.

Universidade Estácio de Sá; Pontifícia Universidade Católica -Rio de Janeiro.



Instalação de um serviço de psicologia em uma creche comunitária.

A implantação de serviços psicológicos em instituições comunitárias que não dispõem de recursos para a contratação destes serviços é uma necessidade premente. Neste sentido, as universidades cumprem um papel fundamental, garantindo o acesso a estes serviços por meio de projetos de extensão ou estágio profissionalizante. O presente trabalho relata um projeto de implantação de um serviço psicológico em uma creche comunitária, realizado como parte de um estágio em Psicologia Social. A instituição atende a 151 crianças da comunidade, provenientes de famílias de baixa renda e 19 crianças em convênio com a prefeitura. Para as crianças acima de 4 anos, há uma escolinha. A instituição obtém fundos através de doações e promoção de eventos. A creche apresentou como demandas a necessidade de intervenção com as crianças, descritas como indisciplinadas e agressivas; necessidade de orientação das pagens, professora e voluntárias e necessidade de promover maior integração e comprometimento dos pais com a instituição. Um conjunto de sessões de observação foram realizados e pode-se concluir que 1.) as crianças atendem regularmente às solicitações das pagens, professora e voluntários, o que sugere não haver problemas graves em relação ao seguimento de regras ou instruções que justifique a queixa de indisciplina. Ao mesmo tempo, observou-se uma maior frequência de respostas de bater e de chorar, definidas como respostas de agressão e decorrentes de respostas de agressão, durante a permanência das crianças no parque da creche; 2.) Algumas das pagens punem a emissão de respostas, pelas crianças, de respostas consideradas inadequadas, ao mesmo tempo em que não fortalecem respostas consideradas adequadas. Também, as regras a seguir variam entre as pagens. 3.) os pais apresentam baixo nível de interação com a creche. De acordo com relatos, não comparecem às reuniões nem enviam roupas para a troca das crianças após o banho. Os pais também não retiram as crianças da creche; estas são retiradas por irmãos mais velhos ou levadas para casa por transporte escolar. O projeto, em fase de implementação, pretende intervir nestas três frentes. Uma análise comportamental do comportamento de brincar das crianças está em andamento, com o objetivo de descrever adequadamente das respostas classificadas como agressivas e identificar os eventos correlacionados a estas respostas, de modo a subsidiar um programa de redução destes comportamentos. Um programa de treinamento para as pagens e voluntárias será implementado, incluindo como temas desenvolvimento infantil, alternativas para não bater, técnicas de modificação de comportamento, aprendizagem de limites e regras e saúde da criança. Com relação aos pais, mostrou-se necessário antes de tudo garantir uma forma de contato. Para isso, é necessário obter mais dados sobre seus horários de trabalho, uma vez que os horários propostos para as reuniões – durante a parte da tarde – pode ter sido um impedimento importante.

Patrícia Galante Magalhães; Rosângela Santana de Souza; Cacilda Amorim.

Faculdades Padre Anchieta; Universidade São Francisco.



Instalação de um serviço de psicologia em uma organização comunitária para crianças e adolescentes em situação de risco.

A implantação de serviços psicológicos em instituições comunitárias que não dispõem de recursos para a contratação destes serviços é uma necessidade premente. Neste sentido, as universidades cumprem um papel fundamental, garantindo o acesso a estes serviços por meio de projetos de extensão ou estágio profissionalizante. O presente trabalho relata um projeto de implantação de um serviço psicológico em uma organização comunitária voltada para crianças e adolescentes em situação de risco, realizado como parte de um estágio em Psicologia Social. A instituição atende 100 crianças e jovens da comunidade, oferecendo atividades de reforço escolar, ballet, capoeira, caratê, natação, artesanato e corte e costura, entre outras. Em sua fase inicial, o programa será voltado exclusivamente para a população de adolescentes. A queixa da instituição diz respeito sexualidade e gravidez na adolescência, uma vez que há um alto índice de gravidez entre as adolescentes da comunidade; consumo de drogas e problemas de relacionamento entre adolescentes e suas famílias. O programa de intervenção, em fase de implementação, tem por objetivos colaborar com a proposta institucional de formação integral do adolescente, favorecendo o desenvolvimento de maior autonomia, cidadania e de valores éticos. O programa será conduzido em três frentes: 1.) Implementação de um programa de qualificação profissional, uma vez que se entende que a inserção social do jovem passa pela inserção no mundo do trabalho. Para este programa, serão buscadas parcerias com outras instituições comunitárias locais. 2.) Realização de oficinas para desenvolvimento de habilidades sociais, assertividade e capacidades argumentativas, entendidas como pré-requisitos para o exercício pleno da autonomia e da cidadania e 3.) Realização de grupos de discussão sobre temas ligados à drogas, sexualidade, gravidez, família e identidade.

Daniela Fernanda Consoline; Fernanda Giacomini; Priscila A. Quintana; Cacilda Amorim.

Faculdades Padre Anchieta; Universidade São Francisco.



Instituto Raizes: uma experiência em clínica social.

A abrangência da Saúde Mental no Estado do Ceará é restrita, concentrando-se quase exclusivamente no nível da reabilitação. A profissionalização de psicólogos aptos para atuarem na detecção precoce, no tratamento preventivo e nos cuidados com distúrbios psicológicos é ainda uma lacuna na formação deste profissional. Concomitante a isto, procurar um tratamento psicoterápico em instituições públicas é uma tarefa que faz a pessoa vivenciar uma longa espera, quando a problemática que a motivou é presente e pede resposta imediata. Buscando assumir a co-responsabilidade social no enfrentamento desses problemas, foi implantado, em julho de 1995, o Projeto Raizes. Esta iniciativa estruturou-se a partir de duas linhas básicas de ação: a primeira refere-se à prestação de serviços à comunidade, em condições adequadas ao perfil sócio-econômico das pessoas pertencentes às classes menos favorecidas e a segunda trata-se do aperfeiçoamento da prática clínica para os profissionais de Psicologia, sob criteriosa supervisão de profissionais da área. Com o objetivo de ampliar seu campo de atuação e consolidar seu papel de instituição de prevenção em saúde psicológica, o Projeto Raizes transformou-se, em março de 1998, em uma organização não governamental, na condição de entidade sem fins lucrativos. Para tanto, o Instituto Raizes foi estruturado para o atendimento psicoterápico individual e grupal, baseado no pressuposto de oferecer à pessoa a possibilidade de tratar, por meios psicológicos, dificuldades de quaisquer natureza, visando o processo de auto-conhecimento, a descoberta de novas formas de consciência e ação, assim como, a mobilização de potencialidades pessoais. Com este intuito, o Instituto se propõe atualmente a oferecer através do seu projeto Clínica-Escola, a capacitação profissional de psicólogos para atuarem nas áreas de Psicologia Clínica e Institucional, no trabalho de natureza social, incentivando os mesmos através de eventos, de cursos e treinamentos que possibilitem a mudança de concepções, no que se refere a prática clínica psicológica no campo social e trabalhar em parceria com instituições governamentais e não governamentais, desenvolvendo trabalhos de natureza clínica/institucional. Esta experiência tem como missão concorrer para o desenvolvimento da pessoa nas suas relações consigo mesmo, na família, na escola, no trabalho e na sociedade, promovendo a saúde nos níveis primário e secundário.

Ana Beatriz Silva Thé Praxedes; Selene Regina Mazza; Clarissa Farias Facó

Instituto de Desenvolvimento Integrado Raizes



Instrumentos psicológicos mais conhecidos e utilizados por estudantes e profissionais de psicologia.

Avaliação psicológica é um processo de coleta de dados, cuja realização inclui métodos e técnicas de investigação. Os testes psicológicos, por sua vez, são instrumentos exclusivos do psicólogo e são úteis à medida que quando utilizados adequadamente, podem oferecer informações importantes sobre os testandos. Porém, formar profissionais competentes nesta modalidade não é tarefa fácil. A cada ano muitos psicólogos se formam e desenvolvem atividades pertinentes à sua atuação profissional, o que inclui a realização da avaliação psicológica; tal atividade de alguma forma representa a psicologia e a difunde na sociedade. Os testes psicológicos, apesar de se constituírem em instrumentos úteis ao psicólogo, recebem muitas críticas e vêm sendo questionados devido a fragilidade do material, ao uso inadequado deles, a formação profissional insatisfatória em relação à área e ao baixo teor científico. Como se vê é urgente a necessidade de estudos científicos nesse campo. Portanto, tendo em vista as questões destacadas, a presente pesquisa objetivou identificar os instrumentos psicológicos mais conhecidos e utilizados por estudantes e profissionais de psicologia. Participaram 82 alunos último-
anistas, de uma universidade particular do interior paulista (grupo I) e 52 profissionais (grupo II). O material utilizado constituiu-se de uma relação de instrumentos de avaliação psicológica e a tarefa dos sujeitos era assinalar os instrumentos conhecidos, os utilizados e os desconhecidos. Para os alunos a aplicação se deu no próprio período de aula, com a respectiva autorização da coordenação e dos professores. Para a coleta dos dados dos profissionais formados, os questionários foram enviados pelo correio, juntamente com um envelope selado e etiquetado para facilitar a devolução. Os resultados indicaram uma diferença entre os grupos, no que diz respeito aos instrumentos mais conhecidos e utilizados por estudantes e profissionais. Outro aspecto apontado é que para o Grupo I, a média de conhecimento foi 37,82 (DP 36,87) o que indica um conhecimento de 21,82% da relação apresentada, a média de testes conhecidos do Grupo II foi 48,79 (DP 18,2), o que indica um conhecimento de 28,87% da lista de instrumentos apresentada. Estudos comprovam que alguns dos instrumentos mais conhecidos são também os mais freqüentemente ensinados nos cursos de formação em psicologia. Tal constatação confirma a tendência de se reproduzir o conhecido e dominado, bem como a falta de abertura para o novo. Sugere-se que novas pesquisas desta natureza sejam realizadas.

Ana Paula Porto Noronha; Katya Luciane de Oliveira; Flávia Nunes de Moraes Beraldo

PUC-Campinas; Universidade São Francisco



Interface universidade-escola vista a partir dos trabalhos de titulação.

A universidade, através dos conhecimentos que produz, tem grande contribuição para oferecer ao contexto educacional. Dessa forma, entende-se que o conhecimento veiculado na universidade precisa ter uma interface com o contexto educacional. Na educação, a Psicologia é um componente necessário e pode fornecer subsídios para o professor intervir no processo educativo. Partindo deste pressuposto, o presente trabalho tem por objetivo identificar, nos trabalhos de titulação em nível de doutorado da Área de Concentração Psicologia Educacional da Faculdade de Educação da UNICAMP, o local, as estratégias e os sujeitos utilizados na realização da pesquisa. Este trabalho refere-se a uma pesquisa documental que está sendo realizada, com o intuito de verificar e analisar a interface dos trabalhos de titulação produzidos na área de concentração Psicologia Educacional da FE/UNICAMP, com as escolas de nível básico e suas respectivas contribuições. Tal estudo leva em consideração a extrema relevância da universidade para a escola, uma vez que, ao divulgar os resultados e conhecimentos produzidos em suas pesquisas, contribui para a melhoria da qualidade do processo educacional. Foram analisados dados já levantados sobre as teses e elaboradas planilhas, nas quais está sendo desenvolvida a categorização dos dados pertinentes ao objetivo proposto. Até o presente momento, foram identificadas algumas tendências interessantes das teses já analisadas: a grande maioria dos autores realizou suas pesquisas nas escolas de ensino fundamental e ensino médio, tendo como sujeitos, principalmente, alunos e professores. A maioria dos trabalhos, utilizou pelo menos um dos seguintes instrumentos de coleta de dados: entrevistas, observação e testes, principalmente os de Piaget. As relações de parceria entre universidade e escolas de ensino fundamental e médio através de projetos colaborativos, são muito importantes visto que proporcionam oportunidades de práticas inovadoras no interior das escolas e o desenvolvimento de profissionais reflexivos em educação, além de auxiliar na aprendizagem de alternativas para iniciar e consolidar mudanças educacionais.

Sandreilane Cano da Silva; Ana Paula Américo da Silva; Roberta Gurgel Azzi; Marli Amélia Lucas Pereira

UNICAMP; UNITAU



Interfaces entre a Psicologia e a Psiquiatria: existirá um diálogo possível?

O presente trabalho tem como proposta analisar as fronteiras entre a psiquiatria e a psicologia e pensar a possibilidade de construção de um diálogo entre estas duas disciplinas teóricas. Este trabalho se realiza a partir de nossa experiência como professor durante o período de estágio docente do programa de mestrado em Psicologia da Universidade Federal Fluminense. Como psiquiatra, ministrando aulas para alunos de graduação em psicologia, e, além disso, como mestrando na mesma área, nos percebemos diretamente implicados nesta questão. A necessidade de construirmos este diálogo, suas dificuldades e desafios, se tornaram o tema central de nossas discussões com os alunos. Tendo em mente este objetivo, abordamos durante o período letivo, assuntos como as grandes síndromes psiquiátricas: transtornos do humor, transtornos de ansiedade, esquizofrenia, fobias etc, não nos limitando a uma mera descrição psicopatológica referenciada nas “verdades” da ciência médica. Ao invés disso, abrimos um horizonte para que estes quadros pudessem ser analisados a partir de uma perspectiva que levasse em conta sua dimensão psicológico-existencial. Tratamos ainda de assuntos que afetam diretamente os rumos da psicologia e da psiquiatria no contemporâneo, tais como o processo de medicalização na psiquiatria, os novos desafios para a psicologia, o avanço da chamada “psiquiatria biológica” etc. Independentemente do tema, o enfoque dado foi sempre numa abordagem que pudesse refletir sobre a interrelação entre a psicologia e a psiquiatria. Todo o processo foi facilitado em função do fato dos alunos estarem, em sua grande maioria, em final de curso, o que possibilitou uma discussão mais rica e abrangente. Ao término do período letivo, propusemos como avaliação um trabalho que enfocasse este território interdisciplinar. Trazemos como resultados de nossa pesquisa, as observações que fizemos durante as aulas, bem como o retorno que nos foi dado nos trabalhos de conclusão da disciplina. Através da análise do discurso dos alunos, ficam evidentes os preconceitos que distorcem tanto a visão que a psicologia tem da psiquiatria quanto vice-versa, dificultando uma comunicação profícua entre estas duas áreas de conhecimento, comunicação que seria de grande ganho para todo o campo de Saúde Mental.

Joelson Tavares Rodrigues

Universidade Federal Fluminense/UFF



Intervenção e análise em tempos de reestruturação do trabalho.

Este estudo discute o campo de análise e intervenção em uma empresa no contexto de reestruturação produtiva considerando as mudanças experimentadas por um grupo de trabalhadores da área de Recursos Humanos. A demanda é apresentada como dificuldade para operacionalizar a mudança na gestão de RH através da informatização do processo de trabalho. No processo de análise desta solicitação, o grupo-dispositivo visibilizou os efeitos dos processos de subjetivação do contexto contemporâneo envolvendo a inter-relação trabalho, tempo e subjetividade. A intervenção orientou-se pelos pressupostos da autogestão e auto-análise constituindo espaços de produção coletiva conforme as demandas do grupo e análise do encargo e da implicação na relação de consultoras/solicitantes. O campo de análise priorizou dois eixos centrais, a reestruturação do trabalho e a reestruturação de si, tendo como principais interlocutores Gilles Deleuze e seu pressuposto de rizoma temporal; Félix Guattari e sua noção de subjetividade tomada como coletiva, social e histórica; Paul Virilio e a discussão da velocidade eliminando os ancoradouros; e Gregório Barenblit e sua compreensão dos processos institucionais. A partir dos dois eixos de análise, nota-se sujeitos desterritorializados frente à velocidade das transformações do trabalho cotidiano que os imobiliza frente à invenção e gestão das políticas de Recursos Humanos, compondo movimentos de (des)aprendizagem, desas(sossego) e (im)potência. Neste contexto a psicologia contribuiu na construção de um território onde os trabalhadores elaboraram uma releitura de seu cotidiano através da produção coletiva de uma política de invenção frente a reestruturação do trabalho e de si.

Carmem Ligia Iochins Grisci; Gislei Lazzarotto.

EA/PPGA/UFRGS.



Intervenção junto a adolescentes em prevenção de DST's: uma experiência em psicologia social e comunitária.

Relata-se o processo de intervenção junto a um grupo de 18 adolescentes de ambos os sexos com idades entre 14 e 21 anos, membros de uma comunidade religiosa localizada na cidade de Campinas-SP, como parte das atividades de estágio supervisionado em Psicologia Social e Comunitária. O trabalho desenvolvido teve como objetivos abordar a relação dos adolescentes com seu grupo etário, discutir aspectos relativos à socialização e à prevenção de DST's. A escolha dos adolescentes como um grupo para intervenção decorreu de um levantamento prévio de necessidades junto a instituições e comunidades participantes do campo de estágio, o que se deu pela descrição de suas realidades cotidianas e a conseqüente formulação de objetivos a posteriori. Os instrumentos utilizados abrangeram um roteiro para observação e levantamento de dados sobre a comunidade; roteiro de entrevistas semi-estruturado referente à história pessoal e profissional dos coordenadores do grupo; observação participante durante os encontros do grupo; questionário com o total de 37 questões (26 fechadas, nove abertas e duas mistas), visando a coleta de dados pessoais e sócio-culturais, conhecimento sobre as DST's e o relato de comportamentos associados à sua prevenção. A intervenção junto ao grupo recorreu a materiais e estratégias tais como oficina realizada por ONG externa ao grupo; utilização de filmes e programas relacionados à proposta; material teórico, folders e cartazes fornecidos pelo Ministério da Saúde; dinâmicas de grupo. Com relação ao processo de intervenção realizado, apresentam-se os dados gerados e discute-se alguns pressupostos envolvidos na atuação do psicólogo junto a comunidades, dentre eles o processo de inserção, a definição das prioridades de atuação, planejamento, execução e avaliação das atividades voltadas para a promoção da autonomia local.

Maristela Nardi; Marcelo Passini Moreno

Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP; Universidade São Francisco



Intervenção para cuidadores familiares de idosos: um processo de avaliação.

No Brasil, o cuidador familiar do idoso desempenha um papel crucial, tanto por motivos culturais, que favorecem a co-residência do idoso com seus familiares, bem como pela escassez de recursos alternativos adequados na comunidade. Esta pesquisa envolveu a avaliação do impacto à longo prazo de intervenções grupais sobre a vida de cuidadores familiares de idosos. Participaram desta intervenção 11 cuidadores (sete do sexo feminino e quatro do sexo masculino), que tinham dificuldades de relacionamento com o idoso, procuravam informações sobre como cuidar de maneira adequada do idoso diante das limitações físicas e das doenças crônicas do idoso e que sentiam-se estressados frente à tarefa de conciliar os cuidados prestados aos idosos com as atividades diárias do próprio cuidador. A intervenção foi planejada a partir dessas dificuldades, abordando os seguintes tópicos: Cuidando do Cuidador; Atividades Físicas e de Lazer; Autonomia, Dependência e Independência; Processo de Envelhecimento: Mitos e Verdades; Doenças Respiratórias e Organização do Ambiente; Memória na Velhice; Patologias na Velhice; Medicação e Prevenção; Lidando com Conflitos usando suas Habilidades Interpessoais e Comunicação Verbal e Não Verbal. Os dados foram coletados através de entrevistas individuais domiciliares, começando seis meses após a conclusão do grupo de intervenção. O roteiro de entrevista do pós-teste foi praticamente igual ao instrumento do pré-teste, com algumas adaptações, e continha 36 itens abertos e 20 itens fechados. Os dados quantitativos foram analisados estatisticamente segundo medidas de tendência central, dispersão e frequência relativa. Os itens que compõem escalas foram submetidos a uma análise de confiabilidade (alpha de Cronbach). Para os dados qualitativos foi realizada uma análise de conteúdo, chegando a um consenso entre 10 juizes. Os resultados permitiram verificar que, apesar de alguns idosos piorarem o estado de saúde física no período depois da intervenção, aumentando o grau de dependência do idoso, foi possível detectar algumas melhorias na vida dos cuidadores que refletiam aspectos positivos do grupo. Percebeu-se que o grupo de intervenção auxiliou os cuidadores a organizarem e planejarem melhor seu tempo, mantendo a qualidade dos cuidados ao idoso, mas também participando de atividades fora do seu contexto familiar. Por exemplo, aumentou a participação dos cuidadores em atividades profissionais, sociais e de lazer ao mesmo tempo em que aumentou a valorização do seu próprio desempenho no âmbito familiar. Além disso, os cuidadores indicaram mais aspectos positivos na sua relação com o idoso e relataram que as dificuldades interpessoais e de estresse diminuíram significativamente. Em suma, o grupo possibilitou que os cuidadores se informassem e entendessem mais o processo de envelhecimento, esclarecessem suas dúvidas, resolvessem algumas dificuldades no papel de cuidador e melhorassem o seu relacionamento com o idoso. Em conclusão, acredita-se que um grupo para cuidadores de idosos leva a um aprofundamento de informações e reflexão sobre este papel e ajuda o cuidador a estar mais preparado para lidar com o idoso.

Fabiana Cia; Elizabeth J. Barham; Sofia C. I. Pavarini

Universidade Federal de São Carlos; PIBIC; CNPq



Intervenção psicológica com grupos de adultos em processo de alfabetização.

O trabalho de análise e intervenção psicológica, baseado no referencial de Psicologia Institucional, foi desenvolvido em uma Instituição Educacional Municipal, voltada para a alfabetização de adultos, na periferia de São Paulo. A priori, a demanda solicitada era a realização de um trabalho que despertasse os sujeitos para a cidadania, porém a partir da investigação e análise da instituição, chegou-se a um diagnóstico em que a demanda implícita era relativa a aspectos relacionados à identidade dos alunos. A partir deste diagnóstico, os objetivos norteadores do trabalho foram: promover o autoconhecimento, a interação com os companheiros, a integração do grupo, o comprometimento com o grupo e com a comunidade, para que os sujeitos pudessem colocar em prática seus direitos e deveres nas atitudes cotidianas. Para alcançarmos estes objetivos utilizamos dos seguintes recursos: técnicas psicodramáticas, dinâmicas com músicas voltadas para o tema do dia, técnicas de grupos operativos, dinâmicas de reflexões, vivências, relaxamentos, discussões em grupo e passeios dirigidos. No final do trabalho foi possível alcançar como resultado um maior autoconhecimento, que desencadeou na elevação da auto-estima e na percepção de seu papel de cidadão, fazendo-se presente no grupo e iniciando esta presença na comunidade.

Elisangela Ferreira Costa; Ana Paula Telles

Universidade São Marcos



Intervenção Psicológica em uma Instituição Educacional – Um trabalho de orientação vocacional.

O objetivo do presente trabalho foi o de realizar uma intervenção em uma instituição educativa baseada no referencial da Psicologia Institucional. Inicialmente foi feita a caracterização da escola particular do grande ABCD em que o trabalho foi proposto, buscando compreender a demanda implícita desta, a partir da observação sistemática, da queixa da escola, e de entrevistas abertas e semi-estruturadas com professores, funcionários e alunos. Chegou-se à conclusão da necessidade de implantar um trabalho de Orientação Vocacional nesta instituição, como intervenção psicológica. A demanda por este trabalho pode ser explicada em função da fase de desenvolvimento em que os alunos se encontravam, marcada por freqüentes mudanças e conflitos e em função da ausência deste tipo de trabalho dentro da instituição. Este trabalho teve como objetivo auxiliar os adolescentes no processo de escolha, na construção do projeto de vida, favorecendo o auto-conhecimento e informando sobre profissões. Foi utilizada a modalidade clínica de orientação vocacional com três grupos de 20 adolescentes em cada grupo, num total de dez encontros, uma por semana, com duração de duas horas. A técnica de grupo operativo foi utilizada para intervenção, visando não somente o produto, mas o processo para a ocorrência de mudanças e para a elaboração das ansiedades. Além disso, foram utilizados debates e diálogos dentro do contexto clínico e aplicação do questionário de Keirse e Bates, com base na Teoria dos Tipos Psicológicos, na abordagem Junguiana. Os encontros puderam fazer com que eles iniciassem também um processo de escolha e um projeto de futuro.

Claudia Maria Taraskevicius.

Universidade Metodista de São Paulo.



Intervenção psicológica na maternidade.

Este estudo reflete o recorte de um cotidiano da psicologia hospitalar : a maternidade. Repleta de interações e registros norteia, este ensaio, e delimita seus objetivos. O referido setor integra varias intervenções profissionais correspondentes à sua especificidade. O psicólogo atua, geralmente, no pré e pós- parto, junto a parturiente e seus familiares. Consiste numa ação intensa e, na maioria das vezes breve, demarcada por impasses, limites e poucas possibilidades para avaliar a própria conduta profissional. O maior desafio na atuação psicológica fica deflagrado no exíguo tempo, para uma aliança terapêutica, face a ocorrências e decisões prementes. Um vínculo a ser estabelecido num momento de crise. Uma aproximação repleta de atuações com escassos registros de pesquisa. Respaldados na psicoterapia breve, perpassamos leitos e prontuários, em instituições públicas e privadas. O alvo, o foco desta ação psicológica buscou atingir ou centrar sua atenção na amamentação. Observamos relatos de intervenções bem sucedidas e encontros repletos de impacto e estranheza. Retratando dificuldades, primordialmente, no ato de amamentar, seguidas de pressões e conflitos entre possibilidades, desejos, medos e culpas. Estes registros esboçaram a necessidade da inserção de um pré-natal psicológico em parceria ao pré-natal médico. Na leitura psicológica amamentar não é uma função automática, desvinculada da história pessoal ou social. O ato de amamentar não deve ser reduzido ao fortalecimento imunológico e ao fornecimento de nutrientes. Muitos profissionais de saúde conseguem, apenas, vislumbrar estes dados irrefutáveis. Não compreendem a mensagem de Winnicott sobre a interação mãe-bebê e seus desdobramentos. Não restam dúvidas sobre as vantagens de uma alimentação natural. Em contrapartida, cada subjetividade precisa de um olhar diferenciado e o automatismo nas rotinas desvirtua a contribuição na proposta interdisciplinar. Todo acervo técnico e informativo é relevante para uma família grávida. Entretanto, essas questões não pertencem apenas a ordem cognitiva. Envolvem vivências, experiências, relatos com maior ou menor consistência. Refletem histórias de vida e necessitam ser resgatadas e trabalhadas através de propostas em sintonia. Esta é a dificuldade que buscamos polemizar, neste ensaio. Nesta perspectiva, efetuou-se um estudo experimental, onde um grupo foi acompanhado pelo atendimento em parceria e o outro apenas pelo pré-natal médico. No grupo experimental foram agenciados dois encontros mensais da psicologia durante todo o período de gravidez. Este ensaio comporta dados de uma amostra de vinte e oito grávidas. Foi estabelecido, deste modo, um vínculo terapêutico propício ao trabalho psicológico. Os resultados do experimento apontaram menores índices de distúrbios físicos, psíquicos e sociais no grupo experimental. Focalizamos nesta práxis, primordialmente, os problemas relacionados a questão da amamentação e seus desdobramentos. A psicoterapia breve aponta, deste modo, como uma metodologia promissora, nesta intervenção. Contudo, são necessários outros estudos para respaldar e embasar, esta inserção psicológica.

Maria Helena Camarinha Braz; José Pedro Patrício Teixeira.

Universidade Estácio de Sá, Hospital da Beneficência Portuguesa do Rio de Janeiro, Centro de Estudos Médicos Dr. Paulo Braz.



Intervenção psicológica para o envelhecimento bem sucedido.

Refere-se a intervenção psicológica em grupo, parte integrante de um projeto de extensão universitária, concebido e coordenado pela autora na Universidade Federal do Pará (UFPA). O projeto desenvolveu-se na Universidade da Terceira Idade (UNITERCI) -programa do curso de serviço social - de 1994 a 1999, tendo contado com doze estudantes bolsistas, ao longo de sua existência. Tomou-se como justificativa: o crescimento da população com 60 anos e acima e a ausência de serviços psicológicos entre as atividades ofertadas pelos grupos de “terceira idade” existentes à época. A psicologia do desenvolvimento, na perspectiva do curso de vida, considera que o desenvolvimento é um processo ininterrupto do nascimento até a morte, envolvendo uma dinâmica de ganhos e perdas, embora admita que este equilíbrio se torne mais negativo com o avançar da idade. Considera, também, que o desenvolvimento psicológico ocorre em um contexto múltiplo: biológico, histórico, social e cultural, onde o indivíduo desempenha um papel na produção de seu próprio desenvolvimento. Propõe o desenvolvimento bem sucedido e, dentro dele, o envelhecimento bem sucedido, cujo conceito busca por fatores e condições que ajudem a entender o potencial do envelhecimento. Além disso, assume que uma medida objetiva de envelhecimento bem sucedido baseia-se no conceito de adaptabilidade ou plasticidade comportamental, definida como uma medida de potencial e prontidão para lidar com uma variedade de demandas. A investigação sobre ajustamento pessoal e social na velhice e qualidade de vida mostra que envelhecer bem depende de algumas condições, entre as quais a satisfação com a vida, a atividade, e os mecanismos de auto-regulação, os quais incluem o senso de controle e o senso de eficácia pessoal, o autoconceito e a auto-estima, entre outros. A psicologia social desenvolveu a dinâmica de grupo como uma técnica de mudança de atitude, por meio da participação ativa, mais eficaz que a simples exposição a informação. Assim, o objetivo consistiu em promover atividades em grupo que permitissem aos participantes avaliar sua auto-percepção; auto-estima; atitudes em relação à velhice; seus objetivos e projetos; atividades cotidianas; relacionamentos familiares e outras dimensões de sua vida, visando facilitar mudanças consideradas positivas no sentido do desenvolvimento do potencial do envelhecimento. A técnica empregada baseou-se em exercícios de dinâmica de grupo ou de sensibilização, cuidadosamente planejados, a partir dos quais desencadeava-se a avaliação dos aspectos acima mencionados. A clientela foi composta por alunos matriculados no programa UNITERCI, formando 4 grupos com 25 integrantes, a cada semestre letivo. Cada grupo era atendido duas vezes por semana, em sessões de duas horas. A idade dos participantes variava de 50 e 80 anos. Em sua grande maioria eram mulheres, possuíam nível de instrução equivalente ao primeiro grau incompleto e nível sócio-econômico baixo. As avaliações do trabalho ocorriam ao final de cada semestre, através de relato oral e de questionário. Os resultados, mais qualitativos que quantitativos, apontam em uma direção positiva, evidenciada nos depoimentos dos participantes e nas mudanças que implementavam em suas vidas.

Hilma Khoury

Universidade de Brasília



Intervenção Psicopedagógica em uma Comunidade Periférica.

O trabalho se desenvolveu com uma parceria interinstitucional entre a Secretaria Municipal de Cultura (SMC) e a ONG Paepalanthus – Espaço do Adolescente, também com a participação de graduandos da UFU. Objetivou-se uma proposta de educação, arte e cultura junto a adolescentes e jovens, entre 12 e 18 anos, moradores de um bairro periférico da cidade de Uberlândia, MG. Esta proposta visou a criação de espaços de reflexão temática e de produção cultural sobre questões próprias do cenário que os sujeitos do bairro vivenciam: vulnerabilidade, violência, sexualidade e o uso indevido de drogas. Para tanto, foram realizadas atividades que propiciassem a vivência de situações para despertar nos adolescentes e jovens o conhecimento de si mesmos, do outro e de sua comunidade, reconhecendo os seus valores, talentos e possibilidades. Assim esperava-se o aumento da auto-estima e o fortalecimento da comunidade como tal. As atividades planejadas por membros da ONG e universitários, coordenadas por 13 jovens universitários sob supervisão pedagógica, foram: estandes informativos e divulgação na escola do bairro para a sensibilização e inscrição dos interessados em grupos de trabalho, desenvolvimento de oficinas ludopedagógicas e gincanas cooperativas. As principais técnicas utilizadas foram: recorte, colagem, pintura, desenho, danças circulares, brincadeiras de roda, ginástica harmônica e debates. A sensibilização não atingiu o público alvo, ocorrendo maior procura por parte de crianças que de adolescentes. A faixa etária predominante nas atividades foi de 7 a 11 anos, havendo participantes de 1 até 18 anos. O total de participantes foi de aproximadamente 150 pessoas, sendo, porém, baixo o índice de frequência. Devido à mudança inicial de público, a metodologia e o objetivo foram alterados, de oficina (grupos de até 20 pessoas) para gincana (grupos de até 100 participantes), deslocando o enfoque da sexualidade/prevenção para a cooperação. Posteriormente, com a gradativa redução do número de participantes e a divisão entre faixas etárias, foram retomadas a metodologia de oficina e a temática sexualidade/prevenção. A integração dos coordenadores com os participantes frequentes ocorreu satisfatoriamente, possibilitando um bom andamento dos trabalhos, principalmente sobre sexualidade. Para os sujeitos, aspectos como a reflexão sobre o corpo, a sexualidade e a prevenção despertaram interesse. Para um trabalho mais eficiente é necessário um conhecimento mais amplo do público alvo. As informações sobre o contexto social, econômico, cultural e sexual da população são determinantes para a elaboração de objetivos claros e viáveis. As mudanças (metodológica e temática) e as dificuldades (frequência e interesse tanto dos participantes como dos coordenadores) que ocorreram durante a realização do trabalho podem ter sido devido à falta de diagnóstico. O diagnóstico auxiliaria na satisfação das necessidades de cada faixa etária e em uma melhor organização dos participantes em subgrupos para a contemplação dos objetivos e também para a utilização de dinâmicas e brincadeiras adequadas à expectativa dos mesmos. Não é possível determinar com precisão o que causou as mudanças ao longo do trabalho e qual a influência das dificuldades internas do grupo de coordenadores com relação ao resultado final, pois faltou uma avaliação sistemática do que foi realizado.

Alessandra Araújo; Elayne de Moura Braga; Leonardo Lana de Carvalho; Luís Gustavo Guadalupe Silveira

Universidade Federal de Uberlândia



Inventando outras práticas Psi em estabelecimentos públicos.

Trabalhando numa perspectiva transdisciplinar, objetivamos a construção de práticas que não limitam o trabalho do psicólogo ao consultório. Dessa forma, objetivamos produzir outras possibilidades de trabalho com e entre os profissionais de estabelecimentos públicos em Vitória/ES buscando escapar das formas cristalizadas de atuação no campo Psi. Perseguimos transformações no plano coletivo através da produção de conhecimentos e modos/subjetividades que rompam com os processos de subjetivação em curso no capitalismo tardio. A estratégia utilizada na intervenção nos estabelecimentos públicos municipais foi o dispositivo grupo de estudo, que se reunia quinzenalmente num período de 3 horas, de início. No segundo ano do trabalho, os grupos passaram a se reunir mensalmente, em função das dificuldades de horários em comum para os encontros. O trabalho se efetivou em uma escola de primeiro grau e no Centro de Prevenção e Tratamento ao Toxicômano (CPTT) do município de Vitória/ES. Participavam dos grupos os profissionais interessados de diversas áreas de atuação (pedagogos, professores, assistentes sociais, psicólogos, artistas plásticos...). No primeiro ano do projeto, realizamos um curso de extensão na Universidade, intitulado “Algumas questões filosóficas: o paradigma ético-estético-político”, a fim de expandir as discussões para outros grupos. No segundo ano do projeto, foi produzido um vídeo sobre o trabalho desenvolvido, que contou com depoimentos dos profissionais sobre os desdobramentos que nossa intervenção acabou por produzir nos locais de trabalho. Os grupos de estudo realizados permitiram que outras formas de atuação se viabilizassem através da experimentação cotidiana. Sentir-se “menos ilha” e trocar experiências possibilitava que conhecimentos outros fossem construídos, renovando forças para o dia-a-dia, eliminando a sensação angustiante de paralisia e isolamento, indo na contramão de deliberações instituídas, ampliando, assim, os espaços de discussões sobre políticas públicas no campo da saúde e da educação.

Camila Mariani Silva; Maria Elizabeth Barros de Barros; Robinson Rômulo Gemino Lima.

Universidade Federal do Espírito Santo.



Inventário SF 36: avaliação da qualidade de vida dos alunos do curso de Psicologia do Centro UNISAL- U.E. de Lorena/SP.

Introdução: Enquanto professores que atuam na formação profissional do Curso de Psicologia percebemos a necessidade de conhecer a saúde do aluno, para que possamos tomar atitudes preventivas que promovam sua qualidade de vida e contribuam na sua formação como futuro profissional que irá promover a saúde de outros. A escola é um espaço vital para a promoção e desenvolvimento da saúde, sendo isso uma função de conjunto da sociedade aliada as suas instituições, sem isolar o indivíduo de sua realidade histórica- social. **Objetivos:** Fazer levantamento dos aspectos significantes através do SF 36 da qualidade de vida de cada série do curso de Psicologia; observar se o aluno de Psicologia no processo de sua formação acadêmica vai desenvolvendo uma melhor qualidade de vida; despertar a direção da instituição para qualidade de vida do aluno de Psicologia. **Método:** Participaram da pesquisa um total de 278 alunos do 1º ao 5º ano do curso de Psicologia do Centro UNISAL-U.E. de Lorena, de ambos os sexos, com idade de 17 a 49 anos. O instrumento utilizado foi o Inventário de Qualidade de Vida SF 36, onde oito aspectos distintos são avaliados: capacidade funcional, aspectos físicos, aspectos emocionais, intensidade da dor, estado geral de saúde, vitalidade, aspectos sociais e saúde mental. **Resultados:** Verificamos que 91% da população avaliada corresponde ao sexo feminino; 81,7 % dessa população encontram- se na faixa etária entre 16 e 26 anos. Considerando os oito fatores avaliados observa- se na capacidade funcional, do 1º ao 5º ano uma classificação a nível superior (78,8% a 95, 1%), caracterizando um excelente desenvolvimento nesse fator. Na intensidade da dor, comparando os resultados encontra-se uma diferença significativa no 3º ano, mais sinal de dor. No estado geral da saúde, saúde mental e nos aspectos social e físico, há índices de classificação adequados. Na vitalidade, verifica- se que o 1º ano é o único a apresentar um percentual adequado de seu potencial de energia. Os demais anos demonstram um nível de baixa vitalidade. No aspecto emocional, observa- se um prejuízo na classificação em todos os anos. **Conclusão:** O estudo leva a reflexões de aspectos como: ao ingressar na vida universitária o aluno do 1º ano, mantém- se preservado em suas mobilizações internas, no afloramento de conflitos, mantendo um alto nível de motivação e maior equilíbrio nos resultados dos fatores avaliados; o contato com as disciplinas específicas do curso suscitam mobilizações de conflitos pessoais (do 2º ao 5º ano); influência da busca do curso de Psicologia para a resolução da própria problemática pessoal; a baixa pontuação no fator vitalidade pode estar associado ao momento em que o instrumento foi aplicado: quarto bimestre de 2001, final de ano em meio as provas, entregas de relatórios, etc. Importante e necessário, após analisar os dados obtidos, realizar trabalhos a nível preventivo, incentivo na busca do processo psicoterapêutico pessoal, mobilizar a reitoria e corpo docente para que sejam facilitadores no processo de busca dos alunos em relação a sua saúde mental e qualidade de vida.

Ana Rita da Fonseca; Ana Carlota Pinto Teixeira; Izabel Maria Nascimento da Silva Maximo.

Centro UNISAL.



Investigação de tecnoestresse em professores universitários e funcionários de telecomunicações.

Nos últimos anos, inúmeras mudanças vêm ocorrendo em todos os setores da sociedade, sendo os avanços tecnológicos um dos maiores responsáveis por tantas transformações. As inovações da tecnologia estão exigindo dos indivíduos rápidas adaptações, o que pode ocasionar desgaste físico e mental e, muitas vezes, um estado de estresse. O estresse, portanto, passa a integrar um campo importante de estudo. Este, não é visto somente como resultado de fatores exógenos e não só relacionado ao trabalho, mas como produto da combinação entre a situação do ambiente físico e social e o indivíduo, sua personalidade, seu padrão de comportamento e as circunstâncias de sua vida. Dentre as abordagens de estresse, o tecnoestresse é definido como uma dificuldade em aceitar as imperfeições da tecnologia ou conviver com ela. O objetivo principal deste estudo foi verificar se existe uma relação entre estresse e tecnologia (tecnoestresse), em indivíduos que lidam diretamente com aparelhos tecnológicos. Participaram da pesquisa 40 sujeitos, sendo 20 professores da UFRN (área tecnológica e humanas) e 20 funcionários de duas empresas de telecomunicações (empresas A e B). Elaborou-se um questionário dividido em três partes: dados sócio-demográficos; Inventários de Sintomas de Stress desenvolvido por Lipp em 1999; e questões que investigam relações diante de situações ligadas às diversas tecnologias. Os resultados indicaram que 50% dos sujeitos encontravam-se em estado de estresse. Dentre estes, 78,8% demonstraram baixa ansiedade com relação a aparelhos tecnológicos e mais da metade declararam conhecer pelo menos o suficiente sobre os mesmos, estando dispostos a conhecer mais. De uma forma geral, o computador se mostrou como a tecnologia que mais desperta irritação: 30% dos indivíduos da empresa A demonstraram grande irritabilidade, enquanto 60% dos sujeitos da empresa B apresentaram tal reação. Os índices verificados na empresa B podem ser explicados pela alta carga horária de trabalho dos seus funcionários, em que 70% dedicam-se até 60 horas semanais. Ao contrário, na empresa A o tempo máximo de trabalho constatado foi de 49 horas semanais. Dentre os docentes da área humanas 60% manifestaram alta irritabilidade, enquanto apenas 31,5% dos professores da área tecnológica responderam desta maneira. Esta resposta apresentada pelos professores merece maior investigação, mas talvez o tipo de trabalho desenvolvido por cada grupo ou a representação subjetiva que cada um tem do computador possa estar influenciando esta diferença. Pode-se concluir que, na amostra estudada foi possível verificar uma relação entre irritabilidade e o uso específico do computador, porém esta relação não pode ser definida como tecnoestresse, visto que não se estendeu às demais tecnologias, ou seja, não se pode afirmar que o uso isolado do computador esteja resultando no estado de estresse encontrado em alguns dos participantes. Estas conclusões podem ser melhor visualizadas no corpo total deste estudo.

Monique B. Paz Leitão; Kesia C. Melo; Micheline M. Lima; Nívia A. Lopes; Herculano Campos; Oswaldo H. Yamamoto.

Universidade Federal do Rio Grande do Norte.



Investigação diagnóstica do uso de drogas em escolas Municipais.

Este resumo tem por objetivo apresentar um trabalho de um levantamento realizado em seis escolas do Município de Maceió estado de Alagoas, no bairro do Jacintinho, no período de 02 de abril a 30 de agosto do ano de 2000. O conceito de Drogas segundo a Organização Mundial de Saúde – OMS – é: “Qualquer substância, que introduzida no organismo vivo, pode modificar uma ou mais funções”. Portanto vemos que crianças e adolescentes em desenvolvimento são seres expostos e que é necessário um trabalho de prevenção para conhecimento dos fatores de risco dando assim oportunidade de fazer suas escolhas e optar por vidas saudáveis. Nos últimos anos o consumo de drogas tem aumentado cada vez mais no Brasil entre crianças e adolescentes onde também aumenta a preocupação da sociedade e autoridades públicas. Como referência temos os resultados do último levantamento do Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicótropas (CEBRID), realizado em dez capitais brasileira realizado em 1997, onde revela o percentual de adolescentes que já consumiram drogas entre dez e doze anos é altíssimo: 51,2% usaram álcool; 11% usaram tabaco; 7,8% usaram solventes; 2,0% ansiolíticos e 1,8% já se utilizaram anfetamínicos nessa faixa etária, além do uso freqüente de maconha e outras drogas pesadas. O objetivo deste levantamento foi detectar as drogas mais usadas pelos estudantes da rede municipal para melhor direcionar nossas ações de trabalho. Diante desse contexto, a Secretaria Municipal de Saúde através do Programa Municipal de saúde Mental setor Álcool e outras Drogas , resolveu fazer esse levantamento através de uma amostragem para conhecer e avaliar as drogas mais consumidas pelos estudantes. Foi utilizado um questionário auto-aplicavel relacionando como parâmetros de prevalência a idade, sexo e o uso das drogas mais consumidas pelos adolescentes, seus familiares e amigos. A equipe de aplicação dos questionários foi composta de quatro funcionários do setor de saúde mental da Secretaria Municipal de Saúde. Pelos resultados obtidos observamos que o universo pesquisado 0,04% foi um pré-adolescente; 84,14% foram de adolescentes e 15,82% foram de jovens adultos. As drogas pesquisadas foram: álcool, cigarro, lança perfume, maconha, ruphinol, cola de sapateiro, loló, calmante, solvente, cocaína e crak. Foram entrevistados dois mil quatrocentos e quinze estudantes de quinta a oitava série dos turnos matutino, vespertino e noturno, na faixa etária de 10 a 23 anos. Considerando a amostra pequena por ser um levantamento de apenas um bairro, os resultados foram de suma importância para a definição e direcionamento das ações específicas para esta população estudada.

Maria de Fátima Vieira

Secretaria Municipal De Saúde de Maceió



Os trabalhos de intervenção aqui apresentados, realizados em dois espaços vinculados aos direitos da criança e do adolescente no estado do Rio de Janeiro – Juizado da Infância e da Juventude e Conselho Tutelar – têm lugar no Departamento de Psicologia e no Serviço de Psicologia Aplicada da Universidade Federal Fluminense. Buscamos discutir as semelhanças de suas práticas, embora seja diferenciado o contexto de suas emergências e propostas. Em 1923, emerge no Rio de Janeiro, o Juizado de Menores. Com o desenvolvimento da industrialização e a crescente urbanização, os discursos, sobretudo médico-higienistas aliados aos dos juristas, voltam sua atenção para a criança e o adolescente que se encontravam nas ruas pelos espaços públicos. A partir de então, infâncias e famílias desviantes dos modelos hegemônicos serão assumidas institucionalmente como doentes, degeneradas, perigosas e incapazes. O poder do Estado, do judiciário e de seus técnicos se faz presente. Em 1990, como resultado das lutas de resistência de diferentes movimentos sociais e de uma ampla discussão a nível nacional, foi implantado o Estatuto da Criança e do Adolescente. Legalmente, além de romper com a categoria “menor”, traz a criação de conselhos paritários que congregam representantes governamentais e não-governamentais. Um deles, o Conselho Tutelar, voltado para a defesa dos direitos da criança e do adolescente, é caracterizado, nos termos da lei, por seu funcionamento autônomo, sendo composto através de eleição por quaisquer pessoas que tenham atuação na área, independente de sua escolaridade. Nos trabalhos de intervenção que temos desenvolvido em nossos estágios no Juizado da Infância e da Juventude e no Conselho Tutelar nos apoiamos no referencial teórico de Michel Foucault e sua concepção de história, em Deleuze e Guattari com a noção de produção de subjetividade, dentre outras e na análise institucional francesa de Lourau e Lapassade. Observamos que as práticas/discursos presentes nestes dois espaços ainda se sustentam, reafirmando o ideário positivista-higienista e a crença na ciência como neutra e verdadeira. Tais formulações ocultam o poder exercido pelas práticas dos estabelecimentos aqui analisados e, nesta medida, seus efeitos na criação de certos modos de existência.

Bianca Bayão; Cecília Coimbra; Estela Scheinvar; Fernanda Brandt; Flavia Guterres; Jaqueline Marques; Lílian Lima; Lygia Ayres; Marcelo Princeswal; Patrícia Reis



Julgamento social para determinação de linhas de corte para escalas de Avaliação Educacional.

A avaliação educacional tem como objetivo principal investigar a qualidade do ensino, bem como seu impacto na comunidade. Frequentemente a qualidade é estimada a partir do desempenho do alunado em testes padronizados, que são aplicados em larga escala, de modo amostral ou censitário. A partir dessa estimativa quantitativa do nível de aprendizagem dos estudantes, é feita a classificação dos mesmos em categorias de desempenho como, por exemplo, proficientes e não-proficientes. Estas categorias são constituídas a partir de um conjunto bem definido de competências e habilidades, proposto por especialistas em currículos, professores, pedagogos, etc. O uso de categorias de desempenho pelo Projeto de Avaliação (P.A.) do Estado da Bahia é realizado para identificar as turmas de estudantes que não são minimamente proficientes, indicando tanto a necessidade, como sugerindo ações de remediação. Os estudantes, acima dessa linha mínima de proficiência, apresentam conhecimentos satisfatórios dos conteúdos abordados na disciplina / série / unidade, assim como as habilidades para aplicação desses conhecimentos. A determinação de linhas de corte em testes educacionais invariavelmente envolve alguma forma de julgamento social, havendo uma grande variabilidade quanto aos métodos e formas de sistematização disponíveis. No método de grupos contrastantes, por exemplo, os juízes devem decidir quais examinandos estão em cada categoria de desempenho; no método Angoff, juízes devem estimar o nível de desempenho dos candidatos limítrofes a cada faixa avaliada. Todos os métodos citados apresentam pontos fortes, bem como fraquezas metodológicas. O presente trabalho tem como objetivo apresentar um método de julgamento social, desenvolvido no P.A. para a determinação de linha de corte para as provas de Avaliação de Aprendizagem, cuja metodologia se fundamenta no conhecimento específico dos profissionais de educação, sendo levantados critérios mais específicos do que os dos métodos já citados. O método proposto pelo P.A., é desenvolvido a partir de três processos distintos: a. é realizada uma avaliação individual dos itens e estimado se os alunos minimamente proficientes os acertariam ou não. Em três rodadas são discutidos os julgamentos dos juízes em relação aos itens que apresentam maior discordância; b. através de uma avaliação global da prova, é estimado o percentual de acertos dos alunos minimamente proficientes; e c. são confrontadas as linhas de corte produzidas nos processos $^3a^2$ e $^3b^2$ e novas linhas de corte são sugeridas pelos juízes a partir da avaliação dos critérios empregados para os julgamentos nos dois processos iniciais. Para realizar-se uma avaliação sistemática do método proposto, foi organizada uma oficina para a determinação da linha de corte da prova de matemática de 4a. série, produzida pelo P.A. Os resultados produzidos nesta oficina foram comparados aos obtidos pelo método Angoff para a mesma prova. Considerando a avaliação dos especialistas envolvidos no método proposto e a necessidade lógica de um aprimoramento dos critérios utilizados pelos métodos tradicionais para determinação de linha de corte, o método proposto pode representar uma boa colaboração para a área da avaliação educacional brasileira.

Carlos Henrique Sancineto S. Nunes; Claudio Guimarães Chemmés

UFBA / ISP FAPEX



Justiça organizacional: um modelo multidimensional para uso no Brasil.

Partindo da pressuposição de que as relações dos empregados com as organizações em que trabalham, independentemente de sua cultura de origem, são mediadas por seus julgamentos de justiça, este estudo teve por objetivo testar a validade no Brasil de um modelo de justiça organizacional composto de quatro fatores. Tais fatores distinguem-se em função da ênfase concedida aos vários aspectos dos processos decisórios adotados nas organizações: os fins, os meios, o tratamento interacional e a natureza das informações. A amostra consistiu de 234 empregados, de ambos os sexos e de diferentes níveis hierárquicos, pertencentes a organizações públicas e privadas do município do Rio de Janeiro. Foi aplicada a escala de justiça organizacional de Colquitt, constituída de 20 itens, em formato Likert de cinco pontos, distribuídos entre os quatro componentes do modelo: justiça distributiva, que se refere à justiça dos resultados de uma dada distribuição de recursos, como salários e promoções; justiça processual, que diz respeito à justiça dos procedimentos de tomada de decisão que estabelecem os resultados; justiça interpessoal, que se relaciona ao tratamento digno e respeitador dispensado aos empregados na comunicação dos resultados dos processos decisórios; e justiça informacional, que está associada ao fornecimento pelos gestores de informações, explicações ou justificações dos processos decisórios. Os resultados da análise fatorial dos eixos principais, com rotação oblíqua, revelaram que a solução mais adequada era a de quatro fatores, responsáveis 44,8% da variância total, os quais reproduziram de forma integral a estrutura prevista. Os coeficientes alpha de Cronbach, correspondentes às sub-escalas, variaram de 0,82 a 0,89. Tais resultados constituem evidências em favor da validade de construto da escala e da aplicabilidade ao contexto organizacional brasileiro de uma conceitualização multidimensional de justiça organizacional. É possível concluir, portanto, pela pertinência da utilização desse referencial teórico em investigações futuras, que se proponham a avaliar as percepções de justiça dos trabalhadores em relação às suas organizações, bem como a identificar seus antecedentes e conseqüentes no contexto de trabalho.

Eveline Maria Leal Assmar; Maria Cristina Ferreira; Solange de Oliveira Souto; Daniela Borges, Anizaura Lídia Rodrigues de Souza; Fabrícia Mac-Cord

Universidade Gama Filho; Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais



Leitura e subjetividade.

Estamos inseridos numa sociedade em que as redes sociais da escrita e da leitura desempenham papel fundamental. Ribeiro (1999) chega a denominar grafocêntrica a nossa sociedade ocidental urbana, devido à relevância que a possibilidade de compreensão de textos escritos promove na vida concreta tanto dos indivíduos quanto das coletividades. Tradicionalmente, as teorias psicológicas problematizaram o tema da leitura e seus percalços sob o ponto de vista individual do aluno. Tanto os aspectos cognitivos quanto os afetivos foram lidos com ênfase demasiada nas relações familiares, que produziram efeitos nas relações de ensino-aprendizagem. Por outro lado, as teorias pedagógicas se preocuparam quase que exclusivamente com as metodologias utilizadas: se os alunos não aprendiam era porque o método não estava bem adequado. Na tentativa de compreendermos a vigência e a prevalência desses enfoques (ou o ponto de vista psicologizante intrasubjetivo ou o ponto de vista científico-metodológico) este estudo tem como objetivo problematizar as relações entre as práticas de leitura e os modos de subjetivação. Segundo Freire (1990), uma cisão significativa produzida na organização escolar se dá entre educação e poder, tendo como um dos seus efeitos as posturas de neutralidade por parte dos educadores, em que movimentos de implicação e de responsabilidade são minimizados. Como se a organização escolar não fizesse parte da rede de instituições sociais que nos constituem enquanto sujeitos, ao mesmo tempo em que são construídas historicamente por nós mesmos. A leitura de textos escritos não diz respeito somente ao conteúdo lingüístico das palavras, mas da relação do texto com seu contexto de produção, e deste com a realidade do mundo. Para Foucault (1995), as relações de saber e de poder são constitutivas dos modos de subjetivação. A proposta inovadora desse autor refere-se ao aspecto relacional que ele instaura no conceito de poder, demonstrando que a noção de poder como algo da ordem de uma posse, colocando de um lado os que o possuem (normalmente o Estado) e do outro lado os despossuídos, é uma forma hegemônica de entendimento sobre o poder. Em contrapartida, ele propõe que o poder se dá num campo de batalha, em que forças de resistência sempre se engendram. Emerge a positividade do poder, que não seria apenas repressivo, mas produtivo. Ele demonstra de que maneira os arranjos sócio-históricos, os discursos de verdade, os dispositivos de poder de cada época servem de campos de possibilidade para a emergência dos modos de subjetivação. Entendemos que este estudo pode contribuir para a reflexão psico-pedagógica sobre a leitura, uma vez que trabalharemos com a noção de modos de subjetivação, em que o sujeito é um efeito das relações de saber-poder de sua época histórica. Sujeito que tanto é produzido como é produtor da história. Sob esta perspectiva, tanto as relações intrafamiliares quanto a efetivação de determinadas metodologias deixam de ser neutras e individualizadas para serem inseridas em processos sócio-históricos. Com este aporte teórico, a leitura deixa de ser tematizada como uma habilidade cognitiva individual e passa a ser compreendida como uma prática social. Bibliografia: FOUCAULT, Michel. O Sujeito e o Poder. In: RABINOW, Paul e DREYFUS, Hubert. Michel Foucault – Uma trajetória filosófica (Para além do Estruturalismo e da Hermenêutica). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. FREIRE, Paulo e MACEDO, Donaldo. Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. RIBEIRO, Vera Masaguão. Alfabetismo e Atitudes – Pesquisa com jovens e adultos. Campinas: Papyrus; São Paulo: Ação Educativa, 1999.

Raquel da Silva Silveira; Lia Beatriz de Lucca Freitas; Henrique Caetano Nardi

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS;



Leitura na escola.

O projeto buscou estimular o desenvolvimento do hábito de leitura em crianças, a partir de uma visão sócio-interacionista, contribuindo assim, para o processo ensino-aprendizagem, através de técnicas de intervenção e estratégias diferenciadas de procedimentos educacionais criando espaços e condições favoráveis de acesso as obras pelos alunos, através da autonomia e iniciativa, dentro e fora do “contexto da sala de aula”, numa relação prazerosa e lúdica com o livro e o saber. Atuando como facilitador e incentivador para implementação de uma metodologia de ensino que favorecesse a aprendizagem e o desenvolvimento através da leitura, utilizando de diferentes situações de acesso ao mundo dos livros nas quais o lúdico e a ação ativa da criança estavam presentes, tais como: dinâmicas de grupo, narrações e dramatizações de histórias, histórias musicais, rodas de leitura, histórias com fantoches, visitas a biblioteca, histórias desenhadas, e atividades propostas pelas crianças permitindo a elas ousarem, revelarem suas fantasias e emoções despertadas pelo contato com a literatura de variados temas. Criação do “Cantinho da Leitura”, possibilitando a permanência das obras dentro da sala de aula, facilitando o acesso e manuseio mais freqüente aos livros. O projeto, contribuiu para intensificar nos alunos a motivação intrínseca necessária para se criar o hábito pela leitura, promovendo a criatividade através da autonomia e da iniciativa da criança. Verificamos que o aluno bom leitor é conseqüência da qualidade da interação social do aluno, com alunos e adulto, do contexto social que se insere, além da capacidade dele atribuir sentido ao que está escrito nos livros, estabelecendo relações entre o que lê e sua realidade, e que isso traz vantagens para seu desenvolvimento e sua vida. O vínculo estabelecido com as crianças influi significativamente na disposição desses para a leitura, porém o desenvolvimento de interesses e hábitos permanentes de leitura deve ser constantemente reforçado, no lar, na escola pelo aperfeiçoamento sistemático e ao longo da vida, através de influências culturais e de esforços conscientes de pessoas comprometidas com a formação da personalidade futura do adulto, aprimorando seu senso crítico e possibilitando a construção de uma sociedade mais igualitária.

Celio Marcio Vidotti; Eliane Silva Gabas.

UNIP – BAURU / SP.



Leitura psicológica da religião na sociedade ocidental: a ilusão em Freud e a individuação em Jung.

A sociedade ocidental passa por profundas transformações em seu campo religioso, assim, a divindade aparece de forma cada vez mais heterogênea. Podemos perceber duas grandes tendências: uma que leva à submissão e outra que leva à autonomia do indivíduo. Na psicologia de religião, dois autores fundamentais trabalham essa questão de maneira divergente: Freud abordando a ilusão enquanto Jung enfatiza a individuação. O objetivo deste trabalho é analisar, de maneira imparcial, esses dois aspectos fundamentais: a religião como algo ilusório partindo de uma abordagem Freudiana e como busca de auto conhecimento pela perspectiva de Jung. A fim de elucidar esses conceitos, o projeto conta basicamente com pesquisa bibliográfica, essencial para a base teórica, adquirida pelo acúmulo de informações reunidas em livros, teses e artigos científicos. A religião é vista por Freud como uma muleta frente os problemas existenciais, já Jung a vê como auxílio no processo de individuação. Em Jung ela se apresenta como um fenômeno genuíno enquanto que em Freud é um derivado do complexo paterno. A intervenção psicanalítica visa a superação da ilusão religiosa através do uso da razão; já a intervenção analítica não propõe reservas às vivências religiosas. Analisando as considerações feitas acerca da obra de Freud e da obra de Jung, fica evidente que tanto a alienação quanto a individuação são processos que ocorrem com os indivíduos, entretanto fica mais claro ainda que a alienação não se restringe à Freud e a individuação à Jung. Ambos contribuem profundamente para o entendimento do lugar da religião nas nossas vidas, evidenciando como é possível a utilização de uma mesma vivência para estar iludido ou individualizado.

KATIA CRISTINA PYLORIDIS; SILAS GUERRIERO

PUC-SP; PIBIC-CEPE



Lembranças de infância de pais e mães e suas implicações nas práticas educativas utilizadas na criação dos filhos.

Teorias que enfatizam a aprendizagem observacional ou modelação sugerem que as lembranças dos pais a respeito da forma como foram criados podem desempenhar um papel determinante nas práticas educativas que eles utilizam para lidar com o comportamento dos seus filhos. O objetivo do presente estudo foi investigar possíveis relações entre as práticas educativas utilizadas por pais e mães na criação dos filhos e as suas lembranças a respeito de como foram criados pelos seus próprios pais ou cuidadores. Participaram do estudo 78 pais e mães de crianças de ambos os sexos, com idades entre 5 e 7 anos. Os participantes foram selecionados aleatoriamente em 8 escolas infantis da rede pública de Cachoeira do Sul. Os pais responderam um questionário no qual registravam a frequência de 17 tipos de práticas educativas. O registro de frequência era preenchido duas vezes. Na primeira etapa os pais foram solicitados a responder pensando nas práticas educativas utilizadas pelos seus próprios pais ou cuidadores durante a sua infância. Na segunda etapa, responderam ao questionário considerando as práticas que eles costumam utilizar na criação dos seus filhos. Foram encontradas correlações positivas estatisticamente significativas em 8 das 17 categorias de práticas educativas avaliadas. Os resultados apoiam achados da literatura que indicam a influência da experiência dos pais com seus próprios cuidadores sobre as práticas educativas utilizadas na criação dos filhos.

Patrícia Alvarenga; Maíra Kury Ribeiro.

ULBRA.



LER/DORT em uma indústria alimentícia: aspectos psicológicos e organizacionais.

Procurou-se investigar os fatores envolvidos no aparecimento de Lesões por Esforço Repetitivo/ Distúrbios Osteomusculares relacionados ao Trabalho (LER/DORT) nos funcionários de uma indústria de abate e de processamento de frangos do interior do Brasil, focando-se nos aspectos físicos e psicológicos do ambiente de trabalho. A saúde, o trabalho, as LER/DORT, a Ergonomia e as contribuições da Psicologia para este campo de estudo são discutidas. A metodologia utilizada no estudo de caso foi a qualitativa, apoiada em duas técnicas: a observação participante no local de trabalho e as entrevistas semi-estruturadas com dez ex-funcionários da referida indústria que contraíram a patologia. Na análise das entrevistas e dos relatórios da observação participante foram empregadas as técnicas de análise de conteúdo chamada temática, que visa localizar os núcleos de sentido que estruturam a comunicação, e a análise categorial, que procura agrupar as unidades de registros ou o argumento central (tema) com características comuns. Concluiu-se que os fatores organizacionais parecem contribuir para o surgimento do distúrbio nestes trabalhadores, em que se destacam: o tipo de organização de trabalho (taylorista/ fordista), a sobrecarga de trabalho, o estilo gerencial adotado – caracterizado como hostil e persecutório -, o clima organizacional e a insuficiência de recursos técnicos e humanos. Além disso, pôde-se constatar um grande sofrimento nestes trabalhadores, seja decorrente do sistema produtivo a que estão submetidos, seja do próprio distúrbio com repercussões na vida extra-trabalho.

Julio Cesar Filgueiras; Sônia Maria Guedes Gondim.

Universidade Federal de Juiz de Fora.



LER/DORT: uma abordagem ao sofrimento psíquico no trabalho.

Este estudo derivou da pesquisa de mestrado da autora. Versa sobre o fenômeno das LER/DORT (Lesões por Esforços Repetitivos/Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho) considerando o sofrimento psíquico vivenciado pelas trabalhadoras no seu cotidiano. Foi realizado um estudo comparativo, com bancárias, exercendo a função de caixa e com aproximadamente o mesmo tempo de trabalho, a partir de entrevistas com quatro trabalhadoras acometidas e quatro não acometidas por LER/DORT. Na análise da fala das trabalhadoras foi constatado que existem diferenças significativas na forma de enfrentamento das pressões presentes no cotidiano do trabalho, entre os sujeitos acometidos e não acometidos por LER/DORT. Os resultados obtidos nos permitiram concluir que as trabalhadoras que adoeceram mostraram-se mais suscetíveis a se submeterem às exigências por produtividade e cumprimento de metas, feitas pela organização e demonstraram que a estrutura do sistema produtivo diminui a capacidade de auto-percepção, anulando suas resistências e enfraquecendo suas defesas além de eliminar a possibilidade de exercer o controle sobre a própria atuação. Outra indicação da pesquisa é de que as trabalhadoras que não adoeceram adotam uma postura mais flexível em relação ao atendimento das exigências do trabalho, demonstrando maior consciência de seus limites pessoais e utilizando-se de processos de defesa que permitem transformar as situações que originam o sofrimento.

Maria Aparecida de Moraes Burali.



Levantamento de Dados para uma Intervenção em Orientação Vocacional.

Ao se pensar em trabalhar a Orientação Vocacional na cidade de Uberlândia, teve-se a idéia de, inicialmente, fazer um levantamento de dados, contendo aspectos que se julgou importante conhecer. Para isso, foi elaborado um questionário dividido em quatro partes. A primeira delas, diz respeito aos dados biográficos, além de investigar sobre a experiência pessoal do estudante em relação ao vestibular e à Orientação Vocacional. A segunda parte desejou perceber a situação de escolha vivida pelo adolescente, podendo ser elas: pré- dilemática, dilemática, problemática e de resolução. A terceira parte está associada ao vínculo transferencial, ou seja, como o estudante deposita no processo de Orientação Vocacional as suas fantasias de escolha e decisão, que, de acordo com a fundamentação teórica utilizada podem ser: mágica, filio-paterna, autoconfiada e de aspiração. A última parte diz respeito a forma que o estudante percebe o processo de Orientação Vocacional, como sendo feito através de uma Modalidade Estatística ou de uma Modalidade Clínica. A população escolhida para a pesquisa foram alunos do 2o e 3o ano do ensino médio de uma escola pública e outra particular. Tal escolha deveu-se ao fato de apreender o resultado total, além de constatar se havia diferença e em quais aspectos entre uma escola e outra. As escolas foram selecionadas de acordo com a disponibilidade para realização da pesquisa. Os questionários foram respondidos por 163 alunos, de ambas escolas, durante o período de aula. Os resultados obtidos foram tabulados e posteriormente analisados através de um programa estatístico. Acredita-se que através deste levantamento, pode-se definir melhor as variáveis pesquisadas, sendo possível assim, fundamentar e planejar efetivamente uma futura intervenção nesta área.

Marina Cardoso de Oliveira; Daniela Torres Gonçalves Santos; Marjorie de P. Ribeiro; Vanessa da Fonseca Guimarães; Tânia Mendonça Marques; Caio César Souza Camargo Prochno.



Levantamento de traços depressivos em alunos do curso de Psicologia, e suas implicações.

A depressão é um transtorno do humor, que necessita ser identificado, diagnosticado e tratado, não é um problema de caráter, falta de vontade ou indolência. A depressão é um distúrbio recorrente e crônico, que exige manejo a longo prazo. Representa um importante problema de saúde pública, em todo o mundo, durante o período de vida, com elevada prevalência e com consideráveis conseqüências mórbidas e mortalidade. Embora o reconhecimento precoce e a probabilidade de receber um tratamento agudo tenha aumentado na última década, a maioria absoluta dos indivíduos necessita de tratamento a longo prazo, só que não recebe tratamento adequado muitas vezes por falta de identificação do quadro. Para diagnóstico do episódio depressivo maior (depressão), utilizamos as diretrizes diagnósticas da CID-10, que dizem que os episódios depressivos típicos, nos três níveis de gravidade (leve, moderado e grave), caracterizam-se pelos seguintes sintomas: humor deprimido, perda do interesse e prazer, energia reduzida levando a uma fadiga extrema, atividade diminuída, pensamentos pessimistas quanto ao futuro, sentimento de culpa e inutilidade, idéias ou atos auto-agressivos ou suicídio, sono perturbado, apetite diminuído. Neste sentido, o presente trabalho, conduzido por uma professora e supervisora clínica e pela coordenadora de pesquisa e extensão das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, Enfermagem e Obstetrícia; e Fisioterapia de Guarulhos, tem como objetivo identificar a incidência de características de depressão em estudantes do Curso de Psicologia (1º ao 5º ano), das Faculdades de Guarulhos, através da adaptação da Escala de Hamilton para Avaliação da Depressão, e correlacionar as características com as atividades dos alunos no curso. Os sintomas depressivos geram dificuldades de aprendizagem e queda no desempenho acadêmico. Na sala de aula, o indivíduo deprimido, entre outros aspectos, começa a isolar-se ou envolver-se em conflitos com colegas até recusar-se a freqüentar a faculdade. Provoca desmotivação, desinteresse e falta de concentração nas atividades acadêmicas. Com o conhecimento destes aspectos e um olhar mais cuidadoso e sensível para os estudantes, podemos como professores e profissionais da área de saúde identificar sintomas depressivos nos estudantes em sala de aula. Mediante a identificação de sintomas, exercer o papel de orientação e encaminhamento destes estudantes para avaliação e tratamento, possibilitando buscar medidas antes que o quadro se "cronifique". Metodologia: Através de questionário elaborado a partir da adaptação da Escala Hamilton Para Avaliação de Depressão, foram avaliados os alunos que voluntariamente se ofereceram para participar da pesquisa, num total de 200, em abril de 2002. Resultados: 7,6% da amostra de estudantes do curso de Psicologia, apresentaram escores acima de 20, enfatiza a importância de se identificar problemas depressivos, além de salientar a necessidade de se propor medidas profiláticas nesta população.

MASTROBUONO, C.M.; ORTEGOSA, R.M.C.



Levantamento do repertório comportamental de crianças indicadas como tendo problemas de comportamento e de crianças com comportamentos socialmente adequados por professores de EMEIS da cidade de Bauru.

Estudos têm demonstrado que o surgimento e/ou manutenção de "problemas de comportamento" em crianças é influenciado por práticas educativas, sejam escolares e/ou familiares o que justifica pesquisas nestas áreas. O presente estudo tem como objetivo levantar repertório comportamental (tanto comportamentos socialmente adequados, como comportamentos "inadequados") de crianças com indicações escolares de problemas de comportamento (IPC) e com crianças com indicações escolares de comportamentos socialmente adequados (ICSA). A amostra é composta por 120 crianças IPC e por 120 crianças ICSA, indicadas por professores de 15 Escolas Municipais Infantis (EMEIS). Para cada criança, foi aplicado um questionário baseado em Silva (2000), para avaliar o repertório socialmente adequado, e a Escala Infantil A. de Rutter (ECI), para avaliar o repertório "inadequado", em que a entrevistadora fazia as perguntas, às professoras, e anotava as respostas. Análises preliminares sugerem os seguintes resultados: a) tanto o grupo IPC quanto o ICSA apresentam freqüência maior de comportamentos socialmente adequados que de "inadequados", segundo o relato das professoras; b) crianças ICSA possuem freqüência de comportamentos adequados maior do que inadequados; c) a freqüência de comportamentos adequados é apenas ligeiramente maior para o grupo ICSA quando comparado ao IPC; e d) a freqüência de comportamentos tidos como inadequados (ECI) é maior para o grupo IPC que ICSA. Frente a estes resultados, chega-se à conclusão de que as professoras foram capazes de indicar mais efetivamente crianças IPC que ICSA, pois as primeiras realmente apresentam maiores indicativos de problemas de comportamento. No entanto, as crianças ICSA apresentam repertório socialmente adequado de freqüência semelhante às IPC, alertando para a importância de outros projetos de pesquisa e/ou de intervenções que auxiliem os professores a atentarem-se para o repertório socialmente adequado, especialmente de crianças consideradas como tendo comportamentos "inadequados", a fim de promover, no ambiente natural, comportamentos socialmente adequados e concomitante reduzir e/ou eliminar indicadores de "problemas de comportamento".

Ana Maura Azevedo de Godoy; Maura Cristina Petrucelli; Raquel Melo Golfeto; Alessandra Turini Bolsoni-Silva; Edna Maria Marturano.

Universidade Estadual Paulista.



Lide Positiva- Assessoria Jurídica e Aconselhamento Psicológico a Portadores do Hiv/Aids e seus Familiares.

O projeto Lide Positiva presta Assessoria Jurídica e Aconselhamento Psicológico preventivo ao portador do Hiv/Aids e seus familiares provenientes da região Sudoeste da Bahia, Norte e Nordeste de Minas Gerais que são atendidos no Centro de Referência DST/Aids de Vitória da Conquista. A equipe do Projeto é formada por quatro profissionais de nível superior: Coordenadora Geral (psicóloga), Coordenador (bacharel em direito), Assistente de Coordenação (psicóloga) e Consultor Jurídico (advogada contratada como consultora jurídica por 12 meses). O público do projeto conta com o atendimento jurídico específico, que consiste em orientação e, quando necessária, em intervenção processual e extraprocessual, garantindo o acesso à justiça e aos órgãos auxiliares (delegacias, Ministério Público, etc) na ocorrência de violação dos direitos constitucionais. O atendimento psicológico fundamenta-se em aconselhamento e quando necessária psicoterapia, baseada em psicoterapia breve, buscando otimizar a qualidade de vida das pessoas, através da consideração dos fatores emocionais que agem contra ou a favor do seu bem estar psíquico e, portanto, da sua vida como um todo. A equipe, em conjunto, atua ainda como sensibilizadores sociais e multiplicadores de informações através das oficinas de saúde e direitos do portador de Hiv/Aids. No decorrer das oficinas foi formado o Grupo Terapêutico para Soropositivos que visa favorecer o contato com outras pessoas portadoras, desmistificar algumas questões como, por exemplo: morte, exclusão social, sexualidade, etc., e debates temáticos de maior interesse do grupo. Através da psicologia social temos a oportunidade de substituir aquela visão estereotipada e elitista do profissional de consultório pela do profissional comprometido socialmente, que tem uma responsabilidade com a comunidade, colocando o seu saber a este serviço.

Leliany Taize de Assis Ladeia; Monalisa Nascimento dos Santos Barros; Murilo Guimarães; Simone Guimarães.

ASSEV - Associação de Educação para vida.



Limite sem amargura: a intervenção do psicológica no tratamento da diabetes, na cidade de Natal.

Com o propósito de desenvolver conhecimentos psicológicos que contribuam para o tratamento do portador de diabetes, em instituições de atenção à saúde pública, iniciamos a execução de um projeto de pesquisa que tem como sujeitos os membros da Associação dos Diabéticos do Estado do Rio Grande do Norte (ADERN). A ADERN é uma entidade filantrópica com objetivos educacionais que atende à população diabética do Rio Grande do Norte, juntamente com o Programa de Educação e Controle do Diabetes (PECD), em parceria com o Hospital Universitário Dr. Onofre Lopes (SUS) e Curso de Fisioterapia da Universidade Potiguar. Assim, o presente projeto está inserido dentro de um projeto interdisciplinar de atenção ao portador de diabetes, do estado do Rio grande do Norte. A partir de entrevistas individuais semidirigidas e da técnica de grupo terapêutico, estamos desenvolvendo uma pesquisa-ação, com 40 % dos participantes do grupo educativo da ADERN/PECD, perfazendo um total de 48 portadores de diabetes. As entrevistas tiveram o objetivo de caracterizar os participantes para os grupos terapêuticos e seus resultados constituirão parâmetro para a avaliação final do trabalho com os grupos. Os grupos terapêuticos realizam-se semanalmente, totalizando atualmente 27 participantes, divididos em três grupos, sendo coordenados pela professora-coordenadora do presente projeto, com a participação de seis estudantes do curso de Psicologia da Universidade Potiguar, como observadores. São realizadas duas reuniões mensais, sendo uma clínica e uma administrativa entre os profissionais e estudantes envolvidos no trabalho da ADERN. As reuniões clínicas têm o propósito de discutir e estudar os casos que estão sendo acompanhados pelos grupos terapêuticos. As reuniões administrativas têm caráter avaliativo do trabalho, sendo conduzidas a partir dos relatórios das atividades semanais. Os grupos terapêuticos vêm apresentando uma participação assídua dos membros, bem como se têm apresentado como uma intervenção com efeitos importantes na vida dos portadores de Diabetes Mellitus, como apresentam, por exemplo, as seguintes falas de alguns participantes: -Estou contando neste grupo ,no outro eu não falava sobre a minha depressão . (...)Minha filha morreu ... eu dizia que nunca iria me acostumar. Depois que vim para aqui ... Agora eu confesso já consigo até falar (NE); -Este trabalho tem nos dado outra vida (L).

Maria Aparecida França Gomes; Ana Amália Torres Souza; Antonimária Bandeira de Freitas; Fábio Rocha; Hilmara Samita Farias Ginani; Rachel de Medeiros Manso; Thiago de Oliveira Pinto Cortês.

Universidade Potiguar – Natal / RN.



Limites em Questão.

O presente trabalho refere-se a uma pesquisa teórico-empírica no que diz respeito a “falta de limites” de crianças, enquadrada no âmbito escolar. A pesquisa fora realizada no Centro de Educação Integrada – CEI, localizado na cidade do Natal/RN. Com a pesquisa percebeu-se que, desde os tempos remotos, inúmeros são os fatores que permeiam tal problemática, tais como: maturacionais, históricos e sociais, a construção do juízo moral, o papel da família e da escola, os quais não se excluem, mas sim complementam-se, principalmente, no que vem a corroborar com o conceito de Educação, em especial a da criança proposto na atualidade. Diferentemente do que se pensava, foi-se possível constatar com a pesquisa que a “falta de limites” de nossas crianças não está relacionada apenas com a indisciplina, isto é, está relacionada aos diferentes aspectos e dimensões, sendo inerente à constituição do sujeito, ou seja, ao seu desenvolvimento, à sua vida familiar e conseqüentemente à vida sócio-econômico-político-cultural.

Beatriz Carvalho dos Santos; Eni Torres Barcelos; Karen Barbosa Montenegro; Karenina Kadidja Rios Dantas; Maria de Fátima Fernandes Ferreira; Sâmela Soraya Gomes de Oliveira

Universidade Potiguar-UnP. Natal/RN



Literatura hipertextual: liberdade e controle de leitura.

Através da história das práticas da leitura e da escrita, podemos ver três suporte da textualidade, a saber, o rolo, o códex e a tela. Sempre se postulou a liberdade, como característica principal da leitura, porém com o advento do meio digital, percebe-se um deslumbre excessivo em relação a liberdade com o uso do hipertexto. O hipertexto está atrelado à idéia de interatividade e à prática dos links. No entanto, essa liberdade excessiva postulada pelos estudiosos do hipertexto soa como uma ilusão, pois os links são ordens, marcas pré-gravadas pelos autores e editores. Tudo isso ocorre devido a emergência do controle comercial da textualidade na Internet. Este trabalho visa observar a relação entre leitura hipertextual, controle e liberdade, analisando a utilização do link como prática política de direcionamento de leitura.

Leonardo Pinto de Almeida

Universidade Federal Fluminense



Litígio e Psicologia Jurídica – Algumas reflexões sobre a experiência de estágio em uma instituição policial especializada (D.P.D.M.) - Campinas.

Este trabalho tem por objetivo refletir sobre a intervenção psicológica realizada na D.P.D.M..Primeiramente, levantaram-se estatisticamente os casos atendido pelas estagiárias do 5º ano da Faculdade de Psicologia da UNIP de Campinas que permaneceram na delegacia por 4 horas semanais, atendendo a demanda encaminhada pelas escritas.As alunas foram supervisionadas na área de Mediação Familiar em Contexto Judiciário, estágio opcional oferecido aos alunos que escolhem a aprendizagem na área clínica. Através dos casos atendido pelo grupo, percebeu-se, nos 60 dias de estágio, que não eram apenas pessoas do gênero feminino agredidas pelo gênero masculino que buscavam uma delegacia especializada para a mulher. A esta recorriam, desde pessoas com visível desequilíbrio mental, desacreditadas e agredidas pela sociedade em geral, cuja demanda não implicava necessariamente na abertura de um inquérito policial, pois nos casos atendidos observaram-se conflitos entre vizinhos. Entretanto, como a pesquisa inicial apontava para uma incidência maior de casos referidos a conflitos entre casais, buscou-se levantar a faixa etária a que pertenciam os envolvidos e quais queixas manifestas traziam para a instituição. Refletiu -se sobre o sentido latente do conflito, partindo do referencial psicanalítico, assim como se buscou compreender o lugar que a Instituição Policial ocupa no imaginário destas pessoas, e se essa representação, interferia no processo de mediação entre as partes. Concluiu-se que o trabalho na Delegacia de Proteção do Direito da Mulher proporciona aos estagiários de Psicologia uma oportunidade de desenvolver um trabalho breve nos moldes da Mediação, e que esta pode ser uma possibilidade para as partes envolvidas entrarem em contato com sua subjetividade, percebendo os vínculos interpessoais que as aproximam. Percebeu-se, ainda, o quão enriquecedor pode ser a experiência de entrar em contato com outras realidades existenciais. Essa aprendizagem também é útil para quem pretende desenvolver o trabalho em outro contexto, como a de clínica particular .Por fim, a experiência proporcionou o reconhecimento da importância de se desenvolver um trabalho numa rede de profissionais, comprometido com o bem-estar e a felicidade dos seres humanos envolvidos em conflitos, reconhecendo- se as diferenças individuais, profissionais e os envolvidos na demanda policial, assim como as interferências decorrentes de questões sócio- econômica- educacionais. Entende-se que é indispensável que a sociedade repense sobre a necessidade da intervenção , não apenas a dos Assistentes Sociais nas Delegacias de Polícia, conforme regulamentação sob a forma de lei, mas também sobre a dos Psicólogos, categoria especializada nos vínculos e papéis sociais, mas principalmente no manejo das relações afetivas.

Bárbara Sampaio , Daiene Ap. Gonçalves Felippete; Mariana P. Buratto H. Campos; Maria Rita J. M. Del Guerra; Maria Sílvia P. Franco do Amaral.

Delegacia de Proteção do Direito da Mulher (D.P.D.M.)- cidade de Campinas.



Longe dos olhos, perto do coração: uma análise qualitativa das mudanças na dinâmica familiar.

Partindo do princípio de que a família brasileira tem sofrido modificações em sua estrutura ao longo dos anos, neste trabalho procuramos investigar alguns dos aspectos da dinâmica psicológica das famílias, enfocando as mudanças que ocorrem quando o marido passa a residir longe da família por motivos de trabalho. Assim, buscamos compreender: a afetividade, a comunicação, os papéis, as relações hierárquicas, as regras familiares, os conflitos e estratégias para solucioná-los, os relacionamentos externos e expectativas para o futuro. Esta pesquisa constituiu-se num estudo qualitativo, caracterizando-se como estudo de caso. Foram utilizados dois instrumentos para coleta de dados: um questionário e uma entrevista semi-dirigida por pautas. Participaram desta pesquisa três casais nos quais o cônjuge residia longe da família. Para análise de dados, foi empregada a técnica de análise de conteúdo. Percebemos nas famílias sentimentos de tristeza, abandono e solidão, o que leva a todos a terem esperança e novos planos para que esta situação mude. Em geral, as esposas tomam frente das negociações financeiras e controle total da casa, porém contam com o auxílio de seus maridos. Nota-se uma mudança de papéis, uma vez que a esposa assume todas as responsabilidades, gerando muitas vezes conflitos devido à sobrecarga de afazeres. As regras familiares sofrem uma flexibilidade por haver uma maior liberdade. A comunicação é realizada constantemente por telefone, para informar sobre os acontecimentos do dia e também para amenizar a saudade que esta ausência causa. Por estarem distantes, a vida social do casal diminui, por não se sentirem à vontade para saírem sem o companheiro. Frente a esta situação, há um desejo unânime de reencontro da família para uma maior felicidade do casal.

Bárbara Santos da Costa; Helena Maria Pereira de Barros Moura; Rita de Cássia Oliveira da Silva.

Universidade de Taubaté – UNITAU.



Magistério: o processo de formação psicossocial da identidade profissional.

O presente estudo surgiu do contato profissional com futuros professores do ensino fundamental, alunos do curso de magistério. Estes demonstravam que, ao se formarem, não tinham uma consciência do significado social da atividade que desempenhariam - educadores. Assim, a pesquisa objetivou compreender o processo de construção da identidade profissional no ensino técnico e aspectos da realidade social e educativa que o curso consolida. Identidade aqui é compreendida como um processo dinâmico, que encontra-se em constante re-construção. A opção pelo ensino técnico permaneceu apesar da nova LDB (Lei de Diretrizes e Bases) aprovada em 1996, prever que toda formação de professor, inclusive do ensino fundamental, deverá ocorrer em nível de 3º grau. Na verdade, percebia-se a necessidade de estudos sobre a construção da identidade profissional no ensino técnico. No processo de análise enfatizou-se aspectos que poderiam influenciar o processo de construção da identidade profissional, como por exemplo o processo educacional, em específico o ensino técnico, no Brasil; a adolescência (fase em que a maioria dos estudantes fazem a opção profissional) e o trabalho docente. Procurou-se também, verificar quais disciplinas do currículo do curso em questão contribuem, de forma significativa, para o processo de formação do professor. Participaram da pesquisa as alunas do último ano do curso de magistério (1999), de um colégio particular situado em Londrina-PR. Utilizou-se, para a aquisição dos dados, entrevistas orientadas por um roteiro semi-estruturado. Verificou-se que o curso de magistério contribuiu muito para que as futuras professoras alterassem a representação que tinham do papel docente ao ingressarem no curso, passando estas alunas agora, a possuir uma postura mais consciente acerca do papel social do educador. Notou-se ainda, que disciplinas como psicologia, didática e história da educação foram consideradas de extrema importância para a formação do educador. Apesar do curso de magistério (técnico) ter proporcionado subsídios para um repensar sobre o ser professor, notou-se que este espaço ainda não é suficiente para que se “construa” (dinâmico) uma identidade profissional que esteja em consonância com o papel do educador. Desta forma, alerta-se para a necessidade da formação continuada deste profissional, destacando-se o aspecto de “quem educa quem”. Espera-se que o trabalho tenha suscitado reflexões sobre a representação social do professor, e ainda sobre questões que possam ser melhoradas no processo de formação deste profissional (visto como algo sem fim, mas constante), tendo sempre em vista, a escola como espaço sócio-cultural.

Magali C. Surjus Pereira; Silmara Carina Dornelas Munhoz.

Universidade Estadual de Londrina.



Malandragem em pesquisa experimental: o jeitinho brasileiro de fazer pesquisa – primeira fase.

No presente trabalho, buscamos abrir um caminho de debate em torno da relação do aluno com tarefas propostas na graduação como um ensaio à prática de pesquisa e identificar quais são as dificuldades mais frequentes na realização de pesquisas, além de reconhecer as distorções realizadas pelos alunos no método de pesquisa. A estas alterações denominaremos de jeitinho e sua prática, malandragem. O Brasil possui uma particularidade que nos chamará atenção nesse trabalho, o “jeitinho” brasileiro. Ele abrange desde um mecanismo de ajuste social, até um procedimento estrutural obrigatório e inevitável. Só existe onde há relações pessoais diretas e funciona como um instrumento paralegal, isto é, não vai contra o sistema legal, mas caminha junto a ele e exprime a dificuldade do brasileiro em lidar com as leis universais. Na pesquisa acadêmica, o jeitinho aparece quando o aluno se depara com a necessidade de investigar um assunto seguindo regras metodológicas que caracterizam a pesquisa científica. Tais regras são fundamentais para estabelecer a distinção entre a pesquisa científica e o senso comum. A amostra utilizada compunha-se de estudantes do Curso de Psicologia da UFF. O instrumento utilizado foi um questionário composto de perguntas abertas. Constatou-se que 84% não seguiram rigorosamente as regras de metodologia de pesquisa e o fizeram favorecendo a hipótese na análise de respostas; pela seleção defeituosa de sujeitos e falta de controle rigoroso de variáveis. Os sujeitos alegaram que não seguiram as regras metodológicas devido a: professores desmotivados e desmotivadores; incapacidade de prever intercorrências; preocupação com avaliação; inexperiência e desinteresse; falta de orientação e falta de finalidade. Quanto à relação entre as pesquisas e a formação profissional, 74% considera que ela existe e é importante. Os sujeitos apontaram a importância da experiência e levantaram críticas e propostas de melhoria do uso da pesquisa. Chamou atenção nos resultados a contradição entre os 84% dos sujeitos que usaram de malandragem e os 74% que consideram a pesquisa como um aprendizado com papel fundamental na formação profissional. Essa evidência pode estar relacionada à desmotivação relatada aliada a possíveis falhas nos processos de avaliação que são burlados pelo jeitinho. Consideramos que a prática do jeitinho brasileiro, reforçado quando deveria estar sendo extinto, pode estar relacionada ao contexto do aluno no qual encontram-se fatores que favorecem ou não desestimulam a aplicação do jeitinho brasileiro às suas práticas do cotidiano. Possivelmente, este contexto mudaria se as formas de avaliação e as atividades de pesquisa propostas fossem revistas em seu conteúdo e no acervo de subsídios à disposição do aluno da graduação. Deste modo, não será surpresa encontrar o jeitinho brasileiro atravessando toda a história acadêmica do aluno da graduação. Esperamos que o presente trabalho possa contribuir para um debate sobre tarefas propostas na graduação e alertar sobre as distorções realizadas no método de pesquisa.

Ana Flávia Azevedo Moura; Érica dos Santos Vieira; Kellen Augusta Bicalho Favoretto; Hugo Sandall; Luciana Veríssimo; Renata Prudencio da Silva; Márcia Moraes



Malformação Fetal Letal: Pré-Natal Personalizado – Assistência Multiprofissional.

A gravidez é considerada o auge do desenvolvimento psicosssexual feminino, sendo que qualquer intercorrência durante o ciclo gravídico puerperal pode desencadear transtornos psíquicos significativos. O diagnóstico de malformação letal do feto, normalmente desencadeia processos psíquicos que promovem o desequilíbrio da função egóica, tanto feminina como masculina, observando-se com freqüência reflexos disto na relação conjugal. Juntam-se a isto, as transformações físicas e psíquicas, já conhecidas em função do estado gestacional, que por si só, já constituem uma situação de crise. Por esse motivo consideramos de suma importância à prevenção da saúde mental e, após traçarmos o perfil dessa clientela, adotamos uma linha de conduta assistencial personalizada. Esse trabalho tem como objetivos oferecer ao casal assistência personalizada interprofissional adequada, propiciando um fortalecimento do vínculo equipe-paciente; propiciar condições favoráveis para uma vivência emocional adequada da gravidez; facilitar o processo de elaboração do luto; prevenir transtornos físicos e prevenir transtornos psíquicos (Depressão Pós-Parte e Psicose Puerperal). Os instrumentos técnicos utilizados foram: consulta com enfermagem em Aconselhamento Genético; consulta médica personalizada; psicoprofilaxia do Ciclo Gravídico Puerperal; assistência Interdisciplinar hospitalar; assistência ambulatorial até 3º mês pós-parto. A Psicoprofilaxia da Gestação, Parto e Puerpério é um trabalho preventivo, personalizado, que tem como objetivos, favorecer a vivência emocional adequada da gravidez de acordo com a realidade que se apresenta, desenvolver postura ativa na gestante, integração do casal, participação do cônjuge em todo o processo, preparação para maternidade e paternidade, prevenção da Depressão Pós-Parto e Psicose Puerperal. Tem como objetivo específico preparação para o luto e rituais funerários. Os resultados obtidos com a assistência psicoprofilática registram prazer pela vivência da gravidez, independentemente do futuro fetal; planificação do futuro de acordo com a realidade fetal; vivência homeopática do luto; elaboração mais rápida e saudável do luto; reestruturação dos valores de vida e certeza da opção adequada. Não foram registrados intercorrências obstétricas no que assistência personalizada oferece amparo físico e psíquico ao casal que se encontra fragilizado emocionalmente em decorrência da inviabilidade fetal, facilitando essa dolorosa trajetória e prevenindo intercorrências físicas e psíquicas, tão comumente observadas nestes casos. A Psicoprofilaxia da Gestação, Parto e Puerpério oferece espaço adequado à vivência da gravidez, permitindo que o casal respeite seu ritmo se preparando emocionalmente para o luto.

Fátima F. Bortoletti; Magda.S.C. Silva; Renato M. Santana.; Antônio F. Moron; Anelise R. Abrahão; Antônio R. Azevedo; Luiz Kulay

UNIFESP/EPM – Departamento de Obstetrícia – Medicina Fetal . São Paulo.SP



Manifestações das fantasias sexuais no relacionamento heterossexual.

O trabalho apresentado teve como ponto de partida, a opinião do senso comum de que as fantasias sexuais fazem parte da realidade de alguns casais, que as buscam como modo de melhorar e estimular o relacionamento sexual e afetivo. Dessa forma, através de uma pesquisa bibliográfica, realizada no período de março a novembro de 2000, buscou-se uma maior compreensão quanto às fantasias e o limite entre o saudável e o doentio destas na vida das pessoas. Buscou-se também um maior conhecimento sobre a dinâmica sexual e como as pessoas lidam com as fantasias, visto que não há pesquisas suficientes nesta área. Procurou-se neste trabalho apresentar alguns aspectos da sexualidade que sejam esclarecedores sobre o papel que as fantasias exercem nos relacionamentos heterossexuais. Foram consultados o autores Alberoni (1988), Masters & Johnson (1972), Meltzer (1979), Kaplan (1999), Penteado (1999), dentre vários outros. É um risco a tentativa de se escrever sobre algo que muitas vezes, não é vivenciado plenamente pelas pessoas, ou se o é, não há declarações explícitas sobre isso, ficando mais como um fato velado. A escassez de estudos parece confirmar a complexidade do tema. Ao mesmo tempo parece revelar tanto o que se é. Pôde-se então neste estudo destacar a importância de aspectos como: comunicação e intimidade para se fazer das fantasias algo enriquecedor dentro da dinâmica sexual; as fantasias quando bem utilizadas, proporcionam um maior contato entre os praticantes e uma maior cumplicidade e maturidade quanto ao próprio ser, ou seja, aceitação de si mesmo já que as fantasias sexuais mostram aquilo que o indivíduo é. Para os profissionais ou interessados na área da sexualidade, especificamente no que se refere às fantasias sexuais, há muitas sugestões em direção à melhora na vida sexual e questões de grande importância, até mesmo para futuras pesquisas.

Daniella Ramos Moreira; Priscila Abreu de Carvalho; André Luiz Moraes Ramos; Anelise de Barros Leite Nogueira.

Centro UNISAL / Lorena.



Manifestações emocionais de mães que receberam diagnóstico de óbito fetal no pré e pós-parto.

Introdução: A gestação é um período na vida da mulher que pode ocorrer o aparecimento de conflitos devido às mudanças de equilíbrio entre o id e o ego, o que enfraquece o sistema defensivo. Quando ocorrem perdas, como no diagnóstico de óbito fetal, a mãe toma conhecimento de que não poderá levar o filho para casa dando origem à crise acidental que pode desencadear as mais diversas reações emocionais. **Objetivos:** compreender as principais reações da mãe que gera um filho que não será seu, o qual não poderá acolher, não poderá levar para casa, pois o mesmo já não tem vida; comparar se existem diferenças de reações emocionais nos momentos pré e pós-parto. **Método:** entrevistas semi-estruturadas com 14 mães que tiveram diagnóstico de óbito fetal durante a gestação. Sete das mães foram entrevistadas antes do parto e as demais, após o parto. As mães tinham entre 16 e 44 anos; o tempo gestacional era de 28 e 39 semanas. As entrevistas foram transcritas e analisadas a partir da Técnica Análise Temática de Conteúdo (Bardin, 1997; Taylor e Bogdan, 1998). **Resultados:** as reações emocionais que mais apareceram nas mães que ainda tinham seus bebês no útero foram de intenso medo do parto da separação física - tenho medo do parto porque lá sei que vou perder meu filho de verdade, culpa, necessidade de explicação da causa do óbito, apatia, tristeza, ansiedade, dificuldade de aceitação do diagnóstico - eu pedi a enfermeira para escutar o coraçãozinho ((bebê)) depois que o médico fez o ultrassom ((ultra-sonografia))..., choro, sensação de ter fracassado. As mães que já tinham passado pelo parto apresentaram apatia, queixa de dificuldade de esquecer, explicação religiosa, angústia, necessidade de lembrar a fisionomia do bebê, desejo de conhecer o destino que será dado ao feto, vontade de enterrá-lo, necessidade de explicação do evento para evitar repetições, culpa, incapacidade, receio de voltar para casa, insônia, sonhos com crianças e anjos, solidão, choro, arrependimento de não ter visto o bebê, realização por ter visto e abraçado o filho. **Conclusão:** a compreensão das reações emocionais das mães neste contexto, vem contribuir para o tratamento, conscientizando os profissionais a terem atitudes que não venham prejudicar o processo que acompanha a vivência de perda, mas sim possam ter atuações terapeuticamente corretas junto às pacientes. A comparação entre os dois momentos vem indicar a necessidade de um trabalho às mães que receberam diagnóstico de óbito fetal, principalmente na preparação para o momento do parto, para orienta-las na escolha de ver ou não o bebê ao nascer; e após o parto, auxiliá-las na elaboração da perda, da separação e do luto. Evidencia-se a necessidade do trabalho psicológico para avaliação dos aspectos emocionais, atendimento às mães e orientação à equipe multiprofissional.

Cleonice de Faria Barbosa; Daniela Costa Macêdo; Márcia Simei Zanovello Duarte

Universidade de Franca - SP.



Mapeamento da Psicologia no Rio Grande do Norte.

Muitos estudos, principalmente a partir da década de 60, têm apontado para uma configuração relativamente permanente dos campos de atuação na Psicologia, com marcante predomínio de atividades clínicas. Contudo, atualmente a literatura vem apontando para novas práticas e novos campos de atuação. Diante dessa realidade, foi realizado um mapeamento preliminar da situação profissional da Psicologia no estado do Rio Grande do Norte, objetivando atualizar dados anteriores sobre a formação e atuação dos psicólogos. Este estudo faz parte da primeira etapa de um projeto de caracterização de psicologia e sua relação com as políticas públicas, com destaque para a Educação e a Saúde. Enviou-se um questionário padronizado contendo três grandes blocos de informações: Dados Gerais, Formação Acadêmica e Atividades Profissionais. O questionário foi enviado por via postal a todos os profissionais inscritos no Conselho Regional de Psicologia, 13ª Região (um total de 674, no ano de 2001), resultando em uma amostra final de 192 psicólogos. Os principais resultados apontam para o seguinte perfil profissional: a grande maioria dos psicólogos é do sexo feminino (89%), com graduação concluída na UFRN (71%) e realizou estágio na área Clínica (55%) em Clínicas-escola (43%) e possuem formação complementar pós-graduada (69%). Com relação às atividades profissionais, a maioria exerce a profissão na área clínica, seguidas das áreas Organizacional (18%) e Escolar (11%) em Clínicas privadas (26%), Organizações Públicas (16%) e Instituições Escolares Públicas (14%). Desenvolvem atividades, predominantemente, clínicas destacando-se a Psicoterapia (23%), Orientação/Aconselhamento (18%) e Atendimento Clínico (12%). A remuneração média varia de 3 a 4 salários mínimos. Embora o quadro não tenha se alterado de forma significativa em comparação a estudos anteriores, algumas mudanças podem ser vislumbradas, com destaque para a presença do psicólogo nos serviços públicos, o que nos remete ao estreitamento do mercado de trabalho autônomo liberal, conseqüente da retração do poder aquisitivo da classe média a partir da década de 80. Contudo, a entrada dos psicólogos nos serviços públicos pode apontar para um maior alcance social da Psicologia, no sentido de que diversifica e expande a sua clientela. No entanto, nota-se que as atividades desenvolvidas por esses profissionais são as tradicionalmente exercidas na Psicologia, o que nos remete ao fato de que não ocorreram inovações significativas no fazer psicológico. A partir desse fato, coloca-se em questão a adequação da formação acadêmica em relação à nova realidade que se apresenta para a profissão.

Luciana Bezerra de Souza; Oswaldo Hajime Yamamoto; Alex Reinecke de Alverga; Ana Cristina Gomes Lopes; Cândida Maria Bezerra Dantas; Danielle Cristine de Andrade; Pablo de Souza Seixas.

Universidade Federal do Rio Grande do Norte.



Mapeamento e Análise dos Serviços Públicos de Saúde Mental da Grande Vitória.

No Espírito Santo, o movimento de reforma psiquiátrica tem tido participação nos rumos de atenção à saúde mental desde a época do MTSM (movimento dos trabalhadores de Saúde Mental). Foi em Vitória, em 1985, o primeiro encontro dos coordenadores de saúde mental da região, cujo tema era “Política de Saúde Mental para a Região Sudeste”. Os atores dessa história conseguiram produzir efeitos no estado através de formulação de políticas, implementação de serviços, votação de leis etc, que buscam assegurar um outro atendimento aos ditos pacientes psiquiátricos. Nossa pesquisa pretende dar visibilidade aos serviços atualmente prestados nas instituições de Saúde Mental da Grande Vitória através de um mapeamento destas. Nosso objetivo é pesquisar os principais conceitos, fundamentos e práticas desses serviços bem como catalogar e analisar as iniciativas de atendimentos substitutivos e/ou alternativos ao internamento. A pesquisa é realizada em duas etapas. Na primeira, foi feito levantamento bibliográfico, mapeamento dos serviços públicos de saúde mental da Grande Vitória e uma coleta de dados que resultou na produção de um catálogo. Na segunda etapa, serão escolhidas aleatoriamente quatro instituições visitadas para que se possa fazer uma análise mais completa acerca das concepções do conceito de saúde mental presentes nesses locais. Em cada serviço, serão realizadas observações e aplicação de questionários semi-estruturados diferenciados para funcionários e pacientes. Através das visitas e das entrevistas realizadas até o momento, identificamos algumas iniciativas de atendimento que contemplam a proposta da reforma psiquiátrica e alguns serviços substitutivos ao internamento. No entanto, algumas instituições e alguns profissionais ainda mantêm antigas políticas de tratamento do paciente portador de necessidades psiquiátricas, o que impede a efetivação de novos projetos que visam uma mudança da concepção de saúde mental e uma reformulação dos serviços prestados à nossa população. Tendo em vista a implantação de tais projetos, é possível constatar a necessidade de trabalhar na construção de novas compreensões sobre os conceitos de saúde mental, paciente psiquiátrico, loucura, internamento, entre outros. O funcionamento dos novos serviços depende de uma ampla discussão social capaz de criar redes de acolhimento e inserção dos pacientes psiquiátricos nos núcleos familiares, trabalhistas e sociais efetivando, dessa forma, as propostas vigentes no âmbito da Reforma Psiquiátrica.

Nelson Antônio Alves Lucero; Andréa Romanholi; Camila Furlanetti Borges; Liana Gama do Vale; Marianna de Castro Tófolli

Universidade Federal do Espírito Santo



Maternidade na Adolescência: Um Estudo Sobre os Vínculos Mãe e Bebê.

O presente estudo tem como objetivo investigar aspectos psicológicos envolvidos no encontro maternidade e adolescência que podem viabilizar ou obstaculizar o estabelecimento dos vínculos entre mãe adolescente e seu bebê. Estima-se que no Brasil, a cada ano, um milhão de adolescentes entre dez e vinte anos dão à luz, o que corresponde a 20% do total de nascidos vivos. O mesmo índice é verificado no município de Cachoeira do Sul/RS, onde será realizado o presente estudo. Apesar dos trabalhos desenvolvidos no município objetivando diminuir este índice, ele manteve-se semelhante. Desta forma, concluímos que estas jovens não engravidam por falta de informação, pois outros fatores de ordem psicológica tornam complexa esta problemática. Apontamos para a problematização de que em função da adolescente estar envolvida em dois processos complexos e de vital importância na sexualidade da mulher – adolescência e maternidade – ela teria maiores dificuldades de vinculação com o seu bebê. E que a forma de vinculação que ela faz com o bebê acarretaria em problemas físicos, sociais ou psicológicos. A investigação abrangerá mães adolescentes do município de Cachoeira do Sul –RS. Considera-se como adolescente, o disposto no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), ou seja, aquela pessoa que tem entre doze e dezoito anos de idade. Serão realizadas entrevistas individuais com cada mãe adolescente, com o objetivo de identificar e compreender as expectativas da mãe adolescente em relação ao seu bebê; analisar a experiência de ser mãe na adolescência; verificar a percepção da adolescente quanto às mudanças corporais, entre outras. O método que iremos utilizar, nesta proposta de investigação científica, é a pesquisa qualitativa com embasamento teórico psicanalítico, tomando como instrumento de pesquisa a entrevista semi-estruturada. A amostragem será aleatória simples e a análise dos dados será efetuada através do método de práticas discursivas e produção de sentidos, utilizando o mapa de associação de idéias como técnica de interpretação, seguindo a proposta metodológica de Mary Jane Spink. Até o momento foram realizadas entrevistas individuais com seis mães adolescentes. Resultados parciais mostram que as adolescentes estão encontrando algumas dificuldades nos cuidados com o bebê; dificuldades familiares e com o pai do bebê; ressentimentos em relação a perdas como: amigos da escola, corpo que tinham antes, a vida que levavam, etc.

Gisele Trommer Martines; Edna Linhares Garcia;

CAPES; Universidade de Santa Cruz do Sul/RS



Maturidade vocacional e gênero: adaptação e instrumentos de medida.

Objetivos: - investigar a maturidade vocacional de estudantes do Ensino Médio, em função do gênero e do sexo; - adaptar o Career Development Inventory (Thompson, Lindeman, Super, Jordaan & Myers) para uso no Brasil. Amostra: Noventa e oito indivíduos (50 mulheres e 48 homens), com idades entre 17 e 19 anos. Instrumentos: O Inventário de Desenvolvimento Profissional, adaptado para uso no Brasil, foi construído com o objetivo de avaliar se uma pessoa têm atitudes, comportamentos e conhecimentos que a habilite a fazer escolhas escolares e/ou profissionais, de forma sensata. Bem Sex Role Inventory, que avalia o gênero (andróginos, tipificados, indiferenciados). Resultados: uma ANOVA revelou que há diferenças de sexo [$F(1,97)=3,84;p$]

Carmem Regina Poli Sayão Lobato.

Universidade de Passo Fundo (RS).



Medicamentos psicoativos em Centros de Saúde: necessidade, função simbólica ou uso indiscriminado?

O Brasil está perto de completar um século da promulgação da primeira Lei Federal de Assistência aos Alienados, deliberada em 1903. Tem, hoje, os serviços psiquiátricos também localizados em Centros de Saúde, os quais encontram-se inseridos no modelo de atenção à Saúde Mental da Rede Pública. Neste espaço de direito, o real da prática psiquiátrica ainda está aberto. O presente pôster tem por objetivo ilustrar, através de alguns excertos de falas componentes da amostra representativa da pesquisa original, os sentidos e significados atribuídos por psiquiatras à prescrição de medicamentos psicoativos a pacientes atendidos em Centros de Saúde. O método utilizado na pesquisa geradora deste pôster foi o Clínico-qualitativo. Este método resulta da convergência teórico-prática do diálogo entre concepções epistemológicas dos métodos de pesquisa qualitativos, desenvolvidos através das Ciências do Homem e conhecimentos e atitudes clínico-psicológicas, desenvolvidos no enfoque psicodinâmico das relações pessoais e no campo da prática da medicina clínica. Tal conciliação metodológica favorece a compreensão e interpretação de dados quando há uma busca de sentidos e significados atribuídos por sujeitos a um determinado fenômeno. O recurso técnico utilizado foi a entrevista em sua forma semi-dirigida. A amostra, delimitada segundo critérios de inclusão pré-determinados, foi composta por oito psiquiatras e encerrada pela pesquisadora quando esta já tinha coletado material que contemplava os objetivos da pesquisa. Como conclusão, a partir das falas ilustradas, temos que a terapia medicamentosa, nos Centros de Saúde, segue-se aos seguintes critérios avaliativos: prescrição que se baliza em reais necessidades do paciente; prescrição que releva a função simbólica da medicação ao paciente e prescrição que sugere o uso indiscriminado, fundamentada na justificativa de que medicar constitui a premissa básica que caracteriza a função clínica psiquiátrica.

Sales, GT; Turato, ER.

Unicamp.



Medidas do desenvolvimento infantil em escolares de primeira série.

É bastante comum que crianças em idade escolar se defrontem com algum tipo de dificuldade durante o processo de aquisição da leitura, da escrita e do cálculo. Coexistem, no período inicial da escolarização, um número considerável de fatores capazes de se constituírem como obstáculos interferentes nesse processo, sejam eles de ordem interna ou externa ao indivíduo. Esses fatores têm sido estudados por pesquisadores de diversas áreas e, especificamente, por educadores em na busca de instrumentos de avaliação capazes de detectar possíveis dificuldades das crianças e que, além disso, sejam eficazes na busca da melhoria da relação ensino-aprendizagem. Nessa pesquisa o objetivo principal foi avaliar aspectos do desenvolvimento de escolares de primeira série, no que se refere à sociabilidade, comportamentos, linguagem, cuidados próprios, desenvolvimento cognitivo, desenvolvimento motor e qualidade da expressão gráfica, e verificar como se relacionam com as necessidades observadas no início da escolarização. Foram sujeitos 61 escolares regularmente matriculados numa creche do município de Amparo, ingressantes na primeira série do ensino fundamental no presente ano letivo; 30 dos quais eram do sexo masculino e 31 do sexo feminino. A idade dos sujeitos variou entre sete e nove anos a serem completados ao longo do ano letivo. Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram Roteiro de anamnese, Escala de Desenvolvimento Infantil Portage e Desenho da Figura Humana. Os dados foram coletados em entrevistas individuais com os sujeitos, em entrevistas com as mães e entrevistas com as professoras dos sujeitos. Após a coleta, os dados foram submetidos à análise estatística através das provas de Qui-quadrado, Teste t de student e Análise de Variância, a partir do que foi possível observar que em relação ao sexo e à idade dos sujeitos não foram observadas diferenças significativas tanto nas áreas avaliadas pela Escala de Portage quanto no Desenho da Figura Humana. Ao serem comparados os aspectos avaliados pela Escada de Portage entre si, observou-se que atrasos na linguagem compreensiva foram associados com a emissão da linguagem e com desenvolvimento cognitivo. A qualidade do desenho definiu três grupos distintos, um em que atrasos não foram observados, outro em que atrasos foram observados e outro com presença de atrasos mais evidentes. Maiores médias nas áreas avaliadas pelo Portage foram obtidas pelo grupo em que atrasos não foram assinalados com diferença significativa para linguagem compreensiva e expressiva, cuidados próprios e desenvolvimento cognitivo. Os dados revelaram a necessidade de monitoramento e acompanhamento dos sujeitos durante a primeira série já que foram observados atrasos em relação a diversas áreas avaliadas pela Escala de Portage, própria para avaliar aspectos do desenvolvimento até o final do sexto ano e em realização gráfica, ambos importantes aspectos capazes de interferir na escolaridade formal. O reconhecimento e correta identificação de atrasos em aspectos relevantes ao processo de aprendizagem formal permite que sejam definidas estratégias de correção e minimização de eventuais problemas que possam ser enfrentados na escolaridade, contribuindo para a melhoria da relação ensinar-aprender.

Tonelotto, J.M.F. ; Carelli, M.J.G.; Rielli, A, L.

PUCAMPINAS; Núcleo Neurológico de Amparo; Núcleo Educacional SEPI.



Meio ambiente e subjetividade: uma relação de interdependência.

Vivemos uma época de grandes e rápidas transformações técnico-científicas, as quais produzem desequilíbrios que afetam a vida no planeta. Estes tornam-se cada vez mais uma ameaça à vida na terra e por extensão à do próprio homem. O presente trabalho é uma pesquisa de campo, que tem por objetivo conhecer a significação que os moradores da Rua Pedro Krauss Sênior, no bairro Vorstadt, Blumenau-SC, tem do ambiente em que vivem. Esta pesquisa foi realizada pela equipe do Projeto “Conversando sobre Água: um Projeto de Educação Ambiental na Comunidade”, que faz parte de uma Proposta mais ampla, qual seja, Assentamentos Humanos Populares, implantada nesta comunidade à partir de 1998 e tendo como objetivo, juntamente com os moradores, capacitar-se para o enfrentamento das problemáticas existentes, tais como: ocupações irregulares em áreas risco e de preservação; água contaminada; coleta de lixo. O levantamento consistiu de um questionários com 13 questões, abertas e fechadas. Foram realizadas 80 entrevistas, num campo de 660 famílias que moram na localidade. Ao serem questionados a respeito do que entendem por meio ambiente, 36,25% responderam não derrubar as árvores; 33,75% preservar a natureza; 15% não jogar lixo em qualquer lugar; 5% o meio em que vivemos e 10% não sabem. Quanto a saber se eles pensam que existem problemas ambientais na comunidade, 91,25% responderam que sim; 7,5% responderam que não e o restante não respondeu. Já ao serem interrogados a respeito de quem é o responsável por esses problemas 81,25% disseram que todos; 10,0% instituições públicas; 2,5% a associação de moradores e os demais não sabiam. Ao perguntarmos se já assistiram, ou viram, ou leram artigos sobre meio ambiente, 37,92% responderam que viram na televisão; 14,22% escola; 14,22% palestras na comunidade; 36,54% revistas, cartaz, jornal e livros; e 1,58% projeto Promenor. Também perguntamos se gostam de morar neste lugar, 83,8% responderam que sim; 13,8% que não e 2,5% não responderam. Pelo que se pode concluir, a maior parte dos entrevistados identifica os problemas existentes na comunidade e se vê como responsável por eles e mais importante, gostam do lugar onde moram. Porém, apenas uma pequena parte entende o meio ambiente como o meio em que vive e do qual faz parte. Podemos relacionar este fato a influência da mídia que nos leva a pensar o meio ambiente como algo distante, não sentido através da nossa experiência corporal autêntica, à nível da nossa sensibilidade, mas apenas à nível contemplativo ou utilitário. Este trabalho de pesquisa, mostrou-se uma importante ferramenta que nos possibilitará dar um direcionamento ao trabalho de Educação ambiental, afim de que as pessoas passem a se reconhecer como parte desse meio que precisa ser cuidado e preservado.

Ana Lúcia Bertarello Zeni; Jacqueline Samagaia; Cleci Teresinha Noara; Patrícia Fernanda Beckhauser ;
Marivete Guesser; Evenilda Hess Luciani

Universidade Regional de Blumenau



“Melhor acompanhando do que só” intervenção junto a acompanhantes de pacientes internados num hospital em Vitória, ES.

O presente trabalho foi desenvolvido com acompanhantes de pacientes internados no Hospital Universitário Cassiano Antônio de Moraes da Universidade Federal do Espírito Santo, no setor de Clínica Médica / Doenças Infecto Parasitárias. Uma acadêmica de Psicologia e aluna do curso de formação em Psicodrama, supervisionada pela equipe deste segundo curso, conduziu os encontros. Objetivo: oportunizar a troca de experiência entre os próprios acompanhantes; proporcionar um espaço no qual eles pudessem falar sobre esse papel, dificuldades, aprendizados e descobertas; vivenciar e discutir novas formas de ajudar ao paciente e a si próprio e trabalhar outras questões que emergissem no grupo. Descrição da prática: Foram realizadas 3 sessões psicodramáticas com um grupo aberto de em média 5 participantes por encontro. Foram abordadas questões do cotidiano dos acompanhantes, possibilitando-lhes revisão de posturas em relação aos pacientes, à instituição e a eles mesmos, através de desenhos, colagens, dramatizações, expressão corporal e depoimentos. Síntese da prática: Nos encontros, foram propostas vivências para trabalhar questões como apresentação dos membros do grupo, expectativas em relação aos encontros, comunicação, o papel de acompanhante e relação de ajuda real (dar, pedir e receber). Descrição dos resultados: - Em relação aos acompanhantes – foi criado um espaço de discussão inédito nesta instituição, possibilitando a reflexão sobre temas pertinentes à rotinas dos acompanhantes e maior entrosamento entre eles (formação da tele do grupo). - Em relação aos pacientes – maior respeito às limitações e possibilidades de ação dos pacientes. - Em relação ao facilitador – compreensão da importância de se realizar o trabalho em grupo e entendimento da necessidade de explorar temas que emergem e afetam o grupo todo, tendo o planejamento apenas como referência para ação, e não como algo rígido e estático. Parte teórica: A metodologia utilizada foi a Psicodramática, criada por J.L Moreno. Em especial, foram trabalhados com o grupo os seguintes sub-temas dentro da teoria: Teoria de Papéis, Tele, Espontaneidade e Conserva Cultural. Em cada encontro foi realizada uma Sessão Psicodramática, com suas respectivas fases: Aquecimento Inespecífico, Aquecimento Específico, Dramatização, Compartilhamento e Fechamento.

Juliana Soares Rabbi.

Universidade Federal do Espírito Santo.



Memórias e histórias da escola: em análise modelos e concepções de infância e práticas educativas.

O presente trabalho pretende narrar as experiências e trajetórias de um grupo de educadores e pesquisadores envolvidos em uma proposta coletiva de tessitura de um curso de extensão da Universidade Federal Fluminense, que toma como matéria prima de sua feitura os fios das histórias e as memórias do cotidiano da escola. Esse curso tem como objetivo principal, proporcionar aos educadores que atuam na área de Educação Infantil e aos alunos do curso de Psicologia e pedagogia, a análise crítica de suas práticas educativas e reflexão sobre as concepções de infância que foram e são produzidas nas escolas, nas universidades, nas artes, na mídia, e que atravessam seus fazeres, expectativas e processos de trabalho. Entendendo a importância da formação permanente dos professores como pesquisadores críticos de suas práticas em parceria com a universidade pública e ressaltando que o processo de formação muitas vezes desconhece as cores, cheiros, sentidos e histórias da escola, propomos uma discussão e um estudo em que os diferentes saberes e olhares sobre a infância e os modos de educar sejam contemplados, confrontados e postos em análise, para que possamos engendrar outros modos de pensar a educação e a pesquisa de forma politicamente comprometida com o fazer plural, coletivo. Salientamos que esse curso foi organizado e pensado a partir de uma pesquisa intervenção – realizada em uma escola pública do município de Niterói e foi elaborado com a colaboração da professora da escola que um movimento permanente procuram criar um processo de trabalho que inclua o estudo e a pesquisa como atividades fundamentais para garantia de uma educação de qualidade social. Comungando com esse entendimento, ousaremos construir um espaço/tempo coletivo de contar e ouvir histórias, buscando recontar nessas narrativas uma possibilidade de coletivizar sonhos, trajetórias e memórias da escola que historicamente não foram privilegiadas mas que foram silenciadas por uma historiografia oficial e por um processo de formação que nega os saberes produzidos no cotidiano. Inspirada no pensamento de Walter Benjamin, pretendemos revisitar as práticas educativas e concepções de infância e educação. “escovando a história a contrapelo”, eriçando, arrepiando os pêlos conformados, deitados, por uma história dominante e massificadora, que feitas por grandes feitos e ações heróicas, desconhece as lutas táticas dos pequenos, dos fracos que se fizeram e se fazem fortes pela potência do fazer junto. Consideramos que os textos produzidos no coletivo da escola através da criação de espaço de narração estimulam a escrita de uma contra-memória, escrita de outras histórias de alunos e professoras que insistem em ser ouvidas. Corpos indóceis que não se deixam torcer, e distorcem imagens modelares de educação, contando uma história que pode explodir com o “continuum”, vazio e homogêneo do tempo da historiografia oficial. Entendemos que essas histórias também podem ser potencialmente formadoras, como textos vivos que se articulam a outros olhares sobre a infância e a escola, podendo constituir como elementos de análise crítica dos modos de educar e ser educado.

Bianca Bayão Barboza; Fernanda Macieira Bortone; Patrícia Alves Costa Braga; Renata Bravo Barbosa.

Universidade Federal Fluminense.



Memórias emocionais carregadas de tristeza: estudo com Ressonância Magnética Funcional.

INTRODUÇÃO: As memórias emocionais têm despertado crescente interesse como objeto de estudo nos centros de investigação que contam com metodologias de neuroimagem funcional. A Ressonância Magnética Funcional (RMf) tem sido aplicada neste âmbito especialmente para o estudo dos substratos neurais mediadores de respostas a geração de estímulos emocionais exteriores. Entretanto o campo da geração interna das memórias emocionais precisa ser melhor investigado. **OBJETIVO:** Investigar a atividade cerebral através da RMf em adultos saudáveis durante a geração interna de memórias emocionais (auto-induzidas) carregadas de tristeza. **CASUÍSTICA:** Cinco voluntários saudáveis de 22 a 34 anos, dextros, sem histórico de doenças psiquiátricas e neurológicas foram estudados. **MÉTODO:** Os voluntários foram escaniados durante as condições de repouso e de resgate auto-induzido de uma memória emocional carregada de tristeza. Os exames foram realizados em aparelho de 1,5 Tesla, Signa, General Electric, EUA. Foram obtidas 512 imagens funcionais em 6 minutos, processadas através do programa “functool”, com a geração de gráficos e das áreas cerebrais ativadas. **RESULTADOS:** Durante o resgate auto-induzido de memórias emocionais carregadas de tristeza, foram ativados o córtex insular anterior, córtex prefrontal medial, tálamo e giro parahipocampal esquerdo. **CONCLUSÕES:** Este estudo mostrou que a geração auto-induzida de memórias emocionais carregadas de tristeza ativou circuitos neurofisiológicos independentes e comuns a geração externa (apresentação de expressões faciais, filmes, estímulos auditivos) de memórias emocionais carregadas de tristeza. A interface com as expressões neurofisiológicas encontradas durante o resgate de memórias traumáticas foi discutida, já que circuitos comuns são ativados durante o resgate destas memórias carregadas de emoção. São discutidos também, os substratos neurais numa perspectiva psiconeurofisiológica: até que ponto uma memória emocional passa a ser traumática? O presente estudo indica novas perspectivas para investigação, por métodos de neuroimagem, das memórias emocionais e traumáticas.

Peres, J. F.P.; Magalhães, A.C.A.; Simão, M.; Veras, R.P.; Moll, J.N.

Instituto Nacional de Pesquisa e Terapia Vivencial Peres.



“Meninas adolescentes em situação de risco”.

O grupo realizou uma pesquisa envolvendo meninas adolescentes entre 7 e 18 anos, moradoras da Vila Torres (Curitiba/Pr), e freqüentadoras do Centro de Convivência Menina Mulher (CCMM). Esse estudo indicou que as adolescentes tinham uma representação de si permeada pela situação de risco (uso de drogas e prostituição), afetando significativamente sua auto-estima. O trabalho do grupo, então, passou a ser construído à luz dessa temática, buscando-se desenvolver atividades que permitissem a elas uma reflexão aprofundada sobre si, sobre seus valores e ideais. Foram realizados encontros semanais, sendo trabalhadas diferentes dinâmicas em que as adolescentes colocavam-se em questão e deixavam transparecer algo de sua subjetividade, procurando com isso levá-las à valorização do potencial interno e à conscientização do seu papel na construção do espaço individual e social. No decorrer do trabalho foi possível perceber que as adolescentes passaram a expressar com clareza seus sentimentos em relação à realidade por elas vivida, o que também possibilitou compartilhar suas idéias e ideais com as colegas da CCMM. Enquanto nos primeiros contatos elas traziam muitas idéias negativas de si, após um período de reflexão, elas tornaram-se mais positivas em relação à imagem própria, reconhecendo suas habilidades e criando alternativas diferentes para o enfrentamento das dificuldades cotidianas. Pode-se perceber que o trabalho foi uma troca de saberes, fortalecendo o crescimento pessoal e as relações interpessoais do grupo como um todo. Além dos objetivos propostos no trabalho, a experiência também trouxe uma reflexão importante sobre o papel do psicólogo e da psicologia na transformação da sociedade, reforçando a idéia de que se deve encontrar um meio termo entre a racionalidade e a emoção para resgatar a humanização da sociedade, pois todos somos responsáveis pela cidadania; somos agentes de mudança.

Juliane Gequelin; Letícia Constantino Assumpção; Mariane Louise Bonato; Andréa Fernanda Silveira.

Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR).



Meninos e meninas em situação de rua, Escola e trabalho infantil.

A temática da infância excluída foi, ao longo da história do Estado Brasileiro, sendo tratada por propostas políticas combinadas com autoritarismo, descaso, omissão, clientelismo e privilégio do privado sobre o público. Na última década, no entanto, ocorreram algumas transformações sociais e políticas em torno do conceito de Cidadania: leis propiciadoras dos direitos humanos, tais como o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e criação de ONG's que buscam o cumprimento dessas leis são alguns exemplos dessa nova ordem social. Paradoxalmente a essas transformações ocorridas até então, observa-se cada vez mais uma exclusão de grande parte da sociedade em relação ao acesso às condições básicas de vida tais como alimentação adequada, moradia, escolarização, dentre outras. Crianças e adolescentes em situação de rua fazem parte dessa parcela da população socialmente excluída, o que vem sendo, principalmente na última década, objeto de investigação, principalmente no interior das Ciências Humanas. Dentre os vários aspectos ligados a essa realidade, a questão do trabalho infantil e da escolarização ocupa posição de destaque em nossa investigação. Assim, a partir da discussão do processo de criação e legitimação da escola na sociedade ocidental e da condição de meninos de meninas em situação de rua perante essa instituição, pretendemos estabelecer uma relação entre as duas temáticas. Acrescentamos, no entanto, a condição de trabalho infantil exercido por essa parcela da população. "As Aventuras de Pinóquio", de Carlo Collodi, constituiu-se enquanto referência para a discussão proposta acima. Na obra citada, o personagem Gepeto não sabia o que era ser um "menino de verdade", mas sabia que existia um lugar na cidade, onde seu boneco Pinóquio se tornaria um menino dentre os outros – a escola. Assim, essa instituição foi designada pela justiça e pela política da cidade de Gepeto como um direito da infância. Ainda na mesma obra, recorreu-se ao discurso do personagem Fada, no que diz respeito à questão do trabalho. Pinóquio, no final da narrativa, transforma-se em um "menino de verdade" porque desenvolve comportamento de bondade e responsabilidade.

Waleska Patrícia de Lima Santos; Rosângela Francischini;

Núcleo de Estudos Sócio-Culturais da Infância e Adolescência. Departamento de Psicologia/UFRN.



Metacognição e Elaboração Dirigida : Um Novo Caminho Psicopedagógico.

Partindo da proposta de A. Bandura e em parcial oposição a J. Piaget, nosso laboratório busca, ao longo de duas décadas, um caminho teórico e experimental apto promover o crescimento intelectual de crianças, notadamente carentes, através da transmissão de modelos, aptos a veicular e elaborar regras "generativas". Partindo de um problema formulado filosoficamente por Kant, reavaliado no plano fisiológico por J. Müller e recolocado recentemente por N. Chomsky, na psicolingüística, nossas pesquisas voltaram-se para a definição de alguns determinismos essenciais da cognição humana, responsáveis pela construção do vocabulário, do imaginário e da lógica. Os fundamentos teóricos deste programa – considerado globalmente - foram definidos ao longo de 16 anos (1962-1978). As primeiras verificações de laboratório foram realizadas entre 1978 e 1985. A pesquisa em campo vem se desenvolvendo desde 1985, inicialmente no ISOP da Fundação Getúlio Vargas e a partir de 1991 na Universidade Federal do Rio de Janeiro onde foi criado o Laboratório de metacognição, hoje com mais de 40 participantes. O objetivo desta pesquisa, é apontar a metacognição não apenas como um valioso instrumento de desenvolvimento cognitivo, mas também e principalmente, como uma nova perspectiva para o futuro da pedagogia contemporânea. Fique claro que, nesta perspectiva, rejeitamos a idéia de uma competência inatamente diferencial para definir a inteligência. Muito ao contrário, endossando a ótica de Pierre Levy (1992) admitimos o caráter coletivo desta capacidade, resultante da soma de todas as integrações sociais em que nos inserimos, no passado e no presente. Aceitando o inatismo de N.Chomsky (1980) admitimos o mesmo processo, específico da espécie humana, igual para todos, incluindo as regras inatas da gramática gerativa e até mesmo de uma lógica primordial recursiva, mas sem qualquer diferenciação de potencial ao nascer. Supomos portanto que as diferenças vão surgir ao longo da existência de cada um. As pesquisas por nós realizadas apontam para um crescimento contínuo deste processo, em qualquer fase da vida, ainda que dentro de uma aceleração decrescente da infância à vida adulta. Neste caso a "superdotação" deixaria de constituir um "dom dos deuses" para converter-se num processo de aprendizagem social privilegiado, freqüentemente impulsionado por um marcante traço de personalidade: uma acentuada motivação epistêmica. Torna-se clara a disparidade de oportunidades, dependendo do contexto sócio-familiar de cada um ao nascer. Ainda que alguns consigam superar através de seu esforço estas barreiras, a grande maioria sucumbe numa desigualdade que passa a ser um obstáculo para qualquer perspectiva de ascensão social. É neste ponto que se destaca o papel e a responsabilidade do psicólogo, do educador e de quantos labutam no campo das ciências humanas.

Franco Lo Presti Seminero; Célia Anselmé

Universidade Federal do Rio de Janeiro; CAPES; CNPq



Metacognição em alfabetização.

Os estudos teóricos deste projeto são direcionados para objetivos psicopedagógicos e sociais, voltados ao desenvolvimento cognitivo de crianças. Assim, é possível construir e testar uma técnica metacognitiva (elaboração dirigida) que visa, através do diálogo, oferecer modelos contendo regras generativas e elaborar seu sentido, promovendo sua reflexão e generalização. O que se propõe como intervenção pedagógica é uma perspectiva dialógica e reflexiva, onde o professor, junto ao aluno, suscita questões para que o aluno pense conscientemente sobre a atividade realizada. As investigações voltadas para a elaboração da técnica metacognitiva em alfabetização partem de alguns pressupostos básicos. Propõe uma intervenção pedagógica que permita a passagem do canal viso-motor para o canal áudio-fonético nas crianças. Compreende o desenvolvimento da escrita seguindo a facilidade articulatória dos sons: vogais, consoantes fricativas e consoantes oclusivas. O projeto visa à elaboração de um instrumental lúdico para a alfabetização de crianças. Este instrumental é composto de jogos seqüenciais, divididos em cinco estágios. O instrumental lúdico procura integrar os dois principais métodos utilizados na área da alfabetização: sintético e analítico. Essa integração tem como objetivo permitir uma maior eficácia da técnica utilizada com crianças. A aplicação experimental do instrumental lúdico é realizada com crianças não alfabetizadas, submetidas a um teste diagnóstico. O teste diagnóstico procura evidenciar em que estágio do processo de aquisição da leitura e escrita encontra-se a criança. Em seguida, dá-se à aplicação do material lúdico. Ao final da aplicação do instrumental ocorre a aplicação de uma avaliação final, a fim de medir a eficácia da técnica metacognitiva para a alfabetização. No ano de 2001 foram aplicados os primeiro, segundo, terceiro e quarto estágios do instrumental no grupo de dezesseis participantes, com idades de 4 a 6 anos, do Educandário Nossa Senhora de Nazaré, situado no bairro do Catumbi, Rio de Janeiro. Os resultados apresentados revelam um crescimento quanto à pontuação obtida no teste diagnóstico e na avaliação final. Em comparação aos escores iniciais, o tratamento estatístico (teste de comparação de médias) revela um crescimento extremamente significativo que pode ser atribuído com segurança ao treinamento realizado. Vale ressaltar que o teste diagnóstico e a avaliação final possuem itens semelhantes, tendo esta última um grau de dificuldade maior. Qualitativamente, os resultados obtidos foram parcialmente satisfatórios, tendo em vista que 62,5% dos participante alcançaram a conscientização fonológica em algum nível. No entanto, apenas dois participantes (12,5%) realizaram a passagem do nível pré-silábico para o nível silábico, segundo os estágios descrito por Ferreiro (1981). Dessa forma, as investigações metacognitivas na área da alfabetização visam a promover uma renovação nos procedimentos escolares tradicionais, bem como nas técnicas e no trabalho dirigido à alfabetização.

Franco Lo Presti Seminério; Olivia Carolina Rezende de Oliveira; Daniel de Souza Wilbert; Marina Miranda Lery Santos; Paula Esposel Carneiro de Mesquita; Rosane Pinto Rodrigues; Liliane de Carvalho; Sabrina Teixeira da Silva; Sabinne Barquett Albuquerque.

UFRJ.



Método Mãe-Canguru: contribuições no processo de humanização das maternidades.

Introdução: Na tentativa de melhorar o atendimento às díades mãe-bebê com baixo peso, diminuir a mortalidade neonatal e melhor administrar os recursos disponíveis, várias instituições brasileiras têm adotado o Método Mãe-Canguru, o qual propicia o contato pele-a-pele, como forma de substituir a incubadora e auxiliar na formação do vínculo mãe-filho, contribuindo no processo de humanização das maternidades. O Método Mãe-Canguru foi iniciado na Colômbia e, no Brasil, foi primeiramente implantado pelo Instituto Materno-Infantil de Pernambuco, sendo atualmente também verificado em maternidades de João Pessoa. A necessidade de administrar uma terapia intensiva a recém-nascidos com baixo peso promove a separação entre mãe e filho logo após o parto, o que, segundo Klaus & Kennell (1992), pode dificultar as interações iniciais entre a mãe e o recém-nascido, com conseqüências negativas a seu desenvolvimento. O procedimento normalmente utilizado em hospitais e maternidades constitui a manutenção do bebê em incubadoras, em unidades de tratamento intensivo. A permanência do bebê em incubadoras e os riscos de infecção hospitalar tendem a restringir o contato com a mãe e os demais familiares. **Objetivo:** O objetivo deste trabalho é verificar o funcionamento do Método Mãe-canguru em instituições de saúde de João Pessoa e a contribuição do mesmo no processo de humanização dos cuidados hospitalares oferecidos às díades mãe-bebê pré-termo ou com baixo peso ao nascimento, segundo os profissionais envolvidos nesse programa. **Método:** Foram realizadas visitas às duas primeiras maternidades que implantaram o Método Mãe-canguru em João Pessoa. Foram realizadas entrevistas semi-dirigidas com profissionais inseridos na equipe multiprofissional responsável pelo atendimento às díades em ambas as instituições. Assim, foram entrevistadas as seguintes profissionais designadas especificamente para o atendimento das díades participantes do Método Mãe-Canguru: 2 médicas pediatras responsáveis pela implantação do programa nas respectivas instituições, duas psicólogas, a enfermeira responsável pelo Método Mãe-Canguru, uma técnica em enfermagem, plantonista da enfermaria, e uma assistente social. **Resultados:** Verificou-se que os procedimentos do Método Mãe-canguru desenvolvidos em ambas as instituições fundamentam-se na permanência do bebê na posição canguru, no incentivo ao aleitamento materno e no encorajamento das mães no cuidado com o filho pré-termo ou com baixo peso. Os profissionais entrevistados ressaltaram a importância do Método Mãe-Canguru como forma de evitar a oscilação da temperatura do bebê, reduzindo a possibilidade de óbito, e, ao mesmo tempo, de promover o contato permanente entre mãe e filho, ajudando na formação do vínculo afetivo e no processo de humanização das maternidades. Por outro lado, os profissionais destacaram como aspectos negativos a constatação de que a maioria das díades atendidas são provenientes do interior do estado, o que dificulta o acompanhamento posterior. **Conclusão:** Os procedimentos adotados pelo Método Mãe-Canguru são importantes não só no que diz respeito à recuperação da saúde do bebê, mas também em relação à humanização dos cuidados hospitalares, visto que ajuda as mães a se sentirem mais competentes para cuidar de seu filho, propiciando a interação mãe-criança e auxiliando na formação do vínculo.

Algeless Milka Meireles; Janaína Garretti; Raquel Melo Bezerra; Nádia M. R. Salomão

Universidade Federal da Paraíba



Método Tríade Psicológica Do Esporte: uma experiência no Handebol Feminino Adulto que representa a cidade de Florianópolis em competições.

A demanda de mercado tem levado o campo profissional do esporte à mudanças rápidas e significativas, existindo uma necessidade de buscar novas formas de fazer e atuar no esporte. O ato de gerir o mundo do esporte, tem proposto diferentes oportunidades de intervenção em função da criatividade e da dinâmica social das instituições esportivas. Na tentativa de compreender e intervir junto ao fenômeno esporte, nas suas múltiplas faces, e na relação subjetiva do atleta com a modalidade praticada, a Psicologia adentra o campo da Ciência do Esporte, compondo uma das disciplinas. Neste contexto, como agente colaborador, visando identificar e compreender as necessidades primárias de uma equipe esportiva, estruturou-se procedimentos e estratégias no caminho para a complementação de conhecimentos, proporcionando uma ferramenta, método interventivo de trabalho integrado em Psicologia, denominado de Tríade Psicológica do Esporte. Este visa romper a barreira do isolamento acadêmico e parte em direção à compreensão da complexidade e adversidade presentes no contexto esportivo atual, bem como um padrão de excelência a nível de procedimentos, munindo-se de ferramentas, consolidando a aplicabilidade do processo interventivo, sob uma demanda já configurada. Tal sustentabilidade não se processa como condição de vontades ou conveniências, mas sim já como processo natural da condição do trabalho do nosso tempo. A proposta é um novo conhecimento, o qual funde teorias, abordagens práticas, e reelabora conhecimentos e práticas da Psicologia do Esporte anteriores ao trabalho. A tríade une-se em relação dinâmica, tem ao centro o homem em movimento (emocional, cognitivo e sensorial) e forças do contexto interferindo. Existe os vértices, que orientam o trabalho. Todavia são retomados, não necessariamente numa seqüência lógica, mas a partir do foco da ação junto a equipe esportiva. O primeiro é o diagnóstico processual, condiz em reelaborar e reutilizar as informações obtidas junto a população alvo; o segundo é a ação propriamente dita, que atua sobre a perspectiva de educação, emocional sobre respostas adaptativas cognitivas, vendo assim o homem em movimento como sujeito integral, bem como em constantes processos de aprendizagens vivenciais em grupo. O terceiro ponto titulado de transição, configura-se na mudança de alguns aspectos da situação pelas ações que decidiram aplicar, bem como o processamento da imersão interativa junto ao grupo. O interesse é propor um novo caminho didático em atuação da Psicologia Esportiva, formulando e aperfeiçoando conceitos e métodos que lidam com o homem em movimento.

Tatiana Marcela Rotta; Iúri Novaes Luna.

UNISUL; Fundação Municipal de Esportes de Florianópolis - FME.



Métodos contraceptivos.

Por meio de uma disciplina do curso de Psicologia do Centro Universitário de Brasília- UniCEUB, realizou-se um trabalho comunitário com alunos de 1º grau de diferentes escolas, tendo como objetivo informar-lhe, de maneira adequada, sobre as diversas formas de prevenção de DSTs e de gravidez indesejada, por meio de uma atividade lúdica, onde os adolescentes e pré-adolescentes se integram com um jogo de tabuleiro humano, assimilando informações importantes para seu futuro. Sendo assim, foi possível perceber, que além de adolescentes, esta atividade também pode ser alcançada por adultos que procuram uma reciclagem de seus conhecimentos, podendo de certa forma interagir-se também em uma brincadeira educativa. A interação com a comunidade foi realizada, permitindo um intercâmbio de conhecimento e a possibilidade do nosso desenvolvimento crítico e científico.

Beatriz Vargas; Carolina de Barros; Gabriella Ciardullo; Neusa Cristina Lago; Paula Fróes; Penélope Machado.

UniCEUB – Brasília.



Microgêneses Cognitivas no processo resolutivo do jogo computadorizado Tetris.

Objetivo e Fundamentação. Com abordagem piagetiana, e por meio de um estudo quantitativo (outro painel) e de uma análise microgenética investigou-se o pensamento dialético e a constituição de possíveis no processo de resolução e compreensão do jogo Tetris. A noção piagetiana de possíveis integra solução de problemas e criatividade, pois resolver um problema específico demanda criação de novas possibilidades (estratégias e resultados), articuladas às necessidades postas pelo mesmo. Isto supõe uma dinâmica de construções dialéticas e de (re)equilíbrio: as idéias iniciais do sujeito sobre o problema e o objetivo a atingir (modelo mental) orientam seus passos resolutivos (fazer); os resultados que vão sendo obtidos e avaliados retroagem afetando suas próprias representações do problema e da solução (compreensão). O processo desdobra-se, pois, numa espiral de avanços no fazer-compreender, que se refletem em novos resultados (novos possíveis). **Método.** Sujeitos e Jogo. Realizado com duas universitárias que desconheciam o Tetris —quebra-cabeça que admite variadas montagens a partir de 7 peças geométricas. Ativado o jogo, automaticamente, uma peça é liberada de cada vez e vai descendo na tela, enquanto a próxima peça a entrar no jogo já fica visível. Acionando certas teclas, o jogador pode deslocar a peça (para baixo, direita ou esquerda) e fazer rotações. O objetivo é montar linhas completas — uma, ou, simultaneamente, duas, três ou quatro, o que gera diferentes pontuações. Cada linha completa é eliminada da tela, liberando mais área de jogo. Não há tempo limite: cada jogo termina quando sua área ficar preenchida por linhas incompletas; automaticamente, a tela se limpa, iniciando-se um novo jogo. Portanto, quanto menos jogos realizar em um dado período, melhor será o desempenho do sujeito. **Procedimento.** Individual e filmado, incluiu pré-avaliação (quatro provas de possíveis), nove sessões com o Tetris (mais de 30 jogos e cerca de 10 h de vídeo por sujeito) e três auto-avaliações. **Resultados e Conclusão.** A pré-avaliação revelou nível formal de pensamento para os dois sujeitos. Criação e evolução de possíveis ocorreram no âmbito das representações sobre correspondências peças-espaco e concretização de encaixes, dos modelos mentais sobre o funcionamento do Tetris (compreensão) e do como fazer. Subjacente aos esquemas procedurais e conceituais criados pelos sujeitos, evidenciou-se a dinâmica da equilíbrio, das construções dialéticas e pensamento dialético. Mas, embora os modos finais de resolução tenham se revelado abstratos e formais (Nível-III: Sujeito 1) ou próximos disto (Nível II-III: Sujeito 2), ocorreram possíveis iniciais e erros mais elementares do que fora hipotetizado para sujeitos com um pensamento formal. De outro lado, as interdependências criadas, iniciais como globais, comportaram abrangência e complexidade maiores do que o previsto. Ao resolverem o Tetris, os sujeitos como que refizeram o percurso da evolução cognitiva: tendo iniciado com condutas elementares, até pré-operacionais, (ensaio-erro; possíveis analógicos), seu progresso projetou-se vindo a atingir o patamar de suas estruturas cognitivas ou tendendo a este patamar (raciocínio hipotético-dedutivo). Além de implicações para novos estudos e das potencialidades do Tetris como ferramenta psicoeducacional na promoção do pensamento lógico, os resultados suscitam reflexões sobre o próprio construto piagetiano de estruturas cognitivas. **Palavras chave.** Desenvolvimento; microgêneses cognitivas; construtivismo; jogo computadorizado Tetris; universitárias.

Miriam Schifferli Hoff; Solange Muglia Wechsler

PUC-Campinas



Mídia como estratégia de pesquisa e ação em psicologia social e saúde.

O objetivo deste trabalho é apresentar resultados de uma experiência que tem sido desenvolvida pelo Núcleo de Pesquisas e Ações em Saúde e Comunicação do Programa PAPAI/UFPE, uma instituição que desenvolve estudos e pesquisas, a partir do enfoque de gênero, e intervenção social junto a homens, de diferentes idades, a partir de uma perspectiva feminista. Pretende-se discutir, a partir de um enfoque construcionista, as implicações do uso da comunicação como estratégia de intervenção no contexto da saúde, focalizando principalmente o trabalho com população jovem e masculina. Parte-se do pressuposto que a mídia introduziu novas formas de comunicação e interação entre as pessoas, redimensionando conceitos como “tempo” e “espaço”, para além da interação face-a-face (Thompson, 1995). O trabalho do referido Núcleo tem sido desenvolvido por equipe multidisciplinar coordenada por um psicólogo, atualmente desenvolvendo doutorado em Psicologia Social, e uma psicóloga com especialização em Saúde Coletiva, além de 6 estagiários das seguintes áreas: psicologia, enfermagem, design e biblioteconomia. Esse trabalho envolve: 1) o desenvolvimento de atividades de pesquisa e prevenção de DST/Aids com recrutas do exército, 2) a produção de material informativo e sócio-educativo e 3) a manutenção de um Centro de Documentação e Informação. A experiência de articulação de diferentes saberes tem se revelado particularmente enriquecedora para a formação acadêmica e profissional da equipe e para a instituição como um todo, uma vez que possibilita ultrapassar o limite disciplinar da Psicologia Social e estabelecer uma conexão entre os saberes que abarcam dimensões distintas da vida e fatores que interatuam para a promoção da saúde.

Benedito Medrado; Maristela Moraes; Cláudio Pedrosa; Ageu Procópio; Elano Teixeira; Tereza Oliveira; Noé Parisi; Marcos Soares, Ricardo Castro.

UFPE.



Mídia e indústria cultural: um estudo exploratório sobre a tecnologia da mídia subjugando mentes em busca de poder e lucro.

A maioria das pessoas, especialmente em nossa cultura controlada pela mídia, está inconsciente das hábeis estratégias contidas nos meios de comunicação. A tecnologia de ponta de persuasão atinge níveis muito sofisticados. Este trabalho aborda as mensagens subliminares, contidas em propagandas, camisetas, televisões, filmes, etc., e o como elas podem estar influenciando nossas vidas. O que são as mensagens subliminares? Qualquer estímulo produzido abaixo do limiar da consciência, e que produz efeitos na atividade psíquica ou mental. As imagens são captadas pelos olhos, invertidas no nervo óptico e são processadas pelo hipotálamo e interpretadas pelo cérebro. Como elas funcionam? Quais são seus objetivos? Imagens, palavras, ícones ou idéias em geral não podem ser percebidos pelo “consumidor”, portanto não lhe é dada a opção de aceitar ou rejeitar a mensagem, como acontece com a propaganda normalmente. Isto fere um princípio divino, chamado de livre arbítrio. Onde elas estão? Em todo lugar ! Como as mensagens subliminares, ou ocultas são enxertadas ou inseridas na mídia em geral, de maneira tal que a percepção não seja consciente, teoricamente elas estão, ou poderão estar em todo lugar (sem que você perceba, é claro !). O presente trabalho aborda como este assunto de mídia é pesquisado através de duas pesquisas: “Atração pela violência midiática” e “Realidade e aspectos psicossociais do eu”. Através deste trabalho concluímos que a indústria cultural exerce forte influência no mundo contemporâneo. Opera de formas sutis. Aspectos relativos, tornam-se absolutos. Vendas e consumo são finalidades e razão de sua existência. As realidades são manufaturadas. Tornam-se mercadorias adaptáveis e maleáveis, passíveis de manipulação. Uma razão interesseira, normalmente desconhecida por seus usuários. Quando aceitamos essa realidade como verdadeira, deixamos de agir como seres humanos – autônomos e criativos. O presente trabalho é um ensaio, uma pequena colaboração para sensibilização de olhares mais críticos e criativos.

Carolina Tonani; Débora Palma; Fernanda Milanetto Ferreira.

Universidade Paulista.



MIPS: Uma Perspectiva Moderna para Avaliação da Personalidade.

Introdução: O conceito de personalidade vem sendo desenvolvido e modificado desde a antigüidade por pensadores de diversas áreas. Na psicologia foram desenvolvidas diferentes técnicas para avaliar a personalidade, desde uma concepção voltada à dimensão patológica até uma visão de funcionamento normal. Nesta segunda perspectiva encontra-se o trabalho de Theodore Millon, psicólogo americano, que desenvolveu o MIPS (Inventário Millon de Estilos de Personalidade), uma forma atualizada de avaliação dos estilos normais de personalidade, muito utilizada em processos de seleção de pessoal nos EUA, Espanha e Argentina. O presente trabalho tem como objetivo validar o MIPS para a realidade brasileira. **Metodologia:** O MIPS (Inventário Millon de Estilos de Personalidade) é um questionário composto de 180 itens, para os quais se responde verdadeiro ou falso. Seu objetivo é avaliar a personalidade de indivíduos com funcionamento normal, com idade acima de 18 anos. O nível de conhecimento necessário para responder a todos os itens corresponde ao primeiro ano do ensino médio e utiliza-se um tempo médio de 30 minutos para concluí-lo. Os itens abordam situações que as pessoas comumente experienciam, evidenciando sua maneira de perceber, sentir e agir perante o mundo que as rodeia. O inventário abrange três áreas da personalidade: metas motivacionais, modos cognitivos e relações interpessoais. As Metas Motivacionais têm por objetivo entender como o sujeito se orienta a partir dos reforços apresentados pelo meio, já os Modos Cognitivos procuram avaliar a forma de processamento de informação pelo indivíduo e as Condutas Interpessoais visam avaliar as relações do sujeito com os demais. No Brasil, num primeiro momento, o inventário foi traduzido do inglês para o português realizando uma comparação com a versão em espanhol. Atualmente o instrumento encontra-se na fase de validação tendo sido aplicado em uma amostra de 379 sujeitos participantes de um processo seletivo estadual. **Resultados:** Observou-se que 224 sujeitos da amostra eram do sexo masculino (44,8 %) e 155 sexo feminino, com idades de 18 aos 55 anos e escolaridade entre ensino médio completo ao superior incompleto (303). A partir de seus resultados são apresentadas as tabelas de correlação entre os itens, com descrição dos principais fatores relacionados e o peso de cada item em sua correlação. Os dados permitem identificar a relação entre as escalas e a consistência interna destas tomando como base os resultados americanos, espanhóis e argentinos. **Conclusão:** O processo de tradução e adaptação de um instrumento psicológico requer o cuidado na avaliação inicial da pertinência dos itens em relação a cultura. Estudos seqüenciais são importantes ao estabelecer a diversidade de respostas dentre os sujeitos de uma população, ao mesmo tempo em que os resultados do processo de análise dos aspectos psicométricos possibilitam conhecer a adequabilidade do material.

Clarissa Socal Cervo; Janaína Castro Núñez; João Carlos Alchieri

UNISINOS – Universidade do Vale do Rio dos Sinos



Mitos e crendices sobre malformações congênitas.

Este estudo teve como objetivo conhecer as principais crenças e concepções supersticiosas a respeito das causas de defeitos congênitos, investigando se há correlação com fatores como renda familiar e idade materna. Participaram desta pesquisa 3.219 mulheres que foram entrevistadas com base em um questionário que trazia questões fechadas sobre fatores sócio-econômicos e demográficos, e questões abertas sobre malformações congênitas sob uma ótica popular. A variável “renda familiar mensal” foi dividida e expressa em 4 grupos: menos de 1 salário mínimo (sm), entre 1 e 3 s.m.; entre 3,1 e 5 s.m.; e mais de 5 s.m. O indicador “idade materna” foi subdividido em 5 grupos: 13 a 19 anos, 20 a 24 anos, 25 a 29 anos, 30 a 39 anos e 40 anos ou mais. Para análise dos dados utilizou-se como medida de comparação entre as diferentes categorias de renda e idade o teste do Qui-quadrado, com nível de significância de 5%. Foram encontrados 1.191 citações de causas de defeitos congênitos que poderiam ser agrupados como crendices. A presença da crendices no discurso aparece associado com a variável renda familiar e parcialmente com a idade materna. A partir dos resultados obtidos é possível concluir que os avanços da ciência e da tecnologia não chegaram à população de forma efetiva através de informação, esbarrando na força da transmissão cultural do mito, que atua no grupo social quando este grupo percebe-se frágil em relação ao conhecimento. A ausência ou insuficiência de informação ou explicação causa angústia e leva o indivíduo à utilização de heurísticas, que seriam soluções imediatistas com o objetivo de organizar seu pensamento. A questão da informação sobre as causas das malformações congênitas requer soluções urgentes, pois, as crendices sobre a gestação podem afetar a saúde da gestante e do feto na medida em que ela não se preocupa (por não ter conhecimento das reais causas de dano ao feto) em prevenir as atitudes que realmente levariam a algum tipo de problema. Neste caso, os fatores culturais atuam como causa de problemas de saúde.

Lenise Álvares Collares Nogueira



Modalidades de violência sexual doméstica e caracterização da vítima.

A violência sexual doméstica expressa uma relação de poder e força do agressor, permeada por mecanismos de sedução, persuasão, que acabam acentuando o pacto de silêncio da família e o sentimento de culpa da vítima, sendo que os casos denunciados não refletem o total de casos ocorridos. O objetivo do presente estudo é apresentar a caracterização das vítimas de violência sexual doméstica, relacionando-se o tipo de violência, o agressor e o denunciante, nos 25 casos atendidos pelos sete Conselhos Tutelares pesquisados (Sé, Móoca, Tucuruvi, Vila Prudente, Ipiranga, São Matheus e São Miguel Paulista), no ano de 2000. A metodologia empregada foi retrospectiva-documental de consulta aos prontuários. Dos 305 casos de violência doméstica contra crianças e adolescentes atendidos pelos sete Conselhos Tutelares pesquisados, 9% referiam-se à violência sexual. Dos 25 casos de violência sexual, 60% eram de estupro, 16% atentado violento ao pudor, 8% de assédio sexual, 8% atos libidinosos e 8% prostituição. As vítimas foram predominantemente do gênero feminino 88%, com idade variando entre 11 meses e 15 anos, com predomínio da faixa etária entre 11-15 anos (59%), 14% entre 6 e 10 anos, 14% entre 2-59% entre 2 e 5 anos, 9% até 2 anos. Em um dos casos não constava a idade. Entre as violências cometidas contra o gênero feminino entre 11-15 anos, encontrava-se 71,5% dos estupros, 100% dos casos de prostituição e de assédio sexual. Na faixa etária entre 6 e 10 anos ocorreram 21,5% dos estupros, sendo esse o único tipo de violência notificado. As crianças com menos de 5 anos ficaram mais expostas ao atentado violento ao pudor (100%) e aos atos libidinosos (100%). Comparando-se ao gênero masculino, encontrou-se um resultado similar quanto a faixa etária para os casos de prostituição e atentado violento ao pudor, no entanto, o único caso de atos libidinosos ocorreu na faixa etária de 11-15 anos. O estupro foi cometido predominantemente pelo pai em todas as faixas etárias, tendo como denunciante as instituições (23%), a mãe (18%) e a própria vítima (14%). Em dois dos casos envolvendo os atos libidinosos, a mãe estava envolvida (66,6%), tendo por denunciante o pai. Os agressores contra o gênero masculino foram as figuras representativas da autoridade paterna (tio, padrinho, padrasto). O pai foi responsável em 72% dos casos de estupro, em 50% dos assédios e atentados violentos ao pudor, sendo de modo geral o principal agressor contra o gênero feminino. Na faixa etária acima de 11 anos as principais fontes de denúncia foram as instituições (23%) e a própria vítima (18,5%). Apesar dos casos de violência sexual contra o gênero feminino serem mais denunciados a partir da puberdade, não se pode afirmar que os mesmos não ocorram com a mesma frequência em outras faixas etárias e com o gênero masculino.

Juliana Aparecida de Oliveira; Rita Aparecida Romaro.

Universidade São Francisco; CNPq; PIBIC.



Modalidades de violência sexual doméstica e caracterização da vítima.

A violência sexual doméstica expressa uma relação de poder e força do agressor, permeada por mecanismos de sedução, persuasão, que acabam acentuando o pacto de silêncio da família e o sentimento de culpa da vítima, sendo que os casos denunciados não refletem o total de casos ocorridos. O objetivo do presente estudo é apresentar a caracterização das vítimas de violência sexual doméstica, relacionando-se o tipo de violência, o agressor e o denunciante, nos 25 casos atendidos pelos sete Conselhos Tutelares pesquisados (Sé, Móoca, Tucuruvi, Vila Prudente, Ipiranga, São Matheus e São Miguel Paulista), no ano de 2000. A metodologia empregada foi retrospectiva-documental de consulta aos prontuários. Dos 305 casos de violência doméstica contra crianças e adolescentes atendidos pelos sete Conselhos Tutelares pesquisados, 9% referiam-se à violência sexual. Dos 25 casos de violência sexual, 60% eram de estupro, 16% atentado violento ao pudor, 8% de assédio sexual, 8% atos libidinosos e 8% prostituição. As vítimas foram predominantemente do gênero feminino 88%, com idade variando entre 11 meses e 15 anos, com predomínio da faixa etária entre 11-15 anos (59%), 14% entre 6 e 10 anos, 14% entre 2-59% entre 2 e 5 anos, 9% até 2 anos. Em um dos casos não constava a idade. Entre as violências cometidas contra o gênero feminino entre 11-15 anos, encontrava-se 71,5% dos estupros, 100% dos casos de prostituição e de assédio sexual. Na faixa etária entre 6 e 10 anos ocorreram 21,5% dos estupros, sendo esse o único tipo de violência notificado. As crianças com menos de 5 anos ficaram mais expostas ao atentado violento ao pudor (100%) e aos atos libidinosos (100%). Comparando-se ao gênero masculino, encontrou-se um resultado similar quanto a faixa etária para os casos de prostituição e atentado violento ao pudor, no entanto, o único caso de atos libidinosos ocorreu na faixa etária de 11-15 anos. O estupro foi cometido predominantemente pelo pai em todas as faixas etárias, tendo como denunciante as instituições (23%), a mãe (18%) e a própria vítima (14%). Em dois dos casos envolvendo os atos libidinosos, a mãe estava envolvida (66,6%), tendo por denunciante o pai. Os agressores contra o gênero masculino foram as figuras representativas da autoridade paterna (tio, padrinho, padrasto). O pai foi responsável em 72% dos casos de estupro, em 50% dos assédios e atentados violentos ao pudor, sendo de modo geral o principal agressor contra o gênero feminino. Na faixa etária acima de 11 anos as principais fontes de denúncia foram as instituições (23%) e a própria vítima (18,5%). Apesar dos casos de violência sexual contra o gênero feminino serem mais denunciados a partir da puberdade, não se pode afirmar que os mesmos não ocorram com a mesma frequência em outras faixas etárias e com o gênero masculino.

Juliana Aparecida de Oliveira; Rita Aparecida Romaro.

Universidade São Francisco; CNPq; PIBIC.



Modernidade e Globalização: Novas Configurações dos Territórios.

O presente trabalho analisa a influência das transformações espaciais no processo de subjetivação no contexto da globalização. Para isso utilizou-se da pesquisa em fontes secundárias (livros e artigos) de teóricos especializados na temática do espaço, além de materiais publicados na grande imprensa. A globalização é aqui apresentada como um fenômeno contraditório e ambivalente que promove realidades de homogeneização e integração, ao mesmo tempo em que cria realidades de fragmentação, desintegração, acarretando por isso impactos variados em diferentes áreas, desde a econômica até social e cultural e também em contextos locais e pessoais. Mudanças na configuração espacial das cidades se fizeram notar desde a modernidade, porém, tornam-se mais visíveis, sensíveis e radicais no atual processo de globalização mundial. Já na modernidade, o espaço legível, conhecido, mensurado de acordo com o corpo (pés, polegadas, côvados) torna-se padronizado, esquadrinhado, submetido a uma autoridade, o que lhe garante uma clareza sobre os territórios e ao mesmo tempo incerto e ilegível aos habitantes. Essa relação certeza/incerteza sobre um determinado território reserva íntima ligação com o exercício de poder, cujo jogo garante aos dominantes, por um lado, uma opacidade espacial, impenetrável aos estrangeiros, ao mesmo tempo em que mantém a situação clara para si. Assim, o espaço passa a ser sistematicamente rastreado ao longo da modernidade, de modo que planos, projetos e mapas transformam-se no modelo ideal de organização espacial. A arquitetura panóptica idealizada no século XVIII, caracterizada como um modelo de construção onde os internos permaneceriam constantemente vigiados por supervisores ocultos a eles, é analisada considerando a individualização produzida em construções dessa ordem, as relações de poder e de dominação que se estabelecem e os efeitos de autocontrole e disciplina para os usuários/habitantes. Uma das consequências subjetivas advindas de todo este esforço regulador traduz-se na geração de indivíduos impotentes frente às incertezas, conformados com a uniformidade e intolerantes a diferenças. Sobre esse espaço planejado, impôs-se no atual contexto, uma nova configuração de caráter cibernético, garantida pela aceleração dos meios de transporte e dos meios de comunicação instantâneos – a anulação tecnológica das distâncias. Por fim, questiona-se alguns dispositivos da atualidade – banco de dados, internet, microcâmeras – discutindo a organização espacial como uma espécie “superpanóptico”, onde os indivíduos podem constituir-se voluntários à sua própria vigilância através da interiorização de normas e valores. Alguns autores, no entanto, acreditam que a anulação tecnológica das distâncias, mais do que democratizar o acesso à informação, tende a polarizar as condições dos homens, apresentando-se como fator de estratificação social visto que a compressão espacial tem possibilitado contatos – ainda que virtuais – constantes. No entanto, as facilidades em percorrer territórios velozmente, além de não se apresentarem igualmente para o conjunto da população, também não garantem que os homens estabeleçam relações mais intensas com os demais e muito menos que venham a “afrouxar” os mecanismos de controle e exercício de poder.

Jaqueline Batista de Figueiredo da Silva; Luciana Vanzan da Silva; Dayse Marie de Oliveira Beatriz de Souza Bessa; Deise Mancebo

Universidade do Estado do Rio de Janeiro; CNPq; FAPERJ



Momentos Mutativos na Psicanálise do Self – A Oficina Arte de Papel.

A arteterapia de inspiração winnicottiana, desenvolvida nas Oficinas Psicoterapêuticas de Criação da “Ser e Fazer”, afirma-se como alternativa de atendimento psicoterápico, que se caracteriza como estabelecimento de enquadre psicanalítico centrado na sustentação do campo de experiências criativas, na precisa acepção que este último termo assume na psicanálise do self. As atividades, nas diversas oficinas, têm por base a apresentação de materialidades mediadoras, facilitadoras da emergência do gesto espontâneo. Como responsáveis pela oficina que apresenta a concretude da polpa do papel, relataremos alguns momentos desse atendimento realizado em grupos, com o objetivo de explicitar a possibilidade de experimentação de novas maneiras de ser e fazer, em um encontro humano especial: o grupo Arte de Papel. Na clínica winnicottiana a atenção privilegia o acontecer humano, o encontro genuíno potencialmente propiciador de experiências emocionais mutativas, passíveis de serem melhor compreendidas à luz da concepção de uma área intermediária de experiência. Tal visão fornece suporte teórico para a invenção de enquadres diferenciados que abandonam o dispositivo psicanalítico padrão, que incide sobre o discurso verbal, fundamentalmente considerado no registro do onírico, que se conjuga com imobilidade corporal. A tarefa do analista modifica-se, na arteterapia winnicottiana, no sentido da busca de possibilidade de um brincar genuíno, sensorial e visível, pois é através do brincar - e somente dele - que o paciente pode ser criativo e constituindo o próprio self, fazer-se verdadeira presença no mundo. O trabalho do analista consiste, portanto, em sustentar emocional e eticamente o encontro, favorecendo movimentos pessoais de busca do self por meio da apresentação da materialidade mediadora e de intervenções que se fazem pela palavra e pelo gesto.

Fabiana Follador; Ambrosio, Tânia Maria José Aiello Vaisberg

USP



Monitoria e iniciação científica em Psicologia do Trabalho: integração e transdisciplinaridade.

O objetivo desta proposta de trabalho foi problematizar a dicotomia existente entre monitoria e iniciação à pesquisa na graduação da UFF, operada por meio de procedimentos diferenciados de concessão de bolsas e acompanhamento dos resultados. Ela consistia em integrar de forma tutorada as atividades de monitoria em psicologia do trabalho, redação de textos e o desenvolvimento de atividades de pesquisa. Para isso, elaborou-se projeto de pesquisa e planos de monitoria estruturados de forma a integrar o conjunto de atividades a serem desenvolvidas, as quais foram devidamente especificadas aos alunos interessados. Os candidatos submeteram-se à um processo seletivo unificado que oficializou a condição de classificados como monitor ou bolsista de iniciação científica, de acordo com o número de bolsas existentes. Aos não oficializados foi oferecida a oportunidade de se agregarem ao grupo, recebendo do orientador o mesmo tratamento e as mesmas obrigações dos demais, havendo por parte do orientador o compromisso de buscar solução de bolsas de acordo com o desempenho. Todos os integrantes do grupo deveriam participar das atividades de monitoria (orientação de alunos em pesquisa bibliográfica, análise do trabalho de uma determinada função e proposição de solução para uma situação problema) e em pelo menos duas das demais atividades. Estas compreendiam a participação na redação de material didático (textos relacionados a: recrutamento e seleção de recursos humanos, história da psicologia do trabalho no Brasil e o significado do trabalho) e em pesquisas envolvendo condição dos diplomados da UFF, por curso e área do conhecimento, além de estudo sobre as causas da evasão na UFF, a partir de motivações relacionadas a fatores individuais, institucionais e externos a instituição. Como resultante desta proposta, inscreveram-se doze alunos para o processo seletivo. Foram classificados dois para iniciação científica e três para monitoria. Dos sete restantes apenas dois não continuaram no grupo. Os resultados desta proposta de trabalho são avaliados a partir da produção dos objetivos propostos e da produção dos alunos no período de um ano. Conclui-se que o sucesso da proposta se deve a diversos fatores, cabendo destacar: a) O caráter das atividades desenvolvidas, que englobam conhecimentos da psicologia e de outras áreas do saber, além dos de ordem tecnológica e científica; b) A relevância dos temas propostos para o contexto no qual se inserem os alunos participantes; c) A possibilidade de contribuir para o desenvolvimento da UFF com os conhecimentos produzidos; d) A integração de ferramentas técnicas e dos conhecimentos científicos com os considerados humanísticos; e) A participação ativa, e reconhecida, em atividades de pesquisa e produção de textos didáticos, assim como a divulgação do projeto em publicações científicas; f) A agregação de alunos não-bolsistas, dispensado-se a eles o mesmo tratamento dado aos bolsistas; g) A participação em eventos acadêmicos e em congressos, permitindo a inserção do aluno em um universo de discussões científicas. A experiência indica serem promissoras as possibilidades de unificação das atividades de monitoria e iniciação científica, contribuindo para elevar a qualidade da formação profissional e para o tratamento de forma indissociável entre ensino e pesquisa.

Francisco de Assis Palharini; Vinicius Alves Portela Martins; Mariana Nogueira Rangel Aryane Gonçalves Dias; Kátia Lucy Dantas Lima; Lúcia Leite Carpi Ramalho

ICHF; UFF



Moradores de Rua- Resgate da Cidadania.

O presente trabalho originou-se do convênio, da disciplina de Psicologia Comunitária e Institucional, no 5º ano do Curso de Psicologia do Centro Universitário Capital e, a Entidade Assistencial, Centro Comunitário São Martinho de Lima - Povo de Rua, com objetivo de obter espaços abrangentes e diversificados para realização de estágios aos alunos. O Centro Comunitário São Martinho de Lima, desenvolve suas atividades com a população em situação de rua, desde fevereiro de 1990, sendo considerada a primeira unidade de serviço à população em situação de rua conveniada com a Prefeitura de São Paulo. O referido Centro Comunitário São Martinho de Lima, nasceu com a inspiração de criar referências à população sofridora construindo relações afetivas e espaço de convivência. O grupo majoritário é de desempregados e sub-empregados, ex-egressos de penitenciárias, Febem e outros. O Centro Comunitário São Martinho de Lima – Povo de Rua, presta serviços na área social à população em situação crítica e precária. Neste local, podem fazer sua higiene pessoal (asseio pessoal, banho), lavagem de roupas, doação de roupas e calçados, assistência social e psicológica, atividades sócio-educativas, valorização cultural de cada indivíduo. Com a crise econômica, violência e política neoliberal que domina nosso país, serviços públicos de educação e saúde estão deixando de ser bens públicos para serem privados. Por isto, é imprescindível mostrar à sociedade civil, principalmente aos carentes (carentes e excluídos), que eles têm direitos e devem cobrá-los. No início deste trabalho havia uma proposta de atendimento individualizado, através de entrevistas para reconhecimento da demanda e qualidade de clientela existente na Entidade. Com o decorrer do tempo, observou-se a necessidade de uma intervenção maior, pois a demanda era muito grande, cerca de 250/270 pessoas/dia. Constatou-se que, a falta de motivação e auto-estima estavam bem presentes, e citando Rogers: "o homem tem uma potencialidade infinita de expandir-se crescer e realizar-se". Assim, objetivamos neste trabalho, a conscientização e reintegração social dos indivíduos; demonstrando que os problemas sociais tem solução com idéias simples, práticas e inovadoras, pode-se deste modo melhorar a vida do indivíduo carente. Resgatar a identidade, auto-estima motivando-os a obterem metas, neste momento de suas vidas, ou seja, buscar novas alternativas para integração social do indivíduo. Para viabilizar a efetivação destas propostas nos utilizamos de vídeos educativos, palestras com temas diversificados, debates e discussões, dinâmicas de grupo. Após 01 (um) ano de trabalho, constatamos que obtivemos resultados parciais positivos; além do esperado, ficou-nos evidente que o indivíduo quando motivado e com auto estima elevada é capaz de planejar e atingir seus objetivos, descobrindo e demonstrando suas potencialidades. Para haver "PREVENÇÃO" devemos considerar o cotidiano dos indivíduos, através de recursos de orientação, planejamento, etc.

Gaioso, L.G.; Ortegosa, R.M.C.

Centro Universitário Capital.



“Morar no sofrimento”: análises preliminares das casas de famílias de Novos Alagados, Bahia, a partir da observação da moradia.

Esse estudo integra um projeto de âmbito nacional, coordenado por Maria Lúcia Seidl de Moura, sobre idéias parentais a respeito de infância e desenvolvimento infantil, originalmente avaliadas através do KIDI (Knowledge of Infant Development Inventory) . Tais idéias são consideradas um subsistema de nicho desenvolvimental, imprescindível para a compreensão do desenvolvimento de crianças brasileiras. Práticas e crenças sobre desenvolvimento no contexto familiar foram também avaliadas qualitativamente, através do Roteiro para Análise da Moradia do Ponto de Vista de Psicológico, de Rabinovich, a partir do qual foi elaborada esta comunicação. A história da casa e a relação de seus habitantes com esta foram descritas pelas mães entrevistadas, e a própria casa foi fotografada e descrita em seus aspectos relevantes. Durante cerca de três semanas, do fim de novembro a meados de dezembro de 2001, foram realizadas visitas ao bairro de Novos Alagados. Onze famílias entraram neste estudo preliminar, em que as mães de primeiro filho, de 18 a 25 anos, foram os sujeitos principais. Os primeiros resultados, a partir das narrativas da elaboração de diários de campo, abordam o modo de viver nas palafitas, junto à maré e as práticas de cuidado dos filhos neste contexto. O caráter semi-etnográfico dessas observações permite que história de vida de cada casa, cada família e de cada membro dentro dela nos auxilie a entender a vida e o cotidiano nos Novos Alagados. A discussão preliminar destes dados nos leva à compreensão das famílias em Novos Alagados enquanto estrutura familiar fortemente vinculada a uma rede de apoio social do tipo informal (parentesco, vizinhança). A idéia de redes de apoio é reforçada não só pela proximidade espacial da família nas vidas das jovens mães (seja dentro da mesma casa ou em casas diferentes, no mesmo terreno), mas também pela presença de outros membros da família em outras partes do bairro. O arranjo familiar mais comum foi o das jovens mães morando ainda na casa dos pais, separadas do marido (mantendo ou não o relacionamento). A relação entre mãe e filho parece ser de bastante proximidade, talvez pela própria fragilidade da criança no primeiro ano de vida. Outro fato constatado é que nenhuma das mães estava trabalhando fora no período da visita; a mãe se volta quase que exclusivamente para o filho nestes primeiros 12 meses. A maré, apesar de ser uma constante na vida de todos os moradores de Novos Alagados, não parece causar tanto incômodo nas áreas atualmente aterradas. Na parte urbanizada do bairro, uma mulher se referiu aos moradores da área alagada como as pessoas "que moravam no sofrimento".

Ana Cecília Bastos; Elaine Rabinovich; Cristina Goulart; Lia Lordelo; Nayara Rego; Carla Sampaio; Hermano Trineto; Daniele Vilas Boas; Aila Cabral

UFBa.



Motivação para estudar em estudantes de um curso noturno de psicologia.

O objetivo deste trabalho foi identificar as orientações motivacionais de universitários de um curso de psicologia, por meio das estratégias que utilizam para abordar seus estudos. Foram sujeitos 60 estudantes de um curso noturno de psicologia de uma IES privada, localizada no interior do Estado de São Paulo. O curso está em sua terceira turma e, por essa razão, a amostra se constituiu de 20 sujeitos do primeiro, 20 do segundo e 20 do terceiro ano. Os universitários pesquisados têm idade média de 25,7 anos e, em sua maioria (95%), são do sexo feminino. Entretanto, há diferenças relativas entre eles quanto à idade: os de primeiro e terceiro anos têm idade média relativamente superior (25,7 e 29,4, respectivamente) aos de segundo ano (24,1). Aos sujeitos foi aplicado, coletivamente, um questionário traduzido da versão reduzida do ASI – Approaches to studying questionnaire (Entwistle e Ramsden, apud Gibbs, 1992), composto de 18 questões, distribuídas em três escalas, que indicam, cada uma, um tipo de orientação motivacional. A orientação para a realização indica uma abordagem estratégica dos estudos, motivação extrínseca, métodos de estudo bem organizados, desejo de sucesso e competitividade. A orientação para a reprodução indica uma abordagem superficial do estudo, tendência a memorizar os tópicos estudados, sem interesse real em estudar para a própria satisfação mas, principalmente, para evitar o fracasso, obter aprovações ou qualificações. A orientação para o significado indica uma abordagem profunda da aprendizagem, com a intenção de se obter sentido no que é estudado, interesse real por aprender e pela natureza, em si, dos assuntos estudados. Cada uma dessas escalas têm um escore máximo possível de 24 pontos. Os resultados obtidos indicam que os sujeitos, em seu conjunto, tendem a adotar, primordialmente, uma abordagem dos estudos motivada pela busca de significado (escore 19,83). Seguem-se, por ordem decrescente, as orientações para a realização (escore 17,22) e reprodução (escore 15,65). Considerados separadamente, por ano do curso, os resultados quanto à ordem de classificação das orientações para o estudo se mantiveram as mesmas, embora com algumas diferenças nos valores dos escores obtidos, sendo que estes se apresentaram positivamente mais correlacionados entre os sujeitos de primeiro e terceiro anos. Os dados são discutidos considerando-se as características dos sujeitos, do curso e da IES. Também são apontadas recomendações de estratégias de ensino-aprendizagem apropriadas às características da população para os docentes do curso, e de estratégias que possam ser utilizadas pelos próprios alunos para otimizar seus estudos.

Maria de Fátima Antunes Pinto Catunda; Valdete Maria Ruiz.

Faculdades Associadas de Ensino de São João da Boa Vista - FAE.



Motivação x Desafios no surf de ondas gigantes.

O presente estudo tem como fundamento avaliar as características psicológicas dos atletas de Tow In , modalidade de surf em ondas gigantes na qual o surfista é rebocado para a onda pôr um jet ski. Esta modalidade surgiu como uma evolução no conceito e na prática de alguns dos esportes mais radicais: surf, wind-surf, kite-surf e snow board. O melhor lugar eleito para a prática do Tow-in é a ilha de Maui no Hawaii, batizada com o sugestivo nome de Jaws (mandíbulas, em alusão a morte). Graças a força de propulsão dos jet skis, os surfistas puderam realizar o sonho de dropar ondas de mais de 30 pés. O grande objetivo destes atletas está no desejo de experimentar a sensação de desafio, estar no limite de suas potencialidades. A pesquisa se baseou no relato de atletas, incluindo a Powersurfteam, formada pôr surfistas brasileiros conhecidos pôr surfar ondas gigantescas ao redor do mundo, todos são treinados e qualificados para agir dentro d'água, priorizando o trabalho com segurança a fim de minimizar os riscos que um esporte desta natureza proporciona. Estes atletas são acompanhados pôr uma equipe multidisciplinar , onde o Psicólogo responsável pôde fazer a análise dos dados coletados. Os depoimentos revelam que apesar dos riscos constantes a vida passa a existir com muito mais intensidade e valor, estar sempre perto da morte, desafiar o medo, ir além dos limites da capacidade física, são sensações raramente experimentadas que culminam em um enorme prazer. O medo é superado pela adrenalina e pelo desejo de execução. As propriedades da natureza (formação da ondulação), exercem sobre os atletas um encantamento, encorajando-os a enfrentar situação de tamanha vulnerabilidade, aproximando-os da condição de heróis. O estudo conclui que a modalidade é especial, e feita para indivíduos com características psicológicas que se diferem no que diz respeito a seus objetivos, audácia, coragem e sobretudo, equilíbrio entre o corpo e a mente, constatados na preparação física e psicológica, e no estilo de vida destes atletas. Vale salientar que no campeonato mundial de Tow-in de 2001 consagraram brasileiros no primeiro e terceiro lugares. Em 2001 também foi registrado em revistas e jornais a maior onda surfada do século (25 metros) pôr um brasileiro.

Babogluian, Marcelo; Contreras, Maria Lucia.

Centro de Medicina Esportiva – São Paulo.



Motivações pessoais: uma fonte de atuação do trabalho voluntário junto aos portadores de deficiências.

O trabalho investiga as motivações pessoais para se desenvolver o trabalho voluntário com portadores de deficiências, identificando fatores que podem levar ao sucesso ou ao insucesso do mesmo. Em geral, acredita-se que o voluntário pretende ajudar alguém de forma altruísta; na prática, descobre que é ele próprio o principal beneficiado. O objetivo deste estudo é investigar os motivos que levam pessoas a realizarem trabalhos voluntários com portadores de deficiências, tendo ainda como objetivos específicos: a) Estudar fatores que levam a realização do trabalho voluntário bem como os motivos de desistência. b) Verificar se as expectativas iniciais à realização do trabalho voluntário com deficientes condizem com o que é realmente desenvolvido. c) Constatar no grupo de voluntários quais os problemas vivenciados, em particular dificuldades e limites pessoais. Entrevistamos voluntários da Pastoral do Deficiente da Paróquia de São Pedro Apóstolo, em Ribeirão Preto. O grupo é composto de cerca de vinte e duas pessoas, idade média de quarenta anos, pertencentes a diferentes classes sócio-econômicas. Aplicamos dois roteiros de entrevista baseados em questões abertas: um para voluntários atuantes, e outro para os ex-voluntários. As mesmas foram gravadas e posteriormente transcritas. A partir da formação de categorias, os dados foram analisados, sendo que enquadrámos as respostas em quatro constructos adotados no trabalho: i) Satisfação profissional; ii) Casos de deficiências na família; iii) Dificuldades de relacionamento dentro do grupo; iv) Relacionamento com o líder. A partir dos resultados obtidos, podemos concluir que o trabalho voluntário exercido junto aos portadores de deficiência da Pastora do Deficiente, remete os sujeitos a se reavaliarem enquanto profissionais que são ou que foram, trazendo-os a uma realidade de trabalho onde o ganho mais importante não é o financeiro e sim o reconhecimento de suas potencialidades como ser humano solidário. Além disso, vivenciar a experiência de ter um membro da família no grupo de risco (em nosso caso, portadores de deficiência) predispõe os indivíduos ao trabalho voluntário. A prática do trabalho voluntário poderia trazer experiências desagradáveis à pessoa voluntária, devido a problemas dentro do próprio grupo (outros voluntários, coordenação, financiadores do trabalho etc.), tais como, vaidades pessoais, intransigência, interesse em autopromoção, entre outros. Estes problemas poderiam se transformar em barreiras dificultando a execução do trabalho e até mesmo levando o voluntário à desistência. Os nossos resultados corroboram esta hipótese, uma vez que o entrevistado que afirmou ter algum problema de relacionamento alegou esta dificuldade como motivo para desistir do trabalho voluntário. Entretanto, estas desavenças poderia se manifestar unicamente no relacionamento com a liderança e o comportamento dos líderes no desempenho de suas funções poderia influenciar o trabalho do voluntário, condicionando seu desempenho e sua satisfação. Consideramos que o trabalho foi importante para os voluntários da Pastoral do Deficiente por resgatar valores e motivações pessoais, levando-os a refletir sobre a importância do trabalho que desenvolvem. Desse resgate e autoconscientização poderá emergir, dentro de cada integrante, os motivos da escolha pelo trabalho voluntário e a importância que este toma em sua vida, como veículo de estimulação para a continuidade dessa ação solidária.

Esbaile; Carla Santos; Darci S. Godoy; Elisandra Rinaldi; Gisele. C. Queiroz; Juliana. B. Queiroz; Neide A. D. Piva; Paula.

Universidade Paulista – UNIP.



Movimento cultural Hip-Hop: uma alternativa de proteção para adolescentes em situação de risco social?

O presente estudo propõe investigar se para um grupo, constituído por adolescentes em situação de vulnerabilidade social, o Movimento Hip-Hop constitui-se em uma alternativa de proteção social. Movimento social e cultural de cunho político e comunitário, que encontra expressão através da música (rap e dj), dança (break) e artes plásticas (grafitti). Esta pesquisa teve um carácter exploratório e buscou descrever de forma qualitativa este fenómeno social. Nortearam este estudo as seguintes questões; a participação do adolescente no Movimento Hip -Hop pode ser considerado como um fator de proteção social? O Movimento tem como característica o reforço de valores positivos, podendo ser um elemento que contribui para a capacidade de resiliência? Há correspondência entre a participação no Movimento e a menor incidência de comportamentos auto-destrutivos e violentos, como o envolvimento com drogas e roubo? Participaram deste estudos 7 jovens de ambos os sexos, entre 19 e 24 anos de idade que fazem parte do Movimento Hip-Hop em Porto Alegre há pelo menos um ano. Foi utilizado como instrumento uma entrevista semi-estruturada e para proceder a análise dos dados foi utilizada análise de conteúdo (Bardin, 1977). Segundo os participantes deste estudo o Movimento Hip-Hop pode ser considerado um fator de proteção social. A respeito do reforço de valores positivos, contribuindo para a capacidade de resiliência, constatamos que, no grupo entrevistado, pôde ser observado que sim. Os posicionamentos anti-violência, anti-drogas e anti-discriminação racial, transpareceram nos depoimentos como aspectos muito valorizados pelos adolescentes, exercendo influência positiva, segundo as verbalizações, sobre a maioria dos participantes. Quanto ao uso de drogas, podemos inferir que há um comportamento de redução de danos, caracterizada pelo abandono de substâncias como cocaína e crack. Alguns referiram a continuidade do uso de maconha. Em relação a comportamentos autodestrutivos e violentos, os participantes relataram ter havido modificações. O Movimento pode ser considerado um fator de proteção social, pois possibilita a existência de uma rede social de apoio, que transmite estímulo. Outros fatores de proteção social observados foram o desenvolvimento da autoestima, a apreensão de atributos positivos como “garra”, vontade de melhorar sua condição de vida e identificação com líderes da raça negra, a qual, juntamente com o convívio no grupo de iguais, possibilitou o resgate de uma identidade racial positiva e aquisição de consciência crítica que pode orientar melhor as suas escolhas e desenvolver uma postura não passiva diante da vida.

Angele Bidone Lopes; Circe Salcides Petersen.

ULBRA-RS.



Movimento de Adolescentes Brasileiros na prevenção das DSTs/AIDS.

O Movimento de Adolescentes Brasileiros é uma rede de grupos de adolescentes, jovens e educadores de diversas áreas de atuação profissional, comprometidos com a cidadania através de projetos, programas ou ações locais, regionais e/ou nacionais. Tem como missão favorecer a intervenção sócio-política e cultural de adolescentes e jovens na comunidade, utilizando a linguagem de iguais. Este projeto teve como objetivo contribuir para a redução da infecção de DSTs/AIDS no Estado de São Paulo através do fortalecimento de uma rede de grupos de adolescentes protagonistas filiados ao MAB - Movimento de Adolescentes Brasileiros. Atingiu, ao longo de 12 meses, 2.083 adolescentes distribuídos de cinco municípios: Campinas, Cosmópolis, Mococa, Pirassununga e São José dos Campos. Os marcos teóricos que nortearam as etapas do projeto foram: Saúde (Parâmetros Curriculares Nacionais, pág.252), Sexualidade (Organização Mundial de Saúde), Prevenção (Ministério da Saúde) e Vulnerabilidade (Ministério da Saúde/Coordenação Nacional de DST e AIDS). Acreditou-se que, a partir da tomada de consciência desses conceitos, os adolescentes percebam o risco de se contaminarem. Que uma vez percebendo-se em risco, decidam se prevenir. Entretanto, a decisão de se prevenir das DSTs/AIDS depende também da capacidade de comunicação e negociação de cada um, habilidade que precisa ser adquirida para um efetivo comportamento de auto-cuidado. O projeto será descrito a seguir. Em junho/01 foi realizada, em Campinas, a reunião para a apresentação do projeto e propostas de modificações na estrutura inicial. Houve uma capacitação em Mococa, reunindo dezesseis adolescentes multiplicadores de cada um dos municípios envolvidos. Em agosto, setembro e outubro de 2001 as oficinas sócio-educativa sobre sexualidade e prevenção das DSTs/AIDS, construída coletivamente, foram aplicadas em três escolas públicas (seis salas de aula em cada uma delas) e dois serviços de saúde em cada município. Junto com a aplicação dessa oficina, foi realizada uma pesquisa sobre a efetividade da metodologia empregada, com a parceria do CEMICAMP (Centro de Pesquisa e Doenças Materno-Infantis de Campinas), da UNICAMP. Em outubro/01, aconteceu em Pirassununga outro encontro entre adolescentes e educadores para troca das experiências vividas e elaboração das etapas seguintes. No Dia Mundial de Luta contra a AIDS, os cinco municípios envolvidos realizaram um Encontro Municipal de Adolescentes com essa temática, envolvendo 200 adolescentes cada, em uma grande mobilização para a prevenção das DSTs/AIDS. Em março/02, foi realizada uma avaliação quantitativa e qualitativa dos resultados obtidos, e de todo o processo. A revista "De adolescentes para adolescente: Nosso jeito de prevenir" foi escrita pelos adolescentes multiplicadores do MAB, que refletiram sobre sua prática de planejar uma ação sócio-educativa, realizar as atividades previstas, avaliar seus resultados e propor modificações para as ações futuras.

Helena Carvalho Lucchino; Ricardo de Castro e Silva.

Centro de Voluntariado de Rio Claro; Movimento de Adolescentes Brasileiros.



Mudanças nas autorias nas publicações referenciadas nas teses defendidas em Psicologia Educacional.

A psicologia da Educação, dentro do seu campo epistemológico, produz conhecimento a respeito da educação, desenvolvendo estudos sobre questões como aprendizagem, ensino, relação professor-aluno, motivação etc. Essa produção científica tem representado, na trajetória histórica da Psicologia, importante fonte de conhecimento para a Pedagogia. As produções realizadas na última década, em Psicologia e Educação, vêm mostrando a produção de trabalhos científicos coletivos entre autores. O presente estudo constitui-se de um estudo de caso, ainda não finalizado, das teses defendidas no programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação da UNICAMP, que tem por objetivo responder a seguinte questão: como eram as autorias das referências bibliográficas que os doutores utilizaram, na construção de seus trabalhos de titulação? Foi realizada uma pesquisa documental nas teses para verificar com eram as autorias dos trabalhos utilizados como fonte de referência. Como instrumento de coleta de dados, foram elaboradas planilhas com as seguintes categorias: autorias individuais, em parceria com outro autor, em parceria com dois autores, em parceria com quatro ou mais autores. Nesta última categoria, foram englobados os trabalhos, nos quais as autorias eram instituições e autores que foram organizadores de obras bibliográficas. A análise dos resultados está permitindo perceber que as autorias mudaram. Na década de 1960 e 1970 as autorias eram quase em sua totalidade individuais. No final da década de 1970 e início da década de 1980, já foram verificadas autorias em parceria. Na década de 1990, pode-se verificar um aumento significativo dos trabalhos em parceria. Pelos resultados, até agora obtidos, é possível afirmar que o trabalho em parceria na última década vem ganhando força, o que significa que a realização de trabalhos em equipe, por parte dos autores, vêm se mostrando um aspecto fundamental na construção do conhecimento. Os resultados parecem estar refletindo, também, a tendência da produção coletiva realizada por grupos de pesquisa e incentivada pelos órgãos de fomento à atividade científica.

Sandreilane Cano da Silva; Roberta Gurgel Azzi; Marli Amélia Lucas Pereira

UNICAMP; UNITAU



Mulher, intimismo e violência conjugal: (re) tecendo histórias no município de São Gonçalo.

O fenômeno da violência doméstica contra a mulher tem sido marcado pela invisibilidade. Reduzido ao espaço privado do lar e da individualidade, é considerado assunto familiar, que deve ser resolvido entre seus membros, sem interferência alheia. De acordo com o suplemento de vitimização da Pesquisa Nacional por Amostragem Domiciliar (PNAD/BR), de 1988, 55% das mulheres vítimas de agressão, na região Sudeste do Brasil, foram atacadas na própria residência e 45% em local público. Parentes e conhecidos foram responsáveis por 62,29% dos ataques violentos (33,05% parentes e 29,24% conhecidos). Estatísticas precárias e dados defasados como os desta pesquisa de 1988 reforçam a invisibilidade sobre o fenômeno da violência praticada contra mulheres em sua própria casa, por pessoas próximas. Uma vez não reconhecida como violência pelas instituições, bem como pela maioria das mulheres que a sofre, segue tratada como algo natural e invisível. Pouco divulgada não provoca comoções nacionais (salvo em situações excepcionais) ou não é objeto privilegiado de políticas públicas, tornando-se tema restrito aos debates feministas. Esta invisibilidade pode ser considerada uma produção a mais do processo de familiarização e intimização que tem lugar na modernidade, ao mesmo tempo em que se assiste ao declínio da vida pública. A violência contra a mulher, uma vez intimizada, desaparece. No espaço do lar, considerado seguro em oposição à rua, há mulheres que vivem um cotidiano de violência que, em geral, se inicia com ameaças e proibições, passando por lesões corporais e estupro, mantidos portas a dentro do lar e das relações, especialmente as conjugais, podendo chegar ao homicídio. Este trabalho pretende, a partir do relato de uma das usuárias atendidas pelo CEOM Zuzu Angel, instituição pública especializada em atendimento a mulheres vítimas de violência do Município de São Gonçalo (RJ), apresentar algumas relações existentes entre a violência vivenciada e o processo de intimização. Deseja-se com isto ressaltar a importância de existirem instituições que atuem como o “terceiro” em tais situações, e assim problematizar a ideia de que esta violência é uma questão que diz respeito apenas à mulher ou ao casal. Utilizando como metodologia a história de vida, já que esta nos permite apreender uma experiência de caráter coletivo a partir do relato individual, acompanharemos a narrativa de Ana (nome fictício) sobre seu casamento marcado pela violência, mantida em silêncio durante sete anos. Veremos quais as alternativas que foram vislumbradas ou não e o que mudou a partir do momento em que ela procurou ajuda. Ao longo de seu relato aparecerão figuras como a do “espectador silencioso”, expressão cunhada por Richard Sennett, um dos autores que nos subsidiarão teoricamente, assim como as marcas do processo de “colonização da mulher”, como nos diz Margareth Rago. 1. RAGO, Margareth. Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. 2. SENNETT, Richard. O Declínio do Homem Público. As tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia da Letras, 2001.

Cristine Monteiro Mattar

Universidade Federal Fluminense



Mulher: Vítima omissa, por quê? Estudo Interdisciplinar na realidade local.

A violência doméstica é uma afronta aos direitos humanos das mulheres, atingindo sua dignidade, vida, e liberdade. No Brasil, constata-se uma notável ascensão social feminina, que transmite a ilusão de conquista de igualdade entre gêneros. Mas, esquece-se do enorme contingente de mulheres que sofrem espancamentos e violência sexual dentro de suas próprias casas. Indaga-se: como se pode enaltecer com avanços, se por detrás deles há uma população imensa de pessoas cabisbaixas – que aumentam os números da Cifra Negra da Criminalidade – por não encontrarem solução aos seus problemas, precisando aceitar o silêncio como a melhor forma de enfrentamento? O presente estudo objetiva verificar quais os fatores que influenciam para que as mulheres não denunciem a violência doméstica recebida, ou, se denunciam, não se encorajam a prosseguir com a acusação. O estudo de formato documental, investigou os registros de 260 mulheres que sofreram algum tipo de agressão por seu atual ou ex-parceiro, nos arquivos do Centro de Operações da Polícia Civil – Posto da Mulher, nos meses de janeiro, fevereiro, maio e junho de 2001, na cidade de Passo Fundo -RS. A análise das formas de violência sofridas pelas mulheres, revelou que predominam a ameaça de morte, em 49,69 % dos casos, seguida pela agressão física - em 38,27 % dos casos; e ainda se registrou a expulsão de casa, 5,86 % dos casos. Em relação às características do agressor:- em 57 % dos casos, as vítimas não fazem uma denúncia completa, não aparecendo dados que caracterizem o tipo de conduta do agressor; 22,69% das denunciantes descrevem o parceiro como alcoólatras; 16,92% dizem que o ciúme e o fato do parceiro não aceitar a separação conjugal explicam a agressão sofrida, e, 2,69% dos agressores, são dependentes químicos de outras drogas. No que diz respeito à relação de intimidade entre o agressor e a vítima, encontrou-se que: 64,61 % dos agressores são os próprios companheiros; 32,30% deles são ex-companheiros. Observou-se a presença de comentários das denunciantes, sobre a reincidência da agressão. A maioria delas (42,31 %), afirmou sua vitimização pré-denúncia. Outras (35,77 %) ignoraram esta questão, enquanto a minoria (21,91 %), relata ser vítima pela primeira vez. Sobre o fato de levarem em frente a denúncia, encaminhando ao fórum para a devida representação judicial, as respostas revelam: 54,60 % das mulheres optam por representar em juízo; entretanto, número não muito inferior (43,46%), de pronto dispensou seu direito de ação. Supõe-se que o percentual de mulheres que abdicam do direito de representação (43,46%) será acrescido. Tal índice já é alto, porém muitas mulheres vão à delegacia apenas para desabafar, ou “dar um susto” no companheiro. A violência intrafamiliar ocorrendo em uma relação afetiva, traz sentimentos ambivalentes, contraditórios, dificultando a tomada de atitudes definitivas. A violência doméstica continua sendo um problema sério. Equacionar tal problema não é tarefa para uma disciplina ou ciência em especial, mas antes, um conjunto de esforços de toda a sociedade na construção de um novo código de valores que redimensione o lugar da família e das relações humanas.

JANAÍNA RIGO SANTIN; MARISTELA PIVA GUAZZELLI; JOZIELE BONA CAMPANA; LIZIANE BONA CAMPANA

Universidade de Passo Fundo – UPF - RS



Na Sala de Aula: Cartografias do Autismo.

Muito se tem falado sobre a questão da inclusão-exclusão. Expressões como deficiência, transtornos de desenvolvimento, síndrome de Down, autismo e psicose aparecem como formas de nomear e dar conta da diferença que tal população apresenta em relação aos considerados “normais”. Entretanto, esta posição se sustenta numa lógica que pretende avaliar, classificar, categorizar as diferenças, a partir da idéia, nem sempre voluntária, de um mundo homogêneo, compacto, sem variações. Assim, a presente pesquisa quer colocar em evidência os possíveis movimentos de construção do conhecimento, onde o “meio de experimentação” não se reduza a “terrenos” que somente podem ser conservados, identificados e autenticados. Investigamos como se dão os processos de produção de conhecimento e sentido no contexto de uma sala de aula do ensino regular, onde uma criança é portadora de autismo psicogênico. Neste sentido, este trabalho utiliza-se da cartografia ou “pesquisa-intervenção” como metodologia, que caracteriza-se em promover uma pragmática e uma analítica dos processos de subjetivação no campo social. Ela implica em uma postura inventiva no lugar de uma postura interpretativa do campo investigado, acompanha o processo e nele intervém a partir das demandas emergentes. As estratégias utilizadas foram: a filmagem – realizada duas vezes por semana numa escola da rede regular do município de São Leopoldo; encontros quinzenais com as professoras, feitos por uma psicóloga do programa de extensão da Unisinos, SAPPRE; encontros semanais do grupo de pesquisa para analisar as imagens gravadas, discutir o material e problematizar os acontecimentos. A discussão dos resultados, possibilitou a elaboração de um vídeo, onde através das imagens gravadas defende-se as seguintes teses: 1) o conhecimento compreendido como reconhecimento de elementos reduz a diversidade a um jogo de identidades e de verdades universais produzindo a exclusão do que difere; 2) o conhecimento que se opera no domínio do sensível se significa como atualização de sempre novos “eus”, novos mundos; 3) a diferença é matéria essencial ao processo de produção de conhecimento que se dá ao mesmo tempo que a constituição de si e do mundo. Se conclui portanto, que inverter o jogo das exclusões sociais e a sua crueldade é tratar o conhecimento como criação de si e não como descoberta de si. Uma sociedade inclusiva é aquela que entende e valoriza a relação com a alteridade como condição para cada sujeito produzir conhecimento e produzir-se como sujeito singular.

ARAUJO, Luciane; DAMRA, Adriana; ESPERANDIO, Mary; ROCHA, Cristina; SILVEIRA, Clarissa; CZERMAK, Rejane.

UNISINOS.



Narcisismo x falta de comunicação: a Psicoterapia Breve como uma possibilidade de comunicação.

O desenvolvimento emocional do ser humano recebe influência direta dos relacionamentos interpessoais que ocorrem logo na primeira infância. Isto posto, consideramos ser essencial o vínculo estabelecido com a mãe e, conseqüentemente, a forma como esta mãe comunica-se com seu filho. Temos “comunicação” como um fenômeno subjetivo, que é base deste citado relacionamento, e que abrange entre outras coisas, a postura da mãe nesta relação, refletindo os seus sentimentos e contribuindo para o fortalecimento da identidade deste indivíduo, que poderá ter validada a sua existência, através do reconhecimento por parte da mãe. Desenvolvemos a compreensão de Winnicott acerca do fenômeno da comunicação, na intenção de consolidar a idéia de que um desenvolvimento emocional saudável depende de uma boa comunicação entre a mãe e seu filho e que, em contrapartida, as falhas ocorridas neste processo, quando não reparadas, podem exercer grande influência no estabelecimento de um transtorno de personalidade narcisista. Desenvolvemos também o conceito de narcisismo, considerando os aspectos normal e patológico. O trabalho tem como ilustração o caso clínico de um paciente atendido por uma das autoras, na Clínica Psicológica da Universidade São Marcos, localizada em São Paulo, na modalidade de Psicoterapia Psicodinâmica Breve, que propõe através de um processo focalizado, o atendimento de uma “urgência emocional” como demanda da população institucional. Trata-se de um paciente do sexo masculino, de 19 anos, solteiro e estudante de filosofia, com fortes traços narcísicos de personalidade. A queixa abrange, dentre outras coisas, uma desorganização interna, de pensamentos e uma estagnação para a ação. Expressava baixa auto-estima no discurso subjacente, a sensação de estar constantemente deslocado em seu grupo social e desgosto pela aparência, achando-se feio, além de uma constante sensação de vazio, embora possuindo também sentimentos de grandeza e superioridade perante outras pessoas e a necessidade de assumir papéis de destaque. Objetivamos expor que, a partir de uma prática psicoterápica focalizada e de curta duração, desenvolvida em vinte e duas sessões, que se prestou a uma ação parcialmente reparadora, através de uma nova comunicação, desta vez estabelecida entre paciente e terapeuta, o paciente pôde vivenciar a experiência de ser visto e aceito como ele é, e como consequência passou a apresentar mudanças na sua organização interna, com a melhora de sua auto-estima, bem como na sua organização externa, expressa pela mudança na forma de vestir-se, resignificando a sua existência e permitindo-se um lugar no mundo. Concluímos, que o estabelecimento de uma comunicação saudável viabilizou a sua melhora, considerando que esteve amparado emocionalmente. Justificamos também a viabilidade da técnica em questão, que instrumentalizou esta prática psicológica e validou mais uma vez o papel social que nós psicólogos desempenhamos em atendimentos institucionais à comunidade.

Eliane Moura Romanoli; Renata Bernardelli S. P. Maria.

Universidade São Marcos.



Narrativas de comunidades ribeirinhas da Amazônia.

A presente comunicação refere-se à participação em um projeto de extensão universitária, de caráter assistencial, realizado no ano de 1998. O referido projeto ocorre há cerca de 10 anos e denomina-se NAPRA (Núcleo de Apoio à População Ribeirinha da Amazônia). Tradicionalmente, é realizado no município de São Carlos-RO, localizado às margens do rio Madeira e distante aproximadamente 200km ao norte da capital, cuja referência é o distrito de Calama. O projeto, realizado anualmente durante o mês de julho, até o ano de 2000 foi mantido por iniciativa da Universidade São Francisco, estando em atividade atualmente por iniciativa de estudantes dos cursos de Medicina, Odontologia, Biologia e Psicologia, dentre outros. Uma das características evidenciadas ao longo das intervenções realizadas junto às populações ribeirinhas, refere-se à necessidade da afirmação da identidade local, considerando-se suas peculiaridades culturais e sociais. Em regiões distantes, cultural, geográfica e tecnologicamente dos centros de produção de conhecimento, intervenções de natureza psicossocial devem levar em conta os modos de organização e funcionamento da cultura local, sendo que as narrativas sobre seu cotidiano, encontram-se fortemente permeadas por personagens relativas exclusivamente ao seu contexto, exigindo do pesquisador imersão total na cultura local, para que as intervenções sejam congruentes às necessidades e características locais. Sob este aspecto, é possível destacar a atuação da Psicologia acerca do comportamento humano, visando a compreensão de suas variações e representações em diferentes culturas. Por meio da análise de narrativas locais, este trabalho teve como fundamento conhecer representações e práticas, bem como apreender as diferentes formas de narrar acontecimentos. Foram utilizados procedimentos de inserção na cultura local derivados das metodologias da Antropologia e da Psicologia Social e Comunitária, tais como a observação participante, entrevistas semi-estruturadas, visitas domiciliares e contatos espontâneos com a população. Foram recolhidas, como material para análise, narrativas, obtidas pelo contato junto a 33 moradores ribeirinhos, de ambos os sexos, com idades entre 08 e 81 anos. Utilizando-se a análise de conteúdo, foi possível identificar duas categorias presentes nos relatos: a relação homem-natureza e representações de concepção. Os resultados apontaram que as manifestações míticas se caracterizam como próprias de seu repertório linguístico; suas personagens não se apresentam isoladas no discurso, mas fazem parte de uma realidade em meio à natureza. O rio, os animais, os índios, seringueiros e curandeiros fazem parte de um mesmo contexto. O convívio com esta comunidade evidenciou o quão é fundamental a narrativa como meio de assegurar sua identidade e cultura; representa o seu cotidiano, a sua normalidade. Discute-se as implicações do conteúdo destas narrativas para as intervenções que o projeto busca realizar no local, sobretudo aquelas relacionadas ao campo das intervenções psicossociais e os procedimentos de inserção do psicólogo em comunidades.

Maristela Nardi

Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP



Nas malhas do poder: A função da Alopecia em profissionais sob pressão.

Introdução: Conhece-se como alopecia a perda total ou parcial do cabelo, que pode ser de origem hereditária, devido a idade ou a certas enfermidades físicas ou psíquicas do indivíduo. Trata-se de uma doença cuja incidência está crescendo na atualidade e apesar de ser mais freqüente no sexo masculino, também ataca as mulheres. Pesquisas recentes apontam que alguns tipos de alopecia podem estar relacionadas a problemas emocionais e ao stress. **Objetivos:** Este estudo teve como objetivo conhecer a dinâmica e os fatores desencadeantes da alopecia em uma trabalhadora que apresentava queixas de stress devido a pressão profissional e que desenvolveu a doença, com perda quase total dos cabelos, objetivou também, identificar elementos relativos a mudança e reposicionamento da cliente durante o processo terapêutico. **Método:** Foi realizado o estudo de um caso clínico de uma mulher de 37 anos, residente na cidade de São Paulo, atendida na forma de psicoterapia sistêmica. Para a intervenção e análise qualitativa, foram enfatizados os aspectos sócio-históricos da pessoa e utilizados os seguintes instrumentos: entrevistas clínicas, jogos psicodramáticos, expressões gráficas acompanhadas de histórias e informações médicas, dando especial atenção á análise de discurso. **Resultados:** Ao longo de 12 sessões a cliente apresentou melhora significativa com a remissão dos principais sintomas, a saber: diminuição considerável da queda dos cabelos e o surgimento de novos fios em regiões anteriormente afetadas. Desaparecimento da ansiedade e aumento da auto estima. **Conclusão:** A alopecia pode ser entendida como uma metáfora de uma determinada realidade individual, desencadeada por fatores sociais, dentre os quais o stress profissional. Através deste estudo de caso destacamos a importância de uma intervenção sistêmica na compreensão da pessoa com alopecia e de sua conduta relacional, que se ampliada a situações similares, poderá auxiliar na compreensão e tratamento a casos de distúrbios desencadeados pelo stress.

Maria Ines José Stella.

Centro Universitário - UniFMU.



Notas sobre a atuação do psicólogo no contexto jurídico da adoção.

Entre os diversos campos de atuação em psicologia jurídica, encontra-se o papel do psicólogo no assessoramento à autoridade judicial responsável pelo instituto da adoção. A adoção atribui a condição de filho(a) a crianças ou adolescentes que ficaram privadas da convivência familiar original, independente de laços consangüíneos, em caráter irrevogável, por meio de sentença judicial. Neste contexto, a legislação aponta para a existência de uma equipe interprofissional que auxilie a autoridade judiciária. Espera-se da equipe psicossocial que se pronuncie acerca da adequação ou não da medida de adoção, do ponto de vista psicológico e social, em cada caso específico. A atuação técnica implica a necessidade de critérios, sendo que em geral a preocupação psicossocial se volta para as condições de constituição do vínculo de filiação, mitos e preconceitos que podem prejudicar o adotando, habilitação ou não de pessoas interessadas em adotar, preparação para adoção, prevenção de novos abandonos, existência ou não de uma relação de parentalidade e filiação entre adotante e adotado, isto é, compatibilidade entre a medida legal requerida e a relação familiar estabelecida ou a se estabelecer entre as partes da adoção, do ponto de vista da vinculação afetiva, da inclusão familiar no papel designado pela adoção e das condições de promoção do desenvolvimento da criança ou adolescente no lar substituto. Esta atuação implica tanto a observância a preceitos legais, compilados especialmente no Estatuto da Criança e do Adolescente, como a consideração de variáveis subjetivas implicadas na adoção. Em muitos estudos psicológicos, a atividade de indicar pessoas como aptas ou não para adotar é criticada sob o argumento de que na relação natural de parentalidade não existe qualquer instância avaliativa como se coloca na adoção. Além disso, encontra-se a crítica de que o processo de adoção é moroso e que por causa da “burocracia” crianças ficam privadas da oportunidade de viver em uma família. A partir do trabalho de oito psicólogas, em equipe multidisciplinar com igual número de assistentes sociais, que atuam junto à Seção de Adoção da Vara da Infância e Juventude do Distrito Federal observa-se a necessidade de acrescentar elementos para essa reflexão. Além de exemplificar as dificuldades e oportunidades do trabalho do psicólogo no contexto jurídico da adoção, este trabalho aborda o desencontro entre representações sociais, e mesmo científicas, sobre adoção e o que se encontra no trabalho do psicólogo jurídico atual; diferenças entre critérios adotados por diferentes instâncias e profissionais envolvidos no mesmo processo de adoção e problemáticas da regulação jurídica (pública) das questões familiares (privadas) – temas que precisam ser pensados conjuntamente para responder de forma mais ética à demanda existente neste contexto.

Ivânia Ghesti.

Vara da Infância e da Juventude do DF; Universidade Católica de Brasília.



Novas Configurações Familiares: A Criança Filha de Mãe Adolescente e a Onipotência Infantil.

Ao estudar crianças que são filhas de mães adolescentes nos interessava compreender o lugar que esta criança ocupa na família, a ética que rege este grupo familiar em relação a ela e se há ou não a presença de indicador de onipotência infantil na sua constituição. Baseamo-nos em alguns autores psicanalistas, tais como Winnicott e Klein, que trataram do desenvolvimento infantil e da questão da onipotência. A metodologia foi a qualitativa e utilizamos os seguintes instrumentos de investigação: entrevista semi-estruturada, as Fábulas de Düss e o Desenho de Família com Estória. Participaram da pesquisa três crianças, com idades entre 4 e 7 anos, e suas respectivas mães. Todas procedentes da cidade do Recife, de padrão sócio-econômico e cultural médio. As entrevistas foram submetidas à análise de conteúdo e os testes projetivos foram analisados de acordo com os objetivos da investigação visando a verificação de conteúdo e não a formulação de diagnósticos. Os resultados mostram: 1) o lugar ocupado por estas crianças na família não favorece um desenvolvimento infantil adequado; 2) o indicador de onipotência está presente nestas crianças, não como forma de tirania absoluta, mas como indicativo de carência afetiva e possível ausência das figuras parentais, talvez devido à precariedade das relações familiares; 3) à medida que aumenta a idade cronológica destas crianças começam a aparecer as dificuldades de adaptação. Concluimos que o desenvolvimento infantil depende da qualidade das relações estabelecidas com a criança desde seu nascimento e não da configuração familiar a que pertence.

Janaína Viana Zoby; Janne Freitas de Carvalho; Maria Cristina Lopes de Almeida Amazonas; Manuela C. Carrazoni de Menezes

Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP



Novas metodologias para a investigação experimental das Falsas Memórias

O presente trabalho é parte integrante de um projeto maior que visa desenvolver metodologias de investigação experimental das falsas memórias adaptadas à realidade brasileira tendo por base o paradigma de palavras associadas. Pretende-se construir e normatizar 42 listas de palavras associadas, sendo 36 delas neutras e 6 emocionais. O presente projeto será composto por 3 etapas principais. A primeira etapa refere-se à escolha das palavras geradoras, as quais serviram de base para construção das listas. As 36 palavras geradoras das listas neutras são as mesmas utilizadas em estudos atuais da área, as quais foram traduzidas para o português pelo método de avaliação por juizes. As 6 palavras geradoras emocionais foram selecionadas a partir de categorias de emoções básicas, segundo avaliação de especialistas. A segunda etapa compreendeu a coleta piloto para construção das listas, na qual foram coletados dados de 50 sujeitos adultos. Nesta etapa também foram coletados dados qualitativos acerca da adequação dos materiais e procedimentos utilizados. De posse dos dados quantitativos e qualitativos obtidos na ocasião desta aplicação piloto foram realizadas as reformulações necessárias dos materiais e procedimentos. A terceira etapa refere-se à construção das listas propriamente dita, na qual foram coletados os dados com 427 sujeitos utilizando-se os materiais e procedimentos reformulados. Cada sujeito recebeu um bloco contendo 21 palavras geradoras, cada uma em uma folha do bloco; e em cada folha existem três espaços onde os participantes são instruídos a escreverem as três palavras mais associadas semanticamente à palavra geradora. As 42 palavras geradoras foram distribuídas aleatoriamente entre os sujeitos. Está sendo calculada a força associativa - através de fórmula - de cada resposta dada para cada palavra geradora, gerando, desta forma, 42 listas de palavras associadas (36 neutras e 6 emocionais), com 15 palavras em cada, dispostas em ordem decrescente de associação semântica com a palavra geradora. Como resultados do presente trabalho espera-se gerar subsídios metodológicos, inteiramente adaptados à realidade brasileira, para investigação experimental das falsas memórias, bem como de questões relativas à relação entre emoção e memória.

Felipe D. Detoni; Giovanni K. Pergher; Lilian M. Stein

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul



"Novas perspectivas de trabalho para o psicólogo na organização: saúde dos agentes de empresa de saúde no trabalho".

Cada vez mais no universo empresarial os aspectos chamados “não-técnicos” da realidade organizacional, isto é, as dimensões: cultural, simbólica, valorativa, ética e psicológica, passam a assumir uma importância crescente na definição de estratégias de mercado e associações com políticas locais e nacionais. Desde o final dos anos 60, se configurava no Brasil um movimento no campo da Psicologia nas Organizações que fez emergir uma preocupação com a compreensão do homem que trabalha, independentemente do aumento ou não da eficácia organizacional, e que foi constituindo novas práticas que vieram se modificando, não através de rupturas abruptas, mas pela incorporação, até de forma contraditória, de novas abordagens às vigentes (Sampaio, 2001). O presente estudo surgiu do cumprimento da proposta de estágio em Psicologia do Trabalho do último ano do Curso de Psicologia na Universidade São Marcos. Pretendemos apresentar um percurso e concomitantes desencadeamentos em cada etapa do processo na operacionalização do projeto de estágio. Nossa proposta foi trabalhar com questões ligadas à promoção da saúde na organização, que abrangesse, direta ou indiretamente, todos os atores e agentes ligados a ela. Tomamos como objeto de intervenção uma empresa que oferece serviços diretamente relacionados à Saúde: Medicina e Segurança do Trabalho. Do projeto não constava uma proposta fechada a priori, ele não partiu de categorias ou formas de análise pré-determinadas. Do levantamento das necessidades de empresários e funcionários foi realizado um estudo comparando a concepção de cada um dos grupos, sem deixar de apontar os contrastes individuais, em relação a todos os aspectos levantados passíveis de comprometer a “saúde da empresa de saúde”. Num segundo momento, tais “imagens” foram devolvidas ao cliente de forma a propiciar um processo de abertura à reflexão e a mudanças, assim como de organização do grupo em torno da re-significação de suas relações e atuação. Evitamos apresentar um “diagnóstico institucional”, pois o consideramos no caso um risco antecipar conclusões, visto que elas trabalhariam contra nossos propósitos, que seria o de permitir que o cliente elaborasse a devolutiva. Buscamos assim, como assinalou Spink (1974), um processo interativo onde o teórico, técnico, prático e o usuário compartilhem a busca do conhecimento pertinente às questões práticas do momento; onde a forma de trabalho é colaborativa e os dados são levantados para entender uma determinada problemática, discutida em conjunto na busca de quadros de referências teóricas que poderiam vir a orientar as ações posteriores dentro de um processo. Foi crucial a criação de condições onde as pessoas pudessem recuperar sua compreensão discursiva dos eventos que os circundavam, para que então pudessem levantar meios e recursos para influenciar tais eventos. A chave seria “abrir espaço na mesa de debates” para que as pessoas e os grupos pudessem sentar, argumentar, “negociar a ordem”, de forma que as diferentes dimensões dos fenômenos, inclusive ideológicas, pudessem ser confrontadas.

Marialice de Castro Vatauvuk; Gisele Fernandes; Paulo Carlos da Silva; Simone Andréia Coneglian; Marilene M. Martin Pedrini.

Universidade São Marcos.



Novo pensar, velho fazer? A atuação do psicólogo junto ao adolescente em conflito com a lei.

As crianças e adolescentes ao longo da história foram adquirindo direitos e, em 1990, com a edição do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), passaram a ser considerados, no Brasil, sujeitos de direitos. Contudo, constantemente estão nas manchetes de jornais a situação de miséria e violência a que estão submetidos e enfatiza-se a violência cometida pelos jovens, acentuando o preconceito contra eles. No que diz respeito a psicologia, ela está inserida nos órgãos de atendimento ao adolescente em conflito com a lei desde o antigo Juizado de Menores e das Febems e assumiu funções que contribuíram para exclusão e marginalização destes adolescentes. Hoje, com o ECA, lhe são atribuídos novos papéis, exigindo uma conduta diferente. Diante desses fatos é interessante conhecer a dinâmica de atuação do psicólogo nos órgãos de atendimento ao adolescente em conflito com a lei, em Sergipe/Aracaju, identificando sua visão sobre a problemática do adolescente autor de ato infracional, investigando suas práticas, conhecendo os referenciais teóricos utilizados, refletindo sobre a relação entre formação e prática e conhecendo as relações entre as equipes multiprofissionais. Foram realizadas entrevistas semi estruturadas com 08 (oito) psicólogos que atuam (cinco), ou já atuaram (três), nos referidos órgãos e a análise decorreu de forma qualitativa, a partir de categorias e unidades temáticas, fazendo uso do método da Análise de Conteúdo especificamente da técnica da Análise Temática. As principais reflexões realizadas giraram em torno dos seguintes eixos: o fato de se compreender a problemática do adolescente em conflito com a lei como uma questão social, porém na prática, privilegiar aspectos que dizem respeito ao individual; o limitado conhecimento que os entrevistados detinham sobre a legislação e consequentemente a desconexão com sua forma de atuar; as críticas aplicadas a formação universitária, considerada insuficiente na preparação do profissional para o mercado de trabalho; a dificuldade de adotar apenas um referencial teórico, da psicologia, como base, fazendo-se necessário a utilização de diversos, inclusive aliando-os a outras ciências; o trabalho em equipe, considerado importante na medida em que representa um complemento para o saber psicológico; por fim, foi constatado que a prática do psicólogo está passando por uma transição onde o individual ainda é privilegiado, no entanto, já se percebe a tentativa de transcendência para uma atuação que vise o coletivo.

Marcelo de Almeida Ferreri; Taysa Isidro de Albuquerque;

Universidade Federal de Sergipe



Novos estudos sobre avaliação mnemônica em processos seletivos: dados preliminares da tradução e adaptação do teste Memória Visual de Rostos para o Brasil.

A utilização de instrumentos de avaliação psicológica é uma prática já consolidada dentre as atividades profissionais da psicologia a mais de 80 anos. A utilização de testes psicológicos para avaliação de habilidades e aptidões do candidato em um processo seletivo tem como base oferecer indicadores de produção semelhantes as da atividade que ele irá realizar na função. Uma das habilidades mais solicitadas e requisitadas na avaliação psicológica, especialmente para as funções de atendimento ao público em instituições financeiras, é a memória. No Brasil, existe um pequeno número de instrumentos que se pode indicar em processos seletivos. Não se identifica nenhum instrumento em condições psicométricas que possibilite a avaliação desta habilidade atualmente. Desta forma, o objetivo do presente trabalho é traduzir e adaptar para o Brasil um instrumento para uso na avaliação de habilidades mnemônicas. Metodologia: O teste de Memória Visual de Rostos é composto de duas partes: a primeira de memorização, apresenta doze itens compostos de desenhos de rostos que são apresentados ao sujeito, juntamente com as informações referentes ao nome, sobrenome, profissão e procedência. A segunda parte de evocação é composta de vinte itens, referentes as informações apresentadas na etapa anterior, as quais o examinando deve marcar com base na lembrança da primeira etapa. O objetivo do instrumento está em avaliar a capacidade do examinando para lembrar de dados pictóricos e verbais atribuídos às pessoas. O processo de tradução e adaptação compreendeu a versão do espanhol para o português dos itens do teste e adaptação para o Brasil dos dados referentes a profissão e a procedência descritos nas fichas de memorização e evocação. Foram realizadas aplicações preliminares para adequação das instruções de aplicação e da avaliação da compreensão dos sujeitos de escolaridade fundamental incompleta. São apresentados os dados referentes a aplicações preliminares obtidos principalmente junto a profissionais da área de vigilância patrimonial obtidos coletivamente. Resultados: Inicialmente aplicou-se o MVR a um grupo de 17 sujeitos masculinos, vigilantes patrimoniais para verificar a compreensão das instruções e a adequabilidade da tarefa. Posteriormente, foi aplicado o teste a um segundo grupo, desta vez de sujeitos universitários, (N=93) de ambos os sexos, com idade entre 17 e 53 anos, sem experiência anterior profissional. Observou-se neste último grupo, escores médios (6,92) e desvio padrão (3,64). Demonstraram-se os índices de dificuldades dos itens para as vinte questões do texto e os estudos para determinar o tempo destinado a memorização e evocação das respostas. Conclusão: Os dados demonstram que embora se trate de um instrumento de potencial para utilização em processos seletivos, são ainda preliminares para a verificação da validade, especialmente de critério fundamental para comprovação de sua eficácia. Os estudos seguem para obtenção de novos resultados para uma base de dados e a construção dos procedimentos normativos, visando especialmente a representação dos estados de São Paulo e Rio Grande do Sul.

Anelise Lorenzatto; Adriana Zuñeda Peres; Gisele Aguiar Rodrigues; João Carlos Alchieri; Tatiana Mesquita.

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo-RS.



Núcleo da Dialética Exclusão Social/Inclusão Social.

O Programa de Estudos Pós Graduated da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo oferece como Núcleo de Pesquisa o Núcleo da Dialética Exclusão Social - NEXIN, que é coordenado pela profa. Dra. Bader Burihan Sawaia, desenvolve pesquisas com seus alunos (mestrandos, doutorandos e iniciação científica) tendo como objetivo eleger a afetividade como guia de análise das formas sutis de exclusão implícitas nos processos neo-liberais de integração social. Esse termo dialética da exclusão-inclusão é uma opção conceitual para expressar a lógica perversa da inclusão social na desigualdade. O referencial teórico é a Psicologia Sócio-Histórica de Lev Semenovitch Vygotsky e a filosofia de Baruch de Espinosa, sendo alimentada pelo diálogo com Michel Foucault e com a Teoria Social Crítica contemporânea, compondo o que denominamos de Psicologia Ético-Política. Nessa perspectiva teórica, a subjetividade é tratada como questão política, ou seja, é como um processo de conversão incessante do social e do político ao psicológico e vice-versa, cujo eixo é a humanidade na sua historicidade. O NEXIN analisa a ambiguidade da exclusão que visa captar o enigma da coersão social sob a lógica da exclusão na versão social, subjetiva, física e mental. O objetivo do NEXIN é abordar a exclusão sob a perspectiva psicossociológica para analisá-la como processo sócio-histórico que se configura na pelos recalcamientos em todas as esferas da vida social, mas é vivido como necessidade do eu, como sentimento, significado e ações. Para a concretização dessa análise é necessário compreender as nuances das configurações de diferentes qualidades e dimensões da exclusão social, ressaltando a dimensão objetiva da desigualdade social, a dimensão ética da injustiça e a dimensão subjetiva do sofrimento. Essa perspectiva de análise chamamos de ético-política e para captar os significados e sentidos dos temas de investigação tomamos por base o que o indivíduo pensa e sente, ou seja, a afetividade não é captada somente pelo significados das palavras, mas o que constitui o subtexto, entendido como os motivos que levam as pessoas a usarem as palavras que constituem os seus discursos. Os motivos, por sua vez, são constituídos pela base afetivo-volitiva de cada palavra, pois segundo Sawaia (2002) nossos afetos atuam num complicado sistema com nossos conceitos, ou seja, por detrás do pensamento há uma tendência afetivo-volitiva que detém a resposta ao derradeiro por quê da análise do pensamento. Os temas das pesquisas desenvolvidas no NEXIN são diversos, tais como: Cooperativa, Voluntariado, Adolescência, Drogas, Migração, Solidão, Assédio Moral, Dificuldades de Expressar Sentimentos, Família, Grupos, Adolescentes Institucionalizados, Prostituição Infantil, Portadores de Paralisia Cerebral, Portadores de Glaucoma, Diferentes Tipos do Morar - Singapura em São Paulo, A Questão do Sentido na Concepção de Vygotsky, Lepra, Movimentos Populares, Crimes em Família, A Loucura no Trabalho, Fenômeno Religioso - Neopentecostalismo, O Climatério nas Mulheres, Movimento da Consciência com Grupo de Professores, Mulheres em Cargo de Direção no Partido dos Trabalhadores, Os Novos Modelos de Gestão na Empresas, Vergonha, Humilhação, A Ação Sindical, Diferentes Formas do Viver a Exclusão em face da Invasão do Turismo, Trabalho Infantil, Participação da Mulher na Auto-construção de Casa, entre outros temas. Palavras Chaves: Significado, sentido, afetividade, sofrimento ético-político, epistemologia, exclusão/inclusão social, medo, solidão, migração, humilhação, assédio moral, gênero, paralisia cerebral, portadores de galucoma, loucura no trabalho, fenômeno religioso, adolescentes, drogas, mulheres, o morar, invasão do turismo, climatério, prostituição infantil, trabalho infantil, subjetividade, cooperativa, voluntariado, grupo, lepra, movimentos sociais, ação sindical, emoção, sistema psicológico, ética, servidão.

Rosângela da Silva Almeida; Margarida Barreto; Maria Regina Namura; Rose Khouri Ramaia; Carla Caruzo Dozzi; Paula Orchiucci Miura; Bruna de Oliveira Correa.

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.



Núcleo de Ação pela Cidadania.

O Núcleo de Ação pela Cidadania (NAC) foi fundado em 1998 no Instituto de Psicologia da USP. Hoje, conta com a participação de estudantes de graduação e pós, funcionários e docentes deste Instituto. São nossos objetivos: contribuir para a garantia dos direitos do cidadão; favorecer o surgimento de espaços de reflexão e a elaboração de práticas que possibilitem o exercício da cidadania; e refletir para transformar a formação e atuação de psicólogos, buscando potencializar uma ação comprometida com a igualdade social. Adotamos como principal estratégia de ação a problematização de aspectos tratados, geralmente, como 'naturais', mas que acreditamos serem fruto de uma gama de relações social, histórica e culturalmente construídas. Intentamos, assim, resgatar suas raízes e, com isso, descristalizá-las, destacando as sementes sociais de preconceitos e mitos. Temos como público alvo, atualmente, membros de Movimentos Populares; Comunidades Indígenas Guaranis; jovens em conflito com a lei; e estudantes, funcionários e docentes da USP. Nos Movimentos Populares, estamos desenvolvendo uma intervenção com o Movimento de Luta por Moradia no Centro de São Paulo, visando contribuir com a discussão e transformação da realidade de crianças e adolescentes que vivem em situação de exclusão de seus direitos, não apenas por não terem, ainda, condições dignas de moradia, como também por estarem, em grande número, fora das escolas. A intervenção na Comunidade Indígena Tekoa Itu, do Projeto Interdisciplinar Oim Iporã ma Ore-rekó, visa a contribuir para a garantia dos direitos indígenas, assim como para a valorização de sua cultura e a troca de aprendizados/experiências entre universitários e a comunidade em questão. O projeto Liberdade Assistida: Ação e Reflexão com Adolescentes Autores de Ato Infracional, realizado por estudantes de psicologia e História da USP, objetiva, em consonância com o Estatuto da Criança e do Adolescente, favorecer a reflexão desses jovens acerca das diversas possibilidades de inserção social. Nosso objetivo é contribuir para que os adolescentes questionem ativamente de seu papel da sociedade por meio da descoberta de seus recursos internos de maneira que possam rever suas práticas, o lugar que ocupam na sociedade e qual seria uma nova forma de se verem nela inseridos. Além das intervenções, procuramos manter sempre aberto um espaço de formação (supervisões, eventos e grupos de estudo), que subsidie nossas ações, respaldando-as com discussões e fundamentações teóricas sobre: cidadania, direitos, desigualdades sociais e formas de transformá-las, o papel da Universidade e o papel específico da Psicologia na manutenção ou transformação das condições de vida da população oprimida. Desejamos colaborar para que a Psicologia não se isente de contemplar a diversidade de pensamentos e práticas, abrindo espaço para a formação de profissionais sensíveis e críticos à nossa realidade social. Ressaltamos, também, o valor da Extensão Universitária para a formação do estudante de graduação e pós-graduação, assim como para o trabalho docente e técnico articulado com a realidade social. Parte de nossos projetos são reconhecidos pela Universidade através do financiamento do Fundo de Cultura e Extensão da USP.

Adriana Queiroz Testa; Alice Turazzi; Daniela Morita Nobre; Danile Teixeira; Felipe Andrés Calderon Roa; Fernando Stankuns Figueiredo; Janaina Corazza Barreto Silva; Juliana Breschiagliare; Juliana Bustamante; Katia Ackermann; Leo dos Reis Rodrigues; Lygia de Souza Viégas; Maria Manoela Moreno; Mariane Ceron; Vanessa da Cunha Prado D'Afonseca.

USP.



Núcleo de apoio à População Ribeirinha da Amazônia: uma experiência diferencial na formação em psicologia.

O NAPRA (Núcleo de Apoio à população Ribeirinha da Amazônia) é um projeto multi-disciplinar que busca desenvolver nas comunidades ações preventivas, tecnológicas, ambientais, curativas e de pesquisa científica de curto, médio e longo prazo. Inicialmente, o NAPRA era um projeto de extensão comunitária da Universitária São Francisco, desde 2001, desvinculou-se da mesma, sendo assumido por graduandos e profissionais formados nesta instituição de ensino. O NAPRA é formado por profissionais e estudantes universitários de diversas áreas do conhecimento: Biologia, Economia, Educação física, Engenharia de Produção, Farmácia, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Medicina, Odontologia e Psicologia, que procuram atuar promovendo a integração entre diferentes áreas de conhecimento, superando as diferenças entre as mesmas. O grupo de Psicologia do NAPRA desenvolveu uma intervenção durante 30 dias no mês de julho/2001 através de diversos encontros com crianças, adolescentes e adultos das comunidades de São Carlos, Reserva Extrativista do Lago do Cuniã e Ribeirinhos do Rio Madeira, em Rondônia. Estes encontros visaram o desenvolvimento da consciência identitária e cultural nas comunidades ribeirinhas da Amazônia, como meio de fomentar condições para a promoção de autonomia entre os grupos da comunidade. O método utilizado foi inicialmente uma familiarização com os ribeirinhos, incluindo-se procedimentos tais como a observação participante, a realização de visitas domiciliares, entrevistas semi e desestruturadas junto a moradores e lideranças locais e encontros para a inserção e sociabilização entre moradores e estudantes, promovendo discussões grupais sobre o processo de construção da identidade na comunidade, identificando e refletindo os determinantes sociais, interpessoais e culturais importantes para sua construção. O painel proposto pretende relatar esta experiência singular de inserção e intervenção junto a uma comunidade distante geográfica, cultural e tecnologicamente dos centros de produção de conhecimento e refletir implicações presentes neste processo para a formação de psicólogos.

Cardoso, L.M.; Franco, R.R.C.; Moreno, M.P.

Universidade São Francisco.



Nunca é tarde para recomeçar.

Trata-se de um estudo que investigou, junto a estudantes universitários que já concluíram um curso superior, o processo de tomada de decisão para reiniciar os estudos. A preocupação principal da pesquisa foi identificar e descrever os motivos que levam estes indivíduos a decidirem voltar a estudar e as mudanças ocorridas em suas vidas antes e durante este período. Este projeto é de grande importância devido à escassez de trabalhos realizados nesta área, que possibilitem melhor conhecer o assunto, sendo esta uma das preocupações atuais da Psicologia, ou seja, estudar o desenvolvimento psicossocial dos alunos e suas interações e realizações com esta nova realidade universitária. Destaca-se ainda a importância de se pesquisar este tema, uma vez que esta é uma população que vem crescendo bastante nas universidades e que ganha um destaque especial devido às experiências adquiridas, por já ter feito parte de uma vida acadêmica e pertencer a uma faixa etária diferente dos demais. Estudou-se casos de alunos que já experienciaram o processo acadêmico, concluindo-o e retornaram os seus estudos no Curso de Psicologia em uma universidade particular no município de Campinas. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semi-estruturadas, realizadas individualmente, de modo a atender os objetivos definidos, e manter o sigilo segundo determina a ética. Houve a preocupação de se selecionar alunos de diferentes séries acadêmicas com a finalidade de se acompanhar as fases desse processo da retomada dos estudos, isto é, o início, o meio e fim do segundo curso. A análise dos dados se deu de forma qualitativa, ou seja, análise categorial e os resultados foram interpretados fazendo-se uma comparação entre as respostas obtidas e a literatura sobre o assunto. Os principais motivos que levaram os sujeitos a reiniciar os estudos foram: insatisfação com a primeira profissão, dificuldade financeira, influência das pessoas que os cercam, buscavam novos caminhos, objetivos e/ou soluções. Porém não podemos generalizar esses dados já que está é uma amostra muito pequena, e em uma única instituição demonstrando na maior parte as experiências dos sujeitos.

Millena Bertipaglia Fiori; Maria Laura Melchor Gomes; Isabel Cristina Dib Bariani.

Pontifícia Universidade de Campinas.



“O (Des)preparo de Alunos do Ensino Médio para o Vestibular e as Escolhas Profissionais”.

Esse trabalho, que está na fase preliminar, foi realizado com o objetivo de caracterizar os alunos do terceiro ano do Ensino Médio quanto ao preparo para o vestibular e o contato com o processo de Orientação Profissional. A escola está associada à Fundação Municipal de Ensino de Piracicaba (FUMEP). Além de oferecer o Ensino Médio dispõe de alguns cursos profissionalizantes e ensino superior na área de exatas, porém não tem nenhum projeto de Orientação Profissional ou algum profissional qualificado para auxiliar o estudante nessa decisiva fase, marcada pela entrada no mundo adulto (trabalho), escolha profissional e despedida de amigos da escola. Após esse trabalho na escola espera-se desenvolver grupos de alunos de Orientação Profissional com contrato de duração definido. O referencial teórico desse estudo é o do Rodolfo Bohoslavsky. O método utilizado foi baseado na estatística descritiva, para a caracterização dos dados e análise qualitativa nas respostas do questionário informativo; que contém sete questões fechadas de dupla escolha e uma última questão com cinco alternativas, após uma palestra sobre o processo de Orientação Profissional e debate. Os itens do questionário abordaram os dados pessoais, a participação do aluno em orientação profissional, no exame do ENEM, como treineiro em vestibulares estaduais e a última questão aborda a decisão profissional. Foi realizada palestra educativa nas três séries do ensino médio, totalizando a abordagem a 250 alunos num dia, no segundo semestre de 2001, porém o questionário só foi aplicado nos sessenta e sete alunos do último ano. O tema da palestra foi sobre “A Orientação Profissional” em que foram esclarecidos o trabalho do psicólogo, a sua delimitação, as etapas do processo desta, a reflexão sobre a escolha profissional, a duração e modalidades e foi mostrado o vídeo de um ambiente de trabalho de quinze minutos. Os estudantes, em geral pertencem à classe média, a maioria é do sexo masculino, a faixa etária oscila entre 14 a 18 anos, apenas uma minoria utilizou o serviço de Orientação Profissional, há diferença de gênero no item sobre o contato com algum conhecido que já tenha participado do processo e das instituições que realizam (escolas, consultório particular de psicologia e “Casa do Médico”). A maioria dos estudantes já participaram do ENEM, porém não como treineiros de vestibular. As jovens demonstraram ter maior iniciativa e curiosidade sobre informações de profissões e vestibular (internet) que os rapazes, mas mostraram estar mais ambivalentes quanto à escolha profissional. Após a análise dos questionários e as questões levantadas no debate após a palestra houve uma confirmação da falta de informação, despreparo e certa despreocupação dos estudantes sobre a escolha da carreira e a necessidade de se implantar grupos de Orientação Profissional na escola, abrangendo o contato com alunos (grupos com encontros semanais e enquadre definido) e professores para realizar reunião com o intuito de troca de experiências e informação sobre a atuação do psicólogo na escola.

Eliana Maria Paulino da Costa Santos.

(FFCL) -Ribeirão Preto – USP.



O “abuso sexual” como argumento e o sintoma parental: contribuições psicanalíticas.

As histórias de abuso sexual contra crianças e adolescentes, comuns no âmbito jurídico, provocam reações diversas entre aqueles que tem acesso a elas. Contudo, percebe-se a utilização deste argumento em processos judiciais com objetivos diversos daqueles relacionados à proteção da criança. Muitas vezes, observa-se o uso do argumento de abuso sexual para afastar genitores e filhos. E, não se pode negar, é um argumento de muito peso. Em alguns destes casos, a construção do argumento conjuga-se ao sintoma presente na relação amorosa entre os genitores e revela, em outra dimensão, a verdade do desejo ali presente. Em estudo de caso acompanhado no Fórum Lafayette, Belo Horizonte, a acusação de abuso sexual, promovida pela mãe da criança contra o pai de sua filha, visava a afastar a menina de um “perigo” que, inconscientemente, relacionava-se ao desejo da própria mãe. Por um lado, a demanda da mãe deixava vislumbrar sua dificuldade em aceitar a separação e o fato de que fora abandonada; por outro, ligava-se também a um desejo incestuoso pelo pai, próprio à estruturação edípica, e que era preciso negar. Afastando a filha do pai, ela livrava-se do perigo de lidar com seu próprio desejo, além de conseguir, num plano mais explícito, afetar o homem que agora era preciso degradar por não ser possível possuir. Dessa forma, atingia também a outra mulher, que tomou seu lugar como objeto de desejo daquele homem. Para a mãe, a criança condensava, pelo menos, duas dimensões do desejo: na primeira, identificada com a filha, via na menina seu próprio desejo incestuoso; na segunda, da posição de excluída, percebia na filha a concorrente, a outra mulher que capturava o desejo paterno. O afastamento entre pai e filha por abuso sexual encobria, imaginariamente, a primeira dimensão e distorcia a segunda. No decorrer dos atendimentos e das intervenções, a posição subjetiva da mãe foi se revelando e apontando possíveis desconstruções. Ao final, foi sugerido a ela tratamento analítico e/ou psicoterápico. A história não produziu sintomas evidentes na criança. Ela sentia falta do pai e de sua nova companheira, com quem mantinha um bom relacionamento. A retomada dos encontros entre pai e filha, conjugada ao tratamento da mãe, foi o caminho apontado para a desconstrução desta versão do desejo que levou a ação judicial. O devir desta história e suas conseqüências para a criança não são muito previsíveis. Entretanto, pode-se afirmar que o tratamento da mãe é importante para este devir. Assim, pode-se afirmar que muitas demandas dirigidas à instituição judiciária tem que ser tomadas em sua complexidade, pois a utilização do discurso jurídico, sustentado em certos significantes mestres da cultura e do momento histórico, podem levar a sérias distorções quanto aos ideais da Justiça, fazendo das práticas judiciárias parceiras do sintoma do sujeito.

Hélio Cardoso de Miranda Júnior.

Tribunal de Justiça – MG; PUC-MG; CEIA – Centro de Estudos da Infância e Adolescência.



O “estado da arte” do Comprometimento com a Carreira.

Os vínculos do trabalhador com o mundo do trabalho vêm mudando com as novas estruturas organizacionais. Enfraquece-se a idéia de carreira em uma só organização e fortalece-se a idéia de aprimoramento constante para a permanência do indivíduo no mercado de trabalho. Esta pesquisa apresenta a análise do levantamento bibliográfico da produção científica sobre o vínculo que o trabalhador estabelece com sua carreira, a partir de pesquisas brasileiras, no período de 1990 a 2002 e se justifica pela necessidade de progredir nos estudos, nesta área do conhecimento e, conseqüentemente, fornecer subsídios para a gestão em recursos humanos. Tem como objetivos a organização de informações que contribuam para a conceituação do comprometimento com a carreira, a diferenciação deste construto dos vínculos com a ocupação e a profissão; a identificação das variáveis que ajudam a explica-lo e os instrumentos comumente utilizados na mensuração. A partir das pesquisas nacionais, ordenaram-se as informações, por assunto e autor, identificando-se 36 títulos dos quais 21 artigos conceituam o comprometimento com a carreira; 10 conceituam os focos do comprometimento na ocupação e na profissão, comumente confundidos como sinônimos do foco na carreira; 11 apresentam as variáveis determinantes do construto e, 13 apresentam o instrumento utilizado. Estes artigos foram solicitados via Banco de Dados. Foram encontrados e confeccionadas fichas de 12 artigos. A ordenação das informações contidas nos títulos encontrados possibilitou identificar o Comprometimento com a Carreira como um foco mais amplo, que abrange os focos de comprometimento com a profissão, caracterizada pela identificação e envolvimento com os valores de uma profissão (que exige treinamento, reconhecimento social da atuação e grupo de identificação) e comprometimento com a ocupação, caracterizado pelo desejo em permanecer na ocupação atual mesmo com propostas para abandoná-la (aprendizagem de uma ação, atuação no mundo do trabalho). Assim, o Comprometimento com a Carreira foi caracterizado como o desenvolvimento de metas pessoais para a carreira abrangendo persistência, identificação e envolvimento com elas. De modo geral, as pesquisas apontam como determinantes relacionados positivamente a idade, locus de controle interno, altos níveis de escolarização, presença de um mentor, supervisão participativa, maior tempo na profissão, solteiro, saliência do trabalho na vida, oportunidade de desenvolvimento da carreira na organização, comprometimento organizacional, satisfação com a carreira e no trabalho e status; e negativamente relacionado com ambigüidade de papéis, conflito de papéis e rotatividade. O instrumento, mais utilizado pelas pesquisas brasileiras, foi validado no Brasil por Bastos, sendo composto por 7 itens que medem o desejo do indivíduo em permanecer na carreira. Nas pesquisas internacionais encontram-se outras propostas de mensuração do construto, anteriores a validação da escala citada. Da análise dos resultados obtidos, concluiu-se que se faz necessário a definição do conceito de Comprometimento com a Carreira que sustente o avanço nas pesquisas com dois propósitos primordiais: a ampliação do conhecimento sobre os preditores e correlatos do comprometimento com a carreira e a estruturação de uma metodologia de pesquisa que propicie o levantamento destas informações. Constatou-se que o futuro desta área do conhecimento está relacionado às pesquisas de múltiplos focos de comprometimento.

Elizabeth Navas Sanches; Melissa Guimarães.

Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI.



O acolhimento da família no H.D.

O Hospital-Dia Ricardo Montalban, localizado na unidade docente assistencial de Psiquiatria do Hospital Universitário Pedro Ernesto foi criado em 1993, ampliando o trabalho que vinha sendo desenvolvido no Espaço de Atividades e Convivência onde mantinha um projeto de atividades com pacientes ambulatoriais desde 1988, tem por objetivo abraçar a causa do movimento anti-manicomial, nascido em 1987, que nega o manicômio como forma de tratamento. O H.D. tenta propor novas alternativas terapêuticas ao indivíduo portador de transtornos psíquicos e à sua família. Desde o primeiro encontro, que acontece na triagem, procuramos ouvir o drama familiar, esclarecer dúvidas e tentar desmanchar culpas. Procuramos uma aliança com a família pois entendemos que o nosso trabalho agregado aos laços familiares, será a melhor técnica utilizada para o sucesso do tratamento. Procuramos fazer uma anamnese detalhada e por vezes há necessidade de outros encontros para que esta fique completa. Após o término da anamnese, é feito um contrato com o paciente referente aos dias e oficinas em que ele participará, contamos com a disponibilidade de vagas e com o interesse do paciente por alguma oficina. Oferecemos uma variedade de oficinas, lazer, atendimentos individuais e grupais. Semanalmente acontece um atendimento a pequenos grupos de familiares com a presença de aproximadamente quatro membros e o tema sempre gira em torno da problemática do usuário, procuramos esclarecer dúvidas e se necessário discutimos sobre a patologia do paciente porque observamos que quanto mais informação o paciente e sua família obtiverem, sua angústia perante a desconhecida e indesejada doença mental, será diminuída. Neste momento procuramos sondar o sofrimento da família e à medida que for observada a necessidade de o familiar ser orientado a uma psicoterapia individual, isto será feito. Mensalmente procuramos atender a todo o grupo familiar dos usuários, com a intenção de socialização, buscando nesta interação pontos em comum, os problemas discutidos são pertinentes ao momento e a dúvidas que por ventura possam surgir.. O corpo técnico funciona interdisciplinarmente e conta com psiquiatras, psicólogos, assistentes sociais, enfermeiras, residentes e estagiários, devidamente supervisionados. Do trabalho oferecido com as oficinas, temos: Oficina de Culinária, Oficina Corporal, Oficina de Convivência, Oficinas de Teatro, de desenho, de Jornal, de dança, entre outras. Oferecemos televisão e sessão de vídeo. Quanto à psicoterapia individual, esta acontece conforme a demanda dos pacientes e estes são atendidos pela psicóloga em sala individualizada, ou pelo psiquiatra, quando sua demanda é psicofarmacológica. Semanalmente acontece a psicoterapia em grupo. Por fim, temos por objetivo assistir ao fim do domínio do sistema de segregação com sua ótica asilar, que rege a política social em relação ao louco desde o século passado. Tentamos colocar em prática a possibilidade de usar outras formas de olhar o louco, e propomos a reflexão sobre o lugar da Psiquiatria e do louco na nossa sociedade.

Ademir Pacelli Ferreira; Coimbra, Jaqueline Ferreira; Sobreira, Carolina Bragança.

Instituto UDAP/HUPE-UERJ.



O Acompanhamento Terapêutico como uma nova tecnologia possível na rede de saúde pública.

Tendo como referência a lei número 9.716 que dispõe sobre a reforma psiquiátrica no Rio Grande do Sul e o movimento da luta antimanicomial, a prática do Acompanhamento Terapêutico (AT) tem sido repensada no que diz respeito ao seu campo de atuação: até então este era praticado no âmbito privado, quer dizer, era realizado por profissionais ou estudantes autônomos sem vínculo necessário com alguma instituição. Recentemente tem sido discutido e proposto na esfera pública, ou seja, já existem algumas - poucas - experiências que tentam dar conta desta modalidade de intervenção clínica e social em setores da saúde pública, onde nos incluímos através de nossa pesquisa. A necessidade de qualificação de trabalhadores para que possam executar a função de acompanhantes terapêuticos tem chamado a atenção de setores que gerenciam a saúde pública no Estado do Rio Grande do Sul. Isto justifica a intenção de compartilharmos esta experiência para que possa ser discutida no contexto do fazer do psicólogo, o que implica na abordagem de alguns conceitos e tópicos fundamentais como: ética, saúde pública, terapêutica, novas tecnologias e outros. Na esteira do movimento em favor da reforma psiquiátrica cada vez mais os trabalhos em saúde mental deixam de restringir-se ao âmbito limitado dos hospitais psiquiátricos, estendendo seu campo de atuação à esfera urbana, o que tem demandado uma nova postura dos profissionais que atuam nesta área. É pela diversificação e extensão dos espaços de exercício dos profissionais envolvidos e pela criação de novas estratégias e campos de operação que estes tem conseguido dar conta destas formas de pensar questões importantes da saúde coletiva. Neste contexto surge o Acompanhamento Terapêutico como uma nova tecnologia possível de ser explorada nestas novas.

Eduardo Pelliccioli; Neuza Guareschi.

PUCRS; UFRGS; Rede de Saúde Pública do Município de Viamão; FAPERGS.



O Acompanhamento Terapêutico como uma nova tecnologia possível na rede de saúde pública.

Tendo como referência a lei número 9.716 que dispõe sobre a reforma psiquiátrica no Rio Grande do Sul e o movimento da luta antimanicomial, a prática do Acompanhamento Terapêutico (AT) tem sido repensada no que diz respeito ao seu campo de atuação: até então este era praticado no âmbito privado, quer dizer, era realizado por profissionais ou estudantes autônomos sem vínculo necessário com alguma instituição. Recentemente tem sido discutido e proposto na esfera pública, ou seja, já existem algumas - poucas - experiências que tentam dar conta desta modalidade de intervenção clínica e social em setores da saúde pública, onde nos incluímos através de nossa pesquisa. A necessidade de qualificação de trabalhadores para que possam executar a função de acompanhantes terapêuticos tem chamado a atenção de setores que gerenciam a saúde pública no Estado do Rio Grande do Sul. Isto justifica a intenção de compartilharmos esta experiência para que possa ser discutida no contexto do fazer do psicólogo, o que implica na abordagem de alguns conceitos e tópicos fundamentais como: ética, saúde pública, terapêutica, novas tecnologias e outros. Na esteira do movimento em favor da reforma psiquiátrica cada vez mais os trabalhos em saúde mental deixam de restringir-se ao âmbito limitado dos hospitais psiquiátricos, estendendo seu campo de atuação à esfera urbana, o que tem demandado uma nova postura dos profissionais que atuam nesta área. É pela diversificação e extensão dos espaços de exercício dos profissionais envolvidos e pela criação de novas estratégias e campos de operação que estes tem conseguido dar conta destas formas de pensar questões importantes da saúde coletiva. Neste contexto surge o Acompanhamento Terapêutico como uma nova tecnologia possível de ser explorada nestas novas regiões que vão surgindo e, ao mesmo tempo, modificando o cenário onde se constituem. As discussões contemporâneas em torno do AT propõem múltiplas funções e finalidades para a sua prática e dentre algumas delas, poderíamos destacar a da sistemática de saídas com o paciente pelas ruas da cidade (ou mesmo, por algum período, em sua própria residência ou instituição), que pode contribuir para que este tenha uma outra oportunidade de formular ou fortalecer os laços sociais que sustentam sua condição de sujeito e cidadão, não só junto à família, mas à pólis. A partir daí, o acompanhante terapêutico passa a constituir-se não só como um agente psicoterapêutico, mas também como uma espécie de intermediador de questões que eventualmente problematizem a vida daquele que é acompanhado, assistindo-o de forma ativa nos mais variados contextos e situações possíveis e sempre situando seu acompanhamento junto aos outros serviços da instituição pública na qual se insere. No momento em que este profissional passa incorporar a vida de seu paciente, acompanhando-o em idas e vindas, venturas e desventuras, é que poderá produzir, engenho com ele, alternativas para velhos problemas e descobertas de novos campos ainda inexplorados, dando um caráter não só clínico para este fazer, mas até mesmo de refundador de uma cidadania e seu exercício.

Eduardo Pelliccioli; Neuza Guareschi.



O adolescente do CAPS como protagonista juvenil.

O presente trabalho foi desenvolvido durante o Estágio de Psicologia Educacional, realizado num Centro de Atenção Psico-Social (CAPS), que atende pré-adolescentes (9 a 13 anos) e adolescentes (14 a 18 anos) em situação de risco social. Esta instituição foi fundada em junho de 2000 e sua equipe é composta por 20 profissionais, dentre os quais encontra-se psicóloga, educadores sociais, pedagoga, professor de educação física, professor de artesanato, professor de teatro, assistente social, médico, dentista, entre outros responsáveis pela manutenção e coordenação da instituição. O CAPS atende uma população flutuante, ou seja, o adolescente pode ir e vir quando quiser, não sendo obrigatória sua frequência. A média diária de adolescentes que passam pela instituição é de aproximadamente 20. Estes adolescentes se encontram em situação de risco social, e são vulneráveis ao uso de drogas, violências, contaminação por DST's / AIDS, entre outras questões que vivenciam quotidianamente. Frente a esta realidade, é preciso considerar que a adolescência é um processo de construção de identidade, entre outros aspectos importantes à subjetividade do sujeito. Em meio à tamanha missão, ainda encontramos expressões estereotipadas de adultos, que os rotulam de “aborrecentes”, irresponsáveis e, por isso, incapazes de comprometer-se com ações que envolvem questões sociais, políticas, econômicas, etc. Em contrapartida, acredita-se no adolescente inovador, cheio de vida e projetos para o futuro, possuidor de potencialidades e capaz de engajar-se na dimensão social, onde ele possa ser e sentir-se o personagem principal de uma história. Este “personagem principal” são adolescentes de múltiplas faces, habilidades e experiências de vida. Através da realização da oficina de protagonismo juvenil pretendeu-se comprometer os adolescentes à questão da cidadania, para que sejam protagonistas de sua história, bem como na transformação social. Além disso, visou-se divulgar o trabalho do CAPS à comunidade geral, elaborações e discussões reflexivas, instigar pesquisa, e desenvolver capacidades como: domínio da leitura e da escrita; analisar, sintetizar e interpretar dados, fatos e situações; compreender e atuar em seu entorno social; receber criticamente os meios de comunicação; localizar, acessar e usar melhor a informação acumulada; planejar, trabalhar e decidir em grupo. Neste sentido, os adolescentes criaram o jornalzinho do CAPS. No decorrer desta oficina, foram publicados dois jornaizinhos bimestrais, com temas referentes aos objetivos propostos. Neste contexto, pré-adolescentes e adolescentes perpassam seus limites da fala e da escrita, refletindo e produzindo sobre temas que consideram relevantes para sua vida e para a sociedade.

Greici Zanella Conteratto; Kelly Aparecida Fritzen; Leia Viviane Fontoura;

Universidade do Vale do Itajaí – Univali.



O atendimento psicológico à família de pacientes idosos dependentes com perda cognitiva.

Este estudo tem como objetivo relatar que tanto o paciente idoso dependente quanto sua família, na perspectiva dos possíveis processos de perdas físicas com o envelhecer, adentram um contexto novo e desconhecido. Percebemos que pacientes idosos dependentes, muitas vezes por doenças crônico-degenerativas, apresentam, também, perdas cognitivas e deixam de ser aquela pessoa com um papel familiar definido. Nessa circunstância, novos registros se tornam difíceis, levando a um não reconhecimento dos próprios familiares, ocasionando atitudes de revolta, de perda de referência e uma possível desestruturação familiar. A família, reconhecendo seu novo papel, a partir dessa situação crítica, do sofrimento subjacente a ela, da perda da imagem introjetada desse familiar idoso, pode passar por transformações profundas, as quais estabelecem um outro nível para as relações intergeracionais. Esse processo pode ser trabalhado com o auxílio de equipes multidisciplinares. Neste caso, o psicólogo é um agente facilitador do enfrentamento dessa intercorrência. É importante que o profissional tenha uma visão interdisciplinar para que possa deter maior compreensão do quadro psico-social, ou seja, do paciente em primeira instância e, posteriormente, da família visualizada em si, no entorno e em seu contexto social. O atendimento psicológico, principalmente, àqueles que serão os cuidadores familiares, consiste na transmissão e na viabilização do diálogo possível entre o paciente e o cuidador. Com o objetivo de ser um canal de expressão dos familiares. Cabe ao psicólogo, porém, ter uma escuta e um olhar diferenciados para essas falas, pois, ao mesmo tempo, pode ocorrer uma situação de conflito – cuidar x revolta (não cuidar) –, além da provável condição de estresse por parte daquele que cuida. O cuidador necessita, de antemão, ter um tratamento preventivo, ou seja, ser cuidado/preparado para a execução objetiva das tarefas e para a aceitação subjetiva da dependência do familiar idoso. Simbólica e efetivamente, o cuidador passa a “viver” em dois corpos: o próprio corpo e o corpo do idoso. Assim sendo, é de se supor que o familiar acompanhado psicoterapeuticamente encontre uma forma de reconstruir seu elo com o paciente. Como notamos, em alguns casos clínicos, quando fomos procuradas pelo familiar cuidador, o mesmo relata a perda de referências demonstrada pelo paciente, em consequência da doença. Porém o paciente não tem consciência disso. Ao passo que o familiar também perde referências, aquelas instituídas no tempo do “antes”, com a consciência daquilo que perdeu. É nesse múltiplo complexo que o atendimento psicológico entra como instrumentalização para escuta e orientação de toda a dinâmica desconhecida que se instalou na família com a dependência do idoso. A história familiar precisa ser reestruturada e reconfigurada. Entre outros elementos terapêuticos que envolvem o estar com um idoso familiar dependente, o cuidador – sem esquecer o núcleo familiar – orientado precisa ser capacitado a lidar interiormente com esse corte nas relações de identidade e, muitas vezes, de intensa afetividade, com o novo papel de cuidador-herói, com sua incapacidade, com a projeção e o medo de seu futuro, sob pena de, em alguns casos, quando não estruturado, compartilhado, orientado adequadamente e em tempo, poder adoecer e chegar à morte.

MAKI, Mirian A.; ARCURI, Irene; HAYAR, Maria Angélica.

PUC/SP.



O atendimento psicológico ao paciente laringectomizado total.

A laringectomia total ocorre, normalmente, em pacientes acometidos por câncer no laringe e o procedimento cirúrgico consiste na extirpação total do laringe e cordas vocais, e presença permanente do traqueostoma (orifício na base do pescoço). A cirurgia altera os mecanismos de condução do ar até os pulmões e a respiração passa a ser feita pela via digestiva, com separação permanente entre as vias digestiva e respiratória. Em 1983, foi montado, na Clínica Universitária Henry Dunant, sob os auspícios da Faculdade de Fonoaudiologia da UNESA, o Núcleo da Voz Esofágica, objetivando oferecer campo de estágio a alunos do Curso de Fonoaudiologia, no que se referia ao atendimento ao paciente laringectomizado total. A partir de 1996, este núcleo passou também a oferecer campo de estágio aos alunos de Psicologia, que se interessavam pela área da Saúde com vistas a atendê-lo em suas dimensões biopsicossociais. Este trabalho apresenta uma proposta metodológica, a nível psicológico, de atendimento ao paciente laringectomizado total e aponta a viabilidade da mesma, cujos objetivos são reaprender a viver e oferecer suporte ao desenvolvimento da voz esofágica. O encaminhamento dos pacientes é feito através de profissionais da Rede Pública/Privada ou ex-pacientes que conhecem o trabalho desenvolvido na Clínica. Ao chegarem, são avaliados para determinação da capacidade de desenvolver a voz esofágica e, encaminhados à Psicologia para atendimento. Os Procedimentos são: Grupo com técnicas auto-expressivas com objetivo de reconhecer o corpo mutilado e reestruturar os novos esquemas e imagens corporais; Psicoterapia Breve de Orientação Psicanalítica, com o objetivo de fortalecer o ego, elaborar o luto, oferecer um novo conhecimento sobre si mesmo, descoberta de novas potencialidades, compreensão dos próprios limites e desenvolvimento da auto-estima; Psicoterapia Breve de Orientação Psicanalítica aos familiares, com o objetivo de oferecer uma compreensão dinâmica do momento de crise e instrumentalizá-los a participar do processo de reabilitação do paciente; e Interconsulta entre os profissionais de Psicologia e Fonoaudiologia com vistas a um melhor atendimento e otimização do processo de reabilitação. As atividades iniciam-se no grupo de técnicas auto-expressivas, sendo aprofundadas na psicoterapia breve de modo a promover a adequação dos mecanismos de defesa, supressão/controlar a depressão e desenvolvimento da auto-estima, e, conseqüentemente, auxiliar na aquisição da voz esofágica. Após 1 mês de tratamento percebem-se os primeiros sinais de redução da depressão. Aos 3 meses, o paciente já produz sons esofágicos e encontra-se em processo de reintegração social e aos 6 meses verifica-se uma maior estabilidade emocional, redescoberta do prazer de viver e desenvolvimento de atividades produtivas pelos pacientes atendidos.

Miriam Gunzburger; Júlio César Cruz Collares da Rocha; Monique Rodrigues de Souza; Márcia

Farias Mamede; Ruth Cardoso Fernandes.

Universidade Estácio de Sá.



“O atendimento psicológico como instrumento de reabilitação psicossocial em hospital-dia”.

A partir da reflexão a respeito de minha atuação em serviço de hospital-dia em saúde mental da rede pública estadual, desde 1998, à luz da noção de clínica ampliada articulada por Benilton Bezerra (1996), proponho quatro princípios para orientar o atendimento psicoterápico realizado por psicólogos nesse tipo de serviço. Esses princípios têm permitido, em minha prática, o desenvolvimento de um atendimento psicoterápico capaz de favorecer a reabilitação psicossocial, tal como entendida pela International Association of Psychosocial Rehabilitation Services (1985). O primeiro princípio corresponde (1) à necessidade de o psicólogo identificar a demanda de atendimento psicoterápico trazida pelo cliente, isto é, discriminar o papel que essa intervenção tem para o processo de vida do cliente, assim como para a sua inserção na comunidade. A demanda, em geral, inclui a necessidade de o atendimento psicológico funcionar como ocasião de criação ou de confirmação de um projeto de vida para o cliente. A identificação da demanda do cliente pode ser facilitada com a consideração de um segundo princípio de atendimento: aquele que delimita (2) a importância de o psicólogo reconhecer qualidades, habilidades e valores pessoais inéditos no cliente. Esse segundo princípio é importante, porque traz a oportunidade de o terapeuta reconhecer capacidades e possibilidades imprevisíveis no cliente, ao invés de se restringir a considerar aspectos previsíveis informados pelo seu conhecimento teórico ou experiência anterior. O terceiro princípio proposto é o (3) de valorizar o vínculo afetivo entre psicólogo e cliente como fator de formação de uma aliança terapêutica, ou seja, de uma parceria de trabalho para a realização do que é demandado durante o atendimento prestado. O quarto e último princípio está relacionado ao fato de que (4) não basta o psicólogo reconhecer a demanda do cliente e favorecer que ela se torne clara para ele, mas deve favorecer a sua realização com ações concretas dentro e fora do espaço psicoterápico institucional. Isso quer dizer que o terapeuta pode favorecer ao cliente a ocupação de lugares no espaço do tratamento, assim como no comunitário em que o seu potencial de ação e de doação de algum valor possam ser praticados e socialmente reconhecidos.

Luís Gustavo Vechi.

Universidade de São Paulo.



O BBT-Br – Forma Feminina: padrões normativos para estudantes do ensino médio.

O BBT – Teste de Fotos de Profissões é um instrumento projetivo com objetivo de clarificação das inclinações motivacionais, geralmente utilizado em Orientação Profissional. Trata-se de um material criado na Suíça por Achtnich e originalmente composto por 96 fotos de pessoas exercendo diferentes atividades profissionais, apresentado-se nas formas feminina e masculina. Considerando-se a origem desta técnica projetiva, sua utilização em nossa realidade exigiu longos estudos prévios de padronização do material ao contexto sócio-cultural brasileiro, reformulando-se praticamente metade das fotos existentes em cada uma das formas deste instrumento, criando-se o BBT-Br. Na continuidade deste processo de adaptação desta técnica projetiva, foram desenvolvidos estudos de elaboração de padrões normativos para estudantes do ensino médio, almejando-se caracterizar seu perfil de respostas à técnica e subsidiar análises interpretativas mais adequadas aos índices relativos à inclinação profissional. O presente trabalho objetiva apresentar os dados normativos alcançados com 512 alunas do ensino médio de Ribeirão Preto (SP), sendo 291 estudantes da rede pública de ensino e 221 de escolas particulares. Estas voluntárias foram submetidas a aplicações coletivas da forma feminina do BBT-Br em suas próprias escolas, após autorização prévia para a pesquisa. Seguindo-se a padronização técnica deste instrumento projetivo, analisou-se o número médio e mediano de escolhas (positivas e negativas) das fotos e as estruturas primárias de inclinação motivacional do grupo total de adolescentes e dos subgrupos de ensino público e particular. Os resultados indicaram, para o conjunto total das adolescentes avaliadas, a mediana de 36 escolhas positivas e 41 escolhas negativas, com pequenas diferenças entre as estudantes da rede pública e particular de ensino médio. Por outro lado, a análise da estrutura primária de motivações ocupacionais indicou, no grupo total, interesse predominante pelos fatores S (ajuda, cuidado, dinamismo, ousadia), O (comunicação, nutrição) e Z (necessidade de mostrar, estética) e rejeição dos fatores K (força física, agressividade), M (matéria, substância, posse) e V (razão, conhecimento, objetividade), com semelhança entre os subgrupos. Os resultados obtidos evidenciaram especificidades motivacionais das estudantes do ensino médio brasileiro, evidenciando a necessidade de existência e desenvolvimento de referenciais normativos atualizados e adequados às características dos indivíduos que serão avaliados por meio do BBT-Br e de qualquer instrumento projetivo adaptado à realidade sócio-cultural de seu contexto de aplicação. Assim, a forma feminina do BBT-Br, com normas próprias para o nosso contexto, pode proporcionar subsídios técnicos válidos para um trabalho consistente dos psicólogos que atuam na área de Orientação Profissional/Vocacional e Seleção de Pessoal no sentido de oferecer indícios clarificadores das motivações e inclinações pessoais, favorecendo a satisfação ocupacional e contribuindo para a promoção da saúde mental.(CNPq e FAPESP) E-mail: srpasian@ffclrp.usp.br

Sonia R. Pasian; André Jacquemin; Renata F. Assoni; Mariana A. Noce; Erika T. K. Okino; Maria Luisa C. Jardim; Camila T. Corlatti; Lenice Frazatto; Érica A. Kawakami.

USP.



O BBT-Br na orientação profissional: um estudo de caso.

Após processo de adaptação e padronização do BBT para a realidade sócio-cultural brasileira, o presente trabalho objetiva ilustrar a utilização clínica da Forma Feminina do BBT-Br em processo de Orientação Profissional, através de um estudo de caso. A aplicação individual do instrumento foi realizada em uma aluna de 16 anos, de 2ª série do ensino médio público de Ribeirão Preto (SP) dentro de seu processo de Orientação Profissional. O protocolo foi codificado conforme padronização técnica descrita no manual do BBT. Na entrevista inicial, a adolescente referiu interesse pelos cursos de Biologia, Medicina, Informática e Administração de Empresas, demonstrando maior inclinação para a área de Ciências Biológicas. Comparando-se sua produção no BBT-Br com seu grupo de referência, sinalizou reduzido número de escolhas positivas (15) e elevado número de escolhas negativas (64) dentro das 96 fotos apresentadas, sugerindo uma aspiração profissional determinada e específica, escolhendo fotos correspondentes às suas referidas áreas de interesse profissional (pesquisa) e de lazer. Sua estrutura de inclinação motivacional dos fatores primários positivos apontou o fator G como principal, indicando interesse por atividades de pesquisa em laboratório. Por sua vez, os fatores V e M apareceram em destaque em sua estrutura primária de inclinação negativa, estando, porém, presentes em suas associações, resultado relevante neste caso, uma vez que as atividades de pesquisa exigem objetividade, precisão e manuseio de substâncias e fórmulas. Os fatores G e V também marcaram-se na composição da história das cinco fotos preferidas do BBT-Br. Evidenciou-se rejeição total dos fatores W e O na estrutura de inclinação motivacional, sugerindo interesse por atividades realizadas de forma solitária, com reduzido contato pessoal. Estes elementos foram sugestivos de vivência de dificuldade no contato interpessoal e na expressão da afetividade, aspecto observado no decorrer do processo de Orientação Profissional, uma vez que estabeleceu uma forma de interação distante e reservada. Reiterando os elementos sinalizados em sua produção e nas associações, evidenciou-se a eleição da atividade de pesquisa como ocupação principal, enfocando várias possibilidades de aplicação deste trabalho. Ao final do processo de Orientação Profissional, a adolescente concretizou opção pelo curso de Ciências Biomédicas, com motivação especial para trabalhar na área de Genética, elementos concordantes com os resultados no BBT-Br e em sua forma de contato interpessoal com sua orientadora. Pode-se, diante destas evidências, ressaltar o caráter projetivo do BBT-Br e a necessidade de compreensão dos seus dados à luz da história de vida da adolescente, favorecendo a adequada compreensão da dinâmica psíquica e das necessidades daqueles que buscam a Orientação Profissional. Através dessa técnica projetiva foram obtidas evidências significativas do funcionamento da personalidade, motivações pessoais e fontes de ansiedade, aspectos importantes em um processo de Orientação Profissional, uma vez que estão intimamente relacionados à escolha de uma carreira ocupacional e podem funcionar como fatores decisivos de opções facilitadoras ou comprometedoras da realização e satisfação pessoal, conforme postulações da base teórica do BBT elaboradas por Achtnich e, neste estudo de caso, evidenciadas clinicamente. (CNPq e FAPESP).

Sonia R. Pasian; André Jacquemin; Maria Luisa C. Jardim; Renata F. Assoni; Erika T.K. Okino.

USP.



“O Brazil-Médico”: primeiras análises.

Entendendo a importância do estudo histórico como forma de compreender as práticas atuais e tornar as futuras mais proveitosas, julgamos necessário adotar um olhar ainda não comum na psicologia: investigar os facilitadores e entraves de sua autonomização como saber e prática sobre a subjetividade. Assim, tentamos desvendar o porquê do rumo dos acontecimentos, desnaturalizando os conhecimentos atuais e descobrindo aspectos ignorados, bem como o motivo do seu esquecimento. O presente trabalho está inserido em um projeto que procura estudar o desenvolvimento da psicologia no Brasil (principalmente no Rio de Janeiro), até a fase de regulamentação da profissão de psicólogo e dos cursos de psicologia. Neste projeto, buscamos um aprofundamento da discussão alma versus corpo, questão de grande valor no século XIX e que se expressava principalmente através dos discursos católicos e médicos. Tal influência determinou como interesse da pesquisa a contribuição destes dois grupos para a construção do saber psicológico. Assim, pretendemos analisar neste trabalho o papel dos médicos para a autonomização da psicologia, estabelecendo como recorte temporal o período compreendido entre a década de 1830, quando da criação dos cursos de medicina no Brasil e 1962, ano da regulamentação da profissão e dos cursos de psicologia. A metodologia empregada consiste no levantamento de fontes primárias e secundárias relativas ao campo médico: seus personagens, suas instituições e publicações. Num primeiro momento, investigamos as teses da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Atualmente, estamos analisando o conteúdo presente em “O Brazil-Médico”, periódico de Medicina publicado entre 1887 e 1965, ligado à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, cujas edições encontram-se disponíveis na Biblioteca da Academia Nacional de Medicina. Esta revista tinha um objetivo didático, motivo pelo qual apresentava questões clínicas, retratando as descobertas médicas da época, apontando para a possibilidade de criação de uma medicina “nacional”, em que os autores estrangeiros não mais imperariam sozinhos. Os primeiros resultados apontam para a periodicidade semanal de “O Brazil-Médico” até 1954 (o que sugere sua aceitação entre os pares), quando então a revista se torna mensal. O número de ensaios e a manutenção da periodicidade fizeram com que “O Brazil-Médico” exercesse maior influência que a “Gazeta Médica da Bahia”, fundada vinte anos antes. Verificou-se também um alto índice de artigos relativos à higiene pública nas primeiras décadas de existência da revista, correspondentes à fase da República Velha, em que há grande intervenção médica na sociedade. Conclui-se, pelas primeiras análises das matérias de “O Brazil-Médico”, que nestas intervenções os médicos se orientavam tanto pela climatologia quanto pelas teorias psicológicas vigentes à época, motivo pelo qual na continuidade deste trabalho pretende-se um levantamento sistemático do pensamento psicológico presente nos ensaios e demais matérias da revista e sua correlação com aquele que é apresentado nas teses da Faculdade de Medicina.

Ana Maria Jacó-Vilela; Antônio Carlos Cerezzo; Irene Bulcão; Roberta Ferreira Domingues; Adriana Amaral do Espírito Santo; Joane Jardim Dias; Vivian Ferraz Studart Pereira.

Universidade do Estado do Rio de Janeiro.



O caso do menino sem palavras - a terapêutica dos somatizantes de repetição

A fim de abordar terapeuticamente os indivíduos somatizantes de repetição, a Psicossomática Psicanalítica propõe uma técnica que, partindo da Psicanálise, pressupõe uma flexibilização no rigor clássico da técnica analítica, considerando o repertório de representações psíquicas deficitário pressuposto nestas pessoas. Para tanto, é preciso inicialmente diferenciar as manifestações somatoformes neuróticas das de repetição: as primeiras mostrando-se como sintomas ricos de significados, relacionados diretamente com a conflitiva edípica, e as de repetição indicando prioritariamente uma pobreza de representações e o predomínio do funcionamento operatório. Neste trabalho, é apresentado o caso do Menino Sem Palavras, de 13 anos, asmático, abordado terapeuticamente segundo a fórmula "da Função Materna à Psicanálise". São descritos os passos terapêuticos que acompanham o paciente no progressivo fortalecimento de seu repertório simbólico: Holding e Reverie - decodificação e nomeação - intervenções pouco interpretativas (clarificação e confrontação) - intervenções interpretativas. Destaca-se neste caso o déficit inicialmente apresentado pelo paciente na capacidade de nomeação, dispondo ele de somente duas classificações para seus estados afetivos- o Legal e o Nada a Ver - , o que dificultava sobremaneira sua capacidade de elaboração psíquica. São trazidos os recursos técnicos, do mais concreto rumo ao mais simbólico, utilizados com o intuito de possibilitar o desenvolvimento de sua capacidade de mentalização, afastando-o progressivamente da somatização como única via disponível de expressão.

Izaura Maria Franqui da Silva

Universidade Luterana do Brasil - ULBRA - campus Gravataí



O Cidadão e o Sujeito no Programa Família Cidadã.

O Programa Família Cidadã (PFC) foi instituído através de lei municipal, que prevê renda mínima e apoio psicossocial às famílias do Município de Vitória (E.S.), com crianças em situação de risco pessoal e social. Este é composto por uma equipe técnica multidisciplinar, dividida em quatro áreas de atuação. O PFC promove ações de intervenção e prevenção num contexto de trabalho infantil; de crianças e adolescentes com vivência de rua e que estão fora da escola; famílias que não geram renda, com baixa escolaridade, com desqualificação profissional e em condições precárias de moradia, saúde e higiene. O objetivo do Programa é promover ações de apoio psicossocial e econômico às famílias, visando garantir os direitos fundamentais básicos às crianças e adolescentes, desprovidos do mínimo necessário ao desenvolvimento físico, psíquico e social, e buscando a melhoria da qualidade de vida, conforme previsto no Estatuto da Criança e Adolescente. O acompanhamento dado às famílias é abrangente. Realizam-se reuniões mensais com grupos de famílias; visitas domiciliares; acompanhamento escolar das crianças e adolescentes; atendimento psicossocial individual e familiar. A periodicidade com que cada uma dessas atividades são realizadas é determinada pela particularidade de cada caso, ou seja o acompanhamento feito pela equipe técnica é diferenciado para cada família. O Programa tem alcançado os seguintes resultados: fortalecimento das relações familiares; maior socialização do grupo familiar; participação em cursos profissionalizantes; desenvolvimento de ações sócio educativas; redução significativa de crianças na rua e do trabalho infantil; retorno e permanência de crianças/adolescentes em situação de rua ao convívio familiar; retorno e/ou permanência à escola de crianças/adolescentes e adultos responsáveis e a participação de crianças e adolescentes em projetos sócio educativos e esportivos. Um dos trabalhos do psicólogo neste Programa é estar construindo uma prática que pensa ir além da ação assistencial, prática esta fundamentada por uma concepção de responsabilização. Trabalha-se no sentido de cada família poder se responsabilizar por sua condição de vida e possível transformação desta. O resgate e o exercício da cidadania são as bases do PFC. Embora se realize um trabalho pela via do cidadão, onde todos estão perpassados pela mesma lei, todos têm direitos e deveres, busca-se também escutar e intervir a partir das singularidades de cada integrante da família. O psicólogo tem como desafio deixar vazios os lugares de atender a todas as demandas das famílias, provocando um movimento por parte destas de se posicionarem de outra forma, que não seja a de serem somente assistidas. A aposta consiste em promover a implicação de cada membro da família na busca de seus anseios, sejam estes uma casa, um emprego, ..., não necessitando esperar pela ação de mais um programa social. E isso se torna possível na medida em que há um descolamento da posição de coitado, pobre, excluído por um destino já posto, para assumir a posição de sujeito de sua própria história.

Renato Carlos Vieira; Janaína Madeira Brito Stange; Renata Coelho Tavares.

Prefeitura Municipal de Vitória.



O Ciúme como estruturador da personalidade e das relações sociais: reverso da concepção patológica.

O cotidiano revela o ciúme traduzindo quadros de relações pessoais insatisfatórias, marcadas por sentimentos de ansiedade, ameaça, fantasia de rejeição e abandono. Tais quadros, por si só, já justificam, para além de uma demanda psicoterápica, a necessidade de compreendermos outros sentidos relacionados a este sentimento que, apesar de comumente vinculado às concepções de fenômeno desagregador ou patologia psíquica, parece possuir contornos e funções específicas e estruturadoras da personalidade individual. Investigou-se o ciúme, tomando-o em dimensões diversas da concepção patológica (Santos:2000, Botura:1996, Cavalcante:1997, Fenichel:1997), pesquisando-o como elemento constitutivo da personalidade, seguindo uma referência psicodinâmica, priorizando as abordagens de Freud, Melanie Klein e Françoise Dolto. Os objetivos norteadores foram: Investigar se o Ciúme pode ser compreendido como elemento estruturador da personalidade e das relações interpessoais; Investigar a representação social que os indivíduos possuem acerca do ciúme; conhecer as implicações do ciúme nas relações interpessoais; identificar características de personalidade associadas ao sentimento estudado; identificar possíveis relações entre o ciúme e saúde mental, e fornecer dados acerca do tema para posteriores estudos no campo da Psicologia. A opção metodológica adotada valorizou aspectos quantitativos e qualitativos do fenômeno, visando a complementaridade do mesmo. Tendo sido realizada na cidade de Manaus, a amostra inicial, tida como proposital ou não-casual foi composta de 60 sujeitos da classe média, de ambos os sexos, com idade entre 20 e 35 anos, nos quais foram aplicados a Escala de Ciúme Romântico (Ramos:2000) para delimitação da amostra a 20 sujeitos que apresentassem maiores graus de influência do sentimento em suas relações. Realizou-se uma entrevista semi-estruturada, focalizando as vivências familiares, escolares, afetivas e profissionais dos sujeitos, onde foi identificada uma tendência à auto-crítica e à organização de suas vivências, não demonstrando comprometimentos quanto à saúde mental, apesar de apresentarem o ciúme de forma representativa. Os resultados obtidos apontam para o ciúme como elemento que organiza a personalidade e as relações sociais dos sujeitos cujos contextos de estruturação psíquica exigiram mobilização de tal recurso. Tal dado amplia a dimensão da compreensão do fenômeno, apontando a pertinência e necessidade de aprofundar estudos sobre o tema.

Délia de Araújo Peixoto; Ana Carolina Ribeiro Figueiredo

Universidade Federal do Amazonas - UFAM



O comportamento preventivo do universitário frente às DST's: análise da produção científica nacional

Este trabalho envolve um estudo sobre o comportamento preventivo do estudante universitário frente as doenças sexualmente transmissíveis, bem como sobre as características dos programas direcionados a esta população presentes na produção científica nacional. Trata-se de um trabalho realizado na graduação em Psicologia, no primeiro semestre do ano de 2001, por ocasião do Trabalho de Conclusão de Curso. A busca envolveu material bibliográfico abrangente, considerando-se a produção em livros, artigos científicos, dissertações, teses e resumos de anais de eventos científicos, totalizando 24 trabalhos. Nesta análise, constatou-se que predomina a informação não especializada sobre a sexualidade; a informação não assegura a adoção de medidas preventivas; a confiança no parceiro(a) e estabilidade na relação são justificativas predominantes para a não utilização de métodos contraceptivos e/ou adoção de medidas preventivas; não há relação entre o nível de escolaridade e a adoção de medidas preventivas; a frequência de credences é inversamente proporcional ao nível de escolaridade; os homens superam as mulheres no uso do preservativo; a responsabilidade sobre a contracepção recai muito mais sobre as mulheres; em maiores proporções, as mulheres relatam não fazer uso de qualquer método contraceptivo; as mulheres se auto-qualificam em menor proporção que os homens para o risco de contrair DST's; a incidência de DST's é maior entre estudantes universitários do sexo feminino. Alguns trabalhos apontam para a necessidade de maiores esclarecimentos sobre sexualidade nos meios de comunicação de massa, enquanto outros evidenciam a necessidade de maior atenção ao sexo feminino, e ainda outros apontam para a responsabilidade da família e da escola na promoção de conhecimento, reportando-se igualmente às carências e demandas do ensino superior sob este aspecto. No que se refere às características dos programas direcionados ao estudante universitário, em geral este é concebido como mediador de um processo, e não alvo da intervenção; na maior parte dos programas existentes, o universitário é reconhecido como futuro profissional, aquele que transmite a informação ao seu cliente/aluno/comunidade, mas não como aquele que precisa da informação para si; muitos trabalhos enfocam o comportamento do estudante universitário frente às DST's, mas não mencionam propostas de programas específicos a esta população; alguns trabalhos apontam para a experiência de inclusão da sexualidade como disciplina eletiva no ensino superior e, embora assegurem êxito, não afirmam mudanças no comportamento dos estudantes. Os dados mencionados apontam a necessidade de uma investigação bibliográfica mais abrangente, com o objetivo de identificar, descrever e analisar, a partir da produção científica, como as experiências universitárias estão relacionadas com mudanças de comportamento do estudante frente às doenças sexualmente transmissíveis.

Maristela Nardi

Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP



O Comportamento Suicida em Jovens no Município de Maringá – PR.

O suicídio trata-se de um comportamento humano universal cujos índices epidemiológicos em uma comunidade constituem um dos indicadores indiretos de saúde mental ou de transtorno psíquico. Em países desenvolvidos, como Japão, Canadá e Estados Unidos, o suicídio constitui-se em um grave problema de saúde pública entre jovens e pode estar associado com a alta prevalência de distúrbios depressivos, abuso de drogas e falta de suporte familiar. O problema do suicídio apresenta grande interesse em saúde mental, devido a sua importância como causa de morte e a acentuação de sua gravidade em grupos mais jovens. O presente estudo teve como objetivo realizar um levantamento da literatura sobre a manifestação do comportamento suicida em adolescentes e jovens adultos e analisar as taxas de suicídio nos diferentes grupos etários, no período de 1979 a 1998, dando ênfase especial aos grupos de 10 a 19 anos e 20 a 29 anos, no Município de Maringá. Os dados oficiais de mortalidade por suicídio foram coletados dos laudos de exames de óbito do Instituto Médico Legal (IML) de Maringá e dos atestados de óbitos dos Cartórios de Registro Civil. Nos casos em que o laudo do IML não era conclusivo, realizou-se levantamento dos processos judiciais no Fórum de Maringá, tendo em vista verificar a causa da morte na conclusão final do inquérito. Quanto às demais causas de morte, os dados foram obtidos através do Sistema de Informações sobre Mortalidade da Secretaria de Saúde do Estado do Paraná referente ao período de 1979 a 1998. No município de Maringá, dos 81 casos de suicídio identificados, 69% ocorreram no sexo masculino e 31% no feminino. Em relação aos grupos etários, observou-se uma taxa de 2,6 por 100.000 habitantes no grupo de 10 a 19 anos e de 6,1 por 100.000 no grupo entre 20 e 29 anos. Verificou-se que o suicídio ocupa o 3º lugar como causa de morte no sexo masculino, no grupo etário de 20 a 29 anos, e 4º lugar no grupo de 15 a 19 anos. Para o sexo feminino, ocorre uma alteração nas colocações, ocupando o 4º lugar o grupo de 20 a 29 anos e 5º no grupo de 15 a 19 anos. É importante considerar que as mortes violentas, de um modo geral, aparecem em destaque entre os jovens, ocupando o 1º lugar os acidentes de trânsito em ambos os sexos e a 2ª posição os homicídios no sexo masculino. Estes dados são preocupantes, especialmente quando se constata que, atualmente, na maioria dos países, a violência intencional está atingindo proporções elevadas entre adolescentes, o suicídio constitui a terceira maior causa de morte neste grupo e revela tendência ascendente entre adultos jovens. Frente a isto, faz-se necessário um melhor conhecimento dos fatores de risco envolvidos para que seja possível desenvolver medidas preventivas mais eficientes que considerem os aspectos sócio-culturais, sócio-econômicos e psicossociais destes grupos populacionais.

Rute Grossi; Gerson Antonio Vansan.

USP.



O conceito de família em crianças órfãs a partir do uso do Desenho da Família.

O presente estudo foi realizado com o objetivo principal de investigar quais os conceitos de família que as crianças em processo de adoção apresentam e como as mesmas representam sua inclusão na família adotante, a partir da aplicação do Teste do Desenho da Família. A amostra utilizada foi composta por 30 crianças do sexo feminino, na faixa etária de 6 a 14 anos, internas de uma instituição de adoção na zona oeste da cidade de São Paulo. Constatou-se que 77% da amostra é composta por crianças brancas e que 73% da amostra encontra-se a menos de um ano na instituição estudada. Para a coleta dos dados foi utilizado o Teste do Desenho da Família proposto por Hammer (1981). Para a análise dos desenhos utilizamos os critérios adaptados do Protocolo de Avaliação e Interpretação organizado por Van Kolck (1984). Os dados foram tabulados e organizados em frequências absolutas (f) e relativas (fr) para análise das diferenças através do Qui-quadrado. Além da análise quantitativa, os dados foram analisados qualitativamente. Entre os resultados estatisticamente significantes obtidos, destacamos como principais: 53% das crianças representam a família enquanto irmãs da instituição utilizando-se para tanto, de temas como cardumes de peixes, grupos de animais, figuras palito, etc, havendo em geral pouca ou nenhuma diferenciação enquanto à tamanho ou características individuais entre as figuras desenhadas. 77% dos desenhos são cromáticos e em relação ao tamanho observou-se que 50% dos desenhos ocupam de 1/3, 1/4 a 1/8 da folha, desenhos considerados pequenos. Podemos inferir a partir dos dados obtidos que há fortes vínculos afetivos entre as crianças da instituição apesar do pouco tempo de convivência entre as mesmas. Poucas crianças (23%) desenharam famílias com papéis definidos de pai, mãe, filhos, avós, etc. Os resultados sugerem um apego às referências mais próximas e concretas: as amigas da instituição, uma inibição em relação à possibilidade de fantasiar uma futura família adotante, quer seja pelo tamanho das figuras, quer seja pela escolha dos temas. Uma possível hipótese seria que a criança se impede sonhar uma futura família adotante para não alimentar esperanças e não sofrer desilusões, caso esta não venha a ocorrer. Faz-se necessário a realização de estudos mais amplos para a confirmação destas hipóteses.

Referências Bibliográficas: Hammer, E.F. (1981) Aplicações Clínicas dos Desenhos Projetivos. Rio de Janeiro, Interamericana. Trinca, W. (1987) Investigação Clínica da Personalidade. São Paulo. EPU. Van Kolch, O. L. (1984) Testes Projetivos Gráficos no Diagnóstico Psicológico. São Paulo, E.P.U.

Caioá Geraiges de Lemos; Maria Antonia Paula de Campos

UNISA; USP



O Conceito de Psicologia na Filosofia de Charles S. Peirce.

[INTRODUÇÃO] Trata-se de uma dissertação de mestrado, desenvolvida no Programa de Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica/SP. Objetivou encontrar na filosofia semiótica de Charles S. Peirce sua elaboração do conceito de Psicologia, no sentido de conhecer fundamentos críticos e teóricos que pudessem colaborar para a compreensão da própria Psicologia, especialmente no que tange aos seus objetos e métodos. [METODOLOGIA] O trabalho teve caráter teórico, logo a pesquisa foi exclusivamente bibliográfica. A dissertação foi subdividida em três capítulos que, para serem desenvolvidos, recorreram a fontes da História da Psicologia, da Teoria Semiótica e, mais especificamente, daquilo que, na Teoria, diz respeito à Psicologia. Os textos da obra de Peirce que foram consultados estavam dispostos nos Collected Papers (especialmente no volume 7), Writings os Charles S. Peirce e em manuscritos inéditos do autor. [RESULTADOS] Charles S. Peirce dedicou-se ao estudo de diversas ciências, e, entre elas, ao estudo da Psicologia. Construiu uma Classificação das Ciências e uma Arquitetura Filosófica, de caráter geral, que contribuíram de modo relevante para a Psicologia, principalmente no que diz respeito aos princípios de outras ciências as quais ela deve recorrer para melhor construir seus objetos de estudo e seus métodos. [CONCLUSÃO] A Matemática e a Filosofia aparecem na Arquitetura Filosófica proposta por Peirce como conhecimentos que devem ser observados pela Psicologia na construção de seu próprio conhecimento. No interior da Filosofia, destacam-se, especialmente, a Lógica e a Metafísica. As observações feitas por Peirce à Psicologia devem ser entendidas não como uma proposta de uma "nova" Psicologia - uma espécie de uma Psicologia Peirceana ou Semiótica - mas, como uma contribuição no sentido de fazer a Psicologia refletir sobre os seus próprios fundamentos, lançando o seu olhar, novamente, para a Filosofia.

Fernanda de Lourdes Almeida Leal; Ivo Assad Ibri.

FACISA/Universidade Estadual da Paraíba; Pontifícia Universidade Católica de São Paulo –

PUC/SP.



O construtivismo como opção teórica e prática psicopedagógica de professores do ensino fundamental de uma escola particular de João Pessoa – PB.

A educação consiste num processo capaz de provocar mudanças importantes na vida cotidiana do homem. Educar um indivíduo implica em transformá-lo, ajudá-lo a desenvolver suas potencialidades, tentando descobrir outras. É necessário, para tal, levar em conta o fator genético, ambiental e a interação entre os dois elementos que a educação passará a modificar. Vigotsky, ao formular uma teoria da aprendizagem que descreve como se chega a estruturas e compreensões conceituais mais profundas, o construtivismo, postula que o aprendizado está presente desde o nascimento da criança e está relacionado ao desenvolvimento. Para Vigotsky, o aprendizado é um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas. A interação social, para Vigotsky, fornece a matéria prima para o desenvolvimento psicológico do indivíduo, porém o processo de desenvolvimento seria de “dentro para fora”, dessa forma, o importante não é saber o que a criança aprendeu e sim a capacidade que ela tem de aprender novas coisas, esse é o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal, que refere-se ao caminho que o indivíduo vai percorrer para desenvolver funções que estão em processo de amadurecimento e que se tornarão funções consolidadas, estabelecidas no seu nível de desenvolvimento real.. O papel da escola então é essencial, no sentido em que tem um papel fundamental na construção de um ser psicológico adulto nos indivíduos, dirigindo o ensino para estágios de desenvolvimento ainda não incorporados pelos alunos, funcionando como um motor para novas conquistas psicológicas. O objetivo do presente trabalho é, através de uma pesquisa qualitativa, analisar a congruência entre a teoria adotada pelos professores e sua prática pedagógica. Foram escolhidas aleatoriamente quatro professoras do ensino fundamental, duas da primeira série e duas da terceira série de uma escola particular da cidade de João Pessoa/PB. Cada professora foi observada ministrando 4 aulas, cada observação durou 50 minutos e foi realizada em dias diferentes da semana. Após a última observação foi realizada uma entrevista com cada professora, onde as mesmas deveriam citar e fundamentar a teoria que norteava sua prática pedagógica. Todas as professoras afirmavam utilizar o construtivismo como opção teórica, porém foi observado que apenas uma delas conseguiu alcançar os princípios básicos do construtivismo em sala de aula. As outras três professoras raramente relacionavam a prática pedagógica com a teoria. Dessa forma, conclui-se que é necessário uma qualificação desses profissionais que têm uma função tão importante para o desenvolvimento psicopedagógico dos alunos.

VERAS, Renata Meira; FERNANDES, Sheyla Christine Santos

Universidade Federal da Paraíba João Pessoa - PB



O conteúdo das respostas de esquizofrênicos do teste Zulliger.

A esquizofrenia é uma patologia muito freqüente dentre os diversos tipos de psicose, apresentando grande número de sintomas e por isso merece uma atenção especial nos estudos sobre saúde mental e diagnóstico psicopatológico. O teste de Zulliger é uma técnica, baseada na interpretação de manchas de tinta, bastante usada permitindo uma avaliação complexa da personalidade, tanto nos aspectos cognitivos quanto afetivos. Por isso é um instrumento útil para a investigação da esquizofrenia na qual se manifestam prejuízos em ambas as esferas. O objetivo deste estudo é identificar os conteúdos mais freqüentes nas respostas dadas ao teste de Zulliger por pacientes esquizofrênicos hospitalizados. Foram feitas análises qualitativas das respostas de quinze pacientes considerando-se os termos utilizados em sua verbalização e a capacidade de integração das partes que compõem as figuras percebidas nas manchas de tinta. Constatamos a grande incidência de respostas anatômicas, de conteúdos desvitalizados e de percepções fragmentadas, indicando o sentimento de desintegração e/ou dissociação da personalidade comum a esses pacientes.

VILLEMOR AMARAL, A.E.; FRANCO, R.R.C.

Universidade São Francisco.



O contraturno: reflexões sobre uma prática pedagógica voltada para a superação de necessidades específicas de aprendizagem.

Uma das medidas assumidas pelo Estado do Paraná no sentido de combater a repetência e a evasão escolar foi a adoção do regime de contraturno – um atendimento especial às crianças que não aprendem no mesmo tempo que as demais, o qual acontece em horário contrário ao do ensino regular. O contraturno foi instituído oficialmente para viabilizar a efetivação de uma prática pedagógica diferenciada, capaz de atender necessidades específicas de alunos com dificuldades no processo de aprendizagem escolar, além de possibilitar um tempo maior de atendimento, oportunizando ao aprendiz compreender aquilo que, na dinâmica da sala de aula, não conseguiu aprender. A partir da hipótese de que o trabalho pedagógico desenvolvido no contraturno nem sempre se caracteriza como uma ação educativa especial e diferenciada, desvirtuando-se dos propósitos para os quais o contraturno foi criado, propusemo-nos a desenvolver uma pesquisa, via estudo de caso, tendo como foco principal de observação e análise a qualidade do trabalho pedagógico desenvolvido pela professora no ensino da língua escrita. Nossos objetivos foram: - analisar a prática docente de uma professora de contraturno de uma escola pública de Ponta Grossa, evidenciando os procedimentos metodológicos empregados junto às crianças com dificuldades no aprendizado da língua escrita; - verificar se a forma pela qual a professora conduzia o trabalho pedagógico no contraturno atendia aos princípios básicos para os quais este fora criado. Nossos procedimentos de coleta e registro de dados constaram de: - entrevista semi-estruturada com a professora, gravada em áudio, transcrita e analisada; - entrevista diária com a professora, após cada sessão de observação, cujo objetivo era buscar a explicação que a professora dava para seus encaminhamentos pedagógicos; - diário de campo, contendo anotações das verbalizações e ações da professora e dos alunos nos momentos de produção escrita, bem como, informações referentes ao contexto. A construção do diário de campo teve três fases distintas: a) anotações manuscritas sucintas realizadas no momento da observação em sala de aula; b) anotações manuscritas ampliadas, realizadas posteriormente (a partir das anotações sucintas) no prazo máximo de 24 horas; c) anotações digitadas em forma de relatório pormenorizado, já contendo algumas inferências, realizado no prazo máximo de 48 horas. Os resultados oriundos desta investigação apontam para a necessidade de se repensar o modo como o processo de profissionalização docente vem sendo desenvolvido, o qual tende a cultivar práticas pedagógicas ideais de ensino (PERRENOUD, 1993), esquecendo de considerar as reais dificuldades sentidas pelo professor no cotidiano de trabalho. Destaca-se como ingênua e infundada a crença de que mudanças significativas ocorreriam na prática do professor, uma vez oportunizado, por intermédio de cursos esporádicos, o contato do professor com novos referenciais teórico-metodológico. Além disso, os resultados desta pesquisa descortinam uma crítica à proposta do contraturno, considerando-a uma alternativa estigmatizadora, que desvirtua o princípio da heterogeneidade e da troca de saberes entre alunos mais e menos experientes.

Audrey Pietrobelli de Souza

Departamento de Educação – Universidade Estadual de Ponta Grossa



O controle pelas unidades menores que o sinal na LIBRAS em pessoas com surdez.

A Língua de Sinais é um código de comunicação produzido e percebido por modalidades diferentes da língua falada. Enquanto a primeira é baseada nas modalidades oral-auditiva, a segunda é baseada nas modalidades gestual-visual. Pesquisas têm realizado investigações sobre as propriedades da língua de sinais. Tais pesquisas sugerem que significado da Língua de Sinais (associações entre sinais e eventos) poderia exercer funções análogas à língua oral no reconhecimento de palavras escritas. De acordo com a literatura da área, um sinal pode ser decomposto em três unidades menores que são a configuração de mão, o ponto de articulação em relação ao corpo e o movimento das mãos. Baseando-se nos estudos que colocam que a habilidade com a língua oral favorece com que ouvintes tornem-se leitores competentes da língua escrita questiona-se, se pessoas com surdez que utiliza a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) apresenta comportamento sob controle discriminativo das unidades mínimas que compõe os sinais. Concebendo a língua de sinais como um comportamento verbal, na qual as conseqüências para quem faz os sinais (falante) são mediadas por quem vê os sinais (ouvinte), o conhecimento de aspectos específicos do comportamento verbal em LIBRAS pode colaborar para implementação de tecnologias de ensino que promovam aquisição de habilidades relacionadas a este tipo de comunicação e estabelecer relações posteriores com o ensino de leitura e escrita da Língua Portuguesa. O objetivo deste estudo foi verificar se pessoas com surdez, que falam em LIBRAS, apresentam comportamento sob controle de unidades dos sinais que compõem a Língua de Sinais Participaram deste estudo quatro estudantes (SEL, EDS, LUC, TAG) com idades entre 14 e 15 anos, matriculadas em Classe Especial do Ensino Fundamental. Todos apresentam surdez bilateral neurosensorial, de moderada a severa, adquirida antes da aquisição da fala. O tempo de aquisição da LIBRAS data de três anos. Três fases compuseram o procedimento: Inicialmente, foi apresentada uma história em LIBRAS seguida pela avaliação da compreensão de 12 sinais pelos testes de nomeação, comportamento ecóico e reconhecimento do sinal; Posteriormente o comportamento sob controle das unidades menores que compõem a LIBRAS foi avaliado durante a apresentação da história. Foram apresentados 12 sinais com trocas em uma de suas unidades; Finalmente, a avaliação do comportamento sob controle das unidades mínimas foi avaliada em tarefas individuais com os mesmos 12 sinais apresentados anteriormente. Todos os participantes apresentaram resultados positivos na Fase 1 e dois participantes apresentaram controle pela unidade menor que compõe o sinal em tarefas individuais (EDS e TAG). Estes resultados podem estar funcionalmente relacionados ao uso da LIBRAS que esses participantes fazem em outros contextos, extra escolar em ambientes domésticos, incentivados pelos pais e familiares, caracterizando uma experiência maior com a língua o que não foi observado com os outros participantes (SEL e LUC). Novas pesquisas devem ser conduzidas com participantes com maior tempo de aquisição da língua, verificando a habilidade que têm com esta e, posteriormente, a relação entre a LIBRAS e a aquisição da leitura em Língua Portuguesa em pessoas com surdez.

Ana Claudia M. Almeida-Verdu; Janaína de Fátima Zambone Castro; Cássia Aparecida Magna Oliveira; Júlio César Coelho de Rose

Universidade Estadual Paulista – Bauru; Intérprete em LIBRAS pela FENEIS; Universidade Federal de São Carlos



O corpo e a alma na constituição do sujeito moderno

A obra de Michel Foucault destaca a relevância do corpo e da “alma” como expressões e sustentáculos de forças de poder e de saber que se articulam estrategicamente na história da sociedade ocidental. A corporeidade ocupa uma posição central na obra de Foucault, que a ressalta como realidade bio-política-histórica, isto é, como “interpenetrada de história” e ponto de apoio de complexas correlações de forças, sobre a qual incidem inúmeras conformações discursivas produtoras de “verdades” que tanto podem reafirmar como recriar o sentido do corpo presente, ou a sensibilidade individual/coletiva nele imanente. O que representa o espaço sobre o qual Foucault desenvolve uma “genealogia da alma moderna”, caracterizando-a como “o correlato atual de uma certa tecnologia do poder sobre o corpo”. No caso, não é o sujeito epistemológico autônomo que produz um saber útil ou arredo ao poder, mas o poder-saber, os processos e as lutas que o atravessam e que o constituem que representam as formas e os campos possíveis do conhecimento. Na medida em que Foucault retira do sujeito autônomo de conhecimento seu papel central no processo de produção do saber, o corpo - enquanto suporte dos embates das forças de poder e saber - e a alma moderna - “ela mesma uma peça no domínio exercido pelo poder sobre o corpo”- adquirem uma importância renovada. O corpo é uma peça dentro de um jogo de dominações e submissões presente em toda a rede social, que o torna depositário de marcas e de sinais que nele se inscrevem, de acordo com as efetividades desses embates que, por sua vez, têm na corporeidade seu “campo de prova”. E a alma histórica, enquanto elemento discursivo de produção de uma série de conceitos geridos ao redor e através do corpo, é o depositário de verdades que permite um acesso direto do “poder-saber” sobre tais corpos. Este projeto estuda das suas obras: “Vigiar e Punir”, “História da Sexualidade – Vol. I”, aspectos relativos ao corpo e à alma nelas presentes, visando à compreensão da concepção do corpo e da alma no processo de formação do sujeito moderno, em um enfoque transdisciplinar, que se remete tanto ao campo da psicologia como da filosofia, na medida em que se analisa o acesso ao corpo dos saberes modernos que o constituem. (FAPESP) Corpo/alma – Foucault – subjetivação.

Fernando de Almeida Silveira; Reinaldo Furlan; Maria Clotilde Rossetti Ferreira.

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto-USP; FFCLRP-USP.



O curso de psicologia na opinião de diplomados e evadidos.

O presente estudo visou contribuir para responder a seguinte questão: Evadidos e diplomados têm a mesma opinião sobre o curso? Os dados desta análise foram retirados de pesquisas realizadas pela CPAIUFF/PROAC com finalidades específicas. Em ambos os estudos, o instrumento utilizado foi um questionário específico enviado pelo correio. O questionário dos evadidos continha 19 questões fechadas que buscam conhecer as causas da evasão e suas relações com a qualidade do curso. O dos diplomados continha 37 questões fechadas visando conhecer a situação atual do diplomado e a opinião sobre a formação recebida. A análise dos dados indica que os evadidos do curso de Psicologia, em sua grande maioria (75,0%) não tiveram dificuldade de obter bom desempenho no curso. E 81,0% dos diplomados responderam que tiveram pouca ou nenhuma dificuldade em concluí-lo. Os diplomados afirmaram (91,8%) que possuíam um nível ótimo/bom de domínio de conteúdo do curso. As expectativas de emprego se apresentaram como importantes na decisão de abandono para 25,0% dos evadidos. E, 86,4% dos diplomados encontram-se, atualmente, empregados, destes 67,5% atuam na área em que se graduaram. Observa-se que 72,9% dos diplomados afirmam estar progredindo constantemente em seus respectivos trabalhos. Os ex-alunos não atribuem importância para a distância e a dificuldade de acesso à universidade. Apenas 16,7% dos evadidos consideraram que este item influenciou na decisão. Apenas 8,1% dos diplomados responderam que optaram pela UFF por ser próxima a residência. É relevante segundo os diplomados o fato da UFF ser uma universidade gratuita, o que ameniza os gastos familiares (75,6%). Somente 25,0% dos evadidos afirmaram que as despesas com a vida universitária exerceram grande influência no abandono. As despesas com a vida universitária parecem influenciar muito mais os diplomados do que os evadidos. Em ambos os casos, a maioria (75,0% dos evadidos e 83,7% diplomados) não resolveu procurar outro curso de nível superior. A qualidade do curso não está comprometida, eles afirmam que o ensino oferecido é de boa qualidade. Os dados nos mostram que 86,4% dos diplomados recomendariam o curso realizado, e 94,5% consideram o nível do curso como ótimo/bom. Nenhum evadido indica decepção com a qualidade do curso e 83,4% deles não procuraram o mesmo curso em outra instituição. Observa-se também coerência nas opiniões sobre as disciplinas do ciclo básico com o profissional, assim como esperavam uma formação voltada para o mercado de trabalho. Em síntese, o curso é avaliado como amplamente satisfatório para evadidos e diplomados. A única discrepância encontrada foi com relação as disciplinas do básico serem muito teóricas. Os itens motivadores para a evasão de acordo com os respondentes são: falta de oferta de disciplinas no horário noturno (75,0%); horário do curso não permitir exercer outras atividades (75,0%); intervalos grandes entre as disciplinas no mesmo dia (58,3%). Estas concordâncias entre os dois grupos indicam ser necessário aprofundar ainda mais o estudo das causas da evasão, assim como deve ser relativizada a importância dos fatores institucionais observada quando se estuda apenas a amostra de estudantes evadidos, o que é comum na literatura especializada.

Plínio dos Santos Souza; Clarice Diniz Pereira; Aline da Silva Marques; Francisco de Assis Palharini.

Universidade Federal Fluminense.



O deficiente físico: sua colocação no mercado de trabalho na cidade de São Paulo.

Introdução: a pesquisa visou um estudo a respeito da inserção profissional do indivíduo portador de deficiência física na cidade de São Paulo. Para tanto, destacamos as idéias de Amaral, Amiraliam e Crochik, sobre o preconceito e estigma existentes em nossa sociedade na relação com indivíduos portando algum tipo de deficiência física. Objetivos: como objetivos, buscou-se levantar informações para averiguar se as empresas contratam funcionários portadores de deficiência física com o intuito de promover o marketing empresarial. Verificou -se também as razões que levam uma empresa a contratar um funcionário deficiente físico. Método: a pesquisa foi realizada por estagiários do quinto ano de Psicologia de uma Universidade de São Paulo, no ano de 2000. Como instrumento, foi utilizado um questionário semi-estruturado contendo cinco questões, que foram aplicados em quatro diferentes entrevistas com os responsáveis pela contratação do funcionário deficiente; estes dados foram analisados através de um enfoque qualitativo. Resultados: observou-se que todos os entrevistados revelam uma dificuldade em lidar com a deficiência, ora se colocando de maneira onipotente frente ao deficiente, ora negando a deficiência existente. Notou-se também que o nível de escolaridade dos entrevistados não os deixa isentos de preconceitos, mas sim que a disponibilidade interna de cada um é que ocupa um papel de maior importância para que as barreiras do preconceito sejam quebradas. Não foi possível obter informações claras a respeito do motivo da contratação por parte das empresas, porém verificou-se que, independente do motivo da contratação, é a convivência com o portador de deficiência física que ajudaria na conscientização social a respeito da mesma. Conclusão: para a pesquisa, buscou-se empresas empregadoras de indivíduos com deficiência física, porém, encontrou-se muitas dificuldades nessa busca; por vezes, as empresas recusavam-se a fornecer entrevistas para a pesquisa. Com isso, pensa-se no nível de conscientização que se encontram as empresas no mercado atual. O que se observou foi que o deficiente físico necessita de acolhimento para ser inserido no mercado de trabalho; com relação a isso, acreditamos que esses indivíduos precisam ainda de instituições especializadas que auxiliem a sua colocação nesse mercado, pois por si só, é muito difícil. Em geral, a vaga aberta ao deficiente na empresa, não se trata de uma vaga comum a todos, mas sim de uma vaga especial destinada somente a deficientes físicos. Com essa situação, o que se vê é que a contratação já parte de um suposto preconceito, uma vez que este não concorre ao emprego com indivíduos não-deficientes.

Flavia Fusco Barbour; Karina Lara Rossi

UNIFMU



O déficit de atenção das crianças portadoras do Transtorno Hiperkinético pacientes do Hospital Universitário Lauro Wanderley – UFPB.

O Transtorno Hiperkinético (TH) apresenta-se como uma das causas mais freqüentes de encaminhamento de crianças para acompanhamento psiquiátrico e/ou psicológico (30 a 40%). Caracteriza-se por um grupo de sintomas que envolvem: déficit de atenção; impulsividade; hiperatividade; instabilidade psicomotora; comportamentos anti-sociais e desobediência. Essas crianças são levadas à consulta geralmente devido a atrasos escolares ou por recomendação da instituição escolar. Porém, essas crianças não apresentam um QI abaixo da média, apresentam notável agitação psicomotora, são facilmente irritáveis, incapazes de inibição motora e de conter sua expressividade, a atenção dispersa e são incapazes de manter uma atividade contínua e repetitiva. Embora o aparecimento do transtorno ocorra aos 3 anos de idade, somente ao ingressar na escola que essas crianças serão diagnosticadas. O objetivo da pesquisa é estabelecer a relação entre o Transtorno Hiperkinético e a deficiência de aprendizagem nas crianças portadoras de tal transtorno e o papel do professor frente a essa dificuldade de aprendizagem dessas crianças. Foi utilizada uma amostra aleatória de 20 crianças portadoras do TH pacientes do Setor de Psiquiatria do Hospital Universitário Lauro Wanderley. A idade das crianças variou entre 6 e 13 anos, todas estudantes entre o Jardim II e 7ª série do ensino fundamental-2º ciclo. O instrumento utilizado para diagnosticar a hiperatividade nessas crianças foi o Índice de Hiperatividade do Questionário Abreviado de Conners, tanto para os pais quanto para os professores. O ponto de corte, para os pais foi de 14 e para professores 16 pontos. Para medir a atenção foi utilizado o Teste de Atenção (AC) da Bateria Vektor. Os resultados observados do Teste de Atenção Concentrada foi que 50% das crianças analisadas atingiram o nível Inferior de atenção, 25% atingiram o nível Médio Inferior, 15% o nível Médio e apenas 10% o nível Médio Superior, nenhuma das crianças atingiu o nível Superior. Isto implica dizer que 75% das crianças analisadas não apresentam a plena capacidade de manter-se atentas. O mau rendimento escolar dessas crianças deve-se ao déficit na área de atenção. Dessa forma, a escola deveria contribuir de modo a estimular a atenção destas crianças, oferecendo um clima afetivo, evitando choques emotivos e punição que apenas iriam exacerbar a conduta hiperativa na criança.

VERAS, Renata Meira; BARBOSA, Genário Alves

Universidade Federal da Paraíba João Pessoa - PB



O desafio do psicólogo diante da realidade social no Hospital Geral.

Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo O presente trabalho objetiva discutir questões relacionadas à prática do psicólogo no Hospital Geral diante do contexto sócio-econômico-cultural da população atendida. A Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo é uma instituição filantrópica vinculada à rede pública de saúde. Como hospital-escola e centro de referência em várias especialidades, pessoas de diversas regiões do país chegam a esta instituição buscando recursos terapêuticos para graves enfermidades. A maior parte desta clientela vive em condições sócio-econômicas e educacionais precárias que exercem importante influência sobre o tratamento proposto/adotado. Quando o tratamento inclui o acompanhamento psicológico, é fundamental que elementos desta realidade precária sejam considerados ao serem definidas as condutas. As condições concretas de desamparo em que vive a população brasileira sob diversos aspectos, traduz a necessidade de um olhar psicológico sobre suas conseqüências na subjetividade dessas pessoas. Muitas vezes, orientações básicas e esclarecimentos que em um primeiro momento parecem extremamente simples podem trazer um efeito mais benéfico e efetivo do que possíveis interpretações que visam atingir algum aspecto mais profundo do psiquismo. Em alguns momentos, esta dura realidade à qual nos referimos coloca o psicólogo diante dos limites da atuação. Em outros coloca o desafio de desenvolver um modelo de intervenção psicológica mais adequado às reais necessidades da população, em detrimento de abordagens pré-estabelecidas pelo profissional a partir de uma formação acadêmica distanciada da demanda encontrada na área de Saúde Pública. Referências Bibliográficas: 1- Almeida, E. C. O Psicólogo no Hospital Geral. In: Psicologia, Ciência e Profissão, 2000, 20 (3), 24-27. 2- Conselho Nacional de Saúde. XI Conferência Nacional de Saúde. Brasília, 2000. 3- Kehl, M. R. Terapias da Cidadania. In: Jornal do Conselho Federal de Psicologia - ano XVII nº 71- Março 2002, p. 14. 4- Romano, B.K. Princípios para a Prática da Psicologia Clínica em Hospitais. SP: Casa do Psicólogo, 1999. 5- Souza, M. L. R. O Hospital: Um espaço terapêutico? In: Percurso - Revista de Psicanálise, ano V nº 9 - 2º semestre 1992.

Marcela Mayumi Gomes Kitayama; Maria das Graças Saturnino de Lima.



O Desenho da Figura Humana no início da adolescência feminina.

Alguns autores consideram a adolescência, principalmente no início, como uma fase de lutos, crises e transformações, na qual haveria uma desestruturação da personalidade para posterior reorganização. Knobel (1977) assinala que a estabilização da personalidade não se obtém sem se passar por um certo grau de "conduta patológica", inerente a essa etapa da vida, por isso chamou-a de "síndrome normal da adolescência". Seguindo essa linha de pensamento, seria esperado que toda a produção do adolescente refletisse de alguma maneira esses conflitos internos. O objetivo desse trabalho foi verificar em que medida essas características da adolescência aparecem nos Desenhos da Figura Humana de 31 garotas de 10 a 12 anos, idade média atual da entrada das meninas na adolescência. Seus desenhos foram comparados com uma amostra de adolescentes brasileiros obtida por Van Kolck (1984), e verificou-se se os "indicadores emocionais" propostos por Koppitz (1973) para o Desenho da Figura Humana mantinham sua validade nesse grupo. Concluiu-se que os desenhos retratados denotam as mudanças corporais e psicológicas por que passam as garotas, variando de representações corporais mais infantis a outras onde o corpo aparece mais desenvolvido, com seios e quadris. A idade atribuída às figuras é, muitas vezes, de uma pessoa mais velha, mostrando a dificuldade de lidar com um corpo em transformação. As contradições dessa fase foram expressas no conflito entre o desejo de se expor, de seduzir, (dando ênfase à boca, às roupas, cabelo), expressando a emergência da sexualidade, e a angústia ligada a essa emergência (presença de sombreados, borraduras, pernas fechadas). As dificuldades de contato apareceram nos braços curtos, e os desequilíbrios físicos e psicológicos apareceram nos pés, muitas vezes pequenos e realçados, ou em posição de instabilidade. Apesar das garotas almejavam o futuro, o corpo já transformado, os desenhos tenderam para a esquerda, denotando um desejo de fuga para o passado. Revelaram também a presença de uma certa passividade, que aparece nas figuras estáticas, com braços pendentes, revelando, como assinala Aberastury (1977), que a adolescente é invadida pela puberdade, frente à qual sente-se impotente. Observou-se, de maneira geral, a presença dos traços comuns encontrados nos desenhos pesquisados por Van Kolck, e que expressariam as principais características da adolescência: insegurança, problemática sexual, egocentrismo, tendência à passividade, dificuldades de contato, necessidade de controle dos impulsos sexuais e agressivos e emotividade. Observou-se também nos desenhos dois indicadores emocionais cuja frequência ultrapassa o critério de Koppitz de não aparecer em mais de 16% da população, (braços curtos e sombreamento), o que nos leva a questionar a eficácia desses sinais emocionais para discriminar perturbações emocionais acentuadas pelo menos no início da adolescência. Esse mesmos sinais apareceram com frequência elevada também na amostra de Van Kolck, levando-nos à conclusão de que são característicos desta fase, pelo menos da adolescência brasileira. Concluimos, portanto, que a adolescência é realmente uma fase conturbada da vida e deve-se ter cautela ao utilizar as técnicas de investigação psicológica para discriminar os jovens com maiores distúrbios emocionais daqueles que estão vivendo simplesmente a "síndrome normal da adolescência".

Viviane Namur Campagna; Carla Segre Faiman

USP



O desenho figurativo infantil e a sua relação com a construção do espaço gráfico.

Este estudo abordou o tema do desenho figurativo da criança de quatro a dez anos, vinculando-o aos elementos geométricos que o constituem. A base teórica que subsidiou o estudo foi a Epistemologia Genética de Jean Piaget, sendo privilegiados os aspectos referentes à formação da imagem mental e à construção da noção do espaço representativo, ambos presentes no desenho figurativo da criança. Este foi considerado uma aprendizagem senso estrito à qual subjaz uma organização que implica as relações topológicas, as relações euclidianas e as relações projetivas propostas pela teoria piagetiana. Buscou-se conhecer como a criança registra graficamente os diferentes pontos de vista relativos a uma paisagem construída com sólidos geométricos, em diferentes estádios do seu desenvolvimento cognitivo.

Tamara da Silveira Valente.

Universidade Federal do Paraná.



O drama dos novos papéis sociais: um estudo psicossocial da formação de identidade nos representantes de usuários num conselho municipal de saúde.

A Constituição de 1988 avançou no processo de democratização, institucionalizando a participação popular nos diversos níveis de governo, através da figura dos Conselhos. Esta forma organizacional, além de implicar uma nova trajetória política e jurídica, implica também um novo papel social, visto como um importante exercício de cidadania e democratização do país. A proposta incorpora reivindicações dos movimentos sociais atuantes principalmente no final da década de setenta e início da década de oitenta. A partir de 1990, com a aprovação da lei 8.142 de 28/12/90, os Conselhos de Saúde foram institucionalizados, com o objetivo principal de garantir a participação da comunidade, bem como exercer o controle social sobre as ações e serviços de saúde, podendo interferir na elaboração e implantação de políticas públicas. Surgiram vários conselhos nas três esferas de governo, chegando-se ao ano de 1998 com um quadro de aproximadamente 3000 municípios com conselhos constituídos, conforme dados do próprio Conselho Nacional de Saúde. Dada a centralidade da proposta dos conselhos no novo arcabouço institucional democrático, torna-se essencial aprofundar a análise das dificuldades de operacionalização apresentadas pelos representantes, principalmente de usuários, na implementação da proposta. O estudo focaliza este novo papel social a partir dos representantes e de suas visões sobre o que ele implica, seus principais avanços, dilemas e retrocessos quanto ao modelo e também os sucessos, conflitos e desvantagens experienciados na dinâmica dos conselhos. Com o levantamento histórico das políticas de saúde implantadas no Brasil desde a Constituição de 1891, e dos conselhos de controle social, principalmente de saúde, percorrendo-se brevemente dois conceitos que interferem diretamente na constituição da idéia de conselhos como entendida nos dias atuais - participação popular e movimentos sociais, realizou-se um estudo de caso qualitativo de um Conselho Municipal de Saúde do interior paulista, utilizando-se como procedimentos de coleta de dados: observação, entrevista semi-estruturada e análise documental. Utilizando aportes conceituais da teoria de identidade e de grupos sociais, aponta-se a formação de identidade coletiva dos representantes de usuários e o papel do grupo neste processo. Conclui que a identidade coletiva do representante de usuário não se encontra pré-formada mas se constitui cada vez, a partir do processo grupal e da diversidade daquele conselho específico. Neste processo tendem a prevalecer interesses e interpretações individuais, uma vez que a dinâmica de funcionamento não contribui para o desenvolvimento da consciência coletiva e de discussões mais amplas sobre políticas públicas de saúde e sobre o papel de representante enquanto grupo. Mas também indica a possibilidade de efetivação da participação com mudanças na dinâmica de funcionamento, iniciando-se com o processo de eleição, passando pela formação do conselheiro e, principalmente, com a mobilização da sociedade civil, através de grupos reivindicatórios. Entende-se que essa é uma contribuição da Psicologia Social à sociedade e também à própria Psicologia Social como ciência, por este estudo estar situado na análise do indivíduo a partir da interação social, locus para compreensão da subjetividade/objetividade, e na dialética do processo psicossocial de formação de identidade e de análise do grupo.

Débora Cristina Fonseca.

UNIMEP.



O educador pré-escolar frente ao processo de alfabetização: reflexões sobre sua prática.

A Teoria Histórico-Cultural (Escola de Vygotsky) preocupada com o processo de aquisição da escrita infantil e, portanto, com os caminhos que a criança percorre desde os primeiros contatos com a língua escrita até o domínio das letras, busca compreender os fundamentos das hipóteses infantis anteriores ao processo de alfabetização para, conseqüentemente, apontar situações que os levem a participar ativamente deste processo, ou seja, de maneira significativa. Como a Teoria nos aponta, o educador tem um papel de essencial importância para o desenvolvimento psíquico das crianças. Esse adulto-educador tem papel de mediador e orientador nas atividades infantis, assim como, deve assumir uma atitude intencional na escolha das mesmas. O educador deve planejar atividades que incidam sobre a zona de desenvolvimento próximo, a fim de promover o interesse pelas atividades e a aprendizagem. A pesquisa a que nos propomos tem como objetivo investigar o processo de alfabetização na Educação Infantil, de modo a apreender como as crianças se relacionam com a língua escrita e verificar que tipo de atividades são priorizadas neste processo. Em nosso trabalho de investigação estamos realizando observações em uma pré-escola municipal, no qual daremos prosseguimento com atividades de registro com crianças (6 anos), entrevistas com professores e pais e, levantamento da história e funcionamento da instituição. No que se refere ao papel do educador no processo de alfabetização, sabemos que a opinião do mesmo sobre a problemática influi decisivamente no processo, ou seja, dependendo do tipo de concepção que norteia seu trabalho, atividades como o jogo e o desenho (indicadas por Vygotsky), desenvolvidas com as crianças, fundamentais para a compreensão da função simbólica e, portanto, para a aquisição da escrita, estão sendo substituídas ou exploradas sem conhecimento de sua importância por um ensino estritamente formal e sistematizado, semelhante ao visto no Ensino Fundamental. Dessa forma, cabe-nos refletir sobre o papel da Educação Infantil no desenvolvimento das funções psíquicas superiores nas crianças e, ainda, sobre o caráter do fazer-pedagógico do educador infantil, pois sua atitude pedagógica repercute diretamente no processo de aquisição da escrita, que se inicia e não se encerra no nível pré-escolar.

Katia de Moura Graça Paixão; Beatriz Belluzzo Brando Cunha.

Unesp de Assis.



emocional de filhos adotivos: implicações para proflaxia.

O objetivo desta pesquisa foi investigar o efeito de variáveis referentes ao histórico da adoção (revelação, institucionalização, contato com a família biológica, idade da colocação na família e troca de prenome) sobre os estilos parentais e o nível de ajustamento emocional dos adolescentes. A amostra foi constituída por 68 participantes entre 14 e 15 anos, que até os dois anos já estavam sob a guarda ou tutela da família adotante. Os instrumentos foram uma entrevista referente a características pessoais e familiares, as versões adaptadas das Escalas de Responsividade e Exigência Parental, a Escala de Auto-Estima de Rosenberg e o Children's Depression Inventory (CDI). Os resultados mostraram que a variável que mais contribuiu para variabilidade dos escores de auto-estima e depressão foi a forma de revelação da adoção. Melhores índices de ajustamento foram encontrados entre adolescentes cuja família sempre manteve um padrão de comunicação aberto sobre sua condição adotiva. Conforme esperado, estes dados relacionaram-se ao estilo parental. Pais autoritativos desde cedo conversam com seus filhos sobre a adoção, por exemplo, contando-lhes estórias de personagens adotados. Já os pais negligentes, mantêm a adoção em segredo por um tempo superior aos demais, de modo que muitos dos seus filhos souberam da adoção através de outras pessoas. Como na amostra estudada a negligência foi mais freqüente entre as famílias cujo pai apresentava problemas de fertilização, é possível que a manutenção do segredo esteja vinculada a essa questão. Outra variável importante para a adaptação dos adotados foi a ocorrência de troca de prenome entre as crianças que já haviam sido registradas por suas famílias biológicas. Os dados evidenciaram menor auto-estima e maior sintomatologia depressiva entre esses adolescentes. É interessante notar que a troca de nome é mais freqüente entre as famílias percebidas como autoritárias ou negligentes. Esse achado faz sentido pois esses estilos estão associados a valorização dos seus próprios desejos e interesses. Os dados demonstraram também que os participantes que estabeleceram alguma forma de contato com seus progenitores em busca de suas origens apresentaram maior auto-estima e menor depressão. Estes resultados relacionam-se ao apoio instrumental e emocional oferecido pelas famílias adotivas. Adolescentes que percebem seus pais como autoritativos relataram, com mais freqüência, conhecer sua família consangüínea. Em contrapartida, este índice foi significativamente menor entre os jovens que descreveram o pai como autoritário. Não foram observadas diferenças significativas quanto à saúde emocional dos participantes em função da idade em que ocorreu a adoção e à experiência de institucionalização. Finalmente, uma Análise de Regressão indicou que a revelação da adoção, a mudança de prenome e o contato com a família biológica, em conjunto, explicam 63,8% da variância da auto-estima dos adotados e 57% da variância do índice de depressão. A partir desses dados, é possível viabilizar intervenções que visem à proteção do desenvolvimento dos adotivos.

Caroline Tozzi Reppold; Claudio Simon Hutz.

UFRGS; UNOESC.



O egresso do curso de Psicologia e a universidade.

Introdução: o papel da universidade no mundo contemporâneo é entendido não apenas em relação à formação de recursos humanos, mas também em relação à formação da cidadania responsável, expresso pelo exercício da crítica construtiva e pelo compromisso da participação. Ao analisarmos e avaliarmos esse papel, nos deparamos com o mais importante corpo social de uma universidade: seus ex-alunos. É por sua atuação que imprimem sua presença no meio ambiente e testemunham a qualificação do aprendizado recebido no período escolar. **Objetivos:** o presente trabalho teve como objetivos levantar um perfil dos ex- alunos do curso de Psicologia do Centro Universitário Salesiano de Lorena, anos de 1996 a 2000; identificar sua atual qualificação profissional; identificar sua inserção no mercado de trabalho; relacionar a formação recebida no Centro UNISAL ao exercício profissional. **Método:** participaram da pesquisa um total de 46 ex- alunos do curso. Para levantamento de dados foi utilizado um questionário com 20 questões do tipo objetiva. Os egressos foram identificados no Banco de Dados da instituição. Os questionários, enviados pelo correio, eram acompanhados da carta resposta selada para devolutiva. **Resultados:** de um total de 289 (100%) questionários enviados, houve um retorno de 46 (16%). Após tabulação dos dados, o perfil do egresso evidenciou que a maioria é solteira, do sexo feminino., trabalha em outra cidade, não cursou pós- graduação. Em relação às expectativas do curso de Psicologia concluído no UNISAL, 65% das respostas foram favoráveis. A competência do corpo docente do curso foi considerada ótima para 31% dos participantes e boa para 60% deles. O curso de Psicologia do Centro UNISAL foi recomendado por 98% dos sujeitos que responderam ao questionário. Para 86% dos sujeitos, a profissão exercida atualmente está ligada à graduação em Psicologia. O curso concluído proporcionou fundamentação teórica geral para a maior parte dos respondentes. Das respostas obtidas, 84% focalizaram que o curso de Psicologia ofereceu condições de competitividade no mercado, sendo que 83% dos sujeitos salientaram o papel do estágio curricular e do trabalho de conclusão de curso. **Conclusão:** o nível de uma universidade não se mensura apenas por seu ambiente físico, seu corpo docente e administrativo, mas também e principalmente pelo testemunho e presença de seus ex- alunos. Contudo, a generalização dos dados desta pesquisa deve ser cuidadosa, considerando o número de questionários retornados. É preciso repensar e criar novas formas de chamar o egresso à participação na força e trabalho da universidade, é necessário que eles possam vir a ter uma maior participação na universidade que um dia os acolheu, é necessário pensar em novas formas de agregá- los. Esta pesquisa é apenas o começo de todo um processo.

Antonia Cristina Peluso de Azevedo; Izabel Maria Nascimento da Silva Maximo.

Centro UNISAL.



O Envolvimento da Família no Processo de Ensino-Aprendizagem: Percepção de Pais e Professores.

Considerando a importância da participação da família no desenvolvimento adequado do processo ensino-aprendizagem, a presente pesquisa teve como objetivo investigar qual a percepção de pais e professores sobre tal fator. Para tanto foi utilizado como instrumento dois questionários um para pais ou responsáveis e outro para professores de escolas pública e particulares aplicados individualmente. A amostra foi constituída por 31 pais ou responsáveis de criança que cursavam o ensino fundamental e de 31 professores de ensino fundamental. Os resultados apontam que na opinião, tanto dos professores quanto dos pais ou responsáveis os fatores que influenciam o acompanhamento da família no processo de ensino-aprendizagem de 1ª a 4ª série; são as tarefas de casas que facilitam o comprometimento da família com o desenvolvimento da aprendizagem; as reuniões de pais onde a escola pode proporcionar um maior envolvimento dos pais nos assuntos e decisões da escola; o bom relacionamento da família com a criança que estará influenciando para um melhor desempenho e acompanhamento do desenvolvimento do ensino-aprendizagem. Segundo a percepção dos professores sobre a relação entre aprendizagem escolar da criança com a integração da família é um fator influenciador e fundamental para o melhor desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem. Outro fator que pode interferir negativamente no desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem da criança, na opinião dos professores, é a separação dos pais. Na opinião tanto dos professores quanto dos pais ou responsáveis, os fatores que a escola utiliza para integrar os pais no processo de ensino-aprendizagem dos filhos; são as tarefas de casa e as reuniões de pais. Na opinião dos professor, o bom relacionamento dos pais e dos alunos facilitam a integração família-escola contribuindo com o comprometimento e a responsabilidade dos pais em relação ao total desenvolvimento acadêmico do aluno. Segundo a percepção dos pais e professores é necessário a família e a escola estarem interagidas para o bom desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem da criança, essa integração facilita o comprometimento dos pais na educação acadêmica do filho sendo que, a um melhor aproveitamento e rendimento escolar.

SILVA, Tatiana Souza Borges.

Universidade de Santo Amaro – UNISA.



O envolvimento paterno durante a gestação.

O período de transição para a paternidade exige uma série de adaptações psicológicas e sociais por parte dos futuros pais, os quais precisam preparar-se para os novos papéis que deverão assumir frente ao bebê e a tudo que ele exigirá. Diferente do que ocorre com a mãe, em sua trajetória rumo à paternidade, o homem não poderá sentir o filho crescer dentro de si, nem dar à luz ou amamentá-lo. Por esta razão, diversos autores afirmam ser comum que os pais não consigam criar um vínculo sólido com o filho durante a gestação. Atualmente, contudo, o estereótipo do pai distante e provedor financeiro tem sido contestado, visto que os pais estariam mais ativos, participando intensamente da vida dos filhos. Em relação a estas mudanças no papel do pai, tem sido amplamente discutido o conceito de envolvimento paterno. Pleck (1997) define este conceito a partir de três dimensões de avaliação do comportamento paterno: engajamento, acessibilidade e responsabilidade. Durante a gestação, no entanto, o envolvimento paterno deve ser compreendido de modo peculiar, pois o vínculo entre pai e filho é indireto, mediado pela mãe. Neste sentido, o presente trabalho teve por objetivo investigar como se dá o envolvimento paterno durante o terceiro trimestre de gestação. Participaram deste estudo 35 pais que esperavam seu primeiro filho, com idades entre 21 e 40 anos. Todos viviam com a mãe do bebê, residiam na região metropolitana de Porto Alegre e eram de níveis sócio-econômicos e escolaridades variados. A amostra foi selecionada entre os participantes de um projeto maior, de delineamento longitudinal, intitulado Aspectos Subjetivos e Comportamentais da Interação Pais-bebê/criança (GIDEP/UFRGS). Os pais responderam a uma entrevista sobre a gestação e as expectativas do futuro pai, a qual foi analisada através de análise de conteúdo (Bardin, 1977). Com base na literatura e nas respostas dos pais à entrevista foram criadas três categorias temáticas: Preocupações do pai durante a gestação, Participação do pai na gravidez e Interação com o feto. Estas foram, posteriormente, divididas em subcategorias. Os resultados indicaram que muitos pais estiveram envolvidos de diversas maneiras durante a gestação de suas companheiras. A maioria dos pais mencionou preocupações em relação ao período da gestação, ao nascimento do filho e ao exercício da paternidade. Os pais também relataram participar de inúmeras formas na gravidez de suas companheiras, tanto de modo direto, por exemplo, através do acompanhamento às ecografias e consultas, como de modo indireto, oferecendo-se como uma figura de apoio para a gestante. Além disto, muitos pais referiram interagir com seu filho, seja buscando ativamente este contato, ou reagindo às manifestações do feto. No entanto, alguns pais ainda encontravam dificuldades em atender integralmente a este novo papel paterno, de maior participação e envolvimento, parecendo não perceber o seu filho como real e apresentando um menor envolvimento emocional com a gestação. Estes dados apontam para indícios de uma modificação quanto à paternidade no período da gestação, a qual não se encontra mais restrita ao universo feminino.

César Augusto Piccinini; Milena da Rosa Silva; Tonantzin da Silva Ribeiro; Rita Sobreira Lopes.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



O estranho e a Produção de Subjetividade: duas vias de entrelaçamento.

Este trabalho pretende refletir sobre que processos de subjetivação podem derivar da relação com o estranho, levando em consideração a contribuição da psicologia. O intuito não é fazer uma teoria psicológica universalista de como o confronto com o estranho seria uma etapa da constituição individual ou fazer um estudo histórico e epistemológico de como cada teoria psicológica trata esse tema. A psicologia é vista neste trabalho como um campo de saber e prática que propõe e produz diferentes modos dos sujeitos atuarem no mundo, relacionando-se consigo, com os outros e com o estranho. Estranho é entendido, aqui, como aquilo ou aquele que explicita uma diferença perturbadora, que causa medo, angústia e surpresa pela ameaça de desestabilização que suscita. É pensado como um produto social que dependerá da forma como cada sociedade, em determinada época, se organiza. Ele é o outro, é aquele que não encontra lugar dentro dos padrões que a sociedade constrói para si. Como esses padrões sociais são construídos e mudam com o tempo, o estranho também é um produto que mudará de acordo com a cultura e a época a que ele se refere. Da mesma forma, a subjetividade também é admitida como um produto e o sujeito deixa de ser um ente universal que possui uma essência imutável ao longo do tempo. É pensada como um processo atravessado por inúmeros devires, longe de uma concepção de identidade fechada. A relação entre estranho e subjetividade será analisada dentro desse foco onde nada é natural ou dado, mas existe por causa de um conjunto de fatores, históricos, sociais, culturais, psicológicos, etc. Há inúmeras formas possíveis para se pensar essa articulação. Neste trabalho, o referencial teórico escolhido tem como base Foucault, Deleuze e Guattari, autores cujas obras não se igualam, mas que podem, no entanto, se articular e contribuir para o estudo nesta área. Todos eles trabalham com a idéia de sujeito como produto e não como uma essência previamente dada. Do mesmo modo serão úteis suas análises acerca das relações de poder, dos modos de subjetivação modernos e pós-modernos e do pensamento do Fora. Junta-se a eles, Bauman, contribuindo para pensar as características e os efeitos da globalização na organização do mundo atual no que tange à produção de subjetividade. A partir desse olhar, que também é histórico, por levar em consideração as diferenças no tempo, é que o confronto com o estranho e as maneiras que a psicologia propõe para lidar com ele será analisado. Tem-se em vista dois eixos: um que passa pela via da exclusão do estranho como possibilidade de ser, em que a psicologia produz a divisão normal/patológico, patologizando o estranho, e outro, que chamo de via do Fora, no qual o estranho, ao invés de ser rejeitado seria incluído dentro de um questionamento e de um movimento de mudança, por trazer uma nova possibilidade de ser.

Luciana Santos Guilhon Albuquerque; Fernanda Bruno.

UFRJ.



O Estudo da Interação Mãe Criança e a ênfase nos fatores ambientais.

Introdução Segundo Winnicott, ambiente satisfatório é o que facilita a expressão e o desenvolvimento das tendências individuais herdadas. Sua principal característica é alto grau de adaptação às necessidades individuais da criança, tendo a mãe como principal figura. Através do cuidado constante, que o progenitor mantém com a criança, é que se assentam as bases da saúde mental. Dar enfoque à relação parental, não implica atribuir aos pais, isoladamente, a responsabilidade total sobre as dificuldades da criança. Não há padrão de atitudes corretas que sirvam de matriz para o desenvolvimento saudável: a relação entre bebê, mãe e pai se desenvolve de acordo com o tipo de pessoas que eles são, respeitando-se a história individual, o contexto sócio cultural e as características individuais. A ênfase, neste estudo, está no relacionamento insatisfatório como parte da experiência de crianças com prejuízo no desenvolvimento emocional. Daí a necessidade de centrar atenção nas informações detalhadas das experiências ambientais. Objetivos. Avaliar efeitos da experiência de privação afetiva, expressos nos sintomas clínicos; analisar a descontinuidade interativa, e a qualidade da atenção recebida, seja na fase inicial da vida infantil, seja posteriormente. Dar maior precisão à avaliação clínica da perturbação da interação parental, revisando categorias como carência afetiva, rejeição e superproteção materna cujo sentido se perdeu através da apropriação indiscriminada da teoria. Metodologia: Através do método da reconstrução da história de vida, mapeamos oportunidades da criança para estabelecer ligação com a figura materna; prolongadas e repetidas rupturas de vínculos; experiência de privação por um período de 3 a 6 meses nos 3 ou 4 primeiros anos, e ocorrência de mudanças de figura materna no mesmo período. Procedimentos. O protocolo de avaliação da interação parental obedece a um roteiro segundo a dimensão familiar, social e econômica da criança. Contempla dados relacionados aos fatores que desencadeiam os sintomas: concepção, gestação, interação, doenças psicossomáticas, etc. Avaliação e Interpretação parcial: A avaliação é qualitativa e as informações recebem tratamento interpretativo. Quanto à experiência de ruptura de vínculo, dos 20 casos estudados, apenas 2 meninas foram adotadas; 4 meninos experimentaram negligência materna; 6 crianças foram educadas por parentes; uma menina e um menino permaneceram na instituição. Os 8 restantes, pertencem à famílias intactas e tiveram prejuízo na qualidade da interação. As queixas referem-se a agitação e inquietude, agressividade, distúrbio da alimentação, baixa auto estima, doenças somáticas e sintomas associados.

MAZER, Sheila Maria; SCHUT, Tannie; RESENDE, Vera da Rocha.

UNESP.



O feminino no cotidiano de mulheres: Uma experiência fotográfica.

Este trabalho é o relato de uma experiência fotográfica que fez parte de um projeto mais amplo, sobre a representação do feminino. Este, por sua vez, originou-se do desdobramento de uma proposta de educação sexual através da arte. Como as mulheres pensam o feminino? O que é ser feminina para elas? Como identificam o feminino em seu cotidiano? Com quais objetos do cotidiano elas o identificam? Quais partes do corpo sinalizam a feminilidade? Estas foram algumas das perguntas que nortearam o trabalho realizado com um grupo de mulheres, educadoras, vinculadas a uma ONG que atendia uma determinada comunidade da região central de Belo Horizonte. Com o objetivo de registrar em imagens como, e através de que, elas identificavam o feminino em seu cotidiano, foi solicitado a elas que trouxessem, para uma sessão de fotos, em torno de 10 objetos do seu cotidiano, que de alguma maneira lhes remetesse ao feminino. Partes do corpo também poderiam ser consideradas. No dia da sessão foram coletados, também, seus depoimentos sobre cada uma das opções. Dentre os elementos escolhidos encontravam-se: anéis; brincos; perfumes; batons; espelho; algodão; lixa de unha; esmalte; almofada de costura; casinha de brinquedo; conchas; absorvente higiênico; potes; relógio; caneta e papel; livro; frutas como maçã e pêra; partes do corpo como joelho e pés; dentre outros. No trabalho pôde-se observar: → A recorrente referência ao corpo; → A vaidade, também, muito evidenciada, bem como a beleza e a delicadeza; → O útero muito representado nos objetos côncavos; → A referência à intimidade ilustrada pelo absorvente higiênico e pelo sutiã. Nos depoimentos foram encontradas, ainda, referências ao tempo, à inteligência, à sabedoria, à organização, ao profissionalismo, ao mistério, à paixão, à maternidade, ao cuidado, ao prazer, à magia e à transformação. Vários objetos e depoimentos, bem como a atitude delas ao longo das sessões de fotos, deixaram emergir uma sensualidade, até então, camuflada. Os elementos trazidos pelas mulheres, bem como seus depoimentos, muito se aproximam das colocações de Chevalier e Gheerbrant . De acordo com Maisonneuve “o sentido dos símbolos escapa, normalmente, à consciência”. Neste sentido, é interessante observar que a utilização da imagem permitiu: por um lado, emergir conteúdos não explicitados, visto que, como coloca D’Avila , “o corpo é para a câmera um objeto que pode ser reproduzido independentemente de seu dono” e; por outro, permitiu também interagir três perspectivas, simultaneamente - a do fotógrafo, a do fotografado e a do observador. Estes aspectos fizeram ampliar, consideravelmente, o universo simbólico, permitindo vislumbrar o “enriquecimento de sentido e o descobrimento de novas afinidades entre desejos e objetos por onde se infiltra de algum modo a visão simbólica”⁵. Chevalier, Jean e Gheerbrant, Alair. Dicionário dos símbolos. Maisonneuve, J. (1977) Introdução à psicossociologia.SP: Ed. Nacional, Ed. Da Universidade de SP. D’Avila, Maria Inácia. (1997). Feminismo, desenvolvimento e ideologia – reflexões e outras idéias. In: Garcia e D’Avila (org). Mulher: cultura e subjetividade. RJ: Coletâneas da ANPEPP. Maisonneuve, J. (1977) Introdução à psicossociologia.SP: Ed. Nacional, Ed. Da Universidade de SP.

Maria Tereza Agrello.



O futuro não está morto - AIDS, sexualidade, adolescência.

O presente trabalho tem como objetivo problematizar a relação entre AIDS e adolescência, discutindo o aparecimento de uma doença que tem como especificidade o elo que é feito entre prazer e risco de vida, entre sexo e morte. Da necessidade de um constante questionamento sobre as nossas práticas, e considerando que os discursos não são “naturais”, sim construídos, parte-se de um viés histórico acerca da sexualidade, traçando uma trajetória da sexualidade através dos tempos para conferir as mudanças do discurso no decorrer de momentos históricos diferentes. Partindo do período repressivo em que predominavam os preceitos da Igreja Católica, chegando até o século XX, e com ele, a explosão da sexualidade, passando pela tão falada “liberação sexual” dos anos 60/70, chegando até os dias de hoje, na tentativa de compreender a subjetividade contemporânea à AIDS. O modo como se vive atualmente é influenciado pelos acontecimentos da época acima citada. Existe mais liberdade sexual, resultado daquele movimento. Se no passado, o encontro sexual era buscado para fins procriativos, na atualidade, passou a ser visto como fonte de prazer, exigindo desempenho e performance. Espalha-se no mundo de hoje uma pressão para um maior “consumo” do prazer sexual, principalmente entre os jovens. A sexualidade é vista como pré-requisito para a felicidade, impondo a todos um mandato de satisfação sexual: o gozo. Entretanto, espalha-se também a epidemia da AIDS, que aparece como algo ligado quase que inexoravelmente à morte. Mostra-se a relação estabelecida entre a doença e a forma de pensar a sexualidade dos jovens de hoje, colocando em xeque toda a liberdade sexual conseguida diante da ameaça chamada AIDS, trazendo à tona a necessidade de se interiorizar a noção de liberdade com responsabilidade. As múltiplas questões que a epidemia da AIDS apresenta à subjetividade contemporânea e aos seus desdobramentos na vida cotidiana, gera questionamentos não só acerca da assistência, mas sobre o desafio da prevenção, na tentativa da elaboração de estratégias adequadas para atingir a cada pessoa, considerando as diferenças de gênero, idade, classe e educação. Além de informações básicas sobre a AIDS e os avanços conquistados, o que ficou mais marcante foi o questionamento histórico, político e social que acompanhou a “instalação” e a permanência do vírus HIV. Muitas vezes sinônimo de medo, dor, sofrimento e perda, a doença que chegou gerando um grande impacto, colocando a humanidade como um “enorme grupo de risco”, vem, aos poucos, modificando o lugar que ocupou no imaginário de nossa sociedade. Com o tempo, a forma de encarar a doença vai mudando, contribuindo para a modificação de hábitos que ajudam na prevenção. A idéia de “grupos de risco”, que servia para isolar e criminalizar as vítimas, foi abandonada. Faz-se, no momento, um trabalho de desconstrução das pré-concepções, dos fantasmas compartilhados criados em torno da AIDS.

Gabriela Salomão Alves Pinho.

UERJ.



O gênero Funk e o comportamento sexual do adolescente.

O estágio supervisionado de licenciatura em psicologia, além de proporcionar observação da dinâmica escolar, projeto pedagógico, didáticas utilizadas e aplicação de projeto em sala de aula, gerando grande aprendizado; possibilitou também esta pesquisa de iniciação científica na área educacional e psicológica. Desta forma, a pesquisa tornou-se interventiva procurando desenvolver o pensamento crítico e a consciência dos alunos quanto as próprias escolhas, fazendo repensarem os próprios comportamentos, questionando os valores da aparência e valores passados na música funk. Realizaram durante o projeto de licenciatura, quatro encontros, englobando três salas de aula de adolescentes na faixa etária de 14 a 15 anos de idade, no total de 133 alunos. Foi aplicado um questionário como avaliação escolar, e assim, utilizada a seguinte questão para a análise de conteúdo: O Funk retrata um processo de desvalorização da mulher? Dos 91 sujeitos que responderam, 29,7% foram do sexo masculino e 70,3% do sexo feminino. As respostas do sexo feminino foram: “sim” 84,4%, “não” 7,8% e “depende” 7,8%; do sexo masculino: “sim” 81,5%, “não” 0,0% e “depende” 18,5%. A análise de conteúdo dos resultados confere que os sujeitos têm um comportamento incongruente quanto ao pensamento e a atitude que realizam, pois percebem uma desvalorização do papel feminino na sociedade e no Gênero Funk: a mulher como objeto de consumo e status, porém, parecem estar manipulados pelo sistema, principalmente por influência da mídia e incorporam ideologias e estereótipos, compreendem que a influência pode levá-los à atitudes de moda, ingênuas e inconseqüentes. Freud, A. (1936), Arberastury (1980), Knobel (1981) e Zagury (1990) apontam que a adolescência é um processo conflituoso, pois, o adolescente está a procura de uma identidade, e uma ideologia é uma forma coerente de estabelecer relação com o mundo adulto. Erikson (1998), também afirma que por se mostrarem muito suscetíveis a influências externas, ideológicas, (seguem os apelos publicitários), imagens e modelos de seu grupo de jovens, massificado e superficial, permitem que a opinião alheia se infiltre, incorporando valores e costumes, ou seja, ideologias de ajustamento aos padrões sociais. Foi levantada para análise e conclusão do trabalho a história das conquistas da mulher, aprofundado o desenvolvimento e comportamento da fase da adolescência e a história do Movimento e Gênero Funk. Concluiu-se que a figura feminina está ligada a objetos de valor e pertence a estereótipos utilizados e manipulados pela mídia, principalmente televisiva. O gênero funk está influenciando para o crescimento deste processo, formando uma idealização, erotização e vulgarização da sexualidade. Contudo, o presente trabalho é um instrumento para discussões e reflexões sobre as conseqüências dos comportamentos sexuais e modelos de valores atuais, principalmente passados pela música, proporcionando um repensar para uma possível compreensão desses processos.

Martha Maccaferri; Sônia Maria Ferreira Koehler.

Centro Universitário Salesiano de São Paulo.



O grau de propriedade (Ownership) do empregado na empresa: pesquisa na rede bancária de Natal/RN.

Este artigo trata do grau de propriedade do empregado. Aborda teorias a respeito do tema, destacando o sentimento de ser "dono" do negócio, o alinhamento dos objetivos da empresa e do funcionário e a convergência entre os interesses pessoais e organizacionais. Ressalta planos de remuneração que incentivam a obtenção deste grau de propriedade (ownership) e analisa a abordagem do "alto envolvimento" a qual vem ganhando notoriedade em grandes empresas internacionais e está tomando impulso no Brasil através principalmente dos planos de participação nos lucros e de opção de compra de ações. Realizou-se uma pesquisa feita nos bancos de Natal/RN sobre remuneração, ressaltando os pontos importantes relativos ao grau de propriedade dos gerentes, como por exemplo, o posicionamento destes quanto a visão que o executivo deve ter na empresa para alcançar melhores resultados individuais e em equipe, considerando indicadores que em sua opinião são imprescindíveis para o seu trabalho. A metodologia consiste na análise descritiva e de correspondência dos dados obtidos através de um formulário elaborado a partir do referencial teórico adotado. Os resultados deste estudo refletem que os gerentes de bancos em Natal apresentam uma visão que corresponde à paridade à concorrência, ou seja, seguem possivelmente a estratégia da empresa de manter sua competitividade no mercado através da cópia de práticas já existentes, acompanhando o desempenho das outras empresas e salientando a filosofia de ser empregado e de não correr riscos, cumprindo metas e se apoiando na perspectiva de um maior valor variável em sua remuneração.

Maria Quitéria Lustosa de Sousa; Ana Célia Cavalcanti Fernandes Campos; Rubens Eugênio Barreto Ramos.

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN.



O homem e a modernidade no século XIX: A construção do futuro.

Este trabalho tem como objetivo o estudo do homem do século XIX no processo que consagramos chamar de modernidade, que se inicia no Brasil no Segundo Reinado. Ao mesmo tempo, procura refletir sobre os desdobramentos dessa "herança" na nossa forma de pensar e de agir na contemporaneidade. Este estudo é parte do eixo teórico da pesquisa "Cidade, Modernidade e Subjetividade no Rio de Janeiro do Século XIX", que procura problematizar as questões do processo de construção da modernidade apontando seus reflexos na formação das subjetividades como fatores que determinam formas de lidar com o mundo social. O ponto de partida para esta análise são textos publicados nos jornais nos meados do século XIX denominados de "crônicas folhetinescas". Para isso foi realizado um levantamento das fontes primárias em arquivos do Rio de Janeiro, bem como da literatura especializada sobre os temas envolvidos; leitura e análise da fonte primária, de livros e textos têm sido semanalmente realizados em reuniões com a coordenação do projeto. Esse material tem indicado as modificações que a idéia de modernidade, associada à noção de progresso técnico e civilização trouxe para o cotidiano do carioca neste período. Verificamos que as modificações no espaço físico da cidade como a iluminação à gás, o calçamentos das ruas, novos meios de transportes - como o "omnibus" - e as máquinas mudaram as formas de percepção do mundo e o cotidiano ganhou uma dimensão de espetáculo, criando novas formas de sociabilidade. A divulgação de idéias e valores através do jornal, fez dos periódicos importante fonte de pesquisa sobre a construção da modernidade entre nós. A disseminação de idéias pelas crônicas folhetinescas, era atravessada por um laço afetivo, isto é, uma certa cumplicidade criada pelo autor dos textos e o público leitor. Essa proposta de "intimidade" é uma característica desses textos e através deles uma idéia do que era a modernidade foi disseminada, valorizando o progresso técnico, a velocidade e o dinheiro. Enfim, um novo homem surgia; é esse homem que analisamos para melhor compreender a nossa contemporaneidade.

Camila Fernandes Bravo; Aurea Domingues Guimarães.

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).



O homem grávido.

A literatura tem descrito o fenômeno da couvade entre os futuros pais como sendo uma forma de participação do homem na gestação da companheira. O presente trabalho teve como objetivo descrever as manifestações físicas que futuros pais apresentam durante a gestação de sua companheira, além de investigar a percepção do casal sobre as mesmas. Participaram do estudo seis casais adultos, dois em cada trimestre de gestação, com idades entre 20 e 38 anos, de nível sócio-econômico médio, residentes na cidade de Xaxim (SC). Todos esperavam seu primeiro filho e a gravidez transcorreu sem complicações físicas. A amostra foi selecionada por conveniência e em postos de saúde da cidade. Os futuros pais e suas companheiras foram entrevistados em suas residências individualmente. Utilizou-se roteiros de entrevistas previamente elaborados por Martini (1999), visando investigar indicadores da síndrome de couvade e a experiência da gestação e do tornar-se pai. Análise de conteúdo qualitativa preliminar das entrevistas (Laville & Dione, 1999) não revelou indicadores da síndrome entre os futuros pais. A vivência da gravidez foi considerada como positiva, e os futuros pais demonstraram envolvimento. As gestantes referiram-se a uma expectativa positiva em relação ao desempenho do papel paterno pelo companheiro. Segundo elas, a maior preocupação dos futuros pais foi a questão financeira. Sugere-se a realização de novos estudos sobre o tema, utilizando-se uma amostra maior.

Débora Bianchi; Michele Rosset; Daniela Centenaro Levandowski.

UNOESC.



O horror nas cantigas de roda.

O objetivo deste trabalho é verificar a presença do horror nas cantigas de roda, uma vez que sua presença nas cantigas de ninar já foi constatada por outros pesquisadores. A base teórica sustenta-se a partir de considerações advindas da psicanálise (repetição, pulsão de morte, angústia de separação) e da psicolingüística (definição e aquisição de discurso narrativo). Tomando estas cantigas como narrativas cantadas, são levadas em conta as definições e tipologia do discurso narrativo - considerado um discurso lúdico -, a instalação da subjetividade e a repetição em busca de elaboração. A investigação proposta se dá a partir da análise interpretativa de três cantigas de roda (“atirei o pau no gato”, “ciranda- cirandinha” e “se eu fosse um peixinho”). Tal análise mostra que é notória a presença a emergência do horror nas cantigas de roda, o que pode ser exemplificado na seguinte cantiga de roda: “atirei o pau no gato-to/mas, o gato-to não morreu-reu-reu /dona chica-ca admirou-se-se/do berro, do berro que o gato deu/miau!”. Neste exemplo de cantiga, o horror (o que causa repulsa diante dos padrões morais) aparece, sobretudo, no momento em que se diz: “atirei o pau no gato-to/mas, o gato-to não morreu-reu-reu” ; pois este trecho especifica um ato de violência contra o gato, e uma certa decepção/admiração pelo fato de este não ter morrido, indicada pelo “mas”. Por que esta evocação do horror, neste caso da agressão e da morte, em uma cantiga de roda infantil? A partir de uma reflexão psicanalítica, podemos interpretar esta evocação como uma necessidade do sujeito, que, através da repetição do horror, busca a elaboração do que o angustia. Isso é muito importante no momento de separação entre a criança e a mãe, principalmente porque a entrada da criança no universo das cantigas de roda faz com que ela passe a enxergar ainda mais o outro como exterior a ela. A criança estreita seus “laços sociais” ao brincar de roda, o que implementará seu processo de socialização. Isso lhe permitirá sair da identificação primordial com a mãe, que é bastante explícita nas cantigas de ninar, para cantar e brincar com outras crianças, repetindo com elas a dor da separação. Talvez agora, na roda, a criança encontre seu acalanto, ao se enlaçar aos outros, podendo falar do que a horroriza de maneira lúdica.

Alessandra Fernandes Carreira; Joana Lisa Freitas; Josélia Maria Lopes.

Universidade de Ribeirão Preto.



O Idoso no Grupo de Convivência e a construção da Cidadania.

Neste trabalho correlacionamos participação em grupos de convivência com a construção mais efetiva da cidadania, porque acreditamos, que só pessoas exercitadas em atividades socializadoras são capazes de uma percepção mais realista de si e do mundo, fazendo frente aos obstáculos e propondo mudanças. A pesquisa teve por objetivos: proporcionar aos cidadãos idosos espaço mais seguro para comunicar suas experiências, resgatar seus projetos de vida, redirecionar suas aspirações pessoais e profissionais, exercitar sua cidadania; investigar a correlação existente entre participação grupal e melhoria de construção da cidadania; oportunizar a reflexão sobre a importância da participação do idoso na comunidade como forma de manutenção de seu engajamento e estabelecimento de níveis mais complexos de cidadania; verificar se a postura dos sujeitos da amostra, no Grupo, direciona para maior participação e contribui para o aparecimento de comportamentos mais coerentes e consistentes, com efeitos pessoais e sociais positivos com vistas à transformação social. A população foi formada por Idosos participantes das atividades oferecidas nos Grupos de Convivência existentes na comunidade do Rio Grande - RS e para constituir a amostra foi feita uma escolha aleatória de 10% dos sujeitos pertencentes à referida população. O instrumento utilizado foi a entrevista semi-estruturada com questões que visaram levantar opiniões dos sujeitos da amostra sobre aspectos pessoais, familiares, sociais, ocupacionais, políticos, econômicos e culturais e sobre a importância da valorização do idoso na comunidade, visando o exercício de sua cidadania. Os dados colhidos foram tratados, permitindo interpretações, cruzamentos e inferências. As respostas dos sujeitos da amostra foram classificadas tendo por referência indicadores como: nível de participação grupal, contextualização dos fatos, criticidade, reflexão e propostas transformadoras que permitiram verificar a maior ou menor vivência de cidadania. A conclusão do projeto de pesquisa foi feita após o cumprimento dos passos previstos, quando foram possíveis afirmações sobre o bom nível de vivência da cidadania dos idosos decorrente da participação no grupo. Como fechamento do trabalho foram apresentadas propostas com vistas ao crescimento da participação social e ação mais efetiva nos problemas comunitários.

Ivalina Porto Nicola.

Fundação Universidade Federal do Rio Grande – FURG.



“O imaginário construtivista de uma creche de Porto Alegre”.

Ruídos escutados na vivência institucional da pesquisadora geraram interesse no tema. A pesquisa objetivou realizar um estudo de caso institucional (delineamento pré-experimental), buscando caminhos para uma reorganização prática do ensino com relação à proposta teórica construtivista. Também contribuir teoricamente para análises institucionais cruzando referenciais teóricos da Psicologia Social e Psicanálise, utilizando, respectivamente, os conceitos de Representação Social (RS) e Imaginário. Mais especificamente, buscou entender como se representava o imaginário construtivista nesta creche, quais as leituras individuais que o atravessavam e qual era a função/determinação deste nas práticas sociais. A amostra compôs-se de 5 participantes, funcionários de uma creche (0 à 6 anos) pública federal de Porto Alegre há pelo menos 6 anos, sorteados por amostra estratificada proporcional entre 3 categorias: Equipe Técnica/1 participante; Setores de Apoio/1 participante; Quadro de Professoras/3 participantes (formação superior, média e fundamental). Foi utilizado um questionário aberto com 6 perguntas-estímulo sobre o referencial construtivista institucional. Os dados foram coletados na creche em entrevistas semi-estruturadas individuais. Baseada no conceito da RS e na constituição histórica de instituições e subjetividades, foi realizada uma análise psicanalítica da representação social do imaginário construtivista revelado no discurso. A análise dos resultados confirmou a maioria das hipóteses iniciais. Houve um processo histórico de mudança do assistencialismo ao construtivismo.

Concorreram conflitos entre ser creche ou pré-escola, recreacionista ou professora. A implementação da proposta construtivista era fragmentária, gerando práticas diversas dissonantes da teoria, mas constituindo um saber próprio, único, coletivamente construído historicamente. Ali, construtivismo era quase um sintoma organizador-construtor de sentido. A falta gerou movimento, mas a queixa constituiu-se cristalização substitutiva de instrumentalização à soluções. O trabalho em equipe dependeu da valorização administrativa do conhecimento construído em grupo. Historicamente, houveram algumas desautorizações ao pensar, à atuação da coordenação pedagógica, gerando falta de autonomia e resistências ao novo, mas sobreviveram desejos de mudança e crescimento. O imaginário e a RS do construtivismo naquela creche baseavam-se em chavões sobre métodos de ensino, sem grandes conhecimentos de conceitos piagetianos, criando um discurso que tentava superar-se na atuação diária, sustentando as subjetividades profissionais que viabilizavam algum trabalho. Enganos comuns: nem sempre respeitar a lógica da criança e confundir liberdade de pensamento com inexistência de limites, deixando a criança sem referenciais para desenvolver-se. Pontos positivos permaneceram: a prática de Projetos e o incentivo à autoria de professores e crianças, revelados nas propostas de futuro calcadas na auto-reflexão e busca ativa de conhecimento socializado, demonstrações de autocrítica consciente.

Raquel Gehrke Panzini.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



O impacto da reestruturação produtiva sobre a função caixa bancário: processo de saúde-enfermidade-trabalho.

A reestruturação produtiva determina mudanças na organização do trabalho. Constata-se que nas agências bancárias o avanço das novas tecnologias de informação, dispensa o trabalho tradicionalmente executado pelos caixas, eliminando-se esta função. O objetivo deste trabalho foi o de investigar os impactos dessas mudanças na saúde destes trabalhadores. Para tanto, foram realizados grupos, tendo como referencial teórico principal, a Análise Institucional e a Psicodinâmica do Trabalho. A amostra foi composta por 20 pessoas, funcionários de banco público, de ambos os sexos. A proposta de trabalho constituía-se de cinco encontros, com coordenação conjunta de duas pesquisadoras (uma médica e uma psicóloga). A participação dos trabalhadores acontecia de maneira voluntária, em forma de grupo fechado. Contratava-se a gravação e o sigilo, combinando-se a realização da validação do relatório produzido pelas pesquisadoras. Os trabalhadores constatam uma desvalorização da função. No passado, suas atribuições exigiam qualificação e havia um reconhecimento social da função de caixa bancário, bem como do funcionalismo público. Percebem agora que seu conhecimento foi apropriado pela máquina, sendo suas tarefas extremamente repetitivas. Diante disto, estes trabalhadores questionam-se: “Ser caixa, isso é uma profissão? (...) nos olham como se fossemos máquinas!” Além disto, observam que as qualificações que lhes restaram não encontram lugar no mundo do trabalho. A reestruturação produtiva força mudanças no ser e agir enquanto trabalhadores que repercutem na saúde dos caixas. Entende-se que este seja um dos fatores que estão produzindo um aumento nos adoecimentos destes trabalhadores, verificado pelo alto índice de portadores de LER e casos de adoecimento mental.

Maria da Graça Luderitz Hoefel; Lílian Weber; Raquel da Silva Silveira.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS; Escola de Saúde Pública do Estado do Rio Grande do Sul.



O impacto das campanhas aversivas em maços de cigarros sobre o jovem fumante.

Pesquisas indicam que 90% dos fumantes iniciaram o consumo antes dos 19 anos, influenciados principalmente pelas publicidades de cigarros nos meios de comunicação de massa. No entanto, atualmente muitas publicidades alertam sobre os malefícios do fumo exibindo fotos aversivas sobre as consequências do cigarro. Neste sentido, o presente estudo teve por objetivo analisar o comportamento dos jovens fumantes diante das propagandas aversivas nos maços de cigarro em que fotos ilustram os malefícios provocados pelo hábito. A amostra foi composta por 100 fumantes sendo 50 do sexo feminino e 50 masculino com idades variando entre 18 a 25 anos, solteiros e universitários dos cursos de Psicologia, Medicina, Arquitetura e Engenharia. Para tal utilizou-se questionário semi-estruturado e auto aplicável. Pela análise dos resultados levantados observou-se que 78% das mulheres e 60% dos homens informaram ter diminuído a quantidade de cigarro que fumavam por dia após a veiculação das imagens nos maços, sendo que 78% expressaram desejo em parar de fumar. Entre as imagens impressas 89% das mulheres e 60% dos homens pesquisados relataram que ficavam impressionados com a imagem do recém nascido prematuro com peso abaixo do normal. A imagem da impotência foi indicada por 36% dos homens como a mais aversiva. Quanto ao comportamento diante das imagens, 70% da amostra feminina e 52% da masculina relataram que cobrem as fotos com algum cartão sendo que 25% das mulheres e 35% dos homens pedem para trocar o maço por imagens que consideram mais suportáveis de olhar. Observou-se que 85% das mulheres e 65% dos homens consideram a campanha eficaz. Conclui-se que campanha contra o tabagismo entre a população jovem atinge de maneira mais direta quando aborda o processo reprodutivo.

ROSSETTO, Maria Ângela Colombo; ROSSETTO JR., José Augusto; ROSSETTO, Alessandra Colombo.

UniFMU; Universidade Presbiteriana Mackenzie.



O impacto das novas tecnologias na prática do professor universitário.

A utilização de recursos que envolvem novas tecnologias tem ocupado um espaço cada vez maior na área da educação, exigindo uma grande adaptação e uma atualização constante dos professores. Considerando o processo de transformação que está ocorrendo nesta área, este estudo teve como objetivo investigar as percepções de professores quanto a estas mudanças na educação superior. A amostra para esta pesquisa foi composta por um professor de cada curso do Centro de Ciências da Saúde da UNISINOS (Biologia, Enfermagem, Educação Física e Nutrição) e dois professores de Psicologia. Selecionou-se professores que, em coleta de dados anterior, apontaram a utilização de diversos recursos tecnológicos na sua prática docente. Como instrumento de pesquisa foi utilizada uma entrevista aberta para investigar a opinião dos professores quanto ao impacto da utilização de novas tecnologias em sua prática. As entrevistas realizadas individualmente foram gravadas e posteriormente transcritas para a análise de conteúdo. Como aspectos positivos, do uso de novas tecnologias, os professores salientaram que estes recursos melhoram a integração, a interação e a comunicação entre os alunos e entre estes e o professor, facilitam o processo de ensino e dinamizam as aulas. Foram apresentados diferentes tipos de reações dos alunos frente à tecnologia: os professores referiram que há alunos que tomam a iniciativa, buscam mais informações, demonstrando uma postura mais ativa; e outros alunos que expressam uma certa passividade, fazendo-se necessário um trabalho de motivação junto aos mesmos. Segundo os professores, estas diferenças podem ser resultado de características distintas destes grupos: os alunos que têm uma postura mais ativa, que utilizam mais as tecnologias, caracterizam-se, em geral, por terem uma melhor condição financeira, serem mais jovens, não trabalharem e terem acesso à internet fora da Universidade; os alunos que expressam mais passividade, em geral, utilizam menos os recursos, esperam que o professor traga a informação, trabalham, passam menos tempo na Universidade e não tem acesso às tecnologias fora deste ambiente. Em relação à prática do professor, os entrevistados salientaram a dificuldade de organizar um sistema de avaliação que contemple as diferenças entre estes grupos de alunos, ressaltaram a falta de tempo para a atualização e/ou aprendizagem dos recursos relacionados à informática, bem como para a seleção do material disponível na internet. Apontaram também a necessidade de suporte da Universidade para a utilização das novas tecnologias, pois não se consideram bem preparados ou ainda não sabem trabalhar adequadamente com estes recursos. Pode-se perceber, através dos relatos dos professores, que há ainda uma certa resistência em modificar sua prática docente, tornando-se necessário que a Universidade prepare seus professores para a utilização de novas tecnologias, através de projetos de capacitação que envolvam uma reflexão sobre o processo de ensino-aprendizagem e de como a tecnologia pode ser incorporada a este processo.

Simone Bicca Charczuk; Marcus Levi Lopes Barbosa; Daniel Beck Kissmann; Débora Dalbosco Dell'Aglio.

Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS.



O Impacto Do Consumo De Imagens De Marca Na Subjetividade De Jovens: Um Estudo Comparativo.

Nas sociedades de consumo contemporâneas a "Marca" representa o suporte simbólico da mercadoria, através da qual são veiculados valores, estilos de vida e normas de conduta, constituindo-se assim numa importante fonte de identidade psicológica. O presente trabalho objetivou investigar as formas de adesão aos ideais do consumo representados pelas imagens de marca, entre jovens de classes sociais distintas, avaliando suas implicações para a constituição das subjetividades contemporâneas e estabelecendo comparações entre eles. Foram realizados quatro "grupos de discussão" nos quais se apresentaram imagens publicitárias de produtos de marca a jovens de faixas etárias entre 14-16 anos, separados por sexo, de nível sócio-econômico alto e médio (A,B e C) e baixo (D e E). Nestes foi aplicada uma escala de mensuração de traços narcisistas e avaliados os seguintes níveis de identificação com as marcas: subjetivo, grupal, cultural e corporal. Como resultado temos que no nível subjetivo a marca mobilizou sentimentos ambíguos de: autoconfiança e bem-estar, inferioridade e frustração, além de desejo sexual e anseio por status. No nível grupal a marca demonstrou ser um forte elemento de inserção/exclusão social, observando-se nos grupos de nível sócio-econômico mais baixo um predomínio deste último termo, além de uma discriminação endógena àqueles do próprio grupo que usam roupas de marca para "sentirem-se superiores". No âmbito da cultura os indivíduos de nível sócio-econômico médio e alto posicionaram as marcas internacionais sempre associadas a uma maior qualidade, divergindo do posicionamento daqueles pertencentes aos níveis sócio-econômicos baixos que questionaram a qualidade destes produtos optando pela quantidade e pelo menor preço. A temática do corpo foi discutida atrelada às questões de sensualidade e de beleza ideal que os produtos de marca supostamente conferem aos seus usuários, independente da classe social. Todos os grupos evidenciaram posicionamentos de adesão e fascínio às marcas, assim como obtiveram uma alta pontuação na "Escala de narcisismo", o que confirma a correlação positiva entre narcisismo e a adesão aos ideais do consumo.

Lúcio Flávio Gomes de Lima; Maria de Fátima Vieira Severiano; Daniel Mattos de Araújo Lima; Luciana Carvalho Martins.

UFC; UNICAMP; Universidad Complutense de Madrid; CNPq; PET.



O intercâmbio multiprofissional em ambiente hospitalar – Relato de uma experiência.

Embora a inserção efetiva da Psicologia no contexto hospitalar seja um evento relativamente novo no cenário nacional (décadas de 70 e 80), ela tem trazido contribuições importantes, tanto na compreensão global do paciente, sua família e o contexto de sua doença, quanto junto à equipe de saúde. O olhar diferenciado do psicólogo frente às questões do processo de adoecimento do paciente, o entendimento de seus aspectos psicológicos, e a forma como seus recursos de enfrentamento podem ser acionados tornam o psicólogo um profissional imprescindível na mediação das relações entre este e a equipe de saúde, potencializando os recursos de ambos, e conseqüentemente promovendo saúde. Este trabalho pretende mostrar uma das ações multidisciplinares realizadas pelo Serviço de Psicologia da Enfermaria de Pediatria, do Hospital Universitário, da Universidade de Santa Catarina, denominada “Intercâmbio”. O Intercâmbio constitui-se de reunião semanal, que propõe-se à troca de informações entre os vários profissionais da equipe, acerca de questões referentes às crianças internadas e suas famílias (instrução de manejo, definição de condutas a serem seguidas pela equipe, encaminhamento a outros serviços, reavaliações), assim como qualquer assunto referente ao funcionamento da equipe. Participam deste momento de troca, profissionais da Psicologia, Enfermagem, Serviço Social e Medicina. Estas reuniões são coordenadas por um dos integrantes (havendo rotatividade nesta função), que define junto ao grupo os casos e questões que serão discutidos, e todos os profissionais envolvidos no atendimento compartilham informações, diversificando o entendimento das situações de trabalho e das pessoas atendidas, e valorizando os saberes envolvidos no seu atendimento. Os resultados desta atividade são identificados através de uma maior integração da equipe, ocorrendo uma maior aproximação e vínculo melhora no entendimento das atribuições de cada um dos serviços envolvidos, aumento na quantidade de encaminhamentos ao Serviço de Psicologia (com melhora na qualidade e adequação destes pedidos), e principalmente, a possibilidade de um atendimento de qualidade à clientela.

Bianca Rosal Furtado; Alessandra de Sá Bez; Claudete Marcon; Jadete Rodrigues Gonçalves.

Universidade Federal de Santa Catarina.



O jogo como dispositivo terapêutico no grupo de idosos.

Esse projeto de extensão da universidade é desenvolvido numa instituição geriátrica de longa permanência em Prados – MG. O trabalho da equipe de psicologia visa promover a qualidade de vida dos idosos, através da melhoria das relações entre eles, do resgate das suas individualidades, do exercício da memória e do desenvolvimento da auto-estima. Com a maximização das habilidades do idoso, busca-se a recuperação de sua dignidade e identidade social, ressignificando as perdas e limitações próprias dessa fase da vida. Jogos e outras atividades lúdicas têm funcionado, há algum tempo, como dispositivos (Baremlitt, 1994) ou disparadores operativos (Pichón-Rivière, 1988) para evocar temas emergentes que são discutidos no grupo. Antes de cada encontro do grupo, as estagiárias conversam individualmente com os idosos, auxiliando-os na formulação de questões que serão utilizadas no jogo. A metodologia utilizada tem favorecido a adesão dos idosos ao grupo e sua participação espontânea nas atividades. Percebe-se um processo de reflexão sobre suas histórias de vida, relações interpessoais e interesses, perdas e ganhos, além do desenvolvimento da auto-estima e de funções psíquicas (memória, atenção, percepção), tornando o encontro um momento em que o idoso fala de si e de suas experiências. Favorece também uma homogeneidade na participação, além de desenvolver a capacidade de ouvir o outro, promovendo uma interação maior entre os moradores da casa. Intervenção e pesquisa são desenvolvidas concomitantemente, em função da constante necessidade de que estratégias mais eficazes sejam obtidas. Os resultados satisfatórios parecem estar relacionados, por um lado, à confiança e reconhecimento depositados pelo grupo no trabalho desenvolvido e, por outro, à confiança da equipe de Psicologia na riqueza que o idoso traz consigo por sua experiência de vida. Conclui-se que o processo vivido pelo grupo pode ir além da realização de atividades simplistas – “trabalhinhos” - usualmente atribuídas a idosos institucionalizados. Palavras-chave: Jogo; lúdico; idoso; grupo; auto-estima.

Izabel Christina Friche Passos; Ivânia Fátima de Carvalho Moura; Fabiana Goulart de Oliveira; Mônica Soares da Fonseca Beato.

Universidade Federal de São João Del Rei.



O Jogo Protagonizado: Um estudo sobre o desenvolvimento do Jogo Protagonizado.

O estudo em questão visou investigar de que modo se organizava e se desenvolvia o jogo protagonizado num grupo de crianças no contexto escolar. A diretriz das investigações derivou das interpretações de Vygotsky, Elkonin e Leontiev sobre o imaginário no jogo, bem como de outras pesquisas relativas ao tema também no Brasil, tais como Moraes (1980), Bomtempo (1984), Oliveira (1994), Almeida (1995), Kishimoto (1996), Gonçalves (1998), Góes (2000), entre outros. O objetivo deste estudo centrou-se em analisar a organização e desenvolvimento do jogo protagonizado, identificando quais os aspectos do cotidiano as crianças refletiam em suas brincadeiras, o que apareceu como apropriação de valores, conhecimento, regras sociais e formas de comportamento. As análises foram baseadas em registros em vídeo e registro cursivo dos episódios de jogos protagonizados desenvolvidos por um grupo de crianças de 5 a 6 anos de idade. As crianças foram observadas em sala de aula, no dia designado pela escola, como o “Dia do Brinquedo”. O registro do material corresponde a um período de 6 meses de trabalho de campo. De acordo com o propósito da investigação, as gravações foram seletivas, ou seja, foram focalizados os episódios de jogos protagonizados desde o seu início até o momento em que os mesmos encerravam-se ou eram interrompidos. Todos os episódios foram transcritos e analisados com base no método interpretativo dialético, proposto por Minayo (1998). As descobertas indicam que as atividades de jogos protagonizados caracterizaram-se de diferentes maneiras: alguns jogos desenvolveram-se através do anúncio de um determinado tema, outros, através da manifestação verbal demonstrada pelo interesse em interpretar um determinado papel, e outros ainda, pela instalação de um cenário que, em consequência, direcionava a temática do jogo. Constatou-se que os jogos protagonizados se desenvolveram em grupos de 2, 3, 5 e até 7 crianças. Considerando a evolução cronológica dos jogos, desde o período de início das observações até as últimas observações realizadas, foi possível perceber um aumento considerável na duração do entretenimento das crianças na atividade lúdica, ocorrendo maior incidência do papel da fala no decorrer dos jogos. Em alguns episódios, apareceu, também, a fala planejada, por intermédio da qual, as crianças expressavam sua atitude em relação aos brinquedos. Verificou-se ainda que, na medida que as crianças interpretavam seus papéis, passavam a subordinar suas ações ao mesmo. Em relação aos papéis representados, foi possível perceber o interesse das crianças pela representação de determinados papéis e a preocupação em representá-los com perfeição e veracidade. Considerou-se também a importância dos jogos protagonizados na expressão da subjetividade infantil, na confrontação com determinadas emoções e sentimentos, na internalização de regras sociais e na apropriação de valores, conhecimento e cultura.

Joseth Antonia O. Jardim Martins.

Universidade Federal do Paraná – UFPR.



O lugar da morte na formação médica.

O médico tem que enfrentar aos desafios diários e às demandas da situação de morte. Contudo, está desprovido de elementos que possam ajudá-lo nessa tarefa. Pensamos que todo o indivíduo que se atenha ao cuidado com a vida humana deverá estar munido das ferramentas que lhe permitam uma intervenção eficaz, não somente em relação aos aspectos biológicos, mas também, àquelas emoções por estes desencadeadas. Assim, este trabalho visou reconhecer qual é o lugar que a formação médica destina ao preparo do futuro profissional para lidar com a morte. Inicialmente efetuou-se um levantamento do número de programas em que a temática da morte era abordada. Contudo, o trabalho se centralizou sobre como os professores-profissionais da medicina representam ser a melhor forma de lidar com situações de morte no exercício da profissão. Observou-se que das três disciplinas que fazem referência à morte somente uma delas apresenta uma unidade onde a questão é tratada desde o ponto de vista psicossocial. Nas entrevistas (semi-estruturadas) os professores reconhecem que certas cadeiras, como Anatomia, Técnica Cirúrgica e Anestesiológica Experimentais e Técnica Cirúrgica em Cadáver, dentre outras, geram ansiedade no aluno, assim como o exercício da profissão causará ansiedade no profissional levando a ser esta a profissão com maior incidência de suicídios e menor expectativa de vida. Contudo, nos seus depoimentos expressam a inexistência de ações pedagógicas que visem preparar o aluno a trabalhar com estas situações apresentando-se a idéia implícita de que o aluno, através do costume e do hábito, conseguirá um controle das emoções.

Quintana, A.M.; Henn, C.G.; Santos, F.C.; Daltrozo, G.C.M.; Freitas, R.D.; Tonetto, A.M.

Universidade Federal de Santa Maria - RS; CNPq /PIBIC; FAPERGS.



O Lugar do Céu, Representado na Obra de Bispo do Rosário.

Resumo: A arte de Arthur Bispo do Rosário é um exemplo de criação estética no universo da doença mental. Seu trabalho pode ser revisitado em sala de aula, integrando a didática da arte com os conhecimentos específicos que compõem sua temática. Ao se situar como mensageiro de Deus, profeticamente integra um espaço representacional divino, concretizado nas suas obras no plano real. Na utilização do trabalho de Bispo do Rosário como meio de aprendizagem, os/as alunos/alunas puderam focar estudos sobre Arte Contemporânea, novos suportes para apresentação de trabalhos, formação de grupos de monitoria, bem como compreender os conceitos de assemblage e instalação. Um dos aspectos mais relevantes na obra de Bispo do Rosário era sua compulsividade na reunião de coisas e objetos com os quais ele construiu e firmou seu trabalho. O fazer estóico, vibrante, renitente de juntar é o que vem favorecer uma compreensão pela qual o artista configura sua idéia de mundo. Todo aquele aparato de reciclagem sem sentido, lixo e não lixo, relegados (rejeitados) pelo outro, passa a ter um significado próprio para o artista. É através de suas construções e de sua fala que esta representação é assimilada posteriormente pelos analistas e críticos de arte, como algo que se recobre de sentido e significado para o outro. Por fim, enquanto forma de representação de uma existência (na doença), o artista consegue conquistar um espaço compartilhado por seus companheiros e companheiras que alimentam, asseguram, asseveram e o reafirmam enquanto indivíduo pensante, na medida em que doam materiais diversos para as suas construções. Além disso, a universalidade de sua obra permite que jovens hoje, sejam nutridos esteticamente pela sua invenção. Metodologia: Contextualização da história de vida do artista, sua vida religiosa, perfil psicológico e formação profissional, com a qual estabeleceu vínculos na sua obra, bem como a estruturação do seu trabalho com a reutilização de objetos descartáveis e do cotidiano. Resultados: Os alunos, além da produção de mantos, elaboraram textos sobre a vida do artista seguindo seu estilo de escrever, elaboraram portfolio, e a formação de uma equipe de monitoria para visita à exposição no colégio intitulada DEZMANTOS, DEZMANTELOS, sob curadoria dos professores acima citados. Conclusão: Através do trabalho realizado, foi possível compreender que a obra de Arthur Bispo do Rosário é revestida de sabores e conhecimentos, que o mantém no mundo, integrado a ele e por ele encontrando razão de existir.

André Luiz de Aquino; Maria Tereza de Farias.

Secretaria de Educação do Recife; Colégio Reitor João Alfredo.



O Método Mãe-Canguru na visão das mães atendidas em um hospital de João Pessoa.

Introdução: A experiência de maternidade conduz a uma situação de estresse provocada por ansiedade frente à expectativa de mudança no contexto familiar, podendo ser agravada por problemas apresentados pelo bebê. As mães podem se sentir incapazes ao lidar com filhos que apresentam problemas como a prematuridade e/ou baixo peso ao nascimento, o que pode contribuir para o aumento do estresse materno e a modificação das expectativas em relação às capacidades do filho, causando repercussões sobre a natureza das interações mãe-filho. Hospitais e maternidades brasileiras têm adotado uma assistência às díades mãe-bebê com baixo peso voltada à instrução e ao encorajamento das mães em relação aos cuidados que devem oferecer a seu bebê de risco. Essa prática se integra aos procedimentos empregados pelo Método Mãe-Canguru, o qual constitui uma alternativa ao tratamento de bebês de risco, utilizando o contato corporal entre a mãe e o bebê como forma de substituir a incubadora. O Método Mãe-Canguru recomenda a posição canguru, na qual o bebê permanece em contato pele-a-pele com sua mãe, e incentiva o aleitamento materno como forma exclusiva de alimentação dos recém-nascidos, o que evidencia a importância da disponibilidade e do engajamento das mães. O Método Mãe-Canguru insere as mães no tratamento do bebê, informando-as acerca dos cuidados adequados e encorajando-as a uma participação ativa no processo de recuperação do filho. **Objetivo:** Verificar as concepções das mães atendidas pelo Método Mãe-Canguru em relação a esse programa de assistência. **Método:** Participaram deste estudo 9 mães atendidas pelo Método Mãe-Canguru em uma maternidade pública de João Pessoa, com as quais foram realizadas entrevistas semi-dirigidas em ambiente hospitalar, durante o período de internação. **Resultados:** A análise das entrevistas evidenciou que as mães possuem uma instrução satisfatória acerca dos cuidados que devem direcionar ao seu bebê. Esse achado é importante, visto que corresponde a um dos objetivos principais desse programa – instruir mães a respeito dos cuidados com o recém-nascido de risco. Verificou-se que as mães reconhecem a importância do Método Mãe-Canguru para recuperação da saúde do bebê, ressaltando o ingresso no mesmo como oportunidade de permanecer em contato contínuo com o seu filho, o que não é viável quando o bebê é encaminhado a uma incubadora. As mães entrevistadas mostraram-se satisfeitas em relação ao atendimento recebido, sendo que apenas uma delas revelou achar a rotina hospitalar "estressante" e possuir problemas de adaptação, embora acredite em superá-los futuramente. **Conclusão:** As verbalizações das mães a respeito de sua satisfação com o atendimento podem ter sido influenciadas tanto pelo tipo de atendimento recebido quanto pela condição sócio-econômica das díades, as quais, em geral, são provenientes de famílias com baixa renda e residentes no interior do estado.

Algeless Milka Meireles; Raquel Melo Bezerra; Janaína Garrett; Nádia M. R. Salomão.

Universidade Federal da Paraíba.



O Migrante - Ressignificação de uma Identidade em uma Trajetória de Vida.

O objetivo do presente estudo é a análise da história de vida de um imigrante europeu no Brasil, em uma perspectiva psicossocial, buscando traçar as dimensões psicológica e social desta história e a interseção entre elas. Serviram de base teórica e metodológica para o estudo autores da Psicossociologia, da Sociologia Clínica, da Psicanálise, como V.de Gaulejac, M.Legrand e C.Calligaris. Nesta abordagem, o indivíduo é visto como afeito a determinantes de ordem social e de ordem psíquica que, entrecruzados, produzem a singularidade de sua vida. O indivíduo é concebido como produto de uma história da qual procura ser sujeito, ao apreender o quanto suas escolhas de vida (profissionais, culturais, afetivas, ideológicas) são parte de uma herança que lhe designam um lugar no mundo. A técnica de entrevista semi-dirigida, foi utilizada neste caso para o levantamento da história de vida de um homem, migrante de 89 anos, que veio para o Brasil em 1937, em fuga do nazismo. A análise da história de vida relatada pelo entrevistado, sustentada nos referenciais teóricos apontados, permitiu o levantamento de hipóteses ligadas a conflitos identitários relacionados às heranças culturais e ideológicas e à ruptura na trajetória de vida em decorrência da migração. Essas questões se revelaram tanto no que concerne ao projeto parental (relacionadas à perspectiva de reprodução dos modelos identificatórios constantes do projeto), quanto no romance familiar, e com mais força na identidade religiosa/cultural/ideológica sustentada pelo migrante em sua vida no Brasil. As oposições entre o país de origem e o novo, entre a religião e a nacionalidade, foram pontos marcante na análise da história deste indivíduo. Revela-se, finalmente, a possibilidade para o sujeito de reapropriar-se de sua história, ao refazer sua trajetória e através do relato, recuperar-lhe um sentido. Alguns aspectos metodológicos ligados ao contexto específico deste tipo de entrevista de pesquisa também são discutidos no trabalho.

Jacyara C. Rochael-Nasciutti; Daniel Correa Mograbi; Fernando Farias Stern.

Universidade Federal do Rio de Janeiro.



O paciente com transtorno alimentar: uma avaliação do funcionamento.

A presente pesquisa teve como objetivo investigar o funcionamento das famílias que apresentam transtorno alimentar, avaliado a partir da visão de seus membros e da equipe técnica. Participaram deste estudo dez pacientes e suas respectivas famílias que estiveram em tratamento em um hospital geral de Porto Alegre. Utilizou-se a Escala GARF (Avaliação Global do Funcionamento Interacional) para avaliar o funcionamento familiar quanto às necessidades afetivas e instrumentais a partir da visão da equipe técnica, e o questionário Como Vai Sua Família para avaliar a estrutura familiar, a autonomia e o afeto a partir da visão dos familiares e da pesquisadora. Os resultados apresentaram uma semelhança em relação ao funcionamento familiar a partir da percepção da equipe técnica e da pesquisadora, no entanto, observa-se uma diferença entre a percepção da pesquisadora e da própria família. Quanto às características do funcionamento familiar de pacientes com transtorno alimentar, são famílias que apresentaram uma rigidez afetiva entre os membros, bem como uma dificuldade quanto à solução de problemas.

Patrícia Ruschel Daudt; Vanessa Ribeiro de Barcellos.

ULBRA – RS.



O papel atribuído aos animais de estimação por mulheres no período do climatério e sua associação com uma melhor qualidade de vida: estudo exploratório.

Esta pesquisa foi realizada com o objetivo de avaliar se o roteiro de entrevista utilizado como instrumento atendia ao propósito de investigar o papel atribuído aos animais de estimação por mulheres no período do climatério, e sua associação com uma melhor qualidade de vida. O roteiro de entrevista foi estruturado com a finalidade de caracterizar a amostra e de fornecer indicativos de melhor ou pior qualidade de vida. Era composto por 25 questões, divididas entre fechadas, abertas e mistas. Compuseram a amostra 12 mulheres na faixa etária de 45 a 55 anos, servidoras de uma repartição pública em São Paulo, que se dispuseram a participar deste estudo. A Organização Mundial da Saúde define a faixa etária de 40 a 65 anos como correspondendo ao período do climatério, com a ocorrência da menopausa por volta dos 50 anos, em média. Como se tratava de uma pesquisa preliminar, excluiu-se as mulheres na faixa etária de 40 a 44 anos e de 56 a 65 anos. A amostra assim obtida foi dividida em 3 grupos: A- mulheres casadas; B- mulheres divorciadas, viúvas ou solteiras que vivem com os filhos ou outros integrantes da família e C- mulheres divorciadas, viúvas ou solteiras que vivem sozinhas. Não ocorreu uma distribuição equitativa das mulheres. Fizeram parte do grupo A, 6 mulheres; do grupo B, 5 mulheres e do grupo C, apenas 1 mulher. Para a realização da entrevista, foram utilizados em média 15 minutos com cada mulher. As entrevistas foram feitas em dois dias, no próprio local de trabalho das entrevistadas. Os resultados indicaram que: 92% da amostra, ou seja, 11 mulheres possuem animais de estimação; porém o papel atribuído a estes é mais significativo para a mulher do Grupo C, que vive sozinha. Das entrevistadas, 67%, ou seja, 8 mulheres, atribuem a importância dos animais de estimação ao fato destes propiciarem companhia e distração. Com esta pesquisa preliminar, verificamos a necessidade de aprimorar o roteiro de entrevista, bem como, de incluir instrumentos complementares para avaliar a qualidade de vida, uma vez que, o instrumento utilizado não foi suficiente para atingir este propósito. Este trabalho possibilitou que procurássemos e encontrássemos outro instrumento para avaliação de qualidade de vida, que é um questionário genérico de muita utilização para avaliação de qualidade de vida na área da saúde, que é o Short Form Health – Survey (SF-36), indicado inclusive, para a população estudada. O SF-36 foi incluído como instrumento, na pesquisa que está em andamento para conclusão da dissertação de mestrado em Psicologia da Saúde.

Déria de Oliveira; Julieta Quayle.

UMESP.



O Papel da Mãe do Recém-Nascido.

A importância da dedicação da mãe aos cuidados de seu bebê recém-nascido, visando o desenvolvimento sadio físico e emocional deste, tem sido há bastante tempo amplamente discutida. Winnicott traça múltiplas considerações sobre a relação mãe/bebê. Em sua opinião, a mãe da criança é a pessoa que está mais qualificada para desempenhar esse papel, pois é ela que, dada a condição mesma da maternidade (sistema cultural, família etc.), entrega-se mais integralmente à causa da criação do filho. Para esta tarefa ela se prepara desde a gestação, no decorrer da qual progressivamente adquire uma atitude sensível que a capacita a adaptar-se de modo ativo às necessidades variáveis e crescentes da criança. Contudo, é muito significativa a proporção de mães que não conseguem oferecer aos seus filhos, à época de seu nascimento, aquilo que Winnicott chamou de condições suficientemente boas para desenvolvimento do infante. Os fatores que podem determinar esse tipo de comportamento são variados e abrangem aspectos que vão desde as condições sócio-econômicas, passando por questões familiares, chegando aos mais particularmente ligados às condições individuais daquela mãe. A nossa proposta aqui é apresentar uma discussão acerca do papel da avó materna (ou de quem, na ausência desta, ocupa este lugar nos primeiros meses de vida do bebê). Se é fato que a criança necessita de condições ambientais favoráveis para desenvolver-se adequadamente, o mesmo ocorre com a mãe para dedicar-se ao seu bebê e, desse modo, exercer efetivamente a sua maternagem. Ora, para proporcionar a segurança de que o bebê necessita, a mãe precisa sentir-se autorizada a exercer seu papel de mãe. E é neste ponto que entra em cena o apoio fundamental da mãe da mãe. Esta pode oferecer o holding necessário para que a mãe suporte a regressão suposta na pronta adequação às necessidades do bebê. Em nosso entendimento, o papel da avó na maternagem, ao contrário de que muitas vezes acontece, não é substituir a mãe, mas é o de prover as condições suficientemente boas, para que a mãe esteja capacitada a suportar o processo de não-integração e reintegração que o bebê experiencia.

Ana Lucia G. Bastos; Lourdes M. de P. Gondim.

USP; Sociedade Psicanalítica Gradiva.



O papel da Psicologia na Delegacia da Mulher; Apoio, Conscientização e Prevenção.

A violência contra as mulheres, de acordo com Jurandir F. Costa em debate no segundo Fórum Social Mundial expressa a combinação entre dois sistemas que se reforçam mutuamente: o patriarcado – baseado na pretensão de que existiria uma inferioridade natural das mulheres e na hierarquização dos papéis atribuídos aos homens e às mulheres –, e a globalização capitalista neoliberal, que se apóia na divisão sexual do trabalho para criar desigualdades adicionais entre homens e mulheres, gerando a exclusão social, que como em outras esferas é sutil e dialética, produto do funcionamento do sistema e sem o qual esse não se manteria, proporcionando assim um ambiente favorável ao aumento da violência. Assim, ao tratar de violência contra a mulher, o que está em julgamento não é o crime, mas a adequação dos papéis sexuais socialmente definidos, isto é, o gênero, sendo essa violência parte de um processo mais amplo de opressão que abrange todas as esferas da vida social. Dessa forma, compreendemos a violência contra a mulher como quaisquer atos violentos que venham a transformar a diferença de gênero em desigualdade e dominação. Entendemos como atos violentos qualquer forma de violência contra a mulher: violência física, violência sexual, violência psicológica e emocional, violência por atos destrutivos, violência social (profissional, racial, ideológica e contra idosas). Percebendo a importância de atuar na configuração de ações e com o objetivo de conscientizar mulheres vítimas de violência doméstica, bem como promover a prevenção desse sofrimento psíquico, o Projeto Delegacia da Mulher de Maringá, composto por acadêmicas e profissionais da Psicologia, desenvolve desde 1993 um trabalho de atendimento preventivo e auxiliador com as vítimas de violência que procuram a Delegacia da Mulher daquela cidade. Ao chegar à delegacia, a mulher é atendida em primeira instância pelo Setor de Psicologia – Estágio, para depois passar, se necessário for, a outro setor. Busca-se conscientizar as mulheres quanto aos seus direitos de cidadã, proporcionando alívio psíquico de seu sofrimento decorrente dos seus conflitos mais emergentes – entre eles a violência doméstica. Também, presta-se apoio psicológico às mulheres e aos seus familiares, promove-se à comunidade em geral, palestras e discussões a respeito dos Direitos da Mulher e do processo de violência por ela sofrido. Entre os meses de janeiro e maio/2001 foram atendidos 142 casos, dos quais 61 foram registrados queixas, 49 não o foram por impossibilidade legal e 11 não registrados por opção da vítima. Acreditamos que através da conscientização, a mulher poderá conquistar sua condição integral de ser, tanto física, psíquica ou moralmente, descobrindo ou redescobrando seus direitos de cidadã e principalmente não mais permitindo que seu sofrimento psíquico, ético, moral e político não sejam mais ocultados. Nada justifica a violência contra a mulher. Denunciar ajuda a prevenir.

Michele C. Baierle; Mônica A. Barbosa; Alcinéia De Bortoli; Mariane R. Ciscon; Vânia C. Gottardo; Janaína N. Nielsen; Marina Barbosa Pinto; Regina Wrubel; Maria T. C. Gonzaga; Walterlice Ferreira.

Universidade Estadual de Maringá.



O papel das educadoras de creches no desenvolvimento infantil: uma proposta interventiva.

O objetivo desse trabalho é intervir na qualidade de atendimento dispensada às crianças pequenas por parte de educadoras de creches públicas. Essa atividade de extensão parte do pressuposto de que a qualidade de atendimento oferecida às crianças pode estar relacionada, dentre outros fatores, às concepções das educadoras acerca das potencialidades das crianças, e ao papel que essas educadoras têm no sentido de mediar novos conceitos e atividades que propiciem o desenvolvimento infantil. A ausência de conhecimentos por parte das educadoras sobre o desenvolvimento infantil e do seu papel na promoção desse desenvolvimento, pode estar diretamente relacionada ao tipo de interação que estas estabelecem com as crianças. Participam desse projeto educadoras e monitoras de uma creche pública da cidade de João Pessoa. Os encontros quinzenais são realizados numa sala na própria universidade. Através de palestras, sessões de vídeo e oficinas pedagógicas, essa atividade de extensão pretende fornecer subsídios teórico-práticos às educadoras a fim de conscientizá-las do seu papel mediador no desenvolvimento infantil, atuando principalmente na formação destas. Antes de iniciado o processo de intervenção, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com as educadoras para conhecer as concepções destas acerca do desenvolvimento infantil. Os resultados das entrevistas serviram de base para o planejamento das sessões de intervenção. A partir da análise dessas entrevistas verificou-se a necessidade de direcionar a intervenção para os temas: (a) desenvolvimento infantil e suas etapas; (b) o processo de adaptação das crianças à creche; (c) as características da linguagem e do pensamento das crianças atendidas; (d) a função das educadoras enquanto favorecedoras do desenvolvimento da criança; e (e) a idéia de creche como um espaço possível para a promoção do desenvolvimento. Esse projeto e os temas que norteiam as sessões de intervenção tem sido apresentados e discutidos a partir das teorias de Piaget, Vygotsky e Wallon.

Fabíola de Sousa Braz; Daniela Patrícia Dantas da Costa; Annie Rachel Morais de Luna.

Centro Universitário de João Pessoa – UNIPÊ.



O papel do acompanhante terapêutico no tratamento psiquiátrico do EAC-NS.

Este trabalho tem como proposta avaliar a importância do acompanhamento terapêutico realizado pelos estagiários da área de Psicologia que atuam na unidade docente assistencial de Psiquiatria do Hospital Universitário Pedro Ernesto. O acompanhamento terapêutico é um elemento fundamental para o tratamento psiquiátrico. A função do acompanhante terapêutico é trabalhar junto a uma equipe interdisciplinar, oferecendo um suporte ao paciente. O serviço de Psiquiatria do Hospital Universitário Pedro Ernesto conta com a participação de estagiários da área de Psicologia para a realização do acompanhamento terapêutico, que fazem parte de uma equipe interdisciplinar composta por profissionais da área de Psiquiatria, Enfermagem, Psicologia e Serviço Social. Os estagiários da área de Psicologia se organizam de modo que o acompanhamento possa ser realizado de segunda –feira à sexta –feira dentro dos períodos da manhã e da tarde. Semanalmente, há uma supervisão com um professor da área de Psicologia, com a discussão de casos clínicos dentro de uma abordagem psicanalítica, leitura de textos e análise de como os acompanhamentos têm sido efetuados. O processo do acompanhamento terapêutico se inicia com a apresentação do acompanhante ao paciente: o estagiário se coloca como membro da equipe do hospital, estando disponível a conversar sobre os problemas do interno. Após a apresentação, trabalha-se a criação do vínculo com o paciente, que se estabelece após alguns dias de convivência e interlocução. Estando o vínculo consolidado, o acompanhante inicia um trabalho assistencial e de suporte, promovendo a diminuição da angústia gerada pela internação e tensão estabelecida em relação ao tratamento oferecido pela equipe do hospital. Para isso, o acompanhante orienta o paciente como agir frente a alguns problemas do cotidiano busca estimular a capacidade criativa do paciente e incentiva sua ressocialização inserindo-o em oficinas terapêuticas, como as oficinas de arte, música, corpo, jardinagem, educação física, cinema e passeios externos. Além disso, o acompanhante estimula o cuidado pessoal, como higiene, sono e alimentação. A aproximação da família com o paciente é outro aspecto fundamental trabalhado pelo acompanhante terapêutico, que busca conversar com a família do interno e incentivar a participação dessa família em reuniões com familiares de outros internos. A relação estabelecida entre o acompanhante e o paciente possui limites: o acompanhante não pode se apresentar como amigo e nem dividir segredos como o paciente. No início do vínculo deve estar estabelecido que o acompanhante está no serviço para prestar assistência e fazendo parte de uma equipe interdisciplinar, compartilha informações com essa equipe. A proposta do serviço de Psiquiatria do Hospital Universitário Pedro Ernesto também coloca que o acompanhante terapêutico é fundamental para trabalhar a alta do paciente, estimulando o contato social e encaminhando o paciente para outras unidades de tratamento psiquiátrico, como hospitais-dia ou serviço ambulatorial. Temos observado uma boa resposta ao acompanhamento terapêutico, pois os pacientes diminuem suas angústias e enriquecem seu pensamento, participando ativamente da sociedade.

Aurea Domingues; Raphael Carneiro; Thiago Pinto; Luciene Helen da Silva; Ademir Pacelli.

Universidade do Estado do Rio de Janeiro.



O papel do brincar na inserção das crianças na creche da Universidade Federal Fluminense - UFF numa perspectiva teórica de Vygotsky.

O presente trabalho foi desenvolvido por alunas da graduação de Psicologia e visa fazer reflexões sobre papel do brincar na inserção das crianças na creche da Universidade Federal Fluminense- UFF- . Pretendemos contribuir para estudos nas áreas de Psicologia do Desenvolvimento a partir de pressupostos teóricos que enfatizam a gênese social e a natureza mediadora do contexto histórico cultural no processo de desenvolvimento humano. A relevância deste trabalho verifica-se na observação da entrada de crianças na creche UFF e como as brincadeiras influenciam positivamente nesse processo. O brincar é acolhedor para a criança neste primeiro contato com um novo ambiente, e se amplia na medida que esta se relaciona com outros ao seu redor. A brincadeira infantil desenvolve a criatividade; permite a vivência para a aprendizagem; é uma atividade mediadora da criança com o mundo em que vive e é capaz de colocar em movimento, vários processos do desenvolvimento infantil. Durante o processo de inserção na Creche UFF, é valorizada a permanência dos pais com a criança. Ela participa de atividades integradoras juntamente com os profissionais da creche e as crianças antigas. A criança passa a conhecer cada ambiente da creche, mas não de uma forma passageira: ela vivencia cada espaço que lhe é apresentado através do brincar e das relações que são construídas com o outro. Assim, lhe é possibilitado experimentar novas situações, respeitando sua singularidade e seu tempo de inserção. Para Vygotsky, o brinquedo é uma importante fonte de promoção do desenvolvimento, pois através dele a criança apreende e age no mundo social, construindo sua própria história de vida e de conhecimento. O termo brinquedo refere-se à atividade; ao ato de brincar, mais especificamente a brincadeira de faz de conta e ao jogo de papéis. Com o brinquedo, a criança aprende a atuar numa esfera cognitiva que depende das motivações que ela tem consigo mesma. A criança brinca pela necessidade de agir no mundo de entendê-lo, assim na brincadeira experimenta situações do cotidiano ampliando sua compreensão do universo ao qual está inserida. O trabalho conclui por uma concepção positiva do brincar como importante mediador nas relações entre a criança e o ambiente em que está sendo inserida. A brincadeira exerce um papel fundamental para a boa qualidade deste processo de inserção, que irá contribuir para um melhor desenvolvimento sócio-emocional da criança na creche.

Elaine Tomé.

UFF.



O papel do psicólogo na profilaxia da cefaléia infantil.

O presente trabalho mostra como a intervenção psicoterapêutica auxilia na recuperação e reduz os riscos de futura somatização. Foi desenvolvido com base em trabalho clínico com crianças de 4 a 12 anos que apresentavam cefaléia recorrente. Usualmente verifica-se que alguns médicos encaminham a criança para a avaliação psicológica como último recurso, quando o tratamento médico não surte resultados, não considerando a possibilidade de um trabalho em conjunto. Todavia, a influência de fatores psicológicos na cefaléia infantil já havia sido descrita, no final do século XIX pelo pediatra inglês William Henry Day, que citava como possíveis fatores desencadeantes: desorganização na rotina, alimentação inadequada, excessos intelectuais oriundos da escola e não atendimento às necessidades recreacionais. A cefaléia infantil é descrita como tendo duas origens: a tensional e a enxaqueca. A tensional ocorre depois de tensão nervosa, começando no início do relaxamento. Pode ser de natureza vascular, miálgica ou muscular, quando resultante da contração dos músculos esqueléticos do pescoço e pode ocorrer com grande freqüência. Os fatores psicogênicos são vários, dentre eles: conflitos familiares, problemas na escola, excesso de compromissos, expectativas em relação aos resultados escolares e outros. Por outro lado, a enxaqueca apresenta ataques mais freqüentes, mas de menor duração e entre alguns dos fatores provocadores estão os jogos eletrônicos, reflexo do sol ou stress escolar. Apesar da natureza variante da dor, a tensional e a enxaqueca apresentam alguns fatores desencadeantes em comum, como ansiedade, euforia, stress e irritabilidade. Embora a cefaléia não chegue ao consultório como queixa principal, durante a anamnese foi constantemente apontada. O primeiro passo é solicitar que sejam providenciados os exames clínicos necessários para a investigação da etiologia da cefaléia. Constatada ou não a causa orgânica, a cefaléia é uma pista de desordem psíquica e um sintoma que não deve ser ignorado. As crianças com cefaléia, conforme observado no consultório, mostraram-se rígidas, hipersensíveis, irritáveis, com tendência para a agressividade, dificuldade em aceitar seus próprios erros e baixa resistência à frustração. A dor por vezes modificou a relação destas crianças com os outros, levando-as a se isolar. A convivência prolongada com o sofrimento crônico alterou a sociabilidade. O desempenho escolar também foi comprometido. Os pais também relataram, com freqüência que a criança mostrava-se ansiosa, agressiva, isolada, deprimida e com distúrbios do sono. A experiência clínica confirmou não ser possível afirmar que exista um traço comum de personalidade nas crianças com cefaléia, mas pôde ser percebido que as vicissitudes não são elaboradas e a cefaléia surge como atuação de conflitos psíquicos. A psicoterapia tem se mostrado eficaz, proporcionando à criança a expressão e elaboração de seus conflitos e angústias. O trabalho paralelo com a família tem sido essencial, melhorando a dinâmica familiar. A cefaléia deve, portanto, ser vista como uma pista para intercorrências no desenvolvimento infantil. O que pôde ser observado com os pacientes em consultório, mesmo em cefaléias crônicas, é que a psicoterapia melhorou sua qualidade de vida.

Ligia Maria Calvi.



O papel do psicólogo no trabalho de seleção e acompanhamento com sentenciados.

O programa Central de Penas e Medidas Alternativas de Campinas, foi criado pela Secretaria da Administração Penitenciária do Estado, com a intenção de promover a expansão quantitativa e qualitativa da aplicação da pena de Prestação de Serviços à Comunidade no Estado de São Paulo, oferecendo ao Poder Judiciário programas de acompanhamento, avaliação, fiscalização do cumprimento das medidas impostas pelo mesmo. A pena alternativa a prisão é utilizada no caso de pessoas que cometem delitos leves e que não oferecem perigo à sociedade e assim, ao contrário de irem para regime fechado recebem uma penalidade que substituiu a pena privativa de liberdade e restritiva de direitos se prejudicar as atividades normais de trabalho do sentenciado quando empregado, e sem afastá-lo da família e do seu meio social que evidencia a preocupação de se prevenir à reincidência criminal. Excluindo assim do sistema carcerário indivíduos sem potencial delituoso considerando todos os seus aspectos psicossociais para que possa cumprir sua pena ou medida sem nenhuma perda social. O sentenciado participará num primeiro momento de um grupo de recepção, conduzido por estagiários de Psicologia, Serviço Social e Direito, no intuito de acolhê-los, sobre os procedimentos que envolvem sua prestação de serviços à comunidade e o atendimento oferecido na Central. A seguir, os estagiários de Direito explicam os aspectos jurídicos que se não seguidos implicarão em danos ao próprio sentenciado, e esclarecem dúvidas sobre a prestação de serviços à comunidade. Aos estagiários de Psicologia e Serviço Social cabe orientar, avaliar e acompanhar o sentenciado no período de prestação de serviços procurando oferecer especial atenção aos aspectos sociais de emprego, uso de drogas e/ou álcool, violência doméstica, violência contra a mulher, envolvimento na criminalidade, visitas domiciliares, ou seja os aspectos de relevância psicossocial. A discussão dos casos, procedimentos no acompanhamento aos sentenciados é realizado em equipe multidisciplinar.

Flávia Karina Ohy; Raquel Mônaco; Maria de Fátima Franco dos Santos.

Pontifícia Universidade Católica de Campinas.



O papel dos modelos matemáticos nas ciências: da filosofia à psicologia matemática.

O objetivo deste trabalho foi comparar as atuais concepções do modo de utilização dos modelos matemáticos para a construção de teorias e instrumentos psicológicos, bem como a justificativa do porquê do uso deste recurso com outras concepções encontradas na história das ciências. A investigação procedeu pela leitura de autores antigos, modernos e contemporâneos que discutiram mais profundamente o papel da matemática na formulação do conhecimento científico. Os autores principais foram: Pitágoras, Galileu, Descartes e R.D. Luce, um dos grandes expoentes da psicologia matemática atual. Pitágoras, a partir da religiosidade órfica, diz que para se libertar do ciclo de reencarnações, o homem não mais precisaria do deus Dionísio, mas do esforço intelectual que descobriria a estrutura numérica das coisas, tornando a alma semelhante ao cosmos, em harmonia, proporção e beleza. Partindo de fundamentos matemáticos o universo foi entendido estabelecendo-se opostos para diferentes níveis de realidade: finito e infinito, macho e fêmea, repouso e movimento, bem e mal, etc. Contemplaram o que hoje se entende por domínios biológicos, físicos, éticos, sociais, psicológicos, etc. Neste contexto a matemática exerceu o papel de condutora ao conhecimento. Galileu destacava que após uma observação dos fenômenos sem conceitos religiosos ou filosóficos prévios e após a experimentação em determinadas circunstâncias, o terceiro princípio seria a descoberta da regularidade matemática da natureza. A existência da verdade absoluta estaria garantida em Deus, restando à ciência formular um modo de se chegar a verdade. O universo existiria por ser criação de Deus, construído em linguagem matemática. A matemática é o instrumento de criação divino devido à sua perfeição. Galileu dizia que duvidar da geometria era refutar a própria verdade divina. A epistemologia de Galileu é completamente pautada no pensamento religioso, a qual sustenta a matemática como meio de teorização sobre a natureza. Para Descartes não é obrigatória a aplicação da matemática nas ciências, pois a segurança de seus conhecimentos está antes na razão. Luce defende que o método psicológico não seria diferente das outras ciências. A estrutura e o modelo seriam descritos por sistemas de proposições derivados logicamente, a próxima dificuldade seria a construção de testes para experimentação dos mesmos e por fim a matematização poria simetria no modelo formal; assim as estruturas gerais do conhecimento seriam construídas e deste modo estudadas. O autor justifica que não tem dúvida sobre a existência de uma estrutura psicológica matematizável e diz, pautado na filosofia da ciência popperiana, que a teoria precisa ser falsificável. Os pitagóricos e Galileu forneceram justificativas religiosas para o uso matemático visando o conhecimento científico. Contudo, Galileu se limitou aos movimentos (principalmente). A teoria pitagórica e a Psicologia Matemática, fornecem uma certeza da possibilidade de utilização da matemática para o conhecimento de certos fenômenos. Luce e Galileu afirmam que a experimentação e a teorização em linguagem matemática são indispensáveis para a metodologia científica. Todavia, o primeiro entende que a teoria precede a observação e a experimentação, justificando a axiomatização. Galileu entende que a observação é direta, o que apoia o empirismo.

Ederaldo José Lopes; Leonardo Lana de Carvalho; Renata F.F. Lopes; Carlos Manoel Lopes Rodrigues.

Universidade Federal de Uberlândia; Universidade de Brasília.



O Papel Terapêutico das Oficinas no Espaço de Atividades e Convivência Nise da Silveira.

O presente trabalho tem como objetivo apresentar a importância das oficinas realizadas na Unidade Docente Assistencial de Psiquiatria do Hospital Universitário Pedro Ernesto (UDAP/HUPE), como parte do projeto terapêutico de pacientes internados e de ambulatório. Oficinas são sessões de atividades onde se lança mão do dispositivo grupal e de recursos variados. São coordenadas pelos estagiários de psicologia com supervisão de um professor do Instituto de Psicologia (IP). Atualmente são realizadas as oficinas de artes livres, artes manuais, música, jardinagem, contadores de estória, oficina do corpo, da palavra e de cinema. Tais atividades têm como principais objetivos: a diminuição da angústia causada pela internação e pelo sofrimento psíquico, a organização do pensamento e do eu, a troca de experiências relativas à própria doença, a história pessoal e familiar, favorecer o contato com a realidade, e, finalmente, a participação mais ativa no funcionamento da instituição e no projeto terapêutico. Nas referidas oficinas os pacientes têm a possibilidade de externar e elaborar a angústia gerada tanto pelo confinamento hospitalar, quanto pelas experiências anteriores; como outras internações e situações de conflito familiar. A troca dessas experiências permite que os pacientes compartilhem suas experiências numa tentativa de enfrentar os problemas. Além da diminuição da angústia, do isolamento e agitação, a criatividade e as trocas interpessoais favorecem o desenvolvimento de laços afetivos e sociais. A UDAP possui uma equipe e atitude pragmática interdisciplinar, composta por médicos, psicólogos, assistentes sociais, enfermeiros e os estagiários e especializandos de cada área. As oficinas são coordenadas por dois estagiários de psicologia e eventuais participações de profissionais de outras áreas, a fim de promover um trabalho mais integrado. No início de cada oficina, os coordenadores fazem a apresentação da atividade, dos objetivos e de cada participante. Ao término dos trabalhos, cada participante é estimulado a falar sobre sua criação e expor opiniões sobre o que foi realizado. Apesar da limitação de recursos e de outras dificuldades institucionais, estamos conseguindo resultados importantes, tais como: criação do vínculo entre pacientes e profissionais, maior interação entre os internos, redução das tensões interpessoais e com a equipe e maior investimento dos internos em seus projetos terapêuticos.

Ademir Pacelli Ferreira; Gonçalves, R. C.; Guimarães, A. D.; Pinto, T. C. S.; Silva, L. H.

UERJ.



O pensamento de psicólogos acerca de competências de professores: em direção à autonomia docente.

Diante da multiplicidade de funções e possibilidades de trabalho do psicólogo no contexto educacional, o presente estudo privilegia a sua atuação com professores, tendo como objetivo conhecer e analisar o pensamento de psicólogos acerca das competências docentes. A partir de uma abordagem qualitativa, esta pesquisa foi realizada com 10 psicólogos, sendo três contratados por Secretarias de Saúde, três por Secretarias de Educação, três que prestam assessorias a escolas públicas e um vinculado a uma Instituição Social. Para a coleta de dados, foi realizada uma entrevista semi-estruturada, que foi áudio-gravada e transcrita. Adotando-se um critério de semelhança entre as respostas dos psicólogos, foi realizada Análise de Conteúdo onde se verificou que foram apontadas pelos participantes as competências que acreditam que os professores devam ter para atuar no processo ensino-aprendizagem. As competências apontadas pelos participantes foram categorizadas como Competências técnicas: ter domínio de aspectos didático-pedagógicos; conhecer e promover o desenvolvimento humano; conhecer seus alunos; considerar a dimensão afetiva, motivar o aluno; transmitir valores e princípios morais; considerar conhecimento artístico e aceitar a diversidade na sala de aula. Competências pessoais: ser professor pesquisador; buscar o desenvolvimento profissional; realizar auto-avaliação visando (re)pensar a prática; refletir sobre a prática e ter motivação para ensinar. Estes resultados permitem sugerir que, já no período de formação de psicólogos e professores, sejam analisadas as relações entre crenças e ações, de modo que aquele profissional possa ter também clareza dos fundamentos de suas ações, para que deixe de apontar aos professores o que ele deve fazer. A Universidade, neste sentido, tem o papel fundamental de oferecer condições para a formação de profissionais que tenham consciência não só daquilo que pretendem, mas, também, que compreendam que a realidade é dinâmica, e que, ao considerar o professor como um mero cumpridor de tarefas que seriam apontadas por especialistas, dificilmente ele saberá agir com autonomia na direção de uma prática que promova tanto o seu desenvolvimento integral, quanto o de seus alunos.

Ângela Leme dos Santos; Ana Maria Falcão de Aragão Sadalla.

Puc-Campinas.



O Piá, o pai e o piá: Psicanálise, Grupo e Educação.

Trabalho desenvolvido em unidades do Projeto Piá Ambiental mantido pela Secretaria Municipal do Meio Ambiente da Prefeitura de Curitiba-Paraná. Partindo de conceitos da psicanálise e aplicando-os a grupos de pais cujos filhos freqüentam unidades do Projeto Piá Ambiental, foi feito um trabalho de cunho educativo e preventivo no que diz respeito à relação pais-filhos. Educação entendida como esclarecimento de relação entre dinâmica psíquica do filho e o lugar dado a ele pelos pais e prevenção o efeito e, por conseguinte, a transformação também nos filhos. Tal transformação será sentida dentro do Projeto, instituição de Educação não formal, sendo este então um outro sentido para o “educativo” com que caracterizamos a natureza do trabalho: seu efeito incidirá no espaço sócio-educativo do Piá. Recortaremos, do conjunto de questões emergidas ao longo de seis meses, a questão do pai: a diferença notada quando da sua presença no Piá e no piá, sua ausência da vida dos filhos, o modo como o discurso da mãe torna presente o pai ausente e, por fim, a destituição da sua autoridade operada pela mãe. O grupo se constituiu a partir de pais e mães com filhos em uma das duas unidades do Projeto Piá Ambiental onde realizamos o estágio. Embora instável a frequência, porquanto havia sempre novos participantes nos encontros, sempre existia alguém que já participara de um outro encontro. Logo, formou-se, efetivamente, um grupo, e não precisamos em nenhum momento começar do ponto zero. Por estarmos numa instituição cuja razão de existir é a educação ambiental, pode-se, sim falar de um trabalho na área da Educação. O Piá Ambiental constitui-se um espaço sócio-educativo, já que, para além do seu específico (educação ambiental) ocupa-se também de uma questão maior, a da cidadania (por isso trabalha com a família, preocupa-se com a inserção do adolescente no mercado de trabalho) E a Psicanálise? Reconhecida sua eficácia para lidar com o intrapsíquico, problematiza-se a validade de transpor para o interpessoal, no caso o grupal, a Psicanálise. Tal problematização, talvez, tenha sido responsável pelos poucos trabalhos na área de Psicologia Escolar a serem feitos a partir de um referencial psicanalítico. Qual contribuição deu-nos a Psicanálise quando trabalhamos com Educação e com Grupos se ao longo de sua história ela se consolidou na Clínica e no trato com as questões do sujeito? Quem se dispuser a ler este texto encontrará ao longo dele respostas a essa questão. Para não frustrar os desavisados e os cépticos, já pomos aqui parte da resposta: ajudou-nos a escutar sujeitos – dispensando dinâmicas de grupo como um fim em si mesmo – e ao devolvermos a eles o não dito no seu dizer, a devolução gerava um efeito de grupo, desencadeando nos outros participantes a necessidade de falar também. A teoria psicanalítica possibilitou-nos ouvir o escondido no dizer desses pais, mas que se evidenciara no comportamento-sintoma do filho.

IRENE PICONI PRESTES; Zama Caixeta Nascentes.



O Positivismo e a Reforma Universitária de 1918 na constituição da carreira de Psicologia na Argentina.

A idéia original deste trabalho é fruto das investigações realizadas acerca do Grupo Plataforma Argentino – primeiro grupo de psicanalistas a romper com a Internacional Psicanalítica (IPA) por motivos políticos, no âmbito latino-americano da saúde mental –, durante inserção como bolsista de Iniciação Científica na pesquisa intitulada História do grupalismo-institucionalismo no Brasil. Assim, propõe-se levantar questões acerca da constituição da carreira de psicologia na Argentina, tomando-se como referência a Reforma Universitária de 1918, considerada por diversos autores como fundamental para o entendimento da constituição do campo universitário naquele país. Visando a estabelecer antecedentes sociais, políticos e econômicos da Reforma, bem como caracterizar a emergência, difusão e penetração do positivismo na Argentina, apóio-me em uma análise documental – fontes bibliográficas e eletrônicas. Durante a Belle Époque (1880-1930), a Argentina destacou-se pela ampliação da democracia política e por sua notável estabilidade institucional, quando comparada com outros países latino-americanos. Aquele país se encontrava em expansão devido ao crescimento econômico propiciado pelo então bem sucedido modelo agroexportador. No cenário político, vê-se a ascensão da Geração de 80 – grupo de políticos cultos influenciados pelo liberalismo e pelo positivismo –, que instaurou uma oligarquia através da criação de uma aliança política denominada Liga dos Governadores. Esse sistema durou até meados de 1910, promovendo a implantação do ensino público, obrigatório e laico, em nível fundamental e superior, o registro e o casamento civis; incrementando e consolidando o sistema agroexportador e transformando o espaço urbano. A transição política ocorreu em 1916, devido à derrota eleitoral dos conservadores e à conseqüente ascensão dos radicais, representados por Hipólito Yrigoyen (1916-1922). Esse governo caracterizou-se pelo populismo, sendo marcado por greves e reivindicações dos trabalhadores, logo abafadas por Yrigoyen. O novo regime não visou a transformações sociais profundas, restringindo-se a fomentar uma inexpressiva distribuição de riquezas entre os setores médios e populares, não interferindo nos fundamentos do sistema agroexportador. Graças às intervenções de Yrigoyen, o contexto político-sócio-econômico aparentava tranqüilidade. Nesse contexto emerge, na tradicional Universidade Nacional de Córdoba (UNC), a Reforma Universitária de 1918 – movimento caracterizado por uma série de greves estudantis – que logo se difundiu por outras universidades. Objetivou a mudança dos planos de estudos e o fim da influência escolástica e clerical na educação superior. O espírito empreendedor de mudanças no campo universitário se estende por toda a década de 1920. A Universidade, transformada em campo de difusão do positivismo pelo sistema oligárquico, foi palco de reivindicações, conquistas sociais e intervenções estatais. Nesse contexto, o movimento reformista coroou as lutas das classes médias, que buscavam ascender socialmente. Significou ampliação da oferta educacional, possibilitando a emergência de novas carreiras como, por exemplo, a de Psicologia (1953) que, desde 1896, existia como cátedra na Universidade de Buenos Aires. O trabalho apóia-se em referenciais da história das mentalidades, intelectual e cultural, a fim de evidenciar o modo como essas dimensões da realidade afetaram a constituição de nossos saberes e práticas psicológicas contemporâneos.

Patricia Jacques Fernandes.



O processo de construção da Competência Ética.

Introdução: Este trabalho faz parte do projeto de pesquisa, “A competência ética e o inconsciente cognitivo”, apoiado pela FAPERJ desde janeiro de 2001, o qual faz parte de um projeto integrado que vem sendo apoiado pelo CNPq e PROPP/UFF desde a sua criação em 1995, quando iniciamos a investigação acerca da constituição de um novo paradigma nos estudos da cognição proposto por Humberto Maturana e Francisco Varela. Este trabalho representa a atual fase do projeto de pesquisa, onde sentimos a necessidade de buscar evidências empíricas que corroborem o conceito de “competência ética” proposto por Varela. Segundo o autor, este conceito deve ser definido como uma prontidão para a ação que emerge na experiência, estando o saber ético inscrito no corpo, ou seja é composto por regras corporificadas. Tal conceito se distingue do conceito de moral, entendido como um conjunto de regras abstratas que, de fora, regem o comportamento do indivíduo. O principal objetivo deste trabalho é investigar de que maneira se constrói a competência ética dentro de um estabelecimento (CRIA-UFF - Centro Regional Integrado de Atendimento ao Adolescente - UFF) que oferece tratamento a adolescentes usuários de drogas. Portanto objetivamos (1) analisar de que maneira as regras são tratadas pelos membros da equipe; (2) analisar de que maneira as regras chegam aos adolescentes; (3) verificar se existe um processo de construção coletiva das regras; (4) analisar de que maneira os dispositivos coletivos podem ser usados como possibilitadores da construção de uma competência ética. Esta investigação busca tratar da relevância da noção de ‘competência ética’ para os estudos da cognição uma vez que esta é entendida como criação de competências. **Metodologia:** Foi utilizado o método da observação participativa de um grupo de 20 adolescentes que durante o ano de 2001 frequentou o CRIA. Cada pesquisador observou cinco adolescentes durante um período de 6 meses anotando episódios do cotidiano que evidenciasse a relação dos adolescentes com as regras do CRIA em oficinas, assembleias e no pátio. Como instrumento de pesquisa utilizamos um diário de campo. **Resultados:** Através das anotações dos diários de campo observou-se que tanto as regras do contrato quanto as regras construídas em assembleias são possíveis de serem corporificadas, no entanto existe uma diferença na consolidação desses dois tipos de regras. Existe uma maior incidência de corporificação das regras que passaram pelo processo de construção coletiva, em relação às regras do contrato que se mantêm como regras abstratas. **Conclusão:** Concluímos que a construção coletiva das regras é um importante dispositivo no processo de corporificação das regras. O processo de corporificação, verificamos, necessita de uma fase de consolidação das regras construídas, que ocorre na relação dos adolescentes com os técnicos nos espaços do pátio e das oficinas, por exemplo. Na medida em que situações relacionadas às regras emergem, e os técnicos novamente reelaboram com os adolescentes a razão da existência de determinada regra, as regras contratuais são corporificadas e consolidadas.

Camila Alves Varela Galvão; Fernanda Franco Vieira; Sérgio Simões de Sant’Ana; Eduardo Passos.

Universidade Federal Fluminense - UFF.



O processo de ensino e aprendizagem do ponto de vista de professores de ensino fundamental.

O presente trabalho teve como objetivo investigar a percepção de professores de ensino fundamental sobre o processo de ensino e aprendizagem. Para atingir esse objetivo, foi construído um questionário composto por oito questões abertas abordando os fatores que facilitam ou dificultam a aprendizagem, entre eles as estratégias, as técnicas ou métodos de ensino utilizadas em sala de aula, assim como características pessoais importantes na prática docente. O questionário foi aplicado a dezoito educadores de três escolas públicas estaduais de Porto Alegre. As respostas foram avaliadas através do método de análise de conteúdo proposto por Bardin (1979). Os resultados apontaram respostas relacionadas a fatores que influenciam a atividade dos professores: a esfera familiar, as condições da instituição escolar, a necessidade de valorização de seu trabalho, as condições físicas e emocionais dos alunos. O professor parece perceber-se como centro do processo de ensino e aprendizagem e a transmissão de conteúdos ainda é vista como uma forma dos professores ensinarem e dos alunos aprenderem. Após a análise dos resultados, percebeu-se a necessidade de discutir algumas questões problematizadas pelos participantes. Para tanto, pretende-se promover uma intervenção junto a professores de forma a facilitar o seu trabalho, esclarecendo aspectos afetivos e cognitivos do processo de ensino-aprendizagem. Serão propostos grupos de discussão, oficinas e seminários às escolas que participaram desta pesquisa.

Aline Maria R. Simões; Ana Paula Tibulo; Carolina B. Hartman; Cláudia A. Xavier; Gabriela B. Anton; Gabriel S. Mazzini; Janaína Z.; Karina B. Blom; Kelly B. Bitencourt; Larissa S. Ayres; Paula X. Machado; Raquel V. Frosi; Rodrigo O. Lemos; Claudia Giacomoni; Graciela I. de Jou; Denise R. Bandeira.

UFRGS.



O processo de implantação da Reestruturação Produtiva: experiências e vivências dos trabalhadores - um estudo de caso. Dissertação de Mestrado.

Estamos diante de um cenário de transformações sociais, científicas, tecnológicas e econômicas. No espaço produtivo, tais transformações têm recebido a denominação genérica de reestruturação produtiva, processo que compatibiliza alterações institucionais e organizacionais nas relações de produção e de trabalho com implicações nas experiências e vivências dos trabalhadores. O objetivo desta pesquisa é o de conhecer essas experiências e vivências durante a implementação de transformações no processo de trabalho, representadas, principalmente, pela introdução de inovações tecnológicas no cotidiano laboral. Os fundamentos teóricos foram compostos por estudos que analisam as implicações das mudanças tecnológicas introduzidas nos locais de trabalho sobre a subjetividade dos trabalhadores, especialmente os estudos de Chanlat (1995), Dejours (1999), e, no Brasil, Leite (1994), Lima (1995), Merlo (1999), Tittoni (1999) e Grisci (2001). Utilizam-se entrevistas individuais semi-estruturadas e grupos focais com nove supervisores operacionais de uma empresa pública de capital misto do setor de serviços, categoria funcional diretamente implicada nas transformações que estão sendo introduzidas nessa organização empresarial. Os relatos das entrevistas e dos grupos focais são analisados a partir de uma abordagem qualitativa, com a construção de categorias analíticas com base nas questões norteadoras, no referencial teórico e nos conteúdos emergentes dos depoimentos. Constata-se entre os supervisores operacionais uma expectativa de extinção da função e uma auto-valorização do saber que construíram sobre gestão de pessoas, saber este não substituível pela máquina. O processo de modernização tecnológica é avaliado como positivo e inevitável, sem um engajamento de participação efetivo. Seus cotidianos de vida estão alterados pela necessidade de escolarização e atualização, através de cursos em horários antes ocupados com lazer e convivência familiar. Segundo esses supervisores operacionais, a reestruturação produtiva é representada, fundamentalmente, pela presença da máquina no processo produtivo e pela exigência de uma qualificação para manuseá-la.

Márcia Werner.

Universidade Federal do Rio grande do Sul – UFRGS.



O processo de separação e individuação em crianças portadoras de paralisia cerebral em reabilitação.

O processo de desenvolvimento psicológico, separação dos pais e individuação têm sido estudados principalmente através da relação mãe-bebê, entretanto, estudos buscando verificar possíveis formas de passagem por este processo não têm sido uma constante nas pesquisas em psicologia. Pensando nas crianças em reabilitação física, portadoras de paralisia cerebral, e de sua necessidade de se manter fisicamente próximas dos pais, o presente trabalho se propôs a verificar como se dá o processo de separação-indivuação nestes sujeitos. A amostra foi composta de 7 crianças entre 3 e 8 anos de idade, portadoras de Paralisia Cerebral em Grau Leve e que estavam em reabilitação. Para coleta de dados utilizou-se como instrumentos um questionário de anamnese e o Teste das Fábulas. Os dados foram analisados de forma qualitativa através da proposta de Cunha (1993). Pode-se observar que, em geral, as crianças portadoras de Paralisia Cerebral mostram-se abaixo do esperado para sua idade no que se refere à independização, entretanto, nem sempre aqueles sujeitos que se mostraram mais independentes fisicamente foram aqueles que manifestaram uma maior independência emocional. Como fatores que podem se associar a este resultados encontramos os relacionamentos sociais e familiares.

Adriana Jung Serafini; Adriane Xavier Arteche; Luciane Maria Baddo.

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.



O Processo Psicodiagnóstico dentro de uma Instituição Psiquiátrica.

O referente trabalho foi realizado no Instituto de Psiquiatria Forense da Paraíba, com o intuito de oferecer experiência acadêmica no processo do Psicodiagnóstico. Para tanto, foi feita uma entrevista e aplicados o HTP, o Teste da Família e a Autobiografia. Durante a realização deste, tivemos a oportunidade de comprovar as deficiências da política psiquiátrica brasileira além de nos depararmos com situações inusitadas decorrentes da falta da prática no cotidiano universitário. O examinando submetido ao processo é do sexo masculino, 27 anos, com ensino fundamental completo. Antes de ser levado à instituição seguia promissora carreira militar, afirmando ter bons relacionamentos dentro do Exército. Com a aprovação da instituição deu-se a visita inicial, onde foi solicitado a uma das psicólogas do local que indicasse um interno para participar do trabalho. Os testes foram aplicados num período de seis dias, devido a variáveis que fugiam ao controle dos examinadores, dificultando assim, o andamento do trabalho. Através do Psicodiagnóstico pôde-se verificar os principais traços de personalidade do indivíduo, suas áreas de maior conflito, a influência parental, e seus anseios com relação ao reajustamento social, diante de uma Psiquiatria ultrapassada que gerencia mais preconceitos do que soluções para a temática saúde mental. O laudo psicológico encontrado do examinando demonstra a precariedade dos hospitais psiquiátricos tendo em vista a escassez de informações com referência ao paciente. Até antes deste trabalho não havia sido realizada nenhuma avaliação clínica do mesmo, apenas constando em seu nome o processo jurídico e prescrições médicas. Os testes utilizados no processo do Psicodiagnóstico proporcionou maior conhecimento do conteúdo teórico apresentado em sala de aula. Tal prática enriquece a aprendizagem e confere papel relevante as técnicas e testes para o quadro clínico dos pacientes. A aplicabilidade nos remete a questionamentos pertinentes a problemática vigente das instituições psiquiátricas e a importância de avaliar mais de perto características do examinando evidenciadas durante o primeiro contato.

Karinne Melo Santiago de Lima; Sara Azevedo Gomes Campos; Thiago Pacheco Barbosa; Orlando Júnior Viana Macedo.

Universidade Federal da Paraíba.



O psicólogo atuando como coordenador de caso em instituição de reabilitação.

O presente relato tem como finalidade apresentar o trabalho do psicólogo como coordenador de caso em uma instituição de reabilitação – SORRI (Sociedade para Reabilitação e Reintegração do Incapacitado), a qual oferece serviços nas áreas da Educação, Saúde, Trabalho, Assistência Social, Desporto e Cultura, cujos usuários são pessoas portadoras de deficiência física, auditiva, mental, visual parcial e múltipla. De acordo com Rubin, Roessler (1978), para se exercer a função de coordenador de caso é necessário o conhecimento do processo de reabilitação, assim como o conhecimento sobre aconselhamento, avaliação, tomada de decisão, provisão de serviços e suportes, orientação e colocação profissional. Isto torna o coordenador de caso o centro de um programa multidisciplinar que requer a coordenação de várias atividades com a finalidade de atender às necessidades e desejos da pessoa com deficiência. Os conhecimentos da área organizacional, clínica, social, excepcional e escolar muito contribuem com o trabalho do coordenador de caso, uma vez que na sua atuação é necessário compreender a respeito de recrutamento, seleção, treinamento, análise e descrição de cargos, aconselhamento situacional, orientação vocacional, entrevista familiar e análise de caso. Para os usuários e familiares, o coordenador de caso representa a pessoa chave no processo de reabilitação, pois sua responsabilidade é procurar e organizar toda a informação relevante sobre o usuário envolvendo-o no planejamento do seu processo de reabilitação. Nessa experiência o coordenador de caso inicia o seu trabalho junto ao usuário e seus pais / responsáveis a partir da entrevista inicial, identificando: seus desejos e necessidades, as barreiras que dificultam este alcance e os recursos que têm disponíveis. Logo, inicia-se a construção do seu plano de avaliação e/ou intervenção, que têm como objetivo avaliar as condições do sujeito e de sua família e propor intervenções que sejam necessárias para que possam alcançar o que desejam. O coordenador de caso acompanha o processo de avaliação e/ou intervenção tanto na própria instituição, quanto em recursos da comunidade, junto à equipe de profissionais e ao usuário e sua família / responsáveis, através de reuniões de equipe, entrevistas e dinâmicas de grupo. Isto exige, o acompanhamento do contexto dinâmico que faz parte da vida do usuário, e se necessário a atualização, revisão e reformulação do seu plano de avaliação e/ou intervenção. Como referencial teórico que fundamenta a prática profissional, o psicólogo - coordenador de caso, faz uso da abordagem sócio – construtivista proposta por Vygotski, na qual a deficiência é vista como “uma condição complexa multideterminada, de limitação ou de impedimento da participação do indivíduo na trama de relações que compõem sua existência real e concreta” (Aranha, 1991). Deste modo, compreender a deficiência e trabalhar com o sujeito portador de deficiência, implica em conhecer o sistema de relações sociais no qual o indivíduo faz parte, influenciando-o e por ele sendo influenciado. Portanto, a atuação do psicólogo como coordenador de caso é um dos desafios que a profissão oferece para trabalhar com a pessoa portadora de deficiência e seu sistema de relações interpessoais.

Simone Cerqueira da Silva.

SORRI - Bauru.



O psicólogo como consultor organizacional: desafios dessa prática em um estágio de Psicologia do Trabalho.

O presente trabalho visa apresentar a experiência de um estágio em Psicologia do Trabalho, onde o foco está na preparação do estudante de Psicologia para atuar como consultor - interno ou externo - nas organizações. Tal experiência ocorre na UNISINOS, junto ao Núcleo de Excelência em Psicologia do Trabalho - NEPT. Como um programa de extensão universitária do Centro de Ciências da Saúde, o NEPT é um canal de aproximação e interação entre a realidade acadêmica e a sociedade. Suas atividades direcionam-se, basicamente, para a análise e intervenção na cultura, no clima e no comportamento das organizações, trabalhando aspectos críticos e potenciais em duas dimensões: a subjetiva, própria dos processos relacionais, de subjetivação, interação e comunicação nas organizações e no mundo do trabalho; a objetiva, das políticas e práticas de organização do trabalho, de gestão de pessoas e de qualidade de vida. Desta forma, o NEPT atende demandas oriundas da comunidade empresarial que buscam a Universidade através do seu Escritório de Gestão e Tecnologia - EGT, e também atende demandas vindas de parcerias estabelecidas com outros núcleos e setores da Universidade, tais como: Central de Estágios, Of-Sinos (que atende Cooperativas em comunidades carentes) e AIESEC (uma fundação internacional de universitários). Em termos de atividades realizadas podemos mencionar: seleção e avaliação de potencial, pesquisa de clima organizacional, programas de desenvolvimento interpessoal, desenvolvimento gerencial, entre outras. Neste contexto, transcorre a experiência de estágio que é um desafio tanto para os alunos como para os supervisores, principalmente porque grande parte das atividades desenvolvidas dependem de demandas que por um lado nem sempre podem ser planejadas com antecedência, e por outro, requerem a elaboração e apresentação de projetos que nem sempre serão realizados. Tal realidade caracterizada por imprevisibilidade e mudanças, próprias do desafio do trabalho de consultoria, requer o desenvolvimento de um perfil resiliente. Segundo CONNER (1995), resiliência, que é a capacidade de correr riscos e de lidar com a instabilidade, administrando incertezas e adversidades em situações de mudanças, sustenta-se basicamente em cinco competências: positividade (segurança interna, capacidade de ver mais oportunidades do que ameaças, criatividade), foco (priorização e definição de metas e métodos), flexibilidade (tolerância à frustração, percepção empática e relacionamento interpessoal), organização (planejamento, argumentação) e pró-ação (iniciativa, dinamismo, visão sistêmica). Para abordar essa experiência prática, partimos do relato de algumas situações já vivenciadas e de depoimentos de estagiários, bem como da reflexão desses dados a partir do lugar de supervisoras em Psicologia do Trabalho. CONNER, Daryl R. Gerenciando na velocidade da mudança: como gerentes resilientes são bem sucedidos e prosperam onde outros fracassam. Rio de Janeiro: Infobook, 1995.

Patrícia Martins Fagundes; Janine Kieling Monteiro; Carem Fistarol; Sibile Dresch.

UNISINOS-RS.



O psicólogo como facilitador do desenvolvimento do apego em UTI neonatal.

Este trabalho tem como objetivo apresentar a possibilidade de atuação do psicólogo como facilitador do desenvolvimento do apego em um serviço de Terapia Intensiva Neonatal. Para tanto, foi realizada uma revisão bibliográfica concernente à questão do apego, da formação das relações familiares, complementadas por uma observação participante em uma UTI Neonatal de uma clínica particular da Zona Sul do Rio de Janeiro. O estudo descreve o ambiente físico, a equipe multidisciplinar, as relações entre o bebê e sua família que neste serviço é trazida para uma efetiva participação na internação. Ao atender as diferentes demandas surgidas da parte da família, preocupa-se em detectar e responder às necessidades de cada história familiar, incluindo pais, bebês, avós e bisavós, além dos irmãos dos bebês. Por outro lado procura responder as inquietações que surgem durante a internação e que podem interferir no estabelecimento do vínculo bebê/família. O envolvimento de todo este grupo familiar através de programas de atenção específicos às diferentes faixas etárias e funções familiares, possibilita observar processos interativos surgindo de forma mais segura apesar do ambiente de cuidados intensivos. Através de uma proposta de oferecer um "holding" à toda família, resgata a competência dos diferentes membros familiares em suas funções de cuidadores e propiciadores dos vínculos afetivos. Desta forma, ocorre uma diminuição da angústia frente a situação de crise em que a família se encontra. Ao mesmo tempo em que ela pode sentir-se menos ameaçada, consegue desempenhar papel mais ativo na significação da situação de internação, nos vínculos familiares pré-existentes e nos que ainda estão por surgir.

Luciana Valansi; Denise Morsch.



O Psicólogo da Saúde Pública numa proposta de trabalho interinstitucional: a queixa escolar como elo.

Esta pesquisa tem por objetivo estudar o papel do psicólogo, como membro das equipes de saúde mental das Unidades Básicas de Saúde (UBS's), quando este profissional presta serviços voltados à Saúde Escolar, tendo, como clientela específica, a rede pública de ensino do Estado de São Paulo. Portanto, nossa pesquisa encontra-se na intersecção de duas instituições públicas, a saber: saúde e educação; mais especificamente, Atenção Primária em Saúde Mental e Escola de Ensino Fundamental. A mola propulsora de tal intersecção é acionada na medida em que a escola solicita a intervenção do psicólogo, a fim de sanar o que denominamos no presente trabalho de “queixa escolar”. O método utilizado, para análise quantitativa, foi o de distribuição de frequência por variáveis de interesse. Para análise qualitativa, o referencial teórico de Grupos Operativos, tal como formulado por Enrique Pichon-Rivière. Os resultados apresentados desvelam as dificuldades do psicólogo no atendimento à Saúde Escolar. Isso se dá, por um lado, em função da formação acadêmica deficitária deste profissional, no que tange à atuação na rede pública e, por outro, pela filiação que aparece negada em relação à instituição que o contrata. Tais pontos delineiam as ações que propiciam o atendimento clínico voltado ao usuário, considerado individualmente, e que não contemplam ações mais abrangentes voltadas à instituição entre âmbitos da psicologia social, grupal e institucional.

Helivalda Pedroza Bastos.

Universidade de São Paulo.



O Psicólogo em Equipe: Aplicação do Gerenciamento de Casos no Sistema Público de Saúde no Brasil Programa de Atendimento ao Paciente Crônico Grave (PAPCG).

O Programa de Atenção ao Paciente Crônico Grave (PAPCG) foi implantado em outubro de 2001, tendo como foco de atendimento pacientes crônicos, com alto índice de internações. Os objetivos definidos pelo programa são os de reduzir o número de reinternações hospitalares, garantir a continuidade da assistência no domicílio, proporcionar educação em saúde ao paciente, família e cuidador; melhorar a qualidade de vida e capacidade funcional desses pacientes. O trabalho vem sendo desenvolvido por uma equipe multidisciplinar composta de duas psicólogas, um médico clínico, um psiquiatra, uma enfermeira, uma assistente social e uma dentista. Esta equipe utiliza como metodologia o “Gerenciamento de Casos”. Os casos são encaminhados à equipe através de referência do hospital, equipes do IPSEMG-Família, demanda espontânea ou através de busca ativa. A partir da adesão ao PAPCG o paciente passa a ser gerenciado por um membro da equipe. Os dados aqui apresentados se referem à uma amostra de sessenta pacientes atendidos nesse programa em um período de nove meses. A idade média desta amostra é de 65,2 anos, os principais diagnósticos clínicos são: psicopatias, seqüelas neurológicas, cardiopatias, depressão, demência, neoplasias e diabetes mellitus. A maior parte dos pacientes é dependente para alguma das atividades de vida diária. A maioria de classe média. Os resultados obtidos quanto às internações são de 2,7 internações/ano no início do programa para 0,3 internações/ano após a implantação do PAPCG, numa redução de 88%. A partir do programa todos os pacientes passaram a ter uma referência médica no hospital e um cuidador determinado para o acompanhamento do tratamento em domicílio. A aderência ao tratamento passou a ser de 90% nos casos clínicos e de 63% nos casos psiquiátricos. As principais ações desenvolvidas pela equipe para atingirem tais resultados foram o acompanhamento domiciliar, a facilitação de acesso à consultas com especialistas e exames complementares, concretização de parcerias com o corpo clínico do referido hospital e o treinamento de cuidadores. O papel do psicólogo foi primordial para que as metas fossem atingidas, no que se refere à compreensão do sentido do cuidar, do sentido da doença para o paciente, do lugar da doença na família e a partir daí a participação na elaboração de projetos como as “oficinas de cuidadores”. A partir da análise dos dados obtidos nesses primeiros nove meses de atuação do programa, foi possível levantar a freqüência e a distribuição das doenças prevalentes nessa amostra de pacientes, analisar a distribuição e os fatores determinantes das enfermidades, propor medidas específicas de prevenção e controle das doenças, bem como obter indicadores que subsidiassem medidas de suporte para o planejamento, administração e avaliação das ações de saúde desenvolvidas no IPSEMG Família.

Bassi, Zeferino M^a Luiza; Chaves R., Sandro; Chaves, Mônica; Rodrigues Enio; Rímulo M. Alcione; Couri S., Luciana; Teixeira C., Breno; Homem O., Elizabeth.

Instituto de Previdência dos Servidores do Estado de Minas Gerais - IPSEMG Belo Horizonte Minas Gerais.



O Psicólogo Interconsultor na Enfermaria de Pneumologia de um Hospital Escola.

Objetiva-se caracterizar as solicitações de atendimento psicológico feitas a um Serviço de Psicologia em Interconsulta, numa Enfermaria de Pneumologia de um Hospital Escola, por meio da análise dos formulários de solicitação de interconsulta (PI), onde constam identificação, motivo da solicitação e relato da avaliação psicológica inicial dos pacientes. Analisou-se os PIs enviados no período de agosto de 2000 a janeiro de 2002 (3 semestres) caracterizando-se o número total de pacientes, distribuição quanto ao sexo, idade, motivo de solicitação e encaminhamento dado ao caso. Quanto aos resultados obtidos detectou-se que do total de pacientes internados na enfermaria no citado período (N= 478), para 11,3% (N=54) foi solicitado conduta quanto aos aspectos psicológicos. Destes pacientes, 61% são do sexo masculino e 39% do feminino, predominando para ambos a faixa etária dos 50-69 anos (42% do grupo total). No que se refere aos motivos de solicitação predominaram referência às seguintes categorias: doença neoplásica pulmonar (41% do total), sintomatologia depressiva (14%), falta de colaboração no tratamento (11%), sintomatologia ansiosa (9%), quadros de somatização (9%), dificuldade de adaptação hospitalar (4%) e presença de doença crônica prévia (3%). Quanto ao encaminhamento dos casos, para 67% dos pacientes foi indicado e realizado atendimento psicoterápico individual de apoio, para 11% orientação familiar, para 6% avaliação psiquiátrica e/ou neurológica e para 2% atendimento concomitante em Terapia Ocupacional. Em 9% dos casos encaminhados não detectou-se a necessidade de nenhuma intervenção psicológica e, 5% das solicitações não chegaram a ser atendidas pois os pacientes haviam recebido alta hospitalar no período entre a solicitação e realização da mesma. Percebe-se a existência de uma demanda para atendimento psicológico na enfermaria de Pneumologia, a qual é adequadamente percebida pela equipe médica, principalmente frente à doenças onde o componente emocional é relevante tanto no aparecimento como no enfrentamento da mesma, e em situações onde sintomas de maior fragilidade psíquica como a depressão, já se fazem presentes. Conclui-se que neste contexto hospitalar, o psicólogo tem um campo de atuação configurado: melhorar a qualidade da assistência ao paciente, provendo cuidados aos aspectos psicossociais envolvidos na situação de estar doente e hospitalizado.

Flávia de Lima Osório.

Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – USP.



O psicólogo na reabilitação: reconstrução da identidade em pacientes com severas perdas físicas.

O presente estudo fundamenta-se na prática cotidiana de um psicólogo em um centro de reabilitação de uma Instituição pública federal que atende trabalhadores com seqüelas físicas irreversíveis ocasionadas por doenças ou acidentes de trabalho e que, em consequência, tornam-se impedidos, permanente ou temporariamente, de exercer sua atividade profissional. O trabalho enfoca as relações entre corpo e a formação do eu, bem como os reflexos da mutilação repentina no mundo interno da pessoa que, diante dessa situação, enfrenta um período de crise cuja superação depende em alguma medida do apoio recebido dos profissionais de reabilitação. Dessa forma, especial ênfase é dada à relação terapeuta-paciente, sistematizando-se as características do apoio a ser oferecido. O compromisso da Psicologia com as questões sociais de seu tempo, exige uma contínua atenção às necessidades reais do homem concreto e, como membro da equipe multidisciplinar, o psicólogo deve procurar a interlocução saudável e o permanente diálogo com os demais membros da equipe, levando-os a compreender a relevância da atuação conjunta e integrada de todos os profissionais de reabilitação na prevenção de dificuldades que possam impedir o paciente de superar a crise que vive e desenvolver-se em toda a sua dimensão de pessoa. A prática indica a necessidade de estabelecer um ambiente favorável de relações humanas que inclua a valorização da pessoa e a crença de que cada um tem condições de encontrar o seu melhor. Assim, discute-se a importância do deslocamento da tradicional postura fria e autoritária dos “doutores” que “tudo sabem” para uma atitude de acolhimento que permita ao paciente compreender-se a si mesmo, dissolver conflitos e construir um modelo, no qual possa manter uma relação salutar com as suas emoções e encontrar caminhos próprios para enfrentar a nova situação. Nesse sentido, toda e qualquer intervenção da equipe passa a ser terapêutica, uma vez que visa a superação do sofrimento e a promoção da saúde emocional do paciente. A Abordagem Centrada na Pessoa é o referencial teórico que alicerça esse estudo. Na medida em que a relação seja marcada por atitudes de autenticidade, empatia e aceitação positiva incondicional, os vínculos tornam-se sólidos, facilitando o diálogo e permitindo uma relação ativa e recíproca entre a equipe e o paciente que sentindo-se incluído em seu processo de reabilitação, torna-se partícipe de sua própria recuperação, capaz de resgatar a cidadania, reconstruir a identidade e reintegrar-se social e profissionalmente.

Maria Cecília Cury.

Universidade Castelo Branco.



O Psicólogo no Campo da Saúde no RN: Formação e Atuação Profissional.

Muitos estudos realizados sobre a formação e inserção do profissional da Psicologia em diferentes e amplas frentes de trabalho têm revelado uma expansão de sua atuação em instituições do campo da saúde (hospitais e unidades de saúde), com reflexos inclusive na formulação de programas de atenção a parcelas mais desfavorecidas da população. Tal fato remete a algumas questões, entre elas, a adequação entre a demanda nesses serviços e o tipo de atendimento prestado, bem como a avaliação relação formação profissional/atividade atual. O presente trabalho é parte integrante do projeto “Políticas públicas e prática social do psicólogo”, e tem por objetivo traçar um panorama geral do chamado campo da saúde sobre aspectos relativos à formação profissional e atividades desenvolvidas em instituições de saúde por psicólogos norte-riograndenses. Para coleta dos dados foi utilizado um questionário com itens relativos a dados de identificação, formação acadêmica (descrição e avaliação), pós-graduação e atividades atuais. Tal instrumento é parte constitutiva de um mapeamento geral realizado com psicólogos de diferentes especialidades, cuja parte relativa ao campo da saúde consistiu em 26,5% do total de profissionais estudados. Portanto, 51 psicólogos foram sujeitos do presente estudo. Entre os principais resultados analisados, destacam-se a predominância do sexo feminino entre os sujeitos (96%). Com relação a formação acadêmica, 78,4% dos sujeitos com graduação concluída no próprio estado, e área de estágio prioritariamente clínica (62,7% dos psicólogos). Um bloco interessante de análise é a relação entre a avaliação da formação, estudos de pós-graduação e atividades atuais. Cercade 45,0% dos profissionais avaliaram o curso como insuficiente, e como conseqüência 74,5% buscaram algum tipo de complementação da formação, na forma de cursos técnicos e/ou acadêmicos direcionados, predominantemente, ao campo da saúde(37,1%). Entretanto, ao se analisarem a atuação profissional cotidiana, a presença maciça de atividades clínicas (psicoterapias – 84,3%, assistência a pacientes clínico/cirúrgicos – 19,6%, orientação/aconselhamento – 17,6%) revela uma permanência dos moldes tradicionais de atenção psicológica. Em que pese o fato de que alguns movimentos de expansão de atividades já aconteçam, principalmente na forma de grupos educativos (19,6%) ou participação em programas de saúde (3,9%), eles são ainda incipientes, principalmente quando considerados no conjunto geral. Dessa forma, pode-se concluir que há uma discreta tentativa de adequação/ampliação das atividades desempenhadas pelos psicólogos que atuam na saúde pública no estado do RN, frente às demandas que lhe são apresentadas nesse contexto. No entanto, atualmente a vertente clínica ainda é predominante em grande parte das atividades oferecidas nos referidos locais o que pode ser explicado pelo grande peso da formação clínica oferecida durante muitos anos na principal agência formadora dos profissionais estudados.

Isabel Fernandes de Oliveira; Candida Maria Bezerra Dantas; Ana Ludmila da Costa Freire; Oswaldo Hajime Yamamoto.

Universidade Federal do Rio Grande do Norte; CNPq.



O puerpério: um estudo sobre a psicologia da mulher.

O período do puerpério, também chamado de “quarto trimestre da gravidez”, possui um significado vital na vida da díade mãe-bebê. Para o filho, o vínculo inicial com a mãe fornecerá a base de sua saúde mental posterior, tal como foi enfatizado pela Psicanálise. Para a mãe, será neste período que ela passará a desempenhar o papel materno e a se relacionar com seu novo bebê. A qualidade de suas experiências emocionais neste momento será fundamental para seu sentimento de sucesso no novo papel e para o desenvolvimento de uma relação satisfatória com seu filho. Trata-se de uma etapa delicada, do ponto de vista emocional, considerada como especialmente vulnerável à ocorrência de transtornos mentais – entre eles as depressões pós-parto e psicoses puerperais. Este trabalho teve como objetivo conhecer as vicissitudes emocionais por que passa a mulher durante o período puerperal, assim como relacioná-las aos aspectos do psicodinamismo inconsciente da mulher que a elas se acham associados. Foi realizado um estudo exploratório com um grupo de dezesseis mulheres primíparas, no qual foram utilizadas entrevistas semi-dirigidas e uma técnica projetiva. Para a análise dos resultados da pesquisa, foi utilizado como referencial a teoria psicanalítica. A amostra compunha-se de mulheres casadas, com idades variando entre 22 e 33 anos, com nível de instrução secundário ou superior e nível sócio-econômico médio. A metodologia consistiu na realização de uma entrevista semi-dirigida aos sete meses de gestação e outras duas entrevistas – também semi-dirigidas – aos quinze dias após o parto. Neste mesmo período, foi aplicado o Teste das Relações Objetais de Phillipson (TRO). A análise do material obtido permitiu verificar que o puerpério é um período de crise na vida da mulher primípara, pois representa uma situação desconhecida, que implica adequações novas e acarreta mudanças importantes. Neste período crítico, ao lado das alegrias e prazeres da maternidade, a mulher vivencia situações de angústia, dentre as quais destacam-se as angústias persecutórias e os sentimentos de culpa persecutória em relação à figura materna internalizada. Foi possível estabelecer estreita relação entre a qualidade das experiências emocionais da mulher, durante a gestação e o puerpério, e a elaboração satisfatória da posição depressiva infantil. Diversos outros aspectos puderam ser detectados nas experiências emocionais da puérpera, como por exemplo angústias depressivas, mecanismos regressivos, tendência ao isolamento e introversão em relação ao mundo externo e necessidade de apoio adequado fornecido pelo ambiente. Considerando a gravidez e o puerpério como fases críticas e predisponentes a distúrbios de ordem psíquica, este trabalho salienta a importância do trabalho psicológico preventivo durante o ciclo gravídico-puerperal.

Eliana Marcello De Felice.

Universidade de São Paulo.



O que é Qualidade de Vida? Uma pesquisa com mulheres que freqüentam o Sistema Único de Saúde.

Através desta pesquisa procuramos investigar a representação social sobre qualidade de vida bem como a concepção de saúde que os sujeitos que são usuários do Sistema Único de Saúde (S.U.S.) apresentam. Ao pesquisarmos e conhecermos as representações sociais construídas pelos sujeitos, poderemos pensar em trabalhos de intervenção junto à comunidade, no sentido de orientá-los na construção de uma consciência crítica acerca das questões de Saúde e Qualidade de vida. Foram entrevistadas 20 mulheres entre 30 e 40 anos, abrangendo as cidades de Bauru, Botucatu, Dois Córregos e Jaú, nas respectivas unidades de saúde. Procedemos às entrevistas com roteiro previamente estabelecido onde foram abordados temas como: Qualidade de vida, saúde, lazer, vida saudável e exercícios físicos, como fatores fundamentais que se apresentam voltados para a manutenção da saúde em nossa sociedade. Constatamos que para a maioria dos sujeitos, qualidade de vida é ter bons médicos para consultar e prevenir-se contra doenças e ser saudável é não usar drogas, não beber, não fumar e comer bem. Quanto ao lazer e aos exercícios físicos, constatamos que estes se encontram muitas vezes ausentes na vida dos sujeitos. As mulheres entrevistadas pouco conhecem o sentido real das categorias discutidas ao se pensar em saúde e qualidade de vida, transparecendo assim que as mesmas apresentam uma consciência pouco crítica acerca desta questão, limitando-se a receber um atendimento assistencialista no S.U.S. A pesquisa realizada ajuda-nos a confirmar que os sujeitos são vítimas de uma ideologia dominante que os imobiliza para as ações, colocando-os enquanto reprodutores de um “status quo” que favorece a manutenção das suas atuais condições de vida, comprometendo-os naquilo que consideramos fundamental, ou seja, na construção da sua (dos sujeitos) consciência crítica ao discutir saúde e qualidade de vida enquanto um direito fundamental e imprescindível.

Beraldo, M. L. N.; Capelupi I, K. H.; Cardoso, M. R.; Ferraz, M. S. S.; Galli, V. F.; Viotto, I. A. T.

UNIP – Bauru.



O que motiva um jovem a estudar?

Este trabalho é uma proposta de reflexão sobre o que motiva um jovem a estudar. Este tema surgiu em função da escuta recorrente de frases melancólicas e desanimadas que comparam os alunos de hoje com os de anos atrás. A questão merece uma análise complexa na sociedade competitiva onde vivemos, que oferece um paradoxo difícil de ser contornado: a necessidade do ensino formal e a exigência de escolaridade convivem com a extensão cada vez maior dos anos na escola marcada por formas obsoletas de transmissão do conhecimento, inadequação de conteúdos, e o conseqüente pouco interesse por parte do alunado, além da falta de estímulo dos professores para despertar a atenção do corpo discente. Sabe-se que a aprendizagem ocorre mais facilmente quando há interesse, quando há estímulos adequados. Estes adolescentes, diferentes dos antigos, têm mais acesso à informação, porém, esta não se transforma em maior curiosidade e interesse pelo saber. A informação muitas vezes não é incorporada ou compreendida pelos alunos. Esta pesquisa foi realizada com o objetivo de fazer uma escuta dos jovens entre 14 e 17 anos matriculados na 8ª série do ensino fundamental, em escolas públicas e privadas no estado do Rio de Janeiro, através do preenchimento de um instrumento de pesquisa com questões abertas. Pretendeu-se investigar, portanto, a relação do aluno com a escola (local “oficialmente” destinado ao saber) e a finalidade do estudo para este jovem. Com o objetivo de completar os dados sobre disposição para estudar, perguntou-se também, quando ele gosta de estudar. Outras questões tiveram com objetivo fazer o aluno refletir sobre quais saberes ele utiliza no dia-a-dia, o que ele gosta de aprender e onde obtém informação sobre esses saberes; se ele estudaria se não tivesse necessidade, observou-se, por conseguinte, o vínculo dele com o conhecimento. Os resultados obtidos podem contribuir não apenas para reformulações das instituições em questão, mas para reflexões sobre políticas públicas de educação mais eficazes e que atendam aos anseios e interesses da população, propiciando maior desenvolvimento e bem estar.

Patrícia Ribeiro de Andrade.

Instituto Brasileiro de Medicina de Reabilitação – IBMR – RJ.



O que os pais falam sobre comportamentos tidos como adequados e inadequados de seus filhos?

O conceito de habilidades sociais tem sido cada vez mais utilizado para compreender relações interpessoais, abrindo campo de estudo sobre relacionamentos pais-filhos. Neste sentido, conhecer o relato de pais (pais/mães) sobre os repertórios comportamentais de seus filhos, torna-se essencial. Desta forma, surgem as seguintes questões: 1) Qual o repertório comportamental (tanto indicativo de comportamentos socialmente adequados, como indicativo de problemas de comportamento) de crianças consideradas como tendo indicativos escolares de problemas de comportamento (IPC) e de crianças consideradas como tendo indicativos escolares de comportamentos socialmente adequados (ICSA), segundo o relato dos pais? 2) Há diferenças entre o relato de pais e mães? 3) Há diferenças entre os grupos IPC e ICSA? Conseqüentemente, o objetivo deste trabalho é o de comparar relatos sobre repertórios comportamentais de filhos de diferentes grupos: a) pais x mães b) pais (mãe e pai) de filhos IPC x pais (mãe e pai) de filhos ICSA. A amostra desta pesquisa é composta por um grupo de 60 pais, sendo 30 pais de filhos IPC e 30 pais de filhos ICSA. Para a coleta de dados foram utilizados questionários que avaliam tanto comportamentos inadequados (ECI) quanto comportamentos adequados (baseado em Silva, 2000), os quais foram aplicados com os pais separadamente, em suas residências, onde a entrevistadora fazia as perguntas e anotava as respostas. Os participantes foram contactados, via telefone ou pessoalmente, após a indicação de professoras (cada uma indicou até 3 crianças IPC e até 3 crianças ICSA) de 16 Escolas Municipais Infantis (EMEI), que estão distribuídas geograficamente na cidade de Bauru. Análises preliminares sugerem semelhanças entre os relatos de pais (IPC e ICSA) e mães (IPC e ICSA), seja em relação aos repertórios adequados como inadequados de seus filhos; no entanto, ao serem comparados os grupos IPC (pai e mãe) e ICSA (pai e mãe) quanto ao repertório adequado dos filhos, observa-se uma frequência ligeiramente maior para o grupo ICSA; em contrapartida ao observar estes mesmos grupos quanto ao repertório tido como “inadequado”, verifica-se uma diferença significativa a favor do grupo IPC. Frente a isso, conclui-se que quanto ao relato dos pais (pai e mãe) sobre o comportamento dos filhos, parece não haver diferença na forma como pais e mães relatam a ocorrência de tais comportamentos dos filhos, porém, ao comparar os grupos de pais (IPC e ICSA) notam-se maiores diferenças, pois os pais IPC relatam observar mais comportamentos “inadequados”, em seus filhos, que os pais ICSA, sugerindo concordância com as indicações feitas pelas professoras. Vale ressaltar que como os grupos pouco se diferenciaram quanto ao repertório socialmente adequado, torna-se essencial pesquisas de intervenções que auxiliem pais e/ou professores a melhor aproveitarem estes repertórios na prática educativa, favorecendo tanto o surgimento/manutenção de comportamentos socialmente adequados, como a redução/eliminação de comportamentos considerados como “inadequados”.

Ana Carolina Rodrigues Martins; Sabrina de Almeida Rocha; Alessandra Turini Bolsoni-Silva; Edna Maria Marturano.

Universidade Estadual Paulista – Bauru, São Paulo.



O que você vai ganhar nesse natal? Uma análise da preferência lúdica por meio de cartas escritas ao Papai Noel.

Introdução: Psicólogos, pedagogos e profissionais que cuidam da infância de uma maneira geral, apontam para a importância das manifestações lúdicas no desenvolvimento da criança e na construção do conhecimento. Na brincadeira a criança interage com seus pares, explora o ambiente e, com isso, constrói seu conhecimento. É, portanto, brincando que ela explora a realidade e ordena suas atividades. Em primeiro lugar, cabe ressaltar a inegável influência dos estímulos culturais e dos meios de comunicação na preferência lúdica, influência esta que acaba por produzir “preferências” em massa. A escolha por determinado brinquedo pode, assim, ser estimulada por elementos do cotidiano infantil como as propagandas publicitárias, os valores sociais, as tendências e costumes coletivos, etc. Além disso, as crianças, em suas diferentes interações com o universo social e cultural, reagem de maneiras também diferentes e, com relação ao jogo especificamente, diferentes crianças jogam o “jogo da moda” de maneiras diversas, de acordo com o que o seu nível de desenvolvimento cognitivo propicia. Dessa maneira, os estudos sobre a preferência lúdica de crianças e adolescentes têm revelado semelhanças e diferenças entre os jogos, brinquedos e brincadeiras preferidos em diferentes partes do mundo. Tendo em vista que esta problemática foi pouco investigada no país até o momento, a presente pesquisa teve como objetivo fazer um levantamento da preferência lúdica de uma amostra de crianças brasileiras, por meio de cartas escritas ao Papai Noel. Conhecer a preferência lúdica de crianças e adolescentes pode ser bastante importante tanto para as famílias quanto para as escolas, admitindo-se, conforme exposto acima, a importância que os jogos, os brinquedos e as brincadeiras desempenham em suas vidas. **Metodologia:** A presente pesquisa teve como sujeitos os autores das referidas cartas enviadas ao Papai Noel durante o mês de dezembro de 2001, reunidas na Agência Central dos Correios do município de Vitória –ES. Assim, após a leitura e seleção das cartas, procedeu-se à análise de seu conteúdo, procurando sistematizar os indícios e informações dadas pelos sujeitos a respeito de sua preferência lúdica. **Resultados e discussão:** Foram lidas 624 cartas, de um total de 1763 recebidas pelos correios. Destas, foram selecionadas 205 nas quais as crianças pediam jogos ou brinquedos ao Papai Noel. Estes sujeitos tinham entre 06 e 14 anos, sendo 99 meninas e 106 meninos. Foi possível constatar que para o conjunto da amostra, o brinquedo preferido foi bicicleta, sendo que as meninas preferem bonecas, enquanto os meninos escolheram mais jogos eletrônicos. Dessa maneira, é possível concluir que os jogos e brinquedos tradicionais parecem continuar sendo bastante preferidos pelas crianças atualmente. Por outro lado, fica evidente a expansão da preferência por jogos eletrônicos, sobretudo entre os meninos. Por fim, os jogos e brinquedos mais desejados na faixa etária pesquisada parecem estar de acordo com o nível de desenvolvimento cognitivo esperado dos sujeitos. E-mails: cbroetto@npd.ufes.br apcaiado@ig.com.br **Relações entre preferência lúdica e nível sócio-econômico entre escolares capixabas** Claudia Broetto Rossetti – Depto. de Psicologia / PPGP Ana Paula Stel Caiado - Bolsista IC/CNPq Universidade Federal do Espírito Santo **Introdução:** Os jogos, as brincadeiras e os brinquedos encontram-se associados às crianças desde os primórdios da civilização humana. As atividades lúdicas representam, geralmente, o modo espontâneo de meninas e meninos, de todos os grupos sociais e etnias, interagirem, se expressarem e desenvolverem sua subjetividade. De fato, importantes informações sobre os processos de pensamento da criança podem ser observadas durante a prática dos jogos e brincadeiras. Segundo Ruiz (1992), a preferência lúdica é um fenômeno relativamente efêmero e que depende de muitos fatores, tais como, as estações do ano, a influência de estímulos culturais como a televisão, os costumes sociais coletivos, as festas locais, o número de companheiros, a presença ou não de adultos, os contextos concretos, os brinquedos disponíveis, etc. Assim, para esta autora, a preferência por um jogo ou por outro não deve ser tomada como um indicador exato de todos os processos psicológicos implicados no mesmo. Contudo, preferir um determinado jogo e não outro pode indicar que o jogo preferido é conhecido e dominado pela criança, pelo menos em um nível que lhe permite dizer que



sabe como jogar esse jogo. Tendo em vista a importância que o ato de jogar exerce no processo de desenvolvimento das crianças, a presente pesquisa teve como objetivo fazer um levantamento da preferência lúdica de uma amostra de crianças de diferentes níveis sócio-econômicos, para assim analisar alguns aspectos envolvidos nas escolhas lúdicas infantis. Metodologia: Foram sujeitos desta pesquisa 155 crianças, entre 8 e 12 anos, alunos de uma escola pública municipal e outra particular do município de Vitória – ES, divididos de acordo com a idade e série que freqüentavam. Para a coleta de dados foi utilizado um questionário, construído com base no “Questionário de Atividades Lúdicas”, proposto por Ruiz (1992), composto de 09 questões e aplicado coletivamente na própria sala de aula dos sujeitos. Resultados e discussão: No total foram aplicados 87 questionários na escola pública e 68 na particular. A análise das respostas dos sujeitos demonstrou que com relação a atividades desenvolvidas em casa, os alunos da escola pública, em sua maioria, ajudam os pais e os da particular jogam videogame. Dentre as atividades escolares, as aulas de Educação Física foram preferidas em ambas as escolas. Na questão sobre lazer, a preferência por passeios em família foi também eleita pelas dois grupos. No que diz respeito à freqüência do brincar foi constatado que as crianças da escola pública brincam/jogam com seu brinquedo/jogo preferido todos os dias, enquanto que as da escola particular o fazem três vezes por semana. O conjunto da amostra elegeu os amigos como companheiros de brincadeiras/jogos e a própria casa como local mais utilizado para brincar/jogar. Em relação aos jogos/brinquedos preferidos, as meninas da escola particular preferem computadores e as de escola pública, bonecas. No caso dos meninos, foi constatada a preferência por futebol em ambos os grupos. Dessa maneira, verificou-se que o nível sócio-econômico parece influenciar em parte a preferência lúdica dessa amostra de crianças.

Claudia Broetto Rossetti; Ana Paula Sthel Caiado.

Depto. de Psicologia / PPGP; Bolsista IC/CNPq; Universidade Federal do Espírito Santo.



O Raven na Avaliação de pessoas idosas.

O objetivo do presente trabalho é verificar quais os resultados obtidos pelos idosos “ativos” e “inativos” no teste inteligência (fator g) Matrizes Progressivas Coloridas de Raven (escala especial), considerando-se ativos aqueles que mantêm uma vida sociável, acompanhada de uma rotina dinâmica e inseridos num processo de produção. Os Ss. São 24 idosos residentes na zona leste da cidade do Estado de São Paulo, de ambos os sexos, com idade entre 55 e 72 anos, sendo 12 ativos e 12 inativos. O teste foi aplicado de forma individual, seguindo as instruções contidas no manual (1988). A análise dos dados obtidos sugere tendências, visto que a amostra é muito pequena para que comporte testes de significância. A primeira tendência revela que os indivíduos ativos têm uma média de pontos maior que os inativos (26 pontos perfazem os ativos e 24, os inativos), e que possuem maior variabilidade (desvio padrão de 5,6 nos ativos e 4,4 nos inativos) mostrando que os inativos, além de terem os pontos diminuídos, ficam mais iguais. Essa tendência se confirma quando analisamos os casos separadamente: no sexo masculino a média de pontos dos inativos é 24; nos ativos, 26. Em relação às mulheres também aparece tal tendência: a média das inativas é de 24 pontos; a das ativas, 27. A média feminina é maior que a masculina (masc. =26/ fem. =27), sugerindo que as mulheres, mesmo inativas conservam sua capacidade intelectual melhor que os homens, talvez devido ao fato de continuarem com seus afazeres domésticos. Outra forma de confirmarmos a tendência da homogeneidade constitui no uso do coeficiente de correlação de Pearson que foi negativo nos inativos e nos ativos, sugerindo que com a idade cronológica diminui o QI (coeficiente de inteligência), havendo diferença significativa entre os coeficientes: o que $r = 0,12$ para os inativos; $r = -0,37$ para os ativos. Confirma a tendência de que os inativos, mesmo variando a idade cronológica tendem a igualar-se na correlação pontual obtida no teste, no entanto os ativos demonstram uma desigualdade em relação á idade cronológica e á pontuação obtida. Assim, podemos concluir, de forma muito sucinta, que as atividades desenvolvidas pelos idosos podem influenciar de forma positiva no seu desenvolvimento intelectual. Pretendemos, a partir deste trabalho, realizar uma nova pesquisa com um número significativo de Ss. Para obtermos uma interpretação mais consistente, como também normalizarmos este teste para a população idosa brasileira.

Simone Ferreira da Silva Domingues; Elaine Polizello; Miguel Dias Olmos.

Universidade Cruzeiro do Sul.



O registro escrito das atividades em creche: a construção de uma proposta de trabalho.

A observação cuidadosa da criança fornece elementos para a construção de uma prática que considere o desenvolvimento da mesma o que deve ser registrado para que as informações não se percam. No entanto, atualmente as instituições de atendimento infantil ainda têm encontrado certas dificuldades em proceder à instrumentalização de seu pessoal para realizar tal tarefa, sendo esta considerada apenas mais uma atividade difícil de ser cumprida por conta das dificuldades de cumprimento da própria rotina. Uma vez que o registro não é realizado fere-se o direito das crianças que freqüentam a creche de terem o acompanhamento de seu desenvolvimento em forma de registro, além do acompanhamento do próprio trabalho desenvolvido pelas educadoras e, em consequência, a avaliação do mesmo. No entanto, o registro em si não é uma tarefa que se inicia e termina em si mesma, necessitando haver uma formação continuada e um treino do olhar das educadoras no sentido de observar os acontecimentos diários. Nesse sentido, a proposta de realização do registro foi sendo construída em uma creche da rede pública de uma cidade da região de Ribeirão Preto (SP), durante os meses de maio a novembro de 2001. Através de encontros semanais foram discutidos temas teórico-práticos ligados à rotina da instituição como o sono, alimentação, desenvolvimento e sexualidade infantil, limites, agressividade, relação creche-família. Esses temas serviram como eixo para discutir as várias formas de registros existentes como o registro diário, semanal, mensal, oral, gravado em áudio e/ou vídeo, cartazes e revistas, procurando também valorizar os conhecimentos práticos das educadoras, adquiridos ao longo de anos de trabalho na instituição. As reuniões em grupo forneciam subsídios teóricos ao entendimento do registro enquanto um documento reflexivo das condições de trabalho na instituição, aliado à prática cotidiana. Com a negociação constante dos temas a serem trabalhados durante o período da construção da proposta de trabalho e a sensibilização do olhar, inclusive a través de um contato maior com as percepções individuais e do grupo em relação à realidade da creche, houve um resultado bastante efetivo na realização dos registros.

Anjos, Adriana Mara dos; Silva, Ana Paula Soares.

Universidade de São Paulo; FFCLRP, Ribeirão Preto.



O retorno do teste Wartegg no processo seletivo.

Neste trabalho discutio as vantagens e os perigos, do ponto de vista ético, da devolutiva de um teste em um processo seletivo. Esta proposta, no entanto, exige alguns cuidados específicos. Em primeiro lugar deve-se observar que dar retorno não significa dar a resposta do teste e sim dizer do teste como um todo, quais são seus objetivos, quais características pode avaliar. Em segundo lugar pensar que o retorno em um processo seletivo não pode ser jamais comparado a um psicodiagnóstico clínico, uma vez que esta relação é pontual e momentânea.

Procurar emprego, em geral, é uma situação difícil, que envolve mudanças, desafios e tensão.

Os processos seletivos em empresas são caracterizados por uma super exposição do candidato que é submetido a entrevistas, dinâmicas de grupo, testes práticos, testes específicos e testes de personalidade.

Os profissionais de psicologia que trabalham com seleção de pessoal são vistos como alguém que sabe tudo e tudo observa no candidato.

Por outro lado, o tempo de contato entre selecionador e selecionado é curto e neste tempo o profissional precisa identificar características de personalidade que justifiquem a escolha por uma ou outra pessoa.

Os testes de personalidade são aplicados em larga escala pelo psicólogo organizacional desde a segunda metade do sec. XX. As empresas os usam como instrumento de identificação de pessoal e têm o poder de decidir sobre a vida de seus candidatos sem ter a preocupação com a pessoa que está por trás deste profissional.

Por não saberem em que estão sendo avaliados, os candidatos se sentem como objetos e criticam o uso de testes e outros instrumentos que não tenham retorno do que avalia, o que desvaloriza o processo seletivo e, conseqüentemente, o próprio profissional da área.

A relação de seleção deve ser uma troca onde o candidato é escolhido mas também escolhe a empresa que quer trabalhar. Quanto mais transparente for o processo seletivo mais chance tem o candidato de se estabelecer e desenvolver profissionalmente e de se identificar com a empresa. Pois sabe desde o início o que é cobrado dele e até onde pode chegar.

O contato entre o psicólogo que faz seleção e o seu candidato é instantâneo e passageiro e tem um fim específico que é identificar características de personalidade e modos de realização de algumas tarefas. O retorno do processo seletivo e do que é observado no teste deve servir para o candidato como uma forma de humanização da relação com a empresa, incentivo a comunicação e para o auto-conhecimento.

Claudia Natacha B. Dagele.



O sentido subjetivo que casais de namorados atribuem à sua relação.

Este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa cujo objetivo era evidenciar qual o sentido subjetivo atribuído à vivência afetiva da relação amorosa em casais de namorados. Os pressupostos metodológicos se orientaram pela Psicologia Sócio-histórica, que possibilitou estudar a subjetividade dos sujeitos vistos como homens sociais e históricos, em constante movimento. Participaram dois casais de namorados, cuja relação de namoro tinha mais de quatro meses, escolhidos aleatoriamente. Foi realizada uma entrevista não diretiva com cada um dos componentes dos casais, de forma que relatassem o que para eles era importante na relação amorosa. Todas as entrevistas foram transcritas. O procedimento de análise dos dados utilizado foi o de núcleos de significação que permitiram a organização do texto em temas fundamentais que retratam o sentido subjetivo da relação amorosa para cada um dos participantes. Cada núcleo foi relacionado com o todo da fala e então reintegrados em seu movimento. Pela vivência de cada um, ser social e ao mesmo tempo singular, foram encontrados núcleos diferentes e semelhantes de significação. Foram encontradas semelhanças entre as duas mulheres dos casais: ambas, coincidentemente, são sete anos mais velhas que seus namorados, não encontram dificuldades de relacionamento em nível afetivo, estão certas de seus relacionamentos, mas enfrentam dificuldades com relação à sociedade. Vivemos numa sociedade na qual o comum é o homem ser mais velho e provedor. Entre os homens não houve semelhanças em seus núcleos de significação. Quanto ao sentido subjetivo atribuído à relação, no primeiro casal a mulher tem sua vivência afetiva marcada pela diferença de idade e todas as dificuldades decorrentes desta acabam aproximando-a de seu namorado; o homem percebe diferenças entre ele e a namorada, que afetam seu relacionamento como as dificuldades enfrentadas por seus pais, não com relação à idade, mas sim por características pessoais. No segundo casal, a mulher coloca-se no relacionamento com uma missão: investir no namorado para superar as diferenças; o homem percebeu a transformação: sua vida antes de conhecer a namorada, hoje com ela e o que será do futuro com ela. Referências bibliográficas: AGUIAR, Wanda J. "Consciência e Atividade: Categorias Fundamentais da Psicologia Sócio-Histórica". In: BOCK, Ana M.; GONÇALVES, M. Graça e FURTADO, Odair (Orgs.) Psicologia Sócio-Histórica. São Paulo, Cortez Editora, 2001, pp.97-110. _____."A Pesquisa em Psicologia Sócio-Histórica: Contribuições para o debate Metodológico". In: BOCK, Ana M.; GONÇALVES, M. Graça e FURTADO, Odair (Orgs.) Psicologia Sócio-Histórica. São Paulo, Cortez Editora, 2001, pp. 129-140.

Lia Siqueira Castanho e Patrícia Klukiewicz; Wanda Maria Junqueira Aguiar.

PUC-SP.



“O Serviço Público e a Saúde de seus Trabalhadores” “As várias faces da Readaptação”.

Definição: 1. Ato ou Efeito de Readaptação (adaptar de novo); 2. Investidura em função pública mais compatível com a capacidade física, intelectual ou vocacional do funcionário-(Aurélio Buarque de Holanda Ferreira - 1986). População: Instituição/empresa Corpo docente gerencial profissionais saudáveis - Ativo Corpo técnico gerencial profissionais em processo de adoecimento - Ativo/Passivo Servidores (trabalhadores) profissionais adoecidos - Ativo /Passivo A Instituição Pública enfrenta vários desafios no que diz respeito aos seus recursos humanos. A estabilidade funcional impulsiona a instituição a buscar diversas formas de administrar os conflitos oriundos do mundo do trabalho. A saúde dos trabalhadores assim como à saúde da instituição se articulam o tempo todo, gerando diversos entraves administrativos. A saúde do trabalhador implica incisivamente na produção e nos custos operacionais de sobrevivência da Instituição. A Instituição/Empresa, além de focar o seu olhar para o aumento da eficiência e/ou da lucratividade, deve considerar também o ser humano, o agente que propicia a Produtividade. A Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, apesar de ser uma instituição sem fins lucrativos, preza sua eficiência, e vem, ao longo dos anos buscando e aprimorando técnicas que possam ajudá-la nessa administração. O Programa Multidisciplinar de Apoio ao Servidor, sob o slogan: “Universidade saudável 2010”, tem o seu foco de atuação na procura do equilíbrio entre as necessidades da instituição e as necessidades dos seus servidores. Várias frentes atuam no intuito de auxiliar essa dinâmica . No que tange à Saúde Mental, foi realizado em 1997, pela Prof. Dra. Liliana Guimarães do Laboratório de Saúde Mental – Fcm/Unicamp, um diagnóstico institucional, em que se pesquisou a saúde mental dos trabalhadores (Projeto Matrix), com apoio do Cnpq; têm sido realizados diagnósticos setoriais e circunstanciais pela equipe de psicólogas do programa. Na esfera da Intervenção são realizados atendimentos individuais aos servidores (Acompanhamento Psicoprofissional) e ao corpo de chefias; Grupos Operativos e Psicopedagógicos (chefia de servidores com dependências químicas, chefia de servidor com problemas psiquiátricos, sensibilização para ginástica laboral, grupos de Ler/Dort), e programas específicos (Projeto Patrulheiro, Projeto Álcool/Droga “Matrix”, Projeto Aposentadoria) e, em fase de consolidação: Projeto Readaptação (Servidores com Laudos Restritivos); Projeto Inclusão (Portadores de Deficiências); Projeto Social e Projeto do Servidor Ingressante. Em síntese, ocorre o Acolhimento, a Orientação e os Encaminhamentos necessários. A equipe multidisciplinar mantém intercâmbio com órgãos e especialidades que favorecem o desenvolvimento do Macro-Projeto, ou seja: “Suporte à Saúde dos Trabalhadores e da Instituição – Unicamp”. (Abril 2002)

Osmarina Dias Alves; Aparecida Donizete Macedo; Daniela de Almeida Martins; Érika Aparecida Bueno; Ivana de Paiva Trevenzoli Morasco; Luciene Rodrigues de Oliveira; Renata Macedo Justino.

Universidade Estadual de Campinas-Unicamp.



O significado da construção do projeto de vida para Alcoolistas e Doentes Mentais institucionalizados.

INTRODUÇÃO. Desde cedo o indivíduo se depara com uma enorme variedade de opções e “o escolher” passa a fazer parte do seu cotidiano. Ele precisa decidir sobre o que usar, que trabalho realizar e que carreira seguir. Mas normalmente essa escolha não é clara e muitas vezes o indivíduo desconhece ou não compreende as opções que lhe surgem. Portanto, compreende-se a necessidade de um processo de Orientação Profissional que auxilie o indivíduo em suas escolhas. Catão (2001) propõe a Orientação Profissional no contexto da Construção do Projeto de Vida, no qual o indivíduo a partir de suas Representações Sociais percebe sua situação presente, seu passado e como pensam sua vida relativamente ao futuro. Tal Orientação mostra-se ainda mais necessária para sujeitos que se encontram em situação de exclusão em espaços de internação, haja vista que tais indivíduos parecem apresentar uma certa indefinição de seu Projeto de Vida e de seu espaço como cidadãos, decorrentes da exclusão e institucionalização. **OBJETIVO.** Neste sentido, tendo como objetivo identificar as construções mentais de pacientes internos em instituição psiquiátrica (alcoolistas e doentes mentais) relativas à seu Projeto de Vida, bem como comparar as concepções entre os dois grupos, realizou-se um estudo piloto, em uma instituição psiquiátrica de João Pessoa- PB com o intuito de elaboração de uma proposta de intervenção. **METODOLOGIA.** O estudo realizou-se com uma amostra de 10 pacientes, do sexo masculino, com idade variando entre 35 e 55 anos e tempo médio de internação de 2 meses, sendo 5 deles alcoolistas e 5 doentes mentais. Foram utilizados dois instrumentos: um questionário com o objetivo de colher informações sobre a instituição e uma entrevista semi-estruturada aplicada aos pacientes. **RESULTADOS** Os alcoolistas e os doente mentais revelam representações mais negativas de suas vidas, de si e dos outros em relação a si depois do problema/internação do que antes; Os alcoolistas e os doentes mentais referem a seus relacionamentos atuais como ruins quando comparado com os relacionamento que tinham com parentes e amigos antes da internação; ambos grupos acreditam que a sociedade não fará nada em seu favor; com relação aos seus Projetos de Vida, os alcoolistas apresentam maiores expectativas e acreditam mais nas possibilidades de que estas se tornem reais que os doente mentais, os primeiros desejam melhorar de vida e acreditam serem capazes de realizar as transformações necessárias para que atinjam as metas desejadas, os doentes mentais, por sua vez, apesar de desejarem um futuro melhor para suas vidas, não acreditam que tenham condições de alcançá-lo. Diante do quadro apresentado pretende-se propor um programa de intervenção em nível de orientação psicossocial e reconstrução do projeto de vida para a superação das representações negativa.

Ana Cláudia Leal Vascoceles; Francisca Marina Souza Freire; Maria de Fátima Catão.



O significado do trabalho na exclusão social: um estudo com apenados.

Introdução: Atualmente tem crescido normas internacionais de proteção aos direitos humanos, paradoxalmente a esta evolução há uma emergência à violação destes direitos e expressões marcantes de exclusões sociais (Catão, 2001). A prisão, como um espaço de exclusão social, “detenção legal” encarregada de corrigir indivíduos, passou a ser vista como uma empresa de modificação de sujeitos onde a privação da liberdade faz funcionar o sistema legal. Aliado à esta privação, está o trabalho, que adquire uma conotação especial dentro deste sistema, na medida em que procura ser uma alternativa de recuperação nas penitenciárias (Foucault, 2000). De acordo com o art. 73 do Decreto Estadual nº 12.832 de 9 de dezembro de 1988, “na atribuição do trabalho considerar-se-á a habilitação, a condição pessoal, as necessidades futuras do preso e as oportunidades oferecidas pelo mercado”. **Objetivo:** Neste contexto, o presente trabalho tem por objetivo identificar o significado do trabalho para os detentos e analisar se o trabalho que realizam na CAGEPA é uma ocupação do tempo ou uma apropriação para construção do Projeto de Vida. **Método:** Para tanto, utilizou-se uma entrevista semi-estruturada, um questionário de Registro Organizacional e observação de campo. A amostra corresponde a dez detentos, em regime aberto e semi-aberto, adultos, do sexo masculino, que prestam serviço, através do convênio, na CAGEPA, na cidade de João Pessoa/PB. **Resultados:** Mediante a apreensão do significado do trabalho, constata-se que os detentos, predominantemente, atribuem o sentido do trabalho como uma ocupação de tempo, articulando o significado do trabalho à diminuição de sua pena; ou a um ganho financeiro; ou uma forma de não pensar besteira. Não havendo, assim, uma apropriação destas atividades para a construção de um projeto de vida. Quanto às construções dos detentos em torno de seu futuro, observa-se que estes reclamam que o convênio não oferece oportunidade para que realizem atividades articuladas às suas construções quanto ao futuro; e os detentos que não definem uma atividade para seu futuro, reclamam que o convênio não os capacita para exercerem uma atividade com esse propósito. **Conclusão:** Nesta conjuntura, indica-se a realização de um trabalho de orientação profissional, onde se desenvolva um trabalho informativo no sentido de se articular as construções mentais dos detentos acerca do projeto de vida com suas práticas institucionais.

Ana Paula Lima da Silva; Camila Yamaoka Mariz Maia; Fabianno Andrade Lyra; Maria de Fátima Martins Catão.

Universidade Federal da Paraíba.



O Simbolismo das Psicodermatoses – um olhar junguiano.

Introdução a pele é o maior órgão do corpo humano e é vista hoje, como mais um órgão do Sistema Imunológico, podendo a doença de pele ser classificada como doença imunológica. Do ponto de vista psíquico tem funções simbólicas como as de representação do indivíduo, de identificação e de continente emocional. A pele contém, a pele expressa, a pele denuncia. Do ponto de vista junguiano, fala a linguagem de todos os arquétipos:- do matriarcado quando pede aconchego, do patriarcado quando pede definição, da possibilidade amorosa quando fala a linguagem do erotismo e do self quando identifica e dá uma dimensão de individuação ao ser humano. Sem a pele o corpo humano seria apenas uma exposição de órgãos. Então, quando um órgão de tal quilate adocece, o que estaria querendo dizer o arquétipo self, o da integração, ao indivíduo? Objetivos: o presente trabalho teve como objetivo estudar um grupo de pacientes psoriáticos procurando compreendê-los em suas características bio-psico-sociais e construir uma possível explicação para seu adoecimento a luz da psicologia analítica junguiana. Materiais e Métodos: foram investigados 10 pacientes com idade entre 13 a 47 anos, predominantemente mulheres, atendidos em Clínica Dermatológica. Os pacientes foram avaliados através de teste de personalidade e de questionário relativos a sua percepção da doença. Foram também entrevistados através de roteiro de entrevista composto especificamente para a pesquisa, tendo por base pesquisas anteriores relatadas na literatura científica. O método foi o estudo de caso. A pesquisa transcorreu-se em parâmetros quantitativos e qualitativos em caráter exploratório. O enfoque dado a mesma foi o psicossomático à luz de uma visão junguiana. O convite para a participação na pesquisa foi realizado pelo médico dermatologista. Ao final do processamento dos dados receberam, em entrevista de feed-back o resultado de sua avaliação bem como sugestões de como manejar melhor a sua afecção, priorizando a compreensão do seu simbolismo no onset psoriático, nas recidivas e mesmo na convivência com a doença. Resultados; Os resultados apontaram que nesse grupo não há total correlação entre psoríase e herança genética, ficando então ressaltados aspectos psicossociais. Apontou-se também que, em termos de personalidade, a grande maioria dos pacientes tem nível acentuado de traços caracteriológicos referentes a presença de grande emotividade determinantes em suas ações, são ativos no desempenho de suas funções, porém com alto grau de flexibilidade em sua postura diante da vida, tendo dificuldade em colocar limites revelando características introvertidas como função psíquica. A caracterização apropriada aqui neste grupo, é do tipo sentimento introvertido. Todos viviam um momento de crise pessoal quando do aparecimento da doença. A grande incidência aponta para uma forte tendência de aparecimento da psoríase durante a metanóia. O pré-adolescente pesquisado tinha pais em processo metanóico. A pele comprometida provoca sérias alterações na percepção pessoal, provocando dificuldade com o processo de individuação. Conclusão A compreensão que o Grupo tem a respeito da doença psoríase e do conseqüente fenômeno vivido pela pessoa portadora da mesma ainda é parcial. No entanto pode-se hipotetizar que um complexo poderia manifestar-se externamente através da psoríase. A pele funcionaria ali como seu órgão símbolo. O adoecimento seria uma compensação entre fatores conscientes e inconscientes não trazidos para a compreensão do complexo ego. Tentaria assim o organismo, composto por corpo e mente a busca de sua homeostase. No momento em que a libido, não canalizada pelo indivíduo a favor de sua progressão, “abocanha” a pele numa tentativa de ser assimilado.

FURIGO, Regina C.P.L.; FRANCISCATO, M. Cristina R.S.; MARTELLI, Antonio Carlos C.; SILVA, Helenice C. A.

GRUPO EPPIDERM.



O Simbolismo do Corpo Através da Arte.

Esperamos com este estudo entender a trama de símbolos que emergem através das marcas deixadas no corpo como testemunha de uma história individual, genética, coletiva. Para isso buscaremos recursos na arte, na filosofia, e em técnicas corporais. Acreditamos que este trabalho de pesquisa possa ajudar a entender e a instrumentalizar profissionais no atendimento à população idosa, no que diz respeito ao alcance que tem o tocar, as varias dimensões que o corpo pode nos levar. Com 20 anos de experiência, trabalhando com técnicas expressivas coligadas a trabalho corporal, pude perceber a marca do tempo deixada no corpo. Marcas, na sua maioria, inconscientes, mas nem por isso menos importantes, pois são recorrentes. As vezes, o corpo nos aprisiona com nossas tensões físicas, as quais denunciam algo estagnado que precisamos rever. Cada parte do corpo pode tornar-se uma abertura para o mundo. Uma introdução ao mundo. Mas há partes do corpo que convidam a uma reflexão mais aprofundada. Se ficarmos centrados na escuta de si mesmo, podemos, muitas vezes, dar formas às emoções. Materializar os sentimentos. Esse sentir esta impresso no corpo, ainda que inconsciente. Por isso, muitas vezes pode ser o agente causador das doenças psicossomáticas. A artista plástica Maria Ângela do Espírito Santo Wicher conseguiu dar forma material as suas emoções. Em 1999 ela começou a se incomodar com as mãos de sua mãe idosa que estavam ficando muito enrijecidas e grosseiras (artrite). E ai ela se deu conta que também suas próprias mãos estavam grosseiras (também estava desenvolvendo uma artrite reumatoide). Iniciou então, um trabalho: conversar com as suas mãos massageando-as e acariciando-as. Percebeu uma mudança em suas mãos! Inaugurava, assim uma nova fase de seu trabalho plástico usando materiais diversos como argila, barbante, chumbo, areia, transformando-os em produções que expressassem seus sentimentos. Deu vida nova as suas mãos, que se tornaram mais criativas já não eram rígidas e as dores tinham desaparecido. A atividade artística lhe havia proporcionado uma linguagem mais afinada com a natureza de suas experiências internas que muitas vezes não podiam ser traduzíveis em palavras.

Irene Arcuri; Elizabeth Mercadante.

PUC-Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.



O Simbolismo dos Meios de Transportes Terrestres sua influência no comportamento de Trânsito dos indivíduos em fase de aquisição da Carteira Nacional de Habilitação.

A vida da humanidade sempre esteve ligada ao movimento e a circulação (de pessoas e de mercadorias), por conseqüência, sempre fez parte do desenvolvimento e do imaginário dos homens, é um constante movimento, no seu ciclo de vida já podemos observar este movimento que ocorre. Para auxiliar o homem em evolução material e social, desenvolveram-se meios de transporte. Neste projeto, fixaremos foco nos meios de transporte terrestres, tendo em vista tratar-se de projeto de pesquisa relacionado a Psicologia do Trânsito. Neste infinito processo de evolução, o ser humano foi incorporando psiquicamente o simbolismo dos meios de transporte terrestre, visto que estes eram (e são) essenciais para a manutenção da vida. Para continuarmos conduzindo nossa evolução de uma forma sadia, precisamos desvendar e compreender o significado psíquico do simbolismo dos veículos terrestres, pois este influência grandemente o comportamento do homem ao conduzir um veículo. Podemos afirmar, com base na Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung, que o veículo (terrestre, no caso desta pesquisa) simboliza a imagem do ego: a partir do momento que este é utilizado, o seu condutor (o homem) incorpora o seu veículo, e faz do veículo sua extensão, projetando através dele, seus conflitos internos, seu desenvolvimento, o que ele realmente é, (sua persona e também sua sombra). Nossa hipótese é que esta projeção pode ser a cauda de comportamentos agressivos, irresponsáveis e violentos, colocando em risco a sua segurança e as dos demais (condutores e pedestres). Sendo assim, o objetivo desta pesquisa é mostrar o significado e os efeitos que incorporação simbólica (e a conseqüente projeção desta no ato de conduzir um veículo) dos meios de transportes terrestres acarreta na psique de futuros condutores de veículos, através da associação entre uma pesquisa bibliográfica (acerca do simbolismo dos meios de transporte na literatura antropológica e psicológica, em especial, nos trabalhos de C. G. Jung) e de campo (através de questionário fechado aplicados em trinta sujeitos em fase de aquisição da Carteira Nacional de Habilitação), onde se buscou dos indivíduos, como acima citado, qual a influencia do simbolismo na personalidade, comportamento, conceitos e valores dos indivíduos que estão prestes a adquirir a sua carteira nacional de habilitação, e quais as suas conseqüências para o ato de conduzir um veículo para estes indivíduos. Perante os dados obtidos na pesquisa de campo, constatou- se que atualmente o trânsito tornou-se mais violento, e que os indivíduos conseguem ter consciência que dirigem seu veículo como conduzem sua vida, porém, não conseguem modificar seu comportamento no trânsito, comportamentos que tornaram-se mais agressivos, narcisicos, imprudentes e individualistas. Assim podemos afirmar que o simbolismo dos meios de transportes terrestres influencia no comportamento deste indivíduo, emergindo conteúdos reprimidos e até mesmo desconhecidos para estes próprios indivíduos, desenvolvendo um complexo que envolve a circulação humana, onde ocorre uma representação simbólica ambivalente representada pela luz e as trevas do trânsito, portanto, grande parte dos futuros condutores encontram-se nas trevas deste complexo, por desconhecerem e negarem a influência que sofrem e causam no trânsito.

Vivian Michilin.

Faculdade de Filosofia, Ciências, Letras, Enfermagem e Fisioterapia de Guarulhos.



O sistema de comunicação mãe-bebê: a reorganização das trocas diádicas a partir da introdução de um novo elemento.

Nas últimas décadas, o estudo do desenvolvimento no início da vida tem reconhecido as contribuições da perspectiva dos Sistemas Dinâmicos. Uma das principais contribuições desta perspectiva está na possibilidade de conceber o desenvolvimento como um sistema, cujo processo de auto-organização inclui períodos de quase-estabilidade e mudança. A noção de sistema aberto, aplicada a estes sistemas, destaca que este processo de auto-organização inclui a participação constante de elementos internos e externos ao sistema. Considerando o desenvolvimento da comunicação, alguns estudos têm sido realizados utilizando-se a perspectiva dos Sistemas Dinâmicos como modelo na investigação do processo da comunicação mãe-bebê no início da vida. Neste sentido, a comunicação é concebida como um processo de trocas interdependentes, entre os parceiros que dele participam, que inclui períodos de quase-estabilidade e mudança que emergem como resultantes da auto-organização do sistema. Lyra e colaboradores (Lyra & Winegar, 1997) propõem os conceitos de Estabelecimento, Extensão e Abreviação (E-E-A) como períodos de quase-estabilidade que caracterizam as formas assumidas pelas trocas mãe-bebê ao longo dos oito primeiros meses de vida do bebê. Estes períodos de quase-estabilidade podem ser identificados nos dois tipos de interação no início da vida: “Face-a-Face” e “Mãe-Objeto-Bebê”. O presente trabalho focaliza o período de Abreviação das trocas mãe-objeto-bebê (particularmente aquelas do tipo “dar-e-pegar” o objeto) como caracterizando um período de auto-organização do sistema de comunicação encontrado entre o quarto e o sétimo meses de vida do bebê. Este trabalho tem por objetivo compreender como o sistema das trocas mãe-objeto-bebê se desorganiza e se reorganiza diante da introdução de um elemento externo novo e estranho ao sistema abreviado de trocas mãe-objeto-bebê: a colocação de luvas no bebê (ao menos no nordeste do Brasil não se usa colocar luvas no bebê). Desta forma, foram estudadas duas díades mãe-bebê na cidade do Recife, cujos bebês estavam no início do quarto mês de vida. Os dados foram obtidos a partir de registros em vídeo (15 minutos cada), em situação de laboratório, das interações de cada díade mãe-bebê, durante quatro semanas seguidas, três vezes por semana. Na primeira e na última semana, foram feitos os registros sem a presença das luvas. Na segunda e terceira semanas, foram introduzidas, durante as filmagens, as luvas nas mãos do bebê e as trocas mãe-bebê foram registradas considerando a presença do elemento perturbador. Nesta situação, o tempo de registro foi dividido em três diferentes períodos, de cinco minutos cada um deles. Em apenas um deles o registro foi realizado com a introdução das luvas nas mãos do bebê. Os registros foram analisados considerando a composição das três dimensões (Número de turnos, Imediaticidade e Suavidade) propostas por Lyra & Souza (no prelo) cuja organização muda, progressivamente, durante os períodos de quase-estabilidade já referidos (E-E-A). Os resultados sugerem que o sistema de trocas mãe-objeto-bebê se desorganiza tanto exibindo características dos períodos anteriores à Abreviação, como fazendo deflagrar novas formas de reorganização. Estes resultados são, particularmente, discutidos do ponto de vista metodológico enquanto contribuem com o estudo do processo de desenvolvimento da comunicação nesta faixa etária.

Juliana M^a Nogueira Henriques; Chaves, E. C.; Fernandes, R. S.; Lyra, M. C. D. P.



O sofrimento dos que tratam: stress ocupacional em profissionais de saúde mental.

Data de 1974 o primeiro texto, escrito por Freudenberger, que fazia referência ao esgotamento advindo do trabalho e que produz no trabalhador a sensação crônica de desânimo e ceticismo. Comparou-o à chama de uma vela que se apaga, por isso chamou-o de “burn out”. Maslach, em 1987, apresentou a expressão burnout aos psicólogos americanos, para designar o fenômeno encontrado em profissionais que têm de prestar serviços humanos; desde então, esta passou a ser a denominação utilizada para o conjunto de reações que acomete as pessoas expostas cronicamente ao stress ocupacional, gerado a partir do contato direto e excessivo com outros seres humanos, especialmente os que demandam por cuidados que lhes minimize o sofrimento. Os trabalhadores mais dedicados, os que têm objetivos mais altos e se sentem frustrados são os mais propensos ao burnout, o que denota que este fenômeno está intimamente ligado ao contexto do trabalho; não é um problema das pessoas, mas revela-se nas pessoas; é, de fato, um problema ocupacional e está sendo estudado, ultimamente, como uma síndrome depressiva específica do mundo do trabalho. Conceituada em torno de uma estrutura tri dimensional (cansaço emocional, despersonalização e redução da realização pessoal), a Síndrome de Burnout é verificada através do MBI – Maslach Burnout Inventory- que avalia sua frequência e intensidade. O objetivo da presente pesquisa foi verificar a incidência de burnout em profissionais de nível superior dos serviços ambulatoriais públicos de saúde mental dos municípios que compõem o ABC paulista, assim como identificar variáveis ambientais e pessoais que pudessem estar relacionadas ao desgaste desses profissionais e ao desenvolvimento do stress ocupacional. Foram sujeitos deste estudo 115 profissionais (psicólogos, 52%; médicos psiquiatras, 18%; assistentes sociais, 9%; fonoaudiólogos, 8%; terapeutas ocupacionais, 5%; enfermeiros, 4% e outros), sendo 75% do sexo feminino. As faixas etárias variaram de 25 a 58 anos, apresentando maior frequência entre 35 e 39 anos (36%), seguida da faixa de 40 a 44 anos (28%). Utilizou-se o MBI e um questionário sócio-demográfico e os sujeitos participaram da pesquisa em seu próprio local de trabalho. Os principais resultados indicam que 7% (8 profissionais) apresentaram-se com a síndrome instalada, 15% (17 profissionais) com acentuada propensão ao burnout e 21% (24 sujeitos) com elevado esgotamento emocional, o que configura uma categoria desgastada, cuja preservação da realização pessoal através do que faz é o que ainda a impede de desenvolver plenamente a síndrome de burnout. A população feminina, assim como as mais jovens denotam ser as mais propensas aos agravos provindos do desgaste ocupacional. Baixos salários, (79%), falta de condições materiais para a realização das tarefas, (71%) e ausência de um projeto de trabalho, (67%), foram as condições mais frequentemente citadas como responsáveis pela insatisfação dos sujeitos. Tais dados apontam para a necessidade premente de avaliação das condições de trabalho desses profissionais, assim como de intervenções que visem minimizar o desgaste físico e emocional e restabelecer o equilíbrio necessário entre indivíduo e trabalho, nos serviços públicos estudados.

Ivone Varoli; Camila Bernardes de Souza.

UMESP - Universidade Metodista de São Paulo.



“O sofrimento e os limites da (oni)potência na instituição hospitalar”.

A internação hospitalar é um momento em que o paciente além dos limites do seu adoecimento, rompe com suas referências pessoais, seu cotidiano, sua história, seus vínculos familiares, e se submete às rotinas da instituição. Mesmo internado o sujeito conserva uma necessidade fundamental de autonomia, e busca a garantia de um mínimo de liberdade e independência no seu relacionamento pessoal. O respeito, o acolhimento e a autonomia do paciente são limítrofes e essenciais no seu restabelecimento de sua saúde. Que sofrimentos desnecessários podem ser evitados na internação hospitalar? As normas existem para o “bom” funcionamento da instituição e para impedir o sujeito de experimentar a liberdade, e isso implica na descentralização das subjetividades dos sujeitos. Para preservar suas continuidades nas instituições se faz necessário sempre não só normas, mas também exceções. O acompanhamento familiar na internação ameniza rupturas, possibilita a defesa da singularidade do sujeito, e reforça as desejanças particularidades dos pacientes por aqueles que já o conhece. Tal abertura institucional traz novos conhecimentos e mudanças, é um movimento instituinte de uma nova demanda, diversa da instituída pela instituição, principalmente quando nos referimos ao hospital que lida com vidas humanas. Quando as diferenças individuais são valorizadas por seus integrantes as tensões institucionais aumentam, pois rompem por momentos essa tendência ao fechamento das instituições. Descobrir os limites da vida mesmo diante do limite da morte é um trabalho árduo. No hospital é oferecido cuidado ao paciente ao mesmo tempo os profissionais de saúde solicitam cuidados. O sofrimento do outro vai de encontro com os dos próprios, ou por identificarem-se ou por defenderem-se de situações que inevitavelmente implicam em sofrimento. Talvez consigamos entender melhor as fronteiras, nos próprios excessos das situações. São necessárias uma proximidade e uma distância com a dor do outro para poder ajudá-lo. Qual será o limite entre o acolhimento e a dependência?

A família ajuda seu ente querido afetivamente e os profissionais de saúde investem afetiva e efetivamente na sustentação do sofrimento da dor do paciente. Em toda e qualquer instituição o acolhimento se faz necessário, e na hospitalar isto se torna imprescindível. Ao lidarmos com morrentes negamos fazer parte de nós mesmos o sofrimento alheio, deparamos impotentemente com nossas limitações de poder, ao contrário do nosso primário sentimento de onipotências. Percebemos algumas implicações institucionais e ao mesmo tempo não nos damos conta de muitas outras. O trabalho hospitalar impõe que identifiquemos os limites de nossas possibilidades que não são estanques, mas voláteis. O grande desafio é o conviver cotidianamente com o sofrimento do outro e/ou nosso. É uma prática e uma teoria que de nada serve se não for vivenciada, sentida, trabalhada. Suportar mais do que nos cabe representa uma atitude de onipotência, um passo para desempenharmos o papel de Deus. BIBLIOGRAFIA Amin, Tereza Cristina Coury.(2001) O paciente internado no hospital, a família e os profissionais de saúde: redução de sofrimentos desnecessários. Tese de Mestrado apresentada na ENSP/Fiocruz, Rio de Janeiro.

Tereza Cristina Coury Amin.

Instituto de Pesquisa Clínica Evandro Chagas; Fundação Oswaldo Cruz.



O sofrimento mental em mulheres adoecidas por LER

As L.E.R., são um conjunto de distúrbios relacionados ao trabalho, causados pelo trabalho repetitivo, em ambiente de alta competitividade, pressão, tensão e estresse. A população atingida é constituída, em sua grande maioria, por mulheres jovens (22 e 35 anos) no auge da capacidade produtiva, e causam incapacidade para realizar atividades do dia-a-dia, sendo fonte de sofrimento.

Este estudo busca, à partir de material produzido pelo CEREST/SP: relatórios, laudos, prontuários, etc., discutir as conseqüências desta forma de adoecimento, integrando aos aspectos de ordem física o sofrimento mental, explorando a discussão sobre a divisão sexual do trabalho e suas conseqüências para a Saúde do Trabalhador no contexto da Saúde Coletiva.

As trabalhadoras adoecem por produzirem em condições que desrespeitam a variabilidade de ritmos e movimentos individuais, estimulam a produção cada vez mais rápida, a individualidade e ignoram as diferenças. O medo do desemprego, a necessidade de manter a família e o sonho de crescimento profissional alimentam a sobrecarga que leva ao adoecimento. Em algumas mulheres se percebe o orgulho pela capacidade de produção acima das expectativas da organização.

Os primeiros sintomas da doença, são ignorados pela trabalhadora e tratados com pouco caso pelas chefias e pela área da saúde da empresa. A sua insistência é vista com desconfiança e a diminuição da produtividade (devido à perda dos movimentos e das dores) e os afastamentos médicos, passam a ser ameaçadas de forma sutil ou direta. Passam a ser vistas com desconfiança, com desprezo tanto dos colegas como das chefias. Aspectos que demonstram que o trabalho não produz adoecimento e que a responsabilidade do adoecer é sempre individual, portanto, qualquer outra hipótese é desculpa para não trabalhar.

O adoecer provoca culpa, sobretudo quando se desconhece o motivo. As negativas dos exames laboratoriais, fazem com que muitos profissionais de saúde submetam as trabalhadoras a uma *via crucis* de busca pelas respostas ao seu processo de adoecimento, que vai ser mais ou menos penoso de acordo com sua classe social e o poder de pressão e intervenção de seu grupo social.

As hipóteses psicologizantes para a doença são muitas vezes alimentadas por Psicólogos que desconhecem os aspectos fisiopatológicos das L.E.R., oferecendo respostas estereotipadas sobre a doença e seu surgimento.

Em casa as trabalhadoras enfrentam a família que deseja que ela assuma totalmente as tarefas domésticas, atividade esta considerada por excelência feminina, e que não pode ser interrompida mesmo estando doente. Esta situação é tensa e carrega elementos ideológicos presentes também na empresa. Soma-se a isso o sentimento de impotência pela perda dos movimentos, a perda do *status* de trabalhador, o medo do desemprego, da pauperização da família, a dor e toda a discriminação que vive a trabalhadora com LER, tudo isso intensifica o sofrimento físico e emocional..

Outro fator importante é a feminização do modelo ideológico que culpabiliza as trabalhadoras. Elas seriam “propensas” a adoecer, e seu sofrimento seria “típico da fraqueza feminina”. Este discurso oculta a responsabilidade das organizações pela prevenção dos acidentes e doenças do trabalho.

Ilídio Rdo Neves



O Sono de Alcoolistas no Período de Desintoxicação.

O presente trabalho tem por objetivo apresentar os resultados preliminares de um estudo a respeito da qualidade do sono e da produção de sonhos em pacientes alcoolistas internados para desintoxicação. Para tal, foi aplicado um questionário em uma amostra de 19 sujeitos, do sexo masculino, sem sintomas graves de privação, ou comorbidades psiquiátricas e que não fizessem uso de outras substâncias psicoativas, salvo a nicotina. Os pacientes foram avaliados no 4o. dia em abstinência, sendo analisados o sono e os sonhos correspondentes aos três dias anteriores. As únicas medicações que poderiam estar utilizando eram benzodiazepínico e tiamina. Os resultados demonstraram que havia prejuízos no sono destes indivíduos na fase inicial para cerca de 47,3%, na fase intermediária para 73,7% e na final para 26,3%. Ainda assim, 84,2% consideraram a qualidade de seu sono melhor do que quando estavam consumindo bebidas alcoólicas. Quanto à produção de sonhos, 78,9% conseguiu recordá-los, sendo que, em 26,3% dos relatos, o álcool fazia parte do conteúdo onírico. Concluímos, observando o quanto é importante avaliar o sono e os sonhos de alcoolistas no início da fase de abstinência, pois os mesmos poderão tornar-se estressores e indicadores de uma possível recaída.

Renata Brasil Araújo; Margareth da Silva Oliveira.

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.



O stress em alunos universitários de psicologia em período normal de aula e em situação de prova.

Partindo da suposição de que o aluno universitário a cada dia tem que dar conta de um maior número de atividades, inclusive trabalhar, ao mesmo tempo em que cursa a universidade, este trabalho procurou averiguar a incidência, bem como as possíveis alterações, no nível de stress desses estudantes em período normal de aula e em situação de prova. Para este estudo foi utilizado o Inventário de Sintomas de Stress (ISS) para adultos (Lipp, 1990) – O ISS é composto de três partes que se referem às fases do stress. Na primeira parte o sujeito assinala os sintomas que tenha apresentado nas últimas 24 horas e corresponde à fase de alerta, iniciando-se quando a pessoa se confronta com um estressor e uma reação de alerta se instala. O organismo se prepara para “luta ou fuga”, com a conseqüente quebra da homeostase, aumentando a produtividade. Se a pessoa souber administrar o stress ela poderá usa-lo a seu favor. A segunda parte assinala os sintomas da última semana e corresponde à fase da resistência, com estressor de longa duração. O organismo tenta restabelecer a homeostase de um modo reparador, a energia adaptativa de reserva é utilizada na tentativa de reequilíbrio e o organismo fica mais suscetível à doença. A terceira fase é da exaustão, que ocorre quando os sujeitos já experimentaram o stress no último mês. O estressor perdura e os outros estressores ocorrem simultaneamente, com as doenças ocorrendo com maior frequência (tanto em nível físico como psicológico). Este inventário foi utilizado para identificar a sintomatologia que o sujeito apresentava, avaliando se ele possuía sintomas de stress, os tipos de sintomas por ele apresentados (se físicos ou psicológicos) e a fase de stress em que se encontrava. O instrumento foi aplicado em 107 alunos de 1º ano e em 22 alunos de 5º ano do curso de psicologia de uma universidade privada, localizada na cidade de São Paulo. A aplicação deu-se em duas etapas distintas: no período normal de aulas, no início do mês de Agosto/2001, quando os estudantes retornavam das férias do mês de Julho e em Novembro do mesmo ano, nos dez minutos que antecediam as provas de final de ano. Resultados da 1ª etapa: alunos de 1º ano= 34,55% encontravam-se em fase de resistência ao stress; 26,22% sem stress, 25,23% em fase de alerta e 14% em fase de exaustão. Sintomas predominantes: 49,56% apresentaram sintomas psicológicos; 24,29% sintomas físicos; 14,01% não apresentaram stress e em 12,14% sintomas físicos e psicológicos na mesma proporção. Alunos de 5º ano = 45,46% encontravam-se em fase de resistência ao stress; 22,73% em fase de alerta; 18,18% em fase de exaustão e 13,63% sem stress. Sintomas predominantes: 45,45% apresentaram sintomas físicos; 40,91% sintomas psicológicos; em 9,09% sintomas físicos e psicológicos na mesma proporção e 4,55% não apresentaram stress. Resultados da 2ª etapa: alunos de 1º ano = 45,79% encontravam-se em fase de resistência ao stress; 29,91% em fase de exaustão; 21,49% sem stress e 2,81% em fase de alerta. Sintomas predominantes: 51,40% apresentaram sintomas psicológicos; 19,62% não apresentaram stress; 17,76% sintomas físicos e em 11,22% sintomas físicos e psicológicos na mesma proporção. Alunos de 5º ano = 50% encontravam-se em fase de resistência ao stress e 50% em fase de exaustão. Sintomas predominantes: 59,09% apresentaram sintomas psicológicos ; 36,37% apresentaram sintomas físicos e em 4,54% sintomas físicos e psicológicos na mesma proporção. Conclusão: os resultados acima mostraram uma significativa elevação no nível de stress dos alunos quando em situação de provas, com predominância dos sintomas psicológicos. Considerou-se, por isso, que o tema referido precisa ser ainda mais aprofundado, verificando-se a existência ou não de outras variáveis capazes de influenciar na elevação no nível de stress do aluno, além de apenas a situação de prova.

Maria Esmeralda M. Zamlutti; Rosângela Aparecida Cassiolato; Sueli Lima M. Pinto.

USJT/SP; UNICAMP; UNIMARCO/SP.



O tocar a relação mãe-bebê e a integração psicofísica – Mães adolescentes.

O bebê vive durante meses, num lugar aconchegante, onde o frio, a fome e a solidão não existem; a vida é um constante movimento. A mãe anda, dança, canta, trabalha, etc. O bebê nasce, será preciso adaptar-se ao novo mundo, ao novo ambiente, precisará ser nutrido, massageado, para que a vida aconteça com confiança. A pele é seu primeiro órgão dos sentidos”, é seu contato com o mundo, é a sensação, é a comunicação, é preciso tocá-lo. É através do contato corporal com a mãe que o bebê faz seus primeiros contatos com o outro e com o mundo, a pele é a fronteira entre as sensações experimentadas como internas e externas. É esse contato que fornecerá segurança e confiança para novas experiências. Hoje, sabemos que os bebês que foram tocados e massageados, dormem melhor, choram menos, são mais alegres, mais independentes, carinhosos e serão capazes de enfrentar e solucionar os problemas com mais segurança. Mães que tocam seus bebês também tornam-se mais calmas e confiantes, estabelecendo com o filho um vínculo fortalecido, que será a base de todo o seu desenvolvimento e da sua relação com o mundo. É preciso tocar.

Shirley Martins S. Silva.

Hospital Maternidade de Interlagos ; Secretaria de Estado da Saúde.



O trabalho de grupos como fator de produção cultural para jovens de assentamentos de reforma agrária.

Este trabalho originou-se do projeto Jovens Assentados: Educação e Cidadania que tinha o objetivo de promover o intercâmbio de jovens de dois assentamentos de reforma agrária no interior da Paraíba com suas comunidades, resgatando a cidadania enquanto possibilidade e capacidade de participação destes nas decisões relativas à vida social e produtiva dos assentamentos onde vivem, através da educação informal, do encontro dialógico e do lazer. Tendo como base teórico-metodológica a psicossociologia que aborda a dimensão psicológica e sociológica como complementares e indissociáveis, surge a necessidade de investigar o trabalho com grupos em comunidades visto que este instrumento confronta o individual e o coletivo, produzindo e reproduzindo diálogos, reflexão e conflitos existentes na comunidade. Dessa forma, alguns questionamentos constituem os objetivos centrais deste estudo: 1) quais limites e potenciais do trabalho com grupos enquanto instrumento de investigação?; 2) em que sentido o grupo pode se constituir em um espaço de desdobramento de singularidades, de vivência da dimensão existencial para os jovens desses assentamentos?; 3) e por fim, de que maneira o grupo propicia o interesse e a participação dos jovens enquanto sujeitos críticos da realidade em que estão inseridos? Os jovens participantes desta pesquisa possuem idades variando de 13 a 21 anos, de ambos os sexos, moradores de dois projetos de assentamentos de reforma agrária no município de Sapé-PB: Padre Gino e 21 de Abril. Essas comunidades participaram do mesmo processo de luta em 1996, mas apresentam realidades diferenciadas tanto em relação à mobilização social, política e religiosa quanto em termos geográficos, apontando também diferenças de organização, integração e perspectivas de seus membros.

Juliana de Melo Borges.

EICOS – UFRJ.



O trabalho em parceria com agentes comunitários de saúde: delineamento de uma nova atuação do psicólogo em saúde pública.

O presente trabalho objetiva promover uma reflexão sobre um campo de atuação e pesquisa para o psicólogo na saúde pública pouco explorado: a ação em parceria com agentes comunitários de saúde. Tal reflexão surgiu durante o estágio curricular em uma Unidade Básica de Saúde, no qual realizou-se visitas domiciliares acompanhadas por agentes de saúde. Percorria-se áreas de cobertura da unidade a fim de conhecer a realidade da comunidade, identificando problemas e buscando a melhor intervenção em cada caso. Tentava-se compreender a forma de ver o mundo dos moradores, suas expectativas, valores, dinâmica familiar e seu posicionamento diante de dificuldades. Nas visitas percebeu-se que o número de pessoas que precisam de apoio psicológico é elevado, especialmente idosos. Detectou-se também vários casos de transtornos e deficiências mentais. No entanto, poucos estão sendo devidamente encaminhados ou tendo um acompanhamento psicológico adequado, uma vez que a ação do psicólogo da rede pública está comumente restrita ao atendimento individual dentro da unidade. Assim, em geral, esse profissional não conhece as áreas da comunidade, ignorando seus principais problemas e necessidades, não havendo ao menos um levantamento epidemiológico dos transtornos mentais do local. Diante disso, acredita-se que os agentes de saúde são importantes parceiros na atenção à saúde mental, pois atuam como uma “ponte” entre a UBS e a comunidade, detectando as principais doenças e problemas existentes em sua área, divulgando informações e buscando conscientizar a população sobre práticas sanitárias. Seu trabalho no campo da saúde mental consistiria em identificar e encaminhar devidamente os possíveis casos de transtornos mentais. Contudo, observou-se que os agentes de saúde não estão preparados para essas ações, constantemente confundindo transtornos mentais e deficiências mentais e físicas. Aponta-se, então, a necessidade de realizar com eles contínuos treinamentos e oficinas em saúde mental. Além desses treinamentos, considera-se fundamental que os agentes recebam suporte e orientação psicológica. Afinal, em seu trabalho diário, eles estão em contato direto com problemas, escutando e aconselhando as pessoas da comunidade, o que exige dos agentes o desenvolvimento de uma maior habilidade na escuta e no encaminhamento. Além disso, há reclamações sobre desânimo após o trabalho por sentirem-se incapazes de ajudar as pessoas diante das precárias condições de vida da comunidade, além das dificuldades com as condições do próprio trabalho. Os agentes também apontam a dificuldade em conscientizar a comunidade sobre cuidados básicos com a saúde e a higiene, visto que raramente as pessoas adotam o que lhes é transmitido. Assim, para que haja uma maior eficácia desses trabalhos é essencial rever a forma ele vem ocorrendo, discutir suas falhas e avaliar seus aspectos positivos. As necessidades de treinamento, suporte, orientação e avaliação aqui expostas delineiam, portanto, um campo propício de atuação e pesquisa em que a psicologia poderia estar se inserindo.

Danielle Nóbrega; Ilka Tinoco; Magda Dimenstein.

UFRN.



“O trabalho entre crianças e adolescentes em situação de rua no município de Natal”.

A cidade do Natal, nos últimos anos, vem crescendo de forma acelerada fazendo-nos perceber cada vez mais a desigualdade social e suas conseqüências, dentre as quais pode-se citar o aumento de crianças e adolescentes em situação de rua. No contexto de discussão dessa temática, o presente trabalho faz parte de um projeto mais amplo, “Caracterização Psicossocial de Crianças e Adolescentes em Situação de Rua no Município de Natal”, desenvolvido pelo Núcleo de Estudos Sócio-Culturais da Infância e Adolescência, vinculado à Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em parceria com a 1ª Vara da Infância e Juventude de Natal. Este projeto tem por objetivos conhecer as condições de escolarização das crianças e adolescentes que encontram-se em situação de rua no município de Natal, revelando dados relativos ao grau, freqüência e evasão escolar; descrever as condições de vida nas ruas (atividades que desenvolvem e riscos a que estão submetidos) e avaliar a compreensão que essa população possui do Estatuto da Criança e do Adolescente e das ações voltadas para a infância e a adolescência, caracterizando psicossocialmente tal população. Pretendemos nos deter aqui aos aspectos relacionados ao trabalho infanto-juvenil e seus desdobramentos, investigando a condição do menor trabalhador no tocante aos seguintes aspectos: defasagem escolar, principal atividade exercida, destino da renda, estrutura familiar, entre outros. Os procedimentos realizados consistiram em: um mapeamento da cidade de Natal, tendo como referência áreas conhecidas como lugares de concentração de meninos e meninas de rua; entrevista com 253 crianças e adolescentes, na faixa etária de 4 a 18 anos, realizada nos três turnos (matutino, vespertino e noturno), tendo sido utilizado como instrumento de pesquisa um questionário semi-estruturado, aplicado individualmente pela equipe de pesquisadores; os dados coletados e objetos de análise no recorte aqui proposto foram submetidos à análise quantitativa. Os resultados apontam para uma predominância de crianças e adolescentes do sexo masculino em situação de trabalho, vivendo com os pais ou apenas com a mãe e destinando sua renda, ou parte dela, ao sustento familiar. Evidenciou-se o fato de 85% da amostra encontrar-se em defasagem escolar. Aos dados anteriormente citados, acrescenta-se um outro de extrema relevância: entre as crianças e adolescentes trabalhadores que pararam de estudar, nenhuma delas ultrapassou a 6ª série do Ensino Fundamental. Os resultados obtidos indicam que o trabalho, que já faz parte do cotidiano das crianças e adolescentes encontrados em situação de rua no município de Natal, traz conseqüências negativas para tal população. Este implica em uma responsabilidade precocemente atribuída a tais indivíduos, privando os mesmos de seu direito de ser criança.

Ariane C. da S. Fernandes; Andreлина R. do Nascimento); Luciana V. de Melo; Syméia S. da Rocha; Rosângela Francischini; Clara M. Melo Santos; Magda Dimenstein; Herculano R. Campos.

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN.



O trancamento de matrícula como modalidade de evasão no ensino superior.

Este relato refere-se à apresentação parcial dos resultados obtidos em uma pesquisa sobre o trancamento de matrícula na trajetória acadêmica do universitário. Considera que a compreensão do fenômeno de evasão no ensino superior passa pela análise das diferentes modalidades de evasão, dada à diversidade de suas características e fatores envolvidos. E ainda, que a decisão quanto à permanência ou evasão de curso, instituição ou sistema ocorre em um processo longitudinal de interações entre o estudante, o contexto institucional e compromissos externos. Objetiva: a) caracterizar e analisar a evasão tipo trancamento; b) identificar e analisar os fatores e compromissos envolvidos na tomada de decisão pelo trancamento de matrícula na perspectiva do estudante. A coleta de dados ocorreu em câmpus de uma instituição privada envolvendo a análise de dados documentais da universidade e informações provenientes de aplicação de questionário ao universitário no momento de trancamento de matrícula. O trancamento realizado no período de 1995 a 1999 mostrou-se uniforme e freqüente na instituição (53,20%), apresentando diferenças entre séries, turnos e cursos. Foram analisados 260 trancamentos realizados em 1999, localizando-se principalmente na primeira série (55,38%), no noturno (85%) e no curso de Administração (22,31%). Os principais motivos apresentados para a sua solicitação foram suporte financeiro (50%), condições relacionadas ao trabalho (17,69%), dificuldade de integração acadêmica (16,54%) e baixo compromisso com o curso (12,69%). Ao sair, quase totalidade dos estudantes pretendia concluir a formação superior (91,15%), sendo 64,23% na mesma instituição e 56,54% no mesmo curso. Considerando que o trancamento contém, em sua definição, uma característica de provisoriedade, supõe-se estar associado a uma circunstância transitória de vida ou a uma situação de dúvida do estudante. Dessa forma, esta modalidade de evasão seria interpretada como o reflexo de um maior grau de incerteza quanto à decisão de abandono, ou de uma perspectiva de restabelecimento do vínculo por meio de retorno futuro. Esta possibilidade denota que a perspectiva de retorno deve ser incorporada aos estudos sobre a evasão, gerando a compreensão do processo completo envolvido neste fenômeno, assim como a indicação de medidas de ações mais apropriadas à intervenção.

Unicamp, FE, PES.



O universo terapêutico de alcoólicos anônimos

Este artigo tem como objetivo discutir as reuniões de alcoólicos como proposta terapêutica. O presente texto estabelece correlações entre a força dessa reunião – ritual e o apacramento da busca compulsiva pelo álcool. Enfatiza – se o papel dessas reuniões na reversão de um contexto anômico com efeito sobre as trajetórias de indivíduos alcoólicos reconstruindo-as e desenvolvendo a eles uma dimensão de integridade perdida. A metodologia utilizada baseia-se no recurso do método bibliográfico e de um trabalho de campo, a observação participante.

Bernadete Pitta.



O uso a camisinha masculina em tempos de Aids, através do estudo de crenças e referentes modais.

A pandemia da Aids é hoje um dos maiores desafios da saúde pública no mundo, devido as formas de contágio e, principalmente, a falta de uma vacina no controle da síndrome. O presente estudo, seguindo a metodologia proposta pela Teoria da Ação Racional (TAR), promoveu o levantamento de crenças e referentes modais salientes do comportamento "usar camisinha masculina", em uma amostra de 38 estudantes universitários, da Universidade Federal da Paraíba – Campus II, com idade variando de 18 a 39 anos (Média = 23,84; DP = 5,13). Com relação à caracterização da amostra, 78,9% eram solteiros, 57,9% mantinham um(a) parceiro(a) fixo(a) na época do estudo e 47,7% usavam a camisinha durante suas relações sexuais. Dentre as principais vantagens e desvantagens elencadas, por ordem de prioridade, estiveram: (vantagens): evitar doenças venéreas, evitar a gravidez, evitar a Aids; (desvantagens): perda de sensibilidade, "quebra do clima". Os principais referentes citados pelos participantes foram: a família e o(a) parceiro(a). Os resultados permitem concluir que os participantes do estudo, ao fazerem uso da camisinha masculina, não têm como preocupação primordial, evitar a contaminação pelo vírus Hiv da Aids.

Balduino Guedes Fernandes da Cunha; Everaldo Lauritzen Lucena Filho; Mardonio Rique Dias.

Universidade Federal da Paraíba.



O uso da camisinha feminina entre mulheres de baixa renda: um estudo preliminar.

A pandemia da Aids teve, a partir do final do ano de 1997, uma acentuada tendência a heterossexualização, pauperização e feminização dos casos registrados no Brasil. O aumento vertiginoso da doença entre as mulheres heterossexuais de baixa renda tem exigido novas estratégias preventivas buscando frear esse avanço. Como a transmissão se dá, majoritariamente, através do contato sexual, incentivar o uso da camisinha feminina seria uma forma eficaz de comportamento de baixo risco a ser adotado. Nesse sentido, no estudo em questão, foi elaborada uma entrevista, fundamentada na metodologia proposta pela Teoria da Ação Racional, do uso da camisinha feminina entre 46 mulheres de baixa renda (Média = 31,13 anos; DP = 6,27) da cidade de João Pessoa. Destas, 27 eram casadas, 35 se diziam católicas e 43 mantinham um parceiro fixo; com relação a renda, 32 mulheres não possuíam nenhuma renda pessoal e 43 declararam renda familiar de até 2 salários-mínimos (na época, equivalente a R\$ 151,00). Do total de participantes entrevistadas, nenhuma conhecia a camisinha feminina. Diante disso, foram coletados dados a respeito do uso do preservativo masculino nas relações sexuais. Os resultados apontaram para uma acentuada exposição de risco à transmissão da Aids, uma vez que a maioria das mulheres – 26 participantes – não utilizavam o preservativo. Conclui-se que é necessário informar adequadamente, tornar acessível de forma gratuita e incentivar o uso da camisinha feminina através de comunicações persuasivas sistemáticas, que levem em conta as características desse tipo de população.

Balduino Guedes Fernandes da Cunha; Francisca Marina de Souza Freire; Mardonio Rique Dias.

Universidade Federal da Paraíba.



O uso da entrevista semi-estruturada em processos de avaliação diagnóstica.

Este trabalho originou-se de nossa intervenção enquanto psicólogo, nos processos de avaliação psicológica em policiais militares que se envolveram em ocorrências com vítimas encaminhados ao Programa de Acompanhamento de Policiais Militares Envolvidos em Ocorrências de Alto Risco – PROAR, da Polícia Militar do Estado de São Paulo. Este programa passou a ser realizado no Interior como resultado da descentralização do atendimento de policiais lotados nos batalhões do Interior do Estado tornando mais próximo o atendimento do indivíduo, evitando assim que se deslocasse até a capital. Na cidade de Assis, sede do 32º Batalhão, participam de processos de avaliação de policiais encaminhados ao programa. Dentre os instrumentos utilizados neste procedimento, dedicamos uma atenção especial à entrevista semi-estruturada, na qual o indivíduo encontrou liberdade para discorrer não somente sobre os fatos da ocorrência policial em si, mas também de outras questões que habitam seu cotidiano pessoal e profissional e que interferem e afetam a sua percepção de mundo. Fundamentado no trabalho de Bleger (1979), que afirma que ser a entrevista uma experiência vital para o entrevistado podendo significar sua única possibilidade para falar sobre si mesmo, de maneira sincera para um outro possa ouvi-lo e compreendê-lo. A ênfase na entrevista se justifica pela necessidade de se construir um instrumento que permita uma maior aproximação com este tipo de população. O primeiro grupo foi constituído de 12 sujeitos, sendo 11 do sexo masculino e um do sexo feminino. Como resultados desse procedimento, destacamos questões que envolvem a situação de desamparo e abandono surgida logo após a ocorrência policial, as manifestações de medo e temor diante da morte, a revolta por aquilo que entendem como punição pelo cumprimento do dever profissional e, por fim, a representação que têm de sua pessoa e de sua profissão. Os dados coletados serviram como referenciais para a elaboração de propostas de trabalho que visassem um acompanhamento clínico desses profissionais. Este acompanhamento está em fase de projeto, com a proposta de criação de um núcleo de pronto-atendimento nas dependências do 32º Batalhão.

REIS, Cláudio Edward dos

Unesp-Assis – S.P.



O uso de marionetes psicanalistas na psicoterapia de crianças psicóticas.

O grave sofrimento de crianças que vivem agonias impensáveis, contra as quais se organizam psicoticamente, tem motivado a busca de enquadres diferenciados de atendimento, na medida em que a compreensão da unicidade do método psicanalítico permite variadas e inventivas concretizações clínicas. Temos realizado psicoterapias que, à luz da psicanálise winnicottiana do self, configuram-se a partir do oferecimento de um ambiente suficientemente bom. No que tange ao cuidado de crianças psicóticas, a meta básica é a articulação de condições favorecedoras da constituição do self, que é simultânea ao encontro/criação do objeto subjetivo. Esta constituição é acontecimento inaugurante de um delicado processo que chegará ao advento de inserção genuína na coexistência humana. Se o que resgata o ser humano do sofrimento psicótico é a presença humana plena, torna-se fundamental auxiliar terapeutas devotados e emocionalmente capazes de conviver proximamente com intenso sofrimento a desenvolver seu trabalho. Marionetes-psicanalistas, potencialmente aptos a serem tomados subjetivamente, e supervisões capazes de fornecer um holding atento e sensível, são caminhos que se tem revelado promissores.

Aiello-Vaisberg, Tania Maria José ; Corrêa, Yára Bastos ; Silva, Renato Soares ; Figueira, Bruno Profeta Guimarães ; Faião, Fernando Carvalho.

Universidade de São Paulo.



O uso do DP-E – Procedimento de Desenhos de Profissionais com Estórias no estudo da percepção de profissionais em adolescentes de escola pública.

O objetivo geral desta pesquisa foi estudar as expectativas de futuro de adolescentes em relação à questão profissional a partir do uso do Procedimento de Desenhos de Profissionais com Estória proposto por Lemos (2000). A amostra foi composta de 30 sujeitos, estudantes da 3ª série do Ensino Médio noturna de uma escola da periferia da Zona Sul da cidade de São Paulo. Os alunos foram sorteados por número de chamada e por gênero (15 do sexo masculino e 15 do sexo feminino). A coleta de dados foi realizada coletivamente, tendo sido primeiramente aplicado um questionário de dados pessoais e posteriormente solicitado um desenho e uma história, entre os quatro propostos pela autora onde se solicitou aos adolescentes que desenhassem um profissional fazendo alguma coisa, contasse uma história do profissional desenhado e desse título à mesma. Para a análise dos desenhos utilizamos os critérios adaptados do Protocolo de Avaliação e Interpretação organizado por Van Kolck (1984). Os dados foram tabulados e organizados em frequências absolutas (f) e relativas (fr) para análise das diferenças através do Qui-quadrado. Além da análise quantitativa, os dados foram analisados qualitativamente a partir das histórias, de acordo com os critérios propostos por Trinca (1987), para a análise dos Desenhos-Estórias. Destacam-se aqui alguns resultados que tiveram diferenças significantes: 90% dos sujeitos demonstraram adaptação ao tema e 70% dos sujeitos realizaram desenhos que correspondem à realidade dos profissionais desenhados; escolhendo preferencialmente profissionais de nível médio e operacional. Observou-se também que 67% dos desenhos foram realizados ocupando mais da metade da folha e 33% ocuparam menos da metade da folha, 70% dos sujeitos apresentaram correções e retoques em seus desenhos e 76,67% dos sujeitos apresentaram sombreamentos e reforçamentos em seus desenhos. Em relação ao conteúdo das estórias, percebe-se que 76,67% desenharam profissionais que apresentam uma atitude positiva em relação às suas atividades profissionais. Os resultados encontrados evidenciam sentimentos de insegurança e ansiedade em relação à vida profissional, entretanto percebe-se que os desenhos foram bem elaborados e ocuparam a folha de maneira adequada, o que mostra um bom nível egóico dos adolescentes estudados. Consideram preferencialmente em seus desenhos profissões de nível médio e operacional, e mostram uma atitude positiva em relação a esses tipos de ocupação, tal característica da amostra nos faz levantar a hipótese de que, para a amostra específica, a conclusão do ensino médio têm por objetivo permitir melhor inserção nesses tipos de atividade. Referências Bibliográficas: Lemos, C.G. (2000) Adolescência e Escolha da Profissão. São Paulo, Vetor. Trinca, W. (1987) Investigação Clínica da Personalidade. São Paulo. EPU. Van Kolch, O. L. (1984) Testes Projetivos Gráficos no Diagnóstico Psicológico. São Paulo, E.P.U.

Caioá Geraiges de Lemos; Iraildes dos Santos Lima.

UNISA; USP.



O valor do corpo e da saúde na formação do sujeito: o biopoder clássico e as biotecnologias.

O corpo e a saúde tornaram-se valores fundamentais na formação do sujeito no Ocidente desde a modernidade. Essa temática foi objeto de estudo de Foucault no que ele considerou como o Biopoder. Seus principais elementos foram pensados e repensados em um constante trabalho de análise das influências recíprocas e tangenciais que perpassavam o entendimento da noção de um poder que é encarregado da vida, em uma sociedade de normalização e medicalização e que tinham como dispositivos a família, a sexualidade e o racismo. Para Foucault, essas foram as referências fundamentais da subjetividade ocidental a partir do século XVII. Nosso objetivo foi retomar os estudos sobre o Biopoder e analisar sua descrição atual, as inserções e transformações ocorridas. A pesquisa realizada foi bibliográfica e teve por referência os estudos de Foucault sobre a temática (1986; 1993; 1999; 2001), e de autores que analisam o biopoder na atualidade (Sfez, 1996; Agamben, 1998; Heller & Fehér, 1998, 1995; Castiel, 1999; Rabinow, 1999; Tucherman, 1999; Bruckner, 2000; Le Breton, 2001; Ortega, 2001). A análise apontou que a medicalização e normalização dos indivíduos continuam a exercer um papel fundamental na construção dos ideais subjetivos. Mas os dispositivos utilizados foram modificados, as biotecnologias tornaram-se seu centro de referência. Diversas conseqüências surgem em termos da constituição do sujeito e da idéia de normalidade. A identidade está cada vez mais centrada em torno dos genes e das biotecnologias como promessa de uma possível melhoria e purificação dos seres humanos, que dessa maneira podem tornar-se completos, perfeitos e capazes. O problema é que isso não tem erradicado o sofrimento humano, mas tornado os sujeitos cada vez mais culpados por não conseguirem alcançar o que diz o novo ideal em termos de perfeição. Portanto, consideramos necessário a reflexão sobre as conseqüências éticas e morais que um ideal assim configurado pode ter para o sujeito.

Gabriela Bastos Soares.

Universidade do Estado do Rio de Janeiro.



O vínculo de animais co-terapeutas e adolescentes com deficiência: estudos exploratórios.

A questão do desenvolvimento emocional de pessoas com deficiência tem sido foco de investigação de diversos estudiosos da psicologia. Neste sentido as contribuições da abordagem winnicottiana mostram-se extremamente profícuas. Amiralian (2000), ao fazer uso deste referencial teórico, aponta para as possíveis dificuldades de desenvolvimento dessas crianças, advindas de sua forma diferenciada de se expressarem e de apreenderem o mundo externo. Estas condições dificultadoras de interação com o ambiente refletem na organização egóica, no estabelecimento de relações objetais e nos mecanismos de defesa. A falha na compreensão de seus sinais e de suas condições anátomo-fisiológicas, podem impedir a manifestação do verdadeiro self, levando-as a desenvolverem um falso self. Neste aspecto faz-se necessário um espaço em que a criança possa desenvolver-se verdadeiramente, alcançando a integração, a personalização e a realização. Nise da Silveira (1981), com um enfoque teórico diferente, em seu trabalho no Centro Psiquiátrico Pedro II, percebeu as vantagens dos “co-terapeutas não humanos”, com pessoas com outras manifestações patológicas. Os cães mostraram-se um ponto de referência no mundo externo a partir do qual pacientes esquizofrênicos puderam organizar-se internamente. Em um caso Nise relata que "o caminho para o entendimento com Carlos fez-se por intermédio do animal". Corson et al. (1980) apresentaram um total de 50 casos de pacientes psiquiátricos que não respondiam ao tratamento convencional. Decidiu-se, então, introduzir a presença e interação com cães amigáveis. Verificou-se que 47 desses pacientes conseguiram estabelecer vínculo com os animais e posteriormente com as pessoas a sua volta. Corson aponta este tipo de interação com o animal não como um substituto para a psicoterapia mas sim como um instrumento que pode auxiliar no desenvolvimento de pessoas com sofrimento psíquico. Levinson (1964) coloca a importância do contato com o animal no desenvolvimento infantil, visto que este proporciona intenso contato afetivo através da comunicação não-verbal; aceitação e empatia, fazendo com que a criança sintam-se acolhida e aceita; o animal mostra-se também como fonte de projeções da criança além de ser um foco de atenção externo, reduzindo a alienação e estimulando o contato com o mundo e com o outro. A investigação científica sobre esta interação homem-animal mostra-se praticamente inexistente no Brasil. Tendo por base este repertório conceitual, um grupo de quatro adolescentes com Síndrome de Down - alunos da APAE-São Roque - está sendo observado e filmado durante as sessões de terapia assistida por animais - realizadas no Canil Cambará - nas quais ocorrem interações com cães co-terapeutas, realizadas por profissionais da área de saúde. São três adolescentes do sexo masculino e uma do sexo feminino, suas idades variam de 13 a 19 anos. Alguns resultados preliminares estão sendo obtidos: há intensa interação entre alguns adolescentes e os cães, na qual se observa contato tátil, verbal e visual; o animal mostra-se extremamente receptivo às manifestações afetivas dos adolescentes, gerando sentimentos de aceitação. As sessões mostram-se como um espaço onde os adolescentes realizam brincadeiras e atividades que exercitam sua espontaneidade e a troca de afetos.

Althausen, S.; Tardivo, L.S.P.C.

USP.



O vínculo mãe-bebê prematuro sob o olhar de enfermeiras de UTI neonatal.

A importância do vínculo mãe-bebê para o desenvolvimento normal e patológico da infância é inquestionável e já foi abordada por vários e reconhecidos teóricos da Psicologia, dentre os quais destacam-se: Bowlby, Spitz e Winnicott. Dessa forma, a prematuridade é uma situação que pode ser considerada de risco, não só do ponto de vista biológico, mas, também, do psíquico, na medida em que promove uma ruptura muito precoce no vínculo do bebê com sua mãe, pois o recém nascido pré-termo, em função da imaturidade de seus pulmões, fica internado temporariamente na maternidade a fim de receber assistência. Este estudo teve por objetivo descrever o relacionamento entre as mães e seus recém-nascidos prematuros, que se encontram em situação de internação, a partir do olhar de enfermeiras. Estas profissionais foram escolhidas por estarem, num primeiro momento, em contato direto e constante com os prematuros e suas mães, tendo, portanto, conhecimento do universo da relação dos mesmos. Assim, esta pesquisa contou com a participação de doze enfermeiras da UTI neonatal de uma maternidade do interior do estado de São Paulo. O instrumento utilizado foi a entrevista semidirigida e as informações coletadas foram submetidas à análise descritiva e categorização. Dessa maneira, após várias leituras, emergiram dos discursos da equipe de enfermagem as seguintes categorias: critérios, medida dos prematuros, exames, tratamento, sentimentos maternos, interação mãe-bebê, interação mãe-equipe de enfermagem e serviços oferecidos pela maternidade. Constatou-se que, segundo a observação da maioria das enfermeiras, as mães dos prematuros apresentam, tanto quando o recém-nascido se encontra internado quanto no momento em que este recebe alta da maternidade, sentimentos como ansiedade, medo e culpa, por verem seus filhos como sendo excessivamente frágeis e correndo risco de vida. Tais sentimentos acabam influenciando, segundo as informantes, para que as mães assumam uma postura mais cautelosa e menos espontânea, evitando, até mesmo, a manipulação de seus próprios bebês. Uma vez destacado pelas enfermeiras que os recém-nascidos pré-termos apresentam melhoras quando visitados e estimulados por suas mães, sugere-se uma orientação psicológica que acolha a mãe do prematuro, neste momento tão delicado em que se encontra, com o propósito de promover uma melhor interação entre ela e seu recém-nascido, de tal forma a favorecer a continuidade do desenvolvimento emocional deste último.

Camila Fonseca Almeida; Miriam Tachibana; Thâmara Oliveira Ulle; Marly Aparecida Fernandes.

PUC-Campinas.



Obesidade e emagrecimento: um estudo com obesos mórbidos submetidos à Gastroplastia.

Este trabalho investigou o sentido que o paciente obeso mórbido submetido à gastroplastia, como forma de alcançar emagrecimento, atribuiu a sua experiência com a obesidade, com a cirurgia e com o emagrecimento a que esteve submetido. Tratou-se de uma investigação qualitativa, utilizando a entrevista como instrumento, realizada com 3 mulheres e 2 homens com idades entre 24 e 46 anos. Os resultados obtidos mostraram que, no geral, a obesidade era uma experiência difícil, que repercutia diretamente não apenas prejudicando a saúde do sujeito, como também interferindo negativamente em vários aspectos de sua vida diária: desempenho escolar e profissional, relacionamento social e familiar, auto-imagem e auto-conceito. A decisão pela cirurgia apareceu como uma resultante da insatisfação com a vida que estavam levando e com a ineficácia dos tratamentos conservadores e, a despeito das flutuações observadas, a grande expectativa em relação aos resultados do procedimento estiveram ligadas a sentir-se uma pessoa normal, com os mesmos direitos e oportunidades de uma pessoa magra, e ser visto assim. A submissão ao procedimento foi concebida como uma oportunidade para a transição desta condição de “anormalidade” para a “normalidade”, mas também ficou claro que sem mudanças internas e capacidade de adaptação às mudanças externas, minimizam-se as chances do paciente poder usufruir dos benefícios de ter um corpo mais magro.

Carmen Benedetti.

Santa Casa de Misericórdia de São Paulo.



Obesidade e Obesidade Mórbida.

INTRODUÇÃO Nossa cultura altamente consumista, tem por hábito a ingestão excessiva de alimentos supérfluos, como: balas, bolachas, salgadinhos, etc. Inclusive no relacionamento social, agradecemos nossas visitas, amigos, clientes ou grupos culturais com jantares, lanches, happy hour, cafezinho, bolo, etc. Tornou-ser um hábito comer e oferecer comida, não apenas às refeições (café, almoço, jantar) . Por sua vez, e também o fast-food exerce grande fascínio e acaba sendo uma opção “rápida e limpa” para quem está na rua. Quando você percebe que a sua alimentação é errônea e que está obeso, vem o desespero e se faz de tudo, até mesmo procurar aquelas formula milagrosa que prometem emagrecimento rápido e crescer na mesma proporção dos índices de obesidade no Brasil. Admite-se que a porcentagem de gordura corporal deve situar-se entre 15 e 18% para o sexo masculino e entre 20 e 25% para o sexo feminino. Podem ser considerados obesos os homens com percentual superior a 25% e as mulheres com mais de 30%. **OBJETIVO GERAL** Apontar a obesidade mórbida como causa e consequência de problemas de ordem bio-psico-sociais. A bordarei também métodos, tratamentos: como dieta, cirurgia e medicamentos (com controle médico) que ajudam na perda de peso. **OBJETIVO ESPECÍFICO** Apontar o ciclo de sofrimento X discriminação. O sofrimento já começa na dieta, com varias tentativas que não dão certo, e logo depois o efeito “sanfona”. E a discriminação é um fator bio-psico-social. **REFERENCIAL TÉORICO** O referencial teórico será em cima de uma escuta psicanalítica, que priorizar as relações objetais como constituintes do sujeito e percebe o homem como uma unidade indissolúvel, composta por corpo-mente. Os autores Mello Filho e Karl Abraham falam da escuta psicanalítica, e a autora Dr^a Bellkiss Romano retrata como se da o tratamento da obesidade dentro da instituição hospitalar. Já o autor G. J. Ballone descreve a obesidade e obesidade mórbida, sofrimentos e discriminações. **METODOLOGIA** Nesta pesquisa será realizadas entrevistas com profissionais da área de saúde (médicos, fisioterapeuta, nutricionista e psicólogo) e paciente envolvidos, no procedimento cirúrgico e de recuperação do obeso mórbido. Como também abordarei o processo para ser fazer uma cirurgia bariátrica, prevenção, e o método novo que surgiu recentemente na Universidade de Washington sobre o hormônio Ghrelin. **BIBLIOGRAFIA** BALLONE, G. J. www.psiqweb.med.br/trats/obesitrat.htm. Tratamento da Obesidade. Acesso em 5 de Maio de 2002. CUMMINGS, D.E. Vilão Identificador. ÉPOCA, São Paulo, v.210, p.67, 27 de Maio de 2002. DORINA, Epps. Como vencer a obesidade. São Paulo: Casa do psicólogo, 1997. Hormônio é a chave para o emagrecimento. Jornal do Brasil 24.05.2002, p. , Internacional/Ciência. MELO, J. F. Psicossomática Hoje. Porto Alegre: Arte Médicas, Sul, 1992. MELLO, J. F. Grupo e Corpo. Porto Alegre: Arte Médica, 2000. MELLO FILHO, Júlio de. Conceção Psicossomática: visão Atual. 7^a ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994. GASTROMED. www.gastromed.com.br/obesidade.htm. Acesso em 22 de Abril de 2002. ROMANO, Bellkiss W. Princípios para a prática da psicologia clínica em hospitais. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999. ROUDINESCO, Elisbeth. Dicionário de psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. SIFNEOS, Peter, E. Psicoterapia breve provocadora de ansiedade. Porto Alegre: Arte Médicas, 1993. SILVEIRA LEMOS, S. L. www.cirurgias.hpg.ig.com.br. Cirurgia Bariátrica. Acesso em 7 de Maio de 2002. SILVEIRA LEMOS, S. L. www.cirurgias.hpg.ig.com.br. Obesidade Mórbida. Acesso em 22 de Abril de 2002. SOBRINHO, Salvador. www.internext.com.br/videocirurgia/obesidade. Obesidade Mórbida. Acesso em 4 de Maio de 2002.

Miriam Gumzlrger; Tânia Argolo dos Santos.

UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ.



Obesidade infantil: a influência dos comerciais de televisão sobre os hábitos alimentares.

O papel da mídia na atualidade é objeto de muitas pesquisas, especialmente quanto à influência da televisão, considerada hoje a maior transmissora de informação e entretenimento e também formadora de opiniões e hábitos. A influência da TV se dá não só através dos programas mas, também, pelos comerciais, explícitos ou não. Entre os comerciais, observa-se uma predominância de alimentos, especialmente dos que contêm altos níveis de gordura e/ou açúcar e sal, podendo contribuir para a obesidade e/ou hipertensão, se consumidos na proporção em que são anunciados na TV. Além das questões de saúde, estudos apontam ainda para a relação da obesidade com a auto-estima dos indivíduos e outros aspectos psicológicos. Com o objetivo de verificar o papel dos comerciais e de outros fatores que poderiam influenciar na obesidade, foi realizado um levantamento através de questionário auto-aplicado com 328 pais de crianças e adolescentes de seis a 16 anos, sorteados em quatro escolas particulares de Ribeirão Preto. O peso e a altura dos alunos foram medidos para cálculo do Índice de Massa Corporal (IMC) e os dados foram submetidos à correlação de Spearman, ANOVA e teste post-hoc (p

Sebastião de Sousa Almeida; Del Prette, G. (2002).

Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.



Objetificação e assujeitamento: implicações na construção da cidadania.

A vida nas grandes cidades constitui um dos aspectos primordiais na constituição do sujeito no contemporâneo, enquanto experiência que possibilita diferentes formas de convivência e alterização, trazendo, portanto a inevitável convivência com o outro. Crianças e jovens constroem diferentes modos para lidar com esse outro – o estranho– seja através da zoação, da indiferença, do acolhimento ou ainda da objetificação e assujeitamento do outro. O assujeitamento e a objetificação são formas de relacionamento marcadas pela indiferença e por uma anulação do outro como sujeito. Este trabalho visa compreender de que maneira essas formas de relacionamento (assujeitamento e objetificação) se constituem, que implicação esta postura pode ter para a construção da noção de CIDADANIA e de que modo esses jovens irão lidar com a questão das DIFERENÇAS SOCIAIS. A questão das diferenças sociais está imbricada com esta situação de distanciamento e falta de percepção do outro. Enquanto as crianças de classes mais abastadas criam uma certa auto-suficiência e impermeabilidade com relação aos econômica e socialmente diferentes; crianças e jovens em situação de desvantagem acabam internalizando esta posição e assujeitando-se. A metodologia utilizada será baseada na estratégia de pesquisa-intervenção realizada nos grupos de discussão do projeto “Oficina da Cidade”, “Cidade em Imagens” e na análise de material obtido através destas discussões com crianças e jovens. Ainda como parte da metodologia foram realizadas observações-participantes com “grupos teoricamente relevantes” (GTRs) tais como : crianças e jovens de condomínios, crianças e jovens que trabalham nas ruas, torcidas organizadas, entre outros.

Renata A. de P. Monteiro; Helena Villela; Consuelo Sousa Silva; Lucia Rabell de Castro.

Universidade Federal do Rio de Janeiro; CNPq; FAPERJ.



Observação da relação comportamental da criança em processo de aprendizagem em escola pública.

A sala de aula, enquanto contexto de ensino, pode configurar-se como local apropriado para a observação das relações professor-aluno, bem como das demais variáveis que interferem no processo ensino - aprendizagem. Para verificar os efeitos de um procedimento de ensino computadorizado (utilizando o programa de ensino Mestre@, desenvolvido por Goyos e Almeida (1994) na Universidade Federal de São Carlos), utilizado no Laboratório de Informática de uma escola da rede pública, foram realizadas observações em sala de aula da relação professor-aluno ao longo do procedimento, cujo objetivo era o ensino do repertório inicial de leitura e escrita às crianças com dificuldades de aprendizagem. Foram observadas as atividades acadêmicas e dispersivas dos alunos, bem como as atividades realizadas pela professora, tendo por base algumas categorias comportamentais. As categorias comportamentais observadas a partir das relações existentes no contexto de sala de aula, foram aquelas relacionadas às atividades acadêmicas e dispersivas dos alunos. Dentre as categorias comportamentais acadêmicas foram registradas: Interagir com a Professora (IP), Cumprir Tarefa (CT) e Ficar Atento (FA) e, dentre as dispersivas, foram registradas: Distrair-se (CD), Auto Manipular-se (AM), Interagir com o Colega (IC), Cumprir Ordens (CO), Recusa Responder a Tarefas ou Ordens (RT) e Outros Comportamentos (OC). As atividades da professora foram também denominadas de acadêmicas e dispersivas. Entre as acadêmicas foram registradas: Explicar Tarefas (ET), Chamar a Atenção (Cha), Reforçar Respostas (RR) e Dar Ordens (DO) e, entre as dispersivas, foram registradas: Distrair-se (D) e Distanciar-se dos Alunos (DA). As observações, em número de dez, foram realizadas por duas bolsistas, que observaram cada sujeito uma vez por semana. As categorias foram registradas durante dez minutos, onde cada minuto foi dividido em frações de quinze segundos. Nestes, cinco segundos foram reservados para a observação das categorias da díade e dez segundos para o registro em uma folha especial que era dividida em três colunas num formato de tríplice contingência (antecedente – ação – conseqüente). Através dessas observações, pôde-se perceber que, durante a maior parte do tempo, as crianças estavam concentradas no cumprimento de tarefas. Verificou-se também que a professora, em alguns momentos, teve dificuldades em atender aos chamados de vários alunos ao mesmo tempo. Esse fato contribuiu para que ela chamasse a atenção de alguns alunos que estavam realizando tarefas, quando solicitada por mais de um simultaneamente. Os reforços ocorriam quando os alunos realizavam uma tarefa correta, mostrando desempenho no aprendizado. Pode-se concluir, então que como constatam alguns autores que o que existe nas escolas é um problema na relação professor-aluno que se dá quando o professor muitas vezes dispensa mais atenção aos comportamentos inadequados do que àqueles considerados adequados, favorecendo a ocorrência de comportamentos incompatíveis com a aprendizagem. Então, para controlar o comportamento dos alunos, a professora começa a utilizar a coerção, levando estes a emitirem comportamentos de esquiva e fuga, verificados em larga escala nas escolas da rede pública como o fracasso e evasão escolar.

Ana Carolina Seara Simone; Analu Regis Fernandes; Raquel Guedes Pimentel; José Gonçalves Medeiros.

Universidade Federal de Santa Catarina; PIBIC – CNPq.



Observação do comportamento do macaco prego (*Cebus apella*) em cativeiro.

A presente pesquisa faz parte da observação comportamental do macaco prego (*Cebus apella*) em cativeiro, onde sabemos que a condição fisiológica e comportamental de um ser vivo muda à medida que o tempo passa, existindo uma seqüência de eventos que se repetem temporalmente. Ao longo de sua evolução, os organismos vivos desenvolvem tipos de oscilações endógenas no seu comportamento biológico de modo a manter suas funções orgânicas, querem elas sejam dependentes, ou não, da sua relação com o ambiente. O objetivo do trabalho é o estudo comportamental e descritivo do comportamento do macaco prego (*Cebus apella*) em cativeiro onde foram realizados relatórios diários (agosto/2001 a abril/2002) no criatório da Chácara Jardim da Montanha em Taquaritinga do Norte/Pernambuco, onde os animais se localizam no recinto cercado pelo cafezal do proprietário, a 60 (sessenta) metros da casa. O recinto apresenta tamanho médio 4X6 metros, com 3 (três) metros de altura, no interior dois cajueiros (tronco) e uma burgueville (tronco), bandeja de água e alimentação, casinha de madeira de tamanho 1,5X2,5 metros, grade frontal e janelas gradeadas nas laterais com 4 (quatro) macacos pregos (*Cebus apella*), sendo 2 (dois) machos com 4 (quatro) anos de vida aproximadamente e duas fêmeas aparentando uma com 3 (três) anos e outra com 5 (cinco) de vida, sendo estes de procedência do zoológico de Vitória de Santo Antão/Pernambuco. O método utilizado foi à observação direta, em relação à atividade motora, tomada do alimento, peso corporal e tomada por objetos deixados no recinto. Constatou-se que a estrutura do grupo variou em função da relação de dominância entre eles, pois quanto menor o grupo, maior a pressão para a migração de disputas internas, havendo entre eles diversos tipos de brincadeiras com os objetos deixados no recinto, envolvendo manuseios, conhecimentos dos mesmos e levando-o à boca, que é característica do início do desenvolvimento.

Paulo Roberto Cavalcanti Carvalho; Flávio Henrique Barboza de Melo; Andreza da Silva Tavares.

Faculdade de Ciências Humanas - ESUDA.



Observando bebês na creche: uma adaptação do método psicanalítico.

O presente trabalho visa uma adaptação do método psicanalítico de observação da relação mãe-bebê ao projeto de criação do berçário da Creche UFF, situada no Campus do Gragoatá da Universidade Federal Fluminense. A entrada de um bebê na creche constitui, geralmente, a primeira separação entre mãe e filho. É um momento delicado, que merece um planejamento direcionado não apenas à criança, mas a todos os agentes envolvidos: família, educadores, profissionais de apoio, bem como outras crianças. Dessa forma, o projeto de observação de bebês na creche torna-se importante por se considerar que a interação mãe-bebê sofre significativas transformações ao passar do espaço familiar - marcado por uma maior intimidade e exclusividade - para uma situação onde há a separação freqüente da díade e o estabelecimento de novas relações. Esta pesquisa tem por base o método psicanalítico de observação da relação mãe-bebê (ORMB), proposto por Esther Bick; vem sendo desenvolvida por alunos do curso de psicologia, desde 1997. A técnica da ORMB consiste em visitas à casa da família com a duração de 1 hora e freqüência semanal, pelo período de um ano. Oferece a possibilidade de convívio com as primeiras experiências e interações do bebê com sua mãe, além do contato com as vivências mais primitivas da dupla. Durante a visita, o observador deve adotar uma atitude de espera equiparada à atenção flutuante para posterior anotação minuciosa daquilo que foi observado, bem como das emoções por ele vivenciadas. Todos os dados observados são trabalhados semanalmente no grupo de supervisão. A partir dos dados obtidos através deste método de observação abrem-se para o campo da Psicanálise e da Psicologia do Desenvolvimento inúmeras perspectivas de intervenção, como auxiliar no diagnóstico terapêutico, trabalho em hospitais, creches, escolas, clínicas e de prevenção. A proposta deste trabalho é, inicialmente, observar a dupla em seu contexto familiar, até o momento de o bebê ingressar na creche. A partir daí a observação deverá ocorrer no espaço da creche, visando a inserção e integração do bebê. Acredita-se que, ao introduzir essa prática no âmbito da universidade, contribui-se significativamente para a formação do psicólogo, abrindo um campo de estudo, reflexão e desenvolvimento da acuidade perceptiva, favorecendo sua aplicação em contextos que se estendem para além do campo clínico e privilegiando uma prática interdisciplinar.

Vera Lúcia Chahon; Árina Precioso Silva; Fernanda Rodrigues Araújo; Michele Aline.



Oficina de artes numa enfermaria psiquiátrica: uma experiência.

O presente trabalho ilustra a experiência da Oficina de Artes Livres desenvolvida no Espaço de Atividades e Convivência Nise da Silveira. Esta oficina tem por objetivo fornecer aos internos e freqüentadores da Unidade Docente Assistencial de Psiquiatria do Hospital Universitário Pedro Ernesto (UDAP/HUPE/UERJ), um meio de expressão e comunicação alternativo através da utilização de recursos não verbais e interacionais. A oficina é realizada semanalmente e dura aproximadamente uma hora. Ela é coordenada por dois bolsistas de extensão que deixam à disposição dos pacientes material de escrita, desenho e pintura. Durante a realização da oficina, os coordenadores oferecem ajuda com relação ao tipo de material a ser utilizado e ao término, todos são convidados a falar a respeito de suas produções, articulando o feito com o falado. Finalmente expõe-se os trabalhos escolhidos. A oficina permite a expressão de conflitos, desejos e temas circunstanciais, tais como: saída da internação, planos profissionais, pessoais e questões familiares. As atividades facilitam a criação de empatia e o desenvolvimento de laços terapêuticos. Os participantes podem usar a oficina para interagirem uns com os outros e com a equipe, rompendo os papéis característicos de cada grupo, unindo-os em prol de uma causa comum e tornando os elementos da dinâmica interna da enfermaria mais conhecidos e partilhados. O recurso não verbal visa fornecer formas alternativas de expressão e comunicação, estimulando a ação e a linguagem na produção de sentido. Exploram-se os elementos verbais e não verbais visando a ampliação da comunicação interpessoal. A interação entre os pacientes é estimulada e observada, podendo servir de parâmetro para se avaliar o índice de sociabilidade e as condições de alta. Mesmo num contexto de crise a oficina atinge seus objetivos ao procurar lidar com as tensões, conflitos, atritos e ameaças de auto e hétero-agressões. A oficina funciona como meio de autoconhecimento e interação entre pacientes e equipe, integrando os recursos de que lança mão no esforço de mudar o modelo tradicional de internação psiquiátrica.

Ferreira, A.P.; Gonçalves, R.C.; Guimarães, A.D.; Pinto, T.C.S.; Silva, L.H.

HUPE – UERJ; DEPEXT/SR2.



Oficina de imagem-imagemix: "um jeito caleidoscópico de olhar a vida".

No município de Assis, situado na região oeste do estado de São Paulo, desenvolve-se através do CIAPS- Centro Integrado de Atenção Psicossocial, o Programa de Atenção Intensivo à pacientes de intenso sofrimento psíquico, destinado principalmente ao acolhimento e tratamento intensivo de seus usuários. Uma das propostas de intervenção são as Oficinas Terapêuticas realizadas semanalmente que, através de modalidades expressivas, contribuem para produção e criação de sentidos. O programa é composto por uma equipe multiprofissional onde se busca construir assim uma nova modalidade de tratamento: o modo psicossocial. A oficina de imagem conta com um eixo organizador dividido em duas partes: uma enfocada num caráter clínico-terapêutico e outra com característica sócio-cultural. No plano clínico-terapêutico a oficina almeja proporcionar uma maior compreensão desse universo existencial tão complexo e heterogêneo no qual a loucura nos coloca. É através da demanda/contato/criação/compreensão das imagens expostas por vídeos, filmagens, fotografias, pinturas e colagens que os usuários buscam efetivar uma construção de si a partir do olhar no/do outro, ou seja, que o sujeito em questão ("o louco") possa elaborar melhor a sua imagem de corpo através da representação visual suscitando, dessa forma, um apelo à simbolização, uma vez que a imagem se torna palavra criando assim uma realidade habitável. Sobretudo, o sujeito constrói sua singularidade através da produção de sentido. Quanto ao caráter sócio-cultural da oficina, pode-se dizer que este acontece a partir de um amplo e complexo processo construído nos encontros vivenciados em grupo. É através da vivência em coletividade de seus participantes que acaba provocando um maior contato e aproximação com o outro, garantindo uma maior sociabilidade entre seus membros. O posicionamento assumido por cada usuário dentro da oficina incentiva progressivamente o resgate de sua cidadania, dado que entendemos o mesmo como um sujeito da sua ação, e não mais como um mero objeto da mesma. Um exemplo do efeito produzido na oficina é o de um usuário que, após assistir a um filme, começou a se posicionar relatando sua experiência com internações psiquiátricas, descrevendo com riqueza de detalhes o quanto era perverso, aprisionante e desumano as práticas daquelas instituições com o seu jeito de existir. Conseqüentemente, sua fala além de propiciar um trabalho de subjetivação perante sua questão, oferecendo contornos e limites, disparou no grupo uma forte mobilização frente ao tema exposto, produzindo e criando vários sentidos, ora remetendo ao plano singular, ora ao plano coletivo, configurando dessa maneira uma grupalidade ativa redimensionada a partir da constante alternância desses movimentos. Dessa forma, denota-se que a oficina de imagem pode ser um importante dispositivo de atuação na perspectiva de realização do modo de atenção psicossocial sob o qual nos propomos a realizar, garantindo assim uma melhor qualidade no acolhimento e tratamento aos usuários. Finalmente, em um trabalho de consonância com outras oficinas, têm-se como ambição a realização de reinserção da loucura na cultura, propiciando seu maior trânsito e veiculação, imprimindo assim a marca de sua diferença em nossa sociedade.

Gilson Gabriel da Silva Firmino; Sivio Yasui.

UNESP - Assis.



Oficina de jornais e histórias: um estímulo à palavra e à cidadania entre adolescentes internos na Febem.

Entre setembro de 2000 e dezembro de 2001 desenvolveu-se a proposta de uma oficina de histórias e jornais denominada oficina de leitura, que ocorria no contexto do Projeto Fique Vivo. O Projeto Fique Vivo tem por objetivo promover a prevenção de AIDS e DST's dentre os adolescentes que cumprem medida sócio-educativa na Febem - Tatuapé, em São Paulo. Pensar em prevenção, por sua vez, significa falar sobre valorização da vida e cidadania. Através de oficinas de caráter expressivo e cultural o Projeto Fique Vivo busca questionar o pensamento imediatista bastante presente entre adolescentes, particularmente entre aqueles que se envolvem com a "vida do crime". Tal imediatismo se relaciona ainda com um maior risco de morte, seja esta por causa violenta, pelo uso de drogas ou devido à contaminação pelo HIV. Assim, como elementos de mediação e de valorização da vida e da possibilidade de uma plena cidadania é que a oficina de leitura se inseriu no Fique Vivo. A oficina de leitura, coordenada por dois psicólogos, acontecia semanalmente, com uma participação de aproximadamente dez adolescentes, durante duas horas em uma das unidades da Febem Tatuapé. O objetivo desta oficina é promover um investimento na mediação da palavra e do pensamento, com ênfase nos processos de simbolização. Buscamos a discussão das experiências vividas pelos adolescentes, bem como a dos valores e concepções presentes nas vidas deles. A oficina estruturou-se em dois eixos de atividades distintas, porém complementares: o eixo das histórias e o eixo dos jornais, que se alternavam semanalmente. O eixo das histórias estruturou-se na leitura de narrativas de várias procedências e épocas, de acordo com o interesse tanto dos adolescentes quanto do projeto. Após um aquecimento prévio a história era contada e passava-se, então, à discussão dos temas suscitados a partir da narrativa, quando buscávamos trabalhar tanto com questões emocionais individuais quanto com aspectos relacionados à dinâmica grupal. No eixo dos jornais procuramos primeiramente familiarizar o jovem com a leitura de jornais, incentivando seu gosto por esse veículo de comunicação. Nosso objetivo era estimular o grupo a construir um jornal que fosse representativo da unidade com matérias de seu interesse e escritas por eles mesmos. Para alcançar tal meta, passamos por etapas intermediárias nas quais realizávamos leituras de jornais diversos seguidas de discussões a partir de notícias de maior interesse, visando a composição de um jornal mural que estaria disponível no pátio. Como resultados tivemos a produção de vários jornais murais e duas edições de um jornal impresso, que circularam pela instituição. Tivemos grande engajamento dos participantes nos dois eixos. Para o ano de 2002, além dos jornais impressos, pretendemos fazer uma compilação de histórias dos próprios adolescentes. Tivemos como embasamento teórico a técnica dos Grupos Operativos de Pichon-Rivière (O Processo Grupal), a visão institucional de Marlene Guirado (Instituição e Relações Afetivas), o pensamento de Contardo Calligaris sobre a adolescência (A Adolescência) e as considerações de Walter Benjamin sobre a narratividade ("O Narrador - Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov").

Edinael Sanches Rocha; Alexandre Moreira de Souza.

Associação Fique Vivo.



Oficina Passeio com adolescentes autistas.

O presente trabalho refere-se a uma “Oficina Passeio” realizada com adolescentes diagnosticados “autistas” na Associação de Pais e Amigos dos Autistas do Rio Grande do Norte (APAARN), tendo como objetivo proporcionar alternativas de inserção social sustentando a possibilidade dos mesmos virem a fazer laço social, uma vez que, não raro o autista encontra-se segregado e confinado a um isolamento do convívio social. Esta Oficina caracteriza-se por ser um espaço de fala e escuta a esses sujeitos, entendidos enquanto sujeitos de possibilidades e desejos. Por se tratarem de adolescentes, os passeios são realizados em locais voltados ao público jovem. Junto aos pais dos que se encontram engajados na Oficina, também é oferecido um espaço de fala e escuta, onde eles possam falar de suas fantasias e desejos em relação ao filho, que naquele momento encontra-se “separado”.

Karen Barbosa Montenegro; Karenina Kadidja Rios Dantas.

Universidade Potiguar – UnP. Natal/RN.



Oficina Terapêutica para idosas.

Os trabalhos realizados em oficinas terapêuticas com idosos caracterizam-se como recursos grupais com benefícios de natureza biopsicossocial, oportunizando o convívio com outras pessoas na mesma fase do ciclo vital. Através do desenvolvimento de trabalhos manuais e culturais acontece o processo de exercício de percepção, raciocínio, memória, atividade motora e senso de bem-estar subjetivo. Objetivos: a) observar a dinâmica de uma oficina terapêutica para idosas; b) investigar o nível de satisfação global com a vida; c) verificar a influência da participação de idosas num programa voltado à terceira idade. Material e método: Sujeitos: 12 idosas, entre 50-74 anos, 50% casadas, 33,4% viúvas e 16,6% solteiras, 58,5% estudou até a 4ª série; 83,4% são donas de casa; 50% mora com o cônjuge, 16,6% com os filhos, 16,6% sozinhas, 8,4% com cônjuge e filhos e 8,4% com outros parentes. Ambiente: Centro Educacional de Atendimento ao Idoso (CEAI), Uberlândia-MG. Instrumentos: a) protocolo de observação; b) ficha de identificação; c) escala para a medida de satisfação com a vida, de Cantril (1967), para medida de bem-estar subjetivo indicado por satisfação geral com a vida, contendo duas questões que avaliam a satisfação com a vida atual e futura, através da figura de uma escada de dez degraus simbolizando uma escala de dez pontos entre a pior e a melhor vida; d) questão para avaliar a influência da participação em um programa voltado à terceira idade. Resultados: Foi possível identificar que: a) o grupo recebe influência da família, do próprio grupo e da coordenadora; b) não houve mudanças de comportamento durante o período de observação (semanalmente por 2 meses); c) o grupo aceitou bem a presença das observadoras; d) não é um grupo conflituoso e há pessoas animadas e retraídas; e) o nível de satisfação das componentes é visivelmente elevado; f) o grupo é ativo e extrovertido; há 3 líderes (lideranças exercidas de forma democrática); h) todas as atividades propostas são desempenhadas prazerosamente pelas participantes. A maioria das participantes relataram elevado grau de satisfação com a vida e expectativa positiva com relação à vida futura. A análise da escala, com relação à vida atual, mostrou que 51% coloca-se no ponto máximo da escala o 10º degrau; 33% marcou o 8º degrau; 8% marcou o 6º degrau e 8% marcou o 5º degrau. Quanto à expectativa de vida no futuro, encontrou-se que 43% coloca-se no ponto máximo, marcou o 10º degrau; 8% marcou o 9º degrau, 33% marcou o 8º degrau, 8% marcou o 6º degrau e 8% marcou o 5º degrau. Todas as idosas relataram que o CEAI influenciou positivamente na melhora de suas vidas. Conclusão: A participação de idosas em programas como as oficinas terapêuticas parecem proporcionar prazer, aumento na auto-estima, sensação de utilidade e preenchimento do tempo que antes era ocioso. Podemos inferir que há um aumento no senso global de bem-estar subjetivo, levando-as a relatar um elevado índice de satisfação com a vida.

Tânia Letícia Oliveira Tavares; Ingrid Cordeiro da Silva; Gabriela Arantes Neuber; Marineia Crosara de Resende.

Centro Universitário do Triângulo – Unit/Uberlândia.



Oficinas criativas na formação de psicólogos.

O exercício profissional em Psicologia exige dos praticantes o constante e profundo contato com seus limites, além da necessidade de abertura pessoal diante das variadas e surpreendentes formas do existir humano. Nos processos de formação os discursos de caráter eminentemente teórico ocupam importante lugar, mas são insuficientes, tornando necessário um espaço reservado para atividades voltadas ao autoconhecimento do aprendiz. O ponto de vista defendido aqui afirma que esse aprendizado acontece em sua forma mais profunda quando é feito por meio de atividades sistemáticas – as Oficinas Criativas – incluídas regularmente nos programas de formação, como condição para o desenvolvimento da abertura pessoal para outros modos de fala e de escuta de si e do outro. Nas Oficinas de Criatividade, recursos artísticos são usados em encontros semanais grupais, tanto para o conhecimento de si e do outro, como para a reflexão sobre os diferentes caminhos de inserção dos profissionais nos diferentes contextos nos quais atuarão. A experiência visa promover a exploração de variadas formas de expressão e compreensão, bem como o exercício da contextualização e o contato com a alteridade. Além disso, ao abordar valores e preconceitos, expressos muitas vezes nos trabalhos realizados, ela permite a discussão de questões pertinentes ao exercício profissional numa visão ampla, ética e socialmente engajada.

Christina M. B. Cupertino.

Universidade Paulista – UNIP.



Oficinas de Jogos e Aprendizagem por Situações-Problema.

O objetivo é apresentar a metodologia de trabalho desenvolvida no programa de apoio à aprendizagem escolar do Laboratório de Psicopedagogia (LaPp), do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Este programa se destina a alunos da Escola Fundamental e realiza projetos no contexto de oficinas de jogos, visando contribuir para o desenvolvimento de atitudes, competências e habilidades favoráveis à aprendizagem. Nas oficinas, utilizam-se situações-problema como estratégias de ensino e forma de contribuir para os alunos enfrentarem e superarem suas dificuldades. Do ponto de vista piagetiano, conhecer é uma construção que resulta da atividade, organizada como esquemas de ação ou operações, de um sujeito interagindo com objetos, tarefas e pessoas. Neste sentido, jogar pode contribuir para a aquisição de conhecimentos, pois o sujeito aprende sobre si mesmo, sobre o próprio jogo e os aspectos inerentes a ele, sobre relações sociais e conteúdos escolares. É também por meio de jogos que os erros produzidos podem se tornar observáveis, para serem analisados e compreendidos pelas crianças. Essas atividades criam condições para que aspectos como: observar, criticar, investigar e relacionar sejam trabalhados e aproximados, o máximo possível, a questões voltadas para a aprendizagem escolar. Portanto, com uma orientação adequada, quem joga pode efetivamente se desenvolver. Um dos jogos trabalhados nas oficinas, que ilustra a metodologia desenvolvida no LaPp, é o Tangran. Este é um jogo milenar, de origem chinesa, composto por 7 peças (5 triângulos, 1 quadrado e 1 paralelogramo), cujo objetivo é construir uma figura correspondente a um modelo dado, utilizando sempre todas as peças. A figura proposta como modelo constitui um obstáculo ou desafio a ser superado pelo sujeito. Os procedimentos e operações infra-lógicas necessários a esta realização, se insuficientes, criam dificuldades que requerem regulações sócio-afetivas (tolerância à frustração, melhoria da auto-estima, persistência, concentração, sentido da tarefa); cognitivas (coordenação simultânea de diferentes pontos de vista, antecipação, conservação, identidade, relações geométricas, planejamento, correspondência) e motoras (organização espacial, coordenação viso-motora, firmeza). Estes, dentre outros aspectos, se trabalhados em um contexto de intervenções, proporcionam às crianças experiências cuja meta é a construção de atitudes favoráveis à aprendizagem e a aquisição de conteúdos que, do ponto de vista estrutural, contribuem para a aprendizagem escolar.

Lino de Macedo; Valquíria Carracedo; Gisele Escorel de Carvalho; Ana Lúcia Petty; Ana Carolina Imbroisi Ruivo.

USP.



Oficinas de memória com idosos de rua: vivência de desenraizamento.

A população de rua teve um considerável aumento nas últimas décadas no município de São Paulo, especialmente na faixa etária acima de 50 anos. Através de reivindicações de idosos em situação de abandono que utilizavam os albergues municipais, a Secretaria de Assistência Social do município criou em 1999, através de seus técnicos, a instituição Casa-Lar e Convivência São Vicente de Paula. O equipamento ficou responsável por oferecer moradia, alimentação e por estabelecer o resgate da cidadania, através de ações de proteção e inclusão social para 15 idosos, entre homens e mulheres, que moravam nas ruas. Dentre estas ações, foram propostas oficinas de saúde, cidadania, geração de renda, atividade corporal e memória da família. É sobre esta última de que se trata a experiência. O trabalho partiu do pressuposto de que estes idosos sofreram a espoliação de bens, objetos pessoais, de sua história de vida, de suas lembranças. Eles vivem a experiência de desenraizamento, conforme conceito desenvolvido por Simone Weil. Além desta autora, foi utilizado o referencial teórico de Ecléa Bosi, para quem o espaço e os objetos que nos rodeiam são carregados de significados históricos, sendo eles que evocam as lembranças. As relações são marcadas pela comunicação silenciosa que se tem com o espaço que nos cerca. A oficina tinha como objetivo resgatar a história de vida destes idosos e possíveis vínculos familiares. A ausência destes objetos biográficos – termo usado por Ecléa Bosi para descrever os objetos que envelhecem com seu dono e que são incorporados em sua vida, representando suas experiências – para estas pessoas que vivem nas ruas consistia num obstáculo para a oficina. O único objeto que muitos dos idosos tinham consigo, de longa data, era o documento de identidade. Apesar das limitações materiais, houve o resgate de parte das histórias de vida desses moradores, como um fio que se desenrola em imagens e significações através da memória. A partir dos relatos orais e da dinâmica relação de quem compartilhou o frio das ruas, foi possível identificar aspectos históricos essenciais de suas vidas. Um dos desdobramentos do trabalho foi a verificação de que parte dos idosos deste grupo possuíam parentes – irmãos, filhos – localizados no município de São Paulo ou em regiões próximas e, a partir da oficina, iniciaram uma reaproximação com os familiares, restabelecendo vínculos fundamentais para suas relações interpessoais. Bibliografia: BOSI, E. Memória e Sociedade - lembranças de velhos. 3ª ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1994. WEIL, S. Raíces del Existir - Preludio a una declaración de deberes hacia el ser humano. Buenos Aires, Editorial Sudamericana, 1954, p. 58.

Roberta Cristina Boaretto.



Oficinas de Psicologia com a Terceira Idade: reflexões sobre o idoso na sociedade contemporânea.

Nosso trabalho referi-se a uma pesquisa-intervenção desenvolvida com grupos da “Terceira Idade” que participam de um projeto especial da Universidade Estadual Paulista (Unesp). Temos como objetivo básico, a criação, nesse espaço que denominamos “Oficina de Psicologia”, de um “lugar” de referência para os participantes onde, através dele, os integrantes do grupo possam ampliar a experiência do tempo e espaço vitais, exercitar e expandir a sensorialidade, a percepção e a linguagem; utilizar o grupo como espaço de autonomia e resistência contra assujeitamentos e discriminações vividas no cotidiano e ainda, tornar as atividades realizadas no grupo, objeto da reflexão crítica de diferentes situações e espaços psicossociais. Realizamos nossos encontros, semanalmente, durante duas horas e registramos essas reuniões com o propósito de avaliar o trabalho e investigar questões específicas de interesse prático ou científico além de coletarmos, periodicamente, depoimentos dos participantes e realizarmos, com eles, entrevistas individuais. Os dados, obtidos por nós, indicam que os participantes procuram esse grupo na tentativa de romperem com a solidão, com as obrigações opressivas, explorações e invalidações as quais estão sujeitos no confinamento familiar em que vivem. O grupo é também visado como alternativa de expansão da vida, rompendo o confinamento no passado onde são aprisionados pela falta de possibilidades de vinculações e realizações no presente. Embora atribuam sua condição de vida a motivos pessoais e familiares, entendemos que o “idoso” é profundamente afetado pela lógica da pós-modernidade assentada na fragmentação e isolamento do sujeito; na instituição de relacionamentos provisórios e efêmeros e na desterritorialização.

Justo, J. S. Cruz; S. G. F. P. Alves; D. M. Carvalho; A. E. Costa; M. A. T. Dias; A. C. A. L. Ferreira; L. V. P. Flores; T. Pereira; C. O. Queiroz; D. S. Sacramento; W. C. Santos; M. S. Yonezawa, F.

UNESP – Campus de Assis.



Oficinas reflexivas sobre sexualidade para jovens moradores em comunidades empobrecidas: mitos, verdades e novos conceitos para a prevenção ao hiv/aids.

OBJETIVO: Promover uma mudança conceitual e comportamental de jovens através de uma releitura sobre opiniões e valores adquiridos ao longo de suas vidas, inserindo-se posteriormente ao seu meio social como agente conhecedor e multiplicador de conhecimentos desmistificando mitos e tabus.

DESCRIÇÃO DA PRÁTICA - A proposta destina-se a promover debates entre jovens, estimulando a reflexão sobre a sexualidade e seus temas correlatos. Desenvolvido em reuniões sócio-educativas com 200 jovens integrantes do Programa de Agentes Jovem de Desenvolvimento Social e Humano em parceria com a Secretaria Municipal de Ação Social de Itaboraí/RJ. Sendo 100 do sexo feminino e 100 do sexo masculino, na faixa etária entre 15 e 17 anos de idade, pertencentes a família de nível socioeconômico baixo. Para acompanhar e conhecer melhor os resultados da intervenção, optou-se pela aplicação do pré-teste (questionário-diagnóstico sobre sexualidade), e ainda o jogo "Mitos e Realidade" com o objetivo de verificar os mitos existentes e promover o debate sobre suas credences e seus tabus, através de informações claras e honestas. Posteriormente foi realizado o pós-teste. Nossa análise final apresentou um significativo aumento do conhecimento das questões acerca da sexualidade, favorecendo o resgate da auto-estima e da valorização do conhecimento do jovem. Foram ainda implementadas oficinas com outros grupos da comunidade, como gestantes e mulheres chefes de família, sobre os temas: ética e cidadania, relações humanas, conflitos e inteligência emocional a fim de ampliar a ação do programa junto aos jovens.

SÍNTESE DO TIPO DE PRÁTICA: Oficinas Reflexivas para prevenção ao hiv/aids e gravidez precoce destinada a 200 jovens participantes do programa de Agente Jovem de Desenvolvimento Social e Humano. Foram feitas exposições em forma de palestras participativas sobre vantagens e desvantagens dos métodos anticoncepcionais, visto que é preciso enfrentar a questão da gravidez na adolescência em virtude do alto número de casos no Brasil.

RESULTADOS: 100% dos jovens conhecem o que são DST's, entendendo que a pílula anticoncepcional só previne a gravidez indesejada e não previne AIDS nem outras DST's. 97% dos entrevistados tem total entendimento que os usuários de drogas injetáveis, quando compartilham seringa e agulha podem contrair o hiv. Com relação aos sintomas e também quanto à maneira como o vírus ataca o corpo humano, foi verificado que 50% possuem esta informação. Somente 15% reconhece a importância do uso do preservativo. Verificamos ainda um total desconhecimento de algumas formas de contágio em especial do leite materno. Muitos jovens relataram que aprenderam novas informações e valorizam o uso do preservativo como prática de sexo segura. Temas e tabus da sexualidade foram amplamente discutidos como: "tesão"; o "ficar"; masturbação, homossexualidade e outros.

PARTE TEÓRICA: Após palestras participativas e oficinas os resultados obtidos mostraram que ouvir os jovens de localidades empobrecidas e construir com eles um conhecimento, ao mesmo tempo despertá-lo para um novo projeto de vida resultou numa ação transformadora que contribuiu para o fortalecimento de uma prática social, preventiva e promotora de saúde. Grande parte do trabalho foi fundamentado nas concepções de da área de psicologia do desenvolvimento, da educação e da psicologia social.

Ivonete Alves de Lima Cavaliere.



Oficinas terapêuticas com crianças em situação de risco social e pessoal.

Este trabalho se propõe a apresentar a oficina de pintura "A vida tem a cor que você pinta" incluída no projeto ABC –Aprender, Brincar e Crescer, que é desenvolvido no CSU, Centro Social Urbano, da cidade de Assis, interior de São Paulo, destinado ao atendimento de grupos de crianças que se encontram em situação de risco pessoal e social. Essa oficina é desenvolvida a fim de utilizar a pintura como forma de expressão da criatividade e da subjetividade bem como permitir que essa criança institucionalizada extravase, através da arte, seu modo de perceber o mundo, e a partir disso mobilizar na criança condições para que ela reflita e organize sua vida, de uma forma que valorize sua auto-estima. Para que o fim terapêutico seja atingido, é oferecido às crianças a possibilidade de um contato com a arte através de alguns temas livres ou semi-dirigidos, mas sempre respeitando o interesse e a disponibilidade da criança para a realização da atividade, e dessa forma, a pintura se torna um meio e não um fim para alcançar a proposta desejada. Ocorreram mudanças significativas na forma das crianças relacionarem-se umas com as outras e com as coordenadora, pois houve uma maior aceitação das diferenças individuais e uma maior integração ao grupo. As crianças também desenvolveram uma maior valorização de suas próprias produções gráficas, o que favoreceu a confiança em si mesmas e nas construções tanto materiais como afetivas realizadas por elas, aspectos estes considerados importantes no caminho para o exercício pleno da cidadania.

Camila Barboza Pedrozo; Luciana Aparecida Cavalin; Heloísa Maria Heradão Rogone.

UNESP Universidade Estadual Paulista – Assis.



Oficinas terapêuticas: uma experiência com arte e saúde mental.

As oficinas de arte realizadas na Associação Londrinense de Saúde Mental (ALSM) disponibilizam aos participantes materiais diversos para que possam, através da expressão artística, entrar em contato com seus desejos, seus sentimentos, sua personalidade, manifestos através de suas criações. Cabe notar que as oficinas, ao trabalharem em grupo, permitem a troca destas expressões entre os participantes e o exercício da vivência grupal. No início, os trabalhos eram realizados apenas com argila e os temas propostos pelos coordenadores da oficina; com o decorrer do tempo, passou-se a disponibilizar aos participantes tinta, papéis coloridos, revistas, quebra-cabeças, retalhos etc. e, também, o tema da atividade começou a ser proposto pelos próprios participantes, que ao final de cada oficina comentam sobre o que produziram. A partir deste trabalho foi possível notar algumas mudanças nas obras dos participantes: maior elaboração das produções artísticas e aumento da concentração na atividade; maior gasto de tempo em cada obra, tanto que algumas acabaram sendo terminadas na oficina seguinte, o que não ocorria antigamente. Percebeu-se também que um dos participantes diferenciou-se quanto às vestimentas, igualando-se mais ao modo de vestir dos demais participantes e coordenadores. Embora não se possa afirmar que estas mudanças tenham decorrido exclusivamente das oficinas de arte, visto que os participantes da mesma realizam diversas atividades dentro e fora da Associação, as oficinas contribuem tanto para a expressão destas transformações quanto para o acompanhamento das mesmas, ou seja, têm papel fundamental na minimização do sofrimento psíquico dos participantes da Associação Londrinense de Saúde Mental.

Joana Sanches Justo; Júlia Carolina Bosqui; Mônica Fujimura Leite, Thayane Carolina de Almeida; Tatiane Henrique Rodrigues.



OIM IPORÃ MA ORE-REKÓ Experiências de Extensão Universitária em uma comunidade Guarani.

O Oim iporã ma ore-rekó é constituído por um conjunto de alunos de diversas áreas (Arquitetura, Ciências Sociais, Educação, Letras e Psicologia) que procuram, através da interdisciplinaridade, desenvolver um trabalho de efetivo intercâmbio de experiências e conhecimentos entre universidade e sociedade, neste caso representado pela comunidade Guarani Tekoá Ytu. A universidade é essencialmente a associação de três elementos: pesquisa, ensino e extensão, sendo que este último é o espaço em que o conhecimento toma forma, abstraindo-se da condição estática de teoria para transbordar em atividade crítica e participativa, onde se estabelece uma parceria nutrida da união e cumplicidade entre sujeitos diferentes, ambos detentores de saberes. Por entender a extensão universitária como uma parte integrante da nossa formação, procuramos conceber e desenvolver, em comunhão com a comunidade indígena, atividades de relevância acadêmica e social. Nossos objetivos englobam uma apreensão crítica da nossa formação e das relações entre diferentes grupos étnicos, que atualmente são carregados de estereótipos e preconceitos, os quais nos empenhamos para desconstruir. O projeto iniciou-se em 1999 quando foram realizados os primeiros contatos de alunos de arquitetura do Laboratório de Habitação dos docentes da FAU (LabHab gfau) com a aldeia, através do estudante Frederico Ming e do professor Carlos Zibel, estudioso da cultura e da arquitetura Guarani. Nesse mesmo ano, devido à demanda da aldeia apresentada à Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, da construção de uma escola de ensino fundamental bilíngüe na aldeia, foi proposta ao grupo a execução de um anteprojeto e posteriormente de um projeto executivo. Anexo à escola, foi projetado um espaço denominado Casa Guarani, elaborado visando destacar a especificidade de sua cultura. Outro projeto desenvolvido junto à comunidade foi o de saneamento, com execução parcial pela Fundação Nacional da Saúde. A partir de 2001, com a inauguração da Escola Estadual Djekupé Ambá Arandu e devido às crescentes demandas da aldeia junto ao projeto o grupo incorporou alunos de diversas áreas, passando a ter caráter interdisciplinar, formando assim o Oim iporã ma ore-rekó. Atualmente colaboramos em vários projetos tais como a construção da Opy (casa de reza), elaboração de um vídeo documentário, oficina de fotografia e atividades relacionadas à escola. A construção da Opy, para substituir a atual, responde à necessidade de criar um espaço maior para a realização de rituais. Trata-se de uma oportunidade de intercâmbio de conhecimentos sobre arquitetura e cultura. A oficina de fotografia, por sua vez, constitui-se na tentativa de estimular discussões e atividades referentes a formas de representação, documentação e expressão. No âmbito da educação, desenvolvemos atividades de discussão e problematização do cotidiano escolar, buscando um envolvimento maior da comunidade na apropriação desse espaço. O vídeo documentário (Jandira II) é uma oportunidade de elaborar uma memória audio-visual da comunidade a partir da construção da nova opy. Além da realização destes projetos, é primordial enfatizar que todas estas atividades foram concebidas e são executadas visando a criação de formas democráticas de trabalho participativo.

Adriana Queiroz Testa; Alda Regina Bueno Minioli; Amilton Barros; Ana Beatriz Miraglia; Ana Carolina Comin Vargas; Daniel Ramos La Laina Sene; Daniela Morita Nobre; Fernando Stankuns P. Figueiredo; Francisco Toledo Barros; Gustavo Marchetti; Leslie Loreto Mora González; Rodrigo Mendes de Souza; Roseli Kiyomi Missato; William Eiji Itokazu.

USP.



Opções de lazer em duas amostras de funcionários operacionais e administrativos de uma empresa.

O lazer faz parte de um conjunto de atividades que proporciona ao indivíduo uma melhor condição de saúde física e psicológica. O objetivo do presente estudo é o de investigar as diferenças na percepção, conceito e tipos de lazer entre funcionários da área operacional e da área administrativa de uma empresa, visto as características de cada grupo, isto é, na área operacional o exercício da função implica em esforço físico para o desenvolvimento das atividades e na área administrativa, este não está presente. A hipótese principal é a de que os grupos considerados indicariam de forma diferente as atividades de lazer, assim como o próprio conceito de lazer. A amostra foi composta por 30 sujeitos, funcionários de uma mesma empresa, sendo 15 pessoas de cargo administrativo e 15 pessoas de cargo operacional. O instrumento utilizado foi adaptado de Largura (2000). Os resultados foram avaliados em termos de frequências absolutas e relativas para posterior cálculo do qui-quadrado e correlação de Spearman. Destacam-se os seguintes resultados: 1) ambos os grupos consideram lazer uma atividade relevante; 2) as atividades intelectuais e o turismo são as mais frequentes no grupo dos administrativos e o dormir a mais frequente no operacional; 3) todos os sujeitos pesquisados optam por fazer horas extras do que escolherem uma atividade de lazer. A hipótese principal foi confirmada, sendo que os grupos indicam de forma diferente as atividades de lazer. A importância do lazer para o indivíduo e as organizações ainda terá que se deparar com grandes obstáculos para a sua implantação mais definitiva.

Claudia Lopes; Walquiria Fonseca Duarte.

Universidade de Santo Amaro – UNISA; Universidade de São Paulo.



Organização comunitária em um seringal da selva amazônica.

Temos como objetivo apresentar o trabalho que foi realizado em um seringal da Floresta Amazônica; numa comunidade ribeirinha da calha do Rio Purus, chamada Independência; pertencente ao município de Boca do Acre, há 2.100 Km de Manaus, em direção ao sul do Estado do Amazonas, nos dias 09 e 10 de fevereiro de 2002. Só é possível chegar ao seringal via fluvial, ele localiza-se a duas horas de voadeira (barco rápido de alumínio) ou doze horas de canoa, subindo o rio a partir de Boca do Acre; esta é a referência local. O seringal possui 150 habitantes que moram em casas de madeira construídas sobre palafitas; sem saneamento básico, com as fossas não possuindo tratamento; sem energia elétrica e a água é retirada de igarapés e do rio. Mesmo assim o seringal é limpo e possui forte organização comunitária; sendo participante ativo do Conselho Nacional dos Seringueiros. Este trabalho fez parte do Programa Universidade Solidária; foi realizado por uma equipe interdisciplinar, composta por dez estudantes da Universidade São Marcos; das áreas de: Psicologia, Direito, Turismo, Pedagogia e Arquitetura; coordenados por uma Psicóloga. As atividades foram realizadas em um galpão feito para as reuniões da comunidade. Compareceram desde as mulheres com crianças de colo aos idosos. Este trabalho foi elaborado a partir da observação do modelo hierarquizado e assistencialista que vem marcando as relações entre as pessoas nas comunidades ribeirinhas do município. O objetivo foi proporcionar a cada participante a oportunidade de: identificar o quanto os seus sentimentos facilita ou não seu relacionamento com as pessoas; refletir sobre a maneira com a qual se compromete com as pessoas no desenvolvimento de uma atividade grupal; desenvolver uma reflexão crítica e criativa, resignificando a ação coletiva; reconhecer a importância das relações com as outras pessoas na construção do seu aprendizado; encontrar novas formas de agir em grupo; enfrentar novas situações. Para tanto, nossa intenção foi a de oferecer um espaço grupal, no qual as atitudes de protagonismo e transformação puderam ser despertadas a partir de dinâmicas de grupos. O entendimento da noção de vínculo foi fundamental para a estruturação e realização do trabalho. Nos apoiamos no pensamento de Pichon-Rivière que parte de uma visão integradora do homem em situação, onde o sujeito é constituído e constituinte das relações vinculares. Adapta-se ativamente à realidade e ao mesmo tempo é capaz de modificá-la pela sua experiência. Há um interjogo dialético que se configura à medida que a subjetividade, a sociedade e a natureza condicionam o seu comportamento e podem ser por ele modificadas. A estrutura vincular é, portanto, dinâmica; está em contínuo movimento: o sujeito constituído pelas relações vinculares se relaciona com o mundo externo e torna-se capaz de “em relação”, alterar ou retificar tanto o seu mundo interno como externo. Nesse espaço, as pessoas puderam se expressar, pensar na ação que desenvolvem juntas, na maneira particular de cada um se relacionar e compreender obstáculos para elaboração e execução de uma atividade grupal.

Eduardo Carreira do Santos; Evelyn Fay Gomes.



Organização do Serviço de Psicologia do Hospital Universitário de Brasília.

O Hospital Universitário de Brasília conta com o serviço de psicólogos da saúde desde a década de 1980, quando professores da Universidade de Brasília e seus estudantes iniciaram seus trabalhos em assistência e pesquisa em diferentes áreas. Vários trabalhos, dentre os quais programas permanentes de assistência, foram implementados e muitos deles mantidos ao longo dos anos, beneficiando diferentes serviços, como pediatria clínica, cirúrgica e ambulatorial, ginecologia e obstetrícia, oncologia, geriatria e infectologia. Todo esse trabalho foi desenvolvido por iniciativa dos professores do Instituto de Psicologia da UnB e nunca documentado pela administração do hospital, porque não era oficializado. Em fevereiro de 2002, a direção do hospital criou a Divisão de Psicologia e foi então possível iniciar o processo de organização do serviço. O passo inicial foi o levantamento das atividades em andamento, das demandas e das dificuldades. Os principais achados mostraram (a) a alta demanda das clínicas pelos serviços do psicólogo para integrar equipes interdisciplinares, (b) a carência de recursos humanos, (c) a necessidade imperiosa de se instituir um internato ou residência em psicologia e (d) o amplo campo que é o hospital para o ensino, pesquisa e assistência em psicologia.

Suely Sales Guimaraes; Adriane Szelbracikowski; Monica Muller.

Universidade de Brasília.



Orientação profissional na escola: a informação e as habilidades a serviço da escolha.

Este programa de orientação profissional foi desenvolvido numa instituição de ensino médio e pré-vestibular da cidade de Uberlândia-MG, em cinco encontros, com alunos do terceiro ano do ensino médio e do pré-vestibular, com objetivo de orientar o aluno na escolha profissional, enfatizando os fatores cognitivos da escolha. Para tanto, trabalhamos com informações, debates e questionamentos sobre a escolha de uma profissão, preconceitos, incongruências, habilidades, capacidades e outros tantos fatores envolvidos neste processo. Trabalhamos com oito encontros; inicialmente, levantamos através de questionários dados sobre as metas individuais em relação ao futuro, o fundamental projeto de vida; em grupo, o primeiro tópico abordado foi o dualismo entre fazer ou não fazer um curso superior. Em seguida, trabalhamos a falta de informações sobre cursos universitários, motivando os participantes à busca de informação para uma auto-orientação, e para possibilitar a exposição e defesa da escolha em grupo, onde foram se esclarecendo dúvidas sobre as profissões, os profissionais, motivações e impedimentos para as carreiras, além da ampliação dos conhecimentos sobre as áreas. Neste momento cada profissão é apresentada para o restante do grupo, para que o apresentador tente convencer os demais participantes dos fatores mais importantes para a escolha daquela profissão e, portanto justificar sua escolha da carreira, onde ficam evidentes todos os prós e contras da decisão. Posteriormente, abordamos a teoria das Inteligências Múltiplas, buscando, então, discutir a relação entre as habilidades e potencialidades de cada um e as profissões. Entre outros pontos abordados, a questão do prazer na carreira, o mercado de trabalho, a incerteza da escolha, a possibilidade de voltar atrás, além da influência da família nesta escolha. Finalizando o trabalho os alunos avaliaram os resultados como extremamente positivos, pois obtiveram condições de pensar e questionar este momento de escolha, além das influências que sofriam e de como estruturar sua escolha com o futuro, abrindo novos caminhos que lhes eram totalmente desconhecidos até então. Entre os desafios da orientação profissional na escola, destacam-se as questões de motivação dos alunos para a participação no processo decisório, uma vez que apenas um reduzido número de alunos se propõe a enfrentar o processo, e, destes, boa parte não conclui a série de encontros, buscando posteriormente orientação individual. Uma das propostas metodológicas para a solução deste mérito é a orientação em sala, no turno de aula, o que não é do interesse da maior parte das instituições, em virtude da escassez de tempo ante o vestibular. Faz-se necessária, portanto, uma maior conscientização das direções psicopedagógicas sobre os benefícios da orientação profissional, que fatalmente se revertem em resultados no próprio vestibular, através da identificação maior com o curso desejado e do projeto de vida decorrente do processo decisório.

Maiango Dias; Tatiana Martins de Aquino; Walter Mariano de Faria Silva Neto.

UFU; UNIPAM.



Orientação Profissional na Grade Curricular: A Experiência da UNICSUL.

Este trabalho objetiva apresentar o programa de Orientação Profissional desenvolvido na Universidade Cruzeiro do Sul, que se estrutura na grade curricular do curso por meio de uma disciplina batizada de Orientação Profissional e Mercado de Trabalho (OPMT). Em vigor desde 2001, a OPMT almeja auxiliar o aluno de 1o ano a conhecer o curso de Administração de forma mais integrada, para ter melhor noção do que seja a profissão que escolheu bem como de seu mercado de trabalho, especialmente em face das inúmeras mudanças nele ocorridas nos últimos anos. A disciplina está implantada atualmente em todas as 9 turmas de 1o ano do curso, totalizando aproximadamente 550 alunos atendidos. Compreende 2 horas-aula de atividade com a sala inteira, em que se incluem palestras com profissionais do mercado e aulas com o professor e, posteriormente, 1 hora-aula na qual o aluno tem direito a um atendimento individual do professor, em que podem discutir quaisquer aspectos relacionados à sua escolha profissional e ao desenvolvimento de sua carreira. O programa não intenciona resolver todas as questões profissionais do corpo discente, nem fornecer uma suposta resposta certa para elas. Pretende ser uma ferramenta facilitadora na escolha individual de cada um e na própria adaptação desse à vida acadêmica e ao mercado de trabalho. De forma ainda incipiente teoricamente, o trabalho desenvolvido na Universidade Cruzeiro do Sul com a OPMT se aproxima das propostas desenvolvimentistas de orientação profissional.

Yara Malki; Osvaldo Elias Farah; José Victorino de Souza.

Universidade Cruzeiro do Sul, São Paulo – SP.



Orientação Profissional na Grade Curricular: do Mundo do Trabalho à Construção de um Projeto de Vida.

As escolas sempre foram um local privilegiado para o desenvolvimento de programas de orientação profissional. A literatura da área registra vários tipos de intervenção que foram feitos em outros países e aqui no Brasil, sempre com uma grande diversidade de modelos teóricos embasando essas atividades. No início de 2001 implantamos no Colégio Notre Dame, em São Paulo, a Orientação Profissional como disciplina curricular do 1o., 2o. e 3o. anos do ensino médio. Essa matéria conta com uma aula de 50 minutos por semana, tem frequência obrigatória e os alunos recebem uma nota ao final de cada bimestre, assim como nas outras disciplinas. Esse curso tem diversos objetivos a serem cumpridos ao longo dos três anos do ensino médio, que poderiam ser resumidos em dois aspectos: 1 - levar o aluno a discutir, pesquisar, compreender e desenvolver uma visão crítica a respeito da organização e das mudanças no que chamamos de mundo do trabalho; 2 – levar o aluno a refletir e construir um projeto pessoal de inserção no mundo do trabalho, no qual a escolha de uma faculdade está inserida em um contexto ampliado, que chamamos de projeto de vida. Para atingirmos esses objetivos numa disciplina curricular, usamos como referência teórica das nossas atividades os trabalhos de Pelletier, que possibilitaram o desenvolvimento de um projeto de Orientação Profissional em sintonia com a inserção dessa atividade na rotina escolar. Ao final desses dois anos de trabalho, alguns pontos chamam nossa atenção e merecem uma discussão ampliada: como inserir a Orientação Profissional, que é um atividade muito diferenciada das outras disciplinas, na rotina da escola? Qual o objetivo da avaliação nessa matéria? Por que torná-la uma disciplina da grade e, portanto, obrigatória? Qual o profissional mais adequado para ser responsável por essa disciplina? Quais os modelos teóricos mais adequados? Essas e outras questões apontam à necessidade de mais pesquisas sobre o assunto e ao desenvolvimento de teorias e técnicas que dêem apoio para essas atividades.

André Meller Ordonez de Souza.

Universidade de São Paulo.



Orientação profissional: uma proposta de reflexão contextualizada das escolhas.

No atual contexto das transformações econômicas, sociais e políticas observam-se diversas mudanças no campo do trabalho. Percebe-se que o jovem vive esta realidade com grande expectativa e angústia, precisando se instrumentalizar para compreender o universo que cerca e determina suas escolhas profissionais e assim ser capaz de exercer sua cidadania de forma cada vez mais consciente e ativa. Nesse sentido, a Orientação Profissional inserida nos processos escolares tem se revelado muito importante. Com o objetivo de possibilitar aos jovens uma reflexão sobre o tema e buscar uma melhor compreensão da situação de escolha profissional, implantamos, a partir de 1997, o Projeto de Orientação Profissional na Unidade de Barreiras do CEFET-BA, sob a coordenação do Serviço de Psicologia e do Serviço Social. Segundo Bock (1995), são tradicionalmente os princípios liberais, com ênfase no individualismo, que têm embasado a prática da orientação profissional. Pautando-se na idéia de igualdade de oportunidades para todos, o fracasso ou sucesso na profissão é atribuído quase exclusivamente ao indivíduo, desconsiderando os aspectos sociais, culturais e econômicos em que essas escolhas se realizam. Contrapondo-se a essa vertente, e com base na perspectiva indicada por Bock, este trabalho partiu do princípio de multideterminação do humano e de que a escolha profissional depende da inserção do indivíduo na sociedade e de sua atuação sobre ela. Nossa proposta focaliza a possibilidade de conscientização através de uma postura ativa do grupo e da capacidade do jovem de administrar suas escolhas. Com base nessa perspectiva, enfatizamos o processo da escolha e não seus resultados imediatos. Para a coordenação do projeto, adotamos o princípio de trabalho interdisciplinar construído a partir dos saberes produzidos pelas áreas de Psicologia e Serviço Social na busca, conforme indica Japiassu (1976), de solidariedade e complementaridade entre as mesmas. Dividimos o trabalho em dois momentos: a) Divulgação e Formação de Grupos, esta última realizada através de entrevistas individuais que propiciavam um diagnóstico inicial; b) Execução: em cada grupo foram realizados 10 encontros semanais, com duração de 2 horas cada, que compuseram três etapas distintas: •Autoconhecimento; •Informação sobre as profissões e o mercado de trabalho; •As escolhas profissionais. Tivemos a participação de 80 alunos, divididos em 6 grupos, durante os três primeiros anos de execução do projeto, envolvendo os estudantes do Nível Médio e dos Cursos profissionalizantes. Concluímos que a contribuição do projeto para o processo de escolha profissional destes jovens se deu no sentido de pensar as escolhas e definir estratégias com maior clareza. Percebemos que as limitações da região em termos de oferta de cursos universitários, aliadas às dificuldades socioeconômicas que inviabilizam o deslocamento para os centros urbanos, em grande parte, determinam os rumos profissionais destes alunos. Confirmamos a importância de se trabalhar com a inclusão do aspecto sócio-econômico-cultural nos projetos de orientação profissional para que se torne mais claro para o jovem as diferenças entre limitações e possibilidades pessoais e as determinações de ordem social e, diante disso, viabilizar a reflexão sobre estratégias de ação, individuais ou coletivas, que apontem para a superação das dificuldades vivenciadas.

Cacilda Ferreira dos Reis; Solange Alves Perdigão.

CEFET - BA; UNEB.



Orientação Vocacional para Aposentados - Construindo uma Nova Perspectiva de Vida.

A Orientação Vocacional para aposentados tem como objetivo inseri-los ativamente dentro da sociedade, não no sentido de lhe indicar uma nova profissão, mas sim uma ocupação que lhe dê satisfação, favorecendo sua auto-estima. Ao deixar uma vida tida como produtiva, pelo contexto social, o aposentado, pode, devido ao ócio, apresentar as psicopatologias que caracterizam a aposentadoria, tais como: depressão, baixa auto-estima, melancolia, ansiedade, angústia, entre outras. Psicopatologias estas que atingem, direta ou indiretamente toda sua família. A literatura mais recente abre espaço para a discussão a respeito da aposentadoria e como transforma-la em um período de autovalorização, tendo em vista que o número de aposentados é cada vez maior no país, não há como deixa-los de lado na discussão da sociedade atual, é preciso vê-los como sujeitos ativos na sociedade atual. Daí o surgimento deste trabalho, que tem o intuito de prevenir e/ou combater as patologias pós- aposentadoria, dando aos aposentados novas perspectivas de vida, pondo fim a idéia de que a aposentadoria é o término da produtividade pessoal. Além de abrir espaço para o conhecimento e realização dos desejos intrínsecos deixados de lado ao longo da vida, possibilitando uma plena realização pessoal. O atual contexto dos aposentados, pois, sugere uma descoberta de novas formas ocupacionais para os mesmos, favorecendo-lhes, como também aos que fazem parte de seu cotidiano, no sentido de estabelecer novas metas de vida. Sendo a orientação Vocacional um meio para tal descoberta. Nosso trabalho está dividido em onze sessões, sendo a primeira uma oficina onde trabalhamos o tema "Auto-estima", visto que a mesma influencia o surgimento ou não das psicopatologias; na segunda e terceira aplicamos questionários que nos ajudam a conhecer o sujeito e sua vida, bem como desejos e frustrações, da quarta a décima são aplicados os testes, que deverá sugerir qual o melhor campo de ocupação para o sujeito, e na décima primeira fazemos a devolutiva. O trabalho é realizado em grupo, podendo ser ele de doze a vinte membros.

Carla Juliana Gomes de Souza.



Orientação Vocacional: Um Estudo de Caso.

A adolescência é um período de rápidas mudanças físicas, sexuais, psicológicas, cognitivas e sociais (Newcomb,1999). Adolescentes de 17 a 18 anos são compelidos a tomar uma decisão que é encarada pela maioria, como a mais importante e que vai acompanhá-los para o “resto da vida”. Certamente, a escolha da profissão é a primeira grande decisão de um adolescente, no entanto, não deve ser encarado como definitiva e última. Nesse momento de decisão, preocupação e medo não é apenas do adolescente, visto que em muitos casos os pais participam intensamente dessa etapa da vida dos filhos. Assim, a Orientação Vocacional é “o processo pelo qual se ajuda uma pessoa a escolher uma ocupação, a preparar-se para ela, ingressar e progredir nela” (Garrida, 1984). Dessa forma, o presente trabalho teve como objetivo orientar uma jovem na sua escolha profissional, visando à sua carreira profissional, e serviu também como experiência para futuras aplicações de práticas profissionais. Esse estudo de caso foi realizado com um adolescente de 18 anos, do sexo feminino, solteira, com ensino médio completo, cursado em escola pública, na cidade de João Pessoa-PB. Utilizou-se como instrumentos: a Entrevista Psicológica, a Autobiografia e o teste LIP (Levantamento de Interesses Profissionais). Através da Entrevista e Autobiografia, obteve-se informações sobre o sujeito avaliado; relacionou-se eventos e experiências, inferindo e estabelecendo conclusões sobre interesses e aptidões do sujeito, observando-se o interesse da estudante pelo curso de Odontologia. Após a apuração do teste LIP, percebeu-se maiores escores na área Social (71%) e Ciências Biológicas (50%). Conclui-se que a participante, apresenta tendências tanto na área Social quanto na área de Ciências Biológicas, em especial o curso de Odontologia, e que para bom desempenho de tal curso precisa dispor de habilidades nas duas áreas, tanto nas biológicas quanto nas sociais.

Caroline Fabrine Nunes Araújo.

Universidade Federal da Paraíba.



Orientação Vocacional: uma proposta de trabalho da clínica de psicologia da UFPB.

A complexidade atual do mercado de trabalho no nosso entendimento levam os jovens a uma procura cada vez maior pelos serviços de Orientação Vocacional. Consideramos esse tipo de trabalho de grande importância para o desenvolvimento do adolescente, não somente no sentido de ajudá-lo a construir um projeto de vida profissional, mas sobretudo, como um trabalho que almeja uma melhor qualidade de vida, o que faz com que o mesmo possa ser caracterizado como um trabalho promotor de saúde. Na nossa prática vemos a Orientação Vocacional como um "espaço" onde o jovem tem a oportunidade de uma reflexão acerca de si mesmo, e como consequência uma descoberta de seus interesses e características pessoais. O projeto que é desenvolvido na Clínica de Psicologia da UFPB é caracterizado como um trabalho de extensão à comunidade, mas também como um campo de formação para os alunos do curso de Graduação em Psicologia da referida Universidade. A clientela é composta por jovens pertencentes a uma faixa etária dos 15 aos 22 anos provenientes de escolas públicas e privadas da grande João Pessoa. O trabalho é desenvolvido tendo por base a abordagem clínica, onde são enfatizados os aspectos não só de autoconhecimento, como se dá também, grande importância ao mundo das profissões e do trabalho. Em particular essa proposta de trabalho traz uma grande contribuição para nossa comunidade, tendo em vista que nessa capital são poucas as escolas que oferecem de forma sistemática e eficaz um trabalho de tal natureza. O Serviço de Orientação Vocacional/Ocupacional do qual os autores desse trabalho participam tem deixado um saldo bastante positivo para aqueles que o buscam. É importante ressaltar que 70% (setenta por cento) dos jovens que são atendidos por esse serviço chegam ao final do processo com suas escolhas definidas em termos da construção de um projeto de vida profissional. O restante, ou seja, 30% (trinta por cento) ao final do mesmo, ainda externam alguma dúvida, todavia afirmam que se sentem bem mais seguros e tranquilos para poderem decidir qual profissão seguir. Diante de tais dados consideramos, então, a Orientação Vocacional como um trabalho que responde as necessidades pessoais, sociais e de trabalho para o novo milênio.

Nicácia Góis Viana; Zandre Barbosa de Vasconcelos; Fabiana Ribeiro Monteiro; Luciana Galdino da Nóbrega; Tereza Cristina Tribuzi de Carvalho; Rachel Rio Lima de Oliveira Costa.



Orientações motivacionais e notas no ensino fundamental.

Estudos da Motivação com base nas Teorias Cognitivas têm demonstrado a existência de duas orientações motivacionais: a intrínseca e a extrínseca. Na motivação intrínseca o indivíduo realiza determinada atividade pela própria causa, por considerá-la interessante, atraente ou geradora de satisfação. Já a motivação extrínseca, tem sido definida como a motivação para obtenção de recompensas externas, materiais ou sociais, em geral, com a finalidade de atender solicitações ou pressões de outras pessoas, demonstrar competências e habilidades. A presente pesquisa teve como propósito identificar as orientações motivacionais de alunos do ensino fundamental em relação as notas escolares. Esta investigação faz parte de um estudo mais amplo que visa pesquisar as orientações motivacionais e as crenças gerais de inteligência, esforço e sorte de alunos. Participaram 160 sujeitos distribuídos na 2^a, 4^a, 6^a e 8^a séries de uma escola estadual de Campinas, com faixa etária de 6 a 16 anos, de ambos os sexos e nível sócio econômico desfavorecido. Os dados foram coletados mediante a apresentação de duas pranchas com estórias envolvendo a motivação intrínseca e extrínseca. As estórias formuladas foram as seguintes: Prancha 1 - "Marcos é uma criança que só se preocupa em tirar notas altas. Ele é um bom aluno, mas só se interessa em estudar aquilo que a professora fala que vai cair na prova. Você acha que ele está certo? Sim ou Não? Porque?" e Prancha 2 - "Paulo sempre tira notas acima da média. Estuda muito porque gosta de estudar. Para ele não é importante ser o melhor aluno da classe. O que ele quer mesmo é aprender. Você acha que ele está certo? Sim ou Não? Porque?". As respostas dos alunos à estória foram estudadas por análise de conteúdo. Na prancha 1, 79,4% dos alunos discordam do garoto da estória. A análise de conteúdo revelou a existência de 2 categorias de respostas: Estudo como um Valor Importante (80,0%) e Nota como um Valor Importante (20,0%). A prova de Qui-Quadrado revelou relações significativas entre as respostas dos sujeitos, a série escolar ($\chi^2(3)=4.0; p=.05$) e o gênero ($\chi^2(1)=3.9; p=.02$). Com relação a prancha 2, 100,0% dos alunos concordam com o garoto da estória. A análise de conteúdo revelou a existência de 3 categorias de respostas: Estudo como um Valor Importante (72,4%), Esforço como um Valor Importante (3,8%) e Não Querer Ser o Melhor da Classe como um Valor Importante (23,8%). Relações significativas foram encontradas entre as respostas dos sujeitos, a série escolar ($\chi^2(6)=22.2; p=.00$) e idade ($\chi^2(4)=17.8; p=.00$). A maioria dos sujeitos revelaram orientações motivacionais intrínsecas. Observou-se um aumento de respostas "Estudo como um Valor Importante" e "Não Querer Ser o Melhor da Classe como um Valor Importante" conforme os alunos avançavam na escolaridade. Além disso, as notas escolares eram valorizadas principalmente pelos alunos das séries iniciais. Esses resultados, em princípio, diferem dos achados na literatura da área, que demonstram um maior desinteresse pelo estudar, a medida em que os indivíduos avançam na escolaridade. Futuras pesquisas devem explorar relações entre orientações motivacionais e diferenças no desenvolvimento humano, durante o processo de escolarização.

Edna Rosa Correia Neves; Evely Boruchovitch.

Universidade Estadual de Campinas.



Os benefícios da atividade física para a qualidade de vida na terceira idade.

A qualidade de vida na terceira idade tornou-se alvo de pesquisas nos últimos tempos, visto que a população que se encontra em tal fase de desenvolvimento vem aumentando (Zimerman, 2000). Tal fato também vem provocando novas questões de ordem sócio-cultural. Com o aumento da longevidade assim como as expectativas de uma vida saudável e proveitosa, tem-se investido no estudo científico sobre as condições que possibilitam uma boa qualidade de vida na velhice (Neri, 1993). A atividade física e a intensificação das interações sociais, assim sendo como o compartilhar de atividades grupais com pessoas da mesma geração parecem trazer satisfação, independência e competência, sobre os eventos do ambiente e da própria vida. Okuma (1998) sustenta que a atividade física, como resposta de adaptações fisiológicas e psicológicas, permite uma maior disposição nos eventos diários, como também reduz o uso de medicamentos. Segundo Goldfarb (1998), o sedentarismo prejudica a saúde em geral e causa danos a qualidade de vida. Por isso, esta pesquisa comparou a qualidade de vida de um grupo de indivíduos que se encontram na terceira idade e não praticam nenhuma atividade física, com outro grupo composto por indivíduos que praticam uma atividade física específica (dança de salão). Participaram voluntariamente desta pesquisa 40 indivíduos, com idade entre 60 e 83 anos, de ambos os sexos, divididos em dois grupos: Grupo 1 e Grupo 2. O Grupo 1 foi composto por 20 indivíduos, sendo 4 do sexo masculino e 16 do sexo feminino. O Grupo 2, era formado por 10 homens e 10 mulheres. O critério de inclusão no Grupo 1 era: não praticar atividade física; e no Grupo 2 era: praticar uma atividade física específica (dança de salão). Como instrumento, foi utilizado o "Questionário sobre saúde e vida social" elaborado especialmente para esta pesquisa, contendo um cabeçalho com dados sobre a identificação pessoal dos sujeitos e instruções, assim como 20 perguntas (abertas e fechadas), sendo 8 relativas a saúde e 12 sobre aspectos psicossociais. A coleta de dados referente ao Grupo 1 foi realizada na Pastoral da Igreja Nossa Senhora de Fátima. Quanto ao Grupo 2, na Casa de Portugal e Cartola Club, ambos salões de baile. De acordo com dados estatisticamente significativos constatou-se que o Grupo 1 apresentou uma alta ocorrência de problemas de saúde. Já o Grupo 2, apresentou um melhor resultado quanto a esse aspecto pesquisado. Este grupo, comparado com o Grupo 1 apresentou uma maior realização pessoal. Neste mesmo grupo, pode-se verificar que seus integrantes possuíam atividade social freqüente, tinham mais facilidade para estabelecer novos contatos pessoais e também apresentaram uma expectativa positiva quanto ao futuro. Assim, os resultados desta pesquisa permitiram concluir que a atividade física favorece a sociabilidade e a manutenção da saúde física e psíquica, contribuindo assim para uma melhor qualidade de vida na terceira idade.

Marlene Rodrigues Manzini; Lucia Maria G. Barbosa.

Universidade Ibirapuera -Unib.



Os contos de história na transmissão da cultura infantil.

Sabe-se que o ingresso na pré-escola é um passo importante para o desenvolvimento social de uma criança. Essa criança chamada em algumas escolas como “do lar”, por estarem ingressando pela primeira vez na escola, já traz uma bagagem cultural que reflete suas raízes. Entretanto as escolas, salvo raras exceções, pouco valorizam esse conhecimento pré-existente em seus programas para aquisição de letras e números. Nota-se ainda, que grande parte do material didático produzidos para o ensino fundamental reflete um distanciamento da realidade das crianças a quem esse material se destina. Utilizando a brinquedoteca que é um espaço preparado para estimular a criança a atividades lúdicas, a presente pesquisa visa, mediante encenações e montagem de painéis, analisar a aquisição de habilidades que possibilitem a criança à construção de textos contendo um continuum de fatos relacionados, que indiquem o desenrolar da narrativa, estando claros, seu início, meio e fim. O objetivo deste estudo foi analisar sistematicamente a construção de textos a partir de histórias relatadas por crianças de periferia, salientando os indicadores culturais dentro dessas histórias. Participaram do estudo 45 crianças escolares, na faixa etária de 8 a 12 anos, pertencentes às turmas de reforço escolar das 2ª e 3ª séries atendidas pela creche Betinho localizada em um bairro da periferia de Belém. Para coleta dos dados foi empregado papel, lápis, cola, tesouras, lápis de cor, cartolinas, fantasias, revistas, etc., além de câmera filmadora, micro-gravador e máquina fotográfica. Foram atendidas três turmas diariamente no período da tarde, com duração de trinta minutos para cada turma durante 3 meses. A pesquisa apresentou quatro fases distintas. Na primeira, os participantes contavam histórias, podendo ser reais ou fictícias, tendo o objetivo de fazer um levantamento de quais histórias as crianças conheciam e de seu repertório lingüístico. No segundo momento, eles escolhiam uma das histórias contadas para representá-la em forma de teatro. Posteriormente – terceira fase – os participantes montavam um painel alusivo à mesma história. A última fase era destinada para elaboração de um texto narrativo da mesma história das fases antecedentes. A partir de uma microanálise dos textos, foi possível identificar um aumento significativo no registro da categoria Descontinuidade, que compromete o fluxo da história, nas turmas de 2ª série. Outro parâmetro de ocorrência é verificado nas turmas de 3ª série, que utilizam elementos enriquecedores e categorias como: Título, Contexto e Relações de Causalidade. Vale ressaltar a presença de temas do folclore regional e elementos relacionados ao meio cultural dos participantes nas narrativas escritas.

Maria Lúcia Chaves Lima; Celina Maria Colino Magalhães.

Universidade Federal do Pará.



Pacientes psiquiátricos - novos modelos de intervenção.

O grupo interdisciplinar do Hospital-dia da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – USP organizou um programa de atividades psicoeducativas para pacientes psiquiátricos atendidos em regime de semi-internação. A concepção deste programa bem como a técnica utilizada em sua consecução foram baseadas na tentativa de diálogo entre o referencial teórico da psicoeducação de vertente psiquiátrica com o da psicoeducação de vertente social (modelo canadense). Desta forma, as atividades propostas tinham como objetivo abranger os seguintes aspectos: conhecimento e relação do paciente quanto a sua doença e os recursos terapêuticos disponíveis; treinamento de habilidades sociais; valorização do indivíduo, de seus aspectos saudáveis, de sua história e experiências de vida. Foram realizados encontros semanais, em grupo, com duração de duas horas onde diferentes atividades eram propostas a cada semana, sendo algumas delas: debate e discussão a respeito de doenças, remédios e tratamentos e elaboração e apresentação de biografias. Os pacientes foram convidados a organizar juntamente com os psicoeducadores um encontro, aberto à comunidade, baseado em depoimentos e experiências dos pacientes em relação à saúde - doença. Nesta etapa do programa o foco de atenção dos psicoeducadores esteve sobre o processo de construção do encontro, identificando e facilitando a expressão de habilidades dos pacientes, promovendo interação e cooperação entre eles. A avaliação deste programa oferece indicadores de que: o trabalho interdisciplinar (psiquiatras, psicólogos, assistentes sociais e terapeutas ocupacionais) permite um melhor planejamento e consecução de atividades; através da educação para a saúde e do treinamento de habilidades os pacientes melhoram a compreensão a respeito da própria doença, diminuindo preconceitos e favorecendo uma maior adesão ao tratamento; a ênfase nas potencialidades dos sujeitos e a organização de um meio onde estas possam ser atualizadas constitui um fator de grande valor terapêutico.

Ishara, S.; Moscheta, M.; Cardoso, C.L.

USP.



Padecer no paraíso: um estudo das Representações Sociais, Cultura e Ideologia na educação infantil na família hoje.

O trabalho é a apresentação de uma dissertação de Mestrado desenvolvida no Pós-Graduação em Psicologia da PUC-RS, sob orientação do Prof. Dr. Pedrinho Guareschi. A presente pesquisa busca investigar a educação infantil tal como ela é realizada hoje no contexto familiar. Tem como objetivo a compreensão das representações sociais sobre maternidade, paternidade, criança e processo educativo, tendo em vista sua construção social e histórica e os processos ideológicos que estão envolvidos no fenômeno. Utiliza como referenciais teórico-metodológicos a Teoria das Representações Sociais (Moscovici, 1984 e outros) e a Teoria da Ideologia e da Cultura (Thompson, 1995). Os sujeitos que participaram dela têm nível sócio-econômico médio e alto e residem em zonas urbanas na capital do Estado (RS) e zona metropolitana. Para a coleta de dados foram utilizadas duas técnicas. A primeira foi um Instrumento de Completar Frases, aplicado a 192 pais e mães de alunos pertencentes a 3 escolas particulares. A segunda técnica foi a dos grupos focais, num total de 4. Os resultados apontam para a elaboração de representações sociais sobre a criança idealizadas, para uma ideário que privilegia a maternidade-doação como condição mais valorizada para a mulher, configurando uma educação que favorece a autonomia e o individualismo. A educação, concebida como tarefa essencialmente feminina e quase artesanal de formar filhos afetivamente bem resolvidos e aptos para o mercado de trabalho leva à grande ansiedade, além de culpa pela impossibilidade de estar presente em seu cotidiano, tendo em vista a dedicação dos pais e mães ao trabalho. A ansiedade e a culpa contribuem para uma prática educativa permissiva, onde o desenvolvimento da noção de alteridade dos filhos se vê prejudicada. O isolamento da família e a confusão a respeito das diretrizes éticas que pautam as condutas estão dialeticamente relacionadas à educação permissiva, bem como à reprodução social, econômica e política da sociedade.

Karina Preisig Paggi.

PUC-RS.



Padrão tipológico dos interesses profissionais de estudantes de psicologia.

Desde 1982, o Teste Visual de Interesses (TVI), e sua versão verbal (VVTVI), tem sido utilizado, no Núcleo de Intervenções em Psicologia e Orientação Vocacional da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), para medir interesses profissionais de jovens e adultos que pretendem ingressar na vida acadêmica e profissional. O objetivo de sua utilização é o de instrumentalizar psicólogos e orientadores educacionais que visam ajudar essa população na busca de uma escolha profissional mais clara e consciente. Estes instrumentos têm como base teórica a tipologia Holland (RIASEC) de personalidade e ambientes de trabalho, largamente estudada e testada nestes últimos 40 anos. Este estudo buscou encontrar um padrão tipológico característico dos estudantes de psicologia, utilizando duas amostras independentes, escolhidas por conveniência. Ambas as amostras são provenientes de uma universidade particular do sul do Brasil, tendo sexo e idades variadas. A primeira consta de 33 alunos do quarto semestre do curso e a segunda de 33 alunos do quinto semestre. Portanto trata-se de um grupo representativo do núcleo central do curso de psicologia desta universidade. Após o estudo do padrão tipológico das amostras, foram analisados dois grupos de itens de atividades: os que representam maior preferência dos estudantes e os que representam maior índice de repugnância. Estes itens foram confrontados com seus tipos RIASEC originários para verificar-se quais faziam parte do conjunto dos três tipos psicológicos de personalidade característicos da escolha “psicologia”. Os resultados indicam uma confirmação parcial da teoria. Novos estudos, com novos desenhos de pesquisa, devem ser realizados para responder melhor estas questões.

Anelise Kirst da Silva; Israilisa Spindler; Magda Becker; Paula Martyl de Borba.

UNISINOS – Universidade do Vale do Rio dos Sinos.



Padrões de Comportamentos nomeados como Birra através de entrevistas com professores do ensino público.

O presente estudo teve como principal proposta, investigar como os professores do ensino infantil compreendem a “birra” enquanto comportamento, seus métodos para lidar com a mesma, suas expectativas em relação ao futuro dessas crianças e quais as variáveis que mais afetam esse repertório comportamental. Poucas são as tentativas de conceituar a “birra” devido a complexidade e a variedade de comportamentos específicos envolvidos. Josef Kijner(1987) descreve o comportamento de “birra” como sendo uma resposta muscular em massa, em que há uma excitação motora global. A criança chora, grita, deita-se no chão, rola, bate com a cabeça, mãos, pés; dá socos, pontapés, xinga, morde, bate nos adultos, muitas vezes, chega à apnéia podendo haver até mesmo ataques convulsivos. Conclui que as mesmas, podem ser intensas ou ocasionais, sendo a primeira caracterizada por uma violenta reação muscular e, a segunda, aquelas em que há pequena reação muscular; bater os pés e as mãos, por exemplo. A presente pesquisa procura explicar a gênese da ‘birra’ segundo a teoria da aprendizagem - condicionamento operante (Skinner, B.F. 1953) - através da aplicação dos princípios adequados de reforço, procurando entender as variáveis externas das quais o comportamento é função. O papel de uma cultura mais ampla em geral é extremamente relevante na formação da criança. Assim como em outros estágios, a vida de uma criança na fase escolar é modelada pela convivência com diversos agentes e componentes sociais.(Bee, H. ?) Os sujeitos foram 17 professoras de duas escolas públicas de ensino infantil da cidade de Araraquara que ministram aulas para crianças de 2 a 6 anos de idade. A maioria dos sujeitos, 58%, tem apenas o curso de Magistério. Entre as entrevistadas, 35%, atua no ensino entre 0 a 5 anos e, 35% atua entre 5 a 10 anos. A coleta de dados foi realizada através de questionários , aplicados individualmente com questões fechadas e organizadas por categorias da seguinte forma: a-questões sobre formação profissional, b-questões a respeito da conceituação do comportamento de “birra”, c-questões sobre os procedimentos utilizados para lidar com o comportamento de “birra”, d-questão referente a expectativa dos professores em relação ao futuro dos alunos que apresentam a “birra”. Os comportamentos mais evidentes segundo as professoras, são: 1.CHORO, 2.AGRESSÃO A AMIGOS, 3.GRITOS, 4.AGRESSÃO A PROFESSORES. Quanto ao conceito do comportamento de “birra”, concluímos que apesar da boa compreensão pela maioria das professoras, há uma relevante incoerência no cruzamento de resposta. Ao mesmo tempo que as entrevistadas mostraram saber o que é “birra”, revelaram uma falta de preparo quanto ao procedimento ante aos comportamentos específicos. Os meninos, segundo as entrevistadas, apresentam maior frequência de crises, ratificando os achados de várias pesquisas do mundo todo, que mostram que os mesmos, são criados para serem mais agressivos e dominadores. Outro aspecto importante é referente às expectativas das professoras em relação ao aluno que faz “birra”. Erradamente, a maioria das professoras indicou que as “birras” cessam logo após a adolescência. As atitudes que as professoras ou agregados mantêm ante estas crises, refletirão em todo ciclo vital dessas crianças.

Andréa G. Oliveira; Daniele Motta; Dalmir A. R. Ferreira; Marinaldo F. de Souza; Thaís M. Dalla Déa; Ricardo A. A. Botta.

Universidade Paulista - UNIP.



Padrões de relacionamento interpessoal mal-adaptativos de pessoas idosas com depressão através do Core Conflictual Relationship Theme.

Trata-se de um estudo preliminar que verifica a ocorrência de padrões de relacionamento interpessoal mal-adaptativos em pessoas com depressão, com 60 anos e +. A relevância de se verificar estes padrões está em serem caminhos para a obtenção de insight e possibilitarem a mudança terapêutica em psicoterapia breve dinamicamente orientada, no modelo relacional. A presença de sintomas de depressão foi constatada através da GDS-15 (Yesavage e cols., 1983) e os padrões de relacionamento interpessoal pelo Core Conflictual Relationship Theme – CCRT (Luborsky, 1977). Este último, uma medida e um método para se avaliar o padrão central de relacionamento conflituoso. O CCRT foi publicado, pela primeira vez por seu autor, Lester Luborsky, em 1977. Desde então, tem sido aplicado a estudos de caso clínico e à pesquisa, sendo uma importante medida operacionalizada do conceito de padrão de transferência. Configura-se como foco de interpretação e como uma medida de avaliação de resultado e mudança quando aplicado às psicoterapias breves dinâmicas. O CCRT tem 3 componentes: desejos, intenções ou necessidades - D; respostas dos Outros – RO e respostas do Eu – RE (expectativas, fantasias ou reais) na forma de pensamento, emoção, comportamento ou sintoma. Estes 3 componentes são extraídos de episódios de relacionamento narrados por pacientes em sessões de psicoterapia ou entrevistas. Tem sido utilizado em pesquisa, tanto na avaliação de caso único como na verificação das categorias mais freqüentes em grupos específicos de pessoas. Para este estudo, foram realizadas 8 entrevistas com pessoas de 60 anos e +, com depressão, freqüentadoras de grupos da Terceira Idade. As categorias do CCRT mais freqüentes para o componente D foram “ser querido”, “ser compreendido”, “ser amado” e “ser respeitado”. Para o componente RO foram “não gostam de mim”, “são distantes”, “não são compreensivos” e para o RE foram “não me sinto amado”, “sinto-me deprimido”, “sinto-me desapontado”, “sinto raiva”. As outras pessoas com as quais há interação mais freqüente são os filhos e em seguida cônjuges e companheiros. Nesta amostra pôde-se identificar padrões de relacionamento mal-adaptativos que podem estar assim caracterizados devido ao pouco contato dessas pessoas com outras além dos filhos e cônjuges/companheiros. Por serem freqüentadores de grupos da Terceira Idade, o CCRT pode ter refletido a busca destas pessoas, ao freqüentarem esses grupos, de uma saída para a depressão e a satisfação suas necessidades emocionais. Esses padrões indicam pontos a serem considerados como centrais no manejo da transferência e da contratransferência em psicoterapias breves dinamicamente orientadas. Como um dos pontos positivos da aplicação do método aponta-se a operacionalização do conceito de transferência, que permite maior orientação tanto para o ensino e supervisão de psicoterapias dinâmicas, quanto para a pesquisa. Como um dos negativos, pode-se apontar a complexidade do método que, em pesquisa, exige a participação de juizes na avaliação, a fim de se agregar maior confiabilidade aos resultados. Pode trazer grande contribuição para o estudo de processo de psicoterapias voltadas a pessoas idosas com depressão, conferindo um olhar mais direto e preciso, já que o CCRT é formulado individualmente.

Gláucia M.A. da Rocha.

PUC Campinas; CNPq.



Padrões psicológicos característicos de pacientes com dor crônica.

Sabe-se que cerca de 30% das pessoas sofrem de síndromes dolorosas crônicas oriundas de diferentes patologias, acarretando em prejuízos à saúde física, psíquica e social do indivíduo. Um dos desafios dos psicólogos tem sido a dificuldade em descrever e mensurar os fatores psicológicos implicados na instalação e manifestação destas síndromes dolorosas. O objetivo deste trabalho é verificar a existência de um padrão de características psicológicas que podem estar influenciando ou sendo influenciadas pelo quadro algico. Para tanto, foram utilizados os instrumentos de avaliação psicológica MMPI (Inventário Multifásico Minnessota de Personalidade), uma das técnicas de maior credibilidade entre os especialistas em avaliação de transtornos de personalidade, e SCL 90-R (Symptom Check List), inventário que visa identificar padrões de sintomas psicológicos. O MMPI avalia características de personalidade constantes, enquanto o SCL 90-R avalia características psicológicas passíveis de modificação pela influência de aspectos transitórios, como a vivência da dor. Foram avaliados dez pacientes com dor crônica, junto a uma Clínica de Dor, em Florianópolis, encaminhados através de uma indicação clínica neurológica para uma avaliação neurológica. Desses, dois apresentavam cefaléia, três com dor nos membros inferiores, quatro com dor nos membros superiores e um paciente com queixa de dor lombar. Dos pacientes avaliados, cinco apresentaram depressão no SCL 90-R, sendo que destes, apenas um apresentou depressão também no resultado do MMPI. Na escala somatização do SCL, oito indivíduos apresentaram este resultado, sendo apenas três confirmados pelo MMPI. Metade dos pacientes avaliados apresentou ansiedade como comportamento específico e quatro indivíduos remeteram hipocondria, ou seja, preocupação exagerada com sua saúde com pouca base orgânica para patologias. Pôde-se observar, portanto, neste estudo que depressão, somatização e ansiedade são, conforme explica a literatura, aspectos que normalmente estão associados ao quadro algico, fazendo parte das características esperadas em pacientes com dor crônica.

Carla Maria Wojcikiewicz Caldas; Roberto Moraes Cruz.

UFSC.



Pais/Filhos: Discutindo essa relação quando há deficiência auditiva.

Esse trabalho vem sendo desenvolvido por acadêmicas de psicologia, em caráter voluntário, em uma escola Municipal que atende deficientes auditivos. A demanda foi da escola que solicitou da psicóloga um trabalho junto aos pais. O estigma, a falta de informações, a dificuldade de comunicação são aspectos que atingem pais de deficientes. Aprender a lidar com esses sentimentos é fundamental para uma melhor estruturação da família. O objetivo, junto aos pais, é informá-los e sensibilizá-los para a fase da adolescência de seus filhos deficientes auditivos. Em relação às acadêmicas é a possibilidade de desenvolver habilidades profissionais junto a essa população. O método escolhido foi o de terapia focal, com reuniões mensais com cerca de uma hora de duração, realizados na escola. Os temas abordados são adolescência, adolescência na deficiência auditiva, minha família com um deficiente auditivo. Dentro do período de cada encontro, são realizadas dinâmicas de sensibilização sobre o tema proposto seguindo, se necessário, de material informativo. Os encontros contaram com a participação de doze pais e da coordenadora da escola. Observa-se que esse tipo de trabalho diminuiu a ansiedade dos pais, aumentou o diálogo na família e fortaleceu internamente os pais. O retorno dos pais à atividade e a propaganda feita para os outros confirmaram nossa avaliação. A coordenadora da escola solicitou a continuação dos encontros no próximo semestre e ampliou-os para uma palestra na reunião geral dos pais e encontros com os docentes. Em relação às alunas aumentaram sua capacidade de elaboração terapêutica e seus conhecimentos na área.

Ana Laura Schliemann; Danielle S.Bio; Maíra B.G.da S. Gonçalves; Maria A. Kawahara, Renata Tommasi; Sandra R. de Oliveira.

PUC / SP.



Paps - Plantão de apoio psicológico.

O Paps, foi implantado na Universidade Tuiuti do Paraná em 2001, sob a coordenação da Psicóloga Marusa Helena G.Leal Gonçalves, professora da Instituição. É um serviço de plantão de atendimento psicológico, dirigido às situações emergenciais. Não exige a marcação de consulta antecipada e está aberto ao público em geral. O trabalho do Paps consiste em apoiar o cliente em sua dificuldade, e urgência. Focaliza o indivíduo e não a situação ou a doença. Estabelece como prioridade a qualidade do encontro pessoal entre o plantonista e o cliente. Baseia suas premissas relacionais na Abordagem Centrada na Pessoa de Carl Rogers. Conta com apoio psiquiátrico e, ou, homeopático, para os casos que assim o exigem. Clientes que desejam dar seqüência à um processo de psicoterapêutico, são encaminhados para atendimento nas diversas abordagens, na própria Clínica de Psicologia da Universidade, mesmo local de funcionamento do Paps. Os plantonistas são alunos do 5º. ano de Graduação em Psicologia inscritos nesta disciplina optativa. Cumprem uma escala de atendimento quinzenal e, ou semanal de 4 horas de plantão. Soma-se a estas horas de estágio prático, a manutenção dos atendimentos dos clientes de plantões anteriores. Os alunos podem efetuar o máximo de 4 atendimentos por cliente na seqüência que vai desde o plantão, até o encaminhamento ou desligamento do cliente da Instituição. Os alunos recebem supervisões semanais, com carga horária de duas horas, onde são desenvolvidas atitudes clínicas de interdisciplinaridade, ética, postura terapêutica, técnica de intervenções nos atendimentos, valorização da relação interpessoal e do respeito ao cliente como pessoa. No período de maio a novembro de 2001, foram atendidos 121 clientes sendo 17% com queixas de depressão, seguidos de queixas de relacionamento familiar, dificuldades na escola, e queixas pânico com 12% . 51% dos casos foram atendidos uma sessão e 46% foram encaminhados para Psicoterapia. 4% foram encaminhados para Psiquiatria e 3% para Psiquiatria. Neste ano de 2002, de janeiro a junho, foram atendidos 137 clientes, número 13% superior ao ano anterior, da implantação do serviço. Este dado mostra o aumento da procura e o sucesso do trabalho.

Marusa Helena da Graça Leal Gonçalves.



Para além dos portões da escola: Estudo das relações humanas em um grupo de assentamento agrícola.

Este estudo é parte de uma dissertação de mestrado em educação na Associação de Ensino de Itapetininga, no estado de São Paulo. O campo de estudo é em uma comunidade de assentamento rural em Agrovilas na região de Itapeva no estado de São Paulo. O processo de assentamento de algumas famílias foi conquistado através de anos da luta de grupos do Movimento dos Sem Terras (MST) naquela região, originários de diversas cidades. A seguir, outras famílias foram chegando e, também após alguns anos de luta, foram feitos outros assentamentos em áreas adjacentes. Estes movimentos locais surgiram em meio a uma conjuntura do início da década de 1980, de políticas governamentais do Estado e da União através dos órgãos públicos destinados a definir e delimitar as terras devolutas do Estado. Este estudo tem como objetivo o conhecimento das relações entre as famílias na comunidade e do processo educativo informal, porém organizado de valores que reforçam a continuidade da luta pela conquista da terra e pela sobrevivência no meio rural, sob condições que propiciem a fixação no campo das gerações subsequentes. Para o conhecimento das formas de organização desta comunidade, está em andamento a investigação do modo como historicamente teve seu início e as vontades e formas de realização, reciprocidade, solidariedade e áreas de conflitos ou contradições. Como a comunidade, enquanto instância organizadora e reguladora das relações de convívio, é alimentada pela força das vontades dos núcleos familiares e qual espaço para as expressões das habilidades individuais. Este trabalho requer uma base teórica que dê conta dos conceitos relacionados à associação, comunidade e sociedade. Está inserido no contexto das ciências sociais, especialmente a sociologia, antropologia e psicologia social. Neste contexto, deparamo-nos com um autor clássico de uma Alemanha do final do século XIX. Trata-se de Ferdinand Tönnies, que mereceu seu lugar na história da sociologia pelo seu livro *Gemeinschaft und Gesellschaft*, traduzindo, Comunidade e Sociedade. O estudo dos conceitos de sociedade e comunidade desenvolvidos por Tönnies, apresenta-se como um referencial teórico esclarecedor para o estudo de comunidades em geral. Ele busca um aprofundamento, com subsequente distinção rigorosa, dos conceitos de comunidade e sociedade na linguagem. O autor introduz o tema a partir de um entendimento sobre as relações entre as vontades humanas e, nos brinda com uma análise abrangente de diversas formas de associação e organização social. Sua análise das vontades e interesses, desde os mais primitivos, é de grande auxílio na identificação de algumas formas comuns de associação. O objetivo inicial é verificar se os conceitos propostos por Tönnies se aplicam como referencial teórico para examinar e entender esta comunidade. Em termos de produção brasileira, as principais referências são os estudos de Antônio Cândido e Maria Sylvania de Carvalho Franco, em comunidades rurais; ambos desenvolvidos em cidades do interior de São Paulo. A metodologia é de base empírica, utilizando como instrumentos de colheita de dados uma série de visitas ao local, entrevistas, relatos e levantamento de registros fotográficos e documentais valorizados e compilados pela própria comunidade.

Iris Jeronima da Silva Furtado de Mendonça.

Associação de Ensino de Itapetininga / SP.



Paradigma X Atuação: A Prática do Psicólogo, em Face das Transformações da Psicologia e dos Modelos Assistenciais.

O presente trabalho teve como objetivo analisar e discutir acerca da atuação do psicólogo na assistência infanto-juvenil. Em face, da transformação dos modelos assistenciais anteriores, baseados na exclusão e estigmatização da infância e juventude, em modelo que passam a entender a criança e o adolescente como detentores de direitos, levando em conta, a regulamentação do ECA, e a própria mudança da psicologia, que antes tratava os fenômenos psicológicos sob uma ótica individualista e biologizante, e agora passa a compreender o indivíduo levando em conta o contexto histórico-cultural no qual está inserido. Faz-se necessário uma discussão contemporânea sobre essas mudanças de paradigmas, ou seja, uma reflexão observe também o compromisso com questões sociais. Foi partindo dessas premissas que o estudo investigou até que ponto a prática do psicólogo na assistência infanto-juvenil no estado de Sergipe esteve em consonância com essas transformações. Para consecução desses objetivos, foram realizadas, em uma amostra de 12 (doze) sujeitos, entrevistas semi-estruturadas com psicólogos que atuam na área de assistência infanto-juvenil em Sergipe, e observações enfatizando o funcionamento dessas práticas. A partir desse estudo verificamos, com relação ao vínculo empregatício, que prevalece o modelo de indicações, em detrimento de qualquer outro critério de seleção, como concursos públicos ou análise de currículos; pode-se também verificar que a principal motivação que leva o profissional a trabalhar na área da assistência a criança e ao adolescente é o surgimento de oportunidades de emprego, haja vista que se apresenta como mercado para os sujeitos entrevistados; pode-se observar ainda que a prática do psicólogo encontra-se calcada em um modelo intimista, no qual a família é colocada como centro e única responsável pela situação social na qual os meninos e adolescentes se encontram. A atuação do psicólogo volta-se então para o indivíduo (as crianças e os adolescentes) e para a família, como únicas possibilidades de se resolver essas questões.

Aline Andrade Rabelo; Fabiana de Oliveira Lobão; Marcelo de Almeida Ferreri; Sérgio Lessa Alves; Valéria Alves Santos.

Universidade Federal de Sergipe; PIBIC; CNPQ; COPES.



Parâmetros Curriculares Nacionais e a Promoção da Saúde no Tema Dengue.

Como pode se inserir a Psicologia nas questões da Saúde na escola pública?- O que se pode dizer, é que a Psicologia vem se apoiando no estudo do desvio, do patológico, o que a coloca dentro de uma visão conservadora de Saúde, de acordo com Contini (2001). No Brasil, é recente os trabalhos de pesquisadores preocupados com uma conceituação mais ampla. Esse movimento de idéias, segundo Pinheiro (1995), iniciou-se na década de 70, nas diversas discussões sobre uma nova definição de Saúde, questionando as políticas de Saúde vigentes no país pós-ditadura militar. A partir da participação dos psicólogos nesse movimento, o espaço profissional cresceu dentro da área de Saúde, possibilitando ao psicólogo iniciar tímidas ações preventivas e de promoção de Saúde. Essa pesquisa pretende mostrar como podem ser as contribuições do Psicólogo na elaboração de estratégias pedagógicas junto a uma equipe multiprofissional, destacando uma problemática da Saúde como um componente contínuo do currículo para a formação do educando desde o primeiro segmento escolar do Ensino Fundamental. A fundamentação dessa pesquisa trará à tona um breve histórico da abordagem da Saúde no currículo escolar. Com bases nos pareceres do Conselho de Federal de Educação serão registradas as evoluções ou não, do binômio Saúde-Educação, esclarecendo se a ênfase está recaindo sobre a doença e a valorização dos componentes individuais, capazes somente de evitá-los ou na construção com o aluno sob a convicção de que as condições de vida favorecem a instalação de doenças e também sua modificação. Outra discussão que se fará presente na pesquisa é a transversalidade. O tema transversal tem natureza diferente das áreas convencionais porque trata de questões urgentes que interrogam sobre a vida humana e a realidade que está sendo construída ou vivida intensamente na sociedade, comunidade, família ou no cotidiano escolar. Nessa mesma perspectiva que é a dos Parâmetros Curriculares Nacionais, o conceito de Saúde será abordado nas diferentes possibilidades de se ver o processo saúde- doença, levando em conta que ela é produzida nas relações com o meio físico, social e cultural. O trabalho também mostrará os esforços de múltiplos profissionais na concretização de uma atuação interdisciplinar

Rosemary das Graças Pereira Moraes.

Colégio Pedro II - Unidade São Cristóvão I – RJ.



Participação e cidadania: movimentos sociais organizados de idosos no município de São Paulo.

O crescimento acelerado da população idosa a partir dos anos 50 no Brasil e a ausência de estruturas públicas capazes de responder suas necessidades causam problemas para este grupo. A velhice, entendida como categoria social, é uma fase de transição que implica na desvalorização do indivíduo: trata-se de um problema de exclusão social. A senilidade seria atenuada pelo engajamento da pessoa em projetos que dessem sentido a sua existência. A participação, entendida como atuação no processo de decisão política, é fundamental para a conquista de direitos e um caminho para a inclusão social. Na década de 80, no processo de democratização do país, conquistou-se um espaço para diálogo entre Estado e movimentos sociais e estabeleceram-se fóruns de participação e representação de diferentes segmentos da população. Os idosos estavam entre eles e foram criados fóruns de representação para o Estado garantir direitos que atendessem suas necessidades. A falta de interlocução entre a administração municipal de São Paulo - de 1997 a 2000 - e os movimentos sociais impediu uma maior atuação dos fóruns. Assim, considerou-se a necessidade de investigar as estratégias utilizadas pelo movimento dos idosos para articular suas necessidades com a sociedade e o governo para garantir a vigência de seus direitos. O objeto de pesquisa foi o processo de participação dos idosos, através de movimentos sociais organizados, na gestão municipal de São Paulo. Através de estudo de caso, identificou-se os movimentos sociais de idosos, seus fóruns de representação, as demandas encaminhadas ao fórum e as respostas da prefeitura a suas reivindicações. A característica principal das atividades realizadas pelos grupos pesquisados era o lazer; poucos tinham características de reivindicação. Estes grupos são o ponto de ligação entre os idosos e os fóruns. O principal fórum de participação é o Grande Conselho Municipal do Idoso – GCMI. Sua composição não é paritária e somente os idosos têm direito a voto, fazendo com que o Conselho adquirisse caráter consultivo, ainda que fosse deliberativo segundo seu decreto de criação. A prefeitura nem sempre atendia as reivindicações do fórum e os idosos mostraram diferentes formas para obter suas reivindicações. A falta de resposta do Executivo fez com que buscassem o apoio do Legislativo para garantir direitos através de leis que não eram executadas. Através de entrevistas realizadas com os conselheiros do fórum ficou evidente uma coerência entre sua trajetória de vida e sua participação quando idosos. Aqueles que, em sua história de vida, participaram de movimentos sociais organizados, mantiveram um perfil atuante no Conselho, enquanto que os que não tiveram participação na esfera política permaneceram como observadores, numa postura passiva no fórum. A organização dos conselhos é influenciada pela forma como a sociedade civil está organizada, principalmente pela postura que a administração municipal mantém em relação aos fóruns. Para que exista, portanto, uma participação organizada dos segmentos sociais, é preciso que se reconheça e sejam respeitados os espaços públicos para o exercício da cidadania.

Roberta Cristina Boaretto.

Instituto de Saúde – SES / SP.



Partilhando formação, prática e dilemas: uma contribuição ao desenvolvimento docente.

A linha de pesquisa a respeito do pensamento do professor tem por base o pressuposto de que seus pensamentos influenciam diretamente a ação docente. A presente pesquisa adotou este enfoque, tendo como buscar compreender o que estava subjacente à fala de professoras, da rede municipal de ensino, a respeito de formação e prática docente, bem como os dilemas cotidianos que permeiam sua atividade profissional. Isto foi possível a partir da gravação e transcrição de encontros dessas professoras com uma psicóloga educacional. As falas transcritas foram categorizadas e eram feitos recortes das verbalizações das participantes, tendo em vista os objetivos já mencionados. O resultado dessa análise foi entregue às docentes, resguardando-lhes a possibilidade de reformular ou concordar com a análise preliminar. Este procedimento possibilitou uma interação entre pesquisadoras e participantes resultando em uma série de reflexões a respeito da formação, prática e dilemas docentes. De um modo geral, uma discussão que apareceu com muita ênfase no decorrer de todo o trabalho é a necessidade de se vincular, tanto na formação como no próprio cotidiano do professor, a prática e a teoria que a fundamenta. Faz-se necessário inserir, nesse contexto, o hábito de refletir, de fazer das discussões uma prática sistemática, cotidiana, democrática e compartilhada entre os pares. Nota-se, a partir daí, a necessidade de se repensar os cursos de formação, para que o professor possa se tornar um sujeito ativo em seu processo de desenvolvimento profissional. Finalmente, é importante considerar que a generalização dos dados aqui depurados deve ser relativa, havendo a necessidade de que se desenvolvam novas pesquisas que tenham também um caráter de intervenção no pensamento do professor.

Ana Maria Falcão de Aragão Sadalla; Carolina de Aragão Escher; Carolina Pasquote Vieira; Fernanda Costa Paulucci; Mariana Wisnivesky; Paula Saretta.

Pontifícia Universidade Católica de Campinas.



Parto normal ou cesariana? A visão de gestantes primigestas.

No Brasil, o índice de parto tipo cesariana é considerado muito alto e esse tema está presente na mídia especializada e popular. Qual será a opinião das gestantes? O objetivo desse estudo foi justamente o de verificar o tipo de parto que gestantes primigestas de classe sócio-econômica baixa preferem ter e identificar os fatores que as influenciaram nesta escolha. Participaram desse estudo 40 gestantes primigestas, de 14 a 42 anos, que freqüentaram o centro de saúde de uma pequena cidade do interior paulista no período de 3 meses. O nível de escolaridade variou de analfabeta ao segundo grau completo. Elas passaram pelo processo de entrevista semi-estruturada no próprio centro de saúde. O resultados indicam que 78% delas preferem o parto normal, 12% o parto tipo cesariana e 10% não sabem responder. A maior parte das justificativas para a preferência ao parto normal é em função da rápida recuperação (62%), de que é melhor para a mãe e para o bebê e por ser um processo natural (24%). O parto cesariana é preferido em 80% das respostas porquê elas sofrem menos na hora do parto. As gestantes referem que sua opção pelo parto normal ou cesariana foi influenciada pela mãe e outras mulheres na família, 50% e 42% das respostas respectivamente, e por conhecidas - vizinhas, amigas, colegas - em 30% das respostas das gestantes que optaram pelo parto normal e por 33% das que optaram pela cesariana. Também se investigou se elas têm ou não medo do parto e as justificativas para ambas as situações: 73% delas dizem temer a hora do parto contra 27% que afirmam o contrário. As explicações para o medo foram diversas, variando entre medo de dor/sofrimento, do desconhecido, de acontecer algo com elas ou com o bebê, em função de experiência prévia em situação hospitalar, baseado na experiência de outras mulheres, medo de ter que fazer o tipo de parto não desejado. As justificativas para a ausência do medo também são por experiência prévia em situação hospitalar, vontade de ver o bebê e por considerarem o parto um processo natural. Foram levantadas que pessoas ou situações deixariam a gestante mais tranqüila na hora do parto: 29% das respostas foram de que a tranqüilidade só viria após o parto, vendo que tudo correu bem, 22% referem que a presença da mãe, 18% a do marido e 14% a presença do médico que fez o pré-natal. Esses dados desmistificam que as gestantes preferem sempre a cesariana, no entanto, é importante enfatizar que na classe econômica estudada, um dos motivos para opção pela cesariana era a rápida recuperação, pois elas têm que voltar ao trabalho seja ele em casa ou fora dela e cuidar do bebê. Os dados das gestantes de classe econômica média e alta serão semelhantes? Novos estudos serão necessários para responder a esta pergunta. No entanto, esse estudo fornecesse dados que facilita orientações e explicações às gestantes, diminuindo suas ansiedades e temores.

Melchiori, L.E.; Martins, H.C.R.; Hory, R.I.; Bredariolli, R.N.B.

Unesp.



Pedagogia da Observação: instrumento profissional do Psicólogo.

(INTRODUÇÃO): A Observação Científica é estudada em uma disciplina do curso de Psicologia para capacitar o acadêmico a colher informações sobre aspectos da realidade psíquica. O Psicólogo utiliza-a para trabalhar em todas suas áreas de atuação, sendo fundamentada por concepções epistemológicas divergentes, das quais, duas serão tematizadas: 1)- Psicologia Comportamental, 2)- Psicanálise. A primeira, ferramenta a Observação para estudar o comportamento humano, mensurando-o. Trata o indivíduo como produto dos protótipos transmitidos pelo ambiente social em que vive, mudando o seu comportamento, sempre que necessário, pelo método do condicionamento. Já a Psicanálise busca, através da Observação, acessar conteúdos psíquicos velados/subjetivos do sujeito observado, porque concebe que o aparelho psíquico é dividido em consciência/inconsciente. A primeira representa a parte observável da vida psíquica, porém não é a sua essência, o inconsciente a determina. Este precisa ser descoberto pelos métodos de interpretação/dedução, que revelam o material latente no comportamento manifesto do sujeito. (OBJETIVO): Nesta pesquisa-experiência objetiva-se: 1)- justificar a escolha da Psicanálise como abordagem- orientação teórica-pedagógica da disciplina, 2) - demonstrar através do relato-experiência vivenciada em sala de aula, de como o discente está sendo capacitado a buscar subjetividade do sujeito observado. (METODOLOGIA): Sujeitos-participantes: docente/alunos de Psicologia-UNIC/MT. Procedimento-estratégia: análise crítica dos alunos sobre 2 conceitos introdutórios da disciplina, a observação científica e a objetividade de sua linguagem. Equipamentos: textos. Ambiente: sala de aula. (RESULTADOS): Ao serem solicitados a fazer a atividade de análise crítica sobre os conceitos, os discentes dividiram-se em três grupos: 1º)- privaram de desenvolvê-la; 2º)- apresentaram a definição dos mesmos; 3º)- subdividiram-se apontando pontos de discordância e concordância. Os pontos verificados como favoráveis sobre a observação e sobre a linguagem científica se convergem nos seguintes aspectos: a)- oferecem, ao Psicólogo e até mesmo a outros profissionais, instrumentos validados/comprovados pela sua precisão e pela padronização; b)- sistematizam a coleta de dados e registro dos mesmos; c)- favorecem a objetividade do observador, evitando valorações e erros de interpretações; d)- propiciam a construção do saber científico. Alguns alunos ressaltaram a importância de atrelá-los às considerações da Ética Profissional e de restringir o uso dos mesmos, aos momentos adequados. Pontos de discordância sobre os conceitos. Foram apresentadas as seguintes impossibilidades: a)- coletar dados e registrá-los objetivamente, já que a subjetividade é inerente ao observador e ao observado; b)- observar o conteúdo inconsciente/subjetivo do sujeito através de uma técnica objetiva, formal e hermética; c)- desvincular a ciência, sua metodologia e sua linguagem, de interesses políticos de manipulação social. (CONCLUSÕES): Conclui-se provisoriamente que: I)- os grupos 1 e 2 não compreenderam a atividade proposta; II) o grupo 3 apresentou novos fatores quando analisaram-os criticamente, porém apenas alguns já perceberam a necessidade de buscar a subjetividade nas observações; III) a "análise crítica" como estratégia pedagógica pode despertar no discente uma postura técnica/ética que o faz interpretar-deduzir sobre o material observável; IV)- a experiência poderá se perpetuar ao longo do ano acadêmico.

Renata Costa.

UCB - Universidade Católica de Brasília.



PEI – Programa de Escolinhas Integradas Projeto de ingresso e inserção – Projeto de assessoria das equipes de monitores.

Participamos, através do Estágio Integrado em Psicologia, de um programa de extensão da UNISINOS (PEI – Programa Escolinhas Integradas) em parceria com o Instituto Ayrton Senna (IAS) e a Secretaria Nacional do Esporte (SNE). O PEI visa o desenvolvimento integral de crianças e adolescentes, através do esporte educacional, focalizando suas ações na aprendizagem, em um cenário não - escolar e com uma equipe interdisciplinar. O público alvo deste programa é formado por crianças e adolescentes de 7 a 18 anos, moradores da periferia da cidade de São Leopoldo – RS. A Psicologia, dentro deste programa, atua sobre os grupos, o individual, a instituição, as relações, a comunidade, a família; através do olhar, da análise e da escuta clínica. Atualmente estamos trabalhando no 'Projeto de Ingresso e Inserção' que acolhe os integrantes antigos e novos do programa. Com as crianças que já participavam do PEI, a equipe faz uma espécie de "re-acolhida". Os participantes novos são acolhidos pela equipe juntamente com a suas respectivas famílias. A área de conhecimento de Serviço Social e Psicologia neste projeto se torna um elo de ligação da família com o restante da equipe, através de entrevistas individuais com os familiares de cada participante. Essas entrevistas tem como objetivo primeiro a apresentação do programa e um conhecimento pontual dessa criança e desse adolescente que será assistido pelo PEI a partir de então. Porém, através dessas, os pais e/ou responsáveis trazem informações sobre a história familiar e aspectos do desenvolvimento da criança/adolescente peculiares ao nosso trabalho, e que só fazem melhorar o programa. Através deste projeto, vimos ser necessário atender a demanda do Programa de fazer com que essas informações circulassem entre os monitores que atendem diretamente o público alvo, respeitando a ética de só circular informações pertinentes ao trabalho do monitor. Para isso, foi criado pela coordenação do Programa, juntamente com suas assessoras e a equipe de estagiárias de Psicologia, um parecer de cada participante, sobre a entrevista e as observações feitas nas atividades desenvolvidas dentro do PEI. A partir dessa demanda e da necessidade dos monitores terem um assistência mais pontual da Psicologia, foi criado o 'Projeto de Assessoria das Equipes de Monitores'. Estes dois projetos nos oportunizam, como profissionais de Psicologia, visualizar metas de trabalho e campos de intervenção e ação. Além disso, o projeto de assessoria estabelece melhores relações de ensino-aprendizagem para monitores e estagiários do PEI, uma vez que estamos trabalhando com o campo interdisciplinar. Este projeto também desencadeia maior implicação dos monitores junto às crianças e adolescentes, melhorando a qualidade de vida da comunidade e respondendo a um outro propósito da Psicologia, que é o de atender, de uma forma mais responsável, uma demanda de olhar para a realidade da comunidade.

Andréa Cardoso; Renata Koch; Taís Matzembacher da Silva.

UNISINOS.



Pensamento Dialético e Possíveis no jogo computadorizado Tetris: estudo quantitativo.

Objetivo e Fundamentação. Com abordagem piagetiana, e por meio de um estudo quantitativo e de uma análise microgenética (outro painel), investigou-se o pensamento dialético e a constituição de possíveis no processo de resolução e compreensão do jogo Tetris. A noção piagetiana de possíveis integra solução de problemas e criatividade, pois resolver um problema específico demanda criação de novas possibilidades (estratégias e resultados), articuladas às necessidades postas pelo mesmo. Isto supõe uma dinâmica de construções dialéticas e de (re)equilíbrio: as idéias iniciais do sujeito sobre o problema e o objetivo a atingir (modelo mental) orientam seus passos resolutivos (fazer); os resultados que vão sendo obtidos e avaliados retroagem afetando suas próprias representações do problema e da solução (compreensão). O processo desdobra-se, pois, numa espiral de avanços no fazer-compreender, que se refletem em novos resultados (novos possíveis). **Método.** Sujeitos e Jogo. Realizado com duas universitárias que desconheciam o Tetris —quebra-cabeça que admite variadas montagens a partir de 7 peças geométricas. Ativado o jogo, automaticamente, uma peça é liberada de cada vez e vai descendo na tela, enquanto a próxima peça a entrar no jogo já fica visível. Acionando certas teclas, o jogador pode deslocar a peça (para baixo, direita ou esquerda) e fazer rotações. O objetivo é montar linhas completas — uma, ou, simultaneamente, duas, três ou quatro, o que gera diferentes pontuações. Cada linha completa é eliminada da tela, liberando mais área de jogo. Não há tempo limite: cada jogo termina quando sua área ficar preenchida por linhas incompletas; automaticamente, a tela se limpa, iniciando-se um novo jogo. Portanto, quanto menos jogos realizar em um dado período, melhor será o desempenho do sujeito. **Procedimento.** Individual e filmado, incluiu pré-avaliação (quatro provas de possíveis), nove sessões com o Tetris (mais de 30 jogos e cerca de 10 h de vídeo por sujeito) e três auto-avaliações. **Resultados e Conclusão.** Os dois sujeitos revelaram nível formal de pensamento (pré-avaliação) e, segundo índices quantitativos, acentuado progresso ao longo das sessões: queda no número médio de jogos, associada à sua maior duração, a maior produção de linhas e maior pontuação, com avanço da formação de linhas unitárias para as construções compostas (linhas duplas, triplas e quádruplas). Resguardadas diferenças de estilo e de avanço entre os dois sujeitos, seu domínio do Tetris vinculou-se à constituição e progressiva melhoria das estratégias e soluções atingidas (criação de possíveis), com crescente compreensão do jogo (fazer-compreender). Vinculou-se, também, a uma dinâmica de construções dialéticas e pensamento dialético, com mútuas influências entre representações mentais dos sujeitos (idéias-diretrizes sobre o jogo e o fazer) e resultados obtidos. Ao lado de implicações para novos estudos, salientaram-se as potencialidades do Tetris como ferramenta psicoeducacional na promoção do pensamento lógico. **Palavras chave.** Desenvolvimento; microgêneses cognitivas; construtivismo; jogo computadorizado Tetris; universitárias.

Miriam Schifferli Hoff; Solange Muglia Wechsler.

PUC-Campinas.



Percepção da doença em crianças com problemas respiratórios crônicos através do Desenho da Figura Humana.

O presente trabalho teve como objetivos o de conhecer como crianças portadoras de problemas respiratórios crônicos percebem a doença, o de verificar alguns fatores psicológicos através do Teste do Desenho da Figura Humana e o de conhecer a forma como o acompanhante do paciente lida com a doença. A amostra foi composta por 30 sujeitos, sendo 16 do sexo masculino e 14 do sexo feminino, com idades entre 6 anos e 10 meses e 13 anos e 9 meses, em sala de espera do Pronto Socorro Infantil de um Hospital- Escola, e seus respectivos acompanhantes. Foram utilizados como instrumentos os seguintes materiais: a) Teste do Desenho da Figura Humana, sendo solicitados dois desenhos – o de uma pessoa e o de uma pessoa que não está bem – com inquérito; b) um questionário dirigido ao acompanhante, contendo perguntas abertas e fechadas, elaborado pela Autora. Todos os instrumentos foram aplicados na referida sala de espera do Hospital-Escola. Os dados revelam que a criança com problema respiratório crônico apresenta uma atitude mais passiva e dependente diante da vida pelo fato de estar constantemente envolta pela superproteção dos pais. A privação sofrida pela criança em relação ao exercício de atividades esperadas na infância, principalmente do brincar, promove uma associação entre o estar doente e a falta do brincar. Através da observação dos indicadores de conflito, percebeu-se que os reforços suaves e/ou raros, significando brandura, passividade de temperamento e falta de expressão auto-afirmativa, aparecem predominantemente no desenho de uma pessoa que não está bem. Isso confirma a imagem que os acompanhantes revelam a respeito da criança, concedendo-lhe características de bondade, passividade e docilidade. Quanto à omissão de partes do corpo, nos desenhos propostos, as mãos apareceram com um percentual bastante elevado em ambas as figuras, significando a dificuldade da criança em agir ativamente no meio externo. Concluindo, os resultados demonstraram que é necessário focar a criança com doença respiratória crônica de maneira a abranger os seus aspectos bio-psico-sociais, haja visto que o grupo estudado revelou dificuldades no manejo da doença, afetando o estado psicológico tanto do paciente quanto de seu acompanhante.

LIMA, Érica de Jesus; PEREIRA, Maria da Paz; SERAFIM, Antônio de Pádua.

Universidade de Santo Amaro – UNISA.



Percepção do consumidor sobre os comerciais de televisão com comunicação verbal e não verbal.

Sabe-se que a comunicação é tema de interesse tanto da psicologia quanto da publicidade, o que demonstra a possibilidade de se realizar um trabalho interdisciplinar, vinculando ambas as áreas. Na corrida para melhor influenciar o consumidor, algumas propagandas televisivas optam por explorar a comunicação verbal e outras utilizam a comunicação não verbal. Assim, o presente estudo teve como objetivo verificar qual a forma de comunicação – verbal ou não verbal – preferida pelo consumidor e sua influência na assimilação dos comerciais televisivos. Participaram da pesquisa 20 pessoas, sendo 10 do sexo masculino e 10 do sexo feminino, na faixa etária entre 20 e 70 anos, com diferentes graus de instrução e classes sociais. Enquanto material, foram utilizados dois comerciais de TV, de 30" cada (predominando em um deles uma comunicação verbal e no outro, uma comunicação não verbal), e um questionário de 15 perguntas, elaborado com respaldo na literatura. Cada participante assistiu, individualmente, às duas peças publicitárias e, na seqüência, respondeu ao questionário. Verificou-se que a maioria dos participantes se mostrou suscetível à programação televisiva e ao horário comercial, indício de uma predisposição em sofrer efeitos dos comerciais apresentados. 25% dos participantes demonstraram preferência pelo comercial cuja comunicação era verbal, por demonstrar clareza de idéias, ao passo que 15% optaram pelo comercial de comunicação não verbal por envolver mais raciocínio, sendo este grupo constituído por pessoas de nível superior completo e incompleto. Por outro lado, 50% dos participantes preferiram ambos os comerciais e 10% não opinaram ou não gostaram de nenhum dos comerciais apresentados. O fator que mais contribuiu para a assimilação dos comerciais não foi o gênero, nível de escolaridade, posição social do participante ou tipo de comunicação do comercial, e sim o interesse pelo produto anunciado. No comercial de mensagem não verbal, os elementos mais citados foram de ordem visual, quanto ao comercial de mensagem verbal os elementos mais citados estavam ligados à comunicação verbal, como o diálogo entre os personagens. Os dados obtidos revelaram que é preciso haver um equilíbrio entre as formas de comunicação dos comerciais de TV para que os objetivos da publicidade sejam atingidos com mais eficácia.

Karla Roberta F. H. Gomes; Paulo Cezar Ferreira; Ralpho Ferreira Agostini; Paulo Henrique Silvino Batista, José Evandro de Lima, Ana Lúcia Jankovic Barduchi.

CREUPI – Centro Regional Universitário de Espírito Santo do Pinhal.



Percepção dos alunos do 5º ano de Psicologia quanto ao psicólogo do esporte.

A Psicologia do Esporte é uma área de atuação profissional pouco ou nada contemplada nos cursos de formação de Psicólogos. O objetivo da presente pesquisa é o de estudar numa amostra de alunos do 5º ano do curso de Psicologia, o grau de conhecimento dos mesmos quanto à especificidade do Esporte; a hipótese básica é a de que os alunos pesquisados tiveram pouco ou nenhum contato com esta área durante os anos de formação. A amostra foi composta de 83 alunos de 4 instituições diferentes, particulares e pública da cidade de São Paulo, foi utilizado um questionário composto por 10 questões previamente elaborados com base na literatura indicada, as aplicações foram coletivas e ocorreram nas próprias instituições nas quais os alunos estudavam, os dados foram analisados em termos de frequências absolutas e percentuais, para posteriormente calcular-se o qui-quadrado, em alguns conjuntos de dados foram ainda calculados os coeficientes de correlação de Spearman. Destacam-se os seguintes resultados que apresentaram diferentes significantes: os alunos de ambas as instituições indicaram não terem conhecimento anterior com a área; o referencial Behaviorista foi o mais indicado como o ideal para a atuação na área; e os alunos indicaram serem os atletas os clientes do psicólogo do esporte. A hipótese inicial foi confirmada, os resultados sugerem ainda a importância da inclusão desta área nas grades curriculares dos cursos de formação.

Priscila Santos Damiani; Profa. Dra. Walquiria Fonseca Duarte; Profa. Ms. Elaine Cristina Catão.



Percepção que as mulheres, com Câncer do Colo de Útero, têm sobre o surgimento de sua doença.

Este estudo investigou a compreensão das mulheres com câncer de colo do útero sobre as causas de sua doença, avaliando se a relacionam com algum fator de estresse em sua história de vida. A amostra compôs-se de 13 mulheres de 25 a 55 anos, casadas, separadas ou viúvas, residentes em Teresina, Estado do Piauí, com pelo menos o primeiro grau incompleto, pacientes atendidas e submetidas a tratamento radioterápico no Hospital São Marcos entre setembro de 2000 a setembro de 2001. Os instrumentos utilizados para coletar os dados foram entrevistas semi-estruturadas, questionários e Genetograma. A análise dos dados segue a metodologia fenomenológica baseada em Moreira 2000. Nos resultados figuram que essas mulheres desconheciam as causas de sua doença, limitando-se a justificá-las como sendo negligências na busca de recursos médicos, quando sentiram os primeiros sintomas. Algumas atribuíram à causa fatores hereditários. Quase todas relataram na sua história de vida, próximo à descoberta da doença, fatores estressantes em geral uma perda de uma relação importante ou um grande sofrimento causado por alguém próximo. Concluímos que há influência de fatores estressantes no surgimento ou desenvolvimento do câncer; muito embora, uma minoria tenha visto esta possibilidade e evidenciem a curiosidade em saber, a maioria, contudo, desconhece e não faz relação com a doença.

Josélia Teresa Craveiro Melo; Teresa Cristina Uchôa Barros; Dilcio Dantas Guedes.

Faculdade Santo Agostinho (Teresina/ Pi.); UNIFOR (Fortaleza /Ce).



Percepções de uma amostra de estudantes de Psicologia sobre o curso de formação do psicólogo.

Todo e qualquer processo de educação exerce influência em seus alunos e o conhecimento das características dessa relação é de suma importância para uma instituição de ensino, por exemplo. A presente pesquisa teve como objetivo o de identificar as percepções dos alunos de 1ª a 5ª séries de um curso de Psicologia de uma instituição de ensino particular de São Paulo, acerca da área de interesse profissional, tendências teóricas e práticas da estrutura curricular e grau de satisfação quanto à sua formação enquanto psicólogo. A hipótese principal consistiu no fato de que a área da Psicologia Clínica é a mais escolhida para uma atuação do aluno, quer por ocasião do ingresso no curso, quer pelos alunos da 5ª série. A amostra foi composta por 146 alunos de 1ª a 5ª série de um curso de Psicologia de uma instituição de ensino particular. Foi utilizado um questionário composto por 13 questões elaboradas com base na literatura especializada. Os resultados foram avaliados em frequências absolutas e percentuais, para posterior cálculo do qui-quadrado. Alguns dos resultados que apresentaram diferenças significantes foram: 1) a abordagem Psicanalítica é a mais indicada como aquela na qual o curso estaria mais direcionado; 2) os alunos indicam haver uma tendência do curso para a área Clínica e 3) as disciplinas que os alunos da 3ª e 4ª séries indicam como a de maior preferência são aquelas que envolvem uma prática profissional supervisionada. Estudos como este realizado são uma importante contribuição aos próprios cursos em si e inserem-se como um conjunto de dados a serem considerados nos projetos pedagógicos dos mesmos.

Janaína Amato; Profa. Dra. Walquiria Fonseca Duarte; Profa. Ms. Elaine Cristina Catão.

Universidade de Santo Amaro – UNISA; Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo – IPUSP; Faculdade de Psicologia da Universidade São Francisco – USF.



Perfil de clientela, levantamento de demandas e práticas de intervenção psicossocial em grupos, organizações, instituições e comunidades de São João Del Rei e arredores: criação de banco de dados.

Introdução - A pesquisa visa à criação de um banco de dados informatizado que subsidiará as atividades do Laboratório de Pesquisa e Intervenção Psicossocial (LAPIP) do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São João Del-Rei/MG. O banco de dados abará informações sobre conjuntos sociais, isto é, grupos, organizações, instituições e comunidades de São João del-Rei e cidades circunvizinhas, que compõem a área geográfica de abrangência das atividades de pesquisa, extensão e estágio do departamento de psicologia. Essas informações oferecerão subsídios para: a) descrição e caracterização dos conjuntos sociais da região; b) construção de um perfil psicossocial da realidade local; c) mapeamento das práticas de psicologia e levantamento de demandas de cooperação com a universidade. **Materiais e Métodos** - O principal instrumento para coleta de dados, utilizado na pesquisa, consiste em um questionário padronizado cuja estrutura foi elaborada de modo a se adequar ao Microsoft Access 2.0, programa escolhido para indexação dos dados. O questionário, validado em teste piloto, está sendo aplicado em entrevistas com informantes dos conjuntos sociais. O questionário foi estruturado para permitir um tratamento quantitativo e qualitativo das informações, de modo a possibilitar a produção de medidas sobre o universo pesquisado e a construção de um perfil psicossocial da realidade local. **Resultados** - A partir da aplicação do Formulário para cadastro dos Conjuntos Sociais, como foi denominado o questionário, estão sendo indexadas informações referentes a: 1) identificação do conjunto social; 2) aspectos político-ideológicos de sua formação; 3) aspectos político-jurídicos de sua organização; 4) atividades do conjunto social; 5) aspectos de gestão administrativa; 6) aspectos sócio-econômicos do conjunto social e de sua clientela; 7) histórico da relação de cooperação estabelecida com a Universidade e levantamento de demandas. **Conclusões** - A criação deste banco de dados informatizado permitirá o acesso imediato e auto-dirigido pelo próprio usuário às informações, além de uma atualização permanente, muito mais rápida e segura. Como instrumento de preservação da memória institucional das práticas acadêmicas do Departamento de Psicologia, o banco de dados contribuirá para um maior intercâmbio e efetiva integração das diversas áreas de trabalho, em termos de investigação teórica e promoção de atividades. Contribuirá para congregar as produções de professores e alunos que trabalham em áreas cujos objetos e estratégias metodológicas são, em vários aspectos, muito próximos ou comuns. A potencialidade desse instrumento expressa-se, portanto, em termos de proporcionar uma melhor organização do próprio campo de pesquisa e assegurar um maior segmento e continuidade das ações. O banco será disponibilizado para consultas diversas em CD-ROOM, no próprio Laboratório e via Internet. **Palavras-chave:** conjunto social, banco de dados, análise psicossocial.

Izabel Friche Passos; Marília Mata Machado; Thais C. Pereira; Clarissa L. Silva; Aline X. Nascimento.

Universidade Federal de São João Del-Rei; FAPEMIG; PIBIC; CNPq.



Perfil dos Adolescentes Usuários de um Serviço de Saúde Mental na Cidade de São Paulo.

O Setor de Psicologia do Centro de Atenção Integrada à Saúde Mental (CAISM) da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, vem desenvolvendo projetos de atendimento e pesquisa na área de Saúde Mental. O objetivo do presente trabalho é apresentar os dados de um estudo realizado com o propósito de caracterizar o perfil dos adolescentes atendidos nesta Instituição. O mapeamento dos pacientes ocorreu de abril a dezembro do ano de 2001 e foram realizadas 107 entrevistas. Foram aplicados questionários com perguntas fechadas que examinaram as seguintes questões: dados pessoais (sexo, idade, escolaridade, inserção social), familiares (perfil sócio econômico, profissão, escolaridade, naturalidade dos pais e situação familiar) e informações relacionadas ao tratamento (hipótese diagnóstica, modalidade e tempo de tratamento, medicação e internações psiquiátricas). Os resultados serão apresentados e discutidos no trabalho, mas dados preliminares mostram que 72% dos adolescentes entrevistados são do sexo masculino, 51% moram com o pai e a mãe, 60% freqüentam escola e 26% apresentam hipótese diagnóstica de Transtorno Global do Desenvolvimento. O conhecimento sistematizado do perfil desta população fornece não só algumas indicações que possibilitarão o aperfeiçoamento das intervenções terapêuticas, mas permite também a formulação de propostas mais adequadas de inserção social desses adolescentes.

Beatriz Pontes Espósito; Mariangela Gentil Savoia; Regina Cocco.

Santa Casa de Misericórdia de São Paulo.



Perfil dos egressos do curso de psicologia da Furb.

Este trabalho apresenta dados relativos a uma pesquisa realizada na universidade regional de Blumenau (FURB/SC) por duas professoras do quadro e uma acadêmica do último ano do curso de psicologia. Com o objetivo de conhecer a realidade atual dos alunos formados por esta instituição, realizou-se uma pesquisa intitulada “perfil dos egressos do curso de psicologia”. Caracterizou-se como egressos, ou seja, sujeitos da pesquisa, todos os alunos formados pela FURB até o período da coleta de dados, que ocorreu durante os meses de outubro e novembro de 2001, abrangendo duas turmas, formadas em 1999/II e 2000/II, totalizando 81 pessoas. utilizou-se como instrumento de coleta de dados um questionário com dezesseis perguntas, sendo uma fechada, quatro abertas e onze mistas. os questionários foram enviados via correio, sendo o percentual de retorno de 49,38% (quarenta alunos). Os resultados da pesquisa demonstraram que o percentual de ex-alunos trabalhando na área de psicologia, é de 70% (28 alunos), sendo que há uma predominância de atuação na área clínica (dezesseis alunos), seguida da organizacional (doze alunos), institucional (quatro alunos), e escolar (um aluno). essa tendência em relação às duas primeiras escolhas pela área de atuação do psicólogo foi observada também em pesquisa realizada por bastos (1992) em âmbito nacional. a abordagem teórica utilizada na atividade profissional predominante é a comportamental - cognitiva (sete alunos), seguida da psicanálise (cinco alunos) e psicodrama (quatro alunos). quando questionados se atualmente estavam freqüentando algum curso, as respostas obtidas foram de que 25% freqüenta especialização, 20% faz formação, 7,5% cursa mestrado e 45% não freqüenta nenhum curso atualmente. Os dados obtidos nesta pesquisa serão utilizados no planejamento político pedagógico do curso, pois além dos dados quantitativos apresentados, há informações qualitativas que contribuirão para a melhoria da qualidade do processo ensino-aprendizagem.

Alessandra Tonelli; Lucienne Silva; Maria Celina Moser.

Furb.



Perfil dos Usuários de Álcool Atendidos pela Clínica de Atendimento Multidisciplinar à Prevenção e o Tratamento da Toxicomania (CAMT).

Com base em entrevistas iniciais feitas na CAMT, percebeu-se que o uso/abuso do álcool, não aparece como demanda dos clientes, que buscam tratamento devido o consumo de outras drogas, apesar da avaliação diagnóstica constatar abuso e dependência, caracterizando padrões de dependência cruzada. Sendo assim, torna-se importante pesquisar o perfil destes clientes, objetivando assim uma conscientização, prevenção e tratamento também do alcoolismo. Para análise do perfil psicológico e socioeconômico dos usuários de álcool fez-se uma pesquisa utilizando um questionário subdividido em duas partes (anexo1), a primeira com questões gerais e a segunda referente ao uso/abuso do álcool. Dos indivíduos analisados (n=84), 86,9% foram homens, 52,4% com idade média de 12 a 20 anos, 67,9% iniciou o uso de drogas dos 12 aos 20 anos, 70,2% são solteiros, 40,5% estão desempregados/aposentados, 36,9% não terminaram o 1º grau, 53,6% possui familiar próximo alcoolista. Primeira droga utilizada: 42,5% maconha, 10,8% cigarro, 24,9% álcool, 1,2% cocaína, 2,1% crack, 17,3 solventes e 1,2% medicamentos. Droga preferencial: 33% maconha, 17,7% cigarro, 29,5% álcool, 7% cocaína, 9,6% crack, 2,6% solventes e 0,6% medicamentos. Bebida que faz uso: 6% destilados, 33,3% fermentados, 48,8% não responderam. Motivo do uso de álcool: 3% ansiedade, 0,8% despreparo, 1,6% angústia, 8,1% para pertencer a um grupo, 8,6% curiosidade, 3,2% insegurança, 1,2 % depressão, 3,6% tristeza/revolta, 8% eventos sociais e 61,9% não responderam. Forma de uso: 17,9% diário, 11,9% semanal, 2,4% mensal, 9,5% esporádico e 58,3% não responderam. Quantidade: 1,2% de 1 a 2 doses, 4,8% de 3 a 4 doses, 14,3% de 5 a 6 doses, 1,2% acima de 7 doses e 78,6% não responderam. Prejuízos no relacionamento familiar devido consumo de álcool: 20,5% sim, 4,8% não e 74,7% não responderam. O álcool já impediu de fazer algo que gostava: 16,7 sim, 6% não e 77,4% não responderam. Mudou de rotina (estudo/trabalho) em função do álcool: 15,5% sim, 8,3% não e 76,2 não responderam. Problema sexual devido o uso do álcool: 1,2% sim, 9,5% não e 89,3% não responderam. Prejuízos, percebidos pelo uso do álcool: 23,8% todos (morais, familiares, pessoais e financeiros), 3,3% familiares, 1% pessoais, 0,4% morais, 4,8% nenhum, 66,7% não responderam. Buscou tratamento devido ao uso de qual droga: 57,8% maconha, 3,4% cigarro, 12% álcool, 8,8% cocaína, 11,6% crack, 5,8 solventes e 0,6% medicamentos. O número de omissão de resposta é muito alto, tendo como hipótese, que os entrevistados não consideram o álcool como droga, ou acreditam que o alcoolismo não traz prejuízos como o uso de outras drogas. Percebe-se que apesar do uso/abuso do álcool, não se apresentar como demanda principal de tratamento, aparece como a 3º droga preferencial. 24,9% dos entrevistados tiveram o álcool como 1º droga utilizada, e apenas 12% dos clientes buscaram tratamento devido ao seu uso.

Ayna Maira, Flávia Aguiar; Wanier Ribeiro.

Unicentro Newton Paiva, BH / MG.



Perfil e Demanda para o Serviço de Psicologia nas Escolas de Curitiba.

Considerando o restrito campo de trabalho do psicólogo que se volta à educação e, acima de tudo, as discussões acerca da importância social do conhecimento psicológico para a construção de uma escola mais justa, o mapeamento dos profissionais atuantes na área, de suas ações e/ou das demandas formuladas a eles pelas escolas é uma iniciativa primária e necessária para que argumentos a favor de sua inserção sejam elaborados. Para tanto, o presente trabalho, iniciado no segundo semestre de 2000 por iniciativa da Comissão de Educação do Conselho Regional de Psicologia do Paraná, pretende traçar o perfil e o quadro de demandas do serviço de psicologia nas escolas curitibanas a fim de subsidiar ações do órgão de classe referentes a projetos de lei sobre a inserção do psicólogo na rede pública de ensino e também subsidiar as discussões acadêmicas e profissionais que orientam as ações da categoria junto às instituições educacionais. O universo de investigação é composto pelas seiscentas e noventa e três escolas municipais e particulares de Curitiba e o procedimento de coleta de dados utilizado foi a entrevista dirigida. Os dados serão codificados e analisados no pacote estatístico R (domínio público), para ajudar a determinar o perfil ou demanda dos serviços de psicologia existentes. Uma base de dados será montada com as respostas às questões abertas e um programa de tratamento de objetos semânticos, construído em Microsoft Access, será utilizado para retirar a informação de interesse. Tal procedimento de análise permitirá a detecção de termos recorrentes nas respostas dissertativas, facilitando a identificação de categorias para análise qualitativa.

Dorrenbach Luna; Benito Orlando Olivares Aguilera; Bernadete de Lourdes Alexandre Mourão.

Universidade Tuiuti do Paraná; Universidade Federal do Paraná.



Perfil emocional e comportamental dos pacientes atendidos em um pronto atendimento pediátrico.

Na infância, problemas emocionais como ansiedade e depressão podem se manifestar através de queixas físicas, fazendo com que os pais procurem inicialmente a ajuda de um médico, ao invés de recorrer a algum tipo de atendimento psicológico ou psiquiátrico. O presente estudo tem por objetivo fazer um levantamento dos problemas emocionais e comportamentais de crianças atendidas no Pronto-Atendimento Pediátrico de um hospital de Porto Alegre. Será realizado um levantamento da frequência de problemas emocionais e comportamentais das crianças atendidas, considerando a incidência de problemas de externalização e internalização na amostra, bem como os tipos específicos de problemas, como depressão, ansiedade, agressividade e retraimento social. Pretende-se ainda examinar possíveis correlações entre os problemas emocionais e comportamentais das crianças e as queixas físicas que as levaram ao Pronto-Atendimento Pediátrico. Participarão do estudo 200 crianças de 4 a 12 anos, de diferentes níveis sócio-econômicos. Os pais dos pacientes responderão uma ficha de informações sócio-demográficas e sobre a saúde da criança. Após será aplicado o Inventário de Comportamentos da Infância e Adolescência. Para o levantamento dos problemas emocionais e comportamentais serão realizadas análises de frequências. Para examinar possíveis correlações entre os problemas emocionais e comportamentais das crianças e as queixas físicas que as levaram a buscar o Pronto-Atendimento, será utilizado o Teste de Correlação de Spearman.

Patrícia Alvarenga; Tânia Barros; Mariza Sanchez; Marcia Borges Fortes.

Hospital Luterano; ULBRA.



Perfil Profissional, Formação Acadêmica e Mercado de Trabalho pela Perspectiva de Profissionais de Recursos Humanos.

Em 2000, desenvolveu-se uma pesquisa com 53 estudantes concluintes de uma universidade pública federal, em que foram investigados, por meio da técnica dos grupos focais, dois aspectos: perfil profissional exigido no mercado de trabalho e projetos profissionais futuros. Dentre as conclusões destacaram-se duas: a primeira foi a de que os estudantes apresentam uma visão fragmentada do perfil profissional exigido no mercado de trabalho e isto parece prejudicar os seus planos profissionais futuros. A segunda conclusão foi a de que as limitadas oportunidades de aprendizado prático durante o curso contribuem para que eles se sintam despreparados e inseguros para enfrentar o mercado de trabalho. Em 2001 foi iniciada uma outra pesquisa com o objetivo de investigar a percepção da qualidade dos profissionais que estão afluindo ao mercado oriundos de centros de formação, especialmente de universidades. Para esta pesquisa adotou-se a metodologia qualitativa, mas ao contrário da técnica de grupos focais, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com 29 profissionais responsáveis por processos de recrutamento, seleção e treinamento, distribuídos em quatro grupos: i) prestadoras de serviços na área de recursos humanos (10), indústria e comércio (6), hospitais e clínicas (4), turismo e hotelaria (5), comunicação e publicidade (3) e uma prestadora de serviços na área de telemarketing. O foco recaiu nas seguintes questões: i) perfil profissional requerido no mercado de trabalho, ii) dificuldades encontradas para recrutar e selecionar profissionais habilitados, iv) alternativas adotadas pela empresa para suprir a carência da qualificação profissional e, por último, v) perspectivas de aproximação entre a formação universitária e o mercado de trabalho. Uma das conclusões foi a de que as habilidades interpessoais se apresentam como as mais demandadas pelo mercado, independentemente do setor, assim como são percebidas como as mais difíceis de serem avaliadas em processos seletivos, visto que os instrumentos e técnicas comumente aplicados, na opinião dos especialistas, não permitem fazer prognósticos confiáveis acerca da competência para trabalhar em equipe. Outra conclusão foi a de que os processos seletivos ainda estão fortemente ancorados em recrutamentos via banco de currículos. Fontes alternativas foram evidenciadas apenas em indústrias recém-instaladas na região, assim como em consultorias de recursos humanos que trabalham com seleção de cargos de nível gerencial e/ou mais qualificados. Concluiu-se também que as consultorias de recursos humanos desconhecem políticas de treinamento e qualificação adotadas pelas empresas para as quais prestam serviços. No caso de hospitais e clínicas, por exemplo, onde há maior rotatividade de pessoas, evidenciou-se preocupação com uma forma de seleção preventiva, deixando em espera pessoas preparadas para assumir o cargo no momento em que a vaga vier a ocorrer. No que tange à última questão, constatou-se um reconhecimento tácito do distanciamento entre a formação básica (não ensina habilidades gerais: ler, escrever e interpretar), a formação técnica (há poucos cursos técnicos de qualidade no mercado, especialmente em hotelaria), a formação universitária (profissional despreparado para o mercado) e o mercado de trabalho. Ao serem solicitados a sugerir, os entrevistados não evidenciam clareza de como superar, pelo menos no que se refere ao ensino superior, o velho problema do distanciamento entre teoria e prática.

Sônia Maria Guedes Gondim; Fernanda Brain; Marina Chaves.

Universidade Federal da Bahia.



Periódicos nucleares e periféricos na área de Psicologia Preventiva.

Devido ao avanço alcançado pela ciência e expansão da produção científica, surgiram os periódicos em várias áreas do conhecimento que a partir do século XX tiveram uma expansão extraordinária, gerando a preocupação e criação de instrumentos para a avaliação da produção e dos próprios periódicos utilizados para a veiculação da informação. A análise de periódicos em Psicologia Preventiva permite detectar quais são os nucleares na difusão do conhecimento da área, sendo de especial importância para pesquisadores assim como para a definição de políticas de aquisição de periódicos por bibliotecas, principalmente as vinculadas a cursos cuja ênfase é a prevenção. Esta meta-análise objetivou focar a produção científica em Psicologia Preventiva entre os anos de 1996 a 2000, veiculada pelos periódicos. Foi realizado um levantamento na base de dados PsycLIT, da American Psychological Association, utilizando-se a palavra-chave prevenção, obtendo-se um total de 7492 artigos, 1289 em 1996, 1338 em 1997, 1503 em 1998, 1708 em 1999 e 1654 no ano de 2000. Foi levantada a frequência de artigos de prevenção publicada nos periódicos. Observou-se concentração em um pequeno grupo de periódicos e grande dispersão entre os demais. No total, entre 1996 e 2000, 929 periódicos foram utilizados por estudiosos para a divulgação de textos. Os periódicos mais utilizados foram: Accident Analysis and Prevention (235), AIDS Education and Prevention (221), Drugs, Education, Prevention and Policy (120), Substance Use and Misuse (113), Eating Disorders: The Journal of Treatment and Prevention (109) e AIDS (103). Os demais tiveram frequência inferior a 100. Ficaram inseridos no percentil superior 22 periódicos, sendo veículos de 27,55% dos artigos de prevenção divulgados no período. No percentil inferior ficaram os periódicos com frequência 1 (279 no total). No Quartil 1 ficaram os periódicos com frequência de artigos de prevenção entre 0 e 2,64; no Quartil 2, os de 2,64 a 10,10 artigos; no terceiro quartil, de 10,10 a 17,55 e no Quartil 4 os periódicos com frequência acima de 17,55. Os dados demonstraram haver periódicos nucleares em estudos de prevenção, porém o tema é focado, ainda que em baixa frequência, nas diversas áreas do conhecimento, sendo difundido também em periódicos especializados como o Applied Cognitive Psychology (1), Aggression and Violent Behavior (16) e Child Psychology and Psychiatry Review (3), por exemplo. A grande variedade de periódicos é um indicador da relevância do tema para as várias áreas da Psicologia. Os 22 periódicos nucleares ainda viabilizam a seleção por sub-área de conteúdo para a composição de acervos específicos.

Adriana Aparecida Ferreira.



Periódicos utilizados como referências em teses de doutorado em psicologia educacional.

Entre as mudanças promovidas pela passagem por um programa de pós-graduação stricto-sensu, pode-se indicar o aprofundamento teórico e metodológico na área de concentração escolhida. Dentre as inúmeras atividades que são desenvolvidas durante a elaboração dos trabalhos de titulação encontra-se o aprofundamento teórico obtido, entre outras fontes, por meio da consulta a periódicos científicos. Assim, o objetivo desta pesquisa é identificar a origem e a década dos periódicos utilizados na interlocução com o conhecimento produzido nas teses por meio de análise documental. Para tanto, foram elaboradas e preenchidas, com as seguintes categorias: artigos de revistas/jornais nacionais e internacionais de psicologia, educação e outras áreas versus décadas das fontes consultadas que atendessem ao objetivo proposto. Apesar do trabalho não ter sido finalizado, pode-se identificar algumas tendências interessantes, entre elas: a predominância de artigos de psicologia internacionais e periódicos de educação nacionais, principalmente nas décadas de 1970 e 1980, nas teses de doutorado analisadas. Com relação aos periódicos de outras áreas, notou-se que a origem varia de acordo com o assunto estudado; por exemplo, um dos trabalhos tinha como objetivo investigar a presença da psicologia nas artes. Embora ainda em andamento, evidencia-se a relevância deste estudo pois contribuirá com a literatura disponível, no que diz respeito ao tipo de fonte utilizada pelos titulados como referência para suas teses.

Sandreilane Cano da Silva; Ana Paula Américo da Silva, Roberta Gurgel Azzi, Marli Amélia Lucas Pereira.

UNICAMP; UNITAU.



Perspectiva dos homossexuais em relação à discriminação no atual contexto social.

O estudo do preconceito contra os homossexuais é de grande importância, na medida em que, esse preconceito traz muito sofrimento psíquico, e muitas vezes até físico, aos indivíduos que pelas mais variadas razões pessoais, pratica o homoerotismo. O Brasil ocupa a liderança no ranking em assassinatos de homossexuais (Lacerda, 2000). Assim, decidimos junto ao conhecimento científico abordar o preconceito de forma a permitir colaborar com essa categoria social tão discriminada. Esclarecemos que o termo “homossexualidades” é assim referido pelo fato de que no fenômeno da homossexualidade incluem-se formas diversas de práticas sexuais, fundamentalmente diferentes. Esta diversidade é indicada pelo próprio movimento de homossexuais que se intitula “Associação de Gays, Lésbicas, Travestis, Transexuais e Simpatizantes”. Verifica-se que os estudos relacionados à discriminação homofóbica, encontram-se apenas relacionados com a forma de expressão do preconceito advinda da sociedade, esquecendo-se de averiguar como a discriminação tem sido sentida pela parcela discriminada. Este estudo procurou identificar como essa discriminação tem sido percebida pelos próprios homossexuais. A amostra foi composta por 125 sujeitos de orientação homossexual do sexo masculino, militantes e não militantes do MEL (Movimento do Espírito Lilás situado na cidade de João Pessoa), movimento este, que trabalhou em parceria na realização desse estudo. O instrumento continha questões que abordavam acerca de quando o sujeito começou a sentir-se discriminado, qual sua forma de viver a sexualidade, o que considerava como causa(s) da homossexualidade, qual a sua definição de homossexualidade, uma escala de Discriminação Sentida em Relação a Grupos Sociais e uma Escala de Identificação de gênero. Os resultados mostram que 25,2% da população começa a sentir-se discriminada ainda Criança (6 a 9 anos), 20,9% Na Puberdade (10 a 13 anos), 34,8% Na Adolescência (14 a 18 anos) e 19,1% Já Adulto. Uma Análise Fatorial pelo método Principal Axis Factoring, demonstrou que o preconceito em relação aos diversos grupos sociais tem se apresentado em três grupos de relações: grupo de relações Sociais, o grupo de relações Institucionais e o grupo de relação Interpessoal. Em relação à forma de viver a sexualidade constatou-se que os sujeitos se declaram: 69,4% Homossexuais, 13,7% Bissexual, 9,7% Travesti ou Transformista, 2,4% Drag Queen, 2,4% Transgênero e 2,4% apontam para outras formas. Em relação às causas da homossexualidade, na percepção do sujeito percebe-se que 40,5% dos entrevistados apontam para causas psicológicas, 32,1% para causas naturais, 13,2% não definem uma causa específica, 7,4% apontam para causas multivariadas e 5,8% declaram que seria uma opção do indivíduo. A respeito da definição da homossexualidade nota-se que 35% dos sujeitos definiram a homossexualidade como um estilo de vida, 20% como relação entre pessoas do mesmo sexo, outros 20% como uma forma diferente de viver a sexualidade, 15% como uma forma de viver a sexualidade igual a todas as outras e 10% não definiram. Esses dados trazem a informação de como se apresenta a classe homoerótica e como esses cidadãos se sentem em relação à discriminação advinda da sociedade, com isso pode-se verificar o quanto prejudicial é essa discriminação para o desenvolvimento psíquico e moral dessas pessoas.

Aline Machado; Ellen Pedrosa; Adriana Santos; Joselí da Costa; Leoncio Camino..

Universidade Federal da Paraíba.



Perspectivas do dito sobre o câncer: (a influência d)os discursos do paciente, da família e do médico no tratamento da doença.

A presente pesquisa buscou encontrar pontos de interseção entre os discursos sobre o câncer nas falas do paciente e da família. Nessas falas, procuramos também evidências do discurso médico e do modo como este repercute nos dizeres estudados. A metodologia utilizada para a realização dessa pesquisa foi o estudo de casos. Foram selecionados dois pacientes, adultos, com câncer (adenocarcinoma) de cólon, em estágios semelhantes, em tratamento quimioterápico pós- cirúrgico no Hospital Universitário Antônio Pedro (HUAP), vinculado à Universidade Federal Fluminense (UFF), em Niterói, no Rio de Janeiro. Esses estudos realizaram-se mediante entrevistas semidirigidas, individuais, com os pacientes e com suas respectivas famílias (representadas, cada uma delas, pelo familiar mais presente durante o tratamento). A partir das informações obtidas nas entrevistas, foi possível analisar a posição subjetiva dos pacientes em relação ao que disseram, isto é, interpretar e distinguir o dito do dizer, o que foi falado do que realmente se dizia. Ao examinar o discurso de uma pessoa, pode-se perceber que o mesmo sempre traz uma marca subjetiva, própria de cada um, que indica a posição do sujeito quanto àquilo que é dito - que pode (ou não) ser diferente do que, de fato, significa. Assim sendo, o modo como se fala o que se diz serviu como um dos instrumento de análise dos discursos dos pacientes. A presença da fala médica pôde ser identificada nos discursos não só do paciente mais também do familiar. Os efeitos do discurso da medicina, que adota uma lógica própria e tem a doença como objeto vão além do enunciado pelo paciente, interferindo em suas atitudes no que diz respeito à doença. Feita a análise e considerando-se que o fator psicológico/emocional tem importante papel no tratamento e reação do paciente quanto à doença, verificou-se diversos aspectos em comum entre os discursos dos pacientes e dos familiares em relação à doença. Em ambos foi possível também detectar a presença da fala médica, sua repercussão no modo como o paciente entende a doença e sua expectativa quanto ao tratamento. A Psicologia tem desenvolvido inúmeros trabalhos no sentido de melhorar as condições gerais de tratamento de pacientes com câncer. Acreditamos que, para eles, a relação com a família, com o médico e com toda a sociedade de forma geral é especialmente importante. O fato de o câncer ser uma doença bastante grave e levar muitas vezes à morte faz com que o paciente passe por grandes angústias, tenha medo e sentimentos muito confusos. Diante dessa nova condição, em que a vida se transforma não só com a doença, mas também com o tratamento difícil, com os transtornos causados para a família, parecemos que o doente se sente extremamente fragilizado, vulnerável. Os pontos comuns identificados nos discursos do paciente e do familiar, nos levaram a acreditar que a fala da família e, indiretamente, também a do médico, tem influência no que o paciente diz, em sua posição subjetiva.

Fernanda Brito de Carvalho; Juliana Coelho C. Rodrigues.

Universidade Federal Fluminense – UFF.



Pesquisa acerca da aprendizagem significativa desenvolvida por alunos da UFPB.

(INTRODUÇÃO) A aprendizagem é muitas vezes definida como uma mudança relativamente duradoura no comportamento induzido pela experiência. Aprender é uma atividade que ocorre dentro de um organismo e não pode ser diretamente observada. Uma situação de aprendizagem se dá por vários fatores, sendo impossível distinguir precisamente os elementos causais de um determinado comportamento. Desta forma, a Psicologia busca entender como as experiências anteriores de êxito e de fracasso determinam a aquisição, conservação e mudanças comportamentais. Três vertentes teóricas de pensamento educacional buscam explicar a evolução dos conhecimentos. A posição Inatista advoga que a criança progride por iniciativa própria, e que os progressos acontecem porque o desenvolvimento psicológico nada mais é do que um processo autônomo e independente das influências sociais. Já o Empirismo, contrariamente, defende a idéia de que a mente da criança, ao nascer, é uma “tábua rasa”, ou seja, não há nada nela em termos de conteúdo, e, à medida que as percepções sensoriais e as experiências vão acontecendo, a mente infantil começa a se formar. Sem desconsiderar os fatores maturação e transmissões sociais apontados pelas duas posições citadas, a posição Construtivista atribui participação ativa da criança no processo de desenvolvimento. Ela constrói seus conhecimentos interagindo com o mundo em que vive. (OBJETIVO) A presente pesquisa teve como objetivo obter dados qualitativos e quantitativos a respeito de Aprendizagens Significativas no ambiente acadêmico, bem como analisar tendências inatista, empiristas e construtivistas no processo ensino- aprendizagem. (METODOLOGIA) Os dados foram coletados no mês de abril de 2002, entre uma amostra de alunos e professores de diferentes cursos da Universidade Federal da Paraíba – UFPB. A escolha dos sujeitos foi aleatória, levando-se em consideração apenas as áreas de atuação dos mesmos: Humanas, Exatas e Saúde. Os questionários foram formulados a partir de questões semi- estruturadas. Foram entrevistados três professores e três alunos de cada área, totalizando uma amostra de dezoito sujeitos. (RESULTADOS) Verificou-se através dessa pesquisa a importância e incidência das experiências práticas no meio acadêmico, fato este que, conforme os dados obtidos, é algo aprovado tanto pelos professores como pelos alunos. (CONCLUSÃO) Diante da análise dos dados, concluiu-se que as aprendizagens significativas no meio acadêmico são descritas como experiências práticas, ou seja, aquelas que apresentam tendências construtivistas.

Aline Brandão de Siqueira; Ana Angélica Souza de Lima; Kay Francis Leal Leite; Rachel Rio Lima Costa; Ronaldo Matos Albano; Tereza Cristina Tribuzi de Carvalho; Verônica Lúcia do Rego Luna.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB.



Pesquisa de Clima Organizacional.

O presente estudo tem por objetivo conceituar a pesquisa de clima e avaliar seu papel dentro de uma organização. Segundo Chiavenato (2000), uma organização é um sistema de atividades coordenadas por duas ou mais pessoas que precisam trabalhar em conjunto e estabelecer comunicação para que possam alcançar objetivos comuns. O critério de avaliação das organizações nos dias de hoje não se baseia somente no patrimônio físico e na tecnologia disponível, mas principalmente no capital intelectual que a integra. Isto se deve ao fato de que a informação e o conhecimento se tornaram elementos-chave nos recursos organizacionais. A pesquisa de clima é importante, pois interfere no comportamento organizacional, que por sua vez afeta o próprio desempenho dos negócios. Por clima organizacional entendemos como o ambiente no qual os funcionários decidem como agir ou deixar de agir, em todas as situações. Ele é composto do conjunto de percepções e atitudes dos funcionários a respeito da sua própria empresa (imagem interna). A metodologia da pesquisa deve conter: estabelecimento do clima desejado pela empresa; aplicação dos questionários e realização de entrevistas com os funcionários; análise e discussão dos dados coletados; elaboração dos relatórios para posterior apresentação; plano de ação elaborado pela RH baseado nos resultados obtidos pela pesquisa. A pesquisa procura analisar o comportamento, atitudes e a opinião dos funcionários sobre as diferentes variáveis organizacionais que tem impacto no clima organizacional. Algumas delas são: comunicação, integração, o trabalho em si, participação dos funcionários, liderança, valorização, crescimento profissional, objetivos organizacionais, salário / benefício, estabilidade, imagens e valores, condições físicas do trabalho dentre outras. Esse tipo de ação, pelo lado da empresa, visa identificar possíveis problemas internos e poder focar sua resolução e por outro lado, oferece oportunidade aos funcionários de se manifestarem sobre o dia a dia da empresa. Contudo, é importante ressaltar que a pesquisa perde sua eficácia se ela for manipulada ou se nada for alterado com base em seus resultados. Cabe ainda colocar que sua aplicação deve ser freqüente (anual ou de dois em dois anos) para que seja feito um acompanhamento das mudanças ocorridas na empresa. É importante lembrar que não existe um clima certo ou errado nas organizações. Cada uma deve checar através da pesquisa seu clima atual, analisando até que ponto ele ajuda a organização a alcançar seus objetivos e estabelecer qual o clima ideal para que ela possa atingir com maior eficácia esses objetivos. Assim, percebemos que o estudo do clima organizacional engloba vários pontos importantes que vão além da aplicação de um questionário, principalmente motivação, cultura organizacional, percepção e comportamento humano.

Gabrielle Barbosa Botelho; Giselle Teixeira de Oliveira; Eduardo Castello Branco.

Universidade Federal do Rio de Janeiro.



Pesquisa de clima organizacional no centro de hematologia e hemoterapia de Santa Catarina - Hemosc.

Um dos papéis do psicólogo organizacional é a análise das características institucionais e das relações de trabalho. O presente trabalho é resultado das atividades de estágio desenvolvido no Hemosc - Centro de Hematologia e Hemoterapia de Santa Catarina, mais precisamente em parceria com o setor de Recursos Humanos da instituição. Este trabalho tem como objetivo apresentar um diagnóstico sobre a satisfação, desenvolvimento e envolvimento dos colaboradores diante das exigências e condições de trabalho atualmente existentes, visando subsidiar a implementação de programas de gestão e capacitação de Recursos Humanos. O método de pesquisa utilizado pela equipe foi a aplicação individual de um instrumento de coleta de dados, a Escala 15-R (elaborado pelos pesquisadores) e uma entrevista associada. A Pesquisa de Clima foi realizada nos hemocentros de Santa Catarina. No hemocentro de Criciúma foram observados alguns aspectos semelhantes ao Hemosc de Florianópolis, como falta de integração entre os funcionários e fragmentação no trabalho, bem como aspectos do hemocentro. O que caracteriza as influências que cada hemocentro tem em relação a hemorrede constituindo o macro-sistema, porém apresenta também característica do micro-sistema onde o Hemocentro está inserido. Os resultados médios obtidos no Hemocentro de Chapecó são maiores do que os demais Hemocentros, revelando que os seus participantes são os que possuem uma visão mais otimista do trabalho e da Instituição. A satisfação pessoal em trabalhar no Hemocentro de Joaçaba é um item decorrente da pesquisa, o que demonstra o quanto a imagem institucional é potencialmente significativa para o conjunto dos participantes. A dificuldade de integração entre as pessoas é considerado um problema real e que vem piorando ao longo do tempo. Não é percebido uma atuação incisiva das chefias em melhorar esse ponto. Em Joinville - Os funcionários queixaram-se do excesso de tarefas devido a falta de mão-de-obra e o baixo salário. Verificou-se um sentimento de desvalorização profissional inerente a posição hierárquica, além, de um excesso de autoridade da diretoria. No hemocentro de Lages percebe-se interesse em integrar melhor as atividades da Hemorrede, pois criticaram o fato de existir mais contato dos Hemocentros Regionais somente com o Hemocentro Coordenador (Florianópolis). No geral foi possível constatar insatisfação com o salário e descontentamento pela falta de um planejamento de carreira.

Adriana Oneda; Bianca Richartz; Leda Regina; Arthur Muller; Roberto Moraes Cruz; Rita de Cássia Almeida.



Pesquisa e Intervenção Psicossocial: a Extensão Universitária com um programa para diabéticos (Projeto Doce Vida).

Introdução – O presente trabalho apresenta reflexões a partir de uma prática de extensão universitária, proposta pelo LAPIP e desenvolvida na Policlínica Central da rede pública de São João del-Rei. Oferecendo um programa para portadores de Diabetes, familiares e demais interessados, visando promover mudanças no estilo de vida, diminuir os índices de hospitalização e evitar ao máximo o aparecimento de sintomas produzidos por seqüelas e efeitos colaterais. Métodos e instrumentos – Baseados nos conceitos de Grupo Operativo de Pichon-Revière, trabalha-se em nível de elucidação e análise das demandas grupais através de técnicas de dinâmicas de grupo e reflexões, buscando a construção de uma identidade grupal. São também utilizados os pressupostos metodológicos da Pesquisa-ação, Pesquisa Participante e Análise Institucional. A tarefa do grupo é realizada em dois momentos: informação (noções básicas acerca das causas, conseqüências e cuidados no tratamento da diabetes) e formação (relativa à melhor forma de aprender a conhecer a doença e suas implicações e lidar com os aspectos emocionais subsequentes ao diagnóstico). Resultados – Como um dos resultados obtidos, destaca-se a reestruturação da Associação de Portadores de Diabetes (APD) de São João del-Rei, o que abre novas perspectivas para o atendimento aos Diabéticos e seus familiares, bem como ganhos para a sociedade em geral. O trabalho implicou, ainda, para a população-alvo, em: aumento da participação efetiva nos eventos e reuniões, acesso a um serviço público que propicie melhorias na saúde e na qualidade de vida; conscientização acerca dos direitos e do acesso a condições básicas de saúde e responsabilidade social. Acredita-se que o canal estabelecido entre a comunidade e a Universidade propicia ganhos para ambos, o que possibilita uma formação profissional mais condizente com as demandas sociais e aproxima a comunidade da Universidade. Conclusão – Embora esteja claro que muito ainda precisa ser realizado em prol da saúde e bem estar do diabético, os resultados obtidos durante a realização deste trabalho atenderam a algumas demandas grupais, com ganhos sociais e ainda estreitaram os vínculos entre a universidade e a comunidade, beneficiando a população local e enriquecendo as atividades acadêmicas. Cabe ressaltar que as atividades grupais estão sujeitas a uma série de dificuldades que perpassam a subjetividade de seus membros, principalmente em termos da assunção de uma identidade atravessada por conflitos e contradições surgidas em função dos efeitos bio-psico-sociais da diabetes. Este é um dos fatores que geram movimentos de fluxo e refluxo na participação social. Um último aspecto a ser mencionado é a necessidade do desenvolvimento de trabalhos interdisciplinares em termos de prevenção, principalmente em função da previsão de um enorme aumento na incidência de diabetes até 2005, sobretudo na população jovem, em escala mundial.

Marcos Vieira Silva; Izabel Christina Friche Passos; Bárbara Eliana do Patrocínio; Agnah Grandi; Clarissa Lino da Silva; Marcionília Soares Amaral; Roberta Trindade Vasconcelos.

Universidade Federal de São João Del-Rei.



Pesquisa em Home Page: contribuições da aliança real e virtual em Psicologia.

A contribuição da INTERNET para a pesquisa científica é um dos pontos de maior consenso quando se trata de pensar o avanço tecnológico na contemporaneidade. O uso da rede como ferramenta de investigação é variado e, dentre suas possibilidades, este trabalho visa tratar da questão do subsídio proporcionado pelo dispositivo virtual para o desenvolvimento da pesquisa, que também ocorre em espaço real, no sentido de entender o campo de investigação, ou seja, ampliar os limites de amostragem. Para isso, o grupo da pesquisa Intimismo e Cidadania em Psicologia elaborou uma Home Page em versão HTML que disponibiliza informações acerca desta, seus resumos publicados e até textos sobre a temática da Psicologia na Assistência Infanto-Juvenil. Trata-se de uma página de visualização rápida e sem animações, convertida num espaço para troca de informações com profissionais, pesquisadores, estudantes e demais interessados. Nela os usuários podem publicar seus próprios textos, sugerir referências bibliográficas para o nosso grupo de pesquisa e avaliar diretamente sua produção científica. Há também um formulário onde os psicólogos que atuam no campo da Assistência Infanto-Juvenil podem enviar informações sobre suas práticas, possibilitando o contato do grupo com novas perspectivas teórico-metodológicas e experiências de outros estados. Esta inserção fortalece a reflexão da pesquisa desde a concepção da Web até o seu uso propriamente dito, especialmente quanto aos aspectos da definição de seus objetivos, funções e operacionalidade; do potencial integrador de vários elementos dispersos no percurso de um grupo de pesquisa e de uma investigação de pesquisa; da discussão que gira em torno da escolha das ferramentas da página; e do enriquecimento adquirido a partir da visita e participação dos usuários na Home Page.

Aline Andrade Rabelo; Fabiana de Oliveira Lobão; Marcelo de Almeida Ferreri; Sérgio Lessa Alves; Valéria Alves Santos.

UFS – Universidade Federal de Sergipe.



Pessoas vivendo com HIV/Aids: enfrentamento, suporte social e qualidade de vida.

O interesse pelo conceito de qualidade de vida na área de saúde decorre do fortalecimento da concepção biopsicossocial do processo saúde-doença, paradigma que tem influenciado as políticas e as práticas do setor nas últimas décadas. Desde o advento da terapia anti-retroviral, a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida tem tratamento e possibilidades efetivas de controle, motivando estudos e intervenções profissionais direcionados para a melhoria da qualidade de vida de pessoas soropositivas. O estudo teve por objetivo testar um modelo explicativo das relações entre qualidade de vida, enfrentamento (focalizado no problema, focalizado na emoção e busca de práticas religiosas), suporte social (emocional e instrumental), escolaridade e situação conjugal (vivendo com parceiro/a ou vivendo sem parceiro/a), em pessoas assintomáticas e sintomáticas/doentes de aids. Participaram 241 adultos, de 20 a 64 anos, 161 homens e 80 mulheres. Cento e sessenta e nove participantes eram sintomáticos/doentes de Aids e 72 eram assintomáticos, 208 em uso de terapia anti-retroviral. A variável critério qualidade de vida foi investigada em quatro dimensões – psicossocial, física, do ambiente e qualidade de vida geral –, medidas pelo Instrumento de Avaliação da Qualidade de Vida da Organização Mundial de Saúde (WHOQOL-100). O enfrentamento e o suporte social foram medidos, respectivamente, pela Escala Modos de Enfrentamento de Problemas (EMEP) e pela Escala de Suporte Social para Pessoas Portadoras do HIV/Aids. A análise de regressão múltipla hierárquica mostrou que diferentes combinações das variáveis preditoras explicaram as dimensões específicas da qualidade de vida. As variáveis suporte social emocional, enfrentamento na emoção (preditor negativo), enfrentamento no problema e viver com parceiro foram preditores significativos no modelo final da dimensão psicossocial, explicando 61% da variância. Condição clínica (assintomático) e enfrentamento na emoção (preditor negativo) explicaram 24% da variância da dimensão física. Escolaridade, suporte social instrumental, enfrentamento na emoção (negativo) e suporte social emocional foram preditores da dimensão do ambiente, explicando 46% da variância. Quanto à qualidade de vida geral, as variáveis suporte emocional e enfrentamento na emoção (negativo) foram preditores significativos no modelo, com 32% de variância explicada. Os resultados mostraram a importância das variáveis psicossociais como preditoras da qualidade de vida, ao lado do fraco poder de predição da condição clínica, resultado atribuído ao tratamento anti-retroviral, que ocasiona a quase indiferenciação entre pessoas sintomáticas e assintomáticas quanto ao funcionamento físico. Foi indicada a relevância de testes de modelo que confirmem as relações encontradas e que investiguem novas variáveis antecedentes, como enfrentamento voltado para a normalização da vida e renda familiar. Sugerem-se, ainda, estudos de casos representativos dos pólos da distribuição da variável critério, permitindo explorar as características do enfrentamento, do suporte social, das condições físicas, psicossociais e do ambiente associadas às diferentes apreciações da qualidade de vida. O estudo traz implicações para a prática clínica relativas às ações profissionais orientadas para o fortalecimento da rede de suporte social, a identificação e a modificação das estratégias de enfrentamento, favorecendo aquelas propiciadoras do bem-estar psicológico e da qualidade de vida em pessoas que vivem com HIV/Aids.

Eliane Maria Fleury Seidl; Célia Maria Lana da Costa Zannon; Bartholomeu T. Tróccoli.

Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília.



PET-Psicologia PUC-SP: uma opção para a melhoria do ensino acadêmico.

O Programa Especial de Treinamento (PET), financiado pela SESu – MEC, busca propiciar aos alunos, sob a orientação de um professor tutor, condições para a realização de atividades extracurriculares, que complementam a formação acadêmica dos bolsistas. O objetivo geral é promover a formação ampla e de qualidade acadêmica dos alunos envolvidos direta ou indiretamente com o programa, estimulando a fixação de valores que reforcem a cidadania e a consciência social de todos os participantes e a melhoria dos cursos de graduação. O PET, ao desenvolver ações de ensino, pesquisa e extensão, de maneira articulada, permite uma formação global, tanto do aluno bolsista quanto dos demais alunos do curso, em contraposição à fragmentação, proporcionando-lhes uma compreensão mais integral do que ocorre consigo mesmo e no mundo. Ao mesmo tempo a multiplicidade de experiências contribui para reduzir os riscos de uma especialização precoce. O PET de Psicologia da PUC-SP existe desde 1995, sendo hoje um grupo consolidado. Desde sua origem o tema central do grupo é "A construção da Subjetividade" nas diferentes vertentes teóricas. Discutir subjetividade implica em considerar a concepção de mundo, de homem, a relação sujeito e objeto e os desdobramentos metodológicos e práticos destas concepções. Atualmente para cumprir a abrangência do programa, os doze bolsistas do grupo desenvolvem as seguintes atividades: Estudo epistemológico através da organização de palestras e realização de estudos individuais nas áreas da filosofia e da psicologia, refletindo sobre as vertentes teóricas atuais. Monografia sobre o tema "Freud e o Romantismo", objetivando delimitar a concordância entre a metapsicologia psicanalista e os ideais do movimento romântico do século XIX. Idealização e realização de oficinas de pôster, visando instrumentalizar os alunos da comunidade científica (iniciação científica e TCC) para apresentação de suas pesquisas. Participação em pesquisa da Faculdade em parceria com o Distrito de Saúde da Lapa, visando à caracterização do usuário deste. Projeto "Ônibus – Ludicidade" na favela do Pantanal, centrado na orientação sexual e no teatro, realizado em parceria com o Núcleo de Trabalhos Comunitários da PUC - SP. Projeto "Transform-ARTE" na Associação Paulista de Amparo à Mulher, objetivando estimular a atividade profissional e promover a auto-estima das mulheres atendidas, através da aprendizagem ou aprimoramento de técnicas de artesanato. Projeto "Trabalhando com promoção de saúde: redução de riscos associados ao uso de drogas" na instituição Gotas de Flor com Amor, através de oficinas com os jovens, visando desenvolver a criatividade, convivência em grupo, senso crítico e autonomia. Integração com a graduação: participando da organização da Semana da Psicologia; das entidades representativas (C.A, PSICO-JR.); e produzindo mural informativo semanal, visando divulgar assuntos e notícias da atualidade. Participação de eventos regionais que reúnem outros grupos PET do país, além de comunicação constante via internet. Essas atividades são desenvolvidas de forma integrada entre os bolsistas e a comunidade acadêmica, considerando sempre o tema central do grupo.

Rosa Maria Tosta; Alice W. Bei; Ana Cecília A. de Moraes; Leonardo T. B. Yoshimochi; Máira M. Clini; Maria Rita S. Ramalho; Mariana S. David; Marina V. G. Cecchini; Natalia L. de A. Jorge; Priscila P. Guedes; Raphael G. Borba; Raquel T. Pedroso; Vanessa A. França.

PUC-SP.



Plano Estadual de Educação – O que o Psicólogo tem a ver com isto?

O Brasil, nos últimos anos, passou por profundas reformas econômicas, políticas e administrativas. No âmbito da educação estas mudanças foram implementadas sem o diálogo necessário entre a comunidade escolar, a sociedade e o governo. A imposição deste projeto político neoliberal para a educação tem aumentado as desigualdades sociais, excluindo da escola crianças, jovens e adultos. A maioria dos governantes tem subordinado a educação à lógica do mercado e entendido a mesma como custo e não como investimento. As reformas curriculares e a organização do tempo e do espaço escolar evidenciam uma política educacional marcada pela preocupação em garantir este atendimento ao mercado de trabalho. A formação do sujeito integral, apto para intervir na sociedade foi abandonada. Uma demonstração deste fato é que a maioria das disciplinas da área de “humanas” perderam seu espaço com destaque para a psicologia, a filosofia e a sociologia. Neste contexto, a elaboração de um PLANO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO que garanta o envolvimento de toda a comunidade na discussão de uma educação com qualidade social e para todos é prioritária. Prioritária e urgente em razão das determinações expressas no Artigo 241 da Constituição Estadual de 05-10-1989. A luta por Planos de Educação, de duração plurianual, elaborados com a participação do legislativo, mas sobretudo da sociedade, é antiga. De fato, podemos considerar o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, lançado em 1932, um marco dessa reivindicação que conquistou amparo legal pela primeira vez, na Constituição Brasileira de 1934. Esse Plano Nacional de Educação, acabou “letra morta” em razão do Estado Novo. O Plano Nacional de Educação que vigora atualmente – aprovado no final do ano de 1999 – está muito distante do plano nascido das discussões organizadas pela sociedade civil através dos 1º e 2º Congressos Nacionais de Educação. Por exemplo, foi vinculado para o financiamento da educação o que já vinha sendo destinado, ou seja, 7% do PIB. A proposta surgida nos CONEDs previa a utilização de 10% do PIB para que fosse possível a realização das metas propostas no plano. Para piorar a situação, o presidente da República vetou essa verba e dispensou apenas 5% do PIB para a educação. Além deste, o texto do atual PNE sofreu mais seis (6) vetos presidenciais dirimindo todos os avanços do texto aprovado no Congresso Nacional. O Fórum Estadual em Defesa da Escola Pública vem, desde maio de 1990, atuando na defesa da educação para todos, em todos os níveis. Tem se constituído como espaço privilegiado para avaliação e proposição de políticas públicas na educação e vem promovendo a reflexão sobre questões que perpassam a educação em São Paulo, como forma de contribuir para a construção do Plano Estadual de Educação da Sociedade Paulista. O CRP/SP é uma das entidades que coordenam este fórum colocando a psicologia no cerne das discussões sobre a educação o que tem possibilitado uma nova visão da escola e suas relações com um projeto educativo de compromisso social.

Liliane Garcez.

Fórum Estadual em Defesa da Escola Pública / CRP - SP.



Plantão Psicológico: Porque o que é psíquico também não pode esperar.

Resumo: Trata-se de um projeto de estágio especial. Denominado Plantão Psicológico, este projeto foi introduzido em caráter experimental no ano de 2000, visando atender à grande demanda proveniente da comunidade de pessoas que necessitavam de atendimento psicológico em momentos de crise. “O Plantão Psicológico viabiliza um atendimento de tipo emergencial - compreendido como um serviço que privilegia a demanda emocional imediata do cliente – e que funciona sem a necessidade de agendamento, destinado a pessoas que a ele recorrem, espontaneamente, em busca de ajuda para problemas de natureza emocional. (Dr^a Vera Engler Cury – Plantão Psicológico: Novos Horizontes, p.116)

Objetivos Implantar o Plantão Psicológico, na Clínica Escola, com enfoque na pesquisa sobre saúde mental comunitária, com atendimento realizado por estagiários em formação em Psicologia Clínica; Oferecer um novo serviço de atendimento psicológico compatível com as necessidades da comunidade, priorizando a relação interpessoal que possibilita o diálogo cliente-estagiário; contribuir com a Clínica/ Escola, melhorando a qualidade frente a quantidade de clientes que procuram esse tipo de serviço; Ampliar a possibilidade ao aluno em formação em Psicologia Clínica de atuação em casos diversificados, dentro de uma proposta inovadora de atendimento psicoterápico facilitando-lhe assim a absorção maior dos processos clínicos. Materiais e Métodos Procedeu-se a uma divulgação interna através de cartas, sendo professores do próprio departamento de psicologia, de outros departamentos e clínicas da Universidade informados sobre a existência do serviço. Elaborou-se também um cartaz de divulgação que foram afixados em alguns pontos estratégicos da Universidade e da cidade. Foram atendidas as pessoas que buscaram ajuda psicoterápica de urgência, sem agendamento prévio e por ordem de chegada. Utilizou-se para atendimento uma hora e trinta minutos de sessão no máximo. Criou-se um roteiro de entrevista específico para que se viabilizasse o estabelecimento de uma rotina no plantão. Cada cliente que procurou o serviço teve direito a um atendimento e até dois retornos no máximo, sendo então encaminhado para outros serviços, se necessário. O cliente foi recepcionado na sala principal da Clínica / Escola pelas atendentes do local que fizeram o encaminhamento para a equipe, que constitui-se de 6 plantonistas supervisionados por uma docente supervisora em frequência semanal de supervisões com duração de aproximadamente duas horas e trinta minutos. A equipe é supervisionada em grupo. O Plantão funciona em dias e horários específicos durante a semana e esse esquema é fornecido ao cliente pela secretaria da CPAF. Resultados:- realizaram-se 38 consultas e 76 retornos num total de 114 atendimentos com uma média de 19 atendimentos por plantonista ; 60 horas de supervisão. As faixas etárias que mais procuraram o plantão situaram-se entre 11 e 20 anos e 21 a 30 anos; 7 casos resolveram-se no próprio plantão e 16 foram encaminhados para psicoterapia; os motivos de consulta foram maiores em problemas familiares com 11 casos, seguidos dos de depressão com 8; pacientes do sexo feminino foram 28 e do masculino 10. Conclusão:- “partindo do princípio que – o que é psíquico também não pode esperar - como plantonistas vivemos a experiência na qual o paciente encontra-se em um tipo de hemorragia psíquica e a atuação não pode ser atrasada . Esta exigência o torna complexo e belo. Duas pessoas em um setting onde, uma necessita de ajuda urgente e derrama seu mundo interno em cima da outra que, por sua vez, tem que se moldar de modo a ser seu receptáculo. Mas não é exatamente esse balé psíquico que caracteriza o atendimento clínico?” (Equipe de plantonistas)

FURIGO, Regina C.P.L.; ALVARENGA, Kellen C.P.; ALVES, Ângela R.; GUEDES DE AZEVEDO, Guilherme M.; SILVA, Priscila V.; SOUZA, Edwirdes A. F.; VITA, Carolina B.

Universidade do Sagrado Coração.



Políticas públicas e psicologia: construindo processos políticos na formação.

A presente proposta surge como decorrência de discussões e inserções na área de formação em psicologia, nas práticas em psicologia no contexto de execução de políticas públicas, nos órgãos de representação da profissão e nos diferentes espaços de participação popular na sociedade que buscam assegurar a gestão pública através da constituição de coletivos sociais. Neste contexto, participamos de um processo aproximação entre entidades representativas da categoria, profissionais, alunos e professores do Departamento e Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul no sentido de pensar estratégias que contribuam para potencializar a produção da psicologia no campo das políticas de saúde pública. Numa perspectiva de discutir o saber e o fazer psicológico, acompanhando as transformações e exigências sociais do mundo contemporâneo, buscamos construir um lugar político e atuante na construção de estratégias de reconhecimento do trabalho da psicologia no contexto social. Neste processo coloca-se a questão da formação e as práticas da psicologia no contexto do Sistema Único de Saúde. Como uma possibilidade de viabilizar esta discussão participamos da experiência de prática disciplinar e de estágio curricular da graduação em psicologia com o objetivo de viabilizar a inserção dos graduandos no contexto de discussão e elaboração de políticas no campo da saúde pública. Na proposta de trabalho de campo de disciplinas e de estágio foram articulados: os locais de execução de políticas (unidades de saúde, postos de atendimento, órgãos públicos); as entidades de nossa categoria profissional, chamadas para representar os profissionais nos espaços de elaboração de políticas em saúde pública; e os fóruns de participação da sociedade como conselhos de saúde, onde se constitui o jogo social para assegurar recursos, propostas e modelos de gestão em saúde pública. Para desenvolver a proposta participaram deste processo, em 2000 e 2001, professores, estudantes, psicólogas conselheiras do Conselho Regional de Psicologia – 07 (RS), tendo como importante dispositivo o Grupo de Políticas Públicas formado pela Federação Nacional dos Psicólogos, Sindicato de Psicólogos, Conselho Regional, Sociedade de Psicologia e profissionais colaboradores. No decorrer destas ações os alunos foram criando elos de aprendizagem, destacando-se a proposta do “estágio nômade” de Luis Fernando Cruz Silva com o objetivo de problematizar os espaços coletivos de elaboração e implementação de um modelo de atenção em saúde mental nas políticas públicas. Assim o estágio esteve implicado com a participação nos diferentes lugares em que se produzem as políticas públicas no campo de saúde mental, às vezes, materializados em Comissões, Fóruns, Conselhos, outras vezes, visibilizados em problematizações conceituais e no processo de formar-se psicólogo. Pensamos que neste processo articulamos tanto um projeto educativo emancipatório, conforme bem coloca Boaventura de Souza Santos, como a busca pela revolução do cotidiano das políticas públicas abordando a saúde, de acordo com as análises de Gastão W. S Campos. A abertura para construir coletivos de trabalho que articulem estudantes, profissionais, entidades da categoria e universidades, fóruns da sociedade civil, tem possibilitado a articulação do conhecimento como práticas social, atitude que deve orientar nosso fazer para sustentar uma Psicologia como Ciência e Profissão.

Gislei Domingas Romanzini Lazzarotto; Célia Angelina Trevisi do Nascimento.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Conselho Regional de Psicologia.



Políticas Públicas Em Ensino Superior entre os Anos 1990-2000 e Efeitos para a Saúde De Professores.

Nossa atenção se volta para a saúde de trabalhadores em uma universidade pública, levando-se em conta as políticas públicas em educação em nível federal, que refletem na forma de funcionar de universidades estaduais, mesmo não sendo diretamente financiadas e regidas pelas diretrizes nacionais. Utilizaremos autores como Foucault no que se refere à sua compreensão de instituição e poder. O período a ser estudado no levantamento histórico será de 1990 a 2000, tendo em vista ser este o momento importante de preparação e incubação de certas lógicas que atualmente se encontram implementadas. A partir de tal levantamento, faremos considerações sobre o cotidiano atual de professores universitários e que têm um percurso de pelo menos 10 anos na universidade. A partir da cartografia das últimas políticas públicas realizadas no período pudemos perceber que as últimas políticas direcionadas à educação de nível superior têm priorizado um certo tipo de ensino que o alinha à lógica mercadológica, o que coloca em segundo plano o processo educacional. Isso se dá pelas gratificações implementadas pelo governo à produtividade, e no que concerne à realidade da instituição por nós estudada, a avaliação desses trabalhadores se dá pelo critério bibliométrico (número de artigos e papers publicados em determinados periódicos, considerados de bom nível e de repercussão internacional). Isso tem tido reflexo na saúde de professores e funcionários, no que se refere ao ritmo de trabalho dos professores, que não mais se encontram em condições de planejarem seu próprio ritmo de trabalho, tendo em vista a extrema cobrança que é realizada pelos prazos e pelos trabalhos administrativos, que têm se impregnado no cotidiano do docente, transformando-o em gerente. Esse quadro tem provocado uma corrida à competitividade, numa carreira que já direciona um certo distanciamento em relação a produções grupais, o que direciona o objetivo final, que era o de produção de conhecimento para um produtivismo a qualquer custo. Com isso, os encontros entre professores, o espaço que antes se tinha para a discussão de problemas em comum com outros colegas, tem sido a todo custo limitado. Em resistência a isso, vemos por partes dos docentes, tentativas das mais diversas para se tentar produzir esse espaço, por exemplo, na negação em realizar determinadas avaliações ou relatórios que serão avaliados segundo esses critérios ou uma tentativa de afastamento do ambiente acadêmico como forma de garantir um cotidiano que respeite o "ritmo humano", não colocando-os em situações em que lhes é exigida uma produtividade de máquina, metáfora utilizada por um dos entrevistados. O cansaço e stress comprometem a qualidade das aulas e de sua saúde, ainda que, a muito custo, reconheçam isso. O trabalho docente trata-se de um trabalho que invade a vida do trabalhador, tomando um tempo quase que integral da vida do docente, que acaba tendo que abrir mão de convivência familiar, de momentos de descanso e lazer. O caráter humano do trabalho docente parece estar sendo colocado de lado, e o que deveria ser prazeroso e gratificante parece estar se tornando um trabalho tão controlado quanto os demais.

HASHIZUME, Cristina Miyuki.

Universidade de São Paulo-USP.



Pós-graduação e trabalho: projetos e expectativas de doutorandos da ciência básica.

INTRODUÇÃO – O número de pós-graduandos brasileiros vem crescendo de forma acentuada nos últimos anos. Apesar disso, pouco tem sido pesquisado em nosso meio a respeito da formação do pesquisador. Ressalvas para os trabalhos de Falcão (1993), Peixoto (1994) e Carmo (2001). O número de postos de trabalho, no entanto, não vem acompanhando esse crescimento. A partir dessa constatação, recortamos de uma pesquisa mais ampla e analisamos, os projetos e as expectativas de um grupo de doutorandos inscritos num programa de pós-graduação em nível de excelência, de uma universidade pública brasileira. **MÉTODO** - Foram realizadas 10 entrevistas individuais, nos moldes do método biográfico e posteriormente o material foi submetido à análise de conteúdo (temática). O referencial teórico envolveu as produções de Bourdieu (1989, 1982, 1984). **RESULTADOS** – Todos os doutorandos apresentavam em seus relatos a certeza das dificuldades em inserir-se institucionalmente depois do final do curso, apesar do nível de excelência do programa de origem. Nove deles referiram o desejo de submeter-se a concurso público para uma universidade pública. Na impossibilidade de inserção imediata, os doutorandos pensavam em algumas alternativas: fazer pós-doutorado, atuar como professor visitante, estabelecer um projeto de pesquisa em colaboração com outra instituição. Nesses tipos de atividade percebeu-se que, apesar da precariedade, três níveis de relações se estabeleciam: o nível institucional, o profissional e o pessoal. Essas relações parecem compor uma rede que são, a nosso juízo, conseqüência e causa de outras (que redundam em auxílios, contratos etc), caracterizando a permanência do processo – considerado, portanto, para além do nível individual, já que é possível perceber uma acumulação de capital cultural para o próprio grupo de pesquisa ou programa de pós-graduação. Além disso os relatos indicaram que para ser um “pesquisador independente”, seria preciso, nesta área de conhecimento, alguns outros requisitos além do título de doutor: publicar sem o auxílio do orientador, orientar alunos de pós-graduação, obter financiamento e ter seu próprio laboratório. **CONCLUSÕES** – Considerando as formulações de Bourdieu, vimos que para o grupo pesquisado, o título de doutor não passa de requisito inicial para a carreira de pesquisador e que existem outros signos de distinção que comporiam o capital cultural necessário ao reconhecimento futuro no mundo da ciência (publicações, financiamento, laboratório etc). Vale observar também que diante da dificuldade de inserção depois do doutorado, as alternativas mostram-se dependentes de agências de fomento (pós-doutorado e projetos em colaboração) ou são temporárias (professor visitante). Ou seja, não se percebe a ampliação dos postos de trabalho em ciência mas sim um processo de precarização, com o afrouxamento dos vínculos e alongamento da formação, com apoios cada vez mais diversificados (para doutores, recém-doutores, PROFIX, etc). Destacamos também que durante o processo de ordenação desses estudantes o que parece naturalizar-se é, principalmente, a precarização dos postos de trabalho em ciência, trazendo consigo uma indeterminação quanto aos limites entre a formação e o trabalho científico.

Rita de Cássia Ramos Louzada; João Ferreira da Silva Filho.

Instituto de Psiquiatria / UFRJ.



Possibilidades e contribuições do método dialético e do movimento progressivo-regressivo sartreano para a Psicologia.

A questão do método nas ciências humanas, e especificamente na Psicologia, ainda é problemática. Como abordar nosso objeto, já que ele é da mesma natureza que o sujeito que o estuda? Como garantir a objetividade dos resultados? É possível responder a exigência da ciência clássica quanto a neutralidade do pesquisador? São apenas algumas indagações que estão presentes quando nos encontramos frente ao objeto de estudo ou de intervenção, seja na pesquisa ou no trabalho em psicoterapia. Entendendo a condição humana como dialética, isto é, que a personalidade humana e a história ocorrem sobre bases concretas, em meio a conflitos, contradições, negações, afirmações e superações impressas nas ações cotidianas, verificamos que é impossível ao pesquisador ausentar-se da relação com o seu objeto. Para garantir a objetividade da pesquisa os princípios ou a perspectiva teórica-metodológica da qual o pesquisador parte devem ser elucidadas e compreendidas como parte da pesquisa. Sartre esclarece e apresenta o movimento progressivo-regressivo, sustentado no método dialético como uma forma de garantir a objetividade do estudo. Este busca o movimento de totalização histórica da singularidade na intersecção da totalidade histórica geral, ambos imbricados porém irreduzíveis. Através da investigação das relações, mediações e projeto pelos quais determinada personalidade ou situação histórica se constitui, o método deve oferecer uma compreensão do fenômeno. Esta comporta dois momentos: da cumplicidade e da criticidade. Tal compreensão como histórica e ação dialética, é um momento da práxis, transforma tanto o objeto como o sujeito que o estuda, situando-os em sua condição objetiva e subjetiva de devir. A(s) masculinidade(s) e as formas de amar: experiências e expectativas de homens jovens universitários A centralidade que a temática amorosa vem ocupando ao longo da história humana, e por conseguinte no cotidiano de homens e mulheres é inegável. Apesar da longa data, a experiência amorosa ainda é considerada como um mistério perante o qual homens e mulheres sentem-se impotentes. Associado a isso, o cenário amoroso é marcado por impasses, desencontros, insatisfação, violência e sofrimento, o que se reflete no alto número de separações, relações breves e superficiais, discriminação de gênero, solidão e na elevada procura por psicoterapia visando resolver problemas relativos a temática. Culturalmente na juventude, há focalização de interesses pela questão amorosa e busca por uma relação madura e duradoura. Entretanto, os jovens encontram um campo de possibilidades para amar específico, o qual serve de mediação e também padronização de suas experiências e significações. Faz-se importante conhecer que campo de possibilidades é este na contemporaneidade, como uma forma não só de elucidar uma situação histórica, mas de contribuir para transformações que favoreçam o bem-estar dos indivíduos a partir de experiências amorosas mais satisfatórias. A presente pesquisa, encontra-se em andamento, e tem como objetivos: investigar as concepções de amor de homens jovens universitários e sua relação com ideologias dominantes; verificar possíveis arranjos e dificuldades encontradas pelos jovens em relação ao estabelecimento de relacionamentos amorosos; verificar como os jovens gostariam de experienciar o amor. Para obtenção de tal material estão sendo realizadas entrevistas com os jovens, que serão seguidas de análise e conclusão.

Zuleica Pretto.

UFSC.



Prática psicossocial junto a familiares de pessoas com necessidades especiais de Santa Maria / RS.

O Projeto de Extensão "Intervenção Psicossocial com Familiares de Pessoas com Necessidades Especiais (PNEs)" tem ocorrido desde Agosto de 2001 a partir do trabalho de acadêmicas do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM-RS). Acredita-se que a família tem grande importância no desenvolvimento biológico, psíquico e social de todo o ser humano, pois nela ocorrem as primeiras relações sociais da criança. Propõe-se uma intervenção junto aos familiares dos participantes dos projetos de extensão do Programa "Atividades Lúdicas e Esportes Adaptados", o qual o referido projeto faz parte. A família pode transformar-se, transformando seus integrantes (ou vice-versa) e, assim, tornar-se o agente gerador de mudanças mais próximo da PNE. Ao compartilhar temas relativos a sua condição de familiar de PNEs, estes poderiam dividir experiências assimilando possíveis soluções e atitudes. Através deste trabalho é oferecido um atendimento psicológico de grupo a fim de oportunizar um espaço de discussão e reflexão aos familiares de Pessoas com Necessidades Especiais de Santa Maria e região. A intervenção acontece aos sábados, semanalmente, durante uma hora e meia, com coordenação de dupla de monitoras da psicologia. O grupo é aberto e segue a orientação de supervisões quinzenais, baseadas no entendimento de grupo como operativo, de Pichon Riviere, ou grupo – tarefa. A participação dos familiares tem sido regulares, com cerca de seis presenças a cada encontro. O trabalho das acadêmicas de Psicologia acontece posteriormente ao trabalho dos estudantes de Educação Física, com o projeto de Atividades Físicas Orientadas para este público. Considerando que o presente projeto está em andamento e por não visar objetivos finais, é recente a definição de resultados, sendo estes observados a longo prazo. O trabalho também oportuniza às acadêmicas aprendizagem prática e teórica, principalmente na área de Psicologia Social e Comunitária. Além disso, as atividades vêm progredindo e atingindo uma relevância social por ser um dos poucos trabalhos oferecidos a este público – familiares de Pessoas com Necessidades Especiais (PNEs) – e também pela gratuidade do mesmo.

Gonçalves, Camila dos Santos; Barreto, Bartiéli Fernandes Correa; Rivas, Daniela Lima; Santos, Maúcha Sifuentes dos; Arpini, Dorian Mônica.

Universidade Federal de Santa Maria – UFSM / RS.



Práticas de Estágio em Psicologia Organizacional da Universidade São Francisco.

A Psicologia Organizacional oferece subsídios e auxilia profissionais a contribuir para melhorias na satisfação, bem estar e qualidade pessoal dos trabalhadores. Deste modo, a Universidade São Francisco, visando preparar seus alunos para uma adequada atuação profissional oferece dois níveis de estágio supervisionado, sendo um obrigatório (Estágio Supervisionado Nível I) e outro optativo (Estágio Supervisionado Nível II). Os estágios são realizados individualmente em organizações formais ou informais durante todo o ano letivo. O primeiro nível de estágio ocorre no 4º ano do curso e possui duração de 32 horas práticas, no qual o aluno desenvolve projeto em uma das seguintes áreas: empregabilidade, formação de equipes, liderança, gestão de recursos humanos, qualidade de vida no trabalho ou maturidade e trabalho, sempre sob orientação de um docente da área. Já no nível II os alunos realizam o Estágio Optativo no 5º ano do curso, com foco de atuação também no trabalho formal e informal, entretanto, nesse caso existem duas grandes áreas de trabalho: Consultoria de Processos (externa e interna) ou Psicologia Aplicada à Gestão de Talentos e Potenciais para o Trabalho, no qual o aluno realiza 32 horas de intervenção dentro da área escolhida, contando também com a supervisão de um docente. As supervisões ocorrem semanalmente na própria universidade e têm duração de 1h e 40 minutos por grupo que contam com 5 a 9 alunos/estagiários por supervisor. O resultado geral deste trabalho é apresentado no final do ano em forma de relatório e também em uma Mostra de Psicologia Organizacional, ocasião na qual os alunos trocam experiências entre si e com profissionais da região convidados para tal evento.

Campos, Keli Cristina de Lara Campos; Crespo, Mari Lucia Figueiredo; Migliavaca, Mara; Néri, Aguinaldo.

Universidade São Francisco.



Práticas de Leitura e formação de professores.

Esta pesquisa qualitativa foi realizada em Recife, Pernambuco, envolvendo um grupo de 18 professoras que atuam na educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental, em escolas públicas. As perguntas centrais da pesquisa foram: - Como aparecem nas narrativas de professores suas características enquanto leitores, concepções sobre leitura e sobre o ensino deste conteúdo curricular? - O que adultos letrados podem aprender enquanto participantes de uma comunidade de leitores, num programa de desenvolvimento profissional? - O desenho metodológico envolveu uma pesquisa empírica realizada em quatro campos complementares, quais sejam: - relatos autobiográficos acerca de memórias de leitura, coletados através de entrevistas individuais; - identificação de características destas professoras enquanto leitoras, através da participação em oficinas literárias; - acompanhamento do processo de escrita de projetos, incorporando o que aprenderam enquanto participantes do grupo de leitura; - observação de tentativas de implementarem mudanças nas práticas de ensino da leitura, com acompanhamento em sala de aula. Alguns pontos críticos para a formação docente puderam ser identificados a partir desta pesquisa, que encontra-se em fase de elaboração de relatório final. Constatou-se a relevância de estudar professores enquanto leitores e de considerar suas narrativas autobiográficas como recursos metodológicos para melhor compreender como se desenvolvem modelos pessoais de ensino da leitura. Outra conclusão é que estes adultos apropriaram novas práticas de leitura ao participarem de uma comunidade de leitores, o que evidencia que esta pode ser uma estratégia eficaz na formação docente.

Calland de Sousa Rosa.

Universidade Federal de Pernambuco.



Práticas e discursos psicológicos em ONGS-AIDS.

O final da década de 70 e o início da de 80 foram marcados por dois fatos: o início do movimento institucionalista no Brasil, definido como em 1978, caracterização decorrente da reconstituição histórica da emergência e difusão do paradigma da Análise Institucional em nosso país, e o grande relevo dado ao movimento de ONGs, particularmente a partir do período tomado por muitos como o da “redemocratização”, com a chamada “abertura”. Mesmo não sendo possível propor uma identificação entre os dois movimentos, chegou-se a uma investigação do segundo, em sua vertente relacionada à epidemia de HIV/AIDS, a partir de pesquisa sobre o primeiro, onde se pretendia analisar criticamente a bibliografia existente sobre a história das práticas e saberes psi no Brasil, e destacar as características que marcaram a categoria dos psicólogos, no âmbito acadêmico, político e institucional. O surgimento dos primeiros casos de aids, oficialmente datados 1981, pouco mais de vinte anos, portanto, trouxe a presença de sentimentos e estados subjetivos originados no preconceito, na discriminação, na solidão, na dor, na sensação de proximidade da morte e no medo daí decorrente. Como resultado, de forma aparentemente natural, surge um conjunto de problematizações que atribuem às pessoas afetadas pelo HIV – incluindo as infectadas, seus parceiros, familiares e amigos – uma necessidade de assistência psi. Das mais variadas formas, tal assistência procura obter junto à pessoa conforto para a situação vivenciada, embora nem sempre ser dada a devida importância ao sentido atribuído pela própria a seu estado, muitas vezes em não conformidade com o olhar do especialista. Assim, a psicologia encontra, a partir de uma rede de desdobramentos, um vasto campo de atuação, discurso e afirmação. Fazer, portanto, a história do percurso que leva ao estabelecimento da AIDS como uma questão é contribuir para historicizar os saberes psi, que, integrados a outros tantos, compõem jogos de legitimação. Assim, tendo como meta investigar a legitimação da psicologia frente ao tema HIV/AIDS, foram feitas leituras específicas sobre práticas psi em ONGs/AIDS, assim como um estudo das etapas fundamentais da história oral (gravação do depoimento, confecção do documento escrito e sua eventual análise), e entrevistas com coordenadores de projetos relativos à epidemia. Em relação às ONGs/AIDS a serem investigadas, considerou-se as 53 afiliadas ao Fórum de ONGs/AIDS do Estado do Rio de Janeiro. Dessas, 44 foram escolhidas devido à possibilidade de acesso, por se situarem na cidade do Rio de Janeiro e adjacências, e agrupadas de acordo com aspectos comuns que as caracterizam: religiosas, filantrópicas, ligadas à movimentos políticos de proteção à mulher, à criança e aos homossexuais. A partir das leituras, contatos com informantes e entrevistas, foram identificados efeitos de assistência psicológica e de afirmação do discurso psi, cuja naturalização no cotidiano os torna imperceptíveis e sem necessidade de formalização dentro das entidades. Com isso, essas práticas de assistência, ainda que com a participação de psicólogos e com a chegada às entidades de pessoas em busca de algo que entendem como “assistência psi”, não são explicitadas ou mesmo reconhecidas nas propostas das ONGs-AIDS. (UERJ).

Érica Valentina Alt; Heliana de Barros Conde Rodrigues; Antônio Carlos Cerezzo.

Núcleo CLIO-PSYCHÉ / UERJ.



Práticas educativas na comunidade: um olhar para a formação do sujeito social.

Esta pesquisa investigou a posição dos adultos com relação aos valores implícitos na formação de suas crianças, na relação com a sociedade e na construção do cidadão. A vida privada foi pensada em uma relação dinâmica com a vida pública. A idéia de cidadania é desvinculada da concepção liberal que usualmente é associada ao termo. Nesse trabalho a experiência vivida pelas famílias foi contemplada, levando-se em consideração sua relação com a macro- estrutura em que a comunidade está inserida e as relações de produção que envolvem a mesma. A pesquisa realizou-se na periferia de São Paulo. As famílias foram convidadas a participar da pesquisa em decorrência de seu interesse e disponibilidade. Os membros da associação de moradores divulgaram e promoveram a pesquisa na comunidade. A coleta de dados foi realizada através de um debate precedido pela apresentação do filme “Com Licença Eu Vou A Luta”. Da análise emergiram algumas tendências básicas dos princípios educativos dos pais na formação de seus filhos. Essas tendências foram entendidas como produção do grupo naquele momento, já que as idéias apresentam uma predominância transitória e relativa. O estereótipo dos valores e normas pertencentes a família nuclear burguesa ainda impera, incorporado na fala da maioria dos participantes. A expectativa que aparece com maior frequência é a de que os filhos se adaptem aos modelos vigentes, impostos pela ideologia dominante, e tenham ascensão ao poder estabelecido. Um início de crítica aparece de maneira sutil em alguns participantes, através de questionamentos remetidos a estrutura familiar tradicional e aos princípios hierárquicos rígidos que a sustentam. A coação e a opressão da autoridade, no caso da instituição familiar, aparece valorada como violência.

Tânia Santana Gandolfo.

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.



Práticas educativas parentais relatadas por adolescentes autores de atos infracionais.

Este estudo integra um trabalho de doutorado que objetiva investigar a relação da configuração familiar e das práticas educativas parentais com comportamento delinqüente, considerando a perspectiva de adolescentes autores de atos infracionais e de suas mães. Práticas educativas são estratégias utilizadas pelos pais com o objetivo de promover a socialização de seus filhos, que inclui internalização de normas sociais e modificação de padrões inadequados de comportamento. Alguns estudos indicam uma relação entre determinadas práticas educativas e desenvolvimento de comportamento anti-social ou delinqüente na infância e na adolescência. Dentre essas práticas, destacam-se o uso freqüente de punição, o baixo monitoramento e a negligência parental. Considerando a relevância do problema, foram objetivos específicos deste estudo: 1) definir as categorias de práticas educativas parentais, que serão utilizadas para a análise no estudo de doutorado, referido anteriormente; 2) e descrever as práticas educativas utilizadas por pais e mães em situações estruturadas. Participaram deste estudo 20 adolescentes do sexo masculino, com idade entre 14 e 19 anos, que cumpriam medidas sócio-educativas na FEBEM-RS. Foi realizada uma entrevista estruturada com questões abertas, na qual eram propostas três situações que envolviam comportamentos inadequados dos adolescentes e era solicitado ao jovem que relatasse o que os pais faziam em cada uma delas. Os dados foram submetidos à análise de conteúdo que revelou 10 categorias emergentes de práticas educativas parentais. Oito dessas foram organizadas em dois grupos: 1) Práticas indutivas: a) explicação baseada em convenções; b) aconselhamento/conversa; e 2) Práticas coercitivas: a) estratégia para gerar culpa ou medo; b) punição física; c) punição verbal; d) coação física; e) castigo ou privação; f) ameaça de punição. Duas categorias não foram classificadas nem como indutivas, nem como coercitivas, e foram denominadas não interferência e monitoramento. Verificou-se, na definição das categorias, uma variabilidade maior de práticas coercitivas e poucas práticas indutivas, indicando que, na percepção dos adolescentes, as primeiras são prioritariamente empregadas pelos pais. Quanto às estratégias parentais relatadas pelos adolescentes nas situações estruturadas, observou-se que na primeira situação, que envolvia o comportamento de desobediência, as mães parecem utilizar principalmente as práticas de não interferência e de monitoramento, enquanto os pais utilizam a punição física e a não interferência. Na segunda situação que envolve o comportamento de mentir, as mães e os pais usam a punição física e a punição verbal, para controlar o comportamento do filho. Finalmente, na terceira situação envolvendo o comportamento de roubar, as mães recorrem prioritariamente à punição verbal e ao monitoramento e os pais, às práticas de aconselhamento/conversa e de punição física. A análise dos dados indicou que, embora os adolescentes tenham referido diversas estratégias parentais, as práticas coercitivas e a não interferência parecem ser as principais formas dos pais lidarem com os comportamentos inadequados dos filhos, o que também é referido pela literatura. Salienta-se ainda o fato da punição física ser a estratégia mais utilizada pelos pais nas três situações investigadas. Através do trabalho de doutorado pretende-se aprofundar essa discussão considerando outras variáveis relacionadas às práticas educativas e ao desenvolvimento do adolescente. Palavras-chave: práticas educativas parentais, adolescente, delinqüência.

Janaína Pachec; Camila Rodyc; Karina Blom; Claudio Hutz.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



Práticas psicológicas no Banco de Leite Humano do município de Taubaté-SP.

Este trabalho busca apresentar as contribuições que a Universidade de Taubaté, vem direcionando ao Banco de Leite Humano de Taubaté, trazendo o Departamento de Psicologia a participar das estratégias de redução dos índices de desmame precoce no município de Taubaté – SP. A campanha mundial de incentivo ao aleitamento materno teve início na década de 70, sendo que no Brasil a consolidação do Programa Nacional de Incentivo ao Aleitamento Materno (PNIAM), realizado pelo Ministério da Saúde e Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição, foi criado em 1981. O PNIAM tem como objetivo promover, proteger e apoiar a prática do aleitamento exclusivo até os seis meses e complementando com outros alimentos, se possível, até os dois anos. Busca-se assim, combater o desmame e a desnutrição precoce bem como reduzir a morbimortalidade infantil, além de melhorar a saúde física e emocional do binômio mãe-filho, fortalecendo a formação do vínculo entre os dois. Passados 20 anos de implantação da campanha de aleitamento no país, avaliações, apontam que, embora tenha havido melhorias no padrão de amamentação do país, a meta de amamentação exclusiva até o 6º mês ainda não foi atingida. Cabe, portanto, a continuidade dos esforços em informar e educar a população neste sentido. Nesta perspectiva o projeto teve como objetivos (1) introduzir o profissional em Psicologia como membro da equipe multidisciplinar atuante no Banco de Leite Humano de Taubaté, ampliando o estudo sobre as variáveis que possam vir a interferir na decisão e no processo de amamentar; (2) delimitar e intervir sobre os aspectos psicológicos que sejam avaliados como agentes que facilitam ou dificultam o aleitamento humano; (3) desenvolver pesquisas que contribuam para o estudo e aprimoramento dos serviços oferecidos. As práticas clínicas desenvolvidas pelo projeto voltam-se aos níveis primários e secundários de atuação e baseiam-se nos seguintes modelos de atendimento psicológico: (a) avaliação psicológica de gestantes e puérperas: avaliação das condições emocionais da mulher participantes no processo do aleitamento; (b) orientação Psicológica: aplicação de modelos de intervenção breves e focais, voltados ao aconselhamento e a atendimento de apoio; (c) participação nos grupos de preparação à amamentação (gestantes e puérperas): busca-se uma ação profilática, organizando grupos informativos sobre aleitamento materno. Os resultados apresentados relacionam-se à primeira etapa de sua implantação. (1) A mera reprodução dos modelos tradicionais de atendimento clínico com ênfase na atenção secundária, não se mostra adequada ao tipo de demanda estudada. (2) O fenômeno da amamentação é influenciado por variáveis de ordem bio-psico-sociais que devem ser consideradas em suas múltiplas relações. Assim, não podemos nos satisfazer em “tratar” apenas, mas ampliar os conhecimentos da população trazendo-a ao papel ativo de cuidadores de sua própria saúde e dos que lhe são próximos. (3) As práticas a serem aplicadas devem contribuir para uma compreensão globalizada do fenômeno, favorecendo o estudo e o trabalho interdisciplinar.

Ana Cristina Araújo do Nascimento; Nativa Carvalho Barros.

Universidade de Taubaté.



Prazer em conhecer: um projeto de orientação sexual com alunos de ensino médio.

O projeto “Prazer em Conhecer” é uma parceria da Academia Horácio Berlinck com a Escola Estadual “Dr. Tolentino Miráglia” em um trabalho de Orientação Sexual, destinado aos alunos do ensino médio. Em agosto de 2000, na 1ª etapa do projeto, formaram-se dois grupos com 10 alunos cada um. Durante 08 encontros, a psicóloga responsável pela orientação do trabalho reuniu-se com cada grupo por um período de 1h30min, aos Sábados. Nesta etapa foram realizadas diversas atividades com o objetivo de abordar os vários aspectos relacionados a sexualidade humana como, por exemplo, afetividade, virgindade, métodos contraceptivos, homossexualismo, doenças sexualmente transmissíveis e outros temas. Na 2ª etapa, os grupos realizaram uma pesquisa com alunos da 5ª e 6ª séries do ensino fundamental, buscando identificar o interesse desta faixa etária pela temática referente a sexualidade. De posse das respostas, os grupos decidiram trabalhar a exposição dos temas de maneiras diferentes. Um dos grupos optou por elaborar um boletim informativo que abordasse temas como: mudanças no corpo, masturbação, menstruação, a primeira vez, gravidez na adolescência, aborto, AIDS e homossexualismo. O outro grupo escolheu apresentar o tema gravidez na adolescência, em forma de peça teatral, a partir de um roteiro criado por eles. A apresentação aconteceu no pátio da escola para todos os alunos, do período diurno e noturno, no dia mundial de combate a AIDS. O boletim informativo foi distribuído a todos os alunos no início do ano letivo de 2001. Em 2001, o formato da proposta foi modificado. Desta vez os alunos da escola estadual juntaram-se aos alunos da escola particular para organizarem um levantamento junto aos alunos das duas escolas com o objetivo de identificar qual é a opinião destes jovens sobre o adolescente, a família e a sexualidade. O resultado mostrou que os alunos avaliam as famílias como “conservadoras” quando o assunto é sexo e se auto-avaliam como pertencentes a uma geração que trata deste assunto com liberdade e sem qualquer tabu. Por outro lado, estes mesmos jovens revelam-se inseguros quanto a própria sexualidade e munidos de muito preconceito quando o tema é a homossexualidade. Além da pesquisa, o grupo produziu um vídeo com dramatização seguida de debate acerca das questões que envolvem o adolescente e a sexualidade. Também foi elaborado um “jogo”, no computador, com perguntas e respostas. Os dois trabalhos foram expostos numa feira, organizada pela secretaria da saúde do município, no dia mundial de combate a AIDS, no ano de 2001. Em síntese, verificou-se que o projeto atingiu dois objetivos primordiais: a) aproximar alunos da escola particular e da rede pública; b) desenvolver com jovens pertencentes a classes sociais diferentes um trabalho de orientação sexual, despertando a consciência destes adolescentes para este aspecto do seu desenvolvimento no contexto da sociedade na qual estão inseridos.

Domingos, J.L.R.; Stangherlim, R.

Academia Horácio Berlinck.



Predominância de Sintomas de Ansiedade em Pacientes do Nata com Transtorno do Pânico.

Objetivo: O objetivo do estudo foi verificar o sintoma mais freqüente e o menos freqüente de ansiedade pela escala de Sheehan, entre pacientes com Transtorno de Pânico. Material e Método: O Transtorno do Pânico foi avaliado, numa amostra de 138 indivíduos, através de rotina padronizada em pacientes atendidos no NATA, que inclui o diagnóstico psiquiátrico, segundo os critérios do DSM-IV e a aplicação da escala de ansiedade de Sheehan. Resultados: Observa-se que 125 pacientes (90,6%) apresentam o sintoma “pausa ou aceleração do coração” e apenas 80 pacientes (58%) referem “desrealização”- itens 5 e 17, respectivamente, da escala de Sheehan. Conclusão: Os pacientes com Transtorno de Pânico, em geral, recorrem primeiramente, à ajuda cardiológica. Isto pode ser explicado pelos resultados apresentados acima, ou seja, o sintoma “pausa ou aceleração do coração” é mais freqüente entre todos os sintomas do ataque de pânico e tem um valor subjetivo de ameaça à vida maior do que a desrealização, que por sua vez, é um sintoma interpretado pelo paciente como ameaça à sua integridade psíquica.

Gomes de Matos, T.M.; Annichino, A.G. P.S.; Gomes de Matos, E.; Patutti, C.A.O.B.; Sardeli, L.R.; Stella, C.R.A.V.; Santos, L.C.; Rossi, V.P.S; Ravera, L.; Yamakawa, A.P.; Braide, P.S.

FCM-UNICAMP.



Preferência musical em bebês de um ano de idade: investigações sobre modo maior/menor em música.

Em nossa cultura, existe uma associação convencional do modo maior em música com “alegre” e do modo menor com “triste”. A despeito das discordâncias sobre o porquê de tal conotação emocional, o fato é que esta é uma das ligações mais sólidas entre estrutura musical e linguagem das emoções humanas. Dada a conotação positiva do modo maior, este costuma ser preferido. Existem autores que apresentam a hipótese de uma preferência inata pelo modo maior, fundamentada em propriedades acústicas dos sons. Outros, no entanto, defendem a idéia de uma aprendizagem sócio-cultural da preferência musical. Os estudos com bebês têm sido uma forma razoável de lançar um pouco de luz a essa discussão, por terem tido uma exposição cultural menor que a de um indivíduo adulto. O presente estudo procurou verificar a preferência pelo modo maior em bebês de um ano de idade. Foram testados 14 bebês, com idade entre 12 a 23 meses (3,59 meses), através de um procedimento de fixação visual: os bebês podiam permanecer ouvindo um estímulo auditivo pelo tempo desejado, olhando para um quadro com luzes “pisca-pisca”. A medida dependente foi o tempo de duração do olhar, enquanto o bebê escutava um determinado tipo de música. Cada sujeito atuou como controle de si mesmo, ouvindo alternadamente tanto a um estímulo quanto ao outro. $\pm(M=17,54$ Quando o bebê olhava para o quadro com luzes, um dos dois estímulos sonoros era apresentado, de acordo com a seqüência que lhe era atribuída aleatoriamente. Enquanto permanecia olhando, o estímulo sonoro continuava sendo apresentado. Quando desviava o olhar, o som era simultaneamente desligado. Em outras palavras, o bebê podia controlar o tempo de execução do estímulo sonoro através de seu olhar. Dois CDs com seqüências diferentes foram gravados para evitar vieses em função da ordem de apresentação dos estímulos, com gravações sintetizadas da música “Frère Jacques”, em tom maior e menor e com timbre de caixinha de música. A experimentadora permaneceu ouvindo música constante através de fones-de-ouvido. A atribuição do CD a cada bebê era feita por uma auxiliar. Esses dois cuidados foram tomados para evitar uma indução dos resultados por parte da experimentadora, se soubesse qual música estava sendo ouvida pelo bebê. A comparação das médias foi feita através de teste t, que não revelou preferência por nenhum dos dois estímulos ($t = 0,325$, $df = 26$, $p = 0,748$). Sete bebês olharam mais para o quadro durante a apresentação do estímulo em modo maior, enquanto os outros sete olharam mais durante o estímulo em modo menor. Não foi observada preferência por nenhum dos dois estímulos nos bebês estudados. Esse resultado sugere a hipótese de aprendizagem cultural da preferência pelo modo maior em música. Estudos anteriores indicam que essa aprendizagem ocorra entre seis meses e três anos de idade. Embora nossos resultados corroborem essa hipótese, é prudente ser cauteloso em sua generalização. Os estímulos utilizados anteriormente foram tríades, enquanto nosso estudo baseou-se na alteração harmônica de um trecho musical. Portanto, sugerimos a condução de outros estudos antes de se fazer afirmações conclusivas.

Mônica Geraldi Valentim; Kelly Karina Fiomari.

Universidade do Sagrado Coração.



Preferência racial de crianças da cidade de João Pessoa.

Uma apreciação das atitudes das crianças face a outros grupos requer investigar sua disposição para interagir socialmente com pessoas de diferentes grupos, o que pode ser feito através da análise da preferência em relação à própria e às outras categorias raciais. Neste sentido, o presente estudo teve como objetivo investigar a preferência racial em 147 crianças de João Pessoa, brancas, morenas e negras, com idades de 5 a 10 anos. Interessava, mais especificamente, verificar a influência da idade e da cor da pele na construção da preferência racial. Para tanto, utilizou-se fotografias de crianças das quais cada sujeito deveria escolher fotos para compor as seguintes situações: 1- um irmão adotivo, 2- o melhor amigo, 3- uma criança com quem dividiria doces e 4- uma criança com quem faria atividades para nota. Para cada situação, a criança poderia fazer uma única escolha entre as fotografias de uma criança negra, uma morena ou uma branca. Os resultados foram os seguintes: a) Quanto à variável cor da pele, na situação de escolha de irmão, verificou-se que as crianças brancas apresentaram uma preferência etnocêntrica ao passo que as crianças morenas e negras apresentaram uma preferência allocêntrica; Observou-se que 64,7% das crianças negras preferem uma criança branca para ser o seu irmão adotivo, enquanto que apenas 23,5% delas escolhem uma criança da mesma cor de pele que a sua para ser o seu irmão adotivo. Com relação a preferência para dar doces, verificamos que 41,2% das crianças negras preferem uma criança branca, e apenas 35,3% delas preferem uma criança negra. Com relação à fazer atividades escolares e a escolha do melhor amigo, as porcentagens são semelhantes. Deste modo, em todas as preferências das crianças negras, a categoria branco é predominante. Isso corrobora o fato de que as crianças negras tendem à negar sua pertença ao grupo racial dos negros, preferindo assim, aderir a um grupo que seja mais valorizado socialmente, neste caso, o grupo dos brancos. b) Quanto à variável idade, as crianças dos dois grupos de idade (5 a 7 e 8 a 10 anos) mostraram preferência por uma criança branca na situação de escolha de irmão, sendo essa preferência mais expressiva nas crianças mais novas; na situação de escolha de melhor amigo, observou-se o mesmo padrão de resposta; na situação de dividir doces e fazer atividades para notas, todas as crianças independente da idade, preferiram uma criança branca. Baseado nestes dados, conclui-se que a preferência racial de crianças brancas em todos os níveis de análise indica uma forma etnocêntrica de preferência, ao passo que as crianças negras e morenas estabelecem uma preferência racial allocêntrica.

Anne Gleide Filgueira Pereira; Patrícia da Silva; Bárbara Rachel Lima Barreto; Aline Oliveira Machado; Leoncio Camino.

Universidade Federal da Paraíba.



Preparação e acompanhamento psicológico à criança em exames hospitalares: relato de uma experiência.

É comum as crianças associarem a hospitalização à dor, uma vez que em tal contexto são submetidas a diversos procedimentos dolorosos que adquirem caráter ameaçador e agressivo, gerando ansiedade, fragilidade emocional e corporal na criança e em seus familiares. Mediante esta constatação, a psicologia percebe a preparação para tais procedimentos e exames como extremamente relevantes, já que parte da compreensão de que através do conhecimento acerca do procedimento que a criança experienciará, ela passa a se apropriar de seu corpo e a ter domínio sobre o mesmo, podendo mudar sua atitude frente à situação. A preparação psicológica para procedimentos hospitalares objetiva, em tese, tornar tais procedimentos menos ansiogênicos e traumáticos a criança, podendo minimizar seus medos diante do desconhecido, desmistificar suas fantasias e proporcionar suporte para que a criança sintasse-se segura durante as intervenções. Esta atividade consiste em dois momentos, a intervenção lúdica, onde a criança externaliza seus medos, angústias e conflitos internos, dominando-os por meio da ação; e o acompanhamento durante o exame, onde se oferece a criança o suporte psicológico e, por vezes, até físico. Ilustrar-se-á esta temática através do caso de um paciente acompanhado no Ambulatório de Quimioterapia do Hospital Infantil Joana de Gusmão. A questão trazida pela equipe era a necessidade da criança em se submeter a uma ressonância magnética de coluna cervical, dorsal e lombo-sacra, sem sedação, que vinha sendo utilizada devido ao pânico apresentado pela criança diante da utilização do escafandro, aparelho necessário à ressonância magnética da coluna cervical. A preparação psicológica ocorreu na véspera da realização do exame e teve duração de 4h e 15 min. A proposta foi montar, junto ao paciente, uma sala de ressonância magnética com os materiais disponíveis, tais como caixa de papelão, lençóis, ataduras, cadeiras, rolo de esparadrapo, seringa, tesoura e massinha de modelar, para que o exame fosse dramatizado. Foram feitas dramatizações acerca da vivência a ser realizada na perspectiva da criança. Após esta etapa, também foram fornecidas informações referentes à realidade a ser vivida, sempre proporcionando a expressão de seus sentimentos e fantasias. Trabalhou-se, paralelamente, com exercícios respiratórios, visando o controle dos medos e ansiedades do paciente. Acompanhou-se o paciente na ressonância magnética. O resultado observado mostrou que o paciente conseguiu utilizar-se dos recursos trabalhados na preparação realizada, permitindo a colocação do aparelho, mantendo-se imóvel durante todo o exame (3h e 40 min), usando exercícios respiratórios e, colaborando ativamente no processo. Assim, confirma-se que cabe ao psicólogo buscar saber da criança o que compreende sobre seus receios, dar suporte para que expresse suas fantasias e esclarecê-la frente ao desconhecido, buscando diminuir o estresse e aumentar sua capacidade de enfrentar os procedimentos hospitalares.

Jadete Rodrigues Gonçalves; Juliana Salum de Oliveira; Patrícia Mendes da Silva; Vivian Glauche Jaroszewski.

Universidade Federal de Santa Catarina.



Preparação psicológica para cirurgia: uma experiência com crianças com câncer.

No âmbito do trabalho hospitalar, principalmente com crianças, é notável a influência dos aspectos psicológicos em qualquer vivência de intervenção cirúrgica. Uma cirurgia, em geral, gera angústia para o paciente e sua família. Seu anúncio frequentemente desencadeia a antecipação psicológica da dor, do desconforto, do sofrimento e da sensação de mutilação, algumas vezes, mobiliza ansiedade de morte. No caso do paciente infantil, estas vivências são ainda mais intensas. Isso porque, na mente infantil, as ameaças reais se misturam aos perigos imaginários e fantasias diversas, o que pode gerar uma série de perturbações emocionais. O processo de preparação psicológica para cirurgia tem por objetivo amenizar as ansiedades diante da situação, através do fornecimento de informações adequadas; proporcionar um espaço para a expressão de medos e fantasias, desmistificando-as; aproximar a criança da realidade desconhecida ao esclarecer dúvidas acerca deste processo. Para tanto, são utilizados recursos como: verificação dos conhecimentos da criança sobre o procedimento cirúrgico, bem como seus medos e fantasias; fornecimento de informações sobre a intervenção a ser realizada, em linguagem adequada ao nível de compreensão da criança; dramatização da situação de cirurgia com a utilização de bonecos, sucata hospitalar e vestimentas cirúrgicas; visita ao centro cirúrgico e sala de recuperação; apresentação da equipe técnica responsável pela cirurgia. Nossas experiências de preparação psicológica para cirurgia com crianças portadoras de câncer, no Hospital Infantil Joana de Gusmão, têm mostrado bastante sucesso ao atingir os objetivos a que se propõe. Verifica-se, com a realização da preparação, uma diminuição e controle da ansiedade por parte da criança e da família, o que facilita a compreensão do processo e participação no mesmo. Observa-se com frequência a manifestação de fantasias das crianças e dos pais e a verbalização de medos acerca do procedimento cirúrgico, sendo que diversas dúvidas podem ser esclarecidas e fantasias desmistificadas. A dramatização do processo de cirurgia, além de também possibilitar a emergência de medos e fantasias, facilita a elaboração da criança, a medida em que esta assume um papel ativo diante da situação. O manuseio das roupas cirúrgicas, sucata hospitalar e brinquedos que representam os instrumentos a serem utilizados na cirurgia também facilitam a expressão de sentimentos e propiciam a elaboração dos mesmos. Cada vez mais se confirmam na prática os benefícios de uma preparação adequada, que enfatize os aspectos psicológicos desencadeados neste processo. Faz-se necessário, também, um trabalho integrado da equipe de saúde, com participação dos profissionais das diversas áreas envolvidas e troca de informações com o objetivo de oportunizar ao paciente uma vivência integrada que fortaleça sua capacidade interna.

Jadete Rodrigues Gonçalves; Juliana Salum de Oliveira; Patrícia Mendes da Silva; Vivian Glauche Jaroszewski.

Universidade Federal de Santa Catarina.



Presença da produção da pós-graduação nos programas de disciplinas de graduação em psicologia: Integração ou dissociação?

O objetivo deste estudo foi investigar se textos produzidos por professores-pesquisadores brasileiros atuantes em programas de pós-graduação chegam às listas bibliográficas dos cursos de graduação em psicologia. Em 2000, visando à elaboração do Exame Nacional de Cursos (Provão), o MEC/INEP solicitou aos cursos de graduação em psicologia o envio de seus programas de ensino. A Diretoria de Avaliação e Acesso ao Ensino Superior do INEP elaborou um documento que lista, entre outros dados, as ementas e bibliografias das disciplinas dos cursos. Ressalte-se que nem todos os cursos enviaram o material completo. Foram fornecidas cerca de 180 ementas, que incluíam um total de 402 referências bibliográficas. Um banco de dados com os autores de cada título foi comparado com a segunda edição do Diretório de Pesquisadores da Psicologia Brasileira, publicado em um número especial da revista *Psicologia: Teoria e Pesquisa* (volume 13, 1997), e com os currículos Lattes dos professores-pesquisadores disponíveis no site do CNPq. Do total de 402 títulos, 37 (9,2%) eram de professores-pesquisadores. As ementas foram divididas pelo INEP em seis áreas. Nas disciplinas de Psicologia Social verificou-se o maior número e a maior porcentagem: de 49 textos, 11 eram de autoria de professores-pesquisadores, correspondendo a 22,44% das referências da área. A menor proporção foi encontrada nas disciplinas de Psicopatologia (1,56%), correspondente a um título entre 64. Os resultados das outras áreas foram os seguintes: Psicologia Geral e Experimental, 10 títulos entre 80 (12,5%); Psicologia do Desenvolvimento, 3 títulos entre 75 (4%); Psicologia da Personalidade, 5 títulos entre 69 (7,24%); e Ética Profissional 7 títulos entre 65 (10,77%). Os resultados sugerem que o impacto da pós-graduação na graduação é modesto a partir do levantamento dos títulos referidos nas ementas. Razões para tal situação podem ser abordadas de diferentes pontos-de-vista. Por um lado, os professores-pesquisadores têm pouco incentivo para produzir material voltado ao ensino de graduação, como livros-texto e manuais. Eles são incentivados a publicar artigos em periódicos, preferencialmente internacionais. Por parte dos professores da graduação, pode haver desconhecimento da produção da pós-graduação, dificuldade de acesso a ela, pouco recurso a artigos de periódicos, ou preferência por autores estrangeiros e de outras áreas do conhecimento. A baixa porcentagem nas disciplinas de Psicopatologia pode ser atribuída à preferência por livros escritos por profissionais de outra área (psiquiatria), não considerados neste estudo. A área de psicologia social destacou-se pela maior proporção de títulos de professores-pesquisadores. São discutidas as razões para diferenças entre as seis áreas da psicologia, e subsídios para políticas de integração entre graduação e pós-graduação em psicologia no Brasil. Aponta-se necessidade de estudos subsequentes, pelos quais se possa avaliar o impacto das recentes medidas de avaliação externa de cursos de graduação, além da evolução da proporção de trabalhos de professores-pesquisadores nessas ementas.

Anderson Rodrigues Barbieri; Adriano Moraes Migliavacca; Gustavo Gauer; William Barbosa Gomes.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



Prevenção ao pé d'ouvido.

O presente trabalho pretende pensar a psicologia transcendendo os limites das práticas tradicionais, englobando nessa perspectiva a inserção da psicologia como pesquisa e prática, comprometida com a ética da vida, que diz de uma luta pelo direito de escolha, de reflexão e de mudança de valores estabelecidos, valores estes que, muitas vezes, se contrapõem aos direitos humanos e ao exercício da cidadania. A partir destes princípios, criamos “Prevenção ao Pé d’Ouvido, um projeto que visa compreender a posição da mulher no contexto social da epidemia da AIDS, para então pensar em possibilidades de empoderamento frente a esta situação. As condições individuais, sociais e políticas que perpassam a história da mulher no Brasil mantiveram-na – e ainda a mantêm – afastada de toda e qualquer prática que lhe permita questionar sua condição. Conhecimento de corpo, informações sobre sexo ou fisiologia feminina se constituíram tabus durante muito tempo e ainda hoje parecem empobrecer a visão da mulher sobre seu corpo e sua sexualidade. Como efeito desta conjuntura, verifica-se que o grupo de maior incidência de contaminação pelo HIV nos últimos anos é o de mulheres: se em 1985 a razão homem/mulher soropositivos era de 28:1, hoje esta razão diminuiu para 3:1. A forte tendência à feminização da epidemia da AIDS no Brasil ao longo dos últimos anos nos mostra que esse contexto heterossexista e machista faz com que a mulher esteja “desempoderada” tanto econômica quanto politicamente, limitando sua capacidade de ação e negociação dentro das relações afetivas heterossexuais. Enquanto estudantes de psicologia, no entanto, pensamos que mesmo o peso deste contexto não implica necessariamente no aprisionamento da mulher ao estabelecido. É preciso, mais do que justificar o estabelecido através da história e da cultura, questionar a forma como as práticas sociais e os discursos têm sido incorporados às ações cotidianas dessas mulheres, influenciando suas escolhas, atitudes e comportamentos. A partir da conscientização de seu papel de sujeito da cultura, é possível assumir responsabilidades frente as relações de poder e de produção construídas pela dinâmica entre gênero e outras dimensões sociais.

Alessandra CARRASCOSA; Ana Flávia Petrovcic FATTORE; Dulce Aurélia de Souza FERRAZ.

UNESP-Assis.



Problemas de atenção e de aprendizagem associados à obstrução das vias aéreas superiores.

As vias aéreas superiores (nariz, seios paranasais e faringe) podem ser obstruídas por alterações anatômicas ou processos inflamatórios, os quais acarretam respiração bucal, mordida aberta, fonação alterada, má alimentação, otite, ventre proeminente, sono agitado e irregular, fadiga física e mental e desatenção. Essas alterações, especialmente a dificuldade em atingir e manter o estado de alerta e de sustentar a atenção, prejudicam a aprendizagem escolar. Em Maringá, dentre os 68 alunos (3a e 4a séries) que freqüentam, no contra-turno, as Salas de Recursos, 33 apresentam problemas de atenção e de aprendizagem associados à sintomas de obstrução nasal. Neste estudo, foram avaliadas a leitura e escrita desses escolares a partir de uma abordagem neuropsicológica, a qual propõe a existência de duas rotas de leitura/escrita: lexical e sublexical. A primeira possibilita a leitura/escrita de uma palavra familiar (real) através do acesso de seu significado. A rota sublexical permite a leitura/escrita de uma palavra não-familiar (ou inventada) através da realização da conversão grafema-fonema. O grupo experimental (ON) foi emparelhado a 3 grupos de controle: o primeiro, formado por 35 alunos (3a e 4a séries) das Salas de Recursos com problemas de atenção e de aprendizagem mas sem sintomas de obstrução nasal (SON); o segundo, por 33 colegas de classe (Ensino Regular) do grupo com obstrução nasal (GCON); e o terceiro, por 34 colegas de classe (Ensino Regular) dos alunos sem obstrução nasal (GCSON). Como instrumento, foi utilizado o Teste de Leitura e Escrita de Palavras Reais (Familiares) e Palavras Inventadas. Na leitura, os resultados da ANOVA indicaram diferenças significativas entre os grupos [$F(3,131) = 21,08, p < 0,00$], tipos de palavras [$F(1,131) = 255,36, p < 0,00$] e interação entre grupos e tipos de palavras [$F(1,131) = 6,39, p$

Godoy, Miriam A. B.; KAJIHARA, Olinda T.

UEM / PR.



Procedimentos de avaliação do desenho infantil: análise de um instrumento.

As oficinas sobre o desenho vêm sendo ministradas a psicólogos e pedagogos há aproximadamente dez anos e, nesse período, várias modificações foram realizadas com o objetivo de aprimorar os instrumentos para a observação do grafismo infantil. Das oficinas ministradas, apresentamos nesse trabalho, aquela realizada em setembro de 2001 no Laboratório de Psicopedagogia no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (LaPp/IPUSP), sob coordenação do Prof. Dr. Lino de Macedo, por meio da qual coletamos material para a realização desta e de outras pesquisas. Em alguns estudos (Ribeiro, 1997; Ribeiro, 2000) e na experiência em Psicologia Escolar, verificamos que o professor não conhece procedimentos construtivistas de avaliação do desenho infantil: ora propõe atividades dirigidas, como desenhos para copiar ou mimeografados; ora propõe atividades não-dirigidas, como desenhos livres. Em ambas as propostas o professor não sabe em que momento do desenvolvimento do grafismo o aluno se encontra e, portanto, não sabe como propiciar situações-problema que auxiliem na aprendizagem do desenho. Dessa maneira, o objetivo de nosso estudo foi, então, verificar como indicadores, organizados em forma de um instrumento, podem auxiliar o professor a avaliar a produção gráfica do aluno e oferecer referências para a organização de atividades em sala de aula. Fizeram parte de nosso estudo 10 sujeitos: 09 do sexo feminino e 01 do sexo masculino, com idade variando entre 20 e 50 anos, com formação em Pedagogia, Psicologia, Educação Artística, Educação Física ou Comunicação Social. Do total, 08 são professores de educação infantil e ensino fundamental, 01 coordenador pedagógico e 01 psicólogo escolar. Inicialmente, apresentamos as fases do desenvolvimento do grafismo estudadas por Luquet (1927) e Lowenfeld (1947). Em seguida, os sujeitos foram convidados a avaliar os desenhos de crianças, projetados em transparência, utilizando como referência um instrumento por nós elaborado, com as principais informações sobre cada etapa do grafismo infantil, a partir dos autores citados. Os resultados obtidos indicaram, em primeiro lugar, que o instrumento com as principais informações sobre o grafismo infantil, auxilia o professor na observação do desenho e, também, lhe fornece referências para planejar situações de aprendizagem ao aluno. Em segundo lugar, observamos a necessidade da realização de outras pesquisas sobre o desenho, especialmente no aprimoramento do instrumento aqui utilizado, acrescentando as informações de outros estudiosos sobre o grafismo infantil. Estamos realizando outros estudos nessa área.

RIBEIRO, Mônica Cintrão França.

Universidade de São Paulo - USP; Universidade Paulista - UNIP.



Processos Comunitários, Formação Cidadã e Recursos da Informática.

Vivemos uma era marcada pela tecnologia da informação. As desigualdades em nossa sociedade parecem se agravar e acentuar a exclusão daqueles que estão alheios aos benefícios provenientes do conhecimento e do desenvolvimento.. O presente trabalho é desenvolvido em parceria com a ONG Comitê para Democratização da Informática do Paraná (CDI-PR) e a Escola de Informática e Cidadania (EIC) na comunidade Moradias Pantanal, região metropolitana de Curitiba, área de ocupação e sem investimento público. O objetivo é utilizar a informática para promover a cidadania em comunidades carentes, visando a organização social na luta por melhores condições de vida e pelos direitos sociais como a educação. Desenvolveu-se o material pedagógico e a metodologia articulando temas sobre a cidadania e conhecimentos próprios da informática os quais são trabalhados através de dinâmicas de grupo, grupos de discussões, levantamento de fatos e de dados sobre a comunidade, elaboração de textos; foram realizados cursos; assessoria pedagógica e organizacional à EIC Pantanal e ao CDI-PR. A comunidade participou na arrecadação de recursos e na construção da EIC. Há participação dos instrutores de EICs em seminários sobre educação e eventos culturais e encaminhamento dos mesmos para o mercado de trabalho. Como é um projeto continuado, estão sendo desenvolvidos o Curso de Formação Continuada em Informática e Cidadania, a metodologia de Informática e Cidadania para Crianças e a implementação de uma EIC na UFPR para atender clientela da terceira idade.

Norma da Luz Ferrarini Zandoná; Mirian T. Sewo; Arianne Staszko; Anita Carolina Quand;, Cássia Regina Furtado Guimarães; Sarita Malaguty; Douglas Cleverson Fróis.

Universidade Federal do Paraná - UFPR.



Processos de Subjetivação na luta pela terra: Trabalhadores acampados do Rio Grande do Norte.

O presente trabalho realizou uma investigação dos processos de subjetivação de trabalhadores sem-terra, vinculados ao MST e instalados em uma área de acampamento no estado do Rio Grande do Norte. Elegemos como agente de subjetivação os princípios organizativos do MST, com o qual os trabalhadores acampados passam a ter contato através das ações dos militantes e coordenadores do referido movimento. Partimos do pressuposto de que os processos de subjetivação transcorrem entre formas de reprodução de modelos dominantes das relações sociais, como também podem criar espaços de ruptura, de novos modelos que redefinem o campo social. Participaram da pesquisa quatorze trabalhadores, de ambos os sexos, residentes no acampamento Garavelo II, localizado no município de Pureza, região agreste do estado do RN. Utilizamos um roteiro de entrevista semi-estruturada com a qual buscamos conhecer a trajetória de vida dos informantes (considerando o antes e o depois de sua inserção no acampamento), práticas cotidianas individuais e coletivas que garantem a continuidade no acampamento e sentidos atribuídos ao MST e às atividades propostas pelo movimento, das quais os trabalhadores participam. Os resultados preliminares sugerem que as práticas cotidianas no acampamento implicam na construção de novos arranjos sociais, no estabelecimento de laços de solidariedade e novas sociabilidades. Observamos ainda uma alteração de códigos culturais estabelecidos a exemplo de modificações nas relações público-privado, individual-coletivo e nos papéis sexuais, emergindo assim, produções subjetivas singulares. Por sua vez, essas formas singulares inauguradas no acampamento são, em certa medida, acentuadas pelo ideário político do MST, já que refletem uma prática de resistência na terra ocupada. Essa acentuação é levada a cabo por um processo de formação política dos trabalhadores acampados através dos militantes do movimento. Nessa ótica, o acampamento se configura como um espaço de rupturas, ao desencadear modos singulares de vida, na interseção com o discurso do MST.

Jáder Ferreira Leite; Magda Dimenstein.

UFRN.



Produção científica com o Método de Rorschach durante os anos de 1999 e 2000 indexados no Psyc-Info.

O objetivo do presente trabalho é apresentar uma análise sobre a produção científica envolvendo o Método de Rorschach, publicada durante os anos de 1999 e 2000. A revisão de literatura é sempre oportuna e possibilita uma análise acerca do material publicado, servindo de apoio para o desenvolvimento de pesquisas na área. Os periódicos científicos são responsáveis pela divulgação mais ágil das recentes descobertas nas mais variadas áreas do conhecimento, configurando-se como uma importante fonte de informações para a realização de trabalhos científicos. A análise dos resumos (abstracts) dos periódicos possibilita uma rica visão do material analisado, pois um resumo bem redigido pode ser considerado como o parágrafo mais importante do trabalho, uma vez que pode descrever, de forma sintetizada, todas as informações relevantes sobre o material que trata o artigo publicado: objetivos, introdução, método, resultados e conclusões. Foram analisados os resumos dos artigos de periódicos científicos indexados na base de dados Psychological Abstracts Information Services (PsycINFO) da American Psychological Association, reconhecida fonte de dados para o levantamento bibliográfico na área de psicologia, que tratavam de estudos envolvendo o Método de Rorschach nos mais diferentes contextos. Foram investigados os resumos de 126 artigos, obtendo-se os seguintes resultados: Observou-se a incidência de artigos em 64 periódicos indexados, onde a maior parte das publicações concentrou-se nos periódicos Journal of Personality Assessment (19,8%, N=25), Psychological Assessment (9,5%, N= 12), Journal of Clinical Psychology (7,9%, N=10), Journal of Projective Psychology and Mental Health (4,8%, N= 6), European Review of Applied Psychology (3,9%, N= 5), entre outros. No que se refere ao tipo de trabalho publicado, 65,9% (N=83) tratavam de estudos empíricos, envolvendo delineamento de dados obtidos em trabalhos de campo, enquanto 34,1% (N=43) detiveram-se a estudos teóricos. Quanto ao idioma da publicação, observou-se que os artigos foram publicados em sete idiomas e a maioria dos trabalhos (81,8%, N=103) foi publicada em inglês, seguido pelo espanhol e pelo francês (6,3%, N=8 cada um). Os trabalhos possuíam várias origens, totalizando 15 países ao todo, sendo, em sua maioria (67,4%, N=85) provenientes dos Estados Unidos, seguindo da França (8,7%, N=11). Os artigos tratavam de vários aspectos de investigação, seguindo a seguinte categorização: A) Estudos Teóricos sobre a Técnica (42,9%, N=54): classificados em estudos da técnica (23,1%, N=29); revisão de literatura (11,1%, N=14); revisão sobre a técnica do Rorschach (7,1%, N=9) e estudos sobre Rorschach e psicoterapia (1,6%, N=2). B) Avaliação de Aspectos Psicopatológicos (33,3%, N=42): divididos em avaliação sobre psicopatologia geral (13,5%, N=17); psicossomática (6,3%, N=8); esquizofrenia (6,3%, N=8); pensamento / cognição (3,2%, N=4); psicopatía (2,4%, N=3) e depressão (1,6%, N=2). C) Avaliação da Personalidade (23,8%, N=30): separados em avaliação da sexualidade (8,7%, N=11); aspectos gerais relacionados à personalidade (8,7%, N=11); jurídica/forense (2,4%, N= 3); agressividade (1,6%, N=2); contexto cultural (1,6%, N=2) e vitimizadas (0,8%, N=1). O presente levantamento descreveu a produção científica sobre o Rorschach no período de 1999 e 2000, mostrando-se necessário a inclusão de anos anteriores para que se possa sistematizar o estado da arte das produções com este importante instrumento de avaliação psicológica.

Paulo Francisco de Castro; Rodrigo Dias Batista Pereira.

Universidade Guarulhos.



Produção de sentidos sobre loucura por portadores de transtorno mental grave no município de Natal - RN.

O presente trabalho tem como tema a saúde mental e objetiva conhecer os sentidos do signo “loucura” para o portador de transtorno mental grave; apresenta uma trajetória da loucura desde seus registros iniciais até as políticas de atenção à saúde mental contemporâneas, estas baseadas nos princípios da luta antimanicomial. Os dados estão sendo obtidos através de entrevistas abertas com usuários de instituições de atenção à saúde mental, no município de Natal - RN. Foram entrevistados 30 usuários de serviços de atenção ao portador de transtorno mental grave. A observação de que na maioria das vezes, os doentes mentais não possuem oportunidade para falar sobre seu transtorno, foi o ponto de partida para o desenvolvimento da pesquisa. Numa tentativa de mudança, surgem então movimentos como o da luta antimanicomial, e neste mesmo sentido, este trabalho visa, privilegiar o discurso dos próprios usuários buscando acrescentar dados importantes sobre a loucura principalmente para as políticas de atenção à saúde mental, bem como para a reflexão sobre as práticas de atenção ao portador de transtorno mental grave. Alguns dados preliminares da análise apontam que o signo loucura é associado, pelos entrevistados, à “doença”, à “violência”, à noção de anormalidade, à inadaptação entre outras categorias.

Shirley de Figueiredo Medeiros Rego; Maria Aparecida de França Gomes.

Universidade Potiguar – Natal, RN.



Professores e alunos: relatos de experiência.

Trata-se de uma pesquisa descritiva do tipo “levantamento”, através da qual procurou-se analisar os relatos de experiência de professores e alunos. O objetivo geral foi avaliar a experiência das pessoas em relação à escola, estando estas na condição de alunos e/ou professores. Quanto aos objetivos específicos, procurou-se examinar o conteúdo das respostas dos alunos de Ensino Fundamental, Médio, Superior e Pós- Graduação, assim como dos professores destes graus de ensino. Procurou-se também comparar as categorias de resposta, quanto aos aspectos sócio-emocional, intelectual e histórico-cultural. Ainda, buscou-se observar o que foi positivo e negativo para os sujeitos quanto ao processo ensino-aprendizagem, identificando-se que tipo de resultados a experiência escolar proporciona à vida prática. Foram consultados os autores D’Antola (1992), Moysés (1994, 2001), Aquino (1996), Fazenda (1996), Freire (1998), Larocca (1999), dentre vários outros. Os sujeitos foram 62 alunos entre 07 e 49 anos e 62 professores entre 18 e 55 anos, residentes em cidades do interior do Estado de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. A coleta de dados foi realizada em 2000, pelos alunos do 3º de Psicologia, devidamente orientados pela professora, co-autora desta pesquisa. O instrumento utilizado foi um roteiro de entrevista com 03 questões abertas, para alunos e professores, com adaptação do vocabulário para crianças menores de 10 anos. Este instrumento foi apreciado através da “técnica de juízes” por dois professores universitários. A aplicação foi feita individualmente, em diversas escolas (públicas e particulares). Utilizou-se a técnica de “análise de conteúdo”, chegando-se a categorias de resposta. Os dados foram organizados em tabelas. Estão sendo feitas as análises finais e discussão dos resultados. O que se observa é um destaque ao aspecto sócio-emocional por parte de alunos e professores. Este elemento é importante quanto ao papel da escola na atualidade, mostrando uma diversificação em comparação ao papel que tinha há anos atrás.

Anelise de Barros Leite Nogueira; Wilson de Freitas Muniz; Maria Lescura Salgado.

UNISAL / Lorena.



Profissionais da área de Saúde Mental que tratam dependentes de drogas: aspectos qualitativos.

Abordam-se, neste estudo, relatos de alguns aspectos qualitativos da experiência de profissionais da área de Saúde Mental que atendem dependentes de drogas nas cidades de São José dos Campos e de Taubaté, Vale do Paraíba, Estado de São Paulo. Investiga-se, através de entrevistas, as motivações pessoais de assistentes sociais, enfermeiros, médicos, psicólogos e terapeutas ocupacionais que tratam desta população clínica. Levantam-se, também, os objetivos estabelecidos pelos profissionais, os métodos empregados para atingi-los, bem como os resultados obtidos através das intervenções terapêuticas aplicadas aos pacientes. Há concordância entre os entrevistados quanto à necessidade de desintoxicação de alguns pacientes, antes de se iniciar tratamento ambulatorial ou psicoterápico. A alternativa de clínicas especializadas é preferida em relação à hospitalização psiquiátrica tradicional. Encontrou-se, entre os entrevistados, uma predominância de 'intervenções ecléticas'. EDWARDS (1997) assinala que "estas, quando irrefletidas, podem se transformar em confusão ao invés de uma combinação útil." Verificamos, que os comentários dos entrevistados sobre resultados são estimativas e impressões extraídas do trabalho clínico. A quase totalidade dos profissionais não realiza avaliações sistemáticas das intervenções desenvolvidas. Conclui-se, em concordância com que aponta o documento da WHO/PSA/.16 (1996) quanto à formação dos profissionais de saúde na área de transtornos relacionados ao uso de substâncias psicoativas, que além do currículo tradicional sobre farmacologia, também devem ser fornecidos conhecimentos específicos e habilidades para avaliar, tratar, cuidar e reabilitar pacientes e ações comunitárias preventivas.

Manuel Morgado Rezende.

Universidade Metodista de São Paulo - UMESP; Universidade de Taubaté; UNITAU.



Programa de Aprimoramento em Psicologia em Infectologia.

O Instituto de Infectologia Emílio Ribas, criado em 1875 na cidade de São Paulo, referência nacional no atendimento de doenças infecto-contagiosas, tem suas ações voltadas a área de assistência médica, ensino e pesquisa. O Programa de Aprimoramento Profissional em Psicologia em Infectologia deste instituto, iniciado em 1992, fundamenta-se na visão holística de saúde, pela qual os aspectos físicos, psíquicos e sociais devem ser considerados em conjunto, interdependentes, tornando o trabalho multidisciplinar o veículo para se atingir uma assistência de qualidade. Destina-se à profissionais de psicologia com até três anos de formação e tem uma duração total de 1 ano (aproximadamente 2000 horas). O programa se propõe a treinar o psicólogo na prática hospitalar e de saúde pública, fornecendo recursos teóricos e técnicos para o atendimento psicológico a pacientes internados, em ambulatório e a seus familiares, como também, capacitá-los para o trabalho multidisciplinar e para a pesquisa científica. A parte prática é desenvolvida nas unidades de internação (pediátrica e de adultos), na U.T.I., no Pronto-socorro e no ambulatório de Psicologia. Os subsídios teóricos são fornecidos através de aulas distribuídas em 6 módulos cujos conteúdos principais são: * Módulo Médico: doenças infecciosas agudas e crônicas em crianças e adultos; aspectos neurológicos das meningites; HIV/AIDS: aspectos clínicos e neurológicos; aspectos fisiológicos da dor em AIDS. * Módulo Técnico: avaliação psicológica; técnicas de entrevista e triagem; psicoterapia breve; aconselhamento; atendimento psicológico no leito. * Módulo Infância e Adolescência: o trabalho do psicólogo em enfermaria de pediátrica; a criança e o processo de hospitalização; aspectos psicológicos do adoecer; a percepção da morte na criança; o trabalho do psicólogo com grupo de adolescentes e prevenção. * Módulo Adulto: aspectos psicossociais da AIDS; aspectos psicodinâmicos da drogadição; corpo, doença e identidade; sexualidade; aspectos psicológicos do processo do adoecer e morrer no adulto. * Módulo Metodologia e Ética: temas éticos ligados ao contexto hospitalar e orientação para elaboração de monografia. * Módulo Psiquiatria: Transtornos de ajustamento e depressivo em AIDS; Transtornos neuropsiquiátricos e psicóticos em AIDS; Transtorno de caráter e dependência química; emergências psiquiátricas e tratamento medicamentosos; suicídio. Durante o curso os aprimorandos participam de discussões de caso com os demais membros da equipe de saúde, apresentam seminários clínicos e teóricos; também faz parte do programa de aprimoramento a organização de um evento, proporcionando espaço para reflexão de temas atuais junto a profissionais de saúde. São realizadas avaliações periódicas junto aos aprimorandos e com os membros da comissão interna do Aprimoramento, conferindo ao programa um caráter dinâmico e de constante aperfeiçoamento. Um dos resultados dessa avaliação foi a inclusão do sistema de rodízio nas unidades de internação visando contemplar a diversidade: de pacientes (adultos e criança), equipes, doenças e supervisores. Por ser um Instituto de Assistência, Pesquisa e Ensino, o "Emílio Ribas" incentiva a reflexão teórica e prática através da valorização da produção científica dos membros que nele atuam. Dentro deste contexto, os aprimorandos elaboram uma monografia durante o período do curso, com orientação dos membros da Comissão de Aprimoramento em Psicologia, seguindo os parâmetros das comissões de Ética e Metodologia. Este ano (2002) terá início a apresentação pública, visando a troca de conhecimento interdisciplinar. Consideramos que o Programa de Aprimoramento promove o treinamento e aperfeiçoamento de profissionais de psicologia que poderão ser aproveitados pôr serviços de saúde e prestarão uma assistência de alta qualidade à população.

Vilma Borba Leandro Ferreira Jardim; Alberto de Rocha Barros Neto; Ana Maria Baricca; Claudio Garcia Capitão; Heloisa Helena de A. Campos; Nilza Maciel Oliveira; Maria Lucia Hares Fongaro.

Instituto de Infectologia "Emílio Ribas".



Programa de Aprimoramento em Psicologia Hospitalar do HMLMB.

O Programa de Aprimoramento em Psicologia do Hospital Maternidade Leonor Mendes de Barros (HMLMB) capacita para atuação nas áreas de Ginecologia, Obstetrícia e Neonatologia. Tem duração de um ano e teve início em 1995, formando até o momento sete turmas, num total de vinte e sete aprimorandas. O objetivo do programa é complementar a formação universitária dos profissionais da área capacitando para a prestação de serviços em saúde pública. O curso oferece supervisão da prática clínica e conteúdo teórico. As atividades teóricas são divididas em dez módulos desenvolvidos no decorrer do ano, compreendendo os seguintes temas: Seminários de Psicanálise: leitura e discussão de textos psicanalíticos. Psicossomática Psicanalítica: estudo sobre as diferentes concepções da psicossomática, focalizando a abordagem psicanalítica. Psicologia Institucional: discussão sobre a atuação do psicólogo dentro da instituição hospitalar e as implicações desta intervenção, bem como sobre as diversas formas de intervenção: psicoterapia breve, interconsulta psicológica, manejo grupal. A morte no contexto hospitalar: abordagem dos vários aspectos implicados nas situações de morte no âmbito institucional. Emergências em saúde mental: instrumentalização dos profissionais para atendimentos de emergências relacionados a distúrbios do ciclo gravídico puerperal. Psicologia em obstetrícia: discussão sobre os aspectos psicossomáticos da gestação, enfatizando a gestação de alto risco. Psicologia em neonatologia: discussão sobre o atendimento psicológico aos pais de bebês em situação de risco, como prematuros, malformados e sindrômicos. Fisiologia da mulher: médicos convidados abordam o tema. Sexualidade: discussão sobre questões de gênero e sexualidade. Metodologia científica: preparo para a elaboração de monografias, abordando metodologia e ética na pesquisa em saúde. O programa inclui discussão de casos clínicos com a equipe de Psicologia e com outras equipes. As aprimorandas participam de reuniões clínicas multiprofissionais. Quanto a parte prática, na Ginecologia o atendimento é feito às pacientes nos momentos pré e pós-operatório. Na Obstetrícia são atendidas pacientes com patologias obstétricas, tais como: hipertensão, diabetes, soropositividade para o HIV, cardiopatias. Na Neonatologia os atendimentos direcionam-se às pacientes com bebês internados em UTI-Neonatal, Alojamento Conjunto e em enfermaria do Método Canguru. São atendidos casos de urgências: pacientes com perdas gestacionais, emergências psicológicas e outros distúrbios psíquicos. Os atendimentos são realizados após triagem em cada setor e por encaminhamentos da equipe multiprofissional. As aprimorandas participam dos seguintes atendimentos grupais: grupo de adolescentes gestantes, grupo de psicoterapia, grupo de internação, grupos do berçário. A conclusão do curso de Aprimoramento se dá com apresentação pública de monografia, aberta a todos os profissionais da instituição.

Solimar Ferrari; Cláudia Medeiros de Castro; Marialva Frullani; Fernanda M. V. L. Codorniz.

Hospital Maternidade Leonor Mendes de Barros.



Programa de assistência psicológica a pacientes Climatéricas: um grupo-piloto.

O objetivo deste trabalho foi realizar assistência psicológica com duração previamente delimitada, focalizando o atendimento nos transtornos de natureza reativa em áreas circunscritas da personalidade e em questões existenciais emergentes, mobilizadas ou intensificadas no período do Climatério que pode ser considerado como uma etapa de transição do ciclo evolutivo. Este trabalho visou também fortalecer as funções egóicas com vistas a um ajustamento biopsicossocial mais satisfatório. No tocante à prática clínica, a seleção de pacientes ocorreu mediante a realização de 2 a 3 entrevistas individuais para a realização de um diagnóstico psicodinâmico de base psicanalítica. Alguns dos critérios psicodinâmicos considerados foram os seguintes: capacidade para estabelecer rapidamente aliança de trabalho com o terapeuta; motivação; capacidade de suportar frustração; controle adequado de impulsos; teste de realidade preservado, entre outros. Todas as pacientes estavam em tratamento médico no ambulatório de Ginecologia Endócrina e apresentavam queixas relacionadas à etapa de vida em que se encontravam, tais como: dificuldade de reinserção profissional, retraimento social, desgaste no relacionamento conjugal, dificuldade em estabelecer um relacionamento mais adequado com filhos adultos, auto-estima rebaixada, auto-imagem corporal desvalorizada. As pacientes foram atendidas em Psicoterapia Breve Dinâmica e participaram de um Grupo Fechado semanal, realizado em 12 sessões com duração de 60 minutos cada. Ao término da psicoterapia, cada paciente foi reavaliada tendo em vista suas queixas iniciais. Quanto aos principais resultados do trabalho, observou-se uma inserção mais satisfatória da paciente no seu meio, demonstrada por: a) redefinição de papéis na família, b) diversificação de interesses e nova inserção no meio social com o desenvolvimento de novas atividades de lazer, culturais e esportivas, c) facilitação da comunicação de afetos, d) enfrentamento mais maduro ao lidar com antigos conflitos. Uma das pacientes não reconheceu melhora e todo grupo, ao final do trabalho, expressou a necessidade de que o atendimento pudesse ser prolongado, o que pode indicar uma idealização subjacente de que a intervenção tivesse que esgotar todos os conteúdos emocionais. A proposta inicial de um Grupo Fechado foi substituída para Grupo Aberto a fim de melhor atender a demanda institucional.

Ferreira-Lima P.M.; Andrade, L.B.H.; Cambraia, M.

Centro de Referência da Saúde da Mulher (C.R.S.M.)- SUS / SP.



Programa de atenção à saúde do trabalhador: uma experiência no serviço público municipal.

Tendo em vista que a Psicologia do Trabalho tem atribuído relevância aos estudos no campo da Saúde do Trabalhador e considerado para isto dois aspectos básicos: o do indivíduo enquanto sujeito da relação homem-trabalho e o das organizações como espaços de desenvolvimento e identificação profissional, nossa proposta é a de estudar as diferentes modalidades de afastamento do trabalho, procurando compreender as relações de tais afastamentos com as condições em que o trabalho se desenvolve. Este estudo, com início no ano de 2001, encontra-se em desenvolvimento na Prefeitura Municipal de Assis. O ponto de partida foi o da investigação das incidências de afastamentos do trabalho de servidores das diferentes secretarias do município, identificação das causas desses afastamentos, consideração aos aspectos psicológicos envolvidos em tais situações. A partir de um estudo piloto foi possível tecer algumas considerações sobre as situações de afastamento em si, sobre o significado do trabalho para o servidor, sobre os aspectos favoráveis e ou comprometedores do trabalho, sobre as perspectivas dos servidores em relação ao seu projeto de futuro, tanto pessoal, quanto profissional, sobre as dificuldades que a quebra de vínculo, mesmo temporário, pode acarretar para essas pessoas. Após algum tempo de afastamento os servidores passam a sentir solidão, melancolia, monotonia e distanciamento social, aspectos estes que provavelmente contribuem para um agravamento dos motivos que inicialmente os afastaram do trabalho e que os impulsionam na maioria das vezes a não buscar a reconstituição dos vínculos, tanto afetivos quanto formais com o trabalho gerando, por um lado, conformismo com a situação e por outro, uma tendência a concretizar uma quebra definitiva de vínculo, ou seja, a de efetivar a aposentadoria. Há indícios que tanto a organização do trabalho como a forma como se desenvolvem os processos de trabalho são aspectos dificultadores da manutenção dos referidos vínculos, razão pela qual o encaminhamento deste estudo está, atualmente, relacionado ao desenvolvimento de uma ação diagnóstica em uma das Secretarias Municipais identificada como um espaço de trabalho com altos índices de afastamento. Essa ação visa mapear as condições de trabalho, identificar possíveis nexos causais dos afastamentos e construir propostas de intervenção no sentido da promoção da saúde dos trabalhadores.

Wilka Coronado; Antunes Dias; Fernando Frei; Camila Zutin Ganzarolli; Carolina Oliveira Serradela; Cassiano de Oliveira Pereira; Diego Lorca Peres; Fábio Sagula de Oliveira; Giuliano da Cruz Furlan; Juliana Mouco Faina; Keli Cristina Bevilacqua; Maria de Lourdes dos Santos; Melissa Torres Cantieiro; Priscila Nunes Cardoso; Sylvio do Amaral Schreiner; Tatiane Eigemann Justo.

UNESP – Assis.



Programa de Atenção Integral a adolescentes Infratados em condição de reclusão.

O presente programa trabalha com a promoção do direito subjetivo a adolescentes em reclusão no Centro de Internamento Provisório(CIP)-Blumenau. Estes adolescentes encontram-se em situação de conflito com a lei, mas são aqui designados de infratados na suposição de que a sua condição seja uma condição de efeito e não uma condição de escolha ou de possibilidade. Suas trajetórias são marcadas por uma série de ausências, pela fragilidade do Estado, da família e de políticas públicas e sociais capazes de promover direitos e cidadania ao conjunto da população infanto-juvenil. O programa tem por objetivo criar possibilidades de reinserção no tecido social através do trabalho, uma vez que este expressa uma representação social de grande valor mediativo. Não se busca uma recuperação de uma subjetividade supostamente comprometida, ao contrário, busca-se comprometer a subjetividade num novo tipo de agenciamento. Com esta finalidade o programa desenvolvido por estagiário de psicologia promove curso especializado em pintura para alvenarias com a parceria da assistência social do CIP e patrocínio da Suvinil-BASF. Os adolescentes recebem certificados da Pró-Reitoria de extensão da FURB- Blumenau, com apoio do Ministério Público de Blumenau. O primeiro grupo formou-se no primeiro semestre de 2002 com a participação no projeto Mão na Massa. Durante as aulas os alunos participaram ainda de jogos de role-play profissional com a participação do serviço de voluntariado clínico da Unidade de Atenção e Desenvolvimento em Psicologia (UNIPSI) de Blumenau. O programa desenvolve ainda outros projetos com outros cursos de profissionalização sempre tendo por eixo diretor mediar a reinserção no tecido social através da recuperação dos direitos subjetivos e da cidadania.

Álvaro Luiz de Aguiar; Clarissa Beatriz Gonçalves.

Universidade Regional de Blumenau-FURB.



Programa de Atendimento Integral ao Alcoolista e outros Dependentes Químicos (PAIAD) da UFPB: relato de uma experiência vivencial.

Pensar nos parâmetros que estariam delimitando a constituição de um grupo não é uma tarefa fácil. Pensando a esse respeito, alguns teóricos argumentam a necessidade de se fazer uma distinção entre grupo psicológico e organização social, onde o primeiro seria entendido como um integrado de pessoas que conhecem, que procuram objetivos comuns, possuem ideologias semelhantes e interagem com frequência, ao passo que organização social seria um sistema composto por pessoas e grupos que visam a um mesmo fim último, podendo, no entanto, dispensar as características do grupo psicológico. Tendo em vista uma estrutura grupal de fato, diversos processos podem ser observados, a saber: a coesão, a coalizão, a comunicação, a formação de normas, a liderança, o status e o papel. Quanto ao aspecto classificatório, no estudo das diversas formas grupais, a classificação pode ser feita de acordo diversos critérios, dentre eles, o das finalidades a que se destina cada grupo. Genericamente é apresentada uma divisão de dois grandes ramos: operativos e psicoterápicos. Em linhas gerais os grupos operativos cobrem os campos do ensino-aprendizagem, institucionais, comunitários e terapêuticos ao passo que a terminologia de “grupo terapêutico” é reservada para aquelas formas de psicoterapias que se destinam prioritariamente à aquisição de insight, notadamente dos aspectos inconscientes dos indivíduos e da totalidade grupal. Nesse contexto, o presente trabalho teve por objetivo tentar identificar em que medida as pessoas participantes de uma determinada reunião se caracterizam como membros participantes de um “grupo” pensando neste como um conjunto de pessoas com características em comuns e que relacionam-se entre si, independente de se conhecerem, a favor ou não de um objetivo, mas que buscam uma identificação com a finalidade de desenvolver um sentimento de pertença. Para tanto, optou-se por realizar observações-vivenciais dentro de um grupo de alcoolistas do Programa de Atendimento Integral aos Alcoolistas e outros Dependentes Químicos (PAIAD), da Divisão de Seleção e Aperfeiçoamento, subordinada a Superintendência de Recursos Humanos da Universidade Federal da Paraíba. As observações foram realizadas por uma equipe composta por cinco alunos da graduação do curso de Psicologia durante sete semanas. Como conclusão pode-se apontar que devido as suas características, trata-se de um grupo operativo terapêutico com todas as suas características: reúne pessoas que visam a uma melhoria de alguma situação de patologia, tanto no plano da saúde orgânica quanto no psiquismo além de ser um grupo de formação espontânea entre pessoas que se sentem identificadas por algumas características semelhantes entre si, e se unificam quando se dão conta que têm condições de ajudarem reciprocamente. Todavia, o grupo era coordenado por profissionais experientes que de alguma forma já haviam experienciado o problema social de cada um daqueles membros. Dessa forma, considera-se que o objetivo deste trabalho foi alcançado, proporcionado verificar que o modo de funcionar e a estrutura do grupo do PAIAD conseguem reabilitar pessoas que estavam praticamente excluídas de um convívio social saudável devido ao uso abusivo de drogas, principalmente o álcool.

Aline Brandão de Siqueira; Acygelles Ilka; Francisco Whashington Soares; Laura Daniel Antunes Rezende.

Universidade Federal da Paraíba.



Programa de autocontrole emocional com um jogador de tênis-de-mesa.

No esporte, todo atleta e seu técnico desejam que seu desempenho e aproveitamento sejam o máximo. Mas não existe uma fórmula especial de jogo que possa proporcionar a performance desejada. A mesma é decorrência de um processo de autoconhecimento que leva ao aprimoramento da concentração, estimulado por uma motivação sensata e com orientação física, técnica e psicológica adequada. Segundo Franco (2000), a “concentração é uma atenção seletiva. É um fenômeno que procura focalizar o máximo de atenção num determinado aspecto, ignorando os demais” (p.23) e que, como todo atributo, pode ser aprimorado com muita prática. A motivação tem sido amplamente estudada do modo geral, sendo sua aplicação na área do esporte muito importante. Mas é importante que o próprio atleta desenvolva a capacidade de se automotivar. Com orientação psicológica adequada, a colocação de objetivos realistas e positivos e sob controle do sujeito possibilita o sucesso no alcance de metas e, com isso, uma auto-avaliação positiva. Tais objetivos devem envolver crescimento gradual e tendem a manter a motivação do atleta, sempre acrescentando, nas metas, novidades e novos desafios que estejam ao seu alcance (Franco, 2000). Para isso, pode-se utilizar a técnica de autocontrole, que coloca o sujeito como condutor de seu comportamento, salientando sua conduta e promovendo modificações que sejam vantajosas. Refere-se aos “procedimentos de terapia cujo objetivo é ensinar à pessoa estratégias para controlar ou modificar seu próprio comportamento através de distintas situações, a fim de alcançar metas a longo prazo” (Rehm, 1996, p.581). Neste trabalho, foi realizado um treinamento em autocontrole com um jogador de tênis-de-mesa visando aprimorar o controle emocional e conscientizá-lo de sua conduta e promover alterações comportamentais necessárias para aumentar seu desempenho no jogo. O atleta, de 16 anos, era estudante do 2º ano do ensino fundamental e participava do programa de treinamento em tênis de mesa, orientado pelo prof. Dr. Emílio Takase da Universidade Federal de Santa Catarina. O treinamento em autocontrole teve constituído de oito sessões, com três etapas de auto-registro, que ocorreram duas vezes por semana durante um mês. Os resultados indicaram um aumento na percepção do atleta com relação às suas próprias ações. Também ocorreu realização de esforços, por parte do atleta, no sentido de diminuir erros e a identificação de características técnicas e psicológicas que deveriam ser desenvolvidas para promover o desempenho no jogo. Houve aumento nos acertos de jogadas e diminuição de erros durante os jogos. Concluiu-se que programa constitui uma ferramenta muito eficaz para o treinamento global do atleta, desde que seja bem utilizado e voltado para as características e necessidades individuais do atleta. Contudo, nesta pesquisa, poderia ter havido mais atenção aos aspectos relacionados ao estado de ânimo do sujeito, o que poderá ser experimentado em um estudo posterior.

Mariana Ladeira de Azevedo.

Universidade Federal de Santa Catarina.



Programa de Direitos Humanos na Educação.

O presente trabalho apresenta uma experiência do Programa de Direitos Humanos (PDH). É uma atividade inserida na Vice-Reitoria para Assuntos Comunitários e Estudantis (VAE). Tem como objetivo, contribuir no processo de formação de estudantes e profissionais, despertando uma consciência crítica frente às situações de violação de direitos sociais, políticos, econômicos e culturais, visando a participação em discussões e lutas pela proteção desses direitos, expressos no acesso às políticas sociais, liberdade sindical, de associação, expressão e a um meio ambiente saudável. Além das estagiárias de Psicologia, outros de mais quatro cursos atuam na área, dentre eles o de Serviço Social. A participação da psicologia deu-se a partir de Fevereiro de 2001, por meio de um bolsista pelo convênio UCG/MEC-SESU. Este convênio permitiu, ainda, ampliar a atuação da psicologia com a inserção de mais duas estagiárias. A continuidade do trabalho, com enfoque na educação, é garantida pelo compromisso dos atores nele envolvidos e por parceria com a Fundação Municipal de Desenvolvimento Comunitário – Fumdec. O trabalho é sustentado na interdisciplinaridade, nos Direitos Humanos como possibilidade de emancipação e condição de cidadania. Ainda, numa concepção de educação como dimensão da vida concreta do homem, uma prática política e dialógica no processo de construção de homens como sujeitos históricos que compreendem o mundo e, por isso, são capazes de transformá-lo. A metodologia é norteada por estes princípios que alimentam o método e os instrumentais técnico-operativos. Assim, a intervenção da equipe está organizada em várias frentes, tais como: Acompanhamento dos alunos que apresentaram problemas na escola; desenvolvimento de oficinas com as crianças; assessoria na organização das famílias moradoras de uma posse urbana em área de preservação ambiental e oficina com pessoas na 3ª idade. Por meio de visitas domiciliares e entrevistas, ora com a família ora com a criança e/ou adolescente, buscou-se intervir nas dificuldades que eram colocadas para estes segmentos. Vale ressaltar que o contato com a realidade concreta dos alunos indicou a relação de suas faltas a uma multiplicidade de fatores objetivos e subjetivos, que se articulam entre si. Além de problemas estruturais nas famílias, como a separação dos pais e violência doméstica, outros estão relacionados à própria dinâmica da escola em seu modo de lidar com os educandos, ora retirando-os da sala de aula, ora aplicando-lhes suspensão como medidas disciplinares. Nas oficinas realizam-se atividades lúdicas, cujos instrumentos são: Desenhos, histórias contadas e recontadas pelas crianças, brincadeiras, confecção de fantoches e teatro. Nestas oportunidades, as crianças vivenciam relações democráticas, com discussão, tomadas de decisões, e votação de propostas, trilhando experiências em que a minoria acata a decisão da maioria. Tendo oportunidade de expressarem o senso de justiça, solidariedade e, até mesmo, o confronto com a autoridade.

Luiz do Nascimento Carvalho; Omarí Ludovico Martins; Elcimar Dias Pereira; Maria Regina Ceo Andrade; Karen Cristine Barbosa da Costa.

Universidade Católica de Goiás – UCG.



Programa de garantia de renda familiar mínima – PGRFM de Blumenau-SC.

O Programa de Garantia de Renda Familiar Mínima – PGRFM foi implantado pela Prefeitura da cidade de Blumenau, no estado de Santa Catarina, no ano de 1998. Somente a partir de 1995 é que ele começa a ser implantado em algumas prefeituras do país, tais como: Campinas, Ribeirão Preto, Distrito Federal, entre outras. Atualmente, consolida-se no município de Blumenau com a participação de 250 famílias que possuem filhos de até 14 anos de idade e que vivem em situação de risco. O PGRFM é coordenado e desenvolvido por uma equipe de profissionais da área social. Nesse espaço, a atuação da Psicologia Social Comunitária acontece de forma interativa, mediante a realização de estágio curricular do Curso de Psicologia da Universidade Regional de Blumenau - FURB. O trabalho realizado baseou-se na metodologia da pesquisa-ação, mediante observações, entrevistas, reuniões e dinâmicas de grupo. As famílias que integram o Programa participam de atividades grupais e comunitárias, cujo objetivo é a construção de um processo de inclusão social, pautado na ampliação da cidadania e da autonomia. Cabe à Psicologia Social Comunitária contribuir na luta pela diminuição do “sofrimento ético-político” desses sujeitos que vivem essa dialética da exclusão/inclusão social. Conforme SAWAIA (1999) o sofrimento ético-político é expresso na dor sentida por ser tratado como inferior e inútil na sociedade e pelo impedimento de desenvolver-se como potencialidade humana. Assim, potencializar a ação dos sujeitos através da configuração de novas ações, significados e emoções é o objetivo de nossa atuação enquanto psicólogos comunitários.

Maria Celina Moser; Lorena Prim.

Universidade Regional de Blumenau, FURB.



Programa de intervenção psicossocial: relato de uma experiência em análise institucional.

O Programa de Intervenção Psicossocial é um projeto de extensão oferecido pelo Departamento de Psicologia Social e Institucional da Universidade Estadual de Londrina, que tem por objetivo a análise institucional de uma instituição de ensino profissionalizante da cidade de Londrina/PR. Trata-se de uma instituição ligada à Igreja Católica que atende aproximadamente setecentos jovens com idade entre treze e dezessete anos, através dos seguintes cursos : artes gráficas, auxiliar de escritório, corte e costura e marcenaria. Com base no referencial da Análise Institucional, em conjunto com a instituição construiu-se uma metodologia através da qual seriam formados cinco grupos de jovens e dois grupos de funcionários. No caso dos jovens, a inscrição nos grupos foi definida de acordo com o interesse de cada um pelo tema proposto em cada grupo. O grupo de jovens relatado neste trabalho ocorreu no período de abril a setembro de 2001 e teve como tema : Debatendo a Escolha Profissional. Os encontros foram realizados semanalmente, com uma hora de duração e teve a participação de nove jovens com presença regular. A dinâmica de trabalho adotada no grupo consistiu em um espaço de fala em que os assuntos referentes a escolha profissional foram discutidos conforme o grupo desejou e cada participante ajudou a construir o movimento das discussões que foram feitas. No decorrer das discussões, percebeu-se que o grupo se constituiu enquanto grupo, através de uma dinâmica singular em que existiu uma tensão permanente entre o instituído (falar sobre profissões) e o instituinte (falar sobre o que era mais relevante no momento e que não passava necessariamente pela profissão). Ao viver esta tensão, percebeu-se que foi possível a esses jovens falar das profissões desde que puderam transitar entre as múltiplas experiências vividas no cotidiano, sendo que estas, muitas vezes, estavam fora do contexto profissional. Considerou-se que quando o grupo não focalizou suas discussões exclusivamente na questão profissional um tipo de resistência foi exercido (baseado em Michael Foucault - resistências às formas de poder) contra a demanda instituída pela sociedade de que o jovem precisa escolher uma profissão. Concluiu-se que a dimensão mais forte do instituído que este trabalho revelou corresponde a separação da escolha profissional frente ao contexto histórico cujas trajetórias de vida desses jovens se inscrevem. Assim, questões tão complexas como sexualidade, violência, desemprego, exclusão social, preconceito e questões de gênero que frequentaram ativamente as sessões, ajudaram a compor discussões contextualizadas e multifacetadas que também passam pelas profissões.

Luan Flávia Barufi Fernandes; Sonia Regina Vargas Mansano; Paulo Roberto de Carvalho.

Universidade Estadual de Londrina.



Programa Saúde da Família e Saúde do escolar: projeto de intervenção multidisciplinar.

O Programa Saúde da Família-PSF consiste num novo modelo de atenção à saúde, dirigido à família e à comunidade, priorizando as ações de atenção primária e valorizando o papel dos indivíduos no cuidado com sua saúde. Através do PSF, busca-se aumentar os vínculos de compromisso e responsabilidade entre equipe e população por meio de relações mais humanas e ações integradas e interdisciplinares. A educação em saúde torna-se prioridade, a fim de fornecer à comunidade recursos para que se envolva e se comprometa com a construção da saúde. Nessa perspectiva de integração saúde-educação desenvolvemos um projeto de intervenção multidisciplinar que teve como objetivo acompanhar, na área de saúde preventiva, a população em idade escolar, promovendo ações educativas destinadas à sua conscientização e mobilização, a fim de que exerça sua função de colaboradora nos processos de melhoria da qualidade de vida. A implementação do projeto se deu a partir da articulação entre o PSF, Secretaria Municipal de Educação, Escolas Municipais e os estagiários dos internatos rurais de Psicologia, Medicina e Odontologia da UFMG. Tendo, inicialmente um estabelecimento de ensino fundamental como referência, a inserção dos internatos rurais ocorreu em duas frentes. A primeira, de caráter interdisciplinar, envolveu ações de cunho informativo, cursos de capacitação para professores voltados para a temática da saúde do escolar. Além disso, cada internato monitorou aspectos específicos de sua área de conhecimento tais como acompanhamento do crescimento e desenvolvimento, exames de acuidade visual, controle de parasitoses e de obesidade pelos estagiários de medicina e promoção da saúde bucal pelos estagiários de Odontologia. Quanto à Psicologia foram desenvolvidos dois subprojetos. O primeiro, de oficinas em orientação sexual para adolescentes. Referenciadas pela abordagem de grupos operativos as oficinas, com frequência semanal, enfocavam temáticas relacionadas à vivência da sexualidade, articulando educação e saúde, visando a implicação dos alunos com a sua sexualidade. O segundo, voltado para os professores, objetivou instrumentalizá-los a lidar com os processos grupais no ambiente escolar, a partir da utilização da ferramenta de dinâmica de grupos. Os resultados preliminares mostram que a estratégia de integrar o PSF e as escolas tem sido válida sobretudo para o acompanhamento de aspectos específicos relacionados à saúde do escolar, permitindo o controle de algumas patologias como aquelas relacionadas a acuidade visual. Particularmente quanto à Psicologia, indicam sua importância na implementação de políticas públicas, como por exemplo, para a prevenção de Dst e gravidez na adolescência. Trazem também subsídios para os cursos de graduação na área de saúde, evidenciando a necessidade de uma formação multidisciplinar em serviço, que permita uma visão integrada dos indivíduos e uma abordagem integradora das políticas de saúde e de educação.

Alysson Massote Carvalho; Kelma Soares Medrado; Cristiano Santos Rodrigues.

UFMG.



Programação de TV preferida pelas crianças Pré-escolares.

A preocupação com o conteúdo televisivo não é recente. Na década de sessenta pesquisas já confirmavam que as crianças pré-escolares eram vulneráveis, em termos de comportamento, ao que se apresenta na televisão. A relação entre televisão e seus consumidores fazem parte de um aspecto fundamental quando se estuda a recepção televisiva. São muitas as pesquisas nacionais, como as de Pfromm Netto, (1976, 1978); Beltrão, (1972, 1986); Regina, (1990); Orjuela, (1997,1999) e internacionais como as de Mankiewitz e col., (1978); Gerbner e Gross, (1976) Murray e col., (1979), Grusec (1992), García (1997), Gunter e col. (1997), os quais analisam e estudam este meio de comunicação de massa que, a partir dos anos 60, tem constituído e integrado uma cultura áudio visual, bem como determinado uma acomodação social importante (Coll e col., 1999). A importância das variáveis familiares que atuam no uso e nos efeitos da televisão sobre as crianças já era destacada nas pesquisas realizadas no final dos anos sessenta. Os sociólogos americanos Schramm e cols. (1961) definiram o valor qualitativo e quantitativo que se deve atribuir às condições sociais e familiares dos sujeitos. Analisando a influência da televisão, Schramm e cols. (1961) concluiu que esta propicia uma melhora no nível de conhecimento geral do aluno, pois permite um maior acesso às informações do mundo. Como enfatiza Cebrián (1993), o ponto crucial de qualquer educação é levar o aprendiz a construir uma visão crítica das mensagens recebidas, aprendendo a distinguir o mundo real do mundo da imagem. Esta aprendizagem requer a intervenção de agentes educativos habilitados a comentar, transformando, assim, a relação televisão/espectador numa relação mediada, triangular, visando distinguir e interpretar o que se vê e a formular juízos críticos. Este trabalho objetivou identificar programas preferidos. Os sujeitos foram 20 crianças pré-escolares, idade 6 anos. Os materiais utilizados foram um questionário, uma escala de preferência de programação. A análise revelou que a maioria dos pré-escolares assiste televisão com regularidade, 2 a 4 horas diárias (60%). Costumam fazê-lo em companhia de pessoas sendo mais freqüente a do irmão (42,85%). Na maioria das vezes (55%) escolhem os programas. Assistem com maior freqüência desenho (56,8%), principalmente Pókemon, seguindo o seriado Sandy e Junior e o Festival de Desenhos (*20 = 19,73, *2c = 28,87, n. g. l. = 18, n. sig. = 0,05). Conclui-se que os pais não fazem restrições quanto ao número de horas e nem ao tipo de programa que a criança assiste. A programação preferida pelas crianças é o desenho animado e o mais citado foi o Pókemon. O fato da televisão ocupar lugar de destaque na maioria dos lares, remete a questões importantes como o fato dos pais não interagirem com as crianças enquanto assistem um programa televisivo. Discutir o que foi visto, a aprendizagem decorrente e os aspectos negativos e não produtivos veiculados pela televisão, desenvolvem no sujeito a habilidade de leitura crítica da realidade, formando sujeitos conscientes, seletivos e independentes no processo de aprendizagem.

Luciana Gomes Azoia.

PUC-CAMPINAS.



Programas Socioeducativos como mediadores do processo de educação e emancipação.

Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar criticamente a contribuição dos Programas Complementares à Escola desenvolvidos com crianças e adolescentes de 7 a 18 anos. O objetivo específico de verificar se atuam numa perspectiva compensatória de suas carências ou na perspectiva do adolescente cidadão tendo em vista sua emancipação. Foram trabalhadas as seguintes categorias teóricas: emancipação, educação compensatória, educação emancipatória e cidadania. A pesquisa empírica teve como universo um Banco de Dados que reúne instituições e programas complementares inscritos no Prêmio Itaú – Unicef em 1999 e 2001. Esse Banco de Dados foi organizado pelo Centro de Estudos e Pesquisa em Educação, Cultura e Ação Comunitária – Cenpec e possui informações com reconhecimento e expressão nacional (uma média de 700 ONGs). Para verificar em que medida favorecem (ou não) a emancipação das crianças e dos adolescentes, os programas foram analisados a partir das seguintes categorias empíricas: o conceito de educação, os objetivos, os resultados, a interface com a família, escola, comunidade e o favorecimento do protagonismo juvenil. Os resultados mostram que a maioria das ONGs tem a preocupação de envolver a família, a escola e a comunidade em suas ações, associam aos processos educativos a defesa de direitos e uma prática cidadã, porém tanto a perspectiva compensatória como a emancipatória estão presentes em suas atividades, nas parcerias e nas demais categorias analisadas. Aquelas que reforçam em maior grau a educação compensatória são orientadas por uma cultura tutelar, por uma concepção assistencialista; por uma leitura acrítica da relação entre a educação e a sociedade; aquelas ONGs em que a perspectiva emancipatória predomina, orientam seus projetos tendo em vista o desenvolvimento integral das crianças, valorizam suas potencialidades e capacidades culturais, cognitivas, criativas; procuram trabalhar valores como a solidariedade, a participação. As atividades têm como objetivo contribuir para que o adolescente adquira uma personalidade marcada por princípios de autonomia e emancipação; procuram envolver as crianças e os adolescentes no desenvolvimento dos programas através de um diálogo criativo, em que a criança possa refletir criticamente sobre os seus atos, entrar em contato com as contradições existentes no seu dia a dia, através do envolvimento no planejamento de atividades pedagógicas, na formulação de estratégias para a conquista de seus direitos. Muitos programas estão privilegiando a arte, a cultura, o lazer como estratégia para se construir uma proposta de emancipação. Conclui que uma proposta emancipatória de educação para a cidadania, deve incentivar a participação da criança e do adolescente nos programas socioeducativos, facilitar para que conheçam suas próprias histórias (valorizar suas experiências), motivar o seu pensamento crítico e incentivá-los a ir além dos modos fragmentados de raciocínio; ajudá-los a olhar o mundo de forma global, a estabelecer as conexões entre os fatos. Enfim, aprender a agir coletivamente para que possam desempenhar o protagonismo juvenil, o papel de multiplicadores em suas famílias, na escola e na comunidade.

Maria Beatriz Lima Herkenhoff.

Universidade Federal do Espírito Santo — Ufes.



Projeto Camaleão.

O projeto está vinculado ao NEPS (Núcleo de estudos e pesquisas sobre as sexualidades), uma ONG que realiza pesquisas e ações intervencionistas acerca das sexualidades de forma ampla, tendo como preocupação principal divulgar e desmistificar tabus, mitos e preconceitos em relação à sexualidade. Pretendendo com isso auxiliar a população em geral e os profissionais interessados a lidar de modo mais coerente e tranquilo com as questões que envolvem a sexualidade. Dentro da ONG existe um núcleo que trabalha no campo da masculinidade, tendo como foco a homossexualidade. O projeto Camaleão, que tem como alvo a população HSH (homens que fazem sexo com homens), vem com o objetivo de criar um espaço para a discussão das múltiplas formas de expressão sexual, bem como questões de cidadania, estigmas e preconceitos, promovendo a conscientização e elevação da auto estima junto a população HSH. Resultando no rompimento da imagem estereotipada que a sociedade faz dos HSH, visto que as sexualidades podem se manifestar das mais diversas formas, bem como de desmistificar alguns tabus que os próprios HSH possuem, auxiliando na construção dessa identidade. Surgiu essa necessidade de ser desenvolvido na cidade de Assis devido a falta de locais adequados para a promoção de encontros e por haver uma política de não se comentar assuntos ligados a sexualidade, principalmente aqueles que se referem a orientação sexual, o que acaba tornando-os até mesmo inexistentes. Resultando numa dificuldade em promover programas de prevenção a HIV/Aids e DST's para a população HSH, pois como discurso não permeia a sociedade, pelo menos em âmbito declarado, o torna um assunto e uma prática ilegal. Como tudo aquilo que não é permitido acaba sendo tachado de errado, ruim, perigoso e é dessa forma que os membros desta começam a montar a sua identidade. Retira-se o seu direito de cidadania e com ela os seus direitos sobre as informações e acesso a métodos preventivos, aumentando-se assim os índices de HIV/Aids e DST's nessa parcela da população. Para a sua realização sendo utilizado a aplicação de questionários em festas GLBT (gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros) para o levantamento de dados concomitantemente ocorrendo ações intervencionistas com a entrega de camisinhas, gel lubrificantes e divulgação do projeto e da home-page através de folders. A segunda etapa do projeto é constituída por exibições de vídeos (curtas, longas e seriados) com temática homossexual ao longo do quatro últimos meses de 2002, que serão realizados em três locais diferentes na cidade de Assis. É importante ressaltar que, apesar de ter como alvo os HSHs, o projeto está aberto a toda população de diversas identidades sexuais. Após a exibição de cada vídeo haverá discussões sobre o tema central abordado. Através destas atividades esperamos não só atingir a população alvo, como também sensibilizar as pessoas que possuem outras opções sexuais para o respeito às diversidades da vida sexual.

Edimir Toshimiti Saito.



Projeto Cine Psi.

A idéia do projeto surgiu em uma reunião de alunos do sexto semestre de psicologia que durante uma reunião para construção de um projeto de pesquisa resolveram pôr em prática algumas idéias antes já discutidas por alguns integrantes desse grupo e a coordenadoria do curso de psicologia. A intenção é promover uma integração entre os alunos e uma construção do conhecimento através do cinema e debate. O objetivo estaria em ampliar o conhecimento através do contato com diferentes abordagens; Exercitar o respeito às diferenças e ao mesmo tempo construir um pensamento reflexivo crítico; Exercitar os contrários, tendo por base as diferenças entre as diferentes abordagens; Exercitar a expressão verbal diante de discussões e debates acadêmicos; Abrir espaço para que o estudante e o professor exercitem a liberdade de manifestação. Pensamos na comunicação de massa, mais especificamente no cinema, como um instrumento agregador e desenvolvimentista, como também o debate entre professores de abordagens diferentes sendo assim enriquecedor no processo construtivo do conhecimento e da integração. Teóricos como Edgar Morin, acreditam no cinema como algo que proporciona uma aprendizagem diferente da intelectual, que por muitas vezes nos apresentam um “amontoadado de saberes”, constituindo um caráter de relação, fazendo com que saíamos do saber para a compreensão através da identificação da condição humana. Para George Mead a relação entre os homens começa a partir de um gesto que é refletido em outro indivíduo, este último se adapta ao primeiro e desencadeia essa ação em outros indivíduos. Este gesto, que representa uma idéia, mobiliza outros que irão adaptando-se a elas através de suas significações pessoais. Este jogo dialético de construir e ser construído pelo outro, a adaptação e readaptação, resulta em uma consciência de si através da consciência do outro, sendo possível através do cinema e do debate, uma troca de significados e uma consciência de grupo, em que o indivíduo é resultante e construtor deste ato social. Para a realização de nossa proposta cada sessão comportar um numero máximo de 100 pessoas, inicialmente ocorrendo uma sessão por mês; Os profissionais escolhidos são da universidade São Marcos, às vezes com a participação de outros convidados externos a universidade; Inicialmente os temas dos filmes propostos estão relacionados à área de psicologia e são sugeridos pelos professores convidados em parceria com os alunos coordenadores; Em um primeiro momento está sendo utilizado o auditório do C.I. (centro de idiomas); A sessão se constitui primeiro na projeção do filme e posteriormente os professores expõem as suas idéias através de um debate deixando em aberto a participação dos alunos presentes; A divulgação é feita através de cartazes e comunicados verbais em salas de aula e dependências da universidade, podendo ser divulgados em um segundo momento, em mídias externas da universidade. Tentamos, com isto, promover um espaço de construção democrática e participativa, em todos os âmbitos acadêmicos, de conhecimento científico acreditando que a construção do saber se desenvolve de forma horizontal e de troca.

Dulcina Gomes Dean; Fernanda Gouveia Santos; Fernando Guerra Sandim; Filomena Darc; Mariana Leal; Vanessa Viotto.

Universidade São Marcos.



Projeto curar brincando: uma proposta de assistência psicológica à criança hospitalizada no H.U.U.M.I.

Uma proposta de intervenção utilizando o lúdico no atendimento como alternativas pelo psicólogo, focaliza-se no desenvolvimento das habilidades da criança para identificar e modificar os pensamentos automáticos responsáveis pela manifestação de emoções negativas e comportamentos desadaptados, facilitando o acesso com a criança e a sua realidade. O Projeto tem um trabalho interdisciplinar, com parceria das atividades nas áreas de Psicologia, Assistência Social, Medicina, Pedagogia, Educação Artística e Terapia Ocupacional,. Na pesquisa abordamos os aspectos característicos do papel do brincar e suas implicações no processo de cura da criança internada, averiguando se o brincar constituía importante recurso terapêutico e alternativo de intervenção, oportunizando a criança de entrar em contato com o estilo educativo da terapia cognitiva, em sua forma direta e de descoberta guiada, contribuindo para adesão ao tratamento, aprendendo a identificar o que e como mudar; se o nível de elaboração dos medos e angústias, no enfrentamento das doenças, variava em função da aplicação das práticas experimentais do brincar e por fim, se os níveis de angústia e tensão eram menores nas crianças que brincavam durante a internação. Usamos um suporte Comportamental-Cognitivista, com uma proposta de humanização da hospitalização, utilizando-se como recurso uma entrevista com o acompanhante da criança, o IPL (Inventário de Participação Lúdica) e uma tabela de estímulos lúdicos utilizados no atendimento individual à criança no leito ou na sala de recreação do projeto. Os resultados demonstram que as crianças que tinham assistência, sobretudo a psicológica, considerando os aspectos do adoecer e do brincar, apresentavam menos sofrimentos durante o processo de internação. Sinalizavam, após as sessões de atendimentos, um maior contato com a sua realidade, aderindo melhor ao tratamento e experimentando um alívio emocional, elaborando seus medos, tensões e angústias ao enfrentar o processo de tratamento hospitalar, ao contrário do grupo das crianças não assistidas no projeto. Concluimos que o brincar torna-se uma importante via de elaboração desses sentimentos como angústia, medos, entre outros. Através de atividades lúdicas a criança experimenta um alívio emocional, superando com mais facilidade esta fase, o que contribui para o seu restabelecimento.

Francisca Morais da Silveira; Vanussa S Dias; Alessandro A . P. Cruz; Thiago Martins de Melo.

Universidade Federal do Maranhão, Hospital Universitário.



Projeto De Desenvolvimento Profissional a partir das Ciências Do Esporte para o aperfeiçoamento dos Técnicos Esportivos Da Fundação Municipal De Esportes De Florianópolis.

A Psicologia é uma das ciências onde o objeto de estudo é o homem em movimento. Suas ações são fundamentadas cada qual em uma abordagem teórica, num determinado campo de atuação, seja na educação, saúde, organizações e trabalho, esporte, entre outras. A Psicologia adentra ao campo do Esporte, compondo uma das Ciências do Esporte dentro do Treinamento Esportivo. Tem como objetivo a observação, análise e intervenção a partir do diagnóstico processual no fenômeno Esporte, desenvolvendo programas de intervenção. Um dos agentes em movimento que configura o fenômeno Esporte são os Técnicos esportivos. A partir de tais premissas desenvolveu-se um Projeto de Atuação da Psicologia para o aperfeiçoamento junto à população de técnicos esportivos nas diferentes modalidades e categorias (infanto/juvenil, juvenil e adulto) do esporte não-profissional da cidade de Florianópolis. O programa proposto em Psicologia atenderá um grupo de técnicos esportivos com participação espontânea. No decorrer do trabalho o papel interventivo da Psicologia se traduz em mediar o processo de discussão informal delineando os principais tópicos em Ciências do Esporte (biomecânica, fisioterapia, fisiologia, psicologia, etc.) a serem abordados em cada encontro. Tal demanda, se constitui sob a forma da intenção da ação participativa dos técnicos para com os palestrantes, onde a Psicologia media o processo dos objetivos organizacionais ao processo de facilitação dos conhecimentos científicos, a fim de tornar mais profundo e peculiar o conhecimento transmitido, além do reconhecimento, deles próprios, da vantagem e necessidade de atualização no mercado de trabalho.

Camila Pancotto Biasolli; Narbal Silva; Ruy Jornada Krebs.

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC; Universidade Estadual de Santa Catarina - UDESC.



Projeto de intervenção psicopedagógica do ensino fundamental.

O fracasso escolar ainda é um dos problemas mais graves a preocupar a sociedade brasileira, principalmente nas séries iniciais de escolarização. Em decorrência de tal situação temos realizado um trabalho de intervenção psicopedagógica em três instituições de ensino, localizadas em Cândido Mota-SP. Objetivamos, basicamente, trabalhar as relações ensino-aprendizagem (escola – criança – família) e promover o desenvolvimento afetivo, cognitivo e moral dessas crianças. Em relação ao procedimento, são feitas duas sessões semanais, de aproximadamente uma hora e meia cada, com grupos compostos por três crianças, de ambos os sexos, da faixa etária de sete a doze anos e de situação sócio-econômica desfavorecida. Num primeiro momento analisamos criticamente o cotidiano escolar e sua influência na produção e/ou manutenção das dificuldades de aprendizagem. Em seguida realizamos um diagnóstico psicopedagógico que nos auxilia no processo de intervenção com as crianças e orientação dos profissionais envolvidos diretamente em sua alfabetização, bem como os familiares dessas crianças. Estão sendo utilizadas, como técnicas psicopedagógicas, jogos de regras e oficinas de leitura e escrita (sobretudo que procuram demonstrar a função social da escrita). Observamos, até o momento, que as crianças apresentam baixa auto-estima, provavelmente agravada pelo sentimento de incompreensão quanto as suas dificuldades (tanto da família quanto da escola), além da crença da instituição de que é a criança quem deve se adaptar às suas práticas pedagógicas (e não o contrário). Outro ponto, é o acentuado despreparo dos professores para trabalharem com tais crianças, especialmente as economicamente desfavorecidas. Os resultados obtidos, até agora, nos mostram que a intervenção vem contribuindo para o desenvolvimento cognitivo e moral das crianças, sobretudo em relação à leitura e à escrita. Desse modo, concluímos que a realização das atividades citadas – num ambiente onde prevalece o respeito mútuo e relações de cooperação – leva ao desenvolvimento global de crianças com dificuldades escolares e possibilita o estabelecimento de uma interação positiva com o conhecimento formal.

Mano, Milena da Silva; Funaki, Adriana Satie; Costa, SÍntia Mara de Souza Ferreira da; Ungaretti, Carla de Souza; Belão, Fernanda Mora; Amorim, Fernanda Gabriela; Fonseca, Ellen; Civeira, Patrícia Rocha; Oliveira, CÍntia Aparecida Pires; Silva, Nelson Pedro.

UNESP – Assis.



Projeto de orientação profissional: conhecendo-se a si mesmo.

O processo de orientação profissional tem acompanhado a crescente mudança pela qual passa a sociedade, ocasionando uma ampliação em seu campo de atuação. São alcançadas várias faixas etárias, valorizando-se os aspectos social, econômico e ideológico que envolvem o momento da escolha da profissão. Muitas escolas alegam realizar atividades sistemáticas de informação e orientação ocupacional, porém, isto não acontece na prática. Torna-se, por esta razão, fundamental desenvolver um trabalho de orientação profissional que viabilize aos estudantes que iniciam o ensino médio uma escolha mais consistente, refletida e guiada pelo autoconhecimento. O que corresponde aos objetivos deste projeto. A instituição favorecida pelo projeto foi a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Escritor José Lins do Rego. Realizaram-se encontros quinzenais com duração de duas (02) horas, no decorrer do ano de 2001, no auditório da própria escola. As quatro (04) alunas do curso de psicologia do UNIPÊ desempenharam o papel de facilitadoras do processo de escolha profissional dos quarenta e dois (42) alunos beneficiados com o projeto, sob a supervisão das coordenadoras Ivana Mello e Margarida M. Silva Gomes. Foram utilizados como recursos materiais aparelho de som, cd e colchonetes de ginástica na realização de técnicas de relaxamento e de integração grupal, além de material distribuído para debates: textos para reflexão, papel ofício, lápis coloridos e questionários. A partir de avaliações periódicas realizadas com os adolescentes, percebeu-se que foi possível alcançar o objetivo proposto, uma vez que os fatores interferentes no processo de escolha profissional foram discutidos ao longo do programa, proporcionando-lhes o reconhecimento de sua importância na construção de uma identidade profissional calcada no autoconhecimento.

Andrea Tavares Carvalho; Anny Kaliny Medeiros da Silva; Pauline Kerman Castro Rocha; Terlúcia Paiva Teixeira.

Centro Universitário de João Pessoa – UNIPÊ.



Projeto de orientação vocacional - POV.

Este projeto é desenvolvido no Colégio Padre Moye, em São Paulo - Capital, bairro do Limão, atingindo aproximadamente 260 alunos(as) que atualmente cursam o Ensino Médio. O objetivo geral do projeto visa facilitar o momento da escolha profissional do(a) jovem, auxiliando-o(a) na compreensão de sua situação específica de vida, incluindo os aspectos pessoais, familiares e sociais. É a partir dessa compreensão os coordenadores do projeto, acreditam que este(a) jovem terá mais condições de definir qual a melhor escolha – a escolha possível – no seu projeto de vida. O trabalho se divide em três ciclos: 1o Ciclo: Trabalho desenvolvido junto às turmas das 1as séries do Ensino Médio, visando o auto-conhecimento; 2o Ciclo: Atividades desenvolvidas junto às turmas matriculadas nas 2as séries do Ensino Médio, cujo objetivo é explorar as diversas profissões, seu campo de atuação, mercado de trabalho e remuneração; 3o Ciclo: Com os(as) alunos(as) da 3a série do Ensino Médio, discute-se o processo de discernimento vocacional, a escolha e as possíveis perdas ocasionadas por esta. Tendo claros os objetivos a alcançar e o planejamento das atividades, as técnicas a serem utilizadas são apenas recursos auxiliares. Com criatividade, novas propostas vão surgindo à medida que cada grupo constrói sua história. Os objetivos apresentados, possibilitam também o desenvolvimento de temas transdisciplinares e interdisciplinares enfocando vivência consciente da responsabilidade cidadã, compromisso com a Ecologia Local e Planetária, Compromisso Político, etc... Busca-se, no desenvolvimento do trabalho, que o(a) jovem tenha clareza de sua situação de vida, elabore um projeto de vida coerente com suas possibilidades e com a realidade em que está inserido, tudo isso tendo como referência a escolha profissional, procurando sobretudo valorizar as suas aspirações pessoais. Dinâmicas de grupo, relaxamento, recreação, abordagem psicodramática, sensibilização, improvisação e representação teatral serão utilizadas, tendo sempre em mente o objetivo que se quer alcançar. A composição de grupos com no máximo 20 alunos, em cada ciclo, busca-se propiciar um melhor desenvolvimento das atividades, auxiliar no conhecimento que cada participante busca de si mesmo, diferenciar-se do grupo familiar sentindo-se igual aos outros e descobrindo sua identidade. Este projeto ganha importância maior, pois apesar de desenvolver-se em horário extra-aulas, não tem nenhum custo para os participantes, envolvendo também alguns encontros de esclarecimento com os pais e/ou responsáveis.

Fulvio Fusaro Caratin; Sônia Regina Gilioli.



Projeto de promoção de saúde em escolas.

A prática da psicologia, desvinculada do modelo de atendimento clínico clássico que ocorre entre as quatro paredes do consultório ainda é pouco utilizada, sendo que a maioria das pessoas desconhece as possibilidades de intervenção que esta área dispõe. Dentro desta perspectiva, elaboramos um projeto de intervenção que tem como proposta desenvolver um trabalho de assessoria em escolas, buscando promover melhorias nas condições de aprendizagem, promover saúde enxergando o sujeito em toda sua complexidade. Em 2001, durante parte do nosso período de estágio no Pipas (Programa Interdisciplinar de Promoção e Atenção à Saúde), programa de extensão da Universidade do vale Rio dos Sinos - Unisinos, localizada em São Leopoldo, RS, observamos nos relatos de atendimentos, que muitos eram os encaminhamentos de crianças e adolescentes com “queixas de dificuldades de aprendizagem e outros problemas escolares” por parte das escolas. Acreditando que não poderíamos atingir grandes resultados atendendo esta demanda de forma individual, pensamos em intervir no próprio ambiente escolar, considerando fatores intra e extra escolares articulados nos processos e produtos educacionais, podendo, assim, promover saúde. Para tanto, nos utilizaremos de uma orientação psicanalítica. Num primeiro momento cabe o levantamento de necessidades junto a instituição, em seguida é elaborada uma proposta que atenda as demandas do local. Esta, será construída a partir de algumas possibilidades de intervenção que poderão ser desenvolvidas conforme as necessidades e especificidades do local, como por exemplo, grupo com alunos, grupo de reflexão com professores, atendimentos individuais a professores e alunos, atendimento a pais, grupo com pais, intervenções durante as aulas junto aos professores, grupo de estudos com professores. Dentro dessa perspectiva, baseando-se numa visão de totalidade do contexto escolar, visamos atender as necessidades de alunos, pais, professores, enfim, toda a comunidade escolar. Pensamos ser imperativa a necessidade de se ter outros olhares sobre as demandas, pois sabemos que é preciso ir além dos conhecimentos psicológicos, para compreendermos a complexa teia de relações presentes no cotidiano escolar. Os diferentes olhares para o mesmo fenômeno, ensinam a construir uma compreensão da totalidade do fenômeno estudado e observado. Em março de 2002, visitamos algumas escolas, num movimento de criação da demanda. Destas, duas escolas particulares se interessaram: uma abrirá espaço para atividades em julho e a outra abriu espaço imediatamente. Assim, tivemos reuniões com a direção, bem como com os professores a fim de apresentarmos a proposta para todo o corpo docente. Já iniciamos intervenções em 4 turmas: pré-escola, 5o serie, 7o serie, 1o ano do ensino médio. Nestas, nos utilizamos de alguns dispositivos, como por exemplo, técnicas de grupo, para levantamento de um primeiro diagnóstico desta realidade. Dentre as intervenções em andamento, já trabalhamos questões referentes à integração nas turmas, já que foi esta, uma das dificuldades apontadas. Pode-se dizer que até o momento o projeto está tendo resultados muito positivos e conseguimos inclusive, implicar a maioria da equipe e coordenação das escolas no processo.

Denise Milk Vargas; Iria Cichelero; Luciana Oliveira da Silveira; Simone Duarte; Waleska Pessato Farenzena.

Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos.



Projeto Escola Aberta à Terceira Idade.

As Escolas Abertas à Terceira Idade (EATI) foram criadas com o objetivo de oferecer aos idosos informações sobre aspectos biopsicossociais do envelhecimento, preparação para aposentadoria e atualização cultural. Atualmente, esses programas têm sido importantes na promoção da conscientização e exercício da cidadania, através de oportunidades educacionais que intensificam os contatos sociais, a troca de vivências, conhecimentos e aperfeiçoamento pessoal; promovem bem-estar, despertam fatores motivadores para a aprendizagem e ajudam na aquisição de novas habilidades cognitivas em atividades práticas, ou seja, proporcionam suporte emocional, informacional e instrumental que contribuem para um envelhecimento bem-sucedido. Objetivos: a) investigar o nível de satisfação global com a vida; b) verificar a influência da participação de idosos neste programa. Material e método: Sujeitos: 28 idosos, com idade média de 68 anos, a maioria têm apenas o ensino básico (64,3%), são viúvas (53,6%) e não trabalham (82,1%) sendo, pensionistas (57,1%) e aposentadas (42,9%). Moram com filhos 32,1%; 32,1% sozinhas; 10,7% com cônjuges e filhos; 7,2% com cônjuge; 7,2% com cônjuge, filhos e netos; 7,2% não responderam e 3,5% com outros parentes. Instrumentos: a) ficha de informações sociodemográficas; b) questão para avaliar a influência da participação em um programa voltado à terceira idade; c) escala para a medida de satisfação com a vida, de Cantril (1967), para medida de bem-estar subjetivo indicado por satisfação geral com a vida, contendo duas questões que avaliam a satisfação com a vida atual e futura, através da figura de uma escada de dez degraus simbolizando uma escala de dez pontos entre a pior e a melhor vida. Ambiente: Escola Aberta à Terceira Idade em Uberlândia-MG. Resultados: A maioria das idosas manifestou alto grau de satisfação com a vida atual e expectativas positivas em relação à vida futura. Ao analisar os resultados da escala de satisfação com a vida atual, 60,7% colocam-se no ponto 10; 17,9% no 9; 7,2% no 8; 3,5% no 7; 7,2% no 6 e 3,5% não responderam. A maioria das participantes também tem expectativa de vir a estar satisfeita com sua vida em futuro próximo, 39,3% colocam-se no ponto 10; 14,3% no 9; 10,7% no 8; 14,3% no 7; 7,2% no 6; 10,7% no ponto 5 da escala e 3,5% não responderam. Quanto a influência da participação neste programa, todas relataram que houve melhora na qualidade de vida após seu ingresso, ressaltando aumento na vontade de viver, ampliação da rede de amigos e melhora na saúde percebida. Conclusão: Este projeto exerce influência positiva na vida das participantes proporcionando-lhes bem-estar subjetivo além de uma nova atitude diante da velhice. É de extrema relevância esse tipo de apoio aos idosos por parte da iniciativa pública e privada, já que seus efeitos têm lhes parecido benéficos ao bem-estar subjetivo e à auto-imagem e têm lhes propiciado oportunidade para discussão e conscientização do exercício do papel de cidadão, com direitos e deveres; bem como tornar possível a desconstrução de estereótipos sociais através da criação de uma nova consciência sobre as necessidades dos idosos e sobre a importância de sua participação na sociedade.

Aline Cristine de Souza; David Tomaz Machado; Graciela Cardarelli; Letícia Pereira Paulino; Sheila Cristina Melo; Thaisa Gapski Pereira Galicioli; Vanessa Rezende Couto; Vânia Lúcia Garcez Martins; Marineia Crosara de Resende.

Centro Universitário do Triângulo – Unit / Uberlândia.



Projeto Reciclar Brincando.

O brincar na perspectiva da Análise do Comportamento, diz respeito a aquisição de repertórios importantes para o desenvolvimento humano, como no trato de indivíduos com necessidades especiais, para ensino de conteúdos escolares, desenvolvimento social, pois a presença de interações durante o brincar, possibilita que a criança entre em contato com diferentes papéis sociais além de contribuir com o desenvolvimento psicomotor. O Projeto Reciclar Brincando será desenvolvido no CEICOMHU da UNESP - Campus de Marília, no ano de dois mil e dois, que se caracteriza pelo trabalho de equipe interdisciplinar que envolve fonoaudiólogos, psicólogos e estagiários de fonoaudiologia, visando o atendimento de pessoas com distúrbios de comunicação, motor e de aprendizagem. A necessidade do desenvolvimento do projeto se deu pela escassez de recursos materiais e pelos ganhos que o construir e brincar podem proporcionar para o desenvolvimento global da criança. Tem como objetivos desenvolver repertório social e acadêmico; proporcionar interação entre terapeuta e paciente; desenvolver criatividade e comunicação; estimular interação entre pais e filhos estendendo o projeto para outros meios de convívio da criança. O projeto atenderá crianças de ambos os sexos, na faixa etária de três à quatorze anos, que apresentam os seguintes diagnósticos fonoaudiológicos: distúrbios da linguagem, distúrbios da leitura e escrita, distúrbios da fluência e da voz, distúrbios da articulação e distúrbios neurológicos. Estas crianças são encaminhadas pelos fonoaudiólogos para uma avaliação psicológica e se necessário um acompanhamento terapêutico no Ceicomhu, onde o projeto estará sendo desenvolvido. Priorizará atendimentos individuais com as crianças, capacitação e acompanhamento dos fonoaudiólogos e pais, por meio de grupos de discussão e estudo. O projeto utilizará construção de brinquedos respeitando a fase de desenvolvimento da criança, a partir de materiais recicláveis como latas de refrigerantes, palitos, tampinhas, papéis, caixas, plásticos, papelão, vidros, etc. A avaliação do Projeto se dará através de questionário aplicados para profissionais e familiares dos pacientes atendidos. Considerando a importância que a brincadeira tem para a criança, e a importância que o adulto tem durante as brincadeiras, tem – se como expectativa deste trabalho, promover o desenvolvimento global da criança podendo melhorar interação, a aquisição e desenvolvimento do repertório social e acadêmico da mesma.

Marmol, G. M. T.; Favaro, A. P.; Misquiatti, A. R. N.

Centro de Estudos Interdisciplinares da Comunicação Humana – Marília-SP; UNESP – Marília –SP.



Projeto Saúde – Reeducação de Hábitos Alimentares Acompanhamento Nutricional e Psicológico.

A alimentação é uma necessidade básica para a manutenção da vida, sob o ponto de vista biológico. Porém o cotidiano está nos mostrando um número significativo de pessoas que vem se alimentando de forma errada, daí o aumento de pessoas com sobre-peso e/ou os anoréxicos. A busca pelo alimento ou mesmo o abandono, passa a exercer uma segunda função: nutrir emocionalmente o sujeito, assumindo o papel de redutor de tensão e muitas vezes a única fonte de prazer. Ao exercer esta segunda função os sujeitos passam a alimentar-se de maneira incorreta e desequilibrada trazendo resultados prejudiciais à saúde, comprometendo assim sua qualidade de vida. Cada vez mais os profissionais da saúde acreditam na importância de um trabalho preventivo, e segundo a OMS saúde é definida como “total bem estar físico, psíquico e social”, ou seja, nossa saúde é formada de diversas facetas e a harmonia se faz necessária entre elas. Tratando-se dos Transtornos Alimentares ou mesmo dos maus hábitos alimentares não há como trabalhar um ou outro aspecto, há a necessidade de oferecer um espaço que possibilite abordar tanto os aspectos emocionais implicados como os aspectos nutricionais. O relato de diversos integrantes que já participaram do nosso programa reforçam nossa prática integrada, apontando a importância do trabalho de grupo e dos profissionais das duas áreas engajados. Havia um desejo de um trabalho que pudesse abarcar um maior número de pessoas uma vez que para muitos que procuravam a clínica de nutrição o processo terapêutico era muito solitário e o abandono acabava acontecendo. A concretização deste trabalho aconteceu depois de muitas trocas de idéias entre as profissionais responsáveis, apontando a necessidade de trabalhar os aspectos emocionais que estão implicados tanto nos transtornos alimentares como também na forma inadequada que as pessoas utilizam a alimentação no seu dia-a-dia. Com objetivo de oferecer uma reeducação dos hábitos alimentares, e assim desenvolver uma nova relação com os alimentos o Projeto Saúde oferece um acompanhamento nutricional e psicológico visando uma melhor qualidade de vida, saúde, corpo e mente saudável.

Valquíria Inês Breyer Lopes; nutricionista Vera Maria Grün.

Núcleo Consultoria Psicológica Empresarial.



Promoção de Saúde Mental e a manutenção da violência contra o louco.

Analisa a possível manutenção da violência contra o louco que podem existir nos serviços de atenção à saúde mental atualmente. Este estudo tem como objetivo apresentar dados relevantes sobre as possíveis formas de violência contra os loucos existentes nas “novas” formas de atenção à saúde mental. A pesquisa foi realizada em um serviço substitutivo do SUS em Minas Gerais, que atende pacientes psicóticos e neuróticos graves em modelo ambulatorial. Os participantes são profissionais da equipe multidisciplinar deste serviço. Os dados foram coletados através de entrevistas gravadas e transcritas. Utilizou-se de análise de conteúdo para o tratamento dos dados. Diante do que foi analisado, constatou-se que a equipe percebe que há violência em intervenções pelas quais passam seus usuários. Os técnicos deste serviço pretendem um tratamento mais digno e humano em oposição à forma de tratamento hospitalocêntrico anterior: violento e desumano. Contudo quando em situações que revelam grande complexidade, protagonizam cenas que consideram de violência. Tal prática indica que ainda há dicotomia entre os ideais de reformas na atenção ao portador de grave transtorno mental e suas práticas concretas. Isto se apresenta em função de uma série de modificações na rede de atenção à saúde, que parecem imprescindíveis para uma co-existência mais tolerante da loucura em nossa sociedade.

Maria Inês Badaró Moreira; Helerina A. Novo.

Universidade do Vale do Rio Doce – UNIVALE; Universidade Federal do Espírito Santo – UFES.



Promoção de Saúde na Equipe.

Objetivo - Melhorar a qualidade do atendimento aos usuários das Unidades Básicas de Saúde da cidade de Marília e as relações interpessoais na equipe. Descrição da Prática - Foram selecionadas quatro UBS pela Coordenadora da Atenção Básica da SMHSM e teve como critério de escolha as unidades que apresentavam maior grau de dificuldade, tanto no atendimento aos usuários quanto nas relações interpessoais. Foram realizados nove encontros com periodicidade quinzenal, com duração aproximada de noventa minutos cada e início em agosto de 2001. O trabalho foi realizado através de dinâmicas de grupo juntamente com questionários semi-estruturados. Síntese do Tipo de Prática - Com a realização deste projeto, objetivamos: - oferecer ao grupo reflexão sobre a realidade da prática profissional e sua motivação para a mesma; - identificar valores e crenças trabalhando diferenças no processo grupal; - resgatar a valorização de cada membro da equipe facilitando a comunicação e o fortalecimento da mesma. Para desenvolver os tópicos acima descritos, selecionamos e adaptamos dinâmicas de grupo, além de jogos dramáticos e entrevistas semi-estruturadas, as quais foram utilizadas de acordo com a necessidade e o momento grupal. Descrição dos resultados obtidos - Até o momento apenas uma das quatro UBS concluiu os nove encontros o que nos dá uma avaliação parcial dos resultados. Ao serem comparadas as expectativas levantadas no início do trabalho, através do questionário inicial com os dados coletados no questionário final, pudemos ver que a principal dificuldade se refere ao relacionamento entre os membros da equipe, seguido da dificuldade de comunicação e de se trabalhar em equipe (cooperação). No momento em que o questionário final foi aplicado e de acordo com as respostas dadas, fica evidente que os participantes valorizam a oportunidade de discutir aspectos pessoais, de relacionamento com o usuário dentro da equipe, angústias com relação ao próprio trabalho realizado na UBS. Isso também fica confirmado pela frequência do grupo às reuniões que não eram obrigatórias formalmente, não havia lista de presença. Os mais interessados foram os agentes comunitários, auxiliares de enfermagem e serviços gerais. As contribuições foram importantes e muito pertinentes e demonstravam, através de suas falas, o desejo pela próxima reunião. Como resultado parcial, comum à todas as unidades, observamos algumas mudanças de atitudes: - valorização e desejo pela oportunidade de discutir o relacionamento interpessoal e discussão de casos; - valorização/necessidade de se trabalhar em equipe (cooperação); - percepção da necessidade de mudança de comportamentos pelos membros da equipe para acolherem uns aos outros. Indicação da parte teórica - Demo, P. Metodologia científica em ciências sociais. São Paulo: Atlas, 1995. Ginger, Serge. Gestalt: uma terapia do contato/Serge Ginger e Anne Ginger, (tradução Sônia de Souza Rangel). São Paulo: Summus, 1995. Moreno, J. L. Psicodrama, (tradução Álvaro Cabral). São Paulo: Cultrix, 1997.

Adriana Soares Rossi; Cássia Assef Pastori; Cláudia Regina Brabo Artigiani; Luciana Aparecida de Moraes; Simone Alves da Silva; Telma Lúcia Malta Rolim.

Secretaria Municipal de Higiene e Saúde de Marília.



Prontidão para Alfabetização: um estudo comparativo em crianças que cursaram a pré-escola e que não a cursaram.

A Prontidão para alfabetização através de testes padronizados parece ser um aspecto pouco pesquisado no últimos anos, em nosso meio. Porém, o uso do Teste Metropolitano de Prontidão (TMP) em pré-escolares e crianças das séries iniciais tem sido muito útil, pois o Teste fornece dados sobre a maturidade global, que constitui um fator muito importante para a alfabetização. A criança ao chegar à escola traz consigo uma história de aprendizagem que se desenvolveu tanto em um contexto informal, quanto em um contexto mais formal através da experiência pré-escolar. Dessa forma, a criança adquire os aspectos simbólicos que darão suporte a toda aprendizagem posterior. Por outro lado, com a influência dos conceitos piagetianos no ensino fundamental, observa-se que o construtivismo e a escola tradicional têm se confrontado na escola e na pré-escola como se fossem duas “metodologias” opostas e incompatíveis. As educadoras que tiveram como formação de base a prática tradicional, tentam utilizar a proposta construtivista sem preparo adequado para isso. Querem aposentar a noção de prontidão para alfabetização em benefício da noção de construção da escrita, mas, na prática, ainda utilizam a noção de maturidade para explicar as dificuldades da criança. Observa-se também que nem sempre a noção de construtivismo é entendida e aplicada adequadamente. Em vista desse impasse, de um modo geral, a educação pré-escolar pública nem estimula as crianças nas habilidades consideradas essenciais para alfabetização, nem pratica o construtivismo como uma busca de conhecimento. Com base nesses aspectos, o presente trabalho teve como objetivos investigar a prontidão para alfabetização em escolares de 1ª série do ensino fundamental, comparar os resultados obtidos no Teste Metropolitano de Prontidão (TMP) entre as crianças que cursaram a pré-escola e as crianças que não a cursaram e comparar os resultados obtidos no TMP com os conceitos escolares avaliados pelas professoras. A amostra foi composta por 62 crianças de 6;22 a 7;10 de ambos os sexos, matriculadas regularmente na 1ª série do atual ensino fundamental de duas escolas públicas da rede oficial de ensino da cidade de São Paulo, sendo 32 que cursaram a pré-escola e 32 que não a cursaram. O instrumento utilizado foi o Teste Metropolitano de Prontidão Forma R. Os resultados mostraram-se favoráveis às crianças que cursaram a pré-escola. As médias de acertos nos subtestes do TMP apresentaram diferenças significantes a nível de 1%, com exceção do subteste Cópia de Figuras. Foi feita a correlação entre os subtestes e a Prontidão de Leitura (PL), Prontidão de Números (PN) e a Prontidão Total (PT) e verificou-se uma correlação positiva, significativa entre todos os subtestes e entre estes e PL, PN e PT. Foi feita a correlação entre os resultados obtidos no TMP e os conceitos escolares e verificou-se que a porcentagem de alunos que não aprendeu a leitura e a escrita é superior no grupo Sem pré-escola, correspondendo a um pouco mais da metade dos alunos deste grupo. Isto significa que apenas 47% das crianças do grupo Sem pré-escola adquiriram a leitura e a escrita. No grupo Com pré-escola, a porcentagem de alunos nas classificações média e acima da média corresponde a 84%, e apenas 16% de alunos deste grupo não adquiriu a aprendizagem da leitura e da escrita no ano letivo. Pode-se concluir que a maturidade avaliada através do Teste Metropolitano de Prontidão é um fator fundamental para o processo de alfabetização das crianças nas séries iniciais. Concluiu-se também que o TMP é um bom instrumento preditor do desempenho escolar em crianças de 1ª série, e que considerando a média de conceitos escolares da amostra total, a pré-escola, ao incrementar a maturidade para aprender, cumpriu a função de educação preparatória para o ensino da primeira série do atual ensino fundamental.

PEREIRA, Maria da Paz.

Universidade de São Paulo / UNISA - Univ. Santo Amaro.



Proposta de atuação junto às famílias de rua à luz da Psicanálise Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

A Secretaria de Ação Social implantou no ano de 2000 o projeto “Reconstruindo a Cidadania” cujo objetivo é a reintegração social da população de rua. Foi montado um abrigo onde a clientela em um prazo de aproximadamente seis meses teria a oportunidade de criar condições para tal. A Secretaria buscou na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) uma parceria visando a intensificação das ações no Projeto. O Instituto de Psicologia da UERJ foi convidado a desenvolver um trabalho na instituição conforme a análise da demanda feita. Aceitando o desafio, a psicóloga Lulli Milman montou uma equipe de estagiárias no Serviço de Psicologia Aplicada da universidade para a realização deste trabalho, sob sua supervisão. A instituição já dispunha de psicólogos que realizavam atendimentos individuais. Percebendo que somente o aumento do número de pessoas atuando dessa forma não seria suficiente para dar conta da demanda da instituição, nos propusemos a realizar um trabalho diferenciado baseado nas idéias da psicanalista Françoise Dolto. Para ela o processo de humanização se dá pela entrada e colocação de cada indivíduo na ordem da linguagem, simbólica e coletiva, que organiza o convívio entre os homens. A introdução dos sujeitos em um espaço compartilhado por todos através da fala seria fator fundamental para sua inserção na ordem social. O que nos leva a afirmar que será a qualidade dessa fala, quanto ‘a sua capacidade em descrever com veracidade sentimentos e ações, que possibilitará uma maior qualidade nas relações entre os homens e entre sujeito e sociedade. A veiculação de um falar verdadeiro e descritivo foi considerado um ponto chave de nossa atuação. Após um período de observação definimos que as crianças seriam nosso público alvo e decidimos trabalhá-las através das relações familiares, buscando reconstruir suas histórias de vida. No caso das populações de rua, há uma tendência ao desmembramento e a perda das histórias familiares, levando à intensificação das dificuldades das crianças em se reconhecerem enquanto sujeitos particulares com um pertencimento a uma ordem coletiva. Desta forma, a recuperação das histórias familiares aliada a possibilidade de se fazer circular entre as famílias palavras verdadeiras que nomeiem sentimentos e funções com clareza, serão ações decisivas para a construção de indivíduos produtivos afetiva e socialmente. Nossa equipe é formada por sete estagiárias que se dividem em grupos de duas ou três. Cada grupo comparece ao abrigo uma vez por semana, permanecendo duas horas. Como nossa proposta de atuação visa possibilitar a procura espontânea das crianças e suas famílias por nós, optamos por escolher um lugar que se tornasse referência de nossa prática. O local escolhido foi um parquinho no pátio da instituição, onde esperávamos pelas crianças. A partir do que elas nos propunham, desde brincadeiras até conversas sobre temas variados, íamos buscando realizar nossas intervenções nas situações que emergiam. Como principal resultado observamos a ampliação das possibilidades das crianças em desenvolver brincadeiras diferentes de um brincar repetitivo, aprisionado e pobre, marcado por atos de violência, usados como único recurso, e passar a um brincar mais criativo.

Cecília de Aquino Barbosa; Daniela Albrecht Marques C. Garritano, Luciana Fernandes Paulino; Maria de Nazaré Amaral Avelino da Silva; Mônica Silva da Costa; Rita de Cássia Andrade Martins; Viviane Nascimento de Oliveira.



Proposta sócio-educacional Re-Criar e as possibilidades de desenvolvimento pessoal de crianças e adolescentes.

A Proposta Sócio-educacional “Re-Criar” é uma iniciativa do Centro de Educação e Cultura da Universidade São Marcos que, por meio da Pró-reitoria de Extensão, assinou convênio com o Instituto General Motors e com a UNAS – União dos Núcleos, Associações e Sociedades de Moradores de Heliópolis e São João Clímaco, para conduzir metodologicamente as atividades educativas desenvolvidas no Projeto Parceiros da Criança, na comunidade de Heliópolis, maior favela de São Paulo. A proposta visa ao preenchimento de algumas das muitas lacunas vivenciadas em nossa atualidade cada vez mais complexa e paradoxal: enquanto há um cenário desenvolvimentista progressivo, há o contraponto de carências e privações de consideráveis contingentes populacionais, como a vivida pela comunidade onde o projeto se insere. A população atendida é de crianças e adolescentes na faixa etária de 7 a 14 anos do Ensino Fundamental, em espaço extra-escolar, visando a melhoria da qualidade de vida das mesmas e da comunidade. São 240 crianças e adolescentes organizadas em grupos de 24 componentes que realizam, diariamente, atividades em oficinas educativas voltadas para o desenvolvimento de habilidades e competências específicas, nas áreas de Educação Física; de Leitura e Escrita; de Artes; de Jogos e Raciocínio Lógico; de Desenvolvimento Pessoal; de Ciências e Consciência Ambiental e de Informática. A proposta prevê, também, atendimentos em áreas especializadas da Nutrição, da Fisioterapia, das Dificuldades de Aprendizagem. Tanto as oficinas como os atendimentos são implementados por professores da USM, responsáveis não só pelo planejamento como pela capacitação dos educadores locais e supervisão de alunos estagiários dos vários cursos de graduação. Trata-se de um trabalho multidisciplinar que ilustra os desafios enfrentados na mobilização de recursos da Universidade no planejamento e implantação de ações sociais. A Oficina de Desenvolvimento Pessoal, que faz parte do estágio de formação dos graduandos de Psicologia, consiste na coordenação e acompanhamento semestral de um grupo de crianças e adolescentes, no sentido de propiciar um espaço de reflexão sobre as atividades realizadas visando possibilidade de desenvolvimento pessoal de cada participante e do grupo como um todo. O auto-conhecimento, a construção da cidadania, a sexualidade, a construção da identidade e a aprendizagem são os principais temas abordados. O referencial dos grupos operativos norteia o desenvolvimento do trabalho em direção a mudanças pessoais e construção de projetos de vida. Vale ressaltar que o desenvolvimento é também dos estagiários em formação que, por meio de supervisões semanais dos encontros, têm a possibilidade de trabalharem a postura diante das crianças, as propostas de técnicas para as atividades, o conhecimento da realidade e a integração da teoria e da prática. Este painel tem como objetivo apresentar o resultado de seis meses de trabalho com três grupos de diferentes idades, como forma de refletir o trabalho sócio-educativo e incentivar outros profissionais e instituições nessa direção.

Ana Maria G.G. Balest; Marisa Irene S. Castanho; Valdir Alves da Silva; Gabriela C. Inácio; Fabiola Akemi Rocha Marmo; Luiza Maria C.C. Leitão.

Universidade São Marcos.



Prostituição de Luxo e seus Aspectos Psicológicos, Sociais e Econômicos.

A prostituição feminina, embora fenômeno antigo, presente virtualmente em todas as civilizações, assume feições diversas e particulares através dos tempos. Em Natal (RN), nas últimas décadas, em que pese a permanência do estigma que sempre a acompanhou, uma modalidade relativamente nova vem se desenvolvendo de forma acelerada: a prostituição de luxo. Longe da imagem tradicional, de prostíbulos em área isoladas da cidade e repletos de mulheres ostentando roupas e pinturas extravagantes, a prostituição de luxo é cercada de prestígio, com presença aberta na mídia, seja como tema abordado das mais diversas formas pelos meios de comunicação, seja pela veiculação de propaganda de forma relativamente livre. O objetivo do presente trabalho foi empreender uma aproximação inicial ao tema, através de um levantamento de características sócio-demográficas e aspectos psicológicos envolvidos na prostituição de luxo em Natal. O estudo foi conduzido com 7 prostitutas de luxo, submetidas a uma entrevista semi-estruturada, compreendendo tópicos como dados gerais de caracterização, sobre saúde e prevenção, aspectos econômicos, sociais e psicológicos. As entrevistas foram realizadas no próprio local de trabalho (zona sul de Natal), conduzidas por duplas, com o uso de gravador e microfone de lapela. Foram obtidos dados de caracterização, que revelam alguns aspectos importantes sobre sua situação, como o fato de serem todas recrutadas fora do estado, terem idades compreendidas entre 19 e 23 anos. Entre as garotas estudadas, 6 são solteiras, 5 possuem atividades extras atualmente, sendo que apenas uma delas, cursa o ensino superior e 3 concluíram o Ensino Médio. Quanto ao consumo de drogas, 5 garotas admitem terem consumido, assim como, este mesmo número, relatou ter começado a realizar programas por incentivo de amigas. Em sua maioria, os pais trabalham nas mais variadas profissões como médico e dono de posto de gasolina. A renda mensal destas garotas, como relatado por 3 de nossas entrevistadas, variam entre 5.000 e 6.000 reais. Os resultados principais referem-se ao cotidiano (relatos de ausência de violência física, opção de recusar a realização de práticas específicas ou mesmo do “programa”, ou a liberdade de escolher os clientes com os quais sair). Do nosso ponto de vista, a prostituição somente pode e deve ser entendida diante de suas particularidades, individualmente, pois é na história de vida de cada uma dessas garotas que esta tem seu sentido atribuído. O estudo permitiu traçar um quadro que desmistifica várias concepções formadas a respeito do perfil psicológico dessas mulheres, como o papel social, o relacionamento com o cliente, as vantagens e desvantagens de sua profissão.

Ana Karina Silva Azevedo; Danielle Maria Silva de Oliveira; Marília de Melo Costa; Rosângela Silva Barros; Waléria Azevedo Trindade; Elza Maria do Socorro Dutra.

Universidade Federal do Rio Grande do Norte.



Prostituição e Maternidade: atuação da mulher em duas cenas cotidianas.

O objetivo da presente pesquisa é estudar a subjetividade de mães que trabalham como garotas de programa do baixo meretrício. Compreender as várias representações, os vários "personagens" que a mulher pode representar, considerando-a como uma "atriz", visto que atua em diversas cenas da vida, enfatizando-se os papéis de mãe e garota de programa. Foram entrevistadas 15 garotas que trabalham em Uberlândia e 5 garotas que trabalham em Delta (cidade do Triângulo Mineiro próxima à Uberaba). Foi utilizada uma entrevista semi-dirigida, constituída por um roteiro com seis questões subjetivas, tais como: como é seu cotidiano, a sua relação com a dona da casa ("cafetina"), com os clientes; desde quando começou a fazer programa; como é a sua sexualidade com os clientes e com o namorado; como seria nos outros papéis, como seria enquanto Mãe (no papel de Mãe), e o que pensa sobre a Prostituição. Entrou-se em contato com as proprietárias das casas de prostituição e após anuência das mesmas, entrou-se em contato com as garotas de programa. Foi elucidado o objetivo da pesquisa, e aquelas que consentiram, dela participaram. Grande parte das garotas relataram as dificuldades financeiras como o maior motivo de fazerem programas. Essa mesma parcela de pessoas têm muito prazer em Ser Mãe, mas, ao mesmo tempo, sentem que não conseguem "representar" muito bem esta personagem, por terem que trabalhar em cidades distintas daquelas em que seus filhos residem. A maior parte apresenta um bom relacionamento com a proprietária da casa e têm um parceiro (namorado). Elas discursaram sobre suas intimidades, contribuindo qualitativamente para a pesquisa. Algumas já foram casadas e grande parte de seus filhos moram com as avós. Algumas relataram o papel de "atriz" que desempenham enquanto garotas de programa, bem como fantasias de clientes e outros aspectos relacionados à prostituição como o álcool e outras drogas. Teóricos como Foucault, Margareth Rago, Jung, Magali Engel e outros foram utilizados para uma melhor análise das entrevistas e do próprio fenômeno da Prostituição.

Lívia Silva Sposito; Caio César.

Universidade Federal de Uberlândia.



Prostituição Infanto-Juvenil: um estudo exploratório na cidade do Natal.

O presente trabalho refere-se a uma pesquisa desenvolvida na cidade do Natal/RN, com o objetivo de traçar o perfil de crianças e adolescentes em situação de prostituição. Realizada no período compreendido entre agosto/novembro de 2000, por pesquisadores da Universidade Potiguar em parceria com a Secretaria Municipal de Trabalho e Assistência Social, a mesma faz parte integrante de um complexo de medidas desenvolvidas pela Secretaria que contemplam o Plano Nacional contra a Violência Sexual Infanto-juvenil. Assim, esta pesquisa caracteriza-se como um instrumento que viabilizará a identificação de causas, fatores de vulnerabilidade, locais e modalidades de violência contra a criança e o adolescente, e seus resultados poderão vir a servir de subsídios para futuras intervenções nesta área. Em estudos sobre a temática em questão, observa-se uma ênfase à pobreza e a exclusão como importantes determinantes da inserção de crianças e adolescentes na situação de prostituição vivenciadas aqui no Brasil. No entanto, considerando estas variáveis, a pesquisa desenvolveu-se a partir de uma abordagem que privilegiou a totalidade do humano, ou seja, o fenômeno da exploração sexual a crianças e adolescentes foi problematizado considerando, além das determinações econômicas, as determinações simbólicas. Enfim, a partir da pesquisa foi-se possível levantar elementos capazes de possibilitar uma visibilidade da exploração sexual infanto-juvenil na cidade do Natal com vistas ao desenvolvimento de ações interventivas, de caráter preventivo, por parte da Secretária Municipal de Trabalho e Assistência Social.

Karen Barbosa Montenegro; Karenina Kadidja Rios Dantas; Carlos Roberto Moraes; Silva e Carmem Suely de M. Cavalcanti.



Protagonismo Juvenil 2002.

Contemporaneamente, Organizações Não – Governamentais, instituições e fundações que trabalham com temas direcionados para o público jovem, têm buscado envolver adolescentes em programas, projetos e trabalhos voluntários, tentando assim, de alguma forma, propiciar oportunidades para envolvimento social entre jovens. São muitas as empresas que, por meio de suas fundações, fazem campanhas e também custeiam projetos direcionados à população jovem tendo como agentes para estas intervenções, outros adolescentes. A terminologia utilizada para identificar esses adolescentes, que em certo momento se destacam socialmente, varia conforme o momento e movimento social e das instituições que trabalham com essa população. Denominava-se Multiplicador, o adolescente que disseminava informações, e era instrumentalizado para agir em sua comunidade. Posteriormente utilizou-se o termo Protagonismo Juvenil, para designar adolescentes como atores sociais, desempenhando papéis principais em sua sociedade, sempre vinculados a trabalhos sócio-comunitários. Hoje, sentido semelhante, senão idêntico está cunhado na expressão “jovem com participação social”. Sendo esse tema de investigação novo e que cada vez mais vem tomando espaço em contextos de intervenção social, somada ao fato de não haver na literatura da Psicologia, trabalhos sobre essas denominações, que até então são apenas nomenclaturas profissionais/acadêmicas utilizadas em diferentes momentos, realizou-se uma pesquisa para conhecer como, concretamente, esses adolescentes engajaram-se e tiveram seu desenvolvimento contextualizado em meio a intervenções sociais. Foram realizadas seis entrevistas semi-estruturadas com adolescentes de ambos os sexos, ligados a ONG's e com histórico de participação em intervenções psicossociais. O estudo demonstrou que os adolescentes perceberam um crescimento pessoal e social, após sua participação em projetos e instituições. Após a análise das entrevistas que adolescentes e jovens, já começaram a sair de seu particularismo e se preocuparem com o social. Percebeu-se também que as iniciativas sociais que partem de instituições, fundações e projetos tem dado certo, pois essas iniciativas estão formando jovens protagonistas. A preocupação dos jovens e adolescentes é cada vez maior, pois querem fazer a diferença, fazer algo para que ao menos em suas comunidades essa diferença seja concreta e vê nos projetos uma maneira de começar. Tal investigação visa promover conhecimentos tanto sobre características psicossociais desses jovens, quanto produzir elementos para aperfeiçoar, promover e discutir programas e procedimentos similares junto a outros jovens.

SANTOS, Juliana dos.

Universidade São Francisco, Itatiba.



Protesto e Arte? Algumas Reflexões Sobre o HIP-HOP Brasileiro.

Objetivo: O estudo procura compreender as formações identitárias que são constituídas nas relações sociais presentes no movimento hip-hop. Procuramos compreender as identidades coletivas presentes nas redes sociais do movimento e como vêm sendo configuradas as identidades virtuais dos jovens que constroem essa expressão cultural juvenil no Brasil. Descrição do método Elegemos entrevistas abertas semi-dirigidas como instrumento para coleta de dados junto aos hip hoppers de Piracicaba. As entrevistas foram pautadas em eixos temáticos– história de vida, participação no movimento hip-hop, participação em movimentos sociais, idéias e valores. Realizamos a análise qualitativa dos dados, então as entrevistas foram organizadas em unidades de significado (pré-análise) que definiram eixos temáticos que nortearam a análise interpretativa. Durante o estudo foram coletados artigos do jornal Folha de São Paulo, através do banco de dados disponível em seu site e do Jornal de Piracicaba. Classificamos os artigos tendo como orientação os significados dos conteúdos que eram apreendidos nas informações vinculadas. Através dessa classificação construímos eixos temáticos que permitiram uma discussão das identidades virtuais do movimento hip-hop na mídia. Algumas considerações analíticas O movimento hip-hop constitui-se a partir de expressões culturais: o rap (música/MC e DJ), o break (dança/ b.boy e b.girl) e o grafite (artes plásticas/grafiteiro). Os jovens que participam do movimento vivem principalmente nas periferias das cidades e procuram, através das letras das músicas e dos outros elementos, denunciar e protestar quanto à situação sócio-econômica-cultural em que vivem. A participação nesse movimento permite que alguns jovens se vejam como iguais na exclusão e construam redes sociais em que procuram promover a solidariedade e a justiça social ao mesmo tempo em que se apoiam para se distanciarem das drogas e da violência da periferia. Constroem identidades coletivas de resistência, ao refutar as relações sociais permeadas pela desigualdade e injustiça social, e apontam outras possibilidades de existência, porém não a concretizam cotidianamente, uma vez que no próprio movimento percebemos cisões e hierarquizações em que procura-se garantir uma ascensão social individual. Uma das contradições que podemos perceber no movimento se refere à mídia. Ao mesmo tempo em que esses jovens concebem os meios midiáticos como um grande manipulador de idéias, de manutenção de poder de alguns grupos, é através desses meios que eles também percebem uma possibilidade de conquistar um público, de vender discos e ganhar visibilidade. Vivem um paradoxo pois ao serem apresentados pela mídia e participarem desse “meio”, a ideologia do movimento pode ser minimizada e serem representados como um mercado ou moda, o que é visto como uma ameaça para a concretização dos “projetos de construção” de uma sociedade baseada na justiça social. Referências Bibliográficas ABRAMO, Helena Wendel. Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano. São Paulo: Scritta/Anpocs, 1994. CASTELLS, M. O Poder da Identidade. São Paulo: Paz e Terra, 1999. GUARESCHI, P. A Realidade da Comunicação: visão do fenômeno. In: Comunicação e Controle Social. Petrópolis: Vozes, 1991. HERSCHMANN, M O Funk e o Hip Hop invadem a cena. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000. MORIN, Edgar. Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo I: neurose. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990. MORIN, Edgar. Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo II: necrose. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

Telma Regina de Paula Souza.

UNIMEP.



Psicanálise e Pragmatismo Lingüístico.

A filosofia pragmática é uma expressão com preocupações práticas e tendências filosóficas sustentadas nas teorias dos “Jogos de Linguagem” de Wittgeinstein, e ampliadas por outros autores tais como Williams James, Donald Davidson, Richard Rorty, entre outros, e consiste, a grosso modo, em múltiplas redescritções da realidade existente, de modo a constituir novos padrões lingüísticos a serem adotados por uma maioria, tendo aplicações práticas tanto no campo da política, da epistemologia das ciências humanas e sociais, na redescritção do sujeito moderno e alguns pressupostos teóricos psicanalíticos. A partir das contribuições teórico-práticas propostas pelos psicanalistas Jurandir Freire Costa e Benilton Bezerra, objetivamos analisar as noções de sujeito, linguagem e subjetividade no âmbito da Psicanálise proposta por esses autores, e quais contribuições o pragmatismo lingüístico tem a propor nessa área do conhecimento. Procedemos a uma revisão da literatura quanto às noções de sujeito, linguagem e subjetividade propostas por Freud e Lacan nos seus principais escritos, bem como as críticas e contribuições feitas com o aporte teórico da pragmática lingüística aplicada a esses conceitos. Sem deixar de lado os elementos técnicos essenciais da Psicanálise, verificamos que muitas das descrições nosológicas de conceitos psicanalíticos tais como sujeito, linguagem e subjetividade, perdem-se com o tempo, e passamos a encarar certos aportes teóricos psicanalíticos sem tantos rigorismos, acreditando ser possível a descrição do sujeito bem mais próximo de prismas éticos e moralmente aceitos de nossas crenças, reconhecendo a historicidade da Psicanálise.

Sergio Gomes da Silva.

Universidade Federal da Paraíba.



Psicodiagnóstico em interno psiquiátrico: relato de um estudo de caso.

Introdução: O conceito de psicodiagnóstico ancorado em questão, é aquele que o define como um processo científico, limitado no tempo, que utiliza técnicas e testes psicológicos (input), em nível individual ou não, ou seja, por entender problemas à luz de pressupostos teóricos, identificar aspectos específicos, seja para classificar o caso e prever seu curso possível, comunicando seus resultados (output), na base dos quais são propostas soluções (Cunha, 2000). O uso do termo “projeção” nas técnicas projetivas refere-se à capacidade destas de revelar a estrutura psicológica dos indivíduos, tornando palpáveis suas ações, reações, produções, criações, etc. Daí porque, Rapaport et al. (1965 apud Coutinho), considera que todo teste projetivo reúne quatro características básicas: estimular, tornar observável, registrar e tornar comunicável a estrutura psicológica dos indivíduos. **Objetivo:** O estudo em questão teve como objetivo propiciar conhecimento teórico e prático aos alunos de graduação do curso de Psicologia da Universidade Federal da Paraíba, acerca do processo psicodiagnóstico. **Metodologia:** O trabalho constituiu-se a partir da aplicação de uma entrevista psicológica, a autobiografia e o teste de Rorschach, sendo realizado no Instituto Psiquiátrico da Paraíba, localizado em João Pessoa/PB, com um paciente do sexo masculino, 30 anos, internado várias vezes, sendo esta última por queixas de alucinação e coprolalia, assim como por uso de crack. **Resultados:** Na entrevista inicial o paciente apresentou-se disposto a realizar o processo com uma postura flexível, porém com quadros evidentes de alucinação, como afirmado em seu prontuário clínico. Na autobiografia, o paciente não demonstrou resistência para redigi-la. Nesta técnica, foi evidente um conflito com a figura materna e um baixo nível escolar. Com necessidade de re-aproximação com a mãe e necessidade de independência. No teste de Rorschach os traços mais marcantes foram o delírio, a ansiedade elevada em relação ao corpo e a perda do contato com a realidade. Foi presente também uma relação anormal de espaço, tempo, valores e presença de angústia, uso de fantasia, porém com capacidade de travar relacionamentos. Personalidade inibida e com bloqueio, correlacionando-se com o diagnóstico da instituição referente à este sujeito: Transtorno Mental de Comportamento devido ao uso de múltiplas drogas e outras substâncias psicoativas. **Conclusão:** A partir do desenvolvimento do presente trabalho, e com a interpretação das técnicas utilizadas, houve possibilidade de experienciar uma amostra do que venha a ser o processo psicodiagnóstico, com uma compreensão global à respeito da avaliação psicológica, assim como ficou comprovada a importância da realização das técnicas projetivas.

Aline Arruda da Fonseca; Danielle Cavalcanti de Lucena; Francisco Washington Evaristo Soares; Maria da Penha de Lima Coutinho.

Universidade Federal da Paraíba.



Psicodiagnóstico Interventivo.

Nosso painel tem como objetivo mostrar o trabalho realizado na clínica - escola de nossa Universidade (UNIP), sendo que para realizar esse trabalho nos apoiamos no psicodiagnóstico interventivo, que é a proposta de nossa Instituição, juntamente com o auxílio da nossa supervisora, Dr.^a Yara Monachesi. O psicodiagnóstico tradicional dá lugar a um novo modelo de prática psicodiagnóstica, chamado de psicodiagnóstico interventivo, o qual apoiado num enfoque fenomenológico existencial, possibilita que, em cada encontro, sejam apresentados aos pais aspectos observados no atendimento realizado com a criança e sejam discutidas questões a respeito da queixa que os levou ao atendimento psicológico, incluindo também visita à casa da criança e visita à escola, para que o psicólogo possa compartilhar das experiências das inter-relações do cliente. O psicodiagnóstico interventivo é uma prática inovadora que mudou o atendimento da população estabelecendo uma nova relação do psicólogo com seu cliente, pois este aceita passar pelo psicodiagnóstico em busca de ajuda e espera conhecer coisas novas sobre si. Ele vêm em busca de novas possibilidades sobre sua maneira de agir. Convém que o psicólogo mostre-lhe essas novas possibilidades, pois seria injusto para com o cliente guardar essas informações para si e não revelá-las a ele, que veio justamente em busca desses novos conhecimentos. O caso por nós acompanhado na Clínica Escola da UNIP, tratava-se de um menino de dez anos (E.), o qual cursa a 4^a série do ensino fundamental, porém ainda não se encontra alfabetizado, envolvia-se constantemente em casos de indisciplina escolar e sempre que podia se mantinha afastado do ambiente familiar. (E.), é filho de um casal que mantém um relacionamento bastante conflituoso e tem dois irmãos menores. No decorrer do trabalho realizado na clínica, observamos que (E.) apresenta um bom potencial intelectual. A conclusão da análise de alguns testes realizados com (E.), revelaram que suas maiores dificuldades estão intrinsecamente ligadas à aspectos emocionais. (E.), percebe a figura paterna com desvalorização, mantendo com esta uma relação muito problemática, com sentimentos de agressividade, rejeição e indiferença mútua. (E.), percebe a figura materna como superprotetora, a vê ainda, como uma figura forte, que acaba por exercer as funções paternas. No decorrer do psicodiagnóstico, observamos que certos comportamentos de (E.), ocorrem devido a uma necessidade de chamar a atenção dos pais. Notamos ainda a dificuldade destes, em colocar limites e regras em relação a educação de (E.). Pontuamos que isso não precisa ser transmitido por meio de agressões e chantagens, pois com paciência e empenho, podem contribuir através de uma dinâmica diferente para que os resultados do desenvolvimento emocional e intelectual de (E.), sejam cada vez mais saudáveis. Ao término do psicodiagnóstico interventivo, realizamos uma devolutiva com a mãe de (E), na qual a encaminhamos para um trabalho psicoterápico de apoio e psicoterapia infantil para (E). Finalizamos com uma devolutiva direcionada a (E).

Antonio Fyskatoris; Estevan Matheus; Magda Cassia Ribas.

UNIP.



Psicodiagnóstico interventivo: 20 anos de uma prática.

O psicodiagnóstico interventivo coloca-se atualmente como uma prática consolidada. Sua importância e eficácia tem sido evidenciadas em diferentes contextos institucionais como, por exemplo em clínicas-escola, postos de saúde, instituições hospitalares, creches e outros serviços de atendimento à comunidade. O painel propõe-se a apresentar aspectos do aprimoramento desta prática ao longo das últimas décadas. Parte das pesquisas que levaram à visão do psicodiagnóstico como uma prática de intervenção, passando pela implantação dos grupos de espera, grupos de pais e atendimento às crianças individualmente, até o atendimento grupal a pais e crianças. Essa trajetória põe em destaque concepções e procedimentos diversos daqueles do psicodiagnóstico tradicional, principalmente no que se refere às intervenções, através de momentos devolutivos ao longo do processo, do uso específico das técnicas e procedimentos de exame psicológico, à mudança do papel do psicólogo, bem como de importantes reformulações no que diz respeito à síntese final para pais e crianças.

Ancona-Lopez, Silvia; Becker, Elizabeth; Moura, Rosana de Tchirichian; Sabbag, Milton Jr.

UNIP.



Psicodiagnóstico: a busca de novas abordagens e sua utilização no Vale do Paraíba-SP.

O trabalho investiga a prática psicodiagnóstica realizada pelos psicólogos do Vale do Paraíba, no Estado de São Paulo. Objetivou-se caracterizar a forma como esse recurso é desenvolvido na região, no que diz respeito ao modelo utilizado, aos objetivos para sua realização, ao referencial teórico que o fundamenta, aos locais de desenvolvimento e à preparação oferecida pelos cursos de graduação que atendem a região. Da mesma forma, procuramos saber o nível de conhecimento e engajamento dos psicólogos, no que se refere à busca de novas discussões e modelos de atuação que visem o aprimoramento dessa prática. Sob a forma de pesquisa de levantamento, trabalhamos com 767 (setecentos e sessenta e sete) psicólogos atuantes em 28 (vinte e oito) cidades da região, selecionados através de amostra probabilística e sistemática. Fez-se a coleta de dados através de questionário, sendo o mesmo modelo utilizado tanto para a população de psicólogos como para a de professores-psicólogos. As informações coletadas foram analisadas de forma quantitativa e qualitativa através de tratamento estatístico, em que se buscou caracterizar o que é típico na população e observar a distribuição dos elementos em relação a determinadas variáveis. Os resultados obtidos caracterizam o psicodiagnóstico e o psicólogo que o desenvolve da seguinte forma: (a) são em sua maioria mulheres, possuindo mais de onze anos de formação e experiência profissional, (b) investem no aprimoramento de sua formação através de cursos de especialização, geralmente não direcionados ao psicodiagnóstico, (c) o modelo de psicodiagnóstico que se desenvolve caracteriza-se por ser realizado em consultórios particulares mais do que em instituições, sendo aplicado de forma individual, direcionado principalmente ao atendimento infantil, (d) o psicodiagnóstico é utilizado de forma freqüente pelo profissional, aplicando-o, geralmente, sempre que recebe um novo cliente, por considerá-lo um recurso de extrema importância para a prática psicológica, (e) como principais objetivos à aplicação deste recurso encontra-se, obter descrição e compreensão da personalidade do cliente, avaliar o problema numa dimensão mais profunda, formular recomendações e encaminhamentos, favorecer a prevenção, obter um prognóstico, fomentar modificações na dinâmica do cliente. Por este estudo, entende-se que o psicólogo sente-se insatisfeito com a prática diagnóstica por observar que, ao final do atendimento, o cliente apenas recebeu informações acerca do problema, não as assimilando. Os psicólogos defendem por isso, modificações na prática psicodiagnóstica, delimitando os aspectos que precisam ser revistos: os objetivos do atendimento, a forma de utilização dos testes e a melhor exploração do relacionamento psicólogo-cliente. Conclui-se que, embora os psicólogos do Vale do Paraíba adquiram conhecimentos sobre modelos mais atualizados de psicodiagnóstico —especificamente o psicodiagnóstico interventivo— e delimitem de forma crítica, posicionamentos que se aproximam das propostas defendidas por este modelo de psicodiagnóstico; este conhecimento situa-se apenas na esfera teórica, visto não fazerem investimentos necessários para transpô-lo na prática clínica. Dessa forma, o psicodiagnóstico desenvolvido pelo psicólogo do Vale do Paraíba baseia-se, ainda, em modelos tradicionais de atuação.

Ana Cristina Araújo do Nascimento; Lídia Straus.

Universidade de Taubaté; UNICAMP.



Psicodinamismo da Relação Mãe e Criança com Ingestão Abusiva de Alimento.

O trabalho objetiva refletir e avaliar aspectos psicológicos da relação Mãe e a criança com ingestão abusiva de alimento. Para o levantamento desses aspectos foram utilizados: entrevista psicológica realizada com a mãe e com a criança individualmente com a finalidade de obter a história e o esquema de vida da mãe e da criança; aplicação e avaliação do procedimento Desenho-Estórias na mãe e na criança para investigar o dinamismo psíquico; cruzamento dos aspectos psíquicos encontrados. A amostra foi de 8 crianças, 4 do sexo masculino e 4 do sexo feminino com idades variadas entre 5 a 7 anos. A análise dos dados foi realizada pelo método compreensivo e percebeu-se a existência de um número grande de aspectos potencialmente problemáticos na inter-relação da criança gulosa e sua mãe. Em relação à dinâmica emocional dessas crianças, notou-se conflitos geradores de ansiedade ligada à necessidade voraz de afeto e proteção e incapacidade de expressar e lidar com impulsos agressivos. Nas mães notou-se conflitos geradores de ansiedade, ligados aos sentimentos de insegurança, submissão, agressividade, abandono, solidão, necessidade de afeto e de proteção expressada por hostilidade. Foi possível estabelecer que a relação dual é o resultado da interação de aspectos psíquicos potencialmente problemáticos e que interferiram no ciclo evolutivo da criança gulosa.

HAMES, S.L.; Rossetto, M.A.C.; Rossetto Jr, J.A.; Coelho, A. C. P.

Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas.



Psicodinamismo do Adolescente Enurético.

Esse trabalho objetiva estudar a dinâmica psíquica de dois casos de adolescentes enuréticos, do sexo feminino, com idades de 12 e 13 anos, estudantes da 6ª e 7ª séries, nível sócio-econômico baixo, sendo uma delas institucionalizada. Foram utilizados para o estudo: entrevistas de anamnese, ludodiagnóstico, Procedimento de Desenhos-Estórias, Pirâmides Coloridas de Pfister, Desenho da Família, H.T.P. e C.A.T.A.. Caso 1: D., 12 anos, vive com os pais e 3 irmãos maternos. Enurese noturna desencadeada aos 8 anos, com agravamento dos sintomas diante da ameaça de separação dos pais. Cuidada pela prima materna (13 anos) até os 2 anos e meio, quando foi para creche em período integral. Foi diagnosticada pelo pediatra como depressiva. Caso 2: A. 13 anos, vive atualmente em instituição. Com enurese diurna e noturna diariamente, rebeldia, mentiras, desobediência, roubo e agressividade física quando contrariada. Abandonada aos 4 anos de idade pelos pais, viveu na rua durante algum tempo onde conheceu drogas e roubos. Adotada 3 vezes e institucionalizada aos 7 anos. Nos dois casos observou-se desenvolvimento intelectual e perceptivo motor adequado para as faixas etárias e foram submetidas à Psicoterapia Breve Infantil com orientação de pais durante 3 meses, uma vez por semana, ocorrendo diminuição da enurese e melhora na adaptação sócio-afetiva. O controle esfinteriano estabelecido de forma rígida e severa aliado ao psicodinamismo das adolescentes indica que a enurese expressa agressão ao meio ambiente por não se sentirem amadas e nem respeitadas, e a forma de livrarem-se de seus impulsos destrutivos.

HAMES, S.L., Magarian, T.M; Rossetto, M. A..C .; Coelho, A. C. P ; Rossetto Jr., J.A.

Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas.



Psicologia ambiental: história, conceitos e possibilidades.

Este trabalho tem como finalidade situar, no contexto da ciência psicológica, a estruturação do que hoje é determinado como Psicologia Ambiental. A necessidade de se compreender o inter-relacionamento entre comportamento humano e ambiente físico, no contínuo da experiência cotidiana contemporânea, determinou à Psicologia do fim do século XX e início do século XXI um desafio equivalente ao enfrentado pelos precursores da ciência psicológica no fim do século XIX e inícios do século XX. A localização de conceitos/categorias e referentes teóricos fundamentais para o desenvolvimento desta área específica de estudos e intervenção da Psicologia acontece simultaneamente às práticas que inúmeros psicólogos vêm desenvolvendo por todo planeta, no sentido de guiar as ações dos grupos humanos sobre o meio-ambiente, seja este natural ou construído. Tratar de questões relativas a Psicologia Ambiental nos remete a um campo de estudos já consolidado na ciência psicológica, qual seja, o campo de estudos da Psicologia Social. A Psicologia Social, a grosso modo, tem por objetivo estudar o comportamento dos indivíduos naquilo que de socialmente os institui. A dimensão da experiência coletiva, transformada em experiência social e, desta forma, constituinte do que é capaz de singularizar a existência humana remete, de maneira quase direta, às dimensões instituintes da Psicologia Ambiental que, basicamente, fazem referência às condições da interação dos homens e das mulheres com o entorno no qual buscam garantir as condições de sua sobrevivência bio-psico-social. A Psicologia Ambiental determina, atualmente, dois grandes desafios para os que a ela pretendem se dedicar. O primeiro destes desafios é determinado pela análise de como o indivíduo avalia e percebe o ambiente, de como este indivíduo está sendo influenciado pelo ambiente; e o segundo desafio é o da construção de um corpo teórico suficiente e capaz de produzir mediações reflexivas e metodológicas de maneira a proporcionar possibilidades para a constituição de uma relação menos destrutiva entre os seres humanos e o meio-ambiente.

Cristiane Geraldo; Karina Gorges Catafesta.



Psicologia através de mídias: uma experiência de ensino na formação de professores.

O contexto no qual este relato se insere é o Curso Normal Superior através de Mídias Interativas, efetivado pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Dirigido a professores da rede oficial de ensino do Paraná (séries iniciais), sua organização abrange videoconferências, teleconferências, assessorias on line, tutorias presenciais, vivências em escolas, atendendo-se uma média de cinco localidades diferentes por vez. O espaço de formação diferencia-se das salas de aula das universidades e estágios tradicionais. As videoconferências constituem-se a estratégia mais semelhante às aulas e, sob a responsabilidade de docentes da universidade, são conduzidas na forma de unidades temáticas dentro de um currículo que adota a inter e transdisciplinaridade como valores do trabalho pedagógico. Neste curso, a Psicologia da Educação figura como área de conhecimento que, articulada com outras áreas, contribui para formar professores mais competentes e crítico-reflexivos. De nossa experiência docentes na Psicologia da Educação, nesta nova modalidade de formação de professores, temos a destacar: - o diálogo com as demais áreas favoreceu romper com reducionismos psicológicos do fenômeno educacional e linearidades do paradigma racional-técnico que ainda acredita numa Psicologia Aplicada à Educação, bem como viabilizou conhecer outros pontos de vista e dimensões das problemáticas educacionais; - a abordagem temática, a partir de problemas identificados na realidade educacional/escolar, favoreceu o trabalho coletivo e plural dos formadores da área de Psicologia da Educação, visto que, para cada tema/problema, oportunizam-se diferentes visões teóricas que são trabalhadas sem negar diferenças mas como componentes partícipes do processo de construção do conhecimento e das próprias representações docentes que se quer desvelar; - a problematização de crenças e representações dos professores permitiu que situássemos as concepções Ambientalista e Inatista, matrizes históricas do pensamento em Psicologia Educacional, (re)construindo o Interacionismo, sem descartar caminhos que conduzem até ele e, ao mesmo tempo, aproveitando lições que oferecem à Educação; - os conhecimentos da ciência psicológica não são apresentados de forma pronta, acabada e auto-suficiente, mas, vinculados à reflexões históricas e epistemológicas, se (re)constróem na atividade inteligente de cada cursista, favorecendo o diálogo inter-teórico, a reflexão e o espírito de procura essenciais a (re)instalação do professor-sujeito da teoria e da prática educativas; - na interação via videoconferência muitos nuances sinalizadores da relação afetivo-cognitiva professor-alunos se dissipam (gestos, expressões faciais, postura corporal), de modo a exigir do professor cuidados redobrados quanto ao feed-back do ensino e criação de estratégias para verificar a temperatura das relações inter-pessoais, averiguando e assegurando-se constantemente da forma como as suas colocações são interpretadas pelos alunos; - há, finalmente, uma tendência dos alunos cursistas a conceber interação como mera conversa ou comunicação inter-localidades, de modo que se faz necessário discutir questões como validade, intencionalidade e planejamento das interações que se prestam efetivamente para o processamento da aprendizagem. O aspecto que julgamos mais relevante nesta experiência foi o da organização temática e interdisciplinar do curso.

Priscila Larocca; Audrey Pietrobelli de Souza.

Universidade Estadual de Ponta Grossa – Paraná.



Psicologia ciência e profissão: praxis - aspectos específicos do ensino-aprendizagem em estágios.

Este trabalho reflete experiências de ensino-aprendizagem a partir da prática de estágios, a fundamentação deste aspecto específico da formação profissional, os principais fatores e a metodologia a serem considerados para a inserção e instituição dos serviços de psicologia. A Psicologia como ciência e profissão é alicerçada cientificamente e compõe socialmente atividades de trabalho entre outros serviços. Sendo de sua especificidade a pesquisa e intervenção do comportamento humano, e este oriundo das condições consciente/inconsciente em articulação com fatores contextuais, constatamos ser imperioso mantermos presente o diferencial do processo ensino-aprendizagem desta ciência em relação as demais. Considerando o dinamismo, prova concreta característica tanto do humano em sua singularidade, quanto da sociedade enquanto articulação de saberes e poderes, é imprescindível que o processo de transmissão de conhecimento e profissionalização seja avaliado quanto à metodologia de pesquisa teórica e prática, para que a atualização e compatibilização das propostas de ensino na graduação possam responder pela função e compromisso social referentes a sua especificidade e responsabilidade. A prática supervisionada é situação por excelência do ensino-aprendizagem, como já formulavam Freud, Lacan e tantos outros pesquisadores e mestres. Este é o momento privilegiado em que o estudante se defronta com a exigência de compreender e apreender uma teoria e um ofício a partir da impossibilidade de dissociar seu desejo de seus atos e ações, isto é, ações do sujeito, do sujeito das ações que se entrelaçam e se realizam. Desta forma é relevante manter em pauta de discussão os aspectos contextuais e culturais a serem considerados na demanda e na relação dos pólos supervisor-supervisionando, teoria-prática, técnica-ética com as expectativas sociais, para que se possa elaborar e efetivar um percurso de formação profissional que prima pela ética. É indiscutível que a especificidade da ação do psicólogo perpassa todas as dimensões da vida do indivíduo. Amplo e discutível sim, e por esta razão e lógica, a formação de profissionais desta ciência, deve estar ancorada em paradigmas que suportem a dialética e a subjetividade a partir da interação com a lógica inconsciente. O aprendizado, neste sentido, ocorre para além do conhecimento teórico. Ocorre na prática que inclui as identificações a e transferência, aspectos indispensáveis que singularmente devem ser experienciados, considerando: a) a perspectiva de que o processo de aprendizagem passa pela vivência objetiva mas não somente positiva, e b) que é a partir da constatação pela experiência sobre o objeto de estudo que se pode compreender que o sujeito estará em condições de realizar atividades pertinentes a especificidade de sua profissão. Portanto: os estágios devem ter como requisitos: a base teórica e que o supervisionando esteja fazendo sua vivência pessoal de pesquisa do inconsciente (processo psicanalítico), e proporcionar: supervisão de procedimentos técnicos-éticos, seminários enfocando os fundamentos teóricos que norteiam as atividades e proposta local, bem como a capacitação para interpretação e análise do discurso social em que são constituídas/constituintes.

Salete Cardozo Cochinsky.

Instituto de Pesquisa Psicanalítica e Atendimento Clínico-Transdisciplinar Ltda. - INPPACT.



Psicologia clínica social: intervenção e clínica psicológica na contemporaneidade.

Interfaces de prática psicológica na FEBEM: jogos de sombra e imagem. Heloisa Aun Laboratório de Estudos e Prática em Psicologia Fenomenológica Existencial (LEFE) do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP) heloain@hotmail.com Atenção psicológica em batalhão da polícia militar: contextualização e reflexões. Rodrigo Giannangelo Laboratório de Estudos e Prática em Psicologia Fenomenológica Existencial (LEFE) do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP) Rodrigo.go@ig.com.br Serviços de saúde mental da grande São Paulo: possibilidades de rede de apoio Cristina Miyuki Hashizume Departamento de Psicologia Escolar e Desenvolvimento Humano do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP) crismiyu@usp.br No fundamento desta proposta, encontra-se a articulação entre os referenciais teórico e metodológico que norteiam nosso compromisso científico e social. Diz respeito a um novo posicionamento epistemológico acerca das descobertas e explicações científicas e sua capacitação com relação à sua destinação para o bem-estar da humanidade. Tal questionamento tem possibilitado o redirecionamento de pesquisas científicas (dos laboratórios às ações interventivas em campo), uma vez que essa guinada pode promover aplicações práticas mais humanizantes. Neste contexto, o Laboratório de Estudos e Práticas Psicológicas Fenomenológicas e Existenciais (LEFE) da USP foi criado em 1998, visando facilitar o desenvolvimento de práticas psicológicas para além dos muros da Universidade, oferecer atenção psicológica a instituições, formando profissionais como agentes sociais de mudança. No quadro social atual de desamparo e sofrimento humano, diversas são as instituições que procuram este laboratório para uma intervenção psicológica: unidades de internação da FEBEM; Polícias Civil e Militar; e Departamento Jurídico XI de Agosto. Desta maneira, na constante exploração por metodologias interventivas, nas quais práticas clínicas psicológicas pudessem ser inseridas em novos contextos institucionais, alunos de graduação e pós-graduação, vinculados ao LEFE, ancorados no olhar ingênuo da pesquisa fenomenológica, buscaram a cartografia e a inserção, oferecendo Atenção Psicológica de acordo com as possibilidades e dificuldades, ou seja, cultura de cada instituição. Recorrendo à perspectiva fenomenológica e existencial, a condição constituinte de existência do ser humano é relacional; ou seja, tanto a subjetividade como a alteridade revelam-se no encontro com outros. São essas situações de encontro intersubjetivo que propiciam, no cotidiano da vida, mudanças para o desenvolvimento e aprendizagem do ser humano bem como as formas de convivência no mundo e com os outros, vendo e sendo visto, ouvindo e sendo ouvido. Desta maneira, considera-se imprescindível a investigação e a abertura para um saber e conhecimento mais condizentes com a experiência do homem no mundo com outros, aproximando-se daquilo que seria o tácito, o cultural, étnico. Partindo do contexto social de cada instituição, possibilidades e desafios se impõem aos investigadores inquietos com o sofrimento e desamparo social. Essas inquietações refletiram-se na criação de novas práticas psicológicas ampliando o fazer clínico do psicólogo para além dos consultórios. Desta maneira, deparamos-nos com uma nova forma de atuação da psicologia, forma esta realizada e pesquisada, também por uma nova vertente intitulada de Psicologia Clínica Social, nos trabalhos dos franceses Jacqueline Barus-Michel, Eugene Enriquez, André Lévy da Universidade Paris VII, que por convenio estão como colaboradores do LEFE. Esta mesa propõe, a partir das práticas realizadas na Psicologia Clínica Social, reflexões teóricas ou de investigação, encontrar uma forma de comunicar questionamentos que percorressem os desafios das práticas em ação, pensar na responsabilidade da atuação do psicólogo frente às demandas sócio-culturais do país.

Walter Cautella Junior.

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP).



Psicologia da Saúde: interdisciplinaridade no Aconselhamento Genético.

O conceito de multidisciplinaridade envolvido no contexto do Aconselhamento Genético (AG) tem se fortalecido progressivamente. Reações psicológicas de consulentes e aconselhadore são variáveis relevantes no resultado desse processo de comunicação, sendo necessários estudos constantes sobre o assunto. O objetivo foi identificar características psicossociais antes e depois do AG em 21 indivíduos/famílias atendidos num Serviço de Genética. MÉTODO: Roteiro de entrevista padrão aplicado por psicólogo. RESULTADOS: As queixas mais freqüentes dos entrevistados foram: síndrome de Down (23,8%), abortos espontâneos recorrentes (19%), malformações congênitas múltiplas (9,5%) e deficiência de crescimento (9,5%). Em 33,3% foi detectada preocupação extrema com o problema e 52,4% reconheceram que o mesmo interferia na rotina familiar; 57,1% foram encaminhados diretamente ao SG, sem receberem orientações prévias sobre o problema e 42,8% desconheciam o que era Genética; 38,1% chegaram com expectativa de diagnóstico e 14,2% de cura; 100% relataram que a abordagem por psicólogo em sala de espera facilita o processo do AG e 95,2% referiram terem sido “muito bem esclarecidos” durante o processo; 71,4% relataram mudanças emocionais, cognitivas e comportamentais decorrentes do AG. Queixas como preocupação excessiva, tensão muscular, inquietação, alteração do apetite, desesperança, humor deprimido e agitação ou lentidão psicomotora foram os mais freqüentes entre os Transtornos Ansiosos e do Humor. CONCLUSÕES: Os resultados corroboraram os da literatura, demonstrando o desconhecimento dos indivíduos dos atendidos acerca de sua problemática e da área para a qual foram encaminhados. As condições psicológicas detectadas indicaram a importância do AG como um processo multidisciplinar e salientaram a atuação do psicólogo em sala de espera. Sugerem, também, que orientações anteriores ao AG, que poderiam ser fornecidas por diferentes profissionais da área de saúde ao encaminhamento devem ser estimuladas e divulgadas por geneticistas e seus representantes.

Micheletto, M.R.D.; Fett-Conte, A.C.; Prado, A.P.B.A.; Goloni-Bertollo, E.M.; Valerio, N.I..

HOSPITAL DE BASE, SÃO JOSÉ DO RIO PRETO.



Psicologia da saúde: unidade ou diversidade de sentidos.

As formas de conceber a Psicologia da Saúde são as mais variadas a partir das concepções epistemológicas dos diferentes paradigmas nos quais os profissionais se situam. Os conceitos correlatos como qualidade de vida, redes de apoio, habilidades sociais, empowerment, estresse e bem-estar psicológico, possuem diferentes sentidos segundo os marcos explicativos. Com a finalidade de estabelecer uma discussão sobre o significado da Psicologia da Saúde entre paradigmas diferentes, realizou-se uma revisão de literatura dos principais autores que ilustram os diferentes enfoques e foram realizadas quatro entrevistas com profissionais-pesquisadores das seguintes abordagens: cognitivo-comportamental (modelo bio-psico-social); modelo clínico; perspectiva crítica-social e ecológico-contextual. Cada uma das abordagens privilegia uma análise focalizada, com diferentes repercussões nas transformações pessoais e sociais, sendo a abordagem ecológica-contextual aquela que procura integrar as dimensões micro, meso e macrosociais numa visão de maior complexidade da saúde, assim como oferecer instrumental metodológico diversificado para seu estudo.

Kátia Bones Rocha; Mariana Moreira; Rafaela Duso; Tânia Martins de Barros; Tatiana Barbosa Soares.

PUC - RS.



Psicologia e ‘práticas alternativas’: uma análise de discurso na perspectiva da Leitura Institucional.

Apresenta os resultados da pesquisa de mestrado: “Práticas Alternativas”? Uma leitura institucional da questão, defendida no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. O estudo analisou o discurso de alguns agentes de práticas referidas como práticas alternativas, que se proporião como tal à Psicologia, no confronto com o discurso do Conselho Regional de Psicologia - 6a. Região – CRP-06 – uma instituição cujo discurso pode ser considerado o discurso da Psicologia, nesse âmbito. A pesquisa tomou, como objeto de análise, os discursos produzidos por representantes das ditas práticas, especialmente quando apresentadas como práticas psicológicas e/ou psicoterápicas, e os discursos produzidos a respeito pelo CRP-06. Como material, tomou textos sobre o tema, publicados no Jornal do CRP-06, e textos sobre astrologia, florais de Bach, parapsicologia, renascimento e terapia de vidas passadas, todos do período de 1981 a 1998. Utilizou o método de análise de discurso desenvolvido por Guirado. Da análise dos textos, primeiro um a um e depois em conjunto, extraiu repetições e traços particulares significativos que, reordenados, resultaram em aspectos relevantes dos discursos/práticas estudados. A apresentação dos discursos analisados foi feita em dois grandes blocos: o discurso do CRP-06, ao longo de seis gestões – desde a primeira publicação do Jornal do CRP-06 – e o discurso dos ‘alternativos’. Cada bloco foi subdividido em temas, que destacavam, no discurso do Conselho, suas representações sobre: a) a origem da expressão “práticas alternativas”; b) a Psicologia; c) os psicólogos e d) o papel e o posicionamento do Conselho sobre o tema. No discurso dos alternativos, destacaram-se: a) as definições de cada prática analisada, segundo seus representantes; b) a Psicologia; c) a relação com o cliente e d) o lugar e o papel das práticas e terapeutas alternativos. Quanto aos termos recorrentes no discurso de cada bloco analisado, extraíram-se alguns enunciados que, considerados emblemáticos, propiciaram o aprofundamento da análise. No discurso do Conselho, “Uma constante preocupação”; “Uma questão complexa” e “Temos ciência” foram os enunciados que se destacaram. No discurso dos alternativos, “Um novo paradigma”; “Nada mais que um auxílio” e “Temos problemas” fizeram o contraponto com o discurso da Psicologia. Destacaram-se, assim, os vários elementos de articulação desses discursos e apontou-se, como elemento comum, uma valorização da ciência enunciada em termos genéricos e indefinidos, de ambos os lados. Tal indefinição foi apontada como um dos fatores contribuintes para a sobreposição de práticas que se poderiam dizer psicológicas e não-psicológicas, no exercício profissional da Psicologia. As conclusões sugerem a necessidade de se considerar a configuração da Psicologia como ciência e profissão a partir da perspectiva histórica de seu surgimento, desenvolvimento e desdobramento em diversas vertentes teóricas e práticas; o que, por sua vez, sugere a multiplicidade que a caracterizaria e que também poderia contribuir para que fosse tomada como um campo capaz de comportar as mais diferentes propostas de intervenção.

LÍGIA FERREIRA GALVÃO.

Universidade de São Paulo (USP).



Psicologia e atuação profissional: qualidade do ensino superior em uma universidade particular.

As questões envolvendo a atuação profissional do psicólogo ganham relevância na medida em que mais complexas se tornam as relações interpessoais na sociedade contemporânea, assim como, por força das características próprias de uma sociedade de massa, com profundas desigualdades sociais no seu interior. Em resposta a essa realidade, têm-se ampliado os postos de trabalho e diversificado as oportunidades ocupacionais para esses profissionais, sobretudo no serviço público. De tudo se conclui ser imperiosa a necessidade de repensar e reavaliar os parâmetros de formação profissional do psicólogo, não apenas com vistas ao seu aprimoramento científico, mas principalmente em busca de maior sintonia entre a formação universitária e as reais necessidades sociais, ampliando-se o enfoque voltado unicamente para a clínica. O objetivo geral desta pesquisa foi levantar a opinião de alunos egressos de um curso de psicologia de uma universidade particular da Grande São Paulo sobre a atuação e formação profissional. Por objetivos específicos foram estabelecidos os seguintes: 1) Caracterizar os sujeitos participantes da pesquisa quanto ao sexo, idade, estado civil e ano de formação. 2) Levantar a atuação profissional dos egressos, do segundo semestre de 1997 a 2000 quanto à área de atuação, forma de ingresso no mercado de trabalho e natureza do trabalho. 3) Levantar a opinião dos egressos sobre a formação teórico-prática oferecida na graduação de 1997 a 2000. 4) Levantar a intenção dos egressos em continuar os estudos em nível de pós-graduação stricto-sensu, de 1997 a 2000. Os 65 sujeitos pesquisados apresentaram as seguintes características: 91% são do sexo feminino e 9% masculino; a faixa etária predominante foi de 20-25 anos, com 34% das respostas. O material utilizado para a coleta de dados foi um questionário com questões fechadas e abertas. Os procedimentos para obtenção dos resultados consistiram em contato telefônico, envio do questionário (pré-selado) pelo correio e aplicação coletiva em sala de aula. Nos resultados obtidos, verificou-se que 32% dos sujeitos estavam atuando na área e, destes, 52% na área clínica. Do total dos sujeitos pesquisados, 43% trabalham como autônomos. Em relação ao conhecimento teórico adquirido na graduação, 43% dos sujeitos avaliaram-no positivamente, sendo que em supervisão clínica, 54% avaliaram-no como satisfatório; em escolar, 52% fizeram a mesma avaliação e em organizacional as avaliações positivas limitaram-se a 42%. Quanto à caracterização da integração entre universidade e comunidade, 63% consideraram-na importante. Sobre a diversidade da abordagem teórica, 69% avaliaram-na como limitada. Constatou-se que 83% dos sujeitos demonstraram intenção em fazer pós-graduação e 52% em obter grau de mestre. Dos sujeitos pesquisados, 63% avaliaram como deficiente a formação científica oferecida na graduação. Concluiu-se que algumas mudanças em relação ao currículo, que possibilitem uma maior diversidade teórica, bem como uma relação mais estreita entre teoria e prática, além de maior ênfase no embasamento científico e na função social mais ampla do psicólogo, seriam medidas oportunas e que, ademais, estariam em sintonia com o que é preconizado na nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

CARNEIRO, Maria Magaly Marques de Campos.



Psicologia e clínica social: reflexões sobre a significação do trabalho do psicólogo em uma organização-não-governamental.

Na atualidade, percebe-se que a psicologia vem defrontando-se com uma série de mudanças, onde muitas de suas práticas e áreas de atuação estão sendo revistas e discutidas. Evidencia-se que tradicionalmente, os psicólogos têm privilegiado um processo de análise e de intervenção no âmbito estritamente individual. Devido a isso, perpassa a indefinição dos limites para o exercício de sua profissão, tornando-se ainda mais incompreendida dentro da clínica psicológica. Logo, este presente estudo tem como objetivo discutir a relação entre psicologia e a clínica social no que se refere ao trabalho desenvolvido pelo psicólogo clínico. Por conseguinte, elaborou-se um estudo com intuito de suscitar algumas reflexões no que diz respeito à atuação do psicólogo em uma organização-não-governamental. Os resultados obtidos foram colhidos em entrevistas com psicólogos que atuam em uma organização-não-governamental na cidade de Fortaleza. Os dados coletados foram examinados através de análise de conteúdo, fazendo uso dos referenciais teóricos de Bardin. Conforme os posicionamentos observados, essa é uma perspectiva recente e desafiadora, responsável pelo dever profissional e do estabelecimento de uma outra compreensão para o trabalho do psicólogo: agente social.

Melissa Téofilo Quesado; Selene Regina Mazza.



Psicologia e ecologia: trabalho interdisciplinar no curso de formação de professores.

As discussões envolvendo as sérias questões ambientais infelizmente já não mais novidade. Trabalhando como professora do Núcleo de Educação Continuada e à Distância da Universidade Estadual do Ceará há dois anos sentimos a necessidade de realizarmos um trabalho em parceria com a equipe de Biologia envolvida no Projeto de Formação de Professores em Serviço no Estado do Ceará que envolvesse uma reflexão sobre a saúde, o meio ambiente e a relação professor meio-ambiente a partir do diálogo entre a biologia e a psicologia. Tal necessidade surgiu a partir das características regionais do Estado que têm sofrido um crescimento turístico assustador com prejuízos sociais sérios para o ambiente (envolvendo tantos os aspectos físicos quanto humanos). É com preocupação que assistimos à luta de alguns professores em seus municípios pela manutenção das características ambientais e culturais da sua região contra o discurso globalizado do meios de comunicação. Esse processo de reconstrução vem propiciando reformas curriculares no ensino da biologia onde a psicologia vem se inserindo resgatado temas que abordam a relação sujeito-ambiente, envolvendo a discussão de temas que vão desde relações de gênero, auto-conceito, até aspectos psicossociais envolvidos na questão da morbidade social. Desta forma, sentimos a necessidade de se construir a prática da educação ambiental como um referencial teórico importante no curso de formação de professores de maneira a resgatar e oferecer subsídios para que este reassuma o seu papel de ator social e possa ser agente na sua escola, com seus alunos, da manutenção do patrimônio histórico, cultural e ecológico do seu município.

Alessandra Silva Xavier.

Universidade Estadual do Ceará.



Psicologia e experiência religiosa.

A Psicologia contemporânea em emergente diálogo com a religiosidade e com seus fenômenos religiosos, assim, esse estudo foi desenvolvido com o objetivo de compreender os fenômenos eminentemente subjetivos da experiência religiosa que caracteriza o objeto de estudo da Psicologia da religião. Para desenvolver a pesquisa, foram consultados alguns autores reconhecidos da área de Psicologia, Filosofia e Teologia (Alves, 1984; Freud, 1928; Jung, 1984; Valle, 1998; Vanderveldt, 1962; Zavalloni, 1993). A experiência religiosa apresenta tensões constitutivas, podem ser estática ou dinâmicas, passivas ou ativas, cerradas ou abertas, intrínsecas ou extrínsecas, libertárias ou repressivas, emocionais ou racionais, sectárias ou universais, conscientes ou inconscientes, neuróticas ou sãs, podendo até ser não religiosas. Em virtude do estatuto científico epistemológico, a psicologia da religião não inclui em seu horizonte metodológico e teórico a questão do transcendente enquanto tal (Valle, 1998), isto é, a psicologia da religião põe entre parênteses a questão do transcendente, que pertence a outras ciências. Ao mesmo tempo, não desconhece, em seu esforço teórico de sistematização, as influências que os distintos enfoques, correntes de pensamento, escolas, ideologias que permeiam o campo científico cultural de cada época tem sobre o fazer psicológico.

Márcio Gagliato; João Loch.

PUC-SP; UNIMAR.



Psicologia e novas tecnologias da comunicação e informação: implicações na formação.

Este trabalho se origina de uma pesquisa realizada com alunos do curso de Psicologia de uma Universidade Comunitária na cidade de Santo Ângelo/RS. Essa pesquisa acontece no momento da discussão do atendimento mediado pelo computador e pela introdução das tecnologias de comunicação e informação no cotidiano de aprendizagem, bem como da formação em Psicologia. Esta tem passado por muitos questionamentos desde sua implicação social, uso de ferramentas e postura ética. Neste contexto, surge um campo: relação homem-técnica e a construção de um discurso sobre a psicologia enquanto ciência e profissão. Apesar dessas transformações estarem acontecendo, a grande maioria dos profissionais ainda vê o assunto como distante de seu meio profissional. Com a constatação do desenvolvimento técnico e científico, há a exigência e o compromisso com um trabalho de criação de novas formas de viver e conhecer, o que implica a apropriação de outros vetores em jogo. O objetivo desta pesquisa é mapear as representações que graduandos têm sobre a relação entre psicologia e informática e que atravessamentos envolvem a questão homem-técnica. A partir da análise de conteúdo de entrevistas semi-estruturadas realizadas com 45 estudantes do sexo feminino e 05 do sexo masculino de uma amostra representativa do curso de Psicologia foram elencadas categorias. Estas apontaram a forma de apropriação das novas tecnologias pelos estudantes da área e sua postura frente ao uso para a formação acadêmica e sua concepção sobre Psicologia. Os dados apontam uma fala contraditória sobre as novas tecnologias, preponderando um viés de resistência ao uso dessas aliado a um grande desconhecimento da temática pelos alunos. Para leitura dos dados foi utilizado o referencial da Esquizoanálise e as discussões de Pierre Lévy sobre cibercultura. A reflexão sobre a temática da relação tecnologia-subjetividade-psicologia é de extrema importância na atualidade para que haja uma formação profissional atualizada e contextualizada historicamente.

Deise Juliana Francisco; Taís Fim Alberti.

Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI.



Psicologia e Reabilitação Infantil : Desafios e Perspectivas de um Trabalho Multidisciplinar.

O presente painel pretende apresentar o trabalho que vem sendo realizado pelo setor de Psicologia da Associação de Assistência à Criança Deficiente (AACD-RS) com crianças portadoras de deficiência física e seus familiares. A partir de uma visão sistêmica e acreditando no potencial do ser humano para superar suas limitações são realizados atendimentos individuais ou em grupo com crianças e adolescentes de 0-16 anos. Neste contexto, o acompanhamento familiar torna-se essencial para a adesão e desenvolvimento do tratamento realizado. Além disto, o trabalho em equipe multidisciplinar proporciona a troca e a construção de saberes que auxiliam no atendimento realizado ao conceber uma noção integradora e global dos pacientes, seus familiares e o contexto social em que estão inseridos.

Maria Isabel Wendling.

PUC - RS.



Psicologia e saberes docentes: crenças acerca da formação dos licenciandos.

Os cursos de Licenciatura, criados nos anos 30, possuem atualmente problemas em sua estrutura não solucionados, como a dicotomia teoria/prática ou ensino/pesquisa. A maior dificuldade em resolvê-los consiste no fato das próprias Universidades não refletirem acerca do licenciado que pretendem formar. Ao discutir essa formação, não se pode deixar de lado os elementos que a constituem, como o conhecimento do professor, seus saberes e suas competências. Esta formação tem sido foco de grandes discussões nos cursos de Licenciatura, apontando para a importância de se apresentar e refletir acerca dos elementos constitutivos da formação docente. A Psicologia constitui-se num conjunto de saberes dotados de sentidos e ressonâncias na prática docente, que ao orientá-la, estará contribuindo na constituição da identidade do professor, seja como elemento motivador em seu processo de ação e reflexão, seja como um dos elementos integrantes dos saberes docentes. Assim, competências docentes não seriam saberes ou atitudes, mas a capacidade de mobilizar determinados saberes ou atitudes, adquiridos tanto em sua formação como em seu dia-a-dia, e de mobilizar recursos para agir numa determinada situação. A partir desta discussão, o presente estudo tem por objetivo identificar e analisar as crenças de 200 licenciandos, de uma Universidade pública do estado de São Paulo, acerca das competências que julgam necessárias em sua formação e na prática docente, além de suas expectativas no que concerne às contribuições da Psicologia Educacional. Para tanto, na disciplina Psicologia Educacional-Aprendizagem, oferecida na Licenciatura, a partir de uma atividade intitulada “A Carta e o Pedido”, foi solicitado que os alunos redigissem uma carta a um diretor de escola, indicando as competências que possuíam ou que julgavam necessárias para serem indicados ao cargo de professor da escola, e também as informações que os tornariam aptos para lecionar (A Carta). Em seguida, os alunos eram convidados a repensar até que ponto estas experiências apontadas estavam desenvolvidas, devendo, então, escrever uma solicitação, endereçada à docente responsável pela disciplina, apontando os aspectos que gostariam que fossem discutidos e as principais dificuldades encontradas (O Pedido). Através da Análise de Conteúdo, foi feito um recorte das falas, organizando as crenças em dois conjuntos temáticos, em categorias que permitiram compreender o que estes alunos pensam acerca das competências e saberes do professor, bem como, a maneira que a Psicologia pode contribuir neste processo. No primeiro conjunto, relativo às competências e saberes, as crenças versavam sobre a sua própria formação, suas características pessoais, suas experiências anteriores como docente, a relação do professor com o aluno, o processo ensino – aprendizagem e também na relação do licenciado com seus pares. No segundo, referente à Psicologia na formação docente, as crenças diziam respeito a: interação professor–aluno, processo ensino-aprendizagem, aspectos pessoais dos licenciandos e do desenvolvimento dos alunos, professor e seus pares, formação para ser docente e experiência docente. Os resultados até aqui analisados podem favorecer uma melhor compreensão da Formação de Professores nos cursos de Licenciatura, como também permitir que a ciência psicológica contribua nos processos educacionais, auxiliando o professor na (re)elaboração, (re)significação e (re)construção de seus saberes.

Ana Maria Falcão de Aragão Sadalla; Fábio Bacchiogga; Tamara Abrão Pina; Mariana Wisnivesky.

Universidade Estadual de Campinas.



Psicologia e Saúde Ambiental: uma proposta de instrumento de auto-avaliação de qualidade de vida.

O presente trabalho busca apresentar um novo instrumento de auto-observação para avaliar a qualidade de vida das pessoas, seguindo a perspectiva da Psicologia Ambiental. O instrumento foi criado em 2001 pelas autoras durante o Aprimoramento Clínico Institucional em “Psicologia e Saúde Ambiental: Qualidade Ambiental, Estresse Urbano e Afetividade”, da Clínica Psicológica Ana Maria Poppovic, da Faculdade de Psicologia da PUC-SP, sob responsabilidade da Prof^a Dr^a Marlise A. Bassani. O material foi construído a fim de suprir a necessidade de se ter um instrumento que avaliasse a qualidade de vida em relação ao estresse percebido para ser utilizado na “Oficina de Qualidade de Vida Urbana e Controle de Estresse”, realizada no Aprimoramento. O instrumento é composto de duas partes: na primeira parte (folha 1) a pessoa preenche uma figura representando âmbitos da vida em uma escala, representados como uma “pizza”; na segunda parte (folha 2), ela faz uma descrição por escrito em um quadro, sobre a avaliação feita por ela na figura. Neste instrumento a pessoa avalia alguns âmbitos de sua vida de acordo com o que ela mesma leva em consideração em cada um deles. Os âmbitos abordados são: familiar, educacional, espiritual, social, cultural, profissional, emocional, lazer, saúde e sexual. O instrumento foi aplicado a um grupo da Oficina, na primeira sessão e no follow up (um mês após o término da Oficina). Os resultados apontam para fácil visualização de cada área, facilitando a discussão do detalhamento dos eventos apontados como responsáveis pela auto-descrição de cada participante, detalhados na folha 2. Indica fornecer uma visão geral da qualidade de vida da pessoa, que percebe isso visualmente com a figura do instrumento semelhante à representação de dados que ela mesma montou, a partir das suas percepções particulares de cada âmbito da vida. Sugere-se maior número de aplicações para avaliação do próprio instrumento e possível ampliação dos âmbitos abordados.

Marcia Luiza Trindade Corrêa; Paula Eisenstadt ; Marlise A. Bassani.

PUC - SP.



Psicologia Escolar: uma alternativa possível.

Objetivo: Fazer um levantamento das razões que levam os alunos de graduação a não se identificarem com a prática de psicologia escolar. Descrição: Reuniões semanais com alunos do sétimo período do curso de psicologia. Síntese da prática: Debates acerca das questões do cenário escolar e da identidade do Psicólogo Escolar: "quem somos", "onde trabalhamos", "o que fazemos e o que vislumbramos para o futuro do nosso trabalho". Resultado: Segundo a pesquisa realizada pelo Conselho Federal de Psicologia em 2001 quanto a atuação dos psicólogos, revela que apenas por 9.2% dos profissionais atuam na área de Psicologia Escolar contra 54.9% que atuam na área clínica. Porque esse desinteresse? Nossa experiência profissional leva-nos a algumas especulações. Em primeiro lugar, os alunos de graduação por não saberem qual é a função da Escola, também não sabem qual o seu papel nessa Instituição. O psicólogo no contexto escolar defronta-se com pelo menos cinco públicos diferentes: alunos, pais, professores, coordenação pedagógica e a diretoria da escola. Muitas vezes, são expectativas diferentes em função do modo particular com que cada segmento percebe o papel do psicólogo escolar. O recém formado perde-se diante de tanta diversidade e questionam-se: como atender a todos? Isso ocorre porque na graduação a psicologia é colocada de modo fragmentado, dando-se pouca ênfase a psicologia social e a multiplicidade cultural. Sendo a escola um lugar essencialmente social, os alunos de psicologia, sentem um distanciamento entre o conhecimento adquirido em sua formação e a prática. Atualmente a relação entre Psicologia Aplicada e a Educação é freqüentemente, "mediada pela intervenção, que passará a ser, cada vez mais, dirigida para relações e os sistemas de interação existentes no interior da escola, na comunidade e no todo social" Entretanto, os alunos continuam, na maioria dos casos, sendo preparados para lidarem com sujeitos individuais numa visão imanentista do ser e não com sujeitos sociais no sentido amplo da palavra, ou seja, com sujeitos que são ao mesmo tempo ativos e passivos; que afetam e são afetados pela história e meio sociais no quais estão inseridos. Num grupo de 50 alunos, quando se falava em dificuldade de aprendizagem nenhum deles conhecia teóricos tais como Bourdieu, Edgar Morin, Basil Bernstein. A psicologia escolar necessita associar-se a outros saberes que estão envolvidos no processo de ensino-aprendizado, quais sejam: sociologia, antropologia e filosofia. O desinteresse justifica-se pela falta de conhecimento, que necessita ser revisto. Não se pode escolher o desconhecido. Como resultado dessa experiência acadêmica, de reflexão conjunta, surgiram duas propostas de projetos de pesquisa a serem realizadas pelos alunos: 1) Traçar o perfil do psicólogo escolar, ou seja, definir e objetivar o que se espera do psicólogo escolar, a partir da demanda das cinco categorias acima citadas e; 2) Elaborar estratégia de intervenção. Atualmente estamos fazendo um piloto da primeira pesquisa, fato que vem, de certo modo, comprovar que é possível despertar o interesse nesse campo, um tanto quanto abandonado pelos profissionais da área psi.

Célia Anselmé.

Universidade Federal Rio de Janeiro.



Psicologia Jurídica em Pernambuco: história de pioneirismos na área de família.

Objetivos Este painel pretende alcançar dois objetivos. O primeiro, apresentar um segmento da psicologia jurídica no Recife, capital de Pernambuco. O segundo, refletir sobre a contribuição social dos psicólogos que atuam nesta promissora especialidade no contexto das famílias. **Descrição/síntese do tipo de prática** Será lançado um olhar retrospectivo sobre a inserção, há uma década, da equipe técnica composta por psicólogos e assistentes sociais, nas Varas de Família do Recife, pioneiramente em relação aos estados do Norte e Nordeste brasileiros. Serão abordados outros pioneirismos neste campo, tais como a realização pela Universidade Federal de Pernambuco do I Curso de Especialização *Latu Sensu* em Intervenção Psicossocial às Famílias no Judiciário, a partir da demanda e apoio do Poder Judiciário, no ano de 1999, e a implantação da disciplina Psicologia Jurídica pela Faculdade de Ciências Humanas de Olinda, município vizinho ao Recife, em 2001. Será analisada ainda a relevância da atuação dos psicólogos junto às famílias que recorrem ao Poder Judiciário para a solução dos impasses domésticos. Neste particular merecem destaque iniciativas como o Encontro com Noivos, anterior ao casamento civil, com o objetivo de orientar os nubentes quanto aos aspectos emocionais e legais da vida a dois; e a Conciliação em família, desenvolvida junto aos processos litigiosos logo após serem ajuizados, utilizando técnicas de conciliação e mediação com o objetivo de sensibilizar os envolvidos para o acordo, motivando-os a evitarem as conseqüências nefastas da litigância. Por último vai ser destacada a relevância da contribuição social do psicólogo quando extrapola os limites da perícia e emissão de parecer técnico valorizando o usuário como participante ativo na busca de decisão consciente para a solução do litígio e quando o Tribunal de Justiça ao qual está vinculado oferece condições, realiza psicoterapia breve e de apoio. Resultados obtidos Neste dez anos tem-se observado grande evolução. Registrou-se a realização de dois concursos públicos pelo TJPE, em 1993 e 2001, sendo nomeados até março/2002, 24 psicólogos. O Poder Executivo realizou seleção pública, neste mesmo mês, de 85 psicólogos para atuarem nos presídios e penitenciárias pernambucanas. Reflexo do interesse dos psicólogos pela área jurídica, a Universidade Católica de Pernambuco está oferecendo, a partir deste ano, Curso de Especialização em Psicologia Jurídica. Como resultado da atuação dos psicólogos no Judiciário, especificamente no Juizado Informal de Família, fazendo sensibilizações e mediando audiências, têm-se registrado um índice médio de 75% de conciliações em processos do tipo separação de corpos, separação litigiosa, regulamentação de visitas, pensão alimentícia, oferta de alimentos e divórcio litigioso. O Centro de Apoio Psicossocial do Tribunal de Justiça de Pernambuco, criado para dar assessoramento técnico aos juízes familiaristas do Recife, registrou de 1997 a julho/2002 um total de 1204 pareceres emitidos em 1260 processos recebidos, alguns com a utilização de técnicas de conciliação e mediação, outros demandando acompanhamento por algumas sessões terapêuticas, todos os envolvidos, no entanto, sendo assistidos emocionalmente num conturbado momento das suas vidas. 85% das sentenças prolatadas pelos juízes acompanharam os pareceres técnicos emitidos pelo CAP. Tais dados levam à conclusão de que o psicólogo jurídico hoje é reconhecido como peça importante no mecanismo da instituição jurídica. Sua atuação como suporte às decisões judiciais e como mediador de situações domésticas conflituosas contribui para que as repercussões dos desfazimentos de uniões sejam menos negativas e traumáticas, minorando o sofrimento das crianças e seus pais.

Helena Maria Ribeiro Fernandes.

Tribunal de Justiça de Pernambuco.



Psicologia Jurídica Uma possibilidade de discussão sobre a violência.

A Idade Média foi marcada pela valorização dos bens materiais que as pessoas alcançavam ao longo de suas vidas, e não o que eram realmente na sua subjetividade, a diferença se dava através das classes sociais – uma leitura não muito diferente dos dias atuais - como servo, nobre, artesão, e outros. Com a chegada de algumas transições como a evolução do capitalismo e a reforma protestante, iniciou-se um episódio que marcava não mais as condições sociais do indivíduo e sim sua liberdade de expressão, sua consciência. Com essas transformações, a herança que a sociedade recebe é uma das formas de poder, a violência, que implicitamente “governa” nossa sociedade. Com isso há uma descrença na justiça policial, onde acaba criando-se um sentimento de grande angústia ao sujeito: o medo. Hoje as ações ilegais talvez sejam evitadas no âmbito social não por receio de infringir a lei e sofrer sanções do código penal, e sim há o medo da agressão física e moral do sistema policial - uma brutalidade que causa temor. Ao mesmo tempo em que esta violência é ilegítima por parte dos policiais, ela é legitimada pela “agonia” social, pois para a sociedade, os policiais têm o “grande” poder de punir quem transgride as normas, e se estes não o fazem, são “banidos” e recebem protestos de uma sociedade que lhes exige tal poder. A violência ilegítima torna-se revoltante, sob a perspectiva do povo, a Justiça não é mais vista como uma forma de honestidade e integridade e sim há uma sede de vingança e um prazer cruel de punir. A sociedade requer uma segurança eficaz, porém não acredita mais nesta, e muitas vezes acaba fazendo justiça com as próprias mãos. Essa discussão abre espaço para uma reflexão crítica quanto a questão da violência do poder legítimo da nossa sociedade brasileira e o poder ilegítimo “imposto” pelo sistema policial, tal como abre também possibilidades de atuação da Psicologia Jurídica frente a esta temática. Pode-se considerar verdadeiramente que a Psicologia Jurídica pode atuar na compreensão de um saber necessário para estar desenvolvendo estudos e pesquisas na área criminal, contribuindo com instrumentos de investigação da Ciência Psicológica para estar formando uma cidadania não tão fragilizada quanto às leis que ficam impressas no código penal.

Cristiane Geraldo; Márcia C. Frassão.



Psicologia na escola: reflexões com alunos do Ensino Fundamental sobre temas diversos do cotidiano.

Este projeto tem como objetivo trabalhar com alunos do Ensino Fundamental, mais precisamente da sexta e sétima séries, temas que auxiliem na sua formação enquanto cidadãos enfatizando as dificuldades envolvidas no âmbito escolar. Os temas enfocados são: drogas, discriminação, violência, agressividade, valores, disciplina, sexualidade e cidadania. São realizados encontros quinzenais com duração de cinquenta minutos. Os temas são trabalhados através de dinâmicas e indagações a partir de conteúdos teóricos e de elementos trazidos pelos alunos, utilizando alguns aspectos da abordagem do Grupo Operativo, cuja proposta não é somente transmitir informações mas conseguir que os integrantes do grupo incorporem e façam questionamentos, produzindo conhecimento e atuando sobre a sua realidade. Até o momento os participantes têm demonstrado informações pertinentes sobre os conteúdos abordados, demonstrando interesse, procurando aprender, observar, escutar, relacionar opiniões com as alheias e a refletir sobre os conteúdos trazidos.

Izabela Bento de SOUZA; Luíz carlos BULLA; Marinês MENDES; Maria de Fátima P. C. CUNHA; Rodrigo Paschoal BELLUSCI; ². Simone Ferreira TANAKA.

UEM - Universidade Estadual de Maringá.



Psicologia na hemodiálise: um levantamento de demandas explícitas e implícitas.

Os problemas psicológicos que os pacientes hospitalares apresentam são oriundos de vários fatores além da própria condição física. Entre eles os conflitos e as contradições sociais, assim como a realidade institucional incluindo sua ideologia e sistemática de atendimento. Dessa forma, as condições emocionais dos profissionais de saúde que atendem às demandas dos pacientes são de crucial importância para o bom funcionamento institucional, mas que vem sendo relegada a segundo plano. Entendemos que a boa interação da equipe e o equilíbrio emocional, tanto individual quanto grupal, são instrumentos imprescindíveis na atenção ao paciente. Calçados na Análise Institucional e sob o viés da pesquisa-ação, objetivamos investigar as demandas explícitas e implícitas de pacientes e funcionários diante da possibilidade de implantação de um serviço de psicologia hospitalar naquele setor, atentando para as concepções sobre o papel do psicólogo, que permeiam tanto o imaginário de outras categorias profissionais, assim como o do senso comum. Realizamos um levantamento de perspectivas e possibilidades de intervenção psicológica no grupo (pacientes, familiares e equipe), através de entrevistas, observações participantes, consulta a prontuários, dinâmicas de grupo e formação de grupos focais de discussão sobre temas ligados ao cotidiano do tratamento de saúde, questões que acometem a rotina de trabalho da equipe e influenciam na relação com o paciente. Com base nos dados obtidos, estudamos quais as possíveis contribuições da psicologia para o trabalho da equipe hospitalar numa assistência melhor qualificada junto aos usuários do serviço. A princípio nos deparamos com uma demanda predominantemente clínica, no sentido de atendimento a pacientes em depressão e com alto grau de ansiedade em relação ao transplante. Num segundo momento, passou a surgir, tanto entre funcionários quanto entre pacientes, uma visão de intervenção institucional como possível contribuição ao bom funcionamento do serviço. Principalmente no que diz respeito a aspectos administrativos (pontualidade dos funcionários, rigor técnico etc.) e conflitos inter-relacionais; assim como queixas de caráter ergonômico como a falta de uma TV na sala de espera e cobertores para o uso durante a hemodiálise. A partir de tais dados foi elaborada a implantação de um serviço de psicologia para o setor de hemodiálise do HU/UFS, a fim de criar um espaço onde a psicologia sirva como catalisadora na discussão de tais problemas. É importante ressaltar que para a boa execução de tal trabalho, foi essencial a nossa postura como psicólogos “na” instituição e não “dá” instituição. Neste sentido, atuamos sem a preocupação nem a pressão de atendimento à demanda de trabalho psicoterápico, mas como analisadores buscando uma reflexão sobre a instituição. Tal trabalho nos proporciona atentar para o trabalho do futuro profissional de psicologia nos mais diversos contextos, assim como ter claras as possibilidades do psicólogo junto a uma instituição hospitalar como profissional de saúde mental.

Elder Cerqueira Santos; Danilo Augusto Santos Melo; Milena A. Franco Dantas; Sylvia Helena Melo; Marcelo Ferreri.

UFS - Universidade Federal de Sergipe.



Psicologia Social Comunitária: O Comprometimento no Terreno de sua Investigação.

Introdução: O trabalho, vinculado ao Laboratório de Pesquisa e Intervenção Psicossocial-LAPIP, do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei, tem por objetivo a utilização de recursos de imagem como metodologia de diagnóstico e intervenção em grupos comunitários. Com eles pretende-se buscar uma maior participação, produção de identidade, autogestão e autonomia; com os grupos de “Inculturação Afro Descendente Raízes da Terra” e “JULIC – Jovens Unidos na Liberdade Cristã”, do bairro São Geraldo da cidade de São João del-Rei. Metodologia: Em consonância com os conceitos da Pesquisa-ação e Pesquisa Participante busca-se a permanente articulação entre pesquisa e intervenção. Partindo da Análise Institucional utilizamos a análise da demanda, a busca de uma postura crítica dos analistas e o desenvolvimento da autogestão. O uso de recursos de imagem (fotografias, filmes, vídeos e colagens), tanto em termos de produção de imagens, quanto em termos de apresentação e debate em torno das imagens produzidas, permite um registro mais fiel das manifestações culturais – danças, músicas, festas religiosas – da afetividade e identidade dos grupos. Permitem ainda um trabalho mais significativo em termos de resgate e transmissão de aspectos da cultura negra e da história de participação social das comunidades negras. Resultados: A partir dos trabalhos desenvolvidos conseguiu-se uma participação mais efetiva dos membros dos Grupos (Raízes da Terra e JULIC) nas reuniões e nas atividades propostas. Além disso, a metodologia utilizada tem propiciado uma maior identificação da população com o trabalho, possibilitando o reconhecimento grupal. Verificamos que o contato estabelecido entre a comunidade e a Universidade resulta em ganhos para ambos, em termos, de uma maior articulação entre os conteúdos da disciplinas teóricas, as práticas de intervenção social e a pesquisa. Conclusão: Parte dos avanços alcançados são provenientes do fortalecimento dos vínculos entre os membros dos grupos, entre as estagiárias, e entre os grupos e as estagiárias. Constatamos que o trabalho desenvolvido sobre o processo grupal foi importante para obtenção dos resultados e sua continuidade é condição para que os grupos, incluindo o grupo de estagiárias, se fortaleça e amplie suas atividades. Em vista do que vem sendo realizado, acreditamos que este projeto vem concretizando uma das mais importantes áreas de atuação da Universidade: a Extensão Universitária – através do estreitamento dos vínculos entre a comunidade e a nossa Universidade – FUNREI – cujo compromisso social se apoia no apuramento da reflexão crítica e da percepção, e na avaliação dos processos grupais, proporcionando o desenvolvimento da cidadania e buscando a autonomia da comunidade. A qualidade do ensino desenvolvido, o processo educativo envolvendo a comunidade e a universidade e o compromisso com a transformação das condições adversas vividas pela população atendida proporcionam uma formação profissional em psicologia qualitativamente diferenciada. Cabe salientar, ainda, o quanto os Grupos têm manifestado seu interesse em manter como parceiros de suas lutas cotidianas os estagiários e a própria universidade.

Marcos Vieira Silva; Izabel Cristhina Friche Passos; Aléxia Gomide; Clarissa Lino; Thais Cristina Pereira; Priscila Martins.

FUNREI.



Psicologia social comunitária: o comprometimento no terreno de sua investigação.

Introdução: O trabalho tem por objetivo a utilização de recursos de imagem como metodologia de diagnóstico e intervenção em grupos comunitários. Com isso, pretende-se buscar uma maior participação, produção de identidade, autogestão e autonomia; com os grupos de “Inculturação Afro Descendente Raízes da Terra” e “JULIC – Jovens Unidos na Liberdade Cristã”, do bairro São Geraldo da cidade de São João del-Rei. **Metodologia:** Em consonância com os pressupostos da Pesquisa-ação e Pesquisa Participante busca-se a permanente articulação entre pesquisa e intervenção. Partindo da Análise Institucional utilizamos a análise da demanda, a busca de uma postura crítica dos analistas e o desenvolvimento da autogestão. O uso de recursos de imagem (fotografias, filmes, vídeos e colagens), tanto em termos de produção de imagens, quanto em termos de apresentação e debate em torno das imagens produzidas, permite um registro mais fiel das manifestações culturais – danças, músicas, festas religiosas – da afetividade e identidade dos grupos. Permitem ainda um trabalho mais significativo em termos de resgate e transmissão de aspectos da cultura negra e da história de participação social das comunidades negras. **Resultados:** A partir dos trabalhos desenvolvidos conseguiu-se uma participação mais efetiva dos membros dos Grupos (Raízes da Terra e JULIC) nas reuniões e nas atividades propostas. Além disso, a metodologia utilizada tem propiciado uma maior identificação da população com o trabalho, possibilitando o reconhecimento e produção da identidade grupal. Verificamos que o contato estabelecido entre a comunidade e a Universidade resulta em ganhos para ambos, em termos, de uma maior articulação entre os conteúdos da disciplinas teóricas, as práticas de intervenção social e a pesquisa. **Conclusão:** Parte dos avanços alcançados são provenientes do fortalecimento dos vínculos entre os membros dos grupos, entre as estagiárias, e entre os grupos e as estagiárias. Constatamos que o trabalho desenvolvido sobre o processo grupal foi importante para obtenção dos resultados e sua continuidade é condição para que tais grupos, incluindo o de estagiárias, se fortaleçam e ampliem suas atividades. Em vista do que vem sendo realizado, acreditamos que este projeto esteja concretizando uma das mais importantes áreas de atuação da Universidade: a Extensão Universitária – através do estreitamento dos vínculos entre a comunidade e a nossa Universidade, cujo compromisso social se apoia no apuramento da reflexão crítica e da percepção, e na avaliação dos processos grupais, proporcionando o desenvolvimento da cidadania e buscando a autonomia da comunidade. A qualidade do ensino desenvolvido, o processo educativo envolvendo a comunidade e a universidade e o compromisso com a transformação das condições adversas vividas pela população atendida proporcionam uma formação profissional em psicologia qualitativamente diferenciada. Cabe salientar, ainda, o quanto os grupos têm manifestado seu interesse em manter como parceiros de suas lutas cotidianas os estagiários e a própria universidade. **Palavras – Chave:** Identidade, Autogestão, Cultura.

Marcos Vieira Silva; Izabel Christina Friche Passos; Aléxia Gomide; Clarissa Lino; Thais Cristina Pereira; Priscila Martins.

Universidade Federal de São João Del-Rei.



Psicologia Social Comunitária: o Intervir e o Pesquisar na Reconfiguração de um Processo Cooperativo Junto a Catadores de Material Reciclável.

Em decorrência dos efeitos excludentes da globalização, evidencia-se na realidade social brasileira a desativação do Estado na área social, os elevados índices de desemprego e subemprego, com o agravamento da exclusão social. É nesse contexto de mercado de trabalho informal que os catadores de material reciclável sobrevivem dos restos da sociedade de consumo, utilizando-se da catação como estratégia diária de sobrevivência. Trabalham expostos a situações de risco, sem a utilização de luvas, tendo que suportar o peso das cargas. Cabe dizer que tanto o trabalho insalubre quanto o estigma enfrentando por eles, mutilam a construção da sua cidadania. No imaginário social os catadores são associados ao seu próprio material de trabalho – o “lixo”, o que contribui para um processo de desqualificação social. Meu trabalho junto aos catadores vem sendo desenvolvido em Criciúma, no Sul de Santa Catarina, desde 1999, tanto através de pesquisa como de extensão universitária. A pesquisa realizada em 1999 permitiu constatar que eles vivem uma condição de sofrimento ético-político em decorrência da massificação, espoliação, discriminação e das diversas formas de exclusão que enfrentam em seu cotidiano. Atualmente como pesquisadora no mestrado em Psicologia da UFSC analiso o movimento de potência e/ou impotência dos catadores no que se refere à construção da sua cidadania. Concomitantemente atuo como Psicóloga Social na condição de coordenadora de um projeto de extensão universitária da UNESCO, intitulado, “Ação comunitária junto aos catadores”, que é interdisciplinar e visa contribuir com melhorias nas suas condições de vida, potencializando a construção da sua cidadania, tanto em seus aspectos objetivos como subjetivos. Em Criciúma a antiga cooperativa dos catadores (extinta devido a sérias irregularidades), sobre a qual, realizei um estudo de caso em 1999, foi fundada de forma autocrática sem a participação efetiva dos catadores no processo desde o início de sua gestão, contribuindo dessa forma, significativamente para a elaboração de referenciais negativos acerca do cooperativismo. Além disso, no decorrer do processo, ela passou a ser gestada como uma empresa privada, caracterizando-se como uma pseudo-cooperativa. Dessa forma através de visitas domiciliares aos catadores, conversas informais e encontros na modalidade de processo grupal, investe-se na reconfiguração de um processo cooperativo, bem como, na construção de outras formas de comunicação pautadas na ética, na cidadania e na democracia, tendo como foco o fortalecimento da autonomia destes atores sociais para que busquem transformações em suas relações cotidianas. Em dezembro de 2001 em função desse trabalho de assessoria popular foi fundada uma nova associação de catadores – RECESC. Na minha pesquisa do mestrado enfoco as significações que eles têm construído no que se refere à gestão desse outro processo cooperativo. Cabe ressaltar, que entendo o cooperativismo e o associativismo não como espaços meramente institucionais, mas fundamentalmente como espaços cotidianos para a construção de outras formas de diálogo e de constituição de sujeitos abertos à alteridade, tendo em vista potencializá-los na busca por soluções para os problemas enfrentados.

Daiani Barboza.

“Ação Comunitária junto a Catadores de M. R.” pela UNESCO; UFSC.



Psicologia, ciência e profissão: alteridades do processo de formação.

Este trabalho propõe a narrativa de uma experiência pedagógica na formação de Psicólogos. Tal experiência é marcada por contradições que se originam no tema central da disciplina desenvolvida nos últimos oito anos na Universidade do Vale do Itajaí, psicologia, ciência e profissão, e se estendem a relação professor/aluno(a)/conhecimento. Estas contradições constituem alteridades do processo de formação. O horizonte deste trabalho pedagógico é marcado por um projeto de profissão que se fortalece na história da Psicologia brasileira através dos movimentos organizados no final da década de oitenta, ganhando efetividade política a partir dos anos noventa. A proposta de uma profissão pluralista e engajada pelas questões sociais e políticas do país, gera novas necessidades para a formação acadêmica e põe em questão o exercício profissional do Psicólogo. O processo nacional constituinte e o I Congresso Nacional da Psicologia, em Campos do Jordão – 1994, momento memorável, estabelece direções fundamentais para a Psicologia no Brasil e cria o desejo político de transformar o exercício profissional no país. Transpor estas necessidades para a sala de aula tem sido um desafio constante em meu trabalho, apresentar para alunos ingressantes no curso de Psicologia as questões do que fazer da ciência e profissão frente as realidades deste país. Coordenar e discutir realidades, sonhos e ilusões, ganha sentido de entusiasmo e tragédia. Quando a expectativa dos alunos de encontrar o conhecimento, farol todo poderoso da iluminação, da intimidade do outro e do auto-conhecimento, é confrontada pela diferença de um saber que não é mágico e redentor de todo e qualquer sofrimento humano, mas tem sua eficácia na compreensão das condições concretas da vida e no diálogo com outras ciências, os sujeitos do processo travam um embate para proteger seus sonhos e evitar a desilusão. A situações de decepção e de vislumbre de outras possibilidades para o saber-fazer psicológico, abrem fendas na resistência de quem procura um saber para um ser humano universal e descolado de sua própria história. Nasce daí , um vir-a-ser Psicólogo marcado pelas contradições e pelo embate travado na relação professor/aluno(a), no trabalho de pensar, aprender, produzir conhecimentos e outros sujeitos, as alteridades que nos constituem. Assim, minha intenção é demonstrar as marcas desta trajetória e gerar reflexões sobre o papel da universidade na formação do profissional da Psicologia.

Carlos Eduardo Maximo.

Universidade do Vale do Itajaí.



Psicologia: disciplina da norma.

O trabalho apresenta uma reflexão crítica a respeito da psicologia, apoiada na perspectiva de Michel Foucault, colocando a questão da normalização como exercício político característico desta disciplina. A psicologia é constituída na modernidade como um conjunto de saberes e práticas diretamente ligados à constituição dos sujeitos, através de jogos de objetivação e subjetivação, colocando parâmetros para modos de ser e formas de subjetividade. Ao apoiar-se em argumentos científicos e reivindicar para si o monopólio relativo aos enunciados quanto à verdade dos indivíduos, os saberes e práticas psi atuam como elementos de poder, produzindo efeitos políticos ao nível das subjetividades.

Kleber Prado Filho.

Universidade Federal de Santa Catarina.



Psicólogo escolar: proposta metodológica para o contexto da situação de risco.

Este trabalho apresenta a experiência de estágio curricular na área de Psicologia Escolar em uma escola pública de Brasília, Distrito Federal. O público atendido inclui crianças e adolescentes que vivem em situação de risco psicossocial, sofrendo das misérias econômica e afetiva e da defasagem escolar. Num primeiro momento foi realizado um diagnóstico situacional que consistiu em observações do funcionamento institucional - salas de aula, refeições, intervalos, etc. Após foi realizado o levantamento de demandas dos alunos e professores para o trabalho de Psicologia Escolar e propostas duas atividades coordenadas pelas estagiárias: oficinas temáticas para os adolescentes abordando questões de identidade, sexualidade e abuso de drogas e um encontro de sensibilização para os professores, direcionado para rotina escolar e relacionamentos interpessoais. Percebe-se a necessidade, inicialmente, de se trabalhar com demandas de grupos específicos (alunos, professores) para que posteriormente, se torne possível intervenções com todo o contexto escolar de forma integrada. Cabe ressaltar que tal metodologia requer um tempo relativamente longo de aplicação. As reflexões sobre esta experiência contribuem para a crítica da atuação do psicólogo na escola, incluindo as técnicas de diagnóstico e da prática cotidiana.

Juliana Castro Benício de Carvalho; Melissa Cristine Freitas Bezerra; Paola Biasoli Alves.

Universidade Católica de Brasília.



Psicólogo Penitenciário: possibilidades e dificuldades de atuação.

Portillo (1993) define a Psicologia Forense como a ciência que ensina a aplicação de todos os ramos e saberes da Psicologia diante das perguntas da Justiça, e coopera em todo momento com a Administração da Justiça, atuando no tribunal e melhorando o exercício do Direito. O uso da Psicologia na Prática Judicial também chama-se Psicologia Jurídica, cuja aplicação é mais coletiva e teórica, enquanto a Forense é mais restrita às atividades do Fórum. A Psicologia Penitenciária, como uma das especialidades da Jurídica, promove o trabalho da Psicologia nas Instituições Penais. Com o objetivo de discutir a função do Psicólogo nessas Instituições e as dificuldades encontradas nessa atuação, realizamos pesquisa científica dentro de uma Instituição Penal, através de entrevistas focalizadas e não dirigidas com os Psicólogos Penitenciários. Constatamos que o Psicólogo Penitenciário pode atuar, basicamente, de duas maneiras. Uma delas é a execução de funções técnicas, as quais são estabelecidas legalmente e utilizam teorias psicológicas para atender solicitações judiciais. A outra função é a intervenção em busca de melhorias na estrutura e funcionamento da Instituição, priorizando a realização de um trabalho de valorização da dignidade do detento. Em relação às dificuldades encontradas pelo profissional na execução dessas funções, verificamos que essas se referem principalmente a quatro fatores: ao Sistema Judiciário (exemplo: descaso com a saúde mental de seus funcionários), à Instituição Penitenciária (exemplo: superlotação), à população atendida (como o aumento da periculosidade, visto que o Sistema não classifica os detentos de acordo com o crime cometido) e a formação do Psicólogo (exemplo: formação profissional insuficiente). Observamos então, que como consequência dessas dificuldades, ocorre também a cultura informal da prisionização, o que dificulta também o trabalho do Psicólogo no sentido de fazer o detendo refletir sobre o que o levou a cometer o crime e compreender-se dentro do processo de exclusão social. Dessa forma, percebemos que o profissional, infelizmente, passa a atuar mais como técnico, deixando de lado sua função de promover a saúde mental, a qual pode ser feita através da conscientização e resgate da dignidade do detento que também é humano e que sofre. Concluímos, então, que faltam condições no trabalho, para que o profissional possa atuar em favor da escuta do outro, considerando que é na maioria das vezes a sociedade quem produz seus delinqüentes através da desigualdade social por ela imposta.

Eduardo Augusto Thomanik; Franciele Pereira Zazycki; Michele Cristina Baierle.

Universidade Estadual de Maringá.



Psicólogos, psiquiatras e as drogas (substâncias psicoativas): conhecer para melhor intervir.

Atualmente a humanidade se depara com uma problemática multifacetada, representada pelas substâncias psicoativas e que abrange aspectos sociais, econômicos e culturais. Apesar da histórica relação entre a humanidade e as drogas (pelo menos 7000 anos), existe muita resistência para abordar este assunto constituído de: efeitos causados pelas várias substâncias psicoativas, os usuários, os dependentes químicos e a sociedade como um todo. Com o passar do tempo, a representação social das drogas e as razões para o uso das mesmas vem se modificando e estão intimamente atreladas ao contexto histórico em que se apresentam. Nos últimos 50 anos, a utilização das substâncias psicoativas agregou-se à antiga noção de fuga da realidade e/ou “resolução dos problemas”, à conotação de protesto, rebeldia, contestação dos valores e normas que permeiam e regem a sociedade, além da busca de prazeres alternativos que se opõem a ótica social tradicional. A droga como recurso de “solução de crises”, é normalmente, uma forma de enfrentamento que o sujeito utiliza para lidar com dificuldades que vive no momento. Cabe, então, ao psicólogo e profissionais afins, instrumentalizar melhor o indivíduo, permitindo-o optar por mecanismos mais assertivos e adaptativos que venham possibilitar um maior bem-estar. Por esta razão é imprescindível uma maior qualificação dos profissionais, para que estes possam contribuir para o equilíbrio tanto do indivíduo (com terapias e acompanhamentos no processos de recuperação) quanto do coletivo (políticas públicas e campanhas preventivas eficazes). É fundamental que haja uma maior compreensão, não só da dimensão individual, mas sobretudo dos aspectos histórico-culturais e geopolíticos (relações internacionais, narcotráfico, economia, etc.) para que se tenha uma intervenção coerente com a realidade em questão. A partir do exposto, surgem os seguintes questionamentos: a) quanto à qualificação desses profissionais que atuam nas políticas de prevenção, b) e qual a participação das universidades na formação (graduação) desses. Isto remete a uma abordagem, pelo menos, multidisciplinar (subentendido a transdisciplinaridade), que através de uma visão ampla e completa, habilite os diversos profissionais e, conjuntamente, a sociedade para não só abordar o tema com mais seriedade, como também buscar conhecer as reais razões da questão, ou seja, o âmago da problemática. Este trabalho objetiva promover uma discussão sobre a capacitação e a intervenção dos psicólogos, das mais variadas áreas de atuação (clínica, escolar, jurídica, organizacional, etc.) e dos psiquiatras no que se refere as drogas.

Aline Gomes Fernandes Santos; Jonsos Nunes Júnior; Bernard Gontiers.

Universidade Federal da Paraíba.



Psico-Oncologia: a visualização como recurso terapêutico.

O CHRONOS – Centro Humanístico de Reabilitação em Oncologia e Saúde, é um serviço que funciona junto ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, teve início em março/1999 e é coordenado pela Profa. Dra. Elisa Maria Parahyba Campos. Este serviço segue um modelo psicossocial baseado em serviços similares existentes na Europa e Estados Unidos. É formado por profissionais voluntários que são treinados para a prática da Psico-Oncologia e que se interessam pelo estudo dos aspectos psicológicos envolvidos no adoecer do câncer. Por ser um serviço de caráter comunitário, os trabalhos são realizados com atendimentos semanais fundamentados na psicoterapia breve focal e baseados no programa de auto-ajuda criado pelo médico Dr. Carl Simonton. Este programa apresenta como recurso básico a técnica da visualização, que busca fortalecer o sistema imunológico e ajudar o paciente a enfrentar de forma mais ativa todo o processo de adoecimento. Para ilustrar, apresentaremos fragmentos de alguns casos atendidos pelo CHRONOS, onde a técnica de visualização foi utilizada, destacando assim sua importância como fim terapêutico. Nestes casos, observou-se após algumas sessões que aspectos como redução de stress, aumento na auto-estima e melhora no prognóstico da doença tiveram uma relação estreita com a utilização da técnica, não apenas quando administrada nas sessões como pelo próprio paciente.

Campos, Elisa M. Parahyba; Machado; Patrícia M. Abreu; Risso, Iolanda; Genezini, Debora.

Universidade de São Paulo; UnG; CHRONOS – Centro Humanístico de Reabilitação em Oncologia e Saúde.



Psicoterapia Breve com presidiários.

Objetivo: Este trabalho tem o intuito de apresentar a atuação do psicólogo em um presídio do estado de São Paulo, descrevendo a prática de atendimento clínico psicoterápico aos presidiários, utilizando-se técnicas de psicoterapia breve (ou de curta duração) – priorizando um determinado problema. **Descrição:** Normalmente a função do psicólogo em um presídio é de atuar como perito nas avaliações criminológicas em que o sujeito avaliado é o presidiário, que após cumprir parcialmente sua condenação, habilita-se a pleitear sua liberdade antecipada. Nos casos em que a avaliação técnica conclui ser precoce a progressão, o sujeito em questão é chamado para se cientizar da decisão da Comissão Técnica de Avaliação (da qual o psicólogo faz parte). Ao tomar ciência da decisão, o presidiário é informado que o setor de psicologia oferece atendimento, desde que solicitado, para tratar de assuntos que lhe forem importantes, entre eles sua inadequação momentânea (?) para se beneficiar com a progressão de regime. Em outras situações não avaliativas (reuniões com grupos de recém chegados à Instituição, entrevistas individuais de coleta de dados), o presidiário é também informado sobre a possibilidade de atendimento individual caso sinta necessidade. **Síntese da prática:** As psicoterapias breves, de orientação psicodinâmica ou existencial-fenomenológica, caracterizam-se pelo tempo limitado, e por buscarmos num curto espaço de tempo, promover mudanças no modo do paciente se relacionar com o mundo. Este tipo de atendimento vem se tornando a mais apropriada para a população usuária de serviços públicos, devido à grande demanda de interessados e a impossibilidade de se instalar processos terapêuticos nos moldes tradicionais de longa duração. **Procedimento:** Devido a facilidade de chegar aos diversos setores do presídio (os presidiários não ficam em celas) os interessados dirigem-se diretamente à sala da Psicologia para manifestar seu interesse em ter acompanhamento psicoterápico. Devido a contato anterior em grupo ou entrevista individual com um dos psicólogos, o interessado solicita acompanhamento com o profissional específico, ou na impossibilidade, outro profissional assume a responsabilidade pelo caso. O psicólogo anota o nome e o número de identificação do interessado para que seu atendimento seja agendado o mais breve possível, dentro da semana em que foi feita a solicitação. O atendimento ocorre em sala específica, respeitando-se a privacidade do interessado. **Resultados:** Após algumas sessões semanais, em que o problema específico foi amplamente abordado, o acompanhamento é suspenso. Depois de 30 dias do encerramento, o presidiário é convidado a retornar e expressar seu momento de vida atual, principalmente com relação ao problema abordado. Os relatos indicam uma melhora no padrão de relacionamento interpessoal, confirmado pelas informações obtidas junto ao setor de Segurança e Disciplina, e em alguns casos, consegue obter sucesso nas avaliações posteriores (Livramento Condicional e Regime Aberto). **Indicação teórica:** Yoshida, E.M.P. (1990) Psicoterapias Psicodinâmicas Breves e Critérios Psicodiagnósticos, São Paulo: EPU. Burow, O & Scherpp, K (1985) Gestaltpedagogia: um caminho para a escola e a educação, São Paulo: Summus. Perls, F.S. (1988) Abordagem Gestáltica e testemunha ocular da terapia, Rio de Janeiro: Guanabara. Ribeiro, J.P. (1999) Gestalt-terapia de curta duração, São Paulo: Summus.

Paulo Alexandre Fernandes.

PUC -Campinas; Instituto Penal Agrícola Dr. Javert de Andrade; UNIP.



Psicoterapia breve operacionalizada-PBO com adolescentes da rede pública da cidade de Santos - s.p.: uma contribuição à psicologia preventiva.

Objetivo: verificar a eficácia do método da Psicoterapia breve operacionalizada-PBO com adolescentes da rede pública, de ambos os sexos e na faixa etária de 16 a 18 anos. Descrição do método: os instrumentos usados na pesquisa foram: o questionário da Escola paulista de medicina EPM, a Escala diagnóstica adaptativa operacionalizada –EDAO e a Psicoterapia breve operacionalizada-PBO. O questionário foi utilizado em 104 adolescentes que concordaram em responde-lo após explicação do pesquisador, o que ocorreu na escola de origem dos jovens. O questionário mostrou que 74 adolescentes estavam com a adaptação ineficaz. Foram chamados para entrevista diagnóstica-EDAO. Compareceram 62, e concluíram o diagnóstico 60 adolescentes. Em dois casos houve desistência por parte dos jovens. Do grupo de 60 elementos, 12 foram diagnósticos como pertencendo aos grupos 4 (adaptação ineficaz severa) e 5 (adaptação ineficaz grave), portanto, foram excluídos da pesquisa. A amostra final foi de 48 jovens, que após sorteio, passaram a constituir dois grupos –Experimental no qual foi aplicado o método da Psicoterapia breve operacionalizada - PBO e Controle no qual não aplicado o tratamento. Em ambos os grupos o pesquisador realizou as entrevistas iniciais, a EDAO, o tratamento e entrevistas finais. As entrevistas finais foram encaminhadas para duas psicólogas. Elas receberam as entrevistas separadamente e uma não teve acesso ao diagnóstico feito pela outra. Aqueles diagnósticos nos quais as duas psicólogas divergiram foram encaminhados pelo pesquisador para uma terceira psicóloga. As situações-problema iniciais de cada jovem tiveram a sua evolução avaliada através das entrevistas finais nos dois grupos. Essa pesquisa foi orientada pelo prof. dr. Ryad Simon, titular do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo-USP. Síntese sucinta dos resultados: o método da Psicoterapia breve operacionalizada-PBO é eficaz com adolescentes da rede pública escolar em ambos os sexos e na faixa etária de 16 a 18 anos. Indicação da parte teórica: A compreensão do caso é Psicanalítica e a atuação numa base Fenomenológica.

Helio Alves.

Universidade católica de Santos – Unisantos.



Psicoterapia de Grupo em Crianças com Vitiligo: Relato de uma Experiência Desenvolvida na UNICAMP.

O Vitiligo é uma anomalia pigmentar adquirida, muitas vezes desfigurante, manifestada por áreas brancas despigmentadas, circundadas por borda normal ou hiperpigmentada. Afeta todas as raças, ambos os sexos, na proporção de 1% da população mundial e aproximadamente 50% dos pacientes desenvolvem alguma forma da doença antes dos 10 anos de idade. Este trabalho tem como objetivo, refletir sobre uma experiência institucional desenvolvida no setor de saúde mental infantil do Departamento de Psicologia Médica e Psiquiatria (DPMP) em parceria com a disciplina de dermatologia da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP, em Campinas, São Paulo, Brasil. Nove crianças com vitiligo, de idades entre 8 e 12 anos, participaram de Psicoterapia de Grupo, quinzenalmente, com duração de uma hora, simultâneo ao grupo de pais ou responsáveis. Foram realizadas trinta sessões, durante 1998/1999. Além disso, as crianças foram avaliadas mensalmente e fizeram uso de medicação específica (Vitacromin) associada à fototerapia. Foram observadas mudanças no comportamento das crianças, melhora no desempenho escolar, desinibição, fortalecimento dos vínculos familiares e principalmente todas as crianças apresentaram algum grau de repigmentação das lesões, sem progressão da doença em nenhum caso. Estes resultados preliminares nos permitem recomendar a Psicoterapia de Grupo como tratamento concomitante do Vitiligo.

Maria José Franklin Moreira; Sandra Braghini; Luciane Faleiros Lombello; Jair Franklin Oliveira Júnior; Ana Maria Uthida Tanaka.

UNICAMP.



Psicoterapia Dinâmica Breve.

Venho acompanhando e constatando a grande difusão e aceitação da Psicoterapia Dinâmica Breve, assim como o crescente interesse pela mesma e sua valorização por parte dos profissionais da área de saúde mental, em nosso meio clínico, nos últimos 20 anos. Em 1980, quando defendi a minha dissertação de mestrado, “A aplicabilidade da Psicoterapia Breve na psicologia clínica comunitária brasileira”, na PUC/CAMP, sob a orientação do meu mestre e orientador Dr. Maurício Knobel, a Psicoterapia Breve era ainda pouco difundida em nosso meio clínico e era tratada com reservas por muitos psicólogos e psicoterapeutas e até com certo ceticismo, sendo considerada uma “psicoterapia menor”, de pouca confiabilidade terapêutica. Na época prevalecia, em nosso meio, um apego irrestrito ao modelo de terapia psicanalítica a longo prazo e a idealização da mesma. Atualmente, a técnica breve vem, progressivamente, ganhando espaço no campo da saúde mental no Brasil, em decorrência da atual solicitação por técnicas terapêuticas pragmáticas, flexíveis e economicamente viáveis; por um lado, para atender as amplas necessidades de atendimento psicológico da população e, por outro, em decorrência de uma “cultura da pressa”, resultante das rápidas transformações e inovações tecnológicas atuais que vivemos. Ela apresenta-se como a alternativa psicoterápica mais viável para atender a demanda crescente de assistência psicológica e para a expansão do Movimento de Saúde Mental Comunitária, ora em desenvolvimento no país. Hoje ela é utilizada com frequência nos serviços psicológicos instalados nos mais variados contextos: em instituições de saúde, de ensino, hospitais, clínicas-escolas, organizações e em consultórios. A procura por cursos de formação e especialização nessa abordagem é crescente. Embora ela seja fundamentada nos conhecimentos da Psicanálise, a mesma é distinta da técnica psicanalítica clássica e tem as suas características próprias. “Ela pode ser sucintamente definida e compreendida como uma técnica psicoterápica ativa, de tempo e objetivos limitados, com a aplicação consciente e planejada de conceitos psicanalíticos, dentro de uma abordagem flexível e individualizada” (AZEVEDO, 1988). Apresenta como principais características: - Comportamento ativo por parte do terapeuta. - Coleta inicial abrangente dos dados de vida do paciente para elaboração de um “diagnóstico total” do mesmo. - Delimitação de um foco para o trabalho clínico, condição “sine qua non” para sua realização. - Estabelecimento de objetivos e tempo limitados. - Planificação da terapia e flexibilidade para atender as necessidades individuais dos diferentes pacientes. - Atendimento “tête-à-tête”, uma ou duas vezes por semana. - Manejo especial da transferência e da regressão. - Facilitação de experiências emocionais corretivas. - Requer boa motivação por parte do paciente. Ela é especialmente indicada para casos de crise ou quadros agudos, de origem recente, ou quadros neuróticos não-crônicos. No Centro de Psicologia Aplicada da UNESP/Bauru, como supervisora, há 10 anos venho desenvolvendo um trabalho de atendimentos breves à comunidade de Bauru e cidades vizinhas. O mesmo é desenvolvido dentro do Estágio em Psicoterapia Dinâmica Breve, do qual participam os estagiários que optam por este, dentre outros da área clínica, em seu último ano de formação. Muitos são os pacientes beneficiados e os estagiários têm a oportunidade de participar, como terapeutas, de um processo psicoterápico que tem começo, meio e fim. Além de beneficiar muitas pessoas da comunidade, o estágio contribui para a formação de psicólogos conscientes da nossa atual realidade e socialmente comprometidos.

Maria Alice S. B. de Azevedo.

Universidade Estadual Paulista (UNESP), Bauru, SP.



Psicoterapia para idosos: utopia ou realidade?

Embora a psicoterapia tenha ganhado maior credibilidade em nossa sociedade, ainda encontramos grande dificuldade à aceitação deste tratamento. A resistência é ainda maior quando nos referimos à psicoterapia para idosos. Este trabalho relata duas experiências psicoterapêuticas de grupo para idosas. Um dos grupos foi atendido em ambulatório e o outro em clínica escola, as participantes eram independentes fisicamente e com as funções cognitivas preservadas. No Ambulatório do Hospital do Servidor Público Estadual o grupo era composto por dez idosas de 65 a 80 anos. Na clínica psicológica da Pontifícia Universidade Católica - São Paulo, foi atendido um grupo de oito idosas, com idade de 58 a 83 anos. Os encontros eram semanais, com sessões de uma hora e meia, pelo período de um ano, com possibilidade de reencaminhamento. As pacientes, de ambos os grupos, foram encaminhadas através de médicos psiquiatras, clínicos gerais, geriatras ou, ainda, procuram o atendimento espontaneamente. Os principais temas abordados foram: perdas físicas; solidão; depressão; medo – de enfrentar o futuro, do novo, da dependência, do abandono, da morte, insegurança, dificuldade de inserção social e o abalo frente as estereotipias sociais. Nos dois grupos as idosas puderam ressignificar a percepção de si, seu lugar no mundo e a sua possibilidade de atuação. Perceberam a velhice como etapa inerente ao processo de desenvolvimento e também como momento de aquisição, podendo estabelecer planos e projetos para a sua vida.

CALDERONI, Sila Z. ; MAKI, Mirian A. ; ZACHAREWICZ, Fernanda; Regina Célia Gorodscy; Ruth G. da Costa Lopes.

Pontifícia Universidade Católica - PUC / SP.



Psicoterapia psicanalítica com portadores de deficiência mental.

Nos atendimentos realizados com portadores de deficiência mental (crianças e adolescentes) é utilizada a linha psicanalítica, que propõe utilização da técnica lúdica onde a criança fica livre para brincar, e o terapeuta deve interpretar o brincar auxiliando na elaboração dos seus conflitos internos. A criança brinca por prazer e, a repetição dessa, é usada para elaborar uma situação dolorosa, que é excessiva para seu ego. Os estudos teóricos e a análise de casos mostraram que os conceitos utilizados na normalidade se aplicam na deficiência mental. No entanto, os portadores de deficiência mental têm um desenvolvimento mais demorado, o que acarreta discrepância entre o esperado como típico da idade e a fase que a criança se encontra. Por esse atraso, a técnica lúdica é eficaz no tratamento dos deficientes mentais, tanto na criança como no adolescente e cada um tem suas particularidades, mas passam por situações comuns, podendo salientar como comuns: o atraso intelectual e simbólico; falhas da estruturação do ego e por causa disso os conflitos se tornam mais difíceis de serem elaborados. As famílias muitas vezes têm dificuldades em aceitar esse filho diferente, considerando ora é um anjo puro, dócil e amável ora uma pessoa incontrolável. Todos esses fatores dificultam a estruturação psíquica e desenvolvimento da pessoa portadora de deficiência mental. Quanto mais estimulação e investimento, melhor o desenvolvimento. E neste processo, a psicoterapia é importante, tanto no auxílio aos pais e à instituição frente à criança diferente, quanto ao próprio deficiente, auxiliando-o na descoberta de si mesmo, das suas potencialidades e individualidade. O estudo proposto por este trabalho mostra que, apesar das dificuldades e limites do deficiente e os próprios limites do terapeuta, que não está acostumado a essa clientela, e de ter poucos materiais científicos sobre a terapia com deficientes mentais, pode-se concluir que a psicoterapia psicanalítica é eficaz com os portadores de deficiência mental. Este estudo parece confirmar os resultados obtidos pela pesquisa de Plá e uma equipe de psicólogos, que concluíram: • Que o potencial de desenvolvimento psíquico nas crianças com Síndrome de Down é maior do que o aceito tradicionalmente; • Sua personalidade é tão variável quanto de qualquer outra criança. E esta é relacionada mais com o tipo de criança, o vínculo desenvolvido com seus familiares e sua aceitação social do que com a etiologia de natureza genética da síndrome; • O nível de retardo mental é o resultado final de convergência de fatores orgânicos e psicossociais adquiridos ao longo do desenvolvimento. • Uma intervenção que modifique os fatores psicossociais pode incrementar consideravelmente as manifestações de suas potencialidades; • A criança pode desenvolver uma estrutura subjetiva, ainda que enfrente maiores dificuldades que a criança normal; quando colocados em boas condições para o desenvolvimento, o seu rendimento mental é aumentado, o que permite que tenha um melhor aprendizado e também apresente mais compreensão das situações de conflito. Não podemos afirmar o quanto a criança pode evoluir, pois existem limites impostos pela própria deficiência. Mas os benefícios existem, e a psicoterapia pode contribuir muito com o desenvolvimento com a promoção de uma melhor qualidade de vida dos portadores de deficiência mental.

Andréa Vani; Célia Terra.

PUC-SP.



Psicoterapia psicanalítica e acompanhamento terapêutico: uma aliança de trabalho.

O objetivo deste trabalho é refletir sobre as vicissitudes teóricas, técnicas e metodológicas da psicoterapia em abordagem psicanalítica à pacientes com psicopatologias graves, focando os momentos de surto psicótico, em especial de confusão mental e agressividade, que geram também crises na psicoterapia. Discute-se, o caso clínico de um adolescente borderline, que se encontrava em um estado de desintegração mental, se colocando em constantes riscos de vida, em que as emoções e fantasias arcaicas oscilavam entre a total fragilidade e dependência, até a extrema arrogância e triunfo, impossibilitando-o de reconhecer vínculos, sobrecarregando conseqüentemente, a relação transferencial, com violentas atuações. A partir dessa exposição, apresenta-se como surgem nessas situações, os impasses necessários (CASSORLA, 1998) que podem ser vistos como momentos que ocorrem em todas as relações psicoterapêuticas com esse tipo de pacientes, podendo gerar a re-construção de novas possibilidades e significados, que incluem desde encaminhamento a um psiquiatra, à interrupção dos atendimentos por um limite curto ou prolongado de tempo, até a inserção de um acompanhante terapêutico (AT) ao processo. A inclusão de um AT surge como uma forma do mesmo constituir-se em uma nova Companhia Viva (ALVAREZ, 1994), ou seja, um cuidador humano consistente no dia-a-dia do paciente, possibilitando sua reinserção em seus espaços de vida (escola, clubes, amigos, familiares e a própria psicoterapia), fortalecendo suas funções egóicas. Todas essas intervenções devem ser respaldadas pela condição do profissional nomear e conceituar seus procedimentos, também junto à família, mantendo uma atitude realística. Sendo assim, o trabalho passa a configurar-se como um trio composto pelo paciente, o psicólogo clínico e o acompanhante terapêutico. É importante ressaltar que os profissionais utilizam-se de técnicas e modos de intervenção próprios, mas ambos trabalham com o método psicanalítico. O acompanhante terapêutico atende no domicílio do paciente, auxiliando-o em suas funções de ego e acompanhando-o no seu cotidiano, buscando sua integridade física e mental. Na psicoterapia, a interpretação da relação transferencial possibilita a compreensão de suas angústias, defesas e fantasias inconscientes. Por fim, a aliança de trabalho formada, soma esforços clínicos na mesma direção: a promoção da qualidade mental e social do paciente.

Helga de Souza Machado Quagliatto; Ricardo Gomides Santos.

Centro Universitário do Triângulo - UNIT; Universidade de Uberaba - UNIUBE; Federal de Uberlândia - UFU.



Psicoterapia psicanalítica infantil e saúde mental coletiva.

Introdução: Através da atuação profissional em instituições de saúde pública, voltadas também ao atendimento psicológico a crianças, percebe-se uma grande demanda pela psicologia infantil nos Postos de Saúde do município de Assis (SP). Estes, denominados CAPS – Centro de Apoio à Saúde, são a “porta de entrada” para que, após a realização de triagem por profissional de psicologia, crianças e/ou seus familiares ou responsáveis sejam encaminhadas para serviços de psicologia, fonoaudiologia, psiquiatria, clínica médica geral ou especializada, entre outros. Nota-se, portanto, a extrema importância deste momento-a triagem-na condução de todo um processo psicodiagnóstico e de tratamento infantil. **Objetivo:** estudar, conceituar, exercitar e refletir acerca do atendimento infantil em instituições de saúde mental coletiva, especificamente estudar acerca da realização das triagens com crianças e suas famílias através de um suporte teórico psicanalítico com abordagem Kleiniana. **Método:** através de realização de estágio supervisionado, nove estagiárias de 4º e 5º anos do Curso de Psicologia da Unesp de Assis, têm atuado semanalmente, com triagens agendadas, nos sete (07) CAPS do município, sendo que este trabalho desenvolveu-se durante todo o ano de 2001 até a presente data. As triagens são realizadas através de entrevistas com pais e/ou responsáveis e com a criança, utilizando também, quando avaliado necessário, entrevistas com profissionais de instituições escolares, assistenciais ou Conselho Tutelar. O objetivo do uso desta metodologia é o esclarecimento o melhor possível das variáveis envolvidas na procura pelo serviço. Em alguns casos utiliza-se técnica projetiva e/ou psicométrica, caracterizando-se o processo psicodiagnóstico. A atuação nos CAPS inclui a realização de orientação a pais e de atendimentos em processos psicoterápicos considerados breves. **Resultados e conclusões:** até o mês de junho de 2002 foram beneficiados com este projeto: 390 crianças atendidas em processo de triagem, 21 pais foram atendidos em processo de orientação/aconselhamento, após a triagem; 25 crianças atendidas em processo psicodiagnóstico, após a triagem e 12 crianças atendidas em processo psicoterápico pelos estagiários do projeto. Além do mais, até o momento, os resultados obtidos, apontam que este procedimento de triagem “prolongada” tem indicado terapêuticas adequadas, evitando encaminhamentos para atendimento psicológico da criança quando esta não é o doente no grupo familiar e também tem sugerido a necessidade de organização de grupos específicos para atender pais, por exemplo. Conclui-se, então, que este estudo pode embasar o desenvolvimento de programas tanto curativos, quanto preventivos em serviços públicos de saúde mental.

Amanda Maria de Sousa Gesualdi; Ana Luiza Bersi do Val; Diana Pancini de Sá Antunes Ribeiro; Eliane Cristina Santichi; Maria de Lourdes dos Santos; Maria do Socorro Furlan; Patrícia Correa Cortela; Patrícia Massae Kajita; Roberta Sekita; Solange Messias da Silva.

UNESP.



Psicoterapias breves psicodinâmicas: produção científica nacional e estrangeira.

Apresenta resultados parciais da avaliação da produção científica sobre as psicoterapias breves psicodinâmicas (PBs), procurando traçar um paralelo entre a produção estrangeira e nacional, nas duas últimas décadas. Utiliza como fonte de informação as bases de dados PsycINFO, Medline, Lilacs, Indexpsi e Teses Brasileiras. Procede à análise quantitativa dos resumos, obtendo um perfil quanto a: 1. Autores (nomes, número de referências por autor, número de autores por referência); 2 Tipo de contribuição científica [Estudo empírico (EE), Relato de experiência (RE), Revisão de literatura (RL), Trabalho teórico (TT) e Trabalho teórico ilustrado (TTI) ; 3. No caso de EEs, verificou-se os objetivos da pesquisa (estudo de caso, pesquisa de processo, de resultados, processos e resultados, follow-up, medidas e procedimentos para indicação de PB, meta-análise, avaliação de programa e validação de medida de avaliação); 4. faixa etária da população-alvo. Obteve-se 489 documentos com o cruzamento das palavras: brief dynamic psychotherapy; short term psychodynamic psychotherapy; short term dynamic psychotherapy e time limited psychodynamic psychotherapy. As bases internacionais foram responsáveis por 76,28% da produção e as nacionais 23,72%. Predominam as produções de autoria única e autores com uma única referência nos dois grupos (autores estrangeiros e nacionais). Apesar dos estrangeiros terem maior dispersão quanto ao nº de referências/autor, a produção média não é significativamente diferente da nacional ($t=0,03$). Nas bases internacionais predominam EEs (35,39%), onde se destacam os estudos de follow-up (21,57%), que permitem o acompanhamento das mudanças observadas ao término dos processos. Vêm em seguida TTs (16,35%) e REs (15,28%). Nas bases nacionais a ordem dos dois primeiros é invertida. Tem-se: TTs (23,27%), EEs (21,55%) e REs (17,24%), sendo que dentre os EEs prevalecem as pesquisas de resultados (39,13%), seguidas das de processos e resultados (26,08%). Quanto à faixa etária da população-alvo predominam as propostas voltadas para adultos nas duas realidades. No entanto, no Brasil, as crianças e adolescentes contam com um volume relativamente superior de trabalhos (respectivamente, 8,62% e 4,31%), se comparados à produção internacional, onde são quase inexistentes (crianças, 1,07%; adolescentes 2,41%). Quanto aos idosos têm merecido muito pouca atenção na literatura sobre PBs nas duas realidades, já que são objeto de 1,72% dos trabalhos nacionais e 2,14% dos internacionais. Os dados tratados até o momento permitem afirmar que, embora quantitativamente inferior à produção internacional, a produção nacional possui qualidade científica compatível com os desenvolvimentos na área e já apresenta um perfil próprio que deve se consolidar nesta década.

Elisa Medici Pizão Yoshida; Tales Vilela Santeiro; Fabíola Ribeiro Moraes; Gláucia Mitsuko Ataka da Rocha.

Pontifícia Universidade Católica de Campinas; Universidade de Franca.



Qual a percepção da ferramenta computador por alunos universitários.

Partindo da idéia de computador como “ferramenta” de trabalho próprio e/ou como instrumento utilizado com objetivos profissionais, neste estudo procurou-se definir como alunos universitários logo, futuros profissionais, dão importância a este instrumento mediador, particularmente durante o processo formativo. Considerando que a contribuição da informática pode ser traduzida como capaz de proporcionar melhores condições no processo educativo, criar condições para o incremento de novas capacidades e potencialidades para o futuro e disponibilização de informação em menor tempo. Questionou-se assim a importância da criação de recursos humanos mais habilitados ao uso desta “ferramenta”. A pesquisa implicou numa análise de dados, obtidos através de um questionário estruturado, aplicado em uma instituição de ensino superior, a Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI, e seu conteúdo compreendem o uso do computador, tanto em seu aspecto físico quanto em sua importância para a própria formação. Metodologicamente, a população alvo que está dividida em dois estratos, uma primeira composta por vinte alunos do curso de Biotecnologia, o qual possui a disciplina de informática como obrigatória em sua grade curricular. E o outro grupo por vinte alunos do curso de Psicologia que não possuem a referida disciplina. Ambos encontram-se no quinto semestre de seus respectivos cursos. Foi possível observar através da análise exploratória multidimensional que os alunos universitários constroem seus conceitos e valores mediante a aproximação com estes meios e, portanto questões como as que envolvem a necessidade de uma criação do ensino formal e a utilização destas “ferramentas” estão vinculados a conhecimentos prévios assim como também a utilização do mesmo. Com estes resultados, se fortalece uma discussão que permita a tomada de decisão no sentido de incorporar atividades que possibilitem maior uso de computador como instrumento mediador do aprendizado.

Natalia Piñero Verdinelli.

Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI.



Qual é o babado? A inserção da Psicologia numa entidade gay.

O Grupo Dialogay de Sergipe (GDS) é uma organização não-governamental fundada há 21 anos com o objetivo de dar visibilidade aos direitos dos homossexuais. Ao longo dos anos houve uma ampliação dos objetivos da entidade e, hoje, questões ligadas à habitação, saúde, educação e segurança pública são também defendidas pelo grupo. Partindo-se do pressuposto de que a Psicologia deve contribuir com seu conhecimento para a análise sobre o preconceito, discriminação e estigmatização contra aqueles que apresentam comportamento ou prática homoerótica, profissionais da Psicologia vêm coordenando, desde novembro de 2001, um espaço permanente dentro dos trabalhos desenvolvidos pela instituição. Este espaço, chamado Quarta das Provocações, é aberto à comunidade e freqüentado por cerca de 20 a 30 pessoas por encontro; um lugar onde as pessoas expõem suas idéias, suas crenças e experiências sobre temas como desvalorização do meio gay, religião x homossexualidade, direitos humanos, relações afetivas, homossexualidade e terceira idade, drogas, entre outros, através de textos, vídeos e dinâmicas. Tendo como referencial teórico as idéias de Michel Foucault, Izidoro Blinkstein e Eliseo Véron foi realizada a análise dos discursos produzidos durante esses encontros. Sentidos como promiscuidade, violência, superficialidade, marginalidade foram atribuídos à prática homossexual, os quais sugerem a reprodução do discurso de uma sociedade homofóbica.

Ana Paula Rodrigues dos Santos; Marcos Ribeiro de Melo.

Grupo Dialogay de Sergipe.



Qualidade de Vida e Desenvolvimento.

O trabalho se baseia em pesquisa de campo etnográfica realizada na cooperativa dos catadores de lixo do Aterro Metropolitano do Rio de Janeiro localizado em Jardim Gramacho, Duque de Caxias. Neste aterro, os catadores separam lixo reciclável para vender trabalhando como autônomos no local de despejo do lixo ou na cooperativa. Através da análise da história de vida de 20 catadores, procura-se compreender como as condições sócio-econômicas de vida deste grupo influenciaram e/ou determinaram suas opções e escolhas de trabalho e estratégias de sobrevivência, inclusive dentro do próprio aterro. Por outro lado, examina-se como a cultura local do trabalho com o lixo afeta a identidade social dos catadores e suas noções de cidadania e direitos humanos. Local: A Catação de Lixo como Estratégia de Sobrevivência.

Rosane Marques de Souza; Cecília de Mello e Souza; Tami Bresciani; Vanessa Fonseca; Fabiana Gaspar; Bianca Bergamo.

Universidade Federal do Rio de Janeiro.



Qualidade de vida no trabalho (QVT) - a visão de gerentes de recursos humanos.

Nosso objetivo consistiu em verificar a importância atribuída pelas empresas à QVT como fator de desenvolvimento dos negócios. A QVT envolve a satisfação das pessoas com a tarefa realizada, com o ambiente psicológico onde ela se desenvolve e a percepção desta experiência como positiva ou negativa. Inclui também reações afetivas à esta situação, ligadas ao atendimento de necessidades pessoais, tanto no trabalho quanto na vida particular. Alguns pesquisadores definem a preocupação atual com a QVT como uma experiência de humanização do trabalho e outros como uma tentativa de levar a integridade à situação de trabalho. Para tanto, foi elaborado um questionário apoiado teoricamente nos autores Möller (1992), Byham (1992) e Peters (1989), com quatro opções de resposta e dez itens que serão enumerados na análise dos dados. Sua validação ocorreu através de análise de conteúdo; para o projeto piloto foram usados como juízes: dois docentes com experiência na área e cinco gerentes de recursos humanos. Em 2001, esse questionário foi aplicado em 23 gerentes de recursos humanos de empresas de grande porte (industriais e serviços), privadas, de capital nacional ou estrangeiro, localizadas no RJ, com acesso à alta administração (90,9%) e em empresas que utilizavam os princípios da Qualidade Total (86,4%); a média de idade dos participantes foi 38,3 anos e 68,2% eram do sexo feminino. 1- Os empregados parecem insatisfeitos com o trabalho que realizam, não o consideram importante e não acreditam nele (54,5%), e a responsabilidade pessoal não é inerente a todos (68,2%). 2- O crescimento profissional não acompanha as necessidades face à competitividade empresarial: 72,7% não avaliaram o desempenho departamental e 95,4% consideraram estressante o tempo disponível para as tarefas. 3- Em crescimento pessoal 91,3% estão insatisfeitos quanto às aspirações de carreira e promoções. 4- Em investimento nos empregados observa-se que recebem salários e treinamento em níveis médios ou abaixo da média (82,6% e 80,9% respectivamente); e médios ou acima da média em benefícios (84,2%). 5- Na tomada de decisão, 78,3% dos empregados receiam propor sugestões embora 30,4% as apresentem sobre aspectos de sua competência. 6- Na relação empregado-empresa, há baixo nível de compromisso espontâneo por parte dos empregados (21,7%). 7- Há baixo nível de delegação (8,9%) e 26,1% consideraram as metas, resultados e medidas de avaliação suficientemente esclarecidos. 8- O ambiente físico possui 100% de limpeza no local de trabalho e 100% em instalações físicas, com recursos materiais em 82,6%. 9- As formas de comunicação habituais para ordens de serviço não são claras (60,8%). 10- O ambiente organizacional possui níveis baixos de criatividade (13,6%), entusiasmo (13,6%), igualitarismo (22,7%), alegria/descontração (27,3%), ética (36,4%) e cordialidade (45,5%). Os resultados apontam que há muito a c o n s t r u i r para a QVT.

Fátima Pereira.

Universidade Gama Filho.



Qualidade de vida no trabalho (QVT) – um estudo comparativo.

Nosso objetivo consistiu em verificar a importância atribuída pelas empresas à QVT como fator de desenvolvimento dos negócios num período de seis anos. A QVT envolve a satisfação das pessoas com o trabalho que realizam, com o ambiente psicológico onde ela se desenvolve e a percepção da experiência como positiva ou negativa. Inclui também reações afetivas a esta situação, ligadas ao atendimento de necessidades pessoais, tanto no trabalho quanto na vida particular. Para tanto, foi elaborado um questionário apoiado teoricamente nos autores Möller (1992), Byham (1992) e Peters (1989), com quatro opções de resposta e dez itens que serão enumerados na análise dos dados. Sua validação ocorreu através da análise de conteúdo na amostra piloto; os conceitos foram avaliados por gerentes de recursos humanos e docentes com experiência na área. Os participantes desta pesquisa foram 53 gerentes de recursos humanos (30 em 1995 e 23 em 2001), de empresas de grande porte (industriais e serviços), privadas / RJ; com acesso direto à alta administração (55% e 90,9%) e utilizavam conceitos da Qualidade Total (83,3% e 86,4%). 1- Os empregados parecem insatisfeitos com o trabalho que realizam: 16,7% e 45,5% consideraram o seu trabalho importante e 23,3% e 31,8% de responsabilidade pessoal inerente a todos. 2- O crescimento profissional está distante dos princípios da Qualidade Total: 40,7% e 50% dos empregados têm conhecimento de sua avaliação de desempenho e 11,5% e 22,7% das providências tomadas; 36,7% e 27,3% realizam avaliações departamentais e 13,3% e 4,5% avaliaram que o tempo disponível para tarefas está adequado. 3- O crescimento pessoal não está a contento: 0% e 8,7% consideraram satisfatório suas aspirações de carreira e promoções; as empresas reconhecem de imediato as boas idéias apresentadas 66,6% e 73,9%, porém investem 3,3% e 21,7% em incentivos financeiros. 4- A tomada de decisões é insatisfatória: 75,9% e 78,3% dos empregados receiam apresentar sugestões e 20% e 30,4% as apresentam. 5- A relação empregado-empresa está insatisfatória: 26,7% e 36,4% promovem senso de auto-estima e 26,7% e 21,7% apresentam compromisso espontâneo para com a empresa. 6- Em relação as condições onde se desenvolve o trabalho são muito boas: há disponibilidade de equipamentos 96,7% e 82,6%, instalações físicas 83,3% e 100%, e limpeza no local de trabalho 96,7% e 100%. 7- As formas de comunicação habituais para ordens de serviço não são claras 13,3% e 39,1%. 8- A delegação é pouco praticada 0% e 8,7%; e metas, resultados e medidas de avaliação suficientemente esclarecidas por 10% e 26,1%. 9- Há baixo investimento nos empregados. Oferecem acima da média: salários (6,66% e 18,18%) e treinamento (46,2% e 19%) e na média ou acima: benefícios (30% e 27,3 %). 10- No ambiente organizacional observa-se percentuais baixos e crescentes em criatividade e cordialidade; e baixos e decrescentes em entusiasmo, igualitarismo, alegria/descontração e ética. Os resultados comparativos apontam que não ocorreram grandes variações no período de seis anos; há muito a construir para a QVT.

Fátima Pereira.

Universidade Gama Filho.



Quem paquera o corpo entrega.

Conforme o mito sobre o surgimento de Eros (o Deus do Amor), por um castigo de Zeus, os seres humanos deixaram de ser andrógenos, passando, a partir daí, a buscar incessantemente a outra metade que restituiria a plenitude perdida. Tal mito nos remete à reflexão sobre as estratégias de conquista utilizadas pelos amantes, sobretudo às atitudes mais sutis observadas em um indivíduo ao flertar com aquele que acredita ser sua unidade perdida. A sutileza deste ato está nos movimentos corporais executados, ou seja, na linguagem não-verbal expressa pelo corpo de homens e mulheres no momento do flerte. Pesquisas indicam que a importância das palavras é apenas indireta, pois mais da metade do conteúdo de uma conversa é transmitida através da comunicação não-verbal. A partir do exposto, a presente pesquisa tem por objetivo identificar e descrever a variação no comportamento de homens e mulheres em situação de flerte. Os dados foram coletados em locais públicos, os quais constituíram espaços que facilitaram a observação, bem como a anotação dos comportamentos manifestos. Observou-se 25 homens e 25 mulheres, aparentando ter entre 15 a 30 anos, sem restrição de raça, escolaridade e nível sócio-econômico, tendo como único critério a identificação da situação de flerte, e fez-se uso de uma planilha para o registro e organização das informações, a qual foi elaborada especialmente para este estudo. Ao final da pesquisa, pôde-se perceber que os tipos de comportamentos observados em situações de flerte foram, em forma decrescente de frequência, olhar para o (a) pretendente, sorrir para o outro, comportamento de rir alto e olharem-se 2/3 segundos ao demonstrarem interesse amoroso, arrumar o cabelo, tocar a própria face, inclinar-se em direção à pessoa flertada e a tocar casualmente. A literatura destaca seis comportamentos simples de flerte, contudo, na amostra da presente pesquisa, salientamos os oito comportamentos já citados e, a partir daí, notou-se que quatro condutas foram consonantes em ambas as fontes de investigação. Constatou-se, também, que dois dos comportamentos citados na literatura não foram observados nesta pesquisa, com tanta frequência. Ao realizar uma análise comparativa entre gêneros, pôde-se perceber que dos oito comportamentos observados em uma frequência considerável, 50% destes são comuns a homens e mulheres. Ainda, destaca-se o fato desta pesquisa encontrar comportamentos que não foram descritos anteriormente na literatura. Movimentos corporais sutis entre homens e mulheres fazem parte do jogo da sedução que antecede uma conquista. Desta forma, conhecê-los passa a ser um recurso para atingir o sucesso em situações de flerte. Tal êxito resulta em elevado apreço, que futuramente garantirá mais segurança para realizar as condutas de cortejamento. Percebe-se, então, que a influência do flerte não se restringe à busca da "unidade perdida", mas também tem grande relevância no que diz respeito à constituição da auto-estima dos indivíduos.

Camila Fonseca de Almeida; Linda Satie Matsui; Sabrina Costa da Fonte; Thâmara Oliveira Ulle; Isabel Cristina Dib Bariani.

PUC-Campinas.



Questionário de Saúde Geral e Escala Diagnóstica Adaptativa Operacionalizada Redefinida em estudantes universitários.

Objetivou verificar o grau de associação entre o Questionário de Saúde Geral (QSG) e da Escala Diagnóstica Adaptativa Operacionalizada Redefinida (EDAO-R) em uma amostra de universitários. Os sujeitos (N=52; sexo feminino N=31; sexo masculino N=21), provenientes de 14 diferentes cursos de graduação em uma universidade particular de São Paulo, cujas idades variavam entre 18 e 32 anos (X= 22 anos e 3 meses; DP= 3 anos e 8 meses), foram convidados em sala de aula e preencheram um cadastro para contato posterior, no qual se agendou a realização de entrevista semi-dirigida, gravada em áudio, e a aplicação do questionário. Dois juízes, com larga experiência na utilização da EDAO-R, avaliaram as entrevistas para verificação da eficácia adaptativa, obtendo índice de concordância considerado bom ($\kappa = 0,84$). Os resultados do QSG foram computados com o auxílio de uma planilha. Confrontados os resultados do QSG dos sujeitos aos resultados normais da amostra de padronização, 9,61% dos sujeitos apresentaram escore sintomático quanto à Saúde Geral; 15,38% quanto ao Stress Psíquico; 9,61 quanto ao Desejo de Morte; 7,69 quanto à Desconfiança no Próprio Desempenho; 11,54 quanto aos Distúrbios do Sono e 9,61 quanto aos Distúrbios Psicossomáticos. A EDAO-R revelou: 32,69% apresentavam-se com adaptação eficaz; 28,85% com adaptação ineficaz leve; 30,77% com adaptação ineficaz moderada; 7,69 com adaptação ineficaz severa) e 0,00% com adaptação ineficaz grave. As associações entre a EDAO - R e seus setores (Afetivo- Relacional e Produtividade) e o QSG e suas subescalas , testadas através da correlação de Pearson, revelou-se significativa ($p < 0,05$) para todas as confrontações, com exceção da subescala de distúrbios psicossomáticos do QSG e o setor de produtividade da EDAO- R, enquanto que houve forte associação negativa entre os distúrbios do sono com o setor produtividade, bem como associação também negativa entre os distúrbios psicossomáticos e o setor afetivo-relacional. Os resultados do Teste t evidenciam que os grupos eficaz e ineficaz leve não puderam ser discriminados entre si através do QSG. O grupo ineficaz severo sempre se distinguiu dos demais, sendo que apenas em distúrbios do sono não se diferenciou significativamente do grupo ineficaz moderado. Conclui que, de modo geral, os instrumentos apresentam evidência de validade concorrente, mas ressalva que o grupo ineficaz severo era bastante reduzido, podendo ter influenciado sobremaneira os resultados, além da inexistência do grupo ineficaz grave que, não representado na amostra, não pode ser aferido. Sugere a continuidade das pesquisas: com o objetivo de estabelecer normas do QSG em estudantes universitários e de incluir sujeitos que representem o grupo ineficaz grave.

Gatti, Ana Lúcia.

Universidade São Judas Tadeu – São Paulo.



Questões da adolescência.

Este projeto é desenvolvido no Colégio Padre Moye, em São Paulo, bairro do Limão, com aproximadamente 800 alunos de 5a série do Ensino Fundamental ao 3o ano do Ensino Médio. Tem o objetivo de discutir e refletir questões da pré e adolescência com jovens e propiciar momentos de formação para seus respectivos pais. Para os alunos são oferecidas oficinas com duração de 2 horas, que se desenvolve a partir de uma temática previamente escolhidos junto aos alunos. Os temas são apontados no instrumento de avaliação que é preenchido no final de cada oficina, a partir deste levantamento são escolhidos e divulgados os temas que serão trabalhados durante o semestre. Os grupos são formados por faixa etária, respeitando o momento do desenvolvimento. Os grupos espontâneos são formados com no mínimo 10 e no máximo 20 participantes. As oficinas ocorrem fora do período de aula, sendo que os(as) alunos(as) interessados(as) inscrevem-se com antecedência. A periodicidade das oficinas são mensais, quer dizer, cada aluno tem a possibilidade de inscrever-se para participar de uma oficina durante o mês. Os temas apontados como mais interessantes pelos participantes são: Sexualidade; Amizade; Família; Relacionamento; Preconceito; Drogas; DSTs/AIDS; entre outros. As oficinas acontecem em um ambiente diferenciado, fora de sala de aula, seguindo uma metodologia que propicie e discussão e a reflexão do grupo sobre o tema proposto. A metodologia adotada comporta: Dinâmicas de grupo, exercícios de relaxamento, abordagem psicodramática, sensibilização, improvisação, representações e discussão sobre situações apresentadas em vídeos, sem que se perca de vista o objetivo que se quer alcançar e a faixa etária que está compondo o grupo. Para os pais/mães, são organizadas palestras, durante a semana às 20h, e estas são pautadas nos mesmos temas trabalhados com os(as) alunos(as). A Coordenação do Projeto, que se denomina TeenMOYE, coordena as oficinas para os alunos(as), enquanto que para as Palestras para os familiares, são convidados especialistas na temática abordada. Este projeto acontece durante todo o ano letivo e busca sempre estar integrado com outras atividades e demandas da escola. Este projeto ganha uma importância maior, pois apesar de desenvolver-se em horário extra-aulas, não tem nenhum custo para os participantes e ter um caráter optativo.

Fulvio Fusaro Caratin; Neuza Maniezo; Viviane Puccinelli.



Questões de gênero no magistério e desqualificação da educação.

Este trabalho tem como objetivo discutir a feminização do magistério como um dos fatores que contribuiu para a desvalorização e desqualificação do trabalho do professor do ensino fundamental e médio na realidade brasileira. Do mesmo modo, temos como perspectiva evidenciar o que vem se constituindo como resistência dos professores a este processo, enquanto movimentos e práticas cotidianas. Esta investigação é parte do eixo teórico da pesquisa-intervenção “Psicologia e educação: trabalho docente, produção de subjetividade e saúde” realizada no CIEP Nação Mangueirense, escola da rede pública do Estado do Rio de Janeiro que atende a 2000 jovens de 5ª série do ensino fundamental à 3ª série do ensino médio. Entre outras questões, esta pesquisa problematiza os fatores preponderantes para uma efetiva transformação do cotidiano escolar. A constituição do campo de análise envolveu, em termos metodológicos, um amplo levantamento bibliográfico, análise de textos, entrevistas com os professores, experiências de campo através da observação participante no cotidiano escolar, bem como, o registro cuidadoso dos temas e do desenvolvimento de debates realizados nas reuniões com o corpo docente. Verificamos que a questão de gênero no magistério se destaca como um fator importante para a compreensão tanto da subjetividade do professor do ensino fundamental e médio, como do estatuto do trabalho docente na atualidade, sendo visto em grande medida como extensão do lar e não como profissão com implicações sócio-políticas e econômicas. Neste sentido, embora as polêmicas em relação às questões de gênero e suas vinculações com o magistério já sejam alvo de publicações nacionais e internacionais, ainda encontramos, no campo escolar, a configuração do magistério como sacerdócio, práticas de assistência e de cuidados. Em linhas gerais, em uma perspectiva histórica, podemos considerar que a condição feminina na sociedade brasileira e o modo de expansão não planejado da escolaridade obrigatória, articulados ao desinvestimento proporcional à demanda de educação na nossa realidade, constituíram o magistério como um lugar de ocupação predominantemente feminina. A desqualificação do magistério se deu em uma via de mão dupla: tanto devido à ocupação deste espaço pela mulher, desvalorizada em nossa sociedade, quanto pela precarização da educação. Assim, entendemos que as mudanças pretendidas nas condições de trabalho e saúde no magistério não têm uma causa única e determinante, mas uma complexidade de fatores, entre os quais a questão de gênero que vem se mostrando como um campo fundamental de investigação e intervenção para o psicólogo.

Marcela Cunha; Maria Rachel Bretãs; Melissa Marsden.

CNPq; FAPERJ; UERJ.



Reações emocionais de indivíduos frente ao desemprego.

Grande parte do mundo passa atualmente por um período de transições econômicas com implicações sociais e uma das mais graves vem a ser o desemprego. Várias áreas da ciência e da sociedade se mobilizam em busca de explicações para as causas e/ou diminuição deste problema social. O objetivo do presente trabalho foi fazer uma investigação acerca desse fenômeno social, identificando como o indivíduo está reagindo emocionalmente em relação à sua condição de desempregado, bem como suas expectativas de voltar a ser “ uma pessoa produtiva”. Para realização deste estudo os pesquisadores entrevistaram 100 indivíduos sendo destes 40 homens e 60 mulheres, que foram demitidos de seus empregos e que ainda encontravam-se desempregados, por período mínimo de 16 semanas; faixa etária variando entre 19 e 45 anos , enquanto o nível de escolaridade ficou entre a conclusão do segundo grau (67%), terceiro grau incompleto (23%) e o terceiro grau completo (9,2%). A maioria era solteira (77%) e 20% eram casados. Os sujeitos da pesquisa estavam em média há doze meses desempregados. Para a obtenção dos dados foi utilizado um questionário contendo 20 questões, sendo 6 sobre dados pessoais, 4 sobre identificação, 9 sobre os sentimentos que o indivíduo apresentava diante de sua situação de desempregado e 1 para que o sujeito acrescentasse algo que julgasse importante e que não fora perguntado. Os sujeitos foram entrevistados em cursos pré-vestibulares, agências de emprego e na central de bolsas da UFU (Universidade Federal de Uberlândia). Os questionários foram aplicados individualmente aos sujeitos que concordaram voluntariamente em colaborar com o estudo. Os dados foram tratados através do programa SPSS, calculando-se frequências, médias, correlações e testes de diferença entre médias e frequências. O corpo teórico do trabalho fundamentou-se principalmente em teorias relacionadas à motivação, percepção e atribuição de causalidade. Os resultados demonstraram que a maioria dos sujeitos se sente pressionada por estar desempregada. As necessidades financeiras foram apontadas como sendo as principais fontes de pressão para os indivíduos, sendo seguida pela pressão do próprio sujeito. Quando demitidos de seus empregos, a maioria (25%) conformou-se, 16% dos sujeitos apresentaram baixa auto-estima, 12% indiferença à situação, 10% indignação, 9% sentiram-se desesperados, 8% desamparados, 8% ansiosos e 3% relataram outros sentimentos. Pôde-se verificar que os pais e os amigos são os que mais fornecem apoio e estimulam os indivíduos a procura um novo emprego. A maioria enfrenta a situação com confiança e acredita poder evitar perder o emprego investindo em cursos e esforçando-se mais na tarefa que realizar, o que permite concluir que os sujeitos fazem atribuições internas à sua situação, assumindo grande parcela da culpa por estarem desempregados. Ao mesmo tempo em que o sujeito busca mudanças internas para sobreviver no mercado de trabalho, estas atribuições podem contribuir para diminuir a sua auto-estima.

Andressa Silva Freitas; Celso André de Souza Bastos; Dienay Souza de Oliveira; Liliana Cerveira de Souza; Luciane Medeiros Machado; Marília Ferreira Dela Coleta.

Universidade Federal de Uberlândia.



Reality shows: o desejo e suas implicações.

A polêmica gerada em torno dos Reality Shows, levou-nos a refletir acerca das transformações ocorridas na sociedade no que tange a valores referentes à visão do coletivo, da privacidade, da censura. Propõe-se investigar e analisar, a partir da abordagem psicanalítica, questões implícitas e inconscientes com relação à questão do desejo de participar de um Reality Show e suas implicações. Para alcançar os objetivos da pesquisa, realizamos entrevistas semi-estruturadas (semi-centradas), que foram gravadas, contendo questões do tipo: Que motivos te levariam a participar de um Reality Show (Big Brother ou Casa dos Artistas)? Como seria saber que a todo tempo existem câmeras mostrando tudo o que você faz? A amostra constituiu-se de 15 sujeitos, predominando o 2º grau completo. Excluíram-se da amostra graduandos ou profissionais de psicologia. Tal seleção se justifica pelo fato de que tais graduandos provavelmente estariam muito impregnados pela teoria psicanalítica (o que poderia interferir nas suas respostas). Observamos que os conceitos de repressão e censura apareceram com frequência significativa. Falas revelaram o conteúdo reprimido (sexual ou agressivo), a censura e o constrangimento frente a assuntos referentes ao sexo. Pedidos para que se retirassem cenas de sexo ou brigas e se estabelecesse normas quanto a esses. Atitudes como desligar TV ou mudar de canal também foram relatadas. É importante ressaltar que mesmo com estas respostas a maioria das pessoas afirmou que queria continuar acompanhando a programação. Constatou-se a presença de conteúdos que indicam o exibicionismo. As respostas estão relacionadas principalmente à exposição do corpo (especialmente em aspectos em que esteja envolvida a sexualidade). Outros sujeitos comentam sobre o reconhecimento de talentos ou sobre comportamentos. Quanto ao voyeurismo, existem comentários sobre a atração que o programa exerce, sobre a curiosidade acerca do dia-a-dia dos participantes. Mesmo com a presença da censura e repressão quanto a aspectos agressivos e sexuais, tais motivos acabam não sendo suficientes para desbancar o apelo do programa. As noções de privacidade, valores sociais e censura sofreram transformações ao longo dos anos, justificando, assim, o fato das pessoas aceitarem participar ou assistirem a programas televisivos que denotem aspectos privados da vida, os quais, anteriormente, não seriam socialmente aceitos. As pessoas estão abrindo mão de sua privacidade de maneira voluntária e progressiva. A necessidade de olhar e ser olhado, dando-se ênfase especialmente a este último, apareceu com frequência significativa na pesquisa, por um lado exibindo as condutas e por outro espiando e espionando a intimidade. Seguindo o referencial psicanalítico concluiu-se que os conceitos de voyeurismo, repressão, censura, exibicionismo, estiveram presentes nas entrevistas, revelando alguns dos motivos inconscientes que propiciaram ou propiciam os indivíduos a assistirem ou terem vontade de participar de programas como Reality Shows.

César Souza Camargo Próchno; Clemilde Clara de Sousa; Sílvia Martins Garcia; Telma Rodrigues Batista Silva.

Universidade Federal de Uberlândia - UFU.



Reciclando os sons.

O projeto ABC (Aprender, Brincar e Crescer) pertence ao núcleo de projetos Rede Crianças e Adolescentes desenvolvido pela Secretaria da Assistência Social de Assis, que tem por objetivo “garantir um novo tratamento às questões da assistência, superando o antigo traço paternalista e clientelista, conferindo ao cidadão o papel de sujeito”. É desenvolvido no CSU (Centro Social Urbano) de Assis e atende crianças de ambos os sexos, entre 7 e 12 anos, que se encontram em situação de risco pessoal e social, definido como tal pelo ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) e em geral são moradoras da periferia da cidade. No período complementar ao escolar participam de várias atividades supervisionadas por monitores, entre elas atividades esportivas, oficinas pedagógicas, atendimento sócio-familiar, atividades musicais e atendimento terapêutico grupal (ATG). O ATG é oferecido por um grupo de estagiários do Curso de Graduação em Psicologia e se desenvolve por meio de oficinas, pois se constituem em um lugar de transformação, tendo por objetivo possibilitar às crianças recursos para fazerem frente ou até mesmo para romperem as resistências criadas a elas. O grupo de estagiários oferece nove oficinas, entre elas, a Oficina Sons da Reciclagem, da qual somos coordenadoras. Temos por objetivo contribuir para o aprimoramento da cidadania por meio da conscientização ecológica, trabalhando com o reaproveitamento da sucata na produção de sons. Acreditamos que além da conscientização ecológica, este trabalho contribui para o aumento da auto-estima destas crianças ao permitir a percepção de que o “lixo”, com o uso de criatividade e sensibilidade pode constituir-se em algo “novo”, ou quem sabe até que elas percebam a possibilidade de transferir isso para suas vidas. Esta oficina não tem o intuito de educar ou disciplinar, mas possibilitar a compreensão de que são cidadãos de fato, já que este direito é garantido pelo ECA. As crianças que freqüentam nossa oficina tem entre 7 e 11 anos e são um total de 10. Em sua maioria, sofrem de carência não apenas social, mas também afetiva, o que lhes acarreta um baixo contrato social, já que de certa forma são mantidas a margem da sociedade. Portanto pretendemos que elas tenham a possibilidade de manifestar seu desejo e de perceber que durante seu caminho poderão construir maneiras de ir além daquilo que é esperado, ou mesmo determinado a elas. Apesar do pouco tempo de contato com essas crianças, pudemos perceber uma maior integração entre elas e o estabelecimento de uma transferência do grupo em relação às coordenadoras, e esperamos atingir a maior parte dos objetivos propostos.

Kelyn Cristina Castão; Danitielle Kassi Marques; Heloisa Maria Heradão Rogone.

Universidade Estadual Paulista; PROEX – UNESP.



Reconstrução de um Projeto de Vida: Atuação do Programa de Violência Contra Criança e Adolescente.

A violência é um desafio no cuidado integral à criança e ao adolescente. Milhares de crianças e adolescentes, experimentam a violência de maneira regular e suas vidas são irremediavelmente alteradas. Para essas crianças, os locais de violência não são a guerra da periferia das cidades ou o crime que domina as ruas, mas ocorre dentro de suas próprias casas. Estatísticas são apenas a ponta do ice-berg. Mais de 80% dos casos de abuso e maus tratos cometidos contra crianças e adolescentes acontecem dentro da casa da própria vítima. Abrapia (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescente), o que explica o silêncio que acompanha a maioria das vítimas que preferem ficar caladas, seja por medo ou vergonha. A violência pode dar-se das seguintes maneiras: física, psicológica, sexual e negligência. Os casos mais evidentes são os que envolvem lesões corporais e outros sintomas relacionados. A violência envolve questões do cotidiano da vítima, relacionadas no âmbito psicológico e social como isolamento, medo, ansiedade, angústias, agressividade dentre outros. Diz respeito à denúncia do agressor, onde predomina a omissão, maus tratos, negligência, insegurança, falta de acesso a informações, falta de conhecimento sobre direitos e deveres e precariedade dos recursos sociais no atendimento à vítima. O ambulatório de V.C.C.A. (Violência Contra Criança e Adolescente) atende crianças vítimas de violência, através de um serviço específico com uma equipe interdisciplinar, dentro de uma relação integrada do serviço social, psicologia e equipe médica. Tem por objetivo atender a criança e adolescente de maneira integral em suas necessidades clínicas, psicológicas e sociais, avaliar e amenizar as angústias e emoções trazidas pelo paciente, orientando seus familiares e proporcionar condições de apoio biopsicosocial, e compreensão após a vivência da violência. Neste trabalho mostraremos o relato de um caso de violência física atendido pela equipe, destacando os procedimentos do serviço em relação aos maus tratos: P. dois anos, faz tratamento no Hospital de Clínicas da UNICAMP, no Ambulatório de Pediatria, nas especialidades de Fonoaudiologia, Psicologia, Clínica Médica. M. mãe da criança, foi encaminhada ao Serviço Social, pelo Ambulatório de Pediatria. Relatou que o pai de P. é alcoolista, agressivo, bate nas crianças e ameaça a família. A mãe procurou a Delegacia das Mulheres e foi orientada a deixar a casa para poder receber proteção. M. veio ao Serviço Social, pois o marido continuava agredindo toda a família. Neste dia, fizemos contato com o Conselho Tutelar e a orientamos a fazer um Boletim de Ocorrência (BO). Visando a proteção das crianças e da família, fizemos contato com a Cohab e, M. conseguiu o repasse de uma casa da prefeitura, onde mora atualmente com seus filhos, sua mãe e seu irmão. Quando se mudou, teve que sair escondida de seu ex-marido, visto que eles poderiam sofrer agressões dele a qualquer momento. Após a mudança, a mãe disse que a rotina familiar melhorou bastante. Nesta nova etapa da vida, M. passa por dificuldades financeiras e ainda passa por um processo de adaptação por causa da separação. O Serviço Social do HC, num trabalho interdisciplinar com a Psicologia oferece todo respaldo técnico como encaminhamento ao BPC (Benefício de Prestação) para sua mãe (avó de Adonias), fornecimento de alguns mantimentos, além da Renda Mínima que M. recebe, passes urbanos e, principalmente, o acolhimento. Sabemos das dificuldades que ela passa, mas vemos durante os atendimentos a grande preocupação, dedicação e compromisso que tem com os filhos. A separação do marido e a mudança de casa foi motivo exaustivo e trabalhoso para a equipe, pois trouxe grandes mudanças na rotina daquela família, sendo que M. necessitou refazer um novo vínculo e buscou novas referências aos cuidados de sua família. Este fato foi bastante traumático e prolongado, demandando esforços da equipe no sentido de fortalecer os processos internos de M. que passou a assumir novos papéis. A nossa função é proteger a criança visando o seu desenvolvimento de forma integral, cabendo ao Estado, no entanto, fornecer o respaldo material do qual a mãe necessita no momento. Vemos que, neste caso, devemos continuar trabalhando para que M. permaneça junto aos seus filhos e distante do agressor, o ex-marido. A proteção da criança é o foco primordial do trabalho, destacando a importância do respaldo técnico a esta família. A violência doméstica está presente em muitos lares trazendo conseqüências desfavoráveis às crianças e aos adolescentes



expostos a tal situação. Este trabalho é de fundamental importância pois visa a saúde integral das vítimas que requer uma equipe interdisciplinar, com formação especializada, que contemple a complexidade de cada caso, sem perder de vista a gravidade da questão e a necessidade de sensibilização da sociedade na prevenção de novas ocorrências.

Ivanimeire Alves; Maria José Navarro Vieira; Taciana Lopes Bertholino Mirian Frangaloso Santos Martins; Denise Barbieri Marmo.

UNICAMP.



Recortes do trabalho doméstico de costureiras e suas interfaces com a esfera familiar, social e política.

A crescente taxa de desemprego e os baixos salários têm levado a população brasileira a procurar o trabalho informal como estratégia de garantir ou auxiliar a renda familiar. Sendo o trabalho doméstico um exemplo de trabalho informal, buscou-se em CATTANI (1997) a definição desta modalidade. Por sua vez, a mulher busca o trabalho, facilitando o cumprimento dos seus vários papéis (mãe, esposa, dona-de-casa). Com o objetivo de verificar a relação entre trabalho doméstico de costureiras e suas implicações na esfera familiar, social e política, a presente pesquisa vem sendo desenvolvida com 20 costureiras da cidade de Londrina. Os métodos que vêm sendo utilizados são o de observação direta do local de trabalho e o de entrevista individual semi-estruturada e desenvolvida em suas próprias residências. Os dados preliminares obtidos até o presente momento vêm apontando a importância de sua renda no orçamento doméstico, sendo em alguns casos a fonte principal de sustento da família. Pelo fato do trabalho ser desenvolvido na própria casa, não ter cômodo específico e por não fixarem horários de atendimentos, observa-se que o espaço da intimidade doméstica é invadido pelo seu trabalho, pois a clientela não respeita os horários de refeição da família e os dias destinados ao seu descanso. Devido à baixa frequência de saídas de sua casa, vem se constatando nas mulheres pesquisadas uma dificuldade na compreensão da transformação das relações sociais em decorrência de mudanças bruscas e rápidas, que trazem implicações sobre a subjetividade das pessoas e sobre si mesma. Informações referentes ao espaço público são obtidas via televisão, rádio ou através de conversas com as clientes.

Analuisa Bernardi de Almeida; Semíramis Fabíola Hirata; Lydia Akemy Onesti.

UNIFIL.



Recrutamento e seleção de pessoas: velhas práticas e novos olhares sob a luz da Ergonomia Situada.

Pensar em recrutamento e seleção de pessoas para assumirem postos de trabalho é atentar para as condições que este oferece e as relações intersubjetivas estabelecidas no interior da organização. Também, é atentar para as competências e habilidades cognitivas que os candidatos construíram durante sua formação profissional além de hipotetizar sua conduta em relação ao trabalho prescrito e o trabalho real. O processo de recrutamento e seleção deve empenhar-se para desenhar o perfil adequado para o cargo disponível, levando em consideração a possibilidade do candidato em inserir-se num campo de trabalho que possui adversidades que não foram previstas anteriormente. A partir de uma demanda requerida por duas empresas em João Pessoa - Pb, fomos chamados a realizar um processo de recrutamento e seleção com a finalidade de elegermos candidatos aptos ao cargo de consultor de vendas. Para tanto, nos inspiramos na análise ergonômica do trabalho a fim de levantar o máximo de informações do cargo solicitado, visto que a Ergonomia Situada, aporte teórico no qual nos inspiramos, aponta para a defasagem entre o trabalho prescrito e o efetivamente realizado. Como instrumentos usamos a técnica de instrução ao sócio, com o intuito de caracterizar estas informações. Esta técnica nos permitiu desenhar com mais fidedignidade o cargo que viria a ser ocupado pelos possíveis candidatos. Analisamos também os currículos deixados pelos candidatos e realizamos dinâmicas de grupo a fim de avaliarmos o desempenho de cada candidato em possíveis situações de trabalho. Nesse sentido, acreditamos ser indispensável esta conduta na medida em que atentamos tanto para a situação presente do trabalho quanto para as possíveis mudanças que precisem ser incorporadas nestes ambientes.

Mary Neves; Helder Muniz; Diomedes Silva; Hilma Barreto; Natanne Araújo; Tatiana Oliveira.

UFPB.



Rede de apoio social em famílias em situação de risco.

O objetivo deste estudo foi descrever o apoio social percebido pelas mães de famílias que vivem em situação de risco durante a educação de seus filhos. A metodologia utilizada foi um Estudo de Casos Múltiplos. Três mães de famílias com configurações diferenciadas participaram desta pesquisa: uma de família nuclear, uma de família reconstituída e uma de família uniparental. O instrumento utilizado foi uma entrevista com um roteiro semi-estruturado que foi posteriormente analisada através da técnica de análise de conteúdo. Os resultados revelaram diferentes formas de apoio presentes nestas famílias. Na família nuclear, a mãe sente-se sobrecarregada por não conseguir contar com o apoio do marido. Ela busca apoio em outras pessoas da família, como nas filhas e na sua mãe. Na família reconstituída, a pessoa mais procurada para fornecer apoio é o companheiro, que dá conforto à mãe e interage diretamente com a criança. Na família uniparental, o apoio mais procurado é nas pessoas da família de origem do pai biológico da criança. A importância do apoio recebido para as práticas educativas é destacada pelas mães nas três famílias, que percebem sua presença como fundamental para seu bem-estar psicológico.

Alessandra Marques Ceconello; Ana Carolina Rios Simoni; Maickel Andrade dos Santos; Laura Suzana Sacchet; Sílvia Helena Koller.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



Rede de relações sociais: um estudo transversal com homens e mulheres pertencentes a três grupos etários.

Relações sociais significativas permitem o desenvolvimento do self, dão sentido às experiências e podem oferecer apoio, importantes elementos no processo de adaptação, principalmente em momentos de transição da vida adulta. Este trabalho relata um estudo comparativo com 150 homens e 150 mulheres pertencentes a três grupos etários: adultos jovens (25-35 anos), que eram na maioria casados, trabalhadores e com nível educacional médio ou superior; adultos de meia-idade (45-55 anos), casados, trabalhadores e com nível educacional fundamental ou médio; idosos (65-75 anos), a maioria dos quais eram casados, tinham nível educacional fundamental e estavam aposentados. Os sujeitos foram entrevistados sobre o tamanho, a natureza e as funções da rede de relações sociais, assim como sobre a satisfação com ela. Utilizando um diagrama da rede social foram obtidas informações sobre: o número de pessoas na rede, a idade, o gênero, o tipo de relacionamento e o grau de proximidade afetiva dos componentes da rede social. Foram identificadas as fontes principais de apoio emocional, instrumental e informativo, e avaliada a satisfação com a própria rede social atual, quando comparada com a rede de pessoas da mesma idade e com o número de componentes. Foram feitos testes estatísticos sobre a significância das diferenças entre grupos de gênero e idade. O número médio de componentes foi de 15 pessoas. Os jovens relataram a maior rede (M=19) e os idosos a menor (M=12). Havia mais mulheres do que homens nas redes, mas os homens citaram mais homens e as mulheres, mais mulheres. Os jovens citaram mais pessoas mais velhas e de meia-idade e os idosos mais pessoas mais novas. As mulheres se dão mais com pessoas mais novas do que os homens. Os idosos relataram possuir mais relacionamentos muito próximos afetivamente do que os demais sujeitos. As redes dos idosos e dos de meia-idade privilegiaram relações familiares. O cônjuge foi apontado como importante fonte de apoio por homens de meia-idade; os filhos principalmente pelas mulheres de meia idade e idosas. Os jovens apontaram mais amigos do que os outros grupos. As mulheres foram as mais indicadas como fonte de apoio emocional e instrumental; para o apoio informativo, os homens citam mais homens e as mulheres, mais mulheres. As pessoas escolhidas como a principal fonte de apoio emocional, instrumental e informativo são as muito próximas em termos afetivos. A satisfação com o número de pessoas na rede, com a rede quando comparada com a de outras pessoas da mesma idade, foi alta em todos os grupos. A satisfação com a rede atual foi mais alta entre os idosos, principalmente entre as mulheres idosas. Os dados foram interpretados na perspectiva de desenvolvimento ao longo da vida, levando-se em conta normas e papéis etários.

Eliete Jussara Nogueira; Anita Liberalesso Néri.

Universidade de Sorocaba - Uniso; Unicamp.



Rede Pública de Saúde: seu contexto político sob o olhar do Psicólogo Clínico.

O presente estudo pretende apresentar a compreensão que os psicólogos de dois hospitais de referência da rede pública de saúde de Fortaleza têm sobre o contexto político no qual a psicologia está inserida. Para tal abrangência, inicialmente, são delineados conceitos pertinentes a psicologia, a psicologia na saúde, os princípios doutrinários do Sistema Único de Saúde (SUS), o direito à saúde e a concepção sobre política de Hannah Arendt (1999). O desenvolvimento teórico destes conceitos é utilizado como um dos referenciais para a identificação dos sentidos que os psicólogos apresentam sobre o contexto político, do campo da saúde, à qual a psicologia está inserida, com o intuito de descrever as concepções básicas que estão permeando a prática destes profissionais na área da saúde, para que se possa compreender estes sentidos e analisar a inter-relação entre estes, a construção da prática psicológica na área da saúde e as políticas de assistência a saúde. Diante disto, esta investigação torna-se importante por apresentar alguns parâmetros de como está sendo construída a inserção do psicólogo no campo da saúde através da sua compreensão sobre as políticas públicas de saúde, principalmente no que diz respeito aos princípios doutrinários do Sistema Único de Saúde e o direito a saúde. A pesquisa, de teor descritivo e exploratório, orienta-se através da abordagem do construcionismo social e tem sua estruturação técnica baseada nas práticas discursivas e a produção de sentidos no cotidiano proposta por Spink (1999), que fundamenta o referencial empírico que juntamente com referencial teórico, a pouco descrito, possam constituir a apresentação e discussão dos resultados obtidos através desta investigação. Os dados obtidos possibilitaram uma exploração minuciosa dos sentidos aflorados através dos discursos que surgiram no decorrer das entrevistas e que levam a crer que o psicólogo encontra-se em processo de ressignificação dos conceitos que abarcam as políticas de saúde na qual sua prática se encontra inserida. Portanto estão sendo construídos sentidos que possam dar suporte a uma prática mais comprometida com a realidade a qual este profissional se insere.

Selene Regina Mazza; Ana Sílvia Rocha Ipiranga.

Universidade Estadual do Ceará.



Rede sociotécnica e políticas da natureza: rumo à alteração da relação entre ciência e política.

Um observador que se detivesse com maior atenção nas relações contemporâneas entre sociedade, tecnologia e natureza, poderia chegar à conclusão de que, no tempo presente, está se tornando cada vez mais raro encontrarmos sociedade e natureza em estado puro. Neste trabalho partimos do princípio de que a distinção entre universo social e universo natural, com o advento das práticas ambientalistas e suas decorrências como o protocolo de kyoto, está deixando de ser tarefa simples. Das implicações de tais práticas, uma será objeto principal deste trabalho: a aproximação entre ciência e política. Nesta empresa, o conceito de rede sociotécnica elaborado por b. latour dará sustentação para nossa análise. De acordo com este autor, a modernidade seria uma tentativa de purificar e dividir, isolando, principalmente, natureza de sociedade. A esta tentativa de separação corresponde a distinção entre universo objetivo, não histórico e ausente de valores (natureza) e o universo humano, histórico e criador de valores (sociedade). De certo modo, a separação entre ciência e política remete ao afastamento entre natureza e sociedade e a uma assimetria de poder, pois o que é político é também histórico e constituído pela vontade humana, enquanto a realidade objetiva postulada pela ciência não receberia alterações do observador. A noção de rede sociotécnica nos permitiria articular mundo natural e conhecimento vinculado à sociedade, ao mesmo tempo em que o poder ligado à verdade é redistribuído. A imanência entre mundo natural e universo social implica na participação coletiva nas conclusões e debates científicos, participação que no quadro contemporâneo se faz ainda mais urgente. Em tal panorama, a abrangência dos experimentos científicos se tornou muito maior, podendo eventualmente ultrapassar fronteiras nacionais. Nos termos de latour, os experimentos sócio-científico geram resultados - como a epidemia da vaca louca, fruto da decisão dos cientistas de testar quanto tempo os bovinos sobreviveriam sem vacinação - de tal ordem, que as barreiras entre laboratório e mundo exterior foram praticamente abolidas. Nestes experimentos, nos quais o rumo da sociedade pode estar sendo definido, resta-nos propor uma inclusão política desta multidão colocada em posição passiva, por ação do arranjo moderno que isola o mundo natural da história humana.

César Pessoa Pimentel; Rosa Maria Leite Ribeiro Pedro.

UFRJ.



Redescobrimo conexões entre a Psicanálise e a Educação escolar.

Ao longo de seu período de existência, psicanálise e educação puderam experimentar, em momentos e com intensidades diversas, aproximações significativas. Nosso propósito neste simpósio é de recuperar, ao menos em parte, a história dessas aproximações, tratando-as desde suas origens. O ponto de partida é a idéia segundo a qual o conhecimento do dinamismo psíquico acumulado e a construção do ser humano, a partir das descobertas, por Freud, do funcionamento do inconsciente, contribuíram para uma inovadora compreensão dos limites e das possibilidades da educação, em particular a educação escolar. Um recorde da difusão da Psicanálise, compreendido pelo período entre 1920 e 1940, será o assunto a ser desenvolvido por Jorge Luís Ferreira Abrão, no qual tratará da aplicação da Psicanálise à higiene mental escolar, em que foi utilizada como meio de divulgação de informações teóricas, além de intermediária no atendimento psicoterápico a crianças com problemas escolares. Sem pretender fazer a psicanálise uma prática a ser adotada na educação escolarizada, Heidi M. Bertolucci Coelho tratará da importância do vínculo como elemento essencial para a experiência educativa ao tempo em que norteador do desenvolvimento educacional e a interdependência entre emoção, pensamento e conhecimento. Ao referir-se ao desenvolvimento histórico do vínculo transferencial na psicanálise, de Freud a Bion, a autora identifica na subjetividade da técnica o traço mais fecundo do trabalho de formação e desenvolvimento de um outro. Do exame dos laços entre educação e psicanálise nos últimos trinta anos constata-se a superação da modalidade profilática ou curativa com que foi utilizada na educação e pode ser pensada como um recurso de promoção de saúde. Sob essa perspectiva, a autora trata da psicanálise na formação e no aprimoramento da formação do educador. Na análise da produção psicanalítica das últimas décadas constata que a concepção de psicanálise como uma doutrina cede lugar à psicanálise como método de investigação da psique, sem lhe impor os limites da clínica. As publicações examinadas de livros, teses e periódicos especializados apontam para uma redescoberta da psicanálise enquanto um modo peculiar de escutar e de aprender o sentido da comunicação humana, que implica ampliação de conhecimento, de auto-conhecimento e de reconhecimento sobre o caráter de co-autoria do fenômeno educacional. Nesse sentido, a valorização da transferência no processo de ensino-aprendizagem e na transmissão de conhecimento, permite uma compreensão renovada da psicanálise, franqueando uma inserção efetiva nos projetos educacionais. Tomar a transferência como fundamental ao relacionamento humano e à aprendizagem, e ainda como recurso para ampliação e compreensão do sentido da comunicação humana, tem sido um modo privilegiado de restabelecer ligações produtivas entre a psicanálise e a educação escolar e para fundamentar novos rumos na formação do educador.

Maria Lúcia de Oliveira.

Universidade Estadual Paulista.



Redirecionando o Modelo Assistencial em Saúde Mental.

Desde os anos 70, a área da saúde mental no Brasil vem passando por inflexões fundamentais para mudança da assistência psiquiátrica, até então norteada pelo regime vigente hospitalocêntrico, não havendo propostas para promoção, prevenção, atenção psicossocial de sua comunidade. Esse processo, conhecido como Reforma Psiquiátrica, condena em especial a exclusividade historicamente dada ao hospital psiquiátrico enquanto instituição asilar, única forma de assistência aos portadores de transtorno psíquico. Em nosso país observa-se a criação de outros meios a lidar com essa clientela, como é o caso dos Centros/Núcleos de Atenção Psicossociais (CAPS/NAPS), tidos como serviços substitutivos aos manicômios, pautados numa proposta humanitária, de resgate à cidadania que privilegia o convívio social de seus usuários. O percurso da reforma psiquiátrica brasileira é intensamente influenciada pela reforma italiana, que teve como ator principal Franco Basaglia. Um forte conceito que norteia os pressupostos da reforma italiana e conseqüente da reforma em curso no Brasil, é a noção de territorialidade, bem como do conceito de tomada de responsabilidade, que diz respeito à responsabilidade do serviço sobre a saúde mental de toda a área territorial de referência e pressupõe um papel ativo na sua promoção. O território aqui não é visto apenas como área geográfica, mas sobretudo, como as forças políticas e sociais de uma comunidade que produzem ideologias. Assim o processo de desconstrução e desinstitucionalização passa a nortear o deslocamento do foco dominante das ações em saúde mental da área intra-hospitalar para o território. O debate acerca dessas mudanças passa a ingressar no plano jurídico com a aprovação da Lei 10.216, de 6 de abril de 2001 que dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. Com o propósito de regulamentar esta lei o Ministério da Saúde estabelece a Portaria no 336/GM, em 19 de fevereiro de 2002, normatizando os CAPS como serviços territoriais e estabelecendo modalidades de serviços de acordo com a complexidade e abrangência populacional de cada região. Dados do Datasus mostram o retrato desta política no país. Em janeiro de 1999, em todo o Brasil, os serviços substitutivos (CAPS/NAPS) somavam um total de 170 no território nacional, aumentando esse número em 2002 para 318 serviços. Inversamente a essa estrutura, ao que concerne os leitos dos hospitais psiquiátricos, evidencia-se uma diminuição de 4.057 leitos somente no período compreendido entre janeiro de 1999 a janeiro de 2002. Desta feita, compreende-se que o Brasil caminha num processo de desinstitucionalização na área da saúde mental, direcionando seu modelo assistencial para um caráter de sistema aberto, integrado com outras camadas da sociedade.

Flávia Helena Miranda de Araújo Freire; Paulo Amarante.

ENSP/FIOCRUZ.



Redução de Danos: uma prática em Psicologia?

Os Projetos de Redução de Danos (PRD) surgem diante da alta incidência de contaminação pelo vírus HIV entre usuários de drogas injetáveis (UDI) e consistem basicamente na troca de seringas junto a estes usuários, aliada ao fornecimento de outros materiais, tais como anti-sépticos (água destilada, algodão umedecido com álcool) e agulhas, além de material informativo e preventivo sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), HIV e Aids. Assim, os Projetos de Redução de Danos têm o intuito de reduzir danos à saúde pelo uso indevido de drogas injetáveis e promover mudanças comportamentais nos usuários, no sentido de sua adesão às estratégias de redução de danos e de prevenção contra hepatite dos tipos B e C, bem como de outras infecções transmitidas por via sanguínea ou não. O presente trabalho tem como finalidade relatar uma experiência na área de Redução de Danos. Trata-se de uma prática de Saúde Pública desenvolvida por um corpo multiprofissional pertencente à Secretaria de Saúde do município, dentro do qual destacamos a função do Agente Redutor de Danos, que constitui elemento fundamental no trabalho de identificação de possíveis locais de uso de drogas injetáveis e de acesso ao UDI. Nossas hipóteses apontam para a Redução de Danos não como uma prática exclusiva do psicólogo, mas para a possibilidade deste vir a ocupar seu lugar e espaço dentro dessa política em Saúde Pública, considerando sobretudo a figura do Agente Redutor de Danos como um conhecedor dos meandros que o trabalho de campo apresenta, característica que faz dele um profissional indispensável neste trabalho. O lugar do psicólogo na equipe deve orientar-se por promover estratégias de qualidade na abordagem de usuários, na escuta de suas demandas e nos encaminhamentos para unidades de saúde, além das supervisões psicológicas à equipe.

ANTUNES, Nilcéia; MALISKA, Maurício Eugênio.

Prefeitura de Florianópolis.



Reestruturação da FEBEM: Uma Análise Psicossocial Faculdade de Ciências da Vida – Curso de Psicologia.

A Fundação de Bem Estar do Menor – FEBEM, Instituição criada e mantida pelo Governo Estadual para dar assistência à criança e o adolescente em conflito com a lei, mostrou-se uma Instituição falida e estigmatizada, como negação do tratamento e recuperação dos internos e até agravante da marginalização destes. O Governo propôs, como solução, uma reestruturação dessa Instituição, visando a descentralização da FEBEM-S.P.. Assim, o objetivo do trabalho foi conhecer o modelo da Instituição falida, qual a proposta de reestruturação e a partir da observação de uma unidade do interior de São Paulo entender como a nova filosofia do trabalho seria gradativamente implantada e se esta traria melhoras significativas no comportamento dos menores institucionalizados tornando-os aptos à reinserção social. Os dados foram coletados através de entrevistas abertas, semidirigidas e individuais com o diretor da Instituição, funcionários e internos; além do material coletado na mídia durante todo o processo de desenvolvimento do trabalho. Os dados foram analisados a partir de estudos realizados acerca da criança e do adolescente desde sua história social até as condições atuais da Instituição. Sinteticamente, os dados nos revelam um grande hiato entre propostas (apresentadas pela direção) e realidade: há desintegração entre funcionários, muitos sem preparo adequado para o trabalho com os internos, há grande ociosidade no cotidiano e indicações de maus tratos, apontados pela mídia jornalística e negados pela direção da Instituição. Neste estudo discutiu-se os determinantes dos conflitos, as propostas de intervenção e as políticas públicas em relação ao problema da criança e dos adolescentes e da institucionalização. Contudo, concluiu-se que a violência está, diretamente, ligada a estrutura sócio-econômica, o que torna importante à reavaliação das propostas de intervenção de todas as áreas ligadas direta e indiretamente com o problema e que podem contribuir de forma relevante e positiva para que se consiga progressos nas relações que permeiam a desigualdade, exclusão e injustiça sociais.

Iramaia Massoni e Isaura von Zuben Lemos.

Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUC-Campinas.



Reestruturação produtiva do trabalho bancário: um olhar acerca do Programa de Demissão Voluntária.

O presente artigo resulta de uma pesquisa que trata do processo de adesão ao Programa de Apoio à Demissão Voluntária – PADV, em sua terceira edição, no ano de 2001, numa instituição bancária pública. Trata-se de uma survey, e os dados foram coletados através da aplicação de um questionário contendo questões fechadas e abertas respondido por 102 dos 309 sujeitos que aderiram ao PADV, nos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. A análise dos dados se deu através de software estatístico para as questões fechadas, e da construção de categorias analisadas à luz de referencial teórico pertinente para as questões abertas. Os resultados da pesquisa indicam que a adesão ao PADV se dá por sujeitos jovens, em sua maioria do sexo masculino, com escolaridade superior, ocupantes de cargos de execução e de gestão, e todos com mais de uma década de tempo de empresa. O PADV caracteriza-se como uma ferramenta de gestão em que a relação face a face é substituída pela de impessoalidade estabelecida com as telas do computador que, ao mesmo tempo em que registra os números de adesões, apaga a história funcional dos que a ele aderem. A adesão ao PADV por parte dos sujeitos visa, em especial, o abandono de um ambiente considerado como gerador de pressão e de estresse, tomado como um ambiente onde impera a falta de valorização dos funcionários por parte da gestão de pessoas.

Vânia Gisele Bessi; Carmem Ligia Iochins Grisci.

PPGA/EA/UFRGS - FAPERGS.



Refletindo sobre o processo de ensino e aprendizagem no Clube de Ciências da UFPA.

O ensino escolar tradicional é freqüentemente criticado por ser um ensino verbalista. O currículo enfatiza o ensino de conteúdos factuais e conceituais. O conhecimento é transmitido como algo pronto, não se ensina aos alunos que o conhecimento científico é uma produção histórica da humanidade nem os procedimentos pelos quais se produz os novos conhecimentos. O Clube de Ciências tenta fazer isso, oportunizando, ao mesmo tempo, para os futuros professores relacionarem teoria e prática desde a graduação. O Clube de Ciências objetiva também oferecer aos alunos do ensino fundamental e médio um aprendizado que lhes permita compreender o papel da ciência no seu cotidiano. Neste contexto, além de conceitos, o ensino de procedimentos é enfatizado. Teorias do desenvolvimento psicológico têm oferecido reflexões sobre os problemas encontrados no âmbito educacional, contribuindo para a transformação das práticas pedagógicas. A perspectiva vygotskyana ao introduzir conceitos como mediação semiótica e zona de desenvolvimento proximal dá uma nova dimensão ao papel da aprendizagem, considerando as aquisições do aluno a partir das suas interações com o professor e os colegas. O presente estudo pretendeu analisar a elaboração de conhecimentos nas interações em sala de aula considerando, simultaneamente, as ações semioticamente mediadas em relação ao outro e em relação ao objeto de conhecimento. A turma de 5ª série observada era conduzida por quatro professores dos cursos de licenciatura em Química, Matemática e Pedagogia e era composta por 35 alunos, sendo 11 meninos e 24 meninas, com idades variando entre 10 e 15 anos. Foram observadas 11 aulas, todas registradas em vídeo. Como na maioria das aulas os alunos eram solicitados a fazerem trabalhos em grupo, no momento das observações, a pesquisadora escolheu de forma aleatória um grupo de alunos para acompanhar. Foi feita uma transcrição detalhada das interações em cada aula, descrevendo-se o ambiente e os recursos utilizados pelos professores durante as atividades com os alunos, seguidos pelo diálogo entre professores e alunos e/ou entre os alunos do grupo focalizado, respeitando-se os turnos de cada interlocutor. A partir das transcrições foram identificados os tipos de conteúdos trabalhados, focalizando-se conceitos e procedimentos. Em cada turno da transcrição foi caracterizado a ação dirigida de um agente em relação ao outro e em relação ao objeto de conhecimento. Os resultados mostraram que as crianças tiveram oportunidades de aprender diferentes conceitos e procedimentos. Também foram identificados diferentes padrões de interação nas aulas. Algumas vezes estes padrões foram influenciados por interações anteriores na mesma aula e isso contribuiu para a emergência de operações mais sofisticadas relacionadas ao conteúdo.

Rosilene Rodrigues Prado; José Moysés Alves.

Universidade Federal do Pará.



Reflexão sobre o processo de marginalização e criminalização da pobreza através da criação da figura de criança e adolescente em situação de risco pessoal e social.

Essa reflexão está pautada numa pesquisa que estamos desenvolvendo junto a um estabelecimento de assistência à infância e adolescência em situação de risco pessoal e social, numa pequena cidade do interior do estado de São Paulo. Foi realizada pesquisa em arquivos do local, levantamento bibliográfico a respeito da produção sócio-histórica da infância no Brasil, das políticas públicas, bem como da Análise Institucional. Foram realizadas entrevistas abertas com educadores, pais e clientes do estabelecimento. Ao fazermos a cartografia do estabelecimento e observarmos as relações na instituição, através das entrevistas abertas, podemos perceber as contradições da mesma. O estabelecimento se propõe através de meios filantrópicos (religiosos) e caritativos "evitar" que as crianças e adolescentes empobrecidos socialmente e consideradas de risco pessoal e social, se tornem problemas sociais na cidade. Então, passou a acolher e guetificar grande parte da população pobre da cidade, oferecendo as mesmas atividades há décadas atrás para essa mesma população. Em ocasiões de festas é que percebemos a produção da guetificação e marginalização dos empobrecidos. As mesmas são realizadas através de donativos da população (doces e bolos ficam amontoados na cozinha) que não freqüentam essas festas, participando somente os alunos e seus pais. De forma sutil e violenta se exacerba a visibilidade da separação feita entre a população que se utiliza do estabelecimento e a sociedade mais ampla. As práticas de disciplina são rígidas (diríamos possuidora de uma certa força de violência), não havendo uma clareza do que significa ser educador. As formas de se relacionar com a criança e o adolescente são autoritárias: têm que rezar antes de comer, têm que ir à missa, têm que ficar quietos no almoço, devem agradecer a bondade e a caridade de outras pessoas que os ajudam a "ter o que comer". Essa imposição violenta da submissão por parte dos agentes institucionais reafirma uma forma de disciplinarizá-los com o objetivo de evitar a possibilidade de futuramente tornarem-se transgressores. Ao reafirmarem esse exercício cotidiano de captura dos corpos e guetificação dos mais pobres, acabam produzindo estigmas e preconceitos em relação a essas crianças e adolescentes que freqüentam esta instituição. Fecha-se o círculo do destino da vida em via de mão única: empobrecidos socialmente são prováveis transgressores. Guetifica, marginaliza e cria preconceitos e estereótipos onde os sujeitos que passaram por esse estabelecimento, terão que lutar para tirar essas marcas inscritas em seus corpos. Nosso objetivo, através da proposta de Assembléia Geral é problematizar, entre outras coisas, a violência que permeia as relações institucionalizadas, tentando desmontar práticas que produzam crianças e adolescentes em situação de risco pessoal e social num processo de guetificação.

Juliana Uesono; Danilo Lima Tebaldi; Marina Bevilacqua Alves de Lima; Paula Ione da Costa Quinterno Fiochi; Soraia Georgina Ferreira de Paiva Cruz.

Universidade Estadual Paulista.



Representação de Objeto e o Método de Rorschach, Segundo o Sistema Compreensivo: um estudo das relações interpessoais.

A Escala de Representação de Objeto de Sidney Blatt tem o objetivo de investigar dados a respeito da percepção de si e intimidades interpessoais. Esta escala consiste na classificação, no Método de Rorschach, de respostas de conteúdo humano ou antropomórficas [H, (H), Hd ou (Hd)] nas dimensões: a) diferenciação que se refere à natureza da resposta com conteúdo humano; b) articulação que refere-se ao grau de elaboração da resposta, ou seja, se há algum atributo ou qualificação, como idade, sexo, ocupação; c) integração que implica na possibilidade do objeto estar em ação e interação com outros objetos, ou seja, se existem respostas com movimento humano (M) e se isso pressupõe relação com outras pessoas ou objetos. Assim, cada resposta recebe uma pontuação de acordo com as categorias acima citadas, sempre mantendo o princípio de que quanto mais elaborada for a resposta, maior é o nível de desenvolvimento e maior o escore. Posteriormente são computados os pontos do protocolo inteiro e quanto maior a pontuação, melhor é a representação da própria identidade e melhor predisposição para relações interpessoais. Em uma recente pesquisa realizada com 40 protocolos que foram aplicados em sujeitos adultos não-pacientes, residentes na cidade de São Paulo, de ambos os sexos, todos estados civis, diferentes raças, níveis socioeconômicos e graus de escolaridade; encontramos apenas 7% da amostra que indicaram relações interpessoais satisfatórias. O objetivo deste trabalho é aprofundar a compreensão das questões de relacionamento humano, por meio do estudo das Representações de Objeto, a partir da Escala de Blatt. Para tanto, serão analisadas as respostas de conteúdo humano dos mesmos 40 protocolos de Rorschach.

Flávia Cristina Mucarbel; Regina Sonia Gattas F. do Nascimento

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; FAPESP.



Representações maternas acerca do ambiente da UTI neonatal.

Comentários familiares que observamos quando do início da internação do bebê em UTI Neonatal sempre se referem à diferença do que se espera de um CTI Pediátrico ou de adultos, com aquele que se encontra em UTI Neonatal. Assim, o presente trabalho discute a percepção materna sobre o cuidado intensivo neonatal, as representações prévias que antecedem a chegada do bebê para este ambiente hospitalar e aquelas que surgem após a vivência da internação. Os dados foram obtidos através de observação participante em grupo de pais e em entrevistas semi-estruturadas, realizadas na semana que antecede a alta do bebê. Todos nasceram com peso inferior a 1000 gramas e permaneceram na UTI por um tempo mínimo de dois meses. Posteriormente as entrevistas foram transcritas e categorizadas. Todas as entrevistas foram realizadas por estagiárias de psicologia que se encontram cursando o último ano da graduação. As categorias propostas foram: representação prévia, momentos significativos, propostas de ação e representação na alta. Os resultados apontam para uma fraca idéia inicial do que seria uma UTI Neonatal, os momentos significativos privilegiam o quadro clínico do bebê em detrimento do processo interativo/afetivo, as propostas remetem a importância do cuidado médico e de enfermagem individualizado e a percepção final da UTI aparece como ambiente dedicado a " salvar vidas". Foi observada ainda a valorização do trabalho da Psicologia como facilitador da inserção da família no processo de cuidado e atenção ao bebê e na comunicação com os demais membros da equipe.

Valansi, Luciana; Delamonica, Juliana; Morsch, Denise; Carneiro, Helena.



Representações sociais da maconha entre universitários em fim de curso da área tecnológica da UFPB.

O consumo de drogas insere-se no contexto mundial pelas proporções acarretadas, no que se refere aos problemas sociais, econômicos e culturais, sendo alvo de veiculação constante nos meios de comunicação, e nas pautas governamentais para diminuir os danos por elas provocados. A maconha é uma droga que caracteriza-se por seu cultivo milenar, sendo utilizada nos diversos lugares e épocas desde aplicações na medicina, industriais na confecção de papel, cordas, velas para navios, até em tempos antigos nos rituais religiosos (considerada como condição favorável para contatos com divindades), tendo como nome científico *Cannabis sativa*, com origem na Ásia Central. Teve-se como pressupostos teórico a teoria das Representações Sociais de Moscovici (1961), uma vez que esta prioriza as comunicações existentes nas relações intergrupais, e como tal a homogeneidade do grupo que é condição essencial para que seus componentes possam compartilhar uma visão comum a partir dos seus conhecimentos e valores pessoais e sócio-culturais e tendem a adotar um comportamento padronizado. Neste sentido insere-se a necessidade de verificar as representações dos estudantes de fim de curso das ciências tecnológicas têm com relação a maconha, posto que estes em suas grades curriculares não dispõem de disciplinas que versem sobre as drogas. Este estudo é parte de uma série de três trabalhos, os outros visando a estudar as representações de alunos de fim de curso de ciências jurídicas e da saúde, tendo em vista que essas duas últimas categorias poderão devido as suas profissões Ter que lidar com o problema. A amostra constituiu-se de 20 sujeitos, de ambos os sexos, com idades variando entre 23 e 31 anos, pré e concluintes dos cursos de Engenharias civil, Alimentos, Mecânica e Arquitetura. Utilizou-se entrevistas semi- estruturada gravadas mediante a permissão do respondentes, seguido de um questionário contendo 19 itens. As aplicações dos instrumentos realizou-se de forma individual na universidade, no qual explicava-se os objetivos da pesquisa e a garantia do anonimato dos relatos dos participantes. Realizou-se a transcrição das entrevistas, posteriormente fez-se a análise e categorização dos dados de acordo com análise de conteúdo de Bardin (1977). Observou-se uma .representação da maconha por parte dos estudantes da área tecnológica, baseado em conhecimento do senso comum, tendo em vista que muitas das informações relatadas sobre a maconha, caracteriza-se pelo acesso em matérias veiculadas em meios de comunicação e experiências apontadas em grupos de amigos, salientando-se que isto provavelmente decorre do fato de que os mesmos durante a vida acadêmica não tem acesso a conhecimento técnico-científico concernentes as drogas. Contudo, faz-se necessário enfatizar a relevância de pesquisas que versem sobre este tema no qual depara-se com realidades preconceituosas e discriminatórias, no sentido de contribuir em medidas preventivas e de persuasão na mudança sócio-cultural acerca das drogas.

Bernard Gontiers; Ludgleydson Fernandes de Araújo; Renata Maia Pimenta; Liana Mirela Souza Oliveira.

UFPB.



Representações sociais da maconha, do seu uso e de suas questões legais entre estudantes universitários de fim de curso da área de ciências jurídicas da UFPB.

Esta pesquisa é parte integrante de um conjunto de estudos sobre as representações sociais da maconha entre estudantes universitários de fim de curso das áreas de ciências jurídicas, da saúde e tecnológica. Diante do aumento crescente do consumo de drogas, em particular da maconha, que se tornou um problema social de proporção preocupante, vê-se a necessidade de compreender melhor este fenômeno de caráter multifatorial. Por isto, realizou-se esta pesquisa utilizando como suporte a teoria das representações sociais proposta por Serge Moscovici (1961), já que esta permite compreender como o homem constrói o conhecimento a partir da comunicação social, colaborando para o entendimento de um fato social ou para a construção social da nossa realidade bem como na orientação de comportamento. O presente estudo teve como objetivo avaliar as representações sociais desenvolvidas pelos estudantes de fim de curso da área de ciências jurídicas em relação à maconha, ao usuário desta e sua legislação. Já que estes estudantes futuramente se tornarão profissionais que podem vir a lidar com a questão das drogas, é importante compreender as representações que possuem acerca da maconha. Inicialmente, com o intuito de facilitar a construção do roteiro de entrevistas, realizou-se um aprofundamento da bibliografia já existente. Elaborou-se um roteiro de entrevistas semi-estruturadas e um questionário para identificação sócio-cultural aplicados em um estudo piloto para verificar a boa adequação dos instrumentos em relação aos objetivos propostos, bem como para averiguar a boa compreensão por parte dos entrevistados. Verificada a boa adequação do estudo piloto, partiu-se então para a pesquisa definitiva. A amostra constituiu-se por vinte sujeitos, adultos de ambos os gêneros. Os sujeitos foram convidados a participar da pesquisa tendo o livre arbítrio para aceitar ou recusar sua participação nesta. Foi assegurado o anonimato dos entrevistados, evitando qualquer forma de identificação. As entrevistas foram gravadas mediante a autorização do sujeito e transcritas para posterior análise. Após cada entrevista, o sujeito respondia ao questionário fechado. Os dados foram analisados pelo método proposto por Bardin (1977). Evidenciou-se a influência que os mais diversos meios de comunicação têm sobre esta população, mas que, no entanto, poucas são as informações científicas fornecidas pelo curso de ciências jurídicas acerca das drogas. Globalmente os resultados deixam transparecer uma rejeição à legalização da maconha, porém uma flexibilização no que se refere ao tratamento do usuário. Observam-se duas tendências, a primeira deixando às ciências médicas a responsabilidade de cuidar do problema e a segunda querendo manter certas punições, às vezes mais brandas para o usuário. A teoria das representações sociais de Moscovici (1961) encontra aqui uma de suas aplicações mais evidentes, uma vez que ela é preditora de comportamentos.

Bernard Gontiès; Renata Maia Pimenta; Liana Mirela Souza Oliveira; Ludgleydson Fernandes Araújo.

PIBIC; CNPq; UFPB.



Representações Sociais da Privatização da Companhia Vale do Rio Doce; uma Construção dos Trabalhadores – Mina de Timbopeba – Distrito de Antônio Pereira – Ouro Preto - Minas Gerais.

As transformações modernamente ocorridas no mundo do trabalho são objeto de estudo de várias ciências em todo o mundo, devido às suas diversas influências tanto no ambiente do trabalho quanto na sociedade em geral. O estudo das questões relativas às mudanças ocasionadas pela privatização da Companhia Vale do Rio Doce, cuja história está intimamente relacionada ao desenvolvimento político, econômico e social do Brasil, ganha relevância na medida em que decorrem desta transformação mudanças na realidade do trabalhador, em seu ambiente de trabalho e no contexto social. Este trabalho pretende abordar a construção pelos trabalhadores de representações sociais da realidade experimentada por eles no processo de mudança ao qual foram submetidos. A teoria das representações sociais está sendo utilizada na perspectiva de Jodelet, segundo a qual a representação torna possível a reconstrução do real através da interpretação dos elementos constitutivos do meio-ambiente, em uma dimensão ordenada e significativa para os membros de uma comunidade determinada. Esta interpretação da realidade é traduzida em um conjunto lógico do pensamento que vai constituir a visão de mundo para uma certa coletividade. A pesquisa descritiva que está sendo desenvolvida utiliza como instrumentos de coleta de dados entrevistas semi-estruturadas e observações de campo. A leitura das primeiras entrevistas e observações permitiu identificar as seguintes categorias de análise: mudanças sociais, mudanças políticas, mudanças econômicas e mudanças culturais identificadas pelos entrevistados como decorrentes do processo de privatização, mudanças organizacionais e alterações na organização do trabalho. A análise dos dados está sendo feita mediante análise qualitativa do conteúdo das entrevistas e observações. A amostra estratificada é composta de profissionais que estavam na Companhia e permanecem, profissionais que estiveram à época da privatização e não se encontram no momento e profissionais que foram admitidos após a privatização.

Karlyson de Castro Tavares; Íris Barbosa Goulart.

UFMG.



Representações Sociais de Conselheiros Tutelares sobre a adolescência.

A adolescência tem sido, ao longo de sua história social, tratada como uma etapa da vida na qual é comum a manifestação da violência, caracterizada pela delinquência, pelo desrespeito às regras e códigos sociais. Marcados por este lugar de rebeldia, os adolescentes vêm produzindo mais preocupações para as ciências e para as leis enquanto agentes da violência, do que como vítimas. A pouca preocupação com a condição de vítima parece ser um elemento importante para o quadro em que os adolescentes têm estado nas políticas de proteção oferecidas pelo Estado e nas pesquisas referentes ao tema. Trata-se de um quadro caracterizado pela falta de estudos e de práticas relativas às políticas de proteção aos adolescentes vítimas de violência, nos fazendo questionar o lugar deles como cidadãos neste “novo” contexto criado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei 8.069, de 13 de julho de 1990 (ECA). Dentre os agentes responsáveis pela garantia do cumprimento do ECA destacam-se os Conselheiros Tutelares. Exigem que políticas públicas sejam implementadas para que esta lei não fique apenas no papel, também atuam verificando, encaminhando e acompanhando os casos nos quais os direitos regulamentados nesta lei são violados. Surge, então, a possibilidade de investigar o conhecimento de um objeto social — a adolescência — a partir da prática dos Conselheiros Tutelares, baseando-nos, para tal, na Teoria das Representações Sociais. Desta forma, pretendemos compreender as Representações Sociais dos Conselheiros Tutelares sobre a adolescência, tentando entender como esta Representação Social está relacionada com a prática de proteção dos adolescentes pelos Conselheiros Tutelares, com as teorias científicas acerca desta fase do desenvolvimento humano, com as políticas de proteção à adolescência praticadas pelo Estado ao longo da história e o que prevê o ECA. Nossa proposta é a de levantar possibilidades em que as práticas de atendimento a situações de violência sofrida por adolescentes se articulam com as representações destes agentes sobre esta etapa da vida. O que nos parece uma investigação pertinente, pois entender o modo como estes agentes representam a adolescência é fundamental para verificarmos que caminhos estão sendo trilhados para estes sujeitos-adolescentes, questionar modelos que inviabilizam a percepção de diferentes modos de viver esta fase do desenvolvimento humano, bem como traçar políticas públicas que atendam esta diversidade.

Zeidi Araujo Trindade.

UFES.



Representações sociais de estudantes de pedagogia sobre melhoria da qualidade da escola.

Este trabalho é parte integrante do Projeto de Pesquisa: Subjetividade de Educadores em Tempos de Mudança, do Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia da Educação da PUCSP, cujo objetivo é investigar a dinâmica da subjetividade pelas articulações entre Representações Sociais, Consciência e Identidade. São sujeitos desta pesquisa os alunos de um Curso de Pedagogia de uma IES privada de um município da Grande São Paulo. O presente trabalho refere-se especificamente às Representações Sociais de “Melhoria da qualidade da escola”, apreendida a partir das respostas à pergunta “Para contribuir com a melhoria da qualidade da escola eu preciso...”, que é parte de um questionário constituído por nove questões que abordam aspectos gerais e específicos da Educação. A análise prévia das respostas demonstra que parte dos alunos considera o estudo (seja a formação continuada ou faculdade) como forma de contribuir para a melhoria da qualidade da escola. A isto se credita uma conscientização sobre a importância da capacitação do educador assim como a apropriação da ideologia que postula a “educação como única via para modificar a realidade”. “Ser bom profissional” foi outro fator abordado, apesar dos sujeitos não explicitarem as ações que caracterizam essa condição; mas apontam características genéricas como “ter determinação”, “ser mais responsável” e “cumprir com os deveres”, como requisitos necessários para ser “bom profissional”. A quarta categoria está relacionada às práticas voltadas especificamente aos alunos (como se preocupar, conhecê-los, transmitir valores). Observa-se aqui que há evidência de ações necessárias para atingir os fins da atividade docente, a formação do aluno. Parte dos sujeitos também respondeu que ser mais crítico e consciente para transformar a sociedade contribui com a melhoria da escola. Percebe-se a consciência da necessidade de transformação da realidade para modificar a escola, mas não se observa que é necessário também transformar a escola para que a realidade possa ser modificada, numa relação dialética. Este levantamento prévio indicou uma postura conflitante dos sujeitos que se posicionavam criticamente em alguns momentos mas que ainda mantêm fortes características da concepção dominante e alienante de educação.

Almeida, Sandro H. V; Silva, Flávia G.

PUC - SP.



Representações sociais de estudantes universitários em fim de curso da área de saúde da UFPB acerca da maconha.

O uso das drogas sempre esteve presente na história da civilização. E o mesmo acontece em relação a maconha, da qual se tem notícias a aproximadamente a 4.000 anos. A maconha é conhecida cientificamente por *Cannabis sativa*, originária da Ásia Central, cuja difusão se deu nos mais diferenciados lugares do mundo. De tal forma, seu cultivo e consumo até algumas décadas atrás era fundamentalmente um produto do Oriente, passando a figurar então como uma substância presente no cotidiano ocidental. A presente pesquisa enfatizou o uso da maconha, circunscrita como um fenômeno que ganhou dimensões mundiais, crescente nas três ou quatro últimas décadas, ao passo de ser considerada um problema social preocupante, fazendo com que governos de muitos países promulgassem medidas com intuito de mitigar tal temática na sociedade. Fez-se necessário considerar além dos aspectos históricos, farmacológicos, antropológicos e legais, levar em conta a teoria de Olievenstein(1985) retomada por Bucher(1992) que postula que a toxicomania resulta do encontro de um produto com um determinado sujeito num específico contexto sociocultural. Orientados pelos pressupostos teóricos das Representações Sociais(Moscovici,1961), pretendeu-se verificar como são formadas as imagens acerca da maconha, seu uso, suas leis entre universitários de fim de curso da área de saúde. De tal forma, elegeu-se tais estudantes partindo da hipótese que os conhecimentos adquiridos ao longo do curso modifiquem suas representações em relação a um objeto. A pesquisa em questão contou com uma amostra de 20 sujeitos de ambos os sexos, cursando os dois últimos períodos dos cursos de Medicina, Farmácia e Enfermagem. Foram utilizadas entrevistas semi-estruturadas gravadas mediante a permissão do entrevistado, e ao fim aplicou-se um questionário composto de 19 itens. Os estudantes eram abordados na universidade, sendo explicados-lhes os objetivos da pesquisa tinham livre decisão para aceitar ou não a participarem. As entrevistas foram realizadas num local reservado dentro da própria universidade, assegurando o total anonimato das informações obtidas. Os dados recolhidos foram transcritos e analisados segundo a técnica de Análise de Conteúdo preconizada por Bardin (1977). Constatou-se, que os estudantes da área de saúde representam a maconha como uma substância prejudicial que causa danos tanto físicos como psicológicos ao sujeito, fazendo com que os seus usuários necessitem de assistência como tratamentos medicamentoso e ou psicológico. Concernente a este assunto, tal estudo buscou conhecer melhor o fenômeno da maconha na sociedade, o que faz com que a pesquisa em questão assuma certa importância já que são muitos os mitos que circulam nos meios de comunicação e entre a população, tentando então desmistificar e trazer o tema de forma mais clara e menos preconceituosa.

Bernard Gontiès; Liana Mirela Souza Oliveira; Ludgleydson Fernandes Araújo; Renata Maia Pimenta

UFPB; PIBIC;CNPq



Representações sociais de indisciplina por alunos de Pedagogia de uma IES privada da Grande São Paulo.

Este trabalho é parte integrante do Projeto Pesquisa: Subjetividade de Educadores em Tempo de Mudança, do Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia da Educação da PUCSP, cujo objetivo é investigar a dinâmica da subjetividade pelas articulações entre representações sociais, consciência, identidade. São sujeitos desta pesquisa os alunos do curso de Pedagogia de uma IES privada de um município de uma Grande São Paulo. O presente trabalho refere-se especificamente às representações sociais de “Indisciplina”, apreendidas a partir das respostas à pergunta: “Indisciplina em sala de aula ocorre porque...” que é parte de um questionário constituído de 9 questões que abordam aspectos gerais e específicos da Educação. A análise preliminar dos dados indicam que os alunos apontam como determinantes da indisciplina predominantemente fatores intra-escolares, tais como motivação, interesse, e didática do professor, havendo uma menor concentração de respostas referentes aos fatores inerentes aos alunos, tais como estrutura social e relações familiares.

ANDRADE, Ana Rosa ; ARAÚJO, Andréa Fernandes de; VILLAS BÔAS, Lúcia P. S.

PUC-SP.



“Representações Sociais do meio ambiente em crianças”.

A população estudada consistiu de 50 crianças, de 11 a 13 anos de idade, de nível sócio-econômico baixo, freqüentadoras de uma escola pública de periferia. Para a coleta de dados, utilizou-se um conjunto de instrumentos: solicitação de um desenho, estória entrevista e aplicação de um questionário. As entrevistas foram norteadas por um roteiro semi-estruturado, gravadas em áudio-cassete e posteriormente transcritas. A análise de dados foi norteada por um estudo, desenvolvido por Reigota (1990) sobre a representação social do meio ambiente e praticas pedagógicas de professores de ciências, bem como pela técnica de análise de conteúdo, onde a unidade temática foi uma palavra uma frase ou um conjunto d frases. Os resultados revelaram que 44% das crianças têm uma representação naturalista do meio ambiente (compreendem o meio ambiente como sendo apenas os recursos naturais). Demonstraram que 24% das crianças têm uma concepção que “se movimenta” de naturalista para antropocêntrica (quando compreendem a existência dos recursos naturais para suprir as necessidades humanas), essas crianças no desenho revelaram uma representação naturalista, na estória e/ou entrevista, representação antropocêntrica. Outras 24% mostraram uma representação globalizante (compreendem ao interação entre recursos naturais e recursos sociais). Do total, 8% das crianças revelam uma representação que se movimenta de naturalista para globalizante. Os dados, possibilitaram a avaliação do movimento das representações, que se mostraram constantes nos desenhos e em evolução nas estórias e entrevistas. O conteúdo das categorias do questionário revelou a capacidade das crianças de fazer elaborações sobre a interação entre recursos naturais e sociais, identificando suas preocupações e chamando a atenção para a necessidade de condições sociais favoráveis, como aspecto essencial para a saúde do meio ambiente.

Lourdes Mara Costa Silveira.



Representações Sociais do Vestibular: Alunos à beira de um ataque de nervos.

O painel proposto pretende apresentar os resultados de uma pesquisa que tem, como finalidade geral, estabelecer relações entre o sucesso no exame Vestibular e o posterior rendimento acadêmico do aluno, levando em consideração o seu grau de satisfação e a sua realização individual. Busca, ainda, propiciar estudos posteriores, dando continuidade a esta discussão, além de fornecer subsídios para as investigações relativas aos procedimentos de ingresso nas IES públicas. Sua área de abrangência é, portanto, a avaliação. Fundamenta-se na formação de um “mapeamento” das representações sociais dos estudantes e professores, quanto ao concurso Vestibular. Com tudo isto, buscamos quatro resultados mais imediatos. O primeiro é a alimentação dos debates promovidos pela Sub-Reitoria de Graduação, no sentido de democratizar o acesso à Universidade. O segundo nasce da necessidade de melhoria dos Cursos de Graduação, através da seleção que será avaliada. O terceiro produto é inter-institucional, no intercâmbio com as demais IES públicas do Estado do Rio de Janeiro. O quarto resultado aponta para o aprimoramento da Graduação e refere-se aos estudantes, baseando-se na relação entre as estratégias de seleção e a variação das taxas de absenteísmo, reprovação e desistência de alunos, fato que tanto preocupa a Universidade. A coleta dos dados consistiu, em uma primeira etapa, de entrevistas com alunos e professores da Faculdade de Educação da UERJ, tendo como tema central o Vestibular (a experiência, a lembranças e as emoções de cada entrevistado). Uma segunda etapa consistiu na solicitação de associações livres, buscando as representações mais profundas, relacionadas ao termo VESTIBULAR. A análise dos dados está sendo realizada através da metodologia de Análise do Discurso destas entrevistas e da construção de um quadro categorial das associações livres. Estabelecemos, para a análise do discurso, categorias como: imagem real do vestibular, conteúdos mnemônicos ligados ao concurso, associação entre o Vestibular e o sucesso acadêmico posterior, motivos da escolha do Curso de Pedagogia e expectativas quanto à Faculdade de Educação da UERJ, por exemplo. Progressivamente vamos delineando o “quadro representacional” do Vestibular para estudantes e professores. Ao mesmo tempo, surgem ansiedades e angústias ligadas a esta forma de seleção – o “ataque de nervos”, referido no título. Elas vêm, no entanto, entremeadas de expectativas positivas dos estudantes ao ingressar na Faculdade de Educação, em relação à instituição, ao curso e à sua grade curricular, por exemplo. Os professores comungam das idéias de experiência desagradável, associada ao Vestibular. Apresentam, ainda, a expectativa de um melhor desempenho acadêmico, por parte dos alunos que obtêm melhores classificações no Vestibular. Do seu próprio vestibular, no entanto, não guardam recordações tão positivas. Pretendemos desdobrar este estudo, a partir do próximo ano, englobando os estudantes que ingressaram na Universidade através da aplicação do programa de reserva de vagas, que garante o acesso de 50% de alunos oriundos de Escolas Públicas do estado e 40% de estudantes negros e pardos.

Eloiza da Silva Gomes de Oliveira; Aline Pissiali Brito.

Faculdade de Educação Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ.



Reprovação escolar e medidas do desenvolvimento: uma análise através da Escala de Portage.

Medir o rendimento escolar de crianças em fase de alfabetização não é tarefa fácil para a maioria de pesquisadores interessados na melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem. Apesar dessa dificuldade é possível dizer que crianças que apresentam dificuldade para acompanhar o desenvolvimento do conteúdo proposto pela escola possuem baixo desempenho escolar, assim a reprovação é sinônimo de rendimento escolar abaixo da expectativa. Nesse estudo pretendeu-se analisar o desenvolvimento de crianças cursando a primeira série com e sem reprovação anterior, em relação a comportamentos, linguagem, cuidados próprios, desenvolvimento cognitivo e motor. Foram sujeitos 61 escolares com idade entre 7 e 9 anos a serem completados no presente ano letivo, de ambos os sexos (31 do sexo feminino e 30 do sexo masculino), regularmente matriculados em um Núcleo Educacional de um município do interior paulista. Os dados foram coletados em entrevistas individuais com os sujeitos e em prontuários para acompanhamento dos escolares matriculados, disponível aos técnicos da instituição envolvida. Utilizou-se a Escala de Desenvolvimento Infantil de Portage para avaliar o desenvolvimento de forma ampla, considerando-se que é um instrumento próprio para avaliar o desenvolvimento de crianças até o final do sexto ano. Após os dados terem sido coletados foram analisados através da prova estatística de Probabilidade Exata de Fisher e Qui-quadrado. Obteve-se que as reprovações estão associadas com o sexo masculino ($p=0,03$) e que em relação às áreas avaliadas pela Escala de Portage, houve associação apenas com a linguagem compreensiva. Destaque-se que comprometimentos não eram esperados já que as medidas da escala destinam-se a uma idade inferior um ou dois anos em relação à idade dos sujeitos. Os dados revelam que os dois grupos apresentaram desempenho semelhante embora a diferença de idade entre ambos deva ser assinalada. Espera-se que esse estudo auxilie o acompanhamento dos menores, sobretudo daqueles que cursam pela segunda vez a primeira série do ensino fundamental.

Carelli, M.J.G.; Tonelotto, J.M.F.; Rielli, A. L.

Núcleo Neurológico Amparo; PUC-CAMPINAS; Núcleo Educacional SEPI.



Residência Integrada em Saúde Mental Coletiva: uma nova possibilidade na especialização em Psicologia.

Numa iniciativa do governo do Estado do Rio Grande do Sul através da Escola de Saúde Pública e do Hospital Psiquiátrico São Pedro, no contexto da construção de uma rede de Atenção Integral à Saúde Mental Coletiva, respeitando os princípios do SUS e das Leis da Reforma Psiquiátrica Estadual e Federal, é efetivada em 1999 a proposta da Residência Integrada em Saúde Mental Coletiva. O hospital já teve a formação de Residência Integrada, na década de oitenta, porém além de não ter a composição de muitas categorias profissionais, foi desativada por governos anteriores durante a década de noventa. A RISMC reconhecida como especialização em área profissional é constituída por sete categorias profissionais: Psicologia, Medicina, Serviço Social, Terapia Ocupacional, Enfermagem, Educação Física e Educação Artística, sendo a única com este aporte no país. O curso tem duração de dois anos com o objetivo de qualificar profissionais de saúde para uma intervenção analítica, crítica, investigativa e propositiva no âmbito técnico, administrativo e político-institucionais de saúde no campo do SUS. Existe, ainda, a opção do terceiro ano da Residência Integrada centrado na capacitação para o ensino, planejamento e gestão em saúde. Esse programa está baseado na concepção do trabalho em equipe e na exigência ética de pleno acolhimento ao outro. Visa o apoio ao sistema de saúde, à elaboração de políticas de promoção e prevenção em saúde, ao estudo técnico-assistencial e do processo de produção saúde-doença-cuidado. Para tanto, inclui prioritariamente qualificação em serviço, além de atividades didáticas complementares, preparando profissionais para a rede pública de saúde e saúde mental. A Psicologia, como campo específico de saber, há muito contribui para as reflexões em Saúde Mental e Reforma Psiquiátrica, mas entendemos que programas de Residência Integrada ampliam as trocas interdisciplinares e enriquecem a compreensão e a atenção ao portador de sofrimento psíquico.

Mariana Boccuzzi Raymundo; Giovana Rotta; Jaqueline da Rosa Monteiro; Laura Lamas Martins Gonçalves.

Escola de Saúde Pública / RS e Hospital Psiquiátrico São Pedro – Porto Alegre / RS.



Resignificando valores na família: Em busca de uma nova ética.

O presente trabalho nos convida a refletirmos sobre as mudanças de valores familiares no contexto da sociedade contemporânea, mudanças que se refletem na configuração de uma nova ética. Esta reflexão é feita a partir das ideias de Gilles Lipovetsky. Lipovetsky (1994) faz um estudo histórico sobre ética e sociedade dentro do qual inclui a família. Parte da ética baseada na religião, passa pela ética do dever, a ética da contra-cultura para terminar discutindo a ética contemporânea a qual contempla novos valores em relação: as relações familiares, a procriação, sexualidade, corpo trabalho etc.. Estas mudanças nos valores afetam os relacionamentos em geral e particularmente os familiares. Dias (2000) assinala que todas estas mudanças se observam também num novo perfil dos clientes que procuram atendimento psicoterapêutico. A psicoterapia como prática social requer um psicólogo ciente dessas mudanças para desenvolver a sua prática de acordo ao contexto de inserção.

Maria Cecília Astete Salazar.

PUC-SP.



Retocolite Ulcerativa: estudo de caso através do Método de Rorschach.

A Retocolite Ulcerativa caracteriza-se como uma doença inflamatória da mucosa intestinal, com índices importantes de mortalidade e morbidade. Embora sua etiologia não seja claramente conhecida, considera-se como principais fatores os genéticos, os imunológicos e os psicossomáticos. Estudos associam traços típicos de personalidade a essa patologia, como: coartação afetiva, vulnerabilidade, egocentrismo, dificuldade na formação de vínculos, passividade, dependência, necessidade de aprovação e traços obsessivos. Este trabalho objetiva apresentar, através da metodologia de estudo de caso, a avaliação psicodiagnóstica de uma paciente do sexo feminino, 50 anos, casada, do lar, com diagnóstico de retocolite ulcerativa há dois anos, cujo início do quadro foi associado pela paciente à morte de um familiar e às vivências depressivas associadas. No momento da avaliação, a paciente realizava seguimento clínico e psicológico no Ambulatório de Gastroenterologia e no de Psiquiatria Geral do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto - USP, respectivamente, mantendo um controle regular do quadro clínico e queixas vagas de cansaço diário, anedonia e ansiedade, denotando contudo, adaptação ao cotidiano. A avaliação foi realizada com objetivos clínicos, utilizando-se entrevista clínica e técnicas para investigação da personalidade, sendo utilizado para o presente estudo, apenas os dados relativos ao método de Rorschach, codificado com base na nomenclatura francesa e comparado a dados normativos. Quanto aos resultados, evidenciou-se uma produção marcada por restrição e busca de controle racional diante da angústia despertada (produção diminuída, tempo aumentado, número de respostas formais na média). Quanto à organização lógica, apresentou indicadores de concretude, detalhismo e capacidade reduzida para abstração e simbolização (D, Dd, A, K=0, F+% Ban), contudo com efetivo controle racional, garantindo sua adaptação ao meio. Quanto às vivências afetivas, predominaram os indicadores de introversividade, com marcado fechamento e restrição, retendo em si sua impulsividade, com vivências de angústia deslocadas para o meio e para seu próprio corpo, favorecendo a somatização e a obsessividade. Os relacionamentos interpessoais mostraram-se marcados pela superficialidade e o não envolvimento, buscando controle afetivo e domínio onipotente diante dos contatos vivenciados como ameaçadores (respostas humanas na média). A análise integrada dos dados denotou um funcionamento psíquico marcado pela necessidade de controle racional, presença de angústia deslocada e falta de envolvimento emocional, mantendo-se integrada através de defesas com base na repressão, conseguindo ao longo da vida adaptação superficial ao meio, faltando-lhe recursos para lidar com situação de crise e dificuldades. A avaliação psicodiagnóstica através do Rorschach permitiu uma melhor compreensão dos aspectos psicodinâmicos do caso relacionando-os à patologia clínica da paciente e deste modo favorecendo o direcionamento do seu tratamento, no contexto da interface própria do atendimento psicológico no Hospital Geral.

Fabiana Marchetti Castro; Flávia Lima Osóri; Sonia Regina Loureiro

Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto - USP



Retrato de um (des)encontro: camadas médias na escola pública.

A pesquisa partiu da seguinte pergunta: quais as repercussões sobre a situação escolar das crianças das camadas populares do aumento das camadas médias na escola pública? Para respondê-la realizamos um estudo etnográfico em uma escola do município de Ribeirão Preto na qual esse fenômeno estava presente. Foram realizadas observações em sala de aula e em outros espaços da escola, além de entrevistas com diretores, orientadores, professores, pais e alunos. Os resultados da pesquisa de campo foram surpreendentes, pois revelaram que a relação entre usuários de camadas médias e a escola pública é muito mais complexa do que supúnhamos. Levadas por dificuldades econômicas, algumas famílias das camadas médias transferem os filhos da rede particular para a pública. Numa tentativa de pôr a escola pública em moldes que não afetem o seu prestígio, alguns pais participam da APM e do Conselho de Escola. Imersos no preconceito social contra os pobres, desejam excluir alunos pobres vistos como mais ameaçadores. Mas a equipe dirigente e o corpo docente não permitem, utilizando a defesa de tais alunos como forma de se contrapor aos pais na disputa pelo poder que se instala. Diante desta resistência, os pais deixam de participar de tais órgãos, mas procuram exercer pressão direta no fazer dos professores. As crianças, imersas neste universo de conflito e preconceito, reproduzem a discriminação na relação com os colegas.

Débora Cristina Piotto.

USP.



Revisando o Ato de Amamentar nos setores público e privado de saúde.

Este estudo busca retomar o tema da amamentação através de uma leitura e práxis interdisciplinar. A perspectiva histórica denota uma diversidade de registros e práticas, nesta seara. Situações econômicas e sociais demarcam rotinas, apontam modelos representantes de um momento histórico cultural. Deste modo, entramos em contato com uma série de conflitos oriundos de diferentes crenças, vivências e saberes. Os profissionais de saúde apresentam um discurso claro e coeso em prol da amamentação. Observamos um profícuo trabalho informativo e ilustrativo sobre esta temática. Contudo, vivências, crenças e mitos não se apagam facilmente por meio de informações. Estes procedimentos acabam por instaurar em algumas grávidas e parturientes culpas e conflitos. Antes, portadoras e detentoras dos saberes e parâmetros de uma cultura ou etnia. Agora, pressionadas externamente e internamente por forças opostas. Destituídas do espaço decisório que demarcou as recentes gerações, sem liberdade para quase qualquer escolha carregam, ainda, culpas por pensamentos ou desvios nas rotinas demarcadas pelas ciências da saúde. Coletamos, nesta pesquisa, relatos sobre percepções e sentimentos de sua condição de objeto, referendando uma situação mecanicista _ um corpo que fornece leite. As pesquisas e registros sobre o valor nutritivo, os ganhos na saúde do bebê e da mãe e, a oportunidade de relevantes vínculos mãe-bebê não parecem por si só suficientes para muitas mulheres. Elas não necessitam apenas dos dados e da informação mas precisam incorporar, confrontar e vivenciar como sujeitos, suas próprias decisões. Perpassando falas e leituras, nos setores público ou privado, a psicologia enfrenta o dito e o não dito, o que pode ser compreendido e o que não pode ser incorporado. Esta atuação psicológica é breve __ de algumas horas ou dias. As vezes, meses quando ocorrem complicações. Contudo, uma intervenção sem tempo ou contrato previsto. A idiosincrasia, desta atuação não favorece um desdobramento do caso e, tampouco seus antecedentes. Lutamos através de nossas falas e tantas letras por um espaço, uma atuação durante a fase pré-natal. O psicólogo ampara durante a internação na maternidade, situações que podem ser amenizadas através da psicoterapia breve no pré-natal psicológico. Abordagem, essa, fundamentada na psicanálise das relações objetais. Muitas intervenções e registros de saúde podem ser evitados caso, devidamente elaborados em fórum adequado. Indicamos a manutenção dos serviços em curso, contudo, preconizamos o pré-natal psicológico em parceria ao pré-natal médico, ampliando-se, assim, o espaço de atuação do psicólogo de forma preventiva e terapêutica. Não é viável tratar um ser pensante, repleto de sentimentos e expressões sem oportunizar sua manifestação. Uma gestante não pode ser reduzida a um corpo sem fala ou, a uma máquina na produção e manutenção de outra vida. O indivíduo precisa espaço para ser indivíduo e não apenas, submetido a saberes e fazeres, aos quais pouco ou nada compartilha. O sujeito clama para ser sujeito das ações e intervenções e, não objeto das ações técnicas e profissionais de outros agentes.

Maria Helena Camarinha Braz; José Pedro Patrício Teixeira.

Centro Universitário Celso Lisboa; Hospital da Beneficência Portuguesa do Rio de Janeiro; Centro de Estudos Médicos Dr. Paulo Braz.



Revista do Departamento de Psicologia.

A revista foi criada em 1989, por iniciativa dos professores do departamento, tendo como objetivo disponibilizar um veículo de divulgação e discussão da produção acadêmica e científica. O projeto da revista visa fomentar o debate e a ampliação dos contatos acadêmicos não só entre pares como também entre os diferentes segmentos que compõem a universidade. Cientes do compromisso estreito dos periódicos com a pós-graduação, afirmamos ser pesquisadores e o corpo discente, incentivando assim o processo constante de formação de novos pesquisadores desde seu início, ou seja, na graduação. Nos seus doze anos de existência, a revista tem conseguido manter-se fiel à sua linha editorial, diferentes vertentes de pesquisa no campo da psicologia, alimentando o debate constante como forma de incentivo à produção científica. Ao mesmo tempo, apoia-se o diálogo com diferentes áreas de conhecimento, em conexão direta ou indireta com o campo psi. Neste sentido, a revista acolhe trabalhos nos quais o tema acuse algum atravessamento com os estudos da subjetividade. A revista caracteriza-se, portanto, como um espaço no qual a controvérsia é considerada positivamente. Estamos abertos à publicação de artigos científicos, resenhas de livros e de teses, cartas, debates e painéis que expressem atividades de pesquisa. E, a clientela alvo constitui-se de professores, pesquisadores e alunos da área de psicologia e de áreas afins. A equipe editorial atual assumiu sua direção no final de 1999 e, a partir de então, a revista passou e continua passando por grandes reformulações, tanto para melhor cumprir seus objetivos em defesa do debate no campo psi, quanto para orientar-se pelos padrões de qualidade ANPEPP - CAPES. No que diz respeito à gestão editorial, a revista passou a contar, entre outros itens, com editor responsável, mais dois membros na comissão editorial e cinco bolsistas. Nossa aposta no fomento do vínculo entre ensino e pesquisa, fez com que incluíssemos na revista uma seção dedicada a painéis de pesquisas apresentados em congressos científicos, confeccionados por alunos bolsistas de iniciação científica. Acreditamos que outras soluções deverão ser procuradas e incentivadas pelos critérios de avaliação das revistas, a fim de garantir o vínculo efetivo entre ensino e pesquisa. Vale ainda assinalar nosso apoio a toda iniciativa voltada à criação de uma política coletiva de divulgação e circulação de artigos, que fomente o trabalho de cooperação entre os periódicos, evitando a todo custo o surgimento de políticas individualizantes, competitivas, que no nosso entendimento só irão obstaculizar o cumprimento do objetivo maior de incentivar e divulgar a produção científica.

Raquel Moreira Padova; Marcia Regina Barbosa Rodrigues; André Benício Gomes de Andrade; Sílvia Helena Tedesco; Márcia de Oliveira Moraes; Viviane de Carvalho Hillen; Francisco de Assis Palharinni; Priscila Mara de Mello.

Universidade Federal Fluminense.



Riscos na usina química: os acidentes e a contaminação nas representações dos trabalhadores.

A questão dos riscos no trabalho tem ocupado um grande espaço nas discussões a respeito da saúde e segurança dos trabalhadores, sendo abordado por uma diversidade de enfoques teóricos, alguns essencialmente ‘tecnicistas’ e outros que adotam perspectivas que privilegiam os aspectos sociais. Cada um desses enfoques atribui uma importância diferente para a posição dos trabalhadores em relação aos riscos, mas, em ambos, os acidentes ocupam lugar de destaque em detrimento do adoecimento no trabalho. A pesquisa aqui apresentada teve por objetivo investigar as representações dos trabalhadores a respeito dos riscos a que eles estão expostos na sua atividade profissional. Buscou-se comparar as representações dos riscos mais evidentes, como os de acidentes, com aqueles menos identificáveis pelo olhar leigo, como, por exemplo, a contaminação por produtos químicos. Para tal, optou-se por um estudo de caso de orientação etnográfica em uma única empresa - uma usina química de grande porte com uma estrutura organizacional complexa - cuja atividade se caracterizava pela presença de diferentes tipos de risco. Durante um período de dez meses foram realizadas visitas regulares à empresa (com frequência de uma a quatro vezes por semana e duração de três a seis horas), nas quais se buscava observar o ambiente e a organização do trabalho e manter contato com os trabalhadores. Na fase final da investigação também foram realizadas entrevistas não estruturadas. A diversidade encontrada permitiu cotejar as representações dos diferentes grupos sociais presentes no local com relação aos distintos tipos de risco. Verificou-se, assim, que o acesso às informações técnicas (que depende da posição ocupada pelo trabalhador na estrutura da empresa) e a forma como se estabelecem as relações entre a empresa e os trabalhadores (que está diretamente vinculada à organização do trabalho) foram os fatores mais relevantes na construção das representações. A composição desses dois aspectos fez com que algumas representações fossem bastante próximas do discurso oficial da empresa, enquanto outras foram completamente diferentes. E estas últimas costumavam ser identificadas pela equipe técnico-gerencial da empresa como uma visão errônea dos trabalhadores. Conclui-se que uma verdadeira política de segurança, que inclua um enfoque de ‘análise de risco’ mais completo e efetivo do que o tradicional, que adota somente a perspectiva técnica como verdade, tem de estabelecer espaços realmente participativos, onde, além de possibilitar aos trabalhadores o acesso às informações técnicas normalmente capitalizadas pelos engenheiros, também favoreça a expressão das representações desses trabalhadores a respeito dos riscos.

Márcia Hespanhol Bernardo

Universidade de São Paulo



Ritmo e som: um instrumento de integração nas oficinas terapêuticas.

A oficina terapêutica envolve os usuários em projetos que além de proporcionarem um momento de lazer e relaxamento, incentivam a descoberta, a criação e a produção de modos diversos de relação entre os participantes, favorecendo uma maior integração social e estimulando a desinibição. O instrumento propulsor desse processo é a música. Os participantes são convidados a entrar em contato com diferentes tipos de sons e ritmos e expressar o que a música lhes transmite, seja oralmente, através de desenhos, expressão corporal, dinâmicas de grupo, composições musicais, etc. Além de possibilitar maior autonomia e reconhecimento social, a oficina visa proporcionar aos participantes integração com o grupo e um momento de contato consigo mesmo, valorizando seu modo de ser e sua liberdade de expressão e conseqüentemente maior prendimento à realidade e auto conhecimento.

Joana Sanches Justo; Júlia Carolina Bosqui; Mônica Fujimura Leite; Tatiane Henrique Rodrigues; Thayane Carolina de Almeida.

Associação Londrinense de Saúde Mental (ALSM).



Ritos e insígnias na constituição dos grupos na cidade do Rio de Janeiro.

É no caos e na desorientação da metrópole contemporânea que os sujeitos, através da relação com o outro se constituem. O presente trabalho tem como objetivo aprofundar o estudo sobre o papel das insígnias na formação e manutenção dos vínculos intragrupais de crianças e jovens da cidade do Rio de Janeiro. As insígnias remetem ao processo de formação de identidades e diferenças, já que tem o poder de comunicar de forma rápida e simplificada a idéia de quem uma pessoa é. Como recurso metodológico realizamos observações participantes com três grupos diferentes de crianças e jovens da cidade do Rio de Janeiro: lutadores de Jiu- Jitsu, torcidas organizadas de times de futebol e funkeiros. Ainda realizamos: 1) grupos de discussão com crianças e jovens nas chamadas "Oficinas da Cidade", que consistem numa série programada de encontros para crianças e jovens, com o objetivo de promover a reflexão sobre aspectos da experiência dos sujeitos na cidade, e 2) grupos de discussão no chamado "Projeto Cidade em Imagens", que consiste em debates realizados depois da apresentação de algum dos três vídeos confeccionados dentro do próprio projeto, que colocam temas sobre a inserção e participação de crianças e jovens na vida da cidade, assim como a formação de grupos. A análise deste material permite-nos discutir sobre a relação entre a visibilidade das insígnias e inclusão/exclusão de sujeitos nos diferentes grupos; as tensões e conflitos relativos ao processo de diferenciação social na cultura do consumo e as afetividades envolvidas na relação com o diferente.

BARBOSA, C. H. M.; JUNCKEN, E.; PIZZI, B. P.; CASTRO, L.R.



Rivalidade, Afeição e Hostilidade: Um Perfil Discriminante das dimensões do Relacionamento Fraterno.

Os resultados apresentados neste estudo evidenciam os resultados de um perfil discriminante de uma amostra de 129 crianças em idade escolar. A presente pesquisa buscou investigar, dentre três dimensões do relacionamento fraterno (rivalidade, afeição e hostilidade), qual delas discriminaria, com maior força estatística, o relacionamento entre irmãos e as variáveis estudadas. Observou-se que a dimensão afeição diferencia-se das outras duas e explica a maior parte das variâncias das respostas. Nessa análise, as variáveis que dizem respeito a sentimentos de raiva, ciúmes, admiração e carinho, assim como o fato de ficarem acompanhadas ou não de um adulto, mostraram-se preditoras do relacionamento fraterno com predominância de afeição entre os sujeitos desse estudo. Tratando-se das variáveis relacionadas ao sentimento de ciúmes e raiva, os resultados apontaram para a discussão incluindo questões da percepção de tratamento diferenciado por parte dos pais em relação aos filhos e ao lugar na prole. As variáveis que diziam respeito aos sentimentos de admiração e carinho, incluíram na discussão aspectos relacionados ao lugar na prole. Já a variável que dizia respeito ao fato dos irmãos ficarem na companhia dos adultos, remeteu à discussão das intervenções parentais, nos conflitos fraternos e, algumas especificidades, da relação pais-filhos (separadamente).

Luiza Maria de Oliveira Braga Silveira; Adriana Wagner.

ULBRA; PUC-RS.



Rorschach e porte de armas de fogo: uma revisão segundo o Sistema Compreensivo do estudo de Pellini.

O presente estudo pretende realizar uma reflexão sobre o trabalho de Pellini (2000), por meio da análise de índices do método de Rorschach que devem ser considerados na avaliação psicológica em situações de porte de armas de fogo, segundo o Sistema Compreensivo de John Exner. Este trabalho traz contribuições importantes para a área de avaliação psicológica à medida que amplia para o Sistema Compreensivo o relevante estudo de Pellini (2000), no qual investigou índices do Rorschach contraindicados para a concessão de porte de armas de fogo a partir do sistema de classificação e interpretação de Aníbal Silveira. Os critérios de seleção dos índices do trabalho original fundamentaram-se em 3 funções básicas do funcionamento psíquico (afetividade, conação e inteligência) e nas características psicológicas estabelecidas pela legislação para registro e porte de arma de fogo: índice de impulsividade, adaptação à realidade, índice de conação (relacionado à disposição para a ação), respostas de movimento e de respostas cor. Os índices do Sistema Compreensivo considerados mais importantes, no presente estudo, referem-se aos módulos de mediação cognitiva, processamento da informação, capacidade de controle e tolerância ao estresse, ideação, afetos e relacionamento interpessoal. São eles os seguintes: a percepção adequada dos eventos e das pessoas (XA%, M-), aceitação de normas sociais (Xu e P), a maneira pela qual o indivíduo habitualmente focaliza sua atenção (LAMBDA), tolerância ao estresse e capacidade de controle frente a situações estressantes (D e AdjD), os recursos disponíveis para responder às demandas das situações (EA:es), o uso do pensamento (ou da atividade ideacional deliberada) para planejar cursos de ação deliberados, ou seja demonstrar capacidade de enfrentar as situações de desafio diretamente e pensar intencionalmente quanto à melhor forma de enfrentá-las, para não ficar à mercê das circunstâncias e da reflexão (M), a capacidade de utilizar a ideação de modo realista e voltado para a ação (Ma:Mp), capacidade de envolvimento em situações afetivas (Afr), impulsividade (FC:CF+C), o nível de agressividade (AG:COP, S e S-). Além disso, a presença de constelações que se referem a quadros patológicos - obtidos pelos índices de suicídio (S-CON), de hipervigilância (HVI), de percepção-pensamento (PTI) - e de traços de psicopatia são, certamente, contraindicados.

Lucilena Vagostello; Regina Sonia Gattas F. do Nascimento.

UNICASTELO; PUC-SP.



Saberes de Professoras sobre a Reprovação Escolar no Contexto da Progressão Continuada.

Estamos vivendo o impacto da implantação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (no. 9394/96) que implicou a criação de dois ciclos para o ensino fundamental e adoção do regime de progressão continuada em São Paulo. Em 1998, a Secretaria de Estado da Educação implementou a progressão continuada, que começou a vigorar no estado de São Paulo. Com esta implantação, muitos professores estão se sentindo inseguros. Inseguros em aprovar seus alunos, porque a lei assim determina. Como isto é novidade no ensino do Estado de São Paulo (na escola de 5a a 8a séries), alguns professores, preocupados, vêm revelando seu incômodo com esta medida. Entendemos que este incômodo pode tendenciar as crenças a respeito da importância da reprovação. Assim, neste nosso trabalho, nosso interesse se voltou não a estudar a progressão continuada em si, mas sim levantar algumas pistas sobre que saberes os professores estão construindo a respeito da medida e suas crenças sobre a importância da reprovação como mecanismo escolar, neste momento de impacto da reforma escolar. A intenção de investigar os saberes de professoras da rede pública paulista a respeito da reprovação escolar, nos anos iniciais da implantação da medida da progressão continuada no estado de São Paulo, teve como intuito saber o que eles tinham a dizer a respeito da medida. Um outro objetivo da pesquisa foi descobrir as possíveis fontes desses saberes e se haveria diferenças de concepções entre professoras primárias e secundárias, já que as professoras primárias têm a experiência com o Ciclo Básico (1a. e 2a. séries) desde 1983. Realizamos, gravamos e transcrevemos, entrevistas com 10 professoras de duas escolas públicas do ensino fundamental, cinco professoras de 1a. a 4a. série e cinco de 5a. a 8a, todas com pelo menos 10 anos de experiência profissional. Os depoimentos foram organizados em temas (papel do professor, da escola, reprovação e progressão continuada) e foram analisados tanto por sujeito quanto pelo nível de escolaridade em que lecionam. Os resultados apontam que: as professoras acreditam na importância da reprovação; e, que há uma diferença de profundidade nos discursos, sendo que as professoras primárias se revelaram muito mais críticas do que as professoras secundárias. Este trabalho alerta para a implantação de medidas educacionais que não podem continuar penalizando/ignorando os saberes e crenças dos professores da escola pública que precisam ser incluídos em tentativas de repensar a escola. Palavras-chave: Professoras – escola – saberes

Rita de Cassia da Silva

Unesp/Araraquara-SP



"Será que vai dar certo?" Elementos que influenciam a tomada de decisões vitais no adulto jovem.

Este trabalho procura abordar os elementos que entram em questão, e que com frequência influenciam os adultos e jovens em suas decisões vitais: profissão e vocação. Observando o contexto atual percebe-se que estes se deparam com conflitos entre: autonomia X dependência, seguranças X inseguranças, valores X "vazios" descréditos, que acabam influenciando a tomada de decisões tanto na área afetiva como profissional, social e vocacional. Objetiva também investigar as causas da diminuição ou tendências a adiar vínculos vocacionais definitivos; aprofundar e compreender a influência dos aspectos pessoais, familiares e valorativos nas escolhas vitais. Esta pesquisa é de cunho qualitativo com abordagem hipotético-dedutivo. A metodologia utilizada foi uma entrevista com questões norteadoras gravada e posteriormente transcrita na íntegra. A análise e discussão dos resultados foi realizada através da interpretação qualitativa das entrevistas. A amostra pesquisada constou de dez sujeitos, sendo cinco sujeitos candidatos à vocação religiosa e cinco sujeitos que optaram por uma união estável: "estar morando juntos", de ambos os sexos na faixa etária de 20 a 40 anos, da região do Planalto Médio do Rio Grande do Sul. Os resultados encontrados revelam que os sujeitos têm claro a distinção entre profissão e vocação e que relacionam como as dificuldades mais frequentes frente a escolha a aprovação e o apoio dos pais ou da família, a influência dos valores sociais/tradicionais, a questão financeira, as incertezas e os medos perante as mudanças e transformações rápidas da contemporaneidade, bem como a tranquilidade interior para escolha. Outro aspecto importante foi o sentimento de ambigüidade demonstrado sobre o conceito de definitivo e as dúvidas existentes quanto ao futuro da escolha tornaram-se evidentes na maioria das falas dos sujeitos. Outro sentimento presente foi o medo e a insegurança: será que vai dar certo? Pode-se concluir que as escolhas, quando feitas, tem o objetivo de "dar certo". Porém há a consciência de que a escolha feita é a melhor e a mais acertada para o momento e que é para dar certo. Mas o que é dar certo hoje? É manter uma decisão para o resto da vida? Num contexto de constantes e velozes mudanças, como perceber a influência da mídia e dos veículos de informação? E questiona-se ainda, estariam a escolas, as famílias e a sociedade preparadas para lidar com essa mudança de comportamento e de relações?

Jussara Besutti; Rosa Hoelscher; Maristela Piva

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO CAMPUS CARAZINHO



“Testes vocacionais”: análise de inventários de interesses mais utilizados em escolas.

Por questões históricas que ligam a orientação profissional ao uso de testes e da própria regulamentação das profissões de psicólogo e pedagogo, a utilização de Inventários de Interesses acabou sendo uma prática adotada e permitida a ambos os profissionais. Conhecidos no Brasil como “testes vocacionais”, são freqüentemente aplicados em escolas, dentre os quais constam, como mais recorridos, o Levantamento de Interesses Profissionais (LIP), de Carlos del Nero, o Kuder Inventário de Interesse, de Frederic Kuder e o Inventário de Interesse de Angelini, de Arrigo e Hebe Angelini. Objetivamos a análise do LIP Kuder e Angelini, sob dois aspectos: conceituação de orientação implicada e condições psicométricas (padronização, normas, precisão e validade). Além dos inventários, analisamos as informações contidas nos manuais destes instrumentos, que é a princípio, a fonte mais acessível de dados que o aplicador tem sobre ele. Encontramos instrumentos desatualizados quanto às profissões que apontam e condições psicométricas. Os manuais não explicitam sua fundamentação teórica nem os critérios de criação das categorias profissionais e não apresentam dados de normalização. O substrato teórico dos inventários é o da teoria da vocação, tida em si mesma como imanente e a priori no indivíduo, assemelhando-se ao conceito de QI dos testes de inteligência, e da teoria traço fator, que, surgida no início do século passado, é uma teoria normativa, substanciada na psicometria, que visa fornecer parâmetros operacionais para as tarefas de seleção e orientação. Os manuais pouco informam o aplicador sobre o instrumento. Suas bases conceituais, principalmente, sobrepostas à desatualização, podem levar a resultados equivocados.

Maria da Conceição Uvaldo; Yara Malki; Domenico Uhr.

Instituto de Psicologia da USP.



Trabalho Infantil na Agricultura: Sentidos Produzidos pela Família e pelos Professores.

Atualmente, a discussão sobre o trabalho infantil vem promovendo saberes e intervenções para “proteger” a criança de todo e qualquer trabalho, no intuito de mantê-la na escola. Estratégias de combate e erradicação ao trabalho infantil têm sido implantadas sem, no entanto, alcançarem a eficácia pretendida. Acredita-se que um dos motivos para que isso aconteça consiste em não se considerar as particularidades de cada contexto em que o trabalho precoce está presente, e, sobretudo, a visão os atores sociais envolvidos. O presente estudo, portanto, tenta considerar estes aspectos se propondo a apreender os sentidos que a família e os professores produzem acerca do trabalho infantil no cultivo de hortaliças. Para efetivar este estudo, realizamos grupos focais com as famílias, cujas crianças estudam e trabalham no cultivo das hortas em Gramorezinho (bairro situado na zona norte de Natal-RN) e com os professores destas crianças na escola do bairro (Escola Lourdes Goudeiro). As falas dos sujeitos foram tratadas segundo a perspectiva das práticas discursivas. A análise das práticas discursivas foi enriquecida com a retomada do conceito de ideologia. De um modo geral, percebe-se o quanto a ideologia do trabalho está imersa nas práticas discursivas dos sujeitos. Pois, embora apareça, em alguns momentos, a referência ao trabalho como algo que pode queimar uma etapa da vida - a infância, como algo que tira o tempo de estudar e de brincar da criança, atribuí-se ao trabalho infantil uma grande importância. Tanto para os professores como para as famílias o trabalho é algo que pode livrar as crianças dos perigos da rua, tais como: vagabundagem, criminalidade e uso de drogas. Nesse sentido, as falas apontam para o Trabalho Infantil como uma alternativa importante para a não permanência das crianças nas ruas. Vale salientar que, embora as crianças estejam inscritas no programa Bolsa-Escola, o trabalho dessas crianças nas hortas continua sendo uma prática efetiva no contexto dessas famílias. Prática essa que vem sendo reforçada historicamente pelas instituições disciplinadoras, aqui representadas pela família e escola, quando se trata da criança pobre.

Izabel Feitosa; Magda Dimenstein.

Núcleo de Estudos Sócio-Culturais da Infância e Adolescência; UFRN.



Traços de personalidade e aceitação social entre pares.

Aceita-se que as relações entre crianças fornecem contribuição essencial para o desenvolvimento social e emocional e as pesquisas têm revelado relações entre medidas de cunho emocional, cognitivo e social. No geral, os esforços de pesquisa concentram-se, principalmente, na investigação dos fatores de risco associados a um ajustamento pobre entre pares e intervenções para minorar as dificuldades nas relações entre pares. O objetivo do presente estudo foi verificar até que ponto a aceitação entre pares está relacionada a traços de personalidade. Foram estudados 411 alunos do ensino fundamental de uma escola pública do interior de São Paulo. Utilizou-se a Escala de Traços de Personalidade para crianças, com 35 questões informando sobre neuroticismo, extroversão, psicoticismo e adequação. A aceitação entre os pares foi aferida pelo teste sociométrico, nas situações de brincar e estudar, nas quais foram solicitadas três indicações positivas e três negativas de colegas da classe. Obteve-se, assim, duas medidas específicas e uma geral, soma das pontuações das situações de brincar e estudar. Os resultados evidenciaram que das 12 correlações encontradas apenas cinco foram significativas. Os resultados indicam que conforme aumentam as pontuações em neuroticismo, aumenta também a aceitação ou a escolha para estudar ($r= 0,111$; $p= 0,025$) e brincar ($r= 0,109$; $p= 0,028$), o que corrobora os resultados observados no teste sociométrico ($r= 0,120$; $p= 0,016$). Em contrapartida, a correlação foi significativamente negativa em relação ao psicoticismo na situação de estudar ($r= -0,118$; $p= 0,017$) e no teste sociométrico ($r= -0,114$; $p= 0,21$), indicando que conforme aumenta a pontuação em psicoticismo, diminui a aceitação social para estudar e no geral. As correlações significativas encontradas não foram altas, mas podem ser interpretadas como indicativo de características das crianças com os traços em questão, ao mesmo tempo em que indicam a presença de outras não estudadas nesta pesquisa. Assim, as crianças com altas pontuações em neuroticismo têm boa aceitação nas relações interpessoais na escola, enquanto que as crianças com altas pontuações em psicoticismo, não. Ao lado disso, é interessante observar que as crianças com alto grau de extroversão ou adequação social, não são as mais aceitas sequer para a situação de brincar no ambiente escolar.

Fermino Fernandes Sisto, José Calos S. Oliveira, Katya Luciane de Oliveira, Sandra Maria S.S. Oliveira, Otávia Regina Souza Costa, Daniel Bartholomeu, Sandra Mallar.

Universidade Universidade São Francisco / Universidade do Vale do Sapucaí.



Trajetória de crianças da primeira à quarta série: avaliação do desempenho escolar e do senso de auto-eficácia.

O processo inicial de escolarização da criança é de fundamental importância para o seu desenvolvimento psicológico, na medida em que pode favorecer o cumprimento da tarefa de produtividade ou realização de atividades valorizadas socialmente pela cultura. O presente trabalho consiste em um estudo longitudinal com objetivo de avaliar a trajetória de alunos da primeira a quarta série do ensino fundamental, avaliando o desempenho escolar e auto-percepção de eficácia. A amostra foi constituída por 37 alunos regularmente matriculados e freqüentando desde a primeira até a quarta série do ensino fundamental de uma escola pública estadual de Ribeirão Preto. O procedimento foi realizado em cinco etapas, a saber: 1) no início da primeira série foi avaliado o nível intelectual das crianças através das Matrizes Progressivas de Raven – Escala Especial; 2) no final da primeira série foi aplicado o Teste de Desempenho Escolar (TDE – teste psicométrico de desempenho escolar) e a Avaliação Pedagógica I; 3) no final da segunda série foi reaplicado o TDE e realizada a Avaliação Pedagógica II; 4) no final da terceira série, foi reaplicado o TDE, realizada a Avaliação Pedagógica III e aplicado o Roteiro de avaliação do senso de auto-eficácia; 5) no final da quarta série, foi reaplicado o TDE, realizada a Avaliação Pedagógica IV e aplicado o Roteiro de senso de auto-eficácia. Os resultados mostraram que a grande maioria das crianças na primeira série (65%) apresentou nível intelectual, na média ou acima da média e na terceira e quarta séries um senso de auto-eficácia elevado (mediana 19 e mediana 20, respectivamente; escore máximo do teste igual a 20). Quanto à avaliação de desempenho escolar medido pelo TDE verificou-se que na primeira série 92% das crianças apresentaram desempenho de nível médio ou superior. E em contrapartida, na quarta série houve uma redução para 60% de crianças com desempenho nestes níveis. Os dados da Avaliação Pedagógica refletiram a mesma tendência de piora do desempenho da primeira para a quarta série. Apesar de as crianças apresentarem indicadores de recursos cognitivos e um senso de auto percepção de eficácia favorável, parecem estar piorando a sua produtividade escolar de uma série para outra, seja medida pelas Avaliações Pedagógicas, seja pelo TDE. Na medida em que há indícios de recursos nas crianças, a escola pode não estar atuando no sentido de favorecer seu bom desempenho escolar por parte das mesmas. Os dados sugerem a necessidade de medidas educacionais que potencializem os recursos das crianças de primeira série como medida preventiva para evitar que haja o empobrecimento da produtividade na sua trajetória escolar.

Ângela Coletto Morales Escolano; Maria Beatriz Martins Linhares.

USP.



Trajetórias de Evasão entre Universitários Ingressantes.

O presente trabalho teve como objetivo analisar o fenômeno de evasão, a partir da identificação de padrões de trajetória de evasão de estudantes ingressantes em cursos de graduação da Universidade Estadual de Campinas.. Entendendo que a evasão é um fenômeno multideterminado por condições que atuam ao longo da vida acadêmica, entre elas fatores anteriores ao ingresso na universidade e posteriores a ele, fazia-se necessário uma análise que olhasse de forma longitudinal para este processo. Assim, a proposta foi a de analisar os padrões de trajetória de evasão, tanto no seu conteúdo quanto na sua forma, a partir de relato dos próprios estudantes sobre seu processo de evasão. Sendo, o conteúdo, aqui, entendido como a natureza dos eventos determinantes da evasão e forma entendida como a estrutura das relações entre as categorias de evento. Os dados analisados tiveram origem em um trabalho desenvolvido anteriormente na mesma universidade, e que teve como objetivo a investigação das condições determinantes da evasão a partir da percepção do próprio estudante . Os dados foram coletados através da aplicação de questionário a 81 estudantes evadidos de cursos de graduação. A questão de interesse para o presente estudo solicitava que o estudante apontasse as condições que o levaram a não efetuar sua matrícula para o segundo ano do curso. Na análise de cada uma das respostas procurou-se identificar os componentes apontados como condições determinantes da não realização de sua matrícula e, simultaneamente, buscou-se construir a estrutura das relações entre os eventos apontados por eles. Cada componente foi entendido como as ocorrências, fatos, situações ou episódios discrimináveis da resposta dos estudantes associados à sua trajetória de evasão. Na busca da identificação e descrição dos aspectos presentes na narrativa dos estudantes, emergiram duas dimensões presentes na trajetória das ocorrências associadas à evasão: a) uma dimensão temporal, definida como a localização temporal dos componentes em relação ao curso em que estava matriculado (anterior ao ingresso, durante o tempo de matrícula, evasão e posterior à evasão) e, b) uma dimensão espacial, envolvendo a localização dos componentes em relação a universidade em análise (diretamente ligadas a ela e as não diretamente relacionadas ou não relacionadas à esta universidade). Simultaneamente buscou-se categorizar as diferentes ocorrências a partir da identificação das temáticas presentes nos relatos de evasão. A análise da disposição dos componentes nas dimensões temporal e espacial associada à natureza dos componentes não só possibilitou a identificação da principais características das trajetórias de evasão de estudantes ingressantes como indicou a existência de diferentes percursos.

Elizabeth Mercuri; Luana Almeida

Universidade Estadual de Campinas



Transformação do espaço escolar em ambiente inclusivo.

A necessidade de se construir um sistema educacional de qualidade para todos impõe uma forma de atuação diferenciada por parte daqueles que trabalham no campo da educação. A quebra de estereótipos e preconceitos, ponto de partida para a implantação de uma escola inclusiva, faz-se necessária para que o modelo que aí está se rompa. A colaboração e a cooperação entre todos os participantes do processo educacional (pais, professores, alunos, coordenadores pedagógicos, diretores, comunidade, etc.) na tentativa de mudar papéis e responsabilidades tornando o ambiente educacional mais flexível são alguns dos objetivos a serem alcançados neste processo. Como toda a construção, a educação inclusiva é gradativa porque é preciso analisar todas estas crenças que envolvem o sistema educacional brasileiro e que têm resultado nos altos índices de repetência, evasão ou promoção automática irresponsável. A idéia de projetos de inclusão vem ganhando força dentro da Rede Municipal de Ensino desde 1997. O modelo implantado na Escola Municipal de Ensino Fundamental General Osório através do Projeto Escola Viva foi o pioneiro, coordenado pela professora-doutora Leny Magalhães Mrech da Universidade de São Paulo. Especificamente no NAE 12, na Escola de Ensino Fundamental Ibrahim Nobre foi desenvolvido um projeto semelhante que durou dois anos (1999 e 2000) e que fazia parte de um programa de estágios na disciplina Metodologia de Ensino de Psicologia. Este trabalho pretende apresentar algumas reflexões acerca do projeto de assessoria contínua à Escola Municipal de Ensino Fundamental Vianna Moog que estabeleceu a Educação Inclusiva como uma de suas prioridades. A partir do diagnóstico elaborado pela escola em seu Projeto Político Pedagógico, que aponta como objetivo permitir um aproveitamento educacional mais satisfatório de todos os alunos que a procuram, foi estruturado um projeto de assessoria escolar. Numa primeira etapa procuramos delinear um quadro geral sobre o funcionamento desta instituição. Para tal, buscamos, através de observação participativa, identificar sob quais paradigmas estava estruturado o trabalho da equipe pedagógica. A partir daí foram escolhidos alguns temas, em conjunto com os agentes educacionais, congruentes com o projeto pedagógico da escola já estabelecido, e que ao mesmo tempo trouxessem os conceitos básicos da educação inclusiva. Diante disto, tem havido uma reflexão global da instituição pois a perspectiva da inclusão devolve para a escola a tarefa de educar sem adjetivos requerendo uma nova forma de responsabilização de todos pelo processo educativo. A proposta de ação envolve o trabalho com todos os alunos, sejam estes crianças com necessidades educativas especiais ou não, que pertençam ou venham a pertencer a esta comunidade. Iniciamos a intervenção pelo corpo docente da escola procurando articular o conhecimento e o saber a uma prática mais coletiva e solidária, adequando os conteúdos e enfrentando dos problemas da escola coletivamente. Para tal utilizamos dois horários de JEI – horário coletivo de trabalho. Algumas mudanças já podem ser observadas principalmente no que se refere a cooperação entre os professores e o corpo técnico da escola o que tem começado a refletir no dia-a-dia da sala de aula e portanto no trabalho com as crianças e adolescentes.

Liliane Garcez; Maria Claudia Junqueira; Eduardo Viana Junqueira

Universidade de São Paulo; Universidade São Marcos



Transmissão de Valores de Pais para Filhos.

A família tem por função oferecer um lugar em que a criança possa desenvolver com segurança suas aptidões, estruturar sua personalidade e se relacionar com a sociedade a qual pertence (Engels, 1981); é o primeiro grupo social do qual a pessoa faz parte, sendo responsável pela formação individual e social da criança (Ariés, 1981). Este estudo teve como objetivo principal conhecer como se dá a transmissão de valores de pais para filhos. A amostra foi composta por 206 pares (filhos-pais/mães). A idade dos filhos estava compreendida entre 10 e 19 anos, e a dos pais entre 27 e 44 anos. Os filhos responderam a Escala de Percepção dos Pais (Pasquali & Araújo, 1986) e o Questionário dos Valores Básicos (Gouveia, 1998), este último adaptado para medir seus próprios valores e os valores que percebiam como adotados por seus pais. Um dos progenitores respondeu a duas versões do questionário medindo seus valores e os valores que desejavam para seus filhos. Todos os participantes responderam questões sócio-demográficas sobre idade, sexo etc. Seguiu-se um procedimento padrão visando evitar vieses de respostas. Com base nas correlações r de Pearson, verificou-se que o valor dos pais que apresentou correlação mais alta com os dos filhos foi religiosidade ($r = 0,38$, $p < 0,001$). No que se refere aos valores que os pais desejam para seus filhos, a correlação mais alta foi do valor maturidade ($r = 0,45$, $p < 0,001$). Em relação aos valores que os filhos apresentam e aqueles que dizem perceber nos seus pais, verificou-se que a mais alta correlação correspondeu à privacidade ($r = 0,76$, $p < 0,001$). Em relação às mães, verificou-se que os valores que estas assumem se correlacionaram com seis valores dos filhos, sendo a mais alta com obediência ($r = 0,31$, $p < 0,001$). Os valores que as mães desejam para seus filhos e os que estes dizem assumir se correlacionaram em oito oportunidades, sendo a mais alta com justiça social ($r = 0,38$, $p < 0,001$). Por fim, quanto aos valores apresentados pelos filhos e os que estes percebem como adotados por suas mães, dos 24 valores básicos a mais alta foi com prestígio ($r = 0,60$, $p < 0,001$). Os resultados indicaram que os valores dos filhos correspondem em maior medida aos que estes percebem como sendo adotados por seus pais, seguidos daqueles que os pais desejam para eles e, por último, daqueles que os mesmos afirmam ter. Concluiu-se que, no processo de socialização dos valores parentais, é mais preponderante a percepção que os filhos têm sobre quais seriam os valores dos seus pais. Assim, ressalta-se a importância dos pais apresentarem uma conduta coerente com aquela que desejam que seus filhos manifestem.

Jorge Odélio Schneider; Valdiney V. Gouveia; Palloma Rodrigues de Andrade; Josemberg Moura de Andrade; Walberto Silva dos Santos

Universidade Federal da Paraíba



Transtorno do déficit de atenção – DDA.

O DDA é caracterizado basicamente pela tríade sintomática: desatenção, hiperatividade e impulsividade. Um conjunto de sintomas leva-nos a acreditar que um indivíduo (criança ou adulto), apresenta este transtorno, visto que não aparece nenhuma alteração no eletroencefalograma, nem existem ainda testes psicométricos para avaliação. Desta forma podemos observar que o DDA não é composto apenas de uma simples falta de atenção, mas é uma dificuldade em manter o foco, abrangendo uma série de sintomas. Temos que ter em mente o que fazer quando se faz um diagnóstico seja ele qual for. Neste caso, vou me deter mais no diagnóstico na fase adulta. Normalmente quem chega no consultório a beira do caos e é diagnosticado o DDA, o primeiro impacto é: alívio, pois agora ele tem uma explicação para seu caos, seu fracasso como pessoa. Depois vem a pergunta: e agora? Agora cabe a nós, psicólogos, sabermos trabalhar em equipe, e ensinar isso ao paciente. Ele vai precisar da ajuda dos familiares, dos colegas, dos amigos. Terá que reformular hábitos a muito pré-estabelecidos, defesas a muito enraizadas para suportar os seus sintomas, para poder sobreviver. Muitas vezes vamos nos deparar com excelentes profissionais, mas com outras áreas comprometidas. Apesar de excelentes profissionais eles nunca rendem todo o seu potencial, não por preguiça, mas pura falta de condições físicas. A medicação é essencial, mas não é tudo, a terapia é fundamental. Mas não pense em interpretar o paciente com DDA, ele neste momento não atua, ele age conforme entende, conforme percebe a informação, isso é neurológico, não emocional. A primeira coisa que você deve fazer é entender o indivíduo que está na sua frente e ajudá-lo a compreender os que os outros dizem. A medicação fará ele entender e focar a atenção melhor, ser menos impulsivo, mas esses hábitos já estão lá, você será o condutor para mostrar isso e ajudá-lo a desfazer-se deles. Será apresentado um caso, onde foi aplicado uma Técnica de Reprogramação baseada em duas técnicas psicoterapêuticas: a técnica cognitiva e a terapia de insight dirigido, atingindo as cinco áreas básicas do indivíduo: trabalho, estudo, lazer/amigos, família e relacionamentos. O objetivo é ajudar o indivíduo a utilizar melhor seu potencial em cada área, fazendo com que ele possa assumir controle sobre o sintoma até extingui-lo. Observa-se que depois de realizado o “programa”, desencadeia os fatores emocionais que não estão integrados e então é possível entrar com a psicoterapia propriamente dita.

Giane Siciliani da Rosa



Transtornos Mentais Sub-Projeto Órion: "Prevalência de Transtornos Mentais em Trabalhadores de Instituições de Ensino Superior: Diagnóstico, Prevenção e Tratamento".

Este é um trabalho que está inserido no Projeto Matrix, que está sendo desenvolvido em caráter inter-institucional e inter-regional nas universidades: UNICAMP(Campinas-SP), FAENQUIL(Lorena-SP) e UCDB(Campo Grande- MS), que tem como finalidade diagnosticar, prevenir e propor estratégias de tratamento à Saúde Mental dos trabalhadores de Instituições de Ensino Superior, visando uma melhoria na qualidade de sua saúde física e emocional bem como da saúde organizacional. Esta pesquisa é dirigida aos funcionários da UCDB, e tem por objetivo diagnosticar, prevenir e propor estratégias de atenção à Saúde Mental dos trabalhadores desta instituição , bem como estruturar e introduzir estratégias de tratamento dentro do local de trabalho. A metodologia utilizada tem como sujeitos, funcionários: atendentes e chefia da clínica-escola em suas diversas especialidades(Fisioterapia, Fonoaudiologia; Terapia Ocupacional, Nutrição e Psicologia), a Acessoria Jurídica e Assistência Social. Para o diagnóstico foram utilizados os instrumentos: Whoool, Eri, Inventário de Beck e de Hamilton; e como proposta de intervenção: num primeiro momento aplicação dos instrumentos, depois formação de grupo operativo com dez encontros semanais com duração de uma hora e trinta minutos; após o último encontro será feita a reaplicação dos instrumentos para a análise e avaliação dos dados, quantitativa e qualitativamente. No momento não podemos oferecer os dados conclusivos da pesquisa que será apresentado à posteriori no painel.

COSTA, Patrícia A. M. C.; SILVA, Thais N.; CARDOSO, A. D.; CARDOSO, W.



Tratamento de um paciente com Cefaléia crônica diária através de Terapia Cognitivo-Comportamental associada a Estados Ampliados de Consciência.

A cefaléia crônica diária é um tipo de cefaléia, que se caracteriza como dor de cabeça presente em mais de 15 dias em um mês, por mais de um mês, e que não seja causada por outra patologia. Fatores emocionais e psicodinâmicos podem estar relacionados à predisposição ao quadro de enxaqueca e ao desencadeamento de crises dolorosas. A abordagem dos fatores emocionais relacionados a esta patologia, por diversas técnicas psicoterápicas, vem sendo estudada na literatura com resultados positivos. A terapia cognitivo-comportamental (TCC) tem como objetivo maior, possibilitar ao paciente um novo hábito de pensar, a conscientização e a reconstrução de seus sistemas de crenças, tornando suas emoções compreensíveis e desenvolvendo uma atitude mais eficiente diante de seus problemas. Metzner define um estado ampliado de consciência (EAC), como uma mudança no pensamento, no sentimento e na percepção, em relação ao estado de consciência ordinário, e que tem um início, uma duração e um final. Diversos autores demonstram que a utilização do EAC para a percepção de imagens mentais pode ser uma ferramenta efetiva para formação de novos padrões de pensamento, sentimento e comportamento. Horowitz aponta que informações relacionadas ao afeto e à fantasia podem estar contidas na imagem e não serem acessíveis ao indivíduo no pensamento verbal, concluindo que as imagens em si têm provavelmente determinantes psicodinâmicos, podendo combinar conteúdos vivenciais internos e externos. Este relato descreve o tratamento de uma paciente com cefaléia crônica diária pelo método da TCC associado ao uso do EAC. Nesta técnica, o paciente em EAC passa a relatar tudo o que vem à sua mente em relação à dificuldade trabalhada, como pensamentos, sentimentos, emoções e imagens reais ou simbólicas. Esta paciente de 40 anos procurou nosso serviço com queixa de cefaléia frontal de forte intensidade, pulsátil, com frequência de mais de 15 episódios por mês, há 5 anos. A dor exacerbava-se com luz, excesso de ruídos, como também no período pré-menstrual, sendo mais intensa em situações de ansiedade, quando vivenciava medo de abandono, de solidão e de envelhecimento. Submeteu-se a 5 sessões de anamnese, 9 sessões vivenciais (em EAC), e 6 sessões integrativas, com intervalo semanal, durante aproximadamente 6 meses. Através de vivências reais e simbólicas, percebeu sentimentos de abandono, solidão, rejeição, ódio, revolta, injustiça e medo de envelhecer, sempre acompanhados de cefaléia intensa. Após a elaboração desses conteúdos, quando compreendeu o significado dessas imagens, a paciente pôde identificar padrões inadequados de pensamento e comportamento. Pôde estabelecer então, metas positivas para uma vida mais feliz, libertando-se dos conflitos neuróticos desencadeadores de crises intensas e freqüentes de cefaléia. A paciente foi clinicamente acompanhada por aproximadamente 30 meses. A frequência da dor passou a ser de 2 a 3 vezes ao ano, com intensidade leve, dispensando o uso de analgésicos.

Albuquerque, V. E.; Peres, J.F.P.; Mercante, J.P.P.; Peres, M.J.P.

Instituto Nacional de Pesquisa e Terapia Vivencial Peres



Tratamento de um paciente com fatores psicológicos e de comportamento associados à asma brônquica (CID 10 F54 mais J45), através da Terapia Cognitiva associada a Estados Ampliados de Consciência.

Fatores psicológicos, tais como preocupação, conflito emocional e apreensão estão muitas vezes associados ao desencadeamento de crises de asma brônquica, sendo indicada a psicoterapia como coadjuvante do tratamento médico. A terapia cognitiva permite ao paciente se conscientizar dos padrões de pensamento e comportamento que geram medo e ansiedade, desencadeadores potenciais das crises de asma brônquica. William James, no começo do século 20, foi um dos primeiros psicólogos que chamou a atenção sobre os outros estados de consciência diferentes do estado de vigília. Charles Tart e outros autores, estudaram os chamados estados ampliados de consciência (EAC) e seu uso em psicoterapia. Por intermédio dos EAC, torna-se possível resgatar e reconstruir vivencialmente eventos emocionalmente significativos, detectar as crenças e padrões disfuncionais de comportamentos gerados ou reforçados na ocasião e então reestruturá-los cognitivamente, visando a formulação de novos padrões saudáveis e adaptados ao contexto atual de vida. Este paciente de 40 anos procurou nosso serviço com queixa de crises de dispnéia desde a sua infância com piora nos últimos três anos, após o nascimento do seu filho com o qual refere ter um relacionamento difícil. Nesse período é obrigado a usar inalações de broncodilatadores três a quatro vezes ao dia para controlar as crises, que pioravam em situações de estresse no trabalho, onde tinha sucesso aquém do esperado para seu preparo acadêmico. Tais ocasiões eram acompanhadas de uma tristeza inexplicável. Submeteu-se a 5 sessões de anamnese, 6 sessões vivenciais em EAC e 6 sessões de análise cognitiva dos conteúdos vivenciados. Os conteúdos aflorados em EAC trouxeram emoções e sentimentos de medo, tristeza, impotência e solidão, sempre associados à sensação de falta de ar. A partir da consciência sobre a dinâmica que disparava e mantinha sua sintomatologia, o paciente foi modificando suas crenças, padrões de pensamento e comportamento que lhe causavam os conflitos desencadeantes das crises de dispnéia. O paciente foi acompanhado por aproximadamente 2 anos com remissão completa das crises de dispnéia, melhora da sua autoconfiança no trabalho e no relacionamento com seu filho. Deslocamentos de sintomas não foram apresentados até o momento.

Morando, J.S.; Peres, J. F.P.; Bassani, R.; Mercante, J.P.P.; Peres, M.J.P.P.

Instituto Nacional de Pesquisa e Terapia Vivencial Peres



Tratamento e sua relação interdisciplinar Arte e Psicologia.

Estudo de Caso Partindo da premissa de que expressar não é só criar a sua imagem pictórica, mas sim, a construção de um olhar para todos os nossos detalhes, a proposta arteterapêutica apresentada pelo Centro Regional de Estudos, Prevenção e Recuperação de Dependentes Químicos (CENPRE) encontra-se centrada na pesquisa do sujeito/paciente em encontrar e elaborar um universo de imagens significantes, representativas de seus conflitos subjetivos, que quando traduzidos simbolicamente permitem uma expansão da finalidade do processo terapêutico, a ponto de sublimar elementos artificiais entre arte e vida. A intervenção aqui discutida abordará a complementariedade da abordagem da psicoterapia à abordagem terapêutica da arteterapia que coloca-nos frente a um novo olhar sob o papel da arte no desenvolvimento psicológico do indivíduo. LUI é um funcionário público, casado pela terceira vez e atualmente com 44 anos. Após três internações no Hospital Psiquiátrico e o encaminhamento do Departamento de Recursos Humanos de sua unidade, opta por uma intervenção ambulatorial para o tratamento de seu alcoolismo. LUI informa que iniciou a beber aos 17 anos, mas de forma social e após mais ou menos 10 anos, devido a problemas de relacionamento com a esposa começou a exagerar na bebida. Conduta Terapêutica: Psicoterapia: Modelo conjuntivo comportamental A utilização desse modelo oportunizou ao paciente uma organização mais imediata de sua vida, seus projetos, sendo capaz de se apropriar de uma forma eficiente e satisfatória na condução de seus pensamentos disfuncionais. - Dar-se conta que os pensamentos disfuncionais regiam sua vida de forma insatisfatória. - Que o seu uso alcoólico estava regendo inadequadamente os seus pensamentos funcionais. - Que as reações advindas do uso alcoólico bloqueavam pensamentos satisfatórios. - Que a Terapia Conjuntiva Comportamental o ajudaria a modificar os pensamentos e desta forma os sentimentos e comportamentos. - Que as imagens criadas nas sessões relacionadas com os insucessos poderiam ser concretizadas com sucesso nas sessões de arteterapia. - Que esta relação provocaria eficazmente respostas alavancadas dos recursos do relevados nas gravuras, pinturas ,etc. - Que isso modificaria a crença central(Eu sou inútil) e beneficiaria seu relacionamento com o mundo. O encaminhamento para as sessões de arteterapia deu-se devido à necessidade do paciente em buscar elaborar seus medos e angústias a partir da vivência corpórea e plástica do símbolo, utilizando-o como instrumento de vinculação com o real. A Arteterapia em suas diferentes modalidades utiliza o potencial criativo como reconciliador dos conflitos emocionais e cognitivos, bem como facilitador do auto-conhecimento. O caminho é fornecer suporte material adequado para que a energia psíquica plasme símbolos em criações diversas. As produções simbólicas permitem a visualização dos múltiplos estágios da psique, ativando e realizando a comunicação entre inconsciente e consciente. Esse processo colabora para a compreensão e para a resolução de estágios afetivos conflitivos, favorecendo a estruturação e a expansão da personalidade através da criação.

Dagmar Pardo; Viviani Kwecko.



Um adolescente em busca de sua identidade: estudo de um caso da clínica-escola, à luz da abordagem centrada na pessoa.

O objetivo deste trabalho é apresentar, através de um estudo de caso clínico, como foi pensado o manejo da relação terapêutica entre uma estagiária do 5º ano de psicologia e seu cliente: um adolescente de 18 anos em busca de sua identidade. A Abordagem Centrada na Pessoa, segundo a Teoria da Personalidade e da Psicoterapia de Carl Rogers, foi a prática clínica privilegiada para orientar esse trabalho. Desta forma, as ênfases na experiência, ou seja, no existir do cliente, na reflexão de sentimentos, bem como no compreender e descrever foram cuidadosamente observadas. Assim, também, o manejo foi pensado através das três condições necessárias à relação de ajuda: congruência, compreensão empática e consideração positiva incondicional. Sabe-se que todos esses aspectos afetivos da Percepção estão intimamente ligados ao trabalho terapêutico e dizem respeito muito mais a atitudes do que a técnicas, por isso, o manejo acaba dependendo muito mais de um trabalho do terapeuta com sua própria personalidade e de sua vivência nas relações interpessoais, do que de um aprendizado de teoria e regras técnicas. Portanto, neste caso específico, a supervisão teve um papel importante, facilitando tanto o trabalho da estagiária, como, indiretamente, o progresso do cliente. Portanto, à medida em que a terapeuta pôde ser mais congruente, ou seja, mais coerente no experienciar, perceber e expressar, aceitando seus próprios sentimentos e podendo distingui-los da experiência do cliente, conseguiu aumentar a sua capacidade de compreensão e confirmação do outro, acompanhando-o em sua auto-exploração, sem julgamentos ou avaliações. O cliente, um adolescente de 18 anos, procurou a clínica após ter passado por várias perdas e um período de depressão. Trouxe questões sobre sua identidade e processos identificatórios na construção de si mesmo e, de seu mundo, em vários aspectos de sua existência, como nos relacionamentos afetivos, em sua sexualidade, na escolha profissional e em suas crenças e valores. Apresentava um conflito entre o que considerava seu "lado bom" e o seu "lado mau", sentindo-os como incompatíveis e definitivamente irreconciliáveis. Tal experiência pessoal pôde ser entendida e refletida através da atitude de compreensão empática por parte da estagiária que, ao "se colocar no lugar" de seu cliente, vivenciou o mundo interno do mesmo, sentindo e vendo a experiência como ele a via, mas preservando, através da supervisão, sua identidade para não se confundir com ele. Portanto, este estudo mostra como, através das interações terapeuta-cliente, no decorrer de 16 sessões, o cliente evoluiu na compreensão de si mesmo. Ainda que o processo tenha ocorrido em tempo limitado, chegou-se a um bom resultado, pois o cliente pôde entrar em contato mais real com seus conflitos e sentimentos, aproximando-se de um Self mais congruente com a totalidade de sua experiência.

PINI, Maria Helena Manzano; GOLEGÃ, Luciana Tavares.

Universidade São Marcos.



Um censo comunitário: finalidades, dificuldades e contribuições para o conhecimento da realidade.

A intervenção comunitária requer um conhecimento da dinâmica das estruturas de relações existentes entre a população e suas instituições sociais. Qualquer que seja o objetivo desta intervenção, a necessidade de um conhecimento prévio de algumas de suas características se apresenta como prioritária. Conhecer uma população, para além de suas dimensões demográficas, tem se tornado um desafio à qualquer ação social pela ausência de mecanismos capazes de representar, de forma mais concreta possível, a realidade da população - suas necessidades, a percepção que tem de suas vidas e de seus problemas, suas expectativas e dificuldades em realizar aquilo que desejam. Com uma proposta de intervenção preventiva em uma comunidade, elaborou-se um instrumento para o levantamento das seguintes dimensões: características demográficas e familiares, características relacionadas ao trabalho, à educação e condições habitacionais, identificação de necessidades e perspectivas. Foram realizadas visitas domiciliares para a coleta das informações e um folheto foi elaborado com resultados para a comunidade: quem somos, o que fazemos, como vivemos e o que desejamos. Foram cadastradas 1533 pessoas e suas características descritas. Alguns indicadores servem para um processo de conscientização, mobilização e participação popular em programas de intervenção comunitária. Mesmo tendo sido possível a descrição de muitas características desta população, dois conceitos se mostraram importantes para sua descrição, mas deveriam ser definidas segundo melhores critérios, tais como: família e casa. O resultado da elaboração deste censo aponta para uma forma de trabalho que já estabelece oportunidade para o planejamento nas comunidades e que faz parte fundamental para qualquer plano de ação nestes sistemas.

R.S.L.Guzzo; F. Lacerda Jr; N. Catini; P. Ito; R.M. Fait.

PUC-CAMPINAS.



Um Corpo, um bacilo – um estudo sobre a noção de corpo numa pesquisa de tuberculose.

Em 1999 o Hospital dos Servidores do Estado do Rio de Janeiro (HSE) começou a realizar exames anuais para a investigação do índice de infecção pelo bacilo de tuberculose nos seus funcionários do Setor de Oficinas, depois que três trabalhadores deste setor contraíram a doença na sua forma pulmonar. Como membro da equipe de pesquisadores pude observar que esta pesquisa produzia um impacto sobre os funcionários, uma vez que os procedimentos estabelecidos envolviam intervenções no corpo do trabalhador, justificadas pelo saber médico como um modo de preservação da saúde. Foi no curso desta pesquisa, a partir de seus efeitos sobre os trabalhadores, que iniciei uma investigação, cujo resultado se constitui o presente trabalho. O trabalho teve como perspectiva configurar a noção de corpo, as relações que esta noção tem com a tuberculose e de que maneira esta noção interpela o saber médico no HSE. Com este objetivo realizei 10 entrevistas individuais no próprio ambiente de trabalho funcionários das oficinas submetidos à pesquisa de tuberculose. As entrevistas tinham como tópicos a serem desenvolvidos o inquérito tuberculínico, a concepção destes funcionários sobre tuberculose, seu entendimento sobre como a tuberculose age sobre seus corpos e como se sentem diante da manipulação de seus corpos pelos médicos durante os exames preventivos. O que pudemos evidenciar é que a prática médica estabelecida, através dos procedimentos para prevenção da tuberculose na pesquisa do HSE, traz uma noção de corpo vinculada à fisiologia. Trata-se de uma noção compartimentalizada que privilegia a presença do bacilo em detrimento de um olhar sobre o sujeito que sofre, inclusive em relação às interferências dos procedimentos utilizados na pesquisa que são invasores do corpo. Os funcionários, por sua vez, possuem uma noção que, além de considerar o corpo na sua totalidade, refere-se mais à sua capacidade produtiva do que às condições bio-anátomo-fisiológicas. Em outras palavras, estar infectado com o bacilo da tuberculose não é considerado um grande problema por estes funcionários enquanto estiverem preservadas as capacidades de trabalho e de lazer. A diferença entre as noções de corpo presentes na equipe médica e no conjunto dos funcionários, no que tange às relações entre saúde e adoecimento, traz conseqüências para uma efetiva prevenção da tuberculose em ambientes de alto risco, a partir de uma ação ativa dos trabalhadores. A equipe de pesquisadores do HSE investe no controle epidemiológico centrado no indivíduo como método de promoção da saúde. Autores como Joel Birman, entretanto, propõem o discurso da saúde coletiva como leitura crítica do projeto médico-naturalista, lembrando que o caráter simbólico do corpo impede reducionismos de qualquer tipo. Assim, observamos que o inquérito tuberculínico fala de um corpo único, construído pelos testes e questionários, dificultando a visualização de outras maneiras de conceber o corpo na relação com o processo de trabalho e com a vida, que escapa ao saber biológico, mas que está presente nos hospitais e no imaginário dos trabalhadores.

SANTOS, F. F.; ROCHA, M. L.

Universidade do Estado do Rio de Janeiro.



Um diálogo de aprendizagem com a corporeidade: a arte da subjetivação.

Em dando vazão aos processos de subjetivação emergentes da aproximação com a dimensão corporal, ampliam-se as possibilidades de conhecimento sobre a corporeidade, ou seja, o sujeito tem a oportunidade de desenvolver e fortalecer o conhecimento sobre si mesmo, sobre seu corpo e o mundo que o rodeia, fazendo valer o seu lugar enquanto sujeito crítico, autônomo e potencializador de aprendizagens. Entendendo corporeidade como dimensão que abrange o estudo das qualidades do corpo que dizem da amplitude do humano, sendo uma das vias na busca da compreensão da totalidade do ser e seus processos de subjetivação, é fundamental a liberdade para que a linguagem corporal se expresse, pois através da fala do corpo, obtém-se instrumentos para conhecer aspectos antropológicos, culturais, psicológicos, sociais, políticos, educacionais e filosóficos que o envolvem. Neste sentido, buscamos compreender as relações entre a dimensão da corporeidade e os processos de subjetivação, isto é, como as diferentes maneiras que o indivíduo possui para se sentir, se pensar, se perceber, se expressar e agir, através do corpo, podem contribuir na construção das características singulares de cada sujeito. Em nosso estudo, utilizamos questionários e entrevistas com monitores e estagiários do Programa de extensão universitária pesquisado, o qual atende crianças e adolescentes por meio de uma ação sócio-educativa, estruturada nos Princípios do Esporte Educacional e nos Quatro Grandes Pilares da Educação. Os resultados obtidos são promissores e demonstram a importância de aprofundamento no tema, tendo em vista as fundamentais contribuições da corporeidade no processo de singularização dos sujeitos estudados. Foi possível perceber que o conhecimento da corporeidade proporciona significativas aprendizagens e conseqüentes mudanças nas relações e no modo de ser desta população. No contexto das práticas esportivas em que estes sujeitos estão inseridos, o maior contato com dimensão da corporeidade, oportuniza a potencialização de características, como autonomia, segurança, criatividade, solidariedade, receptividade para novas experiências, disponibilidade para a construção individual e coletiva, enfim, sujeitos críticos, em busca do desenvolvimento de aprendizagens e exercício da cidadania.

Juliana Noal

Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS



Um espaço para rever a adolescência.

A adolescência, por se tratar de um momento de transição entre a infância e vida adulta, promove inúmeros questionamentos que vão desde aspectos referentes a alterações no próprio corpo, relacionamento com familiares, sexualidade, uso de drogas, valores, até a escolha de um futuro profissional. Todos estas variáveis, desencadeiam um processo de mudança (externa e interna) vivenciado, pela maioria dos adolescentes, com muita angústia e instabilidade emocional. Por outro lado, as famílias também encontram dificuldades em lidar com este momento vivido por seus filhos, o mesmo ocorrendo com instituições escolares e até mesmo com diferentes segmentos da sociedade. O Programa S.O.S. Adolescente, desde sua implantação em 1999, visa propiciar esclarecimentos sobre esta faixa de desenvolvimento tanto para o jovem quanto para pais, professores e comunidade em geral, favorecendo trocas, relações interpessoais, focalizando questões comuns a essa faixa etária, alertando para o sentido de uma presença ativa, possibilitando a leitura do adolescente como elemento que contribui para mudanças sociais. Os procedimentos utilizados para alcançar os objetivos do Programa passam pelo aproveitamento de todos os meios de comunicação para pontuar os aspectos saudáveis da adolescência visando a estimulação destes pelos diferentes segmentos da sociedade, bem como trabalhos em grupo, capacitação de adolescentes para atuarem como multiplicadores em suas instituições de origem (escolas). Os estagiários do curso de psicologia da Universidade de Caxias do Sul, através desse Programa, são instrumentalizados e estimulados a desenvolverem ações que possam ir ao encontro das necessidades específicas dessa população, para que a Universidade, além de sua função formadora, possa cumprir também, com seu papel social de promotora de melhor qualidade de vida.

Maria Elisa Fontana Carpena.

Universidade de Caxias do Sul –UCS.



Um estudo comparativo das funções da fala materna em contextos específicos em duas etapas do desenvolvimento inicial.

Em culturas ocidentais as interações iniciais são de tal natureza que a linguagem se mostra como um instrumento imprescindível para intermediar a comunicação e a relação da díade mãe-bebê. Este trabalho tem por objetivo analisar e descrever a fala materna de acordo com as funções de linguagem envolvidas, assim como os contextos nos quais o processo comunicativo inicial se estabelece entre mães e bebês. Quarenta díades mãe-bebê (vinte com bebês de trinta dias e vinte com bebês de cinco meses) foram filmadas em ambiente natural e vinte minutos de suas falas foram transcritos e analisados. As díades residiam no Rio de Janeiro, com mães entre dezoito e quarenta e um anos e nível de escolaridade predominante de ensino médio. Os contextos foram classificados em: cuidado; alimentação e outros. As emissões maternas foram analisadas a partir do modelo de Roman Jakobson e categorizadas em funções emotiva, referencial, fática e conativa. O conteúdo das emissões maternas também foram classificados em seus aspectos afetivos e cognitivos. Considerando o total das emissões maternas quando os bebês tinham trinta dias, pode-se dizer que a distribuição a partir dos contextos específicos da observação foi: 31,98% referentes à função fática, 3,98% à conativa, 6,83% à referencial e 2,31% à emotiva. No contexto de alimentação, a distribuição foi: 16,95% das emissões foram classificadas como fáticas, 3,1% como conativas, 2,26% como referenciais e 1,87% como emotivas. Nos outros contextos, 23,62% pertenciam à função fática, 4,37% à conativa, 1,32% à referencial e 1,32% à emotiva. Estavam relacionadas com aspectos afetivos 67,83% das emissões e 32,17% com os aspectos cognitivos. Aos cinco meses também considerando o total de emissões maternas, a ocorrência das funções no contexto de cuidado foi: 6,56% na função fática, 0,52% na conativa, 0,89% referencial e 0,56% emotiva; no contexto de alimentação 4,63% na função fática, 0,86% na conativa, 0,41% na referencial e 0,45% na emotiva; nos outros contextos 64,08% na função fática, 6,45% na conativa, 8,92% na referencial e 5,67% na emotiva. A distribuição dos aspectos afetivo e cognitivo foi de, respectivamente, 72,73% e 27,27%. Em ambas as faixas etárias, houve uma predominância da função fática nos contextos observados. A prevalência desta função frente às demais, pode estar relacionada ao período de desenvolvimento do bebê. Percebeu-se na cultura brasileira, assim como anteriormente foi observado em outras culturas, uma predominância dos aspectos afetivos encontrados na fala que as mães utilizam com seus bebês. Isso parece indicar que esse é um aspecto básico e geral da comunicação entre mães e bebês, indicando uma estratégia que as mesmas utilizam para estarem mais próximas de seus filhos, encontrando um ponto comum que possa ser compartilhado e a partir do qual possam construir significações comuns. Esses resultados ainda sugerem que a mãe ajusta sua conduta, especificamente as emissões lingüísticas, aumentando as instâncias de fala características da função fática, de modo a conseguir chamar a atenção do bebê para si e para suas emissões e facilitar a comunicação, na maioria dos contextos onde se estabelece a relação diádica.

Danielle de Paiva Pietroluongo; Luciana Fontes Pessôa; Maria Lucia Seidl de Moura

Universidade do Estado do Rio de Janeiro; CAPES; CNPq



Um estudo comparativo do Pré-Bender entre duas amostras de São Paulo.

O Pré-Bender é uma adaptação feita por Hilda Santucci da prova clássica proposta por Laureta Bender em 1938. Investiga aspectos da maturação percepto-visomotora que estão associados com aspectos da inteligência. É composto por nove cartões com figuras que devem ser copiadas conforme o modelo e que são pontuadas quando executadas dentro do critério de êxito da autora. Macedo fez um estudo para o estabelecimento de normas para crianças pré-escolares de 4 a 6 anos. Adotou como hipótese de trabalho que não haveria diferenças entre crianças de níveis sócio-econômico-culturais diversos, nem entre sexos. Encontrou resultados que não variaram em função do sexo, mas variaram em função da idade e ambiente sócio-econômico. Esta pesquisa teve como objetivo comparar os resultados no Pré-Bender de uma amostra de crianças com os resultados alcançados na padronização feita por Macedo com crianças de nível sócio-econômico desfavorecido. A amostra foi constituída por 80 crianças pré-escolares entre 4 e 6 anos, sendo 31 meninos e 49 meninas. São crianças provenientes de uma pré-escola particular, uma creche municipal e uma ONG de crianças abandonadas. A aplicação foi individual, seguindo as instruções de Santucci. Foram calculadas as médias, medianas e quartis dos resultados por idade. Observou-se que as crianças da amostra tiveram uma média de pontuação de 10,72 para 4 anos, 14,13 para 5 anos e 20,87 para 6 anos. Macedo encontrou uma média de pontuação de 7,35 para 4 anos, 17,20 para 5 anos e 18,93 para 6 anos. Assim, pôde-se constatar que as crianças de 4 e 6 anos da presente pesquisa foram superiores às de Macedo, excetuando-se as de 5 anos. Esses resultados indicam a necessidade de atualização das normas de Macedo em uma amostra maior e mais representativa das crianças de São Paulo.

Andréa Cristina Feitosa; Ana Paula Dias Pereira; Maria Olinda Gottsfritz; Diana M. J. T. Corrêa.

UNISA; Universidade de Santo Amaro.



Um estudo descritivo da tendência das redes de apoio a mães primíparas.

Considerando a importância das redes de apoio na interação mãe-bebê, na construção da maternidade e no desenvolvimento infantil, este estudo visa analisar tendências referentes a essas redes e ao histórico de cuidados de uma amostra de díades mãe-bebê (5 meses de idade) do Rio de Janeiro. Participaram 35 mães, primíparas, de 18 a 40 anos, com escolaridade predominantemente de ensino médio, que viviam com o pai de seus bebês na ocasião da pesquisa. Foi aplicado um instrumento denominado Descrição Familiar sob a forma de entrevista. Os resultados indicaram que a maioria das mães (77,14%) não atuavam como cuidadoras exclusivas de seus bebês no período inicial e que 51,51% citaram as avós (sozinhas ou com outro cuidador) como coadjuvantes. Outras pessoas foram citadas como fazendo parte da rede de apoio por 66,86% das mães e somente 14,28% relataram ter os bebês em creche ou berçário nesse período. É importante observar que em 62,50% dos casos em que as mães foram as cuidadoras exclusivas no período inicial, o bebê havia nascido de parto normal e nos casos em que a avó foi responsável pelos cuidados iniciais do bebê, 72,23% dos mesmos eram de parto cesáreo. Observa-se uma variedade de combinações entre os tipos de cuidadores não-maternos e o tempo de vida dos bebês até os cinco meses. Das mães entrevistadas, 35,28% receberam algum treinamento informal, geralmente de suas mães, outros parentes ou amigos. Apenas 5,72% das mães relataram ter feito algum curso sistemático de preparação dos pais. Com relação ao ajustamento do bebê no seu primeiro mês de vida, 50% das entrevistadas que foram as cuidadoras exclusivas consideraram como muito fácil ou fácil o ajustamento do bebê. Dentre as mães que tiveram algum tipo de ajuda, 48,15% avaliaram como fácil ou muito fácil a adaptação dos mesmos. Observou-se também que no grupo de mães que tiveram ajuda das avós em algum momento durante este período, 63,64% não haviam planejado a gravidez. A maioria (85,71%) considerou que o pai do bebê ajudou muito nos cuidados do bebê. Esse trabalho dá seguimento às análises feitas em estudo anterior realizado pelo grupo e seus resultados permitem que se amplie a compreensão de algumas características das redes de apoio a mães primíparas e do ambiente de cuidados de bebês até cinco meses. Confirma-se a importância das avós maternas e do pai do bebê como figuras de apoio, tanto na preparação da mãe, como nos cuidados ao bebê. Já a avó paterna parece começar a fazer parte dessa rede um pouco depois do nascimento. Verifica-se que há uma tendência à maior participação da mãe como cuidadora exclusiva, quando o nascimento de seus bebês não apresentou problemas. Chama atenção a falta de participação institucional nessa rede de apoio, antes ou depois do nascimento. Considera-se que é necessária a promoção de redes de apoio, incluindo iniciativas institucionais, tendo em vista a importância do bem-estar psicológico materno para que possa ser oferecido um ambiente de cuidados favorecedor de interações e do desenvolvimento infantil inicial.

Clarissa Gouvea Stein Lopes; Danielle de Paiva Pietroluongo, Leandra Sobral Oliveira; Luciana Fontes Pessôa; Maria Lucia Seidl de Moura, Paloma Navega da Silva de Azevedo, Paloma Navega da Silva de Azevedo.

Universidade do Estado do Rio de Janeiro; PIBIC-UERJ; CNPq; FAPERJ; CAPES.



Um estudo descritivo sobre mulheres em uma cadeia feminina.

Este estudo faz parte de um estágio em Psicologia Social, realizado em uma cadeia pública feminina. Trata-se de uma cadeia pequena, que não enfrenta problemas usuais em instituições correcionais, como superlotação, rebeliões ou fugas. Atualmente, 27 mulheres encontram-se encarceradas. A caracterização das detentas foi realizada com o objetivo de subsidiar uma proposta de intervenção a ser conduzida nesta instituição. Os dados foram coletados a partir de duas fontes: prontuário e entrevistas. De acordo com os prontuários (n = 27), a maior parte são jovens (55% com menos de 30 anos), brancas (78%), solteiras (70%), do mesmo estado em que se situa a cadeia (70%), HIV negativo (89%) e estão presas pela primeira vez (74%). As incidências penais mais frequentes, que originaram a detenção, são: tráfico (48%) e roubo (19%). As incidências com menor frequência são furto, homicídio, e sequestro. As detentas foram entrevistadas, para coleta de dados não disponíveis no prontuário. Durante a entrevista, de acordo com um roteiro semi-estruturado, perguntou-se sobre a rotina na cadeia, relacionamento com outras detentas e familiares, queixas atuais e expectativas para o futuro. Vinte detentas concordaram em participar (74%, n= 27). Destas (n = 20), a maior parte se declarou solteira (70%), mães de pelo menos um filho (80%) e seguir uma religião (70%), sendo a evangélica a mais frequente (45%), seguida da católica (35%). Um terço delas declarou nunca haver usado drogas. Quanto à escolaridade, 35% estudaram até a 8a. série e 25% ingressaram no ensino médio (10% completaram-no). Antes de serem detidas, metade das mulheres trabalhavam no mercado formal, como domésticas (15%), ajudantes gerais (15%), vendedoras (10%), babás (5%) ou professoras (5%). Pouco menos de um terço apresentou-se como dona de casa (35%). Das mulheres restantes, uma era garota de programa (5%) e duas estavam desempregadas (10%). A maior parte recebe visitas regulares de familiares e declarou ter bom relacionamento com as outras detentas. A cadeia conta com um programa de redução de pena, do qual participam todas as detentas, com uma única exceção – a cada três dias de trabalho, há a redução de um dia de pena. Uma empresa de tercerização também oferece trabalho remunerado – tirar rebarbas de brinquedos, embalar luvas e fazer travesseiros. A principal queixa destas mulheres tem relação com a falta de expectativas para o futuro: medo de discriminação ao sair, medo de não encontrar trabalho e de “cair de novo no crime”. Com base nestes dados, a intervenção proposta enfocará ações visando facilitar a reinserção social destas mulheres, como o planejamento de atividades de integração voltada para as famílias em dias de visita e a criação de uma cooperativa de mulheres para produção de artesanato, com três objetivos: a) gerar renda, evitando os atravessadores, uma vez que o valor recebido pelo trabalho tercerizado é exíguo e b) garantir a participação dos familiares na geração da renda, propondo a eles que distribuam o que for produzido e c) garantir trabalho para as detentas após sua libertação, na tentativa de reduzir a probabilidade destas voltarem a cometer infrações.

Gisele Lombardi; Elizangela F. Gouveia; Cacilda Amorim.

Faculdades Padre Anchieta; Universidade São Francisco.



Um estudo do perfil dos professores da Universidade da Vida e suas compreensões sobre seus alunos.

Neste estudo identificaram-se as representações dos professores de um curso superior de extensão- UNIVIDA- voltado para questões da vida adulta e o ingresso na velhice, vinculado a Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI, uma instituição particular de ensino superior do estado de Santa Catarina. Objetivou-se reconhecer as características que compõem este curso, o qual possui semelhanças com outros cursos universitários. Este envolvendo pessoas em fase de preparação para a velhice com características que abrangem o desenvolvimento pessoal e interpessoal. As disciplinas abordam temas relacionados ao turismo na atualidade, direito, cidadania, lazer, panorama histórico-geográfico e ação voluntária, o que faz com que o educador extrapole os modelos tradicionais de educação garantindo o processo educativo, o estudo e as reflexões das vivências do participante que ingressa em esta nova etapa da vida, a qual possui situações conflitivas (doenças, perdas, medos...). Participaram da pesquisa sete professores, sendo um homem e seis mulheres que ministraram aulas à turma que finalizou o curso no ano de 2001, nas diversas áreas. Foi utilizada para a coleta de dados um questionário composto por dezessete perguntas, das quais onze, foram fechadas e seis abertas, que permitiram maior explanação dos temas abordados. Os dados obtidos nas entrevistas foram analisados e categorizados. Os resultados mostraram que estes professores sentem-se motivados a ministrar suas aulas, uma vez que seus alunos demonstram interesse e vontade, caracterizados pelos professores como um grande diferencial. Assim como também encontram neste trabalho uma forma de incentivar a criação de novas perspectivas para diversos assuntos. Os professores acreditam que seus alunos participaram das aulas principalmente por questões de relacionamento pessoal, dedicando assim seus matérias administradas, à própria experiência de vida dos alunos, e, portanto fazendo do aprendizado um processo contínuo de troca entre professor e aluno.

Gisliani Tridapalli; Kelly Kim Ito Prado; Natalia Piñero Verdinelli; Sabrina Maria Schindwein.

UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAI-UNIVALI.



Um estudo Epidemiológico sobre a incidência de onicofagia nas escola privadas de Teresina.

Este relatório de pesquisa em estudo quantitativo epidemiológico ecológico tem como objetivo analisar a incidência de onicofagia em estudantes de ambos os sexos de escolas privadas, cursando a primeira, a quinta e a oitava séries do ensino fundamental da cidade de Teresina – PI; utilizando como um dos fatores desencadeantes para a onicofagia a alteração psico-emocional: ansiedade. O local de estudo foram as escolas supracitadas à constante alterações acompanhadas no setor educacional ocasionadas por movimentos sociais vigentes. A necessidade da mensuração das capacidades de um indivíduo, e o significado a esta atribuído, contribuem para o desencadeamento de alterações psico-emocionais nos alunos. A partir de dados coletados pela escala de ansiedade de Beck e de inquérito foi possível verificar que a ansiedade se faz presente nos alunos, utilizando a frequência de sintomas ansiosos para justificar a sua presença. Cada escola foi analisada separadamente, como também em conjunto, para realizar as comparações quanto a presença de onicofagia nos estabelecimentos quanto a idade, ao sexo, a série e aos estabelecimentos. O contingente populacional da pesquisa foi no total de seis escolas, mais especificamente, 627 alunos foram pesquisados dentre estes, 387 onicofágicos e 240 não onicofágicos. Em números percentuais, a frequências de sintomas ansiosos tem índice grave em 10,42 %, moderado 15,35 % e suave 24,92 % representando significativamente 50,69 % de alunos ansiosos portadores do hábito de roer as unhas.

Sara Cavalcanti Souza; Dilcio Dantas Guedes.

Faculdade Santo Agostinho – FSA.



Um estudo exploratório sobre características de personalidade e desempenho acadêmico numa amostra de estudantes de Psicologia.

O presente estudo objetivou identificar traços de personalidade em cento e dezenove sujeitos de ambos os sexos, estudantes de Psicologia e visou ainda estabelecer uma possível correlação entre o desempenho acadêmico desses sujeitos e as características de personalidade, sendo assim um estudo exploratório. Para isso, como instrumento na coleta de dados, foi utilizado um Inventário de Personalidade (ainda não validado) criado pela Autora com o objetivo de identificar tais traços de personalidade, citados na literatura especializada, para as seguintes características: Anti-social, Dependente, Esquizóide, Evitativo, Histriônico, Narcisista, Obsessivo-compulsivo, Paranóide, Passivo-agressivo e Borderline. Os resultados demonstraram que a correlação entre o desempenho acadêmico e as características de personalidade foram pouco significantes, o que indica que uma pessoa com um ou mais dos possíveis traços de personalidade pode ter tanto o sucesso quanto o fracasso acadêmico, não sugerindo pois, uma relação entre os dados. Quanto às características de personalidade que foram estudadas, o número de sujeitos que se enquadraram em uma ou mais dessas características correspondeu a 63,03% da amostra. Esse dado significa a possibilidade de que existe a maior prevalência de transtornos de personalidade ou mesmo a possibilidade de desenvolvê-los. Os sujeitos que apresentaram algumas dessas características de personalidade obtiveram pontuações acima ou muito acima da média, o que demonstra a possível existência do traço no indivíduo. A característica de personalidade que mais apareceu dentre os estudantes de Psicologia foi a Dependente e representa, cerca de 24,4% em relação à amostra total. Seguido por esse dado, a próxima característica que mais apareceu foi a Esquizóide. 22,7% dos sujeitos em relação à amostra total demonstram possibilidade ter esse traço. Isso faz com que o indivíduo apresente crenças, atitudes e comportamentos característicos desses traços. Esses traços são parte integrante da personalidade e não são apenas um estado do indivíduo, já que constituem a pessoa, ou seja, o perfil de personalidade sugere a maneira que a pessoa age diante dos acontecimentos, se relaciona com o mundo e a forma que ela pensa. Portanto, os traços de personalidade fazem parte da pessoa e expressam a forma pela qual essa pessoa se comporta, além do seu estilo cognitivo e suas estratégias de ação para lidar com tais dificuldades.

Kelly Cristina Ramos de Juan; Fatima Ap. Miglioli F. Tomé

UNISA – Universidade de Santo Amaro



Um estudo exploratório sobre o stress no mundo pós-moderno.

Introdução: O objetivo deste trabalho é compreender aspectos psicossociais decorrentes do stress em homens e mulheres, observando seus fatores desencadeadores e como as pessoas lidam com as dificuldades decorrentes dele. **Metodologia:** De modo complementar, utilizamos questionários e entrevistas, para fins de coleta de dados. A amostra foi composta por sujeitos de ambos os sexos, na faixa etária entre 30 e 55 anos, classe sócio-econômica média e que são casados, trabalham e possuem filhos. **Resultados:** Foram utilizadas seis categorias para análise: “exaustão”, “sentir-se tenso” e “irritabilidade e queixas”, referentes às questões emocionais; e “ansiedade”, “tensão muscular” e “dor de cabeça e nas costas”, referentes aos aspectos físicos. Os questionários revelaram maior índice de reações emocionais e físicas ao stress nas mulheres. Constatamos nas entrevistas que o excesso de trabalho, as cobranças internas e externas, as relações conflitantes no trabalho são as maiores fontes de stress nos homens. Fatores apontados como “emocionais” são mais frequentes nas mulheres: doenças, luto e conflitos familiares. O excesso de carga no trabalho também foi apontado, porém associado às diversas tarefas que a mulher desempenha no cotidiano. **Discussão:** O stress é um ingrediente inerente ao mundo contemporâneo, transforma substancialmente a vida das pessoas que não sabem, muitas vezes, como enfrentá-lo. Em geral as pessoas desconhecem as causas e funcionamento do stress, porém sofrem suas conseqüências.

Analaura Trivellato; Samantha Beatriz Dias; Sandra Julieta Macedo de Souza Bonadio.

UNIP - Universidade Paulista.



Um estudo sobre a centralidade e a preferência do campo 1 no Wartegg.

O teste de completamento de desenhos de Wartegg (WZT) é uma prova gráfica que solicita o sujeito a completar desenhos a partir de uma série de estímulos dados em oito campos diferentes numa mesma folha. Permite conhecer o rendimento individual, o comportamento, a situação e a tomada de posição de um indivíduo diante de tarefas determinadas. É possível estabelecer e reconhecer uma relação entre a maneira de captar o tema gráfico e a maneira de produzir o desenho por meio de traços que tenham uma característica dominante e também perceber a dinâmica dos significados das relações internas da estruturação do desenho, refletindo a dinâmica da personalidade do sujeito. O campo 1 no WZT é um dos indicadores da capacidade de atenção, mas deve ser confirmado com outros dados do teste. O campo 1 contém um ponto pequeno e central que se refere ao arquétipo do “eu” e da individualidade. Um desenho que mantenha a centralidade do ponto revela uma pessoa que assume seu centro, sua individualidade e quando dilui o ponto demonstra dificuldade em se posicionar, falta de confiança em si. Também é avaliada a ordem em que completa o campo, pois é esperado que seja feito em primeiro ou segundo lugar, indicando segurança e ajustamento. Quando é preterido, ou seja, sendo completado a partir do terceiro em diante, revela insegurança, dificuldade para se colocar no meio e também imaturidade. Durante um curso de aprimoramento de pilotagem para pessoas comuns foi aplicado o WZT para verificar a capacidade de atenção dos participantes. A aplicação foi coletiva e as instruções foram de acordo com o autor, com um limite de tempo de 30 minutos. A amostra foi composta de 12 sujeitos, 8 homens e 4 mulheres, com idades variando de 20 a 28 anos, com escolaridade de 2º e 3º graus. Os resultados indicaram que 9 pessoas completaram o campo de modo centrado, sendo também o campo preferido por 4 dos sujeitos, o que sugere um provável bom nível de atenção. Um pouco menos da metade da amostra realizou um desenho que manteve a centralidade no campo, porém não na ordem esperada, implicando em dificuldade de se colocar e insegurança sem comprometer a capacidade de atenção. Os três restantes completaram de modo disperso, sendo um na ordem esperada e dois não. Estes com prováveis dificuldades de atenção. Assim, $\frac{1}{4}$ da amostra pode apresentar dificuldade de atenção. Este foi um estudo parcial em que aspectos importantes não puderam ser incluídos nestas conclusões.

Maria Olinda Gottsfritz

Universidade de Santo Amaro



Um Estudo Sobre as Fisionomias do Medo na Contemporaneidade.

O tema do medo está na ordem do dia. Isto pode ser percebido na quantidade de informação que tem sido veiculada sobre o tema na atualidade, em diversas matérias em jornais e revistas, que abordam-no em suas várias dimensões. O medo é um tema que está atravessando o cotidiano, marcando de forma cada vez mais palpável a vida coletiva e individual, modificando comportamentos sociais e hábitos mentais. Este trabalho tem como objetivo, portanto, descrever as fisionomias que o medo adquire na sociedade contemporânea. O medo é descrito como uma emoção, e entre as diferentes concepções de emoção na história do pensamento, seguimos autores como Costa (1988) e Solomon (1995), que não desvinculam as crenças, a cognição, das emoções. O trabalho, portanto, apresenta como proposta discutir: 1) o medo no campo conceitual, a partir de autores que não desvinculam o caráter social, histórico das emoções, e 2) seguindo esta argumentação, buscamos descrever brevemente o medo do ponto de vista da história, considerando as diferentes faces que adquire de acordo com determinado período histórico. Tomando como referencial teórico o pragmatismo lingüístico, o medo é abarcado como um termo polissêmico, adquirindo assim diferentes faces de acordo com o contexto histórico-cultural em que emerge. A análise vincula o medo ao processo de subjetivação do indivíduo, caracterizando assim as transformações por que passou ao longo da história. Estudamos como o medo passou por um processo de internalização, e na atualidade pode ser descrito a partir de algumas configurações características: a chamada Síndrome do Pânico, a busca de prazer através do medo e as precauções em torno da segurança pessoal. Constatamos assim, diferenças nas formas de pensar e experienciar o medo, sinalizando sentidos diversos que a palavra pode ter. Propomos, então, uma modalidade de medo pensada a partir de um par que opõe o medo x coragem, predominante em um contexto da Antigüidade, principalmente, em contraste com um par que reflete a atualidade, pensada em torno do binômio segurança x prazer. Tais modalidades de medo são associadas ao chamado mal-estar contemporâneo, relacionados aos traços da cultura em que vivemos. Em virtude disto, pretendemos contribuir para discussões em torno de uma prática clínica em sintonia com as formas novas de aflições contemporâneas.

Luciana Oliveira dos Santos

UERJ; IMS



Um Estudo sobre Comportamento Sexual em Crianças.

Tratar a questão da sexualidade é falar de um campo de saber e de investigação muito polêmico que para alguns representa um tabu e que envolve questões religiosas e éticas, peculiares a diferentes momentos históricos. Esses cuidados se intensificam quando se trata da sexualidade infantil que possui toda uma especificidade e que é um campo ainda pouco explorado. Com base na concepção da psicologia sócio-histórica que propõe como determinantes da sexualidade infantil a forma como se dão os contatos corporais, os nomes que são dados as partes do corpo humano, o que pode ou não se verbalizado, dentre outros aspectos, o estudo em questão teve por objetivo observar como se apresenta o comportamento sexual das crianças atualmente, além de aspectos como: a) a faixa etária em que há uma maior ocorrência desses comportamentos b) se há uma tipificação de gênero nessas situações c) se há algum espaço que deixe as crianças mais à vontade d) identificar aspectos de filmes, músicas e de programas de televisão que influenciem e se apresentem como temáticas das brincadeiras com conteúdo sexual dessas crianças. Para a operacionalização desta proposta foram realizadas observações de grupos de crianças na situação mais rica e peculiar desta fase: a de brincadeira. Os locais escolhidos foram: uma escola particular; uma escola da rede pública e o playground de um prédio de classe média da cidade de Aracaju. As situações registradas foram distribuídas em quatro categorias criadas para esta pesquisa a saber: 1) comportamento com conotação sexual 2) comportamento imitativo 3) comportamento de gênero 4) verbalizações sobre sexualidade. Os dados obtidos a partir desses procedimentos receberam tratamento qualitativo e quantitativo onde foi utilizada a técnica da estatística descritiva. Foram contabilizados 13 episódios que puderam ser classificados em uma das categorias propostas para o presente estudo. Destes, seis foram considerados como verbalizações sobre a sexualidade o que perfaz uma porcentagem de 46,1 do total de episódios encontrados. A segunda categoria que obteve maior número de eventos foi a que abarcou os comportamentos com alguma conotação sexual, que obteve um total de cinco episódios(38,5%), seguida da categoria dos comportamentos imitativos que obteve uma classificação de dois episódios(15,4%). Não foram observados eventos que pudessem ser inseridos na categoria de comportamento de gênero. Foi constatado também que há uma predominância de meninos envolvidos nas situações observadas e no que diz respeito a faixa etária constatou-se que não existe uma idade rígida para a manifestação de comportamentos sexuais uma vez que foi observado o envolvimento de crianças tanto com dois anos como com nove anos. Com base nisso, podemos inferir que os eventos sexuais estão mais presentes no cenário da vida infantil do que supõe a maioria das pessoas. Para que essa visão deturpada possa ser revista faz-se necessário que se investigue mais a respeito do tema e que o assunto seja tratado com a atenção devida por aqueles que lidam com crianças.

Déa Menezes da Silva Santos.

Universidade Federal de Sergipe.



Um estudo sobre o papel do psicólogo na adoção do DF.

A adoção é um tema muito presente no Brasil e tomou novos rumos com a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente. No entanto, o processo de ultrapassar a Lei e caminhar para a Justiça tem sido penoso e lento para as crianças e as famílias que pretendem adotar. Nesse contexto, procurou-se verificar o funcionamento do serviço de adoção da Vara de Infância e da Juventude do Distrito Federal com suas particularidades, tentando relacionar a prática do psicólogo inserido na Justiça com os inúmeros temas que emergem nesse processo. Para tanto foi realizada uma revisão bibliográfica sobre o tema da adoção, verificou-se documentos do Setor de Adoção da Vara da Infância e da Juventude, o Estatuto da Criança e do Adolescente e foi realizada entrevista com uma psicóloga do setor. Observou-se que o processo de adoção no Brasil sempre esteve ligada à clandestinidade, ao segredo, estereótipos e a falta de informação, que tornava praticamente impossível a emergência de adoções tardias, multirraciais e de crianças excepcionais. O Setor de Adoção possui uma equipe composta de psicólogos e assistentes sociais, no qual procura questionar junto aos postulantes os motivos e expectativas de um novo membro na família, verificar as condições ambientais na qual a criança será inserida e outras questões referentes ao desejo dos futuros pais. Também são realizadas visitas na instituição que se encontra a criança, com o objetivo de verificar se há expectativa ou possibilidade de voltar à família de origem. Após esse procedimento dá-se início ao “pré-natal da adoção”, no qual sugere-se que se faça um livro que contenha pensamentos, desejos e expectativas com relação ao novo membro da família, denotando a barriga da mãe. Desse modo, a Psicologia Jurídica desempenha um papel de mediador entre a Justiça e os postulantes, facilitando a comunicação e desmistificando alguns conteúdos comuns entre os pais biológicos, os adotivos e a criança.

Juliana Castro; Karla Batista; Melissa de Freitas; Raquel Rolim.

Universidade Católica de Brasília.



Um Exemplo de Terapia de Seleção pelas Conseqüencia Envolvendo Pânico e Depressão.

Este trabalho trata-se de um relato de experiência de um caso de pânico correlacionado com depressão atendido pela abordagem comportamental na clínica escola da Unesp de Bauru. A pessoa atendida é do sexo feminino, com 38 anos, 2º grau completo, casada a 9 anos, possui uma filha de 6 anos e trabalha há 13 anos em um supermercado. A queixa inicial da cliente foi de pânico correlacionado com depressão envolvendo crises de mal estar, sem vontade de fazer as coisas, chorar, medo, ansiedade, irritabilidade, pressão na cabeça, dores na nuca, taquicardia, ouvido tampado, tontura e falta de apetite. No decorrer do processo terapêutico outras dificuldades foram aparecendo como: falta de habilidades sociais, não gostar de fazer serviços domésticos, sentindo culpa, problemas relacionados ao ambiente de trabalho e com o relacionamento conjugal. A metodologia do trabalho está pautada na terapia de seleção pelas conseqüências que é embasada no Behaviorismo Radical de B. F. Skinner, isto é, têm-se como foco de avaliação e intervenção a análise funcional e a utilização de técnicas, especialmente de Terapia Comportamental, tais como modelagem e treino de habilidades sociais. Tal metodologia busca analisar funcionalmente o repertório comportamental da cliente, de forma a entender a que contingências a cliente responde no presente, bem como a inter-relação destas com sua história de aprendizagem prévia, afim de então levantar dificuldades da cliente e procedimentos terapêuticos capazes de supri-las. O atendimento do caso, até a presente data, está no seu décimo primeiro mês de atendimento com cerca de trinta e cinco sessões. Em determinado momento do processo (cerca de 4 meses do atendimento), conforme relatos da cliente, constatou-se a necessidade de fazer a investigação junto ao seu cônjuge, que forneceu dados relevantes à seqüência do caso e que agora também faz parte do processo de terapia. Obteve-se alguns resultados: a) eliminação das queixas dos sintomas; b) desenvolvimento de repertório de habilidades sociais tais como resolução de problemas no ambiente de trabalho e no relacionamento conjugal; c) redução de auto regras (irracionais) relacionadas ao relacionamento sexual e tarefas domésticas; d) aumento da auto estima e; e) disposição física. Tem-se como etapas futuras a continuidade do trabalho das queixas relacionadas a vida conjugal da cliente, tais como expressão de sentimentos, opiniões e respeito mútuo. O processo terapêutico que se iniciou com a cliente, depois com seu esposo (individualmente) e posteriormente transformou-se em terapia de casal, hoje encontra-se em processo de alta, tendo encontros quinzenais para a verificação da constância dos comportamentos instalados e ausência das queixas iniciais e outras. Conclui-se, então, que esta metodologia de trabalho clínico pareceu ser eficaz no tratamento desta problemática para a cliente em questão.

Gabriela Morgana Tófoli Marmol; Alessandra Turini Bolsoni Silva



Um novo olhar sobre a função paterna nos processos de guarda das varas de família do TJ/PE.

Este artigo consiste numa análise e convite à reflexão acerca das transformações por que passa a função paterna, inserida num novo contexto cultural contemporâneo. Primeiramente analisamos teoricamente a função paterna diante de um novo ordenamento jurídico com base nas modificações dos papéis sociais no universo familiar. Realizamos uma pesquisa, na qual os dados foram colhidos dos relatórios psicossociais do Centro de Apoio Psicossocial do Tribunal de Justiça do Estado de Pernambuco, entre Fevereiro/2000 a Setembro/2001, sobre os pedidos de Guarda paterna tramitados nas Varas de Família da Capital. A metodologia consistiu de uma análise descritiva dos dados e para efeito de análise comparativa, foram utilizados os dados de uma pesquisa anterior, dos anos de 1997 a 1999 (CABRAL & OLIVEIRA, 2000). Neste trabalho ressaltamos em meio à dissolução da sociedade conjugal, a função da paternidade, o trabalho profissional desenvolvido e o tipo de abordagem para a possível concessão de guarda em favor do pai com a oitiva dos filhos. Decorre daí que novos arranjos familiares poderão determinar novas funções entre cônjuges. Um exemplo disto é o aumento do número de pedidos de guarda pelo pai, constatado na prática dos profissionais da área jurídica. Com o aumento nos casos de separação que vem acontecendo nos últimos tempos, o Direito de família passou a ser o ramo de direito que mais se aproximou de uma visão multi e interdisciplinar, juntamente com os profissionais de Psicologia e Serviço Social. Frente a esta demanda, foi criado o Centro de Apoio Psicossocial – CAP. A este órgão do Tribunal de Justiça de Pernambuco compete o desenvolvimento das atividades de apoio técnico às varas de família da capital especializadas em família e registro civil, inclusive da Assistência Judiciária, órfãos, interditos e ausentes e de Acidentes do Trabalho. Dos relatórios elaborados neste Centro é que extraímos material para coleta de dados e análise de documentos. Desta forma, esperamos contribuir para uma maior reflexão sobre o tema, que embora pouco explorado cientificamente, vem surgindo como nova demanda para o Juízo de Família, exigindo dos profissionais da área uma nova compreensão da realidade, além de uma atuação interdisciplinar.

Maria Quitéria Lustosa de Sousa; Ana Paula Costa Cabral; Marcelo Wilker Silva de Oliveira.

Tribunal de Justiça de Pernambuco - TJPE.



Um Olhar da Psicologia para o Jovem do Ensino Médio.

Recentemente a disciplina de psicologia deixou de ser contemplada nos currículos para a formação do jovem ingressantes no antigo 2º Grau, hoje-ensino médio. Este trabalho, visa argumentar a importância e as contribuições desta disciplina na construção da identidade, nos relacionamentos interpessoais, no aprimoramento e desenvolvimento do jovem, enquanto cidadão e participante do mercado de trabalho. Estas questões tornam-se relevantes, porque estão vinculadas a uma avaliação de um projeto de implantação da disciplina de Psicologia no Ensino Médio. Prioriza-se também neste trabalho, a discussão dos papéis sociais a serem desempenhados pelos jovens, frente à escola, ao trabalho, a sexualidade, à autoridade, à relação familiar e aos grupos os quais estão constantemente interagindo. Busca-se neste contexto de discussões e de investigação um olhar do psicólogo para um campo de trabalho pouco desenvolvido e reconhecido nesta área, que é a formação do psicólogo enquanto planejador de atividades educacionais na atuação da área de ensino para implementar novas perspectivas de atuação no trabalho docente do ensino médio e/ou outros graus de ensino. No decorrer do ano de 2001, fizemos um levantamento de dados através de questionários com os alunos da terceira série que cursam a disciplina de Psicologia e com alunos que não cursam a disciplina de Psicologia no ensino médio. Enquanto aqueles, constatam 100% de aprovação para o estudo da Psicologia no ensino médio e principalmente a solicitam para seu desenvolvimento pessoal, saúde mental, relacionamento pessoal e interações sociais, estes, últimos, apresentam 80% de aprovação e os 20%, variam entre aqueles alunos que “não sabem” e “não consideram importante”, estudar Psicologia no ensino médio. Acreditamos no entanto, que estas preocupações possam ser via de acesso para novas possibilidades de atuação do psicólogo na área educacional como provedor de currículos escolares e planejador de técnicas psicológicas aplicadas na educação média.

Rosane Gumiero Dias da Silva.



Um olhar fenomenológico sobre os modelos de prevenção ao uso de drogas: críticas, possibilidades e desafios.

Introdução: O consumo de drogas é em escala mundial, um dos problemas que mais afligem a sociedade contemporânea. Os pais, a escola e a sociedade em geral, ansiosos e despreparados para lidar com essa questão, não estão obtendo resultados eficientes em suas tentativas de diminuir o consumo de drogas. **Objetivos:** Este trabalho teve o objetivo de refletir, a partir de um olhar fenomenológico-existencial, sobre os principais modelos de prevenção primária ao uso de drogas. Buscou compreender: a) os princípios básicos, b) as estratégias, c) a concepção de homem, d) as características do ser humano que estão sendo priorizadas ou minimizadas em cada um dos modelos. **Procedimentos:** Observou-se, por meio de revisão da literatura, três propostas distintas de prevenção primária ao uso de drogas: aumento do controle social, oferecimento de alternativas e educação (que subdivide-se em princípio moral, amedrontamento, estilo de vida saudável, pressão positiva de grupo, conhecimento científico e educação afetiva). **Resultados:** Constatou-se que: 1) todas partem da concepção filosófica de um sujeito separado do mundo. A singularidade, a perspectiva temporal e outros aspectos da condição humana vêm sendo sistematicamente desconsiderados pelos modelos de prevenção existentes. 2) Uma das conseqüências desse olhar dicotomizado é que ele sempre privilegia um determinado aspecto em detrimento de outros. Por exemplo, alguns privilegiam o biológico e desconsideram o social, ou o inverso. Podem ainda, supervalorizar o psicológico em detrimento do social e vice-versa. Parte-se de um pressuposto que focalize um daqueles aspectos e generaliza-se um modo de ser uniforme para com as drogas. Ao partir de generalizações, que devem se aplicar a todas as pessoas, distancia-se do sentido do uso de drogas para alguns indivíduos, o que compromete a eficácia do modelo. 3) Em sua grande maioria, os modelos preventivos pressupõem um sentido que não responsabiliza o usuário pela sua escolha. 4) Ao buscarmos compreender o sentido que o usuário atribui ao uso de drogas, sua singularidade e sua perspectiva de futuro, alguns caminhos podem se abrir em nosso modo de lidar com a prevenção. **Conclusão:** Essa é uma questão que nos desafia e para a qual, como profissionais da saúde, somos chamados a refletir. Precisamos buscar alternativas de prevenção mais criativas, que contemplem a singularidade, que possibilitem uma maior liberdade de escolhas, ampliação do futuro e que sejam mais comprometidas com o ser humano situado histórico e socialmente.

Fabiola Freire Saraiva Melo; Hilda Regina F. Dalla Déa

PUC-SP



Um programa de capacitação profissional para cuidadoras de crianças em situação de risco.

Em circunstâncias especiais de risco, como maus tratos, abandono ou abuso sexual, crianças podem ser afastadas de suas famílias por ordem judicial. Nestes casos, as crianças são encaminhadas a instituições específicas, nas quais aguardarão ordem judicial para retorno à família ou encaminhamento para adoção. O encaminhamento para uma casa transitória é extremamente estressante para a criança que, além da violência da qual foi vítima, deverá se adaptar a um novo ambiente, com pessoas, estruturas e regras que ela desconhece. Um elemento fundamental que pode tanto minimizar quanto potencializar os efeitos danosos da internação é o desempenho apresentado pela equipe de apoio, em especial das cuidadoras que entram em contato direto com as crianças. Este trabalho relata a implementação de um programa de capacitação profissional para cuidadoras de crianças de uma casa transitória, desenvolvido como parte de um estágio em Psicologia Social. Esta casa transitória abrigava, no momento do estágio, 12 crianças, entre zero e 8 anos. Uma das queixas da instituição dizia respeito aos altos níveis de agressividade e indisciplina das crianças. Dados obtidos a partir de sessões de observação sugeriram que boa parte destes problemas comportamentais tinha relação com o tratamento dispensado pelas cuidadoras. A instituição contava com oito cuidadoras, trabalhando em esquema de revezamento 12 por 36. A quantidade de cuidadoras era claramente insuficiente. As crianças eram mantidas sob controle aversivo e punição, quando brigavam ou não atendiam às ordens dadas. Havia também grandes diferenças em termos de tratamento e de exigências entre os plantões, o que dificultava a aprendizagem de seguir regras. Estas cuidadoras não haviam recebido nenhum treinamento anterior. O programa proposto teve a duração de 9 encontros de 90 minutos cada. Os temas desenvolvidos através de palestras e dinâmicas de grupo foram: desenvolvimento infantil, alternativas para não bater, técnicas de modificação de comportamento, aprendizagem de limites e regras, sexualidade infantil e saúde da criança. Paralelamente, foram aplicadas técnicas de grupo visando uma melhoria das interações entre grupos de cuidadoras. O engajamento das cuidadoras aumentou ao longo das palestras, conforme sugerido pela redução das ausências, aumento das perguntas sobre quais seriam os próximos tópicos, pontualidade e maior participação. Ao final, solicitou-se uma avaliação do programa. A nota média foi 8.8. Segundo o relato de praticamente todas as cuidadoras, sua forma de tratar as crianças modificou-se após o programa, embora não tenha havido alteração no relacionamento entre cuidadoras; também, os temas foram suficientemente abrangentes, embora outros recursos deveriam ser incluídos, como depoimentos, estudos de caso e vídeos. Infelizmente, em função do término do estágio, não foi possível observar diretamente o desempenho das cuidadoras após o programa, o que seria um melhor indicador de resultados. Ficou clara a necessidade e a importância de uma melhor qualificação destas profissionais para a função, que em sua maioria não terminaram o ensino fundamental. Programas futuros deveriam incluir novos recursos didáticos, ter maior duração e incluir sessões de treinamento durante o exercício da função, em especial com relação aos tópicos de modificação de comportamentos inadequados e aprendizagem de limites e regras.

Fabiola Graziela Prado; Débora de Fátima Lopes; Roberta Leal de Freitas; Rejane Cristina M. Silva; Cacilda Amorim.

Faculdades Padre Anchieta; Universidade São Francisco.



Um teste experimental para os modelos cognitivos de ansiedade.

Modelos cognitivos de ansiedade propõem a existência de esquemas negativos ligados à percepção de ameaça e perigo ao “self”. Indivíduos ansiosos têm uma probabilidade maior do que os não-ansiosos de prestarem atenção e memorizarem estímulos com conteúdos ameaçadores. Entretanto, resultados experimentais mostram que há muitas controvérsias na literatura sobre o processamento da informação ameaçadora por indivíduos ansiosos. Nessa perspectiva, o objetivo deste trabalho foi avaliar a memória para palavras neutras e ameaçadoras apresentadas a uma amostra não-clínica de 18 estudantes universitários de ambos os sexos com idade média de 25 anos. Antes do experimento, todos os sujeitos responderam a um inventário de ansiedade (Greenberger & Padesky, 1995). Para a tarefa experimental foram utilizados dois protocolos: o primeiro continha 12 provas, das quais as ímpares foram compostas por listas de 5 palavras de conteúdo ameaçador (p. ex., enterro, câncer, acidente, cemitério, colapso) e as pares foram compostas de palavras de conteúdo neutro (p. ex., caneta, telefone, menina, vizinho, pais); o segundo também continha 12 provas, sendo as provas ímpares compostas por 9 palavras ameaçadoras (p. ex., inútil, desesperado, humilhado, indeciso, incapaz, desolado, ofendido, desprezado, estúpido) e as provas pares compostas por 9 palavras neutras (p. ex., unha, iogurte, revista, caixa, calçado, desodorante, omelete, fita, dália). Para ambos os protocolos, a tarefa do sujeito consistiu em ler em voz alta as listas uma única vez. Em seguida, leu as palavras de uma tarefa interferente composta de nomes de cores e depois recordou livremente as listas de palavras apresentadas primeiramente. Todos os sujeitos passaram inicialmente pelas listas de 5 palavras e depois, pelas listas de 9 palavras. O experimentador registrou o número de acertos em cada prova, os quais foram submetidos a um teste não-paramétrico (Wilcoxon). Essa análise revelou que as palavras neutras foram recordadas mais facilmente que as palavras de cunho negativo/ameaçador, com $Z = -2,37$, $p < 0,01$ para as listas de 5 palavras e $Z = -3,72$, $p < 0,0001$ para as listas de 9 palavras.. Além disso, nenhum dos sujeitos apresentou índice de ansiedade patológica e não houve correlação significativa entre o número de acertos e os índices de ansiedade medidos pelo inventário. Esses achados podem ser importantes do ponto de vista teórico, uma vez que indicam que a tendência da atenção e da memória de serem afetadas por estímulos emocionalmente ameaçadores compõe parte da vulnerabilidade cognitiva do paciente ansioso, não revelada, pelo menos em parte, neste trabalho, o que pode ser atestado pelos baixos índices de ansiedade da amostra estudada.

Renata Ferrarez Fernandes Lopes; Ederaldo José Lopes

Universidade Federal de Uberlândia



Uma análise comportamental de agressividade e hiperatividade de uma criança em situação de risco.

Este trabalho relata parte de um programa de intervenção realizado em uma instituição que atende crianças em situação de risco, realizado durante um estágio em Psicologia Social. No momento da intervenção, a instituição atendia a 193 crianças, a sua maioria provenientes de uma favela próxima. Para frequentar a instituição, as crianças e adolescentes deveriam necessariamente estar matriculados na escola. Ao início do estágio, a instituição solicitou um atendimento especial a uma das crianças, cujo comportamento agressivo e hiperativo terminava por comprometer as atividades de reforço escolar. Os responsáveis atribuíam este comportamento à história familiar destas crianças, que envolviam privação econômica, alcoolismo e violência dos pais, entre outros problemas. Decidiu-se, então, investigar os possíveis determinantes de tal comportamento. Mesmo reconhecendo a importância da história passada de reforçamento enquanto determinante, partiu-se da hipótese de que os comportamentos violentos e inadequados apresentados pela criança poderiam ser devidos a características específicas do ambiente institucional. De modo a verificar esta hipótese, uma série de sessões de observação não-estruturadas foram conduzidas durante as aulas de reforço. A seguir, um conjunto de categorias de observação foram definidas. Em relação ao aluno, as categorias foram Comportamentos Inadequados, divididos em 5 sub-categorias (Motor, Barulho, Orientação, Verbalização e Agressão), Comportamentos Adequados e Outros Comportamentos. Em relação à professora, as categorias foram Comportamentos de Desaprovação, (Contato Físico, Verbal, Facial, Afastamento), Comportamentos de Aprovação (Contato Físico, Verbal e Facial) e Comportamentos Instrucionais. Um procedimento de observação por amostragem de tempo momentânea foi então introduzido. As sessões de observação tinham duração de 30 minutos. A cada dez segundos, a ocorrência ou não ocorrência de qualquer uma das 15 categorias ou sub-categorias era registrada. Nestas sessões, foi possível observar que o aluno em questão emitia respostas adequadas ao ambiente de estudo, embora em frequência baixa. Ao mesmo tempo, a professora não provia nenhum tipo de reforço para estas respostas adequadas. Foi observado, também, um padrão de resposta de esquiva da professora em relação ao aluno. Quando o aluno se aproximava – falando com ela ou se dirigindo fisicamente – ela se afastava ou se envolvia em outra atividade. Por outro lado, diante dos comportamentos inadequados do aluno, a professora punia ou não respondia. Com base nestes resultados, foi proposto um programa de intervenção voltado para a professora, que consistia no fornecimento de instruções e de combinações claras sobre as atividades do dia, reforçamento diferencial contingente a respostas adequadas e extinção de respostas inadequadas. O programa precisou ser reformulado, uma vez que a professora não cumpriu o combinado. Após a reformulação, os resultados mostraram, em pouco mais de duas semanas, um aumento de 34% de ocorrência dos comportamentos adequados da criança; simultaneamente, a ocorrência de comportamentos inadequados caiu para a metade. Devido ao término do ano letivo, o programa teve de ser suspenso. Os resultados encontrados sugerem fortemente que os comportamentos hiperativos e agressivos apresentados pelo aluno na instituição aluno eram determinados por variáveis ambientais – dentre elas, o próprio comportamento da professora – e não apenas por variáveis históricas, relacionadas à sua história familiar ou sócio-econômica.

Andréia Ferraresi Beraldo; Carlos Sacrato de Oliveira; Soraya Ayoub; Cacilda Amorim.

Faculdades Padre Anchieta; Universidade São Francisco.



Uma análise do comportamento de brincadeira no computador e fora do computador com crianças em idade pré-escolar.

É fato que, na contemporaneidade, as brincadeiras infantis passaram por transformações significativas com a introdução das mediações tecnológicas, especialmente com a utilização progressiva do computador em situações lúdicas. É cada vez mais freqüente a disponibilização de brinquedos em endereços eletrônicos, criando um cenário propiciador a investigação de características do comportamento das crianças frente às novas estimulações. É conhecido que, por meio da brincadeira, a criança aprende a vencer os obstáculos, suportar as frustrações e incrementar suas relações sociais entre outros. Entretanto, os processos envolvidos nas brincadeiras com computador demandam conhecimento sobre as implicações recíprocas entre comportamento e disponibilização dos brinquedos que diferem do comportamento das brincadeiras comuns. Para esse fim, foi realizado um experimento com 14 crianças que realizam atividades lúdicas e pedagógicas no Núcleo de Desenvolvimento Infantil da Universidade Federal de Santa Catarina (NDI-UFSC), sendo 7 meninas e 6 meninos na faixa etária entre 5 a 6 anos de idade. Foram utilizados 4 computadores com recursos multimídia, duas filmadoras (JVC 60, compact Videomovie), cronômetros (marca Technos, com três teclas de comando e registro cumulativo), folhas de anotações padronizadas, softwares e jogos. As sessões experimentais foram realizadas no Laboratório de Novas Tecnologias da UFSC – (LANTEC). Foram criadas duas situações de brincadeira: os jogos (da velha, da memória e quebra cabeça) eram apresentados às crianças, na forma comum e na versão para computador. As crianças escolhiam o brinquedo e a forma que queriam brincar. Os grupos de crianças foram observados em dias alternados, durante 8 sessões experimentais de meia hora cada, no período de agosto/setembro de 2001. Nossa pesquisa identificou maior interesse e preferência das crianças frente aos brinquedos no computador e maior verbalização e atividade locomotora nas brincadeiras fora do computador. Provavelmente esses resultados tenham ocorrido devido a disponibilização de um espaço novo para brincadeiras (um espaço de informática), no caso dos brinquedos no computador, e pelo fato de haver maior disponibilidade de brinquedos fora do computador em outras situações do cotidiano. Foi verificado, também, um aumento na qualidade e quantidade dos acordos entre os parceiros em ambas as atividades ao longo do processo de pesquisa, sinalizando que o incremento das interações infantis mediadas por brincadeiras não está diretamente relacionado a modalidade da brincadeira, mas a condição de ter uma oportunidade de intensificar relações sociais. Estes resultados mostram a importância de aprofundarmos as pesquisas na direção de melhor compreender as implicações educativas e psicossociais da utilização das novas mediações tecnológicas nas brincadeiras infantis.

Lecila Duarte Barbosa Oliveira; Roberto Moraes Cruz.

Universidade Federal de Santa Catarina.



Uma caracterização do Centro de Atenção Psicossocial de Natal-RN.

O Movimento de Reforma Psiquiátrica teve impulso no Brasil a partir da II Conferencia Nacional de Saúde Mental, realizada em 1992, que resultou na criação de serviços substitutivos (CAPS, NAPS, Centros de Convivência, etc.) para o atendimento dos portadores de sofrimento mental e conseqüente redução progressiva dos leitos em Hospitais Psiquiátricos.. É nesse contexto que surge o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) em Natal, no ano de 1996, com o objetivo de oferecer um novo modelo de atenção e tratamento para os portadores de dependência química visando a sua reinserção social e desospitalização, através do resgate da sua cidadania. O objetivo do presente trabalho é realizar uma caracterização (funcionamento e perfil dos usuários) e avaliação do serviço com relação aos objetivos aos quais se propõe a instituição. Para coleta dados utilizou-se uma análise documental através de livro de registro de usuários, prontuários e relatórios anuais, além de entrevistas semi-estruturadas com profissionais da instituição. O CAPS possui uma equipe composta atualmente por 16 profissionais, incluindo psicólogo, médico clínico, assistente social, psiquiatra, educadores físicos, enfermeiro, nutricionista, músico e arte educador. O trabalho se caracteriza por atividades em grupo (grupo operativo, grupo terapêutico, oficinas, seminários, atividades de lazer, etc) nas quais os profissionais se alternam na coordenação dos mesmos, seguindo uma seqüência diária fixa de atividades. Busca-se o envolvimento da família no tratamento através de sua participação em grupos semanais e na avaliação contínua dos usuários realizada juntamente a equipe. Com relação ao perfil dos usuários, a maioria é do sexo masculino (87%), apresentando uma faixa etária bem distribuída, com maior concentração entre 26 e 59 anos (56%). Possuem o primeiro grau incompleto (59%), são na maioria solteiros (59%) e moram com os pais (22%). No que diz respeito ao histórico de tratamentos anteriores, a maioria não passou por nenhum serviço de atendimento à dependência química (58%). A natureza do encaminhamento é realizada em 33% dos casos de forma espontânea e na mesma proporção (33%) tal encaminhamento é feito pela rede de saúde, constituída por Unidades Básicas de Saúde, Hospitais Gerais e Serviços Substitutivos de atenção diária. De uma forma geral, percebe-se que o CAPS está funcionando de acordo com as diretrizes propostas na sua fundação já que desenvolve atividades educativas, terapêuticas, sociais e de lazer, junto à equipe multidisciplinar visando à redução do uso de drogas, a melhoria da qualidade de vida e a reinserção social do dependente químico.

Ana Ludmila Freire Costa; Alex Reinecke Alverga; Candida Maria Bezerra Dantas; Denis Barros de Carvalho; Ilana Lemos de Paiva; Oswaldo Hajime Yamamoto.

Universidade Federal do Rio Grande do Norte.



Uma construção coletiva: Centro de Convivência e Cooperativa Toninha.

Introdução: O Centro de Convivência e Cooperativa Toninha trata-se de uma experiência na região da Vila Castelo Branco que pertence a Região Noroeste da cidade de Campinas (SP) é considerada uma área com inúmeros problemas sociais. Há tempos pretendia-se criar um Centro de Convivência nesta região, que tivesse a participação dos serviços de saúde, ONGs e representantes da comunidade. Esta proposta iniciou-se em Agosto de 1999 a partir do curso “programa de Formação de Agentes de Defesa dos Direitos Humanos e Cidadania” que contou com o apoio do Ministério da Justiça, através da Secretaria Nacional de Direitos Humanos, do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e da Themis de Porto Alegre, que assessora o Programa de Formação de Agentes de Defesa dos Direitos Humanos e da Cidadania. Da união de lideranças de moradores da comunidade com alguns profissionais dos diversos equipamentos que trabalham na região, nasceu o Centro de Convivência e Cooperativa Toninha (CECCO). O nome escolhido é uma homenagem à Antonia Frutuosa Felisbino (Toninha, in memória) militante incansável dos movimentos populares dessa região. O CECCO está organizado em diversos grupos de trabalho, sendo que além dos moradores da própria comunidade, estão: Centro de Saúde Escola Integração (Psicologia e Terapia Ocupacional - PUC-Campinas), Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), Casa de Cultura Tainã, Projeto Gente Nova (Progen), Conselho Local de Saúde e Grupo Reviver da Terceira Idade (Grupo de Ginástica). **Objetivos:** Otimizar a utilização dos espaços públicos da região do CECCO-TONINHA como forma de desenvolvimento, formação e reflexão do cotidiano e das políticas públicas existentes, visando a ampliação das vivências socializantes enquanto proposta de saúde integral; possibilitar um contexto adequado favorecido por atividades esportivas, artesanais, de promoção em saúde, físicas e/ou psicossociais; possibilitar o desenvolvimento de programas de formação de Agentes Multiplicadores; criar espaço para atuação integrada entre grupos de ação comunitária; desenvolver parcerias com a administração pública e entidades privadas para recuperação de equipamentos públicos ociosos que poderão oferecer suporte para o desenvolvimento dos programas comunitários em andamento. **Material e Métodos:** depoimentos dos protagonistas envolvidos e utilização de recurso fotográfico. **Resultados e Conclusões:** O CECCO viabilizou diversos projetos: Curso de Formação e Capacitação de Agentes de Defesa dos Direitos Humanos e da Cidadania (1999); semana e eventos temáticos como: Caravana na Praça (1999); Semana do Idoso (Ano internacional do Idoso – 1999); Criança e Adolescente (Comum Idade em Ação – 2000); Comemoração do Dia Nacional da Luta Antimanicomial (“palco” da concentração para toda cidade de Campinas); Encontro de Gerações (2001); Festa Junina (anual); Feira de Tudo um Pouco (realizada uma vez por mês e reúne aproximadamente 60 expositores de diferentes gêneros). Esta experiência faz parte de um processo de educação e formação global que nasce da própria comunidade, uma espécie de “formação endógena”, de pessoas envolvidas com o CECCO que em seus encontros buscam identificar interesses, necessidades, potencialidades, obstáculos comuns e desenvolver uma linguagem que facilite a organização e implementação de projetos de caráter contínuo e integrado junto a população.

Denise Mulatti; Raquel Camargo Barros; Valdemar D. Sousa

Pontifícia Universidade Católica de Campinas



Uma dificuldade nos trabalhos de Darwin: a evolução das faculdades mentais.

Esta pesquisa aponta os limites e as inconsistências da perspectiva evolucionária dirigida ao comportamento e às faculdades mentais — termo próprio ao contexto inglês ao longo do século XIX — tanto humanos quanto animais na reflexão de Darwin. A frequência com que o modelo darwiniano vem sendo aplicado ao campo do comportamento, especialmente nos estudos zoopsicológicos dos últimos vinte anos, justifica uma reflexão sobre o alcance desta teoria nos escritos de seu grande organizador. Este trabalho é dirigido ao ensino da psicologia ao buscar valorizar, através de uma análise histórica dos escritos de Darwin, os ancoramentos teóricos de procedimentos psicológicos recentes. A centralidade do homem no mundo vivo foi, a partir de Darwin, deslocada do núcleo dos círculos das criaturas sobre a terra com seu valor referencial para um conjunto de linhas bifurcantes que revelam uma alarmante proximidade. A argumentação darwiniana da evolução está estribada na distribuição geográfica, na sucessão geológica, nas estruturas homólogas, no desenvolvimento embriológico e nos órgãos rudimentares de uma espécie. Estes aspectos devem estar presentes na observação do mundo natural guiando sua classificação e fornecendo, como afirmou Darwin, “evidência ampla e conclusiva a favor do princípio da evolução gradual.” Sempre foi intenção do naturalista inglês estender suas reflexões sobre as relações entre as diversas espécies do mundo animal ao mundo humano. Seu recolhimento no livro *Origem das espécies* foi substituído, vinte anos depois, pela segura afirmação de que ele procurava “saber se o homem como qualquer outra espécie descende de alguma forma preexistente” e “o modo de seu desenvolvimento”. As conexões do homem com alguma forma preexistente devem ser procuradas nas variações da estrutura corporal e nas faculdades mentais (termo empregado por Darwin indistintamente para as atividades psíquicas dos homens e dos outros animais). Opera-se nestas passagens um deslizamento relevante para a psicologia ao configurar-se uma dessimetria entre os critérios que garantem a conexão genealógica dos seres vivos quando referidos às estruturas corporais e quando referidos às faculdades mentais. Darwin não desenvolve uma teoria sofisticada da relação mente-corpo, mas deixa claro que as faculdades mentais nada mais são que produtos do funcionamento cerebral. Comparando os poderes mentais dos homens e dos animais, Darwin não encontra razão para distinguir qualitativamente o homem do conjunto dos outros animais como se fazia então. Da perspectiva corporal há indícios suficientes relacionando o homem aos animais; do ponto de vista das faculdades mentais, Darwin esforçou-se para mostrar os elos entre o homem e os mamíferos superiores. Chegou mesmo a explicitar a inadequação das tentativas de classificação centradas apenas na faculdades mentais. A heterogeneidade entre a elaborada capacidade explicativa do princípio da seleção natural no que se refere às estruturas orgânicas, e a algumas de suas funções (os instintos), e a pobre argumentação no que diz respeito às faculdades mentais e comportamentos humanos é um forte indício da inadequação do modelo evolucionista na abordagem dos aspectos mentais e comportamentais dos homens.

Francisco Teixeira Portugal



Uma experiência de Pronto Atendimento.

Este programa é desenvolvido há três anos no Centro de Pesquisa e Psicologia Aplicada (CPPA) “ Dra. Betti Katzenstein” desta Universidade , e visa suprir a demanda contínua de alunos dos diversos cursos do campus: Letras, História, Biologia e Psicologia que buscam atendimento psicológico por suas situações de conflito, dessa maneira promove-se a necessidade mais profunda do homem que é a de falar e a de ser ouvido. Este trabalho é coordenado por uma psicóloga vinculada à instituição, e mantido pelos estagiários de 4° e 5° anos do curso de Psicologia ,que dessa forma recebem formação em psicologia clínica através da supervisão de seus casos clínicos, além de uma formação teórico-prática, tendo a possibilidade de vivenciar a prática profissional já neste estágio. A presente pesquisa teve por objetivo estabelecer o perfil daqueles que procuram o serviço de PA, visando melhor compreender a abrangência do mesmo. Este estudo traz dados interessantes a respeito do perfil dessa população como: queixas mais frequentes, idade, sexo, curso dos alunos que procuram este atendimento Este trabalho propicia ainda espaço para reflexão e escuta, já que acolhe e compreende a realidade emocional do outro, evidenciando aspectos significativos da relação emocional em um curto espaço de tempo. O programa tem a proposta de em até três encontros finalizar o atendimento psicológico ou então fazer os possíveis encaminhamentos , como psicoterapia individual e psicoterapia de grupo na própria instituição,ou para psicólogos particulares conveniados ao CPPA. O Pronto Atendimento psicológico proporciona aos estagiários experiências em situações práticas diversas como a possibilidade de ir além da repetição de aprendizados de sala de aula que reforçam uma postura enrijecida e padronizada, já que a situação de atendimento é que promove o contato entre paciente e terapeuta que é o que compõe o processo terapêutico.

Maria Silvana da Rocha Barros; Carolina Oliveira Serradela; Heidi Miriam Bertolucci Coelho.

Universidade Estadual Paulista - UNESP.



Uma experiência de suporte emocional à mulher, numa clínica de psicologia aplicada.

A idéia da implantação de um grupo de suporte a mulheres numa clínica de Psicologia Aplicada surgiu como resultado da constatação em 16 anos de trabalho como psicoterapeutas de que as mulheres enfrentam momentos de crise em determinada fase da maturidade e que se encontram sós nesta vivência. Algumas delas tem acesso e disponibilidade para recorrer à psicoterapia e conseguir algum apoio e a possibilidade de reestruturação interna, porém a maioria delas vive num ambiente em que psicoterapia é considerada um luxo ou tratamento para loucos. Acostumadas a cuidarem dos maridos e filhos, muitas vezes se sentem fragilizadas, incompreendidas em suas angústias e sem apoio. Foram convocadas para uma breve triagem as mulheres inscritas na lista de espera para atendimento. Os critérios considerados para seleção foram: Faixa etária entre 30 e 60 anos e não possuir nenhum comprometimento psicológico grave como alucinações, pânico ou depressão profunda. O objetivo do grupo era refletir sobre questões femininas que propiciassem crescimento pessoal e auto-percepção. As questões enfocadas seriam: educação de filhos, sexualidade, relacionamento afetivo e autonomia. A intervenção pode ser desmembrada em 3 fases distintas que foram vivenciadas de maneira particular por cada uma das integrantes, segundo seu tempo pessoal. Na primeira fase havia a busca de consolo e da solução mágica do seu problema. Na segunda fase apareceu um certo desânimo por descobrir que não havia nenhuma solução mágica e que o processo de mudança consistia num trabalho que dependia de si mesma e não dos outros. A terceira fase foi uma fase de descobertas, de auto-conhecimento, de fortalecimento do eu e do surgimento de novas perspectivas, esperanças e experiências. Algumas dificuldades observadas foram a apresentação de resistência a partir do momento em que as coordenadoras apontavam a responsabilidade pessoal em cada situação, pois a constatação de co-responsabilidade pressupunha a necessidade de uma mudança e elas chegavam ao grupo sentindo-se vítimas e buscando proteção externa. Outro fator relevante se referia ao fato de que as mudanças buscadas eram no sentido de "melhorar" a situação e não de modificá-la. Os papéis culturais femininos de passividade e de expectativa de que o outro era o responsável pela sua infelicidade/insatisfação ou felicidade/satisfação apresentaram-se bastante incrustados de forma a constituírem resistência à mudança. A baixa auto-estima e a dificuldade em se perceber como ser autônomo e capaz de viver sobre seus próprios pés apresentaram-se como contingências presentes e reais na vivência de cada uma delas. Desta maneira, o trazer para si a co-responsabilidade pela situação, o fortalecimento da auto-estima e da possibilidade de autonomia resultou numa tomada de rédeas pela sua própria vida e na importância das escolhas pessoais. Invariavelmente observou-se que elas possuíam um potencial subestimado por elas mesmas e conseqüentemente pelas pessoas com as quais conviviam. O reconhecimento e a vivência deste potencial possibilitou o fortalecimento do sentido de eu, a obtenção de respeito por parte do cônjuge e de outras pessoas significativas e aumento da autoconfiança.

Célia Biagio Lobet; Cláudia Régis Machado



Uma experiência interdisciplinar: apoio psicológico e atividade física com idoso.

Velhice é um tema que vem adquirindo no Brasil um destaque cada vez maior. Considerando o envelhecimento populacional e conseqüentemente o aumento da população idosa institucionalizada, resolvemos desenvolver uma atividade interdisciplinar, de extensão, com idosos da Associação Paraibana do Ancião (ASPAN), na cidade de João Pessoa – PB, tendo como objetivo principal oportunizar ao idoso vivenciar um processo de reflexão sobre sua velhice e melhoria na qualidade de vida. O universo deste trabalho é constituído por 72 idosos, com representatividade maior do sexo feminino, na faixa etária média de 66 anos. O trabalho consiste na escuta e apoio psicológico aos idosos, individualmente ou em grupo sendo registrados os dados nas fichas individuais para estudos e acompanhamentos. As atividades físicas, denominadas “ginástica da cadeira” e caminhadas, são realizadas, observando-se todo o desenvolvimento das habilidades corporais dos idosos. Esses encontros acontecem semanalmente, com duração de três horas. Os resultados positivos dessa ação, são inegáveis e se evidenciam através do depoimento dos idosos, sobre a melhoria na comunicação entre eles, a integração grupal, a auto-estima, o bem estar físico e psicológico.

Regina Irene D. M. Formiga; Ana Karla G. de Andrade; Ana Patrícia S. de Souto; Carla Raquel C. Cavalcanti; Emília M. Martins; Michelle M. Marques; José Adriano de A. Pereira.

Centro Universitário de João Pessoa – UNIPÊ.



Uma nova proposta para a estimulação precoce: atendimento individual-compartilhado.

O trabalho de estimulação precoce é realizado na Escola de Educação Especial Nilza Tartuce, contando com uma equipe interdisciplinar por fisioterapeutas, fonoaudiólogas, psicólogas, uma assistente social, uma atendente e uma reeducadora visual. Tem por objetivo viabilizar o desenvolvimento global da criança considerando-a como um ser bio-psico-social. Para isso a equipe realiza um trabalho em conjunto com a família tornando-a parte responsável e atuante no trabalho de estimulação da criança. A distinção desse atendimento frente aos demais está na proposta de atendimento individual-compartilhado, na qual três crianças são atendidas num mesmo espaço físico (este amplo e devidamente organizado) por três profissionais, com a presença de um dos pais sempre que possível. Os atendimentos acontecem simultaneamente. Essa experiência permitiu: - o enriquecimento do conhecimento dos profissionais com relação ao trabalho desenvolvido por cada especialidade, - melhor integração e aproveitamento do atendimento, uma vez que ao conhecermos o trabalho feito pelos demais, foi possível aprimorar os momentos de solicitação oferecidos à criança, - compartilhar das dificuldades procurando soluções de forma muito mais integrada, - um dos pontos de maior destaque do atendimento individual-compartilhado está na viabilização de um trabalho direcionado a atenção e seleção de estímulos uma vez que a criança está constantemente sendo estimulada, desde os primeiros meses, à direcionar sua atenção a um estímulo determinado tendo que ignorar os demais. Em contra partida, um trabalho realizado dessa forma exige dos profissionais novos estudos, considerando que há uma exposição de sua prática tanto aos colegas como aos pais impulsionando um crescimento geral da equipe. A participação dos pais é inegavelmente um fator determinante no desenvolvimento das atividades e do desenvolvimento geral das crianças. Vários autores como Winnicott ou Mathelin respaldam nossa prática integrada com a família, quando apontam a importância oportunizar as relações da criança, considerando que a saúde mental do indivíduo depende de um ambiente facilitador que é estabelecido desde o início pela sua relação com a mãe. Concomitante a esse trabalho acompanhamos a inclusão de nossas crianças em creches, oferecendo orientações aos profissionais das mesmas de duas formas distintas: individualmente para cada creche a medida de suas necessidades e também em reuniões semestrais quando todas as creches vem até a escola para troca de experiências.

Maria de Fátima M. Caldeira Silva

Universidade Tuiuti do Paraná (UTP)



Uma proposta de intervenção na queixa escolar: relato de uma experiência.

O serviço de psicologia nesta Secretaria iniciou-se em 1982 com um trabalho junto as Unidades Escolares e em 1989 foi criada a Clínica Psicológica para atendimento de algumas crianças. Atualmente este serviço faz parte do Núcleo de Educação Inclusiva e no decorrer de sua história tem vivenciado modificações e implementações significativas que resultaram no aperfeiçoamento do trabalho, sempre com vistas à adequação dos serviços às necessidades da clientela escolar atendida (Educação Infantil e Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino) visando otimizar a integração dos serviços na Educação. Considerando que: ∅ Os caminhos da educação em âmbito mundial têm sido o da inclusão e permanência da criança na escola, buscando atingir o ideal de “escola para todos”; ∅ A criança, em nossa sociedade, vive seu primeiro momento de inserção social ao ingressar na escola; ∅ O ingresso e a permanência na escola, com aprendizagem de qualidade, é direito da criança enquanto sujeito e cidadão; ∅ Os primeiros anos escolares são marcantes na história de uma criança determinando, frequentemente seu destino escolar; entendemos que a “queixa escolar” é produzida nas inter-relações entre os processos institucionais escolares, a dinâmica familiar e a subjetividade da criança e objetivamos realizar intervenções e atendimentos dirigidos a todos os agentes implicados na produção da queixa, bem como auxiliar a criança em seu processo de inclusão escolar, evitando que um “mau começo” se cristalize (fracasso escolar) marcando o seu destino pessoal e educacional. Os alunos atendidos neste serviço são encaminhados pela Unidade Escolar através de Relatório elaborado pelo professor a partir de itens indicados pela equipe técnica. Esse relatório é um primeiro momento onde a escola, o professor e a equipe técnica irão refletir conjuntamente sobre as melhores intervenções possíveis para cada aluno, podendo ou não resultar no atendimento específico da criança. Trabalhos realizados: • Atendimento psicológico, psicopedagógico e fonoaudiológico, individual ou grupal. • Grupo de pais. • Plantão técnico disponível aos professores, diretores e outros profissionais. • Pesquisa em andamento: levantamento das queixas escolares para elaboração de projetos para formação de professores. Com este trabalho temos obtido como resultado mudanças no olhar dos agentes envolvidos em relação a queixa escolar, passando de um enfoque centrado nas “dificuldades de aprendizagem”, onde o aluno é o portador do problema, para as diversas questões que envolvem o processo de escolarização. Pudemos a partir daí trabalhar as questões que remetem ao eixo ensino- aprendizagem, constituído pelas diferentes relações estabelecidas no contexto escolar.

Ângela Maria Fernandes Garcez; Bianca Betcher; Cristiane Cervigni ; Gilda Ramaldes Viana da Silva; Ivana Braga Demier; Kristina Romano; Maria Gedeilda de Souza Ferraz; Marli Penteadó de Andrade; Meide Pazini Lopes; Sandra Esmeralda dos Santos Durante.

Prefeitura Municipal de Guarulhos.



Uma proposta de intervenção psicossocial com carcereiros em uma cadeia pública.

Este trabalho apresenta o relato de um estágio, realizado numa cadeia pública. Foi proposta uma intervenção voltada para os carcereiros, em função de uma análise preliminar segundo a qual qualquer intervenção em instituições penais deveria envolver também os profissionais diretamente responsáveis pelo cuidado/guarda dos detentos. Além disso, seria esta uma população sujeita a muitas pressões no curso de sua atividade profissional, o que comprometeria sua saúde psicológica. Treze carcereiros participaram deste projeto. A primeira etapa consistiu na caracterização da profissão de carcereiro. Dados foram obtidos através de entrevistas e de observação direta do exercício das atividades profissionais e analisados sob a perspectiva da análise do comportamento, em termos de contingências de reforçamento. Tanto os relatos dos carcereiros quanto os dados de observação indicaram que cumprir as tarefas profissionais a) na maior parte das vezes produzia estimulação aversiva imediata, b) na maior parte das vezes não produzia reforçadores positivos importantes, nem mesmo sociais. Ou seja, estes profissionais estariam trabalhando sob contingências fortemente aversivas. A esquivia ou negligência na realização de várias das tarefas foi identificada como uma fonte regular de conflitos entre e intra-equipes, implicando em risco para os detentos e para a segurança da cadeia, uma vez que as tarefas não eram cumpridas e informações relevantes não eram veiculadas. O grau de conflito decorrente das tarefas diárias foram avaliados pelos carcereiros segundo uma escala Lickert de 5 pontos. Os resultados apontaram a soltura dos presos e guarda da muralha como as maiores fontes de conflito, ao lado dos atrasos nas trocas de plantão. Optou-se intervir sobre o problema dos atrasos na troca dos plantões, já que intervir sobre a aversividade envolvida na soltura dos detentos ou na guarda da muralha estaria além dos recursos deste trabalho. A intervenção consistiria em discussões com as equipes sobre as consequências dos atrasos e na liberação de reforçamento social contingente à chegada no horário, por parte do carcereiro prestes a sair. Para tanto, seria antes necessário informações precisas sobre os horários de entrada de cada carcereiro pois, de acordo com as queixas, os atrasos eram mais frequentes em algumas equipes. Solicitou-se, então, que cada carcereiro preenchesse um registro de pontualidade, anotando o horário de chegada de seu substituto. Os registros eram mantidos em sigilo. Nem todos os carcereiros atenderam à solicitação e a intervenção foi suspensa. A intervenção proposta não foi bem sucedida e tal insucesso foi interpretado em termos da dificuldade em alterar os reais determinantes das condições extremamente inadequadas de trabalho dentro de uma cadeia. Contudo, alguns aspectos positivos deste programa devem ser destacados: a) os carcereiros desta cadeia deixaram de apresentar fortes restrições a propostas de intervenção psicológica com os detentos, como havia sido anteriormente identificado; b) os carcereiros relataram posteriormente terem se sentido valorizados pela atenção dos estagiários e c) o trabalho realizado deixou claro o quanto esta população está sujeita a sofrimento psicossocial e deve ser incluída em intervenções psicológicas em instituições correccionais, uma vez que é parte do problema, mas com potencial para tornar-se parte da solução.

Aline Sacramona; Maria Angela Gobbo; Karina Cegobia Tavares; Paulo Salvador; Cacilda Amorim.

Faculdades Padre Anchieta; Universidade São Francisco.



Uma reflexão fenomenológica sobre o preconceito e as formas de amar.

O presente trabalho é uma reflexão fenomenológica sobre o conto A menor mulher do mundo, de Clarice Lispector, do qual foram destacados os aspectos preconceito e formas de amar, expressos nas reações das várias personagens diante da descoberta inusitada de um explorador francês, nos confins da África. O objetivo foi adentrar o universo fenomenológico do encontro com a realidade das relações em si, visando à elucidação das emoções, tornando-as presentes como objeto da consciência. Na aproximação do fenômeno buscou-se experimentar o encontro, a essência mesma daquilo que é falado, expresso pela palavra carregada de significados, atentos ao resultado de seu impacto no ato da leitura. Em primeiro lugar procedeu-se uma leitura para se obter uma visão do todo, no intuito de analisar o fluxo discursivo. Cada componente do grupo procedeu a uma leitura isoladamente. Posteriormente foram confrontadas as percepções de cada membro, procedendo-se a delimitação dos elementos significativos. Os aspectos preconceito e formas de amar foram circunscritos como o campo real, como pontos destinados à discussão. Através do resgate do pensamento fenomenológico em Buber, Lujipen e Merleau-Ponty fez-se a aproximação dos elementos significativos com os aspectos encontrados nas personagens do conto. Esta aproximação convidou à reflexão e ao mergulho no sentido dos sentimentos e comportamentos humanos. Concluímos que a aproximação do fenômeno não é determinista ou fundamentalmente teórica, mas é algo que necessita ser vivida na sua plenitude. Este aspecto nos parece de fundamental relevância para o exercício das relações interpessoais, principalmente aquelas relacionadas à profissão de psicólogo.

Araci Marta Valiati Mallmann; Elizabeth Almeida de Lima; Helena Takeyama Sakiyama; Sueleni Alves.

Universidade São Marcos.



Uma Técnica de Análise de Textos Científicos como Práticas Discursivas: “Bibliografia Reticulada”.

Será apresentada uma técnica de análise de textos, desenvolvida no Núcleo Práticas Discursivas e Produção de Sentidos alocado na PUCSP, voltada para análise de literatura científica intitulada bibliografia reticulada. Trata-se de um recurso que consiste na identificação e sistematização das referências bibliográficas presentes em um dado texto científico em relação a um determinado tópico. O nome da técnica se baseia na concepção da bibliografia como uma rede de recursos de legitimação dos argumentos presentes em um texto científico (Latour, 2000), daí o uso do termo reticulada que significa aquilo “que tem linhas e nervuras entrecortadas como uma rede” ou “ao qual se aplica a forma de rede” (Houaiss, 2001). Para melhor visualização da bibliografia reticulada foram elaboradas diversas formas gráficas que variaram de tabelas a diagramas que com o objetivo de tornar visível a dinâmica de alianças e oposições presentes nessa parte do texto científico que pouco exploramos como objeto de análise: as referências bibliográficas. Na dissertação de mestrado “Dados científicos como argumento: o caso da redução de parceiros em aids” (Galindo, 2002) aplicamos o recurso às referências explicitamente relacionadas à variável epidemiológica número de parceiros sexuais em um periódico epidemiológico intitulado “Morbidity e Mortality Weekly Reports” no período de 1981 a 1996. A elaboração da técnica “reticulação de bibliografia” se insere no esforço de criação de um instrumental metodológico no âmbito dos estudos psicossociais, com orientação construcionista, direcionados para a compreensão da ciência como prática social/coletiva e como parte de processos sociais mais amplos, como por exemplo, práticas de controle de doenças. Partimos da premissa de que cientistas e gestores públicos, assim como as pessoas em geral, participam de disputas cotidianas pela veracidade do que é enunciado, de modo que é possível estudar as referências bibliográficas de um artigo científico como parte de um jogo retórico que visa o reconhecimento do caráter factual de suas proposições, sendo a menção a outros autores (aliados ou opositores) um dos principais recursos aos quais se recorre.

Dolores Galindo e Mary Jane Spink.

PUC - SP.



Universidade e Responsabilidade Social: a experiência do Projeto Comunidade.

Paisagens e realidades humano-sociais revelam um jogo perverso de exclusão social. Grupos minoritários acumulam terras, riqueza e poder, enquanto o que antes se expressava como carência, já atinge níveis de total miserabilidade, retratada no cotidiano sombrio dos “sem teto”, “sem alimento”, “sem futuro” e, por conseguinte, violentados na sua dignidade humana. Como diria Paulo Freire, é tempo de “eticizar o mundo”. Este é um compromisso do qual a Universidade Pública não deve se furtar de tomar parte. Em resposta, o presente projeto de extensão vem sendo desenvolvido pelo Instituto de Aplicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (CAp/UERJ), em co-execução com o Centro de Educação e Humanidades (CEH) e contando com o apoio da Sub-Reitoria de Extensão e Cultura. Tomando por base pressupostos teóricos de Paulo Freire, o Projeto Comunidade entende que o exercício constante da “leitura e reescritura do mundo” pode levar homens e mulheres, crianças e jovens, a superarem a ingenuidade inicial de mera conjectura sobre as mazelas da realidade imediata, para que, de forma crítica e inquieta, envolvam-se na recriação de um projeto de vida, de ações alternativas de sobrevivência. Entende que a prática de encontrar as razões do constatado e anunciar a sua superação, pode dar lugar à formação de opiniões e de identidades sociais, históricas e culturais, necessárias a uma reinvenção da sociedade. Acredita que a universidade pública tende a se aproximar das lutas políticas mais amplas, expressando o seu esforço, intenção e compromisso em minimizar desigualdades sociais, quando se planeja e se organiza para que os saberes e os fazeres construídos no seu meio acadêmico se juntem àqueles das comunidades economicamente desfavorecidas, implementando processos de organização e de desenvolvimento dessas comunidades, tornando-as aptas a agenciar novas formas de inserção e de participação no processo econômico-produtivo e social e a exercerem o direito de tomar algumas decisões. A origem deste projeto remonta a uma atividade extensionista destinada aos inspetores de alunos do CAp/UERJ. Partindo-se de encontros periódicos que objetivavam a reflexão sobre as relações no ambiente institucional e a construção de identidades sociais e profissionais, o grupo foi levado a uma re-leitura e re-significação do espaço escolar e da sua função social, se auto-propondo novas formas de inserção e de agenciamentos, facilitadoras de princípios e valores éticos e de cidadania. A partir daí, contando de forma inovadora com a atuação voluntária de alguns servidores técnico-administrativos do CAp e do CEH, o projeto passou a oferecer às comunidades de baixa renda circunvizinhas ao colégio cursos e “oficinas de saberes e fazeres”, valorizando “ofícios e narrativas criativas” e socializando informações nas áreas de saúde, educação, meio ambiente, trabalho, direitos humanos e cidadania. Em 2002, o Projeto Comunidade ampliou suas atividades. Atuará em áreas carentes do município de Resende (RJ), prestando assessoria técnico-acadêmica aos Programas de Formação Continuada, de Iniciação ao Trabalho, Socio-Educativos e de Proteção que vêm sendo implementados pela prefeitura local. Aposta-se que, uma vez dignificadas enquanto pessoas humanas, populações carentes venham arriscar-se a reinventar projetos de vida e um novo projeto de mundo.

Elaine de Souza Jorge

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)



Uma reflexão fenomenológica sobre o preconceito e as formas de amar.

O presente trabalho é uma reflexão fenomenológica sobre o conto A menor mulher do mundo, de Clarice Lispector, do qual foram destacados os aspectos preconceito e formas de amar, expressos nas reações das várias personagens diante da descoberta inusitada de um explorador francês, nos confins da África. O objetivo foi adentrar o universo fenomenológico do encontro com a realidade das relações em si, visando à elucidação das emoções, tornando-as presentes como objeto da consciência. Na aproximação do fenômeno buscou-se experimentar o encontro, a essência mesma daquilo que é falado, expresso pela palavra carregada de significados, atentos ao resultado de seu impacto no ato da leitura. Em primeiro lugar procedeu-se uma leitura para se obter uma visão do todo, no intuito de analisar o fluxo discursivo. Cada componente do grupo procedeu a uma leitura isoladamente. Posteriormente foram confrontadas as percepções de cada membro, procedendo-se a delimitação dos elementos significativos. Os aspectos preconceito e formas de amar foram circunscritos como o campo real, como pontos destinados à discussão. Através do resgate do pensamento fenomenológico em Buber, Lujipen e Merleau-Ponty fez-se a aproximação dos elementos significativos com os aspectos encontrados nas personagens do conto. Esta aproximação convidou à reflexão e ao mergulho no sentido dos sentimentos e comportamentos humanos. Concluímos que a aproximação do fenômeno não é determinista ou fundamentalmente teórica, mas é algo que necessita ser vivida na sua plenitude. Este aspecto nos parece de fundamental relevância para o exercício das relações interpessoais, principalmente aquelas relacionadas à profissão de psicólogo.

Araci Marta Valiati Mallmann; Elizabeth Almeida de Lima; Helena Takeyama Sakiyama; Sueleni Alves.

Universidade São Marcos.



Uso de drogas entre estudantes da 6ª- série do ensino fundamental de uma escola pública da capital de São Paulo.

Introdução: o aumento no consumo de drogas, principalmente entre os jovens, gera uma crescente preocupação política e social. a escola, como um dos espaços de vinculação social, ocupa uma posição de destaque no estudo desta questão. metodologia: este estudo foi realizado em uma escola pública, localizado na periferia da zona leste da capital Paulista. foram obtidas informações de 131 estudantes, de 5 turmas de 6ª- série do ensino fundamental do ano de 1999. na coleta de dados foi utilizado um questionário anônimo de autopreenchimento, baseado em 3 instrumentos: 1) questionário elaborado pela Organização Mundial de Saúde (OMS); 2) questionário utilizado no IV Levantamento Sobre o Uso de Drogas Entre Crianças e Adolescentes em Situação de Rua e; 3) questionário sobre Comportamento de Saúde Entre Jovens. adotamos definição da OMS, na qual, drogas são as substâncias que tem a propriedade de atuar no sistema nervoso central, produzindo alterações de comportamento, humor e cognição. resultados: dos 131 estudantes pesquisados, 66 eram do gênero feminino e 65 do gênero masculino, com idades entre 11 e 17 anos, sendo a maioria tem entre 12 e 13 anos (68,7%). a maioria é nascida na Grande São Paulo (81,7%), residem com os pais (67,9%), freqüentam atividades religiosas (50,4%), e 30,7% exercem alguma forma de trabalho. são originários de famílias de baixa escolaridade, sendo que 49% dos pais não concluíram o ensino fundamental; e com baixa renda, predominando as ocupações pouco qualificadas. o uso do tabaco está presente em 82,4% dos familiares e 20,6% dos pais fazem uso elevado de álcool. quanto aos jovens, 6,9% fizeram uso de tabaco, enquanto 66,4% admitiram alguma experiência no consumo de álcool, tendo a residência como local onde esta prática mais ocorre (37,4%) e acompanhado de familiares (35,1%); sendo que o início destas experiências se deram entre os 9 e 11 anos de idade para 29,8% deles. como consequência do uso de álcool 9,2% dos jovens admitiram ter necessitado de ajuda ou ter se envolvido em brigas. as drogas mais lembradas pelos jovens são a maconha (78,6%), o crack (69,5) e a cocaína (63,4%), sendo que 60,3% já viram alguém usando e 49,6% conhecem alguém que usa droga. entretanto, apenas 1 garota (0,7%) afirmou ter feito uso de alguma destas substâncias. a escola é apontada como uma das principais referências sobre drogas, aparecendo como tema de aula (60,3%) e na conversa entre amigos de escola (26%), seguido da televisão e do rádio (55%). conclusão: os resultados da pesquisa são corroborados por outros estudos nacionais, indicando a necessidade programas preventivos que retardem o início de uso de todas as drogas, principalmente o uso de álcool, que aparece com destaque e tem a família como uma das principais referências ao uso.

Emílio Laudelino Inocente dos Santos

PUC-SP



Uso do Procedimento Desenhos-Estórias em Adolescentes Privados de Liberdade.

O presente trabalho tem como proposta verificarmos o uso do Procedimento Desenhos-Estórias (Trinca, 1984), como um instrumento de investigação clínica da personalidade em adolescentes privados de liberdade. Propomo-nos a investigar, compreender os estados afetivos-emocionais e detectar as alterações psicodinâmicas, no início e após seis meses de internação na Febem-SP – Complexo Tatuapé. Como técnica de investigação clínica, o D-E integra o método clínico. Os aspectos psicológicos presentes na personalidade são considerados dentro de uma abordagem holística, em interação com as forças intrapsíquicas, intrafamiliares e socioculturais. Sistemicamente, possibilita o conhecimento do sujeito enquanto subjetividade e de seu fazer social, durante o período de privação de liberdade. Social, tecido e amarrado no cotidiano institucional pelos sujeitos históricos que dele fazem parte. Os sujeitos foram três adolescentes do sexo masculino, primários na internação, sem homicídio, sem comprometimento psiquiátrico, neurológico e déficit mental, com idades de 14, 15 e 17 anos, com escolaridade de 5ª a 8ª série do I Grau. No relato de estórias houve a necessidade de realizarmos uma estimulação através do “Inquérito” para obtermos maiores detalhes nas estórias para os desenhos de cada unidade. Nesse sentido, a forte presença do mecanismo de defesa da repressão e a introjeção de valores presentes na vida institucional como a “lei do silêncio” (presente das prisões), impede o adolescente a expressão espontânea e elaboração de seus conflitos. Algumas estórias foram pobres e com dados fragmentados, gerando a necessidade, durante o processo de avaliação de relacioná-los aos demais dados do processo diagnóstico, para construirmos passo a passo, o sentido latente presente nas estórias e seu significado. As resistências surgiram com as pausas e a dificuldade apresentada no relato de estórias. Mesmo assim, o D-E foi sensível e mobilizador. As condutas defensivas foram, em parte, ultrapassadas por alguns sujeitos nas últimas unidades, ao contrário do que é esperado na clínica, onde a conduta defensiva e o aprofundamento do conflito é esperado a partir da Segunda unidade de produção. O D-E, permitiu esclarecer aspectos da vida mental inconsciente. Como instrumento de investigação clínica da personalidade possibilitou o conhecimento de processos emocionais durante a internação na instituição. Permitiu registrar a expressão de uma cultura institucional e como o sujeito está frente a tudo isso. Utilizado dentro do contexto institucional o D-E não perdeu a sua característica própria. A reação dos adolescentes frente ao D-E foi bem aceita, demonstrando interesse em realizá-lo, não havendo recusas. Entretanto, foi necessário um maior número de sessões. Os resultados possibilitaram levantar indicadores para o psicólogo que desenvolve atividades profissionais junto a essa população.

Sirlei Fátima Tavares Alves

Universidade de São Paulo



Vale em desenvolvimento – atividades voluntárias em educação no Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais, Brasil.

É necessário investir em novos processos educativos, na adoção de novas metodologias de ensino e na formação permanente e continuada dos educadores e educandos. O trabalho voluntário qualificado é uma grande oportunidade do jovem desenvolver e assumir responsabilidades junto à comunidade, exercitar criatividade, capacidade de reflexão sobre o mundo e contribuir positivamente com soluções viáveis para problemas que assolam a sociedade. O projeto Voluntários, Alianças, Lideranças e Educação no Vale do Jequitinhonha (VALE) é uma proposta interdisciplinar de mobilização social que utiliza, inicialmente, a atividade voluntária qualificada de alunos de graduação, matriculados em cursos de diferentes áreas, a serviço da comunidade do Vale do Jequitinhonha (nordeste de Minas Gerais). Destaca-se a importância de alguns referenciais teóricos, como o modelo psicoeducativo, desenvolvido no Québec/Canadá, na formação de profissionais conscientes de seus papéis na sociedade na qual estão inseridos, como agentes multiplicadores das técnicas de intervenção que promovam o bem estar e a qualidade de vida comunitária. Pretende-se integrar os esforços de entidades do Vale na busca do desenvolvimento sócio-econômico da região, na promoção dos direitos fundamentais das crianças e adolescentes, no combate aos fatores de risco ligados às dificuldades de adaptação psicossocial, na promoção dos fatores de proteção e na contribuição para a consolidação de uma sociedade inclusiva. Para tal, está em fase de implementação o Programa de Formação de Voluntários e o Centro Interdisciplinar de Voluntários do Vale do Jequitinhonha (CIVOJEQUI), envolvendo parcerias entre escolas de ensino superior no Brasil e no Canadá, além de outras entidades públicas e do Terceiro Setor. A implementação deste projeto traz como consequência o investimento social para mobilização, conscientização e formação da comunidade acadêmica e local, com relação à busca de novas formas de agir e pensar individual e coletivo, quanto às questões de preservação, recuperação e produção responsáveis dos recursos naturais, humanos e biotecnológicos da região. No mundo do século XXI onde os problemas são sistêmicos e transdisciplinares, não há como não aprender a trabalhar em grupo, a agir cooperativamente com o outro, multiplicando os conhecimentos para o bem comum, negociando e ampliando os espaços de participação. O projeto deverá contribuir também para o desenvolvimento de novas técnicas de intervenção e para o aproveitamento desta experiência como modelo de combate ao ciclo da pobreza em outras localidades do Brasil e em outros países.

MURTA, AMG; TEIXEIRA, RC; DIONNE, J; ST-MARTIN, N; ROCHA, MC; BEINNER, MA; CAMBRAIA, RPB.

Faculdades Federais Integradas de Diamantina - FAFEID; Université du Québec à Hull - UQAH – Quebec, Canadá; Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.



Validação de construto da escala de sentido da vida.

O conceito do Sentido da vida possui uma fundamentação na teoria existencialista que o associa a um aspecto dinâmico da vida; considera-se que as pessoas constroem um sentido de vida quando encontram um propósito nas suas vidas (Lopes de Andrade, 2001). Trata-se portanto de estados de saúde psíquica (Frankl, 1978), presentes na vida das pessoas que encontram um sentido para sua existência, pressupondo a ocorrência de valores típicos. Diante do exposto, o presente estudo objetiva comprovar a validade de construto da Escala de Sentido da Vida (Crumbaugh, 1968). Para tanto, participaram desta pesquisa 336 pessoas. A maioria era do sexo feminino (68,2%), com idades variando de 14 a 77 anos ($M = 22,7$, $DP = 9,93$). Destas, 37,2% eram estudantes do ensino médio tanto da rede pública quanto privada de ensino, 32,5% eram estudantes universitários e 30,4% pessoas da população geral. Os dados foram coletados na cidade de João Pessoa (PB). Os instrumentos usados nesse trabalho foram: Questionário de Sentido da Vida, composto por 20 itens, respondidos numa escala de sete pontos; e Questionário Sócio-Demográfico, contendo questões como sexo, idade, estado civil, etc. Utilizou-se um procedimento padrão visando reduzir vieses de respostas e aplicadores treinados, de ambos os sexos, realizaram a aplicação dos questionários. Todas as respostas foram dadas individualmente e informou-se aos sujeitos sobre o caráter confidencial da pesquisa. Utilizou-se o pacote estatístico SPSSWIN 9.0 para fazer as análises estatísticas. Além dos indicadores descritivos, foi realizada uma análise fatorial (Principal Axis Factoring) para verificar a estrutura fatorial do questionário de Sentido da vida. Buscou-se definir uma estrutura simples, primando pela parcimônia na explicação do construto envolvido. A viabilidade de se realizar tal técnica foi comprovada através de um $KMO = 0,87$ e do teste de esfericidade de Bartlett, $c_2(190) = 2061,84$, $p < 0,001$. Optou-se por fixar um único fator, tendo como critério de aceitação dos itens nos fatores carga igual ou superior a $+ 0,30$. Como pode ser observado, os resultados apoiam uma estrutura unidimensional com eingevalue (valor próprio) igual a 6,13, explicando 27,30 % da variância total. O fator único foi denominado de Sentido da vida. As saturações dos itens no fator variaram de 0,33 a 0,76. Apenas um item foi excluído por apresentar carga fatorial menor que 0,30. No que se refere a consistência interna do instrumento, verificou-se que o fator único apresentou um alfa de Cronbach de 0,87. Destarte, considera-se que o questionário de Sentido da vida apresentou índices psicométricos adequados, constituindo-se um instrumento validado, podendo ser utilizado para fins de pesquisa no âmbito da Psicologia ou de áreas afins tendo em vista a relação deste construto com o bem-estar humano.

Valdiney V. Gouveia; Josemberg Moura de Andrade; Estefânea Élide da S. Gusmão; Girlene Ribeiro de Jesus; Carlos Eduardo Pimentel

Universidade Federal da Paraíba



Validação de uma versão reduzida da Escala de Ciúme Romântico (Ramos, Yazawa & Salazar, 1994).

Têm sido cada vez mais freqüentes os estudos em Psicologia sobre os relacionamentos interpessoais. Uma das ênfases dadas são aos sentimentos próprios à sua estrutura, como por exemplo, o sentimento de atração e a expressão de ciúme resultantes da constante construção de relações interpessoais às quais o homem está submetido. Este estudo busca validar uma versão reduzida da Escala de Ciúme Romântico (ECR). A referida medida é originalmente composta por 59 itens e apresentou três fatores no seu estudo de validação: Não ameaça, Exclusão e Interferência, com os respectivos índices de consistência interna: 0,87; 0,85 e 0,77. No presente estudo, foi utilizada uma versão reduzida de 28 itens selecionados em função das 14 cargas fatoriais negativas e das maiores 14 positivas resultantes do estudo que validou a escala. Esta versão reduzida foi administrada a uma amostra de 301 sujeitos da cidade de João Pessoa, engajados em um relacionamento romântico heterossexual há pelo menos três meses, sendo a maioria do sexo feminino (54,2%) e com idades variando entre 18 e 82 anos (M=29,5 e DP = 11,5). Seguindo os procedimentos de sua validação, foi realizada uma Análise Fatorial dos eixos principais (PAF) com rotação OBLIMIN, fixando a extração de três fatores, teoricamente esperados, considerando apenas os índices com saturações maiores do que $\pm 0,30$. Os resultados desta análise demonstraram a não adequação de três fatores. Neste sentido, realizou-se uma nova análise seguindo os mesmos procedimentos, sendo que desta vez fixando em dois os números de fatores. Os indicadores de adequação da análise fatorial foram satisfatórios (KMO = 0,86 e Teste de Esfericidade de Bartlett, $\chi^2 = 1869,93$, $p < 0,001$). O primeiro fator (Não ameaça), composto por 15 itens com saturações variando entre 0,38 a 0,70 ($* = 0,79$), apresentou eigenvalue de 5,3 e explicou 19,5% da variação total. Já o segundo fator (Exclusão) foi composto por 09 itens, com saturações variando entre 0,30 a 0,64 ($* = 0,73$), com eigenvalue de 1,3 e explicando 4,7% da variação total. Conjuntamente, os fatores explicaram 24,2% do construto em questão. Dos 28 itens considerados, 04 foram excluídos por não atingirem saturações satisfatórias, ficando a versão reduzida da ECR com 24 itens. Os índices de consistência interna (Alfa de Cronbach) dos dois fatores encontrados foram meritórios, mas este estudo indica a necessidade de execução de novas pesquisas no sentido de estabelecer a estrutura fatorial da ECR.

Raquel Pereira Belo; Jorge da Silva Raymundo; Valdiney Veloso Gouveia; Taciano Lemos Milfont; Tatiana Vasconcelos.

Universidade Federal da Paraíba.



Validação do Desenho da figura Humana para Crianças Paulistas.

A avaliação psicológica por meio de desenhos é uma das técnicas mais utilizadas pelos psicólogos devido ao fato de ser o desenho uma tarefa comum entre todas as crianças do mais diversos ambientes culturais. Neste sentido, o desenho da figura humana (DFH) é uma medida bastante eficaz para se conhecer o desenvolvimento cognitivo infantil, na medida em que revela a maturidade de conceitos que a criança possui sobre o corpo humano. No Brasil, o sistema proposto por Wechsler para avaliação do DFH (1996, 2001), elaborado a partir das propostas pioneiras norte-americanas, demonstrou ser uma medida válida e precisa para a avaliação cognitiva infantil. Entretanto, novas pesquisas se tornam necessárias para verificar a validade deste sistema com amostras maiores, de diferentes regiões brasileiras, sendo este o objetivo que determinou a presente pesquisa. Os participantes foram 629 crianças (334 F, 315 M), de 5 a 11 anos, com intervalos de seis em seis meses (12 faixas etárias), sendo 225 de escolas particulares e 449 de escolas públicas de cidades do interior paulista. Após assinatura do consentimento informado dos pais, os desenhos foram realizados nas salas de aulas, e corrigidos, posteriormente, segundo o método de Wechsler. A Análise da Variância Univariada estudou a influência do sexo da criança, sua idade e do tipo de escola frequentada sobre a pontuação obtida no desenho da figura masculina, feminina e do resultado em ambos desenhos. Os resultados indicaram diferenças significativas para a variável idade para os três tipos de pontuação. Diferenças significativas quanto ao sexo da criança que desenhava foram só observadas para o desenho da figura feminina, enquanto que o tipo de escola não apresentou nenhum efeito significativo, contrariamente ao senso comum. Concluiu-se que o desenho da figura humana é uma medida válida para avaliar o desenvolvimento cognitivo infantil na medida que reflete diferenças significativas de acordo com o passar da idade. Do mesmo modo, observou-se a necessidade de tabelas de correção do desenho infantil de acordo com o sexo do participante e da figura desenhada, por ser esta uma dimensão que influencia os desenhos, como já vinha sendo proposto no sistema de Wechsler. Finalmente, recomenda-se que este sistema de correção do DFH seja utilizado para avaliação cognitiva de crianças paulistas, sugerindo-se também maiores estudos com participantes de outras partes do país.

Solange Muglia Wechsler; Paula Roberta Reanni; Carolina Maria Nogueira; Fernanda Monteiro Chaves De Andrade; Heloisa Helena Rosseto Hidalgo; Kátia Panfiete Zia; Camila Ribeiro Coelho; Loraine Reigota De Mello; Amanda Wechsler.

Puc-Campinas.



Valores de criação de filhos: convergências entre mães e educadores de creche.

Este trabalho teve como objetivo a avaliação de valores e crenças sobre criação de filhos entre mães e funcionários de uma creche situada em um bairro pobre de Salvador. Os dados são parte de um estudo maior que visa a análise de ambientes de desenvolvimento como sistema ecológico, envolvendo sistemas de crenças, práticas de cuidado e condições ambientais das famílias e da instituição, acompanhando-se suas trajetórias ao longo do tempo e relacionando-as ao desenvolvimento das crianças. Participaram do estudo 31 mães de crianças entre 1 e 3 anos (14 usuárias e 17 não usuárias da creche) e 21 funcionários. Uma escala tipo Likert, composta por 57 itens agrupados em quatro fatores (Conformidade social, Competência e realização pessoal, Realização material e Orientação pró-social), foi aplicada por examinadores treinados, na casa das famílias ou na própria creche. Os valores obtidos num estudo prévio de validação da escala com 870 casos foram utilizados como referência, para fornecer um parâmetro de comparação com essa população específica. As médias obtidas em cada fator foram cruzadas com renda, escolaridade, religião e idade. Os resultados sugerem alta adesão a valores de criação de filhos, observando-se a seguinte ordem (decrecente) de valores preferidos: Competência e realização pessoal, Conformidade social, Orientação pró-social e, por último, Realização material. Esses resultados são compatíveis com os encontrados na amostra de referência em que a escala foi validada, mas tendem a ser mais extremos (maior adesão). Os dois grupos estudados, os funcionários da creche e as mães, mostram diferenças significativas quanto aos fatores Conformidade Social e Realização Pessoal, nos quais as mães demonstraram um nível de adesão mais alto. A análise de condições como idade, escolaridade, renda e religião sugere algumas importantes diferenças nos diversos subgrupos quanto a valores sustentados, especialmente nos fatores Conformidade Social, em que os grupos de maior escolaridade e maior renda obtiveram médias mais baixas, e Orientação Pró-Social, com uma tendência oposta. Embora estatisticamente não significativa, foi encontrada uma diferença apreciável em Conformidade Social no grupo pertencente a religiões não católicas (protestantes, na sua maioria), com média mais alta do que os católicos e sem religião. No conjunto, os resultados sugerem uma população de usuários de creche relativamente homogênea quanto a valores de criação de filhos; em contraste, a comparação de mães e funcionários de creche sugere uma maior heterogeneidade, com diferenças significativas em dois dos quatro fatores avaliados. Os resultados são discutidos nas suas implicações para o sistema de desenvolvimento, em vista das hipóteses de influência dos sistemas de crenças nas práticas de criação e destas sobre o desenvolvimento da criança.

Eulina da Rocha Lordelo; Anderson Almeida Chalhub; Cláudio Seal; Mariana Leal Martini; Leila Ambros Costa.

Universidade Federal da Bahia; CNPq / PIBIC.



Valores Pessoais e Sexismo no Contexto do Trabalho.

A gradativa inserção da mulher do mundo do trabalho e, principalmente, sua ascensão a postos de comando dentro das organizações levaram à revisão da teoria e pesquisa em gênero e liderança. Tais estudos, apesar de documentarem tendências consistentes em direção a relações de gênero mais igualitárias nas sociedades ocidentais contemporâneas, atestam, também, por outro lado, que a mulher continua sendo alvo de práticas discriminatórias no contexto laboral. Assim é que estatísticas recentes da Organização Mundial do Trabalho demonstram que, apesar de as mulheres representarem 40% da força de trabalho mundial, apenas 3% das posições de comando nas grandes organizações são ocupadas por elas. De modo semelhante, dados brasileiros revelam que as mulheres, apesar de terem escolaridade superior à dos homens, concentram-se em postos de trabalho de pior qualidade e, quando ocupam as mesmas posições hierárquicas, costumam receber salários 40% em média inferiores aos dos homens, como, por exemplo, no caso das mulheres que exercem funções gerenciais. Torna-se, assim, relevante o estudo de fatores valorativos, cognitivos e atitudinais que possam estar subjacentes a tais práticas. Neste sentido, o presente trabalho pretende analisar as relações entre valores pessoais e estereótipos e atitudes dirigidos a homens e mulheres gerentes, bem como seus comportamentos de justiça no que diz respeito à distribuição de recompensas, aos procedimentos adotados e ao tratamento dispensado a seus funcionários. Para atender a tal objetivo, realiza inicialmente uma revisão crítica das principais perspectivas teóricas subjacentes a estes constructos, procurando apontar os modos pelos quais elas podem se articular na abordagem da discriminação feminina no trabalho. Em seguida, faz uma síntese dos principais resultados empíricos disponíveis na literatura internacional, confrontando-os com a precariedade da pesquisa brasileira na área. Tal realidade é tomada como ponto de partida para a apresentação e discussão de dados obtidos em investigação recente, voltada especificamente para o exame destas questões, cuja finalidade foi comparar os valores pessoais de homens e mulheres, trabalhadores em diferentes tipos de organizações públicas e privadas, e suas relações com estereótipos, atitudes e avaliações de justiça de gestores de sexo masculino e feminino. À guisa de conclusão, são feitas considerações a respeito do modo pelo qual as mudanças que se vêm processando nas relações sociais de gênero estão levando à reestruturação do mundo do trabalho. Complementarmente, são debatidas as diferentes possibilidades de utilização dos resultados de investigações como a que ora se apresenta como subsídios para a implementação de políticas e estratégias de intervenção destinadas a desencorajar a adoção de práticas sexistas no interior das organizações, o que seguramente virá a contribuir para a melhor administração dos conflitos daí resultantes.

Maria Cristina Ferreira; Eveline Maria Leal Assmar.

Universidade Gama Filho.



Valores sociais e identidade social de empresários nordestinos.

Este estudo consiste de uma investigação efetuada com empresários e executivos dos estados de Pernambuco e Paraíba, pertencentes a empresas pequenas, médias e grandes de diversos segmentos empresariais, com a finalidade de identificar os sistemas de valores sociais dos empresários e analisar as relações entre estes sistemas de valores e a identidade social dos empresários, avaliada a partir da identificação dos empresários com a classe empresarial nordestina. Foram entrevistados individualmente 191 empresários de empresas da Paraíba e de Pernambuco aos quais se aplicou um Questionário de Comprometimento Empresarial para avaliar o grau de identificação dos empresários com a classe empresarial e um Questionário de Valores Psicossociais - QVP. Os resultados demonstram a organização dos valores dos empresários em quatro sistemas de valores, o Materialista, o Pós-materialista, o Hedonista e o Religioso, como propõem Pereira, Lima e Camino (2001), bem como a importância da identidade social para a compreensão do compartilhamento de crenças sociais e para a estruturação de um pensamento empresarial no nordeste.

Tonivaldo Barbosa de Souza; José Bastos da Costa.

Universidade Federal da Paraíba – U.F.P.B.



Variáveis que interferem na baixa adesão de voluntários a um serviço de apoio telefônico.

Este trabalho faz parte dos resultados preliminares de um estágio de Psicologia Social, realizado junto a um Grupo de Apoio à Vida. O grupo presta um serviço de apoio telefônico voluntário. As ligações são feitas por pessoas com problemas relacionados a abuso de drogas, abuso sexual e pensamentos suicidas, entre outros. Os voluntários recebem um treinamento e, posteriormente, comprometem-se a trabalhar no serviço 3 horas semanais. Os coordenadores do grupo apresentaram queixas a respeito ao baixo índice de atendimento às chamadas de voluntários, de frequência aos treinamentos e interesse em ingressar como voluntário, após o treinamento. Atualmente, o serviço conta com 15 voluntários, o que é insuficiente para garantir suporte 24 horas por dia. Dos atuais voluntários, pouco menos da metade – seis – estão no programa a mais de dois anos. Cinco destes voluntários participam a aproximadamente 6 meses e 4 voluntários, há três meses. Na última chamada, foram 35 inscritos. Destes, 10 participaram do programa de treinamento e apenas 4 iniciaram o trabalho como voluntários. Dentre as variáveis que podem ser responsáveis por este baixo interesse e adesão ao serviço voluntário estão características dos candidatos a voluntário, características relacionadas ao atendimento e características relacionadas à estrutura do serviço. Quanto às características dos voluntários, há sugestões de que o interesse pelo serviço voluntário é maior por indivíduos que enfrentam problemas ou crises pessoais, como perdas pessoais, doenças e luto. Estes indivíduos estariam fragilizados, necessitando eles próprios de suporte e com poucas condições de prestar atendimento. Também, a resolução dos problemas pessoais interferiria na permanência enquanto voluntário. Quanto às características do atendimento, dois aspectos devem ser levados em conta. Primeiro, o ambiente físico de trabalho é inadequado e desfavorável à permanência por longos períodos, em especial a sós e durante a noite. Segundo, o treinamento fornecido não é suficiente para preparar os voluntários para as demandas do atendimento. Voluntários recentes apresentaram queixas de solidão, insegurança e incapacidade frente às demandas do atendimento. O treinamento dos voluntários, por sua vez, pode ser comprometido quando dirigido a pessoas fragilizadas naquele momento. Quanto às características da estrutura do serviço, as regras para ingressar e para permanecer no voluntariado são muito rígidas, o que seria responsável por abandonos, segundo os voluntários mais antigos. A partir desta análise, um programa voltado para o aumento no número de candidatos a voluntários e para maiores índices de adesão após o ingresso foi planejado. Este programa constará de três partes, correspondentes aos pontos de estrangulamento do serviço: a) diversificação das estratégias de publicidade e intensificação da divulgação junto a estudantes universitários e a algumas categorias profissionais; b) revisão do programa de treinamento, com a inclusão de estratégias para aumentar o índice de entrada no serviço e c) manutenção dos voluntários, por meio de um programa de acompanhamento regular, grupos de encontro e discussão de casos, encaminhamento para atendimento psicológico, ao lado de mudança das condições físicas do local de atendimento e discussão das regras do serviço, junto à sua coordenação.

Mercedes Rossi Alvarez Rocha; Graziela Picollo; Alexandre Roberto Moretti; Cacilda Amorim.

Faculdades Padre Anchieta; Universidade São Francisco.



“Violência doméstica contra crianças e adolescentes: a ótica dos atores”.

A violência contra crianças e adolescentes, no contexto doméstico, é uma problemática social importante, que merece ser melhor investigada, seja pela frequência ou pela gravidade dos acontecimentos. As pesquisas, bem como as intervenções na área, tendem a focalizar mais fortemente a figura da vítima, sendo que a ótica dos adultos responsabilizados pelos abusos é pouco considerada. Seria fundamental implementar pesquisas visando a família como um todo, de modo a compreender a violência numa dinâmica de relações. Nesse sentido, um primeiro passo consiste em investigar como os adultos envolvidos nessa situação a concebem, e sua opinião em relação ao fato de terem sido acusados de vitimizar seus filhos. Para tanto, no presente estudo, decidiu-se por entrevistar membros adultos (n=20) de 15 famílias, visando apreender suas percepções. As entrevistas foram realizadas nos locais de moradia dessas famílias. Cumpre dizer que, do total, sete famílias foram identificadas como negligentes, quatro como tendo praticado violência física e quatro envolvidas em violência sexual. A análise dos dados mostra uma diferença na percepção dos fatos de acordo com a modalidade da violência perpetrada. As famílias identificadas como negligentes, em sua maioria, demonstram não ter pleno conhecimento da acusação que sofreram, ou seja do motivo alegado para as ações de proteção que levaram ao abrigo das crianças/adolescentes. Na visão desses adultos a problemática por eles vividas envolve a perda de autoridade no cuidado parental; a dificuldade de conciliar necessidades afetivas próprias com a criação dos filhos da relação anterior, por motivo de reconstituição familiar; as dificuldades pessoais com álcool, tendo por consequência a desqualificação do cuidado parental e a dificuldade para suprir adequadamente as necessidades familiares, em termos materiais e de segurança. A solução para os problemas é, contudo, pensada preponderantemente na linha de recursos financeiros. As famílias denunciadas devido à violência física e sexual demonstraram pleno conhecimento do motivo jurídico pelo qual sofreram intervenções e tiveram seus filhos submetidos a alguma medida de proteção, mas não se percebiam como violadoras dos direitos de seus filhos ou o negavam. Na opinião das famílias denunciadas por abuso físico, a problemática reconhecida foi associada ao descontrole emocional momentâneo do adulto ou ao exagero das punições físicas, sendo que, em sua maioria, essas sejam realmente colocadas em questão como método educativo. As famílias denunciadas por abuso sexual em nenhum dos casos admitiram o fato, relacionando denúncia a problemas/conflitos de outra natureza nas relações familiares. Pode-se dizer que, em se tratando da violência física e sexual, os adultos investigados não se identificam com a acusação sofrida e mostram-se pouco permeáveis às ações de intervenção, pois consideram-nas injustas. Assim, é possível afirmar que cada tipologia de abuso parece ser vivida/percebida pelos adultos de modo peculiar, o que certamente influencia nas maneiras de encarar as ações de intervenção e, conseqüentemente, sua efetividade. A ampliação de pesquisas dessa natureza faz-se imprescindível à implementação de intervenções mais cuidadosas e eficazes.

Alessandra da Silva Araujo Matias; Marina Rezende Bazon.

Universidade de São Paulo - USP.



Violência doméstica contra crianças e adolescentes: a visão de uma amostra de alunos de Psicologia.

A Violência Doméstica é definida por atos e omissões praticado pelos pais, parentes ou responsáveis pela criança ou adolescente que cause dano físico, sexual ou psicológico á vítima. O objetivo desse estudo foi investigar qual a percepção de estudantes de psicologia sobre a violência doméstica (VD). A amostra foi composta por 30 estudantes de psicologia, sendo quinze estudantes do 4º ano (G4) e quinze do 5º ano (G5). Foi utilizado um questionário contendo cinco questões dissertativas e um instrumento sobre Violência Doméstica contendo 45 itens, onde os sujeitos deveriam indicar qual a categoria de Violência Doméstica. Destacam-se os seguintes resultados: Pode-se perceber com o estudo realizado que os estudantes de psicologia têm uma percepção adequada sobre VD, sabem identificar quais são os tipos de VD, porém não sabem intervir frente a um caso desse tipo. Ambos os grupos tem conhecimento sobre os tipos de violência física, porém o G4 teve maior êxito. No que diz respeito à violência psicológica, os grupos somente tem noções básicas sobre o que seja esse tipo de violência. Sobre a violência por negligência, o grupo G5 não soube identificar os fatores que compõem este tipo de violência, enquanto que o G4 possui algumas noções. Ambos os grupos não tem definido os tipos de violência sexual, demonstrando dificuldades para reconhecer os fatores integrantes deste tipo de violência. Referente às formas de atuação profissional competente ao psicólogo frente a casos de violência doméstica cometida contra crianças e adolescentes, poucos foram os sujeitos de G5 que agiriam de forma correta, enquanto que G4 não saberia como agir.

Ana Paula Alves Valéria; Elaine C. Catão.

Universidade São Francisco.



Violência doméstica e a caracterização do agressor.

A violência doméstica ocorre dentro da unidade familiar, tendo por base as relações de poder, permeadas de emoções e frustrações. As figuras parentais que deveriam dar o suporte emocional às crianças e adolescentes, por vezes tornam-se seus perseguidores e violentadores, minando a estrutura de personalidade daqueles que sofrem as ameaças, as ofensas e outros tipos de barbáries. O objetivo do presente trabalho é apresentar algumas características do agressor que cometeu violência doméstica contra crianças e adolescentes, cujo caso foi atendido, no ano de 2000, por um dos sete Conselhos Tutelares pesquisados da cidade de São Paulo (Sé, Tucuruvi, São Miguel Paulista, Vila Prudente, Ipiranga, Moóca, São Mateus). A metodologia empregada foi a retrospectiva documental de consulta aos prontuários. Trabalhou-se com os 305 casos registrados, sendo 52% de violência física, 22% de abandono, 16% de negligência, 8% de violência sexual, 2% de violência psicológica. Cabe notar que a violência psicológica permeia todos os outros tipos de violência. O agressor em 43% dos casos era mulher, em 36% homem, 14% por ambos e em 7% dos prontuários o gênero do agressor não constava. De acordo com os dados pesquisados, a idade predominante do agressor encontrava-se acima de 30 anos (14%). Em 89% dos casos o agressor apresentava parentesco com a vítima (mãe 43%, pai 31%, os pais 14%, padrasto/madrasta 5%, irmão 2%, parentes 5%), em 6% era conhecido, em 3% desconhecido e em 2% esse dado não constava. Os fatores predisponentes não constavam (63%), uso de álcool (23%), uso de drogas (6%), transtornos de comportamento (3%), drogas e álcool (2%). O encaminhamento do agressor foi realizado em 5% dos casos e em 2% recebeu algum tipo de orientação do conselheiro tutelar. A denúncia foi realizada pela mãe (20%), pelos parentes (19%), anônimo (19%), e instituições (18%), pelo pai (11%) e pela própria vítima (6%). A caracterização do agressor ficou prejudicada pela ausência de dados nos prontuários quanto a idade (81%), trabalho (89%), profissão (89%), escolaridade (95%).

Rita Aparecida Romaro; Claudio Garcia Capitão; Érica Maria Machado Santarém; Juliana Aparecida de Oliveira.

Universidade São Francisco; Bolsa CNPq / PIBIC.



Violência Doméstica: Um Olhar Adolescente.

A violência doméstica é uma problemática presente em diversas famílias e que causa um impacto nos diferentes membros destas, inclusive sobre os adolescentes. Nota-se a existência de poucos trabalhos que abordam a temática e as conseqüências que a mesma pode trazer na vida de uma pessoa. Percebe-se também sua significativa presença nas classes desfavorecidas, além da estreita relação entre a violência doméstica e estrutural. Diante de tais fatos objetivou-se nesse estudo conhecer o que os adolescentes elaboram acerca deste tema a partir de seu cotidiano e de sua concepção de violência, que tipos de violência visualizam e sofrem, assim como de que forma reagiriam e que perspectivas criam sobre a questão. Para tanto, entrevistou-se 47 adolescentes nas faixas de 10 a 14 anos e de 15 a 19 anos, de ambos os sexos, cadastrados no Programa de Saúde da Família, de uma área do bairro Felipe Camarão, em Natal -RN. Este é um bairro da periferia da cidade, cuja maioria da população é de baixa renda e que possui um grande estigma de violento. Utilizou-se como instrumento de pesquisa entrevistas estruturadas realizadas através de dois questionários, sendo estes sobre o perfil dos adolescentes e a violência doméstica. Verificou-se que os adolescentes concebem a violência doméstica somente em suas expressões extremas, principalmente a física e a psicológica severas, com 97,8 % e 74,4% respectivamente, no entanto, a maioria não se considera violentada, apesar de mencionar já terem sofrido, o que denota contradição dos mesmos, sendo esta percebida em 72,7% destes. A grande maioria se sente bem em casa apesar de admitirem sofrer violência física (51%) e psicológica (63,8%). Das reações estipuladas 25% acredita que reagiriam falando para alguém que resolvesse, caso isso aconteça. Pensa-se que estes dados possam estar relacionados a uma visão de família como instituição sagrada e, portanto, incontestável, na qual os pais têm o domínio da verdade e poderes irrestritos sobre os filhos devendo estes se manter obedientes e passivos. Sendo assim, a violência adquire um papel no processo de formação e socialização dos indivíduos, enquanto recurso de disciplina e controle. Como então intervir para tentar reverter este quadro? Em face dos múltiplos fatores que constituem esta problemática, propor soluções à violência doméstica pede uma atenção diferenciada por parte de diversos setores. Que responsabilidade tem o educador? E o profissional de saúde? Como o psicólogo pode intervir? Uma ação conjunta se faz necessária, tanto para controle, quanto para prevenção permitindo ao jovem reconhecer-se e colocar-se como sujeito de direito e assim estabelecer relações baseadas no respeito e na compreensão das necessidades de cada um, tanto dentro quanto fora da família.

Andréina da Silva Moura; Darliane Dantas de Oliveira; David Emmanuel Morais Ferreira; Jorge Eduardo dos Santos; Juliana Sales de Almeida Lima; Karla Paloma Costa Bacalhau; Larissa Braz de Oliveira; Maria do Socorro Ferreira da Silva; Soraya Souza de Andrade.

Universidade Federal do Rio Grande do Norte.



Violência urbana: a avaliação das professoras sobre a atuação da escola.

A violência, praticada em grandes proporções nas sociedades em geral, especialmente nos grandes centros urbanos, tem sido assumida, cada vez mais, como um importante objeto de estudos em várias abordagens, dentre as quais se destacam as das ciências sociais e psicológicas. Os diversos tipos de violência estão, de forma direta ou indireta, relacionados a causas estruturais. Considerando-se que a violência é um fenômeno socialmente construído, coloca-se a importância do papel que a escola, como instituição social voltada à formação e à informação, desempenha diante do quadro geral de violência presente na sociedade na qual ela se insere. Sendo parte de uma pesquisa mais ampla sobre o conceito de violência, o presente trabalho objetivou: 1) investigar como as professoras descrevem e avaliam a atuação da escola frente à violência; 2) identificar as ações, sugeridas por estas mesmas professoras, que a escola deveria adotar frente à violência e 3) comparar professoras de escolas públicas e particulares quanto aos objetivos anteriores. A visão das professoras sobre o papel da escola reveste-se da mesma importância que têm essas profissionais na formação dos alunos, já que elas se constituem em peças fundamentais dessa engrenagem. Foram selecionadas quatro escolas de primeiro grau de médio porte, duas públicas e duas particulares. Realizou-se, em cada escola, uma reunião com todas as professoras do primeiro segmento do primeiro grau para expor os objetivos, os procedimentos e a relevância do trabalho. Ao final da exposição, solicitou-se a anuência das professoras à participação no trabalho. Obtida a anuência, realizou-se uma entrevista inicial para a obtenção de dados pessoais. A seguir, as professoras, em número de 47, foram submetidas a uma entrevista semi-estruturada, com um roteiro de 22 questões, abordando vários aspectos da violência e gravadas em fita cassete. Para este trabalho, foram selecionados apenas os dados referentes aos objetivos propostos. Tais dados foram quantificados em termos de porcentagens e frequências relativas, de modo a possibilitar a comparação entre os grupos de escolas pública e particular e servir como auxiliar para a análise qualitativa. Os resultados mostraram que, nas respostas das professoras, foram identificadas quatro categorias de ações contra a violência: preventivas, remediativas, estimuladoras e nulas. As professoras de escola particular mostraram uma visão da escola como basicamente preventiva, enquanto que as de escola pública apresentaram uma visão de atuação preponderantemente remediativa ou nula. Coerentemente com essas duas visões, as professoras de escola particular avaliaram, na sua maioria, como inadequado o papel da escola frente à violência, enquanto que as de escola particular avaliaram-no como adequado. Tais resultados foram discutidos com base na influência dos contextos de trabalho de ambos os grupos, que apresentam características bem diferenciadas. As sugestões sobre o papel que deveria ser desempenhado pela escola foram dadas, em maior número, pelo grupo de escola pública. A ação mais sugerida foi a de trabalhar junto à família e à comunidade, aproximando-as da escola, ação esta que é também sugerida por muitos estudiosos da violência, que consideram a impossibilidade de uma ação efetiva da escola desvinculada do tripé escola-família-comunidade.

MARILENA RISTUM.

Universidade Federal da Bahia.



Virgindade: mito ou realidade?

O objetivo geral da presente pesquisa foi verificar se a virgindade é um mito ou uma realidade nos dias atuais através de informações sobre o significado da virgindade para estudantes adolescentes, jovens, adultos e profissionais (psicoterapeutas). Procurou-se também comparar os pontos de vista, identificando-se pontos positivos e negativos acerca da virgindade, a partir das respostas dos sujeitos. Foram consultados os autores Meltzer (1979), Monteiro (1990), Charbonneau (1987), Foucault (1977), dentre outros. Os sujeitos foram 41 adolescentes, com idade entre 15 e 17 anos, que freqüentam o Ensino Médio, de uma Instituição particular, 23 jovens universitários e adultos na faixa etária de 20 a 37 anos, também de uma Instituição particular do Estado de São Paulo. Quanto ao sexo, 31 eram do sexo feminino, 31 do sexo masculino e 2 não identificaram o sexo. Também fizeram parte da amostra 5 psicoterapeutas, sendo 2 homens e 3 mulheres, totalizando 69 pessoas. A coleta foi realizada em 2001. O material utilizado foi um questionário com 7 questões, sendo 4 abertas e 3 duplas, dirigidas aos adolescentes e universitários, uma entrevista com 6 questões, sendo 4 abertas e 2 duplas, dirigidas aos psicoterapeutas. O procedimento adotado teve por base as normas metodológicas de aplicação, com estudo piloto no caso do questionário. Quanto aos resultados, observa-se que 51,56% dos respondentes (33 do total de 64), do questionário, eram adolescentes de 16 anos, com 64,06% freqüentando o Ensino Médio. Verifica-se que a virgindade é uma realidade vivida pelos indivíduos, ou seja, há reflexões e decisões quanto à mantê-la ou não. Para 19,64% , cada um deve tomar a decisão mais apropriada para a sua vida, sendo que 29,10% consideram motivo de orgulho ser virgem; 43,31% consideram importante a orientação sexual por parte dos pais, inclusive quanto à iniciação sexual; para 30,59% a sociedade critica o início da atividade sexual e 32,94% opinam que incentiva, sendo que 84,62%, consideram a mídia como responsável pelo início da atividade sexual de forma precoce. Para 80%, a manutenção da virgindade não é garantia de um casamento feliz. Quanto aos psicoterapeutas (total 5), 4 consideram importante a manutenção da virgindade quando o indivíduo não está preparado (emocionalmente, financeiramente...) para uma relação madura, de amor e troca com o parceiro, porque o sentimento de culpa pode surgir. Em 50% das respostas, os rótulos que o jovem recebe, estimulam a atividade sexual porque este jovem está em processo de construção da identidade ou porque tem baixa auto-estima, ou ainda, a família não é uma referência, tendo também necessidade de aprovação social. Em 33,34% das respostas a experiência da virgindade em relação ao desenvolvimento psíquico sadio, deve ser dependente de um preparo para enfrentamento de dificuldades, responsabilidades e principalmente deve estar associada ao sentimento de amor, fidelidade pelo parceiro, ou seja, a vivência dos sentimentos e a tomada de consciência são fundamentais na decisão de ser virgem ou iniciar a vida sexual naquele momento da trajetória.

Adriana Cristina Tomazella; Tarcizo Coelho de Amorim; Anelise de Barros Leite Nogueira.

UNISAL / Lorena.



Visão das escolas acerca do papel do psicólogo escolar na cidade de Natal.

A maioria das pesquisas que discutem a Psicologia Escolar brasileira centra-se na opinião que os próprios psicólogos têm sobre sua formação e na discussão das atividades de trabalho que eles realizam nas instituições educacionais. Percebemos, portanto, uma carência quanto ao posicionamento das escolas que contratam psicólogos para o seu quadro funcional, bem como a opinião das que não o fazem. Que visão têm as escolas sobre o trabalho do psicólogo? Quais motivos são apontados pela escola para sua inclusão ou não em seu quadro de profissionais? Com o intuito de compreender este aspecto da questão referente à atuação profissional do psicólogo escolar realizamos uma pesquisa nas escolas de Natal sobre a presença ou não de psicólogos em suas equipes. Após levantamento entre as escolas da cidade encontramos 28 com psicólogos. A este primeiro grupo foram entregues questionários com perguntas relacionadas principalmente aos motivos para a contratação deste profissional. Dentre as restantes, o segundo grupo, foram selecionadas 20 escolas para responderem a outro questionário com perguntas relacionadas principalmente aos motivos da não contratação deste profissional. Obtivemos um retorno de 10 e 13 questionários, respectivamente. Dentre os resultados encontramos que nas escolas que contrataram psicólogo apenas a metade o identificou como um profissional da educação. Entre as escolas sem psicólogo, 3 delas contratam psicopedagogos. Os dois grupos de escolas apontaram como suas maiores dificuldades a questão financeira, 3 no primeiro grupo e 11 no segundo. Dentre as escolas com psicólogos as razões mais apontadas para sua contratação foram aquelas ligadas às questões emocionais, como o trabalho com subjetividade e afetividade. No segundo grupo, 6 não conheciam o trabalho do psicólogo escolar. A razão mais apontada para a não contratação do psicólogo foi a dificuldade financeira e em nenhum dos casos esta razão era justificada por falta de conhecimento sobre o seu trabalho. Os dois grupos de escolas têm em comum a concepção de que as atividades mais importantes a serem realizadas pelos psicólogos são aquelas que se relacionam com o diagnóstico e tratamento dos problemas emocionais e de relacionamento. Quando perguntadas se todas as escolas deveriam ter psicólogos, a maioria respondeu afirmativamente, 7 no primeiro grupo e 9 no segundo. Dentre as escolas da pesquisa, nenhuma afirmou que o psicólogo não é necessário na escola e apenas uma afirmou que ele não é essencial. Grande parte da literatura sobre o papel do psicólogo escolar aponta para a necessidade de um maior comprometimento do mesmo em questões pedagógicas, atendimento da comunidade escolar e preocupação com os aspectos que constituem a relação ensino-aprendizagem. No entanto, as escolas apresentam como demanda principal o envolvimento do psicólogo com questões emocionais dos alunos. Elas o acham necessário, mas algumas não o contratam, apesar da inclusão de outros profissionais em seus quadros. Esta realidade sugere que o psicólogo, apesar da contribuição que possa dar a escola, não é visto como parte fundamental do seu funcionamento, estando sua contratação relacionada mais a questões conjunturais daqueles que, na escola, decidem sobre as contratações de seus profissionais.

Danielle Cristine Araújo de Andrade; Margareth Rose Barreto de Lima Jucá ; Rosa Angélica de Mendonça Câmara; Oswaldo Hajime Yamamoto.

Universidade Federal do Rio Grande do Norte.



Vitalidade subjetiva e sua relação com os valores humanos básicos.

A Vitalidade subjetiva é definida como um estado de sentir-se vivo e alerta, ter energia para si, e deve ser compreendida como um componente vital e energético que faz parte do funcionamento pleno e de um bem-estar psicológico do indivíduo. Embora seja um construto relativo à saúde física do indivíduo, a Vitalidade tem sido foco de atenção nos estudos do bem-estar subjetivo, correlacionando-se positivamente com seus atributos auto-atualização e auto-estima, e negativamente com depressão e a ansiedade (Ryan & Frederick, 1997). Os Valores humanos são manifestados em virtualmente todos os fenômenos que os cientistas sociais possam considerar como importantes de serem investigados e pesquisados. Uma vez que os Valores podem ter um papel importante na compreensão do bem-estar (Inglehart, 1991, Kasser & Ryan, 1993, 1996; Kasser & Ahuvia, 2002) pensa que essa relação também possa ser encontrada com a Vitalidade. Neste estudo, considerou-se o modelo de Gouveia (1998) para compreender os Valores humanos como categorias desejáveis de orientação, que se baseiam nas necessidades humanas e/ou nas pré-condições para satisfazê-las. Estas categorias são adotadas por atores sociais e podem variar, tanto dentro quanto entre culturas, na magnitude e nos elementos que as definem. Os Valores humanos podem ser agrupados segundo as funções psicossociais que cumprem (realização, experimentação, normativa, interacional, existência e suprapessoal), bem como por seus critérios de orientação (pessoal, social e central). O objetivo do presente trabalho foi de conhecer em que medida os Valores humanos estão correlacionados com a Vitalidade subjetiva experimentada pelas pessoas. Para tanto, contou-se com a participação de 306 pessoas do público geral da cidade de João pessoa, com idades variando entre 18 e 84 anos, igualmente distribuídos em relação ao sexo. Foram utilizados como instrumentos o Questionário dos Valores Básicos (Gouveia, 1998) e a Escala de Vitalidade Subjetiva (Ryan & Frederick, 1997), além de questões sócio-demográficas como sexo, idade e escolaridade. A partir dos resultados encontrados, verificou-se que existe correlação positiva entre Vitalidade subjetiva e os três critérios de orientação ($p < 0,01$), sendo a maior correlação com os Valores sociais ($r = 0,23$; $p < 0,001$), bem como entre a Vitalidade e as seis funções psicossociais ($p < 0,05$), sobretudo com a função normativa ($r = 24$; $p < 0,001$). Pode-se concluir que na Vitalidade subjetiva, mesmo sendo um construto relativo a saúde física do indivíduo (Ryan & Frederick, 1997), pode ser verificada a manifestação dos Valores humanos. O caráter exploratório e inicial do presente estudo aponta para a necessidade de replicações do mesmo na tentativa de compreender se existe um padrão de relação, ou mesmo de influência, entre os construtos estudados. Sugere-se inclusive a utilização de instrumentos medindo o bem-estar social já que este possui relação teórica com ambos.

Sandra Souza da S. Chaves; Valdiney Veloso Gouveia; Walberto dos Santos Silva; Estefânea Élide da S. Gusmão.

Universidade Federal da Paraíba.



Vitiligo: um estudo da influência da Psicoterapia no nível de Estresse.

A presente pesquisa visou estudar a contribuição da psicoterapia no nível de estresse em crianças portadoras de vitiligo. A origem da doença vitiligo, segundo a literatura especializada está associada a situações de estresse emocional. No entanto, só recentemente este aspecto começa a ser considerado para área médica. Este projeto foi executado no Ambulatório de Dermatologia Sanitária (ADS), órgão de referência da Secretaria Estadual da Saúde, em Porto Alegre. Este trabalho foi constituído por dez crianças, com idade entre nove e doze anos, de ambos os sexos, portadoras de vitiligo, que procuraram a rede pública de saúde para diagnóstico e/ou tratamento. Inicialmente foi feita uma entrevista clínica bem como a aplicação da Escala de Stress Infantil (ESI), em todas as crianças. O primeiro grupo, constituído por cinco crianças (Grupo 1), recebeu tratamento médico e psicológico, concomitantemente, por um período de seis meses. O segundo grupo (Grupo 2), constituído também de cinco crianças, recebeu apenas acompanhamento médico, durante o mesmo período. A pesquisa teve como objetivos: a) Identificar o nível de estresse de crianças portadoras de vitiligo antes e após o tratamento psicoterápico de seis meses. b) Verificar o nível de estresse em crianças portadoras de vitiligo numa avaliação inicial e após seis meses, sem tratamento psicoterápico. c) Comparar o nível de estresse das crianças portadoras de vitiligo que realizaram tratamento psicoterápico (Grupo 1) com as crianças que não realizaram tratamento psicoterápico (Grupo 2). Quanto aos resultados quantitativos da pesquisa, pode-se constatar, de acordo com os escores do ESI, que nenhum dos dois grupos apresentava considerável nível de estresse tanto na primeira avaliação quanto na segunda. Alguns dados deste estudo destacaram-se, tais como: • a totalidade das crianças apresentou distúrbios no sono; • foram apontadas intolerância ou autoritarismo como característica de personalidade, entre oito dos participantes • presença considerável de conflitos durante e após a gestação; • a existência de pais separados ou distantes afetivamente, e também a relação distante mãe/filho. • oito pacientes relataram que houve a presença de alguma situação emocional significativa em suas vidas, anterior ao surgimento do vitiligo. Durante a investigação, observamos que a maioria dos pacientes referiu como fator desencadeante, situações de perda e de doença em sua vida. Observamos que três dos cinco pacientes do Grupo 1, (que receberam atendimento médico e psicológico) apresentaram melhora na pigmentação de sua pele. Em contrapartida, somente dois dos cinco pacientes do Grupo 2 (receberam somente atendimento médico) apresentaram melhora neste aspecto.

Marisa C. Muller; Cristina Haag; Luciana B. Redivo; Martha W. B. Ludwig.

PUCRS; Ambulatório de Dermatologia Sanitária (ADS) de Porto Alegre.



Vivência emocional de familiares de pacientes internados em Centro de Terapia Intensiva.

A internação de um filho em um Centro de Terapia Intensiva configura-se uma das experiências mais difíceis que uma pessoa pode vivenciar. Considerando que, muitas vezes, essa internação ocorre de maneira inesperada devido ao aparecimento súbito de uma doença ou acidente, os familiares sentem muita dificuldade em aceitar e adaptar-se a essa nova situação. Ocorre com frequência uma desestruturação na rotina familiar, visto que os pais não conseguem desviar-se da situação para realização dos compromissos diários. O relacionamento familiar fica dificultado, pois todos os membros da família encontram-se emocionalmente abalados. Enfrentam, também dificuldade em se adaptar à rotina e normas do hospital. A dificuldade de maior relevância está diretamente relacionada à impossibilidade de permanência dos pais no CTI, sendo autorizado a eles realizar quatro visitas semanais, de trinta minutos de duração. Essa situação provoca nos pais um sentimento de revolta contra a equipe e de abandono em relação aos filhos. É visível o fato dos pais sentirem necessidade de cuidar e de acompanhar seus filhos em todos os procedimentos realizados. Muitos pais não conseguem abandonar o hospital, permanecendo na recepção por várias horas para se sentirem mais próximos e se aliviarem da angústia de não estarem juntos deles. Visando auxiliar estes pais estruturou-se um Programa de Apoio Psicológico no Centro de Terapia Intensiva da Santa Casa de Franca. O CTI conta com 18 leitos para atendimento de pacientes com demanda de alta-complexidade. Neste Programa são realizadas as seguintes atividades: * Reuniões informativas, em sala de espera, sobre o funcionamento do CTI, procedimentos, rotina e aparelhos existentes, através de um folheto informativo desenvolvido pela equipe de Psicologia. As informações tornam-se importantes para aliviar a ansiedade e desmistificar fantasias em relação ao CTI. * Acompanhamento das visitas aos leitos dos pacientes, para propiciar interação adequada. * Psicoterapia de apoio para pais e familiares, com o objetivo de auxiliar na organização familiar e de acolher as dificuldades emocionais existentes. O Programa de Apoio Psicológico é valorizado pela equipe multiprofissional que observa e relata as mudanças positivas no comportamento dos familiares e pelos próprios familiares. Esses resultados ressaltam a importância do psicólogo no ambiente hospitalar, para humanização deste espaço de experiências atemorizantes para os pacientes, familiares e equipe de saúde.

Izilda Carolina de Meneses; Márcia Simei Zanovello Duarte.

Universidade de Franca.



Vivência emocional de mães de recém-nascidos pré-termo internados em Unidade de Terapia Intensiva.

Introdução: o período que vai desde o parto até os três primeiros meses subseqüentes é um período de transição denominado puerpério. Neste período a mulher torna-se sensível, muitas vezes confusa e a ansiedade normal e depressão reativa são comuns. A vivência do puerpério poderá ser agravada com o nascimento de um recém-nascido pré-termo, pois além da gestação ter sido interrompida pelo parto, pode ocorrer a internação do bebê na Unidade de Terapia Intensiva, ocasionando na separação mãe-bebê por um tempo mais longo. **Objetivos:** o propósito deste estudo foi investigar a vivência de separação mãe-bebê decorrente de um parto pré-termo e da internação do bebê na Unidade de Terapia Intensiva e identificar as formas de enfrentamento utilizadas pela mãe. **Justificativa:** a compreensão da vivência emocional das mães diante do nascimento de um recém-nascido pré-termo que necessita de cuidados especiais é de grande importância para o tratamento da criança e desenvolvimento da relação vincular pais-bebê; com a finalidade de dar ao bebê uma continuidade histórica e à mãe a possibilidade de exercer sua função nutridora (gerar e manter a vida biopsíquica) prevenindo problemas emocionais após a alta hospitalar. **Metodologia:** o estudo realizou-se através de entrevistas semi-dirigidas com seis puerpéras que tiveram bebês pré-termo internados em Unidade de Terapia Intensiva. As mães tinham idades de 17 a 25 anos e os bebês 26 a 37 semanas de gestação. As entrevistas foram analisadas a partir da Técnica Análise Temática de Conteúdo, permitindo conhecer os aspectos psicossociais que fazem parte do enfoque do estudo. **Resultados:** constatou-se que vivência de separação mãe-bebê é permeada por sentimentos de medo, insegurança, desorganização, inadequação, esperança, incerteza, angústia. As mães utilizaram a negação, evitação, busca de suporte social e espiritual e atribuição a um Ser Superior para enfrentar a situação que estavam vivendo. **Conclusão:** revelou-se a necessidade de um espaço onde as mães possam expressar suas emoções; tenham orientações para a(s) primeira(s) visita(s) ao bebê na Unidade de Terapia Intensiva, recebam acolhimento de suas reações e comportamentos; sejam estimuladas em suas formas de interação com o bebê; bem como, sejam preparadas para a alta hospitalar do bebê. Evidenciou-se a necessidade de um trabalho psicológico, desde o momento em que a mãe é recebida pela equipe hospitalar em trabalho de parto pré-termo, até a alta hospitalar do bebê.

Cleonice de Faria Barbosa; Daniela Costa Macêdo; Márcia Simei Zanovello Duarte.

Universidade de Franca – SP.



Vivências subjetivas em crianças vítimas da violência doméstica.

O presente estudo procura investigar as vivências subjetivas de crianças que tenham sido vítimas da violência doméstica, comparando estas vivências conforme o tipo de violência sofrida pela criança. Para tanto, são utilizados testes projetivos (CAT-H e HTP), em oito crianças entre 6 e 12 anos de idade, vítimas de abuso físico, sexual e negligência. Esta é uma pesquisa qualitativa, cujos resultados obtidos confirmam o fato de que não existe uma única subjetividade capaz de determinar as características subjetivas de um tipo específico de violência, supondo-se que a criança elabora sua estrutura psíquica, segundo a percepção que ela própria tem da experiência vivida. Dessa forma, portanto, ao comparar duas crianças que tenham sido vítimas de abuso físico, conclui-se que ambas apresentam subjetividades distintas, pois enquanto uma apresenta-se de forma impulsiva, com dificuldade de coordenação dos impulsos, a outra mostra-se inibida e retraída, com limitado contato interpessoal. Ao avaliar a estrutura subjetiva entre duas crianças que tenham sofrido abuso sexual, observa-se em uma delas o predomínio da vida instintiva e emocional, enquanto que a outra apresenta afastamento da vida emocional, pois há o supercontrole repressivo dos impulsos corporais. As crianças vítimas da negligência também diferenciam-se na sua subjetividade, pois enquanto uma apresenta forte sentimento de inferioridade e de menos valia na outra predomina a fantasia como fonte de satisfação. Apesar do tipo de violência ser a mesma, a criança elabora subjetividade própria, sendo que algumas delas fazem uso da negação a fim de reprimir o conflito, enquanto que outras usam da projeção para expressar suas fantasias. Tendo em vista estes aspectos, observa-se que as crianças diferenciam-se umas das outras, a partir de suas percepções subjetivas internalizadas, mesmo que as vivências externas tenham sido semelhantes.

Elinara Wollmeister.

Universidade Luterana do Brasil – Canoas / RS.



Você tem fome de quê? obesidade mórbida e cirurgia Bariátrica.

A Obesidade é definida como um aumento do peso corporal, as custas do tecido adiposo. Para saber se uma pessoa está com seu peso adequado, levando em conta sua estatura, utiliza-se o índice de massa corporal (IMC). O IMC entre 25 e 39 são considerados parâmetros de obesidade. De 40 para cima são considerados indicativo da chamada obesidade mórbida. Esta consiste num fator de risco onde o indivíduo pode ficar suscetível a inúmeras doenças, podendo aumentar o risco de morte se comparado com uma pessoa de peso normal. Existem pessoas, com obesidade mórbida, que tentaram de todas as maneiras um emagrecimento e não obtiveram sucesso. O médico, temendo um prognóstico onde o indivíduo possa ter maiores complicações e agravar ainda mais o seu estado já fragilizado, faz indicação da cirurgia Bariátrica. Nesta cirurgia é feito a redução do estômago e a pessoa só consegue ingerir uma quantidade mínima de alimento. A avaliação psicológica, no pré-operatório, tem sido solicitada pela equipe médica para que possam certificar-se que o indivíduo tem uma estrutura psíquica adequada para lidar com as mudanças que ocorrem no pós-operatório, principalmente no que tange a hábitos alimentares. E no pós-operatório a psicoterapia pode proporcionar ao indivíduo um auto conhecimento para que ele possa administrar seus conflitos internos, suas ansiedades, seus temores e que aprendam diferenciar fome real de outras necessidades, que são sentidas como fome. O trabalho do psicólogo poderá ajudar o indivíduo a ter maior conscientização do que realmente esta faltando em sua vida, que esta sendo preenchido com a super-alimentação. Vários fatores levam o indivíduo a obesidade, por exemplo: hiperfagia (ingesta em demasia); Maus hábitos alimentares (refeições substituídas por lanches); Confusão de afeto com alimentação (na nossa cultura é bastante comum ser convidado para comer); Distorção da auto imagem (o indivíduo não se percebe gordo) depressão/ansiedade (a pessoa sente um vazio que erroneamente acaba sendo preenchido com comida); Feminino reprimido (devido as camadas de gordura a mulher obesa perde os seus traços femininos); Insegurança (sente-se diminuído, mas tem a necessidade de mostrar-se grande); Consumismo (comida é mostrada na tv “difícil” resistir aos fast-food); Correria (faz indivíduo não prezar pela qualidade dos alimentos). A cirurgia bariátrica abriu um leque de possibilidades para que os psicólogos possam atuar, pois a procura é grande e é constatada através das longas filas de espera, principalmente do SUS (Sistema Único de Saúde) para poder realizar tal cirurgia. As mudanças que ocorrem com tais indivíduos são fantásticas parece que após a cirurgia surge um novo “Ser” – mas ainda não existe estudo, dados estatísticos a respeito dos fatores emocionais em longo prazo, mas em curto prazo as pessoas demonstram grande prazer pela vida e o foco “comida” é preenchido com outras atividades que não eram executadas anteriormente, sendo obesos. Mas como estarão daqui dez anos... . A alimentação em excesso nos leva a pensar... Que esta pessoa, inconscientemente, tem fome de quê?

Ana Lúcia Teixeira Fedalto.

Hospital Universitário Evangélico de Curitiba – grupo SOBESI - HUC.



Vulnerabilidade à depressão: prevalência e contexto.

Embora a prevalência das alterações afetivas varie de acordo com os critérios diagnósticos utilizados, a depressão é descrita na literatura como o distúrbio psicológico de maior incidência entre os adolescentes. A ocorrência de humor deprimido não é necessariamente interpretada como uma disfunção emocional. Todavia, a severidade dos sintomas depressivos pode chegar ao extremo da incapacitação social e da ideação suicida. A manifestação dos sintomas pode ser distinto em quatro conjuntos, referentes a dificuldades emocionais (tristeza, isolamento, sentimentos de inadequação e culpa inapropriados), cognitivos (pessimismo, distração e desesperança), motivacionais (apatia, perda de afeição e baixo rendimento acadêmico) e físicos (fadiga, perda de apetite e insônia). Diante das consequências deste quadro sobre as tarefas do desenvolvimento e da possibilidade de desenvolver programas de proteção à saúde emocional, o presente estudo investigou a incidência de indicadores de depressão entre adolescentes gaúchos. Participaram da amostra 524 jovens entre 14 e 15 anos de idade, residentes em regiões metropolitanas do Rio Grande do Sul. O instrumento utilizado para mensuração de humor deprimido foi uma versão adaptada do Children's Depression Inventory (CDI), cujo índice de consistência interna foi 0,94. O inventário apresenta 27 itens que contêm três opções de respostas (pontuadas como 0, 1 ou 2). Os resultados mostraram que a média dos escores obtidos no CDI foi 10,1 (d.p.=8,9). Estabelecido o ponto de corte em dois desvios-padrão acima da média, foram encontrados escores indicativos de provável diagnóstico de depressão em 31 casos (5,91%). Tal incidência aproxima-se dos índices relatados em outras pesquisas com amostras brasileiras de adolescentes. Diferenças significativas nos índices de depressão foram observados em relação a variáveis demográficas e contextuais, especialmente quanto ao sexo e à aquiescência parental. A média de depressão entre as meninas (M=14,3; d.p.=9,95) foi cerca de três vezes superior à dos meninos (M=5,7; d.p.=4,63). A relação entre a falta de apoio percebido e a manifestação de sintomas depressivos foi endossada nessa pesquisa. Todos os adolescentes que apresentaram escores de provável diagnóstico de depressão referiram-se à baixa responsividade parental. Os indicadores são discutidos sob a perspectiva da reciprocidade e interação de fatores individuais e ambientais, de modo a subsidiar intervenções terapêuticas.

Caroline Tozzi Reppold; Claudio Simon Hutz.

UFRGS; UNOESC.



Zulliger e a depressão: um estudo do índice DEPI do sistema compreensivo.

O teste de Zulliger originou-se a partir do método psicodiagnóstico criado por Rorschach tendo, portanto os mesmos fundamentos teóricos. O sistema compreensivo foi desenvolvido por Exner para o método de Rorschach e recebeu ampla aceitação na comunidade Rorschachiana Internacional, entretanto ainda não existem no Brasil estudos conclusivos que possibilitem o uso do Zulliger no modelo do sistema compreensivo. Este trabalho faz parte de uma pesquisa maior que visa adaptar o Zulliger para o sistema criado por Exner, e tem como objetivo verificar a frequência dos sinais que compõem o índice DEPI nas respostas obtidas no Zulliger de 12 pacientes com depressão, diagnosticados conforme os critérios do DSM-IV. Consideramos neste estudo os sinais de DEPI que não dependem das expectativas normativas devido à ausência de dados para comparação. Deste modo foram verificadas as ocorrências dos determinantes: V, FD, misto de C e SH, SH>FM+m, C', MOR e COP. Os resultados não indicaram frequência significativa destes sinais nos pacientes estudados.

Villemor Amaral, A.E. de; Cardoso, L. M.; Farah, F.H.

Universidade São Francisco.



A comunicação médico-paciente e a reconstrução da história do paciente no contexto clínico.

A *história* do paciente não se restringe à história da doença. No contexto clínico, o discurso reconstrói a *história* do paciente, incluindo dimensões da vida quotidiana e variáveis envolvidas no processo saúde-doença. O discurso é desenvolvido interacionalmente, enquanto o paciente conta sua *história*, a contribuição do médico possibilitaria a apreensão da realidade deste sujeito. Em contrapartida, o que se observa na relação médico-paciente é um empobrecimento do encontro na perspectiva do reconhecimento do paciente enquanto portador de uma *história*. No modelo de assistência liberal-privatista, o usuário é reduzido a um corpo depositário de problemas de saúde só reconhecidos pelos saberes legitimados cientificamente. A repercussão do modelo encontra-se na forma como o profissional se dirige ao paciente. A investigação diagnóstica segue um raciocínio nosológico, fechando a suspeita diagnóstica elaborada a partir das manifestações clínicas. Neste processo, o relato do paciente de sua *história* não constitui elemento relevante. Quando a comunicação entre médico e paciente não atinge a finalidade de produzir o conhecimento sobre o sujeito que se comunica, tem-se em evidência uma disfuncionalidade do processo comunicacional. O discurso na relação médico-paciente apresenta, neste caso, uma assimetria, que implica uma relação de poder entre médico e paciente. Neste estudo, pretende-se analisar as estratégias comunicacionais do médico em sua investigação diagnóstica, bem como analisar como elas propiciam a reconstrução da *história* do paciente no contexto clínico. Para tanto, foram analisadas transcrições de consultas médicas realizadas no contexto do Programa de Saúde da Família em três municípios baianos. A análise aponta o uso predominante de perguntas e sentenças afirmativas no discurso médico e o enfoque da investigação diagnóstica na identificação dos sinais e sintomas. A reconstrução da *história* do paciente não é favorecida na comunicação médico-paciente, sendo a consulta frequentemente conduzida de modo a confirmar uma hipótese diagnóstica.

Anamélia Franco, Ana Cecília Bastos, Vânia Sampaio, Marcia Siebel.

Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia.



Implicações da ruptura do *script* da consulta médica na relação médico-paciente.

A atuação médica é norteada por saberes e valores legitimados previamente à interação médico-paciente, o que reflete na forma ritualizada do procedimento médico. A reprodução de conhecimentos introjetados pelo médico na sua experiência e formação profissional torna o encontro com o paciente um processo previsível e estruturado, como se um *script* ou roteiro tivesse que ser seguido ao longo da consulta. A rigidez quanto a este *script* traduziria o ritual dos procedimentos médicos. A introdução de uma temática não prevista para o contexto da consulta no diálogo entre médico e paciente caracterizaria a ruptura do *script*. Para o presente estudo, foram observadas e gravadas, com o prévio consentimento de médicos e pacientes, consultas ambulatoriais no contexto do Programa de Saúde da Família em três municípios baianos. O objetivo do estudo é identificar episódios em que se verifica a ruptura do *script* nestas consultas. A análise dos episódios apontam dois padrões de quebra do *script*: quando o médico se inclui na consulta referindo experiência semelhante à relatada pelo paciente; quando, além de se incluir na consulta, o médico relata a própria experiência. A ruptura do *script* implica um compartilhamento de experiências e saberes, aproximação da relação médico-paciente e relativização da imagem de poder do médico.

Anamélia Franco, Ana Cecília Bastos, Vânia Sampaio, Marcia Siebel.

Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia.



Identidade e adoecimento: o sentido do processo saúde-doença em pacientes dermatológicos.

Tivemos como objetivo investigar o processo de adoecimento e suas implicações na constituição da identidade de pacientes com psoríase, assim como a compreensão da relação entre o sujeito e sua doença.

Para tal foi realizada uma pesquisa qualitativa, utilizando-se entrevistas semi-estruturadas com pacientes psoriáticos adultos, em situação de tratamento ambulatorial, cujo tempo de convivência com a doença fosse superior a 5 anos. Foi realizada uma análise do discurso desses pacientes, com objetivo de compreender a relação entre sua identidade e seu adoecimento.

Dentre os principais resultados pudemos observar que a psoríase, enquanto doença crônica, toma grande importância na vida de quem convive com ela. As dificuldades mais aparentes dizem respeito à convivência com situações estressantes, com sentimentos de rejeição e revolta, bem como com significativas restrições nas atividades socializadoras. A presença constante de situações conflitantes aparece como outro fato marcante na percepção dos pacientes, pois, o estabelecimento de vínculos afetivos, com pessoas significativas, costuma se dar com elevado grau de tensão emocional e sofrimento psíquico. O aspecto físico provocado pela psoríase tende a criar um sentimento de repugnância, levando à percepção de uma auto-imagem significativamente desfavorável. A vivência dos conteúdos psíquicos, pelos pacientes, na relação com a doença, os levaram a incorporar características típicas do adoecimento como sendo próprias de sua identidade. A pele serve, nesse contexto, como campo de expressão de sua “identidade de doente”. No trabalho com pessoas que convivem com doenças crônicas, é de significativa importância que se leve em consideração sua história e vida e a relação entre a configuração da identidade e o processo de adoecimento, e que se entenda que mesmo com possíveis modificações do quadro clínico da doença, os processos característicos da identidade podem manter a crença do indivíduo de que esses permanecem doentes, convivendo com as mesmas dificuldades e implicações psicossociais que os limitam no acesso de uma qualidade de vida mais favorável. O profissional desatento a esse fenômeno pouco contribuirá no processo de uma mudança qualitativa da pessoa, no sentido de resgate de sua saúde global.

Verificamos, nessa pesquisa, que o processo de adoecimento crônico pode trazer significativas determinações na configuração da identidade do sujeito ao longo de sua vida, com uma certa tendência de sofrimento por parte da pessoa. O indivíduo tende a tornar-se “sua doença”.

GARCIA, José Ricardo Lopes.

Instituto “Lauro de Souza Lima” – Bauru – UNIP – Bauru/Araçatuba – SP.



Democratização e Clivagens Geracionais: contextos de socialização e cultura política.

Resumo: Na sociedade brasileira coexistem diversas matrizes valorativas e atitudinais que poderíamos chamar de subculturas políticas. Esta diversidade está associada a clivagens geracionais nas representações da política, que se manifestam também como diferenças nos valores e atitudes, entendidos como significados e significações atribuídos ao mundo, possibilitando a sobrevivência no mesmo. Estes significados estão intimamente relacionados ao contexto histórico em que o indivíduo se constitui enquanto sujeito, incluindo nestes contextos o processo de democratização do país em que vive. A perspectiva histórica aqui adotada entende que o processo de socialização é dialético, iniciando com o nascimento e que continua indefinidamente, através de sua inserção no contexto em que vive. O principal objetivo deste estudo é verificar a existência de clivagens geracionais na cultura política brasileira e sua relação com diferentes repercussões histórico-culturais das mudanças que o país vem sofrendo nos últimos trinta anos. As cidades escolhidas para este trabalho foram Curitiba e Porto Alegre, devido às suas semelhanças estruturais e características peculiares, que diferenciam uma da outra. Foram formados quatro grupos focais, dois em cada cidade, com homes e mulheres, com idades inferior a 35 anos e superior a 36 anos. Nestes grupos foram realizados debates acerca de temas relacionados ao nosso objeto de estudo. A partir do discurso presente nos mesmos, percebemos a tendência de que os diferentes espaços produzam identidades e comportamentos diferenciados. As diferenças das cidades escolhidas repercutem nas representações sociais que seus habitantes demonstraram em relação às temáticas políticas. Além disso observa-se diferenças no conteúdo expresso pelos grupos de maior e menor idade, que se manifestam nas formas de pensar e perceber o conteúdo político.

Autores: Carine Suder Fernandes; Doris Waldow; Paulo José Durval da Silva Krischke; Ana Lídia Brizola; Marcos Ribeiro Mesquita; Louise Amaral Lhullier; Maria de Fátima Quintal de Freitas.

Universidade Federal de Santa Catarina; Universidade Federal do Paraná.



“A Reabilitação Psicossocial Orientada pela Clínica – Um Trabalho em Rede”

A partir dos pressupostos preconizados pela reforma psiquiátrica no Brasil, onde o manicômio deixa de exercer seu papel como principal agente no trato das enfermidades psiquiátricas, começa-se um movimento para a criação de serviços substitutivos a este modelo até então vigente. As “doenças mentais” passam a ser tratadas como sofrimento psíquico e aquele que sofre passa a exercer um papel ativo no tratamento, reconhecendo-se o saber que porta sobre si e seu sofrer. Os desafios que vão surgindo diante de uma nova forma de atendimento são inúmeros, pois romper com a institucionalização do modelo manicomial, bem como pensar e propor práticas diferentes que possam se consolidar, é uma tarefa árdua e que exige persistência e coragem daqueles que a propõem. O atendimento de usuários, habituados a buscar no hospital psiquiátrico a resposta para suas necessidades, começa a ser deslocado e direcionado para os serviços substitutivos da cidade, destes exigindo respostas concretas e eficazes. Começa-se a pensar efetivamente na reabilitação psicossocial destas pessoas marcadas por longos anos institucionalizadas, desapropriadas de sua condição de cidadãos do mundo. Nesta perspectiva, o trabalho em rede, de fundamental importância, começa a criar espaços de discussão, de trocas de experiências e a se consolidar como um trabalho interdisciplinar. A psicologia, inserida neste contexto, passa a fazer movimentos de ampliação do seu campo de atuação, questionando-se e se deixando questionar. Não é mais um saber pronto e acabado (se é que foi algum dia) e, sim, uma constante mutativa, na busca de apropriar-se cada vez mais dos espaços interdisciplinares que vão surgindo. São novas questões que emergem, requerendo novas intervenções e um novo modo de atuação. A clínica norteia o trabalho do psicólogo, que reinventa sua prática diante da complexidade que é o trabalho de reabilitação psicossocial. É da experiência cotidiana e as conseqüências teóricas e práticas que dela podemos verter, que trata-se a mesa que aqui propomos, contando com palestrantes que abordarão as questões da reabilitação psicossocial desde o ponto de vista do trabalho em moradias protegidas, passando pelos espaços de convivência e centro de atenção diária, até as oficinas de geração de renda e espaços protegidos de trabalho.

O trabalho é desenvolvido em Porto Alegre, na rede pública municipal de saúde.

Angela Maria Pagot – psicóloga, mestre em psicologia social e institucional UFRGS, especialista em psicologia clínica.

Loiva dos Santos Leite – psicóloga, coordenadora da Pensão Pública Nova Vida, serviço de saúde mental da PMPA.

Maria Cristina Carvalho da Silva – psicóloga, coordenadora dos CAIS Mental 8, serviço de saúde mental da PMPA, conselheira CRP 07/RS.



"Alfabetização Tecnológica: avaliando implicações para o processo educacional"

Objetivou-se analisar e discutir a Informática no contexto educacional considerando-se a necessidade de capacitação do docente quanto ao uso dos recursos tecnológicos em sua prática pedagógica visando possibilitar ao aluno construir o conhecimento através de novos paradigmas de aprendizagem. Foram relatadas pesquisas e experiências práticas voltadas para a alfabetização tecnológica e capacitação docente nessa área de atuação.

Participantes:

1. Dra Maria Cristina Rodrigues Azevedo Joly - Universidade São Francisco

Alfabetização Tecnológica no Contexto Educacional

Os avanços tecnológicos através do uso do computador como meio de comunicação entre as pessoas, é um fenômeno bastante recente que vem determinando novos tipos de interação social e alterado as formas de ensinar e aprender. As escolas atualmente têm condições de oferecer cursos a distância, mais experiências práticas através da simulação das situações reais, acesso ilimitado à informação de bancos de dados através do uso da Internet, troca de mensagens escritas entre as pessoas (aluno-aluno, professor-aluno, etc) através do correio eletrônico, participação em teias de informação, uso de páginas de informação e participação do aluno em grupos de trabalho ou de discussão e de tele-conferências, nos quais tanto poderá aprender quanto ensinar, adquirindo conhecimento. Além disso, a globalização da informação e a possibilidade de acessá-la em tempo real, determina que a educação se adapte à demanda social, utilizando-se de recursos mais criativos e desenvolvendo nos alunos habilidades específicas tais como a aquisição de competência em habilidades básicas de leitura, escrita, cálculo, linguagem e pensamento crítico adaptados aos novos recursos tecnológicos. Isto implica em adquirir habilidades e conhecimentos necessários para operar um computador em qualquer situação funcional da vida diária, visando à aplicação, comunicação, busca de informação ou solução de problemas. Os estudiosos



denominam a esse processo acima descrito como *computer literacy*, *technology literacy* ou *alfabetização tecnológica*. Além dessas competências, outras relacionadas à habilidade de selecionar informações (*information literacy*) em meios multimídias que requerem habilidades visuais específicas para organizar e usar a informação (*media literacy and visual literacy*) vem sendo exigidas em função do rápido, constante e contínuo avanço da tecnologia e dos processos de informação, causando grande impacto e, ao mesmo tempo, preocupando os professores que se sentem incapazes de acompanhar e adaptar esses progressos ao processo de aprendizagem do aluno. Faz-se necessário portanto, a redefinição dos currículos escolares a fim de que se voltem para a aprendizagem interdisciplinar, através do uso de múltiplas estratégias para aquisição do conhecimento e processamento da informação disponível em nossa sociedade. Nesse sentido, o conceito de Alfabetização Tecnológica foi discutido numa perspectiva histórica, contextualizando-se sua relevância atual na educação frente as demandas geradas pela sociedade da informação.

2. Dr Simão Pedro P. Marinho - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
Ambientes virtuais de aprendizagem - novos desafios na formação do professor

A chegada do computador na escola se dá sem que os professores estejam minimamente preparados para lidar com essas tecnologias digitais de forma agregar valor à formação de seus alunos. Nos novos ambientes de educação que se antecipam, os professores estarão sendo desafiados em muitos aspectos. Com certeza, o maior desafio é o de não continuar fazendo a velha educação com novos recursos tecnológicos em novos cenários. Isso exige que a formação inicial de educadores promova mudanças substanciais em suas estruturas e processos, apagando a tecno-ausência e buscando, inclusive, criar uma cultura de informática para os licenciandos e seus próprios docentes. De maneira semelhante a qualquer outra escola, as licenciaturas deverão se organizar como ambientes informatizados de aprendizagem e muita coisa terá que acontecer para que isso se torne realidade. Discutir os desafios para que as licenciaturas se tornem contemporâneas é uma necessidade urgente.



3. Dr José Armando Valente - Universidade Estadual de Campinas

Capacitação do educador através da Educação a Distância

A Educação a Distância (EAD) tem sido utilizada como uma importante alternativa para a formação de educadores, principalmente a educação continuada. Praticamente todas as universidades e centros de formação oferecendo este tipo de serviço estão usando a EAD. No entanto, existem diferentes abordagens de EAD, variando em um contínuo, sendo em um extremo a “broadcast” que usa os meios tecnológicos para entregar a informação aos aprendizes. Neste caso, não há interação professor-aluno e tampouco entre os alunos. No outro extremo está o acompanhamento e assessoramento ao processo de construção de conhecimento mediada pela tecnologia, o que temos denominado de “estar junto virtual” (Valente, 2002). Uma abordagem intermediária é a implementação da “escola virtual”, que nada mais é do que o uso de tecnologias para criar a versão virtual da escola tradicional. Tanto a abordagem *broadcast* quanto a *escola virtual* usam os recursos tecnológicos para “entregar” a informação ao aluno. Essas soluções inovam no sentido de manter os alunos em suas casas, conectados a alguma fonte de informação, minimizando questões de transporte ou falta de espaço físico nas escolas. No entanto, apresentam um lado conservador, pois são baseadas no sistema tradicional de ensino – em vez de se transmitir a informação via giz e quadro negro ou via livro, a informação agora é entregue via rede de computadores. Já a abordagem do *estar junto virtual* tem a preocupação de usar os meios tecnológicos para facilitar o docente do curso estar junto dos aprendizes, auxiliando-os na construção de seu conhecimento. No contexto de formação de professores para o uso da informática em sua prática pedagógica, o objetivo é permitir a formação do professor reflexivo, refletindo sobre o trabalho que realiza com a informática (uso pessoal da informática), sobre o trabalho que seus alunos realizam por intermédio da informática, sobre o seu papel na interação com seus alunos e sobre a postura de professor frente à postura de outros colegas do curso. Os diferentes níveis de reflexão somente podem acontecer com o professor realizando atividades de informática e atividades com seus alunos, no seu contexto de trabalho, e interagindo com o docente do curso e com os colegas em formação em ambientes virtuais. Em uma sala de aula presencial seria muito difícil, se não impossível, criar estes diferentes contextos de reflexão (Prado & Valente, 2002). O objetivo da apresentação foi discutir como a EAD, na abordagem do “estar junto virtual”, permite o especialista estar junto, ao “lado” do educador, auxiliando-o na resolução de seus problemas e na construção de novos conhecimentos sobre técnicas computacionais e sobre como integrar a informática em sua prática pedagógica.



Atendimento à queixa escolar: construindo caminhos de atuação psicológica”.

O PSICÓLOGO COMO MEDIADOR NA CONSTRUÇÃO DO SENTIDO SOCIAL DA APRENDIZAGEM ESCOLAR

Elenita de Rício Tanamachi
Departamento de Psicologia – UNESP – Bauru, SP

Situa o psicólogo escolar como mediador no processo de construção das condições que se fazem necessárias para a transformação da queixa escolar, uma demanda frequentemente presente no Centro de Psicologia Aplicada da UNESP – Bauru. Para tanto, analisa o trabalho desenvolvido no estágio supervisionado em Psicologia da Educação nesta instituição, destacando tanto o referencial teórico-filosófico e metodológico que o embasa, quanto as ações principalmente desenvolvidas, circunscrevendo assim uma nova concepção de Psicologia Escolar. Toma como referência teórico-filosófica e metodológica o conjunto de elaborações da Psicologia efetivados a partir do Materialismo Histórico Dialético, enfocando as categorias que têm implicações imediatas para o processo de humanização dos indivíduos, defendendo a aprendizagem como atividade principal da criança para garantir este processo. Propõe a descrição e a análise da relação entre o processo de produção da queixa escolar e os processos de subjetivação/objetivação dos indivíduos nele envolvidos como uma mediação necessária à superação das histórias de fracasso escolar. Descreve a estratégia geral utilizada no decorrer de todo o trabalho definindo-a como instrumento gerador tanto da atividade principal da criança, quanto da condição de participação dos pais, professores e das próprias crianças. Apresenta e discute como principal resultado da intervenção, o envolvimento cada vez maior dos indivíduos relacionados às situações de escolarização em questão, situando-as no contexto da multiplicidade de fatores que a determinam. Os professores percebem características de seu trabalho e dos alunos, as quais não haviam entendido; os pais descobrem capacidades e especificidades de seus filhos e de sua própria relação familiar e as crianças retomam a crença em suas possibilidades de aprender. Conclui que este trabalho é a expressão concreta do referencial anunciado, na medida em que enfoca as diferentes relações das quais a criança participa, mobiliza todos os elementos presentes nessas relações e põe o psicólogo em condições de mediar o encontro entre a criança e a educação.



“Diferentes olhares sobre o mundo do trabalho”

Cristiane Vaz de Moraes*
Jaquelina Maria Imbrizi**
Marina Joana Gonzalez***
Vânia Conselheiro Sequeira****

A mesa, composta por quatro professoras da UNICAPITAL, abordará os diferentes olhares sobre o mundo do trabalho. A configuração das diferenças ocorre por meio dos quadros teóricos utilizados que subsidiam as possibilidades de concepção e de atuação do psicólogo frente ao trabalho.

A apresentação da professora Cristiane terá como objetivo descrever como os trabalhadores percebem o seu ambiente de trabalho (Relações, auto-realizações, Inovação e Mudança) e a relação deste com a saúde biopsicossocial, dos mesmos. Será utilizado o Modelo Ecológico-Sistêmico para discutir as trajetórias dos trabalhadores em diferentes tipos de organizações (Empresa da área de saúde e outras empresas) e abordar a importância de técnicas de levantamento do clima organizacional como diagnóstico para a melhoria das relações humanas no ambiente de trabalho.

A professora Jaquelina utilizará as contribuições da Teoria Crítica da Sociedade, representada por Max Horkheimer, Theodor Adorno e Herbert Marcuse, para refletir sobre as relações entre saúde e trabalho na cultura contemporânea. Pretende criticar a importância atribuída ao trabalho e às pseudo-atividades exercidas no tempo livre, afirmando a necessidade de diminuir as horas gastas com e no trabalho, como também, pretende discorrer sobre os critérios de produtividade e de utilidade que impregnam as concepções de indivíduo saudável.

A professora Marina por meio do relato de um estudo de caso, discutirá o resultado do trabalho do psicólogo na área de Recursos Humanos, quanto ao clima organizacional e a subjetividade do trabalhador, onde os sujeitos estudados são Instituição de Ensino e Organização não-governamental. A perspectiva estudada permite traçar linhas de atuação do psicólogo frente às repercussões do trabalho nas diferentes organizações. A apresentação estará referenciada em Wright Mills e na Profa Maria Lourdes Mandini-Couvre que estuda as relações entre trabalho e lazer.

A apresentação da professora Vânia busca refletir sobre o papel do trabalho na banalização da injustiça social e na banalidade do mal por meio das contribuições teóricas de Hannah Arendt e Christophe Dejours, tendo como objeto, um tipo particular de trabalho, a prestação de serviços à comunidade, como pena alternativa ao aprisionamento. Procura compreender se o trabalho pode ser fortalecedor de laços entre o indivíduo e a comunidade, e se a partir do trabalho, a pena pode ter um possível efeito simbólico para aquele que a cumpre em contrapartida ao que podemos observar nas punições marcadas pela vingança e pela segregação (em prisões ou fora delas).

As autoras têm em comum o fato de atuarem como professoras do curso de psicologia do Centro Universitário Capital – Unicapital e, principalmente, por acreditarem que uma boa



formação deve oferecer subsídios para que os alunos analisem as bases dos diferentes quadros teóricos que compõem a grade curricular de um curso de psicologia.

Portanto, entre os resultados almejados por esta mesa, é possível citar, em primeiro lugar, a intenção de criar um espaço possível para a interlocução entre as diferentes abordagens teóricas que subsidiam a atuação do psicólogo frente ao trabalho. Em segundo lugar, está a importância atribuída à diferença e à diversidade, não como algo que deva ser encoberto ou harmonizado, mas sim, como elemento para explicitar e distinguir as contradições inerentes à sociedade.

Considerações sobre a função simbólica do trabalho como punição

Vania Conselheiro Sequeira

Resumo

Este texto é uma discussão sobre o lugar do trabalho no mundo contemporâneo e mais especificamente sobre o trabalho como forma atual de penalização, através da prestação de serviços à comunidade¹. Reflexão feita a partir de Freud, Hannah Arendt e Christophe Dejours, que auxiliaram na compreensão da banalidade do mal e da banalização da injustiça social, temas diretamente ligados ao crime e violência, possibilitando uma análise psicanalítica e social desse novo modo de penalização.

1.



“Justiça Organizacional: Perspectivas teóricas e dados empíricos”

Helenides Mendonça
Eveline Maria Leal Assmar
Sinésio Gomide Júnior

TENDÊNCIAS ATUAIS NO ESTUDO DA JUSTIÇA ORGANIZACIONAL: ABORDAGEM MULTIDIMENSIONAL E ANÁLISE MULTINÍVEL

Eveline Maria Leal Assmar
Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro.

Desde a década de 60, os estudos sobre percepções e reações à (in)justiça vêm contribuindo decisivamente para o entendimento de atitudes e comportamentos individuais relacionados ao trabalho. Mais recentemente, com a ampliação das discussões teórico-conceituais e a incorporação de novas preocupações metodológicas, a justiça organizacional vem sendo objeto de franco desenvolvimento em pelo menos duas vertentes principais de investigação. Na primeira, a tônica é dar ao constructo maior densidade teórica. Em outras palavras, a complexidade do fenômeno impõe o alargamento da conceitualização da justiça para dar conta da variedade de concepções, formas e manifestações de que ela se reveste no âmbito das relações entre trabalhadores e organizações, o que conduz inevitavelmente a multidimensionalização do conceito para o centro dos debates. Nesse sentido, convém distinguir e relacionar conceitualmente várias categorias de justiça, conforme a ênfase recaia em um dos vários aspectos do processo decisório: os resultados de uma dada distribuição de recursos (justiça distributiva), os procedimentos formais utilizados para fazer essa distribuição (justiça procedimental), a natureza das explicações prestadas na implementação dos procedimentos de decisão (justiça informacional), a qualidade do tratamento interacional entre gestores e empregados na comunicação das decisões (justiça interpessoal). Alinhados à abordagem multidimensional da justiça organizacional, ganham destaque modelos teóricos, que buscam explicar os efeitos diferenciais ou interativos das percepções de (in)justiça por parte dos empregados, e modelos integrados, mais abrangentes, que se propõem a articular os antecedentes e conseqüentes da justiça organizacional em suas múltiplas dimensões. Na segunda vertente de investigação, a tônica é a necessidade de ultrapassar o nível individual de análise do fenômeno da justiça, subjacente à maior parte desses modelos. A constatação de que o estudo dos julgamentos de justiça em nível estritamente individual impede a evolução do constructo e o desenvolvimento de sua capacidade de generalização, juntamente com o reconhecimento de que a dinâmica da justiça sofre influência de fatores normativos e contextuais, têm estendido as preocupações dos pesquisadores para o nível grupal/contextual de análise. Sob essa perspectiva, parte-se da pressuposição, por exemplo, de que as expectativas estabelecidas pela cultura, clima e normas locais podem afetar as percepções de justiça procedimental dos membros de uma determinada unidade de trabalho, bem como suas reações a essas percepções. Nesse sentido, os estudos sobre justiça procedimental, desde um enfoque multinível, passam a se preocupar em avaliar seus



efeitos diferenciados, tanto em nível individual quanto em nível grupal, sobre as atitudes e comportamentos relacionados ao trabalho. À guisa de conclusão, pretendemos discutir repercussões positivas das tendências atuais no estudo da justiça para melhor compreensão de fenômenos organizacionalmente relevantes e das relações entre indivíduos, grupos e organizações no contexto do trabalho. Adicionalmente, propomo-nos a refletir sobre algumas implicações metodológicas envolvidas na realização de pesquisas em justiça organizacional, tomando por base modelos multidimensionais e abordagens com múltiplos níveis de análise.



Política e Saúde Mental: as Transformações Históricas e a Produção de Vidas

Política e Saúde Mental: as Transformações Históricas e a Produção de Vidas

Ademir Pacelli Ferreira¹

Prof. Adjunto do Instituto de Psicologia/UERJ, coordenador do Espaço de Atividades e Convivência Nise da Silveira UDAP/HUPE/UERJ e da Residência em Psicologia do IP/HUPE/ UERJ

A proposição desta mesa neste grande evento que reúne os psicólogos e a psicologia brasileira, visa afirmar o importante lugar que os psicólogos vem conquistando na área de saúde mental e no movimento da reforma psiquiátrica. Desde os precursores da década de Setenta, ao atual processo de transformação da assistência psiquiátrica, o psicólogo está presente em todos os setores assistenciais e engajados na luta antimanicomial. Além das considerações sobre a realidade atual das mudanças e impasses enfrentados pelos projetos da reforma, a mesa é composta por mais dois trabalhos que têm como preocupação central os aspectos históricos que constituíram o atual campo da saúde mental no Brasil. O primeiro trabalho intitulado Mediações Históricas dos Modos de Contar o Outro no Campo da Saúde Mental, apresentado por Luís Eduardo Godoy Catalán tem como objetivo analisar os efeitos políticos que as diferentes mediações históricas suscitam, no campo da saúde mental, em relação à produção de vidas de pacientes psiquiátricos encontradas na escrita dos prontuários psiquiátricos. O autor articula a escrita dos laudos supostamente neutra ao que Walter Benjamin denomina como narrativa, ou seja, a possibilidade de resgate de uma história esquecida e a desmistificação do passado. O segundo trabalho analisa As Políticas de Saúde Mental nos Anos de Chumbo. A autora, Alessandra Daflon dos Santos, aponta como principais efeitos de tais políticas, o que ficou conhecido como a indústria da loucura; a proliferação dos hospitais psiquiátricos e o enriquecimento da indústria farmacêutica no país. Estas características se mantiveram até o final dos anos 70 do último século, quando as pressões dos profissionais crescia e a Divisão Nacional de Saúde Mental (DINSAM) entrava em crise financeira. Neste momento, os trabalhadores de saúde mental iniciaram sua luta por melhores condições de trabalho, denunciando a violência que ocorria dentro dos hospitais psiquiátricos. Este acontecimento no Rio de Janeiro, único estado com hospício da DINSAM, encontrou eco em outros estados que, dependendo das alianças políticas, garantiram avanços em algumas regiões. Com a falência do sistema do comércio dos leitos, que drenava a maioria dos recursos financeiros, o Ministério da Saúde foi obrigado a estabelecer uma política de reforma que, apesar de interesses antagônicos que representa, passou a fazer eco às reivindicações dos profissionais e das forças sociais que clamavam por mudanças das condições éticas da assistência psiquiátrica.

1.



“Suicídio: Métodos de Investigação Preditivos e Retrospectivos”

Blanca Guevara Werlang - PUCRS

Liza Fensterseifer - PUCRS

Vivian Roxo Borges - PUCRS – Bolsista CNPq

O suicídio está entre as dez principais causas de morte no mundo, para indivíduos de todas as idades, e entre as três primeiras para a faixa de 15 a 34 anos. O Brasil vem apresentando um aumento no coeficiente de mortalidade por suicídio, sendo maior em determinadas regiões do país. Em face destes dados, o suicídio tem sido apontado como um problema de saúde pública. Várias estratégias têm sido utilizadas para abordar este tema, entre elas, pode-se mencionar o método epidemiológico, que tem possibilitado obter a incidência do suicídio em regiões, grupos étnicos e seus correlatos sócio-demográficos. Contudo, a maior dificuldade, ainda, é predizer quais sujeitos potencialmente suicidas vão transformar suas fantasias e/ou ideias em atos concretos. Os estudos preditivos e retrospectivos têm auxiliado nesta questão. Em função disto, realizou-se um estudo de fidedignidade e validade da Escala de Ideação Suicida de Beck em adolescentes, constatando-se que tal instrumento apresenta um coeficiente com significância estatística, indicando que é um recurso útil para avaliar ideação suicida em adolescentes normais. O construto de dor psicológica pode ser identificado através da Escala de Avaliação de Dor Psicológica, que objetiva detectar a presença e o grau de dor psíquica e, com isso, possibilita a compreensão do potencial suicida do indivíduo. Dentro dos estudos retrospectivos, a Entrevista Semi-estruturada para Autópsia Psicológica (ESAP) é um instrumento que fornece informações para determinar a probabilidade de que a morte tenha ocorrido por suicídio, bem como encontrar evidências clínicas que auxiliem na identificação de fatores predisponentes e potencializadores – classificados pela literatura como fatores de risco para o suicídio.



“Estudo de Fidedignidade e Validade da Escala de Ideação Suícida de Beck (BSI) em Adolescentes”

Vivian Roxo Borges (coordenadora da mesa) –

INTRODUÇÃO: Estudos epidemiológicos têm revelado um aumento na incidência de suicídios no período da adolescência. A ideação suicida engloba idéias, desejos, atitudes e planejamento da intenção de querer morrer. É considerada um indício importante em relação à possibilidade de que a intenção letal chegue a se concretizar subsequente. A Escala de Ideação Suícida de Beck (BSI) foi desenvolvida originalmente nos Estados Unidos com a finalidade de triagem de ideação suicida em pacientes psiquiátricos. Foram realizados estudos com sujeitos da população geral em diferentes faixas etárias. A avaliação da utilidade clínica da BSI, na sua versão brasileira, já foi testada em amostras clínicas e em universitários, apresentando resultados satisfatórios de fidedignidade e validade. **OBJETIVOS:** Geral - Criar subsídios que permitam verificar a viabilidade do uso de um instrumento para identificar a presença de ideação suicida em estudantes adolescentes com idades entre 15 e 19 anos. Específicos – Estimar o coeficiente de fidedignidade da Escala de Ideação Suícida (BSI). Estimar as correlações dos escores da Escala de Ideação Suícida de Beck (BSI) entre teste e reteste, com o intervalo de uma semana. Estimar a correlação existente entre o escore da BSI e o item 9 do Inventário de Depressão de Beck (BDI). Estimar a correlação existente entre o escore da BSI e o escore total do BDI, sem o item 9 do BDI. Identificar quais os principais fatores associados (solução fatorial) a BSI. **MÉTODO:** Este estudo teve um caráter transversal. A amostra foi selecionada por conveniência a partir de uma população de adolescentes que freqüentam instituições escolares públicas e privadas, de ambos os sexos, com idades entre 15 e 19 anos, num total de 121 sujeitos. Os dados foram analisados de acordo com o procedimento estatístico de SPSS. **RESULTADOS:** Como dado descritivo, 40% dos adolescentes apresentaram ideação suicida. O coeficiente de fidedignidade (alfa de Crombach) encontrado foi de 0.93 ($p < 0.001$). Entre o teste e reteste não houve diferença significativa, o que demonstra que não há uma variabilidade ao longo do tempo. A correlação da BSI total e o item 9 do BDI foi de $r = 0,58$ e a correlação entre a BSI total e o BDI sem o item 9 foi de $r = 0,63$, demonstrando uma certa correlação entre as escalas. Através da Análise Fatorial foi possível extrair 2 fatores com raiz característica superior a 1. O fator 1 engloba os itens 1, 2, 4, 7, 12, 15 e 16. Trata-se de uma dimensão que pode significar a intensidade da motivação para o suicídio. O fator 2 inclui os itens 5, 8, 11 e 19, apresentando uma temática que pode ser interpretada como o desejo ativo para o suicídio. Esses dois fatores são uma combinação linear dos itens da Escala BSI em estudo, os quais explicam 74,79% da variância total. Desta forma, são os fatores que mais influenciam na variabilidade dos resultados. Os demais fatores, com raiz característica inferior a 1, e que explicam uma pequena parte da variância total, foram desprezados por não contribuírem significativamente para o estudo. **CONCLUSÕES:** A BSI é recurso útil para identificar e avaliar ideação suicida em adolescentes normais, além de apresentar validade e fidedignidade estatística.



Escala de Avaliação de Dor Psicológica: Contribuições Conceituais

Liza Fensterseifer

Considerando-se os índices aumentados de suicídio na adolescência, percebe-se a importância de explicar estes comportamentos através de instrumentos que possam detectar tendências, predisposições e a compreensão psicológica do ato suicida. Para a avaliação do risco de suicídio e da ideação suicida, tem-se escalas que auxiliam na sua identificação e mensuração, como a Escala de Ideação Suicida de Beck, a BSI. No que tange aos métodos projetivos, Shneidman propôs a Escala de Avaliação de Dor Psicológica (Psychological Pain Assessment Scale – PPAS), que tem como objetivo investigar a dor psicológica, permitindo que as relações entre dor psicológica aumentada e suicídio possam ser exploradas. Tendo como fundamento o fenômeno da projeção, a PPAS consiste em uma folha única de papel, dobrada, de forma a fazer 4 páginas, onde se incluem itens objetivos, pedindo que o sujeito pontue de 1 a 5 a dor psicológica do personagem principal de 5 figuras, bem como itens subjetivos, onde deve descrever sua pior dor psicológica. Dor psicológica é um conceito proposto pelo autor para denominar a dor que o sujeito sente internamente, seu sofrimento mental, e refere-se à mágoa, vergonha, solidão, desesperança, culpa, tristeza e angústia. O suicídio seria a única saída que o sujeito percebe para que sua dor psicológica intolerável cesse, é a única solução para o seu sofrimento. Vem sendo desenvolvidos estudos para investigar se a PPAS realmente pode fornecer dados a respeito da dor psicológica do sujeito e, em consequência, de seu potencial suicida, tornando-se assim, um auxílio na compreensão da dor psicológica dos suicidas e na prevenção do comportamento suicida. O objetivo dessa apresentação foi a divulgação da escala, bem como de estudos preliminares com sua utilização, na tentativa de que seja mais um dos instrumentos úteis na identificação e avaliação do potencial suicida.



40 Anos da Profissão: Revendo o Compromisso da Psicologia para Projetar o Futuro

Oswaldo H. Yamamoto

Título:

Questão social e políticas públicas: revendo o compromisso da Psicologia

Resumo:

Partindo da compreensão de que (a) uma profissão é uma prática institucionalizada, socialmente legitimada e legalmente sancionada, e que (b) intervir no campo das “políticas sociais” significa ação do psicólogo nas consequências da questão social transformada em objeto de intervenção sistemática e contínua por parte do Estado, possibilidade posta somente no atual estágio do capitalismo, o objetivo do texto é discutir o compromisso da Psicologia ao longo destes quarenta anos de regulamentação profissional, enfocando, em especial, os limites e as possibilidades da atuação do psicólogo no campo do bem-estar no Brasil, nos marcos da hegemonia neoliberal.

Ana Mercês Bahia Bock

Título:

Psicologia e sua ideologia: 40 anos de compromisso com as elites

Resumo:

O objetivo do texto é discutir o compromisso social que a Psicologia, durante mais de 100 anos no Brasil e por 40 anos de profissão regulamentada, manteve com a sociedade brasileira. Partindo-se da tradição da Psicologia, se trará a história para defender a idéia de que a Psicologia esteve comprometida com os interesses das elites brasileiras, trabalhando e produzindo conhecimentos para controlar, higienizar, categorizar e diferenciar. Desde a colonização, idéias psicológicas foram produzidas para controlar a mão de obra indígena e as mulheres e crianças; posteriormente com a vinda da corte portuguesa e todas as consequências para a cidade do Rio de Janeiro, a proliferação de doenças e pobreza, as idéias psicológicas serão produzidas para higienizar e limpar moralmente a sociedade de problemas como a miséria, a prostituição, a loucura, o alcoolismo e as doenças. O século XX trouxe o avanço das ciências modernas e a Psicologia adquiriu status científico; passa então a produzir conhecimentos para diferenciar e categorizar, respondendo aos interesses de lucro das elites capitalistas. Questionaremos o compromisso que desejamos ter com a sociedade, partindo do pressuposto que a Psicologia sempre responde com sua prática e seus conhecimentos a interesses de grupos sociais. Com quem queremos estar aliados? Que tipo de contribuição queremos dar à sociedade? Romper com o compromisso com as elites e construir um compromisso com a maioria da população brasileira é o que defendemos.



A (in)visibilidade da homossexualidade na psicologia

RESUMO DA MESA

A idéia desta mesa/simpósio é poder refletir, a partir da apresentação de três trabalhos sobre a contribuição da psicologia em relação ao saber psicológico em torno das orientações sexuais e sua efetiva participação no combate à discriminação, exclusão e sofrimento psíquico que as orientações sexuais homossexuais vêm sofrendo há séculos. Para tal, os trabalhos versam sobre a relação entre a formação de psicólogos e a militância, a homofobia, e a travestilidade. Os resultados apresentados apontam os retrocessos e preconceitos dentro da própria psicologia em relação às práticas homoeróticas, mas também revelam os recentes questionamentos e rupturas em relação às teorias, pesquisas e tratamentos do sofrimento psíquico de pessoas de orientação sexual diversa ao padrão heterossexual

São três os trabalhos:

EXPOSITOR 1

Dr. Fernando Silva Teixeira Filho - UNESP - Câmpus de Assis
Professor Assistente Doutor do Dept.º Psicologia Clínica/ FCL/UNESP/Assis-SP
Presidente do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre as Sexualidades (NEPS)

(DES)ENCONTROS POLÍTICOS ENTRE A PSICOLOGIA E OS MOVIMENTOS EM PROL DAS DIVERSIDADES SEXUAIS

As razões pelas quais a Universidade tem sido um foco de resistência à militância de grupos de pessoas excluídas por conta de suas orientações sexuais ainda é um mistério. Este trabalho pretende problematizar esta questão realizando um percurso da trajetória do movimento GLBT no Brasil e as suas relações com a Universidade, tendo como foco a Psicologia. Trata-se de compreender por que a Psicologia, ciência que se pretende referência na investigação do funcionamento do psiquismo e comportamento humanos, quando comparada ao apoio explícito que ela oferece a grupos étnicos, de trabalhadores etc, ela ainda é resistente em posicionar-se politicamente favorável às diversidades sexuais? Quais são os fundamentos desta ausência de explicitação de apoio? Em que medida se pode pensar uma Psicologia comprometida, engajada, científica e cidadã sem que suas articulações com os movimentos em prol das diversidades sexuais seja aberto, visível e politicamente norteado para o livre direito de se expressar, de ter prazer, de estar satisfeito? Quais são os fundamentos deste “silêncio”?



EXPOSITOR 2

Prof. Wiliam Siqueira Peres

Professor Assistente do Depto Psic. Clínica/FCL/UNESP/Assis-SP.

Vice-Presidente do NEPS - Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre as Sexualidades.

Voluntário do Adé Fidan/Casa de Vivência "Saara Santana" - Londrina-PR.

TÍTULO DO TRABALHO

AIDS, CIDADANIA E TRAVESTILIDADE: QUAL É A DA PSICOLOGIA?

RESUMO

As diversas interfaces estabelecidas entre a sociedade e os diferentes modos de existencialização, assim como, os modos pelos quais vem se alastrando a epidemia do HIV/AIDS, vem produzindo relações cada vez mais singulares, que provocam um certo embaralhamento dos códigos de inteligibilidade, solicitando uma reflexão urgente a respeito das práticas que se engendram na atenção dada a comunidade GLBT, quer seja dentro dos programas curriculares, quer seja na relação profissional, assim como, das diversas nosografias que tomam os modos de expressão das diversidades sexuais como sujeitos do desvio.

Assim, propomos apresentar uma análise das experiências que tivemos nos últimos sete anos junto às travestis da cidade de Londrina/PR, quando da realização de oficinas de prevenção às DSTs/HIV/AIDS, orientadas pelas premissas dos direitos humanos e da construção da cidadania, que nos permitiu realizar uma cartografia etnográfica das vulnerabilidades pelas quais as mesmas aumentam o seu nível de exposição ao HIV/AIDS, mas também às idiossincrasias provindas das péssimas atenções de saúde, educação, cultura, etc., que cada vez mais estabelece o número de pessoas empobrecidas e desprovidas de acesso às condições mínimas de sobrevivência.

Os resultados da análise nos mostra a urgência de políticas públicas que contemplem essa população, de modo a resgatar as condições das mesmas se tornarem travesti cidadãs.



EXPOSITOR 3

Dr. Hugues Costa de França Ribeiro

Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP, Marília-SP

Centro de Estudos e Pesquisas em Comportamento e Sexualidade, CEPCoS, São Paulo, SP

TÍTULO DO TRABALHO

HOMOSSEXUALIDADE: A TRAJETÓRIA DE SUA CONCEPÇÃO COMO DOENÇA ATÉ AS CONQUISTAS E IMPASSES NOS DIAS ATUAIS.

RESUMO

Abordarei nesta exposição a trajetória da concepção de homossexualidade, com base nas diferentes interpretações dadas a esta condição desde a sua percepção como doença, em seguida passando a ser vista como desvio sexual, até a sua aceitação como uma das formas de orientação do desejo afetivo-sexual. Apresentarei uma tentativa de análise à resistência desta última forma de concepção, apontando contradições pela manutenção dos preconceitos e discriminação, em diferentes segmentos da sociedade, tendo como contraponto os avanços e conquistas no terreno das leis, das contribuições da ciência e a manutenção de um discurso reacionário e homofóbico, fundamentado em pressupostos tanto herdados do senso comum, da religião e, até mesmo, da própria ciência.



A Construção do Trabalho do Psicólogo na Educação

Alacir Villa Valle Cruces
Centro Universitário de Santo André

Roberto Moraes Salazar
Léia Viviane Fontoura

Pesquisas revelam grande interesse por parte de alunos e de profissionais de Psicologia pela área clínica em detrimento de outras como a escolar/educacional, uma das mais tradicionais e a que talvez mais tenha contribuído para seu desenvolvimento e sua autonomização. Órgãos responsáveis pela profissão e pesquisadores têm realizado debates e estudos na tentativa de fazer com que haja desenvolvimento não apenas quantitativo mas também qualitativo e mostram o importante papel da formação para a compreensão dessa situação. O ideal de profissional liberal faz com que as pessoas busquem o curso e, ao invés de ser desmistificado, esse ideal é reforçado pois nosso curso limitou a atuação ao modelo clínico, assemelhado ao médico e voltado para a cura de doenças e tratamento de problemas. Novas habilidades ou novas atividades devem ser propostas para desenvolver um psicólogo que possa melhor inserir-se no mercado de trabalho pois o perfil do profissional em Psicologia resultante da legislação e das condições verificáveis nos cursos volta-se para a mensuração/avaliação de aspectos psicológicos e restringe-se, muitas vezes, a diagnosticar e tratar de problemas de ajustamento, o que vem construindo uma determinada identidade para a profissão e a representação que as pessoas em geral têm dela. Já há presença desse profissional em diversos locais e ele vem superando uma atuação puramente remediativa, construindo estratégias para lidar com os novos contextos de trabalho e um modelo de atuação profissional mais acessível a segmentos populacionais antes excluídos pela prestação de serviços via instituições, o que vem contribuindo para romper esse modelo de profissional liberal. Porém essas mudanças ainda são tênues e aparecem sob determinadas condições das quais não temos praticamente nenhum conhecimento. Na área escolar, mais especificamente, convivem, lado a lado, modelos de atuações e práticas extremamente críticas e inovadoras e atuações permeadas pela visão curativa e individualizada e denunciada pela visão estigmatizadora que faz recair sobre o próprio indivíduo o problema. Perguntas que envolvem formas de atuação mais adequadas; como devemos nos preparar e preparar psicólogos para atender a demanda atual; condições da formação que propiciarão maior diversidade de interesses dentro da Psicologia e como construir profissionais voltados para o trabalho na educação surgem diante de dados como estes, num momento em que especialistas discutem novos rumos para a formação de psicólogos e em que a sociedade se mobiliza para dar uma educação de qualidade a seus membros. Em estudo longitudinal tentaremos levantar elementos que permitam respondê-las. Acompanhando pessoas com diferenciadas bagagens anteriores e diversos tipos de formação, durante dois anos, a contar de sua formação em Psicologia, acreditamos poder conhecer capacidades e limitações na busca de colocação no mercado de trabalho, recursos que utilizam para superar dificuldades que encontram, como e o que buscam em termos de atuação e, quando inseridas, que práticas desenvolvem.



O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM PSICOLOGIA ESCOLAR: UM DESAFIO À FORMAÇÃO

Roberto Moraes Salazar

Mestre em Psicologia Escolar pela PUC/SP – Supervisor de Estágio em Psicologia Escolar da Universidade Cruzeiro do Sul – UNICSUL - SP

Este trabalho é parte de um projeto de intervenção desenvolvido ao longo dos últimos cinco anos por alunos do quinto ano do curso de Psicologia da Universidade Cruzeiro do Sul, no estágio supervisionado de Psicologia Escolar, em escolas da rede pública municipal e estadual da zona leste de São Paulo. Ao considerarmos que a formação do psicólogo se consolida através do estágio supervisionado, entendido este como um lugar de iniciação prática e ao mesmo tempo de reflexão teórica e crítica, propiciado pelo contato do aluno com a escola, elaboramos um projeto de intervenção que consistiu de dois momentos: um teórico e o outro prático. O teórico ocorreu nas supervisões por meio de leituras e discussões em grupo, direcionadas para as questões sobre história e a constituição de uma psicologia escolar; a identidade e o papel do psicólogo na escola; contextos diversos de escolas e, ainda, sobre a atuação e intervenção do psicólogo neste lugar. O prático ocorreu nas visitas semanais realizadas pelos estagiários, durante o ano letivo. A atividade prática foi desenvolvida com base nos dados coletados através dos relatos de professores, coordenação e direção, como também, por observações realizadas na escola de diversas situações do cotidiano (sala de aula, intervalos, entrada e saída dos alunos, reunião de pais, atividades extra-classe). Percebemos, neste trabalho, que o estagiário passa a analisar e a refletir com maior clareza o cotidiano escolar, ao rever a importância do psicólogo nesse contexto para propor intervenções que promovam de fato qualidade e saúde mental na escola, possibilitando, ainda, a criação de espaços alternativos de intervenção. Concluímos assim que a escola ainda é um campo a ser conquistado pelo psicólogo e essa inserção, sob forma de estágio, oferece aos estagiários, vivências de aprendizagem social, profissional e cultural, proporcionadas pela possibilidade de participarem em situações reais de vida e de trabalho na escola. Outro aspecto importante a se considerar, é a variedade de "motivos" para justificar a indicação do "tratamento" psicológico, que reflete, ainda, a dificuldade de compreensão do papel e da identidade do psicólogo dentro da escola.



ASPECTOS SIGNIFICATIVOS DA FORMAÇÃO ACADÊMICA E PROFISSIONAL DO PSICÓLOGO ESCOLAR

Léia Viviane Fontoura

A presente pesquisa objetivou investigar a formação acadêmica do psicólogo escolar, e seu preparo teórico prático, de modo a verificar se a formação habilita para atuar, enquanto agente crítico e articulador de mudanças. Método: pesquisa bibliográfica e estudo de caso. Sujeitos: estagiários do 10º período (n=21) curso de Psicologia da UNIVALI. Instrumento: entrevista semi-estruturada. Tratamento: análise de conteúdo. Resultados e conclusões: A Psicologia constituiu-se, sustentando suas práticas e bases epistemológicas no seio da Medicina e da Filosofia. No Brasil, a Psicologia nasceu em laboratórios e clínicas médicas, mas também ligadas à educação com suas preocupações a respeito do processo ensino-aprendizagem. A partir da década de 60, tornou-se uma prática na instituição escolar. Os seus pressupostos teóricos estavam fixados no positivismo. A formação acadêmica é fortemente influenciada pelo modelo dominante do comportamentalismo, sob a perspectiva tecnicista. A partir dos anos 80, a Psicologia Escolar buscou trabalhar com conceitos globais, com maior poder de intervenção, articulada com fazeres específicos de outros profissionais. Tais mudanças ainda não rompem o modelo dominante e de formação e ação profissional, porém, fornecem rumos para sua renovação e ampliação do seu significado social. Com a pesquisa de campo constatou-se que as raízes positivista e tecnicista da formação do psicólogo ainda estão imprimindo uma prática parcial, desarticulada, imediatista, coerente com o sistema capitalista de ordem liberal. As metodologias inadequadas dos professores do curso de Psicologia que não apresentam formação pedagógica, a fragmentação das disciplinas e a dissociação da teoria com a prática impedem a análise crítico-interpretativa de questões fundamentais de ordem política e social almejadas. Ainda não foi superado o paradigma tecnicista, apesar de todas as críticas e inserção de análises mais sociais, postularem uma visão crítica e transformadora.



A Função da Escrita na Psicologia

Fabio Thá
Denise Cerqueira Leite Heller
César Rey Xavier

Considerando que a Psicologia é uma ciência, é sobre o termo ciência que propomos nos centrar. Uma ciência é um conjunto articulado de conhecimentos sobre um determinado objeto, que recorta uma determinada porção da realidade. É fato que o cientista aspira a uma descrição verdadeira dos aspectos do mundo que lhe concernem, bem como a uma descrição verdadeira dos fatos observáveis. No entanto, embora seja esta sua aspiração, ele nunca pode estar realmente seguro da adequação dos conhecimentos que ele produz com a realidade que ele visa descrever. A história do conhecimento ocidental é pródiga em exemplos de teorias tidas por absolutamente verdadeiras num determinado tempo que se revelaram impróprias ou mesmo totalmente falsas num tempo subsequente. Como a garantia da adequação de suas teorias à realidade não pode vir da teoria mesma, a única garantia que resta ao pesquisador é a tradição da discussão crítica das idéias, a tradição que entre os gregos fundou o próprio pensamento ocidental, da qual somos herdeiros.

A discussão crítica tem dois meios de se realizar. A discussão verbal propriamente dita entre os pesquisadores e a discussão escrita, promovida pela divulgação de textos científicos em livros e periódicos especializados. Assim, a função da escrita na psicologia é, antes de mais nada, a de ser um veículo de divulgação de idéias, cujo objetivo é submetê-las ao crivo da discussão, nos interesses da procura da verdade.

Avaliar como estamos e como nos situamos em relação ao ofício de escrever (profissionais, pesquisadores e professores) e como o transmitimos aos alunos, é o objetivo dos debates desta mesa.



MODELOS TEÓRICOS EM PSICOLOGIA

FABIO THÁ

(Psicólogo, Mestre em Lingüística pela UFPR, Doutorando em Estudos Lingüísticos pela UFPR, Prof. da Universidade Tuiuti do Paraná)

Este texto discute a pluralidade teórica na psicologia fazendo um breve percurso pela história da constituição da psicologia como ciência e como profissão, mostrando a diferença de suas origens teóricas. Enquanto a psicologia como ciência - herdeira da agenda de questões referentes à teoria do conhecimento, presente no pensamento ocidental desde os pré-socráticos - nasceu como uma atividade de investigação e pesquisa, a psicologia aplicada - que deve suas origens ao pensamento funcionalista e ao contexto histórico do início do Século XX – pretende aplicar os conhecimentos psicológicos a diversas áreas da atividade humana. Como a psicologia não é uma ciência unificada, os psicólogos convivem com uma diversidade de escolas e orientações teóricas onde buscam subsídios para fundamentar suas práticas. Utilizando conceitos das teorias da ciência de Karl Popper e Thomas Kuhn indaga-se que postura adotar diante dessa diversidade, como compreendê-la, abrindo a questão de que futuro se poderia conceber para a psicologia.



A Importância do Acolhimento e Aconselhamento nas Ações de Prevenção e Assistência as DST e AIDS

- ² Coordenadora: **Margarete de P. S. Ferreira** - Mestre em Saúde Pública pela ENSP/FIOCRUZ.
- ² Denise Doneda - Doutoranda em Psicologia pela UNB.
- ² Nilo Martinez Fernandes - Mestre em Saúde Pública pela ENSP/FIOCRUZ.
- ² Ricardo Barbosa Martins

Resumo:

Na tradição científica ocidental, as ações de saúde foram pautadas por modelos curativos e principalmente a partir do século XX, o recurso às tecnologias diagnósticas e prescrições medicamentosas, deixaram o sujeito-cliente em uma posição passiva ante sua saúde/doença, desprezando-se sua participação ativa no processo de cura/prevenção dos agravos. O advento dos saberes psicológicos e antropológicos colocaram inúmeras interrogações a esse modelo e diante da epidemia da aids, suas limitações passaram a ser mais questionadas, posto que, mostra-se incapaz de promover mudanças no comportamento sexual, assim como, nas questões relativas à preconceitos/discriminações, questões de gênero e uso de drogas. Buscando alternativas, algumas diretrizes estratégicas têm sido preconizadas pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e corroboradas pelo Ministério da Saúde Brasileiro, através da Coordenação Nacional de DST/AIDS. Neste cenário, os saberes psicológicos, sociais e antropológicos vêm sendo chamados a embasar algumas propostas inovadoras, que por um lado valorizam uma escuta singular do sujeito, ao mesmo tempo em que, estimulam posturas individual e socialmente mais ativas, que permitam aos sujeitos usufruir de direitos já conquistados, assim como, construir novos. Importa também destacar que, no caso brasileiro, a epidemia de aids expande-se no sentido da pauperização, feminização e interiorização.



Conferência: O QUE É REDUÇÃO DE DANOS?

PALESTRANTE: Denise Doneda, ID 2135, Psicóloga, Coordenadora da Área de Prevenção da Coordenação Nacional de DST/AIDS do Ministério da Saúde.

Endereço: SQN 407, Bloco L, ap. 205. CEP: 70.855-120. Brasília. DF.

E-mail: doneda@ aids.gov.br , Tel: 61-448-8000.

RESUMO: Em um mundo globalizado, que nega a milhares de pessoas condições dignas de vida e trabalho, ao mesmo tempo em que induz ao consumo desenfreado, associando-o a inadiáveis prazeres narcísicos; o uso de drogas tem alcançado novos, complexos e variados padrões de uso. Neste contexto, as estratégias de redução de danos (RD) visam minimizar as conseqüências adversas à saúde que podem ocorrer em função do uso de drogas, buscando assegurar aos usuários de drogas um direito que deveria ser de todos os cidadãos: o direito à saúde.

Embora algumas propostas de redução de danos na Europa sejam identificadas desde a década de 20, é com o crescimento da prevalência da infecção pelo HIV entre os usuários de drogas injetáveis (UDI) que esta estratégia ganhou vulto, transformando-se numa importante aliada: por um lado permite a diminuição de novas infecções pelo HIV e hepatite entre os UDI e suas parcerias sexuais e por outro, alcança pessoas historicamente discriminadas pelos serviços básicos de saúde, favorecendo o acesso a informações e insumos de prevenção. Neste contexto, vários atores sociais são chamados a se engajarem e contribuir: legisladores, profissionais de saúde, formuladores de políticas públicas, agentes de saúde ou redutores de danos, etc. É na possibilidade de inclusão dos UDI e de outros segmentos sociais igualmente discriminados, nas assertivas preconizadas pelos Direitos Humanos, que vislumbramos a construção de caminhos sociais que permitam modos de vida mais saudáveis e eticamente comprometidos com gratificações e responsabilidades pessoais e coletivas.

Palavras Chaves: drogas, redução de danos, cuidados de saúde.



A Infância e suas Razões: Questões de Desenvolvimento

Dominique Colinvaux (proponente)

Maria Lúcia Faria Moro

Luci Banks-Leite

Rebeca Puche-Navarro

RESUMO

O Simpósio “A Infância e suas Razões: Questões de Desenvolvimento” reúne um conjunto de estudos que, a partir de focos diversos de investigação, tratam de uma temática comum: a cognição infantil. Ao discutir dados de linguagem e argumentação, conhecimento matemático e causalidade física, modelos mentais e situações de resolução de problemas, o simpósio pretende contribuir para o debate sobre a própria noção de infância, suas competências e os caminhos de seu desenvolvimento.

Faria Moro analisa estratégias cognitivas em uma situação de resolução de um problema matemático a partir de video-gravações. Numa tarefa em que devem ‘igualar / desigualar’ grandezas, tríades de crianças (1ª e 2ª série do Ensino Fundamental) usam estratégias práticas e notacionais cuja organização e transformação obedecem a patamares hierárquicos. Os resultados permitem discutir as relações de defasagem entre ação e representação (ou estratégias práticas e de representação), e seu lugar no desenvolvimento infantil. Seguindo o viés cognitivo, Colinvaux focaliza o tema da causalidade, ou explicações causais, noções frequentemente tomadas como sinônimo de *pensamento científico*. Começando com os estudos piagetianos do início do século 20, a análise busca mapear a evolução deste campo de investigação em termos de definições adotadas, questões investigadas e principais resultados obtidos e discute as visões de pensamento e competências cognitivas que se depreendem dos diferentes estudos sobre causalidade. Banks-Leite investiga a capacidade argumentativa de crianças em idade escolar. Seu estudo parte da necessidade de distinguir argumentação e explicação e discute as relações teóricas entre estas duas noções. Dados obtidos junto a crianças da pré-escola e da 5ª série mostram, por exemplo, que o uso de conectores como *por que / porque* parece ser comum à explicação e à argumentação. A discussão sobre critérios diferenciadores aponta por sua vez para questões mais gerais relativas à linguagem e suas relações com a cognição infantil. Finalmente, Puche-Navarro aborda o pensamento infantil a partir da perspectiva de modelos mentais: analisando a resolução progressiva de problemas práticos por crianças em idade pré-escolar, obtém indícios sobre a gênese de modelos mentais. Os dados oferecem interessante base de diálogo a propósito da relação entre ação e representação e seu papel no desenvolvimento.



A partir de enfoques próprios e por caminhos diversos, os estudos permitem discutir algumas questões postas para a investigação do desenvolvimento cognitivo infantil. A primeira diz respeito às relações entre ação e representação, tais como se manifestam na defasagem entre estratégias práticas e de representação (Faria Moro), ou na forma de resoluções práticas mas que a criança não sabe explicitar/explicar (Puche-Navarro). Saber falar sobre o que se faz, ou ainda, tomar consciência, parecem assim constituir indicativos significativos de transições no desenvolvimento. Derivam daí questões mais gerais: por exemplo, é necessário pensar as articulações teóricas entre pensamento e linguagem (Banks-Leite e Colinvaux), ou ainda, entre saber-fazer e saber-dizer, entre dados linguísticos e interpretações cognitivas. Finalmente, todos os estudos contribuem para discutir mecanismos de transição e suas implicações para um modelo de desenvolvimento infantil.



ESTRUTURAS ADITIVAS E CONSTRUÇÃO DO NÚMERO NA ESCOLA

Maria Lucia Faria Moro

Universidade Federal do Paraná

RESUMO

Trata-se de estudo sobre a aprendizagem das estruturas aditivas em situações de tríades, segundo a proposição de Vergnaud, e na perspectiva de Piaget sobre o lugar da tomada de consciência na construção cognitiva. Seu objetivo é o de descrever o processo infantil de compreensão de relações aditivo/subtrativas, considerando a hipótese de que a elaboração de esquemas que lhes são inerentes é especialmente provocada em situações de solução de problemas em que realizações práticas alternam-se com sua interpretação verbal e com a produção e interpretação de notações a respeito, em contexto de troca entre pares. Para tanto, são focalizadas a natureza e a progressão de estratégias cognitivas infantis em tarefas de igualar e desigualar grandezas, aplicadas em duas sessões a doze crianças (de 7;3 a 8;10 anos de idade), alunos de 1ª e de 2ª série de uma escola pública da periferia de um município da região metropolitana de Curitiba. Os sujeitos foram sorteados aleatoriamente para compor quatro tríades, observados critérios regidos pelo constructo da defasagem ótima. A análise qualitativa dos dados videografados foi realizada em níveis de descrição das realizações práticas de cada sujeito (material: fichas de plástico, cartolina e canetas hidrocor), com suas interpretações, e respectivas notações interpretadas. Os resultados descrevem tipos peculiares de estratégias dos sujeitos, de ordem prática e notacional, cuja organização e transformação obedecem a patamares hierárquicos, revelando esquemas essenciais à psicogênese das relações focalizadas. Também mostram defasagens esperadas entre aquelas estratégias, as do plano prático e as do plano das representações verbais e notacionais, com algumas diferenças ligadas a tempo de escolaridade. A discussão dos resultados privilegia os seguintes aspectos: o da construção progressiva das estruturas aditivas como interligada à compreensão do número mediante a coordenação de esquemas invariantes pertinentes, e o do lugar da tomada de consciência das ações para a conceitualização, como processo necessariamente central da aprendizagem na perspectiva construtivista considerada, especialmente ativado no contexto das interações sociais infantis. (CNPq).



A Inter – Relação entre Dor Crônica e Depressão em Pacientes Ambulatoriais¹

Rute Velasquez
Thais Renee Martins Silva
Renata Neris de Andrade

RESUMO: Há considerável controvérsia a respeito da natureza e da extensão da relação entre dor e depressão. Mesmo tratando-se de dois transtornos distintos, dor e depressão podem tanto dizer respeito a transtornos como a sintomas, o que dificulta o diagnóstico. Um outro fator importante no diagnóstico diferencial de depressão em pacientes com dor crônica é a possível interferência dos medicamentos. Assim, foi realizado um estudo transversal através da aplicação do Inventário para Depressão de Beck (BDI) em um grupo de 28 pacientes no Ambulatório de um Hospital Universitário. Em relação à frequência de depressão, 43% dos pacientes e 25% do grupo controle apresentaram índice significativo de depressão ($p = 0,001$). De acordo com a análise logística multivariada feita os itens mais comprometidos nos pacientes com dor crônica foram: diminuição das capacidade de tomar decisões, de trabalhar, perda de apetite e de libido. Ao analisar o BDI, através de sub-escalas foi verificada uma diferença significativa entre as respostas dos dois grupos (cognitivo-afetiva $p = 0,051$ e somática $p = 0,0$ respectivamente). Apesar da alta frequência de depressão em relação ao grupo controle, algumas respostas dos pacientes ao BDI estão diretamente relacionadas à dor, o que ficou demonstrado através da análise das sub-escalas, uma vez que esses aspectos estão comprometidos tanto na depressão quanto no transtorno doloroso. Não foi verificada uma relação estatisticamente significativa entre o uso de medicamentos e o escore de depressão apresentado pelos pacientes ($p = 0,9$).

1. Pesquisa desenvolvida pelo Núcleo Multidisciplinar para o Estudo da Dor – Unicentro Newton Paiva – BH/ MG – 2000.



A Metodologia Etnográfica na Pesquisa em Psicologia Escolar: O Relato de Três Experiências.

Coordenação: Marilene Proença
Anabela Alemeida e Santos
Lygia de Sousa Viégas
Marcelo Dominges Roman

A presente mesa visa discutir as vantagens e dificuldades advindas da utilização da metodologia etnográfica na pesquisa em psicologia escolar, considerando, especialmente, sua crescente utilização da área.

Oriunda da Antropologia Social, a etnografia foi desenvolvida como tentativa de estudar qualitativamente a sociedade e a cultura - seus valores, práticas, significados -, a partir do que Geertz chama de “descrição densa”, entendida como mais do que a mera compilação de fatos exteriores ao pesquisador.

Realizando-se como “processo de documentar o não documentado”, tem como base (embora não seja seu sinônimo) um intenso trabalho de campo, implicando em: estar em um local, observar, conviver, participar e conservar, o máximo possível, essa experiência por escrito. Os caminhos percorridos são ‘construídos no próprio andar’ da pesquisa, dependendo, dentre outros fatores, da interação pretendida, do objeto que se constrói, além das concepções do pesquisador e do grupo pesquisado. Pressupõe, portanto, flexibilidade e respeito ao ‘objeto’ de estudo.

A análise dos dados etnográficos é feita de forma *indutiva*, ou seja, as categorias decorrem do próprio processo de investigação, ‘de baixo para cima’ e não ‘de cima para baixo’, assemelhando-se a um funil.

No caso brasileiro, utilização da etnografia nas pesquisas em psicologia escolar passou a se intensificar especialmente a partir da década de 1980. Partindo de uma revisão das interpretações e práticas da psicologia relacionadas à escola, tais investigações romperam com a maneira tradicional de se pesquisar, analisar e intervir frente a tais temas, sendo mesmo um marco na área. Destacam-se os trabalhos de Patto, especialmente ‘A Produção do Fracasso Escolar’.

A etnografia, enquanto metodologia, pode ser informada por diversas teorias e concepções de homem e ciência. As perspectivas aqui discutidas, vale destacar, englobarão uma abordagem crítica dos fenômenos escolares, considerados em suas múltiplas e complexas determinações, incluindo não apenas o âmbito do cotidiano mas também aquele do não cotidiano.

O relato de três diferentes pesquisas realizadas em escolas públicas paulistas pretende apontar alguns caminhos de aproximação etnográfica da vivência escolar, dando ênfase às suas semelhanças e diferenças.

A pesquisa “Cadernos escolares na primeira série do ensino fundamental: funções e significados” foi realizada em sala de aula de escola pública, visando conhecer aspectos do cotidiano escolar a partir da utilização do caderno na alfabetização e da iniciação dos alunos no uso escolar desse material.



A pesquisa “A Progressão Continuada e suas repercussões na perspectiva de um grupo de professores” visa conhecer as concepções de professores acerca da Progressão Continuada, política que organiza o ensino fundamental em ciclos. Valendo-se de grupos reflexivos e entrevistas individuais, enfatiza a exclusão *na* escola e formas de resistência na perspectiva docente.

Finalmente, a pesquisa “O Professor Coordenador Pedagógico e o cotidiano escolar: um estudo de caso etnográfico” busca contribuir para a compreensão da rede de relações institucionais a partir da qual se constitui concretamente o espaço de atuação desse profissional.

Por fim, é objetivo da mesa refletir sobre algumas contribuições da etnografia não apenas para a pesquisa em psicologia escolar como também para a atuação profissional do psicólogo nas escolas.



Análises multidimensionais: Emergentes estratégias de pesquisa em psicologia.

Autores: - Coordenador: Antonio Roazzi

- Aleksandro Medeiros do Nascimento e Davi M. Morato;
- Maria Helena Cordeiro, A. Donaduzzi, e S.M. Schlindwein;
- Saddo Ag Almouloud e Ana L. Manrique.

Resumo: Nas últimas três décadas, a partir da constatação das desvantagens e limitações dos métodos e procedimentos de análise estatística tradicionais e do desenvolvimento de programas estatísticos mais sofisticados, tem se desenvolvido, cada vez mais, em inúmeras áreas de conhecimento o uso de análises escalonares multidimensionais (MDS). As análises MDS fornecem uma representação geométrica ou espacial das relações entre um conjunto de estímulos, que torna possível uma interpretação significativa das distâncias entre os estímulos e suas inter-relações. A principal vantagem das análises MDS é possibilitar que o investigador quantifique e descreva de forma precisa fenômenos psicológicos extremamente complexos que não poderiam ser acessíveis através de métodos de análises tradicionais. As análises referidas permitem ao pesquisador ter acesso às dimensões latentes que descrevem as relações entre um conjunto representativo de objetos sociais ou psicológicos. O pressuposto central subjacente ao uso na área psicológica de técnicas MDS é que as distâncias ou similaridades psicológicas (entre julgamentos, conceitos, pessoas, construtos, traços, episódios sociais, estereótipos, etc.) possam ser representadas e analisadas em termos de distâncias euclidianas.

As várias áreas de pesquisa nas quais as análises MDS têm sido já aplicadas, como a percepção das pessoas, a aprendizagem da leitura e da escrita, os episódios sociais, o estudo do auto-conceito, entre outros, têm afetado profundamente a pesquisa. É neste sentido que os métodos MDS podem ser vistos como muito mais do que um outro grupo de técnicas estatísticas. Realmente, elas constituem uma nova e emergente estratégia de pesquisa em psicologia. Por exemplo, as variáveis não são mais concebidas como entidades discretas utilizando-se de afirmações do tipo “a afeta b” (visão esta que deriva dos modelos mecânicos e biomédicos do começo do século XX, que vêem a realidade como composta de entidades discretas passivas - como as bolas de bilhar - prontas para serem afetadas por forças externas), pelo contrário numa estratégia de pesquisa MDS as variáveis são concebidas a priori como estritamente relacionadas com outras variáveis – mais especificamente com toda uma complexa rede de outras variáveis que pertencem ao mesmo domínio de investigação. O objetivo deste simpósio é introduzir para reflexão estes métodos de análise multidimensionais (SSA, MSA, CHIC, POSAC etc.) a partir da apresentação de uma série de investigações em psicologia realizadas por três grupos de pesquisas de diferentes universidades: UFPE/UFRPE, UNIVALI e PUC-SP.

O grupo de pesquisa da UFPE/UFRPE formado pelos pesquisadores Antonio Roazzi e Aleksandro Medeiros do Nascimento irá apresentar os resultados de duas investigações. O primeiro estudo “*A avaliação do auto-conceito em crianças e sua relação com a representação da inteligência dos professores*” realizado por Antonio Roazzi e Terezinha Nunes investiga a relação entre as concepções de inteligência dos professores e o nível de desempenho escolar de seus alunos (1ª série do ensino fundamental). Qual o impacto que as representações sociais da



inteligência por parte dos professores possuem sobre o sucesso acadêmico de seus alunos. Estas relações serão exploradas através do “*Similarity Structure Analysis*” (SSA). O segundo estudo realizado por Davi M. Morato, Alessandro M. Nascimento e A. Roazzi “*Análises multidimensionais não-métricas no estudo da percepção do tempo no lazer na internet*” procura investigar os modos de percepção do Tempo na experiência de indivíduos que se utilizam da Internet como meio de entretenimento. Os dados foram submetidos à Análise de Conteúdo (Bardin, 1979) e análise multidimensional não-métrica – o “**SSA**” – coadjuvada pelo método de “variáveis externas enquanto pontos” e interpretados a partir da Teoria das Representações Sociais e da Teoria das Facetas, o que desvelou a emergência de um modo de temporalização próprio à experiência do indivíduo no lazer no ciberespaço.

O grupo de pesquisa da UNIVALI formado pelos pesquisadores Maria Helena Cordeiro, A. Donaduzzi, e S.M. Schlindwein apresentará a investigação “*Expectativas das professoras em relação a seus alunos: uma exploração multidimensional*”, cujo objetivo é avaliar a adequação de diferentes tipos de análise multidimensional (POSAC e MSA) como ferramentas para o estudo dos construtos que fundamentam as percepções e as expectativas das professoras em relação a seus alunos, no início do Ensino Fundamental.

Enfim, o último grupo de pesquisa formado pelos pesquisadores Saddo Ag Almouloud e Ana L. Manrique da PUC-SP irá apresentar dois trabalhos “*A análise implicativa: uma nova ferramenta para pesquisa em Educação*”, e “*Um estudo diagnóstico utilizando a análise hierárquica de similaridade*”, respectivamente. O objetivo do primeiro trabalho é apresentar os fundamentos de uma pesquisa em Educação Matemática envolvendo uma análise estatística implicativa de dados multidimensionais e os principais resultados de um estudo das concepções de professores de Matemática sobre o ensino-aprendizagem da geometria na 5^a à 8^a séries do Ensino Fundamental. A problemática está em evidenciar estruturas implicativas no seguinte sentido: um comportamento **a** está acompanhado, de modo conseqüente ou não, de um comportamento **b**, quer dizer, "a maioria dos indivíduos que têm a modalidade **a** têm também a modalidade **b**". O segundo trabalho apresenta uma análise dos principais resultados de um estudo diagnóstico que investiga as representações de 24 professores de matemática do Ensino Fundamental no que diz respeito ao ensino-aprendizagem de noções geométricas através de uma análise hierárquica de similaridade que permitiu interpretar informações em termos de tipologia e de semelhança. Esta análise foi realizada através do software de tratamento de dados estatísticos multidimensionais denominado CHIC - desenvolvido no “*Institut de Recherche mathématique de Rennes (IRMAR)*” da Universidade de Rennes 1.



A Pesquisa na Formação do Futuro Psicólogo: Caminho para a Construção de uma Identidade

Carla Mirella Mastrobuono

Claudia Stella

Rosângela Maria Carreira Ortegosa

Esta comunicação pretende apresentar a relação entre a iniciação em pesquisa no curso de graduação em Psicologia e a construção de uma identidade profissional sintonizada com as exigências sociais, do mercado de trabalho e do próprio papel profissional. Pesquisas demonstram que a classe profissional dos psicólogos não tem buscado aprofundar seus estudos e, principalmente, não tem se voltado para a pesquisa enquanto instrumento de investigação, compreensão e intervenção na realidade na qual pretende atuar. A crença no absolutismo da teoria e da técnica aprendidas na escola, assim como o pouco contato com práticas investigativas em seu curso de formação parecem afastar o psicólogo não só de uma atuação efetivamente transformadora das realidades individuais e coletivas, como também das finalidades de sua própria atuação, gerando uma identidade profissional fundamentada na rigidez e na reprodução de teorias e técnicas, sem o necessário olhar investigativo, crítico e atualizador. Desta forma, acaba por perder oportunidades de inserção profissional e dedicando-se à uma prática isolada, que impede inclusive o contato com seus colegas de profissão e a própria transformação de sua prática. Como professora e coordenadora de pesquisa e extensão de uma faculdade particular da Grande São Paulo, venho desenvolvendo um trabalho de implementação dos Trabalhos de Conclusão de Curso para o curso de Psicologia, e orientando pesquisas desenvolvidas por alunos de todos os anos do curso. Esta prática tem me permitido a colaboração efetiva na construção das competências exigidas para a formação de um profissional-psicólogo capaz de refletir, intervir e transformar aspectos de sua realidade social e profissional. Os frutos colhidos até agora são importantes e de âmbitos variados: os alunos adquirem, no trabalho investigativo, a possibilidade de se aproximar da realidade social; sentem-se efetivamente podendo integrar a teoria e a prática; desenvolvem em si recursos facilitadores de contato com os sujeitos pesquisados, assim como treinam a escuta psicológica e o psicodignóstico (seja ele comunitário ou individual); desenvolvem raciocínio científico e ético; socializando-se e compartilham conhecimentos com os demais colegas de outras universidades e profissionais formados, através da participação em eventos científicos nos quais apresentam seus trabalhos; etc. As conseqüências para a construção de uma identidade profissional consciente, científica e eticamente orientada são inúmeras, e talvez a mais importante seja o fato de que os alunos iniciam um movimento de crítica do próprio curso a eles oferecido, buscando alternativas de reivindicação e de mudança já enquanto alunos de Psicologia. Desta forma, é importante que se discuta e desenvolva métodos de inserção das práticas investigativas já nos cursos de graduação, em especial, das universidades e faculdades particulares, para que possamos verdadeiramente construir a psicologia e os psicólogos que queremos, conscientes, comprometidos com a transformação da realidade e profundamente e éticos.



PESQUISA E FORMAÇÃO POLÍTICA: O RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA

Claudia Stella

Esta comunicação tem como objetivo refletir sobre a pesquisa como um instrumento de formação, especialmente formação política dos alunos de Psicologia. Atualmente assistimos a uma valorização da pesquisa como prática pedagógica, na qual os alunos têm a possibilidade de adentrar ao campo social e realizar a tão famosa aproximação com a realidade. No sentido essencial, pesquisar é produzir um conhecimento de relevância teórica e social, que tenha aspectos do inédito, do novo. Muitos autores já discorreram sobre as mudanças que ocorrem na inter-relação entre pesquisador e objeto pesquisado, que mutuamente se transformam neste processo. Na maioria das pesquisas em Ciências Humanas, nas quais o homem e as relações humanas são objetivadas, trabalhar com questões de aproximação e experiência política requer também uma atitude política do pesquisador, seja do pesquisador-professor ou pesquisador-aluno. Em pesquisa desenvolvida pelos alunos de Psicologia sobre as entidades representativas – Conselhos de Psicologia, Regional e Federal, Sindicato de Psicologia, Federação de Psicologia, que têm como função organizar e administrar a política para a ciência e profissão da Psicologia – verificamos a transformação e desenvolvimento de pesquisador em sua atitude política. Essa pesquisa tem como objetivo verificar e refletir sobre a Representação Social dos alunos 5^o anistas têm sobre as entidades representativas em Psicologia. Ela foi planejada para ser desenvolvida em três etapas: a primeira foi realizada junto aos alunos das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras; Enfermagem e Obstetrícia; e Fisioterapia de Guarulhos; a segunda foi feita junto aos alunos da Universidade de Guarulhos e a última será realizada em outra faculdade da região. A pesquisa foi proposta pelos próprios alunos de 3^o ano de Psicologia das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras; Enfermagem e Obstetrícia; e Fisioterapia de Guarulhos, quando se depararam com a falta de interesse dos colegas sobre o tema e com sua própria falta de conhecimento sobre as entidades representativas e seus objetos de atuação. O resultado parcial da pesquisa, de um modo geral, mostra o desconhecimento das atribuições das entidades em Psicologia e a pouca importância atribuída pelos alunos aos movimentos e associação de psicólogos, projetando sua atuação em uma prática individualista, na qual o seu sucesso ou fracasso na inserção do mercado de trabalho pudessem ser atribuídos somente ao seu empenho pessoal, descaracterizando as condições sociais que norteiam esta inserção. Apoiando-nos em Piaget, podemos dizer que o desenvolvimento dos alunos-pesquisadores nesse processo caminhou da anomia à conquista da autonomia. No início da formulação da proposta eles estavam em completa anomia, sem nenhum tipo de regras, já na realização da segunda etapa eles passaram para heteronomia, na qual a fala e indicações da orientadora eram atribuídas características imutáveis e portanto inquestionáveis. O caminho para autonomia está sendo construído com o desenvolvimento da 3^a etapa, na qual o movimento de cooperação, de criação e de entendimento de novas possibilidades entre os pares têm se feito presentes na construção da pesquisa.



INICIAÇÃO EM PESQUISA : INSTRUMENTOS PARA FORMAÇÃO DE FUTUROS PSICÓLOGOS.

Rosangela Maria Carreira Ortegosa

No presente momento da história da profissão de psicólogo no Brasil, quando se discutem e decidem mudanças nos currículos de formação de profissionais, freqüentemente nos deparamos com uma questão que parece ser crucial e ponto de partida para grande parte daquelas discussões : que características tem o psicólogo ? quem é esse profissional que queremos formar? Na busca desse suporte ,estão em jogo,principalmente ,as concepções que nós psicólogos formadores de profissionais,temos de nossa profissão e nossos conceitos do que seja um profissional. Diversos autores tem estudado vários aspectos de concepções de alunos ,de profissionais,sobre a profissão e considerando um aspecto específico,a importância da iniciação em pesquisa destes alunos ,uma vez que com as novas necessidades de melhor prepara-los para seu desempenho do papel social de psicólogo,incluindo a atuação como pesquisador. Percebemos que ao iniciar o curso de Psicologia o aluno recebe a imagem de um profissional como alguém que presta serviços à sociedade,atendendo as necessidades que a sociedade tem de seus serviços. Com a iniciação à pesquisa ,o aluno entra em contato com aspectos da realidade profissional do psicólogo ,o que resulta em uma reflexão crítica do mesmo sobre a profissão,permitindo a percepção de referências para análise de alguns fatores que poderiam afetar a abrangência de significância da função social do psicólogo. Ao entrar em contato com várias realidades sociais,fator este permitido com a iniciação científica, notamos o amadurecimento, a conscientização,a necessidade de aprofundamentos em teorias psicológicas e sociais ,assim como técnicas, esta busca de conhecimentos nos mostra , o intuito de aprimoramento e busca de identidade com as diversas modalidades sociais que emergem com os trabalhos desenvolvidos. Buscamos amparar este aluno ,para que o mesmo possa com este respaldo técnico-teórico, encontrar os diversos caminhos propostos pela psicologia atualmente, procurando assim suprir as necessidades de uma sociedade vivenciando o caos social-emocional, através de reflexões,críticas,questionamentos, repensando medidas de transformação, sendo conhecedor da realidade onde se insere a população a qual vai prestar serviços . Ao iniciar as pesquisas estes alunos estão imbuídos na busca de identidade social na qual desenvolverão seu trabalho, para melhor planejar e atuar junto ao social,baseados em fatores ético-sociais pertinentes. Percebemos assim, a importância da inserção deste aluno ,em contato com campos de pesquisa diversos,a tomada de consciência das deficiências sociais ,e as carências advindas de uma sociedade comprometida ou para ele desconhecida, a qual prestará serviços, conhecendo seus limites, deveres, possibilidades. Existe portanto uma grande valorização da iniciação do aluno do curso de psicologia em pesquisa, como vem ocorrendo nos últimos anos,com as medidas de mudanças curriculares propostas, pois isto lhe possibilita um reconhecimento da realidade social onde deverá desenvolver sua atuação profissional, de forma ética, centrada, transformando muito da concepção anterior do profissional da área de décadas anteriores.Proporciona assim,a visão de um profissional da área de psicologia, com nova identidade .



A INICIAÇÃO À PESQUISA COMO INSTRUMENTO DE CONSTRUÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL

Carla Mirella Mastrobuono

Esta mesa tem como finalidade apresentar as reflexões de três psicólogas, professoras e pesquisadoras em Psicologia sobre o papel da pesquisa na formação da identidade do futuro psicólogo, de modo a traçar um panorama dos resultados da prática investigativa (desenvolvida em faculdades e universidades particulares da cidade de São Paulo) na construção de uma identidade profissional ética, política e cientificamente orientada para a transformação das realidades profissional e social do país. Claudia Stella falará sobre a pesquisa e a formação política do futuro psicólogo, através do relato de uma experiência na orientação de pesquisa realizada por alunos de graduação em parceria com o Sindicato dos Psicólogos de São Paulo. Em seguida, Rosangela Ortegosa falará sobre o papel da iniciação na pesquisa para a formação ética e a aproximação do estudante com a realidade social na qual pretende intervir, também baseando-se em experiências pessoais como orientadora de Trabalhos de Conclusão de Curso no Centro Universitário Capital e nas Faculdades de Guarulhos. Finalmente, Carla Mirella Mastrobuono abordará as relações entre pesquisa e construção da identidade profissional do psicólogo e suas conseqüências na transformação dos cursos de Psicologia, da relação com as entidades de representação da classe e da atuação profissional em geral, apresentado sua experiência com coordenadora de Pesquisa e Extensão das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, Enfermagem e Obstetrícia; e Fisioterapia de Guarulhos.



A Prática do Psicólogo Jurídico nas Questões de Família: A Experiência no Tribunal de Justiça de Pernambuco

*Helena Maria Ribeiro Fernandes
Marcelo Wilker Silva de Oliveira
Maria Quitéria Lustosa de Sousa
Carmésia Virginia Mesquita e Silva*

O Direito de Família tem incorporado conhecimentos de outras áreas, em particular da Psicologia, considerando que ações judiciais envolvem significativas questões emocionais. Ganha o Psicólogo jurídico, ao atuar não apenas como perito, mas junto aos sujeitos que buscam a derradeira saída para seus conflitos não resolvidos no circuito doméstico pelo comprometimento da emoção e vivência de perdas. No tribunal de Justiça de Pernambuco, o Centro de Apoio Psicossocial (CAP) é composto por Psicólogos e Assistentes Sociais que trabalham junto às varas de família emitindo pareceres a respeito dos pedidos que chegam à justiça. Os processos mais frequentes são os de guarda de menor, regulamentação de visita, separação, pensão alimentícia, busca e apreensão e tutela, entre outros. Um dos tipos de processo que vem chamando atenção nas varas de família é o de guarda paterna. No CAP, o número de pedidos desta natureza aumentou comprovadamente nos últimos anos como demonstra a pesquisa que é comentada neste trabalho. Esta tendência reflete uma reestruturação de papéis familiares propiciada por mudanças recentes no contexto social. Constatou-se que o pai tem o desejo de participar mais ativamente da vida de seus filhos, mas nem sempre esse desejo é pela guarda definitiva da criança, pois muitas vezes, o pai revela que busca uma flexibilidade maior nos contatos com o filho. Uma iniciativa pioneira do TJPE que merece destaque é o juizado Informal de Família (JIF) que, implantado em 2001, atende as 12 varas de Família do Recife, agilizando a atuação do Judiciário, estimulando soluções consensuais e evitando o desgaste emocional dos envolvidos, especialmente os filhos. O diferencial do JIF é a atuação do psicólogo: na sensibilização dos litigantes para o acordo, motivando-se a diminuir as conseqüências nefastas do conflito e, nas audiências, como conciliador auxiliar. Assim, propiciou o percentual conciliatório de 76,2% no período de julho a dezembro/2001, alcançado nas 319 audiências realizadas. Frente às mudanças ocorridas nessa conjuntura jurídica buscamos adequar uma nova forma de trabalho, numa abordagem que visualize a família como um todo. Entendendo que a família não se constitui apenas da soma das pessoas que dela fazem parte, é que tomamos como base o modelo sistêmico, onde as partes de um todo se comunicam entre si, no sentido de compreender a família como um sistema integrado, encarando o sintoma da crise familiar como sendo o resultado das relações deste sistema. Com esse novo modelo de trabalho, pensamos que ganham os profissionais que atuam dentro da demanda judicial, bem como os usuários parte dos processos, que apreendem uma nova forma de se conduzir frente aos conflitos familiares. De modo geral, retratamos a experiência dos atendimentos realizados, possibilitando uma ampla compreensão dos profissionais, bem como o entendimento do indivíduo como ser social. Considerando a demanda recebida e análise psicológica realizada, percebemos o indivíduo como um membro ativo de grupos sociais, o que



nos direciona na execução de um trabalho abrangente e facilitador, permitindo-nos ver a família na sua totalidade.

Pedidos de Guarda pelo Pai: Pesquisa de Casos no Centro de Apoio Psicossocial

Maria Quitéria Lustosa de Sousa

Instituição: Tribunal de Justiça de Pernambuco (TJPE)

Este artigo consiste numa análise e convite à reflexão acerca das transformações por que passa a função paterna, inserida num novo contexto cultural contemporâneo. Primeiramente analisamos teoricamente a função paterna diante de um novo ordenamento jurídico com base nas modificações dos papéis sociais no universo familiar. Realizamos uma pesquisa, na qual os dados foram colhidos dos relatórios psicossociais do Centro de Apoio Psicossocial do Tribunal de Justiça do Estado de Pernambuco, entre Fevereiro/2000 a Setembro/2001, sobre os pedidos de Guarda paterna tramitados nas Varas de Família da Capital. A metodologia consistiu de uma análise descritiva dos dados e para efeito de análise comparativa, foram utilizados os dados de uma pesquisa anterior, dos anos de 1997 a 1999 (CABRAL & OLIVEIRA, 2000). Neste trabalho ressaltamos em meio à dissolução da sociedade conjugal, a função da paternidade, o trabalho profissional desenvolvido e o tipo de abordagem para a possível concessão de guarda em favor do pai com a oitiva dos filhos. Decorre daí que novos arranjos familiares poderão determinar novas funções entre cônjuges. Um exemplo disto é o aumento do número de pedidos de guarda pelo pai, constatado na prática dos profissionais da área jurídica. Com o aumento nos casos de separação que vem acontecendo nos últimos tempos, o Direito de família passou a ser o ramo de direito que mais se aproximou de uma visão multi e interdisciplinar, juntamente com os profissionais de Psicologia e Serviço Social. Frente a esta demanda, foi criado o Centro de Apoio Psicossocial – CAP. A este órgão do Tribunal de Justiça de Pernambuco compete o desenvolvimento das atividades de apoio técnico às varas de família da capital especializadas em família e registro civil, inclusive da Assistência Judiciária, órfãos, interditos e ausentes e de Acidentes do Trabalho. Dos relatórios elaborados neste Centro é que extraímos material para coleta de dados e análise de documentos. Desta forma, esperamos contribuir para uma maior reflexão sobre o tema, que embora pouco explorado cientificamente, vem surgindo como nova demanda para o Juízo de Família, exigindo dos profissionais da área uma nova compreensão da realidade, além de uma atuação interdisciplinar.



A Psicologia como Máquina de Exclusão.

Édio Raniere da Silva

Vanessa Rodrigues dos Santos de Aguiar

Shirley Faria

Álvaro Luiz de Aguiar

Resumo:

O presente trabalho reúne estudos acerca da temática da Exclusão, com subtemas que abordam as implicações do fazer psicológico enquanto prática social nominadora. Do jogo de efeito que lista o normal e o patológico analisa-se o tipo de relação que se produz com os diferentes, capaz de constituir identidades desqualificadas em vez da reinserção dos sujeitos no tecido social. A seguir, a falsa dicotomia inclusão/exclusão se faz presente no debate sobre a negação da corporeidade e a produção de estigma em portadores de necessidades especiais com baixo desempenho cognitivo. Outro subtema analisa a atividade psicodiagnóstica no serviço público enquanto produção da vontade de saber do psicólogo, em relação à identidade do sujeito do diagnóstico, traçando um diagrama da naturalização da problemática existencial que é elevada à condição de patologia e buscando pensar outros modelos de intervenção que não os centrados exclusivamente em dispositivos farmacológicos. Diante desse quadro, o último subtema do simpósio prenuncia uma mudança: A monografia premiada sobre a singularidade da Psicologia Clínica traz à cena a sua dimensão política e ética, propondo revoluções moleculares através de micropolíticas e de um novo *ethos*: o cuidado. Os subtemas relacionados contribuem para a reflexão da Psicologia como ciência e profissão, pois permitem pensar criticamente os mecanismos de produção de saberes e os dispositivos *psi* que conduzem à exclusão, apontando para novas possibilidades de cuidar sem excluir, a partir do novo *ethos*. A discussão que se propõe é marginal, por isso, constituir este olhar psicológico também passa pela *des*constituição do seu estigma.

A produção de estigma pela negação do corpo, na educação de Portadores de necessidades especiais com baixo desempenho cognitivo.



Autora (Participante 2): Vanessa Rodrigues dos Santos de Aguiar

O presente diálogo é fruto do estudo da dimensão corporal ou da possibilidade de expressões sexuais em alunos de baixo desempenho cognitivo em instituições de educação especial. Apesar da pretensa educação integral e das falas sobre inclusão, no âmbito institucional, o que se pôde constatar foi a negação da corporeidade como dimensão própria do sujeito. Nessa perspectiva, qualquer inclusão parte do pressuposto da ausência do sujeito concreto, de seu corpo, de seus desejos e de suas possíveis representações da vida adulta. Em função do Q.I., adultos representavam-se como crianças, recebiam presentes no 12 de outubro e ficavam embargados no reconhecimento de si. Suas identidades foram mediatizadas por resultados estandarizados de testes psicológicos, sendo mantidos crianças em corpos de adultos.

Por uma Psicologia Clínica ética e política.

Autor (Participante 3): Édio Raniere da Silva (estudante de Psicologia)

O trabalho aqui proposto é a monografia premiada com o terceiro lugar no prêmio monográfico Hélio Peregrino – Psicologia Clínica: dimensões éticas e políticas – promovido pelo CFP – Conselho Federal de Psicologia. A Psicologia Clínica é encenada num palco despido de suas tendências patologizantes onde os atores, ao invés de serem meros reprodutores passivos de um roteiro, são criadores do seu próprio espetáculo. Propõe-se refletir sobre a singularidade da Psicologia Clínica dentro das práticas *psi*. Pois, afinal, o que define a psicologia clínica como psicologia clínica? O espaço físico onde alguns psicólogos trabalham – consultórios – o atendimento particular – regime de trabalho do profissional – ou talvez a oposição direta entre campos de conhecimento – clínica X demais práticas? Ao final, descartam-se todas essas possibilidades, para que se proponha a ética como parâmetro de entendimento deste lugar. Contudo, procura-se apontar a Psicologia Clínica como um espaço onde ocorram possíveis revoluções moleculares através de micropolíticas e de um novo *ethos*, o cuidado. Pois, se fazer clínica não é estar entre quatro paredes brancas promovendo a cura, entendemos que a função



desta seria, justamente, cuidar de pessoas, cuidar de problemas. E assim construir uma política de intervenção a partir deste *ethos* do cuidado. A construção de olhares desnaturalizantes sobre os sujeitos clinicados, a definição dos lugares de atuação, a ética, a política, e o corpo da psicologia clínica, constituem os eixos deste trabalho.

**O fazer psicológico e a desqualificação de sujeitos marginais:
o normal e o patológico.**

Autora (Participante 1): Shirley Faria

Partindo de um estudo realizado durante Pós-Graduação em Saúde Mental buscou-se analisar a relação do fazer psicológico em suas implicações com pacientes diferentes. Na entrevista realizada com profissionais psicólogos, pôde-se constatar o manejo moral no trato com os sujeitos, tornando-os ainda mais marginalizados. Neste sentido, em vez da reinserção dos sujeitos no tecido social, pôde-se perceber a construção de identidades calcadas na ótica naturalizante e categorizadora do serviço. Ficou evidente a aproximação desses sujeitos de tratamento com aquelas figuras relatadas na obra de Goffman, sobretudo no que tange à produção social do estigma. A estigmatização enquanto fenômeno da prática *psi*, ocorre nesse jogo de efeito que nomina o normal e o patológico a partir do olhar enunciador do psicólogo.



O diagnóstico psicológico no serviço público como produção da vontade de saber do Psicólogo e a perda da autonomia do sujeito do diagnóstico.

Autor (Coordenador e Participante 4): Álvaro Luiz de Aguiar

A presente reflexão parte da análise de processos diagnósticos no campo psicológico efetuados no espaço social dos serviços públicos e que como prática social, conduzem através da vontade de saber do psicólogo, a uma perda da autonomia e da identidade do sujeito do diagnóstico, que passa a ser informado a partir daí, tendo seu espaço existencial reduzido a sua suposta condição de doente. Buscou-se, na análise de diagnósticos psicológicos, traçar um diagrama da naturalização da problemática existencial, que é elevada à condição de patologia, impossibilitando intervenções mais relacionais, e não centradas exclusivamente em dispositivos farmacológicos. Aponta-se formas de oposição à essa vontade de saber do psicólogo, como meio de possibilitar novos modos de cuidar no espaço clínico público.



A Psicologia e a Invenção na Extensão Universitária

Roberta Carvalho Romagnoli¹
Rosana Figueiredo Vieira²
Sílvia Regina Eulálio de Souza³
Maria Luiza Marques Cardoso⁴

A PSICOLOGIA NO PROJETO CIDADANIA E DIREITO

Roberta C. Romagnoli⁵

Esse trabalho pretende relatar a experiência do estágio extracurricular no Projeto Cidadania e Direito, efetuado em parceria da PUC-Minas com a Prefeitura Municipal de Betim e inserido na linha de extensão Promoção à Saúde e à Qualidade de Vida. Esse Projeto foi elaborado por iniciativa da Procuradoria Geral de Betim e concretizou-se enquanto programa de governo na gestão do PT, no ano de 2000. Sua elaboração e implantação fundamentou-se no aumento constante dos litígios trazidos à tutela estadual. A proposta foi de prestação de serviço jurídico marcada pela descentralização dos atendimentos e informação da população, visando assim ao resgate da cidadania. O trabalho era realizado por estagiários de Direito e de Psicologia, trabalhando interdisciplinarmente, e sob supervisão semanal. Os locais de atendimento eram a Defensoria Pública e Regionais Administrativas. O público era composto da população carente que chegava a esses locais com o intuito de abrir processos jurídicos.

1. Psicóloga, Professora PUC-Minas – Núcleo Universitário Betim, Mestre em Psicologia Social pela UFMG, Doutoranda em Psicologia Clínica pela PUC-SP, Pesquisadora do NEPS da PUC-SP.
2. Psicóloga, Professora da PUC-Minas, Professora do UNICENTRO Newton Paiva, Mestre em Psicologia Social pela UFMG
3. Psicóloga, Professora da PUC-Minas, Mestre em Psicologia Social pela UFMG, Doutoranda em Psicologia Social pela PUC-SP, Pesquisadora do NEXIN da PUC-SP.
4. Advogada, aluna de psicologia da PUC-Minas, membro do Instituto Félix Guattari
5. Psicóloga, Professora do Departamento de Psicologia da PUC-Minas – Núcleo Universitário Betim, Mestre em Psicologia Social pela UFMG, Doutoranda em Psicologia Clínica pela PUC-SP, professora responsável pelo projeto.



A demanda era de que a Psicologia lançasse um olhar social na solução dos conflitos existentes, com o intuito de criar dispositivos que ampliassem o campo de possibilidades daquelas pessoas. Pesquisa exploratória, elaboração de um cadastro social quantitativo e qualitativo, análise da implicação da equipe de trabalho, encontros com o usuário e encaminhamentos para outros serviços foram utilizados no processo.

Utilizamos como referencial teórico, as idéias das idéias de Deleuze e Guattari, que entendem a subjetividade enquanto processo, composta também por uma realidade sensível. A subjetividade convida a agenciamentos, que operam engatando fluxos, caracterizando devires. O agenciamento ocorre no "entre", entre territórios existenciais e os mundos que nos rodeiam e são capazes de nos transformar. Com certeza, o homem e a realidade são produzidos e se produzem nas interfaces dos encontros efetuados e que estão sempre presentes na composição do ser e do estar humano.

A metodologia usada nesse trabalho teve como sustentáculo a invenção e a experimentação. Pontos que deram-se a partir da escuta e do estabelecimento de um lugar que acolhesse não só a angústia das subjetividades dos usuários, mas as nossas também e pudessem fazer dessa angústia algo produtivo e conectivo. Insistimos em um postura ética que não tem a ver com a escolha teórica ou com o campo de atuação do psicólogo, mas com sua postura perante a vida. Ética do homem que não teme a invenção da vida como critério de valor. Ética em defesa da construção de uma clínica ampla, que escape aos espaços de atuação dominantes e padronizados, pois clinicar é exercitar intensidades, sustentar as diferenças que não são em si desintegradoras, mas podem instaurar uma abertura que pode levar à criação de novos modos de existência, de novos tipos de sociedade.



A Psicologia na Instituição da Saúde Mental: A Interface entre Assistência e Pesquisa

Autor Mariangela Gentil Savoia¹

Instituição: Centro de Atenção Integrada à Saúde Mental da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo

A Psicologia Clínica no universo institucional leva o profissional a rever o seu papel enquanto membro de uma equipe multidisciplinar e as especificidades de intervenção que este espaço estabelece. A Instituição de Saúde Mental pressupõe uma atividade de atenção integrada, multidisciplinar

O Setor de Psicologia no CAISM atende os pacientes em Enfermaria, Hospital Dia e Ambulatório em uma proposta interdisciplinar denominada manejo de caso. As discussões periódicas com os profissionais da equipe fazem parte do programa terapêutico

Inicialmente é desenvolvido o processo de avaliação que compreende entrevistas de triagem, avaliação psicológica e avaliação neuropsicológica. O profissional deve estar atento aos problemas envolvidos na avaliação, na escolha ou adaptação dos instrumentos diagnósticos. Para tanto, utiliza-se de observação, entrevistas estruturadas ou não, inventários e testes. Posteriormente são encaminhados a intervenção que tem como objetivos: auxiliar o paciente a um enriquecimento de repertório, desenvolver habilidades para uma posterior reinserção social; desenvolver o funcionamento global; alteração do comportamento desadaptado; auxiliar na aderência a medicação; aceleração de obtenção da resposta terapêutica..

Dentro da proposta multidisciplinar são implantados programas terapêuticos em parceria com a equipe de enfermagem.

1. Dra. pelo Instituto de Psicologia da USP, Coordenadora do Setor de Psicologia do CAISM



Os pacientes podem ser atendidos individualmente ou em grupo, sendo que a terapia em grupo apresenta vantagens no universo institucional.

São desenvolvidas intervenções familiares da seguinte ordem :Psicoeducação, Aconselhamento familiar; Grupos de familiares; Terapia familiar

Os procedimentos de pesquisa buscam sempre integrar a investigação com o atendimento dentro de um modelo de pesquisa ação, como avaliação do processo terapêutico, avaliação de programas específicos, descrição de populações específicas, estudos de caso. A proposta é de aprimorar o trabalho e buscar novas formas de atenção ao paciente e divulga-las na comunidade científica.

ENFOQUE DA NEUROPSICOLOGIA NA INSTITUIÇÃO PSIQUIÁTRICA

Gislaine Gil

Neuropsicóloga, responsável pelo Núcleo de Neuropsicologia e Reabilitação Neuropsicológica do Centro de Atenção Integrada à Saúde Mental da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo.

RESUMO

As doenças neurológicas e psiquiátricas vem sendo cientificamente exploradas. Os resultados obtidos vem apontando o indissociável vínculo entre o físico e o mental; colocando a necessidade de uma abordagem integrativa e colaborativa no diagnóstico e tratamento de desordens que de alguma forma afetam a cognição, as emoções e o comportamento das pessoas atingidas. A partir da constatação das relações entre aspectos neuroanatomofuncionais e comportamental, torna-se imprescindível uma investigação pormenorizada destas pessoas que tem suas enfermidades situadas na interface neurologia-psiquiatria. Para tanto, a avaliação neuropsicológica se presta largamente na Instituição Psiquiátrica como um instrumento de auxílio diagnóstico provendo informações a respeito da eficiência cognitiva e adaptação afetivo-emocional,. Serve também como um importante orientador para o estabelecimento do tratamento e averiguador da terapeutica empregada.

A proposta assistencial, especificamente do Núcleo de Neuropsicologia do Centro de Atenção Integrada à Saúde Mental da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, é oferecer os seguintes serviços:



Avaliação Neuropsicológica como auxílio no diagnóstico (em enfermaria ou ambulatório): utiliza-se de baterias de testes elaboradas para cada grupo de patologias, abordando as diferentes esferas da cognição, entre as quais: atenção; funções motoras; percepção e síntese visual; habilidades práxicas, ideatórias e ideomotoras; memória imediata, à médio e longo praxo (visual e verbal); processo de aprendizagem de novas informações de cunho verbal e visual; flexibilidade mental, eficiência intelectual e avaliação de personalidade e seus traços, manejos e adaptação.

Avaliação Neuropsicológica visando a reabilitação neuropsicológica (em hospital dia): utiliza-se de bateria de testes específicos avaliando as diferentes esferas da cognição visando o estabelecimento das forças e fraquezas para planejamento sistemático de um programa terapêutico. O programa consta: Treino Cognitivo (em grupo): utiliza-se de exercícios e técnicas específicas (com material gráfico, audio-visual e computador). Propõe a melhoria do desempenho cognitivo com o treino das funções defasadas, otimização das capacidades preservadas e criação de novas estratégias compensatórias para melhor adaptação. Terapia Ocupacional (em grupo): utiliza-se de atividades expressivas, artesanais e de organização de rotina, abordando simultaneamente as funções cognitivas trabalhadas durante o treino cognitivo. Caracteriza-se como um espaço potencializador da generalização do treino cognitivo para sua aplicação efetiva nas atividades de vida diária. Promove auxílio para maior independência e autonomia além de melhor adequação social e exercício da coletividade. Orientação Familiar (em grupo): a partir de uma proposta psicoeducacional fornece orientação para familiares e/ou cuidadores à respeito da patologia, sintomas e possíveis sequelas, bem como instrumentaliza-os para maior efetividade dos cuidados. Além disso promove diminuição da ansiedade e da irritação no contato com o paciente, melhorando a qualidade de vida de ambos. Suporte Terapêutico (individual ou em grupo): fornece um espaço terapêutico para tratar de questões de ordem afetivo-emocional relacionadas com a condição patológica e suas sequelas. Também tem a função de aumentar a percepção e compreensão de sua nova condição, desenvolvendo maior crítica das suas atuais limitações. Tem papel fundamental em maior aderência e efetividade ao tratamento tanto cognitivo como medicamentoso.



Dependência Química: Grupos de Prevenção da Recaída

Viviane de Castro

Santa Casa de Misericórdia de São Paulo

A dependência às substâncias psicoativas é um transtorno psiquiátrico mundialmente conhecido dentro da saúde mental. O tratamento deve visar o seu controle. As taxas de recaídas entre dependentes químicos são altas, especialmente entre indivíduos que saem da internação hospitalar. O programa de prevenção da recaída tem como finalidade fazer com que o indivíduo desenvolva a capacidade de evitar comportamentos associados ao uso destas substâncias, saiba agir frente a possíveis fontes de estresse, aumente a auto-estima e promova uma mudança significativa no seu estilo de vida. A recaída é determinada pelo retorno ao uso de drogas após um período em abstinência, ou seja, o indivíduo deve ter iniciado uma mudança no seu estilo de vida. De maneira geral, a recaída é o conjunto de sucessivos acontecimentos, atitudes, comportamentos e sentimentos que se iniciam antes do sujeito efetivamente retomar o uso da droga. Na maior parte dos casos o processo da recaída se apresenta em decorrência de uma vivência ou mudança significativa, podendo a mesma ser tanto positiva quanto negativa. O sujeito opta por não procurar a ajuda de grupos terapêuticos ou de auto-ajuda e acaba desenvolvendo novos problemas que são ignorados. Nesse momento, o sujeito percebe que a situação esta fora de seu controle e se sente incapaz de fazer qualquer coisa para reverter à situação. As fissuras tornam-se cada vez mais intensas, o indivíduo se coloca em situações de risco, buscando maneiras de obter a droga e logo retoma o comportamento adicto, finalizando o ciclo de eventos que caracterizam a recaída completa. Nas últimas décadas, muitas pesquisas têm sido desenvolvidas com o intuito de adaptar a psicoterapia de grupo, para atender às necessidades específicas dos indivíduos dependentes. Esta modalidade terapêutica tem sido bastante utilizada, e seus resultados sugerem que este é um dos principais alicerces para o tratamento destes sujeitos. Estudos realizados nos últimos 20 anos sugerem que o papel do trabalho realizado em grupo é fundamental no tratamento dos dependentes de substâncias psicoativas. Os indivíduos orientados quanto às situações de risco nas quais podem estar expostas às substâncias psicoativas e aos facilitadores para o uso conseguem se manter por um tempo maior em abstinência e conseqüentemente maior qualidade de vida. O trabalho descrito acima é realizado com pacientes que procurarem tratamento para álcool e drogas no Núcleo de Álcool e Drogas do Centro de Atenção Integrado a Saúde Mental (CAISM) da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo.



A Representação Social da Psicologia a partir do Cinema Contemporâneo

Luciana Fabricio dos Santos
Alberto Luiz de Oliveira
Rafael Ramil Zafonato
Leila Lopes da Silva

O assunto discutido refere-se à imagem do psicanalista potencializada e até mesmo criada pelo cinema contemporâneo, no mundo ocidental. O objetivo é estabelecer a Representação Social deste profissional, a partir do cinema.

Foram selecionados dezesseis filmes que definem a ação do psicanalista e as exigências delas decorrentes, fornecendo uma imagem concreta deste profissional.

O cinema quando expõe a figura de um psicanalista, o público passa a representar a partir desta imagem, que em grande parte é uma distorção da postura e da prática do profissional da Psicanálise.

Estaremos mostrando as várias faces destas imagens construídas e as conseqüências que daí se originaram, comprometendo sua função social perante a massa espectralora.

O significado dado pelo cinema aos objetos sociais, é valorizado pela massa, que transpõe o conteúdo cinematográfico como oportunidade de manipulação do mundo real, potencializando uma "concretização" de um poder dado a este objeto social. Porém não se encaixando na realidade e trazendo o que é implícito a fazer parte de um imaginário comum, construindo uma representação de um objeto, penetrando no cotidiano dos grupos.

Partimos de observações críticas que nos permitiram definir quem é o psicanalista concretizado por este meio de comunicação de massa.

Enfim, estas questões nos fizeram refletir sobre a potencialização deste objeto social, que neste estudo, discute a imagem de psicanalista transmitida pelo cinema.

Contamos para esta pesquisa, com o apoio do teórico francês Serge Moscovici, que foi o primeiro a apresentar o conceito de Representação Social, em 1961, com a publicação de "La psychanalyse - Son image et son public".



A Rua como Contexto de Desenvolvimento Infanto-Juvenil: Contribuições para a Pesquisa e Intervenção

Resumo

O desenvolvimento da infância e da adolescência no contexto de rua tem se tornado cada vez mais freqüente no Brasil. Paralelamente, tem crescido o número de pesquisas na área de psicologia sobre crianças e adolescentes em situação de rua em proporções semelhantes ao aumento do interesse de profissionais em elaborar e implementar intervenções que venham a melhorar a qualidade de vida desta população. Neste contexto, surge a necessidade de se discutir critérios para melhor caracterizá-la. São apresentados cinco aspectos principais a serem considerados: 1) vinculação familiar; 2) atividades desenvolvidas nas ruas; 3) local de permanência; 4) aparência pessoal; e 5) ausência de um adulto responsável junto às crianças e adolescentes. No exame de cada um destes fatores, surgem dilemas com os quais o profissional irá se deparar como, por exemplo, a análise da vinculação familiar descrita entre dois pólos dicotômicos – criança *de* rua e criança *na* rua – ou variando ao longo de um contínuo; e a complexa diferenciação entre uma criança pobre na rua e uma criança em situação de rua. Ao se pesquisar esta população, deve-se considerar a importância da contextualização da infância e da adolescência como fases de desenvolvimento presentes na história, com imagens e representações próprias. É necessário que os estudos voltados para esta população suplantem os dados obtidos apenas através de levantamentos estatísticos e contagens. Faz-se necessário que este pesquisador vá em busca de informações fornecidas pelo próprio sujeito em desenvolvimento, considerando o contexto no qual ele está inserido, valorizando a sua fala e indo além dela. Torna-se imprescindível a elaboração de diferentes métodos de pesquisa, incluindo aqueles que possibilitem a investigação através da linguagem não-verbal, como o desenho e a fotografia. Esta multiplicidade metodológica permite a investigação dos mais diversos aspectos do desenvolvimento humano. Um deles é a brincadeira, atividade encontrada em praticamente todo o período da infância e adolescência. O fenômeno da brincadeira infantil é um dos grandes responsáveis para a aquisição de um repertório de habilidades motoras, cognitivas e sociais indispensáveis para a sobrevivência humana, principalmente no contexto da rua. Ao contrário do que muitos autores afirmam, o brincar na rua não deve ser entendido como privação cultural, pois não implica em inferioridade, mas sim em diversidade de manifestações. Isto indica que o desenvolvimento social e cognitivo de crianças em situação de rua não é superior ou inferior ao das crianças educadas em ambientes urbanos. Além da pesquisa, é de grande relevância analisar as principais formas de intervenção utilizadas com crianças e adolescentes em situação de rua e a sua relação com os diferentes tipos de instituições. Nesta análise, destacam-se três tipos de intervenções: A correlacional ou institucionalizadora que descreve as crianças como delinquentes ou desajustados que devem ser afastadas do convívio social através da institucionalização; A segunda visa à reabilitação e, apesar de compartilhar a concepção de criança enquanto portadora de deficiências ou patologias, promove o seu ingresso em programas ou instituições abertas. Na terceira, a criança é concebida enquanto fruto das deficiências sociais, devendo ser abordada em seu ambiente cotidiano.



As Principais Formas de Intervenção Utilizadas com Crianças e Adolescentes em Situação de Rua *Juliana Prates Santana*

O presente trabalho objetivou discutir as principais formas de intervenção utilizadas com crianças e adolescentes em situação de rua. Estas intervenções são permeadas pelas ideologias que enfocam as deficiências estruturais e sociais ou priorizam as patologias e deficiências pessoais. Para o presente trabalho, foram analisadas três formas possíveis de intervenção. A primeira é denominada de correlacional ou institucionalizadora e embasa-se na concepção de criança e adolescente em situação de rua enquanto delinqüentes ou desajustados devendo, por isto, ser afastados do convívio social através da institucionalização. A segunda forma de intervenção visa à reabilitação e, apesar de compartilhar a concepção de criança enquanto portadora de deficiências ou patologias, promove o ingresso das crianças e dos adolescentes em programas ou instituições abertas. A terceira abordagem trata, por sua vez, da educação de rua como proposta por Paulo Freire, em que a criança é concebida enquanto fruto das deficiências sociais, devendo ser abordada em seu ambiente cotidiano. A criação de instituições e programas específicos para estas crianças e adolescentes pode ser considerada uma prática que reforça a estigmatização e os preconceitos contra esta população. Esta é mais uma das questões contraditórias quando se refere, em geral, às populações excluídas. A dúvida oscila entre a continuação de um estigma e de uma exclusão que se pretende solucionar, e a forma como se pode alcançar esta solução. As instituições encontram-se, juntamente com seus funcionários, mesmo sem consciência disso, em um dilema ético e político, uma vez que possuem como objetivo a finalização de um processo de exclusão, sendo, contudo, mais um dos instrumentos capaz de excluir. Trata-se de um problema extremamente relevante, pois afeta todo o funcionamento da instituição ou programa, a relação que se estabelece entre funcionários e as crianças e os adolescentes, assim como a efetividade global desta instituição. Como se dá a prática de uma instituição ou programa cujo melhor resultado seria a sua própria extinção? Os funcionários destes locais estão preparados para reconhecer o papel de colaboradores que desempenham no processo que se tenta arduamente finalizar? Estas são questões de extrema importância, pois são relevantes pontos de reflexão para todos aqueles que lidam com crianças e adolescentes em situação de rua.

AUTORES: Juliana Prates Santana, Thaís Mesquita Doninelli, Raquel Valiente Frosi & Sílvia Helena Koller.



Arte na Ação e Formação de Psicólogos: Teatro, Dança e Poesia

Silvia Balestreri Nunes - UFRJ

Maria Evangelina Piragino - Universidade Castelo Branco, SP

Viviane de Souza Mosé - Universidade Salgado de Oliveira, RJ

RESUMO:

Relatos de práticas e pesquisas. O que a experiência artística tem a ensinar para os ofícios dos psicólogos? Que encontros se podem promover entre estas duas áreas do fazer e do pensar (a arte e a psicologia)? Reunimos nesta mesa alguns psicólogos-artistas que, ao invés de viverem de maneira estanque em cada um desses universos, entrecruzam-nos a todo instante, produzindo práticas singulares que têm engendrado pesquisas na interseção entre a arte e o campo psi. Discutiremos as ressonâncias dessas produções para a formação em psicologia.

Qualquer pessoa pode fazer teatro? Do compacto ao poroso: experimentações

Silvia Balestreri Nunes - Instituto de Psicologia, UFRJ

O diretor de teatro Augusto Boal criou o teatro do oprimido, com o qual defende, na prática, a posição de que “qualquer pessoa pode fazer teatro”. A autora parte de sua experiência com essas técnicas teatrais para propor outros tipos de experimentação a quem deseja utilizar o teatro como forma de manifestação artística. Pretende criar “porosidades” naquilo que considera uma realidade compacta do teatro do oprimido. Em seu projeto de tese de doutorado, ora em andamento, busca conexões com experiências e reflexões do teatro contemporâneo e das filosofias da diferença, para pensar o que é e o que pode ser o fazer teatral. No presente trabalho, lança mão de reflexões do filósofo Gilles Deleuze sobre o teatro do italiano Carmelo Bene, para propor algumas experimentações a partir da experiência do teatro do oprimido. Tal tentativa traz contribuições para sua prática de desenvolvimento de técnicas teatrais com estudantes de psicologia.



Atuação Clínica com Idosos

Elza Lauretti Guarido

Maria Virgínia de Andrade Souza Coelho

Sofia Helena Porto Di Nucci

Walderez Bueno de Barros Fontes Bittencourt

Tem sido extensamente divulgado o aumento do número de idosos no país e a perspectiva de sua participação crescente na distribuição etária da população. Este novo contingente de pessoas apresenta necessidades características do ponto de vista da prevenção e do cuidado em saúde mental, o que exige do profissional de psicologia respostas inovadoras, produzidas de acordo com esta nova configuração.

São apresentadas aqui algumas possibilidades de atuação clínica, seja desenhadas especificamente para o trabalho com idosos, seja utilizando técnicas clínicas usuais.

AValiação Neuropsicológica e Estimulação Cognitiva: o objeto desta atuação é a área cognitiva, na qual as queixas são freqüentes. A avaliação neuropsicológica é instrumento importante para o diagnóstico diferencial nas fases iniciais das demências e para orientar a reabilitação. A estimulação cognitiva tem caráter preventivo e restaurador para perdas leves, devendo ser acompanhada de cuidado aos aspectos emocionais que interagem com o desempenho cognitivo. Sua eficácia tem sido comprovada em pesquisas. Descreve-se o trabalho realizado na ACADEMIA DA MEMÓRIA com grupos de idosos, em encontros semanais, nos quais se realizam exercícios para estimulação das diversas funções cognitivas e se discutem temas relacionados ao envelhecimento e ao desempenho.

PSICOTERAPIA: a atuação psicoterápica com idosos adota procedimentos semelhantes aos utilizados com adultos mais jovens. Adaptações técnicas e conceituais são necessárias para adequar o trabalho às peculiaridades desta população. O terapeuta deve ter familiaridade com tais características e domínio de conhecimentos sobre Gerontologia e, em especial, Psicologia do Envelhecimento. Uma particularidade que pode ser apontada diz respeito aos temas relacionados às crises psicossociais típicas do envelhecimento e à fragilidade física do idoso. Psicoterapia individual e de grupo tem sido utilizadas com bons resultados. Descreve-se o trabalho realizado em uma Clínica-Escola de Psicologia, apontando as queixas mais freqüentemente apresentadas.

ATENÇÃO A FAMÍLIAS: questões relacionais e transgeracionais se entrecruzam no paciente idoso identificado, ativando reações comportamentais distintas entre seus membros. O trabalho terapêutico com o grupo familiar possibilita definir o lugar de cada personagem, a partir da história de vida, e a reconstrução de sentimentos ligados a lembranças significantes. Essa perspectiva sempre presente na visão do terapeuta, possibilita o atendimento de idosos e seu grupo familiar em instituições, como o CEAF (Centro de Estudos e Atenção a Famílias), em consultórios privados, quer tenham sido encaminhados com o objetivo de terapia familiar, quer a partir de uma solicitação individual. Apresentam-se algumas considerações clínicas e teóricas sobre o trabalho realizado.



Atuação Clínica com Idosos

Elza Lauretti Guarido

Maria Virgínia de Andrade Souza Coelho

Sofia Helena Porto Di Nucci

Walderez Bueno de Barros Fontes Bittencourt

Tem sido extensamente divulgado o aumento do número de idosos no país e a perspectiva de sua participação crescente na distribuição etária da população. Este novo contingente de pessoas apresenta necessidades características do ponto de vista da prevenção e do cuidado em saúde mental, o que exige do profissional de psicologia respostas inovadoras, produzidas de acordo com esta nova configuração.

São apresentadas aqui algumas possibilidades de atuação clínica, seja desenhadas especificamente para o trabalho com idosos, seja utilizando técnicas clínicas usuais.

AValiação Neuropsicológica e Estimulação Cognitiva: o objeto desta atuação é a área cognitiva, na qual as queixas são freqüentes. A avaliação neuropsicológica é instrumento importante para o diagnóstico diferencial nas fases iniciais das demências e para orientar a reabilitação. A estimulação cognitiva tem caráter preventivo e restaurador para perdas leves, devendo ser acompanhada de cuidado aos aspectos emocionais que interagem com o desempenho cognitivo. Sua eficácia tem sido comprovada em pesquisas. Descreve-se o trabalho realizado na ACADEMIA DA MEMÓRIA com grupos de idosos, em encontros semanais, nos quais se realizam exercícios para estimulação das diversas funções cognitivas e se discutem temas relacionados ao envelhecimento e ao desempenho.

PSICOTERAPIA: a atuação psicoterápica com idosos adota procedimentos semelhantes aos utilizados com adultos mais jovens. Adaptações técnicas e conceituais são necessárias para adequar o trabalho às peculiaridades desta população. O terapeuta deve ter familiaridade com tais características e domínio de conhecimentos sobre Gerontologia e, em especial, Psicologia do Envelhecimento. Uma particularidade que pode ser apontada diz respeito aos temas relacionados às crises psicossociais típicas do envelhecimento e à fragilidade física do idoso. Psicoterapia individual e de grupo tem sido utilizadas com bons resultados. Descreve-se o trabalho realizado em uma Clínica-Escola de Psicologia, apontando as queixas mais freqüentemente apresentadas.

ATENÇÃO A FAMÍLIAS: questões relacionais e transgeracionais se entrecruzam no paciente idoso identificado, ativando reações comportamentais distintas entre seus membros. O trabalho terapêutico com o grupo familiar possibilita definir o lugar de cada personagem, a partir da história de vida, e a reconstrução de sentimentos ligados a lembranças significantes. Essa perspectiva sempre presente na visão do terapeuta, possibilita o atendimento de idosos e seu grupo familiar em instituições, como o CEAF (Centro de Estudos e Atenção a Famílias), em consultórios privados, quer tenham sido encaminhados com o objetivo de terapia familiar, quer a partir de uma solicitação individual. Apresentam-se algumas considerações clínicas e teóricas sobre o trabalho realizado.



Avaliação Psicológica e seus Instrumentos: Pesquisas Recentes

Avaliação da inteligência infantil: Proposta de instrumento para o Modelo das Inteligências Fluida (Gf) e Cristalizada (Gc).

Schelini, P.W.

Agência financiadora: FAPESP

Considerando o despertar da necessidade de estudos sobre as técnicas de Avaliação Psicológica e a importância da continuidade de pesquisas que visem o desenvolvimento de instrumentos padronizados para a compreensão da inteligência infantil, este estudo objetivou: (1) elaborar um conjunto de testes (Bateria Multidimensional de Inteligência Infantil) para avaliar a inteligência de crianças de 7 a 12 anos, por meio das seguintes capacidades gerais incluídas no Modelo Cattell-Horn-Carroll: Inteligência Cristalizada (*Gc*), Inteligência Fluida (*Gf*), Velocidade de Processamento Cognitivo (*Gs*), Memória a Curto Prazo (*Gsm*), Armazenamento e Recuperação Associativa a Longo Prazo (*Glr*) e Conhecimento Quantitativo (*Gq*); (2) verificar as evidências da validade de constructo da Bateria e (3) verificar a precisão dos instrumentos. A Bateria Multidimensional de Inteligência Infantil foi composta por nove testes: Informação Geral, Memória Associativa, Indução, Memória para Nomes, Desempenho em Matemática, Vocabulário Geral, Velocidade de Percepção, Vocabulário Ilustrado e Rapidez de Resposta. Estes testes foram apresentados a duas amostras de participantes. A primeira amostra foi formada por 240 crianças, com idade variando entre sete e 12 anos de idade. Constituída para que novos itens fossem testados, a segunda amostra de participantes foi formada por outras 206 crianças de sete a 12 anos de idade. Os resultados demonstraram que: (1) a idade dos participantes teve uma influência altamente significativa sobre o desempenho de todos os testes elaborados, o mesmo não ocorrendo em relação à variável “sexo”; (2) a Bateria Multidimensional de Inteligência Infantil mostrou-se capaz de avaliar fundamentalmente as capacidades gerais de Inteligência Cristalizada (*Gc*) e Velocidade de Processamento Cognitivo (*Gs*); (3) em relação à precisão, foram encontrados coeficientes elevados nos testes Informação Geral, Indução, Desempenho em Matemática, Vocabulário Geral e Vocabulário Ilustrado, sendo que nos testes Memória Associativa e Memória para Nomes os coeficientes tenderam a ser mais baixos, porém aceitáveis. A avaliação qualitativa dos itens, bem como a análise de seus índices de dificuldade e de poder discriminativo, permitiu a seleção do conjunto mais adequado de questões para compor a proposta final de configuração de cada teste elaborado. O Modelo de Cattell-Horn-Carroll, utilizado na fundamentação teórica dos testes elaborados, poderia originar pesquisas sobre as capacidades gerais, que não foram enfatizadas no presente estudo (Processamento Visual, Processamento Auditivo, Velocidade de Decisão e Leitura-Escrita). Desta forma seria possível estabelecer, por exemplo, um novo parâmetro nas formas de avaliação intelectual a serem utilizadas neste século que se inicia.



Problemas Graves e Frequentes no Uso dos Testes Psicológicos

Ana Paula Porto Noronha

Considerando a importância da Avaliação Psicológica na atuação profissional do psicólogo e a necessidade de que estudos e pesquisas sejam realizados na área, a fim de se aprimorar a prática e os instrumentos de medida, este trabalho objetivou: identificar os problemas mais graves e mais frequentes no uso dos testes psicológicos, segundo a concepção de psicólogos. Participaram como sujeitos da pesquisa 214 psicólogos inscritos no CRP / 6ª Região e o material utilizado foi um questionário enviado pelo correio, contendo questões abertas e fechadas sobre dados de identificação, atuação profissional, e descrição dos problemas graves e frequentes no uso dos testes psicológicos. Os resultados revelaram que: 1) segundo os psicólogos, os problemas mais graves no uso dos testes psicológicos são os relativos aos próprios instrumentos (respostas relativas aos problemas específicos dos instrumentos de avaliação, relacionados à construção deles, às suas características psicométricas, revisões, normas ou qualquer outro problema desta natureza) e ao seu uso (respostas que expressavam comentários à adequação ou inadequação de instrumentos de avaliação, tanto no que se refere à aplicação, avaliação ou interpretação dos resultados); 2) os problemas mais frequentes no uso dos testes psicológicos, segundo os sujeitos, são os relativos ao instrumento e à formação dos psicólogos (tanto a básica, quanto à pós-graduação, tais como os relacionados às Instituições de Formação, aos órgãos de classe, aos docentes e aos próprios psicólogos). Vale destacar que, embora as respostas dos sujeitos tenham sido divididas em categorias, a fim de se compreender melhor os dados encontrados, na verdade, todos eles têm em comum a ampla questão da formação profissional do psicólogo. Ainda é a formação que dirige a ação do psicólogo e, para que se obtenha uma ação com um mínimo de problemas graves e frequentes, deve-se investir na preparação do profissional. Concluiu-se que é necessário o estabelecimento de parâmetros específicos para a formação e atuação na área de forma que haja uma divulgação satisfatória da Ciência Psicológica.



Indicadores da Produção Científica Brasileira em Avaliação Psicológica de 1930 a 1999

João Carlos Alchieri

RESUMO

A utilização de instrumentos de avaliação na investigação psicológica é uma prática muitas vezes necessária quer seja ela realizada com o objetivo clínico, seletivo ou mesmo em pesquisas. No Brasil os primeiros trabalhos apresentados e/ou publicados que se voltavam a utilização destes instrumentos para a avaliação psicológica remontam ao início do século XX, mais precisamente em 1918. O presente trabalho tem como objetivo documentar e resgatar a produção científica brasileira em periódicos nacionais na área de psicologia, especialmente construção, adaptação e estudos dos instrumentos utilizados em avaliação psicológica. Desenvolveu-se uma extensa identificação e resgate da produção psicológica brasileira em avaliação psicológica, publicada em periódicos nacionais, que subsidiará uma base informatizada de dados do tema, acrescentando ainda a produção nacional em livros, anais de congressos, dissertações e teses. Os dados têm um caráter censitário abrangendo até o momento aproximadamente, 1294 artigos em 137 títulos de periódicos brasileiros, identificados a partir da primeira década de século XX em diversas publicações científicas de diferentes especialidades. A metodologia utilizada para o levantamento consistiu na consulta sobre avaliação psicológica em bases de dados na Internet, nas áreas de psicologia, através do Psyclit (American Psychological Association), de medicina pela Bireme e Medline, da área de educação pelo Lilacs. A temática do total de artigos recai sobre a construção de instrumentos psicológicos (escalas, questionários e testes), apresentação de estudos de casos, pesquisas e diversas resenhas de trabalhos sobre o tema. Destes, 572 (44,20%) artigos versavam sobre avaliação da personalidade onde se pode verificar a utilização de instrumentos em psicodiagnóstico (infantil, adolescente e adultos) avaliação de aspectos psicopatológicos ou de pesquisa em aspectos de personalidade. Na área de aprendizagem e avaliação intelectual 151 artigos foram identificados, um percentual de 11,6% sobre o total de artigos. Dentre os diversos instrumentos referidos nos artigos, as Matrizes Progressivas de Raven nas escala Geral, Avançada e Especial com (12,5%) seguidas pelas escalas Weschler, (WISC e WAIS) responsáveis por (11,9%) das citações e do INV (6,6%). A área de aptidão que englobou os artigos sobre exame de habilidades diversas como memória, destreza, atenção, percepção nas diferentes situações como seleções e orientação vocacional, contou com um total de 128 artigos (9,89%). Uma vez identificados os artigos foram relacionados por instrumentos em um período de seis décadas de 1930 a 1999 e os dados permitiram observar a distribuição do número de artigos por instrumentos neste período. Identificando e caracterizando as palavras-chaves presentes nos artigos obteve-se também uma avaliação estratificada quanto as áreas temáticas de interesse que conduziram as pesquisas e aos estudos quanto a representação dos conteúdos nos artigos. Verificou-se a tendência representada por seis décadas da avaliação psicológica no Brasil e os instrumentos mais citados em trabalhos científicos. Este trabalho, parte integrante de um processo de identificação da produção psicológica brasileira em avaliação psicológica, segue agora para a



inclusão de livros, trabalhos apresentados em congressos, dissertações e teses, compondo assim uma base informatizada de dados da área.

Estudo Inicial de um instrumento informatizado para avaliação de raciocínio e memória em crianças.

Marco Antonio dos Santos

Resumo

Este estudo investiga a precisão e validade de um teste informatizado avaliando três habilidades cognitivas Raciocínio Indutivo(RI), Memória a Curto Prazo Auditiva (MAA) e Visual (MAV) usando o modelo de Cattell-Horn-Carroll comparando o desempenho no teste com a avaliação de dificuldades escolares feitas pelas professoras. O teste foi aplicado em 70 estudantes do ensino fundamental da rede municipal de 2^a à 4^a séries em idades entre 07 e 12 anos, sendo 52,9% do sexo masculino.. Para análise das dificuldades escolares usou-se o questionário escolar B, Lefevre (1989) respondido pelas professoras. O instrumento apresentou evidências de precisão por consistência interna com alfa de 0,81 (RI), 0,93 (MAA) e 0,81 (MAV). Comparando os resultados do instrumento com avaliação externa independente de dificuldades escolares feitas pelas professoras verificou-se que a maior parte das medidas cognitivas obtidas na avaliação informatizada se correlacionam significativamente (magnitudes variando de 0,29 a 0,51) com dificuldades escolares ligadas ao aspecto motor à hiperatividade, escrita, leitura e cálculo.



Condições de Trabalho, Prazer e Sofrimento do Trabalhador: Pesquisa e Intervenção na Abordagem Psicodinâmica

Coordenadora: Lêda Gonçalves de Freitas

Janice Aparecida de Souza Pereira, Sonia Resende, Ana Magnólia Mendes, e Mário César Ferreira (Universidade de Brasília, Brasília, DF).

Sandra Regina Ayres Rocha, Ângela Pfitscher, Denise Rasia, Mário César Ferreira, Ana Magnólia Mendes, (Universidade de Brasília, Brasília, DF.)

Carla Sabrina Antloga, Ana Magnólia Mendes (Universidade de Brasília, Brasília, DF)

RESUMO DA MESA:

A situação do trabalhador no atual contexto político, social e econômico, sobretudo nas organizações em que trabalha, é marcada, por um aumento da carga de trabalho, conduzindo-o a vivências psíquicas prejudiciais a sua saúde. Sendo assim, a nossa proposta é a de discutir os efeitos da organização do trabalho na saúde psíquica do trabalhador utilizando-se das concepções teóricas da Abordagem Ergonômica do Trabalho (AET), de matriz francofônica e da Psicodinâmica do Trabalho. Na AET, destaca-se as condições de trabalho as quais o trabalhador é submetido, dificultando muitas vezes, a construção de resistência às pressões da organização de trabalho. Na Abordagem Psicodinâmica observa-se que, mesmo com as pressões psíquicas do trabalho, o sujeito-trabalhador consegue construir as suas próprias estratégias defensivas, ou seja, mesmo submetido ao sofrimento, o trabalhador pode transformar o sofrimento patogênico, as pressões do trabalho, em sofrimento criativo e com isso, beneficiar a sua identidade e aumentar a resistência ao risco de desestabilização psíquica e somática. Considerando as contribuições de cada uma das abordagens, identifica-se a necessidade de intervenções de ordens práticas (máquinas e ambiente de trabalho) e de ordem estrutural envolvendo políticas de gestão de pessoas (jornada de trabalho, enriquecimento de cargos, programas de formação e escolaridade básica, rodízio de funções). O Psicólogo neste contexto, por meio de estudo original harmonizando duas abordagens teóricas distintas, exerce seu papel de intermediação entre a organização e o trabalhador em prol de interesses mútuos e relação saudável na busca da saúde psíquica no trabalho.



Fala do participante: *Janice Aparecida de Souza*

Pereira**, Sonia Resende **, Ana Magnólia Mendes, Mario César Ferreira (Universidade de Brasília, Brasília, DF).

PEIXINHOS NA PIRACEMA: A ATIVIDADE DE ARRUMAR BISCOITOS PULULANTES EM UMA ESTEIRA DE PRODUÇÃO.

Estudo, de caráter exploratório, visou investigar a discrepância entre o trabalho prescrito e o trabalho real dos trabalhadores de indústria de alimentos e, em consequência, as estratégias de regulação construídas, para alcance dos objetivos organizacionais, à luz das concepções teóricas da AET - Abordagem ergonômica do trabalho – e da Psicodinâmica do Trabalho. O enfoque foi direcionado a uma linha de produção de biscoitos e definido a partir da demanda da Organização. Foi escolhido, para estudo, o cargo de Auxiliar de Produção nas funções, Eixeiro e Canaleteiro, ambos da área de Empacotamento desta empresa. O quadro teórico de referência adotado para abordagem ergonômica do trabalho articula as dimensões analíticas *tarefa, atividade* (central em ergonomia francôfônica), *aspectos cognitivos* (representações para a ação) e a *complexidade da tarefa*. Dentro da concepção da Psicodinâmica procurou-se evidenciar, com a aplicação (n=30) da Escala de Indicadores de Prazer-sofrimento no Trabalho, *likert* de 5 pontos com 30 itens, e entrevista coletiva semi estruturada com grupo de 05 Auxiliares de produção, a organização do trabalho, relações com colegas e chefias e aprofundar a análise das vivências de prazer-sofrimento. A escala foi analisada por meio de estatísticas descritivas no SPSS – *Statistical Package for Social Science* e a entrevista submetida à análise de conteúdo. Os fatores definidos na escala para a mensuração do prazer são Gratificação (sentimento de satisfação, realização, orgulho e identificação com um trabalho que atende às aspirações profissionais) e Liberdade (sentimento de estar livre para pensar, organizar e falar sobre o trabalho, considerando um modo particular de trabalhar reconhecido pela chefia e colegas) e para o sofrimento, os fatores Insegurança (receio de perder o emprego por não conseguir atender às expectativas relacionadas à competência profissional, exigências de produtividade e pressões do trabalho) e Desgaste (Sentimento de que o trabalho causa estresse, sobrecarga, tensão emocional, cansaço, ansiedade, desânimo e frustração). O custo humano identificado na Análise Ergonômica do trabalho e com os dados da escala se apresenta dividido em três tipos: custos cognitivos, custos físicos e significativa demanda psíquica – alto desgaste, a percepção do trabalho fragmentado, destituído de finalidade e sem perspectivas de crescimento. As análises realizadas pelos pesquisadores sobre a natureza ergonômica do trabalho e sobre as vivências de prazer e sofrimento destes trabalhadores permitiram visibilidade para intervenções de ordens práticas (máquinas e ambiente de trabalho) e de ordem estrutural envolvendo políticas de gestão de pessoas (jornada de trabalho, enriquecimento de cargos, programas de formação e escolaridade básica, rodízio de funções). Apesar da aparente simplicidade das funções no processo, podemos considerar que as atividades impõem ao trabalhador desenvolver mecanismos de regulação para alcance dos objetivos organizacionais. O Psicólogo neste contexto, por meio de estudo original harmonizando duas



abordagens teóricas distintas, exerce seu papel de intermediação entre a organização e o trabalhador em prol de interesses mútuos e relação saudável.

Fala do participante: Carla Sabrina Antloga

Ana Magnólia Mendes

(Universidade de Brasília, Brasília, DF)

BLOQUEIOS NA RELAÇÃO ORGANIZAÇÃO-INDIVÍDUO E SOFRIMENTO DOS TRABALHADORES: ESTUDO DE CASO EM UMA EMPRESA DE MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO DO DF.

A situação do trabalhador no Brasil, bem como as organizações onde este trabalhador está inserido, tem sido motivo de diversas reflexões e pesquisas. Estas organizações, inseridas num sistema capitalista que exige cada vez mais produção em menos tempo, repassam esta realidade para o trabalhador, que experencia uma organização do trabalho por vezes prejudicial às suas vivências psíquicas. Por organização do trabalho entende-se as interações existentes no trabalho, permeadas por aspectos subjetivos da relação indivíduo-organização, além de ser marcada também pela quantidade de tarefas a serem executadas. Para se compreender as relações do indivíduo com o trabalho faz-se necessário também explorar os sentimentos existentes neste contexto, que podem ser de prazer ou de sofrimento, podendo existir separadamente ou serem coexistentes. Em tese, todo trabalho deveria ser fonte de prazer, e o sofrimento seria, então, uma alternativa a não realização de desejos existentes. Voltando o foco para a organização, observa-se que esta tem uma forma específica de se relacionar com o funcionário, denominada de estilo de contato organizacional. Por contato organizacional compreende-se as relações, as vivências e experiências entre trabalhador e organização.

Este estudo de caso foi realizado em uma empresa de materiais de construção de médio porte em Brasília-DF. A metodologia do estudo abrange entrevistas coletivas semi-estruturadas com 23 trabalhadores dos setores vendas tradicionais, vendas de auto serviço, caixas-crediário, depósito e administração. As entrevistas individuais foram realizadas com 2 gerentes. Aplicou-se, também, a Escala de Indicadores de Prazer e Sofrimento no Trabalho (EIPST), *likert* de 5 pontos com 30 itens, respondida por 186 funcionários. A escala foi analisada por meio de estatísticas descritivas no SPSS – *Statistical Package for Social*. As entrevistas foram submetidas à análise de conteúdo categorial temática, realizada por juízes.

Tantos os resultados das entrevistas como das escalas apontam para uma maior vivência de sofrimento em detrimento das vivências de prazer. A organização do trabalho é marcada pelo excesso de tarefas e pela falta de liberdade na execução do trabalho, além do pouco reconhecimento. Além disso, observa-se que a empresa tem um estilo de contato bloqueado com os funcionários, sendo a relação permeada por



autoridade, controle sobre o trabalhador, imposição de regras e sistemas e diversos conflitos de interesses. Compreende-se que o estilo de contato da organização tem influência direta sobre o trabalhador, bem como sobre a organização do trabalho, desencadeando, conseqüentemente, as referidas vivências psíquicas. A atuação de um psicólogo dentro deste contexto deve focar a negociação com os superiores, visando a possibilidade de reformulação do desenho do trabalho, bem como a mediação das relações empregados-chefia, buscando torná-las menos conflituosas e mais produtivas.

Fala da Participante: Sandra Regina Ayres Rocha, Ângela Pfitscher
Denise Rasia, Mário César Ferreira, Ana Magnólia Mendes
(Universidade de Brasília, Brasília, DF.)

“Estamos afogados num mar de processos” : condições de trabalho e incidência de DORT no judiciário.

Estudo de caráter exploratório visou identificar aspectos de um contexto sociotécnico específico de trabalho no judiciário que facilitam o aparecimento de DORT ou agravam sua sintomatologia. O cenário que se apresentava era que dos vinte servidores do setor, cinco tem diagnóstico de DORT. Partiu-se do pressuposto que o fenômeno DORT é, uma afecção multicausal decorrente de uma série de fatores do trabalho que se combinam. Nesta perspectiva, investigou-se fatores relacionados às condições e organização do trabalho e indicadores de DORT sob a ótica da Ergonomia da atividade de matriz fanco-belga e da Psicodinâmica do Trabalho. Os dados foram coletados em situação de trabalho através de observações sistemáticas, aplicação de questionário para levantamento de perfil epidemiológico e de diagrama de desconforto corporal e entrevistas semi-estruturadas, e submetidos a análise quantitativa no SPSS – *Statistical Package for Social Science* e qualitativa através da análise de conteúdo. A natureza da atividade desenvolvida no setor encerra duas vertentes que se opõem, em alguns momentos é extremamente repetitiva e rotineira exigindo alto custo físico de trabalho e, em outros é muito complexo envolvendo uma enorme carga cognitiva.

Os resultados fornecem uma fotografia alarmante, em se tratando de DORT, pela alta incidência de fatores predisponentes como: condições de trabalho inadequadas; ritmo intenso de trabalho; pressão para mantê-lo por acúmulo de tarefas e cumprimento de prazos; manutenção de



postura física por tempo prolongado; movimentos repetitivos; monotonia e fragmentação das tarefas. As queixas em relação à desconforto físico se concentram em (1) o ombro direito corresponde a área corporal com extremo desconforto ao término da jornada de trabalho (20%); (2) a mão direita, o braço esquerdo, o antebraço esquerdo e os tornozelos direito e esquerdo como muito desconfortável (27%) e; (3) o pescoço como levemente desconfortável (73%). Tais fatores combinados evidenciam, também a carga psíquica do trabalho, na qual predominam vivências de sofrimento. Embora o número de servidores acometidos ainda seja pequeno urge estabelecer medidas preventivas, pois, o prognóstico para os demais servidores, se mantidas as atuais condições, é sombrio. Uma contribuição prática do estudo foi tornar público o debate sobre a organização do trabalho, uma vez que pudemos contar com a participação de todos os servidores do setor. Esta interação entre psicólogos do trabalho e servidores inicia o desvêlo de uma parte importante da realidade do trabalho, mascarada por estratégias coletivas de defesa. Trata-se da construção progressiva de um espaço de discussão dentro da organização, no qual os servidores poderão trazer suas contribuições para a elaboração da organização do trabalho, facilitando o aparecimento de condições que favoreçam vivências de prazer no trabalho.



Contribuições da Psicologia ao Instituto da Guarda e da Adoção

Palestrantes:

Lygia Santa Maria Ayres (ID 2215) Título: Adoção e Exclusão Social: Análises de uma Pesquisa. (coordenadora da mesa)

Andréa Fabiola de Miranda Nery (ID 4280) Título: A Estruturação do Serviço de Psicologia em Varas de Família do Estado do Rio de Janeiro

Maria Luiza de Moura Carvalho (ID 5189) Título: Sobre o Direito de Ser Criança: Considerações sobre a Escuta de Menores de Idade nas Varas de Família

RESUMO

O trabalho aqui apresentado baseia-se em três pesquisas que vêm sendo desenvolvidas na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. A primeira no Programa de Pós-graduação em Psicologia Social (doutorado) e as outras duas, no Projeto de Pesquisa Separação, Divórcio e Guarda de Filhos: questões psicossociais no Direito de Família, orientado pela professora Dra. Leila Maria Torraca de Brito, no Curso de Especialização em Psicologia Jurídica. No Estado do Rio de Janeiro é recente a criação do cargo de psicólogo junto ao Tribunal de Justiça, no entanto, este profissional ali já se assentava como voluntário ou mesmo em desvio de função, desde o final da década de 70. Partindo-se desse cenário, pretende-se, nesses relatos, problematizar o lugar do psicólogo no aparato judiciário frente às questões relativas aos vínculos familiares de crianças e de adolescentes, tendo como marcos de análises o instituto da guarda e da adoção. A primeira fala, tomando como base 480 processos sob a temática perda e ou reformulação do vínculo familiar pesquisados no Juizado da Infância e da Juventude do Rio de Janeiro, traça algumas considerações sobre como a instituição adoção vem sendo tecida no espaço jurídico ao ser tomada com “alternativa-solução” à população infanto-juvenil pauperizada. A análise dos dados aponta para a existência de uma equivalência entre as medidas de guarda e adoção bem como a falta de condições sócio-econômicas das famílias biológicas como fator de destituição de pátrio poder. Constatou-se, ainda, que a prática da adoção não vem se circunscrevendo às crianças e jovens órfão mas sim, alastrando-se à população pobre. A segunda, discute o lugar e o papel do psicólogo nas equipes interdisciplinares dos Juizados. Privilegiou-se, para o exame, a utilização de entrevistas com psicólogos lotados nas Varas de Famílias de diversos Municípios do Estado, reconhecendo-se o discurso destes como fator relevante para o entendimento dos problemas, impasses e demandas que emergem no cotidiano destas equipes. Constatou-se uma certa indefinição a respeito das atribuições pertinentes aos psicólogos, muitas vezes, também, não existindo espaço físico adequado para o exercício profissional, com conseqüências à estruturação da equipe. O terceiro relato apresenta alguns dados referentes à escuta de crianças e adolescentes no contexto das Varas de Família. Concretamente, observou-se que os magistrados têm, sistematicamente, ouvido as crianças e adolescentes a partir de 7 anos, porque acreditam que a oitiva é relevante para esclarecer o conflito e subsidiar suas decisões. Assim, percebe-se que a oitiva das crianças nos nossos Tribunais impõe discussões objetivando avaliar sobre os modos,



espaços e circunstâncias da escuta para evitar que esta se torne uma experiência desagradável para os filhos de pais separados pois, muitos autores apontam os conflitos de lealdade que podem surgir nas crianças quando estas percebem alguma imposição para que esclareçam com quem desejam permanecer após a separação conjugal dos pais, dado que remete à adequação de estudos psicológicos sobre a matéria. Finalizando, concluímos que, hegemonicamente, a intervenção psicológica no judiciário é restrita à avaliação e ao diagnóstico individualizado.



Contribuições para uma Teoria da Cura em Psicanálise

Participantes:

Paula Peron
Maria de Fátima Vicente
Gonçalo Galvão
Paulo Rona (coordenador)

Resumo

Cura e tratamento psicanalíticos são palavras que, sem indicar univocamente o tema, recobrem uma área dentro da psicanálise, que apresenta problemáticas tanto em sua delimitação quanto em sua formulação. O objetivo desta mesa, formada por psicanalistas, é de oferecer algumas contribuições à discussão sobre a teoria da cura/direção do tratamento psicanalítico.

Paulo Rona investiga razões que promovem esta dificuldade na formalização da clínica psicanalítica. Parte da dificuldade poderia encontrar respaldo na diversidade de orientações surgidas dentro da psicanálise, fruto de diferentes leituras e avanços não convergentes. Discute a complexidade do campo da subjetividade que, promovendo impasses na inclusão da psicanálise entre as ciências, traz dificuldades na elaboração da clínica como conhecimento objetivável. A análise do psicanalista é lembrada como fundamental para a aquisição do saber necessário sem dispensar o conhecimento teórico e suas implicações. Outra fonte de problema seriam diferenças ontológicas no estatuto da psicanálise segundo seus praticantes, implicando em visões distintas quanto a meios e fins.

Ter estabelecido a fonte possível das dificuldades não nos exime de tentar buscar soluções que possam possibilitar o diálogo entre diferentes modalidades. A proposta de Paula Peron é de circunscrever em linhas gerais a trajetória da noção de cura na obra de Freud atentando para suas mudanças e variações, segundo a evolução do conceito de ego. A contribuição que espera é trazer, através da delimitação da proposta de cura de Freud e sua avaliação da eficácia da psicanálise, a possibilidade de diferenciação entre propostas psicanalíticas bem como o esclarecimento de suas especificidades. A autora verifica que o projeto clínico de Freud passa de um otimismo inicial, acreditando na remoção completa do distúrbio psíquico a uma transformação existencial que não



pode ser nem prevista nem definida, apontando para a complexidade da noção e para o risco de interpretar a obra freudiana de forma homogênea e contínua.

A existência de diferentes propostas terapêuticas, ainda inscritas na psicanálise, levou Gonçalo Galvão a supor que a distinção das mesmas talvez possa estar do lado do lugar que o analista se coloca nas proposições da condução da cura. Gonçalo inquire o que, na relação terapêutica, cabe ao analista; qual o lugar possível na condução do tratamento dentro dos parâmetros psicanalíticos? Desde Freud vemos a colocação de tal questão, interrogando a posição do analista: a este cabe a neutralidade, mas não a indiferença; cabe-lhe o amor de transferência, mas não a paixão; tampouco lhe cabe o falatório, mas a escuta paciente.

A dimensão da cura inclui ainda a psicanálise em extensão, campo que Maria de Fátima Vicente procura abordar através da problematização do potencial simbolizante da produção musical de jovens de periferia dos grandes centros urbanos como possibilidade de tratamento de sintomas sociais. Buscando, através dos conceitos psicanalíticos, diferenciar a construção identitária das condições para a identificação do sujeito, a autora pretende discutir questões relacionadas à invenção de um nome próprio pela autoria musical e as próprias peculiaridades da música, propondo a especificidade da música como veículo articulador de demanda de reconhecimento ao Outro social.



A teoria da cura na obra de Freud

Paula Regina Peron

O objetivo desse trabalho é circunscrever, em linhas gerais, a trajetória da noção de cura na obra de Freud, atentando para suas mudanças e variações. O trabalho pesquisa também, conseqüentemente, as relações entre o conceito de ego e as expectativas de cura na clínica de Freud e, em terceiro plano, como as mudanças mais gerais na teoria metapsicológica afetaram o projeto clínico freudiano. A partir de indagações sobre a especificidade da cura psicanalítica e suas possíveis variações entre autores, a autora focalizou textos técnicos, metapsicológicos e clínicos de Freud com a intenção de extrair a noção de cura por ele delimitada. Para possibilitar maior clareza na apresentação, a obra freudiana foi dividida em quatro períodos, segundo mudanças teóricas mais globais que atingiram e reformularam as concepções psicanalíticas bem como a avaliação de seus sucessos clínicos.

A contribuição que se espera trazer é, através da delimitação da proposta de cura de Freud e sua avaliação da eficácia da psicanálise, a possibilidade de diferenciação entre propostas psicanalíticas bem como o esclarecimento de suas especificidades. Dessa forma, pode-se incentivar o diálogo entre as diversas modalidades de psicoterapia e a avaliação crítica do campo de atuação da psicanálise. Esclarecendo-se a proposta de Freud, é possível avaliá-la conforme as atuais demandas clínicas e compará-la a propostas de seus seguidores bem como a propostas de outras linhas psicoterápicas.

Em resumo, a autora verifica que, inicialmente, o projeto clínico de Freud caracterizava-se como otimista e abrangente, acreditando na remoção completa do distúrbio psíquico e restauração da saúde mental através principalmente do ego e utilizando-se da sugestão. Posteriormente, a cura depende do trabalho terapêutico de trazer conteúdos inconscientes para a consciência através da interpretação, conforme avança o entendimento teórico de Freud. Com a conceitualização do narcisismo, a transferência passa a ser o principal veículo da cura, possibilitando a re-vivência de conflitos infantis. A partir da entrada das pulsões de morte na trama teórica, o projeto clínico da psicanálise perde seu otimismo e apresenta maior complexidade e contradições. Freud, por vezes, traz elementos que caracterizam a cura como uma adaptação do sujeito à realidade, por intermédio do ego, e outras vezes, define-a como uma transformação existencial que não pode ser



prevista nem definida e que depende essencialmente da economia de cada aparelho psíquico. Nesse último período, as construções em análise são apresentadas como um instrumento clínico fundamental.

A autora espera com isso apontar para a complexidade da obra de Freud bem como alentar para o risco de interpretá-la de forma homogênea e contínua. Quanto à cura, a obra apresenta noções diferentes em períodos diferentes e, inclusive, nuances e ambigüidades em um mesmo período.



Corporeidade e Transformação na Adolescência, Meia-Idade e Velhice

Ester Felícia do Amaral T. Correia, Marcelle Antoun, Maria Christina Villaça

Resumo: Esta mesa tem como objetivo o estudo da corporeidade e enfoca transformações corporais nas seguintes fases da vida: adolescência, maturidade e velhice. Corporeidade compõe a identidade do ser humano visto estar em constante movimento e inserida num determinado contexto. Ao nascer, a pessoa tem um corpo e nele vai imprimindo a sua corporeidade que se expressa na maneira de caminhar, sorrir, falar, sentar, enfim, além da herança biológica a subjetividade se reflete no corpo físico, permitindo que o ser se identifique e seja identificado por ela perante a sociedade. Serão apresentados três trabalhos que, embora tenham abordagens distintas, convergem para um ponto em comum: a necessidade de reflexão quanto aos aspectos corporais possibilitando a conscientização e conseqüentemente a integração dos aspectos subjetivos e objetivos do ser humano. Ao integrar estes aspectos o indivíduo amplia a sua visão de mundo e torna possível um maior equilíbrio entre ser um corpo e ter um corpo. Inicialmente, a pesquisa de abordagem sistêmica “Adolescentes obesos: uma visão integrada” de Maria Christina Villaça Rosa tem como objetivo o estudo e a identificação de aspectos associados à etiologia da obesidade na adolescência. Baseia-se no trabalho de uma equipe multidisciplinar com adolescentes com diagnóstico de obesidade exógena que demonstravam o desejo de emagrecer. Na intervenção psicológica a autora utilizou técnicas projetivas e recursos expressivos com o objetivo de sensibilizar os participantes, facilitando a conscientização dos problemas emocionais como causa da obesidade por meio do processo de re-significação corporal. Observou-se que os conflitos emocionais típicos desta fase podem se manifestar como obesidade, expressando um desequilíbrio num todo interligado orgânica, emocional, cognitiva e socialmente. O segundo trabalho “A corporeidade como elemento de constituição da identidade-mito”, de Ester Felícia do Amaral T. Correia, na linha de identidade, baseia-se no estudo de caso de Célia, uma mulher de meia-idade, que presa aos valores da sociedade que cultua o corpo belo e jovem se fixa no modelo do corpo padrão. Permanece prisioneira destes pressupostos deixando de valorizar aspectos interiores sem integrar o mundo objetivo com a sua subjetividade. Presa ao encanto do corpo impede a própria transformação emancipatória, apresentando uma identidade-mito. Posteriormente, a pesquisa de Marcelle Antoun “Integração Psicofísica de Idosos” numa abordagem junguiana, em que a autora utiliza métodos de integração físiopsíquica no trabalho corporal com um grupo de idosos, como elemento que favorece a descoberta e o reconhecimento de seus limites e suas possibilidades. Esta conscientização promove uma integração psicofísica que se reflete em diversas esferas da vida do indivíduo enquanto processo de envelhecimento saudável.



Adolescentes Obesos: Uma Visão Integrada

Autora: Maria Christina Villaça Rosa

Resumo: Numa abordagem sistêmica, o mundo é visto em relação e integração e o ser humano é compreendido como um todo interligado orgânica, emocional, cognitiva e socialmente. O organismo saudável está consciente de suas necessidades e mobiliza recursos internos para atendê-las. Entretanto, quando começam a haver muitas necessidades não satisfeitas ocorre um desequilíbrio que pode manifestar-se de diversas formas. Um desequilíbrio num aspecto é um desequilíbrio no todo e nele se manifesta. Para entendê-lo precisamos considerar a dinâmica deste todo. A obesidade exógena é definida como aumento de tecido adiposo em relação à massa corporal magra, causada por inadequação entre ingestão e gasto calórico. Nela diferentemente do que ocorre na doença não há um sintoma mas um desequilíbrio no todo que se expressa somaticamente estando a serviço de algo. A obesidade é uma das possíveis formas de manifestação deste desequilíbrio e freqüentemente pode ser causada por fatores emocionais ou sociais. A referência neste trabalho é o obeso descontente com sua imagem corporal e auto-estima. O obeso socialmente excluído, estigmatizado, o que pode e não consegue emagrecer. Nossa imagem corporal e auto-estima são construídas na relação com um meio social e sofrem influências do meio. O ser humano é um ser social que se apresenta à sociedade e por ela é visto por meio do seu corpo que não é um objeto, mas dá abrigo à nossa auto-aceitação ou auto-rejeição. Ele é a expressão encarnada de nossa psique e está em relação com o meio em que vive. Como o obeso é visto e como isto pode prejudicá-lo? Lidar com a obesidade e combatê-la requer a compreensão do próprio corpo como parte de um todo e assim re-significar sua história e sua relação com ele. Na adolescência, fase conturbada onde ocorrem muitas transformações orgânicas e emocionais, é comum manifestarem-se sintomas orgânicos com etiologia emocional. A proposta deste trabalho é a de compreender a obesidade na adolescência e identificar os aspectos associados à sua etiologia. O trabalho interventivo foi realizado por uma equipe multiprofissional composta por pediatras, psicóloga, nutricionistas, assistente social e fisiatras, sendo participantes adolescentes que apresentavam diagnóstico de obesidade exógena sem outras patologias comprometedoras associadas. A característica em comum era a de serem adolescentes que queriam emagrecer. Houve intervenção da psicóloga no início, durante e ao término do grupo. Os recursos utilizados foram técnicas projetivas, recursos expressivos, tais como desenho livre, relatos e entrevistas semidirigidas. Estas intervenções tiveram como objetivo sensibilizar o adolescente a ter uma melhor percepção corporal facilitando através de um processo de re-significação corporal, a conscientização de fatores emocionais que possam estar levando à obesidade, auxiliando-os assim, a utilizar melhor seus recursos para combatê-la. Os resultados obtidos mostraram conflitos emocionais que se manifestavam somaticamente como obesidade e sugerem que conflitos emocionais típicos da adolescência tais como baixa auto-estima, insegurança, dificuldades em lidar com a sexualidade e outros, podem manifestar-se como obesidade expressando um desequilíbrio num todo interligado orgânica, emocional, cognitiva e socialmente.



A Corporeidade como Elemento de Constituição da Identidade-Mito

Ester Felicia do Amaral Teixeira Correia

Resumo: Este trabalho faz parte de um estudo mais amplo que tem como objetivo compreender a constituição da identidade das mulheres de meia-idade numa sociedade que cultua o corpo. A negação e depreciação do envelhecimento nesta realidade, tornam-se pressupostos que impõem à mulher uma aparência jovem e bela. O objetivo do presente trabalho é estudar como se constitui uma identidade-mito, de como a mulher que presa a um modelo padrão de corpo deixa de valorizar outros aspectos do seu ser. O referencial teórico para este estudo é o sintagma identidade-metamorfose-emancipação, proposto por Ciampa (2002) que considera o contexto sócio-histórico fundamental para a compreensão da identidade do ser. Identidade é um processo de incessantes movimentos que o indivíduo realiza ao longo da vida transformando-se quantitativa e qualitativamente. Corporeidade é um componente da identidade que também se transforma alterando o físico, seja naturalmente ou artificialmente por meio de diversas técnicas, com o objetivo de rejuvenescer ou reconstituir o corpo de acordo com a moda. Corresponder ao modelo padrão e permanecer jovem significa aprisionar-se aos pressupostos, afastando-se da transformação emancipadora e constituindo a identidade-mito que, como fetiche, encanta e domina a pessoa. O método qualitativo foi utilizado no Estudo de Caso que se baseou em quatro encontros com a participante Célia, 47 anos. Os instrumentos empregados foram os seguintes: no primeiro encontro, uma entrevista semi-estruturada; no segundo e terceiro, a aplicação do Roteiro de Auto-Avaliação Corporal (Avic), que permite a representação psicológica do corpo feminino. No último encontro foram questionadas algumas dúvidas e solicitado à participante que legitimasse a narrativa, baseada na entrevista. Na entrevista foram abordados os seguintes aspectos: família, trabalho, dinâmica psicológica e cuidados com o corpo no sentido da saúde e estética. Célia, que frequenta diariamente uma academia, será enfocada neste trabalho como uma pessoa cuja identidade é a identidade-mito. Os dados foram organizados na forma de Estudo de Caso e compreende a narrativa e a análise de Célia que se define insatisfeita com o corpo por avaliar o corpo alheio melhor que o dela, recorrendo às atividades físicas diárias e cirurgias plásticas para buscar a satisfação corporal. Ao tentar atingir o corpo idealizado Célia se aprisiona aos pressupostos, afastando-se do ser natural e biológico que é, desequilibrando-se entre ser um corpo e ter um corpo. Seu corpo, percebido de forma fragmentada, sofre por ser mal-amado. Os fragmentos que recebem queixas de dores correspondem às partes depreciadas, refletindo tensões e afastamento da natureza feminina. Célia supervaloriza a aparência e não reflete sobre seus aspectos interiores. Portanto, se identidade envolve atividade e consciência, não há trabalho de integração do mundo objetivo e sua subjetividade e conseqüentemente não amplia sua consciência. Seu corpo torna-se fetiche a comandar sua identidade-mito que, ao se fixar na aparência, afasta-se das possibilidades de concretizar sua transformação. Submetendo-se ao social, Célia não desbrava a sua singularidade.



Integração Psicofísica de Idosos

Autora: Marcelle Antoun

Resumo: A diminuição dos índices de natalidade, fertilidade e mortalidade, resultou num aumento extraordinário da expectativa de vida do indivíduo ao nascer. Este aumento proporcional da população idosa resultou na demanda e oferta de serviços e atividades, das acadêmicas às físicas, assim como estimulou estudos que vêm contribuindo para o desenvolvimento da geriatria e da gerontologia social. Minhas atividades com grupos de relaxamento e consciência corporal para idosos levou-me a pesquisar as seguintes questões: “*O trabalho corporal funciona como um facilitador para a integração psicofísica? Isto pode ser expresso através do desenho da figura humana? Ocorrem mudanças nos traçados dos idosos?*”. Este trabalho que relata a experiência de pesquisa interventiva em um grupo de relaxamento para idosos numa instituição particular, que procurou verificar se as atividades de integração psicofísica, neste grupo permitiram alguma mudança na imagem corporal dos participantes. Durante os quatro meses de intervenção, com 2 aulas semanais de 1h30 cada, foram propostos exercícios respiratórios, cinestésicos, cenestésicos, de sensibilização, vivências e visualização. Uma vez por mês foi solicitado aos participantes que executassem um desenho de uma figura humana, que era recolhido. No penúltimo encontro foi solicitado o último desenho e cada um dos participantes avaliou retrospectivamente seus desenhos. Esta solicitação tinha por base o Teste do Desenho da Figura Humana de Machover, com a finalidade de objetivar a experiência vivida, obter um registro do trabalho, observar e relatar possíveis modificações na imagem corporal. A análise do trabalho baseou-se em Machover (1967), que define a imagem corporal como uma expressão do eu através do desenho da figura humana e em Van Kolk (1984), que considera imagem corporal e conceito de si mesmo equivalentes, podendo ser projetados no desenho da figura humana. Considerações sobre o movimento da energia psíquica, a busca constante do indivíduo pela sua integração e totalidade, foram feitas numa ótica Junguiana. As seqüências dos desenhos elaborados mostram alterações significativas nos traçados, indo dos menos estruturados e disformes aos mais estruturados, com configuração mais harmoniosa e completa da figura humana. Partindo do pressuposto de que imagem corporal e conceito de si mesmo se equivalem, e observando a seqüência dos desenhos apresentados, pode-se pensar no trabalho corporal como facilitador da integração psicofísica, além de promover uma reorganização mais ampla, com ressonância em outras esferas da vida do indivíduo, a partir dos métodos de integração fisiopsíquica utilizados com o grupo.



Cuida - Um Projeto Social de Caráter Preventivo

Organização de Serviço Preventivo para Filhos de Dependentes Químicos

Coordenadora - Neliana Buzi Figlie

Co-Autores : Roberta Paya, Elizabete Milagres, Andrezza Fontes, Claudia Camargo Oliveira, Edilaine Moares, Rose Marie Neder Issa

O CUIDA (Centro Utilitário de Intervenção e Apoio aos Filhos de Dependentes Químicos) é um programa institucional preventivo, inaugurado desde outubro de 2001, realizado através da Sociedade Santos Mártires e financiado pelo CMDCA e Secretaria da Saúde do Município de São Paulo, que oferece tratamento especializado a crianças e adolescentes filhos de dependentes químicos no distrito do Jardim Ângela. Trata-se de um serviço de cunho preventivo efetuado por equipe multidisciplinar baseado no referencial Cognitivo-Comportamental, Redução de Danos, acrescido no âmbito Familiar, da abordagem Estratégica/ Sistêmica.

O adolescente ou criança passa por uma Avaliação Clínica com vistas a encaminhá-lo a Psicodiagnóstico, acompanhamento individual ou grupal; avaliação social no sentido de oferecer orientação e suporte para que o assistido e sua família possam aderir ao serviço, bem como avaliação e acompanhamento médico. O serviço também conta com Psicoterapia Familiar e um Grupo de Cuidadores, cujo objetivo é oferecer espaço terapêutico onde são discutidas questões que envolvem a educação do menor, assim como o papel da mãe, pai ou responsável e suas dificuldades. As oficinas terapêuticas (Brinquedoteca, Contos de Fadas, Atividades com Sucata e Artes, etc) são oferecidas aos assistidos em período integral, independente de agendamento, fato que garante a diminuição a exposição de fatores de risco na vida destas, bem como aumenta a aderência ao serviço. O serviço também conta com visitas domiciliares em 21% dos casos atendidos pelo CUIDA.

Dos 128 assistidos no serviço, 45% pertencem ao sexo masculino e 55% ao sexo feminino, com média de 9 anos idade ($sd = 4,5$); a classe predominante é D e C, com desemprego ao redor de 35%; em 60% dos casos o dependente químico é o pai e 13% é a mãe; a substância mais consumida é o álcool(84%); 63% das mães apresentam risco aumentado para transtorno psiquiátrico. Adolescentes de 11 a 18 anos apresentam problemas nas áreas do DUSI: desordens psiquiátricas (52%); área V sociabilidade (48%) e sistema familiar (47%). Vale ressaltar que a área de álcool e drogas atingiu 11% de casos. Foram pesquisadas crianças de 4 a 10 anos através do DF-E→ Desenho Família Estória (Walter Trinca), sendo detectados 69% baixa auto-estima; 88% carência emocional; 85% concretude no pensamento; 65% isolamento; 74% sentimento de abandono; 48% maturidade precoce e 70% conflito familiar

Estes dados refletem a importância deste tipo de assistência em termos de políticas públicas de saúde.



Desenvolvimento Cognitivo através da Metacognição

Franco Lo Presti Seminerio
Celia Regina da Silva Anselmé
Ana Claudia Azevedo Peixoto
Maria do Carmo Carvalho Cabral

Metacognição e Teoria da Mente

Maria do Carmo Carvalho Cabral
Doutoranda em Psicologia – UFRJ
E-mail: maria@sanj.com.br

Teoria da mente é um campo recente de investigação em ciência cognitiva, que pode ser inserido nos estudos acerca da metacognição, mais especificamente a metacognição de pessoas. Refere-se à capacidade que temos de atribuir estados mentais a si próprio e a outras pessoas. Este entendimento desempenha importante papel em diversas áreas da cognição e principalmente nas interações sociais, ao permitir uma certa compreensão e previsão das ações das pessoas com as quais interagimos.

As abordagens teóricas atuais mais importantes para explicar o desenvolvimento da teoria da mente das crianças são: a teoria da teoria, que considera que a criança age como um teórico ao atribuir estados mentais a si mesma e aos outros (dentre os autores principais estão Wellman, Bartsch, Wimmer e Perner); a teoria modular, para a qual a teoria da mente possui um módulo mental específico e diz respeito a uma capacidade inata do ser humano de elaborar teorias, com pesquisadores como Leslie, Baron-Cohen, Frith, e Fodor, e a teoria da simulação, que defende que é a partir da simulação, do colocar-se no lugar do outro, que a criança vai adquirindo conhecimentos sobre as emoções, desejos e crenças próprias e dos outros, e que tem Harris como um de seus representantes.

Em 1983 Wimmer e Perner, formularam um tipo de pesquisa experimental que deu grande impulso às investigações em teoria da mente de crianças, a chamada Tarefa de Falsa Crença. A premissa é que a partir do momento em que as crianças conseguem perceber e julgar corretamente uma falsa crença de outra pessoa, já seria possível inferir que elas possuem uma teoria da mente. Uma vez que para atribuir uma falsa crença a outros a criança deve possuir o conhecimento de que as pessoas agem de acordo com suas crenças e que estas podem diferir de uma pessoa para outra, ou mesmo serem falsas.

A presente pesquisa teve como objetivo investigar o desempenho de crianças de diferentes idades e nível sócio-econômico (NSE) em duas tarefas de falsa crença. Participaram 106 crianças de 3 a 6 anos, de escola pública (49 crianças) e particular (57 crianças) do Rio de Janeiro, respondendo a duas tarefas de falsa crença. As tarefas aplicadas foram uma adaptação da tarefa



dos *Smarties* de Perner e colaboradores, e uma versão modificada do experimento de Surian e Leslie de 1999, onde espera-se que a criança faça inferências acerca do conhecimento e da ação do personagem, a partir de uma situação encenada.

Os resultados obtidos indicam haver diferenças significativas em função da idade e do tipo de tarefa, mas não em função do nível sócio-econômico. Em relação à idade, encontrou-se que aos seis anos a quase totalidade das crianças pesquisadas possui a capacidade de atribuir falsa crença a outros e, aproximadamente, metade dos participantes de quatro e de cinco anos já manifestam esta capacidade. Os resultados apontam também que as crianças de três anos ainda não possuem a habilidade de perceber uma falsa crença de outros e de inferir que o comportamento deles será determinado por esta falsa crença.



Diálogo entre a Fenomenologia Hermenêutica e a Clínica Psicoterápica

Roberto Novaes de Sá

Joelson Tavares Rodrigues

Maddi Damião Junior

Alessandro de Magalhães Gemino

O pensamento do filósofo alemão Martin Heidegger teve diversas repercussões diretas e indiretas no campo da clínica psicoterápica. O diálogo mais direto e sistemático se deu através da estreita relação entre o filósofo e o psiquiatra suíço Medard Boss, a quem Heidegger confidenciou a expectativa de que seus *insights* filosóficos não ficassem limitados às salas dos filósofos, mas pudessem beneficiar um número maior de pessoas e, principalmente, pessoas necessitando de ajuda. Desse intercâmbio resultou uma abordagem clínica, hoje mundialmente difundida, denominada *Daseinsanalyse*.

Além da influência direta que Heidegger exerceu sobre a psicoterapia através da *Daseinsanalyse*, podemos falar ainda de um campo para o qual o seu pensamento representa uma inspiração importante, embora, às vezes, mediada e não explicitada. Trata-se daquilo que poderíamos denominar como "tendências desconstrucionistas da subjetividade", que muito têm influenciado a psicoterapia nos últimos tempos. Mais especificamente nos referimos aqui ao "retorno a Freud" de J. Lacan, à "genealogia do poder" de M. Foucault e à "esquizoanálise" de G. Deleuze e F. Guattari, cujo apelo e interesse despertado entre profissionais e estudantes de Psicologia voltados para a clínica, mostram, inequivocamente, um movimento de transformação das práticas psicoterapêuticas entre nós. Outra derivação, menos difundida, mas que mostra a fecundidade e o alcance das possibilidades de articulação do pensamento heideggeriano com a clínica é o trabalho do psicólogo sul africano Roger Brooke que faz uma releitura da Psicologia Analítica de Jung a partir de uma perspectiva fenomenológico hermenêutica.

Um elemento a ser destacado entre as contribuições que o pensamento de Heidegger pode trazer à psicoterapia é a sua meditação sobre a essência da técnica moderna enquanto um modo histórico de produção de verdade, que se impõe como horizonte de sentido, tanto para os homens das sociedades organizadas segundo o padrão capitalista liberal, como para os das



sociedades socialistas. A psicoterapia, enquanto produto e componente da compulsão moderna de organização e administração global da realidade, somente tem chances de se constituir em um espaço de meditação liberadora de outras possibilidades humanas, na medida em que alcançar algum grau de tematização desse horizonte em que ela se constituiu.

Por ser fundamentalmente uma meditação acerca do sentido do ser e, portanto, também sobre a compreensão em seu sentido geral e em todos os seus contextos possíveis, a fenomenologia hermenêutica caracteriza-se mais como uma abordagem filosófica metateórica do que como uma teoria específica. No caso da clínica, apesar de muitos dos seus princípios terem aplicação direta, isto não significa que ela deva constituir-se numa nova teoria clínica ao lado de outras. Seu papel deve ser, antes de tudo, fornecer um apoio metateórico para que o psicoterapeuta tenha uma relação mais livre, isto é, mais crítica e transdisciplinar com seu campo propriamente teórico, evitando assim o risco, sempre eminente nas universidades e escolas de formação, de tornar-se um mero aplicador de técnicas e repassador de ideologias quase nunca ou apenas precariamente tematizadas.

Acreditamos, portanto, que o estudo da obra de Heidegger, atento às suas possíveis conseqüências clínicas, é, ainda, uma tarefa atual e oportuna às temáticas que se colocam nesse campo de tendências desconstrucionistas, cuja importância, em nosso meio, há muito ultrapassou a configuração de uma demanda modista.



Diários Virtuais e a Reevocação das Emoções.

Beatriz Helena Ceccato

Denise de Camargo

Yara L. M. Bulgacov

Universidade Federal do Paraná

RESUMO - O diário virtual é um fenômeno recente na Web, criado em 1994 nos Estados Unidos. Com a popularização da Internet no Brasil a partir de 1995, os diários virtuais começaram a se expandir e hoje somam mais de 60 mil somente no Brasil e mais de um milhão pelo mundo. Por ser um fenômeno recente, algumas questões estão sendo levantadas. Muitos vêm o diário virtual como o fim da privacidade, pois seus escritores estão expondo conteúdos pessoais na Internet. O que se indaga é o motivo que as leva a escreverem e publicarem na Web sobre suas vidas. Este artigo pretende, assim, discutir questões sobre os diários virtuais à luz da teoria da reevocação das emoções de Rimé.

Palavras-chaves: diário virtual, adolescentes, reevocação das emoções.

Virtual Diary and the Reevocation of Emotions

ABSTRACT - The virtual diary is a recent Web phenomenon and it has first apperred in the United States in 1994. Since 1995, the Internet popularity in Brazil began to spread out the virtual diaries and nowadays they are more than 60 thousand only in Brazil and more than a million worldwide. As recent phenomenon, many questions have been made. Many people see the virtual diary as the end of privacy because its writers are exposing personal contents in the Internet. Why this people are writing and publishing about their lives in Web, is the inquiry. This article intends to discuss some questions about the virtual diaries spotlighting the theory of The Reevocation of Emotions of Bernard Rimé (La réévocation des émotions).

Key-words: virtual diary, teenagers, the reevocation of motions.

Até bem pouco tempo atrás o diário poderia ser definido como aquele caderninho, trancado a sete chaves no criado-mudo, onde estavam guardados os segredos mais íntimos de uma pessoa. Era assim...

Atualmente, com o recurso da Internet é possível ter um diário virtual. Para isto basta acessar um dos sites que possibilitam a criação destas páginas pessoais, seguir as instruções e usar a criatividade, colocando o conteúdo que se desejar dentro dele.

O diário, tal qual se conhecia, era uma peça única, feita a mão com a caligrafia de seu autor. Com o surgimento do diário virtual, este passa a ser um arquivo público, podendo o seu



autor e o seu leitor imprimirem cópias deste. A letra presente no diário virtual não traduz mais a caligrafia do autor, mas o estilo de fonte contida em seu computador, mediada pelo seu teclado.

“Escritos com a intenção de serem publicizados, os novíssimos diários não mais precisarão de intermediários para serem veiculados. Qualquer um que disponha de um computador, uma linha telefônica, algum software apropriado para elaborar um site, e a conexão com um provedor de Internet pode transformar o padrão de comunicação existente, tornando-se produtor, em vez de apenas consumidor (Carvalho, 2001, p.247).”

Sobre o texto utilizado na Internet, Chartier (1998) aponta que: “O novo suporte do texto permite usos, manuseios e intervenções do leitor infinitamente mais numerosos e mais livres do que qualquer uma das formas antigas do livro” (p. 88).

Segundo o autor, no texto em formato convencional - aquele apresentado nos livros - há uma sacralidade, uma reverência ao escritor, pois não se pode alterar o seu conteúdo. Quando a alteração neste tipo de formato é possível, esta só se dá em anotações marginais ao texto. Com o formato de texto presente na Internet é possível alterar o centro, o coração deste. Há uma liberdade de alterações textuais para o autor e para o leitor. Esta interatividade é um dos seus grandes atrativos.

Colcioni, Piovesan e Strôngoli (2001) em *Livros e computador – palavras, ensino e linguagens* assim define a linguagem virtual:

“Do uso desse veículo resulta uma multiplicidade de criadores, cuja criatividade objetiva organizar e multiplicar os conhecimentos adquiridos, relatar as experiências vividas e dinamizar a memória histórica, as crenças ou os mitos que constituem o saber e o poder da sociedade. Tais criações impulsionam o querer-saber e o dever-fazer no imaginário coletivo (p.11)”.

A linguagem utilizada nos textos presentes na Internet também apresenta características peculiares. Quem navega pelas páginas da Internet, recebe correios eletrônicos ou participa de salas de bate-papo está familiarizado com esta nova linguagem virtual, que é uma mescla da linguagem escrita e da linguagem oral. “Será chamada de língua falada-escrita. O usuário digita no teclado do computador aquilo que falaria se estivesse participando de um diálogo espontâneo”. (Nader, 2001, p.05)

Embora redigido, o texto eletrônico apresenta características da linguagem oral, principalmente pelo descomprometimento com o formalismo próprio da escrita. A linguagem virtual permite ainda a coloquialidade da língua falada mas sem perder a possibilidade de que o texto seja registrado ou armazenado. Mantém, assim, a característica da perenidade, que é própria do texto escrito. A linguagem virtual permite o coloquialismo de uma mensagem ao telefone, ao mesmo tempo em que registra a informação como em uma carta.



Além do traço de informalidade, pode-se constatar que a linguagem virtual proporciona a racionalização do tempo, pois ela é assíncrona, podendo ser acessada de acordo com a disponibilidade de tempo do usuário.

“A velocidade com que os diários digitados são disponibilizados e lidos por sua audiência facilita também a interatividade, que reduz a barreira do tempo na relação autor/leitor/autor. Foi a velocidade, segundo Levy, que instaurou nas sociedades de base informática o tempo real, que modifica a relação espaço/tempo. Esta deixa de ser linear, como a das sociedades escritas, por ser pontual (Carvalho, 2001, p. 252)”.

Os diários virtuais surgiram primeiramente nos Estados Unidos em 1994. Carvalho (2001) analisa os motivos que levaram Justin Hall, um jovem americano, a escrever seu diário virtual. Trata-se de um dos pioneiros neste tipo de elaboração. Justin é um jovem que, em 1994, aos 21 anos, inicia seu diário publicando sua vida nos mínimos detalhes: das bebedeiras na faculdade ao suicídio do pai. Mostrou também, pela Internet, imagens suas urinando. Não há uma separação entre a sua vida particular e a pública, e o que acontece é escrito e assistido na tela do computador por pessoas de várias partes do mundo. Atualmente o diário de Justin recebe mais de sete mil visitantes por dia.

“A julgar pelas declarações de diaristas on-line como Justin Hall, muita coisa parece ter mudado em relação a função que atualmente desempenha o diarismo on-line em relação a seus antecessores de suporte manuscrito e impresso. Como vimos acima, Justin declarou que um dos motivos que faz vibrar o desejo dele em escrever e publicar o diário on-line: “Por que nós estamos sozinhos. Nós necessitamos de mais amigos ou ouvidos atentos, pessoas que possam ouvir nossas histórias e falar-nos as suas próprias, ou nos dizer onde elas foram mudadas (Carvalho, 2001, p.245).”

Mas quais os motivos que poderiam levar as pessoas a expor sua vida, seus sentimentos, suas recordações, suas impressões ao público?

Carvalho (2001) assim descreve o diário virtual: “Seja como confessionário, local de catarse, partilha, promoção de autoconhecimento, escritores de jornais e diários íntimos encontram nesses e em outros parâmetros a justificativa para a decisão de escrevê-los e publicá-los” (p.233).

Para captar as categorias de análise para o presente artigo, procedeu-se à leitura e seleção de trechos de oito diários virtuais de adolescentes, localizados no Provedor IG. Pode-se encontrar nos diários virtuais a motivação de popularizar a sua vida na rede. A motivação pode ser encontrada na descrição do blog (tal como é chamado o diário virtual pelos usuários principalmente) ou nos primeiros dias de criação do diário, tal como mostram os exemplos que se seguem:



Olá, pessoal... Esse é o meu Blog! As maiores motivações de eu ter criado esse Blog são: meu sentimentalismo e minha solidão. Mas não precisa sentir dó não! Como toda garota romântica, amo escrever o que acontece em cada dia em minha agenda, gosto de compor poesias e músicas... E, como eu falei antes, pelo fato de eu amar escrever na minha agenda, achei que seria bárbaro dividi-la com diversas pessoas, de todos os níveis, todos os gostos e todas as idades. O meu Blog vai ser completinho: vou falar sobre música, televisão, sentimentos, pensamentos, poesias, sobre a vida e muito mais. Espero que vocês curtam saber um pouco de minha vida diária! E sintam-se livres para interagir aqui, mandando sugestões e falando o que você achou de meu Blog: Meu e-mail é popgirl_ilovemusic@ig.com.br. Agradeço pelo tempo prestado a meu querido Blog... Voltem sempre! Beijos (<http://popgirl.blig.ig.com.br>)

Isso era tudo o que eu precisava; me abrir para alguém!!! Não sei se vocês me entendem... (<http://popgirl.blig.ig.com.br>)

Apenas um espaço para deixar minha depressão falar! (<http://depressiveboy.blig.ig.com.br/>)

Um lugar onde o eu comum predomina e no qual constata-se que vc não é o único a ter estranhas manias. O cotidiano de um solitário e suas agruras e ansiedades. (<http://espelhodoeu.blig.ig.com.br/>)

Este blog foi feito pra falar da minha vidinha que não é muito diferente do que as outras, e claro conhecer gente nova e fazer amiguinhos!! :). (<http://blogdapiolha.blig.ig.com.br/inicial.html>)

Esse blogzinho é de uma baixinha de 17 aninhos muiiiiiito complicada e invocada, que eh um pouquinho ajuizada, mas, vai e volta troca os pés pelas mãos! E que também sofre muito com um negocinho chamado distância... Eh família, amigos, ex-namorado...na vida dela sempre acabam indo pra longe... (<http://baixinhainvocada.blig.ig.com.br/>)

Este é um blig insano que retrata a vida de uma garota que antes de mais nada odeia coca cola light (entre milhões de outras coisas) e vive por viver num mundo de incertezas, emoções, tristezas, alegrias, aventuras e desventuras (<http://odeiococolalight.blig.ig.com.br/>)

Estas funções do diário virtual, descritas acima, fazem pensar na necessidade que o ser humano tem de partilhar suas emoções. Rimé (1993), em seu artigo “A Partilha Social das Emoções” descreve a necessidade que se tem de partilhar as emoções com os outros, e a este fenômeno denominou de reevocação das emoções. “De sua parte, os meios de expressão



socialmente partilhados garantem, por definição, a articulação da experiência privada, isto é, seu desdobramento (ou seu desenrolar) no tempo e no espaço. Parece pois essencial, para que o sujeito se dirija a alguém. Que esse receptor seja real ou somente virtual parece ser uma questão de menor importância” (Rimé, 1993, p.293-294)

O autor define que existem vários meios pelos quais o ser humano partilha as suas emoções: “as palavras, as frases pronunciadas, as páginas escritas, as notas de música ou a pintura são como várias tentativas de desdobramento da emoção” (Rimé, 1993, p. 277). Mesmo que essas produções nunca sejam lidas ou vistas, percebe-se que o indivíduo tem necessidade de organizar sua experiência emocional no espaço e no tempo.

A esse movimento de organização da experiência emocional no espaço e no tempo, propiciando sentir novamente determinada emoção, dá-se o nome de reevocação das emoções. “Quando sujeitos são convidados a evocar em imagens mentais lembranças ligadas a um determinado estado emocional, as manifestações subjetivas e psicológicas próprias a esse estado emocional tendem a se reinstalar neles” (Rimé, 1993, p. 279). Assim, a reevocação não é uma simples ruminação dos sentimentos, mas uma reorganização cognitiva que leva o indivíduo a sentir e ressignificar seus estados emocionais.

Quanto aos diários virtuais, pode-se classificá-los como uma forma de reevocação emocional, uma vez que a construção de narrativas de suas próprias vidas feitas pelos sujeitos, está promovendo a ressignificação e reorganização de seu estado emocional. Ou seja, eles ressentem a emoção e lhe conferem um novo significado. Ressentir no sentido de sentir novamente e não como uma ruminação de sentimentos. “Reevocar a emoção é, em certa medida pelo menos, revivê-la” (Rimé, 1993, p. 279)

Pode-se pensar em algumas respostas sobre o porquê elaborar um diário virtual, e isto aponta caminhos interessantes. Dentre elas, pode estar a sensação de *glamour* e notoriedade ao entrar em sua página pessoal e verificar que um certo número de pessoas acessou-a.

A preocupação com o público leitor do blog também está muito presente nos textos. Há trechos de saudações ao leitor e, também, solicitações, por parte do autor do blog, tentando satisfazer seus leitores, escrevendo o que irá agradá-los:

PS: Aí está, gente... Espero que vocês tenham gostado! Quando eu puder, escrevo mais, porque talvez hoje, que estou “inspirada”, eu escreva algumas, tá? Beijões e até logo! (<http://popgirl.blig.ig.com.br>)

Espero que vocês tenham gostado. Dessculpe-me até agora eu não ter respondido as mensagens de vocês, pois hoje de madrugada deu "chilique" em meu computador. Mas eu prometo que hoje, depois das 2 horas da tarde, eu respondo todas elas. Tchau e até mais!!! (<http://popgirl.blig.ig.com.br>)



TÔ MUITO, MUITO, MUITO, FELIZZZZZZ!!!!

Oi genteeee, tudo bem com vcs??? Comigo tá tudo ÓTIMO...

(<http://omundodacarol.blig.ig.com.br/inicial.html>)

Eu VoLtEi!!!

Vocês sentiram saudades meus amores??? Pois eu tava *mooooorrendo de saudades!* Estive meio ocupadinha essa semana... Me desculpem! Teve um trabalho da school q tomou muito meu tempo, até tive q dormir na casa da Lari quarta (coisa q eu naum fazia ha muiiiito tempo!) Mas no final das contas deu td certo! A apresentação foi hoje e ficamos com... 10! :)

(<http://blogdapiolha.blig.ig.com.br/inicial.html>)

Hello miguinhos(as)

Como vai a vidinha de vocês??

(<http://blogdapiolha.blig.ig.com.br/inicial.html>)

É interessante também verificar quantas pessoas acessaram e enviaram mensagens pelo correio eletrônico ou pela própria página, comentando o que leu a respeito da vida do escritor do diário. Percebe-se que há um reforço social dos visitantes, uma curiosidade a mais em saber quem é a pessoa que escreve. “O e-mail tem sido utilizado como ferramenta para medir o grau de interesse entre autor e leitor, abrindo um importante canal de comunicação entre ambos” (Carvalho, 2001, p. 248).

Dentro dos diários virtuais pode-se ter acesso a outros diários, pois alguns deles contêm o endereço eletrônico dos blogs prediletos do escritor. Vê-se ainda o estabelecimento de uma rede de blogueiros que se intercomunicam e que lêem e opinam uns sobre os diários dos outros. Pode-se, também, encontrar registros de pessoas que se conhecem através do diário e tornam-se amigos na vida real.

Hi! People! Dei um rolê na noite e sobrevivi mais uma vez pra contar pra vocês! só que desta vez eu fui acompanhado de um amigo conhecido de outro Blig!

(<http://depressiveboy.blig.ig.com.br/>)

Caro(a) Bligueiro(a)

Convidamos você para participar do 1º encontro de bligueiros de sampa, será realizado no Shopping Metrô Tatuapé, no dia 25 de agosto às 15:30...é só pra nos conhecermos mesmo, será muito legal, contamos com a sua presença ... entre em contato conosco nos seguintes e-mails: paty.chasez@bol.com.br e vivyan@mtv.com.br!!!



Essa tendência é confirmada por Carvalho (2001): “É a rede mundial de computadores o “nicho ecológico” dos diários e jornais on-line. É nesse novo ambiente que eles são publicizados por seus autores em muitas partes do globo, dando vida a um fenômeno contemporâneo: a tribo de escritores de diários e jornais íntimos”. (p.235)

Ao ler o diário do outro, o leitor está revivendo e reevocando as suas próprias emoções através da leitura. Rimé (1993), afirma:

“É evidente que os indivíduos não poderiam prosseguir a empresa de reevocação de suas experiências emocionais se não tivessem diante de si parceiros, um público disposto a se interessar por este tipo de evocação. Ora, a vida social está cheia de exemplos manifestando o interesse muito especial das pessoas pela audição, a leitura ou a visão de acontecimentos emocionais. Eles se revelam dispostos a se informar sobre as emoções que atingiram os outros.(...) Assistir à evocação da experiência emocional de outrem é, em um nível incipiente pelo menos, viver essa experiência (p.295).”

O comentário acima pode explicar a existência de um público leitor que às vezes torna-se tão assíduo. “Isso faz pensar que quando os indivíduos procuram as informações emocionais propostas pela vida social, é a própria experiência emocional em si que eles querem experimentar” (Rimé, 1993, p.296). Portanto, é desta forma que o indivíduo se debruça sobre a experiência emocional do outro.

No blog “o quarto de Bia”, a autora conta sobre o início de uma paquera com o ex-namorado de uma amiga e o que aconteceu na noite em que “ficaram”. Neste dia o blog recebeu 49 e-mails escrevendo a respeito desta história. Seguem-se alguns dos comentários:

E aí Bia!!!

Yuhuuuuuu!!! Que friozinho na barriga hein!? Realmente é bem melhor qdo as coisas acontecem de uma forma inesperada...qdo não tem nada planejada e como você mesma disse, acontecem sem encanações! Boa Sorte Sempre! Beijoks da Ka

Calar a boca com um beijo....coisa de cinema.... Aproveite o dia...
Bjos blonde.blig

Agradeço o carinho e obrigado pelas visitas fico feliz por vc que aproveite o momento e se arrependa apenas do que deichou de fazer firmesa boa sorte e continue assim sempre alegre beijos de seu eterno amigo Cris

Oi Bia... o mês já começou bom hein!!!

Passa lá em "casa" e qdo der coloca meu blog no seu blig de amigos fofa...
Bjux **ju-angel** meus sonhos.



Oi oi Bia!!

Ainda bein ki a primeira impressão nem sempre é a q fik, neh? ihih =o)

Curta mto! Bjitu”z da Tats =o**

tats.blig.ig.com.br

Oi Bia.. meu q história boa!!

Cara, é o destino, meu... ele gamou mesmo hein, c naum num teria ido no jazz te ver!! Fikei feliz... espero q dê tudo certo.... mas soh 1 coisa... cuidado, pq esse tipo de homem eh meio complicado conviver hehe... bjinhos!!!

Ah... 1 frase pra vc.. "Enquanto naum encontra o homem certo, DIVIRTA-SE com os errados.."

<http://bizinhah.weblogger.com.br>

Hmmmmmmmmmm ehheheheheh que coisa boa...!!!

Nossa, acho que vem romance por aí, que coisa mais fofa ele aparecer assim!

Tô curiosa pelos próximos capítulos

Bjinhos rollercoaster

Rimé (1993) coloca que há uma diferença entre a experiência emocional que atinge o indivíduo quando ele está no centro (ou quando ele é o centro) de uma situação e a que o atinge a partir da evocação da emoção de outro. “O que propõe as situações como o teatro, o cinema, o romance, as conversas ou as confidências, é, igualmente, da experiência emocional direta, uma emoção social e lingüisticamente estruturada.” (p. 296)

Outro exemplo de partilha social das emoções e de resposta dos leitores se deu no blog da Popgirl, onde ela nos conta uma história de sua família:

Aqui estou eu, no meio desse universo carnavalesco, tentando fugir, sem conseguir. Isso marcou o meu nascimento de um modo meio triste, não gosto do Carnaval. E posso explicar; Aqui em casa, somos em quatro; eu, minha irmã Adriana, meu pai Juvenal e minha mãe Eunice. Era pra sermos cinco!!! Deus não quis... É que, a filha que minha mãe iria ter antes de mim, que já tinha até nome escolhido, morreu cinco minutos depois do nascimento. É porque, nessa época, haviam uns pedreiros trabalhavam na casa onde os meus pais moravam com a minha irmã (ela já era nascida, tinha cerca de três aninhos). Um desses pedreiros tinham uma doença chamada “caxumba”. Minha mãe contraiu o vírus, e perdeu assim a menina. E depois de mais ou menos uns três anos, ela engravidou de mim. Ela, assustada, chegou a pensar que se tornaria infértil, e ficou com medo que eu nascesse com seqüelas. Por isso que eu não gosto do Carnaval; essa foi a época que a minha mãe ficou doente outra vez; de Depressão, umas das piores doenças que existem. E ela não parava de chorar, enquanto festas e



comemorações passavam pela televisão, pelo rádio, pelas ruas... Acho que esse é um dos maiores motivos de eu ser como sou; não passo uma semana sem chorar, mesmo por motivos banais.

Mas, acima de tudo, sou muito agradecida pelo meu Dom, o maior de todos; o Dom da vida!!!!

Fiquem com a divina paz, e aproveitem o feriado!!!!

Beijos... (<http://popgirl.blig.ig.com.br>)

Neste dia Popgirl recebeu nove mensagens de solidariedade. A seguir, alguns exemplos:

Pop ... linda ... não fique triste !

A vida é assim ... eu tb não gosto de carnaval, mas adoro o feriado pra descansar!

Tô sentindo a maior falta ... atualiza logo isso ai e nos conta como foi sei feriadão !!!

Beijosssssssss Cacau/bete pimentinha

Miga, carnaval realmente nao é meu forte, prefiro descansar, viajar, minha mãe tbém perdeu meu irmãozinho, só que qdo estava com 5 meses :(Num xóra naummm :~(Vc é tão forte!! :**** Anne Frank

Ai, que história triste... Eu não gosto do Carnaval, mas não por motivos tão fortes como esse! Antes do meu irmão (que hoje tem 16), meus pais também iam ter um outro filho, que morreu pq era muito fraquinho... A gente tem até foto dele, tão pequenininho... Mas... a vida continua, e vc deve pensar assim também!!

Beijinhos!! alininha1000.blig.ig.com.br

olá .. tudo bom? espero q passe o carnaval bem... sabe .. aki em casa é o natal .. ninguem curte mais o natal desde q meu vo morreu ...ele morreu 3 dias antes do natal .. desde entao aki o natal é triste... beijosssssssssss...fabi...PS; vc ta na selecao blig...

Poxa .. eu me comovi com essa história aí .. to falando sério =/// Que coisa chata.. ah! E outra coisa .. gostei do seu blog :o) espero q goste do meu tb, <http://danilovsrock.blig.ig.com.br> .. "Não se deixe levar pelo passado, curta o presente e nao pense muito no futuro.." .. By me..

POXA AMIGA QUE COISA MAIS CHATA...

O PIOR É QUE NO CARNAVAL NÃO DÁ PARA FUGIR MUITO DA MÚSICA OU DA AGITAÇÃO... É UM FATO É CARNAVAL... DIZER PARA VC ãO FICAR CHATEADA É IMPOSSÍVEL, MAS NADA MELHOR DO QUE O TEMPO. BJIN CAU



O motivo de se procurar a reevocação emocional do outro é que esta é uma emoção social e lingüisticamente estruturada, experiência emocional já organizada. Desta forma, aprende-se com o outro como reagir e interagir com as emoções. É uma espécie de antecipação, o ensaio de um momento. Assim, o sujeito teria, através do relato do outro, instrumentos para organizar a emoção espelhando-se na organização que o outro fez.

Reflexões Finais

Pretendeu-se, com este artigo, abordar algumas questões que se colocam quando se fala em diário virtual. A partir da reflexão sobre a teoria da reevocação das emoções de Rimé, pode-se constatar que o diário virtual tem a função de estruturar, através da linguagem, as emoções vividas pelo seu autor e que, a partir desta narrativa, o leitor pode sentir e antecipar possíveis situações similares. O diário cumpre a função de estruturar as informações que a experiência emocional fez surgir. Ele permite apreender as experiências emocionais sobre o plano conceitual e, assim, possibilita a organização progressiva das experiências emocionais.

Constata-se, desse modo, que os diários virtuais têm a função de ser um veículo de partilha social das emoções, vindo se juntar a formas mais conhecidas, como a música, a poesia, a pintura e o teatro. O autor do diário virtual, ao escrevê-lo, está dando uma estrutura lingüística as suas experiências emocionais, ou seja, reevocando as suas emoções, podendo conferir uma nova significação a estas.

Rimé aponta que uma pobreza de imaginário, aliada à não permissão da reevocação das emoções, cria a possibilidade de o indivíduo desenvolver perturbações psicossomáticas. Verifica-se por estudos variados, que quando esta partilha das emoções não é feita pelo indivíduo, há uma propensão às perturbações da saúde, bem como os fenômenos de conversão, de hipertensão arterial e mesmo o câncer. O essencial da experiência emocional, quando não articulada no plano conceitual, permanece no sujeito de forma densa, difusa, inarticulada. (Rimé, 1993)

Esta partilha de emoções é realizada entre o autor do diário virtual e o leitor deste. Ao tomar contato com as experiências emocionais do outro, o leitor está se apropriando de uma experiência emocional estruturada, podendo assim, antecipar e ensaiar estas vivências emocionais. Observou-se, também uma preocupação do autor com relação ao leitor e vice-versa. A forma da narrativa encontrada nos diários é semelhante a uma conversa, em que o autor se expõe esperando um retorno do seu leitor.

Além dessas questões, outras se colocam para uma posterior discussão. As formas de relacionamento humano foram sempre mediadas pela presença do outro. Mas o que dizer de uma nova forma de comunicação que rompe com a relação espaço/tempo das interações humanas? A Internet é o veículo que proporciona esta forma de interação em que não precisamos estar no mesmo espaço físico para nos comunicarmos com o outro e nem no mesmo tempo, pois tem-se a



possibilidade de armazenamento da informação para ser acessada quando for necessária. Sendo assim, esta tecnologia vem interromper o face a face nas relações interpessoais.

Com as relações sendo mediadas pelo computador tem-se a possibilidade de, depois de um julgamento por parte do outro que não lhe foi agradável, desconectar o computador ou simplesmente não responder. Esta ruptura no envolvimento com o outro é muito mais difícil de ocorrer na relação face a face, pois não é possível “desligar” a pessoa que está a sua frente. Justin, em seu diário, coloca que as pessoas precisam de “ouvidos simpáticos”, por isso escreve seu blog. Mas se o público não apresentar estes “ouvidos simpáticos”, será que ele continuará a contar sua vida?

Os diários virtuais estariam indicando que, em nossa sociedade, não há um espaço de expressão do indivíduo? Estariam eles mostrando que, embora não se encontre tempo de ouvir as pessoas – pela vida agitada que se leva – acha-se um tempo para acessar a vida de estranhos?

Um outro questionamento que se coloca é: quais seriam as conseqüências dessa exposição desenfreada nos diários? Será que quem o faz tem consciência disto?

Levy (2001) mostra a importância de se estudar a cibercultura:

“Que tentemos compreendê-la, pois a verdadeira questão não é ser contra ou a favor, mas sim reconhecer as mudanças qualitativas na ecologia dos signos, o ambiente inédito que resulta da extensão das novas redes de comunicação para a vida social e cultural. Apenas dessa forma seremos capazes de desenvolver estas novas tecnologias dentro de uma perspectiva humanista”. (p.12)

Referências

- Carvalho, R. M. (2001) Diários íntimos na era digital: diário público, mundos privados. Em A. Lemos; M. Palacios (Org.), *Janelas do ciberespaço*. (p.232 – 253) Porto Alegre: Sulina.
- Chartier, R. (1998) *A aventura do livro – do leitor ao navegador*. Trad.: Reginaldo Carmelho Corrêa de Moraes. São Paulo: UNESP.
- Colcioni, M. M. G.; Piovesan, L.; Strôngoli, M. T. Q. G. (2001) *Livros e computador – palavras, ensino e linguagens*. São Paulo: Iluminuras.
- Lane, S. T. M.; Camargo, D. (1995) Contribuição de Vygotski para o estudo das emoções. Em *Novas veredas da Psicologia Social*. São Paulo: Brasiliense.
- Levy, P. (2001) *Cibercultura*. Trad.: Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34.



Rimé, B. (1993) Le partage social des emotions. Em Rimé, B.; K. Scherer (Org.) *Textes de base* (p. 271-301). Neuchâtel-Paris: Delachaux & Niestlé.

Nader, V. H. (2001) *A interação virtual em diálogos da Internet: novas possibilidades para a análise do discurso*. Tese de Mestrado, Universidade de São Paulo.



Discurso e Intersubjetividade como Vetores de Análise de Instituições de Saúde.

Expositores: - Marlene Guirado
-Maria Luisa S. Schimidt
-Sérgio Maida

Coordenadora: Maria Inês Assumpção Fernandes

Análise Institucional, Psicologia Institucional, Análise de Instituições, são termos que não guardam uma significação única, no que diz respeito aos conceitos que instrumentam tanto uma estratégia para pensar quanto para intervir no conjunto das práticas sociais de atendimento à Saúde Mental pública ou privada.

De teóricos diferentes advêm os conceitos e as linhas mestras dessas estratégias: Kaës, Pichón, Bleger, Foucault, Adorno, Benjamin, entre outros. Com eles, tem-se dado focos diferentes à relação interpessoal e ao discurso como ocasião de análise dos processos institucionais e dos processos terapêuticos.

Se parece preciosismo fazer estas distinções, logo se perceberá que não o é. Basta acompanhar, pelas exposições, que serão feitas, os pontos de partida e os de chegada das análises das instituições concretas de atendimento à saúde mental, na esfera pública ou privada.

Os expositores desta Mesa defendem pontos de vista e posições teóricas e metodológicas diversas. Com isso, pretende-se, nessa ocasião do Congresso, abrir um espaço para uma discussão que melhor situe tendências significativas dos trabalhos com Psicologia, feitos na área da saúde no país.



Dispositivos Educacionais Contemporâneos e Efeitos de Subjetivação

Comportamento Tecnológico, Efeitos Pedagógicos e Subjetividade

Priscila Pires Alves

Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social - UERJ

Professora da Universidade Estácio de Sá

Assistimos na atualidade uma nova configuração nos modos de produção material e simbólica da sociedade. O advento de variáveis multifacetadas engendram novos sistemas de valores culturais, políticos e econômicos; a reestruturação do capitalismo, o avanço na globalização da economia e o domínio da tecnologia impactam o mundo, de tal forma que sua característica principal é a complexidade. Vivemos atualmente em um mundo caracterizado fundamentalmente pelo avanço tecnológico em que o desenvolvimento dos sistemas interativos de comunicação, as novas tecnologias da sociedade da informação, enfim a criação de um novo espaço de valores e representações dependentes dos recursos tecnológicos respaldam a disseminação de uma cultura que determina por conseguinte, uma nova configuração das relações do sujeito com o seu entorno. Estas transformações apontam para a conformação de um novo quadro, a nível mundial, em que a constituição de uma nova lógica da organização societária determina, inexoravelmente, novos modos de relações sociais - portanto, novas formas de se compreender a questão do humano e o contexto de produção da subjetividade. O progresso, calcado na razão e na ciência caracterizado pelo entrelaçamento entre a razão processual e a realidade social através da superação da ignorância e a possibilidade do domínio da natureza através da mediação tecnológica, marcam notadamente o ideário do mundo contemporâneo. O reflexo desse contexto atinge de modo inaudito os dispositivos pedagógicos vigentes que, por excelência, constituem-se como meios de produção da identidade. Os mecanismos de avaliação e suas propostas pedagógicas subjacentes reificam o ideário e constroem habilidades e competências que qualificam e legitimam a entrada do sujeito no sistema de produção. Nesse sentido, observam-se propostas sociais nas quais se criam mecanismos para promover a inclusão digital daqueles que se encontram à margem desse sistema de produção simbólica do sujeito. O trabalho pretende desenvolver uma análise crítica desses processos de mediação tecnológica na constituição do sujeito na contemporaneidade, bem como uma reflexão sobre as propostas pedagógicas vigentes. (UERJ)



Dispositivos pedagógicos e processos de subjetivação: análise da avaliação da aprendizagem e do currículo

Luiz Antonio Saléh Amado

O trabalho a ser apresentado terá como eixo central a idéia de que os dispositivos pedagógicos atuam ativamente nos processos de subjetivação. Entre tais dispositivos, destacarei a avaliação da aprendizagem e o currículo, enumerando alguns aspectos acerca de suas histórias e buscando discutir os vínculos mantidos entre diferentes propostas pedagógicas e os modelos de homem que se buscava construir através da educação. Especial atenção será dada à análise das práticas de avaliação, a partir de relatos de professores e alunos, possibilitando configurar um campo no qual situa-se, de um lado, o que chamei de avaliação-consumo e do outro, avaliação-produção. Por fim, considera-se fundamental a multiplicação de práticas de avaliação inovadoras, na linha de processos que dêem espaço também para a criação e a produção, capazes de construir outros modos de subjetivação. (UERJ) saleh@uerj.br



Distrofia Muscular de Duchenne - Três Formas de Olhar.

Roseli Ap. **BELGA** (Psicóloga, Psicodramatista)
Irene Rodrigues de **ANDRADE** - Universidade Estadual de Campinas)
Aurélio F. T. **MELO** (Psicólogo – ABDIM, Mestre em Psicologia Escolar e Desenvolvimento Humano); Sabine **EGGERS** (Departamento de Biologia - IBUSP, Doutora em Biologia Genética).

A proposta deste trabalho é discutir e refletir sobre a atuação do profissional de Psicologia, junto à área da Genética, especialmente com foco na Distrofia Muscular de Duchenne (DMD), considerada o mais grave tipo de distrofia muscular progressiva. Os dois primeiros trabalhos referem-se à pesquisa científica em programas de Mestrado e Doutorado, e o terceiro refere-se à prática profissional junto à famílias portadoras de DMD. Esta é uma doença genética, ligada ao cromossomo X, que provoca no músculo a falta da proteína distrofina, o que ocasiona prejuízo e incapacidade nos movimentos progressivamente, culminando com a morte. MELO, em sua pesquisa de mestrado aponta o trabalho desenvolvido com dez mães de adolescentes portadores de DMD, em que foram realizadas entrevistas objetivando investigar aspectos relacionados ao luto antecipatório e à maternidade na DMD. Uma das conclusões obtidas foi a de que a vida para estas mães resume-se no cuidado voltados para o filho e para a casa. Enquanto EGGERS, em sua tese de doutorado, pesquisou junto à 263 mulheres em risco de virem a ter filhos com DMD, os aspectos psicossociais do aconselhamento genético em distrofias musculares progressivas, verificando sua eficácia junto às irmãs dos portadores. Entre as conclusões obtidas constatou-se que um maior número de sessões com acompanhamento psicológico especializado poderia aumentar não somente a eficácia do aconselhamento genético, mas principalmente a qualidade de vida das famílias afetadas por doenças genéticas. BELGA E ANDRADE, por sua vez apresentam um trabalho de atendimento domiciliar voluntário à duas famílias portadoras de DMD, que consiste no apoio, orientação e pesquisa assistemática direcionada preferencialmente às crianças portadoras e suas mães. Para tanto, utilizou-se de estudos de caso pautado na abordagem Psicodramática como referencial teórico-prático. No primeiro caso, verifica-se o encontro com a DMD via APAE, e o início do interesse pela construção da prática. No segundo caso, o desenvolvimento de uma prática apoiada pela história de uma experiência vivenciada no decorrer



de sete anos. A construção de um tipo de atendimento diferenciado dos tradicionais, com modificação de setting e sem o apoio institucional, têm-se configurado como um desafio. A conscientização dos familiares em relação à doença, às possibilidades de tratamento existentes, às pesquisas desenvolvidas, aos recursos públicos que podem ser ativados, tem contribuído para que se rompa no grupo as atitudes de passividade e desamparo. O apoio psicológico, facilitando a exposição dos sentimentos suscitados pela vivência dolorosa, e auxiliando na elaboração das diversas fases que a DMD provoca com as sucessivas perdas, têm possibilitado a compreensão da influência das relações vinculares, tanto no processo do adoecer como no de se tornar saudável. Os resultados até o momento obtidos podem ser observados através da incorporação de novas atitudes das famílias de se auto-incluírem na sociedade nos variados setores. Estes trabalhos evidenciam a necessidade do psicólogo “brigar e gritar” pelo espaço existente junto às equipes voltadas para a saúde do ser humano, sejam elas ligadas à quaisquer áreas.

Atendimento Domiciliar para Famílias Portadoras de Distrofia Muscular de Duchenne

Irene Rodrigues de Andrade

Este trabalho insere-se num contexto de preocupações que procuram possibilidades de atuação psicológica, pautada na promoção e cuidado à saúde mental do indivíduo em âmbito familiar. Nesse sentido o serviço psicológico ora focalizado, desenvolvido junto às famílias portadoras de Distrofia Muscular de Duchenne (DMD), na região nordeste do estado de São Paulo, consiste no apoio, orientação e pesquisa direcionados preferencialmente àquelas crianças e adolescentes com DMD e suas mães. Este trabalho objetiva mostrar uma experiência de atendimento psicológico domiciliar e refletir sobre a atuação do profissional de psicologia, frente a uma problemática, que ainda não pode contar com uma produção científica sustentadora da prática. Para tanto utilizou-se de estudo de caso pautado na abordagem Psicodramática como referencial teórico-prático. O trabalho relata a experiência do atendimento voluntário a duas famílias. No primeiro caso, verifica-se nosso encontro com a DMD (via APAE) e o início do interesse pela construção dessa prática. No segundo caso, o desenvolvimento de uma prática apoiada pela história de uma experiência vivenciada no decorrer de sete anos. Durante este



tempo, a falta de conhecimento a respeito da síndrome nos impulsionou a buscar respostas na literatura, em profissionais e em instituições como a ABDIM (Associação Brasileira de Distrofia Muscular). Participamos também da elaboração e fundação da Associação de Amigos dos Portadores de Distrofia Muscular de Ribeirão Preto (AADM). Em ambos os casos a atenção e a atuação é realizada primeiramente com os filhos e no desenrolar do trabalho são incluídas as mães, centralizando-se assim, na díade ou tríade. O setting domiciliar surgiu como possibilidade no momento em que nos desligamos da APAE e optamos por dar continuidade ao trabalho. Este é orientado pelo profissional em suas especificidades, edifica-se segundo a determinação da mãe, instalando-se como o espaço reconhecido da relação. A conscientização dos familiares a respeito da doença, das possibilidades de tratamento existentes, das pesquisas desenvolvidas, dos recursos públicos que podem ser ativados, contribui para que se rompa, no grupo, as atitudes de passividade e desamparo. O apoio psicológico facilita a elaboração das diversas fases que a DMD provoca com as sucessivas perdas, possibilitando a compreensão da influência das relações vinculares, tanto no processo do adoecer como no de se tornar saudável. O vínculo com a vida é o fio condutor da ação psicológica, fio este resgatado na valorização do que é possível diante do que se vive. Esta intervenção possibilita uma melhor qualidade de vida no âmbito familiar e, conseqüentemente, social. Os resultados até o momento obtidos, podem ser observados através da incorporação de novas atitudes das famílias de se auto incluírem na sociedade em seus vários segmentos. Construir uma prática de atendimento à famílias portadoras de DMD, sem apoio institucional, tem sido um desafio. Nesta experiência estamos sendo capazes de exercitar o compromisso que temos tanto com a ciência psicológica, quanto com as pessoas, pautando nossas ações pelo respeito e pela ética da inclusão social. A demanda para este trabalho tende a se ampliar na medida que as pesquisas junto à área da Genética avançam.



Pesquisa e Profissão do Psicólogo no Aconselhamento Genético: O Exemplo da Distrofia

Sabine Eggers

(Laboratório de Antropologia Biológica. Centro de Estudos do Genoma Humano. Depto Biologia – IBUSP)

A importância da psicologia está crescendo com o aumento do potencial preditivo em genética médica. O aconselhamento genético, que visa informar e apoiar as famílias quanto a doenças hereditárias, representa, nesse contexto, a área de maior atuação do psicólogo. Diagnósticos pré-clínicos e pré-natais, assim como a detecção de portadoras (somente realizáveis sob consentimento informado) apresentam sérias implicações psicossociais. Como exemplo apresentaremos a avaliação das consequências psicossociais do aconselhamento genético em 263 mulheres em risco de virem a ter filhos acometidos pela Distrofia Muscular de Duchenne (DMD). DMD é uma doença genética sem tratamento que acomete meninos, que leva à fraqueza progressiva da musculatura esquelética culminando na necessidade do uso de cadeira de rodas por volta de 10 anos de idade e ao óbito no início da terceira década de vida. Classificamos as mulheres de acordo com a magnitude do risco de virem a ter filhos com DMD. Dentre cada classe de consulentes avaliamos o grau de retenção das informações dadas durante o aconselhamento genético, a história familiar e pessoal, os pedidos de testes de DNA para detecção de portadora, o planejamento familiar, o nível sócio-educacional e a opinião subjetiva sobre interrupção da gestação. Observamos que a magnitude do risco não influencia o planejamento familiar, mesmo considerando apenas as mulheres com melhor compreensão das informações recebidas durante o aconselhamento genético. Por outro lado, consulentes com mais de um parente afetado ou no mínimo um parente falecido em decorrência da DMD apresentam melhor compreensão das informações a elas transmitidas durante o aconselhamento genético. Isso sugere que a) a “vida” tem maior impacto sobre as decisões reprodutivas do que o aconselhamento genético, b) que o aconselhamento genético não é informativo o suficiente para auxiliar nas decisões reprodutivas e/ou c) que apesar dos altos riscos, uma parte das consulentes opta por ter filhos, quer acometidos por DMD ou não. Um maior número de sessões com acompanhamento psicológico especializado poderia aumentar não somente a eficácia do aconselhamento genético, mas principalmente a qualidade de vida das famílias afetadas por doenças genéticas.



Ensino e Aprendizagem de Matemática: Contribuições do Paradigma da Equivalência de Estímulos

Verônica Bender Haydu
João dos Santos Carmo
José Medeiros

Ensino de comportamentos matemáticos para pessoas com deficiência mental

Rosana Rossit

Enquanto atividade humana, a matemática é uma forma particular de organizar os objetos e eventos, estabelecendo relações entre eles para contá-los, medi-los, somá-los, dividi-los e verificar os resultados das diferentes formas de organização. Dentre os sistemas convencionais da matemática identifica-se o comportamento de manusear dinheiro, que é fundamental para muitos aspectos do cotidiano. Enquanto, as pessoas que não são deficientes costumam dominar as habilidades de contagem e fazer pequenas compras na comunidade mesmo antes de entrarem na escola, pessoas com deficiência mental, usualmente, apresentam dificuldades na aquisição de comportamentos complexos mesmo tendo recebido inúmeros anos de instrução com métodos acadêmicos tradicionais. Diversos componentes envolvidos nesse comportamento foram identificados: nome de número ditado, numeral impresso, moedas e notas, palavra impressa, conjunto de quantidades, conjuntos de moedas e notas, preço impresso, contagem, nomeação, operações aritméticas. Seria praticamente inviável ensinar diretamente todas as relações entre esses componentes, visto a complexidade e possibilidade infinita de combinações. Alguns autores apontam para a eficácia do paradigma de equivalência de estímulos para a formação de classes de estímulos equivalentes e a emergência de relações derivadas de treinos anteriores. Há, portanto, uma economia de tempo e percurso a partir do momento que determinadas relações emergem a partir de algumas relações treinadas diretamente. Apoiados nessas justificativas, uma seqüência de ensino foi organizada, selecionando-se valores e relações específicas que pudessem favorecer a aprendizagem do comportamento de manusear dinheiro. O objetivo foi desenvolver e avaliar um currículo, baseado em equivalência de estímulos, para o ensino de comportamentos matemáticos para pessoas com deficiência mental. Participaram dez pessoas com deficiência mental, ambos os sexos, na faixa etária de 12 a 32 anos estudantes de uma escola de Educação Especial. Os estímulos utilizados foram: nome de número ditado, moedas, notas e preços; numerais impressos; figuras de moedas e notas; componentes numéricos intercalados com o sinal da adição; conjuntos de moedas e notas; moedas e notas verdadeiras e preço impresso. Quatro estudos foram desenvolvidos para o ensino de diferentes relações envolvidas no comportamento de manusear dinheiro. O procedimento de ensino foi conduzido no computador através do programa de pesquisa Mestre® que apresentava as tarefas, gravava os resultados automaticamente e emitia o relatório com as escolhas e as porcentagens de acerto e erro. Os resultados parciais apontam para



a eficácia e eficiência do procedimento de ensino, visto a aquisição de habilidades complexas num período de tempo reduzido, quando comparado com o tempo de vida e de escolarização. Outras vantagens são identificadas quanto à utilização de procedimentos de ensino informatizados: precisão, eficiência na programação, registro automático de respostas, obtenção imediata dos resultados e a eliminação de variáveis que possam interferir no ensino almejado. Ainda há muito a se investigar com relação ao processo de ensino-aprendizagem do comportamento matemático para pessoas com deficiência mental.



Epistemologia e Psicologia Analítica: Pensando a Transdisciplinaridade e a Interdisciplinaridade

Maddi Damião Junior
Luiz José Veríssimo
Elizabeth Christina Cotta Mello

O Espaço Transdisciplinar: Origem e Totalidade: Contribuições Epistemológicas Interdisciplinares para a Comunicação entre as Áreas da Psicologia, Física e Mitologia

Elizabeth Christina Cotta Mello

O presente trabalho é fruto da tese de doutorado terminada em 2002 "*Espaço Transdisciplinar - Origem e Totalidade: Contribuições Epistemológicas Interdisciplinares para a Comunicação entre as Áreas do Saber: Psicologia, Física e Mitologia*" (Mello, 2002) e teve como objetivo inicial o estudo comparativo entre criação da consciência e as cosmogonias, através de um diálogo que se estabelece entre a psicologia de C. G. Jung, a mitologia e a física. Assim, uma de suas propostas foi a comunicação entre as diversas áreas do saber. O objetivo mais amplo foi de contribuir para uma futura transdisciplinaridade. A partir da sistematização dessa proposta interdisciplinar, buscamos fornecer um caminho para uma colaboração entre diferentes áreas do saber. O caminho de proposta interdisciplinar se dá através do tema "origem e totalidade". A psicologia analítica é a fundamentação teórica em termos psicológicos e a teoria das estranhezas a fundamentação epistemológica. O método fenomenológico serviu de base para a comparação das três áreas citadas.

Conclui-se com este trabalho que as criações obedecem ao mesmo princípio formativo, contendo uma estrutura processual que envolve um aspecto que depende do contexto e outro que se repete nas diferentes áreas estudadas.

Ao realizarmos uma comparação entre o ato de criação do cosmos, em termos físicos e míticos e a criação da consciência observou-se que a questão da origem e da totalidade se afigurou como ideal não somente como método de comparação mas como modelo futuro para discussões transdisciplinares, como lugar privilegiado de transdisciplinaridade. Partimos, também, da idéia de virtualidade arquetípica como origem última e totalidade e com a idéia de *Self* - o centro ordenador da personalidade e totalidade do psiquismo aproxima-se, assim, do pensamento mítico e resgata a forma de conhecer anterior à ciência ocidental.

O modelo reducionista e fisicalista do ocidente, calcado em um "dialeto newtoniano", conduzem à crença que esta forma (científica clássica) de entender o mundo seria a melhor ou a



única possível. A psicologia de C. G. Jung, assim como a teoria das estranhezas e a cosmologia quântica ousam abandonar esse "chão" (o cenário espaço/temporal) e realizar uma ruptura, abrindo espaço para a virtualidade que se coaduna com uma totalidade anterior à singularidade, seja humana ou de qualquer espécie de matéria. Nesse espaço comum pode-se pensar em gerar um encontro entre saberes, o que está entre as disciplinas, o além e o aquém, no sentido do comum, do que envolve e o que precedeu como partes de uma totalidade múltipla.

Unitermos: interdisciplinaridade, teoria das estranhezas, psicologia junguiana, física, mitologia.



Espaços Urbanos e Contemporaneidade

1º fala - Ana Lúcia Gonçalves Maiolino

2º fala - Deise Mancebo

Entre escalas, desigualdades e exclusões: a difícil vivência urbana

Ana Lúcia Gonçalves Maiolino

Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social - UERJ

O trabalho aborda a relação entre o devir urbano e o da humanidade, acirrada pelo intenso processo de urbanização ocorrido nas últimas décadas. Considerando o pressuposto de que o desenho das cidades reflete a configuração social de sua população, diversos estudos têm apontado para o desenvolvimento das cidades globais, cidades “partidas”, metáfora que bem exprime a imagem de locais marcados pela segregação e pela exclusão tanto espacial quanto social. Sem entrar na discussão específica deste pressuposto, assume-se como fato inexorável que território e sociedade encontram-se visceralmente atrelados na atualidade, ressaltando-se, contudo a complexidade deste processo. Defende-se que para entender as cidades e seus habitantes, e, em especial a produção de subjetividade do cidadão urbano, é preciso transitar por diferentes escalas simultaneamente. No Rio de Janeiro, por exemplo, segunda metrópole brasileira, se há periferias esquecidas e seus moradores podem ser agrupados sob a genérica denominação de “excluídos”, há também uma enorme mistura de diferentes classes sociais habitando praticamente todos os bairros, inclusive aqueles reconhecidos como bairros da classe alta. Assim, se numa escala ampliada o que se detecta são exclusões odiosas produzidas por um sistema que se mostra voltado ao lucro imediato e à dominação - econômica, midiática, cultural – de algumas poucas corporações e seus beneficiados sobre a imensa massa dos demais, numa escala um para um, do face a face, ao rés do chão, não se convive apenas com a miséria resultante deste processo global e que cheira a impotência, mas se vivencia o contato com desigualdades, de diversos níveis, fontes e modalidades, que são reafirmadas ou re-escritas nos trânsitos locais. Neste mesmo sentido é que também se defende que seja tão importante conhecer as histórias oficiais e os planos urbanísticos reguladores, tantas vezes segregadores, quanto mapear as linhas de fuga que se delineiam na poeira da rua, longe dos papéis, plantas e projetos formais. Se por um lado há fluxos, grandes redes globais e comunicações virtuais em curso, por outro é insensato renegar a um segundo plano o que se produz ao caminhar pelas ruas, ao suportar o ruído dos carros velozes, das sirenes que remontam ao susto e ao medo, à angústia de visualizar tantos rostos desconhecidos e de ser confrontado com tantas realidades estranhas a si mesmo. A questão das multidões tão presente no final do século XIX e início do século XX não deixou de estar presente neste século XXI. Ao contrário, ela se complexificou, agregando elementos que lhe são absolutamente estranhos ou até mesmo antagônicos – como os cada vez mais triviais contatos virtuais. O trabalho assinala ainda que desvendar e entender que homens se constituem e sobrevivem neste



emaranhado de fios de tantas espessuras, tamanhos e rugosidades, é o que vem movendo profissionais de diferentes áreas - psicólogos, historiadores, sociólogos, urbanistas, geógrafos, dentre outros – e que este trabalho, fundamentado em diferentes olhares se mostra imprescindível, ainda que se tenha que enfrentar cotidianamente dificuldades teóricas e metodológicas. (UERJ, CAPES) anamaiolino@br.inter.net

Deise Mancebo

Professora Titular – Programa de Pós-graduação em Psicologia Social-UERJ

A proposta da mesa é problematizar algumas possibilidades analíticas das intrincadas relações subjetivas, que tomam curso nos espaços urbanos contemporâneos. **Silvia Carvalho Josephson** (Professora da UFF e doutoranda do PPGPS-UERJ) expõe o texto “**Contemporaneidade, espaços urbanos e os novos estranhos**”, no qual as cidades aparecem como um assentamento humano, em que estranhos têm uma chance de se encontrar; lugares facilitadores de formas diferentes de relações e que requerem um exercício muito especial e sofisticado, denominado “civildade”. Concebe as cidades como um bem comum, exigindo dos seus habitantes tarefas a serem compartilhadas com engajamento e participação. Discute o esmaecimento das clivagens tradicionalmente atribuídas aos territórios urbanos - espaços públicos e privados – e destaca a emergência de novas configurações não identificáveis a nenhuma dessas duas categorias “tradicionais”, problematizando, especialmente, os espaços dos “shoppings centers”. Conclui sua apresentação interrogando-nos sobre os sentidos que tomam os encontros com os estranhos nesses novos espaços e os exercícios de civildade que neles tomam curso. A exposição tem prosseguimento com **Ana Lúcia Gonçalves Maiolino** (doutoranda do PPGPS-UERJ), apresentando o trabalho “**Entre escalas, desigualdades e exclusões**”. Parte do pressuposto que o desenho das cidades reflete a configuração social de sua população, apresentando diversos estudos que têm apontado para o desenvolvimento das cidades globais. Ressalta, contudo, a complexidade dos processos envolvidos e defende o uso de diferentes escalas de análise simultaneamente. Toma a situação do Rio de Janeiro, como um exemplo de metrópole que apresenta periferias “excluídas” mas que, numa escala mais apurada de investigação, também exhibe diferentes classes sociais habitando praticamente todos os bairros. Assim, se numa escala ampliada o que se detecta são exclusões produzidas por um sistema que se mostra voltado ao lucro imediato e à dominação; a escala mais fina de análise torna visível desigualdades de diversos níveis, além de possibilitar o mapeamento de resistências tecidas no cotidiano. Conclui assinalando que a investigação das grandes cidades e de seu componente humano exige um exercício de análise sob o foco de diferentes disciplinas acadêmicas. A mesa é encerrada com a exposição de **Denise Barcellos da Rocha Monteiro** (mestranda do PPGPS-UERJ), apresentando o trabalho “**A baía dos anjos blasés: o isolamento no Rio de Janeiro**”, no qual aborda o



isolamento como elemento que se intensifica concomitante ao processo de construção da subjetividade contemporânea urbana, empobrecendo as relações e esvaziando os espaços coletivos. Toma a cidade do Rio de Janeiro como campo de investigação, remetendo o termo isolamento a uma possibilidade no modo de viver as relações, que aponta para vínculos frágeis e transitórios. Nesse território grande e complexo, o isolamento acaba por se tornar predominante, embora não seja inescapável. Seguindo pistas da análise de Michel de Certeau, localiza pontos potencializadores da estranheza e da perplexidade; espaços onde subsistem e resistem marcas da cidade passada; lugares selvagens que reinam no cotidiano, recusam uma função a priori e abrem-se à produção de sentidos. Cartografa, por fim, as cicatrizes que a vida do homem cria no corpo da cidade e dá relevo àquelas que se traçam pela tinta do isolamento e da solidão “blasé”. (UERJ, FAPERJ, CNPq) mancebo@uerj.br

Contemporaneidade, espaços urbanos e os “novos estranhos”

Silvia Carvalho Josephson

Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social – UERJ

Professora da Universidade Federal Fluminense

As cidades podem ser definidas como um assentamento humano em que estranhos têm uma chance de se encontrar. São lugares em que formas diferentes de encontro podem acontecer: encontramos amigos, parentes, conhecidos e estranhos. Viver nas cidades requer uma forma de atividade muito especial e sofisticada, de fato um grupo de habilidades que são freqüentemente listadas sob a rubrica de “civildade”, que não deve ser vista como uma atividade privada, pois, antes de ser uma habilidade individual, ela é caracteristicamente uma situação social. Isto significa que as cidades devem ser concebidas, por seus habitantes, como um bem comum e como uma tarefa a ser compartilhada, isto é, em que deva haver engajamento e participação. As cidades são, enfim, um grande composto heterogêneo, heterogeneidade que se mostra nos diferentes espaços que a compõem, em suas diversas feições arquitetônicas, em seus habitantes, dos mais variados tipos e nas suas múltiplas manifestações e organizações sociais e culturais. Os espaços das cidades, por sua vez, têm sido tradicionalmente diferenciados em espaços públicos e privados. Estes últimos são comumente associados às casas e aos lugares de encontro com conhecidos, familiares e convidados, onde as pessoas podem exercitar formas de relacionamentos “pessoais”, com a expressão de sentimentos íntimos, característicos das relações com quem se pode estar “à vontade”. Os espaços públicos, por outro lado, referem-se às praças, às ruas, às praias e exigem modos diferentes de relacionamento. Nestes espaços são exigidos os códigos e as habilidades relativos à civildade, pois é nesses lugares em que acontecem os encontros com os estranhos, com os que não nos são iguais. Neles não existe a pressão para que as pessoas se expressem a



partir de seus sentimentos e pensamentos “autênticos”, seus sonhos e suas angústias. Contemporaneamente, entretanto, esta divisão parece ter se esmaecido, não aparecendo de forma pregnante, determinada e delimitada, tanto no que diz respeito aos padrões de comportamento característicos de cada um, quanto ao que se refere às configurações espaciais de cada um deles. Outros espaços urbanos foram criados e não se inserem em nenhuma dessas duas categorias. Os “shoppings centers”, nas grandes cidades, podem ser tomados como exemplo desses lugares e têm ocupado o lugar antes destinado às praças públicas, às ruas de circulação e de comércio e aos antigos “centros” das cidades. Da mesma forma que estes, os “shoppings” não são espaços privados. Neles há o encontro com todo tipo de pessoas: conhecidas e desconhecidas. Mas são os “shoppings” espaços públicos? Quem são esses estranhos que se encontram nos “shoppings”? É essa perspectiva que o trabalho aborda: apresenta esses lugares contemporâneos, os sentidos que tomam os encontros com os estranhos, com o outro que difere. Mais especificamente, analisa-se as relações entre tais espaços e as formas de exercitar a civilidade. Procura-se, por fim, problematizar questões que essa discussão suscita. São espaços civis, no sentido dado a esta palavra? Se não, sob que tipo de espaço podem ser caracterizados? Que formas de encontro ocorrem nesse mundo? São templos de consumo, com certeza, mas só de mercadorias ou também de subjetividades? (UERJ, UFF)

A baía dos anjos blasés: o isolamento no Rio de Janeiro

Denise Barcellos da Rocha Monteiro

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social – UERJ

O trabalho aborda o isolamento como elemento que se intensifica concomitante ao processo de construção da subjetividade contemporânea urbana, empobrecendo as relações e esvaziando os espaços coletivos. Parte-se da premissa de que tais cicatrizes não são naturais, mas historicamente produzidas, trabalhando-se na perspectiva de que o isolamento se enraíza num dado momento e circunstância do ocidente capitalista como resposta ao paradoxo de um mundo cada vez mais complexo e, ao mesmo tempo, fragmentado. O texto aponta elementos concretos que expressam esse comprometimento na qualidade das relações e, para tanto, toma a cidade do Rio de Janeiro como campo de investigação, dada a sua complexidade e multiplicidade de formas de existir. Nesse trabalho, o termo isolamento, não descreve somente o estado apartado do convívio físico de outras pessoas, da solidão como definida pelo senso comum, nem pode ser superposto ao conceito de individualismo, embora tenha com ele fortes parentescos em sua árvore genealógica. Remete o termo isolamento a uma qualidade e possibilidade no modo de viver as relações, que aponta para vínculos frágeis e transitórios. Na cidade grande, com sua complexidade, essa forma de conviver no mundo acaba por se tornar predominante _ embora não



seja inescapável _ sendo constituída na ecologia urbana, ao mesmo tempo em que participa de sua constituição. Nesse engendramento, o isolamento se oculta e perpassa de diferentes maneiras as esferas da vida. Na investigação da vida cotidiana o trabalho considera, sobretudo, a instância oral, conforme definida nos trabalhos de Michel de Certeau. Além disso, entende que a cidade comporta, além de lugares da palavra, espaços de silêncio, onde nenhuma semântica é dada. São pontos potencializadores da estranheza e da perplexidade; espaços onde subsistem e resistem marcas da cidade passada, não incorporadas a nenhum mecanismo de explicação, testemunhos de uma história que não se conta mais com palavras: o romance da cidade. São objetos que Certeau denomina selvagens, os “espíritos do lugar” que reinam no cotidiano: em árvores, fontes, nos móveis dos brechós, em sebos, nos álbuns de retratos familiares, nas receitas passadas de geração em geração. No seu silêncio, incitam à fala, fazem agir, pois recusam uma função a priori e, portanto, abrem-se à produção de sentidos. O trabalho analisa essas marcas do cotidiano: as luzes da Lagoa Rodrigo de Freitas, as cruzes azuis das favelas, o barulho de trabalhadores numa sexta feira no botequim da esquina, o silêncio das ruas do subúrbio, as crianças no sinal, os mendigos revirando as latas de lixo dos restaurantes de Copacabana. Cartografa as cicratizes que a vida do homem cria no corpo da cidade e dá relevo aquelas que se traçam pela tinta do isolamento e da solidão “blasé”. (UERJ) dbrm@cenpes.petrobras.com.br



Estratégias de Aprendizagem e Motivação: Implicações Educacionais

A motivação do aluno e o uso de estratégias de aprendizagem: interface e interações.

Dr. José Aloyseo Bzuneck
Universidade Estadual de Londrina

Uma tendência nítida de estudos mais atuais revela que uma preocupação com focalizar, nas aprendizagens escolares, os componentes motivacionais em combinação com os aspectos cognitivos. Tradicionalmente, na Psicologia, houve autores que trabalhavam exclusivamente os fatores motivacionais da aprendizagem, com a suposição de que, uma vez motivado, o aluno empreenderia todas as ações exigidas para aprender. Assim, a teoria de metas de realização teria um alcance geral ao revelar os componentes que assegurem o melhor envolvimento nas atividades acadêmicas. Por outro lado, foi também intensa a produção de especialistas em cima de fatores tipicamente cognitivos da aprendizagem, sendo que, mais recentemente, a ênfase tem recaído consideravelmente sobre os tipos e funções das estratégias de aprendizagem. Verificou-se que nenhum dos dois enfoques, separadamente, dá conta do objetivo maior que é a aprendizagem de qualidade, com o melhor envolvimento do aluno. Nesse sentido, as conclusões mais recentes apontam que a motivação é necessária, mas não suficiente. O esforço deve consistir no emprego sistemático de estratégias eficazes de aprendizagem. Por outro lado, as habilidades cognitivas e metacognitivas não se desenvolvem nem são aplicadas sem a atuação de fatores motivacionais. As pesquisas têm mostrado como os professores devem trabalhar esses dois aspectos em interação, com o duplo objetivo de reduzir o fracasso escolar e, sobretudo, de se promover aprendizagens de qualidade.

Estratégias de Aprendizagem e Metacognição em Alunos do Ensino Fundamental

Dra. Evely Boruchovitch
Universidade Estadual de Campinas- UNICAMP

A auto-regulação da aprendizagem vem sendo considerada como uma importante meta educacional. Alunos auto-regulados, em geral, são ativos e responsáveis pela sua própria aprendizagem. Demonstram iniciativa, persistência, auto-eficácia, consciência metacognitiva, motivação intrínseca e utilização adequada das estratégias de aprendizagem. Pesquisas revelam que, embora a idade seja um fator que contribui para o desenvolvimento da auto-regulação da aprendizagem, crianças pequenas conseguem usar estratégias de aprendizagem e monitorar certos comportamentos. Teóricos defendem que o papel da instrução nos dias de hoje é transcender a realização de metas específicas e contribuir para que alunos sejam capazes de planejar, controlar, refletir sobre seus próprios processos de aprender e, por conseguinte, lidar adequadamente com situações-problema que enfrentarão depois do processo de escolarização formal. Na realidade, professores estabelecem tarefas e esperam que as mesmas sejam cumpridas. Todavia, pouca atenção vem sendo devotada ao conhecimento das habilidades de estudo e aprendizagem dos estudantes e ao posterior desenvolvimento de habilidades inexistentes no repertório dos mesmos.



A literatura brasileira acerca das estratégias de aprendizagem tem aumentado, mas ainda é escassa em todos os níveis de escolarização. Uma análise das principais pesquisas realizadas no Brasil sobre estratégias de aprendizagem conduzidas com amostras de alunos do ensino fundamental revela a baixa incidência, não só de estudos relativos ao assunto, mas também de investigações baseadas no auto-relato de alunos, de modo a se conhecer mais detalhadamente o repertório de ações dos mesmos, no que concerne ao estudar e ao aprender em diversas situações. Resultados de pesquisas sobre o uso de estratégias de aprendizagem por parte de estudantes do ensino fundamental em situações variadas de estudo e aprendizagem serão apresentados e discutidos em termos da importância de se gerar subsídios tanto para elaboração de intervenções em estratégias de aprendizagem, quanto para a promoção do desenvolvimento dessas habilidades nos alunos, em condições normais de sala de aula. Acredita-se que conhecer mais profundamente o repertório de estratégias de aprendizagem e os hábitos de estudo de crianças brasileiras, bem como as variáveis psicológicas que afetam a motivação para aprendizagem das mesmas constituí-se num passo fundamental e inicial para o enriquecimento da capacidade de aprender dos alunos, para a prevenção de dificuldades de aprendizagem em idades precoces, bem como para o avançar no sentido do desenvolvimento de uma teoria mais compreensiva do desempenho acadêmico.

Estratégias cognitivas e metacognitivas em universitários

Dra. Acácia A. Angeli dos Santos
Universidade São Francisco

O propósito das estratégias de aprendizagem é auxiliar o estudante a controlar o seu sistema de processamento de informação, de forma a melhor adquirir, estocar, recuperar e utilizar a informação, funcionando como ferramentas auxiliares da aprendizagem. Em termos do sistema de processamento da informação, as estratégias de aprendizagem auxiliam o preparo da nova informação para ser integrada à informação já conhecida e para armazenagem na memória de longa duração. As estratégias cognitivas e as metacognitivas são consideradas ferramentas necessárias para aprender o conteúdo, e para prover o monitoramento e a direção dessa aprendizagem. Pesquisas estrangeiras e brasileiras têm mostrado a importância de se identificar como as estratégias de aprendizagem são utilizadas por universitários para que se possa conhecer melhor as percepções dos alunos sobre o seu próprio processo de aprendizagem. Os resultados dos estudos realizados têm demonstrado, por um lado a importância do uso de estratégias tanto em atividades de sala de aula, como também nas atividades de estudo, de forma geral. Por outro lado, demonstram também que o auxílio do professor é indispensável para favorecer o emprego de estratégias que tornem o processo de aprendizagem mais eficaz, pois ao ensinar a seus alunos como utilizar estratégias de aprendizagem adequadas, o professor demonstrará estar muito mais centrado no processo que envolve a aprendizagem e não apenas no produto resultante dela.



Experiências de pesquisa e intervenção para Prevenção de Aids.

Autores:

1. Cristiano Carvalho Nedeff
2. Maria Cristina Antunes
3. Robson Colosio

Universidade Tuiuti do Paraná 2. Núcleo de Estudos e Prevenção de Aids – USP.

RESUMO:

Os psicólogos tem um importante papel na área de prevenção de AIDS. Esta mesa tem por objetivo discutir diferentes experiências de pesquisa e intervenção. A Profa. Maria Cristina Antunes apresentará a avaliação de um programa de prevenção de AIDS realizado com homens que fazem sexo com homens. Foram realizadas intervenções em bares e boates gays de São Paulo durante 1 ano e o impacto foi medidos através da aplicação de 500 questionários pré e pós intervenção. Foram encontrados alguns resultados significativos: aumento da crença na eficácia do preservativo, aumento de uso de preservativo no sexo oral com parceiros casuais, aumento na proporção de homens que carregam preservativo quando saem para bares e boates, aumento de busca de informações sobre HIV/Aids. Os motivos relatados para não uso do preservativo foram: confiança no parceiro, excitação e paixão. O psicólogo Robson Colósio apresentará dados referentes a realização de Grupos Operativos como procedimento de intervenção para Prevenção de Aids. Na primeira fase do projeto, pré-teste, foram convocados 17 voluntários, usuários do CTA Henfil da SMS da cidade de São Paulo para participar do grupo operativo que se reuniu em 5 sessões semanais de 1:30h. Este trabalho é o relato dessa fase, sobre a análise das primeiras discussões do material colhido pelas anotações do observador e das transcrições de cada sessão, analisadas em sessão de supervisão; tal como previsto neste procedimento. A perspectiva de análise deste estudo é o da Psicanálise e da Psicologia Social, orientada pelos estudos de René Kaës, que considera grupo como espaço privilegiado de investigação do sujeito psíquico e de Maria Inês A. Fernandes que aborda a questão do grupo operativo como lugar possível de mediação para a investigação da relação indivíduo-sociedade, ou seja, esse trabalho pretende estudar o sujeito inserido em um grupo social - sujeito psicossocial; de forma a propor uma forma de intervenção que atue na minimização da sua dissonância entre conhecimento/desejo de prevenir-se do HIV e adoção de comportamento de risco. O Prof. Cristiano Carvalho Nedeff apresentará uma pesquisa realizada com jovens portadores de deficiência visual. Foram realizados 3 estudos de caso, com jovens entre 22 e 25 anos, com cegueira total e congênita. Entre os resultados, sobre gravidez e anticoncepção, a primeira e o segundo entrevistados referiram o centro de apoio à deficientes visuais que freqüentaram, na adolescência, como responsáveis pelas informações, e em segundo lugar, algum tipo de orientação familiar. A terceira participante do sexo feminino declarou a explicação materna sobre estes assuntos. A primeira entrevistada enfatizou que a gravidez foi um dos principais motivos de ansiedade no seu namoro na adolescência. Sobre aids e DST, os três participantes relataram a família e os meios de



comunicação como responsáveis pelas informações. Porém, em nenhum outro momento da entrevista, os três participantes mencionaram tais assuntos, tão pouco figuraram entre os temas que lhes preocupavam durante a adolescência. Observamos a ausência de programas preventivos para essa população, de forma a abordar os riscos associados à sexualidade na adolescência em deficientes visuais.

Cristiano Carvalho Nedeff
Universidade Tuiuti do Paraná

RISCOS ASSOCIADOS À SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA EM DEFICIENTES VISUAIS

Dentre as questões investigadas na minha pesquisa de mestrado, a gravidez, anticoncepção, doenças sexualmente transmissíveis (DST) e aids foram itens que mereceram destaque e causaram surpresa. Participaram desta pesquisa, três pessoas adultas, com cegueira total e congênita, sendo duas do sexo feminino e uma do sexo masculino, com idades entre 22 e 25 anos. Sob o referencial teórico da sexologia foi elaborada uma entrevista semi-estruturada, sendo solicitado aos participantes comentarem sobre tais temas em suas adolescências. Através do método de abordagem qualitativa, a análise dos dados sofreram um tratamento proposto por Minayo, que operacionalmente dividiu-se em ordenação, classificação e discussão dos dados. Entre os resultados, sobre gravidez e anticoncepção, a primeira e o segundo entrevistados referiram o centro de apoio à deficientes visuais que freqüentaram, na adolescência, como responsáveis pelas informações, e em segundo lugar, algum tipo de orientação familiar. A terceira participante do sexo feminino declarou a explicação materna sobre estes assuntos. A primeira entrevistada enfatizou que a gravidez foi um dos principais motivos de ansiedade no seu namoro na adolescência. Sobre aids e DST, os três participantes relataram a família e os meios de comunicação como responsáveis pelas informações. Porém, em nenhum outro momento da entrevista, os três participantes mencionaram tais assuntos, tão pouco figuraram entre os temas que lhes preocupavam durante a adolescência. Assim, pode-se constatar certa inadimplência familiar e das autoridades governamentais em relação aos riscos associados à sexualidade na adolescência em deficientes visuais, por falta de orientações enfáticas e a não existência de programas preventivos para essa população.



Prevenção de AIDS e Sexualidade: A Atuação do Psicólogo

Maria Cristina Antunes
Universidade Tuiuti do Paraná

Objetivos: apresentar experiências de ensino em um modelo de intervenção educativa em AIDS, no curso de graduação de Psicologia. Metodologia: realização de treinamento vivencial, aulas teóricas e supervisões. Utilizamos dinâmicas de grupo e técnicas psicodramáticas para refletir sobre o simbolismo da AIDS, desconstrução da noção dos grupos de risco, percepção de risco, modos de transmissão, situações de vulnerabilidade em diferentes parcerias sexuais, corpo erótico e reprodutivo, construção social da sexualidade e papéis de gênero, testagem para HIV, preconceito com relação à minorias (drogados, prostitutas, homossexuais), negociação do sexo seguro. Resultados: as atividades tiveram grande impacto na formação e na vida pessoal dos estagiários. Eles realizam grupos de Sexualidade e Prevenção em AIDS em Casas de Culturas, Centros de Convivências e escolas. Conclusão: é fundamental habilitarmos psicólogos a tratarem temas tabus tais como sexualidade, prevenção em AIDS, homossexualidade e uso de drogas de forma mais espontânea, não apenas para trabalhos preventivos mas também clínicos. É importante formar profissionais desprovidos, ou que pelo menos tenham refletido, sobre os preconceitos sociais. O psicólogo tem conhecimentos que são facilitadores para a sensibilização com relação a epidemia da AIDS.



Experiências e Significados: Cultura e Identidade na Periferia de São Paulo

Marília Gomes Ghizzi Godoy
Marisa Irene Siqueira Castanho
Amilton Carlos Camargo
Ricardo Franklin Ferreira (coordenador)

UNIVERSIDADE SÃO MARCOS
São Paulo
2002

Este encontro discute alguns aspectos da realidade brasileira, como a desqualificação social e a escassez de condições dignas de sobrevivência para a maioria da população. Enfatiza-se a assimetria racial que leva uma grande parcela dos brasileiros a estar submetida à discriminação social e racial. As características étnicas acabam operando como referências que associam raça e condição social, de tal forma que os brasileiros que se encontram sob as piores condições de vida e menores possibilidades de ascensão social são aqueles que descendem de africanos escravizados e indígenas que, através de um processo histórico, foram afastados para as periferias dos grandes centros urbanos. Tal realidade exige a compreensão de ações sociais voltadas à reversão desse contexto. Assim, este encontro discute situações que se configuram como ações de resistência contra a ‘homogeneização’ do brasileiro em torno das características branco-europeias e algumas ações desenvolvidas na área da educação no sentido de desenvolver, nas crianças e adolescentes, melhores condições pessoais que as levem a construir um futuro promissor. Um dos trabalhos analisa a resistência cultural que se dá em alguns aldeamentos indígenas Guarani Mbya, um sub-grupo Tupi Guarani, situados na cidade de São Paulo e que têm se destacado pela forma como aí os índios cultivam suas milenares tradições e desenvolvem recursos culturais em que se ordenam valores dirigidos a uma construção peculiar da pessoa guarani, frente às influências civilizadas. Outro trabalho busca apontar que, a partir da negação da importância dos elementos da cosmovisão africana, ocorre, por parte dos afrodescendentes, uma desvalorização pessoal e, ao mesmo tempo, se desenvolve uma perspectiva que legitima o direito de dominação de alguns grupos humanos que se consideram mais adiantados que outros, determinando mecanismos de exclusão desta população por parte do grupo considerado hegemônico. Sob tal ótica, são ressaltados alguns grupos de militância voltados para o enfrentamento da discriminação racial e que têm modificado o comportamento de vários jovens afrodescendentes, favorecendo sua auto-estima, incentivando sua escolarização, além de afastá-los do mundo da violência e das drogas. O terceiro trabalho discute as relações inter-raciais na escola, em particular a relação entre negros e brancos. Trata-se de uma realidade onde ocorrem extremo preconceito e discriminação raciais, expressão dos processos sociais brasileiros. É discutido o trabalho desenvolvido por uma educadora negra, cuja prática, realizada em escolas públicas, objetiva a reversão desses processos, colaborando para o fim do silêncio em relação às humilhações sofridas pelos afrodescendentes, que ‘minam’ diariamente suas possibilidades de se afirmarem de maneira positiva frente o social.



Finalmente, é analisada uma proposta de ação educativa, fruto de um esforço de integração entre uma universidade paulista e representantes de uma associação de moradores da periferia de São Paulo, visando promover uma educação não formal, continuada, complementar às ações da família e da escola, junto a crianças e adolescentes em situação de risco. A proposta está estruturada em forma de oficinas e de atendimentos planejados por professores da universidade, em sintonia com as lideranças comunitárias, educadores locais e a de alunos de graduação em seu processo de formação profissional.

ACEITAÇÃO INTER-RACIAL NA ESCOLA: REALIDADE POSSÍVEL?

AMILTON CARLOS CAMARGO

Universidade São Marcos
São Paulo
2002

O objetivo desta pesquisa foi verificar como são as relações inter-raciais no ambiente escolar, em particular a relação entre negros e brancos. Partiu-se da realidade de extremo preconceito e discriminação raciais enraizados nas bases sociais brasileiras e, em contrapartida, na negação de tal realidade. Considera-se, ainda, discussão de fundamental importância para a sociedade brasileira, visto que cerca de metade da população brasileira é composta por afrodescendentes. O ambiente escolar foi, aqui, privilegiado por ser um importante agente na socialização do indivíduo, juntamente com a família. Assim, partindo da crença de ser a escola e a família os principais mantenedores da sociedade, portanto, muitas vezes desprovidos de função transformadora, buscou-se uma prática escolar que insurgisse contra tal fato. Nesse sentido, uma educadora negra foi entrevistada acerca da prática que realiza em escolas públicas, objetivando a reversão do preconceito e discriminação raciais. O trabalho dessa educadora foi reconhecido publicamente diversas vezes e a mesma recebeu o título professora nota 10 pela fundação Victor Civita, além de várias reportagens em TV, revistas e jornais. Esse trabalho utiliza-se do uso de cartas, escritas pelos alunos, livros que discorrem acerca da temática negra, além de fotos, encontros e discussões entre alunos e professores, em atividade multidisciplinar. As constatações surgidas são no sentido de que esse é um trabalho que colabora para o fim do silêncio em relação às humilhações sofridas pelos afrodescendentes, que ‘minam’ diariamente suas possibilidades de exploração do meio, impossibilitando que os mesmos afirmem-se de maneira positiva frente o social e, conseqüentemente, construindo-se em torno de uma condição de auto-estima rebaixada. Assim, verificamos a necessidade de incremento e ampliação de práticas, como as investigadas, que permitam uma realidade mais digna e justa, para com essa imensa parcela de afrodescendentes que constituem a sociedade brasileira.



Proposta sócio-educacional Re-Criar: ação multidisciplinar na educação e no desenvolvimento de jovens na periferia

Marisa Irene Siqueira Castanho

Universidade São Marcos
São Paulo 2002

Este trabalho apresenta uma proposta de ação educativa desenvolvida no espaço natural em que a criança vive, modificado de tal forma que proporcione a oportunidade de investigar o impacto de um novo ambiente sobre o curso de desenvolvimento da criança e do adolescente. Tal proposta resulta de um esforço de integração entre as áreas de conhecimento, de ensino, de extensão e de pesquisa da Universidade, e a mobilização de representantes de uma associação de moradores da periferia de São Paulo, para promover uma educação não formal, continuada, complementar às ações da família e da escola, junto a crianças e adolescentes em situação de risco. Por situação de risco entende-se sua condição de moradia em favela, de contato com a violência familiar e urbana, com o tráfico e consumo de drogas, a precariedade de acesso a bens materiais e simbólicos, condições essas que, ao que se supõe, reduzem as perspectivas de crescimento e de desenvolvimento no plano individual e coletivo. Os princípios norteadores da proposta encontram-se no relatório da UNESCO da Comissão Internacional sobre a educação para o século XXI, que enfatiza os quatro pilares de um novo tipo de educação: conhecer, fazer, viver em conjunto e ser; nos atuais Parâmetros Curriculares Nacionais, que propõem ênfase nos temas transversais da Ética, da Pluralidade Cultural, dos Estudos Econômicos, do Meio Ambiente, da Saúde e da Orientação Sexual; bem como no Estatuto da Criança e do Adolescente, que entende a importância de se respeitar o direito da criança ao conhecimento, à cultura e ao brincar. A proposta se estrutura em forma de Oficinas e de Atendimentos planejados por professores da Universidade que, em sintonia com as lideranças comunitárias, identificam não só a possibilidade de desenvolvimento das crianças e adolescentes, considerados beneficiários prioritários da proposta, mas também a dos educadores locais e a de alunos de graduação em seu processo de formação profissional. Os resultados dessas ações serão indicadores da possibilidade: - de mobilizar a universidade para assumir seu papel social; - de se sair de um espaço exclusivo de transmissão e aplicação de conhecimento, para a construção de um espaço em que circulem os múltiplos conhecimentos, científicos e cotidianos; - de se criar recursos de ação e de avaliação de processos de desenvolvimento individuais e coletivos.



MILITÂNCIA NEGRA – A BUSCA POR EMANCIPAÇÃO E POR UMA IDENTIDADE AFRODESCENDENTE

Ricardo Franklin Ferreira

Universidade São Marcos
São Paulo
-2002 –

No Brasil, constatamos uma expressiva presença demográfica de afrodescendentes cujos valores ancestrais passaram a participar de sua constituição sócio-cultural. Assim, o desenvolvimento da identidade do brasileiro está absolutamente condicionado à participação dos africanos e de sua sabedoria. Entretanto, o Brasil, país a escravizar o maior número de africanos, foi o último país do mundo cristão a abolir a escravidão. Apesar desses dados, o Brasil cultivou, com sucesso, uma imagem de si mesmo como a primeira “democracia racial” do mundo, sendo a convivência entre brancos e negros descrita como harmoniosa e igualitária. Tal concepção, tornada discurso oficial, é na verdade um mito, hoje questionado. Entretanto, ele encobre o preconceito, dificultando o combate efetivo da injustiça cometida para com indivíduos e grupos etno-raciais diversos do branco-europeu. Assim, a discriminação opera de maneira inconsciente e nem sempre identificável como tal. O processo de negação da importância dos elementos da cosmovisão africana favorece aos afrodescendentes uma desvalorização pessoal e desenvolve uma perspectiva que legitima o direito de dominação de alguns grupos humanos que se consideram mais adiantados que outros, determinando mecanismos de exclusão desta população por parte do grupo considerado hegemônico. A identidade da pessoa negra traz do passado a condição de escravo e o estigma de ser um objeto de uso como instrumento de trabalho. Após a Abolição, foi deixado à sua própria sorte e afastado para a periferia. Assim, o afrodescendente enfrenta, no presente, a constante discriminação racial, de forma aberta ou encoberta e, mesmo sob tais circunstâncias, tem a tarefa de construir um futuro promissor. A cor de pele e as características fenotípicas acabam operando como referências que associam de forma inseparável raça e condição social, o que leva ao afrodescendente a introjeção de um julgamento de inferioridade, não somente quanto ao aspecto racial, mas também em relação às condições sócio-econômicas, implicando no favorecimento de uma concentração racial de renda, de prestígio social e de poder por parte do grupo dominante. Entretanto, como há a negação do preconceito racial por parte deste mesmo grupo, essa atitude tende a manter o conceito de serem as misérias inerentes ao destino humano do negro. A partir de trabalhos anteriores, constatei a importância da militância negra como um ‘lugar’ onde o afrodescendente sofre um processo de intensa metamorfose pessoal, o que vem a propiciar o desenvolvimento de uma nova estrutura pessoal referenciada em valores positivamente afirmados. O grupo tem uma importante função no apoio do indivíduo, valorizando novos códigos e padrões de comportamento, favorecendo estratégias de combate à discriminação racial. Dentre os vários grupos de militância, este trabalho ressalta grupos voltados para o enfrentamento da discriminação racial, outros para um projeto político mais amplo, além de grupos organizados em torno de manifestações culturais, como a capoeira, o



afoxé, o Hip-Hop, a escola de samba e a dança. Todos podem ser considerados como grupos de resistência negra e têm modificado o comportamento de vários jovens afrodescendentes, favorecendo sua auto-estima, incentivando sua escolarização, além de afastá-los do mundo da violência e das drogas.

“SER ÍNDIO DE VERDADE”: UM OLHAR SOBRE ALDEIAS INDÍGENAS GUARANI
‘MBYA’
DA CIDADE DE SÃO PAULO

Marília Gomes Ghizzi Godoy

Universidade São Marcos – São Paulo
2002

Os aldeamentos indígenas Guarani Mbya, sub grupo Tupi Guarani, situados na cidade de São Paulo, têm se destacado pela forma como aí os índios cultivam suas milenares tradições, por meio de uma concepção cultural expressiva de uma prática existencial. Compreendem três aldeias que se destacam por um radicalismo próprio. Pelo fato desses índios terem sido envolvidos pela civilização durante muitos séculos eles desenvolveram recursos culturais que indicam um isolamento étnico. Com base em uma concepção de vida voltada para o sobrenatural, são cultivados ideais messiânicos e milenaristas. Ordenam-se valores que se dirigem a uma construção peculiar da pessoa guarani mbya, frente às influências civilizadas. Através da denominação jurua, termo que designa o branco, ordena-se uma política de compreensão do contacto interétnico que se tornou chave para a resistência cultural e a compreensão dessa etnia como um povo. Na área urbana de S. Paulo observamos representações culturais que se impõe no sentido de recriação da identidade e ordenação do convívio e vida cultural própria desses indígenas. Diante da atualidade, recursos da modernidade vêm sendo considerados, tendo em vista as suas antigas concepções culturais. As liderança tribais, ordenadas tanto no sentido político como religioso, são enfatizadas em seus desempenhos frente às questões atuais, principalmente ligadas à educação e à saúde, as quais criam demandas próprias. O convívio e o intercâmbio entre os habitantes das aldeias da capital expressam um contexto de valores e de práticas culturais que ganharam autonomia e marcas de contrastes no meio envolvente.



Extensão da Clínica ou a Clínica Estendida?

Dirce Tatsch,¹

Maristela Piva²

Silvana Baumgarten³

A mesa apresenta diferentes experiências de estágios em psicologia clínica, no interior do Estado do Rio Grande do Sul, (Universidade de Passo Fundo). Tais atividades contemplam os fazeres da psicologia na atualidade, e destacam a formação dos alunos realizando intervenções que concebem o fenômeno psicológico interdependente do contexto sociocultural, ampliando o “lugar e os fazeres” da psicologia clínica.

Os trabalhos iniciaram como atividades de extensão, “longe” das clínicas escolas oficiais. A experiência foi mostrando aos professores e aos alunos, que mais do que realizar o trabalho clínico para além dos muros universitários, foram se constituindo novas inserções dos fazeres da psicologia redimensionando o que supostamente conhecíamos como trabalho clínico.

A clínica passa a ser vista como um momento de escuta diferenciada, e que pode se dar entre quatro paredes, de baixo da árvore, no meio da rua, etc. Usando de um trocadilho, já dizia o poeta: *o artista deve ir aonde o povo está*, acreditamos que o psicólogo também.

Entre as atividades inseridas neste prisma de trabalho, destacamos:

- 1) Liga Feminina de Combate ao Câncer (Carazinho – RS) - Trabalho de parceria cujas atividades incluem: acolhimento psicológico e grupos de apoio aos portadores de câncer e aos seus familiares, visitas domiciliares e hospitalares, assessorias às voluntárias da Liga.
- 2) - MOFECOM (Movimento Feminino Comunitário - Carazinho – RS) - Espaço físico e psicológico para abrigar mulheres vítimas de violência principalmente a doméstica, onde

1. Mestre em Psicologia do Desenvolvimento – Profª Adjunta da Universidade de Passo Fundo – RS
2. Mestre em Psicologia Clínica – Profª Adjunta da Universidade de Passo Fundo – RS
3. Doutora em Psicologia – Profª AdjuntoII – Universidade de Passo Fundo -RS



se realizam atividades de apoio, através de grupos e de entrevistas individuais, às mulheres e às famílias que sofrem de agressões físicas ou morais.

3) Bairros Bom Jesus, Ipiranga, São Luiz Gonzaga Victor Issler, e (Passo Fundo – RS) - Comunidades carentes, sendo realizados assessorias e grupos junto as instituições escolares e assistenciais, grupos de pais e de adolescentes, visitas domiciliares, etc.

Estas atividades oportunizam aos alunos observarem mais de perto o fazer do psicólogo, em diferentes campos de ação, conhecendo a dinâmica das instituições, experimentando relações de parceria, e unindo estas vivências às visões teóricas que recebem em sala de aula. Os professores vêem a possibilidade de orientar diferentes alunos, pensar com estes atividades preventivas, afastando-se de intervenções sobre a patologia e construindo um terreno de possibilidades em intervenções clínicas.

Sem sombra de dúvidas estes trabalhos se constituem espaços para intercambiar a teoria e a prática de forma substancial, preparando o novo profissional para pensar o lugar do psicólogo de um outro ponto de vista e comprometido com as mudanças sociais.

Nossos questionamentos atuais têm sido:

- Este é unicamente um trabalho de extensão em psicologia clínica realizado pelas universidades?
- Estamos conseguindo estender o lugar da clínica para que ocupe um espaço e uma função social ?

Numa sociedade em constante processo de mudança as vivências e os sofrimentos da coletividade se alteram, devendo a psicologia se propor a encontrar novas formas de intervenção que dêem conta destas realidades.



Extensão Universitária em Psicologia da Saúde: Atuação em Oncologia Pediátrica.

Eliane Maria Fleury Seidl
Eleonora Arnaud Pereira Ferreira
Áderson Luiz Costa Junior

(Universidade de Brasília – Brasília – DF).

RESUMO:

Acompanhando-se a evolução do conhecimento na área da saúde, observa-se que o espaço ocupado pela psicologia vem sendo ampliado à medida que aumenta o reconhecimento da influência de fatores socioeconômicos e ambientais sobre variados processos de adoecer e que se identificam relações de interdependência entre fatores psicossociais e a etiologia de algumas doenças crônicas. No caso específico do câncer infantil, o acompanhamento psicológico sistemático à criança em tratamento de patologias oncológicas é apontado pela literatura como uma condição indispensável do atendimento prestado à saúde. Este trabalho descreve o Programa de Atendimento Psicológico à Criança com Câncer no Distrito Federal, desenvolvido junto a uma unidade de saúde da rede pública de saúde do Distrito Federal, em sistema de convênio com a universidade. Constituem objetivos gerais do programa: (a) a identificação de fatores de natureza comportamental envolvidos com o tratamento do paciente e; b) a organização do ambiente hospitalar de modo a oferecer, a crianças e familiares, oportunidades de participação em atividades orientadas ao desenvolvimento de habilidades comportamentais e cognitivas próprias às necessidades de cada indivíduo. O programa, de filosofia interdisciplinar, é composto por um conjunto de atividades, obrigatórias e optativas, de intervenção profissional em psicologia da saúde, subsidiadas por investigações científicas prévias. Resultados de pesquisa, obtidos por meio de metodologia observacional do comportamento de crianças e familiares em sala de espera, por exemplo, permitiram o desenvolvimento da atividade de recreação dirigida, que inclui a execução de intervenções psicológicas breves, em sala de espera, de construção de jogos e brincadeiras estruturadas, adaptadas às características de comportamento e faixa etária de cada criança, habilitando-se os pais a atuarem como agentes estimuladores do comportamento da criança em outros contextos além do hospital. Resultados de pesquisa sobre o manejo do comportamento de crianças expostas a procedimentos médicos invasivos, utilizando-se procedimentos de distração e simulação comportamental, disponibilizaram o desenvolvimento de um serviço de intervenção psicológica que tem conseguido reduzir, com significância estatística, a incidência de comportamentos concorrentes, indicadores de desconforto comportamental e emocional da criança, quando submetida à punção venosa para quimioterapia e à punção lombar. Ressalta-se que os resultados de pesquisa têm permitido a identificação de reforçadores que tendem a manter repertórios de comportamentos que dificultam a obtenção de adesão a tratamento e o desenvolvimento de estratégias eficientes de enfrentamento de situações potencialmente estressantes. A avaliação sistemática do programa tem permitido a identificação de relações funcionais entre os eventos ambientais do tratamento e o repertório de comportamentos de



pacientes e familiares, apontando as contingências sobre as quais deve-se dirigir a intervenção psicológica.

Psicologia da Saúde: integração de ensino, pesquisa e assistência em um serviço de atenção a portadores de diabetes.

Profa. Dra. Eleonora Arnaud Pereira Ferreira

(Departamento de Psicologia Social e Escolar, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará - Belém, PA).

A Psicologia da Saúde vem sendo apontada como uma das mais importantes vertentes de pesquisa e assistência para as próximas décadas. Este interesse decorre do crescente aumento na incidência de doenças crônicas cuja etiologia e evolução estão relacionadas a mediadores comportamentais como é o caso do diabetes. Um dos aspectos relevantes para a Psicologia diz respeito à adesão ao tratamento. A recusa ao atendimento médico e a baixa adesão podem determinar o tempo de sobrevivência do doente crônico. O interesse para a psicologia é a ênfase em mudanças no estilo de vida do paciente que estão associadas ao tratamento. A intervenção do psicólogo inclui auxiliar o paciente na aquisição ou aprimoramento de comportamentos para lidar com a demanda de suas necessidades e sintomatologia, considerando a evolução da doença podendo se estender a familiares do doente crônico. O projeto integrado Comportamento e Saúde, desenvolvido no Hospital Universitário Bettina Ferro de Souza/UFPA oferece oportunidade para que alunos do curso de graduação e de pós-graduação em psicologia possam atuar na área da saúde, com atividades de ensino, pesquisa e extensão. Dentre essas atividades, destacam-se as realizadas no programa de atendimento ao portador de diabetes no qual estão inscritos pacientes predominantemente com diagnóstico de diabetes Tipo 2. O projeto tem como objetivo oferecer atendimento individual e em grupo a pacientes portadores de diabetes e realizar pesquisas na área de saúde e comportamento privilegiando investigações acerca dos efeitos da doença crônica para a qualidade de vida do indivíduo e de seu grupo familiar. Atualmente três bolsistas do PROINT/UFPA estão realizando atividades que incluem: grupo de acolhimento ao paciente recém-ingresso, reintegração de pacientes evadidos do programa, atendimento individual ao paciente e sua família, grupos de sala de espera e de acompanhamento para a melhor adesão ao tratamento. São atividades diárias, em parceria com a equipe multiprofissional do programa. O plano de intervenção no atendimento individual utiliza a metodologia de estudo de caso, com o treino do paciente em análise funcional de comportamentos que mantêm a doença e de comportamentos que promovem a saúde, segundo o modelo construcional. O atendimento em sala de espera funciona como pré-consulta por meio da qual os pacientes são orientados no treino de relato



verbal de sintomas e questionamentos a serem feitos durante a consulta com o médico do programa, utilizando-se um álbum seriado especialmente preparado com essa finalidade. Duas pesquisas já foram concluídas: uma investigando os efeitos de um treino em análise de contingências sobre a adesão ao tratamento e outra investigando os efeitos do uso de procedimentos de automonitoramento em pacientes obesos com diabetes Tipo 2. Em ambas utilizou-se procedimentos de intervenção com delineamento intra-sujeito, com os dados colhidos por meio de entrevistas gravadas em áudio e de registros de auto-observação de comportamentos de adesão ao tratamento. Neste simpósio serão apresentados os resultados obtidos com a realização destas pesquisas e com os atendimentos individuais e em grupo com os pacientes do programa, com destaque para a promoção da adesão ao tratamento pelo paciente e a integração dos profissionais do programa.

INTEGRANDO ASSISTÊNCIA, PESQUISA E ENSINO NO ATENDIMENTO PSICOLÓGICO A PESSOAS VIVENDO COM HIV/AIDS.

Eliane Maria Fleury Seidl (Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília - Brasília, DF)

Os avanços terapêuticos, a partir do advento dos anti-retrovirais, modificaram os indicadores de morbi-mortalidade da Aids no Brasil, que passou a apresentar perfil de doença crônica, trazendo novos desafios para os profissionais de saúde que trabalham na área. As intervenções para promover a adesão ao tratamento, a identidade positiva de pessoa vivendo com HIV/Aids, a vivência da sexualidade e a modificação de comportamentos de risco são alguns dos tópicos colocados na agenda atual e futura dos pesquisadores e profissionais de psicologia. O Projeto Com-Vivência (Ações Integradas de Estudos e Atendimento a Pessoas Portadoras do HIV/Aids e Familiares) é uma atividade de extensão universitária do Hospital Universitário de Brasília (HUB), iniciativa de professores da psicologia e do serviço social, articulando ações de prestação de serviços à comunidade, ensino e pesquisa na área do HIV/Aids. Seu objetivo principal é o desenvolvimento de ações de prevenção e de assistência psicológica e social a pessoas portadoras do HIV/Aids e familiares. Vinculado ao funcionamento do ambulatório e da enfermagem do HUB, o trabalho da equipe do Com-Vivência – professores, profissionais e alunos – passou a integrar o conjunto de procedimentos e de serviços médicos prestados pelo hospital a essa clientela, visando a atenção integral e interdisciplinar. O vínculo do paciente com a equipe inicia-se com o processo de acolhimento, permitindo a identificação de suas demandas e necessidades médicas e psicossociais, bem como o estabelecimento do programa terapêutico. Os modos de atuação do psicólogo, com base no enfoque cognitivo-comportamental, incluem ações



como pré e pós-consulta, aconselhamento pré e pós-teste anti-HIV, intervenção psicológica individual ou em grupo, incluindo a família e pessoas significativas da rede social de apoio. Resultados de pesquisa realizada no âmbito do projeto sobre enfrentamento (*coping*), suporte social e qualidade de vida de pessoas vivendo com HIV/Aids redundaram em novas estratégias de intervenção na prática do psicólogo, visando o fortalecimento de vínculos sócio-familiares e da rede de suporte social, bem como a modificação das estratégias de enfrentamento em relação à enfermidade, favorecendo aquelas propiciadoras do bem-estar psicológico e da qualidade de vida. Ações sistemáticas voltadas para a adesão ao tratamento, associando pesquisa e intervenção, estão sendo implementadas, baseadas no auto-monitoramento do paciente, na identificação e manejo das contingências associadas ao comportamento de adesão. Após seis anos de funcionamento, o projeto Com-Vivência está consolidado e tem sido uma referência importante nas áreas de assistência, prevenção e capacitação de recursos humanos no Distrito Federal. Algumas dificuldades e desafios, no entanto, persistem: (1) necessidade de integração efetiva da equipe, consolidando novos modelos de ensino e de assistência à saúde, com ênfase na interdisciplinaridade; (2) a melhoria da qualidade da assistência prestada no contexto das tendências epidemiológicas que apontam a heterossexualização, o aumento de casos de mulheres e de crianças, devido à transmissão vertical da infecção pelo HIV e, em consequência, o crescimento da soropositividade na família.



Extensão Universitária em Psicologia da Saúde: Atuação em Oncologia Pediátrica, Diabetes e HIV/AIDS

Nome completo dos participantes:

Eliane Maria Fleury Seidl (UnB)

Áderson L. Costa Júnior (UnB)

Eleonora Arnaud Pereira Ferreira (UFPA)

Integrando Assistência, Pesquisa e Ensino no Atendimento Psicológico a Pessoas Vivendo com HIV/AIDS

e Maria Fleury Seidl (UnB)

O situação atual da psicologia da saúde no Brasil permite afirmar que esta é, hoje, uma área de atuação científica e profissional em expansão. O aumento do número de psicólogos inseridos em equipes de diversas especialidades da saúde tem facilitado a substituição progressiva de modelos biomédicos por modelos de atenção integral à saúde. Essa mudança tem permitido, ainda, a superação de uma atividade puramente clínica e individual de atendimento à saúde por ações mais preventivas e promocionais de saúde, de âmbito interdisciplinar de intervenção.

Não obstante a maior inserção da psicologia no campo da saúde, constata-se ainda grande defasagem entre as necessidades e as demandas da população e os serviços oferecidos pelos psicólogos. Parte dessa defasagem pode ser atribuída ao reduzido número de profissionais contratados pelo setor público e privado em relação à capacidade instalada dos serviços. Outro fator é a qualificação do psicólogo, na medida que desde a formação acadêmica este não tem sido capacitado, de modo sistemático, para exercer o trabalho em instituições de saúde.

A universidade, como instituição formadora, tem cumprido um papel importante na maior inserção da psicologia na área de saúde, devido à inclusão de disciplinas de psicologia da saúde em seus currículos, à oferta de estágios e à implementação de projetos de extensão universitária, onde ações de assistência, ensino e pesquisa vêm sendo desenvolvidas.

O objetivo da mesa redonda foi apresentar e discutir a experiência de três projetos de extensão universitária de duas universidades brasileiras (dois da UnB e um da UFPA), no campo da psicologia aplicada à saúde, desenvolvidos em hospitais da rede pública nas áreas de oncologia pediátrica, diabetes e HIV/Aids, coordenados por docentes de psicologia. Os três projetos desenvolvem ações consolidando o tripé prestação de serviços à comunidade, pesquisa científica e ensino, permitindo a atuação prática em saúde de estudantes de graduação em psicologia, mediante a realização de estágio supervisionado.

Os participantes abordaram o histórico e os objetivos do trabalho, os modos de atuação do psicólogo em cada uma das três áreas, em consonância com o paradigma da integralidade da atenção em saúde e da concepção do processo saúde-doença como fenômeno biopsicossocial. Apresentaram ainda as pesquisas que vêm sendo desenvolvidas vinculadas à prática profissional do psicólogo. Discutiram as dificuldades e os desafios identificados, bem como o potencial de contribuição da universidade para a qualificação do psicólogo que pretende atuar profissionalmente em saúde.



Fique Vivo! Os desafios concretos de um trabalho com adolescentes privados de liberdade

Expositores: - Fernando da Silveira
- Marcelo Domingues Roman
- Betina Leme

Coordenadora: - Marlene Guirado

A presente Mesa propõe-se a discussão das possibilidades de trabalho com a juventude em risco de sobrevivência física e/ou psicológica, com base nas intervenções concretas do Projeto Fique Vivo.

Nascido da iniciativa de quatro profissionais psicólogos, organizou-se um grupo de educadores e psicólogos que, no momento, presta serviços no interior de Unidades para Infratores da FEBEM – SP.

O Projeto Fique Vivo é um conjunto integrado de ações educativas, culturais e de promoção de saúde. Estas ações visam basicamente estimular a expressividade, a apropriação de bens culturais e o exercício de uma gestão democrática do convívio grupal. Por buscarem se instalar em uma estrutura institucional marcada pela coerção e violência, as ações que o projeto empreende chocam-se, em ato, com as práticas e representações que se reproduzem cotidianamente na FEBEM. Cria-se assim um espaço de tensão ou de contraste – buscado pelas atividades do projeto e simultaneamente indispensável ao seu desenvolvimento – em que se estabelece uma interlocução constante com o instituído; um espaço de questionamento e negociação, de explicitação e recriação de práticas e valores.

Mais do que relatar esta experiência que “não tem passado impune às críticas e às premiações”, a mesa aqui proposta fará a discussão daqueles que pareceram ser os desafios mais importantes de todo o trabalho.

A título de exemplo citamos algumas questões que recorrem e que conduzem a impasses, às vezes difíceis de contornar para prosseguir:

- A) como trabalhar cidadania com pessoas que se encontram em casas de custódia, de reclusão, com perda de liberdade na base de qualquer convívio social?
- B) como lidar com a sexualidade e com a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis numa instituição que nega, controla e exclui esta como uma das circunstâncias de convívio entre jovens?
- C) como trabalhar a noção de paternidade, tão emblemática e ao mesmo tempo aparentemente sem sentido, com jovens reclusos que parecem distantes da realidade de um “sentimento de família”?



- D) como desenvolver “oficinas de trabalho”, quando o produto do trabalho não tem vínculo imediato com o mercado e sequer reverte para a sustentação de quem o faz (conforme a lógica do modo de produção da formação social em que tanto os jovens quanto as instituições se inscrevem)?
- E) como desenvolver e diversificar vínculos nessas práticas onde a violência é a tônica?
- F) como a subjetividade que assim se institui pode preservar um espaço para a singularidade de sentidos que as pessoas atribuem ao vínculo?
- G) como as práticas de atendimento psicológico exercem um contraponto na rede de relações de controle e de contra-controle de qualquer intimidade possível?
- H) como garantir a condição de estranhamento e de pensamento analítico vivos, de tal forma a produzir um campo de tensões produtivas de práticas diferentes das que se repetem à exaustão nesse contexto?

Questões como essas encontram eco e tentativas de resposta no cotidiano do trabalho desses profissionais de Psicologia, no âmbito de uma instituição tão comprometida como a de custódia pública a jovens considerados infratores. A vida em seu risco máximo, por todos os poros da relação...



Formação, Construção e Desenvolvimento da Gestalt-Terapia no Brasil

Adriano Furtado Holanda – (Universidade São Marcos)

Patricia Valle de Albuquerque Lima – (Clínica Privada)

Rosana Zanella – (Instituto Sedes Sapientiae)

O objetivo deste trabalho é apresentar um panorama preliminar da produção acadêmica realizada sob a ótica da Gestalt-Terapia e da Abordagem Gestáltica, no âmbito dos programas de pós-graduação (Mestrado e Doutorado), realizados em instituições de formação e pesquisa do Brasil.

Trata-se de um projeto que visa catalogar toda a produção referente à Gestalt-Terapia e Abordagem Gestáltica. Assim, o projeto original envolve a catalogação e análise das dissertações de Mestrado e teses de Doutorado em Gestalt-Terapia e Abordagem Gestáltica (primeira etapa); sendo complementada pelas produções similares de profissionais do movimento gestaltista brasileiro, cujos temas estejam indiretamente associados à perspectiva principal, bem como trabalhos apresentados no exterior (segunda etapa); e culminando com um levantamento bibliográfico de artigos e livros referentes à Gestalt-Terapia e à Abordagem Gestáltica (terceira etapa).

Nesta primeira etapa, foram catalogadas e analisadas 33 dissertações de Mestrado e Teses de Doutorado, defendidas no Brasil, entre 1982 a 2002.

Foi realizada uma análise qualitativa dos resumos dessas produções, procurando observar os direcionamentos desses trabalhos, abordando três “eixos temáticos”, definidos como “Fundamentos”, “Teoria” e “Técnica”.

Em **Fundamentos**, temos aqueles trabalhos que englobam textos referentes à fundamentação teórica e/ou filosófica da Gestalt, com ênfase nas questões históricas, filosóficas e epistemológicas. Neste eixo temático, observamos uma preocupação com a solidez da abordagem, o que nos remete ao fato de se pensá-la progressivamente, em contínuo processo de desenvolvimento.

Temos em **Teoria**, temas englobando discussões sobre as bases teóricas em geral, ou elaborações de conceitos (tais como, teoria de desenvolvimento, teoria da personalidade, psicopatologia). Nos temas relativos à teoria, observamos uma tentativa de re-construção de um saber instituído, a partir de aplicações da prática gestáltica em campos diversos da clínica. Destaque para o notório crescimento da perspectiva gestaltpedagógica.

Em **Técnica**, alocamos questões referentes à análise de casos clínicos, apresentação de experiências pessoais e/ou institucionais, discussões em torno de temas da ação técnica da prática clínica e/ou instrumentais (como diagnóstico, entrevista, condução de terapia, etc). No que tange à técnica, também observamos uma preocupação com a sua fundamentação e com sua diversificação.

Observou-se uma ênfase em trabalhos com temática epistemológica, principalmente em produções mais recentes, demonstrando uma preocupação dos profissionais com a fundamentação



da Gestalt-Terapia, numa reação à consideração histórica desta abordagem como essencialmente “técnica” e pouco fundamentada. Aliado a isso, observa-se ainda uma diversificação nas temáticas desenvolvidas, demonstrando uma ampliação dos eixos de ação da Gestalt-Terapia para além do campo clínico.

Nos anos 90, a Gestalt brasileira conhece um grande impulso, com 20 trabalhos – com destaque para os anos de 1992 e 1997, que tiveram cinco trabalhos apresentados –, tendência esta que se amplifica nos últimos anos desta nova década, quando se observa um incremento significativo na média de trabalhos apresentados, em relação ao demais anos. Estes dados denotam o crescimento que esta abordagem vem conhecendo ao longo dos anos – e que o fato da criação da Associação Brasileira reitera.

Nos últimos três anos, observa-se percentualmente uma procura cada vez maior dos profissionais pela qualificação acadêmica de seus trabalhos, tendência esta que seguramente responde a duas demandas distintas, mas que se complementam: por um lado, a necessidade dos profissionais docentes de se submeterem às novas prerrogativas sugeridas pelo MEC; e por outro lado, uma preocupação cada vez mais presente no sentido de discutir e questionar os fundamentos de nossa prática.



Fugas e Rupturas de Modelos de Infância e Família

Flavia Guterres Oliveira
Lygia Santa Maria Ayres
Marcela Nolasco Amorim
Marcelo Princeswal

O trabalho aqui apresentado vem sendo desenvolvido do Departamento de Psicologia e no Serviço de Psicologia Aplicada da Universidade Federal Fluminense. Analisa dois estágios curriculares de Intervenção Socioanalítica realizados num Conselho Tutelar e num Juizado da Infância e Juventude do estado do Rio de Janeiro e duas pesquisas que integram o Programa de Intervenção Voltado às Engrenagens e Territórios de Exclusão Social – P.I.V.E.T.E.S. Pretendemos pensar a partir dessas diferentes experiências, a recusa ou resistência aos modos dominantes de perceber, pensar e agir sobre o mundo por parte de crianças, adolescentes, suas famílias e mesmo, de alguns técnicos. Para colocar em análise tais questões recorreremos às noções de *produção de subjetividades e processos de singularização* trabalhados por Felix Guattari. Segundo este teórico, tudo aquilo que nos chega pela linguagem, pela família e pelos equipamentos que nos rodeiam como a mídia, por exemplo, é produzido pelo engendramento de máquinas de controle social, definindo nossa maneira de ver e ser no mundo. Em contrapartida, coexistem outras formas de existir produtoras de subjetividades diferentes das concepções dominantes. Entretanto, essas são cotidianamente desqualificadas pelos poderes, hoje hegemônicos, quando as entendem como caóticas, insuficientes, desestruturadas ou faltosas. Perceber e, mesmo, assinalar essas outras formas de existência no espaço do judiciário e mesmo no Conselho Tutelar- território que deveria funcionar diferentemente do Juizado da Infância e da Juventude- tem sido difícil. No entanto, é possível apontar não só nesses dois espaços mas também nas análises produzidas durante as pesquisas – uma relacionada ao antigo Juizado de Menores e a outra ao Movimento Nacional de Trabalhadores Sem Terra, algumas tentativas de produção de singularidades. Processos esses muito sutis, quase invisíveis e que muitas vezes são abortados e reapropriados pelos discursos oficiais. O objetivo, então, é além de assinalar alguns desses processos de singularização presentes nas práticas/discursos cotidianos, colocar em análise porque esses fluxos micropolíticos apresentam tão pouca visibilidade.



Hierarquia, Subalternidade e Humilhação Social na Sociedade Brasileira

Comunicação: Sofrimento Psíquico, Práticas Sociais e a Clínica: Trajetórias e Questionamentos.

Mériti de Souza

Unesp – Universidade Estadual Paulista –campus de Assis

A preocupação dos psicólogos em melhorar e ampliar o atendimento oferecido à população tem se intensificado no Brasil nos últimos anos. Essa preocupação demanda a construção de referenciais teóricos e estratégias de intervenção criando condições para a escuta clínica do social e para o atendimento de parcela da população excluída dos consultórios particulares e dos planos privados de saúde. Para tanto, faz-se necessário compreender a organização subjetiva como articulada ao singular e ao coletivo, contrapondo essa concepção a de teorias que entendem a estrutura psíquica definida *a priori* e estabelecem a prática clínica como exclusivamente técnica. Como decorrência do exposto, é fundamental conhecer a cultura brasileira e a constituição das subjetividades a partir da inscrição do sujeito nessa cultura.

A apropriação do projeto da modernidade no Brasil explicita-se quando da aprovação, em plena vigência do regime escravocrata, da 1ª Constituição brasileira liberal. Temos a produção de uma rede social marcada pela lei formal que adota o princípio moderno da igualdade, contraposto às práticas sociais que adotam valores ligados à hierarquia e ao domínio.

Assim, no plano cultural, temos a construção do mito da cordialidade acompanhada da prática do domínio nas relações sociais. Esse contexto produz tanto o mito do brasileiro cordial, supostamente tolerante à diversidade e sem preconceitos, quanto práticas hierárquicas traduzidas como domínio e como humilhação. No plano subjetivo, localizamos a produção de subjetividades marcadas pela entrada do sujeito em uma ordem cultural produtora de referenciais identitários regidos por essa rede social.

A prática de domínio e de humilhação, quer sobre o escravo negro ou o trabalhador livre, quer sobre o par amoroso, revela-se como experiência marcante na vida cultural, sexual e social brasileira. Essa prática não é necessariamente qualificada pela presença do poder e da agressividade nas relações de um grupo ou de um parceiro sobre o outro, mas pela instrumentalização da relação efetuada através da transformação do outro em “coisa”. Esse processo se repete no mundo contemporâneo quando ocorre a desqualificação daqueles que têm o



saber sobre o seu desejo e o seu corpo expurgado, da mesma forma que têm o lugar social como cidadãos também expropriado.

Quais as repercussões desse contexto na prática profissional? Podemos ter profissionais que utilizem teorias e práticas referendadas pelo modelo de subjetividade universal e pela técnica, supondo-se detentores de um saber universal e inquestionável. Em última instância, essas práticas definem um lugar de domínio sobre o outro, refletindo um lugar subjetivo marcado pela crença de que se detém o saber sobre o sofrimento do outro e as respostas a esse sofrimento.

As práticas e os estudos teóricos, desenvolvidos por profissionais preocupados com a qualidade do atendimento psicológico oferecido à população, necessitam atentar às especificidades produzidas na cultura nacional, questionando a concepção da subjetividade individualizada como modelo idealizado. Ainda, necessitam deixar-se afetar pelo outro, produzindo conjuntamente conhecimentos sobre o sofrimento, o que implica a tolerância para suportar a diferença presente no outro com quem nos defront.



Historietas ou História: Perspectivas Epistemológicas e Metodológicas na construção histórica da Psicologia.

O resgate de elementos históricos sobre a Psicologia no Brasil sofreu forte impulso nos últimos quinze anos. Do ponto de vista da produção de registro sobre atores e acontecimentos, houve crescimento significativo nos últimos cinco anos. Tais iniciativas estabeleceram condições que permitem seja colocado o desafio da produção de uma visão histórica abrangente tanto do desenvolvimento da área de conhecimento quanto da profissão no país. A superação do panorama fragmentado e de restrita conexão entre os elementos enfocados é urgente e relevante para habilitar profissionais para o desenho de um futuro da Psicologia como ciência e profissão. Como produzir tal superação? Que iniciativas coletivas podem ser apontadas? Que atores e estratégias devem ser considerados?

Historietas podem virar história? O cotidiano como ferramenta de compreensão histórica.

Ana Maria Jacó-Vilela – UERJ

Pretende-se discutir o quanto a distinção presente no título desta mesa representa uma visão em que por “historietas” entende-se uma construção histórica centrada no relato de ‘causos’, portanto memorialística e ilusionista, quando não hagiográfica. Teríamos, por outro lado, a “história”, concatenação de fatos, causas e conseqüências. Esta, portanto, representaria um empreendimento científico e a possibilidade de uma verdadeiras reconstrução do passado. Ao contrário do caráter negativista concedido à “historieta”, entendemos que, através da história oral, ela pode ser um instrumento de grande utilidade na historiografia, principalmente na da psicologia brasileira cujos atores ainda encontram-se presentes. A história oral é vista, pois, como procedimento para superar noções convencionais acerca do que vale como história. E... do que a história pode contar.



Identidade Política e Políticas de Identidade

Antonio da Costa Ciampa
Marco Aurélio Máximo Prado
Telma Regina de Paula Souza

Democracia liberal e pluralismo identitário: diferenciações nas políticas identitárias e nas possibilidades de identidades políticas.

Telma R. de Paula Souza
UNIMEP/PUC-Campinas

Compreendendo política como ações públicas e coletivas que permitem a constituição de um “nós” em contextos de diversidade e de conflito (Mouffe, 1985), entendemos que a democracia liberal, através do forjamento de diferenciais identitários grupais (políticas de identidade), regula as diferenciações e manifestações de grupos antagonistas ao sistema de subordinação da sociedade. As políticas de identidade, assim, assumem duplo sentido: (01) de um lado podem ser estratégias de aglutinação e mobilização de indivíduos em torno de interesses coletivos compartilhados e, (2) por outro lado, são estratégias para a institucionalização de ações coletivas para a consolidação e legitimação de estruturas sociais. No primeiro sentido, o político expressa-se na delimitação de um “nós” que pode configurar uma identidade política no plano de uma democracia liberal, definindo-se como uma identidade cidadã, em que a diferenciação do “nós” é interpretada como uma essencialidade de sujeitos particulares. No sentido da institucionalização de ações coletivas, as políticas de identidade almejam a regulação destas ações em conformidade com as instituições sociais já estabelecidas, o que permite a incorporação de “novos discursos” no plano institucional, em que uma suposta identidade “inova” os papéis institucionais possibilitando uma certa atualização discursiva de relações de subordinação dissimuladas. Na democracia liberal, as relações antagônicas entre diferentes grupos sociais, que vivem formas assimétricas de poder, são convertidas em relações institucionalizadas, atuando no jogo da política institucional, que constrói competências discursivas neutralizadoras dos antagonismos constituintes do campo político. No jogo democrático da política institucional liberal, o consenso possível encobre as assimetrias de poder entre os diferentes grupos sociais, significando, assim, uma anuência do mais forte sobre as pautas de lutas “das minorias identitárias”, que legitimará, ou não, uma referência identitária. Nesta perspectiva, as políticas de identidade, embora possibilitem estratégias para uma mobilização coletivas, representam o movimento de reprodução de identidades que racionalizam as fontes de dominação estrutural (Catells, 1996).

As identidades políticas, entretanto, mesmo inseridas em contextos institucionais, são forjadas no campo de conflitos sociais, logo estes não podem ser negados, e convertem-se em campos reivindicatórios de participação equivalente entre grupos antagônicos em disputa. Isso permite a identificação dos poderes no campo político e o enfrentamento de relações de



subordinação, enfrentamento enquanto resistência que pode ou não comportar um projeto de oposição à lógica de dominação. São múltiplas as formas de resistências e não há, necessariamente, um projeto convergente entre elas, visto que, em torno da identidade política, outras identidades se articulam, muitas vezes contraditoriamente, e a pluralidade das diferenciações comporta apenas “acordos” provisórios, remetidos permanentemente à arena de conflitos. A impossibilidade de um consenso unificador, ou totalizador, constitui um permanente campo de tensão que reclama a participação dos “agentes sociais” nos espaços de decisão, mesmo que guiados por regulações jurídico-formais que buscam “disciplinar” as resistências expressas, muitas vezes, de forma simbólica, como podemos observar em movimentos sociais contemporâneos.

DAS POLÍTICAS DE IDENTIDADES À CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES POLÍTICAS: O CAMPO DOS ANTAGONISMOS SOCIAIS

Marco Aurélio Máximo Prado
Dep. Psicologia/UFMG

Os estudos sobre identidades, na Psicologia Social, têm trazido novas possibilidades de compreensão das formas de organização social e política das sociedades contemporâneas. A categoria identidade, por mais de meio século, tem sido utilizada para a compreensão de conflitos sociais entre grupos. Esta emergência da identidade nas formações sociais contemporâneas está intimamente relacionada ao fim das hierarquizações sociais, portanto, com a instalação da contingência e da historicidade como elementos da organização societal nas sociedades modernas. Esta categoria busca também atender a uma outra demanda, a da autenticidade dos sujeitos, revelando uma busca secular pela transparência do EU através da coerência entre os significados e os atos. Porém, mais recentemente, fala-se de políticas de identidade para nomear algo que diz respeito a organização de significados na coletividade, no entanto, parece também indicar para uma formação hegemônica que além de nós mesmos, define, condensa, cria um jeito de sermos nós. Nesta apresentação, iremos discutir a emergência da categoria identidade como elemento fundamental da compreensão dos conflitos sociais entre grupos, evidenciando que as chamadas políticas de identidade são formas de subordinação e regulação implicadas por relações sociais ainda não politizadas, ou seja, por relações sociais que ainda não se transformaram em relações de opressão, já que apelam para um discurso que não permite o reconhecimento de elementos exteriores a ele mesmo. Assim, nas relações de subordinação, os agentes envolvidos



não percebem o elemento da continuidade pertinente a historicidade da dependência entre suas posições identitárias. Ou seja, não há a consciência de que a inferiorização seja algo correspondente a posições historicamente construídas. As políticas de identidade, neste sentido, não constroem um espaço político de antagonismos sociais e, sim, passam a significar política como a lógica do homogêneo, através do apelo à diferenciação. A passagem daí para a constituição de identidades políticas estaria na transformação das relações de subordinação em relações de opressão que, ao contrário das primeiras, inauguram um antagonismo entre as posições identitárias: agora o impedimento passa a ser a possibilidade da constituição do político. Esta passagem, dada pela conscientização da lógica da equivalência e da diferença dos direitos sociais, pelas formas de identificação coletiva e pelas definições de fronteiras políticas, exige a constituição de identidades políticas que sustentam a tensão necessária dos projetos democráticos. Esta diferenciação entre política de identidade e identidade política, para além de ser um trocadilho, exige-nos uma compreensão dos campos de conflitos sociais e antagonismos pois neles é que a democracia encontra formas de conciliação temporária dos princípios da igualdade e da liberdade através da inauguração do espaço político como a arena de questionamento e tematização das questões individuais e coletivas. E a estes questionamentos é que a Psicologia Social deve e pode contribuir.



Imaginação-Emoção: Uma Aproximação com Atividades Expressivas I

Coordenação: Yara Lucia Mazziotti Bulgacov

Participantes:, Simone Vieira Souza, Álvaro Marcel Alves e Beatriz Helena Ceccato.
Universidade Federal do Paraná.

Resumo: A psicologia, ao tratar da Imaginação-Emoção, faz dupla cisão. Por um lado, trata isoladamente, ora emoção, ora imaginação. Por outro, trata separadamente, suas dimensões; desdobrando-se em teorias de base fisiológicas, fenomenológicas, comportamentais, cognitivas, construtivistas dentre outras. Conscientes da necessidade de uma abordagem da imaginação - emoção que supere esta dicotomia toma-se como objeto de investigação o que se denominou de atividades expressivas. Entende-se como atividades expressivas aquelas atividades a música, a expressão corporal, a literatura etc, entendidas como estratégias educativas e voltadas para o desenvolvimento humano e não enquanto campo da arte e sujeita a seus critérios. Sob a perspectiva da teoria histórico- cultural de Vigotsky indaga-se: como se manifesta a relação imaginação na música e na dança. Considerando a natureza *insensível*, ou seja, não apreensível diretamente do fenômeno da imaginação-emoção busca-se, igualmente, a construção dos indicadores, elementos que representam estas categorias complexas e que são produzidos com a finalidade explicativa; produzidos para dar sentido ao não observável. Esta mesa redonda consistirá no relato de três ensaios que buscam a compreensão da manifestação da imaginação-emoção em campos empíricos diferentes. O primeiro ensaio reflete sobre o processo de produção do desenho junto a criança hospitalizada onde se buscou compreender o sentido e o significado que a criança apresentava no processo de imaginação e criação do seu desenho como meio de expressão dos seus sentimentos e vontades. O segundo ensaio, pretende mostrar a partir da análise do livro “O Pequeno Príncipe”, de Saint-Exupéry que a imaginação caminha ao lado do pensamento na criança como possibilidade de um viver livre e criativo. À luz da investigação psicológica infantil, demonstrar e compreender a inter-relação do lúdico, da imaginação e da emoção, bem como suas implicações éticas e políticas e suas possibilidades contra a burocratização das relações. No terceiro ensaio, entendendo a linguagem digital, enquanto um campo de expressão atual do jovem, busca analisar as expressões da imaginação-emoção nos “blogs”, diários digitais, dos jovens internautas apontando para a função de reevocação das emoções que estes diários passaram a cumprir. Como resultado foram construídos alguns indicadores da imaginação - emoção em cada um destes campos empíricos e discutidos à luz das categorias teóricas de teoria histórico - cultural de Vigotsky.



Imaginação-Emoção: Uma Aproximação com Atividades Expressivas II

Coordenação: Denise de Camargo.

Participantes: Yara Lucia Mazziotti Bulgacov, Rosemyrian Cunha e Claudia Márcia Vieira Gusmão. Universidade Federal do Paraná.

Resumo: A psicologia, ao tratar da Imaginação-Emoção, faz dupla cisão. Por um lado, trata isoladamente, ora emoção, ora imaginação. Por outro, trata separadamente, suas dimensões; desdobrando-se em teorias de base fisiológicas, fenomenológicas, comportamentais, cognitivas, construtivistas dentre outras. Conscientes da necessidade de uma abordagem da imaginação - emoção que supere esta dicotomia toma-se como objeto de investigação o que se denominou de atividades expressivas. Entende-se como atividades expressivas aquelas atividades a música, a expressão corporal, a literatura etc, entendidas como estratégias educativas e voltadas para o desenvolvimento humano e não enquanto campo da arte e sujeita a seus critérios. Sob a perspectiva da teoria histórico- cultural de Vigotsky indaga-se: como se manifesta a relação imaginação na música e na dança. Considerando a natureza *insensível*, ou seja, não apreensível diretamente do fenômeno da imaginação-emoção busca-se, igualmente, a construção dos indicadores, elementos que representam estas categorias complexas e que são produzidos com a finalidade explicativa; produzidos para dar sentido ao não observável. Esta mesa redonda consistirá no relato de dois ensaios que buscam a compreensão da manifestação da imaginação-emoção em campos empíricos diferentes. O primeiro ensaio busca-se analisar os elementos objetivados em um processo musicoterapêutico, estabelecendo a relação destes com a história de vida de um senhora, entendendo a emoção catártica na reconstrução de seus conteúdos simbólico-afetivos. Considerando que a biodança é uma atividade que trabalha com a expressão das emoções por meio de estímulos musicais e movimentos corporais, o segundo ensaio busca refletir sobre o significado de emoção para participantes deste grupo. Como resultado foram construídos alguns indicadores da imaginação-emoção em cada um destes campos empíricos e discutidos à luz das categorias teóricas de teoria histórico- cultural de Vigotsky.



A Representação da Emoção para um Grupo de Biodança

Claudia Marcia Vieira Gusmão*

Este artigo traz uma reflexão sobre o conceito de emoção à luz da psicologia sócio-histórica tendo como referência empírica um grupo de pessoas que participam de uma atividade vivencial expressiva denominada Biodança. Para isto, buscou-se conhecer o significado/sentido que pessoas que participam desta atividade expressiva, atribuem a emoção.

As análises dos dados nos permitiram realizar uma reflexão sobre dois aspectos. O primeiro está relacionado à compreensão do sentido/significado de emoção para pessoas que participam de atividades expressivas (Biodança), permitindo com isto conhecer um conceito mais próximo da realidade dos sujeitos e não meramente teórico. O segundo aspecto se refere à percepção da relação entre a participação numa atividade vivencial expressiva e a vida cotidiana de seus participantes, identificando se houve mudanças na forma de expressão das emoções dos entrevistados após a inserção em um grupo de Biodança.

Escolhemos Biodança por ser considerada uma atividade que visa o desenvolvimento humano, pela expressão/contato das emoções através do movimento corporal. Utiliza-se de uma metodologia vivencial, constituída de exercícios específicos, aliados a estímulos musicais previamente elaborados guiados por uma consigna indutora.

Buscamos com isto, refletir sobre a questão da emoção, introduzindo no debate que vem sendo realizado dentro da psicologia sócio-histórica, o significado/sentido que os sujeitos empregam às emoções que vivenciam no seu cotidiano.

Partimos do pressuposto que as pessoas expressariam um significado/sentido construído a partir da reflexão sobre suas vivências.

Foram realizadas entrevistas com dez participantes de diferentes grupos de Biodança, com base na abordagem qualitativa. Estas entrevistas foram agrupadas em tópicos possibilitando a análise a partir do referencial histórico-social. Este marco teórico postula que o ser humano constitui-se por meio de interações com o meio físico e social. Entendemos também que o homem é um ser histórico, em processo de transformação, reproduzindo as contradições do meio em que



vive. A emoção por sua vez não é algo que se dê isolada do homem, portanto deve-se ser entendida nos seus aspectos biológicos, culturais e históricos.

Procuramos apontar alguns aspectos expressos nos relatos, que se referem à importância de sentirmos, percebermos, falarmos, expressarmos e principalmente vivenciarmos nossas emoções. Ressalta-se a necessidade de construirmos uma reflexão conjunta e não unilateral (seja teórica ou empírica) sobre emoção.

Demonstramos também o quanto ainda vivemos dentro de uma sociedade que fragmenta o ser humano, uma cultura que ainda prioriza o racional de tal modo que ainda é difícil para nós falarmos/significarmos aquilo que nós é tão precioso, nossa emoção.

Musicoterapia como Espaço de Expressão da Imaginação-Emoção

Rosemyriam Cunha¹

Ao me apropriar de conhecimentos sobre a imaginação e emoção, sob a luz da teoria histórico-cultural, vivenciei uma transformação qualitativa no entendimento do processo musicoterapêutico de uma senhora de 87 anos. Analisando sua expressão criativa à luz dos conceitos deste saber, considerou-se as manifestações expressivas de Chiquita, concretizadas em encontros semanais durante o segundo semestre de dois mil e um. No decorrer do processo, estabeleceu-se, por meio da linguagem musical, um espaço de ação que permitiu a expressão de seus conteúdos simbólicos afetivos, construídos nas suas relações sociais. Na medida em que Chiquita entrou em contato com sua musicalidade, pode comunicar um conjunto de significados e sentidos carregados de traços identificatórios, construindo uma consciência de si e ampliando seu universo existencial. Com o apoio do método da análise do sistema de estímulos apresentados nas expressões criativas, proposto por Vygotsky, realizou-se o estudo e a análise funcional dos elementos e da estrutura dos elementos expressados, reconstituindo a emoção estética. Foram consideradas as letras e o ritmo como elementos concretos de sua expressão. A sequência da apresentação das canções foi analisada como estrutura de sua expressão. Estabeleceu-se uma relação destes elementos com sua história de vida, buscando entender a emoção catártica que ocorre no intercâmbio imaginação-emoção enquanto ela troca com o meio seus sentidos existenciais. Pude compreender que, na prática da musicoterapia, Chiquita vivenciou um espaço de comunicação dialético individual/social no qual tomou consciência de sua trajetória histórica, apropriando-se de si mesma através do ato criador.

1.



Imaginário e Dominação sobre o Corpo

Sobre a decomposição mecanicista do corpo como forma de dominação social

Conrado Ramos

Doutor pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Pretende-se discutir alguns elementos históricos acerca da dominação social do corpo como forma de sugerir novas leituras críticas de práticas corporais hoje muito presentes que vão da ginástica e da educação física ao esporte radical. Parte-se de uma leitura adorniana sobre o mundo administrado e de como estas práticas corporais contribuem para adequar o corpo e, por decorrência, a consciência dos indivíduos, aos princípios de uma sociedade na qual o particular e a diferença são negados. A hipótese que se pretende defender é que tais práticas promovem uma decomposição e uma mecanização dos movimentos que, longe de apontarem à libertação do corpo, servem para dominar e condicionar a gestualidade cotidiana. O esporte radical é tratado de forma especial como transição de uma ideologia mecanicista do corpo para uma racionalidade mais apropriada à informática. Serão discutidas como propostas de libertação do corpo e de conscientização do indivíduo o resgate da sensibilidade e da expressividade corporal como meios de particularização e diferenciação.



Implantação de Nova Sistemática no Atendimento aos Trabalhadores.

Daniela de Azambuja Hirtenkauf Munhoz
Cynara Balbinot Arenhart
Márcia Werner
Bernardete Pretto

O presente trabalho apresenta uma nova sistemática do fazer psicológico, através de um *Plano Psicológico Empresarial*, respondendo ao nosso compromisso social, cada vez mais necessário nos dias atuais. Assim, a Psicologia compromete-se com a saúde mental do sujeito em suas diferentes formas de subjetivação.

Um Plano de atendimento psicológico, justifica-se mediante os seguintes aspectos:

- ² há desinformação e/ou informação distorcida a respeito da psicologia pela população de trabalhadores;
- ² há demanda pelo atendimento, mas carência de um plano que atenda a população de trabalhadores de baixa e média renda;
- ² existem empecilhos éticos frente a divulgação e venda de serviços psicológicos; e
- ² nosso desejo de enriquecer a psicologia como um todo: estudo, pesquisa, prática e categoria, construindo um centro de referência da psicologia na região.

O objetivo desta sistemática é disponibilizar atendimento psicológico para os trabalhadores e seus familiares e desenvolver uma cultura regional de reconhecimento da psicologia como fonte de auxílio à saúde, resultando em qualidade de vida e saúde integral destes.

Para isto estruturamos o *Plano Núcleo de Saúde*, plano de atendimento psicológico voltado às empresas, seus trabalhadores e dependentes destes. O foco é empresarial pois, atualmente, o trabalho ocupa lugar central na vida do homem e sabemos que ele pode ser tanto agente de prazer como de sofrimento psíquico. Entendendo que o sujeito trabalhador se estende no e para além de seu trabalho, estruturamos uma equipe de psicólogos, com diferentes formações (Psicologia Clínica, Escolar, Social, Jurídica, Organizacional e do Trabalho e Hospitalar), possibilitando o entendimento e atendimento integral dele e de sua família.

A sistemática de trabalho estrutura-se da seguinte forma:

- ²apresentação e venda do plano às empresas que, mediante uma mensalidade, disponibilizam os serviços aos trabalhadores;



- ²transmissão de informações adequadas aos trabalhadores sobre a psicologia (teoria e prática) e o funcionamento do plano, através de palestras ocorridas dentro da empresa;
- ²atendimento às empresas, trabalhadores e seus dependentes, dentro de valores acessíveis;
- ²promoção de saúde integral, pois a abrangência do plano possibilita que sejam propostas intervenções e trabalhos de acordo com os problemas levantados nos diferentes tipos de atendimentos prestados;
- ²criação de um núcleo de interlocução e qualificação dos psicólogos através de reuniões mensais, obrigatórias, de discussão, estudo, pesquisa e prática profissional, de onde também originam-se as propostas de intervenção nas empresas e estruturação de diferentes trabalhos e grupos de promoção de saúde.

Assim, empresas e trabalhadores são atendidos por profissionais engajados na compreensão e auxílio da problemática vivida, perpassando as questões estritamente individuais, pois muitas vezes referem-se ao coletivo.



Inclusão: Um Desafio a Reflexão

Da relação mãe/filho à relação professora/aluno: questões acerca do processo de inclusão escolar.

Irene Carmem Piconi Prestes

No princípio a que resgatar a história da concepção de uma criança, a qual, fala de um desejo. E no contexto escolar, o que dizer da relação professor/aluno?. Considera-se fundamental compreender o lugar dado ao aluno ou, talvez, o não lugar dado ao aluno, a viabilidade ao desejo do sujeito no processo de conhecimento, no contexto escolar. A psicanálise revela que, para uma educação na qual o aluno seja tomado no lugar de sujeito, é preciso que o professor também o seja, que sua prática profissional privilegie a diversidade na educação. Sob esta ótica o contexto escolar passa a ser lugar de possibilidades, de mediação dos laços sociais. É no privilegio dos laços que o sujeito poderá implicar-se, comprometer-se, responsabilizar-se com a sua aprendizagem na busca por conhecimento, motivado para o seu crescimento. Quando se questiona o professor, o modo como ele lê o processo ensino-aprendizagem, isto provavelmente implicará em aprendizagem para o professor; e o colocará numa posição desconhecida, sem respostas prontas, assim deverá construir suas respostas, passo a passo. Deste modo, seguindo a referência psicanalítica, colocar o professor a pensar no desejo; implica um custo para o sujeito, no sentido de levá-lo para um lugar que ele tem medo e desconhece. Neste momento, é importante destacar que é a partir da LDB 9394/96 que dispõe sobre a educação inclusiva, que se vê a preocupação com a pessoa e sua inserção no meio escolar e social. Acredita-se ser a revolução colocada pelo movimento da inclusão escolar responsável por esta abertura, a fresta na porta para uma efetiva mudança na educação, na postura e no estilo de trabalho do ed.



Incursões no campo de trabalho do Acompanhamento Terapêutico

Martin Aguirre

Rodrigo Gonçalves Blum

Adriana Canepa Barbosa

Fernanda de Paula Silva

O trabalho do Acompanhamento Terapêutico com sujeitos portadores de diversos sofrimentos psíquicos nos defrontam com a realidade ímpar em que esses sujeitos estão imersos. Especialmente nesta modalidade de atendimento, a exposição a um terceiro fator na relação terapeuta-paciente se exprime por diversas possibilidades que a metrópole nos apresenta, nos demarca um espaço potencial de trabalho e construção de uma nova possibilidade relacional anteriormente inexistente. São as possíveis vivências com o medo, alegria, angústias e emoções advindas do convívio “acompanhado”, que nos permitem entrar em contato com questões que nesta mesa nos propomos a refletir:

- ² É na articulação do encontro com o abismo e com a criação do espaço de simbolização que se opera o lugar transferencial do acompanhante terapêutico.
- ² A contemporaneidade vem deslocando o lugar do sujeito de seu ponto fixo para um “fluir vincular”.
- ² Em que se assegura a possibilidade criativa da dupla acompanhante-acompanhado nos devires de uma construção de um alívio do sofrimento?

Estas questões se entrelaçam na discussão do olhar sobre esta ação clínica, e nos colocam em contato com novas construções transferenciais; o limite entre o “corpo” do acompanhante com o acompanhado muitas vezes se confunde impossibilitando o vislumbre da linha que os separa, mas possibilitando ao acompanhante uma proximidade inigualável do convívio com pulsões de uma outra estrutura, de um outro funcionamento.



Indivíduo e Família na Atualidade, Segundo o Grupo Étnico-Religioso Autodefinido.

Edson A de Souza Filho - UFRJ

O objetivo deste trabalho foi observar e refletir a respeito da inserção do jovem na família, assim como das oportunidades oferecidas pela aprendizagem de modelos culturais transmitidos por autoridades parentais na vivência familiar, face aos desafios da vida contemporânea, com repercussões para atuação do profissional de Psicologia no âmbito clínico, educacional, entre outros. Procuramos inferir, a partir da observação de conteúdos simbólicos/interativos produzidos por jovens, as relações entre as representações de si e a respeito de seus familiares, segundo o grupo étnico-religioso autodefinido

Adotamos a abordagem histórico-cultural das representações sociais (Moscovici, 1961/1976; Souza Filho, 1993, 2001)) para analisar os fenômenos em foco. Tratava-se de situar a produção simbólica nos marcos da História e da cultura de grupos particulares, os quais são construídos de forma transgeracional a partir de partilha/ruptura de sentimentos/significados/símbolos e outros conteúdos/processos psicossociais de realidade. Observamos jovens estudantes de 2º grau, de escolas privadas e públicas do Rio de Janeiro, por meio de um questionário aplicado de forma coletiva em que os Ss foram solicitados a escrever livremente sobre quem ele/ela era, assim como sobre como eram seus pais/avós/outros parentes que quisessem. Os Ss eram de classe média: cristãos/católicos (n=54) e judeus (n=49); e, de meio popular (n= 219), autodefinidos como negros, morenos e brancos.

Os resultados apontaram maior destaque em todos os grupos para representação de si como indivíduos separados/autônomos, relações interpessoais convencionais (valores morais/éticos, entre outros) e relações interpessoais afirmativas (competição social), com exceção dos judeus, que representaram a si mesmos significativamente mais centrados em seu grupo cultural-religioso que os demais. Contudo, ao representarem suas autoridades familiares, sobretudo entre cristão-católicos, constatamos uma menor presença de conteúdos individuais sobre os mesmos, evidenciando um contraste entre as gerações. Podemos concluir que as famílias cristãs-católicas, de meio popular e classe média, através de pais/avós, não transmitem/confirmam um modelo cultural que permita fortalecer o jovem enquanto indivíduo, em momento histórico e político em que este é mais requerido para enfrentar os desafios da pós-modernidade. Tal situação é geradora



de conflito intergeracional, assim como de tensão intra-individual entre os jovens, em decorrência da maior necessidade de expressão de competitividade na interação indivíduo-sociedade, bem como da valorização do indivíduo independente da família, em contradição com o modelo de interdependência ou centrado na autoridade familiar preconizado por gerações anteriores. (CNPq)



Infância e Juventude: Aspectos Objetivos da Formação da Subjetividade

Coordenadora: Sueli Soares dos Santos Batista
Lisange Tucci
Angela Biazi Freire

RESUMO:

A chamada sociedade de massas oferta ao indivíduo e à massa uma experiência substitutiva ilusória, fraudando a capacidade de uma experiência efetiva da realidade e das suas contradições. A subjetividade possível a partir da construção de valores e necessidades conforme as leis do mercado resulta na infantilização do adulto e na liquidação da infância, todos à procura da eterna adolescência. A presente mesa aborda a formação da subjetividade não como um processo de desenvolvimento da personalidade que se daria em fases, mas como resultado das experiências do indivíduo no seu meio socio-cultural. Portanto, priorizamos a análise das condições objetivas existentes para que esta subjetividade possa acontecer.

Arte para crianças e menores: reflexões sobre a pedagogização da arte e inclusão social pela estética

(Sueli Soares dos Santos Batista)

A produção cultural para a infância não visa simplesmente ser compreendida e consumida por esta categoria social de acordo com suas necessidades. Ela, na verdade, reproduz a sociedade e produz a criança consumidora de seus produtos. Dentro desta produção cultural, destacamos os esforços em dinamizar e democratizar a educação através da arte. Da forma como a importância da arte tem sido atualmente considerada para a educação, observamos dois movimentos: um ensino de artes que deve se acomodar ao conhecimento instituído e não criticá-lo, fazendo juízo às



propostas pedagógicas, à modernização dos museus e às leis do mercado editorial e o uso da experiência estética a serviço de uma bem intencionada beneficência administrada que procura resgatar “menores em situação de risco”. Para as crianças que podem consumir, destina-se a ilustração sobre arte. Para as que não podem, os “menores”, incentiva-se o fazer artístico como inserção e preparação para uma sociedade do trabalho sem empregos.

A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR NA FORMAÇÃO DE UM INDIVÍDUO AUTÔNOMO

Lisange Tucci

doutoranda do programa de pós-graduação do departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Para a formação de um indivíduo autônomo é imprescindível que o ser humano tenha experiências vivas, já que a subjetividade se faz no processo histórico do ser através das experiências.

Mas na sociedade capitalista atual a experiência é substituída por uma cultura já pronta, pela repetição do estabelecido através da articulação das informações disponíveis. A repetição do socialmente dado mata a experiência, e com a simples constatação do que deve ser não se forma um sujeito autônomo.

Para os frankfurtianos, a formação de indivíduos resume-se nos dias atuais a uma semiformação, onde as experiências são substituídas por informações efêmeras que podem mudar no próximo instante, sem a continuidade da consciência no tempo que se forma com as experiências pessoais. Na simples repetição do já posto não há a oportunidade de reflexão, crítica e criação. Isto é preocupante pois sujeitos sem autonomia e crítica social não serão capazes de propor um mundo melhor para a humanidade

Por isso é importante que se recupere a experiência viva do ser humano, que o indivíduo possa experimentar e refletir sobre sua experiência, pois é a experiência que dá unidade e maturidade ao sujeito. Sem a oportunidade de experimentar, os sujeitos não se desenvolvem



enquanto indivíduos, tornam-se iguais ao estabelecido, sem a riqueza da intermediação do mundo interno e das experiências no estabelecimento do eu.

Dentre as experiências humanas, o brincar é de fundamental importância. Insere a criança na sua cultura possibilitando-lhe experienciá-la, vivenciá-la e modificá-la. Mas a coibição do brincar, do impulso criativo, é cada vez mais presente no modo de ser da nossa sociedade. O controle social também se estende às crianças e fica patente numa educação racionalista, na falta de oportunidade delas experienciarem a vida da comunidade nos grandes centros urbanos, o trabalho dos pais, restando-lhe como modelos os heróis televisivos. Além disso, a criatividade do brincar livremente na rua está desaparecendo.

Uma criança precisa de um espaço livre de experimentação para se constituir autonomamente. Precisa de tempo para brincar livremente, para experimentar. E o seu tempo de brincar acaba acontecendo em pré-escolas. Mas a possibilidade de autonomia não é de forma alguma buscada em pré-escolas que organizam o seu currículo com diversas atividades orientadas, visando uma aprendizagem cognitiva, e desprezam o brincar criativo. O brincar não orientado, que não tenha uma finalidade de antemão imposta pelo educador, é entendido como sem utilidade e está perdendo espaço nas pré-escolas, que assim repetem a ideologia da sociedade administrada. Em atividades impostas a criança apenas reproduz a sociedade atual. O brincar espontâneo deve ter espaço na sociedade para que se formem indivíduos autônomos. É na possibilidade do brincar que está a possibilidade da criação. No brincar a criança cria possibilidades de ser, de uma nova experiência cultural, de um novo mundo.



Interação e Desenvolvimento Emocional: Contribuição ao Estudo da Experiência Afetiva da Criança

PSICODINAMISMOS FAMILIARES NA ADOÇÃO: A VIVÊNCIA DE PAIS E FILHOS ADOTIVOS.

Manoel Antônio dos Santos (Universidade de São Paulo, campus de Ribeirão Preto)

As funções maternas/paternas são produtos históricos, de base psicológica, constituídas por um preparo para o papel feminino/masculino e para a identificação com as funções femininas/masculinas que mobilizam nos casais um desejo de cuidar e conferir ao outro um caminho para seu desenvolvimento, permeado pelas expectativas e fantasias do cuidador. Na adoção, considerando-se que as bases biológicas estão ausentes na relação entre pais e filhos, o processo de construção dessas funções está mais evidente e merece especial atenção, uma vez que desse processo dependerá a evolução do vínculo entre eles e a qualidade do desenvolvimento infantil. A construção do processo de adoção caracteriza-se inicialmente pela impossibilidade dos pais biológicos permanecerem com seus filhos e pela disponibilidade de outras pessoas, motivadas por diferentes razões, cuidarem dessas crianças. Dentro desse contexto, a adoção, em seus diversos aspectos, vem obtendo um papel de destaque dentro de nossa sociedade, o que, conseqüentemente, a torna um tema socialmente relevante. O presente trabalho tem como objetivo compreender o processo de construção da parentalidade no casal adotivo e avaliar os recursos psicológicos dos pais e da criança adotada, segundo um referencial psicodinâmico. Para tanto, avaliou-se uma família composta por pai, mãe e dois filhos adotados do sexo masculino, de 6 e 10 anos de idade. Foram aplicados os seguintes instrumentos: (1) *pais* – Roteiro de Entrevista Semi-estruturada, aplicada ao casal; Escala A2 de Rutter, aplicada à mãe; Desenho da Família, aplicado individualmente. (2) *filhos* – Hora de Jogo Diagnóstica, Escala de *Stress* Infantil de Lipp, Desenho da Figura Humana, Desenho da Família, Teste das Fábulas, CAT-A, Matrizes Progressivas Coloridas de Raven (escala especial) e Formulário de Autoconceito, todos aplicados individualmente. Os resultados indicaram que o desejo de cuidar foi construído a partir da motivação do casal para se realizar na maternidade/paternidade, tendo em vista a impossibilidade biológica acarretada pela infertilidade. As adoções foram tardias, o que se distancia do perfil típico dos processos brasileiros. As representações e expectativas em relação à construção do vínculo com a criança permaneceram inalteradas ao longo dos primeiros anos de adoção. O desenvolvimento do vínculo pais-criança vem se processando dentro do padrão sócio-cultural de cuidados parentais. Contudo, a avaliação psicodiagnóstica das crianças aponta vários indicadores de ordem emocional que comprometem o processo adaptativo e sugerem a necessidade de intervenção psicológica. A apreciação dos recursos psicológicos de ambos os filhos mostrou perfis contrastantes, denotando que estes assumiram papéis complementares no contexto familiar, expressos em um cortejo sintomatológico específico (timidez acentuada *versus* hiperatividade; introversão *versus* extroversão, etc.), na tentativa de se adaptarem às expectativas parentais e responderem aos conflitos suscitados por vivências precoces traumáticas, marcadas pela instabilidade das relações objetais que culminaram com o abandono por parte dos pais biológicos.



Conclui-se pela necessidade de apoio psicoterápico dentro de uma abordagem centrada nas necessidades das crianças e da família, que auxilie o casal parental a buscar meios adaptativos para minimizar os riscos das vivências traumáticas para o desenvolvimento infantil.

O PERÍODO DE LATÊNCIA NO GRUPO FAMILIAR

Xavier. I.A - UNIP - Sorocaba - Clínica.

Utiliza o conceito de “área de conflito mútuo” para explicar a ocorrência do sintoma no grupo familiar. Acredita que o sintoma é resultado de uma *desorganização relacional*, evidenciada através dos conflitos inter-psíquicos de pais-crianças. Apresenta avaliação de caracterização de uma instituição, cujos processos são de Psicoterapia Breve Infantil, ilustrando que o aparecimento do sintoma em crianças em idade correspondente ao período de latência, corresponde às dificuldades vividas pelos pais (ou por um deles) neste mesmo período de suas vidas. **Objetivo:** apresentar um estudo de caso de uma escola clínica, cujo sintoma familiar é resultado de uma *desorganização relacional*, correspondente ao período de latência (mãe-criança). **Método:** Os dados são obtidos de um prontuário da clínica - escola UNIP. O processo psicodiagnóstico infantil tem duração breve (12 encontros) e é avaliado qualitativamente. **Resultados:** Os resultados corroboram estudos da literatura quanto ao período de latência e sugerem novas investigações sobre o tema.

INTERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL: CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DA EXPERIÊNCIA AFETIVA DA CRIANÇA

Vera da Rocha Resende

Depto. de Psicologia UNESP – Universidade Estadual Paulista – Campus Bauru -

Introdução: O cotidiano da clínica oferece uma primeira razão para que estudos sobre interação sejam efetivados. No atendimento infantil predominam histórias de negligência, abandono, conflito e desintegração familiar motivada por prisão ou dependência química de pelo menos um dos genitores. Entre as principais queixas estão agressividade, dificuldade para relacionar-se com



colegas e adultos, insegurança, choro excessivo, distúrbio da alimentação, defeitos na fala, enurese e encoprese. A compreensão da qualidade da interação, inicialmente estabelecida, e dos fatores ambientais, que a colocam em risco, é imprescindível na pauta da intervenção clínica. Cabe distinguir, entre os impasses no desenvolvimento da criança, encaminhada ao atendimento, aqueles atribuídos a danos produzidos pela privação. Este trabalho avalia a descontinuidade interativa na fase inicial e nas etapas posteriores da vida infantil. Investiga a qualidade da atenção recebida na fase compreendida entre nascimento e encaminhamento à psicoterapia. Descontinuidade interativa é aqui utilizada para abranger todo tipo de perturbação das relações parentais. Implica na interrupção dos cuidados dedicados à criança, independente do motivo que ocasionou a separação. A avaliação da qualidade da interação supõe o exame dos seguintes fatores: idade da criança no período de privação; extensão do período de privação, qualidade da relação antes da privação e depois do reencontro e a forma como a criança foi tratada durante a separação. As perdas, prejudiciais ao desenvolvimento, não se limitam ao que ocorre nos primeiros cinco anos de vida: uma experiência significativa, mal elaborada, é capaz de gerar perturbações no desenvolvimento da personalidade. **Objetivos:** O estudo tem por objetivo: analisar a descontinuidade interativa, seja na fase inicial da vida infantil, seja nas etapas posteriores de seu desenvolvimento; avaliar efeitos de diferentes dimensões da experiência de privação afetiva, e sua natureza, expressos nos sintomas clínicos. Investigar a qualidade da atenção recebida pela criança, na fase compreendida entre nascimento e encaminhamento à psicoterapia. **Método:** Combinando estudos retrospectivos e reconstrução da história de vida, vão se delineando: oportunidades que a criança teve para estabelecer ligação com a figura materna (ou substituta); prolongadas e repetidas rupturas de vínculos; eventual experiência de privação por um período de 3 a 6 meses nos 3 ou 4 primeiros anos e a ocorrência de mudanças constantes de figura materna no mesmo período. **Conclusão:** A análise de 10 casos, escolhidos ao acaso, indicou 6 crianças que passaram por experiência de privação paterna; 2 crianças rejeitadas pela mãe e 2 que, embora pertençam à famílias intactas, a interação da díade ou a interação triádica mostrou-se insatisfatória. As queixas se repetem entre os casos estudados e uma mesma criança apresenta mais de um sintoma. Ou seja, predominam neste grupo insegurança, ansiedade e agressividade. Estes dados são preliminares, remetem à classificação etiológica das doenças



psicotóxicas da infância, e reivindicam sua adequação à etapas posteriores do desenvolvimento. Exemplificando, destacamos dois casos, hoje com 5 e 6 anos de idade, em cuja história inicial se verifica que se trata de crianças que sobreviveram à *rejeição primária manifesta*; uma adoção sem acolhimento suficiente, pela mãe substituta, e uma permanência com os pais biológicos, porém, a hostilidade materna, disfarçada em ansiedade, acompanha a interação. O pai mostra-se passivo, impotente e sem ânimo para proteger o filho dos ataques maternos. Em ambos os casos, faltam condições para o desenvolvimento da confiança básica e as crianças apresentaram, além dos sintomas indicados, reações somáticas. A intervenção psicoterapêutica, nestes casos, não pode prescindir dessas condições concretas, nas quais as crianças se desenvolvem, por tratar-se de experiência vivida como perda, cuja lacuna é de difícil restauração.



Juizado da Infância e da Juventude e Conselho Tutelar: Atualizações do Poder do Soberano

Autores: Cecília Coimbra; Estela Scheinvar; Lílian Lima; Patrícia Reis

“Todo povo de Israel soube [da] decisão do Rei Salomão, e aí todos sentiram um grande respeito por ele, pois viram que Deus lhe tinha dado sabedoria para julgar com justiça”. O poder do soberano sobre a vida e a morte presente neste discurso, será analisado através de três trabalhos de pesquisa e dois de intervenção realizados no Departamento de Psicologia e no Serviço de Psicologia Aplicada da Universidade Federal Fluminense.

Tentaremos apontar que hoje os especialistas, à imagem dos juizes, têm o poder sobre a vida e a “morte” como os antigos soberanos. Se antes era Deus quem concedia a sabedoria para julgar com justiça, hoje é a ciência que dá esse respaldo, instrumentalizada em dispositivos legais. As práticas sociais vão muito além dos enunciados formais, falam de maneiras de pensar, sentir, viver... de processos históricos e políticos que têm pautado as análises tanto de nossas pesquisas como de nossas práticas de intervenção.

Estas pesquisas vinculam-se ao PIVETES (Programa de Intervenção Voltado às Engrenagens e Territórios de Exclusão Social) e analisam, através de processos levantados no Arquivo Nacional referentes ao antigo Juizado de Menores, as práticas dos agentes ali presentes.

A primeira delas problematiza o poder exercido pelo comissário de vigilância, no período de 1936 a 1945. A segunda, de 1975 a 1984, apresenta a figura do assistente social caracterizado por práticas filantrópicas e pela presença do “discurso psi”. A terceira pesquisa de 1985 a 1994, coloca em análise a atuação do psicólogo, preferencialmente chamado nos casos considerados mais graves e complexos.

Os dois trabalhos de intervenção, realizados através de estágios curriculares num Juizado da Infância e da Juventude e num Conselho Tutelar do estado do Rio de Janeiro põem em análise práticas/discursos do comissário de vigilância, do assistente social e do psicólogo que vêm sendo construídas desde o início do século passado, assim como as dos conselheiros tutelares.

O Conselho Tutelar emergiu no final do século XX, sob condições distintas daquelas quando da criação do Juizado de Menores, no início do mesmo século. Este último sempre se caracterizou por ser um órgão de proteção e controle/repressão dos “menores” em “risco”. Sua institucionalização se deu no contexto de um processo em que o poder do soberano consolidado e



enraizado na estrutura social e na cultura brasileira, de maneira geral, passa a conviver com a mecânica disciplinar. As concepções de soberania afirmadas por séculos se incorporaram na nova ordem disciplinar, fazendo-se presentes nos diferentes âmbitos das práticas sociais.

Tais atravessamentos não se encontram somente nos equipamentos sociais que emergiram ainda sob relações de soberania. Mostra disto são as práticas presentes ainda hoje no Juizado e no Conselho Tutelar, este último criado como guardião dos direitos da criança e do adolescente entendidos como cidadãos, a partir das diretrizes do Estatuto da Criança e do Adolescente. As análises destas práticas, associadas às pesquisas que vêm sendo realizadas nos permitem pensar na coexistência de algumas características da sociedade soberana na sociedade disciplinar e, ainda, na sociedade de controle.



Mediação, Conhecimento e Sujeito: Reflexões sobre a Construção de Conhecimento e Subjetividade da Criança

Veriana de Fátima Rodrigues Colaço
Susana Kramer de Oliveira Mesquita
Maria de Fátima Vasconcelos da Costa

A proposta desta mesa é articular e refletir sobre a Construção do Conhecimento e a Subjetividade da Criança a partir da análise de processos mediacionais vivenciados e compartilhados em cenários específicos, dentro de um enfoque Histórico-cultural. O ator social ao qual a mesa se refere é a criança situada em contextos educacionais-culturais típicos, e a reflexão empreendida partirá, em termos gerais, de suas vivências em processos interacionais e de seus modos próprios de utilização dos recursos culturais.

A discussão sobre a construção do conhecimento e da subjetividade infantis far-se-á tomando por base dados de pesquisas sobre o desenvolvimento da criança e intervenções profissionais que acontecem na escola e em práticas culturais diversas. Veriana de Fátima Rodrigues Colaço, através da análise de atividades discursivas vivenciadas na sala de aula, refletirá sobre o papel das interações entre crianças nos processos de mediação do conhecimento; Susana Kramer de Mesquita Oliveira, a partir da análise de trocas intersubjetivas vivenciadas pela criança em atividades de produção coletiva na sala de aula, apontará a categoria da “ação compartilhada” como indicadora de processos de construção de conhecimento; e Maria de Fátima Vasconcelos da Costa, analisando brincadeiras infantis, discutirá sobre o jogo simbólico enquanto atividade mediacional que permite a articulação entre o mundo subjetivo infantil e a dimensão da cultura na perspectiva da criança – esta atividade se apóia em complexos recursos discursivos, cuja análise permite entrever a especificidade da construção do sujeito criança.

As participantes são psicólogas e professoras da Universidade Federal do Ceará (UFC), com atuações docentes no Departamento de Psicologia e na Faculdade de Educação, e com experiências em núcleo de estudo, pesquisa e extensão universitária (NUCEPEC – Núcleo Cearense de Estudos e Pesquisa sobre a Criança). Desta forma, utilizando o mesmo arcabouço teórico, as integrantes da mesa apreciarão o tema proposto, a partir de lugares diferenciados de sua experiência científico-profissional de ação junto à criança, convergindo em uma dimensão fundamental que se refere à centralidade dos processos de mediação como eixo-teórico-metodológico para a compreensão do sujeito.



PROCESSOS DE MEDIAÇÃO SEMIÓTICA NA CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO E SUBJETIVIDADE

Veriana de Fátima Rodrigues Colaço

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará

O objetivo deste trabalho é desenvolver uma discussão acerca dos processos interacionais infantis concebidos como mediadores para a construção de conhecimento e subjetividade. O pressuposto básico adotado é a compreensão da atividade discursiva como processo que integra ação e linguagem e que se define como atividade mediada semioticamente, constituindo-se espaço de possibilidade de construção de conhecimento compartilhado.

As teorias Sócio-histórica de Vygotsky e da linguagem de Bakhtin são os referenciais que embasam esta discussão, focalizando três categorias conceituais específicas, quais sejam: mediação semiótica, zona de desenvolvimento proximal e dialogia. A partir destas duas concepções teóricas, o foco central de discussão volta-se para a temática da linguagem e dos processos de desenvolvimento cognitivo e subjetividade.

Para ilustrar os processos de construção de subjetividade e conhecimento serão apresentados trechos de diálogos infantis recolhidos na pesquisa de tese de doutorado da autora, cujo trabalho de campo foi realizado no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na cidade de Porto Alegre, no decorrer do ano letivo de 1999. Foram analisados diálogos de duas duplas de crianças da primeira série e duas duplas da segunda série do Ensino Fundamental, enquanto elas desenvolviam tarefas escolares propostas pelas respectivas professoras. Esses diálogos refletiam o processo de atividade discursiva desencadeado nas interações estabelecidas pelas crianças em sala de aula.

A linguagem abordada como inter-ação, dentro do enfoque da teoria da enunciação, possibilita a compreensão dos processos mediacionais que engendram o desenvolvimento cognitivo e a construção da subjetividade, resultante dos intercâmbios da criança no seu contexto histórico-cultural, ou seja, linguagem, desenvolvimento e subjetivação são entendidos como construções sociais. Nesta perspectiva, tem lugar a discussão, trabalhando as categorias referidas acima e os processos de subjetivação que vão se construindo nos processos interacionais desencadeados nas atividades discursivas das crianças.



Novos Modos de Produção em Trabalho e Saúde

Emílio Nolasco de Carvalho
Maria Elisa Siqueira Borges
Paulo César Zambroni de Souza

Estes trabalhos pretendem pensar as relações possíveis e as implicações existentes entre conhecimento científico e experiência. Espera-se contribuir para o encontro desses dois campos, reconhecendo sua necessária indissociabilidade.

Neste sentido, trazem como eixo central um questionamento das transformações contemporâneas nos mundos do trabalho, seja no campo da saúde, seja no da gestão de pessoas ou ainda na Reforma Psiquiátrica. Acentua-se ainda os problemas que são próprios à colocação em prática de modelos de conhecimento, que estão ligados aos modos históricos de produção das dicotomias teoria/prática, assim como a hierarquização intrínseca a esta produção.

Assim, o trabalho de Emílio Nolasco de Carvalho, “Limites e Impasses da Prática Profissional no Campo da Saúde”, visa analisar criticamente os modos de operacionalização dos discursos bio-psico-sociais, demarcando tanto os limites e tensões desse discurso, quanto aqueles presentes no atendimento às classes populares.

O trabalho de Maria Elisa Siqueira Borges, “Desafios Contemporâneos do Profissional de Gestão de Pessoas”, tem por objetivo refletir sobre alguns desafios colocados aos profissionais de Gestão de Pessoas na contemporaneidade, buscando pensar o trabalho a partir da experiência de quem trabalha e de suas lutas diárias para que seu trabalho se constitua *com* o sujeito.

O trabalho de Paulo César Zambroni de Souza, “Desafios na Construção do Conhecimento em Trabalho e Saúde: Limites e Impasses”, procura abordar os saberes sobre o trabalho de pessoas com sofrimento mental grave. Partindo de uma análise histórica, procura perguntar quais são as possibilidades de inserção nos mundos do trabalho para essas pessoas hoje, considerando que as novas lógicas de produção requerem do trabalhador que este enquadre-se no modelo da competência.



A partir de reflexões em campos como Saúde, Reforma Psiquiátrica e Gestão de Pessoas, pretende-se compreender os modos de produção de subjetividades nos novos dispositivos de trabalho.

LIMITES E IMPASSES NA PRÁTICA PROFISSIONAL NO CAMPO DA SAÚDE *EMÍLIO NOLASCO DE CARVALHO*

O Movimento da Reforma Psiquiátrica foi consolidado nos anos 80. Seus membros integrantes participaram ativamente dos movimentos sociais da época, assim como da elaboração das transformações legislativas no campo da saúde, procurando garantir aí o desmantelamento dos serviços manicomiais, a municipalização e a universalidade dos serviços públicos de saúde, a construção de novos serviços “abertos” e voltados para a reinserção social do usuário e a promoção, nestes serviços, da democracia e da “consciência cidadã”. Junto a isto, procurava-se desconstruir os “vícios instituídos” em torno do “louco” e da “loucura”, rumo a uma visão menos “biodeterminista” e mais “bio-psico-social” dos indivíduos.

Ao longo da década de 90, vários destes novos serviços (Núcleos e Centros de Atenção Psicossocial, Hospitais Dia, etc.) foram criados por todo o Brasil, concomitantemente à diminuição progressiva dos leitos de alguns hospitais psiquiátricos e ao fechamento de outros. Entretanto, os profissionais de saúde mental que organizam estes novos serviços deparam-se continuamente com uma realidade social constituída por diretrizes lógicas, crenças e ações bastante distintas daquelas vinculáveis a seus projetos iniciais de cidadania e de democracia. Pautados em princípios da cidadania e democracia, os novos serviços de atenção psicossocial deparam-se com espaços sociais e universos de valor nos quais estes princípios, se não são desconhecidos, tampouco parecem ocupar um lugar central na organização da vida social.

Neste trabalho, pretendo apresentar algumas análises acerca dos jogos de força e dos estilos de gestão veiculados no cotidiano do Centro de Atenção Psicossocial Simão Bacamarte, em Santa Cruz, bairro da zona oeste do Rio de Janeiro. Tomando o CAPS enquanto um espaço de encontros entre universos simbólicos distintos — com suas respectivas formas de construção do corpo, da doença e da pessoa — procuro analisar alguns impasses enfrentados pelos profissionais de saúde na busca de um serviço democrático, tanto em suas políticas mais amplas, quanto em suas estratégias cotidianas.



Desafio na Construção do Conhecimento em Trabalho e Saúde: Limites e Impasses

Paulo César Zambroni de Souza*

* Psicólogo, Mestre em Psicologia pela UFRJ, Doutorando do Programa Pós-Graduação em Psicologia Social da UERJ.

Esta apresentação pretende pensar as possibilidades de trabalho para pessoas com sofrimento mental grave. Começamos fazendo um levantamento sobre a visão desta possibilidade em alguns momentos importantes na história da Psiquiatria. Assim, trataremos de início a posição de Pinel frente a esta questão, pontuando o lugar do trabalho como elemento central do tratamento moral. Posteriormente falamos do lugar que o trabalho ocupava nas principais tentativas de Reforma Psiquiátrica no século passado, desde a ergoterapia de Hermann Simon, passando pelas Comunidades Terapêuticas na Inglaterra, a Psicoterapia Institucional na França e a Psiquiatria Democrática Italiana. De posse dessas informações, levantamos, algumas questões referentes às possibilidades e limites de trabalho para pessoas com sofrimento mental grave hoje no Brasil, considerando a emergência de novas lógicas de produção que exigem do trabalhador enquadrar-se no modelo da competência e, por outro, as perdas dos direitos como estamos vivendo nestes tempos de precarização.



O Acompanhamento Terapêutico e a Clínica das Psicoses –Casos Clínicos

Júlio César Ramos de Oliveira
Clarissa Metzger
Saulo Jardim Barboza
Beatriz Helena Martins de Almeida

Resumo:

O tema central dessa mesa é a clínica do Acompanhamento Terapêutico.

Aqui reunimos três trabalhos que tem em comum a transmissão dessa clínica através do relato de fragmentos clínicos e do esforço desses acompanhantes de justificarem sua práxis junto a pacientes considerados gravemente comprometidos psicicamente - geralmente com prognóstico bastante desanimador- através de fundamentações teóricas oriundas da Psicanálise, que lancem luzes sobre a eficácia clínica desse modo de intervenção.

Os autores tem ainda, em comum, a pertinência à mesma equipe de acompanhantes terapêuticos, do Hospital-dia “A Casa”, onde trabalham há sete anos, e reúnem-se semanalmente para supervisão clínica, discussão de casos e de projetos e grupo de escrita.

Todos os casos trabalhados referem-se a pacientes psicóticos, no entanto, cada caso abordará a psicose por um aspecto diferente: sua eclosão na adolescência, o corpo na esquizofrenia e a estabilização pela metáfora delirante na paranóia.

No primeiro trabalho “*Perto do Coração Selvagem: Acompanhamento Terapêutico e Adolescência*”, Clarissa Metzger aborda a questão da eclosão da psicose na adolescência, através do caso de uma menina de treze anos. Clarissa tem como objetivo fazer uma reflexão sobre alguns aspectos da psicose e sobre seus desdobramentos na fase da adolescência. Pretende, ainda, pensar sobre o que o acompanhamento terapêutico pode oferecer nesses casos, levando em conta sua gravidade e as especificidades dessa fase do desenvolvimento humano.

No segundo trabalho “*O Corpo do Acompanhante Terapêutico como um Espaço Possível para a Reconstrução Subjetiva*”, Saulo Jardim Barbosa procura, através de recortes de cenas vividas entre ele e seu paciente, demonstrar a importância da disponibilização do próprio corpo - do AT - como um recurso extremamente potente e possibilitador de uma reorganização psíquica - e corporal - em um caso de psicose de um rapaz de trinta e um anos com diagnóstico de esquizofrenia.

No terceiro trabalho “*A Mulher Não Existe*”, Beatriz Helena Martins de Almeida trata da estabilização da psicose, em um caso de paranóia de uma senhora de sessenta anos. Para tanto, Beatriz abordará a questão da feminilidade na psicose, do que aí não se aguenta e da metáfora delirante como saída. E, principalmente, a função do acompanhante terapêutico na estabilização da psicose, através do suporte da transferência e do seu lugar de testemunho da produção singular do paciente.



O Casamento na Atualidade

Isabel Telmo Hackner
Ana Cláudia Fleck
Eliana Piccoli Zordan
Maria Isabel Wendling

A família contemporânea enfrenta diversas mudanças em sua configuração e estrutura, no entanto, o casamento continua sendo um momento significativo do ciclo vital individual e familiar. A partir dessa consideração, este simpósio tem por objetivo discutir alguns fenômenos que perpassam o casamento na atualidade: as expectativas dos adultos jovens a respeito do mesmo, a experiência conjugal dos casais de dupla carreira, a conjugalidade frente à saída dos filhos de casa e a coparentalidade após o término do casamento. A primeira parte do simpósio abordará o casamento na contemporaneidade, a partir da visão de adultos jovens, no que se refere aos motivos, expectativas, atitudes e mitos em relação à união conjugal. A seguir, serão apresentadas algumas características da conjugalidade de casais em que ambos, marido e mulher, trabalham fora e contribuem para a renda familiar, o que é denominado, pela literatura, casais de dupla carreira. A questão dos papéis de gênero permeará essa discussão. A terceira parte do simpósio tratará da fase do ciclo vital a saída dos filhos de casa, e suas repercussões na relação do casal. A partir de relatos e dados de pesquisa, serão discutidas as vivências do casal frente a essa nova realidade. Finalizando a discussão, serão abordadas as estratégias de educação dos filhos após o término do casamento, a partir do rompimento do laço conjugal e da necessidade de manutenção do laço parental.



O Ensino da Ética Profissional no Curso de Graduação em Psicologia

Myriam Augusto da Silva Vilarinho
Cláudio Garcia Capitão
Maria Cristina Barros Maciel Pellini
Rita Aparecida Romaro

A Resolução 403/62 do MEC, que fixa o currículo mínimo do curso de Psicologia, estabelece que a disciplina Ética Profissional é obrigatória para a obtenção do diploma de Psicologia e assim tem sido ministrada desde então. Em alguns cursos ela ocupa na grade curricular em lugar logo no início; noutros é disciplina de final do mesmo, conforme se priorize o seu caráter de disciplina básica ou de preparação para os estágios da formação e, conseqüentemente, para o exercício da profissão.

A Comissão proponente das Diretrizes Curriculares para o Curso de Graduação em Psicologia, de 9 de dezembro de 1999, na apresentação dos princípios que fundamentam sua proposta, justificando os mesmos, os remete às necessidades de uma formação que dentre outras assegure “rigorosa postura ética”. Fica claro que o ensino da ética profissional não poderá se restringir somente ao conteúdo de uma disciplina específica mas também não aponta os caminhos para que se consiga assegurá-la.

A nova proposta do Fórum de Entidades Nacionais da Psicologia (jan. 2002), por sua vez, inclui, no seu artigo 5º, entre as múltiplas dimensões das competências e habilidades a serem integradas no processo de formação do psicólogo, a dimensão ética, explicitando vários aspectos desta.

Pensamos então que é fundamental abrir-se o debate para discutir como deverá ser efetivado o ensino da ética profissional e como integrá-lo às dimensões daí a proposta para uma mesma mesa redonda.



Uma Experiência no Ensino da Ética Profissional no Curso de Psicologia

Maria Cristina Barros Maciel Pellini

Professora de Ética e Rorschach da Universidade São Marcos, e Professora da Universidade Paulista – UNIP de Teap V e VI.

Tem sido preocupação nossa, professores de Ética, como auxiliar os alunos na sua formação de uma postura ética, já que postura não é conhecimento a ser transmitido e sim algo desenvolvido ao longo de toda a educação da pessoa, desde seus primórdios. A fim de contribuir para que os alunos de psicologia, no curso de Ética, reflitam sobre as questões envolvidas no exercício da profissão, vimos solicitando a eles que realizem entrevistas com profissionais da área mediante a elaboração prévia de questionários. Acreditamos que tais questionários refletem as questões da atuação que preocupam os alunos. Assim apresentaremos uma síntese dos assuntos que são abordados com maior frequência pelos mesmos, pesquisa realizada por alunos de uma Universidade particular). Esse levantamento visa auxiliar na reflexão sobre o ensino da Ética Profissional nos cursos de Psicologia.

Considerações sobre a postura ética no atendimento psicológico.

ROMARO, Rita Aparecida.
Universidade São Francisco.

A forma como nos posicionamos em nosso exercício profissional, o tipo de contrato de trabalho formal e informal que estabelecemos, quer seja enquanto psicólogos, educadores, psicoterapeutas ou pesquisadores, necessariamente refletem nossa postura ética. Levando-se em conta que a ética implica em uma interiorização das normas ao longo da vida, tendo como sustentáculo as relações afetivas, torna-se muito difícil pensá-la como algo que se aprende ou se ensina cognitivamente, pois a ética é uma atitude reflexiva sobre as regras morais, considerando-se o contexto histórico-social-econômico, reflexão essa que é fruto da possibilidade de escolher, da possibilidade conquistada de ser livre e não o fazer certo para fugir da punição. Nesse sentido explora-se a importância da relação aluno-professor no curso de Psicologia, enquanto um modelo no qual essas condutas éticas se expressam e consolidam, viabilizando o caminho da reflexão do exercício profissional. A forma como podemos lidar com as figuras que representam a autoridade acabará por determinar o padrão de aprendizagem e o tipo de relação estabelecido com as figuras do professor, do terapeuta,



do chefe. O instrumento do psicólogo é basicamente sua própria condição egóica, que determinará a forma como pode absorver os conhecimentos técnicos, como pode lidar com seus afetos e impulsos, como pode conduzir sua formação profissional, delimitando e reconhecendo suas competências, suas relações com os colegas de trabalho, com seus clientes. Essas considerações são acompanhadas por algumas resoluções que visam preservar os participantes de uma pesquisa no que concerne a sua privacidade e direito de escolha, refletindo a respeito do termo de consentimento informado enquanto um dos aspectos do contrato terapêutico. Dentre as resoluções que pautam as condutas éticas em pesquisa, destacam-se a Resolução 196/96- CNS/MS e a Resolução do Conselho Federal de Psicologia nº 016/2000. A Resolução 196/96- CNS/MS do Conselho Nacional da Saúde dispõe que todo e qualquer procedimento experimental envolvendo humanos deve ser submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), que é subordinado ao Conselho Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), antes do início da fase de coleta de dados, existindo uma responsabilidade institucional, além da do pesquisador. O Comitê de Ética em Pesquisa deve avaliar:- as razões da pesquisa; a metodologia científica do projeto a ser empregada; - os riscos e benefícios; - análise do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido; - a forma como o processo de consentimento será proposto; - a adaptação das informações relativas ao sujeito da pesquisa no que concerne aos critérios de inclusão e exclusão; - a privacidade e a confidencialidade. A pesquisa deve pautar-se em um levantamento bibliográfico consistente, em um objetivo claro que sustente a metodologia proposta. O Termo de Consentimento Informado formaliza o aceite de participação em uma pesquisa, no entanto esse consentimento também deve expressar-se no enquadre estabelecido no trabalho psicológico, que reflete diretamente a postura ética do profissional, permeando o enquadre estabelecido no trabalho psicoterápico ou em quaisquer outras modalidades de trabalho psicológico. O atendimento de menores de 18 anos ou sua participação em procedimentos de pesquisa só deverá ocorrer com o consentimento dos pais, salvo as situações assinaladas nas alíneas do artigo 7º da Resolução do Conselho Federal de Psicologia nº 016/2000 de 20 de dezembro de 2000.



Considerações sobre a Postura Ética no Atendimento Psicológico.

CAPITÃO, Cláudio Garcia.
UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO.

A presente comunicação objetiva realizar uma reflexão sobre a ética e a técnica no exercício da profissão no contexto hospitalar. O psicólogo, particularmente aquele que está inserido na instituição hospitalar, defronta-se constantemente com problemas que envolvem, solicitam e exigem posicionamentos éticos, seja no trato com seus paciente, em alguns casos vivendo no limite suportável de sofrimento, seja com colegas e outros profissionais com os quais divide, com maior ou menor poder e importância, o espaço hospitalar. Nossa ciência, a psicologia, não é uma “ilha isolada” de outros continentes do saber. Estamos perante um mundo em que todas as distâncias, seja pela rapidez das informações, seja pela inter-relação dos conhecimentos, vão paulatinamente diminuindo, e as ações vão ganhando um sentido de universalidade jamais visto na história. É necessário que a relação com outros profissionais, dentro desse espírito, se dê num patamar de respeito e consideração dos valores de cada especificidade profissional. Para que a psicologia seja respeitada como profissão e como ciência, deslizes éticos, de qualquer natureza, não podem ser cometidos. Conhecer as atribuições de outros profissionais é de extrema importância, principalmente quando nosso trabalho pretende estar inserido numa equipe multidisciplinar. Daí a importância da preservação e da manutenção de nossa identidade profissional, pois não poderemos reivindicar igualdade enquanto não nos firmarmos em nosso campo. Para a própria preservação do espaço destinado à psicologia na instituição hospitalar, cabe ao psicólogo demarcar com a clareza da sua prática, com os recursos de sua técnica, com suas formulações o campo pelo qual é responsável, para ir construindo e fazendo a história de sua ciência. *Ethos* está no centro do homem e de suas ações, embora ninguém nasça essencialmente bom ou mau, ético ou não-ético. Isto pode nos remeter à pergunta: seria possível ensinar alguém a ser ético ou agir eticamente na sua profissão, quando nos outros aspectos de sua vida e nas inter-relações mostra-se destituído de qualquer valor de moral ou virtude? Questões como essa mostram a importância de pensar em nossa prática profissional, especialmente porque a psicologia em nosso país, como profissão, incorporou-se ao leque de necessidades que a complexidade da vida contemporânea fez emergir para melhorar a qualidade de vida do homem. Problemas na instituição hospitalar que envolvem questões éticas sempre se apresentarão. Nosso código, por outro lado, sempre estará defasado e necessitando ser revisto. Embora seja ele que direcione a nossa prática, é esta prática que vai se defrontar com novos problemas que poderão, dentro de um momento específico da profissão, reorientar a reflexão em torno do nosso código. Os códigos de ética não são cristalizações eternas e imutáveis. São o resultado de reflexões sobre a atividade profissional. Por isso, o psicólogo inserido no contexto hospitalar tem muito a contribuir, uma vez que constantemente depara com situações-limite. Num segundo momento, a sistematização das respostas poderá modificar as normas de conduta, por ter o valor das virtuais experiências possíveis, resultado de uma práxis ética de uma profissão que escreve sua própria história.





Lugar do Corpo na Contemporaneidade: A Perspectiva das Psicoterapias Corporais

Autores: Carlos Eduardo Duarte Alves de Brito

Cláudio Mello Wagner

Marcus Vinícius de Araújo Câmara

Marcos Alberto Taddeo Cipullo

Este Simpósio propõe uma reflexão sobre os valores socioculturais atribuídos ao corpo na sociedade contemporânea. Para realizar esta tarefa são abordados os pressupostos teóricos das psicoterapias corporais, articulando-os a práticas e pesquisas realizadas em instituições de ensino superior. A questão central reside em buscar, através de autores como Wilhelm Reich e Alexander Lowen, subsídios para compreender em que dinâmicas sociais o corpo se insere.

Na realidade atual configura-se uma distância excessiva entre os avanços tecnológicos que se processam em velocidade intensa e a qualidade das relações afetivas que se organizam de forma conturbada. Essa questão se apresenta na construção da subjetividade. Diversas formas de injunção social incidem diretamente sobre o modo como o sujeito organiza suas imagens corporais. Na atual sociedade de consumo procura-se veicular modelos daquilo que deve ser considerado aceito com relação à forma como se lida com o corpo. Nessa categoria temos modelos estéticos que definem aquilo que é enquadrado como belo ou atraente. Encontramos também modelos de saúde que valorizam os corpos capazes de ter melhor desempenho e performance. Tais modelos parecem contribuir para o quadro atual de empobrecimento da qualidade dos vínculos humanos.

A perspectiva das psicoterapias corporais propõe uma concepção integral do ser humano, compreendido como uma unidade biopsicossocial. Dessa forma, o trabalho psicoterapêutico torna-se consistente na medida em que possibilite os seguintes aprofundamentos: o exercício de reflexão crítica sobre o lugar ocupado pelo sujeito-corpo na dimensão social; a ampliação da qualidade dos vínculos afetivos; e, finalmente, o auxílio ao paciente para que ele possa compreender sua história e construir um sentido para sua existência.

Subtemas abordados:

- (a) a construção da imagem corporal no processo psicoterapêutico e sua relação com a inserção social do sujeito;



- (b) a análise das inscrições corporais como tatuagens e piercings feitas por adolescentes levanta questões sobre formas específicas de decodificação das informações na contemporaneidade; a formação da personalidade do sujeito-corpo em suas relações atuais;
- (c) as relações do corpo com o Socius; o processo de produção social do corpo e as redes sociais que dele participam;
- (d) a integração das psicoterapias corporais sob a ótica fenomenológico-existencial; o corpo como metáfora da existência, não formatado a categorias nosológicas prévias; o psicodiagnóstico como um processo participativo realizado pelo psicoterapeuta e pelo paciente.



O olhar psicanalítico vai à escola: uma intervenção psicopedagógica apoiada na linguagem teatral.

Leslie Evelyn Ruth Marko
Sonia Maria Barbare Albuquerque Parente
Sanny Silva da Rosa

Este trabalho tem a intenção de apresentar e discutir uma experiência de intervenção psicopedagógica desenvolvida numa escola particular do município de São Paulo no ano de 2001, envolvendo alunos, pais, professores e coordenação, a partir da demanda de diagnóstico e intervenção nos problemas de aprendizagem e aproveitamento escolar dos alunos.

Inicialmente a solicitação da escola foi dirigida a uma psicanalista com experiência em problemas de aprendizagem com o objetivo de desenvolver um trabalho de intervenção com alunos de duas classes de 6as. séries. A partir da observação do trabalho realizado em sala de aula, constatou-se que os problemas de aprendizagem e desempenho escolar se revelavam como sintomas de problemas existentes na relação professor-aluno. Partindo do princípio de que muitas das questões que emergem nesta relação estão intimamente ligadas àquelas relacionadas à organização familiar, foi, então, proposto um trabalho de intervenção com pais e professores.

A linguagem teatral foi escolhida como instrumento de apoio à intervenção psicopedagógica por sua natureza facilitadora no processo de sensibilização dos participantes sobre as questões em foco. Destacamos dois momentos importantes neste processo de sensibilização: um primeiro momento, em que os participantes estiveram na posição de espectadores de uma cena disparadora relacionada à temática da relação pais-filhos e de questões escolares; e um segundo momento, em que foram convidados a expressar, através de exercícios e jogos, os conteúdos relativos às suas vivências relacionadas aos temas em questão.

Esta vivência possibilitou a emergência de vários aspectos significativos que passaram a ser objeto de reflexão do grupo: a dificuldade do encontro pais-filhos, professores-alunos, a dificuldade de percepção do universo do jovem no âmbito individual e coletivo, a questão da confusão de papéis adulto-criança, professor-aluno, a questão da autoridade, dos limites etc. Esta reflexão foi realizada coletivamente, num estado de sensível identificação do grupo levando a ricas indagações, polêmicas e posicionamentos diferentes. O passo seguinte desse trabalho de intervenção viria a ser avaliado e conduzido pela própria escola.

A escola avalia que houve uma alteração significativa na relação dos professores com os alunos decorrente do trabalho de orientação da psicanalista somado a um trabalho que já vinha sendo desenvolvido por uma fonoaudióloga (processamento auditivo) e uma psicopedagoga (déficit de atenção). O olhar da equipe de professores ficou mais perceptivo a partir do diagnóstico realizado pela psicanalista e completado por eles mesmos nas imagens teatrais realizadas. Os alunos apresentaram, no seu processo de aprendizagem, maior iniciativa, rapidez e atenção assim como a convivência entre eles melhorou significativamente.

Um semestre depois os dois grupos foram reorganizados a partir do novo olhar de todos os segmentos diluindo assim o excesso de diferenças. Em relação aos pais, houve um crescimento em termos de interesse e preocupação em relação ao processo dos filhos. A escola pretende dar continuidade à intervenção psicopedagógica realizada com suporte na psicanálise e na linguagem



teatral, inclusive para que uma nova avaliação possa ser feita – através de um trabalho que permita a construção de novas imagens teatrais – expressando o momento de transformação que cada segmento vive no momento atual.

A apresentação da experiência acima mencionada tem como objetivo desencadear uma reflexão sobre a importância e eficácia desta forma alternativa de intervenção psicopedagógica, tendo em vista que ela permite articular várias formas de linguagem e de expressão na abordagem de questões e conteúdos importantes que emergem no cotidiano, tanto no âmbito escolar como no familiar. Esta articulação entre as linguagens corporal, emocional e intelectual conduz os indivíduos envolvidos a uma consciência mais clara - porque vivida de forma significativa a partir da experiência, e não da mera racionalização - sobre a complexidade desses mesmos conteúdos. Embora inovadora, esta abordagem metodológica, nada tem de amadorística, pois se apoia numa concepção de aprendizagem e desenvolvimento cujo fundamento encontramos, em grande parte, na teoria do psicanalista inglês D.Winnicott. Este trabalho é fruto do diálogo inter e transdisciplinar sobre temas presentes na escola, na clínica psicológica dos problemas de aprendizagem e no trabalho de teatro-educação.



Os jovens e a cidade: processo de territorialização das identidades.

Título: Educação extra-escolar e identidade de lugar

Autoras: Juliana Oliveira e Raquel Eliana Polla

Instituição: Universidade Federal do Paraná

Resumo: Este trabalho é fruto de uma pesquisa que busca analisar o processo de produção da “identidade de lugar” dos jovens de um bairro popular de Curitiba, a Vila Xapinhal. Os lugares de referência para a identidade dos jovens de classe popular são produzidos por representações diversas da cidade construídas por estes jovens, apesar da tentativa da classe dominante de transformar suas significações em hegemônicas na contradição dos espaços urbanos. Escolheu-se estes jovens porque constroem uma identidade que pressupõe o pertencimento a esta cidade que geralmente não os reconhece nos seus espaços demarcados pela desigualdade social. O método utilizado é o hermenêutico-dialético (MINAYO, 1996). Na primeira fase da pesquisa, exploratória, foram mapeadas as organizações do bairro, através de entrevistas semi-estruturadas com lideranças e jovens. Estes produzem significações diversas a despeito de conviverem com as mesmas situações objetivas, como condições precárias de vida, violência, tráfico de drogas, etc. A Vila Xapinhal é uma área de ocupação urbana. A participação ou não neste processo é importante na construção dos sentidos de cada um sobre si, a vila, os demais moradores e a cidade. As representações dos jovens diferenciam-se, ainda, conforme a participação nos diferentes grupos pesquisados. A pesquisa encontra-se em sua etapa investigativa, subdividida em quatro subprojetos conforme a relação dos jovens com o processo educacional: jovens fora da escola, na escola, educação extra-escolar não-governamental e em programas governamentais. Este trabalho refere-se à educação extra-escolar, subprojeto realizado no Programa Agente Jovem, do Governo Federal, que visa a formação de “protagonistas” juvenis em suas comunidades. O programa é tomado como um lugar de referência para a produção da identidade dos jovens, processo que se procura compreender através de observação participante e entrevistas com os sujeitos envolvidos. A educação extra-escolar oferecida pelo Estado é compensatória e compõe significações sobre a cidade e sobre o papel das crianças e jovens na sociedade. Procura-se, ainda, compreender como os jovens estão (re)fazendo esse cenário institucional.

E-mail - para contatos: julianacls@yahoo.com.br e raquelpolla@yahoo.com.br



O Stress do Professor

Coordenadora: Marilda E. Novaes Lipp

Valquiria Aparecida Cintra Tricoli
Lucia E. Novaes Malagris

Resumo

O *burnout* de professores, uma forma extrema de estresse ocupacional, é síndrome estudada e confirmada em todo mundo como sendo fator negativo relevante no trabalho do professor. No Brasil, foi realizado pelo Laboratório de Psicologia do Trabalho da UnB o estudo mais amplo e diversificado sobre *burnout* entre educadores: em uma amostra nacional de quase 39.000 trabalhadores em educação (professores, funcionários e especialistas) da rede pública estadual, de todos os estados da federação, verificou-se que 48,4% estão com *burnout*, praticamente a metade de toda população estudada. E em outra pesquisa, o mesmo Laboratório revelou que 30% dos professores de escolas particulares sofrem da síndrome de *burnout*. Considerada como “epidemia na educação”, o burnout é uma resposta ao estresse ocupacional crônico, é a etapa final de progressivas tentativas malsucedidas do indivíduo em lidar com o estresse decorrente de condições de trabalho negativas, ou quando há uma lacuna entre o esforço investido no trabalho e as recompensas obtidas. Assim, fatores externos (falta de controle sobre o próprio trabalho, falta de reconhecimento, de desafio, etc.) e fatores internos (vulnerabilidade biológica e psicológica), que, quando percebidos e avaliados negativamente, e na falta de técnicas de enfrentamento eficientes, podem levar ao *burnout* e seus sintomas: exaustão física, emocional e mental, motivação danificada, frustração e fadiga, tédio, insatisfação e falta de prazer no trabalho, perda de interesse no trabalho, absenteísmo, falta de sentido percebido no trabalho, produtividade reduzida.

Como prevenir e tratar o *burnout* de professores? As estratégias individuais são multifocais, podendo ser diretas (lidando diretamente com as fontes de burnout) ou indiretas. Como estratégias individuais diretas podemos citar: criar grupos de apoio dentro ou fora da escola, buscar o sentido do seu trabalho, lembrando-se do porquê de estar trabalhando na educação, transformar crenças negativas em positivas (por ex.: “não sou responsável por tudo que acontece com meus alunos”), dizer “não” a atividades desnecessárias, organizar melhor seu tempo e estabelecer prioridades, aumentar a própria confiança de ser capaz de enfrentar situações novas ou desafiadoras. Estratégias individuais indiretas compreendem: cuidar da saúde e da qualidade de vida, praticar o humor, aprender técnicas de manejo de stress, rever os valores que governam sua vida e viver de acordo com eles. Porém, mais do que um problema do indivíduo, o *burnout* é resultado de um ambiente de trabalho em desarmonia. Para que um ambiente de trabalho seja mais equilibrado, há necessidade de uma carga de trabalho sustentável; possibilidade de escolha,



controle e autonomia; reconhecimento pelo trabalho realizado; união e apoio recíprocos; prevalência de valores como equidade, respeito e justiça; confiança da chefia. Especificamente para o ambiente escolar, recomenda-se aos dirigentes: reconhecer e elogiar o bom trabalho realizado pelos professores; definir claramente as expectativas do papel do professor na escola; reservar tempo para que os professores possam conversar; melhorar os canais de comunicação entre professores e direção; criar sistemas de avaliação que auxiliem o professor na identificação de problemas na escola; promover ensino em equipes (interdisciplinaridade) para aumentar o contato e apoio entre colegas; criar grupos de supervisão ou de apoio; oferecer treinamento em serviço e cursos, inclusive de manejo de estresse e *burnout*.

O professor, o aluno com distúrbio de conduta e o stress

Lucia E. Novaes Malagris

O stress tem sido um tema de grande interesse na área educacional. Cada vez mais tem se percebido que, para que possa ser mantida a qualidade da aprendizagem, é necessário um manejo adequado do stress por parte dos professores. O stress excessivo pode contribuir para uma variedade de problemas no contexto escolar, tais como, problemas de relacionamento, de aprendizagem, de frustração profissional, dentre outros. Dentro desse contexto, um segmento tem revelado necessidade de especial atenção, que é aquele que se refere ao professor e às crianças com distúrbio de conduta, tema a ser aqui explanado. Embora a relação entre o professor que lida com crianças com distúrbio de conduta e as mesmas, possa se constituir em uma oportunidade de grande crescimento para ambos os lados, pode também trazer prejuízo e sofrimento. Uma formação inadequada na qual os professores não sejam preparados para tal situação, pode leva-los a se tornar inseguros, intolerantes, inadequados e, conseqüentemente, uma verdadeira fonte de stress para seus alunos que já apresentam dificuldades. Nesse caso, tanto o professor como o aluno, pode ter desempenho insatisfatório. Importante enfatizar que o stress não pode ser banido do contexto educacional, já que, na medida certa, pode contribuir para um desempenho mais eficiente; no entanto, além desse ponto, considerado como um nível ótimo de tensão, pode haver prejuízo no desempenho. Uma boa formação técnica do profissional, assim como um bom conhecimento sobre o stress e de como maneja-lo, mostram-se cruciais para o professor. É fundamental que este profissional, que tem como parte de suas atividades interação constante, desenvolva estratégias de enfrentamento do stress adequadas. O estudo do assunto em questão pretende trazer uma contribuição ao entendimento do stress do professor que lida com crianças com distúrbio de conduta, contribuindo também para o entendimento do stress das mesmas.



Para Além dos Contos de Fadas

Elenise Roldan Melgarejo Damasceno
Rosilene Ferreira Silva Gisoato
Alessandra Borges de Souza
Marcia Helena de Oliveira Bertola Higa

RESUMO:

Este trabalho tem como finalidade explorar o enfoque e a atuação do Terapeuta de Casais, enfatizando o papel claro do terapeuta, junto a casais que vivem o difícil momento da separação ou da retomada da relação. Como lidar com os mitos e contos de fadas que cada um traz para o casamento, as diferenças, os ressentimentos e mágoas é uma tarefa que o terapeuta deve buscar aprender! Ao deparar-se com o impasse: Separação / Retomada da Relação tem-se a conjugalidade ou a individualidade do casal e passa-se a utilizar a Terapia Familiar como Instrumento de Reformulação do Relacionamento.



PDV: TRABALHO E SUBJETIVIDADE

Coordenador - José Roberto Heloani

Resumo

Os Programas de Demissão Voluntária, geralmente apelidados de PDVs, foram responsáveis por um percentual significativo de redução de pessoal no setor bancário nacional.

Na maior parte dos casos, não foi fruto de uma decisão livre e tranqüila. Relatos de quem optou por esse tipo de desligamento revelam, às vezes de forma dramática, uma pressão psicológica e moral acompanhada por estresse provocado pelo ambiente competitivo. Em alguns casos, enquadra-se na categoria de “assédio moral”.

Esse processo mostrou-se especialmente perverso nas instituições financeiras públicas, onde predominava uma tradição de companheirismo e solidariedade. O “psicoterror” não atingiu somente os PDVs dos bancos públicos. Transformações aconteceram em todos os bancos, públicos e privados, sendo que o setor bancário foi o que mais investiu em informatização e automação, teve a maior taxa de lucro líquida e, ao mesmo tempo, foi o que mais enxugou o seu quadro de funcionários.

Na estruturação do pós-fordismo – há décadas atrás – a tecnologia chegou a ser considerada fator de melhoria na qualidade de vida das pessoas. Porém, vem se revelando, em muitos casos, fator de sofrimento e de desestruturação tanto de ordem física quanto mental.

A preocupação que jaz, válida para todos nós, os componentes desta mesa, é a relativa à consciência ou não da instrumentalização da subjetividade do trabalhador bancário. Estaremos nós, psicólogos, nos transformando em meros reprodutores de tecnologia de manipulação da subjetividade de nosso semelhante? Eis a questão.



O PDV no Banespa

Participantes:

José Roberto Heloani – coordenador

Eduardo Pinto e Silva – expositor do trabalho “O PDV no Banespa”

O PDV no Banespa

Os processos de adesão ao programa de demissão consentida de uma instituição estatal e de busca de estratégias de reinserção profissional foram pesquisados a partir do relato de ex-trabalhadores bancários (caixas, supervisores e gerentes). A pesquisa apontou para relações entre gestão e natureza do trabalho bancário e conflitos subjetivos e/ou problemas de saúde ocupacional, assim como para uma diversidade de aspectos familiares e psicossociais relacionados à trajetória profissional pós-demissional.

Em relação à questão da trajetória no banco verificou-se, nos discursos dos bancários (sobretudo dos caixas), a referência a um trabalho mecânico, repetitivo e de limitadas possibilidades de desenvolvimento pessoal ou aprendizagem. Também detectou-se uma referência nostálgica à realidade institucional da década de oitenta, relatada como uma época nitidamente diferenciada da realidade da gestão pré-privatização (que induziu e até mesmo pressionou trabalhadores a aderirem ao referido programa de demissão). A década de oitenta foi relatada como época de melhores condições subjetivas e materiais de trabalho, ou seja, como época na qual haviam melhores condições salariais e melhor ambiente de trabalho (solidariedade entre funcionários). Já a década de noventa, sobretudo após à sua primeira metade, foi relatada como época na qual condições subjetivas e materiais de trabalho foram deterioradas, tendo sido freqüente a alusão da substituição da solidariedade pela competitividade na relação entre bancários. Também constatou-se que houve em tal período uma intensificação do ritmo de trabalho imposto pela gestão e um crescimento de problemas de saúde ocupacional, com destaque para a LER (lesão por esforços repetitivos), traços de *stress* e doenças psicossomáticas correlatas.

Em relação aos processos de decisões de adesão ao programa de demissão verificou-se que as mesmas foram incitadas por uma gestão do medo e da ameaça, ou seja, por um contexto de trabalho caracterizado por pressões, perspectivas temerosas em relação à privatização institucional (temor de corte de pessoal após privatização) e pelas já referidas deteriorações das relações e condições de trabalho. Assim, as decisões foram caracterizadas como mais ou menos (in)voluntárias e inevitavelmente relacionadas à gestão do medo e da ameaça. Nos casos pesquisados observou-se que tais decisões foram, ao mesmo tempo, incitadas ou induzidas, assim como vivenciadas como uma “válvula de escape” ou mesmo possibilidade de alívio frente às insatisfações e problemas ocupacionais e/ou de saúde ocupacional. De modo geral o processo de adesão ao plano de demissão caracterizou-se por uma trajetória que envolveu medo, desejo e “vontade”. Em outras palavras, nele observou-se conflitos entre fantasias ameaçadoras e desejo



de libertação de aspectos opressores da realidade institucional. A racionalização deste conflito teve, como produto final, a “vontade” de adesão ao plano demissional proposto pela instituição. Tais decisões de adesão ao programa de demissão foram sucedidas por reinserções profissionais mais ou menos (des)favoráveis e/ou (in)satisfatórias. A desvinculação institucional envolveu complexas perdas psicossociais, rearranjos familiares diversos, sentimentos contraditórios (tanto positivos como negativos; tanto genuínos como racionalizadores das problemáticas vivenciadas) e um “recomeçar” profissional marcado por ilusões e expectativas variadas, muitas vezes acompanhadas por traços depressivos e fantasias de abandono, assim como por uma mescla de sentimentos de dependência e/ou onipotência.



Pensamento e Tecnologia

Coordenação: Fernanda Bruno

Participantes: Aline Veríssimo Monteiro
Gisela Castro

Resumo

Os trabalhos que compõem esta mesa pretendem refletir sobre algumas transformações contemporâneas na concepção da relação entre pensamento e tecnologia. As transformações aqui visadas se dão em três domínios. O primeiro concerne a pesquisas no campo das ciências e tecnologias da cognição que vêm problematizando o papel dos objetos técnicos na gênese do pensamento e na atividade cognitiva. A noção de tecnologia cognitiva ocupa um lugar central nestas pesquisas, incitando uma redefinição não apenas da tecnologia, que assume um estatuto cognitivo, como da própria cognição, que passa a ser explorada em sua dimensão técnica. A análise desta dupla redefinição da tecnologia e da cognição visa mostrar como se delinea uma nova espacialidade do pensamento, pondo em questão as fronteiras com que a psicologia e a filosofia moderna têm traçado os limites entre interioridade e exterioridade, mental e material, sujeito e objeto.

O segundo domínio de transformações compreende a análise de conseqüências dessas novas relações entre pensamento e tecnologia para concepções de ensino e aprendizagem. Estas concepções são tratadas em especificamente três autores da cognição integrantes do campo da psicologia da educação: B. Skinner, J. Piaget e L. Vygotsky. A análise em questão intenta circunscrever limites e possibilidades dessas três propostas cognitivas para o ensino e a aprendizagem, seja para educação formal seja para informal, no cenário tecnológico contemporâneo. Como noção norteadora temos a temporalidade, pensada entre as idéias modernas de evolução e desenvolvimento e a idéia contemporânea de tempo real.

O terceiro domínio refere-se ao contexto das hibridizações em curso entre humano e máquina, particularmente às possíveis modificações na sensibilidade humana e nos processos de subjetivação e de pensamento engendradas pela entrada em cena das novas tecnologias de produção, difusão e distribuição musical. Compreendendo a música como forma de pensamento atrelada à sensibilidade e explorando o potencial da arte como vetor de subjetivação, enfoca-se primordialmente o cenário da música *techno*, termo que abriga diversas vertentes de música tendo como denominador comum um forte investimento nas sonoridades produzidas eletronicamente.

A reflexão e discussão sobre as transformações da relação entre pensamento e tecnologia nestes três domínios – ciências cognitivas, ensino-aprendizagem e arte – permite confrontar perspectivas e mapear algumas das novas formas assumidas pelo pensamento na cultura tecnológica contemporânea.



Novos Sons, Outra Escuta

Gisela Castro¹

Resumo

Ao examinar a emergência de fenômenos subjetivos que podem ser relacionados a questões que apontam para a crescente hibridização homem/máquina, percebe-se que as artes contemporâneas parecem instituir zonas de passagem nas fronteiras entre o humano e o não-humano. Deve-se portanto ressaltar a potência da arte como vetor de subjetivação.

O mapeamento e a discussão destas modificações configura tarefa da maior relevância para o campo da Psicologia, sob pena de utilizarmos conceitos ossificados de homem e de mundo, que não nos auxiliam a compreender os tempos em que vivemos. Uma abordagem multidisciplinar se impõe como condição de possibilidade para penetrar na complexidade deste tema.

Tendo selecionado as associações entre música e tecnologia como campo de pesquisa de doutorado, apresento aqui um recorte no qual examino o cenário da música *techno*, enfocando certas modificações trazidas ao campo da percepção e da sociabilidade, discutindo em seguida alguns possíveis desdobramentos para a compreensão do pensamento e da subjetividade no contexto cultural contemporânea.

1. Psicóloga, doutoranda em Comunicação e Cultura, ECO/UFRJ. Contatos através de email giselag@unisys.com.br.



Pesquisa e intervenção em Psicologia Institucional, a partir da Perspectiva de M. Guirado.

Luís Gustavo Vechi
Patrícia Regina da Matta Silva
Luciana Albanese Valore
Lígia Ferreira Galvão

Tomando como tema a Psicologia Institucional, tal como articulada por Marlene Guirado, professora e pesquisadora do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, tem como objetivo apresentar, a partir de quatro relatos distintos, experiências de pesquisa e de intervenção psicológicas baseadas na referida abordagem. Esta pode ser caracterizada pela apropriação e articulação dos conceitos de *sujeito*, *discurso* e *instituição* e pela utilização da *leitura institucional* e da *análise de discurso* como dispositivos analíticos, de modo a oferecer uma metodologia rica e adequada a diversas áreas de pesquisa e prática, no campo da Psicologia. A importância do tema funda-se na apreciação da ampla produção teórica e prática que tal perspectiva tem propiciado, bem como nas reconhecidas originalidade e relevância que configura para o avanço da qualidade de inserção da Psicologia, como ciência e profissão, no Brasil. O primeiro trabalho, *A Psicologia Institucional na formação em Psicologia Jurídica*, de *Patrícia Regina da Matta Silva*, doutora em Psicologia e docente, aponta – a partir da prática de supervisão de estágio da autora, no Curso de Psicologia da UNISAL-Lorena/SP – as contribuições da estratégia de pensamento da Psicologia Institucional como proposta por Guirado, ao constituir princípios que possibilitam a análise das práticas psicológicas e suas relações com as práticas jurídicas, nas atividades e locais que configuram o campo de atuação da Psicologia Jurídica. O segundo trabalho, de *Luciana Albanese Valore*, doutoranda em Psicologia e docente, tem o título de *Dos poderes da Psicologia como instituição às possibilidades da Psicologia na instituição: reflexões sobre a intervenção do psicólogo escolar*. Parte de reflexões geradas em supervisões de pesquisas e trabalhos desenvolvidos por acadêmicos do curso de Psicologia da Universidade Federal do Paraná e visa à discussão dos princípios e condições de intervenção na escola, na perspectiva da Psicologia Institucional. A Psicologia aqui é pensada como instituição, naquilo que implica de mitos e ritos a sustentar a produção de práticas institucionalizadas - e o psicólogo escolar, como alguém comprometido com a análise dos poderes e saberes instituídos nas práticas educativas. O terceiro trabalho, intitulado *Psicologia Institucional: recurso metodológico de investigação de serviço em saúde mental*, apresenta conclusões da pesquisa de mestrado de *Luís Gustavo Vechi*, também docente e psicólogo clínico, defendida no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, em 2002. O objetivo da pesquisa foi o de, a partir da investigação do lugar instituído para a clientela de primeira internação, no discurso de psiquiatras e de psicólogos, identificar as possibilidades de iatrogenia em serviço de Hospital-Dia da rede pública estadual. O quarto e último trabalho, *A Leitura Institucional como estratégia de intervenção psicológica na Saúde Pública*, apresentado por *Lígia Ferreira Galvão*, mestre em Psicologia e psicóloga clínica, destaca alguns aspectos da abordagem institucional desenvolvida por Guirado para discutir modelos de intervenção técnica e/ou clínica na atuação do psicólogo em Saúde Pública, especialmente em equipe multidisciplinar. O relato da experiência da autora no município de Barueri será o ponto de partida para a discussão teórica.



Pesquisa e Intervenção na Área da Infância e Adolescência: Encontro dos Núcleos de Pesquisa e Extensão.

Autores:

Rosângela Francischini;
Herculano Ricardo Campos;
Magda Dimenstein;
Clara Maria S. Santos

(Núcleo de Estudos Sócio-Culturais da Infância e Adolescência - Depto. de Psicologia – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN)

Resumo: "Panorama geral de investigações desenvolvidas no Núcleo de Estudos Sócio-Culturais da Infância e Adolescência."

Em 2001 foi constituído, formalmente, no Departamento de Psicologia da UFRN, o Núcleo de Estudos Sócio-Culturais da Infância e Adolescência. Os professores que dele participam vêm, há aproximadamente dois anos, ministrando disciplinas na graduação e pós-graduação, desenvolvendo pesquisas e/ou orientando alunos do programa de Pós-graduação do referido departamento cujas preocupações centrais estão voltadas para questões relacionadas à condição da infância e adolescência. É sobre a trajetória de constituição desse Núcleo e a descrição das atividades que nele vêm sendo desenvolvidas que tratamos neste trabalho. O caráter quase que exclusivamente descritivo do mesmo não nos impediu, no entanto, de apresentarmos alguns pontos de/para reflexão sobre a temática proposta neste Dossiê, qual seja, o trabalho infanto-juvenil. Sendo assim, questões relacionadas à saúde, à escolarização, às condições de vida e trabalho dessa população, são enfocadas, ainda que forma sucinta, considerando-se, principalmente, os objetivos perseguidos pelos autores dos estudos citados e os referenciais teóricos que subsidiam suas reflexões.



Pesquisa, Ensino e Assistência ao Paciente e a Família no Hospital

TEREZA CRISTINA CAVALCANTI FERREIRA DE ARAUJO
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Bellkiss Wilma Romano
Marisa Decat de Moura
Kátia Safatle Barros

Do ponto de vista histórico, intervenções psicológicas sistemáticas e focais no âmbito hospitalar datam das primeiras décadas do século passado. Todavia, o reconhecimento da Psicologia Hospitalar e da Saúde como campo de conhecimento e ação específico, formalmente institucionalizado, é recente. No projeto essencialmente interdisciplinar da Psicologia Hospitalar, fortemente associado ao movimento de humanização no setor da saúde, coexistem duas tendências evolutivas: a ampliação da compreensão das experiências e dos comportamentos de saúde a partir do desenvolvimento teórico e metodológico e uma atitude intervencionista característica de uma abordagem coletivista ou ativista social voltada para a construção de uma sociedade mais saudável. Diante da multiplicidade de temas emergentes na prática hospitalar, a produção vem revelando diversidade metodológica investigativa. Assim, estudos empíricos, decorrentes da atuação psicológica junto ao paciente e sua família, conduzem à geração de questões relevantes para o delineamento de pesquisas de caráter *quasi*-experimental, epidemiológicas ou qualitativas constituindo importante contribuição para o desenvolvimento científico. Nos últimos anos, a oferta de formação em nível de graduação e pós-graduação se expandiu em atendimento à crescente demanda social, o que exige, em contrapartida, a avaliação contínua da qualidade desses cursos. Isto, sobretudo, quando se verifica que na esfera assistencial, programas voltados para a promoção, prevenção, intervenção e reabilitação envolvem ações diversificadas destinadas aos pacientes, seus familiares, equipes e comunidade. Neste sentido, as competências do psicólogo que atua em saúde devem ser amplas e, conseqüentemente, recicladas ao longo de sua trajetória profissional para corresponder às múltiplas e mutáveis necessidades do setor. Com o intuito de facilitar o alcance dessas metas, diversos encontros científicos e profissionais da categoria vem sendo propostos, a exemplo dos congressos nacionais organizados pela Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar (SBPH). São iniciativas significativas e reveladoras da fase de consolidação da atuação do psicólogo em saúde no Brasil.



PESQUISANDO AS TEMÁTICAS DE GÊNERO, SUJEITO, REPRESENTAÇÃO SOCIAL E IDENTIDADE SOB O OLHAR E O FAZER DA PSICOLOGIA SOCIAL.

Coordenadora da Mesa-Redonda: Susana Inês Molon

Professora Doutora do Departamento de Educação e Ciências do Comportamento da Fundação Universidade Federal do Rio Grande - FURG.

Título Coordenador: SUJEITO: PERSPECTIVAS NA PSICOLOGIA SOCIAL DA ABRAPSO

Resumo Coordenador: Este trabalho apresenta as concepções de sujeito dos professores de programas de Pós-graduação em Psicologia Social vinculados à ABRAPSO. Busca-se refletir sobre questões referentes ao sujeito, entre elas: se os docentes que têm produções científicas na área – que definem o que é a Psicologia Social e que ensinam e formam professores e novos pesquisadores – trabalham com essa temática; se é um tema da Psicologia Social; e quais são as noções de sujeito presentes no campo psicossocial. Diante desse quadro, analisa-se os principais aspectos envolvidos nessa discussão e as categorias tradicionais da área, a saber, representação social, identidade, consciência e atividade.

Participante 1: Adriano Henrique Nuernberg

Prof. da Unisul, Doutorando no Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas/UFSC

Título-Participante 1: ESTUDOS DE GÊNERO E PSICOLOGIA NO CONTEXTO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 80 E 90

Resumo Participante 1: Enquanto um campo interdisciplinar de investigação, os estudos de gênero se valem das contribuições das mais diferentes áreas do conhecimento científico. A psicologia, uma das áreas mais destacadas neste campo, tem apresentado análises que permitem o avanço de questões (inter)subjetivas associadas ao gênero como categoria relevante para constituição do sujeito e da ordem social. Este estudo pretende verificar como a produção científica brasileira na área da psicologia se insere nos estudos de gênero, analisando artigos, teses, dissertações e anais de encontros científicos onde pesquisadores(as) utilizam a categoria em questão, além de entrevistas com os(as) mesmos(as). Os resultados apontam para a existência de tensões significativas em relação às noções de sujeito na psicologia e aquelas presentes nos estudos de gênero e teorias feministas, bem como para a tendência dos(as) pesquisadores(as) investigados(as) se apoiarem em métodos de pesquisa mais utilizados em outras áreas das ciências sociais.



Participante 2: Leandro Castro Oltramari
IPPSEA/UNISUL

Título-Participante 2: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E IDENTIDADE: UM ESTUDO SOBRE PROFISSIONAIS DO SEXO

Resumo Participante 2: O presente estudo foi elaborado a partir de uma pesquisa sobre representações sociais da AIDS e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis para mulheres profissionais do sexo. Foram entrevistadas 40 mulheres (com idade mínima de 19 anos e máxima de 47 anos). Das entrevistadas, 18 delas tinham relações estáveis, não comerciais, com parceiro fixo e 22 não tinham parceiro fixo. Os resultados demonstraram que as representações sociais da AIDS, prevenção das DSTs e da gravidez, compartilhadas pelas profissionais do sexo, são diferentes, tratando-se de mulheres que têm uma vida sexual com um parceiro fixo. Estas diferenças são elaboradas através de algumas das funções das representações sociais. Este estudo pretende abordar uma delas, a identidade. Na comparação entre os grupos, as diferenças de identidade das entrevistadas foram presentes. Cada um dos grupos valorizou-se positivamente, e atribuindo ao outro aspectos de maior risco de contrair o HIV. O estudo demonstrou que a função identitária nas representações sociais tem por objetivo auxiliar na elaboração de uma imagem positiva e na socialização.



Plantão Psicológico: Uma Perspectiva que se Amplia

Título da fala:

Especificidades da relação terapeuta-cliente no Plantão Psicológico

Rodrigo Giannangelo de Oliveira

Resumo

As relações que os homens estabelecem entre si e com as coisas do mundo - seres animados e inanimados, naturais e artificiais – não são acessórios da vida humana, mas uma condição ontológica do existir, ou seja, são inerentes à forma como o viver nos é dado. Meu olhar já é, ele mesmo, informado do mundo, gestado no mundo. Sem essa trama de olhares e falas em relação, solipso, o homem não existe. A nós, seres dotados da capacidade de perceber e atribuir significados ao que nos toca através da experiência, as coisas se oferecem. Somos, portanto, responsáveis pelo ser das coisas, por dizer daquilo que elas são de acordo com sua manifestação. E dispendo delas vamos sendo nós mesmos, vamos atualizando nosso ser-no-mundo. Este talvez seja o sentido mais original do cuidado – o cuidado de ser que se coloca constantemente sob nossa responsabilidade, nunca como algo resolvido e superado, mas sempre como algo que se coloca a resolver; um constante cuidar de ser. Relação e cuidado estão na origem daquilo que o homem é.

Não chegamos a isso por acaso. Relação e cuidado também estão na base e na origem dos objetivos a que se dispõe esta mesa-redonda.

Mas quando pensamos em algumas expressões coletivas das formas de cuidar de ser que o homem moderno encontrou para si, lembramos da solidão, das relações casuais e fortuitas, da promessa da ciência e da tecnologia messiânicas, entre outras coisas. Pensamos num percurso de dominação da natureza e da vida que engessou também o homem sob os cânones do aparato lógico-científico, invalidando a revelação de mundo vinda de sua experiência sensível, rebaixando-a ao status de engano e ilusão. Ao invés de relações baseadas em falas autênticas, sentidas, comunicadoras de narrativas de vida e geradoras de relações significativamente humanas, hoje quase sempre apenas nos colocamos diante dos outros repetindo informações, encadeando raciocínios lógicos, deduzindo.

O plantão psicológico surge como espaço de resgate de um falar autêntico, da narrativa, do valor da experiência, do entretecer de sentidos em relação. Um espaço de exercício e experimentação. Para que possa se conhecer, é preciso que o homem seja profundamente aquilo que é. A impossibilidade da fala autêntica é a paralisia, a perda do sentido de viver, da comunicação e da alegria. No plantão psicológico, uma relação francamente humana se oferece como possibilidade para duas pessoas acontecerem, inaugurarem-se. Existência em ato. Em relação, o sujeito entra em contato com suas próprias falas e silêncios, dores e alívios, ações e reações, e oferece estes fatos ao alcance público do olhar e da fala de um outro. Busca os sentidos ocultos daquilo que vive e viveu. Sentidos valiosos, ainda que provisórios, pois contingentes à forma como a clareira de nosso ser está disposta no mundo naquele momento. Porque novas relações e novas experiências acontecerão. E novos sentidos serão delas desvelados. E assim como cada homem é a clareira na qual as coisas incidem, também nosso plantão psicológico configura-se como



abertura. Para o que der e vier. Contando com a possibilidade de sempre estabelecer mais e novas relações apenas estritamente humanas. Aqui, as técnicas não são precisas.



Pragmatismo e Subjetividade

Silvia Helena Tedesco
Arthur Arruda Leal Ferreira
Jerusa Machado Rocha

ENAÇÃO E PRAGMATISMO

Jerusa Machado Rocha

A Enação, ou Cognição Corporal, conceito forjado por Francisco Varela, dando continuidade às suas pesquisas na biologia do conhecimento, traz para as Ciências Cognitivas o pensamento pragmático, na medida em que define a cognição como um par inseparável da experiência. Conhecer, ser e fazer se articulam de tal maneira que formam uma unidade no momento em que nasce a ação.

Tal termo é proveniente do verbo inglês *enact*, usado tanto no direito no sentido de executar, decretar, promulgar, cumprir uma lei ou uma ordem, quanto no teatro, no sentido de atuar, dar performance a um drama. Ambos os significados estão relacionados ao colocar-se em ação trazendo consigo todas as conseqüências desse ato na história que lhe for condizente. O fazer decretando uma nova ordem. Dessa forma, Varela entende o conhecimento como uma dinâmica, um contínuo operar. Essa noção é de fundamental importância nos estudos atuais da cognição em que predomina um modelo abstrato de mente, computacionalista e desencarnado, ou seja, independente de sua base material e fisiológica. Varela considera importante levar em conta que o domínio cognitivo não se constitui nem externamente (pensamento representacionista), tampouco internamente (pensamento solipsista). O ponto de vista da enação propõe uma co-definição entre um sistema autônomo e seu meio. Isto é, não pressupõe uma posição objetiva nem tampouco subjetiva, mas uma especificação mútua entre o que é chamado de mundo exterior e mundo interior. Na enação as estruturas cognitivas emergem de esquemas sensório-motores recorrentes, o que permite à ação ser guiada pela percepção. Nessa perspectiva o cérebro não é uma máquina representativa, mas um processo dinâmico com uma rica capacidade de auto-organização.

Em consonância com o pragmatismo, na enação, ou cognição encarnada, o conhecimento se faz a par e passo com as diferentes experiências vividas. O homem inteiro conta, sendo o conhecimento inseparável de nosso corpo, de nossa linguagem, de nossa história cultural. Assim, o contexto não é um artefato residual que pode ser eliminado, mas é indispensável à cognição criadora. Nas mais simples ações que praticamos no dia a dia uma enorme gama de conhecimentos é requerida e acionada sem que tomemos consciência. Ao interagirmos com o mundo para a execução de uma tarefa, construímos os objetos e as verdades correlatas.

Na abordagem enativa as significações são inventadas (ou enagidas) de acordo com a história corporal, uma vez que o organismo modela ao mesmo tempo em que é modelado pelo



meio. Isso se dá na maneira pela qual a estrutura sensório-motora do sujeito se relaciona localmente, isto é, no modo pelo qual o sujeito que percebe está inscrito em um corpo. A dinâmica cerebral não detém a significação do mundo, age apenas como um instrumento que possibilita o surgimento de uma significação. Antes que um processo de consolidação de sentido aconteça, toda uma dinâmica cerebral caótica entra em funcionamento. Nesse momento um determinado conjunto neuronal acaba por prevalecer, provocando o modo de comportamento que vai dar seguimento ao imediato.

Varela nos mostra como o conhecimento se forma corporalmente a partir de situações concretas e vividas, ou seja, ele não se constitui sem que se constitua simultaneamente um “si”. Portanto, a formação de uma interioridade, de um sistema vivo qualquer, é indissociável de uma ação cognitiva.



Práticas Discursivas e História – Ciência, Literatura, Gênero

O objetivo desta mesa é analisar o discurso presente em vários tipos de atividade humana, sendo portanto uma prática permeada por contingências da historicidade, seja quando se refere ao entendimento de uma determinada enfermidade, à prescrição de regras de bem viver ao gênero feminino, ou à narrativa literária. Os casos analisados por cada palestrante apontam a interlocução entre o discurso científico (o saber médico ou o psicológico) e os diversos discursos que marcam o cotidiano em diferentes momentos históricos, privilegiando-se a marca brasileira que lhes serve de continente. Por percorrer um vasto período, do final do século XIX ao final do século passado, acompanhando principalmente o discurso psicológico em sua assimilação/transmutação social, o trabalho pode revelar um pouco da história deste discurso entre nós.

O Machado do Alienista: A intertextualidade na Psicologia e na Literatura

Alexandre de Carvalho Castro
(Doutorando Psicologia Social/UERJ)

O trabalho relaciona-se com a análise de discurso, entendida como importante para a Psicologia Social, uma vez que a produção do saber psicológico não pode ser desvinculada dos espaços discursivos presentes no campo das práticas sociais, o que vem sendo ressaltado por diversos autores que admitem conexões e interfaces com outras disciplinas. Assim, a possibilidade de se traçar a história social da Psicologia enquanto saber constituído historicamente está no pressuposto básico desta investigação. Até porque, no Brasil, o saber psicológico voltado para o controle da loucura emergiu historicamente em condições políticas e institucionais bem específicas: a República, o “higienismo social”, a modernização das cidades. O discurso psicológico circulou em meio à discussão acerca da necessidade ou não do “asilamento científico”, proposto pelos que, em fins do século XIX, reivindicavam para si a competência para tratar das manifestações da “vesânia”. Por outro lado, verifica-se também que os debates científicos desse momento coincidiram — mas não fortuitamente — com o aparecimento de textos literários que refletiram, em outro domínio discursivo, a questão do saber psicológico. A obra de Machado de Assis, particularmente, é das mais assertivas quanto à análise deste saber que circula e informa o cotidiano brasileiro no século XIX. Tal circunstância viabiliza a análise da intertextualidade entre as práticas discursivas acerca da loucura, tanto no âmbito científico, quanto no campo literário. O objeto de estudo desta investigação é, portanto, a obra de Machado de Assis em suas ocorrências dialógicas, com o propósito de, a partir da narrativa literária deste autor, visualizar a caracterização do saber psicológico “brasileiro” em seu nascedouro. Como ainda é recente a análise de textos literários em Psicologia Social, consideramos que os trabalhos de Mikhail Bakhtin podem apresentar significativa contribuição,



pois concebem uma atividade da linguagem indissociável dos atores sociais, o que viabiliza dialogicamente uma análise do discurso que contemple tanto o enunciado científico quanto o discurso literário. O referencial bakhtiniano permite uma metodologia de pesquisa predominantemente qualitativa que analisa o texto e todos os seus outros: o autor, o leitor e o intertexto. Por conseguinte, a abordagem a ser desenvolvida não será circunscrita ao sentido formal — tradicional em análises textuais — que busca o sentido linear da narrativa machadiana. A idéia aqui é de destacar o dialogismo que possibilita ver o texto literário em diálogo, não apenas com outros textos, mas também com o evento social da interação verbal. Essa perspectiva busca analisar como Machado de Assis tratou o discurso de seus personagens, assim como os personagens literários trataram o discurso uns dos outros. E, além disso, verificar a possível analogia de tais enunciados com os processos discursivos do saber psicológico no século XIX. Ademais, este projeto permite ainda passar em revista não só o próprio discurso machadiano, mas também o campo social que conduziu à prática psicológica e a rede de interesses que historicamente a sustenta. E até perguntar: o que a obra machadiana representou, no surgimento dos saberes psicológicos no Brasil, em termos de uma intertextualidade dialógica? (CAPES; orientação: Ana Maria Jacó-Vilela)

Argumentando na área das políticas públicas voltadas para aids: dados científicos em movimento

Dolores Galindo

(Doutoranda em Psicologia Social PUCSP)

O objetivo deste trabalho é, por meio da análise de práticas discursivas, desfamiliarizar uma certa prática argumentativa comum à área das políticas públicas direcionadas à aids que consiste em usar o atributo de cientificidade como principal critério para legitimação de uma medida de saúde pública. Em contrapartida, defendemos que é no âmbito das negociações entre pessoas em tempo que a legitimidade ou não de uma medida de prevenção é estabelecida num determinado momento: o atributo científico é consequência das diversas negociações marcadas por relações de poder. Trata-se, sem dúvida, de uma postura construcionista em Psicologia Social que implica na atribuição de historicidade e contingência às práticas discursivas, inclusive, àquelas classificadas como científicas. Como estudo de caso, centraremos a apresentação na análise do uso de dados científicos sobre a associação entre "número de parceiros sexuais e incidência de HIV". Focalizaremos, sobretudo, os momentos em que os dados científicos são movimentados pelos autores ao longo de textos científicos, publicados entre 1983 e 1999, que procuram responder a um problema de gestão pública – um problema de governamentalidade. Para estudar o uso de dados científicos recorreremos ao modelo de translação (Latour, 2000; 2001) por enfatizar que a geração e circulação de fatos científicos estão sempre condicionadas à ação de pessoas, sendo, por excelência, uma construção coletiva, portanto, produto da exterioridade da interação social. Nesta apresentação privilegiamos o barulho das múltiplas vozes que se anunciam



ao longo dos textos científicos aparentemente sem vida, aparentemente desprovidos de desafios. (CNPq; orientação: Mary Jane Spink)

A PSICOLOGIA, A REVISTA "NOVA", E A NOVA MULHER

Flávia Moreira Oliveira

(mestranda Psicologia Social/UERJ)

Atualmente pode-se observar uma tentativa dos meios de comunicação de se aproximarem do seu público alvo através da personalização de suas matérias, ou seja, eles buscam estabelecer um contato pessoa a pessoa com os seus consumidores. Nesta tentativa, o discurso psicológico tem sido apresentado como um mediador tanto para a relação do meio de comunicação com os seus consumidores, como para as relações interpessoais destes últimos. Seja na televisão, em jornais ou revistas, vemos uma crescente utilização de formas de se definir o sujeito, identificar as disposições internas que levaram uma pessoa a fazer determinada coisa ou, ainda estabelecer o que deve ser feito ou mudado em alguém para que este se torne o que almeja ser. Estas definições e instruções são baseadas às vezes em conhecimentos psicológicos e outras vezes numa vulgarização destes. Seu intuito, contudo, é sempre o mesmo: auxiliar-nos a existir como pessoas. Com o objetivo de investigar a forma de aparecimento dos discursos psicológicos nos meios de comunicação e o papel dos mesmos como mediadores, realizei um levantamento das matérias com temas caracteristicamente psicológicos publicadas no ano de 2000 na revista “Nova”, uma revista feminina da atualidade, de circulação mensal e que busca indicar os caminhos que a mulher deve seguir para se manter ativa e independente. Analisando-se as matérias entende-se que o discurso psicológico visa fornecer pistas para o comportamento de sucesso feminino em seu ambiente de trabalho e em suas relações amorosas. Infere-se que as leitoras da “Nova” concebem o que é apresentado como modelos adequados a serem seguidos e assim produz-se novas subjetividades. Desta forma, vemos o aparecimento de sujeitos sociais em detrimento de sujeitos políticos com voz e ação. Neste sentido, observa-se a tentativa de se enquadrar os sujeitos nos modos de ser, representados pelas teorias psicológicas, que lhes são oferecidas pelos meios de comunicação, ou seja, há o pressuposto que a revista é lida prioritariamente por mulheres que, por sua vez, apresentam as características básicas da mulher moderna: comprometida com a vida profissional, sem, com isto, deixar de lado o relacionamento afetivo. O discurso psicológico apresentado pela revista parte deste modo de ser pré-estabelecido para propor formas de resolução de conflitos entre tais faces modernas, assegurando a possibilidade de sua harmonia num processo crescente de sucesso profissional e felicidade amorosa. Tais discursos atingem um público que vive a psicologização da vida cotidiana, na qual sobra pouco espaço para os sujeitos políticos. Permanecendo dentro da análise proposta, torna-se interessante investigar o aparecimento deste processo de psicologização em outras revistas, anteriores a aqui referida, de forma a possibilitar o mapeamento da manifestação da psicologia nos meios de comunicação. (orientação: Ana Maria Jacó-Vilela).



Prevenção ao Consumo de Substâncias Psicoativas em Escolas de Ensino Fundamental da Rede Pública

Programa Preventivo Universal do Consumo de Substâncias Psicoativas com Educadores

Coordenadora: Neliana Buzi Figlie

Autores: Ana Carolina Wepthal; Celina Andrade Pereira; Denise Getulio de Melo; Estela Akrabian; Geraldo Mendes de Campos

O Projeto Independência é um programa preventivo, inaugurado desde outubro de 2001, realizado através da UNIAD (Unidade de Pesquisa em Álcool e drogas) e financiado pelo CMDCA e Secretaria da Saúde do Município de São Paulo, dirigido a educadores de escolas da rede municipal e pública, situadas na Zona Sul da cidade de São Paulo. Tem como objetivo reduzir o consumo, abuso e dependência de substâncias psicoativas entre os adolescentes através de uma ação preventiva junto às escolas e aos profissionais da educação, cuja influência na formação dos jovens é determinante. Para isso, é preciso capacitar o profissional de educação a agir preventivamente em relação ao alcoolismo, tabagismo e uso ilícito de drogas, fornecendo a ele subsídios para orientar o jovem a agir conscientemente frente a possibilidade de consumo de drogas, trabalhando a auto-estima, habilidade de comunicação e treinamento de habilidades sociais. A proposta de capacitação dispõe de três modalidades de atuação: 1- Palestras de sensibilização da escola e corpo docente frente a questão do consumo de substância psicoativas entre os jovens; 2- Curso que visa instrumentalizar os professores a abordarem o consumo abusivo de substâncias psicoativas, visando a conscientização do jovem, desprovida de conceitos e julgamentos; 3- Oficinas Pedagógicas que é a meta final do projeto onde serão elaboradas propostas de atuação direta dos educadores junto aos alunos. Futuramente o programa intenciona capacitar adolescentes para que estes atuem como multiplicadores no processo de prevenção em parceria com os professores. Vale ressaltar que foi aplicado um questionário aos professores visando avaliar qualidade do serviço (CSQ-8) que recebeu escores bom em 31% dos casos e excelente em 65% dos casos.



Processo Saúde-Doença e Mediação Psicossocial: Outros Olhares na Prática Profissional do Psicólogo.

Martha Traverso-Yépez

Prof. Dra. do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

O reconhecimento da relevância de uma abordagem interdisciplinar no campo dos processos saúde-doença é uma preocupação constante desde o século passado. Contudo, o denominado modelo biopsicossocial, colocado como fundamento desse tipo de abordagem, continua sendo mais uma proposta utópica que uma realidade presente nas práticas de saúde, tendo em conta a permanência hegemônica do modelo biomédico, centrado na dimensão orgânica. De fato, os aspectos psicológicos, sociais e ecológicos do processo saúde-doença tendem a ser desconsiderados. Observa-se que se continua privilegiando as práticas curativas em lugar da prevenção e da promoção da saúde, além da visão fragmentada do indivíduo em vez de uma concepção integral do ser humano. Pode se destacar também que a psicologia da saúde em nosso contexto é ainda muito incipiente e tende a estar restrita a intervenções clínicas tanto no contexto hospitalar (psicologia hospitalar) como no contexto da saúde pública, no qual o psicólogo desenvolve geralmente um trabalho isolado com pouca ou nenhuma comunicação com os demais profissionais da saúde, tendo também como pano de fundo uma visão fragmentada de saúde. No campo da pesquisa, a tendência tem sido explorar os diferentes modelos de cognição social e suas relações com os comportamentos relacionados com a saúde, quando a complexidade dos processos psicossociais é difícil de ser medida através de um limitado número de variáveis. Porém, nos últimos anos, existem pesquisadores preocupados em resgatar a subjetividade dos pacientes, apontando para relações dialógicas, despojadas de critérios normatizadores do profissional como dono do saber e do paciente/cliente que deve aceitar passivamente o que o profissional coloca.

Nossa proposta de mesa objetiva destacar em primeiro plano, o quadro epistemológico e conceitual crítico e construcionista do qual partimos para compreender os comportamentos relacionados com o processo saúde-doença e, especialmente, as conseqüências éticas e pragmáticas desse nosso posicionamento. Almeja ainda mostrar evidências empíricas de pesquisas em andamento, que mostram a relevância do resgate da experiência subjetiva e dos processos de significação, bem como situar esses processos no contexto sócio-cultural do qual fazem parte. Implícito em todos os trabalhos a apresentar está o esforço de definir possibilidades alternativas de intervenção num campo de desenvolvimento profissional relativamente novo.



A VISÃO DOS USUÁRIOS ACERCA DO SERVIÇO PÚBLICO DE SAÚDE: PARA UMA HUMANIZAÇÃO DO ATENDIMENTO

Normanda Araujo de Moraes, Karla Paloma C. Bacalhau (Bolsistas de Iniciação Científica) e Martha Traverso-Yépez (Prof. Dra., UFRN – DEPSI).

Existe na literatura sobre saúde pública uma preocupação pela melhoria da qualidade dos serviços oferecidos, geralmente a partir da visão dos profissionais, enquanto a subjetividade do usuário tende a ser negligenciada. A necessidade de considerar o ponto de vista do paciente no processo saúde-doença, decorre do reconhecimento de que este não se reduz a uma evidência orgânica, mas relaciona-se com as características de cada contexto sócio-cultural. Esse reconhecimento traz implícito a necessidade de mudanças com relação à forma como tais práticas são desenvolvidas, principalmente no que concerne à relação profissional-paciente/cliente, aspecto chave para a melhoria da qualidade nos serviços de saúde. Esse trabalho objetivou identificar como os usuários avaliam a assistência recebida e quais as suas expectativas quanto ao encontro com o profissional de saúde. Foram entrevistados 41 usuários dos 4 Distritos Sanitários de Natal, RN, utilizando-se como instrumento um questionário semi-estruturado. As respostas foram submetidas a um duplo processo de análise, que implicou, num primeiro momento, uma leitura aprofundada das diferentes respostas obtidas na procura dos sentidos e significados que permeavam os depoimentos. E, numa segunda fase, na categorização dessas respostas e no seu ingresso no banco de dados do SPSS. A maioria dos usuários entrevistados é do sexo feminino (95%), estão entre 17-40 anos (62%), são em sua grande parte donas-de-casa e com uma renda per-capta inferior ou igual a 120 reais. A principal razão da procura do serviço é a busca pela atenção ginecológica e pediátrica. É significativa também a porcentagem de pessoas que freqüentam a unidade acima de cinco anos (58,5%). Quanto ao atual serviço de assistência pública, em 79% das respostas os usuários apontam uma avaliação negativa do mesmo, atribuindo tal situação ao baixo investimento feito no setor e à falta de compromisso dos políticos. No entanto, a respeito da avaliação dos serviços das unidades que freqüentam sobre os aspectos de funcionamento/organização e instalações/equipamentos, os usuários tenderam a fazer uma avaliação positiva, embora destacando algum tipo de ressalva, como a carência de medicamentos, materiais e equipamentos, reclamações com relação à entrega das fichas, demora no atendimento e ambiente desagradável. Quanto ao atendimento humano, 31% das respostas expressaram uma avaliação positiva e 51% uma avaliação positiva com ressalvas, apontando principalmente para a desumanização no atendimento e a demora nos serviços. Verificou-se que tão importante quanto obter resolutividade para os seus problemas de saúde, é a forma como o relacionamento profissional/paciente-cliente acontece. Para os usuários, o acolhimento e a humanização, refletidos nas atitudes de escuta, diálogo e respeito, são as características mais importantes quando questionados sobre como gostariam de ser atendidos pelos profissionais de saúde. Constatou-se, portanto, uma alta porcentagem de respostas que poderíamos chamar de “contraditórias”, no sentido de que, mesmo avaliando o serviço como positivo, surgem nas suas próprias respostas indicadores de insatisfação, mostrando em sentido geral um alto nível de aceitação acrítica da assistência recebida.

Palavras chaves: usuários, saúde pública, humanização



AS DIFICULDADES PSICOSSOCIAIS DE ADEÇÃO AO TRATAMENTO: PROCESSOS DE SIGNIFICAÇÃO EM PACIENTES HIPERTENSOS

Márcia Toscano de Medeiros Rodrigues
(Mestranda de Psicologia – UFRN /Deptº de Psicologia/PpgPsi)
Martha Traverso-Yépez (Orientadora)
Profª Dra. – UFRN/ Deptº de Psicologia/PpgPsi

A Hipertensão Arterial é uma doença crônica, multifatorial, sistêmica, possuindo características “emocionais” e sociais claramente implicadas no aparecimento da doença, na sua evolução e na aderência ao tratamento, podendo ser assintomática e de evolução silenciosa. O tratamento envolve uma tomada de decisão por parte do paciente para que sejam processadas as mudanças necessárias nos hábitos de vida nocivos, sendo a adesão a este tratamento o grande problema a ser vencido. A maior parte da literatura disponível sobre adesão ao tratamento da hipertensão está centrada em dados epidemiológicos quantificáveis, baseados também no uso da medicação anti-hipertensiva e realizada por médicos. Refletem, em sua maioria, uma visão positivista e dicotômica do processo saúde-doença, não evidenciando os processos subjetivos que permeiam o adoecer e os processos psicossociais presentes. Este trabalho pretendeu resgatar estas questões, ao ter como objetivo identificar a dificuldade de adesão por parte de pacientes inscritos em um programa de assistência ao hipertenso do Hospital Universitário de Natal/RN- PACHA. Este trabalho também pretendeu contribuir, com os seus resultados, para uma avaliação das estratégias utilizadas pelo PACHA, visando um aumento dos índices de adesão de seus pacientes. Este programa está em funcionamento há 11 anos, contando com cerca de 1.500 pacientes inscritos e uma média de 120 pacientes assistindo assiduamente a todas as reuniões e atividades desenvolvidas. Foram entrevistados 48 pacientes, através de questionário semi-estruturado, contendo perguntas fechadas sobre os dados sócio-demográficos, como também perguntas abertas sobre a experiência da doença destes pacientes e as dificuldades encontradas na adesão ao tratamento. Os discursos permitiram conhecer o significado que esta doença tem para estas pessoas, as dificuldades encontradas no tratamento, bem como identificou o caráter processual da adesão. A escolha dos participantes foi aleatória, dentre uma população entre 40 e 65 anos. O maior número de pacientes entrevistados foram mulheres (78% da amostra), com idade entre 51 e 60 anos (53% da população entrevistada) e com uma renda familiar em torno de um a dois salários mínimos (79%). Verificou-se que para a maior parte dos entrevistados a adesão está ligada ao uso diário dos medicamentos e a frequência de palestras oferecidas pelo programa. As maiores dificuldades quanto à adesão ao tratamento estão presentes na dieta hipossódica e hipocalórica e no controle do stress da vida diária, sendo estes fatores citados como motivo direto para o aumento da pressão arterial destes pacientes. Os problemas financeiros e a dificuldade de comprar a alimentação apropriada também foram citações bem constantes, independentemente do sexo do entrevistado. Foi observado a importância deste tipo de programa para o acompanhamento aos portadores de doenças crônicas, como a hipertensão, tendo em vista que suas necessidades são de um tratamento permanente e o processo de adesão é contínuo. Logo, o paciente não ADERE ao tratamento, mas está ADERINDO, vivenciando dia a dia o tratamento proposto não só pelo médico, mas por toda a equipe que o assiste.

Palavras chaves: processos psicossociais, adesão, hipertensão.



OS PROBLEMAS PSICOSSOCIAIS E SUAS IMPLICAÇÕES NA SAÚDE MENTAL

Maria Valquíria Nogueira do Nascimento
(Mestranda de Psicologia – UFRN /Deptº de Psicologia/PpgPsi)
Martha Traverso-Yépez (Orientadora)
Profª Dra. – UFRN/ Deptº de Psicologia/PpgPsi

Várias definições têm sido utilizadas nos meios técnicos e científicos para explicar a saúde mental. Entretanto, a definição que tem sido predominantemente discutida, ainda é caracterizada pela ausência e/ou presença de transtornos mentais. Essa concepção está centrada na hegemonia do paradigma biomédico, baseado na visão mecanicista da saúde e da vida, enfatizando apenas a doença e não o indivíduo. Desta forma, negligencia aspectos de promoção e prevenção da saúde, provocando o agravamento dos problemas de saúde da população. Nossa pesquisa está centrada nessa preocupação, apontando para a concepção integral do homem. Objetiva, portanto, investigar as implicações da pobreza e da exclusão social na saúde mental da população de Nova Natal, bairro periférico da cidade de Natal/RN, bem como os sentidos produzidos acerca desse sofrimento no contexto grupal da Terapia Comunitária. Trata-se de uma intervenção grupal que tem a finalidade de oferecer à comunidade um espaço de escuta, reflexão e troca de aprendizagem, em busca de soluções para as situações apresentadas pelo grupo participante. Ao apontarmos a produção de sentidos, estamos privilegiando os pressupostos teóricos da abordagem sócio-construcionista e as práticas discursivas daí decorrentes, evidenciando a natureza dialógica dos processos de significação. A coleta de dados foi realizada a partir destas reuniões de Terapia Comunitária da Pastoral da Criança, intervenção que acontece semanalmente com os participantes dessa comunidade, considerando as seguintes etapas de desenvolvimento: acolhimento, fase de desenvolvimento do processo grupal ou escolha do tema, contextualização do tema escolhido, problematização e encerramento. Ao longo das reuniões de Terapia Comunitária, apareceram como temáticas mais frequentes: a) conflitos familiares, decorrentes das condições precárias de subsistência e falta de perspectiva para os filhos, e ainda, problemas de ordem conjugal; b) nervosismo, como expressão da dificuldade de lidar com os problemas do cotidiano; c) problemas de desemprego, decorrentes da falta de oportunidade; d) alcoolismo e uso de drogas ilícitas, geralmente associados ao fenômeno da marginalidade social, entre outros. Evidencia-se a partir dos discursos dos participantes, que os problemas vivenciados denotam em seu desdobramento repercussões dos fenômenos da exclusão social, sinalizando as conseqüências da conjuntura econômica. Percebe-se também que a impossibilidade de inserção social e da plena participação na vida social e econômica tem efeitos negativos na auto-imagem das pessoas e na forma de lidar com os problemas, especialmente em decorrência da sensação da falta de controle de situação. Essa realidade torna nítida a deterioração das condições de vida e da saúde mental da população, sem que esta disponha de recursos e atenção adequada para enfrentamento dos problemas. De fato, a Terapia Comunitária, enquanto modalidade de intervenção grupal, não soluciona os problemas que são eminentemente sócio-estruturais. No entanto, tem se mostrado como uma estratégia eficaz no processo de ressignificação, visando proporcionar a consciência dos reais recursos disponíveis que os participantes possuem para enfrentamento dos problemas, através da troca de saberes e experiências, e pela sua função psicossocial de apoio e ajuda mútua.

Palavras-chave: problemas psicossociais, saúde mental, Terapia Comunitária



“NERVOS” E SOFRIMENTO PSICOSSOCIAL. Um estudo de caso.

Luciana Fernandes de Medeiros

(Mestranda de Psicologia – UFRN /Deptº de Psicologia/PpgPsi)

Martha Traverso-Yépez (Orientadora)

Profª Dra. – UFRN/ Deptº de Psicologia/PpgPsi

Historicamente, a queixa de “nervos” tem sido comparada à histeria e DNV (distonia neurovegetativa) e, mais recentemente, ao transtorno somatoforme. Tais denominações apontam para um problema que se caracteriza por múltiplas queixas, como dores generalizadas e sensações corporais diversas, estando também, geralmente presentes, sintomas de depressão e/ou ansiedade. Mesmo com a prescrição de medicamentos, sobretudo psicotrópicos, para reduzir esses sintomas e a solicitação de exames para descobrir sua causa, há uma recorrência significativa aos serviços de saúde e um possível agravamento ou cronificação do problema. Isso mostra que, a “doença dos nervos” não pode ser considerada apenas em sua dimensão biológica; qualquer denominação ou rótulo para esse tipo de problema não é suficiente para compreender realmente, o que a pessoa quer dizer quando queixa-se dos nervos. Considerar as dimensões psicológica, social e cultural, além da biológica, é necessário para compreender o que está implícito nessa queixa. Observa-se que a dimensão psicossocial está duplamente presente, enquanto presença do problema objetivo sócio-estrutural que, geralmente foge da possibilidade de controle e/ou solução das pessoas e, enquanto fator socializador influente na conformação do universo simbólico (das representações e significados envolvidos) mediando na forma como as emoções são percebidas, sentidas e, finalmente, expressas. Nem sempre esse último aspecto é considerado nas práticas de saúde, ainda que, diversos autores apontem a necessidade de considerar o processo saúde-doença numa perspectiva biopsicossocial. O estudo de caso aqui apresentado busca mostrar os significados atribuídos à queixa de nervos, suas relações com a experiência da vida cotidiana e aventar possibilidades de intervenção para essa queixa. O estudo de caso teve lugar na Unidade Mista de Felipe Camarão, Natal/RN e faz parte de uma pesquisa sobre a caracterização da “doença dos nervos” nesse contexto. A participante do presente estudo de caso é uma mulher de 38 anos, casada, mãe de dois filhos adolescentes, dona de casa e atualmente, estudante da 6ª série do I Grau. Os dados do prontuário mostram que sofre de distúrbio nervoso e insônia, mas deixou de tomar medicamentos no período em que participou das entrevistas. As primeiras entrevistas destacam a descrição dos sintomas e como estes interferem negativamente em suas atividades diárias. No decorrer das entrevistas, começa a relacionar o aparecimento dos sintomas com sentimentos de raiva e preocupação decorrente de frustrações e problemas em sua vida pessoal. Logo, refere relativa melhora e o quanto vai aprendendo sobre si mesma e sobre a forma de significar sua situação existencial, nesse período em que pôde falar livremente. Nesse sentido, o processo dialógico aqui estabelecido, parece ter promovido uma reflexão sobre seu problema e sobre si mesma, o que contribuiu para sua melhora. Concluindo, acredita-se na importância de considerar a queixa de nervos como expressão do sofrimento psicossocial normalmente gerado pelas limitações sócio-estruturais do contexto, pela forma como são expressas as emoções e pelo sentido atribuído à queixa. A intervenção, portanto, deve ser interdisciplinar e ressaltar o papel da escuta como principal recurso.

Palavras chaves: doença dos nervos, sofrimento psicossocial, saúde pública.



Processos de Mediação, Habilidades e Competências no Desenvolvimento de Linguagem em Crianças

Jane Correa (UFRJ);
Patrícia Maria Uchôa Simões
Rosângela Francischini
Alina Galvão Spinillo

O USO DE COMPETÊNCIAS ORTOGRÁFICAS POR CRIANÇAS EM CONTEXTO LÚDICO

Jane Correa (UFRJ);

O presente trabalho examina diferenças qualitativas no conhecimento ortográfico da criança e sua competência em desenvolver e testar hipóteses sobre palavras em contexto lúdico em duas línguas: português e inglês. Apesar dos procedimentos de análise dos erros cometidos pelas crianças na escrita de palavras ditadas ou do uso de tarefas que permitam fazer inferências acerca do emprego de analogias ou de conhecimentos morfossintáticos nos fornecerem informações importantes sobre o domínio da ortografia pela criança, tais abordagens não nos permitem avaliar o uso espontâneo que a criança faça dos conhecimentos ortográficos que possui. Por outro lado, a comparação entre o português e o inglês nos permite examinar a natureza do desenvolvimento da escrita relacionada a diferenças relativas às particularidades de cada um destes sistemas ortográficos quanto a sua regularidade. Foi então pedido a oitenta e uma crianças brasileiras cursando a 2^a, 3^a e 4^a séries do Ensino Fundamental (idades médias compreendidas entre 9 e 12 anos) e 95 crianças inglesas com escolaridade e idades equivalentes que jogassem o jogo da força com palavras de 4 ou 5 letras de diferentes padrões silábicos ortográficos. Foi pedido ainda que, a cada jogada, as crianças justificassem a seleção das letras. Os resultados mostraram grande heterogeneidade nas respostas das crianças brasileiras em comparação às crianças inglesas tanto em termos do tamanho das palavras quanto de seu padrão silábico, especialmente quando tais padrões desviavam-se do padrão silábico ortográfico CVCV. Tais resultados foram interpretados em termos da maior sensibilidade das crianças brasileiras aos



padrões silábicos de sua própria língua. Foi também observado que as crianças nem sempre eram capazes de explicitar o seu raciocínio através da justificativa clara das escolhas realizadas. Contudo isto não significa dizer que as crianças procediam à escolha das letras ao acaso. A maior parte das escolhas das crianças revelou sensibilidade à ortografia de sua língua, e em particular à frequência do emprego das letras nos vocábulos. Em todos os níveis de escolaridade e em ambas as línguas, as crianças fizeram uso de estratégias lexicais e não-lexicais, sugerindo que tais estratégias não se mostram como vias independentes e alternativas para a aquisição da ortografia. Ao contrário, tais estratégias interagem, sendo ambas de grande importância para o desenvolvimento do conhecimento ortográfico da criança mesmo em línguas com diferentes graus de regularidade. (FAPERJ/CNPq)

O desenvolvimento da consciência metatextual: a habilidade de crianças em refletir sobre a estrutura de textos

Alina Galvão Spinillo

Universidade Federal de Pernambuco

Cada tipo de texto possui uma estrutura através da qual seus elementos constituintes se organizam; tornando possível diferenciar um tipo de texto de outro. A habilidade em refletir sobre esta estrutura é atividade lingüística e cognitiva complexa que, apesar de pouco investigada, tanto no Brasil como no exterior, é de reconhecida importância entre pesquisadores interessados no desenvolvimento da linguagem. Este tema se insere em uma área particular da metalinguagem denominada consciência metatextual. O presente estudo procurou investigar o desenvolvimento da consciência metatextual em crianças em relação a diferentes tipos de textos: história, carta e notícia de jornal. Sessenta crianças de 5, 7 e 9 anos foram, individualmente, solicitadas a refletir sobre a estrutura desses tipos de textos. Para tal, foram apresentados diversos textos-estímulo: textos completos (uma história, uma carta e uma notícia de jornal) e textos incompletos (partes de história, de carta e de notícia de jornal). Cada criança tinha que determinar se o texto-estímulo apresentado estava completo ou incompleto, justificando sua resposta. Os dados foram analisados quanto: (a) ao número de acertos quanto ao julgamento da completude ou incompletude do texto-estímulo; e (b) aos critérios utilizados em seus julgamentos, critérios esses que variavam desde critérios



indefinidos, critérios definidos porém não relacionados à estrutura do texto, até critérios definidos relacionados à estrutura do texto (suas partes constituintes). Os resultados mostraram que os critérios adotados variavam não apenas em função da idade das crianças, mas também em função do tipo de texto sobre o qual refletiam. A principal conclusão foi que existe uma progressão que se caracteriza por três níveis de desenvolvimento que, entretanto, não são alcançados uniformemente em relação a todos os tipos de textos investigados. Os dados contribuem para a compreensão do desenvolvimento da consciência metatextual e para a criação de metodologias que permitam investigar diferentes facetas deste fenômeno. (CNPq)

Atividades metalingüísticas e processos de mediação na produção de textos em crianças.

Rosângela Francischini

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

As interações sociais que têm lugar no contexto escolar – práticas educacionais, intervenções didáticas e situações de troca com os pares – proporcionam, à criança, a constituição de novos processos evolutivos e o desenvolvimento de competências específicas cujo domínio representa novas formas de atividades, novas condições de interação, enfim, diversificadas possibilidades no convívio com a cultura, a história, o outro. Dentre essas interações, destacam-se as que exigem do aprendiz atividades de reflexão e/ou de controle sobre a linguagem, que supõem, portanto, tratar a linguagem como objeto de pensamento. É dessas atividades, denominadas metalingüísticas, que o presente trabalho se ocupa. O procedimento adotado envolveu condições específicas de intervenção/interação que possibilitaram às crianças, atividades de análise/reflexão e resultaram em comentários e/ou reformulações do texto em primeira versão. Essas intervenções, é preciso sublinhar, recaíram sobre questões relacionadas à estruturação textual, mais especificamente, à construção de cadeias anafóricas. Crianças de 8 anos de idade produziram, individualmente, textos explicativos – escrita das regras de um jogo. Uma segunda versão foi produzida em interação com a pesquisadora. Nessas condições, à criança foram solicitadas justificativas para o emprego de determinados recursos expressivos. Produziu-se, então, uma segunda versão dos textos. Os dados apontam que a mobilização de atividades de reflexão em situações de produção da escrita compartilhadas com um adulto resultou na explicitação das regras do jogo que, em segunda versão apresentavam-se incompletas e/ou inadequadas. A pesquisa visa contribuir para o trabalho com produção textual em sala de aulas, aspecto este que vem ocupando posição de destaque na última década.



Compreensão de textos e consciência metatextual em crianças: habilidades relacionadas ou independentes?

Patrícia Simões (Fundação Joaquim Nabuco)

O presente estudo examinou as relações entre compreensão de textos e consciência metatextual em crianças, focalizando o texto narrativo de história. Consciência metatextual é aqui definida como a capacidade de refletir sobre a estrutura típica deste gênero de texto. Testou-se a hipótese de que a consciência metatextual seria fator importante na compreensão de textos: crianças com um bom nível de reflexão sobre a estrutura da história apresentariam, também, um bom nível de compreensão de histórias. O estudo, longitudinal, teve início com 57 crianças de 7 anos de idade (1ª série do ensino fundamental) e finalizou quando estas estavam na faixa etária de 8 anos (2ª série do ensino fundamental). O planejamento experimental adotado envolveu duas ocasiões de testagem com um intervalo de um ano entre elas. Em cada ocasião, as crianças foram examinadas quanto à compreensão de textos e quanto à consciência metatextual. Três níveis de desempenho constituíram o sistema de análise em cada uma dessas habilidades: nível elementar, intermediário e elaborado. Comparando-se a primeira e a segunda testagem, verificou-se um desenvolvimento da consciência metatextual; porém o mesmo não ocorria com a compreensão de textos, visto que, as crianças apresentavam um nível elaborado desde a primeira testagem. Tanto na primeira como na segunda testagem, separadamente, não foram detectadas correlações entre essas habilidades; nem tampouco um possível caráter preditivo de uma sobre a outra. Verificou-se, ainda, que o progresso na consciência metatextual não garantia um progresso na compreensão. A partir desses dados concluiu-se que tais habilidades parecem ser independentes, e que a compreensão de histórias e a consciência metatextual seguem padrões diferentes de desenvolvimento. Discussões são conduzidas no sentido de explicitar as diferenças na natureza dessas habilidades lingüísticas; extraindo-se, ainda, implicações teóricas e metodológicas para a pesquisa na área.



Psicanálise, Análise do Discurso e Crítica da Cultura

Emanuel Mariano Tadei (Coordenador)

Luiz Cláudio Bido

Maria Alice Rezende Gonçalves

Essa mesa redonda colocou em discussão três trabalhos diferentes entre si quanto à temática abordada, mas que apresentam a mesma preocupação em fazer uma análise crítica da cultura através da análise do discurso. A psicanálise é outro elo de ligação que podemos estabelecer entre eles. Ela comparece aqui tanto na condição de objeto de estudo a ser investigado, como também na condição de uma teoria e um método, capazes de fundamentar e orientar as reflexões desenvolvidas nessas investigações.

O primeiro trabalho faz uma história da psicanálise no Brasil, no sentido arqueológico, isto é, investiga quais foram as condições que favoreceram a implantação da psicanálise em nosso país, aplicando a metodologia desenvolvida pelo filósofo Michel Foucault. Foram demonstrados os três campos discursivos que deram sustentação à implantação da psicanálise no Brasil: sua participação na fixação do dispositivo de sexualidade sobre o dispositivo de aliança; na oferta de uma terapêutica capaz de abrir caminho para a tão almejada modernização subjetiva, superando a tensão existente entre os dois modos subjetivos pessoa e sujeito, presente na subjetividade do brasileiro; e sua atuação junto ao dispositivo de mestiçagem, isto é, no debate sobre nossas questões raciais e de identidade nacional.

O segundo trabalho, fez uma discussão a respeito das relações entre narcisismo e linguagem na cultura pós-moderna. Partindo da análise de algumas produções artísticas, foi demonstrado como o homem pós-moderno, em sua busca pela felicidade fácil e sem limites, acaba sofrendo perdas significativas em termos subjetivos. É exatamente essa subjetividade que foi problematizada e esmiuçada, enfatizando tanto as perdas assumidas (de modo consciente ou não), quanto os ganhos conquistados pelo homem pós-moderno.

E, enfim, o terceiro trabalho abordou o amor e a sexualidade na percepção de adolescentes, alunos de escolas municipais da periferia da cidade de São Paulo, através dos discursos produzidos por eles, tendo como objetivo desvendar quais são as influências do meio social e cultural em que estão inseridos em suas subjetividades. Essa investigação evidenciou que os adolescentes de periferia compartilham uma concepção sobre o amor e a sexualidade que está totalmente atrelada ao tipo de subjetividade dominante no grupo familiar e nos valores culturais da sociedade globalizada, consumista e narcisista.

Além da apresentação e debate a respeito dos resultados destas três pesquisas, foi feita uma discussão metodológica sobre as relações entre psicanálise, análise do discurso e crítica da cultura.



Psicanálise como Análise de Discurso na Pesquisa e na Clínica.

Expositores: - Rógerio Lerner
-Lígia Galvão
-Luiz Gustavo Veiga

Coordenadora: - Marlene Guirado

A pesquisa em Psicologia tem saído, já há algum tempo, dos laboratórios de modificação de comportamento, das tabulações e análises de questionários bem como dos cálculos estatísticos, para alcançar outras instituições sociais que não ela própria (a Psicologia).

Mesmo assim, tem sido alvo de críticas: por um lado, dos que nela vêem ainda um encastelamento acadêmico em função de seus temas e métodos; por outro lado, dos que vêem riscos de que se percam os cânones científicos e o rigor de procedimentos e resultados.

A presente Mesa Redonda dispõe-se a levantar alguns aspectos da radicalidade que se exige para pensar, nestas condições a pesquisa em Psicologia. Apoiados em conceitos que advêm da proposta de Foucault para o estudo de dispositivos institucionais e do poder disciplinar; apoiados também numa certa compreensão de Psicologia que a aproxima da Psicanálise, os expositores desta Mesa falarão em nome de uma leitura institucional dos discursos e práticas de pesquisa. Serão apresentadas situações concretas de pesquisa já produzidas.

Com isso pretende-se ir para além da dicotomia universidade X sociedade na pesquisa psicológica, demonstrando a viabilidade de fazer estudos sobre e com instituições de modo a garantir de um lado o rigor na produção de conhecimento de pensar (sempre!) e, de outro, a visibilidade a práticas sociais concretas de interesse público na saúde, educação, promoção social e trabalho.

A clínica psicológica será considerada instituição que, como qualquer outra, com seus objetos e sujeitos, configura uma certa subjetividade e um certo discurso que, nas suas fundações, não escapa desse modo de ver e pensar as práticas psicológicas.



Psicanálise e Medicina II – Construção de Casos Clínicos.

Coordenadora: *Profa. Sonia Alberti*
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IP/UERJ).

Integrantes:
Adriana Dias
IP/UERJ.
Hilana Erlich
IP/UERJ.
Daniela de Vasconcellos Prata Veloso
IP/UERJ.

Resumo: Dando prosseguimento ao Simpósio “Psicanálise e medicina I – Questões teórico-clínicas”, esse Simpósio parte diretamente do estudo de três casos clínicos atendidos no Hospital Universitário Pedro Ernesto, que dizem respeito à necessária interação com outros membros da equipe técnica.

Na Introdução, a cargo de Sonia Alberti, verificou-se, as questões que se colocam na prática cotidiana quando é aberto o campo de intersecção entre psicanálise e medicina. A partir disso, os casos clínicos que foram tema básico desse trabalho nortearam os próprios debates sobre o intercâmbio de dois saberes: a psicanálise e a medicina. Da seguinte maneira:

1. Uma demanda de um sujeito adolescente: A cicatriz de Paula. Trabalho que apresentado por Hilana Erlich. Paula é uma menina de quinze anos, chega ao Setor de Saúde Mental encaminhada pelo Setor de Cirurgia Plástica com a demanda de uma plástica em seu nariz. A cirurgiã lhe dissera que as inscrições para cirurgia de estética só abririam dali a dois meses e, diante do estado de ansiedade de Paula que só pensava nisso, julgou proveniente um encaminhamento. Observa-se, nesse encaminhamento, uma sensibilidade da cirurgiã cuja providência mostrou-se bastante importante. Na realidade, já nas primeiras entrevistas Paula observou fortuitamente que o seu nariz do qual sentia tanta vergonha era a marca do pai em sua cara. E associa: “o rosto é o cartão de visitas de uma pessoa e meu nariz é como uma cicatriz no meio dele”. O trabalho que será apresentado busca reconstruir a história de Paula, verificar através das sessões com ela o impossível a dialetizar nessa cicatriz e questionar as diversas formas de encaminhamento do caso, inclusive junto à cirurgiã. Assim, o caso Paula servirá de fio condutor para a discussão da importância do trabalho em equipe multidisciplinar e das diversas formas de contribuição do psicólogo junto à equipe médica.
2. O sintoma médico e o sintoma em psicanálise: A enurese de Gabriel. Trabalho de Adriana Dias. Gabriel (12 anos) é encaminhado pela clínica médica por causa de uma queixa de enurese noturna cuja investigação não levou a nenhuma causa orgânica possível. É no acompanhamento desse caso, que outras queixas puderam aparecer, via relatos da mãe sobre seu comportamento na escola e ainda sobre algumas “maluquices”. A partir desse caso, visa-se aprofundar a especificidade do sintoma para a medicina e a função do sintoma na psicanálise e, então, procurar construir um relato do caso que possa ser útil também para a equipe multidisciplinar na medida em que permita verificar que a



fenomenologia da clínica pode ficar muito enriquecida com o aprofundamento da estrutura do sujeito. É fundamental, no trabalho do hospital, poder construir tais observações em função da riqueza de um *feed-back* para a equipe de um caso encaminhado. Partimos do princípio de que se torna muito difícil uma interação com a equipe se não expusermos nossas razões, e as elaborações a partir de cada caso a nós confiado.

3. Questionando a medicação: Jovelina e seus muitos diagnósticos. Trabalho de Daniela de Vasconcellos Prata Veloso. Jovelina (4 anos), é encaminhada pela neuropediatra por apresentar um quadro de hiperatividade e agressividade associado a epilepsia. Os dados coletados com a mãe que sustenta a queixa principal em torno da agressividade e irritabilidade demonstradas na escola, ainda acrescentam que desde pequena faz uso de (nessa ordem): Dogmatil, Ritalina, Anafranil, Ritalina de novo, Tegretol e, atualmente, Depakene em função de crises epiléticas. Em nossa investigação sobre as propriedades de cada um desses medicamentos, cada um desses remédios apresenta pelo menos uma contra-indicação compatível com o caso de Jovelina. É o estudo desse caso, bastante inquietante, que nos direcionará no questionamento sobre o que pode um psicólogo no trabalho com um sujeito dentro do hospital. Jovelina, a nosso ver, não é nem epilética – só teve uma crise convulsiva por causa de febre, quando muito pequena –, nem hiperativa, nem psicótica, mas sujeita a um convívio familiar dos mais preocupantes, o que nunca fora verdadeiramente observado até essa criança chegar ao Setor de Psiquiatria Infantil no Hospital Universitário Pedro Ernesto.



Psicanálise e Medicina I – Questões Teórico-Clinicas.

Coordenadora: Profa. Sonia Alberti
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IP/UERJ).

Integrantes:
Consuelo Pereira de
IP/UERJ.
Ana Paula Lettieri Fulco
IP/UERJ.
Priscila Meirelles Monteiro
IP/UERJ.

Resumo: A partir de atendimentos psicológicos em três contextos diferentes, todos em unidades clínicas que envolvem equipes multidisciplinares no Rio de Janeiro, esse simpósio visa especificar a relação da psicanálise com a medicina quando o psicólogo tem o dever ético de promover um espaço de debates junto à equipe multidisciplinar. Não basta atender ao paciente, o trabalho do psicólogo no hospital exige um esforço a mais para dialetizar a própria formação discursiva, abrir o caminho para fazer valer a subjetividade de cada um – do paciente ao médico, passando por todo corpo técnico implicado no tratamento – e vencer as inúmeras resistências. Aparentemente simples, entendemos que esse trabalho só pode ser feito quando a equipe de saúde mental se sustenta teoricamente, pois é a teoria da clínica que norteia a ética profissional e sustenta o ato da intervenção, ao mesmo tempo em que permite elaborar as dificuldades que encontramos no dia a dia. Isso foi exposto por Sonia Alberti.

Em nosso caso, a teoria que sustenta nosso trabalho é a psicanálise, tal como já elucidado num primeiro artigo em 1994, Alberti, S. *et al.* “A demanda do sujeito no hospital” (in *Cadernos de psicologia*, Instituto de Psicologia/UERJ, série Clínica, no. 1:22-25). Com efeito, a primeira coisa com a qual nos deparamos no hospital é a quantidade de demandas endereçadas ao psicólogo, em alguns casos este é inicialmente percebido como lugar de endereçamento de tudo o que claudica. Se por um lado não deixa de ser verdade que o psicólogo é suposto saber lidar com o que disfunciona no próprio saber médico, por outro lado, é preciso que o próprio psicólogo possa dizer o que faz para então melhor orientar as próprias demandas que lhe são dirigidas.

O trabalho de Priscila Meirelles Monteiro, com Anita, é um exemplo disso. Encaminhada por um médico, Anita apresenta queixas orgânicas como “vou ter um problema de cabeça, um aneurisma ou uma úlcera perfurada, quando fico nervosa tenho dor de estômago e minha cabeça dói, fico com medo de acontecer alguma coisa, às vezes é melhor morrer logo”. Baseada na teoria psicanalítica, Priscila começou o seu atendimento com uma verificação de um diagnóstico estrutural para esse sujeito, pois, diante de queixas orgânicas tão complexas, a primeira questão que se colocava era: de que corpo se queixava esse sujeito? Ao construir a hipótese de um diagnóstico estrutural de psicose, foi possível tranquilizar o próprio clínico de que os problemas



de que Anita se queixava não implicavam diretamente a intervenção dele. Além disso, pode permitir o bom encaminhamento do caso e, em última instância, trazer subsídios para esclarecer o próprio clínico quanto à construção de uma hipótese diagnóstica que ele não se autorizava a fazer.

O trabalho de Consuelo Pereira de Almeida, lastreado em vinte anos de atuação no Hospital dos Servidores do Estado, se inscreve exatamente aí: na relação do trabalho do psicólogo com a equipe multidisciplinar pois, como resume, a própria situação da doença provoca um profundo mal-estar mobilizando a angústia na equipe. É essa angústia mesma a responsável, tantas vezes, pela imobilização da própria equipe que não se outorga o direito de agir em determinado caso levando em conta fatores que não sejam da alçada exclusivamente do saber médico. No entanto, atribuir, devolver aos próprios médicos a capacidade de avaliação e reação é também uma forma de se exercer na equipe de saúde mental, restituindo ao próprio médico seu lugar na clínica milenar.

Finalmente, o trabalho de Ana Paula Fulco, a partir de um caso por ela acompanhado ao mesmo tempo em que havia um acompanhamento neurológico, introduz nesse simpósio a importante discussão atual entre psicologia e neurociências a partir de um caso clínico.

Um caso neurológico: Há campo para a psicanálise?

Ana Paula Lettieri Fulco¹

Neste trabalho a autora procura abordar, num recorte do cotidiano de uma instituição filantrópica, as diferenças metodológicas entre a Psicanálise e a Neurologia, através de um caso clínico, a fim de situar o que pode um psicanalista, frente a um fenômeno orgânico, apresentado por uma criança - uma afasia - consequência de uma lesão neurológica congênita.

1. Psicóloga. Psicanalista. Especializada em Psicologia Clínica pelo Programa de Pós-Graduação em Pesquisa e Clínica em Psicanálise do IP/UERJ. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Pesquisa e Clínica em Psicanálise do IP/UERJ.





Psicanálise: Anti-Naturalismo e Anti-Hermenêutica

Autora: Rosane Zétola Lustoza

No interior do projeto para tornar a psicologia uma ciência, podemos destacar duas grandes correntes, caracterizadas por maneiras inteiramente distintas de conferir inteligibilidade ao psiquismo humano. São elas: o naturalismo e o humanismo. Dentro desse quadro tradicional, onde poderíamos situar de maneira conveniente a psicanálise? Na verdade, esta alternativa tradicional deve ser recusada, já que ambas as posições mostram-se inadequadas para dar conta da experiência clínica inaugurada por Freud.

A psicanálise não é um naturalismo- Existe uma certa representação da psicanálise, bastante divulgada em nossa cultura, segundo a qual a grande descoberta freudiana teria sido a de que a maior parte das motivações causando a conduta humana escapam ao controle e à apreensão da consciência. O homem seria um ser comparável a um mecanismo, colocado em movimento por forças cegas que o impelem a agir de uma maneira determinada, sem que ele tenha consciência de suas reais motivações. O problema é que esta versão, levada às últimas consequências, acarretaria a impossibilidade de responsabilizar o sujeito. Se o homem fosse conduzido a se comportar de um certo modo graças a causas ocultas incontroláveis, estaria no direito de pensar: “O culpado pelas minhas ações é meu inconsciente, eu não sou responsável por nada do que faço”. Só que esta concepção naturalista do homem não é compatível com a experiência clínica, que aposta justamente na possibilidade de um sujeito responsável, isto é, que possa responder pelo que faz e diz.

A psicanálise não é um humanismo_ A psicanálise também não pode ser classificada como uma espécie de psicologia humanista, já que, para esta última, a tarefa de uma psicoterapia seria permitir ao sujeito alcançar uma compreensão cada vez maior de si mesmo, através do encontro de um sentido último capaz de devolver a plenitude ao seu ser. Só que os neuróticos vêm justamente testemunhar sua impotência em encontrar este significado que os representaria integralmente. Na clínica, os pacientes vêm justamente se queixar de sua incapacidade para encontrar a palavra salvadora, que os redimiria de seus sofrimentos. Mesmo que tenham êxito em produzir um certo saber sobre seus sintomas(do tipo “Ah, agora eu sei que eu sofria por causa



disso”), este saber encontra-se sempre na possibilidade de ser ressignificado *a posteriori*. Daí, a psicanálise não poder ter como alvo a revelação do sentido derradeiro dos sintomas, mas sim permitir ao paciente saber o que fazer com este não-saber.



Psicologia Clínica Social: Práticas em Ação.

Walter Cautella Júnior
Heloisa Antonelli Aun
Rodrigo Giannangelo de Oliveira
Cristina MIyuki Hashizume

RESUMO:

No fundamento desta proposta encontra-se a articulação entre os referenciais teórico e metodológico que norteiam nosso compromisso científico e social. Diz respeito a um novo posicionamento epistemológico acerca das descobertas e explicações científicas e sua capacitação com relação à sua destinação para o bem-estar da humanidade. Tal questionamento tem possibilitado o redirecionamento de pesquisas científicas (dos laboratórios a ações interventivas em campo), uma vez que essa guinada pode promover aplicações práticas mais humanizantes. Neste contexto, o Laboratório de Estudos e Práticas em Psicologia Fenomenológica e Existencial (LEFE) da USP, criado em 1998, visa facilitar o desenvolvimento de práticas psicológicas para além dos muros da Universidade, oferecer atenção psicológica a instituições e formar profissionais como agentes sociais de mudança.

No quadro social atual de desamparo e sofrimento humano, diversas foram as instituições que procuram este laboratório para uma intervenção psicológica: unidades de internação da FEBEM; Polícias Civil e Militar; e Departamento Jurídico XI de Agosto. Desta maneira, na constante exploração por metodologias interventivas, nas quais práticas clínicas psicológicas pudessem ser inseridas em novos contextos institucionais, alunos de graduação e pós-graduação, vinculados ao LEFE, ancorados no olhar ingênuo da pesquisa fenomenológica, buscaram a cartografia e a inserção, oferecendo Atenção Psicológica de acordo com as possibilidades e dificuldades, ou seja, conveniente com a cultura de cada instituição.

Recorrendo à perspectiva fenomenológica e existencial, a condição constituinte de existência do ser humano é relacional, ou seja, tanto a subjetividade como a alteridade revelam-se



no encontro com outros. São essas situações de encontro intersubjetivo que propiciam, no cotidiano da vida, mudanças para o desenvolvimento e aprendizagem do ser humano bem como as formas de convivência no mundo e com os outros, vendo e sendo visto, ouvindo e sendo ouvido. Dessa maneira, considera-se imprescindível a investigação e a abertura para um saber e conhecimento mais condizentes com a experiência do homem no mundo com outros, aproximando-se daquilo que seria o tácito, o cultural e étnico. Partindo do contexto social de cada instituição, possibilidades e desafios se impõem aos investigadores inquietos com o sofrimento e desamparo social. Essas inquietações refletiram-se na criação de novas práticas psicológicas ampliando o fazer clínico do psicólogo para além dos consultórios. Dessa maneira, deparamos-nos com uma nova forma de atuação da psicologia. Forma essa realizada e pesquisada também por uma nova vertente intitulada de Psicologia Clínica Social, nos trabalhos dos franceses Jacqueline Barus-Michel, Eugene Enriquez, André Lévy da Universidade Paris VII, que por convenio estão como colaboradores do LEFE. Os trabalhos apresentados na mesa, a partir das práticas realizadas na Psicologia Clínica Social, propõem: 1. reflexões teóricas ou de investigação. 2. encontrar uma forma de comunicar questionamentos que percorressem os desafios das práticas em ação. 3. pensar na responsabilidade da atuação do psicólogo frente às demandas sócio-culturais do país.

Atenção Psicológica em um Batalhão da Polícia Militar: Contextualização e Reflexões

Rodrigo Giannangelo de Oliveira

Este texto fala sobre o trabalho que realizo como plantonista no projeto “Atenção psicológica em Batalhão da Polícia Militar do Estado de São Paulo”, iniciativa de uma equipe de psicólogos e estagiários do Laboratório de Estudos e Prática em Psicologia Fenomenológico-Existencial do Instituto de Psicologia da USP. Para encaminhar ao leitor o sentido que esta prática tem me apresentado preciso tentar desvelar este sentido circunscrevendo minha perspectiva, meu ponto de partida. Colocar em movimento lembranças, impressões e disposições. Tomar este serviço como um palco onde ações significativas têm lugar e permitem a construção de um sentido de cuidado e



atenção psicológica para esta nova perspectiva de atuação que tem como interlocutores a psicologia clínica social e a fenomenologia-existencial.

O percurso deste serviço, que atende a um determinado Batalhão da PM a partir de uma de suas Companhias, começa no ano 2000, em reuniões do Conselho de Segurança da Comunidade do bairro atendido pela referida unidade militar. Nestas reuniões, representantes da comunidade, além das autoridades responsáveis, civil e militar, decidem buscar na universidade auxílio psicológico para os policiais que trabalham na região.

Esta demanda chegou a nós por uma representante da associação de moradores do bairro e pelo comandante da Companhia onde se pensava em realizar o trabalho; ou seja, vale ressaltar, não teve, nesse primeiro momento, qualquer participação do grupo de policiais que seriam atendidos. Além disso, o pedido inicial era de que fôssemos até a instituição para realizar uma avaliação do nível de stress de seus funcionários. Com relação a isso, desde as primeiras aproximações da equipe de psicólogos / estagiários da universidade com a instituição percebeu-se que o stress sempre era comentado pelos policiais como aspecto absolutamente conhecido da rotina de seu trabalho. A questão para eles não era conhecer ou avaliar o stress, mas talvez fosse descobrir como lidar com ele. A demanda inicial trazida pelo comando e por uma representante de moradores expressava um pedido, mas ainda estava muito distante de contemplar a experiência da grande maioria que seria atendida. Por estarmos comprometidos com uma abordagem que se oferece como contraponto a qualquer tentativa de invalidar ou inferiorizar a experiência, oferecemos à instituição uma contraproposta ao seu pedido: ao invés de uma avaliação do (já conhecido) nível de stress dos funcionários, possivelmente baseada na aplicação e análise de testes destinados a este fim, propusemos o direcionamento de um olhar cuidadoso que



configuraria um serviço que pudesse levar em conta todo este diverso e heterogêneo âmbito da experiência dos sujeitos na instituição.

Neste percurso, de imaginar a possibilidade de uma presença constante, propiciadora de uma relação de confiança mútua, um colocar-se à disposição do outro, decidiu-se pelo oferecimento do serviço de Plantão Psicológico, no qual pudemos desde então construir relações de outra ordem, baseadas na confiança e no respeito. Praticando em ação, temos estruturado um serviço de atenção psicológica que se propõe a ter como princípio básico o acolhimento do sofrimento psíquico em sua emergência, o resgate da possibilidade narrativa dos sujeitos que nos procuram.



Psicologia e Educação: Encontros Possíveis.

Autores da Mesa:

Adriana Marcondes Machado

Ana Mercês Bahia Bock

Maria Cristina Kupfer

Wanda Maria Junqueira de Aguiar

O encontro da Psicologia com a Educação, quando analisado do ponto de vista do avanço nas duas áreas, é sem dúvida vitorioso. A pedagogia da Escola Nova, a psicologia da criança, o estudo do processo de desenvolvimento infantil, o aprofundamento do conhecimento sobre o processo ensino-aprendizagem, estimularam essas ciências. Mas, esse encontro teve como efeito o crescimento do caráter ideológico fortemente presente quando ambas as ciências tentavam responder e pesquisar o fracasso de tantas crianças em nosso sistema educacional. Muitas já foram as críticas formuladas a respeito dos trabalhos psicológicos que consideram a aprendizagem e as atitudes das crianças, como fenômenos individuais, isentando as políticas educacionais e as práticas escolares de suas responsabilidades.

Pretendemos, nesta mesa, em um primeiro momento, debater esses elementos ideológicos. Um deles mitifica a idéia de que a discussão sobre as estratégias de formação de professores, sejam elas quais forem (em serviço, em grupos, cursos), possa por si só, avançar e superar os impasses que temos encontrado na escola. Esse tipo de crença desconsidera o espaço das relações institucionais, o campo de forças no qual a falta de formação, por exemplo, se constitui. Essa questão, da formação dos professores, será abordada em um segundo momento, no qual as formas de encaminhamento do trabalho da área de psicologia educacional da Faculdade de Psicologia da PUCSP serão apresentadas.

Para alguns educadores a teoria psicanalítica poderia ser um instrumento extremamente útil nas mãos do professor. De posse desse conhecimento, saberia como fazer face aos problemas ditos emocionais que supostamente interferem no cotidiano escolar e são responsáveis em grande parte pelo fracasso escolar. Será preciso problematizar essas suposições, apresentando outras formas de participação, na escola, do instrumental construído pela psicanálise com o objetivo de produzir mudanças de posição e desdobramentos subjetivos propícios à reinstalação de situações de aprendizagem. Esta questão será abordada em um terceiro momento dessa mesa.

Finalizando, problematizaremos o trabalho do psicólogo na instituição educativa, motivados por uma prática que, considerando sua constituição histórica, escute a queixa e demanda dos educadores, fazendo parte de um campo de forças no qual nossa função é a melhoria da qualidade do processo ensino-aprendizagem e da permanência da criança na escola.



Os psicólogos no trabalho com a escola: intervenção a serviço do quê?

Adriana Marcondes Machado

Doutora do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Muitos alunos das escolas da rede pública são encaminhados para psicólogos com o objetivo de serem avaliados e diagnosticados devido ao problema que eles apresentam: fracasso escolar. São crianças que não aprendem conforme o esperado ou que têm atitudes ou comportamentos estranhos, agressivos ou inquietos. Muitas foram as críticas já formuladas a respeito de trabalhos psicológicos que consideram a aprendizagem e as atitudes das crianças fenômenos individuais, isentando as políticas educacionais e as práticas escolares de suas responsabilidades. Como os saberes da psicologia podem estar a serviço de uma melhor qualidade de ensino e aprendizagem?

Focar essas políticas e essas práticas implica buscarmos o funcionamento das mesmas na singularidade de cada história escolar, de cada aluno que fracassa, de cada queixa apresentada por um professor. Não por serem as causas do fracasso, mas porque são nelas que o mesmo se engendra, dando nomes, marcas, produzindo efeitos nos processos de subjetivação. Portanto, via o encaminhamento de crianças para a saúde, nosso trabalho tem sido desvendar os mecanismos institucionais presentes na história dos mesmos. Alguns desses mecanismos dizem respeito: à falta de interlocução que os professores da rede pública vivem em seu trabalho; ao funcionamento das reuniões de professores que muitas vezes são ocupadas por questões burocráticas; à relação escola-comunidade na qual os órgãos de participação dos familiares estão enfraquecidos; às condições de trabalho dos professores que muitas vezes dobram ou triplicam períodos de trabalho em diferentes escolas. Essas crianças que vão sendo encaminhadas revelam questões cuja intervenção é necessariamente de ordem coletiva. Uma criança com restrições físicas, uma criança com cegueira, nos convidam a pensar como a escola se organiza, qual a rede que a Secretaria de Educação cria para o processo de escolarização dessa criança. Um diagnóstico que revela um quadro fixo, denunciando as doenças e os funcionamentos das relações, enfatizando o mundo intrapsíquico do sujeito, intervém na direção da paralisia, da culpabilização do sujeito, da denúncia, do fortalecimento do sintoma.

Quando se fala em buscar o funcionamento das políticas e práticas na singularidade de cada história, fala-se em intervenção. Pois não é buscar algo a ser descoberto - se assim fosse, a ilusão do velho diagnóstico daria conta. É buscar o movimento de um campo de forças no qual estamos a serviço de fortalecer a aprendizagem e permitir a permanência da criança na escola, isto é, o exercício de um direito. Essa discussão a respeito da diferença entre o diagnóstico e a intervenção é, nesse sentido, um falso problema que nos cega em relação ao próprio funcionamento daquilo que temos como objeto: a produção dos fenômenos psicológicos. Sabemos que os fenômenos psicológicos não existem “em si”, que precisamos olhar para as relações nas quais se engendram, que essas relações movimentam ou paralisam as potências de vida, de pensamento, de alegria. Então cabe a nós desvendar o funcionamento dessas relações



buscando nele suas potências, na medida em que estamos comprometidos com a saúde daquele que nos é encaminhado.

ELEMENTOS IDEOLÓGICOS NA RELAÇÃO DA PSICOLOGIA COM A EDUCAÇÃO

ANA MERCÊS BAHIA BOCK

Resumo:

O objetivo do trabalho é apresentar a Psicologia a partir de suas contribuições à Educação, fazendo a crítica às idéias abstratas e liberais que caracterizaram esta relação. A Psicologia ofereceu à Pedagogia idéias sobre a escola, os alunos e a educação que contribuíram para a construção de uma ideologia, na medida em que ocultaram os processos sociais que subjazem às idéias pedagógicas. Assim, pretende-se analisar as conseqüências destas idéias para a prática educativa, enfatizando a patologização da pobreza, a responsabilização do educando pelo fracasso, a desvalorização da cultura dos grupos que freqüentam as escolas públicas, a psicologização do processo de ensino-aprendizagem e a despolitização da educação em favor de visões individualizantes. Se dará ênfase à necessidade de superar estas visões e injetar realidade social nas idéias psicológicas sobre a educação. Se pretende discutir o distanciamento da escola em relação à realidade, como decorrente destas idéias. Pretende-se demonstrar ao final que o distanciamento é ilusório, pois a educação está comprometida em responder a interesses de grupos dominantes na sociedade, para os quais a idéias do descolamento escola-realidade é interessante e valorosa. Pretende-se desmistificar estas idéias para defender um compromisso da psicologia com uma educação crítica e colada à realidade sócia, que permita a apropriação dos determinantes sociais pelos educandos, de modo a ampliar a compreensão da realidade, fortalecendo a inserção transformadora do indivíduo em sua realidade social.



Psicologia Social da Educação

Representações a respeito de professores entre alunos, segundo o grupo étnico autodefinido.

Angel B. Durandegui, UFRJ

Resumo

Esta pesquisa comparou as representações de estudantes de 1º grau sobre os seus professores, segundo o grupo étnico autodefinido. Adotamos como referencial teórico-metodológico a abordagem das representações sociais. Nossa hipótese foi de que os estudantes identificados com grupos étnicos não-brancos tenderiam a não representar o professor em situações de ensino-aprendizagem, assim como a preferir situações fora do âmbito escolar, como atividades de lazer e política. Supomos em contraste que os estudantes brancos tenderiam a representar o professor em termos de ensino-aprendizagem e de aspectos pessoais/interpessoais/privados em função de partilha sentimental/cultural com os mesmos. Os Ss foram estudantes de escolas públicas do Rio de Janeiro, autodefinidos como negros (N), mestiços (M), brancos (B) e indefinidos (I). Usamos um questionário que solicitava a escrever algo sobre um professor considerado em sua prática docente como sem aproveitamento/ em andamento/ com aproveitamento. Ademais, eles também escreveram um carta para uma autoridade fora da escola sugerindo o que fazer para melhorar o trabalho dos professores mencionados. Enfim, eles desenharam e escreveram como era a vida de cada tipo de professor fora da escola. Os dados simbólicos foram analisados em categorias temáticas e tratados estatisticamente. Assim, constatamos uma hierarquia social na escola em termos de possibilidade representada de expressão para lidar com questões de ensino/aprendizagem, em que no topo estão os B, em seguida os M, os I e, por último, os N. Estes buscam autonomia social, tentando trazer para a escola outros critérios de avaliação.



Desenvolvimento Psicossocial de Crianças de 0 a 6 Anos entre Pais e Professores, segundo o Grupo Étnico Autodefinido

Edson Alves de Souza Filho - UFRJ

O objetivo deste trabalho foi analisar, concepções e práticas de pais e professores a respeito de crianças de 0 a 6 anos de idade, segundo seu grupo étnico autodefinido. Adotamos a abordagem sociocultural da psicologia da educação (Gilly, 1989), que supõe a construção por parte do sujeito de um saber sobre assuntos considerados relevantes. Supúnhamos que a miscigenação sociocultural, aliada à hierarquização entre grupos, interferem no trabalho educativo. Observamos pais (P) (n=85) e professores (Pr) (n=18) de meio popular no Rio de Janeiro que se autodefiniram como negros (N), morenos (M) e brancos (B). Eles responderam um questionário a respeito da criança de 0 a 6 anos, o que lhes agradava, incomodava e expectativas de ação sobre a criança desta faixa etária. Em geral, os PN enfatizaram ação e busca de auto-regulação ao passo que PB incapacidade de auto-regulação/sociabilidade, psicopatologias e inteligência. Os PrM, por sua vez, diferenciaram-se em ação, incapacidade de auto-regulação. Quanto ao que lhes agrada, PN ressaltaram organização/auto-apresentação e obediência/calma/gostar de escola e PB expressão/comunicação e simpatia/afeição. Enfim, a busca de convergência entre os grupos foi sobretudo na direção normativa mais preconizada por PB, que enfatizaram conformismo social e menor autonomia individual no ambiente escolar. (CNPq/CAPES)



CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DE ENSINO/APRENDIZAGEM ENTRE PAIS E PROFESSORES - UMA ABORDAGEM SOCIOCULTURAL

Anderson Scardua Oliveira

Resumo

O objetivo deste trabalho foi comparar concepções e práticas de pais e professores sobre ensino/aprendizagem em termos de atividade e avaliação. Adotamos uma abordagem sociocultural da psicologia da educação (Gilly, 1989), cujo principal alvo é a construção social da realidade a partir de conhecimentos produzidos por indivíduos e grupos em interação. Observamos pais (n= 49) e professores (n= 72) ligados a escolas públicas do Rio de Janeiro. Os grupos convergiram quanto ao que é aprender mas diferiram sobre o ensinar. Ademais, constatamos forte diferenciação quanto as formas de avaliação de professores ($p < 0,001$). Ou seja, as atividades de ensino *com os professores* se destacaram os aspectos de planejamento/ racionalidade, diálogo, desenvolvimento intelectual/cultural, enquanto *com os pais*, aquisição de valores éticos/morais. Para os pais, contudo, houve mais referência aos aspectos como pesquisar, observar diferenças individuais e condições de trabalho. Na avaliação de ensino com professores, estes enfatizaram auto-avaliação e em conjunto com pais, enquanto os pais destacaram atualização do professor, avaliação extra-escolar (exames nacionais), motivação/satisfação. Apesar de certa expectativa de aproximação por parte do professor em relação aos pais, ainda há muita dificuldade de comunicação e entendimento entre ambos os grupos nas escolas públicas observadas.



Psicologia, Preconceito Racial e Humilhação Social

O BRASILEIRO NEGRO, A DISCRIMINAÇÃO RACIAL NA FAMÍLIA E NA ESCOLA – O QUE A PSICOLOGIA BRASILEIRA TEM A DIZER?

Ricardo Franklin Ferreira
Universidade São Marcos
2002

Este trabalho, inicialmente, pontua formas pelas quais o preconceito racial contra o brasileiro negro é veiculado na família e na escola. Em seguida, teço comentários acerca de algumas condições históricas para o desenvolvimento do racismo. Ressalto, na análise, o projeto epistemológico da modernidade que, apoiando-se num pensamento metafísico, voltou-se para a busca de certezas, desenvolvendo horror à ambivalência, determinando uma busca obsessiva pela classificação e a ordem. Em seguida, pontuo um processo histórico, legitimado por tal concepção, que levou à escravidão do africano e redução de sua condição a mero objeto de uso. Posteriormente, já após a Abolição, foram desenvolvidas, no Brasil, concepções, apoiadas pela ciência, acerca da inferioridade racial do negro, a ponto de se ‘prever’ sua extinção na constituição do povo brasileiro. Na seqüência ressalto, o que a psicologia brasileira, também submetida às concepções epistemológicas da modernidade, tem a dizer, através de seus estudos, acerca da população afro-descendente. A partir de uma revisão bibliográfica, concluo que a produção voltada para as especificidades dessa população, cerca de metade dos brasileiros, é quase que nula. A literatura encontrada, com referências aos afro-descendentes, à problemática do racismo, à discriminação e preconceito raciais, pertenciam aos campos da educação, antropologia, comunicação, jornalismo e história. Assim, o psicólogo-pesquisador, ao não ressaltar, ou mesmo a se omitir, em relação aos afro-descendentes, tende a colaborar, queira ou não, para manter viva a crença no mito da ‘democracia racial brasileira’ e na suposta inexistência de preconceitos. Finalmente, concluo que a psicologia pode estar favorecendo a manutenção de um terreno fértil para a constituição de subjetividades voltadas para a exclusão do diferente e, em decorrência, para o desenvolvimento de estereótipos negativos acerca da população negra, que subsistem até hoje, além de situações concretas de desqualificação social desses brasileiros. Tais processos tendem a ampliar ainda mais os contrastes econômicos e sociais, situações incompatíveis com o país que desejamos construir. Creio ser hoje crucial o cientista deixar de voltar-se, protegidamente, para seus próprios instrumentos e metodologias de trabalho na busca de essências verdadeiras e descontaminadas de existencialidades, pois estas podem ser muito incômodas, e sim, passe a elaborar trabalhos cada vez mais diretamente comprometidos com as melhora da condição humana.



Psicoterapia Breve: Panorama Atual

A Psicoterapia Breve Operacionalizada na cidade de Santos *

Helio Alves **

Em 1996, teve início no **Centro Comunitário São Judas**, o projeto de Psicoterapia Breve Operacionalizada-PBO, onde os adolescentes e/ou pais eram atendidos. O trabalho foi ampliado para a **Igreja do Valongo**, junto a **Pastoral dos jovens e dos excluídos**, em 1998. Com a crescente fila de espera, foi implantado o **Pronto Socorro Psicológico**.

Após o diagnóstico institucional, instalamos o **Plantão Psicológico** na **Delegacia da Infância e Juventude** e **Pronto Socorro Central**.

A Psicoterapia Breve também está presente no **Hospital Público**, nas enfermarias: Obstetrícia; Pediatria; Tisiologia; Clínica Médica; Cirúrgica e Isolamento (Aids); no **Fórum**, nas **Varas da Infância e da Juventude, Criminal e Presídio Feminino**.

Os atendimentos são realizados pelos estagiários de psicologia da **Universidade Católica de Santos** sob a minha supervisão.

A convite da prefeitura, ministrei o **Curso sobre Psicoterapia Breve Operacionalizada para psicólogos e psiquiatras**, objetivando implantar a PBO na rede pública.

A **Sociedade de Psicologia Clínica Preventiva** oferece desde 1998, o curso de **especialização em PBO**, onde formamos mais de 120 profissionais.

O projeto desenvolvido com adolescentes originou a minha **tese de doutorado** “Psicoterapia Breve Operacionalizada-PBO com adolescentes da rede pública da cidade de Santos-S. P.: uma contribuição à psicologia clínica preventiva” defendida na USP, com orientação do prof. dr. Ryad Simon.

A PBO, conforme o seu criador prof. dr. Ryad Simon, baseia-se nos seguintes princípios:

- Diagnóstico através da EDAO – Escala Diagnóstica Adaptativa Operacionalizada;
- Psicoterapia individual (excepcionalmente atendimento a alguns familiares);
- Atendimento face a face;
- Psicoterapia com um tempo pré-determinado (no mínimo 1 e no máximo 12 sessões, sendo uma por semana);
- Tempo de 50 minutos;
- Psicoterapia não regressiva (técnica não estimula a regressão);
- Delimitação das situações-problema e suas interações com os outros setores adaptativos, se houver;
- Formulações de hipóteses sobre os dinamismos inconscientes que estariam induzindo soluções pouco ou pouquíssimo adequadas e sustentado as situações-problema;
- Psicoterapia com intervenções mais ativamente circunscritas e planejadas, auxiliando na discriminação das condições de realidade e das distorções criadas pelo paciente. Flexibilidade para adequar as estratégias terapêuticas às necessidades da situação;
- Formulações de interpretações intelectuais baseadas nas hipóteses sobre os dinamismos inconscientes;



- A análise e a interpretação sistemática da transferência não fazem parte do eixo da Psicoterapia Breve Operacionalizada, embora devam ser utilizadas como forma de compreender o paciente e seu padrão de relações. Eventualmente usar interpretação da transferência negativa para evitar abandono da terapia ou sua desvalorização;
- As situações-problema que interessam são sempre as atuais.

O planejamento da Psicoterapia Breve Operacionalizada – PBO deve ser em função das Situações-problema, por setor adaptativo, detectado através da EDAO. Sua implementação visa levar o paciente a compreender as razões de suas soluções pouco adequadas e, conseqüentemente, reformular as soluções pouco ou pouquíssimo adequadas.

* Trabalho apresentado no I Congresso Brasileiro de Psicologia: Ciência e Profissão.

** Chefe do Depto de Psicologia Institucional, Comunitária e do Trabalho da UniSantos.
Prof. titular da cadeira de Psicologia Preventiva - UniSantos.
Doutor em psicologia clínica pela USP.

Psicoterapia Dinâmica Breve.

Maria Alice S. B. de Azevedo

Docente do Departamento de Psicologia e Supervisora de Estágio no Centro de Psicologia Aplicada (CPA) da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Bauru, SP.

E-mail: -

Palavras-chave: psicoterapia; psicoterapia breve; psicoterapia dinâmica breve.

Venho acompanhando e constatando a grande difusão e aceitação da **Psicoterapia Dinâmica Breve**, assim como o crescente interesse pela mesma e sua valorização por parte dos profissionais da área de saúde mental, em nosso meio clínico, nos últimos 20 anos. Em 1980, quando defendi a minha dissertação de mestrado, “**A aplicabilidade da Psicoterapia Breve na psicologia clínica comunitária brasileira**”, na PUC/CAMP, sob a orientação do meu mestre e orientador Dr. Maurício Knobel, a **Psicoterapia Breve** era ainda pouco difundida em nosso meio clínico e era tratada com reservas por muitos psicólogos e psicoterapeutas e até com certo ceticismo, sendo considerada uma “psicoterapia menor”, de pouca confiabilidade terapêutica. Na época prevalecia, em nosso meio, um apego irrestrito ao modelo de terapia psicanalítica a longo prazo e a idealização da mesma.

Atualmente, a técnica breve vem, progressivamente, ganhando espaço no campo da saúde mental no Brasil, em decorrência da atual solicitação por técnicas terapêuticas pragmáticas, flexíveis e



economicamente viáveis; por um lado, para atender as amplas necessidades de atendimento psicológico da população e, por outro, em decorrência de uma “cultura da pressa”, resultante das rápidas transformações e inovações tecnológicas atuais que vivemos. Ela apresenta-se como a alternativa psicoterápica mais viável para atender a demanda crescente de assistência psicológica e para a expansão do Movimento de Saúde Mental Comunitária, ora em desenvolvimento no país. Hoje ela é utilizada com frequência nos serviços psicológicos instalados nos mais variados contextos: em instituições de saúde, de ensino, hospitais, clínicas-escolas, organizações e em consultórios. A procura por cursos de formação e especialização nessa abordagem é crescente. Embora ela seja fundamentada nos conhecimentos da Psicanálise, a mesma é distinta da técnica psicanalítica clássica e tem as suas características próprias. “Ela pode ser sucintamente definida e compreendida como uma técnica psicoterápica ativa, de tempo e objetivos limitados, com a aplicação consciente e planejada de conceitos psicanalíticos, dentro de uma abordagem flexível e individualizada” (AZEVEDO, M.A.S.B. - **Psicoterapia Dinâmica Breve. Saúde Mental Comunitária.** S.Paulo: Vértice, 1988).

Apresenta como principais características:

- Comportamento ativo por parte do terapeuta.
- Coleta inicial abrangente dos dados de vida do paciente para elaboração de um “diagnóstico total” do mesmo.
- Delimitação de um foco para o trabalho clínico: condição “sine qua non” para sua realização.
- Estabelecimento de objetivos e tempo limitados.
- Planificação da terapia e flexibilidade para atender as necessidades individuais dos diferentes pacientes.
- Atendimento “tête-à-tête”, uma ou duas vezes por semana.
- Manejo especial da transferência e da regressão.
- Facilitação de experiências emocionais corretivas.
- Requer boa motivação por parte do paciente.

Ela é especialmente indicada para casos de crise ou quadros agudos, de origem recente, ou quadros neuróticos não-crônicos.

No Centro de Psicologia Aplicada da UNESP/Bauru, como supervisora, há 10 anos venho desenvolvendo um trabalho de atendimentos breves à comunidade de Bauru e cidades vizinhas. O mesmo é desenvolvido dentro do Estágio em Psicoterapia Dinâmica Breve, do qual participam os estagiários que optam por este, dentre outros da área clínica, em seu último ano de formação. Muitos são os pacientes beneficiados e os estagiários têm a oportunidade de participar, como terapeutas, de um processo psicoterápico que tem começo, meio e fim. Além de beneficiar muitas pessoas da comunidade, o estágio contribui para a formação de psicólogos conscientes da nossa atual realidade e socialmente comprometidos.



ESBOÇO DE PSICOTERAPIA BREVE OPERACIONALIZADA

Ryad Simon

Mudanças sociais, culturais, econômicas e geográficas, tornaram a prática da psicanálise clássica (atendimento com quatro a cinco sessões semanais), inviável. Quer porque o cliente não dispõe de tempo, dinheiro, e, principalmente, motivação. A motivação é escassa para efetuar um trabalho de análise a longo prazo e intensivo. Mormente porque as alterações culturais e tecnológicas levaram o homem a almejar resultados rápidos. A pressa de resultados implica na superficialidade. O homem de hoje não se pergunta o “por que?”; ele só quer saber o “como”: como aliviar-se, como resolver, como conseguir. Tentando conciliar a psicanálise com as mudanças de mentalidade, inventou-se a psicoterapia psicanalítica, com atendimentos de uma a duas vezes por semana. Mas mesmo esse esquema encontra resistências, porque os resultados não são tão rápidos, e seu custo limita sua prática a uma estreita clientela.

Procurando atender às necessidades de rapidez de resultados, eficiência e alcance de maior número de pessoas, mas evitando a banalização e a superficialidade, idealizei a **Psicoterapia Breve Operacionalizada (PBO)**, que se vem aperfeiçoando por mais de trinta anos de prática. Ela surgiu da aplicação de minha **Escala Diagnóstica Adaptativa Operacionalizada (EDAO)**, utilizada para atender à população que ia sendo diagnosticada conforme programas de psicologia clínica preventiva.

O modelo de técnica da **PBO** fundamenta-se em minha Teoria da Adaptação, a qual propõe que a Adaptação compõem-se de quatro setores: Afetivo-Relacional, Produtividade, Sócio-Cultural e Orgânico. O conceito básico para construir e executar um plano de **PBO** é o de “**situação-problema**”; entendida esta como uma dificuldade circunstancial vital que está pressionando o sujeito no presente, e para a qual não encontrou uma “solução adequada”. As situações-problema podem coexistir em vários setores da adaptação, caso em que o psicoterapeuta procura determinar a “situação-problema nuclear”, concentrando sobre esta, inicialmente, o esforço terapêutico. Resolvida esta – e como as situações-problema costumam ser interdependentes – as demais superam-se em seguida quase espontaneamente. Admitindo que a dificuldade para encontrar soluções adequadas para as situações-problema do presente podem ser devidas a complexos inconscientes (isto é, soluções pouco adequadas a situações-problema do passado) o psicoterapeuta conjectura sobre as pressões internas inconscientes e formula interpretações intelectualizadas. Estas, se forem coerentes com as vivências inconscientes do paciente, permitem a emergência de associações confirmatórias, ampliando a compreensão do paciente, impelindo-o na busca de soluções mais adequadas.

O modelo de **PBO** que proponho pode ser aplicado com uma, até doze sessões, combinando-se uma sessão por semana, dependendo da complexidade da situação-problema. Os resultados têm sido geralmente bons, surpreendendo a mim e aos colegas que me acompanham nesse trabalho. Talvez a eficácia se deva a que, antes de iniciar a psicoterapia, são feitas exaustivas entrevistas, seguindo a “técnica da entrevista em prevenção”, abarcando os quatro setores adaptativos. Os conceitos básicos aqui empregados encontram-se em meu livro **Psicologia Clínica Preventiva – Novos Fundamentos**, reeditado pela E.P.U. S. Paulo, em 1989.





Psiquiatrização do Social e Reforma Psiquiátrica Brasileira: Contribuições da Psicologia de Sartre

SCHNEIDER, Daniela; LEONE, Êder; ROSA, Marisa.

A psiquiatrização do social refere-se ao deslocamento de problemas de ordem política, ética, social e existencial para questão de ordem médico-psiquiátrica, traduzida em termos de sanidade/insanidade, concebida como instalada no indivíduo. Na base deste deslocamento está a manutenção da ética e da ordem econômica dominantes, já que tudo que a elas escapa se torna passível de psiquiatrização. A gênese deste fenômeno pode ser demarcada a partir da perseguição e enclausuramento dos desviantes da ordem racionalista e mercantilista do século XVII; progride rapidamente no século XVIII a partir da medicalização da loucura, chegando ao “amadurecimento” na segunda metade do século XIX. No final da primeira metade do século XX começaram a se desenvolver críticas contundentes à teoria e prática da psiquiatria, o que levou tanto a problematização crescente dos seus fundamentos epistemológicos, teóricos, metodológicos e institucionais, quanto ao desvelamento de sua função social e política: violência, controle social e segregação. Bertolino (1991) aborda este processo recorrendo às noções dialéticas de “tese”, “antítese” e “síntese”. A *antítese despsiquiatrizante* encontra suas condições de possibilidade na *tese psiquiatrizante* que nega. O embate dialético entre as duas aponta para uma síntese, que implica no desenvolvimento de uma racionalidade e prática *pós-psiquiatrizante*. A viabilização dessa síntese pressupõe o esclarecimento das condições de possibilidade para que os fenômenos do sofrimento psíquico aconteçam, considerado enquanto aspecto indispensável para a superação da psiquiatrização do social. A Reforma Psiquiátrica Brasileira encontra-se dentro desse movimento dialético, ao questionar o modelo hospitalocêntrico da psiquiatria e a desqualificação social do louco por ela produzida. Nos últimos anos, ela tem obtido avanços e ganhos significativos, principalmente no que se refere aos aspectos políticos e institucionais. No entanto, essa Reforma não leva à superação efetiva da psiquiatrização do social, ou seja, não atinge o momento da síntese pós-psiquiátrica, justamente por colocar toda a sua ênfase nas mudanças políticas, ideológicas e institucionais, mas não enfrentar de perto as questões teórico-epistemológicas relativas ao sofrimento psíquico. A produção teórica de Jean-Paul Sartre oferece soluções para esse impasse. O seu projeto fundamental foi o de reformular a psicologia. Problematizou essa disciplina até seu cerne, reformulando-a em moldes totalmente diversos dos até então existentes, ao romper com as concepções racionalista, subjetivista e determinista que vinham dominando essa ciência. Sartre considera a psicopatologia não como uma “entidade” que define o homem “ad infinitum”, mas como um “acontecimento” em seu percurso individual-histórico-social. A crítica ao empirismo e ao positivismo da psiquiatria, da psicologia e da psicanálise, faz Sartre colocar-se em um outro patamar epistemológico, definitivamente científico. A psicopatologia ganha, com ele, novas bases que não os postulados psiquiátricos de até então, primeiro, por romper com as amarras metafísicas predominantes na filosofia, medicina e psicologia que lhe davam embasamento, propondo uma ontologia em novos moldes e uma



epistemologia pós-cartesiana; segundo, por ter construído uma compreensão dialética do psicológico como sendo um objeto do mundo como outro qualquer (o ego enquanto transcendente), resultante da relação subjetividade/objetividade, homem/mundo, rompendo com a noção de psíquico enquanto estrutura interna, individual, fruto de um determinismo mental, o que coloca novos alicerces para se pensar os fenômenos do “sofrimento psíquico”. A psicologia sartriana aponta um novo horizonte pós-psiquiátrico, que supera definitivamente a lógica psiquiátrica, sustentada na noção de “doença mental”. Traz, portanto, importante contribuição teórico-epistemológica para a consolidação de uma racionalidade pós-psiquiátrica.



Relações entre Psicologia Sócio-Histórica e Educação.

Coordenadora da Mesa-Redonda: Susana Inês Molon.

Professora Doutora do Departamento de Educação e Ciências do Comportamento da Fundação Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

Título Coordenador: PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO: UMA RELAÇÃO NECESSÁRIA PARA A CONSTRUÇÃO DE UM PROJETO EDUCATIVO EMANCIPATÓRIO.

Resumo Coordenador: Neste trabalho, a intenção é problematizar a relação entre Psicologia e Educação, uma relação configurada ora por aproximações construtivas ora destrutivas, porém sempre tensionada - no campo epistemológico e no cotidiano das práticas escolares - pelos sujeitos envolvidos, pela construção entre teoria e prática, pelas relações de poder, tanto de ordem macrossocial quanto micropolíticas, que perpassam interesses geográficos diversos na dimensão científica e política. Com as transformações da realidade brasileira, aliadas às históricas lutas sociais e políticas, novas práticas educativas são requisitadas e efetivamente ocorrem no sentido de se tentar superar as precariedades do contexto pedagógico, as enormes desigualdades socio-culturais, a exclusão/inclusão perversa. Tal situação coloca de forma ímpar o questionamento sobre o papel da Psicologia na Educação. Estamos sendo desafiados a romper definitivamente com a posição de detentores do conhecimento psicológico e de avaliadores de problemas de aprendizagem dentro de um enfoque de patologização do indivíduo e do grupo social para construirmos novos modos de atuação e de intervenção no processo de ensino-aprendizagem, pautados na luta pela transformação da sociedade e pela conquista da emancipação humana. Isso implica uma revisão crítica da ciência psicológica: construção de uma nova psicologia para um novo homem (Vygotsky costumava fazer tal afirmação), a revisão pressupõe uma nova orientação paradigmática, novos eixos teórico-metodológicos iluminaram novos modos de ser, pensar, fazer e sentir. Dentro disso, apresenta-se o enfoque sócio-histórico como uma contribuição efetiva no campo educacional e psicológico.

Participante 1: Adriano Henrique Nuernberg

Professor da Unisul, Doutorando no Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina

Título-Participante 1: INDICATIVOS DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL PARA EDUCAÇÃO ESPECIAL

Resumo Participante 1: A reflexão sobre os processos de desenvolvimento psicológico das pessoas com necessidades educativas especiais é marcada pela existência de uma diversidade de propostas teórico-práticas voltadas ao fundamento de políticas em Educação Especial. O objetivo deste trabalho é destacar possibilidades que a Psicologia Histórico-cultural aponta para a organização da atenção educativa às pessoas com história de deficiência, de modo a promover o debate em torno dos avanços e limites desta abordagem nesse contexto. Para tanto, dará foco à



noção de educação prospectiva e aos processos de compensação social das deficiências, a fim de que se possa compreender os indicativos dessa abordagem em Psicologia para pensar caminhos para as políticas de educação especial.

Participante 2: Patrícia de Moraes Lima

Professora de Psicologia da Educação do Curso de Psicologia da Unisul

Título-Participante 2: REFLEXÕES SOBRE A CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE NO CONTEXTO DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS

Resumo Participante 2: As reflexões apresentadas resultam de trabalhos de orientação de estágio e pesquisa em psicologia educacional. O tema aqui abordado vem norteando nossas práticas em psicologia em vários contextos formativos, principalmente nas escolas. A preocupação em tematizar a questão da constituição da subjetividade na educação surge da necessidade de compreendermos como os processos de aprendizagem incidem sobre as vidas dos sujeitos que se encontram nesses espaços. É preciso compreender como no universo da escola, das salas de aulas, são vividos e também construídos *significados e sentidos* que amarram-se nas histórias desses personagens. Assim sendo, os processos de construção do conhecimento redimensionam-se para além da aquisição do saber, como processos de *subjetivação*, de *singularização*. A atuação nesse espaço formativo pressupõe a reflexão sobre as abordagens que norteiam essas práticas pedagógicas que trazem na sua formação histórica, a dicotomização entre a aprendizagem e a formação da subjetividade. O universo da cultura, das relações sociais implicam-se diretamente em nossa forma de aprender, portanto, a nossa subjetividade que se faz através da história, poderá ser o ponto central para pensarmos o processo de ensinar e aprender. Não há aprendizagem sem o sujeito, nesse sentido podemos lançar como desafio problematizarmos a linearidade e a naturalização sobre qual a escola sustenta sua compreensão sobre o sujeito e que vem embasando práticas de categorização e marginalização dos que não facilmente padronizam-se. A relação professor e aluno, como sujeitos que se constituem mutuamente nessa atividade formativa, assume uma dimensão relacional, que impregna a totalidade do ato educativo, superando a idéia marcada pela influência da ciência positivista de ser uma relação pautada pela neutralidade e poder (relação de sujeito/professor x objeto/aluno), para se constituir numa relação de sujeito/sujeito. Se a aprendizagem se constitui então, numa relação de sujeitos, precisamos entender que nos alteramos como história viva nesse processo. A escola assume com isso, um outro significado. Amplia-se a dimensão da responsabilidade sobre *o educar* e retoma-se o papel de emancipação e autonomia do sentir, do pensar e do fazer.



Participante 3: Ilma Borges

Professora do Curso de Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL
Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção – UFSC

Título-Participante 3: DO PEDAGÓGICO AO SUBJETIVO: A MEDIAÇÃO DO SIGNIFICADO E DO SENTIDO

Resumo Participante 3: O artigo trata da relação entre as práticas pedagógicas inseridas nas formas sociais de se produzir saber/poder, e da manifestação desta produção na constituição do sujeito. Enfatiza a mediação do significado e do sentido da palavra que, na troca intersubjetiva, pode resultar em processos e modos de sujeitar o ser humano pedagogicamente.



Representações e Relações entre Grupos

Representação social e Alteridade: um estudo sobre a homossexualidade entre estudantes de psicologia e de medicina

Anderson Scardua Oliveira

Esta pesquisa teve como objetivos verificar, entre estudantes de psicologia e de medicina, como se estruturam e se organizam as representações sociais da homossexualidade e se podemos encontrar nas mesmas conteúdos simbólicos relacionados ao fenômeno da alteridade.

A alteridade irá trazer consigo os aspectos negativos, como a diferença, estranheza, exclusão social. Porém, ela também traz aspectos positivos. A alteridade permite a constituição tanto do Outro quanto do Eu. Além disso, pode-se verificar um padrão de degradação/desejo na alteridade, onde ao mesmo tempo em que se apontam características negativas e perversas do outro, se mostra um desejo sobre o mesmo.

As representações sociais podem ser entendidas como uma noção que está na interface do social e do psicológico. Dizem respeito ao modo pelo qual apreendemos o mundo, a nossa experiência e também é um conhecimento socialmente elaborado e partilhado. As representações sociais nos permitem compreender de que forma um fenômeno se insere numa sociedade, ou seja, como ele é entendido, comunicado, explicado, relacionado.

Já a nossa visão sobre a homossexualidade se insere dentro da perspectiva do construtivismo social. Onde o homossexualismo é visto como resultante de fatores históricos e sociais. Além disso, compartilhamos com as idéias pertencentes a *queer theory*, como: a heterossexualidade não é normal nem por direito nem por natureza; gênero e sexo não são a mesma coisa; a identidade pessoal não pode ser definida a partir de características pessoais.

Metodologicamente aplicou-se uma entrevista semi-estruturada, abarcando questões sobre a causa, a definição, tipologia, relações sociais, possíveis “curas”. Os dados foram analisados segundo os princípios da análise de conteúdo temática de.

Participaram da pesquisa 16 estudantes, sendo 4 homens de psicologia e 4 de medicina, e 4 mulheres de psicologia e 4 de medicina. Todos eles se encontravam na metade de seus cursos em diante.

Os resultados foram subdivididos nos temas: definição e causa da homossexualidade; quem são os homossexuais; o que os homossexuais fazem; a relação com os homossexuais; alteridade; “cura” da homossexualidade; e relação entre homossexualidade e AIDS.

Pode-se observar uma tendência em encarar a homossexualidade como uma opção (87,5%). Em consonância com esta visão os estudantes tenderam a dizer que qualquer pessoa pode ser ou vir a ser homossexual (93,75%).

Os estudantes de medicina tenderam a achar que não é possível se “curar” ou ocorrer uma mudança de orientação sexual de um homossexual. Já os estudantes de psicologia tenderam mais a relativizar as respostas, dizendo não ser necessário, mas que talvez fosse possível esta mudança, porém apenas se for opção do próprio homossexual.



De uma forma geral, pode-se observar um contínuo, em relação à empatia e à rejeição, entre os estudantes. Sendo as mulheres de psicologia as mais empáticas em relação aos homossexuais e seus direitos, passando pelas mulheres de medicina, em seguida os homens de psicologia e no extremo da rejeição os homens de medicina.



Representações e Relações entre Grupos

Representação social e Alteridade: um estudo sobre a homossexualidade entre estudantes de psicologia e de medicina

Anderson Scardua Oliveira

Esta pesquisa teve como objetivos verificar, entre estudantes de psicologia e de medicina, como se estruturam e se organizam as representações sociais da homossexualidade e se podemos encontrar nas mesmas conteúdos simbólicos relacionados ao fenômeno da alteridade.

A alteridade irá trazer consigo os aspectos negativos, como a diferença, estranheza, exclusão social. Porém, ela também traz aspectos positivos. A alteridade permite a constituição tanto do Outro quanto do Eu. Além disso, pode-se verificar um padrão de degradação/desejo na alteridade, onde ao mesmo tempo em que se apontam características negativas e perversas do outro, se mostra um desejo sobre o mesmo.

As representações sociais podem ser entendidas como uma noção que está na interface do social e do psicológico. Dizem respeito ao modo pelo qual apreendemos o mundo, a nossa experiência e também é um conhecimento socialmente elaborado e partilhado. As representações sociais nos permitem compreender de que forma um fenômeno se insere numa sociedade, ou seja, como ele é entendido, comunicado, explicado, relacionado.

Já a nossa visão sobre a homossexualidade se insere dentro da perspectiva do construtivismo social. Onde o homossexualismo é visto como resultante de fatores históricos e sociais. Além disso, compartilhamos com as idéias pertencentes a *queer theory*, como: a heterossexualidade não é normal nem por direito nem por natureza; gênero e sexo não são a mesma coisa; a identidade pessoal não pode ser definida a partir de características pessoais.

Metodologicamente aplicou-se uma entrevista semi-estruturada, abarcando questões sobre a causa, a definição, tipologia, relações sociais, possíveis “curas”. Os dados foram analisados segundo os princípios da análise de conteúdo temática de.

Participaram da pesquisa 16 estudantes, sendo 4 homens de psicologia e 4 de medicina, e 4 mulheres de psicologia e 4 de medicina. Todos eles se encontravam na metade de seus cursos em diante.

Os resultados foram subdivididos nos temas: definição e causa da homossexualidade; quem são os homossexuais; o que os homossexuais fazem; a relação com os homossexuais; alteridade; “cura” da homossexualidade; e relação entre homossexualidade e AIDS.

Pode-se observar uma tendência em encarar a homossexualidade como uma opção (87,5%). Em consonância com esta visão os estudantes tenderam a dizer que qualquer pessoa pode ser ou vir a ser homossexual (93,75%).

Os estudantes de medicina tenderam a achar que não é possível se “curar” ou ocorrer uma mudança de orientação sexual de um homossexual. Já os estudantes de psicologia tenderam mais a relativizar as respostas, dizendo não ser necessário, mas que talvez fosse possível esta mudança, porém apenas se for opção do próprio homossexual.



De uma forma geral, pode-se observar um contínuo, em relação à empatia e à rejeição, entre os estudantes. Sendo as mulheres de psicologia as mais empáticas em relação aos homossexuais e seus direitos, passando pelas mulheres de medicina, em seguida os homens de psicologia e no extremo da rejeição os homens de medicina.



Saúde e Adoecimento no Trabalho Docente: os Efeitos da Globalização e a Gestão Educacional

Coordenação: Marisa Lopes da Rocha
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Valéria da Hora Bessa
Christianne Mariani Lucas dos Santos
Marcia Cavalcanti Raposo Lopes

Este Simpósio tem como proposta configurar e problematizar a organização do processo de trabalho do professor na atualidade, abordando suas condições, os efeitos dos diferentes modos de exclusão implicados com as políticas vigentes e as conseqüências sobre a saúde e o adoecimento na educação, considerando desde a segunda etapa do ensino fundamental até o ensino superior, âmbito de nossas pesquisas e práticas. Os trabalhos que serão apresentados buscam levantar questões sobre a urgência de transformações no território educacional e os desafios do psicólogo frente a esta realidade. Isto se justifica pelo fato de, em tempos neoliberais, a racionalidade tecnológico-empresarial, implicada com a organização de dispositivos para um gerenciamento mais eficiente e enxuto da máquina educacional, ser imposta como a única solução possível para que o sistema educativo saia da crise que, na realidade brasileira, se apresenta como um estado permanente. Através de análises macro e micropolíticas pretende-se dar visibilidade aos efeitos da lógica da eficiência, da produtividade e da qualidade total, avaliando experiências cotidianas dos professores, impasses e questões que vêm sendo constituídas ao longo do tempo. Para isso, serão apresentados os seguintes trabalhos: “Gestão e condições de trabalho na qualidade total: a escola em vários tempos” (Valéria da Hora Bessa e Carla Boy de Siqueira) - tem como objetivo analisar os vários tempos do cotidiano em escolas públicas de ensino fundamental e médio, configurando a organização do trabalho, a partir da política educacional pautada na qualidade total, que vem produzindo formas de adoecimento físico e mental na comunidade escolar; “Quando alunos e professores recusam modelos: trabalho, indisciplina e informalidade” (Christianne Mariani Lucas dos Santos e Paulo Cesar Toledo de Almeida) - traz como perspectiva discutir a indisciplina e a informalidade como dispositivos de análise do modo de organização do processo escolar e das condições de trabalho. Através da abordagem ético-política, aponta-se para outras possibilidades de práticas que escapem às modelizações hegemônicas; “Trabalho docente no ensino superior: entre a produção e a produtividade” (Márcia Cavalcanti Raposo Lopes) - pretende realizar uma análise das questões que vêm sendo constituídas em função do cotidiano do trabalho docente no ensino superior, enfocando o período de consolidação do modelo vigente. Serão evidenciadas as principais preocupações dos pesquisadores, no que tange às condições e exigências do trabalho no ensino superior; “O psicólogo e a gestão coletiva do trabalho educacional: novos horizontes na pesquisa-intervenção” (Marisa Lopes da Rocha) - apresenta os pressupostos da pesquisa-intervenção que, nas relações de formação, vêm contribuindo para a



construção de espaços de problematização coletiva. A pesquisa-intervenção vem possibilitando o redimensionamento da formação acadêmica dos profissionais de psicologia, assim como a construção de novas bases para as ações no campo, contribuindo para a organização de equipes que queiram assumir o desafio de colocar em análise suas implicações com o processo de saúde e adoecimento no trabalho.



Sintomas Contemporâneos ou Patologias Modernas?

Tatiana Carvalho Assadi

Giuliana Nogueira Junqueira

Patricia Porchat

Maria Virgínia Filomena Cremasco Grassi

Resumo:

Reviravoltas no mundo psíquico ocorrem todos os dias. Nos noticiários escritos ou orais os dramas particulares e as tragédias sociais invadem a escuta dos sujeitos contemporâneos. A clínica é invadida por um mal estar que flagra o profissional e faz com que cada um e todos indaguem as novas doenças da mentalidade. Seriam elas novas? Nos tradicionais e infundáveis questionamentos dos textos freudianos, em especial com Frau Emmy Von N.(1893) a temática da anorexia estava posta como um dos sintomas daquela senhora que era invadida por dores dissipadas em seu corpo. Em Um tipo de escolha de objeto feita pelos homens (1910), Freud questionava a insuportabilidade da equivalência da escolha amorosa e sexual nos homens, enquanto que, em A psicogênese de um caso de um homossexualismo numa mulher (1920), o dilema da existência da perversão feminina era indagado tendo como possibilidade a escolha amorosa feita pela mulher. Esta mesa redonda tem como intuito seguir estes temas acima propostos trazendo questionamentos contemporâneos e fragmentos da clínica da atualidade produzindo interfaces com os sintomas modernos apresentados pela clínica de Freud. Em princípio Giuliana Nogueira Junqueira tecerá a relação da menina com sua mãe em momentos anteriores ao Édipo, partindo da desvalorização fálica do pai, ela abordará o tema da anorexia, tão atual e tão perigoso, visto que o corpo esquelético apresentado

pelas anoréxicas é um padrão desejável culturalmente. Na seqüência, no re-dimensionamento da temática, Patrícia Porchat deixará de lado o lugar da sexualidade feminina para trazer em pauta o tema da infidelidade e ou promiscuidade envolvidos nos relacionamentos de grande número dos homossexuais masculinos. Nas construções pautadas na clínica feminina, Tatiana Carvalho Assadi a partir do caso clínico de Theresa, discutirá o lugar das montagens perversas no cenário feminino - grande dilema: existe mulher perversa? E na finalização, trazendo ao cenário a pílula da felicidade - o Viagra, Maria Virgínia Filomena Cremasco Grassi vetorizará para a clínica do (im) potente, homens que vislumbram equivaler masculinidade e desempenho sexual, (a) parecendo assim capazes de sustentar, imaginariamente, uma função fálica. Como marcado, todos estes temas já estavam delineados nos textos freudianos, logo, as integrantes da mesa discutirão qual o percurso destas construções na atualidade. Estamos diante de novos sintomas ou de antigas patologias? O que o novo mal estar na cultura produz no cotidiano? Qual o lugar do psicólogo diante destas eclipsadas construções? Eis o enfrentamento proposto para re- visitar o psiquismo humano.



Sofrimento Ético-Político: Uma Análise da Exclusão Social

Ana Silvia Ariza de Souza (coordenadora)

Autores: Souza, A.S.A.; Botarelli, A.; Coelho, R.T.

Resumo:

Pretende-se demonstrar através de pesquisas realizadas junto ao Nexin - "Núcleo de estudos psicossociais da dialética exclusão/inclusão social"/PUC/SP, a afetividade como elemento de análise da exclusão visando uma compreensão mais abrangente e crítica da contribuição da psicologia social ao aprimoramento das políticas públicas em favor da cidadania.

Os sentimentos que perpassam as vivências cotidianas dos sujeitos participantes das pesquisas são marcados pelo sofrimento ético-político, ou seja, a situação social imposta de ser tratado como inferior, apêndice inútil da sociedade.

A análise possibilitou compreender os sentidos que os indivíduos vão construindo na relação com o mundo e suas motivações - desejos, interesses, necessidades e emoções, explicitando uma política de afetividade que submete os indivíduos excluindo-os e retirando-lhes, na maior parte das vezes, a possibilidade de reconhecerem suas próprias necessidades. O que demonstra claramente uma política de afetividade a serviço da exclusão, mesmo que manifestada de forma velada ou sutil. A vivência dos sujeitos demonstra uma tentativa de superar a servidão e alcançar a potência de ação.

Outro ponto que observamos e que deve ser ressaltado, como nos mostra Sawaia, é que um dos problemas atuais é tratar os pobres como se não tivessem sutilezas psicológicas e fossem um rebanho homogêneo cujas necessidades são conjuntas, sendo eles considerados incapazes de protegerem-se contra as adversidades e dificuldades.

As pesquisas analisam a relação afetividade/exclusão a partir de diferentes temáticas: "O sofrimento como foco de análise para compreender a intervenção psicossocial junto a famílias pobres"; "Trabalho voluntário na favela: uma experiência tecida na relação entre ações, afetos e saberes" e "Uso abusivo de drogas entre adolescentes que vivem em situação de rua: uma nuance da inclusão perversa".



"O sofrimento como foco de análise para compreender a intervenção psicossocial junto a famílias pobres"

Autor: Adalberto Botarelli.

Ao se analisar a retomada do debate sobre o papel da família pobre nas políticas públicas, nota-se que a mesma está sendo solicitada a reassumir alguns cuidados de seus membros, devido à incapacidade do Estado em responder às necessidades das mesmas. Ao mesmo tempo, constata-se que os problemas sociais ligados ao campo da infância e adolescência pobres persistem, aumentando o seguimento de cidadãos em situações ameaçadoras à subsistência e negadoras da vida digna. Essa constatação levanta a necessidade de se indagar criticamente sobre o papel dessas políticas na dialética exclusão e inclusão que caracteriza a ordem social na qual se insere.

A presente pesquisa se propõe a colaborar com essa análise e seu objetivo é conhecer as configurações do sofrimento e das necessidades das famílias que recorrem a um programa de atendimento. Além disso, também procura saber em que medida os serviços que as instituições prestam estão aptos a potencializar a emancipação dos sujeitos atendidos para superar seu sofrimento, ou se o atendimento se apresenta como uma forma de inclusão "perversa e sutil".

Utilizou-se o referencial teórico-metodológico da psicologia sócio-histórica para a realização da presente pesquisa, destacando a concepção sócio-histórica da ordem social regida pela dialética exclusão/inclusão e as categorias de análise do sofrimento ético-político e potência de ação. Essas categorias apresentam a afetividade e a necessidade como fenômenos éticos e políticos, superando a cisão entre razão/emoção e indivíduo/ sociedade.

Dessa forma, analisou-se a relação entre afetividade, necessidade e ética, visando colaborar com o debate sobre as políticas de inclusão social, hoje adotadas como diretrizes e adjetivos da gestão pública. Os resultados da pesquisa evidenciam a necessidade de promover, nos programas de ação voltados à família, mudanças na concepção de quem é o sujeito de atendimento.

A análise do sofrimento ético-político revelou um sujeito afetado pelas determinações sociais e com necessidades comuns – porém vividas de forma particular – , um sujeito plural e coletivo com sutilezas afetivas singulares e não apenas carências homogêneas, que necessita, portanto, de um atendimento que responda às singularidades; ouvir os brados de sofrimento orienta ações institucionais mais abrangentes e articuladas, tanto com as demais instituições como entre os diversos programas de atendimento, a fim de contemplar os aspectos públicos e privados, concretizados nas necessidades particulares e coletivas .

Conclui-se, por fim, que cabe desenvolver teorias e propor intervenções que favoreçam a potência de ação, tanto na dimensão da vida cotidiana íntima, como pública e política. Para isso é necessário focar-se na afetividade, especialmente as emoções, pois apesar de ser uma intervenção no campo da subjetividade, trata-se de locus fundamental da política de enfrentamento da desigualdade social.



Trabalho voluntário na favela: uma experiência tecida na relação entre ações, afetos e saberes

Autora: Rejane Teixeira Coelho

As transformações sociais ocorridas nas últimas décadas, desencadearam novas relações e arranjos entre o Estado, o Mercado e a Sociedade Civil. Processos como a flexibilização da economia, o desenvolvimento da globalização e a redução do papel do Estado enquanto executor de políticas sociais, têm estado atrelado à novas formas de participação e associação da sociedade civil. É nessa perspectiva que se evidencia a expansão do trabalho voluntário. Os problemas sociais e ausência de políticas públicas capazes de atender as demandas e necessidades dos moradores da favela do Dique têm provocado a busca de soluções alternativas e mobilizado novas formas de inserção e de participação. Este projeto trata de apresentar os resultados de uma pesquisa que foi desenvolvida com moradores da favela do Dique da Vila Gilda que realizam trabalho voluntário junto ao Centro comunitário Universidade Aberta do Dique. O referencial teórico adotado pelo estudo é o da Psicologia Sócio-Histórica. Nessa perspectiva faz uma discussão crítica a respeito do voluntariado, com ênfase na história e no contexto que tem propiciado a sua expansão, com o objetivo de realizar uma análise psicossocial que possibilite destacar a dimensão da subjetividade e da intersubjetividade dos sujeitos voluntários e compreender os diferentes significados e sentidos atribuídos por esses sujeitos à atividade voluntária e a organização comunitária.

Uso abusivo de drogas entre adolescentes que vivem em situação de rua: uma nuance da inclusão perversa

Autora: Ana Silvia Ariza de Souza

Buscamos demonstrar através de pesquisa realizada sobre o sentido das drogas para adolescentes em situação de rua a importância da compreensão da base afetivo-volitiva e o sofrimento ético-político que perpassa suas vivências cotidianas.

Com a análise baseada nos pressupostos teórico-metodológicos de Vygotsky de material etnográfico realizado durante dois anos e meio em trabalho de educação na rua no centro da cidade de São Paulo, observamos que os sentidos das drogas são multivariados e modificam-se de acordo com as situações e o tempo.

Embora esses sentidos variem, mostram uma base afetiva única: o medo da solidão, do desprezo, do não reconhecimento e valorização conforme suas necessidades. Sentido esse que se perpetua no tempo.

Levantamos a hipótese de que com o consumo de drogas, a participação no "tráfico" e seu discurso sobre as drogas, visam superar a servidão e alcançar a potência de ação.



Subjetividade, Saúde, Trabalho e os Novos Desafios Profissionais

Coordenadora: Sarita Vieira

Intervenções em Saúde do Trabalhador - Psicólogos numa Comissão de Saúde do Trabalhador num Hospital Geral Público no Rio de Janeiro

Claudia Osorio da Silva

As mudanças que vêm ocorrendo no mundo do trabalho levaram a modificações nas exigências do trabalho e no padrão de morbi-mortalidade associado à atividade profissional. Na organização taylorista do trabalho, havia a predominância de acidentes típicos, com perdas de membros e de doenças ocupacionais associadas a materiais e agentes patogênicos específicos existentes nos ambientes de trabalho. Hoje prevalecem queixas de mal estar difuso, como dores de cabeça e nas costas, dificuldade de dormir e cansaço que não melhora com o descanso, queixas de estresse e referências a síndromes como o “burnout”. Temos um novo perfil patológico, com a prevalência de doenças cardiocirculatórias, gástricas, psicossomáticas e músculo-esqueléticas, como as lesões por esforços repetitivos. As exigências do trabalho são menos associadas às cargas e riscos físicos, químicos e mecânicos e se intensificam naquilo que diz respeito à organização do trabalho: aumento da intensidade do ritmo, exigência de polivalência e criatividade, critérios mais rígidos de avaliação. Essas características vêm acompanhadas das exigências de redução do trabalho humano, estabelecendo a competição entre pares e o medo do desemprego como cargas psíquicas importantes.

Desenvolvendo nossas atividades junto a uma Comissão de Saúde do Trabalhador do Hospital dos Servidores do Estado (HSE), um hospital geral público da cidade do Rio de Janeiro, vimos construindo um modelo de intervenção que tem como referencial a Vigilância em Saúde do Trabalhador, diferenciando-se nitidamente dos modelos da medicina do trabalho e da saúde ocupacional, tradicionalmente adotados nos serviços das empresas. Para criar e desenvolver esse



novo modelo, adotamos inicialmente o planejamento por Programas que vinculam a promoção da saúde à prevenção das doenças e acidentes e à produção de conhecimento na área. O Programa de prevenção de acidentes com perfuro-cortantes e exposição a fluidos biológicos foi criado, a partir destes princípios, em 1997. Neste programa estão incluídos o treinamento dos funcionários do hospital nas normas de segurança pertinentes – as chamadas precauções universais – a assistência médica aos profissionais acidentados, o registro e a notificação dos acidentes de trabalho, a análise quantitativa e qualitativa destes dados e a análise de cada acidente como um caso singular.

Na história da constituição da Saúde do Trabalhador como uma transdisciplina, e na intensificação da exploração da subjetividade no capitalismo contemporâneo, encontramos um terreno fértil para o desenvolvimento de uma psicologia do trabalho inovadora. Seguindo os passos de Yvar Oddone e de Yves Clot, surge uma psicologia do trabalho voltada para a ampliação do poder de ação dos trabalhadores.

Em nossa experiência na Comissão de Saúde do Trabalhador mencionada, é na análise qualitativa dos acidentes singularmente considerados que a contribuição desta linha da psicologia do trabalho irá se expressar de modo mais intenso, com a construção de dispositivos de intervenção em que o trabalhador ocupa o lugar de observador de seu próprio trabalho.

A criação de um espaço de estágio e formação de psicólogos nesse contexto de transdisciplinariedade e questionamento dos modelos psicológicos associados ao aconselhamento dos leigos pelos experts, temos novas possibilidades de produção de uma psicologia que responda às propostas de uma psicologia engajada na produção de sujeitos não sujeitados.



Subjetividades Contemporâneas: Individualidade, Alteridade e Brasilidade

Ser Brasileiro Hoje: Modos de Subjetivação

Idilva Germano¹

RESUMO

No Brasil, a literatura tem sido tradicionalmente veículo para a representação e a construção da nacionalidade; um espaço onde se pensa a singularidade da subjetividade brasileira. Atravessando os diferentes momentos da história do país, as vicissitudes econômicas e políticas de cada período e as diversas correntes estéticas que as animaram, as obras literárias têm retratado nossas instituições, costumes, terras e gentes, configurando, desta forma, importante papel cognoscitivo acerca das “identidades” e “alteridades” envolvidas na invenção do brasileiro.

Este trabalho discute como a literatura de ficção pode oferecer respostas à célebre pergunta “quem somos nós brasileiros?”, que a *intelligentsia* vem se fazendo até os dias de hoje. Os romances de Antônio Callado, de Darcy Ribeiro e de João Ubaldo Ribeiro são exemplos de ficção recente que ainda tematiza a “alma” brasileira e a singularidade cultural de nosso povo. Em particular, esse ensaio pretende mostrar que ser brasileiro em tempos de modernidade tardia implica manter contato com os enigmas do seu passado colonial, ainda vivos sob novas máscaras.

1. Psicóloga e Doutora em Sociologia (UFC). Professora Adjunta do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará.



Suicídio, Dor e Psicossomática

1ª Fala : PSICOPATOLOGIA - SUICÍDIO

ALICE KOLACHINSKI BRANDÃO

MESTRANDA EM PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE SÃO MARCOS

O presente trabalho aborda o suicídio levando-se em conta a sua epidemiologia e etiologia. Mostra sua ocorrência a nível mundial e nacional. Aponta sua etiologia nos transtornos do álcool, em pacientes psiquiátricos, em pacientes hospitalizados por patologias não psiquiátricas, por abuso de substâncias, por estresse emocional, por causas ideológicas etc.

Aborda a depressão como sendo uma das causas mais freqüentes do suicídio destacando-se a forma como se instala: secundariamente, advinda das várias condições médicas ou, tendo origem psicogênica por si só.

Prioriza uma bibliografia de autores que estudam o tema de forma ampla, mostrando o seu caráter multi e interdisciplinar. Dessa forma utiliza-se de dados e conceitos dos vários enfoques como a psiquiatria, a psicologia, a psicanálise, a sociologia, a antropologia, a estatística etc.

Problematiza o tema a partir do seguinte questionamento: Por que certas pessoas sobrevivem a verdadeiras "catástrofes" e outras, diante de um choque emocional, uma doença etc, só encontram uma saída no suicídio?

Para responder a essa questão, apresenta um caso de suicídio e, considerando-se alguns conceitos da psicanálise como o narcisismo, a pulsão de morte, a melancolia e o falso self, levanta algumas hipóteses objetivando suscitar uma reflexão sobre o mesmo.

Relaciona alguns pontos teóricos com o caso apresentado em busca do entendimento do funcionamento psíquico de um jovem adolescente que levava uma vida normal e que, abruptamente, diante de um motivo precipitador que feriu sobremaneira o seu narcisismo, tirou a própria vida causando dor, perda e perplexidade.

Reporta-se ao 1º Simpósio de Psicanálise sobre o suicídio, no ano de 1910, presidido por Sigmund Freud,



momento em que o mesmo abordou a melancolia, a pulsão de morte e, antes mesmo de usar o termo narcisismo a ele se referiu quando falou em "despojamento da libido", como conceitos importantes para o estudo do tema em questão.

Enfatiza a Psicanálise como disciplina pensante da problemática humana que caminha no sentido da construção de uma constituição psíquica, na qual os problemas possam ser conscientizados, refletidos e compreendidos, visando-se uma melhor adaptação do indivíduo humano em direção uma subjetividade mais livre de conflitos psíquicos e comportamentos autodestrutivos.

Mostra como o ato do suicídio, além de constituir-se em uma perda irre recuperável - a perda de uma vida, pode suscitar no outro diferentes formas de reação.

Fala da tentativa de suicídio como um sinal de alerta mostrando os sérios riscos do paciente chegar ao ato e coloca a importância da prevenção.

O texto como um todo visa a um chamamento para o tema - suicídio, no sentido de uma melhor conscientização a respeito da sua importância clínica, constatado o alto número de ocorrência nas várias faixas etárias estendendo-se às mais diversas culturas, cujos motivos precipitadores são os mais diversos.

Busca-se, enfim, compreender uma estrutura de personalidade vulnerável ao problema do suicídio sob os pressupostos da psicanálise.



2º fala: DOR

MARISA KLEMCZYNSKY

MESTRANDA EM PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE SÃO MARCOS

O objetivo do presente trabalho é refletir e discutir a "dor" nos seus aspectos físico e psíquico nas bases da teoria psicanalítica freudiana. Pensar a representação da dor física enquanto um afeto de qualidade particular, chamado de sensação e distingui-la da dor psíquica (distinção qualitativa).

Refletir sobre a dor psíquica como reinvestimento de uma lembrança, ou seja, estritamente processo mental.

Compará-la com a dor física a qual exige a presença de uma quantidade Q irruptora, um suporte material. Pois, a dor física ocorre sempre que um estímulo incidente na periferia (pele ou órgão) irrompe através de dispositivos do escudo protetor, a estimulação é continuada, como a pulsional, e não há o que o corpo por si só possa fazer para impedi-la.

Levantar o ponto de analogia que subsiste entre dor física e dor psíquica, mostrando como em ambas ocorre um sobreinvestimento. Na primeira, na parte do corpo que emite a dor; na segunda, no anseio pelo objeto ausente.

Pretende-se mostrar como ambas - dor física e dor psíquica criam as mesmas condições econômicas, ou seja, produzem o mesmo estado de desamparo mental.



3º fala: PSICOSSOMÁTICA - A linguagem do corpo no adoecer
ALAÍDE DEGANI DE CANTONE
MESTRANDA EM PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE SÃO MARCOS

Este estudo discute a psicossomática enquanto uma proposta de aliar os esforços da Medicina e da Psicanálise as quais procuram explicar os acontecimentos sofridos pelo ser humano, afastando-o dos modelos "curativos" tradicionais. Relaciona mente-corpo com ênfase no entendimento psicanalítico da patologia somática.

Trabalha o conceito de "adoecimento" e os fatores determinantes da doença. Mostra as relações do paciente com a enfermidade e a relação médico-paciente. Insere a psicossomática nas diversas especialidades como nas doenças alérgicas, na cardiologia, na obstetrícia, na endocrinologia, na gastroenterologia, na síndrome de Munchausen.

Aborda a Psicossomática através do conceito de Helmholtz (1818) que designa as doenças somáticas tendo como fator etiológico os aspectos mentais. O conceito de holismo, sendo básico para a Medicina Psicossomática é abordado uma vez que investiga e oferece caminhos para uma prática na promoção da saúde, mais direcionada para o paciente e, conseqüentemente, menos voltada para a doença.



Temáticas da Psicologia na Formação Docente (FEUSP)

Denise Trento de Souza: Psicologia e formação inicial de professores: o caso da reforma dos cursos de Licenciatura da Universidade de São Paulo.

Teresa Rego: O papel do professor e o impacto da escolarização na constituição psicológica do sujeito.

Valéria Amorim: Os afetos e os sentimentos como objeto de conhecimento na educação: uma proposta para a formação do educador.

Sandra Maria Sawaya:

A INTERVENÇÃO DO PSICÓLOGO NA INSTITUIÇÃO ESCOLAR ENQUANTO PRÁTICA FORMATIVA DOCENTE

Resumo

O presente artigo procura discutir as contribuições da psicologia enquanto prática formativa docente, a partir de uma intervenção, em uma escola da rede pública de ensino fundamental da cidade de Ribeirão Preto. O trabalho foi realizado durante três anos em uma instituição de ensino por alguns alunos do Departamento de Psicologia e Educação da USP de Ribeirão Preto, atendendo a uma solicitação da própria unidade de ensino de auxiliar a escola no atendimento às crianças portadoras de queixas escolares. Para tanto, levou-se em conta as novas abordagens teórico-metodológicas em Psicologia, que têm revelado que as dificuldades de ensino aprendizagem que resultam em fracasso escolar, são muitas vezes decorrentes de concepções, práticas e relações escolares produzidas no interior da escola e na relação da escola com a sociedade. Partimos das hipóteses de que existe na escola, entre os educadores, uma visão crítica acerca das causas, comumente apontadas, para os problemas escolares dos alunos, mas que não tem tido oportunidade de se manifestarem por que batem de frente com uma dinâmica institucional que leva-os a recorrerem a esses discursos da culpabilização do aluno como a forma encontrada para se protegerem de agressões e acusações de incompetência. Os resultados mostraram que, surgindo de maneira assistemática e contraditória, as críticas às causas do baixo rendimento escolar dos alunos como o de déficits cognitivos, a presença de crianças portadoras de necessidades especiais, convivem entre os professores com as suas formas de resistência, recusas em aceitar formas de imposição e autoritarismo, levando-os a comportamentos, frente às solicitações da escola, muito semelhante aqueles que criticam em seus próprios alunos. Desse modo, o aparente descompromisso do professor com a escola, a recusa em aceitar as novas propostas de ensino aprendizagem, indicam formas de resistência que expressam não apenas o seu descontentamento com uma dinâmica institucional que cria empecilhos a realização do seu trabalho mas indicam também a presença entre eles próprios de uma crítica velada as causas do baixo rendimento escolar dos alunos e as soluções políticas para elas apontadas. Assim, os



diagnósticos de déficit cognitivos, de atrasos de desenvolvimento, que têm levado às políticas das classes de aceleração, das classes especiais, de correção de ciclo são vistas de maneira crítica por vários professores. A classe especial, como se pode constatar, tem se transformado em uma saída da equipe de direção e de alguns professores para colocar os alunos que chegam no meio do ano, transferidos de outras unidades; permite retirar das outras salas os que atrapalham ou que vivem em conflitos com a professora e os outros colegas; os que não se submetem às regras disciplinares impostas pela escola etc. Essa também tem sido a forma encontrada pelas professoras de se proteger de possíveis acusações de incompetência pela direção. Mas geradores de conflitos internos esse estado de coisas vigentes vêm demandando, por parte dos próprios professores, formas de intervenção do psicólogo no sentido de auxiliá-los na superação da situação em que muitos se encontram, principalmente aqueles, que provenientes cada vez mais dos meios populares são vítimas dos mesmos estigmas e preconceitos que recaem sobre seus alunos. Os nossos dados apontam que a melhoria das práticas só podem ocorrer a partir do conhecimento e da reflexão, não apenas da prática dos professores, mas do contexto institucional que conduzem de determinados modos essas práticas.



Toxicomania sob uma perspectiva Fenomenológica-Existencial.

Participantes: - Wânier A. Ribeiro
- Enrico Martins Braga
- Waldirene Andrade
- Gustavo Laboisière

(Centro universitário Newton Paiva - BH / Camt (clínica de atendimento multidisciplinar à prevenção e ao tratamento da toxicomania)

Resumo: A Camt foi inaugurada em 28/09/2000, em BH, com o apoio do Centro Universitário Newton Paiva e enquanto projeto de extensão vem prestando atendimento à comunidade tanto na área de prevenção quanto na de tratamento. Ela teve sua origem no desenvolvimento de projetos de estágios supervisionados, nessas duas áreas, oferecidos aos alunos do curso de Psicologia. Tanto a prevenção quanto o tratamento têm como foco o “ser-todo” da pessoa e devido a esta perspectiva foram convidadas outras áreas do conhecimento - Psiquiatria, Farmácia e Nutrição - para o atendimento clínico e para o atendimento integrado a Pedagogia e Direito, contando, ainda, com outras áreas para desenvolverem programas de inclusão social dos clientes, através de cursos profissionalizantes. O trabalho é realizado por professores supervisores e estagiários bolsistas, voluntários e curriculares dos seus respectivos cursos. Sob este prisma, contempla-se uma análise situada numa visão multidimensional da toxicomania.

O eixo epistemológico que sustenta a prática clínica é o fenomenológico-existencial. Acredita-se, assim, que para a efetividade de um trabalho que vislumbre a totalidade das estruturas do ser devem ser articuladas *"as estruturas ontológicas em seu sentido temporal"* (Heidegger, 1997), estruturas estas implícitas no modo de ser de cada um. A análise compreensiva da toxicomania, a partir do método fenomenológico, confere um sentido genuíno ao ser-toxicômano, ora visto que se constitui num ser único e particular, relacionando-se a vários contextos: psicológico, biológico, cultural, social, político, econômico, religioso, etc. Pensando assim, tal análise é orientada por uma possível visão prévia do modo constitutivo das pessoas, considerando *"a unidade dos momentos estruturais possíveis e pertinentes"* (Heidegger, 1997).

A abordagem metodológica alicerçada pela matriz compreensiva, pressupõe a descrição dos fenômenos a partir da representação das vivências concretas de cada pessoa, já que *"é situação básica do homem estar no mundo como ente individual, finito, sem deixar, no entanto, de ter possibilidades de atividade, dentro de certo espaço mutável, limitado por fronteiras coercitivas"* (Jaspers, 1999), os aspectos psicopatológicos são considerados como desvios, ou modificações da estrutura total de seu ser-no-mundo.

Portanto, cada cliente e os significados que ele atribui ao uso das drogas serão analisados à luz de suas vivências que se constituem enquanto totalidades abrangentes, ou seja, a constituição da pessoa, a sua totalidade biográfica e a unidade da doença. Estas totalidades serão sempre relativas acreditando-se que para o acompanhamento de cada história de vida serão necessárias adequações pertinentes às questões individuais. Fundamenta-se neste pressuposto da fenomenologia, uma vez que ao analisar uma vivência particular e concreta *"não é possível*



descobrir essências exatas, isto é, suscetíveis de uma determinação unívoca, mas essências morfológicas, inexatas por essência e cujos conceitos são descritivos”.(Husserl, 1965).

Assim, o atendimento, focado numa relação dialógica, valoriza as particularidades da pessoa favorecendo a elucidação da função que o uso da droga possui.



Trabalho e Subjetividade: Impactos das Transformações do Mundo do Trabalho sobre Trabalhadores Empregados

Iúri Novaes Luna

Patrícia de Moraes Lima

Leandro Castro Oltramari

Vanderlei Brasil

Durante os últimos anos assiste-se a propagação de idéias e conceitos como *revolução informacional*, *sociedade pós-industrial*, *pós-modernismo*, *pós-burocracia*, *fim do trabalho*, entre outros. Entretanto, observa-se que este fato não implica que o capitalismo esteja ficando desorganizado ou frágil. O sistema de produção capitalista parece estar se tornando cada vez mais ágil e mutante, através da dispersão, da mobilidade geográfica e dos sistemas flexíveis de acumulação. Destaca-se ainda que o pós-fordismo não pode ser reduzido a um paradigma tecnológico, pois ele vai muito além da "especialização flexível", abarcando um conjunto de hábitos de consumo e novas configurações de poder político-econômico que se refletem diretamente na identidade do trabalhador. Assim, o objetivo da discussão proposta é refletir acerca das transformações do mundo do trabalho e seus impactos sobre a subjetividade do trabalhador, avaliando as situações concretas de sujeitos inseridos em organizações de trabalho e desempregados, do trabalho infantil e do trabalho das profissionais do sexo. A partir de experiências profissionais e resultados de pesquisas acadêmicas, o debate irá abordar: a construção e re-construção da identidade do trabalhador frente às exigências das organizações atuais e à vivência do desemprego; a construção da infância a partir da exploração do trabalho, refletindo sobre a concepção da infância na modernidade e como ocorre a legitimação da atividade laborativa como forma de ocupação, de moralização e resgate das crianças, principalmente daquelas que vivenciam a condição de ser pobres; as características psicossociais da atividade da prostituição feminina, considerando questões como a migração, características e locais onde se desenvolvem as atividades e as condições deste trabalho. A contribuição da Psicologia na produção de conhecimentos sobre estas temáticas tem se mostrado extremamente relevante, tendo em vista, sobretudo, a significativa demanda por respostas aos problemas enfrentados diariamente por todos aqueles que se preocupam com a relação homem-trabalho, em seus estudos e práticas, bem como pelo trabalhador, submetido, na maioria das vezes, a regras por ele não elaboradas.



Trabalho-Poder-Educação

Cecília Pescatore Alves – Universidade de Taubaté, PUC/SP
José Roberto Montes Heloani – Universidade São Marcos, UNICAMP.
Isane Pereira da Silva – PUC/SP, IPREF

RESUMO

Qualquer mudança na forma de organizar a atividade de trabalho humana se processa pela necessidade de transformar as formas de gerir as condutas das pessoas. Portanto, as mudanças provocadas no processo de trabalho pelo modo de produção capitalista exigiram uma série de transformações no comportamento dos indivíduos, ou seja, na maneira como esses geriam suas vidas. Modificar as condutas dos trabalhadores, tendo em vista a disciplinarização dos seus atos, foi o grande desafio do capital, e ainda o é, na medida em que o paradigma industrial passa por uma nova fase de reestruturação produtiva.

Iniciaremos a discussão proposta aprofundando o que se segue: Dentre os dispositivos utilizados para disciplinar as condutas dos trabalhadores, a educação foi tomada como estratégia para produzir nos indivíduos determinados comportamentos convenientes. Destaque-se que a educação, enquanto prática institucional, a partir do momento em que foi dirigida às classes populares, teve como maior objetivo discipliná-las para o trabalho.

Atualmente quando o tema é o processo de modernização da produção, a questão que aparece com frequência é o papel da educação. Considerando o aspecto conservador do processo, renovam-se algumas formulas. É dito corrente que a partir de agora o ensino do trabalhador deve ser de excelente qualidade. Que o “novo Trabalhador” precisa ter espírito de liderança, capacidade para improvisação, conhecimento geral. E que o trabalho alienado está com seus dias contados. Neste sentido, precisa-se de menos trabalhadores, porém com uma qualificação muito maior. Partindo deste contexto discutiremos como a instituição escola tem sido mediadora de uma política de identidade colonizadora. Ao ocultar a parcialidade de valores e práticas apresentadas como absolutas sob o pretexto de que coloca o jovem no mundo do trabalho impede que este perceba as contradições tecidas pelo mundo global no qual está em jogo o processo de exclusão e inclusão social

Retomando o discurso empresarial sobre a necessidade de uma maior qualificação dos trabalhadores, pode-se afirmar que a intensificação deste, possibilitou uma proliferação de atribuições à identidade dos trabalhadores, nos aspectos da cognição, da conduta e dos modos de agir. Nesse contexto, foi realizada uma pesquisa, que apresentaremos aqui, junto aos trabalhadores operacionais de uma grande empresa transnacional do setor químico. Procurando compreender as estratégias educativas não escolares desenvolvidas pela empresa e o seu significado para a constituição da identidade pessoal dos trabalhadores considerou-se a questão da constituição da identidade pessoal como, fundamentalmente, relacional e situada historicamente. Os conceitos utilizados como pressupostos para a análise das entrevistas foram: metamorfose (Ciampa,1994), abordagem dramática (Goffmann,1988) e duplo vínculo (Bateson, 1976). Pode-se concluir que a empresa possui uma estratégia definida de política de identidade para os seus funcionários, calcada em grande medida numa estratégia de duplo



vínculo. Os trabalhadores tendem a dar o sentido as suas ações e a constituir a sua identidade pessoal na dimensão do trabalho baseados nessa relação de duplo vínculo.

Essa relação de duplo vínculo foi representada metaforicamente por dois personagens, que reproduzem os possíveis modos de agir dos trabalhadores: Leonardo da Vinci e Precavido. O primeiro personagem assume posturas, atitude, etc. próprio de um gênio, enquanto que o outro assume posturas, atitudes, etc. de um trabalhador receoso, por exemplo, com a perda do emprego.



Trabalhos de Pesquisa em Avaliação Psicológica

Suely Laitano da Silva Nassif - UNIFESP- *Avaliação neuropsicológica de usuários crônicos de cocaína não injetável, fora do período de intoxicação aguda.*

Blanca Guevara Werlang - PUCRS - *Proposta de uma entrevista semi-estruturada para autopsia psicológica em casos de suicídio*

Irani de Lima Argimon - PUCRS - *Avaliação cognitiva na terceira idade*

Margareth da Silva Oliveira - PUCRS – *Brasil*

TÍTULO: AVALIAÇÃO NEUROPSICOLÓGICA DE USUÁRIOS CRÔNICOS DE COCAÍNA NÃO INJETÁVEL, FORA DO PERÍODO DE INTOXICAÇÃO AGUDA.

AUTOR: *Suely Laitano da Silva Nassif*

INTRODUÇÃO – Observa-se considerável aumento do uso de cocaína, a partir da década de 80, tornando-se um dos principais problemas de saúde pública mundial, elevando os índices de mortalidade, morbidade, e violência. Pode acarretar sintomas mentais e físicos. Pouco se conhece sobre o comprometimento das funções cognitivas ligadas ao seu uso crônico. A avaliação neuropsicológica é instrumento que pode delinear o perfil cognitivo, indicando a extensão e a gravidade do comprometimento, recursos preservados e planejamento de reabilitação. As pesquisas na literatura utilizando avaliação neuropsicológica começam a ser publicadas em 1987.

OBJETIVO – Visando investigar o desempenho cognitivo desses usuários, procedeu-se avaliação neuropsicológica comparando-se: (a) o intergrupo, de usuários com controles e, (b) o intragrupo, de usuários com consumo simples com o misto: intranasal e fumada.

MATERIAL E MÉTODO – Estudados 132 sujeitos, pareados em 2 grupos. O grupo de 66 usuários de cocaína foi selecionado no Serviço de Atendimento da UNIFESP-EPM: PROAD e UNIAD, de 1998 a 2000, apresentando idade média de 24,8 (\pm 5,5) anos e 8,5 (\pm 2,7) anos de escolaridade. Parâmetros médios de 5,5 meses de abstinência; 4,2 anos de tempo de uso e 19,6 anos de início de uso. Constituído por 36,4% de usuários apenas de cocaína inalada; 6,1% de crack e 57,6% de uso misto. Os usuários foram submetidos a exames clínico e neurológico e a questionário de uso de drogas. Os critérios de inclusão: uso de cocaína não injetável, via intranasal e fumada, por um período mínimo de 6 meses, com abstinência mínima de um dia, observando-se os critérios do DSM-IV, 1995 para dependência de substâncias. Excluídos os usuários com dependência alcoólica ou de outra droga nos últimos 12 meses. Os critérios de exclusão, para ambos os grupos, levaram em conta transtornos de nascimento, desenvolvimento e aprendizagem; trauma crânio-encefálico, uso de medicações neurotóxicas, HIV, e transtornos psiquiátricos.



O grupo-controle (n=66) pareado ao de usuários segundo sexo, idade, escolaridade e classe socioeconômica.

Testes aplicados: IDATE; MEM; Dígitos e Cubos - WAIS; Toulouse Pieron; Fluência Verbal; Trilhas; RAVLT; Memória Lógica - WMS; Figura Complexa de Rey e Provérbios. Para estatística do desempenho utilizou-se Análise de Variância, Anova uma via (Fisher - Snedecor).

CONCLUSÕES – Testes de rastreio neuropsicológico não identificam alterações. Necessita-se testagem específica.

Os usuários apresentaram tendência de ansiedade no momento da testagem. A ansiedade-traço é característica do grupo de usuários, em especial do grupo de crack.

Características dos usuários: comprometimento da memória, em tarefas que exijam elaboração ou tempo; tendência de comprometimento da atenção e flexibilidade (dígitos indiretos); melhor desempenho: na fluência semântica (animais) e na execução, em menor tempo, das trilhas A e B e da figura complexa de Rey – memória.

Características do grupo de uso simples: melhor desempenho nos testes de atenção e flexibilidade, memória verbal, memória visual. Atenção concentrada, (Toulouse Pieron), mais eficiente no grupo de uso simples do que no misto.

Características do grupo de uso misto: comprometimento nos testes atenção e flexibilidade, memória verbal, memória visual, sugerindo que essa forma é mais deletéria ao sistema nervoso central.



Um Olhar Psicanalítico sobre a Obra de Shakespeare

Andréa Carla Deuner Brunetto

Georgia Cristian Borges

Juliana Simczak Treuherz

Debora Yukie Sasaki

OS DESENCONTROS AMOROSOS

Juliana Simczak Treuherz

William Shakespeare nasceu em Stratford-on-avon em 23 de abril de 1564. Iniciou seus estudos aos sete anos de idade, onde aprendeu latim, grego e o inglês vulgar, o bastante para ler as diversas versões da Bíblia. Escreveu comédias alegres e amargas, como também tragédias grandiosas. Produziu uma teoria sobre a persuasão que cientista nenhum conseguiu desvendar. Destaca os temas trabalhados, como: o Complexo de Édipo em Hamlet e o amor impossível em Romeu e Julieta. Sobre a morte, podemos destacar três personagens: Julieta que encontrou na morte a única forma de permanecer com seu amado, Ofélia que usou a morte como forma de acabar com o seu sofrimento e Desdêmona que foi assassinada por seu amado injustamente. Suas obras mostram o que somos capazes de fazer enquanto seres humanos, desde a questão do suicídio mútuo entre os apaixonados Romeu e Julieta até o orgulho capaz de matar em Otelo. Em, “O rei Lear”, verifica-se que nenhuma relação está protegida das imperfeições humanas como ciúme, cobiça, conspiração, loucura e violência. Quanto ao ser humano, Shakespeare nos ensina que: o homem não é bom ou mau, é apenas homem. Shakespeare percebeu, o que Marx viria a descobrir mais tarde: o homem é uma unidade de contradições, maldade e bondade e as carrega no peito, ao mesmo tempo e em todas as hora. Assim também como Freud contrapõe a pulsão de vida à pulsão de morte, id e ego, entre outros conceitos. Freud exibe grande interesse pelas obras de Shakespeare, pois este apresenta seus personagens, na maioria das vezes, com desencontros amorosos, trazendo a nós leitores um perplexo final infeliz, demonstrando a clareza dos conflitos, suas fraquezas e gozos. A história de Romeu e Julieta mostra o brilho do encontro possível e a impossibilidade da relação entre os sexos, o que caracteriza para a psicanálise a perda do objeto de amor que foi idealizado, transformando suas qualidades e valor em perfeição, onde os desejos inconscientes são transferidos com uma quantidade de libido narcísica do eu sobre o objeto de



amor. Tendo em vista que todo o eixo do tratamento psicanalítico se dá sob transferência, o que Freud chamou de amor de transferência, um amor como outro qualquer. A partir do discurso de Sócrates, pode-se afirmar que aquele que ama está sempre faltoso, que não tem a beleza, não tem excelência, não tem nada, o amante vê no amado o seu recurso. Como para o analisante, o analista é o objeto amado idealizado. Para o que ama, o objeto de amor possui aquilo que lhe falta. Apesar dos desencontros amorosos e de tantos finais infelizes, de Romeu e Julieta não se encontrarem nem na morte, não devemos esquecer que amar é a salvação do ser humano. Como ressalta Freud “precisamos começar a amar para não adoecermos”. Assim, viver é amar. Como diz o poeta Carlos Drummond de Andrade: “que pode uma criatura senão, entre criaturas, amar? Amar e esquecer, amar e malamar, amar, desamar e amar”.



A Psicologia e a Invenção na Extensão Universitária

A PSICOLOGIA COMO CIÊNCIA E A CIÊNCIA DA PSICOLOGIA

Maria Luiza Marques Cardoso¹

O artigo faz uma análise crítica da psicologia científica, seu percurso histórico e suas implicações epistemológicas e ético-políticas para a teorização da subjetividade, bem como para a formação universitária e prática profissional dos psicólogos.

Descritores: Psicologia Científica, Psicologia Social, Psicologia Política, Epistemologia da Psicologia

1. INTRODUÇÃO

A Psicologia é ciência existente há pouco mais de cem anos. No Brasil, esta ciência tem formação profissional, validada legalmente, há quarenta anos. Nesse período, o que se observa na formação dos psicólogos é o foco de estudo e intervenção voltado basicamente para os aspectos individuais da subjetividade humana.

A formação universitária em Psicologia têm prioritariamente focado o “eu” e deixado o “nós” para segundo plano. Há a análise das relações familiares, relações escolares e relações nos meios sociais, mas considerando-se suas conseqüências para a constituição individual, íntima, privada de cada um.

Prevalece, assim, o individual, o singular. E isto parece atravessar a formação e as práticas de quase todos que se formaram ou estão se formando como psicólogos. Muitas formas de intervenção, por isso, trabalham o indivíduo e suas questões, restringindo-se aos aspectos

1. Psicóloga, advogada e analista institucional integrante do Instituto Felix Guattari de Belo Horizonte.



subjetivos individuais e privados. Isto evidencia-se nos trabalhos da Psicologia Clínica; mas também a Psicologia Educacional e Organizacional focam, freqüentemente, o indivíduo, sua adaptação ou não à sociedade e ao *modus vivendi* estabelecido.

Diante dessas considerações, psicólogos preocupados com a demarcação científica de seu objeto de estudo e sua prática profissional podem argumentar que a análise das relações sociais é matéria para as ciências sociais. Entretanto, deve-se questionar a rigidez da demarcação dos campos de estudo quando se trata de ciências humanas.

Ademais, cabe indagar como os psicólogos podem ter a convicção de que é possível “acordar” um sujeito do limbo individualista, narcisista e egoísta que vive a grande maioria de homens e mulheres na atualidade com um trabalho focado somente na dinâmica subjetiva privada e íntima do indivíduo, pinçando-o de sua dinâmica social.

Como consequência, os psicólogos, freqüentemente, negligenciam os aspectos sociais, políticos e ideológicos que existem na sua formação e prática, não analisando sua implicação política quando atuam em qualquer instância, individual ou institucional.

Diante do exposto, há que se questionar se a Psicologia, ao instituir e validar uma formação acadêmica e uma prática profissional como a descrita, não se coloca a serviço dos interesses e da ideologia dominantes. Ao focar apenas a dinâmica subjetiva individual, privada, íntima, a Psicologia não desconsidera sua própria implicação na reprodução das sociedades capitalistas, no seio das quais surgiu enquanto ciência e vem se desenvolvendo, e de diversos aspectos perversos de sua lógica social? E mais, a Psicologia não está desconsiderando que os indivíduos devem se haver não apenas com suas questões individuais e íntimas e seu desejo, mas também com a relação destes com as exigências e imposições da ordem social?

A autora considera que as respostas às perguntas são geralmente positivas. Assim, pretende demonstrar a necessidade da instituição de uma psicologia crítica e não apenas instrumental, que se dê conta de suas próprias contradições e da efetiva extensão de seu âmbito de atuação, não restrito aos sujeitos considerados individualmente.

Cumprindo, pois, discutir uma formação e práticas da Psicologia mais implicadas social e politicamente, que proporcionem não só a libertação na esfera subjetiva individual dos sujeitos, mas também a sua libertação cidadã, capacitando-os a se orientar de forma positiva, em termos ontológicos, epistemológicos e axiológicos, no interjogo de relações entre suas questões subjetivas e as questões sociais que os atravessam.



2. PRESSUPOSTOS HISTÓRICOS PARA O SURGIMENTO DA PSICOLOGIA CIENTÍFICA

2.1. Um sobrevôo pela Modernidade

A história da Psicologia Científica está diretamente relacionada com a noção de sujeito individual e privado, que vai se constituindo, ainda que suas raízes tenham determinação muito anterior, com o desenvolvimento do período histórico denominado Modernidade.

A Modernidade se refere a um enorme projeto civilizatório que perpassa os diversos campos de constituição das sociedades, inicialmente e principalmente das sociedades ocidentais ditas desenvolvidas, a partir dos séculos XV e XVI. Ocorreram grandes acasos, impressionantes encontros e extensas sínteses de elementos para que, nos séculos seguintes e até hoje, referido projeto se desenrolasse, obtendo resultados universais e consolidando a máquina social capitalista, afetando, ademais, as concepções filosóficas, religiosas, artísticas, morais, políticas, econômicas, científicas e subjetivas existentes até então, produzindo uma nova concepção de mundo e de homem.

Durante muitos séculos até o século XV, as idéias predominantes no mundo que denominava a si mesmo “civilizado” – a Europa Ocidental – baseavam-se numa organização social em que a produção, a lei e os costumes relacionavam-se de forma estável e profunda com as concepções religiosas e filosóficas teocêntricas.

Este período, conhecido como Idade Média, foi marcado pela força do sagrado e da Igreja Católica, considerada a legítima detentora na Terra do poder e do saber advindos de Deus.

A produção e a vida social eram organizadas em feudos, em um sistema econômico essencialmente agrícola e comunitário, onde havia uma grande dependência entre servos e senhores, vassalos e suzeranos, leigos e clérigos. O senhor ou a Igreja se comprometia a proteger o servo, camponês, vassalo ou arrendatário em troca de boa parte da produção deste.

Diante da realidade de guerras e pragas que marca o período, esta estrutura feudal se sustenta. Entretanto, de forma lenta e sangrenta, a sociedade feudal deu lugar à Modernidade e à estrutura social que nela se constitui.

Inicialmente, o processo deveu-se ao desenvolvimento das grandes cidades-Estados do Norte da Itália, durante os séculos XIV e XV, e ao crescimento de uma rica classe comercial educada, política e secular. A corrupção da Igreja e o aparecimento do racionalismo combinaram-se para minar a síntese católica e conduziram num primeiro tempo a esse interlúdio que designamos por Renascimento, a que se seguiu a Reforma. (Osborne, 1997, p. 66)

O movimento artístico e literário do Renascimento foi marcado pelas críticas humanistas ao medievalismo. Com efeito, a concepção totalizante teocêntrica começa a dar lugar a um pensar



o homem como ser moralmente autônomo, capaz de gerir sua vida e capaz de determinar, por si, seus desejos e atitudes.

A Reforma, por sua vez, representou uma ferrenha e fundamentada crítica à estrutura burocrática e corrupta de Igreja Católica e trouxe um novo olhar religioso sobre os homens e as sociedades. As doutrinas protestantes, principalmente a calvinista, propunham a livre interpretação da Bíblia, a separação entre Igreja e Estado e a valorização do trabalho. Esta valorização muito agradou à classe comercial burguesa incipiente, uma vez que o lucro deixa de ser visto como usura e o trabalho passa a ser sua justificativa, impulsionando o mercantilismo que cresce na Europa Ocidental.

A estas idéias que eclodem nos séculos XV e XVI, somam-se os fatos. Estes, com efeito, referendam aquelas. Neste período, ocorrem avanços tecnológicos na mineração e metalurgia e avanços na técnica da pintura. Há o desenvolvimento náutico, cujo resultado foram as grandes cruzadas ultramarinas. Desenvolve-se a química, no lugar da alquimia e a astronomia, no lugar da astrologia. E surge a imprensa, que proporciona um importante acontecimento para a consolidação da Modernidade: a leitura silenciosa. O ato de ler sai, com isso, do âmbito comunitário e de seu controle, e possibilita um diálogo interno que desenvolve pontos de vistas pessoais e íntimos.

Ademais, inaugura-se um novo paradigma perceptual e intelectual com as descobertas de Copérnico (1473-1543) acerca do funcionamento heliocêntrico do sistema solar. Copérnico produz verdadeira revolução ao basear-se em uma construção racional, e não divina, da realidade a ser comprovada por métodos de verificação sistemáticos.

Em termos econômicos e sociais, verificou-se também profundas mudanças na passagem para a Modernidade. As referências comunitárias, fortes no regime feudal, são substituídas por referências individuais com o crescimento dos burgos e do mercantilismo. No lugar das comunidades produtivas, surgem indivíduos livres produzindo ou vendendo sua força de trabalho a proprietários privados.

A decadência política da Igreja e a necessidade dos emergentes mercantilistas do patrocínio dos reis para suas viagens e expansões de mercado, inclusive ultramarinas, produzem o fortalecimento dos Estados Nacionais.

Os Estados Nacionais, de fato, são os empreendedores da economia mercantilista e, em contrapartida, mais e mais arrecadam e crescem com a expansão comercial e com os tributos pagos pelos comerciantes burgueses. Quanto mais o Mercantilismo se consolida, mais os Estados Nacionais se fortalecem e tornam-se Estados Absolutos, referendados ainda pelos filósofos do período, como Nicolau Maquiavel (1469-1527), Thomas Hobbes (1588-1679), Hogo Grotius (1583-1645), entre outros.

Neste contexto, vive-se um grande ceticismo diante da falta de valores e caminhos seguros para a busca da verdade, após o declínio teocêntrico. À descrença cética soma-se o individualismo nascente. Esta realidade acaba por produzir duas reações: a reação empirista, preconizada por



Francis Bacon (1561-1626), e a reação racionalista, preconizada por René Descartes (1596-1650). Ambas procuram estabelecer novas e mais seguras bases para as crenças e para as ações humanas.

Descartes aposta na razão, como o meio para a verdade. Em sua visão racionalista, a única certeza passível aos homens é a existência de um “eu”, que se torna, a partir de agora, o fundamento de todo o conhecimento. A verdade não está mais em algo transcendente; a representação correta do mundo reside no próprio homem, é interna.

Bacon, por sua vez, considera que a razão, deixada em total liberdade pode se tornar por demais especulativa e delirante. Assim, busca dar à razão uma base empírica, através dos sentidos purificados, libertados dos erros e ilusões a que estão submetidos no cotidiano, através do Método.

Bacon e também Descartes são grandes pioneiros modernos na preocupação com o Método na produção de conhecimentos filosóficos e científicos, o que vai marcar profundamente o projeto civilizatório moderno.

As transformações sociais ocorridas dos séculos XV ao XVII culminam nos eventos ocorridos no século XVIII. Neste, as mudanças na mentalidade humana e a crescente insatisfação da burguesia, que se tornara forte economicamente, mas não detinha efetivo poder político, destinado aos reis e à nobreza, fazem florescer o movimento filosófico conhecido como Iluminismo. Além disso, o desenvolvimento das ciências experimentais, suas descobertas, novas teorias e produção de tecnologia dão as condições para o surgimento da indústria.

O Iluminismo preconiza a valorização do homem, que passa a ser visto não mais como um deprimido inato, mas como um ser dotado de capacidades racionais cuja boa vida na Terra depende da libertação da mente da ignorância e da superstição. A vida na Terra passa a ser o próprio objetivo do homem, e não mais a vida depois da morte. Ademais, libertado da ignorância e dos poderes arbitrários dos Reis Absolutistas, o homem é capaz de progresso e perfeição.

A liberdade e a igualdade dos homens, tidos como seres individuais, são dois pilares do Iluminismo. Todos os homens são considerados livres e iguais. Apesar de iguais, têm interesses próprios e individuais, que devem ser compatibilizados através da fraternidade.

O indivíduo que tem livre arbítrio e pode participar livremente do mercado, com sua força de trabalho (seus talentos) e suas necessidades (reais ou criadas) de consumo é, antes de mais nada, um ser dotado de Razão. E essa razão é o instrumento de liberdade do homem. (Gonçalves, 2001, p.42)

Estes preceitos vão ser fundamentais para o liberalismo burguês e para o desenvolvimento da ciência moderna e vão orientar as grandes transformações sociais deste século.



Com efeito, a grande produção filosófica iluminista vai gerar conhecimentos e aplicações destes que fortalecem, cada vez mais, visões racionalistas, deterministas, mecanicistas e liberais, focadas na eficácia e eficiência humanas. Estas visões abrangem as produções culturais, a organização social e política, a economia e a produção científica, e atendem às aspirações da emergente classe burguesa, progressivamente mais forte econômica e politicamente, em virtude da riqueza que acumula no comércio e, mais tarde, nas fábricas, com o desenvolvimento industrial.

A indústria, de fato, se desenvolve uma vez que a razão humana passa a figurar como ponto central na busca do conhecimento, o que permite uma produção tecnológica abundante nos séculos XVII e XVIII. Outro fator para o desenvolvimento industrial é a valorização do trabalho, como uma virtude necessária para o ser humano. O crescimento da indústria, em contrapartida, reforça a crença na razão e na importância do trabalho.

Como consequência do crescimento das indústrias, a Europa Ocidental assiste ao aumento progressivo da especialização e da competição entre os homens, além do surgimento do mercado de bens e do mercado de trabalho.

Neste contexto, nascem os movimentos sociais para a implantação dos ideais iluministas e liberais encabeçados pela burguesia. Assim se dão as Revoluções Burguesas que ocorreram no final do século XVII e século XVIII, que consolidam o projeto civilizatório moderno, baseado na razão humana e na acumulação de capital, o qual vai, posteriormente, ganhar proporções planetárias.

A Revolução Gloriosa na Inglaterra, em 1688, a Revolução Norte-Americana, em 1776, e a Revolução Francesa, em 1789, são exemplos famosos de movimentos sociais que vão propagar os ideais burgueses. O direito à propriedade privada, ao livre mercado, à democracia, a um Estado Liberal, à liberdade individual, à igualdade e à fraternidade entre os homens são os pressupostos básicos, defendidos e implantados por estas revoluções, cada qual com suas especificidades, para uma vida supostamente mais justa e feliz sobre a Terra.

Diante de todas as transformações na mentalidade e na sociedade ocidental já descritas, a ciência vai galgando espaço para se tornar o lugar privilegiado para a busca do conhecimento e da verdade.

Influenciada pelos preceitos e métodos de filósofos e cientistas do período, valendo ressaltar, entre eles, Francis Bacon (1561-1626), Isaac Newton (1642-1727), René Descartes (1596-1650), Jonh Locke (1632-1704) e, posteriormente, Immanuel Kant (1724-1804), a ciência moderna estabelece um projeto epistemológico que centra no homem, em sua razão e em sua capacidade de observação neutra e imparcial a possibilidade de se atingir o conhecimento total e fiel da realidade: a razão viabiliza que o homem conheça e coloque a realidade a seu serviço. Contudo, os conhecimentos do homem, baseados na razão, devem ser objetivos. A objetividade é necessária e a subjetividade deve ser controlada pelo Método Científico.

Para tanto, apostava-se na capacidade dos cientistas em ter a mente limpa de preconceitos e interferências subjetivas para libertar seus canais sensoriais e apreender verdadeiramente os



fenômenos. Institui-se, com isso, a separação entre a *mente*, na sua suposta liberdade e eficiência, e o *corpo*, prisioneiro dos determinismos naturais e condições sociais.

Acreditava-se, com isso, que finalmente o homem havia descoberto o caminho do conhecimento certo e verdadeiro. Esse caminho era a ciência.

A ciência, orientada pelo poderoso método científico-experimental indutivo, poderia chegar às verdades exatas, verificadas e confirmadas pelos fatos. O crescimento da ciência seria acumulativo, através da superposição de verdades demonstradas pelas provas fatuais geradas pelas observações particulares e pelos experimentos. Foi o início do surgimento do cientificismo, isto é, da crença de que o único conhecimento válido era o científico e de que tudo poderia ser conhecido pela ciência. Todo o conhecimento, para ter valor, deveria ser verificável experimentalmente e apresentar provas confirmadoras de sua veracidade. (Köche, 1999, p. 58)

Assim, a ciência moderna “parece ter-nos levado a um lugar de verdade que o nome de “Deus” servia para designar” (Japiassu, 1982, p.9).

O poder do conhecimento estava, pois, desde então e cada vez mais, nas mãos da ciência, com seus métodos e pressupostos irrefutáveis, em contraposição aos conhecimentos do senso comum e aos métodos metafísicos da filosofia.

2.2. A constituição do Sujeito Moderno

Diante das transformações que marcam a Modernidade, o homem passa a ser considerado como ser individual, em virtude da valorização de cada um como peça singular autônoma e produtiva inserida no contexto social, conforme os postulados liberais do capitalismo industrial, que são mais e mais disseminados e arraigados na cultura ocidental daquele tempo e até hoje.

Cada indivíduo é um ser moral que possui direitos derivados de sua natureza humana. Somos indivíduos e somos iguais, fraternos e livres, com direito à propriedade, à segurança, à liberdade e à igualdade. (...) Por que surgiam essas idéias liberais? Por que o capitalismo precisava delas; precisava pensar o mundo em movimento, para explorar a natureza em busca de matérias-primas e para dessacralizá-la. O capitalismo precisava do indivíduo, como ser produtivo e consumidor. (Bock, 2001, p. 18-19)

Ao individualismo, vem conectada a noção de vida privada. Os seres humanos, desse modo, não só se individualizam, mas também se privatizam – ou são privatizados, na Modernidade.



A privatização se reflete em todas as instâncias da vida social; a vida comunitária vai dando lugar, paulatinamente, ao espaço privado de vida. As casas modificam sua arquitetura para reservar lugares privados para seus diferentes habitantes; os nomes tornam-se individualizados; o trabalho sai da casa e vai para a fábrica, loja ou outro espaço destinado a este fim; a casa torna-se espaço próprio da família.

Esta família, por sua vez, vai se tornando nuclear, nos moldes burgueses que se disseminam: pai, mãe e filhos. Sua estrutura delega à figura materna o cuidado com os filhos e a provisão do lar torna-se dever/poder do pai, esposo, “chefe do lar”.

A privatização ganha, inclusive, o caráter de direitos invioláveis. A estrutura estatal, que vai se configurando com o Estado Liberal de Direito após as revoluções burguesas, tem como atribuições a proteção aos direitos individuais e privados. O Estado passa, desse modo, a ter o dever de garantir o direito à intimidade e à vida privada, a casa como asilo inviolável, a inviolabilidade das correspondências e documentos pessoais.

Junto à privatização social, desenvolve-se a privatização subjetiva. Com efeito, a afirmação da experiência de individualidade culmina com a constituição da subjetividade privatizada. Desenvolve-se a noção de mundo interno, composto de elementos singulares, pessoais, privados, individuais, de cada um; fortalece, cada vez mais, o sentimento de “eu”.

Contudo, parte-se do pressuposto liberal e determinista do projeto civilizatório moderno de que, não obstante as características individuais e privadas, todos os seres humanos são dotados da razão e de capacidade laboral. Os seres humanos são assim todos iguais e devem ser livres para poder desenvolver suas potencialidades humanas.

Vive-se, ademais, a dicotomia entre a mente, racional, perfeita, capaz de encontrar a verdade e fazer os homens se desenvolverem na sociedade liberal que se instaura, e o corpo, finito e limitado, que é delegado a um segundo plano existencial.

Neste contexto em que a subjetividade tem o estatuto de infalível, se regida pelo método, pela liberdade individual, pela dedicação ao trabalho e pela vontade humana, nada semelhante à psicologia parece poder se constituir. Mas é em virtude mesmo da privatização dos indivíduos e das cisões nas experiências subjetivas que a psicologia surge, para dar conta dos fracassos do supostamente inerrante projeto logocêntrico moderno (Figueiredo, 1995).

Crise da Modernidade e do Sujeito Moderno – a brecha para a Psicologia



“Como alguém veio a dizer ‘tudo acabou por falhar’.”

Richard Osborne

Por diversos caminhos, o século XIX assiste a críticas à onipotência do “eu” e da razão. De fato, já no final do século XVIII, o Romantismo - movimento literário, cuja extensão se deu em vários campos sociais – traz uma crítica à visão racionalista defendida por Descartes e por grande parte dos filósofos iluministas. Contrapõe à visão do homem como ser racional, capaz de apreender pela razão a verdade das coisas, a idéia do homem como ser passional, sensível, cuja profundidade a razão desconhece.

Aquilo que na “fundação” da modernidade deve ser excluído do “eu” ou mantido sob o férreo controle do Método parece agora invadi-lo. A razão é destronada, o Método feito em pedaços e o “eu” racional e metódico é deslocado de dentro da subjetividade e tomado agora como uma superfície mais ou menos ilusória que encobre algo profundo e obscuro. (Figueiredo, 2000, p. 35)

Entretanto, o Romantismo mantém a grande valorização, que caracteriza a Modernidade, na individualidade, liberdade, intimidade e privatização do homem. Os homens, para desenvolverem sua sensibilidade e seus dons deveriam mergulhar em si mesmos, o que reflete o alto grau de individualismo e solidão proposto pelo movimento romântico.

Mas a sociedade ocidental continua em transformação. Assim, às críticas românticas somam-se outras.

O século XIX assiste ao desenvolvimento da grande indústria, após longos séculos de mudanças políticas, econômicas e tecnológicas. Há a descoberta da siderurgia, que passa a fabricar aço, no lugar do ferro. O vapor é substituído pela eletricidade e pelo petróleo. Cada vez mais, há especialização técnica – e também social - do trabalho. A produção passa a ser mais padronizada e mecanizada. Os centros industriais e urbanos crescem e se multiplicam. Cresce também o consumo dos produtos industriais. Mais indústrias implicam em mais acumulação de capital para a burguesia, que vê surgir ainda a especulação financeira e os grandes monopólios empresariais.

Os reflexos sociais desse contexto retratam uma realidade muito distante dos ideais liberais e iluministas do século anterior. A estrutura de classes sociais se consolida no capitalismo industrial / financeiro. Figura uma enorme discrepância de condições sócio-econômicas entre a classe



burguesa rica, limpa e púdica e o enorme contingente de mão-de-obra, empregada ou não, que “incha” os centros urbanos, vivendo em situações precárias ou mesmo, em muitos casos, deploráveis. Ademais, a classe proletária, para dar conta do trabalho técnico que a grande indústria agora exige, deve ser treinada e disciplinada.

Cumprе salientar, e este é um aspecto fundamental, que o treinamento disciplinar não vai se restringir aos aspectos técnicos e nem somente à classe operária. Em verdade, o século XIX assiste à implantação de um sutil, mas eficiente sistema de docilização e domesticação dos indivíduos em todos os níveis, que determina conhecimentos, padrões de condutas, sentimentos, emoções individuais, desejos, até necessidades a serem incorporadas pelos membros de todas as classes sociais, em prol do capital, da produção e do consumo.

Este Regime Disciplinar, como nos mostra Figueiredo (2000), atravessa, penetra e se faz disseminar, ainda que de formas dissimuladas, em todas as grandes agências sociais, como as escolas, as fábricas, as prisões, os hospitais, os centros científicos e tecnológicos, os meios de comunicação de massa e os órgãos do Estado, cuja estrutura e atuação social vão se modificando profundamente.

Com efeito, o Estado liberal, cuja principal atribuição era o poder de polícia para garantir a liberdade individual e o respeito aos direitos de cada um, dá lugar a um Estado intervencionista, estruturado de forma complexa e burocrática, mais e mais responsável pelas condições de vida do povo e pela educação / docilização deste. Responsável, ainda, por controlar os movimentos operários e garantir a boa ordem e o progresso social, ou melhor, burguês.

Diante dessa realidade, deve-se perguntar como fica a onipotência do “eu”, até então certo de sua liberdade e de sua igualdade com os demais homens e certo de que a conquista de um *status* social e econômico privilegiado dependeria simplesmente de sua vontade e da utilização correta da razão?

A subjetividade privada e individual, supostamente livre e destemida, entra em crise. A realidade social estampa a ilusão da liberdade, da igualdade e da fraternidade, e mostra, em contrapartida, o choque entre as classes sociais, a exploração do homem pelo homem, o controle disciplinar e social, a guerra entre nações pelos mercados consumidores e pelo imperialismo nos mercados de matéria-prima internacionais, o consumo em massa de produtos, de serviços, de estilos, de informações.



Está criado o terreno para crises na existência subjetiva, sentimentos de desamparo, de solidão, de culpa, de enorme responsabilidade; os controles e as exigências sociais dão ao homem uma grande sensação de vazio e de desconhecimento de si (Figueiredo, 2000).

Mas estes sentimentos se tornam tão fortes e evidentes neste período histórico em virtude da grande eficiência plástica do capitalismo e de sua lógica social, que vão determinar o controle do homem não apenas através de ações externas ao sujeito, mas também em sua própria subjetividade.

Desde a sua mais tenra idade, e mesmo que seja apenas em função daquilo que elas aprendem a ler no rosto de seus pais, as vítimas do capitalismo e do “socialismo” burocrático são corroídas por uma angústia e uma culpabilidade inconscientes que constituem uma das engrenagens essenciais para o bom funcionamento do sistema de auto-sujeição dos indivíduos à produção. O tira e o juiz internos são talvez mais eficazes do que aqueles do ministério do Interior e da Justiça. (Guattari, 1981, p. 13)

Em virtude dos elementos abordados, sem excluir outros que venham a ser analisados mais adiante, observa-se que os eventos ocorridos ao longo da Modernidade abrem o espaço necessário para a elaboração de uma ciência que vai ter como principal objetivo dar conta da subjetividade deste momento histórico, pois:

constitui-se uma concepção de ser humano e uma realidade em que os homens passam a se ver como individuais, responsáveis por seus atos, moralmente autônomos, dotados de intimidade e de uma noção de mundo interno;

esta subjetividade, diante das transformações que vai vivenciando ao longo da Modernidade, entra em crise existencial e passa a buscar respostas para suas questões;

esta subjetividade precisa ser controlada pelas Disciplinas em prol dos interesses do capital, da produção e do consumo;

entre as formas de controle, a talvez mais eficiente, e que deve pois ser devidamente trabalhada e estudada, é a que se dá internamente, pela própria subjetividade nela mesma.

Assim, está criado o terreno para o surgimento da psicologia como ciência da subjetividade, para dar conta do questionamento existencial do homem, via de regra, para adequá-lo ao *modus vivendi* estabelecido e para viabilizar o controle deste mesmo homem.



3. O SURGIMENTO DA PSICOLOGIA CIENTÍFICA

3.1. Uma questão preliminar

“Que o lugar científico da psicologia seja considerado ‘legítimo’ é o que nos convida a perguntar sobre o ‘sentido desta legitimidade’ e o seu ‘lugar’ na sociedade moderna.”

Didier Deleule

Ao analisar a constituição da psicologia científica surge, *a priori*, uma questão, bem assinalada por Deleule (1972): por que a psicologia, incorporada à filosofia até o século XIX, teve que romper neste momento com o discurso filosófico e se constituir como ciência?

Esta questão fundamenta-se no fato de que a filosofia sempre tratou, de acordo com as peculiaridades de cada momento histórico, das questões que concerniam às crises existenciais dos homens, aos fatos da consciência, à “alma” e ao “espírito”. Por que então estas questões, agora tratadas sobre o primado do termo “subjetividade”, procuraram um outro lugar para suas respostas, qual seja a ciência moderna?

Como já dito, a ciência vai ocupando, ao longo da Modernidade, um lugar privilegiado na produção dos saberes. Com efeito, arraiga-se na sociedade moderna a crença do que o único conhecimento válido é o conhecimento científico.

Contudo, deve-se salientar que a ciência não ficou inerte aos questionamentos que tomaram o século XIX e criticaram a onipotência racional do sujeito epistêmico e o método seguro para o encontro da verdade absoluta.

De fato, no seio da própria ciência, estes questionamentos produzem uma nova proposta epistemológica no final do século XIX e início do século XX. A proposta científica em vigor até então entra em crise, junto com a subjetividade que tenta constituir. Einstein é considerado por Köche (1999) um dos principais responsáveis por esta ruptura epistemológica, pois demonstra o papel fundamental da imaginação, da emoção e da criatividade humanas para a produção do saber científico e mostra que, por maior que seja o número de provas a favor de uma teoria, ela nunca pode ser tida como definitivamente confirmada.

Assim, cai por terra a ilusão do encontro com a verdade absoluta através de um método perfeito.

As investigações passam a ser orientadas conforme as características do problema a ser



investigado, as hipóteses postuladas, as condições conjunturais e a habilidade crítica e capacidade criativa do pesquisador. A ciência passa a operar através do método hipotético-dedutivo. Mas, de todo modo, o contexto experimental continua em vigor.

E deve-se observar que se, por um lado, os métodos da ciência se modificam, por outro, o seu *lugar social* permanece intacto, ou ainda, cada vez mais fortalecido. Os *experts* passam, como nos mostra Baremlitt (1998), a ocupar um lugar de *status* e reconhecimento social. Eles sabem; eles podem, por isso, dizer aos demais seres humanos, integrantes da desdenhada categoria do senso comum, o que precisam usar, o que necessitam consumir, o que faz bem, o que faz mal, como curar, como adoecer, o que é perigoso, o que pouco importa, o que foi, afinal, “cientificamente testado”. E porque não dizer também o que pensar, como pensar, o que sentir, como se comportar, o que desejar, o que, enfim, é a subjetividade?

Em verdade, o homem moderno e sua subjetividade se constituem através dos eventos, encontros e fluxos históricos que configuram a Modernidade. Assim, *esta* subjetividade é uma experiência humana própria do contexto moderno. É também um signo que permite a expressão dessa experiência, a designa, modifica-se com ela e a transforma.

Além disso, a subjetividade como signo adquire estatuto de conceito teórico no interior da psicologia, ciência que surge no final do século XIX como o lugar privilegiado do saber sobre as experiências subjetivas e que, em contrapartida, afeta e orienta essa experiência.

Como postula Gonçalves (2001), o desenvolvimento da ciência psicológica mostra como a construção do conceito teórico “subjetividade” está contextualizada historicamente, expressando as indagações oriundas do capitalismo que se desenvolve e cujas respostas são postas historicamente por essa realidade e pelo correspondente conjunto de idéias que a representa. Ademais, o conceito ou conceitos produzidos são incorporados pelas experiências humanas deste período, o que modifica as próprias experiências.

3.2. O primeiro passo: o laboratório de W. Wundt

Em 1879, com o laboratório experimental fundado pelo alemão W. Wundt (1832-1920), surge a psicologia científica. Resta-nos perguntar: a que veio esta ciência?



A psicologia científica, em sua origem, apropria-se de um conjunto de técnicas experimentais, já consideradas historicamente como científicas, válidas e eficazes, para estudar aspectos concernentes à subjetividade humana. O que se observa, de fato, é que a psicologia tenta aplicar, embora não sem sacrifício, a metodologia e as concepções próprias das ciências da natureza em busca de sua cientificidade. A este respeito, é ilustrativa a fala de Wundt, citada por Deleule: “Nada se dá em nossa ciência que não encontre sua base fundamental sensorial em uns processos físicos determinados” (1972, p. 49).

Wundt, inicialmente, funda a psicologia experimental, procurando analisar os fatos da consciência, a experiência consciente. Propõe, para tanto, o método analítico-sintético, um apelo à introspecção para se observar e quantificar a consciência. A análise empreendida por Patto (1984) nos mostra que, no contexto político-econômico da época, os fatos da consciência precisavam ser mensurados e quantificados numericamente, com o intuito de controle sobre o indivíduo e seu corpo. Entretanto, o próprio Wundt se depara com contradições ao empreender os estudos do homem e dos aspectos da experiência consciente existentes na subjetividade moderna. Percebe que o método da introspecção não seria capaz de apreender devidamente os processos volitivos e da consciência dinâmica, a que chamou de “processos superiores”. Propõe, desse modo, uma psicologia social, que usaria métodos de comparação entre culturas para conhecer estes processos.

Assim, é possível constatar que já na constituição e desenvolvimento inicial da psicologia científica, com o laboratório de Wundt, algumas questões fundamentais se apresentam para esta ciência, as quais merecem ser pontuadas.

Em primeiro lugar, a psicologia científica não nasce como ruptura das concepções até então dominantes, seja em termos filosóficos, científicos, econômicos, sociais e ideológicos. Ao contrário, referenda as propostas dominantes, produzindo todo um aparato técnico e teórico que vai se adequar e ser utilizado de acordo com interesses historicamente determinados.

Ademais, a psicologia tenta aplicar os métodos das ciências da natureza para entender e explicar seu objeto de estudo – o homem e sua subjetividade, entendida em seus diversos aspectos – por considerar que o caminho de todo o conhecimento científico deve passar pela determinação de relações quantitativas, pela construção de hipóteses e pela verificação experimental (Foucault, 1999).

Isto reflete, por um lado, a busca de uma adequação da psicologia aos parâmetros, epistemologia e também ao *status* político-social das ciências naturais. Contudo, trata-se de um projeto que, em nome de *certa* forma de construção do conhecimento, desconsidera as especificidades e contradições próprias do objeto da psicologia em particular e das ciências humanas em geral, qual seja o homem.

Por outro lado, a proposta de Wundt de construir duas psicologias – uma experimental e outra social - para dar conta de explicar o homem demonstra que, “já em seu nascimento a psicologia carregava as contradições do humano, sem que fossem percebidas como tais e sem que se pudesse pensar em uma ciência unificada” (Bock, 2001, p.16).

E, ainda, a emergente ciência psicológica vai tentar, conforme Gonçalves (2001), dar conta dos desafios que envolvem a tentativa de ser objetiva no estudo da subjetividade, o que implica, em última análise, lidar com as dicotomias que estão arraigadas em toda a lógica social e intelectual capitalista: subjetivo x objetivo, interno x externo, social x individual, corpo x mente,



natural x cultural, razão x sociedade, autonomia x determinação, inclusão x exclusão. Dicotomias que, por sua vez, remetem aos processos ideológicos de dominação que constituem a Modernidade.

Diante dessas considerações, cumpre analisar como vem se dando o desenvolvimento da psicologia científica nesses cento e vinte e dois anos de existência; como, de fato, essa ciência tem lidado com as questões acima levantadas, as quais constituem aspectos fundamentais de sua realidade em termos epistemológicos, éticos e políticos.

4. A PSICOLOGIA COMO CIÊNCIA E A CIÊNCIA DA PSICOLOGIA

4.1. A psicologia e as psicologias

O que se observou, após o surgimento do laboratório de Wundt, foi a constituição de várias correntes dentro da ciência psicológica, correntes que vão focar diferentes aspectos do homem como o objeto de estudo da psicologia, ora privilegiando o interno, ora o externo nas observações e análises científicas. Dentre elas, destacam-se:

² **Estruturalismo**

O estruturalismo de E. Titchener (1867-1927) abandona a proposta de Wundt acerca de uma psicologia social, dedicando-se a desenvolver o método introspectivo, a fim de aumentar a objetividade no estudo da estruturação das experiências básicas. Titchener concebe o ser humano como dotado de uma estrutura que permite a consciência das experiências vividas.

² **Funcionalismo**

O funcionalismo de W. James (1842-1927) e seus procedentes considera o ser humano como organismo que funciona em um ambiente ao qual se adapta. Assim, os funcionalistas buscam a objetividade nas relações do organismo com o meio, atribuindo à consciência uma funcionalidade pragmática.

Ainda dentro de uma proposta funcionalista, pode-se apontar a teoria de K. Lewin (1890-1947), desenvolvida nas décadas de 1940 e seguintes e que teve grande aplicação, e ainda têm influência, em trabalhos realizados por psicólogos em grupos e comunidades, mas principalmente em organizações. Lewin propõe um trabalho com grupos formados artificialmente, onde são discutidas a cooperação, a coesão grupal, as interações, a criatividade, a solução de problemas. Esta metodologia, somada à teoria das relações humanas de Elton Mayo, lançou as bases para o que veio a ser conhecido em administração de empresas como DO – desenvolvimento organizacional, cujas propostas se baseiam na boa adaptação dos funcionários ao ambiente laboral, através de sua devida participação no processo produtivo, de sua motivação e de sua integração nas relações humanas no trabalho.



² **Behaviorismo**

O behaviorismo ou reflexologia, a partir do americano J. Watson (1878-1958), passa a pensar o ser humano como produto de condicionamentos. Importa, então, o estudo do comportamento humano, único aspecto da subjetividade que os behavioristas consideram como efetivamente passível de ser analisado objetivamente. A psicologia, desse modo, entendida como ciência do comportamento, tem a tarefa de prever a resposta do organismo humano conhecendo o estímulo; dizer o estímulo conhecendo a resposta; estudar, enfim, como se comporta o ser humano para se adequar e ser adequado ao meio.

² **Gestalt**

A gestalt, influenciada pela fenomenologia, valoriza as experiências vividas e os significados que os seres humanos dão a suas experiências. A partir dos estudos sobre “movimento aparente” realizados pelo precursor dessa teoria, o alemão M. Wertheimer (1880-1943), a gestalt afirma que o todo é diferente da soma de suas partes e que as partes têm que ser vistas de acordo com o lugar, papel e função que ocupam no todo. E propõe a superação do objetivismo analítico, considerando o estudo das experiências como a possibilidade de entendimento da “subjetividade global”.

² **Psicanálise**

A psicanálise¹, com S. Freud (1856-1939) e seus seguidores, inova as propostas de entendimento do homem colocadas até então pelas outras correntes da psicologia. Com efeito, a psicanálise vai propor uma nova concepção de sujeito, qual seja o sujeito edipiano, que se caracteriza por sua energia pulsional, por sua habilidade como ser falante e por ser um “sujeito barrado”, constituído por determinações do inconsciente, que se estrutura como linguagem. Assim, o homem passa a ser visto não mais somente como um ser dotado de consciência e razão, mas dominado por forças e determinações que em grande medida desconhece. A compreensão deste homem e da estrutura – neurótica, psicótica ou perversa – que o constitui, bem como dos desvios anormais e sintomáticos de sua personalidade, devem ser trabalhados, para uma adaptação saudável dos sujeitos à civilização, através do método clínico psicanalítico.

² **Cognitivismo**

O cognitivismo nasce nos Estados Unidos na década de 60, objetivando estudar os processos mentais, tais como o pensamento, a memória, a percepção, a atenção, a resolução de

1. Ainda que para alguns a psicanálise não possa ser considerada como uma “corrente” da Psicologia Científica, é notória a sua influência nas concepções, estudos e práticas dos psicólogos e outros ramos científicos, razão pela qual é ela aqui pontuada.



problemas e a linguagem, em contraposição ao domínio do *behavior* naquele país. O cognitivismo procura descrever as estruturas cognitivas que se interpõem entre o indivíduo e o meio.

² **Psicodrama e Sociodrama Moreniano**

O psicodrama, desenvolvido por J. Moreno (1889-1974), foi inspirado nas técnicas de dramatização teatral e nas propostas de dinâmica de grupo da psicologia social. O psicodrama propõe um trabalho terapêutico que se desenvolve a partir de dramatizações feitas pelos integrantes do grupo terapêutico, com a orientação do terapeuta e de auxiliares. Este trabalho objetiva o “encontro télico”, autêntico entre os integrantes do grupo, em que seja possível verdadeira abertura, flexibilidade, fluência da comunicação, diminuição das distorções nas percepções e nos papéis de cada um. Para tanto, Moreno afirma a importância do desenvolvimento da espontaneidade nos sujeitos, entendida como a capacidade de se dar respostas adequadas a novas situações e dar novas respostas mais adequadas a velhas situações. Com os mesmos pressupostos, este autor desenvolve o sociodrama, em que o foco deixa de ser as questões individuais dos integrantes do grupo para ser as questões sociais, que concernem ao grupo.

² **Psicologia Existencial Humanista**

A psicologia existencial humanista, cujo desenvolvimento posterior trouxe a “abordagem centrada no cliente”, tem como principal autor C. Rogers (1902-1987). Rogers considera que as pessoas, quando podem crescer naturalmente ou quando lhes é permitido auto-conhecer-se em um processo terapêutico adequado, são criaturas efetivas, positivas e racionais, capazes de viver em harmonia com os outros e consigo mesmo. Esta corrente preconiza a autenticidade, a empatia e a aceitação incondicional do terapeuta, para permitir ao cliente produzir a atualização de seu eu e a modificação de seu comportamento.

Não cumpre aqui analisar profundamente cada uma das correntes e orientações acima, nem descrever outros corpos teóricos que vieram a integrar a psicologia científica.

De todo modo, é possível observar que no seio da psicologia, parece haver psicologias; algumas atentas ao rigor do método experimental e da epistemologia forte das ciências naturais, outras que vão propor epistemologias e métodos específicos; psicologias que, enfim, vão se enveredar por caminhos distintos, valorizando ora o comportamento humano, ora a sexualidade e o inconsciente, ora a personalidade, ora o desenvolvimento evolucionista humano, ora a gestalten, ora o acolhimento integral do homem, ora as aptidões e performances humanas, ora as relações sociais do homem inserido nas instituições e nos grupos.

O que se percebe é um conjunto de saberes que contêm profundas diferenças na consideração do que deve integrar o “campo psi” e de como produzir conhecimentos sobre esse campo. Saberes que buscam totalizar, em seus pressupostos, teorias e métodos, a “verdade” do que deve realmente ser estudado e considerado pela psicologia. Nesse sentido, vale citar a divertida pontuação de Vygotsky:



O que é que têm em comum todos os fenômenos que a psicologia estuda, o que é que transforma em fatos psíquicos os mais diversos fenômenos – desde a secreção da saliva nos cachorros até o prazer da tragédia –, o que têm em comum os desvarios de um louco e os rigorosíssimos cálculos de um matemático? A psicologia tradicional responde: o que têm em comum é que todos eles são fenômenos psíquicos, que não se desenvolvem no espaço e só são acessíveis à percepção do sujeito que os vive. A reflexologia responde: o que têm em comum é que todos esses fenômenos são fatos do comportamento, processos correlativos de atividade, reflexos, atos de resposta do organismo. Os psicanalistas dizem: o que há em comum a todos esses fatos, o mais primário, o que os une e constitui sua base é o inconsciente. Portanto, três respostas estabelecem três significados distintos da psicologia geral, a qual definem como a ciência 1) do psíquico e suas propriedades, ou 2) do comportamento, ou 3) do inconsciente. (Vygostky, 1999, p. 213)

Esta realidade tem feito com que as críticas e questionamentos à psicologia, ao longo de sua existência científica, inclusive aquelas feitas pelos próprios psicólogos, se voltem, em grande medida, à inviabilidade de uma unidade teórico-metodológica. Mas o que se vê, em geral, são debates de colorido fortemente emocional entre os defensores das diferentes correntes, verdadeiros diálogos entre surdos¹. Ou então tentativas espúrias de conciliação entre os diferentes e às vezes contraditórios modelos teóricos e metodológicos. Realidade que parece mascarar outras questões, desviar o foco de discussão de outros aspectos mais fundamentais para a ciência psicológica em termos epistemológicos, éticos e políticos.

4.2. Psicologia Teórica x Psicologia Aplicada

Quando as críticas saem da heterogeneidade da psicologia, os questionamentos voltam-se basicamente para denunciar a *aplicação indevida* das teorias, supostamente inatacáveis em sua validade e neutralidade científicas (Patto, 1984). Assim, mais uma dicotomia surge dentro da psicologia: Psicologia Teórica x Psicologia Prática. E os problemas da psicologia passam a centrar-se na má aplicação que se tem feito de suas teorias.

Em si mesmos, os descobrimentos científicos são neutros. Nas mãos de um ditador, os métodos da psicologia industrial pode converter-se em

1. Nos contextos universitários brasileiros na atualidade, estas discussões são notórias, feitas por professores e alunos dentro e fora de sala de aula. Contudo, em grande medida, as discussões não passam de acusações pouco fundamentadas que parecem encobrir os interesses das diversas correntes de angariar mais adeptos e erigir ao posto de “melhor corrente”, dentro da lógica competitiva das sociedades capitalistas modernas.



meio para o acréscimo, com fins diabólicos, da produtividade de seus escravos; controlados pelos representantes democráticos de um povo livre, estes mesmos métodos podem fazer o trabalho mais fácil, mais produtivo, mais remunerador. (Eysenck, citado por Deleule, 1972, p. 88)

Contudo, essa separação, em primeiro lugar, não faz sentido, pois, como nos mostra Deleule (1972), a dissociação completa entre a teoria e a sua aplicação é impossível: “a técnica psicológica extrai sua validade da arquitetura teórica na qual se baseia e esta possibilita, em contrapartida, a legitimidade do exercício das técnicas” (p. 53).

E, em segundo lugar, ao focar o mau uso e os problemas da aplicação da psicologia, mais uma vez retira-se de discussão os fundamentos epistemológicos, históricos e ético-políticos que orientam e conduzem à produção da teoria em si.

A título de ilustração, vale citar o exemplo dos testes psicológicos, uma vez que os mesmos têm sido aplicados por psicólogos escolares, organizacionais e clínicos e cuja má aplicação feita pelos próprios psicólogos ou mesmo a aplicação indevida e ilegal de outros profissionais têm suscitado freqüentes discussões.

Os primeiros testes desenvolvidos foram os testes de aptidão, elaborados sob a justificativa de substituir uma classificação e uma seleção cega e aleatória entre os indivíduos baseada em critérios intuitivos, por uma seleção baseada em critérios técnicos e científicos, de acordo com as “reais potencialidades” de cada um. Essa classificação corresponde a uma hierarquia funcional cujos critérios se referem à média normal de uma amostra de certa população, a partir do que se poderia “orientar racionalmente e cientificamente” a seleção dos indivíduos.

Posteriormente, aos testes de aptidão foram incorporados os teste de personalidade, desenvolvidos sob o argumento de serem instrumentos que possibilitariam restituir à pessoa humana toda a sua dimensão psicológica, para evitar um diagnóstico parcial.

Todavia, mister se faz analisar os pressupostos que antecedem à própria produção científica, dentro do contexto experimental, de referidos testes.

O que se observa é que os testes têm sido elaborados de acordo com um “certo número de idéias pré-concebidas, e os critérios discriminativos estão ligados a noções totalmente ideológicas e em absoluto científicas” (Deleule, 1972, p. 95). A inteligência, por exemplo, é considerada pelos psicólogos como uma aptidão geral que é avaliada em função da rapidez e da eficiência na execução de certa tarefa, da possibilidade de adaptação a situações novas e da possibilidade de êxito social. Mas não são estes os valores liberais por excelência, tão glorificados pela classe dominante burguesa: eficiência, rapidez, adaptação ao meio social capitalista?

O que se vê, então, é a utilização *a priori* de critérios sociais que definem os conceitos e as premissas que orientam a produção “científica” dos testes. Assim, os testes surgem com o intuito de detectar nos indivíduos as características que respondem aos interesses do capitalismo industrial. Nos testes de aptidão: rendimento, produtividade, eficiência, eficácia. Nos testes de personalidade: “prevenir ou eliminar o coeficiente de agressividade e de adversidade (leia-se de diferença) de que o indivíduo é portador e que pode ameaçar a ordem estabelecida” (Deleule, 1972, p. 108).



Além desse aspecto, outro também merece análise: os testes são construídos a partir de uma amostragem que é delimitada pelos experimentadores. E qual tem sido, historicamente, o sujeito de experimentação escolhido pelo psicólogo? Ven Biervliet (citado por Deleule, 1972, p. 101) o descreve : "É necessário que sua paciência não seja pouca, nem que sua estabilidade mental seja precária. Os nervos não devem chegar aos limites da neurastenia; devem poder manter um esforço regular e constante."

Assim, os sujeitos estudados devem reunir certas condições "ideais" *a priori*, sem as quais a experimentação fica comprometida. O sujeito, para satisfazer aos critérios científicos do psicólogo, deve pois reunir as "boas disposições". O que remete a uma certa visão de homem que se espera e se mede.

Uma catalogação recente das amostras utilizadas pelos cientistas do comportamento para pesquisas sociais e de personalidade sugere que os estudantes universitários são de longe os sujeitos mais procurados. Eles desempenham o papel de "cobaias" para quase 80 por cento das investigações sociais e de personalidade. Os estudantes do primeiro e do segundo ano de introdução à psicologia são os que têm as maiores probalidades de participar. As pesquisas em homens apenas são duas vezes mais comuns do que as pesquisas em mulheres somente. Podemos chegar, pois, à conclusão de que os cientistas do comportamento freqüentemente estudam pessoas brancas (especialmente homens), relativamente inteligentes, instruídas, jovens e abastadas. (Davidoff, 1983, p. 37)

4.3. Ciência e (cons) ciência da psicologia

“A psicologia deve ser esta ‘colonização’ interior feita com rigor e destreza”.

Didier Deleule

Com base nas considerações feitas acima, é possível postular que a psicologia, ao longo de seu desenvolvimento, tem focado suas discussões, via de regra, em pontos secundários. Pouco se tem analisado e discutido, principalmente pelos próprios psicólogos, acerca de questões fundamentais que desde Wundt podem ser pontuadas, mas que permanecem encobertas por outros debates, mais superficiais.

Possivelmente, esta realidade histórica exista uma vez que analisar as questões “de fundo” da psicologia escancaram pontos incômodos para os psicólogos.

O primeiro desses pontos refere-se ao fato de que a grande maioria das escolas e abordagens psicológicas reproduzem, não obstante as diferenças conceituais que apresentem, a lógica e as concepções próprias do contexto moderno; trazem, como pressupostos para a sua elaboração teórica, perspectivas deterministas, mecanicistas e naturalizadoras. Ou seja,



pressupõem que há causas para o “efeito homem” e que o desenvolvimento dos processos humanos operam com regularidade e constância; tudo de acordo com *uma* concepção de sujeito – individual, privado, edipiano, capitalista, consumista, consciente de seu mundo interno diferente da realidade exterior – que é histórica, como já dito, mas que é tomada como natural e, por isso, universal.

Nesse sentido, vale citar o exemplo da psicanálise, salientando que quase todas as escolas da psicologia possuem, e isto se dá de forma muito sutil e dissimulada, a mesma proposta naturalizante e totalizante. Entretanto, os objetivos desse trabalho inviabilizam uma análise aprofundada de todas elas.

A psicanálise toma como universal e eterno um modo de produção do sujeito que é exatamente o modo de produção das sociedades capitalistas: o modo de produção do sujeito edipiano. Esta realidade é demonstrada por diversos autores, especialmente G. Deleuze (1925-1995) e F. Guattari (1930-1992), que são citados por Barembliit (1998):

Deleuze e Guattari, no que dizem acerca do sujeito psíquico, afirmam que não existe um modo de produção deste que seja universal e eterno. Mas sim, existe um modo historicamente dominante de produção do sujeito psíquico que, obviamente, é o edipiano. E se pode dizer que o modo edipiano de produção do psiquismo – vamos dizê-lo de uma maneira um tanto vulgar – é a produção de homens narcisistas, egoístas, ciumentos, invejosos, petulantes, facilmente decepcionáveis, majoritariamente heterossexuais, enfim, o que constitui o psiquismo habitual do nosso modo de ser, que é universal. Mas não é universal no sentido de que seja o único. Não é universal no sentido de que sempre tenha sido assim. Mas é universal no sentido de que é um modo de produção do sujeito psíquico que teve sucesso em sua capacidade de impor-se aos outros. (Barembliit, 1998, p. 19)

Opera-se, assim, a naturalização do fenômeno psicológico e da subjetividade que se constituem, entretanto, historicamente. Não obstante, alguns poderiam argumentar que há elementos comuns no fenômeno psicológico moderno e nos fenômenos de subjetividades de outros momentos históricos. Muito provavelmente há. Mas ao focar as possíveis semelhanças, freqüentemente, e isto parece ser o que a psicologia tem feito, deixa-se de fora as diferenças e desliza-se para outro lugar que não o cerne da questão: naturaliza-se uma subjetividade, retira-se-lhe o que é histórico, para tomá-la como universal e institucionaliza-se certo padrão de normalidade, de saúde, de mente, de sujeito, de psicológico que passa a ser considerado como o correto, o melhor, o ideal, o verdadeiro.

Diante disso, cabe a pergunta: se o sujeito moderno capitalista burguês é colocado como o “natural” e o “universal”, o que resta à psicologia? Adaptar os desviantes, os anormais, os problemáticos, os inibidos, os fracassados. Com isso, a psicologia vem, via de regra¹, oferecer aos interesses dominantes da sociedade moderna, no seio da qual ela se estrutura enquanto ciência,



possibilidades de mensuração das aptidões, de definição dos mais capazes a seguir o legado da acumulação do capital, bem como de modos de prevenção, controle e reajuste de condutas desadaptadas.

A psicologia moderna é uma coleção de respostas a uma pergunta que o psicólogo nunca fez e que podia formular-se da seguinte forma: como integrar o melhor possível os indivíduos ao sistema social a que pertencem? Como conseguir que esta pertença de fato se converta em uma pertença de direito? (Deleule, 1972, p. 80)

Chegamos, pois, a um segundo ponto fundamental: a psicologia científica, em suas principais correntes, vai desenvolver teorias e técnicas para melhor integrar, adequar e adaptar os indivíduos ao meio social. É possível afirmar que a adaptação dos homens ao meio social é não só boa, mas necessária para que o ser humano se saiba como tal. Mas, se por um lado esta afirmação é verdadeira, por outro, deve-se verificar a que sociedade, com que interesses, privilégios, organizações e lógicas de funcionamento o homem tem se adequado e de que forma esta adequação tem se dado. O que se vê é que essa adequação tem sido feita da forma mais mistificada e alienada possível, privilegiando os interesses e a lógica do modo de produção capitalista. E, nesse contexto, qual a melhor forma de adaptar os indivíduos ao meio? Através de sua colonização interna. Para tanto, a Modernidade, referendada pela psicologia, produziu a eleição dolorosa do sujeito como referência última (Deleule, 1972).

Eis o território privilegiado, como referido anteriormente, para o controle dos indivíduos na Modernidade: sua subjetividade, seu mundo interno, sua personalidade, seus comportamentos, sua consciência e até seu inconsciente. Não há juiz mais eficiente, astuto e presente do aquele que se encarna no próprio sujeito, em seu corpo, em suas expressões, em suas doenças, em sua postura, em suas idéias e concepções de mundo, em seus sonhos e pesadelos. E que produz profunda angústia e culpa por apontar ao sujeito o que este deveria ser: um ser dentro dos padrões instituídos de beleza, de produção, de consumo, de aptidões e capacidades, de linguagem, de disciplina, de auto-estima, de força de vontade, de competência no trabalho, etc.; e apontar, por outro lado, o que o sujeito (não) é.

À psicologia, resta trabalhar cada indivíduo, seja através de sua aceitação integral, seja através de uma escuta analítica, seja através do mapeamento dos condicionamentos, ou ainda outras formas propostas pelas correntes psicológicas. Trabalha-se o sujeito, suas questões pessoais e íntimas; busca-se que o sujeito encontre a sua verdade, o seu desejo, a sua elaboração, o seu *insight*. Mas, seja como for, a maioria dos trabalhos psicológicos são feitos considerando que tudo depende da vontade e do empenho do indivíduo; o desenvolvimento do processo

1. A afirmação baseia-se na grande maioria das escolas e paradigmas da psicologia científica, sem entretanto descartar a possibilidade de teorias e práticas psicológicas que propõem outras formas de produção teórica e de intervenção, atentas às tramas ideológicas do discurso adaptacionista.



psicoterapêutico ou analítico de cada um, seu desempenho escolar ou laboral, suas relações familiares, seus sintomas, delírios, alucinações, tudo é de responsabilidade, competência e desejo *do sujeito*.

Com isso, a psicologia interpela o sujeito apenas no território que a sociedade burguesa reconhece e quer respeitar em cada um: a subjetividade. Entretanto, ao atuar socialmente dessa forma, pois é sempre numa sociedade que se atua, os psicólogos desconsideram, como já dito, que os indivíduos devem se haver não apenas com suas questões subjetivas e seu próprio desejo, mas também com a relação destes com as exigências e imposições da ordem social vigente. E, desse modo, a psicologia, ao falar da subjetividade, do sujeito, dos fenômenos psicológicos, do comportamento e das capacidades humanas acaba não falando da vida, das condições econômicas, sociais e culturais em que os homens, seu objeto de estudo, estão inseridos. Ou ainda, contribui significativamente para ocultar referidas condições. Esta realidade, descrita por Bock (2001), faz com esta autora afirme:

Fala-se de mãe e pai sem falar da família como instituição social marcada historicamente pela apropriação dos sujeitos; fala-se de sexualidade sem falar da tradição judaico-cristã de repressão à sexualidade; (...) fala-se do psicológico sem falar do cultural e do social. Na verdade, não se fala de nada. Faz-se ideologia! (Bock, 2001, p. 25)

Podemos então destacar mais um ponto “de fundo” da psicologia: ao bancar a lógica adaptacionista, ao difundir como naturais e universais as concepções liberais burguesas e ao trabalhar o indivíduo somente no território do subjetivo, a psicologia contribui para a manutenção do *status quo* de dominação, exploração e mistificação instituído e difundido pelo capitalismo, que atualmente ganha proporções planetárias. As diversas correntes que se desenvolveram e tem se desenvolvido dentro da psicologia, apesar de suas diferenças conceituais e paradigmáticas, talvez possuam, por isso, uma **unidade ideológica**¹.

1. A ideologia é aqui entendida, conforme postula Charlot, citada por Bock (2001) como “um sistema teórico, cujas idéias têm sua origem na realidade, como é sempre o caso das idéias; mas que coloca, ao contrário, que as idéias são autônomas, isto é, que transforma em entidades e em essências as realidades que apreende, e que, assim, desenvolve uma representação ilusória ao mesmo tempo daquilo sobre o que trata e dele próprio; e que, graças a essa representação ilusória, desempenha um papel mistificador, quase sempre inconsciente (o próprio ideológico é mistificado, acredita na autonomia de suas idéias): as idéias assim destacadas de sua relação com a realidade servem, com efeito, para construir um sistema teórico que camufla e justifica a dominação de classe. Ideológico não significa, portanto errôneo (...). Aliás, é porque uma ideologia é um sistema ilusório e não um sistema de idéias falsas que é social e potencialmente eficaz” (p. 23-24).



Sob a aparente heterogeneidade da psicologia, constituída por várias escolas ou vários paradigmas, seria possível detectar a presença de uma unidade básica; isto equivale a afirmar que o behaviorismo de Watson e suas versões mais recentes não detêm a exclusividade de constituírem um discurso ideológico adaptacionista, com pretensão de *status* de ciência. A mesma reificação que identificamos no discurso comportamental talvez esteja presente nos pensamentos cognitivistas e humanistas, materializados nos fundamentos teóricos do movimento psicometrista (seja o que se configura na construção e aplicação de testes de aptidão, seja o que se caracteriza pelos instrumentos de avaliação da personalidade), na teoria piagetiana, no psicodrama e no sociodrama, na psicologia social de inspiração funcionalista, na teoria de personalidade e de terapia centrada no cliente. (Patto, 1984, p. 93)

Ao considerar somente o indivíduo, ao elegê-lo como referência última, como o responsável por sua mudança interior, pela melhora de sua qualidade de vida e pela diminuição de seu sofrimento psíquico, a ciência psicológica ratifica aquilo que Deleule (1972) denomina “**ideologia da mudança**”. Diga-se, mudança dos indivíduos, e não do meio social. E, ao proclamar, no privilegiado lugar de saber científico em que se encontra, a “ideologia da mudança”, a psicologia encobre e dissimula a necessária **mudança da ideologia**.

Desse modo, retira-se de discussão as questões sociais. Não que a psicologia desprezasse totalmente os aspectos sociais e as relações dos indivíduos com o meio, mas a abordagem, via de regra, restringe-se à pontuação de um lugar em que o sujeito tem que estar e a ele se adaptar. Mais uma vez as dicotomias: interno x externo, subjetividade x objetividade, individual x social.

À psicologia cabe estudar, medir, estruturar e dizer dos fenômenos internos, o que é subjetivo, “como se” estes aspectos estivessem descolados da realidade social e cultural. Com isso, a lógica social do capitalismo fica resguardada.

Ademais, ao dizer *desta* subjetividade, a psicologia também a produz e a insere nos sujeitos que vivem nas sociedades em que opera como ciência. E ao se referir à subjetividade dessa forma resguarda mais uma vez a lógica capitalista: “as forças sociais que administram o capitalismo hoje entendem que a produção de subjetividade talvez seja mais importante que qualquer outro tipo de produção, mais essencial até que o petróleo e as energias, visto que produzem esquemas dominantes de percepção do mundo” (Guatarri e Rolnik, 1988, p. 40).

Vale citar, a este título, a “pesquisa sobre o perfil psicológico do ‘terrorista’ brasileiro” realizada na década de 70 e descrita por Coimbra (1995). Referida pesquisa psicológica, solicitada pelo General Murici, foi feita com quarenta e quatro presos políticos, quase todos estudantes



universitários de classes sociais abastadas. Com efeito, a grande questão que subjaz na pesquisa é entender porque justamente os filhos da pequena burguesia tinham se tornado “terroristas”.

Estas pesquisas mostram não apenas uma necessidade por parte da repressão de conhecer melhor os militantes políticos e traçar o perfil daqueles que estão sendo combatidos, mas, também – bem de acordo com as subjetividades hegemônicas na época – difundir na sociedade em geral e nas famílias de classe média, em especial, a crença de que seus filhos são “desajustados”, “desequilibrados” emocional e socialmente e, portanto, “doentes”, precisando de tratamento. Em suma, elas – as famílias – são as principais responsáveis pelos transtornos que esses jovens trazem para a nação que quer “se desenvolver em ordem e em paz”. (Coimbra, 1995, p.203)

Assim, nesta pesquisa e em outros vários eventos históricos acontecidos no Brasil, apresentados no estudo sobre a psicologia no Brasil “do Milagre” feito por Coimbra (1995) é possível constatar que as considerações já feitas neste trabalho são também pertinentes para a psicologia brasileira.

Por fim, mais uma questão fundamental deve ser analisada. A psicologia, ao considerar como natural e universal o padrão de homem e de subjetividade instituído pela classe social dominante do capitalismo, nega e patologiza a diferença. Isto ocorre tanto para as diferenças individuais, como na consideração dos “loucos” como doentes mentais¹, quanto para as diferenças sociais, como nas teorias sobre carência cultural² já difundidas na psicologia da educação.

A psicologia referenda, com isso, a ambição da lógica capitalista de impedir que haja espaço para quem não é produtivo, para quem não é consumidor, para quem, afinal, não presta para o capital. E se coloca, assim, num paradoxo existencial: por um lado, como afirma Foucault (1999), a psicologia nasce no ponto em que a prática do homem moderno encontra suas próprias contradições; mas, por outro lado, o que se tem visto são tentativas efêmeras e paliativas, senão impossíveis, de solucionar essas contradições e sucumbir as diferenças. Contradições e diferenças que são próprias do humano e que são atravessadas por questões sociais, históricas, biológicas, físicas, químicas e por tudo o mais que existir sobre a Terra.

Será que cabe à psicologia solucionar as contradições humanas, execradas historicamente, conforme postula Figueiredo (1995), ao lugar de dejetos que o psicólogo deve “limpar”? Ou será que, ao invés disso, deve a psicologia considerar as contradições mesmas como uma necessidade

1.

Sobre as teorias sobre deficiência ou carência cultural, cumpre verificar os estudos empreendidos por Soares (1999) e Patto (1984).

2.



e contingência dos homens em suas diferenças essenciais, como a possibilidade do homem ser o que é e quiser inventar, como a liberdade de existências que escapulem, com todo o direito, às determinações dessa ciência?

Por todo o exposto, pode-se observar que muitos são os pontos a serem analisados pelos psicólogos. E talvez fique a questão: o que fazer? Não há uma resposta pronta. Mas é importante, se a psicologia tem pretensões de se tornar realmente científica, no sentido de uma produção de conhecimentos que descubrem, ao invés de encobrirem, como fazem as *pseudociências* (Deleule, 1972) as quais se esgotam em suas determinações ideológicas e não assumem mais que um discurso superficial, que os psicólogos assumam a responsabilidade de refletir sobre as motivações e interesses ideológicos que os conduzem. Mister se faz que, em sua formação, produção teórica e prática profissional, os psicólogos analisem, além de suas questões de ordem subjetiva, sua implicação ético-política, social e histórica.

5. FORMAÇÃO E ENFORMAÇÃO DOS PSICÓLOGOS

**“A revolução de nossa época será pedagógica
ou simplesmente não será.”**

Gerard Mendel

Diante das considerações já feitas, mais um aspecto merece ser analisado, qual seja o papel da formação universitária para o desenvolvimento da psicologia científica, através da produção de conhecimentos que empreende e da capacitação dos profissionais que atuam nesta área.

O que se pode observar é que os cursos de psicologia, na grande maioria das faculdades e universidades brasileiras, têm focado a melhor inserção possível de seus alunos no mercado de trabalho e uma boa atuação destes, bem como dos professores e da própria entidade de ensino no “provão” realizado anualmente pelo MEC – Ministério da Educação e Cultura. Objetiva-se, via de regra, a capacitação dos estudantes com as técnicas e o *know how* necessários para que os futuros psicólogos possam atuar de forma eficiente e eficaz de acordo com as “exigências do mercado”.

Já aqui caberia uma pergunta: os estudantes de psicologia, auxiliados pelos professores e pela estrutura das entidades de formação superior, estão “correndo atrás” das exigências *de que* mercado? No Brasil, trata-se do mercado de trabalho de um país em que vigora o modo de produção capitalista, estruturado com um Estado neo-liberal e onde as desigualdades sociais são assustadoras.

Entretanto, como foi mostrado ao longo desse trabalho, a grande parte das discussões dos psicólogos, e isto pode ser considerado durante e após a formação, têm se baseado na competência da psicologia para estudar os sujeitos considerados individualmente, suas questões pessoais, seu comportamento, seu inconsciente, seu desejo, pouco importando os aspectos sociais, entre eles, o mercado de trabalho em que o psicólogo está se inserindo...



Com isso, o que se constata é que a formação universitária em psicologia prioriza, em grande medida, a apreensão de teorias e técnicas para uma atuação profissional condizente com as demandas do mercado de trabalho que se estrutura de acordo com os interesses dominantes. E, nesse contexto, aprende-se basicamente o “como fazer”: como conduzir uma entrevista de anamnese, como analisar a situação de certo cliente/paciente para diagnosticá-la e definir quais condutas e intervenções devem ser feitas, como realizar estas intervenções, como aplicar tal e qual teste, como realizar um trabalho institucional, como trabalhar com crianças em “situações especiais”, como fazer uma dinâmica de grupo, como conduzir um processo seletivo numa empresa, como treinar certas pessoas, como, enfim, ser psicólogo.

Mas basta saber “como fazer”? Não será necessário, e talvez urgente, que os psicólogos, formados e em formação, se perguntem porque, para que, para quem, quando, onde, com que motivações e com que conseqüências se faz o que se tem feito e o que mais se pode fazer?

Entretanto, estas perguntas não parecem estar na “ordem do dia”. Com efeito, como mostra Patto (1984), a psicologia tem crescido através de milhares de “pesquisas normais”, realizadas principalmente nos contextos universitários, as quais articulam e analisam os fenômenos concernentes à subjetividade apenas dentro dos paradigmas, teorias e epistemologias já estabelecidos.

Segundo Kuhn (1978), a “pesquisa normal”, ou baseada em paradigma, não tem por objetivo encontrar fenômenos novos ou fornecer as bases para a articulação de novas teorias; ao contrário, a ciência normal visa à articulação de fenômenos e teorias já fornecidos pelo paradigma, restringindo-se a áreas minúsculas de investigação, limitando, assim, a visão do cientista e tornando-o intolerante diante de inovações e descobertas. (Patto, 1984, p. 77)

Assim, por um lado, é notório o crescimento da psicologia enquanto ciência e profissão que vai estudar e trabalhar com a subjetividade. Subjetividade que, lembre-se, tem sido considerada território prioritário de estudo, controle, adaptação e colonização pelos interesses dominantes das sociedades capitalistas. Mas, por outro lado, este crescimento parece estar levando a psicologia a caminhar a passos largos para permanecer no mesmo lugar.

E a formação universitária tem papel fundamental nesta realidade, por ser o lugar validado social e juridicamente para a aquisição de conhecimentos e o treinamento prático – através dos estágios – para o exercício posterior da profissão. É o que mostra o estudo empreendido por Coimbra, Lobo e Barros (1991), acerca do contexto universitário em que surgiu e vem se desenvolvendo a formação em psicologia, desde a Reforma Universitária de 1968.

A Reforma Universitária enfatizou, na tarefa educativa de produção e transmissão da cultura dominante, o treinamento dos indivíduos, no sentido de formar uma mão-de-obra produtiva para quem fosse contratá-los. (...) Não é por acaso que os cursos de pedagogia e psicologia florescem assustadoramente neste período e é a partir do final da década



de 60 que vemos a clara orientação ideológica de tais cursos. Os de psicologia começam a se expandir a partir da segunda metade da década de 60, culminando após 1968 e na década de 70, quando se constroem e divulgam concepções psicológicas como forma de “psicologizar” toda a vida social e política, como denuncia Chaim Samuel Katz. (Coimbra, Lobo e Barros, 1991, p. 41-42)

Infelizmente, o que se vê é que os cursos de psicologia têm servido mais para enformar, ou seja, colocar na fôrma seus estudantes de acordo com certos interesses dominantes, do que para efetivamente formá-los, no sentido de permitir-lhes um desenvolvimento crítico e analítico diante da realidade da ciência psicológica, em seus mais diversos aspectos.

Mas, apesar de todas as pressões e interesses em jogo, será que é este o único papel destinável aos cursos de “formação superior” diante da realidade que se impõe no Brasil e no mundo? A autora considera que não. Há outras possibilidades, porque elas sempre existem ou podem ser inventadas. E, no contexto atual, os espaços universitários estão em um lugar socialmente privilegiado para eclodir novas revoluções.

Isto porque esses espaços podem ser utilizados, para além dos intentos tecnicistas comumente veiculados, como espaços que ensinem e viabilizem que seus integrantes pensem.

Pensar, nesse sentido, envolve o ensino e a aprendizagem para e através de uma “epistemologia crítica”, implicada política, estética e eticamente. O que remete à necessidade de se analisar o que é estudar e fazer ciência, de que ciência se fala, qual a sua realidade histórica, qual o lugar social destinado aos cientistas e especialistas? E, no caso da psicologia, quais as suas especificidades enquanto ciência social, qual o significado histórico de seu surgimento, quais são os conflitos, as contradições, as ideologias, os valores, as inovações, os fracassos e os êxitos desta ciência, diante da realidade social, econômica e política em que se insere? Como têm sido a produção e veiculação de conhecimentos no campo psi e o que se tem feito com estes saberes? Quais e como têm sido as práticas dos psicólogos; quais as implicações sociais destas?

Trata-se, enfim, de possibilitar àqueles que estão em formação, o que, a rigor, inclui todos os seres humanos, um pensar crítico, reflexivo e contingente; desejante e desejado; um pensar que busque as coisas que realmente importam para a Humanidade, para o Prazer, para o Desejo, para a Vida. Ou ainda, bem ao gosto da ética “spinozana”, trata-se de colocar a Humanidade como referência última em todas as produções que concernem aos homens e sua vida sobre a Terra.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É chegado o fim, mas, com certeza, vários outros aspectos concernentes à psicologia científica poderiam, e possivelmente deveriam, ter sido tratados. Mesmo as questões focadas neste trabalho provavelmente merecem um estudo mais aprofundado e detalhado. Talvez porque a proposta do presente trabalho tenha sido mais levantar e abrir questões do que fechá-las e concluí-las.



Não há, por isso, conclusões a serem feitas neste momento. As considerações e os pontos analisados são ainda, lembrando o que disse Foucault (1999) sobre a renovação radical da psicologia, uma tarefa incompleta a ser preenchida e, a esse título, permanece na ordem do dia.

De qualquer modo, a autora considera que a discussão sobre os aspectos históricos, sociais, epistemológicos e ético-políticos da psicologia é fundamental e urgente, diante da realidade que se vislumbra no Brasil e no mundo.

Mister se faz que a psicologia se atualize, a partir dos aspectos referidos, o que implica, de acordo com Baremlitt (2001), na sua transmutação em dispositivos de produção de novas subjetivações e socializações, extraordinariamente diferentes dos preconizados como “universais”, “invariantes” e “exclusivos” pela mídia, a cultura e a ideologia dominantes, bem como pelas disciplinas científicas a-críticas.

Vale, pois, uma última questão, que talvez seja a primeira, insinuante ao longo de todo este trabalho. Carlos Drummond de Andrade, em seu poema “Mão Dadas”, afirma: “não serei o poeta de um mundo caduco”. E quanto aos psicólogos, de que mundo querem ser?

CARDOSO, Maria Luiza Marques. Psychology as a science and the (con)science of Psychology, article written as a monography to Psychology Department, PUC Minas, Belo Horizonte, Junho de 2002

Abstract: This article provides a critical analysis of scientific psychology, its historical path and its epistemological, ethical and political implications to subjectivity, to graduation and professional works of Psychology

Index terms: Scientific Psychology, Social Psychology, Political Psychology, Epistemology of Psychology

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAREMBLIT, Gregório. Compêndio de Análise Institucional e Outras Correntes, 4^a ed., Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1998.



_____. Introdução à Esquizoanálise, Belo Horizonte: biblioteca de Instituto Félix Guattari, 1998.

_____. Manifesto para uma atualização da Psicologia Social. In: RIVERO, Nelson Eduardo E. (org.). Psicologia Social: estratégias, políticas e implicações, Santa Maria: ABRAPSO SUL, 2001.

BOCK, Ana Mercês B. (at al). Psicologia Sócio Histórica, São Paulo: Cortez, 2001.

COIMBRA, Cecília Maria B. Guardiões da Ordem: uma viagem pelas práticas psi no Brasil do “Milagre”, Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1995

COIMBRA, Cecília M. B., LOBO, Lilia F., BARROS, Regina D. B. A Instituição da Supervisão: análise de implicações. In: SAIDON, Osvaldo e KAMKHAGI, Vida R. Análise Institucional no Brasil, 2^a ed., Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1991.

CUNHA, Helenice. Metodologia de Trabalhos Científicos. Disponível em <
> Acesso em Setembro de 2001.

DAVIDOFF, Linda L. Introdução à Psicologia, São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.

DELEULE, Didier. La psicología, mito científico, Barcelona: Anagrama, 1972.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. Selvagens, Bárbaros e Civilizados. In: _____ . O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia, Lisboa: Assírio & Alvim, 1966.

_____. Introdução: Rizoma. In: _____. **Mil Plátôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 1, Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DEMO, Pedro. Metodologia científica em Ciências Sociais, 3ed. rev. e ampl., São Paulo: Atlas, 1995.



FIGUEIREDO, Luis Cláudio M. Revisitando as Psicologias: da Epistemologia à Ética nas práticas e discursos psicológicos, São Paulo: EDUC, Petrópolis: Vozes, 1995.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio Mendonça e SANTI, Pedro Luiz Ribeiro de. Psicologia: uma (nova) introdução, 2^a ed., São Paulo: EDUC, 2000.

FOUCAULT, Michel. A Psicologia de 1850 a 1950. In: _____. Problematização do Sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999. (Coleção Ditos e Escritos)

GONÇALVES, Maria da Graça M. A Psicologia como ciência do sujeito e da subjetividade: a historicidade como noção básica. In: BOCK, Ana Mercês B. (at al). Psicologia Sócio- Histórica, São Paulo: Cortez, 2001.

GUATTARI, Felix. Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo, São Paulo: Brasiliense, 1981

GUATTARI, Felix e ROLNIK, Suely. Micropolítica: Cartografias do Desejo. Rio de Janeiro: Vozes, 1988

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade, Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

JAPIASSU, Hilton. Introdução à Epistemologia da Psicologia, 3^a ed., Rio de Janeiro: Imago, 1982.

KÖCHE, José Carlos. Fundamentos de Metodologia Científica: Teoria e Prática da Pesquisa, 15^a ed., São Paulo: Vozes, 1999.



LANE, Sílvia e CODO, Wandelely. *Psicologia Social: o homem em movimento*, 7ª edição, São Paulo: Brasiliense, 1989.

MATA MACHADO, Marília Novais da. Três cenários da prática psicossociológica. In: ARAÚJO, José Newton G. e CARRETEIRO, Teresa Cristina (Orgs.). *Cenários sociais e abordagem clínica*, Belo Horizonte: Escuta, 2001.

OSBORNE, Richard. **FILOSOFIA para Principiantes**, Lisboa: Editorial Presença, 1997.

PATTO, Maria Helena, *Psicologia e Ideologia: uma introdução crítica à psicologia escolar*, São Paulo: T.A. Queiroz, 1984.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico*, 21ª ed., São Paulo: Cortez, 2000.

SOARES, Magda. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*, 16ª ed., São Paulo: Ática, 1999

VYGOTSKY, Lev S. O Significado Histórico da Crise em Psicologia. In: _____. *Teoria e Método em Psicologia*, 2ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Sobre a patologização da loucura, vale conferir o estudo empreendido por Foucault, em *A História da Loucura* (1978), onde este autor afirma: “a doença só tem realidade e valor de doença no interior de uma cultura que a reconhece como tal” (p. 77).



A Infância e suas Razões: Questões de Desenvolvimento

ESTRUTURAS ADITIVAS E CONSTRUÇÃO DO NÚMERO NA ESCOLA

Maria Lucia Faria Moro

Universidade Federal do Paraná

Curitiba

I. PROBLEMA CENTRAL INVESTIGADO

Aprendizagem das estruturas aditivas em sua passagem às multiplicativas em contexto de interação social de crianças com base na epistemologia genética.

II. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- descrever a natureza do processo infantil de construção de relações aditivo/subtrativas em tarefas centradas na igualização de parcelas de uma adição.
- verificar se e como, nas tarefas, a elaboração de esquemas típicos daquela construção tem relação com a tomada de consciência de ações para sua conceitualização.

III. REFERENCIAL TEÓRICO

Estruturas aditivas como campos conceituais (Vergnaud, 1985; 1990; 1991; 1994).

Processo de tomada de consciência no modelo da equilibração (Piaget, 1974;1978).

Peculiaridades e obstáculos conceituais na aprendizagem das estruturas aditivas (Bideaud, Meljac & Fischer, 1991; Moro e Branco, 1993; Nunes e Bryant, 1997; Piaget, 1996; Piaget & colls., 1977; Sinclair, 1990; Sinclair, Tièche-Christinat e Garin, 1994).



IV. DADOS METODOLÓGICOS

SUJEITOS

Seis alunos de 1ª e 2ª séries (7;3 a 8;10) de uma escola pública de periferia de município da área metropolitana de Curitiba, agrupados ao acaso em tríades, conforme o critério da defasagem ótima.

PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS:

Tarefas de igualização/não igualização de duas parcelas de uma adição sem referente (até total de 20 elementos). (Piaget & Szeminska, 1971; Piaget, 1996; Piaget & colls., 1977; Vergnaud, 1985):

Características gerais: situações-problema, em dois tipos de seqüência alternada de tarefas de execução prática interpretada e de produção de notações interpretadas, sem e com correção de notações anteriores.

Material: coleção de 20 fichas de plásticos, uma caixa de papelão repartida ao meio; dois bonecos; folhas de cartolina; canetas hidrocor.

PROCEDIMENTOS DE REGISTRO DE DADOS:

Gravação em vídeo com protocolos de transcrição dos diversos tipos de eventos (ações/verbalizações de cada participante) de todo o transcorrer das tarefas.

ANÁLISE MICROGENÉTICA DOS DADOS:

- descrição das características das realizações de cada sujeito, identificando-lhes os tipos e suas alterações psicogenéticas prováveis.



- verificação da relação entre as referidas alterações e patamares de transformação da ação em elaborações conceituais relativas ao sistema conceitual trabalhado (Gardin, 1974; Gilliéron, 1980).

V. RESULTADOS

PATAMARES DE CONSTRUÇÃO DAS RELAÇÕES ADITIVO/SUBTRATIVAS

Composições/recomposições de parcelas:

quantificação pré-relativa de coleções, de caráter intensivo (absoluto): tem mais/tem menos.

quantificação relativa de coleções, de caráter extensivo: parcelas aumentam (pôr) ou diminuem (tirar); instabilidade em seu valor numérico e em suas relações aditivo/subtrativas.

quantificação relativa das coleções como parcelas, com valor numérico relativamente estável: parcelas comparáveis e modificáveis por adições e subtrações simples (ações não implicadas, em início de coordenação).

quantificação relativa de parcelas, com valores e cálculos numéricos estáveis, cujas relações aditivo/subtrativas têm caráter de inversas, com implicações mútuas, mas ainda evocado o apoio empírico (restritas às operações trabalhadas).

Notações conforme sua produção e interpretação:

reprodução notacional mecanizada: escrita de algarismos sem significação numérica, relativa às coleções trabalhadas.

reprodução notacional em parte mecanizada: algarismos, escritas alfabéticas, expressões aritméticas, com atribuição numérica relativa às parcelas trabalhadas.

produção notacional intencional de resultados numéricos trabalhados: algarismos com significado numérico não cardinal, provocando inferências relacionais precárias, ao contrário de desenhos das parcelas.

produção notacional intencional de resultados numéricos (estados finais) e das ações que os produziram, em formas canônicas e não canônicas entre si correspondentes.



2. DO PROCESSO DE TOMADA DE CONSCIÊNCIA DAS RELAÇÕES ADITIVO/SUBTRATIVAS

NÍVEL I - MENOS AVANÇADO

IA - progresso muito restrito a partir de quantificação pré-relativa:

restrita reorganização de um “saber fazer” coleções quantitativas como adicionáveis;
conceitualização precária sobre valor numérico de coleções e suas relações aditivas;
reprodução notacional mecanizada sem significado numérico atribuído.

Descompasso extremo entre modestos

avanços de um “saber fazer” restrito e de sua conceitualização em composições e em notações.

NÍVEL I - MENOS AVANÇADO

IB - progresso da quantificação pré-relativa das coleções para a quantificação extensiva:

reorganização de um “saber fazer” estável de coleções quantitativas, mas instável no plano das suas notações;

conceitualização instável relativa ao valor numérico das parcelas e às suas adições e subtrações;

reprodução notacional marcada pela mecanização, com atribuição numérica relativa às composições anteriores.

Descompasso entre avanços do “saber fazer”

parcelas desiguais/iguais com a conceitualização das relações de transformação em jogo e com suas notações.



NÍVEL II - INTERMEDIÁRIO

- progresso da quantificação extensiva das parcelas para relações aditivo/subtrativas numéricas no plano das ações:

avanços estáveis das composições das parcelas

como entes numéricos comparáveis e modificáveis por ações sucessivas (pôr/tirar);

conceitualização estável relativa a resultados

numéricos decorrentes de ações aditivo/subtrativas,

estas operações simples em início de coordenação,

advindas de abstrações pseudo-empíricas ;

produção notacional intencional correspondente às parcelas, sem significado cardinal: representação de estados numéricos finais que apoiam a evocação de ações efetuadas, com inferências relacionais precárias, o que não ocorre quando desenhos são utilizados.

Descompasso a favor da conceitualização no

plano das composições/recomposições de parcelas em comparação aos avanços modestos das notações referentes.

NÍVEL III – AVANÇADO

- progressos de relações de ordem numérica aditivo/subtrativas em ações e notações:

composições/recomposições de parcelas, por

ações inversas (acréscimos/decréscimos

antecipados) conforme valores numéricos estáveis;

conceitualização estável relativa a resultados

numéricos de relações aditivo/subtrativas na forma

de cálculo aritmético, inferidas de ações inversas

com implicações mútuas, mas restritas aos valores

trabalhados, ainda evocado o apoio empírico;

produção intencional de notações dos resultados numéricos e das ações/relações que os geraram, em avanços conceituais expressivos: equilíbrio entre a representação de estados



finais e de ações transformadoras, como tal significadas e registradas em formas canônicas e não canônicas entre si correspondentes.

Descompasso entre avanços conceituais no plano das notações e os no plano das composições das parcelas com o material, a favor dos primeiros.

VI. PARA A DISCUSSÃO

sinais de uma psicogênese das relações aditivo/subtrativas (tal como trabalhadas nas tarefas) ligada à tomada de consciência de esquemas relativos àquele sistema conceitual, na alternância cíclica das tarefas oferecidas.

Processo psicogenético específico ao sistema conceitual trabalhado, ligado à construção de invariantes pertinentes à noção de número (correspondência bi-unívoca, conservação de quantidades numéricas, relações parte/todo).

Papel necessário do fenômeno da tomada de consciência da relação entre ações e seus resultados, nos progressos conceituais de aprendizagem pertinentes à referida psicogênese em seus patamares diversos.

DISCUSSÃO (cont.)

Aprendizagem no contexto da tomada de consciência e sua relação com: a) a alternância cíclica das tarefas aplicadas (execução interpretada/notação interpretada de parcelas iguais/desiguais/iguais); b) o patamar conceitual de partida do sujeito, advindo de seu aproveitamento da experiência escolar.

Mérito de tarefas do gênero ligado à qualidade das intervenções do adulto no ativar a tomada de consciência, de ações/relações e seus resultados, de cada criança e entre as crianças no contexto de tríades.



REFERÊNCIAS

- BIDEAUD, J.; MELJAC, C. & J. P. FISCHER, J. P. (Éds.) (1991). *Les chemins du nombre*. Lille, Presses Universitaires de Lille.
- GARDIN, J. C. (1974). *Les analyses de discours*. Neuchâtel, Delachaux et Niestlé.
- GILLIÉRON, C. (1980). El psicopedagogo como observador: por qué y como. *Infancia y Aprendizaje*, 9, 7-21
- MORO, M. L. F. & BRANCO, V. (1993). A adição/subtração em crianças de 1ª série: um estudo sobre aprendizagem construtivista. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 9, 2, 365-385.
- NUNES, T. & BRYANT, P. (1997). *Crianças Fazendo Matemática*. Porto Alegre, Artes Médicas.
- PIAGET, J. (1974). *La prise de conscience*. Paris, PUF.
- PIAGET, J. (1978). *Fazer e compreender*. Tr. de C. L. P. Leite da ed. de 1974. São Paulo, EDUSP/ Melhoramentos.
- PIAGET, J. (1996). *As formas elementares da dialética*. Tr. de F. M. Luiz do original de 1980. São Paulo, Casa do Psicólogo.
- PIAGET, J. & SZEMINSKA, A. (1962). *A gênese do número na criança*. Tr. de C. M. Oiticica da edição de 1971. Rio de Janeiro, Zahar.
- PIAGET, J. & colls.(1977) *Recherches sur l'abstraction réfléchissante*. Études d'Epistémologie Génétique, vols. XXXIV. Paris, PUF.
- Sinclair, A. (1990). A notação numérica na criança. In H. SINCLAIR (Org.), *A produção de notações na criança*. Trad de M. L. F. Moro do original de 1988 (pp. 71-96). São Paulo, Cortez.
- SINCLAIR, A.; TIÈCHE-CHRISTINAT, C. & GARIN, A. (1994). Comment l'enfant interprète-t-



il les nombres écrits à plusieurs chiffres? In M. ARTIGUE; R. GRAS; C. LABORDE & P. TAVIGNOT (Eds.), *Vingt ans de didactique des mathématiques en France* (pp. 243-249). Grenoble: La Pensée Sauvage.

VERGNAUD, G. (1985). *L'enfant, la mathématique et la réalité* (3^a ed.). Berne, Peter Lang.

VERGNAUD, G. (1990). La théorie des champs conceptuels. *Recherches en Didactiques des Mathématiques*, 10 (23), 133-170.

VERGNAUD, G. (1991). L'appropriation du concept de nombre: un processus de longue haleine. In J. BIDEAUD; C. MELJAC & J. P. FISCHER (Éds.), *Les chemins du nombre* (pp. 271-282). Lille, Presses Universitaires de Lille.

VERGNAUD, G. (1994). Le rôle de l'enseignant à la lumière des concepts de schème et de champ conceptuel. In M. ARTIGUE; R. GRAS; C. LABORDE & P. TAVIGNOT (Éds.), *Vingt ans de didactique des mathématiques en France*, (pp. 177-191). Grenoble, La Pensée Sauvage.

Nível IA - SUE (7;4/1^a série):

Composição/recomposição de parcelas com o material:

- identificação da grandeza das parcelas não igualizadas como quantidades intensivas pré-relativas *tem mais/tem menos*:

1^a ses., 2^a rod., parcelas 5 e 8: Sue (faz o pareamento das 5 fichas com as 8, aponta cada ficha da parcela =5 com Deb; repete gesto de apontar fichas parcela = 5): "Cinco. Aqui tem mais (parcela=5) ...aí é menos (parcela=8)."

Nível IA - SUE (7;4/1^a série):

Notação:

- traçado de algarismos correspondentes à grandeza das parcelas desiguais trabalhadas:

1^a ses., 2^a rod., parcelas 5 e 8, Sue (sempre olhando o que Deb faz, traça 5, 8, marca adiante traços, e Deb faz traço em cima de traçado de 8); [...] Sue (aponta algarismo 3 traçado por Deb); "Dois."; Deb: "Dois, é três." (vai para lado de Sue e rabisca em azul traços de 2); Deb: "Dois.";



Sue (olha o que Deb faz); [...] Sue (apontando 5 e 8): “Fiz cinco e oito.”; exp: “Cinco e oito, por quê?”; Sue (silêncio, olha notações); exp: “Você não quer marcar mais nada? Só isto?”; Sue (aceno afirmativo).

Nível II – LUF (8;3/1ª série)

Composição/recomposição de parcelas com o material:

- identificação da extensão numérica da diferença “a mais” entre parcelas: elementos excedentes na parcela mais numerosa, com cálculo pela decomposição da extensão da diferença.

1ª ses., 3ª rod., parcelas 8 e 3, exp: “... com quantos o boneco ficou a mais. Dá pra descobrir?”; LuF (olha 8 e 3 fichas alinhadas na mesa, estica 3 dedos de uma das mãos, estica 3 dedos da outra, olha fichas e dedos, encolhe um dedo, deixa 2 esticados): “Cinco.” (gesto rápido para dedos e fichas); exp: “O boneco tem cinco a mais?”; LuF (aceno afirmativo); exp (para LuF e Sue): “De que jeito o LuF descobriu?”; LuF: “Contando nos dedos.”; exp (apontando 3 e 8 fichas): “Olhando aqui dá pra descobrir?”; LuF: “Dá... (separa 5 fichas da parcela de 8 e amontoa-as ao lado)... contando estas daqui (as 5 separadas).”; [...] exp: “Quantos que o boneco ganhou a mais que a boneca?”; LuF e Deb: “Oito.”; exp: “Mas é isto mesmo? E estes?” (aponta 5 fichas excedentes na parcela =8); LuF: “Não!”; Deb: (aponta as 5 fichas): “É cinco.”.

Nível II – LUF (8;3/1ª série)

Notação:

- traçado de algarismos correspondentes à grandeza das parcelas desiguais, com apoio na rememoração de cada grandeza (contagem):

1ª ses., 3ª rod., parcelas 8 e 3, LuF (desenha boneca, traça ao lado 3, desenha boneco, estica 5 dedos da mão esquerda, larga caneta, estica 3 dedos da mão direita, olha dedos, pega caneta): “... este ficou com oito.” (olha Deb, traça 8); [...] exp: “A boneca tinha menos que ele, né?”; LuF: “Este (boneco) ganhou cinco a mais (traça 5 com traço); [...] exp: “Quantos o boneco tinha a menos que a boneca?”; LuF (apontando 5 dedos desde 3 levantados): “Cinco a mais, é a mais (juntando 5 dedos e 3 dedos).



Nível II – LUF (8;3/1ª série)

Notação:

- desenho de elementos para as duas parcelas desiguais 5 e 8 identificadas como tal, com termos relativos “mais que/menos que”. A diferença entre as parcelas é identificada por cálculo numérico dos elementos excedentes na parcela mais numerosa :

2ª ses., 1ª rod., parcelas 5 e 8 , exp: “Quantos que ela tinha a menos que ele?”; LuF (aponta cada ficha desenhada da parcela =8 até o 5º para, depois, apontar os 3 restantes); “Três a mais...e é três a menos.”.

Nível III – VI (7;11/2ª série)

Composição/recomposição de parcelas com o material:

- identificação imediata da diferença entre as parcelas em termos comparativos “tudo/nada”, seguida de antecipação da sua igualização mediante cálculo da metade, referência para cálculo do total.

1ª ses., 3ª rod., parcelas 18 e 0, Vi (olhando caixa com 18 fichas em um lado e nenhuma no outro): “Oh! Oh! Ficou, ficou com todos, com todos!”; exp: “Ficou? Pra ela? (enquanto We): “Ficou com, deixo vê, o quê... (mexendo nas fichas); Vi (enfileira 9 fichas na mesa, apontando cada uma delas): “...um, dois, três, quatro, cinco, seis sete, oito, nove.”; exp: “E ele?”; We: “Nada.”; Vi: “É, ficou com nada.”.

Nível III – VI (7;11/2ª série)

Notação:

Escrita alfabética com algarismos para relatar a presença:
de parcelas de grandezas desiguais com algarismos correspondentes;



da diferença numérica relativa entre as parcelas (a mais/ a menos), cuja leitura não literal evoca alternância não exclusiva “a mais ou a menos”. (1ª ses.1ª rod.).

Nível III – VI (7;11/2ª série)

Notação:

- escrita alfabética e algarismos para relatar a presença: das parcelas de grandezas desiguais com algarismos correspondentes 11 e 8; da diferença numérica das parcelas; da ação de igualização e seu resultado e do elemento restante. Durante a interpretação, leitura não literal informa sobre significado do escrito:

2ª ses., 2ª rod., parcelas 11 e 8, Vi: “Ói! (apontando o escrito) aqui é que ele ficou com onze...(ri)... é, ele ficou com onze (aponta escrito para We e Ig)... e ela com, com oito (segue apontando escrito)... e um sobrou quando nós repartimo...”; [...]; Vi (segue apontando escrito): “E depois eu reparti pra cada um, e daí cada um ganhou nove.”(olha We, Ig e exp).

Nível III – VI (7;11/2ª série)

Notação:

- algarismos e sinais aritméticos para registrar expressões aritméticas em forma canônica, aditivas e subtrativas, referentes tanto à igualização quanto às parcelas desiguais:

aditivas: das parcelas desiguais ($11+8=19$);

subtrativas: total de elementos menos o resto ($19-1=18$); total das parcelas igualizadas menos parcela igualizada ($19-9=9$, depois $18-9=9$).

Interpretação: leitura inicial das expressões é a canônica. Com provocação do experimentador, é expressa a ligação entre o conteúdo daquelas expressões e as composições anteriores para justificar a presença das primeiras:

2ª ses., 2ª rod., parcelas 11 e 8, Vi (aponta em $11+8=19$): “Onze mais oito igual a dezenove.” exp: “Ah! Onze mais oito é igual e dezenove, como está lá?” (aponta em direção às composições no outro lado da mesa); Ig e We (olhando Vi e exp.); exp: “Pode ser assim, tudo junto?”; Vi: “É pode, junta (aponta $19-1=18$) “... aqui dezenove menos um igual a dezoito, porque daí era pra..., nós repartimo.”; exp: “E por que dezenove menos um?”; Vi: “Pra daí dizê que



sobrou um (aponta algarismo 1 em 19-1)...pra tirá.”; exp: “Sobrou um. E os dezoito? Era de nove com nove?”; Vi (aceno afirmativo): “Era, juntando.”; exp: (aponta em $19-9=9$): “E aqui, dezenove menos...”; Vi: “Ah! Aqui é dezoito, é... (aponta 19) aqui é oito, dezoito (olha Ig e We sorrindo).”; exp (para We e Ig): Dezoito, o que ele (Vi) marcou? É dezoito aqui, é dezoito? Por quê?”; Vi: “É que tem que arrumá...”(faz traço para acertar o 8 em 19)... é de dezoito que tira.”; exp: “De dezenove tira nove e sobra quantos?”; Vi: “Dez.”.



Análise de demandas de atendimento psicológico no tratamento de dependência química de menores infratores atendidos pela CAMT.

Waldirene Rodrigues Andrade

Wânier Aparecida Ribeiro

Este estudo propôs-se analisar as demandas de atendimento psicológico no tratamento de dependência química de menores infratores atendidos pela CAMT.

A CAMT é uma clínica de atendimento multidisciplinar à prevenção e ao tratamento da Toxicomania pertencente ao Centro Universitário Newton Paiva, situado em Belo Horizonte, Minas Gerais.

A clínica surgiu a partir de projetos de estágios supervisionados do curso de Psicologia na área de prevenção e tratamento da Toxicomania. Tendo em vista a repercussão obtida através do desenvolvimento dos trabalhos nesta área, viu-se a necessidade de “criar” um espaço que atendesse tanto à comunidade acadêmica quanto ao público externo.

Concebendo a Toxicomania como uma questão complexa que abarca tanto aspectos físicos quanto psíquicos, a CAMT propõe a interdisciplinaridade envolvendo áreas do conhecimento como a Psicologia, a Psiquiatria, a Farmácia e a Nutrição, acreditando que um tratamento deveria contemplar o homem como um todo, sendo ele indivisível, singular e único.

A CAMT mantém convênios com instituições que recebem menores infratores para cumprimento de medidas socioeducativas. Por ordem judicial muitos dos adolescentes comparecem ao tratamento contra seu próprio desejo, o que dificulta o fazer terapêutico.

Nesse contexto outro aspecto que atravessa a clínica e que deve ser considerado pelo terapeuta é a questão sociocultural. Grande parte dos entrevistados são adolescentes com trajetória de rua que provêm de uma cultura diferenciada, de uma realidade com precário acesso ao atendimento clínico psicológico, o que caracteriza a necessidade de um atendimento diferente de um contexto de atendimento psicológico convencional.

Para analisar a situação das demandas de tratamento formulou-se um questionário-padrão subdividido em duas partes, sendo a primeira composta por questões de identificação pessoal, contexto familiar, situação sócio-econômica, tipo de envolvimento judicial, histórico do uso e



tratamento e a segunda parte contempla o atendimento psicológico propriamente dito envolvendo questões referentes ao primeiro contato e ao decorrer do processo.

Dos indivíduos analisados (n=30) 90,0% foram homens com idade média de 17 anos. Dentre os aspectos analisados constatou-se que 56,7% cumpriam medida por Assalto, 16,7% Roubo, 13,3% Homicídio, 6,7% Tráfico de Drogas, 6,7% Tentativa de Homicídio. Quanto à escolaridade 43,3% apresentavam 5ª a 8ª série incompleta, 33,3% 1ª a 4ª série completa, 20,0% 1ª a 4ª série incompleta. Quanto à renda do grupo familiar 40,0% relataram não saber por não conviverem com os familiares, 13,3% de 02 a 04 salários, 6,7% de 04 a 06 salários, 3,3% menos de um salário, 3,3% um salário. Quanto aos antecedentes criminais 40,0% apresentavam o Assalto, 16,7% Homicídio, 16,7% Tráfico de Drogas, 6,7% Roubo, 3,3% Tentativa de Homicídio e 16,7% não apresentavam antecedentes, sendo a idade média do cumprimento da primeira medida de 16 anos. Tipo de medida: 63,3% Semiliberdade, 26,7% internação, 10,0% advertência. Quanto ao número de vezes que cumpriram medida 40,0% haviam cumprido de 2 a 4 vezes, 36,7% era a primeira vez, 13,3% uma vez, 6,7% de 5 a 7 vezes e 3,3% mais de 7 vezes. Primeira droga de uso: 46,7% maconha, 33,3% solventes, 16,7% tabaco, 3,3% álcool, com média de idade inicial de 11 anos. Droga preferencial: 76,6% maconha, 63,3% tabaco, 20,0% crack, 10,0% álcool, 10,0% cocaína, 6,6% solventes. Quanto ao comprometimento nutricional devido ao uso 63,3% não apresentavam, 20,0% apresentavam e 16,7% não foram atendidos pela nutrição. Motivo do tratamento: 56,7% pressão judicial, 26,7% desejo pessoal, 13,3% pressão familiar, 3,3% comprometimento da saúde. Visão atual da droga: 43,3% destruição, 16,7% tranquilidade, 13,3% nada, 6,7% solução para problemas, 6,7% prazer, 3,3% poder, liberdade, morte para cada, 3,3% não responderam. Motivo de permanência no tratamento: 33,3% desejo de mudança, 26,7% evitar punição, 20,0% imposição judicial, 16,7% não vêem necessidade, 3,3% não responderam. Quanto à abstinência 53,3% relataram não estar abstinente, 40,0% estavam abstinentes e 6,7% não responderam. Dos abstinentes, 83,3% relataram desejo pessoal, 8,3% proibição e 8,3% não sabem. Atendimento psicológico: Num 1º contato, 80,0% interessavam-se pelo atendimento. Principais queixas: 50,0% mudança de vida, 23,3% insatisfação com a situação atual, 20,0% prejuízos pessoais/sociais, 3,3% prejuízos familiares, 3,3% falta de perspectivas. No decorrer do processo 76,7% demonstravam interesse, 16,7% não, 6,7% não responderam. Queixas quanto ao processo terapêutico: 43,3% não apresentavam, 26,7% não gostavam de falar, 6,7% “psicólogo não vai mudar minha cabeça”, 6,7% não queriam lembrar fatos do passado, 6,7% não responderam. Demandas trazidas: 50,0% dificuldade de aceitação das angústias, 10,0% dificuldade de adaptação a regras, imposição do tratamento pela justiça, indefinição quanto ao tempo de cumprimento da medida, para cada, 3,3% culpa em relação aos semelhantes, culpa em relação à recaída, baixa auto-estima, conflitos familiares para cada, 6,7% não responderam. Perspectivas: 53,3% desejo de mudar de vida, 30,0% sem perspectivas, 3,3% conseguir emprego, 13,3% não responderam. Co-morbidade psiquiátrica associada: 46,7% sem diagnóstico psiquiátrico associado, 20,0% Ansiedade, 10,0% Histeria, 10,0% em avaliação diagnóstica, 6,7% Depressão, 6,7% Não foram atendidos pela psiquiatria. Uso dos medicamentos: 43,3% não fazem uso, 33,3% utilizam de forma adequada, 13,3% como substituição a droga, 10,0% não responderam. Permanência no tratamento: 30,0% 2-3 meses, 26,7% 4-5 meses, 16,7% 1 mês, 10,0% 6-7 meses, 13,3% menos de 1 mês 3,3% 8-9 meses. Motivo suspensão do tratamento: 30,0% evasão, 13,3%



cumprimento da medida, 13,3% desejo pessoal, 6,7% não responderam, 36,7% em processo terapêutico.

Constatou-se que a grande maioria dos entrevistados 40,0% não possuíam uma renda familiar visto que são adolescentes com trajetória de rua, que na maioria das vezes não têm contato com a família de origem.

Pôde-se perceber que apesar de 56,7% dos entrevistados relatarem como motivo do tratamento a pressão judicial, ou seja, percebendo-o como uma imposição do juiz atrelado ao cumprimento da medida socioeducativa, 33,3% relatam desejo de mudança como motivo da permanência no tratamento. O que demonstra uma implicação desse sujeito no que concerne ao tratamento da Toxicomania.

Em se tratando do atendimento psicológico pode-se perceber de uma maneira ainda mais clara essa mudança de perspectiva.

Num primeiro contato, o qual denomina-se “Primeira Entrevista”, 80,0% dos clientes diziam-se interessados pelo atendimento psicológico, sendo que somente 40,0% destes adolescentes sabiam ou tinham noção do que é atendimento psicológico. Nesse primeiro momento a queixa apresentada pelo cliente centrava-se no desejo de mudar de vida (50,0%), insatisfação com a situação atual (23,3%), prejuízos pessoais/sociais (20,0%), prejuízos familiares (3,3%) e falta de perspectivas (3,3%).

Vale ressaltar que 63,3% destes adolescentes encontram-se em regime Semiliberdade, 26,7% internados e 10,0% cumpriam advertência, portanto em situação de cerceamento da liberdade, vivenciando uma situação, relatada por eles como incômoda e até mesmo insuportável.

As queixas quanto ao processo terapêutico apresentavam-se como uma não vontade de falar (26,7%), não crença na mudança (6,7%), não desejar lembrar o passado (6,7%). Pode-se perceber que tais queixas giravam em torno da negatividade, ou seja, negando-se a algo, a uma ação, num movimento de não implicação consigo mesmo e com suas questões, retratando uma forma de não-ser.

O ser é um “porvir”, estando sempre incompleto. Neste movimento de “vir-a-ser”, o homem pode chegar a si mesmo e ser autêntico ou pode extraviar-se e desconhecer-se caso depare com a possibilidade de perder-se no “todos”, no “ninguém”, no “a gente passando a não ter coragem de ser si próprio, o que caracteriza-se como não-ser.

“A primeira questão que surge, ao examinarmos o que Buber denomina de “problemas de limite” em uma psicoterapia dialógica, é a da verdadeira mutualidade entre terapeuta e cliente no decorrer dos vários estágios da terapia. Quando o cliente entra no consultório do terapeuta, pelo menos inicialmente, existe uma situação dialógica desequilibrada. Nesse estágio, não há, nem poderia haver, plena mutualidade entre terapeuta e cliente. Pela



própria natureza da relação, há uma certa desigualdade necessária. De fato, essa desigualdade e a humildade que decorrem de o cliente reconhecê-la, pode ser essencial para que a relação de cura ocorra. É exigida uma abertura por parte do cliente, antes que qualquer cura genuína possa acontecer”.(Hycner, 1995, p.48.)

A negatividade relativa às queixas apresentadas é reflexo do temor pelo encontro com o outro e conseqüentemente consigo mesmo. Para que possa ser construída uma relação dialógica entre terapeuta e cliente exige-se uma abertura por parte do cliente e só ela poderá contribuir para um curar-se.

Dentre as demandas trazidas pelos clientes destaca-se a dificuldade de aceitação das angústias (50,0%).

O homem é concebido, pela abordagem fenomenológico-existencial, como um projeto, um vir-a-ser, como produto de sua própria criação. Por isto o homem sofre, por ser o único responsável pelas próprias escolhas, no entanto, a escolha é uma aposta, não se pode assegurar que seja uma escolha sábia. Então há duas alternativas: ou realiza suas possibilidades, aceitando sua angústia, buscando assim o crescimento autêntico que remete à autoconsciência OU escolhe a diminuição do contato consigo próprio, ou seja, cai no Impessoal, reduzindo as opções, negando a própria liberdade o que provoca maior culpa.

Segundo Heidegger(2000), “o Impessoal encontra-se em toda parte, mas no modo de sempre ter escapulado quando o Dasein exige uma decisão. Porque prescreve todo julgamento e decisão, o impessoal retira a responsabilidade de cada Dasein. O Impessoal vem ao encontro do Dasein na tendência de superficialidade e facilitação. Todo mundo é outro e ninguém é si próprio. O Impessoal prelineia a primeira interpretação do mundo e do ser-no-mundo pelo fato de a presença estar familiarizada consigo enquanto o próprio impessoal. De início, a pre-sença é impessoal e assim o permanece na maior parte das vezes. Quando a pre-sença descobre o mundo e o aproxima de si elimina as obstruções, encobrimentos, obscurecimentos, como um romper das deturpações em que a pre-sença se tranca contra si mesmo”.

Olivieri nos mostra que o Dasein é definido como uma forma de existir e nunca se pode pensá-lo como um organismo, uma coisa. Dasein é o ser-aí-no-mundo-com-os-outros e o “quem” do Dasein são “eles”, as pessoas; o contexto humano. Segundo Heidegger, Dasein é pre-sença. (Olivieri, 1985)

No decorrer do processo foi apresentado como perspectivas futuras o desejo de mudança de vida (53,3%), conseguir emprego (3,3%) o que demonstra um vislumbrar de novas possibilidades, uma desestagnação. Por outro lado 30,0% relatavam não ter perspectivas, encontrando-se estagnados, sem um sentido de vida.

Somente a aceitação da angústia pode levantar o Dasein de sua “queda”, ou seja, dessa estagnação que está vivenciando. A angústia faz parte da vida, ela é ontológica, inerente ao ser



humano e sua experiência deve ser vivida e não negada, podendo ser uma experiência libertadora ou destruidora, mobilizadora ou paralisadora.

Neste momento faz-se necessário salientar a importância da análise dos aspectos socioeconômicos visto que o homem vive em um determinado momento histórico, econômico e social, e estes fatores têm influência sobre ele e desta forma qualquer análise que almeje contemplar este homem em sua totalidade deverá ser contextualizada para não correr o risco do reducionismo.

Outro fator que deve ser considerado é o curto período de permanência desses adolescentes no tratamento sendo que somente 13,3% permaneceram de 6 a 9 meses, isto devido à evasão do regime Semiliberdade ou internação (30,0%), cumprimento da medida (13,3%), desejo pessoal (13,3%) e 36,7% encontravam-se em processo terapêutico.

Diante dos resultados apresentados conclui-se que adolescentes com contextos diferenciados chegam à clínica sem demanda de tratamento, no entanto, vê-se que alguns, pela relação dialógica construída entre cliente e terapeuta, conseguem vislumbrar o tratamento por outro prisma que não o judicial. Conseguem perceber o tratamento não mais como algo imposto, mas sim como uma forma de encontra-se consigo mesmo, de implicar-se com suas questões.

Provocar um questionamento acerca de sua existência em adolescentes menores infratores provindos de um contexto marginalizado, permeado por situação financeira precária, baixa escolaridade, escasso acesso a tratamento clínico, principalmente psicológico, é um desafio ao qual nós, profissionais da CAMT nos propusemos a enfrentar. Não é tarefa fácil, mas vale a pena.



Adolescentes em Conflito com a Lei.

Elcimara Meire da Rocha Mantovani

Pós-graduanda em Psicologia Social - Universidade de São Paulo/USP

RESUMO

O trabalho de Winnicott (1987) *Privação e Delinquência*, há muito vem sendo considerado uma obra básica para se entender a construção da subjetividade do indivíduo, buscando conhecer, especialmente, os fatores determinantes dos desajustamentos sociais de crianças e jovens.

O que este trabalho vem mostrar é que é preciso, e de um modo primordial, compreender que todo ato, especialmente o anti-social, possui uma motivação e um sentido próprio do sujeito que o pratica. Melhor dizendo, as razões e o significado do anti-social em essência, guardam uma relação direta com a condição pessoal e com o contexto das relações familiares e comunitárias da criança e do adolescente.

Palavras-chave: Subjetividade; Infância e Adolescência; anti-social.

INTRODUÇÃO

Winnicott (1987) concebe o crescimento emocional como um processo contínuo que começa antes do nascimento e prossegue ao longo de toda a vida, permitindo o estudo das características e estágios do seu desenvolvimento, e possibilitando o reconhecimento dos perigos que podem afetar as suas várias fases .

Salienta que as crianças devem receber cuidados suficientes, nas primeiras fases de vida, para que se realize um determinado grau de integração na personalidade, e para que o perigo de uma irrupção maciça de destrutividade, inteiramente vazia de sentido, seja impedida.



“Uma criança normal, se tem à confiança do pai e da mãe, usa de todos os meios para se impor. Com o passar do tempo, põe a prova o seu poder de desintegrar, destruir, assustar, cansar, manobrar, consumir e apropriar-se” ... (Winnicott, 1946)

Winnicott afirma que por trás do desajustamento de uma criança está sempre um fracasso do meio ambiente em ajustar-se às necessidades absolutas da mesma, numa época de relativa dependência, e afirma também, que alguns comportamentos são decorrentes da mágica infantil, que torna possível à criança aniquilar o mundo num abrir e fechar de olhos, recriando-o novamente, através de um novo olhar.

Damergiam (2001) afirma que um ambiente facilitador é condição essencial para que a personalidade cresça numa direção saudável e que a importância do meio é muito grande, pois ele pode, até certo ponto, compensar uma estrutura frágil.

Em decorrência disso, pode-se perceber que o ódio ou a frustração ambiental desperta reações controláveis ou incontroláveis no indivíduo, conforme o montante de tensão que já existe na fantasia inconsciente, sendo de total importância o papel desempenhado pelos pais, na facilitação dos processos de maturação de cada criança, no decurso da vida familiar.

Em contrapartida, as crianças privadas de vida familiar, em alguma fase de seu desenvolvimento, podem ser afetadas por aquilo que ele define como tendência anti-social.

Winnicott descreve esta tendência, ligando-a à privação da vida familiar, e abandona de vez a teoria de que as crianças podem ser inatamente imorais.

Bowlby (1988) afirma que é essencial à saúde mental que o bebê e a criança pequena tenham a vivência de uma relação calorosa, íntima e contínua com a mãe (ou mãe substituta permanente – uma pessoa que desempenha, regular e constantemente, o papel de mãe para ele), na qual ambos encontrem satisfação e prazer. Porém, ressalta que a experiência tem mostrado que uma combinação de fatores como a compreensão das causas, um contato amigável, realização de trabalhos mais pesados com ajuda médica e financeira, muitos lares



poderiam ser salvos, lares estes que em outras mãos estariam moralmente condenados e destruídos.

Afirma ainda que uma política abrangente para prevenir a situação de privação infantil não pode ignorar a necessidade de auxílio financeiro adequado e graduado às famílias, pois pobreza (com o conseqüente excesso de trabalho e subnutrição) constitui uma poderosa causa dos problemas de saúde dos pais, tanto os físicos quanto, em menor escala, os mentais, e estes são os principais fatores que levam uma criança à privação.

Por tudo isso, não podemos ideologicamente, culpabilizar a família e mesmo as mães por todos os problemas enfrentados pelos seus filhos, como explica Damergian (2001), se não lhe são oferecidas condições indispensáveis para responder aos desafios sociais da contemporaneidade.

Uma criança sofre privação quando passa a lhe faltar certas características essenciais da vida familiar. Torna-se manifesto em certo grau do que poderia ser chamado, segundo Winnicott, “Complexo de privação”.

Tudo indica, que o momento da privação original, ocorre durante o período em que o ego do bebê ou da criança pequena está em processo de realização da fusão das raízes libidinais e agressivas do id.

É o ambiente que deve dar nova oportunidade à ligação egóica, uma vez que a criança percebeu que foi uma falha ambiental no apoio ao ego que redundou, originalmente na tendência anti-social.

Compreender a tendência anti-social requer que reconheçamos que em sua base está uma boa experiência inicial, que se perdeu, um verdadeiro desapossamento (não uma simples carência); quer dizer, houve perda de algo bom que foi positivo na experiência da criança, até uma certa data e que foi retirado; a retirada estendeu-se por um período maior do que aquele em que a criança pode manter viva a lembrança daquela experiência.

E ao constatar que o quadro de referência de sua vida se desfez, ela deixa de sentir livre. Torna-se angustiada e, se tem alguma esperança, trata de procurar um outro quadro de referência fora do lar; ainda tem esperança e recorre aos avós, tios, amigos da família, escola, etc. Ela procura uma estabilidade externa, sem a qual poderá enlouquecer.



Winnicott descreve este processo, da seguinte forma :

- a)As coisas corriam bastante bem para a criança;
- b)Alguma coisa perturbou essa situação;
- c)A criança foi exigida além de sua capacidade (as defesas do ego desmoronaram);
- d)A criança reorganizou-se, com base em um novo modelo de defesa do ego, inferior em qualidade;
- e)A criança começa a ter esperança novamente e organiza atos anti-sociais, na esperança de compelir a sociedade a retroceder com ela, para a posição em que as coisas deram errado, e a reconhecer esse fato,
- f)Se isso foi feito, então a criança pode retornar ao período que antecedeu o momento de privação e redescobrir o objeto bom, e o bom ambiente humano controlador que, por existir originalmente, tornou-a capaz de experimentar impulsos, inclusive os destrutivos.

Portanto, por trás da tendência anti-social há sempre uma história de alguma saúde e, depois, uma interrupção, após o que as coisas nunca mais voltaram a ser as mesmas.

Winnicott justifica que discuti a tendência anti-social e não a delinquência, pelo fato de que a tendência anti-social, entendida como defesa anti-social organizada e sobrecarregada de ganhos secundários, torna difícil ao investigador atingir seu âmago. Afirma ainda, que a tendência anti-social pode ser estudada, tal como se apresenta na criança normal ou quase normal, e se relaciona com dificuldades inerentes ao desenvolvimento emocional, podendo ser encontrada em todas as idades. Salienta que se refere apenas às crianças, por uma questão de simplicidade.

Para Winnicott a tendência anti-social implica esperança. A ausência de esperança é a característica básica da criança que sofreu privação e que só apresenta esperança novamente quando manifesta uma tendência anti-social. Isso pode ser constrangedor para a sociedade, principalmente para aquele que perdeu algo, através do roubo, por exemplo, porém há esperança subjacente na compulsão do jovem.



Ele força a sociedade a tolerar seus sintomas de esperança, embora seja incapaz de se beneficiar imediatamente dos mesmos. Roubando, não encontra o que quer, mais pode finalmente (porque alguém tolera seus furtos) atingir um certo grau de nova crença em que o mundo lhes deve algo.

Sem dúvida, o valor de incômodo da criança anti-social é uma característica que perturba e agride, mas também, sob o aspecto positivo, uma característica favorável que indica, ainda uma potencialidade de recuperação da fusão perdida dos impulsos libidinais e da motilidade. Esses valores de incômodo são explorados pela criança e não é um caso fortuito. Boa parte da motivação é inconsciente, embora não necessariamente toda ela.

CONCLUSÃO

A criança ou adolescente anti-social está procurando, de um modo ou de outro, violenta ou brandamente, levar o mundo a reconhecer sua dívida para com ela, e está tentando fazer com que o mundo reconstitua o quadro de referência que se desmantelou, demonstra Winnicott.

A tendência anti-social é uma tentativa de estabelecer uma reivindicação, porém não existe uma nítida linha divisória entre o comportamento anti-social compulsivo de um reincidente, num extremo, e os exageros quase normais de reivindicações endereçadas aos pais e que fazem parte da vida familiar cotidiana.

Portanto, para Winnicott, a maioria dos delinquentes, são, em certa medida, doentes, e a palavra doença torna-se se apropriada pelo fato de que, em muitos casos, o sentimento de segurança não chegou a vida dessa criança ou jovem, a tempo de ser incorporado às suas crenças. Enquanto está sob forte controle parece muito bem; mas, se lhe for dada liberdade, ela não tardará em sentir a ameaça da loucura. Assim ela transgride contra a sociedade, a fim de restabelecer o controle proveniente do exterior (tudo isto de forma não consciente).



Bibliografia

BOWLBY, J. Cuidados Maternos e Saúde Mental. Trad. Vera Lúcia Baptista de Souza e Irene Rizzini. 2. ed . São Paulo, Martins Fontes, 1988.

DAMERGIAM, S. A construção da subjetividade na metrópole paulistana: desafio da contemporaneidade In: TASSARA, E. org. Panoramas interdisciplinares para uma psicologia ambiental do urbano. São Paulo, EDUC/FAPESP, 2001.

WINNICOTT, D. W. Privação e Delinquência. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo, Martins, 1987



Atendimento à Queixa Escolar: Construindo Caminhos de Atuação Psicológica

O PSICÓLOGO COMO MEDIADOR NA CONSTRUÇÃO DO SENTIDO SOCIAL DA APRENDIZAGEM ESCOLAR¹

Elenita de Rício Tanamachi^{*2}

Situar o psicólogo escolar como mediador no processo de construção das condições necessárias para a superação da queixa escolar, uma demanda freqüentemente presente em seu trabalho, é um desafio que exige:

- β a delimitação de um novo sentido à Psicologia Escolar;
- β a busca de um referencial teórico-filosófico e metodológico que supere os reducionismos presentes na relação entre a Psicologia e a Educação;
- β a explicitação das ações principalmente desenvolvidas como expressões deste referencial na prática dos psicólogos.

A Psicologia Escolar é entendida como

“área de estudo da Psicologia e de atuação/formação profissional do psicólogo, que tem no contexto educacional (escolar ou extra-escolar, mas a ele relacionado) o foco de sua atenção, e na revisão crítica dos conhecimentos acumulados pela Psicologia como Ciência, pela Pedagogia e pela Filosofia da Educação, a possibilidade de contribuir para a superação das indefinições teórico-práticas que ainda se colocam nas relações entre a Psicologia e a Educação” (Tanamachi, 2000, p. 85).

1. Texto apresentado em mesa-redonda – Atendimento à queixa escolar: construindo caminhos de atuação psicológica.

2. * Professora Doutora do Departamento de Psicologia, UNESP – Bauru.



Como referência teórico-filosófica e metodológica, buscamos o conjunto de elaborações da Psicologia, efetivados a partir do Materialismo Histórico Dialético, enfocando as categorias que têm implicações imediatas para a compreensão do processo de humanização dos indivíduos.

Destacamos, **no nível da análise geral sobre o homem**, o trabalho como atividade vital, o caráter material e histórico do desenvolvimento humano e a lógica dialética, e **no nível da formação da individualidade**, enfocamos a natureza social do homem, o processo de apropriação das objetivações humano-genéricas, o lugar da educação nesse processo, a alienação e a sua superação como possibilidade.

Defendemos a aprendizagem dos conceitos cotidianos e científicos, como a atividade principal da criança para garantir o seu processo de humanização, uma vez que ela possibilita e movimenta o processo de desenvolvimento do pensamento, tendo a linguagem, a consciência e as emoções como mediadoras desta ação.

Tomamos como objeto de estudo/intervenção da Psicologia na Educação, o modo como esta atividade da criança é determinada pela Educação (em geral e/ou escolar), e a descoberta das leis psicológicas que regem este processo.

No que compete à ação do psicólogo, propomos a descrição e a análise da relação entre o processo de produção da queixa escolar e os processos de subjetivação/objetivação dos indivíduos nele envolvidos, como uma mediação necessária à superação das histórias de fracasso escolar.

A queixa é entendida como uma síntese de múltiplas determinações (relações familiares, grupos de amigos, contexto social, escolar...), portanto a superação das condições nas quais a queixa é apresentada, depende da ação comprometida e consciente de todos os envolvidos, mediada pelo psicólogo.

Escola, professores, pais, amigos, a criança e o próprio psicólogo, precisam compreender que a queixa é apenas a aparência, o nível imediato que se caracteriza como “representação isenta de análise”, cabendo ao psicólogo a proposição do resgate da essência do que foi apresentado como queixa, pela via da investigação / explicação / ação conjunta.



A avaliação e a intervenção, não podem se pautar por métodos que visem encontrar nos indivíduos a explicação para a queixa. Não se trata de desfocar a criança, para culpabilizar a família e a escola.

Se estamos considerando que a subjetividade só se constitui a partir das condições concretas de vida dos indivíduos, é a historicidade dos fatos apresentados como queixa que deverá ser investigada. Trata-se de buscarmos, juntamente com todos os envolvidos, as ações, os acontecimentos, as concepções que “produziram” a queixa e “motivaram” o seu encaminhamento.

A avaliação aqui adquire caráter investigativo e não classificatório, do que concluímos que a base de nossa avaliação é o “resgate histórico das condições concretas que levaram à existência da condição” posta pela queixa. Identificar as possibilidades concretamente existentes para a superação desta condição, constitui-se no desafio da intervenção (Silva, 2002).

Conforme Vigotski (in Duarte, 2000, p. 87), devemos

“saber descobrir sob o aspecto externo do processo seu conteúdo interno, sua natureza e sua origem. Toda a dificuldade da análise científica radica no fato da essência dos objetos, isto é, sua autêntica e verdadeira correlação não coincidir diretamente com a forma de suas manifestações externas e por isso é preciso analisar os processos; é preciso descobrir por esse meio a verdadeira relação que subjaz nesses processos por detrás da forma exterior de suas manifestações. Desvelar essas relações é a missão que há de cumprir a análise”.

Para dar conta deste trabalho, Meira (2000) sugere que ao invés do psicólogo exigir que a criança faça aquilo que ele determina a priori, em função do que ele já sabe, é o profissional que deverá enfrentar o desafio de transformar em avaliação/intervenção o que a criança gosta e sabe fazer.

Neste caso, com a criança observamos nas atividades realizadas durante os encontros, quais aspectos estão relacionados com a nossa investigação, que elementos revelam o seu



potencial de aprendizagem quando colocada diante de situações-problema (desafios). Com a família e a escola, investigamos as concepções, as hipóteses sobre a queixa, o que fazem para superá-la e quais são suas expectativas. Avaliamos e mobilizamos, portanto, as objetivações, os significados, os sentidos atribuídos ou a serem atribuídos.

Falemos também sobre as estratégias principalmente utilizadas:

- β os temas/situações geradoras, de possibilidades de trabalho, das condições necessárias para provocar, desafiar as pessoas envolvidas, no sentido da superação das condições postas no momento, por meio da queixa. Geradora enfim, da atividade principal da criança e da condição de participação de pais/professores e das crianças;
- β os jogos coletivos, como estratégia para a compreensão das contradições não explicitadas na queixa, ou para evidenciá-las;
- β dinâmicas, que permitam ultrapassar os limites individuais colocados pela queixa;
- β a leitura e discussão de textos, relatórios, o planejamento conjunto de atividades;
- β o grupo de crianças, para privilegiar a relação que elas têm com o que sabem, gostam, querem fazer, enfatizando os conhecimentos de cada um no coletivo (tomado como o espaço de manifestação dos diferentes níveis de conhecimento);
- β o grupo de pais, para discutir diferentes formas de ocupar seu espaço na educação escolar do filho e para se posicionarem em relação às questões da escola, da Psicologia, da medicalização e outras tantas que surgirem no decorrer do trabalho;
- β o grupo de professores e as reuniões na escola, para colocar os conhecimentos da Psicologia a serviço do trabalho pedagógico;
- β as visitas domiciliares e ao bairro, para investigar e compreender a dinâmica familiar e as relações entre o bairro e a escola;
- β os eventos científicos, para entender que todos os participantes no trabalho contribuem para a construção do saber/fazer Psicologia Escolar.

O envolvimento das pessoas relacionadas às situações de escolarização em questão, compreendendo-as e transformando-as, é o resultado geral das intervenções.



Os professores apropriam-se de peculiaridades de seu trabalho e dos alunos, as quais não haviam entendido.

Os pais descobrem capacidades e especificidades de seus filhos e de sua própria relação familiar.

As crianças apropriam-se de suas possibilidades de aprender.

O psicólogo define o seu lugar neste processo e produz novos conhecimentos sobre a Psicologia na Educação, quando retorna à teoria.

Consideramos que este trabalho é a expressão concreta do referencial anunciado, porque enfoca as diferentes relações das quais a criança participa, mobiliza todos os elementos presentes nessas relações e põe o psicólogo em condições de mediar, junto com o professor, a construção do sentido pessoal e social do processo de ensinar e de aprender de todos os participantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Duarte, N. (2000). A anatomia do homem é a chave da anatomia do macaco: A dialética em Vigotski e em Marx e a questão do saber objetivo na educação escolar. **Educação & Sociedade**, Cedes, Campinas: N.º 71, p. 79-115.

Ragonesi, M. E. M. M. (1997). **Psicologia Escolar**: Pensamento Crítico e Práticas Profissionais. São Paulo. Tese de Doutorado – IPUSP.

Silva, C. R. da. (2002). Relatório final de estágio. Bauru, UNESP, mimeo.

Tanamachi, E. R. 2000. Mediações teórico-práticas de uma visão crítica em Psicologia Escolar. In Tanamachi, E. R.; Proença, M.; Rocha, M. L. da. **Psicologia e Educação**: desafios teórico-práticos. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 73-103.



Considerações sobre a postura ética no exercício profissional 1

Reflections on the ethic posture on the professional environment

Rita Aparecida Romaro _ Professora Assistente Doutora na Universidade São Francisco

Comunicação apresentada na Mesa Redonda “O ensino da ética profissional no curso de psicologia”, no I Congresso Brasileiro de Psicologia: Ciência e Profissão.

Av. Aclimação, 439, ap. 141. São Paulo, SP. CEP 01531-001. E-mail . Fone/fax (11)3208-9661.

Considerações sobre a postura ética no exercício profissional

Reflections on the ethic posture on the professional environment

Resumo

Partindo-se do pressuposto de que a ética implica em uma interiorização das normas ao longo da vida, tendo como sustentáculo as relações afetivas, torna-se muito difícil pensá-la como algo a ser ensinado cognitivamente. Nesse sentido explora-se a importância da relação aluno-professor-curso, enquanto um modelo no qual essas condutas éticas se expressam e consolidam, viabilizando o caminho da reflexão do exercício profissional. O instrumento do psicólogo é sua própria condição egóica, que se expressa na forma como lida com seus conteúdos internos, sua formação e com o outro (colegas, clientes,



instituições). O Termo de Consentimento Esclarecido e Informado formaliza o aceite de participação em uma pesquisa, no entanto esse consentimento também deve expressar-se no enquadre estabelecido no trabalho psicológico, que reflete diretamente a postura ética do profissional.

Palavras-chave: Ética; Termo de Consentimento Esclarecido e Informado; procedimentos éticos.

Abstracts

From the starting point that ethics imply on norms internalization throughout life, having as support affective relationships, it gets hard to think of it as being taught cognitively. This sense exploits the importance of the student-professor-course relation, while a model with ethic conduct is expressed and consolidated as well, making viable the reflection on the professional exercise. The instrument of the psychologist is his own egoic condition, which is expressed the way he deals with internal content, formation and others (colleagues, clients, institutions). The Term of Informed Consent formalizes the acceptance of participation at a survey, however this consent must also be expressed in the established pattern of the psychological work, which reflects directly the ethic posture of the professional.



Keywords: Ethics; Term of Informed and Consent; ethical procedures.

O objetivo da presente comunicação é abrir um espaço para refletirmos sobre a forma como nos posicionamos em nosso exercício profissional, o tipo de contrato de trabalho formal e informal que estabelecemos, quer seja enquanto psicólogos, educadores, psicoterapeutas, pesquisadores.

Levando-se em conta que a ética implica em uma interiorização das normas ao longo da vida, tendo como sustentáculo as relações afetivas, torna-se muito difícil pensá-la como algo que se aprende ou se ensina cognitivamente, pois a ética é uma atitude reflexiva sobre as regras morais, considerando-se o contexto histórico-social-econômico, reflexão essa que é fruto da possibilidade de escolher, da possibilidade conquistada de ser livre e não o fazer certo para fugir da punição .

Quando paramos para nos perguntarmos se estamos agindo éticamente? Em geral quando temos dúvida sobre a nossa conduta ou a do outro. E é essa mesma dúvida que nos põe em movimento, que nos impulsiona a aprender.

Etchogyen (1987) aponta que a ética é uma parte da técnica psicanalítica, dando sentido e coerência às normas técnicas, sendo que as falhas éticas do psicanalista levariam a uma falência da técnica, visto que os princípios básicos do enquadre se sustentariam na concepção de uma relação de igualdade, respeito e busca de verdade.

Essa relação de igualdade, respeito, busca da verdade e do conhecimento deveria permear o processo de aprendizagem, no qual professor e aluno deveriam enveredar em uma mesma



direção, em uma mesma busca, podendo lidar com as frustrações, reconhecendo-se primeiramente enquanto pessoas, independentemente de rótulos ou posições.

A forma como podemos lidar com as figuras que representam a autoridade acabará por determinar o padrão de aprendizagem e o tipo de relação estabelecido com as figuras do professor, do terapeuta, do chefe. Se a figura de autoridade for introjetada de forma afetiva, com a integração dos impulsos libidinais e destrutivos, será mais fácil perceber as duas faces da lei, a punitiva e a protetora, será mais fácil lidar com o não saber, com as frustrações, reconhecer direitos e deveres, lidar com os fracassos e principalmente com o sucesso, sem tornar-se um líder despótico. Por outro lado, quando a figura que representa a autoridade for introjetada sem afeto, com o predomínio dos impulsos destrutivos, desafiar, transgredir, ludibriar, poderá ser a tônica da vida, tornando-se muito difícil lidar com as frustrações, com o não saber, com o limite.

Voltamos a questão: Seria possível ensinar ética cognitivamente?

Ser ético não é ser rígido, é poder refletir sobre as normas e sobre as inúmeras possibilidades de ser na vida, respeitando a si e ao outro. Ética em verdade é uma postura diante da vida, que perpassa as nossas relações, sendo que com muita sorte conseguimos passar essa forma de lidar com o outro para nossos alunos, muito mais do que um conteúdo programático. A postura antiética é difícil de ser trabalhada em sala de aula, pois o professor sente-se usado, manipulado, enganado, feito de bobo perante a classe, os colegas, o chefe de departamento. Nesses momentos difíceis para todos é necessário maturidade para se compreender a situação sem estabelecer um jogo perverso com o aluno, com a classe ou com a Instituição. Esse discernimento dependerá também da forma como esse profissional pode lidar com seus impulsos e afetos.



A forma como o professor introduz uma disciplina, apresenta seu conteúdo programático, estabelece seus critérios de avaliação e deixa sua forma de trabalho clara para si mesmo e para seus alunos reflete sua postura ética, seu respeito ao aclarar e discutir as regras do jogo. Digo respeito pois firma um compromisso professor/aluno, no qual ambos podem delinear suas responsabilidades, deveres e direitos. Essa relação nem sempre ocorre de forma explícita, mas sem dúvida ela interfere na forma como o conteúdo é passado e absorvido expressando e consolidando as condutas éticas, viabilizando o caminho da reflexão do exercício profissional.

Somos humanos, ambíguos, e em situações estressantes podemos sofrer de “amnésia conveniente”, tornarmo-nos unilaterais, projetarmos as nossas falhas nos outros. Isso necessariamente não nos torna antiéticos, se pudermos rever e analisar nossas decisões e voltarmos atrás, buscando uma melhor solução para todos.

O instrumento do psicólogo é basicamente sua própria condição egóica, que determinará a forma como pode absorver os conhecimentos técnicos, como pode lidar com seus afetos e impulsos, como pode conduzir sua formação profissional, delimitando e reconhecendo suas competências, suas relações com os colegas de trabalho, com seus clientes.

Dentre as vertentes possíveis para dar continuidade a essa reflexão, gostaria de focalizar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, não somente como o aceite para se participar de uma pesquisa, mas como um compromisso que deveria permear o enquadre estabelecido no trabalho psicoterápico ou em quaisquer outras modalidades de trabalho psicológico.

De acordo com a Resolução 196/96-CNS/MS (Normas Éticas da Pesquisa Envolvendo Seres Humanos), todo e qualquer procedimento experimental envolvendo humanos deve ser submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e aprovado antes do início da fase de coleta de



dados, existindo uma responsabilidade institucional, além da do pesquisador. O CEP é subordinado ao Conselho Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

Por que a obrigatoriedade desses procedimentos? Para se garantir os direitos e a proteção dos participantes, para que a ciência possa exercer e ser reconhecida em seu caráter social.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido é ainda um tema polêmico no meio universitário, gerando dúvidas, mal-entendidos, por vezes deixando um ranço de cerceamento da liberdade do pesquisador. No entanto, como essa resolução em termos de ciência ainda é recente (6 anos), esse movimento ante ao novo é algo compreensível, devendo ser administrável.

Uma das dúvidas é se em um trabalho (“projotinho”) vinculado à uma disciplina, que não se constitui em um projeto propriamente dito, mas em uma atividade de campo envolvendo questionários ou entrevistas com pessoas, se o mesmo deve ser submetido ao CEP e se merece um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Sim, a resolução deixa claro que uma vez que um projeto envolva pessoas, sua integridade e dignidade devem ser preservadas, havendo mesmo nesses casos a responsabilidade do orientador/professor e da Instituição.

Um outra questão emerge: Esse aluno está sendo iniciado no campo da pesquisa, o planejamento, a ênfase nos aspectos éticos e a exigência do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido por parte do professor/orientador, se considerado não como uma medida de cerceamento por parte do CONEP, mas como um exercício de cidadania, refletiria a seriedade e a postura ética envolvidas.

O Comitê de Ética em Pesquisa deve avaliar:- as razões da pesquisa; a metodologia científica do projeto a ser empregada; - os riscos e benefícios; - análise do Termo de



Consentimento Livre e Esclarecido; - a forma como o processo de consentimento será proposto; - a adaptação das informações relativas ao sujeito da pesquisa no que concerne aos critérios de inclusão e exclusão; - a privacidade e a confidencialidade. A pesquisa deve pautar-se em um levantamento bibliográfico consistente, em um objetivo claro que sustente a metodologia proposta. Uma das dúvidas é sobre o que é avaliado no protocolo de pesquisa submetido ao CEP. (Cadernos de Ética em Pesquisa, 2002). O manual está disponível na Internet, no site [http:// conselho.saude.gov.br](http://conselho.saude.gov.br).

As questões acima expostas implicam também em um levantamento bibliográfico, em um objetivo claro que sustente a metodologia proposta.

Deve constar no projeto a ser enviado: a Folha de Rosto, o projeto propriamente dito com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e a súmula curricular do orientador e no caso de pós-graduandos também do pesquisador.

Em 20 de dezembro de 2000, o Conselho Federal de Psicologia publicou a Resolução nº 016/2000, que dispõe sobre a realização de pesquisa em Psicologia com seres humanos, que constitui-se em uma referência para as especificidades encontradas nesse campo, regulamentando regras e procedimentos, que abrangem a elaboração do protocolo de pesquisa, os riscos da pesquisa, o consentimento informado, aspectos concernentes a confiabilidade, sigilo e uso de informações, o uso de instrumentos de avaliação psicológica, autoria e co-autoria de trabalhos, pareceres e divulgação de resultados. Essa resolução clarifica e fortalece importantes aspectos contidos no Código de Ética Profissional do Psicólogo.

As mesmas reflexões, cuidados e procedimentos que devem nortear uma pesquisa, também deveriam nortear um contrato terapêutico, devendo este ser claro, transparente e



conveniente para todas as partes, servindo como os trilhos do trem que nortearão o processo terapêutico, que sempre implica em uma busca de liberdade e em uma busca de melhores possibilidades adaptativas.

Referências

Etchegoyen, R.H. Fundamentos da Técnica Psicanalítica. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos. Resolução 196/96, do Conselho Nacional de Saúde, 1996.

Resolução do CPF nº 016/2000, 2000.

Manual Operacional dos CEPs. Cadernos de Ética em Pesquisa, 5 (9), 2002, p.11.



Imaginação-Emoção: Uma Aproximação com Atividades Expressivas II

*Denise de Camargo
Universidade Federal do Paraná*

Resumo: Este texto tem como objetivo situar teoricamente as pesquisas que estamos desenvolvendo e iremos apresentar neste Congresso. Partimos da constatação de que estávamos tratando em separado a imaginação e a emoção e assumimos a necessidade de superar esta cisão. Em seguida definiremos atividade expressiva como propiciadora da manifestação integrada das funções imaginação e emoção. Sob a perspectiva histórico-cultural faz-se uma tentativa de apreensão deste complexo fenômeno nas atividades expressivas junto a crianças e jovens. A mesa redonda consistirá no relato de cinco ensaios que buscam a compreensão da manifestação da imaginação-emoção em campos empíricos diferentes.

APRESENTAÇÃO

A psicologia faz dupla cisão ao tratar da questão da imaginação/emoção.

Por um lado, trata isoladamente ora emoção, ora imaginação.

Por outro, trata separadamente, suas dimensões, desdobrando-se em teorias fenomenológicas, teorias comportamentais, teorias de base fisiológicas, cognitivas, construtivistas dentre outras.

Conscientes da necessidade de uma abordagem que supere esta dicotomia, e partindo do pressuposto que as artes, em suas mais diversas expressões, sempre abordou o homem em sua totalidade, tem-se como objetivo uma aproximação com as atividades expressivas.

Entende-se como atividades expressivas aquelas atividades próprias da arte, como o desenho, a pintura, o teatro, a literatura, movimento corporal, etc, consideradas apenas enquanto estratégias educativas e promotoras do desenvolvimento humano e não, enquanto campo da arte e sujeita a seus critérios.

Compreende-se que estas atividades propiciam a manifestação integrada da imaginação-emoção, fenômeno sobre o qual se quer refletir.

Sob a perspectiva da teoria histórico-cultural de Vigotsky, faz-se uma tentativa de apreensão do complexo fenômeno da imaginação-emoção nas atividades expressivas, junto a crianças e adolescentes. Especificamente, tenta-se responder, como se manifesta a relação imaginação-



emoção no desenho, na literatura nas linguagens digitais interativas, música e na dança. Como podemos compreender esta relação a partir da perspectiva histórico-cultural? Que capacidades humanas se desenvolvem a partir do exercício destas atividades?

Como apreender fenômenos tão complexos e não perceptíveis de maneira direta como o da relação imaginação-emoção? Este era o desafio.

Considerando esta complexidade buscava-se elementos que representasse, que sinalizassem a materialização destas funções psicológicas. A identificação destas funções através de indicadores foi realizada com a finalidade explicativa para dar sentido teórico ao não observável. No plano descritivo sistematizam e orientam o observável. São elementos que aparecem nas relações, interações e não se produzem necessariamente numa relação direta. (REY,1999).

Que indicadores emergem nestas atividades expressivas? Que capacidades humanas são desenvolvidas por estas atividades?

Em primeira instância o que focalizamos é a atividade. Atividade desempenha “a função de situar o homem na realidade objetiva, transformando-a em forma de subjetividade. (Leontiev,1978). É a atividade, de natureza essencialmente social; faz-se inserida no sistema de relações sociais. Realiza-se através de instrumentos que são sociais e desenvolve-se mediante a cooperação e comunicação dos homens. Através da Atividade, o homem apropria-se da prática histórico-social, da experiência da humanidade.

A criança através das atividades apropria-se da cultura, a transforma impulsionando seu desenvolvimento. Atividade é sempre mediada pelo outro. Através da comunicação verbal vai construindo significados pela experiência social, se apropriando das aquisições de gerações precedentes, que impulsionam seu desenvolvimento e possibilitam a multiplicação da experiência.

A atividade, portanto é constituidora do ser humano. Afirma Leontiev (1978) que no processo da atividade os órgãos da individualidade vão se constituindo.

O que dizer então das atividades expressivas? Afirma-se com frequência que o envolvimento com atividades artísticas /expressivas pressupõem pré-requisitos, pressupõem capacidades correspondentes na esfera das sensações, da percepção, da discriminação, da reação emotiva etc. Contudo, afirmamos exatamente o contrário. Todas as capacidades se formam e desenvolvem apenas durante a atividade. As capacidades necessárias para a capacidade artística formam-se, e se desenvolvem no processo da atividade artística. Se assim não fosse, a importância educativa não seria tão grande. (Teplov,1977).

E a atividade da imaginação? Afirma Vigotsky (1990) que toda e qualquer atividade humana que não se limite a reproduzir fatos, ou impressões vividas, mas que crie novas imagens e novas ações, pertence à função criadora ou imaginadora. Se a atividade do homem se reduzisse a repetir o passado, o homem seria um ser exclusivamente voltado para o ontem e incapaz de adaptar-se a um amanhã diferente.



É precisamente, a atividade imaginadora do homem que faz dele um ser projetado para o futuro, um ser que contribui na criação do seu presente, modificando-o. Aí reside a importância da imaginação: através dela o homem torna-se um ser capaz de projetar o futuro, redimensionar sua história.

Vigotsky (1999), em *Psicologia da Arte*, alerta-nos o quanto a Arte enquanto conjunto de instrumentos simbólicos induzem as emoções, retêm as emoções, reevocam as emoções provocando o desenvolvimento tanto do pensamento como da vida afetiva. Alerta, que a arte cria um cenário que ao ser revivido pelo expectador da obra de arte, transmite às pessoas as experiências de tradições históricas e do outras pessoas.

A percepção da arte é um processo ativo, que incorpora momentos motores (ritmo), experiência emotiva, atividade imaginativa e operações de pensamento. Em sua linguagem aberta, complexa, ambígua, a arte possibilita ao sujeito que a experimenta a vivência de sentidos pessoais, emoções e sentimentos.

As emoções se transformam ao longo da vida. Neste processo entra em relação com outras funções e passa a se expressar junto ou através dela. Funções como a linguagem, memória, percepção e atenção estão carregadas de emoções e sentimentos mesmo que, as vezes, elas estejam encobertas. Durante o desenvolvimento na interação com a realidade, mediada pelos outros, que a rodeiam, a criança vai apropriando-se da linguagem e de forma sociais de comportamento, que passam a interagir com a emoção, transformando-a. A expressão da emoção modifica-se.

A integração da emoção e da imaginação com as outras funções psicológicas realiza-se através da apropriação da cultura na atividade social dos indivíduos.

Para Teplov (1977) a arte não é um produto da aspiração abstrata da beleza (idéia da beleza), mas sim o produto de uma combinação de todos os esforços e de todas as capacidades do homem.

Entendemos, igualmente, que as atividades artísticas têm um efeito profundo sobre várias dimensões humanas, não só sobre a imaginação, sentidos, emoção como também sobre o pensamento e a vontade. Daí decorre sua enorme importância para o desenvolvimento da consciência e da autoconsciência, na educação moral e na formação da concepção de vida.

Nesta perspectiva então foi que fizemos uma aproximação com atividades expressivas estudando e refletindo sobre a materialização das inter-relações da imaginação-emoção.

A mesa redonda consistirá no relato de cinco ensaios que buscam a compreensão da manifestação da imaginação-emoção em campos empíricos diferentes.

Ensaio sobre narrativa musical.

Vimos com a apresentação de Rosemyriam Cunha como a prática musicoterapêutica proporciona a emersão de um repertório sonoro-musical revelador dos sentidos afetivos da pessoa. Esse



repertório sonoro-musical vem matizado da trajetória de vida da pessoa que se expressa e se objetiva, como visto, pelas letras das canções, a sequência das canções e o ritmo.

A narrativa musical de Chiquita é uma via de importante de acesso para a compreensão de suas emoções e história de vida.

O caso apresentado demonstra como a arte não só determina uma rica experiência sentimental, mas também a capacidade de entender os sentimentos, de assimilar através da compreensão, de re-significar enfim, de organiza-los.

Ensaio sobre o significado de emoção para pessoas que vivenciam Biodança.

Vimos com a apresentação de Claudia M. Vieira Gusmão que, ao estudar uma atividade que trabalha com a imaginação e expressão das emoções propiciada por estímulos musicais e movimentos corporais investiga como as pessoas que as vivenciam passam a lidar com suas emoções. Qual o significado que elas atribuem a emoção. E se passam a expressar e compreender suas emoções, de forma diferenciada.

Uma atividade expressiva que propicia um espaço para a imaginação e emoção, para a partilha social de emoções e sentimentos, portanto, atividade objetivadora, socializadora e organizadora.

Ensaio sobre a imaginação e a emoção nos blogs dos adolescentes

Objetivo do trabalho de Beatriz Helena Ceccato é discutir e levantar questões sobre os diários virtuais à luz da teoria da reevocação das emoções de Rimé.

O diário virtual é um fenômeno recente na Web, criado em 1994 nos Estados Unidos. Com a popularização da Internet a partir de 1995, os diários virtuais começaram a expandir e hoje somam mais de 60 mil somente no Brasil e mais de um milhão pelo mundo. Por ser um fenômeno recente, muitas questões estão sendo levantadas. Muitos apontam o diário virtual como o fim da privacidade, pois as pessoas estão expondo conteúdos pessoais na Internet. O que se indaga é o motivo que leva estas pessoas a escreverem e publicarem na Web sobre suas vidas.

Ensaio sobre *O Pequeno Príncipe* e a função da imaginação na criança.

O presente trabalho, realizado por Álvaro Palomo Alves, busca mostrar, à partir da análise do livro "O Pequeno Príncipe", que a imaginação caminha ao lado do pensamento na criança como possibilidade de um viver criativo. Pretende discutir as possibilidades do texto de Exupéry à luz da investigação psicológica infantil, demonstrando como o lúdico, associado à imaginação, consiste em um posicionamento ético e político contra a burocratização das relações. A obra será tomada como norteadora acerca da função da imaginação na criança, com seu personagem principal - Pequeno Príncipe - sendo o veículo principal desta discussão. Para tanto, nos valem principalmente da produção teórica de Vygotsky e Rubem Alves sobre o tema *imaginação*.



Ensaio sobre o processo de produção do desenho junto a criança hospitalizada.

O presente trabalho, apresentado por Simone Vieira Souza, surge da necessidade de refletir sobre o atendimento psicológico à criança hospitalizada. O objetivo deste estudo é busca conhecer como uma criança hospitalizada expressa esta vivencia, ou seja, quais os meios e o processo utilizado para expressar e assim compreender o que esta vivendo. Parte-se do pressuposto que a expressão é um momento importante da compreensão e elaboração simbólica. Com este estudo pretende-se contribuir a temática da criança no hospital, acrescentando conhecimento que orientem nossa prática para o atendimento a crianças hospitalizadas.

Referências

- González Rey, F. L. (2002) *Pesquisa qualitativa em psicologia*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- Leontiev, A. N. (1978). *Actividad, conciencia y personalidad*. Buenos Aires: Ediciones Ciencias del Hombre.
- Vigotsky, L. S. (1990) *La imaginación y el arte en la infancia*. Madrid: Ediciones AKAL, S.A.
- Vigotsky, L. S. (1999). *Psicologia da Arte*. São Paulo: Martins Fontes.
- Teplov, M. R. (1977) *Aspectos psicológicos da educação artística*. Em Luria & Leontiev & Vigotsky y outros. *Psicologia e Pedagogia II*. (pp.123-153) Lisboa: Editorial Estampa.



Imaginação-Emoção: Uma Aproximação com Atividades Expressivas II

A Representação da Emoção para um Grupo de Biodança

*Claudia Marcia Vieira Gusmão**

Resumo

O tema da afetividade (emoção/sentimento), tem suscitado o interesse de muitos pesquisadores de diferentes correntes teórico-metodológicas da psicologia. Visando contribuir com este debate, este trabalho objetiva refletir sobre o conceito de emoção a luz da psicologia sócio-histórica, tendo também como referencia empírica sujeitos participantes de grupos de biodança.

A análise busca encontrar o significado/sentido de emoção a partir de dez entrevistas realizadas na abordagem quantitativa e qualitativa correlacionando com o conceito de emoção que vêm sendo apresentado por alguns teóricos da psicologia sócio-histórica.

Procuramos apontar alguns aspectos expressos nos relatos sobre a importância de abordamos a questão da afetividade dentro da psicologia não somente no campo teórico como da prática profissional e também para o sujeito em seu cotidiano

Palavras-chave: Afetividade, Sentido/significado, Biodança

Considerações Iniciais

Este artigo tem como objetivo principal refletir sobre o conceito de emoção à luz da psicologia sócio-histórica tendo como referência empírica um grupo de pessoas que participam de uma atividade vivencial expressiva denominada Biodança. Para isto, buscou-se conhecer o significado/sentido que pessoas que participam desta atividade expressiva, atribuem à emoção.



Este tema surgiu inicialmente a partir de um trabalho elaborado para a disciplina de metodologia durante a realização do mestrado. O objetivo deste trabalho era primeiro a escolha de um tema, em seguida a delimitação do grupo a ser pesquisado finalizando com a elaboração e aplicação de um questionário e uma entrevista. Os dados apresentados a partir da realização da pesquisa instigaram-nos a realizar uma análise mais aprofundada destas entrevistas, possibilitando também fazer uma reflexão destes dados à luz da teoria sócio-histórica.

As análises dos dados nos permitiram realizar uma reflexão sobre dois aspectos. O primeiro está relacionado à compreensão do sentido/significado de emoção para pessoas que participam de atividades expressivas (Biodança), permitindo com isto conhecer um conceito mais próximo da realidade dos sujeitos e não meramente teórico. O segundo aspecto se refere à percepção da relação entre a participação numa atividade vivencial expressiva (Biodança) e a vida cotidiana de seus participantes, identificando se houve mudanças na forma de expressão das emoções dos entrevistados após a inserção em um grupo de Biodança.

Partimos do pressuposto que as pessoas expressariam um significado/sentido construído a partir da reflexão sobre suas vivências.

Ao entrevistarmos participantes deste grupo específico, buscamos, a partir dos relatos, refletir como estes sujeitos compreendem que uma atividade como a biodança possibilita a expressão das suas emoções e de uma forma mais ampla, procuramos perceber como esta atividade cria condições para que estes sujeitos compreendam suas emoções. Nos detivemos principalmente em conhecer os sentidos/significados de emoção expressos pelos sujeitos.

Escolhemos Biodança por ser considerada uma atividade que visa o desenvolvimento humano, pela expressão/contato das emoções através do movimento corporal. Utiliza-se de uma metodologia vivencial, constituída de exercícios específicos, aliados a estímulos musicais previamente elaborados guiados por uma consigna indutora.

Buscamos com isto, refletir sobre a questão da emoção, introduzindo no debate que vem sendo realizado dentro da psicologia sócio-histórica, o significado/sentido que os sujeitos empregam às emoções que vivenciam no seu cotidiano.

Lane e Camargo (1995), apontam para “a importância das emoções como mediação entre as categorias constitutivas do psiquismo humano, levando-nos a considerar a Afetividade como



uma das categorias fundamentais, ao lado da Consciência e da Atividade, sendo a Identidade uma categoria síntese da relação indivíduo-sociedade.”(p.117).

Entendemos que a emoção vem sendo enfatizada dentro da psicologia social como um aspecto importante na constituição da identidade dos sujeitos. Sendo assim, buscamos também apontar como vêm sendo tratadas as questões da emoção, do sentimento e da afetividade pelos teóricos da psicologia sócio-histórica.

Desta forma, num primeiro momento, buscaremos apresentar um quadro conceitual que fundamente a análise em questão. Em seguida apresentaremos a análise dos dados, demonstrando trechos/partes das entrevistas que explicitem o tema proposto, articulando com as categorias apontadas no quadro conceitual. Buscaremos realizar uma análise qualitativa dos dados, mesmo daqueles apresentados no questionário, que se configurou por uma síntese quantitativa.

Nas considerações finais, procuramos apontar alguns aspectos expressos nos relatos, que se referem a importância de sentirmos/percebermos, falarmos, expressamos e principalmente vivenciarmos nossas emoções. Ressalta-se a necessidade de construirmos uma reflexão conjunta e não unilateral (seja teórica ou empírica) sobre emoção. Demonstra-se também o quanto ainda vivemos dentro de uma sociedade que fragmenta o ser humano, uma cultura que ainda prioriza o racional, de tal modo, que ainda é difícil para nós falarmos sobre aquilo que nos é tão precioso, nossas emoções.

Pressupostos teórico-metodológicos

Diversas experiências comunitárias em psicologia social, vêm enfatizando a importância de refletirmos sobre a questão da identidade a partir da sua relação com a afetividade. Bomfim (1999), aponta para a necessidade de privilegiarmos as emoções e sentimentos como mediadores da identidade nas experiências comunitárias e nos grupos.

Por sua vez, Lane (2000), vem sinalizando para a importância da interação social no estudo da consciência humana que vem sendo desenvolvida dentro da psicologia social, onde considera a “identidade social como um dos aspectos da personalidade que se constitui, através



das interações sociais, em uma categoria formada através da mediação dos grupos sociais com os quais nos comunicamos, convivemos e nos constituímos como indivíduos” (p.13).

Rimé (1993), também trata da questão da interação social apontando para a necessidade desta na partilha das emoções. Para o autor, “os meios de expressão socialmente partilhados garantem, por definição, a articulação da experiência privada, isto é, seu desdobramento (ou seu desenrolar) no tempo e no espaço”(p. 14).

Desta forma, face à necessidade que vem sendo apontada na psicologia social, para o estudo das emoções e também para a necessidade da interação social, procuramos para realização deste artigo, entrevistar pessoas que participam de uma atividade de grupo (Biodança) cuja proposta é buscar maior contato/percepção das emoções através de uma metodologia vivencial, realizando uma reflexão destas falas apontando para uma construção teórica, considerando também a participação dos sujeitos.

Ao tentar conceituar emoção/sentimento esbarramos em dificuldades diversas, dado a imprecisão e a dubiedade destes termos, apontadas pelos autores, com diferentes sentidos e significados. Na literatura existente, encontramos diferentes posturas metodológicas, originando direções diversas quando buscamos entender emoção, sentimento e afetividade.

De modo geral, não existe um consenso sobre o significado de emoção, alguns autores chegam a atribuir o mesmo significado para emoção e sentimento. Vamos considerar a definição apontada por Lane (1994,1997,2000), e por Sawaia(2000, 2001,1995), e outros autores que empregam em suas análises o pensamento de Vygotsky. Para estes autores a emoção é diferenciada de sentimento no que se refere a temporalidade, onde a emoção é momentânea, breve, imediata, enquanto o sentimento tem uma duração no tempo, esta relacionada a algo específico. Ambos constituem a afetividade.

Para Vygotsky (1993), as emoções têm uma natureza social e um caráter comunicativo, afirmando que as emoções, “... se constituem numa linguagem, cujas mensagens podem tanto desencadear o desenvolvimento da consciência como fragmentá-la” (p.57).

Sawaia (2000), vai afirmar que de acordo com Vygotsky “nós pensamos, sentimos e nos emocionamos com base em conceitos, o que significa possuir em determinado sistema já



preparado, uma determinada forma de pensar e de se emocionar que predetermina o conteúdo final e que nos foi imposta pelo meio que nos rodeia.”(p.19)

Durante muitos anos privilegiou-se a razão em detrimento da emoção, por considerarem que somente através da razão se atingia o conhecimento científico. Hoje sabemos que a emoção esta presente em todas as instâncias de nossas vidas, até mesmo nas atividades que parecem eminentemente racionais.

Buscamos também apreender o fenômeno emoção/sentimento a partir de uma abordagem vivencial como é caracterizada a Biodança. Sendo assim, torna-se necessário apresentar uma definição desta atividade, bem como a compreensão que é apresentada para emoção/sentimento pelos profissionais. Toro¹(2002), define Biodança como: “um sistema de integração humana, de renovação orgânica, de reeducação afetiva e de reaprendizagem das funções originárias da vida” (p.33).

Como a Biodança trabalha fundamentalmente com as emoções/sentimentos, buscamos apreender qual o significado que os profissionais que trabalham com esta atividade vivencial atribuem a estes conceitos. Em recente livro², Toro (2002), traz as seguintes definições:

Emoção é:

“Uma resposta psicofísica de profundo envolvimento corporal representado pelos impulsos internos à ação. As emoções têm uma orientação centrífuga e uma acentuada expressividade (por exemplo, alegria, raiva, medo); têm uma forte influência sobre o sistema neuro-vegetativo. Emoções violentas de raiva ou medo, repetidas com frequência, induzem transtornos psicossomáticos; emoções que não se expressam acumulam-se nos órgãos”(Toro, 2002, p.32).

Sentimento é:

“Uma resposta mais elaborada nas confrontações das pessoas com o mundo. Os sentimentos são duradouros(memória), envolvem a participação da consciência, são diferenciados (preferência) e têm um caráter simbólico (p.ex. amor,solidariedade, felicidade)”(Toro,2002, p.32).

-
1. Psicólogo/Antropólogo Chileno criador do Sistema Biodanza.
 2. traduzido para o Português no corrente ano.



Biodança é uma atividade que não prioriza uma compreensão racional de emoção e sim que as pessoas entrem em contato com a própria emoção, que sintam na emoção a conexão com a própria vida. Esta conexão foi por muito tempo renegada pelas ciências, de modo geral, e também pela psicologia. A emoção era vista apenas em sua negatividade, ou seja, só era reconhecida quando buscavam tratar problemas decorrentes da expressão de algumas emoções entendidas como inadequadas, ou melhor, quando as expressões destas emoções atrapalhavam a outras condutas, como por exemplo, a questão intelectual, profissional. A emoção nesta concepção era compreendida apenas no seu aspecto biológico, próximo do instintivo/animal e pouco se abordava a emoção em seu caráter histórico e social. No ser humano era privilegiado o lado racional/cognitivo, onde demonstrar as emoções era sinal de ‘fraqueza’ e até mesmo de irracionalidade.

Considerando o objetivo proposto, de se trabalhar sobre significados e sentidos que envolvem a emoção/sentimento, procuramos apontar como estes conceitos que utilizamos para análise dos dados são definidos dentro do referencial histórico-social.

De acordo com Friedman,

“os sentidos pessoais referem-se a enlaces ou relações atribuídas às palavras no confronto entre as significações sociais vigentes e a vivência pessoal. Estão de certa forma ligados a momentos e situações dadas, a motivos e afetos, às atividades e experiências particulares vividas pelos sujeitos, que processam e transformam os significados e são capazes de articular uma consciência e um comportamento com maior ou menor grau de crítica em relação à interpretação ideológica da realidade” (1995,p.137).

Neves (1997), vai demonstrar que em Vygotsky, o significado seria uma construção social, de origem convencional, relativamente estável. A atividade humana não é internalizada em si, mas é uma atividade significada, como um processo social, mediatizada semioticamente. O significado, constitui apenas uma das zonas do sentido, é mais estável e mais precisa que o sentido (p.100-105).

O sentido, para Vygotsky (1993), “é a soma dos eventos psicológicos que a palavra evoca na consciência. É um todo complexo, fluido, dinâmico, que tem várias zonas de estabilidade desigual”(p.125).



O sentido pessoal se constituiria a partir do confronto entre as significações sociais vigentes e a vivência pessoal, são as expressões do sujeito.

Para Vygotsky(1993), sentido subjetivo é construído a partir da relação dialética com o social e com a história, “o sentido de uma palavra é um fenômeno complexo, móvel e variável; modifica-se de acordo com as situações e a mente que o utiliza, sendo quase ilimitado” (p.125)

Leontiev, conforme citado por Neves (1997) define significado como pertencente ao mundo dos fenômenos objetivamente históricos. O homem ao nascer encontra um sistema de significações pronto, elaborado historicamente.

Para Leontiev, sentido pessoal seria a maneira como assimilo ou não um dado significado, o que ele torna para mim. “O sentido pessoal será criado pela relação objetiva que se estabelece no cérebro do sujeito, entre aquilo que incita a agir e aquilo para o qual sua ação se orienta como resultado imediato”. (apud Neves, 1997:33)

Lane (1999) também vai afirmar que de acordo com Vygotsky, significados são “aqueles cristalizados do dicionário”, enquanto os sentidos “resultam do confronto dos primeiros (significados) e as vivências pessoais” (p.13).

Com relação aos aspectos da pesquisa, entendemos que esta foi realizada em caráter exploratório, buscando uma aproximação empírica com o fenômeno “emoção” a partir dos relatos dos entrevistados. Foi realizada em dois momentos, o primeiro através de uma entrevista semi-estruturada, com base na abordagem qualitativa, no segundo momento (após a entrevista), foi aplicado um questionário objetivo, com perguntas fechadas.

As entrevistas continham três questões, a primeira contemplando a definição de emoção, a segunda procurando perceber a relação entre a participação na atividade (biodança) e a expressão das emoções dos participantes e uma terceira apontando para alterações na expressão das emoções dentro de um grupo de Biodança e em outros convívios sociais (trabalho/família/amigos). As entrevistas foram gravadas e transcritas posteriormente, possibilitando com isto a exposição livre sobre o tema e maior percepção de como o entrevistado via a questão da emoção no seu cotidiano. Os conteúdos destas entrevistas foram agrupados em tópicos relevantes de acordo com o tema significado/sentido,emoção/sentimento, evidenciando as categorias que emergiram das falas dos entrevistados.



A segunda parte da pesquisa constou de um questionário que foi distribuído aos participantes, após a entrevista, onde de uma forma mais objetiva com questões fechadas, procuramos apontar a definição que estes entrevistados tinham para emoção, palavras/símbolos utilizados, assim como a relação entre a participação na Biodança e modificações na expressão de sua emoção.

Realizamos a pesquisa com dez participantes de um grupo de Biodança. Tivemos também como critério o tempo de participação na atividade, onde escolhemos pessoas que estavam há mais de um ano no grupo. Partimos do pressuposto que o tempo de participação na atividade, possibilitava aos entrevistados falarem/exporem com mais clareza sobre o tema abordado e sua percepção sobre mudanças ocorridas após a inserção no grupo.

Análise dos dados

Abordando a Emoção e o Sentimento

Os entrevistados, de um modo geral, não diferenciam emoção de sentimento, portanto, dão o mesmo significado para estes conceitos, aparecendo na entrevistas a mesma confusão terminológica presente na literatura.

“Emoção pra mim é.... envolve todo aquele sentimento que vem de dentro para fora... emoção para mim é como se fosse viver todos estes sentimentos...” E₂

„Emoção é esse sentimento que no fundo dá prazer e dá alegria , também emoção é tristeza. Acho mais um sentimento profundo que define o ser humano,muito alem da animalidade dele. O ser humano é o único ser capaz de demonstrar a emoção e sentir de fato...”E₄

“Emoção é um sentimento, algo que te pega, te transtorna. Qualquer sentimento é emoção, mas eu não sei definir, só sei sentir...”E₇

“È um sentimento que vem da alma, uma resposta do coração para as coisas da vida” E₈



Ao solicitarmos que os entrevistados falassem como eles compreendiam ‘emoção’, alguns demonstravam dificuldades em colocar em palavras este conceito. Tais dificuldades também estão presentes quando da expressão das emoções que para muitos foi apontado com difícil se definir ou expressar. Faziam expressões faciais como se tentassem puxar pela memória/lembrar situações que envolviam as emoções, tentando reviver o que eles entendiam por emoções corporalmente e apresentavam algumas das seguintes definições:

“Emoção para mim é tudo que está dentro do meu centro afetivo, digamos assim. Nós temos um centro racional, um afetivo e um centro instintivo. O que compreende o centro afetivo são as minhas emoções. Daí, posso dizer assim, raiva é uma emoção, amor é uma emoção, medo é uma emoção; e se você que expressar você tem que passar primeiro por um processo mental, senão sai espontaneamente, involuntariamente. Não passa pela mente, nem por nenhum juízo teu, uma coisa espontânea” E₁₀

“Emoção é um sentimento que vem de dentro do coração” E₉

Com estas afirmações entendemos que, para alguns dos entrevistados, a emoção é algo que faz parte da vida do ser humano, mas que não está presente em todos os momentos, ou seja, não percebiam que no momento da entrevista, e em todos os momentos da vida estamos imersos em um tipo de emoção, mesmo não percebendo muitas vezes que esta emoção está presente.

Entretanto eles buscavam uma resposta ‘cognitiva’, um conceito e rapidamente aparecia a dualidade razão/emoção.

Sawaia(2000), ao tratar da questão da emoção na construção do conhecimento, tendo como base o pensamento de Vygotsky, aborda que para este autor os sentimentos fazem parte das funções psicológicas superiores e é social, logo são construídas historicamente em cada sociedade. “... funda-se na atitude social para consigo mesmo e se caracteriza pelo traslado das relações coletivas para o interior da personalidade o sentimento é mediado por um sistema conceitual, cristalizado e institucionalizado como os significados dicionarizados, senso comum, ideologia... “(p.10).

Outro aspecto percebido nas falas é da relação da emoção apenas em seu caráter intrínseco, apresentando as definições abaixo:



“um sentimento que vem de dentro”, “sentimento que vem da alma”, sentimento que transtorna”, “sentimento profundo que define o ser humano”.

“por emoção eu posso compreender aquilo que eu consigo e posso botar para fora. Um sentimento verdadeiro, interno” E₃

“Emoção é uma resposta que eu sinto frente a uma situação, frente a uma pessoa, frente a uma música, frente a vida. Uma resposta da minha existência em relação ao que estou vivendo” E₅

Ao falarem da emoção como algo *“que vem de dentro”*, dá-se a impressão que para alguns entrevistados, a emoção tem uma determinação própria, ficando mais evidenciado nesta fala *“resposta do coração frente as coisas da vida...”E₈*

Também percebemos uma definição de emoção com caráter estritamente biológico, o que entendemos ser influência de um pensamento mais naturalista que até momento ainda permanece no pensamento científico e também no senso comum. Utilizam para definir emoção expressões como: *“uma pulsão”*, Ou ainda, *“emoção é espontânea”* como algo que não é pensado, não é construído socialmente.

“... eu me permito viver mais a emoção, principalmente as emoções mais instintivas, mais ligadas ao coração...”E₈

Sawaia (2000), vai apontar que Vygotsky não descarta ou abandona a “radicalidade biológica e a sensibilidade corpórea, nem mesmo quando enfatiza a mediação semiótica na configuração do sistema psíquico. Esta concepção pressupõe um sujeito de carne e osso, relacional e sócio-histórico e as emoções deixam de ser uma caixa de ressonância de forças sociais, racionais ou orgânicas, bem como não é uma força desencarnada, subsumida na linguagem.”(p.8). Por outro lado, em toda a sua obra há uma nítida influência social demonstrando que para Vygotsky as emoções têm um significado socialmente construído.

Ao pedir que eles falassem como compreendiam a emoção, na dificuldade em dar uma definição acabavam relacionando/nomeando palavras como exemplo: “emoção é raiva, amor, medo, alegria, prazer....”



“Emoção é um sentimento de rir, de chorar...” E₆

Observamos que para Vygotsky(1993), há uma relação entre pensamento e palavra, como um ”processo vivo; o pensamento nasce através das palavras” (p.131) e que por traz do pensamento encontra-se a tendência afetiva e volitiva.

O que entendemos que pode ser compreendido nos seguintes relatos:

“É um sentimento que vem da alma, uma resposta do coração para as coisas da vida” E₈

“Qualquer sentimento é emoção mas eu não sei definir, só sei sentir...” E₇

De acordo com Sawaia(2000), Vygotsky aponta que a emoção é a base do pensamento e que para este autor as palavras desempenham um papel central não só no desenvolvimento do pensamento, mas também na evolução histórica da consciência como um todo. Para Vygotsky(1993), “uma palavra é um microcosmo da consciência humana”(1993, p.132).

Pedimos então que os entrevistados escrevessem palavras que podiam utilizar para definir emoção, dentre as palavras proferidas a relacionadas abaixo foram as mais citadas pelos entrevistados:

“Emoção é um sentimento”, citaram palavras tipo: medo, raiva, êxtase, amor, alegria, plenitude, afetividade, ternura, tristeza, sensibilidade.”

“Emoção ligada a uma ação”, apontaram palavras: Liberdade de expressão, movimento, envolvimento, sentir”

Outros definiam emoção por um “órgão do corpo, mais explicitamente ligado ao coração”.

Dois entrevistados fizeram relação da “emoção como presença de vida”.

Enquanto em dois relatos apareceu uma relação direta de “emoção com alma e instinto”.

De modo geral, os sujeitos buscam explicações para entender o que se passa com ele internamente. Estas respostas refletem o processo histórico/cultural e social de cada um. Os significados são determinados socialmente reconstruídos pelos sujeitos que lhes dão um ‘sentido’ próprio ‘subjetivado’. Quando os entrevistados ao falar das emoções dizem “*não sei definir, só sei sentir*”, “*emoção pertence ao centro afetivo*” ou ainda, “*para expressar a emoção passa pelo racional*”, estão aparentemente refletindo o que temos construído a respeito das emoções, o que foi subjetivado a partir da realidade objetiva destes sujeitos.



Expressando as emoções pela Biodança

Uma questão que procuramos observar durante a pesquisa era como os entrevistados percebiam a Biodança no tocante a relação com a emoção, ou seja, como a Biodança possibilitava-lhes a expressão da emoção.

Os entrevistados apontavam aspectos da proposta desta técnica, como exemplo: *“movimento que gera emoção”, “soltar-se”, “aflora a emoção”*.

“Pelo fato de me fazer soltar, de sentir que eu tenho um espaço para esta liberdade de expressão tanto corporal como emocional” E₃

“Eu sempre vivi muito as emoções através da musica. E na biodança essa relação que eu aprendi de expressar estas musicas através do movimento... isto faz com que toda emoção aflore, que toda emoção venha com uma intensidade maravilhosa” E₂

“A emoção verdadeira passa da parte da técnica para a parte emocional efetivamente. Quer dizer, ela vai da teoria para a prática, a medida que você se concentra com o movimento que expressa esta emoção” E₄

“Eu não demonstrava a minha emoção... eu não chorava agora eu choro... eu não me permitia, a emoção era aquela mas eu não sabia, ela estava guardada.... passei a me expressar mais.... “E₇

Observa-se que os entrevistados vêm na Biodança um ‘instrumento’ que permite-lhes a expressão das emoções/sentimentos, o que podemos denotar das seguintes verbalizações: *“viver a emoção”, liberdade de expressão corporal e emocional”,* e isto só é possível de acordo com os entrevistados porque a Biodança proporciona “um espaço” e um “momento específico” que gera “amizade” e “confiança” (entre os participantes).

Rime (1993), em seu artigo, A partilha social das emoções, enfatiza a necessidade da interação social, do papel do outro como elemento importante na partilha das emoções onde denota que, “oferecendo constantemente aos indivíduos ocasiões de refazer a experiência da emoção propondo-lhe ao mesmo tempo condições de como tratar esta emoção segundo termos



socialmente partilhados, a vida social mantém neles o sentido da articulação da vida privada” (p.16).

“Eu me sinto num ambiente com pessoas que me dão esta permissão, a técnica dá esta permissão, vai criando um clima de confiança, um clima de amizade, eu me sinto super à vontade na verdade...” E₅

Buscando apontar a relação entre as emoções e a expressão destas por meio da linguagem, iremos encontrar em Lane (1999), que nos seus estudos sobre os aspectos emocionais nos conteúdos da consciência vai buscar na teoria das emoções principalmente nas obras de Wallon e Heller “a existência de uma relação estreita entre as emoções e linguagem e, como são ambos produtos históricos, estão presentes em qualquer comportamento humano”

Repassamos aos entrevistados várias palavras relacionadas à expressão de uma emoção e pedimos que estes assinalassem as que entendiam que haviam conseguido expressar durante a atividade de Biodança, deixando em aberto um espaço para que estes apontassem outras emoções que eles também haviam vivenciado pela Biodança. Praticamente todas as palavras foram assinaladas pelos entrevistados, com ênfase nas expressões de *prazer, amor, confiança, alegria, ternura, tristeza, raiva, medo, mágoa*.

Outras emoções foram lembradas pelos entrevistados como expressadas durante a vivência de Biodança como: *afeto, êxtase, tesão, plenitude, fraternidade, coragem, liberdade e presença*, esta última foi definida pelo entrevistado como junção de *força e plenitude*.

Modificações ocorridas após a inserção na atividade de Biodança

Ao aprofundarmos a percepção dos entrevistados sobre a importância da Biodança para suas vidas, observamos que estes apontavam uma série de modificações ocorridas (profissional e pessoal), presentes em seu cotidiano a partir da inserção no grupo. Estas mudanças foram relatadas como uma melhora na relação interpessoal, como desenvolvimento da sensibilidade emotiva e da receptividade e objetivação de sentimentos antes desconhecidos, como aparece nos relatos abaixo:



“Eu era uma pessoa extremamente fria, muito racional e agora estou conseguindo externar a minha emoção... brota, às vezes um sentimento de amor, de compaixão, de felicidade, brota um sentimento muito maior com relação aos seres humanos e eu estou aprendendo a ver em cada ser humano, um ser especial dentro dele. Isso está me fazendo muito bem. Com certeza eu estou vivenciando melhor as minhas emoções. Estou mais feliz, mais em paz, muito centrada e sabendo melhor o que quero fazer, o que quero sentir e como quero que me tratem também e como eu quero tratar os outros...”E₅

A Biodança aparece nos relatos como uma atividade ‘prazerosa’, sendo demonstrada como: *“uma atividade que permite sentir as emoções, que antes não me permitia expressar”, “coloca os problemas entre aspas”, “trabalhar comportamentos (emoções) que antes não estava satisfeito”.*

“A biodança está me deixando ainda mais sensível para muita coisa na vida e estou conseguindo trabalhar alguns sentimentos, um comportamento que eu tinha e que na era satisfeita, que eu não gostava em mim...”E₂

“antes não sentia prazer em expressar (emoção), agora eu sinto”, “antes bloqueava as emoções”, “antes não demonstrava as emoções”, “sentia pouco”.

“Quando eu saio de uma aula de biodança eu sou outra pessoa, nutrido, com muita permissão para sentir, para manifestar minhas emoções muito bem...”E₅

Na análise dos questionários aplicados observou-se que 100% dos entrevistados perceberam modificações na expressão das emoções nos seus relacionamentos do cotidiano. Denotamos que 50% dos entrevistados assinalaram que modificou razoavelmente a expressão de suas emoções dentro do contexto familiar. Nas relações de trabalho o mesmo índice (50%) foi apontado como que modificou muito a expressão das emoções. Nos demais convívios sociais 70% dos entrevistados apontaram que após ingressarem o grupo de Biodança modificou extremamente a expressão das emoções no convívio com seus amigos.

Um dado importante analisado nesta questão é que nenhum entrevistado assinalou que não modificou a expressão da emoção nos itens descritos.



Os dados indicam que os entrevistados após ingresso no grupo de biodança perceberam modificações nas formas de expressão de suas emoções, não só dentro do grupo, como também nas várias situações do seu cotidiano. Expressos da seguinte maneira:

*“ No contato com outras pessoas, no singelo abraço que antes era diferente, era uma coisa fria e hoje você sente um pouco mais.... de deixar soltar uma lágrima se você se emocionar... se deixar chorar...”*E₉

O que percebemos nas entrevistas é que quando os participantes vivenciam e percebem as emoções na atividade, levam para seu o cotidiano estabelecendo uma dinâmica que envolve a motivação e a afetividade, o que é denotado por eles como melhora nas relações interpessoais e na qualidade de vida.

“ A biodança trabalha muito para você deixar o racional de lado e de liberar e soltar o vem dentro de você....me expressar um pouco mais, de perder aquela dureza, aquela expressão mais bruta principalmente do homem, e principalmente na minha profissão que é engenharia, muito certinho.... e a biodança abriu um, pouco isso. Deixar o racional de lado e abrir um pouco mais o lado de dentro...” E₉

Considerações finais

A pesquisa apontou para uma dificuldade dos entrevistados definirem/conceituarem emoção, ou seja, não corroborou nosso pressuposto inicial de que participando uma atividade expressiva que busca maior contato e percepção das emoções, estes participantes poderiam ter maior facilidade para defini-la. Em nosso entendimento tal fato aponta para duas possibilidades que podem ser apoiadas ou refutadas em pesquisas posteriores.

A primeira é que sendo a Biodança uma atividade que prioriza a expressão pela vivencia/ contato com as emoções e não no seu aspecto puramente cognitivo, seus participantes embora consigam perceber e sentir maior contato com suas emoções, podendo expressá-las mais livremente eles não estão preocupados em dar uma ‘definição’ conceitual/intelectual para as mesmas. Ficando evidenciado quando alguns entrevistados se expressam do seguinte modo:



“Emoção para mim é como se fosse viver todos estes sentimentos, colocar para fora externalizar, viver acho que é a palavra.”E₂

“ Qualquer sentimento é emoção mas eu não sei definir, eu só sei sentir”E₇

Um outro aspecto desta dificuldade, ao nosso ver, é resultante de um processo sócio-cultural, onde se ‘regulam e reprimem’ as emoções, ao mesmo tempo em que existe uma fragmentação entre o sentir, o pensar e o agir. Sendo assim, mesmo que uma pessoa esteja ‘sentindo/expressando’ mais as emoções ela não relaciona este ‘sentir’ com o ‘pensar’. De outra forma, entendemos que este ‘pensar’ ainda encontra-se separado do ‘agir’ e do ‘sentir’, não se constituindo num mesmo momento, logo aparece a cisão entre eles e também pela dificuldade de ‘definir’acabam nomeando algumas emoções.

“... na medida em que eu deixo a cabeça e a mente em suspenso, o corpo suspenso racionalmente e trabalho a nível mais afetivo e a nível mais instintivo, então a partir do momento que eu entro mais no centro afetivo eu vou expressar mais a minha emoção... você entra em contato com o que você sente e aí, você tendo este contato você vai poder expressar, você sabe que o que esta sentindo não é um saber racional, é um saber profundo do que eu estou sentindo; então eu posso expressar isto, quer dizer, eu sei que é isso o que me incomoda, é isso o que me dói, é isso o que me deixa feliz, fazer esta leitura é mais fácil na vida cotidiana. No grupo, na verdade, tudo é muito intenso, quando eu estou fazendo a vivencia, não consigo definir é isso ou aquilo que estou sentindo no momento, mas a coisa depois se expressa verbalmente. Você consegue colocar o que está sentindo no momento...” E₁₀

Com relação ao ‘sentido pessoal’, durante toda a análise estivemos utilizando este conceito junto com significado, mesmo tendo apresentado a definição de ambos os termos, optamos por utilizar em conjunto por entender que tornaria difícil demonstrar nos relatos o que se refere ao sentido pessoal ou a um significado socialmente determinado. Contudo, conseguimos apontar dentre as falas, algumas que entendemos que se aproximam mais do sentido pessoal destes entrevistados. Este sentido pessoal aparece mais claramente não na



definição do que é emoção para os participantes, mas quando refletem sobre a importância da Biodança na expressão de suas emoções.

“... eu me permito mais viver a emoção, principalmente as emoções mais instintivas, mais ligadas ao coração, ao amor, ao prazer e também as ligadas ao lado negativo, o medo, a raiva... a emoção é a expressão da alma...”E₈

“ emoção é um sentimento que vem de dentro do coração, a emoção pode ser tanto transferida para uma questão de sentimento de tristeza, de alegria, de soltura, de se liberar...”E₉

Percebe-se que uma grande parte dos entrevistados têm dificuldades em definir emoção, pois o conceito de emoção que temos está relacionado com aquilo que aprendemos sobre emoção como ‘algo que produz reações orgânicas’, ao nível de sensações físicas ou nomeando as emoções em palavras (signos e símbolos) cultural e socialmente determinadas.

Tais dificuldades também estão presentes quando da expressão de uma emoção, que para muitos foi apontado com difícil se falar ou expressar. Nossa cultura ainda não permite amplamente que as pessoas falem ou expressem sua emoção, para alguns é necessário um momento específico para expressá-las; não percebem que mesmo para falar, emitir uma opinião ou um fato existe uma emoção presente. Todos os atos mais simples do ser humano são permeados por uma emoção e nem todos têm a presença da razão.

Também aparecem nas entrevistas uma relação entre a emoção e expressão desta emoção, apontam ser a emoção: “movimento, soltura”, ou pelo “riso, choro”. Interpretamos que estes significados que aparecem nestes relatos deve ao fato dos entrevistados participarem de uma atividade que possibilita-lhes a conexão e a expressões desta emoções.

Pelos dados analisados compreendemos que ao buscar perceber e expressar, ter mais contato com nossas emoções, nos tornamos também mais perceptivos aos outros e construímos vínculos mais afetivos e com compromisso de solidariedade, pois o cuidar do outro envolve também o cuidar de si, por isto as pessoas relatam que a biodança lhes possibilita “*estar mais centrada*”, “*ter contato com as pessoas*” e como consequência, “*tratar melhor os seres humanos*”.



Considerando o exposto até o momento, gostaríamos de reafirmar a necessidade da afetividade nas relações humanas e do estudo das emoções/sentimentos como um aspecto cada vez mais presente dentro da psicologia social, onde buscamos em Sawaia (2000), afirmar que:

“a afetividade (emoção e sentimento) é um universo particular de estudo e de ação social transformadora que supera a cisão universal/particular e mente e corpo. Ela é uma dimensão particular de uma ação política: encontrar um meio de entrar no que há de mais singular da vida social e coletiva, em sua singularidade, para promover a transformação social”(p.21).

Referências Bibliográficas

- Bomfim, Z.A.C. (1999). A Mediação Emocional no Desvelar da Identidade Comunitária. Em Brandão, I.R.&Bomfim, Z.A.C. Os Jardins da Psicologia Comunitária: escritos sobre a trajetória de um modelo teórico-vivencial,(pp.99-110) Fortaleza: ABRAPSO-UFC .
- Lane, S.T.M. & Camargo, D.(1995). Contribuição de Vigotski para o estudo da emoções. Em Lane, S.T.M.& Sawaia, B.B.(orgs.). Novas Veredas da Psicologia Social,(pp114-131) São Paulo:Brasiliense:EDUC.
- Lane, S.M. & Araújo, Y.(2000).Arqueologia das Emoções. Petrópolis: Vozes.
- Neves, W.M.J.(1997). As formas de significação como mediação da consciência:um estudo sobre o movimento da consciência de um grupo de professores.São Paulo, tese de doutorado, PUC-SP.
- Friedmam, S. (1995). Uma aproximação metodológica ao estudo das emoções. Em Lane, S.T.M. e Sawaia, B (orgs). Novas Veredas da Psicologia Social(pp.134-145), São Paulo: Brasiliense.
- Rimé,B. (1993). Lê Partage social des émotions. Em Rime, B et Scherer, K. Textes de base em psychologie:les emotions.Neuchatel-Paris:Delachaus&Niestlé.
- Sawaia, B.B.(2000). A emoção como locus de produção do conhecimento – uma reflexão inspirada em Vygotsky e no seu diálogo com Espinosa. PUC,SP , mimeo
- _____ (org.)(2001) As artimanhas da exclusão: Análise psicosocial e ética da desigualdade social,2ªed. Petrópolis, RJ:Vozes,.
- Toro, R. (2002). Biodanza, trad.Marcelo Tapia, São Paulo, ed. Olavobrás-EPB



Vygotsky, L.S.(1993). Pensamento e Linguagem, trad. Jéferson Luiz Camargo, São Paulo: Martins Fontes,3^a.reimpressão.

Sobre as autoras:

*Claudia Márcia Vieira Gusmão – Assistente Social, Mestranda em Psicologia da Infância e Adolescência pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Bolsista CAPES

**Dra. Denise de Camargo - Professora do Mestrado em Psicologia da Infância e Adolescência da UFPR

***Dra. Yara L. M. Bulgacov - Professora do Mestrado em Psicologia da Infância e Adolescência da UFPR



Infância e Juventude: Aspectos Objetivos da Formação da Subjetividade

Arte para crianças e menores: reflexões sobre a pedagogização da arte e inclusão social pela estética

Sueli Soares dos Santos Batista

Arte na educação, na história do Brasil, é uma questão que remonta à catequese jesuítica com seu teatro pedagógico. Obviamente não seria uma iniciativa de ensinar arte pela arte, pelo seu valor intrínseco ou pelo conhecimento que produz sobre as relações entre indivíduo e sociedade, mas a arte como recurso didático. Um outro momento relevante desta história é a defesa da arte na educação feita por Rui Barbosa no século XIX: arte na formação do trabalhador era sua preocupação. O aspecto civilizador da arte enquanto recurso didático ainda persiste hoje. A partir de 1996, com a nova LDB a arte tem seu lugar assegurado no concerto das demais disciplinas. Deixa de ser uma atividade para ser área de conhecimento, objeto de conhecimento na formação do cidadão.

Portanto, falar das relações entre arte e educação, tem sido até hoje falar de arte na educação. Ou seja, como que a arte poderia ser utilizada para fins pedagógicos. No discurso sobre arte para crianças, vamos poder enxergar com mais nitidez as concepções predominantes de infância e de sociedade, do que propriamente de arte.

O que encontramos nas propostas de arte e educação, inclusive nos PCNs, é uma visão universalista e essencialista da arte, algo como a necessidade que todos temos de experiências estéticas. São comuns expressões como “arte explica a vida”, como afirmou recentemente em entrevista a professora Miriam Celeste Martins, coordenadora da Ação Educativa da 25^a Bienal, ou como se lê no Caderno de Arte dos PCNs: *Os povos sempre privilegiaram a dança, sendo esta um bem cultural e uma atividade inerente à natureza do homem.*



É evidente que se estudarmos a inserção histórica da defesa da arte na educação, vamos encontrar justificativas menos nobres e universalizantes. Sua função civilizatória ainda se mantém. Com os jesuítas, a arte era recurso didático na cristianização dos índios, com Rui Barbosa, instrumental para a preparação do operário. Defendemos a idéia de que atualmente, e isto inclui o movimento arte-educação que se iniciou nos anos 80, a metodologia triangular, o caderno de Arte dos PCNs, a arte é inserida na educação como mecanismo de salvação: salvação cultural e salvação social pela estética.

Portanto, quando analisamos as iniciativas que visam ensinar arte para crianças encontramos estas duas propostas salvacionistas. A salvação cultural seria aquela tentativa de atualizar a nossa formação escolar terceiro-mundista às concepções atuais e modernas de formação cultural. “Informar” para adequar seria o lema. Seriam iniciativas de democratização da cultura que se resumem na difusão cultural massiva via televisão, internet, mercado editorial, modernização e popularização dos museus, mega exposições com direito à lanche, etc. Estas iniciativas escolares estão afinadas com a mercantilização da cultura e com perfil neoliberal de propostas educacionais que visam construir um novo olhar sobre a realidade, ajudar o aluno a posicionar-se compreensivamente frente a ela, mas jamais transformá-la. A salvação cultural pela difusão massiva de objetos artísticos entrega a arte à fúria consumista sem que seja nomeada a sua principal finalidade: formar um público supostamente consumidor de arte, supostamente, por que via de regra o que chega até ele são detritos, resíduos facilmente digeríveis. O formato das mega exposições chega a diluir as potencialidades críticas das obras por deixar inquestionada a recepção estética hoje, formatada essencialmente, pela televisão. A arte para sobreviver tem que ser espetáculo. Assim é que encontramos nas iniciativas do Museu de Arte Contemporânea da USP para atrair o público infantil, a afirmação da coordenadora do seu setor educativo de que “arte é pura diversão”. Na arte para o público consumidor mirim não haveria lugar para o desconforto, o estranhamento, a dúvida, a crítica e outros caminhos do pensamento que não fossem pura diversão?

O que denominamos nos limites deste trabalho de salvação social pela estética é apenas a versão beneficente do que acabamos de expor. Para os que podem consumir arte e lotar os



museus, a informação massiva e massificada, feita sob medida para ser reproduzida e repetida como índice de ilustração e inserção social. Um acesso à arte que antes de produzir conhecimento, produz e reforça clichês e estereótipos. Para os que não podem consumir, os excluídos, os “menores”, o fazer artístico é utilizado como resgate social. Veja que aqui já existe a divisão entre trabalho intelectual e trabalho manual. O acesso à arte para a criança de classe média, por exemplo, não implica em torná-la um artista. Para a criança dos setores marginalizados, isto quase se torna uma obrigação, já que para ela este acesso é possibilitado como promessa de sobrevivência.

O programa televisivo *Casseta e Planeta* apresentou em 1999 um quadro intitulado “Coisinhas de Jesus” em que iniciativas beneficentes de ensinar arte às crianças carentes eram parodiadas: as crianças das favelas, orientadas por um dançarino voluntário, aprendiam uma coreografia bastante simples que depois podia ser adaptada aos movimentos corporais (minimamente) necessários na linha de produção. Evidente que os “cassetas” aqui citam o famoso bailarino Carlinhos de Jesus, especializado em danças de salão; as entidades religiosas que trabalham junto às comunidades carentes e a fé numa salvação social pela estética que pode ser apenas um renovado e implícito processo de adaptação e domesticação. Afirmamos que “pode ser” porque não nos cabe negar abstratamente: é impossível reduzir a arte à fórmula universal da consolação ou ao seu contrário (Adorno, 1970, p. 12). A arte tanto está para a contraposição, quanto para a modelação do existente, como alertou Marcuse em *Sobre o caráter afirmativo da cultura*.

Ou seja, se a arte, o indivíduo e a emancipação encontram-se em franco processo de aniquilação de suas possibilidades de existência, é justamente nesta impotência objetiva que devemos procurar a forma de realizá-los. No discurso politicamente correto sobre arte e educação, encontra-se a verdade de que uma sociedade emancipada não deve só ser um discurso e que a transformação não seja apenas uma bela “frase domingueira” (Horkheimer e Adorno, 1978, p. 130). Temos de levar mais a sério as iniciativas em arte e educação, quer pelo seu caráter



ideológico, meramente falsificador, quer pelo seu conteúdo de verdade não separável do primeiro¹.

Referências bibliográficas:

Adorno, T. W. **Teoria Estética**. Lisboa, Edições 70, 1970

_____. **Temas básicos de sociologia**. São Paulo, Cultrix, 1978.

Barbosa, Ana Mae. **Arte-educação no Brasil**. 3^a ed., São Paulo, Perspectiva, 1999

Machado, Maria Cristina G. O projeto de Rui Barbosa: o papel da educação na modernização da sociedade. **Anais do V Seminário do Histedbr – Unicamp**. Campinas, 2001.

Marcuse, Herbert. Sobre o caráter afirmativo da cultura. **Cultura e Sociedade**. Volume I. (trad. Wolfgang Leo Maar, Isabel Maria Loureiro, Robespierre de Oliveira). São Paulo, Ed. Paz e Terra, 1997.

Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: **Caderno de Arte**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, MEC/SEF, 1997.

Paula, Gervásio de. Por exemplo. **Revista Caros Amigos**. São Paulo, Ed. Casa Amarela, ano V, edição 54, p. 18-19, setembro de 2001

1. A Escola de Dança e Integração Social da Criança e do Adolescente (Edisca), em Fortaleza, tira das áreas de risco crianças e adolescentes que até então trabalhavam em lixões. A Edisca lhes oferece refeições balanceadas, ações preventivas e curativas de saúde, vestimenta, acompanhamento psicológico, educação formal e... educação artística, constituída de dança, teatro, canto coral e artes plásticas. Mas não é a única instituição, que procura, aliando assistência social e arte, resgatar a dignidade de milhares de crianças e adolescentes. Exemplos disto são o Projeto Axé e CRIA (Centro de Referência Integral de Adolescentes) em Salvador, Dançando para não Dançar no Rio de Janeiro, CPCD (Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento) em Belo Horizonte, entre outros. A dedicação dos voluntários destas *ongs* é definida por Dora Andrade, bailarina e diretora da Edisca, como “crença” que norteia iniciativas deste tipo em, pode-se dizer, todas as cidades do país. Para Dora Andrade, “não se trata de missão divina, mas de militância, e não se trata tampouco de doação”, mas de “ao menos começar a pagar uma dívida social gigantesca que é de todos nós” (Paula, 2001, p. 18-19). O quanto estas iniciativas da sociedade civil colaboram com a permanência da atual estrutura de desigualdade e exclusão social, colocando nas mãos dos indivíduos o que é de responsabilidade da lógica do capitalismo, não deve nos paralisar e negar irrestritamente o valor de suas ações, quer para a coletividade, quer para os indivíduos.



Yuri, Thais. *Arte é pura diversão*. Folhinha online. Disponível na Internet via World Wide Web:
http://www.uol.com.br/folha/crianças/2002_arte.shtml (consultado em 16.06.2002)



Novos Modos de Produção em Trabalho e Saúde

Desafios Contemporâneos do Profissional de Gestão de Pessoas

Maria Elisa Siqueira Borges

I. Introdução:

Este trabalho tem por objetivo contribuir para o entendimento das mudanças ocorridas “na área de *Recursos Humanos*” nas Organizações nos últimos anos e que resultaram, entre coisas, na mudança da denominação para *Gestão de Pessoas*.

Esta alteração de nome, em consonância com as demais mudanças que têm sido produzidas nos mundos do trabalho, tem sido alvo de diversos questionamentos. Será apenas um modismo? Um novo nome para velhas práticas? Ou um discurso diferente que visa apenas capturar de outra forma o trabalho de homens e mulheres? E se há realmente mudanças, o nome *Gestão de Pessoas* é adequado para traduzi-las? Por que mudar um nome que trazia consigo uma “identidade” construída ao longo de toda uma história ?

Entre aqueles que se dedicam ao estudo da vida organizacional existe um entendimento de que as políticas e práticas de gestão de Recursos Humanos sofreram profundas alterações nos últimos anos. Fischer (2000) comenta um estudo em que reuniu mais de 100 artigos de autores de diferentes nacionalidades que comprovam, relatam ou confirmam mudanças consistentes nesta área. No campo empírico, as pesquisas de Fischer no Brasil revelam que nove entre dez formadores de opinião na área de Recursos Humanos acreditam que as políticas e as práticas de gestão de pessoas diferem das utilizadas há dez anos e quando questionados sobre a intensidade dessas mudanças, oito deles consideram que não foram limitadas ou parciais, mas alteraram o que já existia de maneira significativa ou radical.

Minha experiência acumulada com o tema aponta na mesma direção. Como psicóloga, trabalhando há 14 anos na “área de Recursos Humanos” de uma grande empresa¹ e como



professora universitária em cursos de pós-graduação em Recursos Humanos, tendo contato com diversos profissionais da área, percebo e vivencio essas mudanças com todos os seus desdobramentos.

Pretendo, portanto, contribuir na tentativa de dar um passo adiante para compreender essa nova denominação que surge : Gestão de Pessoas em substituição a Recursos Humanos.

Começarei com uma breve história da área de “Recursos Humanos” por acreditar que a história passada é fundamental para entendermos o momento presente. Em seguida, apresentarei alguns argumentos que têm sido utilizados para explicar essas mudanças e tentarei, por fim, trazer uma contribuição da Ergonomia Situada e da abordagem ergológica para entender essa questão.

II. De Administração de Recursos Humanos à Gestão de Pessoas – breve histórico:

A sistematização de um campo de estudos denominado “Recursos Humanos” tem seu marco na Revolução Industrial. O final do século XIX é marcado por uma grande crise econômica do capitalismo, quando a explosão populacional e uma maior demanda por consumo levam a um incremento dos processos produtivos.

A mecanização da produção trouxe como efeito um cenário de desemprego e, como consequência, a idéia entre os operários de que se todos trabalhassem menos, ou seja, reduzissem seu ritmo de trabalho, mais pessoas poderiam trabalhar.

Neste cenário surge a figura de Frederick Winslow Taylor que vai reagir à essa “indolência sistemática” (“cera”) do trabalhador, entendendo que ela é extremamente prejudicial à expansão do capital e acreditando que o aumento da produtividade poderia trazer ganhos semelhantes para patrão e empregado.

Sua estratégia vai ser questionar o essencial : o saber-fazer operário. Embora neste momento o trabalho já se apresentasse parcelado e já houvesse um nítido distanciamento entre

-
1. A empresa em questão é o Banco do Brasil, organização onde venho trabalhando nos últimos 24 anos.



concepção e execução, os trabalhadores ainda dominavam seu ritmo de trabalho e o conhecimento de cada operação de seu ofício. Isso tornava possível a “cera” pois a direção das empresas não possuía este saber operário que, embora não sistematizado, era propagado oralmente através das gerações.

Taylor vai direto ao ponto: estudar os movimentos de cada operação, identificar os que são úteis, eliminar os inúteis, atingindo assim “a melhor maneira” de trabalhar, aquela forma padronizada (“racionalizada”), passível de ser descrita nos manuais. A partir daí, qualquer trabalhador poderia ser mais facilmente substituído por outro e os ritmos de trabalho poderiam ser alvo de controle.

No início do século XX, Henry Ford introduz a linha de montagem nas fábricas, produzindo, assim, importantes mudanças não apenas no modo de organização da produção como também na forma de organização social e de acumulação do capital, superando em alguns sentidos o taylorismo.

A tentativa das práticas de trabalho que se desenvolveram a partir do taylorismo era no sentido de desqualificar o homem e fragmentar o trabalho, produzindo, assim, uma nova subjetividade: o trabalhador do fragmento, da monotonia e da repetição.

Simultaneamente e em consonância com essas idéias, Henry Fayol sistematiza uma abordagem anatômica das organizações. O ponto principal dessa abordagem foi o deslocamento do foco _ até então voltado unicamente para a produção _ para o gerenciamento da organização em sua dimensão administrativa maior.

Os problemas passavam, então a ser analisados sob outra perspectiva: a gerência da produção.

Fayol entendia que a organização devia ser gerenciada como um todo composto de segmentos articulados entre si e acreditava que os procedimentos administrativos de qualquer área da organização devia guardar certa uniformidade. A partir dessa idéia básica, sistematizou-se uma doutrina administrativa que ainda hoje marca as práticas gerenciais.

Formularam-se as cinco funções clássicas da administração (planejamento, organização, comando, coordenação e controle). Todas as áreas da empresa, inclusive a de Recursos Humanos deveriam praticar essas funções. Mais uma vez, o movimento é no sentido da padronização.



Após um curto período em que as experiências tayloristas conseguem um grande aumento de produtividade, a “racionalização” do trabalho vai se deparar com algumas dificuldades: o desgaste psicológico dos trabalhadores produzido pelo constrangimento de suas capacidades cognitivas e afetivas resulta em um crescente desinteresse pelo trabalho com conseqüente baixa de produtividade (o chamado “tédio industrial”). O capital se prepara, então para novas mudanças. Estamos em torno da década de 20.

Neste cenário, uma empresa considerada progressista, a Western Electric Company, em parceria com o Research Council National Academy of Sciences inicia uma pesquisa em sua fábrica de equipamentos em Hawthorne para identificar os efeitos do aspecto iluminação no ambiente de trabalho sobre a produtividade.

Os resultados são surpreendentes e enigmáticos: qualquer que fosse a variação de luminosidade, a produtividade aumentava.

O psiquiatra australiano Elton Mayo, especialista em relações industriais nos EUA é chamado para dar encaminhamento à pesquisa e conclui que o aumento da produtividade não decorria da modificação na luminosidade, mas da preocupação que havia sido “manifesta” pela empresa (através da própria existência da pesquisa) com o bem estar dos trabalhadores.

Surge uma grande preocupação com o aspecto comportamental do trabalhador através da chamada Escola de Relações Humanas que psicologizou e individualizou as relações de trabalho, abrindo caminho para vários estudos que se seguiram:

- McGregor – “Teoria X e Y” – crença de que o ser humano é avesso ao trabalho e o evitará sempre que puder, necessitando ser vigiado de perto e “motivado” por esquemas rígidos de recompensa e punição;
- Maslow – acreditava existir uma “hierarquia de necessidades” que se definiam como uma pirâmide, tendo na base as necessidades básicas, como as fisiológicas e de segurança e no topo as de interação social, estima e auto-realização.
- Herzberg – dividiu as necessidades humanas em dois tipos: higiênicas e motivacionais. As primeiras estariam ligadas às necessidades básicas de segurança, constituindo-se fatores fundamentais para impedir a desmotivação.

Os fatores motivacionais estariam associados às condições de realização pessoal.



Essa corrente dita humanista, simultânea com o taylorismo/fordismo vai instrumentalizar o capital no sentido de recuperar a produtividade em baixa, ressaltando a condição humana de forma individualizante, não coletiva e, muitas vezes, de forma claramente manipulatória.

Especialmente no período pós-guerra – 1945/60 – quando se agravam os conflitos de classe e os movimentos grevistas essas doutrinas sócio-psicológicas adquirem relevância especial.

Segundo Athayde (1988), *o pressuposto geral é o de uma estrutura social harmoniosa, como o desejável, tomando-se as noções de inadaptação, desequilíbrio, desorganização, qualificáveis na categoria maniqueísta do mal* (p. 110).

A partir da década de 60 os enfoques contingencialistas e sistêmico vão se preocupar com a interdependência dos sistemas e olhar para fora da Organização tentando entender como as variáveis externas influenciam seu funcionamento.

Até este momento da história, o que se vê são modulações em torno de um mesmo tema _ o taylorismo-fordismo _ e a demanda por uma área de Recursos Humanos baseada na Psicotécnica, operando com processos padronizados para atender a uma determinada subjetividade: o trabalhador da repetição e do fragmento, o ser humano visto como um recurso que pode ser usado, descartado, substituído como qualquer outro recurso dentro da organização.

A partir da década de 70, emerge uma nova crise capitalista internacional e novamente os mundos do trabalho são alvos de grandes transformações (tecnológicas e organizacionais).

O capitalismo passa a vivenciar um momento inédito em sua história. A hegemonia do capital financeiro descola o capital da ordem produtiva, ampliando a já redução drástica do mercado de consumidores. A competição e concorrência por novos mercados se acirram e as novas tecnologias e formas de organização do trabalho vêm permitir que as empresas possam oferecer produtos cada vez mais semelhantes.

A agilidade da inovação e a criatividade passam a ser decisivas para a sobrevivência das empresas. Assim, após investir na anulação das capacidades cognitivas dos trabalhadores, dificultando terrivelmente o desenvolvimento de cada um, o capital chega a um outro momento em que necessita de um trabalhador não apenas qualificado, mas competente, inteligente,



questionador, crítico, inovador, que possa criar alternativas que mantenham a empresa competitiva.

A ênfase na área de Recursos Humanos passa a se na qualificação profissional. Surge a demanda de um super-profissional, altamente qualificado para atender às novas exigências do capital.

A partir de então, algumas diferenças podem ser marcadas em relação às políticas e práticas de Recursos Humanos.

Zarifian (2001) vai apontar que a grande diferença passa pelo deslocamento do referencial da qualificação do emprego ou do posto de trabalho para a qualificação do indivíduo e vai introduzir na discussão a noção de *evento* como um dos aspectos fundamentais das transformações ocorridas nos mundos do trabalho.

Evento, nesta concepção, é tudo aquilo que ocorre de maneira imprevista, inesperada, tudo aquilo que é da ordem do acaso que faz parte de qualquer trabalho humano. Trabalhar seria, então, gerir esses acasos, "pressenti-los", antecipá-los, enfrentá-los, ou seja, saber colocar as questões e inventar as respostas em um ambiente técnico e social complexo e instável. E essa capacidade inventiva é própria do humano.

O trabalho definitivamente, não pode mais ser visto como uma seqüência de operações repetidas, programadas, padronizadas, mas torna-se uma seqüência de eventos que se cruzam, se modificam e ultrapassam o saber e a ação de um único indivíduo, mobilizando rede de atores.

A denominação Recursos Humanos deixa de ser suficiente para tratar desse novo trabalhador demandado pelo capital por trazer algumas ambigüidades:

(...) Como conciliar a conservação de um recurso com sua mobilização em ações concretas? E pode-se fazer com que não haja conflito entre essa abordagem em termos de "recursos" e a recomendação para que se recorra à iniciativa e ao conhecimento dos indivíduos? O que é um "recurso" autônomo e que entende os processos produtivos? (Zarifian, 2001, p. 29)

A discussão é aberta e outros nomes surgem : Talentos Humanos, Seres Humanos, Potencial Humano ,... até se chegar a um certo consenso: Gestão de Pessoas.



III. De Administração de Recursos Humanos à Gestão de Pessoas – algumas tentativas de entendimento

Grande parte das tentativas de entendimento dessas mudanças utiliza-se da expressão “mudança de paradigma”. Essa expressão, muito utilizada nos anos 90 serviu como explicação mágica para muitos processos. Tudo aquilo que apresentava uma maior complexidade e exigia uma análise mais profunda do que as possíveis no momento era colocado sob a categoria quase dogmática de “mudança de paradigma”, que adquiriu uma dimensão concreta, material.

Os novos paradigmas vêm se anunciar, muitas vezes de forma despercebida e até um tanto atabalhoada. Os detentores dos paradigmas em vigor tendem a ridicularizar os defensores de novos paradigmas como pessoas visionárias, “poetas”, sonhadores, (...) (Boog, G., 1995, p. 4)

Para alguns, essa “mudança de paradigma” no trabalho vem anunciar uma reestruturação produtiva conseqüente ao declínio da sociedade industrial e o advento da sociedade “pós-industrial”, onde o trabalho taylorista não mais existe, há tempo e espaço para o lazer e o ócio.

Neste “novo paradigma” do trabalho, os processos organizacionais são marcados pela cooperação, flexibilidade, equilíbrio, participação, comunicação fluida, valorização das pessoas.

A administração passa a ser flexível, necessitando de um trabalhador mais responsável, competente e cooperativo. As pessoas passam a ser reconhecidas dentro das empresa como seres humanos, por sua condição ontológica.

Assim, o novo termo Gestão de Pessoas evidencia o fato de que o capital se “humanizou” e, finalmente, reconheceu a importância do ser humano como a alma da empresa.

Esta é uma visão que parece ser simplista em sua análise, na medida em que acredita que tudo mudou e que essa mudança foi “dada” pelo capital, que se humanizou e, finalmente,



valorizou o ser humano. Uma visão com final feliz de contos de fadas. Um discurso frágil que foi (e ainda é) muito alimentado dentro das empresas na tentativa de “motivar” os trabalhadores.

Mas, *seria tudo tão simples, uma passagem do “velho para o novo”, do “sujo para o limpo”, do “trabalho repetitivo para o trabalho criativo”, da “era do trabalho para a era do lazer”?* (Salerno, 2001, p. 11, aspas no original).

Uma segunda forma de entendimento desta mudança baseia-se em uma visão “satanizadora” das empresas considerando-as como ícones do capitalismo, verdadeiros Impérios de Satã, responsáveis por todos os males advindos do capital.

Essa abordagem entende que não houve mudança alguma e analisa o termo Gestão de Pessoas apenas do ponto de vista da manipulação do capital no plano do discurso, mais uma estratégia capitalista para ludibriar incautos e ingênuos, fazendo-os acreditar que há alguma mudança quando o que há é somente mais exploração.

Questionam a busca da implicação subjetiva dos trabalhadores apenas como forma de captura dos sujeitos mais por aspectos psíquicos do que por submissão, em busca de adesões voluntárias, afetivas, que promovem o desgaste do corpo e da alma.

Afirmam que a estratégia do capital é buscar do trabalhador não mais aquilo que já é dado, mas aquilo que ainda tem a ser desenvolvido, a potência e a virtualidade.

As duas abordagens – os dois lados de uma mesma moeda - parecem, a meu ver, parciais na medida em que não analisam a complexidade do que está acontecendo nos mundos do trabalho.

Fischer (2000) dá um passo além nesse entendimento ao chamar para a discussão sobre esse novo modelo de Gestão de Pessoas a diferenciação apontada por Chanlat, explorando formulações da Ergonomia da Atividade Situada, entre modo de gestão prescrito e modo de gestão real.

Segundo Chanlat (1987), os modos de gestão têm dois componentes: um prescrito, formal e outro real, informal e dinâmico. Este modo real seria resultante da relação entre o que a empresa formaliza (prescreve) e aquilo que os grupos reinventam a partir daí, frente à realidade.

Para Fischer, se essa diferenciação dá uma maior precisão ao objeto de estudo, por outro lado, torna-o mais difícil de ser analisado e medido. As pesquisas, de modo geral, incidem sobre o



prescrito. Como captar o real? A partir do relato dos profissionais de Recursos Humanos das empresas pesquisadas? Esse relato poderia estar contaminado pelo interesse desses profissionais em demonstrar que fazem carreira em empresas que adotam práticas avançadas de gestão por eles mesmos implementadas.

Por outro lado, para Fischer, ao se buscar respostas dos funcionários das empresas também se corre o risco de distorções, pois a maioria deles não possui uma visão sistêmica a respeito dos modelos de gestão que as empresas adotam, predominando, na maioria das vezes, representações particulares dos modelos em questão.

Devemos levar em consideração, portanto, que as pesquisas incidem mais sobre o modelo formal do que sobre o real e, ainda assim, com base em opiniões diferentes a respeito do modelo formal. Pesquisar o modelo real significaria um esforço metodológico dificilmente acessível ao especialista e para o qual a empresa poucas vezes se abre. (Fischer, 2000, p.15)

Do meu ponto de vista, Fischer dá uma boa pista _ embora ele não prossiga nesta direção _ pois essa diferenciação por ele apontada entre real e prescrito pode ser um bom começo para se entender as mudanças.

É essa diferenciação que vai nos permitir ir além da análise exclusivamente macro da divisão do trabalho pelo capital e sua conseqüente expropriação de saberes e exploração de força de trabalho.

Essa análise macro (presente nas duas primeiras tentativas de entendimento relatadas acima) não aborda a questão fundamental (que vai ser explorada pela Ergonomia da Atividade Situada e pela Ergologia) de que o trabalho humano nunca é simples assujeitamento, submissão completa dos trabalhadores à uma organização do trabalho definida sem sua participação e à qual resta apenas se submeter.

É da ordem do humano fazer suas próprias regras, criar suas próprias normas.

A Ergonomia e a Ergologia vão tentar novos caminhos para esse entendimento ao afirmar que o novo nasce a partir do velho. Vejamos de que forma podem contribuir para ajudar nesse parto.



IV. De Recursos Humanos à Gestão de Pessoas – contribuições da Ergonomia da Atividade Situada e o olhar à lupa da Ergologia

Uma das grandes contribuições da Ergonomia ao estudo da organização do trabalho foi a diferenciação entre trabalho prescrito e trabalho real ou efetivamente realizado.

De forma simplificada, podemos dizer que o trabalho prescrito é apresentado pela Ergonomia como sendo composto pelas condições determinadas, pela tarefa pré- definida e pelos resultados a serem obtidos.

Ao se aproximar do trabalho humano em situações reais, a Ergonomia mostrou que o trabalho efetuado não corresponde jamais ao trabalho esperado, fixado por regras, orientado por objetivos determinados. Ao realizar a tarefa, a pessoa se encontra diante de várias fontes de variabilidades: panes, disfuncionamentos, dificuldades de previsão, fadiga, diferenças de ritmo, efeitos da idade, experiência.

A Ergologia, abordagem pluri-disciplinar que vai estudar o trabalho a partir da atividade concreta de quem trabalha, tem como ponto de partida essa distinção apontada pela Ergonomia entre trabalho prescrito e efetivamente realizado.

Trabalhar, para a Ergologia, é a atividade de seres humanos situados no tempo e no espaço e que se dá *no acontecendo* da vida. São atividades sempre complexas e que possuem um caráter enigmático.

De forma simplificada, poderia definir atividade de trabalho como a maneira pela qual os humanos se envolvem no cumprimento dos objetivos do trabalho, em um lugar e tempo determinados, utilizando-se dos meios colocados à sua disposição. Para lidar com as variabilidades que se apresentam, o trabalhador se engaja por inteiro, a cada momento, com seu



corpo biológico, sua inteligência, sua afetividade, seu psiquismo, sua história de vida e de relações com outros humanos.

Na visão da Ergologia é impossível que não exista atividade. Em uma situação de trabalho, não há como se ater ao prescrito, aquilo que é determinado antes da realização do trabalho. O trabalho efetivamente realizado nunca se é só prescrição pois envolve sempre atividade humana.

Logo, só existe trabalho se existe um sujeito que trabalha. Se, em estruturas organizacionais tayloristas, acreditava-se que apenas seguir as normas, os procedimentos escritos e as prescrições era suficiente para se realizar o trabalho, os estudos ergológicos vão sustentar o que o movimento dos trabalhadores já afirmava: a prescrição nunca é suficiente para dar conta da produção exigida. O trabalho real (efetivamente realizado) exige sempre uma mobilização cognitiva e afetiva do trabalhador. O trabalho, na realidade, nunca é só mera execução.

Esta abordagem pluri-disciplinar a que se propõe a Ergologia exige que cada disciplina envolvida – seja a Linguística, a Antropologia, a Psicologia, a Economia, a Engenharia – se repense e se retrabalhe a partir de quatro exigências:

- a noção de atividade (extraída da Psicologia cognitiva de Vigotski e Leontiev);
- a consideração de que existe um campo de debate de valores em todas as atividades realizadas por humanos;
- a existência de uma dialética universalidade/ressingularização ou macro/micro;
- a consideração da existência de um regime de produção de saberes como dispositivo em três pólos.

A noção de atividade (simplificada na definição acima e já explorada anteriormente pela Ergonomia Situada) ganha uma dimensão muito mais ampla a partir da análise de Yves Clot (1999) que vai afirmar que atividade não é apenas aquilo que se faz, mas também o que não se faz, o que não pode ser feito, o que se busca fazer sem lograr êxito – os fracassos – o que poderia ter sido feito, o que se desejou fazer, o que se pensa ou sonha fazer em outra ocasião, o que fazemos para não fazer o que deve ser feito, o que fazemos sem querer fazer, o que está para ser feito, o que foi suspenso, o não realizado.



Essa atividade é, portanto, sempre realizada e vivenciada de forma singular, personalizada e diferenciada e vai marcar o distanciamento entre o que é prescrito e o que é efetivamente realizado.

Enfrentar essa necessidade de gerir as variabilidades, é também tornar o trabalho vivível.

Neste sentido, é de muita ajuda resgatar a concepção de saúde de Georges Canguilhem (1990) que a entende como “abertura aos riscos e às infidelidades que o meio nos impõe”. Se as infidelidades do meio, os fracassos, os erros e o mal-estar fazem parte de nossa história e, na medida em que nosso mundo (incluindo os mundos do trabalho) é constituído por imprevistos, a saúde não pode ser pensada senão como a capacidade de enfrentar os riscos, as adversidades e nocividades que o meio nos impõe, renormatizando-o. Adoecer, por outro lado, é se adequar a um único meio restrito e limitado.

No ambiente de trabalho _ que é um ambiente técnico, humano, cultural e social _ existe toda espécie de infidelidades que se combinam e se reforçam. Nada acontece da mesma forma de um dia para outro ou de uma situação de trabalho para outra. É neste sentido que o meio, a vida _ e também o trabalho _ é *infidel*.

Yves Schwartz (2000) aponta para o fato de que essa infidelidade é **gerida** como um “uso de si” e não como mera execução. Reduzir a atividade de trabalho à mera execução (uso de si por outrem) é acreditar que a prescrição é perfeita, o meio é fiel e que não há variabilidades contínuas e constantes, algo que é impensável na ordem do humano.

Se recusamos, como Canguilhem, a idéia de que o meio se impõe aos humanos e se acreditamos que a saúde não pode ser reduzida a um mero equilíbrio ou capacidade adaptativa, mas sim que deve ser pensada como a capacidade que possuímos de instaurar novas normas em situações adversas ou nocivas, não podemos acreditar que seja possível ser mero executor de prescrições, como o taylorismo nos quis fazer acreditar durante tanto tempo.

Para Canguilhem, o que escapou aos psicólogos na pesquisa de Hawthorne sobre os efeitos da iluminação no ambiente de trabalho foi que os trabalhadores não consideravam normais (no sentido de normas válidas) senão as condições de trabalho que eles mesmos tivessem instituído, que eles mesmos tivessem feito, para eles e por eles e não aquelas que tenham vindo de fora, por empréstimo.



A segunda exigência da abordagem ergológica traz a questão dos valores: se o trabalho mobiliza aspectos subjetivos do trabalhador o tempo todo, então o trabalho é também o tempo todo um debate de valores. Ao se deparar com a prescrição, cada um vai ressingularizar à sua maneira, de acordo com seus valores e com sua história individual e coletiva. A maneira como cada pessoa age diante das lacunas ou das deficiências do prescrito é sempre singular, não pode ser padronizada. Cada um vai renormalizar o meio a seu jeito para dar conta do que não está prescrito. E isso vai sempre envolver um debate: de normas, de valores, de histórias.

Se, como afirmou Vigotski, o humano é pleno de possibilidades não realizadas a cada minuto, trabalhar, assim como viver, é sempre, de alguma forma, avaliar. E avaliar inclui debate de valores .

A variabilidade de todas as situações de trabalho faz com que os problemas não sejam resolvidos , mas constituídos. (...). toda situação de trabalho é, de alguma forma, experiência, reencontro: ela coloca à prova normas e valores antecedentes em uma situação histórica sempre em parte singular. (...).A atividade de trabalho propõe, convoca, impõe escolhas e arbitragens. Nunca é o retorno do mesmo. A realidade e a materialidade desses encontros obriga a levar a sério o fato de que os valores são também convocados em uma espécie de prova de fogo que os avalia e julga segundo sua capacidade de tratar esses reencontros(Schwartz, 2000).

Uma das importantes contribuições da Ergologia ao estudo do trabalho é este olhar sobre o sujeito da atividade enquanto alguém atravessado por escolhas e valores, o que desloca o olhar para outras esferas da vida e das atividades sociais. Os valores interrogados são da existência dos humanos e não apenas do trabalho, na medida em que a Ergologia não separa a produção no trabalho da vida.

A terceira exigência, da dialética entre universalidade/ressingularização, aponta para a necessidade de interligar as questões micro/macro, entre o contexto em que ocorre a atividade de trabalho e a atividade singular.

Interessar-se pelo trabalho é sempre se interessar por essa espécie de dialética entre o particular e o geral. É se recusar a pensar apenas no contexto global (dimensão macro) acreditando que ele apenas promove impactos sobre as pessoas que devem encontrar formas de se adaptar.



É se recusar também, por outro lado, a se fechar na dimensão micro do trabalho, esquecendo de ampliá-lo para efetuar análises mais precisas. É realizar o esforço de efetuar cruzamentos de uma determinada situação de trabalho com questões maiores que possam ser generalizadas. É “partir de” um determinado lugar para buscar sua ampliação .

Analisar o trabalho a partir de uma situação real é uma tentativa de sair da armadilha proposta pela visão determinista de que “está tudo dominado” e, portanto, não há saída. É buscar não “a” saída, mas saídas, diversas, inúmeras, infinitas, como requer a complexidade do trabalho e da vida humana.

Finalmente, a quarta exigência da abordagem ergológica aponta na direção de um regime de produção de saberes como dispositivo em três pólos: o pólo dos conceitos, o da experiência e um terceiro, ético e epistêmico que faça a ligação entre os dois.

O dispositivo em três pólos é uma consequência direta da idéia de renormalização da atividade. O primeiro pólo, dos conceitos, do conhecimento sistematizado “encontra-se” com o segundo pólo - dos saberes gerados nas atividades (experiência) em uma dinâmica constante e contínua de renormalização .

Esse “encontro” só pode se produzir na presença de um terceiro pólo, o das exigências éticas e epistemológicas, pois este pressupõe uma maneira de olhar o outro como semelhante. O terceiro pólo gera uma situação de “desconforto intelectual” e impõe uma certa humildade para reconhecer que ambos os saberes (conhecimento e experiência) vivem a fragilidade de não explicar a realidade em sua totalidade, sendo complementares e não excludentes.

Schwartz (1999) afirma que

(...) isto quer dizer que vemos o outro como alguém com quem vamos aprender coisas sobre o que ele faz, como alguém de quem não pressupomos saber o que ele faz e porque faz, quais são seus valores e como eles têm sido retratados.(...) Esta disposição não se ensina, mas se empresta no sentido de que nos impregnamos no contato recíproco com aqueles que estão no outro pólo. Vemos como funciona sua relação com o trabalho e os valores, impregnamos-nos da idéia de que, quando vemos alguém trabalhar , é preciso tentar reconstituir, em parte, suas “dramáticas de uso de si”.



Para Schwartz, trabalhar envolve sempre uma “dramática do uso de si”. Trabalhar é sempre um drama no sentido de que envolve o trabalhador por inteiro, é o espaço de tensões problemáticas, de negociações de normas e de valores.

A expressão “uso de si” remete ao fato de que não há somente execução nessa dramática, mas um uso. É a pessoa sendo convocada em toda a sua subjetividade, com toda a mobilização que qualquer abordagem taylorista jamais pode alcançar. O conceito de “uso de si” chama a atenção para a complexidade do humano.

E quem faz esse “uso” ? Existe um “uso de si pelo outro” no sentido das condições históricas que são dadas e que são produtoras de subjetividade.

Mas, existe um outro uso que é o “uso de si por si”, aquele uso que cada um faz de si mesmo, a renormalização singular realizada pela atividade humana. Não estabelecer essa tensão contraditória entre esses dois “usos” é acreditar que o trabalhador é um ser humano passivo, reprodutor, que apenas sofre os “impactos” dos determinismos históricos, econômicos e sociais. Se as condições históricas são um “já-dado” (prescrição) , o trabalho efetivamente realizado (assim como a vida) nunca é apenas isso. Pois o humano não só varia, mas *produz* variações. Neste sentido, as pessoas praticam o tempo todo, uma “gestão de si”. E aqui voltamos ao tema central desse trabalho: gestão e pessoas.

Para Schwartz, toda gestão de trabalho se desenvolve em um espaço de três pólos: o do orçamento do Estado de gestão dos recursos públicos; o dos gestores da empresa e o da gestão imanente às atividades ou gestão “de si”. Os dois primeiros, bastante valorizados, conhecidos e estudados tendem a dissociar a atividade de sua gestão. Como se fosse possível haver instâncias gestionárias gerindo o trabalho em um deserto de gestão.

A dimensão da gestão de si está lá presente, sempre esteve, como verdadeiro problema humano que envolve escolhas, valores, arbitragens. A gestão é da ordem da vida , independe do trabalho.

A gestão de si sempre esteve presente, mesmo quando o taylorismo afirmava o contrário. As atuais mudanças nos mundos do trabalho e a nova denominação Gestão de Pessoas não inventa essa dimensão , mas apenas começa a assumir sua existência.



Na verdade, a denominação mais apropriada seria Gestões com Pessoas na medida em que gestão é sempre plural.

Se trabalhar é sempre gerir, ao capital não mais interessa “administrar Recursos Humanos”, mas intervir nessas gestões das pessoas, compreender que mobilização subjetiva é essa, presente nas atividades de trabalho.

V. *Considerações finais*

O capitalismo encontra-se diante de um paradoxo inédito em sua história: necessita de um trabalhador competente, inovador, crítico, questionador, inteligente para se manter . Por outro lado, esta demanda, ao criar espaços de produção de subjetividades, de expressão e expansão das ações dos trabalhadores, em diversos planos _ do pensamento, da linguagem, da afetividade, das interações sociais _ pode trazer a possibilidade dos trabalhadores questionarem e reinventarem o próprio sistema .

Nestas novas formas de trabalhar, demandadas pelo capital, o sistema produtivo só funciona se o trabalhador desenvolve sua intelectualidade, sua inteligência prática (“do corpo”) e sua afetividade.

A produção se torna cada vez mais coletivizada (necessidade de trabalhar em equipes, em grupos, em mobilizar redes) e os ganhos cada vez mais individualizados .

O capitalismo pode estar sendo obrigado a ajudar na construção de uma forma de subjetivação que se torne incompatível com a própria manutenção, nos moldes como se encontra hoje.

Uma análise cuidadosa que envolva as dimensões macro e micro podem ajudar a entender esse novo cenário e buscar novas formas de transformação.

Ao acreditar durante décadas nas concepções tayloristas, os processos de resistência ao capitalismo foram sempre feitos de forma transcendente. Se o trabalhador é um alienado, as possibilidades de resistir terão sempre que vir de fora: dos partidos, dos sindicatos, de pessoas não alienadas que tomam para si a missão de “conscientizar” os trabalhadores de sua própria opressão.



No micro-campo da dramática do uso de si, no *acontecendo* do trabalho não existe alienação; não há como se alienar do próprio uso de si. Na atividade concreta de trabalho há sempre um campo de lutas. E nesse campo de lutas há possibilidade de se buscar saídas, escapes, desvios, novos rumos.

Talvez uma das saídas seja se utilizar da lupa e analisar a atividade de trabalho do ponto de vista clínico no sentido da ação, da afecção, do movimento. Buscar nesse “uso de si por si” onde se encontram forças aliadas, afirmadoras da vida. Onde há vida? Onde há potência? Como, no *acontecer* da vida, fazer desvios, resistir, gerir as variabilidades, renormalizar, lidar com as nocividades e adversidades que se apresentam no mundo?

Ter consciência de que a vida é renormalizada de forma permanente, a cada atividade, a cada cotidiano, pode trazer conseqüências interessantes. Pode, por exemplo, colocar os humanos em situações mais privilegiadas ao negociar espaços coletivos de trabalho, desenvolver a capacidade de aprender com a experiência, de colocar questões e antecipar os problemas a serem resolvidos. Pode devolver aos humanos a crença de serem (co)construtores de sua própria história.

Recolocar as questões do capitalismo, sem negá-las, sem fugir delas e sem ressentimentos, tentando re-inventar - na dimensão micro da vida - o que é realizado. Buscar as negociações e os acordos possíveis no momento. Com competência, sem ingenuidade e sem nostalgia do velho.

Para isso, um dos grandes desafios é a busca de novas metodologias de trabalho, não se deixando enfraquecer diante das antigas metodologias que não dão conta de tanta complexidade.

Quanto ao campo de trabalho “Gestão de Pessoas nas Organizações”, cabe cartografar e promover debates colocando antigas perguntas em um novo contexto. Que novos campos de luta se formam neste novo cenário? Que dramáticas de “uso de si” estão presentes no contexto da empresa? Como lidar com elas? Que produtividade é essa que se busca? Pra quem? Pra que? Como? Como aliar produtividade à qualidade de trabalho e saúde? Como selecionar pessoas sem deixar de considerar a complexidade presente em qualquer atividade humana? Como ajudar a desenvolver suas competências? Qual a melhor forma de remunerá-las?



Todas essas questões devem ser norteadas pela crença de que todo humano é gestor de si e deve gerir sua vida e seu trabalho. Qualquer prática na área de *Gestões com Pessoas* deve “partir do” pólo da experiência dos trabalhadores.

Nosso papel como profissional dessa área, como “gestores com pessoas” também precisa ser repensado. Qualquer gestão – ou gestação – se faz com as pessoas. Cabe-nos apenas ajudar na hora do parto.

VI. Referências bibliográficas:

ATHAYDE, M. – Processo produtivo, espaço educativo, um campo de lutas. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, Paraíba, 1988.



BOOG, G. – Os novos paradigmas no mundo dos negócios. In: BOOG, G. (org.) . Manual de treinamento e desenvolvimento. São Paulo: Makron Books, 1995.

CANGUILHEM, G. – O Normal e o patológico. São Paulo: editora Forense Universitária, 1990.

CHANLAT, J.E.- Modos de gestão e, saúde e segurança no trabalho. In: DAVEL,E., VASCONCELOS,J. (org.) . Recursos Humanos e Subjetividade. Petrópolis:Atlas,1987.

CLOT, Y. – La fonction psychologique du travail. Paris:PUF,1999.

CORNU, R. – Le voisin sait bien des choses . In: SCHWARTZ, Y. (org.) – Reconnaissances du travail: pour une approche ergologique. Paris: Presses Universitaires de France, 1997.

FISCHER, A . L. – O conceito de modelo de Gestão de Pessoas – modismo e realidade em gestão de Recursos Humanos nas empresas brasileiras . In: DUTRA, J.L. Gestão por competências. São Paulo: Editora Gente, 2001

SCHWARTZ, Y. – A Comunidade científica ampliada e o regime de produção de saberes. In: Lês Territoires du Travail – Les continents de l’experience n. 3 .Marseille, France, mai,1999.

SCHWARTZ, Y. – Trabalho e Gestão: níveis, critérios, instâncias. In: Le paradigme ergologique ou un métier de Philosophe. Toulouse: Octarés,2000.

SCHWARTZ, Y. – Trabalho e uso de si . In: Proposições, Faculdade de Educação/UNICAMP, n.32, 2000.

ZARIFIAN,P. – Objetivo Competência – por uma nova lógica . São Paulo: Atlas, 2001.



Novos Modos de Produção em Trabalho e Saúde

Desafio na Construção do Conhecimento em Trabalho e Saúde: Limites e Impasses

Paulo César Zambroni de Souza

Esta apresentação pretende pensar as possibilidades de trabalho para pessoas com sofrimento mental grave. Começaremos fazendo um levantamento sobre a visão desta possibilidade em alguns momentos importantes na história da Psiquiatria. Assim, trataremos de início a posição de Pinel frente a esta questão, pontuando o lugar do trabalho como elemento central do tratamento moral. Posteriormente vamos falar do lugar que o trabalho ocupava nas principais tentativas de Reforma Psiquiátrica no século passado, desde a ergoterapia de Hermann Simon, passando pelas Comunidades Terapêuticas na Inglaterra, a Psicoterapia Institucional na França e a Psiquiatria Democrática italiana. De posse dessas informações, levantaremos algumas questões referentes às possibilidades e limites de trabalho para pessoas com sofrimento mental grave hoje no Brasil, considerando, por um lado, a emergência de novas lógicas de produção, que exigem do trabalhador enquadrar-se no modelo da competência e, por outro, as perdas dos direitos como estamos vivendo nestes tempos de precarização.

O trabalho é elemento fundamental e constituinte na sociedade. Assim, nossa organização social supõe uma determinada maneira de estruturar os modos das pessoas trabalharem e o destino que se dá à produção do que daí deriva (MARX, 1992, p.177).

No entanto, desde o surgimento do asilo o louco foi excluído do convívio social e, de uma maneira particular, do modo como as sociedades organizaram o trabalho e a apropriação de seus produtos. Deste modo, considerando a proposição marxista sobre a produção material, deve-se



pensar em “indivíduos produzindo em sociedade – portanto uma produção de indivíduos socialmente determinada (...)” (MARX,1997, p.201). Cabe, então, pensar de que modo as concepções da psiquiatria sobre a capacidade ou incapacidade de trabalho do louco contribuíram de maneira determinante para a constituição de um tipo de subjetividade destas pessoas, já que o homem “(...) ao mesmo tempo que atua sobre a natureza exterior e a transforma, transforma igualmente sua própria natureza (...)” (MARX,1992, p.177) . Se há uma construção do sujeito que se estabelece no momento histórico no qual ele vive, certamente há conseqüências para ele, em um determinado momento, ser colocado fora do convívio social e romper até mesmo com sua própria história de vida que estava em curso.

Desde antes do advento do asilo por Pinel e Tuke, nos Hospitais Gerais os loucos “(...) distinguiram-se por si sós através de sua incapacidade para o trabalho e incapacidade de seguir os ritmos da vida coletiva” (FOUCAULT, 1987, p.73).

Segundo Foucault “(. . .) o século XVII criou vastas casas de internamento”(op. cit., p.48). Estas casas não eram estabelecimentos médicos, mas uma estrutura semijurídica (op. cit., pp.49-50) destinada a abrigar os pobres, os miseráveis, os vagabundos (op. cit.,p.63), onde os loucos eram trancados. O autor transcreve um fragmento do Édito Real de 1656, que criava o Hospital Geral em Paris:

“Fazemos expressa proibição a todas as pessoas de todos os sexos, lugares e idades, de toda qualidade de nascimento e seja qual for sua condição, válidos ou inválidos, doentes ou convalescentes, curáveis ou incuráveis, de mendigar na cidade e nos subúrbios de Paris, ou em sua igrejas e em suas portas, às portas das casas ou nas ruas, nem em nenhum lugar público, nem em segredo, de dia ou de noite (. . .) sob pena de chicoteamento para os transgressores na primeira vez, e pela segunda vez as galeras para os homens e meninos e banimento para as mulheres e meninas”. (op. cit., 65)

A Europa passava por uma crise econômica, com desemprego, baixos salários, moeda escassa. Um forte conteúdo moral atribuía esta situação aos pobres com suposta tendência à vagabundagem, conforme ilustra o texto atribuído a Dekker e transcrito por Foucault: “(...) impelem seus pobres e os operários válidos que não querem trabalhar (...) a mendigar, trapacear ou roubar para viver, de modo que o país se vê miseravelmente infestado por eles” (op. cit., p.66).



Para limpar a sociedade desta infestação se estabeleceu o Hospital Geral. Ali o imperativo do trabalho foi colocado para seus internos, mesmo quando superaram-se os momentos de crise econômica:

“ A alternativa é clara: mão-de-obra barata nos tempos de pleno emprego e de altos salários; e em período de desemprego, reabsorção dos ociosos e proteção social contra a agitação e as revoltas.(...) Os internos devem trabalhar, todos. Determina-se o valor exato de sua produção e dá-se-lhes a quarta parte. Pois o trabalho não é apenas ocupação: deve ser produtivo”.

(op. cit., p.67)

No entanto, este modelo acabou por fracassar, estando quase que totalmente extinto em toda a Europa no início do século XIX. Se, por um lado, visava abrigar os desempregados nos ateliês obrigatórios custeados pelo Estado, por outro acabavam estabelecendo uma concorrência que diminuía as vendas e aumentava o desemprego junto aos outros produtores. Além disso, o Hospital Geral tinha um custo de manutenção muito alto.

Este mecanismo, porém, teve um papel fundamental para estabelecer uma determinada consciência ética: o valor do trabalho como eixo regulador da sociedade. Em tempos de transformação social e afirmação do poder da burguesia, a ociosidade passou a ser considerada uma afronta a Deus e o trabalho passou a ser uma exigência irrefutável (op. cit., p .71-2).

Neste contexto, o louco distingui-se por sua resistência em subordinar-se a este imperativo:

“(...) O momento em que a loucura é percebida no horizonte social da pobreza, da incapacidade para o trabalho, da impossibilidade de integrar-se no grupo; o momento em que começa a inserir-se no contexto dos problemas da cidade. As novas significações atribuídas à pobreza, a importância dada à obrigação do trabalho e de todos os valores éticos a ele ligados determinam a experiência que se faz da loucura e modificam-lhe o sentido”.

(op. cit., p.78)

Este novo sentido atribuído a aqueles moralmente incapazes de viver conforme os cânones sociais justificam o nascimento do asilo de alienados. Com a contínua ascensão da burguesia, os limites da liberdade transformam-se, de modo que não poderia mais ser suprimida sem garantias jurídicas, o que acabou por favorecer o fim dos Hospitais Gerais. No entanto, a subordinação da



loucura ao saber médico autorizou seu confinamento em um novo espaço de reclusão: o asilo. Tomado como doente, o louco pôde ser mantido isolado para receber o tratamento moral (DESVIAT,1999, p.17). No asilo, Pinel constituía“(...) a clínica médica como observação e análise sistemática dos fenômenos perceptivos da doença; o resultado disso foi sua Nosografia”(BERCHERIE,1989, p.34). A ciência, através da medicina, apropriou-se da loucura. O alienado, que não se encaixava nas normas que a burguesia vinha estabelecendo, seria isolado para receber a cura através do tratamento moral. Desviat transcreve um trecho do grande alienista Esquirol, para quem o paciente deveria ficar isolado para que se pudesse atuar “(...) diretamente sobre o cérebro e se (condenaria) esse órgão ao repouso, afastando-o das impressões irritantes, reprimindo a vividez e a mobilidade das impressões e moderando a exaltação das idéias” (ESQUIROL apud DESVIAT,1999, p.17).

De Fato, as obras de Pinel e Tuke trilham caminhos diversos para desembocar na mesma conclusão. Estabelecem o Retiro e o Asilo como lugares de reclusão do louco, onde receberia tratamento médico. A medicina, então, justificaria o isolamento com seu saber supostamente objetivo (FOUCAULT, 1987, p.498). Isto, por um lado, constituiu o nascimento das possibilidades de tratamento que dispomos hoje, depois de uma história de continuidades e rupturas. Por outro lado, manteve confinados nos muros os loucos de quem Pinel havia anunciado a libertação.

A loucura não é nos ideais do século XVIII, uma doença da natureza, mas da sociedade. Somente mais tarde as idéias organicistas ganharam força, sendo aí um marco importante a concepção da paralisia geral. Esta já havia sido descrita por Esquirol e Georget, que a consideravam uma complicação da loucura (BERCHERIE,1989, p.85). Foi Bayle, no entanto, quem se preocupou com o curso da doença e com a busca de um substrato anatomopatológico que seria sua causa, exercendo grande influência em Morel, Kraepelin e favorecendo o organicismo contra as concepções morais (op. cit., pp.88-91). No entanto, mesmo com a força que posteriormente adquiriu o organicismo, a concepção do isolamento, base do tratamento moral, continuou imperando na psiquiatria. Em Tuke e Pinel, então, a loucura passou a ter um lugar próprio para sua reclusão, estudo e tratamento. Na Inglaterra do final do século XVIII, período em que o estado burguês estabeleceu a beneficência privada, Samuel Tuke inaugurou o Retiro como forma de



proteção dos Quacres (FOUCAULT,1987, pp.460-3). Ali, a internação visava a redução da loucura à sua verdade, que é aquilo que a sociedade tirou, ou seja, “(...) a Natureza, a Verdade e a Moral, isto é, a própria Razão” (op. cit., p.471). “O trabalho vem em primeira linha no Retiro (...)”(op. cit., p.480), já que para um Quacre a busca da prosperidade, fruto do trabalho e da benção divina, é o que deve dirigir a vida. No entanto, para o louco:“

No asilo, o trabalho será despojado de todo valor de produção; só será imposto a título de regra moral pura; limitação da liberdade, submissão à ordem, engajamento da responsabilidade com o fim único de desalienar o espírito perdido nos excessos de uma liberdade que a coação física só limita aparentemente.” (op. cit.).

O trabalho possui um lugar central na formação social burguesa, de modo que recebeu uma função nuclear no funcionamento do asilo (op. cit), tendo ali um valor de coerção e imposição. Pinel reconheceu no trabalho um valor terapêutico fundamental. Para ele, assim como para Tuke, o trabalho exercia capacidade de cura enquanto parte do tratamento moral (AMARANTE, 1982, p.40). Como grande contínuo da moral social, deveria imperar no asilo os valores da família, do trabalho e de todas as virtudes (FOUCAULT,1987,p.487). O doente que não se enquadrasse nas regras do tratamento moral era julgado, sem direito à defesa ou recurso e ali mesmo recebia sua pena:“

Desobediência por fanatismo religioso, resistência ao trabalho e roubo: as três grandes faltas contra a sociedade burguesa, os três atentados maiores contra seus valores essenciais não são desculpáveis nem mesmo pela loucura; merecem a prisão pura e simples, a exclusão em tudo aquilo que ela pode ter de rigoroso, pois manifestam todos a mesma resistência à uniformização moral e social, que constitui a razão de ser do asilo tal como Pinel o concebe.” (op. cit.).

A sociedade, então, encontrara um lugar para o louco, o hospício, e a função do trabalho que este louco deveria realizar, sempre enquanto terapia. Estava construído em base sólida o lugar de reclusão do louco, com legitimidade para se cometer os excessos a que freqüentemente submeteram-se as pessoas que foram ali internadas.

O Século XX apresentou tentativas, por vezes de melhorar, por vezes de extinguir o hospício, todas elas com uma determinada maneira de pensar a capacidade e a função de trabalho do louco, concebido quase sempre como terapia.



Um marco importante entre as tentativas de melhorar o hospital psiquiátrico foi a praxiterapia¹ de Hermann Simon, conforme nos indica Birman :

“A praxiterapia dos anos vinte, estabelecida por Simon, retomou o mito alienista de que o trabalho seria a forma básica para a transformação dos doentes mentais, pois mediante o trabalho se estabeleceria um sujeito marcado pela sociabilidade da produção. (...) Portanto, o modelo da produção em série e a sua contrapartida, que é a serialização do sujeito no processo de trabalho, inseriram-se na racionalidade psiquiátrica para refundar a antiga concepção alienista da pedagogia da sociabilidade e para viabilizar a transformação do doente mental em sujeito da razão e da vontade.” (BIRMAN, 1992,p.8).

Em 1929, na Europa que, terminada a 1ª Guerra precisava aumentar sua produção agrícola, Simon publicou o livro “Por uma Terapêutica Ativa do Hospital Psiquiátrico”, onde enunciou os princípios da laborterapia, cuja organização caberia a um médico e deveria conseguir que o máximo de pacientes trabalhassem segundo uma divisão em cinco diferentes níveis (REYES, 1972, p. 92).

Simon entendia que três males afetariam os pacientes e contra os quais a terapêutica deveria lutar: a inatividade, o ambiente hospitalar desfavorável e o prejuízo que o doente mental faz a si mesmo devido à sua irresponsabilidade (op. cit.).

Apesar de reconhecer que o ambiente hospitalar era desfavorável, não foi possível a Simon propor uma terapêutica fora dele, provavelmente pela concepção que tinha, que o doente mental poderia ser comparado a uma criança, de modo que dependeria de outro que cuidasse dele devido à sua irresponsabilidade.

Para Simon a laborterapia teria três finalidades: melhorar ao máximo o ambiente hospitalar; aplicar o trabalho aos doentes mentais; buscar a reeducação curativa, considerando que no hospital o paciente deve se responsabilizar por seus atos (op. cit.).

A obra de Simon influenciou Carl Schneider, que teorizou a Terapia Ocupacional, Sivadon que criou a Socioterapia e que pensava em uma psiquiatria que pudesse utilizar o trabalho enquanto instrumento terapêutico e Tosquelles.

Este último foi um dos fundadores da Psicoterapia Institucional Francesa, movimento que teve na obra de Simon e na Psicanálise as referências teóricas principais, conforme nos mostra



Desviat:“

A adoção da Psicanálise nos Hospitais Franceses data de 1940, quando Tosquelles, um jovem catalão exilado desenvolveu em um asilo rural, o Hospital Psiquiátrico de Saint-Alban, em plena ocupação alemã na França, uma experiência radical de transformação, agrupando na Sociedade de Gévaudan homens como Bonnafé, Cherand, Millon, Fanon, Oury, Gentis e Torrubia, residentes no Saint-Alban, junto com refugiados prestigiosos no mundo da cultura, como Éluard e Tzara. Foi essa a origem da Psicoterapia Institucional” (DESVIAT, 1999, p.25).

A esta informação, Vertzman, Cavalcanti e Serpa Júnior complementam:

“Além da Psicanálise uma outra fonte importantíssima da Psicoterapia Institucional, considerada mesmo o fermento teórico da experiência de Saint-Alban, é a obra de Hermann Simon, cujo livro “Por uma terapêutica ativa do Hospital Psiquiátrico” teve sua primeira tradução Francesa feita naquele Hospital”.(VERTZMAN, CAVALCANTI, SERPA JUNIOR, 1992, p.20).

Este movimento não teve a intenção de buscar o fim do hospital psiquiátrico. Ao contrário, propôs-se a pensar as questões da loucura a partir do interior do asilo. Entendia que não só os pacientes internados deveriam receber tratamento, mas que em uma instituição todos devem ser tratados, o hospital inteiro, pessoal e doentes. Para Oury a instituição deve ser constantemente reinventada, deve ser colocada em revolução permanente. A isto chamou-se institucionalização (op. cit., pp.17-9).

Além da reformulação do hospital, os franceses elaboraram a Política de Setor. A assistência seria cada vez mais territorializada, de modo a aproximar os serviços prestados e os usuários. Assim a hospitalização seria “(...) uma etapa do tratamento, que já fôra iniciado e deveria continuar nos Centros de Prevenção e Pós-cura” (op. cit., p.29).

Apesar de não ter a intenção de extinguir o Hospital Psiquiátrico, mas sim transformá-lo, a Psicoterapia Institucional e a Política de Setor buscavam também formas de atendimento em serviços abertos, que deveriam funcionar em setores da cidade ou região, sob a responsabilidade de um médico chefe, visando manter o paciente o mais próximo possível de sua família.

Uma Circular de 15 de março de 1960, assinada pelo Ministro de Saúde Pública da França, regulamentou as funções dos serviços territoriais e dos hospitais, que na medida do possível também seriam territorializados (DESVIAT, 1999, p.29).



A fim de conseguir uma transformação significativa no interior do hospital, várias medidas foram tomadas, sempre buscando o processo de institucionalização ao qual nos referimos anteriormente.

Segundo Oury, a Psicoterapia Institucional pode ser entendida como sendo a elaboração das condições necessárias para que se possa trabalhar (VERTZMAN, CAVALCANTI, SERPA JUNIOR, 1992, p.23). Para que essas condições fossem alcançadas seria necessário escutar os fenômenos que a psicose manifesta, supressão dos preconceitos e análise da contratransferência institucional. A instituição toda seria assim tomada como analisador. Deste modo, haveria transformação nas relações, mobilidade nas funções que cada um exerce, uso do espaço de forma terapêuticamente organizada.

Para a Psicoterapia Institucional deve haver quatro axiomas de base no funcionamento do hospital: “

Liberdade de circulação;

Lugares estruturados concretos: ateliês, serviços (cozinha, administração etc.);

Contratos facilmente revisáveis de entrada e saída;

Um acolhimento permanente dispendo de grades simbólicas e de mediações.”(op. cit. , p.34).

Os ateliês e serviços nos permitem vislumbrar o lugar do trabalho do paciente na Psicoterapia Institucional. Vemos que sua função é ser um dos vários os instrumentos terapêuticos. Podemos aí ver uma linha de continuidade entre as idéias de Pínel e Tuke e as proposições da Psicoterapia Institucional. Embora esta não proponha um tratamento moral, corretivo, acaba por autorizar e estimular as atividades laborativas dos pacientes, não como produzindo um objeto de troca na sociedade, mas apenas como trabalho terapêutico. Este trabalho seria realizado por alguém que recebe uma assistência, que está, portanto, subordinado a um médico chefe. Embora os clubes terapêuticos, que entre outras coisas agrupam os ateliês, procurem estabelecer relações horizontalizadas, sem uso de autoridade determinando as decisões, seu caráter primariamente terapêutico subjuga as ações e decisões do grupo ao terapeuta, especialmente ao médico. Se, por um lado, a organização dos espaços como terapêuticos pode ser muito útil no tratamento de pacientes em crise (op. cit., p.22-3), desorganizados, por outro, o trabalho entendido como prioritariamente terapêutico não incentiva a autonomia desta pessoa



quando passa a crise, já que tende a deixá-la como paciente e não como alguém que pode produzir trocas sociais fora do espaço de tratamento.

Também na França durante e após a Segunda Guerra Mundial ocorreram experiências muito interessantes, infelizmente pouco conhecida entre nós, conduzidas por Louis Le Guillant, que libertou pacientes internados no hospital de “La Charité-sur-Loire”, a fim de livrá-los de bombardeios nazistas. Le Guillant surpreendeu-se com a excelente adaptação social dos pacientes ao misturarem-se com a comunidade local. A partir daí estimulou que as pessoas vivessem sobretudo fora do hospital e que durante as eventuais internações deveria haver constantes trocas dos pacientes com a comunidade de extra-hospitalar (BILLIARD,2001, pp.123-7). Além disso, propôs que seus trabalhos fossem sempre remunerados, idéia que antecipa as propostas da psiquiatria democrática italiana, como veremos.

Outra experiência que buscou novas formas que tornassem mais humano o atendimento ao doente mental foram as Comunidades Terapêuticas na Inglaterra, cujo início remonta à experiência de Bion e Rickman em 1943 no Hospital de Northfield. Em plena 2ª Guerra, organizaram grupos de discussão, permitindo aos pacientes participar da direção do centro (DESVIAT, 1999, p.34). Segundo Maxwell Jones, principal expoente deste movimento, a responsabilidade pelo tratamento não deveria ficar apenas a cargo da equipe médica, mas deveria ter a participação efetiva dos pacientes.

Os princípios da Comunidade Terapêutica em muito se assemelham aos do movimento da Psicoterapia Institucional francesa. Na comunidade deveria haver:

“ Liberdade de comunicação em níveis distintos e em todas as direções ;

Análise, em termos da dinâmica individual e interpessoal de tudo que acontece na instituição(...);

Tendência a destruir as relações de autoridade tradicionais, em um ambiente de extrema tolerância

;

Atividades coletivas (bailes, festas, excursões, etc.) ;

Presença de toda a comunidade nas decisões administrativas do serviço.”

(op. cit., p.35).

O funcionamento nesta lógica em muito ajudaria o paciente a integrar seu eu no momento de crise, já que, segundo Laing, a pessoa entra nela ao isolar-se do relacionamento direto com os



outros e tentar tornar-se seu próprio objeto (LAING,1991, p.152). O ambiente acolhedor, então, facilitaria a reintegração do paciente e sua inserção no meio. Entretanto, estes benefícios restringiam-se ao interior da Comunidade Terapêutica, de modo que ao sair deste ambiente, a pessoa não mais disporia destas condições (DESVIAT,1999, p.37).

Deste modo, a comunidade facilitaria a reintegração do doente, mas ele continuaria tendo dificuldades para inserir-se na sociedade fora dela. No que diz respeito à questão do trabalho deste sujeito, a proposta da comunidade terapêutica o entende como modalidade de tratamento, assim como na Psicoterapia Institucional. Faltava ainda a reinsersão na sociedade, o que para ser obtido passa certamente pela necessidade de obtenção de trabalho e renda. Neste aspecto, portanto, as Comunidades Terapêuticas apresentavam os mesmos limites da Psicoterapia Institucional.

Note-se que estes movimentos surgiram durante a 2ª Guerra e após o término deste ganharam grande força. Percebe-se assim que em momentos em que a humanidade tenta resgatar valores humanos após atrocidades, os movimentos de respeito ao doente mental crescem.

Na Inglaterra, a partir das formulações das Comunidades Terapêuticas, houve na década de 1960 e, sobretudo, na de 1970 grande incentivo para que o tratamento ao doente mental ocorresse em hospitais gerais e em hospitais-dia mais próximos da casa do paciente, assim como na França. Inspirado por estes movimentos e buscando uma proposta que viesse superar suas limitações, com o objetivo de determinar o fim do hospital Psiquiátrico, Franco Basaglia iniciou o movimento de desinstitucionalização na Itália, influenciado também pelo marxismo europeu, com a Escola de Frankfurt, Sartre e Gramsci (BARROS,1994, p.79).

O movimento italiano teve início em Gorizia, onde Basaglia tornou-se diretor do hospital Psiquiátrico, transformando-o em Comunidade Terapêutica. Posteriormente, ao perceber que esta ação inicial apresentava muitos limites, já que mantinha o paciente isolado, sem pleno exercício de cidadania, propôs o desmonte do manicômio e a volta dos internados à sociedade. Após uma breve passagem por Parma, começou em 1971 o processo de desconstrução do Hospital Psiquiátrico San Giovanni, em Trieste (op. cit., p.75).

Basaglia evidenciou na história da Psiquiatria a construção de um aparato científico para justificar a exclusão social do louco. Por isto, o primeiro passo para resgatar a pessoa que passa pela experiência da loucura seria a negação do ato médico que se presta a ato de violência e a



conseqüente negação do hospital psiquiátrico (BASAGLIA, 1985, pp.103-4). Deste modo, todas as ações foram no sentido de negar a instituição psiquiátrica, não sendo adequadas medidas que visassem tão somente melhorá-la.

Para este processo de negação, seria necessário que se buscasse não somente a desospitalização, entendida como tirar o paciente do hospital psiquiátrico, mas também um processo de desinstitucionalização, que seria busca de desconstrução, de substituição de práticas e de conceitos que fundamentam a exclusão pela psiquiatria. Desta maneira, se buscaria a plena emancipação do sujeito institucionalizado (AMARANTE, 1998, p.81).

Entenda-se que esta:

“ (...) ‘Negação da Instituição’ não é a negação da doença mental, nem a negação da Psiquiatria, nem tão pouco o simples fechamento do hospital psiquiátrico, mas uma coisa muito mais complexa, que diz respeito fundamentalmente à negação do mandato que as instituições da sociedade delegam à Psiquiatria para isolar, exorcizar, negar e anular os sujeitos à margem da normalidade social”.

(ROTELLI e AMARANTE, 1992,p. 44)

Como o conceito de doença mental fundamentou o asilamento desde o início do alienismo, conforme já expusemos, foi então necessário questioná-lo. Assim, Basaglia afirma que este conceito produz uma objetividade, de forma que “o diagnóstico assume, doravante, o valor de um rótulo que codifica uma passividade dada por irreversível” (BASAGLIA, 1985, p. 108). Basaglia não afirma que a doença não existe, mas pontua que um diagnóstico se faz acompanhar sempre do contexto no qual a pessoa que o recebe está inserida, de modo que quanto mais baixo seu poder contratual, isto é, sua condição social e econômica (op.cit), mais excluída da sociedade ela fica após receber este rótulo. Assim, mais do que tratar da doença, deve-se tratar do doente, permitindo que ele não rompa ou, quando for o caso, que reestabeleça seus laços com sua história de vida (op. cit, p.131). A análise psicopatológica, então, deve sempre se acompanhar do contexto social daquele sujeito, pois:

“Se o doente for a única realidade à qual vamos referir-nos, devemos afrontar as duas faces que constituem essa realidade: a que corresponde ao fato que é um doente, com uma problemática Psicopatológica (dialética e não ideológica), e a que corresponde à sua exclusão, ao fato que é um



estigmatizado social”. (op cit, p.124).

Deste modo, Basaglia não nega a doença mental, mas a coloca entre parênteses, entendendo que este conceito não consegue dar conta da experiência complexa que visa representar, tal como elaborado pela psiquiatria. Propõe que este conceito dê lugar ao de “existência–sofrimento do sujeito em relação com o corpo social” (ROTELLI e AMARANTE,1999, p.52), que diz respeito, por um lado, ao aspecto do sofrimento daquela pessoa, cuja manifestação pode-se identificar nas alterações psicopatológicas e, por outro lado, ao sofrimento deste sujeito ao encontrar dificuldade de estabelecer convívio social, sobretudo em uma sociedade excludente. O novo conceito “(...) reorienta o objetivo da psiquiatria, passando da “cura” para a produção de vida, de sociabilidade, de subjetividades” (op cit). Com o intuito de desinstitucionalizar e produzir vida, sociabilidade, subjetividade, realizaram-se em Trieste várias ações, sempre no sentido de abrir o hospital e projetar o trabalho para a comunidade, para o território (BARROS,1994, p.78).

Neste processo procurou-se reconhecer a capacidade de trabalho dos pacientes, valorizando-se sua potencialidade produtiva, não entendendo o trabalho como meramente terapêutico, indo contra, portanto, à Ergoterapia, conforme afirma Rotelli : “ Ou seja, o trabalho é um direito do cidadão, não pode ser transformando em tratamento. Embora – repito – possuir um trabalho, possuir um salário é um elemento de saúde mental de nossa sociedade”(ROTELLI, 1998, p.156).

Com isto os italianos estabeleceram um marco diferencial com o que a história da psiquiatria havia construído até então. Desde Pinel a visão da incapacidade para o trabalho era elemento fundamental no reconhecimento da loucura, ou seja, afirmava-se que o processo de alienação mental eliminava a capacidade produtiva do sujeito. Mesmo os movimentos de Psicoterapia Institucional francesa e de Comunidade Terapêutica inglesa, concebiam o trabalho do louco tão somente enquanto modalidade terapêutica, ou seja, ainda submetidos ao saber médico. Os italianos, por outro lado, visaram afirmar esta capacidade laborativa, entendendo que o louco a possui e pode utilizá-la para viver em sociedade, não a reduzindo, deste modo, a uma forma de terapêutica. Para cumprir o objetivo de valorizar o trabalho feito pelos pacientes ainda no hospital, criou-se a Cooperativa de Trabalhadores Unidos, que passou a receber pelos serviços que prestava, tais como limpeza, administração da lanchonete, entre outros. O trabalho que antes



era uma maneira de “(...) sobreviver na situação de penúria econômica e de vazio emocional e social que o próprio interno verifica quotidianamente” (BASAGLIA et all, 1998, p.27), passou a ser visto como uma forma de reconhecimento da capacidade dos pacientes e de busca de sua autonomia. Os membros da Cooperativa começaram a receber por seus trabalhos, que não deveriam ser nem estressantes, nem humilhantes (ROTELLI, 1992, p.77).

Com o tempo foram criadas outras cooperativas em Trieste, de modo que em 1987 o Fundo Social da Comunidade Econômica Européia as reconheceu como paradigmáticas para projetos de formação profissional de grupos sociais frágeis. Formulou-se a partir daí o conceito de Empresa Social (BARROS, 1994, p.102).

Rotelli afirma que a Empresa Social é instrumento para garantia e construção dos direitos do sujeito em existência–sofrimento em relação ao corpo social, e vem substituir o aparato manicomial objetivante (ROTELLI,2000, p. 302). Visa oferecer condições objetivas para a construção de subjetividades. Para isto, não trata as pessoas sem considerar suas singularidades mas, ao contrário, entende que todos têm uma série de recursos próprios que podem ser desenvolvidos com o trabalho. Empresa Social vem de uma lógica diversa da assistência social, que, se por um lado oferece benefício à pessoa, por outro, o lugar de assistido a coloca como improdutiva, conforme nos diz Rotelli:

“Existem possibilidades nas pessoas, mesmo que residuais de dar, de trocar, de ser, de produzir. Mas o juízo de improdutividade que está na base do direito de ser assistido é, comumente, um direito que nega as pessoas, que as invalida definitivamente, que destrói as residualidades, as possibilidades e potencialidades dos sujeitos e os remete à ordem do improdutivo”.

(op. cit.,303)

A Empresa Social articula recursos que vêm da estrutura sanitária, da assistência social, do mercado, das empresas privadas. Nela trabalham “(...) pessoas ditas normais e pessoas com graves problemas psiquiátricos, ou com outros problemas (...)” (op. cit). Deste modo, não produz dentro de uma estrutura fechada do hospício, mas em sociedade, em lugares abertos, incluindo a todos no mercado, já que entende que “(...) produzir não é apenas trabalhar, mas transformar socialmente” (op. cit.).

Evidentemente que o mercado exclui aqueles que não estão aptos a docilmente se submeter



ao modo de produção capitalista e seu conseqüente processo de reificação. No mercado, entretanto, a Empresa Social pretende estabelecer condições para criar sujeitos criativos (LEONARDIS, MAURI e ROTELLI, 1995, p.12). Utilizam-se instrumentos do Estado e das empresas para criar restaurante, carpintaria, hotel, buffet, entre outros empreendimentos, sempre com a natureza jurídica de cooperativa. Nestes lugares trabalham pessoas não estigmatizadas, nem institucionalizadas, com outras que são usuários de serviços de saúde mental, drogadictos, prostitutas, entre outros. Via de regra entende-se que há pessoas que estão excluídas do mercado e que ficam à busca da assistência do Estado, que as considera como custos. A Empresa Social as toma não como custos, mas entende que elas têm recursos, potencialidades, que podem ser reconvertidos em energia de vida (op. cit., p.30) ao se confiar em sua capacidade de construir um produto ou serviço. O trabalho deste modo ganha valor não em si mesmo, cifra do valor da pessoa, mas permite ao sujeito produzir com qualidade e gosto.

Deste modo o louco, que fôra colocado no lugar de incapaz, em uma sociedade onde a pessoa vale enquanto pequena peça do processo de produção e apropriação, pode reconhecer-se como alguém capaz, mesmo que tenha um quadro psicopatológico que necessita tratamento. A idéia, então, é estimular a capacidade de produzir serviços, objetos e, sobretudo, produzir sujeitos capazes de se sentirem úteis, criativos, sociáveis, vivos, aumentando desta forma seu poder contratual. A Empresa Social, portanto, produz serviços e produtos, mas visa produzir, sobretudo, alto nível de sociabilidade.

Pensamos que se o mercado não exclui o sujeito com transtorno mental, mas ao contrário, se criam-se no próprio mercado possibilidades de exercício de atividades laborativas remuneradas para estas pessoas, elas tornam-se bastante autônomas e independentes do sistema assistencial, com capacidade de realizar trocas sociais e de produzir com qualidade.

Para concluir, após este percurso histórico algumas questões se colocam e pedem investigação, conforme exporemos a seguir. As novas lógicas de produção que têm surgido no capitalismo são receptivas ao sujeito com transtorno mental grave? Estas pessoas já têm conseguido o retorno financeiro de seu trabalho que garanta seu próprio sustento? As iniciativas que se apresentam hoje no Brasil de trabalho protegido, em cooperativas ou em outras formas, são capazes de permitir a estas pessoas prescindir de recursos da família ou dos benefícios do INSS?



Será necessário o fim do capitalismo para que elas possam, ao seu modo, sobreviver de seu trabalho?

Estas são perguntas que se colocam quando pensamos o trabalho do louco. Mantemo-nos na esperança de que períodos de discriminação como o que vivemos possam dar lugar a épocas de convívio mais fraterno. Afinal, seguindo José de Alencar, sabemos que tudo passa sobre a terra..

1-Encontramos em diversos textos os termos laborterapia, ergoterapia ou praxiterapia para designar o que Simon criou. Seguiremos aqui a expressão de acordo com os textos que citarmos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARANTE, P.D.C. Asilos, Alienados e Alienistas: uma pequena História da Psiquiatria no Brasil. Em: AMARANTE, P.D.C. (org.) Psiquiatria Social e Reforma Psiquiátrica. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1998.

² AMARANTE, P.D.C. Psiquiatria Social e Colônia de Alienados no Brasil (1830 – 1920). Rio de Janeiro. Dissertação Apresentada ao curso de Mestrado em Medicina Social. Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1982.

² BARROS, D. D. de . Jardins de Abel: Desconstrução do Manicômio de Trieste. São Paulo: Lemos / EdUSP, 1994.

² BASAGLIA, F. As Instituições da Violência. Em: BASAGLIA, F. (org.) A Instituição Negada: Relato de um Hospital Psiquiátrico. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

² BASAGLIA, F. et all. Considerações sobre uma Experiência comunitária. Em: AMARANTE, P.D.C. Psiquiatria Social e Reforma Psiquiátrica. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1998.

² BERCHERIE, P. Os fundamentos da Clínica: História e Estrutura do Saber Psiquiátrico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

² BILLIARD, I. Santé Mentale et Travail: L'émergence de la Psychopathologie du Travail. Paris: La Dispute/SNÉDIT, 2001.

² BIRMAN, J. A Cidadania Treloucada : Notas Introdutórias sobre a Cidadania dos Doentes Mentais. Em: BEZERRA JÚNIOR, B.; AMARANTE, P. D. C. (orgs.) Psiquiatria sem



- Hospício: Contribuições ao Estudo da Reforma Psiquiátrica. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.
- ² DESVIAT, Manuel. A Reforma Psiquiátrica. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999.
- ² FOUCAULT, M. História de Loucura na Idade Clássica. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- ² LAING, R.D. O Eu Dividido: Estudo Existencial da Sanidade e da Loucura. Petrópolis: Vozes, 1991.
- ² LEONARDIS, O. de ; MAURI, D. ; ROTELLI, F. La Empresa Social. Buenos Aires: Nueva Visión, 1995.
- ² MARX, K. Contribuição à Crítica da Economia Política. São Paulo: Martins Fontes, 1977.
- ² MARX, K. O Capital. Em: CASTRO, A. M. de e DIAS, E. F. Introdução ao Pensamento Sociológico. São Paulo, Moraes, 1992.
- ² ROTELLI, F. e AMARANTE, P. Reformas Psiquiátricas na Itália e no Brasil: Aspectos Históricos e Metodológicos. Em: AMARANTE, P.D.C. (org.). Psiquiatria sem Hospício: Contribuições ao Estudo da Reforma Psiquiátrica. Rio de Janeiro: Relume – Dumará, 1992.
- ² ROTELLI, F. Empresa Social: Construindo Sujeitos e Direitos. Em: AMARANTE, P.D.C. (org.) Ensaio: Subjetividade, Saúde Mental, Sociedade. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000.
- ² ROTELLI, F. O Trabalho de Saúde Mental no Território. Em: Kalil, M. E. X. (org.) Saúde Mental e Cidadania no Contexto dos Sistemas Locais de Saúde. São Paulo / Salvador: HUCITEC, 1992.
- ² ROTELLI, F. Superando o Manicômio: O Circuito Psiquiátrico de Trieste. Em: AMARANTE, P. D. C. (org.) Psiquiatria Social e Reforma Psiquiátrica. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1998.
- ² VERTZMAN, J.; CAVALCANTI, M. T. ; SERPA JÚNIOR, O . Psicoterapia Institucional: uma Revisão. Em: BEZERRA JÚNIOR, B.; AMARANTE, P.D.C. (org.) Psiquiatria sem Hospício: Contribuições ao Estado de Reforma Psiquiátrica. Rio de Janeiro: Relume – Dumará, 1992.



O Olhar Psicanalítico Vai à Escola: Uma Intervenção Psicopedagógica Apoiada na Linguagem Teatral

Intervenções na Escola: Reflexões sobre uma Metodologia Inovadora

Sanny S. da Rosa¹

Antes de pronunciar-me sobre a experiência relatada nesta mesa redonda, penso ser importante situar o lugar de onde partirei para sustentar minhas posições. Muito embora não tenha participado diretamente da experiência em questão, entendo que o eventual valor de minha contribuição a este debate pressupõe um exercício de identificação com os autores do pedido de intervenção psicopedagógica no ambiente escolar. Assim, e na condição de representante do campo da Educação – e não da Psicologia ou da Psicanálise – e apoiada na experiência de duas décadas de prática e pesquisa na área do magistério e que me autorizo a realizar uma reflexão sobre o trabalho aqui apresentado.

Circunscreverei minha análise a dois aspectos que, a meu ver, parecem relevantes: o primeiro diz respeito ao significado do pedido de intervenção realizada pela equipe pedagógica da escola; e o segundo, à metodologia utilizada na intervenção psicopedagógica, resultante da parceria entre uma psicanalista e uma teatro-educadora.

Sobre o pedido da escola: tentativa de elaboração de uma hipótese explicativa

Com base no relato da experiência, o pedido de intervenção de um terceiro para realizar, num primeiro momento, um diagnóstico dos problemas de aprendizagem e convívio social dos alunos, é em si mesma indicativa da posição da equipe pedagógica da escola em relação ao seu próprio saber sobre a dinâmica das relações envolvidas no processo educativo. Quais sejam: as relações professor-aluno, aluno-aluno e alunos-objetos de conhecimento. Por suposto, são exatamente esses os elementos que constituem a matéria-prima do trabalho e do conhecimento sistemático inerente ao campo da Pedagogia. Aliás, o discurso pedagógico articulado e hegemônico atual, parece indicar que há mais certezas do que dúvidas a respeito desses elementos.

A fórmula – que já se tornou senso comum entre os educadores e pedagogos – é a de que o aluno “é sujeito do seu próprio processo de conhecimento”; que o professor “não é um mero transmissor mas mediador ou facilitador do processo de aprendizagem”; e, por fim, que o conhecimento “não é algo pronto e acabado mas construído pelo educando”. No plano do discurso, não há controvérsias. Apenas consenso. Acontece que no embate concreto das dinâmicas pessoais e

1. Pedagoga, Doutora em Educação pela PUC-SP, professora de Filosofia da Educaç



subjetivas, onde tais “sujeitos genéricos” tem nome, sobrenome, endereço certo e dores de barrigas ocasionais, o jargão pedagógico comum revela-se insuficiente. Mais do que isso, inconsistente.

No entanto, o curioso é que, ao contrário do que se esperaria, esse “teste da realidade”, tão comum no cotidiano dos profissionais da educação – especialmente daqueles mais convictos dos princípios de uma “educação democrática” – não tem tido o poder de desencadear uma autêntica reflexão sobre as práticas educativas calcadas numa espécie de fundamentalismo pedagógico, cuja função parece ser a de sustentar aquilo que Leandro de Lajonquiere vem chamando de “ilusão” do discurso (psico)pedagógico hegemônico.

E a que “ilusão” se refere o autor? Precisamente aquela que vem sustentando grande parte das propostas pedagógicas assim chamadas “progressistas” (em oposição ao modelo tradicional de ensino) que se apoiam na tese da adequação “ou relação natural, entre a intervenção do adulto e o estado psicomaturacional das crianças e dos jovens”¹. Em outras palavras a de que caberia ao educador a tarefa de encontrar recursos e estratégias metodológicos que correspondessem e respeitassem os estágios naturais de desenvolvimento da criança, a fim de conduzi-la à sua autonomia moral, intelectual e prepara-la para o exercício da cidadania. Mais recentemente, a todo este já surrado discurso, subproduto do ideário escolanovista, temos acrescentado ao nosso vocabulário expressões bastante polêmicas, mas não menos sujeitas ao esvaziamento de sentido, tais como “desenvolvimento de habilidades e competências.”²

Qual a consequência imediata dessa “ilusão” (psico)pedagógica denunciada por Lajonquière, na vida cotidiana das escolas? Quer me parecer que a experiência aqui relatada é ilustrativa daquilo que estou buscando pontuar nesta reflexão. Precisamente a de que, em nome da insistência em não abdicar dessa ilusão – que se apoia sobretudo nos conhecimentos científicos produzidos no interior da Psicologia – os educadores vem, sistematicamente, abdicando do direito de se apropriarem de um saber construído diuturnamente, muitas vezes ao longo de uma vida inteira dedicada ao trabalho escolar e de sala de aula. Construído sim, mas não elaborado e, muito menos, levado em conta ou apropriado pelos próprios educadores.

1. LAJONQUIÈRE, Leandro de. *Infância e Ilusão (Psico) Pedagógica*. Escritos de Psicanálise e Educação. Petrópolis: Ed. Vozes, 1999, p. 28.

2. Sobre este tema, é oportuno lembrar que os Parâmetros Curriculares Nacionais para a Educação Básica, estão baseados neste “novo” discurso pedagógico, representado em grande parte pelas idéias do sociólogo genebrino Phillipe Perrenoud. Todavia, uma leitura efetivamente crítica exige uma reflexão sobre o sentido político e ético subjacente à dupla “habilidades e competências”. Terezinha Azerêdo Rios faz uma importante análise sobre esta questão em seu livro: “Compreender e Ensinar - Por uma docência da melhor qualidade”, São Paulo: Cortez, 2001.



A crítica formulada por Lajonquière está, como se sabe, toda ela direcionada à maneira pela qual o espírito moderno, inspirado especialmente nas teorias psicológicas do desenvolvimento, acabou contribuindo para a construção de um ideário (psico)pedagógico que anula e se recusa a assumir a diferença existente entre o adulto e a criança. Diferença esta responsável justamente pela condição de possibilidade do ato educativo. Assim, diz o autor: *“Nos dias que correm, supõe-se que o adulto deva se eclipsar renunciando a sustentação do ato educativo – ou seja renunciar à possibilidade de que se desdobre a diferença que se aninha entre ele e uma criança – para assim vir supostamente a produzir crianças felizes e criativas sintonizadas com o futuro.”*¹

Lajonquière vai mais longe e fundo em sua interpretação - apoiada em grande parte na psicanálise lacaniana – e sustenta a tese de que o “ganho” do adulto em assim proceder seria a recuperação imaginária de uma satisfação narcísica há muito perdida pelo “fato de não ser aquilo que supõe que os outros esperavam dele.” Vale a pena reproduzir parte de seu argumento: *“O pai e o educador que não tomam nunca nenhuma decisão almejam ser superpai e supereducador. Assim, sonham para si mesmos uma potência capaz de turbinar o desenvolvimento infantil. Só que essa espécie de devaneio e o reverso da impotência imaginária experimentada em carne própria e da qual, obviamente, envergonham-se. Esse sentimento de impotência e relativo ao fato de o adulto não ser aquilo que deveria, por sua vez, Ter sido para seus próprios pais.”*².

Ainda que considerando a pertinência da interpretação desse autor com relação ao *uso* psíquico que os educadores “modernos” têm feito do conhecimento científico “psicologicamente correto” no qual, sem dúvida, justificam a sua renúncia ao ato educativo, gostaria de sugerir que este “sintoma”, característico do educador, não diz respeito a uma patologia exclusiva da modernidade. Um sobrevôo rápido ao longo da história da educação nos conduzirá à conclusão de que os grandes educadores ou pensadores da educação sempre procuraram apoiar-se em *certezas externas*, utilizando-as como argumentos garantidores da legitimidade de seus princípios e condutas. Sócrates, nunca falou em nome próprio, mas evocava as “verdades universais” – e, com isso eternizou sua imagem associada à da “humildade pedagógica do mestre”; a tradição cristã cometeu reconhecidas arbitrariedades ao longo de séculos de dominação pedagógica em nome do legado de Jesus; Rousseau sustentou suas idéias revolucionárias no argumento do respeito à Natureza; Kant e Piaget num sujeito epistêmico universal, e assim por diante.

Acontece que o ato educativo, como todo ato humano é, antes de mais nada, arbitrário, visto que se inscreve na ordem do desejo que, em última instância, é sempre singular. Sendo assim, o grande equívoco dos educadores, dos pedagogos e das pedagogias que produzem é o de insistir na existência de “fundamentos” capazes de explicar, orientar e garantir a consecução de um projeto pedagógico que dê conta da complexidade do humano. Por reconhecer a impossibilidade dessa empreita é que o pai da Psicanálise classificou o educar – ao lado do psicanalisar e do governar – como uma das três artes impossíveis. Note-se que Freud, sabiamente, ao referir-se ao

1. LAJONQUIÈRE, L. Op.cit. p.27.
2. Idem, ibidem., p.41.



educar não o nomeou como ciência e, sim, como arte. Talvez porque a arte, ao contrário das pretensões da ciência e das religiões, é fruto e expressão da precariedade do humano. É quase sempre datada e assinada, não almejando, como aquelas, um lugar fixo e perene no conjunto das verdades absolutas.

Assim, a renúncia ao ato educativo, de que fala Lajonquière, expressa um paradoxo: de um lado, representa a submissão do educador ao saber de um discurso que lhe é externo, estrangeiro; de outro, o ganho narcísico que ele obtém ao imaginar-se delegado e representante de um conjunto de conhecimentos verdadeiros e totalizantes. A superação deste paradoxo, a meu ver, requereria uma outra renúncia, esta sim necessária à humanização do ato educativo: refiro-me à renúncia à crença, de caráter fundamentalista e religioso, na possibilidade de controlar o outro, através de chaves mágicas denominadas "teorias e metodologias de ensino".

Penso que a experiência hoje aqui relatada ilustra, de certo modo, o que procurei comunicar. Primeiro, porque a formulação da demanda da escola não foi denotativa do reconhecimento de um não-saber a respeito dos pressupostos do trabalho da equipe. Ao contrário, solicitaram a presença de um olhar/escuta externos, em função, muito provavelmente, da hipótese de que algo se passava *com os alunos*, e não com a maneira ou em virtude dos pressupostos de seu fazer pedagógico. Segundo, porque no próprio pedido de intervenção parece implícito o reconhecimento de que um possível conhecimento (científico!) sobre os conflitos e dificuldades vividos na escola estariam na posse de um *outro*, no caso, da psicanalista a quem recorreram. E, por fim, porque também implicitamente revela-se a crença da equipe de que esse suposto saber da psicanalista vinculava-se a posse um corpo sistemático de conhecimentos (da Psicanálise e da Clínica dos Problemas de Aprendizagem) capaz de desvelar a causa e se constituir na *chave* mágica de solução dos problemas que, teimosamente, insistiam em desafiar suas certezas e fundamentos (psico)pedagógicos.

Gostaria que o que foi dito até aqui não fosse interpretado como uma crítica ao trabalho realizado na escola, pelas duas profissionais em questão. Muito menos como oposição ao diálogo – a meu ver salutar e desejável – entre campos distintos de atuação, como o são a Psicanálise e a Educação ou o Teatro e a Educação. O que procurei pontuar diz respeito às possíveis expectativas da escola e de educadores de encontrarem num corpo de conhecimentos, em teorias, enfim sempre *fora*, no *outro*, no mais *além*, as respostas que, em última análise, só podem ser encontradas na elaboração e apropriação do saber constituído na e pela experiência direta com a situação de geradora de conflito.

Porém, o grande efeito *pedagógico*, na experiência desenvolvida em parceria entre essas duas profissionais, foi justamente o de terem frustrado tais expectativas. Em outras palavras, o trabalho mesmo de intervenção psicopedagógica, apoiado na linguagem teatral, foi o de reendereçar a questão trazida pela escola aos próprios educadores: pais e professores. Chamados a colocarem em cena o material que julgavam pertencer ao *conhecimento* do outro, passaram de receptores a *autores* das possíveis respostas que buscavam encontrar. Penso que, neste ponto,



então já é possível analisar o outro aspecto da questão a que me propus no início : a metodologia utilizada no trabalho de intervenção.

Sobre a metodologia de intervenção psicopedagógica:

Falar sobre a metodologia de intervenção psicopedagógica utilizada nessa parceria entre uma psicanalista e uma teatro-educadora no território da escola representa a oportunidade de falar sobre a importância do diálogo e da busca de interfaces entre estas três áreas: a psicanálise, a linguagem do teatro e a educação. Sabemos – e aqui falo em nome desta parceria a três – que para muitos esse diálogo e proposta de trabalho pode parecer pouco ortodoxo. Como mencionei acima, não participei diretamente da experiência inicialmente relatada. No entanto, o trabalho que vimos desenvolvendo juntas em cursos de extensão universitária, há quase dois anos, me autoriza a tecer algumas considerações sobre os seus efeitos pedagógicos. Vejo este tema não como um item a parte, mas como complemento importante do raciocínio desenvolvido no item anterior.

Pois se e verdade que a psicanálise pode ajudar os educadores a transformarem o *conhecimento* em *saber elaborado*, isto é, em saber apropriado, a questão é discutir como isso se torna possível. Uma via seria o próprio processo de análise pessoal. Porém, esta é, sem dúvida, uma decisão pessoal. Uma outra via seria a de incluir a Psicanálise como disciplina obrigatória nos currículos de formação de professores, o que, por si só, não seria garantia de que esse conhecimento se transformasse em saber apropriado. Da mesma forma, falar *sobre* psicanálise não é o mesmo que *poder utilizá-la* como recurso para transformação de um *conhecimento* em *saber*, isto é, em algo que se sabe porque possui um grande sentido existencial. Pois, enquanto corpo conceitual, a Psicanálise não tem, em si mesma, um poder de persuasão nem maior nem menor do de um tratado de Física Quântica. Além disso, sua contribuição só acontece quando se torna fruto de uma busca existencial: não é um imperativo, nem uma necessidade. De tal sorte que, a possibilidade de que um tal diálogo aconteça depende da existência de um conjunto de "condições" ambientais que a experiência de intervenção, aqui relatada, parece ter conseguido reunir.

A linguagem teatral trabalha a partir do gesto corporal e - ao contrário da psicanálise, que se apoia sobretudo na palavra - trabalha apoiada na construção de imagens. Este tema tem sido objeto de reflexões que temos desenvolvido a respeito do impacto estético sobre o processo de apropriação do conhecimento¹. Em outras palavras, do seu potencial no processo de transformação do conhecimento em saber. Pois se podemos dizer que o *conhecimento* é um corpo sistematizado de idéias, que se expressa sobretudo pela linguagem verbal, o *saber*, ao contrário, é

1. Este foi o tema de minha tese de doutoramento, defendida na PUC-SP e intitulada "Transicionalidade e Educação: a relação pedagógica como espaço de acontecimento estético" e também do livro de minha autoria: Brincar, Conhecer, Ensinar. São Paulo: Editora Cortez, 2002 (3^a ed.)



pré-verbal, pré-conceitual, visto que se refere a uma realidade existencial, cujo registro se inscreve no corpo próprio. A experiência estética é justamente aquela que permite uma comunicação vital entre o sujeito e o objeto através da qual o indivíduo não tem um conhecimento *sobre* o objeto, mas um saber *a partir* da experiência que tem *dele*.

Penso que a utilização da linguagem teatral como apoio de todo um processo de elaboração de um saber - que não dispensa a palavra, mas é complementado e nomeado por ela - é de grande importância para a superação da tradicional dicotomia entre as verdades do discurso racional e a realidade das vivências subjetivas. Pois tal separação, que o racionalismo moderno buscou aprofundar, em nome das “verdades claras e distintas” e da precisão e objetividade científicas, não é justamente a responsável pela tão denunciada distância entre teoria e prática?

Assim o potencial pedagógico de um *saber* advindo da experiência estética coloca o *conhecimento* na berlinda, pois as questões que emergem do gesto espontâneo quase sempre destoam do discurso idealizado, lógico e sem arestas da ciência e mesmo aqueles de senso comum. A linguagem teatral nos coloca em confronto com o material efetivamente humano que, como diz o poeta “*está dentro da gente e que não devia, que desacata a gente à revelia*”.¹

Além disso, penso que o outro grande mérito desta metodologia de intervenção é que ela possibilita a construção de um campo compartilhado de experiências que, no dizer do psicanalista inglês Donald Winnicott, chamariamos de “espaço potencial”². Com base, em grande parte, nas idéias deste autor, tenho sustentado que a condição necessária para que se desencadeie um processo de apropriação criativa de conhecimentos reside, justamente, na constituição de um espaço, na relação pedagógica, onde, a partir do sentimento de confiabilidade, seja possível o brincar, no sentido *winnicottiano*³ do termo. A experiência de um trabalho conjunto, aproveitando as interfaces dessas três áreas de conhecimento – a psicanálise, o teatro e a educação – tem demonstrado que a linguagem teatral, por sua natureza eminentemente estética e sensível, pode criar as condições para a emergência de experiências significativas que, aliando aspectos da subjetividade dos sujeitos envolvidos, em situações pedagogicamente construídas, possibilitam e enriquecem o trabalho de elaboração conceitual.

Para finalizar, diria que a grande contribuição do uso da linguagem teatral em experiências dessa natureza tem sido a de viabilizar o desenvolvimento de um diálogo mais autêntico entre a Psicanálise e a Educação. Pois, como já foi dito num texto de Elisabete Aparecida Monteiro, com o qual concluo minha reflexão: “*A Psicanálise não diz o que deve ser feito, mas reflete sobre o que tem sido feito na educação. Diríamos que de posse dos conhecimentos psicanalíticos, o edu-*

1. Alusão à música de Chico Buarque de Holanda.
2. Entre outros textos, sugerimos a leitura do artigo de WINNICOTT, D.W. “*A localização da experiência cultural*” In: O Brincar & a Realidade. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1975.
3. O brincar, para Winnicott, está relacionado à criatividade “significando-a como um colorido de toda a atitude com relação à realidade externa”. Op.cit. p. 95.



ador, poderá, principalmente, redimensionar o valor atribuído aos métodos, questionar-se sobre a ilusão do controle da aprendizagem que os tem levado a buscas infrutíferas e desviado o foco cultural da educação.”¹

-
1. MONTEIRO, Elisabete Aparecida. "A transferência e a ação educativa" In: A Psicanálise e os Impasses da Educação". Anais do I Colóquio do Lugar de Vida/LEPSI., IP/FE-USP, 1999.



O olhar Psicanalítico vai à Escola: Uma Intervenção Psicopedagógica Apoiada na Linguagem Teatral.

Sonia Maria B. A. Parente¹
Sanny S da Rosa
Sonia Maria B. A. Parente
Leslie Marko

Descrição da Mesa:

Esta mesa redonda comporta quatro momentos:

1-Apresentação e discussão do processo de intervenção que envolveu alunos, pais, professores e coordenadores de uma escola particular do município de São Paulo, no ano de 2001. Trata-se de uma escola de orientação construtivista, que nas primeiras séries do ensino fundamental busca desenvolver o interesse e a curiosidade intelectual dos alunos, bem como o prazer da aprendizagem.

2-Apresentação da cena teatral de 20 minutos “E Se...? um diálogo em suspenso” focalizando momentos de busca e desencontro que revelam vínculos conflitivos entre pais e filhos. Esta mesma cena foi apresentada para pais e educadores da referida escola e funcionou como elemento disparador para a intervenção psicopedagógica.

3-Expressão da ressonância afetiva mobilizada pela cena nos assistentes desta mesa redonda, seguida de vivência teatral visando a construção de imagens metafóricas sobre o papel do educador - psicólogo na instituição escolar.

4- Reflexão sobre a experiência realizada na escola e no dia da apresentação desta mesa redonda.

1. Psicóloga, Mestre e Doutoranda em Psicologia Clínica - PUC/SP. Formação em psicanálise pelo Instituto Sedes Sapientiae/SP. Vem lecionando em cursos de graduação e especialização. Membro do Laboratório de Estudos da Transicionalidade. PUC/SP.



Objetivos e Inovação:

Este trabalho é fruto do diálogo interdisciplinar sobre temas presentes na escola, na clínica psicanalítica dos problemas de aprendizagem e no trabalho de teatro-educação. A apresentação da experiência realizada tem como objetivo desencadear uma reflexão sobre a importância e a eficácia de uma forma alternativa de intervenção que usa o recurso teatral, considerando que este permite articular várias formas de linguagem e expressão na abordagem de questões e conteúdos importantes do cotidiano, tanto no âmbito escolar como no familiar. Esta articulação entre as linguagens corporal, emocional e intelectual mobilizadas pelo uso do universo teatral favorece nos indivíduos envolvidos a reflexão e aprofundamento das questões focalizadas a partir da experiência, e não somente de uma intelectualização.

Embora inovadora esta abordagem metodológica, nada tem de amadorística, pois se apóia numa concepção de aprendizagem e desenvolvimento cujo fundamento, encontramos, em grande parte, na contribuição de Paín (1999) sobre as relações entre afetividade e cognição e na do psicanalista e pediatra inglês D.W. Winnicott (1971) sobre o desenvolvimento do brincar e dos fenômenos transicionais.

Sobre a Experiência

Inicialmente uma solicitação foi feita a mim, por ser uma psicanalista especializada no campo dos problemas de aprendizagem, para que um trabalho fosse feito junto aos alunos de duas classes de 6ª séries, que apresentavam atitudes inadequadas diante da aprendizagem e prejuízo no seu aproveitamento escolar. O trabalho foi realizado em 3 momentos:

1-Elaboração do diagnóstico situacional operativo, composto de 3 passos (levantamento do histórico das duas séries, observações em sala de aula e devolutiva para a coordenação),

2-Intervenção propriamente dita, composta de dois passos (junto aos professores e junto aos pais)

3- Análise e resultados da intervenção.



Primeiro Momento: Elaboração do diagnóstico situacional operativo.

Realizado por meio do levantamento do histórico das duas classes junto à coordenação pedagógica e de observações dos alunos nas duas salas de aula. Este diagnóstico permitiu dar uma devolutiva para os coordenadores pedagógicos e propor dois tipos de intervenções: uma junto ao grupo de professores e outra junto aos pais. A seguir, descrevo resumidamente, cada um dos passos deste primeiro momento.

1-a) Histórico:

Como já disse, nas primeiras séries do ensino fundamental, o objetivo desta escola é propiciar o desenvolvimento do interesse e do prazer da aprendizagem nos alunos. Tal empreitada é bem sucedida quando os pais acompanham e fornecem retaguarda ao processo dos filhos. Na situação em foco, foi possível verificar que as dificuldades dessas duas classes tinham começado no final da 4ª série, quando a escola tentou fazer um trabalho, junto aos alunos, já que eles não realizavam as tarefas de casa e tinham dificuldades de organização e envolvimento nas atividades do cotidiano escolar. Naquele momento, para realizar esse trabalho, a escola fez o levantamento e a discussão das regras a serem seguidas junto aos alunos, comunicando, em seguida, os pais que deveriam participar dando retaguarda ao processo dos filhos.

Durante a 5ª série, verificou-se que alguns alunos passaram a desrespeitar as regras propostas e que de 39 alunos apenas 16 pais acompanhavam seus filhos e compareciam às reuniões propostas pela escola. No final da 5ª série e após várias tentativas infrutíferas, a equipe tentou resolver o problema, dividindo os alunos em duas classes da seguinte forma:

Turma A composta por 13 alunos, sem autonomia, com dificuldades de organização e atenção e que exigiam acompanhamento. Nesta classe, os alunos foram levando a equipe de professores a tomar atitudes cada vez mais diretivas e repressoras.

Turma B composta por 26 alunos com autonomia, que conseguiam acompanhar e faziam a lição de casa.



1-b) Observação nas duas salas de aula descritas acima.

O fio norteador da observação era: *Qual o tipo de relação que os alunos estabeleciam com os colegas, com o objeto de conhecimento e com o professor?* Sabemos que a base da aprendizagem é a capacidade de discriminação (Paín, 1985) e que, para que ocorra uma situação de aprendizagem, é preciso que exista uma distância adequada entre o aluno e o objeto de conhecimento, bem como uma relação positiva com aquele que o transmite (Parente, 2000). Pude verificar que estas condições não se estabeleciam na turma A, portanto, não se desenvolvia o que se poderia chamar de relação de aprendizagem. Não havia relação entre os alunos e o objeto de conhecimento. Apesar do seu esforço, o professor parecia ser visto como potencialmente ameaçador. No caso, os alunos pareciam unir-se, através da confusão, indiscriminação e bagunça contra ele. A turma A era constituída por um grupo de alunos bastante indiferenciado, onde ocorriam várias situações de confusão entre os mesmos e também em relação à realidade externa.

Na turma B, os alunos apresentavam envolvimento e conseguiam trabalhar em grupo. Apesar de existir competição e alguma dispersão, desenvolvia-se uma situação de aprendizagem, havia discriminação e relação do grupo com o objeto de conhecimento.

1-c) Devolutiva para a coordenação e proposta de intervenção.

No caso da turma A, ficou evidente que os alunos necessitavam de regras claras e diretivas e que na turma B, os alunos apresentavam envolvimento e se beneficiavam do modelo construtivista.

Foi proposto, então, um trabalho de intervenção junto aos professores para levantar o diagnóstico que eles faziam em relação às duas turmas e, também que permitisse refletir sobre o vínculo professor – alunos. Por outro lado, constatado que muitas das questões que surgiam no âmbito escolar estavam relacionadas à outras presentes na organização familiar, fenômeno, aliás, bastante comum na sociedade contemporânea, foi proposto, um trabalho de intervenção junto aos pais.

Em ambas intervenções, foi usada a linguagem teatral como instrumento de apoio porque ela favorece a sensibilização dos professores e pais, bem como a expressão das suas



concepções sobre a natureza do vínculo educador-educando e pais-filho. Além disso, a linguagem teatral propicia o desenvolvimento de um processo de apropriação e reflexão sobre as questões em foco de forma integrada na experiência, abrindo a possibilidade de uma intervenção, seja no cotidiano escolar, seja no familiar.

Segundo Momento: Intervenção

2-a) Junto aos professores:

O objetivo foi propiciar condições através da linguagem teatral, para que os professores pudessem expressar, elaborar e refletir sobre o que acontecia na relação professor – alunos. Para levantar o diagnóstico dos professores em relação às duas turmas, foi proposta uma oficina teatral. Após um trabalho de construção de imagens sobre a relação professor- alunos, foi possível constatar a distância entre o desejo do educador e a postura dos alunos e relacionar o fato com as várias situações de desencontro entre os mesmos, especialmente na turma A. Verificada a aproximação entre o diagnóstico realizado pelos professores e por mim em relação às duas séries, foi questionado se o modelo construtivista não aumentava o estado de indiferenciação e dispersão dos alunos na turma A, contribuindo para as notas baixas, o sentimento de fracasso e a baixa auto-estima dos mesmos, o que não acontecia na turma B.

Para alguns professores, o modelo de ensino tradicional já era parcialmente usado apresentando-se como o mais conveniente para a turma A. Ficou evidente que quando a aprendizagem não brota da experiência vivida na relação com o outro, a tendência é a adoção e aplicação de modelos externos. Na reflexão que se seguiu, foi ressaltada a importância do educador sentir-se autorizado a escolher o modelo de ensino mais adequado a partir da experiência com seus alunos, isto é, de forma afetiva e cognitiva evitando ser um mero aplicador de algum modelo educacional, mesmo o do construtivismo.

2-b) Junto aos pais:

O objetivo foi propiciar condições para que os pais pudessem expressar e refletir sobre o vínculo com seus filhos. Dois momentos foram significativos nesta etapa: num primeiro momento, os pais situaram-se na posição de espectadores da cena disparadora “E se...? Um



diálogo em suspenso”. Num segundo momento, expressaram - por meio de exercícios e jogos propostos de maneira bastante sutil – tanto os conteúdos ligados à concepção deles em relação ao vínculo pais-filhos quanto à ressonância afetiva vivenciada e mobilizada pela cena.

* * *

OBS: Neste momento do relato sobre a experiência desenvolvida na escola, os presentes nesta mesa redonda foram convidados, também, a assistir a mesma cena apresentada na escola para os pais. Em seguida, como os pais, foram convidados - após expressarem os conteúdos e a ressonância afetiva mobilizadas pela cena - a participar de uma vivência teatral. O objetivo era que eles pudessem compreender - através da experiência - o sentido e o potencial dessa modalidade de trabalho.

Posteriormente, continuamos o relato da experiência apresentando a análise e resultados das intervenções junto aos pais, como se segue.

* * *

Terceiro Momento: Análise e resultados das Intervenções.

Junto aos pais, esta vivência possibilitou a emergência de vários aspectos significativos que passaram a ser objeto de reflexão do grupo: a dificuldade do encontro pais-filhos, a dificuldade de percepção do universo do jovem no âmbito individual e coletivo, a questão da confusão de papéis adulto-criança, professor-aluno, a questão da autoridade, dos limites, etc.

A construção de imagens teatrais permitiu verificar - no caso da turma A - que o vínculo concebido pelos pais em relação aos seus filhos era de natureza persecutória. A imagem construída foi a seguinte: os pais fizeram um cabo de guerra: de um lado, representaram os filhos e de outro eles mesmos. Num momento crucial, os filhos largavam a corda, levando o grupo de pais a cair. Foi possível levantar a hipótese de que esses pais viam os filhos como potencialmente ameaçadores e sacanas” prontos a puxar o tapete da gente”, como afirmou um deles. Relacionando este dado com a observação feita em sala de aula, foi possível compreender que os filhos repetiam este mesmo tipo de vínculo na relação com o professor – sentindo o educador como potencialmente ameaçado. Além das queixas, alguns pais verbalizaram que se sentiam perdidos e sem condições de ajudar os filhos.



Diferentemente na turma B, um grupo de pais fez uma imagem colocando cadeiras de costas umas para as outras e se colocaram atrás das mesmas. Desta forma, as cadeiras separavam o grupo de pais do grupo que representava os filhos que também estavam de costas uns para os outros. Lenta e gradativamente, ambos iniciavam um movimento de aproximação e troca significativa por meio de uma série de jogos no qual basicamente usavam a linguagem não verbal (piscadelas, sorrisos, troca de olhares entre pais e filhos). Esse movimento ia num crescendo até que, por iniciativa do grupo de pais, seguido pelo do de filhos, todos começavam a virar as cadeiras de frente umas para as outras e a uma certa distância, até sentarem-se nelas. A cena terminava no momento em que pais e filhos abraçavam-se emocionados.

Embora muitos outros aspectos pudessem ser discutidos aqui, dada a potencialidade desta modalidade de intervenção, não poderei fazê-lo por falta de tempo. Entretanto, é interessante observar que o grupo de pais da turma A focalizou o momento atual da sua relação com os filhos sem conceber perspectiva de mudança. Já o da turma B o fez numa perspectiva de movimento, esperança e mudança.

Na discussão que se seguiu, foi assinalada a importância dos pais estarem presentes e acreditarem no potencial dos filhos para poder ajudá-los a se envolver numa atividade construtiva e a desenvolver a própria responsabilidade. O ditado: *"A atitude convence mais do que as palavras"*, poderia sintetizar a reflexão que se seguiu sobre o tema do desenvolvimento da capacidade de envolvimento e interesse das crianças seja com o outro, seja com os objetos da cultura bem como o da responsabilidade pessoal.

Resultados do trabalho como um todo:

A escola avaliou que houve uma alteração significativa, especialmente, no olhar da equipe de professores que se tornou mais perceptivo em relação às necessidades dos alunos, o que levou a uma melhoria nas relações com os mesmos. Os alunos, no geral, apresentaram uma modificação positiva na atitude diante da aprendizagem, inclusive nas notas bem como na convivência entre eles. Houve um crescimento de interesse e preocupação em relação ao processo dos filhos por parte de um grupo de pais. O objetivo da escola é envolver cada vez mais os pais no processo de aprendizagem dos filhos. Foi prevista a continuidade deste trabalho utilizando os



mesmos recursos, o que dará maior visibilidade ao processo e ao momento de transformação de cada segmento.

* * *

Referências Bibliográficas:

PAÍN, S. *Diagnóstico e Tratamento dos Problemas de Aprendizagem*. Trad. Alceu Edir Fillmann. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

..... *A Função da Ignorância* . Trad. Maria Elisia Valliatti Flores. Ed. ampl.e atual. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

PARENTE, S.M.B. *Pelos Caminhos da Ignorância e do Conhecimento - Fundamentação Teórica da Prática Clínica dos Problemas de Aprendizagem*, São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

WINNICOTT, D.W. *O Brincar e a Realidade*. Trad. José Octávio de A . Abreu e Venede Nobre. Rio de Janeiro: Imago Ed, 1975



Os Diferentes Olhares sobre o Mundo do Trabalho

Considerações sobre a função simbólica do trabalho como punição

Vania Conselheiro Sequeira

1ª parte – banalidade do mal e banalização do mal

O crescimento da violência e do crime é algo que constatamos cotidianamente. Podemos observar uma banalização da violência, do crime, das injustiças sociais, uma banalização do mal¹ em nossa sociedade. Esse tema vem sensibilizando alguns intelectuais, entre os quais, os autores com quem trabalho.

Começamos refletindo sobre o mal do século, o horror do nazismo, onde a violência e a crueldade são facilmente constatadas. Hannah Arendt, uma das primeiras autoras a tratar do totalitarismo, escreve sobre a banalidade do mal, em 1951, descrevendo o julgamento de Eichmann, mostrando, pouco a pouco, que não se tratava do julgamento de um monstro, mas, pelo contrário, de um homem comum, cuja principal característica parecia ser a ausência de pensamento e crítica. Uma pessoa comum, sem a perversidade que *gostaríamos* de encontrar entre os assassinos, no nazismo ou fora dele. A autora aponta a banalidade do mal, que se dá não só através de uma engrenagem muito maior, dos planos nazistas, mas também pela extrema dedicação com que muitos trabalharam para a *solução final*. O mal aparece não só como resultado de uma estratégia organizada e planejada, mas ainda pela ausência de inteligência, pensamento e resistência das pessoas envolvidas diretamente ou não com ações nazistas.

A engrenagem nazista é cruel e Hannah Arendt nos mostra alguns de seus mecanismos, conseguindo inclusive o apoio dos Conselhos Judaicos, que colaboram com o extermínio do seu

1. Compreendida a partir da banalidade do mal de Hannah Arendt, Feita por C. Dejours, como processo contínuo de suspensão da faculdade de pensar, de resistir a produção do mal, inclusive colaborando com o mesmo.



próprio povo. Ela utiliza um planejamento cheio de etapas, desde uma suposta terra só para judeus (aliás, sonho de muitos judeus), uma estratégia de concentração dos judeus, um plano inexecutável de enviá-los para uma ilha, até o possível extermínio.

Trata-se de um texto angustiante porque demonstra como o mal não está tão longe de nós e que pode ser executado por qualquer um, sem que seja condição a perversidade ou qualquer psicopatia. O sucesso do nazismo recai sobre o exército de homens comuns que contribuíram com seus trabalhos para que planos com requintes de crueldade fossem sendo realizados, passo a passo, peça a peça, com uso de linguagem distorcida e de uma racionalização.

Eichmann, um homem que não aparentava perversão, nem qualquer prazer com cenas de assassinato, poderia ter se recusado a trabalhar tão zelosamente pelos ideais nazistas. A possibilidade de escolha sempre existe. Pessoas desobedeceram e se negaram a cumprir ordens desse sistema; no entanto, muitos soldados cumpriram ordens e efetivaram esse horror; e muitas pessoas conviveram com o nazismo sem se revoltarem, dando a impressão de que houve um certo consentimento da população para que o nazismo existisse.

Alguns autores, como Todorov, defendem que o totalitarismo favorece esse tipo de posicionamento, porque se trata de um sistema em que a pessoa perde sua identidade. Há um coletivo em nome do qual se faz uma série de coisas, desresponsabilizando cada um dos envolvidos. Um sistema totalitário somado à falta de crítica, de posicionamento, até mesmo de pensamento (com que vamos nos deparando no julgamento de Eichmann) pode levar a uma desastrosa combinação de fatores.

Hannah Arendt não define um conceito de banalidade do mal, valendo lembrar que ela só utiliza esse termo no último parágrafo do último capítulo quando comenta as palavras de Eichmann, pouco antes de sua execução¹. Entretanto, podemos compreender que ela aponta uma engrenagem, onde homens comuns, comportando-se como ovelhas num rebanho, participam da solidificação de um ideal cruel e injusto, sem se perguntarem como e por quê, fazendo o que lhes mandam, em nome da ordem e da lei. A autora explicita uma falta de referência ética, que levou as pessoas a se guiarem por um *imaginário momentâneo*², por valores que regiam a *moral* daquele

1. p. 278 do livro Eichmann em Jerusalém.
2. Ver *A instituição imaginária da sociedade* de Castoriadis.



sistema.

Será que a banalidade do mal ocorre só nos sistemas totalitários? Como se dá a banalidade do mal em nossa sociedade?

Dejours, em seu livro *A banalização da injustiça social, 1998*, retoma a proposta de Hannah Arendt sobre a banalidade do mal e faz uma reflexão sobre a atualidade, sobre nossa sociedade, através da banalização da injustiça social e dos diversos mecanismos que o moderno mundo do trabalho propicia, afirmando seu entendimento de que o mal não aparece como resultado de uma estratégia organizada e planejada por idealizadores, mas como produção sem recurso à inteligência, sem deliberação, sem esforço, pacificamente; “como se para fazer o bem fosse preciso pensá-lo e decidi-lo, enquanto para fazer o mal não seria indispensável quere-lo ou desejar-lo deliberadamente.” (2000, p.137). E afirma que Eichmann é o representante de uma inteligência a serviço da eficácia sem pensamento ou crítica. Dejours questiona se é possível que as pessoas de bem aceitem, apesar de seu senso moral, colaborar com o mal. E responde a essa questão definindo a banalização do mal:

“Entendemos por banalização do mal não somente a atenuação da indignação contra a injustiça e o mal, mas, além disso, o processo que, por um lado, *desdramatiza* o mal (quando este jamais deveria ser desdramatizado) e, por outro, mobiliza progressivamente um número crescente de ‘colaboradores’. Temos que compreender como e por que as pessoas de bem oscilam entre a colaboração com o mal e a resistência ao mal.” (2000, p.138)

Dejours continua essa reflexão, apontando o papel do trabalho na disciplina do homem e como, a partir dele, criam-se condições para o consentimento com a banalização do mal; afirma que, através da psicodinâmica do trabalho, poderemos compreender melhor esse processo. Apesar das diferenças entre o sistema totalitário e o sistema neoliberal, acredita não existirem diferenças no que se refere à banalização do mal “nas etapas de um processo capaz de atenuar a consciência moral em face do sofrimento infligido a outrem e de criar um estado de tolerância ao mal.”(2000, p.139) e que o processo de mobilização da massa, para colaborar com a injustiça social em nossa sociedade, é o mesmo que permitiu a ascensão do nazismo, ou seja, que o perigo está bem mais



perto do que muitos imaginam.

O processo de banalização do mal não começaria por características psíquicas, mas “pela manipulação política da ameaça da precarização e exclusão social.” (2000, p.119) E ainda, que a reação de defesa traria alterações psíquicas, quando o sujeito tentasse lidar com o medo, efeito de uma ameaça constante.

O autor é reconhecido como um estudioso do mundo do trabalho desde seu livro *A loucura do trabalho*, publicado na França em 1980, por demonstrar que o trabalho pode ser fonte de prazer e de sofrimento, de desenvolvimento pessoal e de adoecimento; enfim que o trabalho traz em si mesmo, uma possibilidade de emancipação ou de alienação, pessoal e social. Dejours analisa a realidade cotidiana e institucional do trabalho: o medo da incompetência, de não saber lidar com situações complexas, para as quais quase sempre o trabalhador não é preparado; a pressão que ele sofre para trabalhar mal, pela falta de condições concretas (equipamentos, espaço físico, etc), de um fluxograma organizacional que impede autonomia e estabelecimento de parceria entre os diversos setores, pela falta de reconhecimento; e também há o fantasma do desemprego, assombrando o dia-a-dia do trabalhador; além das artimanhas de distorção de comunicação, mentiras, apagamento de vestígios sobre os maltratos institucionais. Enfim, o autor denuncia os problemas presentes no cotidiano do trabalho.

Nas relações de trabalho, aparecem as relações sociais de desigualdades, de dominação; a injustiça se faz presente, o trabalho vira laboratório de aprendizado da injustiça e iniquidade, que alterna vítimas e beneficiários. Dejours também nos lembra que o processo de banalização do mal pelo trabalho não é novo, nem extraordinário; a novidade é que tudo parece normal, justificado e vira modelo a ser seguido por muitos. Um sistema que faz sofrer, tem injustiças e promove desigualdades parece ser bom e justo para a maioria.

O sofrimento no trabalho produz um terreno fértil para o medo e para a submissão, além da desmobilização gerada pelo alto índice de desemprego. O autor descreve estágios de banalização do mal que vão desde líderes cruéis até a massa da população que colabora com a injustiça pelo automatismo e pela estereotipia de seus atos e conclui que banalização do mal não é só a atenuação da indignação contra a injustiça, mas um sistema onde as pessoas oscilam entre colaboradores e resistentes ao mal; portanto, não há banalização da violência sem ampla



participação num trabalho rigoroso, envolvendo a mentira, sua construção, sua difusão, sua transmissão e sobretudo sua racionalização. Acredito que podemos também refletir sobre o papel da mídia nessa falsificação da realidade, nessa banalização da violência e do mal.

2ª parte - O lugar simbólico do trabalho

A partir disso, o trabalho poderia ser uma forma de banalização do mal? Ou fortalecedor dos laços sociais?

O trabalho pode ser compreendido como atividade peculiar à espécie humana, constituída por um processo psíquico (antecipação mental do produto final que- até o momento - só o homem é capaz de fazer); a essência do trabalho estaria no que se produz e na forma pela qual se produz, forma determinante da alienação ou da transformação do sujeito. Ao associarmos trabalho e desenvolvimento humano, saímos de uma discussão no plano econômico para buscar compreender as implicações subjetivas do trabalho.¹

Para a psicanálise, a sociedade exige que o homem renuncie à satisfação imediata, que renuncie a parte de suas pulsões; que redirecione sua agressividade em nome da sua sobrevivência e da sociedade. Também a libido é deslocada, quanto à sua finalidade, pela sublimação, mecanismo que só é possível se a pessoa encontrar satisfações nessa atividade substitutiva.

Freud² nos traz a dimensão pulsional que o trabalho envolve, mas não deixa de demonstrar seu pesar com relação à pouca utilização desse caminho pelos homens e nos faz pensar que o trabalho pode ser um convite para redirecionar a destrutividade e a agressividade do homem. Resta pensarmos se a sublimação é um caminho de fato utilizado, se é valorizado pela cultura, já que me parece que o homem, atualmente, encontra poucas situações de trabalho que permitam sua realização pessoal e, portanto, a sublimação. Penso que as poucas chances de trabalhar em algo que dê satisfação podem gerar ainda mais prejuízos ao homem e à sociedade.

Dejours questiona se o trabalho precisa necessariamente ser máquina para produzir o mal e a injustiça, e afirma que ele pode ser também um mediador insubstituível da reapropriação e da realização do ego, pois há uma dimensão simbólica do trabalho, uma busca de sentido, de

1. Reflexões a partir do artigo: O Mal-estar no trabalho, de Flavio Carvalho Ferraz.
2. 1930



reconhecimento do trabalho, o que possibilitaria transformar o sofrimento em prazer, uma realização pessoal em algo significativo para o social. Há um processo de mediação do ego através do trabalho e, portanto, de emancipação do homem; mas, para isso, o trabalho deveria *deixar de ser uma obrigação enfadonha e se tornar um campo de desenvolvimento de capacidades humanas*¹.

O trabalho propicia uma série de vivências subjetivas, de sofrimento e de prazer, que pode desencadear posições diferenciadas frente ao mundo do trabalho e ao mundo fora do trabalho, porque há uma extensão entre esses mundos. O trabalho pode desencadear processos de consciência, de posicionamento ético ou de redução do trabalho a mera atividade, dever cumprido, atividade alienante. É paradoxal, pois, se o trabalho é uma ferramenta para o consentimento com a banalidade do mal, também pode ser uma ferramenta de transformação social.

A banalização do mal e da violência pode criar uma barreira que impede que acreditemos nos laços sociais, nas atividades humanas construtivas, no trabalho como atividade criativa e transformadora da subjetividade e da sociedade, elo fundamental entre o particular e o coletivo.

3ª parte – o trabalho na PSC

E na situação em que o trabalho é uma penalização, o que ocorre? Há fortalecimento dos laços com a Cultura ou não?

A relação entre trabalho e pena é antiga, o *trabalho forçado* já existia no sistema penal, desde a Antiguidade. Sabemos que, no Egito, havia *trabalhos forçados* nas minas. Em Roma, os *trabalhos forçados* foram introduzidos por Tibério e tinha três formas: nas minas, como forma mais grave de penalização, com constantes castigos corporais; nos trabalhos forçados perpétuos e nos *trabalhos forçados* por tempo determinado.

As galés foram utilizadas como forma particular de *trabalhos forçados*, do século XVI até o século XVIII. Em 1830, D. Pedro I sancionou o Código Criminal do Império do Brasil que,

1. De acordo com Castoriadis, C. A ascensão da insignificância.



embora com alguns avanços, ainda previa a pena de *trabalho forçado* nas galés, muito utilizada na época. No Brasil, o *trabalho forçado* foi abolido em 1890.

Alguns estudiosos relacionam o trabalho forçado ao trabalho na PSC, outros defendem que é uma sanção que surgiu da idéia de que o encarceramento deveria ser evitado, sendo, portanto uma idéia do Direito Penal Moderno. De qualquer modo, o trabalho forçado vinha acompanhado da restrição de liberdade e a PSC é uma pena restritiva de direitos, sendo a liberdade preservada.

A PSC, é um tipo de pena alternativa à prisão, pena a ser cumprida em liberdade, constituída de serviços gratuitos para a comunidade, durante um tempo determinado pelo juiz. É indicada nos casos considerados de baixa *periculosidade*¹, quando os réus são primários.

Especificamente sobre o trabalho na PSC, a lei determina que o mesmo consiste na atribuição de tarefas gratuitas ao condenado, a serem realizadas em entidades assistenciais, hospitais, escolas, orfanatos e outros estabelecimentos congêneres, em programas comunitários ou estatais. E que as *tarefas* devem ser atribuídas de acordo com as aptidões do condenado, não devendo prejudicar sua jornada normal de trabalho.

Podemos considerar que embora o trabalho na PSC não seja trabalho forçado, também não é trabalho espontâneo, visto que é decorrente de uma condenação, mesmo que em última instância seja a pessoa que decide se vai cumpri-la ou não. É verdade que existe um controle sobre o cumprimento da pena e que o condenado terá problemas judiciais se não cumpri-la. No entanto, esse controle é mediado pelo sujeito, possibilitando diversas formas de lidar com a pena e com o trabalho

O crime aqui é compreendido como uma ruptura do tecido social e nos remete à relação do homem com a cultura. Ao mantermos um sistema penal que opta pela utilização da pena de prisão como pena principal, estamos diante de uma engrenagem que nos remete à engrenagem nazista, porque não anuncia explicitamente seu plano de aniquilamento do homem por um sistema que aplica uma pena com poucas possibilidades de sucesso, aliás com fracasso conhecido desde o nascimento da prisão como pena e que conta com índices de reincidência entre 48% e 80%.

1. No momento, não vou discutir o que caracteriza um delito leve, nem os problemas que existem nessa caracterização.



Aprisionar para ressocializar, segregando, dando poucas condições para que os vínculos pessoais e afetivos continuem, não cuidando das condições de retorno à sociedade, sem preocupações com o desenvolvimento pessoal, e tudo isso em nome da reabilitação social. Aprisionar significa, em nome da Lei, retirar os transgressores do convívio social, para colocá-los sob a égide de uma lei do mais forte, num lugar onde predomina a corrupção e uma série de transgressões. A sobrevivência será garantida não pelos representantes da Lei, mas pelos que detêm poder e fazem a lei daquele lugar; no mínimo, é pactuar com uma máquina bastante “perversa”. E a nossa *boa sociedade* continua pedindo justiça e segurança pública, através das prisões. Nos últimos quatro anos, em São Paulo, presenciamos a inauguração de muitos presídios (em 1994 – 18 unidades em 2002, 104 –SAP), muitos outros estão sendo construídos e em nada mudam a qualidade do tratamento ou de respeito aos direitos dos presos; parece que a fila de espera é sempre muito maior e não para de crescer, alimentada pelos mecanismos de exclusão como o desemprego e baixa escolaridade.

Será que não estamos, tal qual no nazismo, consentindo com a banalidade do mal? Pellegrino¹ discute o pacto social e nos diz que trabalhar é inserir-se no tecido social, por imediação de uma práxis, aceitando a ordem simbólica que o constitui; é disciplinar-se, é abrir mão da onipotência e da arrogância primitiva; é poder assumir os valores da cultura, com a qual, pelo trabalho, nos articulamos e nos ordenamos simbolicamente.

O contato cotidiano com os PSCs e com as instituições que os recebiam me fez pensar sobre a eficácia dos laços que esse tipo de pena pode propiciar². Encontramos desde aqueles que se referem a essa pena como algo sem importância, como se estivessem recebendo uma punição inferior à prisão, portanto uma punição *menos séria*, como aqueles que se comprometem com a pena, com o trabalho que irão realizar, e demonstram respeito pela pena e subordinação à lei. Percebo que para o PSC faz diferença ser visto não só como alguém que cometeu um delito (facilmente rotulado pelo artigo do delito que cometeu, ex: 171, 155), mas também poder ser

-
1. Pacto Edípico e pacto social: da gramática do desejo à sem vergonhice brasileira
 2. contato que tive durante a coordenação do Programa Estadual de Penas alternativa, quando realizei diversas entrevistas com PSCs, para minha dissertação de mestrado sobre os efeitos desse tipo de pena. E agora durante o doutorado.



reconhecido como um prestador de serviços, como alguém capaz de contribuir com o seu trabalho para uma instituição pública e portanto, para a comunidade local.

De modo geral, nessa pena, não há quebra do vínculo social, mas fortalecimento desse vínculo pela atividade desenvolvida, pelo trabalho. Podemos ver isso quando um prestador se envolve com o trabalho em hospitais, a construção de moradias, o atendimento aos desempregados, etc. Recentemente, ao visitar uma instituição de atendimento a idosos, em São Miguel Paulista (por outros motivos não ligados ao Programa Estadual) pude ver o orgulho que a instituição tinha ao falar de seus PSCs, ao mostrar toda a reforma realizada com a colaboração deles e ao relatar que recebem PSCs que já terminaram suas penas e aparecem para visitá-los aos domingos, trazendo seus filhos e fazendo questão de ajudar no que podem. Há possibilidade de um engajamento social. Quando o prestador se sente útil e seu trabalho é reconhecido pelo grupo, ele passa a ser visto como uma pessoa e não apenas rotulado pelo delito cometido; consideramos que, subjetivamente, é muito diferente ser tratado como um “155” e ser um prestador de serviços.

Realizamos uma pesquisa¹ com os PSCs e com as instituições que recebem esses apenados, ao avaliarem se o trabalho do PSC era significativo, 70% dos responsáveis reconhece que o trabalho do PSC *ajudou* a instituição e 30% que *ajudou muito*.

Conclusão

Penso que a pena alternativa pode ser mais interessante para o PSC e para a sociedade do que a pena de prisão. São visíveis, em muitos PSCs que conheci, as marcas da condenação e da lei, além do “preço” a ser pago pelo delito cometido: a pena e suas implicações sociais. É claro que não se trata de uma idealização da PSC, pois ela surge no capitalismo, tem suas raízes nas contradições inerentes a esse sistema político-econômico. Percebemos isso rapidamente no discurso dos que a defendem: é mais barata, oferece mão de obra gratuita, libera vagas nos presídios; enfim, ajusta-se à lógica economicista contemporânea. Muito menos deixo de me preocupar com aqueles que parecem não estar afetados por essa pena, que agem como se ela tivesse sido um benefício, um privilégio e pouco se implicam no seu cumprimento.

Retomando a discussão sobre violência, feita no início deste texto, e também a discussão

1. Pesquisa SERT/SAP e Ilanud.



sobre o papel do trabalho na banalização do mal, podemos perceber que o trabalho com pena exige bastante reflexão, toca em feridas da nossa sociedade, tanto por parte da transgressão, do crime, como do trabalho como agente disciplinador, alienante e/ou transformador da subjetividade e da sociedade.

Resumo

Este texto é uma discussão sobre o lugar do trabalho no mundo contemporâneo e mais especificamente sobre o trabalho como forma atual de penalização, através da prestação de serviços à comunidade¹. Reflexão feita a partir de Freud, Hannah Arendt e Christophe Dejours, que auxiliaram na compreensão da banalidade do mal e da banalização da injustiça social, temas diretamente ligados ao crime e violência, possibilitando uma análise psicanalítica e social desse novo modo de penalização.

1. Ou de forma abreviada, PSC.



Bibliografia

- ARENDDT, H. *Eichmann em Jerusalém*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- CASTORIADIS, C. *A ascensão da insignificância*. Lisboa: Ed. Bizâncio, 1998.
- CASTORIADIS, C. *A instituição imaginária do social*. São Paulo: Paz e Terra, 1995.
- DEJOURS, C. *A loucura do Trabalho*. São Paulo: Ed Cortez, 1987.
- DEJOURS, C. *A banalização da injustiça social*. São Paulo: Ed FGV, 3ª edição, 2000.
- DIMENSTEIN, G. *Democracia em pedaços*, São Paulo, Companhia das Letras, 1996.
- FERRAZ, Flavio Carvalho. O Mal-estar no trabalho. *Revista Pulsional de Psicanálise*. São Paulo, n.100. p. 72-80, 1997.
- FREUD, S. (1930) *O mal estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago, Ed. Stand. Brasileira, 2ª ed, 1994, vol IX, p.21.
- FREUD, S. (1932). *Por que a guerra?* Rio de Janeiro: Imago, Ed. Stand. Brasileira, 2ª ed, 1994, vol XXII, p.197.
- PELLEGRINO, H. Pacto Edípico e pacto social: da gramática do desejo à sem vergonhice brasílica, Folha de SP, *folhetim*, setembro de 1983.
- Revista do ILANUD/IBCCrim. São Paulo: Imprensa do Estado, n. 03, 1998.
- SECRETARIA DA ADMINISTRAÇÃO PENITENCIÁRIA – Relatórios ref. ao Programa Estadual de Penas Alternativas à Prisão.
- SEQUEIRA, V. C. *Penas alternativas à prisão: um estudo sobre os efeitos da prestação de serviços à comunidade*. 2000. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- SHECAIRA, S.S. *Prestação de Serviços à Comunidade – alternativa à pena privativa de liberdade*. São Paulo: Ed. Saraiva, 1993.
- TODOROV, T. *O homem desenraizado*. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- TRIBUNAL DA JUSTIÇA DO DISTRITO FEDERAL E DOS TERRITÓRIOS. Relatório final de pesquisa. Penas alternativas valem a pena? Brasília, junho de 2001.



Pensamento e Tecnologia

Novos Sons, Outra Escuta

Gisela Castro¹

Introdução:

Ao examinar a emergência de fenômenos subjetivos que podem ser relacionados a questões que apontam para a crescente hibridização homem/máquina, percebe-se que as artes contemporâneas parecem instituir zonas de passagem nas fronteiras entre o humano e o não-humano. Deve-se portanto ressaltar a potência da arte como vetor de subjetivação.

Entendendo a subjetividade como produto sempre inacabado de múltiplos processos singulares de individuação; traços de expressão e máquinas estéticas se combinam para engendrar novos possíveis, delineando outras arquiteturas mentais num contexto onde natureza e técnica estão cada vez mais indiscerníveis.

A técnica seria na contemporaneidade o operador discursivo de um mundo já não tão antropocêntrico e de um homem crescentemente desmundaneizado². Expansões no esquema sensorial-perceptivo vêm sendo operadas a partir de próteses e extensões tecnológicas as mais variadas. A grande pregnância das novas tecnologias de criação e de comunicação, trazendo a lógica da interatividade e das conexões em rede que caracterizam a cena contemporânea, aponta para importantes modificações em curso nos processos de subjetivação e pensamento.

O mapeamento e a discussão destas modificações configura tarefa da maior relevância para o campo da Psicologia, sob pena de utilizarmos conceitos ossificados de homem e de mundo, que não nos auxiliam a compreender os tempos em que vivemos. Uma abordagem multidisciplinar se impõe como condição de possibilidade para penetrar na complexidade deste tema.

1. Psicóloga, doutoranda em Comunicação e Cultura, ECO/UFRJ.

Endereço para contato: giselag@unisys.com.br

2. Pensemos na crescente pregnância do virtual em nosso dia-a-dia.



Tendo selecionado as associações entre música e tecnologia como campo de pesquisa de doutorado, apresento em seguida um recorte destes estudos, no qual pretendo examinar alguns modos de comparecimento das novas psicotecnologias no campo do pensamento, da percepção e da sociabilidade.

A cena rave:

Dentre as novas formas de sociabilidade, como as atuais interações *on-line*, surgiram nos centros urbanos as *raves*, eventos celebratórios de grande proporção e longa duração. Neste cenário, novos estímulos sintéticos vêm sendo oferecidos a um público cada vez mais diverso e numeroso. Antes circunscrita ao *underground*, a chamada *cena rave* vem ganhando projeção e já se tornou um marco da cultura contemporânea.

Nestas festas altamente complexas, elaborados projetos cênicos e de iluminação interagem com sons eletrônicos nos seus diversos matizes, gerando ambientes sonoros por onde circulam os tipos mais variados de frequentadores. As *raves* são eventos multifacetados e coletivos por excelência. Neste sentido, a conexão entre os inúmeros membros do público presente é um elemento tão importante quanto os demais aspectos da produção. Como grandes quermesses culturais contemporâneas, as *raves* oferecem múltiplas atrações, algumas de caráter pontual e efêmero, como pequenos shows circenses, por exemplo, aglutinando tribos afinitárias diversas. Mais do que simples espectadores, o público das *raves*, com seus trajes, estilos e cores, é parte integrante do espetáculo interativo. Como nos *musicircus* de John Cage nos anos 60, não há um único centro de atração e o roteiro é aberto. Cada participante escolhe seu percurso, sua forma de interagir e colaborar com o que está acontecendo. Enquanto a festa é coletiva, cada modalidade de participação é altamente individual. Logo, pessoas entram e saem a toda a hora. O som não para, a *ferveção* também não.

Muitos estão em estados alterados de consciência, deflagrados pelo consumo de substâncias que provocam a sensação de um aguçar dos sentidos, de vigor e bem estar. Já no mundo grego clássico, as festas dionisíacas ultrapassavam o *metron*, alcançavam o *enthusiasmos* e se completavam no *ekstasis*, sempre com a indispensável ajuda do vinho bacante lá e aqui de um outro certo “êxtase”. Nesta *orguia* atual, fortes e variados estímulos são consumidos: drogas,



moda, acessórios diversos, *piercings*, *tatoo*, além do som em altíssimo volume, imagens projetadas em telões, luzes coruscantes, etc. O *chill out*, indispensável, é parte da festa: ambientes repousantes com música suave, almofadas e luz difusa, propiciam um contraste à extrema excitação, perfazendo a dinâmica celebratória e interativa destes eventos.

No comando do espetáculo, as figuras emblemáticas deste circuito, os DJs, operando sofisticada aparelhagem de geração, difusão e processamento eletrônico de som: o assim chamado som *techno*. O caráter hipnótico deste tipo de música, especialmente ressaltado na vertente *trance*, enseja ressonâncias sociais baseadas principalmente no prazer hedonista de sentir e compartilhar a experiência que se está tendo aqui e agora. *Share the energy, empower the event, dance or die*. Neste cenário, experimentações subjetivas são deflagradas em larga escala. Trata-se de inteligência coletiva, trata-se aqui de mentes e máquinas conectadas em ação.

O altíssimo nível de dinâmica de difusão sonora, ao perpassar os corpos, transforma-os em membranas. O plexo solar é acionado pelos sons graves e subgraves (infra-sons), como um tambor. O corpo é literalmente “tocado” pela música. A dança resulta desta propulsão do fluxo musical, com suas características particulares como o *ostinato*, ou repetição, a previsibilidade e a extraordinária magnificação do fenômeno sonoro.

Nos seus primórdios, as *raves* eram eventos clandestinos, realizados em locais como galpões ou antigos armazéns de depósito abandonados. A divulgação era feita na base do “boca-a-boca” e sempre havia o perigo de a polícia chegar e literalmente acabar com a festa. Aos poucos elas foram conquistando novos espaços, ganharam forte esquema de divulgação e produção esmerada, passando a fazer parte dos calendários culturais locais. Mega eventos *rave* frequentemente são associados a temas como a paz no mundo, como a *Rave for World Peace*, que acontece simultaneamente em diversos locais do planeta; ou a defesa da causa *gay*, como a *Love Parade* berlinense, que atrai multidões pelas ruas da cidade ao som de música *techno*, fazendo lembrar o nosso carnaval de rua.

Como trincheiras de resistência à tendência homogeneizante dos processos dominantes de subjetivação, os quais dão origem a subjetividades padronizadas e a modelos rígidos de “boa” ou “má” conduta, a cena *rave* pode também ser entendida como um culto à diferença, à alteridade, à diversidade, e sobretudo à liberdade de se constituir novos processos de singularização,



funcionando como agenciamentos coletivos de afirmação e constituição de outras alternativas possíveis de existência.

Novos Sons, Outra Escuta:

A obra de pioneiros da música eletrônica dos anos 50/60, como os expoentes Stokhausen, Ligetti, Xenakis, Luciano Berio, Pierre Boulez, dentre outros, veio enriquecer o vocabulário musical com toda uma nova gama de sons até então desconhecidos. No entanto, devido a fatores como a falta de interesse da própria indústria fonográfica em investir na divulgação de produções mais ousadas, a contribuição destes mestres ficou durante muito tempo restrita a um público de iniciados. Ainda hoje, quando a música eletroacústica atrai a dedicação de alguns de nossos mais talentosos compositores, muitos a consideram por demais hermética e impenetrável, graças sobretudo à escassez de concertos, ao fraco esquema de distribuição de gravações do gênero e à parca divulgação que vem recebendo.

Em contra-fluxo com este aparente descaso, a crescente demanda por novas tecnologias teve como consequência uma rápida popularização dos recursos tecnológicos de produção musical. Antes restrita aos grandes estúdios ou aos principais centros acadêmicos mundiais devido aos altos custos e à enorme complexidade de operação dos equipamentos de geração, gravação e manipulação de som, esta tecnologia agora se tornou acessível a parcelas significativas da população. Somada a isto, a desestabilização das fronteiras entre erudito e popular, a partir dos anos 60, vem favorecendo cruzamentos e contágios os mais surpreendentes.

Os sons eletrônicos, que a princípio causavam estranheza e repulsa a ouvidos mais acostumados à tradição melódico-harmônica que durante séculos caracterizou a música ocidental, já ganharam as massas. A música *techno* saída das *raves* entrou nos *night clubs*, no cinema, na TV, ganhou espaço nas paradas de sucesso e penetrou nas mais comportadas festinhas caseiras, tendo também sido apropriada mercadologicamente como trilha de campanhas publicitárias, passando a fazer parte do cotidiano.

Surgida inicialmente como versão *pop* da música eletrônica das vanguardas e da eletroacústica atual, a música *techno* já exhibe nítidas características próprias e se multiplica em



estilos bem diversos, como o *house*, *acid house*, *jungle*, *fusion experimentalism*, *drum 'n bass*, etc.

Como denominador comum, o forte investimento em sonoridades produzidas e processadas eletronicamente e a utilização maciça do suporte tecnológico para sua produção, difusão e distribuição. Como diferença fundamental, o tipo de interação entre público e música, já que a música techno tem como objetivo induzir certos estados mentais e físicos no ouvinte.

Examinando em detalhe, verificamos que a eletrificação dos instrumentos musicais, especialmente o surgimento da guitarra elétrica e do amplificador, constituiu-se num maquinismo extremamente potente de expressão e imersão musical, modificando radicalmente o comportamento humano. O trio elétrico no carnaval brasileiro é também representativo deste fenômeno. A música, irresistível apelo, atravessa os corpos e arrasta consigo multidões. O fantástico aumento da dinâmica de difusão do som, que pode atingir proporções espantosas, traz em seu bojo uma das mais fascinantes seduções contemporâneas: a imersão total do corpo no som, o corpo tornado objeto sonoro.

A música *techno* é feita para dançar. Um ritmo simples, com acentos bem definidos e marcantes, mantido através de recursos eletrônicos e repetido em *ostinato* por longos períodos, com dinâmica entre o *forte* e o *fortíssimo*, constitui a chamada “batida dançante”. Pode-se observar um certo *ostinato* também na linguagem corporal do ouvinte/dançarino, que de certa forma espelha a *mecanização* da música.

Consoante com o aspecto coletivo da celebração *rave*, deve-se ressaltar a relativa perda de peso da figura do autor. A música deixa de ser concebida exclusivamente pelo compositor, passando a surgir em parceria com as máquinas e com os demais elementos que perfazem a multifacetada equipe de produção. Entre autor e ouvinte, uma multiplicidade de agentes interagem e colaboram para dar forma final à música.

Dentre as bandas techno responsáveis por uma proporção significativa dos mais recentes lançamentos em CD e mp3, destaca-se a alemã *Kraftwerk*, uma das mais antigas e bem sucedidas no gênero. As bandas, entretanto, não são as únicas e nem as principais estrelas nesta constelação. No cenário techno, muitos expoentes são DJs. Subvertendo a tradição que leva a encarar o disco ou CD como produto final, diversos DJs passaram a manipular o som, transformando toca-discos



em instrumentos, colaborando em parceria com os músicos e oferecendo performances absolutamente criativas e muitas vezes geniais. Hoje esta prática tornou-se estabelecida e os DJs passaram a ser listados entre as principais atrações das *raves*, sendo sua atuação também amplamente divulgada e disputada em diversas casas noturnas.

Como técnica composicional comum às diversas vertentes de música *techno*, altas doses de improvisação (*groove*) ao *mixar* amostras de sons (*samples*) selecionados, recolhidos e processados através dos recursos tecnológicos de que se dispõe. A forte “batida dançante” dá a tônica, bem como as diferentes intervenções feitas ao vivo durante a apresentação, como *scratches*, *cut ups*, *backspinning*, além de mixagem e, eventualmente, processamento eletrônico ao vivo (*live electronics*).

Cruzando fronteiras físicas e geográficas, este *melting pot* musical vai fundindo diferentes códigos culturais, que são reconectados de forma ampla e abrangente. Assim sendo, sons étnicos são freqüentemente sampleados e misturados a batidas eletrônicas, trechos de obras selecionadas são reutilizados em novos *mixes* por outras bandas ou DJs, sem que isto se configure em plágio ou apropriação indébita. Além disto, aludindo à grande inovação trazida pelo *jazz* ao diluir a separação hierárquica entre autor e intérprete através do improviso livre, grande parte da produção *techno* é concebida instantaneamente, com intervenções feitas ao sabor do momento. A atuação do DJ, interface fundamental deste maquinismo tecno-músico-experiencial, será tão mais marcante quanto maior for sua habilidade de improvisação.

Dentre as características desta música, destaca-se sua natureza não linear ou narrativa, sua falta de ênfase na resolução harmônica tradicional e sua valorização do fluxo contínuo de som, como se existisse num perpétuo *agora*. Como veremos a seguir, esta característica será responsável por instaurar uma outra modalidade de escuta não convencional, somando-se àquela antes exclusiva aos seletos ouvidos do público dos concertos de música de vanguarda.

Dentro de uma longa tradição que remonta à Antigüidade clássica, *música* foi associada à *melodia* e depois também à *harmonia*. Podemos cantarolar trechos ou peças inteiras graças a uma predisposição dita “natural” do ouvido humano para captar e reter o jogo melódico-harmônico escutado. Para reforçar esta noção, diz-se que harmonias dissonantes incomodam os ouvidos justamente por não seguirem o alinhamento “adequado” e “natural” da “boa” música.



O aspecto melódico-harmônico que, como vimos, vinha sendo especialmente ressaltado na tradição musical ocidental, seja ela clássica ou popular, foi aos poucos perdendo sua hegemonia. Stravinski, Webern e Varése estão entre os pioneiros em valorizar sobremaneira o aspecto tímbrico da música. O estranhamento causado pelas obras das vanguardas musicais e pela música experimental atual decorre de sua desvinculação aos cânones melódico-harmônicos aos quais nossos ouvidos foram acostumados. Desta forma, o grau de previsibilidade deste tipo de música é bem menor.

O investimento da música *techno* no jogo tímbrico e rítmico resulta num jorro pulsante de texturas sonoras. Isto propicia um tipo de escuta diferente da habitual, já que não podemos perceber qualquer espécie clímax ou resolução no fluxo destas diferentes texturas tímbricas.

No que diz respeito às sonoridades, destacam-se sua característica híbrida, ou seja, a ocorrência simultânea de sons sintetizados e de sons “naturais” processados eletronicamente, além da difusa presença/ausência de referências materiais e concretas, tais como a gestualidade do instrumentista ou a clara definição das fontes sonoras, ou dito de outra forma, dos instrumentos utilizados. Esta ausência de referentes visuais definidos favorece uma atenção concentrada nos fenômenos acusmáticos do plano sonoro, uma modalidade de escuta nomádica que dispensa as categorizações e o re-conhecimento. Este tipo de escuta é mais favorecido pela música eletroacústica, embora também possa ocorrer na música techno.

A utilização de meios digitais e eletrônicos para a produção e manipulação do som permite que as idéias musicais possam ser expressas sem a mediação do instrumentista, favorecendo um tipo de conexão direta e instantânea entre a mente do autor/DJ e a do ouvinte/dançarino, ambos imersos no fluxo da música em seus platôs de dinâmica, no puro jorro de micro-sons, cristais sonoros ora lapidados com precisão digital, ora apresentados de forma bruta, desnaturalizando a escuta do ouvido humano, demasiadamente humano...

A título de conclusão:

Em nossos dias, quando o humano e o tecnológico estão imbricados, a música se serve da tecnologia como suporte para fluxos de expressão que ao mesmo tempo transformam e são transformados pelo suporte utilizado. Pode-se compreender este processo como uma



reterritorialização da tecnologia em música e uma desterritorialização da tecnologia que a produz, engendrando resultados psico-acústicos interessantes.

Ao pensar a tecnologia a penetrar o campo do simbólico, mais notadamente o campo das artes, é necessário questionar se o que está em jogo seria apenas um prolongamento tecnológico de nossa sensibilidade humana, como por exemplo na percepção de gamas de som inaudíveis ao ouvido comum que podem ser amplificadas tecnologicamente; ou uma modificação mais radical no processo de subjetivação, que desterritorializa os aportes do humano.

É neste sentido que se pode aludir ao campo das psicotecnologias. Esta nova gama de pesquisas prolonga e atualiza a obra pioneira de Marshall McLuhan, enfocando as complexas interações entre pensamento e tecnologia.

Em Psicologia, entendemos a percepção como a base da estrutura cognitiva, através da qual o ser vivo decodifica a exterioridade e se associa ao seu meio. Os estudos de McLuhan sugerem que as ferramentas tecnológicas que inventamos e utilizamos funcionam como prolongamentos de nosso sistema nervoso, deslocando o paradigma do humano. Segundo seus ensinamentos, cada novo meio (mídia) delineia um novo modo de percepção. Os meios eletrônicos, seus fluxos transparentes e extremamente maleáveis, favorecem um tipo de imersão que não está distante daquela do som. Por conta disto, McLuhan ressaltou a qualidade acústica da nova aldeia global que vislumbrou.

Hegemônico na cultura ocidental durante longo período, o modelo visual seleciona e fixa o percebido em categorias de re-conhecimento. De acordo com esta perspectiva, o mundo é constituído por substâncias estáveis e individuadas, as quais podem ser classificadas em gênero, grau e espécie. Conceitos como contigüidade, semelhança e causalidade, também estão associados a este modelo cognitivo, que opera num mundo *especializado*.

Hoje este modelo convive de perto com o modelo auditivo, atento aos fluxos em (in)constante mutação. Oscilações, texturas tímbricas, formas efêmeras, contornos rítmicos surgem e se esvaem no jorro inexorável e caótico assim percebido. Logo, a tradicional separação sujeito/objeto deixa de fazer sentido. Noções como inacabamento, indeterminação, metaestabilidade e casualidade entram em cena para descrever a complexidade do mundo, composto por *temporalidades*.



Em nossos dias, quando verdades universais e modelos estruturais rígidos e hierárquicos estão sendo postos sob suspeita, o pensamento é desafiado a mergulhar no caos, traçando linhas no intrincado plano de consistência constituído por forças as mais diversas.

A atual discussão de conceitos como o de inteligência coletiva¹, por exemplo, ressalta o aspecto maquínico² do pensamento. Não mais concebido como um atributo exclusivo do sujeito humano mas como resultante de agenciamentos entre mentes e próteses, o pensamento sai da esfera do puramente individual e subjetivo e passa a ser focado a partir de suas inúmeras hibridizações, inclusive e sobretudo aquelas mediadas pela tecnologia. Abrem-se, pois, novas possibilidades de conceber, perceber, criar e estar no mundo.

Não se trata, aqui, de fazermos uma apologia ingênua às benesses da tecnologia. Também não se trata de alardear um possível novo de golpe ao narcisismo humano. Partindo de uma apreensão crítica de alguns aspectos da crescente hibridização entre pensamento e tecnologia, parece tratar-se da constituição de outras cartografias para a subjetividade humana no contexto cultural contemporâneo.

-
1. Conforme Pierre Levy.
 2. Conforme Deleuze e Guattari.



Psicanálise: anti-naturalismo e anti-hermenêutica.

Rosane Zétola Lustoza

Doutoranda em Teoria Psicanalítica- UFRJ

Professora do curso de Psicologia- Universidade Estácio de Sá

Indagar qual a especificidade do pensamento psicanalítico é uma demanda sempre renovada, visto que incessantes são as tentativas de reduzir a descoberta freudiana ao silêncio –seja desqualificando-a inteiramente de valor, ao se a acusar de não passar de uma impostura intelectual, seja, de uma maneira mais sutil e insidiosa, assimilando-a a regimes de inteligibilidade que lhe são teoricamente anteriores, ocultando assim a verdade da qual é portadora. Assim, os primeiros intérpretes do legado freudiano tenderam a classificar apressadamente a psicanálise em uma das duas grandes correntes nas quais se subdivide a psicologia: naturalismo ou humanismo. Visando atender ao comando, do psicanalista Jacques Lacan, da necessidade de um retorno a Freud, o objetivo do presente trabalho é o de examinar criticamente as posições que pretendem assimilar a psicanálise aos modos tradicionais de conferir inteligibilidade aos fenômenos, indicando porque devem ser rejeitadas como inadequadas para dar conta da experiência psicanalítica. Ou seja, a tese lacaniana é de que a psicanálise não se deixa reduzir nem a um naturalismo, nem a um humanismo. Por isso, este trabalho buscará assinalar dificuldades intrínsecas às duas posições consideradas, esperando haver empreendido nossa crítica contando o menos possível com qualquer condescendência do leitor em relação a Jacques Lacan.

1- A psicanálise não é um naturalismo

O naturalismo em psicologia seria toda forma de explicação que faz apelo à busca de leis ou regularidades causais a fim de investigar fenômenos psíquicos, seja o psíquico definido como comportamental ou mental. O objetivo da nossa exposição será precisamente tentar demonstrar a inviabilidade de se fornecer uma explicação causal do psiquismo, particularmente quando o que se tenta tornar inteligível são o *pensamento* e a *linguagem*. Se tivermos êxito em demonstrar a inviabilidade de tal projeto, pretendemos em seguida mostrar como os argumentos anti-naturalistas são os únicos efetivamente compatíveis com a prática clínica.

Vamos proceder por hipótese, e considerar o curso dos acontecimentos psíquicos como obedecendo a uma necessidade natural. Aplicar esta concepção à função do



pensamento seria assimilá-lo a um fenômeno natural, suscetível de ser explicado, assim como qualquer fenômeno físico, por fenômenos antecedentes ou concomitantes. Para uma concepção determinista do pensamento, ele não é algo arbitrário, surgindo sem motivo na consciência. É resultado de certos fenômenos que o antecederam, de tal maneira que, sendo eles o que são, nosso juízo atual não pode não ser exatamente este, conforme uma necessidade natural. Segundo a posição naturalista, deve então haver leis naturais segundo as quais todo juízo está necessariamente ligado a seus antecedentes psíquicos, ou até mesmo fisiológicos, a tarefa de descobri-las devendo ser realizada pela ciência psicológica.

Suponhamos que fosse verdadeira esta tese de que os atos intelectuais seriam simples fatos, análogos aos fatos físicos, e obedecendo, como eles, a leis naturais. Se é verdadeiro que os juízos dependem da estrutura psico-fisiológica dos indivíduos, ou mesmo da estrutura da espécie humana em geral, a consequência lógica de tal premissa é afirmar que nossos juízos poderiam ser inteiramente diferentes, caso fossem formulados por seres pensantes cuja constituição mental ou nervosa fosse distinta da nossa. Em outras palavras, segundo a premissa naturalista nós somos levados a atribuir verdade a um certo enunciado porque, por exemplo, nosso cérebro está programado para assim fazê-lo, de tal maneira que se a nossa estrutura fisiológica fosse outra, seríamos levados a aceitar outro enunciado como correto. Ora, como não ver que a defesa dessa tese acarreta como consequência a negação do valor cognitivo dos nossos juízos? Isto significaria, por exemplo, que nós somos levados a conferir valor de verdade à proposição $2+2=4$ graças a causas psico-fisiológicas, e que se a constituição de nosso cérebro fosse diferente poderíamos acreditar que $2+2=5$. Ou seja, tais juízos seriam antes reflexos das condições subjetivas dos seres em questão do que pronunciamentos acerca das condições objetivas do mundo. Pois, caso sejamos compelidos a julgar de uma determinada maneira graças a um mecanismo, mental ou fisiológico, que nos obriga a pensar assim, tais juízos estariam exprimindo apenas nossa natureza, e de maneira nenhuma o ser das coisas, consequentemente estaríamos impedidos de reivindicar para nossos enunciados um valor de verdade.

O problema, então, é o seguinte: levada ao extremo, a tese de que a totalidade dos nossos juízos são explicáveis por causas traz como consequência que, entre os inumeráveis juízos, que faz a humanidade, não é possível estabelecer uma hierarquia quanto a seu valor de verdade, pois nenhum seria capaz de dizer algo de objetivo sobre o mundo. Ao admitir que a totalidade dos nossos juízos é conduzida à existência graças a uma necessidade cega que comanda o curso dos eventos mentais, o naturalista *desqualifica o valor cognitivo de nossos juízos*. Em outras palavras, acaba-se aniquilando, apagando inteiramente a função da verdade.

Neste momento, entretanto, uma questão impõe ser respondida. Mesmo que aceitemos ser verdadeira a impossibilidade de fornecer uma explicação causal do



pensamento e da linguagem, não seria abusivo pretender fazer da psicanálise um anti-naturalismo? Afinal de contas, o próprio Freud, como todos devem saber, não manifestou em diversas ocasiões o desejo de tornar a psicanálise uma ciência natural, inclusive defendendo a redução futura de toda psicologia a uma neurologia? Contudo, para responder a esta objeção, nosso encaminhamento será o de privilegiar a prática clínica freudiana, prestando menos atenção a certos enunciados freudianos, valorizando, sim sua posição de enunciação, sob o modo de sua intervenções efetivas. Se a clínica psicanalítica aposta na produção de um sujeito, definido com a possibilidade de responder pelos seus atos e ditos, ou seja, como um sujeito responsável, como não ver que o antagonismo existente entre a proposta clínica e a naturalização, visto que esta levaria precisamente à irresponsabilidade? Sim, pois, se o pensamento fosse resultante da pressão de fatores antecedentes ou concomitantes, *pensaríamos e agiríamos de certa maneira graças a uma determinação, pela qual não seríamos responsáveis.*

Se a clínica psicanalítica aposta na produção de um sujeito, que, segundo J. A. Miller, define-se pela possibilidade de responder pelo que faz e diz (MILLER, 1997, p.338), como não ver a incompatibilidade da proposta clínica com a tese da naturalização do pensamento, já que esta última implicaria precisamente a irresponsabilidade? Sim, porque, se o pensamento fosse resultante da pressão de fatores antecedentes ou concomitantes, seríamos determinados a pensar de certa maneira, pela qual não seríamos responsáveis. Ao tratar os pensamentos como fatos, que não podem deixar de ocorrer, uma vez que outros ocorram, proíbe-se a possibilidade de haver sujeito. Portanto, se a psicanálise é uma clínica, apostando na possibilidade de uma escolha e de uma resposta, deve subscrever a tese da disjunção entre o registro dos fatos e o do pensamento.

2. A psicanálise não é um humanismo

A despeito da pretensão do próprio fundador da psicanálise, o qual jamais deixou de professar sua fé de que um dia sua teoria lograria tornar-se uma ciência natural tão objetiva quanto física, química e biologia o eram, alguns intérpretes de sua obra resolveram conceder menos importância às intenções explícitas de Freud do que a sua prática clínica efetiva. Esta nova estratégia de leitura dos textos psicanalíticos, agora não mais referida ao projeto naturalista, alinhava à psicanálise ao conjunto de disciplinas que, desde Wilhelm Dilthey, convencionou-se nomear “ciências da compreensão”. Isto quer dizer que, segundo tal abordagem, em vez de lidar com *fatos* - entidades acessíveis a algum tipo de observação-, a psicanálise lidaria antes com a *significação* que tais fatos puderam assumir para o indivíduo. Tal significação resultaria



de um certo ponto de vista através do qual o homem interpreta o mundo, cabendo ao analista compreendê-lo.

No interior do campo do sentido, o que particularizaria a investigação psicanalítica é a descoberta de que a consciência não constitui a fonte e origem da significação, isto é, de que a produção de significação pelo espírito ultrapassa aquilo que a consciência pode apreender num momento dado. No diálogo que se instaura entre analista e analisante, realiza-se uma verdadeira pesquisa de significações inconscientes. Sonhos, sintomas e atos falhos seriam portadores de uma mensagem oculta, que deveria poder ser trazida à luz graças à intervenção do analista, detentor das regras de decifração daqueles signos. A psicanálise seria uma espécie de hermenêutica, ciência reveladora do sentido oculto de um texto- no caso da psicanálise, o texto a ser decifrado seria a própria narrativa dos analisandos. Entre os autores que crêem ser possível defender a validade da psicanálise nestes termos destacamos Jean Hyppolite, Paul Ricoeur, etc.

Só que, no caso da psicanálise, sua assimilação às ciências da compreensão levantaria problemas partindo principalmente da experiência analítica. Começemos a comentar a afirmação de que o significante deve poder remeter, em última instância, a um significado, capaz de fornecer àquele uma garantia última. A nosso ver, a manutenção da tese da primazia do significado acarreta um embaraço para a posição hermenêutica. Senão, vejamos. Segundo nos diz um autor como Paul Ricoeur, em seu livro *“Da interpretação: ensaio sobre Freud”* (1977), a análise caminha em direção ao significado derradeiro das formações do inconsciente, buscando revelar o que o sujeito verdadeiramente deseja. “O sonho e seus análogos se inscrevem, assim, numa região da linguagem que se anuncia como lugar das significações complexas onde um *outro* sentido ao mesmo tempo se revela e se oculta num sentido imediato.” (RICOEUR, 1977, p.18) Assim, por mais que o significante possa opacificar-se, remetendo para um significado ilusório, por mais que o sujeito possa ficar estagnado num nível de leitura aparente, não é menos verdadeiro que permanece aberta, de direito, a possibilidade de se aceder a um significado mais originário. Mesmo intercalando desvios no percurso em direção ao significado derradeiro, mantém-se sempre a possibilidade de encontrá-lo. Ou seja, a tese que permanece incontestada por Ricoeur é a da *primazia do significado*. No final das contas, reserva-se para o significante uma função *expressiva*, o que termina por engajar a análise numa pesquisa de significações, decerto ocultas, porém sempre reencontráveis. Consequentemente, torna-se plausível pensar que o final e a finalidade da análise se encaminhe para uma totalização do sentido, para a formulação de um significado último vindo colmatar a divisão do sujeito.

Mas, há um problema que os tratamentos concebidos exclusivamente nestes termos não conseguem dar conta: como é possível a histerização do discurso, produzida pelo dispositivo analítico? Em vez de reconhecer-se integralmente nas significações às quais chega o trabalho interpretativo, o sujeito jamais as aceita como



legítimas representantes de seu ser. “Eu disse isso antes, mas agora acho que não é bem assim...” Ele constantemente toma distância em relação a seus ditos, jamais consegue coincidir completamente com o que disse num momento anterior. O sujeito em análise é aquele que não consegue ratificar seus pensamentos, atos e sentimentos, cuja posição não cessa de colocar entre aspas a anterior, sem que a posição derradeira seja jamais encontrada. A propósito de qualquer um de seus atos ou ditos, o sujeito pode vir sempre a se reposicionar, o que era verdadeiro em um determinado momento podendo ser logo depois posto em dúvida, de maneira a nunca se conseguir dizer algo totalmente verdadeiro.

A histórica sofre exatamente porque este constante deslizamento de significações a proíbe de encontrar a autenticidade e a unidade. Segundo a bela definição de Miller, tratam-se de “sujeitos que sofrem em seu próprio ser do impossível da autenticidade” (MILLER, 1997, p.237) O sujeito histerizado é aquele que fracassa em formular, através da fala, uma representação adequada do que deseja. Assim, não é surpreendente que um sujeito que se apresenta na análise com um “ninguém me entende”, acabe por se dar conta que ele mesmo não consegue se entender: pois ele mesmo desconhece o que quis dizer com o que disse, suas falas são para ele mesmo um enigma, sem que consiga alcançar, através de um significado último, a certeza. Assim, a histerização do discurso, estranha circunstância em que o sujeito não compreende a si próprio, coloca uma dificuldade para a tese hermenêutica, de acordo com a qual o sujeito deverá sempre poder, no fim das contas, compreender a si próprio.

3. Algumas considerações sobre a clínica psicanalítica.

A função do analista não é a de considerar o conjunto de pensamentos do indivíduo como se fossem objetos, passíveis de serem explicados segundo leis deterministas, tal como pretendem as psicologias naturalistas; tampouco é a de refazer a perspectiva a partir da qual o outro vê o mundo, compreendendo-o, tal como pretende uma psicoterapia humanista. O psicanalista nem adota a posição de espectador, capaz de observar os indivíduos como se fossem *objetos*, nem considera-os de maneira simétrica, como se fossem outros *sujeitos*. Em suma, o psicanalista não explica, nem compreende.

Qual a função do analista, então? Produzir um discurso que introduza sistematicamente, não a compreensão e a explicação, mas o mal-entendido. Por exemplo, equivocando o discurso da histórica; ou então simplesmente citando a fala do paciente, fazendo-o confrontar-se com a estranheza de seus próprios ditos. Ou ainda, indagando: “O que você quis dizer com isso?”. No final das contas, o paciente que chega se queixando que ninguém o entende, termina concluindo que ele mesmo não se



entende. E, segundo J.A. Miller, “o alívio vem justamente do mal-entendido” (MILLER, 1997, p.246).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLANCHÉ, R. *La notion de fait psychique*. Paris: Librairie Felix Alcan, 1935

BERNARD, M. “A psicologia” in *História da filosofia das ciências humanas*. (org. François Châtelet), Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1977.

ENGEL, P. *Philosophie et psychologie*. Paris: Gallimard, 1996.

FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1996.

GRONDIN, J. *Hermenêutica: introdução à hermenêutica filosófica*. São Leopoldo: Unisinos, 1999.

LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1998.

MILLER, J. A. *Lacan Elucidado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1997.

RICOEUR, P. *Da interpretação: ensaio sobre Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1977.



Psicanálise e Medicina I: Questões Teórico-Clinicas

Um caso neurológico: Há campo para a psicanálise?

Ana Paula Lettieri Fulco

Resumo: Neste trabalho a autora procura abordar, num recorte do cotidiano de uma instituição filantrópica, as diferenças metodológicas entre a Psicanálise e a Neurologia, através de um caso clínico, a fim de situar o que pode um psicanalista, frente a um fenômeno orgânico, apresentado por uma criança - uma afasia - consequência de uma lesão neurológica congênita.

Palavras-chave: Psicanálise e Medicina, Psicanálise e Neurologia, Caso clínico.

INTRODUÇÃO

Este estudo só pôde tomar esse viés após um percurso de questionamentos surgidos no cotidiano da clínica e formalizados em trabalhos escritos ao longo de tempos: tempo cronológico e lógico de elaboração, enriquecido pelas questões de alguns psicanalistas, orientado por ensinamentos de Freud e Lacan e que em muito contribuíram para o presente estudo.

Traremos o recorte do cotidiano de uma equipe multiprofissional de um centro de reabilitação de certa instituição a partir de um impasse vivido pela equipe, diante de um caso neurológico que forneceu esclarecimentos sobre o que, na situação, se renunciou exemplo de possíveis limites entre a Psicanálise e a Medicina. A formalização do impasse tenta demonstrar a construção do que pode um psicanalista frente a um fenômeno apresentado por uma criança de seis anos de idade



cuja fala muito comprometida, foi diagnosticada por um neurologista como decorrente de uma lesão neurológica congênita.

A nossa prática analítica e o contato com profissionais das outras disciplinas das equipes multiprofissionais dedicadas à saúde e à clínica, mostra-nos, que ao chegar para tratamento, um paciente apresentando determinado fenômeno com algum substrato orgânico, recebe, por parte dos profissionais que o avaliam, inúmeras interpretações diagnósticas, de acordo com o referencial teórico do campo do conhecimento de cada elemento componente da equipe que o atende.

Mesmo quando o fenômeno¹ é visto sob certa perspectiva dinâmica, escutando o que o paciente portador do sofrimento tem a dizer do que *padece*, ainda assim, a classificação fenomenológica impera, freqüentemente, de forma obturante à emergência da particularidade de cada um. Descrições e mais descrições surgem para adaptar o fenômeno, enquadrá-lo no arcabouço teórico já conhecido; classificações necessárias que, ao mesmo tempo, podem funcionar como falsos tamponamentos, haja vista o uso maciço dos Códigos Internacionais de Doenças número I, II, III etc, até o mais recente, número X.

Em algumas circunstâncias, a fim de impedir a fragmentação do cuidado dispensado ao paciente, a equipe acredita que o conjunto dos diferentes saberes que a integram, possa fornecer um saber mais completo que diminuiria as lacunas contidas em qualquer clínica. Muitas vezes, apela-se ao saber de outra especialidade, na crença de que alguém possa realmente responder e resolver o enigma que um determinado caso clínico, suscita. *Se a equipe multidisciplinar*

1. Fenômeno foi aqui conceituado como o fato, aspecto ou ocorrência possível de observação que, para o interesse científico, possibilita a descrição ou explicação.



intenciona somar saberes a fim de construir aquele completamente adequado, tropeça imediatamente na impossibilidade da totalização (Vaz, 1988: 7). Ela própria se encarrega de denunciar a tentativa frustrada de enquadrar perfeitamente o que chega para ser cuidado. As exceções estão sendo sempre trazidas à tona, desvelando os fulcros do enquadramento. É justamente essa falta de unidade, que permitirá uma circulação de hipóteses, que contribuirão para a construção de um novo saber que poderá elucidar como tratar o paciente com determinada patologia. Neste momento, participe da equipe, o analista precisa manobrar num estreito espaço entre a suposição de um saber de especialista sem recuar da sua posição a partir do discurso analítico, a fim de não realizar a idéia implícita de que, o especialista correspondente pode suprir aquilo que falta à equipe.

Participamos da equipe multidisciplinar do Centro de Reabilitação da instituição Sociedade Pestalozzi do Estado do Rio de Janeiro. O público alvo deste Centro é oriundo de Niterói e dos municípios próximos, tais como Itaboraí, Maricá, Magé, São Gonçalo, Rio Bonito, todos pertencentes ao Estado do Rio de Janeiro. Trata-se de um centro de referência em reabilitação, pois conta com um segmento específico de estimulação precoce para tratar das crianças de zero a cinco anos de idade e outro, para pacientes dos cinco anos em diante. Recomendado por médicos particulares ou da rede municipal e estadual, torna-se um campo rico de pesquisa para acadêmicos e profissionais. O trabalho realizado com os pacientes é ambulatorial, mas integrado posto que, com frequência, um mesmo cliente encontra-se em atendimento com quatro ou mais profissionais de diferente formação acadêmica, dependendo da necessidade de cada caso. Frequentemente estão envolvidos com um mesmo paciente, um médico, um fisioterapeuta, um fonoaudiólogo e um psicólogo. Pertencem também ao quadro de profissionais do Centro de Reabilitação: o



assistente social, o terapeuta ocupacional e o pedagogo. A equipe reúne-se semanalmente para discussão sobre as diversas questões que atravessam as práticas dos que ali trabalham. Os elementos envolvidos em determinado caso, também se reúnem entre si, formando uma sub-equipe, para alguma discussão mais específica, o que também prevê programação com participação de outros profissionais interessados no assunto.

Os pacientes se encontram às vezes em estado muito grave. Alguns, com sério risco de vida, só poderiam ser atendidos pelos profissionais da instituição se existisse socorro imediato. Para isso, hospital¹ cedeu seu espaço e sua infra-estrutura ao necessário socorro imediato. Há também pacientes com síndromes genéticas, outros, com lesões neurológicas congênitas ou posteriormente adquiridas. O substrato orgânico que aparece sob a forma de algum fenômeno motor, é o critério norteador do encaminhamento do paciente recém chegado à instituição para avaliação da equipe do centro de reabilitação. Há alguns casos em que esse fenômeno orgânico, que surge no ato do encaminhamento, desaparece no decorrer do tratamento; aquilo que aparentemente era tido com algo físico, do corpo, era um sintoma neurótico, ou até um fenômeno psicótico².

Diante de mais uma situação de impasse entre a primazia do substrato orgânico diagnosticado pelo neurologista da equipe, sobre a fala comprometida de uma criança - consequência de uma lesão neurológica - e o que comparecia na transferência desta, em atendimento psicanalítico, resolvemos conhecer um pouco mais sobre esse limite entre a Psicanálise e a Medicina.

1. Hospital Universitário Antônio Pedro, Hospital escola da Universidade Federal Fluminense, que fica no município de Niterói, no Estado do Rio de Janeiro.
2. Com grande recorrência, muitas crianças psicóticas eram enviadas para fonoaudiologia e para o neurologista por ser identificada alguma forma particular de usar as palavras ao falar e ao escrever. Diagnósticos de dislexia nesses casos eram frequentes.



Interrogar o que há de orgânico ou de psíquico neste fenômeno, que ocorre no corpo – caso de uma lesão orgânica – remete nos pensar na dicotomia corpo e mente. Apesar de que, para a Psicanálise, não há sujeito sem corpo e de que um corpo só ganha sentido pela via da linguagem - apesar do corpo aparecer como contingente, no saber psicanalítico - não se descarta o corpo biológico como algo necessário para que haja um sujeito. O corpo com o qual a Psicanálise trabalha é um corpo fragmentado, inconsciente, corpo do gozo e das pulsões; corpo efeito de significante sobre o dado biológico (Barros, 1999: 99). Para a Psicanálise essa dicotomia não se impõe.

O PROBLEMA

Por isso, interrogamos: Há campo para a Psicanálise, diante de pacientes que apresentam fenômenos corporais com substratos orgânicos comprovados através da neuro-imagem? O fenômeno psíquico só pode ser identificado na ausência de qualquer comprobabilidade de substrato orgânico, norteador um comportamento? Como fica a forma, sempre particular, do paciente se relacionar com aquilo de que padece?

A importância que há no fato de o sujeito se apropriar do que *herdou* para poder possuí-lo (Freud, 1912 – 1913), marca a única via desse corpo ser próprio, ser de alguém, de ter vida. A herança a que nos estamos referindo é a herança significante mesmo quando falamos o real se impõe para alguém através da lesão orgânica. Não há outra alternativa senão aquela de nos interrogarmos a respeito das especificidades que as intercorrências orgânicas, congênitas ou não, podem trazer para o sujeito, assim como a forma com que este se relaciona com elas. E foi o que fizemos em relação ao caso da criança em questão.



O CASO CLÍNICO

Mara, mãe de Renato¹, chegou no consultório, na instituição de reabilitação, com seu filho de seis anos de idade, por recomendação de um médico neurologista que lhe deu explicações sobre o problema da fala de seu filho, palavras que soaram como convincentes, definitivas mas esperançosas. Tratava-se de uma disfasia² do desenvolvimento, talvez causada pela alta taxa de toxoplasmose durante a gravidez, detectada no resultado de exame posterior à gestação. Um tipo de afasia que, para a Neurologia é um distúrbio da linguagem, ou seja, significa a perda do poder de expressão pela fala, pela escrita, ou pela sinalização, ou perda da capacidade de compreensão da palavra escrita ou falada, por lesão cerebral e sem alteração dos órgãos vocais. O resultado da tomografia computadorizada era inconclusivo. O laudo esclarecia uma lesão inespecífica, numa região cerebral. Através do exame clínico da fala ininteligível da criança, pôde-se inferir que se tratava de uma das muitas áreas cerebrais responsáveis pela linguagem.

O motivo que Mara apresentou foi diferente daquele que norteou o neurologista ao encaminhá-la ao setor psicanalítico. O neurologista intencionava preservar a criança dos efeitos traumáticos da discriminação pela afasia. Porém, Mara ao colocar o problema, apresentou seu próprio motivo: “Saber o porquê do choro do filho no momento de ir à escola uma vez que ele já estava adaptado”. Pelo fato da coincidência de estarem os dois – mãe e filho – em época de férias (julho), ela julgava que a convivência entre os dois se tornara muito próxima, o que poderia justificar tal reação do filho.

-
1. Foram utilizados nomes fictícios para as personagens em tela.
 2. Distúrbio da palavra, em decorrência de uma lesão do sistema nervoso central.



O psicanalista pensava sobre o diagnóstico neurológico, pois havia uma oscilação no comprometimento da fala que ora era mais ininteligível, ora não. O médico apostava na primazia da lesão, interferindo na forma pela qual Renato se comportava ao conversar com as pessoas. Este distúrbio da linguagem, apresentado como consequência da lesão, parecia diretamente ligado à forma particular dessa criança se relacionar com o próximo. O médico discordava do psicólogo. A imagem da tomografia comprovava a presença de lesão. Não estávamos questionando o diagnóstico, apenas tentávamos descrever o que transparecia durante o atendimento clínico com este menino. Apesar da falta de pares, compartilhando conosco estas desconfianças, continuamos a nos ocupar com a forma particular pela qual aquele menino convivia com o que se impôs para ele: a falha hereditária, estrutural e estruturante, sua verdade, às vezes vivenciada na lesão da linguagem, sem defeitos, com efeitos de inconsciente. A quem pertenceria a verdade da fala, ora ininteligível, ora mais clara do paciente? Baio (1999: 68) alerta-nos que é necessário um Outro, um parceiro que *sabe não saber*, para que se mostre a direção do tratamento.

Explica – nos, o neurologista, que a afasia quase sempre apresenta-se de forma mista, ou seja, ao mesmo tempo é afasia de expressão e de compreensão. Seria falta de estimulação de linguagem por parte da mãe durante os primeiros tempos de vida? Repetimos o que escutamos. Mara dizia que conversava bastante com seu bebê, mas como teve que retornar ao trabalho após quatro meses precisou contratar o serviço de pessoas que se encarregassem dos cuidados à criança. Como teria sido esse momento?¹ Relatou-nos, também que, em diálogo com seu filho, durante horas fingia que entendia tudo o que ele dizia. Foi assim até os seis anos de idade². De que maneira essas experiências marcaram a vida dessa criança?



Relembramos que, aos quatro anos, a mãe conscientizou-se da necessidade de procurar um médico uma vez que percebeu que o filho só emitia alguns sons e não articulava nenhuma palavra. Nesse momento, também confessou ao filho, pela primeira vez, que não o compreendia. Procurou vários médicos, porém nenhum atendia às suas expectativas. Na verdade, estava à procura de um profissional que lhe desse uma resposta diferente daquelas que já havia recebido anteriormente, uma resposta mais satisfatória naturalmente. Mas os prognósticos não foram os mais favoráveis.

Como ficaria, então, o investimento dessa mãe após ter notícias de que seu filho não falaria?

O último profissional consultado, um neurologista, vislumbrou um raio de esperança. Insistiu que um tratamento fonoaudiológico e um atendimento psicológico poderiam corroborar com o atendimento neurológico, beneficiando o quadro de afasia. Foi o ponto de partida para que Mara desse continuidade ao tratamento recomendado. Nesse momento, o que para Mara era uma *fala preguiçosa*, passou a ser uma *fala estranha*.

É importante ressaltar que o real só se efetivou a partir do momento em que Mara admitiu não saber o que ocasionava a fala incompreensível do filho. Quando o último médico, o neurologista, revela o diagnóstico para Mara, o real aí se apresenta para essa mãe. Como já foi relatado, o real é real para alguém na medida em que nele se localiza o que escapa ao simbólico. Isso, que escapa à

1. Temos pouquíssimos dados a respeito. Relatou nos Mara que a primeira pessoa a cuidar do bebê se fazia acompanhar do marido e juntamente com ele passava as tardes jogando cartas com o pai de Renato. Em certa ocasião, ao chegar próximo ao portão de casa, Mara escutou seu filho aos berros. Ao adentrar, deparou-se com a cena do jogo, enquanto o bebê chorava de fome. Outra solução encontrada foi colocar a criança numa mini-creche, onde permaneceu até os seis anos. A informação dada pela mãe foi a de que seu filho parecia *ser bem tratado pois ele não relutava em permanecer sob os novos cuidados*.

2. Vale dizer que no final do terceiro ciclo da educação infantil descobrimos que a sua professora também fingia entender tudo o que ele falava.



mãe, localizado na afasia da criança, nunca vai submeter-se a nenhum saber. Quando ela pôde localizar o real no corpo, algo dessa criança pôde escapar-lhe. A lesão moveu uma operação de separação com a mãe. Anteriormente, ela que afirmava entender tudo que o filho expressava, passou a admitir não entender o que ele falava. O real no corpo de Renato barrou a mãe para esse menino. Nem sempre o diagnóstico promove isso. O diagnóstico médico furou a mãe. O diagnóstico, neste caso, funcionou como um terceiro para essa mãe. O real é o que escapa ao simbólico. Até então não havia distinção para essa mãe do que era Real, Simbólico e Imaginário nessa criança. Quando Mara assumiu não dar conta de algo, submeteu-se ao real.

Decorrido um ano após o início dos tratamentos – neurológico, fonoaudiológico e psicanalítico - qual o porquê dele pouco insistir em ser entendido – e nunca insistir em entender? Mesmo estimulado fonoaudiologicamente para melhor respirar e articular alguns fonemas e estar em processo de alfabetização numa escola regular, o comportamento se mantinha o mesmo durante as sessões de análise. Ressaltamos que seria somente a lesão orgânica, a responsável pelo fenômeno da fala - aquilo que o médico diz que é a afasia? Ou a lesão convoca a forma própria de Renato se relacionar com esse fenômeno orgânico, propiciando aí a primazia do que é subjetivo, só de Renato, em relação à atividade do que é só do corpo?

O que estava em jogo na oscilação da inteligibilidade da fala era a particular relação de Renato com a consequência da lesão neurológica. Para que fosse entendido o menino repetia mais de uma vez o que chamaremos de *palavra falada, com sons de algumas letras vogais, sem separação entre si*, sem dar dicas de linguagem¹. As pausas usadas pela criança durante a fala não

1. Dicas de linguagem são gestos, desenhos, cuja significação apontaria para o signo que estaria sendo representado em sons.



necessariamente correspondiam aos intervalos daqueles que utilizamos quando pronunciamos as palavras, assim como os sons que se referiam à determinada palavra, não necessariamente eram aqueles que utilizamos para pronunciá-las.

Renato quase não se dirigia ao analista no início das sessões. Quando o fazia e não era entendido, o que freqüentemente acontecia, dava as costas e não insistia em fazer-se entender. A primeira via de acesso a ele foi através de seis sons (‘ÊOU’, ‘AIU’)¹. Ele ficava entretido com o encaixe de legos emitindo aqueles sons. Não respondia de forma alguma ao que o analista lhe perguntava. Somente passou a incluir o analista nas suas empreitadas de encaixe quando, àqueles seis sons (‘ÊOU’, ‘AIU’), o analista perguntou: *quebrou, caiu?*, relacionando os sons a essas formas verbais e aos acontecimentos que os encaixes de lego sofreram (quebraram e caíram). Foi esse fato que deu início ao que se repete na relação com o analista. Numa sessão seguinte a criança fala dois sons contidos no vocabulário anterior (o dos seis sons) que usava (‘O, O, A’), só que usando nítidas separações entre esses sons. O analista se espantou e disse: *boboca?* O menino rindo, confirma com a cabeça. E o analista fala que então, é possível falar mais devagar a fim de que os sons não fiquem misturados, possibilitando comunicar-se verbalmente.

A partir deste acontecimento, começamos a nos interrogar o que isso significava: ora se falava de um jeito, ora mudava-se, colocando em jogo o sujeito e não mais a consistência da consequência da lesão. Pode uma afasia acarretar, tanto uma forma de expressão verbal - tida para fins de comunicação - ininteligível, cujos sons apresentam-se emendados, quanto, sob outras circunstâncias, uma fala com alguns sons, com separação entre si? Apesar de em alguns poucos

1. Apelamos por escrever, traduzir, o que ouvimos mas, fatalmente ao transcrevê-los com nossos instrumentos, letras, esvaziamos os sons de sua originalidade.



momentos utilizar-se de recursos para se fazer entender, o que o fazia retornar aos sons agrupados? Aos apelos para que desse dicas aos que o escutavam, não dava a menor importância.

O que significava para ele não se fazer entender?

E este fenômeno orgânico, identificado pelo médico como afasia, se apresenta de que forma, na relação da criança com o analista? Se a Neurologia acredita que, nos sujeitos que têm problemas afásicos, a fala não é do sujeito e, sim, regida pela lesão, podemos, então concluir, nós psicanalistas, que não há sujeito para a Neurologia, pois, se o sujeito é sujeito da fala e não há fala do sujeito, não há sujeito da fala para a Medicina. Donde, aquilo que a Psicanálise inclui, a saber, o sujeito do inconsciente é o que a Medicina, exclui do seu campo, neste caso.

Num segundo momento, após o analista se referir aos primeiros seis sons ('ÊOU', 'AIU') como *quebrou e caiu*, quando essa criança os repete, pode ser este um endereçamento para que alguém os decifre? E os outros sons que Renato confirmou como sendo ('Ó Ó A'), *boboca*, também? Esses últimos sons, pronunciados de uma forma inédita, ultrapassam a passividade do sujeito em relação à atividade da lesão dos médicos, assim como também, à forma como vinha ele *falando*.

Atualmente, ele se comunica dando nos testemunho de que compartilha da língua que falamos, língua materna. Funciona com esses signos compartilhados, que permitem alguma comunicação entre as pessoas. Essa marca do Renato, mostrada pela forma particular dele se relacionar com a linguagem, através da sua fala, caracteriza o que é o objeto de estudo da Psicanálise, diferentemente da consideração sobre esta marca - o fenômeno da afasia - por parte do médico neurologista.



CONCLUSÃO

Portanto, vimos que a diferença entre a Psicanálise e a Medicina, no percurso de Freud, esteve na mudança de postura do investigador médico. Elia (1995: 22) esclarece que esta diferença pode ser dividida em três planos fundamentais: *o teórico*, cujo corpo conceitual da Psicanálise é inteiramente independente do da Medicina; *o metodológico*, cujo método psicanalítico é original, inédito no campo dos saberes e práticas pré-existentes e produz efeitos que subvertem as relações tradicionais constituintes do campo da ciência clássica; e *o ético clínico*, pois a Psicanálise é aquela que opera com o real, o que proporciona uma clínica longe de esgotar-se. Como psicanalista, Freud resignou-se à douda ignorância, podendo fazer o paciente falar o saber que não sabia que já era sabido. Saber não saber fez operar a mudança metodológica entre a Psicanálise e a Medicina. Essa diferença fica clara nos discursos do mestre e do psicanalista. No caso clínico, temos a ilustração dessa diferença metodológica. Todas as atitudes de Renato eram tidas pelo médico neurologista da equipe como decorrentes ou características da lesão ou do quadro afásico. Respeitando esse saber e usufruindo dele, pudemos nos manter sabendo não saber a fim de que essa criança se colocasse, em relação ao psicanalista, apontando sua verdade, ali expressa. E ela o fez. A lesão funcional passou a ter mais atividade sobre a lesão anatômica. Lesão funcional esta, que fazia com que o fenômeno, que era invariável - guardadas as devidas proporções - variasse, regido pelas leis do sujeito e de seus objetos e não pelo sujeito-objeto da anatomia.

Essa questão e outras, continuarão insistindo em melhores respostas. Nosso percurso até aqui foi fruto da experiência clínica, onde pudemos nos submeter ao saber inconsciente desse sujeito;



suportamos *saber não saber*, operando com o real ao invés de tentar excluí-lo. Não buscamos na Medicina a resposta daquilo que ainda não havia sido produzido, tal como pode o inconsciente ter relação com o corpo?

BIBLIOGRAFIA

1. ALBERTI, S. & cols. “A demanda do sujeito no hospital”. In *Cadernos de Psicologia - Série Clínica*, nº1. Rio de Janeiro: UERJ, 1994.
2. ALBERTI, S. “Psicanálise: a última flor da medicina”. In *Clínica e Pesquisa em Psicanálise*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2000.
3. ALBERTI, S. “O adolescente, o discurso do mestre e o discurso do psicanalista”. In *Revista Marraio: da infância à adolescência*, Rio de Janeiro, Rios Ambiciosos, 2001, nº 1, p. 49.
4. BAILO, V. “O ato a partir de muitos”. In *Revista Curinga: psicanálise e saúde mental*, Belo Horizonte, nº 13, setembro 1999.
5. BARROS, R. M. M. “De que corpo se trata em psicanálise?”. In *Cadernos de Psicologia: série clínica*, Rio de Janeiro, UERJ, nº 10, p. 99.
6. CLAVREUL, J. *A ordem médica: poder e impotência do discurso médico*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1983
7. DANTAS, L. “A construção da psicanálise e sua articulação com a neurologia”. Inédito. Trabalho do Cartel de Neurociências, Rio de Janeiro, outubro de 2002.
8. ELIA, L. *Corpo e sexualidade em Freud e Lacan*. Rio de Janeiro, Uapê, 1995.
9. FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1986.
10. FOUCAULT, M. *O nascimento da clínica*. Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária, 1998.
11. FREUD, S. (1886) “Relatório sobre meus Estudos em Paris e Berlim”. In *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1987, v. I.



12. **FREUD, S.** (1888-1893) “Algumas Considerações para o Estudo Comparativo das Paralisias Motoras Orgânicas e as Histéricas”. In *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1987, v. I.
13. **FREUD, S.** (1893) “Comunicação Preliminar”. In *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1987, v. II.
14. **FREUD, S.** (1895a) “Estudos sobre a Histeria”. In *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro, Imago, 1987, v. II.
15. **FREUD, S.** (1895b) “Projeto para uma psicologia científica”. In *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro, Imago, 1987, v. I.
16. **FREUD, S.** (1896) “A Etiologia da Histeria”. In *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro, Imago, 1987, v. III.
17. **FREUD, S.** (1905) “Tratamento Psíquico (ou Anímico)”. In *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1989, v. VII.
18. **FREUD, S.** (1912 - 1913) “Totem e Tabu”. In *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1974, v. XIII.
19. **FREUD, S.** (1913) “Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise”. In *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro, Imago, 1969, v. XII.
20. **FREUD, S.** (1926) “A Questão da Análise Leiga”. In *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro, Imago, 1976, v. XX.
21. **FULCO, A. P. L.** “O analista e sua especificidade”. In OLIVEIRA, M. L. W (org.) *Tempos modernos: os desafios da atualidade*. Niterói, Nota Bene Editora, 2001, p. 192.
22. **FULCO, A. P. L.** “Organicismo e subjetividade na clínica com crianças”. In *Cadernos Pestalozzi*, Niterói, Nota Bene Editora, 1999, Ano I, nº 3, p. 62.



23. **GOMES**, A. P. C. “Final de análise: o passe e o impasse”. Dissertação de Mestrado, UFRJ, 1994.
24. **HORNE**, B. e **GUIMARÃES**, L. “As palavras o os corpos”. In *Agente Revista de Psicanálise*, Bahia, 1999, nº 11.
25. **LACAN**, J. “A ciência e a verdade”. In *Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998.
26. **LACAN**, J. “Psicoanálisis y medicina” [1966] In *Intervenciones y Textos*. Buenos Aires: Manantial, 1985.
27. **LACAN**, J. *Televisão*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1993.
28. **LAMBERT**, A. “Um analista numa equipe de saúde”. Inédito. Trabalho apresentado na Jornada de Autismo e Psicose Infantil da SPERJ, 2000.
29. **MOREL**, G. “As Funções do Gozo”. In *Agente, Revista de Psicanálise*, Bahia, 1999, Ano VI, Nº 11.
30. **QUINET**, A. “As 4+1 Condições da Análise”. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1991.
31. **SOLER**, C. “O corpo no ensinamento de Jacques Lacan”. Inédito. Conferência em Bruxelas em dezembro de 1983, traduzida pela coordenação do Setor de Estudos Psicanalíticos em Psicossomática do Simpósio do Campo Freudiano de Belo Horizonte em dezembro de 1989.
32. **VAZ**, A.C.V. “Abertura da I Jornada de Psicologia: A clínica com crianças”. In *Revista da I Jornada de Psicologia da SPERJ*, Niterói, Primyl, 1988.



Psicanálise e medicina.

Profa. Sonia Alberti

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IP/UERJ)

Hospital Universitário Pedro Ernesto/UERJ.

A partir de atendimentos psicológicos em contextos diferentes, todos em hospitais gerais e/ou unidades clínicas que envolvem equipes multidisciplinares no Rio de Janeiro, esse trabalho visa especificar a relação da psicanálise com a medicina, contexto em que o psicólogo tem o dever ético de promover um espaço de debates junto à equipe multidisciplinar. Seus desdobramentos implicaram na apresentação de casos clínicos aqui retomados rapidamente para ilustrar o tema em questão.

Não basta atender ao paciente, o trabalho do psicólogo no hospital exige um esforço a mais para dialetizar a própria formação discursiva, abrir o caminho para fazer valer a subjetividade de cada um – do paciente ao médico, passando por todo corpo técnico implicado no tratamento – e vencer as inúmeras resistências. Entendemos que esse trabalho só pode ser feito quando a equipe de saúde mental se sustenta teoricamente, pois é a teoria da clínica que norteia a ética profissional e sustenta o ato da intervenção, ao mesmo tempo em que permite elaborar as dificuldades que encontramos no dia a dia.

Um dos grandes problemas que encontramos no atendimento em hospital geral hoje é o relativo desconhecimento da nosologia psicopatológica, diagnósticos e prognósticos, por parte da equipe multidisciplinar, do médico ao auxiliar de enfermagem, ou seja, bastante independente da formação do profissional. Problema bastante complexo porque, a meu ver, reflexo do próprio emaranhado referencial dos profissionais da saúde mental eles mesmos. Razão a mais para insistir na importância do *back ground* teórico-conceitual de uma equipe de saúde mental a trabalhar num hospital geral. O trabalho que foi apresentado por Priscila Meirelles Monteiro durante o Congresso, com Anita, é um exemplo disso. Encaminhada por um médico, Anita apresentava queixas orgânicas como “vou ter um problema de cabeça, um aneurisma ou uma úlcera perfurada, quando fico nervosa tenho dor de estômago e minha cabeça dói, fico com medo de acontecer alguma coisa, às vezes é melhor morrer logo”. Baseada na teoria psicanalítica, Priscila começou o



seu atendimento com uma verificação de um diagnóstico estrutural para esse sujeito, pois, diante de queixas orgânicas tão complexas, a primeira questão que se colocava era: de que corpo se queixava esse sujeito? Ao construir a hipótese de um diagnóstico estrutural de psicose, foi possível tranquilizar o próprio clínico de que os problemas de que Anita se queixava não implicavam diretamente a intervenção dele. Além disso, pode permitir o bom encaminhamento do caso e, em última instância, trazer subsídios para esclarecer o próprio clínico quanto à construção de uma hipótese diagnóstica que ele não se autorizava a fazer.

Se a teoria que sustenta nosso trabalho é a psicanálise, isso não impede que outros bons trabalhos em hospitais gerais possam se sustentar em outros referenciais teóricos. O presente texto, sustentado em nossa experiência e, portanto, na inscrição da psicanálise no hospital, parte de uma primeira elaboração que data de 1994, que publicamos sob o título “A demanda do sujeito no hospital” (por Alberti, S. *et al.* in *Cadernos de psicologia*, Instituto de Psicologia/UERJ, série Clínica, no. 1:22-25). Razão de também retomarmos aqui aquele texto, em função do que pudemos dele desenvolver durante o *I Congresso de Psicologia: Ciência e Profissão*.

Tratamento da demanda.

Conforme nossa experiência, a grande maioria da procura de um setor ambulatorial de tratamento psicológico no hospital público é feita de uma forma que chamamos *indireta*, ou seja, através de solicitações enviadas pelos médicos e/ou outros membros da equipe multidisciplinar, mas também, por escolas (a partir de queixas sustentadas em fracasso escolar ou desvios de comportamento) e, finalmente, por solicitação da família, muitas vezes ainda com a preocupação semelhante à das escolas.

Como pudemos observar naquele texto de 1994, esta fala de uma mãe aflita no Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente no Hospital Universitário Pedro Ernesto é um exemplo: “Ele já repetiu a 3^a série duas vezes, fica com crianças muito menores que ele, (...) já podia estar com os amigos pensando no vestibular (...). Não sei o que ele pensa da vida”. No caso, a queixa necessariamente nos levou a procurar escutar desta mãe porque ela quer um filho prematualmente adulto e do filho, porque ele quer continuar na infância. Mas o problema que esse encaminhamento traz é que o adolescente não se identifica com o motivo da consulta, ou seja, não



vê o motivo da consulta como uma questão sua, justificando sua vinda com frases tais como: “Não sei, a professora foi quem disse...”. Minha mãe me falou para vir aqui porque ela acha que...” ou ainda “A médica disse para eu marcar com a psicóloga mas eu não sei o que devo dizer para você...”. Evidentemente isso dificultaria bastante uma entrevista psicológica, sobretudo quando ainda se espera que o psicólogo dê pareceres, diagnóstico e resolva problemas que, segundo a maioria dos médicos, fogem da alçada da medicina. São tantas as demandas a nós dirigidas, desde as demandas burocráticas dos serviços públicos (preenchimento de fichas para estatísticas de atendimentos, respostas a pedidos de pareceres oriundos de diversos âmbitos institucionais, às vezes até mesmo de instituições jurídicas), demandas do próprio aparato hospitalar, além das demandas subjetivas, dos médicos, equipe multidisciplinar e familiares que, certamente, o profissional da saúde mental poderá ter grandes dificuldades para centrar seu atendimento no sujeito que lhe é encaminhado. Mas será que esse deve ser o único sujeito a ser atendido num hospital? Até que ponto, as próprias demandas desses membros da equipe multidisciplinar, dos pais, dos conselhos tutelares e outros não seriam também demandas de sujeitos endereçadas ao profissional de saúde mental num hospital geral?

Há também os casos nos quais problemas que são especificamente da alçada da medicina são encaminhados ao serviço de psicologia na medida em que envolvem uma tal quantidade de angústia, às vezes para o próprio médico, que magicamente se gostaria que o psicólogo os resolvesse.

Com efeito, a primeira coisa com a qual nos deparamos no hospital é a quantidade de demandas endereçadas ao psicólogo, em alguns casos este é inicialmente percebido como lugar de endereçamento de tudo o que claudica. Se por um lado não deixa de ser verdade que o psicólogo é suposto saber lidar com o que disfunciona no próprio saber médico, por outro lado, é preciso que o próprio psicólogo possa dizer o que faz para então melhor orientar as próprias demandas que lhe são dirigidas. Para poder dizê-lo, insistimos, é preciso que sua prática se sustente numa teoria.

As formas das demandas.

Muitas vezes o pedido de uma instituição, quer seja a escola, a família ou mesmo um hospital, é o de que o sujeito se adapte e se comporte conforme as regras consideradas normais.



Não raras vezes do analista é demandada uma certa cumplicidade, na tentativa de interpretar a psicanálise como mais um instrumento que venha auxiliar na terapêutica do paciente hospitalar. Assim, um sujeito que não toma os remédios que lhe são prescritos, um adolescente que se recusa a seguir as limitações necessárias para evitar maiores riscos – por exemplo, no caso da diabete, o sujeito deve seguir uma certa dieta que muitas vezes se recusa a fazer – e outros problemas de resistência ao tratamento médico, é encaminhado ao psicanalista que trabalha no hospital para que esse “convença” o sujeito a obedecer às prescrições médicas, para seu próprio bem. Além de denunciar um desconhecimento da psicanálise, esse tipo de encaminhamento pode levar a conclusões apressadas e conflitantes porque, como o psicanalista não poderá responder a esta demanda, a análise corre o risco de ser vista como associal porque não se associa às regras sociais, e, não poucas vezes, o analista é desacreditado.

Há um enorme trabalho a ser feito no hospital para orientar os próprios encaminhamentos ao psicanalista, pois é certo que se esse tipo de encaminhamento denuncia um desconhecimento, pelo menos cinqüenta por cento da responsabilidade desse desconhecimento é do próprio psicanalista que não soube transmitir o que faz. É preciso poder dizer e, com isso, provocar um tempo de elaboração na própria equipe multidisciplinar, dizer o que o psicanalista faz, porque faz e como faz. É preciso também poder dizer que a psicanálise se sustenta numa teoria que tem por base o dualismo pulsional e que, por esse motivo, medidas pedagógicas no trato com os pacientes tanto internados quanto de ambulatório não levam em conta a pulsão de morte, própria a todo sujeito. É preciso poder dizer que em psicanálise não é de regras sociais que se trata transmitir, mas se trata de transmitir um saber sobre o sujeito que tem um inconsciente que não é associal mas atemporal, tem um sintoma que vem falar de uma verdade que não está ligada à realidade externa, mas interior ao sujeito, e tem um discurso no qual é preciso valorar sua fala.

Diante de uma demanda tão diferenciada como a que nos é dirigida num hospital, devemos nos perguntar, inicialmente, quem é o sujeito para essa clínica que pretendemos desenvolver. Tanto para Freud quanto para Lacan, o termo indivíduo tem uma referência muito mais social do que psicanalítica. Não que a psicanálise não leve em conta a sociedade (na realidade ela a leva muito em conta, muito mais do que se imagina normalmente), mas a psicanálise é um saber à parte, porque não define um indivíduo mas define cartesianamente um sujeito, mesmo se este



sujeito, na clínica, não sabe exatamente onde, como e porque existe. Se etimologicamente o indivíduo tende a uma unidade, a psicanálise postula um sujeito dividido, descentrado de uma primazia da consciência suposta pela filosofia iluminista e que inspirou muitas vezes a abordagem do homem no século XX. A variedade do ser humano da qual Freud nos fala em 1930, é a própria do discurso que cabe ao analista ouvir. Mas ouvir, como escreve Serge Leclaire: “outra coisa além do simples significado das palavras que estão sendo pronunciadas”, ouvir articulando significantes.

Assim, do ponto de vista da psicanálise, o paciente médico é antes de tudo um sujeito, antes mesmo de ser paciente, quer dizer, aquele que nos vem procurar é um sujeito e não meramente um paciente. Se antes de tudo ele é um sujeito é porque tem uma história que envolve os traços que foram marcando sua vida, desde a mais tenra infância, e que lhe são absolutamente singulares, assim como podemos dizer que as digitais são singulares do ponto de vista da medicina legal. Para se ter acesso a esse sujeito é preciso que ele fale, única maneira de conhecê-lo, única maneira dele mesmo se conhecer, a ponto de podermos definir o sujeito enquanto aquele que fala.

É depois, somente quando a fala do próprio sujeito surge na demanda, que podemos dizer, em oposição à procura indireta dirigida ao psicólogo, que parece aí uma demanda direta de tratamento. O sujeito, independente do discurso dos outros para com ele, procura alguém com quem possa falar. Neste momento se formaliza uma demanda que verifica, na prática cotidiana no hospital, o advento do sujeito como sujeito da fala.

Há quase um século atrás, Freud definiu o próprio sintoma como a fala do sujeito que, devido a determinados conflitos, não pode falar de outra forma. Vemos, por aí, o quanto o sintoma também diz algo singular a respeito deste ou daquele sujeito – razão pela qual é impossível generalizar uma causalidade para uma sintomatologia. Um sintoma pode ter várias causas – aliás, é assim também na medicina. Se o sintoma é uma pista que mostra que há algo que não pode ser dito de outra forma e que traz contratempos para o sujeito, então o sintoma é algo muito mais genuíno, àquele sujeito em particular, do que se poderia supor. Isso foi muito bem exemplificado no trabalho apresentado por Adriana Dias durante o Congresso.



Gabriel (12 anos) é encaminhado pela clínica médica por causa de uma queixa de enurese noturna cuja investigação não levou a nenhuma causa orgânica possível. É no acompanhamento desse caso, que outras queixas puderam aparecer, via relatos da mãe sobre seu comportamento na escola e ainda sobre algumas “maluquices”. Ao ser aprofundada a especificidade do sintoma para a medicina e a função do sintoma na psicanálise, foi possível procurar construir um relato do caso de tal maneira que ele possuía a ser útil também para a equipe multidisciplinar na medida em que permitiu verificar que a fenomenologia da clínica pode ficar muito enriquecida com o aprofundamento do estudo da estrutura do sujeito.

É fundamental, no trabalho do hospital, poder construir tais observações em função da riqueza de um caso encaminhado, de um *feed-back* para a equipe. Partimos do princípio de que se torna muito difícil uma interação com a equipe se não expusermos nossas razões, e as elaborações a partir de cada caso a nós confiado.

Por outro lado, quando o serviço de psicologia é procurado por via indireta, ou seja, via uma demanda que não parte do próprio sujeito mas dos profissionais que tratam dele, de seus pais ou mesmo outros, professores, juízes etc., denotamos também que existe uma fala para além daquele sujeito na sua singularidade. Isso transcende o sujeito e de um lado, faz dele um objeto de angústias, questões e dúvidas, e por outro lado, paradoxalmente, pode acabar por emudecer a fala do próprio doente – e até mesmo o sintoma pode ser emudecido –, dificultando ainda mais a abertura de uma via para um atendimento possível. Eis pois as dificuldades encontradas por consequência de demanda indireta. Sabemos que estas consequências não são intencionais da parte dos médicos, educadores, pais e familiares dos pacientes que nos são encaminhados. Ou seja, sabemos que não existe uma intenção na demanda indireta em calar o paciente. Apenas é preciso constatar um efeito que o encaminhamento às vezes provoca, efeito que nem sempre é facilmente contornável no cotidiano da clínica, razão de ser necessário pensar como fazer um encaminhamento ao psicólogo. Como já dito, é preciso levar em conta que também as demandas indiretas, como costumamos chamá-las, são demandas ditas por sujeitos que, sem dúvida, também podem ser ouvidos. O fato de tal pessoa ser mãe de um paciente não o faz menos sujeito ela mesma... e muitas vezes é importantíssimo receber sujeitos que são mães, pais...



Os encaminhamentos.

Para tentarmos cingir um pouco melhor do que se trata, exemplificá-lo-ei, inicialmente, com o trabalho apresentado sobre o caso Jovelina. O trabalho de Daniela de Vasconcellos Prata Veloso¹ sobre Jovelina (4 anos), relata que esta fora encaminhada pela neuropediatra ao setor de saúde mental por apresentar um quadro de hiperatividade e agressividade associado a epilepsia. Os dados coletados com a mãe que sustenta a queixa principal em torno da agressividade e irritabilidade demonstradas na escola, ainda acrescentam que desde pequena faz uso de (nessa ordem): Dogmatil, Ritalina, Anafranil, Ritalina de novo, Tegretol e, atualmente, Depakene em função de crises epiléticas. Em nossa investigação sobre as propriedades de cada um desses medicamentos, cada um desses remédios apresenta pelo menos uma contra-indicação compatível com o caso de Jovelina. O que houve com esse caso que isso fora até então completamente relegado a segundo plano, como se nada mais importasse senão a urgência de uma medicação? O que se falava desse sujeito de quatro anos?

Como já pudemos observar em outro contexto², muitas vezes aquele que ocupa o lugar do Outro para um sujeito – os pais, os médicos, a equipe hospitalar, os professores, psicólogos e todos aqueles a quem o sujeito está submetido –, não tem realmente um desejo de vida para com a criança ou para com o adolescente. Em se tratando de uma criança, ela efetivamente permanece refém da situação. A nosso ver, Jovelina não é nem epilética – só teve uma crise convulsiva por causa de febre, quando muito pequena –, nem hiperativa, nem psicótica, mas sujeita a um convívio familiar dos mais preocupantes, o que nunca fora verdadeiramente observado até essa criança chegar ao Setor de Psiquiatria Infantil no Hospital Universitário Pedro Ernesto, em que trabalhamos. Isso tampouco quer dizer que houve um desejo de morte dirigido a Jovelina, mas pode denunciar justamente uma falta de desejo, o que não deixa de ser preocupante. A pergunta sobre o desejo de uma equipe multidisciplinar em relação a seus pacientes é, certamente uma das mais intrigantes e, ao mesmo tempo, instigantes no hospital. Como um clínico, seja de que área

1. Bolsista de Iniciação Científica que apresentou o caso durante o Congresso.
2. Cf. Alberti, S., Silva, S.C., Cruz, J.R.,m Silva, H.R. e Medeiros, M. “A demanda do sujeito no hospital” in *Cadernos de Psicologia*. Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia – UERJ, Série Clínica, n. 1.



for, pode sustentar com desejo todos os pacientes que atende num grande hospital geral? De que maneira se especifica o desejo do analista e o desejo do médico?

Questão a ser desenvolvida, mas que por si já demonstra sua importância e o problema que pode se instaurar, particularmente frente aos avatares da clínica do cuidar. Pois às vezes, por ser tão falado, o sujeito não fala em nome próprio mas ele é somente falado por outros. Falado por uma outra pessoa que gostaria que seu filho, paciente, aluno, fosse um pouco diferente, agisse de forma diferente, às vezes até pensasse de forma diferente. Mas é evidente que, quando falta alguém que externe um desejo de vida com relação ao sujeito, a partir do momento em que há uma demanda que vem de um outro, seja esta qual for, e a partir do momento em que esse outro representa uma autoridade para o sujeito, é possível até mesmo abrir mão dos próprios interesses só para sustentar a demanda de amor. Nada cala mais do que tal barganha na relação que molda; e nada fixa mais o sujeito a moções pulsionais particularmente regredidas, como diria Freud.

O trabalho apresentado no Congresso por Consuelo Pereira de Almeida, lastreado em vinte anos de atuação no Hospital dos Servidores do Estado, se inscreve exatamente aí: na relação do trabalho do psicólogo com a equipe multidisciplinar pois, como resume, a própria situação da doença provoca um profundo mal-estar mobilizando a angústia na equipe. É essa angústia mesma a responsável, tantas vezes, pela imobilização da própria equipe que não se outorga o direito de agir em determinado caso levando em conta fatores que não sejam da alçada exclusivamente do saber médico. No entanto, atribuir, devolver aos próprios médicos a capacidade de avaliação e reação é também uma forma de se exercer na equipe de saúde mental, restituindo ao próprio médico seu lugar na clínica milenar.

Assim, a via para uma clínica do sujeito no hospital público necessariamente passa pela transformação da queixa em demanda de tratamento, demanda na qual o sujeito se implica, passando a reconhecer-se como sujeito da fala, verificando sua implicação no seu sintoma e seu engano quando atribui a um outro os seus problemas.

Mas isso só pode acontecer quando é levada em conta uma das principais funções do analista no hospital, a de sustentar o lugar do sujeito como outro, ou melhor dito, sustentar o direito do sujeito de ser o outro a quem se dirige o discurso do analista. O trabalho de Ana Paula Fulco, a partir de um caso por ela acompanhado ao mesmo tempo em que havia um



acompanhamento neurológico, introduziu nesse simpósio que apresentamos no Congresso, a importante e atual discussão sobre o lugar do sujeito da fala quando psicologia e neurociências dividem um caso clínico. Que lugar, em que discurso, assume um paciente das neurociências e como é possível dialetizar esse lugar a partir do discurso do analista?¹.

Para ser possível uma clínica do sujeito no hospital, é preciso que psicólogo esteja avisado disso e faça do seu trabalho o momento em que o paciente possa vir a descobrir que há coisas que lhe dizem respeito que são absolutamente singulares a ele, e que sua história deixou traços em sua memória que só ele pode vir a saber e que existe a possibilidade de vir a saber, se estiver interessado. Essa possibilidade será dada então para que num momento posterior, dentro ou fora da mesma instituição, ele possa procurar alguém com quem falar, alguém que o ajude a escutar a **sua** fala, que já não mais dirá respeito a uma demanda de atendimento indireta, mas própria. É assim que podemos pensar hoje a função do psicanalista no hospital público, não aquele que resolve os problemas, nem aquele que se nega em atender qualquer doente por qualquer motivo, mas aquele que, juntamente com cada sujeito que vem procurá-lo, seja pelo motivo que for, recolocará a demanda de tratamento, de forma a que o sujeito possa vir a se engajar nele. Se este trabalho for feito, grande passo terá sido dado para a definição da função do psicanalista no hospital que passa a depender, exclusivamente, de sua própria fala e escuta. Ao mesmo tempo, no momento em que o sujeito souber porque vem ao analista, ele estará dando o primeiro passo para o final de seu tratamento.

Quando, por outro lado, o médico sabe o que o psicanalista faz, também porque o psicanalista pode dizê-lo, é possível que este seja perfeitamente integrado à equipe, malgrado toda extimidade que envolve sua função. Hilana Erlich demonstrou essa possibilidade com o caso de uma menina de quinze anos. Paula chegara ao Setor de Saúde Mental encaminhada pelo Setor de Cirurgia Plástica que questionara sua demanda de uma plástica em seu nariz. A cirurgiã lhe dissera que as inscrições para cirurgia de estética só abririam dali a dois meses e, diante do estado de ansiedade de Paula que só pensava nisso, julgou proveniente um encaminhamento. Observa-se, nesse encaminhamento, uma sensibilidade da cirurgiã cuja providência mostrou-se bastante

1. O trabalho de Ana Paula Fulco está sendo integralmente encaminhado para os Anais do Congresso.



importante. Na realidade, já nas primeiras entrevistas Paula observou fortuitamente que o seu nariz do qual sentia tanta vergonha era a marca do pai em sua cara. E associa: “o rosto é o cartão de visitas de uma pessoa e meu nariz é como uma cicatriz no meio dele”. O trabalho que feito com Paula permitiu com que a própria paciente se desse conta de um impossível a dialetizar nessa cicatriz, no final de alguns poucos meses Paula mudara completamente de posição, com o auxílio do suporte da própria cirurgiã que apostou no tratamento. Esse atendimento nos serve de lição para toda discussão da importância do trabalho em equipe multidisciplinar e das diversas formas de contribuição do psicólogo junto à equipe médica *e vice-versa*.



Psicanálise e Universidade

Ana Beatriz Freire

Aproveitamos o título desse congresso “Ciência e Profissão” para pensar não somente a relação entre psicanálise e universidade como também as relações – e conseqüentemente distinções – entre ciência e psicanálise. Nesse sentido, partiremos da seguinte questão: o quê pode o discurso do analista ensinar ao discurso universitário?.

Através da teoria dos quatro discursos de Jacques Lacan (1969-1970), podemos pensar de que maneira aquele que tem como encargo a transmissão do saber psicanalítico pode ocupar esse lugar de agente seja com um saber já estabelecido (S2) – o que produziria segundo Lacan (1969-1970) um discurso universitário propriamente dito, seja o lugar de sujeito dividido (o que produziria o discurso da histérica, seja o lugar de mestre (o que produziria o discurso do mestre), seja, por fim, o lugar de faz de conta de ser o objeto o que produziria o discurso do analista.. Entretanto, nos deteremos na questão entre o discurso universitário e o quê o analista pode aí suscitar.

Lacan designou como universitário, o seguinte discurso – aquele mesmo assimilado e identificado com o discurso da ciência:

S2-----a

S1 \$

O discurso universitário tem no lugar do agente, o saber (S2), isto é, um saber estabelecido, um saber que se quer, como ideal, a priori, articulado, acabado, total e completo.

Entretanto, acredito que mesmo que na universidade, aquele que transmite o saber ocupe freqüentemente o discurso próprio de seu nome, ou seja, o discurso universitário, encontramos as vezes esse dito professor ocupar no lugar de agente, outros termos além do saber estabelecido. Assim, penso que a transmissão da psicanálise na universidade aponta para outros discursos que o universitário, discursos em que outros temos vem ocupar o lugar do agente: se no lugar de agente nos despojamos do saber e nos colocamos como aquele que suscita o desejo, nos colocamos no lugar de causa de desejo para os que nos escuta, desse lugar um outro discurso, não mais universitário, se impõe, a saber, o discurso do analista.

Vejamos como o discurso analítico pode intervir, “curto-circuitando” o discurso universitário, onde, repitamos, o saber estabelecido está no lugar de agente. Digo “curto-circuitando”, porque segundo Lacan (1972-1973:27), “há emergência do discurso universitário a



cada travessia de um discurso a outro”. Vejamos com o exemplo de onde trabalhamos, no Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica (UFRJ), como essa travessia pode se realizar. Este Programa de Pós-Graduação tem um acordo com o Instituto de psiquiatria Philippe Pinel desde 1999. No início, esse acordo se centrava na questão mais larga da constituição do sujeito, em particular, da psicose. Com o decorrer dos estudos e dos constrangimentos institucionais, o tema da psicose foi se alargando até incluímos, como no momento, a questão do autismo. A partir dessa questão central do autismo, alargamos a nossa entrada no Instituto Philippe Pinel e do atendimento de casos de psicose e da “observação participante” na enfermaria feminina, passamos a trabalhar e frequentar o Núcleo de Assistência Intensiva à Criança Autista e Psicótica (NAICAP).

Se como diz Lacan aquele que está na posição do analista (aqui ele define o analista como aquele que põe o objeto a no lugar do semblante, de faz de conta) “está na posição mais conveniente para fazer o que é justo fazer, a saber, interrogar como saber o que é da verdade.” (LACAN, 1972-1973:129), o quê desta posição podemos rever do nosso saber estabelecido na universidade? Dito de outro modo, o quê a clínica com psicóticos e autistas têm a nos ensinar? Ou, parafraseando Lacan (1965-1966), como essas clínicas interrogam como saber o que é da verdade?

Esses pacientes nos ensinam, primeiramente, que qualquer saber universitário que se quer totalizante, global e, a priori, é no mínimo vão. Por exemplo, estudando os clássicos da psiquiatria e algumas passagens de Freud, acreditávamos de antemão que não há transferência na psicose. Ora, a clínica com esses pacientes pode até apontar para a tese de que “os psicóticos resistem (mal) à transferência”, entretanto, eles não deixam de estar na transferência. Nesse caso, ou alargamos o conceito de transferência tal como concebíamos para neurose ou caímos, no extremo oposto, de condenar a psicose à impossibilidade de cura. Lacan, entretanto, seguindo a letra de Freud, escreveu “De uma questão preliminar a todo o tratamento possível da psicose” (1958) e afirmou como sugere o título desse trabalho que há tratamento possível para a psicose.

Se utilizarmos a própria teoria de Lacan de algumas passagens desse texto e dos seus primeiros seminários (em particular no LACAN: 1955-56), nos encontramos mais uma vez, diante da clínica, defrontados com limites do próprio saber. Será que, tal como postula Lacan em algumas passagens nesse período, o campo do Outro, na fala delirante, está excluído na psicose (LACAN, 1955-1956:65)? Diante dessa passagem sobre a definição do Outro, a clínica nos suscita pensar primeiramente o estatuto do Outro, mais particularmente, de que Outro está implicado na psicose e, conseqüentemente, confrontar essa passagem a outras passagens de Lacan. Esse trabalho se impôs, a partir da clínica, obrigatoriamente, pois concluímos que se nos restringíssemos a essa definição - da psicose como excluída do Outro - e sem nos conduzir a uma reflexão conseqüente do que vem a ser o campo do Outro e da linguagem, nenhuma tratamento seria possível para a psicose. Nesse sentido, foi a clínica que nos ensinou que algumas definições que concebíamos a priori deveriam ser repensadas e questionadas como tais e que esse deslocamento do lugar do discurso universitário não só era necessário como nos ajudaria a reencontrar as regras e compassos teóricos para novas investigações. No caso da transferência, esse conceito definido apenas como suposição de saber como na neurose de fato não abarcava a



transferência na psicose. Podemos, revendo esse conceito a partir da clínica, afirmar, provisoriamente que o psicótico, como todo sujeito, padece da linguagem e do campo do sentido. E como todo ser falante está exposto e as voltas com a significação. Talvez a diferença é que este sujeito, mais que qualquer outro, está exposto ao poder invasivo das palavras, correndo maior risco de ser tragado, confundido, pela significação. É o que a experiência delirante e alucinatória nos ensina.

Da errância de um primeiro estado, precedente do delírio, estado dito confusional, onde o sujeito se encontra “tomado pelo espanto, afundado num sentimento de agonia sem nome, vagando num mundo onde a significação desertou”(SANTOS,1999:113), o sujeito passa, através do delírio, na tentativa de recuperar os laços objetivos, recuperar o lugar da significação desertada por uma certeza, impondo a certeza delirante. Essa significação redobrada, significação do enigma deixado pelo vazio é vivida de forma inversamente proporcional ao vazio deixado, isto é, com plena força de certeza (cf. SANTOS, 1999:113).

No entanto, por mínimo que seja, quando uma brecha se abre entre o sujeito e o outro, entre o sujeito e a significação construída, é possível um apelo, um apelo ao analista, é um apelo a título de significação que o sujeito aí se endereça. Aí, o desejo de analista - talvez não como causando o outro pelo enigma do seu desejo, mas o desejo de não recuar diante da psicose - se impõe. A transferência atualizada no apelo é solicitada para que “o analista ajude a integrar em sua vida, em seu discurso, em seu sistema de significação, essa estranheza que vem do real” (SANTOS, 1999:113), sob forma alucinatória, sob acusações, injúrias, etc (este é o lugar talvez do que Lacan nomeia “secretário do alienado”). Avesa à toda vacilação, dúvida ou crença, esta certeza suspende o equívoco próprio do jogo significante e não deixa lugar para a suposição, nem para a significação posto que a significação fundamental é aquela engendrada pelo delírio. Talvez seja nesse sentido que Lacan, em 1955-1956, afirmava não haver Outro na construção delirante. No entanto, não está excluído que o sujeito psicótico se dirija ao analista e busque, com o trabalho da análise, significações, significações outras, muitas vezes, secundárias, derivadas e submetidas à significação delirante. Nesse sentido, se o Outro como fiador da fala – isto é, fiador que dá uma certa garantia, mesmo que como enigma pelo seu desejo, à significação - não existe para a psicose, o Outro como código, como linguagem ou, como afirma Lacan, como tesouro do significante (1966), certamente existe na psicose. É isso que nos ensinou, entre outras coisas, o contato com pacientes psicóticos. Entre outras coisas, porque outras afirmações a priori, do discurso universitário foram também passíveis de pesquisa e de questionamento através da clínica com os psicóticos, afirmações tais como: “o psicótico está na linguagem, mas fora do discurso” (SOLER, 1982/83) ou o psicótico não tem afirmação primordial (Bejahung) – afirmação segundo Freud no texto da Verneinung (LACAN, 1965-66) – essencial a toda simbolização explicitada, isto é, a todo juízo, pensamento -, ou, o psicótico está aquém da alienação, etc.

E o autismo? O que pôde, pode e ainda nos ensinam as crianças autistas? Primeiramente, o autismo ratifica de forma radical o que a psicanálise, diferentemente da ciência e de uma certa psicologia, nos ensinam, a saber, que o sujeito não é dado a priori. Dito de outro modo, essas crianças nos ensinam que para existir sujeito, este deve advir e advir a partir da linguagem, isto é, a



partir do campo do Outro. E mais radicalmente, o autista encarna frente ao saber em geral, sobretudo, o que se quer estabelecido como o universitário, o próprio furo no saber, encarna o próprio enigma da suposição de saber, já que, na sua forma radical de ser, o corpo se apresenta sem contorno e não circunscrito com regularidade por zonas ditas erógenas, indicando que aparentemente há exclusão do outro e da linguagem. O autista é o próprio enigma, uma vez que ele questiona qualquer suposição de saber. Mais especificamente em relação a constituição do sujeito, o autista como um enigma nos coloca diante do seguinte impasse: como diante da alteridade própria a estrutura da linguagem, - alteridade presente desde sempre já no primeiro objeto dito anaclítico, o seio - um sujeito “responde” não reconhecendo a linguagem como tal, mas se mostrando alheio a alteridade própria do campo do Outro – Outro definido com Lacan como tesouro significante ? Como um sujeito pode se apresentar rejeitando, ou tentando rejeitar a dimensão da demanda que vem do outro, demanda introduzida desde o momento do oferecimento dos primeiros objetos – objetos que por sua vez deveriam designar a não unidade entre o eu e o outro –, rejeição esta que implica na própria aparente anulação do sujeito como alteridade a esse objeto?

Parece-nos que o autismo documenta de forma radical que o Outro prévio, o Outro constituinte não é suficiente para que um sujeito se constitua como sujeito desejante. No autismo, o isolamento e controle de suas ações como resposta do Outro é tal que temos a impressão que o campo do Outro e o campo do gozo se coincidem. Diante dessa coincidência, diante desse Outro absolutamente gozador, só resta como recurso do sujeito anular o outro como alteridade na tentativa, parece, de impedir a invasão de gozo que este lhe impõe. Entretanto, como para alguns psicóticos, o delírio é uma tentativa de barrar o gozo, paradoxalmente, presenciamos no autista, pontualmente e as vezes incessantemente, tentativas de inscrição de algo que é afetado a partir do campo do Outro. É o que demonstra as célebres “esteriotipias” e ecolalias no autistas. Trata-se de tentativas no real da própria carne e dos objetos que lhe rodeiam, de inscrever uma diferença, mínima que seja, entre o eu e o que vem do outro. Diferente da significância onde no efeito de retroação uma significação de forma invertida, vinda do outro, faz o sujeito se representar entre dois significantes, os gestos “esteriotipados” e palavras “ecolálicas” dos autistas não parecem apresentar uma mensagem de forma invertida que possam identificá-los em apelo. Diante dessa ausência de apelo, indagamos como o analista pode vir a operar em uma clínica tal radical? Trata-se de uma clínica onde não cabe ao analista ocupar o faz de conta (semblante) do lugar de objeto como causa de desejo, mas suportar a anulação mais radical, a anulação não apenas de um saber suposto, especializado, mas do próprio lugar vazio que causa o desejo. Entretanto, a aposta dessa clínica é de que talvez um autista em trabalho possa pontualmente barrar esse gozo ameaçador que vem de um outro estranho e familiar. Dessa forma, apostamos que, como no caso Dick de Melanie Klein (LACAN: 1953-1954:98), de alguma forma, do sujeito em “estado puro” onde tudo está “inteirinho na realidade, indiferenciado” possa surgir alguma diferenciação entre o sujeito e o outro. Nesse fragmento de caso clínico, constatamos que é a partir da inscrição da palavra “estação” que o menino consegue, mesmo que provisoriamente, a perda de algo que possa barrar esse outro inteiramente gozador e transformar suas palavras em apelo, apelo ao outro, isto é, retorno, de alguma forma, de significação do campo do Outro. Segundo Lacan, a partir “dessa



primeira célula, desse núcleo palpitante de simbolismo, M. Klein diz ter-lhe aberto as portas do inconsciente”.(LACAN, 1953-1954:102).

Da mesma forma, constatamos “um fazer-se representar” do sujeito no exemplo narrado por V.Baio (BAIO: 1996). A partir das escanções do “educador”, introduziu-se para o sujeito uma diferenciação no estereotipado e indiferenciado barulho de sua caneca na vidraça. A partir dessa pequena alteridade introduzida pelo educador, o sujeito comparece (olhando e se aproximando do educador como Outro) no intervalo daquilo que já vinha fazendo como primeira tentativa de inscrição (barulho da caneca na vidraça) e um novo significante que se introduziu (S2 através da intervenção do educador).O barulho da caneca que antes era pura tentativa de inscrição, torna-se agora, a posteriori, pela intervenção do educador, um S1 que pode vir a representar o sujeito diante do outro interventor. Na realidade, trata-se de uma clínica onde o que é tratado, “cuidado” é menos o sujeito autista do que o Outro em sua presença invasora. Acreditamos que é propiciando o autista continuar a tratar o Outro, despojando-o de saber e, conseqüentemente, de gozo que o suporta, que podemos de alguma forma introduzir uma separação, mesmo que ínfima, entre o sujeito (que se quer objeto do gozo do outro) e o Outro. Eis aí, uma aposta de direção de tratamento.

Eis aí, na realidade, a clínica do autista como a alteridade absoluta de nosso saber, autista, portanto, como limite de nosso saber, saber demasiadamente calcado não “na insondável decisão do ser”, mas na busca da etiologia e da natureza humana tal como almejam a ciência e, freqüentemente, o discurso universitário.

BIBLIOGRAFIA:

BAIO, V. –1996, “Comment un S2 vient au S2: notaires de l’enfant autiste in Archives de psychanalyse, Paris: Ravates de la parole, 1996.

FREUD (1914) “Uma introdução ao Narcisismo”,Obras Completas, ESB, Rio de Janeiro, Imago, 1976, vol.XIV.

LACAN- O Seminário livro I: os escritos técnicos de Freud, Rio de Janeiro, Zahar editores.

-1958 “De uma questão preliminar a todo o tratamento possível da psicose” in Escritos , Rio de Janeiro,, ed. Zahar editores.

-1965-1966 -“A ciência e a verdade” in Escritos, Rio de Janeiro,, ed. Zahar editores.
1995

-1969-1970- O Seminário livro XVII: o avesso da psicanálise, Paris, Seul,1991.



- 1972-1973 - O Seminário livro XX: mais ainda, Rio de Janeiro, Zahar editores, 1985.
- SANTOS, Neusa 1999 – “O sujeito suposto saber: uma objeção à transferência na psicose?” in revista *Ágora: estudos em Teoria Psicanalítica*, volume II ,n °1, ps.109-120, Contra-capa editora.
- SOLER (1982/83) “Fora do discurso: autismo e Paranóia” in *Feuillets de Courtil* , nº2, Bruxelas, 1990.



Psicologia Clínica Social: Práticas em Ação.

PSICOLOGIA CLÍNICA SOCIAL: INTERVENÇÃO E CLÍNICA PSICOLÓGICA NA CONTEMPORANEIDADE.

Walter Cautella Junior

O momento histórico e cultural da atualidade acaba exigindo que as metodologias interventivas sejam resignificadas no intuito de abarcar uma demanda que não se vê saciada pelas abordagens tradicionais. Considerando-se os atendimentos desenvolvidos em instituições, entendemos que é na prática psicológica que surgem os incômodos da insuficiência e incompletude teórica da concepção científica da modernidade. O Laboratório de Estudos e Prática em Psicologia Fenomenológica Existencial do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (LEFE / IPUSP), de frente a esta realidade, assume como compromisso criar dispositivos que permitam ampliar a oferta de atendimentos à comunidade, ao mesmo tempo em que investe na formação do psicólogo como agente social de mudanças. A prática psicológica em instituição oferece um contexto propício para o repensar teórico contextualizado e atualizado, impondo-se como elemento facilitador do processo de aprendizagem do psicólogo, desde que ensino, atendimento, supervisão e pesquisa entrecruzem-se como condições de elaboração da experiência na compreensão dos fenômenos de subjetividade e intersubjetividade.

Cada vez mais se torna necessário repensar a atuação do psicólogo frente às demandas sócio-culturais prementes do país, além de tentar o desenvolvimento e a ampliação de uma rede de serviços de atendimento de saúde mental para a população. Através da atenção à demanda e da desconstrução do constructo teórico estrito, práticas psicológicas em instituições podem surgir e revelar-se como invenções que reconduzem não somente ao fazer clínico do psicólogo, como também resgatar a investigação de um saber e conhecimento mais condizentes com a experiência do homem no mundo com outros. Assume-se como fundamental o questionamento das condições do mundo e da sociedade atual, no intuito de buscar compreender no modo de ser e viver do homem contemporâneo em confronto com a tecnocracia científica, quais as possibilidades e que desafios se impõem ao existir pleno frente à fragmentação e o desamparo social, ético e político da humanidade às portas do terceiro milênio. Dizendo de outra forma, a Psicologia Clínica Social se propõem ao acolhimento do sofrimento humano em situações de crise, ao mesmo tempo em que se esforça para estabelecer bases conceituais para uma intervenção clínica socialmente contextualizada.

Toda metodologia interventiva que norteia os projetos de pesquisa e intervenção propostos pelo LEFE, são ancorados no olhar ingênuo da pesquisa Fenomenológica. Partindo deste pressuposto, as práticas propostas consideram a experiência vivida como constituinte de



construção e pensamento. A partir do vivido é possível a resignificação da experiência, que conduz a transformação e a criação de significados que conduzem a um existir compatível com os anseios de cada um.

Tal posicionamento epistemológico permite promover aplicações práticas mais humanizantes. A ruptura com uma concepção ética – política, prevalecente na modernidade, que privilegia os padrões normativos, acaba permitindo abarcar a diversidade de contextos, pluralidades e especificidades das demandas. Desvincularmos uma prática clínica de uma teoria normativa sobre a clínica, proporciona a liberdade para a invenção de práticas psicológicas em instituição a partir da própria desinstitucionalização de práticas consagradas.

O compromisso de responder de maneira habilidosa às vicissitudes de cada cliente/instituição, se realiza elencando as questões levantadas e propondo atividades que às abarquem satisfatoriamente. Nesta abordagem, torna-se imprescindível a aproximação com a realidade vivida pela clientela/instituição em seu cotidiano. Busca-se realizar uma cartografia, oferecendo atenção psicológica de acordo com as possibilidades e dificuldades de cada caso. Ou seja, constrói-se uma intervenção que leva em conta a cultura de cada cliente/instituição.

Nesta perspectiva, ocorre um inevitável entrelaçamento entre cuidador e cliente. Estabelece-se uma relação que assume a falibilidade da neutralidade e se busca, através deste imbricamento, captar a experiência emocional do cliente que, a partir disto, pode esmiúçá-la, entendê-la e reapresentá-la investida de novo sentido. Leva-se às últimas conseqüências a perspectiva Fenomenológica – Existencial, que considera que a condição fundamental da existência do ser humano é relacional. Tanto a subjetividade como a alteridade, revelam-se no encontro com os outros. Mediante o sofrimento e o desamparo social, faz-se necessário a criação de novas práticas psicológicas que precisam levar em consideração o que é tácito, cultural e ético.

Esta nova forma de aproximar-se da demanda explicitada é amparada e acolhida por uma vertente intitulada Psicologia Clínica Social, que tem como principais pesquisadores os franceses Jacqueline Barus – Michel, Eugene Enriquez e André Levy da Universidade Paris VII, que por convenio estão como colaboradores do LEFE. Nesta perspectiva, existe uma estreita articulação entre conceitos da fenomenologia, psicanálise e sociologia.

Afastamo-nos da concepção de clínica voltada exclusivamente para o indivíduo e a um enquadre estável e inserido em um sistema institucional relativamente fechado, como o consultório ou outro lugar ideal de “clínica”. Consideramos o cliente um sujeito – social em situação, com sua bagagem histórica e cultural, e é nesta complexidade multireferencial que deve ser abordado. A clínica tradicional é desconstruída, reconstruindo-a concomitantemente voltada para o social.

Esta forma de aproximar-se do fenômeno permite uma ampliação do espectro de ação. Além de abordar o cliente em sua experiência emocional, é possível alcançar a instituição a qual pertence. Ao contrário da Psicologia Institucional, que parte da instituição para chegar ao



indivíduo, nesta proposta alcança-se a instituição a partir do indivíduo. Este passa a ser considerado um elemento multiplicador de mudanças.

Nesta abordagem, os clínicos são solicitados no limite. As referências tradicionais não parecem mais pertinentes e as novas expressões fazem figura de sintoma social.

A construção do saber se faz a partir da Pesquisa – Interventiva, na qual o clínico assume uma tríplice posição: a de cuidador, de supervisionando e de pesquisador em ação. Seu objeto principal é o sujeito – social em situação de demanda de cuidados à saúde.

No ultrapassamento das referências teóricas é que a prática se oferece a reflexão. A partir da experiência vivida, é possível retornar a teoria de maneira contextualizada e, desta forma, esta pode ser resignificada. O significado vai se construindo no exercício vivo da prática profissional, que, muitas vezes, não se deixa capturar pela visão teórica que o informa.



Psicologia do ego e a busca de tratar a psicanálise como uma ciência natural

Autora: Rosane Zétola Lustoza

Doutoranda do Programa de pós-graduação em Teoria Psicanalítica- UFRJ
Professora do curso de Psicologia – Universidade Estácio de Sá

e-mail:

Na 2^a metade do século XIX, , em sintonia com os inegáveis avanços que a Física e a Química haviam obtido rumo a um conhecimento objetivo e preciso do real, surge o projeto de transformar a psicologia em uma ciência, adotando procedimentos que teriam revelado sua fecundidade nos demais campos. Assim, a psicologia nascente dá-se como tarefa imitar os métodos e modelos de inteligibilidade que, segundo pensava-se, teriam garantido o sucesso das denominadas “ciências naturais”. Concernido por este ideal de sua época, Sigmund Freud declara ser a Psicanálise uma psicologia que, a despeito de distinguir-se radicalmente da tradição wundtiana, nem por isso aspirava menos o direito de figurar junto às demais ciências naturais.

Levando ao pé da letra os enunciados freudianos, muitos estudiosos de sua obra acreditaram ser de fato possível a defesa da validade da psicanálise como ciência natural, através de sua incorporação como um ramo da psicologia geral. O objetivo do presente trabalho será o de, após expor sucintamente qual o significado de tal empresa, realizar um exame crítico desta pretensão de redução da práxis psicanalítica a um capítulo da história das psicologias naturalistas. Para isso, elegemos como interlocutora a chamada psicologia do ego, legítima representante de tal tentativa de redução.

O trabalho deverá obedecer ao seguinte roteiro: em primeiro lugar, exporemos o tipo de inteligibilidade que caracteriza a Ciência moderna; em segundo lugar, mostraremos que a psicologia do ego deixa-se efetivamente nortear pelos princípios que orientam este tipo de



investigação; finalmente, em terceiro lugar, pretendemos mostrar a ilegitimidade de tal proposta.

1) A Ciência e a explicação por causas

Em sua trabalho de conferir racionalidade aos fenômenos, o cientista lança mão de um modo de explicação denominado causal. Este tipo de explicação caracteriza-se por estabelecer ligações entre fatos, portanto entre entidades correspondendo a algum tipo de observação. O alvo da explicação causal consistirá em, partindo de um fato dado, constituir ligações com outros fatos, segundo laços necessários a que se chamará leis da natureza.

Quando nos referimos a “laços necessários”, o que caracteriza a necessidade aqui em jogo? Quando se diz que, uma vez atuante uma causa x, o efeito y ocorre de maneira “necessária”, qual a noção de necessidade aqui em pauta? O que se quer dizer é que, uma vez atuante a causa x, o efeito y vai se dar inevitavelmente. Caso sejam reunidas determinadas condições, um determinado efeito inexoravelmente acontecerá. Quando dizemos, por exemplo, que um movimento de uma bola acarretará necessariamente o movimento de uma outra contra a qual ela se choça, queremos dizer que inelutavelmente o movimento ocorrerá. Há necessidade causal portanto quando um evento não pode não ocorrer se tais outros eventos ocorrem.

Como a palavra “causa” encontre-se comprometida com acepções contraídas ao longo de seu extenso passado filosófico, faz-se necessário elucidar que neste trabalho tomaremos como guia a noção científica de causa.

Como define Robert Blanché,

“se é permitido conservar em razão de sua comodidade de uso a palavra causa, deve-se reduzi-la a significar o conjunto das condições de que nós fazemos depender, segundo a afirmação de uma lei, a aparição de um fenômeno: a lei sendo escolhida precisamente de maneira a tornar possível o estabelecimento dessa dependência.” (BLANCHÉ, 1935, p.129).

2) A psicologia do ego e a tentativa de considerar a psicanálise uma ciência

A direção na qual devem se engajar as pesquisas psicológicas, se elas querem chegar a se constituir como uma ciência natural, é a de tratar o psiquismo como um fenômeno natural, regido por uma legalidade própria. O psicólogo estudaria fatos psíquicos, os quais seriam tão acessíveis à observação -mesmo que se conceba tal observação de uma maneira distinta- quanto os fatos



físicos, e que devem estar ligados entre si por leis. Portanto, se a psicologia psicanalítica do eu reconhece a si própria como inserida no projeto de uma psicologia científica, cabe perguntar: de que maneira ela concebe o fato psíquico? Qual o seu objeto de estudo?

“Os dados colhidos na situação psicanalítica são primariamente dados de comportamento; (grifo meu) e o alvo é claramente a exploração do comportamento humano. Os dados são na maioria o comportamento verbal do paciente, mas inclui outros tipos de ação. Eles incluem seus silêncios, suas posturas (F. Deutsch, 1952), e seus movimentos em geral, mais especificamente seus movimentos expressivos.” (HARTMANN, 1959/1976, p.336)

Apesar deste ponto constituir uma aparente aproximação com o behaviorismo, a psicologia do ego dele se distancia por abordar os comportamentos como indicativos de processos mentais. Como definir o que seja a mente? A mente seria uma realidade inextensa, não localizável no espaço, interior ao indivíduo e subjetiva; em contraste com o mundo físico, caracterizado pela espacialidade, exterioridade e por existir independentemente de nós. A peculiaridade da investigação psicanalítica seria, não tanto a de haver incluído em suas considerações a existência da mente- como se sabe, esta era já objeto de estudo pela psicologia clássica-, mas sim o de haver descoberto que o mental não se reduz à consciência, pois existiria um psiquismo inconsciente. Resulta disto que “as explicações do comportamento humano em termos de proposições sobre processos mentais inconscientes (grifo meu) tem sido uma parte essencial e uma característica específica da psicanálise” (HARTMANN, 1959/1976, p.320). Daí certos teóricos, como Rapaport, preferirem dizer que o objeto de estudo da psicanálise é a conduta latente, termo cuja vantagem é colocar em relevo os dois pontos anteriores: em primeiro lugar, a noção de conduta assinala que não se está limitando a comportamentos, fatos passíveis de uma observação pública, mas que também são levadas em consideração as representações mentais ou “significados” que os acompanham; em segundo lugar, a noção de latência assinala que tais “significados” não pertencem à experiência subjetiva imediata, pois são inconscientes.

Uma concepção psychologizante do significado deve considerá-lo como uma realidade mental, diferente da realidade física, mas tal como ela submetida ao determinismo da natureza e passível de ser explicada por fenômenos antecedentes ou concomitantes (cf. BLANCHÉ, 1935). No caso específico da psicologia psicanalítica, a assimilação do significado a um fenômeno



natural é realizada através da adoção do princípio do determinismo psíquico, segundo o qual uma vez presentes certos pensamentos, determinados outros pensamentos ocorrerão inevitavelmente conforme uma necessidade natural. Em vez de considerar que o curso dos pensamentos obedece às conveniências lógicas ou racionais, afirma-se que ele é regido por uma espécie de “mecanismo” mental do qual o psicólogo buscaria as leis.

“Começamos pelo princípio do determinismo psíquico. O sentido deste princípio é de que na mente, assim como na natureza física que nos cerca, nada acontece por acaso ou de modo fortuito. Cada evento psíquico é determinado pelo que os precederam [grifo meu]. Os eventos em nossas vidas mentais que podem parecer fortuitos ou não relacionados com os que os precederam o são apenas em aparência. Na realidade, os fenômenos mentais são tão incapazes de tal falta de conexão causal com os que os precederam quanto os fenômenos físicos. [grifo meu] Nesse sentido, não existe descontinuidade na vida mental.” (BRENNER, 1987, p.18).

Ora, não seria precisamente a aplicação do princípio do determinismo psíquico o ponto de partida da investigação freudiana? Ele acreditou dever aplicar o princípio a uma classe de fenômenos que se apresentavam à consciência de um modo aparentemente arbitrário e aleatório, sem nenhuma ligação com os acontecimentos psíquicos que os precederam. Fenômenos como sonhos, sintomas histéricos, atos falhos, caracterizam-se por introduzir uma descontinuidade no curso normal dos pensamentos conscientes, consistindo num verdadeiro “corpo estranho” no coração do psiquismo. Esta (aparente) falta de conexão com outros atos psíquicos era tão evidente para os antecessores de Freud que eles desistiram de atribuir a tais fenômenos uma causalidade psíquica, acreditando poder explicá-los mais convenientemente como resultantes de disfunções orgânicas. Segundo a psicologia do ego, a grande descoberta de Freud teria sido justamente a de que, quando um pensamento, um esquecimento acidental, um sonho ou um sintoma parecem não se relacionar a algo que aconteceu antes na mente, isto não significa que constituem fenômenos devidos ao acaso, nem a causas fisiológicas. Pelo contrário, pode-se demonstrar que cada um desses “acazos” foi provocado por uma série de intenções atribuíveis ao indivíduo, em conformidade com o princípio do determinismo psíquico. Com a assunção deste princípio, consuma-se a assimilação do significado a um fenômeno natural.

É necessário saber isolar precisamente em que residiria a novidade da tese freudiana, segundo a psicologia do ego. Não seria tão somente na aplicação do princípio do determinismo



psíquico-afinal, esta idéia era bastante familiar para a psicologia do século XIX, cuja famosa tese do automatismo mental afirmava a possibilidade de que um pensamento possa suceder outro segundo uma ordem causal. Em outras palavras, o determinismo psíquico colocava a psicanálise antes em continuidade que em ruptura com a psicologia clássica. Conforme a psicologia do ego, a diferença específica da psicanálise não residiria, portanto, na postulação do determinismo psíquico. A diferença consiste em que, no caso dos fenômenos estudados pela psicanálise, o restabelecimento da continuidade dos dados da consciência não pode ser efetuado com um mero esforço da atenção, pois existe uma força atuando no sentido de impedir o conhecimento dos verdadeiros nexos causais. As verdadeiras motivações e intenções daqueles comportamentos ininteligíveis tiveram o acesso à consciência negado por uma força considerável denominada resistência, que tem de ser superada antes que possam tornar-se conscientes. Embora tais intenções não possam atingir a consciência, isto não as impede de continuar a existir e a exercer efeitos sobre a atividade consciente. O sistema que abrigaria tais intenções seria denominado sistema inconsciente.

3) Uma crítica à psicologia do ego

Isto posto, nós primeiramente iremos proceder a um exame crítico da psicologia do ego. Nossa crítica incidirá, não sobre os resultados efetivos aos quais chegou a psicologia psicanalítica, mas sobre a diretriz que orienta suas pesquisas, a saber, a tentativa de fornecer uma explicação causal do psiquismo, particularmente quando o que se tenta tornar inteligível é o **pensamento**. Queremos mostrar que a afirmação de que tudo que ocorre na mente encontra-se na dependência de fenômenos antecedentes ou concomitantes ocasiona problemas, quando se pretende estendê-la especificamente ao que seria o **poder de julgar**.

Os argumentos que se seguem inspiram-se francamente na crítica, empreendida pelos autores da linhagem denominada anti-psicologista, a projetos que visam reduzir o pensamento a um fenômeno natural. Nosso trabalho foi apenas o de buscar no arsenal teórico anti-psicologista as armas que precisávamos para combater a psicologia do ego, posição teórica que nós queremos criticar. Os argumentos anti-psicologistas

“se aplicam a toda forma de explicação que faria apelo às leis ou a regularidades naturais ou causais para analisar fenômenos relevando, em um sentido largo, do reino do “espírito”: quer se trate de verdades lógicas



ou matemáticas, de significações lingüísticas, ou fenômenos “psicológicos” eles mesmos.(grifo meu) E eles se aplicam quaisquer que sejam as leis “naturais” visadas: quer se trate de leis psicológicas (supondo-se que sejam leis naturais), quer se trate de leis biológicas, de leis neurofisiológicas, mesmo leis físicas ou químicas. Por exemplo, uma explicação evolucionista das normas morais de uma sociedade dada, que nos dissesse por exemplo que tais regras sociais existem porque favoreceram a adaptação da espécie, participariam da síndrome geral a qual pertence o psicologismo. É neste sentido que Frege e Husserl não dissociam sua crítica do psicologismo em lógica de uma crítica do naturalismo em geral. E é porque todos os autores que quiseram rejeitar qualquer assimilação das ciências normativas às ciências naturais, e mais geralmente de toda disciplina relevando de uma forma de “compreensão” e de “interpretação” a disciplinas relevando de uma forma de explicação causal, beberam na fonte dos argumentos anti-psicologistas fregeanos e husserlianos, e os incorporaram a serviço de seu dualismo das “ciências do espírito” e das “ciências da natureza”” (ENGEL,1996,p.86)

Assim, argumentos anti-psicologistas que tornaram-se clássicos, tais como os de Dilthey (diferenciando *explicação natural* e *compreensão do sentido*), os de teóricos lógico-positivistas (distinguindo o *contexto de descoberta* de uma teoria de seu *contexto de justificação*) e Wittgenstein (separando os *sinomas* de uma atividade de seus *critérios*), embora possivelmente tenham acrescentado sofisticações aos argumentos anti-psicologistas tal como originalmente formulados por Frege e Husserl, mantiveram suas linhas básicas.

Pelo que foi dito anteriormente, segundo a psicologia do ego o curso dos acontecimentos psíquicos obedece a uma necessidade natural. Aplicar esta concepção à função do julgamento seria assimilá-lo a um fenômeno natural, que poderia portanto ser explicado por fenômenos antecedentes. Para uma concepção determinista, um pensamento não é alguma coisa que surja na consciência de modo fortuito e casual, mas sim o resultado de certos fenômenos que o antecederam. No caso particular da psicologia do ego, supõe-se que nossos juízos ocorreriam como conseqüência de intenções e desejos que os antecederam. Deve então haver leis naturais segundo as quais todo juízo está necessariamente ligado a seus antecedentes psíquicos, cabendo à ciência psicológica descobrir estas leis. (cf. BLANCHÉ, 1935)

Suponhamos que fosse verdadeira esta tese de que os atos intelectuais seriam simples fatos que, análogos aos fatos físicos, obedeceriam também a leis naturais. O problema é o seguinte: admitir que os nossos pensamentos surgem em nosso psiquismo graças a uma necessidade cega



significa desqualificar o valor cognitivo de nossos pensamentos. Se nós somos obrigados a julgar de uma determinada maneira graças a uma espécie de “mecanismo” que nos constrange a pensar assim (seja esse mecanismo concebido como mental ou fisiológico, pouco importa), tais julgamentos estariam exprimindo apenas nossa natureza, e de maneira nenhuma o ser das coisas, conseqüentemente estaríamos impedidos de reivindicar para nossos enunciados um valor de verdade. Se os pensamentos dependem de antecedentes causais, tais como a psicofisiologia individual ou da espécie em geral, isto significa que os pensamentos deveriam ser inteiramente distintos, caso fossem concebidos por seres cuja estrutura mental ou biológica diferisse da nossa. (cf. BLANCHÉ, 1935) Talvez nós somente consigamos nos dar conta do escândalo de uma tal afirmação, quando lembramos que entre os juízos em questão encontram-se inclusive aqueles que constituem as ciências. Isto significaria, por exemplo, que nós somos levados a conferir valor de verdade à proposição $2+2=4$ graças a causas psico-fisiológicas, e que se a constituição de nosso cérebro fosse diferente poderíamos acreditar que $2+2=5$. Ou seja, tais juízos seriam antes reflexos das condições subjetivas dos seres em questão do que pronunciamentos acerca das condições objetivas do mundo. Para esclarecer este ponto, tomemos um exemplo tirado à própria psicologia do ego. Em uma passagem do livro de Brenner (cf. BRENNER, 1987, p.74), ele mostra que nossos julgamentos sobre um povo estrangeiro podem diferir muito, conforme nossos países estejam ou não em guerra. Transformam-se de um povo agradável, admirável mesmo, num povo desprezível e perverso. O que realmente nos fez mudar de opinião sobre o seu caráter? Os fatores decisivos foram processos psíquicos que ocorreram dentro de nós, entre os quais podemos mencionar o desejo de ferir e destruir o inimigo, o medo de um revide, etc., e é em conseqüência destes sentimentos que nossos vizinhos tornam-se desprezíveis, não devido a alguma característica objetiva deles. Da mesma maneira, achá-los admiráveis e adoráveis deve também estar em função de interesses e motivações, e não dizer algo das condições objetivas. Se todos os nossos pensamentos são apenas um efeito da pressão exercida sobre eles pelos nossos desejos, segue-se que qualquer discurso cuja intenção seja dizer algo de verdadeiro sobre o mundo está condenado de saída. Se alguém dissesse algo movido por uma necessidade natural, o conteúdo dos seus juízos sofreria uma imediata desqualificação quanto a seu valor cognitivo. Levada ao extremo, a tese de que a totalidade dos nossos juízos são explicáveis por causas traz como



consequência a impossibilidade de estabelecer uma hierarquia quanto a seu valor de verdade, pois nenhum seria capaz de dizer algo de objetivo sobre o mundo.

Tal concepção acarretaria para a psicologia do ego duplo embaraço. O primeiro seria o seguinte: se a totalidade do aparelho psíquico está submetida a um regime causal, logo os juízos portados pelo analista estariam eles também sujeitos à influência causal de seus desejos e intenções- o que comprometeria qualquer pretensão de emitir juízos objetivos e verdadeiros. O segundo embaraço seria que, ao admitir que a totalidade dos nossos juízos obedece ao determinismo psíquico, como a terapia poderia promover alguma modificação nos indivíduos? Pois se o indivíduo é compelido a julgar de uma determinada maneira graças a uma intenção ou motivação causando tal efeito, o psicanalista nada poderia fazer para alterar este determinismo natural –pelo menos não com o recurso de que dispõe, isto é, a fala. Pode-se retrucar que a psicanálise descobriu que a revelação de um nexos causal acarreta justamente a destruição da servidão àquelas causas inconscientes. Porém, se admitimos que o conhecimento do nexos causal tem sobre o indivíduo um papel liberador, não resta menos verdadeiro- se continuarmos a ser fiel ao princípio do determinismo psíquico- que este conhecimento da causa deve ser ele mesmo causado por um fenômeno antecedente ou concomitante. O que de qualquer maneira tornaria supérflua a presença do analista.

Pode-se objetar que o fato de nossos juízos chegarem a existir devido a causas não embarga a possibilidade de serem produzidos juízos verdadeiros. Nada impede que, mesmo que o curso dos eventos psíquicos siga o determinismo da natureza, venham a ser gerados enunciados verdadeiros. Contudo, este argumento peca quanto a um ponto essencial: pois, mesmo que nós admitíssemos a possibilidade de que o simples jogo das leis naturais, indiferentes à verdade, por um mero acaso trouxesse à luz juízos verdadeiros, deveria haver ao menos uma instância situada fora de qualquer determinismo, capaz de assumir um ponto de vista normativo e conferir um valor cognitivo superior a alguns desses enunciados. A afirmação de um valor superior suporia a constituição de uma instância que estivesse ela mesma subtraída ao determinismo da natureza.

“Proponho que adotemos a expressão provisória esfera do ego livre de conflitos para aquele conjunto de funções que, em qualquer momento dado, exercem seus efeitos fora da região dos conflitos mentais.



Não quero ser mal compreendido: não estou falando de uma província da mente cujo desenvolvimento seja, em princípio, imune a conflitos, mas, outrossim, de processos na medida em que, num indivíduo, permanecem empiricamente fora da esfera do conflito mental.” (HARTMANN, 1968,p.10)Sabendo dessas dificuldades, mas pretendendo ainda assim preservar a capacidade de julgar sobre o verdadeiro e o falso, a psicologia do ego declara que nem todo aparelho psíquico encontra-se submetido ao regime causal. Deve haver uma esfera do psiquismo onde predomina, não uma legislação causal, mas em que a racionalidade está no comando. Assim, o funcionamento do pensamento comportaria uma dualidade. Haveria uma parcela do psiquismo em que as idéias se sucederiam segundo uma causalidade natural, conforme leis deterministas- seria o denominado processo primário. A intervenção da razão seria capaz de substituir as seqüências incoerentes por seqüências lógicas, num processo denominado secundário. O processo secundário seria privativo do ego, o que não significa que a totalidade desta instância esteja liberada do automatismo mental. As partes do ego envolvidas em conflitos pertenceriam ao registro causal, enquanto que a parcela capaz de exercer a racionalidade seria a esfera do ego livre de conflitos.

A existência de uma esfera do ego livre de conflitos permitiria a manutenção de uma parcela do psiquismo fora do alcance do automatismo mental, portanto capaz de formular juízos independentes. O ego forte seria aquele que, em boa parte liberado do conflito, seria capaz de julgar com objetividade. Dentro dessa perspectiva, seria razoável supor que o analista, concebido como um ego forte, representa, ao menos parcialmente, o Princípio de Realidade, e que a direção do tratamento é fazer uma aliança com a parte saudável do ego do paciente, a parte que não foi afetada pelo automatismo mental. É claro que os juízos do analista podem sempre portar um resíduo de subjetividade, mas este seria um fator eliminável através da análise didática. Como diz Hartmann:

“Devido às potenciais incapacidades de observação atribuíveis aos processos mentais dos observadores [no caso, os psicanalistas], eles estão sujeitos ao constante escrutínio de outro analista. Alguns destes prejuízos à capacidade de observação psicológica podem certamente ser eliminados pela análise pessoal do observador, e esta é uma das razões pela qual uma análise didática é um elemento essencial no treinamento dos estudantes da psicanálise. Consequentemente, o que eu quero dizer aqui não é que na psicologia da personalidade a objetividade é impossível. É antes que a psicanálise descobriu potenciais fontes de erro e encontrou um meio de combatê-las. (grifo meu)” (HARTMANN, 1959, p.339)



Para que o ego desempenhe suas atividades com algum grau de autonomia, é preciso que ele não seja perturbado pelas exigências dos impulsos, ou pelos conflitos intrapsíquicos provocados pelos impulsos. Mas, como ele o faria, se a sua energia provém inteiramente do id? Daí a necessidade da ego psychology criar o conceito uma energia neutra, que nada mais é que a própria energia das pulsões que passou por uma alteração do seu caráter originalmente sexual ou agressivo, tornando-se acessível ao ego e disponível para a execução de suas diversas tarefas.

Todo o problema é saber se é possível este duplo regime de funcionamento psíquico (causal e racional). Segundo a tese, as mesmas idéias poderiam estar submetidas alternativamente a duas legislações absolutamente heterogêneas. O que significa que, embora sendo fenômenos naturais conduzidos à existência por uma necessidade cega, podem ter o seu curso suspenso graças à intervenção da razão. Para que isso fosse verdade, seria necessário supor que a razão seria uma “causa incausada”, ou seja, uma causa capaz de entrar em composição com as forças naturais, mas que ela mesma não é efeito de nada. Ora, a ciência não pode aceitar a noção de causas primeiras: se algo produz efeitos, é impossível que não tenha causas. O que reintroduziria a dificuldade da qual precisamente se queria escapar, ou seja, a afirmação de que a totalidade do aparelho psíquico obedece à legalidade causal. Além disso, como não ver que afirmar um determinismo natural do qual a razão poderia a qualquer momento suspender o curso significa renunciar à própria idéia de determinismo: a idéia de uma “necessidade facultativa” é uma absurdidade.

BIBLIOGRAFIA

BLANCHÉ, R. *La notion de fait psychique*. Paris: Librairie Felix Alcan, 1935

BERNARD, M. “A psicologia” in *História da filosofia das ciências humanas*. (org. François Châtelet), Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1977.

BRENNER, C. *Noções básicas de psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1987.

ENGEL, P. *Philosophie et psychologie*. Paris: Gallimard, 1996.

HARTMANN, H. (1958) “Comments on the scientific aspects of psychoanalysis” in *Essays on ego psychology*. New York: International Universities Press, 1976.

_____. (1959) “Psychoanalysis as a scientific theory”, in *op. cit.*



_____. *Psicologia do ego e o problema da adaptação*. Rio de Janeiro:
Biblioteca Universal Popular, 1968.



Psicologia Social da Educação

Concepções e Práticas de Ensino/Aprendizagem entre Pais e Professores: Uma Abordagem Sociocultural

Anderson Scardua Oliveira

Resumo

O objetivo deste trabalho foi comparar concepções e práticas de pais e professores sobre ensino/aprendizagem em termos de atividade e avaliação. Adotamos uma abordagem sociocultural da psicologia da educação (Gilly, 1989), cujo principal alvo é a construção social da realidade a partir de conhecimentos produzidos por indivíduos e grupos em interação. Observamos pais (n= 49) e professores (n= 72) ligados a escolas públicas do Rio de Janeiro. Os grupos convergiram quanto ao que é aprender mas diferiram sobre o ensinar. Ademais, constatamos forte diferenciação quanto as formas de avaliação de professores ($p < 0,001$). Ou seja, as atividades de ensino *com os professores* se destacaram os aspectos de planejamento/racionalidade, diálogo, desenvolvimento intelectual/cultural, enquanto *com os pais*, aquisição de valores éticos/morais. Para os pais, contudo, houve mais referência aos aspectos como pesquisar, observar diferenças individuais e condições de trabalho. Na avaliação de ensino com professores, estes enfatizaram auto-avaliação e em conjunto com pais, enquanto os pais destacaram atualização do professor, avaliação extra-escolar (exames nacionais), motivação/satisfação. Apesar de certa expectativa de aproximação por parte do professor em relação aos pais, ainda há muita dificuldade de comunicação e entendimento entre ambos os grupos nas escolas públicas observadas.

Palavras-chave: representações sociais, ensino/aprendizagem, avaliação.

Introdução

Ensinar e aprender podem ser tratados separadamente, mas, fazem parte de um processo complexo interligado, sobretudo se encarados a partir do senso comum. Nesse sentido, os estudos voltados para a busca de relações, continuidades e rupturas entre saberes acadêmicos e leigos a



respeito dos fenômenos de educação, têm avançado nos últimos anos, entre os quais destacaríamos aqueles que se fundamentam na abordagem das representações sociais (Moscovici, 1961/1976; Barbichon, 1973; Roqueplo, 1974).

Até recentemente, as preocupações sobre ensino/aprendizagem estavam fortemente centradas no saber acadêmico, tomado como referência e modelo normativo, o que vem sendo questionado por muitos, tendo em vista a dificuldade de se construir saberes, sobretudo no âmbito das ciências sociais e humanas, onde o conhecimento popular tem sido fonte de inspiração desde sempre, o que, por sua vez, não implica em renúncia ao rigor formal e abandono de método científico para o seu aprofundamento e avanço, mediante o questionamento constante das heranças culturais acumuladas. Um passo nessa direção, tem sido a escuta atenciosa dessa fala popular que se manifesta não só entre leigos mas, inclusive, entre os profissionais qualificados da Educação, que não obstante a posse de saberes formais, costumam lançar mão no dia a dia de saberes informais, beneficiando e aperfeiçoando seu trabalho. Ao lado disso, o ensino fundamental tem enfrentado dificuldades de realização, em que alunos e pais são constantemente responsabilizados pelo fracasso (Gama e Jesus, 1994), muitas vezes atribuído aos meios sócio-econômicos e posse do chamado capital cultural/simbólico. Nesse sentido, os pais têm sido apontados como co-responsáveis pelo processo educacional, exigindo mais aprofundamentos a respeito de como eles encaram tais atividades, bem como sobre as doutrinas que lhes dão suporte.

A abordagem das representações sociais (RS) tem sido adotada na área de ciências da educação, particularmente na psicologia da educação (Costa e Almeida, 1998; Rangel, 1994; entre outros), podendo se tornar em um dos seus fundamentos teóricos. De modo mais geral, poderíamos dizer que o fenômeno das representações sociais está dentro de uma preocupação já apontada por alguns autores mais influentes da psicologia da educação, como Vygotsky (1984), com sua posição sócio-histórica. Sem pretender expor as afinidades entre os modelos teóricos mencionados, poderíamos dizer que historicamente a teoria das representações sociais foi primeiramente formulada por Moscovici (*op.cit*), num esforço para compreender o modo de apropriação e transformação de um saber acadêmico por parte da sociedade, que foi estendido, em seguida, a outros assuntos inclusive de natureza cultural, como o corpo e a doença mental.



Nossa hipótese geral é de que existem divergências/diferenças entre pais e professores sobre o ensino praticado por estes últimos, sobretudo quando se refere aos conteúdos técnicos profissionais. Ademais, as várias práticas de avaliação escolar, seja da aprendizagem do aluno, seja do ensino do professor, são fonte de divergência, tendo em vista a ausência de oportunidade de discussão, bem como de explicitação objetiva de critérios, sobretudo daqueles praticados pelos professores.

Supúnhamos haver um forte consenso sobre o que se aprender com os pais, conhecimento que é partilhado por ambos os grupos. Já quanto a aprender com os professores, poderíamos esperar alguma diferenciação, uma vez que se trata de experiência vivida no ambiente escolar. Contudo, como ela é acessível a todos que tiveram experiência acadêmica, além de não se referir a um conhecimento especial para o qual se exige outro tipo de vivência, enfim, acreditávamos não ser geradora de R. S. específicas para cada grupo em foco.

No caso da atividade de ensino, por sua vez, esperávamos encontrar forte diferenciação. Assim, os professores tenderiam a mostrar interesse em relação às novas pedagogias, que incluem tarefas menos conhecidas pelos pais, tais como: formação para a cidadania, a interação social, bem como aspectos técnicos menos acessíveis relacionados ao planejamento e execução do trabalho propriamente dito. Do mesmo jeito, o ensino praticado pelos pais poderia ser gerador de clivagem intergrupar. Primeiro, pela própria situação proposta ser algo inusitada, poder-se-ia supor que os pais se limitariam a "ensinar", seja um saber informal, seja um saber formal, porém como atividade auxiliar ao ensino oferecido pela escola.

Na idéia de avaliar, seja a atividade de aprendizagem, seja a de ensino, está outra situação inusitada, sobretudo para os pais. Para estes, supomos que a avaliação é praticada por professores, sendo pouco usual pensar que os pais possam avaliar o que ensinaram para seus filhos, podendo ser portanto fonte de diferenciação, uma vez que os professores estão mais acostumados à idéia de avaliar, ainda que em contexto/situação específica.

Enfim, a avaliação de ensino é um assunto ainda pouco elaborado no âmbito do ensino fundamental. Como a aspiração de participação na vida escolar entre pais é muito forte, acreditávamos que essa situação fosse propiciadora de uma busca de critérios produzidos e



acumulados na memória de pais depois de conversas mantidas com outros pais em tantas oportunidades, inclusive fora da escola.

Método

Participantes

Observamos professores (n=49) e pais (n=72) ligados a escolas públicas da cidade do Rio de Janeiro. Eles foram contatados através de estudantes do curso de pedagogia da UFRJ.

Instrumento e procedimento

Foi preparado um questionário contendo perguntas abertas sobre o que é aprender/ensinar, como avaliar aprendizagem/ensino, o que fazer quando filhos/alunos não conseguem aprender/ensinar, o que estes podem fazer, tal como praticados/realizados com pais/professores.

Os sujeitos foram contatados diretamente em seus lugares de trabalho ou residência, onde responderam por escrito as perguntas formuladas. Quando necessário, as respostas foram preenchidas pelos próprios pesquisadores.

Análise de dados

O material simbólico das respostas foi analisado em termos de conteúdo temático (Bardin, 1991) e disposto em tabelas de frequência e percentagem, as quais foram objeto de testes de Qui-quadrado.

Resultados

Abaixo apresentamos as tabelas com os resultados de análises, relatadas em seguida. Todas as vezes que a comparação intergrupar foi significativamente mais numerosa para um grupo, a frequência e percentagem obtidas foram sublinhadas e realçadas.

Tabela 1 – O que é **aprender** com os pais e os professores?

| Conteúdos | Pais | | | | Professores | | | | Total |
|---|----------|------|-----------|------|-------------|------|-----------|------|-------|
| | Com pais | | Com prof. | | Com pais | | Com prof. | | |
| | Freq. | % | Freq. | % | Freq. | % | Freq. | % | |
| Educação geral/valores éticos/ morais/orientação | 91 | 72.2 | 23 | 20.7 | 63 | 64.9 | 11 | 13.2 | 188 |
| Vida social/boas maneiras/ | 14 | 11.4 | 7 | 6.3 | 14 | 14.4 | 14 | 16.8 | 49 |
| Pessoa genérica/segurança/ autoconfiança | 4 | 3.2 | 0 | 0 | 6 | 6.2 | 2 | 2.4 | 12 |

| | | | | | | | | | |
|--|-----|-----|-----|------|----|-----|----|-----|-----|
| Indivíduo autônomo | 0 | 0 | 2 | 1.8 | 2 | 2 | 2 | 2.4 | 6 |
| Comportamento convencional | 7 | 5.5 | 1 | 0.9 | 4 | 4.1 | 1 | 1.2 | 13 |
| Bagagem acadêmica/ intelectual/ Novidades informativas | 3 | 2.4 | 58 | 52.2 | 2 | 2 | 44 | 53 | 107 |
| Direitos/cidadania | 2 | 1.6 | 1 | 0.9 | 1 | 1 | 2 | 2.4 | 6 |
| Ajudar/ser ajudado/ser estimulado | 3 | 2.4 | 2 | 1.8 | 1 | 1 | 2 | 2.4 | 8 |
| Profissão/Mercado de trabalho | 0 | 0 | 9 | 8.1 | 0 | 0 | 3 | 3.6 | 12 |
| Horários/planejamento | 0 | 0 | 1 | 0.9 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 |
| Para se viver bem | 1 | 0.8 | 1 | 0.9 | 0 | 0 | 0 | 0 | 2 |
| Responsabilidade do que se ensina/Professor refletindo | 1 | 0.8 | 6 | 5.4 | 1 | 1 | 2 | 2.4 | 10 |
| Família em harmonia/paz/ amor | 0 | 0 | 0 | 0 | 3 | 3.1 | 0 | 0 | 3 |
| Total | 126 | 100 | 111 | 100 | 97 | 100 | 83 | 100 | 417 |

X^2 (aprender com pais)=não significativo.

X^2 (aprender com professor)=não significativo.

Conforme o que predizemos a atividade de aprender apresentou poucas diferenciações temáticas entre os grupos observados. Mesmo assim, notamos mais convergência quanto à aprendizagem de valores morais/éticos como atividade com pais, ao passo que bagagem acadêmica/intelectual com professores.

Tabela 2 – Como é a **atividade de ensino** praticada por pais e professores?

| Conteúdos | Pais | | | | Professores | | | | Total |
|--|----------|------|-----------|-------------|-------------|-----|-----------|-------------|-------|
| | Com pais | | Com prof. | | Com pais | | Com prof. | | |
| | Freq. | % | Freq. | % | Freq. | % | Freq. | % | |
| Atender diferenças individuais/diálogo | 8 | 11 | 11 | 15.5 | 3 | 5.1 | 11 | 11.8 | 33 |
| Trabalhar em grupo | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 1.1 | 1 |
| Formar hábito de consulta/ professor mediador | 0 | 0 | 4 | 5.6 | 0 | 0 | 0 | 0 | 4 |
| Estimular iniciativas | 3 | 4.1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 2 | 2.2 | 5 |
| Orientação moral-ética/ cidadania | 7 | 9.6 | 2 | 2.8 | 36 | 61 | 13 | 14 | 58 |
| Desenvolvimento intelectual/ cultural | 34 | 46.7 | 7 | 9.8 | 1 | 1.7 | 12 | 12.9 | 54 |
| Afetividade | 1 | 1.3 | 0 | 0 | 2 | 3.4 | 0 | 0 | 3 |
| Plano de trabalho/ensino é inconsciente/não sistemático | 2 | 2.7 | 23 | 32.4 | 4 | 6.8 | 36 | 38.7 | 65 |



| | | | | | | | | | |
|---|----|------|-----------|-------------|----|------|----------|------------|-----|
| Estimular/ajudar | 21 | 28.7 | 4 | 5.6 | 6 | 10.1 | 3 | 3.3 | 34 |
| Ensino contínuo/Ensinar | 0 | 0 | 9 | 12.7 | 4 | 6.8 | 5 | 5.4 | 18 |
| Pais/professores trabalham juntos | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 3 | 3.3 | 3 |
| Condições de trabalho ruins/Culpa das autoridades | 2 | 2.7 | 10 | 14.1 | 0 | 0 | 5 | 5.4 | 17 |
| Rebeldia/falta de limite | 1 | 1.3 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 |
| Punir | 0 | 0 | 0 | 0 | 3 | 5.1 | 0 | 0 | 3 |
| Deve ter aplicação prática | 0 | 0 | 1 | 1.4 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 |
| Idade | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 1.1 | 1 |
| Total | 73 | 100 | 71 | 100 | 59 | 100 | 93 | 100 | 296 |

X²(ensino dos pais)=não significativo.

X²(ensino dos professores)=26,35; gl=12; p<0,01.

Em relação à atividade de ensino com os pais, não obtivemos diferenças significativas entre pais e professores. Contudo, notamos que os pais consideraram que a atividade de ensinar praticada por eles é voltada para desenvolvimento intelectual/cultural, estimular/ajudar, atender diferenças individuais, entre outros, ao passo que, para os professores, observamos que a orientação moral-ética/cidadania concentrava boa parte das suas expectativas em relação à atividade de ensino dos pais, entre outros.

Já em relação ao ensino com professores, constatamos maior ênfase entre os próprios professores em plano de trabalho/sistematicidade, promover desenvolvimento, cultural/intelectual, orientação moral-ética/cidadania, pais/professores trabalham juntos, estimular iniciativa, trabalhar em grupo, enquanto entre os pais atender diferenças individuais, condições de trabalho ruins, motivar/ajudar, formar hábito de consulta, entre outros.

Tabela 3 – Como se deve **avaliar a aprendizagem** de alunos e filhos realizada com os pais e com os professores?

| Conteúdos | Pais | | | | Professores | | | | Total |
|--|----------|------|-----------|-------------|-------------|------|-----------|-------------|-------|
| | Com pais | | Com prof. | | Com pais | | Com prof. | | |
| | Freq. | % | Freq. | % | Freq. | % | Freq. | % | |
| Constante | 4 | 5.4 | 1 | 1.1 | 4 | 12.5 | 12 | 12.9 | 21 |
| Registro | 1 | 1.3 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 1.1 | 2 |
| Tarefa/atividade para casa | 0 | 0 | 13 | 14.1 | 0 | 0 | 6 | 6.5 | 19 |
| Prova | 1 | 1.3 | 23 | 25 | 0 | 0 | 16 | 17.2 | 40 |
| Avaliação oral | 22 | 29.7 | 13 | 14.1 | 6 | 18.7 | 9 | 9.7 | 50 |
| Participação/entrosamento/Acompanhamento/debates | 15 | 20.2 | 10 | 10.9 | 5 | 15.6 | 3 | 3.2 | 33 |

| | | | | | | | | | |
|--|----|------|----------|------------|----|-----|-----------|-------------|-----|
| Interesse/motivação | 1 | 1.3 | 9 | 9.8 | 0 | 0 | 2 | 2.2 | 12 |
| Criatividade/valoriza sua realidade sócio-cultural | 0 | 0 | 2 | 2.2 | 0 | 0 | 6 | 6.5 | 8 |
| Pais na prática | 5 | 6.7 | 2 | 2.2 | 1 | 3.1 | 6 | 6.5 | 14 |
| Respeitando diferença individual | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 3.1 | 8 | 8.6 | 9 |
| Obediência | 3 | 4.1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 3 |
| Assimilação | 0 | 0 | 6 | 6.5 | 2 | 6.2 | 3 | 3.2 | 11 |
| Levar em conta evolução | 5 | 6.7 | 3 | 3.2 | 2 | 6.2 | 6 | 6.5 | 16 |
| Orientação/sanar dúvidas | 11 | 14.8 | 0 | 0 | 8 | 25 | 3 | 3.2 | 22 |
| Diagnóstico/método | 3 | 4.1 | 7 | 7.6 | 0 | 0 | 10 | 10.7 | 20 |
| Nunca dizer estar errado | 0 | 0 | 1 | 1.1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 |
| Depende da sociedade | 3 | 4.1 | 0 | 0 | 3 | 9.4 | 0 | 0 | 6 |
| Não podemos dizer se outro sabe | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 2 | 2.2 | 2 |
| Estrutura escolar | 0 | 0 | 2 | 2.2 | 0 | 0 | 0 | 0 | 2 |
| Total | 79 | 100 | 92 | 100 | 32 | 100 | 93 | 100 | 296 |

X^2 (Avaliar aprendizagem com pais)=não significativo.

X^2 (Avaliar aprendizagem com professores)=41,81; gl=16; $p<0,001$.

A avaliação de aprendizagem com professores foi tratada de modo significativamente diferenciado por pais e professores. Os primeiros ressaltaram prova, avaliação oral, tarefa de casa, participação/entrosamento, motivação, assimilação, ao passo que os professores indicaram mais aspectos como constante, diagnóstico/método, respeitando diferença individual, criatividade/cultura do aluno, pais na prática, levar em conta evolução do aluno, orientação/sanar dúvidas, entre outros. Já as avaliações de aprendizagem com pais, segundo eles mesmos, apesar de terem sido diferenças não significativas, houve ênfase em avaliação oral, participação/entrosamento, orientação/sanar dúvidas, entre outras; enquanto para os professores, orientação/sanar dúvidas, avaliação oral, participação/entrosamento, constante, entre outros.

Tabela 4: Como se deve **avaliar o ensino** praticado pelos pais e professores?

| Conteúdos | Pais | | | | Professores | | | | Total |
|--|----------|------|-----------|-------------|-------------|------|-----------|------|-------|
| | Com pais | | Com prof. | | Com pais | | Com prof. | | |
| | Freq. | % | Freq. | % | Freq. | % | Freq. | % | |
| Comportamento cotidiano/ depende de cada aluno | 22 | 47.8 | 9 | 13.4 | 10 | 55.5 | 6 | 11.1 | 47 |
| Aproveitamento de exames nacionais | 2 | 4.3 | 12 | 17.9 | 0 | 0 | 5 | 9.2 | 19 |
| Condições de trabalho | 0 | 0 | 1 | 1.5 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 |

| | | | | | | | | | |
|---|----|------|-----------|-------------|----|-----|-----------|-------------|-----|
| Interesse/participação/pais/família/Avaliar contexto social | 6 | 13 | 3 | 4.5 | 1 | 5.5 | 3 | 5.5 | 13 |
| Avaliação conjunta pais/professores | 9 | 16.7 | 2 | 3 | 7 | 39 | 11 | 20.4 | 29 |
| Difícil avaliar o professor | 0 | 0 | 4 | 6 | 0 | 0 | 0 | 0 | 4 |
| Professor é mais importante | 0 | 0 | 1 | 1.5 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 |
| Auto-avaliação | 0 | 0 | 3 | 3 | 0 | 0 | 13 | 24.1 | 16 |
| Depende dos valores/transformar em cidadão | 1 | 2.2 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 |
| Criatividade/motivação/prazer (do professor) | 0 | 0 | 4 | 6 | 0 | 0 | 1 | 1.9 | 5 |
| Respeito mútuo | 2 | 4.4 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 2 |
| Constante/diariamente | 1 | 2.2 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 |
| Atualização do professor/pais/planejamento/ | 1 | 2.2 | 21 | 31.3 | 0 | 0 | 12 | 22.2 | 34 |
| Péssimo/fraco | 2 | 4.4 | 4 | 6 | 0 | 0 | 0 | 0 | 6 |
| A escola deve avaliar o professor | 0 | 0 | 3 | 4.5 | 0 | 0 | 1 | 1.9 | 4 |
| Ensino/aprendizagem são inseparáveis | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 2 | 3.8 | 2 |
| Total | 46 | 100 | 67 | 100 | 18 | 100 | 54 | 100 | 185 |

X^2 (Avaliar ensino de pais)=não significativo.

X^2 (Avaliar ensino de professores)=60,008; $gl=10$; $p<0,001$.

A avaliação de ensino com professores gerou forte diferenciação entre os grupos. Para os pais, os principais conteúdos foram atualização do professor, exames nacionais, depende de cada aluno, difícil avaliar professor, péssimo/fraco, escola deve avaliar. Já os professores, enfatizaram mais auto-avaliação, avaliação conjunta pais/professores, ensino/aprendizagem inseparáveis.

Discussão

Os resultados expostos indicaram sobretudo dois fatos psicossociais: por um lado, a existência da divisão de trabalho/especialização entre papéis de pais/professores; por outro lado, a presença de esforços de ambos os grupos para superar esta divisão por meio de representações/práticas, a serem melhor compreendidas. Nossa intenção é buscar a lógica subjacente aos dados e as possibilidades existentes.

Um primeiro ponto, refere-se ao forte consenso quanto aos aspectos morais/éticos e boas maneiras entre os grupos a respeito de aprender. Ou seja, boa parte da tarefa de educação considerada como própria dos pais estaria limitada a estes aspectos, segundo certas concepções e



práticas, deixando para os professores aqueles mais voltados para a assimilação de informação, de conhecimentos, entre outros. Assim, o peso dos convencionalismos sociais (moral/ético e informativo) estaria impedindo o desenvolvimento do indivíduo em ambas as esferas, o que merece mais reflexões. Não haveria um paralelo entre estes dados e os resultados a respeito do desenvolvimento moral observado por Kohlberg e seus seguidores em pesquisas aqui e em outros países (Biaggio, 1998), em que o chamado estágio pós-convencional só seria atingido por uma percentagem muito pequena de pessoas (em torno de 5%)? Nesse caso, poder-se-ia supor que parte destes fatos seria resultado de concepções/práticas de educadores a respeito do que aprender. Acreditamos que outros dados que obtivemos poderiam ampliar essa interpretação.

Assim, o ensino de pais, tanto para pais quanto para professores, continha forte conotação ético-moral impositiva/coercitiva, ainda que os primeiros tenham colocado certa ênfase na dimensão individual. Nesse caso, o contexto mais íntimo e intenso entre pais e filhos é o que permitiria o desenvolvimento da esfera individual. Contudo, mesmo entre pais, notamos a pouca frequência de respostas com conteúdos em que o indivíduo fosse considerado separadamente, independente de qualquer referência, como um ser distinto e que busca autonomia, prejudicando o trabalho de formação do mesmo, o que não foi compensado também por parte de professores ao considerarem o ensino de pais.

O ensino praticado por professores foi mais descrito em termos técnicos/racionais, indicando, talvez desnecessariamente, o uso de uma linguagem diferenciada daquela dos pais, sem procurar mais entrosamento com o conhecimento a respeito partilhado pelos pais. Ou seja, parece haver uma certa contradição dos professores entre o afã de se comunicar e o de manter sua área de domínio sem ingerência por parte dos pais. Outros dados a serem comentados abaixo poderão fazer compreender melhor esses resultados. Ao lado disso, os próprios pais, se colocando talvez fora do ambiente escolar, preferiram mencionar aspectos dos seus filhos e as condições objetivas de trabalho naquele ambiente, mas foi possível constatar que eles estavam preocupados com o desenvolvimento individual dos filhos a partir de vários itens, tais como aprender a pesquisar, atender dificuldades e aplicar conhecimentos. Este último aspecto, parece ser crucial para a motivação do aluno e para a consolidação de uma escola de fato ancorada na vida social da



comunidade onde ela se insere, quando uma imagem social da escola como fornecedora de diplomas inúteis cada vez mais se fixa na mente coletiva.

Em relação à avaliação do trabalho educacional dos professores, estes preferiram indicar os critérios de forma sem se limitar ao que o senso comum considera como mais usual, tais como avaliação por meio de prova, teste oral e tarefa de casa. Assim, os professores mencionaram que a avaliação era constante, procurando levar em conta diferenças individuais, além de contextualização, motivação, aplicação do conhecimento, sanar dúvidas, ou seja, tudo o que os pais haviam respondido a respeito da atividade de ensino, como se tivessem clara consciência a respeito do que pais/alunos aspiram, mas que não vem sendo praticado efetivamente nas escolas brasileiras. Nesse sentido, a pergunta a respeito da avaliação de aprendizagem com pais foi utilizada como mais uma oportunidade de colocar, além daqueles conteúdos de aprendizagem com eles mesmos, aqueles outros referentes à escola, tais como avaliação conjunta de professores e pais, sanar dúvidas, aplicar conhecimento, usar técnica/motivar.

A divergência entre pais e professores se evidenciou na questão referente à avaliação do ensino praticado pelos professores. Assim, enquanto os próprios professores acreditavam que a auto-avaliação ou conjunta com os pais seria suficiente, os pais preferiram a avaliação externa praticada pelos exames nacionais, pela escola, ou através de consulta mediante satisfação/motivação. Outros partiram para a avaliação sumária dos mesmos em termos negativos, considerando-os como necessitando atualização. Trata-se de um tema novo que aparentemente foi mais bem recebido pelos pais do que pelos próprios professores, que reagiram algo defensivamente como se temessem a situação proposta.

Em outra pesquisa, foi possível verificar o quanto o professor de escola pública na mesma cidade supunha que a comunidade esperava interações desfavoráveis entre aluno e professor, o que deve afetar a avaliação da atividade do professor por parte dos pais, numa cadeia de expectativas negativas a serem melhor elaboradas.

Bibliografia

Adorno, T.W. et al The authoritarian personality New York: Harper, 1950.

Balibar, E. Y a-t-il un "néo-racisme?". In E.Balibar e I. Wallerstein (Org.) Race, nation, classe. Paris: La Découverte, 1997.



Barbichon, G. La diffusion des connaissances scientifiques et techniques - aspects psychosociaux. In S. Moscovici (Org.) Introduction à la psychologie sociale (Vol. 2). Paris: Larousse, 1973.

Bardin, L. L'analyse de contenu. Paris: Presses Universitaires de France, 1991.

Benjamin, W. Obras escolhidas II. São Paulo: Brasiliense, 1987.

Biaggio, A. Introdução à teoria de julgamento moral de Kohlberg. In Nunes, M.L.T.(Org.) Moral & TV. Porto Alegre: Evangraf, 1998.

Costa, W.A. da e Almeida, A.M. de O. A construção social do conceito de bom professor. In: Estudos interdisciplinares de representação social. Goiânia - GO: AB Editora, 1998.

Deschamps, J-C. e Doise, W. L'effet du croisement des appartenances categorielles. In W. Doise (Org.) Expériences entre groupes. Paris, La Haye, New York: Mouton Editeur/E.H.E.S.S, 1979. (p.293-326)

Edwards, D. e Mercer, N. Common knowledge - the development of understanding in the classroom. Londres: Routledge, 1987.

Emler, N., Ohana, J. e Moscovici, S Children's beliefs about institutional roles: a cross-national study of representations of the teacher's role, British Journal of Educational Psychology, 57, 26-37, 1987.

Foucault, M. Hermeneutica del sujeto. Madrid: La Piqueta, 1994.

Foucault, M Tecnologias del yo. Barcelona: Paidós/I.C.E.-U.A.B, 1995.

Gama, E. M.P. e Jesus, D.M. de Atribuições e expectativas do professor: representações sociais na manutenção da seletividade social na escola, Psicologia: Teoria e Pesquisa, 10, 393-410, 1994.

Gilly, M Les représentations sociales dans le champ éducatif. In: D. Jodelet (dir.), Les représentations sociales. Paris: PUF, 1989.

Goffman, E. Where the Action Is. London: Allen Lane, 1969.

Harré, R. Role-rule theory. In Harré, R e Lamb, R. (Org.) The Dictionary of Personality and Social Psychology. Massachusetts: MIT Press, 1986. (p.292-293)

Howitt, D. et al Becoming an individual in society: social development. In Howitt, D. et al (Org.) Social Psychology- conflicts and continuities. Buckingham: Open University Press, 1989. (p.5-20)



Klein, Indicadores educacionais para subpopulações caracterizadas pela cor. Ensaio: aval. pol. Públ. Educ., 5, 17, 495-514, 1997.

Lemaine, G. Social differentiation and social originality, Europ. Jour. of Social Psych., 4, 17-52, 1974.

Lewin, K., Lippit, R. e White, R.K. Patterns of aggressive behavior in experimentally created social climates. Journal of Social Psychology, 10, p. 292-300, 1939.

Maisonneuve, J. Introdução à psicossociologia. São Paulo: USP, 1977.

Mead, G.H. Espírito, persona y sociedad. Buenos Aires: Paidós, 1934.

Mello, E.C. de Nas fronteiras do paladar. Folha de São Paulo, (28/05/2000), caderno *Mais!*, 4-10, 2000.

Moritz Schwarcz, L. Retrato em branco e negro. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

Moscovici, S. e Perez Representations of society and prejudices, Papers on Social Representations, 6(1), 27-36, 1997.

Pettigrew e Meertens, R.W. Subtle and blatant prejudice in western Europe, European Journal of Social Psychology, 25, 57-75, 1995.

Rabbie, J.M. e Horwitz, M. Arousal of ingroup-outgroup bias by a chance win or loss", Journal of Personality and Social Psychology, 13, 269-277, 1969.

Rangel, M. Representações e reflexões sobre o bom professor. Petrópolis - RJ: Vozes, 1994.

Roqueplo, P. Le partage du savoir - science, culture, vulgarisation. Paris: Éditions du Seuil, 1974.

Sherif, M. e Sherif, C. W. Ingroup and intergroup relations. Experimental analysis. In M.Sherif & C.W. Sherif Social Psychology. New York: Harper & Row. (pp.221-266), 1969.

Tajfel, H. Human Groups & Social Categories - studies in social psychology. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.



Psicologia Social da Educação

Desenvolvimento Psicossocial de Crianças de 0 a 6 Anos entre Pais e Professores,
segundo o Grupo Étnico Autodefinido

Edson Alves de Souza Filho - UFRJ

Resumo

O objetivo deste trabalho foi analisar, concepções e práticas de pais e professores a respeito de crianças de 0 a 6 anos de idade, segundo seu grupo étnico autodefinido. Adotamos a abordagem sociocultural da psicologia da educação (Gilly, 1989), que supõe a construção por parte do sujeito de um saber sobre assuntos considerados relevantes. Supúnhamos que a miscigenação sociocultural, aliada à hierarquização entre grupos, interferem no trabalho educativo. Observamos pais (P) (n=85) e professores (Pr) (n=18) de meio popular no Rio de Janeiro que se autodefiniram como negros (N), morenos (M) e brancos (B). Eles responderam um questionário a respeito da criança de 0 a 6 anos, o que lhes agradava, incomodava e expectativas de ação sobre a criança desta faixa etária. Em geral, os PN enfatizaram ação e busca de auto-regulação ao passo que PB incapacidade de auto-regulação/sociabilidade, psicopatologias e inteligência. Os PrM, por sua vez, diferenciaram-se em ação, incapacidade de auto-regulação. Quanto ao que lhes agrada, PN ressaltaram organização/auto-apresentação e obediência/calma/gostar de escola e PB expressão/comunicação e simpatia/afeição. Enfim, a busca de convergência entre os grupos foi sobretudo na direção normativa mais preconizada por PB, que enfatizaram conformismo social e menor autonomia individual no ambiente escolar. (CNPq/CAPES)

Introdução

Algumas teorias fundamentais a respeito do desenvolvimento psicológico ressaltaram a importância do contexto sociocultural para a formação da personalidade da criança,



particularmente no que concerne ao desenvolvimento social, aí incluindo a moralidade, a aprendizagem social, entre outras (Duveen e Lloyd, 1990). Apesar de sua importância, os estudos a esse respeito foram fortemente marcados pela busca de universais, seja oferecidos por modelos teóricos já existentes, seja pela verificação e revisão dos mesmos, conforme o caso. Sabemos que a maior parte das grandes teorias a respeito de desenvolvimento psicológico e psicossocial foi construída em ambientes socioculturais diferentes dos encontrados em nosso país, exigindo aprofundamentos a respeito de concepções/práticas de educadores sobre a infância de 0 a 6 anos, incluindo pais e professores do ensino fundamental. De todo jeito, estes autores muitas vezes partiram de pontos de ruptura em relação aos conhecimentos do senso comum dos seus países, merecendo mais pesquisas, até mesmo para compreender por que este saber não é valorizado/ utilizado na formação/prática de educadores do mesmo modo que ele foi formalizado por seus autores principais. Acreditamos que as dificuldades entre saber acadêmico e leigo decorrem não apenas de fatores puramente informacionais/racionais, mas em função de "filtros" socioculturais que desviam a atenção e transformam o saber acadêmico em algo intermediário, ancorado no saber informal, partilhado na forma de representações sociais (Moscovici, 1961/1976). Parte do predomínio do espírito leigo a respeito das representações da infância decorreria do fato de que a pré-escola no Brasil ainda não tem uma presença ampla a ponto de influenciar a formação da maioria dos brasileiros. Assim, no período de 0 a 6 anos a criança quase sempre vai encontrar pais e avós que possuem um saber cultural próprio partilhado socialmente, que se refletirá no modo de agir e pensar a respeito da infância. É possível que muitos já tenham se apropriado de informação acadêmica psicológica e educacional sobre isso, restando um aprofundamento no que tange às diferenças socioculturais dos principais grupos étnicos-raciais existentes na sociedade brasileira, conforme alguns estudos deixaram entender (Oliveira, 1995).

Nossas predições foram de que observaríamos as maiores diferenciações entre os pais, sobretudo negros e brancos, uma vez que os professores em geral sofrem uma certa influência da visão universalista, que tende a anular as diferenças socioculturais, bem como a privilegiar temas relacionados à atividade de ensino/aprendizagem, como as cognitivas (Mugny e Carugati, 1989), incluindo teorias de desenvolvimento psicológico, apesar de deixar de lado outras tantas, como os



aspectos mais primordiais desse desenvolvimento como ação, conforme alguns estudos internacionais já haviam encontrado.

Contudo, a aspiração educacional entre pais negros e mestiços pode estar modificando rapidamente as diferenças socioculturais pré-existentes, uma vez que eles acreditam assim poder facilitar a interação num ambiente orientado pela psicologia de brancos.

Ademais, no dia a dia cada grupo sociocultural enfrenta as tarefas de educação em função de condições específicas de posição na divisão de trabalho, no sentido de disponibilidade de tempo, modificando a qualidade das interações com seus filhos, entre tantas outras.

Sabemos que a história das concepções/práticas de educação infantil foram modificando-se ao longo do tempo (Ariès, 1981), em função também de dinâmicas tanto internas aos grupos, quanto externas, intergrupais. De modo geral, poderíamos destacar a importância crescente da carreira acadêmica para crianças e jovens de todos os meios sociais, bem como o aprofundamento dos fenômenos de subjetivação (Ariès e Duby, 1987), que acompanharam o aparecimento de uma classe média, incluindo o maior espaço para a privacidade, a autonomia do sujeito face às convenções, tendo em vista a luta pelos direitos humanos, a importância da realização pessoal, que passou a ser quase exigida para o exercício de certas funções sociais.

Ao lado disso, a busca de competição e influência social tem levado alguns grupos a aperfeiçoarem seus modos de apresentação na sociedade, procurando indicar capacidade de consistência lógica ou transparência interpessoal, por exemplo, enquanto outros a preferirem indicar comportamento de conformismo às normas sociais mais dominantes.

Outros estudos indicaram o quanto era difícil para os autodefinidos étnica e racialmente como brancos manifestar apoio à autonomia do indivíduo, tanto ao descrever suas autoridades familiares (Foucault, 1994, 1995), quanto ao se autodescreverem, levando-nos a prever algo parecido com relação aos seus filhos, apesar de certa idealização da infância, no sentido de ela ser objeto de projeções de aspirações não realizadas na vida do adulto (Chombart de Lauwe, 1991). Contudo, supomos que este último fenômeno possa ser mais provável entre brancos, tendo em vista a presença de uma concepção de que os adultos e educadores podem moldar a criança justamente neste período de sua história. Tal concepção muito difundida seria acompanhada por expectativas contraditórias de responsabilidade por um processo de socialização "forçada", que



implicaria em culpa e busca de compensação para a criança e para o adulto mesmo, reconhecendo a espontaneidade/criatividade da mesma. Ao mesmo tempo, a consciência de que praticou pressão sobre a criança gera a desconfiança ou dúvida a respeito da sinceridade/verdade dos sentimentos/afetos das relações interpessoais mantidas com filhos, o que implica em intenção de "transparência" ou controle permanente dos mesmos.

No caso dos negros, muito preocupados na preparação do modo de apresentação social dos seus filhos numa sociedade onde existe resistência à sua promoção, sobretudo no âmbito escolar, vai gerar uma ênfase retórica na comunicação daquelas qualidades negadas socialmente, a partir do próprio comportamento da criança, tais como a capacidade lógica e a escolha estética de vestimenta, além das óbvias buscas de discrição e branqueamento. Ademais, os educadores negros também devem manifestar preocupação com o aperfeiçoamento da interação interpessoal, fonte de muito stress acumulado a partir de frustrações sociais permanentes no chamado "mundo de brancos".

Método

Participantes

Foram pais (n=43) e professores (n=12) que responderam um questionário a respeito de criança de 0 a 6 anos de idade. Ademais, os participantes se autodefiniram etnicamente (Branco, Negro, Moreno). Eles eram de meio popular no Rio de Janeiro.

Instrumento e procedimento

Os participantes foram contatados em escolas, vizinhança e entre conhecidos de estudantes de graduação em pedagogia da UFRJ. O questionário continha perguntas a respeito do que é uma criança de 0 a 6 anos, o que incomoda, agrada e o que fazer para mudar o comportamento de uma criança desta faixa etária.

Procedimento de Análise

As respostas foram analisadas em termos de conteúdos temáticos (Bardin, 1991).

Resultados



Abaixo apresentaremos os resultados da análise de conteúdo das respostas em termos de temas usados, os quais estão dispostos em tabelas de frequência e percentagens sublinhados e realçados quando pudemos verificar um nível significativo de diferença estatística (qui-quadrado) entre os grupos étnico-raciais comparados.

Tabela 1 – O que é uma criança de 0 a 6 anos?

| Conteúdos | Pais | | | | | | Prof | | | | | | Total |
|--|-----------|-------------|---------|------|-----------|-------------|-------|------|-----------|-------------|-----------|-------------|-------|
| | Negro | | Mestiço | | Branco | | Negro | | Mestiço | | Branco | | |
| | F. | % | F. | % | F. | % | F. | % | F. | % | F. | % | |
| Ação/movimento | <u>9</u> | <u>29</u> | 16 | 22.2 | 19 | 12.4 | 2 | 28.5 | <u>13</u> | <u>39.4</u> | 15 | 18.5 | 74 |
| Sociabilidade/fala | 3 | 9.7 | 7 | 9.7 | <u>21</u> | <u>13.7</u> | 0 | 0 | 1 | 3 | <u>11</u> | <u>13.6</u> | 43 |
| Inteligência | 0 | 0 | 3 | 4.1 | <u>11</u> | <u>7.18</u> | 0 | 0 | 1 | 3 | 0 | 0 | 15 |
| Dependência/em desenvolvimento | 4 | 12.9 | 7 | 9.7 | 18 | 11.8 | 0 | 0 | 0 | 0 | 3 | 3.7 | 32 |
| Observação/independência/autonomia | <u>11</u> | <u>35.5</u> | 18 | 25 | 35 | 22.9 | 1 | 14.5 | 5 | 15.2 | 18 | 22.2 | 88 |
| Sem auto-regulação (limite/medo do perigo) | 0 | 0 | 12 | 16.7 | <u>24</u> | <u>15.7</u> | 0 | 0 | <u>11</u> | <u>33.3</u> | 20 | 24.7 | 67 |
| Psicopatologia/ansia | 2 | 6.5 | 3 | 4.1 | <u>16</u> | <u>10.4</u> | 2 | 28.5 | 1 | 3 | <u>5</u> | <u>6.2</u> | 29 |
| Egocentrismo | <u>2</u> | <u>6.5</u> | 5 | 6.9 | 3 | 2 | 2 | 28.5 | 1 | 3 | <u>8</u> | <u>9.9</u> | 21 |
| Precisa cuidado/aprende modelos | 0 | 0 | 1 | 1.4 | <u>6</u> | <u>4</u> | 0 | 0 | 0 | 0 | <u>1</u> | <u>1.2</u> | 8 |
| Total | 31 | 100 | 72 | 100 | 153 | 100 | 7 | 100 | 33 | 100 | 81 | 100 | 377 |

$X^2=22,866$; não significativo.

X^2 (pais N e B)=17,31; gl=8; $p<0,0270$.

X^2 (professores M e B)=13,78; gl=8; $p<0,0877$.

Conforme se pôde constatar (Tabela 1 acima), os pais N se destacaram em observação/ busca de autonomia, ação/movimento e egocentrismo, ao passo que os pais B por sociabilidade/ fala, inteligência, sem auto-regulação, psicopatologia e precisa cuidado/aprende modelos. Os professores M, por sua vez, se diferenciaram quanto a aspectos de ação/movimento, sem auto-regulação, enquanto os professores B em sociabilidade/fala, egocentrismo, psicopatologia e precisa cuidado/aprende modelos.

Tabela 2 – O que incomoda na criança de 0 a 6 anos?

| Conteúdos | Pais | | Prof | | Total |
|-----------|------|--|------|--|-------|
|-----------|------|--|------|--|-------|

| ----- | Negro | | Mestiço | | Branco | | Negro | | Mestiço | | Branco | | ----- |
|--|-------|------|---------|------|--------|------|-------|-----|----------|-------------|-----------|-------------|-------|
| | F. | % | F. | % | F. | % | F. | % | F. | % | F. | % | |
| Interfere na vida do adulto | 2 | 10.5 | 3 | 6.8 | 4 | 4.7 | 0 | 0 | 0 | 0 | 5 | 10 | 14 |
| Teimosia/mimo | 8 | 42 | 10 | 2.7 | 32 | 38.1 | 3 | 60 | 5 | 27.8 | 8 | 15.8 | 66 |
| Atitude de desvio/sonsa/finge | 2 | 10.5 | 3 | 6.8 | 11 | 13.1 | 0 | 0 | 3 | 16.7 | 5 | 10 | 24 |
| Fase do por quê | 1 | 5.7 | 1 | 2.3 | 1 | 1.2 | 0 | 0 | 5 | 27.8 | 1 | 2 | 9 |
| Briga/tem ciúme/agressividade | 4 | 21 | 7 | 15.9 | 15 | 17.8 | 0 | 0 | 0 | 0 | 11 | 21.6 | 37 |
| Quando o adulto não compreende/ não sabe responder perguntas | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 1.2 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 |
| Querem algo que não podemos dar/timidez/egoísmo | 0 | 0 | 4 | 9.1 | 7 | 8.3 | 0 | 0 | 5 | 27.8 | 5 | 10 | 21 |
| Necessidade fisiológica/saúde | 2 | 10.5 | 10 | 22.7 | 10 | 11.9 | 1 | 20 | 0 | 0 | 5 | 10 | 27 |
| Não atrapalha | 0 | 0 | 2 | 4.5 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 4 | 8 | 6 |
| Hiperatividade | 0 | 0 | 4 | 9.1 | 3 | 3.6 | 0 | 0 | 0 | 0 | 5 | 10 | 12 |
| Quando depende do professor | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 20 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 |
| Total | 19 | 100 | 44 | 100 | 84 | 100 | 5 | 100 | 18 | 100 | 49 | 100 | 219 |

X^2 (professores M e B)=27,77; gl=8; p<0,001.

A Tabela 2 sobre o que incomoda na criança de 0 a 6 anos, indicou-nos que os professores M se referiram mais a fase do por quê, teimosia/mimo e atitude de desvio/finge, enquanto os professores B a briga/agressividade, hiperatividade, necessidade fisiológica/saúde, interfere na vida do adulto, "não atrapalha".

Em relação aos pais não obtivemos diferenciações significativas entre os grupos, os quais expressaram os seguintes conteúdos em ordem decrescente: teimosia/mimo, briga/agressividade, necessidade fisiológica/saúde, atitude de desvio/finge.

Tabela 3 – O que agrada na criança de 0 a 6 anos?

| Conteúdos | Pais | | | | | | Prof | | | | | | Total |
|-----------|-------|----|---------|----|--------|----|-------|----|---------|----|--------|----|-------|
| | Negro | | Mestiço | | Branco | | Negro | | Mestiço | | Branco | | |
| ----- | F. | P. | F. | P. | F. | P. | F. | P. | F. | P. | F. | P. | ----- |
| ----- | F. | P. | F. | P. | F. | P. | F. | P. | F. | P. | F. | P. | ----- |



| | | | | | | | | | | | | | |
|--|----|------|----|------|----|------|---|-----|----|------|----|------|-----|
| Carinhosa/simpática | 2 | 9.5 | 7 | 13 | 11 | 12 | 0 | 0 | 2 | 10.5 | 11 | 17.2 | 33 |
| Obedece/bem comportada | 2 | 9.5 | 10 | 18.5 | 12 | 13 | 0 | 0 | 3 | 15.8 | 5 | 7.8 | 32 |
| Espontânea/criativa | 1 | 4.8 | 5 | 9.2 | 15 | 16.3 | 0 | 0 | 3 | 15.8 | 6 | 9.4 | 30 |
| Gosta da escola | 0 | 0 | 2 | 3.7 | 1 | 1.1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 3 | 4.7 | 6 |
| Organizada/limpa | 1 | 4.8 | 1 | 1.9 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 2 |
| Saúde física | 1 | 4.8 | 6 | 11.1 | 4 | 4.3 | 0 | 0 | 0 | 0 | 5 | 7.8 | 16 |
| Amizade/Confiança | 1 | 4.8 | 6 | 11.1 | 16 | 17.4 | 0 | 0 | 4 | 21 | 10 | 15.6 | 37 |
| Deixa adulto fazer coisas/não interfere | 1 | 4.8 | 0 | 0 | 2 | 2.2 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 3 |
| Quieta/calma | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 1.1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 1.6 | 2 |
| Aprende falar/inteligente | 3 | 14.3 | 7 | 13 | 24 | 26.1 | 0 | 0 | 3 | 25.8 | 9 | 14.1 | 46 |
| Não é egoísta | | | | | | | | | | | | | |
| Sempre agrada | 0 | 0 | 1 | 1.9 | 2 | 2.2 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 1.6 | 4 |
| Arrumada/limpa/sabe se comportar | 5 | 23.8 | 2 | 3.7 | 4 | 4.4 | 3 | 100 | 1 | 5.2 | 6 | 9.4 | 21 |
| Se calça/autonomia | 0 | 0 | 6 | 11.1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 5.2 | 3 | 4.7 | 10 |
| Precisa de proteção | | | | | | | | | | | | | |
| Não chora por qualquer coisa/não faz birra | 4 | 19 | 1 | 1.9 | 0 | 0 | 0 | 0 | 2 | 10.5 | 4 | 6.2 | 11 |
| Total | 21 | 100 | 54 | 100 | 92 | 100 | 3 | 100 | 19 | 100 | 64 | 100 | 253 |

Tabela 4 - O que agrada numa criança de 0 a 6 anos? (reagrupamento das respostas dos pais)

| Como e quando uma criança agrada aos adultos? Conteúdos | Negros | | Mestiços | | Branco | | Total |
|--|----------|-------------|-----------|-------------|-----------|-------------|-------|
| | Freq. | Perc. | Freq. | Perc. | Freq. | Perc. | |
| Carinhosa/simpática | 3 | 14,4 | 13 | 24,1 | 27 | 29,7 | 43 |
| Obediente/bem comportada | 6 | 28,6 | 13 | 24,1 | 14 | 15,2 | 33 |
| Espontânea/criativa | 4 | 19 | 12 | 22,2 | 39 | 41,9 | 55 |
| Organizada/limpa | 6 | 28,6 | 3 | 5,5 | 4 | 4,4 | 13 |
| Saúde física | 1 | 4,7 | 6 | 11,1 | 4 | 4,4 | 11 |
| Não dá trabalho | 1 | 4,7 | 6 | 11,1 | 2 | 2,2 | 9 |
| Sempre agrada | 0 | 0 | 1 | 1,9 | 2 | 2,2 | 3 |
| Total | 21 | 100 | 54 | 100 | 92 | 100 | 167 |

X^2 (Pais)=30,846; gl=12; p<0,01.



A Tabela 4 sobre o que agrada aos educadores gerou as seguintes diferenciações entre pais N: obediente/bem comportada e organizada/arrumado; entre os pais M: obediente/bem comportada, saúde física e não dá trabalho; e, pais B: espontânea/criativa e carinhosa/simpática.

Tabela 5 – O que se deve fazer para mudar o comportamento da criança de 0 a 6 anos?

| Conteúdos | Pais | | | | | | Prof | | | | | | Total | |
|--|-------|------|-----------|-------------|-----------|-------------|-------|-----|---------|------|--------|------|-------|---|
| | Negro | | Mestiço | | Branco | | Negro | | Mestiço | | Branco | | | |
| | F. | % | F. | % | F. | % | F. | % | F. | % | F. | % | | |
| Não pode mudar | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 2 | 9.1 | 0 | 0 | 2 |
| Indicar o certo e errado | 4 | 18.2 | 18 | 27.7 | 41 | 34.4 | 0 | 0 | 7 | 31.8 | 24 | 29.6 | 94 | |
| Ajudar/dar atenção | 4 | 18.2 | 3 | 4.6 | 4 | 3.3 | 1 | 20 | 3 | 13.6 | 5 | 6.2 | 20 | |
| Diálogo | 3 | 13.6 | 13 | 20 | 13 | 11 | 1 | 20 | 0 | 0 | 16 | 19.7 | 46 | |
| Não adianta agredir | 0 | 0 | 0 | 0 | 5 | 4.2 | 1 | 20 | 0 | 0 | 1 | 1.2 | 7 | |
| Castigar/mostrar insatisfação | 1 | 4.5 | 2 | 3.1 | 6 | 5 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 1.2 | 10 | |
| Carinho/elogio/Respeito | 5 | 22.7 | 14 | 21.5 | 15 | 12.6 | 2 | 40 | 6 | 27.3 | 15 | 18.5 | 57 | |
| Educar para o mundo/sociedade | 1 | 4.5 | 0 | 0 | 6 | 5 | 0 | 0 | 0 | 0 | 5 | 6.2 | 12 | |
| Favorecer a autonomia/incentivar curiosidade | 0 | 0 | 3 | 4.6 | 6 | 5 | 0 | 0 | 0 | 0 | 5 | 6.2 | 14 | |
| Compreender seu mundo | 1 | 4.5 | 9 | 13.8 | 7 | 5.9 | 0 | 0 | 2 | 9.1 | 6 | 7.4 | 25 | |
| Rigorous com cautela/carinho/evitar revolta | 1 | 4.5 | 0 | 0 | 5 | 4.2 | 0 | 0 | 0 | 0 | 2 | 2.5 | 8 | |
| Tratar tecnicamente/Estratégia/objetiva | 2 | 9 | 3 | 4.6 | 4 | 3.3 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 1.2 | 10 | |
| Formar cidadãos | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 2 | 9.1 | 0 | 0 | 2 | |
| Deus | 0 | 0 | 0 | 0 | 2 | 1.7 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 2 | |
| Total | 22 | 100 | 65 | 100 | 119 | 100 | 5 | 100 | 22 | 100 | 81 | 100 | 314 | |

X² (pais M x B)=21,682; gl=11; p<0,0270.

X² (professores)=não significativo.

Enfim, a Tabela 5 apresenta as diferenciações significativas obtidas entre pais M e B. Assim, os primeiros, destacaram-se em carinho/elogio/respeito, compreender seu mundo, tratar tecnicamente, enquanto os B, indicar o certo/errado, educar para o mundo, rigoroso com cautela, entre outros. As diferenciações entre N e M foram quase significativas. Ou seja, os pais N



realçaram ajudar/dar atenção, e, os M, indicar o certo/errado, diálogo, compreender seu mundo, entre outros..

Os professores M e B indicaram maiores frequências sobre o que fazer para mudar em termos de indicar o certo/errado, carinho/elogio/respeito, diálogo, ajudar/dar atenção, entre outros, ainda que sem significância estatística.

Discussão

De modo geral, os pais brancos e, em certa medida, também os professores brancos, apresentaram uma expectativa desfavorável em relação à criança de 0 a 6 anos, sobretudo quanto a suas dificuldades para explorar o mundo interno (psicopatologias) e externo (inabilidade para autoregulação), indicando não apenas a necessidade de cuidado/proteção dos pais, mas, principalmente, a sensação de insegurança/receio, talvez projetada pelos mesmos. Outros conteúdos apresentados pelos mesmos sujeitos forneceram pistas para a compreensão das representações a respeito da infância, tais como a aprendizagem/ensino de modelos culturais, assim como a sociabilidade/expressividade e inteligência. Ou seja, estes pais partilhariam da concepção de que apenas na interação e a partir de aprendizagem com eles, seriam superadas as dificuldades apontadas. Em outro estudo, pudemos constatar o quanto era importante para os brancos a vida interpessoal, a comunicação e partilha cotidiana impossibilitada pela vida do bebê antes da aquisição da fala, etc. Enfim, a inteligência e as atividades cognitivas, como observação do meio externo à criança, indicadas por negros, mestiços e professores brancos, sugerem outra postura: a de antever naqueles primeiros sinais de atenção, de busca de autonomia psicológica. Nesse sentido, os pais negros enfatizaram de modo marcante a atividade de ação/movimento, em contraste com os pais brancos que tenderam a praticamente eliminar o corpo do seu campo mental, merecendo mais estudos. É bom notar que a visão desfavorável da criança por parte dos pais brancos pode estar favorecendo uma postura de maternalismo/paternalismo.

Os demais resultados aprofundaram os dados examinados acima, além de confirmarem outros. Assim, professores mestiços que manifestaram preocupação por dificuldade de autoregulação, também se referiram a desvio, e os professores brancos, confirmaram ênfase na sociabilidade da criança, hiperatividade, além de não atrapalhar o adulto e ao ambiente. Ou seja,



ambos os grupos estavam bastante voltados para o controle comportamental da criança, independentemente do seu estado psicológico interno.

Quanto ao que agrada, os pais negros apontaram outras preocupações, referentes à socialização, porém num sentido de conformismo social. Ou seja, enquanto os brancos e mestiços acreditavam ser possível estabelecer relações interpessoais harmoniosas, daí a grande insatisfação quando as crianças se desentenderam, os negros esperavam obediência a eles e capacidade de agradar a outros fora do âmbito familiar. Aparentemente, os pais brancos supõem poder reproduzir interações familiares em qualquer outro ambiente, como se tivessem um modelo de interação ideal sem conflitos, sem diferenças entre indivíduos, baseado na partilha de afeto/sentimento a ser aplicado.

Nossas expectativas de busca de "transparência nas interações" (Foucault, 1994, 1995) entre brancos foram assim confirmadas, pois até mesmo os professores brancos tenderam a reproduzir esses conteúdos, como se eles fossem considerados válidos em qualquer ambiente.

Bibliografia

Adorno, T.W. Educação e emancipação. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

Adorno, T.W. et al The authoritarian personality New York: Harper, 1950.

Almeida, A.M. (Org.) Pensando a família no Brasil: da colônia à modernidade. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo/Editora da UFRRJ, 1987,

Ariès, P. Déni d'enfance. Villeurbaine: Editions Golias, 1997.

Ariès, Ph. História social da criança e da família. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1981 (2ª edição).

Ariès, Ph. e Duby, G. História da vida privada. São Paulo: Companhia das Letras.

Balibar, E. Y a-t-il un "néo-racisme?". In E.Balibar e I. Wallerstein (Org.) Race, nation, classe. Paris: La Découverte, 1997.

Benjamin, W. Obras escolhidas II. São Paulo: Brasiliense, 1987.



Biaggio, A.M. B. Introdução à teoria de julgamento moral de Kohlberg. In M.L.T. Nunes (Org.) Moral & TV. Porto Alegre: Evangraf, 1998.

Chauí, M. Repressão sexual - Essa nossa (des)conhecida. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985 (9ª edição).

Chombart de Lauwe, M.J. Changes in the representation of the child in the course of social transmission. In Farr, R.M. e Moscovici, S. (Org.) Social Representations. Cambridge/Paris: Cambridge University Press/Editions de la Maison des Sciences de l'Homme, 1984.

Chombart de Lauwe, M.J. Liens entre les représentations véhiculées sur l'enfant et les représentations intériorisées par les enfants. In W.Doise e A Palmonari (Org.) L'étude des représentations sociales. Neuchâtel: Delachaux et Niestlé, 1986.

Chombart de Lauwe, M.J. Um outro mundo: a infância. São Paulo: Editora Perspectiva/EDUSP, 1991.

Costa, W.A. da e Almeida, A.M. de O. A construção social do conceito de bom professor. In: Estudos interdisciplinares de representação social. Goiânia - GO: AB Editora, 1998.

Del Priore, M. (Org.) História da criança no Brasil. São Paulo: Contexto (3ª edição), 1995.

D'Alessio M., Social representations of childhood: na implicit theory of development. In G.Duveen e B. Lloyd (Org.) Social representations and the development of knowledge. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

Dantas, I.G., Com a palavra a criança: representações sociais de família. In M.C.Madeira (Org.) Representações sociais e educação: algumas reflexões. Natal: EDUFRN, 1997.

Deschamps, J-C. e Doise, W. L'effet du croisement des appartenances categorielles. In W. Doise (Org.) Expériences entre groupes. Paris, La Haye, New York: Mouton Editeur/E.H.E.S.S, 1979. (p.293-326)

Duveen, G. Crianças enquanto atores sociais: as representações sociais em desenvolvimento. In S. Jovchelovitch e P. Guareshi (Orgs.) Textos em representações sociais. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.

Edwards, D. e Mercer, N. Common knowledge - the development of understanding in the classroom. Londres: Routledge, 1987.



Emler, N., Ohana, J. e Moscovici, S Children's beliefs about institutional roles: a cross-national study of representations of the teacher's role, British Journal of Educational Psychology, 57, 26-37, 1987.

Emler, N., Ohana, J. e Dickinson, J. Children's representations of social relations. In G.Duveen e B.Lloyd (Orgs.) Social representations and the development of knowledge. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

Fonseca, C. Pais e filhos na família popular (início do século XX). In M.^a D'Incao (Org.) Amor e família no Brasil. São Paulo: Contexto, 1989.

Foucault, M. Hermeutica del sujeto. Madri: La Piqueta, 1994.

Foucault, M. Tecnologias del yo. Barcelona: Paidós/I.C.E.-U.A. B., 1995.

Gilly, M Les représentations sociales dans le champ éducatif. In: D. Jodelet (dir.), Les représentations sociales. Paris: PUF, 1989.

Goffman, E. Where the Action Is. London: Allen Lane, 1969.

Goffman, E. A representação do eu na vida cotidiana. Petrópolis: Editora Vozes, 1975.

Harré, R. Role-rule theory. In Harré, R e Lamb, R. (Org.) The Dictionary of Personality and Social Psychology. Massachusetts: MIT Press, 1986. (p.292-293)

Howitt, D. et al Becoming an individual in society: social development. In Howitt, D. et al (Org.) Social Psychology- conflicts and continuities. Buckingham: Open University Press, 1989. (p.5-20)

Klein, Indicadores educacionais para subpopulações caracterizadas pela cor. Ensaio: aval. pol. Públ. Educ., 5, 17, 495-514, 1997.

Lemaine, G. Social differentiation and social originality, Europ. Jour. of Social Psych., 4, 17-52, 1974.

Lewin, K., Lippit, R. e White, R.K. Patterns of aggressive behavior in experimentally created social climates. Journal of Social Psychology, 10, p. 292-300, 1939.

Maisonneuve, J. Introdução à psicossociologia. São Paulo: USP, 1977.

Mead, G.H. Espíritu, persona y sociedad. Buenos Aires: Paidós, 1934.



Mello, E.C. de Nas fronteiras do paladar. Folha de São Paulo, (28/05/2000), caderno *Mais!*, 4-10, 2000.

Molinari, L. e Emiliani, F. What is in an image? The structure of mothers' images of the child and their influence on conversational styles. In G. Duveen e B. Lloyd (Org.) Social representations and the development of knowledge. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

Moritz Schwarcz, L. Retrato em branco e negro. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

Moscovici, S. e Perez Representations of society and prejudices, Papers on Social Representations, 6(1), 27-36, 1997.

Mugny, G e Carugati, F. Social representations of intelligence. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

Oliveira, Z.de M.R. de Educação infantil: muitos olhares. São Paulo: Cortez Editora, 1996 (3ª edição).

Pettigrew e Meertens, R.W. Subtle and blatant prejudice in western Europe, European Journal of Social Psychology, 25, 57-75, 1995.

Puig, J.M. A construção da personalidade moral. São Paulo: Editora Ática, 1998.

Rabbie, J.M. e Horwitz, M. Arousal of ingroup-outgroup bias by a chance win or loss", Journal of Personality and Social Psychology, 13, 269-277, 1969.

Rangel, M. Representações e reflexões sobre o bom professor. Petrópolis - RJ: Vozes, 1994.

Sherif, M. e Sherif, C. W. Ingroup and intergroup relations. Experimental analysis. In M.Sherif & C.W. Sherif Social Psychology. New York: Harper & Row. (pp.221-266), 1969.

Tajfel, H. Human Groups & Social Categories - studies in social psychology. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

Turner, J.C. et al Rediscovering the social group. Oxford: Blackwell, 1987.



Mesa - Psicologia, Arte e tradição: Epistemologia dos Encontros e desencontros do Feminino e Masculino

Elizabeth Christina Cotta Mello
Alexandre Schmitt
Roberto Gerson de Andrade Duque Junior
Lara Cristina Soares Pereira

Introdução

"Como sempre, tudo é uma questão de equilíbrio, pois um bastão tem duas extremidades. A face do mundo é ternária: masculinidade, feminilidade e zona de resistência máxima entre os níveis de Realidade¹ e os níveis de percepção, onde os casamentos entre a masculinidade e a feminilidade do mundo podem ser celebrados" (Nicolescu, 1999: 88).

O objetivo desse trabalho é uma reflexão sobre os inúmeros "casamentos" entre as polaridades para o nascimento do novo, representado pela criação. A relação entre o masculino e o feminino produziria um espaço fronteiro, com vocação transdisciplinar, simbolizando o encontro de polaridades que se em uma união permanente e tensional. Dentro da ciência em geral seriam capazes de produzir uma experiência, um ser, um novo paradigma irreduzível aos anteriores mas que pode simbolizar a um só tempo continuidade do antigo e transformação da vida.

A ciência e a psicologia necessitam de uma grande dose de receptividade, ou melhor, de humildade, ou modéstia, para que possa receber, e pesquisar, as diversas formas de sua prática. A psicologia atingiu um grau mínimo de maturidade para permitir a reflexão sobre as nossas implicações psicológicas na escolha de nossa forma de entender o homem. Nossa cosmovisão, identificação e/ou proximidade ideológica implica em projeções, fantasias e desconhecimento diante de outras abordagens em Psicologia. Admitindo que é necessário conhecermos nosso lugar e também rigor metodológico, surge a necessidade de discutir posteriormente sobre a relação entre o compromisso com o nosso objeto de estudo tão complexo sem esmagá-lo pelo método, e harmonizar a teoria com a prática. Esse duplo aspecto, olhar o método e a preservação do nosso "sujeito-objeto" desemboca no tema do encontro de duas atitudes opostas mas complementares: a reflexão sobre o masculino e o feminino na ciência e na psicoterapia.

O feminino e o masculino

O feminino e o masculino podem ser entendidos como duas imagens que foram utilizadas pelas culturas tradicionais, e pela psicologia de Jung, como posturas de ser e estar no mundo, bem

1. Entendemos por realidade "aquilo que resiste às nossas experiências, representações, descrições, imagens ou formalizações matemáticas. A física quântica nos fez descobrir que a abstração não é um simples intermediário entre nós e a natureza, uma ferramenta para descrever a realidade, mas uma das partes constitutivas da Natureza. Na física quântica o formalismo matemático é inseparável da experiência" (Nicolescu, 1999: 24).



como ¹estruturas processuais que simbolizam polaridades de um ritmo da vida como um todo. Todo o ser humano possuiria essas duas possibilidades de se posicionar, esses dinamismos aparecem nos fundamentos epistemológicos da ciência, e também na visão de ser humano e como atuar na prática psicológica. Para Jung há dois modelos básicos², apesar de muitas variantes posteriores. Podemos chamar de um modelo masculino e feminino.

A tomada de consciência, inclusive na ciência, é um processo contínuo de ir e vir de uniões possíveis e discriminações necessárias. O união da atitude masculina e feminina que poderia servir de um dinamismo amplo para a compreensão desse novo paradigma. *"Como sempre, tudo é uma questão de equilíbrio, pois um bastão tem duas extremidades. A face do mundo é ternária: masculinidade, feminilidade e zona de resistência máxima entre os níveis de Realidade³ e os níveis de percepção, onde os casamentos entre a masculinidade e a feminilidade do mundo podem ser celebrados"* (Nicolescu, 1999: 88). Não é a toa que o símbolo do processo de individuação é o casal alquímico. É interessante ressaltar que não é sem sentido que somente na contemporaneidade tenha surgido especificamente o trabalho com casais e famílias, envolvendo o relacional⁴ e diferentes subjetividades. O relacionamento amoroso também, e em especial, a paixão romântica, o maior desejo de nossa cultura, o que mais vende livros, e substituiu a religião como o *locus* privilegiado onde colocamos todas as nossas aspirações. Também não é aleatório o fato no mito de Psique, Eros, símbolo do amor, casar-se com ela. O casamento entre psique (o psiquismo) e Eros (liame

1. Podemos usar o exemplo da tradição chinesa. Em sua terminologia para masculino e feminino Yang e Yin, o masculino e o feminino não são definidos por meio de papel, nem mesmo em termos de qualidade psicológicas, mas por meio de imagens. *"Yang significa bandeiras ondulando ao sol, isto é, algo que brilha sobre ou luminoso, Yang é designado pelo céu, pelo firmamento, pelo brilho, pela criatividade, pelo lado sul da montanha (onde o sol brilha) e o lado norte do rio (que também recebe a luz do sol). Por outro lado: "Em seu sentido primitivo Yin é o nublado, 'o obscuro'; o receptivo, o lado norte da montanha e o lado sul do rio". (apud *ibid*). Evidentemente os chineses também falam de Yang como sendo os masculino e Yin, o feminino, mas basicamente Yang e Yin representam dois pólos espirituais em torno dos quais gira a rocha da vida. Yang e Yin são a "Sístole e a Diástole" que aparecem a nível biológico e físico no universo, são também, e essencialmente princípios cósmicos que aparecem nas ciências, artes e religiões, etc.. Como coloca Sanford (*ibid.*) é a interação e relação desses princípios que determinam o curso dos acontecimentos. Na psicologia analítica anima e o animus são uma espécie de parceiros invisíveis como os denomina Stanford (1986) presentes em todos os relacionamentos humanos e em toda busca de plenitude individual por parte da pessoa. Jung denominou-os de arquétipos, que como vimos, são blocos essenciais de construção na estrutura psíquica de todo homem e mulher. Como salienta Sanford (*ibid*) muitos acreditam que essas diferenças entre homens e mulheres são culturais, sendo que a postura da psicologia vai admitir outros fatores como "O fato de os homens e as mulheres poderem desempenhar muitas funções iguais na vida, serve de apoio a idéia de que cada pessoa é uma combinação de polaridades masculinas e femininas. Por causa do lado feminino, os homens podem agir em certas circunstâncias de maneiras tradicionalmente consideradas femininas e vice-versa" (*ibid*: 14). O ponto de vista de C.G. Jung é o de que, embora as influências culturais, sociais, econômicas e políticas e os papéis dos diversos grupos atribuídos a cada um dos sexos influenciem e determinem as formas dos homens e das mulheres viverem as suas vidas, existem padrões psicológicos arquetípicos subjacentes. Não obstante não se possa fugir da civilização e da época na qual o indivíduo está inserido, sob a "nossa pele" existem estruturas universais, além das culturais devidamente introjetadas. Como coloca Sanford (*ibid*: 15) falar de masculino e feminino é maneira de dizer que a energia psíquica "(...) assim como a eletricidade flui de um pólo positivo para um negativo, também a energia psíquica flui entre dois pólos que foram chamados de masculino e feminino".*



que liga), mostra que a importância dada em psicologia para a relação afetiva entre paciente e do terapeuta também é digna de nota. O símbolo do encontro modelar de polaridades básicas é que direciona a forma de se acercar da vida.

Na ciência e na psicoterapia

Tanto na ciência quanto na psicoterapia identificaríamos o modelo mais masculino com uma atitude objetiva, que separa e procura explicar levando em consideração os critérios da observação e da articulação conceitual. O modelo mais feminino busca uma atitude mais inclusiva e subjetiva, mas especialmente, procura compreender dando ênfase nos métodos mais relacionais, afetivos e de percepções mais intuitivas¹.

Dependendo do caso clínico esses dois modelos podem ser usados alternadamente ou não, em função do caso ou pela escolha de identificação do terapeuta. Dentro de limites percebemos que ao longo de sua prática normalmente com a experiência clínica o terapeuta vai se permitindo acertar o rumo de sua forma de atender mais próxima da necessidade de cada singularidade, independente da linha teórica.

Muitos terapeutas e trabalhos de diversas linhas poderiam ser citados sobre como a prática retroalimenta a posição teórica², chegando mesmo a afirmar que, para um bom terapeuta muitas vezes “a teoria na prática é outra” e cada um precisa descobrir o lugar de ser terapeuta. Porém, afirmo a importância de buscarmos uma coerência entre nossa prática e nossa teoria psicológica, bem como desenvolvermos pesquisas sobre a eficácia da psicoterapia com métodos apropriados para tanto. O próprio terapeuta também pode se tornar mais consciente de suas questões e essa flexibilização permite que na sua relação, transferência-contratransferência, possa se implicar de modo menos comprometido com seus aspectos menos trabalhos, *gestalts* menos fechadas, desejos narcísicos, etc.

Há casos clínicos (cf. Mello, 2002) em que necessita-se um “*holding*”, ou uma “*simbiose terapêutica*” (Searles *apud* Armony, 1978: 29). Sechehaye, precursora nesse tipo de conceito na psicanálise (*ibid*) também cunha de “*realização simbiótica*”, essa relação terapêutica mais

2. Como também a física, a cosmologia se subdivide em dois modelos, quatro e busca a possibilidade de um modelo amplo e múltiplo o bastante para admitir epistemologicamente uma totalidade.

3. Entendemos por realidade “*aquilo que resiste às nossas experiências, representações, descrições, imagens ou formalizações matemáticas. A física quântica nos fez descobrir que a abstração não é um simples intermediário entre nós e a natureza, uma ferramenta para descrever a realidade, mas uma das partes constitutivas da Natureza. Na física quântica o formalismo matemático é inseparável da experiência*” (Nicolescu, 1999: 24).

4. É essencial ressaltar que o relacional é o fundamental, mas que será do reencontro da totalidade em sua faceta unitária, cósmica, que a multiplicidade do eu e dos nossos outros ganha sentido. Virgínia Satir e Whitaker (*apud* Andolfi, M. A, Angelo, C. E Saccu, C.) se aproximam da epistemologia junguiana, quando, por exemplo, Satir admite que o eu e o tu são partes integrados de sistemas, no entanto a eles não se reduzem. O relacional – eu e o outro – coexiste com os singulares – as infinitas combinações únicas. Para Jung, porém, o coletivo de fora (o sociocultural do tempo e espaço lineares e irreversíveis) e de dentro do inconsciente coletivo (a estrutura processual sem tempo nem espaço) convivem e chegam a um determinado momento a se tocarem no que Jung chama de arquétipo psicóide, onde o arquétipo não é apenas psiquificado, mas é ele próprio, nesse nível, natureza e espírito: estamos aqui no *Unus Mundus*.

1. Para Jung esses dois modos podem ser associados as funções sensação e pensamento, e sentimento e intuição, respectivamente.



matriarcal. O grande problema nesse tipo de questão é que os interesses egóicos possam se misturar no atendimento. Esse procedimento para a psicologia analítica está incluso em seu arcabouço teórico sendo entendido como parte do processo psicológico. Além disso, alguns pacientes parecem necessitar desse envolvimento “real”, quem sabe em função de algumas variáveis incluindo o seu tipo psicológico. Podemos incluir essas diferenças de tipos de pacientes que apresentariam dificuldades no relacionamento com as primeiras figuras parentais, mas também aqueles que sabem entender que a relação terapêutica tem sua particularidade, mas podem – e precisam – se relacionar afetivamente com o seu analista em determinado nível¹. O risco de manipulações e atuações de ambos os lados é um risco necessário, onde a mistura e a distância podem ser igualmente danosas. Essa arte, de caminhar sobre esse “fio da navalha”, entre a união (*eros*) e a separação (*logos*) sempre foi nomeado, pelo menos implicitamente, como um desafio de todo junguiano.

Com o retorno ao tempo feminino, podemos admitir o tempo particular, qualitativo e singular “*como uma gravidez* [oposto ao tempo onde] *todas as subdivisões do tempo são iguais*” (Laureiro, 1989, 89-90). Tempo que se une com o “*tempo cronológico da vida do homem, tempo fundador da história e da ciência do homem, tempo da irreversibilidade termodinâmica*” (*ibid*: 89).

Estamos ainda vivendo na nossa cultura a marca da “lua negra”, ou lua nova associada ao “vazio absoluto” (Chevalier & Cheerbrant, 1997: 566). Por negar o feminino, colocando-o no lugar da ausência, desconsideramos a totalidade fruto da união de polaridades.

A idéia de uma consciência lunar e consciência solar podem ser associados ao dois modos – ou dois momentos – do processo de psicoterapia junguiana, a via seca e a via úmida. Esses dois caminhos iniciais dependem do terapeuta-paciente e do momento dos dois. É necessário admitir esses dois modelos dependendo do caso e das formas do terapeuta trabalhar. A consciência lunar e a consciência solar, para Murray Stein (1998), representam aspectos opostos e apesar do autor não propor etapas, fica clara a necessidade da união posterior dessas duas instâncias. No que se refere à consciência, as antinomias, que Stein denomina lunar e solar, nunca chegam à integração, ao repouso. Se para a consciência lunar, um pré-requisito futuro é a “*sensação ... de segurança de ser contido e protegido por ela*” (Scholl, *apud* Stein, 1998: 39), para a solar é fundamental o pleno desenvolvimento do ego, envolvendo valores e atitudes. A consciência solar “*...é uma espécie de guia moral interno que representa os valores atinentes aos pensamentos e padrões de conduta que dominam a vida consciente da pessoa*” (*ibid*: 35). Para a consciência lunar, nenhum deus deveria ter uma vitória definitiva sobre os outros. Stein nos lembra da “*fala de Ártemis, no Hipólito de Eurípedes, quando ela cita a lei olímpica segundo a qual nenhum deles deve interferir com a vontade do outro, mas cada qual deve ter seu lugar. Esse princípio representa uma tentativa de manter o equilíbrio das forças num sistema plural de funcionamento, o politeísmo*” (*ibid*: 100-101).²

2. Rego, M. (informação verbal, 2002), Sigelmann, E. (informação verbal, 2000; Porchat & Barros (1985), Armony (1978); Amêndola (informação verbal, 1994).

1. O tema da transferência, os diferentes momentos da análise, e diferentes relações terapêuticas, é muito importante e talvez necessite mais trabalhos futuros.



As formas de abordagem da clínica também podem ser do tipo mais feminino ou masculino¹, seguindo Newmann (1991) e a de Weinrib (1993). Este autor afirma que Newmann vai enfatizar as qualidades de receptividade que evita o pensamento e julgamento, associando às funções psicológicas sentimento e intuição. Técnicas como da caixa de areia se valem dessa primeira forma de trabalhar. O modo matriarcal² teria suas raízes em um nível profundo e arcaico do psiquismo de homens e mulheres. Esse é o motivo que em alguns momentos e com alguns pacientes, o terapeuta pode se orientar pelas qualidades de percepção não-verbal, um permitir o mistério de deixar brotar, produzindo um “estado psicológico de incubação ou gravidez” (*ibid*: 35).

Sobre o modelo masculino podemos afirmar que pode ser similar ao modelo médico “de cura e remissão de sintoma e se constitui como interpretativo” Podendo ser mais sutil, mas envolve necessariamente a noção de clareza, tomada de consciência e noção de individualidade. “Para que haja possibilidade de consciência é necessário a diferenciação, o surgimento dos opostos que é simbolizado pela dualidade (o símbolo do dois)” (*ibid*).

Os processos auto-curativos de transformação do inconsciente podem agir por eles mesmos, e em especial, se ajudados por um terapeuta. A consciência ampliada, por sua vez, associada ao masculino pode contribuir para a transformação mas não a garante, segundo Weinrib (1993). A transformação relaciona-se com uma postura que no dizer de Jung, envolve a aceitação do espaço matriarcal em que há uma renovação de um processo da natureza. Esses dois processos se complementam e envolvem a meta da psicoterapia. É porém, na “fluidez” (Maluf, 1997), dos dinamismos psicológicos (nesse momento divididos em dois por nós) – e respectivas epistemologias - que podemos começar a aproximarmos de uma visão mais ampla que inclua a complexidade do caminhar singular de cada indivíduo e relação terapêutica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

2. Prometeu é filho de Temis. Têmis é filha de Gaia e Urano e pertence ao mundo pré-olímpico dos Titãs. Segundo Roscher (*apud* Stein, *ibid*: 81), “seu nome significa ‘aquela que é posta, colocada. Um termo bastante próximo ... [de] *themeley*, designação da terra como solo firme”. Essa terra tem a peculiaridade “de matéria no seu aspecto estável, sólido e imóvel”. A consciência lunar se une com a solar, nesse momento, poderíamos arriscar, com um filho, o terceiro, o momento de multiplicidade. Porém, somente, com o surgimento da raça humana, a vida pode conviver com todas as suas polaridades. Segundo a perspectiva da psicologia analítica, é com o nascimento do Si-mesmo self, que o ser é comparado ao mundo cósmico em escala pequena (Jung, 2000) “Não é o homem empírico que constitui a correspondência com o mundo, como pensavam na Idade Média, mas sim a totalidade do homem anímico ou espiritual, impossível de ser descrita porque o homem é composto pela consciência e pela extensão indeterminável do inconsciente” (*ibid*: 303). Será a emoção que permite a integração da consciência é no ato de viver, onde se desenrolam as relações entre conteúdos psíquicos e o ego, que esse encontro se dará (Silveira, 1981). A consciência e inconsciente são os opostos complementares, na teoria junguiana, que permitem a dinâmica, a fluidez da vida.

1. Admitindo esses dois modelos dependem do caso e das formas do terapeuta de trabalhar, precisamos ter cuidado para não tentar adaptar o paciente ao método, ou melhor, o paciente com o método - e suas respectivas técnicas – que o terapeuta se identifica. É sutil pois reduzir também faz parte do ideário de algumas relações terapêuticas. Nem o paciente precisa usar a caixa porque pode sem ser intelectual, nem não pode. O “próprio consultório pode se constituir em uma caixa de areia” (Cavalcanti, informação verbal, 2002) Porém, para iniciar com o método é interessante utilizá-lo de forma clássica (como foi programado) para depois produzir mudanças.



- ANDOLFI, M. ANGELO, C. E SACCU, C. (org) **O casal em Crise**. 2 ed. São Paulo: Summus, 1995.
- ARMONY, N. Novos caminhos da Técnica Psicanalítica. In **Tempo Psicanalítico**. Vol. I – 1978, n 1. Rio de Janeiro, Petrópolis: Imprensa Vespertino, 1978.
- CHEVALIER, J. & CHEERBRANT, A. **Dicionário de Símbolos – mitos, sonhos, costumes, gostos, formas, figuras, cores, números**. 11. ed., Rio de Janeiro: José Olímpio, 1997.
- LAUREIRO, M. E. S. Simbolicidade e Temporalidade. In: **Junguiana. Revista da sociedade Brasileira de Psicologia Analítica**. V. 4, São Paulo, 1986, p. 79-98.
- MELLO, E. C. C. Mergulhando no Mar Sem Fundo - Introdução sobre a Epistemologia Atual e a Clínica Junguiana. **Monografia**. SBPA/R.J. 2002.
- MALUF, U. **Cultura e Mosaico - Uma introdução à Teoria das Estranhezas**, Niterói: Sol nascente, 1997.
- NICOLESCU, B. **O Manifesto da Transdisciplinariedade**. 1. ed., São Paulo: Triom, 1999.
- PORCHAT, I. & BARROS: (org.) Ser Terapeuta - depoimentos. São Paulo: Summus, 1985.
- SANFORD, J. A. (1986). **Os parceiros invisíveis**. São Paulo, Paulinas.
- STEIN, M. **Consciência Solar, Consciência Lunar - ensaio sobre os fundamentos psicológicos da moralidade, da legalidade e da noção de justiça**. São Paulo: Paulus, 1998.

-
2. Precisamos esclarecer aqui que o matriarcal pode ser entendido como duas facetas, onde há a Grande Mãe Nutriente e a Grande Mãe Transformadora. O aspecto transformador pode ser entendido como o masculino, oposto mas implícito, que surge durante uma nutrição bem realizada. O limite é melhor dado e aceito quando vem após a cumplicidade do receptivo. Isso serve para o atendimento psicológico, para a criação de filhos e para os laços afetivos que incluem cumplicidade e crítica.



Psicologia, Preconceito Racial e Humilhação Social

O Brasileiro Negro, a Discriminação Racial na Família e na Escola: O que a Psicologia Brasileira tem a Dizer?

Ricardo Franklin Ferreira

*Universidade São Marcos
2002*

Este trabalho, inicialmente, pontua formas pelas quais o preconceito racial contra o brasileiro negro é veiculado na família e na escola. Em seguida, teço comentários acerca de algumas condições históricas para o desenvolvimento do racismo. Ressalto, na análise, o projeto epistemológico da modernidade que, apoiando-se num pensamento metafísico, voltou-se para a busca de certezas, desenvolvendo horror à ambivalência, determinando uma busca obsessiva pela classificação e a ordem. Em seguida, pontuo um processo histórico, legitimado por tal concepção, que levou à escravidão do africano e redução de sua condição a mero objeto de uso. Posteriormente, já após a Abolição, foram desenvolvidas, no Brasil, concepções, apoiadas pela ciência, acerca da inferioridade racial do negro, a ponto de se ‘prever’ sua extinção na constituição do povo brasileiro. Na seqüência ressalto, o que a psicologia brasileira, também submetida às concepções epistemológicas da modernidade, tem a dizer, através de seus estudos, acerca da população afro-descendente. A partir de uma revisão bibliográfica, concluo que a produção voltada para as especificidades dessa população, cerca de metade dos brasileiros, é quase que nula. A literatura encontrada, com referências aos afro-descendentes, à problemática do racismo, à discriminação e preconceito raciais, pertenciam aos campos da educação, antropologia, comunicação, jornalismo e história. Assim, o psicólogo-pesquisador, ao não ressaltar, ou mesmo a se omitir, em relação aos afro-descendentes, tende a colaborar, queira ou não, para manter viva a crença no mito da ‘democracia racial brasileira’ e na suposta inexistência de preconceitos. Finalmente, concluo que a psicologia pode estar favorecendo a manutenção de um terreno fértil para a constituição de subjetividades voltadas para a exclusão do diferente e, em decorrência, para o desenvolvimento de estereótipos negativos acerca da população negra, que subsistem até hoje, além de situações concretas de desqualificação social desses brasileiros. Tais processos tendem a ampliar ainda mais os contrastes econômicos e sociais, situações incompatíveis com o país que desejamos construir. Creio ser hoje crucial o cientista deixar de voltar-se, protegidamente, para seus próprios instrumentos e metodologias de trabalho na busca de essências verdadeiras e descontaminadas de



existencialidades, pois estas podem ser muito incômodas, e sim, passe a elaborar trabalhos cada vez mais diretamente comprometidos com as melhora da condição humana.

Palavras-chave: afro-descendente, identidade, preconceito, família, escola, modernidade, psicologia brasileira

1. Introdução

O Brasil, em relação às outras nações americanas, foi o país a escravizar o maior número de africanos e o último país a abolir a escravidão. Temos hoje, descendentes dessas pessoas, cerca de 50% de afro-brasileiros constituindo nossa população. Assim, posso dizer que os valores ancestrais africanos passaram a constituir nossa cultura e, com certeza, participam da construção das identidades brasileiras, sejam de pessoas descendentes de africanos escravizados ou não. Porém, apesar da riqueza cultural trazida e da importância do trabalho exercido pela população escravizada, sobre quem toda a economia se estruturava, hoje ainda tratamos com preconceito tal parcela da população.

Não creio que haja necessidade de maior aprofundamento, pois são fatos históricos por demais conhecidos (veja Ferreira, 2000; Ianni, 1988; Moura, 1988, 1994; D'Adesky, 2001; Munanga, 1996, 1999).

O que desejo enfatizar é como o preconceito é veiculado e retro-alimentado, tanto na família como na escola, alguns aspectos da concepção epistemológica desenvolvidos na modernidade, favorecedores de subjetividades preparadas para exercerem a discriminação e, dentro deste contexto, qual vem sendo o papel da psicologia brasileira em relação a essa população, insisto, cerca de metade dos brasileiros.

2. Família e escola – lugares de manutenção do preconceito

Num trabalho sobre o tipo de racismo¹ desenvolvido no Brasil, um racismo ‘silencioso’ (Ferreira, no prelo), aponto a configuração muito comum de uma família em relação à categoria raça². As pessoas da família estudada se posicionam em ‘lugares’ diversos dentro de um gradiente étnico de cor. Conforme suas percepções, o pai e o irmão sempre foram considerados negros; a



mãe era considerada branca e hoje se considera negra; a filha mais nova via-se como morena e a irmã mais velha, como mulata, e hoje ambas definem-se como negras. Observa-se que, além da diversidade de atribuições em relação à cor, há também mudanças nas auto-atribuições em função de algumas experiências vividas. A partir de episódios de discriminação racial sofridos e, principalmente, a partir de participações em grupos de militância e movimentos culturais, como o rap, por exemplo, todos passaram a considerar-se negros, independente da tonalidade de pele ser mais clara ou mais escura. Entretanto, nesta mesma família, quando os filhos eram pequenos, as questões raciais e experiências de preconceito não eram tocadas e, nas poucas vezes em que eram discutidas, isto se dava de maneira jocosa. Consideravam tais questões como insignificantes para suas vidas ou tendiam explicar as situações em que eram humilhados socialmente como fruto de inadequações pessoais, abstraindo os aspectos raciais como possíveis variáveis.

Em relação à escola, num trabalho de Ferreira e Camargo (2001), foi analisada a maneira pela qual se dá a retro-alimentação do preconceito e da discriminação racial em relação à população de ascendência africana nas situações escolares diárias. A discriminação na escola é mantida por processos sutis através das relações pessoais. São processos silenciosos, em que o professor profere afirmações de cunho preconceituoso, naturalizando concepções de menor valia do negro em comparação ao branco. Mesmo nas situações em que o professor tem a intenção de reverter o preconceito racial junto aos alunos, ele desenvolve narrativas de cunho racista sem se dar conta. Esses processos foram analisados em outro trabalho, Moita Lopes (2002), com muita propriedade, que aponta como as idéias racistas são veiculadas através das narrativas desenvolvidas entre o professor e as crianças, nas diversas atividades pedagógicas.

1. Assumo, neste ensaio, racismo como uma categoria que se refere a uma prática discriminatória institucionalizada, e alinhado com a posição de d'Adesky (1996), como uma prática de “desvalorização da identidade, opondo-se ao direito de cada indivíduo a viver segundo um enraizamento comunitário” (p. 91) e cuja consequência principal, no campo político, é a fragilização das entidades comunitárias, cultural e etnicamente diferentes.

2. Alinhado com D'Adesky (2001), considero que, do ponto de vista da genética, o conceito de raça é desprovido de valor científico e pouco operacional. Assim, neste ensaio, o termo ‘raça’ está sendo considerado como uma categoria construída socialmente e que é utilizada como referência para tipificar e classificar os indivíduos em função de suas características perceptíveis. Assim, tal categoria é de muita importância, pois torna-se referência para processos de discriminação e exclusão social em função de características fenotípicas visíveis.



O preconceito já é parte constituinte das subjetividades das pessoas envolvidas nas relações sociais, sendo veiculado tanto na família, como na escola, pelos pais, professores e alunos, sejam eles de origem branco-européia, sejam eles de origem africana. Nas práticas sociais diárias, através das relações interpessoais, identificamos um fator de fundamental importância na construção de identidades: as pessoas consideradas brancas têm seus constructos de identificação referenciados em uma ‘superioridade’ baseada em suas raízes européias, e as pessoas consideradas negras, em uma ‘inferioridade’ construída pela desvalorização de suas características pessoais e de suas matrizes africanas.

Assim, como foi bem analisado por Cavalleiro (1998): nos lares de famílias negras e na escola, a maneira mais comum de se lidar com o preconceito é através do silêncio.

Tal silêncio vem sendo construído historicamente, através de uma farsa da qual, muitas vezes, o brasileiro se orgulha – a crença de que, no Brasil, vive-se uma ‘democracia racial’. O preconceito contra a população negra, em função do mito que o nega, torna-se difícil de ser compreendido e combatido. Há mecanismos subliminares de encobertamento permeados por um aparente tratamento cordial, desenvolvendo a crença de que a discriminação etnoracial não existe, como já discuti em trabalhos anteriores (Ferreira, 1999a, 2000).

Assim, ‘não temos de compreender o que não existe’.

3. O preconceito brasileiro – problema do outro

Sabe-se da discriminação, mas não se quer falar a respeito. Diversas pesquisas, como as apontadas pela Revista ‘Veja’ (10.01.1996) e pela Datafolha (Rodrigues, 1995), foram unânimes em ressaltar que o preconceito é sistematicamente considerado como atributo do “outro”. Os resultados da pesquisa Datafolha apontam que 89% dos brasileiros afirmam saber existir preconceito contra os brasileiros negros, mas somente 10% o admitem como seu. Schwarz (1996) chegou a resultados mais extremos - 97% das pessoas afirmaram não ter preconceito e 98% dos entrevistados diziam conhecer, sim, amigos e parentes próximos que têm preconceito racial. Camino et al (2001) apontam que há, entre estudantes, um sentimento praticamente unânime (98%) de que existe preconceito no Brasil, entretanto a grande maioria não se considera



preconceituosa (84%). Portanto, tem-se consciência do racismo, porém considera-se como um problema do outro.

Assim, no Brasil, o preconceito não é abertamente afirmado, dificultando a elaboração de leis que favoreçam sua reversão. A ideologia de que vivemos num país em que as diferenças são aceitas e valorizadas encobre o problema, favorecendo que a população negra seja submetida a um processo em que as condições de existência e o exercício de cidadania tornam-se muito mais precários com relação à população considerada branca. Em decorrência, a construção de uma identidade positivamente afirmada, requisito necessário para as pessoas se engajarem em políticas efetivas voltadas para a melhoria de suas condições sociais, torna-se um processo difícil.

4. O preconceito racial e a herança moderna

Em torno do século XIV, o homem ocidental lançou-se no mundo, transpondo fronteiras e limites que até então lhe davam segurança, deparou-se com um universo de extrema diversidade e as tradições deixaram de ser suficientes para ele se organizar de maneira segura em sua realidade, levando-o à reconstrução de novas crenças e regras de ação seguras e confiáveis. Através da razão, desenvolveu procedimentos de controle sobre os acontecimentos. A busca pela ordem constituiu-se num dispositivo de instalação do humano, através de uma estratégia preferencial – a de classificar. Para Bauman (1999), uma estratégia tipicamente moderna, pois o pensamento moderno não suporta a ambivalência e as coisas fora de ordem.

Ordem e caos são gêmeos modernos. Foram concebidos em meio à ruptura e colapso do mundo ordenado de modo divino, que não conhecia a necessidade nem o acaso, um mundo que apenas era, sem pensar jamais em como ser (p. 12).

Creio ser esta uma das chaves de compreensão da subjetividade do homem moderno. O processo de classificar, obsessão da civilização ocidental, constituiu-se nos atos de incluir o semelhante num padrão considerado desejável e correto, excluindo o diferente (Bauman, 1999). Cada ato de classificação compreende a divisão do mundo em dois: entidades que correspondem a um conceito e o que se diferencia dele. Mais que isso, “...tal operação de inclusão/exclusão é um ato de violência perpetrado contra o mundo e requer o suporte de uma certa dose de coerção” (p. 11). Assim, o ‘outro’ da ordem foi associado a qualidades como indefinibilidade, incoerência,



incongruência, incompatibilidade, ambigüidade, confusão, incapacidade de decidir, ambivalência, ou seja “pura negatividade” (p. 15). O outro passou a constituir-se na fonte e arquétipo de todo o medo.

Como resultante, a intolerância tornou-se a atitude básica, decorrente das práticas desenvolvidas na modernidade - terreno fértil para a construção de subjetividades voltadas para a desqualificação do outro, aquele considerado divergente dos padrões assumidos como verdadeiros e bons. Tais condições legitimam a transformação do outro no ‘mesmo’. Para o africano escravizado, convertê-lo ao cristianismo, apagar sua história ou, o que conhecemos muito bem, através de um processo de branqueamento e aculturação, torná-los ‘brancos’. Como outra alternativa, se houver resistência, a exclusão, a expulsão para ‘fora’.

Para Bauman (1999), “libertando das restrições morais a ação com um propósito, a modernidade tornou o genocídio possível” (p. 58). Sem considerá-la como uma causa suficiente, ele atribui à modernidade a condição necessária para a sua ocorrência. Compreende as concepções desenvolvidas na modernidade como condições determinantes para a ocorrência do holocausto judaico, um genocídio de extrema visibilidade.

Quero, aqui, sugerir que tais concepções, enraizadas na busca da ordem e na eliminação da ambivalência, serviram, da mesma maneira, de terreno para a realização de um genocídio mais silencioso, mais gradual, mais lento – aquele que se deu contra a população africana escravizada. A experiência da escravidão no Brasil transformou o africano em escravo, o escravo em negro, e o negro numa pessoa destinada a ‘desaparecer’, em nome da constituição de um povo cordial e moreno.

Nessa direção, a idéia do branqueamento foi defendida, no início do século XX, por vários cientistas e representantes da intelectualidade brasileira, sem esquecer que na modernidade os representantes da ciência passaram a ser os legitimadores das ‘verdades’ estabelecidas.

Os trabalhos de Schwarcz (1998) e Consorte (1999) analisam com muita propriedade esse período. Justificava-se ‘cientificamente’ o eurocentrismo¹, favorecendo políticas de

1. Cf. Larkin Nascimento (2000), “o termo eurocentrismo refere-se a essa imposição sobre os povos dominados de um universalismo hegemônico que define o mundo do ponto de vista do dominador” (p. 54).



branqueamento que, para Larkin Nascimento (2000), apoiavam-se em duas condições básicas: “a imigração europeia em massa, subsidiada pelo Estado, sob legislação que excluía raças não desejáveis; e o cultivo do ideal do embranquecimento” (p. 117).

Vejam alguns exemplos. Em 1911, no I Congresso Internacional das Raças, João Batista Lacerda apresentou uma tese que previa a extinção dos mestiços e pessoas de raça negra, na entrada do novo século (Schwarcz, 1998). Na mesma direção, o antropólogo Roquete Pinto, em 1927, no Congresso Brasileiro de Eugenia, previa que em 2012 a população brasileira seria constituída por 80% de brancos e 20% de mestiços, nenhum negro e nenhum índio. O psiquiatra Nina Rodrigues, pioneiro nos estudos científicos da população afro-descendente brasileira defendia teses racistas, no começo do século. Foi uma dos mais veementes defensores da teoria da degenerescência, procurando demonstrar as articulações entre inferioridade racial e a degeneração psíquica, apontando as manifestações religiosas de base afro-descendente como manifestações do primitivismo e da inferioridade do negro (Antunes, 1999). Adepto do darwinismo racial, considerava o mestiço como uma degeneração tanto do branco como do negro e afirmava que a raça negra no Brasil “há de se constituir sempre um dos fatores da nossa inferioridade como povo” (Rodrigues, 1977, p. 28).

Estou querendo apontar três condições favoráveis ao desenvolvimento do preconceito e sua forma de expressão no Brasil: (a) uma concepção constitutiva das subjetividades ocidentais, desenvolvida na modernidade, que em sua busca por ordem, tende a desvalorizar ou eliminar o ‘diferente’; (b) um processo histórico que, legitimado por tal concepção, levou à escravidão do africano, reduzindo-o a mero objeto de uso; (c) posteriormente, já após a Abolição, a construção de concepções ‘científicas’ acerca da inferioridade racial do negro e que vieram apoiar políticas de emigração e do ‘branqueamento’ da população, visando a construção de uma identidade nacional.

Num contra-movimento, nos anos 30, o mestiço passa a ser louvado como símbolo de nossa identidade. Primeiro a desvalorização, depois a exaltação. Assim, foi sendo construído um mito que passou a constituir o pensamento brasileiro – o mito da ‘democracia racial’, formulado de maneira exemplar por Gilberto Freyre.



Temos aqui um fértil terreno para a constituição do racismo silencioso, o peculiar racismo à brasileira – uma visão negativa do afro-descendente e um discurso que a nega. Assim, está construído o espinhoso terreno em que é gestada a identidade do brasileiro afro-descendente.

5. A psicologia brasileira e o afro-descendente

O que a Psicologia Brasileira tem a dizer sobre o contexto que aponteí acima?

Para responder a esta questão, fiz, em minha pesquisa de doutorado (Ferreira, 1999a), um levantamento de estudos em periódicos, teses e dissertações de psicologia voltados para a população brasileira afro-descendente, entre os anos de 1987 a 1997, disponíveis em duas das mais importantes bibliotecas de psicologia de São Paulo¹. O número encontrado foi quase nulo.

Foram analisados 3.862 artigos em 30 títulos de periódicos, 656 dissertações e 393 teses de psicologia, num total de 4.911 trabalhos e ressaltados aqueles cujos conteúdos continham referências à temática do afro-descendente².

Dentre os 4.911 trabalhos disponíveis nas duas bibliotecas, no mês em que realizei o levantamento, foram encontrados somente 12 que incluíam tal temática. É importante ressaltar o fato de, efetivamente, terem sido publicados somente três trabalhos até essa data. Os outros nove referiam-se a resumos de apresentações em congressos, dissertações e teses, todos não publicados. Entretanto, optei, no presente estudo, pela análise da totalidade dos 12 trabalhos encontrados, publicados ou não. Os conteúdos desses trabalhos podem sugerir um perfil do discurso da psicologia brasileira sobre a população negra.

Na maioria dos 12 trabalhos, a psicologia reafirma haver preconceito, em relação às pessoas negras, fundado em estereótipos construídos socialmente. Piza (1995) ressalta a construção do estereótipo de personagens femininas negras na literatura juvenil brasileira. Duas pesquisas de Tamayo e outros (1987a e 1987b), estudando a percepção de pessoas sobre relatos de situações de estupro, concluem que os sujeitos investigados tendem a atribuir uma maior

1. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP) e da Pós Graduação de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

2. Agosto de 1997.



responsabilidade à vítima, pela ocorrência do estupro, se esta for uma pessoa da raça negra e uma menor atribuição de culpa ao estuprador. Na mesma direção, há uma maior atribuição de responsabilidade ao estuprador se este for negro. Esses resultados sugerem a forma perversa tomada pelo preconceito.

Um estudo de Hutz & Rampon (1988) avaliou a influência das diferenças raciais e de gênero na inteligência de crianças. Usaram como instrumento de medida de inteligência o teste do desenho da figura humana, para os autores, apropriado para crianças de baixo nível sócio-econômico. Foram avaliados meninos e meninas, brancos, mulatos¹ e negros. Dentre os resultados, um deles aponta diferenças significativas entre raças, ou seja, as crianças brancas apresentaram melhores resultados no teste, em relação àqueles atingidos pelas crianças mulatas e negras, em outras palavras, a criança negra ‘demonstrou ser menos inteligente do que a criança branca’.

Os autores, embora os resultados apresentem consonância com outros trabalhos quanto às diferenças de inteligência entre raças, demonstraram certa preocupação com suas conclusões, sugerindo a necessidade de novas investigações no sentido de identificarem a influência de outras variáveis na explicação do fato. Creio ser uma preocupação louvável. Talvez fosse desejável que o trabalho fosse somente publicado após a realização das outras investigações sugeridas por suas conclusões, o que possivelmente diminuiria o risco do estudo legitimar ‘cientificamente’ o preconceito.

Os achados da ciência têm, ainda, função de legitimação das verdades estabelecidas no grupo cultural ao qual os indivíduos pertencem e, certamente, suas conclusões passam a fazer parte das verdades do senso comum. Trabalhos em psicologia, independente da qualidade metodológica, se apresentados de forma isolada, sem uma crítica mais consistente aos instrumentos usados para ‘medir’ a inteligência, ou em relação a outras variáveis passíveis de influenciar os resultados, podem criar o risco de ‘confirmar’ estereótipos negativos sobre a população negra e de integrar o processo de retroalimentação da discriminação racial.

Outro trabalho de Hutz (1988) sugere que os estereótipos, em relação à pessoa negra, já são desenvolvidos em crianças desde a época escolar. Investigando as atitudes de crianças com

1. Expressão usada pelos autores do artigo.



relação à cor de pele, concluiu que as crianças brancas atribuíram ações socialmente desejáveis a personagens brancos, em histórias a elas narradas, e ações socialmente indesejáveis a personagens negros e as crianças negras pareceram demonstrar um reconhecimento da situação privilegiada obtida pelos brancos na sociedade.

O estudo de Kajihara (1995), com crianças deficientes mentais de 10 a 17 anos, estudantes de classes especiais, examinou as relações raciais na escola. Ao avaliarem a percepção de si mesmos, do professor e dos colegas de classe, tanto os escolares brancos quanto os negros não demonstram comprometimento da auto-imagem ou problemas na relação com o professor e colegas de classe. Estes resultados sugerem, no caso dessas crianças, não serem problemáticas as relações interpessoais entre os pares, resultados aparentemente contrários aos de outros trabalhos na área da Educação (Valente, 1995; Teodoro, 1987; Barbosa, 1987).

Dois dos estudos visaram identificar e compreender o preconceito nas relações de trabalho. Teixeira (1992) ressaltou experiências de discriminação racial e resistência negra no mercado de trabalho e Azevedo (1988) investigou as relações entre empregadas domésticas e suas patroas. Esta autora percebeu diferenças nos discursos dessas mulheres e, para ela, podem ser entendidas sob a luz, simultaneamente, da ideologia racista e da ideologia sexista a permear as relações entre elas. Aponta um estranho silêncio sobre a questão do racismo, sistematicamente negado tanto no discurso das empregadas, quanto no das patroas, havendo uma clara tendência por parte das empregadas em afirmar a desigualdade, contrapondo-se aos discursos das patroas, que enfatizaram os aspectos de igualdade.

Um dos trabalhos levantados visava usar seus resultados no sentido de minimizar o preconceito alimentado pela publicidade. Junqueira e equipe (1994), realizaram pelo Centro de Estudos e Pesquisas do PROCON, órgão oficial voltado para o apoio dos direitos do consumidor, uma pesquisa para levantar subsídios para um processo de Ação Civil Pública contra discriminação racial contida em propaganda veiculada através de 'out-doors' da Benetton, onde aparecem duas meninas, na mesma situação - uma branca e outra negra. Para os autores, os resultados apontaram uma tendência dos entrevistados em perceber conteúdos discriminatórios e desabonadores da raça negra contidos na propaganda, e de esta estar, potencialmente, violando os direitos ao exercício pleno de cidadania das pessoas submetidas à visão da foto. As informações



publicadas, entretanto, não permitiram uma visão mais precisa sobre a metodologia empregada ou informações sobre particularidades da foto. Assim, os resultados apontados devem ser vistos com reservas.

Para assumir-se o favorecimento do preconceito por parte da propaganda, deveríamos ter informações sobre o método empregado - se este distinguiu os aspectos da foto explicitamente desabonadores da imagem do negro daqueles associados à possível projeção do preconceito que as pessoas entrevistadas já carregavam consigo. Creio ser importante essa ressalva, pois, quaisquer estímulos podem favorecer a uma pessoa projetar seu preconceito, ou seja, não há necessidade de tais estímulos conterem informações explícitas a aspectos raciais. O preconceito, assim como os diversos conteúdos da percepção, é uma construção socialmente mediada, de uma pessoa em relação à outra, determinado por algumas características da pessoa discriminada, porém, principalmente, pelas crenças da pessoa que discrimina. Se o preconceito fosse determinado unicamente pelas características da pessoa discriminada, poder-se-ia cair no absurdo de acusar o negro, por sua 'negritude', como o responsável pela rejeição por ele sofrida. Assim, a foto de uma pessoa negra não pode ser responsabilizada, como fator único, por alimentar o preconceito racial.

Dois estudos, dentre seus vários objetivos, ressaltaram o efeito positivo que as matrizes africanas podem determinar no desenvolvimento de identidades negras. Lima (1991), através do discurso de alguns mestres, faz uma descrição fenomenológica da Capoeira Angola, jogo constituído por um sistema de ataque e defesa, de origem genuinamente brasileira, surgido entre os africanos procedentes de Angola, no Brasil Colônia. É um jogo de agilidade e astúcia que mantém e valoriza a cosmovisão africana. Ronilda Ribeiro (1987), num trabalho intercultural com mulheres brasileiras e nigerianas-iorubás, estudou suas atitudes com relação à vida post-mortem e as posturas desenvolvidas, em função dessas atitudes, ante o próprio envelhecimento. Este trabalho resgata aspectos constituintes do imaginário africano que, provavelmente, participam das subjetividades dos brasileiros afro-descendentes.

Dentre os 12 trabalhos, aquele cuja preocupação, a meu ver, mais claramente voltou-se para a identidade negra afirmada positivamente, interesse deste estudo, foi o de Souza (1991). A autora procurou conhecer a organização e o funcionamento de dois grupos do Movimento Negro e



verificar os efeitos desses grupos sobre a formação da identidade de seus participantes. Constatou ter a participação no grupo levado o militante a recuperar os valores da cultura e da história do negro. Isso veio a permitir, através de um processo de reconstrução interior, uma revisão de padrões introjetados e o resgate da identidade racial. O grupo de militância passou a ser o ponto de referência, oferecendo segurança para o enfrentamento da discriminação, e a favorecer, aos militantes, maiores possibilidades de conquistas sociais, culturais e políticas.

O número reduzido de trabalhos voltados às questões dos afro-descendentes (3 publicações num universo de 4.911 estudos) levou-me a várias indagações. O que poderia tal número, tão reduzido, estar refletindo?

Haveria um desinteresse por parte do psicólogo para com esta população?

Se isto for verdadeiro, então estamos fazendo uma ‘psicologia branca’, excludente de, pelo menos, a metade dos brasileiros.

Seriam as variáveis raça e origem étnica consideradas como não relevantes no estudo do homem?

Se for este o caso, então os psicólogos não estariam levando em conta as diferenças efetivamente existentes nas pessoas desta população. Creio não ser uma hipótese absurda, pois tal postura estaria alinhada com o apregoador discurso oficial, ao qual o psicólogo também está submetido como cidadão, tendo sua identidade também construída em torno da idéia da ausência de preconceito no Brasil, de tratamento igualitário para todas as pessoas e de iguais oportunidades de mobilidade social para todos.

Assim, a ausência de trabalhos que enfatizem as especificidades etno-raciais do afro-descendente podem nos alertar sobre um possível risco da psicologia brasileira, em seu silêncio, não estar favorecendo a diminuição da discriminação ou, pior, com algumas conclusões isoladas às quais alguns trabalhos chegaram, estar alimentando a discriminação negativa.

O pesquisador, ao não ressaltar, ou mesmo omitir-se, em relação aos afro-descendentes, colabora, queira ou não, para manter viva a crença numa ‘democracia racial brasileira’, na suposta inexistência de preconceitos, além desenvolver um corpo de conhecimento fundado numa visão de um homem constituído por uma essência única, abstrata e universal.



Para Bock (1999, p. 185), a psicologia “tem, com suas concepções liberais, transformado em entidades e em essências as realidades que apreende” (p. 185). E assim, contribui para a mistificação e ocultamento das desigualdades sociais que, certamente dão origem a pessoas singulares e diferentes.

Como a discriminação tende a ser um processo ‘camuflado’, as questões referentes a ele tendem a ser não ser abertamente discutidas, dificultando o processo de reversão do preconceito.

Creio ser, hoje, crucial o cientista deixar de voltar-se, protegidamente, para seus próprios instrumentos e metodologias de trabalho na busca de essências verdadeiras e descontaminadas de existencialidades, pois estas podem ser muito incômodas, e sim, passe a elaborar trabalhos cada vez mais diretamente comprometidos com as melhora da condição humana.

Entretanto, creio que já temos caminhado, atualmente, numa direção mais favorável, apesar de tratar-se de um processo lento. Parece que o psicólogo vem se dando conta da gravidade da situação de discriminação racial. É um sinal positivo o aumento de interesse por parte dos psicólogos por tal temática. Da época em que realizei este levantamento até hoje (cerca de 5 anos), houve um substancial aumento de interesse por parte de pesquisadores da psicologia para com a população negra. Tenho participado de várias bancas de defesa de teses e dissertações, além de encontrar vários artigos em periódicos e livros de psicologia voltados para esta população. Apesar de ainda não ter feito um levantamento sistemático, complementando meu trabalho, para uma avaliação mais precisa de como esta questão se coloca hoje, com certeza é um número maior do que aquele que encontrei nos dez anos pesquisados¹. Entretanto, o número ainda me parece ser pequeno em relação aos outros temas de interesse do psicólogo e às outras áreas do conhecimento, como a educação, antropologia, história e sociologia.

A realização do Prêmio Monográfico “Arthur Ramos”, realizado pelo Conselho Federal de Psicologia, incentivou a elaboração de trabalhos sobre o tema “a pluralidade étnica como um

1. Somente nos últimos 4 anos, tive 25 publicações, dentre resumos em anais, livros e artigos em periódicos, venho orientando 9 pesquisas, todos voltados para a temática da população negra. Dentre meus trabalhos escritos nestes últimos anos, há um livro baseado em minha tese (Ferreira, 2000). É curioso que o tenho encontrado nas principais livrarias de São Paulo, porém sempre nas estantes de Antropologia. É como se fosse de senso comum que o psicólogo não trata destas questões e, sim, o antropólogo.



desafio para a psicologia brasileira”, e recebeu 49 trabalhos. Em 2002, a Campanha Nacional das Comissões de Direitos Humanos dos Conselhos de Psicologia teve como tema “A discriminação racial humilha; humilhação social faz sofrer” e aponta para o sofrimento produzido por toda a forma de discriminação racial. Reafirma o direito qualquer ser humano, não importando sua origem étnica, de não ser negativamente discriminado por suas diferenças e que o racismo é um mal social que viola direitos constituídos.

6. A aceitação da alteridade

Vivemos num mundo que só pode existir se o criarmos com o outro. Estamos aderidos uns aos outros. Nossos pontos de vista são sempre resultantes de vários enfoques que nos foram transmitidos por vários outros. Assim, a aceitação da alteridade não é uma escolha, mas uma condição ontológica para podermos existir enquanto humanos. Esta é uma condição necessária para que a reversão do preconceito possa se dar. A desafirmação do outro nos impede a convivência e, em decorrência, emperra-se o processo de desenvolvimento de um mundo mais humano, a construção de nossa própria ‘morada’ - uma grande construção coletiva, em que todos dependem uns dos outros. Com certeza, os brasileiros de ascendência africana participam desse processo com a riqueza que oferecem, não por serem iguais, mas exatamente por serem diferentes.

E a Psicologia Brasileira tem um papel fundamental neste processo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, M. A. M. A Psicologia no Brasil: leitura histórica sobre sua constituição. São Paulo, EDUC; UNIMARCO, 1999.
- AZEVEDO, S. Relações entre empregadas e patroas: a inter-relação do racismo e sexismo. *Psicologia e Sociedade*, vol. 2, n. 4, p. 157-159, 1988.
- BARBOSA, I. M. F. Socialização e identidade racial. *Cadernos de Pesquisa*, v. 63, p. 54-55, 1987.
- BAUMAN, Z. Modernidade e ambivalência. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1999.
- BOCK, A. M. B. As aventuras do Barão de Münchhausen na psicologia. São Paulo, EDUC, Cortez, 1999.
- CAMINO, L.; SILVA, P.; MACHADO, A. & PEREIRA, C. A face oculta do racismo: uma análise psicossociológica. *Revista Psicologia Política*, 1, 1, 13-36, 2001.



- CAVALLEIRO, E. S. Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. São Paulo, 1998. 144 p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.
- CONSORTE, J. G. A mestiçagem no Brasil: armadilhas e impasses. *Margem*, 10, dez., 107-117, 1999.
- D’ADESKY, J. Pluralismo étnico e multi-culturalismo: racismos e anti-racismos no Brasil. Rio de Janeiro, Pallas, 2001.
- FERREIRA, R. F. Uma história de lutas e vitórias: a construção da identidade de um afro-descendente brasileiro. São Paulo, 1999. 281 p. Tese (Doutorado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- FERREIRA, R. F. Afro-descendente: identidade em construção. São Paulo, EDUC/ Rio de Janeiro, Pallas, 2000.
- FERREIRA, R. F. O brasileiro, o racismo silencioso e a emancipação do afro-descendente. *Psicologia & Sociedade*, no prelo.
- FERREIRA, R. F. & CAMARGO, A. C. A naturalização do preconceito na formação da identidade do afro-descendente. *ECCOS – Revista Científica*, 3, 1, 75-92, 2001.
- HUTZ, C. S. Atitudes com relação à cor em crianças brancas, mulatas e negras. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 3, n. 1/2, p. 32-37, 1988.
- HUTZ, C. S.; RAMPON, M. Diferenças raciais e sexuais na produção de ítems evolutivos no desenho da figura humana. *Resumos da SBPC, 40ª Reunião*, v. 40, n. 7, p. 951-952, 1988.
- IANNI, O. *Escravidão e racismo*. 2. ed. rev. e aumentada. São Paulo, HUCITEC, 1988.
- JUNQUEIRA, V. M. S. R. et al. Percepção da publicidade vinculada pela Benetton - menina branca e menina negra. *Resumos da SBPC, 46ª Reunião*, v. 46, p. 854, 1994.
- KAJIHARA, O. T. As relações raciais entre alunos da educação especial: um estudo através do desenho cinético da escola. *Boletim de Psicologia*, v. 45, n. 102, p. 105-115, 1995.
- LARKIN NASCIMENTO, E. *Sortilégio da Cor*. São Paulo, 2000. 485 p. Tese (Doutorado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- LIMA, L. A. N. *Capoeira Angola - Lição de vida na civilização brasileira*. São Paulo, 1991. 142 p. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- MOITA LOPES, L. P. *Identities Fragmentadas*. Campinas, Mercado de Letras, 2002.
- MOURA, C. *Sociologia do negro brasileiro*. São Paulo, Ática, 1988.
- MOURA, C. *Dialética radical do Brasil negro*. São Paulo, Anita, 1994.
- MUNANGA, K. As facetas de um racismo silenciado. In: SCHWARCZ, L. M. & QUEIROZ, R. S. orgs. *Raça e diversidade*. São Paulo, EDUSP; Estação Ciência, 1996, p. 213-229.
- MUNANGA, K. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil. Identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis, Vozes, 1999.
- PIZA, E. S. P. *O caminho das águas: Estereótipos de personagens femininas negras na obra para jovens brancas*. São Paulo, 1995. 145 p. Tese (Doutorado) - Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.



- RIBEIRO, R. A mulher, o tempo e a morte: um estudo sobre envelhecimento feminino no Brasil e na Nigéria. São Paulo, 1987. 237 p. Tese (Doutorado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- RODRIGUES, F. Racismo cordial. In Racismo cordial – Folha de São Paulo – Datafolha – A mais completa análise sobre o preconceito de cor no Brasil, 11-55. São Paulo, Ática, 1995.
- RODRIGUES, R. N. Os africanos no Brasil. 5. ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1977.
- SCHWARCZ, L. M. Usos e abusos da mestiçagem e da raça no Brasil: Uma história das teorias raciais em finais do século XIX. Afro-Ásia, 18, p. 77-101, 1996.
- SCHWARCZ, L. K. M. (org.). História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea. Vol. 4. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.
- SOUZA, I. S. O resgate da identidade na travessia do movimento negro: arte, cultura e política. São Paulo, 1991. 376 p. Tese (Doutorado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- TAMAYO, A. et al. Efeito da raça e provocação da vítima na atribuição de responsabilidade pelo estupro. Resumos da SBPC, 39ª Reunião, v. 39, n. 7, p. 877, 1987a.
- TAMAYO, A. et al. Atribuição de responsabilidade pelo estupro: influência da idade da vítima e da raça do estuprador. Resumos da SBPC, 39ª Reunião, v. 39, p. 877-878, 1987b.
- TEIXEIRA, M. A. S. B. Disciplinação no trabalho e resistência na voz dos trabalhadores negros. São Paulo, 1992. 208 p. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- TEODORO, M. L. Identidade, cultura e educação. Cadernos de Pesquisa, v. 63, p. 46-50, 1987.
- VALENTE, A. L. E. F. Proposta metodológica de combate ao racismo nas escolas. Cadernos de Pesquisa, v. 93, p. 40-50, 1995.



Representações e Relações entre Grupos

Representações de Grupos Nacionais entre Estudantes do Rio de Janeiro, segundo Grupo Étnico Auto-definido

Edson A. de Souza Filho
UFRJ

RESUMO

O objetivo principal desta pesquisa foi descrever representações sociais (R.S.) sobre nações, segundo grupo étnico autodefinido, através de comparação de discursos de estudantes brasileiros. Assim, nos baseamos no referencial teórico das R.S. (Moscovici, 1961/1976) sobre o papel ativo de indivíduos e grupos na construção de idéias, crenças e opiniões, segundo abordagem psicossocial holística que enfatiza a importância de fatores históricos e culturais. Outras referências foram oriundas da área das relações intergrupais, tais como a teoria da categorização social (Tajfel, 1981), da identidade social (Tajfel e Turner, 1986), assim como da análise de discurso sobre grupos majoritários e minoritários na imprensa (Guillaumin, 1972). Participaram da pesquisa, realizada no primeiro semestre de 2001, 219 estudantes de 2º grau, autodefinidos como negros (N=31), morenos (M=88) e brancos (B=100) de escolas públicas do Rio de Janeiro, que responderam a questionário de perguntas abertas sobre o Brasil, EUA e países árabes/muçulmanos. No seu conjunto, os resultados indicaram que, no Brasil, o "branco" exerce influência na esfera pública através de mobilização em torno de discursos sobre "Estado/nação" e "interações interpessoais". Ao lado disso, o "negro" preconizou a valorização do indivíduo autônomo e dos grupos particulares, como estratégias de resistência na esfera pública. Já, o "moreno", mostrou-se propenso a aceitar formas de mobilização/participação fomentadas pelo grupo hegemônico, evidenciando menor distinção social ou dificuldade de manutenção de fronteiras intergrupais e expressou preocupação com o indivíduo face às normas sociais. Ademais, consideramos que o discurso do "negro" em prol de uma separação em relação às representações dominantes, permitiu-lhe desenvolver maior abertura para contato extragrupal com o árabe/muçulmano. Em geral, o "branco" contrapôs uma visão desfavorável dos EUA, como



país voltado para o indivíduo, onde não se consegue desenvolver interações satisfatórias, face ao Brasil, considerado mais sociável em termos interpessoais, o que foi interpretado como decorrente de uma maior influência entre eles do modelo de "homem cordial" (Buarque de Holanda, 1936/1984). Enfim, a dificuldade de os grupos representarem o Brasil em termos culturais, indica o menor reconhecimento das culturas negra e índia para a construção social da realidade brasileira, esbarrando na esfera pública com a forte identificação do grupo "branco" com as culturas ocidentais.

Introdução

O objetivo deste trabalho foi analisar representações do Brasil, dos EUA e dos países árabes/muçulmanos entre jovens da cidade do Rio de Janeiro, autodefinidos étnica e racialmente. Tendo em vista que existem ainda poucos trabalhos que tenham procurado compreender a diversidade étnica no Brasil em termos psicossociais, consideramos pertinente realizar uma investigação exploratória tomando esta diversidade intergrupala e cultural como hipótese de partida. Contudo, vamos relatar apenas a primeira parte da investigação.

O nosso principal referencial teórico foi o das representações sociais (R. S.) (Moscovici, 1961/1976), no qual se defende uma visão holística dos fenômenos psicossociais, enfatizando a importância de fatores históricos e culturais na elaboração de idéias, crenças, opiniões e discursos por parte dos grupos. Moscovici (*op.cit.*) definiu as representações sociais como formas de pensamento/ação partilhados por indivíduos e grupos. As R.S. por um lado, permitem aos indivíduos apreenderem a realidade social e o mundo que os rodeia, dando-lhes um sentido e uma explicação estáveis. Por outro, as R.S. facilitam a comunicação social entre indivíduos e membros



de um grupo, equipando-os com um código e sistema classificatório comum para tratar novas informações sobre outros indivíduos e objetos.

Além disso, segundo o mesmo autor, as R.S. são compostas por aspectos tanto icônicos quanto conceituais e são produzidas através de dois processos globais interligados: a objetivação e a ancoragem. A objetivação se realiza a partir de várias fases: inicialmente acontece uma seleção e descontextualização, na qual as teorias são relidas com base em certos critérios culturais e normativos e acabam sendo selecionadas aquelas informações que concordam com o sistema de valores que predomina no ambiente dos leigos no caso de um objeto de conhecimento técnico-científico, como a psicanálise. Posteriormente, a fase de formação do "núcleo figurativo" ou "esquema figurativo" completa a tarefa de relacionar uma teoria abstrata com uma imagem ou figura palpável. Finalmente, através da naturalização, o que até então era uma noção abstrata torna-se em evidência ao tomar corpo num objeto com o qual a idéia é associada, adquirindo uma forma determinada e reconhecível. Para Moscovici (1984), vivemos em sociedades heterogêneas onde diversos grupos constróem consensos entre os seus membros, ancorados nos seus respectivos repertórios culturais e históricos. Portanto, a ancoragem ajuda a tornar o estranho em informação acessível aos diversos grupos sociais que poderão, assim, reinterpretar e salientar determinados aspectos da teoria, em detrimento de outros. Além disso, a ancoragem permite a construção por parte de indivíduos e grupos de instrumentos de referência em comum para mudar ou manter a realidade social partilhada.

Algumas teorias sobre as relações intergrupais



O estudo psicossocial das relações entre grupos tem recebido contribuições importantes nos EUA, destacando trabalhos sobre o preconceito e o racismo, produzidos a partir de diferentes óticas, indo da psicanálise à cognição social.

De acordo com o exposto por Allport (1954, *Apud* Pettigrew, 1998) para viabilizar um contato intergrupar com efeitos positivos, seriam necessárias quatro condições: 1) status idêntico dos grupos durante o contato; 2) metas em comum; 3) cooperação intergrupar; 4) apoio de autoridades, costumes ou leis.

Mais recentemente, Tajfel (1981) descreveu o processo de categorização social, contendo duas proposições: a primeira, de acentuação das diferenças intergrupais e, a segunda, de acentuação das semelhanças intragrúps. Segundo ele, em teoria complementar sobre identidade social (Tajfel e Turner, 1986), os indivíduos comparam, constantemente, as vantagens e desvantagens das suas categorias de pertença. Nessa direção está a teoria da autocategorização, preconizada por Turner e colaboradores (*op.cit.*), de que a origem dos estereótipos partilhados está na identificação grupar, (Levine *et al.*, 1998; Guimond, 2000). Assim, só aqueles que se identificam com o grupo acabarão aceitando a sua influência ideológica.

Porém, segundo Moscovici e Paicheler (1978), uma minoria com auto-imagem negativa tem dificuldades para criar uma auto-imagem nítida, já que não consegue definir fronteiras claras entre intragrupo e extragrupo. Esta situação a torna vulnerável à pressão exercida pela maioria. Ao contrário, no caso de uma minoria com auto-imagem positiva o grupo reivindica o seu status, procurando reconhecimento social, o que é diferente da comparação social que usualmente utiliza critérios do grupo dominante de comparabilidade. Nesse sentido, segundo Moscovici (1979), as características de uma minoria ativa, autora de um processo de mudança, entre as quais se



incluem algumas minorias étnicas, seriam: oposição consciente à norma majoritária e manutenção coerente da contra-norma.

Na Europa, existem outras correntes teóricas que enfatizam a importância da interação entre estratégias de processo de informação e processos socioculturais de grande escala. Ou seja, levando em conta as relações intra e intergrupos. Nesse sentido, Guillaumin (1972) descreveu a maneira como a imprensa francesa costuma categorizar a minoria, sublinhando, entre outros, os seguintes aspectos: 1) existe um enorme contraste na maneira como a maioria é tratada, em termos gerais e indeterminados face à minoria, em termos específicos, lembrando sempre a sua característica de grupo particular; 2) A minoria é definida na sociedade por sua relação de alteridade com o “eu” padrão ou majoritário. Em suma, Guillaumin (*op.cit.*) chegou à conclusão de que a norma majoritária é uma espécie de forma simbólica que esconde um sujeito social, um grupo implícito ou, ainda, um “deus oculto”, que define todo o conjunto de relações e categorizações entre os grupos que interagem na sociedade.

Nesse sentido, num estudo realizado entre estudantes de sete países europeus (Moscovici e Perez, 1997), foi encontrada uma correlação positiva entre representações dos ciganos e o tipo de sociedade preferida. Foram propostos três tipos de sociedade: o tipo A, com um grupo majoritário único e exclusivo; o tipo B, onde tem uma maioria e uma minoria; e o tipo C, uma sociedade onde só existem minorias. Os estudantes mostraram preferir antes uma sociedade do tipo A (29,7%), onde só existe maioria, do que uma sociedade do tipo B (21,2%), onde tem maioria e minoria, o que é a situação mais comum nas realidades nacionais europeias atuais. Porém, de fato, a maioria dos estudantes (49,1%) manifestou a sua preferência por uma sociedade do tipo C, sem maiorias, o que mostra também a tendência de escolher um tipo de sociedade utópica que não existe na



realidade e o desejo de fugir dos conflitos intergrupais. Um dado significativo dos resultados foi que, aqueles sujeitos que escolheram os tipos de sociedade A e B, foram os que mencionaram mais representações negativas do que positivas sobre os ciganos, o que corresponde à preferência deles por tipos de sociedade menos utópicas. Os estudantes que preferiram a sociedade do tipo C, mostraram-se mais positivos do que negativos na sua representação dos ciganos.

Principalmente a partir da década de 80, surgiram algumas linhas de pesquisa que estudam o racismo a partir de outros ângulos psicossociais, sendo que todos eles tratam o racismo como um mecanismo defensivo, constituído para resolver conflitos internos da pessoa. Deste modo, no âmbito dos EUA, foi forjado o conceito de “racismo sutil” (Pettigrew e Meertens, 1995). A teoria do "racismo sutil" defende a idéia de que na época atual o preconceito em relação a extragrupos está mais baseado numa percepção das diferenças e incompatibilidades culturais do que num discurso racial.

Na Europa, a xenofobia é uma atitude que não depende de classe social, nem do nível de instrução, como foi mostrado em pesquisa efetuada em vários países por Pettigrew e Meertens (*op.cit.*). Esta pesquisa assinalou uma evidente falta de correlação entre qualquer um dos dois tipos de racismo por eles estudados (o explícito e o sutil) e pessoas que sofreram algum tipo de privação relativa, o que colocaria em cheque as teorias da sociedade de massa e do racismo, que têm enfatizado a relação entre racismo e grupos tidos como alienados ou enfraquecidos dentro da sociedade.

Os objetivos deste trabalho foram os seguintes:

- 1) Descrever e explicar as representações sociais sobre nações, segundo grupo étnico autodefinido.



- 2) Descrever e explicar as representações sociais/coletivas, enquanto produção de pensamentos e discursos.

MÉTODO:

Participantes

219 estudantes de segundo grau da rede pública de ensino no Rio de Janeiro. Os entrevistados se definiram como negros (N=31), morenos (M=88) e brancos (B=100).

Instrumento e procedimento

Um questionário foi elaborado para permitir-nos observar representações sobre o Brasil, os EUA e os países árabes/muçulmanos entre estudantes do Rio de Janeiro. Para conhecer as representações do Brasil, foi criada uma situação imaginária em que o estudante fosse solicitado a escrever uma carta apresentando o Brasil para um colega estrangeiro. O instrumento também solicitou aos estudantes que imaginassem uma viagem hipotética aos EUA e escrevessem o que eles iriam encontrar lá. Finalmente, o questionário também conteve perguntas sobre dados pessoais, e, principalmente, a questão de como ele/ela se autodefiniria em termos étnicos e raciais.

Os estudantes responderam o questionário em local de estudo e em situação coletiva durante o primeiro semestre de 2001.

Análise de dados

Os dados foram ordenados em tabelas de frequência e percentagem, após análise de conteúdo (Bardin, 1994). Ou seja, os temas encontrados foram reagrupados em meta-análises. Em



seguida, os temas analisados foram objeto de testes de qui-quadrado para calcular o nível de significância estatística entre frequências obtidas pelos grupos.

Abaixo apresentamos ilustrações de temas usados para representar Brasil, EUA e países árabes/muçulmanos, seguidas de indicações/notações ordenadas segundo sexo masculino (m) e feminino (f), idade e autodefinição étnica/racial.

Temas sobre o Brasil:

Desenvolvimento econômico/material geral: nesta categoria foram incluídos temas que faziam menção na esfera macroeconômica à indústria, tecnologia, possibilidades de emprego, infraestrutura comercial, incluindo consumo, etc, enfim, tudo relacionado a elementos que simbolizam o grau de desenvolvimento ou dinamismo econômico em seu conjunto, sendo o mesmo considerado elevado ou inferior. "*... é um país em vias de desenvolvimento apesar de estar localizado na América Latina (Hemisfério Sul).*" (m., 18, N.); "*... no Brasil temos mais dificuldades em relação a emprego, ...*" (f., 15, M.); "*... tem seus problemas (...), econômicos ...*" (f., 15, B.); "*É um país subdesenvolvido ...*" (f., 16, B.); **Desenvolvimento econômico/material particular:** foram incluídos os temas que colocaram ênfase na situação econômica/material no âmbito da sociedade, ressaltando aspectos sobre o nível de sobrevivência, miséria, sofrimento e apelo para solução em que se encontra ou não a população: "*..., nos ajude a reconstruir um país melhor. Nos ajude, por favor!*" (f., 17, M.); "*Barrigas cheias de vermes (...). Miseráveis que lutam para sobreviver, ...*" (f., 15, B.); "*O Brasil é um país (...) muito pobre, tem muita miséria, ...*" (m., 16, B.); "*..., aqui as pessoas sofrem muito, eu digo as pessoas pobres pois elas não têm muita escolha de vida ...*" (f., 19, B.); **Cultura:** temas tratando de idioma, costumes, diferenças, estranhezas, exotismos, comida, religião, música, cinema, lugares históricos, pirâmides, entre outros: "*É um país de cultura alegre, possui grandes festas comemorativas, ...*" (f., 16, N.); "*O Brasil é o país do samba e do futebol, mesmo em meio a tanta dificuldade nunca deixamos de sorrir.*" (f., 18, N.); **Educação/saúde:** temas sobre educação, saúde, qualidade de vida e esporte: "*..., falta de médicos, ...*" (f., 13, M.); **Cidadania:** relatos sobre direitos humanos, justiça, denúncias a respeito de agressão ao ecossistema, exclusão: "*... ainda tenho esperança de um dia*



*sejamos um só povo sem exclusões." (f., 17, N.); "..., crianças abandonadas." (f., 18, N.); "... o povo é muito unido mas tem preguiça de lutar pelos seus direitos." (m., 16, M.); "Tem muitas crianças trabalhando quando deveriam estar na escola aprendendo." (f., 16, M.); "... se quiser vir pra cá, traga uma lanterna." (m., 16, M.); **Estado/sociedade**: referências a corrupção, ordem ou caos urbano, declaração de sentimento nacional ou etnocentrismo por meio de símbolos como a bandeira nacional ou de afirmação da identidade brasileira, constatação do poder que um Estado ou nação exerce sobre outro, como dominação econômica, política ou militar: "... os políticos só sabem roubar dinheiro do povo, na televisão só mostra a corrupção, ..." (m., 17, M.); "O presidente não presta, pois ele só quer andar de avião, ..." (f., 17, M.); "... seu povo (...) não possui vontade política de mudar esta situação tão triste em que vivemos aqui!" (f., 16, B.); "... o Brasil é um país muito mal governado, com políticos corruptos ..." (m., 16, B.); "... com uma coisa que estraga tudo de bom, que são os governantes: corruptos, retardados, só querem encher o bolso de dinheiro e "danem-se todos" (para eles é assim)." (f., 17, B.); "..., a corrupção que sempre arruma um jeito de ficar no poder." (f., 19, B.); "Um país desorganizado, com políticos desonestos." (m., 16, B.); "... sofre com a má administração de seus governantes, que conseguem estragar o que já estava fadado ao sucesso." (m., 15, B.); "... acho que está faltando um pouco de patriotismo por parte da população, que não se interessa pela melhora de sua nação." (f., 15, B.); "... o seu próprio povo não tem consciência do seu potencial e acabam estragando o lugar onde vivem." (f., 15, B.); **País em geral**: foram agrupados aqui comentários gerais sobre o país, ou seja, avaliação positiva ou negativa sem entrar em maiores detalhes: "Graças a deus eu ter nascido aqui no Brasil um país que é muito bom na minha opinião, ..." (m., 17, N.); "O Brasil é um país bom, com alguns problemas como qualquer lugar." (f., 16, M.); "O Brasil é um país muito maneiro." (m., 18, M.); "O Brasil é um país muito ruim de se viver, ..." (m., 18, M.); "... o Brasil é um país maravilhoso, ..." (f., 18, N.);*

País em particular: foram incluídas avaliações sobre a realidade existencial e cotidiana de diversos grupos minoritários, que enfrentam diferentes graus de dificuldade ou não segundo o contexto em que se encontram: "O Brasil é um país lindo que tem várias culturas e raças." (f., 14, N.); "Ai você da África, sou negro e me orgulho de minha raiz África." (m., 17, N.); "... ainda que camuflado existe muito racismo ..." (m., 17, N.); "As mulheres são livres e vivem bem a vontade."



(f., 19, N.); "..., o Funk está entrando na casa de todos, é um tal de "tira, bota, bota e tira" (uma vergonha)." (f., 17, M.); **Indivíduo em geral**: quando foram reunidos temas sobre atributos individuais considerados mais gerais e consensualmente reconhecidos e valorizados pela opinião média da sociedade, como inteligência e beleza física: "... sem contar das meninas lindas que há por aqui." (f., 16, M.); "Tem pessoas ótimas e limpas de coração." (f., 14, M.); "Os homens são belos, ..." (f., 19, M.); **Indivíduo em particular**: quando foram encontrados temas sobre indivíduos com comportamentos/mentalidades considerados inerentes à sua personalidade, mostrando um projeto ou empenho em construir um itinerário próprio que visa maior autonomia desse indivíduo: "..., responde pelos seus próprios atos ..." (f., 17, N.); "Nosso povo é trabalhador ..." (m., 18, N.); "... empenho e força de coragem." (m., 15, N.); "Eu acho que se tivéssemos mais pessoas (...), com vontade de vencer ..." (f., 18, N.); **Indivíduo face às normas**: referências a normas morais/éticas mais gerais na sociedade, como criminalidade, violência, desvio ou cumprimento das mesmas: "... é ruim porque há muita criminalidade e violência ..." (m., 15, N.); "O Brasil tem muito assalto, morte, violência isso é constante." (f., 20, N.); "... muito violento, perigoso, tem muito assalto etc." (f., 17, M.); "... o problema são as violências e drogas que estão tentando roubar a vida dos jovens, ..." (f., 13, M.); "... mas também temos muita prostituição e drogas." (f., 15, M.); "O Brasil é um país que não é um bom lugar para se morar. Tem muito assalto e morte." (f., 14, M.); "Cuidado, pois a sua aparência de estrangeiro pode atrair muitos ladrões em busca do seu dinheiro,..." (m., 16, B.); "..., não temos segurança de dia e nem à noite, ..." (m., 14, B.); **Natureza**: paisagem, mar, praia, deserto, etc.: "... o Brasil é um país lindo, praias espetaculares, grandes cidades, lagoas, parques, etc." (m., 14, N.); "... o melhor é a praia mais eu sei que ai em NOVA IORQUE em alguns lugares não tem, então fica só no gostinho da foto." (m., 14, N.); "O Brasil é um país bonito, cheio de praias e não tem nenhum tipo de abalo sísmico, ..." (m., 16, N.); "... não tem terremotos, maremotos, vulcões, furacões." (f., 18, N.); "..., o Brasil é maravilhoso por parte de sua fauna e flora, que é o que não falta aqui no Brasil." (m., 16, M.); **Interações interpessoais**: referências a respeito de traços/comportamentos interpessoais, como simpatia, amizade, ou o contrário: "O Brasil é o país (...) com as pessoas mais calorosas e simpáticas." (f., 17, M.); "Bia estou com muitas saudades de você, quero que você volte logo. Pois sem você nada tem graça." (f., 15, M.); "..., só algumas pessoas são egoístas mas isso



tiramos de letra." (f., 19, M.); "A saudade está me sufocando, não agüento mais preciso vê-la, dar-lhe um super beijo um enorme abraço, conversar com você." (f., 15, B.); "... nós brasileiros somos as pessoas mais solidárias desse mundo." (f., 15, B.); "Seu povo, de maneira geral, é carinhoso e caloroso." (m., 16, B.).

Temas sobre os Estados Unidos:

Desenvolvimento econômico/material geral: "Os Estados Unidos para mim é um país que a tecnologia é muito grande ..." (m., 17, N.); "Estados Unidos é um país muito criativo, aqui a tecnologia é de ponta, tudo aqui é desenvolvido." (f., 16, M.); "Mas com certeza encontraria lá melhores oportunidades de vida." (m., 18, N.); "... um país muito avançado em sentido tecnológico, com várias oportunidades de emprego." (f., 16, M.); "... um país hiper-desenvolvido! (...) As condições de vida, os salários são muito melhores que no Brasil." (f., 16, B.); "Eu acho que os Estados Unidos que são cheios de muitos carros e dinheiros." (m., 14, M.); "... um país de primeiro mundo. Ia encontrar muitos carros bonitos, caros." (m., 16, B.); "É um país com muita riqueza, desenvolvido e com alto nível tecnológico." (m., 16, B.); **Desenvolvimento econômico/**

material particular: "... lá desde o mais pobre, ao mais rico tem uma vida digna." (f., 28, B.); "... iria encontrar tudo que o Brasil sofre, só que um pouco menos de gente passando fome." (f., 16, B.); **Cultura:** "... sem dúvida é o país que existem mais diversões, entre eles: os show, os parques de diversão e tudo mais." (f., 16, M.); "... tem os melhores artistas e cantores do mundo, uma língua muito interessante." (f., 14, N.); "... sei que eles só comem hamburger." (f., 14, B.); "Encontraria o Mickey e a turma dele e inclusive Back Street Boys." (f., 19, M.); "Um lugar com valores e cultura diferente." (f., 16, M.); "..., com costumes diferentes mas interessante." (f., 18, N.); "... um povo que não sabe ser feliz, um povo que só pensa em ter dinheiro." (f., 17, B.);

Educação/saúde: "E gostaria de estudar lá. Para quando eu for prestar concurso eu esteja bem qualificada." (f., 16, M.); "... pessoas de colesterol alto." (f., 15, B.); "... muitas vezes nem sabem onde se localiza o Brasil ..." (m., 16, B.); "Os jovens são muito ligados a aparência, deixando de lado outras coisas importantes, como a educação." (f., 16, B.); "Os jovens de lá são mais ignorantes, ..." (f., 16, B.); **Cidadania:** "... com muito mais (...), respeito e até talvez segurança." (f., 17, N.); "... e a pena de morte que ainda é muito discutida entre eles." (m., 17, M.); **Estado/ sociedade:** "País que se acha malandro e muito ambicioso." (m., 16, B.); "... a bandeira dos



Estados Unidos e a embaixada do Brasil." (m., 14, B.); *"O presidente de férias."* (m., 14, B.); *"... exploram o Brasil que aos poucos vai ficando mais pobre."* (f., 16, B.); *"... são os dominadores porque exploram os países subdesenvolvidos como é o caso do Brasil, são verdadeiros lobos na figura de cordeirinhos."* (f., 18, B.); *"... um país ligeiramente mais limpo, mais organizado ..."* (m., 16, B.); *"... encontraria cidades bem arrumadas ..."* (m., 16, B.); **País em geral:** *"Os Estados Unidos, para mim seria o máximo ..."* (m., 14, M.); *"Acho que é um lugar como todos tem seus encantos seus defeitos mais legal."* (f., 17, N.); *"Deve ser um paraíso."* (m., 19, N.); **País em particular:** *"... atitudes preconceituosas, onde se você não for uma pessoa espetacular, seria desprezado ou no mínimo destrutado."* (m., 15, N.); *"... certo preconceito racial em algumas cidades."* (m., 16, N.); **Indivíduo em geral:** *"Odeio os Estados Unidos. Encontraria muitos americanos gordos, brancos, ..."* (f., 16, B.); **Indivíduo em particular:** *"... encontraria pessoas diferentes e com mais vontades próprias."* (f., 15, N.); **Indivíduo face às normas:** *"Os adolescentes de lá são uns malucos boa parte viciada em drogas ou algum tipo de delito."* (f., 19, M.); *"... eu acho muito perigoso lá. Eu acho que iria encontrar mais bandidos nas ruas."* (m., 14, B.); **Natureza:** *"Frio e muita neve!"* (m., 16, M.); **Interações interpessoais:** *"Pessoas antipáticas."* (f., 16, B.); *"... tem um povo muito individualista."* (m., 16, B.); *"... iria encontrar pessoas muito fechadas para si mesmo."* (f., 14, B.); *"Iria encontrar pessoas frias e isoladas."* (m., 17, B.); *"..., coisas simples como carinho, amor e compreensão, ficaram esquecidas."* (f., 19, B.); *"... uma população antipática e mesquinha, que só pensa no seu próprio nariz."* (m., 15, B.);
Temas sobre os países árabes/muçulmanos:

Desenvolvimento econômico/material geral: *"... um povo totalmente subdesenvolvido ..."* (m., 16, M.); *"..., sem oportunidades nenhuma de emprego."* (f., 18, M.); *"Uma riqueza muito grande, ..."* (m., 15, B.); *"Centros urbanos com casas, shoppings, fábricas como em qualquer outro lugar."* (f., 15, B.); **Desenvolvimento econômico/material particular:** *"Fome e miséria."* (f., 16, B.); *"Eu acho que iria encontrar uma pobreza maior do que temos aqui no Brasil."* (f., 15, B.); *"... muita gente passando fome."* (f., 13, M.); *"Pessoas que precisam de ajuda para sobreviver."* (f., 17, M.); *"Na Arábia Saudita eu acho que eu iria encontrar pessoas muito pobres."* (f., 17, B.); *"... encontraria também muita pobreza, muita fome e muitas coisas desagradáveis."* (f., 19, B.); *"... acima de tudo um grande contraste entre a riqueza dos sultões e o povo miserável."* (m., 16, B.);



"Quando penso nesses lugares tenho a imagem de um lugar imundo, cheio de pedintes." (m., 16, B.); **Cultura**: "... muito quibe." (m., 18, M.); "..., um dos idiomas mais difíceis do mundo." (m., 18, M.); "Acho que despertam um grande portal na história. O Egito, por exemplo, com suas esfinges, sarcófagos e múmias guardam grandes segredos no Oriente..." (f., 16, B.); "Pessoas muito diferentes de mim, com a cultura definida pela religião, que é levada muito a sério por eles." (m., 17, B.); "Além de pessoas muito diferentes das com que eu convivo, iria encontrar maneiras novas de se vestir, de falar e outras coisas mais." (f., 15, N.); "... várias culturas, vários tipos de comidas." (m., 15, N.); "Muitos rituais, que as pessoas de lá acreditam que fazendo isso, é estar adorando à Deus." (m., 14, M.); "Pessoas com outros estilos de vida e outros costumes. Eu iria adorar !!!" (f., 19, N.); "Sempre quis ir ao Egito para conhecer um pouco da história mundial, ver as pirâmides e todas as obras do povo do Egito." (m., 16, M.); "Muitas pessoas que crêem em Deuses inexistentes e que se jogam à idolatria." (f., 16, B.); "... barbaridades tidas como 'diferenças culturais'." (f., 16, B.); **Educação/saúde**: "... pessoas analfabetas." (f., 16, M.); "Eu ia encontrar muitas pessoas (...) com doenças." (m., 15, N.); "Bando de doentes servindo a um suposto "Deus" que (se existisse) não dá a mínima para esses raquíticos que se acham guerreiros." (m., 15, B.); **Cidadania**: "... mulheres sendo maltratadas ao invés de ter carinho." (m., 17, N.); "... pessoas sendo maltratadas sem liberdade de expressão ..." (m., 16, M.); "... onde a mulher não tem opção de escolha e que andam com o rosto escondido." (f., 16, N.); "... as mulheres não interferem nas decisões tomadas pelo marido, têm de andar cobertas nas ruas, não trabalham, etc." (f., 16, M.); "Mulheres que se vestem da cabeça aos pés, que escondem-se por causa da religião." (f., 20, N.); **Estado/sociedade**: "Muitas guerras religiosas e territoriais." (m., 14, B.); "Muita desvalorização ao povo de seu próprio governo." (f., 19, M.); "Eu iria encontrar algumas igrejas católicas que gostaria de conhecer, pra ver se é igual a daqui." (f., 17, B.); **País em particular**: "... encontraria também preconceito por parte do povo por conta de ser um ocidental e de não aceitar a sua religião (não pertencer ao seu meio religioso)." (m., 18, N.); **Indivíduo em geral**: "Um montão de pessoas feias, ..." (f., 17, B.); "..., estupidez humana, ..." (m., 15, B.); "Muita mulher feia." (m., 14, M.); "..., pessoas bonitas, ..." (f., 17, M.); **Indivíduo face às normas**: "... uma porção de anormal andando de camelo." (m., 16, M.); "Pouca criminalidade." (f., 18, M.); **Natureza**: "..., um calor horrível, ..." (f., 17, M.); "... muita areia e



nunca iria achar água pois lá não existe água para beber, iria morrer de sede." (f., 19, M.); *"Ia sentir o calor da tarde e o frio da noite."* (f., 17, M.); *"... acho que encontraria belezas que nunca vi,..."* (m., 17, N.); **Interações interpessoais:** *"Um país fechado (triste, pesado, antipático) ..."* (m., 15, N.); *"... fazer novos amigos ..."* (f., 17, N.); *"Muita gente maneira."* (m., 19, N.);

RESULTADOS

Na pesquisa sobre representações de nações entre estudantes do Rio de Janeiro, todos os grupos étnico/raciais autodefinidos representaram o Brasil e os EUA de maneira mais favorável do que os países árabes/muçulmanos. Do mesmo modo, o negro, o moreno e o branco coincidiram em atitudes mais desfavoráveis sobre o país árabe/muçulmano.

Apreciamos quais foram os temas mais utilizados por cada grupo para representar o Brasil ($X^2=77,5504$; $gl= 26$; $p<0,01$). Os negros se referiram, em geral, mais à *"natureza"*, *"desenvolvimento econômico/material geral"*, *"país em particular"*, *"indivíduo em particular"* e *"não responde"*. Os morenos, se sobressaíram, particularmente, em aspectos ligados ao *"indivíduo face às normas"* e *"indivíduo em geral"*. Já os brancos, representaram o Brasil mais em termos de *"Estado/sociedade"* e *"desenvolvimento econômico/material particular"*.

Quanto aos temas gerais sobre os EUA ($X^2=68,1682$; $gl= 26$; $p<0,01$), segundo grupo étnico autodefinido, os negros se referiram, comparativamente, mais à *"cultura"*, *"país em geral"* e *"cidadania"* ou *"não responderam"*. Os morenos, por sua vez, destacaram-se mais em *"natureza"*, *"indivíduo face às normas"* e *"educação/saúde"*. Enfim, os brancos mencionaram *"Estado/sociedade"*, *"interações interpessoais"* e *"indivíduo em geral"*.



Em relação aos temas mais comuns sobre países árabes/muçulmanos ($X^2=32,5082$; $gl=28$; não significativo), entre os grupos observados, o negro, se comparado com o moreno e com o branco, descreveu os países árabes/muçulmanos enfatizando mais "*interações interpessoais*", "*cidadania*", "*país em particular*" e "*país em geral*". Ademais, o negro e o moreno foram os que mais freqüentemente "*não responderam*" à pergunta. Em geral, o moreno se referiu mais a aspectos de "*natureza*", "*indivíduo face às normas*" e, também, a "*país em geral*". Já no caso do branco, cabe dizer que se destacou em poucos temas, como "*educação/saúde*". Além disso, encontramos forte consenso entre os grupos étnico-raciais autodefinidos, quando avaliaram o árabe/muçulmano, optando, sobretudo, pela descrição de aspectos da "*cultura*" e do "*desenvolvimento econômico/material particular*".

Constatamos sobre a representação do Brasil em termos de atitudes, que o negro foi mais favorável do que o moreno e o branco em relação ao Brasil (X^2 (Favoráveis)=64,825; $gl=24$; $p<0,01$), nos seguintes aspectos: "*natureza*", "*desenvolvimento econômico/material geral*", "*país em particular*" e "*indivíduo em particular*", o que não significa que estes dois últimos tenham sido desfavoráveis nesses temas. O moreno, por sua vez, foi mais favorável em "*país em geral*", "*indivíduo em geral*", "*indivíduo em particular*" e "*cidadania*". Enfim, o branco mostrou representações mais favoráveis em "*interações interpessoais*", "*Estado/sociedade*" e "*educação/saúde*". Ademais, o branco foi mais neutro em relação à "*natureza*" (X^2 (Neutros)=17,874; $gl=14$; não significativo). Além disso, o negro mostrou-se mais desfavorável ao abordar os temas "*cidadania*" e "*educação/saúde*"



(X^2 (Desfavoráveis)=44,8824; $gl=24$; $p<0,01$). O moreno foi mais desfavorável que os outros grupos em relação à "*educação/saúde*", "*cultura*" e "*país em particular*". Já o branco, enfatizou, sobretudo, os aspectos desfavoráveis de "*Estado/sociedade*" e "*desenvolvimento econômico/material particular*".

O negro representou os EUA de maneira mais favorável do que os outros grupos em "*cultura*", "*país em geral*" e "*cidadania*". Já o moreno foi, comparativamente, mais favorável nos seguintes aspectos: "*educação/saúde*" e "*indivíduo face às normas*". No caso do branco, as representações mais favoráveis foram em torno de "*Estado/sociedade*" e "*desenvolvimento econômico/material particular*". O branco destacou-se, ademais, por sua maior neutralidade em relação à "*cultura*" e "*Estado/sociedade*". Por outro lado, o negro mostrou-se mais desfavorável sobre os Estados Unidos nos seguintes temas: "*país em particular*" e "*país em geral*". O moreno, por sua vez, caracterizou-se por maior desfavorabilidade em "*indivíduo face às normas*", "*natureza*", "*cidadania*", "*desenvolvimento econômico/material geral*" e "*desenvolvimento econômico/material particular*". Já o branco foi mais desfavorável do que os outros grupos em "*interações interpessoais*", "*Estado/sociedade*", "*indivíduo em geral*", "*cultura*" e "*educação/saúde*".

Em relação à representação e atitudes a respeito dos países árabes/muçulmanos, o negro mostrou-se mais favorável ao tratar de "*interações interpessoais*". O moreno, por sua vez, representou os países árabes/muçulmanos em termos mais favoráveis do que os outros grupos a respeito de "*indivíduo em geral*" e, o branco, "*desenvolvimento econômico/material geral*" e "*Estado/sociedade*". Já o branco, considerou de maneira



mais neutra os conteúdos relacionados ao *"indivíduo em geral"*. Enfim, o negro destacou-se no sentido de uma representação mais negativa em *"cidadania"*, *"interações interpessoais"* e *"país em particular"*. O moreno apresentou mais opiniões desfavoráveis sobre *"natureza"*, *"desenvolvimento econômico/material geral"*, *"indivíduo face às normas"* e *"país em geral"*. Já o branco, não evidenciou nenhuma particularidade significativa nas suas atitudes negativas em torno do extragrupo árabe/muçulmano.

Discussão

Na pesquisa, pretendíamos verificar se os grupos étnicos-raciais teriam representações particulares sobre os grupos nacionais propostos. Consideramos que estes dados confirmaram, ainda que indiretamente, a nossa hipótese de maior preocupação de morenos e brancos com a posição em que se encontra o Brasil na hierarquia internacional de países. Ou seja, diante da hierarquia de valores dominantes, que coloca o desenvolvimento econômico no topo, o moreno e o branco pareceram considerar mais prudente omitir o aspecto do *"desenvolvimento econômico/material geral"* nas suas representações sobre o Brasil. Assim, eles pareceram ser mais vulneráveis ou incertos quanto à avaliação externa que se faz sobre o Brasil nesses assuntos. Ao contrário, o negro mostrou-se favorável em relação ao desenvolvimento econômico, tecnológico e industrial do Brasil, demonstrando ser capaz de construir e manter uma visão diferenciada. Trata-se antes de tudo de um modo de elaborar o problema, segundo cada grupo observado. Aparentemente, para os brancos e os morenos, o desenvolvimento econômico/material é visto sobretudo a partir dos seus efeitos negativos, indicando mais o lado vitimizador e pessimista da questão, ao passo que, para os negros, ele é produto da ação dos homens, podendo ser encarado



otimisticamente. Veremos mais adiante que tais representações estão relacionadas com um certo "coletivismo" de brancos/morenos face a um "individualismo" do negro (Triandis, 2002).

Além disso, consideramos que a atitude de defesa de "*Estado/sociedade*", assim como a favorabilidade na representação das "*interações interpessoais*", estariam relacionadas a um projeto de mobilização nacionalista, principalmente preconizado por brancos, mas onde se almejava envolver os grupos negro e moreno. No Brasil, segundo Sérgio Buarque de Holanda (1984), o modelo de relações interpessoais que prevaleceu teria como função socializar os grupos, criando um clima de intimidade interpessoal entre indivíduos pertencentes a diversas culturas, os quais socializam e convivem sem conflitos aparentes, já que a dimensão grupal não é salientada nas interações. Tais relações interpessoais baseadas na transposição de dinâmicas da vida familiar para a esfera pública, ajudam a reforçar formas de convívio baseadas no desejo de intimidade e numa ética de fundo emotivo (Buarque de Holanda, *op.cit.*), práticas de socialização em que os indivíduos pertencentes aos grupos negro e moreno, são supostamente incluídos, porém mantidos numa posição secundária. Isso acontece porque, através destas práticas de socialização os grupos minoritários são invisibilizados, permanecendo sem chances de promoção individual e, muito menos, grupal. É desta maneira que no Brasil o modelo de relação intergrupal mais preconizado é, na realidade, o interpessoal, tendendo o aspecto grupal a ser esvaziado. Deste modo, podemos afirmar a idéia de que devido a esta ideologia em prol das "*interações interpessoais*", por enquanto, dificilmente irá acontecer no Brasil nem uma real mobilidade social, que ofereceria a membros de minorias mudar de posição individualmente, nem muito menos ainda um "movimento social" de negros ou de morenos, que teria o objetivo de promover mudanças na sociedade (Tajfel, 1978). O negro, consciente da diluição da autonomia dos grupos que se dá,



sobretudo, através da imersão nas dinâmicas interpessoais, tenta fortalecer uma atitude mais individual nos membros do seu grupo, procurando compensar a fragilidade dos movimentos sociais existentes na esfera pública. Enfim, consideramos que o modelo de "homem cordial" formalizado por Buarque de Holanda (*op.cit.*) serve, principalmente, para compreender a maneira como o branco brasileiro se vê e procura integrar os outros grupos. Os nossos dados indicaram que, no Rio de Janeiro, o negro comunica através das suas escolhas temáticas e atitudinais em relação aos diversos objetos nacionais, certa vontade de manter uma fronteira intergrupais definida. Em outras palavras, podemos afirmar que a "marginalização" do negro no Rio de Janeiro, seria parcialmente resultado de uma busca consciente e ativa de autonomia em relação à cultura dominante. Nesse sentido, cabe lembrar que a história dos EUA parece ter sido profundamente marcada pela Reforma, o que teria provocado uma atitude geral que possibilitou o reconhecimento do direito de grupos diversos coexistirem, dentro de um sistema onde as fronteiras intergrupais são mais claramente demarcadas e sancionadas por leis. Já a história do Brasil, como a de outros países onde a Contra-reforma se impôs, indica uma prática de prolongada indiferenciação social, que pretende ignorar as diferenças e desigualdade de valorização cultural não-ocidental dentro do país.

Ao lado disso, outros grupos como os morenos têm dificuldades para manter fronteiras grupais definidas, tendendo a se deixar seduzir por crenças, opiniões e discursos do grupo mais influente. Assim, em geral, os morenos se mostraram mais mobilizáveis por diversas dinâmicas de socialização, assim como procuraram saídas mais atenuadoras das diferenças e conflitos intergrupais. É interessante lembrar, também, que o moreno foi quem se mostrou mais preocupado com "*indivíduo face às normas*". Isto indica que o moreno sofre as conseqüências da



forte pressão para ele se integrar à cultura do branco, processo que vem acompanhado de tensão e mal-estar existencial, possivelmente, provocado por diversas incompatibilidades das culturas em contato, assim como por sua desvantagem face a outros grupos, decorrentes de uma posição de força bastante desigual. Mesmo assim, o moreno comunicou uma relativa autonomia em relação ao branco, quando optou por não colocar muita ênfase no tema "*Estado/sociedade*", podendo-se deduzir deste fato que ele se sentia um tanto ausente e afastado em relação ao aparelho estatal e aos discursos nacionalistas mais tradicionais.

Em suma, podemos sublinhar que, embora ambos os grupos, negros e morenos, tenham que enfrentar problemas comuns, como o racismo e a discriminação, eles apresentaram soluções bem diferentes para lidar com a cultura dominante. Este contraste de projetos entre negros e morenos, pareceu se refletir, inclusive, na maneira como cada grupo representou o indivíduo, o moreno valorizando mais o "*indivíduo em geral*" (segundo valores mais aceitos pela cultura dominante, como inteligência e beleza), e o negro procurando o desenvolvimento do "*indivíduo em particular*" (ou seja, o indivíduo autônomo).

Um dado que chama a atenção em relação à representação dos Estados Unidos da América, é que o negro tendeu a mostrar uma atitude mais positiva para com os movimentos sociais e de direitos humanos ("*cidadania*") que ocorrem lá do que os outros grupos, o que contrastou, fortemente, com a visão pouco otimista que ele expressou sobre movimentos de "*cidadania*" no Brasil. Esta valorização da autonomia, particularmente focalizada para o âmbito cultural, é o que permitiria freqüentemente ao negro comparar as culturas e escolher aqueles modelos atitudinais e ideológicos que oferecem alguma possibilidade de desenvolvimento individual e existencial. Já no caso do moreno e as suas representações dos EUA, podemos



destacar que, de novo, se distinguiu pela importância dada à *"indivíduo face às normas"*. É que o moreno encontra-se na encruzilhada entre modelos culturais e projetos menos compatíveis, assim como se sentindo como alguém que não pode romper completamente com nenhuma das alternativas. Além disso, o moreno, inversamente ao negro, criticou a falta de cidadania nos EUA, o que parece ser explicável pela sua mais estreita adesão ao projeto de construção da nação brasileira, o que favoreceu uma vontade de duvidar da credibilidade de alguns símbolos centrais da democracia estadunidense, como o desenvolvimento econômico e tecnológico, e os valores dos direitos humanos e da cidadania.

Por outro lado, o branco se caracterizou por uma atitude bastante desfavorável em relação a diversos aspectos da representação dos EUA. Em primeiro lugar, consideramos significativa a atitude mais neutra e desfavorável no que se refere à *"cultura"* dos EUA. Ademais, constatamos que o tema *"interações interpessoais"*, representado como um dos aspectos favoráveis da realidade brasileira, é considerado pelos brancos um dos pontos frágeis e negativos da sociedade estadunidense. Esta partilha de estereótipos sobre o extragrupo indica, ao mesmo tempo, que detrás da autocategorização como branco se esconde uma forte partilha de identidade intragrupal (Turner *et al.*, 1986), dissimulada através de um discurso que se pretende universal (Guillaumin, *op. cit.*) e inclusivo de todo o povo brasileiro em torno de uma abstração chamada de identidade brasileira. Enfim, no âmbito das atitudes do branco em relação aos EUA, talvez deveria ser levada em conta certa necessidade de se comparar e competir com os EUA. Assim, a ênfase colocada pelo branco na crítica dos aspectos negativos do extragrupo dominante, revelaria, ademais, uma procura de compensação para os desconfortos que eles experimentam ao se sentirem ligados a um



país secundário numa hierarquia internacional de países, onde os EUA são vistos como os líderes que indicam quais são os critérios de comparação.

Em relação às representações de países árabes/muçulmanos, um dos resultados mais destacados foi constatar a tendência de maior abertura intercultural entre os negros, já que estes deram maior importância ao tema "*interações interpessoais*" do que os outros grupos. Tudo parece indicar que o negro se imaginou a si mesmo interagindo com árabes/muçulmanos muito mais do que com estadunidenses e brasileiros, ainda que nem sempre tenha prevalecido uma representação positiva deste contato. Contudo, consideramos que os dados indicaram que o negro estaria mais disposto a se relacionar de indivíduo para indivíduo com alguns extragrupos, particularmente quando se trata de grupos cujo status é representado como "mais idêntico durante o contato", ou quando existem "metas em comum", que são algumas das condições que Allport (*op. cit.*) considerou como facilitadoras de um contato intergrupar com efeitos positivos.

Além disso, a maior focalização do negro nos temas de "*cidadania*" (direitos humanos, etc.) e "*país em particular*" (grupos étnicos, etc.), que, no caso da representação dos países árabes/muçulmanos, foram descritos de forma mais desfavorável por eles, dá a entender que a atenção voltada para a dimensão dos grupos minoritários, da diferença cultural, da autonomia etc. estaria diretamente relacionada à sensibilidade e abertura intercultural, mais comum entre eles. Já o moreno, criticando a "*natureza*" dos EUA e dos países árabes/muçulmanos, indicaria implicitamente que considerou a "natureza" no Brasil como mais gratificadora e, provavelmente, o ponto central do seu enraizamento e ligação com o país. Ao lado disso, observamos uma notável similaridade entre a tendência do negro, do moreno e do branco, que representaram o árabe/muçulmano em termos mais culturais do que em qualquer outra dimensão. De fato, os povos



árabe/muçulmanos não pareceram constituir uma ameaça para nenhum dos grupos étnicos autodefinidos, sendo que todos eles evidenciaram atitudes convergentes quanto à representação da cultura dos povos e países árabes. Assim, não tão surpreendentemente, o branco, em geral, manifestou maior otimismo em relação ao desenvolvimento econômico do país árabe/muçulmano do que sobre o rumo da economia do Brasil.

Em países de considerável variedade de grupos étnicos e de culturas, a identificação dos indivíduos com um grupo ou outro, determina, até certo ponto, o seu grau de adesão a referências culturais mais hegemônicas. Assim, particularmente, o sujeito pode representar-se em relação de subordinação/menos-valia em relação a um pólo de poder centralizado e hierarquizado, num mundo repartido entre nações centrais e periféricas, de grupos mais prestigiosos, face a outros menos prestigiosos ou, mesmo, nada prestigiosos. Em termos da sociedade brasileira, esta escolha de grupos e modelos culturais como referência influente, determina, ao mesmo tempo, a atitude de conformidade, ou inconformidade, em relação a outras estruturas hierárquicas consolidadas no sistema de relações intergrupais internas.

Consideramos que cada grupo tenta se organizar para defender seus interesses, que amiúde se chocam com os dos outros grupos, mais ou menos explícitos. A divergência de projetos acentua a sensação de incompatibilidade e incomunicabilidade entre os grupos, o que tende a ser atenuado através de discursos conciliadores e algumas omissões.

BIBLIOGRAFIA:

Allport, G.W. (1954) The Nature of Prejudice. Cambridge, Massach.: Addison-Wesley.

Bardin, L. (1994) Análise de conteúdo. Lisboa: Personna.



Brewer, M.B. (1999) The Psychology of Prejudice: Ingroup Love or Outgroup Hate? Journal of Social Issues, 55, 429-444.

Buarque De Holanda, S. (1936/1984) Raízes do Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio.

Doise, W. (1984) Las relaciones entre grupos. In S. Moscovici (Org.), Psicología social I. Barcelona: Paidós.

Guillaumin, C. (1972) L'idéologie raciste. Paris: Mouton.

Guimond, S. (2000) Group socialization and prejudice: the social transmission of intergroup attitudes and beliefs. Eur. J. Soc. Psychol., 30, 335-354.

Levine, J.M., Moreland, R.L., Ryan, C.S. (1998) Group socialization and intergroup relations. In: C. Sedikides, C.A. Schopler, C.A. Insko (Eds.), Intergroup Cognition and Intergroup Behavior. Hillsdale, NJ: Erlbaum.

Moscovici, S. (1961/1976) La psychanalyse, son image et son public. Paris: Puf.

Moscovici, S. (1978) A representação social da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar.

Moscovici, S. e Paicheler, G. (1978) Social comparison and social recognition: two complementary processes of identification. In H. Tajfel (Ed.), Differentiation between social groups. London: Academic Press.

Moscovici, S. e Perez, J.A. (1997) Representations of society and prejudices, Papers on Social Representations, 6 (1), 27-36.

Pettigrew, T.F. (1998) Intergroup contact theory. Annual Review of Psychology, 49, 65-85.

Pettigrew, T.F. e Meertens, R.W. (1995) Subtle and blatant prejudice in western Europe, European J. of Soc. Psychol., 25, 57-75.

Tajfel, H. (1978) Interindividual Behaviour and Intergroup Behaviour. In: H. Tajfel (Ed), Differentiation between Social Groups. London: Academic Press.



Tajfel, H. (1981) Human groups and social categories: studies in social psychology. Cambridge: Cambridge University Press.

Tajfel, H. e Turner, J.C. (1986) The social identity theory of intergroup behavior. In: S. Worchel e W. Austin (eds), Psychology of Intergroup Relations. Chicago: Nelson Hall, p. 7-24.

Triandis, H.C. e Suh, E.M. (2002) Cultural influences on personality. Annual Review of Psychology, 53: 133-60.

Turner, J.C. (1978) Social categorization and social discrimination in the minimal group paradigm. In H. Tajfel (Org.), Differentiation between social groups. New York: Academic Press.

Turner, J.C. et al (1987) Rediscovering the social group. Oxford: Blackwell.

Agradecimentos

Os autores agradecem o apoio do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, assim como da CAPES, pela bolsa de Mestrado, que permitiu ao primeiro autor dedicar-se mais plenamente a este projeto. Ademais, os autores gostariam de mencionar que este trabalho foi apresentado na Mesa Redonda intitulada “Representações e relações entre grupos”, organizada por Edson Alves de Souza Filho no I Congresso Brasileiro de Psicologia: Ciência e Profissão ocorrido em São Paulo em 2002.



Sintomas Contemporâneos ou Patologias Modernas?

A Mulher é (Im)Possível? As Montagens Perversas

Tatiana Carvalho Assadi
Universidade Estadual de Campinas- SP.

Na clínica psicanalítica moderna baseada nos estudos de Sigmund Freud, tanto quanto na clínica contemporânea, edificada, em especial, nas idéias de Jacques Lacan, encontra-se estudos inúmeros que dizem respeito ao feminino. Freud indagava-se sobre o continente negro da psicanálise- a sexualidade feminina, enquanto Lacan questionava-se sobre o querer feminino. Passados mais de 20 anos da morte de Lacan- sua reviravolta da teoria freudiana ainda é marco para nossas escutas clínicas. Contudo, os dois levantaram o estandarte para construir referências sobre a sexualidade que ainda estão entravadas à premissa fálica.

Por esta razão, em especial, é que justificaram a ausência da perversão feminina. A mulher por já ser castrada enfrentaria a impossibilidade em desmentir a castração na mãe- já que ambas são castradas no corpo. Escolher um fetiche para ocupar o lugar deste desmentido ou ser objeto de completude do outro, seriam possibilidades da incidência da *Verleugnung*¹ que não caberia à mulher.

A partir de indagações oriundas da prática clínica, que percorro desde a dissertação de mestrado, trago um fragmento de caso que indaga esta teoria até então sustentada e aceita sobre a perversão- Theresa desmente a castração, apoiada em sua particularidade.

Theresa, em seu excesso, deposita toda sua energia psíquica nos atos sexuais, usa o homem como objeto de seu desejo e simultaneamente é nas mulheres que pode se ancorar. Foi abandonada pela mãe quando pequena e até hoje está a sua procura para ser reconhecida como seu amor, objeto de sua completude.

1. O termo é utilizado por Freud para designar o desmentido, mecanismo da perversão.



Gozo auto-erótico, atos contra outrem, amor homossexual- são estes os entraves que indagam a teoria das perversões em Freud e Lacan e que me instigam a pesquisar sobre estas *novas doenças d'alma*¹.

1 Theresa e sua (ir)responsabilidade gozante:

... Para o sexo a expirar, eu me volto, expirante.

Raiz de minha vida, em ti me enredo e afundo...

Carlos Drummond de Andrade

Theresa relata que sexualmente somente tem prazer, *goza*, em atos que precedam o coito, isto coloca o marido em choque intermitente. Suas criações sexuais são intensas e precisa sempre de um *álibi* para escapar aos padrões sociais: há dia que demanda por um travesti entre eles, outro basta uma prostituta, ou há ocasiões em que é necessário estarem em um beco de selvageria, drogas, promiscuidade e roubos para se satisfazer. O que interessa nesta produção é que estas construções não surgem como fantasias, mas são postas em ato, em cena. Theresa não sabe até onde pode chegar, o marido teme os atos da esposa e este temor a engrandece.

Certa ocasião levou o filho ao urologista para uma cirurgia. Conversando com o médico disse não saber o que era um orgasmo e este a indicou para um tratamento, sugeriu que procurasse uma análise, pois acreditava que a *frigidez*² era de causa psíquica. Desta forma ela chegou a psicanálise.

1. Título do livro de Júlia Kristeva.

2. Todas as frases em itálico são referências às falas, na íntegra, da analisanda ou citações de autores.



Dizia não suportar um *coito normal*, quando olhava para o marido, na cama, enxergava um bicho, era como um lobo: os olhos claros, esbugalhados, um focinho imenso, dentes afiados e uma baba que escorria pela boca, sentia que seria *devorada*: *É um lobo mau, olho para ele, e credo... Isto só acontece quando transamos de frente um para o outro*. Theresa sente certa *sede sexual* que é mais forte do que ela: *...por mim ficaria o dia todo na cama. É algo que toma conta de mim, é como se eu ficasse possuída, só penso nisto, fico louca, perco o controle e não importa o que venha a acontecer; só quero sexo. Se alguém me impede eu retiro do meu caminho*. Constantemente ela provoca intrigas com os parentes, não deixa que ninguém vá até sua casa porque podem atrapalhar seus atos sexuais.

Seus maiores momentos de prazer são quando está sozinha, fica se *travestindo* de *prostituta* e fantasiando uma transa com outra mulher. Sente um *desejo incontrolável* de estar em *lugares proibidos e perigosos* e quer se transformar *num travesti*. Pensa em fazer uma cirurgia pois *quer um pênis* e assim poderia se *montar como um travesti o faz*. *Com um pênis faria tudo, transaria com cachorros, crianças, mulheres, homens, defuntos...* Não que não tenha tentado, tudo é possível para ela, seu maior excesso é submeter o marido às suas montagens e obrigá-lo a ocupar o lugar de objeto do seu desejo- usá-lo para a satisfação de seu prazer. *Ele treme de medo, doutora, sua frio, chega até a chorar e pra mim é maravilhoso*. Este gozo que surge na angústia do outro também reaparece com a analista: *será que a senhora fica nervosa com estas coisas que conto? Isto te deixa mal? Ou excita, quem sabe?*

Theresa detalha uma situação em que consegue levar o marido para uma rua, zona de prostituição famosa e freqüentada por pessoas *promíscuas* e de *baixa índole*, fazendo com que ele se aproxime de uma prostituta e ela fica metros distantes, olhando e se deixando ser masturbada por um travesti. O prazer é *incontrolável* e o marido começa a chorar e quer retirá-la do local. Ela nega e decide que lá ficaria por toda sua vida. Contudo, acaba por ceder e volta para casa. A cena não sai de seu pensamento, se diverte com a rememoração e habitualmente relembra o marido da peripécia. Este, por sua vez, implora para que a situação seja esquecida.

Sua mãe fora uma prostituta, e que logo depois do casamento e do nascimento de Theresa, ações simultâneas, ela fora abandonada pelo marido. Theresa em sua certeza inabalável confirma que seu pai fez dela, a filha, objeto de seu prazer- colocou a menina no lugar da mãe ausente.



Theresa teve relações sexuais pela primeira vez ao casar, mas antes se satisfazia sexualmente em jogos constantes com os irmãos, com as *amigas*¹ e mesmo com o pai, que jamais tocou no assunto. Hoje os dois não se falam mais.

Theresa é só prazer, ou melhor é um trasbordamento de gozo.

Outro dado foi posto em cena nas relações de Theresa com o outro. Foi, durante toda a adolescência, apaixonada por uma *amiga* e ao mesmo tempo por ela recusada. Fez inúmeras tentativas em seduzi-la. A moça era uma prostituta e Theresa apenas uma menina sem experiências sexuais. O encantamento produzido pelo encontro a conduziu a imaginar cenas que ela suporia que provocariam admiração na *dama*.²

O objeto do amor de Theresa- aquela mulher - endereçava seu olhar aos homens vigorosos e potentes. A dama narrava suas fantasias sexuais e mais violentas para Theresa, enquanto isto aguardava, amargurada, um príncipe encantado que a salvasse da promiscuidade.

Theresa fez para ela... Tornou-se sua companheira de lamúria e aguçava suas fantasias sexuais ao estar sempre pronta a ouvi-la e participar imaginariamente de suas montagens. Quando declarou seu amor para esta *amiga*, como a chamava- ela partiu. Entristecida Theresa ficou desolada e optou em executar todos os anseios que a tal *amiga* relatara, desta maneira a faria presente: transou com homens para saber como eles eram na potência e virilidade e na calada do quarto tomava a frente do teatro particular para produzir uma *efeminização*³.

Cabe aqui construir um parêntese no texto e explicar o que quero dizer com *efeminização*. O termo foi utilizado como uma forma de produzir um antônimo da idéia de emasculação- usada por Freud no Caso Schreber. O presidente Daniel Paul Schreber, em seu delírio, copulava com Deus e tinha o corpo transformado em mulher- fenômeno este chamado de emasculação. A diferença é que o magistrado, de fato, sentia as transformações que seu corpo sofria, como um fenômeno elementar, inversamente, Theresa apenas almejava sua revirada em homem. Em

-
1. A palavra amiga é um significante muito importante neste caso clínico.
 2. Uso a palavra dama, emprestando o termo, tal qual Freud a usou no texto sobre a jovem homossexual de 1920, com o sentido de mulher promíscua.
 3. Construo aqui um antônimo da idéia de emasculação que Freud pontuou no caso Schreber- este se tornava mulher, Theresa procura ser homem.



Theresa esta idéia somente existiu para tentar dar conta da perda da mulher amada- ser um homem a aproximaria da *amiga*.

Suas constantes tentativas de transformação em travesti ou mesmo a idéia em adquirir um pênis, associada aos atos que buscam esta realização, me fizeram acreditar que talvez estivesse diante de uma psicótica, contudo, Theresa colocou em cheque esta indagação com seus atributos de maldade, perversidade, posições diante do amor e do desejo e mesmo em suas formas de gozo. Não seria ela psicótica porque a questão posta não é a forclusão do Nome-do-Pai, mas o desmentido da castração, como se estivesse dizendo intermitentemente: *eu sei, mas mesmo assim..*

Ao enfrentar a obscuridade da sexualidade feminina Theresa constrói significantes que necessariamente parecem ultrapassar a questão fálica. Suponho que ao invés dela equacionar:

falo= pênis= bebê (como simbolizado por Freud),

solucionando seu Complexo de Édipo, Theresa luta por esta destruição e deposita o amor no lugar do pênis. Ela sabe amar uma mulher, como nenhum homem o faz, afinal pode ser ela homem e mulher... Sua equação simbólica poderia ser representada por:

falo=amor.

Em Theresa o prazer é posto na angústia do outro diante de seus atos, queixava-se de frigidez mas o que de fato demanda era um excesso gozante. Coloca em ato o que deveriam ser fantasias, é como se negasse a castração, a desmentisse, mecanismo nomeado por Freud delineando o campo da perversão. Será que Theresa desmente sua posição feminina angustiando e impotentizando o outro?

Contudo, supus que este excesso produzido pelo discurso relativo à escolha de objeto sexual e inclusive das constantes atuações e desempenhos sexuais de Theresa estavam capturando minha escuta, e me desviando de questões submersas e de crucial importância que tangiam sua escolha amorosa.

A fantasia de ser meio homem, meio mulher, com certeza agradaria as *amigas* e a jovem realizaria seu amor. Estar em ambientes de selvageria e prostituição re-atualizava seu amor. Vale lembrar que este amor não foi originado na adolescência, é fruto de um processo primitivo, provavelmente no desmentido da castração, na denegação Edípica. Sua mãe era prostituta e numa



vacância constante Theresa a procurou pelo país adentro, posteriormente, na adolescência, quando a encontrou, não se deparou com aquela *dama* que sonhava: *linda, gostosa e atraente*¹. Foi a partir do reencontro com a mãe que surgiu este amor pela *amiga*. Durante anos permaneceu encontrando a imagem da *amiga* em outros rostos, embora sinistros, era a possibilidade de rever seu amor. Com os homens se encontrava mas, nada neles poderia captura-la, em seus lugares semblantes de animais ocupavam a cena. Ser sedenta sexualmente era sua única escapatória- a *amiga* estaria presente se seu próprio desempenho tivesse um caráter *viril e potente*.

Quando procurou um urologista para o filho e diante das palavras do médico seu amor reacendeu: *uma psicanalista pode ser uma amiga com quem fale e resolva o seu problema* -fala do médico.

Durante o processo analítico, Theresa se posicionou perante a analista como a dama dos seus anos apaixonados. Contava, relatava suas peripécias sexuais e amarguras e esperava que eu- a analista- tal qual ela fizera com a dama- gozasse com este cenário. Na transferência lá se encontrava Theresa: atualizava seu amor a dama a partir da imagem da analista. Aqui eu: questionando seu diagnóstico e me deparando com uma escolha de amor homossexual.

Ela demandava amor da analista e isenta de resposta sofria, até que, certa data, se declarou- pronunciou em seu apaixonamento a necessidade de estar com a *amiga*.

Creio que algumas situações foram favorecedoras ao seu entusiasmo amoroso. Certa data Theresa relatara que gozava, tinha sua máxima sexual, ao estar de costas para os homens e mencionou dias depois o seu interesse em se deitar no divã: *então eu poderei deitar e ficar de trás?- sem olhar nos olhos...* Fala idêntica que usava se referindo aos encontros sexuais, e pronunciada novamente neste instante. Olhar nos olhos era insuportável, a possibilidade de ser mulher afastava a idéia de ser amada por uma mulher: era preciso ser *viril* para receber os préstimos de uma *amiga*, concomitante, afirmava saber o que uma mulher precisaria.

Depois de ter sido recusada pela *amiga/dama*, Theresa encarnou o lugar da prostituta e após sentir-se também recusada pela outra *amiga*- a analista- como ela reconhecia, mais um ato surgiu: entregou o filho para a sogra cuidar. Depois deste momento não mais retornou às sessões.

1. Atribuições que oferta à mãe.



Contudo, Theresa, antes mesmo de dirigir seu olhar a mulher teve o pai como *dom*. Foi ele quem a retirou da mãe e foi ele que a incentivou à promiscuidade: certa data foi atrás dela que estava atrás de um muro a namorar, interditou seu ato e a chamou de prostituta- *é preciso trocar este sangue que é sujo como o da sua mãe. Você quer me matar deste jeito*- esbravejou o pai. Dele ela se vingou, as peripécias sexuais de Theresa foram imensas e pode, de certa forma, fazer o que o pai não fez: salvar uma mulher- a mãe, da prostituição. Theresa conseguiu, em seu imaginário, resgatar a amiga dos infortúnios da vida, salvou a dama amando-a.

Theresa se vingou do pai porque ele a abandonou, casou-se com uma menina mais nova que ela e tiveram filhos. Theresa até então, se sentia, ou melhor, ocupava o lugar, de mulher do pai e mãe dos seus irmãos. Quando o pai se casou ela sentiu-se substituída e traída em seu amor.

O jogo cruel de amor e vingança que fez com o pai, na transferência, surgiu quando tentava despistar a analista na cena já apresentada. Colocava toda a tônica de seu discurso nos atos sexuais tentando produzir um mal estar na analista ao relatar seus excessos. Sua idéia, tal qual a da jovem homossexual, era a de cativar, seduzir o outro para que este caísse das alturas. Na análise a ordem discursiva que prevalece é a da mentira e a da verdade; aí está aberta a porta do desejo de enganar trazido pela jovem homossexual e por esta analisanda. O desejo de enganar, de tonificar a fala na questão sexual foi um bom operador para que eu pensasse no diagnóstico estrutural. De certa forma, fui capturada pelo seu excesso, todavia, a não resposta do meu lugar de analista produziu uma abertura em sua fala, ela deixou escapar seu amor pelas frestas discursivas.

A natureza da paixão da moça homossexual – paciente de Freud, pela dama em questão é permeada por um amor platônico, no que este tem de mais exaltado e não de algo *männliche* (másculo e viril). Amor que não demanda nada além do que a servidão a dama, tal qual o amor cortês, o amor sagrado. É um amor que visa simultaneamente a satisfação e a não satisfação, e transita desde uma referência anterior, um ideal, que institui a falta na relação com o objeto.

Theresa emblema este amor cortês quando abandona a análise por estar enamorada pela analista e saber que irá *perder uma amiga*, mas há uma mulher que será sua parceira e cúmplice para sempre- a mãe. Ao invés de ser prostituta, qualidade que o pai sempre lhe atribuiu, Theresa surpreenderá todos com suas escolhas travestis e homossexuais.



2. algumas considerações sobre a clínica da perversão:

*Nem o prazer me daria tanto prazer quanto o mal,
pensava ela surpreendida. Sentia dentro de
si um animal perfeito, cheio de incoseqüência,
de egoísmo e vitalidade.*

Clarice Lispector

Este trabalho tem como objetivo re-colocar e re-organizar estas diversas posições do feminino diante daquilo que angustia o outro para estabelecer considerações e relações entre o psiquismo feminino e a posição perversa, ou como saliente Serge André (1995): *A Impostura perversa*. Seria Theresa considerada estruturalmente perversa ou seus atos são representações da transgressão, do desmentido? A perversão na mulher poderia ser presentificada como uma perversão da libido, lugar em que esta não ocuparia um desembocamento genital, mas pré-genital? Ou pode-se considerar a perversão como um auto-erotismo, um excesso no corpo? Ou ainda, quem sabe seria um deslocamento afetivo do amor e ódio para o ódio e a agressividade, produzindo atos maldosos e pervertidos?



Theresa escorrega nas amarras de um emaranhado perverso e recorrendo a um excesso gozante desmente o falo como pênis e recorre ao amor como sua única possibilidade subjetiva.

Se a perversão está ausente enquanto categoria dos manuais psiquiátricos e é consideravelmente pouco estudada pela psicanálise, seria seu caráter inquestionável ou transcenderia o lugar das estruturas psíquicas para assumir uma posição subjetiva de destaque no sujeito tal qual a assumida pelas crianças com a tal perversão polimórfica?

Minhas hipóteses é que a perversão na mulher pode ocupar várias vias e uma delas seria a apresentada neste caso clínico: a perversão na mulher existe porque o que se perverte é sua libido. Haveria uma equivalência simbólica para as mulheres perversas que não seria a mesma de igualar pênis a falo, mas a de aproximar falo a amor, ao Dom.

3.Referências bibliográficas:

ANDRÉ, Serge. (1995). *A impostura perversa*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.

_____. (1994). *O que quer uma mulher?* Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.

ASSADI, Tatiana Carvalho. (2000). *A efígie da feminilidade; uma trama de Machado de Assis a Freud*. Dissertação de Mestrado, Núcleo de Família e Psicanálise, Universidade São Marcos, São Paulo.

AULAGNIER-SPAIRANI, Piera. (1990). *Observações sobre a feminilidade e suas transformações*. In O desejo e a perversão. Jean Clavrel (org). Campinas, Papirus.



- BADIOU, Alain (1995). *Ética: um ensaio sobre a consciência do mal*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará.
- BAUDRILLARD, Jean. (2001). *A transparência do mal: ensaio sobre os fenômenos extremos*. São Paulo, Papirus.
- BLEICHMAR, Hugo. (1984). *Introdução ao estudo das perversões: a teoria em Freud e Lacan*. Porto Alegre, Artes Médicas.
- CHASSEGUET-SMIRGEL, Janine. (1984). *Ética e estética da perversão*. Porto Alegre, Artes Médicas. (1991).
- CLAVREL, Jean e outros (1990). *O desejo e a perversão*. Campinas, SP, Papirus.
- COUREL, Raúl (1994). *Psicoanálisis en el campo del goce*. Buenos Aires, Los Ensayos, Manantial.
- DOR, Joël. (1996). *Clínica psicanalítica*. Porto Alegre, Artes Médicas.
- ENRIQUEZ, Micheline (1999). *Nas encruzilhadas do ódio: paranóia-masochismo-apatia*. São Paulo, Escuta.
- FERREIRA, Neto. (1999). *Perversão ou perversões*. In Estilos da Clínica. Revista da Infância com problemas graves. Instituto de Psicologia, USP. São Paulo, IPUSP.
- FREUD, Sigmund. (1980). *Obras completas*. Editora Standard Brasileira, Rio de Janeiro, Imago.
- _____. (1905a). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*.
- _____. (1905b) *Fragmento da análise de um caso de histeria – o caso Dora* (1901).
- _____. (1908) . *Fantasia histéricas e sua relação com a bissexualidade*.
- _____. (1917). *Luto e Melancolia*.
- _____. (1919a). *Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais*.
- _____. (1919b). *O estranho*.
- _____. (1920). *A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher*.
- _____. (1923). *A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade*.
- _____. (1924a). *O problema econômico do masochismo*.
- _____. (1924b). *A dissolução do complexo de Édipo*.
- _____. (1925). *A negativa*.
- _____. (1927). *Fetichismo*.
- _____. (1931). *Sexualidade feminina*.
- _____. (1933). *Feminilidade*.
- GRANOFF & PERRIER. (2002). *Lê désir et lê féminin*. Paris, Champs/ Flammarion.
- JIMENEZ, Stella & MOTTA, Manoel (orgs.) (1999). *O desejo é o diabo: as formações do inconsciente em Freud e Lacan*. Rio de Janeiro, Contra Capa Livraria.
- JULIEN, Philippe. (1997). *A feminilidade velada: aliança conjugal e modernidade*. Rio de Janeiro, companhia de Freud.
- _____. (1996). *O estranho gozo do próximo*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- KAUFMANN, Pierre. (org). (1996). *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise: o legado de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.



- KANCYPER, Luis (1994). *Ressentimento e remorso : estudo psicanalítico*. São Paulo, Caso do Psicólogo.
- KEHL, Maria Rita. (2002). *Sobre ética e psicanálise*. São Paulo, companhia das letras.
- KRISTEVA, Júlia. (2002). *As novas doenças da alma*. Rio de Janeiro, Rocco.
- LACAN, Jacques Marie. (1995). *O seminário, livro 4: a relação de objeto*. (1956/57). Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- _____. (1988). *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. (1959/60). Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- _____. (1985). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. (1972/73). Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- MEZAN, Renato. (1998). *Escrever a clínica*. São Paulo, Casa do Psicólogo.
- PEREIRA, Mário Eduardo. (2000). *A paixão nos tempos do DSM: sobre o recorte operacional do campo da psicopatologia*. In ciência, pesquisa, representação e realidade em psicanálise. São Paulo, Caso do Psicólogo.
- _____. (2000). *Mineirinho ou o horror do gozo: o desamparo e o Outro*. In Psuchê revista de Psicanálise. Universidade São Marcos, São Paulo.
- QUEIROZ, Edilene F. (2002). *A perversão no feminino*. Texto no prelo, a ser publicado pela Revista de Psicopatologia Fundamental em 2002.
- ROSENBAUM, Yudith (1999). *Metamorfozes do Mal: um leitura de Clarice Lispector*. São Paulo, Edusp.
- SCHULTE, W. & TÖLLE, R. (1981). *Manual de psiquiatria*. São Paulo, EPU, Springer.
- SOLER, Colette. (1998). *A psicanálise na civilização*. Rio de Janeiro, contra Capa livraria.
- SOUZA LEITE, Marcio Peter & CAZOTTE, Jacques. (1991). *O deus odioso: psicanálise e representação do mal e O diabo amoroso*. São Paulo, Escuta.
- VIGNOLES, Patrick (1991). *A perversidade: ensaio e textos*. Campinas, SP, Papirus.
- CID 10- *Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento*.(1993). Descrições clínicas e diretrizes diagnósticas. Coordenação Organização Mundial de Saúde, Porto Alegre, Artes Médicas.



RESUMO

Enfocar o tema da perversão na mulher é um terreno arenoso, haja vista que tanto a literatura psicanalítica quanto a clínica denunciam a existência da perversão predominantemente em homens. A afirmativa ocorre pelo seu caráter desviante e de negação da não existência do pênis na mãe e de escolher um objeto fetiche para ocupar o lugar desta falta. Pela investigação metodológica baseada no caso clínico de Theresa a questão é posta em circulação e este trabalho tem como objetivo enfrentar a comprovação da existência da perversão na mulher. Uma das hipóteses sobre a existência da perversão da mulher é a de que: a equivalência simbólica de falo igual a pênis seria substituída por falo igual a dom do amor na perversão feminina.

Palavras-chave; mulher; perversão; psicanálise; psicopatologia.



Sintomas Contemporâneos ou Patologias Modernas?

Impotência Masculina: quando a masculinidade falha.

*Maria Virgínia Filomena Cremasco Grassi.
Depto. Psicologia – Universidade Federal do Paraná*

Resumo:

Este trabalho é parte de uma pesquisa de Doutorado que pretende estudar, sob uma perspectiva psicanalítica, a dimensão psicopatológica de sujeitos com problemas eréteis.

A masculinidade, como sintoma, utiliza a atividade do pênis ereto como estandarte de sustentação imaginária da potência fálica. A instalação da disfunção erétil (o sintoma que afeta o órgão) coloca em questão a masculinidade (a implicação subjetiva na falha, que afeta o ser); sujeito e sintoma se fundem na ‘impotência’ do fracasso erétil, como expressão de aspectos psicopatológicos relacionados a falhas no processo de assunção à identidade masculina relacionados à atribuição fálica.

O que poderíamos dizer ao certo sobre sexualidade e prazer, neste fim-início de século? Como discurso atual, presente no que denominamos pós-modernidade, necessariamente deveremos nos ater a expressões como massificação, globalização, pluralidades, indeterminações, enfim uma infinidade de palavras que tentam dar conta da acepção de que a verdade, seja qual for, não é mais estática, única e, como contraponto, nem ao menos certa.

A produção de saberes contemporâneos passa a ter um caráter efêmero atestado pela própria informática, ciência mestra de fabricação do provisório e obsoleto para coisas “recém-nascidas”. Isso significa que alcançamos, com a tecnologia atual e globalizada, um vasto espaço para saberes e descobertas onde, contudo, o perene fica restringido a um curto espaço de tempo até a sua



atualização posterior. É o que vimos acontecer com o termo impotência atualizado para disfunção erétil.

Segundo o Consenso Brasileiro de Disfunção Erétil “a disfunção erétil é definida como a incapacidade permanente em obter e/ou manter ereção rígida suficiente para uma atividade sexual satisfatória”¹. Disfunção erétil é citado, a partir de 1992, como um “termo mais preciso e atualmente o preferido para a impotência”² segundo o consenso do Painel de Diretrizes Clínicas sobre Disfunção Erétil da American Urological Association³. O termo impotência foi objeto de interpretações conflitantes que também apresentavam implicações pejorativas.

Como vemos, foi recente a tentativa médica de desassociar a acepção de “impotência” dos portadores de insuficiência erétil. Tenta-se, assim, encontrar um modo politicamente correto e menos preconceituoso para se referir ao sintoma sem que este carregue o estigma cultural e social de “impotência” que parece atestar a própria sensação subjetiva implicada no sintoma: estado do indivíduo impotente; falta de força; falta de poder⁴.

O termo (politicamente correto) atualmente utilizado na prática clínica, “disfunção erétil”, situa bem o campo exploratório, diagnosticável e compartimentalizado, de nossa atualidade científica: coloca-se o problema enquanto patologia, isto é, pelo princípio kantiano de instrumentalização, a doença, em seu modelo médico, é vista como uma negação da função (disfunção) ou seja, como um processo que não funciona direito.

A cura seria, pois, através das causas, a restituição ou produção de coisas positivas - formas e funções - que foram negadas pela doença. Por isso que se fala em “cura” para a medicina: a extinção dos sintomas seria a restituição da saúde e, deveria ser, a satisfação do paciente.

1.

2. DAMIÃO, Ronaldo, GLINA, Sidney, JARDIM, Carlos Roberto, TELÖKEN, Claudio (Org.) **I Consenso Brasileiro de Disfunção Erétil** – Sociedade Brasileira de Urologia, São Paulo, BG Cultural, 1998

3. *Impotence*. NIH Consensus Statement, 1992; December 7-9, vol. 10, N. 4, p. 1-31.

4. The Journal of Urology, American Urological Association, Inc., Vol. 156, N. 6, December 1996.



Atualizadas também se tornam as formas de satisfação bem como os prazeres e a própria expressão da sexualidade, todos inseridos no contexto tecnológico demarcado pelo provisório e imediato. Sabe-se que vários produtos são colocados no mercado à disposição da gratificação humana, utilizada como meio para se vender os mais diversos objetos comerciais.

Não deixando de lado a concepção atual do prazer imediato, rápido e sem perda de tempo, vemos a sexualidade adaptada à nova realidade que se configura e na qual os indivíduos não têm tempo para coisas não muito produtivas como são as preliminares sexuais, as conversas, as intimidades. Todos produtos, no que diz respeito ao aspecto interpessoal, seguros contra contágios, insatisfações e conflitos, próprios dos contatos corporais mais diretos. Se cada vez mais surgem novas possibilidades virtuais de satisfação, é porque esses produtos estão sendo consumidos na mesma proporção, isto é, são o reflexo de algo subjetivo ao desejo de cada um e que situa o indivíduo, portanto, enquanto ser desejante.

As novas descobertas incrementam as possibilidades de satisfação, criando até mesmo, via consumo, uma sensação de compensação de falhas pessoais ou de aspectos indesejáveis em si. Há que se situar determinadas significações ao que se consome enquanto um dizer do sujeito, seu discurso, e que caracterizam os objetos consumidos.

O número de homens tratados por DE aumentou a partir da década de 70 justamente com o desenvolvimento das próteses penianas. Antes disso, desde o século XVI, devido à inexistência de métodos adequados para a avaliação de possíveis causas orgânicas, os distúrbios psicogênicos foram considerados como a principal etiologia da DE¹. Até meados dos anos 80 a avaliação da disfunção erétil era feita de maneira empírica. Com o advento, em 1982² dos fármacos intracavernosos, foi possível estabelecer as bases anatomofuncionais da ereção e da fisiopatologia

1. Impossibilidade física ou moral; dificuldade ou impossibilidade no homem de completar o ato sexual. Impotente adj.: (Do lat. *Impotens, impotentis*.) 1. Que não pode. – 2. Inapto para a função sexual. – 3. Fraco, débil, incapaz – **Grande Dicionário Larousse Cultural da Língua Portuguesa**, São Paulo, Nova Cultural, 1999, p. 512.

2. TORRES, Luiz Otávio. “Parecer dos Urologistas sobre Aspectos Determinados da Andrologia e Sexologia”. Dissertação de Mestrado em Urologia da Universidade Federal de São Paulo – Escola Paulista de Medicina, São Paulo, 1995, p. 7.



da disfunção o que aumentou o interesse pelo estudo da DE que foi por muitos anos, subdiagnosticada devido a relutância dos pacientes e de muitos profissionais em discutir a função sexual.¹ Essa dificuldade aparece até hoje nos consultórios de urologistas, sendo o reflexo da despreparação que sentem para abordar os problemas sexuais masculinos.

Segundo as bases anatomofuncionais, a tumescência peniana resulta de um complexo mecanismo neuro vascular sob influência psicológica sendo que as disfunções decorrem de falhas em um ou mais compartimentos.

O impulso mais significativo no tratamento dos distúrbios eréteis é representado pela introdução em 1998 da terapia oral efetiva, utilizando uma nova classe de drogas, os inibidores da fosfodiesterase, o citrato de sildenafil (nome comercial Viagra).

Quando de seu lançamento o Viagra tornou-se um fenômeno cultural na sociedade americana criando um repertório novo de piadas e sendo um novo objeto de discussão na mídia. No Brasil a euforia quanto à chegada do Viagra só não teve maiores proporções pois como tivemos um semestre entre a liberação nos Estados Unidos e a chegada ao Brasil houve tempo para que os rumores dos perigos, principalmente com relação às mortes associadas à sua administração, esfriassem os ânimos. Mas podemos dizer que a tal “impotência” apresentou uma nova cara após o lançamento do produto que virou referência no tratamento da disfunção erétil.

Decortina-se novas possibilidades de enfoques clínicos à doença que até então não possuía efetivamente intervenções eficazes menos invasivas. Para Ira Sharlip da Pan Pacific Urology de San Francisco, “o Viagra mudou drasticamente a forma que a DE é diagnosticada e tratada nos Estados Unidos. Como a maioria dos pacientes responderá bem ao Viagra, não é mais necessária uma avaliação muito pormenorizada²” O que vai de encontro à visão instrumentalizada da medicina. Se se obtém sucesso com a medicação, atendendo-se à queixa do paciente, atingiu-se o objetivo funcional: fazer calar o sintoma.

1. VIRAG, R. *Intracavernous injection of papaverine for erectile failure*. Lancet 1982; 2: 938

2. *Impotence*. Nacional Institute of Health Consensus Development Panel on Impotence Conference. Journal of the American Medical Association, 1993; 270:83-90.



É quanto à sua condição desejante que o sujeito se aliena no consumo. Este lhe dá a ilusão de satisfação e completude protegendo-o da angústia e encobrendo sua falta, característica própria do ser de desejo sujeito à castração.

No plano da sexualidade, se é que podemos nos referir a algo fora dele, o sujeito que se diz masculino pode alimentar semelhante ilusão alienadora de sua condição desejante ao construir sua masculinidade, como sintoma, apoiada em seu desempenho sexual, onde o pênis aparece, então, como objeto de poder fálico.

O referencial masculino associado e representado pelo pênis enquanto poder fálico, é elemento de angústia e desespero para os homens quando o pênis não corresponde ao ideal de atividade constante, desempenho exemplar da masculinidade, tão valorizado numa sociedade no qual respiramos e aspiramos sexo através dos mais diversos meios. E a masculinidade ou virilidade social se faz questão psíquica para o homem.

O trabalho clínico com homens com queixa de disfunção erétil nos levou a pensar em uma possível confusão-conjunção psíquica entre o sujeito e o seu sintoma: o “homem-dor”. Sujeito e sintoma amalgamados pela impotência, em seu sentido mais amplo, como um modo *de sofrer* do corpo e como modo *de ser* homem.

A associação pênis=falo¹ tem que ser sustentada através do desempenho exemplar do primeiro, comprovado quantitativamente por atos sexuais, para que o sujeito tenha a sensação, mesmo que ilusória, de possuir o segundo ou seja, para que (a)pareça capaz de sustentar, imaginariamente, uma função fálica. É justamente esta capacidade que o coloca subjetivamente do lado dos homens enquanto ser masculino.

Quando o órgão falha – seu corpo - o ser ou o sentir-se homem esmorece atestando a fragilidade da construção defensiva e revelando hiatos na sexualidade do impotente. A fenda identitária que se desvela na impotência muitas vezes aparece como uma dolorosa solução aos conflitos enfrentados na infância para a assunção à masculinidade, relacionados à atribuição fálica.

1. Ibid., p. 154.



Daí a recuperação farmacológica da ereção muitas vezes não curar essa ferida reafirmada pela instalação do sintoma de disfunção erétil. A queixa sexual – ou a impotência em ser “homem” - pode persistir apesar da presteza do órgão mecanicamente recuperado.

Citaremos o medicamento no sentido que Platão no Fedro oferece a *phármakon*, termo traduzido no ocidente erroneamente por remédio, “esse filtro, ao mesmo tempo remédio e veneno, já se introduz no corpo do discurso com toda a sua ambivalência¹.” Há um outro pólo na palavra *phármakon* que torna a substância maléfica, venenosa, que faz referência a um agravamento do mal ao invés de sua remediação. “O *phármakon* não pode jamais ser simplesmente benéfico.²” Por duas razões: sua essência e virtude não o impede de ser doloroso (é sempre uma mistura de coisas boas e penosas) e porque é essencialmente nocivo dado que artificial, o que contraria, segundo a tradição grega, a vida natural ou seja, o desenvolvimento natural da doença desviando seu curso normal.

Para os gregos, a doença “normal” se defende, opondo-se às agressões farmacêuticas, reforçando o mal para seguir o seu curso³. Analogamente, quando falamos desses sujeitos com seu *pathos* há uma, poderíamos assim denominar, resistência da doença, e ao aliviarmos sua manifestação dolorosa, ou seja, quando o sintoma cede, cede lugar a um *outro* sofrimento.

O *pathos* volta a gritar indicando-nos que tratávamos do sintoma, embuste daquilo que justamente nos escapava ao oferecermos resoluções simplistas, *remédio* que deixou escapar uma

1. “O falo, sabemos, é o símbolo ordenador da sexualidade, do desejo e do gozo humanos. Representa no inconsciente o Objeto, causa do gozo do Outro (originalmente, a mãe), assinalando simultaneamente a sua falta. Na teoria lacaniana, o falo se inscreve, para os sujeitos, segundo duas dimensões: *Imaginária*: a dimensão do corpo e das teorias infantis sobre a sexualidade. Confunde-se com o pênis. Divide o mundo em duas ordens, os fálicos e os castrados. As mulheres pertencem ao segundo grupo; *Simbólica*: o falo enquanto limite do gozo do Outro. Significante que ordena o desejo sexual não a partir da *oposição* (fálico-castrado) mas da *diferença* homem-mulher.” KEHL, Maria Rita, **A Mínima Diferença. Masculino e feminino na cultura**, Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.236-7.

2. DERRIDA, Jacques. **A Farmácia de Platão**. São Paulo: Iluminuras, 1997, p.14.

3. Ibid., p. 46.



ambivalência, de algo que urgia metáforas mais profundas. É aí, da relação terapêutica e na (im)possibilidade de algo ser desvelado na fala, que se faz presente o trabalho do analista.

Pois que o sujeito nada sabe do pacto de resistência de sua doença e tudo o que supostamente deseja é o remédio para seus males, sentindo-se prontamente grato a tudo o que lhe acena nessa direção. A mesma prontidão se faz presente no ataque às figuras redentoras, médicos e terapeutas, quando as soluções propostas não lhe parecem mais muito satisfatórias. Abre-se uma possibilidade de instalação da demanda psíquica.

É nesse momento que o sujeito se sente desesperançado, cansado, enlutado de suas próprias convicções curativas, embora mais próximo esteja da verdade de sua doença. Suportar se faz necessário. Ao paciente pois nada mais lhe resta. À equipe de atendimento que deve e só pode, dar trégua aos apelos resolutivos, suportando uma trajetória, uma temporalidade inexorável ao trabalho analítico.

O acompanhamento de vários sujeitos nos revelou a importância de se focalizar o problema de disfunção erétil além do sintoma-queixa apresentado inicialmente pelos pacientes. Abre-se possibilidades clínicas de tratamento e de diálogo que possibilitam configurações de demandas de sofrimento psíquico onde o sujeito possa falar *da doença* (ser que dói) e não somente *pela doença* (órgão que dói).

A persistência sintomática desses sujeitos organizou nossa escuta analítica para significados que transbordavam a disfunção do órgão e despertou-nos para a necessidade de se focalizar e buscar uma compreensão mais ampla dos aspectos psíquicos presentes na disfunção erétil.

Em Benedito, caso clínico ilustrativo, a angústia é mais do que ele suporta dizê-la, é seu viver, e, mesmo quando recobra temporariamente a função peniana, ela continua, resiste aos seus sucessos sexuais e aparece como uma insegurança que o acompanha diariamente com a certeza de que a qualquer momento irá falhar novamente, pego de surpresa. A sua certeza fantasística que duvida de sua ereção é a que alimenta outra e que desmorona seu sonho de poder fazer uma mulher feliz e ter uma família com filhos. Benedito se sente preso, vítima de suas próprias suposições imaginárias, afastando-se de possibilidades reais de relacionamentos mais satisfatórios



e propondo-se a se aproximar apenas de mulheres que lhe mentem satisfação – as prostitutas (toque perverso no labirinto enigmático de seus sintomas).

Benedito reconhece a virilidade em seu pai desde cedo, contudo, questiona sua fraqueza diante de sua mãe que tudo julgava e ordenava, desautorizando o filho como homem. Por que seu pai não o salvou do seu “inimigo” materno? Não o defendeu quando deslocava seus desejos incestuosos em brincadeiras sexuais infantis com sua tia? Como permitiu, com seu silêncio, que fosse punido – castrado - por aquelas fortes mulheres (avó e mãe) a nunca mais se encontrar com sua tia? Como deixou que ele renunciasse a seu pênis, cultivando uma culpa irrevogável, na tentativa de conseguir o perdão e ser amado de novo? Seu pai, saciando com amantes silenciosamente em outros braços seus desejos, abandona-o à sorte de ter que provar, constantemente, sua masculinidade diante das mulheres dominadoras – ele o desampara – como se sente desamparado por Deus que diz tê-lo abandonado. Ele não se sente à altura do Ideal Paterno.

Ele passa a viver uma nostalgia da presença masculina (paterna), só podendo admirar os homens à distância, imaginando e comparando-se a eles sexualmente, numa máscara homossexual, sente-se sempre inferior. Resta-lhe apenas o sexo com as prostitutas, únicas fingidas que, vagabundas e pagas, não ousariam reclamar de sua inabilidade sexual. As virgens, impossíveis de serem penetradas e tocadas, como sua tia-criança, são uma ameaça difícil de ser superada. Daí lhe resta amá-las – platonicamente.

Com essas questões poderíamos ainda indagar o que concorreu em Benedito para deixá-lo, segundo seus pesadelos, paralisado em uma posição feminilizada na qual tudo o que lhe resta é ser “atacado por trás” por uma figura assustadora? Ao falarmos do que resta a Benedito pensamos que é como *resto* consciente que fica o seu desejo e por isso ele pode revelar, não sem pesar, que chegou a pensar que era um “bicha” pois em sua fantasia homem impotente, não pode *ter* pênis duro e só pode desejar *receber* o pênis *por trás*.

O processo de análise foi o cenário no qual Benedito deslocou seu sintoma de disfunção erétil para uma impotência do gozo e, de alguma forma, em seu labirinto psíquico, seu sintoma se revela como um *gozo da impotência* escravizando-o na condição de **ter** que se manter impotente apesar de seu pênis. E a impotência de Benedito nos revela uma relação especial com os homens e com as mulheres. Numa máscara homossexual, que talvez o aproxime da virilidade sob a fantasia



de ser penetrado – como a didática sexual dos gregos clássicos – admira e teme a potência nos homens, principalmente mais velhos, aos quais se sente subjulgado, como a seu pai, prova viva de um pênis que dá conta de várias mulheres além de sua mãe mas nega-se, com seu distanciamento, a salvá-lo do estrangulamento materno. Benedito mantém-se sexualmente histérico mantendo uma alienação subjetiva ao desejo do Outro e tendo que, a todo custo e momento dar provas de sua virilidade. É para ser provado, testado que ele mantém suas relações sem gozo. Quanto às mulheres, ele-sintoma mesmo diz: “a doença criou em mim uma insegurança para eu conseguir as mulheres. O problema tá aí nessa parte”. Parte ao qual Benedito tenta dar provas, a todo custo, de seu valor perante as mulheres que, projetado junto com sua hostilidade, só pode vir como reconhecimento externo nomeado como masculinidade, essa “coisa de pênis” ao qual só recentemente ele pôde se referir.

Não pretendemos esgotar, com esse trabalho, as possibilidades simbólicas de compreensão da psicopatologia da disfunção erétil ou encontrar uma mesma estrutura psíquica do “paciente-sintoma impotente”. O objetivo é justamente abrir horizontes, num campo de diálogo e reflexão psicanalíticos entre as matizes do que chamaremos de psicopatologia e a disfunção erétil ou melhor, entre o *pathos*, a paixão e o sofrimento psíquico do paciente (sua real doença) – que é único - e a sua expressão sintomática ou poderíamos dizer, a dor menor que o nada.

Para a psicanálise os sintomas são um substituto de uma série de processos, desejos e aspirações investidos de afeto e ao qual mediante recalçamento negou-se a descarga através de uma atividade psíquica passível de consciência

Para Freud o sintoma se apresenta enquanto uma solução de compromisso entre a fantasia inconsciente - o desejo – e a tentativa de defesa contra ele, que se tornam reprimidos em sua atuação consciente. É uma tentativa, via recalçamento, de solucionar um conflito entre a pulsão e a consciência.

É por esse motivo que quando se cura o órgão e a real doença se mantém, o sintoma migra procurando uma nova forma de simbolização, seja em outro órgão ou em palavras e atos.

Joyce McDougall¹ se refere às modalidades desviantes da sexualidade ou sintomas sexuais como soluções eróticas, técnicas de sobrevivência psíquica dos indivíduos para



salvaguardar o sentimento de identidade sexual que acompanha o prazer sexual. Técnicas que geralmente são exigidas para preservar o sentimento de identidade subjetiva.

Por mais atemorizante que seja, o sintoma é aquilo que se apresenta como a solução psicologicamente viável à desestabilização do sujeito como um todo sendo, portanto, o que organiza, de uma forma muito singular e não sem dor, toda a estruturação psíquica do indivíduo: a dor menor ao sofrimento insuportável, ao desespero, ao nada.

A experiência clínica demonstrou a Freud que esta “representação insuportável” da qual o sujeito se esquia com sofrimento é justamente aquilo que lhe causa desejo e excitação sexual e, portanto, desorganização psíquica.

A pulsão que não consegue ser reconhecida e suportada como excitação por ameaçar a organização psíquica - é fonte de angústia e geralmente se associa às emoções e aos sentimentos, carregados de erotismo e vivenciados, no decorrer do desenvolvimento infantil, durante a fase edípica ou de sua resolução.

É assim que Armando, outro caso clínico, “faz” o que *pode* psicologicamente para sobreviver e acaba por encontrar “saídas” dolorosas mas suportáveis para seus conflitos psíquicos. A “fuga” para a disfunção erétil parece ser uma delas. Por se tratar de seu sintoma mais consistente ao longo dos anos podemos pensar nele enquanto uma “solução” que acabou por impor-lhe certas restrições e condições à sua vida sexual que pôde até hoje somente ser vivenciada de forma parcial¹.

Ele *precisa* manter-se “impotente” para se proteger de sua sexualidade, mantendo-se afastado das mulheres, assim como a rotina doméstica, os horários, parecem protegê-lo da desorientação, seu corpo precisa de um ritmo conhecido para funcionar (senão tem constipação ou diarreia). Armando não gosta ou não suporta as surpresas, carrega características obsessivas que o prendem à rotina. Anda carregado de remédios para os eventuais desarranjos de seu corpo

1. Ibid. p. 43-64.

1. McDOUGALL, Joyce. **As Múltiplas Faces de Eros**. Uma exploração psicanalítica da sexualidade humana, São Paulo, Martins Fontes, 1997, p. 185-196.



diante das novidades (sempre que viaja, vem à Unicamp, sai pra se divertir, etc). Ele se sente um escravo de seus sintomas psicossomáticos.

Em sua “*aventura*” mais recente, assim se refere, quando Armando-arma um desejado encontro com dois doutores, seu pênis adoece. Talvez seu corpo expresse o que realmente significava aquele encontro – uma aventura sexual, ou seja, uma aventura na qual seu pênis estivesse envolvido. De alguma forma esteve pois Armando sentiu muita potência, sentiu-se homem, poderoso, fático, estando à altura dos doutores, impressionando-os. Por outro lado revelando o quão importante para ele é a aprovação, a admiração, a aceitação, desses homens considerados superiores. Armando vive à sombra de figuras importantes, representantes de seu pai simbólico, buscando sempre uma forma de competir sem se sentir tão inabilitado, fracassado, humilhado como o seu pai real o fez se sentir quando garoto ao questionar sua competência em continuar na escola com tantas dificuldades em acompanhar a turma.

Em seus conflitos edípicos Armando deseja a mãe, chega a possuí-la sexualmente em sonhos quando é então interrompido, toma o lugar ativo do pai na cena primária. Contudo, em sua vida real não é assim ativo que Armando se mostra mas enquanto alguém que, desde criança, sempre foi frágil. identificado com o corpo materno adoentado, inabilitado, fracassado: nos estudos, na sexualidade, na profissão. O pai lhe pede que desista de lutar para ser alguém reconhecido, o pai lhe desautoriza enquanto homem capaz, não acredita em seu potencial e o torna impotente perante a vida. É como se lhe dissesse que não tem capacidade, que tem que aceitar suas limitações, castra-o impondo-lhe uma passividade que Armando tenta rejeitar de todas as formas, negando suas limitações, fazendo com que elas não apareçam, escondendo-se de situações que a coloquem à mostra. Vive fingindo, programando todos os detalhes de sua vida para que nada lhe escape ao controle, para que funcione direito dentro da regularidade a que se submete e que não coloca à mostra suas inabilidades.

Mas nem igual ao pai Armando consegue ser, fica paralisado em suas limitações, vendo os irmãos nascerem (ele é o mais velho) como prova da virilidade do pai que o emasculava ao duvidar de sua capacidade. Nessa posição lhe resta identificar-se com a mãe, seu corpo, suas doenças. Com 7 anos, percebe-se excitado vendo meninas se maquiar e se pentear na rua, mas não



são as garotas seu objeto do desejo, mas o que fazem, como fazem, o que usam. Quer sê-las, como se refere ao corpo da esposa falecida como sendo o seu próprio corpo.

É isso, enquanto fetiche, que vai fazer parte de seu teatro sexual posterior: mulheres maquiadas, produzidas, penteadas, vestidas... mas Armando não deseja a mulher, em si, despida, que o assusta, cultivando um horror à figura da vagina, afastando sua excitação, mas sim os objetos que ela usa, parciais, o a-mais em seu corpo que esconde sua falta, sua vagina que o repulsa e amedronta, sua castração. Ele só consegue se relacionar com uma mulher que não se apresenta enquanto castrada, sua musa-esposa que o ama e nada lhe cobra, nem sua masculinidade, nem seu pênis. Submete-se a ser admirada à distância, alimentando o voyeurismo de Armando despertado desde sua infância. Deixando que ele se satisfaça indiretamente através dela, de seu corpo, impondo-lhe fantasias (cabelos, roupas, maquiagens) aos quais ela realizava sem questioná-lo. Ela era perfeita, encaixava-se em sua neurose sem ameaçá-lo.

Confundindo-se com esse corpo feminino, desejando sê-lo, vive para ornamentá-lo e admirá-lo naquilo que ele lhe nega sua real falta, sua castração. Armando feminilizado, em sua inabilidade viril, vive sob a égide dos homens potentes, doutores, tentando alcançá-los, seduzi-los com seus conhecimentos, desejando sua amizade, sua proximidade, seu reconhecimento. Os homens, sua amizade, como de certa forma diz, é que lhe interessam, não ir pra cama com mulheres. Por isso não quer medicação, não precisa do Viagra, não precisa de seu pênis ereto.

Parece difícil para ele *ter esse pênis* enquanto aquele que sinaliza, pela excitação, o seu desejo¹ (como no sonho com a mãe). Mais difícil contudo pode ser perdê-lo efetivamente no intercurso sexual, sugado pela vagina castrativa que tanto o amedronta. Suportável parece ser “adormecer” seu pênis em suas relações transformando-as todas em amistosas e mantendo intacta sua disfunção erétil como “solução” ao conflito psíquico que o interpela enquanto homem.

Admiti-lo ou incorporá-lo parece ser justamente o que deve evitar para sobreviver subjetivamente daí permanecer fragmentado, apesar da dor, pode ainda assim representar um ganho.

1. “Os fenômenos patológicos são, dito de maneira franca, *a atividade sexual do paciente*”, Ibid., p. 110



Referências bibliográficas:

- DAMIÃO, R., GLINA, S. JARDIM, C., TELÖKEN, C. (Coord.) *I Consenso Brasileiro de Disfunção Erétil da Sociedade Brasileira de Urologia*, São Paulo: BG Cultural, abril/1998.
- DERRIDA, J., *A Farmácia de Platão*, São Paulo: Iluminuras, 1997.
- Dicionário Enciclopédico de Psicanálise: o legado de Freud e Lacan*, editado por Pierre Kaufmann, Rio de Janeiro: Zahar, 1996.
- CABAS, A. G., *A função do Falo na Loucura*, Campinas (SP): Papyrus, 1988.
- DOR, J., *Estrutura e Perversões*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- _____. *Introdução à Leitura de Lacan. O inconsciente estruturado como linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- _____. *O Pai e sua Função em Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.
- FIGUEIREDO, A. C. *Vastas Confusões e Atendimentos Imperfeitos. A clínica psicanalítica no ambulatório público*, Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1997.
- FREUD, S., “Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade” (1905) – Vol. VII; “Fragmentos da Análise de um Caso de Histeria” (1905 [1901]) – Vol. VII; “A Dinâmica da Transferência” (1912) – Vol. XII; “Totem e Tabu” (1913 [1912-3]) – Vol. XIII; “Luto e Melancolia” (1917 [1915]) – Vol. XIV; “Inibição, Sintoma e Ansiedade” (1926 [1925]) – Vol. XX; “Os Caminhos da Formação dos Sintomas” (1917 [1916-7]) – Vol. XVI; “O Desenvolvimento da Libido e as Organizações Sexuais” (1917 [1916-7]) – Vol. XVI; “Algumas Idéias sobre o Desenvolvimento e Regressão – Etiologia” (1917 [1916-7]) – Vol. XVI; “A Dissolução do Complexo de Édipo” (1924) – Vol. XIX; “Algumas Conseqüências Psíquicas da Distinção Anatômica entre os Sexos” (1925) – Vol. XIX; “O Ego e o Id” (1923) – Vol. XIX; “Esboço de Psicanálise (1940 [1938]) – Vol. XXIII in *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro: Imago: 1996.
- Grande Dicionário Larousse Cultural da Língua Portuguesa*, São Paulo: Nova Cultural, 1999.



- GRASSI, M. V. F. C. *Psicopatologia e Disfunção Erétil: a clínica psicanalítica do impotente*. Tese (Doutorado em Ciências Médicas) . Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências Médicas. Campinas, SP, 2002, 348p.
- GRASSI, M. .V.F. C. COSTA PEREIRA, M. E. O Sujeito-sintoma impotente na disfunção erétil. *Ágora Estudos em Teoria Psicanalítica*. Rio de Janeiro, Pós Graduação em Teoria Psicanalítica IP/UFRJ. Vol. IV, n. 1, jan/jun, 2001.
- GRASSI, M. .V.F. C. COSTA PEREIRA, M. E. Erectile Dysfunction and Psychopatology (abstract). *International Journal of Impotence Research – Basic and Clinical Studies*. Vol. 13, Supl 2, june 2001.
- Impotence. National Institute of Health Consensus Development Panel on Impotence Conference. *Journal of American Medical Association*. Vol. 10, n. 4, December 7-9, 1992.
- Impotence. National Institute of Health Consensus Development Panel on Impotence Conference. *Journal of American Medical Association*. 270, 1993.
- Jornal Brasileiro de Urologia*, Sociedade Brasileira de Urologia, Rio de Janeiro, novembro de 1999, Número Extraordinário.
- KEHL, M. R. *A Mínima Diferença: masculino e feminino na cultura*. Rio de Janeiro, Imago, 1996.
- LACAN, Jacques. *Escritos* (1966), Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- _____. *O Seminário: Livro 20: mais, ainda* (1975), 2 ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- _____. *Os Complexos Familiares* (1984), Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- LAPLANCHE, Jean. *Hölderlin e a Questão do Pai*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.
- MCDUGALL, J. *As Múltiplas Faces de Eros: uma exploração psicanalítica da sexualidade humana*. São Paulo, Martins Fontes, 1997.
- POMMIER, Gérard. *A Ordem Sexual*. Perversão, desejo e gozo. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.
- _____. *Do Bom Uso Erótico da Cólera. E algumas de suas conseqüências*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.
- SAFOUAN, Moustapha. *Seminário: angústia, sintoma, inibição*, Campinas (SP): Papyrus, 1989.
- SHARLIP, I., “100 Dias com Viagra: o impacto médico e social nos Estados Unidos”, *Urologia Contemporânea*, Vol. IV, N. 4, out/nov/dez, 1998.
- TORRES, L. O. Parecer dos Urologistas sobre Aspectos Determinados da Andrologia e Sexologia. Dissertação (Mestrado). Disciplina de Urologia, Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo, São paulo, 1995, 77p.
- Viagra – monografia do produto, São Paulo: Pfizer, 1998.
- VIRAG, R. *Intracavernous injection of papaverine for erectile failure*. *Lancet*, 2: 938, 1982.



Sintomas Contemporâneos ou Patologias Modernas?

A Mãe e a Filha: Uma Possibilidade de Desencadeamento da Anorexia Nervosa

Giuliana Nogueira Junqueira

Universidade São Marcos, 2002

Introdução: Nas últimas décadas, tem-se verificado um aumento no número de casos de anorexia nervosa, o que tem despertado a atenção de diversas disciplinas para o assunto, que se tornou um tema emergente. A psicanálise vem pontuando a questão desde as suas primeiras citações em Freud, que tratou a anorexia nervosa pela via do sintoma, sendo que este está originalmente relacionado ao desejo e ao prazer. Enfocamos neste estudo a relação passional entre mãe e filha, posto que, na anorexia nervosa, se apresenta como uma relação de domínio onde a função fálica do pai é desvalorizada (Bidaud, 1998). A mãe não introduz o pai como elemento mediador, o que dificulta a formação de estruturas edípicas estáveis, abrindo caminho à feminilidade. Não ocorre a mudança do objeto de amor da mãe para o pai, pois há a recusa desta em reconhecer-se faltosa. A mãe se excede em seus cuidados com a criança, procurando suprir todas as suas necessidades e esforçando-se para que não lhe falte nada, o que não permite a criança elaborar sua subjetividade, pois ela é privada da experiência fundamental da falta. Ela não consegue se subjetivar como mulher, criando sua própria identidade, pois não há uma identificação satisfatória com a mãe. Recusando-se a comer, a anoréxica procura apagar de seu corpo todo sinal exterior de feminilidade. O **objetivo** deste trabalho é abordar a anorexia nervosa em relação ao apego pré-edípico à mãe e refletir sobre a sua influência nesta manifestação psicopatológica. Pretendemos, assim, contribuir com a compreensão psicanalítica acerca do problema. O **método** de investigação utilizado foi a análise de publicações que tratam do tema sob a ótica psicanalítica, partindo de autores clássicos como Freud e Lacan, e de autores contemporâneos como Eric Bidaud. O **resultado** é que há uma ausência de mãe enquanto sujeito que reconhece a criança em sua demanda de amor. Paradoxalmente, a mãe é excessiva e sufocante, não deixando espaço para que a criança se torne um sujeito desejante. **Concluimos** que, sendo a demanda de alimento uma demanda de amor, a anoréxica recusa o alimento para reiterar essa demanda, pois ela não é reconhecida pela mãe. Ao mesmo tempo, sente-se invadida pelo olhar atendo da mãe, tentando libertar-se dela através da recusa ao alimento. Ela nega o desejo, demandando nada, comendo nada.



Nas últimas décadas, tem-se verificado um aumento no número de casos de anorexia nervosa, o que tem despertado a atenção de diversas disciplinas para o assunto.

A anorexia nervosa é um tipo de distúrbio alimentar que, na sua forma clássica, acomete meninas após a puberdade e caracteriza-se pela busca obsessiva de um corpo cada vez mais magro (Cordás, 1996).

De acordo com o DSM IV, os critérios diagnósticos da anorexia nervosa são: recusa em manter o peso corporal acima do mínimo estabelecido de acordo com a idade e altura; medo intenso de engordar, distorções na maneira de vivenciar o próprio corpo e amenorréia, sendo a paciente do sexo feminino. Nota-se que esses critérios são de natureza descritiva, o que não possibilita uma maior compreensão desta sintomatologia.

Quanto as possíveis causas da anorexia nervosa, a literatura médica aponta para uma confluência de fatores de natureza biológica, psicológica e socioculturais (Cordás, 1998: 35, Herscovici e Bay, 1997: 33), sendo que pouca atenção é dada aos fatores de natureza psicológica.

Uma característica que nos chama a atenção é o fato da anorexia nervosa ser um sintoma tipicamente feminino. A literatura médica parece não dar muita importância a este fato,



apontando-o como uma consequência dos padrões estéticos impostos à mulher, portando como um fator sociocultural.

Acreditamos que a grande incidência dessa sintomatologia sobre as mulheres é algo bastante significativo e, talvez, possa nos ajudar a pensar questões acerca do feminino. Afinal, o que teria de específico no desenvolvimento da menina que propiciaria, em alguns casos, a manifestação da anorexia nervosa? Julgando ser de grande importância o entendimento desta questão para se obter uma maior compreensão sobre os fenômenos psicológicos envolvidos no desencadeamento e na manutenção desta psicopatologia, resolvemos recorrer a literatura psicanalítica em busca de suporte para se pensar esta problemática.

A psicanálise vem pontuando a questão desde as suas primeiras citações em Freud, que tratou a anorexia nervosa pela via do sintoma, sendo que este está originalmente relacionado ao desejo e ao prazer. Segundo Freud (1915), a anorexia se trata de uma neurose nutricional na qual a sexualidade ainda não se desenvolveu, sendo que a perda do apetite corresponderia, em termos sexuais, a perda da libido.

Um exemplo é caso de Emmy, paciente atendida por Freud aos 40 anos, que queixava-se, entre outras coisas, de falta de vontade para realizar afazeres domésticos, sentimentos de perseguição e visões de animais. Além disso, ela sentia nojo ao se alimentar, ingerindo apenas líquidos espessos. Associava a abulia à lembranças da infância, como por exemplo, os episódios em que a mãe obrigava-a a comer e ameaçava-a com punições. Emmy, perde o marido ficando com duas filhas pequenas para cuidar. Após a morte do marido, começa a ter lembranças de perseguições, que Freud associa a abstinência sexual. Parece que a falta de vontade se estende, também, ao aspecto sexual, pois a paciente nunca mais teve contatos amorosos ou sexuais.



Posteriormente, Freud relata que ela ansiava por se casar novamente, encontrando obstáculo para isso na existência das duas filhas (Freud, 1893).

Este autor alega, ainda, que a anorexia teria que ser investigada em conexão com a fase oral do desenvolvimento sexual (Freud, 1918).

Nessa relação oral primitiva, mãe e bebê vivem em um estado de completude que é desfeito, posteriormente pelo desmame, onde a criança viverá a angústia da perda e da separação. Freud (1931) nos mostra a importância dessa fase primitiva de ligação à mãe, afirmando ser complicado a compreensão de distúrbios posteriores se esta não for levada em consideração, posto que nela residem as fixações e regressões que originam as neuroses. Além disso, ele afirma que essa fase pode ocupar um longo período do desenvolvimento sexual da menina, sendo, neste caso, o complexo de Édipo uma formação secundária.

Pensamos, portanto que esse período pré-edípiano é de grande importância para se pensar a anorexia nervosa. Se nesta fase se encontram as fixações que se desdobrarão em neuroses posteriores, o que poderia ter acontecido aqui no caso da patologia anoréxica?

Lacan, ao comentar a anorexia, refere-se a um conflito entre o que a criança espera da mãe e aquilo que a mãe lhe dá. Para o autor, a demanda de alimento da criança é, também, uma demanda de amor. Na sintomatologia em questão *“a satisfação da necessidade só aparece aí como o engodo em que a demanda de amor é esmagada”* (Lacan,1998:634). Prossegue, ainda, alegando que o outro (...) *“no lugar daquilo que ele não tem, empanturra-a com a papinha sufocante daquilo que ele tem, ou seja, confunde seus cuidados como o dom de seu amor”* (ibid). Na ânsia de suprir a filha em todas as suas necessidades, esforçando-se para que não lhe falte nada, a mãe torna-se excessiva e sufocante. Paradoxalmente, ela é ausente enquanto sujeito que



reconhece a criança em sua demanda de amor (Lacan, 1998). A anoréxica parece recusar o alimento para reiterar essa demanda, pois ela não é reconhecida pela mãe. Podemos notar, assim, uma recusa da mãe em reconhecer-se faltosa, portanto, castrada.

Na anorexia nervosa parece haver uma recusa em se deparar com a falta e com a castração. Jacques André (1.996:140) aponta para uma priorização do ato, da hiperatividade, nesta sintomatológica, indicando, talvez, uma recusa da feminilidade, sendo que esta é representada pela passividade. Afirma, ainda, que a anorexia assinala “o fracasso, em traduzir o furo, o vazio, em termos de castração”.

De acordo com a teoria freudiana, espera-se que a menina, ao se deparar com a castração da mãe, busque no pai o falo que esta não poderá lhe dar. Como a mãe insiste numa posição fálica, isso dificulta a mudança de objeto fazendo com que a filha fique aprisionada a esta ligação primária.

Segundo Éric Bidaud, é nessa mudança de objeto que parece se situar o drama da anorexia. Esse autor afirma que é necessário que a menina abandone a crença no falo da mãe e a atividade fálica para ter acesso à feminilidade.

Acreditamos que a anorexia aponta para uma impossibilidade de separação entre a mãe e criança e, também, uma recusa em se deparar com a falta. Ambas permanecem numa relação dual e fechada, onde parece não haver espaço para a alteridade. O pai não é introduzido na relação, o que faz com que ele perca seu valor diferenciador, pois sua função fálica é desvalorizada (Eric Bidaud,1998). Esse fato dificulta a formação de estruturas edipianas estáveis, que abririam caminho à feminilidade.



Nas palavras de Éric Bidaud (1998), *“a mãe, não olhando para o lado do pai, não permite à filha ter acesso a este e a retém num entre-dois fascinante, uma aliança de domínio”* (Bidaud, 1998:22). A função paterna, representada pela lei e pela interdição, tem uma função estruturante que parece atuar de modo falho na anorexia nervosa, pois o pai aparece como uma figura apagada, que não deseja a filha. Ao se referir ao pai o autor afirma que ele é desvalorizado pela mãe enquanto pai e marido, sendo, portanto, ausente em demasia para poder interferir na relação da mãe com a criança.

É importante salientar que, apesar de acreditarmos que a relação mãe e filha seja fundamental para se entender a anorexia, ela não deve ser tratada de maneira casuísta, atribuindo-se à mãe a responsabilidade pela patologia da filha.

O que costuma ocorrer nesta sintomatologia, é uma relação bastante conflituosa entre a menina e sua mãe, apresentando alto grau de ambivalência. Parece haver um grande esforço da filha para desvinciliar-se de sua mãe, mas, ao mesmo tempo, ela não demonstra estar apta para fazê-lo, pelo contrário, parece estar impossibilitada para vivenciar esta separação. Cerqueira (1999) alega que o sintoma anoréxico teria a função de tentar criar um estado de completude semelhante aquele vivenciado nos primeiros meses após o nascimento, onde a mãe era tida como uma extensão do bebê, não havendo diferenciação entre ambos e, não sendo preciso, assim, se deparar com a falta.

Se mãe e filha permanecem nessa relação onde não há uma diferenciação entre elas, como se ambas se completassem, sendo desnecessário a presença de um terceiro, o complexo de Édipo será vivenciado de maneira muito insipiente para que o pai possa fazer da filha uma mulher.



Assim, parece haver uma falha na identificação da filha com a mãe, posto que a criança não abandona os investimentos destinados à aquela e, portanto, ela não consegue se subjetivar como mulher criando sua própria identidade. Recusando-se a comer, ela não estaria procurando apagar de seu corpo todo sinal exterior de feminilidade?

Será que patologia anoréxica não estaria apontando para uma dificuldade da menina em encontrar uma via em direção ao feminino, usando, assim, seu corpo para expressar essa impossibilidade de tornar-se mulher?

Referências bibliográficas:

ANDRÉ, J. As origens femininas da sexualidade. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1996.

BIDAUD, E. Anorexia mental, ascese, mística. Rio de Janeiro, Companhia de Freud, 1998.

CERQUEIRA, J. “30 gramas de brócolis”: um estudo sobre a anorexia nervosa na adolescência, in Congresso Internacional de Psicanálise e suas Conexões, O Adolescente e a modernidade, 1999.

_____ Transtornos alimentares, in Transtorno do espectro obsessivo-compulsivo: diagnóstico e tratamento. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1996.

_____ **Anorexia e bulimia. O que são? Como ajudar? Porto Alegre, Artes Médicas, 1998.**

FREUD, S. Estudos sobre a histeria (1893-95), in Obras Completas, Vol II. Rio de Janeiro, Imago, 1989.



_____ **Extratos dos documentos dirigidos a Fliess (1915), in Obras Completas, Vol. I.**

Rio de Janeiro, Imago, 1989.

_____ **História de uma neurose infantil (1918), in Obras Completas, Vol. XVII. Rio de**

Janeiro, Imago, 1989.

_____ **Sexualidade feminina (1931), in Obras Completas, Vol. , Rio de Janeiro, Imago,**

1989.

HERSCOVICI, C. e BAY, L. Anorexia nervosa e bulimia. Ameaças à autonomia.

Porto Alegre, Artes Médicas, 1997.

LACAN, J. A direção do tratamento e os princípios de seu poder (1958), in Escritos. Rio de

Janeiro, Jorge Zahar, 2000.

MANUAL DIAGNÓSTICO E ESTATÍSTICO DOS TRANSTORNOS MENTAIS (DSM IV).

Porto Alegre, Artes Médicas, 1995.



Subjetividades Contemporâneas: Individualidade, Alteridade e Brasilidade

A “Marca” do Homem Contemporâneo: Reflexões sobre a Produção de Subjetividades na Cultura do Consumo

*Maria de Fátima Vieira Severiano
Universidade Federal do Ceará*

Resumo

O presente estudo objetiva realizar uma reflexão crítica acerca da atual relação do homem com os signos do consumo e suas implicações psicossociais para o processo de individuação e de vinculação social tendo por base dados coletados em uma pesquisa, por mim realizada, no departamento de Psicologia da UFC, intitulada: “O consumo de imagens de marca e seu impacto na constituição da subjetividade dos jovens”. Discute, em especial, o atual consumo de imagens de marca, entre adolescentes e jovens de 14 a 21 anos, de ambos os sexos e de distintas classes sociais, o qual demonstrou constituir-se em importante elemento de inserção/exclusão social para os sujeitos pesquisados.

INTRODUÇÃO

A crescente adesão dos homens à lógica do capital e a instabilidade psíquica derivada do debilitamento dos antigos códigos nacionais, éticos e políticos nos instiga à reflexão crítica acerca da atual relação do homem com os signos do consumo e suas repercussões enquanto fonte produtora de novas subjetividades.

A investigação da referida temática buscou abrir uma nova linha de pesquisa interdisciplinar, no campo da Psicologia Social envolvendo temas sobre Comunicação, Publicidade e Subjetividade, abordado sob o ângulo dos novos referentes culturais e psicológicos produzidos pelas tecnologias de comunicação de massa no contexto das "Sociedades de Consumo" globalizadas. A necessidade de um estudo que possibilite o profissional da área de psicologia avaliar o atual impacto desses novos referentes na constituição das subjetividades contemporâneas, se faz premente. Isto porque a produção e reprodução dos ideais dessa



sociedade, via publicidade, implica, justamente na utilização da subjetividade do consumidor como meio para atingir seus fins mercadológicos, ou seja, os atuais apelos ao consumo são, predominantemente, de ordem psicológica fundados não nos atributos concretos do produto, mas nas características desejáveis do consumidor, o qual é, predominantemente instigado em sua incompletude, diante das constantes "promessas" de realização dos seus desejos, de forma "personalizada", via signos de distinção expressos nas imagens de "marca". Aqui não se vende meramente um produto em seu valor de uso ou funcionalidade, vende-se juventude, beleza, poder, sensualidade, reconhecimento social, diferenciação, segurança enfim, atitudes, comportamentos e estilos de vida, estruturantes da subjetividade dos indivíduos e de grande significação na ação normativa social que requerem um olhar psicossociológico sobre suas formas de apropriação.

Portanto, diante do caráter eminentemente simbólico do consumo nos propomos aqui refletir acerca dos novos direcionamentos, a partir dos quais estão se reestruturando as subjetividades sob o prisma da "Cultura do consumo", seus determinantes e implicações psicossociais, principalmente no que diz respeito aos processos de individuação/homogeneização relacionadas às atuais formas de fetichização da mercadoria.

Neste contexto, nos chama a atenção a atual manifestação e celebração de um exacerbado individualismo, sem precedentes, veiculado pela mídia, ou seja, uma exaltação da "individualidade", a qual é predominantemente referida aos ideais de consumo como forma de máxima realização pessoal e de aquisição de uma personalidade dita "plural" e "singularizada". Neste sentido, a própria identidade do sujeito parece estar cada vez mais subordinada a apropriação dos signos de consumo os quais passam a cumprir um papel de constituidor das subjetividades e promotor de "individualidade" em substituição aos anteriores vínculos sociais baseados em tradições locais, políticas, éticas e religiosas.

Lipovetsky, (1991) em sua obra *O Império do Efêmero*, nos exemplifica este tipo de posicionamento, ao analisar as práticas consumistas contemporâneas, e em especial, o fenômeno da moda:

(...) o sistema da moda ampliada permitiu, mais que qualquer outro fenômeno, prosseguir a trajetória secular da conquista da autonomia individual. (...) cada um, sob o governo da moda, é mais sujeito de sua existência privada, operador livre de sua vida



por intermédio da superescolha na qual estamos imersos. O império da moda significa universalização dos padrões modernos, mas em benefício de uma emancipação e de uma despadronização sem precedente da esfera subjetiva(...) assim caminha o individualismo narcísico (p. 174-6).

Lipovetsky nos fala de um “individualismo narcísico” de forma celebrativa. Aqui a conquista da autonomia e da democracia se realiza sob o “governo da moda”. As motivações passam a ser endógenas, sob os auspícios de um grandioso eu narcísico que ignora todas as referências sócio-culturais.

Aqui a lógica da “coisificação” se faz inconfundivelmente presente: é só na medida em que o homem consome mercadorias, cujas demandas já foram antecipadas através de pesquisas mercadológicas, que ele adquire uma identidade reconhecida. É o objeto que lhe empresta significado. A diversificação está na origem da mercadoria e não na capacidade de livre escolha do homem. Este, para se “diferenciar” se submete às hierarquias e aos enquadramentos ditados pelas estratégias da publicidade, que impõem sempre “novos estilos de vidas”, de acordo com os códigos de consumo vigentes. A padronização, nas chamadas sociedades “pós-modernas” alcança o seu mais alto grau de sofisticação: ela não se encontra mais na homogeneização dos produtos, como à época das “sociedades de massa” década de 60, mas na atitude compulsiva e generalizada de ter que consumir para só assim constituir-se como indivíduo. Atrair a constituição da individualidade à capacidade cada vez maior de consumir produtos diferentes, ao nosso ver, apenas testemunha o grau de coisificação a que foram remetidas as identidades contemporâneas, assim como o nível de fetichização atual dos produtos.

Diante do exposto, defendemos a tese de que os processos de individualização e a formação de vínculos sociais democráticos não podem ser fundados graças às benesses do mercado. O que ocorre é uma confusão entre o exercício livre da cidadania e uma suposta liberdade nas opções de consumo. Diversifica-se para melhor submeter. Apela-se à subjetividade do consumidor para atingir fins que lhe são extrínsecos, ou seja, a lógica do desejo subordina-se à lógica do mercado, não para o atendimento dos anseios humanos por individualização, autonomia e democracia, mas como estratégia de marketing para realizar fins mercadológicos.



De acordo com Freud (1980) e os Teóricos da Escola de Frankfurt, em especial Adorno (1991) e Marcuse (1982), o processo de individuação implica numa contínua diferenciação do homem com relação à natureza, um afastamento progressivo dos desejos de reunião simbiótica, da fusão eu/mundo, em direção ao outro e aos ideais culturais, com conseqüente desenvolvimento da capacidade de mediação reflexiva do ego em relação às demais instâncias psíquicas e à realidade. Nesta perspectiva individuação significa, uma crescente emancipação das tutorias e aquisição dos meios necessários para o desenvolvimento da capacidade de agir e pensar por si próprio.

Entretanto, nas sociedades contemporâneas, parece ocorrer uma substituição dos ideais culturais que se forjavam na relação com a alteridade por ideais particularistas do consumo que se forjam na relação com o objeto/marca “personificado”. Neste universo, a “marca” que o produto porta possui um papel fundamental: representa o suporte simbólico da mercadoria, através da qual são veiculados valores, estilos de vida e normas de conduta, constituindo-se assim numa importante fonte de identidade psicológica e cultural.

PESQUISA - *O Consumo de imagens de marca e seu impacto na subjetividade dos jovens.*

O objetivo geral de nossa pesquisa consistiu em investigar teórica e empiricamente o atual consumo de imagens de marca e suas formas de adesão/resistência aos ideais publicitários, como fonte de identidade psicológica e cultural, entre jovens, avaliando suas implicações para a constituição das subjetividades contemporâneas. Em termos específicos buscamos observar as diversas formas de identificação promovida pelas imagens de marca em função da idade, do sexo, da classe social e dos traços de narcisismo de sujeitos consumidores, assim como detectar os indicadores capazes de promover fascínio aos ideais do consumo, analisando as implicações psicossociais desta forma de identificação nos diversos grupos de consumidores e estabelecendo comparações entre as diversas variáveis.



Foram realizados oito “grupos de discussão” de acordo com o seguinte perfil: quatro grupos de classes médias e altas, separados por sexo e agrupados por faixa etária: 14 a 16 anos e 17 a 21 anos e quatro grupos de classes baixa, divididos por sexo, de mesmo perfil etário. Nestes grupos foram apresentados 30 imagens publicitárias, retirados de revistas atuais e nacionais, para posterior discussão.

Os discursos dos sujeitos foram analisados nos seguintes níveis:

- ² Nível subjetivo: revela o primeiro impacto suscitado, ao nível emocional, no receptor diante das imagens publicitárias apresentadas.
- ² Nível individual/grupal: expressões individuais referentes às formas de pertencimento/exclusão social.
- ² Nível corporal: expressões alusivas ao corpo idealizado e à sensualidade veiculadas nas imagens.
- ² Nível cultural: considerações acerca de marcas nacionais/internacionais.

Apresentaremos aqui apenas os resultados referentes ao “nível Individual/grupal”, por nos parecer o mais pertinente as nossas reflexões acerca dos processos de individuação e formação de vínculos sociais na cultura do consumo.

RESULTADOS:

G1: (Fem., 17 a 21 anos, universitário, classes A, B e C)

Nível Individual/Grupal:

As marcas diferenciam os estilos das pessoas, promovem inserção em determinados grupos e sentimento de fortalecimento da identidade, principalmente nos adolescentes.

G2: (Masc., 17 a 21 anos, universitário, classes A, B e C)

Nível Individual/Grupal:

A marca promove inserção no grupo, provocando sentimentos de pertencimento; a marca diferencia pelo impacto causado.

G3: (Fem., 14 a 16 anos, secundarista, classes A, B e C)

Nível Individual/Grupal:

A marca/moda e a beleza são importantes elementos para a aceitação e conquista do outro, pertencimento a um determinado grupo social e diferenciação social.

G4: (Masc., 14 a 16 anos, secundarista, classes A, B e C)



Nível Individual/Grupal:

Associação da auto-estima com o “vestir-se bem”. A beleza física que o produto de marca pode trazer é fundamental para o sujeito sentir-se bem, seguro e atrativo. A marca traz a promessa de aquisição de beleza, realização sexual, satisfação e aceitação grupal.

G5: (Fem., 14 a 16 anos, classes D e E)

Nível Individual/Grupal:

Vestir roupas de marcas ou “estar bem vestida” promovem reconhecimento social, destaque, popularidade e beleza. Fortes sentimentos de discriminação e exclusão social devido à aparência e ao local de moradia. Discriminação endógena àqueles, de mesma classe social, que usam roupas de marca para sentirem-se superiores.(sic).

G6: (Masc., 14 a 16 anos, classes D e E)

Nível Individual/Grupal:

Reconhecimento de que o público feminino é conquistado por homens que têm posse. A boa aparência e a diferenciação adquiridas ao se usar roupa de marca influencia na conquista amorosa. Quando mal-vestidos são excluídos e discriminados como “garotos da periferia” ou “ladrões”, o que gera sentimentos de revolta e injustiça.

G7 (fem., 17 a 21 anos, classes D e E)

Nível Individual/Grupal:

Estar ‘bem vestida’ chama a atenção além de facilitar a inserção e adequação em grupos ou situações.

G-8 (Masc., 17 a 21 anos, classes D e E)

Nível individual/Grupal:

Pessoas que estão na moda se sentem melhor; não são discriminadas e inserem-se mais facilmente em grupos. A aparência e a adequação são formas relevantes de estar em sociedade.

ANÁLISE QUALITATIVA DO NÍVEL INDIVIDUAL/GRUPAL

A análise do nível individual/grupal revelou, em todos os grupos, que a promessa implícita na marca, é a de conferir “singularização” e “pertinência” aos seus usuários. Através dela,



idealmente se conseguiria a “proeza” de ao mesmo tempo “diferenciar-se” dos “outros”, “livrando-se” assim da dissolução no homogêneo e de “incluir-se” entre os “seus”, “livrando-se”, desta feita, do fantasma da marginalização e da solidão. Entre nossos consumidores/receptores o tema da marca, juntamente com o “estilo” e do “estar bem vestido” suscitou posicionamentos diversos. A resistência ao uso das marcas ou à sua aceitação, mesmo quando referida a razões econômicas, deixou sempre transparecer o poder de fascínio que elas exercem nos participantes dos grupos, ainda quando estes atribuíam aos “outros” esta influência. Isso se confirma claramente nos quatro grupos de classes A, B e C analisados, pois observamos que tanto os mais jovens como os mais velhos, e tanto as mulheres como os homens apresentaram um forte desejo de inserção no grupo, de se tornarem iguais aos outros que os cercam, evidenciados pelo uso de produtos de marca reconhecida. Tal sentimento apresentou-se mais aguçado nos mais jovens e nas mulheres, enquanto que no grupo G2 observou-se uma maior reflexão crítica no que concerne à moda como fator homogeneizante.

Os grupos de classe social mais baixas apresentaram, em comum, algumas diferenças com relação aos demais: forte consciência da discriminação e da exclusão social a que vivem expostos cotidianamente devido à aparência e ao fato de morarem na periferia. Aqui prepondera o medo de ser criticado, ser observado com desconfiança e ser avaliado como ladrão/ladra, principalmente por parte das mulheres. A temática do roubo e das drogas foi recorrente nestes quatro grupos, assim como foram proferidos exemplos que tentaram dissociar o roubo da pobreza, apesar de admitirem que alguns roubos podem ser cometidos por influência do fascínio que alguns objetos exercem. A exemplo disto, temos o G8 que admitiu mais explicitamente “...direito de pegar a coisa alheia...” para não se sentir tão diferente. Em todos foram constatadas atitudes de discriminação endógena àqueles que, por portarem objetos de marca ou estarem “bem vestidos”, querem aparentar pertencimento às classes mais altas. Isto parece promover comportamentos competitivos e sentimentos de inveja entre eles próprios. Outro fenômeno que distingue estes grupos dos demais de classes média e alta diz respeito ao fato deles não terem reconhecido (G6, G8) as marcas apresentadas, confundindo-as com outras marcas populares semelhantes. Chama a atenção também o fato de não haver uma diferenciação entre estar “bem vestido” e usar “roupas



de marca”. Nenhuma crítica, ao caráter homogeneizante da moda, foi proferida, revelando grande fascínio por estes produtos.

CONCLUSÕES

Os resultados nos revelaram primeiramente que a categoria **idade** é o indicador mais forte de fascínio aos ideais de consumo, principalmente nas classes médias e altas. As **classes sociais D e E** expressaram de forma bastante distinta sua adesão ao consumo, tornando o fenômeno do fascínio menos explícito e mais complexo. Aqui a idade já não se constitui num elemento discriminador das atitudes, mas possivelmente a vivência da carência e da frustração associada a um baixo nível educativo e de conscientização social sejam os indicadores mais determinantes. Desejo por consumo, júbilo e prazer/ desejo por consumo, impotência e frustração: esta equação de sentimentos divide e diferencia o fascínio daqueles que “podem”, daqueles que “não podem”. O que não significa que a frustração não esteja presente também nas classes mais altas, uma vez que o objeto fetiche jamais cumpre suas promessas, se desmistificando quando de sua posse. Entretanto a impossibilidade do próprio ato da compra gera, de antemão, sentimentos de impotência e exacerba a carência estrutural humana a níveis extremos.

Diante do exposto e cientes de que fatores complexos perpassam os meandros da lógica do desejo e da lógica do mercado em nossa era contemporânea, especialmente em um país de tão grandes discrepâncias sociais quanto o Brasil, concluímos que nossa pesquisa concorda, em grande medida com os teóricos da Escola de Frankfurt, em especial Adorno (1986) e Baudrillard (1970 e 1976) no que diz respeito à constatação crítica de que o “produto/marca” é tomado como fator promotor de “pseudo-indivuação” ou “personificação”.

O fato é que as discussões observadas em nossos grupos, nos quais ora a marca (estilo ou moda) foi solicitada como fator de distinção e discriminação, ora como fator de homogeneização e sinal de pertinência social a um dado segmento, refletem justamente o engodo maior produzido por esta “sociedade de consumo”: a promoção de uma “individualidade” que para ser reconhecida exige do sujeito a submissão a modelos identitários, previamente articulados. A necessidade de um espaço de pertinência social e de referência de identidade, própria dos seres humanos e em



especial dos jovens e daqueles excluídos de participação cidadã, revela carências humanas capturadas pelo mercado que findam sucumbindo às estratégias mercadológicas da publicidade, com suas promessas de salvação pessoal e social, não por culpa ou má consciência dos indivíduos, mas por falta de alternativas, de um projeto identificatório coletivo, no qual o indivíduo possa realizar minimamente suas aspirações, estabelecer vínculos sociais significativos, possuir chances iguais de habilitar suas aptidões e sentir-se justificado ante a realização de suas obras.

Estes seriam os elementos-antídotos capazes de fazerem frente ao fascínio instituído pela atual sociedade de consumo segmentada, capazes de elevar a auto-estima dos jovens e diferenciá-los sem discriminá-los. Somente desta forma se evitaria o aparente paradoxo da homogeneidade segmentada, auferido pela “marca”, na qual as “diferenças” são produzidas em série e “distribuídas” por segmentos hierarquizados.

É a falsa “reconciliação” entre o universal e o particular, de que falaram os frankfurtianos; a falsa “mimese” entre sociedade e sujeito obtida somente às custas da dissolução desse último na totalidade homogeneizadora do social, porém, com a aparência de “diferenciação”. Estamos, portanto, diante dos elementos fundantes do que Adorno (1986) definiu por “pseudoindividação”, cuja conceituação redefinimos num esforço para contextualizar tal fenômeno no âmbito específico da publicidade contemporânea.

Entendemos por ‘pseudo-individação’ o processo que implica uma suposta diferenciação do indivíduo, tendo por base a “eleição”, pretensamente “livre”, de estilos de consumo, já previamente standardizados e articulados pela lógica do mercado, o qual se serve fundamentalmente da lógica do desejo para promover uma identificação idealizada com seus objetos. A promessa implícita, mas nunca realizada, é a de conferir ‘individualidade’ e ‘diferenciação’ social aos seus consumidores/receptores.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W., HORKHEIMER. (1991). *Dialética do esclarecimento: Fragmentos filosóficos*. 3.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

BAUDRILLARD, Jean. (1970). *A Sociedade de consumo*. São Paulo: Livraria Martins Fontes.

_____. (1976). *La Génesis Ideológica de las necesidades*. Barcelona: Editorial Anagrama.

FREUD, Sigmund. (1980). *Sobre o narcisismo: uma introdução*. Tradução de Jayme Salomão e Themira de Oliveira Brito; revisão Técnica de Darcy de Mendonça Uchôa Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. 14).

LASCH, Christopher. (1983). *A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio*. Rio de Janeiro: Imago.

LIPOVETSKY, Giles. (1991). *O Império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras.

MARCUSE, Hebert.(1982). *A Ideologia da sociedade industrial*. 6.ed. Rio de Janeiro: Zahar.

SEVERIANO, M^a de Fátima (2001). *Narcisismo e Publicidade: uma análise psicossocial dos ideais do consumo na contemporaneidade*. São Paulo: Annablume.



Subjetividades Contemporâneas: Individualidade, Alteridade e Brasilidade.

CLÍNICA DA ÉTICA: O LUGAR DO OUTRO NA CLÍNICA PSICOLÓGICA

José Célio Freire

Doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo

Prof. Adjunto do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará

RESUMO

O discurso sobre a ética da clínica tem sido empregado de forma exaustiva nas discussões psicológicas, seja dentro das práticas psicoterápicas tradicionais ou alternativas, seja no âmbito da Psicanálise (e, portanto, de fora das psicologias). Propomos a análise da questão ética, a partir da filosofia da alteridade radical de Emmanuel Lévinas, direcionada ao tratamento psicológico, isto é, na aplicação da teorização psicológica aos problemas existenciais, sejam eles vistos como sintomas, distúrbios, doenças, síndromes ou estados mórbidos. Todavia, nossa inferência é de que o afastamento dos sujeitos da estrutura mesma de suas subjetividades, ou seja, da responsabilidade por outrem, implica no adoecimento. Daí que entendemos ser a vocação da clínica promover a separação e a substituição do Mim pelo Outro, a abertura para a alteridade, a recuperação da sensibilidade e da vulnerabilidade originárias do sujeito. Se já entendíamos a depressão, por exemplo, como concernente à ordem dos desafetos (e não como distúrbio dos afetos), passamos agora a vislumbrar o cuidado com o outro como dimensão a ser cuidada pelo psicólogo na sua prática clínica. Cuidar do cuidado do outro (paciente ou cliente) para com outrem, eis a proposta para uma clínica da ética em Psicologia.

Palavras-chave: alteridade radical; tratamento psicológico; desafeto; cuidado; clínica da ética.



O discurso sobre a relação entre Ética e Psicologia já não guarda novidade. Muito já se tem dito, a partir de uma perspectiva filosófica, das implicações éticas da teorização e da aplicação das psicologias (Drawin, 1983 e Gontijo, 1992). Tentar enxergar os pressupostos éticos que subjazem as abordagens psicológicas também não é de todo um esforço inédito (Freire, 1989). Figueiredo (1992 e 1995) nos propôs uma análise menos filosófica e mais antropológica desta questão, partindo da invenção do psicológico para chegar à discussão das práticas psicológicas tradicionais e alternativas. Na teorização sobre a clínica, por sua vez, tem sido empregado um modelo ético de análise, seja dentro das práticas psicoterápicas tradicionais ou alternativas, seja no âmbito da Psicanálise (e, portanto, de fora das psicologias) (Figueiredo e Coelho Jr., 2000; Kehl, 2002). Ética e loucura (Pinto e Silva, 2001), ética e cuidado (Castro, 2001), dimensões éticas ou implicações éticas da clínica (Silva, 2001; Santos, 2001) são exemplos recentes das discussões que se travam neste âmbito.

Propomos a análise da questão ética, a partir da filosofia da alteridade radical de Emmanuel Lévinas (1978, 1988, 1993 e 1997), direcionada ao tratamento psicológico, isto é, na aplicação da teorização psicológica aos problemas existenciais, sejam eles vistos como sintomas, distúrbios, doenças, síndromes ou estados mórbidos. Noutro momento fizemos uma crítica das psicologias a partir da ética levinasiana (Freire, 2001 e 2002) e chegamos à conclusão de que o Outro que esta filosofia nos propõe não tem lugar nos discursos e práticas psicológicas contemporâneas. Cabe-nos primeiro, portanto, esclarecer de que lugar vamos ensaiar o nosso discurso.



A ética radical de Lévinas nos intima à responsabilidade por outrem como estrutura mesma de nossas subjetividades. Isso implica em nos compreendermos (sem que isso venha a ser tematizado de fato, já que qualquer tematização é redução do Outro da diferença ao Mesmo da identidade) como sujeitos porque sujeitados, a serviço do Outro numa diaconia – um estar a serviço de outrem – que nos foi imposta como expiação e não como escolha. Portanto, somos passividade, sensibilidade e vulnerabilidade à chegada do Outro que nos exige e incumbe da Altura em que se encontra, sem qualquer eqüidade e em clara diacronia. Essa obsessão pelo Outro – esse ser permanentemente obsedado pelo Outro – implica reconhecer através da escuta de seu Rosto a manifestação do Infinito, ou seja, daquilo que não cabe na idéia que se tem dele (Descartes). Não há como não ser afetado, originariamente, pelo Outro; está-se sempre em dívida para com ele, o lugar que ocupamos é o lugar que dele usurpamos. Somos, portanto, responsáveis pelo Outro. E eu, mais que todos, ninguém podendo me substituir nessa responsabilidade. Aliás, se é responsável até pela responsabilidade do Outro – esse é o pensamento hiperbólico de Emmanuel Lévinas.

Falar da clínica psicológica, portanto, implica explicitar uma prática que visa a atender a uma demanda social específica, qual seja a daqueles que sofrem existencialmente, e que buscam amparo para a sua dor através da ajuda de um profissional especializado. Isso diz respeito ao que se pode entender como exercício da perícia (Giddens, 1991), na tentativa de evitar os riscos e garantir a segurança dentro dos sistemas abstratos, isto é, para o funcionamento social típico da sociedade tardo-moderna. Assim como confiamos que o comandante do nosso vôo teve uma noite bem dormida, está satisfeito com seu salário, vive as alegrias de um bom casamento e não ingeriu nenhuma droga nas últimas 24 horas, o cliente/paciente acredita que o psicólogo – o *expert* em



problemas humanos – possa dar respostas, conselhos, indicações que seja, para tornar sua vida satisfatória e atribuir-lhe um sentido.

As práticas psicoterápicas, contudo, são mais um item de consumo daqueles que estão expostos nas vitrines pós-modernas, aliadas a outros *cuidados de si* (Foucault, 1995) como a literatura de auto-ajuda (Rüdiger, 1996), os esoterismos e o culto narcísico ao corpo. Nessa direção caminham na contramão de uma ética da alteridade, como a que descrevemos um pouco atrás. Ao invés de possibilitar o exercício do cuidado com o outro (seja o outro de si mesmo seja o outro que nos interroga de fora), tais práticas acabam por acentuar o modelo hiperindividualista (Lipovetsky, 1994), em detrimento daquilo que constituiria a estrutura mesma da subjetividade, ou seja, a responsabilidade por outrem. Como pensar uma prática clínica diferente para as psicologias, a partir do pressuposto de que nos afastamos da estrutura originária de nossa subjetividade, ou seja, da responsabilidade radical e absoluta para com todo e qualquer outro?

O que ousamos denominar Clínica da Ética significa uma postura terapêutica que leve em conta a constituição mesma da subjetividade como responsabilidade pelo outro. Isso equivale a dizer que o trabalho do psicoterapeuta é, para além do cuidado com o outro (o paciente ou cliente, no caso), o cuidado para com a capacidade desse outro cuidar de seu outro (na sua interioridade) e dos outros (da exterioridade psicológica). Dizendo de outra maneira, se há uma cura possível ela se dá na direção da cura heideggeriana – do cuidado enquanto pré-ocupação, como reunião das possibilidades de ser. Mas insistimos na questão da alteridade – o cuidado com o outro e com as possibilidades dele vir a cuidar de seu Outro – eis a dimensão de cura a ser reclamada para a psicoterapia.



Pensar a fratria – a função fraterna tão bem retomada por Maria Rita Kehl, Joel Birman e Jurandir Freire Costa, dentre outros (Kehl, 2000) – é pensar na possibilidade de estar a serviço do outro. Portanto, a Psicologia pode ser repensada como um servir ao outro de forma muito especial. O cuidar do outro não é privilégio de psicólogos, mas o cuidar do cuidado do outro para com outrem talvez o seja. Cuidar da vulnerabilidade, da sensibilidade e da passividade fundamentais que nos garantem o que Lévinas chamou de má consciência de ser pelo e para o outro. Ou seja, nossa tarefa, mais do que qualquer outra, é propiciar àquele que nos procura um encontro com sua interioridade e estranheza, e com sua exterioridade e estraneidade. Tentando não abdicar da clareza: é permitir que o sujeito (desde sempre sujeitado ao Outro) se abra para o estranho que habita a si mesmo no que lhe parecia mais familiar; e possibilitar também que acolha o estrangeiro que chega de fora carregando consigo a diferença inassimilável, mas que pode ser respeitada. Eis a tarefa da clínica psicológica, a nosso ver.

Partimos da inferência de que o afastamento dos sujeitos da estrutura mesma de suas subjetividades, ou seja, da responsabilidade por outrem, implica no adoecimento. Daí que entendemos ser a vocação da clínica promover a separação e a substituição do Mim pelo Outro, a abertura para a alteridade, a recuperação da sensibilidade e da vulnerabilidade originárias do sujeito. Se já entendíamos a depressão (Freire e Moreira, 2001), por exemplo, como concernente à ordem dos desafetos (e não somente como distúrbio dos afetos), passamos agora a vislumbrar o cuidado com o outro como dimensão a ser cuidada pelo psicólogo na sua prática clínica. Cuidar do cuidado do outro (paciente ou cliente) para com outrem, eis a proposta para uma clínica da ética em Psicologia. Não se trata, de maneira alguma, de propor mais uma psicoterapia ortopédica, com o agravante de tratar diretamente o comportamento moral. É inadmissível e,



talvez, inviável, felizmente, uma clínica da moral. Nossa idéia, diferentemente, apóia-se no entendimento de que a dimensão subjetiva originária precisa ser reencontrada não para sermos nós mesmos, mas para podermos pôr em questão o nosso ser individualista e narcísico, fruto de uma sociedade desregrada e consumista.

Referências bibliográficas:

- CASTRO, D. A. de (2001) *Psicologia e ética em cuidados paliativos*. **Psicologia: ciência e profissão**, 21 (4) :44-51.
- DRAWIN, C.R. (1983) *Psicologismo: liberdade travestida*. **Síntese**, XI (28): 77-88.
- FIGUEIREDO, L.C. (1992) **A invenção do psicológico**: quatro séculos de subjetivação. 1500-1900. São Paulo, EDUC/Escuta.
- _____ (1995) **Revisitando as psicologias: Da epistemologia à Ética nas práticas e discursos psicológicos**. São Paulo, EDUC; Petrópolis, Vozes.
- _____ e COELHO JR., Nelson (2000) **Ética e técnica em psicanálise**. São Paulo, Escuta.
- FOUCAULT, M. (1995) *Tecnologías del yo*. In: **Tecnologías del yo y otros textos afines**. Barcelona, Paidós Ibérica/ Universidad Autónoma de Barcelona.
- FREIRE, J.C. (1989) **A ética na Psicologia Centrada na Pessoa em Carl Rogers**. Fortaleza: UFC. [Dissertação de Mestrado]
- _____ (2001) *A psicologia na modernidade tardia: o lugar vacante do outro*. **Psicologia USP**, 12 (2) : 73-94.
- _____ (2002) **O lugar do Outro na modernidade tardia**. São Paulo, Annablume; Fortaleza, SECULT.
- _____ & MOREIRA, V. (2001) *La dépression dans la post-modernité : un desordre des affections ou l'ordre des desaffections? L'Art du comprendre*. Paris. (no prelo)
- GIDDENS, Anthony (1991) **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: UNESP.
- GONTIJO, E.D. (1992) *Da fé moral ou a lei como referência e consolação*. In: CRP 4ª Região. **Psicologia: possíveis olhares outros fazeres**. Belo Horizonte: Rona Editora.
- KEHL, M. R. (org) (2000) **Função fraterna**. Rio de Janeiro, Relume Dumará.
- _____ (2002) **Sobre ética e psicanálise**. São Paulo, Companhia das Letras.



- LÉVINAS, Emmanuel. (1961) **Totalidade e infinito**. Lisboa ; Edições 70, 1988.
_____. (1972) **Humanismo do outro homem**. Petrópolis:
Vozes, 1993.
_____. (1978) **Autrement qu'être ou au delà de l'essence**. Paris: Le
Livre de Poche.
_____. (1991) **Entre Nós**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- LIPOVETSKY, Gilles (1994). **O crepúsculo do dever. A ética indolor dos**
novos tempos democráticos. Lisboa: Dom Quixote.
- PINTO e SILVA, E. (2001) *Ética, loucura e normatização: renovação da prática clínica a*
partir de um diálogo entre a Psicanálise e Michel Foucault. **Psicologia: ciência e**
profissão. 21 (4) :16-25.
- SANTOS, A . A . L. dos (2001) *A clínica no século XXI e suas implicações éticas*.
Psicologia: ciência e profissão. 21 (4): 88-97.
- SILVA, E. R. da (2001) *Psicologia clínica, um novo espetáculo: dimensões éticas e*
políticas. **Psicologia: ciência e profissão**. 21 (4) : 78-87.



Subjetividades Contemporâneas: Individualidade, Alteridade e Brasilidade

Ser brasileiro hoje: Modos de subjetivação

Idilva Germano¹

RESUMO

No Brasil, a literatura tem sido tradicionalmente veículo para a representação e a construção da nacionalidade; um espaço onde se pensa a singularidade da subjetividade brasileira. Atravessando os diferentes momentos da história do país, as vicissitudes econômicas e políticas de cada período e as diversas correntes estéticas que as animaram, as obras literárias têm retratado nossas instituições, costumes, terras e gentes, configurando, desta forma, importante papel cognoscitivo acerca das “identidades” e “alteridades” envolvidas na invenção do brasileiro.

Este trabalho discute como a literatura de ficção pode oferecer respostas à célebre pergunta “quem somos nós brasileiros?”, que a *intelligentsia* vem se fazendo até os dias de hoje. Os romances de Antônio Callado, de Darcy Ribeiro e de João Ubaldo Ribeiro são exemplos de ficção recente que ainda tematiza a “alma” brasileira e a singularidade cultural de nosso povo. Em particular, esse ensaio pretende mostrar que ser brasileiro em tempos de modernidade tardia implica manter contato com os enigmas do seu passado colonial, ainda vivos sob novas máscaras.

Palavras-Chave: Brasilidade ; Literatura Nacional ; Subjetividade brasileira

1. Psicóloga e Doutora em Sociologia (UFC). Professora Adjunta do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará.



“Quem somos nós brasileiros?” tem sido um dos enigmas mais duradouros para gerações de intérpretes da cultura nacional, dedicados à decifração das singularidades da cultura brasileira e do homem brasileiro em sociedade.

A força desse enigma pode ser facilmente constatada nos grandes ensaios sócio-antropológicos produzidos na década de 1930 (como os monumentais *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre e *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda) cujas reflexões têm continuidade nas décadas seguintes (nos anos 50, temos *O caráter nacional brasileiro*, de Dante Moreira Leite; *Os donos do poder*, de Raymundo Faoro; *Visão do Paraíso*, de Sérgio Buarque de Holanda; *Ordem e Progresso*, de Gilberto Freyre, entre outros). Retomando os percursos da colonização e seus efeitos sobre a estrutura social brasileira, os intérpretes puderam não somente traçar um panorama da contraditória inserção do Brasil na modernidade ocidental (focalizando as características da produção econômica desde a colônia e as formas políticas que se assentaram ou se articularam sobre tais bases), como também se puseram a enveredar na busca de um perfil da psicologia nacional, geralmente traços que pudessem distinguir o povo brasileiro de outros povos, o homem brasileiro de homens de outra nacionalidade. Ou seja, os intérpretes também buscavam padrões de uma suposta subjetividade brasileira, padrões que seriam tributários da peculiar experiência histórica da sociedade brasileira (a peculiaridade residiria em fatos tais como: a gênese colonial, a família patriarcal, o espírito flexível e aventureiro do colonizador português, a mestiçagem e o hibridismo etc...).

Um reflexão de Alceu Amoroso Lima é exemplo do esforço de invenção de uma psicologia do povo brasileiro, que leva a marca do espírito “missionário” dos nossos intelectuais, às voltas com o dilema de dar conta de um *ethos* nacional visivelmente contraditório, plural e quase sempre esquivo à teorização. Apresentado primeiramente como conferência - “Psicologia do povo brasileiro”- em 9 de setembro de 1933 no Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, o texto simboliza um projeto inconcluso não apenas do seu autor, mas de gerações de pensadores que um a um vem montando o mosaico da nossa cultura ao longo da sua história como país independente.



Enfrentando a tarefa de buscar unidade e equilíbrio na variedade e nos contrastes do comportamento brasileiro coletivo, Alceu Amoroso Lima (segundo Menezes, 2000) propõe uma seleção de traços representativos da plástica e fugidia psiquê brasileira, mediante "observação em bloco da alma nacional". A inspiração vem da antropogeografia e dos estudos wundtianos de psicologia dos povos, ainda prestigiados na primeira metade do século XX. Concebe três grandes famílias psicológicas articuladas a específicos contextos geográficos e culturais: litoral-sertão; cidade-campo; norte-sul. Cada grupo tipológico apresentaria internamente traços em contraste, evidência da distância que separa os diferentes Brasis. Por exemplo, o homem litorâneo, voltado para o mar, para o que se passa além-mar, seria mais aberto a novas idéias e modas, tornando-o mais propenso ao progresso, mas também a imitar o estrangeiro. Ao contrário, o homem do sertão apresentaria um perfil de reserva natural, de desconfiança, maior espírito de brasilidade, de apego às tradições, à terra, de conservadorismo e amor à ordem. De forma que o autor elabora um catálogo de qualidades e defeitos da nacionalidade: de um lado, polidez, bondade, hospitalidade, desinteresse econômico; de outro, superficialidade, falta de continuidade nas atitudes, tendência à moleza, impontualidade, tendência à devassidão etc.

Hoje a definição de traços característicos de uma psicologia nacional deixou de ser esforço do domínio da ciência. Mas é interessante notar que os traços assinalados por Amoroso Lima ainda fazem parte do acervo de imagens, representações e ideologias da memória nacional contemporânea, que constituem objeto de investigação dos atuais intérpretes da cultura brasileira, incluindo psicólogos sociais. Atualmente a grande moda intelectual que grassa nos estudos culturais é a do conceito de "identidade cultural", de certa forma, uma metamorfose do antigo "caráter" ou "psicologia coletiva". Impregnado de ambigüidades, esse conceito muitas vezes deixa escapar a complexidade do fenômeno psicossocial de atribuição de sentidos à realidade em que se vive.

Fato é que tal espírito missionário do intelectual (usando a expressão de Nicolau Sevcenko) não se mostra exclusivo à reflexão científica em suas variadas vertentes disciplinares (sociologia, antropologia, historiografia, psicologia), também imprimindo sua marca na crítica, na poética e na ficção. A literatura tem acompanhado lado a lado tais questionamentos, produzindo retratos de brasilidade que reafirmam a atualidade do problema da ontologia do ser brasileiro.



Valendo-se da polifonia e ambivalência do discurso estético, menos preso aos limites de fidelidade ao real exigidos no discurso científico, os ficcionistas têm produzido obras de interpretação cultural de grande valor cognoscitivo. De modo que muitas obras, ultrapassando sua dimensão de objetos de fruição, podem ser legitimamente reconhecidos em seu papel de compreensão da realidade brasileira. Aliás, algumas são mais elucidativas do *ethos* brasileiro que muitos manuais e teses acadêmicos. E noutros textos fundantes da brasilidade, foi a dimensão literária que os tornou clássicos, e não exatamente os constructos teóricos que os suportavam (ex. *Os Sertões*, de Euclides da Cunha).

A tradição de invenção do Brasil e da sua gente pode ser acompanhada ao longo da historiografia literária do país, que revela os diferentes códigos ideológicos, científicos, estéticos e utópicos subjacentes aos retratos romanescos da nossa cultura em diferentes momentos da vida nacional. Se a ânsia de dizer quem somos nós está viva na ficção de escritores como Lima Barreto (*Triste fim de Policarpo Quaresma*) e Mário de Andrade (*Macunaíma*) nas primeiras décadas do século XX, quando a literatura brasileira anuncia um projeto de autonomia estética, pode-se afirmar que se mantém pulsante e perturbadora nos romances contemporâneos, indicando a permanência e a atualidade da incógnita brasileira hoje (Germano, 2000). Só para citar alguns, são exemplares os romances *Viva o Povo Brasileiro* (1983) e *O feitiço da Ilha do Pavão* (1997), ambos de João Ubaldo Ribeiro, *Maíra* e *Utopia Selvagem*, de Darcy Ribeiro, e o conjunto da obra de Antônio Callado, que atravessa toda a segunda metade do século XX, sem deixar de eleger o Brasil (e o seu simbolismo) como tema central de sua escrita.

Essas obras compartilham ao mesmo tempo uma preocupação mais abrangente e pragmática com o destino do país (respondendo porque o país ainda não deu certo em termos econômicos e políticos) e uma tematização mais específica dos processos de construção da consciência do Eu brasileiro. Os discursos incitam o leitor brasileiro para a auto-descoberta, aprofundando o conhecimento dos muitos Brasis em confronto que fazem a sua sociedade e a percepção dos conflitos que habitam a consciência colonizada, dividido entre ser e não ser o Outro (ocidental, moderno, branco, civilizado).

O desejo que anima tais discursos é de fortalecer no brasileiro a auto-compreensão, a autonomia e o domínio de si, sempre partindo do pressuposto de que o que chamamos Brasil ou



brasilidade é também resultado de processo discursivo, isto é, de construção textual, de cruzamento de vozes e de lugares de fala, de relações de poder.

Viva o Povo Brasileiro (1984) particularmente se mostra um texto emblemático desse princípio. Atravessando a história da colonização brasileira desde o século XVII até a época do regime militar, Ubaldo Ribeiro conta em escrita fragmentada e paródica o percurso de gerações de brasileiros, das massas e das elites, ironizando seus diferentes ideários, seus comportamentos típicos e suas crenças sobre a alma nacional. De fato, ele constrói uma alegoria do Brasil em busca de afirmação, ao narrar as aventuras de uma “almazinha brasileira” inocente que, uma vez nascida da sopa cósmica, desceu do Poleiro das Almas para aprender a ser brasileira, mediante encarnação em todo tipo de cidadão desse país: na pequena Índia tupinambá, estuprada e morta pelos primeiros estrangeiros; no Caboco Capiroba, escravo fugido e comedor de holandês; no todo-poderoso senhor de terras e gentes, Perilo Ambrósio; na heroína de Canudos, Maria da Fé, e assim por diante até os dias de hoje. A almazinha, que quase desistiu de voltar ao hemisfério austral após o fracasso de suas primeiras encarnações, termina o romance descendo do céu para brigar, consciente de que a sua auto-afirmação se dá mediante cruenta luta material e simbólica, onde cada brasileiro deve se opor aos epítetos difamantes que o outro opressor lhe imputa. O que o brasileiro é depende de quem diz, de forma que o texto lembra constantemente que são muitas as versões e nenhuma a verdade: “O segredo da Verdade é o seguinte: não existem fatos, só existem histórias.

Por sua vez, *Maíra* (1976), de Darcy Ribeiro, apresenta o tipo de preocupação que leva o escritor de nações pós-coloniais a expressar a experiência do “estranhamento” e da cisão do Eu, entre ser simultaneamente “nativo” e “estrangeiro”, ao mesmo tempo preso às raízes e à cultura adventícia.

O texto trata do retorno de um índio mairum à sua sociedade, depois de ter se preparado anos na Itália para abraçar a vida religiosa. Ainda jovem, Avá, da casa do jaguar, foi catequizado pelos padres de uma missão e convencido a deixar as suas tradições pela fé cristã. Seu nome passa a ser Isaías. Pouco antes de fazer seus votos, ele desiste e volta para a aldeia. A partir de seu lugar na genealogia mairum, Avá



deveria ser o tuxaua; seu retorno atormentado traz apenas um homem que não sabe quem é; que não pode mais ser mairum, nem deixar de sê-lo.

Ao mesmo tempo que o enredo trata desse retorno, também aborda, em forma de romance policial, o mistério da morte de uma jovem branca no território mairum durante um parto de gêmeos, esclarecendo, à medida que o romance avança, as possíveis explicações para o insólito episódio. Na tentativa de esclarecimento do fato, sucedem-se vozes e escritas diferentes, de acordo com a figura do narrador: se a própria Alma, se o major Nonato que investiga o caso, se os mairuns, se Maíra e Micura, os Deuses gêmeos da cosmogonia mairum.

A narrativa de Darcy procura mostrar as várias formas de discurso que se elabora sobre o Outro – focalizando a visão do narrador cristão Isaías sobre o Outro mairum que o habita. O que se vê progressivamente é a despersonalização de Isaías/Avá em monólogos confessionais que misturam códigos cristãos e mairuns, como resultado de um dilema cultural e psíquico:

“ Meu Deus Pai, criador do céu e da terra

Meu Deus Filho, Jesus Cristo, Nosso Senhor

Morto na Cruz, por vontade do Pai, para nos salvar

(Salvar quem se houvera salvo sem o teu santo sangue)

Meu pobre Anjo das Trevas, servo rebelde do Senhor,

Minha Nossa Senhora, útero de Deus.

Meu Deus-Pai, mairum : Maíra-Monan

(Com seu membro imenso crescendo debaixo da terra, como uma raiz para todas as mulheres)

Meu Deus-Filho: Maíra-Coraci, Sol luminoso.

Micura, Teu irmão fétido: gambá serigüê

Mosaingar: homem-mulher, ventre de Deus

Deu Pai, Deus Filho, Arcanjo Decaído

Maria santíssima, Açucena do Senhor

Maíra-Manon, Maíra Coraci, Micura

Mosaingar: parida dos gêmeos de Deus



Meu Deus de tantas caras, eu que tanto creio como descreio, peço a cada um e a todos;
Rexo e peço humildemente;
Que eu não chegue lá, se não for de Tua vontade
Que eu só chegue lá, se está é a tua Vontade
Mas, se chegar, que eu possa ser um entre todos
Indistinguível. Indiferenciável. Inconfundível
Um índio mairum dentro do povo mairum.” (p.107)

A verdade de Isáias/Avá é uma “verdade entreverada”: sente-se dois ao mesmo tempo, repudiando a aculturação promovida por seu padre confessor, mas ao mesmo tempo repudiando o seu papel social no clã jaguar. A tentativa de voltar a ser mairum é frustrada; Avá mostra-se incapaz de alçar à condição de tuxaua, substituindo legitimamente Anacã, o tuxaua morto, nem ao menos viver os costumes de sua origem, terminando numa estranha posição de estrangeiro entre seu povo: auxiliando uma missionária protestante a escrever uma gramática mairum, como uma espécie de tradutor. Um tradutor que traduz para o estrangeiro, mas também para o estrangeiro que está dentro dele mesmo.

Para Emery (1996), o romance de forma geral pode ser entendido como uma fábula da irredutibilidade do Outro ao conhecimento, o Outro mostrando-se sempre enigmático e fugidio, principalmente, quando submetido a uma perspectiva científica impositiva e monológica. A crítica vai para o empirismo de certos estudos, que apesar de um detalhamento minucioso de fatos, não consegue captar o essencial do seu objeto (o ponto de vista do Outro), nem persuadir o leitor da validade de sua interpretação.

O romance, interpretado à luz do conjunto da obra sócio-antropológica (e militante) de Darcy Ribeiro, também evoca os complexos processos de identificação do homem brasileiro, desde as suas origens levado a reconhecer-se como essencialmente plural e intimamente contraditório.

No caso da ficção de Antônio Callado, podemos visualizar as marcas da escrita “empenhada” nas questões brasileiras, que apela à auto-consciência e à autonomia de sua gente e que acredita no grande destino histórico do país. Sua redescoberta do Brasil inicia com a distância



de sua terra - uma temporada na Inglaterra - que o leva à leitura voraz dos cronistas estrangeiros que visitaram a colônia e relataram o exotismo das paisagens e dos costumes indígenas. De volta ao Brasil, empreende suas próprias viagens de descobrimento do país. A do Xingu, em 1952, ofereceu os grandes motivos que impregnam a sua ficção – o destino dos povos indígenas entre o isolamento e a aculturação, as políticas de proteção ao índio, a missão dos sertanistas, o simbolismo do índio e da floresta na representação das possibilidades da nação, os rumos do processo civilizador ocidental- que reaparecem em *Quarup*, *A expedição Montaigne*, *Concerto carioca*, e de forma mais alegórica, em *Sempreviva*.

Além do foco dado à temática indígena na sua ficção que busca o “coração do Brasil”, a obra de Callado integra um corpo de textos latino-americanos contemporâneos ocupados na crítica mais profunda dos rumos da civilização e do pensamento ocidentais. Os problemas postos pela imaginação antropológica na modernidade tardia são capturados por muitas obras ficcionais latino-americanas, que acabam por tematizar a relação civilização-barbárie, sob o ponto de vista do fracasso de projetos modernizadores de inspiração iluminista e das narrativas utópicas de homogeneização cultural e integração nacional.

Neste sentido, *A expedição Montaigne* (1982) ilustra os questionamentos trazidos pelas ciências sociais contemporâneas, particularmente aqueles envolvidos com a condição cultural da modernidade tardia: colapso das metanarrativas políticas e filosóficas teleológicas de emancipação da humanidade; incredulidade quanto ao papel da ciência e do intelectual nesse processo emancipatório; o elogio da diferença, do contraditório e do inconciliável; a preocupação com a textualidade e com o poder em representação nos discursos; o reconhecimento e exploração literários da ficcionalidade da história, o reconhecimento que só podemos conhecer a história com a mediação de várias formas de representação ou de narrativa.

O livro veicula uma perspectiva paródica tanto das grandes narrativas de invenção e legitimação da modernidade brasileira, quanto das visões idealizadas e essencialistas das culturas nativas como reduto de pureza original. A sensibilidade antropológica contemporânea celebra a heterogeneidade dos modos de ser que resistem a esses modelos universalizantes, concebendo-a como fator capaz de fomentar formas de interação desejáveis, e não necessariamente nefastas, como visto no passado.



O romance de Callado tematiza a impossibilidade de desfazer a história do Brasil, apresentando a estreiteza e o quixotismo de certas visões que insistem em localizar a singularidade da cultura no passado indígena. O texto apresenta o desejo de retorno às origens que marca os pensadores e escritores brasileiros, satirizando a tradição literária e militante que prefere buscar a fonte da “identidade nacional” no passado indígena e não nas populações mestiças contemporâneas (nas condições econômicas e sociais atuais em que se encontram). O texto é dedicado à memória de Karl von den Steinen, o primeiro homem de ciência a percorrer a região ignota do Xingu, em 1884, e em segunda viagem, desvendando a existência de povos nativos ainda sem contato com a civilização. O procedimento calladiano de referir-se a Steinen é similar aos modos como José de Alencar retoma os viajantes estrangeiros, como Von Martius.

A *Expedição Montaigne* trata das aventuras de Ipavu, o índio camaiurá em processo de aculturação cujo maior sonho é deixar de ser índio. Tísico, gatuno e com gonorréia, por nada nesse mundo voltaria aos antigos costumes de sua gente, sem dinheiro, sem cerveja, sem empada, sem calção, de arco e flecha, comendo beiju. Preso no reformatório indígena de Crenaque, em Resplendor, Minas Gerais, sua única ligação com a sua origem é o amor pelo gavião de estimação Uiruçu que sonha em rever e com ele sair para caçar. A vida no reformatório ou reeducandário é mansa, pois é o único preso e além disso, assume funções de provedor do lugar: à noite rouba da vizinhança, a mando do diretor.

Um dia o reformatório (na Fazenda Guarani) é invadido pelo fotógrafo e jornalista Vicentino Beirão, homem obcecado com a idéia de conduzir uma revolução indígena e reaver os territórios roubados a partir do descobrimento e da conquista do Brasil. A leitura de Montaigne o inspira a ações inflamadas de libertação dos índios, como a realização de uma grande expedição rumo à aldeia de Ipavu, a levantar, ao longo do caminho, mais índios e simpatizantes para a grande retomada do solo brasileiro. Beirão “liberta” Ipavu, que se aproveita do maluco que quer “descivilizá-lo” para buscar a sua ave amada e trazê-la de volta à cidade.

Na aldeia, resiste o pajé Ieropé contra os novos tempos que o destituíram do seu ofício de cura (agora desacreditado) e da sua dignidade de feiticeiro respeitado. Prega a todos, sem muito sucesso, que os males de sua gente se deve a Fodestaine, que numa concepção de um tempo cíclico, deverá retornar um dia para desfazer a triste história dos camaiurá. Ao trazer a aldeia para



a história, o estudioso tinha “fodestinado” o povo de Ieropé e essa verdade haveria de mudar na terceira visitação do estrangeiro. A profecia da desviagem de Von den Steinen acaba se realizando, quando o pajé interpreta a aparição de Vicentino Beirão como a vinda de Fodestine, procedendo ao seu sacrifício em cerimônia ritual.

A narrativa é pontilhada de referências intertextuais. Além da menção a Montaigne e a Von den Steinen, o narrador calladiano faz outras alusões significativas. O discurso de Vicentino refere-se, em linguagem carnalizante, à personagem de Iracema de José de Alencar, em clara subversão do sentido original:

“ O que a gente vai fazer, de fato é levantar, em guerra de guerrilha, as tribos indígenas contra os brancos que se apossaram do território a partir daquele glauco gluglu do ferro da cabália caravela logo depois que a figura de proa, lança de São Jorge e língua do dragão, abriu as coxas e os grandes lábios de mel da bugra Iracema, ocupada a lavar-se sem uluri, na praia. Vamos botar os brancos de joelhos, por terem descabaçado Iracema, assim como, se soltando do cabrestante e se enfiando no mar baiano, a âncora da nau de Pedro varou o hímen nheengatu. (p. 30)

O próprio Ipavu pode ser lido como o triste destino do herói Peri. É assim que o mito do bom selvagem, basilar nas narrativas românticas como as de Alencar, pode ser desconstruído, numa revisão crítica e desencantada da história brasileira e do processo civilizador ocidental que o sustentou. A escrita paródica de Callado demole os valores desse processo que tornou os povos indígenas sobreviventes no mínimo um estorvo. Seu texto delinea a condição do novo Peri, séculos depois de perversamente civilizado: degradado, sem nome, sem memória. De fato, Ipavu (o índio coisificado, identificado com o nome de um lago e não com seu nome de origem Paiap) é sinédoque do próprio povo brasileiro. Tornando legítimo representante do povo brasileiro, historicamente vitimizado pelos projetos políticos de suas elites, Ipavu compartilha seus padecimentos e misérias, a começar pela doença:



“ Tu agora é brasileiro da gema, ô curumim, que brasileiro que se preza sofre do peito, tinha falado o médico caraíba, cabelo de fogo, tal de Noel, também dito Noer.

(...) Ipavu não conseguia ficar apenas, ou pelo menos sempre, ou o dia todo com raiva da tal da tísica porque ela afinal de contas em dois tempos tinha tirado ele do mato para o hospital e do hospital ele tinha fugido pela janela e se mandado e tinha acabado ali no reformatório Crenaque, brasileiro de pai e mãe, de calça e blusão o dia inteiro (...). (p.15)

Por fim, o sentido de ambivalência do escritor latino-americano envolvido na tarefa de decifrar as suas origens reafirma-se ao longo da narrativa, particularmente na fusão (e confusão) dos elementos históricos e míticos. Como Darcy Ribeiro, que invoca o mito para responder aos fatos, produzindo interpretações díspares sobre os acontecimentos do enredo, Callado se vale desse mesmo procedimento para afirmar a incerteza sobre quem somos, obrigados a lidar com a multiplicidade das informações sobre a cultura que estão em nossos arquivos. É sintomático que o pajé Ieropé, a figura do arquivista- decifrador de segredos, se veja filosofando sobre os processos de construção da memória:

“ Ieropé, de repente, reparou que já não conseguia também saber como é que a gente fazia pra se lembrar, simplesmente, lembrar o que tinha acontecido, ou como é que a gente era, sentindo em compensação, que se lembrava de coisas que não tinham nada que ver com ele, que tinham se passado na ausência dele, longe dele, que não dava pra atinar como se lembrava delas, mesmo porque descobriu, elas tinham acontecido antes dele.” (p.79)

* * *

Os romances aqui citados não saem em busca de uma “identidade” cultural ou nacional oculta que aguarda, meio renitente, a espera de seu descobridor (como infelizmente alguns estudos sobre “identidade” parecem sugerir). Não existe uma identidade pronta para ser resgatada e representada nos discursos científicos ou estéticos. Nesse sentido, a Psicologia Social que vem



investigando os discursos e a produção sócio-histórica de sentidos têm muito a contribuir para o arejamento conceitual nesse campo de preocupações. Trata-se, de fato, de construção de significados, no caso, significados de brasilidade, de pertença cultural, de filiação étnica e de percepção social, todos rigorosamente históricos, e por isso mesmo, em processo de feitura constante. Os textos ficcionais, mais que representarem sentidos já existentes no seio social, os estão criando no próprio momento de sua feitura e recepção. A brasilidade é portanto um universo de significados compartilhados ao longo da história dos brasileiros e as obras ficcionais, momentos que registram a pluralidade de imagens e vozes em convergência ou confronto num dado momento da história social.

Obviamente, uma concepção da brasilidade como artefato cultural, teia de significados compartilhados ou memória sócio-histórica opõe-se a uma visão essencialista da cultura e dos mecanismos de filiação social. Os fundamentos da concepção do Brasil como invenção são justamente o da natureza simbólica da realidade social e o da natureza construtivista da linguagem na criação e interpretação da realidade. Parece bobagem, mas a visão da cultura como um certo “lugar”, que seria reduto de uma suposta autenticidade, ou pureza original de um povo se mostra ainda bastante insistente, apesar do reconhecimento que se costuma hoje fazer acerca das “negociações de sentido” no interior da sociedade. Como mostra Homi Bhabha, o lugar da cultura é mais apropriadamente representada pela fronteira, ou nas palavras de Silviano Santiago, o “entre-lugar” dos discursos. O conceito de “identidade,” no âmbito da pertença cultural, portanto, merece uma revisão teórica, ou pelo menos, uma mudança terminológica que diminua a impressão cristalizada e inerte dos fenômenos a que se referem.

O olhar estético nesse sentido parece mais próximo da verdade. Identificado como autor que costuma “perseguir a identidade brasileira”, João Ubaldo Ribeiro conta em entrevista como encara os limites desse debate acadêmico :

_ Eu deixei de pensar sobre essas coisas [a questão identitária – a pergunta pelo modo de ser do brasileiro, por aquilo que lhe confere singularidade em contraste com outros povos]. Começaram a falar muito disso e eu fiquei com a impressão de que se me preocupasse demais com esse tema isso iria prejudicar meu trabalho. Um dia, eu estava num debate na Alemanha,



junto com o Márcio Souza, e esse problema de identidade surgiu na mesa. Estavam lá uns latino-americanos discutindo isso, a coisa não acabava mais e quando chegou a minha vez de falar eu disse: “No Brasil, não temos esse problema”. Eles ficaram intrigadíssimos. Continuei: “Se alguém toca nesse assunto conosco, nós pegamos isso e pronto”- e mostrei meu RG. O debate acabou ali. Avacalhou a discussão, entende? (p. 49).

Fica aqui uma breve reflexão para aqueles psicólogos interessados em pensar criticamente a psiquê brasileira, orientando-se para os textos literários que sintetizam as suas multivariadas dimensões, através de suas metáforas, alegorias, ironias e paródias. De minha parte, aconselho sempre aos meus estudantes de Psicologia ler ficção, particularmente, os romances mais importantes da nossa literatura. O aluno não somente enriquece sua cultura sobre o país, como educa seu olhar para as diferentes formas de apreensão da realidade brasileira.

Referências Bibliográficas

BHABHA, Homi. *The location of culture*. London/New York: Routledge, 1999.

CALLADO, Antônio. *A Expedição Montaigne*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

EMERY, Amy Fass. *The anthropological imagination in Latin American Literature*. Columbia/London: University of Missouri Press, 1996.

GERMANO, Idilva. *Alegorias do Brasil*. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2000.

MENEZES, E. Diatahy Bezerra de. *Alceu Amoroso Lima: A psicologia do povo/O homem brasileiro – Um projeto inconcluso*. Texto não publicado, 1998.

RIBEIRO, Darcy. *Maíra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

RIBEIRO, João Ubaldo. *Viva o Povo Brasileiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.



_____. Entrevista. *Cadernos de Literatura no. 7*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1999.

SANTIAGO, Silvano. *Uma literatura nos trópicos: um ensaio sobre a dependência cultural*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1983.



Suicídio, Dor e Psicossomática

SUICÍDIO

Alice Kolachinski Brandão

Psicóloga Clínica

Mestranda em Psicologia pela Universidade São Marcos

Este texto constitui parte da dissertação de mestrado em Psicologia pela Universidade São Marcos, no Núcleo Constituição do Sujeito na Família e na Clínica. Aborda em linhas gerais a epidemiologia e a etiologia do suicídio. Apresenta um caso de suicídio e suas possíveis causas à luz da teoria psicanalítica. Fala da importância da prevenção do mesmo.

Hesitei iniciar a redação do presente texto. Queria dar um significado para estes momentos vividos no 1º Congresso Nacional de Psicologia: Ciência e Profissão. Preocupe-me no sentido de preparar um texto que viesse de alguma forma contribuir para a compreensão do fenômeno do suicídio dada a sua complexidade e importância clínica.

Nós estamos nos referindo à interrupção do ciclo vital da pessoa humana de forma autoinflingida a qual burla a ordem natural da vida em escala abrangente. Sua ocorrência dá-se nas mais variadas faixas etárias e nas mais diversas culturas - da adolescência à velhice e mais raramente na infância; ocorre desde que o homem deu-se conta de existir enquanto ser pensante e dono de seus atos. Constata-se a existência do suicídio a partir dos primórdios da humanidade; na antiguidade greco-romana; na era cristã; na renascença e na contemporaneidade.

A literatura, seja mitológica ou aquela que recria a realidade; seja a histórica ou a científica, preocupa-se com o tema, havendo inúmeros registros, como que



já a fazer parte da cultura humana essa forma de morrer por antecipação.

Espera-se pelas leis naturais que o homem nasça, cresça e se desenvolva cumprindo o seu ciclo vital. Aspira-se que o sujeito humano consiga ao longo da vida, a elaboração para as suas perdas, seus lutos, transformando-se, adquirindo novas aquisições, enfim, trabalhando a sua subjetividade no sentido de preservar o seu mais precioso dom - o dom da vida! Percebemos, no entanto, na clínica, um ser humano angustiado e preocupado com as coisas da vida, perdendo parte de sua beleza e de sua plenitude, podendo chegar, e não raras vezes, ao adoecimento mental, físico, em em casos extremos, ao mais violento dos atos humanos - o atentado para com a própria vida!

A Organização Mundial da Saúde (1994) informa que o suicídio ocupa o terceiro lugar entre as principais causas de morte no mundo. Incide tanto nas populações dos grandes centros como também em populações das pequenas comunidades, na zona rural, estendendo-se até às reservas indígenas, nessas, tendo-se como hipótese para o suicídio o contato com as cidades, a miséria, o abandono das tradições e dos cultos (Costa apud Kovács, 1992). Observa-se, segundo Kastenbaum apud Kovács (1992), um maior número de suicídios entre adultos que vivem sozinhos, principalmente os idosos porque nesse período, se vivem situações desvitalizantes: isolamento social, desemprego, problemas econômicos e perda de pessoas queridas.

Entre as profissões mais vulneráveis ao suicídio encontra-se a medicina e nessa, a especialidade em Psiquiatria, constados o seu caráter tensionante, exigindo decisões rápidas e de muita responsabilidade (Kovács, 1992). O acesso às drogas facilita o seu uso numa ingestão letal. O Brasil que não estava incluído no bloco dos países com altas taxas de suicídio, atualmente, faz-se presente, não sendo possível, no entanto, fornecer dados estatísticos precisos.

Atrás de um ato suicida há uma motivação desencadeante. Nas descrições dos quadros psicopatológicos assinala-se entre outros sintomas, o risco de suicídio: nos pacientes borderline, nas psicoses esquizofrênicas, nos estados maníaco depressivos, nas depressões pós-parto, nas depressões advindas de uma condição médica geral, na qual uma doença orgânica seria a responsável pelo desencadeamento do ato, nas depressões propriamente



ditas - as chamadas psicogênicas, no usuário de drogas, no alcoolismo, em casos de HIV, em perdas de membros, perda da visão, gravidez na adolescência, o suicídio ocorrido em decorrência de certas medicações, as quais interfeririam no psiquismo, o suicídio pela falta de aderência a determinados tratamentos comuns na diabete, na hipertensão entre outras. Há, no entanto, a ocorrência do suicídio de motivação moral por si só, no qual entre os motivos desencadeantes podem estar a vergonha, a culpa, a perda amorosa, enfim, a perda das relações objetais entre outros.

O suicídio está associado a uma relação de objeto externo e ou interno, real ou irreal quando de motivação delirante. Pois, o tornar-se humano implica uma relação de objeto.

Considera-se a depressão como uma das causas mais freqüentes do suicídio, podendo instalar-se de forma secundária, advinda de várias condições médicas ou dos mais diversos eventos morais.

Em dados fornecidos pelo Jornal de Psiquiatria 2001 da Univ. Fed do Rio de Janeiro, não houve uma diminuição na taxa de suicídios, mesmo com o aparecimento das drogas mais modernas.

O suicídio além de constituir uma perda irrecuperável para a própria pessoa - a perda da vida, suscita no outro diferentes formas de reação - que vão desde a abominação do ato até o seu incentivo com fins ideológicos e ou religiosos. Suscita também, e principalmente, na sociedade ocidental, a perplexidade - podendo gerar vários sentimentos, entre os quais, a culpa, a vergonha, o sentimento de perda e de impotência de mais nada se poder fazer frente à pessoa que se foi.

Em muitas culturas houve, e ainda há, embora em menor intensidade, penalidades para os parentes da vítima, como o resgate dos bens, a proibição do morto de ser enterrado com as honras fúnebres, chegando a ocorrer, na Índia, até há bem pouco tempo, punições mais severas como enterrar a esposa junto ao marido suicida (Pellizari e Almeida, Jornal Brasileiro de Psiquiatria, v. 50, 2001) entre outras. O Código Penal Brasileiro também condena o induzimento ou o auxílio ao ato suicida quando consumado. A eutanásia, suicídio assistido, é uma questão em discussão. Na nossa cultura o suicídio é pouco divulgado, constituindo-se em uma espécie de tabu por não abordamos muito a morte,



a velhice, enfim, as coisas que significam a finitude do ser (Pellizari e Almeida, 2001).

Várias áreas se interessam pelo estudo e pela prevenção do suicídio. A tendência é olhá-lo através da multidisciplinaridade na qual vários fatores são considerados. A Psicanálise é uma delas, pois se interessa pelo estudo da constituição do sujeito a partir das suas primeiras relações de objeto - mãe/filho, contexto familiar, estendendo-se mais recentemente para as interações sociais no intuito de compreender profundamente as causas humanas através de processos psíquicos complexos.

O profissional da saúde mental deve indagar sempre sobre a ideação suicida como parte de qualquer exame do estado mental, especialmente se o paciente estiver deprimido.

Se o paciente admite ter um plano de ação, este é um sinal particularmente perigoso como também o são as tentativas anteriores.

Dadas as considerações preliminares sobre o suicídio, reporto-me agora, ao ano de 1910, ao 1º simpósio sobre o suicídio presidido pelo criador da Psicanálise, Sigmund Freud, quando o mesmo tinha então 54 anos. Nesse simpósio, Freud tratou pela primeira vez do suicídio e assim falou:

Como é possível que o extraordinariamente poderoso instinto de vida seja vencido? Freud assim complementou: podemos apenas tomar como ponto de partida a condição da melancolia tão familiar na clínica, e eu complemento, tão familiar nos dias de hoje, conhecida como depressão, sobre a qual nos referimos por ser a maior responsável pela incidência do suicídio por instalar-se em várias condições humanas. Freud no simpósio de 1910 abordou a melancolia como um estado psíquico que poderia estar presente no suicídio e, sem falar diretamente do narcisismo, assim colocou-se:queríamos averiguar antes de mais nada como é possível que seja superada a poderosíssima pulsão de vida; queríamos averiguar se isto é possível pelo simples efeito do despojamento da libido ou se existe também renúncia do ego à sua auto-conservação emanada por motivos puramente egóicos .

Passamos agora a relatar um caso de suicídio de um jovem adolescente de 14 anos mencionado na tese de doutorado de Araújo (1994):



Denominaremos o jovem adolescente de 14 anos de X. X vivia um forte momento de pressão em seus estudos. Frequentava a oitava série de uma escola de orientação militar em estado brasileiro, havendo muitas exigências nos estudos. Ao mesmo tempo, X frequentava um cursinho onde se preparava para o exame de ingresso à Escola Naval.

A escola que X frequentava utilizava-se de regras rígidas, possivelmente, a exemplo do que ocorria nas escolas européias em épocas passadas.

X era disciplinado e de boa conduta escolar a ponto de ter conseguido um posto de destaque dentro da hierarquia militar dos alunos da escola: tornara-se "cabo" da "companhia" a que pertencia.

A causa precipitante para o suicídio de X foi o fato de ter sido pego "colando" numa prova e o castigo a ele aplicado. O ocorrido ganhou dimensões tais que professores e pais foram convocados para testemunhar publicamente a humilhação do fato: X havia colado do livro as respostas da prova. X foi "destituído" das "insígnias do posto de "cabo" e só não foi expulso pois tinha antecedentes de comportamento disciplinado.

Os seus colegas continuaram em formação militar. Paralelamente à punição inflingida pela escola, os pais o proibiram de jogar bola, andar de bicicleta e de ir no dia seguinte à punição escolar, à festa de aniversário da tia pela qual tinha muita amizade. A família ao retornar da festa, ouviu o tiro que X disparara contra si próprio.

X deixou uma carta pedindo desculpas pelo que fizera e pela humilhação que a mãe passara na escola. A seguir fez um testamento no qual distribuía entre os pais, irmãos e amigos os objetos que lhe pertenciam num total de 17 itens, demonstrando ser um adolescente cuja família não media esforços para proporcionar-lhe presentes, no sentido de recompensá-lo pelo filho dedicado que era.

A exemplo desse caso, aproximadamente 5000 adolescentes se suicidam no Brasil anualmente (Kovács, 1992).

X levava uma vida considerada normal: estudava, tinha amigos, gostava das pessoas, gostava da família, portanto, mantinha relações objetivas aparentemente normais. Sua família tinha grande expectativa em relação a ele: torná-lo militar e o preparava para isso. A família o recompensava oferecendo-lhe objetos



aparentemente valiosos. De repente, X vê-se impotente diante da expectativa dos pais e da própria escola. Tinha que manter o posto de cabo que alcançara e passar nos exames para a escola naval. Sentiu-se incapacitado, inseguro e colou para manter o seu status. Todos ficaram conhecendo a sua fraqueza e não o perdoaram por esse ato.

Por que X se suicidou? Qual o processo psíquico que levou um jovem de 14 anos a desistir da vida de forma tão abrupta? Algumas hipóteses podem ser consideradas: Pulsão de morte? (Freud, 1920); Retorno à matéria inorgânica na qual não há tensões? (Freud, 1910); Uma incapacidade de suportar frustrações regredindo ao estado de desamparo? (Freud 1895); Poder sobre o próprio destino, sobre a vida e a morte e, de certa maneira, sobre o outro, sobre a vida daquele que se quis atingir com tal gesto? (Nogueira, 1997); A passagem súbita de um self com sentimento de grandiosidade para a total desvalorização, bem como o sentimento de ser injustiçado, configura-se algo difícil de suportar? (Kohut, 1971 apud Araújo, 1994); Suicídio pode implicar punição: teria sido X tomado de sentimentos de culpa para autopunir-se através do suicídio? (Nogueira, 1997); Havia a característica narcisista: matar-se em vez de ser executado para conservar no íntimo a ilusão de onipotência e pelo ato do suicídio tornar-se senhor da vida e da morte? (Kohut, 1971); Houve falha no ambiente acolhedor e o verdadeiro self não conseguiu emergir? (Winnicott, 1960); Narciso está morto? (Araújo, 1988 apud Araújo, 1994).

Certamente os aspectos destrutivos da personalidade de X suplantaram os construtivos. A pulsão de morte venceu a pulsão de vida. O seu verdadeiro self, como nos diria Winnicott (1960), não conseguiu emergir, ao contrário, foi destruído.

Este é um exemplo de uma perda irrecuperável dentre tantas que ocorrem, perda de uma vida que apenas tinha começado. Como essa, há outras que implicam não tão somente na morte autoinflingida mas em processos autodestrutivos crônicos como no uso das drogas, do álcool, em certos tipos de acidentes etc.

Freud (1910) assim disse:

.... não se pode esquecer que o suicídio não é nada mais que uma saída, uma ação, um término de conflitos psíquicos.



Bibliografia consultada:

- ANGERAMI, Valter Augusto. Existencialismo e Psicoterapia. São Paulo: Editora Afiliada, 1997.
- ARAÚJO, Vilma Guilherme Santos. Suicídio: As Implicações das Desordens narcísicas segundo Kohut. Tese. Instituto de Psicologia da Usp, 1994.
- DIAS, Maria Luiza. Suicídio - Testemunhos de Adeus. Dissertação de Mestrado da Puc, 1989.
- CASSORLA, R.M.S. (Org.) - Do suicídio: estudos brasileiros. Campinas: Papyrus, 1991.
- DURKHEIM, Émile. Os Pensadores. Cap. O Suicídio. Estudo Sociológico. São Paulo: Victor Civita Editor, 1983.
- EY, Henry, Bernard, P. & Brisset. Manual de Psiquiatria. Editora Masson do Brasil Ltda., 5ª edição, s/d.
- FREUD, Sigmund. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1969.
- KAPLAN, SADDOCK E GREBB. Compêndio de Psiquiatria. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- KOVÁCS, Maria Júlia. Morte e Desenvolvimento Humano. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.
- LAPLANCHE E PONTALIS. Vocabulário de Psicanálise. São Paulo: Martins Fontes. 2000.
- MANHÃES, Maria da Paz. O Enigma do Suicídio. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1990.
- PAIVA, Luiz Miller de. Depressão e Suicídio - Tanatismo, Psicanálise e Psicossomática. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda., 1982, V.2.
- PELLIZZARI E ALMEIDA. Jornal Brasileiro de Psiquiatria. Órgão Oficial do Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro - IPUB, março/abril 2001. V. 50, p. 69-76.
- VARGAS, Heber Soares. Manual de Psiquiatria Forense. São Paulo: Ed. Livraria Freitas Bastos, 1990.
- WINNICOTT. D.W. Da Pedriatia à Psicanálise: Obras Escolhidas. Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- WINNICOTT. D.W. O Ambiente e os Processos de Maturação. Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.



Três Olhares sobre Violência, Gênero e Família

CRISE E *CONSTRUÇÃO* DA VIOLÊNCIA MASCULINA

Georges Daniel Janja Bloc Boris

O texto discute historicamente a *construção* dos indivíduos do *gênero* masculino, destacando como a sociedade patriarcal ainda hoje favorece a *violência* nas relações sociais do homem contemporâneo, quer seja nos relacionamentos com a mulher, com seus filhos ou com seus congêneres. Descreve como, desde bebê, mas também quando menino e adolescente, e, posteriormente, quando adulto, o homem é induzido a manifestar constantemente sua masculinidade, frequentemente através de atitudes e de comportamentos violentos. Neste sentido, busca alertar os profissionais de psicologia sobre a necessidade de consideração das questões de *gênero* em suas atividades, tanto com crianças e adolescentes quanto com adultos, bem como junto à família, aos grupos e às instituições sociais. Conclui com algumas considerações visando a prevenir o desenvolvimento da *violência* masculina.

Palavras-chave: gênero; violência; condição masculina; construção da subjetividade masculina; prevenção da violência.

INTRODUÇÃO

Este texto surgiu de minha pesquisa de doutorado em sociologia na Universidade Federal do Ceará, que versou sobre a *construção* da subjetividade masculina na contemporaneidade, e cujos resultados apontaram que, mesmo nos tempos atuais, a *construção* do homem ainda é pautada fortemente nos valores fundamentais da sociedade patriarcal. Portanto, busco aqui demonstrar como, ainda hoje, a *violência* constitui o pano de fundo das relações dos homens com as mulheres, com seus filhos e com outros homens e que tais relações pautadas na *violência* são fundadas desde a infância do pequeno *macho* junto à família. Assim, este texto faz um alerta aos profissionais de psicologia quanto à importância de considerar as relações de *gênero* na sua prática profissional com crianças, adolescentes e adultos, com a família, os grupos e as instituições sociais.



A CONSTRUÇÃO DA VIOLÊNCIA MASCULINA

Historicamente, as diversas sociedades sempre criaram instituições ou instâncias hierarquizadas de *poder* com o objetivo de exercer o necessário controle sobre seus cidadãos através de mecanismos de inclusão e de exclusão. Quer se trate da pedagogia homoerótica da Grécia antiga, da educação viril dos cavaleiros da Idade Média, dos “rituais de iniciação masculina” de meninos e adolescentes nas sociedades ditas primitivas, ou mesmo das manifestações atenuadas e disfarçadas - mas ainda presentes - nas sociedades contemporâneas (Castoriadis, 1995), todas visavam a instalar e a garantir a masculinidade de seus filhos. Esses rituais de iniciação, de passagem¹ ou de confirmação da masculinidade geravam, ao mesmo tempo, terror e fascinação nos jovens, pois o reconhecimento como *macho* era não apenas uma meta a ser dolorosamente alcançada, mas também ansiosamente desejada. Nas sociedades pré-industriais, essas práticas se tornaram mais sutis, mas ainda desempenhavam um papel importante. Se consultarmos a literatura que retrata a época, encontraremos inúmeros exemplos de práticas humilhantes ou mesmo sádicas, tanto nas residências quanto em internatos, em escolas, nos quartéis, nos conventos e em instituições fechadas (Goffman, 1974). Nas sociedades industriais, devido às exigências da nova conjuntura econômica, o pai foi obrigado a se ausentar por longo tempo em busca de trabalho ou por conta das exigências de seu emprego, passando a educação e o cuidado dos filhos à mãe. A meta principal e comum a esses ritos de instituições é transformar o estatuto de menino para torná-lo homem. Assim, na maioria das sociedades e culturas, a masculinidade é um desafio que submete, mas eleva todos os meninos pela força dos homens mais velhos. As várias instituições pedagógicas da virilidade têm como ponto comum a *violência*.

Hartley (1959) afirmava que, para serem masculinos, os *machos* aprendem geralmente o que *não devem ser* antes de incorporarem o que *podem ser*. Ao se perguntar a muitos garotos como definiriam a masculinidade, eles simplesmente respondem que é “o que não é feminino”.

1. Bourdieu (1982/1990) questiona a denominação de “rituais de passagem”, preferindo considerá-los “ritos de instituições”, que historicamente têm importante *papel social* em diversas culturas.



Isto demonstra o fato de que a *diferenciação de gênero* é algo que se desenvolve, e, portanto, pode ser transformada através das diversas experiências na vida de uma pessoa. O *gênero* tem conotações psicológicas e socioculturais. A *identidade do gênero* inicia-se com a percepção de que se pertence a um sexo e não a outro. O *núcleo de identidade do gênero* é a convicção de que a atribuição de seu sexo foi correta: “eu sou *macho*” se define antes dos dois anos de idade, e, em geral, tende a se manter ao longo da existência do homem de forma mais ou menos persistente, caso não ocorram percalços significativos. Entretanto, a trajetória da *construção* de um homem não é tão tranqüila quanto se poderia pensar. Freud (1926 [1976]) já entendia que a *identificação* era a chave do conceito de *identidade*, múltipla por definição. Sem dúvida, o corpo é a fonte primária da *identidade* e o *sexo* um investimento sempre privilegiado, mas não basta ter cromossomos Y e um pênis funcional para alguém se sentir homem, pois é possível crer-se masculino a despeito de muitas anomalias ou disfunções. Segundo Jost (1978), o sexo feminino é o sexo de base em todos os mamíferos e o programa embrionário de base é orientado para produzir *fêmeas*: “o *macho* se *constrói* contra a feminilidade original do embrião. Ao longo do desenvolvimento, tornar-se *macho* é uma luta de cada instante” (p. 86-87). Isto significa que, durante as primeiras semanas, os embriões XX e XY são anatomicamente idênticos, dotados ao mesmo tempo de canais de *fêmea* e de *macho*, sendo sexualmente bipotenciais. Durante essa fase, o feto enfrenta uma dura “batalha” para não obedecer ao programa de desenvolvimento feminilizante. Essa luta, totalmente biológica de início, é apenas um primeiro passo diante do constante e longo esforço de *diferenciação social* que o garoto terá que investir para tornar-se um homem.

Nascido o bebê, o olhar dos pais tem uma função determinante, pois, através de sua convicção quanto à definição e ao desenvolvimento da *condição de gênero* e do sexo de seu filho, podem certamente influir em seus caminhos posteriores. A tendência a estereotipar sexualmente o bebê é bastante comum entre os pais, pois o condicionam através dos gestos, da voz, das roupas e dos brinquedos conforme o sexo a que pertença, mas pesquisas (Luria & Rubin, 1978) demonstram que esta tendência é principalmente paterna. Como podemos perceber, esse processo de *diferenciação* continua, com crescente intensidade e constância sociais, quando do nascimento



do bebê *macho*. O olhar dos pais, desde então, se configura como o fator mais importante: “basta dizer de um homem, para o elogiar, que ‘ele é um homem’” (Bourdieu, 1990, p. 21).

Ao nascer, o menino é alimentado tanto física quanto psiquicamente por uma mulher, o que parece interferir em sua *subjetividade* de modo mais significativo, mais complexo e mais dramático do que na trajetória feminina, particularmente no sistema patriarcal, que domina o mundo há milhares de anos e no qual a diferença rígida dos *papéis sociais* tem lugar de destaque. Assim, o menino é *fêmeo* na sua origem, mas logo é advertido de que deve adotar uma nova postura, oposta à anterior - a masculina - sendo “arrancado” dos cuidados maternos, numa imposição freqüentemente violenta e dolorosa, mas também ardorosamente desejada. Esta relação intensamente erótica entre a mãe e o bebê do *gênero* masculino requer uma justa medida, pois amor de menos o adoeceria, enquanto amor demais o impediria de se tornar um homem. Ao ser amamentado, o bebê atinge o ápice da *dependência passiva*¹, o que grava marcas indeléveis em seu psiquismo adulto, pois o vínculo erótico entre mãe e filho não se limita às satisfações orais, já que ela é aquela que, através de seus cuidados, desperta toda a sensualidade dele, iniciando-o no prazer e ensinando-o a amar seu corpo: em outros termos, a mãe boa é, num certo sentido, incestuosa e pedófila (Badinter, 1993). Isto é claramente marcante para o menino, pois, enquanto a menina tem na mãe uma base para sua *identificação*, ele tem nela um esteio prazeroso do qual deve *abdicar*. É por conta disto que, para tornar-se homem, ele deve aprender a *se diferenciar* de sua mãe e a recalcar profundamente essa *passividade* deliciosa em que ele e a mãe criaram uma unidade simbiótica. Em resumo: pleno de feminilidade durante toda a sua vida intra-uterina e identificado com sua mãe logo após seu nascimento, o pequeno *macho* só pode se desenvolver adequadamente perante a sociedade e a cultura tornando-se o oposto do que vinha sendo desde sua origem, ou seja, rejeitando toda a passividade e a dependência com que foi cativadamente acalentado por sua mãe. Então, enquanto a relação entre mãe e filha favorece o *sentimento de identidade* da garota, o menino deve esforçar-se para rejeitar, dessensibilizar e mesmo anular suas pulsões profemininas. Para Mitscherlich & Dierichs (1983), nossa sociedade cobra muito cedo que os meninos se afastem das mães e assumam um comportamento viril, gerando o que Chesler

1. Groddeck (1923 [1978]) já observava que, quando amamenta, a mãe é o “homem” ativo, que alimenta o bebê, enquanto a criança é a “mulher” passiva, que recebe o seio materno.



(1983) denomina de “seres dematriculados” (p. 53). O comportamento que a maioria das culturas e das sociedades costuma definir - e, conseqüentemente, reforçar - para os homens como adequadamente masculino é *construído* através de um conjunto de *manobras de defesa*: temor às mulheres; temor à expressão de qualquer tipo de feminilidade, particularmente sob a forma de ternura, de passividade, de dependência ou mesmo de cuidados dispensados aos outros; e, evidentemente, temor a ser desejado por um outro homem ou de desejá-lo. Isto é, as atitudes do homem comum podem ser assim descritas: ser grosseiro, fanfarrão e briguento; tratar com *violência* e tornar as mulheres seus fetiches; buscar amizade apenas dos homens, mas odiar, desprezar e maltratar os homossexuais; falar rudemente; desconsiderar as atividades das mulheres. Assim, “o primeiro dever de um homem é: não ser uma mulher” (Stoller, 1989, p. 311).

Desde a infância até à idade adulta, e muitas vezes durante toda a vida, a masculinidade é muito mais uma reação inconsciente do que uma adesão consciente. O homem, a partir da meninice, se afirma por uma tripla negação ou oposição: “eu não sou minha mãe”; “eu não sou um bebê”; “eu não sou uma menina (ou um homossexual)”. Este protesto de auto-afirmação viril é dirigido antes de tudo à sua mãe, mas logo se estende às demais mulheres, aos outros homens e ao próprio mundo, além dele mesmo, o que pode explicar, pelo menos parcialmente, as razões da *violência* ser um atributo essencialmente masculino.

É bastante comum que se faça associação entre *violência* e comportamento masculino. É importante lembrar que a sociedade se impõe aos indivíduos por meio da *violência*, sendo, assim, um “freio” aos seus desejos e às suas vontades (Amorim, 1995). Neste sentido, portanto, a *violência* é necessária e mesmo inevitável para a sobrevivência humana, quer individual, quer coletiva. O mito do homem violento é antiqüíssimo e a presença da *violência* masculina, sem dúvida, pode ser reconhecida ao longo de toda a história da humanidade. Na Grécia Antiga, o herói é dotado de características que o associam ao espírito guerreiro ou mesmo à *violência*. Nas sociedades consideradas “primitivas” ou arcaicas, a *violência* é descrita como um traço essencialmente masculino (Geertz, 1980; Bourdieu, 1988). Entre os séculos XVII e XIX, o Iluminismo criou e reforçou um conjunto de representações acerca do ser humano, inclusive a do homem *violento* (Nolasco, 1995). Mais recentemente, nas sociedades modernas, a *violência* vem assumindo facetas mais sutis, mas não menos presentes - a *violência simbólica* e a *violência*



lúdica ou *ritual* (Fatela, 1989) – que contam mesmo com uma atuação costumeiramente mais branda das mulheres, porém sempre sendo reservadas aos homens as suas manifestações mais evidentes, pesadas e explícitas. Deve-se destacar que a importância da *honra* e, conseqüentemente, as manifestações violentas nela motivadas, variam conforme o *status social* dos indivíduos, mas são sempre exigidas atitudes de coragem de um homem como resposta às ofensas à sua honra, o que não se espera nem se cobra de uma mulher (Pitt-Rivers, 1992).

O curioso fenômeno da existência concreta de um *poder feminino*, o da *sedução*, é também a manifestação de um sintoma social revelador de que o controle dos homens sobre as mulheres, especialmente nos tempos mais recentes, vem sendo abalado, provocando um novo fenômeno sócio-cultural que muitos cientistas sociais vêm denominando de *crise de identidade* ou da *condição masculinas*. Creio que alguns homens já não se reconhecem no modelo patriarcal de *macho*, pois se afastaram de muitos dos seus valores tradicionais, mas ainda não incorporaram novos princípios que os mantenham confortáveis nesse contexto que vem se configurando. O mal-estar gerado pela instabilidade das transformações por que vêm passando as *relações sociais de gênero* na atualidade pode eventualmente ter como resposta uma reação agressivo-defensiva dos homens – talvez um refluxo de *violência* reprimida - especialmente contra as mulheres e as crianças, mas também contra seus congêneres, os outros homens.

Particularmente nas últimas décadas, vem se desenvolvendo também um novo contexto familiar, que revela sintomas sociais de carência ou de ausência da figura paterna em relação à sua prole ou, por vezes, mesmo de quase inexistência de relacionamento afetivo íntimo entre pais e filhos. Em alguns casos, agravados pela ausência de um modelo familiar estruturado, a freqüente debilidade, a embriaguez e/ou a *violência* paternas são tão aversivas que o filho se recusa veementemente a se *identificar* com qualquer manifestação de virilidade, investindo em fazer desaparecer toda similaridade com a figura paterna e masculina. Para Corneau (1993), tal confusão é favorecida devido à manutenção, diante da diversidade social, do que denominou de *paternagem* inadequada: *violência* física ou simbólica regular; ausência prolongada; indução de culpa; falta de resposta às necessidades de afeto e de dedicação; ameaças de abandono com objetivo de punição ou de disciplina; “agarramento” ao filho para que ele cresça rápido demais para sua idade; e fazer do filho o “bode expiatório” da patologia familiar. Ou seja, apesar da



diversidade dos modelos familiares e de *paternagem*, muitos homens ainda são *construídos* por meio de uma educação que apenas privilegia a hierarquia, a competição e a *violência*. Neste sentido, para Corneau (1995), “a terrível violência dos homens em nossa sociedade começa por essa primeira violência, a que se pratica sistematicamente contra si mesmo, e todos os homens, inclusive eu, a dirigem contra a própria sensibilidade” (p. 47).

Atualmente, nas ruas brasileiras, encontramos “guris” que demonstram através de suas atitudes viris que, no processo de *construção* da *condição* e da *subjetividade masculinas*, ainda é importante ser portador de atributos físicos e morais que lhes permitam enfrentar a competição com seus pares. Com o objetivo de reafirmar sua honra e sua virilidade, esses jovens costumam exercitar-se através de lutas corporais e de duelos verbais, num clima de jocosidade e de brincadeira, de desafio e de agressão, bem como de falas explícitas sobre o baixo corporal e sobre a sexualidade, que têm importância tanto prática quanto simbólica (Diógenes, 1998; Jardim, 1994; Leczneiski, 1995). Na falta de um modelo de *identificação* masculina na figura paterna no lar – pois o pai está ausente, senão física, mas (ou também) simbolicamente (Corneau, 1993; 1995) - é comum que os adolescentes busquem, fora de casa e longe dos pais, novos canais de expressão de sua virilidade e da frustração com o ambiente familiar. Desta forma, mais do que simplesmente aderir a um instinto gregário, buscam romper com e se afastar da figura paterna - e, também, da cultura predominantemente materna e feminina vivenciada em casa - para incorporar-se a uma cultura masculina (Badinter, 1993) externa ao lar, em que a *violência* é um meio de expressão costumeiro.

O *habitus* masculino ainda se desenvolve num campo destinado quase apenas aos homens, no qual se desenvolvem a competição, a guerra, a política, a ciência, a arte, a religião, a honra e a *violência*, o que determina sua grandeza, mas também com frequência sua própria miséria. Desta forma, os homens buscam dominar seus congêneres, mas, secundariamente e como um instrumento de luta simbólica, além deles, as mulheres (Bourdieu, 1990) e seus filhos. Em nossa sociedade, o comportamento *machista* entre os jovens é favorecido não apenas pelos pais e por outros homens mais velhos, mas também por seus pares e até mesmo por suas próprias mães, pois elas mantêm ainda em grande parte o *papel sócio-cultural* de formadoras primeiras da *subjetividade* e da *condição* dos futuros *machos* que geraram. Por vezes, “encurralados” por essas



novas cobranças sociais, particularmente as advindas das mulheres, e não podendo, não conseguindo ou não querendo atendê-las, ou ainda criticados por persistirem em adotar posturas consideradas ultrapassadas, pois pautadas no modelo patriarcal de virilidade – alguns homens reagem com *violência* ou buscam outros escapismos defensivos menos visíveis, mas certamente reveladores da confusão em que se encontram por conta das inquietantes transformações nas *relações sociais de gênero*, especialmente no que diz respeito às conquistas e aos avanços femininos, entendidos como uma ousadia ou um atentado contra o *poder* viril que acreditam deter e que ainda consideram inquestionável.

CONCLUSÃO

O sistema patriarcal desenvolveu um meio opressivo e violador pelo qual muitos homens, ainda hoje, continuam sendo socializados, o que tem gerado seres mutilados, incapazes de integrar suas heranças paterna e materna, masculina e feminina, ativa e passiva, adotando um processo de *diferenciação* rígido e unilateral, voltado unicamente aos atributos viris. Em minha pesquisa, encontrei diversas expressões de *violência* – explícita, sutil, lúdica ou simbólica – nos depoimentos e no imaginário de homens que habitam em Fortaleza, mesmo que envoltos em culpa ou em escamoteamentos variados. Tendo a pensar que, nos tempos mais recentes, o *poder* dos homens sobre as mulheres e sua prole e as tentativas de impô-lo a seus congêneres não é mais o mesmo, pois muitos homens já não se reconhecem nele, tendo em parte se afastado dos valores patriarcais tradicionais, embora ainda não tenham clareza sobre quais seriam os novos valores sócio-culturais que poderiam mantê-los confortáveis nessa nova situação. Muitos cientistas sociais vêm denominando tal fenômeno de *crise do masculino*. Como tratei, este mal-estar eventualmente tem como resposta uma reação agressivo-defensiva por parte de alguns homens - a *violência* - particularmente contra as mulheres e as crianças, bem como contra outros homens.

Portanto, conclamo que nós, profissionais de psicologia, que trabalhamos com crianças, adolescentes, adultos, famílias, grupos e instituições sociais, estejamos atentos às questões de *gênero* para que não sejamos surpreendidos tanto pela *violência* masculina quanto pelas transformações socioculturais que a subjetividade dos homens vem sofrendo nos últimos tempos.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMORIM, Mirtes Mirian. **Labirintos da autonomia**: a utopia socialista e o imaginário em Castoriadis. Fortaleza: Edições UFC, 1995.
- BADINTER, Elisabeth. **XY**: sobre a identidade masculina. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BOURDIEU, Pierre. **Rites de institution. Language and symbolic power**. Cambridge: Harvard University Press, p. 117-126, 1982/1990.
- _____. O sentimento da honra na sociedade cabília *in*: PERISTIANY, J. G. **Honra e vergonha**: valores das sociedades mediterrânicas. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 159-195, 1988.
- _____. La domination masculine. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**. n. 84, p. 2-31, sep. 1990.
- CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- CHESLER, Phyllis. **La mâle donne**. Ed. des Femmes, 1983.
- CORNEAU, Guy. **Pai ausente, filho carente**: o que aconteceu com os homens? 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- _____. Paternidade e masculinidade *in*: NOLASCO, Sócrates (org.) **A desconstrução do masculino**. Rio de Janeiro: Rocco, p. 43-52, 1995.
- DIÓGENES, Glória. **Cartografias da cultura e da violência**: gangues, galeras e o movimento hip hop. São Paulo/Fortaleza: Annablume/Secretaria da Cultura e Desporto, 1998.
- FATELA, João. **Portugal de perto**: o sangue e a rua. Publicações Dom Quixote, 1989.
- FREUD, Sigmund. A questão da análise leiga: conversações com uma pessoa imparcial *in*: **Edição standard das obras psicológicas completas**. Vol. XX. Rio de Janeiro: Imago, p. 205-293, (1926) 1976.
- GEERTZ, Clifford. **Negara**: O Estado teatro no século XIX. Lisboa: Difel, 1980.
- GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1974.



- GRODDECK, Georg. **Le livre du ça**. Paris: Tel/Gallimard, 1923 (trad. franc. 1978).
- HARTLEY, Ruth. Sex role pressures and the socialization of the male child. **Psychological Reports**. v. 5, p. 459-468, 1959.
- JARDIM, Denise Fagundes. Os usos do corpo: identidade social e masculinidade entre homens de grupos populares *in*: DUARTE, Luiz Dias (org.) **Grupo de trabalho: pessoa, corpo e doença**. Caxambu: XVIII Encontro Anual da ANPOCS, p. 1-20, 23-27/11/1994.
- JOST, Alfred. Le développement sexuel prénatal *in*: SULLEROT, Evelyne (ed.) **Le fait féminin**. Fayard, p. 85-90, 1978.
- LECZNEISKI, Lisiane. Corpo, virilidade e gosto pelo desafio: marcas de masculinidade entre os guris de rua *in*: FONSECA, Cláudia & BRITO, Maria Noemi (orgs.) **Horizontes antropológicos: gênero**. Porto Alegre: n. 1, Programa de Pós-Graduação e Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, p. 95-109, 1995.
- LURIA, Zella & RUBIN, Jeffrey. **Genre et étiquetage: l'effet Pirandello** *in*: Le fait féminin. Fayard, 1978.
- MITSCHERLICH, Margaret & DIERICHS, Helga. **Des hommes**. Des femmes, 1983.
- NOLASCO, Sócrates (org.) **A desconstrução do masculino**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- PITT-RIVERS, Julian. A doença da honra *in*: CZECHOWSKY, Nicole (org.) **A honra: imagem de si ou dom de si - um ideal equívoco**. Porto Alegre: L&PM, p. 17-32, 1992.
- STOLLER, Robert. **Masculin ou féminin?** Paris: PUF, 1989.



UMA SITUAÇÃO CLÍNICA:

Implicações Daseinsanalíticas na formação de um psicoterapeuta.

Enrico Martins Braga

Resumo: O presente artigo visa apontar algumas questões que se dirigem à formação e atuação de um psicoterapeuta a partir do referencial fenomenológico-existencial. Através do recorte de uma situação clínica, pretende-se pensar sobre o posicionamento que preza pela liberdade do terapeuta e do paciente. Nesta direção, promove uma discussão sobre o fazer clínico que diretamente envolve profissionais ou estudantes ligados à práxis clínica.

Unitermos: Daseinsanalyse, psicoterapeuta-aprendiz, liberdade, culpa.

APRESENTAÇÃO

O processo de formação de um psicoterapeuta exige o auxílio de uma supervisão. O principiante, mediado por uma visão teórica, requer um período de treinamento, ou seja, uma oportunidade para entrar em contato com os atendimentos clínicos, para então ser acompanhado no percurso prático. Desta forma, a inserção na práxis clínica será concatenada junto a um profissional capaz de sustentar os parâmetros exigidos pela profissão, sendo delegado ao psicoterapeuta-aprendiz um posicionamento responsável diante do novo campo de atuação.

A construção do presente artigo foi possibilitada a partir desse contexto, que aponta, por assim dizer, para os primeiros contatos com os atendimentos psicoterapêuticos. Nesta ocasião, a intenção de refletirmos sobre um fazer eminentemente clínico surgiu através de um estágio supervisionado extracurricular, realizado numa clínica-escola: a CAMT¹, cujo referencial psicoterápico se sustentava na orientação Daseinsanalítica. Ao comentar sobre esta abordagem, Cardinalli (2000) enfatiza:

Como proposição fenomenológica, a Daseinsanalyse revela sua especificidade ao priorizar o entendimento do paciente a partir dele mesmo e da maneira como ele vive. Desse modo não apresenta explicações teóricas de caráter causal sobre o desenvolvimento sadio ou patológico no existir humano, também, não descreve técnicas psicoterápicas enquanto práticas gerais do agir psicoterápico. (Cardinalli, 2000.p.12)

1. Clínica de Atendimento Multidisciplinar à Prevenção e ao Tratamento da Toxicomania. Núcleo de extensão e pesquisa do Centro Universitário Newton Paiva, Belo Horizonte – Minas Gerais.



Essa proposição não determinista revela, entendida como condição que se dirige ao singular, a fundamental importância em se abster das formulas prontas para compreender, ou explicar, a maneira pela qual o ser humano existe. O que está em questão para o psicoterapeuta, aquele que busca a orientação daseinsanalítica, é o sentido, ou seja, o significado de cada vivência particular, a maneira como o paciente se compreende na abertura do seu mundo e aquilo que se apresenta ao seu entendimento. Podemos ressaltar, também, a especificidade que cada relação entre terapeuta e paciente tem a cumprir, pois é nesta experiência mútua que se apresentam as possibilidades de condução psicoterápica. A proposição de Cardinalli (2000), nos indica que o agir psicoterápico não se encontra fundamentado num conjunto teórico que determine uma postura universal para todos os terapeutas, assim, a Daseinsanalyse presa tanto pela singularidade de cada psicoterapeuta em formação, quanto pelo que há de pessoal naquele que se apresenta para a psicoterapia.

Entretanto, a expectativa do encontro, a construção do vínculo terapêutico, a condução de um processo psicoterápico e o manuseio das intervenções, aparecem como situações nas quais o iniciante se depara com a apropriação do seu projeto: ser-terapeuta. O início desta trajetória requer, sobretudo, uma postura ética e deve se articular a um fazer que preze pela liberdade como uma condição partilhada por ambos no desenrolar da psicoterapia.

O objetivo deste trabalho seria o de levantar algumas questões concernentes a uma situação clínica, para que se possa refletir acerca de algumas implicações Daseinsanalíticas na formação de um terapeuta. Nosso interesse seria o de prestar-se como uma orientação teórico-prática, dirigida aos profissionais e estudantes ligados à práxis clínica, de certa forma, uma contribuição à psicoterapia de base fenomenológico-existencial.

Para a construção deste estudo foi utilizado o referencial Daseisanalítico de Medard Boss, buscando contextualizar algumas questões que surgiram a partir da relação psicoterápica. Ida Elizabeth Cardinalli já nos ressaltou a especificidade desta prática, embasada nos pressupostos teóricos de Martin Heidegger. Este último possui grande importância quando pensamos profundamente a análise existencial de uma história de vida.



UMA SITUAÇÃO CLÍNICA

S.O., sexo masculino, dezoito anos, apresenta uma trajetória criminal associada ao uso abusivo de drogas. Encaminhado por uma medida sócia educativa, em regime de internação, queixa-se da sua condição de menor infrator retido. Nos primeiros encontros, ele ressalta a falta de espaço e a possibilidade de fuga, diz que gostaria de ser livre e atribuí um sentido para a liberdade: *a vontade de sair, beber, procurar mulheres e me divertir muito*.

Durante o percurso dos atendimentos, o adolescente comenta que se sente entediado com a rotina no CEMMAC¹. Seus relatos indicam uma ansiedade frente ao futuro e uma incerteza, justificada devido aos parâmetros judiciais, quanto ao destino da sua medida sócia educativa; ele queixa-se: *estou deprimido*. Sem a previsão para sua liberação, a cada encontro, S.O. demonstra se afastar da sua situação e, também, das suas possibilidades de “vir-a-ser”. Reclama, insistentemente, de não poder fazer as mesmas coisas que costumava: *sair e me divertir*, culpa-se por não poder realizar aquilo que gostaria, tem a impressão de que o tempo não passa.

De fato, o que surge ao entendimento de S.O., aquilo que é tematicamente percebido na abertura da sua situação, aparece sob a forma da lamentação. Neste sentido, revolta-se contra a sua própria condição. A partir dos sucessivos comentários de auto-envilecimento, podemos levantar a hipótese de que o paciente demonstra dificuldades em reconhecer as conseqüências e a responsabilidade pelos atos cometidos em sua existência. É diante desta situação, que num dos atendimentos ele comenta sobre quatro tentativas de auto-extermínio que havia cometido e fala sobre a infelicidade de não ter conseguido se matar: *me enforquei, olha só a marca aqui no meu pescoço, infelizmente eu não consegui, eles me pegaram antes que eu morresse*.

No contexto dos atendimentos clínicos realizados na CAMT, os adolescentes infratores solicitam costumeiramente o rádio para ouvirem músicas durante as sessões. Eles dizem que se sentem mais à vontade para se expressarem. Trata-se de um público encaminhado por medidas

1. Centro Educacional Marista Marcelino Champagnat. Local onde o adolescente cumpria sua medida sócia educativa, conveniado à CAMT.



educativas, de uma longa trajetória de exclusão social, que muitas vezes chegam à clínica sem nenhuma demanda de tratamento ao consumo de drogas. É preciso, então, subverter a demanda que parte da instituição responsável pelo acolhimento dos adolescentes. Com efeito, ao longo do acompanhamento psicoterápico, alguns pacientes procuram meios para se entreterem, já que estão privados de uma série de diversões. Esta estratégia foi utilizada ao conduzir uma intervenção após o paciente relatar sobre as várias tentativas de suicídio. Na posição de terapeuta, desconfortável com o silêncio e apreensivo, pergunto para S.O. se ele gostaria de escutar música. Sem aprofundar na compreensão da situação que se mostrava, em relação ao sentido e a motivação das tentativas de suicídio, opto por uma intervenção que desfocaliza o significado que poderia ser atribuído ao ato.

Quando pensamos em uma relação dialógica, que flui de maneira espontânea e autêntica, este fato isolado assume uma importância. Ao tentar escapar da minha responsabilidade, da angústia que movimenta o projeto de ser-terapeuta, não me posicionei de forma espontânea. Ao invés de facilitar um espaço de escuta, decido escutar música junto ao paciente. No entanto, através dessa intervenção S.O. retoma vários conteúdos que a princípio estavam difíceis de serem verbalizados e, por fim, retorna ao conflito vivido na retenção.

No percurso do tratamento, S.O. passa a solicitar músicas em diversos atendimentos. Com uma certa facilidade, ele fala de eventos passados enquanto escuta o rádio. A intervenção, feita no quinto atendimento, provoca uma situação concreta partilhada por ambos: se o psicoterapeuta-aprendiz pôde se eximir da responsabilidade frente a condução de um processo psicoterápico, da sua angústia perante o projeto de ser-terapeuta, o paciente também passou a utilizar as músicas como uma possibilidade de negação. Num primeiro momento, torna-se difícil não sustentar essa demanda solicitada pelo paciente. Durante as sessões, S.O. escuta algumas canções fala de si mesmo com um certo distanciamento, as recordações trazidas aparentam-se afastadas



da sua situação, como se dissessem respeito a outra pessoa, diferente dele e que teria vivido as histórias rememoradas.

Ao me posicionar de forma diferente na condução do caso, passo a não mais utilizar o rádio nos atendimentos. Digo a S.O. que seria mais importante escutar aquilo que ele tinha para dizer, o seu sofrimento, suas expectativas e que, no entanto, as musicas, muitas vezes, não falavam de ninguém. Então, essa intervenção, realizada no intuito de colocar o paciente diante de si e de sua vida pessoal, possibilita um novo momento na relação interpessoal subjetiva. Mas para que isto acontecesse, o terapeuta em formação teve de se colocar diante da angústia e responsabilidade frente ao projeto de ser-terapeuta.

A CONDUÇÃO DO PROCESSO PSICOTERÁPICO

Nas mais diversas ocasiões, durante a condução de um processo psicoterápico e até mesmo depois da terapia ter sido interrompida ou encerrada, torna-se possível aos psicoterapeutas, principalmente àqueles que estão em formação, colocarem-se frente as suas limitações e desta maneira, se posicionarem, repensarem suas atuações. Na situação que apresentamos acima, o reconhecimento desta implicação facilitou uma abertura a compreensão do paciente. Neste sentido, um posicionamento espontâneo pode ser construído, facilitando o abandono dos pré-conceitos e a volta da atenção para os conteúdos que se apresentavam na vivência concreta, com o terapeuta-aprendiz e com paciente. Desta forma, conseguimos retomar algumas reflexões sobre o caso.

Na medida em que a clínica Daseinsanalítica lança mão de alguns pressupostos que pertencem a Ontologia de Heidegger, a condução do tratamento acompanha os sentidos atribuídos as situações vivenciadas pelos pacientes, o modo pelo qual eles se desvelam, que remetem, por assim dizer, a uma temporalidade e que são englobados a estrutura de ser-no-mundo. Sobre esta concepção, que remete ao Dasein, Boss (1977) acrescenta que:

O tipo de abertura em que consiste o homem é de natureza muito especial. A existência humana é o aberto, livre, iluminado de um poder entender a presença do que se lhe depara e de um ser-acessível por sua importância e por relações significativas. É na forma de tal abertura e possibilidade de



ser-acessível a partir do “poder entender” que “ek-sistimos” (Ek-sistere) em sentido literal. Somos uma possibilidade-de-entendimento completamente não objetivada e sem substância, voltada para significações provenientes e dirigidas à transparência e abertura de todo nosso âmbito-do-mundo. (Boss, 1977. p.11)

Desta maneira, Boss (1977) nos esclarece sobre essa abertura que é a existência humana, ou seja, a condição para que uma coisa possa ser. Algo que é, só pode ser a partir dessa abertura de sentido e através dessa liberdade de entendimento. Tal possibilidade não se encerra em um compartimento no corpo, mas é a própria relação de ser-no-mundo.

No caso S.O., a escolha pelas tentativas de auto-extermínio se apresenta, possivelmente, como uma tentativa de solucionar os problemas e os conflitos que surgem da situação de menor infrator retido e que implica, por sua vez, a aceitação ou a negação da responsabilidade pelos atos cometidos ao longo da sua trajetória criminal. Não se apropriando do seu poder-ser mais pessoal e da sua culpa, ele intensifica um estado depressivo. Tomado pela ansiedade, torna-se difícil para o paciente modificar essa situação, ir além do dado e emergir do modo de ser que Heidegger (1997) denomina de impessoal, pois:

O impessoal encontra-se em toda parte, mas no modo de sempre escapulindo quando a pré-sença exige uma decisão. Porque prescreve todo julgamento e toda decisão, o impessoal retira a responsabilidade de cada pré-sença. O impessoal pode assumir tudo com a maior facilidade e responder por tudo, já que não há ninguém que possa se responsabilizar por alguma coisa. (Heidegger, 1997, p.180)

Através da utilização das músicas nos atendimentos com S.O., principalmente no momento do relato das tentativas de suicídio, na situação concreta terapeuta-paciente, pôde-se perceber a manifestação de uma relação que contribuiu para a manutenção do modo de ser impessoal. Se de um lado, o estagiário-aprendiz adia a responsabilidade que envolve o projeto de tornar-se terapeuta, de outro, o adolescente utiliza a intervenção como uma maneira de escapulir da solicitação do seu mundo, o que culmina numa dificuldade em se apropriar das escolhas feitas e,



também, das possíveis. Num primeiro momento, tanto terapeuta, quanto paciente, responsabilizavam-se por coisa alguma.

Após a intervenção que suspende as músicas, quando é encerrada a manutenção do rádio durante as sessões, S.O. começa tecer um discurso que permeia um movimento rumo as suas próprias possibilidades: *estou tranquilo. Estive pensando em algumas coisas. Quero sair do CEMMAC numa boa, quero melhorar o meu comportamento, quero sair de lá como uma nova pessoa.* Assim, ele comenta sobre os seus planos, fala que gostaria de sair da internação com a possibilidade de trabalhar e ganhar dinheiro; além de namorar e constituir uma família. Ele levanta, também, a possibilidade de tramar uma rebelião e fugir da internação. A situação de menor infrator, cumprindo uma medida sócio-educativa, não deve ser negligenciada pelo mesmo, pois é a partir da aceitação e elaboração do ter-se-feito-asssim, da abertura daquilo que se mostra a si, que o paciente se lançará rumo ao seu poder mais próprio e pessoal (autenticidade). Em diversas ocasiões, S.O. relata ter cometido atos que pesariam negativamente para o seu desligamento junto à instituição onde cumpria a medida sócia educativa.

Inicialmente o que o paciente mais queria era ser “livre”. No entanto, quando esta possibilidade, a de ser de ser-liberado, torna-se concretizável, S.O. traz uma série de relatos que contribuem para que ele continue retido. Com um certo tom de enaltecimento, ele frisa que havia espancado outro menor infrator, sendo levado juntamente com outros menores para uma delegacia. Em uma outra sessão, ele comenta ter se embriagado quando foi fazer um curso que conseqüentemente favoreceria o seu processo de desligamento, tendo retornado à instituição portando maconha. É interessante ressaltar a angustia frente à possibilidade de sair, diante da abertura para não-ser um menor infrator. Desta forma, a “liberdade”, que antes era algo almejado, passa a ser algo temido.

É pela aceitação do que Boss (1988) chama de angústia e culpa ontológica que o paciente pode transcender a situação e a culpa neurótica, sempre fechada no modo do ter-sido, rumo a aceitação do seu poder-ser mais pessoal, que em ultima instância se



relaciona ao ser-para-a-morte, projeto este que é no tempo singular de cada um. Nesta mesma direção, Boss (1997) aponta:

Afim de que o homem possa sentir algo como culpa, é mister que o chamamento referido se alie a liberdade de poder negar-se-lhe. Com efeito, é precisamente nessa possibilidade de escolha que consiste a liberdade primordial do homem, a saber, submeter-se ao imperativo fundamental do ser, assumi-lo de bom grado ou recusar-se-lhe. Não fosse o homem livre para decidir, nem a mínima culpa, poderia ser imputada se faltasse em seu cumprimento. (Boss, 1997.p.10-11)

Preso ao passado e ao peso de suas escolhas, S.O. não apropriada do seu devir, esquece-se de sua pré-sença e perde-se numa condição da sua existência que o aprisiona como um objeto inerte a suas possibilidades. Longe de aceitar aquilo que Boss (1997) chama de “imperativo fundamental do ser”, torna-se incapaz de reconhecer o seu estar-em-débito originário. Rejeita a “liberdade” em seu modo de existir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tratamento foi interrompido. S.O. optou por participar de uma rebelião na internação. De um lado, a escolha pelo projeto de ser-terapeuta, do outro, diante da sua liberdade e angústia, na tentativa de fundamentar a sua libertação, o paciente opta pela rebelião. Encaminhado para uma prisão, o paciente prossegue em sua trajetória se projetando como um detento, escolhe um poder-ser mais próprio e pessoal que dá continuidade a sua trajetória de retenção.

O desfecho do caso se abre para alguns apontamentos. Diante da solicitação de seu mundo o paciente vivencia uma situação de cerceamento da liberdade em diversos planos. Encontra-se privado da “liberdade”, de uma série de coisas que gostaria de fazer. Afastado do convívio em sociedade, S.O. decide integrar-se a uma revolta na instituição com o intuito de fugir e conquistar a “liberdade”, porém, detido em seus objetivos, é mais uma vez solicitado a responder pelos seus atos e pela sua liberdade de entendimento.

A psicoterapia deu-se no intuito de clarificar e tornar compreensível ao paciente o modo pelo qual ele existe, como estava afinado (disposto) e a maneira pela qual ele



prosseguia em relação ao que vivia, sentia e expressava, melhor dizendo, o sentido que atribuía àquilo que se deparava. Sobre esta última colocação, Boss (1977) comenta:

O sentido da existência humana consiste em seu “ser requisitado como lugar de aparecimento do que deve vir a ser”. Se um homem aceita isso, sua existência pode amadurecer de tal modo que lhe permite também uma boa possibilidade-de-morrer. Se ele entretanto, usa sua liberdade humana para negar esse apelo de seu ser, ele fica sempre a dever ao seu “ser-aí”. Nessa culpa existencial fundamentam-se todos os sentimentos de culpa sadios ou patológicos, todos pesos de consciência. (Boss, 1977.p.12)

S.O. opta por requisitar a continuidade da sua trajetória de complicações com a lei. Não podemos ir mais longe e afirmar se ele utiliza ou não da sua liberdade para negar a nova situação. Encerrar as discussões acerca deste caso sem nos referirmos as reais circunstâncias políticas e econômicas de nosso país pode deixar uma brecha para uma discussão mais ampla, sobretudo, comentários que tanjam as questões debatidas em torno da infância e da adolescência e que devido à especificidade da nossa temática



não foram contempladas na elaboração deste trabalho. Em fim, a clínica sempre nos remeterá a uma condição de psicoterapeuta-aprendiz.

BIBLIOGRAFIA

BOSS, M. *Angústia, Culpa e Libertação*. 4^a ed. Trad. Bárbara Spanoudis. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1988.

BOSS, M. Introdução à Daseinsanalyse. *Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse*, São Paulo, 1997, nº 8, p. 6-16.

BOSS, M. O modo-de-ser-esquizofrênico à luz de uma fenomenologia Daseinsanalítica. *Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse*, São Paulo, 1977, nº 3, p.5-25.

CARDINALLI, Ida E. Daseinsanalyse e psicoterapia. *Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse*, São Paulo, 2000, nº 9, p.11-18.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. 2^a ed. Trad. Márcia de Sá Cavalcanti. Petrópolis: Vozes, 1988.



Organização.

Um congresso para muitos, construído por muitos .

1. Coordenação:

- Ana Mercês Bahia Bock
- Cláudio Simon Hutz

2. Comissão Organizadora:

ABEP - Associação Brasileira de Ensino de Psicologia
- Sueli Terezinha Ferreira Martins

ABOP - Associação Brasileira de Orientadores Profissionais
- Marilu Diez Lisboa
- Karin Hildebran de Mello

ABPJ - Associação Brasileira de Psicologia Jurídica
- Fátima França

ABRAPEE - Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional
- Acácia Aparecida Angeli dos Santos

ABRAPSO - Associação Brasileira de Psicologia Social
- Neuza Guareschi

ANPEPP - Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia
- Mitsuko Antunes

CFP - Conselho Federal de Psicologia
- Odair Furtado
- Marcos Ribeiro Ferreira
- Adriana Marcondes Machado

CONEP - Conselho Nacional de Entidades Estudantis de Psicologia
- Fabio Souza Santos

FENAPSI - Federação Nacional dos Psicólogos
- Heliane Groff



IBAP - Instituto Brasileiro de Avaliação Psicológica

- Solange Muglia Wechsler

SBPD - Sociedade Brasileira de Psicologia do Desenvolvimento

- Silvia Helena Koller

- Livia Simão

- Vera Bussab

SBPH - Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar

- Silvia Maria Cury Ismael

SBPOT - Sociedade Brasileira de Psicologia Organizacional e do Trabalho

- Mirlene Maria Matias Siqueira

SBPP - Sociedade Brasileira de Psicologia Política

- Salvador Sandoval

SBRo - Sociedade Brasileira de Rorschach

- Anna Elisa de V. A. Guntert

- Regina Sonia Gattas F. do Nascimento

Apoio:

SIP - Sociedade Interamericana de Psicologia

- Mary Jane Spink

3. Comissão Científica Painéis:

Coordenação

- Sérgio Antonio da Silva Leite

ABEP

- Sueli Terezinha Ferreira Martins

ABPJ

- Anna Christina P. Mello

ABRAPEE

- Maria Cristina Joly

- Acácia Santos

ABRAPSO

- Raul Pacheco



ANPEPP

- Lino de Macedo

CONEP

- Fábio Souza Santos

FENAPSI

- Isabel da Silva Amaral

SBPD

- Yves Te La Taille

4. Pareceristas:

*** Mais de 150 pareceristas

5. Comissão Científica Mesas redondas/Simpósios:

Coordenação

- Cláudio Simon Hutz

ABPJ

- Sonia Rovinski

ABRAPEE

- Acácia Santos

CONEP

- Juliana Prates

IBAP

- Ricardo Primi

SBRo

- Cícero Vaz

SIP

- Mary Jane Spink

SBPOT

- Jairo Borges



*** Colaborador:

- José Lino Bueno

6. GT Cultural:

- Adriana Marcondes
- Marilene Proença
- Fernanda Abreu Marcacci
- Fabio Souza
- Máira Guerra
- Fátima França
- Viviane Nonato
- Marcia Machado

7. Secretaria Executiva:

- Conselho Regional de Psicologia 6ª região

* Apoio CFP:

- Odair Furtado
- Adriana Marcondes
- Marcos Ribeiro Ferreira
- Maria Eugenia Mattos

8. Responsável Tesouraria:

ABRAPEE

- Acácia Santos
- Fernando Lomonaco

CRP SP

- Diógenes Pepe

9. Assessoria de Comunicação:

- Adolfo Barros Benevenuto
- Cynthia Grillo



Organização



Voltar

10. Produção:

Arte 3

1. Assessoria de Imagem:

ZOL Design

I Congresso Brasileiro Psicologia: Ciência e Profissão



Créditos



Voltar

Criação e Desenvolvimento

Antonio Sergio Wilk Sampaio

Wendel Luis Camargo

Micael Alves Melchiades